

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Herdeiros
Rua da Cancella Velha, 70 — Porto

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

Album de photographias com descripções; clichés originaes;
copias em phototypia inalteravel; monumentos, obras d'arte, costumes, paisagens

DIRECTORES { *F. Brütt*
Cunha Moraes

TEXTO

EMILIO BIEL & C.ª — Editores
PORTO
—
MDCCCCIII

ÍNDICES:

DAS MATÉRIAS

DOS AUTORES

Guimarães



ANTIGA, historica e illustre villa de Guimarães, hoje cidade do mesmo nome, e uma das principaes povoações da velha divisão régional, *interamniense,* hoje provincia do Minho, está assente á raiz da serra de Santa Catharina, ultimas ondulações dos pittorescos cabeços do Latito, do monte de Santa Maria e do Monte-largo. A sua vasta e ridentissima campina estende-se entre a bacia do Ave e do Vizella, indo esbater-se até o veio thermico da região d'este ultimo rio — região já muito apontada nos roteiros romanos, com o titulo de *Aquae levae.*

Sob a origem provavel do seu nome, e fundamentos d'elle, póde bem dizer-se que são tantos os alvitres e os appellativos, quantas foram as civilisações, mais ou menos rudimentares, que por alli passaram.

Assim, querem uns que se lhe chamasse *Araduca, Araduça,* ou simplesmente *Arzúa,* nome que no idioma celtibero, pre-romano, quererá dizer, segundo a selecção philologica e um tanto arbitraria do bispo de Pavia, Liutphrand, nada menos do que *Cidade-das-Lettras.* Outros, acaso pouco sensiveis a essas menos que hypotheticas prerogativas litterarias, chamar-lhe-hão *Leobriga,* o mesmo que *a Cidade da-Força,* tal como os dinamarquezes fizeram com respeito á sua *Leoburgum,* hoje *Lauenburg.*

A estas vozes celticas, ou porventura e mais propriamente celtiberas, mas em todo o caso aryanas, vieram ainda ajuntar-se novos epithetos de evidente procedencia romana, acompanhando d'este modo a evolução dos dominadores, mais ou menos eventuaes, cujas migrações successivamente ephemeras se iam assim traduzindo nos nomes por que iam fixando a sua estratificação moral sobre o sólo da peninsula.

Taes epithetos, pois, como não podia deixar de ser, revestem a fórma latina, na sua expressão mais flagrante. De modo que, á culta *Araduca,* ou sequer á inexpugnavel *Leobriga* (de *λέων = leo*), seguiu-se o nome de *Latita* — a *Cidade-escondida,* a *Cidade-occulta,* do latim *latito* (lateo), esconder-se, occultar-se.

É assim, n'esta verdadeira babel de appellidos, que surgem, que por um instante triumpham, e que successivamente se apagam segundo a estabilidade do conquistador, que ahi pelos principios do seculo x uma condessa gallega, de nome Mumadona [1], viuva do conde de Tuy, D. Hermegildo Gonsalvez, e tia, ao que se diz, do rei de Leão, D. Ramiro II, funda [2] na sua *villa,* ou mais propriamente, na sua *quintana* de VIMARANES, termo de Braga, e a distancia do monte Latito, hoje os cabeços chamados do *Monte-largo* e de *Santa-Maria* — *territorio urbis Bracharæ aut procul ab alpe Latito* — um convento *mixto* ou *dobrado,* de frades e freiras, com seu abbade, sujeito á regra dos Eremitas de São Pacomio, e da invocação do Salvador do Mundo, da Virgem Maria e dos Santos Apostolos.

Do titulo d'essa fundação, a que, no original, se dá, como era costume na época, o nome de *testamento,* se deprehende que a condessa Mumadona fôra auctorisada pelo conde D. Hermegildo, seu marido, a retirar do casal commum o equivalente a uma quinta parte d'elle, com cujo cabedal poderia dotar ao seu arbitrio tanto uma egreja, como um hospital para *palmeyros,* como ainda um mosteiro de religiosos: o que ella com effeito pôz logo em obra, preferindo a ultima d'estas faculdades; e não só por motivo da sua devoção, como por honra do Salvador, de quem, por paga, implora, em bem de sua alma, a divina clemencia: — *et ideo devotioni mee extitit, vt ob honorem Salvatoris et veram placandam clemenciam.* Mas vindo a reconhecer-se, mais tarde, que a referida *quintana* ou *villa* de VIMARANES, onde tomára assento o Mosteiro, pertencia de direito a uma filha do conde, de nome Dona Onéga

---

[1] E não *Dona Muma* como quer Ambrosio de Morales (*Chron. Gen. de España,* l. XIV, c. 34), e contra o que se alevanta com bons argumentos o nosso Gaspar Estaço, nas suas *Varias Antiguidades de Portugal,* c. II, p. 3.

[2] Esta fundação tem a data de 26 de janeiro da Era de 967 (929). Cf. Gaspar Estaço, in *Var. Antig. de Portugal.*

Guimarães



L'ANCIEN, historique et très illustre bourg de Guimarães, est actuellement une des principales villes du vieux district d'*Entre Douro et Minho,* auquel on a donné plus récemment le nom de Minho. Bâtie sur la base du mont Ste. Catherine, dernier terme de la suite pittoresque du Latito, du mont Ste. Catherine et du mont Large, elle appartient à la vaste et riante campagne qui s'étend entre l'Ave et le Vizella, jusqu'aux sources thermales de la vallée de ce fleuve — si connues dans les itinéraires romains sous le nom de *Aquae levae.*

Les origines du bourg, et des noms sous lesquels il a été successivement connu, ont fait l'object de nombreuses hypothèses.

Ainsi on a voulu l'appeler *Araduca, Araduça* ou simplement *Arzúa,* ce qui, dans l'idiome celtibère pré-romain, voudrait dire *Cité des lettres,* d'après l'opinion assez fantaisiste de l'évêque de Pavie Liutphrand. D'autres, peu enclins à accepter ces prétendues prérogatives littéraires, lui ont assigné le nom de *Leobriga,* c'est-à-dire *Cité de la force,* ainsi que les danois l'ont fait pour *Leoburgum,* aujourd'hui *Lauenburg.*

A ces mots celtiques, ou mieux encore celtibères, en tout cas aryens, sont venues s'ajouter de nouvelles désignations, traduisant fidèlement l'évolution des races conquérantes qui ont, tour à tour, introduit leurs civilisations éphémères dans ce coin de la Péninsule.

Ces épithètes se présentent, comme de raison sous la forme latine. A *Araduca,* la civilisée, ou à l'inexpugnable *Leobriga* (de *λέων = leo*) succède la *Cité cachée* — *Latita* (de *lateo,* se cacher).

Vers le commencement du xe siècle, une comtesse galicienne, appellée Mumadona [1], veuve du comte de Tuy D. Herménégilde Gonsalvez, et tante, à ce qu'il paraît, du roi de Léon D. Ramiro II, fonda [2] dans sa *villa* de VIMARANES, dans le district de Braga et non loin du mont Latito — *territorio urbis Bracharæ aut procul ab alpe Latito* — un monastère mixte ou double de moines et de nonnes, dans la règle des Ermites de St. Pacôme, et sous l'invocation du Sauveur du Monde, de la Vierge Marie et des Saints Apôtres.

Il ressort du texte de cette fondation, ou mieux *testament,* pour lui donner le nom d'usage à l'époque, que la comtesse Mumadona avait été autorisée par son mari, le comte D. Herménégilde, à prélever sur les biens communs jusqu'à un cinquième, dans le but de doter à son gré soit une église, soit un hôpital pour pélerins, soit enfin un couvent de religieux. C'est à cette dernière œuvre pieuse que la comtesse s'arrêta, poussée par sa grande dévotion au Sauveur, dont elle implore pour son âme la clémence divine: — *et ideo devotioni mee extitit, vt ob honorem Salvatoris et veram placandam clemenciam.*

Le couvent une fois fondé on reconnut plus tard que la *villa* de VIMARANES appartenait de droit à une fille de la comtesse, de nom D. Onéga (Iniga) [3], qui, dégoûtée de la vie religieuse, s'était résolue au mariage et réclamait sa part de la succession paternelle; en sorte que la comtesse, pour ne pas en faire sortir les moines, dût consentir à un échange, mené à bout par l'intervention de plusieurs gens de qualité — *multos homines bonos.*

Ce couvent mixte ne dura pas toutefois jusqu'au XIIe siècle. Vers la fin de 1090 on n'y comptait que

---

[1] Non pas Dona Muma, ainsi que le rapporte Ambroise de Morales (*Chron. Gen. de España,* l. XIV, c. 34), ce qui a soulevé les objections fondées de notre Gaspard Estaço (*Varias Antiguidades de Portugal,* c. II, p. 3).

[2] Ce document porte la date du 26 janvier 967 (929). Cf. Gaspard Estaço, in *Var. Antig. de Portugal.*

[3] La donation l'appelle du nom barbare d'*Onéca* — *concedo hunc aule beatitudinis... jam dictam villa Vimaranes... mutavit filia mea Onece, ut superium fecimus ei mencionem.* Pinho Leal, dans son *Port. Antigo e Moderno,* l'appelle fort inconsidérément Urraca.

(*Iniga*) [1], a qual, por descontente da vida religiosa que a principio elegêra, estava resolvida a tomar estado, recebendo para sua mantença, e a titulo de dote, a avoenga paterna, entendeu a condessa sua mãe que, para não desalojar os religiosos, devia commetter á filha o escambo d'essa *quintana*, entrando no ajuste, a aplanar possiveis differenças, muitos homens bons — *multos homines bonos* — que, por seu turno, levaram a bom termo aquelle seu santo empenho.

Este convento *mixto*, porém, não chegou mesmo até o seculo XII. Pelos fins do anno de 1090 não assistiam n'elle senão religiosos raçoeiros e clerigos sem clausura, vindo de todo a fixar-se em mosteiro benedictino, já nos dias do papa Paschoal II (1118).

É á roda d'este mosteiro, cujas vastas rendas vão até o termo do Porto, Villa do Conde, Santo Thyrso e Vianna, entrando n'ellas com muitos casaes e herdades os conventos de São Torquato e de São João de Ponte, que começa a constituir-se o primitivo *burgo*, e depois *alfoz* vimaranense. Integrado no vasto districto que comprehende o *condado portucalense*, soffre todos os revezes e toda a varia fortuna por que passam os homens de armas e os bandos, que constituem as facções dos dois bellicosos genros de Affonso VI de Aragão. Além de Coimbra, onde o aventuroso D. Henrique de Bourgonha faz a sua mais insistente poisada, permitte uma reincidente e sempre renovada tradição local, que os documentos contemporaneos — como diz Herculano (I. 220) — parece confirmarem, que o burgo de VIMARANES, já de todo nacionalisado com o seu actual nome de Guimarães, fôsse tambem assento d'essa agitada e irrequita côrte, meio bourgonheza e meio gallega, em que a patria portugueza solta os seus primeiros vagidos. Comtudo a conferirem-se fóros de estabilidade a uma residencia, que necessariamente variaria de anno para anno, segundo as circumstancias e conforme as vicissitudes politicas da época, esse facto não póde ser fixado anteriormente á viagem de D. Henrique á França e ao Aragão, visto que até esse tempo, pelas dissidencias e incursões militares dos partidarios de D. Urraca, toda a ideia de uma côrte mais ou menos digna d'este nome nos repugna. Isto, a não ser que se considere como tal, e como *assento de côrtes*, o facto de qualquer encontro, colloquio, ou *germaydade*, da natureza d'aquelle que em 1090 se celebrou no districto vimaranense, e ao qual concorreram não só os homens de armas do de Bourgonha, como os representantes de todas as entidades jurisdiccionaes do termo.

O primeiro foral de Guimarães, posto que sem data, é d'esta época. Pouco mais vale do que uma *carta-pobra*. A este foral segue-se uma confirmação do infante D. Affonso Henriques, nascido e baptisado em Guimarães. Tem esta confirmação a data de 27 de abril de 1128 (*5 kal. maii 1166*), precisamente quando os estragos da guerra civil, originada nas dissenções do infante com a mãe, alastram por toda a terra minhota, desde Braga até o condado de Refoyos do Lima, e d'ahi, pelo valle do Lima e do Vizella, até Guimarães. N'esta confirmação declara Affonso Henriques dever aos burguezes de Guimarães grandes serviços, e provas de grande fidelidade (*fecisti mihi servicium bonum et fidele*), pelo que os absolve de toda a especie de *fossada* — *nunquam donent fossadeiras*. D. Affonso II confirma por um novo padrão as isenções e prerogativas d'este foral, embora, como na primitiva *carta-pobra* do conde D. Henrique, não traga data este preciosissimo monumento. Estas isenções, todavia, não excluem a existencia de varios *malados* (*maladiis*) no termo de Guimarães, os quaes veem já publica e definitivamente referidos n'uma inquirição do tempo de Affonso II, na qual Martim Gonsalves, *pretor Vimaranis*, declara não só onde uma d'essas *maladias* tivera assento, como qual fôra a sua origem (L. I *de Inquir. de Aff.* II, fl. 119). D. Diniz em 1324, corrobora todas estas immunidades.

Quando já nos principios do seculo XVI D. Manoel vibra um golpe de morte nos estylos locaes, integrando os antigos costumes municipalistas, de origem franko-romana, na absorvente tutela real, que desde D. João II tende a fixar-se, a carta do monarcha tem a data de 1517 — a época exacta da vasta e intensa crise foraleira, centralista e tutelar, em todo o reino.

Foi durante os dias que precederam a data do seu segundo foral, ao estratificar-se a patria portugueza (1127), que teve logar em Guimarães essa epica e romanesca façanha de Egas Moniz, determinada, segundo a ingenua descripção do *Livro-Velho-das-Linhagens*, no facto de este aio de D. Affonso

[1] Em latim barbaro *Onéca*, que é como se lê na doação de Mumadona — *concedo hunc aule beatitudinis... jam dictam villa* Vimaranes... *mutavit filia mea* ONECE, *ut superium fecimus ei mencionem*. Pinho Leal, no seu *Port. Antigo e Moderno*, sem nenhum discernimento, chama-lhe Urraca.

des religieux bénéficiers et des clercs non cloîtrés; et un peu plus tard, sous le pape Paschoal II (1118), il fut englobé dans l'ordre bénédictin.

C'est autour de ce monastère dont la vaste censive portait jusqu'à Porto, Villa do Conde, Santo Thyrso et Vianna et comprenait beaucoup de métairies et de granges des couvents de St. Torquat et de St. Jean du Pont, que s'est formé le noyau primitif du bourg de VIMARANES.

Incorporé dans les vastes domaines qui constituaient le comté du Portugal, il dut subir toutes les vicissitudes des factions des deux belliqueux gendres d'Alphonse VI d'Aragon. La cour instable et bruyante, mi-bourguignonne, mi-galicienne, de l'aventureux D. Henri de Bourgogne, qui a vu naître la patrie portugaise, résidait d'ordinaire à Coimbra, mais elle a aussi siégé dans le bourg, déjà nationalisé sous le nom actuel; ainsi le veut du moins la tradition locale persistante, à laquelle d'ailleurs les documents contemporains ne s'opposent point (Herculano, I, 220). Ces honneurs ne doivent toutefois pas lui être accordés avant le voyage de D. Henri en Aragon et en France, car avant cette époque les besoins de la conquête, les hasards d'une politique pleine d'imprévu, ainsi qui les incursions militaires des partisans de D. Urraca, excluent toute idée d'une résidence régulière à Guimarães.

On ne saurait non plus la prendre comme siège des *Cortès*, ce nom devant être refusé à toute espèce de conférence ou colloque analogue à celui qui vers 1090 rassembla dans le territoire de Guimarães tous les hommes d'armes du prince bourguignon ainsi que les représentants de toutes les entités juridictionnelles du district.

La première charte de Guimarães, quoique sans date, peut être attribuée à cette époque; c'est, à peu de chose près, une *charte de peuplement*. Elle a été suivie d'une confirmation de l'infant D. Alphonse Henriques, né et baptisé à Guimarães, laquelle porte la date du 27 avril 1128 (*V kal. maii 1166*), précisément lorsque la guerre civile née des querelles de l'infant et de sa mère, exerçait ses ravages depuis Braga jusqu'au comté de Refojos de Lima et de là, par la vallée du Lima et du Vizella jusqu'à notre ville. Dans ce diplôme Alphonse Henriques avoue avoir reçu des bourgeois de Guimarães des services considérables et de remarquables preuves de fidélité — *fecisti mihi servicium bonum et fidele* — et en conséquence les affranchit de la corvée du *fossoyage* — *nunquam donent fossadeiras.*

D. Alphonse II sanctionne dans un nouveau texte, malheureusement non daté, toutes ces exemptions et priviléges. Ils n'excluent pas toutefois l'existence dans le ressort de Guimarães de plusieurs manoirs seigneuriaux (*maladiis*), constatée dans une inquirition contemporaine, dans laquelle Martin Gonsalves, *pretor Vimaranis*, déclare non seulement l'emplacement mais aussi l'origine d'une de ces institutions (L. I *de Inquir. de Aff. II*, fl. 119). D. Diniz en 1324 confirme à nouveau ces immunités.

Lorsque, au début du XVI[e] siècle, D. Manuel porte un coup fatal aux coutumes locales traditionnelles, en asservissant les anciennes institutions municipales d'origine franco-romaine sous l'absorbante autorité royale qui tendait à se fixer depuis Jean II, la charte du monarque porte la date de 1507 — c'est-à-dire l'époque de la vaste et intense crise municipale, centraliste et tutélaire, qui sévit dans tout le royaume.

C'est peu de jours avant la date de la deuxième charte, dans la période de formation de la patrie portugaise (1127), que se place le fait épique et romanesque d'Egas Moniz, rapporté dans le *Livro-velho das linhagens*. Ce précepteur de D. Alphonse Henriques, étant cerné dans Guimarães par l'armée de l'empereur Alphonse VII, obtint de celui-ci la levée du siège, à condition de faire cesser les prétentions d'indépendance de son pupille. Les événements ayant tourné dans le sens opposé, le vieux guerrier, résolu à payer de la vie la parole mal tenue, partit de Riba-Douro, accompagné de sa femme et de ses enfants, pour la cour d'Aragon:

Nu pieds, et si pauvrement accoutrés
Qu'ils excitaient la pitié plutôt que la vengeance.

*
* *

Le *Sanctuaire de Notre Dame de l'Olivier* est peut-être le plus célèbre de l'Espagne et de l'Italie, si l'on excepte celui de St. Jacques de Compostelle.

Henriques fazer «*erguer o emperador* (Affonso VII) *que jazia sobre Guimarães com campanha á guisa de lealdade, e fazer senhor do reino* o seu senhor, *apesar de sa madre*». Foi, portanto, em razão de tal *lealdade*, que o velho aio do infante, resolvido a dar *a vida a troco da palavra mal cumprida*, se partiu das suas terras de Riba do Douro, com filhos e mulher, até á côrte de Aragão:

Descalços, e despidos de tal arte,
Que mais move a piedade que a vingança.

*
* *

O *Santuario de Nossa Senhora da Oliveira* é, porventura, excluido o de Santhiago da Galliza, o mais celebre da peninsula, e sequer mesmo da Italia.

Mais antigo e muito mais visitado que o do Loreto, que o de Guadalupe, e até que o de Monserrate, nas serras da Catalunha, attribue-se ao rei wisigodo, Wamba, nos fins do seculo VII, a plantação da celebre *oliveira* que, atravez de doze seculos, havia de perpetuar a sua memoria e constituir como que um symbolo do seu culto.

Durante a Edade-Média é dos mais concorridos e dos mais preconisados santuarios de toda a Hespanha. O nosso Affonso IV (1340) passa por ter visitado a *Senhora da Oliveira*, logo depois do Salado, mandando construir, em memoria d'este facto, o baldaquino que está junto ao templo da Virgem, e dentro do qual existe uma notavel cruz normanda, que é um modelo da melhor architectura votiva do seculo XIV.

É ainda como expressão de um voto de D. João I, pela victoria de Aljubarrota, que procede a construcção e alevantamento da actual *Egreja de Nossa Senhora da Oliveira*, cabeça de uma importante Collegiada. O typo primitivo d'esta construcção (1429) acha-se totalmente submergido sob o peso das successivas reparações, reconstituições e mutilações, em que ha tudo, desde o baldaquino ogival, com as suas estatuas envazadas, ao estylo ornamental do seculo XV, até o capitel coryntbio, monotono e sem espontaneidade, com a sua caracteristica e classica evoluta.

O *thesouro da Oliveira* representa o cofre das mais raras preciosidades, que o genio cavalheiresco, alliado ao espirito devoto da Edade-Média, pôde inspirar a toda uma sociedade crente, generosa e profundamente sentimental. Entre os seus mais valiosos depositos avulta, indiscutivelmente, o celebre *Oratorio*, offerecido a *Nossa Senhora da Oliveira* por D. João I. Construido de madeira exteriormente, reveste a fórma de um armario, servido por duas meias portas, da altura de 1^{m},34 sobre 1 a 2 metros de largura, segundo estiver fechado ou aberto pelos dois batentes. O corpo central representa a Virgem no leito com o Menino Jesus, o qual estende a mão direita sobre o collo de Maria, em acção de brincar. Aos pés da cama está São José assentado, como que dormitando, arrimado a um bordão. Por cima, alludindo ao drama de Bethlem, estão as cabeças do boi e da mullinha, em acção de entrar á mangedoura. Nos cabos lateraes, dois anjos, como que rompendo do fundo da camara, agitam dois incensorios em signal de adoração. O tecto de todo este recinto é constituido por uma especie de fachada gothica. As imagens da Virgem e de São José — diz o snr. Vilhena Barbosa [1] — têm uns 34 centimetros de altura, e são, bem como o menino Jesus, de vulto inteiro, tendo o rosto e a mão com encarnação de prata corada. As paredes da abobada da camara são vestidas de folha de prata, com seus lavores. A fachada gothica é toda dourada sobre prata, com esmaltes de differentes côres, e compõe-se de dois corpos distinctos. Na parte superior ao entablamento vêem-se dois anjos, tomando cada um nas mãos as armas de D. João I. No espaço comprehendido pelas duas meias portas estão duas capellinhas, no mesmo estylo, representando a *Annunciação* e a *Apresentação*, assim como a *Adoração dos pastores* e a *Adoração dos Reis*. As imagens são tambem de vulto inteiro e de prata dourada, esmaltada, como as figuras da Virgem e de São José.

---

1 *Monum. de Portugal*, pag. 89.

Plus ancien et plus visité que ceux de Lorette, de Guadalupe et de Monserrate dans la Catalogne, il remonte au temps du roi wisigoth Wamba (fin du VIIe siècle), auquel on attribue la plantation du célèbre *olivier* qui, à travers douze siècles, devait perpétuer sa mémoire et devenir un symbole du culte.

Pendant le moyen-âge c'est un des sanctuaires les plus fréquentés et les plus renommés de toute la Péninsule. Le roi D. Alphonse IV (1340) s'y rendit après la bataille du Salado et y fit construire, en souvenir de ce glorieux fait d'armes, le baldaquin, qui est à côté du temple de la Vierge et renferme une remarquable croix normande, un des plus beaux modèles de l'architecture votive du XIVe siècle.

La construction de l'église actuelle de *Notre Dame de l'Olivier*, à laquelle est annexée une collégiale importante, est due á Jean I et procède d'un vœu de ce roi pour la victoire d'Aljubarrota. Le type primitif de cette bâtisse est entièrement enseveli sous les réparations, les restaurations et les mutilations successives, et présente les motifs architecturaux les plus variés, depuis le baldaquin ogival avec ses statues jusqu'au chapiteau corinthien, avec ses volutes caractéristiques, aussi monotone que denué de spontanéité.

Le *trésor de Notre Dame de l'Olivier* est une collection des dons les plus précieux que l'esprit chevaleresque et dévot du moyen âge a pu inspirer à une société croyante, généreuse et foncièrement sentimentale. Parmi ses joyaux les plus remarquables se trouve indiscutablement le célèbre *Oratoire* offert par D. Jean I. La partie extérieure est en bois et présente la forme d'une armoire à deux battants, de 1^{m},34 de hauteur sur 1^{m} de large. Le corps central représente la Vierge dans son lit avec l'enfant Jésus, dont la main droite se joue dans la gorge de sa Ste. Mère; aux pieds du lit est assis St. Joseph sommeillant et appuyé sur un bourdon. Au dessus d'eux sont les têtes d'un bœuf et d'un âne à côté de la mangeoire, comme dans le drame de Bethléem; et aux extrémités latérales deux anges se détachent sur les parois de la chambre, agitant deux encensoirs en signe d'adoration. Les images de la Vierge et de St. Joseph — dit Mr. Vilhena Barbosa [1] — ont 0^{m},34 de hauteur; et sont comme celle du petit Jésus en pied, ayant la face et les mains en argent émaillé. Le plafond de la voûte qui les couvre est entièrement revêtu de feuilles d'argent ouvragé. La partie supérieure de la pièce est dorée sur fonds d'argent, avec des émaux diversement colorés; elle est conçue dans le style gothique, et porte dans la partie supérieure de l'entablement deux anges tenant dans les mains l'écusson aux armes de D. Jean I. Sur l'espace correspondant aux deux battants se trouvent deux petites chapelles du même style, figurant l'*Annonciation* et la *Présentation*, ainsi que l'*Adoration des pasteurs* et l'*Adoration des Rois*; les figures, de même que celles précédemment décrites, sont entières et en argent doré et emaillé.

Cet *Oratoire*, vrai joyau de l'art monumental et décoratif du XIVe siècle, provient d'après la tradition du butin de la bataille d'Aljubarrota et n'a souffert d'altération que celle de l'écusson armorié. Il était accompagné de douze statues d'anges dont plusieurs au chiffre d'Henri de Trastamare; comme elles étaient en argent, les chanoines de la collégiale les firent fondre plus tard pour en faire des chandeliers.

Le *château de Guimarães*, avec les restes de ses fortes tours, est sans doute une des plus belles et des plus complètes ruines des constructions féodales du XIIIe siècle en Portugal, et peut-être bien aussi en Espagne.

Monument seigneurial et militaire du moyen-âge; fort, vaste, et élégant, tel que l'a conçu l'imagination poétique et romanesque de A. Herculano qui, avec plus d'art que de rigueur, l'a choisi pour théâtre de plusieurs scènes de son roman «*Le Bouffon*»; c'est un témoin pétrifié d'une série de drames sanglants: depuis les luttes des gendres d'Alphonse VI d'Aragon et du comte de Trava, d'Alphonse Raymondes et de l'ambitieux Henri de Bourgogne, jusqu'à celles du XIVe siècle entre le bâtard de D. Pedro et le roi Jean I de Castille.

---

1 *Monum. de Portugal*, pag. 89.

Este *Oratorio,* que é uma verdadeira preciosidade, um monumento mesmo da arte ornamental, decorativa, do seculo xiv, constitue, segundo a tradição, uma das prêzas de Aljubarrota, apenas modificada na parte em que estão patentes os escudos portuguezes. Com este *Oratorio* vieram tambem doze estatuas de anjos, de prata, mandadas derreter tempos depois pelos conegos, com o fim de as transformarem em castiçaes. Algumas d'essas estatuas traziam as divisas de Henrique de Trastamara.

O *Castello de Guimarães,* com os restos da sua bella torre-albarrãa, seguida e amparada pelas suas torres-de-segurança, vale por uma das mais formosas ruinas das instituições feudaes do seculo xiii em Portugal, e, porventura, um dos mais completos exemplares do seu genero em toda a peninsula.

Primitivo monumento militar e senhorial do seculo xii, forte, vasto e elegante, como nol-o avulta, no seu sonho ardente e romanesco, a poetica imaginação do nosso A. Herculano, e a dentro do qual, com mais arte que coherencia, faz o grande historiador passar algumas scenas do seu *Bôbo:* esta testemunha petrificada dos nossos dramas de sangue, que vão desde as dissenções entre os genros de Affonso vi de Aragão e o conde da Trava, entre Affonso Raymondes e o ambicioso Henrique da Bourgonha, até ás guerras do seculo xiv, entre o bastardo do rei D. Pedro e o rei D. João i de Castella, vale bem a gratidão da Historia, e, porventura, o culto da posteridade. E se os moradores da nobre, antiga e formosa villa de Guimarães, pelo respeito com que guardam e honram as suas tradições locaes, acompanhando-as ainda agora, quanto podem, com os seus exemplos, se tornam credores da estima de quantos versam a sua historia, a um tempo civica, artistica e romanesca, essa estima sobe de ponto ao medirmos os cuidados, os esforços, o zêlo espiritual, o culto da arte civica com que, no dobar de quasi oito seculos, vêm amparando e evitando a ruina absoluta do seu mais grandioso e illustre monumento. Porque ao passo que, lá fóra, n'uma nação culta e grande como a França, não resta do solar do Chanceller Miguel do Hospital, do stoico, do maior coração e da mais recta consciencia do seu seculo, mais que umas rôtas e descozidas escadas, que diziam para a vasta quadra da sua santa solidão do Vignay: — aqui, no Minho, no recanto de uma região laboriosa mas obscura, guarda-se ainda agora, como uma reliquia sagrada, o castello-roqueiro, cujas pedras broncas e tisnadas pelo sol de mais de sete seculos viram passar muitas vezes os inimigos de Fernando Peres, as esculcas do infante D. Affonso, os homens de São Mamede e de Val-de-Vez, os acontiados de Mem Rodrigues, os da hoste do Mestre-de-Aviz e os seus *contreytos,* com o honrado e desditoso Ayres Gomes — o que salvára no mosteiro de Leça a vida ao infante D. Diniz — á sua frente.

Durante os ultimos annos do seculo xiii, tanto nas differenças entre o infante D. Affonso e D. Diniz, como durante as guerras de successão do seculo xiv, entre o Mestre de Aviz e o filho do fratricida Henrique de Trastamara, o castello de Guimarães foi theatro das maiores heroicidades e, porventura, padrão dos mais altos exemplos.

Esse delicado e commoventissimo drama de amor, em que foi protogonista o lealissimo e esforçado cavalleiro D. Gonçalo Marinho, o qual depois de vêr rotas e desfeitas todas as suas esperanças, se vai, de Toledo até o Minho, a enterrar-se na sua cova de *Mirtili,* junto a Vianna — cova que elle abre com as suas proprias lagrimas, n'um longo e cruciante martyrio de quinze annos (1385-1400): — todo esse commovente e delicado drama de amor foi vivído, sentido e porventura chorado dentro d'aquellas pedras, hoje tôscas e fendidas, que as heras assaltam e investem, e sobre as quaes, á tarde, o sol poente, ou a lua, por noite placida e melancolica, deixa passar os seus ultimos clarões. E, todavia, para quê? Sómente para que tantas lagrimas, tantas esperanças e tantas dôres merecessem unicamente da Historia, gelida [1] ou egoista, fria ou implacavel, este epitaphio hirto e sêcco: — « . . . . Dona Vrraca foise para Castella, e seu irmão non quis nos esponsorios de sua sobrinha com Gonçalo Marinho por se delle non contentar: e quitoua delle dizendo que era menor de edade quando a esposára; e cazoua com outro: — e *Gonçalo Marinho com queyxume desto fez-se frade de São Francisco: e assi acabou sua vida.*»

José Caldas.

[1] Fernão Lopes, *Chron. Del-Rey D. João I,* cap. x.

Il mérite sans doute la gratitude de l'Histoire et les égards de la postérité; et les habitants de la noble et belle ville de Guimarães, si dignes, par leur respect des traditions locales et des anciennes vertus, de l'estime de ceux qui en connaissent l'histoire, à la fois civique, artistique et romanesque, ne sont pas moins redevables des plus grands éloges pour le zèle et les soins constants dont ils ont fait preuve pendant presque huit siècles pour la conservation de leur plus grandiose et illustre monument.

Car il est juste de rappeler que dans un pays d'une aussi large culture que la France, le château du stoïque chancelier de l'Hôpital, la plus droite conscience de son siècle, n'est représenté que par un escalier délabré donnant sur la vaste solitude du Vignay — tandis qu'ici, dans un coin d'une contrée laborieuse mais obscure, on garde encore comme une relique le château, dont les rudes pierres noircies par le soleil de plus de sept siècles ont maintes fois assisté au défilé des ennemis de Ferdinand Perez, des enguardes de l'infant D. Alphonse, des hommes de St. Mamede et de Val-de-Vez, des chevaliers de Mem Rodrigues, de ceux du Maître d'Aviz et de leurs prisonniers, dont le premier était cet honorable et malheureux Ayres Gomes qui dans le monastère de Leça avait sauvé la vie à l'infant D. Denis.

Pendant les dernières années du xiiie siècle, dans les différends entre les infants D. Alphonse et D. Denis comme dans les guerres de succession du xive siècle, entre le Maître d'Aviz et le fils du fratricide Henri de Trastamare, le château de Guimarães fut le théâtre d'exploits héroïques et des plus nobles exemples.

Le tendre et touchant épisode d'amour, dont le héros a été le loyal et brave chevalier D. Gonçalo Marinho, qui après avoir perdu toute espérance, revint de Toledo au Minho s'ensevelir dans la fosse du Mirtili, près de Vianna, qu'il arrosa de ses larmes pendant un long martyre de quinze années (1385-1400) — tout ce drame émouvant a été vécu, et souffert entre ces pierres, rudes et fendues aujourd'hui, envahies par le lierre, que le soleil couchant et la lune dorent mélancoliquement de leurs dernières lueurs. Et au bout du compte, tant de larmes, tant d'espérances et de douleurs n'ont mérité de l'Histoire, glaciale [1] et impassible, que ce sec et dur épitaphe: — « . . . Dona Urraca s'en alla en Castille, et son frère, ne voulant pas de D. Gonçalo Marinho, rompit les fiançailles de sa nièce, sous prétexte de minorité, après quoi il la maria à un autre: — *et Gonçalo Marinho marri de douleur prit l'habit de Franciscain: et ainsi finit ses jours.*»

José Caldas.

[1] Fernão Lopes, *Chron. Del-Rey D. João I,* cap. x.

S. Marcos

Capella-mór da egreja



ALGUNS kilometros de Coimbra, perto da aldeia de S. Silvestre e a poucos passos da bella estrada que conduz a Tentugal, encontra o viajante um monumento artistico de primeira ordem. Todavia, poucos o conhecem ainda. Faltaram até hoje os elementos de vulgarisação que deveriam ajudar o visitante e despertar a sua curiosidade: um guia artistico seguro e reproducções economicas, porque o estudo das nossas reliquias não póde nem deve ser privilegio dos abastados, mórmente se, como n'este caso, o monumento é um verdadeiro museu da arte nacional e um livro da historia patria, illuminado com as inspirações mais deliciosas do cinzel da Renascença portuguesa.

O que vamos expôr em breves linhas é o resumo de longos annos de estudo. Na *Revista de Guimarães* (1897) publicámos a primeira parte de uma monographia, que aguarda apenas o necessario complemento illustrativo para correr mundo. N'ella estão já todos os factos historicos e indicações seguras para o estudo artistico do templo. Comquanto não seja este o logar proprio para o estudo comparado dos monumentos, daremos noticia sufficiente a quem quiser seguir n'um exame mais aturado dos lavores comtemporaneos de S. Marcos. Com effeito, d'este templo irradia com a gloria fulgente da arte e os louros immarcesciveis de uma geração de heroes—os Silvas da casa dos *Regedores da Justiça* —a benção fecunda de um ensinamento artistico; d'elle partilharam innumeros artifices de toda a Beira central, iamos dizer de toda uma provincia da arte. Coimbra é a sua capital. E bem mal andaram os que, despindo a Athenas portuguesa das suas joias d'arte, derrubando templos, ou mutilando-os, saqueando collecções, desfizeram um precioso diadema, quando tanto convinha dar á mocidade das escólas, alli concentrada, a noção mais clara e a mais elevada da arte em todas as suas manifestações.

S. Marcos pertenceu, como convento, á ordem de S. Jeronymo, que povoou Santa Maria de Belem, Penha Longa (Cintra), Nossa Senhora do Espinheiro (Evora), Santa Marinha da Costa Guimarães), a casa de Nossa Senhora da Penha, na serra de Cintra, e outras. Citar estes nomes é acordar as visões de D. Manoel sobre as rochas escarpadas do Promontorio Magno, espreitando as naus do Gama; evocar as festas delumbrantes do consorcio d'Evora (1490) e a tragedia na choça do pescador, oito meses depois... O escudo das quinas trocado pelo humilde camaroeiro!

O convento jaz em ruinas, incendiado em nossos dias, por vingança, o que devemos deplorar profundamente, porque as capellas do claustro e o refeitorio continham preciosas esculpturas, retabulos de altares e imagens, pulpitos sumptuosos, fontes e columnatas de que fallam com louvor os documentos ineditos, por nós compulsados. Começaram, porém, a apparecer nos ultimos annos, nos arredores de Coimbra, fragmentos notaveis de esculptura; creio haverem pertencido ao convento, se compararmos os assumptos n'elles visiveis com a descripção dos documentos, o estylo e a mão de obra com alguns grandes lavores conservados na egreja. Com alguns, dizemos, porque trabalharam alli differentes gerações de artistas, e em estylos divergentes, como as datas extremas (1510 e 1696) o indicam. A primeira está esculpida sobre a entrada principal; a ultima marca a feitura do grande arco da capella-mór, reformado talvez pela familia do segundo conde de Aveiras, cuja sepultura (primeira da Epistola) foi lavrada em 1672. Certamente esse grande arco triumphal substituiu o anterior, que devia ser manuelino, como é manuelina toda a capella-mór, artesoado da abobada, as duas janellas lateraes, a sepultura da fundadora do convento D. Brites de Menezes (primeira do Evangelho), e as duas seguintes.

Entre as datas extremas 1510 e 1696 intercallam-se umas oito, constituindo uma chronologia incomparavel, como não se encontrará talvez em outro monumento do paiz.

Advirta-se, porém, que a construcção inicial em 1452 por mestre Gil de Sousa, auctor da primitiva traça, continuada por elle até 1464 (anno da sua morte) deu logar a lavores que denunciam um plano primitivo puramente gothico, ao qual pertence, por exemplo, o esplendido cenotaphio de Fernão Telles de Menezes começado em 1741 por sua mulher D. Maria de Vilhena (Vid. adiante).

Ora nenhum dos outros tumulos, e a egreja ainda contém mais seis monumentaes e tres menores (ao todo dez), é anterior a 1510. Estamos pois em frente de um problema.

St. Marc

Chapelle principale de l'église



QUELQUES kilométres de Coimbra, toute près du village de St. Sylvestre et de la belle route qui mène à Tentugal, se dresse un monument artistique de premier ordre.

Il est presque inconnu, faute d'éléments de vulgarisation indispensables pour éveiller la curiosité des voyageurs; c'est-à-dire, d'un guide artistique sûr et de reproduction économiques, car l'étude de nos monuments ne saurait être l'apanage des classes aisées, surtout lorsqu'ils sont, comme celui-ci, des documents historiques remarquables, illustrés par le ciseau inspiré de la Renaissance portugaise.

Les lignes qui suivent résument les résultats de nos travaux de plusieurs années. Les faits historiques ainsi que les autres indications essentielles à l'étude artistique de ce temple ont été déjà détaillés par nous dans une monographie insérée dans la *Revista de Guimarães* (1897), qui ne manque, pour être complète, que d'un nombre suffisant d'illustrations. Nous nous astreindrons donc, pour le moment, aux seules notes indispensables pour bien marquer l'importance de ce temple qui rappelle les hauts exploits d'une glorieuse lignée de héros — les Silva, dont la maison jouissait de la charge de *Regedor da Justiça* (Grand Chancelier) —et en même temps l'évolution d'une vraie école d'art oû se sont formés d'innombrables sculpteurs de la Beira Centrale. Nous allions dire de toute da région artistique dont Coimbra est la capitale, malheureusement mutilée et presque entièrement dèpouillée de toutes ses richesses, au grand détriment de l éducation artistique des nombreux élèves de la vieille Université.

Le convent de St. Marc. appartenait à l'ordre de St. Gérôme, qui poupla Ste. Marie de Belem, Penha Longa (Cintra), Notre Dame de l'aubépine (Evora), Ste. Marinha da Costa (Guimarães), Notre Dame de la Rocha (Cintra), et d'autres encore. Ces noms évoquent les visions de D. Manuel sur les roches escarpées du grand Promontoire, épiant les navires du Gama; les fêtes sumptuenses du mariage d'Evora (1490) et la tragédie dans la hutte du pêcheur, huit mois plus tard—l'écu des *quinas* échangè contre l'humble bonnet de pêcheur!

Le convent est en ruines, brûlé il n'y a pas longtemps par vengeance, crime d'autant plus déplorable que les chapelles du cloître et le réfectoire contenaient des sculptures précieuses, de belles images et de jolis rétables, de chaires sumptueuses, des fontaines et des colonnades dont parlent avec beaucoup d'éloges les documents inédits que nous avons éxaminés. On a trouvé dans les dernières années quelques morceaux remarquables près de Coimbra, que nous croyons provenir du convent brûlé, car le style et la facture rappellent d'une manière frappante plusieurs sculptures conservées dans l'église. Cette analogie partielle n'a rien d'étonnant si l'on ne perd pas de vue que, depuis 1510 jusqu'à 1696, cette construction a passé par les mains de beaucoup d'artistes, à styles divergents. La première de ces dates est gravée sur l'entrée principale; la seconde marque la conclusion du grand arc de la chapelle principale, peut-être reconstruite par la famille du deuxième comte d'Aveiras, dont le tombeau (le premier, côté de l'Epître) a été fini en 1672. Ce grand arc triomphal a très probablement remplacé le premier, dont le style aurait dû être *manuelino* de même que la chapelle principale toute entière, les nervures de la voûte, les deux fenêtres latérales, le tombeau de la fondatrice du convent, D. Brites de Menezes (le premier, côté de l'Évangile), et les deux tombeaux suivants.

Entre ces deux dates extrêmes, 1510 et 1696, il y a près de huit autres à citer, toute une chronologie incomparable dont on trouverait difficilement un autre exemple dans les monuments de notre pays. Il faut encore remarquer que la construction initale, dûe à maître Gil de Sousa qui dirigea les travaux, depuis 1452 jusqu'à la date de sa mort survenue en 1464, témoigne d'un devis purement gothique, auquel se rattache aussi le splendide cénotaphe de Ferdinand Telles de Menezes, commencé en 1471 par sa femme D. Maria de Vilhena. Cependant, des dix tombeaux restants de l'église, dont six grands et trois petits, aucun n'a été commencé avant 1510. Il y a là donc un curieux problème à résoudre.

Companhia Portuguesa Editôra, Limitada.

Retabulo do altar-mór

Por uma descoberta em documentos ineditos, achámos o nome do artista, até hoje ignorado: *mestre Nicolau*, a que póde ajuntar-se afoutamente o appellido *Chatranez*, auctor do celebre retabulo de alabastro da capella do Castello Real da Penha, em Cintra. Antes da descoberta já haviamos indicado em 1884 a perfeita analogia das duas obras ao nosso amigo o snr. Antonio Augusto Gonçalves, director da Escóla Industrial de Coimbra, que se tem dedicado com bom proveito ao estudo da esculptura da Renascença na região de Coimbra. Levando a S. Marcos n'uma excursão de estudo a monographia de Schönfeld sobre Andrea Sansovino (Stuttgart, 1881), pois era tempo de acabar com os devaneios de Raczynski, tivemos occasião de demonstrar áquelle nosso amigo ser esteril e infundada a tradição que attribue ao celebre artista italiano, architecto e escriptor, qualquer ingerencia nos lavores esculpturaes da egreja. Renascença franceza é, nascida na extrema fronteira artistica em que os engenhos de França e Flandres se alliam sob a protecção dos Duque de Borgonha e Lorena, os principes mais opulentos e generosos do seculo XV, nas côrtes de Dijon e Nancy. Nem admira que elles nos emprestassem artistas no seculo XVI, quando o aragonês Juan de la Verta concorria victoriosamente na segunda metade do seculo XV (1444-1461) com os maiores artistas de Dijon, na obra dos tumulos da Cartuxa, jazigo dos Duques.

O conde de Raczynski, em viagem por Portugal, guiado pelo dr. Loureiro, medico e, nas horas vagas, director da Academia de Bellas-Artes de Lisboa, pretendeu descobrir n'este retabulo o cinzel de Andrea Sansovino! n'uma batalha em relevo e n'uma estatua de S. Marcos. Aqui só nos importa o retabulo.

Pelas datas podia ser, pois Andrea viveu de 1460 a 1520; sob o ponto de vista do estylo, o dito não honra o criterio artistico dos dois amigos

Os documentos confessam que a capella-mór foi construida de 1522-23, o que concorda com a data 1522, consignada n'uma tarja esculpida a um metro do pavimento, no *intrados* do arco da sepultura de Ayres da Sila (3.ª, lado do Evangelho).

Ha mais: no proprio altar figuram o Regedor Ayres (segundo do nome, quinto Senhor de Vagos) e sua mulher D. Guiomar de Castro, nomes confirmados nos respectivos escudos, collocados no friso inferior. O marido é apresentado por S. Jeronymo; a esposa por S. Lucas, ambos adorando o Senhor Morto, descido da Cruz, e estendido no meio de um grupo pathetico que contrasta com o movimento pausado e indifferente dos cavalleiros.

Ora Ayres da Silva foi precisamente tambem o constructor da capella-mór, como provámos (*Revista de Guimarães*, pag. 66 e 105); os dois tramos da abobada abrangem tudo o que é manuelino, com as sepulturas n.ᵒˢ 1-5 da nossa planta, e mais nove que desappareceram. A sua biographia está feita, o seu papel em S. Marcos perfeitamente definido pelos documentos.

Vejamos agora a impossibilidade da attribuição sob o ponto de vista artistico e technico.

Tudo, no retabulo, marca a perfeita identidade com o lavor de Cintra: traçado geral, architectonico, composição e schema das scenas; effeitos dos grupos em perspectiva puramente *pictorica*, diminuindo em planos successivos; o caracter das figuras em pleno relevo, módulo d'ellas, typos, trajes, toda a mimica: o *pathos*, emfim, da cruciante tragedia. Em ambos os casos, Cintra e S. Marcos, o artista inspirou-se de composições architectonicas que têm parallelo flagrante em quadros existentes no Museu Nacional, verdadeiras joias da escola chamada *Grão Vasco* O facto é eloquente em demasia, para o calarmos por mais tempo. O effeito decorativo é delicioso, apesar de uma estupida polychromia a oleo, moderna, que lhe dá o ar de um presepio de aldeia, á primeira vista.

Mestre Nicolau era um grande decorador, *virtuose* no seu genero, mas desigual na factura, zombando de todos os preceitos que a discrição—iamos dizendo a esthetica — da sua arte lhe impunham. A sua architectura é quasi um plagiato.

Rétable du maître-autel

Les renseignements que nous avons puisés dans quelques documents inédits nous permettent de proclamer le nom, jusqu'à présent ignoré, de l'artiste à qui on doit ce rétable. C'est maître Nicolas, auquel on peut ajouter en toute sureté le surnom de *Chatranais*, l'auteur du célèbre rétable d'albâtre de la chapelle du château royal de Pena, à Cintra.

Avant cette découverte nous avions déjà signalé vers 1884 l'analogie parfaite de ces deux œuvres à M. Antoine Auguste Gonçalves, directeur de l'École industrielle de Coimbra, qui s'est dédié avec beaucoup de succès à l'étude des sculptures de la Renaissance dans la région de Coimbra.

Dans une excursion d'étude à St. Marc, et à l'aide de la monographie de Schönfeld sur Andrea Sansovino (Stuttgart, 1881), nous avons eu l'occasion de montrer à cet ami combien était stérile et dénuée de fondement la tradition, reprise par Raczynski, qui accorde au célèbre artiste italien une part dans les sculpturs de l'église. Elles ne relèvent, au contraire, que de la Renaissance française, née dans la frontière extrême où se sont harmonieusement fondus les esprites artistiques de la France et de la Flandre, sous la protection généreuse des ducs de Bourgogne et de Lorraine, dont les cours de Dijon et de Nancy comptaient parmi les plus fastueuses du XVᵉ siècle.

Il n'est donc pas surprenant que nous leur ayons emprunté des artistes au XVIᵉ siècle; et d'ailleurs il faut se rappeller que vers le milieu du XVᵉ (1444-1461) l'aragonais Juan de la Verta concourait victorieusement avec les plus grands artistes de Dijon dans la construction des tombeaux des ducs de Bourgogne, dans la trappe.

Le comte de Raczynski, voyageant en Portugal guidé par le dr. Loureiro, médecin et, par intérim, directeur de l'Académie des Beaux-Arts à Lisbonne, a prétendu découvrir le ciseau de Andrea Sansovino dans une bataille en bas relief, dans une statue de St. Marc, et dans le rétable du maître-autel, le seul dont nous nous occuperons ici.

Pour ce qui concerne les dates, on peut certainement l'admettre, puisque Andrea a vécu de 1460 à 1520; mais, au point de vue du style, l'hipothèse des deux amis ne fait pas grand honneur à leur criterium artistique.

Les documents rapportent que la chapelle principale a été construite de 1522-1523, ce qui s'accorde avec la date de 1522 gravée à un mètre du sol, sur l'intrados de l'arc du tombeau de Ayres da Silva (le troisième, côté de l'Évangile)

Ce *Regedor* Ayres (2ᵉ du nom, 5ᵉ seigneur de Vagos) et sa femme D Guiomar de Castro figurent dans le maître-autel, ainsi que l'attestent les noms inscrits dans les deux écus placés sur la frise inférieure. Le mari est présenté par St. Gerôme, la femme par St. Luc, les deux saints adorant le Seigneur descendu de la Croix et gisant au milieu d'un groupe pathétique, qui contraste avec le mouvement tranquille et indifférent des cavaliers.

Or nous avons démontré que c'est précisément à cet Ayres da Silva que l'on doit l'érection de la chapelle principale (*Revista de Guimarães*, pag. 66 et 106); les deux travées de la voûte contiennent tout ce qui reste de *manuelino*, avec les tombeaux nᵒˢ 1 à 5 de notre plan et neuf autres qui ont disparu. La biographie de ce personnage este faite et son rôle à St. Marc parfaitement établi par les documents.

Quant à l'impossibilité de l'hypothèse au point de vue technique et artistique, tout dans le rétable dénote l'identité complète avec l'œuvre de Cintra: le tracé général architectonique, et le schéma des scénes, la prespective purement picturale des groupes en plans graduellement éloignés, le caractère des figures en plein relief, leurs modules, les types et les vêtements, tout la mimique, le *pathos*, enfin, de la divine tragédie. Dans l'une comme dans l'autre des deux compositions, à Cintra et à St. Marc, l'artiste s'est inspiré de motifs architectoniques parallèles à ceux des tableaux du Musée National qui se classent dans l'école dite du Gran Vasco; cette analopie est trop visible pour pouvoir être contestée.

L'effet décoratif du rétable est délicieux, malgré une stupide polycromie récent, qui donne de prime abord à ce splendide morceau l'air d'une sainte-crèche villageoisse. Maître Nicolas était un habile décorateur, un *virtuose* à facture inégale se souciant fort peu des règles admises—peut-être même de l'esthétique—de son art. Son architecture est presque un pastiche.

Capella dos Reis Magos

Um encanto! Talvez a mais formosa capella de pura Renascença que possuimos no reino. Proporções finamente sentidas, n'um lavor quo desafia a mais escrupulosa critica; pureza absoluta de desenho em todos os pormenores e uma sciencia no cálculo de todos os effeitos do relevo, de luz e de sombra que só artista consummado era capaz de idear. Ahi temos um primor que o proprio Francisco de Hollanda aplaudiria como a idealização peninsular de um pensamento nascido na sua Italia, tão amada. Esses cherubins, que povoam os frisos, os arcos, os pendiculos da cupula, entoam um harmonioso villancico ao divino acto da adoração dos Magos, traduzido n'um dilicioso retabulo outr'ora posto no logar da pobrissima pintura do altar principal. Á entrada, sob o entablamento, S. Pedro e S. Paulo, debruçando-se pelos medalhões fóra, pararam no dialogo, para escutar, sorrindo, as argentinas vozes. Repare-se no gesto senhoril, nas mãos dos apostolos!—nos dois cherubins alados, contrapostos ás maleficas carrancas dos consolos dos pilares—o triumpho da gentileza, a graça suprema derramada por toda a fabrica. E' indispensavel restituir a esculptura dos Reis Magos ao seu logar.

Conhecemos bem algumas bellas reminiscencias d'esta joia da arte nacional, se não é que o abençoado artista se multiplicou, creando outros primores na Merceana, junto de Alemquer, na Matriz de Montemor-o-Velho (Nossa Senhora dos Anjos), em Coimbra (Collegio de S. Thomaz, e nos retabulos dos claustros da Sé Velha, recentemente descobertos), etc., mas nenhum attinge os primores d'esta capella. A sobreposição das columnas menores dos estribos dos grandes pilares, em vez do apoio sobre o capitel supprimido, dá um ar de suprema elegancia e *sveltezza* a todo o portico. Os grandes pilares continuam para o segundo corpo por um artificio engenhoso: a base alteada das columnas corinthias, reduzidas de um terço na sua altura. Esta ideia constructiva foi copiada n'uma das capellas da matriz de Montemór, já citada; são tres e de mui fino escopro. O brasão dos Silvas, posto n'uma des tres joias, denuncia alli tambem a intervenção da poderosa e magnifica familia dos *Regedores da Justiça*.

Por esta porta triumphal penetra-se na capella, abrigo e ultima morada de dois herois. Se a illustre viuva do fundador da Casa de Unhão podia affirmar a sua Real linhagem e louvar um egregio marido de quem a morte «houve enveia de seu crecimento pois no milhor da vida o levou», que dizer ou contar da outra viuva que mandou seis filhos á Mauritania, com ordem de não voltarem sem augmento da honra dos maiores e da patria? Quatro lá ficaram mortos...

D. Antonia de Vilhena é a austera dona. Jaz com seu marido Diogo da Silva (1511-1556), lado do Evangelho. Varonil e prudente educadora de seus filhos, rejeitou, apesar de nova, bela e rica, todos os projectos de segundo casamento, merecendo pelas suas virtudes o cognome: *Viuva da Observancia*, tão significativo n'esta egreja que resou como um canto dos *Luziadas*, archivo heraldico onde abundam as mais bellas inscripções e se talharam letras na pedra com o gladio da Justiça! Sublime eloquencia essa, por ser a expressão da alma da Patria: *Pela ley, pela grey*.

D. Antonia de Vilhena foi não só a promotora da sepultura do marido, mas da formosissima capella, depois da morte do esposo (1556). Talvez se lhe possa attribuir tambem a capella e o monumento não menos bello, do sogro João da Silva (terceiro do nome e sexto Senhor de Vagos) que se ufana com o formoso retabulo de Nossa Senhora da Assumpção (1559), outro concerto ao divino em que são musicos os cherubins da aureola.

Do lado da Epistola jaz o setimo Senhor de Vagos, Lourenço da Silva e sua mulher D. Ignez de Castro. Não tem inscripção. Cahiu morto em Alcacer-Quebir (1578) ao lado d'El-Rei, defendendo-o.

O celebre Duarte Nunes de Leão, dirigindo uma carta a este Lourenço, pinta a familia dos Silvas, *Regedores*, com singular eloquencia. Não ha melhor commentario para elucidar o visitante á entrada do extraordinario pantheon (J. Pedro Ribeiro, *Reflexões historicas*, vol. II, pag. 124-130). Leiam, descubram-se e ajoelhem perante uma geração de heroes a que está ligada a mais illustre nobreza de todo o reino e ainda a maior e melhor parte da hespanhola.

Chapelle des Rois Mages

C'est là peut-être la plus belle chapelle dans le style pur de la Renaissence qu'on trouve dans tout le royaume! Proportions finement senties qui défient la critique la plus exigeante, pureté absolue de dessin dans tous les détails, science consommée dans les effets de lumière, d'ombre et de relief que seul un artiste de premier ordre aurait pu concevoir et exécuter. Voilà certes un chef-d'œuvre que François de Hollande lui-même aurait applaudi comme l'idéalisation peninsulaire d'une idée originaire de son Italie adorée. Ces chérubins qui peuplent les frises, les arcs, les pendentifs de la coupole entonnent un chœur harmonieux à la scène sacrée de l'adoration des Mages, traduite dans un charmant rétable, autrefois placé sur le maître-autel et substitué plus tard par une peinture insignifiante. A l'entrée, sous l'entablement, St. Pierre et St. Paul, sortant de deux médaillons, se penchent souriants pour mieux écouter les voix argentines. Remarquez le geste noble, les mains de ces apôtres—les deux chérubins ailés qui font face aux mascarons maléfiques sortant des consoles des piliers! Quel charme dans cet ensemble, que de grâce répandue dans tout ce délicieux travail! Il est vraiment indispensable de remettre à sa place la sculpture des Rois Mages.

Nous connaissons bien quelques reminiscences de ce précieux joyau de l'art national—et peut-être sont elles aussi sorties des mains de cet admirable artiste—à Merceana, près d'Alemquer, à Montemór-o-Velho, dans l'église paroissiale (Notre Dame des Anges), à Coimbra (Collège de St. Thomas, et dans les rétables récemment découverts de la vieille Cathédrale); mais tout pâlit devant cette chapelle. La superposition des petites colonnes, non sur les chapiteaux, qui sont absents, mais sur les arcs-boutants des grands piliers, donne beaucoup d'élégance et de *sveltezza* à tout le portique. Les grands pilers se prolongent jusqu'au deuxième corps au moyen d'un artifice ingénieux, l'exhaussement de la base des colonnes corinthiennes, réduites d'un tiers dans leur hauteur. Cette idée constructive est reproduite dans une des chapelles de l'église paroissiale, citée plus haut, de Montemór. Elles sont au nombre de trois, et très finement travaillées; l'écusson des Silva, sculpté dans une de ces belles pièces, dénonce, encore, l'intervention de la puissante et magnifique famille des *Regedores de Justiça*.

Ce portique triomphal donne accès à la chapelle où reposent les restes de deux héros. Si l'illustre veuve du fondateur de la maison d'Unhão peut être fière de son lignage royal et vanter, dans son mari, l'homme éminent dont «la Mort envia l'exaltation et l'emporta au plus fort de la vie», que dire de l'autre veuve qui envoya six de ses enfants aux guerres de la Mauritanie, les sommant de ne pas revenir avant d'avoir conquis de nouveaux honneurs aux aïeux et à la patrie? Quatre d'entre eux y laissèrent la vie...

Cette noble dame, à l'âme antique, portait le nom D. Antonia de Vilhena; elle gît près de son mari Diego da Silva (1511-1536), côté de l'Évangile. Prudente et virile éducatrice de son illustre lignée, elle rejeta, quoique jeune, belle et riche, toutes les propositions de secondes noces, et mérita par ses vertus le surnom significatif de *Veuve de l'Observance*, qui résonne comme un texte des *Lusiades* dans cette église, archive héraldique pleine de belles inscriptions gravées avec le glaive de la Justice! Quelle éloquence sublime dans la devise, qui traduit l'âme d'un peuple: *Pela ley, pela grey!*

D. Antonia de Vilhena, qui ordonna la construction du tombeau de son mari, fit aussi ériger après sa mort (1556) la belle chapelle qui le contient. Peut-être lui peut-on attribuer la chapelle et le monument, également remarquable de son beau-père Jean da Silva (3e de ce nom, 6e seigneur de Vagos), où l'on admire le joli rétable de Notre Dame de l'Assomption (1559)—un autre concert celeste entonné par les chérubins de l'auréole.

Du côté de l'Epitre sont enterrés le 7e seigneur de Vagos, Laurent da Silva, et sa femme D. Inès de Castro. Il n'y a aucune inscription. Ce noble chevalier est tombé à Alcacer-Quebir (1578) à côté du Roi, dont il défendait la vie.

Le célèbre Duarte Nunes de Leão, dans une lettre adressée à ce Laurent da Silva, décrit la famille des Silva, les *Regedores*, avec une rare éloquence. Il n'y a pas de meilleur commentaire à l'extraordinaire panthéon qui nous occupe (J. Pedro Ribeiro, *Reflexões historicas*, vol. II, pag. 124-130). Lisez-le et découvrez-vous avec respect devant cette dynastie de héros à laquelle se ratache la haute noblesse du Portugal et les meilleures familles de l'Espagne.

Tumulo de Fernão Telles de Menezes e João da Silva

Na ordem chronologica deveria figurar antes do magnificente primeiro morgado de Unhão sua mãe, D. Brites, fundadora do convento, e seu irmão primogenito, o quarto Senhor de Vagos, ambos orando em ediculos manuelinos, muito posteriores em estylo. Dizem os documentos, como já contamos, que sua mulher mandára começar a sepultura em 1471. Morrendo o architecto mestre Gil em 1464 e a fundadora já em 1462, é natural perguntar o visitante: que faz este singular monumento archaico, severo e sobrio, no meio da florescencia da nova arte italiana, que triumpha até da morte?

Antes da fundação do convento existia em seu logar uma ermida da mesma invocação, cujo estylo só podemos conjecturar, e uma quinta com paços dos Silvas. O que sabemos, porém, é que a ermida estava de pé em 1454 e que nos falta um tumulo muito importante, um monumento, mais antigo que nos poderia elucidar sobre o labor do primitivo templo. Era o do segundo Senhor de Vagos João Gomes da Silva, o proprio fundador da ermida (fallecido a 25 de março de 1444) «a qual sobre o seu tumulo estava levantada». O logar d'este está determinado por um documento de 1690 e confirmado por outro de 1832, que ambos lhe assignalam a mesma collocação defronte da sepultura de Ayres Gomes da Silva, terceiro Senhor de Vagos (1379 + 1454), casado com a fundadora em segundas nupcias. Esta ainda existe e é extremamente simples, com emblemas que recorda a geração do Duque Regente e divisas francesas. Comquanto perdida (roubada ou destruida) a sepultura de João Gomes, salvou-se a inscripção; ostenta tambem as tenções francesas e emblemas correspondentes.

De tudo isto devemos concluir: que em S. Marcos houve duas sepulturas que pertenceram á antiga ermida fundada em 1441 (1.º grupo); uma desappareceu; que o cenotaphio de Fernão Telles é talvez o unico vestigio denunciador da intenção artistica de mestre Gil; que este, morrendo em 1464, nada tem que vêr com a capella-mór manuelina, o nucleo mais antigo (1522-23) conservado hoje em S. Marcos; finalmente que havendo-se trabalhado com o maior engenho e concordancia de pensamento e estylo em outros tumulos, capellas, altares, retabulos e fontes durante todo o seculo XVI (ultima data: 1558) se lembravam de alterar o caracter da egreja em 1692, rasgando o grande arco triumphal e alteando a nave, com manifesto desequilibrio de todas as proporções. O atrio e o frontispicio do templo ainda são posteriores, isto é: francamente rocóco.

O mausoleu de Fernão Telles é do um typo conhecido em Hespanha e França. Em Portugal tem uma analogia em Evora, no ediculo heraldico collocado á entrada da Egreja dos Loyos, fundação de D. Rodrigo de Mello, primeiro conde de Olivença (6 de maio de 1485), genro da fundadora do convento de S. Marcos, por sua mulher D. Isabel de Menezes.

Faremos sómente algumas observações: os homens *hirsutos* que desviam as cortinas são um motivo bem conhecido na heraldica dos povos do norte, e mesmo na do vizinho reino (Burgos e Salamanca). A inscripção em letra gothica foi por nós publicada, assim como todas as do templo e as de umas dezesseis campas que desappareceram, sendo reintegradas na planta illustrativa do nosso estudo, á qual remettemos o leitor. A côr escura da inscripção resulta do carvão, que alguem applicou no intuito de lêr mais facilmente as abreviaturas intrincadas da letra gothica. Os escudos são: á direita o da esposa (Manueis e Silvas); á esquerda o do marido (Silvas); no centro a combinação dos dois; a ornamentação é symbolica: *amoras entre silvas*. O vulto, de uma grandiosa severidade. É innegavel a analogia do estylo com monumentos sepulchraes ainda existentes em Santarem (D. Duarte de Menezes, no Museu municipal), em Abrantes (jazigo dos Almeidas em Santa Maria do Castello) e com os tumultos da Batalha, na capella do fundador. O ediculo á direita contém os restos e a inscripção do primeiro Senhor de Vagos, Gonçalo Gomes da Silva (fallecido em 1386), trasladado de Evora em 1572 por deligencia de Lourenço da Silva, setimo Senhor de Vagos. O material é calcareo, muito alvo, a chamada pedra de Ançã, que Abrange differentes variedades.

João da Silva (segundo do nome, quarto Senhor de Vagos, filho primogenito de Ayres Gomes da Silva e D. Brites de Menezes), que morreu heroicamente em 1475, jaz entre seu filho Ayres da Silva e sua mãe. Está em sepultura irmã da do filho, de que se vê apenas um fragmento. Esta ultima não tem letreiro, nem sequer brasões, sendo aliás ultima morada do varão que mais dispendeu na egreja. São dois ediculos manuelinos, que differem apenas em detalhes da ornamentação, de resto muito caracteristica. A sua riqueza decorativa compensa a penuria das linhas constructivas.

Joaquim de Vasconcellos.

Tombeaux de Ferdinand Telles de Menezes et de Jean da Silva

Avant le magnifique Ferdinand Telles, fondateur du majorat de Unhão, se placent, dans l'ordre chronologique, son frère aîné, 4e seigneur de Vagos, et sa mère D. Brites de Menezes, fondatrice du convent, qu'on peutvoir, dans l'attitude de la prière, sous deux édicules de style *manuelino* très postérieur à leur époque. Les documents dont nous avons déjà parlé, assurent que la femme du premier seigneur du Unhão fit commencer son tombeau en 1471. Or l'architecte initial maître Gil de Sousa étant mort, en 1464 et la fondatrice en 1462, le visiteur, perplexe se demande naturellement comment se trouve là ce singulier monument archaïque, sévère et sobre, en pleine floraison du nouvel art italien qui triomphe même de la mort.

Avant la fondation du convent, il y avait à sa place un manoir des Silva et une chapelle, sous la même invocation, dont nous ne pouvons juger le style que par conjectures. Cette chapelle, encore debout en 1454, avait été érigée par Jean Gomes da Silva, 2e seigneur de Vagos (décédé le 15 mars 1444), et gardait son tombeau à présent disparu. Un document daté de 1690, confirmé par un autre de 1832, le placent vis-à-vis du tombeau de Ayres Gomes da Silva, 3e seigneur de Vagos (1399-1454) marié en secondes noces avec la fondatrice du convent. Ce dernier tombeau d'une facture extrêmement simple, existe encore; il porte des emblêmes qui rappellent la génération du Duc Régent, et des devises françaises. Quant à celui de Jean Gomes, quoique perdu, on en conserve encore l'inscription, avec des divises françaises et les emblêmes correspondants.

De tout cela on doit conclure: qu'il y avait à St. Marc deux tombeaux provenant de l'ancienne chapelle fondée en 1441 (1er groupe) et dont un a disparu; que le cénotaphe de Ferdinand Telles est peut être la seule trace de l'œuvre artistique de maître Gil; que celui ci, mort en 1464, n'a rien à voir avec la chapelle principale, du style manuelino, la partie la plus ancienne (1522-23) de tout ce qu'on admire aujourd'hui à St. Marc; et en permier lieu, qu'après une foule de tombeaux, de chapelles de rétables, et de fontaines, exécutés dans une parfaite concordance de styles et d'idées pendant tout le XVIe siècle (dernière date 1588), on s'est avisé en 1692 d'altérer le caractère de l'église, en rompant le grand arc triomphal et en exhaussant la nef, au grand dommage de toutes les proportions. Le parvis et la façade du temple sont encore postérieurs; c'est-à-dire, franchement rococo.

Le mausolée de Ferdinand Telles appartient à un genre assez connu en Espagne et en France. Nous en connaissons aussi l'analogue chez nous, à Evora, dans l'édicule héraldique placé à l'entrée de l'église des frères, fondation de D. Rodrigo de Mello, premier comte d'Olivença (6 mai 1485), beau-fils, par sa femme, D. Isabel de Menezes, de la fondatrice du convent de St. Marc. Nous nous bornerons ici à quelques notes explicatives: les hommes *hirsutes* qui écartent les rideaux forment un motif bien connu dans le blason des peuples du nord, et aussi de l'Espagne (Burgos et Salamanque). L'inscription en lettres gothiques a été publiée par nous, ainsi que toutes celles du temple et de seize autres qui ont dispara mais que nous avons réintégrés dans le plan de notre étude, auquel nous renvoyons le lecteur.

La couleur sombre de l'inscription est due au charbon dont quelqu'un s'est servi pour mieux déchiffrer les abréviations de la lettre gothique. Les écussons sont: à droit celui de la femme (Manuel et Silv.), à gauche celui du mari (Silva), au centre la combinaison des deux; l'ornementation est symbolique: *mûres entre des ronces* Le corps est taillé avec une sévère grandeur.

La ressemblance est évidente entre ce monument et d'autres tombeaux qui existent encore à Santarem (D. Duarte de Menezes, dans le Musée municipal), à Abrantes (mausolée des Almeida à Ste. Marie du Château) à Batalha, dans la chapelle du fondateur. L'édicule à droite contient les restes et l'inscription tumulaire du 1er seigneur de Vagos, Gonsalo Gomes da Silva (décédé en 1386), transporté d'Evora en 1572 par les soins de Lourenço da Silva, 7e seigneur de Vagos. Le matériel est du calcaire très blanc, connu sous le nom de pierre d'Ançan, que comprend plusieurs variétés.

Jean da Silva (2e de ce nom, 4e seigneur de Vagos, fils aîné de Ayres Gomes da Silva et de D. Brites de Menezes (que est mort heroïquement en 1475, git entre son fils Ayres da Silva et sa mère. Le tombeau, dont il ne reste qu'un fragment, est pareil à celui de son fils. Celui-ci ne port pas d'inscription, pas même d'écusson armorié; et cependant il contient les restes de celui qui ne different que par quelques détails dans l'ornementation d'ailleurs très caractéristique. La richesse de cette décoration compense la pénurie des lignes constructives.

Joaquim de Vasconcellos.



ÃO tantas e tão variadas as opiniões emittidas pelos diversos escriptores que se têm occupado de Barcellos sobre sua origem e a de seu nome, sem que, no meio de tamanha differença d'alvitres, se possa assentar juizo seguro sobre um ou outro ponto, que por melhor tenho, até porque para isso me escasseia espaço, o não me espraiar sobre o caso dando apenas como assente, em que todos são accordes, que, a fundação de Barcellos data de tempos antiquissimos, e, quando não de época anterior, da dos romanos em que já era povoação de vulto e séde até de bispado.

Na vida historica de Portugal figura Barcellos desde os primitivos tempos da monarchia, pois que D. Affonso Henriques lhe deu foral, confirmado por D. Manuel, com alargamento de honras e direitos, tendo seus procuradores assento em Côrtes no banco 14.

Sua importancia, porém, n'esta época, vem-lhe verdadeiramente do reinado de D. João I em que este monarcha, vago o condado de Barcellos (o primeiro que foi creado em Portugal, com feudo particular em uma terra, por el-rei D. Diniz em 1298 na pessoa de D. João Affonso de Menezes) pelo fallecimento de seu 7.º conde D. João Affonso Telles de Menezes, irmão da rainha D. Leonor, viuva, de D. Fernando, o qual tendo tomado partido por Castella foi morto na batalha d'Aljubarrota, com elle premiou D. Nuno Alvares Pereira pelo vencimento da batalha de Valverde, continuando a mercê d'elle, a bel-prazer do heroico condestavel, em D. João seu proprio filho perfilhado, que se casára com D. Beatriz Pereira, filha de D. Nuno e que, ao mesmo tempo que elevado a 9.º conde de Barcellos, era creado 1.º duque de Bragança; e data-lhe desde então a importancia, pois que este elegendo-a para solar de sua estirpe, rejuvenesce a velha povoação, refazendo-a de novo, cerca-a de fortissimas muralhas com alterosas torres, construe-lhe a excellente ponte sobre e Cavado, o antigo Celano, e levanta a seu cavalleiro magnifico e altaneiro paço em que por vezes fixa residencia, ligando-o com a egreja matriz, elevada a insigne Collegiada, com diversas dignidades e conegos e largas rendas, obra esta completada por seu filho D. Fernando I, e dá-lhe as armas que ainda hoje conserva como proprias e são:— em um escudo uma ponte, torre e ermida com um carvalho á porta e por cima, em facha, tres escudos pequenos, dois com as quinas do reino, e o do meio com uma aspa — divisa esta do proprio D. Affonso.

Seguidamente foi sempre Barcellos crescendo e augmentando em valia, sob tão poderosa égide, qual a dos seus condes, elevados a duques por el-rei D. Sebastião na pessoa de D. João I, filho de D. Theodosio I, cuja casa a mais poderosa da peninsula e hombreando bem, nas honras, dignidades, riquezas, pragmatica e numero de fidalgos, dependentes e serviçaes com a real, e alargando seu termo a ponto tal que chegou este a contar 113:485 almas em cento e noventa e cinco freguezias, com muitas das quaes, desmembradas d'elle, se fez a importante comarca de Famalicão, e se augmentaram as de Braga, Guimarães, Ponte do Lima, Santo Thyrso, Vianna do Castello, Villa do Conde, e mais modernamente Povoa de Varzim e Espozende, e sua antiga comarca chegou a ser tão extensa e dilatada que teve uma rua em Lisboa, trocada posteriormente pelas villas do Eixo, Páos, Oys da Ribeira, Villarinho do Bairro e seus annexos, estendendo-se desde o Vouga até Castro Laboreiro, comprehendendo, por sua ordem alphabetica, os concelhos, coutos e honras de Baltar, Castello de Paiva Castro Laboreiro, Correlhã, Espozende, Farelães, Ferreiros de Tendaes, Gondufe, Landim, Larim, Louzada, Melgaço, Nogueira, Portella de Penella ou das Cabras, Tendaes, Villa Chã, Villa do Conde, Villa d'Eixo, Villa d'Oys da Ribeira, Villa de Páos, Villa de Rates e Villarinho do Bairro.

Hoje, com as successivas desmembrações, o concelho e comarca de Barcellos conta noventa e cinco freguezias, algumas d'ellas annexadas, e cerca de 50:000 almas.

Demora a villa de Barcellos na margem direita do Cávado, um dos formosos rios do Minho, onde todos o são, apenas contando ahi como emulos vencedores o Lima e o Minho, a que antigamente, testemunho d'essa affirmativa, era dado o nome de Celano — *Cœli amnis* «rio do céo», — em aprazivel e saudavel situação, lavada dos ventos, e circumdada de ferteis terrenos, bem cultivados e povoados de pittorescos casaes e de quintas, e acha-se ligada com Barcellinhos, sita fronteira, na margem esquerda do rio e que lhe é como que suburbios, ainda que em sua immodestia aspirando a rival, pela



ES origines et le nom de Barcellos ont été l'objet de nombreuses et longues controverses qui n'ont toutefois abouti qu'à une seule conclusion sûre: l'antiquité considérable de la ville, dont l'importance était même assez grande, au temps de la domination romaine, pour en faire le siége d'une évêché.

Dès les premiers temps de la constitution des États portugais elle commence à figurer dans ses fastes historiques. Le roi D. Alphonse Henriques, fondateur de la première dynastie, lui octroya une charte, confirmée quelques siècles plus tard par D. Manuel et agrandie de beaucoup d'honneurs et de franchises; les procureurs de la ville prenaient place dans les Cortès sur le banc nº 14.

Son importance, cependant, ne date que du règne de D. Jean I. Le comté de Barcellos, le premier érigé en Portugal vers 1298 par D. Denis et donné à D. Jean Alphonse de Menezes, ayant vaqué par la mort du 7e comte D. Jean Alphonse Telles de Menezes (frère de la reine D. Leonor, veuve du roi D. Ferdinando), tué dans le champ de bataille d'Aljubarrota, le roi D. Jean I en transféra le titre à D. Nuno Alvares Pereira, vainqueur de la bataille de Valverde et connétable du royaume. Le comté échut ensuite à D. Jean, bâtard adopté du roi, marié à une fille du connétable et plus tard 1er duc de Bragance.

Le nouveau comte se fixa à Barcellos où il bâtit un magnifique palais; il fit entourer la ville de fortes murailles et de tours élevées, jeter un beau pont sur le Cávado, et construire la remarquable Église Collégiale (terminée par sons fils D. Ferdinand I), à laquelle étaient attachées beaucoup de dignités et de larges revenus; enfin il donna à la ville les armes qu'elle porte encore: un pont, une tour et une chapelle, avec un chêne à côté, et en haut sur band, trois petits écussons dont les deux extrêmes portent les *quinas* royales et celui du milieu un sautoir — la devise adoptée par D. Alphonse.

Sous la protection des comtes — élevés par D. Sébastien à la dignité de ducs dans la personne de D. Jean I, fils de D. Théodose I, dont la maison, la plus puissante de la Pèninsule, rivalisait en honneurs, richesses et dignités avec la maison royale — Barcellos redoubla d'importance et prit à la longue une telle extension qu'elle parvint à renfermer dans sa banlieue jusqu'à 113:485 âmes et 195 paroisses, dont beaucoup servirent plus tard à former la juridiction de Famalicão et à élargir celles de Braga, Guimarães, Ponte do Lima, Sto. Thyrso, Vianna do Castello, Villa do Conde, et plus récemment de Povoa de Varzim et Espozende. L'ancienne juridiction de Barcellos s'étendait depuis le Vouga jusqu'à Castro Laboreiro et comprenait les fiefs, domaines et communes de Baltar, Castello de Paiva, Castro Laboreiro, Correlhan, Espozende, Farelães, Ferreiros de Tendaes, Gondufe, Landim, Larim, Louzada, Melgaço, Nogueira, Portella de Penella, Tendaes, Villa Chan, Villa do Conde, Villa de Rates, Villa d'Eixo, Villa d'Oys da Ribeira, Villa de Páos, et Villarinho do Bairro; elle avait même d'abord une rue à Lisbonne, échangée plus tard contre les quatre derniers bourgs cités. Aujourd'hui la comune et la juridiction de Barcellos comptent 95 paroisses, dont plusieurs annexées, et près de 50:000 âmes.

La ville est gracieusement sise sur la rive droit du Càvado, l'ancien Celano (*Cœli amnis*, fleuve céleste), une des plus belles rivières du nord du Portugal, à peine surpassée par le Minho et le Lima; elle est éloignée de 10 kil. de l'embouchure, à Esposende, de 15 kil. de Braga, chef-lieu du département, de 25 kil. de Vianna do Castello, et de 40 kil. de Porto; en face, sur la rive gauche se lève Barcelinhos qui, en dépit de toutes ses prétentious, n'est somme toute qu'un joli faubourg, relié à la ville par le vieux pont, tout récemment embelli et amélioré. C'est justement au bout de ce pont qu'on peut voir encore, à gauche la chapelle de Notre Dame du Pont, et à droite un chêne qui figurent dans les armes de la ville.

L'emplacement en est pittoresque et salubre, et les environs sont charmants et pleins de riantes maisons de champagne et de terres très fertiles; dont plusieurs peuvent même être prises pour des modéles d'exploitation agricole; nous ne citerons que celle de Villar de Frades, près de l'ancien convent

antiga e solidamente construida ponte, que ha poucos annos com os melhoramentos, que em seu piso e passeios lateraes foram feitos, ficou sendo uma das melhores e mais formosas de Portugal. No fim d'esta ao desembocar em Barcellinhos ficam, á esquerda a ermida de Nossa Senhora da Ponte e á direita um carvalho, fazendo ambos parte integrante das armas da villa.

Sendo assento d'esta a 10 kilometros da foz do Cávado, que a tem em Esposende, a 15 de Braga, capital do districto, a 25 de Vianna do Castello e a 40 do Porto, conta ella cerca de 5:000 habitantes, e tendo-lhe nos ultimos tempos sido introduzidos muitos melhoramentos, póde bem dizer-se uma das povoações mais consideraveis do paiz, assim como é das mais pittorescas, tanto pelo que respeita ao seu numero de visinhos, como as suas ruas, largos, praças, edificios publicos e particulares, como ainda a sua riqueza e movimento commercial e sobretudo agricola.

Seus arrabaldes são encantadores, e offerecem passeios deliciosos ladeados aqui e acolá, como já atraz se disse, de excellentes vivendas e de magnificas quintas, algumas d'estas modelares de trabalhos agricolas, como a de Villar de Frades, junto do antigo convento d'este nome, na freguezia de Areias de Villar, e que d'esta era parte integrante, pertencente aos snrs. Cardosos do Porto e a da Granja, mesmo ao sahir de Barcellos pela estrada de Montalegre, do snr. José de Beça e Menezes.

Da velha e antiga Barcellos pouco resta, e esse pouco quasi que se réduz ás ruinas do palacio dos seus duques, á Collegiada, que interiormente tem sido vandalicamente desfeiada e deturpada com rebocos e outras superfetações que lhe têm alterado a primitiva feição e destruido testemunhos dignos de memoria, uma das torres das antigas muralhas, tornada cadeia e bem lugubre por signal, um verdadeiro antro, escassos restos d'essas muralhas, hoje comprehendidos em predios particulares, e o velho solar dos Pinheiros, pesado edificio, coevo d'aquellas ruinas, construido por Tristão Gomes Pinheiro, fidalgo sob cuja inspecção correram todas as obras mandadas fazer pelo 9.º conde de Barcellos D. Affonso, e a que a tradição deu a alcunha de *Barbadão*.

Os edificios publicos e obras publicas posteriormente construidos, a contar do seculo XVI, dignos de registo são: o templo do Bom Jesus da Cruz, em fórma octogona exteriormente, com quatro lados rectos e quatro convexos, e interiormente em fórma de cruz, obra de magnifica fabrica em pedra toda lavrada, levantado em honra e memoria da primeira cruz que no chão do Campo da Feira appareceu debuxada na sexta-feira 20 de dezembro de 1504, facto tido por milagroso, e reproduzido posteriormente em todos os annos, por todo o dito campo, e que deu logar não só ao levantamento do dito templo, mas a ruidosa festa em sua memoria no dia 3 de maio de cada anno [1]; a egreja dos Terceiros no mesmo Campo, vasto e elegante templo construido no seculo XVIII por esmolas e com subsidio do real d'agua; a egreja dos Frades, hoje da Misericordia, que data do seculo XVII e era cabeça do convento de Capuchos, levantado por esmolas do povo, e sita tambem no Campo da Feira; o templo das Freiras, hoje da Senhora do Terço, por estar ao cuidado da Irmandade d'esta invocação, cabeça do convento de freiras, tomando toda a parte norte do dito campo, e o passeio chamado das Obras, que este limita pelo sul, fechando depois, em volta, o lado nascente do largo da Calçada. É obra de não pequeno merecimento e que parecia destinada a dar sahida para a avenida direita ao Cávado. Além dos edificios que ficam mencionados ha ainda da mesma época, construidos no seculo XVIII, por devoção e perseverante iniciativa de uma preta de nome Victoria, uma egreja e edificio annexo na rua hoje denominada de Manuel Paes, na sahida de Barcellos para a estrada de Vianna, até ha não muitos annos conhecidos pela denominação de Egreja e Recolhimento do Menino Deus ou das Beatas.

Eram destinados a abrigar em si, na phrase do já citado Amaral Ribeiro, mediante um pequeno dote ou de graça «aquellas que por vocação ou desamparo, queriam evitar a miseria e os laços do mundo, servindo a Deus na clausura», e hoje acha-se transformado, com applauso geral e com mui superiores fructos, em Asylo de Infancia Desvalida, que se tem bem desempenhado dos encargos a que sua denominação o obriga, não só graças á protecção que tem merecido aos poderes publicos e á larga beneficencia particular, mas ainda ao zelo cuidadoso da sua commissão administrativa, a que tem presidido com inexcedivel solicitude o snr. dr. Sá Carneiro, distincto causidico da comarca

[1] Todos os escriptores que têm tratado de Barcellos fallam largamente do apparecimento das cruzes no Campo da Feira, procurando Amaral Ribeiro na sua *Noticia Descriptiva* explical-o naturalmente.

de Areias de Villar, appartenant à MM. Cardosos, et celle de Granja, en sortant de Barcellos par la route de Montalegre, à Mr. Joseph de Beça e Menezes.

Les restes de l'ancienne Barcellos se réduisent aux ruines du palais ducal, à l'Église Collégiale dont l'intérieur a été affreusement barbouillé et enlaidi, à une des tours, convertie en prison, des anciennes murailles, dont quelques pans existent encore, enfouis dans des bâtiments modernes; et finalement au vieux manoir de Pinheiro, pesante construction, contemporaine du palais, dûe à Tristan Gomes Pinheiro, gentilhomme qui dirigea tous les ouvrages ordonnés par le 9e comte D. Alphonse, et que la tradition désigne du surnom de *Barbadão*.

Parmi les édifices, dignes de mention et postérieurs au XVe siècle, la primière place revient au temple du Bon Jésus de la Croix, superbe bâtisse toute en pierres de taile, disposée intérieurement en croix et à l'extérieur en octogone dont quatre faces planes et les autres quatre convexes. Elle fut érigée en mémoire d'un fait miraculeux [1], célébré solennellement tous les 3 mai: l'apparition d'une croix nettement dessinée sur le sol du Champ de la Foire, constatée pour la primière fois le 20 décembre 1504 et régulièrement reproduite tous les ans un peu partout sur ce Champ. Viennent ensuite l'église des Terciaires construite au XVIIIe siècle aux dépens des fidéles et d'un impôt indirect spécial; l'église de la Misèricorde, autrefois annexée au convent supprimé des Capucins et construite aux frais des fidèles; le temple de Notre Dame du Terço, à la charge de la confrérie de cette invocation et qui appartenait auparavant à un convent de nonnes; la promenade dite des Œuvres qui limite au sud le Champ de la Foire et le contourne jusqu'à la Place de la Chaussée, ouvrage assez considérable destiné à relier directement cette partie de la ville à la rivière.

Citons encore l'église et l'hospice, dits autrefois de l'Enfant Jésus ou des Dévotes, bâtis au XVIIIe siècle par la piété et l'initiative opiniâtre d'une négresse nommée Victoria.

Cette institution était primitivement destinée à loger, gratuitement ou moyennant une dot modique, les femmes qui, dans la phrase d'Amaral Ribeiro, «par vocation ou par délaissement, voudraient éviter la misère et les tentations du monde, en se consacrant à Dieu dans la solitude du cloître»; mais elle a été très avantageusement transformée en un Asyle d'Enfants abandonnés, qui a rendu d'excellents services, grâce à la protection bienfaisant des particuliers et des pouvoirs publics, ainsi qu'au zèle éclairé de ses directeurs, au nombre desquels Mr. Sá Carneiro, avocat distingué.

Parmi les édifices publics modernes de Barcellos il y a à remarquer l'Hôtel de Ville, qui renferme aussi le Tribunal et les bureaux de la sous préfecture, construit à la place de l'anciene église de la Misèricorde; le marché D. Pierre V, rue Barjona de Freitas, suffisant pour l'endroit et l'Asyle de paralytiques dans l'aile droite de l'Hôpital de la Confrérie de la Misèricorde.

Barcellos a été le berceau de beaucoup d'hommes illustres dans les armes, dans les lettres et les beaux-arts. En laissant de côté, faute d'espace, le nom de tant de guerriers illustres, nous nous bornerons à citer, pour les temps anciens, l'artiste remarquable, quoique inconnu, auquel la tradition a constammente attribué un tableau précieux de l'église de St. François à Porto, et Manuel Luiz Pereira Barcellos, peintre de la première moitié du XIXe siècle dont il reste, aux églises du Bon Jésus et de l'Asyle d'Enfants délaissés, quelques tableaux plutôt remarquables par l'exécution que par le style; et de nos jours, le jeune peintre si plein d'avenir Antonio Candido da Cunha (né en 1886) dont lœuvre est si justement estimé, et l'insigne *maestro* Michel Angelo (né en 1843), auteur de l'excellent opéra *Eurico* de la *Cantate à Camoens* de la *Marche de la Haine* et de tant d'autres admirables compositions [2].

Pour ce qui est des lettres, et sans parler du génial Gil Vicent et de Antonio de Villas-Boas e Sampaio, il serait facile de faire une longue énumération de tous les fils de Barcellos qui se sont signalés dans ce domaine, surtout dans les lettres sacrées qui pendant plusieurs siècles firent presque

[1] Tous les écrivains qui se sont occupés de Barcellos s'étendent largement sur ce curieux phénomène, que Amaral Ribeiro, dans sa *Notice Descriptive* tâche d'expliquer sans l'intervention de causes surnaturelles.

[2] Lire à ce sujet le *Mémoire Historique* de Barcellos, du R. P. Domingos Gonçalves Pereira, et la *Notice* de Mr. Pereira Caldas qui précède le *Rapport Historique* de Manuel da Rocha Freire.

Entre as edificações publicas modernas de Barcellos dignas de menção, contam-se os Paços do Concelho, que em si accommodam tambem o Tribunal Judiciario e a Administração do Concelho, construidos no local onde fôra outr'ora a casa e egreja da Misericordia, antes de mudadas para o convento dos Frades Capuchos, que são por certo uns dos primeiros da provincia; o mercado publico, denominado Praça de D. Pedro V na rua Barjona de Freitas, amplo e sufficiente para as necessidade Barcellos, orientado do nascente ao poente, copiosamente arborisado, farto d'agua, correspondendo assim excellentemente ao seu fim, e o Asylo de Entrevados annexo ao Hospital da Santa Casa da Misericordia, sito no Campo da Feira, constituindo a sua ala direita, a do norte.

Tem sido Barcellos patria, quer antiga quer modernamente, de homens distinctos tanto na religião como na guerra e nas letras.

Dos filhos seus que se têm elevado na religião, ascendendo ao episcopado, grande é o numero, e pelo menos de 9 [1], a contar desde D. Godinho, arcebispo de Braga no seculo XII, até ao bispo do Porto, D. Antonio Barroso.

Pelas armas é grande, tambem, o numero de Barcellenses que se assignalaram e honraram Portugal, combatendo destemidamente seus inimigos quer dentro quer fóra do paiz, e é com verdadeira mágoa, a isso forçado pelo estreito espaço, que aqui deixo de registar seus nomes.

Pelo que respeita ás bellas-artes tambem Barcellos conta quem se lhe haja consagrado com fervor, e não fallando na tradição que attribue um quadro de grande merecimento existente na egreja de S. Francisco do Porto a pintor de Barcellos, cujo nome é ignorado, nem em Manuel Luiz Pereira Barcellos, pintor da primeira metade do seculo passado que se não pela invenção pela execução se tornou notado, havendo d'elle alguns quadros estimaveis nos templos do Bom Jesus da Cruz e do Asylo da Infancia Desvalida, bastará em testemunho do meu asserto apontar os nomes do joven e talentoso snr. Antonio Candido da Cunha, nascido n'esta villa em 9 de fevereiro de 1866, um dos mais esperançosos trabalhadores e já laureados entre os nossos artistas-pintores da actualidade, e do insigne maestro, ainda não ha muito fallecido no Porto, Miguel Angelo, auctor da opera *Eurico*, um primôr, da *Cantata a Camões*, da *Marcha do Odio* e de tantas outras excellentes composições musicaes, nascido em 27 de janeiro de 1843, baptisado na Collegiada de Barcellos [2].

Finalmente nas letras desde longos tempos até á actualidade tem-se Barcellos illustrado por modo mui notavel, mesmo sem precisar de avocar a si a honra de ter sido patria de Gil Vicente e de Antonio de Villas-Boas e Sampaio, e longa seria a lista que aqui poderia dar, e daria se m'o consentira o espaço de que disponho, dos filhos seus que as opulentaram em mais do que um ramo dos conhecimentos humanos, mas especialmente pelo que respeita ás lettras sagradas que durante muitos seculos quasi que constituiram todo o estofo da nossa litteratura [3].

Pelo que fica dito bem se vê que Barcellos não tem que invejar a quaesquer outras terras do paiz glorias que as illustrem, quer no campo das letras, quer no de bellas-artes, quer no das armas, que sobejas as conta em todas ellas.

É illuminado o presente fasciculo da *Arte e a Natureza em Portugal*, consagrado por sua benemerente empreza, a Barcellos, com quatro magnicas phototypias reproduzindo alguns dos seus aspectos mais suggestivos e caracteristicos, e pena é que a indole d'esta publicação, que aliás dentro do seu programma foi prodiga para com Barcellos pois lhe concedeu as maiores ensanchas que podia, não consinta que maior fosse o numero de illustrações a assignalar aspectos e coisas suas e maior o numero de paginas em que mais de espaço registar seus predicados e dar noticia de factos e coisas quer da propria villa quer de seu concelho, merecedoras de memoria.

1 Leia-se a tal respeito *Memoria Historica* da villa de Barcellos do rev. Domingos Gonçalves Pereira e a *Noticia* pelo snr. Pereira Caldas que precede a *Relação Historica* de Manuel da Rocha Freire.

2 Por occasião do fallecimento de Miguel Angelo os jornaes que commemoraram a sua morte deram-o como natural do Porto, mas a verdade é a que fica exarada no texto, como acabo de o fazer verificar. Miguel Angelo era o proprio que confessava ser natural de Barcellos, e o certo é que, nos ultimos annos de sua existencia, todo o tempo que podia furtar á sua vida activa o ia passar ali.

3 No aperto em que me vejo remetto os leitores curiosos dos homens de letras barcellenses dos seculos idos para os dois livros lembrados na nota 2 e na *Memoria Descriptiva de Barcellos* de Amaral Ribeiro.

font le fonds de notre littérature. On compte encore au moins 9 évêques [1] natifs de Barcellos, depuis D. Godinho, archevêque de Braga vers le XIII[e] siècle, jusqu'à D. Antonio Barroso, évêque de Porto.

On voit bien que Barcellos n'a rien à envier, sous tous les points de vue, aux autres villes du royaume, et il est vraiment dommage que la nature de cet ouvrage s'oppose à une exposition plus détaillée.

*

Cette livraison de l'*Arte de la Nature en Portugal*, entièrement consacrée à Barcellos, reproduit plusieurs de ses aspects les plus caractéristiques et les plus suggestifs.

La première de ces quatre magnifiques phototypies nous donne le panorama de Barcellos, vu du côté sud. Au premier plan coule le Cávado, traversé par le pont élégant qui relie Barcellinhos à la ville; viennent ensuite les ruines de l'ancien palais des ducs de Barcellos, et parallèlement du côté nord la vieille Eglise Collégiale. La tour à l'arrière de celle-ci et la partie crénelée de l'édifice qui est en dessous appartiennent à l'Hôtel de Ville; la maison qu'on voit, rive droite, en avant du pont est une usine meunière importante récemment construite.

Adossée à la dernière arche du pont, rive gauche, se trouve une autre usine considérable, destinée à la moulure et au sciage du bois.

*

La deuxième phototypie montra la façade de l'Eglise Collégiale [2], constrution contemporaine du palais des ducs de Barcellos, sauf la chapelle latérale, dédiée au St. Sacrement, et le petit édifice en face qui tient lieu de sacristie. C'est un temple à trois nefs qui méritait certes bien plus d'égards et de respect que ceux qu'on lui a accordés.

*

La troisième phototypie représente la vue de la partie supérieure du Champ de la Foire, côtés, nord et est, un jour de marché. Au fond et à droite se détache l'église de la Confrérie de la Misèricorde; l'aile de l'édifice à droite est l'Asyle des paralytiques dont l'administration relève de la confrérie. A gauche de l'église est l'Hôpital, un long quadrilatère entouré de deux côtés d'un vast enclos, très bien entretenu.

Le mur à gauche du spectateur, ou côté sud, renferme les jardins de l'ancien convent des nonnes; à la suite, jusqu'au Champ du Jardin, sont l'église et l'édifice monacal.

Tous les jeudis où il n'y a pas fête (à l'exception de la Fête-Dieu et du Jeudi Saint) il y a foire, et sans doutela plus importante de tout le nord du Portugal. L'illustration en montre la partie destinée à la vente des bestiaux et de la vaisselle commune, mais dans un jour d'affluence très restreinte. La vente des marchandises et denrées a lieu dans tout l'extension du vast Champ de la

1 A l'occasion de la mort de Michel Angelo les journaux l'ont faussement déclaré originaire de Porto; mais de son propre aveu, Barcellos était sa ville natale, et d'ailleurs, dans ces dernières années, il lui consacrait assidûment tous ses loisirs.

2 Cette corporation, constituée par un prieur président, des chanoines et diverses dignités, est pour ainsi dire éteint, puisque tous ses membres sont morts, le D. Prieur excepté qui est encore le curé de la paroisse.

*

A primeira d'essas phototypias constitue uma vista de Barcellos pelo seu lado e entrada do sul, e se não a representa em um de seus mais extensos aspectos e panoramas, fal-o por certo de um dos seus mais caracteristicos e suggustivos, como já dito fica. No seu primeiro plano vê-se correr o Cávado, galgado pela elegante ponte que une Barcellos a Barcellinhos, e que por esse lado do sul é a entrada para a villa. Superior a esta alteia-se o que resta dos antigos paços dos duques de Barcellos, correndo-lhe parallela pelo norte a velha Collegiada.

A torre que na phototypia se avista por detraz da Collegiada, e parte do edificio que lhe fica subjacente, com ameias, pertence aos Paços do Concelho, e a casa que se vê a jusante da ponte na margem direita do rio é uma importante fabrica de moagem, construida segundo os mais modernos processos.

No ultimo arco da margem esquerda, encostada á ponte acha-se estabelecida outra fabrica importante de moagem e ao mesmo tempo de serragem.

*

A segunda phototypia apresenta o frontispicio da Collegiada [1], coeva, como atraz já fica dito, dos Paços dos condes de Barcellos, a menos a capella lateral, consagrada ao S. Sacramento, e o pequeno edificio na frente d'esta, sua sacristia, que são modernos. É a Collegiada templo de tres naves, bem mais digno de respeito e veneração do que os que lhe têm sido consagrados.

*

A terceira phototypia é uma vista da parte superior do Campo da Feira, norte e nascente d'este em dia de mercado semanal n'elle. Ao fundo, nascente do Campo, destaca-se a egreja da Santa Casa da Misericordia, constituindo a ala do edificio que lhe fica á direita o Asylo de Entrevados, cuja administração anda annexa á da Santa Casa. Do lado esquerdo da egreja, fica o hospital propriamente dito, formando um extenso quadrilatero, com uma magnifica e formosa cerca ao lado o fundo, tomando tambem o do Asylo.

O muro que se vê na phototypia ao lado esquerdo do espectador, pelo norte do campo, veda a antiga cêrca do convento das freiras, cuja egreja e edificio monacal ficam no seu seguimento, voltando para o Campo do Jardim.

Em todas as quintas-feiras, não sendo dias santos, a menos na do Corpo de Deus e na de Endoenças, faz-se um mercado em Barcellos, fartissimo de todos os generos, e o melhor sem duvida do norte do paiz. A phototypia representa a parte d'esse mercado em que se vende louça e gado mas por certo foi tirada em dia de menos concorrencia d'este. A venda de todos os variadissimos generos e coisas que concorrem a estes mercados faz-se em todo o vastissimo Campo da Feira e largo da Calçada, em frente do Bom Jesus da Cruz, a menos a do gado suino que tem sua séde no Campo de D. Carlos. As feiras do dia do Corpo de Deus, de quinta-feira santa, e do dia 3 de maio o da celebração da festa das Cruzes, são notabilissimas.

*

A quarta e ultima das phototypias que illumina este fasciculo é tirada no interior da egreja das freiras ou da Senhora do Terço, e destinada a dar ao leitor uma ideia do seu magnifico pulpito, trabalho dos começos do seculo XVIII, em que o templo e convento foram erectos por diligencia e solicitude do arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles. Além do pulpito que é obra magnifica de talha ou entalha vasada em madeira de castanho dourado, cujo artifice se ignora, apresenta esta egreja de notavel os azulejos que lhe revestem as paredes, representando em seus desenhos scenas da regra e vida de S. Bento, em verdade apreciaveis, e as pinturas a oleo do tecto referentes tambem á vida do Santo Patriarcha.

Lisboa, 14 de junho.

Rodrigo Velloso.

---

[1] A Collegiada, como tal, corporação constituida por um prior presidente, por diversas dignidades e por conegos, póde dizer-se extincta, pois fallecidos são todos os individuos que a constituiam, excepto o D. Prior que ao mesmo tempo é parocho da villa.

Foire jusqu'à la Place de la Chaussée inclusivement, excepté la foire aux cochons qui occupe la Place D. Carlos.

Les foires de la Fête-Dieu et du Jeudi-Saint, ainsi que celle du 3 mai, consacrée à la Fête des Croix, sont d'une importance considérable.

*

Enfin la quatrième phototypie, prise à l'intérieur de l'église des nonnes ou de Notre Dame du Terço, est destinée à donner au lecteur une idée de la chaire, splendide sculpture en marronnier doré du commencemente du XVIII[e] siècle, époque où le temple et le convent furent bâtis par les soins de l'archevêque D. Rodrigo de Moura Telles. Il y a encore à remarquer les jolis revêtements muraux en faïence, figurant des scènes de la vie de St. Benoît, et les peintures à l'huile du plafond qui ont trait encore á la vie du Saint Patriarche.

Lisbonne, le 14 juin.

Rodrigo Velloso

S. Francisco



Esta antiga egreja conventual deve confrontar-se com outros templos coevos da mesma ordem, existentes, por exemplo, em Guimarães, em Santarem, na Covilhã, etc. São exteriormente e interiormente eguaes. Basta comparar as absides do Porto e Guimarães. Pertencem esses templos a uma severa architectura gothica do reinado do mestre de Aviz, que á força de ser sobria em todos os ornatos, poupada em todas as molduras, cautelosa e avára na distribuição das portas e janellas, deu aos edificios o ar e o caracter de fortalezas de granito. E em certos casos serviram com effeito de baluartes, e tingiram-se de sangue.

Diz-se que el-rei D. João I, muito amigo dos frades franciscanos e compadecido dos estragos que as luctas da independencia haviam feito na antiga casa, fóra de muros, fundada em 1241, transferira a séde em 1425 para o logar onde hoje está. A egreja é de tres naves, sendo abobadada, além da capella mór e collateraes, a nave central, pelo menos. O revestimento de talha encobre hoje quasi todo o esqueleto de granito com uma *vegetação* de talha que accentua visivel e intencionalmente os arcos e os artezões do systema gothico, em toda a grande nave e, de um modo ainda muito mais notavel, na capella-mór.

São tres arcos de cada lado, que abrem sobre as naves lateraes; o primeiro e terceiro de cada um dos lados não estão revestidos de talha. Ficaram livres os arcos de volta abatida em que assenta o côro; emfim permanece intacto e a descoberto, o artezoado das abobadas de ambas as capellas collateraes da abside. Porém, na capella-mór, o entalhador desforrou-se e fez prodigios para imitar fielmente as nervuras do systema gothico. Bellissimo, no seu genero.

Goza de grande fama este prodigioso trabalho (que abrange a segunda metade do seculo XVII e a primeira da centuria seguinte) desde que o conde de Raczynski exaltou a sua riqueza perante os estrangeiros. A capella-mór ostenta no alto do arco o grande brazão dos Sás, condes de Mattosinhos e de Penaguião (depois marquezes de Abrantes), alcaides-móres da cidade do Porto. É muito provavel que estes faustosos fidalgos, que viviam principescamente no Porto, n'uns paços celebres (rua Chã), recheados de riquezas artisticas, tivessem grande parte na obra que hoje admiramos, deplorando comtudo uma ostentação que encobriu e mutilou sem duvida certas feições antigas do severo templo.

Iriamos longe se houvessemos de fazer o inventario das riquezas de S. Francisco. Repare-se na grande capella do cruzeiro, lado da Epistola, o seu portal manoelino; ahi se vê sobre o altar uma pintura antiga portugueza, taboa muito valiosa do fim do seculo XV. Diz uma inscripção coeva, lá dentro, que mandou fazer a capella (hoje do SS.) Joam Carneiro, mestre escóla que foi na Sé de Braga; e a dotou e instituiu em morgado, deixando por administrador d'ella a Luiz Carneiro, seu irmão e a seus descendentes. Acabou-se no anno de 1500. A pintura representa o Baptismo de Christo por S. João, duas nobres figuras, finamente modeladas; á direita o fundador Joam Carneiro, apresentado por um anjo n'um gesto adoravel. Abençôa toda a scena o Padre Eterno, cercado de cherubins, que soltavam outr'ora harmonioso concerto; apenas se vêem as pontas de alguns instrumentos porque uns recortes da moldura (estylo rococo) encobrem os musicos infantis! Entremos depois na capella absidal do mesmo lado, onde em ediculo da Renascença jaz um fidalgo da illustre familia Brandão Pereira, em cuja casa artistica e hospitaleira, destruida ha poucos annos, Francisco de Hollanda se abrigou no Porto, traçando ahi uns dialogos celebres.

Essas esculpturas do portal e ediculo são de granito, pouco airosas, sem duvida, até pesadas, mas caracteristicas.

O convento pertencente á egreja de S. Francisco foi incendiado e destruido durante o cêrco do Porto (1832). Sobre as ruinas ergueu-se o edificio da Bolsa. Do claustro do seculo XV ainda se vê a porta de communicação, commum á egreja, hoje tapada. A sacristia é imitação de nossos dias, mas feita no estylo do templo.

A projecção horizontal da egreja é notavel, porém o seu melhor aspecto goza-se do lado da praça do Infante D. Henrique; d'ahi avista-se bem a abside monumental (capella-mór e collateraes) perfeitamente conservada.

St. François



Cette vieille église conventuelle doit être classée à côté d'autres temples contemporains du même Ordre, tels que ceux de Guimarães, Santarem, Covilhã, etc. A l'extérieur comme à l'intérieur, la ressemblance est manifeste; il suffit de comparer les absides de Porto et de Guimarães. Ils appartiennent tous à la sévère architecture gothique du règne du Maître d'Aviz, — sobre dans la décoration, avare dans les moulures, prudente et parcimonieuse dans la disposition des portes et fenêtres — ce qui donne à ces édifices l'air et le caractère de forteresses en pierre. Et vraiment ils ont été quelquefois théâtre de luttes sanglantes.

On raconte que D. Jean I, grand ami des Frères franciscains et sensible aux dégâts considérables que les guerres de l'indépendance avaient causés dans leur ancienne maison, fondée en 1241 hors l'enceinte de la ville, la fit transférer en 1425 là où elle est encore. L'église est à trois nefs; celle du centre, ainsi que les chapelles principale et collatérales sont recouvertes de voûtes en pierre. Presque tout le squelette de granit est aujourd'hui revêtu d'une *végétation* de bois sculpté qui, dans la nef principale et surtout dans la chapelle principale, accompagne intentionnellement les arcs et les nervures du tracé gothique.

Il y a trois arcs de chaque côté, qui donnent sur les nefs latérales; le deuxième seulement de chacun des groupes est revêtu de sculptures. Les arcs surbaissés sur lesquels repose le chœur en sont aussi dépourvus; et de même les voûtes en arêtes des deux chapelles collatérales de l'abside. Mais dans la chapelle principale, le sculpteur s'est rattrapé sur les nervures de la voûte gothique qu'il a revêtue d'une façon vraiment admirable.

Ce prodigieux travail (poursuivi pendant la seconde moitié du XVIIe siècle et la première du siècle suivant) jouit d'une grande réputation, depuis que le comte Raczynski en a exalté les mérites devant les étrangers. L'arc de la chapelle principale porte, à la partie supérieure, les armoiries des Sá, comtes de Mattozinhos et de Penaguião (plus tard marquis d'Abrantes), gouverneurs de la ville de Porto. Il est probable que ces gentilhommes magnifiques, dont la demeure princière à Porto était célèbre (rue Chã), eurent une grande part à l'ouvrage que nous admirons encore, quoiqu'il ait contribué à cacher et sans doute à mutiler certaines parties du vieil et sévère édifice.

Ce serait une tâche trop longue que de faire ici l'inventaire complet des richesses de St. François. Nous citerons, en premier lieu, dans la grande chapelle de la croisée (côté de l'Épître) le portail *manuelino*, et sur l'autel une belle peinture portugaise sur bois, datant dès fins du XVe siècle. Une inscription intérieure contemporaine rapporte que cette chapelle (aujourd'hui du St. Sacrement) a été construite par l'ordre de Jean Carneiro, maître-école de la cathédrale de Braga, qui la dota, l'institua en majorat, et en laissa l'administration à son frère Louis Carneiro et à ses descendants.

Elle a été finie en 1500. Le tableau figure le Baptême du Christ par St. Jean, deux nobles figures, finement modelées; à droite le fondateur Jean Carneiro, présenté par un ange dans un geste adorable. Toute cette scène est bénie par le Père Éternel, environné de chérubins jouant et chantant en chœur; mais on ne voit que les extrêmes de quelques instruments, parceque quelques détails du cadre sculpté (style *rococo*) cachent les musiciens célestes! La chapelle absidale qui est adossée à celle-ci renferme, sous un édicule de la Renaissance, la tombe d'un gentilhomme de l'illustre famille Brandão Pereira, dont la maison hospitalière, démolie il n'y a pas longtemps, abrita François de Hollande, qui y écrivit ses célèbres Dialogues. Les sculptures du portail et de l'édicule sont en pierre, peu gracieuses, lourdes mêmes, mais caractéristiques en somme.

Le couvent annexé à l'église qui nous occupe a été détruit et brûlé pendant le siége de Porto (1832); et sur les ruines se dresse à présent le palais de la Bourse. On peut voir encore la porte murée qui autrefois établissait la communication de l'église et du cloître du XVe siècle. La sacristie est une imitation moderne dans le style du temple.

La projection horizontale de l'église est remarquable, mais le meilleur coup d'œil doit être pris de la Place de l'Infant D. Henrique; on voit alors l'abside monumentale (chapelles principale et collatérales) parfaitement conservée.

*

Descrever e caracterisar um templo ou qualquer monumento só pelo aspecto da fachada seria processo tão leviano e superficial como julgar da anatomia de um corpo humano pelo cliché tirado no photographo sobre a figura vestida. E, comtudo, foi este o processo seguido durante dezenas de annos nas revistas portuguezas illustradas.

A bella frontaria de S. Francisco devia accusar primitivamente um grande portal gothico, de arcaria seguida, reintrante, descançando sobre capiteis e columnas ornamentadas sobriamente, no estylo dos capiteis e arcos ainda visiveis na nave central, onde o decorador, que applicou a talha, não os mutilou.

Hoje temos em seu logar uma composição de fim do seculo XVII ou principio do seculo XVIII (1690 a 1710), desenhada em dois corpos sobre columnas salomonicas.

No frontão, cortado pelo emblema de S. Francisco (dois braços postos em cruz), denuncia-se já o seculo XVIII nas pyramides retorcidas, em logar das prismaticas. Mais tarde teremos as pyras ardentes, as chammas rompendo em turbilhão.

O novo portal, comquanto de boas proporções, bem desenhado e finamente lavrado no granito, destoa completamente da bellissima rosacea gothica. N'ella ha evidente reminiscencia do periodo de transição do systema romanico para o ogival.

As linhas severas do frontão da egreja, o gigante simples, mas airoso e energico que accentua a estructura, acordam a saudade do que perdemos com a remodelação da porta principal. Era o testemunho de um seculo heroico; hoje resta-nos sómente uma miscellanea por dentro e por fóra. Senão vejamos:

A egreja da Ordem Terceira, ao lado, em estylo neo-classico, primorosamente lavrada n'um granito finissimo; e logo em seguida um portico de grande apparato em dois andares, do genero rococo, mas unicamente portico, posto que pareça entrada de outra egreja! Por cima um pequeno campanario com relogio e grande mostrador. O portico serve hoje de entrada para a repartição do telegrapho da Associação commercial. Tudo isto no espaço mais apertado, envolvido em escadarias sem fim, em terreno accidentado, ao lado da Bolsa, ella mesmo outra miscellanea de estylos.

Em frente da porta principal avista-se (invisivel na estampa) a fachada *rococo* da casa da administração da Ordem Terceira, onde ha algumas salas com retratos de bemfeitores. Comquanto de pouco valor artistico em geral, são documentos historicos e ethnicos para quem souber vêr. Por debaixo de todas estas construcções estende-se um extenso carneiro, cheio de ossadas humanas, umas catacumbas em ponto pequeno, que outr'ora foram muito visitadas. Não ostentam o requinte *decorativo* que o sacristão da egreja irmã, de S. Francisco de Evora, se compraz em recommendar á admiração do forasteiro, na cidade de Sertorio... frisos, molduras, pilares, arabescos, etc., formados de tibias, fémures, phalanges e caveiras! Mas sempre serve para lembrar que não é preciso ir a Roma para se dar uma volta pelo mundo dos finados.

Muitos casos ha, antigos, em que o mosaico de estylos se explica e até mesmo se justifica historicamente, na peninsula, quando a longa demora das obras ou até a interrupção durante uma ou mais gerações conduziam a uma evolução natural dos estylos. Assim, os filhos e netos já corrigiam e alteravam a seu modo a concepção inicial dos paes e avós. Os caprichos dos donatarios seculares e dos prelados faziam o resto; armavam e desarmavam o scenario interior e exterior. Chamamos *scenario*, n'este caso e em todos os analogos, os accidentes da ornamentação que, sendo do seculo XVII em diante raras vezes a expansão natural de um symbolismo profundo, historico e religioso, a poesia de uma ideia ethnica, surge em muitas circumstancias como uma mascara artificiosa que se tira e se põe á vontade, resultando d'ahi o inconveniente de todas as mascaras: illudir os incautos! Teremos mais de uma occasião de comprovar esta doutrina.

Joaquim de Vasconcellos.

*

Rien de plus léger et de plus illogique que de vouloir décrire et caractériser un monument quelconque d'après le seul examen de la façade. Ce procédé pernicieux, qui équivaut à juger de l'anatomie humaine par le cliché obtenu sur la figure vêtue, a eu cependant assez de vogue, pendant de longues années, dans plusieurs revues portugaises illustrées.

La belle façade de St. François a dû accuser primitivement un grand portail gothique, en arcs juxtaposés et rentrants, supportés par des chapiteaux et des fûts sobrement ornementés, dans le style de ceux qu'on voit encore dans la nef centrale, où les décorateurs, en les revêtant postérieurement de sculptures en bois, ne les ont pas toutefois mutilés.

Au lieu de cela, nous voyons devant nous une composition des fins du XVIIe ou des commencements du XVIIIe siècles (1690 à 1710), dessinée en deux corps sur des colonnes salomoniques. Dans le fronton, coupé par l'emblème de St. François (deux bras en croix), les pyramides torses, au lieu de prismatiques, dénoncent déjà le XVIIIe siècle; les flambeaux, les vases couronnés de flammes tourbillonantes viendront plus tard.

Le nouveau portail, quoique de belles proportions, bien dessiné et finement taillé dans le granit, est en désaccord complet avec la jolie rosace gothique, réminiscence évidente de la période de transition du style romanique à l'ogival. Les lignes sévères du fronton, le contrefort simple mais élégant qui rehausse vigoureusement la structure, éveillent le regret de tout ce que nous avons perdu avec le remaniement du portail.

De ce témoin d'un siècle héroïque, il ne reste, à l'intérieur comme à l'extérieur, qu'un melange disparate de styles.

Voyez, en effet: l'église du Tiers Ordre, à gauche, dans le style néoclassique, admirablement taillée dans un granit superbe; tout à côte un portique à proportions prétentieuses, en deux étages, dans le genre *rococo,* surmonté d'un petit clocher et d'une grande horloge. Quoique ce portique semble annoncer l'entrée d'une deuxième église, il n'en est rien; il dessert seulement le bureau télégraphique de l'Association Commerciale. Tout cela à l'étroit dans un petit espace, enveloppé d'interminables escaliers, à côté du palais de la Bourse qui exhibe encore une notable variété de styles.

En face de la porte principale s'étend la façade *rococo* (invisible dans la gravure) de l'Administration du Tiers Ordre, dont plusieurs salles sont remplies de portraits de bienfaiteurs. Quoique le mérite artistique de la plupart de ces tableaux soit bien mince on ne saurait toutefois les dédaigner tout-à-fait, car ce sont des documents à la fois historiques et ethniques.

Au dessous de toutes ces constructions s'étale un spacieux charnier, tout plein d'ossements; formant de petites catacombes autrefois très courues. On n'y admire pas, certes, comme à l'église congénère de St. François d'Evora, le *lux décoratif* que le sacristain se complaît à détailler aux visiteurs de l'ancienne capitale de Sertorius: frises, moulures, piliers, arabesques, toute une architecture en somme, formée de fémurs, de tibias, de phalanges, et de têtes de morts! Les cryptes de Porto servent toutefois à prouver qu'il n'est pas besoin d'aller à Rome pour faire un tour dans le monde souterrain des trépassés.

Il y a sans doute, chez nous, beaucoup de ces où le pêle-mêle de styles s'explique aisément, et peut même être justifié en face de l'histoire, lorsque le retardement considérable des travaux ou leur interruption pendant quelques générations ont été accompagnés d'une évolution naturelle des styles. Les fils et les petit fils corrigeaient et altéraient à leur façon les plans primitifs de leurs pères et aïeuls; les caprices des donataires séculiers et des prélats achevaient l'œuvre de transformation; ils montaient et démontaient la mise-en-scène intérieure et extérieure. Nous comprenons sous ce nom, ici comme dans les cas analogues, les accidents de la décoration, qui à partir du XVIIe siècle cesse de traduire l'expansion spontanée d'un symbolisme profond, historique et religieux — la poésie d'une idée —, pour ne devenir le plus souvent qu'un masque artificiel qu'on ôte ou que l'on met à volonté.

De là s'ensuivent de fâcheuses méprises, ainsi que nous aurons plus d'une occasion de le prouver.

Joaquim de Vasconcellos.

S. Bento da Victoria



ESTE templo do Porto, interessante sob mais de um aspecto, é irmão pelo estylo e ainda mais pelo traçado, da egreja conventual dos eremitas Agostinhos (hoje S. João Novo) e da do Collegio dos Grillos, antiga dos Jesuitas, e depois de 1759 (anno da expulsão) comprada á universidade de Coimbra pelos Agostinhos descalços. As datas da fundação dos tres templos explicam a analogia do traçado e de todos os elementos decorativos, porque a construcção foi rapida.

Confrontámos com todo o cuidado ha bastantes annos os tres edificios, desenhando-os e medindo-os. Entendemos que se devem attribuir todos os tres e ainda mais dois, o de S. Bento da Saude de Lisboa (côrtes) e S. Bento de Coimbra (lyceu), a uma notavel familia de artistas: os architectos Alvares, occupados muito especialmente pela ordem benedictina.

Vejamos as datas e as attribuições tradicionaes: S. Bento da Victoria fundada em 1578, no logar da antiga synagoga dos judeus; S. João Novo em 1592; o Collegio em 1560; S. Bento de Lisboa em 1598; S. Bento de Coimbra em 1600.

O Bispo-conde frei Francisco de S. Luiz attribuiu a Affonso Alvares o traçado da egreja de Lisboa, para logo o passar a seu sobrinho Balthazar Alvares, a quem se deve tambem o risco do templo de Coimbra. Ambas as declarações fundam-se em passagens de chronistas da Ordem de S. Bento. Não soffre duvida que Affonso Alvares desempenhou funcções artisticas de grande responsabilidade no reinado de D. Sebastião, que o intitula *Mestre das minhas obras* (1571). Já em 1569 concorria com Francisco de Hollanda no grande projecto de S. Sebastião de Lisboa. Balthazar Alvares apparece nomeado pelos governadores do reino, mestre de obras da comarca do Alemtejo em 1580, cargo que já fôra de Affonso, então fallecido. O mesmo Balthazar figura como constructor do Collegio de Santo Antão o Novo (Jesuitas) de Lisboa. A 11 de maio de 1579 lançou-se a primeira pedra. Foi tambem o architecto de S. Vicente de Fóra, que ahi está para attestar o seu alto merecimento, e tinha a seu cargo as obras dos paços reaes de Santarem, Almeirim e Salvaterra, além dos trabalhos da Batalha. Suppõe-se fallecido em 1624.

Repare-se na coincidencia da fundação das casas de S. Bento em Lisboa e Porto, e na repetição do facto com relação aos dois Collegios de Jesus das mesmas cidades. O do Porto parece anterior (1560); a differença de dezanove annos, iguala-se notando que os jesuitas não entraram na sua casa do norte senão em 1577.

Em todos os cinco templos a semelhança de familia é evidente; a applicação das ordens obedece á mesma doutrina; um Vignola recebido em segunda mão, atravez dos tratados hespanhoes e de uma grande escóla profissional, creada por Juan de Toledo e Herrera. Um deu o signal com a grande construcção das Descalzas Reales e o palacio dos vice-reis em Napoles; o outro com a grandiosa fabrica do Escurial, typica para toda a peninsula.

A mão de obra nos templos graniticos do Porto é claro testemunho da excellencia de uma officina regida por mestres consummados. A solidez, o perfeito lavor correm parelhas com a discrição e o bom gosto que só pretendem influir pela belleza das proporções e por uma extrema simplicidade decorativa (quasi sómente molduras) que mais realça a severa magestade das linhas do traçado.

Em Lisboa e em Coimbra o marmore e o calcareo prestaram-se a combinações decorativas que o granito do norte não admittia; mas essa differenciação é mais uma prova que abona o elevado criterio dos constructores.

Os frontispicios de S. João Novo e Collegio são apenas variantes da mesma ideia. S. Bento da Victoria differe só no alçado, reminiscencia de Serlio, vulgarisado pelo traductor hespanhol Villalpando e continuado até meado do seculo XVII pelo seu adepto Fray Lorenzo de San Nicolas, agostinho descalço e architecto notavel. No interior, na planta, são tres irmãos da mesma familia: cruz latina, com cruzeiro pouco saliente, excepto em S. Bento; uma só nave de grande envergadura, orlada de capellas fundas; abobada cylindrica, toda de granito, dividida em pequenos taboleiros por bellissimas molduras, muito simples, excepto na intersecção da nave e cruzeiro, onde artezões em fórma estrellada recordam ainda o systema gothico.

St. Benoît de la Victoire



CE temple de Porto, intéressant à plus d'un titre, se rapproche beaucoup, par le style et le tracé, de l'église conventuelle des Augustins (aujourd'hui St. Jean Nouveau) et de celle du Collège des Grillos, autrefois des Jésuites et après 1751 (année de l'expulsion) achetée à l'Université de Coimbra par les Augustins déchaussés. Les dates des trois constructions, qui furent bientôt achevées, expliquent l'analogie des tracés ainsi que de tous les éléments décoratifs.

Il y a assez longtemps que nous em avons fait une confrontation soigneuse; et les croquis et mesures prises nous permettent d'attribuer les trois édifices et encore St. Benoît de la Santé, à Lisbonne (Cortès) et St. Benoît de Coimbra (Lycée), à une remarquable famille d'artistes: les architectes Alvares, fréquemment employés par les moines bénédictins.

Voyons, en effet, les dates et les références traditionnelles: l'église de St. Benoît de la Victoire fut fondée en 1578 à la place de l'ancienne synagogue judaïque; St. Jean Nouveau en 1592, le Collège en 1560, St. Benoît de Lisbonne en 1598, enfin St. Benoît de Coimbra en 1600. L'évêque-comte fr. François de St. Louis attribua d'abord à Alphonse Alvares le devis de l'église de Lisbonne, et ensuite à son neveu Balthasar Alvares, à qui on est aussi redevable du devis de l'église de Coimbra; les deux déclarations sont basées sur des passages des chroniqueurs de l'Ordre de St. Benoît. Il est hors de doute qu'Alphonse Alvares a exercé des fonctons artistiques de grande responsabilité pendant le règne de D. Sébastien, qui en 1571 l'appelle dans un document *Maître de mes ouvrages*. Deux années auparavant (1569) il concourrait avec François d'Hollande pour le grand projet de St. Sébastien de Lisbonne. Balthasar Alvares fut nommé en 1580 par les Gouverneurs du royaume Maître des ouvrages dans la jurisdiction d'Alemtejo, charge précédemment occupée par son oncle Alphonse, déjà décédé; c'est lui l'architecte de St. Vincent *extraurbem*, à Lisbonne, qui témoigne de son haut mérite; il avait aussi à sa charge les travaux du monastère de Batalha, ainsi que des palais royaux de Santarem, d'Almeirim et de Salvaterra. On le croit mort en 1624.

Remarquez la coïncidence dans la fondation des maisons de St. Benoît, à Porto et à Lisbonne, et des deux collèges des Jésuites. Celui de Porto paraît antérieur (1560); mais cette différence de dix-neuf années s'évanouit si l'on tient compte de ce que les RR. Pères l'occupèrent seulement vers 1577.

Dans tous ces cinq temples l'air de famille saute aux yeux; partout l'application des ordres architectoniques obéit aux mêmes principes; un Vignola reçu en seconde main à travers les traités espagnols et une grande école professionelle, établie par Juan de Toledo et Herrera. Le premier en donna le signal dans la grande construction de las *Descalzas Reales* et le palais des vice-rois, à Naples; le deuxième dans le grandiose monument de l'Escurial, typique pour toute la Péninsule.

La main d'œuvre dans le temple granitique de Porto témoigne, d'une façon indiscutable, de l'excellence des ateliers dirigés par des maîtres consommés. La solidité et la taille parfaite de la pierre marchent de pair avec la discrétion et le bon goût, qui ne prétendent agir que par l'harmonie des proportions, et par une sobriété de décoration (presque exclusivement des moulures), qui rehausse d'autant la sévère magesté des lignes du tracé. A Lisbonne et à Coimbra le marbre et le calcaire se sont prêtés à des effets décoratifs inabordables dans le granit du nord; mais ces différences sont encore une preuve du critérium artistique élevé des constructeurs.

Les façades de St. Jean Nouveau et du Collège ne sont que des variantes d'une seule idée. St. Benoît de la Victoire en diffère dans l'élévation, une réminiscence de Serlio, vulgarisé par le traducteur espagnol Villalpando et continué jusqu'à la moitié du XVIe siècle par son adepte Fray Lorenzo de San Nicolas, augustin dechaussé et architecte remarquable. A l'intérieur, dans le plan, ce sont trois frères de la même famille: croix latine, à croisée peu saillante, excepté à St. Benoît; une seule nef à large envergure, creusée de chapelles profondes; voûte cylindrique toute en pierre, divisée en petits caissons par de très belles moulures, d'une grande simplicité, sauf à l'intersection de la nef et de la croisée, où les nervures étoilées rappellent encore les tracés gothiques.

O côro e orgão

Correspondem bem á magestade e riqueza da época em que foram delineados e contrastam de um modo flagrante com a severa simplicidade do interior granitico. Essa obra prodigiosa de talha está dizendo-nos, só pela sua opulencia, que nasceu na época em que a descoberta das minas de diamantes e de ouro do Brazil (1693) renovou o sonho de grandezas e de fausto imperial que o reinado de D. Manoel evocou para a geração do primeiro terço do seculo XVI.

Depois dos excessos do estylo manoelino, cuja degeneração está patente no portal da sacristia de Alcobaça, em porticos semelhantes de Evora e Villa Viçosa, e sobretudo em Thomar, era natural o que fizeram os decoradores do estylo *baroque*, que povoaram os arabescos de cherubins roliços e sorridentes, brincando com aves exoticas no meio de pampanos e succulentos cachos. Para ser uma bacchanal, faltam apenas os satyros e as ménadas. Na Sé de Braga sustentam oito enormes faunos, caracterisados com todo o rigor classico, as varandas de dois grandes orgãos, no seu genero tambem uma obra de talha deslumbrante, e além d'isso polychromica, no melhor gosto. Temos terceiro grande primor decorativo, no orgão da egreja de S. Gonçalo de Amarante, cuja varanda é sustentada por tres tritões nús, colossaes, de grandioso desenho.

Chegou-se a esta arte de incontestavel merito, arte grande, não pelas dimensões, mas porque calcula sabiamente os seus effeitos, porque sabe construir com uma solidez a toda a prova, esculpir, dourar, colorir e *estofar* com mestria — chegou-se a esta arte atravez de uma erudição de letras sagradas e profanas que nos conduz a um scenario novo o da — *Opera ao divino*.

Com effeito, quem folhear a *Vida do Principe dos patriarchas S. Bento* que escreveu o chronista-mór frei João dos Prazeres (Lisboa, 1683-90, II vol. fol.) encontra ahi vasta materia para o estudo e a interpretação dos symbolos da arte decorativa dos seculos XVII e XVIII. É uma mina desconhecida, esta obra, illustrada com profusão de gravuras portuguezas, recheada de erudição classica, lendas e mythos, de emblemas, e emprezas em que os Santos Padres, os ascetas e eremitas vivem em dôce alliança com Virgilio e Ovidio, Camões e Petrarcha, Propercio e Juvenal, Horacio e Lucrecio. Uma forte dóse de allegoria christã e uma não menos forte mistura de mythologia pagã explicam-nos os motivos d'arte e os assumptos inexgotaveis da prodigiosa talha do seculo XVII, que se combina admiravelmente com a grande pintura ceramica da mesma época e do seculo immediato, frequentes vezes erotica.

No côro de S. Bento as scenas da vida do Patriarcha estão emmolduradas, como se fossem pinturas; mas a tela e as côres pareceram pobres aos doutos frades. Queria-se maior esplendor plastico. Mas os artistas não excederam a justa medida e deram prova de fino criterio, conservando-se dentro do effeito decorativo, que a natureza do material impunha; não entraram em detalhes nocivos, não imitaram nem o lavor brincado da pedra, nem as ondulações do couro, nem as arestas vivas do metal. É francamente talha do melhor feitio, dentro do estylo escolhido. Não só a douraram, mas realçaram os quadros em relevo com uma suave e discreta polychromia. Representam trinta passos da vida de S. Bento.

Ha dois orgãos, mas só o da nossa estampa (lado da Epistola) tem o apparelho musical; o seu irmão apresenta uma talha egualmente admiravel, só com alguma differença no desenho e nos escudos superiores. As aguias que coroam o cadeiral, alternando com anjinhos, são symbolo do patriarcha S. Bento e repetem-se na explendida caixa do orgão. A ave maior do centro é, porém, um pelicano, symbolo do amor divino; por debaixo avista-se o escudo da Ordem sob a corôa real; á direita a cruz de Aviz, á esquerda a da milicia de Christo.

Depois, vem a talha descendo como um cortinado de renda, em arabesco magistral, adaptado com arte inexcedivel ao esqueleto metallico do magestoso instrumento, armado de quarenta e seis registos! Até os *passarinhos* alli têm voz, no meio de uma poderosa orchestra, colorida tambem á moda nacional, com um suave bucolismo de *dolçainas, violões, flautas,* e outros instrumentos.

Joaquim de Vasconcellos.

Chœur et orgue

Ces deux pièces superbes, qui traduisent fidèlement la splendeur de leur époque, contrastent d'une manière saisissante avec la sévère simplicité de l'intérieur. Toute cette sculpture prodigieuse nous rappelle, rien que par la magnificence, les mines d'or et de diamants du Brésil, dont la découverte (1693) était venue renouveler le rêve de grandeur et de faste impérial, que D. Manuel évoqua pour la génération des premières années du XVIe siècle.

Après les excès du style *manuelino*, dont la dégénération est visible dans le portail de la sacristie d'Alcobaça, dans les portiques semblables d'Evora et de Villa Viçosa et surtout à Thomar, on devrait naturellement s'attendre aux décorations du style *barocco*, qui peupla les arabesques, de chérubins joufflus, et jouant avec des oiseaux exotiques entre des pampres surchargés de grappes. Il ne manque pour une bacchanale que les satyres et les mènades. Dans la cathédrale de Braga ce sont huit faunes énormes, caracterisés en toute rigueur classique, qui supportent les balcons de deux grands orgues, dans son genre un splendide ouvrage de sculpture polychromique, du meilleur goût. Un troisième exemple remarquable est celui de l'orgue de St. Gonçalo d'Amarante, dont le balcon repose sur trois tritons nus, d'une grandeur colossale, très bien lancés.

Cet art d'un mérite incontestable, quoique dépourvu d'élévation, qui calcule savamment tous ses effets, qui sait construire avec une solidité à toute épreuve, sculpter, peindre et dorer avec un talent consommé, est né du mélange érudit des lettres sacrées et profanes, et aboutit à un genre nouveau qu'on peut appeller *l'Opera au bon Dieu*.

En effet, pour peu que l'on veuille se donner la peine de feuilleter la *Vie du Prince des Patriarches St. Benoît,* écrite par le chroniqueur fr. Jean dos Prazeres (Lisbonne, 1683-90, IIe vol. fol.), on y trouvera un vaste champ pour l'étude et l'interprétation des symboles de l'art décoratif du XVIIe et XVIIIe siècles. C'est une mine inconnue que cet ouvrage, illustré de nombreuses gravuras portugaises, plein d'érudition classique, de légendes et de mythes, d'emblèmes et de figures allégoriques où les Saints Pères, les ermites et les ascètes coudoient, dans un accord parfait, Virgile et Ovide, Camoens et Pétrarque, Properce et Juvénal, Horace et Lucrèce. Une forte dose d'allégorie chrétienne melangée à une dose non moins respectable de mythologie païenne suffisent à expliquer les motifs artistiques et les sujets inépuisables de la prodigieuse sculpture en bois du XVIIe siècle, qui se marie admirablement à la grande peinture céramique de cette époque et à celle du siècle suivant, fréquemment érotique.

Dans le chœur de St. Benoît les scènes de la vie du Patriarque sont encadrées comme des tableaux, mais la toile et les couleurs ont paru trop maigres aux doctes moines; ils aspiraient à plus de splendeur plastique. Mais les artistes ne dépassèrent pas, heureusement, la juste mesure et firent preuve de bon goût en se maintenant strictement dans le genre que la nature des matériaux leur imposait; ils surent éviter la surabondance nuisible de détails et dédaignèrent d'imiter les effets speciaux de la ciselure des pierres, des cuirs et des métaux. C'est, dans le style adopté, de la sculpture de la meilleure manière, dont la dorure est rehaussée par une polychromie douce et discrète. Ces tableaux représentent trente passages de la vie de St. Benoît.

Il y a deux orgues, également belles, dont la sculpture ne diffère que par quelques détails du dessin et par les écussons supérieurs; mais celui que montre notre gravure (côté de l'Épître) est le seul qui contienne l'appareil musical.

Les aigles qui couronnent le siège, alternant avec des anges, sont le symbole du Patriarche St. Benoît, et se trouvent reproduits sur l'admirable caisse de l'instrument. L'oiseau au centre est un pélican, symbole de l'amour divin; au dessous sont les armes de l'Ordre sous la couronne royale; à droite la croix d'Aviz, à gauche celle du Christ. Ensuit la sculpture descend, comme un rideau de dentelle, en arabesques magistrales, qui s'adaptent merveilleusement au squelette métallique de l'instrument, armé de quarante six registres! Dans ce puissant orchestre il ne manque pas même le gazouillement des oiseaux mêlé, à la manière portuguaise, aux notes bucoliques des *doçainas, violes, flûtes,* et autres instruments.

Joaquim de Vasconcellos.

Coimbra



Na margem direita do Mondego, sete leguas acima da sua foz, no meio de um paiz fertillissimo, mimoso e pittoresco, surge garbosa e gentil a cidade de Coimbra, a antiga *Eminium* dos romanos, parte edificada no planalto e nas encostas de um elevado monte, parte na planicie ao longo do decantado rio.

De qualquer ponto que se contempla esta cidade, agradabilissimo é o seu aspecto; vista porém da collina que a defronta pelo occidente, d'onde é tirada a photographia junta, a sua perspectiva offerece o maximo encanto.

Fecham ao longe o horisonte, formando magestoso fundo ao esplendido quadro, as serras do Dianteiro e do Bussaco; d'ellas vêm seguindo multidão de ondulantes collinas até encontrarem o Mondego, das quaes, se bem todas engalanadas de verdura, ostentam maior pompa e maior variedade de arvoredos as que mais se approximam de Coimbra.

A seus pés, realçando encantadoramente a formosura da paizagem, deslisa o Mondego sobre areias douradas, orlado de choupos, salgueiros, alamos e chorões reflectindo a intensa verdura da sua opulenta folhagem nas aguas crystallinas; e logo começam a dilatar-se os ferteis e vastos campos e mimosas insuas, tão ricas de perennes verdores, onde se salientam os pomares de laranjeiras, que na primavera embalsamam o ambiente com o suavissimo aroma do seu prateado florir, ao mesmo tempo que os rouxinoes n'elles acolhidos nos deliciam com os seus maviosos trinados e modilhos.

É na verdade encantador o panorama de Coimbra. Com fundada razão muitos escriptores que d'ella se têm occupado a denominaram *cidade ridente* ou *cidade risonha.*

Os attractivos, bellezas e encantos da feliz situação e pittoresco aspecto de Coimbra, o ser a séde de uma antiga e veneranda universidade, unica em Portugal, os factos importantissimos da nossa historia a que tem servido de theatro, os seus ricos monumentos, o formoso Mondego que a beija, os deleitosos passeios e amenas paragens que a circumdam, e outras notaveis circumstancias que a adornam ou nobilitam, fazem esta cidade famosa entre as demais cidades de Portugal. Tudo isso tem dado assumpto a um grande numero de artigos, descripções e pensamentos, quer em prosa, quer em verso por parte de uma grande pleiade de escriptores distinctos, tanto nacionaes, como estrangeiros.

Fallando do Mondego quando passa em frente de Coimbra, diz Luiz de Campos:

> Eil-o manso outra vez, brando e sereno
> Por entre as ferteis insuas e pomares,
> Regando o val' mais rico e mais ameno
> Que a nossa patria tem. Ditosos lares
> Esses que a propria imagem na corrente,
> Por noites de luar puro e esplendente,
> Retratam toda a vida. Aventurados
> Os que gozam as noites de poesia
> D'aquelles verdes bosques encantados.

João d'Andrade Corvo elogía assim a formosura da cidade do Mondego:

«Coimbra é uma cidade graciosamente cinzelada n'um monte, e que se retrata nas aguas limpidissimas do mais ameno rio que a imaginação póde sonhar nas horas risonhas de suas fragrantes e suaves phantasias. Entre as cidades de Portugal... distingue-se Coimbra pela belleza dos seus contornos, pela largueza das suas fórmas, pelos esplendores da natureza em que se acha primorosamente engastada. Coimbra é uma cidade esculptural . . . .

«N'aquella harmonia de luz, de côres, de linhas e de fórmas, o rio e a cidade não podem separar-se. A cidade revê-se nas aguas crystallinas do rio: o rio beija amoroso a fimbria do manto á cidade que o domina.

«Coimbra eleva-se entre duas poesias: a poesia da mocidade, impetuosa e fremente, aspirando a uma vaga e indefinida grandeza, á liberdade sem limites, á expansibilidade indefinida; preludiando, em aspirações insoffridas e em hymnos de amor, á aspera lucta do bem e do mal a que se chama a vida: a poesia da natureza, placida e melodiosa; que murmura com as aguas correndo sobre as areias douradas; que canta com as aves amorosas sobre os ramos dos salgueiros; que desabrocha em flôres e se

Coimbra



A sept lieues de l'embouchure du Mondego, au milieu d'une région fertile et pittoresque, se lève la ville de Coimbra, l'ancienne *Æminium* des Romains, bâtie sur le sommet et sur le penchant d'une colline élevée et au long de la rive droite de ce fleuve si célèbre.

Quoique, de quelque part qu'on le prenne, le coup d'œil en soit ravissant, il faut se placer sur l'éminence qui est en face, au couchant, pour mieux jouir du splendide panorama, reproduit dans la phototypie ci-jointe. Dans le dernier plan, fermant l'horison, se voient les montagnes majestueuses du Dianteiro et du Bussaco; de là se déploie, en ondulations graduées, une série de collines jusqu'à la riche vallée dominée par le vieux bourg historique.

À ses pieds coulent doucement, sur le sable doré, les eaux limpides du Mondego, reflétant le feuillage touffu des saules et des peupliers qui en cachent les bords; de là s'étendent des champs fertiles, des prés coupés d'îlots verdoyants et peuplés d'innombrables orangers, dont le parfum délicieux, dans la saison fleurie, se marie doucement au chant du rossignol.

Ce paysage inoubliable qui a valu, à Coimbra, l'épithète de *ville riante,* les nombreux monuments qu'on y admire encore et qui témoignent du rôle considérable qu'elle a joué dans l'histoire du Portugal, l'ont rendue fameuse entre toutes les villes du royaume. La littérature portugaise, tant ancienne que moderne, est riche de ses louanges; car la jeunesse qui, au cours de plusieurs siècles, a passé par la vénérable Université, n'a jamais cessé d'en exalter les attraits incomparables.

Mentionnons ici seulement les vers connus de Luiz de Campos, qui chantent les beautés du Mondego:

> Eil-o manso outra vez, brando e sereno
> Por entre as ferteis insuas e pomares,
> Regando o val' mais rico e mais ameno
> Que a nossa patria tem. Ditosos lares
> Esses que a propria imagem na corrente,
> Por noites de luar puro e esplendente,
> Retratam toda a vida. Aventurados
> Os que gozam as noites de poesia
> D'aquelles verdes bosques encantados:

et la description enthousiaste de Jean d'Andrade Corvo:

«Coimbra est une ville gracieusement ciselée dans une montagne, qui se reflète dans les eaux transparentes de la plus charmante rivière que puisse concevoir la fantaisie fertile et ardente d'un poète. Parmi toutes les villes du Portugal... Coimbra se détache par la beauté de ses contours, l'ampleur de ses formes, les splendeurs naturelles qui l'enchâssent splendidement. C'est une ville sculpturale.......

«Dans ce concert harmonieux de lumière, de couleurs, de lignes et de formes la ville et la rivière ne peuvent être separées. La ville se mire avec complaisance dans le cristal de la rivière; la rivière enlace, dans une étreinte caressante, la ville qui la domine.

«Coimbra se lève entre deux poésies: celle de la jeunesse, impétueuse et frémissante, qui aspire à de vagues grandeurs indéfinies, à l'expansion et à la liberté sans bornes, préludant, en hymnes d'amour, à l'âpre lutte du bien et du mal qui s'appele la Vie; et celle de la Nature, placide et mélodieuse, qui murmure avec les eaux bruissant sur les sables dorés, qui chante avec les oiseaux amoureux sur les branches des saules, qui s'épanouit en fleurs et s'exhale en aromes dans les montagnes et les prairies, qui se baigne dans la lumière et la couleur, qui travaille sans défaillance dans les prodigieuses transformations de la matière, créant et détruisant sans cesse pour créer à nouveau.»

Les origines de Coimbra, qui remontent certainement à une époque très reculée, sont encore pleines d'incertitude. Quelques auteurs ont voulu en attribuer la fondation à Hercules Égyptien, ou à Brigo, ancien roi d'Espagne; d'autres aux peuples colimbriens qui auraient émigré dans la Péninsule en compagnie des turdules, gallo-celtes et andalous, 308 av. Chr.; enfin, en omettant d'autres opinions encore, on a voulu l'attribuer à Atacès, roi des Alanes, qui l'aurait fondée vers 409. Toutes ces hypothèses sont aujourd'hui reléguées dans le domaine de la fable.

exhala em aromas nos prados e nas serras; que se envolve de luz e de côres; que trabalha sem descanço e sem fadiga nas prodigiosas metamorphoses da materia, creando, ou destruindo para crear de novo.»

Quanto á fundação de Coimbra nada pudémos averiguar através dos remotissimos tempos que a escondem. Querem alguns auctores que ella fosse edificada por Hercules, o egypcio; attribuem-na outros a Brigo, antigo rei de Hespanha; outros aos povos colimbrios, que se diz terem vindo para a peninsula em companhia dos turdulos, gallos-celtas e andaluzes, 308 annos antes do nascimento de Christo; finalmente, omittindo outros pareceres, diz-se ainda que Ataces, rei dos Alanos, a fundára no anno de 409 da nossa éra. A moderna critica rejeita por infundadas estas origens.

Apesar d'isso, a opinião de que Ataces a edificára tem sido seguida por um grande numero de auctores. Simão José da Luz Soriano chegou a dizer nas suas *Revelações da minha vida*, impressas no anno de 1860: «Cidade gothica, como é Coimbra de Ataces, já se vê que os seus monumentos e antiguidades não podem ir além da época da sua fundação, e portanto exceder o seculo V da éra de Christo. *Nem uma só inscripção lapidar alli se tem encontrado coeva dos romanos, nem coisa alguma que indique terem alli residido os altivos conquistadores do mundo.*»

Estas affirmações, já no tempo em que foi publicada a obra referida, eram completamente inadmissiveis, pois quanto á fundação de Coimbra attribuida ao rei Ataces já a critica a tinha reputado uma das muitas invenções fabulosas com que o famigerado chronista cisterciense fr. Bernardo de Brito recheou os seus escriptos; e pelo que respeita a vestigios romanos, no seculo XVIII haviam sido descobertos aqui alguns muito importantes.

No anno de 1773 appareceram junto do castello, que então se demolia, tres lapides com inscripções romanas, e no anno de 1774 encontraram-se mais duas na Couraça de Lisboa.

Posteriormente, no seculo XIX, novas descobertas de letreiros romanos se realisaram. Em julho de 1878, demolindo-se umas casas que eram, em parte, edificadas sobre a muralha da cidade, no ponto onde termina a Couraça de Lisboa e começa a rua dos Militares, foram encontradas como material de construcção da mesma muralha, duas lapides com inscripções romanas mortuarias [1].

Baseado n'estes e n'outros vestigios, elaborou o fallecido dr. A. Filippe Simões uma erudita memoria [2], na qual demonstra que no sitio da actual Coimbra houvera uma povoação romana, e inclina-se a que tal povoação era a que no Itinerario de Antonino Pio figura com o nome de Eminio.

Não ha duvida de que a povoação que no mesmo Itinerario apparece com o nome Conembriga era situada duas leguas ao sul do Mondego onde hoje é Condeixa Velha.

No tempo de D. Affonso III de Leão, cujo governo parece ter começado em 866, coexistiam as duas povoações Conembriga e Eminio. A *Chronica Gothorum*, narrando varias conquistas de D. Affonso III, particularmente menciona a de *Conimbrica;* e da mesma *Chronica* se vê tambem que, entre as cidades pelo mesmo D. Affonso povoadas novamente de christãos, se contava a cidade de *Eminio.*

O facto de haver perdido a cidade de Eminio o seu nome tomando o de Coimbra que hoje tem, explica-o assim o dr. A. Filippe Simões:

«Se a mudança de nome e a decadencia de uma das cidades se seguiu, como parece provavel, a um cataclismo social, este seria de certo a conquista de D. Affonso III pelos annos de 878. A antiga Conimbriga não pudera recuperar-se dos estragos que por esse tempo soffreria, e a mudança da Sé para Eminio perpetuaria n'esta cidade o nome d'aquella onde antecedentemente estivera.»

Se o valioso estudo do dr. A. Filippe Simões podia offerecer algumas duvidas na parte em que o erudito escriptor opina corresponder á cidade de Eminio o local da hodierna Coimbra, essas duvidas desvaneceram-se á vista de uma inscripção romana apparecida n'esta cidade em 1888. Essa inscripção, suppridas poucas lacunas que tem, e desdobradas as abreviaturas, reza assim:

AT AVCMENTVM REI PVBLICAE NATO DILECTOQVE PRINCIPI DOMINO FLAVIO VALERIO CONSTANTIO PIO FELICI INVICTO AVGVSTO PONTIFICI MAXIMO TRIBVNITIA POTESTATE PATRI PATRIAE PROCONSVLI CIVITAS AEMINIENSIS.

---

[1] Estas sete inscripções guardam-se no rico museu de antiguidades do Instituto de Coimbra.

[2] Intitula-se *Alguns passos n'um labyrintho, se Coimbra foi povoação romana e que nome teve.*

Cette dernière opinion a eu, cependant, des défenseurs dans une époque assez récente. Simon Joseph da Luz Soriano, dans les *Révélations de ma vie* (1860), dit: «Ville gothique, comme est la Coimbra d'Atacès, il est évident que ses monuments et antiquités ne peuvent dépasser l'époque de sa fondation, c'est-à-dire le V[e] siècle de notre ère. *Pas une seule inscription lapidaire romaine y a été trouvée, ou quelque autre chose qui témoigne du passage des altiers conquérants du monde.*»

Ces assertions étaient entièrement inadmissibles au temps de l'impression de cet ouvrage; car la fable d'Atacès n'est qu'une des nombreuses extravagances dont le célèbre moine cistercien Fr. Bernardo de Brito s'est complu à farcir ses écrits historiques; et, pour ce qui est des vestiges romains, on en connaissait déjà plusieurs très remarquables dès le XVIII[e] siècle.

En 1773 lors de la démolition du Château on trouva trois pierres portant des inscriptions romaines, et en 1774 deux autres encore dans la Couraça de Lisbonne. Plus tard, au XIX[e] siècle, de nouvelles découvertes furent signalées. En 1878, lors de la démolition de quelques maisons bâties en partie sur l'ancienne muraille de la ville, au coin de la Couraça de Lisbonne et de la rue des Militaires, on trouva, enchassées dans un pan de muraille, deux pierres portant deux inscriptions funéraires [1].

En se basant sur ces trouvailles, ainsi que sur d'autres données, le dr. A. Philippe Simões publia un mémoire remarquable [2] où il tâche de démontrer que l'emplacement de la Coimbra actuelle correspond à celui d'une cité romaine, qui figurait dans l'Itinéraire d'Antonin Pie sous le nom de *Aeminium.*

Il est avéré que la cité désignée dans cet Itinéraire par *Conembriga* était bâtie deux lieues au sud du Mondego, sur l'emplacement de l'actuelle Condeixa-Velha. Au temps d'Alphonse III de Léon, dont le règne semble avoir commencé vers 866, les deux cités Conembriga et Aeminium coexistaient encore. La *Chronica Gothorum* mentionne spécialement *Conimbrica* parmi les villes conquises par ce roi et *Eminium* dans le nombre de celles qu'Alphonse fit nouvellement peupler de chrétiens.

Quant à l'échange du nom d'Aeminium contre celui de Coimbra qu'elle garde encore, voici l'explication donnée par le dr. A. Philippe Simões: «Si le changement de nom et la décadence d'une des deux anciennes villes ont été, comme c'est probable, les suites d'un bouleversement social, il faudra sans doute le chercher dans la conquête d'Alphonse III vers 878. L'antique Conimbriga aurait été impuissante à réparer les ravages soufferts pendant la guerre, et le déplacement du siège episcopal aurait naturellement entraîné le changement de nom.»

Si, après le savant étude que nous venons de citer, quelques doutes subsistèrent encore sur l'emplacement de l'ancien Aeminium, ils s'évanouirent promptement en face de l'inscription romaine découverte en 1888. En voici le texte, en tenant compte des abréviations et de quelques lacunes sans importance et faciles à combler:

AT AVCMENTVM REI PVBLICAE NATO DILECTOQVE PRINCIPI DOMINO FLAVIO VALERIO CONSTANTIO PIO FELICI INVICTO AVGVSTO PONTIFICI MAXIMO TRIBVNITIA POTESTATE PATRI PATRIAE PROCONSVLI CIVITAS AEMINIENSIS.

Il s'agit évidemment d'un monument votif érigé et dédié par les citoyens d'Aeminium à Constance Chlore (père de Constantin le Grand), après qu'il ait été proclamé Auguste, c'est-à-dire dans l'intervalle compris entre l'abdication de Dioclétien, le 1[er] mai 305 de notre ère, et la mort de Constance, survenue le 25 juillet 306 [3].

Ce précieux et vénérable monument, qui a versé tant de lumière sur un point intéressant et débattu de la géographie de la Lusitanie, se conserve aujourd'hui dans le riche Musée d'antiquités de la section archéologique de l'Institut de Coimbra [4].

---

[1] Ces sept inscriptions sont visibles dans le beau musée d'antiquités de l'Institut de Coimbra.

[2] Le titre en est *Alguns passos n'um labyrintho, se Coimbra foi povoação romana e que nome teve* (*Quelques pas dans un labyrinthe, si Coimbra a été ville romaine et sous quel nom*).

[3] On peut voir dans le XL[e] volume de l'*Institut*, pag. 221, la phototypie de cette inscription, suivie d'une intéressante notice dûe à M. le dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, sous le titre *Aeminium* (Coimbra).

[4] Il est regrettable que notre ami le dr. A. Philippe Simões, décédé le 1[er] février 1884, quatre années avant la précieuse rouvaille, n'ait pas assisté à la confirmation éclatante de son hypothèse.

Como se vê, esta lapide é um monumento votivo erigido e dedicado pelos cidadãos de Eminio a Constancio Chloro (pae de Constantino Magno) já depois de ser augusto, isto é, no tempo decorrido desde a abdicação de Diocleciano, em 1 de maio de 305 da éra christã, até á morte do referido Constancio, succedida em 25 de julho de 306 [1].

Este precioso e venerando monumento, que tão brilhante luz veio derramar n'um ponto tão interessante e controvertido da geographia antiga da Lusitania, guarda-se hoje no rico museu de antiguidades da secção de Archeologia do Instituto de Coimbra [2].

Visto como temos de nos occupar ainda dos assumptos de mais tres estampas, não nos permitte a estreiteza do espaço o referir desenvolvidamente os successos mais notaveis da historia de Coimbra. Temos pois de limitar-nos a sómente tocar n'alguns e por modo mui succinto.

Ao finalisar o seculo x a historia d'esta cidade começa a apparecer mais desanuviada d'obscuridades. No anno de 987 Al-manssor Iben Namer apodera-se da cidade que, como dissemos, D. Affonso III havia povoado de christãos.

Depois d'esta conquista jazeu abandonada e em ruinas por espaço de sete annos, passados os quaes foi reedificada e repovoada pelos ismaelitas. No dominio d'estes permaneceu setenta annos, até que no de 1064, depois de um cerco de sete mezes, a conquistou para os christãos el-rei de Castella D. Fernando Magno.

No segundo quartel do seculo XII, constituido o reino de Portugal por el-rei D. Affonso Henriques, Coimbra assumiu grande importancia tornando-se a côrte da nova monarchia, mas esta honrosa vantagem teve de a ceder posteriormente á cidade de Lisboa. Em compensação ficou sendo a côrte das letras depois que el-rei D. Diniz para aqui mudou a Universidade.

A creação da Universidade foi pedida a el-rei por alguns prelados, abbades e reitores, os quaes *lhe rogaram encarecidamente se dignasse de fazer, e ordenar um geral estudo na sua nobilissima cidade de Lisboa.* O monarcha attendeu-os benignamente, e os mesmos ecclesiasticos, consentindo elle como padroeiro das respectivas egrejas e mosteiros, assentaram em que os salarios dos mestres se pagassem das rendas dos mesmos mosteiros e egrejas. Foi pois instituida em Lisboa a Universidade com aprazimento do monarcha, e quiçá teria elle encaminhado as coisas para este desideratum, como parece deduzir-se do que diz Ruy de Pina na *Chronica* d'este rei, cap. XIII.

Não consta precisamente o anno em que a Universidade começou a funccionar, mas no de 1290 já tinha existencia, segundo se deprehende da bulla *De statu regni* pela qual a confirmou o papa Nicolau IV em 9 de agosto do mesmo anno.

Pouco tempo permaneceu em Lisboa a Universidade depois da sua instituição, trasladando-a el-rei para Coimbra (1306 ou 1307?). El-Rei D. Affonso IV a transferiu para Lisboa no anno de 1338, e outra vez a fez voltar para Coimbra por provisão de 6 de Novembro de 1354. Nova mudança para Lisboa se realisou no tempo de el-rei D. Fernando, no anno de 1377. No anno de 1537 effectuou el-rei D. João III sua ultima trasladação para Coimbra.

N'esta mudança as aulas funccionaram no mosteiro de Santa Cruz e nas casas do Conde de Portalegre, mas, pouco depois, el-rei, muito dedicado á Universidade, cedeu-lhe o seu paço real, edificio vasto, que el-rei D. Manoel havia reformado.

Assenta este palacio n'um dos pontos mais eminentes de Coimbra. Em virtude das successivas modificações que tem soffrido no decorrer dos tempos, raros caracteres apresenta já da época manoelina. N'elle predomina o gosto das construcções usadas nos seculos XVII e XVIII.

A fachada principal, que uma das estampas juntas representa, crêmo-la do seculo XVIII.

Da galeria de columnas que n'ella se salienta, denominada *via latina*, passa-se para a *sala grande*, tambem denominada *sala dos capellos*, por ser n'ella que se realisa a solemnidade dos doutoramentos.

---

[1] A phototypia d'esta inscripção, acompanhada de uma erudita e interessante noticia pelo snr. dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, com o titulo *Aeminium* (*Coimbra*), póde vêr-se a pag. 221 do vol. 43.º do *Instituto*.

[2] Lamentamos que o nosso saudoso amigo dr. A. Filippe Simões, fallecido no 1.º de fevereiro de 1884, annos antes do achado d'esta lapide, não podesse gozar o prazer que de certo lhe devia causar uma descoberta que veiu confirmar triumphantemente a doutrina da sua dissertação.

Quoique l'histoire de Coimbra soit assez intéressante pour mériter d'amples développements, nous nous bornerons ici, faute d'espace, à un court résumé des événements plus importants.

Vers la fin du x[e] siècle, l'histoire de la ville émerge de l'obscurité des légendes. En 987 Al-manssor Iben Namer s'empare de la ville qu'Alphonse III avait peuplée de chrétiens. Après cette conquête, elle resta abandonée et en ruines pendant sept années, au bout desquels elle fut rebâtie et repeuplée par les ismaélites. Ceux-ci la gardèrent pendant soixante dix années, jusqu'à ce que en 1064, après un siège de sept mois, le roi de Castille, Ferdinand le Grand, la restitua au joug des chrétiens.

Dans le deuxième quartier du XII[e] siècle, Coimbra prit une importance considérable comme cour de la nouvelle monarchie portugaise, récemment fondée par le roi D. Alphonse Henriques; elle dut toutefois céder à Lisbonne ce glorieux avantage. Mais elle eut plus tard une compensation et devint la cour des lettres, lorsque le roi D. Denis y transféra l'Université.

La création de cette Université est dûe aux efforts de quelques prélats, abbés et prieurs, qui s'adressèrent à D. Denis, *en le priant instamment d'ordonner des études générales dans sa très noble ville de Lisbonne.* Le monarque acceuillit favorablement cette démarche, et consentit à ce que les honoraires des maîtres fussent payés par les revenus des églises et monastères à la charge des ecclésiastiques pétitionnaires. L'Université fut donc fondée à Lisbonne, grâce à la protection du roi dont l'intervention dans cette affaire fut décisive, ainsi qu'il ressort du chap. XIII de la *Chronique* de Ruy de Pina.

On ignore la date précise de l'ouverture de l'Université, mais on sait qu'elle fonctionnait déjà en 1290, par la bulle *De statu regni* du pape Nicolas IV, datée du 9 août de cette année. Peu de temps après sa fondation, l'Université fut transférée à Coimbra par ordre du roi (1306 ou 1307?); son fils et successeur D. Alphonse IV la fit nouvellement transporter à Lisbonne en 1338, puis une deuxième fois à Coimbra, par ordonnance royale du 6 novembre 1354. Le roi D. Ferdinand la transféra encore une fois à Lisbonne en 1377; enfin, en 1537, D. Jean III l'installa définitivement à Coimbra.

Après ce dernier déplacement, les classes fonctionnaient d'abord dans le monastère de la Sainte Croix et dans l'hôtel du Comte de Portalegre; mais le roi, très dévoué à l'Université, lui céda le palais royal, vaste édifice que son prédécesseur D. Manuel avait fait restaurer.

Ce palais, assis sur un des points plus élevés de la ville, a été si souvent remanié et restauré, que les caractères de l'époque dite *manuelina* sont presque entièrement disparus. C'est le style des constructions du XVII[e] et XVIII[e] siècle qui prévaut; la façade principale, figurée dans une des illustrations, peut être attribuée au XVIII[e] siècle. La colonnade qui se détache sur la façade, est connue sous le nom de *Voie Latine;* elle donne sur la *Grande Salle* ou *Salle des Capellos,* ainsi nommée parce que c'est là qu'on confère le bonnet doctoral (*capello*).

Cette salle grandiose, reproduite dans la troisième de nos phototypies, a été construite dans la seconde moitié du XVII[e] siècle, par les soins du recteur Manuel de Saldanha. Elle a 26 mètres de long sur 12 de large, et l'hauteur proportionnée. Le plafond en bois, daté de 1655, est entièrement en caissons peints, décorés de ramages, de mascarons et d'oiseaux fantastiques dans le goût de l'époque. Les murs de la salle sont granis de jolis carreaux en faïence jusqu'à mi-hauteur; au dessus sont les portraits de tous les rois portugais. En bas, tout au long de la salle et à un mètre du parquet, court une galerie, garnie d'un balustrade en palissandre, où prennent place les docteurs dans les grandes solennités universitaires.

Nous sommes forcés de passer sous silence les autres pièces remarquables de l'édifice de l'Université, ainsi que les établissement annexes, dont la presque totalité a été bâtie du temps du Marquis de Pombal, le grand ministre auquel on doit, entre autres services également signalés, la réforme de l'Université en 1772, qui la releva à un degré remarquable de splendeur. Nous nous bornerons à quelques mots sur la bibliothèque, représentée dans la dernière des phototypies ci-jointes.

La magnificence de l'édifice, et la richesse de la décoration intérieure font de cette bibliothèque une des plus remarquables de l'Europe. Le comte Raczynski, expert dans la matière, et qui avait beaucoup voyagé, résume ses impressions dans les lignes suivantes, extraites de son livre *Les arts en Portugal:* «*Ce fut Jean V (1706-1750) qui fonda la bibliothèque de l'université, la plus belle, la plus richement ornée que j'aie jamais visitée.*»

La partie principale de la bibliothèque est constituée par trois salles magnifiques, reliées par deux

Esta grandiosa sala, reproduzida n'uma das estampas juntas, foi edificada pelo reitor Manoel de Saldanha depois do meado do seculo XVII. Tem 26 metros de comprimento, 12 de largura e altura proporcionada. O seu tecto é de madeira, pintado de ramagens, laçarias, aves, carrancas e outras figuras de phantasia, tudo n'um gosto muito em voga n'aquelle tempo. N'elle se vê a data 1655. Adornam esta casa os retratos dos reis portuguezes, de pintura em tela, representados de corpo inteiro. Ao longo das paredes, que são forradas de finos azulejos até meia altura, corre uma galeria, com vistosos balaustres de pau preto, levantada pouco mais de um metro acima do pavimento, na qual tomam logar os doutores por occasião dos actos solemnes que n'esta casa se celebram.

Faltos de espaço, não podemos referir-nos a outras partes do grande edificio universitario, nem aos ricos estabelecimentos que lhe são annexos, na maior parte construidos no tempo do Marquez de Pombal em virtude da importantissima reforma de 1772 com que o grande estadista, a quem o paiz deve tão assignalados e relevantes serviços, conseguiu elevar a Universidade a um notavel grau de esplendor. Apenas diremos poucas palavras ácerca da sua livraria, que outra das estampas juntas representa.

Na magnificencia do edificio, na riqueza e luxo da ornamentação, a bibliotheca da Universidade de Coimbra é das mais notaveis que se conhecem. O Conde Raczynski, apreciador competente, e que em muitos paizes viajou, testemunha por estas palavras, na sua obra *Les Arts en Portugal*, a excellencia e riqueza d'este soberbo edificio: «*Ce fut Jean V (1706-1750) qui fonda la bibliothèque de l'université, la plus belle, là plus richement ornée que j'aie jamais visitée.*»

A parte nobre e principal da bibliotheca é constituida por tres salas esplendidas. Da primeira se passa para a segunda e d'esta para a ultima sob dois arcos de grande altura, adornados de vistosos lavores de talha dourada, superiormente aos quaes se salientam grandes brazões coroados, compostos de emblemas scientificos.

No topo da terceira sala, entre um apparatoso cortinado de talha dourada, e outros ornatos de vistosa esculptura, avulta o retrato de el-rei D. João V, pintura a oleo do apreciado pintor lisbonense José Carlos Binheti.

Guarnecem a bibliotheca duas ordens de estantes, das quaes a superior é acompanhada de um varandim de elegantes balaustres assente sobre esbeltas columnas que se enfileiram no pavimento geral. Estantes, columnata e varandim ostentam notavel elegancia e apparato, não só quanto aos seus adornos esculpturaes, mas tambem quanto á sua pintura. É esta no gosto chinez, formada por grande variedade de figuras e ornatos dourados sobre fundo de côr verde na primeira e na terceira sala, e sobre fundo de côr encarnada na segunda. Estes trabalhos de pintura e douradoura foram ajustados com Manoel da Silva, de Coimbra, a razão de 1:280$000 reis por cada sala.

São de boa execução, e muito concorrem para a formosura do aspecto geral d'este edificio, as pinturas a fresco das cimalhas e tectos. O Conde Raczynski, na sua já citada obra, faz d'ellas esta apreciação: «*La peinture du plafond est une vaste composition, trés riche comme plusieurs peintures de la même époque qui j'ai vue à Lisbonne. Son exécution dénote beaucoup de savoir-faire, plus encore dans la partie architecturale que dans les figures.*» Este trabalho foi arrematado pelos dois mestres Antonio Simões Ribeiro, pintor, e Vicente Nunes, dourador, ambos de Lisboa, a razão de 600$000 reis cada uma das tres divisões, e as despezas da jornada á custa da Universidade.

Distribuidas pelas salas da bibliotheca, ha seis grandes mesas de preciosas madeiras, esmerado trabalho de marcenaria. Quatro são de ebano e duas de gandarú, todas com embutidos e com ornatos resaldados de petiá de muita perfeição. Importou a madeira, feitio e conducção d'estes ricos moveis em 4:410$115 reis.

O numero de volumes da bibliotheca é superior a 100:000.

Caberia bem aqui o indicar algumas das suas raridades, mas, porque o espaço nos falta, forçoso nos é terminar.

Coimbra, Setembro de 1901.

A. M. Simões de Castro.

arcs d'une élévation considérable, décorés de riches sculptures dorées, et couronnés d'armoiries composées d'emblèmes scientifiques. Au fond de la dernière salle se détache, dans un décor vraiment somptueux, le portrait du roi D. Jean v, dû au princeau de Joseph Charles Binheti.

Les salles sont garnies d'une double série de rayons, dont la supérieure est séparée par une jolie balustrade qui repose sur d'élégantes colonnes. Toutes ces pièces, d'une facture remarquable, sont entièrement peintes dans le goût des laques chinoises, en arabesques dorés sur fond vert, dans la première et dernière salles, et sur fond rouge dans la deuxième. L'ouvrage de peinture et dorure a été éxécuté par un artiste de Coimbra, Manuel da Silva, au prix de 1:280$000 chaque salle.

Les peintures des plafonds et des corniches ne sont pas moins dignes de l'attention des visiteurs. Voici l'appréciation que, dans l'ouvrage cité, en fait le comte Raczynski: «La peinture du plafond est une vaste composition, très riche comme plusieurs peintures de la même époque que j'ai vues à Lisbonne. Son éxécution dénote beaucoup de savoir faire, plus encore dans la partie architecturale que dans les figures.» Cet ouvrage fut adjugé à deux artistes de Lisbonne, maître Antoine Simões Ribeiro, peintre, et à maître Vincent Nunes, doreur, au prix de 600$000 chaque salle, et les frais du voyage.

Il y a dans les salles de la bibliothèque six grandes tables en bois précieux, d'une éxécution parfaite. Quatre sont en ébène, les deux autres en gandarú, ornées de belles marqueteries en petiá. Ces riches meubles n'ont pas coûté moins de 4:410$115 rs.

Le nombre des volumes de la bibliothèque excède 100.000. Il renferme beaucoup de pièces rares et curieuses, que le cadre trop étroit de cet article me défend de détailler.

Coimbra, Septembre 1901.

A. M. Simões de Castro.

Evora



A cidade alastra-se em ampla collina de declives brandos, no planalto alemtejano. Terrenos de schistos rotos por formações graniticas elevam-se a 150 metros sobre o nivel do mar. A poucos kilometros a norte da cidade está a divisoria das aguas; diz-se que as aguas da chuva que cae no monte da Oliveirinha vão para o Divor que vae ao Tejo, para o Xarramà que afflue no Sado, para o Degebe que desagúa no Guadiana.

Evora, propriamente, pertence á bacia hydrographica do Sado. Como está alta, sem grandes montanhas proximas, tem largos horisontes. O clima é secco, ar puro, céo muito azul, com lindos dias de sol; ás vezes no verão o ar aquece extraordinariamente, sem humidade que minore o ardor, e em noites de outono e de primavera caem geadas tão rijas, que matam a vegetação menor.

Em roda da cidade ha farrejaes, uma zona de quintas e courellas, com oliveiras, vinhas, e depois os campos, as herdades onde se cultivam os cereaes, se criam gados, e crescem vastos montados de azinho e sobro, de um verde escuro, severo. O pinheiro e o castanheiro não se desenvolvem bem; a camellia, rodeada de cuidados, vive mal.

Como se vê, ha differença grande entre Minho e Alemtejo, n'este cantinho da peninsula, embora ambas as provincias estejam sobre terrenos analogos. Nos povos nota-se differença tambem, no aspecto, nos costumes, na falla, no vestuario. Na vida social a differença marca-se desde que ha documentos escriptos, porque a propriedade territorial e a alimentação nos primeiros tempos da monarchia no Minho e no Alemtejo correspondiam já ao estado actual.

As vicissitudes historicas e politicas não alteram o eido nem a herdade, nem as migas e o caldo verde. Em geral a casa é construida de alvenaria e tijolo, e o alvanéo sabe, sem simples, erguer a abobadilha de tijolo, que é muito poroso, e cal que é mui rija. Pedras de granito formam escadas, portaes, janellas, columnas; ás vezes emprega-se o marmore de Extremoz que é mui lindo e de extraordinaria resistencia ás injurias do tempo. Em geral a casa é asseiada, e a chaminé é ampla, de lareira baixa. O povo usa meias e sapatos; não ostenta objectos de ouro em profusão, e veste singelamente, de escuro. O gabão eborense é especial, feito de burel, não tinto. O homem do campo usa safões, e sobre a camisa e collete põe a pelliça e a çamarra de pelle ovina. Leva a comida n'um tarro de cortiça. O pastor toca uma flauta sem chaves, e sabe versos e contos; alguns fazem a quadra e a decima, cantam ao desafio, e têm uma certa tendencia para o jocoso e para a satyra. Em religião o povo alemtejano é pagão-catholico, venera certas imagens protectoras, gosta do culto brilhante, da festa ruidosa, e das grandes romarias entre as colheitas dos cereaes e as vindimas. É moral, respeita o casamento; os crimes são poucos, dominando porém o crime violento, de occasião. O roubo organisado, a falsificação, o abandono da familia são raros. A emigração quasi não existe.

Evora é uma cidade rica, isto é, ha ahi um cento de familias abastadas, e entre estas algumas das mais opulentas do paiz. A propriedade no Alemtejo, em geral, está muito accumulada. Já esteve menos; muito menos no seculo XVI; tem-se reunido de então para cá, e a tendencia actual parece ser para maior concentração ainda. A exportação da cortiça que augmentou extraordinariamente depois de 1860, explica a formação de algumas grandes fortunas alemtejanas.

Sobranceira aos seus olivaes e vinhedos, ás terras de pão, e aos montados de azinho e sobro, a cidade mostra a sua elegante linha coroada pela imponente cathedral, de altas torres quadradas, e alteroso zimborio, que parece um elmo. A estampa mostra bem a Sé eborense.

No primeiro plano a photographia apresenta-nos o rocio de S. Braz; o arvoredo da avenida que da estação do caminho de ferro conduz á porta do sul, onde começa a rua do Paço, agora chrismada em Marquez de Pombal.

Ao terminar o arvoredo da avenida sobresae o palacio Barahona, e os seus jardins. Á esquerda o arvoredo do passeio publico, em terraço sobre as muralhas dos baluartes feitos no seculo XVII. Sobre o arvoredo do passeio espreita a casa do asylo de infancia, construcção modernissima, e logo a grande parede sul da egreja de S. Francisco, com os seus coruchéos e ameias do seculo XVI. A torre que se vê isolada é moderna. Além do templo de S. Francisco, á esquerda, avista-se Santo Antão, construido pelo cardeal-rei, D. Henrique, quando era arcebispo de Evora.

Evora



La ville s'étale sur les pentes faibles d'une large colline appartenant au plateau de l'Alemtejo, formé par des schistes, percés d'affleurements granitiques, qui s'élèvent à 150 mètres sur le niveau de la mer. À peu de kilomètres de la ville est la ligne de faîte de la formation; les eaux pluviales provenant de la montagne d'Oliveirinha se partagent entre le Divor qui se jette dans le Tage, le Xarrama qui afflue dans le Sado, et le Degebe qui débouche dans le Guadiana.

Evora appartient au bassin hydrographique du Sado. Comme elle est placée sur une éminence, sans le voisignage d'élévations considérables, elle jouit d'un large horizon; l'air y est pur et sec, le ciel d'un beau bleu, les jours de soleil. Quelquefois, pendant l'été, l'atmosphère, presque dépourvue d'humidité, s'échauffe à point extraordinaire; les nuits d'automne et de printemps les gelées sont parfois si fortes que la végétation en souffre beaucoup.

Il y a tout autour de la ville une zone de petites fermes, des prés à fourrage, des oliviers, des vignobles; puis, à perte de vue, de larges champs (*herdades*) destinés à la culture des céréales et à l'élévage du bétail, et de vastes chenaies d'yeuses et de liéges, d'un vert sombre et sévère. Le pin et le châtaignier se développent avec beaucoup de difficulté; les camélias, malgré tous les soins, y dépérissent.

La différence entre le Minho et l'Alemtejo est sensible au point de vue agricole, malgré que les deux provinces, reléguées dans un coin de la Péninsule, soient d'une constitution géologique très semblable; elle l'est encore plus dans les mœurs et le caractère, dans le langage et le costume. Dans la vie sociale cette dissemblance date d'un âge très reculé, car d'après les plus anciens documents historiques le régime foncier et l'alimentation se sont maintenus à peu près inaltérables jusqu'à nos jours. Les vicissitudes historiques et politiques n'ont pas fait disparaître le *eido* ni la *herdade,* non plus que les *migas* et le *caldo verde.*

Les maisons sont presque toujours bâties en briques et moellons; le maçon sait très bien élever, sans l'aide des cintres, de petites voûtes en briques, très poreuses, liées par un mortier très ferme. Les escaliers et les colonnes, les portes et les fenêtres sont en granit; quelquefois on emploie le marbre d'Estremoz, qui est très beau et d'une grande endurance. En général les maisons sont proprement tenues; la cheminée est ample, à âtre fort bas.

Les gens du peuple portent des chaussettes et des souliers; ils tiennent peu aux bijoux et préfèrent les étoffes sombres pour leurs vêtements, d'une coupe simple; le caban d'Evora est fait d'une bure spéciale, non teinte. Le campagnard porte de larges culottes, et sur la chemise et le gilet une pelisse en peau de brebis; il emporte sa nourriture dans une sorte de caisse en liége. Le berger joue de la flûte, sans clefs; il sait débiter des vers et des contes; plusieurs même composent des quatrains et des dixains, généralement satyriques ou facétieux, et les chantent en compétence.

En matière de religion le peuple d'Alemtejo est païen-catholique; il vénère les images et montre un gout prononcé pour les cérémonies fastueuses du culte; il aime les fêtes bruyantes et les grandes pèlerinages entre les récoltes et les vendanges. Il a des mœurs et respecte le mariage; les crimes, peu nombreux, sont des violences occasionnelles; le vol organisé, la falsification, l'abandon de la famille sont fort rares. L'émigration est presque nulle.

Evora est une ville riche; c'est-à-dire, on y connaît une centaine de familles riches, dont plusieurs comptent au nombre des plus opulentes du Portugal. La propriété foncière de l'Alemtejo est accumulée en peu de mains. Elle l'a été beaucoup moins dans le XVIe siècle; mais à partir de cette époque la concentration s'est graduellement prononcée, sans que le mouvement tende à ralentir. L'exportation du liége, qui depuis 1860 a pris un grand essor, explique la formation de quelques grandes fortunes de l'Alemtejo.

Au dessus de sa verte ceinture de vignobles et d'oliviers, de champs et de chenaies, la ville découpe son élégante silhouette, couronnée par les hautes tours carrées de la majestueuse cathédrale et par son dôme qui ressemble à un casque. L'estampe en donne une idée assez parfaite. Au premier plan on voit la place St. Blaise, et les arbres de l'allée qui conduit de la gare à la Porte du Sud, où commence la rue du Palais, à présent du Marquis de Pombal.

Au bout de cette allée se détachent le palais Barahona et ces jardins; à gauche la Promenade publique, en terrasse sur les murailles des bastions du XVIIe siècle. Au dessus des arbres de ce jardin

Á direita do palacio Barahona avulta em tom escuro o edificio do convento da Graça, erguido em tempo de D. João III. Uma casa que alveja por sobre o telhado da Graça, é agora residencia particular e foi o palacio do bispo D. Affonso de Portugal. Perto vê-se um trecho do claustro da Sé (seculo XIV) e avulta logo dominando tudo a construcção robusta e altaneira da Sé (seculos XII-XIII), seguindo-se ao zimborio, lado do nascente, á direita da estampa, a capella-mór, primorosa obra do tempo de D. João V. A photographia está tão nitida que mostra bem a differença do claro marmore que reveste a capella-mór, e o tom pardo-escuro da silharia de granito. Entre a casaria miuda vê-se ainda a parte superior da Misericordia, e o começo do Carmo. De qualquer parte que se photographar a cidade apparecem palacios e conventos, de familias fidalgas que abandonaram a cidade ha muito, de ordens religiosas que se apagaram, para salvar as finanças do paiz.

Riqueza historica, archeologica e artistica abunda em Evora.

> ... Evora preclara e populosa
> Bem celebre por sua antiguidade.

como diz Francisco do Nascimento Silveira, no *Côro das Musas.*

> Eis a nobre cidade...

diz Camões nos *Lusiadas,* c. III, est. 63.

Nos arredores ha multidão de dolmens ou antas, sepulturas pre-historicas, monumentos a que os archeologos dão alto apreço, e muitos restos de construcções romanas, que mostram que este paiz foi em tempos pre-romanos e romanos muito povoado.

Solares medievaes existem ainda alguns bem interessantes no aro da cidade.

Dentro segue-se bem todo o circuito da muralha romana, conservando-se em bom estado lanços inteiros de grande apparelho. Torres wisigodas reforçam em pontos a muralha romana. A parte dos antigos fossos, hoje ruas, guarda o nome arabe: as *alcarcovas.*

Essa muralha é a *cerca velha* dos antigos documentos. Na parte mais alta da collina admiramos a columnata do templo romano, a par a cathedral, o paço dos arcebispos, a um lado os Loyos e o palacio da torre de cinco quinas (casa Cadaval), a outro lado o que resta do Santo Officio, proximo o pateo de S. Miguel (palacio curiosissimo).

É um monumento, esse conjuncto todo. Ha ahi coisas romanas, janellas arabes deliciosas (Cadaval), na cathedral ha ogival de todas as épocas e maravilhas do renascimento.

Recordações, santo Deus! quantos dramas e tragedias, quantas festas, quantas luctas, quantos soffrimentos por esses palacios e praças!

Será raro encontrar casa antiga em Evora que não tenha escondrijos. Não é preciso chegar á antiguidade, basta o seculo que ha pouco findou, para achar paginas historicas. A resistencia ás tropas de Napoleão que terminou em barbaro massacre, o final da guerra contra D. Miguel, a lucta contra os Cabraes, de que resultou o bombardeamento em 1846.

N'esse rocio que ahi se vê morreu muita gente queimada em *autos de fé;* ahi esteve formado o exercito de D. Sancho Manuel em dia de grande victoria.

O *templo romano* de Evora occupa a parte mais elevada da cidade; a pouca distancia a norte existe ainda um lanço completo da muralha primitiva. No tempo dos romanos quem viesse d'esse lado, já de muito longe, devia avistar a forte muralha, e sobre ella a esbelta columnata, muito destacada.

A estampa representa as faces norte e oriental, esta em plena luz.

Á direita parte do edificio que foi Santo Officio, hoje propriedade particular; ao fundo parte do paço archi-episcopal e os extremos das torres da Sé.

O templo assenta sobre rocha de schisto mui rijo; encheram alguns vãos de apparelho grosseiro, e assim formaram o taboleiro horizontal sobre que assentaram a primeira fiada de silharia. Os silhares dos cantos são os maiores. Como a photographia está mui nitida, vê-se bem o apparelho.

Sobre o solido envasamento de *opus incertum,* com moldura de grossas pedras faciadas formando

surgit l'Hospice des Enfants, construction toute récente, et la grande muraille de l'église St. François, couronnée de flèches et de créneaux, datant du XVIe siècle; la tour isolée est moderne. A gauche du temple de St. François on voit encore St. Antoine, bâti par le cardinal-roi D. Henri, lorsqu'il était archevêque d'Evora.

A droite du palais Barahona se lève le sombre couvent de Graça, du temps de D. Jean III; l'hôtel qui en surpasse le toit a été autrefois la résidence de l'évêque D. Alphonse de Portugal. A côté un morceau du cloître de la cathédrale (XIVe siècle); ensuite la bâtisse puissante et fière de cette vieille église (XIIe et XIIIe siècles) dont la chapelle principale, ouvrage précieux du temps de D. Jean V, est à droite du dôme. La photographie, assez nette, permet de distinguer le marbre clair qui revêt la chapelle d'avec le granit gris-sombre des murs de la cathédrale. On voit encore, dans le semis de maisons, la partie supérieure de l'édifice de la Miséricorde et le commencement de celui du Carmo. De quelque part qu'on examine la ville surgissent palais et convents, de vieilles familles nobles qui ont quitté la ville depuis longtemps, et d'ordres religieux disparus pour sauver les finances délabrées du pays.

Les richesses historiques, archéologiques et artistiques abondent à Evora.

> ... Evora preclara e populosa
> Bem celebre por sua antiguidade.

comme dit François do Nascimento Silveira, dans le *Coro de Musas.*

> Eis a nobre cidade...

dit Camoëns dans les *Lusiades,* c. III, est. 63.

Les environs sont pleins de dolmens, tombeaux préhistoriques auxquels les archéologues attachent beaucoup de prix, ainsi que de nombreux restes de constructions romaines qui montrent que cette région a été très peuplée dans les époques romaine et préromaine.

Dans les faubourgs subsistent encore quelques demeures seigneuriales du moyen-âge, assez intéressantes. On peut suivre assez bien, à l'intérieur de la ville, le contour de l'ancienne muraille romaine, dont de larges pans sont encore debout, en bon état. Quelques tours wisigothiques la renforcent ça là; les anciens fossés, convertis en rues, conservent le nom arabe d'*alcarcovas.*

Cette muraille est la *vieille enceinte* des anciens documents. Dans la partie la plus élevée de la colline on admire la colonnade du temple romain, à côté la cathédrale, le palais des archevêques, d'un côté les Loyos et le palais de la tour des quinas (hôtel de Cadaval), de l'autre les restes du Saint-Office; près de là la cour St. Michel (palais très curieux).

Il y a dans cet ensemble monumental des choses romaines, des fenêtres arabes délicieuses (Cadaval), de l'ogival de toutes les époques, des merveilles de la Renaissance. Et combien de souvenirs historiques! Que de drames et de luttes, que de fêtes et de souffrances se rattachent à ces palais et à ces places!

Il n'est pas besoin de remonter trop loin pour trouver des pages historiques; le siècle qui vient de finir nous en fournit plusieurs: la résistance à l'armée de Napoléon terminée par un effroyable massacre, la fin de la guerre de D. Michel, la lutte contre les Cabraes, d'où s'ensuivit le bombardement en 1846. Presque toutes les vieilles maisons d'Evora ont des cachettes. Dans cette place St. Blaise quelques milliers de personnes ont été brulés dans des *auto-da-fé;* c'est là que les troupes de D. Sancho Manuel ont fait la parade, le lendemain d'une victoire retentissante.

Le *temple romain* d'Evora est placé sur la partie plus élevée de la ville; à peu de distance, tout un pan de l'ancienne muraille est visible. Au temps des romains, elle aurait dû l'être de fort loin, ainsi que la colonnade qui se détache élégamment au dessus de la muraille. L'estampe en montre les faces nord et couchant, celle-ci en pleine lumière; à droite, la maison où était installée autrefois la Sainte Inquisition; au fond une partie du palais archiépiscopal et un bout des tours de la cathédrale.

Le temple est assis sur du schiste très dur, dont les vides furent comblés avec un appareil grossier, afin d'établir la plateforme de fondation sur laquelle repose la première assise, en pierre taillée. Comme la photographie est très nette, l'appareil est bien visible.

Sur le solide embasement construit en *opus incertum,* encadré de grosses pierres taillées formant

sócco e cornija, ergue-se a columnata completa na face norte, incompleta nas de oriente e poente. Na oriental ha quatro columnas completas além da angular, na occidental restam duas completas, duas perderam os capiteis, da quinta só a base existe.

Os fustes são de granito, estriados de doze meias canas. Bases e capiteis de marmore branco, de Extremoz; sendo os capiteis corinthios, de opulenta decoração e bem lavrados.

É hexastylo, tem seis columnas na face menor.

É pyknostylo, quer dizer, o intercolumnio tem diametro e meio de columna; é o minimo consentido na grande arte romana.

As dimensões principaes são: altura do envasamento 3^{m},46; largura no sócco 15^{m},25; comprimento no sócco 25^{m},18; altura da columna, total 7^{m},68; maior diametro do fuste 1^{m},00. O intercolumnio varía de 1^{m},35 a 1^{m},68. Completo, a altura total seria proxima de 15 metros.

Em muitos pontos do envasamento ha restos da conhecida argamassa romana formada de cal e pequenos fragmentos de tijolo, de extrema rijeza, mostrando que todo o *opus incertum* foi assim revestido primitivamente. As duas columnas medias da face norte foram entalhadas para metter ahi uma porta ogival. A escadaria, com a ara, deitava para o sul. A disposição das columnas, as proporções, o estylo, estabelecem identidade com a conhecida *maison carrée* de Nimes, e o templo de Antonino e Faustina em Roma. Por isto os archeologos o attribuem ao fim do II seculo ou começo do III. É de notar que algumas pedras mostram ter sido aproveitadas de alguma construcção anterior. Em roda do templo descobriram-se tanques, e paredes de pequenos edificios de ha muito arrasados. Encontraram ahi um pedaço de base de estatua, um dedo de figura colossal, e pequenos fragmentos de folhagem dos bellos capiteis corinthios.

Infelizmente não podemos saber a que divindade foi este templo consagrado.

A meu vêr o templo foi destruido pela reacção religiosa; o christão victorioso depois das perseguições soffridas vingou-se nos templos pagãos e nas estatuas.

As estatuas que apparecem são quasi todas degoladas. Os wisigodos aproveitaram a ruina, encheram os vãos de alvenaria, coroaram o edificio com ameias, transformaram-no n'uma torre do castello.

Em tempo de Fernão Lopes já estava desligado do castello, e servia de açougue ou mercado da cidade. Depois foi aproveitado pelo Santo Officio, e rodeado de pequenas construcções.

Em 1836, Avila, administrador geral do districto, depois duque de Avila, baniu o açougue. Em 1841, por diligencia de Rivara isolou-se o edificio pela cedencia e demolição da chamada *inquisição velha.*

Eu ainda conheci o edificio, com as suas ameias, janellas de volta redonda, porta em ogiva, e sobre esta, na face norte, um campanario com a sineta do concelho, o *sino de correr,* que tocava espaçada e lamentosamente o recolher ás oito ou nove horas da noite, conforme a estação, ao mesmo tempo que o carcereiro martellava nos ferros da cadeia, antes de fechar as janellas.

Em 1870, por iniciativa da Camara Municipal, procedeu-se ao isolamento do romano puro, derribando-se tudo que era medieval, ou simples alvenaria moderna.

No Murphy, *Voyage en Portugal,* t. II, estampa 18; no *Panorama,* 1844, pag. 407; no *Archivo Pittoresco,* t. VIII, pag. 313, podem estudar-se os differentes estados do edificio. Antes da demolição de 1870, a casa Laurent photographou o templo, apanhando grande parte das faces norte e poente.

Falta uma coisa importante para o estudo. O templo deve ter subterraneos ou cisterna. Nunca foi explorada.

A ermida de S. Braz. — Indo da estação do caminho de ferro para a porta do Rocio, a meio caminho, á direita, dá logo nas vistas a singular ermida de S. Braz, com o seu altivo ar guerreiro.

Foi construida em 1480; chamavam então á pequenina elevação onde a edificaram o *Outeiro da Corredoura;* em 1479 tinham improvisado ahi um hospital de madeira para os pestosos.

No alpendre destacam-se bem as ogivas, mas a porta de entrada e as duas janellas que a ladeiam são do seculo XVIII.

Os grandes gigantes que fortalecem as paredes são posteriores á primeira construcção, porque em parte cobrem ou tapam frestas ogivaes ainda faceis de reconhecer. Mas tal modificação deve datar do começo do seculo XVI, porque aquelles coruchéos e ameias encontram-se em Evora n'esse tempo, por exemplo na ermida de Garcia de Rezende, na cerca do Espinheiro, provavelmente por elle mesmo de-

socle et corniche, se dresse la colonnade qui n'est complète que du côté nord. Dans la face tournée à l'orient il y a quatre colonnes complètes, outre celle qui fait l'angle; au couchant, il y en a deux complètes, deux autres dépourvues de chapiteaux et la base seulement de la cinquième. Les fûts sont en granit, striés de douze demi-cannelures; les bases et les chapiteaux, de l'ordre corinthien, sont en marbre blanc d'Estremoz, ceux-ci richement décorés et sculptés avec soin.

Il est hexastyle et pycnostyle, c'est-à-dire, à six colonnes sur le devant, dont les intervalles n'excèdent pas un diamètre et demi; le minimum admis dans le grand art romain.

Voici les dimensions principales: hauteur de l'embasement 3^{m},46; largeur dans le socle 15^{m},25; longueur dans le socle 25^{m},18; hauteur totale des colonnes 7^{m},68; plus grand diamètre des fûts 1^{m},00; intervalle entre deux colonnes de 1^{m},35 à 1^{m},68. L'hauteur totale du temple complet aurait dû approcher de 15^{m}.

En plusieurs points de l'embasement il y a des restes du célèbre mortier romain formé de chaux et de petits morceaux de briques d'une dureté extrême, ce qui montre que tout l'*opus incertum* en a été revêtu à l'extérieur. Les deux colonnes moyennes du côté nord ont été découpées pour y encastrer une porte ogivale; l'escalier et l'*area* donnaient sur le sud. La disposition des colonnes, leur proportions et le style rangent ce temple à côté de la bien connue Maison carrée de Nîmes et du temple d'Antonin et Faustine à Rome; c'est pourquoi les archéologues le croient construit à la fin du IIe ou vers le commencement du IIIe siècle. Il faut remarquer que plusieurs pierres semblent avoir appartenu à d'autres constructions antérieures. Autour du temple des bassins ont été découverts, ainsi que des murs de petits édifices il y a longtemps démolis. Ces fouilles ont mis à jour un fragment de base d'une statue, un doigt de figure colossale et de petits morceaux de feuillage de beaux chapiteaux corinthiens.

On ignore malheureusement la divinité à laquelle ce temple était dédié. Je pense qu'il a été détruit par suite d'une réaction religieuse; le chrétien victorieux s'est vengé des persécutions subies sur les temples païens et sur les statues. En effet, presque toutes celles qui sont parvenues jusqu'à nous sont mutilées et manquent de tête.

Les wisigoths se sont utilisés des ruines pour en faire une tour du château de la ville, les intervalles des colonnes ayant été comblés de maçonnerie, garnie en haut d'une rangée de créneaux. Au temps de Ferdinand Lopes le temple était séparé du château et tenait lieu de boucherie et de marché de la ville. Le Saint-Office s'en empara plus tard, et l'entoura d'un tas de petites constructions. En 1836, le préfet du district, le futur duc d'Avila, en chassa la boucherie; enfin vers 1841, grâce aux soins de Rivara, la démolition de l'*Inquisition vieille* permit d'isoler l'antique édifice.

Je me le rappelle encore fort bien, les créneaux, les fenêtres en plein cintre, la porte en ogive, et sur celle-ci, tourné au nord, le clocher où la cloche municipale (*sino de correr*) sonnait lentement et lugubrement le couvrefeu à huit ou neuf heures du soir, selon la saison, cependant que le geôlier martelait sur les barreaux des fenêtres avant de les fermer.

En 1870, à la demande du conseil municipal, on a procédé à l'isolement de tout ce qui était romain pur, en l'affranchissant de tout ce qui était moderne ou du moyen-âge.

On peut examiner les divers états de l'édifice dans Murphy, *Voyage en Portugal,* t. II, est. 18e; dans le *Panorame,* 1844, pag. 407; dans l'*Archive Pittoresque,* t. VIII, pag. 313. Avant la démolition de 1870, la maison Laurent a photographié les faces nord et couchant du temple.

Il manque toutefois une chose à l'étude complète de ce monument. Il y a dû avoir des souterrains ou des cîternes, mais on ne les a pas encore explorés.

La chapelle de St. Blaise. — Cette singulière chapelle, à l'air fier et martial, se trouve à mi-chemin de la gare à la porte du Rocio. Elle a été érigée en 1480 sur la petite élévation appelée *Coteau du Carrousel,* à la place d'un l'hôpital de pestiférés improvisé l'année antérieure.

Les ogives se détachent bien dans le porche, mais la porte d'entrée et les deux fenêtres à côté sont du XVIIIe siècle. Les grands contreforts qui soutiennent les murs sont postérieurs à la construction primitive, parce qu'ils couvrent partiellement des lucarnes ogivales faciles à reconnaître. Cette modification doit dater du commencement du XVIe siècle, parce que les flèches et créneaux se rencontrent reproduits ailleurs en Evora, par exemple dans la chapelle de Garcia de Rezende, bâtie vers 1520 dans l'enclos d'Espinheiro, et probablement dessinée par lui-même. A l'intérieur il y a eu aussi des altérations contem-

senhada, e que data de 1520. No interior houve tambem modificação, antiga, porque tapadas as pequenas frestas, correram as paredes, e azulejaram-nas a branco e verde, em xadrez, com seus caprichos engenhosos.

Cahindo ha annos, em 1885 ou 1886, fragmentos de reboco com os azulejos, viu-se que isso assentava em parede lisa, apenas mal ponteada, e com vestigios de pintura, folhagens, flôres, de largo desenho, ainda com as côres frescas. Em 1889 por occasião da visita official d'el-rei D. Luiz a vereação julgou... pouco decente que logo á entrada da cidade el-rei visse aquelle edificio tão negro, de aspecto torvo, como uma mesnada de guerreiros perfilados, com os seus elmos erectos. E mandou caiar; alguem fallou, e então mandaram caiar outra vez deitando na cal pós de sapatos, e S. Braz appareceu pardo a S. M., que não gostou do caso.

Agora está quasi no tom antigo. Mas os esgrafitos finos, á maneira de renda, que frisavam o alpendre sob as ameias, acompanhando escudos de Portugal, tudo levantado na rija cal eborense, sumiram-se quasi totalmente. E ha dias, em setembro, passei por lá, vi a porta aberta; e lá andava um alvanéo a rebocar boa parte das paredes interiores, que eu conheci ainda azulejadas; e não me soube dizer o destino que tinham tido os lindos azulejos de esmalte verde.

Que admira que isto succeda na provincia, quando eu estou a vêr agora (20 de outubro) as vetustas e gloriosas muralhas e torres do castello de S. Jorge, nos lados que olham para o norte, que tinham um tão lindo tom antigo, tão veneravel, todas rebocadinhas de fresco.

O *lyceu* eborense occupa uma parte da antiga Universidade de Evora.

O edificio onde agora se alojam a Casa Pia, o Governo Civil, a repartição de fazenda do districto, e o lyceu, foi construido pelo cardeal infante D. Henrique para collegio da Companhia de Jesus. Era o collegio do Espirito Santo. É um edificio de architectura jesuitica, feito para durar, regulado como uma grammatica.

Esse enorme edificio foi fundado em 1551, e já em 1554 estavam os padres ahi residindo. A construcção foi rapida. Em 1559 funccionava a Universidade. Houve depois algumas alterações importantes. A egreja, a actual, foi começada em 1567, terminada em 1574. A sacristia, que é muito interessante, foi reformada em 1599. Os azulejos polychromos da capella-mór têm a data 1631. O encruzamento dos dois grandes corredores, casa oitavada com alto zimborio, é de 1726. As aulas e casas de claustra têm bellos quadros em azulejo datados de 1746-1747. O grande corredor norte-sul agora em secções, tem 140 metros de comprido, e o de poente a nascente mais de 100 metros.

O refeitorio tem $37^{m},4$ de comprido por $8^{m},7$ de largo, com oito columnas magnificas no eixo medio da abobada. Ponho aqui estes numeros para dar idéa da grandeza do edificio.

Essa mole de alvenaria e marmore é rota por tres claustros; o maior era o geral da Universidade; a estampa representa o lado sul onde avulta a frontaria da sala dos actos grandes; infelizmente o interior da sala, de grande importancia artistica, está em ruina. A frente está intacta. A bella photographia que tenho presente dá bem nitidamente a impressão da alvura d'esses marmores. É um primor d'arte, muito especial, do meiado do seculo XVI, bem marcado. Dois cunhaes singelos e tres arcos, a que correspondem as portas da sala, e sobre os arcos tres largas janellas. Superiormente, a meio, as do cardeal, o escudo de Portugal com o chapeu e as borlas cardinalicias e armas; aos lados, rematando os cunhaes, duas estatuas de marmore, de amplas roupagens bem tratadas; duas bellas figuras feminis, uma com o sceptro e o sol, em bronze, representando a Universidade Real, outra com a lua e o baculo, indicando a Pontificia. Em cima, sobre as armas do cardeal, dois anjos sustentando um medalhão com as letras I H S.

Aos lados do frontispicio corre a galeria do geral com a sua columnata sobria, classica e firme, no primeiro pavimento; e no segundo a varanda, de grande pé direito, as grades de ferro nos intervallos de bases altas, com suas columnatas.

A quadra ou geral do lyceu, as suas aulas, a sala dos actos, a egreja e a sacristia, a capella particular do cardeal, o refeitorio e a sua monumental fonte ou lavatorio, constituem um grupo mui digno de attenção. Por essas luminosas arcadas passaram figuras historicas: D. Henrique e D. Sebastião, Francisco de Borja e Luiz de Mollina, e quantos mais!

G. Pereira.

poraines, car après la fermeture des lucarnes, les murs ont été couverts d'un revêtement de plaques en faïence verte et blanche, disposées en échiquier avec d'ingénieuses broderies.

Plusieurs de ces plaques ayant tombé en 1885 ou 1886, on vit qu'elles étaient posées sur un mur uni où étaient peints des feuillages et des fleurs, d'un dessin large, les couleurs encore fraîches. Lors de la visite officielle du roi D. Louis, en 1889, le conseil municipal crût peu convenable qu'au seuil même de la ville les yeux du monarque fussent désagréablement frappés par ce vieil édifice si noir, à l'air sévère, comme une compagnie de sombres guerriers aux casques menaçants. Il s'avisa d'abord de le rajeunir à la chaux, puis, de méchants bruits ayant couru, un second badigeonnage sel et poivre fut appliqué; mais il semble que le roi le prit fort mal.

Aujourd'hui le ton primitif s'est à peu pres rétabli; mais les sgrafittes, délicatement dentelés sur la chaux si dure d'Evora, qui ornaient le porche entre les écussons aux armes du Portugal, sont presque totalement disparus. Il y a peu de jours, en septembre, comme je passais par là, et la porte était ouverte, je vis un maçon récrepir une bonne partie des murs intérieurs, naguère recouverts de faïences; il n'a pu me dire quelle a été la destinée de ces jolis plaques en émail vert.

Mais pourquoi s'étonner de ces petites misères de province, lorsque à Lisbonne même, on voit (20 octobre) les antiques et glorieuses murailles et tours du château St. George, dont la vénérable patine était si belle, fraîchement blanchies à la chaux!

Le *lycée* d'Evora occupe une partie de l'ancienne Université.

Le bâtiment où logent à présent la Casa Pia, la préfecture, le bureau fiscal du district et le lycée fut construit par le cardinal-infant D. Henri pour le collége du Saint-Esprit, de la compagnie de Jésus. C'est un édifice à architecture jésuitique, solide et reglé comme une grammaire.

Fondé en 1551, les R. R. Pères y résidaient déjà trois années plus tard, malgré ses grandes dimensions, et en 1559 l'Université y fonctionnait déjà. Quelques altérations importantes ont eu lieu dans la suite. L'église actuelle, commencée en 1567, a été finie en 1574; la sacristie, très intéressante, a subi une réforme en 1599. Les faïences polychromiques de la chapelle principale sont datées 1631. La salle octogonale, à dôme élevé, où se croisent les deux grands corridors, est de 1726. Les classes et les salles du cloître ont de beaux tableaux en faïence datés 1746-1747.

Le grand corridor nord-sud, à présent sectionné, a 140 mètres de longueur; celui qui le coupe perpendiculairement a plus de 100 mètres. Le réfectoire est long de $37^{m},4$, large de $8^{m},7$, avec huit magnifiques colonnes dans l'axe moyen de la voûte. Je rapporte ces dimensions pour donner une idée de la grandeur de l'édifice.

Cette masse énorme de pierre et de marbre est percée de trois cloîtres, dont le plus grand était celui de l'Université; l'estampe en montre le côté sud où se détache le frontispice de la salle des thèses. Malheureusement l'intérieur de cette salle, qui aurait dû avoir une grande valeur artistique, est en ruines; la façade seulement est intacte. La belle photographie que j'ai sous les yeux donne l'impression nette de la beauté de ces marbres et de ce chef d'œuvre bien caractérisé du milieu du XVI[e] siècle. Deux encoignures, d'une ligne sobre, et trois arcs correspondant aux portes de la salle, et sur les arcs trois larges fenêtres; au milieu et en haut les armes du fondateur, l'écusson du Portugal couvert du chapeau et des pendants de cardinal; aux deux côtés dans la partie supérieure des encoignures, des statues en marbre, aux draperies bien lancées. Ce sont deux belles figures féminines, représentant les Universités royale et pontificale; la première porte le soleil et le sceptre en bronze, la seconde la lune et la crosse. Au dessus des armes du cardinal, deux anges supportent un médaillon enchâssant la divise I H S.

Aux deux côtés de ce frontispice court la galerie de la cour, une colonnade sobre, classique et solide, dans le premier étage; au deuxième, le balcon, très élevé, ceint de grilles en fer dans les intervalles des hautes bases des colonnes.

La cour du lycée, les classes, la grande salle, l'église et la sacristie, la chapelle particulière du cardinal, le réfectoire et son monumental lavabo, forment un ensemble digne d'intérêt. Ces arches lumineuses ont été maintes fois traversées par des figures historiques: D. Henri et D. Sébastien, François de Borja et Louis de Molina, et combien d'autres!

G. Pereira.

Lisboa

vista do castello de S. Jorge



Poucas vezes no mundo verá o viajante, como em Lisboa, tanta magnificencia de espectaculos naturaes, e tamanha variedade de scenario!

Lisboa observada da Penha de França, da Senhora do Monte, da Graça, do Castello (na praça Nova ou na esplanada da praça de armas), Lisboa contemplada do jardim de S. Pedro de Alcantara, da quinta da Torrinha em Valle de Pereiro, dos altos de Buenos-Ayres, ou do varandim do zimborio da Estrella, apresenta panoramas estonteadores, pela grandeza das linhas, e pelo variegado das minucias.

Tudo falla, tudo diz alguma coisa, tudo recorda historia ou lenda.

Temos ahi uma vista tomada da beira da esplanada sudoeste do castello de S. Jorge, e inundada do nosso formosissimo sol peninsular. Que vasto quadro!

Ao fundo, a linha uniforme da Outra-Banda (ou Banda-d'além, como diziam os antigos). Á esquerda o pontal de Cacilhas, Almada lá na cumieira do monte, e, muito por longe, o dorso azulado das serras de Cezimbra e Azeitão.

Nos primeiros e segundos planos uma parte da cidade baixa, creação pombalina do lapis de Reynaldo Manoel, orlada pelas ultimas casas do empinado morro de S. Jorge, e, no extremo occidental, pelas primeiras casas do monte de S. Francisco.

Vê-se á beira do Tejo o Terreiro do Paço (barbaramente chrismado em praça do Commercio), com o torreão do ministerio da guerra, reproducção quasi exacta do torreão filippino do antigo paço da Ribeira.

Vê-se o telhado do edificio do solar municipal, e a torre de S. Julião; e lá no fim o palacio, hoje muito mudado, dos Camaras, condes de Villa-Franca, tão bem estudado por Anselmo Braamcamp Freire no seu interessantissimo livro *O conde de Villa-Franca e a Inquisição*.

Basta um quadro assim, para justificar os enthusiasmos insuspeitos, com que os estrangeiros saudaram sempre a nossa capital.

«Parece-me extraordinario — escrevia em 1826 um viajante inglez — como se póde contemplar a magestade do Tejo, desde as janellas da hospedaria de Reeve, sem ficar assombrado com a magnificencia de tal quadro!» [1]

E vinte annos andados, exclamava Hughes:

«Lindissima se ostenta a formosa capital, como um amontoado de palacios de marmore levantado na orla d'aquelle glorioso rio! Só depois de um conhecimento intimo do interior da cidade é que a illusão se dissipa.» [2]

Se hoje voltasse o auctor a percorrer Lisboa, limpa, banhada de agua, enfeitada de jardins, cortada de avenidas, e melhorada em todo o genero de viação, veria todo o caminho andado na estrada do progresso material.

Honra e gloria a quem promove e fomenta os progressos sensatos, que têm transformado a inclyta Ulyssêa de Luiz Mendes e Marinho de Azevedo n'uma hospitaleira caravançára entre o antigo e o novo mundo.

O seculo XIX proseguiu na obra regeneradora do Marquez de Pombal. Ha de completal-a o seculo XX.

---

[1] *Sketches of Portuguese life,* by A. P. D. G., 1826, pag. 90.
[2] *Revelations of Portugal, and narrative of an overland journey to Lisbon at the close of 1846,* tom. II, pag. 287.

Lisbonne

vue du château St. George



Peu de fois est-il donné aux voyageurs de voir une telle splendeur et variété de spectacles naturels comme à Lisbonne!

Soit qu'on l'observe de Penha da França, de Notre Dame de la Montagne, de Notre Dame de la Grâce ou du Château (place Nouvelle, esplanade de la place d'Armes) — soit qu'on la contemple du jardin de St. Pierre d'Alcantara, de la ferme de Torrinha dans la Vallée de Pereiro, des éminences de Buenos-Ayres ou de la galerie extérieure du dôme de l'Étoile, toujours le panorama est superbe et plein de détails charmants.

Tout y parle, tout y rappelle des souvenirs du domaine de l'histoire ou de la légende.

Voici une vue, prise du bord de l'esplanade sud-ouest du château St. George, et dorée du beau soleil péninsulaire. Quel vaste tableau!

Au fond la ligne uniforme de Outra-Banda (ou Banda d'Alem, comme disaient les anciens); à gauche le débarcadère de Cacilhas, Almada au sommet de la colline, et dans l'extrême horizon le dos bleuté des monts de Cezimbra et d'Azeitão.

Dans le premier et le second plans une partie de la ville basse, reconstruite par le marquis de Pombal sur les plans de Reynaldo Manuel, bordée par les dernières maisons du tertre escarpé du chateau St. George; et dans l'extrême occidental les premières maisons de celui de St. François.

On voit, au bord du Tage, le Terreiro do Paço (dont le nom a été sottement changé contre celui de place du Commerce), où se dresse la tour du Ministère de la Guerre, reproduction presque exacte de celle de l'ancien Palais de Ribeira, construite sous les Philippes. On voit aussi le toit de l'Hôtel de Ville et la tour St. Julien; et tout au loin le palais, aujourd'hui très changé, des Camaras, comtes de Villa-Franca, si bien étudié par Anselme Braamcamp Freire dans un livre très intéressant, *Le comte de Villa-Franca et l'Inquisition.*

Il suffit d'un tableau pareil pour justifier l'enthousiasme insuspect de tant d'étrangers.

«Il me semble extraordinaire — disait en 1826 un voyageur anglais — qu'on puisse contempler la majesté du Tage, des fenêtres de l'hôtellerie Reeve, sans être étourdi par la magnificence de ce spectacle!» [1]

Et, vingt ans plus tard, s'écriait Hughes:

«La belle capitale s'étale splendidement, comme un amas de palais de marbre dressés sur la rive de cette glorieuse rivière! Ce n'est qu'après une connaissance plus approfondie de l'intérieur de la ville que l'illusion s'évanouit.» [2]

Si l'auteur parcourait la Lisbonne d'aujourd'hui, propre, baignée d'eau, embellie de jardins, coupée d'avenues, il aurait constaté combien elle s'est avancée dans la voie des progrès matériels. C'est une vraie gloire pour ceux qui ont encouragé et provoqué ces réformes que d'avoir changé l'Ulyssée de Luiz Mendes et de Marinho d'Azevedo dans un caravansérail hospitalier, placé à mi chemin de l'Ancien et du Nouveau Monde.

Le XIXe siècle a poursuivi la tâche régénératrice du Marquis de Pombal; c'est au siècle actuel de la compléter.

---

[1] *Sketches of Portuguese life,* by A. P. D. G., 1826, pag. 90.
[2] *Revelations of Portugal, and narrative of an overland journey to Lisbon at the close of 1846,* tom. II, pag. 287.

Mosteiro do Coração de Jesus

Ahi temos o mosteiro da Estrella; é uma das bellas obras de Lisboa; direi de relance alguma coisa do pouco que sei.

Deu nome ao sitio Nossa Senhora da Estrella, orago do templo do proximo convento benedictino chamado vulgarmente «a Estrellinha», fundado em 1672 (hoje hospital militar). Eram por ahi terras de semeadura a perder de vista. Lisboa acabava, a bem dizer, no grande e magnifico cenobio de S. Bento (hoje as Côrtes e a Torre do Tombo).

Foi n'esses chãos da Estrella que em 1775 se estabeleceu uma praça de touros, de que existe vestigio documental.

Uma piedosa rainha, a snr.ª D. Maria I, intentou ahi em 1779 a edificação de um mosteiro dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, uma das suas maiores devoções. Delineou-o Matheus Vicente, architecto de uma parte do paço de Queluz, fallecido velho em 1786.

Ao edificio chama Cyrillo Wolkmar Machado «obra sumptuosa, apesar de que transluz, por entre a magnificencia da Soberana que a mandou fazer, o espirito mesquinho do homem que a desenhou»; apreciação severa em demasia, me parece, e pareceria tambem a certo viajante inglez, que em 1826 escreveu:

«O *convento novo,* edificado pela fallecida rainha, é o trecho mais nobre de architectura emprehendido depois do terremoto.» [1]

O conde Raczynski não pecca por indulgente; pois esse severo critico diz:

«Esta egreja, imitação de S. Pedro de Roma, é o edificio lisbonense que offerece no seu todo melhor aspecto.»

Fallecido Matheus Vicente, assumiu a direcção das obras o major Reynaldo Manoel dos Santos, a quem Lisboa tanto deve.

Consta o edificio de uma nobilissima egreja e de um vasto mosteiro, com larga cêrca. Ninguem deixará de reconhecer n'esta fabrica imponente o melhor estylo italiano do seculo XVIII, uma especie de Mafra em ponto reduzido. Elegancia de fórmas, preciosidade de materiaes, sábia adaptação do classico ao culto christão, e um todo esbelto, que na affirmação esthetica das suas prumadas, no erguido dos seus campanarios apontando ao céo, e no vulto extraordinario do seu zimborio colossal, ponto de mira de toda a cidade, revela o sentimento fastuoso da fórma, respira um pensamento catholico, por assim dizer, communicativo, e falla em Deus.

Apontam-se imperfeições no desenho? talvez, a começar pelo acanhado dos portões da frontaria; mas qual é a obra humana que não as tem?

La critique est facile, et l'art est difficile.

No seu conjuncto, a Real Basilica da Estrella é um dos brazões de Lisboa, e faz honra a Portugal.

Levantar um monumento d'esta ordem é crear uma escóla. A Batalha ensinou. Mafra ensinou. A Estrella ensinou e vulgarisou.

A augusta fundadora assistiu em pessoa ao lançamento solemne da primeira pedra em 1779, e á collocação da ultima em 1790; e conseguiu do Santo Padre, por intermedio do nosso ministro em Roma, D. João de Almeida de Mello e Castro, entre outras graças, a de se celebrar annualmente em todo o reino e dominios missa e officio no anniversario da dedicação da Basilica.

Em carta de 8 de agosto de 1786 doou a rainha ás suas religiosas este mosteiro, a egreja, e o rendimento dos moinhos salgados de Tavira.

Muitos artistas notaveis ahi trabalharam, o que torna este edificio um museu de arte nacional. Exemplos:

No frontispicio e no atrio são de Joaquim Machado de Castro varias estatuas em nichos, por elle assignadas, e executadas por elle e outros artistas, os melhores que tinhamos.

O interior do templo é todo marmores nacionaes; a luz que jorra do alto realça as preciosidades de architectura e esculptura. A Rainha jaz na capella-mór, em sumptuoso mausoleo.

[1] *Sketches of Portuguese life,* 1826, pag. 110.

Couvent du Cœur de Jésus

Voici le couvent de l'Étoile, un des plus beaux monuments de Lisbonne, sur lequel cependant je me bornerai à de courtes notes.

Le nom du quartier provient de Notre Dame de l'Étoile, patronne du temple bénédictin qui est tout près, fondé en 1672 et connu sous le nom de «Estrellinha» (à présent Hôpital Militaire). C'étaient autrefois, à perte de vue, des terres labourées, car Lisbonne, à vrai dire, finissait dans le grand et magnifique monastère de St. Benoît (aujourd'hui le Parlement et la Tour des Archives).

C'est sur ces terrains de l'Étoile qu'en 1775 on bâtit une place de taureaux, dont il reste des vestiges écrits. Plus tard, en 1779, la pieuse reine D. Maria I y ordonna la construction d'un couvent, dédié au Sacré Cœur de Jésus, dont elle était fort dévote. Le plan en fut tracé par Mathieu Vincent, architecte à qui l'on doit une partie du palais de Queluz, et qui est mort en 1786 dans un âge avancé.

Cyrille Wolkmar Machado, en apréciant l'édifice, le déclare «un ouvrage somptueux qui montre toutefois, à travers la magnificence de la Souveraine qui en ordonna la construction, l'esprit mesquin de celui qui l'a projetée»; jugement trop sévère qui est en parfaite opposition à celui d'un voyageur anglais déjà cité:

«Le *nouveau couvent,* bâti par la feue reine, est le plus beau morceau d'architecture entrepris après le tremblement de terre.»

Le comte Raczynski, peu enclin à l'indulgence, se prononce dans les termes suivants:

«Cette église, imitation de St. Pierre de Rome, est de tous les édifices de Lisbonne celui dont l'ensemble offre le meilleur aspect.»

Après la mort de Mathieu Vincent, la direction de l'ouvrage fut confiée au major Reynault Manuel dos Santos, à qui Lisbonne est redevable de beaucoup de choses.

L'édifice est formé par une belle église et un vaste couvent, auquel est annexé un large enclos. Tout le monde y reconnaît aisément le meilleur style italien du XVIIIe siècle, rappelant, sauf pour les dimensions, le célèbre couvent de Mafra. L'élégance des formes, la richesse des matériaux, l'adaptation savante du classique au culte chrétien, donnent un cachet artistique indéniable à l'ensemble, dont les tours dressées vers le ciel et le dôme colossal, point de mire pour toute la ville, révèlent, à côté du sentiment de la forme, une profonde pensée catholique qui élève les esprits vers Dieu.

Des imperfections se sont-elles glissées dans le dessin? Sans doute; les proportions mesquines des portes de la façade en offrent le premier exemple. Mais quel est l'ouvrage humaine qui en est exempt?

La critique est facile, et l'art est difficile.

Malgré ces défauts, la Royale Basilique de l'Étoile est un des plus beaux édifices dont Lisbonne et le Portugal puissent s'enorgueillir.

Ériger un monument de cet ordre équivaut à créer une école. Les couvents de Batalha et de Mafra ont enseigné; celui de l'Étoile a enseigné et vulgarisé.

L'auguste fondatrice a presidé elle-même à la pose de la première pierre en 1779 et à celle de la dernière en 1790; par l'entremise de D. Jean d'Almeida de Mello et Castro elle a obtenu du St. Père, entre autres grâces, celle de faire dire messe et office à l'anniversaire de la dédicace de la Basilique, dans toute l'étendue du royaume et des colonies.

La charte du 8 août 1786 avait déjà fait aux religieuses la donation de l'église et du couvent, ainsi que des rentes des moulins salés de Tavira.

Beaucoup d'artistes remarquables y ont travaillé, ce qui rend cet édifice un musée d'art national. Dans la façade et les parois il y a plusieurs statues dans des niches, signées de Joachim Machado de Castro et executées par lui et par ses meilleurs élèves. L'intérieur du temple est en marbre portugais; la lumière qui tombe d'en haut en rehausse les richesses d'architecture et de sculpture. La Reine gît dans la chapelle principale, dans un superbe mausolée.

La Sainte Famille est de François Pinto Pereira. Le tableau du Sacré Cœur de Marie est dû au

[1] *Sketches of Portuguese life,* 1826, pag. 110.

O quadro de Jesus Maria José é de Francisco Pinto Pereira.

Da Princeza D. Maria Benedicta, caridosa fundadora do Asylo de Runa, é o quadro do Coração de Maria. Raczynski, sempre meticuloso, acha-o pouco digno do logar.

O notabilissimo retabulo do altar-mór é do celebre Pompeu Jeronymo Batoni, e foi trazido em 1785, pelo artista gravador Eleutherio Manoel de Barros, de Roma, onde estudava gravura. A composição é digna da execução.

Em 1790 transferiram-se para a sua nova habitação as religiosas Carmelitas de Santa Thereza, e ahi permaneceram exemplarmente até ha poucos annos. Pelo fallecimento da ultima professa foi secularisado o mosteiro, e para o templo passou a séde da parochia da Lapa, sendo o mosteiro occupado pela commissão geodesica.

Os sinos da Estrella são bellissimos, e ouvem-se de muito longe. Aquelles sons graves e solemnes lembravam a meu pae as campas de Santa Cruz de Coimbra no tempo d'elle. Todos nos recordamos de ouvir correr o grande sino das nove horas no inverno, e das oito no verão, chamando as freiras ao côro. Esse longo e demorado bradar religioso era caracteristico; ia acordar muita gente ainda nos intermundios do sonho, e fazia companhia ao viver profano da cidade. Tudo isso acabou: as freiras e o toque do côro; resta que britem a cantaria do convento para avenidas de nullidades.

Aqueducto das Aguas-livres

Tem o leitor diante dos olhos uma parte do aqueducto chamado das *Aguas-livres,* em Lisboa. Obra romana pela grandeza, pelo porte, pelo acabado; verdadeira maravilha de construcção, que o terremoto respeitou, e que admiram as successivas geraçoes, estrangeiras e nacionaes; colossal emprehendimento que dá gloria ao nome portuguez.

Correspondeu á mais urgente das exigencias de uma cidade populosa: o seu abastecimento de agua pura. Sem agua não ha vida, não ha frescura, não ha alamedas, não ha jardins, não ha salubridade, não ha civilisação. Comquanto abundassem aqui as nascentes, ou pertenciam a particulares, ou não eram de boa agua, ou, pela sua situação, tinham pouca utilidade. Pensou-se pois, desde seculos, em dar á cidade o regalo de um liquido, que não é (como ainda pensam alguns) só uma bebida refrigerante.

Coube a el-rei D. João v, o nosso Luiz xiv, a honra e a gloria de vincular o seu nome á obra monumental da canalisação. Teve defeitos esse gentil soberano? talvez; mas a agua tudo lava.

Delineou e executou a obra, com o seu talento e a sua pericia, o grande engenheiro Manoel da Maia.

Maia era brigadeiro, guarda-mór da Torre do Tombo, chronista da casa de Bragança, e mestre de mathematica do principe D. José, depois rei. Dos seus estudos academicos, ninguem falla; o seu generalato foi uma grandeza balôfa; a mathematica do principe ficou de certo muito mediocre; as chronicas da casa de Bragança jazem no tinteiro. Os verdadeiros titulos de Manoel da Maia á nossa gratidão são, pelo menos, dois; mas que titulos! a admiravel e zelosa administração no archivo real, e a obra do aqueducto.

Vinte e um annos, apenas, consumiu o trabalho herculeo d'esta construcção estupenda, que mede de extensão tres leguas (nove mil toezas) desde Bellas até ás Amoreiras, com cento e vinte e sete arcos, e respiradouros adequados. Quasi ninguem dá valor á tarefa, porque no seu maior percurso as galerias vão modestamente escondidas debaixo da terra; todos porém percebem o que é, e o que vale, a obra de Manoel da Maia, quando ella sae a descoberto no alto de uma serra em Campolide, quando a vêem desembocar lá de cima, e atravessar em linha grandiosa para o lado opposto do valle sobre a ribeira de Alcantara, desenrolando com incrivel magestade os seus enfileirados trinta e cinco arcos, e dezaseis torres de arejamento, n'uma recta quebrada de quatrocentas toezas (ou dois mil quatrocentos e sessenta e quatro pés), e erguendo o arco grande, de ominosa memoria, a uma altura de trezentos e quinze palmos (ou duzentos e trinta pés inglezes), com uma largura de cento e cincoenta e oito palmos (ou cento e sete pés). Quatorze d'esses arcos são ogivaes; o resto é de volta inteira.

Chamei de *ominosa memoria* ao arco grande; todos me entendem; foi o alto d'aquella ogiva o theatro lugubre das façanhas de Diogo Alves, o assassino. O ecco d'essa abobada, que repete varias vezes cada palavra, ainda se lembrará talvez dos ais angustiosos das victimas arrojadas lá de cima, e volteando no ar até se espalmarem no lagedo natural do chão.

pinceau de la princesse D. Marie Benoîte, charitable fondatrice de l'Asyle de Runa; Raczynski, toujours méticuleux, le trouve peu digne du lieu.

Le très remarquable rétable du maître-autel est du célèbre Pompée Gérôme Batoni, et fut apporté en 1785 de Rome, par l'artiste Eleuthère Manuel de Barros qui y étudiait la gravure. L'éxécution est digne de la composition.

C'est en 1790 que les religieuses carmélites de Ste. Thérèse prirent possession de leur nouvelle habitation, qu'elles gardèrent jusqu'à peu d'années. Après la mort de la dernière religieuse professe le couvent fut sécularisé; il est occupé à présent par le Comité Géodesique, et la Basilique est devenue l'église paroissiale de Lapa.

Les cloches de l'Étoile sont excellentes et se font entendre de fort loin; leurs sons graves et harmonieux rappelaient à mon père ceux du monastère de la Sainte Croix, à Coïmbra. Je me souviens d'avoir maintes fois entendu la grande cloche sonner les matines, à neuf heures l'hiver, à huit heures l'été. Cette longue sonnerie religieuse, très caractéristique, qui réveillait beaucoup de gens encore plongés dans le sommeil, se mêlait d'une manière étrange à la vie profane de la ville. Tout cela est disparu, nonnes et sonneries; ce sera bientôt le tour du reste, pour la gloire de nos plus authentiques nullités.

Aqueduc d'Aguas-livres

Le lecteur est en face d'une partie de l'aqueduc d'*Aguas-livres* (eaux-libres) à Lisbonne, ouvrage romain dans la grandeur, le fini et les proportions; une vraie merveille de construction respectée par le grand tremblement de terre et admirée par plusieurs générations.

Cette colossale entreprise, qui fait l'honneur du nom portugais, est née du besoin le plus impérieux d'une ville populeuse: l'approvisionnement de bonne eau. Sans eau point de vie et de fraîcheur, point de jardins et d'avenues, point de salubrité et de civilisation. Il semble que les sources étaient assez nombreuses à Lisbonne, mais celles destinées au public étaient mauvaises ou d'un débit insuffisant. Toujours est-il que, il y a des siècles, ce problème d'une gravité exceptionelle manquait d'une solution acceptable.

C'est au roi D. Jean v, notre Louis xiv, qu'appartient l'honneur d'attacher son nom à l'ouvrage monumental de la canalisation. L'eau qui lave tout fera sans doute disparaître, de ce fait, beaucoup de défauts de ce roi fastueux.

L'ouvrage a été projeté et éxécuté par le grand ingénieur Manuel da Maia. Il était général de brigade, grand-archiviste, chroniqueur de la Maison de Bragance, et montrait les mathématiques au prince D. Joseph, couronné plus tard sous ce nom. Ses études académiques sont entièrement oubliés; son généralat n'a été qu'une vaine grandeur; les connaissances mathématiques du prince n'ont pas atteint certainement une grande profondeur; les chroniques de la maison de Bragance ne sont jamais parues. Malgré tout cela, Manuel da Maia a conquis deux titres indiscutables à notre gratitude: son admirable administration de l'Archive Royal et la construction de l'Aqueduc.

Ce fut l'affaire de vingt et une années, l'achèvement de cet extraordinaire ouvrage qui ne mesure pas moins de trois lieues (neuf mille toises) de Bellas jusqu'à Amoreiras, et s'avance sur cent vingt sept arcs garnis des soupirails correspondants. Il y a peu de personnes qui sachent estimer à son juste prix la tâche que Maia a si bien menée à bout, car la galerie de conduction des eaux est souterraine dans la plus grande partie de son trajet. Lorsque, toutefois, en débouchant des hauteurs de Campolide, elle franchit toute la vallée d'Alcantara jusqu'à la côté opposée, on est émerveillé du spectacle grandiose des trente cinq arcs, surmontés de seize tours soupirails, qui se développent majestueusement dans une extension de quatre cents toises (deux mille quatre cent soixante quatre pieds anglais).

Vingt et un de ces arcs sont en plein cintre; le reste est ogival, y compris le grand arc, haut de trois cent quinze palmes (deux cent trente pieds) et large de cent cinquante huit palmes (cent sept pieds). D'éxécrables souvenirs sont attachés à cette ogive gigantesque, le théâtre des exploits du fameux assassin Diogo Alves. L'écho de cette voûte, qui répète un mot plusieurs fois, résonne encore des cris de tant de malheureuses victimes precipitées d'en haut, et tournoyant dans l'espace jusqu'à s'aplatir dans les dalles naturelles du sol. Laissons de côté ces sinistres souvenirs, et venons à notre sujet.

Il est fréquent d'entendre dire que cet aqueduc est une erreur de physique, qui témoigne de

Mas deixemos essas recordações sinistras; com aguas passadas não moem moinhos; e vamos ao que mais importa.

Costuma dizer-se que este aqueducto é um erro de physica, e mostra a ignorancia de nossos avós sobre a subida da agua até quasi á altura d'onde desce. Parece-me engano. Elles conheciam essa lei hydraulica; o que não tinham eram tubos, que resistissem ao peso enorme de tantos milhares de quintaladas. Conduziram por isso a agua em caminho quasi horizontal.

A entrada da agua em Lisboa é triumphal. Cae em enorme cascata dentro do recinto da *mãe d'agua*, ou castello d'agua, das Amoreiras, junto ao sitio onde foi a celebre fabrica de ceramica, cujos productos, cada vez mais raros, tão apreciados são dos colleccionadores.

A mãe d'agua é uma torre monumental, ou fortaleza quadrangular, elevadissima, toda de cantaria (como o Colliseu ou o Pantheon de Agrippa). A agua, cançada da sua carreira de tres leguas, precipita-se lá dentro n'um vastissimo tanque de cento e vinte e cinco pés de comprido, cento e sete de largo, e trinta e sete de profundidade. O estrondo da catadupa é bello n'aquella abobada sonora. Em volta corre uma varanda larga onde se passeia, e d'onde se sente, na presença de tão ampla massa de aguas, a attracção do abysmo. O academico Estevão Cabral publicou nas *Memorias economicas* uma memoria sobre este edificio, bisarma cujas paredes têm de grossura vinte e cinco palmos, contendo onze mil pipas de liquido.

Vida piscatoria do Aterro da Boa-Vista

A photographia reuniu de relance n'essa chapa uma porção de typos populares lisbonenses pertencentes á classe amphybia dos ovarinos pescadores e vendilhões.

É o *cormorão* uma ave engenhosa, que os naturalistas chamam *pelicanus sinensis;* aprende a pescar, como a caçar aprende o perdigueiro; mergulha, e traz sempre peixe. Ora os ovarinos são os cormorões de Lisboa. Voltam das suas excursões de cabotagem com os cabazes cheios... para as nossas mesas.

Laboriosa raça esta, que, desde seculos, aninhada por ahi nos bairros proletarios, se dá intimamente com as aguas, se atreve com as furias do mar alto, e d'elle consegue viver; vida atarefada, cheia de lucta e miserias, mas nobre porque é independente.

Vem quasi toda esta boa gente de Aveiro, Ilhavo e Ovar; por aqui se demoram, elles e ellas, n'uma povoação esplendida como esta, de que não gozam, casando entre si, e habitando exclusivamente as empinadas e vetustas viellas do Mocambo, que são uma especie de Alfama de Buenos-Ayres; ahi formam numerosa colonia, que enxameia, se zanga, ralha, e restruge n'uma algaravia de atroar o mundo; mas, afinal de contas, são gente pacifica e boa, como toda a raça laboriosa. Arroyos tem outro retalho da colonia.

Lisboa hospedava antigamente os ovarinos (termo generico) por Alfama; hoje são raros lá. A margem do Tejo ampliou-se, comeu muitas braças ao mar, e perdeu a feição velha, altamente pittoresca, encanto dos pintores de genero. O Aterro da Boa-Vista e o seu seguimento foram assassinos; mataram preciosos quadros cheios de côr e originalidade, verdadeira galeria de costumes, onde os pintores, os caricaturistas, os philologos, os archeologos, e os poetas, tinha muito e muito que respigar.

A photographia que apresentamos mostra-nos retalhos, que ainda restam, da buliçosa vida da praia, e o marulhar d'aquelle pequeno commercio de sardinhas, linguados e carapaus, que em poucas horas abastece a grande cidade. Apparece o mercado, o quarteirão que pelo sul enquadra o largo de S. Paulo, no alto a egreja das Chagas, ligada por uma lenda sem fundamento com a historia dos amores de Camões, e sobre a esquerda o pittoresco alto de Santa Catharina.

Ha muita vida n'esse quadrinho. Aqui, alli, passam as esculpturaes varinas (o *o* etymologico perdeu-se na pronuncia). As fórmas garbosas d'essas mulheres são proverbiaes. As varinas caminham como estatuas; e com o seu andar firme, a sua linha elegante, e o braço erguido até ao cabaz, lembram as *canéphoras* athenienses de Minerva. Personificam a belleza do trabalho do mar; e o mar é sempre bemvindo aos portuguezes.

Lumiar, 26 de outubro de 1901.

Julio de Castilho.

l'ignorance de nos aïeux en matière de lois hydrostatiques. Je crois, pourtant, qu'ils savaient fort bien que l'eau remonte jusqu'à peu près l'hauteur d'où elle était tombée; mais ils manquaient de tubes assez solides pour résister à des pressions de tant de milliers de quintaux. C'est pourquoi ils ont frayé à l'eau un chemin presque horizontal.

L'entrée de l'eau à Lisboa est triomphale. Elle tombe en belle cascade dans l'enceinte du Château d'eau de Amoreiras (*Mãe d'agua*), près de l'emplacement de la fabrique disparue de faïences de Rato dont les produits, de plus en plus rares, font la joie des collectioneurs.

Le Château d'eau est une tour monumentale très élevée, à section rectangulaire, bâtie en pierres de taille (comme le Colosséum ou le Panthéon d'Agrippa). L'eau, fatiguée d'une course de trois lieues, s'y précipite dans un énorme bassin, long de cent vingt cinq pieds, large de cent sept et profond de trente sept; le fracas de la cascade, grossi par la sonorité de la voûte, est étourdissant. Il y a tout autour du bassin un promenoir assez large pour les visiteurs. Étienne Cabral, membre de l'Académie Royale des Sciences de Lisbonne, a publié, dans les *Mémoires économiques*, un mémoire sur cet édifice massif, dont les murs ont vingt cinq palmes de grosseur et qui contient onze mille pipes d'eau.

Marchandes de marée au quai de Boa-Vista

La photographie a fixé dans ce cliché plusieurs types populaires de Lisbonne, appartenant à la classe amphibie des pêcheurs et marchands *ovarinos.*

Le *cormoran* est un oiseau ingénieux que les naturalistes nomment *pelicanus sinensis;* il apprend à pêcher de même que les chiens apprenent à chasser; il plonge dans les flots et en apporte toujours du poisson. Les ovarinos sont les cormorans de Lisbonne; ils reviennent de leurs excursions de cabotage les paniers pleins de poisson pour nos tables.

Race laborieuse qui, depuis des siècles, est casé dans les quartiers de prolétaires et n'en sort que pour braver la furie des flots, en y menant une vie pénible, pleine de luttes et de misères, non exempte toutefois de la noblesse que seule peut donner une parfaite indépendance.

Presque tout ce monde provient d'Aveiro, d'Ilhavo et d'Ovar, et forme à Lisboa une colonie à part; ils se marient entre eux sans se mélanger guère au reste de la population. Indifférents aux beautés et aux plaisirs de la capitale, on les trouve presque exclusivement à Arroyos, ou bien dans les vieilles ruelles abruptes de Mocambo, une sorte d'Alfama du quartier de Buenos-Ayres; ils y grouillent et se démènent, se querellent et s'injurient dans un jargon spécial, au milieu d'un vacarme étourdissant. Au fond ce sont de braves gens pacifiques, comme d'ailleurs toutes les races laborieuses.

Autrefois c'était Alfama le quartier préféré des *ovarinos* (terme générique); mais on les y trouve déjá fort rarement. La rive droite s'est avancée de plusieurs brasses sur le Tage en perdant l'aspect hautement pittoresque d'autrefois, qui faisait le charme des peintres de genre. Le quai de Boa-Vista, ainsi que ceux qui suivent, ont détruit une foule de tableaux précieux, pleins de couleur et d'originalité, où les peintres, les caricaturistes, les philologues, les archéologues et les poètes auraient beaucoup à glaner.

La photographie ci-jointe nous montre un coin remuant du quai, et nous permet d'apprécier le frétillement du petit commerce de sardines, de soles et d'épinoches qui en peu d'heures approvisionne la grande ville. On voit le marché, le carré de maisons qui fait le côté sud de place St. Paul; en haut l'église des Chagas, à laquelle se rattache une légende, dénuée de fondement, sur les amours de Camoëns; enfin, à gauche, le pittoresque côteau de Ste. Catherine.

Il y a beaucoup de vie dans ce petit tableau. Ça et là des *varinas* (l'*o* étymologique est disparu dans la prononciation), dont les formes sculpturales sont justement renommées. Elles marchent comme des statues; l'allure ferme, la ligne élégante, le bras relevé contre la manne posée sur la tête rappellent les *canéphores* athéniennes de Minerve.

Elles personnifient la beauté des luttes de l'Océan, pour lequel les portugais ont toujours senti d'irrésistibles attraits.

Lumiar, le 26 octobre 1901.

Julio de Castilho.

Cintra



A PEQUENA villa de Cintra, com a sua casaria compacta e unida, concentra-se em volta ao velho Paço Real e preguiçosamente se estende em ruas ingremes e estreitas, n'uma limitada facha, até á estrada que da Sabuga segue para os Pisões. Depois e para todos os lados, succedem-se as formosas quintas de S. Sebastião, Douche, Vigia, Vallada, Vianna, Ramalhão, Saldanha, Regaleira, Relogio, Murtas, Seteaes, Penha Verde, Vianninha, Monserrate, e todas ellas e tantas outras com a moderna Villa Estephania, o famoso Castello da Pena, a Cruz Alta, os Capuchos, as chamadas serras do Vianninha e das Romas, Penha Longa, a Peninha e Collares constituem a bella serra de Cintra, massiço de granito de 5 kilometros de largura por 10 de comprimento que nos mais graciosos corcovos se eleva em S. Pedro, a 22 kilometros N. W. de Lisboa e termina abruptamente no Cabo da Roca junto ao mar.

O distincto engenheiro o snr. P. Chauffat que, melhor que ninguem, estudou geologicamente a serra, affirma que o massiço granitico é cercado d'uma cintura de malm, profundamente metamorphoseado em muitos pontos, em que os calcareos primitivamente negros se transformaram em marmore branco. N'outros pontos os filões de granito atravessam o calcario e os schistos que lhe são sobrepostos.

Quanto á sua flora, ella é simplesmente admiravel, pois se vêem ao lado umas das outras, arvores e plantas das latitudes mais oppostas. A força da vegetação é extraordinaria, mal se chegando a comprehender que arvores tamanhas tenham as suas raizes em terreno tão eriçado de agreste penedia. A agua corre e brota por toda a parte fazendo da serra, não raro coberta de nevoa, a mais deliciosa estação de verão que possa sonhar-se. E como de toda a parte se descortinam lindos panoramas, as bellezas de Cintra têm uma reputação universal.

Tomada aos mouros por El-Rei D. Affonso Henriques no anno de 1147 ainda hoje, por toda a parte e a cada passo, se encontram vestigios da sua velha historia. O seu primeiro foral de villa data de 1154, foral que El-Rei D. Sancho confirmou em 1189, sendo reformado por El-Rei D. Manoel en 1514.

A villa de Cintra, que tem por armas um castello com tres torres, foi sempre residencia predilecta dos Reis de Portugal, que se não cansavam em lhe augmentar os privilegios. Os proprios Filippes seguiram esta tradição. Doada por D. Diniz á Rainha Santa, andou quasi sempre na casa das Senhoras Rainhas.

Das suas mais remotas éras restam as pittorescas ruinas do Castello dos Mouros, cortina ameiada, com as suas torres quadradas, que se ergue, por entre os rudes penhascos, ao longo d'uma das cristas caprichosas da serra. Quem hoje visita essas ruinas, apenas amparadas pela hera viçosa, fica extasiado diante da deliciosa vista que os seus olhos alcançam descendo pela copa das arvores, que cobrem as rudes encostas, até se perder na larga planicie de vastos campos e charnecas, que se estendem até ao mar. E não se lembra talvez que, como alguns pretendem, esse castello fôra edificado pelos Turdulos no anno do mundo 3382, e mais tarde reedificado pelos mouros no anno 713 da nossa éra, depois da batalha que perdeu D. Rodrigo, o derradeiro Rei dos Godos, contra Tarifa Abenzaca, nos ferteis campos da Andaluzia. Nem tão pouco que depois de ser terra portugueza El-Rei D. Sancho I o reformára, e que ainda D. Fernando I em 1373 completamente o guarneceu, conservando-se assim até 1383, sendo seu governador D. Henrique Manoel de Vilhena, conde de Cêa e Cintra, que tinha o castello por parte da rainha D. Leonor, viuva de El-Rei D. Fernando I. A partir d'essa data

Cintra



LA PETITE ville de Cintra se réduit à un amas peu considérable de maisons separées par des ruelles raides et tortueuses, qui se pressent autour du vieux Palais Royal, sans dépasser guère la route qui de Sabuga mène aux Pisões. Tout autour du bourg se succèdent, dans toutes les directions, les jolis villas St. Sébastien, Douche, Vigia, Vallada, Vianna, Ramalhão, Saldanha, Regaleira, Relogio, Murtas, Seteaes, Penha Verde, Vianninha, Monserrate, Stéphanie et tant d'autres encore; en leur joignant le fameux Château de Pena, Cruz Alta, Capuchos, les hauteurs de Vianninha et de Romas, Penha Longa, Peninha et Collares, on aura à peu près tout ce qui forme la chaîne de Cintra, — massif granitique de 10 kil. de long sur 5 kil. de large qui s'élève en gracieuses ondulations jusqu'à St. Pierre à 22 kil. N. W. de Lisbonne, et finit abruptement au Cap Roca, sur la mer.

D'après M. Paul Choffat, l'ingénieur distingué auquel nous sommes redevables des meilleures études géologiques de cette contrée, le massif granitique serait entouré d'une ceinture de malm profondément métamorphosé en plusieurs points, le calcaire primitivement noir s'étant changé en marbre blanc; quelquefois les filons granitiques affleurent ou percent les couches calcaires et schisteuses qui leur sont superposées.

Rien n'égale l'opulence de la flore de cette région, où poussent avec une égale vigueur les plantes des latitudes les plus éloignées; cela dans un terrain herissé de rochers, où tiennent cependant des arbres d'une grosseur considérable. L'eau jaillit de toutes parts et coule abondamment, ce qui fait de la montagne, souvent enveloppée de brouillards, la plus délicieuse station d'été qu'on puisse rêver; et comme d'ailleurs les vues en sont de partout admirables, les beautés de Cintra jouissent d'une réputation universelle.

Le bourg de Cintra, dont l'écusson porte un château à trois tours, a été toujours la résidence favorie des rois du Portugal, même sous la domination espagnole. Par suite de donation faite par le roi D. Denis à sa femme, il a presque toujours appartenu à la maison de la Reine.

Le premier roi portugais, D. Alphonse Henriques, le prit aux sarrasins en 1147, et sept ans plus tard lui octroya une charte, confirmée par D. Sancho en 1189 et réformée en 1514 par D. Manuel.

Les traces visibles de cet âge reculé se bornent aux ruines pittoresques du château des maures, courtine crénelée et tapissée de lierre, à tours carrées, qui se dresse entre des blocs énormes au long de la crête capricieuse de la montagne. Le touriste qui la parcourt, non sans fatigue, en est amplement dédommagé par un coup d'œil superbe, qui descend sur la cime des arbres les flancs escarpés de la montagne et embrasse la vaste plaine, qui déroule en bas ses champs et ses landes jusqu'aux bords lointains de la mer.

La légende veut que ce vieux château ait été bâti par les Turdules, l'an 3382 du monde, et rebâti en 713 par les maures, après la bataille tristement célèbre que le dernier roi goth D. Rodrigo perdit contre Tarifa Abenzaca, dans les plaines fertiles de l'Andalousie. Tombé en 1147 au pouvoir des portugais, il fut réformé par D. Sancho I et complètement garni en 1373 par D. Ferdinand I; lors des troubles révolutionnaires de 1383 le comte de Cêa et de Cintra, D. Henri Manuel de Vilhena, le tenait pour la reine D. Léonore, veuve du roi D. Ferdinand. A partir de cette époque le silence se fait dans les chroniques jusqu'à 1842, date à laquelle le conseil municipal de la ville le céda par bail emphytéotique au roi D. Ferdinand II, qui ne put qu'arrêter l'effondrement total du château. En effet, outre les tours,

calam-se as chronicas, e o decorrer dos seculos não fez d'esse monumento senão ruinas até que em 1842 entrou, por aforamento á camara da villa, na posse de El-Rei D. Fernando II, que não fez mais que sustar-lhe o completo desmoronamento.

Hoje, na visita ao Castello, além das torres, pouco mais se descobre que duas pequenas portas abertas na espessa muralha e as ruinas da mesquita, que El-Rei D. Affonso Henriques transformou em capella, dando-lhe como orago o Apostolo S. Pedro; logo depois a chamada «cisterna dos mouros», onde existe agua nascente apesar da grande altura a que está situada. Ainda, perto d'uma das torres, uma tulha d'onde affirmam que partia um caminho subterraneo que ia dar a Rio de Mouro. Á mais alta das torres onde, no dizer do abbade de Castro, se arvorava a Sina (bandeira real), ainda hoje se chama a torre real.

Perto e n'outra cumiada fica o pittoresco Castello da Pena, castello edificado por el-rei D. Fernando II nas ruinas do velho convento, aproveitando-lhe o graciosissimo claustro, as cellas que encontrou ainda de pé e a formosissima capella. Sem uma architectura definida e caracteristica, é porém d'uma grande belleza pela feliz disposição do seu conjuncto. Situado n'um dos pontos mais elevados do parque encantador, com a sua ameiada torre quadrada, onde nos mezes de verão fluctua o vermelho pavilhão Real, como a successão irregular dos seus eirados, o seu grande zimborio, as suas cupulas e arcarias, os seus azulejos brilhantes, as suas cantarias hypertrabalhadas, as vastas escadas a céo aberto, a sua pequena ponte levadiça e tunnel sombrio que se lhe segue, — o airoso castello corôa bem o formosissimo parque onde cada recanto constitue uma paizagem deliciosa. E seguramente na obra do Rei, que o povo cognominou de artista, o parque da Pena é com certeza o que mais lhe justifica esse titulo.

Apesar do forte accidentado do terreno, as ruas são traçadas por fórma, e a vegetação disposta por maneira, que ninguem se cança em percorrel-o. Bellos cedros abrigam aqui lindas hortensias, para além dar logar a bravios pinhaes e logo a pequenos bosques de altas camelias, que separam massiços de rhododendros, azaleas formosas, araucarias esveltas, carvalhos, castanheiros, alamos frondosos e logo fetos arboreos em ravinas mais estreitas, e por toda a parte penedos que a hera e os musgos esmaltam de verde, e lençoes de relva, e sempre flôres e poeticas fontes e aguas cantantes e os lindos lagos onde os cysnes deslisam — todo um poema sonhado, que não realisado, por um grande poeta.

É este Paço a residencia favorita de Sua Magestade a Rainha que lhe sabe de cór todos os recantos, que lhe conhece todas as arvores, todas as flôres. De qualquer dos seus eirados a vista que se disfructa é maravilhosa. O mar vai cingindo a terra; primeiro vê-se a praia das Maçãs, abertura de areia, onde as ondas constantemente rolam em branca espuma, depois a Ericeira preguiçosamente estendida, mais distante as Berlengas, mais á terra o grandioso edificio de Mafra, para além eleva-se o Monte Junto, o Monte Redondo, depois todo esse terreno que se estende até Lisboa mosqueado de casaes e logarejos. A seguir a fita do Tejo destacando-se entre as margens, depois o Bugio, o cabo de Espichel e outra vez o mar e mais perto no proprio parque a cruz alta emergindo da penedia e sobre outros rochedos a estatua, a que o povo chama de Vasco da Gama, e que não é mais que a figura do barão Eschwege, amigo e collaborador de El-Rei D. Fernando, que ataviado de guerreiro assim teve a phantasia de se representar alli. Conta-se, e é certo, que Pradilla, o grande pintor hespanhol, maravilhado ao visitar a Pena, fizera d'um d'estes eirados a unica paizagem que jámais sahiu da sua luminosa palheta.

Duas palavras agora sobre o antigo mosteiro de Nossa Senhora da Pena, que os eruditos affirmam ter sido edificado no proprio sitio, que a tradição aponta como tendo apparecido uma imagem de Nossa Senhora, e onde logo lhe levantaram uma pequena ermida. Foi El-Rei D. Manoel quem mandou construir o primeiro mosteiro de madeira, doando-o aos monges Jeronymos. Como, porém mais tarde, andando á caça n'aquellas serras avistasse d'alli parte da expedição, composta de quinze velas, que em 1502 havia enviado pela segunda vez á India, capitaneada por Vasco da Gama, resolveu, para commemorar tão feliz como inesperado regresso, erigir a Nossa Senhora da Pena novo mosteiro, do qual foi architecto o italiano João Potassi, fazendo-lhe, como diz o abbade de Castro, egreja, claustro, dormitorio, officinas, campanario, etc., tudo de laçaria de pedra, sendo uma de rocha e outra de Ançãa, com todo o primor de arte de architectura ao gosto usado n'aquella época.

A egreja e o claustro de que já fallamos são d'este tempo. Mais uma capella que uma egreja pelas suas pequenas dimensões, é d'uma só nave em fórma de cotovello. As paredes são revestidas de azule-

il ne reste rien à mentionner que deux petites portes percées dans l'épaisseur de la muraille, les ruines de la mosquée convertie par D. Alphonse Henriques en chapelle sous l'invocation de l'Apôtre St. Pierre, et la «citerne des maures» où, malgré une côte très élevée, jaillit de l'eau de source. On voit encore, près d'une des tours, une espèce de grenier d'où partait, à ce que l'on rapporte, un chemin souterrain jusqu'à Rio de Mouro. Sur la plus haute des tours on arborait autrefois la Sina (drapeau royal), d'après le témoignage du docte curé de Castro; ce qui explique le nom, qu'elle porte encore, de tour royale.

Tout près, mais sur un autre sommet de la montagne, se lève le pittoresque château de Pena, bâti par D. Ferdinand II sur les restes d'un vieux couvent délabré, dont il conserva la chapelle, le cloître et quelques cellules qui étaient encore debout.

Dans cette pièce originale, entièrement conçue en dehors des styles définis, tout est fait pour frapper l'attention des visiteurs: la grosse tour carrée, à tourelles et créneaux, où pendant l'été flotte le rouge drapeau royal, les terrasses irrégulièrement échelonnées, le grand dôme, les coupoles et les arcades, la ciselure si riche de la pierre, les revêtements polychromes en faïence émaillée, les larges escaliers à ciel ouvert, le petit pont-levis et le sombre passage voûté qui le suit; — autant de détails charmants, harmonieusement fondus dans un ensemble vraiment monumental.

Le parc qui l'enchâsse splendidement est à coup sûr le plus bel ouvrage de celui que le peuple a justement surnommé le Roi-artiste. Malgré les accidents du terrain, les sentiers y sont tracés si habilement et la végétation est si heureusement disposée qu'on ne se lasse jamais de le parcourir. Des cèdres majestueux abritent les corymbes touffus des hortensias, côtoyant des pins sauvages, aux quels se succèdent des bosquets de hauts camellias, separés par des massifs de rosages et d'élégantes azalées, des chênes et des peupliers feuillus, des auraucaires élancées, des marroniers, partout le lierre et la mousse tapissant les rochers, des parterres de gazon diaprés de fleurs, dont le parfum se mêle aux bruissement des sources et des ruisseaux, de belles nappes d'eau dont le tranquille miroir est à peine troublé par le sillage des cygnes: — un vrai paysage de rêve enfanté dans l'imagination d'un grand poète.

Ce palais est la résidence préférée de Sa Majesté la Reine, qui en connaît tous les coins, tous les arbres et les fleurs, et pour qui le merveilleux panorama, qu'on jouit des terrasses, offre un attrait toujours nouveau. La mer, à l'horizon, ceint la terre d'une écharpe bleuâtre; on voit d'abord la petite baie de Maçans, toujours blanche d'écume, puis la plage d'Ericeira, mollement étendue, un peu plus loin les îles Berlengas; à l'intérieur la bâtisse puissante de Mafra, ensuite les monts Redondo et Junto et le vaste terrain, moucheté de granges et de hameaux, qui se déploie jusqu'à Lisbonne. Puis le ruban miroitant du Tage, la tour de Bugio, le cap Espichel et encore la mer; plus près, dans le parc, Croix Alta, surgissant d'entre les rochers, et la statue, généralement acceptée comme de Vasco da Gama, mais qui n'est autre que le baron Eschwege, ami et collaborateur de D. Ferdinand II, qui a eu la fantaisie de se faire répresenter en armure du moyen âge. Lorsque Pradilla, le grand peintre espagnol, visita la Pena, il fut tellement émerveillée de ce spectacle qu'il en fit le seul paysage qui soit jamais sorti de sa palette lumineuse.

Deux mots sur l'ancien couvent de Notre Dame de Pena que les érudits affirment avoir été bâti dans l'endroit où la tradition fixait l'apparition miraculeuse de la Vierge, déjà commémorée par une humble chapelle. Le premier édifice, construit en bois, fut donné par D. Manuel aux hiéronymites. Quelques temps après, comme le roi chassait dans les environs, le hasard lui fit découvrir au loin sur la mer la deuxième flotte, de quinze voiles, qu'il avait envoyée en 1502 aux Indes orientales, sous les ordres de Vasco da Gama. En souvenir de ce retour heureux et inespéré, l'architecte italien Jean Potassi fut chargé d'ériger un nouveau couvent, dont l'église, le cloître, ainsi que le reste, étaient construits en granit et en calcaire tendre d'Ançan, dans le style richement décoré de l'époque.

Le cloître existe encore, ainsi que l'église, qu'on dirait plutôt une chapelle à cause de ses dimensions réduites. Elle est à une seule nef, brisée en coude du côte de l'épître; à cause des dégâts de l'humidité, les murs en ont été revêtus, sous Philippe III d'Espagne, de carreaux de faïence, bleus et blancs dans le corps de l'église, et polychromes dans la chapelle principale et dans le chœur (dans la partie coudée). Il y a deux autels latéraux dédiés à St. Jérôme, côté de l'épître, et à N. Dame de Pena, côté de l'évangile; la chapelle principale est élevée de trois degrés sur le sol dallé de l'église.

jos azues e brancos no corpo da capella, polychromos no côro (a parte da nave que para o lado da epistola fórma o cotovello) e na capella-mór. Estes azulejos foram mandados collocar por Filippe III de Castella e II de Portugal quando, na sua visita ao mosteiro, viu o mau estado em que se encontravam as paredes por causa da humidade.

No corpo da capella ha dois altares. O que fica da parte do Evangelho é dedicado a Nossa Senhora da Pena, o do lado da Epistola a S. Jeronymo. Para o altar-mór sobem-se tres degraus de cantaria. São de optima madeira as bellas cadeiras de espaldar do côro que fica no mesmo plano do altar-mór e d'onde se desce por alguns degraus para a sacristia e interior do mosteiro, hoje palacio.

O retabulo do altar-mór é de alabastro, com magnificas columnas de marmore preto, ornado de figuras em relevo, representando umas a Annunciação do Anjo Gabriel, a apresentação de Nossa Senhora no templo, e outras o nascimento de Christo e a adoração dos Reis Magos. O sacrario, tambem de alabastro, tem esculpidos, em baixo relevo, os Passos da paixão do Senhor. Todo o retabulo é guarnecido por um gracioso cordão de alabastro d'onde pendem fructos, folhagens e flôres em festões. D'uma grande belleza foi este retabulo, esculpido por Nicolau Chatranez, dadiva de D. João III depois do feliz nascimento na villa de Alvito de seu filho o Principe D. Manoel. Uma incripção do tempo, gravada no tabernaculo, assim o attesta.

Em 1743 um raio damnificou muito o mosteiro, dando logar a um grande incendio. Esses estragos porém foram reparados no mesmo anno por mandado de El-Rei D. João V. Abandonado em 1834, teria de todo cahido em ruinas se quatro annos depois lhe não acode El-Rei D. Fernando, comprando-o perante a junta do credito publico, e iniciando logo as primeiras obras de reparação que depois deram logar ao palacio e parque da Pena.

Não longe da Pena, e por caminho muito pittoresco, vai dar-se ao convento dos Capuchos, outr'ora habitação de religiosos arrabidos. Não se realisa como poderia ser habitado tão pobre convento, cavado na grande agglomeração de penedos, sem a menor sombra de conforto onde cada cella era peor que a mais humida das masmorras e onde apenas a cortiça era um luxo! Na parede da pequenina egreja, da parte do Evangelho, lê-se n'uma lapide: D. Alvaro de Castro, do conselho de estado e vedor da fazenda de El-Rei D. Sebastião, fundou este convento, por mandado do Vice-Rei D. João de Castro seu pae, anno de 1560.

Além da egreja existem duas pequenas ermidas, uma na estreita gruta formada por duas rochas, onde se venerava a imagem do Christo crucificado. Na outra, mandada fazer pelo cardeal Infante D. Henrique, com a sua sacristia e a sua pequena cella, onde o cardeal vinha fazer penitencia e celebrar o sacrificio divino, venerava-se a imagem de Christo com a cruz ás costas.

O convento tinha a invocação da Cruz e os seus religiosos, franciscanos, viviam n'elle com tamanha pobreza, que se conta que D. Filippe II dizia «que duas cousas tinha em seus reinos celebres, o Escurial por muito rico e este conventinho por muito pobre», e que visitando-o um dia e admirando-se de nada lhe pedirem, volvera os olhos para a Pena e dissera: «Acolá é a Pena, aqui a gloria». Ajunta a lenda que o Rei D. Sebastião aqui vinha muitas vezes sentar-se na estreita cêrca junto a uma tosca mesa de pedra, á beira da fonte, sob a sombra das arvores. Pedir repouso, talvez, em tamanha paz, aos ardores da sua nobre phantasia guerreira.

Hoje o tempo vai destruindo, apagando tudo, e onde com tanta devoção, segundo rezam as chronicas, se celebravam as festas do Menino Deus e a paixão do Senhor, só um humilde cirio saloio, uma vez em cada anno, acorda estes eccos bem mais acostumados ás risadas de alegres pique-niques.

Dos Capuchos, pelas serras do Vianninha, descendo a vertente sul, sempre por um aprazivel caminho sombreado por bellas arvores, vai dar-se á magnifica propriedade de Penha Longa, que foi o convento de Nossa Senhora da Saude, fundado em tempo de El-Rei D. João I pelo Padre Fr. Vasques Monteiro, da casa dos Condes de Santa Cruz. Este convento (a primeira fundação que em Portugal tiveram os monges de S. Jeronymo), foi muito augmentado por El-Rei D. Manoel, El-Rei D. Sebastião, o Cardeal Rei, o Infante D. Luiz, D. João III e D. Pedro II. Todos estes Senhores n'elle residiram por algum tempo e por differentes vezes. O convento deveu tambem muitas larguezas aos seus Priores e a muitos particulares. Entre estes avultaram pela sua generosidade o Nuncio Zambucano, do tempo de El-Rei D. João III, e o Marquez de Cascaes. Na vasta Egreja reedificada por El-Rei D. Manoel, ainda hoje em cada domingo se diz missa.

Le chœur, au niveau du maître-autel, renferme de jolies stalles en bois précieux; on en descend par un court escalier jusqu'à la sacristie et à l'intérieur du monastère, qui fait aujourd'hui partie du palais.

Le rétable, entièrement en albâtre avec de magnifiques colonnes en marbre noir, est richement décoré de figures en haut relief, représentant l'Annonciation, la Présentation, la Nativité et l'Adoration des Mages; sur le tabernacle sont sculptés en bas relief les scènes de la Passion; le tout festonné d'une gracieuse guirlande de fleurs, de fruits et de feuillages, délicatement sculptée dans l'albâtre et hardiment suspendue sur le rétable. Cette pièce, dont le goût et la finesse d'éxécution font honneur au ciseau de l'auteur, Nicolas Chatranez, est un don de D. Jean III, en souvenir de l'heureuse naissance à Alvito du prince D. Manuel, ainsi que l'atteste une inscription contemporaine, gravée sur le tabernacle. En 1743 la foudre tomba sur le couvent et y mit le feu; mais les dégâts furent promptement réparés par ordre du roi D. Jean V. Abandonné en 1834, il serait tout à fait tombé en ruines sans l'intervention de D. Ferdinand II, qui l'acheta quatre ans plus tard à la Junta du Crédit Public, et entreprit aussitôt la construction du palais et du parc de Pena.

Un chemin très pittoresque mène de là au couvent des Capuchos (capucins), autrefois habité par des moines de l'ordre de St. Pierre d'Alcantara. On ne comprend guère comment il a été possible de vivre dans un si humble séjour, creusé dans la roche sans l'ombre d'un confort, où chaque cellule était pire qu'un sombre cachot humide, où le liége était le seul luxe permis! Dans le mur gauche de la tout petite église on lit dans une plaque que: «D. Alvaro de Castro, conseiller d'Etat et intendant des finances du roi D. Sébastien, a fondé ce couvent par ordre du Vice-roi son père, D. Jean de Castro, l'an 1560». Outre l'église, on voit encore deux petits ermitages dont le premier, bâti dans l'étroit intervalle de deux grands rochers, renfermait une image du Christ crucifié. Dans l'autre, fait par ordre du Cardinal-infant D. Henri, on vénérait autrefois le Christ portant la croix; le Cardinal s'y réfugiait pour dire la messe et faire pénitence. Le couvent était sous l'invocation de la Sainte-Croix, et les religieux vivaient dans un dénûment extrême; le roi D. Philippe II disait souvent que «dans son royaume il y avait deux choses remarquables, l'Escurial par la richesse, et ce petit couvent par son extrême pauvreté». Un jour qu'il visita les religieux, étonné de ce que, dans leur disette, ils ne lui demandaient aucune grâce, il s'écria en tournant les yeux vers la Pena: «Là est la Pena (peine), ici la gloire». La légende ajoute encore que le roi D. Sébastien venait fréquemment s'asseoir près d'une rude table en pierre de l'étroit enclos, et se reposer, dans cette paix profonde, des ardeurs de sa noble fantaisie guerrière. Le temps, qui détruit tout, a complètement effacé toute cette tradition dévote; et de nos jours un seul modeste pélérinage rural éveille chaque année les échos de ces lieux, plus souvent égayés par les ébats de joyeux pique-niques.

En descendant le versant sud des monts de Vianninha, au long d'une route charmante, bordée de beaux arbres, on arrive à la splendide maison de campagne de Penha Longa, autrefois le couvent de Notre Dame de la Santé, fondé sous D. Jean I par fr. Vasques Monteiro, de la maison des comtes de la Sainte Croix.

Ce monastère (la première fondation des hiéronymites en Portugal) fut successivement agrandi par D. Manuel, D. Sébastien, le Cardinal-roi D. Henri, l'infant D. Louis, D. Jean IV et D. Pierre II; toutes ces personnes royales y ont séjourné à plusieurs reprises. En dehors des largesses royales on doit mentionner aussi celles des Prieurs et de quelques particuliers, tels que le marquis de Cascaes et Zambucano, nonce sous Jean III.

La vaste église, rebâtie par D. Manuel, est ouverte au culte; le couvent a été entièrement converti en hôtel somptueux mais d'une façon pas toujours heureuse, soit dit en passant. Quelques pièces se conservent encore: le gracieux cloître et sa fontaine centrale à quatre jets, et le beau réfectoire bâti par le cardinal-roi. Il y avait autrefois, sur toute la surface d'un des grands murs, une peinture à fresque, représentant le Miracle de la multiplication des pains, où l'enfant qui les tendait au Seigneur était la vraie ressemblance du roi D. Sébastien; et la tradition rapporte qu'un jour, pendant le repas des moines, elle se fendit tout à coup sans cause apparente, et que la tête de l'enfant tomba en miettes. Quelques jours plus tard la nouvelle survint du funeste désastre d'Alcacer-Kébir et de la mystérieuse disparition du roi.

On voit encore, un peu partout, d'intéressantes inscriptions de l'ancien couvent, quelques ermita-

O convento, esse, está todo transformado, nem sempre com a maior felicidade seja dito, n'uma sumptuosa casa de habitação. Lá se vê ainda o lindo claustro com a sua airosa fonte ao centro, d'onde a agua jorra por quatro boccas. O refeitorio, mandado fazer pelo Cardeal Rei, é vasto e muito bello.

Refere a tradição que um grande painel, que occupava uma das grandes paredes, pintado a fresco, representando o Milagre de Christo da multiplicação dos peixes, e em que a creança que offerecia os peixes ao Redemptor, era o retrato vivo de El-Rei D. Sebastião, se fendera um dia repentinamente, estando os monges todos no refeitorio, e sem que ninguem podesse atinar com a causa de tal desastre, despedaçando-se a cabeça da creança. Poucos dias depois chegava ao convento a triste nova da perda da batalha de Alcacer-Quibir e do mysterioso desapparecimento do Rei.

Por toda a parte ainda hoje se lêem interessantissimas inscripções e lapides do velho convento, se vêem ermidas e se encontram lindos recintos conhecidos pelas nomes primitivos. Assim o jardim do Cardeal Rei, com as suas fontes das *Lagrimas* e de *Moysés,* a fonte da *Porca,* de agua medicinal; o tanque das Adens, aves ao que parece alli vulgares e que por largo tempo tiveram assegurado o seu sustento, porque um dia perguntando o Cardeal Rei a um monge o que queriam dizer na sua chiada contínua, o padre lhe respondeu que pediam de comer. Pelo que o Cardeal ordenou que se lhes dessem uns tantos moios de pão por anno.

O fallecido Conde da Gandarinha e da Penha Longa, adquirindo muitos terrenos em volta ao velho convento, transformou esta bella propriedade n'uma granja modêlo. Ao lado mesmo da Penha Longa, mas já nas fraldas da serra do Vianninha, ha uma curiosissima gruta de bellas stalactites, muito visitada por todos os forasteiros.

(Continúa).

Conde d'Arnoso.

CINTRA

ges et de jolis coins, connus sous les désignations primitives; tel le jardin du Cardinal-roi, les sources des *Larmes* et de *Moïse;* celle de *Porca,* à l'eau médicinale; et le bassin des tadornes. Ces oiseaux criards y étaient autrefois assez vulgaires, parce que leur nourriture était assurée; on raconte à ce propos que le Cardinal-roi, ayant demandé à un des moines ce que pourraient signifier leurs cris continuels, le frère répondit tout bonnement qu'ils demandaient à manger, sur quoi le Cardinal leur assigna une rente annuelle de plusieurs muids de grain. Feu le comte de Gandarinha et de Penha Longa acheta beaucoup de terres autour du vieux couvent, et en fit une ferme modèle. Tout près de Penha Longa, à mi-côte de Vianninha, est une curieuse grotte à stalactites, très fréquentée par les touristes.

(À suivre).

Comte d'Arnoso.

Sé Velha de Coimbra

A egreja



velha cathedral de Coimbra é o templo romanico sobrevivente mais notavel de Portugal.

Ella deve a sua notoriedade á magnificente imponencia do seu aspecto, cheia de sobriedade, austera e solemne, producto d'uma arte admiravel, expressão definitiva de uma época, a mais completa exposição da sciencia de construir attingida pelos architectos nos meiados do seculo XII.

Sob o ponto de vista mecanico, é por certo uma das demonstrações mais completas dos progressos conquistados, depois d'um tão longo periodo de tentativas e desastres imprevistos.

Pelo traçado geral da planta, pela disposição dos seus membros integrantes, pela sua estructura estatica e até no canon das suas proporções essenciaes fundado sobre o triangulo gerador, com tanta exactidão seguido, que apenas a differença de alguns centimetros se nota, ha motivos de sobra para reconhecer a sua genealogia franceza.

Escusado será repetir, pela millesima vez, citações vulgarisadas, comprovando as relações internacionaes que facilitariam o ingresso dos mais habeis artistas constructores.

No reinado de Affonso Henriques grande numero de sacerdotes e cavalleiros, pertencentes á nobreza d'além dos Pyreneus, fazendo parte das ordens militares, ou tentando fortuna, alistados nos exercitos expedicionarios das cruzadas, aqui vieram permanecer, principalmente depois da empreza de Lisboa, desempenhando altas dignidades. Da classe sacerdotal, alguns foram elevados ás primeiras sédes da hierarchia ecclesiastica.

A projecção cruciforme, com lanterna central, tres naves e correspondentes capellas absydaes abertas sobre o transeptum, é o schema completo e preciso das egrejas hespanholas do seculo XII — de origem indubitavelmente franceza [1].

Pelas dimensões materiaes não será a Sé Velha comparavel ás grandes cathedraes, suas irmãs, que assignalam essa época; mas a tranquillidade e equilibrio de toda a construcção, a ineffavel perspectiva das suas naves é tudo que possa imaginar-se de mais impressivo e commovente.

E, a realçar a magestosa grandeza d'esta soberba fabrica, a augmentar naturalmente a amplidão interior do templo, abrem-se as arcadas do triphorium, elegantes e graves, ponderadas e alterosas.

A abobada da nave central, de cinto pleno realçado, é consolidada pelo engenhoso artificio dos arcos duplos, de tão notavel alcance subsequentemente na architectura gothica, apoiados em columnas adossadas, até á cornija, aos pilares assaz resistentes á progressão das forças.

Nas naves lateraes, divididas por arcos transversaes, são enquadradas as abobadas de aresta, construidas de brita e argamassa, ligadas como um só bloco, em concreção homogenea, ao modo romano.

Uma das mais notaveis soluções d'esta architectura reside, talvez, na fórma como se acha contrabotada a abobada central pelas abobadas lateraes do triphorium, quasi subidas á mesma altura. E tanto mais admiravel a audacia, quanto os gigantes exteriores são de exigua saliencia.

Fiel aos preceitos do estylo, as exigencias da construcção convertem-se quasi sempre em motivos de decoração. Nos faciaes do transeptum e na lanterna, por sobre os arcos triumphaes, a applicação das arcaturas circumdantes é d'uma impressão e formosura tocantes.

Ha effeitos imprevistos e contrastes tão arriscados, como bem succedidos: nas pequenas galerias do transeptum foi alterada a horisontalidade; ao fundo, rompendo as normas da symetria, foi lançada uma galeria de passagem esbelta e d'uma discordancia tão agradavel e original.

E, como recommendação a maior apreço, é de notar ainda um facto. As grandes fabricas, produ-

---

[1] Streee, *Gothic architecture in Spain.*

Vieille cathédrale de Coïmbre

L'église



a vieille cathédrale de Coïmbre (Sé Velha) est sans doute le plus remarquable des temples romains qui subsistent encore en Portugal.

Produit d'un art admirable qui traduit fidèlement l'esprit de son époque, elle charme et impose en même temps par l'apparence à la fois sobre et magnifique, sévère et solemnelle, qui lui a valu dans tout le pays une juste renommée.

C'est un modèle parfait de l'architectonique de la seconde moitié du XIIe siècle, et, à ce titre, la démonstration d'un véritable progrès accompli à travers une longue période d'essais et de désastres imprévus.

Tout y dénonce, d'une manière incontestable, l'origine française: le tracé général du plan, l'arrangement des parties intégrantes, la structure statique, et jusque le canon des proportions essentielles, basé sur le triangle générateur et si exactement observé que les écarts constatés atteignent à peine quelques centimètres.

Nous nous abstiendrons de répéter à ce propos des citations trop fatiguées, qui attestent l'immigration en Portugal d'habiles artistes constructeurs originaires de l'Europe.

Il suffira de rappeler que, pendant le règne de D. Alphonse Henriques et surtout après la prise de Lisbonne, un nombre considérable de seigneurs français, appartenant au clergé ou aux ordres militaires, ainsi que beaucoup de nobles aventuriers engagés dans les croisades, se sont établis chez nous, en occupant de hautes dignités; parmi les ecclésiastiques, plusieurs sont même parvenus aux premiers rangs dans l'hiérarchie de l'Église portugaise.

La projection cruciforme, avec lanterne centrale, et trois nefs à chapelles absidales donnant sur le transept, reproduit exactement le schéma complet des églises espagnoles du XIIe siècle dont l'origine française est parfaitement avérée [1].

La Sé Velha n'est pas comparable, au point de vue des dimensions, aux grandes cathédrales congénères qui caractérisent cette époque; mais elle ne leur cède en rien pour le saisissant effet artistique qui se dégage du majestueux vaisseau. La sérénité et l'équilibre de l'ensemble, l'innéffable perspective de ses nefs, rehaussée par les hautes arcades, élégantes et graves, du triphorium, défient toute description.

La voûte de la nef centrale, en plein cintre surhaussé, est renforcée au moyen de l'artifice ingénieux, plus tard si fréquent dans l'architecture gothique, des arcs doubles, appuyés sur des colonnes adossées jusqu'à la corniche à des piliers suffisamment résistants à la poussée. Dans les nefs latérales, des arcs transversaux séparent des voûtes d'arêtes, bâties en menus moellons et mortier formant une concrétion homogène, à la manière romaine.

À noter, la façon hardie dont la voûte centrale est arc-boutée par les voûtes latérales du triphorium, qui montent presque à la même hauteur; solution d'autant plus remarquable que les contre-boutants extérieurs n'offrent qu'une faible saillie.

D'après les préceptes du style, les besoins de la construction se transforment presque toujours en motifs de décoration. Ainsi l'application, sur les faces du transept et de la lanterne, d'arcatures couronnant les arcs triomphaux est d'une grande beauté.

Il y a des effets imprévus, des contrastes aussi risqués que réussis: dans les petites galeries du transept l'horizontalité a été violée; et, au fond, une élégante galerie de passage coupe la symétrie d'un trait dissonant, mais heureux et original.

Signalons encore, dans tout l'ouvrage, une circonstance particulière qui en exhausse le prix. Les grandes fabriques, péniblement élevées par l'effort poursuivi de plusieurs générations, subissent tou-

---

[1] Street, *Gothic architecture in Spain.*

cto do trabalho humano, longo e penoso, por uma lei natural, vão-se erguendo e adaptando ás transformações ideaes da arte, desenvolvendo-se e acompanhando a evolução esthetica de novos estylos, em elaboração constante.

Na Sé Velha o estylo, em toda a construcção, é uniforme, definido e completo. Parece edificado d'um só jacto. Apenas nos capiteis dos columnellos da lanterna se divisam, levemente esboçados, os primeiros symptomas da transição.

A descripção da Sé Velha é impossivel de contêr-se nos summarios moldes d'um pequeno artigo desalinhado.

Tudo alli é digno de contemplação. Debaixo das suas naves abrigam-se sob campas brazonadas as ossadas de numerosos bispos e magnates. E seis monumentos funerarios, cobertos por estatuas jacentes, offerecem uma importante lição ao estudo da iconographia dos seculos XIII e XIV.

No exterior: a fachada principal, que olha ao occidente, é d'uma triumphante e energica singeleza.

Compõe-se d'um corpo medio saliente, onde se abre o grande portico, em archivoltas concentricas, apoiadas em columnas, de capiteis e fustes lavrados; por cima a alterosa janella, de traça identica, — tão intimamente ligados, como partes componentes d'um pensamento unico.

Aos lados, nas superficies terminaes da egreja, janellas geminadas e frestas estreitas [1].

Do lado norte, ao meio dos muros antigos, contrafortados de gigantes espaçados, destaca-se uma composição renascença, d'um bello desenho, que alli foi additada nos principios do seculo XVI.

No seu genero seria um exemplar digno de admiração, se, em vez de voltada ao norte, fosse collocada com diversa orientação, exposta ao sol, no pleno effeito do claro-escuro, das longas sombras projectadas.

Assim, condemnada á frouxidão da luz diffusa, escassamente illuminada, sem toques fundos á marcação dos planos, os relevos achatam e os destaques diluem-se e perdem-se em esbatidos uniformes.

Além d'isso o progresso dos estragos é tal, que lhe não assegura um longo praso de conservação, pelas mutilações soffridas e pela inconsistencia material da pedra.

É averiguado, porém, que por debaixo d'essa architectura existe, de construcção romanica, intacta, uma repetição do frontispicio occidental, constando de porta e janella sobreposta. Com a differença de que as columnas são substituidas por pés direitos de secção recta, e as archivoltas molduradas por arcos simples de faces planas.

Toda a obra renascença quasi coincide e se adapta ás fórmas romanicas; e, não obstante, parece gisada na mais ampla liberdade de escolha, de proporção e de elegancia!

A observação d'este facto notavel dá um novo titulo de apreço á obra, porque prova a fertilidade de recursos creadores, nas estrictas condições impostas á elaboração do projecto, com tanta arte e criterio concebida, e com tanta perfeição realisada.

Retabulos dos absydiolos

O retabulo de S. Pedro, bem como o hemicyclo do Sacramento, ambos de pedra de Ançã, são productos d'essa escola de *imaginarios* da renascença, que teve em Coimbra a sua implantação e pujante florescencia e cujo labor se estende por todo o seculo XVI até aos primeiros decennios do seculo seguinte.

São dois documentos preciosos que terão de ser citados, como demonstração do alto valor e da exuberancia de talento d'essa laboriosa pleiade de artistas, cuja actividade se expande brilhantemente e cujas obras se acham espalhadas por grande parte do paiz.

Distanciados um do outro por quarenta annos talvez, são como dois marcos chronologicos a aferir duas maneiras predominantes, no percurso d'essa arte tão fertil, tão opulenta de imaginação e de intelligencia.

O retabulo de S. Pedro, de pequenas dimensões, obedece a uma concepção mais apparatosa, accumulando lavores de ostentação e minucias de cinzel que, mais que a fragilidade do calcareo, lhe comprometteram a duração.

É o primeiro periodo, sob a influencia directa dos mestres estrangeiros.

[1] O campanario é um additamento de moderna data e de facilima suppressão.

jours l'influence de leur évolution esthétique; elles s'adaptent, par suite d'une tendance naturelle, à l'incessante élaboration des nouveaux styles.

La Sé Velha, au contraire, semble bâtie d'un seul trait, tellement le style y est uniforme, complet et défini. Ce n'est que dans les chapiteaux des colonnettes de la lanterne qu'on surprend, légèrement ébauchés, les premiers symptômes d'une transition.

Malgré cela, la description du temple ne saurait tenir dans le cadre étroit de cet article, car tout y est digne d'un examen attentif.

Sous ses nefs, des tombes armoriées abritent les ossements de nombreux évêques et seigneurs; et six monuments funéraires, aux statues gisantes, offrent des textes importants pour l'iconographie du XIIIe et XIVe siècles.

La façade principale, tournée au couchant, est d'une énergique et victorieuse simplicité. Elle se compose d'un corps central en saillie, où s'ouvre le grand portail surmonté d'une vaste fenêtre, tous les deux en archivoltes concentriques appuyées sur des colonnes à chapiteaux et à fûts sculptés; sur les surfaces latérales de la façade sont percées d'étroites fentes et des fenêtres géminées [1].

Au milieu du vieux mur noirci, qui forme la façade nord, se détache entre deux contre-boutants une belle composition de la Renaissance, ajoutée vers le commencement du XVIe siècle. C'est vraiment dommage que cette pièce, d'un dessin admirable, ne soit pas exposée au midi, qui en aurait fait ressortir, dans un clair-obscur avantageux, l'extrême finesse de décoration.

Telle qu'elle est à présent, voilée d'un demi-jour diffus, les plans s'accusent mollement, les bosses manquent de vigueur, les détails s'effacent et s'estompent d'une teinte uniforme et plate. D'ailleurs, les mutilations subies, ainsi que les altérations opérées par le temps sur la pierre trop tendre, lui assurent une assez courte durée.

Les recherches entreprises ont montré que sous cette architecture renaissance se maintient encore intacte la construction romane primitive qui reproduit le corps central de la façade principale, à cela près que les colonnes sont remplacées par des pieds-droits carrés et les archivoltes à moulures par des arcs simples à faces planes.

Tout l'ouvrage renaissance s'adapte merveilleusement aux formes romaines; cependant, il semble conçu et exécuté dans une parfaite liberté de tracé et de proportions! Ce n'est pas là, certes, le moindre mérite de ce chef-d'œuvre, car il témoigne d'une remarquable fertilité de ressources artistiques, développées dans les bornes étroites imposées à l'elaboration du project.

Rétables des chapelles du transept

Le rétable de St. Pierre et l'hémicycle du St. Sacrament, faits en pierre d'Ançan, procèdent d'une école d'*imagiers* de la Renaissance qui a fleuri à Coïmbre, et dont la brillante activité s'est prolongée jusqu'aux commencements du siècle suivant.

Ce sont deux documents importants pour l'histoire de ce laborieux group d'artistes dont les ouvrages, disséminés presque dans tout le pays, font preuve d'une puissance d'imagination et d'un savoir-faire au dessus de tout éloge.

Les deus rétables, separés par un intervalle d'environ quarantaine d'années, relèvent de deux manières différentes et caractéristiques de l'évolution esthétique de l'école.

Celui de St. Pierre, de petites dimensions, est plutôt décoratif; il étale des richesses sculturales, des détailes d'une délicatesse excessive qui a nui à la conservation autant que la fragilité de la pierre. Il appartient à la première périodo et trahit l'influence directe des maîtres étrangers.

L'hémicycle du St. Sacrament, dont la texture est plus grave et plus équilibrée, appartient à une époque postérieure; la coupole qui le surmont porte la date de 1566.

Des colonnes intercalaires séparent, dans la série supérieure, les statues des dix apôtres, et plus bas, les quatre evangélistes et deux images complémentaires; dans la partie centrale, au dessus du taber-

[1] Le clocher est une addition de fraîche date, très facile à supprimer.

O do Sacramento, mais grave e ponderado, representa um estadio caracteristico do percurso d'essa esthetica, cujos periodos successivos se podem destrinçar e seguir com segurança, atravez a abundancia de obras existentes.

Na cupula lê-se a data de 1566.

A composição é toda dominada por um alto pensamento de serenidade e harmonia.

Columnas intercalares marcam o encasamento de cada uma das figuras dos dez apostolos, que occupam a serie superior; e, inferiormente, os quatro evangelistas e duas imagens complementares. Ao centro, por sobre o sacrario, o vulto cheio de nobreza do Salvador, sustentando o globo, em acção de perorar.

Todos estes personagens, assim dispostos, constituem uma assembleia imponente, em que as physionomias accentuadamente semitas, e as attitudes calmas, mas energicas pelo movimento das cabeças, que se trocam mutuamente impressões em olhares perscrutadores, são animados d'uma grande intensidade de vida e d'uma extraordinaria attracção de sympathia e de belleza.

Adivinha-se que o accordo das opiniões não é intimo e profundo; e n'esse venerando conciliabulo vai talvez travar-se a discussão, que deve preceder as deliberações definitivas e eternas, para salvação da humanidade.

O retabulo de S. Pedro pertence a outro genero, d'uma funcção exclusivamente decorativa. O do Sacramento, porém, é, e será sempre, uma peça de legitima superioridade, pela suggestão das ideias que inspira e pela exhalação de intellectualidade que nos seus personagens palpita, dando alma á pedra e fazendo-a vibrar de sentimento.

Retabulo da capella mór

Obra magistral, o mais grandioso especimen de talha gothica, que o paiz encerra.

É um retabulo digno de ser marcado com o brazão, tres vezes repetido, do bispo D. Jorge d'Almeida, que para elle concorreu com largueza, em cooperação com o seu cabido.

Uma descoberta recente veiu confirmar uma attribuição vaga, pondo em evidencia a data e os nomes dos auctores [1].

Pelos dizeres de dois documentos, instrumentos de recibo e quitação, explicitamente se affirma, que os artistas que executaram este retabulo singular foram: — *Mestre Vliner framengo, ora estante nesta cidade e seu parceiro João Dipri.* Com a data de 1508.

As affinidades germanicas eram denunciadas pelo caracter da estatuaria e ainda da ornamentação vegetal, em ondulações apertadas.

A estructura architectonica, que organicamente se desenvolve e reparte em linhas definidas, não obstante a copiosa accumulação de minudicencias, é extremamente simples na sua traça geral.

Um arco trilobado sustido por nervuras, formando ediculo, corta toda a composição horisontalmente em duas partes.

O corpo inferior assentando sobre predella de compartimentos occupados por diversas imagens, é dividido verticalmente por pilastras complexas fenestradas, em quadros descorados com riqueza e profusão. Sobre as estatuas, baldaquinos sobrepujantes que se elevam sobre motivos ornamentaes recamados, d'uma excessiva prodigalidade de effeito e d'uma preciosa tenuidade de execução.

As cercaduras ornadas de pequenas chimeras, dragões, luctas, perseguições de caça, envoltas em meandros vegetaes, que se estendem caprichosamente.

O quadro central, que occupa o logar de honra, representa a Assumpção da Virgem, cercada de anjos, de azas desferidas, que dôcemente a amparam. O agrupamento compacto dos apostolos, tomados de surpreza, manifesta o seu espanto ante um tal prodigio, pelas mais persuasivas indicações das attitudes e dos gestos.

É na verdade bem flamenga toda a disposição d'esta scena. A variedade das physionomias tratadas com uma liberdade de realismo, que vai até á jovialidade e ao grutesco; e a psychologia da mimica são dadas com uma vehemencia de energia, a mais expressiva e penetrante.

[1] Ao solicito investigador conimbricense, snr. conego Prudencio Garcia, se deve a ventura d'esta preciosa informação.

nacle, se lève la figure pleine de noblesse du Sauveur, tenant le monde dans la main, d'un beau geste oratoire.

Tous les personnages, aux attitudes calmes mais décidées, sont animés d'un mouvement intense qui se traduit dans l'expression énergique de leurs visages, aux traits franchements semites. On devine que l'accord n'est pas intime ni profond entre les membres vénérables de l'imposante assemblée; ils semblent échanger des coups d'œil scrutateurs, dans l'attente des graves débats qui devront précéder les arrêts définitifs et essentiels au salut éternel de l'humanité.

La haute suggestion intellectuelle qui se dégage de toute la composition et l'extraordinaire souffle de vie qui l'agite fonte de ce rétable une pièce à tous les égards admirable, d'un charme pénétrant et d'une indéniable supériorité.

Rétable de la chapelle principale

Cet ouvrage magistral, le plus beau spécimen de sculpture gothique en bois qui soit dans le pays, est vraiment digne du blason, trois fois répété, de l'évêque D. George d'Almeida, qui a largement subvenu aux frais de l'éxécution.

Une découverte récente [1] est venue confirmer les vagues conjectures formulées sur la date et les auteurs de l'ouvrage. D'après le texte de deux quittances, datées de 1508, les artistes chargés de ce rétable étaient: *Maistre Vliner flamand, ores demeurant en ceste ville, et son compaignon Jehan d'Ypres.*

Le caractère de la statuaire, de même que l'ornementation végétale, aux ondulations serrées, faisait d'ailleurs prévoir des affinités germaniques.

Malgré la prodigalité des détails, la structure architecturale, qui se développe en lignes bien définies, est d'un tracé extrêmement simple.

Un arc trilobé, supporté par des nervures formant édicule, coupe horizontalement en deux parties toute la composition. Le corps inférieur, assis sur une série de divisions occupées par des images, est divisé verticalement en tableaux richement décorés par des pilastres complexes percés à jour; les statues sont surmontées de baldaquins qui s'élèvent sur des motifs-décoratifs répandus à profusion, d'un fini précieux.

Toutes les bordures sont ornées de petites chimères, de dragons, de luttes, de scènes de chasse enveloppées de méandres végétaux capricieusement entortillés.

Le tableau qui occupe la place d'honneur figure l'Assomption de la Vierge, entourée d'anges aux ailes déployées qui la soutiennent tendrement. En bas, le groupe tassé des apôtres témoigne, par leurs poses et leurs gestes expressifs, du saisissement que leur cause ce miracle inattendu.

L'ordonnance de cette scène est vraiment flamande; la variété de phisionomies et la psychologie des personnages sont rendues avec une mimique véhément et un réalisme poussé jusqu'à la jovialité et au grotesque. Les draperies sont traitées avec assurance, en plis rigides et profonds.

Au dessus de l'arc trilobé se dresse le Christ crucifié, ayant à ses pieds la Vierge et le Disciple aimé, dans un accès de douleur mal contenue; à côté les deux larrons se tordent dans les affres de l'agonie. Ce sont là deux sculptures des plus intéressantes, dans leur anatomie originale, les membres lacérés de blessures horribles, d'où s'échappent les apophyses des os, — vision de cauchemar d'une effroyable et sanguinaire férocité.

Toute la décoration est finement travaillée et brodée de filigranes d'une extrême délicatesse.

Nous mettrons ici un point à cette description sommaire, en renvoyant les lecteurs aux phototypies ci-jointes, dont l'examen leur d'honnera sans doute une idée plus avantageuse de la haute valeur de cette inestimable monument.

Dans la suite des siècles, des mutilations, de grossières additions, des profanations de toute espèce, ont été commises sur le vénérable temple, qui remonte aux débuts de la monarchie.

[1] Nous en sommes redevables aux infatigables recherches de M. le chanoine Prudence Garcia.

As roupagens abundantes, em quebraduras angulosas e fundas, conduzem-se com segurança e logica na sua complexidade rigida.

Por cima do trilobulo divisorio eleva-se o Christo na cruz, e, completando o drama do calvario, a Virgem e o discipulo, agitando-se em accessos mal contidos de dôr. Aos lados os dois ladrões, companheiros do martyrio, estorcionando-se nos paroxismos do desespero.

E não são das menos interessantes esculpturas estes dois exemplares, d'uma anatomia tão original, com os membros dilacerados de golpes horriveis, por onde se escapam as apophyses dos ossos, n'um atroz pesadelo de ferocidade e de sangue.

Emfim todo o trabalho de decoração é finamente lavrado, em bordaduras superabundantes e subtis, em delicadezas de filigrana.

Depois d'esta incompleta resenha, é mister terminar. E, a supprir as deficiencias da brevidade, as phototypias juntas darão a ideia apparente do que representa e vale este grande e inestimavel monumento.

Com o decorrer dos tempos mutilações e superposições grosseiras, desacatos e degradações de toda a ordem foram perpetradas sobre o monumento gemeo da monarchia. Porém sob a protecção fervorosa do esclarecido sentimento artistico do ilustre prelado, que, n'este momento, com tão gloriosa iniciativa honra a mitra conimbricense, a Sé Velha vai sendo restituida á pureza primitiva; e encontra-se quasi despojada das superfectações infamantes, que sobre ella foram lançadas por mãos barbaras.

Finalmente não é com os olhos de hoje, de homens cultos e livres pensadores, cercados da segurança e das commodidades da civilisação moderna, que se póde avaliar da impressão do velho templo sobre o espirito das populações.

Será necessario n'um alheamento de sonho, regressar mentalmente aos tempos medievaes, de ha cinco ou setecentos annos; reconstituir o viver e as ideias dos homens mergulhados na ignorancia, dominados e opprimidos pelo despotismo das castas, pela perseguição de leis barbaras e pelo terror das crenças e da miseria geral.

Pensar que o decrepito monumento se erguia, altaneiro e magnifico, em toda a magestade da imponencia e do contraste, d'entre casebres infectos, d'onde sahiam homens, embora superiores á classe infima dos escravos, de andrajos sordidos, minados de privações e de fome, d'entre ruas immundas, onde germinava a peste e a lepra.

Será necessario imaginar os episodios, em que a multidão apavorada e em grita irrompia no templo a invocar o favor do Deus, nos transes tantas vezes repetidos dos estragos das epidemias, das ameaças e das catastrophes da guerra, que a atrocidade dos costumes acompanhava das mais calamitosas consequencias: os massacres, os incendios, os roubos e toda a série de crimes odiosos!

Junto do portico o alpendre, onde os juizes administravam justiça severa e summaria; a dois passos a picóta infamante, na qual os criminosos de pequenos delictos expiavam as suas culpas por entre as chufas e os sarcasmos vingadores da plebe.

Seria necessario vêr as gentes prostradas em adoração, cheias de confiança e de fé, e, na vehemencia da sua prece, appellar para o unico poder que sorria ás almas combalidas e supersticiosas de terrores imaginarios, porque de toda a parte os cercam demonios e bruxas malfeitoras, lugubres abusões de cerebros escurecidos.

E, depois de ter evocado estas scenas da rudeza dos tempos, procurar uma compensação consoladora nos espectaculos solemnes de magnificencia e de grandeza: as acções de graça e os hymnos guerreiros da victoria; as pompas liturgicas da egreja e os cantos do jubilo publico.

E considerada, como centro d'esta agitação e d'este scenario, que ella apparece ao nosso espirito grande, austera e sobrehumana; que nos impressiona e subjuga, na sua inflexibilidade sacerdotal e theocratica, como um bispo que revestido das vestes prelaticias, sustentando com a esquerda o baculo symbolico, com a direita nos lança paternalmente a benção, ou nos despede os raios do anathema e da maldição.

A. Gonçalves.

Ces dégradantes superfétations sont toutefois en train de disparaître et la Sé Velha revient lentement à la pureté originale, grâce à la protection dévouée de l'illustre prélat qui honore en ce moment le siége épiscopal de Coïmbre de sa glorieuse initiative artistique.

Remarquons encore, en dernier lieu, qu'il est difficile à des hommes eclairés et libres penseurs, entourés de la sûreté et du confort des civilisations modernes, de se faire une idée exacte de l'impression produite par le temple sur l'esprit des populations.

Il faudrait revenir mentalement en arrière de six ou sept siècles, et reconstruire la vie et les idées des hommes plongés dans l'ignorance, dominés et opprimés par le despotisme des castes, par la pression de lois barbares, de la misère et de la superstition.

Il faudrait s'imaginer la foule saisie d'effroi se précipitant dans le temple pour invoquer à hauts cris la faveur céleste, lors des transes si fréquentes des épidémies, des menaces et des catastrophes de la guerre, que l'atrocité des mœurs accompagnait de terrifiants ravages: massacres, incendies, pillagés, toute une série de crimes épouvantables.

Il faudrait se rappeler le vieux monument se dressant fièrement, dans toute la majesté du contraste, parmi d'infects taudis, d'où sortaient des hommes à peine supérieurs à des esclaves, couverts de haillons, consumés par la faim et le privations, grouillant dans d'immondes ruelles où germinaient la peste et la lèpre.

Dans le porche, le tribunal où les juges administraient une justice sommaire et sévère; à deux pas, le pilori infamant, où les coupables expiaient leurs peines entre les moqueries et les sarcasmes vengeurs de la plèbe.

Il faudrait encore voir le peuple prosterné, dans toute la véhémence de la foi, devant le seul pouvoir qui souriait encore aux âmes saisies de terreurs imaginaires, obsédées de démons et de sorcières malveillantes, lugubres superstitions de cerveaux obscurcis.

Et, après l'évocation de ces scènes empreintes de toute la rudesse des temps, en chercher le revers consolant dans les spectacles solennels et grandioses du culte, dans les actions de grâce et les hymnes guerriers de victoire, dans les pompes liturgiques de l'église et les chants publics d'allégresse.

C'est sous ce point de vue, comme centre de cette agitation et de cette mise en scène que l'église nous paraît grande, austère et surhumaine; qu'elle nous impressione et nous domine de son inflexibilité sacerdotale et théocratique; — comme un évêque qui, revêtu d'habits somptueux, la crosse symbolique dans la main gauche, nous donne de la droite sa bénédiction paternelle ou bien nous frappe de la foudre de l'anathème et de formidables malédictions.

A. Gonçalves.

Cintra



PASSEIO obrigado de todos os dias em Cintra, é passar á tarde pelo velho pateo do Victor, tão alegre no tempo em que alli havia o hotel e onde ainda hoje se encontra o estreito circulo dos seus inquilinos, descer aos Pisões, á sombra dos velhos castanheiros da linda quinta da Regaleira, passar o Relogio e subir até Seteaes, vasto campo em frente ao antigo e nobre palacio do Marquez de Marialva.

Separa este campo da estrada, que é ladeado por duas bellas alamedas, uma velha grade de ferro. O palacio occupa todo o fundo do campo com dois corpos inteiramente iguaes, ligados por um bello arco de cantaria a que serve de remate um tropheu com ós bustos no centro de El-Rei D. João VI e da Rainha D. Carlota Joaquina. Por baixo tem a seguinte inscripção: *Augusto Joanni Fidelissimo Principi Regenti Lusitaniae gentis spei amori ac deliciis ob pacem desideratam innumerasque res calamitosis temporibus non tantum armis, imperii ab omni avo semper invictis sed et sapientia prudentia et justitia animi sui regii optimis virtutibus feliciter preclarissimeque peractas Marchio Marialva hoc monumentum C. Anno MDCCCII.*

N'este palacio foi hospedada com grande pompa a Rainha D. Maria I, e n'elle tambem se assignou a chamada convenção de Cintra, tão cruelmente satyrisada por Lord Byron. No campo de Seteaes faziam exercicio as milicias da terra e foi sempre logradouro dos habitantes de Cintra e de todos os tempos alli se organisaram brilhantes festas, ficando celebre nos annaes da tauromachia portugueza uma tourada de fidalgos que alli se deu ha cerca de cincoenta annos.

Passado o arco, entre os buxos da época, está o «penedo da saudade» virado ao mar e a cavalleiro sobre a vasta planicie. Voltando, nada ha mais bello que a vista da serra atravez do vão do arco.

Eça de Queiroz, com a sua inimitavel penna d'ouro, descreve-a assim n'uma das paginas dos *Maias:* «No vão do arco, como dentro d'uma pesada moldura de pedra, brilhava á luz rica da tarde, um quadro maravilhoso, de uma composição quasi phantastica, como a illuminação d'uma bella lenda de cavallaria e de amor. Era no primeiro plano o terreiro, deserto e verdejando, todo salpicado de botões amarellos; ao fundo o renque cerrado de antigas arvores, com hera nos troncos, formando ao longo da grade uma muralha de folhagem reluzente; e emergindo abruptamente d'uma copada linha de bosque assoalhado, subia no pleno resplendor do dia, destacando vigorosamente n'um relevo nitido sobre o fundo do céo azul claro, o cume airoso da serra, toda côr de violeta escura, coroada pelo Castello da Pena, romantico e solitario no alto, com o seu parque sombrio aos pés, a torre esbelta perdida no ar, e as cupulas brilhando ao sol como se fossem feitas d'ouro...»

Deixando o campo e sempre subindo, e sempre ao abrigo da mais acariciadora sombra, depara-se com Penha Verde que se estende, ligada por um simples arco, para um e outro lado da estrada O portão do palacio, esse, fica mais em baixo, descendo já. Nada ha em Cintra que mais respeitoso recolhimento inspire que esta quinta de D. João de Castro, por elle tanto presada, que depois do famoso cerco de Diu pedia como recompensa que lhe deixassem annexar á Penha Verde, o pequeno monte das Alviçaras, inçado de penedos e só com seis arvores! Por toda a parte parece surgir a sombra do valente capitão, admirando-se lhe a bravura, nas lapides que como tropheus das suas conquistas trouxe da India; a sua piedade nas ermidas poeticamente espalhadas pela quinta, e que os seus successores ainda augmentaram; o seu grande e austero desprendimento recordando a condição imposta no vinculo de que alli se não pudessem cultivar arvores fructiferas mas tão sómente sylvestres, e toda a sua longa vida — espelho de virtude, de valor e de bondade — nas frescas e limpidas aguas correntes das suas numerosas fontes.

Seguindo sempre a estrada, que desce a meia encosta, passa-se a breve trecho a presa de Mon-

Cintra



LE TRAJET préféré de ceux qui se promènent le soir à Cintra commence dans la vieille cour, autrefois si joyeuse, de l'hotel Victor, fréquentée encore des anciens habitués; puis il descend jusqu'à Pisões, sous l'ombre des vénérables marroniers de la jolie villa Regaleira, et, en passant à côté de celle de l'Horloge, remonte ensuite jusqu'à Seteaes, vaste champ qu'une vieille grille en fer sépare de la route, bordée de deux belles allées.

L'ancien palais dum marquis de Marialva, qui occupe tout le fond du champ, est un vaste bâtiment à deux corps égaux, reliés par un bel arc en pierre, surmonté d'un trophée aux bustes du roi D. Jean VI et de sa femme Charlotte Joachine. On y lit l'inscription suivante: *Augusto Joanni Fidelissimo Principi Regenti Lusitaniae gentis spei amori ac deliciis ob pacem desideratam innumerasquè res calamitosis temporibus non tantum armis imperii ab omni aevo semper invictis sed et sapientia et prudentia et justitia animi sui regii optimis virtutibus feliciter preclarissimeque peractas Marchio Marialva hoc monumentum C. Anno MDCCCII.*

Dans ce palais, qui a fastueusement logé la reine D. Marie I, fut signée la convention de Cintra, si cruellement malmenée par Lord Byron. Le champ de Seteaes, où se tenaient, dans le temps, les exercices des milices locales, est le lieu consacré des réjouissances et des spectacles publics; quelques gentilshommes y ont fait, il y a une cinquantaine d'années, une course de taureaux qui est restée à jamais célèbre dans les annales de la tauromachie portugaise.

Après avoir traversé l'arc, entre les buis taillés de l'époque, on tombe sur le «rocher de Saudade» qui domine la vaste plaine jusqu'à la mer. En revenant en arrière, rien de plus ravissant que la vue de la montagne à travers l'arc. Voici la description qu'en donne la plume inimitable d'Eça de Queiroz, dans son livre *Os Maias:* «A travers la large baie de l'arc, comme dans un lourd cadre en pierre, brillait à la lumière riche du soir un tableau merveilleux, d'une composition presque fantastique, comme l'enluminure d'une belle légende de chevalerie et d'amour. C'était d'abord, au premier plan, le champ désert, nappe verdoyante criblée de boutons dorés; puis, au fond, la rangée unie de vieux arbres, aux troncs couverts de lierre, qui faisaient au long de la grille comme un mur luisant de feuillage; — et au delà, sur la ligne pleine des bois inondés de lumière, se dressait brusquement dans tout l'éclat du jour, en relief vigoureux sur le fond turquoise du ciel, la cime élancée de la montagne, estompée de violet sombre et couronnée par le château de Pena, romantique et solitaire, le sombre parc à ses pieds, la tour élégante comme perdue dans l'air, les coupoles étincelant au soleil comme si elles étaient en or...»

En quittant le champ de Seteaes on monte, toujours sous de caressants ombrages, jusqu'à Penha Verde, coupée pour la route en deux morceaux reliés par un arc très simple. L'entrée principale du palais est un peu plus loin, dans la pente descendante de la route. Rien n'est si propre à produire un respectueux recueillement que cette terre du vice-roi D. Jean de Castro, à laquelle il attachait tant de prix qu'après le fameux siége de Diu il a demandé pour toute récompense d'y annexer les Alviçaras, petite colline hérissée de rochers où poussaient à peine six arbres!

Partout nous y accompagne l'ombre du redoutable capitaine, dont on admire les exploits en face des inscriptions lapidaires apportées des Indes comme trophées, la piété dans les chapelles poétiquement distribuées, le désintéressement dans la condition imposée à ses héritiers de n'y cultiver jamais que des arbres sylvestres; toute sa glorieuse carrière enfin — modèle de vertu, de bravoure et de bonté — dans les eaux claires et fraîches des nombreuses sources du domaine.

Tout en suivant la route qui serpente à mi-côte, on passe bientôt la digue de Monsarrate; un

sarrate e mais abaixo, á direita, abre-se o portão de ferro da opulenta quinta d'esse nome, por alli ter existido uma ermida da invocação de Nossa Senhora de Monsarrate, mandada erigir em 1540 pelo rev. Gaspar Preto. Foi Geraldo Devisme quem alli construiu no seculo XVIII uma casa acastellada que depois passou a ser propriedade do inglez Beckford que durante o tempo que viveu em Portugal a aformoseou constantemente. Retirando, porém, para Inglaterra, o palacio abandonado foi tombando em ruinas, e assim se conservou até 1863 em que, comprada a quinta pelo inglez Cook, depois Visconde de Monsarrate, outra vivenda edificou sobre aquellas ruinas despejando largamente o seu ouro pelas ingremes encostas do esplendido parque, a ponto de se tornar, como ainda hoje, um dos mais bellos de Cintra.

Já agora continuemos a sombreada fita da estrada que segue até á villa de Collares, pittorescamente alcandorada sobre duas verdejantes collinas, sobranceiras á ridente varzea, e espraiemos a vista pelos seguidos pomares, que as aguas do rio das Maçãs regam, pelas celebradas vinhas da formosa região e digamos tambem duas palavras da sua historia desde que El-Rei D. Diniz lhe deu foral em 1255. A villa de Collares, que tem por armas um castello entre arvores, possue ainda as pittorescas ruinas do chamado castello de Albornoz. A primeira doação de Reguengo de Collares foi feita por El-Rei D. Affonso II a Pedro Miguel com obrigação de lhe plantar vinhas e de lhe dar o quarto de todos os fructos. O condestavel D. Nuno Alvares Pereira tambem a possuiu por doação de El-Rei D. João I, passando depois e successivamente o senhorio d'esta villa á Infanta D. Izabel, que a perdeu pelo facto de ter casado com o Rei D. João II de Castella, succedendo-lhe sua irmã a Infanta D. Beatriz, mulher do Duque de Vizeu e mãe de El-Rei D. Manoel, que lhe deu novo foral em 1516.

Lá no alto ficam as ruinas da pequena e antiquissima ermida da Senhora de Milides, que se diz ter sido a primeira parochia da villa, e cuja origem data do principio da monarchia. Esta ermida deve o seu nome, segundo explica a lenda, a terem alli perto concertado vinte portuguezes, não mais, tomar a villa aos mouros. Arreceiando-se porém de tão destemida empreza, pelo seu diminuto numero, começavam a vacillar quando distinctamente ouviram uma voz que lhes dizia: Ide que mil ides! Assim animados, foram e venceram. E, como essa voz vinha do céo, n'esse mesmo logar erigiram a capellinha a que deram a poetica invocação de Nossa Senhora de Milides.

O convento do Carmo, hoje pertencente ao conselheiro Dias Ferreira, está situado n'uma planicie e fica sobranceiro á villa. A Egreja, d'uma só nave, foi sagrada pelo Bispo D. Fr. Christovão Moniz, religioso do Carmo, no anno de 1528, segundo se lê n'uma lapide existente no adro. Tendo o padroado d'esta Egreja sido concedido, em 1612, ao Bispo de Leiria, de Vizeu, da Guarda e Regedor das justiças, D. Diniz de Mello e Castro e a seus herdeiros, tem o referido Bispo, fallecido em 1640, a sua sepultura rasa na Egreja do lado do Evangelho, bem como alguns membros da sua familia n'outras sepulturas e mausoleus. As paredes da Egreja têm bellos azulejos e são lindos os claustros do convento. A torre esguia conserva ainda os primitivos sinos d'um tão milagroso som, que o povo acredita que o seu tanger acalma, se não afasta, todas as tempestades. Na cerca, hoje transformada n'uma bella quinta, encontram-se magnificos tanques e fontes de purissima agua. Este convento pertenceu, ainda nos nossos dias, ao Conde de Lavradio que foi ministro de Portugal em Londres, e foi sendo hospede do Conde que Alexandre Herculano escreveu alli a sua poesia *A Cruz Mutilada*, que se encontra na *Harpa do Crente*.

Perto da Varzea, logo abaixo do logar chamado a Eguaria, vê-se a casa do Vinagre, palacete com o seu ar nobre, para o qual se entra por um largo portão que abre para um vasto pateo, onde um grande tanque é alimentado por dois leões de pedra, que seguram nas fortes garras os escudos da antiga casa morgada. Uma escadaria exterior dá ingresso ao palacete que se dobra em angulo recto para este pateo. As bellas salas, com os tectos em maceira, abrem para uma varanda de roda-pé de azulejo que corre ao longo do andar nobre olhando para o pateo. Ainda hoje, a snr.ª Morgada mostra com piedoso respeito aos visitantes a linda capella da casa e as janellas rasgadas que para o lado de traz dão para a Varzea e d'onde a Rainha a Senhora D. Maria I muitas vezes se entretinha a pescar. Esta linda quinta estende-se até ao Mucifal.

Passemos a Almocegeme e relanceemos uma vista de olhos á famosa pedra de Alvidrar, immensa rocha talhada a pique sobre o mar que brame impetuoso lá no fundo, e vejamos descer por essa rocha abaixo, agarrando-se como gatos, os rapazes do sitio que a troco da mais insignificante espórtula tão

peu plus bas à droite se trouve la grille du magnifique château de ce nom. Sur l'emplacement d'une chapelle, érigée en 1540 à Notre Dame de Monsarrate par le R. P. Gaspard Preto, Gérard Dévisme bâtit au XVIIIe siècle un château, acheté plus tard par l'anglais Beckford, qui l'embellit constamment pendant son séjour en Portugal. Lorsqu'il s'en retourna en Angleterre, le palais abandonné tomba peu à peu en ruines; mais en 1863 l'anglais Cook, plus tard vicomte de Monsarrate, le rebâtit entièrement sur un autre plan en y joignant un parc splendide, en sorte que la villa est devenue une des plus belles de Cintra.

Poursuivons maintenant notre promenade jusqu'à la petite ville de Collares, pittoresquement perchée sur deux vertes collines qui dominent la riante vallée, baignée par le ruisseau de Maçam et couverte de vergers et de vignobles aux crus renommés. Collares, dont la première charte, octroyée par D. Denis, remonte à 1255, a pour armes un château entre deux arbres; on y voit encore les ruines du château dit d'Albornoz. Les terres royales de Collares furent originairement données à cens par le roi D. Alphonse II à Pierre Michel, à charge de planter des vignes et de payer le quart de tous les fruits. Le roi D. Jean I en fit une nouvelle donation au connétable D. Nuno Alvares Pereira, après qui la ville passa d'abord à l'infante D. Isabelle, qui la perdit du fait de son mariage à D. Jean II de Castille, ensuite à sa sœur l'infante D. Béatrice, femme du duc de Vizeu et mère du roi D. Manuel, qui en réforma la charte vers 1516.

Tout en haut sont les ruines de la petite chapelle de N. Dame de Milides, peut-être la première paroisse de la ville et contemporaine de la monarchie. En voici l'origine, d'après la légende. Lorsque la ville était encore au pouvoir des sarrasins, un groupe de vingt portugais résolut hardiment d'en tenter l'assaut; mais dès les débuts de l'action leur courage commença à faiblir devant l'énorme disproportion numérique, et ils auraient bientôt cédé si une voix céleste ne leur eut crié: *Ide que mil ides!* Alors les assiégeants, puisant dans l'intervention divine de nouvelles ardeurs, redoublèrent de bravoure et vinrent à bout de l'audacieuse entreprise; et en souvenir de cet exploit ils érigèrent la chapelle en honneur de Notre Dame de Milides.

Le couvent des carmes, qui appartient au conseiller d'Etat Dias Ferreira, est bâti sur un plateau qui domine la ville. L'église, à une seule nef, a été consacrée en 1528 par l'évêque D. Christophe Moniz, frère carme, ainsi que l'atteste une inscription du parvis. Vers 1612 le patronage en fut octroyé à l'évêque de Leiria, de Vizeu et de Guarda, le grand chancelier D. Dinis de Mello et Castro, et à ses héritiers; ce grand dignitaire y est inhumé sous une simple dalle, du côté de l'évangile, et plusieurs membres de sa famille occupent d'autres tombes et des mausolées. Il y a de jolis revêtements en faïence sur les murs de l'église, et les cloîtres du couvent sont aussi dignes d'attention. La tour effilée conserve les cloches primitives dont le son miraculeux, d'après une croyance populaire, apaise ou détourne les tempêtes; l'enclos du convent, transformé en parc, a de superbes bassins et des fontaines d'une eau admirable. Le propriétaire antérieur de la villa était le comte de Lavradio, ministre du Portugal à Londres; c'est de son temps que Alexandre Herculano y a écrit la poésie *A Cruz Mutilada*, qui fait partie du receuil *A Harpa do Crente*.

Près de Varzea et tout en bas de Eguaria, est la villa dite du Vinaigre. Une large porte cochère ouvre sur la vaste cour; un grand bassin y reçoit l'eau de deux lions en pierre, dont les fortes griffes tiennent les écussons de la vieille famille des Morgadas. De la cour on monte par un escalier extérieur dans l'hôtel dont les belles salles, à plafonds relevés en auge, donnent sur une galerie lambrissée de carreaux de faïence, qui court tout au long du premier étage, du côté de la cour. La propriétaire montre encore aux visiteurs, pleine de respectueux souvenirs, la jolie chapelle de la maison et les larges fenêtres, donnant sur la Varzea, d'où S. M. la reine D. Maria I s'amusait fréquemment à pêcher. Cette belle villa s'étend jusqu'à Mucifal.

En passant par Almocegeme, donnons un coup d'œil à la fameuse «pedra de Alvidrar», énorme rocher taillé à pic sur la mer écumante, que les gamins du voisinage, moyennant quelques centimes, sont toujours prêts à descendre, avec une agilité d'écureuil. Ce genre de sport, non exempt de péril, a une longue tradition, car Duarte Nunes de Léon en parle déjà dans sa description du Portugal.

La Peninha, toute blanche sur le bleu pur du ciel, nous attire en haut de la montagne, malgré les raides escaliers qui mènent au sommet. Rien de plus touchant que la légende de cet ermitage. Il y avait autrefois, du temps de D. Jean III, une petite bergère d'Almoinhas-Velhas qui menait paître ses

desprendidamente assim arriscam a vida. Sport antiquissimo n'este mesmo logar, pois já a elle se refere Duarte Nunes de Leão na sua descripção de Portugal.

A Peninha namora-nos lá do cimo, com as ingremes escadas que lhe dão accesso, toda branca destacando-se como uma mortalha de virgem no puro azul do céo. Nada mais encantador que a poetica lenda d'esta ermida. No tempo de El-Rei D. João III, no logar de Almoinhas Velhas, vivia uma pastorinha muda, que por aquelles sitios ermos levava as ovelhas a pastar. Um dia, uma d'ellas, tão branca e linda como a propria pastorinha, desatou a correr parando só no mais alto dos penhascos. A pobre rapariguita, temendo que de todo lhe fugisse, seguiu-a a custo, ferindo-se nas arestas vivas das rochas. A chorar chegou lá acima e grande foi o seu espanto ao vêr uma menina, linda como os amores, afagar dôcemente a ovelhinha e perguntar-lhe porque chorava assim. A pastora, muda de nascença, respondeu que vinha em busca d'aquella ovelha que do seu rebanho tinha fugido. Nossa Senhora, que outra não era a formosa menina, disse-lhe: «Leva a ovelha á tua mãe e pede-lhe pão». Ora como n'esse tempo a fome fosse muita e não houvesse pão na casita pobre, a pequena respondeu que não podia pedir o que não havia. «Pede que na arca, ao fundo da cozinha, tua mãe tem muito pão, vae». Calcula-se como a mãe ficaria ao vêr chegar com falla a filha estremecida e indicar-lhe o sitio onde em casa tão pobre, havia pão á farta, pois ao abrir a arca viu que a filha a não enganára. Contou então a pastorinha a apparição que tivera, e paes e visinhos foram em alvoroço conduzidos pela pequenita ao sitio onde Nossa Senhora lhe fallára e alli descobriram, na fenda d'uma rocha, a imagem de Nossa Senhora, que ainda hoje na ermida da Peninha se venera.

A primeira ermida era muito pobre e de pedra solta. Em 1579, no tempo do Cardeal Rei, como a devoção dos povos circumvisinhos acudisse com muitas esmolas, constituiu-se a primeira confraria e outra ermida se construiu onde a imagem permaneceu até 1673, época em que o irmão Pedro da Conceição de vinte e oito annos de idade, official de pedreiro, tendo um dia visitado a ermida na companhia de outros moços do seu officio, resolveu alli acabar os seus dias, vestindo o habito do Ermitão de Nossa Senhora e consagrar todos os seus poucos haveres e pratica do seu officio a fazer uma nova ermida. E assim fez, e foi elle quem construiu a que ainda hoje alli se levanta, e o escadorio que conduz ao adro. Ao saberem d'isto, primeiro os Padres Vicentes, depois os Carmelitas quizeram pôr embargos ao novo Ermitão. Este porém, com uma grande perseverança, conseguiu do Arcebispo de Lisboa que lhe fosse dado continuar e concluir a sua obra. E lá se encontra enterrado no adro em sepultura aberta por suas mãos e a que fez este epitaphio: *Aqui jaz o Ermitão de Nossa Senhora da Peninha, o irmão Pedro pede hum Padre Nosso, e huma Ave Maria, pelos bemfeitores.* A ermida tem um só altar de bello mosaico e as paredes são, como a abobada, forradas de bellos azulejos divididos em quadros com episodios da vida de Nossa Senhora. Tres cirios em cada anno acordam ainda agora com as suas gaitas de folle os echos d'estas quebradas. Nada mais bello que a extensa vista que da Peninha se disfructa, abraçando o vasto mar, nos dias claros e lavados de nevoa.

Precisamos voltar para traz e fallar no Paço Real. Antes porém não deixe o leitor, já na villa, ao passar defronte do antigo palacio Pombal, de entrar o largo portão e admirar o discreto pateo, exemplo incomparavel, senão unico, da riqueza e belleza da architectura privada portugueza do tempo de El-Rei D. João III.

Cá temos na nossa frente o antigo Paço Real, que airosamente domina a villa, com o seu elegante pelourinho de marmore branco torturadamente trabalhado, levantado na pequena praça que dá ingresso ao velho Alcaçar. Nada ha mais difficil do que escrever sobre este monumento, que vem de tempos tão remotos e ao qual, por assim dizer, cada geração accrescentou um pouco da sua vida. Tudo alli se encontra desde os vestigios caracteristicamente arabes, até á mais culposa insensatez contemporanea. O que foi tão bello edificio até el-rei D. João I, que o reedificou, não o dizem claramente as chronicas, ou para melhor dizer ainda ninguem o estudou com a elevada competencia technica, que tão difficil e delicado problema requer. A disposição interior do Paço mostra bem que successivas construcções se lhe ajuntaram e o proprio D. João I, já muito conservou, do que existia. El-Rei D. Duarte, que n'este Paço residiu frequentes vezes, ainda por ventura o accrescentou, e outro tanto fez D. Affonso V, que n'elle nasceu. De documentos da época se vê que D. João II tambem lhe ajuntou novas obras e muito fez igualmente El-Rei D. Manoel, imprimindo lhe o elegantissimo cunho da architectura do seu glorioso tempo. Isto, para não fallar senão do que em tão bello monumento mais se destaca. De resto o palacio é o mais bello

brebis dans les flancs solitaires de la montagne. Un jour la plus belle et la plus blanche de tout le troupeau, saisie da frayeur, se prit à courir, et ne s'arrêta qu'au plus haut des rochers du sommet. La pauvre enfant, craignant de la perdre, la poursuivit à grand' peine, et parvint en haut toute en pleurs et meurtrie. A son grand étonnement, elle y trouva une dame d'une beauté céleste, qui caressait doucement la brebis et lui demanda pourquoi elle pleurait.

La bergère, quoique muette de naissance, répondit qu'elle cherchait une brebis egarée. Alors Notre Dame — car c'était bien elle — lui dit: «Retourne apporter la brebis à la mère, et demande-lui du pain». Mais comme c'était temps de famine la pauvrette objecta encore que la demande serait inutile. «Va, et dis à ta mère que dans la huche, au fond de la cuisine, elle trouvera beaucoup de pain». On s'imagine la joie de la mère en entendant la voix de sa fille qui lui annonçait une abondance tout-à-fait inattendue; la huche en effet se trouva bondée de pain. L'histoire du miracle se répandit bien vite, et tout le monde accourut au lieu de l'apparition indiqué par la bergère; on y découvrit, dans une fente, l'image de Notre Dame qui est venerée encore dans la Peninha.

La chapelle primitive était très pauvrement bâtie. En 1579, sous le Cardinal-roi, les largesses des dévots du voisinage permirent de fonder une confrérie et d'ériger une deuxième chapelle. En 1673 le maçon Pierre da Conceição, âgé de vingt huit ans, après avoir visité la chapelle, résolut d'y finir ses jours sous la bure monacale et de consacrer son bien et son adresse professionnelle à la construction d'un autre ermitage. Les P. P. de St. Vincent d'abord, et les carmes ensuite, voulurent s'opposer à ce pieux dessein; mais le nouvel ermite, doué d'une remarquable ténacité, put obtenir de l'archévêque de Lisbonne la permission nécessaire et bâtit, en effet, l'ermitage actuel ainsi que les escaliers qui y conduisent. Il est enterré tout près dans une fosse creusée de ses mains, sous une pierre qui porte l'épitaphe suivant: *Ci gît l'ermite de Notre Dame de Peninha, le frère Pierre demande un Pater et un Avé, pour le salut des bienfaiteurs.*

La chapelle n'a qu'un autel en mosaïque; les murs, de même que la voûte, en sont revêtus de beaux tableaux en faïence, figurant des épisodes de la vie de Notre Dame. On y fait encore, toutes les années, trois processions populaires qui troublent les échos solitaires du son joyeux des cornemuses champêtres. Le panorama qu'on jouit de la Peninha est admirable; il s'étend jusqu'à la mer lorsque l'atmosphère est libre de brouillards.

Il faudra revenir sur nos pas et rentrer dans la villa de Cintra, pour arriver au Palais Royal. En passant toutefois par l'ancien palais Pombal, noublions pas de franchir la grande porte et d'admirer la cour discrète, exemple incomparable, peut-être unique, de la richesse et de la beauté de l'architecture privée en Portugal, sous D. Jean III.

Nous voici enfin en face du Palais royale qui domine la ville, et de l'élégant pilori en marbre blanc capricieusement ouvragé qui se dresse sur l'esplanade du vieux château. Rien de plus difficile que de décrire ce monument d'un âge reculé, au quel chaque génération a ajouté quelque peu de sa vie. Il y a de tout, depuis les vestiges nettement arabes, jusqu'aux signes inéquivoques de la sottise contemporaine. Avant D. Jean I, qui le rebâtit, les données sont insuffisantes ou manquent tout-à-fait; pour mieux dire, personne n'a pas encore abordé ce problème qui exige des connaissances techniques et historiques difficiles à réunir. D. Jean I a conservé beaucoup de choses antérieures à la reconstruction; D. Duarte, qui résida plusieurs fois dans le Palais, l'agrandit probablement, et D. Alphonse V, qui y est né, suivit son père dans cette voie. On sait par des documents contemporains que D. Jean II y fit de nouveaux ouvrages, et que son successeur D. Manuel lui donna l'empreinte de l'élégante architecture de son temps glorieux.

Cela pour l'ensemble; pour le détail, nous n'aurions jamais fini de ce délicieux labyrinthe, plein de jolies cours, de jardins cachés, de belles fontaines, d'escaliers et de couloirs imprévus, et même de pavillons isolés du corps principal, tels que celui *des biassons*, fait par ordre de D. Manuel. Le plafond de ce vaste sàlon, à forme polyédrique, est d'une hauteur considérable; chacune de ses soixante quatorze faces ou caissons porte un écu armorié suspendu au cou d'une tête de cerf, dont les cors portent le timbre correspondant.

Notons encore, dans la belle *salle des cysnes*, le plafond en caissons peints, l'imposante cheminée, les vieilles fenêtres et les faïences si originales; la *salle du Conseil*, sévère et basse, dont les bancs et le fauteuil royal sont revêtus de carreaux en faïence, où l'on dit que le roi D. Sébastien a décidé la

labyrintho que possa vêr-se, cheio de lindos pateos, escondidos jardins, formosas fontes, escadarias imprevistas, corredores que se não esperam e até salas, como a dos brazões, afastadas de toda a parte nobre do edificio. Essa é vastissima, de enorme altura, tendo no tecto, em caixotões, pintados setenta e quatro brazões pendentes dos pescoços de veados que trazem nos galhos os respectivos timbres, sala mandada construir por El-Rei D. Manoel.

Tudo porém fórma um esplendido conjuncto, admirando-se a bella sala dos cysnes, que a não póde haver mais formosa, com o seu bello tecto em caixotões pintados, a sua imponente chaminé, as velhas janellas e os originalissimos azulejos; a das pegas, tambem azulejada e com uma magnifica chaminé, abrindo por um lado para um lindissimo pateo e dando para o outro, por uma larga janella que uma fina columna divide, para um delicioso jardim, e que a tradição accrescenta fôra mandada fazer por El-Rei D. João I, para, com a legenda *Por bem,* sahindo do bico de cada pega, castigar a loquacidade das damas que divulgaram o innocente e furtivo beijo dado por El-Rei a uma das mais formosas damas da Rainha; a baixa e severa sala do Conselho com os bancos, e cadeira de braços para o Rei, bancos e cadeiras revestidos de azulejo, sala onde se affirma ter El-Rei D. Sebastião decidido a funesta jornada de Africa.

D'este Paço, quasi sempre habitado pelos Reis de Portugal, póde dizer-se que cada capitulo da nossa historia teve aqui o seu echo mais profundo. E essa historia, que todos devemos saber de cór, e trazer no coração, só estará completa no dia em que conscientemente se escrever a monographia de tão notavel monumento.

Conde d'Arnoso.

funeste entreprise d'Afrique; enfin, la curieuse *salle des pies*, revêtue aussi de jolies faïences, où l'on admire une magnifique cheminée. Elle donne d'un côté sur une cour charmante, et de l'autre, par une large fenêtre coupée en deux par une svelte colonnette, sur un délicieux jardin; la tradition rapporte que le roi D. Jean I y a fait peindre plusieurs pies dont le bec porte l'inscription: *Por bem* (*Pour bien*), pour blâmer d'une façon indirecte l'indiscrétion des dames du palais qui avaient trop bavardé sur un baiser innocent que le roi déroba à une des plus belles dames de la reine.

On peut dire de ce Palais, presque toujours habité par les rois du Portugal, que les événements marquants de notre histoire y ont tous laissé des souvenirs; cette histoire, que nous devrons toujours porter dans nos cœurs, ne sera complète que le jour où l'on pourra écrire consciencieusement la monographie de ce remarquable monument.

Comte d'Arnoso.

Arredores de Coimbra



DE BRAÇO dado com um cicerone illustre, o visitante de Coimbra já admirou o esplendido panorama que a mui antiga, mui nobre e sempre leal cidade apresenta, vista da margem esquerda: linda nympha fluvial que, depois de banhar os pés, trepa com graciosa agilidade pela ladeira ingreme da montanha, para afinal se reclinar risonha no seu cume achatado, retratando-se no rio, cujas aguas serenas, cantadas ha quatro seculos pelo principe dos poetas lusitanos, *vão descendo, e mansamente até ao mar não param.*

Em frente de alguns dos seus preciosos monumentos teve occasião de se orientar sobre as origens da velha Conimbrica, as paginas mais brilhantes da sua historia, o seu papel notavel na civilisação portugueza como antiga côrte, esboçado magistralmente por Sá de Miranda em uma das suas *Satiras*.

Sabe que, graças ao seu clima benigno, foi, durante seculos, abrigo saudavel e ameno onde os reinantes e seus cortezãos se refugiavam quando a peste os acossava da soberba capital de marmore e granito, á qual Coimbra tivera de ceder o passo. Mas principalmente ella é familiar e cara a todos como Lusa-Athenas, *formosa e nobre cidade, onde se formam doutores*, conforme rezam singelas trovas populares; centro intellectual para onde convergem os espiritos mais bem dotados; um dos fócos vivos da elaboração poetica, no qual se crystalisam lendas, contos, cantigas, romances nacionaes que a mocidade academica, affluindo das diversas provincias, fez e faz ainda brotar do sólo fertil da tradição, irradiando-os novamente para todos os recantos de Portugal.

Peregrino da arte, o curioso já contemplou, em rapida excursão pela estrada da Figueira até ao logar de S. Silvestre, uma serie de fragmentos architectonicos e de esculpturas formosissimas, da escóla coimbrã. E entrou tambem na vetusta cathedral romanica, elucidado ácerca do Pantheon dos Silvas de S. Marcos e a respeito da Sé por guias seguros, doutros, enthusiastas.

Hoje convidamol-o a um simples divagar e devanear poetico, de dilettante, pelas cercanias da cidade. Sem preoccupações eruditas gozemos, passeando, as justamente celebres bellezas naturaes d'esta terra de encantos, *torrão de geito para searas de amor*, querida e cantada por todos os patriotas que um fado venturoso distinguiu com o dom da lyra. Por isso mesmo, a cada passo versos dos mais illustres vates que tentaram fixar traços caracteristicos da paizagem coimbrã, e versos que respiram entranhado amor, terna commoção e saudade profunda, como os de Silva Gaio e Alberto d'Oliveira Correia, acodem sem querer á nossa memoria, exteriorisando as suaves impressões que vamos colhendo. O proprio povo, enlevado pelo meio aprazivel, e adestrado pelo longo convivio com moços de talento, toma parte n'esse festim de poesia, pois foi elle quem forjou o tantas vezes repetido proloquio: *Quem não viu Coimbra não viu coisa linda*, dando assim a replica aos lisboetas que gabam, não sem motivo, a rainha do Tejo.

Situados no centro do paiz, os campos de Hercules são a sua parte mais temperada. Abrigada dos ventos leste e norte pela forte barreira das serras da Estrella, do Caramulo, Bussaco, Dianteiro, a planicie do Mondego é humedecida a miudo pelas brizas maritimas. Copiosas chuvas dão á vegetação um viço deslumbrante. Unico entre os rios caudalosos do reino que é genuinamente portuguez, desde a sua nascente no Herminio até á foz, o Mondego corre no fim do seu percurso, placido e lentamente — *tanto a seu sabor que não se sente* — minguado na força do estio a ponto de descobrir os seus areaes de ouro em largas extensões. Na primavera porém, engrossado com as neves e chuvas do inverno, transforma-se em corrente impetuosa e mesmo devastadora. Então inunda os terrenos marginaes abaixo de Coimbra e deposita ahi nateiros que os tornam uberrimos. Para os suster orlaram as ribas de espessas plantações de cannaviaes, salgueiros, amieiros, choupos e freixos, de tons e fórmas variadissimas. N'essas verduras fazem ninho legiões de aves que enchem a atmosphera ora de sons melodicos, ora de um chilreio inquietador e vivaz.

A pequena distancia, além dos mouchões, ha faixas de terreno plano, as afamadas *insuas* productivas de milho, com pomares viridentes, vinhas, laranjaes, cujas niveas flôres embalsamam o ar e evocam visões virginaes. Mais ao longe nas oliveiras de troncos esgarçados e folhagem argentea pousa a

Environs de Coïmbre



ACCOMPAGNÉ d'un cicerone illustre, le touriste a eu l'occasion d'admirer le panorama splendide que présente, vue de la rive gauche, la très ancienne, très noble et toujours loyale ville de Coïmbre; belle nymphe fluviale, qui grimpe gracieusement le long de la côte abrupte de la montagne et s'incline souriante sur son faîte aplati, se mirant dans le fleuve, dont les eaux sereines, chantées il y a quatre siècles par le prince des poètes portugais, *vão descendo, e mansamente até ao mar não param.*

Il a pu, en présence de quelques monuments précieux, s'édifier sur les origines de la vieille Conimbrica, sur les pages les plus brillantes de son histoire, ainsi que sur le rôle important qu'elle a joué, comme ancienne cour, dans la civilisation portugaise, si magistralement esquissé dans une des *Satyres* de Sá de Miranda.

Il n'ignore pas que, grâces à son doux climat, elle fût pendant des siècles un abri sain et agréable où les princes régnants et leurs courtisans avaient pris l'habitude de se réfugier lorsque la peste les éloignait de la superbe capitale de marbre et de granit, à laquelle Coïmbre avait dû céder le pas. Mais c'est surtout comme *Athènes portugaise* qu'elle est devenue familière et chère à tous, *belle et noble cité, où se forment les docteurs*, comme le peuple la définit dans son simple et naïf langage; centre intellectuel vers lequel convergent les esprits les mieux doués; foyer vivant d'élaboration poétique, dans lequel se cristallisent les légendes, les contes, les chansons, les romans nationaux que la jeunesse académique a fait et continue à faire jaillir du sol fertile de la tradition.

Épris de l'art, il a sans doute contemplé, dans une rapide excursion par la route qui mène de Figueira à Saint-Sylvestre, toute une série de fragments architectoniques et de très belles sculptures de l'école de Coïmbre. Il n'est pas sans être entré dans la vénérable cathédrale romane suffisamment éclairé sur le Panthéon des Silva de Saint-Marc, aussi bien que sur le monument même, par de savants et doctes guides.

Nous l'invitons aujourd'hui à une simple flânerie poétique, de dilettante, aux environs de la ville. Jouissons donc, sans arrière-pensée d'érudition, tout en nous provenant, des beautés naturelles si célèbres de ce pays plein d'enchantements, *torrão de geito para searas de amor*, chanté avec tant de chaleur par tous les patriotes qu'un heureux destin a favorisés du don divin de la poésie. Les vers des poètes les plus illustres qui ont voulu fixer les traits caractéristiques de ces paysages ravissants et qui respirent l'amour et l'émotion, comme ceux de Silva Gaio et Alberto d'Oliveira Correia, nous viennent spontanément à la mémoire, donnant comme une forme aux suaves impressions que nous cueillons à chaque pas. Le peuple, épris de ce charmant pays, et formé par un contact ininterrompu avec des jeunes gens de talent, prend lui aussi sa part dans ce festin de poésie. C'est lui qui a conçu l'adage si souvent répété: *Quem não viu Coimbra não viu coisa linda*, ripostant de cette façon aux lisbonnais qui louent, non sans raison, la reine du Tage.

Situés au centre du pays, les champs d'Hercule forment la partie la plus tempérée du pays. A l'abri des vents de l'est et du nord, arrêtés par la forte barrière des chaînes d'Estrella, de Caramullo, Bussaco et de Dianteiro, la plaine du Mondego est fréquemment humectée par les brises maritimes; d'abondantes pluies donnent à la végétation une richesse éblouissante. De tous les grands fleuves du royaume, le Mondego, depuis sa source à l'Herminio jusqu'à son embouchure, est le seul qui ne traverse que du territoire portugais. Vers la fin de son trajet il coule paisiblement et lentement, *tanto a seu sabor que não se sente*, et pendant les fortes chaleurs son cours devient tellement faible, qu'il laisse largemente à découvert son lit aux sables d'or. Au printemps, cependant, grossi par les neiges et les pluies de l'hiver il se transforme en torrent impétueux, dévastateur même. Il inonde alors les champs riverains près de Coïmbre et y dépose des couches de limon qui leur assurent une fertilité exceptionnelle. On a, pour les retenir, ourlé les bords d'épaisses plantations de cannaies, de saules, d'aunes, de peupliers, et de frênes, aux tons et aux formes les plus variées. De vraies légions d'oiseaux profitent de cette verdure pour y faire leurs nids, et l'atmosphère se remplit de sons mélodieux ou d'un gazouillis inquiet et vif.

cigarra de Anacreonte e faz ouvir em julho e agosto o seu cantar tremulo, estridente e monotono. No limite extremo erguem-se montanhas, em ondulações caprichosas de côres esfumadas, azul e violeta.

A impressão produzida por esta deliciosa paizagem sobre genios sentimentaes não é todavia—como seria de esperar—a de uma Arcadia alegre. Risonha—*undique ridentem*—a chamam apenas alguns estrangeiros e certos optimistas que ahi têm berço, lar e jazigo. A *saudade* é quem em geral reina e governa nos campos do Mondego. A ave que os povoa e caracteriza não é a cotovia matutina—*the skylark*—que cheia de jubilo gorgeia hymnos de amor, mas antes o rouxinol nocturno que chora queixumes desesperados até se finar de paixão. A pleiada numerosa dos que lá passam apenas um lustro da vida, e têm de apartar-se afinal d'esse paiz do Senhor, dizendo adeus ao mesmo tempo á época descuidosa e abençoada da candura juvenil em que amaram e cantaram, gozaram e luctaram, essa mira os campos com os olhos rasos de lagrimas, e quando os revê entre sonhos,

a alma que de lá os acompanha,
nas azas do ligeiro pensamento,
para vós, aguas, voa e em vós se banha.

Ora, se os auctores de elegias e eglogas nostalgicas são de facto, como pensam certos criticos atilados, os interpretes mais fieis da alma portugueza, essencialmente lyrica; se a sensação que melhor lhes quadra e melhor os inspira é a *saudade*—dôr aprazivel e alegria triste, tão bem definida por Almeida Garrett, longe da patria querida—comparavel e já comparada a um rio

que da *lembrança* nasce, e vem passando,
aqui ameno e dôce, alli sombrio—

então um *Cancioneiro de Coimbra*, contendo todas as obras litterarias, architectadas em honra da cidade, do rio e das nymphas do Mondego, por successivas gerações de artistas, de mais ou menos alentado vôo, desde o primitivo desabrochar lyrico nos dias do trovador coroado que

fez primeiro em Coimbra exercitar-se
o valeroso officio de Minerva
e de Helicona as Musas fez passar-se
a pisar do Mondego a fertil herva,

até aos nossos dias, havia de ser não sómente lindo como um dos mais lindos volumes de rimas portuguezas, mas de importancia typica. Vale a pena reunil-o, a bem de todos os visitantes de Coimbra!

Dos multiplos reflexos ahi enfeixados que se espelharam nos espiritos vibrateis dos poetas, e nos podiam illuminar o nosso passeio, urge todavia passarmos á realidade. Dos contornos de Coimbra em geral, a alguns pontos salientes.

A difficuldade consiste apenas na escolha. Tal é a abundancia de sitios deliciosos que a rainha da Beira encerra e de logares tentadores que a cercam, de perto e de longe.

O nosso passeio de hoje está todavia prescripto. Havemos de fazer tres estações, todas ellas muito perto do rio: *em frente de Santa Clara*;—no *Choupal*;—na *Quinta das Lagrimas*.

*

*   *

Desçamos. Do rio sóbe cada vez mais distincto o som de vozes feminis.

São aguadeiras e lavadeiras que mourejam cantando e conversando, para assim tornar menos pesada a faina diaria. Espectaculo rustico, não isento de graça. Lá estão, isoladas ou aos pares, em longa carreira tortuosa, flôres vivas que marcam os meandros do Mondego. Conto uma, duas, tres, quatro duzias: parte a lavar, parte a torcer; outras que estendem; algumas a encher os canecos e cantaros; descalças todas com as saias arregaçadas, as velhas protegidas contra o ardor do sol pelo chapéo de feltro, emquanto ás moças airosas basta-lhes o lenço branco ou de côr sobre o cabello farto.

Enxutando o enxame de cantigas com suas voltas e glosas camonianas e modernas, que de novo

A peu de distance, au delà des javeaux, il y a des bandes de terrains plats — les célèbres *insuas* fertiles em maïs, garnies de vergers verdoyants, de vignes et d'orangeries, dont les fleurs de neige embaument l'air et évoquent des visions virginales. Plus loin, sur les oliviers aux troncs effilés et aux feuilles argentées, la cigale d'Anacréon fait entendre en juillet et août son chant tremblant, strident et monotone. Au dernier plan, les montagnes se lèvent en de capricieuses ondulations aux couleurs estompées — bleu et violet.

Cependant, l'impression produite par ce paysage délicieux sur les tempéraments sentimentaux, n'est pas, comme on pourrait le croire, celle d'une Arcadie heureuse. Souriante — *undique ridentem* — il n'y a que quelques étrangers et certains optimistes y ayant berceau, foyer et caveau, qui peuvent la joger ainsi. C'est la *saudade* qui règne en souveraine sur les champs du Mondego. L'oiseau qui de préférence vient les peupler n'est point l'aloutte matinale — *the skylark* — qui, toute à la joie, emplit l'air de son ramage amoureux, mais plutôt le rossignol nocturne qui s'exténue en plaintes passionnées. La foule nombreuse de ceux qui y passent seulement un lustre de leur vie et qui au bout de ce temps se voient forcés de quitter cette terre promise tout en disant um dernier adieu aux jours bénis et exempts de soucis où ils ont aimé, chanté, joui et lutté, — ceux là contemplent les champs, les yeux inondés de larmes, et quand ils les revoient dans leurs songes,

a alma que de lá os acompanha,
nas azas do ligeiro pensamento,
para vós, aguas, vôa e em vós se banha.

Or, si les auteurs d'élégies et d'églogues nostalgiques sont vraiment, comme l'assurent certains critiques avisés, les interprètes les plus fidèles de l'âme portugaise, essentiellement lyrique; si la sensation qui leur va et les inspire le mieux est cette *saudade — dôr aprazivel e alegria triste*, comme l'a si heureusement définie Almeida Garrett, loin de la patrie bien-aimée — et que l'on a déjà comparée a um fleuve

que da *lembrança* nasce, e vem passando,
aqui ameno e dôce, alli sombrio—

alors, um *Chansonnier de Coïmbre*, réunissant toutes les œuvres littéraires, faites en l'honneur de la ville, du fleuve et des nymphes du Mondego, par tant de générations d'artistes au vol plus ou moins sublime, depuis les premieres essais lyriques alors que le trouvère couronné

fez primeiro em Coimbra exercitar-se
o valeroso officio de Minerva
e de Helicona as Musas fez passar-se
a pisar do Mondego a fertil herva,

jusqu'à nos jours, formerait un des plus beaux recueils de vers portugais, d'une contexture tout-à-fait caractéristique. Il serait à désirer que l'on entreprît un tel ouvrage, ne fût-ce qu'à l'usage de tous les visiteurs de Coïmbre. Il est temps cependant que nous laissions là les poètes pour rentrer dans la réalité. Passons donc des contours de Coïmbre, en général, à quelques points saillants.

On n'a que l'embarras du choix, telle est l'abondance de sites agréables que l'on peut visiter dedans et hors des murs de la reine de Beira. Cependant le but de notre promenade est arrêté pour aujourd'hui.

Nous ferons trois stations, toutes très près du fleuve: en face de *Santa Clara*; — dans le *Choupal*; — dans la *Quinta das Lagrimas*.

*

*   *

Descendons. On entend monter du fleuve de plus en plus distinctement le son de voix féminines.

Ce sont des porteuses d'eau et des blanchisseuses qui chantent et causent tout en travaillant, afin de rendre plus léger leur lourde tâche journalière. Spectacle rustique non sans charme. Les voilà, seules ou deux à deux, fleurs vivantes marquant les méandres du Mondego. J'en compte une, deux, trois, quatre douzaines; les unes blanchissent et tordent le linge, d'autres l'étendent; quelques-unes sont occupées à emplir leurs cruches; toutes ont les pieds nus et les jupes retroussées, les vieilles coif-

acodem á nossa mente, e olhando para os manteis, mais brancos que a neve, que córam sobre o areal, recordemos apenas a fama secular «que só com as aguas do Mondego a roupa se faz tão alva como nas mais partes com sabão ou outro artificio», fama tão inveterada como a de «fino, resistente e bom para enredos» ganha pelo fio de linho portuguez, de Coimbra a Guimarães, e como o renome da agua do Mondego. Coada pelo filtro natural das areias ella passa não só por limpida e delgada, mas por saborosissima, e ainda hoje é preferida á das fontes por grande parte dos habitantes. Se houvesse perto um dos esteiros privilegiados onde as moças de cantaro se surtem, haviamos de proval-a n'um pucarinho de barro, pois já em tempo do velho Strabão os lusitanos eram grandes bebedores de agua e preferiam vasos de «*terra*», *para que sempre lhes pareça que bebem na propria fonte.*

Uma curva lancha vae rio abaixo, tão devagar como se o homem que a move á vara, obedecesse ás raparigas que o provocam, cantando estancias quinhentistas: *Ir-me quero, madre, Com o marinheiro*, ou

Deixa, deixa, oh barqueiro
ir o barco lentamente!
Deixa! deixa! que a saudade
ir mais longe não consente.

Na margem opposta o monte de Santa Clara sóbe, tambem sem pressa, dividido em muitas parcellas, como indicam os casaes espalhados entre verduras. Rente á borda da agua ergue-se, no meio da usual estacaria de cannas, salgueiros e choupos, um bello grupo de robinias, cujos cachos pendentes rescendem deliciosamente. Dos ferteis milheiraes, meio occultos, nas *insuas do Almegue*, erguem-se esbeltos eucaliptos, cujo verde tenue e azulado está em admiravel contraste com a fronde espessa e escura, de tons metallicos, das larangeiras salpicadas de pomos de oiro, e com as latadas de vinha. Estas e as oliveiras do fundo dão ao pequeno quadro certo aspecto de fartura meridional: cereaes e legumes, hortaliças e fructas, vinho e azeite, que se criam em tanta abundancia nos ferteis campos conimbricenses.

Um pouco ao occidente da cidade, temos o *Choupal*. Entre todos os passeios lindos é sem contestação o que sobresahe pela sua amplidão e pelo seu caracter de verdadeiro e bem tratado bosque. Assoriamentos constantes haviam alteado o nivel do rio de sorte que, em fins do seculo XVII, o governo teve de proceder a novo aleitamento.

Fizeram-se então, sobre uma parte do antigo leito e areaes, até então incultos, mas fertilizados pelos sedimentos arrastados pelas cheias, largas plantações de choupos, que deram o nome á nova matta nacional. Crescendo a capricho n'um estado quasi virginal, recortado por fundos valleiros por onde se escoavam as aguas das enchentes, não comportadas pelo rio, o Choupal ficou durante longo tempo quasi intransitavel. Hoje porém, graças ao trabalho intelligente dos directores das obras do Mondego, a pequena floresta, cobrindo mais de cem hectares, está transformada em um parque ameno, com numerosas estradas e ruas, vallas regularisadas, pontes rusticas e magnificos exemplares, de arvores de exuberante vegetação: copadas faias, amoreiras corpulentas, platanos e nogueiras, alamos, acacias, loureiros, medronhos, eucaliptos altivos cujo rapido desenvolvimento surprehende os que, vindos de longe, estão acostumados ao lento crescer do arvoredo septentrional. Como typo de arborisação em terrenos baixos e ferteis, servindo de campo de experiencias na cultura de plantas exoticas e indigenas, e de viveiro-modelo de onde já sahiram milhares de boas arvores que dão sombra e frescura ás estradas e aformoseiam povoações outr'ora pobres de verdura, a matta tem muita importancia scientifica e agricola. Se lhe falta o tom pittoresco communicado por grandes accidentes no terreno, se não ha grutas, belvederes, lagos, taboleiros de flôres, relvados de seiva, temos em troca a vista do rio e da cidade.

Em todas as estações é uma delicia passear ahi, sobretudo nos mezes em que a natureza resurge do lethargo annual

quando os choupos nodosos
e um ai de leve nortada
sacodem frouxeis sedosos
que a terra deixam nevada;

quer procuremos o allivio da sombra em dias de intenso calor; quer observemos atravez da minguada folhagem outoniça a phantastica silueta da cidade, envolta em nevoeiro; e mesmo no inverno quando

fées d'un feutre qui les protége contre le soleil, tandis que les jeunes se contentent du foulard blanc ou en couleur sur leurs abondantes chevelures.

Chassons le flot de chansons anciennes et modernes qui de nouveau nos assaillit la mémoire, et, les yeux fixés sur le linge éblouissant étendu sur la grève, rappelons-nous que l'eau du Mondego est renommée pour le blanchissage autant que le lin de Guimaraens pour la finesse et la résistance. Le filtre naturel des sables qu'elle traverse la rend non seulement limpide et légère, mais, à ce que l'on dit, d'une saveur exquise, ce qui fait qu'aujourd'hui encore elle est préférée à celle des fontaines par la plupart des habitants. Les porteuses d'eau, qui desservent encore la ville, la puisent dans des vases en terre cuite, vieil usage dont parle déjà Strabon; car les lusitaniens, grands buveurs d'eau, la conservaient dans la «*terre*», *pour lui garder le fraîcheur de la fontaine.*

Une grosse barque descend parasseusement la rivière, comme si l'homme qui la conduit à la perche obéissait aux filles qui le provoquent de leurs vieilles chansons: *Ir-me quero, madre, Com o marinheiro*, ou bien

Deixa, deixa, oh barqueiro
ir o barco lentamente!
Deixa! deixa! que a saudade
ir mais longe não consente.

De l'autre côté la colline de Santa Clara monte en pente douce, mouchetée de petites fermes et de maisonnettes visibles entre la verdure. Tout près de l'eau, se lève, au milieu du pilotis usuel de cannes, de saules et de peupliers, un beau groupe de robiniers dont les grappes pendantes exhalent un parfum délicieux. Au dessus des fertiles champs de maïs, presque cachés, dans les îlots de Almegue, se dressent de sveltes eucalyptus dont le tendre vert-bleuâtre contraste admirablement avec les massifs épais et sombres, aux tons métalliques, des orangers aux fruits d'or et des vignobles. Ce mélange de cultures —la vigne et l'olivier, les céréales, les légumes et les fruits—donne à ce petit tableau un cachet d'abondance toute méridionale.

Un peu plus loin, à l'ouest de la ville, se trouve le *Choupal*, vaste bois très bien tenu qui forme sans contredit la promenade la plus attrayante des environs. De constants envahissements de sable avaient rehaussé le niveau du fleuve, en sorte que, vers le milieu du XVIIe siècle, le gouvernement se vit dans la nécessité de faire creuser un nouveau canal. On procéda alors, sur une partie de l'ancien lit du fleuve et sur des terrains sablonneux annexes, incultes jusqu'à cette époque, quoique fertilisés par les sédiments déposés par les crues, à de grandes plantations de peupliers, auxquels le nouveau bois doit son nom. Abandonné aux caprices d'un état pour ainsi dire vierge, coupé par des tranchées profondes par où s'écoulait l'eau des crues, le Choupal demeura pendant longtemps à peu près impraticable. Aujourd'hui, cependant, grâce aux mesures intelligentes des directeurs des travaux du Mondego, la petite forêt, couvrant une surface de plus de cent hectares, se trouve transformée en un parc agréable, silloné de nombreuses allées, de fossés réguliers aux ponts rustiques, et plein de magnifiques exemplaires d' arbres d'une végétation exubérante: hêtres, mûriers énormes, platanes, noyers, peupliers, acacias, lauriers, arbousiers, eucalyptus dont le rapide développement provoque l'admiration de ceux qui, venant du nord, sont habitués à la lente croissance des arbres septentrionaux. Comme type d'arborisation sur des terrains bas et fertiles, servant en même temps de champ d'essai pour la culture des plantes exotiques et indigènes et de pépinière-modèle d'où sont déjà sortis par milliers de beaux arbres qui donnent de l'ombre et de la fraîcheur aux routes et embellissent des régions autrefois presque sans verdure, le *Choupal* a une grande importance scientifique et agricole. Si le ton pittoresque des grands accidents de terrain lui manque, si on n'y voit point de grottes, de belvédères, de lacs, de carreaux de fleurs et de parterres de gazon, il y a pour suppléer à tout cela la vue du fleuve et de la ville.

Il est agréable de s'y promener en toute saison, surtout au printemps

quando os choupos nodosos
a um ai de leve nortada
sacodem frouxeis sedosos
que a terra deixam nevada;

soit que l'on y aille chercher le soulagement de l'ombre dans les jours de chaleur intense; soit que l'on observe à travers le feuillage devenu plus rare de l'automne la silhouette fantastique de la ville,

o vento sacode, contorce e quebra ramos e troncos, juncando o chão de folhas mortas. Como em toda a parte, a occasião mais bella é o crepusculo,

a hora em que o sol desmaia
e a voz das aguas se espraia
como uma prece a subir.

Com os trechos do rio e o do bosque irmana perfeitamente o ultimo quadro, a romantica *Fonte dos Amores* na *Quinta das Lagrimas* (outr'ora *do Pombal*) que alcançamos atravessando a ponte e subindo a ladeira até ao rocio de Santa Clara. Se aquellas primam exclusivamente por bellezas naturaes, como em geral as paizagens portuguezas, a este deram realce, valia superior e renome universal recordações romanticas. Quem desconhece a historia da *misera e mesquinha que depois de ser morta foi rainha?* Impressionando desde logo os coevos, conforme se vê dos relatos dos chronistas, não só pela formosura de Inês, pelo desespero e a vingança do infante D. Pedro, transformado em justiceiro feroz, mas tambem pelo juramento por meio do qual tentou rehabilitar a amada, seguido da lugubre exhumação e trasladação do cadaver, de Santa Clara a Alcobaça, e principalmente pelo duplo monumento funebre ahi erigido, que é uma maravilha da arte medieval portugueza, o *caso triste e digno de memoria* foi posteriormente idealisado em romances, dramas e composições lyricas, a ponto de se tornar o exemplo mais commovente do amor á portugueza. Eternizada pelo cantor dos *Lusiadas*, no episodio delicado da sua epopeia nacional, Inês attrahe constantemente ao sitio que agora visitamos, e ao seu jazigo, romeiros sentimentaes, avidos de sensações, que desejam comparar os sepulchros alcobacenses aos de Heloisa e Abélard no Père-Lachaise; e a Fonte das Lagrimas não só á de Sorga provençal, onde Petrarca cantou a sua Laura, mas tambem ao ribeiro da gentil Ophelia, ou ao jardim de Julieta em Verona — pois foi ao pé d'ella que, *segundo a lenda*, se passaram os principios idyllicos e o desfecho sangrento do drama.

O scenario, sombrio e solitario, lembra quadros suggestivos de Boeklin. Um vasto tanque quadrangular recebe por um pequeno canal de pedra a lympha crystallina da nascente que brota de musgosas rochas graniticas, não impetuosa e silvestre como a de Vaucluse, mas brandamente com um murmurio quasi imperceptivel. Altivos cedros formam um denso toldo verde-escuro, impenetravel aos raios do sol, e estendem languidamente os seus ramos sobre a superficie da agua.

Estes cedros, que, embora gigantescos, nem de longe podem contar cinco a seis seculos, foram na imaginação popular testemunhas primeiro de scenas intimas entre os amantes, e depois, da degolação da Nise lastimosa. Ahi retumbaram os choros das innocentes creanças, os gritos da victima, as ameaças dos algozes, os brados do vingador. Com estas aguas misturaram as nymphas do Mondego as suas lagrimas de dôr e de compaixão. Nas manchas avermelhadas de algumas das lagens que pisamos (musgos microscopicos) quer o vulgo reconhecer gottas de sangue. As ruivas radiculas filamentosas de certas plantas aquaticas que ondulam no tanque, são cabellos louros. O cano que conduz atravez da quinta a agua da fonte, serviu de vehiculo para as mensagens trocadas entre Pedro e Inês.

No tronco de um dos cedros, derrubado em 1841 por um vendaval, estavam esculpidas as palavras: *eu dei sombra a Inês formosa*. N'uma lapide tosca lê-se a estancia final do episodio camoniano na qual o magno poeta condensou a lenda que creára.

O espaço limitado e o caracter ligeiro d'estas notas não admittem que fallemos do processo instaurado pela critica contra a veracidade d'esses elementos poeticos, fecundados posteriormente tanto pelo engenho de doutos commentadores como pela imaginativa de outros poetas, e consagrados pelo applauso da nação inteira.

Para quê? — Pois, embora ella decida que as scenas, localisadas por Luiz de Camões ao pé de uma *Fonte de lagrimas* ou *de amores*, se desenrolaram em realidade n'um recanto diverso, (do outro lado do Rocio, no paço real de Santa Clara que servira de residencia a D. Inês de Castro), a visão sentimental da pungente tragedia renova-se dia a dia no sitio reproduzido pela nossa estampa.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

plongée dans le brouillard; et même pendant l'hiver, lorsque le vent secoue et brise les branches et les troncs, jonchant le sol de feuilles mortes. Comme partout ailleurs, le crépuscule est le meilleur moment,

á hora em que o sol desmaia
e a voz das aguas se espraia
como uma prece a subir.

Le dernier tableau, la romantique Fontaine des Amours dans la *Quinta das Lagrimas* (autrefois du *Pombal*), que nous atteignons après avoir passé le pont, s'harmonise parfaitement avec les précédents. Si ceux-là doivent leur beauté exclusivement à la nature, comme il arrive d'ordinaire dans les paysages portugais, celui-ci doit sa célébrité universelle à des souvenirs romantiques. Personne n'ignore l'histoire de la malheureuse Inès de Castro, *a misera e mesquinha que depois de morta foi rainha*. Ce douloureux et mémorable épisode, idéalisé en des romans, des drames et des compositions lyriques émut fortement les contemporains, comme on peut s'en rendre compte en lisant les descriptions des chroniqueurs, non seulement à cause de la beauté de Inès, du désespoir et de la vengeance de l'infant D. Pedro, transformé en justicier féroce, mais encore par les formidables cérémonies ordonnées pour la réhabilitation de la bien-aimée: l'exhumation, le couronnement posthume, et le transfèrement du cadavre de Santa Clara à Alcobaça. Le double monument funèbre erigé dans le monastère de cette ville, vraie merveille de l'art portugais du moyen-âge, rappelle le *caso triste e digno de memoria*, chanté par l'auteur des *Lusiades* dans quelques stances célèbres et éternelles. Inès attire sans cesse au lieu que nous venons de visiter, ainsi qu'à son tombeau, les voyageurs sentimentaux, avides de sensations, qui désirent établir la comparaison des tombeaux d'Alcobaça avec ceux d'Héloïse et Abélard, au Père-Lachaise, et la *Fontaine des Larmes* non seulement à celle du Sorgue provençal, où Pétrarque chanta sa Laure, mais encore au ruisseau d'Ophélie, ou bien au jardin de Juliette à Vérone car, d'après la légende, auprès de cette foitaine se déroula l'idylle auquel le destin donna un si sanglant dénouement.

L'aspect sombre et solitaire du lieu évoque certains tableaux suggestifs de Boeklin. Un vaste bassin quadrangulaire reçoit, par un petit canal en pierre, l'eau cristalline qui jaillit de la roche couverte de mousse, non pas impétueuse et sauvage comme celle de Vaucluse, mais doucement avec un presque imperceptible murmure. De majestueux cèdres au feuillage vert-foncé, impénétrable aux rayons du soleil, étendent avec langueur leurs rameaux sur la surface de l'eau.

Ces cèdres, qui, quoique gigantesques, sont loin d'avoir de cinq à six siècles, furent dans l'imagination populaire les témoins, d'abord des scènes intimes entre les amants, puis du meurtre de la pitoyable Nise. C'est là que resonnèrent les pleurs des petits innocents, les cris de la victime, les menaces des bourreaux, les éclats de voix du vengeur. Les nymphes du Mondego mêlèrent à cette eau leurs larmes de douleur et de compassion. Le peuple s'obstine à vouloir reconnaître dans quelques tâches rougeâtres (mousses microscopiques) des pierres que nous foulons des taches de sang; — et des cheveux blonds dans les radicules filamenteuses de certaines plantes aquatiques qui ondulent au dessus du bassin. Le canal qui conduit l'eau de la fontaine à travers la *Quinta* fut le porteur des messages échangés entre Pedro et Inès. Sur le tronc d'un des cèdres, terrassé en 1841 par l'orage, on pouvait voir scluptés les mots suivants: *eu dei sombra a Inês formosa*. Sur une pierre grossière on lit la dernière stance de l'épisode où Camoëns résuma la légende populaire.

L'espace limité dont nous disposons et le caractère de ces notes nous empêchent de parler du procès instauré par la critique contre la véracité de ces éléments poétiques, fécondés postérieurement autant par le talent de doctes commentateurs que par l'imagination des poètes, et consacrés par les applaudissements de toute la nation.

A quoi bon d'ailleurs? — Qu'elle décide, si cela lui plaît, que les scènes, localisées par Luiz de Camoëns, auprès de la *Fontaine des larmes* ou *des amours*, eurent en réalité lieu ailleurs, (de l'autre côté du *Rocio*, dans le palais royal de Santa Clara où Inès de Castro avait résidé); la vision sentimentale de la touchante tragédie ne s'en renouvelle pas moins tous les jours à l'endroit reproduit par notre estampe.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

Lorvão



Um passeio ao convento de Lorvão entrava no programma das excursões favoritas que ainda ha trinta para quarenta annos faziam os estudantes de Coimbra e — executavam. A inauguração successiva de differentes linhas ferreas desviou a attenção da Academia para pontos mais distantes, onde vão por preço modico gastar os dias feriados no seio de suas familias.

O caminhante seguia então o curso do Mondego ou atravessava a serra do Dianteiro por uma soffrivel estrada. Descendo o monte de Santo Antonio dos Olivaes passava-se o formoso valle de S. Romão e n'uma subida bastante ingreme alcançava-se o alto, chamado *Espinhaço de Cão,* onde um panorama esplendido convidava o romeiro a descançar. Uma grande parte do valle do Mondego, semeado de villas e aldeias, a capital da provincia com os seus monumentos historicos, o Oceano rolando as suas ondas sobre a areia fulva; e alguns passos mais adiante as cumiadas do Bussaco, emfim toda a Bairrada com a sua opulenta vegetação constituiam um scenario digno de occupar uma geração de pintores. Caminhava-se então devagar, a pé, n'um terreno formado de schistos, apalpando as veredas n'uma descida vagarosa; e dobrando a montanha avistava-se de subito o profundo valle de Lorvão.

A povoação é pobre; conta uns quinhentos fogos e vive hoje quasi exclusivamente da pequena lavoura e de uma industria caseira: a *dos palitos,* que apenas vegeta mesquinhamente, explorada por uma usura cruel. Mais adiante trataremos d'ella.

A primeira impressão antes de descer ao apertado valle, cortado por um mesquinho regato, era e é ainda hoje a de espanto perante o constraste dos dois elementos: o sagrado e o profano. A enorme construcção que a estampa não abrange ainda assim completamente, cahindo em ruinas, os dormitorios desabando, os celleiros nús, as cozinhas, os pateos e claustros desertos, mas ainda grandiosos, contrastando com a pobreza do caserio da pobrissima aldeia.

Na época de maior esplendor, isto é, no meado do seculo XVIII, contava Lorvão para cima de cem religiosas, além das noviças e das serventes, e dispunha de um rendimento superior a oitenta mil cruzados. Os dotes que durante o seculo XVII orçavam por mil cruzados, foram no começo do seculo XVIII elevados a oitocentos mil reis.

Viveu-se entre esses muros com opulencia, com certo gosto e amor da arte; e não raras vezes com uma liberdade que provocava escandalos. Por fim entrou alli o rigor da lei. Extinctas as ordens religiosas em 1834, o governo de D. Pedro mandou liquidar as contas. Os monges bernardos que administravam a casa, sahiram d'alli, deixando tudo empenhado; uma divida de cerca de *oito contos de reis,* destruidas as mattas, vendidas as madeiras, e a caixa do dinheiro — vasia. Sobreveio o fisco e reclamou vinte e cinco contos de decimas relaxadas, que os venerandos administradores tinham dado como satisfeitas!

D'ahi em diante a situação das religiosas peorou rapidamente. Os foreiros, inquilinos e outros devedores, reconhecendo que os privilegios historicos haviam perdido a sua força, cerceavam ou negavam pagamentos. Procuradores e advogados armaram questões interminaveis, mas rendosas para elles. E comtudo, a abbadessa de Lorvão ainda era e foi durante annos a mãe dos pobres até 1851.

Passados dois annos, porém, alguem pedia uma esmola para ella. Foi Alexandre Herculano.

«Escrevo-lhe do fundo do estreito valle de Lorvão, defronte do mosteiro onde repousam as filhas de Sancho I; d'este mosteiro melancholico e mal assombrado como as montanhas abruptas que o rodeiam por todos os lados: escrevo-lhe com o coração apertado de dó e repassado de indignação. Descendo a examinar o archivo das pobres cistercienses, penetrei no claustro por ordem da auctoridade ecclesiastica. Lá dentro, n'esses corredores humidos e sombrios, vi passar ao pé de mim muitos vultos, cujas faces eram pallidas, cujos cabellos eram brancos. Esses cabellos nem todos os destingiu o decurso dos annos: a amargura embranqueceu os mais d'elles. Quasi todas essas faces tem-nas empallidecido a fome. Morrem aqui lentamente umas poucas de mulheres, fechadas n'uma tumba de pedra e ferro. Estas mulheres ouvem de lá, do seu tumulo, o ruido do burgo apinhado na encosta fronteira, e divi-



La visite au monastère de Lorvão comptait encore, il y a une trentaine d'années, parmi les excursions favorites des étudiants de l'université de Coïmbre. L'extension croissante des chemins de fer, en leur permettant des tournées de vacances plus larges et à bon marché, a graduellement restreint le programme des promenades à pied dans les environs de la ville.

Le voyageur suivait alors les bords sinueux du Mondego, ou bien la route qui coupe transversalement la montagne de Dianteiro. De St. Antoine de Olivaes on descendait jusqu'à la jolie vallée de St. Romão, puis on remontait assez péniblement jusqu'aux hauteurs nommées *Espinhaço de Cão;* un panorama splendide y invitait à une halte. Une large partie de la vallée du Mondego, la capitale de la province où se détachaient les vieux monuments historiques, l'océan roulant au loin ses flots sur la plage dorée; tout près, à côté, les sommets du Bussaco; et la Bairrada, enfin, magnifique de végétation, formaient un ensemble digne d'occuper toute une génération d'artistes.

De là on reprenait la marche sur un sol schisteux et difficile, en suivant lentement les sentiers tortueux; puis, à un tournant du chemin, on se trouvait brusquement en face de la vallée profonde de Lorvão.

Le village, très pauvre, ne compte que cinq cents feux et vit presque exclusivement de la petite culture et de l'industrie domestique des cure-dents, réduite au dépérissement par une usure cruelle. Nous en toucherons plus loin quelques mots.

Les maisons chétives, misérables même, de ces pauvres paysans forment un contraste frappant avec le monastère d'en face, vaste édifice que notre estampe n'embrasse pas complètement. Les longs dortoirs tombant en ruines, les greniers vides, les cuisines dégarnies, les cours et les cloîtres déserts rappellent encore, dans leur délabrement, les splendeurs d'autrefois.

Vers le milieu du XVIIIe siècle, il y avait dans le couvent de Lorvão plus de cent nonnes, en dehors des novices et des domestiques; les revenus surpassaient quatre vingt mille cruzados (environ 180:000 frs.). La dot d'une nouvelle religieuse, qui pendant le XVIIe siècle montait à mille cruzados, fut élevée au double dès les débuts au siècle suivant.

Dans ces temps d'abondance la communauté menait joyeuse vie; la liberté y allait parfois jusqu'à la licence et au scandale. L'avènement du régime constitutionnel et l'extinction des ordres religieux en 1834 coupèrent court à ce régime fastueux. Sommés de rendre comptes de leur administration, les cinq frères blancs qui en étaient chargés accusèrent une dette de huit contos (environ 450:000 frs.); presque tous les biens étaient grevés d'hypothèques, les bois coupés et vendus, la caisse vide. Pour comble de malheur, le fisc réclama pour vingt cinq contos d'arrérages, que les vénérables moines avaient inscrits comme dûment acquittés.

Dès lors, la situation des religieuses ne fit que s'aggraver. Les censitaires, les locataires, ainsi que les autres débiteurs, sentant combien les privilèges historiques avaient perdu de leur force, rognaient ou supprimaient leurs redevances; d'interminables procès s'ensuivirent, au grand bénéfice des procureurs et des avocats. Malgré cela, l'abbesse de Lorvão sut encore conserver, jusqu'en 1851, le titre de mère des pauvres.

Deux ans après, elle était réduite à l'aumône; ce fut le célèbre historien Alexandre Herculano qui se chargea de l'appel.

«Je vous écris du fond des sombres gorges de Lorvão, en face du monastère mélancolique où gisent les filles de D. Sancho I, et je le fais le cœur navré et plein d'indignation.

«Afin d'examiner l'archive des cisterciennes, j'ai dû pénétrer dans le cloître par ordre de l'autorité écclésiastique. Là, en traversant de sombres et humides couloirs, j'ai croisé plusieurs de ces pauvres femmes, plutôt des spectres, aux visages hâves, aux cheveux entièrement blancs. Tous ces cheveux n'ont pas été déteints par l'âge, mais par d'amères souffrances; c'est la faim, non pas la maladie, qui a pâli et défiguré ces faces naguère souriantes.

dido do mosteiro apenas por um riacho. N'aquellas casas de telha vã, negras, gretadas, desaprumadas, com o aspecto miseravel da maior parte das aldeias da Beira, vive uma população laboriosa, que até certo ponto se póde chamar abastada, e a que, pelo menos, não falta o pão nem a alegria. No mosteiro sumptuoso, vasto, alvejante, com um aspecto exterior quasi indicando opulencia, é que não ha pão, mas só lagrimas... aqui vê-se, por entre as grades de ferro, a luz do céo, a arvore que dá os fructos, a seara que dá o pão, e tudo isto vê-se para se ter mais fome... Imagine, meu amigo, uma noite de inverno, no fundo d'esta especie de poço perdido no meio da turba de montes que o rodeiam: imagine dezoito ou vinte mulheres idosas, mettidas entre quatro paredes humidas e regeladas, sem agasalho, sem lume para se aquecerem, sem pão para se alimentarem, sem energia na alma, e sem forças no corpo, comparando o passado, sentindo o presente e antevendo o futuro. Imagine o vento que ruge, a chuva ou a neve fustigando as poucas vidraças que ainda restam no edificio; imagine essas orgias tempestuosas da natureza que passam por cima das lagrimas silenciosas das pobres cistercienses, e as horas eternas que batem na torre...

«Ha poucos dias passou-se em Lorvão uma scena tremenda. N'um accesso de desesperação, parte d'estas desgraçadas queriam tumultuariamente romper a clausura; queriam ir pedir pão pelas cercanias. Custou muito contel-as. Tinha-se apoderado d'ellas uma grande ambição; aspiravam á felicidade do mendigo, que póde appellar para a compaixão humana; que póde fazer-se escutar de porta em porta. Era uma vantagem enorme que obtinham. A sua voz é demasiado fraca, e os muros de Lorvão demasiado espessos. Gemidos, brados, prantos, tudo é devorado por esse tumulo de vivos.»... (Herculano, *Opusculos,* vol. I, pag. 195 e seg.).

A eloquente carta do grande escriptor, publicada então pela imprensa, despertou o governo e produziu algum beneficio, o que é muito para louvar, porque o martyrio poderia haver-se prolongado por muito tempo. Só passados vinte e quatro annos é que expirou a ultima freira professa D. Luiza Magdalena Tudella (3 de julho de 1877).

E durante esse longo periodo de um quarto de seculo tiveram as freiras á sua disposição, para as empenharem ou venderem, alfaias, quadros, peças de ourivesaria, moveis antigos, louças, azulejos, etc., enfim: objectos de consideravel valor de que appareceram restos ainda importantes na Exposição de arte ornamental de 1882. Apesar de tudo, as senhoras religiosas resistiram á tentação de se pagarem por suas mãos; apenas nos derradeiros annos da ultima freira se commetteram abusos a coberto da sua incapacidade mental. O actual snr. Bispo-Conde, apesar das suas energicas providencias, encarregando uma commissão de fazer inventario minucioso (junho de 1877), não conseguiu rehaver certas preciosidades, por exemplo, uns relicarios medievicos de marfim, vendidos para fóra do reino por quantias consideraveis...

Emquanto as freiras de Lorvão morriam lentamente á fome em 1853, havia mosteiros cujas habitadoras viviam na opulencia e onde o superfluo se desbaratava de um modo escandaloso. Herculano, que os conhecia bem, porque fôra encarregado de examinar officialmente os archivos ecclesiasticos do paiz, declara na mesma carta, já citada:

«Na secretaria da justiça encontram-se as provas de que a renda dos bens que ainda possuem os conventos do sexo feminino em Portugal excede a 200:000$000 reis, e todavia ha centenares de freiras que morrem á mingua. São dois factos que não carecem de commentario. É a manifestação mais eloquente de que não ha governo n'esta terra.» (*Loc. cit.,* pag. 203).

O convento de Lorvão pouco valor tem como obra de arte. As reconstrucções alteraram todas as suas feições antigas. Durante a segunda metade do seculo XVII e todo o seculo immediato não houve descanço; uma febre de modas e feitios novos apoderou-se das freiras. Pelos annos de 1688 foi sacrificado o claustro velho que, a julgarmos por alguns fragmentos de esculptura existentes no Museu do Instituto de Coimbra, devia ainda abrigar restos valiosos de lavores medievicos. O claustro novo é banal, pesado, sem graça, se descontarmos umas tres capellas em estylo da Renascença que escaparam: S. João Baptista — 1602, Nossa Senhora de Nazareth — 1603, e a do Calvario — 1644.

A casa do Capitulo, refeitorio, dormitorios e outras serventias nada apresentam de notavel. O fron-

LORVÃO

«Elles se consument lentement, ensevelies sous cette masse pesante de fer et de pierre; de là elles entendent les bruits du village qui se presse dans la colline d'en face, separée à peine par un modeste ruisseau. Dans ces taudis noircis et lézardés, à peine couverts de tuile, d'un aspect misérable comme chez la plupart des villages de la Beira, vit joyeusement une population laborieuse qui jouit d'une modeste aisance. Dans le vaste et somptueux couvent, sous les dehors trompeurs de l'opulence, règne la misère; le pain manque et les larmes abondent... On y voit, à travers les grillages, la douce lumière des cieux, les arbres chargés de fruits, la moisson mûrie pour la récolte — et ce spectacle ne fait qu'aggraver les cuisantes souffrances de la faim... Imaginez-vous, mon ami, une nuit d'hiver, au fonds de ce puits perdu dans l'immensité des montagnes qui le serrent; figurez-vous dix-huit ou vingt femmes âgées, entre quatre murs humides et glacés, dépourvues de tout le nécessaire, sans feu et sans couvertures, le corps faibli, l'âme lasse, comparant le passé, sentant le présent et prévoyant l'avenir. Ajoutez le rugissement de la rafale, la pluie ou la neige frappant le peu de vitres qui restent encore, toutes les violences enfin de la tempête déchaînée, et les heures éternelles qui sonnent dans le clocher...

«Il y a peu de jours une scène terrible s'est déroulée à Lorvão. Dans un accès de désespoir, une partie de ces malheureuses créatures a tenté de s'évader, en forçant la clôture; ce n'est qu'à grand'peine qu'on parvint a les retenir. Elles osèrent aspirer au sort enviable des mendiants qui peuvent librement, et de porte en porte, recourir à la compassion et à la générosité de leurs semblables.

«Cet avantage inappréciable leur a été refusé. Leurs voix sont trop faibles, et les murs de Lorvão trop épais; plaintes, pleurs, clameurs, tout est étouffé dans ce vrai tombeau de vivants...» (Herculano, *Opusculos,* vol. I, pag. 195 et suiv.).

L'éloquente lettre du grand écrivain émut le gouvernement et apporta quelque soulagement aux pauvres recluses. Sans cela le martyre durerait longtemps encore, car la dernière professe D. Louise Madeleine Tudella n'expira que vingt quatre années après (le 3 juillet 1877).

Pendant toute cette longue période les religieuses auraient pu vendre ou engager tableaux, pièces d'orfèvrerie, meubles, porcelaines, faïences, bref, toutes sortes d'effets précieux, dont quelques restes importants parurent à l'Exposition d'art ornemental de 1882.

Malgré tant de facilités, elles résistèrent toujours à la tentation de se payer de leurs propres mains; vers la fin seulement quelques abus ont été commis, à couvert de l'incapacité mentale de la dernière religieuse. Mgr. l'évêque-comte de Coïmbre, malgré d'énergiques mesures et la confection d'un inventaire minutieux (Juin 1877) rédigé par un comité spécial, n'a pu ravoir plusieurs objets d'une grande valeur, par exemple certains relicaires en ivoire datant du moyen-âge, vendus à l'étranger pour des sommes considérables.

Pendant que les nonnes de Lorvão dépérissaient lentement vers 1853, d'autres couvents nageaient dans l'abondance, donnant l'exemple d'une dissipation scandaleuse. Herculano, qui les connaissait de près, ayant été officiellement chargé de fouiller les archives ecclésiastiques du pays, le déclare dans la lettre citée:

«Dans les bureaux du ministère de la justice se trouvent les preuves de que les revenus des couvents de femmes portugais surpassent 200 contos (plus d'un million), et cependant il y a des centaines de religieuses qui meurent au dépourvu. Ces faits dispensent tout commentaire; ils témoignent éloquemment de la négligence absolue de l'administration chez nous.» (*Loc. cit.,* pag. 203).

Le monastère de Lorvão a peu de valeur comme œuvre d'art. Pendant la deuxième moitié du XVIIe siècle et le siècle suivant, la fièvre des styles nouveaux s'empara des bonnes religieuses; on bâtit et rebâtit sans trève ni repos jusqu'à faire disparaître toute trace des lignes primitives. Vers 1688 ce fut le tour du vieux cloître, dont les sculptures étaient assez intéressantes, à en juger par les restes conservés dans le Musée de l'Institut de Coïmbre. Le nouveau cloître est banal, lourd et disgracieux, exception faite de trois chapelles dans le style de la Renaissance, qui ont échappé: St. Jean Baptiste — 1602, Notre Dame de Nazareth — 1603, Calvaire — 1644.

La salle des chapîtres, le réfectoire, les dortoirs et les autres pièces n'offrent rien de remarquable.

tispicio da egreja, que existiu algum dia, desappareceu sem vestigio! No interior uma grande nave, ampla, de estylo pseudo-classico do fim do seculo XVIII, illuminada por uma formosa cupula na intersecção do cruzeiro com a nave. Bellas cantarias, finamente rendilhadas n'um lavor rocóco, muito discreto, que respeitou e pôz em relevo proporções architectonicas bem estudadas.

É celebre o côro com as suas magestosas cadeiras de pau santo e nogueira. N'este estylo, não ha em todo o reino trabalho superior para documentar a summa pericia de uma escóla de entalhadores bem portugueza. Tinha grande semelhança com este o cadeiral do convento de freiras de S. Bento do Porto (Ave-Maria) ha pouco demolido, talvez obra da mesma officina.

A entrada do côro é vedada por uma grade monumental de ferro forjado e bronze que representa outra obra de arte muito notavel. Foi executada em 1784 e custou 7:200$000 reis. Temos visto e comparado os artefactos mais notaveis dos nossos antigos serralheiros dos seculos XVI, XVII e XVIII em repetidas e demoradas excursões, ha mais de trinta annos, mas confessamos que esta grade de Lorvão não tem par em Portugal.

Merecia uma estampa especial, assim como as duas urnas de prata lavrada, que guardam os restos das infantas portuguezas D. Thereza e D. Sancha.

São antes dois cofres de grandes dimensões, com o feitio de urnas, forrados de velludo carmezim, cobertos de lavores de prata, recortada em arabescos, guarnecidos de pedras de varias côres. O ourives Manoel Carneiro da Silva, natural do Porto, traçou as duas obras n'um estylo semelhante, largo, com um grande effeito decorativo, que não exclue primorosos detalhes de buril e cinzel nos desenhos heraldicos e arabescos menores, porque os grandes lavores são batidos a martello ou repuxados. Custaram ambos perto de oito mil cruzados.

Havendo sido feita a trasladação dos antigos tumulos de pedra para estes cofres em 1715, é de presumir que o trabalho do ourives não seja muito anterior.

Foi uma grande festa que custou grossa quantia, excedida só pela que as religiosas pagaram pela beatificação da infanta D. Thereza (Bulla de Clemente XI a 23 de dezembro de 1705). Esta senhora, cujo casamento com Affonso IX de Leão fôra annullado por impedimento de parentesco, entrou para Lorvão na vespera de Natal de 1200; e para alli fez trasladar os restos de sua irmã D. Sancha (tambem beatificada) que fallecera no mosteiro de Cellas (1229), perto de Coimbra, fundação sua.

As luctas d'estas princezas e ainda de uma terceira irmã D. Mafalda (fundadora do celebre mosteiro de Arouca) com el-rei D. Affonso II, o Gordo, por causa da herança paterna, redundaram em proveito das ordens religiosas que as tres illustres senhoras favoreceram. Ter uma irmã em Lorvão ou Arouca correspondia quasi a um titulo de nobreza. Em Lorvão figurou ainda outra princeza, a infanta D. Branca, filha de D. Affonso III, heroina do famoso poema de Garrett; e alli enclausuraram a celebre inspiradora da Egloga *Crisfal*, do nosso illustre escriptor Christovão Falcão, delineada de 1525-30. D. Maria Brandão, filha do opulento Contador da fazenda do Porto, João Brandão e de D. Brites Pereira, pagou a audacia do seu casamento clandestino com o poeta, entre os muros do cenobio: «escondida entre serras onde o sol não era visto»... Falcão, transportado em sonho á serra de Lorvão, ahi se encontra com a esposa amada:

«a vista no chão pregada,
com o seu cantar pensoso,
e passadas esquecidas
ao tom d'elle medidas,
vestida de arenoso,
as mãos nas mangas mettidas.»

(Estr. 69).

Iriamos longe se fossemos a resumir sómente os casos mais memoraveis da chronica da illustre casa que ainda teve a honra de hospedar Wellington e o seu estado-maior (setembro de 1811). Depois a fortuna declina rapidamente, como vimos. E hoje, se não fôra a generosa e esclarecida protecção do actual snr. Bispo-Conde, já o cadeiral do côro teria sido arrancado, fundida a esplendida grade e — os cofres de prata reduzidos a bons... *patacos*, mesmo sem o auxilio de francezes.

Nulle trace de la façade primitive de l'église; à l'intérieur une grande nef dans le style pseudo-classique des fins du XVIII[e] siècle, illuminée par une belle coupole dans le croisement du transept. De jolies sculptures dans le genre rococo, assez discrètes, rehaussent l'ensemble, dont les proportions sont bien étudiées.

Les majestueuses stalles du chœur, en noyer et palissandre, passent à juste titre pour le chef-d'œuvre de l'école caractéristiquement portugaise de sculpteurs en bois. Elles présentent une ressemblance frappante aux stalles du couvent de nonnes de St. Benoît de l'Avè, à Porto, récemment démoli; probablement elles sont sorties du même atelier.

L'accès au chœur est défendue par une grille monumentale en fer forgé et bronze; elle fut exécutée en 1784 et coûta 40:000 francs. Ce chef-d'œuvre est sans rival dans le pays; il surpasse dans son genre tous les ouvrages des serruriers portugais du XVI[e], XVII[e] et XVIII[e] siècles, qui sont tombés sous nos yeux au cours des dernières trente années.

Il était digne d'une estampe spéciale, ainsi que les deux urnes en argent ciselé qui gardent les restes des princesses portugaises D. Thérèse et D. Sanche. Ce sont plutôt deux coffres de grandes dimensions, en forme d'urne, doublés de velours cramoisi, et couverts d'arabesques en argent garnies de pierres fausses. L'orfèvre de Porto Manuel Carneiro da Silva a traité ces deux ouvrages dans un style large, à grand effet décoratif, qui n'exclut pas des détails délicatement ciselés dans les dessins héraldiques; les grandes arabesques sont battues ou repoussées. Leur prix s'éleva à près de 18:000 francs.

La translation des restes des princesses des anciens tombeaux en pierre dans ces coffres ayant eu lieu en 1715, il est permis de croire que leur exécution n'est pas de beaucoup antérieure à cette date. Cette solennité a exigé des dépenses considérables, à peine surpassés par celles de la béatification de l'infante D. Thérèse (Bulle de Clement XI du 23 décembre 1705).

Cette princesse dont le mariage à Alphonse IX de Léon fut annullé pour cause d'affinité, entra à Lorvão la vieille du Noël de 1200; elle y fit ensuite transporter les restes de sa sœur D. Sanche (elle aussi béatifiée), décédée dans le couvent de Cellas qu'elle avait fondé près de Coïmbre.

Les luttes de ces deux princesses, et d'une troisième sœur D. Maphalde, fondatrice du célèbre couvent d'Arouca, avec leur frère D. Alphonse II le Gros, à cause de l'héritage paternel, tournèrent au profit des ordres religieux que ces nobles dames prirent sous leur protection. C'était presque un titre de noblesse que d'avoir une sœur à Arouca ou à Lorvão. Dans ce dernier vécut une autre princesse, D. Blanche, fille de D. Alphonse III, l'héroïne du poème connu de Garrett; on y renferma aussi la célèbre inspiratrice de l'églogue *Chisfal*, écrite en 1525-30 par Christophe Falcão. D. Marie Brandão, fille du riche contrôleur des finances de Porto Jean Brandão et de D. Brites Pereira, expia l'audace de son mariage secret avec l'illustre poète entre les murs du couvent, «cachée entre des montagnes d'où le soleil était absent»... Falcão, transporté en songe a la solitude de Lorvão, s'y rencontre avec son épouse bien aimée:

«a vista no chão pregada,
com o seu cantar pensoso,
e passadas esquecidas
ao tom d'elle medidas,
vestida de arenoso,
as mãos nas mangas mettidas.

(Estr. 69).

Nous ne nous appesantirons pas sur la chronique de l'illustre maison qui eut l'honneur de loger Wellington et son état major (Septembre 1811). L'aurore du XIX[e] siècle marque l'apogée de l'institution, dont l'étoile commence dès lors a pâlir rapidement. De nos jours, c'est à la protection généreuse et éclairée de Mgr. l'évêque-comte qu'on doit de pouvoir admirer encore quelques pièces de valeur; sans elle, les belles stalles, la splendide grille et les coffres en argent seraient déjà transformés en bons écus comptants... exactement comme aux jours fameux des pillages napoléoniques.

* * *

A industria dos *palitos* é antiga na localidade. Tanto as freiras como os frades sabiam apreciar as vantagens de tão uteis accessorios; elles principalmente. Como mosteiro cisterciense, Lorvão dependia dos monges brancos. Cinco frades bernardos administravam as grossas rendas da casa. Refere-se que certa vez, não sabendo explicar plausivelmente o dispendio de uma verba de 600$000 reis, escreveram n'umas contas irrisorias, que mostravam annualmente á abbadessa: *Palitos* — 600$000 reis (Herculano, *Opusculos*, pag. 200).

O pobre operario da aldeia não engorda, porém, com semelhante industria caseira; basta olhar para esses rostos tristes, resignados. E comtudo são mãos habeis, dedos subtis os que desencantam das varas do salgueiro (*salix alba*) os palitos finos, chamados *marquezinhos*, e entalham os *frisados*, os de *flôr* ou os *bordados*, porque, comquanto seja minimo o proveito, nem por isso se cançam nos seus primores.

Calcula-se o numero de operarios, incluindo grande numero de mulheres, em uns mil, distribuidos por Coimbra (cidade), Lorvão e Penacova; a producção em uma duzia de contos. O material de que o fabricante se serve é o mais modesto possivel; consiste n'uma navalha afiada, na *coura*, isto é, um pedaço de cabedal, que protege o joelho, e ao qual está ligado um pedaço de chifre sobre o qual se trabalham as varas do salgueiro [1].

É triste, profundamente triste, escreviamos nós ha mais de vinte annos (1879), que as singulares aptidões naturaes de tanta, tão boa e tão modesta gente, como as dos concelhos citados, esteja reduzida a fabricar palitos mais ou menos *frisados!* Pois não se está vendo que d'esse mesmo grupo sahem os *violeiros* de Coimbra, entalhadores consummados n'outra industria tradicional, os cesteiros e canastreiros da região alludida.

... Estas coincidencias serão um acaso? Cada especialidade poderia render dezenas de contos, e fixar uma população depauperada — rebanho sem pastor — que vae entregar-se nas mãos dos engajadores de emigrantes ...

Por fortuna, a attenção de alguns espiritos esclarecidos vae-se concentrando ha annos nas questões que interessam a vida intima, tradicional do povo portuguez. As industrias caseiras constituiam uma parte da poesia do seu lar e por certo a melhor escóla que alimentava a sua arte.

Mas não será tardio já, esse auxilio?

Joaquim de Vasconcellos.

1 Vide o interessante estudo: *Os Palitos*, do snr. Rodrigues Monteiro, na revista *Portugalia*, pag. 625 e seg.

* * *

L'industrie des cure-dents est très ancienne dans la région. Les moines et les religieuses savaient priser ces utiles accessoires; eux surtout. Lorvão, qui appartenait à l'ordre de Citeaux, dépendait des moines blancs; cinq de ces bernardins étaient attachés à l'administration des gros revenus de la communauté. On rapporte que ces consciencieux frères, ne sachant comment expliquer la dépense de 600$000 reis (environ 3:300 frs.), insérèrent dans les comptes irrisoires presentés annuellement à l'abbesse l'article suivant: *Cure-dents* — 600$000. (Herculano, *Opusculos*, pag. 200).

Le pauvre ouvrier villageois ne prospère pas dans cette industrie domestique; on n'a qu'a jeter les yeux sur ces visages tristes et résignés.

Il faut pourtant des mains agiles, des doigts déliés et infatigables pour extraire des baguettes de saule (*salix alba*) les cure-dents nommés *marquesinhos*, et l'article de luxe connu sous le triple nom de *frisé, en fleur* ou *brodé;* — cela au prix d'un travail incessant misérablement payé.

On compte jusqu'à un millier d'ouvriers dans cette petite industrie, avec une forte proportion de femmes; les foyers en sont Coïmbre (ville), Lorvão et Penacova; la production est chiffrée à une douzaine de contos (65:000 francs environ). Le matériel employé par les artisans est d'une simplicité extrême; il se réduit à un couteau très affilé, et à la *coura*, bande de cuir protégeant le genou à laquelle est attaché un morceau de corne sur lequel sont découpées les baguettes de saule [1].

Il est bien regrettable, disions nous il y a une vingtaine d'années (1879), que les remarquables aptitudes de ces bonnes gens soient réduites à faire des cure-dents plus ou moins *frisés!* Comment oublier que c'est précisément parmi eux qu'on trouve les ingénieux vanniers de la région, ainsi que des *luthiers* de Coïmbre, dont les produits traditionnels sont des chefs-d'œuvre de marqueterie!

On ne saurait voir là un pur effet du hasard. Chacune de ces spécialités, habilement profitées, deviendrait une source de revenus considérables et fixerait toute une population appauvrie, — troupeau sans berger, qui actuellement s'abandonne aux mains des embaucheurs d'émigrants...

Heureusement l'attention de quelques esprits éclairés s'est portée, dans les derniers temps, sur ces questions qui tiennent de si près à la vie intime et traditionnelle du peuple portugais. Les industries domestiques, partie intégrante de la poésie du foyer, formaient la meilleure école de l'art populaire.

Viendra-t'on toutefois à temps de leur tendre une main secourable?

Joaquim de Vasconcellos.

1 Voyez l'intéressant étude de Mr. Rodrigues Monteiro, inseré dans la revue *Portugalia*, pag. 625 et suiv.

Lisboa

Na Ribeira Nova



RÚTILA manhã de maio. A abobada do céo, de intenso azul, só a espaços rasgada por algumas nuvens alvinitentes que a brisa fraquissima vagarosamente espalha no alto, deslumbra quem para o alto ergue os olhos; o globo do sol, jorrando luz e fogo, esse nem consente que o fitem. Em baixo, pelo sul, a linha da Outra-Banda recorta-se, nitida nos montes abruptos desde o Alfeite até ao Lazareto, levemente esfumada nas terras alagadas que do Barreiro fogem para Alcochete e que ao longe o altivo castello de Palmella domina, e mais indecisa para o poente pela tremulina da barra; pelo norte ergue-se a casaria da nobre cidade, orlada junto ao rio por cem chaminés que vomitam fumo, e trepando as collinas, até ao zimborio da Estrella e até ás torres das Chagas e de Santa Catharina, marcas tão queridas dos marinheiros. E entre as duas margens o Tejo, que é um braço de mar, reflecte a claridade do céo e o fogo do sol nas suas aguas cortadas a miude por tantas embarcações que deixam apoz si fulgurantes esteiras.

Pois em espaço relativamente estreito do rio e da margem direita se concentra em dado momento actividade febril. Eil-as que vão chegando, as embarcações de pesca: *cahiques* do Algarve conduzindo atum e cavalla, *canoas da picada* carregadas de pescaria fresca trazida de Caparica e de Cezimbra, *botes* do Seixal e do Barreiro, de velame complicado, que arrastaram no mar da Barra, *lanchas* e *barcos do alto* que foram mais longe, *meias-luas* e *ilhavos* que pescaram entre Cabos, *botes* e *bate-bates* que exploraram as aguas do rio. Tudo alli vem, nas primeiras horas da manhã, trazer a variada e riquissima colheita arrancada ao mar, e que dentro em pouco vae ser distribuida pela cidade ou expedida pelas linhas ferreas. A breve trecho a flotilha numerosa mistura os seus cascos tão variados e á floresta dos seus mastros e antennas aos não menos numerosos barcos dos serviços de carga e transporte, *fragatas*, *catraios*, *faluas* e *vapores*, que a cada momento chegam ou largam.

Lisboa é um *porto de pesca*, maritima e fluvial, de primeira importancia, não tanto pelas embarcações matriculadas propriamente na cidade, como pelas que lhe são tributarias dos portos de pesca da bacia do Tejo — Paço d'Arcos, Trafaria, Belem, Seixal, Barreiro e Villa Franca — ás quaes se deve accrescentar, fóra da barra, as de Cascaes, Caparica e ainda Cezimbra, a *piscosa*, como lhe chamou Camões. Segundo a estatistica de 1899, Lisboa, com os outros portos fluviaes, tinha 194 barcos de pesca com 1:300 tripulantes, ao passo que Cezimbra apresentava 460 embarcações com 4:042 individuos empregados na pesca.

Singular contraste. O pescador é em geral taciturno, concentrado; as suas vozes são graves, os movimentos pesados, lentos. Chegaram, apresentaram a pescaria, e quedam-se a descançar, os velhos, saboreando o cachimbo, ao passo que os mais novos revistam as rêdes e vão baldeando os barcos á proporção que se esvasiam. Mas outra população garrula, irrequieta, agil, continúa e completa a obra dos trabalhadores do mar: é o mundo das varinas. Depressa se arremataram os *lanços*, vivamente disputados; e logo as buliçosas se apossam da pescaria, e dispõem nas *canastras* as variadas especies, dando-lhes o relevo que a cada uma pertence segundo regras tradicionaes, e quantas vezes levando a arte ao ponto de disfarçarem por completo defeitos que o peixe trouxe. Depois, aos ranchos, sahem da Ribeira, espalham-se pelo Aterro, cantando alto os conhecidos *pregões;* a pouco e pouco os bandos dispersam, cada varina tem a sua rua ou o seu bairro afreguezado, e assim até aos confins da cidade é levado o appetitoso regalo dos ricos e a necessaria mantença dos pobres. Mil e quinhentos contos foi, segundo a estatistica, o valor total da pesca no departamento maritimo do centro em 1899; talvez não seja arriscado dizer que mais de metade d'essa importancia foi consumida na capital.

Do quadro que procuramos esboçar, dá ideia a bella phototypia que se publica, e que representa um trecho da Ribeira Nova, ou melhor dos caes do Aterro, antes das obras do porto. Estas obras vieram modificar um tanto a disposição do desembarque do peixe, mas a animação é ainda a mesma, porque a exploração das aguas maritimas do nosso paiz augmenta em intensidade de anno para anno,

Lisbonne

La Ribeira Nova



PAR cette glorieuse matinée, mai étale toutes ses splendeurs. La voûte céleste, d'un bleu intense tâché de loin en loin par de rares nuages blanchâtres qu'un souffle léger parvient à peine à déplacer, éblouit les yeux qui tentent le fixer: quant au soleil d'où jaillissent des torrents de feu et de lumière, il serait oiseux de le tenter. En regardant vers le sud, la ligne de la rive gauche se dessine très nettement dans les collines abruptes qui séparent Alfeite du Lazaret, légèrement estompée dans les terrains inondés entre Barreiro et Alcochete que domine au loin le hautain château de Palmella, de moins en moins nette à mesure qu'en se rapprochant de l'embouchure du fleuve elle se perd dans la brume de la mer. Au nord l'énorme tas de maisons de la ville, ourlé le long du fleuve par des centaines de cheminées vomissant des nuages de fumée, couvre les collines et grimpe jusqu'au dôme da Estrella et jusqu'aux tours des Chagas et de Santa Catharina, si chères aux matelots. Entre les deux rives, le Tage, vrai bras de mer, reflète la clarté du ciel et le feu du soleil dans ses eaux coupées à tout moment par des bâtiments sans nombre qui laissent derrière eux d'éblouissants sillages.

Une activité fébrile règne à un certain moment du jour et dans un espace relativement étroit de la rive droite. Voici les bâteaux de pêche qui arrivent: *cahiques* d'Algarve avec le thon et le maquereau, *canoas da picada* chargées de poisson frais de Caparica et de Cezimbra, *botes* de Seixal et de Barreiro, aux voiles compliquées, qui ne dépassent pas l'embouchure, *lanchas* et *barcos do alto* qui vont loin, *meias luas* et *ilhavos* qui font leurs pêches entre Cabos, *botes* et *bate-botes* qui explorent les eaux du fleuve. C'est là que vient s'étaler dès les premières heures du jour la récolte abondante et variée arrachée à la mer, que l'on va bientôt distribuer par la ville ou expédier par les voies ferrées. Bientôt la forêt de mâts et d'antennes de la nombreuse flottille s'entremêle aux non moins nombreux bâteaux de charge et de transport: frégates, canots, felouques, vapeurs qui arrivent et s'en vont à chaque instant.

Lisbonne est un port de pêche de premier ordre, non seulement à cause des bâteaux inscrits dans les régistres de la ville, mais encore de ceux qui lui sont tributaires et qui proviennent des différents ports de pêche du bassin du Tage — Paço d'Arcos, Trafaria, Belem, Seixal, Barreiro et Villa Franca — auxquels il faut encore ajouter, au delà de l'embouchure, ceux de Cascaes, Caparica et Cezimbra, la *piscosa,* selon l'expression de Camões. D'après la statistique de 1899, Lisbonne, avec les autres ports fluviaux, ne possédait que 194 bâteaux de pêche avec 1:300 pêcheurs, tandis que Cezimbra ne présentait pas moins de 460 bâtiments avec 4:042 hommes.

Singulier contraste! Le pêcheur est d'ordinaire taciturne et concentré; il parle à voix basse, ses mouvements sont lents et lourds. Dès qu'ils arrivent, ils étalent le produit de leur pêche et se livrent ensuite au repos, les vieux allument leurs pipes tandis que les jeunes s'occupent des filets ou bien se mettent à laver les bâteaux vidés. Mais une autre population affairée et agile, continue et complète le besogne des travailleurs de la mer: c'est la foule des *varinas.* Une fois les lots adjugés après des enchères vivement disputées, elles s'en emparent et entassent les différents poissons dans leurs *canastras,* disposant chaque espèce selon des règles traditionnelles et souvent même de façon à en cacher complètement les défauts, après quoi elles dispersent peu à peu, et s'en vont par bandes, en criant bien haut leur marchandise. Chacune a sa rue ou son quartier; et de cette façon l'appétissant régal est porté aux limites les plus éloignées de la ville. En 1899 la valeur totale de la pêche dans le département maritime du centre monta, selon la statistique de cette année, à mille cinq cents contos (de sept à huit millions de francs), et il n'est pas téméraire d'affirmer que plus de la moitié de cette somme fut dépensé dans la capitale.

La belle phototypie qui accompagne le texte donne une idée assez parfaite du tableau que nous avons essayé d'esquisser, et qui représente une partie de la Ribeira Nova, ou plutôt du quai de l'Aterro, avant les travaux du port.

e o consumo cresce na mesma proporção. O elegante barco de pesca dá a nota local do movimento do Tejo; o perfil caracteristico da varina é o typo popular mais interessante das ruas de Lisboa.

Camara Municipal

Foi a instituição municipal uma das que mais cedo se avigorou no nosso paiz, podendo affirmar-se que a sua historia está ligada intimamente com a da terra portugueza no que respeita ao viver interno do povo. D'esta maneira cada municipio procurava ter o seu palacio, o seu paço, *paços do concelho,* onde vereadores e homens bons tratavam os diversos negocios da administração, com bem maior independencia, diga-se, no antigo regimen do que hoje em dia.

Mas observe-se que, em geral, os paços do concelho em Portugal não eram edificações de luxo e grandeza, talvez porque as maiores dedicações e as mais rotas liberalidades se applicavam a essas magnificas construcções religiosas e de caridade, mosteiros, egrejas e misericordias, que tão bem correspondiam ao espirito dos tempos. E assim não deve admirar que Lisboa, que foi, principalmente antes do terramoto, um museu de bellissimas edificações dos successivos estylos, não tivesse tido, que se saiba, o seu *Senado* estabelecido em paço correspondente á preexcellencia de cabeça do reino.

Depois do terramoto foi destinada para esse fim uma parte das reconstrucções da Baixa, justamente no local onde hoje se ergue a Camara Municipal; mas d'ahi teve de ser mudada a séde do municipio para a parte da edificação pombalina que fazia esquina da rua Aurea para a praça do Commercio. Em 1863 um incendio destruiu todo esse quarteirão, e desde logo se pensou em estabelecer de novo a Camara no local onde primeiramente estivera, e que ao tempo era occupado pelo Banco de Portugal, passando o Ministerio do Reino a installar-se na parte que se reconstruiu na esquina da rua Aurea, e abrindo-se entre os dois grupos de edificações uma travessa, que anteriormente não existia, e que, é curioso, ainda hoje não tem nome.

Sem fallar n'um primeiro esboço do engenheiro Pezerat, apenas lembraremos que em sessão camararia de 26 de novembro de 1866 foi encarregado do projecto dos novos paços do concelho de Lisboa o architecto Domingos Parente da Silva, ha dias fallecido, o qual em poucos mezes elaborou os planos e respectiva memoria. Deve notar-se que, de principio, o novo edificio era destinado a alojar conjuntamente a Camara Municipal e o Banco de Portugal, e n'esse sentido foi delineado o primitivo projecto. Mais tarde o Banco resolveu estabelecer-se em casa propria, e d'ahi resultou que os serviços municipaes ficassem dispondo de maiores espaços, mas com distribuição e adaptação bem diversas das que certamente teriam sido determinadas, se desde o começo se podesse ter contado com ellas.

No seu conjunto o edificio da Camara Municipal apresenta aspecto assaz nobre e em ajustadas proporções com as dimensões da praça para onde deita a sua principal fachada, *Praça do Municipio* officialmente, mas *Largo do Pelourinho* ou só *Pelourinho* na denominação corrente, derivada da formosa columna torcida e vasada que a adorna, e que bem se destaca no primeiro plano da nossa photogravura. Aquella fachada não é excessivamente rica de ornatos, e talvez haja razão para se observar que o seu pavimento principal, com as oito columnas de capiteis compositos, aliás bellissimas, pesa um pouco sobre a architectura do rez-do-chão. No primitivo projecto havia um entablamento corrido dominando a fachada; mais tarde entendeu-se estabelecer sobre a parte central um frontão triangular, assumpto de demoradas controversias, que por vezes attingiram o azedume. As esculpturas do frontão foram feitas por Calmels.

A grande peça architectonica d'este edificio é sem duvida a sua magestosa escada, que do atrio sóbe em um lanço até meio, bifurcando-se a seguir em dois que vão dar a uma espaçosa galeria rodeando todo o vão. Alli triumpha em plena pujança o perfeito trabalho do canteiro portuguez, no rendilhado do calcareo, que bem póde dizer-se marmore, e na elegancia das columnas, porticos e balaustradas. Fecha o vão da escadaria uma cupula metallica, dominada exteriormente pelo lanternim que se observa na nossa estampa. Os ornatos da cupula são todos pintados a *grisaille,* sendo os baixos relevos obra de Columbano Bordallo, os pannejamentos de José Maria Pereira, e os *renversés* de Bordes.

Ha ainda a citar n'este edificio a sala das sessões, muito elegante, com formosos ornatos de estuque, sendo o painel do centro do tecto pintado por José Rodrigues. É tambem obra d'este artista o retrato de Herculano; os de Mousinho da Silveira, Ferreira Borges e José Estevão foram pintados por

Hôtel de Ville

L'institution municipale a chez nous une longue et respectable tradition; on peut même dire que son histoire est intimement liée, dès l'origine, à celle du pays. Chacune des communes tâchait de se bâtir un édifice spécial, *paços do concelho* (palais communal), où les échevins et les hommes considérables s'assemblaient pour discuter les affaires de la commune, avec un esprit de franchise et d'indépendance qu'on ne trouve guère de nos jours.

Ces édifices n'étaient pas toutefois des palais, au sens vulgaire du mot; car dans ces temps de foi religieuse la munificence royale et des particuliers se portait plutôt sur les églises, les couvents et les fondations pieuses et de bienfaisance, nommées *Misericordias.* Cette circonstance peut expliquer comment Lisbonne qui, surtout avant le grand tremblement de terre, était pleine de splendides constructions dans tous les styles, n'a jamais eu d'édifice municipal digne de l'importance d'une capitale.

Après le tremblement de terre de 1755, le plan de reconstruction de la ville, ordonné par le marquis de Pombal, destina à ce but le local où se lève l'hôtel actuel; mais quelques années après on y installa la Banque du Portugal et la municipalité fut transférée dans la maison qui fait le coin de la rue de l'Or et de la place du Commerce. En 1863, un incendie ayant détruit tout ce quartier, cette maison fut destinée après la reconstruction aux bureaux du ministère de l'intérieur, et on procéda dès lors à l'érection de l'hôtel de ville moderne. Les deux maisons sont séparées par une petite rue transversale qui n'existait pas auparavant, et qui n'a pas encore de nom.

Sans citer que pour mémoire la première esquisse de l'ingénieur Pézerat, nous rappelerons que c'est à l'architecte Domingos Parente da Silva, récemment décédé, que nous sommes redevables des plans du nouveau hôtel. D'après la décision du conseil municipal du 26 novembre 1866, l'édifice devrait loger à la fois la municipalité et la Banque du Portugal; mais celui-ci choisit plus tard une installation séparée. L'espace s'accrût d'autant pour les bureaux municipaux, mais leur adaptation et commodité souffrent de ce vice d'origine.

L'ensemble de l'hôtel est assez noble; il s'ajuste, pour les dimensions, à la *place municipale* dont il prend tout un côté. Ce nom officiel est couramment remplacé par celui, plus ancien, de *place du pilori* ou simplement *pilori;* cette designation provient de la belle colonne torse évasée qui se détache au premier plan de notre photogravure.

La façade principale, pas trop décorée, semble un peu disproportionnée; le premier étage et ses huit belles colonnes à chapiteaux composites pèsent lourdement sur le rez de chaussée. Dans le tracé primitif, la façade était couronnée par un entablement uni, mais on trouva bon d'y ajouter un fronton triangulaire, ce qui provoqua d'interminables discussions, poussées jusqu'à l'extrême limite de l'aigreur. Les sculptures du fronton sont de Calmels.

La plus belle pièce de l'édifice est sans contredit le majestueux escalier qui relie le vestibule au premier étage. Il monte en volée simple jusqu'à un palier mitoyen, et de là se dédouble, en donnant sur une large galerie qui fait le tour de la cage. L'élégance des colonnes, des balustrades et de tous les motifs de la décoration, ainsi que l'extrême finesse d'éxécution des détails, font l'honneur des marbriers portugais chargés de ce travail.

L'escalier est surmonté en haut par une coupole métallique, dont le lanterneau extérieur est visible dans l'estampe. La coupole est peinte en grisaille; les bas-reliefs sont de Columbano Bordallo, les draperies de Joseph Marie Pereira, les renversés de Bordes. Citons encore la jolie salle des sessions; il y a, au centre du plafond, très bien décoré en stuc, une peinture de Joseph Rodrigues. Le portrait de Herculano est dû au pinceau du même artiste; ceux de Mousinho da Silveira, Ferreira Borges, et Joseph Étienne proviennent de Ferreira Chaves. Le grand tableau de la salle est de Lupi et figure *Le marquis de Pombal ordonnant la reconstruction de Lisbonne.*

Place du Palais

«Six rues parallèles, dont plusieurs très commerçantes et bien éclairées, la rue de l'Or et la rue de l'Argent, partent de là et conduisent au bord du Tage. L'arrivée au fleuve, menagée avec un art savant, est tout-à-fait imposante. On suit le trottoir en flânant, la vue est barrée au fond par un arc

Ferreira Chaves. Mas a grande composição que abrilhanta a sala das sessões, é o quadro de Lupi — *O Marquez de Pombal promovendo a reconstrucção da cidade de Lisboa.*

Terreiro do Paço

«..... Ruas cheias de animação commercial e bem illuminadas, como a do Ouro, da Prata e rua Augusta, conduzem á margem do Tejo. Com superior artificio se prepara a chegada até proximo do rio, tornando-a de todo em todo imponente. Vamos andando descuidados pelo passeio, vendo ao fundo a perspectiva interceptada por um arco de triumpho. Mas passamos sob o portico; e de repente recebemos a sensação da noite azul, immensa, em torno de nós; os bicos do gaz afastaram-se á direita e á esquerda, reduzindo-se a pequeninos pontos brilhantes; illuminam fachadas monumentaes, a Bolsa, a Alfandega, o Ministerio da Guerra, e outras repartições publicas, ligadas entre si por series de arcarias, por outras fachadas que nos vão ficando para traz, ao passo que em frente, no largo espaço aberto, sem limites visiveis entre o céo e a agua, o Tejo, em maré cheia, reflecte o clarão das estrellas e vem beijar com as suas aguas os caes de marmore branco. Nem um transeunte; estou eu só e um guarda fiscal. Afigura-se-me que fui transportado ao primeiro plano d'um d'esses quadros de Claude Lorrain, onde architecturas de regias moradias chegam com suas columnatas e renques de estatuas até junto do mar luminoso.»

É d'esta maneira que um moderno viajante, Réné Bazin, manifesta a impressão sentida ao chegar ao Terreiro do Paço. Tantas vezes tem sido descripta a magnifica praça, mas sempre considerando-a á luz do dia e vista do mar para terra; por isso mais suggestiva, mais pessoal, é a descripção de Bazin, o qual do conjunto só viu, n'essa noite, o que n'ella ha de mais grandioso, scenario de pedraria aberto sobre a immensidade do Tejo.

Digno atrio da nossa capital, a *Praça do Commercio,* segundo a denominação pombalina, mas *Terreiro do Paço* conforme a tradição que não se esvae, é a um tempo nucleo do movimento commercial de Lisboa, centro de attracção da vida politica do paiz, e theatro d'essas glorias passadas que a imaginação facilmente reproduz. Pois se foi alli que o rei venturoso, descendo da Alcaçova, veio fundar o seu *Paço da Ribeira,* junto da Casa da Mina, que não tardaria a ser a *Casa da India,* junto dos Armazens e da Ribeira das Naus, proximo de quanto realisava o seu sonho de gloria e de poderio! Pois se foi alli que em 1640 reboou o grito de independencia depois de sessenta annos de oppressão!

O terramoto de 1755 tudo derruiu. Tudo? Quantas vezes, percorrendo o labyrintho dos corredores, escadarias, salões e cubiculos d'essa mole enorme de edificações que vão desde a arcada occidental até ao Arsenal, não me tem parecido que lobrigo um cunhal, um postigo, uma pedra que ficaram ainda do Paço da Ribeira ou das construcções adjacentes. Illusão talvez...

Hoje o Terreiro do Paço é um vasto recinto, de fórma quasi quadrada, pois que de nascente a poente mede 192 metros, e 185 de norte a sul, comportando assim a superficie de 35:520 metros quadrados, o que o torna uma das maiores praças das cidades da Europa. No plano da reconstrucção da parte baixa da capital entrou desde logo a ideia da monumental praça, delineada por Eugenio dos Santos de Carvalho, e depressa se começaram a levantar as fachadas, orladas no rez-do-chão por galerias, as *Arcadas,* que supportam dois pavimentos, o primeiro de amplas sacadas, o outro de janellas mais pequenas, e tudo dominado pela elegante balaustrada da platibanda. Dos dois torreões que terminam as fachadas perpendiculares ao rio, só o do nascente se concluiu depressa; o outro, o torreão do Ministerio da Guerra, levou muito tempo a construir, pois de principio se encontraram grandes difficuldades no assentar dos fundamentos.

Tambem o arco triumphal da rua Augusta, que na nossa photogravura se destaca tão nitidamente no ultimo plano, só ha poucas dezenas de annos foi concluido, e ainda assim muito differente da primitiva traça. Se á architectura das fachadas não póde negar-se magestosa imponencia, embora não mostrem toda a belleza d'uma obra perfeitamente artistica, tambem não será para esconder que a parte superior do arco poderia ter ficado mais leve; entretanto o conjunto apresenta linhas de muita nobreza, e são de todo o primor as tres figuras colossaes que o sobrepujam, bem como as duas que mais abaixo representam o Tejo e o Douro, e ainda as quatro estatuas que a um e outro lado da volta do arco sobresaem, Viriato, o Gama, Pombal e o Condestavel, todas devidas ao cinzel de Calmels.

de triomphe; on passe sous le portique et, soudainement, on éprouve la sensation de la nuit bleue immense autour de soi. Les becs de gaz se sont écartés, à droite et à gauche, jusqu'à n'être plus que de petits points brillants. Ils éclairent des façades monumentales: la Bourse, la Douane, l'hôtel des Indes, l'Intendance de la marine, des ministères, que d'autres arcades, d'autres façades ornées réunissent en arrière, tandis qu'en avant, dans la grande trouée libre, sans limites visibles entre le ciel et la terre, le Tage, enflé par la marée, réfléchit les étoiles et jette son écume sur des quais de marbre blanc. Aucune promeneur: je suis seul avec un douanier. Je me figure que j'ai été transporté au premier plan d'un de ces tableaux de Claude Lorrain, où l'on voit des architectures royales avancer leurs files de colonnes et de statues jusqu'au bord de la mer luisante.»

Les paroles que nous venons de transcrire appartiennent à un moderne voyageur français, Réné Bazin; l'impression y est donnée d'une manière nouvelle, extrêmement suggestive. Nous connaissons, en effet, plusieurs descriptions de cette belle place; mais la vue en est prise du fleuve, et toujours en plein soleil. La nuit, l'effet de cet ensemble monumental, donnant sur l'immensité du Tage, est bien plus saisissant.

Digne entrée de notre capitale, la *place du Commerce,* d'après la désignation pombaline, ou *place du Palais,* d'après la tradition ineffaçable, est à la fois un noyau du mouvement commercial de Lisbonne, le centre d'attraction politique du pays, et le théâtre des gloires d'antan que notre fantaisie se complaît à évoquer.

C'est là que le roi fortuné, descendant de l'*Alcaçova* (citadelle), a bâti son *Palais de Ribeira,* à côté de l'*Hôtel de Mina,* bientôt transformé en l'*Hôtel des Indes;* près des Entrepôts et de l'Arsenal, de tout enfin ce qui réalisait son rêve de gloire et de domination! C'est de là qu'en 1640 partit le cri de l'indépendance, après soixante années d'oppression!

Le tremblement de terre de 1755 détruisit tout cela de fond en comble. Que de fois cependant, en parcourant le labyrinthe de corridors, d'escaliers, de salles et de salons qui vont de l'extrême galerie occidentale jusqu'à l'Arsenal, que de fois n'ai-je pas cru entrevoir une porte, un linteau, une pierre des anciens palais! Pure illusion, sans doute...

La place du Palais forme un vaste rectangle, mesurant 185 mètres du nord au sud, et 192 mètres dans la direction perpendiculaire; il a une surface de 35:520 mètres carrés, ce qui la rend une des plus grandes places des villes de l'Europe. Le plan de reconstruction de la partie basse de Lisbonne comprenait déjà le projet d'une place monumentale, tracé par Eugène dos Santos Carvalho.

Bientôt on procéda à l'érection des façades, à deux étages appuyés sur une large galerie, les *Arcadas,* et couronnés par une élégante balustrade. Les deux tourelles qui terminent les façades perpendiculaires au fleuve n'ont pas été conclus à la même époque; celui du Ministère de la Guerre, au couchant, a demandé plus de temps, à cause des fondations.

L'arc triomphal de la rue Augusta, qui se détache nettement au dernier plan de notre photogravure, a été terminé il y a seulement quelques dixaines d'années; encore a-t'on changé le projet primitif. Quoique les façades en soient imposantes, elles n'ont pas le cachet des œuvres vraiment artistiques; la partie supérieure de l'arc est d'une indéniable lourdeur.

L'ensemble n'est pas toutefois exempt de noblesse et de majesté; les trois figures colossales qui le surmontent sont excellentes, ainsi que celles du Tage et du Douro, et les quatre statues de Viriathe, de Gama, de Pombal et du Connétable. Elles sont toutes du sculpteur Calmels.

Il nous manque encore de parler de la statue de D. Joseph; nous en ferons plus tard l'objet d'un article plus étendu, en face d'une phototypie spéciale. Rappellons, pour terminer, que la place du Palais est encore, pour le peuple portugais, l'impression plus profonde qu'il rapporte de la capitale. Que de fois, dans les provinces et sur la mer, avons-nous entendu chanter:

Adeus, Terreiro do Paço;
Adeus, memoria real!

Lisbonne — Novembre 1901.

Vicente Almeida d'Eça.

Restaria fallar da estatua de D. José. Reservamo-nos para quando se publicar uma vista especial do monumento, e por agora concluiremos lembrando que o Terreiro do Paço constitue ainda hoje a impressão mais profunda que o homem do povo leva de Lisboa. Quantas vezes, nas provincias e sobre o oceano, temos ouvido cantar:

Adeus, Terreiro do Paço;
Adeus, memoria real!

Lisboa — Novembro de 1901.

Vicente Almeida d'Eça.

A egreja da Conceição Velha

A egreja chamada da Conceição Velha, está na rua da Alfandega, em Lisboa. A estampa representa a fachada, um grande portal entre duas janellas. O portal é moldurado por duas altas e fortes pilastras ou botaréos, um friso horisontal corre superiormente ligando as extremidades das pilastras, duas portas cujos aros se entrecortam dão entrada para o templo; sobre as curvas superiores d'esses aros assentam em relevo dois semi-circulos oppostos, cortados por uma ligeira cornija horisontal, e sobre esta o quadro da Senhora, no tympano, o largo manto suspenso por anjos, e sob o manto ajoelhadas muitas figuras, em alto relevo, de boa execução. Isto fórma o plano ou fundo do portal. Largas fachas lavradas, alargando-se em plano divergente, ligam o fundo ás grandes pilastras. Fundo, portal, pilastras e janellas são opulentamente ornamentadas de baixos e altos relevos; nichos com estatuas abrigadas de baldaquinos; encimando tudo, no pinaculo do portal, a cruz de Christo; aos lados d'esta, ultimo ornato das pilastras, as espheras armillares. Domina o estylo do renascimento, o ogival apenas se faz sentir em pequenos ornatos sem importancia dos baldaquinos. Está longe do grande portico monumental, do lado sul dos Jeronymos (Belem).

As duas grandes estatuas das pilastras ou gigantes do portal figuram a Annunciação; a Virgem e S. Gabriel; este sustenta nas mãos uma larga fita com as palavras *Ave-Maria Grasia* (sic) *ple...* São bons exemplares da estatuaria do seculo XVI no seu começo; o rosto da Virgem é cuidado, gentil e de innocencia santa, cercado pela sua touca lavrada. Nas janellas as largas hombreiras são cortadas por quatro nichos com as estatuas de S. Paulo, S. Pedro, Santo André e S. Thiago.

Entre as portas, no cruzamento dos aros, abre-se um nicho, com uma pequenina estatua da Justiça.

Mas o que chama principalmente a attenção é a grande esculptura do tympano, a belleza dos grandes grupos que se abrigam sob o manto da Senhora. Á esquerda as estatuas do rei e da sua côrte, á direita o papa e os prelados todos ajoelhados.

As joias e vestuarios de todos os personagens estão esculpidos com amor e verdade. Nos lados do arco do portal, anjos em adoração, em relevo, os rostos de alguns de boa esculptura.

Ha porém entre a ornamentação outras figuras infantis tratadas com maior mimo. Nas bases em geral o artista preferiu figuras de cães e griphos em estorcimentos vigorosos; por vezes uma graciosidade profana; uma base por exemplo é formada por um caçador correndo, um cão e um coelho.

As estatuas dos apostolos não foram todas feitas para os nichos que occupam, nem trabalhadas pelo mesmo esculptor, a de S. Thiago por exemplo é muito menor que as outras tres.

No trabalho e estylo a frontaria da Conceição Velha harmonisa com a entrada da Torre de Belem, com muitos pontos do mosteiro dos Jeronymos, especialmente do claustro, e ainda com muitas outras obras da mesma época e estylo, que se encontram no paiz, por exemplo com os vastos portaes tambem de volta redonda, da capella do Esporão na Sé de Evora, e o da entrada do cemiterio publico da mesma cidade, que pertenceu á desapparecida egreja de S. Domingos.

Tal como está, constitue uma das preciosidades artisticas de Lisboa, aprumada e intacta ainda apesar dos terramotos.

É um grande triptico em pedra, aberto á devoção dos fieis, dos artistas e dos enthusiastas dos monumentos patrios.

G. Pereira.

L'église de Conceição Velha

L'église connue sous ce nom est située rue d'Alfandega, à Lisbonne; l'estampe en montre la façade, un large portail flanqué de deux fenêtres. Le portail est encadré par deux forts et hauts pilastres ou arcs-boutants, dont les extrémités supérieures sont reliées par une frise horizontale. Deux portes dont les arcs se coupent donnent accès au temple; sur les courbes supérieures de ces arcs se dressent en relief deux demi-cercles opposés, coupés par une légère corniche horizontale, au dessus de laquelle, sur le tympan, apparaît l'image de la Vierge, dont le large manteau, soutenu par des anges, abrite plusieurs personnages assez finis. Ce tableau forme le dernier plan ou fond du portail, qui se rattache aux pilastres latéraux par de larges bandes ouvragées.

Le tout — portail, pilastres et fenêtres — est richement ornementé de hauts et bas-reliefs et de statuettes dans leurs niches, sous des baldaquins; au sommet de la façade, dominant l'ensemble, la croix de l'Ordre du Christ, entre les sphères armillaires qui couronnent les deux pilastres. A part quelques détails insignifiants des baldaquins qui rappellent l'ogival, tout cela est conçu dans le style de la Renaissance; mais il y a loin de là au portique monumental du couvent des Jeronymos (Belem), côté sud.

Les deux grandes statues des pilastres représentent la Vierge et St. Gabriel au moment de l'Annonciation; l'ange tient dans ses mains un large ruban où se lisent les mots: *Ave Maria grasia* (sic) *plena.* Ce sont de bons exemplaires de la statuaire du XVI[e] siècle, à ses débuts; le visage de la Vierge, encadré dans une coiffe délicatement travaillée, gracieux et respirant la candeur, est fini avec soin. Aux jambages des deux fenêtres, dans quatre niches, les statues de St. Pierre, St. Paul, St. André et St. Jacques qui n'étaient pas toutes les quatre destinées aux niches qu'elles occupent actuellement; celle de St. Jacques, par exemple, est beaucoup plus petite que les autres.

La partie de la façade qui attire le plus l'attention est sans contredit la grande sculpture du tympan, dont les deux groupes agenouillés sous le manteau de la Vierge sont d'une grande beauté: à gauche, le roi et la cour, à droite, le pape et les prélats. Les vêtements et les bijoux de ces personnages sont sculptés avec soin et vérité.

On voit, des deux côtés du portail, des anges, dans l'attitude de l'adoration, dont quelques uns sont assez bien exécutés; mais ailleurs on retrouve, perdues dans la décoration, des figures enfantines bien plus remarquables. Dans les socles l'artiste a donné la préférence aux motifs d'animaux, chiens et griffons dans des enlacements vigoureux; çà et là, uns hors d'œuvre profane, tel un chasseur et son chien courant un lapin.

Dans la facture comme dans le style, la façade de la Conceição Velha s'accorde parfaitement avec l'entrée de la Tour de Belem, avec quelques morceaux du couvent des Jeronymos (du cloître surtout) et plusieurs autres constructions du même genre et de la même époque. Je ne signalerai, parmi ces dernières, que les vastes portails en plein cintre de la chapelle de l'Esporão, dans la cathédrale d'Evora, et celui de l'entrée du cimitière public de cette ville, provenant de l'église disparue de St. Dominique.

Telle qu'elle est, la façade qui nous occupe est un des joyaux de la capitale, solide encore et intacte en dépit des tremblements de terre. C'est un grand triptyque de pierre, ouvert à la dévotion des fidèles, des artistes et des admirateurs de nos monuments.

G. Pereira.

Guimarães



Terra fundamentalmente laboriosa, de *meesteiraes, cuteleiros* e *cortidôres;* gente altiva, orgulhosa mesmo, de suas prerogativas e tradições, a cooperação de Guimarães no resurgimento da patria portugueza, quer nas suas crises moraes, quer nos difficeis momentos da sua agitada vida politica, constitue uma das melhores e mais soberbas paginas da sua historia.

Muito lhe deveu D. João I, tanto nas guerras de Africa, como antes d'isso, na obra de consolidação d'esse complexo movimento social e economico dos fins do seculo XIV que, do Mestrado de Aviz, o levou á posse de um throno.

Pela dispersão dos *lavrantes judeus,* incursos nas leis de excepção com que, entre nós, se inicía a reacção anti-semitica dos começos do seculo XVI (desde 14 de junho de 1532 até 16 de julho de 1537) todo o movimento artistico, d'esse genero, se centralisa em Guimarães, em manifesto prejuizo de Coimbra, d'onde quasi subitamente desapparece. Por um momento os *ourevyzeiros* da formosa villa do valle do Vizella ousam competir com os melhores artistas lombardos e francezes, de Milão e de Limoges, no que diz respeito a decorações de *filigranas* e *esmaltes,* em todos os estylos e de todos os desenhos.

A familia de Luiz Vicente, de que procede esse extraordinario artista, Gil Vicente — o da *custodia de Belem* (1503) — bem como esse genial e porventura já hoje quasi ignorado João Gonsalves (1563), ao qual no seu tempo se deu a antonomasia de *Engenhoso* — bastam de per si para titulo e seguro fundamento da sua importancia.

É precisamente d'essa época a formosissima *Cruz alta,* que está no thesouro da Collegiada, dadiva do conego Gonçaleannes, o mesmo benemerito, que offerecera a Nossa Senhora da Oliveira, em 1534, a preciosa custodia de prata, que ainda lá se conserva, e que póde considerar-se como um soberbo padrão do estado da joalheria portugueza nos meiados do seculo XVI [1].

Esta cruz de Gonçaleannes é de uma belleza esculptural, rara. A base em que vae embeber-se a manga que a ha de alçar nas occasiões solemnes, é formada por um massiço sexagonal, regular, em fórma de throno, de que vão nascendo, em guisa de degraus, quatro corpos, que logo reduzidos a tres, á proporção que vão subindo na sua respectiva perpendicular, acabam na base de que nasce a cruz, a qual por seu turno desenha, com soberbas decorações, a raiz do Golgotha.

Como estes tres corpos sejam formados por meio de tres faces cada um, succede que em todas estas ha um baixo-relevo de uma finura e de uma subtileza de execução superior a todo o confronto. Nos seis mais em baixo estão, por sua ordem, *a traição de Judas; a presença de Jesus em casa de Pilatos; a affronta da canna verde* e *o supplicio da flagellação.* Depois, pela elevação dos degraus, que vão como que constituindo o throno que o massiço geral da *Cruz* representa, os quadros tomam dimensões mais reduzidas, vendo-se nos seis paineis que os adornam quatro dos principaes passos da vida da Virgem, seguidos de dois da do Salvador. Com estes avultam egualmente a scena da *degolação do Baptista,* e *a imagem do propheta Daniel.*

Nos outros envasamentos do terceiro corpo estão *os Evangelistas, S. João* e *S. Marcos; Nossa Senhora com Jesus Christo morto nos braços, a Resurreição,* e os restantes *Evangelistas, S. Matheus* e *S. Lucas.* As balisas d'estes paineis são fixadas por pilares e nichos de diversissimos desenhos, dentro dos quaes, com as insignias e divisas por que se extremam, se vêem as estatuas de *Moysés* e de *Salomão;* os seis *Prophetas maiores,* os quatro *Evangelistas* e os quatro *Doutores da Egreja.*

---

[1] Vilhena Barbosa, *Mon. de Port.,* pag. 94-5.

Guimarães



Ville essentiellement laborieuse, peuplée de couteliers, de tanneurs et d'autres artisans, gens fiers de leurs traditions et priviléges, l'intervention de Guimarães dans les crises morales et les luttes politiques de la patrie se signale glorieusement dans les pages de l'histoire portugaise.

Le roi D. Jean I lui a beaucoup dû, dans les guerres d'Afrique aussi bien que pendant la période d'affermissement de ce complexe mouvement, à la fois politique et économique, qui vers la fin du XIVe siècle le transféra de la grande-maîtrise d'Aviz au trône du Portugal.

Les lois d'exception, qui signalèrent la réaction anti-sémitique des débuts du XVIe siècle (du 14 juin 1532 au 16 juillet 1537), chassèrent une foule de joailliers juifs de Coïmbre vers Guimarães, dont le mouvement artistique prit dès lors une remarquable expansion. Les orfèvres de la belle ville de la vallée du Vizella osèrent même rivaliser, en ce temps-là, avec les meilleurs artistes lombards et français, de Milan et de Limoges, dans les filigranes et les émaux, de tous les styles et dessins.

La famille de Louis Vincent, d'où procède Gil Vincent — l'extraordinaire artiste de l'ostensoir de Belem (1503) —, ainsi que Jean Gonsalves (1563), presque ignoré de nos jours, mais qui mérita de ses contemporains l'épithète de *génial,* suffisent, à eux seuls, à attester l'importance de ce mouvement.

C'est de cette époque que date l'admirable croix du trésor de la Collégiale, don du chanoine Gonçaleannes, à qui l'église de Notre Dame de l'Olivier doit de posséder, depuis 1534, son précieux ostensoir en argent, un des plus beaux spécimens de l'orfèvrerie portugaise du milieu du XVIe siècle [1].

La partie de la croix, où s'insère le bâton qui le supporte dans les solennités, est formée par un massif hexagonal régulier en guise de trône, d'où partent quatre corps échelonnés, bientôt réduits à trois, finissant en un *calvaire* superbement decoré.

Chacun de ces corps est à trois faces, ornées de bas-reliefs d'une finesse d'éxécution incomparable. Ceux d'en bas figurent *la trahison de Judas, Jésus chez Pilate, le couronnement d'épines,* et *la flagellation.* Les tableaux supérieurs, à mesure qu'ils approchent de la base de la croix, deviennent plus petits; on y voit quatre scènes de la vie de la Vierge, deux de celle du Sauveur, la *décollation de St. Jean-Baptiste, l'image du prophète Daniel;* plus haut, dans le dernier corps, les *Évangélistes St. Jean et St. Marc, Notre Dame tenant le cadavre de Jésus-Christ, la resurrection,* et *les évangélistes St. Mathieu et St. Luc.*

Les cadres de ces tableaux sont formés par des piliers et des niches à dessins très variés, où s'abritent, avec leurs insignes caractéristiques, des personnages bibliques et sacrés: *Moïse, Salomon, les quatre grands prophètes, les quatre évangélistes,* et *les quatre grands Pères de l'Église.* Il y a encore, parsemée dans toute la pièce, une foule de bustes, de médailles et de motifs de décoration d'un fini vraiment admirable.

La célébrité du trésor de la Collégiale au temps de D. Alphonse V, porta ce roi, lors des guerres de prétention à la couronne de Castille, à frapper les chanoines d'une contribution de 600 cruzados; somme énorme pour le temps, qui devrait être payée comptant au collecteur de la couronne Jehan Gonçalves ou prélevée en effets précieux de l'église.

Par bonheur, cette mesure extrême fut évitée, grâce à la générosité de la duchesse de Guimarães, D. Jeanne de Castro, dont les surintendances de Ponte de Lima et de Guimarães fournirent une

---

[1] Vilhena Barbosa, *Monum. de Port.,* pag. 94-5.

Além de todas estas figuras, ha em toda a fabrica geral do conjuncto, uma grande cópia de bustos, de medalhas, de laminas, tudo obra de extremado valor e de soberba perfeição.

A notoriedade do thesouro da Collegiada de Guimarães fez com que Affonso v, nas suas guerras de pretenção á corôa de Castella, capitasse os conegos e a sua Egreja em seiscentos cruzados, somma grossa, que a não ser dada logo, de contado, ao escrivão dos contos, Joham Gonçalves, seria tomada em alfaias, tantas quantas chegassem ao preço d'essa onerosa capitação.

Valeu, porém, ao extremo d'esta durissima lei de guerra não só a generosidade da Duqueza de Guimarães, D. Joanna de Castro, a qual pela mão dos seus almoxarifes de Guimarães e de Ponte do Lima mandou offerecer uma boa parte d'essa finta aos officiaes da corôa, como a cotisação patriotica que, entre si fizeram, para semelhante passo, muitos devotos e caseiros da Collegiada, de modo a que nenhuma peça do seu thesouro sahisse d'elle.

Foi esta deliberação, sobre grandemente honrada, de muito alcance para a segurança e integridade das alfaias da Egreja de Guimarães. Porque tendo de ser regularisadas, no tempo de D. João ii, as differenças do thesouro real por motivo das guerras de Affonso v, a corôa apenas pagou metade do que tomára, perdoando-lhe o resto, o Papa, por seu arbitrio, vindo este negocio, ainda assim, a regular-se tardiamente nos dias de D. Manoel, e tudo isto muito mais com o fructo das nascentes prêzas da India, do que por meio dos haveres e recursos da fazenda real [1].

*

* *

Centro de uma vasta e poderosissima aristocracia regionalista, hoje extincta ou a caminho de desapparecer, em razão do regimen anti-vincular, que, ha quarenta annos, lhe vem preparando a morte, e pelo qual os seus mais ou menos authenticos representantes, educados no culto de uma falsa supremacia moral, filha de uma tutela que se perpetuava em successivas gerações, e que por isso mesmo os tornára mal apercebidos para o aspero combate da vida, deixando o campo inteiramente livre ás chamadas *classes inferiores*, que os sobrelevam e excedem em energia, em firmeza moral e não poucas vezes em caracter, Guimarães foi tambem terra culta, *terra de Garlandia*, como nol-o indica ainda a *Irmandade dos Moços de S. Nicolau*, constituida exclusivamente de escolares: e mais talvez que tudo isso, o *Collegio da Costa*, dos monges de S. Jeronymo, aonde os infantes D. Duarte e D. Antonio — o que havia de disputar, mais tarde, a Philippe ii a corôa real — ouviram as lições do doutissimo frei Jorge de Belem, um dos melhores humanistas e theologos da sua Ordem.

A abundancia dos seus cabedaes era proverbial. Como razão dos seus caprichos em materia de culto, bastará apontar a celebre *funcção do Descendimento da Cruz*, realisada em 1803, e na qual os principaes devotos gastaram a extraordinaria somma de trinta mil cruzados (doze contos de reis).

*

* *

Toda a paizagem rustica, que enquadra a cidade, constitue um encanto, digno dos melhores quadros de Theocrito.

Uma trova popular, ainda agora muito em voga, celébra esse esplendor, bem como toda essa riqueza natural, por meio d'estes tôscos mas significativos versos:

Ó villa de Guimarães,
Quatro villas em redôr!
— *Villa Pouca, Villa Verde,*
Villa Boa e *Villa Flôr.*

[1] No tempo de Gaspar Estaço existia ainda o pergaminho em que todos estes actos, tanto o da Duqueza de Guimarães, como o do povo da villa, se memoravam. *Var. Antig. de Port.*, c. liv, pag. 194-5. *R.* Dam. de Goes, *Chron. del Rei dom Eman.*, i parte, cap. i.

bonne partie de la somme exigée, le reste ayant été complété par la cotisation volontaire des dévôts et des fermiers de la Collégiale.

Sans cet heureux résultat l'intégrité du trésor de l'église aurait certainement à souffrir. En effet, les emprunts forcés du trésor royal furent liquidés sous Jean ii, à la fin des guerres de son père, mais la couronne n'en restitua que la moitié et se fit pardonner le reste par le Pape; encore, le règlement définitif traîna-t'il jusqu'au règne de D. Manuel, lorsque les fabuleuses richesses des Indes Orientales commencèrent à déverser dans le trésor royal appauvri [1].

*

* *

Cette région fut autrefois le centre d'une vaste et puissante noblesse terrienne, aujourd'hui éteinte ou en voie de disparaître. La cause principale de ce phénomène doit être cherchée dans l'abolition des majorats, qui date d'une quarantaine d'années, ainsi que dans la fausse éducation des castes privilégiées. Leur prétendue suprématie, basée sur la tradition et la loi, non sur de vraies qualités morales, s'est trouvée impuissante à l'âpre lutte de la vie; elles ont été battues par les classes inférieures, plus riches d'énergie et de fermeté, souvent même de caractère. Guimarães a été aussi une ville cultivée, *terre de Garlandia;* témoins la *Confrérie des garçons de St. Nicolas,* exclusivement formée d'écoliers, et le *Collége de Costa,* tenu par les moines hiéronymites.

Le docte fr. George de Belem, un des meilleurs théologues et humanistes de son ordre, y donna des leçons aux infants D. Duarte et D. Antoine, — celui qui plus tard disputa la couronne du Portugal à Philippe ii d'Espagne.

La richesse des habitants de Guimarães était passée en proverbe. En matière de culte religieux elle tournait quelquefois au caprice et à l'extravagance; vers 1803, la fête de la *Descente de la Croix* revint à près de 70:000 francs.

*

* *

Le paysage rustique qui environne la ville est plein de charme, et rappelle les meilleurs tableaux de Théocrite.

Un quatrain populaire, encore fréquemment cité, célèbre en vers rudes, mais expressifs, toutes ces splendeurs et richesses naturelles:

Ó villa de Guimarães,
Quatro villas em redôr!
— *Villa Pouca, Villa Verde,*
Villa Boa e *Villa Flôr.*

À *Villa Boa,* ancienne demeure seigneuriale des Oliveira Bernardes, de Joannes, de la branche de tous les Bernardes de Guimarães, résident encore les Mello Pereira Sampaio, de Riba de Vizella, qui les représentent par ligne féminine depuis le mariage du conseiller de justice Alexandre Duarte de Carvalho, de la maison de Manhufe à Mancellos, avec D. Isabelle Bernardes de Oliveira e Abreu, fille de Joseph de Oliveira Bernardes.

On voit encore à *Villa Pouca* le superbe palais des Alcoforados, de la ligne de Numães et d'Asseca, résidence seigneuriale aliénée par le dernier membre de la famille.

[1] Gaspar Estaço atteste l'existence du parchemin original qui énumère ces dons, de la duchesse de Guimarães et des habitants de la ville. *Var. Antig. de Port.*, c. liv, pag. 194-5. *R.* Dam. de Goes, *Chron. del Rei dom Eman.*, i part, cap. i.

Em *Villa Boa,* antigo assento do solar dos Oliveiras Bernardes, de Joanes, do ramo de todos os Bernardes de Guimarães, têm ainda agora casa os Mellos Pereiras Sampaios, de Riba de Vizella, seus legitimos representantes por linha feminina, desde o casamento do desembargador, Alexandre Duarte de Carvalho, da casa de Manhufe, em Mancellos, com a snr.ª D. Isabel Bernardes de Oliveira e Abreu, filha de José de Oliveira Bernardes.

Em *Villa Pouca* resta ainda agora o soberbo palacio dos Alcoforados, da linha de Numães e Asseca, residencia por muitos titulos senhorial, cahida, por doação do seu ultimo possuidor, em mãos de estranhos.

Em *Villa Flôr* apenas se ostenta uma parte do grandioso palacio em que teve sua derradeira pousada o ultimo conde da Arrochella, Nicolau da Arrochella Vieira de Almeida Sodré Laborão de Moraes e Castro Pimentel, hoje em posse de uma companhia ferro-viaria.

Em *Villa Verde* é onde está a *fonte-santa,* um dos primeiros assentos dos frades menores de S. Francisco, em Portugal, nos principios do seculo XIII (1218), e aonde os Bemaventurados Zacharias e Gualter começaram as suas predicas, que tão vivamente haviam de impressionar, para os extremos da sua muita piedade, a rainha D. Urraca, mulher do nosso rei D. Affonso II [1].

O formoso claustro do antigo convento de S. Domingos, um dos primeiros que a Ordem dos Prégadores teve em Portugal, é obra das penultimas decadas do seculo XIII e principios do XIV (1271-1325). Serve hoje para thesouro de varias preciosidades archeologicas, tanto do districto vimaranense como de outros pontos do norte do paiz.

A elegancia de toda esta quadra é digna de notar-se. Em poucas construcções monasticas d'aquella época se observa tão acabada e tão rica espontaneidade na decoração de todas as suas columnas. A variedade dos capiteis é de uma exuberancia unica. O mosteiro a que esta crasta pertenceu foi dos mais assignalados da peninsula. Até o seculo XVI (1532) precedia não só o de Elvas, como o de Lisboa. A sua fundação foi resolvida em acto publico, verdadeiramente plebiscitario, em que os homens do concelho, sob a presidencia do senado e justiças da terra, e com audiencia do prior do Porto, Frei Alvaro, houveram por bem conceder casa religiosa aos filhos de S. Domingos, a cuja familia pertenceram os Bemaventurados Frei Pedro Gonçalves Telmo, Frei Lourenço Mendes e S. Gonçalo de Amarante, todos grandes prégadores e apostolos d'estes sitios.

A egreja de S. Miguel do Castello, tida entre os naturaes como primaz de todas as parochias do arcebispado de Braga, é um valiosissimo monumento da nossa melhor architectura do seculo XIII. N'ella se diz que fôra baptisado o primeiro filho do conde D. Henrique da Bourgonha, o nosso bellicoso rei D. Affonso Henriques. Cahida em deploravel abandono pelas successivas injurias do tempo, foi já em nossos dias reedificada e restituida ao culto, observando-se n'esta obra de justissima reparação e como que de verdadeiro desaggravo, um cauteloso escrupulo e um alto sentimento artistico que, infelizmente, não são de esperar nem de suppôr em gentes portuguezas. A parte technica d'esta intelligentissima restauração monumental, verdadeiramente exemplar em toda a parte, foi, e com um alto discernimento dos seus iniciadores, confiada ao fallecido João Maria Feijó, general de engenheiros, antigo professor de architectura na escóla do exercito, e peritissimo no estudo de todas as construcções medievaes. Ao seu comprovado talento e finissimo juizo se deve o ter-se mantido n'aquelle monumento, com um alto bom gosto e acrisolado bom senso, não só o typo da primitiva traça romanica, attribuida conjecturalmente ao seculo X, como o da sua reconstrucção, typicamente caracteristica dos principios do seculo XIII, do tempo do nosso rei D. Sancho I.

Os iniciadores d'esta obra patriotica, tão fóra dos costumes e das tradições das nossas terras da provincia, foram, ao que nos diz Vilhena Barbosa [2], o padre Antonio José Ferreira Caldas, auctor de um curioso e interessante manual sobre a cidade de Guimarães [3], e o dr. José Pinto de Queiroz.

---

[1] Praeterea pater Gualterus non longè à dicto oppido Vimaranensi, inter fundum, *qui Villaeviridis nuncupatur...* oratorium aedificans tum vitae sanctimonia, tum quoque miraculis claruit. GONZAGA, *De orig. Seraph. Relig. Franciscan.* III p., pag. 796-8.

[2] Vilhena Barbosa, *Mon. de Port.,* pag. 108.

[3] Em dois volumes.

À *Villa Flôr,* les restes du vaste palais du dernier comte d'Arrochella, Nicolas da Arrochella Vieira de Almeida Sodré Laborão de Moraes e Castro Pimentel, appartiennent aujourd'hui à une compagnie de chemin de fer.

À *Villa Verde* existe encore la *sainte source,* un des premiers siéges des frères mineurs de St. François en Portugal (1218). C'est là que les bienheureux Zacharie et Gautier commencèrent leurs prédications, dont l'effet fut considérable sur la haute piété de la reine D. Urraca, femme de D. Alphonse II [1].

Le joli cloître de l'ancien couvent de St. Dominique, un des premiers que l'ordre des Prédicateurs fonda chez nous, date de 1271-1325; il est utilisé aujourd'hui comme musée de pièces archéologiques provenant de Guimarães et d'autres régions du nord du Portugal.

L'élégance de cette construction ne saurait passer sous silence. Peu de constructions monastiques de cette époque offrent une telle richesse décorative et une exécution si soignée dans les colonnes; la variété des chapiteaux est digne de remarque. Le monastère a été un des plus célèbres dans toute la Péninsule; jusqu'en 1532 il précédait ceux de Elvas et de Lisbonne. La fondation en a été faite par acte public, vraiment plébiscitaire, par lequel les hommes de la commune, sous la présidence du sénat et de la magistrature locale, et l'audition du prieur de Porto fr. Alvaro, permirent la construction d'un édifice religieux aux fils de St. Dominique, parmi lesquels comptèrent les grands apôtres et prédicateurs fr. Pierre Gonçalves Telmo, fr. Lourenço Mendes et S. Gonçalo d'Amarante.

L'église de St. Michel du Château, communément considerée comme primatiale entre toutes les églises paroissiales de l'archevêché de Braga, est un de nos plus remarquables monuments religieux du XIIIe siècle.

On rapporte que le premier roi portugais D. Alphonse Henriques, fils du comte D. Henri de Bourgogne, y a été baptisé. Tombée presque en ruines, par suite des injures du temps et d'impardonnables négligences, elle a été dernièrement rebâtie et restituée au culte et à la vénération des fidèles. La restauration, confiée au général du génie Jean Marie Feijó, ancien professeur d'architecture de l'École de l'Armée, très versé dans l'architecture du moyen-âge, a été scrupuleusement poursuivie avec un haut esprit artistique qui malheureusement n'est que trop rare dans le monde des constructeurs portugais. L'autorité et le gout exercé de cet homme habile ont su vaincre toutes les difficultés, et le precieux monument garde encore le type du tracé romain primitif, conjecturalement attribué au Xe siècle, et les traits caractéristiques de la reconstruction faite au commencement du XIIIe siècle, sous le roi D. Sanche I.

Les promoteurs de cet œuvre patriotique, qui s'écarte des traditions et des usages de nos villes de province, sont, d'après Vilhena Barbosa [2], le dr. Joseph Pinto de Queiroz et le P. Antoine Joseph Ferreira Caldas, auteur d'un curieux manuel en deux volumes sur la ville de Guimarães.

*

* *

L'hôtel de ville est un édifice banal et incaractéristique. Érigé sur une espèce de porche, reste possible, si non probable, des anciennes *alpenduradas* ou *recebimentos* de la vieille place de la Collégiale, il est décoré de l'écusson royal portugais, entre les classiques sphères *manuelinas,* hommage inconscient d'une tradition illogique et destituée de sens à la mémoire du réformateur despotique des chartes communales, c'est-à-dire de celui qui porta les premiers coups aux vieilles immunités municipales, de glorieux et ineffaçables souvenirs.

---

[1] Praeterea pater Gualterus non longè à dicto oppido Vimaranensi, inter fundum, *qui Villaeviridis nuncupatur...* oratorium aedificans tum vitae sanctimonia, tum quoque miraculis claruit. GONZAGA, *De orig. Seraph. Relig. Franciscan.* III p., pag. 796-8.

[2] Vilhena Barbosa, *Monum. de Port.,* pag. 108.

*
* *

A casa dos paços do concelho é um monumento incaracteristico e banal. Levantada sobre uma especie de gallilé, restos, acaso, das antigas *alpenduradas* ou *recebimentos* do velho rocío da Collegiada, decóra-a o actual escudo das armas portuguezas, ladeado das classicas espheras manuelinas, velho e inconsciente tributo prestado por uma tradição illogica, incoherente e sem critica, á memoria do despotico reformador dos foraes, isto é, do primeiro demolidor e attentador contra as velhas immunidades municipalistas, de altissima e sympathica recordação. Sobre uma especie de pedestal, sem arte nem physionomia, mixto grosseiro de acroterio e de peanha, ergue-se a figura de um guerreiro armado á phantasia, coberto por um capacete extorquido aos heroes de Homero, e calçando os classicos cothurnos do legendario *Longuinhos,* antes do seu desterro para os montes da Cappadocia.

Na mão direita empunha uma lança decorativa, e na esquerda embraça um escudo com as divisas da cidade. É naturalmente a estatua de Guimarães, modelada por algum artista encyclopedicamente ignorante, desconhecedor da indole, natureza, historia e valor moral d'esta formosa e illustre cidade do Minho.

José Caldas.

Sur une sorte de piédestal, grossier acrotère sans art ni caractère, se dresse une figure de guerrier à armure fantaisiste, coiffé d'un casque chipé à un heros de l'Iliade et chaussé des classiques cothurnes du légendaire *Longuinhos,* avant l'exil dans les montagnes de la Cappadocie.

Dans la droite une lance décorative, dans la gauche, un écu aux armes de la ville. Ce doit être, naturellement, la statue de Guimarães, modelée par quelque artiste encyclopédiquement ignorant, qui méconnaît la nature, le caractère et l'histoire de la belle et illustre ville du Minho.

José Caldas.

Evora



DA EGREJA de Nossa Senhora da Graça e do seu convento (hoje em ruinas a egreja, e no convento installado um quartel de infanteria) ha larga noticia na Chronica da antiquissima provincia de Portugal, da ordem dos eremitas de Santo Agostinho, por frei Antonio da Purificação (parte II, pag. 255).

Havia um mosteiro acanhado e humilde que D. João III tomou sob sua protecção; augmentou-o muito; tanto que hoje nada se conhece da primeira edificação. Por isto com verdade se lê na frente da egreja: *Conditum sub imperio Divi Joannis Tertii Patris Patriae,* em grandes e bellos caractéres que recordam os da Roma imperial. Mas D. João III quiz depois que o primeiro conde do Vimioso, D. Francisco de Portugal, fôsse o padroeiro do convento.

A obra começou em 1524 e acabou em 1529; é uma construcção datada precisamente; é do começo do reinado de D. João III, e nem um vestigio do *manuelino!*

Foi um salto enorme, a meu vêr um desastre, essa transformação subita no gosto, na arte, a brusca passagem do estylo já nacional, com elementos proprios, e até com variantes radicadas e seguidas, para a novidade do renascimento, importada de Italia e de França, para as obras *á romana,* como lhe chamaram então com perfeita propriedade. Parece que o espirito, o ensino e a influencia do Sansovino esteve dormente durante o reinado de D. Manuel, para saltar triumphante quando o principe venturoso acabou.

O frontispicio da Graça, todo lavrado em granito, com as suas columnas, tropheus e panoplias, escudos, estatuas colossaes decorativas, é exemplo da renascença italiana, unico no seu genero aqui, e pouco vulgar mesmo na Italia. É na renascença de Veneza que se encontram exemplares mais proximos. E, parece, o estylo não agradou, porque trabalhando-se muito, n'esta época, em Evora, não o repetiram nem imitaram.

Na Graça mesmo, no interior da capella-mór, e no tumulo do bispo D. Affonso de Portugal, primor d'arte executado em fino alabastro (que em breve será collocado no museu da Bibliotheca eborense), e nas janellas, ha lindas cercaduras, frisos de mimoso lavôr, deliciosos medalhões com bustos em relevo, trabalhos datados de 1537, que nada têm com o forte e apparatoso estylo do frontispicio; havendo apenas de commum entre capella-mór e frontaria os singulares nichos obliquos, especie de habilidade architectonica, de muito esforço e pouco effeito.

As estatuas decorativas symbolisando os quatro rios, ou os quatro elementos, as estações, os ventos ou os pontos cardeaes, symbolos, apparecem na arte decorativa desde os velhos monumentos egypcios, e permanecem como elementos decorativos geraes, mas sem aquelle aspecto feio, as salientes musculaturas que o esculptor empregou nas estatuas da frontaria da Graça; de tão feia catadura que até o povinho lhes perdeu o respeito, chamando-lhes ironicamente os *meninos da Graça* e pondo-lhes alcunhas alegres.

Aqueducto da agua da Prata. — É o aqueducto de que falla Camões:

. . . .
Onde ora as aguas nitidas do argento
Vem sustentar de longo a terra, e a gente,
Pelos arcos reaes, que cento e cento,
Nos ares se alevantam nobremente.
. . . .

C. III, EST. 63.

Esta monumental construcção que muitos têm attribuido a Sertorio, o famoso rebelde romano (mania de eruditos), é do tempo de D. João III. Tem 19 kilometros de comprido, começando na *herdade da agua da prata,* na freguezia de Nossa Senhora da Graça do Divor.

E esta designação *prata,* é alteração de outra mais antiga *Prates,* que por approximação natural o povo mudou em *Prata.* Por isto Camões, poeticamente, disse *argento.* O aqueducto segue boleando

Evora



L'ÉGLISE de N. Dame de la Grâce, aujourd'hui en ruines, et son couvent, transformé en caserne, sont largement décrits dans la «Chronique de la très ancienne province portugaise de l'ordre des ermites de St. Augustin» de fr. Antoine de la Purification (2e partie, pag. 255).

L'humble monastère primitif a disparu sous les agrandissements et les restaurations entreprises par ordre de D. Jean III. La façade porte l'inscription suivante, en grands et beaux caractères qui rappellent ceux de la Rome impériale: *Conditum sub imperio Divi Joannis Tertii Patris Patriae.* Le roi voulut cependant que le patron du couvent fut D. François de Portugal, 1er comte de Vimioso.

La reconstruction, commencée en 1524, finit en 1529; elle date donc des débuts du règne du fils et successeur de D. Manuel. Malgré cela, elle n'accuse pas la moindre trace du style *manuelino!*

L'influence de la Renaissance, importée d'une seule pièce de l'Italie et de France, s'est fait brusquement sentir dans les ouvrages *à la romaine,* comme on les surnomma alors avec une grande justesse; innovation fâcheuse qui chassa de l'architecture et des arts décoratifs un style parfaitement nationalisé, à variantes nettement définies et consacrées. Il semble que l'esprit et les enseignements de Sansovino, assoupis pendant le règne de D. Manuel, se sont victorieusement réveillés dès que le roi *fortuné* eut fermé les yeux.

La façade de Graça, toute en granit, décorée de colonnes, de trophées, d'écussons et de statues colossales, offre un spécimen de la Renaissance italienne, unique chez nous et rare même en Italie, car ce n'est que dans la Renaissance vénitienne qu'on pourra trouver des analogues. Ce style toutefois a été bientôt abandonné; à Evora, on ne trouve rien de semblable parmi les nombreuses constructions de cette époque.

L'intérieur est aussi en désaccord avec le style fort et pompeux de la façade, exception faite toutefois des curieuses niches obliques de la chapelle principale, tour de force architectonique d'un effet médiocre. Le reste de la chapelle, le tombeau de l'évêque D. Alphonse du Portugal, chef-d'œuvre en beau albâtre qu'on devra bientôt transporter dans le musée de la bibliothèque publique, et les fenêtres de l'église sont pleins de belles bordures, de frises délicatement sculptées, de médaillons délicieux en haut-relief, ouvrages datés de 1537 qui se rattachent à la meilleure époque de la Renaissance.

Les statues symboliques figurant les fleuves, les éléments, les vents cardinaux ou les saisons sont d'un usage très ancien dans l'art décoratif, puisqu'on les rencontre dans les vieux monuments égyptiens. Elles se répètent un peu partout, sans toutefois la musculature excessive et l'air rébarbatif dont le sculpteur de la façade de Graça s'est avisé de les doter. Le peuple de la ville, qui les connaît sous le nom générique de *bons hommes de la Grâce,* leur a donné des sobriquets cocasses.

Aqueduc de l'eau de Prata. — C'est celui dont parle Camoens:

. . . .
Onde ora as aguas nitidas do argento
Vem sustentar de longo a terra, e a gente,
Pelos arcos reaes, que cento e cento,
Nos ares se alevantam nobremente.
. . . .

C. III, EST. 63.

Cette construction monumentale, que tant d'érudits ont faussement attribuée au fameux rebelle romain Sertorius, date du règne de D. Jean III. Elle a 19 kilomètres de développement, et commence dans le domaine de *l'eau de la prata,* à la paroisse de Notre Dame de la Grâce de Divôr.

Ce nom de *prata,* qui veut dire argent, est une corruption populaire de l'ancien nom *Prates;* il explique le terme *argento* de Camoens. L'aqueduc, dans la première partie de son trajet, accompagne les inflexions peu prononcées du terrain qu'il traverse; mais en arrivant à S. Benoît de Castris, couvent de religieuses supprimé, il franchit en arcades l'espace qui le sépare de la ville. C'est la partie

as terras, as collinas, e ao chegar a S. Bento de Castris (extincto convento de freiras), salva em arcada a depressão de terreno que ha entre esse sitio e a cidade. É a parte monumental do aqueducto, a que dá nas vistas, a espaços com suas caixas d'ar ornamentadas.

A estampa representa um trecho, onde passa a estrada a macadam que sae da porta da Lagôa para norte, no sitio da Cartuxa; o arvoredo que ahi se vê é da grande cêrca do convento (hoje propriedade particular) dos monges de S. Bruno.

E uma arcada bem rasgada, solida, ornada, n'esse ponto, com uma *torrinha,* em dois corpos; aos cunhaes juntaram columnas estriadas, encimadas por uma cupula com seus relevos, pequeno zimborio ladeado de quatro mais pequeninos, todos sustentando grupos de romãs, que á primeira vista parecem cruzes.

A decoração ia augmentando á maneira que a obra se avisinhava da cidade; á entrada outra torre maior, e no final, em frente de S. Francisco, uma linda construcção renascença, que alguns tomaram como romana, feita em tijolo, com suas columnas, frisos, cornijas, nichos, muito elegante; um dia, mercê de qualquer coisa local, appareceu em terra, isto é, desappareceu. Murphy (*Travels in Portugal*) desenhou-a; e ha uma bella photographia de Laurent.

Uma custodia de prata dourada que hoje se guarda no Seminario de Evora ostenta mimosa ourivesaria, que reproduz a torrinha terminal do aqueducto.

Creio que effectivamente este aqueducto fosse construido sobre vestigios do romano.

Passa pela rua do Cano; documentos velhos muito anteriores a D. João III, já mencionam esse nome. Ha tambem documentos relativos a propriedades no campo que fallam dos arcos do Divor, como ponto de referencia conhecido, isto nos seculos XIV e XV.

O aqueducto entrando na cidade divide-se em ramos que abastecem estabelecimentos particulares, fontes e chafarizes publicos.

A fonte da praça de Geraldo é monumental (1570), com a sua rendilhada corôa de bronze dourado.

Na cidade ha outras fontes de grande elegancia, todas de taça elevada, com fórmas variadas (praça de D. Pedro, porta de Moura, Rocio). E fóra da cidade, proximo das portas, ha chafarizes antigos, alguns com ameias, armas reaes, etc., o das Bravas, o d'El-Rei, o de Alconchel e o dos Leões (ainda com dois leões, grandes, de pedra, romanos com certeza).

Parece que no portico da praça destruido em tempo de D. Henrique, cardeal, havia quatro leões.

Dois estão no dito chafariz, um está agora no Museu da Bibliotheca (esteve no tanque do Rocio), e o quarto, dizem-me, está na quinta de S. Vicente, em Ferreira, ha muitos annos.

Ha muitos documentos do aqueducto de Evora, e das suas nascentes, no Archivo municipal; ha regimentos antigos, e até uma preciosa lamina de cobre, com a gravura das fontes, e dimensões dos anneis d'agua de distribuição ordinaria, peça muito interessante.

Cartuxa. — Cartuxa é nome vulgar dado em Portugal aos conventos da ordem de S. Bruno. Corresponde ao hespanhol Cartuja, ao francez Chartreuse. Aos frades ou monges chamavam *cartuxos.* A Cartuxa eborense era o convento da *Scala Cœli.* Fica fóra da cidade, para norte, e possuia vasta cêrca. Hoje é propriedade particular.

O frontispicio da Cartuxa que a estampa representa é exemplar de architectura de primeira ordem, puro, traçado com extraordinaria precisão e executado com primor em finos marmores. Divide-se em tres corpos, obedecendo cada um a uma das tres ordens classicas; primeiro a rasgada arcada dorica, formando alpendre, com amplo terraço; sobre este levanta-se a columnata jonica; superiormente, o terceiro corpo, em corinthio. É um typo conhecido, classico, reproduzido em templos italianos e francezes, da mesma idade.

D. Theotonio de Bragança fundou a Cartuxa eborense em 1587, com grandes meios e muito enthusiasmo; a grande construcção estava concluida em 1594. A obra é imponente, brilhante; quando o sol pela tarde illumina em cheio essa architectura classica executada em bons marmores, faz um effeito soberbo. O principesco prelado sentiu-se bem da sua obra, e esse convento ficou sendo o seu filho querido. Por muitas vezes na Cartuxa eborense os membros da familia de Bragança se hospedaram. D. Theotonio encheu o templo e capellas de trabalhos preciosos, os entalhados dos cadeirados do côro eram excellentes; e reuniu ahi uma extraordinaria livraria: ainda hoje quando encontro um livro com

monumentale de l'aqueduc, surmontée de regards ou soupiraux, ornés à l'extérieur et placés à des intervalles réguliers.

L'estampe en montre un morceau, qui croise la route qui part de la porte de Lagôa, au nord; les arbres visibles appartiennent au vaste enclos de la Chartreuse, aujourd'hui au pouvoir d'un particulier. C'est un arc bien lancé et solide, décoré d'une *tourelle* à deux corps; les angles en sont couverts de colonnes cannelées, surmontés d'une dôme central flanqué de quatre autres de moindres dimensions, supportant des groupes de grenades qui rappelent des croix à première vue.

La décoration augmentait à mesure que l'ouvrage approchait de la ville; il y avait à l'entrée une tour plus grande, et au bout de l'aqueduc, en face du couvent de St. François, une jolie construction de la Renaissance (que plusieurs ont cru romaine), ensemble élégant de colonnes, niches, frises et corniches entièrement bâti en briques. Un beau jour, grâce à je ne sais quel incident local, on le jeta par terre. Murphy (*Travels in Portugal*) en donna un dessin; on connaît aussi une belle photographie de Laurent.

Cette tour finale de l'aqueduc est reproduite dans un ostensoir en argent doré, parfaitement exécuté, qui appartient aujourd'hui au séminaire d'Evora.

Je suis porté à croire que cet aqueduc a été réellement bâti sur les restes d'une construction romaine analogue. Il traversa la rue du Canal, vieux nom de beaucoup antérieur à D. Jean III; d'ailleurs quelques titres de propriété rurale, du XIVe et XVe siècles, se rapportent aux arcs du Divôr comme à des répères connus.

Le canal de l'aqueduc, après avoir pénétré dans la ville, se divise en plusieurs conduits qui desservent quelques maisons particulières ainsi que les fontaines publiques.

Celle de place Geraldo est monumentale (1570), et finit par une couronne de bronze dentelée. On compte dans la ville plusieurs autres fontaines élégantes, à bassins de formes variées (place D. Pèdre, porte de Moura, Rocio); hors de l'enceinte de la ville il y a aussi quelques fontaines d'ancienne date, à crenelures et écussons royaux, etc., tels ceux de Bravas, du Roi, d'Alconchel et des Lions (ce dernier décoré de deux gros lions en pierre d'origine romaine). Il paraît que la grande porte de la place forte, détruite sous le cardinal-roi D. Henri, avait quatre gros lions en pierre, dont deux garnissent la fontaine citée, un troisième (auparavant à la fontaine de Rocio) est déposé au musée de la bibliothèque, et le dernier est depuis longtemps à Ferreira, dans la villa de St. Vincent.

Les archives municipales d'Evora gardent beaucoup de documents qui se rapportent à l'aqueduc et aux sources qui l'alimentent, des règlements anciens et une curieuse lame de cuivre gravée sur laquelle sont marquées les fontaines et les mesures de la distribution ordinaire.

La Chartreuse. — *Cartuxa* est le nom vulgaire qui désigne en Portugal les couvents de l'ordre de St. Bruno; il correspond à l'espagnol Cartuja, et au français Chartreuse. Les moines étaient appelés *cartuxos* ou chartreux. La chartreuse d'Evora était le couvent de *Scala Cœli;* il était bâti hors l'enceinte de la ville, du côté nord, et jouissait d'un splendide enclos. Il est tombé aujourd'hui aux mains d'un particulier.

La façade de la chartreuse est une pièce de premier ordre, d'un style pur, tracée avec une précision extrême et soigneusement exécutée en marbres précieux. Elle est divisée, ainsi que le montre l'estampe, en trois corps appartenant aux trois ordres classiques; d'abord une arcade dorique élancée, à *loggia* et balcon; puis une colonnade jonique, et ensuite le corps supérieur corinthien. C'est un type classique et connu, souvent reproduit dans des temples italiens et français de la même époque.

D. Theotonio de Bragance fonda la chartreuse d'Evora en 1587, en y consacrant des sommes considérables et un enthousiasme soutenu, en sorte que, sept années après, elle était achevée. C'est un ouvrage imposant et magnifique; l'effet de la classique façade en marbre, dorée en plein par le soleil couchant, est vraiment superbe. Le fastueux prélat était fier de ce couvent et ne cessa toute sa vie de le combler de bienfaits; les membres de la famille de Bragance y ont souvent logé. Le temple et les chapelles foisonnaient d'ouvrages précieux; les sculptures des stalles du chœur étaient excellentes, et la bibliothèque devint justement célèbre. Quoiqu'elle eut été postérieurement dispersée, on en trouve encore assez de volumes, marqués de l'*ex-libris* de la Chartreuse; ce sont toujours des ouvrages de prix, lorsqu'ils appartiennent à l'ancien fonds de D. Theotonio. Il n'en est pas de même de la splen-

o ex-libris da Cartuxa, do donativo de D. Theotonio, reparo logo, é livro de valor. Felizmente existem muitos; salvaram-se estes; não succedeu o mesmo á livraria dos Jesuitas de Evora, fundada com largo dispendio pelo cardeal infante D. Henrique, que era riquissima então, o que seria hoje? e que toda se desfez.

Ainda conheci alguem que frequentou a Cartuxa no tempo dos bons monges, muito estimados e respeitados. Os antigos frequentadores fallavam dos muitos beneficios, da cortezia extrema e das grandes festividades seguidas de bellos jantares sem carnes. Eram vegetalistas os cartuxos, e só em caso de doença se lhes permittia a carne de kágado.

Na Cartuxa eborense, como em todas as casas da ordem de S. Bruno, os monges tinham moradas separadas; comiam, dormiam, estudavam em suas casas; reuniam-se na egreja, no côro ou na livraria. Cada uma d'essas habitações, ou cellas, tinha sete divisões, um jardim pequeno com sua fonte e tanque. As *cellas* eram bem dispostas, com luz e sol, a distribuição das divisões bem pensada, e ainda vi n'esses pequenos jardins limoeiros forrando paredes, jasmineiros e baunilhas enfeitando as escadas. Bello laranjal occupava a enorme quadra, cercada de arcadas amplas, cheias de luz, para onde abriam as portas das casas dos monges. Era um encanto para homens que amassem o sereno retiro, o estudo, longe de agitação vulgar.

Sabem talvez que nos conventos além de rezas, estudos e meditações se tratava tambem de bons bocados, delicias do paladar: as freiras chegaram a inventar dôces celestiaes, e os frades acharam licôres de ineffavel aroma. São ainda bem afamados os licôres dos cartuxos e benedictinos. Pois os monges eborenses fabricavam tambem um licôr celebre, e a receita d'essa *chartreuse* era seguida por um meu bom amigo; elle morreu e creio que se perdeu de todo a receita: era um licôr estomacal, optimo; levava zimbro e canella com certeza; as dóses e os tempos do preparo, os cuidados, os segredos do fabrico, isso diria a receita.

Tinham tambem os cartuxos eborenses alguns remedios ou medicamentos especiaes, unguentos, aguas contra febres; em muitos conventos havia botica ou pharmacia, e comprehende-se bem como seriam uteis aos povos, especialmente aos pobres, essas boticas conventuaes, muitas em conventos collocados em sitios afastados.

Não se tem reparado bem na substituição dos elementos que se perderam com a extincção das ordens religiosas. O que é perfeitamente certo, é que hoje o povo provinciano está mais desprotegido e abandonado, mais esquecido, do que esteve no começo do seculo XIX.

Quando terminaram as ordens religiosas os cartuxos eborenses, todos ou quasi todos, emigraram para Italia; eram poucos; foram para as Cartuxas de Napoles, Pavia e Roma, onde alguns viveram muito respeitados, e por largos annos. Um d'elles que professára em 1832, morreu nonagenario ha pouco na Cartuxa de Roma, era D. Victor Nabantino, homem culto, que deixou algumas obras impressas.

Ha poucos annos ainda, havia culto na bella egreja da Cartuxa; dizem-me que isso mesmo acabou, e que toda essa architectura se arruina a sabor do tempo, sem o menor cuidado.

O altar-mór de Santo Antão. — Os apostolos estão assentados, discutindo ou conversando; posições, attitudes ingenuas, as dobras das roupagens, o estylo e a maneira do trabalho marcam a esta notavel esculptura data muito remota; o seculo XIII talvez; do XIV ha obras d'arte mais desenvolvidas e complexas.

Comparando aquelle estylo archaico com os exemplares ministrados por varias obras de iconographia christã, poderiamos attribuir-lhe época mais remota que o seculo XIII.

Por ser esculptura que importa á historia da arte, e monumento de archeologia christã, merece descripção minuciosa.

É um marmore de $2^m,02 \times 0^m,5$. Moldura singela, rudimentar, cérca a esculptura. Em banco razo, sem espaldar, sem o minimo ornato, assentam-se onze apostolos e S. Paulo. Superiormente, a meio, a cruz de braços dilatados para os extremos, quasi a cruz de Jerusalem.

S. Pedro e S. Paulo estão ambos á direita da cruz; S. Pedro mais proximo, tendo uma chave apenas; S. Paulo tem a espada erguida.

Oito figuras têm livro e quatro não; os santos Pedro e Paulo não têm livro, o que é notavel, e contrario ao costume, porque existem escriptos de ambos. Costumam representar com livro os apostolos

dide bibliothèque des RR. PP. Jésuites à Evora, fondée et grandement enrichie par le cardinal-roi D. Henri; on n'en trouve pas chez nous la moindre trace.

J'ai connu encore quelqu'un qui fréquentait la chartreuse du temps des moines, fort respectés de tout le monde. Leur courtoisie et hospitalité étaient bien connues, ainsi que leur fêtes religieuses, suivies de copieux dîners végétariens, la viande leur étant défendue, excepté en cas de maladie où on leur permettait la chair de tortue.

À la chartreuse d'Evora, comme ailleurs aux maisons de l'ordre, les moines ne vivaient pas en commun; ils mangeaient, couchaient et étudiaient dans leurs appartements spéciaux; ce n'est que dans la bibliothèque, le chœur et l'église qu'ils pouvaient se rencontrer. Chacun de ces appartements contenait sept divisions, sans compter un petit jardin orné d'une fontaine et d'un bassin; tout y était arrangé savamment et avec beaucoup d'art. J'ai pu voir encore les espaliers de citrons, le jasmin et l'héliotrope tapissant les escaliers de ces petits jardins; d'ailleurs, tous les appartements aboutissaient au cloître, qui ouvrait ses belles arcades sur une vaste orangerie. On ne saurait concevoir une retraite plus délectable et plus propre à l'étude et à la méditation.

Personne n'ignore que ce n'était pas là l'unique occupation des religieux dans l'intervalle des prières règlementaires. Les nonnes avaient le secret de confitures exquises, et les moines celui de liqueurs délicieux, d'un bouquet ineffable. Ceux des chartreux et des bénédictines jouissaient d'une réputation universelle. Les chartreux d'Evora fabriquaient aussi une liqueur renommée dont un de mes amis avait gardé la formule; malheureusement il est mort et en a emporté le secret avec lui. C'était un cordial excellent, dont la composition comprenait la canelle et des baies de genévrier.

Nos moines avaient aussi le secret de certaines recettes médicinales, d'onguents et de potions contre la fièvre. Beaucoup de couvents tenaient des pharmacies, à l'usage de la population des environs; ces institutions, fort utiles pour les pauvres, devenaient indispensables lorsque les couvents étaient bâtis dans les endroits reculés et solitaires de la campagne. L'extinction des ordres monastiques chez nous a laissé des vides qu'aucune des nouvelles institutions sociales n'est parvenue à combler. Il est hors de doute que les populations rurales sont, à tous les égards, plus délaissées de nos jours que dans le commencement du siècle passé.

Lorsque l'extinction fut prononcée, en 1834, presque tous, sinon tous, les chartreux d'Evora émigrèrent en Italie et se distribuèrent dans les chartreuses de Naples, Pavie et Rome, où les attendait une tranquille vieillesse. Dans ce groupe, d'ailleurs peu nombreux, comptait D. Victor Nabantino, profès depuis 1832 et récemment décédé à Rome dans un âge très avancée; c'était un homme très lettré, auquel on doit plusieurs ouvrages.

L'église de la Chartreuse resta toutefois ouverte au culte, mais cela même a fini, et cette belle architecture est à la merci du temps, sans aucune sorte de protection.

Le maître-autel de St. Antoine. — Les apôtres sont assis, ils causent ou se disputent; les positions, les attitudes naïves, les draperies, le style et la facture attestent une origine très ancienne; au plus tard le XIIIe siècle, le siècle suivant étant déjà caracterisé par un art plus savant et plus complexe. La comparaison de cette pièce archaïque et des modèles connus de l'iconographie chrétienne nous porte même à en fixer l'éxécution à une époque antérieure au XIIIe siècle. L'importance de l'ouvrage, au point de vue de l'histoire de la sculpture et de l'archéologie chrétienne, exige une description un peu détaillée.

C'est un marbre de $2^m,02 \times 0^m,5$ encadré d'une bordure très simple. Sur un banc sans dossier sont assis onze apôtres et St. Paul; au milieu dans la partie supérieure la croix à branches allongées des deux cotés, à peu près comme le type de Jérusalem. St. Pierre et St. Paul sont à droite de la croix; St. Pierre, plus près, tient seulement une clef, St. Paul l'épée haute.

Huit des figures tiennent un livre à la main, et quatre non; parmi eux St. Pierre et St. Paul, ce qui est en opposition à l'usage reçu. On répresente, en effet, un livre à la main tous les apôtres dont on a des ouvrages, en réservant aux autres le rouleau de papyrus, le *volumen* du prophétisme.

Le type de St. Pierre approche assez de l'image fixée dans l'iconographie et dans le sceau des papes; il a la barbe et les cheveux courts et en désordre, sans aucune calvitie. Les symboles de martyre de tous les apôtres manquent tout-à-fait; je me fonde sur cette particularité pour voir dans la figu-

que deixaram escriptos, e com o *volumen* do prophetismo, o rolo de papyro, aquelles que não escreveram.

O typo de S. Pedro está proximo da imagem fixada na iconographia, nos sêllos dos papas, tem o cabello e a barba curtos e revoltos; sem calva. Faltam completamente os symbolos dos martyrios de cada um d'elles; e é por isto que a figura á direita de S. Pedro, tendo a espada, e com a barba comprida, me parece S. Paulo, e não S. Thiago Maior, que tambem se representa com a espada com que o decapitaram.

No tomo II dos *Monuments anciens et modernes* de J. Gailhabaud está representado o apostolado do altar da cathedral de Tréves; é no estylo romanico, seculo XI; os apostolos têm os nimbos ou grandes resplendores circulares; roupagens mui singelas; têm livros, não têm instrumentos de martyrio; recorda bastante o apostolado de Santo Antão, tendo este porém um tom mais primitivo. No mesmo volume se póde vêr o altar-mór da egreja de Combourg; n'este a cruz é substituida pela imagem de Jesus, e tudo n'elle denuncía uma arte mais adiantada que a do altar eborense. Pois dizem ser do fim do seculo XII. Roupagens tão variadas e estudadas como as das figuras do altar de Combourg só se encontram na estatuaria portugueza no seculo XIV.

Ainda outro muito parecido é o da egreja de Avenaz (*Archéologie* de Caumont, *Ère romaine secondaire*, pag. 297); julga-se da segunda metade do seculo XII. Por estes dados, attendendo á relação entre a iconographia portugueza na idade média com a franceza, ao estylo das roupagens, posições e symbolica, póde attribuir-se o altar de Santo Antão ao fim do seculo XII ou principios do XIII. É possivel que pertencesse á primitiva egreja, conhecida tambem por Santo Antoninho, que alli antecedeu a actual construida pelo cardeal D. Henrique. D'esse velho templo ha vestigios ainda, e muitos documentos eborenses da idade média nos fallam d'elle, e do seu adro, onde se tratavam negocios importantes á vida da cidade.

Palacio de D. Manoel, restos dos antigos paços reaes. — O edificio representado na estampa tem uma parte antiga, outra moderna imitação do antigo, e uma outra, a superior, toda moderna. Está situado no passeio publico, jardim bem delineado, com formosos aspectos. A parte antiga que mais nos importa pertence a épocas differentes. A arcada ampla no pavimento terreo é a construcção primitiva; sobre esta ergueram o primeiro andar, hoje modificado, á direita do torreão de entrada; á esquerda ficam as janellas do tempo de D. Manoel, geminadas, com arcos mouriscos. Essa parte, sul, do edificio termina n'um eirado ou terraço, apoiado em airosa arcada granadina, arcos de tijolos de feitio especial, em ferradura, sobre robustas pilastras de granito.

O torreão de entrada offerece dois estylos, manuelino nas grandes janellas do patamar, e sobre estas, nas tres faces livres, janellas em marmore fino, muito bem lavradas, em estylo do renascimento, do tempo de D. João III. A cupula d'esse torreão é moderna, imitando a antiga. A escada primitiva encostava á parede, vindo terminar na face sul do torreão, que era a cobertura do patamar. Na vista da cidade que existe pintada no foral concedido por D. Manoel, no archivo da camara, vê-se este palacio, pelo lado do poente; e bem marcado pela bandeira real. Por essa ingenua mas valiosissima estampa conhece-se que esta parte do paço tinha um segundo andar, de pouco pé direito, arejado por pequenas janellas.

Ha gravuras e photographias antigas mostrando o edificio antes das obras modernas que lhe alteraram o aspecto.

A arcada arabe ou granadina que sustenta o eirado, com os seus arcos em ferradura formados de duas fiadas de tijolos ornamentaes, é unica em Portugal; as janellas geminadas manoelino-mouriscas, em granito e columnas de marmore; as tres janellas do torreão, em marmore, lavradas primorosamente em renascença, de variados desenhos, são bellos typos, que seria util reproduzir em especial. O que existe é um pequenino fragmento do paço real; documentos muito anteriores a D. Manoel se referem a essas vastas construcções que se entrelaçavam com as do convento de S. Francisco, enorme tambem.

Provavelmente começou a ser abandonado quando a côrte se fixou em Lisboa. Em diversas obras que por esses sitios se têm feito se encontraram restos; alegretes de jardim, canos mui velhos, paredes com pinturas decorativas, tudo sob cinco ou seis metros de entulhamento.

G. Pereira.

re, à longue barbe et portant l'epée, qui est à droite de St. Pierre, l'apôtre St. Paul et non St. Jacques le Majeur, auquel on donne couramment l'epée qui lui a tranché la tête.

Le II tome des *Monuments anciens et modernes* de J. Gailhabaud reproduit un groupe d'apôtres de la cathédrale de Trèves, dans le style roman du XIe siècle; les apôtres portent de larges auréoles, des draperies très simples, des livres et non les instruments de leur martyre. L'ensemble rappelle beaucoup le marbre de Santo Antão; celui-ci a toutefois un air plus primitif. Le même volume nous donne le maître-autel de l'église de Combourg; la croix y est remplacée par l'image de Jésus, et d'ailleurs tout y dénonce un développement artistique supérieur à celui de la sculpture d'Evora. Cependant on l'attribue au dernier quartier du XIIe siècle. Ce n'est que deux siècles plus tard, au XIVe, qu'on trouve dans la statuaire portugaise des draperies variées et finies comme celles de l'autel de Combourg. L'autel de l'église d'Avenaz se rapproche encore plus du nôtre; on le croit de la seconde moitié du XIIe siècle (*Archéologie* de Caumont, Ère romane secondaire, pag. 297). Toutes ces données, ainsi que les analogies de l'iconographie du moyen-âge en France et en Portugal au point de vue des draperies, des poses et de la symbolique, fixent la date de l'autel de Santo Antão à la fin du XIIe siècle, ou aux débuts du siècle suivant.

Il se peut d'ailleurs qu'il ait appartenu à l'église primitive, de *Sant'Antoninho* qui précéda l'actuelle, bâtie sous le cardinal-roi D. Henri. Les traces n'en sont pas toutes perdues; beaucoup de documents du moyen-âge, gardés à Evora, nous parlent de ce temple et de son parvis, où se vidaient d'importantes affaires de la vie courante.

Palais de D. Manuel, restes de l'ancien palais royal. — L'édifice de l'estampe ci-jointe a une partie ancienne, un autre moderne, pastiche de l'ancien, et une troisième tout-à-fait moderne. Il est placé dans la promenade publique, jardin bien tracé et qui offre de beaux coups d'œil. La partie ancienne, qui nous interesse le plus, n'est pas toute de la même époque. L'ample galerie du rez de chaussée appartient à la construction primitive; le premier étage, à droite de la tour d'entrée, a été réformé de nos jours; à gauche sont les fenêtres géminées, aux cintres mauresques, du temps de D. Manuel.

Cette partie de l'édifice, tournée au sud, finit en terrasse, appuyée sur une élégante galerie mauresque, aux arcs en fer-à-cheval, bâtis en brique et reposant sur de fortes pilastres en granit.

Le tour d'entrée offre deux styles; les grandes fenêtres du palais appartiennent au *manuelino;* sur celles-ci, dans les trois faces libres, des fenêtres, en marbre très bien sculpté, de la Renaissance portugaise, du temps de D. Jean III. La coupole de la tour est une imitation moderne; l'escalier primitif, adossé au mur, terminait dans la face sud de la tour, qui formait la couverture du palier.

La vue de la ville, peinte dans la chartre octroyé par D. Manuel qui existe dans les archives municipales, montre ce palais du côté du couchant; il y est bien défini par le drapeau royal. Cette naïve illustration nous donne des renseignement précieux; on voit que le palais comptait de ce côté un deuxième étage assez bas, percé de petites fenêtres.

Il y a des gravures et des photographies antérieures à la reconstruction moderne, qui a changé l'aspect de l'édifice. Il serait convenable d'un reproduire séparément les trois plus beaux morceaux: la galerie mauresque, unique en Portugal, qui supporte la terrasse, aux arcs formés de deux rangées de briques ornementales; les fenêtres géminées manuelino-mauresques en granit, aux colonnes de marbre; et les trois fenêtres en marbre à dessins variés, délicatement sculptées dans le style de la Renaissance.

Ce qui existe n'est qu'un fragment réduit du palais royal; des documents de beaucoup antérieurs à D. Manuel se rapportent à cette vaste bâtisse qui se mêlait à l'énorme couvent de St. François. Il est probable que le palais a été peu à peu abandonné après que la cour se fixa à Lisbonne. On en a trouvé quelques restes, en déblayant le terrain pour de nouvelles constructions; des platebandes de jardin, de vieux conduits d'eau, des pans de murailles décorées, tout cela enfoui sous cinq à six mètres de décombres.

G. Pereira.

Villa do Conde



NA margem direita do rio Ave, e a uns 800 metros, approximadamente, da sua foz [1], em campo desafogado e fertil, está assente esta graciosa villa do Minho, uma das mais celebradas da antiga circumscripção interamnense, hoje cabeça e séde da comarca e concelho do seu nome, districto do Porto, e da jurisdicção ecclesiastica da mitra archi-episcopal de Braga.

N'um paiz, como o nosso, aonde não existe uma historia das suas instituições municipaes, nem esperanças d'ella, nada mais desolador do que o dever, que as circumstancias de quando em quando impõem áquelles que versam os asperos estudos historicos, de fixar, por uma fórma intelligente e segura, a origem dos antigos villares, que a consolidação do desmembramento da corôa de Leão n'esta parte da Peninsula, veiu mais tarde alçar á categoria de *terras do Rei* ou dos seus senhores. Até á fixação dos primeiros foraes, tanto dos que procedem directamente da Corôa, como dos que derivam do braço ecclesiastico, tudo, entre nós, é vago, presumptivo e conjectural.

Assim, de Villa do Conde se suspeita com relativa plausibilidade, que foi do alto do seu comoro, onde mais tarde se alevantou o mosteiro de Santa Clara, que irradiou toda a vida, incremento e progresso dos seus futuros destinos. Tem-se quasi geralmente como admittido que alli existisse um *castro romano,* porventura um dos muitos [2] *castra stativa* com que as legiões romanas, sob as vistas dos *castrorum metatores,* foram affirmando o seu predominio, desde os dias de Augusto, por estes sitios. E que assegurada a estabilidade do governo do conde D. Henrique no territorio portucalense, e especialmente no districto de Braga, o que de modo algum póde ser anterior aos fins da Era de 1132 (1094) ou principios da de 1133 (1095), o bourgonhez, pela separação definitiva da Galliza (1095-1112) [3], déra a villa ao conde D. Meem Paaez Bofinho, filho de D. Paay Godiins, da geração de D. Godinho Veegas, que fundou o convento de Villar de Frades [4].

É este conde D. Meem, ou mais commummente D. Mendo Paes, com o seu titulo heraldico ainda acaso na sua primitiva accepção wisigothica, quem vem dar nome definitivo á obscura povoança, ou pobra-maritima do valle do Ave.

Na segunda Alçada inquisicional de 1258, de D. Affonso III, faz-se menção d'este conde D. Mendo, como um dos mais opulentos bemfeitores de Santo Thyrso, a cujo mosteiro doára a Egreja de Lavra [5], aonde, por isenta, não entrava o mordomo do rei.

Como todos os feudos amissiveis, as terras do conde D. Mendo Paes que não passaram a mosteiros ou a outros senhores, tiveram de voltar á Corôa, pelo que a villa é dada por Sancho I, na Era de 1227 (1189) a uma das suas concubinas, D. Maria Paez Ribeira [6], filha de D. Payo Moniz e de sua mu-

---

[1] Os topographistas que seguiram o Padre Antonio Carvalho da Costa (*Corogr. Port.*, trat. V, cap. XII) fixam em *meio quarto de legua* esta distancia. Cf. *Panor.*, t. IV, n.º 177, pag. 297-8.

[2] Tit. Liv. XXI, 35, 5; XXVI, 9, 2.

[3] Esta carta de doação, cuja data não póde ser fixada anteriormente á Era de 1133 (1095) nem posterior á de 1150 (1112) anda em varias monographias de Villa do Conde como passada entre a Era de 1131 (1093) e 1150 (1112). É erro. Em 1093 ainda esta parte da Galliza pertencia ao conde D. Raymundo de Bourgonha. Cf. *Dissert. chronol.*, t. III, part. I, pag. 30, n.º 91; e pag. 33, n.º 98. *It.* A. Herculano, *Hist. de Port.*, liv. I, pag. 194 (ed. de 1875).

[4] O nome d'este conde anda escripto pelas fórmas mais desvairadas. Ora o designam por D. Mendo Paes *Rofinho,* ora por D. Mendo Paes *Roufinho* ou ainda *Rufino.* Seguimos a lição do *Livro das Linhagens. Port. Mon. Hist. Scriptores,* fasc. III, tit. LIV, pag. 353-54.

[5] *Port. Mon. Hist. Inquisit.*, vol. I, fasc. IV e V, pag. 475 e segg.

[6] O Padre Antonio Carvalho, na sua *Corographia Portugueza;* J. A. d'Almeida, no seu *Diccion. chorogr.;* João Maria Baptista, na sua *Chorogr. Moderna;* I. de Vilhena Barbosa, nas suas *Villas e Cidades*, e finalmente *O Panorama* (IV, n.º 177, pag. 298) dão todos, á uma, como sendo D. Maria Paes concubina de D. Diniz. Pinho Leal dá pelo erro; mas sem discernimento para o demonstrar appella para a auctoridade de A. Herculano, citando uma passagem referente ao caso, contida na sua *Historia de Portugal,* t. II, l. III, pag. 87 (ed. de 1878).

Villa do Conde



SUR la rive droite de l'Ave, à 800 mètres de l'embouchure [1], est assise cette gracieuse petite ville, une des plus célèbres de l'ancienne province comprise entre les fleuves Douro et Minho, aujourd'hui chef-lieu d'une circonscription administrative et judiciaire du département de Porto, de la juridiction ecclésiastique de l'archevêque de Braga.

Dans un pays, où l'histoire des institutions municipales est à faire, et le sera longtemps encore, c'est une tâche pénible, imposée à ceux qui poursuivent des recherches historiques, que de fixer d'une manière sûre et claire l'origine des anciens bourgs qui, après le démembrement de la couronne de Léon dans ce coin de la Péninsule, se sont élevés à la catégorie de terres seigneuriales ou royales.

Jusqu'à la concession des premières chartes, qu'il s'agisse de terres procédant directement de la couronne ou bien de l'autorité ecclésiastique, tout se réduit chez nous à de vagues conjectures. En ce qui concerne Villa do Conde, il y a des motifs acceptables pour en fixer l'emplacement primitif dans le sommet de la petite colline où se lève le monastère de Ste. Claire. On admet généralement qu'il y a eu autrefois un camp romain, l'un des nombreux [2] *castra stativa* au moyen desquels les légions romaines, sous les yeux des *castrorum metatores,* affermissaient leur conquête, depuis le temps d'Auguste.

Lorsque le comte D. Henri établit définitivement son autorité sur le territoire *portucalense* et spécialement sur le district de Braga, ce qui ne saurait être fixé avant les fins de 1132 ou les commencements de 1133 de l'ère d'Espagne (1094-95 de l'ère chrétienne), et après la séparation définitive de la Gallice (1095-1112) [3], on suppose que le prince bourguignon donna la ville au comte D. Meem Paaez Bofinho, fils de D. Paay Godiins, de la famille de D. Godinho Veegas, qui fonda le monastère de Villar de Frades [4].

C'est de ce comte D. Meem, ou plus communément D. Mendo Paes, et de son titre héraldique, peut-être encore dans l'acception wisigothique primitive, que procède le nom de l'obscur village maritime de la vallée de l'Ave.

Dans la deuxième enquête générale de 1258, sous D. Alphonse III, mention est faite de ce comte D. Mendo comme d'un riche bienfaiteur qui avait donné au monastère de Sant Thyrso l'église de Lavra [5], dont l'entrée, par suite de privilége, était défendue aux officiers du roi.

Comme pour tous fiefs amissibles, les terres du comte D. Mendo Paes qui ne passèrent pas à d'autres seigneurs ou à des monastères retournèrent à la Couronne. Aussi voyons-nous le roi D. Sanche I les donner en 1227 (1189) à une de ses maîtresses D. Marie Paez Ribeira [6], fille de D. Payo Moniz et de sa femme D. Urraca Nunes.

Dans son testament, fait à Coïmbre en 1247 (1209) le roi confirme la donation de Villa do Conde

---

[1] Les topographes qui ont suivi le Pe Antoine Carvalho da Costa (*Corogr. Port.*, trat. V, chap. XII) fixent la distance à un huitième de lieue. Cf. *Panor.*, t. IV, nº 177, pag. 297-8.

[2] Tit. Liv. XXI, 35, 5; XXVI, 9, 2.

[3] Cette charte de donation, dont la date est comprise entre 1133 (1095) et 1150 (1112), est attribuée dans plusieurs monographies de Villa do Conde à l'intervalle de 1131-1150 (1093-1112). C'est une erreur; en 1093 cette partie de la Gallice appartenait encore au comte D. Raymond de Bourgogne. Cf. *Dissert. chronol.*, t. III, part. I, pag. 30, nº 91; pag. 33, nº 98. A. Herculano, *Hist. de Port.*, liv. I, pag. 194 (éd. de 1875).

[4] Le nom de ce comte est donné sous des formes très différentes. On trouve tantôt D. Mendo Paes *Rofinho,* tantôt D. Mendo Paes *Roufinho* et même *Rufino.* Nous adoptons la leçon du *Livre des lignées. Port. Mon. Hist. Scriptores,* fasc. III, tit. LIV, pag. 353-54.

[5] *Port. Mon. Hist. Inquisit.*, vol. I, fasc. IV et V, pag. 475 et suiv.

[6] Le Pe Antoine Carvalho, dans sa *Corogr. Portug.;* J. A. d'Almeida, dans le *Dict. chorogr.;* Jean Marie Baptiste, dans la *Chorogr. Moderne;* I. de Vilhena Barbosa dans *Villas e cidades*, et enfin *O Panorama* (IV, nº 177, pag. 298) donnent tous cette femme comme maîtresse du roi D. Denis. Pinho Leal accuse cette erreur, sans toutefois la démontrer autrement que par l'autorité de A. Herculano, dont il cite à l'appui un passage de l'*Histoire du Portugal,* t. II, l. III, pag. 87 (édit. de 1873).

lher D. Urraca Nunes. No seu testamento, feito em Coimbra em 1247 (1209) confirma D. Sancho I esta doação, comprehendendo Villa do Conde no numero dos outros dominios de Parada, Pousadella e Pereira, com que contempla os filhos que d'ella confessa ter — *filijs meis quos de illa habeo* [1].

Esta carta de doação de D. Sancho I a D. Maria Paes é, sob todos os pontos de vista, uma *carta-pobra.* Verdadeiro titulo de juro e herdade, como o reconheceram mais de tres seculos depois os juristas do tempo de D. Manoel, os filhos e successores da regia concubina podiam em suas herdades (*hereditates*) administrar justiça, pôr officiaes (*ponere homines*) e usar de todas as prerogativas e isenções, admittidas pelo direito d'aquelles tempos nas terras privilegiadas.

Ampla, vasta e incondicional, como parece, a doação de D. Sancho I a D. Maria Paes e a seus filhos foi, ainda assim, mais larga do que aquillo que pela confirmação testamentaria de Coimbra se póde agora inferir. Pelas inquirições regionalistas do tempo de D. Affonso III, pelo menos nas que constituem a segunda Alçada de 1258, vê-se que D. Sancho I, além dos dominios de Villa do Conde, Parada, Pousadella e Pereira, outorgára mais a D. Maria Paes e aos filhos que d'ella declara ter, parte do antigo casal da Egreja de Lavra, devoluto á Corôa por amissivel, desde o fallecimento do conde D. Mendo Paes Bofinho. Segundo a mesma inquirição essa parte da avoenga real foi computada em nada menos do que em cinco casaes, dentro de cujo districto, até á doação regia, entrava sem contradicção o mordomo do rei [2].

Além d'estes cinco casaes, teve D. Maria Paes Ribeira, por igual titulo, doze dominios na Egreja de Avellanêda, no julgado da Maia, conjunctamente com dois maravedis [3], isentos de voz e coima [4].

Quanto á partilha das aguas fluviaes, o Ave ficava pertencendo em parte, isto é, até o meio, aos senhores de Villa do Conde. Era a margem direita. A margem esquerda tocava á Egreja de Pindello. Mas do que se infere dos proprios depoimentos dos meados do seculo XIII, nem nos dias de D. Maria Paes esta divisão fôra acatada inteiramente pelos homens ou officiaes da regia concubina. Porque vindo os de Pindello a fabricar de novo seus [5] *canarios pro ad piscandum,* na riba que lhes tocára, não lhes foi isso consentido, posto que em tempo lh'o permittissem [6]. Do que resultou começarem os de Villa do Conde a edificar moinhos e azenhas na margem direita, impedindo ao mesmo tempo, por violencia, que os de Pindello fizessem outro tanto na região que lhes fôra deferida [7].

E emquanto assim procediam, com pleno assentimento dos officiaes da Corôa, iam estabelecendo *paus* e *canalegas,* isto é, carneiros e cambôas, junto a Pedras-Rubras (*Petreas-rubeas*) de modo a que os da Egreja de Pindello não podessem tirar qualquer proveito de uma faculdade, que a amante de D. Sancho I, com as artes do seu alto valimento de alcôva, tornára pouco menos do que nominal.

*

* *

Mas de todas estas prodigalidades do segundo rei de Portugal, tão fóra dos seus habitos, e como que diriamos tão longe do seu caracter, estava escripto no livro dos Destinos que sómente a Infanta D. Thereza Sanches havia de colher os despojos.

---

[1] Por morte de D. Sancho I, D. Maria Paes veio a casar com D. João Fernandes de Lima, da casa dos Tenorios e de los Arcos, em Hespanha. Do seu concubinato com o monarcha portuguez houvera ella seis filhos: — D. Gil, D. Rodrigo, D. Thereza Sanches e D. Constança Sanches, que são os que vêm mencionados no seu testamento; e mais D. Nuno e D. Mayor Sanches, què morreram de pouca idade. Não falta quem, por este facto, lhe não dê senão quatro filhos. A. Hèrculano (*Hist. de Port.,* t. II, l. III, pag. 87) e Brandão (*Mon. Lusit.,* l. XII, cap. XXI, e l. XIV, cap. XXIV) mencionam cinco.

[2] *Fort. Mon. Hist. Inquisit.,* v. I; fasc. IV e V, pag. 476.

[3] Ibid., pag. 480.

[4] Ibid., loc. cit.

[5] Canalegas.

[6] Interrogatus de fluvio Ave... dixit quod vidit partire ipsum fluvium Ave per medium vene, et medietas fluvii erat Villa Comitis, et alia medietas erat Pinidilli; et modo non est ita quia homines qui morantur in Villa Comitis faciunt et fecerunt canarios pro ad piscandum... et homines qui morantur in Pinidillo non sunt ausi ibi facere canarios *quos solebant facere.* Ibid., pag. 481.

[7] et homines Pinidilli voluerunt similiter molendinos et zenias facere contra Pinidillum, et tunc Dompna Maria Pelagii *mandavit eis defendere quod non facerent ibi quia mandaret eis destruere.* Ibid., loc. cit., pag. 482.

et des terres de Parada, Pousadella et Pereira, aux fils qu'il déclare avoir eûs de D. Marie Paes — *filijs meis quos de illa habeo* [1].

Cet acte de donation de D. Sanche à D. Marie Paes est à tous les titres une *carta-pobra,* un vrai titre héréditaire, ainsi que l'ont reconnu trois siècles plus tard les jurisconsultes du temps de D. Manuel, qui permettait aux fils et successeurs de la concubine royale de rendre la justice dans leurs domaines (*hereditates*), de nommer des officiers (*ponere homines*), et d'user de toutes les prérogatives et exemptions que le droit de cette époque attribuait aux terres privilégiées.

Il semble toutefois que, malgré l'ampleur de ces concessions, la donation du roi à sa maîtresse et à leurs fils excéda encore les termes de la confirmation testamentaire de Coïmbre. D'après les enquêtes régionales de D. Alphonse III, au moins d'après la deuxième de 1258, on voit que D. Sanche I, outre les terres de Villa do Conde, Parada, Pousadella et Pereira, donna à D. Marie Paes et à ses enfants une partie de l'ancien domaine de l'église de Lavra, dévolu à la couronne par la mort du comte D. Mendo Paes Bofinho. Il ressort aussi, de l'enquête citée, que cette portion comprenait jusqu'à cinq villages, dont la donation interdisait l'accès aux officiers royaux [2].

Outre ces cinq villages, la maîtresse reçut encore douze terres de l'église de Avellanêda, dans la Maia, et deux *maravedis* [3], exempts d'amende et de saisie [4].

Quant au partage des eaux fluviales, il était convenu que la moitié de l'Ave, à droite, appartiendrait aux seigneurs de Villa do Conde; et la moitié gauche à l'église de Pindello. Mais de la vie même de D. Marie Paes, ces dispositions étaient enfreintes par ses officiers, ainsi que l'attestent les témoignages écrits du XIII[e] siècle. Lorsque les habitants de Pindello, d'après l'ancienne coutume, se proposèrent d'établir leurs *canarios pro ad piscandum* [5] dans la rive gauche, ceux de Villa do Conde s'y opposèrent [6], et bâtirent force moulins dans la rive droite, tout en empêchant ceux de Pindello d'user du même droit dans la région qui leur était assignée [7].

Pendant que ces violences s'exerçaient, du consentement des magistrats de la Couronne, ils construisaient des bordigues près de Pedras-Rubras (*Petreas-rubeas*), en tournant entièrement à leur profit un droit que la maîtresse de D. Sanche, de toute la force de son crédit personnel, avait su rendre purement nominal.

*

* *

Le destin voulut toutefois que de toutes ces largesses du deuxième roi du Portugal, si en dehors de ses habitudes et même de son caractère, la seule infante D. Thérèse Sanches put cueillir les fruits.

D. Rodrigue Sanches, le second Roland — *alter fuit hic Rotulandus,* comme le nommait l'inscription tumulaire de Grijó — mourut en 1245 sans descendance devant les murailles de Porto, en combattant contre D. Martim Gil de Soverosa, fils de D. Gil Vasques de Soverosa e de D. Marie Ayres de Fornellos, une des anciennes maîtresses de son père.

---

[1] Après la mort de D. Sanche I, D. Marie Paes se maria à D. Jean Fernandes de Luna, de la maison des Tenorios et de los Arcos, en Espagne. Elle avait eu six fils du roi portugais: — D. Gil, D. Rodrigue, D. Thérèse Sanches et D. Constance Sanches, mentionnés dans le testament cité, et encore D. Nuno et D. Mayor Sanches, morts en bas âge. Quelques écrivains ne lui en donnent que quatre; A. Herculano (*Hist. du Port.,* t. II, liv. III, pag. 87) et Brandão (*Mon. Lusit.,* liv. XII, chap. XXI et liv. XIV, chap. XXIV) en mentionnent seulement cinq.

[2] *Port. Mon. Hist. Inquisit.,* vol. I, fasc. IV et V, pag. 476.

[3] Ibid., pag. 480.

[4] Ibid., loc. cit.

[5] Canalegas (bordigues).

[6] Interrogatus de fluvio Ave... dixit quod vidit partire ipsum fluvium Ave per medium vene, et medietas fluvii erat Villa Comitis, et alia medietas erat Pinidilli; et modo non est ita quia homines qui morantur in Villa Comitis faciunt et fecerunt canarios pro ad piscandum... et homines qui morantur in Pinidillo non sunt ausi ibi facere canarios *quos solebant facere.* Ibid., pag. 481.

[7] et homines Pinidilli volucrunt similiter molendinos et zenias facere contra Pinidillum, et tunc Dompna Maria Pelagii *mandavit eis defendere quod non facerent ibi quia mandaret eis destruere.* Ibid., loc. cit., pag. 482.

D. Rodrigo Sanches — o segundo Rolando — *alter fuit hic Rotulandus* — como o appellidava a letra tumular de Grijó — acabou sem descendencia diante dos muros do Porto, no anno de 1245, pelejando contra D. Martim Gil de Soverosa, filho de D. Gil Vasques de Soverosa e de D. Maria Ayres de Fornellos, uma das antigas concubinas de seu pae. D. Gil Sanches, fallecido no anno de 1236, seguiu as ordens. D. Constança Sanches — *a beata Constança*, como lhe chamam as memorias franciscanas — *Constans sponsa Dei, Constancia dicitur* — segundo se lia no seu epitaphio de Santa Cruz de Coimbra — posto que dispozesse da parte que lhe tocára nos dominios de Villa do Conde, em favor de sua sobrinha, a Infanta D. Sancha [1], filha de D. Affonso III e fallecida em 1302 sem eleger estado, essa doação, por não ser confirmada pela Corôa, ficou sem alcance, e, por conseguinte, sem consequencias. Além d'isso, D. Constança, por haver tomado o habito das *donas*, junto ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, ainda quando não dispozesse da parte que lhe cabia nas suas herdades do valle do Ave, ficára inhabil para a successão por motivo dos votos a que se submettera. A reversão portanto impunha-se. De resto, D. Nuno Sanches e D. Mayor Sanches acabaram de tenra idade.

Restava, pois, D. Thereza Sanches, a qual vindo a ser segunda mulher de D. Affonso Telles de Menezes, rico-homem, senhor de Albuquerque, Montalegre, Valladolid e Madrid, veio a constituir tronco da illustre familia dos Menezes, á qual pertence a senhora D. Thereza Martins, conhecida nas chronicas pela antonomazia de *Excellente Madama*, filha de D. Maria Cornel de Artal de Luna e de D. João Affonso de Menezes, conde de Barcellos (1298), senhor de Albuquerque e mordomo-mór d'el-rei, casada mais tarde com o Infante D. Affonso Sanches, bastardo acceitissimo d'el-rei D. Diniz.

Confirma a Corôa, na descendencia da Infanta D. Thereza Sanches, o senhorio de Villa do Conde, não usando D. Diniz do direito que de parte d'esse senhorio lhe advinha pela reversão da herança da Infanta D. Sancha, acaso em claro testemunho da affeição que votava a D. Affonso Sanches, seu filho, e do agrado com que acolhera o seu auspicioso casamento. E não é sómente não fazer valer esse direito; é acudir logo a dotar Villa do Conde com um amplo foral, assignado em Lisboa a 10 de fevereiro da Era de 1334 (1296) [2].

Este padrão das novas liberdades politicas e civis do humilde villar do Ave é de uma severidade excepcional, no que toca a *penas de arma e de sangue*, penas de tal rigor que, por não serem confirmadas pelos «Senhores Reis e Senhores da terra» [3] foram depois julgadas como não escriptas, e mais tarde inteiramente derogadas pelo foral manuellino de 1517.

É d'esta segunda época da sua vida civil e politica, e como que diriamos d'esta sua segunda phase moral, de caracter menos arbitrario e fluctuante, que começam para Villa do Conde os seus dias senhoriaes.

Amparada pelo foral regio, que n'ella accentúa os extremos de uma protecção definida e concreta, e, ao mesmo tempo, pela sombra cavalleiresca e grave d'essa extranha figura de Affonso Sanches, um mixto epico de guerreiro e de monge, de santo e de paladino, a terra do conde D. Mendo resurge e como que se levanta da obscuridade do seu ninho, e vem, como patrimonio de um Infante, entrar em lucta contra a Corôa, na sua qualidade de terra de prestameiros e reguengueiros d'el-rei.

No correr d'essa ingrata refrega que vai iniciar-se, Villa do Conde teve, como poucas terras isentas, os seus dias de gloria e de triumpho. Á espada e á lança, o seu senhor soube defender os seus direitos e a sua honra, tanto nos algares de Bragança, como nos despenhadeiros de Albuquerque e Medellim, medindo-se, elle e os seus homens, com os besteiros de soldo, que o Mestre d'Aviz, Gonçalo Vaz, por ordem de Affonso IV, lançára ao seu encontro.

E se só, muito mais tarde, houve de ceder uma parte da sua jurisdicção, após um arresto infamante, a nobre villa e os seus defensores podem redarguir-nos, que se as suas regalias de feudo e de excepção baqueiaram por terra, e por um modo tão triste, esse derruir cavo e affrontoso teve de rea-

---

[1] Ruy de Pina e Duarte Nunes de Leão chamam-lhe inadvertidamente *Constança*. Manoel de Faria duplica o erro, fazendo d'esta Princeza duas pessoas: — D. Sancha e D. Constança. Cf. *Mon. Lusit.*, part. IV, liv. XV, cap. XXVIII; e part. VI, liv. XVI, cap. XLVIII. *It.* Sousa, *Hist. Geneal.*, vol. I, cap. XVI, pag. 175-6.

[2] Arch. Nacion. Liv. 2.° das Doações de El-Rey D. Diniz, f. 119-v., col. 1.ª

[3] Palavras do foral de D. Manoel.

D. Gil Sanches, décédé en 1236, reçut les ordres. D. Constance Sanches, la Bienheureuse Constance, d'après les annales de St. François — *Constans sponsa Dei, Constancia dicitur*, dans l'épitaphe du monastère de la Ste. Croix à Coïmbre — disposa de sa part des biens de Villa do Conde en faveur de sa nièce, l'infante D. Sancha [1], fille de D. Alphonse III, décédée en 1302 sans mariage; mais l'acte de donation, n'ayant pas été confirmé par la Couronne, était nul et non avenu, d'autant plus que D. Constance, ayant pris l'habit à Coïmbre, perdit du fait des vœux le droit à la succession.

Les autres frères D. Nuno Sanches et D. Mayor Sanches étant morts en bas âge, il ne restait que D. Thérèse Sanches. Elle était la seconde femme de D. Alphonse Telles de Menezes, seigneur d'Albuquerque, de Montalegre, de Valladolid et de Madrid, et forma la souche de l'illustre lignée des Menezes, dont était D. Thérèse Martins, connue dans les chroniques sous le nom d'*Excellente Madame*, fille de D. Marie Cornel de Luna et de D. Jean Alphonse de Menezes, comte de Barcellos (1298), seigneur de Albuquerque et grand-maître du roi, mariée plus tard à l'infant D. Alphonse Sanches, bâtard bien-aimé du roi D. Denis.

Celui-ci confirma, dans les descendants de l'infante D. Thérèse Sanches, la seigneurie de Villa do Conde, en leur cédant sa part, échue à la Couronne du fait de l'héritage de l'infante D. Sancha. Cette grâce, qui témoigne de son affection pour le bâtard D. Affonso Sanches et de son approbation de ce mariage, fut accompagnée d'une autre assez significative; une charte libéralement octroyée à Villa do Conde, et signée à Lisbonne le 10 fevrier 1334 (1296) [2].

Ce diplôme, qui concédait de nouvelles franchises politiques et civiles à l'humble bourg de l'Ave, est d'une sévérité exceptionelle touchant les crimes *d'armes et de sang*; les peines en étaient si rigoureuses que dans la suite on les tint pour non écrites, faute de confirmation des «Seigneurs rois et des Seigneurs des terres» [3], et que plus tard en 1517 la nouvelle charte de D. Manuel les abolit complètement. C'est de cette époque-là que date la deuxième phase historique, d'un caractère moins arbitraire et indécis, de Villa do Conde.

Protegée par la charte royale, dont les dispositions accusent une faveur extrême, et par l'ombre chevaleresque et grave de l'illustre Alphonse Sanches, étrange figure de guerrier et de moine, mélange épique de saint et de paladin, la terre du comte D. Mendo sort de l'obscurité et se détache dans les luttes postérieures entre le roi et les fiefs de la couronne.

Au cours de ces âpres querelles Villa do Conde compta, comme peu de terres exemptes, des jours de gloire et de triomphe. À coups d'épée et de lance son seigneur en défendit les droits et l'honneur dans les gorges de Bragance comme dans les ravins d'Albuquerque et de Medellim, en se mesurant, lui et ses hommes, avec les arbalétriers mercenaires que leur lançait Gonçalo Vaz, grand-maître d'Aviz, par ordre du roi D. Alphonse IV.

Et si, bien plus tard, elle perdit une partie de sa juridiction, après un arrêt infamant, la noble ville et ces défenseurs peuvent alléguer que la chute de ses franchises et priviléges féodaux n'a eu lieu que lorsque la nationalité portugaise était près de tomber et de disparaître.

Elle n'a précédé que de fort peu l'épilogue sombre et tragique d'un grand peuple.

*
* *

L'infant D. Alphonse Sanches, très estimé de son père et une des plus nobles figures de son temps, avait la seigneurie de Villa do Conde, d'Albuquerque, de Codisseira et d'autres terres encore, en

---

[1] Ruy de Pina et Duarte Nunes de Leão l'appellent inconsidérément *Constance*. Manuel de Faria s'avisa de dédoubler cette princesse en deux: D. Sancha et D. Constance. Cf. *Mon. Lusit.*, part. IV, liv. XV, chap. XXVIII; part. VI, liv. XVI, chap. XLVIII. *It.* Sousa, *Hist. Généal.*, vol. I, chap. XVI, pag. 175-6.

[2] *Arch. Nat.* Liv. 2° des Donations du roi D. Denis, f. 119-v., col. 1°.

[3] Paroles de la charte de D. Manuel.

lisar-se precisamente quando a nacionalidade portugueza está prestes tambem a baquear e desapparecer.

O seu epilogo precedeu, apenas, o epilogo tragico e sombrio de um grande povo.

*
* *

O Infante D. Affonso Sanches, conceituadissimo de seu pae e uma das mais nobres figuras do seu tempo, foi não só senhor inteiro de Villa do Conde, como senhor de Albuquerque, Codisseira, e outros logares, além do que lhe coubéra pelo fallecimento de sua mãe, D. Aldonça Rodrigues Telha, (e não Sousa, como quer o chronista Padre Antonio Brandão [1]), filha de Ruy Gomes Telha e de D. Thereza Gil. Sobre tudo isto, pelo fallecimento da Infanta D. Branca, sua tia, irmã de seu pae e abbadessa do convento de Lorvão, era tambem senhor de Campo-Maior.

O seu nascimento não póde ser fixado posteriormente ao anno de 1289, começando desde os seus primeiros passos na vida a ser muito mal visto do Principe D. Affonso, seu irmão, acaso em razão das publicas deferencias de estima, que o pae, sem o menor recato, lhe dispensava.

É, pois, natural, que D. Affonso Sanches, ao reconhecer os primeiros rugidos da tormenta, que mais tarde irromperá em cratéra, tratasse de assegurar-se nas terras do seu dominio por meio de um assento forte e seguro, idoneo, quanto possivel, para repellir qualquer affronta de seu irmão. Justo é, portanto, admittir, que não para fundar um sumptuoso palacio, como querem alguns maus romancistas de Historia, senão que para fortificar-se n'um alto posto de vigia e atalaia, dada a natural contingencia de os homens-d'armas do futuro D. Affonso IV o accommetterem, se resolvesse a fazer cavar os primeiros alicerces no comoro roqueiro, que fôra *castro* nos dias de Augusto, e que tão sobranceiramente estava fazendo rosto á margem esquerda do rio. Isto nos parece, além de natural, plenamente admissivel, não só pela lição dos monumentos, como pelo aspecto da agitada politica d'aquella época. E que ao commetter aos officiaes a empreza de pôrem por obra acabada o seu designio cheio de natural prudencia, lhe acudisse o pae, rei tão inteiro como leal homem de aviso, que não fosse por diante com a sua traça, visto que ajuntar pedras e altear muros torreados em tal lance e em hora tal, quando os odios do seu rival difficilmente se continham já, o mesmo fôra que lançar pregão de desafio, ou arremessar cartel com alardo de vozes e trombetas. E que entrando assim o Principe em si, como bom e muito christão que era, renunciasse de prompto a semelhante empreza, determinando-se consagrar a obra, que já levava avantajada, não a humanos respeitos, em que a razão se houvera de derimir á lança e á espada, senão que tão sómente a Deus, que é balança e termo de toda a Justiça.

D'aqui, a fundação do monumental convento de Santa Clara, da Observancia; convento senhorial, que na sua dupla fórma de casa de Deus e de asylo aristocratico, tão vivo e tão relevante cunho de magestade havia de vir a imprimir, mais tarde, á obscura terra do conde D. Mendo Paes.

José Caldas.

[1] *Monarch. Lusit.*, part. V, liv. XVII, cap. II.

sus des biens hérités de sa mère D. Aldonse Rodrigues Telha (non Sousa, comme le prétend le Pe Antoine Brandão [1]), fille de Ruy Gomes Telha et de D. Thérèse Gil. Il eut encore Campo-Maior, à la mort de l'abbesse de Lorvão, l'infante D. Blanche, sœur de son père le roi D. Denis.

La naissance de ce bâtard, quoique incertaine, ne saurait être fixée après 1289. Dès ses premières années il devient l'objet de la haine du prince D. Alphonse, son frère, probablement à cause des témoignages d'affection extrême que leur père ne se cachait guère de lui dispenser.

Cela explique pourquoi D. Alphonse Sanches, dans la prévision des violences inévitables, prit des mesures défensives et se prémunit d'avance contre la colère du prince son frère. Ce n'est donc pas pour bâtir un palais somptueux, comme l'assûrent certains auteurs de mauvais romans historiques, mais pour se ménager un abri, une redoute fortifiée qui le servit contre les incursions des hommes-d'armes du futur roi D. Alphonse IV, que le bâtard fit creuser le sommet de la colline qui domine la rive gauche d'en face, précisément à l'endroit du camp romain de l'époque d'Auguste. Cette conclusion, quoique non appuyée par des documents historiques, s'accorde entièrement avec les usages et l'histoire politique de cette époque agitée.

Lorsque, toutefois, le projet était en voie d'éxécution, le roi, homme intègre et de sain jugement, s'empressa de l'en détourner, en lui remontrant que le prince son frère, dont la haine était près d'éclater, ne verrait dans l'érection de la forteresse qu'un défi insolent.

Sur quoi le bâtard, âme chrétienne et ouverte à la raison, revint sur le projet primitif et résolut de consacrer l'ouvrage, déjà assez avancé, non à de vaines entreprises humaines, où la raison ne serait décidée que par la force et le hasard des coups, mais uniquement à Dieu, balance infaillible et terme suprême de la vraie Justice.

De là la fondation du monastère monumental de Ste. Claire, de l'Observance, couvent seigneurial dont le double aspect d'asyle religieux et aristocratique a donné dans la suite un cachet de majesté à l'obscure terre du comte D. Mendo Paes.

José Caldas.

[1] *Monarch. Lusit.*, part. V, liv. XVII, chap. II.

Alcobaça



O meio de Portugal, como abençoado oasis de verdura occulta-se Alcobaça entre montes visinhos, n'uma poesia de sonhadora, gloriosa da sua historia, vaidosa das suas industrias, ciosa das suas riquezas. Já o seu nome tem a suavidade de um canto infantil balbuciando muitos *aa*.

Vamos encaral-a sobre os tres motivos do seu orgulho, vamos accumular os factos no limitadissimo espaço que nos dão.

Torrão abençoado e preferido foi amado pelo homem desde os longos milenios que nos afastam da nossa pre-historia. O proprio semi-selvagem nosso avô aqui manteve a sua existencia de successivas gerações, comprovada em preciosissimos documentos reunidos na *Collecção de Alcobaça* — que é hoje um dos mais importantes museus de arte neolithica em terras portuguezas [1].

Assimilando pouco a pouco as civilisações trazidas de longe, evolucionando-se morosa mas seguramente, assistiu ao desfilar das idades metallicas, ao iniciar da escripta, ao registar da historia.

Essas diversas modalidades, por vezes ricamente documentadas na *Collecção de Alcobaça,* entroncam-se nos elementos da civilisação romana que aqui produz os monumentos epigraphicos de Alfeizarão, os preciosos mosaicos da Povoa de Cós, os tumulos do Vallado e se alarga por todas as terras adjacentes em extraordinaria profusão.

O dominio arabe, provado mais pela philologia do que por documentos ethnologicos, vê-se nos nomes de Alcobaça, Alfeizarão, Aljubarrota, Alpedriz, etc. E foi n'esse caminhar que este pequeno torrão chegou a definir-se, com justo motivo, nos esboços da nossa historia, na creação da nossa nacionalidade.

E assim se conta que um dia que Affonso Henriques, o velho brigão e aventureiro, rosolvera tomar Santarem aos mouros, no momento em que cruzava a serra de Albardos — hoje Molianos — para se dirigir áquella praça, fizera voto de doar a D. Bernardo, abbade de Claraval, as terras que d'alli avistava — aguas vertentes ao mar, para n'ellas se fundar um mosteiro da sua ordem — se fôsse bem succedido na sua empreza.

E foi. Como resultante d'essa victoria, como aspiração de realeza, e por um producto de esboçada diplomacia — mandou offerecer ao santo prelado aquella envaidecedora dadiva, pedindo e instando ao mesmo tempo para que elle junto do pontifice, então Eugenio III, intercedesse a seu favor, confirmando-lhe o sonhado titulo de rei.

Resolvida favoravelmente este pretenção, vemos o papel que Alcobaça depois desempenhou. Por todos os motivos foi sempre Alcobaça a terra preferida pelo novo rei, porque era Alcobaça que tinha sido a causa, o motivo da realisação do seu grande e almejado sonho, embora com grave despeito dos catholicos reis de Leão e Castella com quem teria de se haver mais tarde.

Chegam os monges de Claraval n'uma pobreza mesquinha. É o proprio rei que os acompanha para a escolha do local onde deve construir-se o grande edificio, e é o proprio rei ainda que lança a primeira pedra no meio das acclamações da sua côrte envolta nas bençãos e rezas dos benedictinos de Claraval.

Escolhido o local em Alcobaça iniciam-se os trabalhos que as velhas chronicas nos descrevem cheios de estupendos milagres.

N'uma pequena eminencia fronteira ao local escolhido havia um bello castello mourisco cuja data a historia não regista, e que facilmente poderia servir de refugio no caso de um inesperado perigo. Ao longe, em volta d'este logar branquejavam pequenas aldeias de esquecida origem, mas onde facilmente se documentariam cruzamentos de autochtone e das esbeltas raças das margens mediterraneanas.

---

[1] Veja *Grutas d'Alcobaça,* por M. Vieira Natividade, e o 3.º fasciculo da *Portvgalia.*

Alcobaça



A demi cachée par les montagnes environnantes, comme une délicieuse oasis de verdure au centre du Portugal, se trouve Alcobaça, pleine de mysterieuse poésie, glorieuse de son histoire, fière de son industrie et de ses richesses. Son nom même a le charme du parler enfantin balbutiant ses premières syllabes.

Nous allons tâcher d'en faire la description en quelques mots, l'appréciant sous les divers aspects dont elle s'enorgueillit.

Sol béni et préféré par l'homme dès les temps éloignés de notre époque préhistorique, nos ancêtres à demi sauvages l'ont habité pendant plusieurs générations; ainsi l'attestent les précieux documents réunis dans la *Collection d'Alcobaça,* un des musées les plus importants d'art néolithique qui existent aujourd'hui en Portugal [1].

Peu-à-peu la civilisation lointaine, par une évolution lente mais assurée, l'envahit; elle vit défiler les âges d'or, d'argent, d'airain et de fer, l'initiation de l'écriture, les récits primitifs de l'histoire.

Ces diverses modalités, d'après de curieux documents de la *Collection d'Alcobaça* nous démontrent des restes de l'ancienne civilisation romaine retrouvés dans les monuments épigraphiques d'Alfeizarão, les magnifiques mosaïques de Povoa de Cós, les tombeaux de Vallado, et beaucoup d'autres encore que l'on voit profusément répandus dans les environs.

La domination arabe, plutôt prouvée par la philologie que par des documents ethnologiques, s'aperçoit dans les noms de Alcobaça, Alfeizarão, Aljubarrota, Alpedriz, etc. Et ce fut ainsi que l'on réussit à reconstituer et à bien définir son origine, dans les premières époques de notre histoire et de notre nationalité.

On raconte que Alphonse Henriques, le vieux batailleur et aventurier, résolut un jour de prendre Santarem aux maures; au moment où il passait sur le mont de Albardos — aujourd'hui Molianos — afin de s'y rendre, il fit le vœu, en cas de réussite, de donner à St. Bernard, abbé de Clairvaux, pour y fonder un monastère, toutes les terres que l'on apercevait sur ce versant jusqu'à la mer.

Le sort des armes lui fut favorable. En reconnaissance de cette victoire, animé d'ambitieuses aspirations à la royauté, il sût agir en habile diplomate, en faisant offrir au saint prélat ce don somptueux et le priant d'intercéder près du pape Eugène III, afin d'obtenir le titre de roi.

Cette prétention ayant été favorablement accueillie on comprend bien quel avenir était réservé à Alcobaça qui devint sous tous les rapports le site préféré par le nouveau roi; il avait été le berceau de son grand rêve, réalisé malgré le dépit des rois catholiques de Léon et Castille avec lesquels il eut à s'entendre plus tard.

Les moines de Clairvaux arrivèrent enfin dans la plus mesquine pauvreté. Ce fut le roi lui-même qui les accompagna pour choisir l'emplacement où devait s'élever le grand édifice, ce fut encore lui qui posa la première pierre au milieu des acclamations de sa cour, entouré des bénédictions et des prières des bénédictins de Clairvaux. Ensuite on commença les travaux que les anciennes chroniques nous décrivent, pleins de miracles stupéfiants.

En face, sur une petite hauteur existait un beau château mauresque dont la date est inconnue et qui pourrait servir de réfuge en cas de danger inesperé. Au loin, tout alentour, de petits villages dont l'origine était ignorée mais où l'on retrouvait facilement le type des naturels du pays allié à celui des belles races des côtes de la Méditerranée.

Le voisinage de la mer avec ses historiques débarquements des phéniciens, depuis Maiorga jusqu'à Cós, et les courtes falaises de S. Gião, assuraient un abri au peuple de navigateurs et de commerçants venant de loin, et amenait inévitablement l'altération de la race. La mer, ce vaste trésor commun à tous, était le destin préféré dans ce temps où tout autre genre de vie devenait incertain et

---

[1] Voyez *Grottes d'Alcobaça,* par M. Vieira Natividade, et la 3me livraison de la *Portvgalia.*

Perto o mar com historicos desembarques phenicios desde Maiorga a Cós, e as curtas *falaises* de S. Gião com a sua epigraphia romana.

A beira-mar, segura estação dos povos navegadores e commerciantes, importava de longe, como ainda hoje, a alteração da raça. É que o mar, o grande reservatorio das riquezas communs onde era basta e productiva a alimentação, deixava sem outra variante a lucta pela vida, diaria, cruel, incerta.

E perto ficava o mar, então muito mais perto, batendo nos contrafortes das montanhas do poente, banhando os campos de Maiorga e Vallado, do ultimo dos quaes retirou ha pouco mais de tres seculos.

Do seio das aguas, como mandibulas de um grande crustaceo, attrahiam-se as serras da Pescaria e Nazareth, deixando estreita passagem ao mar. Os curiosos montes ophiticos da Quinta do Castello e S. Bartholomeu elevavam-se escurecidos do meio das aguas como apophises vertebraes do grande esqueleto granitico do globo que tivessem rasgado a terra e as aguas n'uma extraordinaria e medonha convulsão.

Na zona oriental a grande montanha norte-sul, com a sua secular e ondulante ramaria, punha a musica das florestas em grandioso concerto com os rugidos do mar.

A propria região de Alcobaça, outr'ora um enorme lago que a nossa phantasia vê espelhando as irregulares montanhas adjacentes, deixou esgotar as suas aguas no grande desnivelamento da Fervença. E essa cataracta que espadanava em toda a largura foi ruindo pouco a pouco o grande dique que a amparava, até que em dupla e permanente lucta se aniquilaram para sempre.

E do fundo d'esse lago, como Venus da Mythologia pagã, surgiu a pequenina e encantadora Alcobaça.

Poetica e fidalga origem que ella tem sabido manter.

*

* *

Installado definitivamente o frade pelos annos de 1148 começa toda esta região a soffrer uma nova orientação com as imposições da crença, com as necessidades e longas vistas do clero.

A carta regia [1] com os seus sonhados poderes, alterada pouco a pouco por apocriphos paragraphos, dá inesperados direitos, insultuosas auctoridades, vem trazer ao frade uma segura maneira de operar, de dominar, de ser senhor.

Para boa administração era preciso methodo, divisão, leis, fiscaes, executores. Resolve-se a divisão das terras doadas, chamam-se colonos a que se dão garantias, facilita-se a povoação, excita-se o augmento da população pelas garantias dadas a certo numero, criam-se as leis nas *Cartas de povoação* — pequenos foraes dados pelo donatario das terras, constituem-se os *Coutos de Alcobaça* com direitos e fórmas que mais tarde haviam de lisongear o frade.

E essas leis agriculturaes, severa e sabiamente estudadas, facilitam a cem casaes de colonos, com desfructo gratuito durante dez annos, as terras que lhes forem entregues. Ha depois, passado esse tempo, o direito de venda ou transmissão, pagos, é claro, os dizimos, quintos ou quartos que teriam de pagar passado o tempo de gratuita usufruição.

Desde então acham-se ligadas as tres historias: — a do paiz, a de Alcobaça e a do mosteiro.

É elle que vae iniciar as granjas agricolas, a plantação de olivaes e soutos, o exgoto dos pantanos, a extracção do ferro. Do mosteiro saem manifestações de larga intellectualidade. Os rebanhos aproveitam as pastagens, desbravam-se os melhores terrenos, elevam-se as primeiras arvores fructiferas e a grandeza e riquezas dos coutos avultam de momento a momento.

Na falda da serra verdejam extensos olivaes e nas encostas mais proximas levantam-se aprumados e esguios os primeiros soutos de castanheiros. Isolam-se os medronheiros selvagens de fructos sanguineos, bordando os campos onde verdejam as pujantes cearas.

Surge assim esplendorosa esta primeira phase da civilisação.

---

[1] Veja sobre o assumpto o nosso livro *O mosteiro d'Alcobaça.*

parfois cruel. Jusqu'au seizième siècle à peu près, les vagues frappaient incessamment les contreforts des montagnes du couchant, baignant aussi les plaines de Maiorga et Vallado. Comme les mandibules d'un grand crustacée, les deux montagnes de Pescaria et Nazareth laissaient à la mer un étroit passage, tandis que les verdoyantes collines de la Quinta do Castello et St. Bartholomeu s'élevaient du sein des ondes comme les vertèbres d'un immense squelette qui aurait déchiré la terre et les eaux dans une suprême convulsion.

Sur la zone orientale la grande montagne du nord au sud, avec sa végétation séculaire, mélangeait la douce harmonie de la forêt au sombre mugissement de la mer.

Toute la région environnante était un enorme lac, que notre imagination nous représente reflétant les sinuosités les plus proches, et qui s'épuisa lentement. Cette chute d'eau détruisit peu à peu le barrage qui la soutenait et finit par disparaître complètement.

Du fond de ce lac, comme la Vénus païenne, surgit la petite et délicieuse Alcobaça, qui a toujours conservé son cachet de charme et de poésie.

*

* *

Vers l'année 1148 les moines furent définitivement installés et toute la région commença à subir une orientation nouvelle avec les croyances imposées par les nécessités et les hautes vues du clergé.

La charte royale [1] avec toute sorte de pouvoirs fut peu-à-peu modifiée par des paragraphes apocriphes créant de nouveaux droits vexatoires et fixant pour les moines tous les priviléges d'un écrasant seigneuriage.

Pour le règlement des affaires il fallait de la méthode, des lois et des agents chargés de les exécuter.

On commença par la division des terrains qui furent donnés aux colons auxquels on offrit toute espèce de garanties, facilitant leurs moyens d'existence, favorisant l'augmentation de la population par d'attrayantes promesses. On créa des lois dans les *Chartes de population,* des impositions payées par les donataires, on institua les *Coutos d'Alcobaça* avec des droits et des formules qui plus tard retourneraient au profit des moines.

Les lois sur l'agriculture, laborieusement et savamment étudiées, donnaient à cent couples de colons la jouissance gratuite des terres pendant dix années. Passé ce temps ils avaient le droit de vente ou de transmission, mais en payant les dîmes et autres impôts qu'ils auraient payé de même à la terminaison de leur bail gratuit.

Dès lors l'histoire du pays, celle d'Alcobaça et de son monastère furent intimement liées.

Ce fut le fameux couvent qui initia les colonies agricoles, les plantations d'oliviers et de toutes autres sortes d'arbres, l'écoulement des marais, l'extraction du minerai et d'autres manifestations d'une haute et puissante intelligence. Les troupeaux eurent de gras pâturages, les meilleures terres furent défrichées, on planta les premiers arbres fruitiers, l'abondance et la richesse des bois augmentait à vue d'œil.

Sur le versant de la montagne verdissaient d'enormes étendues d'oliviers et sur les pentes voisines s'élevaient droites et superbes les premières plantations de marronniers, tandis que les arbousiers sauvages aux fruits vermeils bordaient les vastes et opulentes prairies.

Ainsi s'accomplit brillamment la première phase de la civilisation.

Peu-à-peu avec le bien-être dû à l'abondance, avec le repos que leur donnait le plein droit de propriété, les moines commencèrent a ressentir les premières atteintes de l'égoïsme. Les colons, jusqu'alors compagnons de travail, leur semblaient maintenant de simples sujets d'une espèce inférieure. Ainsi considérés, les pauvres travailleurs devinrent les victimes de toute sorte d'exigences et de spoliations.

Soumis brutalement à un joug de fer ils adressèrent au roi D. Jean I une plainte contre les abus

---

[1] Voyez sur ce sujet notre livre *O mosteiro d'Alcobaça* (Le monastère d'Alcobaça).

Pouco depois, com o bem-estar que dá a abundancia, com o descanço que advem do seguro direito da propriedade, entra o frade nos dominios do egoismo. O colono, que até então fôra um seu companheiro de trabalho, afigurava-se-lhe agora um simples vassallo com todo o caracter de inferioridade medieval. Comprehendido assim o pobre trabalhador entra-se facilmente no campo das espoliações e exigencias. Os colonos são subitamente submettidos a um jugo de ferro, e a D. João I é submettida uma queixa de diversos povos dos coutos contra a prepotencia fradesca e muito especialmente contra o abbade D. frei João d'Ornellas.

São dolorosissimos os quarenta capitulos da queixa: — que á primeira manifestação de desobediencia são presos e mettidos nos subterraneos do castello sem ar nem luz — que tiram dos seus soutos madeiras, sem lh'as pagarem nem darem satisfação — que se senhoream de tudo o que lhes apraz sem auctorisação e com violencia — que soffrem graves prisões e castigos todas as vezes que emittam o mais pequeno queixume, etc., etc. [1]

Desde então não mais a abençoada paz primitiva, não mais o trabalho e orações em commum.

Como resultante das diversas queixas contra os desmandos abbaciaes é alterada um pouco a administração da ordem. O abbade, que até então fôra perpetuo, de eleição vitalicia passa a ser de eleição triennal.

Por vezes atravessam as paredes do isolado mosteiro ideias de altruismo e progresso. De lá veem poderosos elementos para a creação de uma universidade em Portugal; lá dentro se inauguram as primeiras aulas publicas do paiz, lá dentro ha escólas onde se ensinam as sciencias da época e as artes nobres. Talha-se, pinta-se, esculpe-se, illuminam-se os codices e livros de orações, apontamenta-se a historia, organisa-se bibliotheca, accentua-se a architectura.

Escrevem-se livros de valor não esquecido. Da phantasia exuberantemente bohemia de frei Bernardo de Brito surgem os primeiros volumes da *Monarchia Lusitana* e *Chronica de Cister*. Surgem depois outros vultos litterarios de maior folego: — Frei Antonio Brandão, filho de Alcobaça, o classico e honrado historiador e por certo dos mais honestos e verdadeiros chronistas do reino. Publíca a continuação da *Monarchia Lusitana,* continuada depois por sobre os seus apontamentos, mas com menos propriedade e segurança por seu sobrinho frei Francisco Brandão. Vem depois frei Manoel de Figueiredo, o erudito e consciencioso chronista, o quasi introductor do estudo em pequenas monographias, e por ultimo frei Fortunato de S. Boaventura, o ultimo frade filho de Alcobaça e, por uma estranha coincidencia, o mais sabio e o mais illustre dos seus filhos [2].

*
* *

No entretanto, Alcobaça, propriamente, progride. Em volta do mosteiro vae-se condensando a povoação, vae-se desenvolvendo commercio, e nas aldeias mais proximas accentuam-se pequenas industrias.

E assim abundantes e ricas prosperam as terras de Alcobaça.

*
* *

Nas diversas industrias tem Alcobaça acompanhado quasi todo o movimento moderno, na parte que uma pequena povoação o póde fazer. Por entre o grande labutar dos campos, das vinhas e dos pomares, passa a vibração aguda e alegre do silvo das grandes machinas de vapor. Fumegam as grandes chaminés cylindricas e monumentaes as negras nuvens de fumo, que, como perdidas e dolentes esperanças, se vão desfazendo no azul.

---

[1] Veja *Alcobaça Illustr.*, por frei Manoel dos Santos; *Monge de Cister,* por Alexandre Herculano; *Mosteiro d'Alcobaça,* por M. V. Natividade.

[2] Sobre o valor d'estes escriptos, veja o *Dicc. bibliogr.,* de Innocencio.

des moines, spécialement contre l'abbé Fr. Jean d'Ornellas. Rien de plus douloureux que les quarante chapitres de cette plainte. — A la première velléité de désobeissance ils étaient enfermés dans les souterrains du château, privés d'air et de lumière; — on leur coupait les bois sans façon et sans les payer, on s'emparait avec toutes sortes de violences de tout ce qui pouvait être utile; ils souffraient de cruelles punitions chaque fois qu'ils osaient se plaindre, etc., etc. [1] Dès lors il n'y eut plus de paix, plus de travail, ni de prières en commun.

Ces plaintes contre les abus du clergé eurent toutefois comme résultat une certaine altération dans le règlement de l'ordre.

L'abbé, qui était élu à perpetuité, ne le fut dorénavant que pendant trois ans.

Cependant on voyait sortir du monastère isolé, des idées de progrès et d'altruisme; les moines contribuèrent puissamment à la création d'une Université en Portugal, ils inaugurèrent les premières classes publiques du pays, les écoles où l'on enseignait les sciences et les arts connus à cette époque, l'ébénisterie, la peinture, la sculpture, les enluminures de codes et de livres saints et les premiers récits de l'histoire; ils organisèrent une bibliothèque et développèrent l'architecture.

Ils ecrivirent des ouvrages de valeur. À l'imagination féconde de Fr. Bernard de Brito sont dûs les premiers volumes de la *Monarchie Lusitaine* et la *Chronique de Cister;* ensuite surgirent des talents littéraires d'une plus haute valeur comme Fr. Antoine Brandão, né à Alcobaça, historien honnête et classique, un des plus véridiques chroniqueurs du royaume. Il publia la suite de la *Monarchie Lusitaine,* poursuivie plus tard sous sa direction, mais avec moins de savoir, par son neveu Fr. François Brandão. Ensuite Fr. Manuel de Figueiredo le chroniqueur érudit et méticuleux, le premier introducteur des études en petites monographies, et dernièrement Fr. Fortunat de S. Boaventura, le dernier moine d'Alcobaça, son pays natal, et le plus illustre de tous ses compatriotes [2].

*
* *

Alcobaça, néanmoins, continue toujours à prospérer. Autour du monastère s'accumule la population, le commerce se développe, l'industrie se propage dans les villages environnants.

Tout à l'entour se manifeste l'abondance et la richesse.

*
* *

Alcobaça a suivi presque toute l'évolution moderne dans les diverses industries, autant que peut le faire une petite ville. Au milieu du grand labeur des champs des vignes et des vergers, on entend retentir le sifflement aigu des machines à vapeur. Les grandes cheminées vomissent de gros nuages de fumée qui s'évanouissent indolemment au loin dans l'azur des cieux.

Les grandes et les petites industries s'étendent dans les villages. On y fabrique des cotonnades aux capricieux coloris qui sont devenues très recherchées. Depuis le XVIIIe siècle l'industrie du coton a toujours continué à prospérer; les mousselines, les dentelles, les ouvrages au tricot, jusqu'aux fameux *mouchoirs d'Alcobaça,* rouges à bordures bleues et jaunes, dont se servaient autrefois les priseurs de tabac, sont des produits universellement connus.

Les industries domestiques, signes infaillibles de la moralité du peuple, se montrent dans la préparation et le tissage du fil et de la laine dont on fait des merveilles.

Les savoureux fruits d'Alcobaça sont exportés en de délicieuses conserves préparées ici.

---

[1] Voyez *Alcobaça Illustr.*, par Fr. Manuel dos Santos; *Moine de Cister,* par Alexandre Herculano; *Monastère d'Alcobaça,* par M. V. Natividade.

[2] Sur la valeur de ces écrits, voyez le *Dict. bibliogr.,* d'Innocent.

A grande e pequena industria alarga-se por essas aldeias. O algodão transforma-se nas grandes fabricas em caprichosos e coloridos pannos de não curta celebridade. E desde o seculo XVIII que Alcobaça produziu pela primeira vez tecidos de algodão: — cambraias, rendas, obras de malha até aos celebrados *lenços de Alcobaça* com que os nossos avós limpavam o nariz depois de terem pitadeado o *mazulipatão* — esses celebres lenços vermelhos de grandes barras azues e amarellas quasi universalmente conhecidos, — nunca mais a tecelagem deixou de se alargar por todos os cantos.

As industrias caseiras, curiosas e permanentes notas da moralidade da familia, multiplicam-se na preparação e tecelagem dos linhos e lãs, em que por vezes operam maravilhas.

As primorosas fructas de Alcobaça exportam-se em deliciosas conservas aqui preparadas.

Alargam-se as officinas em quasi todos os ramos da industria moderna, constituindo assim elementos de segura prosperidade.

*
* *

A agricultura, a velha mãe, desdobra-se em bellos productos, quer nos grandes campos, quer nos terrenos mais accidentados. Immensas vinhas se estendem por ahi além produzindo bellissimos e bem conhecidos vinhos.

Extensos olivaes na zona oriental trazem no finissimo azeite dos seus fructos a riqueza aos que mais precisam.

E esses tres elementos: — a industria, o commercio e a agricultura, fazem de Alcobaça uma das mais ricas terras de provincia, bella e rica como a aspirada noiva com que póde sonhar a phantasia burgueza.

Alcobaça, 21 de maio de 1902.

M. Vieira Natividade.

Le nombre des ateliers de toutes les branches de l'industrie moderne augmente chaque jour et constitue une garantie de prospérité.

*
* *

L'agriculture, notre mère à tous, se dédouble en de magnifiques produits, dans les plaines immenses et les terrains les plus accidentés.

Les vignobles s'étendent au loin produisant les vins exquis et bien connus de cette région.

Sur la zone orientale, de longues étendues d'oliviers nous donnent l'huile si appréciée, véritable source de richesse pour les moins fortunés.

Ces trois éléments, l'industrie, le commerce et l'agriculture rendent Alcobaça une des contrées les plus fertiles et les plus riches de la province, belle et opulente comme la fiancée rêvée d'un fastueux bourgeois.

Alcobaça, le 21 mai 1902.

M. Vieira Natividade.

Porto

Perfil historico



N'um certame de bellezas d'Arte ou de Natureza, e tem-as d'alta valia a terra de Portugal, cabe a este nosso Porto, em que pulsa uma antiga alma heroica, um logar de muita honra e de levantado primor. Basta vêl-o n'um relance panoramico, a fronte mergulhada na gloria da luz meridiana, o nitido azul do céo peninsular a servir-lhe de docel, a planta beijada umas vezes, e outras, em horas de revolta, raivosamente mordida pelas aguas do Douro, olhando do alto das suas torres ou por entre os intersticios do casario as brancas velas que vão, ao longe da costa, arando as planicies do infinito mar.

Intendido está, comtudo, que o nobre agglomerado não brota miraculosamente, guerreiro medieval armado de ponto em branco para os torneios da civilisação, do seio virginal e rigido do granito. A concepção symbolica é bella, sem duvida, mas serve tão sómente para espairecer, decorativa, no frontão dos paços do concelho. O Porto nasceu das cinzas fumegantes a que o mouro El-Mansor havia reduzido a mesquinha população de beira-rio. E depois, quando pôde, marinhou á eminencia da Pena Ventosa, fez-se cidadella, *Portucale castrum novum*, armou em bispado e feudo, e gastou a juventude a brigar com o senhor bispo, dono pouco amavel do burgo e dos burguezes. Estes, emancipando-se afinal, apesar das censuras ecclesiasticas e dos anathemas, davam por sua vez ao duro amo ruins bocados. Ficou memoravel, por exemplo, aquelle mau quarto de hora que immortalisou Almeida Garrett, dramatisando-o, nas vívidas e veridicas paginas do seu *Arco de Sant'Anna.*

Assim levou o Porto a sua vida, entortinhada e de má medrança, desde os inicios da monarchia até ao ultimo rebento da dynastia affonsina. O caldo negro espartano enrijou-o precocemente para a lucta pelas immunidades do seu lar e pelas suas regalias de cidadão. Se assim não fôsse, como resistiria elle ao abraço monstruoso do polipo episcopal?

Ah! mas na dobadoura do tempo houve de dobar-se muito fio antes que a cidade invicta, esburacando as muralhas que a cingiam, rompesse por esse planalto e conquistasse por justo titulo a dignidade de segunda capital do reino. E foi preciso que chegasse aqui um adepto de Pombal, o corregedor Francisco de Almada, para mostrar, na rua que ainda hoje usa o seu nome, que optima coisa é o theodolito, esse tyrannete, quando se tem força para utilisal-o no alinhamento das cidades. Então, aberto o exemplo, a cidade opulentou-se com bellas ruas e ornou-se com grandes monumentos de vêr e de servir. Foi assim que se ergueu o theatro de S. João, e assim tambem que se começou a construir, mais tarde, a Academia de Marinha e Commercio, hoje Academia Polytechnica, ainda agora á espera de conclusão... O movimento accelera-se quando, triumphante a liberdade, ella vem sorrir á sua obra de resurgimento material e de levantamento intellectual. As charnecas e montados da redondeza recortam-se em população citadina. Novas ruas, novas praças, novos jardins. E se a tarefa não luz mais, é porque o municipio é pobre e o poder central mais o empobrece, sangrando-o em nome das urgencias do Estado. Entretanto, o perimetro da cidade alastra amplamente com ancias de chegar á circumvallação. Cresce, sob a benção do trabalho, a legião dos seus filhos benemeritos n'uma progressão consoladora. Contam-se cerca de 180:000 habitantes, hoje, pelo ultimo censo, contra os 59:370 que se registavam, em 1838, á raiz das guerras liberaes.

Arfa o vapor victoriosamente nas fabricas que se multiplicam n'um ardor febricitante de produzir. As chaminés colossaes a topetar com as nuvens, dil-as-ieis mastros de navios phantasmas a vogar, a vogar, no largo oceano do pensamento, para a conquista d'um novo vello de ouro — a perfeição da Industria.

Aspecto geral. As duas pontes

O excursionista ávido de impressões, nacional ou estrangeiro, que visite pela primeira vez o Porto, ha de achar aqui, na leal cidade, estamos certos, qualquer coisa nova e bella que satisfaça uma esthesia exigente e fina.

Porto

Silhouette historique



Porto, la ville à l'âme héroïque, tient une place des plus marquées parmi les villes de Portugal, où l'art et la nature se sont donné un rendez-vous. Voyez plutôt, dans un coup d'œil panoramique, le beau ciel bleu se déroulant comme un dôme sur les cimes rayonnantes de soleil, les rives baignées par les eaux, tantôt paisibles, tantôt mugissantes de son fleuve, les hautes tours qui regardent, dans le lointain de la mer infinie, les voiles fuyant le long de la côte!

La ville de Porto sortit des débris fumants des pauvres villages riverains, que le célèbre conquéreur sarrazin El-Mansor avait détruit de fond en comble. Le nouveau bourg, *Portucale castrum novum*, se fortifia sur les pentes escarpées de la *Pena Ventosa*, et monta au rang de fief royal, plus tard épiscopal; dès lors s'ouvrit l'ère des longues et fameuses querelles avec les évêques. Almeida Garrett a puisé dans l'histoire de ce temps les données d'un de ses meilleurs romans — *O Arco de Sant'Anna.*

Ces luttes pénibles, dans lesquelles le caractère des bourgeois de Porto s'est fortement trempé, ayant fini par leur donner gain de cause, la ville prit bientôt un large essor et acquiert le titre, qu'elle détient encore, de seconde capitale du royaume. Sous le corrégidor Francisco d'Almada, ses premières belles rues, parmi lesquelles se trouve encore celle qui a pris le nom de ce fameux partisan du marquis de Pombal, s'alignent à perte de vue; ses premiers monuments élèvent au ciel leurs coupoles.

Elle bâtit son premier grand théâtre, et entreprend ensuite la construction, encore inachevée, de l'Académie de la Marine et du Commerce, devenue École Polytechnique. Son développement s'accuse sans cesse. Quand la liberté, triomphante en Europe, vient frapper à nos portes, le vieux bourg d'autrefois l'accueille le premier, se réjouit dans l'accomplissement de son œuvre de relèvement matériel et intellectuel. Déjà la cité nouvelle déborde sur la campagne; les rues, les places et les jardins surgissent de partout; et l'on serait allé bien plus loin dans cette voie sans les empêchements du pouvoir central, qui écrase la ville sous le poids des impôts et tarit toute iniciative.

Pendant que Porto grandit en extension, sa population s'accroît proportionnellement. Elle était, en effet, en 1838, de 59:370 habitants; aujourd'hui la ville compte en 180:000.

Le fracas des machines, les hautes cheminées formant comme l'immense mâture d'un fantastique mouillage, marquent aujourd'hui, à l'endroit de Porto, le foyer d'une large activité commerciale et industrielle, le nouveau destin de la vieille et noble ville.

Coup d'œil — Les deux ponts

Le touriste le plus exigeant en matière d'art et de pittoresque en aura, nous en sommes sûrs, plein les yeux à Porto.

Supposons-le en wagon, venant du Sud et saisissant le coup d'œil de la ville, par un beau jour de soleil. Aussitôt dépassé Coimbrões, sur la rive gauche, voilà, dans le quartier si calme et bucolique de Villar — d'abord Entre Quintas, puis la toiture du *hall* du Palais de Crystal, ensuite le vaste panorama dominé par les tours des églises de Clerigos et de Lapa, se déroulant sur la crête qui relie la colline de Victoria au plateau. Sur les versants qui la séparent de celle de Batalha descend en amphithéâtre, jusqu'à la rivière, une large masse confuse de maisons d'où se détachent la cathédrale, aux contours sévères de forteresse, et la somptueuse cour épiscopale.

Mais nous voici plongés soudainement dans les ténèbres, puis lancés à travers l'espace. C'est d'abord le tunnel de la Serra, ensuite le pont Maria Pia, sur lequel le train roule, bravant l'abîme, dans un nuage de vapeur blanche.

Au loin, le Douro, la campagne, les montagnes lointaines s'estompant dans l'azur — un paysage charmant qui attire l'œil par la fraîcheur et la gaieté! Nous allons y descendre. . . . .

Dans le courant du fleuve, le pesant bateau de pêche, connu sous le nom de *valboeiro,* descend à

Suppômol-o vindo do sul, em caminho de ferro, á luz clara do sol, ou coada dôcemente por subtil véo crepuscular. Entrado o comboio na curva de Coimbrões, para lá das Devezas, toma logo contacto visual com Entre-Quintas, no bairro de Villar, tão sereno e bucolico, logo com o Palacio do Crystal, e a seguir, no rodar kaleidoscopico do trem, com o trecho panoramico dominado pelas torres dos Clerigos e da Lapa, no espinhaço que leva do morro da Victoria ao planalto. Ostenta-se depois em apparatoso amphitheatro a larga facha de casario, na depressão que separa este morro do da Batalha, e é occasião de apresentar-se, meio templo, meio fortaleza, a severa cathedral e o sumptuoso paço dos bispos.

De repente, quasi sem transição, deu-se um mergulho nas trevas e um vôo audacioso no espaço. O trem passou o tunnel da Serra e marcha agora victoriosamente, affrontando o abysmo, sobre a ponte Maria Pia, á vista da outra, Luiz I, de dois taboleiros, para a viação ordinaria. A locomotiva, na sua respiração de monstro, deixa escapar o excesso de vapor que se condensa ao contacto do ar, espiralando, em leves flocos de prata. Ouve-se um silvo estridente, arrancado com alma áquellas guelas de ferro: é a elegia digna do ossudo avatar, seu predecessor em recovagens, aquelle famoso Rocinante em que caracolou imperterrito o Dom Cavalleiro da Triste-Figura.

Além, o Douro, o campo, a serra... que paizagem alegre, fresca, bem lavada e sã! Mas lá descemos já. O passeio fluvial é d'uma attracção irresistivel.

. . . .

Rio abaixo, o barco valboeiro, ora servido dos remos ora da vela, segundo a feição da maré e do vento, amarrou defronte de Gramido, celebre pela convenção que alli firmaram o duque de Loulé, em nome da junta do Porto, e o general Concha, marquez del Duero, em nome dos alliados. A tanto obrigou a Patuleia, que foi preciso incommodar tanta gente: Portugal, a Hespanha e a Inglaterra!

O sitio é lindo. Cerradas a entrada e a sahida pela sinuosidade do rio, tem-se a deliciosa illusão de que se boia n'um lago azul. Os casaes da encosta, meio velados por vergeis em flôr e pelos carvalhos em que se enroscam vidonhos, alvejam ao sol, emquanto os frondosos choupos da orla tomam a fresca debruçando-se sobre o rio. Os versos de ouro de Camões occorrem involuntariamente:

Para julgar difficil coisa fôra,
No céo vendo, e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flôres côr a bella Aurora,
Ou se lh'a dão a ella as bellas flôres.

O enleio cresce, desembocando-se, mais abaixo, em frente do Areinho. Os olhos, indecisos, perturbados pela pompa e largueza do quadro, não sabem em que mais devam embeber-se. A paizagem, rica de tons, opulentada da variada verdura dos campos, mosqueia-se encantadoramente de alegres habitações, nas duas margens, e emmoldura-se em graciosas collinas que lhe fizeram reverencia, afastando-se. Porém, a Natureza, a supremamente bella, encontra aqui uma nota emotiva d'Arte, grandiosa, esplendida, que a perlustra e esmalta. É a ponte Maria Pia, exhibindo na majestosa simplicidade das suas linhas um attestado irrecusavel de altissimo engenho humano.

Este robusto specimen de construcções de ferro alteia-se sobre a corrente impetuosa do Douro na garganta do velho Seminario, encurvando-se n'um arco muito elegante, aguçado em cutello, na base. Esta assenta em solidos encontros de granito entalhados na rocha. D'estes encontros sobem dois pilares que medem a maxima altura de $42^{m},93$. Outros pilares, dois nascidos do arco e os demais firmados no terreno adjacente, procuram o nivel dos primeiros e sobre todos corre a plataforma ligada com os carris e a cortina, na extensão total de $352^{m},87$. A altura dos carris acima do nivel do mar é de $61^{m},28$.

A obra, principiada em 1876, foi inaugurada com grandes festas a 4 de novembro de 1877. Tiveram parte n'ella Mrs. Eiffel & C.ª, auctores do projecto e constructores; T. Seyrig e W. Diou, collaboradores; Pedro Ignacio Lopes, engenheiro-chefe da construcção; Manoel Affonso Espregueira, director da Companhia. A feliz execução d'estes trabalhos foi como um assentar de mão para o plano e execução d'outra construcção gigantesca, a Torre Eiffel, que veiu depois e deante da qual ajoelhava o mundo inteiro, admirado, na Exposição Universal de Paris, em 1889.

A nossa ponte Maria Pia, menos batida dos ventos da celebridade, não é menos admiravel, comtudo. Vista no seu aspecto pictural, esbelta e leve, dirieis, não já que a conceberam e a realisaram sabios illustres á força de calculo, de exacta ponderação da materia, senão que a phantasiou um rajah volun-

la voile ou à la rame, selon le vent et la marée, et va mouiller en face de Gramido, endroit célèbre par la convention signée par le duc de Loulé, au nom de la Junte de Porto, et le général Concha, marquis del Duero, au nom des alliés, à la suite de la dernière guerre civile qui a troublé le pays. Il a fallu, pour en finir, déranger l'Espagne et l'Angleterre!

Le site, d'une beauté exquise, nous fait l'effet d'un lac, dont la surface cristalline réfléchit les vergers fleuris du rivage, les hameaux souriant sous l'ombre des chênes où s'enlace la vigne, et la longue file des peupliers touffus se penchant sur l'eau calme. Les vers de Camoëns nous chantent alors dans l'oreille:

Para julgar difficil coisa fôra,
No céo vendo, e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flôres côr a bella Aurora,
Ou se lh'a dão a ella as bellas flôres.

Plus loin, vers l'Areinho, c'est le ravissement; la vue se trouble par tant de splendeurs. Sur les tons riches de la campagne, harmonieusement fondus, se détachent, à l'une et l'autre rive, de riantes maisons de campagne; et l'on dirait que les côteaux, eux-mêmes, pour encadrer un si joli coin de terre, se sont gracieusement écartés et font la révérence.

Dans le décor de cette nature admirable, le pont Maria Pia atteste par la majestueuse simplicité de ses lignes les ressources puissantes du génie de l'homme.

Cette superbe construction métallique, jetée sur la gorge profonde que couronnent les ruines du vieux Séminaire, appartient à la ligne du Nord. L'arc hardi de la travée centrale s'appuie sur de solides culées assises sur les rochers des deux rives; les plus hauts piliers s'élèvent à $42^{m},93$. L'extension totale du pont est de $352^{m},87$; la voie court à $61^{m},28$ sur le niveau de la mer.

Les travaux, inaugurés en 1876, ont pris fin le 4 novembre de l'année suivante, par des fêtes éclatantes.

À la maison Eiffel & Cᵉ revient l'honneur d'avoir conçu et fait exécuter le pont Maria Pia. MM. T. Seyrig et W. Diou, d'un côté, de l'autre les ingénieurs portugais MM. Pedro Ignacio Lopes, directeur des travaux, et Manuel Affonso Espregueira, directeur de la Compagnie, ont prêté un heureux concours à cette œuvre remarquable, d'initiative toute française qui, précédant celle de la Tour Eiffel, peut être regardée comme l'essai de l'entreprise grandiose que le monde entier devrait admirer plus tard, à Paris.

Quoique moins connu, le pont Maria Pia n'est pas toutefois moins digne d'admiration. C'est surtout la ligne légère et élégante de l'arc qui frappe d'abord l'œil distrait du passant. On dirait à le voir, si léger et gracieux, une construction idéale en osier ou en bambou, comme en aurait pu rêver, pour la décoration de ses jardins, la fantaisie de quelque rajah millionnaire. Chaque jour, cependant, son extrême solidité est mise à l'épreuve par le passage de lourds trains qui transportent des villes entières au souffle haletant des locomotives.

Poursuivons à présent notre promenade fluviale. Aussitôt l'arc franchi, nous voici en face du pont Louis I, qui reproduit dans ses lignes principales l'ouvrage antérieur, sauf la présence d'un deuxième tablier inférieur destiné, de même que le premier, au service de communication ordinaire des deux rives.

L'arc du pont Louis I est formé de deux courbes paraboliques, écartées de $17^{m},80$ à la base et de $7^{m},70$ à la clef; la corde est de $172^{m},0$ et la flèche de $44^{m},60$.

Les deux grands piliers qui supportent le tablier supérieur s'appuient sur deux massifs de maçonnerie où prennent naissance les deux branches de l'arc; ils sont percés de deux larges portes qui desservent le tablier inférieur.

Le tablier supérieur s'appuie, du côté de Villa Nova de Gaya, sur une culée en pierre de taille et sur un pilier en fer, tandis que, du côté de Porto, le rattachement se fait sur deux piliers et une forte culée. De chaque côté du tablier supérieur descendent quatre hausses qui soutiennent le tablier inférieur; elles sont reliées à l'arc.

Les travaux, adjugés par 369 contos de reis (environ 2.050:000 frcs.) à la *Société de Construction Willebroeck*, ont été menés sous la direction de M. A. Maury. Le premier projet est dû à M. J. J. Mattos et le projet définitif à M. Seyrig, qui avait déjà collaboré, avec M. G. Eiffel, au projet du pont Maria Pia.

tarioso e a mandou construir assim, de bambu ou vime fragil, para decoração garrida dos seus jardins. No emtanto, é olhar como ella, possante, se atreve com o peso e a tracção d'essas pequenas cidades ambulantes que deslisam, noite e dia, sobre os seus carris, a reboque das pulsações offegantes do vapor!

E agora, rio abaixo, de novo, no rythmo cadencioso dos remos. Transposto o vão do arco, lá se nos depara a juzante a ponte Luiz I, de dois taboleiros. Esta é a irmã mais nova e mais robusta da que deixamos atraz, ou, mais propriamente, uma reedição ampliada e accommodada á sua differente serventia, a viação ordinaria. O arco mede de corda $172^{m},0$ e de flexa $44^{m},60$, e é formado de duas curvas parabolicas, divergentes. A altura entre as duas linhas, no nascimento das curvas é de $17^{m},80$ e no fecho de $7^{m},70$. Os encontros do arco, de cantaria, servem tambem de base dos pilares que sustentam o taboleiro superior nos extremos do arco.

O taboleiro inferior apoia-se do lado de Villa Nova de Gaya, n'um encontro de cantaria e n'um pilar de rotula de ferro com base de cantaria; do lado do Porto, em dois pilares e um encontro de cantaria. Descem do taboleiro superior quatro alças por lado e são ellas que, ligadas ao arco, suspendem o taboleiro inferior.

A obra monumental, adjudicada por 369:000$000 reis á *Société de Construction Willebroeck,* foi dirigida por Mr. A. Maury. O ante-projecto é do snr. J. J. de Mattos e o projecto definitivo de Mr. Th. Seyrig, collaborador de Mr. G. Eiffel, no projecto da outra ponte.

Inaugurou-se com grande solemnidade a 31 de outubro de 1886. Os corações em festa no presentimento alacre e inconsciente d'um alto phenomeno social. Lá se encurvava segunda vez o arco iris, metalisado, a remirar-se no estuario do Douro. Eil-o, o inicio feliz da nova idade de ferro a serviço das artes de paz!

Palacio da Bolsa. A Escadaria

O sumptuoso palacio da praça do Infante D. Henrique exteriorisa, em certo modo, a importancia consideravel da praça do Porto, e tambem a largueza de funcções sociaes e publicas que tem sobre si a illustre collectividade que a representa.

Entre a Associação Commercial e o vasto edificio em que ella tem assento ha a estreita connexão e correlação de causa e effeito. Não é bem que separemos coisas tão conjunctas nas notas que tão breve espaço nos permitte consagrar-lhes.

A Associação foi fundada em 24 de dezembro de 1834 sob *Compromisso* ou *Regimento* d'essa data, revogado pelo *Estatuto* em vigor, o qual teve approvação por decreto de fevereiro de 1870. Além dos fins que lhe são proprios, como seja promover o fomento do commercio e propugnar pelos seus justos interesses, a Associação tem outras attribuições, muito amplas, a saber: a administração das obras da Bolsa e Tribunal do Commercio, das obras de melhoramento da barra do Douro, e das obras de construcção da estação de saude e posto de desinfecção em Leixões, que lhe foram commettidas successivamente por leis de 19 de junho de 1841, de 29 de outubro de 1891 e de 8 de outubro de 1900. Todas estas obras são custeadas pelo rendimento de impostos diversos sobre o commercio de importação e exportação que a Associação Commercial arrecada e administra.

Exerce ainda, de motu proprio e espontanea deliberação, funcções de assistencia publica, e assim contribue com um forte subsidio annual para o Asylo de Mendicidade e para os Soccorros a Naufragos. Creou tambem um fundo especial para acudir pecuniariamente ás victimas do trabalho no commercio e navegação.

A Escóla elementar de commercio fundou-a de iniciativa sua. O governo adoptou-a, depois, integrando-a no quadro geral do ensino commercial e industrial. Á Associação ficou o encargo de dar casa, luz e pessoal menor, e a faculdade de estabelecer, querendo, á sua custa, cadeiras de inglez e allemão. A de inglez está creada e funcciona já.

O palacio da Bolsa, emfim, é merito seu, rutilantissimo, compartido por toda a praça do Porto. Com o proposito de crear receita para a obra, celebrou-se, a convite da Associação, uma reunião magna da classe e alli se votou uma tabella creando um imposto especial sobre todas as mercadorias que transitassem pela alfandega da cidade. Ora isto succedia dois annos antes de promulgadas as cartas de lei que concediam as ruinas do mosteiro de S. Francisco e auctorisavam a cobrança d'esse imposto.

A traça da obra, estylo neo-classico, procurou fundir n'um todo harmonico o que se fez de novo,

L'inauguration solennelle eut lieu le 31 octobre 1886, à la grande joie de ces braves gens de Porto, qui voyaient resplendir de nouveau l'arc-en-ciel sur les eaux du Douro, annonçant l'heureux avénement d'un nouvel âge de fer destiné à assurer la paix du monde.

La Bourse — Le grand escalier

Le somptueux palais de la place de l'Infant D. Henri définit, en quelque sorte, l'importance considérable du marché de Porto et le rôle prépondérant de son commerce.

Il y a des rapports si intimes entre l'Association Commerciale et le vaste édifice où elle siége, que nous sommes tenus de les envisager du même coup-d'œil, dans la courte notice qu'il nous est permis de leur consacrer.

Fondée le 24 septembre 1834, sous un *Règlement* révoqué plus tard par le *Statut* actuellement en vigueur, à la suite de l'arrêté de février 1870, l'Association Commerciale de Porto joint à son but principal, l'encouragement et la défense du commerce, une foule d'autres attributions telles que l'administration des travaux de la Bourse et du Tribunal de Commerce; celle des travaux de la barre de Porto, ainsi que ceux du bureau de santé et du poste de désinfection à Leixões. Tous ces travaux, dont la direction lui a été successivement confiée par les lois du 19 juin 1841, du 29 octobre 1891 et du 8 octobre 1900, sont défrayés par le revenu d'impôts spéciaux qui frappent le commerce d'importation et d'exportation, et dont l'administration est à la charge de l'Association Commerciale.

Elle concourt encore, pour une large part, à l'assistance publique, en déboursant des sommes annuelles considérables en faveur de l'Asyle de Mendicité et de la Société de Sauvetage; on lui doit encore un fonds spécial destiné aux victimes du travail dans le commerce et la navigation.

C'est encore l'Association Commerciale qui fonda l'École élémentaire de Commerce, et en fait les frais de logement, d'éclairage et du personnel inférieur; le gouvernement l'incorpora dans le cadre de l'enseignement officiel, en lui laissant à charge d'entretenir des cours d'anglais et d'allemand. Enfin, l'honneur d'avoir bâti l'édifice de la Bourse revient tout entier à l'Association Commerciale et aux commerçants de Porto. Dans le but de pourvoir aux dépenses considérables nécessaires à la construction, l'Association offrit de payer un impôt spécial sur toute marchandise transitant par la douane de Porto. Cette décision précéda de deux années celle du gouvernement qui autorisait le recouvrement de l'impôt sus-dit, et faisait don des ruines du monastère de St. François, sur lesquelles est érigé l'édifice de la Bourse.

Quant au style, on pourrait l'appeller néo-classique, puisque l'on a cherché à combiner savamment la partie nouvelle, c'est-à-dire, les façades et les vestibules, avec l'ancien cloître, devenu la *Cour des Nations.*

Le cloître montre encore, sous une couverture métallique d'un goût très moderne, des pilastres lisses, des arcs en plein cintre et des voûtes d'arêtes, témoignant d'une origine eloignée, qui est cependant de beaucoup dépassée par celle du temple à côté, surnommé l'*Église dorée.* C'est un pâle reflet de la magnificence des bâtiments de D. Jean V, le roi qui a su dresser une ville au sein d'une village (Mafra). De là le ton général somptueux et froid, quoique élégant, de la construction.

La direction des travaux ayant été partagée par plusieurs architectes [1], l'esprit éclectique, très dispersif, est venu troubler la décoration. Il faut ne jamais perdre de vue que la Bourse de Porto n'est nullement un édifice à style défini et classique, grec, ou greco-latin, ogival, ou *baroque.* Il réunit cependant une foule de motifs précieux éparpillés dans les beaux monuments du pays, ce qui ne fait pas un de ses moindres attraits.

Nous citerons la salle des Assemblées Générales, d'un effet tout-à-fait agréable. La décoration sévère et sobre rappelle à l'imagination un morceau de l'art grec, rendu par un fort tempérament flamand. Le salon d'honneur, quelle aimable surprise! On dirait que l'âme en peine de quelque sultane

---

[1] Pas moins de cinq jusqu'ici: MM. Costa Lima, professeur à l'Académie de Beaux-Arts, de Porto; Gustave de Sousa et J. de Macedo, ingénieurs; Soller et Joel, architectes.

isto é, as fachadas e os vestibulos, com o que se conservou do antigo, isto é, a crasta, transformada hoje na praça mercantil com o nome de Pateo das Nações. A crasta, quadrangular, com cobertura metallica, modernissima, apresenta, comtudo, nas pilastras lisas, arcos de volta perfeita e abobadas artezoadas a sua certidão de idade que não remonta aos tempos da *Egreja d'Ouro*. É um reflexo apagado da magnificencia com que D. João v mettia uma cidade dentro da villa de Mafra. D'ahi o tom geral, ostentoso e frio, sim, mas elegante que, da crasta, passou a todo o edificio.

Depois, com a mudança de architecto [1] veiu o espirito eclectico ou de dispersão, na parte decorativa. Decerto que não ha de pedir-se ao palacio da Bolsa a forte envergadura, pura e integra, dos archetypos que se nutriram do bom sangue classico, grego ou greco-latino, nem ainda do ogival ou do *baroco*. Já não é mau de todo vêr enthesouradas preciosidades e primores que andam dispersos por tantos monumentos, e aqui se reunem com profusão e riqueza de quem tivesse ainda hoje a visita das famosas naus das Indias.

É agradavel a impressão que se recebe, por exemplo, na sala dos assembleias geraes. Decoração severa e sobria, suggerindo a ideia da arte grega traduzida por um forte temperamento flamengo. Adeante, outra amavel surpreza, a arte arabe. Dil-a-ieis a transmigração de alguma alma penada de sultana fugida dos harens de Granada e que viesse a enfeitiçar-nos nas phosphorescencias polychromicas do salão mourisco.

Á fé, que maior maravilha nos aguarda na escada monumental que leva da crasta ao pavimento nobre. Apesar da estreiteza do espaço, ella levanta-se donairosamente n'um primeiro lanço central que termina, a meia altura, n'um patim d'onde partem dois lanços lateraes. Chegados ao patamar, uma paralysação de assombro invade-nos. Estão revestidas de marmore as paredes, mas as pilastras e cornijas, de granito azulado, porphyroide, engalanam-se n'uma efflorescencia de ornatos tão bellos, tão delicados, d'um tão paciente e tão estranho labor, que mais parecem talhados n'uma substancia plastica, ainda molle, que não lavrados a escopro e cinzel em pedra rebelde e friavel. Um trabalho de tanto primor, a flora e a fauna enlaçadas com a heraldica, nas armas das principaes cidades portuguezas, vem disputar victoriosamente, pela singularidade e pela belleza, a admiração que nacionaes e estrangeiros votam com justo motivo a essa extraordinaria talha em madeira que se ostenta alli, paredes meias, na incomparavel *Egreja d'Ouro*. Que enlevo de olhos e que fascinação de espirito — dizia-nos ha pouco um amigo — se em vez d'um trecho de indizivel encanto, tinhamos assim um vasto edificio!

Seja-nos facil consolação, entretanto, que não se riscam e se executam todos os dias poemas immortaes de pedra. Cabe-nos a boa sorte de ter dois, o da nossa independencia na Batalha e o da grande navegação portugueza nos Jeronymos de Belem. A musa, aguia então, desferindo o vôo das altivas concepções, abate-se em horas de desfallecimento ao papel de frio copista. Ainda bem que, no palacio da Bolsa, não arrasta a alva clamyde. A obra tem grandeza e riqueza. Vale como manifestação de Arte, mais ainda como attestado de aptidão excepcional do nosso operario, e tambem, e sobretudo, como padrão da rasgada iniciativa do commercio portuense que, para realisal-a, a si proprio se fintou.

Nobre exemplo de civismo que se perpetúa n'um monumento grandioso, digno da ideia que o alicerceou no coração dos commerciantes, antes de o fundar a peso de ouro nas ruinas d'um convento.

João d'Oliveira Ramos.

[1] Sommam cinco até ao presente: Costa Lima, professor da Academia Portuense de Bellas-Artes, os engenheiros Gustavo de Sousa e J. de Macedo, e os architectos Soller e Joel.

échappée des harems de Grenade est venue nous ensorceler sous les phosphorescences polychromes de ce salon mauresque.

Mais c'est surtout le grand escalier qui nous saisit d'admiration. Malgré l'étroitesse de la cage, il s'élance gracieusement vers un palier, d'où s'élevent, à leur tour, deux rampes latérales, conduisant au premier étage. Les murs du palier sont revêtus de marbre, et l'on dirait, à voir ses pilastres et corniches, patiemment taillées dans du granit azuré, porphyroïde, qu'elles ont été moulées dans quelque substance plastique, tellement c'est souple, en même temps que plein de richesse et de variété. Autour des écussons des villes du Portugal s'enlacent artistiquement des sujets de la flore et de la faune, en d'admirables ciselures qui excitent l'admiration des visiteurs, nationaux ou étrangers, attirés par les merveilleuses et célèbres sculptures en bois de l'incomparable *Église dorée*. La belle chose — nous disait dernièrement quelqu'un — que le monument qui se dresserait à la place de celui-ci, entièrement exécuté dans le genre de ce charmant morceau!

Hélas! On ne fait pas tous les jours des monuments impérissables! Que le monastère de Batalha, évocateur de notre indépendance, et celui des Hiéronymites, rappellant le souvenir de nos navigateurs, suffisent à nous consoler. Les vastes conceptions du génie d'antan ne se renouvelleront plus. Qu'importe! Vous trouverez encore au palais de la Bourse de quoi l'ennoblir: de la grandeur et de la richesse. Cette construction atteste, en outre, le mérite exceptionnel des artistes portugais et l'initiative féconde et désintéressée des commerçants de Porto.

Noble exemple de vertu civique que ce monument érigé dans le cœur des gens, avant de l'avoir été, à poids d'or, sur les ruines d'un monastère.

João d'Oliveira Ramos.

Torre de Belem

HEGAR a Lisboa, entrando a barra do Tejo em manhã clara de primavera, é gozar espectaculo surprehendente e grandioso, que raro competidor encontrará em todo o mundo. E logo no adito do vastissimo porto, limitando-o bem da bacia anterior ou antes largo braço de mar que de *Entre Torres* vae até Pedrouços, surge uma joia de pedra, enlevo de estrangeiros, orgulho de nacionaes: é a fortaleza de S. Vicente de Belem, ou mais correntemente a *Torre de Belem,* primor de architectura, ordenada por D. João II, debuxada por Garcia de Rezende, e construida por D. Manoel. Como estes tres nomes symbolisam uma época, e como elles, só por si, nos dão ideia do que deveria ser a obra, projecto d'um politico prudente, invenção d'um artista da Renascença, realidade d'um monarcha faustoso!

Edificada sobre rochas quasi a um terço no rio, destinaram-n'a a cruzar os seus fogos com a *Torre Velha,* obra de D. João I na terra da Outra Banda. Com o andar dos tempos o espaço que medeava entre ella e a margem direita, foi-se assoreando, para o que mais concorreu a construcção do forte do Bom Successo, annexo á Torre, e tornado necessario pelos progressos da artilheria que a fortaleza manuelina não comportava. Ha quarenta annos ainda se passava, em barcos pequenos e com maré cheia, pelo norte da Torre. Os recentes trabalhos do porto de Lisboa completaram a acção natural, e hoje a joia de pedra, que não é já praça forte, mas que é sempre preciosissima obra de arte, ostenta toda a sua belleza em terra firme, na esplendida entrada maritima da nossa capital.

Observemos a photographia. A situação em que foi tirada, mais facilita vêr que a formosa construcção comprehende dois corpos distinctos. O principal, banhado pelo rio, é especialmente a fortaleza, e apresenta duas baterias: uma acasamatada, á flôr d'agua, com quinze canhoneiras; a outra, superior a esta, em espaçosa plataforma, onde se montavam sete peças, toda cercada de ameias em fórma de escudos com a cruz de Christo, e ostentando nos cantos elegantes guaritas de cupula em gomos. Ao meio da plataforma está a abertura da escada que dá serventia á bateria inferior. Como em outras construcções manuelinas, ha alli não sei que vagas reminiscencias de navio: as ameias recordam o empavezamento d'uma galé, e aquella abertura, rodeada por grade de pedra, tendo nos cantos quatro columnas coroadas por espheras armillares e nos intervallos pyramides de lavores variados, dá ideia da escotilha d'uma nau, communicando da largueza da alcaçova dos bombardeiros para o negrume do porão.

Pelo lado do norte da plataforma ergue-se a torre propriamente dita, na qual se contam quatro pavimentos. No primeiro está a *sala regia,* quadrada, abrangendo todo o vão da torre, e cujo tecto é em abobada elliptica, dando origem a um phenomeno acustico analogo ao que se observa na famosa *galeria do segredo* da Cathedral de S. Paulo, em Londres; a sala tem portas para a varanda que deita ao sul, resaltando da parede, firmada em cachorros, coberta por sete arcos apoiados em oito columnas rendilhadas, e que é um dos mais primorosos trechos de toda a fabrica. Na sala do segundo andar notam-se duas janellas, para o sul, entre as quaes está o escudo real, e a cada um dos lados extremos d'ellas as divisas de D. Manoel. O terceiro pavimento é o adarve, ameiado com as cruzes de Christo, e todo em roda sustentado por cachorros; a sala é de abobada abatida, toda em artezões. Finalmente dominando o edificio está o eirado superior, com ameias singelas e guaritas do mesmo desenho da plataforma.

D'alli se goza panorama extenso; e na tranquillidade do ar e transparencia do céo, quantas recordações historicas nos acodem á memoria! A joia de pedra foi prisão do estado; alli morreu, victima do Filippe, D. Pedro da Cunha, leal partidario do Prior do Crato; alli estiveram encarcerados o duque de Caminha, o marquez de Villa Real e outros conspiradores de 1641. Mais recentemente a Torre foi honrada aposentadoria d'um heroe da liberdade, o duque da Terceira, que a limpou de construcções adventicias, restituindo-a á sua belleza primitiva.

Hoje em dia a obra prima affronta-se com a visinhança do gazometro; ao menos a photographia não deixa vêr essa monstruosidade...

Tour de Belem

'entrée du port de Lisbonne, par une claire et fraîche matinée de printemps, en remontant le Tage, est un spectacle saisissant et inoubliable, peut-être sans pareil au monde.

Au bout du large bras de mer qui s'étend d'Entre Torres à Pedrouços et précède le vaste bassin du port, se lève une merveille d'architecture qui charme le regard des étrangers et fait l'orgueil des portugais. C'est la forteresse de Saint Vincent de Belem ou plus vulgairement la Tour de Belem; véritable joyau de pierre, commandé par D. Jean II, tracé par Garcia de Rezende, et bâti sous D. Manuel; trois noms qui à eux seuls symbolisent une époque et nous donnent bien l'idée de ce chef d'œuvre, projeté par un politique consommé, conçu par un artiste éminent de la Renaissance, et realisé par un monarque fastueux.

Édifiée sur des rochers à un tiers à peu près de la largeur du fleuve, elle fut primitivement destinée à un fort dont les feux se seraient croisés à ceux de la *Torre Velha,* construite sous D. Jean I sur la rive gauche du Tage. Il y a quarante ans, et en haute mer, on passait encore en bateau au nord de la Tour; mais la construction des batteries de Bom-Successo et les travaux plus récents du port de Lisbonne ont fini de combler l'intervalle qui la séparait de la rive droite. Aujourd'hui la Tour, qui n'est plus une place forte, est assise sur terre ferme, décorant comme œuvre d'art du plus grand mérite la splendide entrée maritime de notre capitale.

Un coup d'œil jeté sur la photographie nous montre deux corps parfaitement distincts, dont le principal, baigné par les eaux du fleuve, est la forteresse. Il se compose de deux batteries dont une, casematée, à fleur d'eau, est munie de quinze cannonières; l'autre est formée par une spacieuse plateforme, comptant à peine sept canons, entourée de créneaux écussonnés de la croix du Christ et flanquée aux quatre coins d'élégantes tourelles à dôme cannelé. Au centre de cette plateforme se trouve l'escalier donnant accès à la batterie inférieure, dont l'ouverture, entourée d'une balustrade en pierre ornée de colonnes couronnées par des sphères armillaires et de pyramides aux dessins variés, rappelle vaguement l'écoutille d'un vaisseau, et le brusque passage de la pleine lumière du pont aux noires profondeurs de la cale.

C'est au nord de cette plateforme que se dresse la Tour proprement dite, à quatre étages. Au premier, la salle royale carrée (sala regia) occupe toute la largeur et la longueur de la tour; le plafond en voûte ellipsoïdale produit un phénomène d'acoustique semblable à celui que l'on observe dans la galerie du secret de l'Église St. Paul à Londres. Cette salle donne sur un balcon tourné au midi, appuyé sur des consoles et recouvert de sept arceaux que soutiennent huit colonnes ouvragées; c'est là, sans aucun doute, un des meilleurs morceaux de l'ensemble. Le vaste salon du deuxième étage est percé de deux fenêtres, separées par l'écusson royal et flanquées des devises du roi D. Manuel. Au troisième se trouve un passage extérieur, entouré de créneaux à la croix du Christ; le plafond de la salle est en voûte d'arêtes surbaissée. Enfin, couronnant l'édifice, une jolie terrasse crenelée et flanquée aux quatre coins de tourelles du même style que celles de la plateforme.

De là on aperçoit un panorama étendu et admirable; combien de souvenirs cet air tranquille et ce ciel transparent ne font-ils pas revivre dans notre mémoire! Cette merveille artistique fut autrefois prison d'état; là s'est éteint, victime de Philippe, D. Pedro da Cunha, loyal partisan du Prieur du Crato; le duc de Caminha, le marquis de Villa Real et d'autres conspirateurs de 1641 y ont été emprisonnés; et plus récemment encore, elle fut la demeure honorée d'un héros de la liberté, le duc da Terceira, qui lui a rendu sa beauté primitive en supprimant quelques constructions malencontreusement ajoutées.

Le voisinage d'un gazomètre gâte tout l'effet de ce beau monument, mais heureusement la photographie ne le laisse pas apercevoir.

Monumento a Camões

De D. Manoel a Camões é facil a transição; Belem e os Lusiadas são as grandes obras primas do periodo dos nossos esplendores ultramarinos. Mas se se póde descrever em algumas palavras, sem duvida incompletas, a obra de pedra, fallar de Camões é difficuldade maxima, sobretudo quando o espaço é restricto. Ha para cada nacionalidade, como para cada individuo, nomes tão intimamente ligados ao que de mais sagrado temos no escrinio dos nossos sentimentos, que se nos afigura profanação pronunciar esses nomes sem desenvolvida mostra do preito que lhes é devido. Por certo do povo portuguez grande parte não saberá muito do Poeta; mas quando um dia o seu tricentenario foi celebrado, não póde negar-se que o que d'elle lhe disseram nos livros, nos jornaes, nas conferencias, o commoveu profundamente e lhe deu o vislumbre do que fôra o cantor das nossas glorias. Os que lêem, os que podem entender os Lusiadas, os que têem alma para amar com a «*alma gentil*», e lagrimas para chorar com o que teve a vida «*por o mundo em pedaços repartida*», esses, ou sejam filhos da abençoada terra que produziu tal homem, ou sejam estranhos que o admiram, sentem por Camões a profunda veneração, prestam-lhe o quasi culto que impõe a obra dos espiritos creadores.

D'esse culto são manifestações externas as edições cuidadas, os commentarios esmerados, as medalhas, os bustos, as estatuas. Commentarios e edições têem-n'as tido as obras do poeta, primorosas muitas, todas provando admiração pelo trabalho immortal; a *Camoneana* é já hoje extensissima, e não se passa um anno sem que novas riquezas venham augmentar o thesouro. Não succedeu, porém, o mesmo quanto ás estatuas; e, se bem que em 1817 o marquez de Marialva, então ministro de Portugal em Paris, e D. José Maria de Sousa (o morgado de Matheus da famosa edição dos Lusiadas), lançaram a ideia de um mausoleu, foi só nos nossos dias que finalmente se pagou essa divida sagrada.

A meio de uma das arterias que da beira-rio conduz á parte alta de Lisboa, foi aberta, ha algumas dezenas de annos, não muito ampla praça em local anteriormente conhecido por — *os casebres do Loreto* — denominação que bem indica as velhas ruinas que alli se amontoavam. Deu-se ao local o nome de *praça de Luiz de Camões,* e foi desde logo destinado para n'elle se erguer a estatua do Poeta. Por iniciativa do esculptor portuguez Victor Bastos correu a subscripção publica; em 1862 foi lançada a primeira pedra, e em 1867 era inaugurado solemnemente o monumento, de principio rodeado por grades, que mais tarde foram removidas.

Consta o pedestal de uma construcção oitavada, toda de fino calcareo branco, assente sobre tres largos degraus. Os angulos do pedestal sustentam plinthos, que servem de supporte ás estatuas dos seguintes escriptores e homens de sciencia, antecessores ou contemporaneos de Camões: Fernão Lopes, Jeronymo Côrte Real, Pedro Nunes, Castanheda, Sá de Miranda, Azurara, Mausinho de Quebedo, João de Barros; são oito bellas figuras, medindo cada uma 2^{m},40 de alto, todas cinzeladas em marmore por Victor Bastos, que servem assim de glorioso cortejo ao gloriosissimo vulto que as domina.

Este representa o Poeta, mas não esquece o soldado; por isso o mostra empunhando a espada valente com a mão direita, ao passo que a esquerda aperta de encontro ao peito o poema immortal; a fronte descoberta, cingida pela corôa de louros, reproduz o conhecido retrato que passa por authentico; do hombro esquerdo pende a capa, cujas dobras vão pousar aos pés do Poeta sobre alguns livros e uma meia armadura. Na base do pedestal lêem-se estas inscripções: na frente — A Luiz de Camões —; e na parte opposta — Por subscripção auxiliada pelos poderes publicos inaugurada em 9 de outubro 1867 —.

Por cima da primeira d'estas inscripções e entre os plinthos de duas das figuras do pedestal, foi collocada, por occasião das festas do centenario, uma corôa de bronze atravessada por uma fita onde se lê — A Camões, os estudantes em 1880 —.

As festas do centenario, tão significativas, tiveram como natural centro de homenagem o monumento a Camões. A glorificação publica não lhe chegou cedo, não; mas quando veiu, foi unanime e brilhantissima.

Monument à Camoëns

De D. Manuel à Camoens la transition est facile; Belem et les Luziades sont les deux grands souvenirs de nos grandeurs passées.

Il est toutefois plus facile de décrire un monument qu'une personnalité comme Camoens, et il y a une sorte de profanation à en parler lorsque, faute de temps ou d'espace, on ne peut lui rendre tous les hommages qui lui sont dus.

Méconnu pendant sa vie, il s'est passé de longues années avant que le peuple portugais ait pu apprécier toute la grandeur et la sublimité de son œuvre immortelle; cependant, en 1880, lors des fêtes du tricentenaire du Poète, il est incontestable que la profusion de livres, de journaux et de conférences a puissamment agi sur les plus ignorants et leur a donné un soupçon du mérite de celui qui avait été le chanteur de nos gloires; ceux qui lisent et qui ont pu comprendre son incomparable génie, qu'ils soient étrangers ou nés sur notre sol béni, l'ont admiré et lui ont rendu le culte dont il est digne.

Ce culte s'est manifesté par un grand nombre d'éditions soignées, de commentaires savamment étudiés, de médailles, de statuettes, de bustes, etc.; l'œuvre du Poète compte beaucoup d'éditions, quelques unes de grande valeur et montrant bien l'admiration de ses compatriotes. La *Camoneana* est très vaste et augmente considérablement d'année en année.

Cependant tout cela paraissait insuffisant et ce n'est que de nos jours que le Portugal s'acquitta de la dette sacrée de lui élever un monument, quoiqu'en 1817 le marquis de Marialva, notre embassadeur à Paris, et D. José Maria de Sousa aient eu l'idée de faire construire un mausolée.

Dans un des principaux quartiers de Lisbonne, à l'endroit où existait autrefois un amas de ruines connues sous le nom de *Masures du Loreto,* on a ouvert une petite place à laquelle on a donné le nom de place Louis de Camoëns et qui fut aussitôt destinée à une statue du Poète.

La construction du monument, dont les frais furent couverts par souscription publique, initiée par le sculpteur Victor Bastos, exigea cinq années; l'inauguration solennelle eut lieu le 9 octobre 1867. Il était entouré d'une grille en fer qui fut enlevée plus tard.

Le piédestal en marbre blanc, de forme octogonale, repose sur trois larges marches. Aux angles de ce piédestal, huit plinthes servent de support aux statues de quelques écrivains et hommes de science, devanciers ou contemporains de Camoens: Fernão Lopes, Jeronymo Côrte Real, Pedro Nunes, Castanheda, Sá de Miranda, Azurara, Mausinho de Quebedo, João de Barros. Ces belles figures en marbre, mesurant 2^{m},40 de hauteur, sont dues au ciseau de Victor Bastos et servent de cortège glorieux au génie, plus glorieux encore, qui les domine.

La statue du Poète ne laisse pas le soldat dans l'oubli. Elle le représente l'épée à la main droite, tandis que la gauche presse sur le cœur son immortel ouvrage; le front découvert, ceint de laurier, reproduit le portrait bien connu qui passe pour être authentique; de l'épaule gauche descendent les plis d'un manteau jusqu'aux pieds du Poète, sur quelques livres et une cuirasse.

Sur la base du piédestal on lit les inscriptions suivantes: À Luiz de Camões — Par souscription publique aidée par le gouvernement — inaugurée le 9 octobre 1867.

En face du monument, sur le piédestal, on voit une couronne de bronze ceinte d'un ruban sur lequel on lit: À Camões, les étudiants en 1880.

Les fêtes du centenaire, dont le but principal était le monument à Camoens, eurent la plus haute signification. L'hommage et la glorification publiques arrivèrent assez tard, mais ils furent brillants et unanimes.

Le Rocio de Lisbonne

Il n'y a pas de ville, de village ou de hameau qui n'ait son centre de vie, son point de réunion d'où sortent toutes les conversations, où se colportent toutes les nouvelles importantes.

Lorsque au xvme siècle Lisbonne commença a s'étendre du côté occidental, il y avait entre la vieille et la nouvelle cité un vaste emplacement nommé le Rocio, qui dans ce temps-là avait déjà la

O Rocio de Lisboa

Não ha cidade, villa, ou simples logarejo de aldeia, qne não tenha o seu centro de vida, local de attracção, onde convergem e d'onde dimanam os diversos movimentos d'uma agglomeração de homens; assim como da antiga Roma se dizia que d'ella partiam as estradas que iam até aos confins do mundo, do mesmo modo em cada povoação se póde indicar um ponto d'onde irradiam todas as arterias que em diversas direcções a sulcam. Por isso quando a Lisboa arabe se alargou para fóra da sua apertada cêrca, e conquistando as aguas do esteiro que a banhava pelo occidente, começou a trepar a collina fronteira, ao meio das duas cidades, a medieval e a que póde dizer-se da Renascença, deixou espaçoso terreiro que já no seculo XV tinha fama de ser das «mais luzidas e alegres praças do reino». Desde então o *Rocio* (nome commum a outras praças, e cuja origem tem dado que fazer a philologos), foi ponto obrigado de reuniões de diversa natureza, theatro de mui importantes acontecimentos historicos, e séde de edificios notabilissimos; basta lembrar que um dos lados do parallelogrammo irregular do antigo Rocio, o do nascente, era formado pelo Convento de S. Domingos e pelo Hospital de Todos os Santos, ao passo que no topo, onde hoje está o theatro, se erguia o celebre *Paço dos Estaos,* ou aposentadorias reaes.

Veiu o terramoto, esse cataclysmo que tem de ser lembrado sempre que se falla de Lisboa, e arrasou quasi tudo. Na reconstrucção pombalina o Rocio foi alargado e regularisado, indo desembocar n'elle as duas grandes ruas que o haviam de pôr em communicação com o Terreiro do Paço. Sabido é que não foi de grandes pompas architecturaes o risco adoptado para os novos predios da Baixa; tratava-se de construir depressa, mas solidamente. Tem-se censurado a uniformidade obrigada; não sabemos se com razão, pois a variedade que hoje já se vae vendo, não é por certo mais artistica. O novo Rocio não foi, ainda assim, feito d'um só jacto, e até as construcções particulares do quarteirão occidental, entre a calçada do Carmo e o largo de Camões, em terrenos da casa Cadaval, só foram feitas depois de 1838. Tambem o empedrado central, de mosaico, com a delimitação das ruas que actualmente circumdam a praça, é obra ainda mais recente, pois começou em 1848; é singular o desenho do calcetamento, ás ondas, brancas e negras, o que a pessoas de mais afinados nervos chega a causar tonturas; ao meio da facha oriental da praça o mosaico apresenta este letreiro: «$158^{m},4 \times 55^{m} = 8712^{mm}$», e na parte correspondente do outro lado «$72^{b} \times 25^{b} = 1800^{bb}$»; são as dimensões da parte da praça calçada a mosaico, em metros e em braças.

Ao vasto terreiro foi dado em 1836 o nome de *Praça de D. Pedro IV,* mas continúa a ser conhecido pela antiga denominação de *Rocio.* Alli é o centro da vida lisbonense; alli se cruzam em horas diversas as diversas ondas do movimento da cidade: de manhã o mundo dos vendilhões e serviçaes que se dirige á visinha Praça da Figueira; mais tarde a multidão commercial, burocratica e politica, que invade a Baixa e se agglomera no Terreiro do Paço; ao declinar do dia o enxame da elegancia, que vae *fazer a Avenida,* perdoe-se a trivial expressão. Do Rocio, erguendo os olhos a um e outro lado, podem vêr-se as duas mais bellas ruinas de Lisboa: no alto da collina oriental o castello romano-arabe, na collina opposta as ogivas da egreja do Carmo; ambas recortando-se no azul purissimo, ambas evocando tradições tão soberbas. E mais abaixo revoam bandos de pombas, que fazem seu ninho nos telhados do theatro.

O *theatro de D. Maria II,* que a nossa photogravura mostra quasi todo, é o mais formoso ornamento do Rocio. Erguido no local do Palacio da Inquisição, que substituira o antigo Paço dos Estaos, ostenta a sua pura fachada de estylo jonico, toda de liós ou calcareo branco, e de marmore côr de rosa no liso das paredes; ao meio avulta o elegante portico de seis columnas, encimado por um frontão triangular, em cujo vertice domina a estatua de Gil Vicente, o pae do theatro portuguez, modelada pelo professor Assis, da Academia de Bellas-Artes, e nos dois extremos as figuras de Melpomene e Thalia, as Musas da Tragedia e da Comedia, obra do mesmo professor e do seu collega Fonseca. No tympano observa-se o grupo de Apollo com as sete restantes Musas, desenhado por Fonseca e executado pelos alumnos da Academia. A fachada principal é ainda ornada com outras esculpturas, todas de artistas nossos. Forneceu o risco o architecto italiano Fortunato Lodi; e a obra, começada em novembro de 1842, foi inaugurada em 13 de abril de 1846, anniversario da Rainha D. Maria II, representando-se o

réputation d'être — *la plus belle et joyeuse place du royaume* —, et qui devint plus tard le théâtre de beaucoup d'événements historiques; elle était entourée d'édifices considérables, tels que le Palais de l'Inquisition, le couvent de St. Dominique, l'hôpital de Tous les Saints, etc.

Le tremblement de terre de 1755, ce cataclysme inoubliable lorsque l'on parle de Lisbonne, détruisit tout cela, et lors de la reconstruction de la ville par le marquis de Pombal, le Rocio fut agrandi, régularisé et relié par deux larges voies à la Place du Commerce (Terreiro do Paço).

L'uniformité de ses constructions a été plusieurs fois critiquée par les architectes modernes, mais la variété actuelle n'est guère plus artistique. Les édifications du côté occidental ne datent que de 1838 et le curieux travail de mosaïque en pierre du centre de la place est encore plus récent, car il n'a été commencé qu'en 1848. Ce pavage en ondulations noires et blanches est d'un dessin original.

Le Rocio, dont le véritable nom est — Place de D. Pedro IV —, est le centre de toute la vie de Lisbonne; le voisinage du marché central (Praça da Figueira) y attire le matin tous les domestiques et les marchands ambulants qui vont faire leurs provisions journalières; plus tard c'est la cohue des commerçants, des fonctionnaires et des politiques se rendant au *Terreiro do Paço,* siège de tous les ministères, de la Douane, etc.; vers l'après midi c'est la foule élégante et désœuvrée qui se rend à l'Avenue (Avenida da Liberdade) pour la promenade quotidienne.

Des deux côtés de la place, en levant les yeux, on voit les deux plus belles ruines de Lisbonne, celles du château romain-arabe, nommé le château St. Georges, et les ogives de l'ancienne église du Carmo; plus bas des nuées de pigeons qui se nichent dans les toits du théâtre.

Le théâtre de D. Maria II, que notre photographie montre presque complètement, est le principal ornement du Rocio. Élevé à la place de l'ancien Palais de l'Inquisition, sa façade, en marbre rose et blanc, est du plus pur style jonique; au centre est un beau portique à six colonnes, dont le fronton est surmonté de la statue de Gil Vincent, le fondateur du théâtre portugais, due au ciseau du prof. Assis; aux angles Thalie et Melpomène, et sur le tympan un beau groupe formé par Apollon et les sept autres muses, modelés par Assis et Fonseca. Les travaux, dirigés par l'architecte Fortuné Lodi, terminèrent en 1846, au bout de quatre années; l'ouverture eut lieu le 13 avril, avec le drame patriotique *Magriço.*

Au centre de la place se dresse la statue de l'empereur D. Pedro IV, sur une belle colonne à chapiteau corinthien, reposant sur un embasement en granit de Porto; la base du piédestal est décorée de quatre figures assises, la Justice, la Prudence, la Force et la Modération, et sur les panneaux sont les écussons des seize principales villes de Portugal, ainsi que l'inscription — À D. PEDRO IV — LES PORTUGAIS, 1870.

La statue en bronze mesure $3^{m},10$ et la hauteur totale du monument est de 27 mètres; le plan, de Robert et de Davioud, a été entièrement éxécuté par des artistes portugais.

La place D. Pedro a été embellie dernièrement par deux fontaines monumentales.

Gare centrale

À deux pas du Rocio se trouve la gare centrale des chemins de fer, placée à l'endroit le plus fréquenté de la ville.

Un immense tunnel ayant son point de départ derrière la gare et aboutissant à un faubourg nommé Campolide, a été percé sous la haute colline occidentale de Lisbonne. Commencé en 1888, il fut inauguré le 8 avril de l'année suivante, de même que la vaste gare construite à l'emplacement de l'ancien palais du duc de Cadaval.

L'habile architecte José Luiz Monteiro s'inspira des motifs de l'architecture du temps de D. Manuel en les adaptant autant que possible à une construction de genre moderne, problème assez difficile à résoudre lorsque on désire que l'œuvre ait un cachet quelque peu artistique.

Les deux portes principales par leur courbure originale donnent l'idée de l'entrée d'un tunnel. Le travail de la façade est entièrement en marbre blanc des environs de Lisbonne et en calcaire tendre de Batalha, que les marbriers portugais sont très habiles à ciseler et qui se prête fort bien à la décoration.

drama patriotico — *O Magriço* —. Para esta construcção muito concorreu Almeida Garrett, o restaurador do theatro nacional.

O Rocio foi o local escolhido para n'elle se erguer o monumento consagrado ao auctor do facto mais notavel da historia da sociedade portugueza no seculo que findou: o regimen constitucional. Consta elle de uma arrojada columna cannellada, de capitel corinthio, assente em amplo pedestal, e encimada pela estatua do Dador da Carta. São de marmore branco a columna e o pedestal, e este pousa sobre um embasamento de granito, trazido do Porto, para que d'esta fórma tivesse seu quinhão no monumento a cidade que fôra o baluarte da Liberdade. Aos quatro cantos do pedestal ostentam-se figuras colossaes, sentadas, representando a Justiça, a Prudencia, a Moderação e a Fortaleza. Entre ellas correm os brazões das dezeseis principaes cidades de Portugal, e por cima d'estes, em quatro paineis, as inscripções do monumento, das quaes a correspondente á frente da estatua diz: — A D. Pedro IV, os Portuguezes, 1870 —. A estatua é pedestre, fundida em bronze, e tem $3^m,10$ de altura, sendo de 27^m a de todo o monumento. O desenho d'este é dos artistas francezes Robert e Davioud, cujo projecto foi preferido no concurso; duas das figuras da base são obra de esculptores portuguezes, e a execução de toda a obra de canteiro foi confiada a Germano de Salles.

Ultimamente a Praça de D. Pedro foi dotada com duas fontes monumentaes, de ferro fundido, realisando-se assim uma lembrança pela qual muito pugnou o snr. Visconde de Castilho, o erudito auctor da *Lisboa Antiga*.

Estação Central

A dois passos do Rocio encontra-se a estação principal dos caminhos de ferro, cuja construcção veiu collocar no centro da cidade a testa das suas communicações acceleradas, que anteriormente estava n'um dos extremos, em Santa Apollonia, junto ao Tejo. Para se realisar esse melhoramento foi necessario perfurar na grande collina occidental de Lisboa extenso tunnel que, no arrabalde, começa em Campolide, e vae desembocar quasi ao sopé da encosta sobranceira á actual Avenida da Liberdade. A obra começou em 1888, e o tunnel foi inaugurado em 8 de abril do anno seguinte. Era seu natural complemento a estação que n'aquelle anno estava já muito adiantada, construida em terrenos onde antes havia um palacio da casa Cadaval e outros predios; pouco depois começou a funccionar a parte das edificações que a nossa photogravura representa.

Obra do nosso tempo, teve ella de luctar com a difficuldade do problema que apresentam todas as obras congeneres: encontrar estylo, igualmente apropriado e artistico, para um edificio de fins essencialmente modernos. Ha por esse mundo fóra estações monumentaes de caminhos de ferro: umas imitam castellos medievaes, outras cathedraes gothicas, outras ainda palacios do Oriente... e em todas se mostra um não sei quê de destoante, que por vezes chega a ser risivel.

Para o risco da nossa Estação Central procurou o habil profissional Luiz Monteiro motivos na architectura, ou melhor, na ornamentação chamada manuelina, adaptando-os, quanto possivel, ás necessidades da construcção; mas as duas portas principaes, pela sua curvatura, dão a ideia das duas boccas do tunnel, e imprimem assim o caracter moderno á perspectiva. As primeiras fiadas da cantaria são de liós branco dos arredores de Lisboa; d'ahi para cima foi empregado o calcareo da Batalha, muito facil de cinzelar, e foram canteiros educados na escóla do famoso monumento que fizeram aquelles rendilhados e lavores, na verdade agradaveis á vista. Tem sua elegancia o pequeno torreão central, do relogio; por baixo d'este observa-se um medalhão com o busto de Stephenson, o inventor da locomotiva. E por cima da janella central do primeiro pavimento estão os bustos de El-Rei D. Luiz e de Fontes Pereira de Mello, o ministro que iniciou os caminhos de ferro em Portugal.

Esta fachada deita para um largo chamado do *Camões;* observe-se que tal nome não se refere ao grande Poeta, mas sim a um corregedor do bairro do Rocio, do seculo XVIII, a quem deram a gloriosa alcunha.

Lisboa — Abril de 1902.

Vicente Almeida d'Eça.

Le petit clocheton central de l'horloge est assez élégant; au dessous est un médaillon au buste de Stephenson, l'inventeur de la locomotive, et plus bas sur les fenêtres du premier étage les bustes du roi D. Luiz et du ministre Fontes Pereira de Mello, l'introducteur des chemins de fer en Portugal.

Cette façade donne sur une petite place appelée Camoëns, qui toutefois n'a rien de commun avec le grand Poète; c'était le surnom d'un ancien maire de ce quartier.

Lisbonne — Avril 1902.

Vicente Almeida d'Eça.

O mosteiro de Alcobaça



Como quasi todos os monumentos monasticos portuguezes, tem o mosteiro de Alcobaça uma serie de curiosissimas lendas em que pretende envolver-se a sua fundação. Não faltam nas velhas chronicas motivos de extraordinario assombro indispensaveis a certos arroubamentos de fé.

Referidos os mais notaveis no anterior artigo sobre Alcobaça pouco mais resta para dizer, e esse pouco sem caracteres que mereça a pena referir.

Chegados a Alcobaça os enviados de D. Bernardo de Claraval, e escolhido o local onde havia de levantar-se o futuro monumento da fé christã, installam-se n'um pequeno eremiterio de rapida construcção, com a invocação de Santa Maria de Alcobaça, mudada mais tarde, por 1647, para a de Nossa Senhora da Conceição.

Inauguram-se os trabalhos da nova abbadia entre os annos de 1153 e 1154. Do grande instituto cisterciense de Claraval vieram certamente os monges architectos que tracejaram a nova construcção, semelhante ao que já se tinha feito com as abbadias de Altenberg e Maulbroun, e muitissimas outras em terras propriamente francezas. É que tanto Claraval como Cluny foram das escólas mais importantes dos tempos medievaes, e das poucas que produziram os grandes mestres que ou levantaram ou indirectamente concorreram para cathedraes como as de Colonia, Bruxellas, Autuerpia, Notre Dame, ou oias architectonicas como os municipios de Bruxellas e Louvain.

A architectura, ao tempo, era mesmo uma arte sagrada só ou quasi só exercida dentro dos claustros. As grandes cathedraes e abbadias medievaes, repetidas por todos os paizes da christandade n'uma frequencia que assombra, constituem seguras escólas de progresso onde a emulação desempenhava um extraordinario factor.

A Hespanha, França, Belgica, Italia e ainda uma grande parte da Allemanha estão semeadas d'esses monumentos onde um bom criterio póde estudar a marcha dos diversos estylos architectonicos, e muito especialmente do gothico.

O gothico vi eu, por vezes, como elle desabrochou e cresceu, na rapida visita que fiz ás principaes cathedraes francezas, belgas e allemãs, desde a receosa e inicial quebra do arco romano, até ás pujantes ogivas de Colonia, Autuerpia, Bruxellas e Rouen.

De Claraval, portanto, viriam para Alcobaça os primeiros architectos e porventura uma grande colonia de auxiliares, porque só assim se explica a construcção relativamente rapida da egreja. É ella de um gothico simples e suave. Levanta-se n'uma ungente simplicidade, de esguios e nobres pilares, supportando o peso das abobadas, largas mas graciosas, que se desdobram em tres naves.

Abre-se o cruzeiro cheio de luz, coada por largas rosaceas e janellas, e a capella-mór circumdada de *charola* fecha o fundo apenas roto por esguias e delicadas janellas, que dão para o abside de arrojados botaréus. Pujante frontaria de nobre e vasto portal, correndo lisa, apenas rota por lindissima rosacea e encimada por duas torres quadrangulares, truncados campanarios receosos de, com suas arestas, offenderem a vastidão do espaço. Curiosissima fórma que pouco depois se havia de transformar em arrojadissimas agulhas por onde, como em religiosos para-raios, se escoavam para os pés de Deus as orações e supplicas dos homens.

Em 1220, 20 de outubro, sagra-se o novo templo com pompa e riquezas nunca vistas. E como elle seria formosissimo no seu isolamento, cercado apenas por modestas e rapidas construcções, entre montanhas mal desbravadas cobertas de arvores pujantes e seculares.

Desde então progride mais vagarosamente a serie de construcções annexas, mal estudadas, é certo, mas ainda retardadas por muitos milhares de pequenos acabamentos que haviam de dar ao templo toda a sua formosura.

Está feito o templo. É indispensavel agora adquirir importancia, obter privilegios, ganhar popularidade, ser um grande da côrte. E tudo isso se faz. A influencia abbacial junto dos reis, leva alguns monarchas a escolherem Alcobaça para sua jazida. Alli são sepultados D. Affonso II, D. Affonso III, D. Pedro I e as respectivas rainhas.

Le monastère d'Alcobaça



L'origine du monastère d'Alcobaça ainsi que celle de tous les édifices religieux en Portugal, est enveloppée d'une série de légendes plus ou moins curieuses. Les anciennes chroniques sont pleines d'étonnantes et d'extraordinaires histoires, nécessaires et même indispensables dans ce temps-là aux épanchements de la foi.

Les plus remarquables ayant été racontées dans notre dernier article à propos d'Alcobaça, il ne nous reste presque rien à dire d'intéressant sur ce sujet.

Lorsque les émissaires de D. Bernard de Clairvaux arrivèrent à Alcobaça, après avoir choisi l'emplacement où devait s'élever ce monument de la foi chrétienne, ils s'installèrent dans un petit ermitage bâti à la hâte, alors sous l'invocation de Sainte Marie d'Alcobaça et plus tard, en 1647, sous le patronage de Notre Dame de la Conception.

Les travaux de la nouvelle abbaye furent inaugurés vers les années de 1153 à 1154. Les moines architectes qui commencèrent la construction, de même que ceux qui avaient bâti les abbayes d'Altenberg, de Maulbroun et de beaucoup d'autres en France, nous semblent être venus de l'ancien foyer cistercien de Clairvaux. Ainsi que Cluny, Clairvaux a été une des écoles les plus importantes du moyen-âge. De ces écoles sont sortis les grands maîtres qui érigèrent ou aidèrent puissamment à bâtir les cathédrales de Cologne, de Bruxelles, d'Anvers et de Notre Dame de Paris, et les Hôtels de Ville de Bruxelles et de Louvain, qui sont de véritables merveilles artistiques.

L'architecture à cette époque était un art sacré, presque exclusivement cultivé dans les couvents. Les grandes cathédrales et abbayes du moyen-âge, répandues dans tous les pays de la chrétienté avec une admirable profusion, furent les plus profitables sources d'un progrès artistique, dû principalement à l'émulation d'artistes rivaux.

L'Espagne, la France, l'Italie, la Belgique et même une grande partie de l'Allemagne sont pleins de monuments de ce genre, dans lesquels un connaisseur peut étudier la marche des diverses écoles d'architecture, surtout dans le style gothique.

J'en ai souvent fait l'étude, j'ai vu son initiation et son développement dans la courte visite faite aux principales cathédrales françaises, belges et allemandes, en commençant par les ébauches primitives de l'arcade romaine, jusqu'aux ogives puissantes et hardies de Cologne, d'Anvers, de Bruxelles et de Rouen.

Les premiers architectes et probablement une grande colonie d'ouvriers, arrivèrent donc de Clairvaux, car on ne saurait expliquer autrement la construction relativement rapide de l'Église. Du plus simple et pur style gothique elle s'élève pleine d'onction majestueuse, avec ses piliers élancés et minces, supportant l'immense poids des voûtes larges et gracieuses qui se développent en trois nefs.

Le transept apparait en pleine lumière, tamisée par les grandes fenêtres et rosaces; le chœur, entouré de niches pour les saints, est à peine éclairé par d'étroites croisées donnant sur l'abside aux puissants arc-boutants. L'ample façade au noble et vaste portail, est simplement percée par une magnifique rosace et surmontée de deux tours carrées, dont les clochers aplatis semblent craindre de s'élever dans l'espace. Cette partie assez curieuse de l'édifice fut plus tard transformée en deux flèches assez élevées qui semblaient attirer les prières des hommes pour les faire descendre aux pieds de Dieu.

Le 20 octobre 1220, le nouveau temple fut sacré, avec une pompe et un faste inouis. Superbe dans son isolement, entouré à peine de quelques constructions modestes et provisoires, il se dressait fièrement au milieu de majestueuses montagnes couvertes d'arbres séculaires.

Cependant la construction de toutes les dépendances s'avançait très lentement; le plan était mal étudié et l'éxécution fut retardée par les travaux d'achèvement indispensables à l'embellissement du temple.

Lorsque la tâche fut achevée, il fallut acquérir de l'importance, obtenir des privilèges, gagner de la popularité; il fallut enfin avoir un nom à la cour. C'est ce que l'on fit; l'influence abbatiale près des rois, les conduisit insensiblement à choisir Alcobaça pour leur demeure préférée. Les rois D. Alphonse II, D. Alphonse III et D. Pierre I et les reines leurs épouses y sont inhumés.

Como consequencia muitos nobres imitam os reis, e n'uma das galerias do claustro de D. Diniz repetem-se inscripções de tumulos fidalgos, em bellos caracteres graphicos dos seculos XIII e XIV.

Fundado o mosteiro n'uma ancia de sumptuosa riqueza — n'um vago esquecimento das regras monasticas — começa a larga acquisição de terras, o estudo da povoação, o desenvolvimento da riqueza agricola.

Do profundo esquecimento e abandono — por parte dos portuguezes — por tudo o que não fôsse a guerra com os mouros, castelhanos ou leonezes, vinha a segurança e alargamento dos dominios, em cartas de doação muito bem fabricadas entre as horas do côro e do refeitorio, cartas que mais tarde, quando a administração do paiz fôsse problema a estudar e a resolver, haviam de trazer — como effectivamente trouxeram — muitas e extraordinarias resoluções.

A população crescia nos coutos, graças ás regalias dadas aos colonos vindos de longe, por vezes mesmo do estrangeiro, d'onde pouco a pouco traziam innovações e progressos nas diversas industrias do genero humano.

Quando a população attinge certa densidade legisla-se para ella. Dividem-se as terras em zonas, dá-se o *foral* ou *carta de povoação* a certo numero, criam-se nucleos que mais tarde se transformaram em formosas villas.

Com o fausto, producto das riquezas accumuladas, vem a ancia do poder, da soberania, e em breve se põe em evidencia toda a vaidade satisfeita. O abbade é o visitador geral da ordem em Portugal, e multiplica por isso a sua importancia sobre os mosteiros estranhos. E como isso era pouco, desdobra a communidade e funda outros mosteiros que usufruem os mesmos direitos e regalias. Era como que uma cruzada a seu favor, a favor da sua importancia.

O abbade escolhido entre os mais nobres, e porventura entre os mais intelligentes, insinua-se no espirito do rei, acalenta os favorecidos da côrte, e em breve é um grande do reino. Veste habito prelaticio, empunha baculo, tem assento em côrtes.

De titulo em titulo assigna o abbade de Alcobaça nos instrumentos publicos: — *D. Fr. F... abbade do real mosteiro de Alcobaça, esmoler-mór, donatario da corôa, fronteiro-mór, do conselho de El-Rei*, etc.

Alarga-se o seu poder a treze villas e tres portos de mar, é senhor de dois castellos: — o de Alcobaça e de Alfeizarão e tem os seus artifices isentos de ir á guerra.

Como reconhecimento do padroado real pagava o fôro annual de umas botas ou uns sapatos, segundo a vontade do monarcha, fôro que effectivamente foi pago até D. Affonso III, a quem um chronista de Alcobaça chama o *alliviador das botas*. D. João IV fez reviver essa curiosa e historica simplicidade, e durante alguns annos recebeu o extraordinario fôro.

As artes liberaes tomam largo desenvolvimento, e dentro do mosteiro empregam-se e dividem-se. As escólas internas, cujo *Regulamento*, impresso, é de um grande alcance e de um grande amor scientifico, manda ensinar as linguas classicas e sciencias liturgicas; e a physica, chimica e mathematica ordena muito especialmente que sejam ensinadas segundo a verdadeira sciencia, e não com falsas e más interpretações, que se ensinem as modernas theorias de maneira que os estudantes fiquem com seguros conhecimentos dos phenomenos e das coisas, porque esse conhecimento em nada importa para boa e sã religião.

A pintura, a esculptura, a ceramica, a marcenaria, etc., desdobram-se nas obras do mosteiro. É certo, porém, que nenhuma attingiu o mais seguro grau de perfeição, vista a proverbial pobreza artistica de tão fallado monumento.

*
* *

Voltemos, porém, ao mosteiro que deixei no seu inicio.

Levantada a egreja n'aquelle encanto intraduzivel, assim se tem mantido, com ligeiras variantes, como hoje a conhecemos.

Exceptuando o pavimento que se acha $0^m,60$ abaixo do actual, (uma especie de *pavimentum sectile*, não em marmore mas em azulejos de diversas fórmas e côres formando um delicado mosaico) a capella-mór e altares da primeira nave, tudo o mais se póde considerar sensivelmente intacto.

Naturellement les nobles suivirent l'exemple des rois, et dans une des galeries du cloître de D. Diniz on peut lire encore sur leurs tombeaux beaucoup d'inscriptions en caractères graphiques du XIIIme et XIVme siècles.

Le monastère institué sous l'idée systematique de parvenir à la richesse, commença par l'acquisition de vastes terrains, tout en étudiant la population et le développement de l'agriculture, mais laissant peu-à-peu dans un vague oubli la sevérité des règles monastiques.

Les portugais, occupés ailleurs par les continuelles guerres contre les maures, laissaient les moines à l'aise et en toute sécurité, sans surveillance d'aucune espèce; ceux-ci en profitèrent et entre l'heure de la prière et celle des repas ils surent organiser des lois, des lettres de donation tout à leur avantage, ce qui donna lieu à beaucoup de complications lorsque plus tard l'administration royale reprit la direction de ces affaires.

Dans les villages, la population croissait toujours, grâce aux avantages offerts aux colons venus de loin et même de l'étranger, qui peu-à-peu introduisirent dans plusieurs branches de l'industrie toute sorte d'innovations et de progrès.

Quand une population prend de l'essor, elle fait elle-même ses lois. On divisa les terrains en zones dont la concession fut donnée à quelques habitants, créant des centres qui plus tard devinrent des villes assez importantes.

Avec l'abondance de richesses accumulées vint l'ambition et le déploiement de l'orgueil et des vanités mondaines. L'abbé fut nommé supérieur général de l'Ordre en Portugal, ce qui lui donna de l'influence sur les couvents du voisinage. Et comme c'était encore peu, la communauté se dédoubla et se multiplia en fondant plusieurs autres monastères jouissant des mêmes droits et profits. C'était une véritable croisade qui augmenta considérablement son importance. L'abbé, élu d'entre les plus nobles et, autant que possible, les plus adroits et intelligents, sut s'insinuer dans l'esprit du roi, tout en flattant les favoris de la cour, et devint bientôt un des grands du royaume. Il revêtit toutes les dignités d'un prélat, empoigna la crosse épiscopale et eut son siége à la haute cour. De plus en plus favorisé, il finit par mettre sur les documents officiels la signature suivante: *D. Fr. F... abbé du monastère royal d'Alcobaça, grand aumônier, donataire de la couronne, gouverneur général, conseiller du Roi*, etc.

Son pouvoir s'étendit sur treize villes et trois ports de mer, et il fut le seigneur et maître de deux châteaux — celui d'Alcobaça et d'Alfazeirão; ses ouvriers et serviteurs furent exempts du service militaire.

En reconnaissance du patronage royal il payait l'impôt annuel d'une paire de bottes ou de souliers, selon la volonté du roi, impôt qui fut effectivement reçu jusqu'au règne de D. Alphonse III qui l'abolit, et fut pour cela surnommé par un ancien historien: *Alliviador das botas* (qui a supprimé les bottes).

D. Jean IV remit en vigueur cette ancienne coutume, d'une historique simplicité et pendant quelques années reçut encore ce curieux impôt.

Les arts libéraux prirent un développement immense et furent utilisés dans le monastère. Les écoles intérieures, dont le règlement imprimé était d'une haute portée scientifique, ordonnaient d'enseigner les langues classiques et les sciences liturgiques; la physique, la chimie et les mathématiques devaient être apprises d'après les vrais principes et non sous de mauvaises ou de fausses interprétations, enfin toutes les théories modernes seraient expliquées de manière à assurer une connaissance profonde des choses, sans toutefois empêcher les bonnes et saines pratiques de la religion.

La peinture, la sculpture, la céramique, l'ébénisterie, etc., furent exercées dans les travaux du monastère. Il est cependant visible, en constatant la pauvreté artistique du remarquable monument, qu'aucun de ces arts n'a réussi à atteindre la perfection.

*
* *

Mais revenons au monastère que nous avons laissé à son commencement.

L'église érigée dans ce site charmant n'a subi jusqu'à nos jours que de légères modifications. Si l'on excepte l'étage qui se trouve $0^m,60$ plus bas que l'actuel, une espèce de *pavimentum sectile* en

Á volta da egreja alargam-se as construcções por necessidade e commodidade.

D. Affonso II manda fazer uma espaçosa gallilé para collocação dos tumulos reaes, no mesmo logar em que hoje está a *sala dos reis*. Effectivamente para alli vão alguns reis, rainhas e infantes da primeira dynastia, exceptuando D. Pedro I e D. Ignez de Castro que desde o principio foram collocados ao lado direito do cruzeiro, junto da capella-mór.

Com o tempo vem a deterioração da gallilé e por entre os annos de 1519 e 1540 manda o abbade D. Jorge de Mello proceder á trasladação dos restos de D. Affonso II e D. Affonso III para a antiga capella de S. Vicente, hoje de S. Bernardo, no braço direito do cruzeiro, e para o mesmo braço os tumulos restantes, até ser construida a nova *sala dos tumulos* onde todos se encerram hoje, á excepção dos dois primeiros monarchas.

D. Diniz pela mão do seu architecto Domingo Domingues começa a construcção do claustro que tem o seu nome, e lança os alicerces para o refeitorio. Tem isto logar no anno de 1341 ou 1343, e é ainda com extrema rapidez que se operam esses trabalhos. E esse claustro, que pela sua simplicidade constitue um dos mais bellos exemplares de gothico simples, com muito leves reminiscencias romano-bisantinas, é o mais bello e perfeito exemplar que existe em terras portuguezas referido ao seculo XIV. Alterado mais tarde com a construcção do corpo superior em tempos de D. Manoel, provavelmente por seu filho o cardeal D. Affonso, abbade do mosteiro, nada perdeu com o augmento, mas antes fez realçar a parte primitiva na simplicidade e pureza das linhas.

A este tempo, porém, era diminuto o numero de monges e poucos e maus os alojamentos proprios. Todas as edificações se resumiam á egreja com extenso braço estendido para o norte, salpicado em redor de modestas e irregulares construcções. Havia extrema necessidade de construcções regulares. Foi essa necessidade comprehendida pelo infante D. Affonso, que abriu nova serie de largos trabalhos.

Foi por seu mandado e de seu pae que o architecto João de Castilho, 1519, e o pintor Jacques ou Diogo Vaz procederam ao levantamento da famosa sacristia e a um novo claustro para dormitorio, ainda hoje chamado o *claustro do cardeal* de simples linhas mas de extraordinaria grandeza na sua dupla e sobreposta arcaria.

A sacristia onde não faltou arrojo e belleza, foi abobadada em formosa laçaria de pedra, como ainda se póde observar junto da entrada com as suas duas formosissimas portas. Infelizmente a parede exterior, de mal calculada resistencia, attendendo á mobilidade do terreno, não pôde supportar o peso das abobadas, apesar dos repetidos e vigorosos contrafortes. Esse primor de architectura baqueava para ser substituido por um estuque levantado de pessimo gosto e pouco melhor acabamento. Desagradavel impressão nos dá o santuario annexo, que tem o valor da sua muita originalidade, e poucas esculpturas de apreço.

A administração do mosteiro feita por individuos estranhos á communidade, durante muitos annos, trouxe a diminuição de professos e um certo abandono por todas as obras, apenas mantidas pelos cardeaes D. Affonso e D. Henrique.

Só mais tarde, quando D. João IV dá ao mosteiro a fórma de administração primitiva, ardente e profunda aspiração da velha communidade, é que no mosteiro começa a realisação de sonhadas grandezas. Por um acaso absolutamente feliz coincide a independencia administrativa com o periodo aureo do desenvolvimento agricola, em terras do mosteiro.

Enormes e extraordinarios estudos deviam ser feitos como preparação para as grandes obras que se iam realisar. Effectivamente vem a febre das construcções e reedificações, durante o resto d'esse seculo para se prolongar durante todo o seculo XVIII e ainda pelos primeiros annos do seculo XIX.

Arreia-se a fachada primitiva da egreja para se substituir pela actual, lançam-se os seus dois corpos lateraes em toda a pujança das suas linhas, altera-se a fachada norte fazendo a grande frontaria central encimada pela grande estatua de D. Affonso Henriques, projecta-se e levanta-se o grande *claustro do rachadouro*, e a *sala da bibliotheca* eleva-se sobre as antigas, agora transformadas em cartorios.

A *sala dos reis* é um dos curiosos trechos que ha a vêr em Alcobaça; ha n'ella uma falta de critica que offende desde as estatuas dos monarchas em tamanho natural, feitas por *barristas* do mosteiro auxiliados pelo pintor Antonio Amaral, até ao grande grupo da *coroação de D. Affonso Henriques* onde se vê este monarcha de corôa fechada, anachronismo que se repete na grande estatua que encima

carreaux de faïence de formes diverses et de couleurs variées, le chœur et les autels de la nef principale, tout le reste peut être considéré comme intact.

Aux abords de l'église les constructions s'entassent étroitement, pour les besoins et la commodité des habitants.

D. Alphonse fit construire un caveau spacieux pour y placer les tombes de la famille royale dans l'emplacement où se trouve aujourd'hui la salle des rois.

C'est là, en effet, que sont inhumés quelques rois, reines et princes de la première dynastie, hormis D. Pierre I et D. Inès de Castro, qui sont placés à droite du transept près du chœur.

Le temps amena la détérioration de ce caveau et vers les années 1519 à 1540 l'abbé D. George de Mello fit transporter les restes de D. Alphonse II et de D. Alphonse III dans l'ancienne chapelle de St. Vincent, aujourd'hui de St. Bernard, dans l'aile gauche du transept, ainsi que les autres tombeaux, pendant que l'on procédait aux réparations et à l'achèvement du nouveau caveau où ils sont tous maintenant, sauf les deux premiers.

L'architecte du roi D. Diniz, Domingo Domingues, commença la construction du cloître auquel il donna le nom du roi, il posa aussi les fondations du nouveau réfectoire; ces travaux éxécutés l'année 1341 à 1343 furent faits avec la plus grande rapidité. Ce cloître, qui est dans sa simplicité, un des plus parfaits exemplaires du genre gothique simple, avec de vagues aperçus du style romain-bysantin, est un des plus beaux du XIVme siècle qui soient en Portugal.

Plus tard, sous le règne du roi D. Manuel, lorsque son fils le cardinal D. Alphonse était abbé du monastère, il fut modifié par l'adjonction d'une partie supérieure qui n'altéra en rien sa beauté primitive et fit encore valoir la simplicité et la beauté de la construction antérieure.

Dans ce temps-là, cependant, le nombre des moines était déjà très restreint et les logements mauvais et insuffisants. Le monastère se composait seulement de l'église avec son aile immense déployée vers le nord et de quelques constructions modestes irrégulièrement éparses dans les environs. L'abbé comprit le besoin urgent d'agrandissements et ordonna une série de travaux importants.

D'après ses indications et celles du roi son père, l'architecte Jean de Castilho, en 1510 et le peintre Jacques ou Diogo Vaz, commencèrent à bâtir la fameuse sacristie, ainsi qu'un nouveau cloître et dortoir, nommé le cloître du cardinal; avec ses doubles arcades superposées, aux lignes simples et majestueuses cette pièce attire l'attention des visiteurs.

La sacristie, d'une construction hardie et pleine d'harmonieuse beauté est voûtée et richement ornementée comme on peut encore le voir d'après les deux magnifiques portes. Malheureusement le mur extérieur, soit parce que la résistance en fut mal calculée, soit à cause de la mobilité du terrain, ne put supporter le poids de la voûte, malgré tous les puissants contreforts qu'on y ajouta. Ce chef-d'œuvre d'architecture a été remplacé par une maçonnerie quelconque, mal achevée, grossièrement travaillée et du plus mauvais goût. Le sanctuaire annexe a peu de sculptures dignes de remarque et malgré toute son originalité fait une impression désagréable.

L'administration, pendant de longues années, de personnes étrangères à la communauté, provoqua le décroissement du nombre des moines et une certaine négligence dans tous les travaux, à peine entretenus par les cardinaux D. Alphonse et D. Henri.

Plus tard, D. Jean IV restitua au monastère le règlement primitif, la seule et ardente aspiration de l'ancienne communauté et dès lors on revint à la réalisation des grandeurs rêvées. Par un heureux hasard, cette indépendance administrative coincida avec la période brillante du développement agricole près du monastère.

On dut faire de profondes études préparatoires pour les grands travaux projetés. Ce fut une véritable fièvre d'améliorations qui dura tout le reste de ce siècle et se prolongea pendant tout le XVIIIme et encore au commencement du XIXme siècle.

On démolit la façade primitive de l'église qui fut remplacée par celle qui existe actuellement; les deux parties latérales, aux lignes puissantes, furent ajoutées, on altéra la façade du côté nord dont le fronton est surmonté par la grande statue de D. Alphonse Henriques, on bâtit aussi le grand cloître du *rachadouro* (fenderie) et la salle de la bibliothèque, au dessus de l'ancienne, transformée en bureaux.

La *salle des rois* est une des plus curieuses parties du monument d'Alcobaça; c'est un fouillis de

a frontaria norte. As paredes, até certa altura são cobertas de primorosos azulejos do Juncal, de bellos mas mal criticados desenhos.

A capella-mór altera-se completamente, occultando com a nova fórma toda a graça e simplicidade primitivas. Fórma-se agora de bellas columnas jonicas e corynthias com respectivos frisos, de uma grande correcção mas de uma applicação infelicissima.

A *capella de N. S. do Desterro,* feita á custa do abbade frei João Paim, por 1690, é um mimo architectonico. Tem boas talhas douradas e azulejos.

A frontaria da egreja que de boa vontade deixaria de referir, é um curiosissimo documento de caprichosa composição, e como tal o deixarei á apreciação dos entendidos, sem comtudo não deixar de reconhecer que ha n'esse *sonho architectonico* um falsa harmonia que seduz.

A *sala dos tumulos* eleva-se n'uma extraordinaria belleza de linhas e uma certa ausencia de luz impõe-nos um profundo recolhimento. Formosissima sala tumular, onde apenas os tumulos de D. Pedro I e D. Ignez de Castro conseguem levantar-nos o espirito com o mimo dos seus preciosos lavores. São cantos de um poema lyrico feito n'um embevecimento amoroso que nos prende, que nos subjuga, que nos domina.

Os dois tumulos, em tudo semelhantes, differem bastante no seu acabamento. No de D. Ignez traduz-se bem a impaciencia de D. Pedro na urgencia de realisar a faustosa ceremonia da coroação da sua infeliz amante. Todavia este tumulo, embora de menor pujança de ornamentação que o de D. Pedro, é de um bello acabamento por vezes até de mais largo e vigoroso desenho. Ha um extraordinario e humano sentir n'essa preciosa obra que havia de abrigar para sempre a mais amada das mulheres e a mais infeliz das rainhas.

O tumulo de D. Pedro, que eu considero obra dos mesmos artistas, não me parece ter sido acabado em vida d'este monarcha; é que n'uma das faces está representada, segundo creio, a sua morte, onde os frades de Alcobaça quizeram vêr uma fabulosa e muito repetida resurreição.

Ha em ambos os tumulos uma accentuação architectonica absolutamente gothica com excepção das figuras onde se traduz ainda uma poderosa influencia romanica. É movimentada e rica a maior parte das centenas de figuras que cobrem todos os lados. N'uma enorme rosacea que occupa uma face do tumulo de D. Pedro repetem-se com o maior carinho scenas da vida intima dos dois amantes, por vezes com seus filhinhos em attitudes de encantadora suavidade. O que aqui se acha representado com extraordinario vigor é o assassinato de D. Ignez e a execução dos seus dois assassinos.

Desconhecidos artistas alli deixaram esculpidas as notas mais valiosas do seu extraordinario talento, da sua poderosissima sciencia. Abençoados anonymos que cobriram esses dois tumulos com pedaços da sua delicadissima alma.

As estatuas dos dois amantes, em tamanho mais do que natural têm um grande cunho de simplicidade, e muito especialmente a de D. Ignez deve ser de uma flagrante semelhança para poder satisfazer ao carinho e á saudade de tão cioso e duradouro amante. É bello o baldaquino que lhe protege a cabeça e amorosos os anjos que a incensam e amparam. D. Pedro tem uma certa dureza de fórma, mas isso vae bem ao seu espirito justiceiro.

*
* *

Em objectos de pura arte, com um certo arrojo, com um certo valor nunca o mosteiro de Alcobaça teve grandes preciosidades.

A grande ambição dos frades de Alcobaça era offuscar pela grandeza, pelo fausto, e isso conseguiram-n'o verdadeira e absolutamente.

Alcobaça, 14 de junho de 1902.

M. Vieira Natividade.

statues en tous les genres depuis celles des rois, faites en grandeur naturelle par des ouvriers potiers et par le peintre Antoine Amaral, jusqu'au grand groupe du couronnement de D. Alphonse Henriques, où l'on voit le roi avec une couronne fermée, anachronisme qui se répète sur la grande statue du fronton. Les murs sont recouverts jusqu'aux lambris de magnifiques faïences de Juncal, de belle facture mais mal dessinées.

Le chœur fut complètement modifié, au dommage de l'ancienne forme pleine de grâce, de simplicité et d'harmonie.

La chapelle de Notre Dame de Desterro, bâtie aux frais de l'abbé Fr. Païm, l'an 1690, est un bijou d'architecture, avec de belles sculptures en bois doré et de magnifiques faïences.

La façade principale de l'église que je pourrais bien me passer de décrire, la laissant à l'appréciation des connaisseurs, est un curieux document de la plus capricieuse composition, ayant cependant au milieu de sa phantaisie architecturale une fausse harmonie assez séduisante.

La salle des tombeaux nous inspire, dans sa demi obscurité, le plus profond recueillement et l'admiration pour la noble beauté de sa construction. C'est un magnifique caveau, dans lequel à peine les tombeaux de D. Pierre et de D. Inès de Castro sont enrichis de précieux ornements; ils nous attirent et nous charment en même temps comme les strophes d'un poème fait sous l'inspiration d'une pensée d'amour.

Semblables dans la forme ils diffèrent assez comme travail. Celui de D. Inès de Castro montre bien l'impatience dont était possédé D. Pierre pour réaliser la somptueuse cérémonie du couronnement de sa malheureuse maitresse. Cependant, quoique moins bien fini que celui de D. Pierre, il nous présente parfois un dessin plus large et plus empoignant. On sent quelque chose d'humain dans ce précieux travail destiné à renfermer les restes de la plus adorée des femmes et de la plus malheureuse des souveraines.

Le tombeau de D. Pierre, que je crois être l'œuvre des mêmes artistes, a été, à ce qu'il parait, terminé après la mort du roi, car sur une de ses faces il y a un tableau qui représente ses derniers moments, et dans lequel les moines ont crû voir sa résurrection.

Le style en est purement gothique sauf les statues où l'on sent bien l'influence romaine. Les centaines de figures couvrant les côtés sont pour la plupart richement ornementées; sur la face principale du tombeau de D. Pierre on voit des scènes de la vie intime des deux amants, quelques unes avec les enfants dans des attitudes charmantes. L'assassinat de D. Inès et l'éxécution des deux assassins sont rendus avec une vigueur extraordinaire.

Des artistes inconnus ont laissé sur ce marbre les preuves d'un talent exceptionnel et d'un profond savoir. Bénissons ces anonymes qui ont mis dans cette œuvre précieuse toutes les délicatesses de leurs âmes.

Les statues des deux amants en grandeur naturelle ont un cachet de grande simplicité, surtout celle de D. Inès qui devait être d'une ressemblance frappante, pour satisfaire complètement à la tendresse de son royal amant. Le baldaquin qui protège la tête, ainsi que les anges qui la soutiennent et l'encensent amoureusement, sont admirablement ciselés.

D. Pierre a une certaine dureté d'attitude qui va bien à son caractère cruel et justicier.

*
* *

Le monastère d'Alcobaça n'a jamais possédé de raretés artistiques; l'ambition des moines était d'éblouir par leur faste et leur richesse et ils y ont complètement reussi.

Alcobaça, le 14 juin 1902.

M. Vieira Natividade.

Vianna do Castello



Na provincia do Minho, pelo sopé do monte de Santa Luzia, onde desemboca o rio Lima, tão cantado pelo poeta Diogo Bernardes, estende-se uma risonha povoação, que apesar de não ter grandes atavios architecturaes, é o encanto de quantos a visitam.

Fundada em 1258 pelo conde de Bolonha, os privilegios, a situação geographica e sobretudo o genio aventureiro de seus habitantes tornaram Vianna tres seculos mais tarde uma importante villa: dezenas de navios e numerosos barcos de pesca lhe enchiam o porto, e mercadores de varias nacionalidades lhe affluiam á procura dos generos coloniaes.

As jornadas de Africa e as emprezas maritimas crearam animo nos moradores da foz do Lima para mais largos commettimentos; depois de ajudarem a descoberta do Congo vão disputar aos biscainhos e francezes a posse da Ilha da Terra Nova dos Bacalhaus; Diogo Alvares Correia, o *Caramurú*, Pedro do Campo Tourinho, Bento Maciel Parente demandam as costas do Brazil e povoam aquellas desconhecidas paragens; a gente viannense tomou grande parte na recuperação da Bahia em 1638 contra os hollandezes.

A febre da emigração para a America do Sul continuou até hoje, levando-nos annualmente milhares de braços, e constituindo por vezes um perigo para a nossa agricultura.

Pela barra da foz do Lima entravam todos os annos muitos milhares de kilogrammas de bacalhau do Banco, que tornavam a ser exportados com outras mercadorias para Dunquerque, Ruão, Calais, Amsterdam, Hamburgo, Veneza e outros portos do Mediterraneo.

De Vianna, de Aveiro e do Algarve sahiam á pescaria da Terra Nova a média annual de mais de cem caravellas.

Com as differenças politicas e religiosas, este trato foi faltando, pois o principal era o de Flandres, França e Inglaterra, onde os nossos naturaes faziam, no seculo XVI, duas ou tres viagens ao anno; sómente lhes restou o commercio com a America, mas de dez navios metade não escapavam aos corsarios, que andavam tantos e tão solicitos que vinham apresar sobre a nossa barra as ricas carregações, chegando mesmo os francezes, em 1574, a accommetter a entrada do porto de Vianna, tentando desembarcar.

Crescendo em riqueza e população a villa dilatou-se pelos arrabaldes, e a casaria abafou o pequeno recinto fortificado; levantaram-se espaçosos conventos, ricos templos, palacios brazonados, amplos quarteis, extensos caes alinhados e uma magnifica fortaleza para defender a barra.

Porém desde o seculo XVIII com o assoriamento do rio e restricção do despacho aduaneiro, e finalmente com a separação do Brazil o commercio viannense esmoreceu, e em breve a navegação ficou restricta á cabotagem; hoje apenas uma duzia de embarcações estrangeiras, inglezas ou suecas, nos trazem o bacalhau do Banco e o pescado nas costas da Noruega, e incidentemente o petroleo, carvão de pedra e o trigo americano.

É certo que n'estes ultimos annos se melhorou o porto, encanando o rio, e construindo uma boa doka, que offerece seguro ancoradouro, sendo sob o ponto de vista technico a melhor do reino.

Vianna tem outras construcções que merecem a attenção do viajante: apontaremos a estação do caminho de ferro, a ponte sobre o rio Lima, o theatro Sá de Miranda, o hotel Moraes em Santa Luzia, o novo edificio do hospital da Caridade, a fortaleza da barra, a matriz, a casa da camara, as varandas da Misericordia, o palacio dos viscondes da Carreira, e algumas outras casas particulares que ainda conservam os primores da architectura manuelina, recordando aquelles tempos aureos, que não mais volvem.

*

* *

Relatemos uma nossa lenda maritima do seculo XVI.

A tradição concedeu os fóros de heroe a Pero Gallego, cujos feitos se têm ido deturpando em favor do viannense.

Vianna do Castello



Dans la province du Minho, au pied du mont de Santa Luzia tout près de l'embouchure du Lima, tant chanté par le poète Diogo Bernardes, s'étend un riant bourg, qui ravit le voyageur malgré le peu d'intérêt de ses ornements architecturaux.

Fondé en 1258, par le comte de Bolonha, les privilèges, la situation géographique et surtout le génie aventurier de ses habitants, firent de Vianna, trois siècles plus tard, une ville importante. Des dizaines de bâteaux et de nombreuses barques de pêche emplissaient ses ports, et des marchands de nationalités diverses y affluaient à la recherche des denrées coloniales.

Les voyages en Afrique et les tentatives maritimes encouragèrent les habitants de l'embouchure du Lima à se lancer dans de plus grandes entreprises. Après avoir aidé à la découverte du Congo, ils vont disputer aux biscaiens et aux français la possession de l'Ile de Terre Neuve. Diogo Alvares Correia, le *Caramurú*, Pedro do Campo Tourinho, Bento Maciel Parente demandent les côtes du Brésil et peuplent ces parages inconnus; les habitants de Vianna prennent une grande part à la récupération de Bahia contre les hollandais en 1638.

La fièvre de l'emigration pour l'Amérique du Sud continue jusqu'à nos jours, nous enlevant annuellement des milliers de bras, et constituant, parfois, un péril pour notre agriculture.

Chaque année, entraient à l'embouchure du Lima, des milliers de kilogrammes de morue provenant du Banc de Terre Neuve, qui étaient réexpédiés, avec d'autres marchandises, à Dunkerque, Rouen, Calais, Amsterdam, Hambourg, Venize et autres ports de la Méditerranée. Une flotille de pêche, composée de plus de cent caravelles, partait, tous les ans, de Vianna, d'Aveiro et de l'Algarve pour Terre Neuve. Par suite de différends politiques et religieux, ce commerce prit fin, car c'était principalement en Flandre, en France et en Angleterre, que nos naturels faisaient, au XVIe siècle, deux ou trois voyages par an; seul, le commerce avec l'Amérique, leur resta. Mais de dix navires, plus de la moitié tombait aux mains des corsaires qui étaient si nombreux et si audacieux, qu'ils venaient saisir jusque dans notre port les riches cargaisons. En 1754, les français allèrent même jusqu'à attaquer l'entrée du port de Vianna et essayèrent de débarquer.

Croissant en richesse et en population, la ville s'étendit jusque dans les faubourgs, et l'agglomération des maisons étouffa la petite enceinte fortifiée. On construisit d'immenses couvents, de riches églises, des palais blasonnés, de vastes casernes, de spacieux quais en ligne droite et une magnifique forteresse pour défendre l'entrée du port.

Cependant, dès le XVIIIe siècle, par suite de l'amoncellement du sable dans le fleuve, de la diminution des rendements douaniers et finalement de la séparation du Brésil, le commerce de Vianna périclita, et bientôt, la navigation se réduisit au cabotage. C'est à peine si, aujourd'hui, une douzaine de bâtiments étrangers, anglais ou suédois, nous apportent la morue du Banc de Terre Neuve, le poisson des côtes de Norvège, et, incidemment, le pétrole, la houille et le blé américain. Il est vrai, que, dans ces dernières années, le port s'est amelioré par la canalisation du fleuve et la construction d'un bon dock, offrant un ancrage sûr, et qui est, sous le rapport technique, le meilleur du royaume.

Vianna a d'autres constructions qui méritent d'attirer l'attention du voyageur. Nous mentionnerons la gare, le pont sur le Lima, le théâtre Sá de Miranda, l'hôtel Moraes, à Santa Luzia, la nouvelle bâtisse de l'hôpital de la Charité, la forteresse à l'entrée du port, la mère-église, l'hôtel-de-ville, la terrasse de la Miséricorde, le palais des vicomtes de Carreira et quelques autres maisons qui conservent encore les beautés de l'architecture *manuelina*, et rappellent cette période dorée, qui ne reviendra plus.

*

* *

Nous allons maintenant raconter une de nos légendes maritimes du XVIe siècle.

La tradition a accordé le titre de héros à Pero Gallego, dont les exploits se sont peu-à-peu dénaturés en faveur des viannois.

O douto escriptor Ignacio de Vilhena Barbosa reduziu a romance as aventuras colhidas de ouvida, publicando em maio de 1869 uma curiosa monographia em folhetins do *Commercio do Porto.*

Pero Gallego, de origem limpa, moço e destemido, depois de militar na Africa, apertado pelas saudades, recolheu á patria, onde se achava de visita uma formosa dama, de nobilissima estirpe, D. Joanna de Vilhena, filha de Luiz Alvares de Távora e de D. Filippa de Vilhena.

O fidalgo do Mogadouro tinha embarcado no afamado galeão Botafogo para a tomada de Tunis; pelo que sua esposa visitou mais a miudo o seu lindo palacio de Vianna, na rua da Carreira, e defronte do convento de freiras de Sant'Anna, que havia sido construido pouco antes.

Quando em 1546 Pero travou aqui relações com D. Joanna, ostentava ella todos os encantos da mocidade, a que lhe dava relevo a sua peregrina formosura; assim logo ficaram ambos enamorados um do outro.

Não podia consentir a prosapia dos Távoras n'estes desiguaes amores, e não querendo vêr maculada a honra d'uma descendente dos reis de Leão, oppôz-se a familia a que continuassem.

O viannez desesperado cuida em buscar allivio á sua paixão nos perigos do mar e nos azares dos combates; e com trinta valorosos mancebos occultamente armou em côrso uma caravella, com quatro peças de ferro e alguns arcabuzes e munições, e n'uma escura noite de abril de 1547 se fazem ao largo.

Favoreceu-os logo a sorte, pois toparam com uma galé argelina, de boa tonelagem e bem guarnecida; com a astucia e valor de seus braços conseguem assenhorear-se do pirata; aportaram ao Algarve a refazer-se dos damnos e curar os feridos, não tardando a sahir para as costas de Portugal e Hespanha, agora no veleiro navio com artilheria de bronze.

Durante dois annos Pero e os companheiros são o terror dos piratas, contando os seus triumphos pelo numero dos combates, tornando-se em breve ricos e audazes.

Ambicionava o joven Pero um feito de maior vulto, e entrando no Mediterraneo, espreitou os arredores da cidade branca de Argel, no intuito de atacar o proprio porto, asylo de todos os piratas, empreza que nem as famosas galeras dos cavalleiros de Malta ousavam tentar.

Estava prestes a realisar este arriscado commettimento, com prévia licença regia, quando uma tempestade obrigou o corsario portuguez a arribar á bahia de Cadiz, onde se achava a armada hespanhola de D. Pedro Navarro.

Por ignorancia ou proposito não saudou, conforme as praxes maritimas, o almirante, que pretendeu castigar o atrevido hospede; mas a nau capitanea, quando se aproximava da galé, recebeu em cheio toda a artilheria portugueza, matando-lhe muita gente e ferindo o proprio D. Pedro Navarro. Antes que os hespanhoes volvessem do espanto, toma o mar alto, e receioso das reclamações diplomaticas aprôa ao Lima, vendendo o navio e licenceando os companheiros.

Má nova esperava o valente marinheiro; soube que, por instigações da mãe moribunda, D. Joanna promettera desposar D. Luiz de Athouguia.

Agora nem o oceano lhe offerecia asylo, e assim busca na religião remedio para tamanho mal, professando no mosteiro benedictino de Tibães.

D. João III, sob queixa do gabinete de Madrid, finge reprehender o corsario de Vianna, quando é certo que lhe offereceu honrosas mercês; porém o habito negro já lhe arrefecera os ardores juvenis e impetos guerreiros, encontrando-o insensivel ás coisas mundanas.

Nos annaes viannenses não encontramos documento algum sobre Pero Gallego, apenas se aponta uma casa typica do seculo XVI, sita na viella da Parenta, como sua residencia, e onde os seus contemporaneos mandaram gravar, entre as hombreiras, uma nau para perpetuar as suas glorias maritimas.

A façanha da bahia de Cadiz, não podia succeder com D. Pedro Navarro, pois havia fallecido vinte e sete annos antes de 1547.

Demais a casa da Carreira nunca pertenceu aos Távoras do Mogadouro; os Abreus Távoras de Vianna não descendem dos condes de Alvor, nem aparentados são com os Távoras da Pesqueira.

É certo que foi um homonymo d'aquelle Luiz Alvares de Távora que reedificou o palacete da rua de Sant'Anna, porém no começo do seculo XVIII; entre os dois Távoras medeiam quasi duzentos annos.

Para que o leitor d'*A Arte e a Natureza* possa devidamente apreciar as minudencias architectonicas da joia viannense apresentaremos a vista geral do palacio.

Le docte écrivain, Ignacio de Vilhena Barbosa, transforma en roman les aventures recueillies par la tradition, et publia en mai 1869, une curieuse monographie, sous forme de feuilleton, dans le *Commerce de Porto.*

Pero Gallego, d'origine sans tâche, jeune et intrépide, après avoir combattu en Afrique, pressé par la nostalgie, revint dans sa patrie, où se trouvait en visite une belle dame, de très noble extraction, D. Joanna de Vilhena, fille de Luiz Alvares de Tavora et de D. Filippa de Vilhena.

Le noble gentilhomme de Mogadouro s'était embarqué pour la prise de Tunis, sur le célèbre galion Botafogo, ce dont son épouse profita pour visiter plus souvent son charmant palais de Vianna, dans la rue de Carreira, en face du couvent des Sœurs de Ste Anne, qui avait été récemment construit.

Quand, en 1546, Pero lia connaissance avec D. Joanna, elle possédait tous les charmes de la jeunesse, que son extraordinaire beauté rendait encore plus éclatants. Incontinent, ils s'aimèrent.

L'orgueil des Tavoras ne put consentir à ce penchant d'une si grande inégalité, et ne voulant pas voir maculée l'honneur d'une descendante des rois de Leon, la famille s'y opposa.

Le viannois désespéré songe à chercher un soulagement à sa passion dans les périls de la mer et dans le hasard des combats; et, avec trente jeunes gens, il équipe occultement, pour la course, une caravelle, ayant quatre pièces de fer, quelques arquebuses, ainsi que des munitions et par une sombre nuit d'avril 1547, ils gagnent le large.

Le sort les favorisa de suite. Ils rencontrèrent une galère algérienne d'un bon tonnage et bien garnie; par la ruse et par la valeur de leurs bras, ils parvinrent à se rendre maîtres du pirate. Ils abordèrent à Algarve, pour réparer leurs dégâts et panser les blessés, mais ne tardèrent pas à partir pour les côtes du Portugal et de l'Espagne, cette fois, dans un voilier armé de pièces de bronze.

Pendant deux ans, Pero et ses compagnons sont la terreur des pirates, comptant les triomphes par le nombre des combats, devenant en peu de temps riches et audacieux.

Le jeune Pero ambitionnait un exploit plus éclatant et, entrand dans la Méditerranée, il observa attentivement les environs de la blanche ville d'Algers, en vue d'attaquer le port, asile de tous les pirates, entreprise que même les fameuses galères des chevaliers de Malte n'osaient tenter.

Il s'apprêtait à réaliser cette entreprise périlleuse, ayant au préalable obtenu une licence royale, quand une tempête obligea le corsaire portugais à relâcher dans la baie de Cadix où se trouvait la flotte espagnole de D. Pedro Navarro.

Par ignorance ou intentionnellement il s'abstint de saluer, selon les usages maritimes, l'amiral, qui prétendit châtier l'audacieux étranger. Mais lorsque la nef principale s'approcha de la galère, elle reçut en plein toute l'artillerie portugaise qui lui tua beaucoup de monde et blessa même D. Pedro Navarro. Avant que les espagnols fussent revenus de leur stupeur Pero gagne la haute mer, et, craignant les réclamations diplomatiques, met le cap sur le Lima, vend le navire et licencie ses compagnons.

Une mauvaise nouvelle attendait le vaillant marin: il apprit que sous les instances de sa mère mourante, D. Joanna avait promis d'épouser D. Luiz de Athouguia.

L'océan, maintenant, ne lui offrant plus d'asile, il chercha dans la religion, un remède, à une si grande douleur, et prononça ses vœux dans le monastère bénédictin de Tibães.

Sous les plaintes du cabinet de Madrid, D. João III feignit de réprimander le corsaire de Vianna, quand, au contraire, il est avéré qu'il lui offrit des titres honorables; mais le froc avait déjà calmé ses ardeurs juvéniles et sa fougue guerrière. Il était devenu insensible aux choses de ce monde.

Nous ne trouvons aucun document sur Pero Gallego dans les annales viannoises; c'est à peine si l'on indique, comme ayant été sa résidence, une maison typique du XVI[e] siècle, située dans la ruelle de Parenta, et où ses contemporains firent graver un navire, afin de perpétuer ses gloires maritimes.

La prouesse de la baie de Cadix n'a pu avoir lieu sous D. Pedro Navarro, puisqu'il mourut vingt-sept ans avant 1547.

De plus, la maison de Carreira n'appartint jamais aux Tavoras do Mogadouro; les Abreus Tavoras de Vianna ne descendent pas des comtes d'Alvor et ne sont pas même apparentés aux Tavoras de Pesqueira.

Il est vrai qu'un homonyme de ce Luiz Alvares de Tavora réedifia le petit palais de la rue de

* * *

A estação do caminho de ferro occupa logar immediato á do Rocio de Lisboa, tornando-se recommendavel não só pelo gosto do seu delineamento geral, como pela mestria da execução de toda a obra, desde o trabalho no fino granito de Affife até aos rendados estuques e elegantes portadas em rica madeira de acajú. A sua construcção durou quatro annos, abrindo-se ao publico em 24 de março de 1882.

A ponte de ferro sobre o rio Lima contém dois taboleiros, o superior de *mac-adam* para carros e peões, e o de baixo para a linha ferrea do Porto a Valença, com 563 metros de extensão sobre 7 de largo, assentando sobre nove pilares de cantaria, tendo estes a profundidade *maxima* de 22 metros e a *minima* de 7^{m},20.

O seu peso eleva-se a 2.062:432 kilogrammas, custando em 1878 á casa Eiffel de Paris 323 contos de reis, não incluindo os viaductos lateraes.

Como a villa fortificada distava um kilometro da foz do Lima, necessario era defender a barra: el-rei D. Manoel mandou alli levantar a torre da *Roquêta,* que D. Sebastião em 1567 cercou de muralhas, e por fim D. Filippe I de Portugal ampliou em grande castello, abaluartado successivamente nas reformas de 1652, 1694 e 1793.

A guarnição hespanhola capitulou com honra em 1640, sustentando-se durante vinte dias; nas luctas civis de 1846 e 1847 soffreu dois cêrcos, mas no ultimo os sitiados, faltos de gente e de viveres, e receosos do resultado, uma noite abandonaram a fortaleza, deixando alguns dos seus partidarios á mercê dos contrarios, e só poderam ser salvos pela dedicação do clero.

A munificencia regia houve por bem elevar a *mui notavel villa* em *cidade,* com o designativo de Vianna — *do Castello* —.

* * *

No topo oriental da praça da Rainha, a principal de Vianna, vemos um vetusto edificio de cantaria com seus arcos ogivaes e corôa de ameias; aqui se alojam os paços do concelho e a cadeia comarcã; construido nos primeiros annos do seculo XVI tem passado por transformações pouco em harmonia com o estylo primitivo, como facilmente nol-o indica a nossa primeira phototypia.

O emblema heraldico do municipio compõe-se de um escudo com o campo de prata e n'elle uma nau de ouro, navegando em mar azul, tendo na vela grande as quinas portuguezas; uma corôa ducal timbrada com a esphera armilar rematada pela cruz de Christo completa o brazão viannense.

O chafariz fronteiro á camara, feito em 1554 pelo mestre de pedraria João Lopes, o velho, serviu de modelo aos demais que se levantaram pela provincia; fornece ao publico fresca e limpida agua, que jorra dia e noite das suas elevadas taças. As pyramides do varandim do tanque postas em 1859 estão a pedir immediata substituição.

* * *

Proximo da camara e do chafariz, no recanto septentrional da praça, fazendo face ás ruas Manoel d'Espergueira e Bandeira, rasgam-se umas vistosas varandas da Renascença, gosto flamengo, do anno de 1589, cujos algarismos se distinguem em cada um dos cartões, que se abrem no saial dos quatro atlantes que sustentam o andar superior.

Deve-se ao cinzel de João Lopes, o Moço, filho do canteiro do chafariz, o trabalho d'esta singular fachada do hospital da Misericordia, tão ornamentada de medalhões com bustos ao natural, como o affirma a tradição.

O brazão da Santa Casa que encima o arco central data da reforma do primeiro quartel do seculo XVIII.

A magnifica phototypia que tão nitidamente releva todas as minucias esculpturaes d'esta bella obra, unica que conhecemos no paiz, dispensa-nos mais longa descripção.

Ste Anne, mais plus tard, au commencement du XVIIIe siècle. Entre les deux Tavora, il y a un laps de presque deux cents ans.

Afin que le lecteur d'*A Arte e a Naturexa* puisse dûment apprécier les détails du bijou viannois, nous lui présentons la vue générale du palais.

* * *

La gare prend le premier rang après celle du Rocio de Lisbonne, se recommandant non seulement par son tracé général, mais encore par l'habile exécution de tout l'édifice, depuis le travail dans le granit fin d'Affife, jusqu'aux stucs dentelés et aux élégantes portes en riche bois d'acajou. La construction en dura quatre ans et elle s'ouvrit au public le 24 mars 1882.

Le pont de fer sur le Lima a deux tabliers, le supérieur en macadam, destiné aux véhicules et aux piétons, et celui du bas, sur lequel passe la voie ferrée de Porto à Valence; il a 563 mètres de long, sur 7 de large et repose sur neuf piliers en pierres de taille dont la plus grande profondeur est de 22 mètres et la moindre de 7^{m},20.

Son poids s'élève à 2.062:432 kilogrammes et il fut payé, en 1878, à la maison Eiffel de Paris, 323 contos de reis, non compris les viaductes latéraux.

Comme la ville fortifiée se trouvait à un kilomètre de l'embouchure du Lima, il était nécessaire de defendre l'entrée du port. Le roi D. Manuel y fit élever la tour de la *Roquêta* que D. Sebastien entoura de murailles en 1567, et que D. Filippe I de Portugal, transforma finalement en un grand château-fort, successivement fortifié dans les réformes de 1652, 1694 et 1793.

La garnison espagnole capitula avec honneur en 1640 après une résistance de vingt jours. Elle soutint deux sièges pendant les luttes civiles de 1846 et 1847; mais dans celui-ci, les assiégés, faute de monde et de vivres et se défiant du résultat, abandonnèrent, dans la nuit, la forteresse, laissant à la merci des adversaires quelques uns de leurs partisans qui durent leur salut au clergé.

Il plut à la munificence royale d'élever au rang de cité la très-notable ville sous le nom de Vianna-do-Castello.

* * *

A l'extremité est de la place da *Rainha*, la principale de Vianna, se voit un vieil édifice en pierres de taille avec ses arcs en ogive et sa couronne de créneaux. Là se trouvent l'hôtel-de-ville et la prison locale. Construit dans les premières années du XVIe siècle, il a passé par des transformations peu en harmonie avec le style primitif, ainsi que nous le montre notre première phototypie.

La ville a comme emblême un écusson à champ d'argent dans lequel se voit un bâteau d'or navigant sur une mer d'azur et portant à la grande voile les armes portugaises. Une couronne ducale, surmontée de la sphère armillaire, terminée par la croix du Christ, complète le blason viannois.

La fontaine en face de la municipalité faite par l'habile maître maçon João Lopes, le vieux, servit de modèle à celles que postérieurement l'on éleva dans la province. Elle fournit au public une eau fraîche et limpide qui jaillit nuit et jour de ses bassins élevés. Les pyramides de la grille qui entoure la fontaine, mises en place en 1859, demandent à être remplacées sans retard.

* * *

Près de la municipalité et de la fontaine, dans la partie nord de la place, faisant face aux rues Manuel d'Espergueira et Bandeira se voient quelques charmants balcons renaissance, du style flamand, de l'année 1589, dont les chiffres s'aperçoivent dans chacun des cartels au bas des quatre atlantes qui soutiennent l'étage supérieur.

Le travail de cette extraordinaire façade de l'hôpital de «Misericordia», ornée de bas-reliefs avec des bustes de grandeur naturelle, se doit, ainsi que l'affirme la tradition, au ciseau de João Lopez, le jeune, fils de l'auteur de la fontaine.

Le blason de la Sainte Maison, au dessus de l'arche principale, date de la réforme du premier quart du XVIIIe siècle.

*
*   *

A matriz, egreja mais antiga de Vianna, ostenta ainda quasi intacto o seu frontispicio, em estylo romão, apesar de principiado no reinado de D. João I, mas já em transicção para o ogival.

Na portada principal as archivoltas são sustentadas por seis atlantes, os apostolos; os dois arcos internos guarnecidos de folhagem de acantho e de parra com seus cachos, outr'ora retocados a côres, apoiam um terceiro, o externo, adornado de anjos com os emblemas da paixão de Christo, cuja imagem apparece no fecho; aos cantos cherubins em adoração tocam tubas, chamando ao juízo final.

Os caixilhos do oculo ha muito que desappareceram.

As torres lateraes, do tempo de D. Affonso V, foram custeadas, a do norte pelo Bispo de Ceuta, o italiano D. Justo Baldino, governador da comarca ecclesiastica de Entre-Minho-e-Lima, e a do sul pela camara com ajuda do monarcha.

No interior do templo, depois do incendio de janeiro de 1806, tudo levou volta, restando os arcos das naves, e como testemunho da pristina grandeza as capellas do Sacramento, dos Mellos Pintos Alvins (Camaridos), dos Fagundes (Bretiandos), e dos Brandões.

Na capella dos Mareantes ha um precioso exemplar de galião do seculo XVI.

Mas ao darmos com os olhos nos rebôcos modernos e pinturas muraes invade-nos uma desagradavel impressão, que só se desvanece ao attentarmos n'um quadro da escóla flamenga sobre madeira ou na lapide dos mareantes.

*
*   *

A quarta estampa apresenta a vista occidental de Vianna.

No primeiro plano apparece parte do campo d'Agonia e a praça de D. Fernando, onde está o palacete do bravo general da guerra peninsular Luiz do Rego Barreto, em cujo edificio funccionam actualmente as escólas Industrial e Districtal, e a estação telegrapho-postal; proximo está a egreja de S. Domingos com suas torrinhas, fundada em 1576 pelo famoso arcebispo de Braga D. Frei Bartholomeu dos Martyres que n'ella jaz.

Mais adeante alonga-se a povoação, do bairro da Ribeira ao da Bandeira, destacando-se as ruas pelo arvoredo dos quintaes; detraz corre o rio Lima, franqueado pela ponte de ferro, e a jusante a estacada que canalisa a corrente fluvial; no fundo recortam-se os montes de Róques e de Areosa, desde Geraz até Villa Franca, acabando ao poente pelo morro do Faro de Anha, onde alveja a importante freguezia de Darque.

No campo d'Agonia, tambem chamado *do Castello*, por este lhe ficar pelo meio dia, no pé do adro da egreja de Nossa Senhora d'aquella invocação, durante os dias 18, 19 e 20 de agosto, todos os annos se effectua uma feira concorrida por milhares de romeiros, que de toda a provincia e da Galliza affluem, e aproveitam a occasião para tomar alguns banhos do mar.

Vianna tem arredores que arrebatam, e jamais esquecem a quem uma vez os surprehendeu.

Hoje em dia trata-se de embellezar a montanha de Santa Luzia, mesmo sobranceira á cidade, d'onde se goza esplendida vista sobre o valle do Lima e para as extensas veigas de Areosa, que têm por limite a vastidão do oceano a perder-se na longa linha do horisonte.

Uma estrada de tres lacêtes dá facil accesso ao parque que circumda a ermida, e logo mais acima, em logar varrido de todos os ventos, está quasi concluido um grande edificio, destinado a hotel, e devido á generosidade do benemerito viannense Domingos José de Moraes.

Rematando podemos affirmar que a princeza do Lima não conhece rival na amenidade do sitio, na graciosidade de suas damas, na belleza de suas lavradeiras, e na lhaneza de seus habitantes, mas pesa sobre ella a fatalidade do destino.

L. de Figueiredo da Guerra.

La magnifique phototypie qui met si nettement en relief les détails de cette belle œuvre, unique dans le pays, nous dispense d'une plus longue description.

*
*   *

La mère-église, le plus ancien temple de Vianna, montre encore, presque intacte, sa façade en style roman, bien qu'elle eût été commencée sous le règne de D. João I, mais où est déjà visible l'influence du style ogival. Les archivoltes de la porte principale sont supportées par six atlantes, représentant les apôtres. Les deux arches intérieures garnies de feuilles d'acanthe et de vigne avec des grappes autrefois colorées, soutiennent une troisième, extérieure, ornée d'anges avec les emblêmes de la passion du Christ, dont l'image apparait au sommet; dans les coins des chérubins, en adoration, jouent de la trompette, sonnant l'appel au jugement dernier.

Les encadrements de la rosace ont disparu depuis longtemps.

L'évêque de Ceuta, l'italien D. Justo Baldino, gouverneur du district ecclésiastique d'Entre-Minho-e-Lima, fit les frais des tours latérales, sous Alphonse V, et la municipalité aidée du monarque, supporta ceux de la tour du sud.

À la suite de l'incendie de janvier 1806, tout fut bouleversé à l'intérieur du temple qui ne conserve que les arches des nefs, et, comme preuve de l'ancienne magnificence, les chapelles du St. Sacrement, des Mellos Pintos Alvins (Camaridos), des Fagundes (Bretiandos) et des Brandões.

Il y a dans la chapelle des Mareantes, un excellent modèle de galion du XVI[e] siècle. Mais, lorsque nos yeux rencontrent les crépissures modernes et les peintures murales, nous éprouvons une sensation pénible qui se dissipe seulement à la vue d'un tableau sur bois, de l'école flamande ou de l'inscription des mareantes.

*
*   *

La quatrième estampe représente la vue occidentale de Vianna.

On voit, au premier plan, une partie du champ d'Agonie et la place D. Fernando, où se trouve le petit palais du brave général de la guerre peninsulaire Luiz do Rego Barreto; on y a installé les écoles industrielles du district et le bureau des postes et télégraphes. Tout près est l'église S. Domingos, avec ses petites tours. Elle fut fondée par le fameux archevêque de Braga D. Frei Bartholomeu dos Martyres qui y est enterré.

Plus loin s'étendent les quartiers de Ribeira et de Bandeira, dont les rues se dessinent entre les bosquets des jardins. Derrière coule le Lima, sur lequel est jeté le pont de fer, et, suivant le cours du fleuve on aperçoit l'estacade qui canalise le courant fluvial; au fond se découpent les montagnes de Roques et d'Areosa, depuis Géraz jusqu'à Villa Franca, se terminant à l'ouest par le tertre du Faro de Anha, où se détache l'importante paroisse de Darque.

Au champ d'Agonie, appelé aussi *do Castello* parce que celui-ci en occupe le côté sud, près du parvis de l'église de Notre Dame, comme sous cette appellation, il y a tous les ans, les 18, 19 et 20 août, une foire fréquentée par des milliers de pélerins, qui y affluent de toute la province ainsi que de la Gallicie, et qui profitent de l'occasion pour prendre quelques bains de mer.

Il y a à Vianna de charmants environs et ceux qui les ont une fois vus, ne les oublient jamais.

On travaille maintenant à embellir la montagne de Santa Luzia, qui domine la ville, et d'où l'on jouit d'une superbe vue sur la vallée du Lima et sur les vastes plaines d'Areosa qui ont pour limite l'immensité de l'océan. Une route, faisant trois lacets, donne un facile accès au parc qui entoure l'ermitage, et un peu plus haut, dans un endroit bien aéré, se trouve une grande construction presque achevée et destinée à être un hôtel. C'est à la générosité du digne viannois Domingos José de Moraes que l'on doit ces embellissements.

Nous pouvons affirmer en terminant que la princesse du Lima n'a pas de rivale pour le charme du site, la gracieuseté de ses dames, la beauté de ses paysannes et la franchise de ses habitants; mais le destin pèse fatalement sur elle.

L. de Figueiredo da Guerra.

Villa do Conde



N{ão} contrariam, de modo algum, as chronicas minoritas de S. Francisco o conceito racional, que attribue ao bom aviso de el-rei D. Diniz a transformação, em mosteiro de religiosas, d'aquella casa que pareceu dever ser começada para assento de armas e posto de guerra; antes da sua lição mystica e ingenuamente allegorica todo este asserto se deriva e deprehende. Porque imputando as memorias franciscanas dos principios do seculo XIV [1] a subita reconsideração de D. Affonso Sanches a um sonho santo e piedoso de sua mulher, aqui mesmo se verifica aquillo que temos como explicação natural d'este successo: — ser do coração de D. Thereza Martins, com seus justos sobresaltos e mysticos presentimentos, que procedera o aviso dictado pelo amor, e em razão do qual a provavel advertencia de el-rei D. Diniz se convertera em motivo de uma obra santa e religiosa.

Assim, a vasta fabrica, que começára como destinando-se a presidio militar, como cabeça de uma pesada machina de guerra, foi dada na éra de 1356 (1318) á Bemaventurada Santa Clara, da religião do Patriarcha S. Francisco, conjunctamente com muitos outros dominios na Povoa de Varzim, Touguinha, Verin, Terroso, Formariz, Nabais, Fagundos, Miracé, e mais os padroados das Egrejas do Salvador da Fervença, no arcebispado de Braga, e o de Santa Maria de Alcoentre no de Lisboa. Foi esta opulenta doação acceita em Villa do Conde, das mãos do Mordomo do Infante, Nuno Rodrigues de Vasconcellos, e na presença de Estevão Pires, Abbade de Sinfães, e chanceller do mesmo Principe, pelo Ministro Provincial da Provincia de S. Thiago, frei Francisco, sendo Visitador Apostolico, frei Domingos de Viamonte.

Por esta doação, por tantos titulos real, e que D. Affonso IV, a principio pretendera invalidar, mas que afinal se viu obrigado a reconhecer, ficava a Abbadessa do mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde donataria de toda a villa, pondo n'ella o seu Alcaide e mais officiaes, recebendo dizimas e mais tributos magestaticos. O seu direito de abbadar comprehendia Egrejas de tres dioceses, Porto, Braga e Lisboa.

Fallecidos entre os annos de 1329 e 1351, a Santa Clara se vieram acolher os seus santos fundadores, lavrando-se-lhes mais tarde, para sua ultima jazida, dois ricos moimentos de marmore. N'um está o Infante vestindo vestes reaes, com seu capello de arminho, cabeça coberta, a mão direita apertando, como gentilhomem, um lençò sobre o peito, a esquerda empunhando a espada. A cabeça descança sobre dois coxins sobrepostos. Aos pés um leão vigilante. Na arca tumular estão, do lado esquerdo, e em alto relêvo, a *fuga da Virgem para o Egypto*, a *Annunciação* e a *Visitação de Santa Izabel.* No cabeçal, em igual relevo, vê-se o commovente episodio da investida dos serracenos em S. Damião de Assis. A face do lado direito fica imbebida com a parede, e n'ella devem estar o mysterio do *Nascimento*, a *Adoração dos Magos* e a ceremonia da *Circumcixão.*

A Infanta D. Thereza está vestida em habitos de clarissa, tendo nas mãos um livro de *Horas.* Descae-lhe igualmente a cabeça, como o Infante, em dois coxins sobrepostos. Aos pés um gamo adormecidò. Na caixa, tambem em vulto e do lado esquerdo, a *Vigilia das Oliveiras*, a *traição de Judas*, com o sangrento episodio de Malco, a *presença de Jesus diante dos Juizes* e *a infidelidade de S. Pedro.* Da banda direita, que tambem se não descobre, diz-se estarem: a *Entrada de Christo em Jerusalem*, a *Ceia do Senhor*, e *o Lavatorio dos pés.* No cabeçal a imagem de S. Francisco em extase. Ambos assentam sobre leões. Nenhum tem letra ou divisa.

Até 1526 estiveram estes dois sumptuosos moimentos na gallilé, ou recebimento exterior da Egreja, da banda que olha para o norte, não só por ser esse o uso do tempo em que os corpos dos Infantes foram n'elles recolhidos, mas tambem, senão que principalmente, por assim elles o haverem determinado, quando na doação com que instituiram o mosteiro declararam que queriam ficar da parte de fóra

[1] Gonzaga, *De origine Seraphicæ Religionis Franciscanæ*, etc., III pars, pag. 813; *Mon.*, XIV.

Villa do Conde



L'EXAMEN attentif des chroniques franciscaines du XIV[e] siècle nous laisse entrevoir, à travers le voile transparent des allégories mystiques, les vrais motifs qui transformèrent en asyle religieux la puissante forteresse dont D. Alphonse Sanches avait entrepris la construction.

D'après ces vieux documents [1], ce serait à la suite d'un songe pieux de sa femme D. Thérèse Martins que le fameux bâtard changea brusquement d'avis, mais on peut l'expliquer autrement, sans l'intervention providentielle du ciel, par les craintes et les pressentiments que la haine violente du prince royal n'auraient pas manqué de produire dans le cœur d'une femme aimante, autant que par les sages conseils du roi D. Denis.

Quoiqu'il en soit, le vaste édifice, primitivement destiné à un château fort, fut consacré en 1318 (1356 de l'ère d'Espagne) à la Bienheureuse Sainte Claire, de l'Ordre de Saint François, en même temps que beaucoup de terres dans Povoa de Varzim, Touguinha, Verin, Terroso, Formariz, Nabais, Fagundos, Miracé, et le patronage des églises du Sauveur à Fervença, dans l'archevêché de Braga, et de Sainte Marie d'Alcoentre, dans celui de Lisbonne.

Cette magnifique donation fut acceptée des mains de Nuno Rodrigues de Vasconcellos, grand maître de la maison de l'infant, en présence d'Etienne Pires, abbé de Sinfães et son chancelier, par le ministre de la province de St. Jacques, fr. François, le visiteur apostolique étant fr. Domingos de Viamonte.

Par suite de cette donation, à tant de titres royale, que D. Alphonse IV prétendit d'abord résilier, mais qu'il fut contraint de reconnaître, l'abbesse du monastère de Ste Claire de Villa do Conde tenait la seigneurie de toute la ville, nommait prévôt et officiers, et recevait la dîme ainsi que les autres redevances seigneuriales. Son droit de patronage s'exerçait sur des églises de trois diocèses, Porto, Braga et Lisbonne.

Après leur mort, en 1329 et 1351, les fondateurs furent ensevelis à Ste Claire, où on leur érigea deux riches tombeaux en marbre. Sur l'un d'eux est couchée la figure du prince en vêtements de cour, capuchon d'hermine, le mouchoir de gentilhomme serré sur la poitrine, la main gauche sur la garde de l'épée. La tête, coiffée, repose sur deux coussins superposés; aux pieds de la statue est assis un lion veillant. Le côté gauche du tombeau est couvert de sculptures en hauts-relief qui répresentent la *Fuite vers l'Égypte*, l'*Annonciation*, et la *Visitation de Ste Isabelle;* dans celui du chevet est l'épisode émouvant de l'attaque des sarrazins à St. Damien d'Assis. Le côté droit, engagé dans la muraille, doit porter la *Nativité*, l'*Adoration des Mages* et la *Circoncision.*

L'infante D. Thérèse est présentée en clarisse, un livre d'heures à la main. La tête repose sur deux coussins, de même que son mari; à ses pieds est un daim endormi. Sur le côté gauche sont sculptées la *Veille au mont des Oliviers*, la *Trahison de Judas*, ainsi que l'épisode sanglant de Malchus, *Jesus devant les juges* et *le Reniement de St. Pierre;* le côté droit, enfoncé dans le mur, doit montrer l'*Entrée de Jésus à Jérusalem*, la *Cène des Apôtres*, et le *Lavement des pieds;* au chevet l'extase de St. François. Les deux tombeaux sont assis sur des lions et ne portent aucune inscription ou devise.

Jusqu'en 1526 ces deux superbes monuments étaient placés sur le parvis, tournés au nord. C'était l'usage du temps, et d'ailleurs les infants avaient expressement formulé, dans l'acte de donation du monastère, le désir d'être ensevelis hors l'enceinte sacrée, «parce que l'enterrement dans les églises nous semble propre des saints ou de ceux qui sont près de Dieu».

C'est sous D. Jean III, au temps de la première abbesse observantine, D. Isabelle de Castro, que les tombeaux furent transférés à la place qu'ils occupent aujourd'hui, dans une chapelle spéciale, dite

[1] Gonzaga, *De origine Seraphicæ Religionis Franciscanæ*, etc., III pars, pag. 813; *Mon.*, XIV.

do local sagrado, visto «que sepultura de dentro das ygrejas nos semelha que não *é* senom pera homẽes santos, ou mui chegados a Deus».

Foi nos dias de D. João III, governando o convento a primeira Abbadessa da Observancia, D. Isabel de Castro, que passaram estes tumulos para onde ora estão, abrindo-se-lhes capella propria, chamada *dos fundadôres,* e aonde, n'uma das paredes lateraes, da banda da epistola, encimada pelos escudos das suas armas, está esta legenda:

EM ESTA CAPELLA JAZEM O MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE D. AFFONSO SANCHES, FILHO DEL REY D. DINIZ DE GLORIOSA MEMORIA, VI. REY DESTE REYNO DE PORTUGAL, COM A MUITO EXCELLENTE MADAMA D. TEREJA MARTINS, NETA DEL REY D. SANCHO, FUNDADORES DESTA SANTA CAZA. A QUAL MANDOU FAZER PARA ELLES A MUITO VIRTUOSA SENHORA D. ISABEL DE CASTRO, PRIMEIRA ABBADESSA DA OBSERVANCIA DESTA SANTA CAZA, EM 1526.

Em frente aos moimentos dos Infantes, da banda do Evangelho, e guardando em tudo a mesma disposição, estão dois pequenos mausoleus, de igual lavor, apenas sem estatuas tumulares. N'elles se encerram as cinzas dos dois principes que procederam d'esta união, e que se finaram de meninos. No primeiro estão as figuras dos quatro Doutores da Egreja; no segundo as dos quatro Evangelistas. No cabeçal o seu escudo de armas.

No reinado de D. Affonso V, succedendo ser Mordomo-mór da Rainha D. Isabel um terceiro neto dos fundadores, D. Fernando de Menezes, senhor de Cantanhede, casado com D. Brites de Andrada, filha de Ruy Freyre de Andrada, foi por este requerida á Corôa a mercê de *protector* e *administrador* do mosteiro, em observancia com o que a doação de D. Affonso Sanches prescrevera, quando estatuira que emquanto houvesse pessoas do seu sangue andasse n'ellas o cargo de regedor dos termos e integral cumprimento da sua vontade [1]. Foi este requerimento do senhor de Cantanhede muito impugnado pelo mosteiro, correndo o feito, com variadas e por vezes bem estranhas peripecias, em todos os auditorios da Corôa, vindo por ultimo a ser resolvido em favor de D. Fernando de Menezes, por carta regia de 10 de agosto de 1437.

Têm D. Fernando de Menezes e sua esposa seus moimentos na Egreja do mosteiro, do lado da Epistola, em frente á porta nobre da mesma Egreja, aonde está o escudo das suas armas. Tambem estiveram na gallilé, como os moimentos dos Infantes, e conforme o haviam ordenado. Estão ambos sobre o seu ataúde: elle em suas vestes de mordomo d'el-rei, com sua espada empunhada, roupas largas e fota na cabeça; ella com o seu habito de Santa Clara, com toalha e véo. Aos cabeçaes dois seraphins, amparando as almofadas; os pés repousando sobre dois lebreus que dormitam. O cofre tumular é constituido por cinco arcos gothico-floridos, a meio dos quaes passa uma correia ou fita, em guiza de balção, em que está lançada esta divisa: — : E: MO: Y DE SVA: DAMA. Nos tres corpos restantes, desprendendo-se cada uma de duas argolas, vêem-se tres fitas ou correias, em que estão lavradas estas tres cifras:

POIS SE NÃO QUERO SENHORA SEM VOS ME PARTIR:
DE: VOS AMAR E QUERER: JÁ
POR VOSTRO: AMOR OLUIDO.

— sobre cuja lição um curioso epigraphista anonymo do seculo XVI fez esta paraphrase:

Pues que no tengo poder, señora, de partir,
de vos amar y querer, por veros quiero morir [2].

---

[1] ... teemos por bem e queremos que quando ouver homẽs do nosso linhagem que fasam comprir e guardar todas estas cousas que aqui som contheudas. *Doação de D Affonso Sanches,* in *Mon. Lusit.,* VI parte, pag. 563.

[2] J. H. da Cunha Rivara, *Epitaphios antigos, colligidos por um curioso no seculo de quinhentos.*

des *fondateurs,* ainsi que l'atteste l'inscription suivante tracée sur le mur, du côté de l'épître, sous leurs écus armoriés:

DANS CETTE CHAPELLE GISENT LE TRÈS ILLUSTRE PRINCE D. ALPHONSE SANCHES, FILS DU ROI D. DENIS DE GLORIEUSE MÉMOIRE, VI ROI DU PORTUGAL, ET LA TRÈS EXCELLENTE MADAME D. THÉRÈSE MARTINS, PETITE-FILLE DU ROI D. SANCHE, FONDATEURS DE CETTE SAINTE MAISON. LA TRÈS VERTUEUSE DAME D. ISABELLE DE CASTRO, PREMIÈRE ABBESSE OBSERVANTINE DE CE COUVENT, LA LEUR FIT ÉRIGER EN 1526.

En face des tombeaux des infants, du côté de l'Evangile, sont deux autres semblables, mais de moindres dimensions, qui renferment les restes des deux princes, nés de ce mariage et morts en bas-âge. Ils sont ornés de sculptures pareilles, mais manquent de statues gisantes; dans le premier sont les quatre docteurs de l'Église, dans l'autre les quatre évangelistes; les têtes sont occupées par des blasons.

Sous D. Alphonse V, le seigneur de Cantanhede, D. Ferdinand de Menezes, grand maître de la maison de la reine, marié à D. Brites de Andrade, fille de Ruy Freire de Andrada, demanda en grâce au roi le titre de *protecteur et gouverneur du monastère,* en qualité de descendant en troisième degré des fondateurs, qui avaient reservé aux personnes de leur lignée la tâche de veiller sur la fidèle exécution des termes de la donation [1].

Cette prétention fut combattue à outrance par le monastère, mais au bout d'un long procès semé d'étranges incidents le différend fut vidé en faveur de D. Ferdinand de Menezes, par arrêté royal du 10 août 1437.

Ce seigneur et sa femme sont inhumés dans l'église du monastère, du côté de l'épître, en face de la grande porte qui est décorée de leur écu armorial; leurs tombeaux étaient auparavant placés sur le parvis, de même que ceux des infants et d'après leur formelle détermination. Le gentilhomme est figuré en robe flottante de grand maître, une toque sur la tête, l'épée à la main; sa femme est en clarisse, dûment coiffée et voilée.

Au chevet deux séraphins tiennent les coussins de la tête; les pieds reposent sur deux lévriers assoupis. Le coffre tumulaire est formé de cinq arcs dans le genre dit gothique fleuri, entre lesquels passe un ruban, en guise de banderolle, où est inscrite la divise: E: MO: Y DE SVA: DAMA; dans les corps restants se déroulent, suspendues à trois paires d'anneaux, trois rubans où se lisent les lignes suivants:

POIS SE NÃO QUERO SENHORA SEM VOS ME PARTIR:
DE: VOS AMAR E QUERER: JÁ
POR VOSTRO: AMOR OLUIDO.

— dont un épigraphiste anonyme du XVI[e] siècle a fait la paraphrase suivante:

Pues que no tengo poder, señora, de partir,
de vos amar y querer, por veros quiero morir [2].

*
* *

Lorsque les habitants de Barcellos, fatigués des abus et vexations de l'évêque de Vizeu, seigneur d'une bonne partie des eaux de l'Ave, portèrent leurs doléances aux Cortès d'Evora, convoquées en 1436 par D. Duarte, la juridiction du couvent de Ste Claire fut mise en cause, surtout en ce qui con-

---

[1] ... teemos por bem e queremos que quando ouver homẽs de nosso linhagem que fasam comprir e guardar todas estas cousas que aqui som contheudas. *Donation de D. Affonso Sanches,* in *Mon. Lusit,* VI partie, pag. 563.

[2] J. H. da Cunha Rivara, *Epitaphios antigos, colligidos por um curioso no seculo de quinhentos* (*Épitaphes anciennes recueillies par un curieux au XV[e] siècle*).

*
* *

Já nos dias de D. Duarte, por motivo de ser descoutado todo o rio Ave, pela queixa que os povos de Barcellos levaram ás côrtes de Evora de 1436, pedindo remedio á Corôa contra a oppressão que n'elles estava exercitando o bispo de Vizeu, senhor de uma grande parte d'aquellas aguas, se começou a discutir a jurisdicção do convento de Santa Clara, especialmente na zona marinha em que está assente a parte principal do seu territorio. Não teve o exame d'este negocio consequencias de maior, isto pelo facto de D. Duarte, por Carta regia de 30 de agosto de 1436, dar inteira razão aos queixosos. Mas vindo o mesmo assumpto a offerecer-se novamente á Corôa, no reinado de D. João III, teve-se como assente que o mosteiro estava levando indevidamente a dizima da Alfandega, em manifesto prejuizo dos interesses da Fazenda Real. Foi o feito para os tribunaes da côrte, do que resultou conhecer-se que á abbadessa do convento de Santa Clara não pertenciam taes dizimas, sendo por isso condemnada a restituir quanto até então estivera recebendo. Por sentença de 31 de agosto de 1528 foi pelo Doutor Lourenço Garcez arbitrado que ao mosteiro cumpria devolver á Corôa, como illegal detentor, a somma de 3:650$864 reis. Como esta imposição não fosse cumprida pelas freiras, sob variados pretextos, houveram os ministros recurso a uma penhora na jurisdicção de que era senhor o convento. Foi esta á praça com todas as formalidades, apparecendo n'ella unicamente a licitar o Infante D. Duarte, com offerta de nove mil cruzados. Acceito o lanço, foi o Infante investido na posse da jurisdicção da villa, por auto lavrado a 2 de outubro de 1540, assistindo o corregedor de Guimarães, Hylario Dias, o Provedor dos Residuos e o Ouvidor do Infante D. Duarte.

É pelo casamento do Infante D. Duarte com a senhora D. Izabel de Bragança, irmã do duque de Bragança, D. Theodosio, e filha do duque D. Jayme, verificado em Villa Viçosa a 23 de abril de 1537, que a jurisdicção de Villa do Conde passou definitivamente para a Casa de Bragança.

*
* *

Villa do Conde tem foral de D. Manoel, datado de Lisboa aos 10 de setembro de 1517. Foi, durante o grande periodo da nossa actividade maritima, um dos primeiros estaleiros de Portugal. Ainda hoje, e através da sua adiantada decadencia, sustenta essas honrosas tradições [1].

Durante os reinados de D. Fernando, D. João I e D. Duarte teve fabricas de *pannos de treu*. Em Côrtes pertencia-lhe o oitavo Banco, entre Serpa e Trancoso.

A sua bella Egreja parochial, da invocação de S. João Baptista, é obra do seculo XVI. O seu estylo, posto que já muito deturpado pelas successivas restaurações, póde definir-se como pertencendo ao chamado impropriamente *da decadencia* — a evolução do estylo gothico em Portugal, que o torna em gothico-florido, porventura menos severo e menos contemplativo, e que entre nós se generalisa desde os dias de D. Manoel até D. Sebastião. É obra toda a expensas dos moradores da villa, sem ajuda de braço real. Foi Collegiada instituida a instancias da corôa pelo Arcebispo de Braga, D. Diogo de Sousa, a 18 de fevereiro de 1518, e confirmada por decisão apostolica do Papa Clemente VII, aos VI dias antes dos Idos de setembro do primeiro anno do seu Pontificado (8 de setembro de 1524). O seu côro era constituido de quatro raçoeiros e um sacristão, para cuja mantença estavam fixados uns 14$000 reis que provinham do convento, e 7$000 reis da Reytoria ou Vigariado da Egreja.

O monumental aqueducto, por meio do qual as religiosas eram abastecidas de agua para toda a communidade, e cujo aspecto, com os seus 999 arcos, n'uma extensão de mais de uma legua, imprime á

---

[1] Elisée Réclus, na sua *Géographie Universelle* (I, ch. II, pag. 941) consagra-lhe estas palavras de justiça: — «... Villa do Conde, à laquelle des chantiers donnent quelque animation: *lors des grandes expéditions de découverte qui ont illustré le Portugal, les meilleurs bâtiments étaient ceux qu'avaient construits les charpentiers de Villa do Conde.*»

cernait la zone maritime qui comprenait la plupart de ses terres. Toutefois la chose en resta là, le roi ayant donné entière satisfaction aux plaignants et affranchi définitivement les eaux de l'Ave par lettres royaux du 30 août 1436.

Le sujet fut repris presque un siècle plus tard, sous D. Jean III, et les officiers de la couronne reconnurent que le monastère percevait indûment les droits de douane au détriment des deniers de l'État. L'affaire fut portée devant les tribunaux de la Cour, qui décidèrent en faveur de la couronne et condamnèrent l'abbesse à la restitution des sommes détenues, dont l'arrêté du 31 août 1528, du dr. Laurent Garcez, fixe le montant à 3:650$864 reis.

Les bonnes religieuses reçurent la décision de fort mauvaise grâce et, sous des pretextes variés, en differèrent l'éxécution, jusqu'à ce que les ministres, las de subterfuges, ordonnèrent la saisie et la mise à l'encan des droits seigneuriaux dont jouissait le monastère. La vente eut lieu avec toutes les formalités prescrites par les lois, le seul offrant ayant été l'infant D. Duarte, à qui les droits de juridiction de la ville furent adjugés pour la somme de neuf mille cruzados. L'infant en prit possession le 2 octobre 1540, en présence de son auditeur, du prévot de Guimarães Hylario Dias, et du Procureur des legs pieux.

Ce prince s'était marié à Villa Viçosa, le 23 août 1537 à D. Izabelle, sœur du duc de Bragance D. Théodose et fille du duc D. Jayme; et de chef la juridiction de Villa do Conde passa à la maison de Bragance.

*
* *

Pendant la période glorieuse de notre activité maritime, Villa do Conde s'est distinguée par d'excellents chantiers; et malgré l'extrême décadence de cette branche des constructions en Portugal, elle tâche encore d'honorer ses traditions [1]. Sous D. Ferdinand, D. Jean I et D. Duarte la fabrication de toiles à voiles (*pannos de treu*) y fut très prospère.

D. Manuel lui octroya une charte le 10 septembre 1517; dans les cortès, elle occupait le huitième banc, entre Serpa et Trancoso.

La belle église paroissiale, sous l'invocation de St. Jean Baptiste, remonte au XVIe siècle, et a été entièrement bâtie aux frais des habitants de la ville, sans aucun subside du trésor royal. Quoique dénaturée par des restaurations successives, le style peut en être défini comme appartenant au gothique fleuri — assez arbitrairement nommé de la décadence — qui clôt chez nous, de D. Manuel à D. Sebastien, l'évolution du gothique.

La Collégiale a été instituée le 18 février 1518 par l'archévêque de Braga D. Diogo de Sousa, sur les instances de la couronne; la confirmation apostolique du pape Clement VII est datée du sixième jour des ides de septembre de la première année de son pontificat (8 septembre 1524). La chœur en comprenait quatre prébendés et un sacristain; le couvent y contribuait annuellement pour 14$000 reis et la vicairie de l'église pour 7$000.

L'aqueduc monumental, qui approvisionait d'eau toute la communauté, décore le paysage de ses 999 arcs, sur une longueur de plus de cinq kilomètres, en lui donnant de vagues ressemblances avec la campagne des environs de Segovia. Cet ouvrage, dû à l'architecte italien Philippe Terzio, est tombé en ruine.

La façade actuelle du couvent, dans le genre qu'on est convenu d'appeler *renaissance française*, date des commencements du siècle passé; elle est entièrement en desaccord avec la double nature de l'édifice, à la fois monastère et château seigneurial. On ne sait rien sur le style de l'ancienne construction monacale.

Le pilori appartient au type juridique — *judicis non vindicis;* sur les lanternes est l'epée de mi-

---

[1] Elisée Réclus, dans sa *Géographie Universelle* (I, ch. II, pag. 941) lui rend justice en ces mots: — «lors des grandes expéditions de découverte qui ont illustré le Portugal, les meilleurs bâtiments étaient ceux qu'avaient construits les charpentiers de Villa do Conde.»

paizagem um vago e imperfeito esboço dos campos de Segovia, é obra do architecto italiano Filippe Terzio. Está cahindo em ruinas.

A fachada actual do convento, no gosto e pelas prescripções da chamada *Renascença Franceza*, em tudo inconciliavel com o sentimento que devera predominar n'um monumento d'aquella dupla essencia de mosteiro e de castello-senhorial, é dos principios do seculo passado. Não ha memoria nem vestigios do estylo que revestia a antiga fabrica monacal.

O seu pelourinho é do typo juridico — *judicis non vindicis*. Sobre as suas lanternas lá está, em acção de julgar sem odios, a espada da Misericordia. É uma verdadeira columna marsya, sem o aspecto ignominioso que, em regra, revestem estes marcos feudaes.

Dos restos da antiga ponte, que atravessava o Ave, em frente ao mosteiro, obra de D. Francisco de Almada, o Pombal-do-Norte, e destruida por uma cheia do rio em 11 de janeiro de 1821, levaram alguns patriotas para a fronteira occidental da villa, junto á ourela do mar e a dois passos do seu desmantellado castello, uma agulha ou pyramide com que tiveram em vista celebrar o primeiro desembarque das forças liberaes em 1832. Este passo fôra, ao que se diz, suggerido em 1860 por iniciativa do estadista Antonio José d'Avila, mais tarde conde, marquez e duque dos seus appellidos, e a cuja fonte se devem porventura as variadas inscripções commemorativas, em má prosa e em pessimos versos, que o fallecido escriptor Pinheiro Chagas diz estarem gravadas na parte inferior do busto do Libertador, e nas faces lateraes do monumento, que olham ao occidente e ao septentrião. Felizmente nem lá existe nenhum busto do Libertador, nem, do mesmo modo, se esculpiram nunca os desenxabidos periodos que o referido escriptor accusa. Sem verdade, sem elevação e sem magestade, essas inscripções não serviriam senão de documento vivo da falta de sentimento moral e de cultura mental de uma época sem crenças e sem sinceridade. Dizer-se n'um padrão que se destina á Posteridade, que é como quem falla com Deus, que D. Pedro IV «perdera dois sceptros» unicamente «por dar a liberdade á lusa gente», é, não só faltar á verdade historica mais elementar por uma fórma tão servil como manifesta, mas tambem mentir com um despejo digno da mais aspera censura.

Ainda bem que as taes inscripções se não lavraram, e que o modesto pilar da velha ponte do Ave não teve de consentir, na insensibilidade do seu batido granito, tão baixa mentira.

Reza uma tradição local divulgada em varias memorias, mas que nenhum documento digno de fé parece confirmar, que o castello da barra de Villa do Conde fôra, em seus remotos principios, obra do Infante D. Affonso Sanches, o santo e heroico fundador do mosteiro de Santa Clara. Tal asserto é improvavel. Os inimigos de que o Infante se arreceiava, e a cujas armas procurava fundar um assento de resistencia quando se deliberou alevantar um castello á margem do Ave, esses inimigos não o podiam ameaçar pela barra. Por terra é que elle justamente os temia.

Sobre essa primitiva fundação de duvidosa historia é que o Infante D. Duarte começára no seculo XVI alguns trabalhos de reparação e de defeza, trabalhos que se seguiram, com maior ou menor interrupção, desde os principios do seculo XVII até os dias de D. Pedro II.

Hoje o castello da barra de Villa do Conde, sem physionomia e sem tradições, é, simplesmente, o começo já bem adiantado de uma ruina incaracteristica e banal.

José Caldas.

séricorde, jugeant sans haine. C'est une vraie colonne de Marsyas, sans toutefois le caractère ignominieux que revêtent d'ordinaire ces monuments féodaux.

Sur le bord de la mer, et à deux pas du château délabré qui termine la ville à l'ouest, quelques patriotes dressèrent une sorte de pyramide, faite des restes de l'ancien pont sur l'Ave, bâti en face du couvent par ordre de D. François d'Almada, le Pombal du Nord, et détruit le 11 janvier 1821 par une crue exceptionnelle de la rivière.

Ce monument était censé célébrer le premier débarquement de l'armée libérale en 1832. L'idée en a été suggerée, dit-on, par Antonio José d'Avila, devenu plus tard comte, marquis et duc de son surnom; c'est probablement à lui qu'on doit attribuer les inscriptions commémoratives, en mauvaise prose et en vers détestables, que feu Pinheiro Chagas affirme exister sous le buste du Roi libérateur, et sur les faces ouest et sud de la pyramide. Ce ne sont là, heureusement, que des fables; il n'y a aucune trace du buste ni de ces fades inscriptions, entièrement dénuées de vérité, d'élévation et de majesté. Dire, dans un monument destiné à la postérité, que D. Pierre IV «perdit deux sceptres» rien que pour «donner la liberté au peuple portugais», c'est manquer d'une façon éclatante à la vérité historique la plus élémentaire, et faire preuve d'un esprit de flatterie qui dépasse les bornes de la servilité.

Fort heureusement, répétons-le, le modeste pilier du vieux pont de l'Ave, fouetté de toutes les intempéries, n'a pas essuyé la honte d'une si basse fausseté.

Une tradition locale, accueillie en plusieurs mémoires malgré l'absence de toute preuve documentaire digne de confiance, veut que le vieux château, sis à l'embouchure de l'Ave, ait été primitivement bâti par l'infant D. Alphonse Sanches, le saint et héroïque fondateur du couvent de Ste Claire. Cette tradition nous semble improbable. Les ennemis du prince, ceux contre qui il voulait, non sans raison, se prémunir en elévant une forteresse sur les rives de l'Ave, ne le menaçaient pas du côté de la mer. C'est par terre qu'ils auraient pu l'attaquer.

C'est sur ces fondations, d'une origine historiquement douteuse, que vers le XVI[e] siècle l'infant D. Duarte entreprit de faire quelques ouvrages de réparation et de défense qui, avec des intervalles de repos, ont été poursuivis jusqu'à l'époque de D. Pierre II.

De nos jours, le château, dépourvu de cachet et de tradition n'est, à bien dire, qu'une ruine incaractéristique et banale, dont la disparition assez prochaine ne laissera aucun regret.

José Caldas.

Os costumes de Vianna

odos appellidam o Minho — jardim de Portugal, e na verdade não ha região no nosso paiz que mais impressione o viajante do que esta provincia.

O seu sólo, de natureza granitica, é muito accidentado; os blocos que coroam as cumiadas ou rolaram para os valles, attestam ainda as temerosas convulsões do globo nos primeiros periodos.

N'uma situação excellente, onde os mananciaes de agua jorram de todos os cantos, não havendo logar que não possua uma fonte, e onde a vegetação não cessa nas montanhas, porque os pinheiraes, os soutos e as devezas cobrem as penedias das encostas. A fita branca dos muros das quintas orlam as estradas, e d'entre os tufos de verdura, cingidos pelas latadas, alvejam as casas que animam a paizagem contínua, porque todo o Minho é uma povoação constante; e apesar da diaria emigração que transborda para o Brazil, Hespanha e sul do reino, ainda assim persiste a mais populosa das nossas provincias.

O Minho, propriamente dito, compõe-se dos districtos administrativos de Braga e Vianna do Castello; este ultimo, porque está encravado entre a Galliza e o Atlantico, resente-se da visinhança: as nossas tradições provêm do oceano, ou conservam o cunho callaico; e os misteres usuaes do minhoto repartem-se entre a agricultura e a pesca.

Nos valles dos rios e na orla maritima estendem-se uberrimas veigas, sementadas alternadamente de milho ou centeio e de trigo, mas cujos processos de cultura, devido á propriedade achar-se retalhada em pequenos campos ou sub-dividida em minusculas *leiras,* são ainda os rotineiros.

Berço da nossa nacionalidade o Minho conserva as mais remotas tradições, praticando o primitivo culto pantheista da natureza; e por isso cada trabalho agricola é uma festa, e cada *romaria* uma manifestação das pristinas crenças de outras idades.

Devemos aos romanos, ou pelo menos effectuou-se durante o seu dominio na Hispania, a identificação da fórma pagã da idolatria, que impunemente vae atravessando o christianismo.

O nosso povo n'uma ignorancia ingenua, que lhe é particular, confunde religiões, ritos e superstições, transigindo successiva e apparentemente com o conquistador; do templo (*fanum*) e da mesquita fez uma egreja, da capella (*sacellum*) uma ermida; o altar substituiu a ara; o forno cinerario (*palumbarium*) converteu-se no sepulcro de tijolo, e depois no tumulo monolithico, como outr'ora; e onde se adorava um idolo, venera-se hoje um santo; as estatuas transformaram-se em imagens christãs, sem grande processo de formalidades, embora se pretenda inculcar o contrario.

A devoção d'esses sagrados padrões continúa na corrente dos seculos!

N'este rincão occidental debateram-se diversas raças e tribus, mas havendo logar para todos, estabeleceram-se conforme a conveniencia de momento, e amalgamando-se sob o poder do mais forte, obedeceram aos gregos, phenicios, carthaginezes, desposando os aborigines a causa d'estes contra os romanos.

Com que pertinacia não luctaram os nossos antepassados contra as pérfidas tropas consulares, que durante tres seculos não cessaram de invadir a peninsula?

Estava ainda incompleta a romanisação da Iberia, quando despontaram nos Pyrineus as hordas dos barbaros. Foi então que nos adveio do fundo das florestas germanicas o espirito de liberdade, que as posteriores excursões dos *normandos* de ambas as margens do Rheno nos fomentaram na época das cruzadas; e a sua permanencia no condado portucalense, nos ajudaram a implantar a independencia nacional.

É ao genio aventureiro d'estes reis do mar que devemos a genese do gosto pela navegação, e n'elle fundamentamos as nossas audazes emprezas ultramarinas.

*

* *

No concelho de Vianna não ha outra industria rural que não seja a engorda do gado para exportação; a *lavoura,* como aqui chamam á agricultura, constitue a principal occupação do nosso povo campestre.

Usages et costumes de Vianna

n donne généralement le nom de jardin du Portugal à la province du Minho et cette désignation est amplement justifiée, car aucune autre région du pays ne saurait lui disputer l'attention du voyageur.

De nature granitique, le sol en est très montagneux et les blocs qui couronnent les sommets ou ont roulé jusqu'aux profondeurs des vallées évoquent les redoutables convulsions du globe pendant les premiers âges.

Admirablement située, les sources d'eau vive jaillissant de partout à chaque pas, le moindre hameau a sa fontaine; les sapinières, les bois touffus et les prairies couvrant les roches des coteaux, lui conservent une eternelle verdure.

La ligne blanche des murs des fermes borde les routes et, entre les bocages touffus qu'entourent les treilles de vigne, on aperçoit un peu partout les blanches maisons égayant le paysage, le Minho étant la province la plus populeuse du royaume en dépit de l'emigration constante pour le Brésil, pour l'Espagne et pour le sud du pays.

Le Minho, proprement dit, comprend les districts de Braga et de Vianna do Castello: celui-ci se ressent de la proximité de la Gallicie et de l'océan entre lesquels il se trouve enclavé. Les traditions procèdent de la mer ou gardent le cachet callaïque; les habitants partagent leur temps entre l'agriculture et la pêche.

Les vallées des fleuves et les bords de la mer sont formés de plaines d'une grande fertilité, semées alternativement de maïs ou de seigle et de blé; cependant la propriété y est tellement divisée et morcelée que les procédés de culture demeurent toujours les primitifs.

Berceau de la nation, le Minho conserve les traditions les plus éloignées et exerce jusqu'à ce jour le culte panthéiste de la nature: point de travail agricole sans fête, point de *romaria* qui ne soit une manifestation des lointaines croyances d'un autre âge.

C'est aux romains que nous devons, ou tout au moins c'est à l'époque de leur domination sur la péninsule qu'eut lieu l'identification de la forme païenne de l'idolâtrie qui se maintient impunément à travers le christianisme.

Le peuple, d'une naïve ignorance, qui lui est particulière, tout en se soumettant successivement et en apparence au vainqueur, confond les religions, les rites et les superstitions: du temple (*fanum*) et de la mosquée il se fait une église, de la chapelle (*sacellum*) un ermitage; l'autel prend la place de la pierre aux sacrifices, tandis que le four cinéraire (*palumbarium*) cède la sienne au tombeau d'argile pour revenir au monument monolitique primitif; là, où l'idole était adoré autrefois, on vénère aujourd'hui le saint; les statues se sont transformées en images chrétiennes sans grands frais de formalités, quoique l'on s'efforce de soutenir le contraire.

La vénération de tous ces monuments sacrés continue sans interruption à travers les siècles.

Plusieurs races et tribus se sont débattues dans ce coin de l'occident, mais comme il y avait de la place pour toutes, elles se sont fixées selon la convenance du moment, et, s'entremêlant sous l'influence du plus fort, obéirent tour à tour aux grecs, aux phéniciens et aux carthaginois dont les natifs épousèrent le parti contre les romains.

Faut-il rappeler la vigueur et l'obstination indomptables dont nos ancêtres firent preuve contre les perfides légions qui ne cessèrent, trois siècles durant, d'envahir la péninsule?

La soumission de l'Espagne au pouvoir de Rome était un fait à accomplir lorsque les hordes barbares firent leur apparition en deçà des Pyrénées. C'est à ce moment que du fond des forêts tudesques nous est venu le germe de liberté que les invasions ultérieures des normands des deux bords du Rhin firent éclore à l'époque des croisades et c'est en partie à la permanence de ces derniers dans le comté portugalois que nous devons l'implantation de notre indépendance nationale.

Notre penchant pour la navigation trouve son explication dans le naturel aventurier de ces rois de l'océan, dont l'exemple fut cause de nos plus hardies prouesses maritimes.

O termo *lavrador* applicámol-o não só ao jornaleiro, antigo cabaneiro, sem eira nem beira, como ao pequeno proprietario que cultiva terras de renda, de que paga *pensão* ao senhorio pelo S. Miguel, 29 de setembro.

Entre nós os haveres de cada um avaliam-se pelos carros de pão que recebe, e pelas pipas de vinho que envasilha na adega.

A plantação dos vinhedos tem tomado incremento nos ultimos annos, e na insania de auferir grandes lucros o lavrador até sacrifica o terreno destinado a cultivo dos cereaes, esquecendo que o milho e o centeio sustentam a sua familia.

A vinha na baixa ribeira Lima está disposta em *latadas,* apoiadas em *esteios* de pedra, substituindo-se presentemente a madeira pelo ferro e fio de arame zincado; o vinho d'esta região, apesar do nome de *verde,* apresenta a côr tinta, com bastante corpo, saboroso ao paladar; merecem especial menção as qualidades de Perre, Outeiro, Santa Martha e Deão.

Guarda o nosso lavrador as lendarias festas campestres: *lavrada* ou vessada, *segada* ou ceifa, linhar ou *espadellada, esfolhada* e *malhada, vindima,* e *sarrabulho* ou matança do porco; n'estes trabalhos e alegrias tomam parte os visinhos, parentes e amigos, que mutuamente se ajudam.

As terras para o centeio lavram-se em novembro, as de milho em março e abril; aquelle, como o trigo das veigas da riba-mar, sega-se pelo solsticio de verão, e d'ahi o adagio — «em junho, foucinha no punho» —.

O linho, ainda hoje, se torna necessario para os usos domesticos; o grosso, *tumentos* e *estôpa,* serve para os merendeiros, toalhas, lençoes, camisas e calças dos homens.

A lã das ovelhas é lavada e cardada, e depois de tecida vae a pisar ao engenho *folão,* e a este panno chamam *bragal* ou *burel.*

Como temos duas qualidades de linho, *mourisco* e *gallego,* colhido em estações oppostas, tambem a época das *espadelladas* varía, mas ordinariamente realisam-se em junho.

Á espadellada concorrem as mais galantes moças do logar, que trabalham e cantam á porfia, acabando por dançar com os rapazes que se lhes juntam.

Mas os maiores descantes effectuam-se nas *esfolhadas;* e o milho cortado durante o quente dia de setembro amontoa-se na eira ou no proximo cobêrto; n'este logar á noite os convidados tomam a tarefa de descamisar as espigas do milho enchendo os cestos.

Não faltam ahi os mascarados, *conversados* das raparigas presentes, que em verso lançam o mote, ao qual as noivas respondem ao pé da letra, por vezes com quadras de rima livre, conceituosas e originaes. Como á meia noite a companhia deve estar desfeita, ás onze abancam á mesa para ceiar, havendo frequentes libações do *verdasco,* que esquenta os animos dos ciumentos, terminando não poucas vezes por se desafiarem, e sahirem a jogar o pau, abrindo reciprocamente as cabeças.

Todavia o minhoto é pacato, soffredor e economico; o que sobretudo o exaspera são as contendas de agua, não tolerando que o visinho impunemente lhe usurpe meia hora de agua de rega, e logo corre apressado para a justiça, em longo e dispendioso pleito.

Os campos de milho desde o S. João, 24 de junho, a 8 de setembro costumam ser regados, e como a agua vae diminuindo com a estiagem, é distribuida, dia e noite, por horas pelos consortes.

O nosso homem trabalha de sol a sol, anda muito, alimenta-se de substancias sãs, pondo de parte os condimentos irritantes.

O pão de milho, a *borôa,* constitue a base do sustento do lavrador, e á *malga* de caldo de couves com feijões ajunta em occasião dos trabalhos duas sardinhas salgadas ou uma posta de bacalhau, e a *infusa* ou canéca de vinho enche successivamente as tigelas vasias, que correm a roda, de bocca em bocca, n'uma franqueza peculiar ao nosso aldeão, pois que offerece sempre a pinga ao seu visitante.

Completam o nosso casal a junta de bois ou vaccas, o cão, fiel guarda da casa, e meia duzia de pequenas gallinhas, que á vontade esgaravatam no quinteiro, capitaneadas por um altivo gallo, cujo canto matinal é o despertador do campo.

O *logar* ou casal compõe-se de terreno lavradío, arvores de fructo, eido ou terreiro com latadas, que tambem circumdam todo o predio, cobrindo todos os caminhos e vallados.

A casa de alvenaría caiada costuma ter pavimento alto, varanda exposta ao sul ou poente, com servidão pela escada de pedra; em baixo ficam as córtes do gado e a adega.

*
* *

L'engraissement du bétail pour l'exportation est la seule industrie rurale connue dans le district de Vianna et les travaux agricoles forment la principale occupation des gens du peuple.

La désignation de *lavrador* comprend non seulement le journalier misérable, sans sou ni maille, mais encore le petit propriétaire qui cultive les champs qu'il loue moyennant une redevance payable à la Saint Michel, 29 septembre: le bien d'un chacun s'évalue par le nombre de mesures de maïs qu'il reçoit et par les pièces de vin qui entrent dans sa cave.

La plantation des vignobles a pris un grand essor dans ces derniers temps et la convoitise de gros profits a amené le laboureur, oublieux de ce que le maïs et le seigle assurent la nourriture de la famille, à sacrifier le terrain affecté d'ordinaire à la culture des céréales.

Dans la région du bas-Lima la vigne est disposée en treilles, appuyées à des étais de pierre; le fil de fer est venu substituer les poutres, tombées en desuétude; le vin de cette région est agréable au goût et malgré sa désignation de *verde,* a beaucoup de couleur et assez de corps: les plus estimés sont ceux de Perre, Outeiro, Santa Martha et Deão.

Les paysans observent scrupuleusement les fêtes champêtres traditionnelles: *lavrada* ou *vessada, segada* ou *seifa, linhar* ou *espadellada, esfolhada, malhada, vindima* et *sarrabulho* (tuage des cochons): les voisins, les parents et les amis prennent leur part à l'exécution de ces travaux.

Les terres affectées à la culture du seigle sont labourées en novembre, celles qui produisent le maïs en mars et avril; celui-là, ainsi que le blé des plaines bordant la mer, se fauche à l'époque du solstice d'été, d'où l'adage — «en juin, faux au poing».

Le lin est indispensable dans le ménage: les qualités ordinaires, *tumentos* et *estopa* (étoupe) sont employées à la fabrication des nappes, des serviettes, des draps de lit, des chemises et des pantalons.

La laine des brebis est lavée et cardée; après le tissage on la passe au moulin à foulon. L'étoffe ainsi obtenue s'appelle *bragal* ou *burel.*

Comme il y a deux variétés de lin, le *mourisco* et le *gallego,* dont les récoltes se font en des saisons différentes, l'époque des *espadelladas* varie: c'est cependant en juin qu'elles ont lieu le plus souvent, avec le concours des plus jolies filles de l'endroit qui travaillent et chantent à qui mieux mieux, dans l'attente de la danse finale avec les gars qui ne manquent jamais de paraître.

Mais de toutes les fêtes du travail, l'*esfolhada* est sans doute celle qui attire le plus de monde. Le maïs coupé pendant la chaude journée de septembre s'amoncelle sur l'aire ou dans l'appentis à côté. C'est là que, le soir, les invités se mettent gaîment à la besogne qui consiste à enlever les gousses qui enveloppent les épis dont ils emplissent les corbeilles.

Les gars amoureux masqués provoquent de leurs chants leurs fiancées qui répondent promptement et parfois les réponses, en quatrains rimés, ne manquent ni d'esprit ni d'originalité. Comme il faut que tout soit fini à minuit, on se met à table à onze heures pour le souper. Alors commencent les abondantes rasades de *verdasco* et souvent, après la sortie, les jaloux, surexcités et échauffés par le vin, se livrent à de véritables batailles où pleuvent les coups de bâton et où les membres cassés et les têtes fendues ne sont malheureusement que trop frequents.

Cependant le paysan du Minho est patient, dur au travail et ami de l'épargne: ce qui surtout l'exaspère, ce sont les disputes d'eaux. Jamais il ne souffrira que le voisin lui prenne, quand ce ne serait que pendant une demi-heure, l'eau d'arrosage à laquelle il a droit. Plutôt que de fermer les yeux sur un si mince délit, il est capable de porter plainte devant les tribunaux et de courir les risques d'un procès long et couteux.

Comme les champs de maïs doivent être arrosés depuis la St. Jean, 24 juin, jusqu'au 8 septembre et que l'eau, par ce temps de chaleur, devient chaque jour plus rare, les intéressés se la partagent par heures. Le paysan travaille depuis le lever jusqu'au coucher du soleil, il marche beaucoup et se nourrit d'aliments sains.

Le pain de maïs, la *borôa,* forme son aliment principal. A l'écuellée de bouillon de choux et d'haricots qui forme son ordinaire il ajoute, quand le travail le presse, deux sardines saures ou bien

As caixas de castanho e de pinho tornam-se o mobiliario indispensavel ao lavrador; servem de tulha, dispensa, guarda-fato, cofre, mesa, e até de banco, quando de menores dimensões.

A cozinha terrea serve de sala de jantar, e na vasta lareira toda a familia se aquece no inverno durante os longos *serões*, em que as velhas contam as historias que se vão transmittindo atravez as gerações.

Gosta o minhoto de concorrer á *feira* ou mercado semanal ou quinzenal, não trabalhando n'esse dia; e não falta ás *romarias* das aldeias proximas. Mas as grandes festas d'esta provincia são o Natal e a Paschoa.

Na noite de 24 de dezembro prepara-se uma ceia de bacalhau cozido com couves, bolinhos d'este peixe, bacalhau guisado com batatas e cominhos, bolos de gerimú, e como sobremesa *rabanadas* e ovos mexidos. Na lareira onde crepita o *cepo do Natal*, grande tronco de uma velha arvore, ferve o pote com o vinho quente com mel, bebida especial da occasião.

Quando se requer mais lauta ceia demoram-a para depois da meia noite, afim de acabar o jejum.

Em volta da mesa tomam assento todos os membros da familia, alguns vindos de longe para assistirem á *consoada;* n'esta noite não ha distincção de pessoas, comendo todos amos e creados na mesma mesa; aos familiares que não podem assistir recebem para consoada um bacalhau, pão trigo, a que chamam *molete*, assucar, arroz, castanhas, nozes e pinhões.

No dia de Paschoa aceia-se a casa, espalham-se hervas cheirosas no pateo para recepção da visita parochial, em que o abbade, de hysope em punho, asperge os freguezes, dando-lhes as boas-festas, o sacristão offerece a cruz a beijar, e os dois mordomos recebem, um os ovos na cesta, e o outro as moedas de prata na caldeira da agua benta; como batedores vêm dois ou mais rapazes com opas tocando campainhas.

A maior parte das casas apresentam comida e vinho ao prestito, mas o grande jantar está preparado em casa de um dos mais abastados lavradores da freguezia, eleito *mordomo da cruz:* ahi o *tinto* espuma nos cantaros, lembrando as bodas de Canaan.

Em domingo de Resurreição todos comem carne de vacca, arroz de forno, cabrito ou gallo, e o classico arroz dôce. Os padrinhos dão aos afilhados o *folar*, grande rosca de pão trigo, em fórma de ferradura, incrustada de ovos tingidos.

*
* *

O mercado semanal realisa-se em Vianna na sexta-feira; n'esse dia ha extraordinario movimento na cidade; mas a feira começa cedo, e ao meio dia está tudo em debandada.

A praça no largo de S. Bento não comporta o mulherio que afflue, por isso cá fóra no aterro á beira do Lima, entre o jardim publico e a ponte do caminho de ferro, estende-se a restante feira de productos e artefactos ruraes.

Aqui entre as filas de aldeãs, que em pé e com os cestos no chão mercadejam, podemos á vontade examinar as *moças* que mais se salientam por sua elegancia e côres fulgurantes do vestuario. Pômos de parte o fato escuro das mulheres de Darque, das gandarezas do Neiva, das sargaceiras de Anha, e as antiquadas roupas das serranas de Pêrre, Outeiro e Montaria.

Acolá destacam-se duas bellas raparigas! Mas que differença no typo e no traje! Esta é alta, delgada, esbelta; rosto oval e tez d'um branco pallido; nariz aquilino, olhos azues e cabello castanho claro. Moldura-lhe a cabeça um grande lenço azul franjado, cujas pontas depois de formarem o nó no alto, pendem artisticamente sobre as fontes, ornadas de bellezas. Veste saia de *riscas*, branca com fios verdes, orlada inferiormente com fôrro azul ferrete, deixando vêr o tornozelo, e calçando meia branca de entreabertos sobre uma pequena chinella. O casaco de panno preto, com que vem á cidade, data de poucos annos, porém desvanece-nos este mau effeito o garbo com que ella se apresenta e exprime; a sua esculptural figura denuncia-nos procedencia da raça hellenica. E não se pense que esta mulher de Affife seja unicamente uma peça decorativa; ella, e as suas circumvisinhas de Ancora e Carreço, tam-

une darne de morue. La *infusa*, sorte de cruche à vin, se vide et les pichets pleins font, de bouche en bouche, le tour de la table où règne une familiarité toute particulière à nos villageois.

L'attelage de charrue formé d'une paire de bœufs ou de vaches, le chien, gardien fidèle de la maison, une demi-douzaine de poules et le coq dont le chant matinal donne le signal du réveil aux champs, complètent le bien du paysan du Minho qui comprend en outre la terre labourable, les arbres fruitiers, et les treilles de vigne qui entourent la propriété et couvrent les chemins et les fossés.

La maison en maçonnerie, blanchie à la chaux, avec balcon tourné au sud ou au couchant, est haute de plancher. Un escalier en pierre y donne accès: les étables et les caves se trouvent en bas au rez de chaussée.

Les caisses en bois de marronnier ou de sapin forment le mobilier indispensable au paysan: elles sont à la fois son grenier, sa garde-robe, son garde-manger et les plus petites lui servent même de siège.

La cuisine, au rez de chaussée, sert de salle à manger; c'est là que la famille assemblée autour de l'âtre passe les longues soirées d'hiver et que les vieux racontent les vieilles histoires qui se transmettent ainsi à travers les générations.

L'habitant du Minho ne manque jamais la *feira* ou marché hebdomadaire ou bi-mensuel. Le jour de marché est pour lui un jour de repos: on est encore sûr de le trouver aux pélérinages des villages voisins, mais c'est à la Noël et à Pâques qu'ont lieu les grandes fêtes de la famille.

Pour la soirée du 24 décembre on apprête un souper monstre où la morue sêche est préparée et assaisonnée de plusieurs façons — aux choux, en boulettes, aux pommes de terre, au cumin, etc. Les *rabanadas* et les œufs brouillés au sucre forment le dessert. Le pot de vin au miel, boisson spéciale du jour, roufle sur l'âtre où pétille le *cepo do Natal* — gros tronc d'un vieil arbre. S'il s'agit d'un repas plus copieux on attend jusqu'après minuit pour ne pas rompre le jeun. Alors tous les membres de la famille, dont quelques-uns arrivés de loin, prennent place autour de la table: on ne fait point de distinction de personnes, maîtres et domestiques s'assoient côte-à-côte et ceux de ces derniers qui n'ont pu venir reçoivent chacun une morue, du pain de blé qu'ils appellent *molete*, du sucre, du ris, des chataignes, des noix et des pignons.

Le dimanche de Pâques on embellit la maison et l'on jonche la cour d'herbes aromatiques pour la visite du curé qui, le goupillon au poing, asperge ses paroissiens, leur souhaitant une bonne fête, tandis que le sacristain donne la croix à baiser et que les deux majordomes reçoivent, l'un les œufs dans la corbeille, et l'autre les pièces d'argent dans le bénitier: deux enfants de chœur prennent les devants et annoncent l'arrivée en faisant entendre des coups de sonnette. Dans la plupart des maisons on leur offre à boire et à manger, mais c'est chez l'un des plus cossus du village, élu majordome de la croix, qu'a lieu le grand dîner où la profusion des cruches de vin rappelle les noces de Cana. Ce jour-là tout le monde mange de la viande, du riz, du chevreau ou du coq et le traditionnel ris au lait. Les parrains donnent aux filleuls le *folar* (cadeau de Pâques), gros pain de blé en forme de fer à cheval, incrusté d'œufs teints.

*
* *

À Vianna, il y a marché tous les vendredis; la ville offre, ces jours-là, une grande animation; cependant comme il commence de bonne heure, à midi la débandade est complête.

La place de S. Bento est insuffisante pour contenir les femmes qui y affluent de partout avec leurs marchandises et leurs produits ruraux; le trop plein s'arrange comme il peut entre le quai et le pont du chemin de fer.

On peut alors admirer à l'aise, entre les files de villageoises qui trafiquent debout devant leurs corbeilles, celles dont l'élégance et les costumes aux voyantes couleurs frappent le plus l'attention. On les distingue facilement au milieu des robes sombres des femmes de Darque, des habitantes des landes du Neiva, des marchandes de varech d'Anha, et entre les costumes surannés des montagnardes de Pêrre, d'Outeiro et de Montaria.

Voici deux filles vraiment belles! Mais quelle différence de type et de costume! La première est grande, mince, elancée, le visage oval est d'un blanc pâle; le nez aquilin, les yeux bleus et les cheveux

bem do typo grego, cultivam na ausencia dos homens, estucadores e caiadores, toda a veiga da ribamar, onde outr'ora aportaram os fugitivos de Troia.

Aquell'outra rapariga surprehende-nos pelo conjuncto das tintas iriadas dos vestidos que lhe realçam as graças naturaes; de mediana estatura, rosto redondo e córado, olhos castanhos e cabellos pretos; de carnes rijas onde gira o sangue rubro, que revela saude e força, tem a viveza e a petulancia de quem conhece o que vale. Envolve-lhe a fronte amplo lenço de panninho vermelho com *penas de pavão,* gosto persa, atado á maneira de Affife. Sob a alva camisa de linho com bordados na gola, hombreiras e punhos, estes quasi sempre arregaçados, patenteando roliços braços, — desenha-se um busto cheio, comprimido a custo n'um coletinho de casimira carmezim, guarnecido a velludo preto, pespontado a capricho com sutache e lentejoulas, e fechado na frente por um cordão de espiguilha. Traça no peito, occultando por decôro o relevo dos seios, um meio lenço amarello, sobre que assentam os fios de contas de ouro com cruz, os rocões e o cordão em varias voltas pendendo do pescoço com *borboleta* e *habito* esmaltado. A saia de *riscas,* de lã urdida com algodão branco, e tapada com lãsinha vermelha com fios azues e verdes, e fimbrada com fôrro de 0^{m},20 de panno escarlate — assaz curta — descobre uma perna pyramidal e bem torneada.

A Santa-marthense calça como a Fifana. Entre o collete e a saia de trincha pregueada apparece na cinta a camisa refegada.

Prende-nos sobretudo a attenção o avental, tambem de *sirguilha,* com barras enxaquetadas de tintas vivas, magnificamente combinados os tons, e de uma execução perfeita; na tira superior sobre o funeu ha a profissão de fé da galante dona: dois corações trespassados por uma setta, e dos lados a cruz da Ordem de Christo e o signo samão judaico, e em grandes iniciaes a palavra AMOR, bordadas a linha vermelha. Completa este garrido e vistoso traje a algibeira, de pedaços de panno, polychromos, e ornada de lentejoulas e missanga. No ultimo relance advertimos que pendem das orelhas dois pares de brincos: as arrecadas mouriscas de filigrana de ouro, e os pingentes fusiformes com seus respectivos botões.

Terminando, diremos que vestem estas alegres roupas chamadas da *Areosa* não só as mulheres d'esta freguezia, mas ainda as da Meadella, Santa Martha, Serraleis e Cardiellos, áquem Lima, e as de Deão e Geraz, além rio.

Mas as saias de sirguilha mostram-se-nos n'uma infinita variedade de riscas em todas as côres e em todas as qualidades de panno, com forros mais ou menos largos, e por vezes excessivamente compridas.

Entre nós ha raparigas de porte tão senhoril e de feições tão delicadas, que diriamos que, nas margens do Lima, e nos arredores de Vianna, existem as mais lindas creaturas da terra, princezas disfarçadas em lavradeiras.

*
*   *

As nossas phototypias representam:

— Uma *espadellada* formada de quatro lavradeiras da freguezia de Santa Martha; sobre o cortiço apoiam o linho que seguram na mão esquerda, e na direita empunham a espadella de madeira; dentro de um crivo vê-se já o linho em estrigas.

— Duas moças das mais guapas de Portuzello, uma com o cesto usual, e outra com a foucinha de cortar a herva, formam um delicioso par.

— Uma insinuante rapariga, sobraçando a cesta domingueira, expõe-se gentilmente diante da objectiva da machina.

— O palacio dos viscondes da Carreira; *A Arte e a Natureza* já se lhe referiu no numero anterior, por isso nos dispensa mais explicações.

L. de Figueiredo da Guerra.

chatain clair. La tête est couverte d'un grand foulard bleu garni de franges, noué en haut, dont les pointes lui tombent gracieusement sur les tempes. Elle porte une jupe blanche à raies vertes, ornée au bas d'une doublure bleu foncé, et laissant voir des bas blancs, couvrant les chevilles; les pieds sont chaussés de mules. Certes, la veste en drap noir qu'elle porte est vieille et passée, mais sa franchise et sa gentillesse la font vite oublier; sa figure sculpturale dénonce une origine grecque. Que l'on n'aille pas croire que cette femme d'Affife se trouve là pour la décoration: elle et ses compagnes d'Ancora et de Carreço, qui conservent elles aussi le type grec, cultivent dans l'absence de leurs hommes, stucateurs ou badigeonneurs, toute la plaine au bord de la mer, où débarquèrent autrefois les vaincus fugitifs de Troie.

La seconde, de taille moyenne, attire l'attention par la variété irisée des couleurs de son costume qui fait bien valoir ses charmes naturels: le visage est rond et coloré, les yeux bruns et les cheveux noirs. Les chairs sont fermes, un sang plein de force et de santé lui coule dans les veines: toute sa personne respire la joie de vivre et l'applomb que lui donne la conscience de sa valeur. Elle a le front entouré d'un large foulard rouge, semé de plumes de paon dans le goût persan, et noué à la mode d'Affife. Sous la blanche chemise brodée au col, aux épaules et aux manches retroussées et laissant voir des bras potelés, se dessine un buste plein, fortement serré dans un corset cramoisi, garni de velours noir, capricieusement soutaché et pailleté, et fermé sur le devant par un lacet festonné. Un fichu triangulaire de couleur jaune, sur lequel s'étale une longue chaine en or, faisant plusieurs fois le tour de la gorge, et d'où pendent un gros cœur et une croix de Malte émaillée, le tout en filigrane du même métal, dissimule chastement le relief des seins. Doublée au bas d'une bandelette de drap écarlate, la jupe à raies bleues et vertes, tissée de laine et de coton blanc et couverte d'un léger lainage rouge, n'est pas assez longue pour cacher des jambes fortes et bien tournées.

La villageoise de Santa Martha comme celle d'Affife a de petites mules aux pieds: à la ceinture, entre le corset et la jupe à plis on voit la chemise rempliée.

Ce qui cependant attire surtout l'attention, c'est le tablier, en grosse laine, échiqueté de larges raies aux vives couleurs dont les nuances sont combinées avec goût: sur la bande du haut on se rend compte de la profession de foi de la jeune femme: deux cœurs traversés par une flèche, au milieu, aux côtés la croix de l'Ordre du Christ et le signe de Salomon, le tout souligné par le mot AMOR, en gros caractères rouges brodés. Une pochette qu'elle porte au côté, faite de morceaux de drap de différentes couleurs et enjolivée de paillettes et de verroterie, complète ce pittoresque accoutrement. Il ne faut cependant pas oublier les deux paires de pendants qu'elle porte aux oreilles: les boucles mauresques en filigrane d'or et les pendants fusiformes.

Nous observerons que les voyants costumes d'Areosa sont portés non seulement par les femmes de ce village, mais encore par celles de Meadella, de Santa Martha, de Serraleis et de Cardiellos, en deçà, et par celles de Deão et de Geraz, au delà du Lima.

Ajoutons pour finir que les jupes offrent une variété infinie de nuances et sont faites de toutes sortes de draps, brodées de doublures plus ou moins larges, et parfois très longues.

Les traits de certaines riveraines du Lima et des environs de Vianna sont tellement délicats, leur maintien tellement noble et distingué que l'on croit se trouver devant les plus belles créatures de la terre, véritables princesses déguisées en paysannes, qui ont élu séjour dans ces parages.

*
*   *

Nos phototypies représentent:

— Une *espadellada* formée de quatre paysannes du village de Santa Martha; tandis que de la main gauche, elles retiennent le lin sur un barillet de liège, de la droite elles empoignent l'espade: dans un crible à côté on voit les quenouillées toutes prêtes.

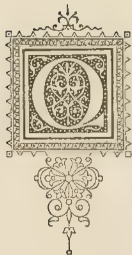
— Deux belles paysannes de Portuzello dont l'une porte la faux et l'autre la corbeille usuelle.

— Une jeune fille, la corbeille des dimanches au bras, pose gracieusement devant l'objectif.

— Palais des vicomtes de Carreira dont il a été question dans l'article précédent.

L. de Figueiredo da Guerra.

Egreja de Leça do Balio



QUEM, por alturas de Gondivai, no concelho de Bouças, deixa a estrada do Porto á Povoa e toma para o nascente, por outra que, descendo, vae logo abaixo da Ponte da Pedra dar á de Braga, descobre subitamente ao fundo do valle do Leça, semi-occulta por um grupo de altos pinheiros, a linda e pequena egreja de Santa Maria de Leça do Balio, n'uma *grisaille* de velhos granitos como que oxydados pelo tempo, e em toda a sua mystica graça ogival, com que constrasta a mole poderosa e massiça da torre quadrangular, que do lado sul a domina, parecendo protegel-a e guardal-a.

Nada mais bello do que a apparição repentina d'essa pura joia gothica, em região onde quasi todas as egrejas matrizes são, de ordinario, de pouco valor esthetico e as melhores não passam de banaes reedições d'essa renascença degenerada, a que se chamou *estylo jesuitico*. No primeiro momento, ao vêl-a de longe, solitaria no fundo do seu valle, com a sua fachada voltada ao occidente, segundo o velho canon da architectura religiosa, com o seu portal em ogiva, a sua rosacea, os seus contrafortes, as suas esguias janellas, as suas ameias, a sua forte e orgulhosa torre de balcões e atalayas salientes — o espirito, n'uma especie de brusca regressão chronologica, suppõe-se miraculosamente transportado seis seculos atraz, e o que o espanta e lhe causa estranheza, como anachronismos destoantes, são a estrada de *mac-adam* em que se vae rolando, a carruagem ou a bicycleta que nos conduz — e, por fim, a mesquinha obra administrativa d'um cemiterio de bonecas, que lhe pespegaram mesmo em face da sua frontaria veneranda, com um trivial gradeamento de ferro, umas minusculas ruasinhas de murta aparada e umas pretenciosas capellas mortuarias — que, salvo o respeito devido aos mortos, está a pedir remoção ou transformação, em nome do decoro esthetico e archeologico.

Dos mais velhos documentos colligidos nas *Portugaliae monumenta historica*, conclue-se que, pelos seculos IX ou X da nossa éra, alli se fundou um mosteiro da regra de S. Bento — communidade duplice de frades e freiras. Em 1013, esse mosteiro com todas as suas pretenças é doado por Unisco Mendes ao mosteiro de Vaccariça, de que fica dependente. Em 1094, o mosteiro de Vaccariça e, portanto, com elle, o de Leça, passam por doacção do conde D. Raymundo para a Sé de Coimbra. Mas, logo no principio do seculo XII, D. Tareja, a mãe de Affonso Henriques, quando a Ordem do Hospital se estabeleceu no recente Condado Portucalense, doou-lhe o mosteiro de Leça. E na posse dos Cavalleiros de Malta ficou, quando n'esta ordem se converteu a dos Cavalleiros do Hospital de S. João de Jerusalem.

Entre 1334 e 1336 soffreu o velho edificio profunda renovação, sendo então construido o templo actual pelo balio D. Frei Estevão Vasques Pimentel.

Do antigo mosteiro benedictino e do paço dos balios não restam mais que esparsos vestigios, que aqui e alli se descobrem nos eidos, celleiros, pateos e outras dependencias rusticas da vasta quinta particular, em que, depois da secularisação e venda dos bens de mão morta, se transformaram os dominios do baliado.

O que se mantém de pé, e proximamente intacto, é a egreja de Frei Estevão Pimentel e a torre adjacente. A fachada principal é, na sua simplicidade, muito bella: — um portal que se profunda na espessura do muro em oito arcos ogivaes contínuos e de tamanho decrescente, que outras tantas columnas sustentam; de cada lado um contraforte; entre os remates superiores dos contrafortes, sobre o portal, uma passagem em balcão com parapeito ameado, que se apoia n'uma linha de cachorros; por cima a rosacea, e no vertice da cimalha triangular a cruz de Malta. Nos pannos das muralhas da nave central e, mais abaixo, nos das naves lateraes, vêem-se duas filas de janellas, altas e estreitas, que, talvez para economisar a substituição dos vitraes arruinados, foram entaipadas a pedra e cal! Sobre as cornijas, ao longo dos telhados, corre em toda a volta uma linha de ameias.

Interiormente, a egreja divide-se em tres naves, das quaes a central é bastante mais elevada. Separam as naves cinco arcos ogivaes por banda, que robustos pilares, formados por feixes de columnas de fuste delgado e de capiteis ornamentados com motivos de fauna e flora, sustentam elegantemente. Ao fundo de cada nave, rasga-se uma capella de abobada artezoada. A capella-mór abriga os

Église de Leça do Balio



LE voyageur qui, aux approches de Gondivai, dans le sous-district de Bouças, quitte la route de Porto à Povoa pour suivre, dans la direction du levant, le chemin qui, tout près de Ponte da Pedra, aboutit à celle de Braga, aperçoit tout à coup, au fond de la vallée du Leça, à demi cachée derrière quelques hauts sapins dans une grisaille de vieux granits, pour ainsi dire oxidés par le temps, et dans tout son mystique charme ogival, la belle petite église de Santa Maria de Leça do Balio, avec laquelle contraste la tour quadrangulaire qui, la dominant au midi de sa masse lourde et puissante, semble être là pour la défendre et la protéger.

Rien de plus beau que l'apparition imprévue de ce pur joyau gothique dans une région où presque toutes les églises n'ont, le plus souvent, qu'une mince valeur esthétique et dont les meilleures ne sont que de banales répétitions de cette renaissance abâtardie que l'on est convenu d'appeler *style jésuitique*. Lorsqu'on l'aperçoit soudain, solitaire au fond de la vallée, avec sa façade tournée au couchant, selon l'ancienne règle de l'architecture chrétienne, avec son portail en ogive, sa rosace, ses contreforts, ses étroites fenêtres, sa forte et hautaine tour aux balcons et aux échanguettes saillantes, — l'esprit, dans un brusque recul chronologique, se trouve transporté six siècles en arrière et ce qui nous surprend surtout, ce sont, dans leur discordant anachronisme, la route en *mac-adam* que parcourt notre voiture ou notre bicyclette, et le mesquin cimetière de poupées, œuvre de l'administration, juste devant sa façade vénérable, avec sa banale grille de fer, ses minuscules ruelles bordées de buis tondu et quelques prétentieuses chapelles mortuaires. Tout cela, sauf le respect dû aux morts, demande à être urgemment écarté ou transformé au nom du décorum esthétique et archéologique.

Les plus anciens documents recueillis dans les *Portugaliæ monumenta historica*, nous apprennent qu'au courant des IXe ou Xe siècles de notre ère, fut fondé à cet endroit un couvent de la règle de Saint Benoît — communauté double de moines et de religieuses. En 1013, Unisco Mendes en fit don avec toutes ses appartenances au couvent de Vaccariça. En 1094, celui-ci et partant celui de Leça, par un acte de donation de D. Raymundo, devint la propriété de la cathédrale de Coïmbre. Cependant, dès le début du XIIe siècle, D. Tareja, mère d'Affonso Henriques, fit don du couvent de Leça aux chevaliers de l'Hôpital quand ils vinrent se fixer dans le Comté Portugalois, après quoi il passa définitivement aux chevaliers de Malte lors de leur fusion avec ceux de Saint-Jean de Jérusalem.

Entre 1334 et 1336 le vieux monument fut complètement rebâti par le bailli D. Frei Estevão Vasques Pimentel, auquel nous devons le temple actuel.

Il ne reste de l'ancien couvent bénédictin et du palais des baillis que des vestiges épars çà et là dans les cours, celliers et autres dépendances rustiques de la vaste propriété privée, qui par suite de la sécularisation et de la vente des biens du clergé, occupe aujourd'hui l'emplacement des domaines du bailliage.

L'église de Frei Estevão Pimentel et la tour adjacente restent seules debout et à peu près intactes. Flanquée de deux contreforts, entre lesquels un portail de huit ogives décroissantes, creusé dans l'épaisseur de la muraille, sur un nombre égal de colonnes — la façade est fort belle en sa simplicité. Au dessus du portail un large balcon crénelé s'appuie sur une ligne de corbeaux devant la rosace au dessus de laquelle et surmontant l'angle de la cimaise se trouve la croix de Malte. Sur les murs de la nef du milieu et sur ceux des bas-côtés collatéraux, on remarque deux suites de hautes et étroites fenêtres, que l'on a aveuglées probablement pour eviter la dépense qu'entraînerait la substitution des anciens vitraux. Au dessus des corniches, une ligne de créneaux fait le tour des toits.

Le vaisseau comprend trois nefs dont la principale est sensiblement la plus haute. Elles sont séparées de chaque côté par cinq arcs en ogive que supportent d'élégants et robustes piliers en faisceaux de colonnettes surmontées de chapiteaux ornés de motifs empruntés aux règnes vegetal et animal. Chacune des trois nefs aboutit à une chapelle à voûte d'arête. Celle du chevet renferme les tombeaux de quelques baillis et prieurs de l'ordre, Frei Lopo de Lima, Frei Christovão de Cernache, etc. Dans le mur de gauche de la chapelle du côté de l'Évangile, que l'on appelle *Capella de*

tumulos de alguns balios e priores da ordem, Frei Lopo de Lima, Frei Christovão de Cernache, etc. A do lado do Evangelho, chamada *Capella de Ferro*, contém, da esquerda, mettido na parede, o mausoleu do prior D. Frei João Coelho, e no chão, em campa rasa, a sepultura de D. Frei Estevão Pimentel, cujas virtudes e meritos se perpetuam n'uma magnifica placa de bronze de caracteres gothicos e finamente emmoldurada por uma cercadura de imagens de santos e escudos com cruzes — que do lado direito se encrusta na parede.

O tecto da egreja, de madeira, com travejamento descoberto, foi primitivamente todo de castanho. Ha pouquissimos annos ainda — pôdre, esburacado, ameaçando desabar — deixava passar a agua do céo como os crivos d'um regador. Ouvia-se missa, lá dentro, de guarda-chuvas abertos! Algumas abençoadas influencias lograram arrancar ao Estado um subsidio, com que se repararam os telhados. Mas o Estado não foi magnifico no seu dom; e o velho tecto de castanho remendaram-n'o a pinho, e d'uma fórma bem tôsca e abrutada.

Á entrada, improvisou-se, sustentado pelos dois primeiros pilares das naves, um grosseiro côro feito de traves velhas e madeira mal apparelhada. É uma profanação que a commissão dos monumentos nacionaes, sob cuja egide o edificio está, não deve tolerar de fórma alguma.

A grande torre, ultima sobrevivente das acastelladas fortificações que deviam defender este mosteiro de monges guerreiros, não tem mais que as paredes exteriores. Todas as divisões internas desappareceram. Ascender até ás atalayas, que cortam os seus quatro angulos, ou ao parapeito ameado do seu destruido terraço, assume proporções de empreza difficil e arriscada, tal é o estado das decrepitas e oscillantes escadas de madeira, que até lá conduzem.

Uma das mais bellas curiosidades do templo é a pia baptismal que, quasi escondida n'um angulo das paredes, á esquerda de quem entra, mal se póde vêr e examinar. Octogonal, de calcareo de Ançã, sustentada por um grupo circular de cabeças de brutescos, de colmilhos arreganhados, saíndo d'um revestimento de folhas de acantho, profusamente lavrada com estylisações floraes e com escudos brazonados que figuras de anjos amparam — esse baptisterio, obra do seculo XVI, foi, segundo o attesta a inscripção n'elle aberta, um dom do Prior do Crato, D. Frei João Coelho, cuja sepultura já vimos na *Capella de Ferro*.

Do mesmo tempo e do mesmo doador é o cruzeiro collocado um pouco ao sul da egreja, n'uma bifurcação de caminhos, que fórma um *trivium* bastante desnivelado. Tambem de pedra de Ançã, compõe-se d'uma columna cylindrica, cortada a meio fuste por um annel saliente que ornamentam duas guarnições, superior e inferior, de pequenas bolas, e encimada por uma cruz floreatada, d'onde pende uma interessante figura de Christo, muito caracteristica como documento iconographico e como esculptura. Ao sopé da cruz, sobre o capitel, ostenta-se um escudete com o brazão dos Coelhos. Em torno do annel, em caracteres gothicos, está gravada a epigraphe da doação, com o nome do doador e a data: 1514.

Entre as recordações historicas que a este templo se prendem — visitas de principes que, em viagem, n'elle buscaram aposentadoria, como D. Affonso Henriques, a rainha D. Mafalda, etc. — ha a extremar o casamento de D. Fernando e Leonor Telles, que alli se uniram quasi *á capucha*, por se não atreverem a fazel-o em Lisboa ou mesmo no Porto, onde o odio popular contra a loira adultera já começava a referver. Essas paredes, essas arcadas foram testemunhas do maior desvario do *formoso e inconstante:* — abençoado desvario, porém, que levando á revolução de 1384, ao advento da dynastia de Aviz e á consolidação da nossa independencia, mais uma vez provou que é por linhas tortas que Deus escreve direito no livro dos destinos humanos!

O monumento de Leça do Balio, sem a imponencia dos templos de grande fabrica, sem a riqueza de detalhes ornamentaes que opulentam a Batalha ou os Jeronymos, é, pelas suas admiraveis proporções, pela harmonia simples das suas linhas, pela austera pureza do seu estylo, pelo seu estado de conservação e, por assim dizer, pela sua quasi virgindade architectonica, um dos mais interessantes e mais bellos de todo o paiz. Restaural-o, expungil-o de algumas leves nodoas que o maculam, reintegral-o em toda a sua belleza archaica, era uma obra não só facil, mas relativamente barata. E, fazendo-o, ter-se-ía dotado a archeologia nacional com um modelo perfeito, um exemplar, tão puro como raro, da architectura portugueza do seculo XIV.

Luiz de Magalhães.

Ferro, se trouve le mausolée du prieur D. Frei João Coelho et, par terre, la pierre tombale couvrant les restes de D. Frei Estevão Pimentel, dont les vertus et les mérites sont rappelés en caractères gothiques, sur une magnifique plaque de bronze enchassée dans le mur de droite et encadrée dans une bordure du même métal finement décorée d'images de saints et de blasons avec la croix.

Le plafond, à charpente découverte, était autrefois en bois de châtaignier. Il n'y a pas longtemps que — pourri, plein de trous et menaçant de s'écrouler — il laissait passer l'eau comme la pomme d'un arrosoir. On y assistait à la messe, les parapluies ouverts, et ce n'est qu'à la suite de la mise en œuvre de certaines influences, touchées de tant de délabrement, que l'on est parvenu à arracher à l'administration un secours d'argent que l'on appliqua à la réparation des toits. Mais le gouvernement ne fut rien moins que magnifique et le vieux plafond fut grossièrement retapé en sapin.

On bâcla, près de l'entrée, sur les deux premiers piliers des nefs, un chœur en vieilles solives et en planches mal rabotées — profanation que la commission des monuments nationaux doit faire disparaître au plus tôt.

De la grosse tour, dernière survivante des fortifications qui defendaient ce couvent de moines guerriers, il ne reste que les murailles. Toutes les divisions intérieures ont disparu. La montée de l'escalier de bois que l'on voudrait tenter pour visiter les échanguettes qui garnissent les angles, ou le parapet crénelé de la terrasse disparue, est vite abandonnée à la vue du délabrement des marches oscillantes comme une entreprise trop difficile et offrant trop de risques.

Les fonts baptismaux, à peu près cachés dans l'angle à gauche de l'entrée, et très mal placés pour être convenablement examinés, sont une des plus belles choses que renferme le temple. De forme octogonale, en pierre calcaire d'Ançã, supporté par un groupe circulaire de têtes de grotesques grimaçant sous un revêtement de feuilles d'acanthe, richement décoré de motifs floraux et de blasons soutenus par des anges — ce baptistère, œuvre du XVIe siècle, est, comme nous l'apprend l'inscription qui s'y trouve gravée, dû à la munificence du Prieur du Crato, D. Frei João Coelho, dont nous venons de voir le tombeau dans la *Capella de Ferro*.

À quelques pas au sud de l'église, dans un croisement de routes formant un carrefour très mal nivelé, se trouve le calvaire, en pierre d'Ançã comme les fonts baptismaux, et construit par le même donateur. Ce calvaire est formé d'une colonne cylindrique coupée à mi-fût par un anneau saillant enjolivé de deux cercles de perles, et surmontée d'une croix fleuronnée, à laquelle est attachée une intéressante image du Christ fort remarquable comme document iconographique et comme sculpture. Un écusson aux armoiries des Coelho est placé sur le chapiteau au dessous de la croix. L'épigraphe de la donation avec le nom du donateur et la date — 1514 — est gravée en caractères gothiques autour de l'anneau.

Entre les souvenirs historiques qui se rattachent au monument — visites de princes qui comme D. Affonso Henriques et la reine D. Mafalda y séjournèrent pendant leurs voyages — nous rappellerons particulièrement le mariage de D. Fernando et de Leonor Telles qui y fut célébré en cachette par crainte de la haine que le peuple de Lisbonne et de Porto commençait à témoigner contre la blonde adultère. Ces murs et ces arcades furent témoins de la plus grande extravagance du roi *formoso e inconstante:* — extravagance que nous devons cependant bénir puisque, ayant abouti à la révolution de 1384, à l'avènement de la dynastie d'Aviz et à la consolidation de notre indépendance, elle nous donne une nouvelle preuve de ce que Dieu ne choisit pas toujours la ligne droite pour tracer sa volonté dans le livre des destinées humaines.

Sans la majesté des temples de grandes dimensions et dépourvu de la profusion de détails qui enrichissent Batalha ou les Jeronymos, le monument de Leça do Balio, par ses admirables proportions, par la simplicité harmonieuse de ses lignes, par l'austère pureté de son style, par son état de conservation et — passons le mot — par sa virginité architectonique, ne reste pas moins un des plus intéressants et des plus beaux du pays. Il serait non seulement facile, mais relativement peu coûteux de lui rendre toute sa primitive beauté en faisant disparaître quelques légères taches qui le déshonorent: l'archéologie nationale posséderait alors un modèle parfait, un exemplaire, aussi pur que rare, de l'architecture portugaise au XIVe siècle.

Luiz de Magalhães.

A Maia

—



ACTUAL concelho da Maia, com as suas dezeseis freguezias, não é mais do que um exiguo retalho do que outr'ora se chamou *Terras da Maia*. Estas, que constituiram o senhorio famoso dos Mendes, dos quaes Gonçalo Mendes, o *Lidador*, foi o mais celebre, iam do Ave ao Douro pela linha maritima, e internavam-se profundamente para leste, comprehendendo, além do que hoje é concelho da Maia e do de Bouças, a maior parte das freguezias áquem-Ave do de Villa do Conde, e algumas outras dos concelhos limitrophes do lado oriental. Ainda antes da reorganisação administrativa, decretada no inicio do regimen liberal, este vastissimo concelho contava cincoenta e duas freguezias.

Mas as mutilações dos reformadores, as suas divisões arbitrarias e artificiaes não lograram alterar a obra lenta, secular e, portanto, estavel, da natureza e da historia. A despeito d'ellas, a região manteve a sua unidade physionomica, determinada pela constituição do sólo, pela sua flora, pelos elementos da paizagem, pelo typo da raça, pelos costumes, pelas tradições. As *Terras da Maia,* riscadas da nossa chorographia official e politica (como o foram as velhas divisões provinciaes, tão expressivas e justas sob os pontos de vista topographico, climaterico, agronomico e demographico) subsistem, porém, pelos caracteres regionaes que as individualisam.

De pequena elevação acima do nivel do oceano, para onde se inclina em lento declive; toda em ondulações largas e suaves; sem erupções bruscas e descarnadas do seu esqueleto granitico; sem valles profundos; pouco sarjada de cursos de agua, de que o mais importante é o rio Leça; coberta de vastissimas e densissimas florestas de pinheiros d'uma pujante vegetação — a Maia de hoje é uma região puramente rural, sem um grande centro, sem uma unica villa que tal nome mereça (a despeito de quaesquer classificações burocraticas) especie de federação administrativa de aldeias, dispersas aqui, contiguas acolá, que mosqueiam de branco o verde intenso, mas monotono, da sua suave e amena paizagem, esbatida dôcemente nas vaporisações prateadas d'um clima em extremo humido. Os campos, murados a pedra, ou vallados a torrão, incrustam-se na massa verdenegra das bouças, que o tojo florido matiza de oiro vivo. As casas de granito, muito caiadas, com cantarias fortes, e telhados vermelhos, agglomeram-se em logares ou espalham-se entre os campos, formando as habitações, abegoarias, eiras e mais dependencias das grandes quintas ou das pequenas casas de lavoura. Junto á habitação dos proprietarios ou caseiros, terreas ou sobradadas, estende-se o pateo ou eido, para onde abrem as córtes do gado, e que uma fôfa cama de matto alcatifa. Cobre-o sempre a ramada, onde se entretecem as altas cepas de vinhão, de azal, de borraçal ou padeiro, cuja densa folhagem, como um velario verde, o abriga no verão dos raios do sol. Logo além do pateo, na *cortinha,* encontra-se a horta onde a gigantesca couve gallega abunda e onde algumas fructeiras se espalham, mal dispostas e bracejando, sem póda, á lei da natureza. Seguem-se os campos, bordados de vinhas de enforcado, que se debruçam dos carvalhos, dos choupos ou das cerdeiras bravas. E, d'onde a onde, ergue-se ainda um castanheiro — dos que escaparam á assoladora epiphytia que, ha annos, os devastou.

Toda essa terra, magra e pouco profunda, é fertilisada á custa de grandes adubações de matto, curtido nos enchidos e nos curraes, e, modernamente, do caranguejo importado da beira-mar, que opéra como um correctivo, dando a esse adubo, rico de azote e potassa, a cal e o acido phosphorico de que é pobre.

A lavoura faz-se ainda como talvez a ensinaram os colonisadores romanos, a quem acaso se deve a introducção da vinha em arvores, trazida da Italia. O tôsco e pesado carro rustico é exactamente o *plaustrum* latino. Ás fundas lavouras da primavera chamam-se *vessarias* — de *vessar,* que vêm, evidentemente, de *versare,* voltar, virar: *versare terram.* O gado, barrozão puro ou braguez, de enorme armação em fórma de lyra, cabeça curta, grande e magestosa barbella, perna baixa, fundo de ventre, pellagem fina e loira — ou gallego, mais miudo, mais ruivo, menos armado, de olhos orlados de vermelho — junge-se pela elevada canga, entalhada e vasada em caprichosos arrendados, que se fixa á cabeçalha do carro por uma alta chavelha, torneada como um bilro.

Maia

—



ALGRÉ ses seize paroisses, le sous-district de Maia n'est aujourd'hui qu'une partie fort restreinte de ce qu'on appelait jadis les *Terras da Maia* qui formaient la célèbre seigneurie des Mendes, dont le plus fameux fut Gonçalo Mendes, le *Lidador.* Ces domaines suivaient toute la ligne maritime qui sépare l'Ave du Douro et s'étendaient au loin vers l'intérieur, comprenant non seulement les territoires de Maia et de Bouças, mais la plupart des paroisses en deçà de l'Ave, celles de Villa do Conde et plusieurs autres appartenant aux sous-districts limitrophes du côté de l'est. Sans remonter plus loin, lors du décret qui au début du nouveau régime réorganisa la division administrative, ce vaste territoire ne renfermait pas moins de cinquante-deux paroisses.

Cependant les mutilations des réformateurs, pas plus que leurs divisions arbitraires et artificielles ne parvinrent à détruire l'œuvre lente, séculaire et partant durable de la nature et de l'histoire. En dépit de tout, la région conserve toujours son unité typique, déterminée par la constitution du sol, par la flore, par les éléments du paysage, par le type de la race, par les mœurs et par les traditions. Les *Terras da Maia,* rayées de notre chorographie politique et officielle (comme l'ancienne division en provinces, si expressive et si juste au point de vue topographique, climatérique, agronomique et démographique) subsistent néanmoins par les caractères régionaux qui les distinguent.

Un peu au-dessus du niveau de l'océan, vers lequel elle se penche suavement, en ondulations douces et larges, sans éruptions brusques et décharnées de son squelette granitique, sans vallées profondes, pauvrement sillonnée de cours d'eau, dont le Leça est le plus considérable, couverte de denses et de vastes forêts de sapins d'une superbe végétation, la Maia actuelle est une région purement rurale, sans un centre important, sans un seul gros bourg qui en mérite le nom en dépit de toutes les classifications burocratiques — sorte de fédération administrative de villages épars par ci, attenants par là, mouchetant de blanc le vert intense, mais monotone, de son suave paysage, doucement estompée dans les vaporisations argentées d'un climat d'une extrême humidité. Les champs entourés de murs en pierres ou de fossés à la levée de terre, s'incrustent dans la masse vert-sombre des friches que les fleurs des genêts égayent de leur note d'or. Blanchies à la chaux, avec leurs toits rouges, les maisons construites en grosses pierres de taille, s'agglomèrent en hameaux ou s'éparpillent par les champs, formant les habitations, les cours, les aires et autres dépendances des grandes ou des petites fermes. Tenant à la maison basse ou étagée du propriétaire ou du fermier, se trouve la cour entourée d'étables et de bergeries, et jonchée d'un moelleux tapis de bruyères. Elle est invariablement couverte d'une ramée, où s'entrelacent les hauts pieds de vigne dont le feuillage épais la protège pendant l'été contre les rayons du soleil. Viennent ensuite le potager aux innombrables et gigantesques pieds de gros choux que dominent par ci, par là, quelques arbres fruitiers vierges d'élagage, et enfin, les champs bordés de vignes que l'on laisse pousser librement sur les chênes, sur les peupliers et sur les cerisiers sauvages. On aperçoit, de loin en loin, de rares châtaigniers ayant échappé à l'épiphytie qui, il y a quelques années, en dévasta la plupart.

Toutes ces terres, maigres et peu profondes, sont nourries à l'aide de grandes quantités de fumier de bruyères, provenant des entassements ou des parcs à bestiaux. On emploie depuis quelque temps la crabe, qui agissant en correctif, ajoute au fumier, riche en azote et en potasse, l'oxide de calcium et l'acide phosphorique qui lui manquent.

Les procédés de culture n'ont pas changé depuis leur introduction, probablement par les colonisateurs romains, dont on a sans doute encore suivi l'exemple en laissant pousser la vigne sur les arbres. Le lourd et grossier chariot rustique est identiquement le même que le *plaustrum* latin. Les labourages profonds du printemps s'appellent *vessarias* — de *vessar,* qui dérive évidemment de *versare:* tourner, remuer: *versare terram.* Le gros bétail, *barrozão* pur ou *braguez,* reconnaissable à la longueur démesurée des cornes en forme de lyre, à la courte tête, au grand fanon majestueux, aux jambes basses, au pelage fin et blond — ou bien *gallego,* moins corpulent, tirant sur le roux, les cornes plus petites, les yeux bordés de rouge — s'attelle par un grand joug, capricieusement chantourné,

A população densa, prolifica, robusta, incomparavelmente laboriosa, tem as caracteristicas ethnicas do minhoto da zona maritima. Os laivos nordicos são vulgares. A tez branca, os cabellos loiros, os olhos azues fazem uma mescla, não muito rara, com o typo moreno, os cabellos e os olhos negros. A estatura é meã, as feições, nos dois sexos, são regulares, e as proporções do corpo notavelmente harmonicas. As mulheres da Maia têm fama entre as mais bellas do Norte. E essa fama não é destituida de fundamento. O seu principal encanto reside na elegancia do torso forte e *cambré*, da cinta estreita, dos quadris largos e bombeados, e na graça agil, ondulante e rythmica dos movimentos. Nada mais gentil do que vêr uma d'essas mulheres marchando, carregada: a cabeça direita, sustentando sem esforço apparente a canastra, ou o feixe de moliço, ou a trouxa da roupa, ou a lata do leite; o braço arqueado em aza de amphora; o busto bem erecto, fazendo avançar os seios; os rins flexiveis; o passo miudo, ligeiro e elastico, que dá á violenta propulsão muscular da marcha uma apparencia de facil e aereo deslisar — recordam, por vezes, mas mais correctas de fórmas, a linha esculptural d'uma cariatide que andasse, ou d'uma esbelta canéphora dos frisos gregos.

Não têm a boçalidade animal de algumas das nossas camponezas semi-selvagens. São mulheres, não são apenas femeas. E o seu lindo trajo, hoje muito corrompido pela invasão da pacotilha reles exportada das cidades, valorisa essa gentileza natural: sobre a camisa branca, de mangas justas nos pulsos, ataca-se o pequeno collete de merino, de ramagens de côr sobre fundo camurça; um grande lenço de lã, franjado, de côres vivas, cruza-se no peito; outro lenço mais pequeno, mas berrantemente pintalgado, emmoldura a cabeça e ata-se por duas pontas sobre a nuca; a saia de cima, de baeta ou de chita, cobre uma larga roda de saiotes e saias de baixo; resguarda-a um avental de riscado, e arregaça-a, apertando-a na cinta, quando em marcha ou no trabalho, uma faxa de lã. Os pés mal entram na pequena chinella ponteaguda. E, em dias de festa, as orelhas, o pescoço, o peito, resplandecem-lhes d'uma ostentosa profusão de oiro: grossas e longas arrecadas, grilhões de duas e tres voltas, contas, cruzes, imagens da Virgem, medalhas, enormes corações de filigrana.

A rude labuta da terra só se interrompe pelo descanço dominical ou pelas frequentes festas, arraiaes, romarias ou feiras. Ahi esquecem-se os trabalhos da semana, ri-se, dança-se ao som da viola, canta-se ao desafio, derriça-se em *flirts* brutalmente naturalistas, come-se vorazmente, emborcam-se com insaciavel sêde grandes canecadas de verdasco, ou negoceia-se com ganancia e astucia, discutindo as meias moedas e os quartos de moeda d'uma junta de bois, ou os vintens d'uma vara de linho e d'um alqueire de centeio barroso.

As condições economicas da região explicam esta larga parte dada ao prazer e á mercancia. A *aurea mediocritas* é o seu regimen chrematistico. A propriedade, muito dividida, mas não pulverisada, chega para quasi todos. Não ha grandes proprietarios absentistas. Ha, porém, um enxame de medianos e pequenos proprietarios, que amanham, elles proprios, as suas terras. Tambem não falta pobreza — como em toda a parte. Mas póde dizer-se que a verdadeira miseria é uma rara excepção. Quem tem braços e saude, tem o pão largamente garantido; e quem tiver amor ao trabalho póde amealhar sobras e enriquecer relativamente. A proximidade d'um grande centro, como o Porto, concorre para isso, com a procura de braços para as construcções civis e para as industrias, e com o mercado que offerece aos productos agricolas da região. Da cidade vivem os pedreiros, os carpinteiros, os trolhas, os tecelões, os carreiros, as leiteiras, as hortaliceiras, as lavadeiras, etc. E ao longo das estradas que d'ella irradiam, para a Povoa, para Braga, para Santo Thyrso, as filas quasi contínuas das pequenas habitações operarias, bem construidas, com as suas cantarias claras, as suas janellas amplas, o pequeno quinteiro adjacente toldado pela ramada, e um conforto já relativo de mobiliario, que se entrevê lá dentro, são um indicio manifesto e irrecusavel do bem estar das massas populares.

Por isso não admira que estas formigas laboriosas e encelleiradoras se transformem a miudo em cigarras — e nas suas ruidosas e animadas *kermesses* expandam, á luz do sol, em cantos, danças e folias bacchicas, a forte seiva do seu robusto e fecundo naturalismo.

Luiz de Magalhães.

que l'on fixe au timon du chariot au moyen d'une grosse cheville, tournée comme un fuseau à dentelle.

La population dense, prolifique, robuste et très dure au travail, présente tous les caractères ethniques de l'habitant de la zone maritime du Minho. Les traces de souche nordique sont vulgaires. On observe fréquemment le teint blanc, les cheveux blonds et les yeux bleus à côté des peaux brunes, des cheveux et des yeux noirs. De taille moyenne, les proportions du corps sont remarquablement harmonieuses dans les deux sexes; les traits sont réguliers. Les femmes de Maia sont justement renommées pour leur beauté entre les plus belles du nord. Ce qui nous charme surtout en elles, c'est l'élégance de leur torse fort et cambré, de leur étroite ceinture, de leurs hanches larges et bombées, ainsi que la souplesse ondoyante et rythmique de leurs mouvements. Rien de plus gracieux qu'une de ces femmes en marche chargée d'un fardeau: la tête d'aplomb, supportant sans effort apparent la corbeille, le faix de chaume, le paquet de linge ou le pot au lait; le bras arrondi en anse d'amphore; la poitrine tendue faisant avancer les seins; les reins flexibles; le pas menu, léger et élastique qui donne à la violente propulsion musculaire de la marche, une apparence aisée et toute aérienne — elles rappellent parfois, quoique plus correctes de formes, la ligne sculpturale d'une cariatide, ou d'une svelte canéphore des frises grecques.

Elles n'ont rien de la rudesse toute animale de certaines de nos campagnardes. Ce sont des femmes et non de simples femelles. Le joli costume qu'elles portent fait bien valoir leur grâce naturelle en dépit de l'invasion de la grossière camelote des villes: un petit corset en mérinos à ramages sur fond chamois lacé sur la chemise blanche dont les manches se serrent aux poignets; un grand foulard bariolé à franges en laine croisé sur la poitrine; un autre, plus petit, aux couleurs très criardes, entoure la tête, et se noue par deux pointes sur la nuque; une jupe de flanelle ou d'indienne, que protège un tablier à raies, retroussée pendant le travail ou la marche par une écharpe en laine, couvre toute une volumineuse série de jupons. Les pieds sont chaussés de petites mules pointues où ils entrent à peine. Mais c'est les jours de fête qu'il faut les voir toutes resplandissantes d'or — grosses boucles, chaines faisant plusieurs fois le tour du cou, chapelets, croix, images de la Vierge, médailles, cœurs énormes en filigrane.

Le rude labeur de la terre n'est interrompu que par le repos du dimanche, ou par les nombreuses fêtes, pélérinages ou foires. On oublie alors les travaux de la semaine, on chante, on rit, on danse au son de la guitare, on se fait la cour en *flirts* brutalement naturalistes, on mange avec voracité et on vide en conséquence d'innombrables pichets de *verdasco;* ou bien on entame des affaires où la convoitise donne lieu à de longues discussions dans lesquelles les pièces d'or d'une paire de bœufs ou les gros sous d'un boisseau de seigle sont âprement disputés.

Une part aussi large accordée au plaisir et au trafic s'explique par les conditions économiques d'une région, dont l'*aurea mediocritas* est le régime chrematistique. Point de gros propriétaires absentistes, mais en revanche, tout un essaim de moyens et de petits propriétaires qui cultivent euxmêmes leurs terres. Il y a des pauvres comme partout, cependant la vraie misère noire y est fort rare. La subsistence est largement garantie à tous ceux qui ont de la santé et de bons bras; et ceux qui allient l'amour du travail à celui de l'épargne peuvent même aspirer à une richesse relative. Le débouché que le voisinage d'un grand centre comme Porto offre aux produits agricoles de la région, ainsi que la demande continuelle de bras pour les constructions civiles et pour les industries, aident puissamment à ces résultats. La ville fait vivre les maçons, les menuisiers, les badigeonneurs, les tisserands, les rouliers, les laitières, les maraichères, les blanchisseuses, etc.; et, le long des routes de Povoa, de Braga, de Santo Thyrso, les files presque ininterrompues des petites habitations ouvrières, solidement construites en pierres de taille, avec leurs larges fenêtres, l'enclos adjacent avec sa ramée, et le mobilier d'un certain confort que l'on entrevoit du dehors, sont un signe clair et irrécusable de bien-être chez le peuple.

C'est pourquoi il n'y a rien d'étonnant à ce que ces laborieuses et prévoyantes fourmis se transforment souvent en cigales et laissent couler librement au soleil, dans leurs chants, dans leurs danses et dans leurs folies bachiques, la sève qui déborde de leur robuste et fécond naturalisme.

Luiz de Magalhães.

Sé de Evora



um monumento que se impõe. Tem o prestigio da grande obra de arte que deixa absorto a qualquer, culto ou inculto. O exterior sobrio e altaneiro, o interior austero fazem respeito. É um hymno e um psalmo; aquella mole de granito escuro, com as suas valentes torres, os coruchéos, o altivo zimborio que parece um elmo de guerra, mesmo ao longe tem a linha elegante e forte. Alli se repercutiu toda a historia de Portugal, glorias e pezares alli tiveram écco; ha vozes n'aquella velha silharia, vibrações na penumbra do triforio.

Ao mesmo tempo é um conjunto de arte, as épocas e as escólas deixaram assignados e datados os seus testemunhos. Mais, sob os lagedos ou nas suas arcas tumulares estão os ossos dos que viram e privaram com os reis, em sete seculos de monarchia. Uma pedra nos diz do Salado, outra da furia franceza; aqui jaz o que salvou o Mestre de Aviz, além repousam André de Rezende e Severim de Faria. No pulpito d'essa cathedral soou a voz de S. Francisco de Borja e de frei Fortunato de S. Boaventura. A mais vibrante pagina do grande Fernão Lopes é a historia da morte tragica de Joanna Peres, pobre freira que passou desvairada por essas naves; antes estivera ahi a gentil figura de D. Leonor; e bastas vezes D. Nuno, o condestavel, e o Mestre de Aviz oraram sob as severas ogivas. É a egreja de Santa Maria de Evora celebrada já nas *cantigas* de Affonso, o Sabio!

A construcção começou em 1186; foi consagrada em 1204; as obras continuaram ainda por muitos annos. É pasmosa a actividade architectural nos principios da monarchia. Guerreia-se com o mouro, conquista-se terreno em continuadas luctas, e ao mesmo tempo surgem dioceses, municipios, ordens religiosas e militares.

Essa organisação rapida no meio da lucta materialisa-se em mosteiros e castellos, e nas monumentaes sés que chegaram a nossos dias, a de Coimbra, agora restaurada, a de Lisboa mutilada pelos terremotos, a de Evora immaculada nas suas austeras naves. Começou no estylo romanico, terminou no ogival primario. Sem confusão, porém. Uma torre é romanica, a dos sinos é ogival. No zimborio a construcção interior é romanica, no exterior dominam as curvas ogivaes. As épocas vão passando e novas construcções se lhe ajuntam. O claustro é do seculo XIV, a capella do Esporão, no prolongamento do cruzeiro, é do seculo XVI. A capella-mór, que substituiu a antiga arruinada, é do seculo XVIII. Mas o corpo da egreja, o cruzeiro, as torres permanecem. A linha primitiva não se perde; o triforio conserva-se todo, os robustos feixes de columnas não se desaprumaram. A parte essencial do monumento está como nasceu.

A todos os addicionamentos se póde marcar data. As capellas lateraes são de 1611 a 1633. A capella dos Vasconcellos do Esporão é de 1529, data no arco renascença, renovada em parte em 1620. O côro é de 1562. A capella-mór começou em 1718 e estava prompta em 1746. Umas pinturas feias que lá estão nas abobadas das naves são de 1826. O pulpito está datado de 1570. O grande retabulo entalhado e dourado de Nossa Senhora do Anjo, e as magnificas portas de madeira do Brazil e grossa pregaria de bronze são do tempo do arcebispo D. frei Luiz da Silva, 1691-1703. O paço archi-episcopal, formado em grande parte pelo arcebispo D. João de Mello, foi augmentado e reconstruido largamente, posto, póde dizer-se, no estado actual, pelo arcebispo D. José de Mello (1611 a 1633). Foi este prelado tambem que fez a sacristia, os bellos arcazes de bordo, e grandes armarios que a guarnecem.

Arredondando numeros, o comprimento total da sé é de 70^{m}. A largura, 20^{m}. O comprimento das naves, 41^{m}. Largura da nave central, 6^{m}. Das naves lateraes, 4^{m}. O cruzeiro tem 31$^{m}\times$6^{m},60. A capella-mór tem 21^{m} por 8^{m},94. Ao vêr essa elegante e apurada construcção, essa polida e decorativa sala, pasma-se d'estes numeros, pois dá o effeito de maior grandeza.

A sé de Evora tem muitas relações com a velha cathedral de Salamanca e com a de Coutances, em França, que é da primeira metade do seculo XIII. Reparando mesmo em detalhes do triforio, cupula, rosas do cruzeiro, etc., se notam relações indubitaveis com exemplares que ainda hoje existem em Hespanha e França, datados dos fins do seculo XII e primeira metade do XIII.

Cathédrale d'Evora



E vénérable monument s'impose à notre esprit de toute la force des grands œuvres d'art. L'extérieur sobre et majestueux, l'intérieur calme et austère inspirent le respect et le recueillement; c'est à la fois un hymne et un psaume. Cette sombre masse pesante en granit, aux tours puissantes, aux flèches sévères, surmontée de la fière coupole qui ressemble à un casque, se détache au loin dans une ligne élégante et forte.

Là s'est répercutée toute l'histoire du Portugal; gloires et tristesses y ont eu leurs échos. Que de voix résonnent encore entre ces murs noircis et rongés, que de vibrations dans la pénombre mystérieuse du triforium!

Toutes les époques y laissèrent des souvenirs, toutes les écoles d'art y ont laissé leur empreinte. Sous les dalles du sol ou dans les coffres tumulaires sont les os des compagnons des rois, pendant sept siècles de monarchie. Une pierre nous rappelle le triomphe de Salado, une autre la *furia francesa;* ici gît celui qui sauva le Maître d'Aviz, là reposent André de Rezende et Severim de Faria. De la chaire de cette cathédrale est tombée la voix de St. François de Borgia et celle de fr. Fortuné de St. Bonaventure. La plus belle page du grand Fernão Lopes est l'histoire de la mort tragique de Jeanne Peres, la pauvre religieuse dont la folie troubla le silence de ces nefs, que la reine D. Léonore avait peu avant illuminées de son incomparable beauté; et maintes fois D. Nuno, le grand connétable, et le Maître d'Aviz y ont élevé, entre les hasards des campagnes, leurs prières jusqu'à Dieu.

C'est là l'église de Sainte Marie d'Evora, déjà célébrée dans les chansons d'Alphonse X, le Sage!

La construction, commencée en 1186, se poursuivit pendant de longues années; toutefois l'église fut consacrée dès 1204. L'activité des premiers temps de la monarchie est vraiment étonnante; tandis qu'on guerroyait continuellement contre les maures, auxquels on disputait le sol du royaume futur, les diocèses, les communes, les ordres religieux ou militaires surgissaient de partout.

Cette organisation rapide au milieu des combats se matérialise en des châteaux et abbayes, ainsi que dans les monumentales cathédrales parvenues jusqu'à nous: celle de Coïmbre, en voie de restauration, celle de Lisbonne mutilée par les tremblements de terre, et celle de Evora, aux nefs sévères et immaculées. Construite d'abord dans le style roman, elle finit dans l'ogival primitif; sans confusion, toutefois. Une des tours est romane, celle des cloches est ogivale; l'intérieur du dôme est roman, tandis qu'à l'extérieur ce sont les ogives les courbes dominantes. Dans la suite des siècles, de nouvelles constructions y ont été ajoutées. Le cloître est du XIVe siècle; la chapelle d'Esporão, dans le prolongement du transept, est du XVIe siècle; et la chapelle principale, qui a remplacé l'ancienne, date du XVIIIe siècle. Mais le corps de l'église, le transept, les tours se conservent encore dans leurs lignes primitives; le triforium repose encore solidement sur les faisceaux de colonnes originaires. En somme, la partie essentielle du monument persiste à travers toutes les vicissitudes.

On connaît les dates de tous les accroissements et restaurations. Les chapelles latérales sont de 1611 et 1633; celle des Vasconcellos d'Esporão est de 1529, date inscrite sur l'arc renaissance, partiellement restauré en 1620. Le chœur est de 1562. Le chapelle principale, commencée en 1718, était finie en 1746; les hideuses peintures des voûtes des nefs sont de 1826. La chaire est datée de 1570. Le grand rétable sculpté et doré de Notre Dame des Anges, ainsi que les magnifiques portes en bois du Brésil, cloutées en bronze, sont du temps de l'archevêque D. fr. Louis da Silva, 1691-1703. Le palais archiépiscopal, presque entièrement bâti par l'archevêque D. Jean de Mello, fut complété, agrandi et transformé par l'archevêque D. José de Mello (1611-1633). C'est aussi à ce prélat que nous sommes redevables de la sacristie, et des beaux caissons et armoires en érable dont elle est garnie.

Voici, en nombres ronds, les dimensions de l'élégant vaisseau: longueur totale de la cathédrale 70^{m}, largeur 20^{m}; longueur des nefs 41^{m}; largeur de la nef principale 6^{m}, des bas côtés 4^{m}; le transept a 31$^{m}\times$6^{m},60 et la chapelle principale 21$^{m}\times$8^{m},94. L'effet de grandeur qui se dégage de l'ensemble est surprenant, si l'on considère la modestie des nombres donnés; cela rehausse d'autant le mérite de cette belle construction.

Epigraphia. — A collecção de inscripções lapidares é numerosa e de alto valor. E certamente muitos letreiros se estragaram ou se sumiram nas varias obras feitas em redor do templo, e dentro, nas reformas do pavimento.

A mais antiga está cravada na parede da capella do bispo D. Pedro, no claustro; é a do bispo Julião da éra de 604, anno de Christo 566. Não transcrevo aqui esses veneraveis letreiros, vou apenas indicar os principaes.

É de 1283 a do bispo D. Durão que se guarda na capella do Santissimo; d'este existe a estatua jacente, agora no museu.

De 1308 é o letreiro proximo da porta da sacristia (um monumento tambem o batente *mudejar* d'essa porta) que menciona os oragos dos altares que então existiam na sé, encostados aos grossos feixes columnares, porque as paredes das naves lateraes eram destinadas aos ediculos dos tumulos.

De 1310 a inscripção sepulchral de D. Constança.

A grande pedra com letreiro que está cravada entre a capella do Santissimo e a capella-mór é de 1340, ella commemora a victoria do Salado, a ida dos cavalleiros e peões eborenses á famosa jornada. É um dos mais veneraveis monumentos epigraphicos que temos no paiz.

Tambem de 1340 é a do bispo D. Pedro, fundador do claustro; ella nos marca a data d'essa edificação onde a ogiva gothica se alumia com o espelho arabe, o variado traçado granadino, executado no rijo granito da localidade.

De 1330 a sepulchral de Giraldo Martins Toscano; mais antigas ainda as de Sancha Gonçalves e de Mem Soares Fernandes.

Fronteira á porta da sala capitular a arca de Vasco Martins de Mello, o famoso alcaide, que salvou a vida do Mestre de Aviz, episodio narrado com raros detalhes e bello estylo por Fernão Lopes. Na galilé ou alpendre estão os ediculos com as arcas tumulares de Mem Pires Pestana e do conego Fernão Domingues. Proximo da porta do sol o tumulo de Pero Mestre, onde se transcreve o credo. N'uma capella do claustro as campas de D. Fernando e de D. Diogo de Castro que foram capitães de Evora.

No cruzeiro ante a capella do Santissimo, as sepulturas de D. Diogo de Sousa, arcebispo (1678), e de frei Domingos de Gusmão (1689), igualmente prelado eborense. E ante a capella das reliquias a campa de frei Luiz da Silva Telles, perfeito exemplar de prelados, assim o diz o letreiro, e que muito gastou em beneficio da sua diocese. É para notar que no antigo regimen a mitra eborense era opulentissima.

Na capella chamada do Esporão, que fica no extremo norte do cruzeiro, estão grandes letreiros; de João Mendes de Vasconcellos, senhor do morgado do Esporão, fundador da capella, fallecido em 1541; de Alvaro Mendes de Vasconcellos, fallecido em 1555; de outro João Mendes de Vasconcellos, fallecido em 1583; de Manoel de Vasconcellos, fallecido em 1619. Nos longos letreiros ha muito elemento biographico; trata-se de pessoas que exerceram altos cargos desde o reinado de D. Manoel até ao de Filippe II.

Paramentos. — Ha paramentos riquissimos do seculo XVIII. Algumas peças são muito antigas, por exemplo, uma casula lindamente bordada que tem o distinctivo da Cartuxa de Evora, parece do fim do seculo XVI. E uma tapeçaria unica, um admiravel docel, bordado a matiz sobre velludo vermelho escuro, de boa execução, lindo desenho e finissimo tom que póde ser do seculo XV. Creio que esse docel é uma verdadeira raridade.

Os grandes pontificaes offerecidos por D. Maria I ao arcebispo de Thessalonica, que não chegou a servir-se d'elles, e comprados para a sé pelo arcebispo Botelho, são riquissimos e de excellente execução.

Livraria. — Houve livraria na sé. Os conegos medievaes liam e estudavam os pesados codices de pergaminho. O conego Lourenço Mendes deu á livraria do cabido vinte e um volumes de direito e decretaes. O deão Gonçalo Fernandes por certa propriedade deu ao cabido para a livraria uma *copiosa*, um *sexto* e umas *clementinas*, que foram do bispo D. Martinho (1383), e mais umas *degradações*, um *Innocencio* e as *canonicas de Hespanha*, que teve emprestadas o arcebispo de Lisboa, D. Diogo e

Elle se rapproche beaucoup de la vieille cathédrale de Salamanque et de celle de Coutance, qui appartient à la première moitié du XIIIe siècle. Quelques détails même du triforium, de la coupole, et des rosaces du transept accusent d'étroites affinités à quelques exemplaires d'Espagne et de France datés de cette époque et des fins du XIIe siècle.

Épigraphie. — La collection d'inscriptions lapidaires est nombreuse et d'une grande valeur; encore bon nombre en a été mutilé ou dispersé pendant les travaux exécutés à plusieurs reprises à l'extérieur, ou pendant les reformes du pavage intérieur. Je ne me soucierai de transcrire ici ces vénérables inscriptions, mais seulement d'en énumérer les principales.

La plus ancienne est engagée dans le mur de la chapelle de l'évêque D. Pèdre, dans le cloître; elle se rapporte à l'évêque Julien, 604 de l'ère d'Espagne ou 566 de l'ère chrétienne. Ensuite nous citerons celle de l'évêque D. Durão, de 1283, dans le mur de la chapelle de St. Sacrement; la statue gisante du prélat est conservée dans le musée. L'inscription près de la porte de la sacristie (dont le battant *mudejar* est un morceau précieux) est de 1308. Elle énumère les patrons des autels de la cathédrale qui à cette époque-là étaient adossés aux grandes colonnes en faisceau, les murs des bas côtés étant réservés aux édicules tumulaires.

L'inscription sépulcrale de D. Constance est de 1310. La grande table incrustée entre la chapelle principale et celle du St. Sacrement remonte à 1340; elle commémore la victoire du Salado, et la part des cavaliers et des fantassins d'Evora dans cette glorieuse journée. C'est un des plus précieux monuments épigraphiques de tout le royaume. L'inscription de l'évêque D. Pierre, fondateur du cloître, est de la même année; elle fixe la date de cette construction où l'ogive gothique se mêle aux lignes fantaisieuses du genre mauresque, ouvertes dans le dur granit de la région. La tombe de Geraldo Martins Toscano est de 1330; celles de Sancha Gonçalves et de Mem Soares Fernandes sont plus anciennes encore. Vis-à-vis la porte du chapître est le coffre tumulaire de Vasco Martins de Mello, le fameux alcalde qui sauva la vie du Maître d'Aviz épisode admirablement raconté par notre vieux chroniqueur Fernão Lopes. Sur le parvis sont les édicules de Mem Pires Pestana, et du chanoine Fernão Domingues; près de la porte du soleil le tombeau de Pero Mestre, où est inscrit le credo; dans une des chapelles du cloître les tombes de D. Ferdinand et D. Diogo de Castro, autrefois capitaines d'Evora; en face de la chapelle du St. Sacrement, dans le transept, les tombes de l'archévêque D. Diogo de Sousa (1678), et de fr. Domingos de Gusmão (1689), lui aussi titulaire de la diocèse; vis-à-vis de la chapelle des reliques, la tombe de fr. Luiz da Silva Telles, parfait modèle des prélats, qui a largement dépensé au profit de la diocèse, ainsi que le déclare la légende. Remarquons en passant que, pendant l'ancien régime, l'archévêché jouissait de fort larges revenus. La chapelle dite d'Esporão, à l'extrême nord du transept, a quatre longues inscriptions: de Jean Mendes de Vasconcellos, seigneur du majorat d'Esporão, fondateur de la chapelle, décédé en 1541; de Alvaro Mendes de Vasconcellos, mort en 1555; d'un deuxième Jean Mendes de Vasconcellos, mort en 1583; et de Manuel de Vasconcellos, mort en 1619. Ce sont de grands personnages, qui occupèrent des charges importantes depuis D. Manuel jusqu'à D. Philippe II, et dont les données biographiques intéressent l'histoire de l'époque.

Vestiaire. — Il y a de fort beaux habits sacrés, et de très anciens. Par exemple, la chasuble superbement brodée qui porte la devise de la Chartreuse d'Evora, et semble appartenir à la fin du XVIe siècle. Signalons, au dessus de toute autre, une pièce vraiment hors ligne; un dais en velours rouge foncé, superbement brodé en couleurs, d'un ton admirable; on doit vraisemblablement l'attribuer au XVe siècle. Le XVIIIe siècle est très bien répresenté. Les habits pontificaux offerts par la reine D. Maria I à l'archévêque de Thessalonique, qui n'en a pas fait usage et que l'archévêque Botelho fit acheter pour la cathédrale d'Evora, sont très riches et d'une éxécution parfaite.

Bibliothèque. — La cathédrale en a possédé une. Les chanoines du moyen-âge s'adonnaient à la lecture et à l'étude des lourds volumes de parchemin. Le chanoine Laurent Mendes fit don à la bibliothèque du chapître de vingt et un volumes de droit et de décrétales. Le doyen Gonçalo Fernandes, en échange d'une terre, donna au chapître une *Copieuse*, un *Sexte*, et un volume de *Clémentines* qui avaient appartenu à l'évêque D. Martin (1383), ainsi qu'un autre de *Dégradations*, un *Innocence*, et les

depois as houve o infante D. Duarte (depois rei) emprestadas. Isto é uma nota que eu li no Livro dos anniversarios que serviu em 1427.

Ha mais notas assim n'esses curiosos livros de anniversarios que mostram que o cabido da sé possuia uma livraria importante, na época. É escusado dizer que os cabidos das sés na idade média eram uma especie de alto corpo consultivo; além da grande importancia religiosa, politica e economica. O cabido eborense teve importancia moral e significação politica durante largos seculos.

O archivo. — O archivo está installado em pequenos armarios que cercam a casa capitular, elevados sobre alto espaldar. É a disposição antiga, creio que do começo do seculo XVII. Felizmente tem-se conservado esta linda peça e o seu precioso conteúdo. Oxalá continue o zêlo por elle, é preciso defender esse thesouro, cautela com os curiosos. Mostre-se, publique-se, mas guarde-se a sete chaves. Ha um indice extenso impresso, e eu publiquei nos *Doc. hist. de Evora,* largos extractos dos antigos livros de accordãos e parte do livro das composições ou contractos.

Além d'estes codices o archivo possue antigos tombos, e livros de anniversarios: um d'estes em papel de grande formato foi encadernado ha poucos annos. O livro das composições e o primeiro dos anniversarios deviam ser publicados na integra. Além dos codices em pergaminho e papel o archivo possue alguns maços de velhos pergaminhos, bullas, breves, escripturas, etc.

No archivo especial dos bachareis vi uma especie rara, antigos sacos ou bolsas de linho para conter os documentos; os sacos conservam os seus letreiros pintados em caracteres gothicos!

O archivo musical é importante tambem, contém algumas peças de musicos conhecidos e está bem ordenado.

Estatuaria. — A imagem de Nossa Senhora que está na capella lateral, na nave do centro, é de marmore, de trabalho rudimentar. A mão direita levantada, a esquerda espalmada sobre o ventre alto; veste tunica e manto em largas pregas uniformes. Do collar de grandes medalhas circulares pende uma fita, tambem de medalhas, que desce até aos joelhos; este o seu principal ornato. O esculptor não ousou cortar o marmore que liga o antebraço direito, erguido, ao tronco.

Foi pintada ha poucos annos, reproduzindo-se cuidadosamente os vestigios da pintura antiga, que estava gasta no ventre, provavelmente porque esta imagem em tempos antigos esteve em sitio onde as gravidas se lhe podiam encostar. Comparando com outros exemplares póde marcar-se-lhe o seculo XIII.

Da mesma época o busto singular que se vê sobre o friso entre a arcada da nave e o triforio; figura de homem segurando nas mãos um rôlo meio desenrolado, onde mostra duas grandes iniciaes C. E. que significam, julgo, *Chorus Ecclesiae.* O primitivo côro estava na nave central, no sitio indicado pela rude esculptura.

Uma annunciação — Senhora e Anjo — na capella chamada do bispo D. Pedro, é seguramente muito antiga, assim como o Santo Christo da Sé, agora no museu da Bibliotheca Publica. Temos ainda o S. Martinho, o santo a cavallo partindo a capa para soccorrer o pobre, esculptura em baixo relevo, de tom archaico.

As estatuas dos bispos, ora no museu, são notaveis, com as suas mitras, baculos, vestes sacerdotaes ornamentadas; são estatuas jacentes tumulares de trabalho primitivo. A meu vêr de alta antiguidade tambem as duas estatuas de S. Pedro e S. Paulo, no portico principal. Têm as attitudes e a symbolica, as barbas e os cabellos, na fórma e no modo de esculpir, consagrado na egreja medieval, o S. Pedro de barba curta e crespa, o S. Paulo de barba corredía e mais longa, como apparecem nos sêllos papaes mais antigos. Outro estylo e outra factura mais larga e menos hieratica nos offerecem as bellas estatuas do apostolado no portico, e as dos quatro evangelistas do claustro, erguidas sobre capiteis muito complexos, de fino lavor; são do seculo XIV. Relevo interessante é o brazão da cidade com o Giraldo a cavallo e as duas cabeças mouras da lenda que se conserva embutido no exterior da parede sul da egreja sobre a varanda do claustro. Nos capiteis do templo domina a ornamentação vegetal, e nos fechos das abobadas ha phantasia e symbolos, por exemplo, a mão segurando a lanterna. Ha esculpturas brilhantes na capella-mór do seculo XVIII; os bustos de S. Pedro e S. Paulo muito energicos, e as estatuas symbolicas e decorativas de Antonio de Padua, sem grande belleza artistica.

Canoniques d'Espagne; ce dernier volume fut emprunté par l'archévêque de Lisbonne D. Diogo et plus tard par l'infant D. Duarte qui succéda à son père D. Jean I. Ces données sont extraites du livre des anniversaires, qui servit en 1427. Ces livres d'anniversaires sont pleins d'informations analogues fort curieuses, qui démontrent l'existence d'une bibliothèque importante pour l'époque.

Les chapîtres épiscopaux n'étaient pas, pendant tout le moyen-âge, que de simples corporations religieuses; leur intervention dans presque tous les événements politiques ou économiques ne saurait être méconnue. Celui d'Evora a joué, des siècles durant, le rôle important de haute cour consultive.

Chartrier. — Les archives sont installées en de petits armoires placés sur un dossier élevé qui fait le tour de la salle du chapître. C'est l'ancienne disposition que je crois pouvoir attribuer aux commencements du XVIIe siècle. Fort heureusement cette belle pièce nous a été transmise en parfait état, sans détournements ni mutilations de son précieux contenu. Il est fort à souhaiter que le zèle des personnes préposées à la garde de ce trésor vraiment inestimable ne se démente jamais, et qu'il soit soigneusement défendu des curieux maladroits ou mal intentionnés. Cela n'empêche pas, bien entendu, que les documents soient livrés à la publicité; on en possède un long index imprimé, et j'ai moi-même publié dans les *Documents historiques d'Evora* de larges extraits des vieux cartulaires d'arrêts et une partie de celui des contrats. Outre ces deux volumes, les archives en contiennent d'autres en parchemin et papier; un des livres des anniversaires, en papier de grand format, a été relié il n'y a pas longtemps. Le cartulaire des contrats et le premier de ceux des anniversaires offrent assez d'intérêt pour justifier leur publication intégrale. Il y a encore plusieurs liasses de vieux parchemins, bulles, brefs, actes, etc. Citons, encore, dans la section spéciale des bacheliers, quelques pièces d'une extrême rareté; des vieux sacs en lin où l'on gardait les titres, et qui conservent encore leurs étiquettes peintes en caractères gothiques!

Les archives musicales méritent aussi d'être mentionnées; elles sont bien ordonnées et renferment des morceaux de musiciens renommés.

Statuaire. — L'image en marbre de Notre Dame, de la chapelle latérale, dans la nef centrale, est d'un travail rudimentaire. La main droite est levée, la gauche aplatie sur le ventre grossi; la tunique et le manteau tombent en larges plis uniformes. Elle porte comme seul ornement un collier de grandes médailles rondes, d'où pend jusqu'aux genoux une bande de médailles semblables. Le sculpteur n'a pas eu le courage de supprimer le pan de marbre qui relie l'avant-bras droit au trone. L'image a été peinte il y a quelques années; mais on a eu le soin de reproduire fidèlement les couleurs primitives. Elles étaient effacées près du ventre, sans doute parce que l'ancien emplacement de l'image en permettait l'attouchement aux femmes enceintes. L'examen comparatif permet de la rapporter au XIIIe siècle. On peut aussi dater de cette époque le singulier buste qu'on voit sur la frise qui va de l'arc de la nef au triforium; une figure d'homme tenant à la main une feuille à demi roulée, où sont inscrites les deux initiales C. E. Cela veut dire probablement Chorus Ecclesiae; en effet l'ancien chœur était placé dans la nef centrale, au lieu désigné par la rude sculpture.

L'Annonciation — Notre Dame et l'Ange — dans la chapelle dite de l'évêque D. Pierre est assurément une sculpture fort ancienne, de même que le Saint Christ qu'on a transporté de la cathédrale au musée de la Bibliothèque publique. Il y a encore une sculpture en bas relief, d'un ton archaïque, St. Martin à cheval partageant son manteau avec le mendiant. Les statues d'évêques, exposées dans la musée, appartenaient jadis à des tombeaux de la cathédrale; quoique leur travail soit primitif, le détail des mitres, crosses et habits est digne de remarque. Les statues de St. Pierre et St. Paul, qu'on voit sur le portail, sont d'un âge respectable. Elles rappellent nettement, pour les attitudes et la symbolique, les modèles courants des temples du moyen-âge; la barbe courte et crépue de St. Pierre, celle de St. Paul, longue et lisse, s'ajustent aux types des plus vieux sceaux des papes. Les autres statues d'apôtres du portail ainsi que celles des quatre évangélistes, dressées dans le cloître sur des chapiteaux délicatement ouvragés, relèvent d'un style et d'une facture plus large et moins hiératique; elles sont du XIVe siècle. La chapelle principale contient de bonnes sculptures du XVIIIe siècle; les bustes très expressifs de St. Pierre et de St. Paul, et les statues décoratives et symboliques de St. Antoine de Padoue, peu remarquables au point de vue artistique.

A esculptura em madeira tem na sé um monumento muito simples mas de extrema raridade, é a porta da sacristia com a cruz e a swastika. Vi uma assim no museu de Madrid, classificada como de estylo mudejar. O lindo anjo que está em frente da imagem da Senhora, na nave central, parece trabalho flamengo ou allemão do findar do seculo XV.

Extraordinario é o côro de cima, os cadeirados, as molduras do espaldar e o soberbo friso animado de rostos divinamente esculpidos em carvalho. É um primor de arte, inspirado nas obras do grande Raphael, e de uma variedade, gentileza e fina execução de maravilhar. Está datado, 1562.

O entalhado polychromico da capella do Esporão é do seculo XVI. Ha outros exemplos em Evora d'este estylo, d'esta phase do entalhado; depois vieram as volutas, os caracoes, as columnas salomonicas, as grinaldas de vinha e os bandos de cherubins.

A capella do Santissimo e a das reliquias têm lindos trabalhos de talha do seculo XVIII.

O grande orgão junto do côro ostenta igualmente fina esculptura; e na capella-mór as varandas das tribunas, do seculo XVIII, ornam afinadamente o esplendido salão.

Como se vê a sé eborense fornece-nos grande cópia de monumentos para a historia da esculptura, em pedra e madeira. Em ferro tem ainda a grade do baptisterio, a suspensão da alampada da Senhora do Anjo, as grades das capellas do cruzeiro.

No seu thesouro guardam-se algumas peças de ourivesaria de primeira ordem; a custodia, o baculo, a cruz do Santo Lenho, e, extraordinaria obra de arte, o calice de ouro, com os seus esmaltes e relevos. É uma joia de ourivesaria das primeiras do mundo.

Pintura. — A serie de pinturas é notavel. Temos primeiramente alguns grandes quadros em madeira anteriores ao renascimento, imitando, no mesmo quadro, os triptycos, pois o pintor os dividiu n'um corpo central e dois lateraes mais estreitos. Dois quadros d'estes que se conservam na capella do bispo D. Pedro, embora bastante estragados, merecem attenção. Os que representam os martyrios de S. Pedro e S. Paulo são de valor.

Pinturas de merecimento e de valor historico são as commemorativas, em meu juizo, do milagre da Vera Cruz na batalha do Salado. Estes quadros formavam um armario ou camarim, destinado a guardar o Santo Lenho, ao que supponho. Estão hoje na capella á entrada da sala capitular.

Estes ultimos quadros mostram já construcções do renascimento.

Nas capellas lateraes ha pinturas que denunciam estylos varios, influencias hespanholas, flamengas, italianas; um d'elles, o dos santos eborenses, Vicente, Sabina e Christeta, muito ingenuo e primitivo, deve ser portuguez.

Na capella de S. Lourenço as pinturas do seculo XVII denotam já a decadencia da pintura entre nós. A collecção dos retratos dos prelados na vestiaria tem importancia artistica e historica.

O grande retabulo da capella-mór e os quatro grandes quadros que ornam ao alto as paredes, são de origem italiana do seculo XVIII.

No paço archiepiscopal se guardam em excellentes condições os quadros que illuminavam a capella-mór antiga. São de primeira importancia essas opulentas pinturas que modernamente os criticos attribuem a Gerardo David. Estão admiravelmente conservados, com os seus finos tons opalinos, o seu espiritual desenho, a magestade simples das figuras principaes, a luxuosa ornamentação das figuras secundarias, o que tudo produz um enlevo, um encanto mystico, difficil de explicar. Um quadro d'esta collecção está de ha muito na Bibliotheca Publica de Evora. Não devemos esquecer a bella pintura que se guarda na grande capella do claustro que tem porta para a escada do adro principal, o quadro de Santa Helena. N'esta mesma capella ha outras pinturas dignas de memoria.

Resumindo: a sé possue uma collecção de retratos que vem até á actualidade; pinturas em madeira do seculo XV e do XVI; telas religiosas dos seculos XVII e XVIII. Ha alli quadros portuguezes primitivos, do maximo desenvolvimento, e decadentes: ha italianos e flamengos de alto merito.

Os quadros religioso-militares do voto na batalha do Salado, são de rara significação, porque, além do valor artistico, elles nos exemplificam vestuarios e armaduras que em parte alguma se encontram representados com tamanha individuação.

G. Pereira.

Dans les chapiteaux de l'église c'est l'ornementation végétale qui prédomine; les clefs des voutes présentent des motifs de fantaisie ou symboliques, par exemple, la main tenant une lanterne. La façade tournée au midi est décorée de l'écusson de la ville, placé au dessus du balcon du cloître; il porte le Giraldo à cheval et les deux têtes de maure de la légende.

La sculpture en bois de la cathédrale nous offre d'excellents exemplaires. Nous citerons tout d'abord un monument fort rare, la porte de la sacristie, ornée de la croix et de la swastika. Je me souviens d'en avoir vu un exemplaire analogue au musée de Madrid; il y est classé comme du style *mudejar*. Le bel ange qui est vis-à-vis l'image de Notre Dame dans la nef centrale est un ouvrage flamand ou allemand des fins du XVe siècle. Le chœur supérieur, daté de 1562, est un véritable chef d'œuvre, riche, gracieux et merveilleusement exécuté. Tout y est admirable: les stalles, les moulures du dossier, la jolie frise animée de têtes divinement sculptées qui rappelle la grâce séduisante de Raphael. Les sculptures polychromiques de la chapelle d'Esporão datent du XVIe siècle. Il y en a d'autres à Evora, dans ce genre, qui a précédé l'apparition des volutes, des colimaçons, des colonnes salomoniques, des festons de vigne et des têtes de chérubins. Les chapelles du St. Sacrement et des reliques sont enrichies de jolies sculptures du XVIIIe siècle; les balcons des tribunes de la chapelle principale sont bellement décorées dans le même style. Le grand orgue près du chœur est aussi à noter.

L'énumération qui précède démontre combien la vieille cathédrale est riche de sculptures en pierre et en bois; nous pouvons y ajouter encore, comme bonnes serrureries, la grille du baptistère, la suspension de la lampe de Notre Dame de l'Ange et les grilles des chapelles du transept. Le trésor de la cathédrale renferme des pièces de tout premier ordre; l'ostensoir, la crosse, la croix du saint bois, et surtout, un superbe calice en or sculpté et émaillé, qui est sans contredit un des plus beaux joyaux qui soient au monde.

Peinture. — Citons d'abord quelques grandes tables antérieures à la Renaissance, dont chacune comprend trois scènes, disposées en forme de tryptique. Parmi ces tableaux, ceux qui représentent les martyres de St. Pierre et St. Paul et les deux de la chapelle de l'évêque D. Pierre offrent le plus de valeur. Viennent ensuite dans l'ordre chronologique les tableaux qui, à mon avis, se rapportent au miracle de la Vraie Croix dans la bataille du Salado, et où perce déjà visiblement l'influence de la Renaissance. Placés à présent dans la chapelle près de l'entrée du chapître, ils formaient jadis les panneaux d'un armoire ou reliquaire, destiné probablement à garder un morceau de la Vraie Croix. L'importance de ces véritables ex-voto militaires ne saurait échapper à personne. Leur signification artistique s'accroît pour nous d'une valeur historique et documentaire exceptionnelle, car nulle part trouve-t'on figurés d'une façon si nette les accoutrements et les armures de l'époque.

Les peintures des chapelles latérales, aux styles variés, révèlent des influences espagnoles, flamandes et italiennes. Celle qui représente les saints d'Evora, Vincent, Sabine et Christète, d'une naïvete primitive, doit être de provenance portugaise. La décadence de la peinture chez nous, au XVIIe siècle, se manifeste dans les tableaux de la chapelle de St. Laurent. La galerie de portraits des évêques dans le vestiaire a de l'importance artistique et historique. La grande chapelle du cloître, qui donne sur l'escalier du parvis, renferme quelques pièces dignes de mention, dont le meilleur est le tableau de Ste. Hélène. Le grand rétable de la chapelle principale et les quatre grands tableaux qui en décorent les murs latéraux sont d'origine italienne et datent du XVIIIe siècle. L'ancienne chapelle, que celle-ci est venu remplacer, était enrichie d'une belle série que la critique moderne a attribuée à Gerard David. Un de ces tableaux est à présent dans la Bibliothèque publique; les autres ont été transportés dans le palais archiépiscopal. Leur état est parfait; la finesse du coloris, d'une patine admirable, la touche spirituelle du dessin, la majesté simple des figures principales et la richesse de décoration des personnages secondaires forment un ensemble ravissant d'un effet indéfinissable.

En résumé: la cathédrale possède une galerie de portraits qui descend jusqu'à nos jours; des tables en bois du XVe et XVIe siècles, des tableaux religieux du XVIIe et XVIIIe siècles. Il y a des tableaux italiens et flamands d'un haut mérite; il y en a de portugais primitifs, et des périodes de splendeur et de décadence de l'art.

G. Pereira.

Os Jeronymos

(Belem)



is-aqui um glorioso edificio, o mais evocativo, o mais testemunhante, o mais profundamente ethnico, o mais genuinamente portuguez de todos os nossos monumentos, do qual todavia bem melancolicamente se póde dizer, como dos homens mal fadados, *que não tem sorte!*

Nunca talvez, como na historia d'esta casa, tão altas glorias se juntaram a desditas tão mesquinhas.

A primitiva edificação de Belem, sobre a qual se erigiu o monumento dos Jeronymos, foi a mais terna, a mais piedosa obra do infante D. Henrique, o impulsor das grandes navegações e dos grandes descobrimentos, com que os da nossa raça transfiguraram a geographia e doaram ao mundo, com o dominio do oceano, a completa posse do globo. Do que é hoje o sumptuoso bairro de Belem nada existia no principio do seculo XV senão o inhospito e infecundo areal do porto do Rastello. Para dar soccorro, abrigo, consolação e carinho aos numerosos mareantes que fundeavam n'aquellas aguas, o infante levanta a ermida de Nossa Senhora de Belem n'uma pequena parte do terreno em que está hoje o que ainda resta do mosteiro. Em torno da humilde capellinha confiada á guarda dos seus freires de Christo, o infante desbrava, aduba, transforma a areia esteril em pingue sólo vegetal, faz manar abundantemente a agua potavel, planta hortas e pomares, e aos maritimos a quem consagra a delicia d'este oasis, onde inesperadamente florescem as laranjeiras, marulham as aguas regadias pelos talhões dos alfobres, cantam os rouxinoes e as cotovias, adejam ao sol as borboletas e as abelhas sobre a alfazema em flôr, e alegremente tilintam os sinos para a missa das almas, o donatario não pede senão que se lembrem os do mar, acolhidos na sua ermida, de rezar por alma d'elle um Pater Noster e uma Avè-Maria.

Quando Vasco da Gama tornou da India, o rei D. Manoel, querendo solemnemente commemorar esse feito maravilhoso, e simultaneamente honrar a memoria do grande principe, que de tão longe previra e preparára tão glorioso e deslumbrante triumpho, manda em 1500 converter a pequena capella de D. Henrique no sumptuoso templo dos Jeronymos, determinando que ao meio da porta travessa, que é a mais importante da egreja, se ponha *a estatua do primeiro auctor d'estas navegações, talhada de vulto em pedra, armado com cota d'armas, e a espada núa na mão, alevantada para riba, do qual modo se figuram todos os reis e principes que em pessôa se acharam em feitos de guerra e nelles foram vencedores* [1].

Á morte de D. Manoel não estava de todo acabada a egreja, e achava-se apenas em principio o dormitorio sobre os *alpendres* — nome com que os chronistas geralmente designam o portico em frente da porta do fundo, oeste, do templo. O rei afortunado refere-se em seu testamento á conclusão do edificio que tanto amára, e onde determina que o sepultem, dizendo: «Item eu tenho dado em minha vida a Nossa Senhora de Belem a vintena do dinheiro das partes da Mina e a vintena das mercadorias e cousas da parte da India, sómente, e não do meu, segundo he declarado em sua doação, encomendo que lhe não seja tirado athe se acabar pela dita renda a casa na forma que o tenho ordenado e mandado fazer, e que responda toda a obra com a que está começada do Dormitorio, o qual mandava fazer para cem frades, e acabada a dita obra encomendo que se dê na dita vintena ao dito Mosteiro tanta renda como abaste para a mantença dos ditos cem frades e necessidades da casa.»

D. João III continúa zelosamente a obra paterna, confiando a João de Castilho, já anteriormente architecto de D. Manoel, a fabrica da importante abobada do cruzeiro.

---

[1] Palavras de Damião de Goes.

Les Jeronymos

(Belem)



oici un glorieux édifice, le plus évocateur, le plus profondément ethnique, le plus purement portugais, le plus caractéristique, et dont cependant on peut dire bien mélancoliquement, comme des hommes à qui rien ne réussit, *qu'il n'a pas de chance!*

Jamais peut-être, comme dans l'histoire de ce monument, tant de hautes gloires ne se sont accouplées à des malheurs aussi mesquins.

La première construction de Belem, sur laquelle on érigea plus tard le monument des Jeronymos, fut l'œuvre la plus tendre, la plus pieuse de l'infant D. Henrique, le promoteur des grandes navigations et des grandes découvertes grâce auxquelles notre race a transformé la géographie et donné au monde, par le domaine de l'océan, la complète possession du globe. Il n'existait au commencement du XVe siècle, de ce qu'est aujourd'hui le somptueux quartier de Belem, que l'inhospitalière et inféconde grève du port de Rastello. Pour porter secours, pour abriter, pour consoler, pour soulager les nombreux marins qui mouillaient dans les eaux du Tage, l'infant fit élever la petite église de Notre Dame de Belem sur une partie du terrain où se trouve aujourd'hui ce qui reste du monastère. Autour de l'humble petite chapelle confiée à la garde des moines du Christ, l'infant fait défricher et fumer les terres, il transforme le sable en sol fertile, et fait abondamment jaillir l'eau potable, il plante jardins et vergers, et, aux marins auxquels il destine les délices de cette oasis, où, contre toute attente poussent les orangers, où les eaux d'arrosage coulent entre les plates-bandes, où chantent les rossignols et les alouettes, où voltigent au soleil sur la lavande en fleur les papillons et les abeilles, et où les cloches tintent gaiement pour la messe de l'aube, le donateur ne demande, aux marins abrités dans son ermitage, qu'un Pater et un Ave pour le repos de son âme.

Quand Vasco da Gama revint de l'Inde, D. Manuel, voulant commémorer solennellement ce merveilleux exploit, et en même temps honorer la mémoire du grand prince, qui de si loin avait prévu et préparé un si glorieux et si éblouissant triomphe, fit en 1500 convertir la petite chapelle de D. Henrique en le somptueux temple des Jeronymos, et ordonna qu'au milieu de la porte latérale, la plus importante de l'église, on mit *la statue en pierre du premier auteur de ces navigations, avec la cotte d'armes, l'épée nue en main, la pointe levée, à la façon dont on représente les rois et les princes qui ont pris part aux faits de guerre et en sont sortis vainqueurs* [1].

A la mort de D. Manuel l'église n'était pas encore achevée, on avait à peine commencé le dortoir au-dessus des porches (*alpendres*) — nom que les chroniqueurs emploient généralement pour désigner le portique en face de la porte du fond, ouest, du temple.

Le roi fortuné, faisant allusion dans son testament à la conclusion de l'édifice qu'il avait tant aimé, et où il demande qu'on l'enterre, dit: «Item pendant ma vie, j'ai donné à Notre Dame de Belem le vingtième du denier de la Mine et le vingtième des marchandises de l'Inde, et non du mien, comme il est déclaré dans la donation; je recommande qu'on laisse la rente au monastère jusqu'à l'achèvement de la construction qui doit se faire dans les conditions que j'ai indiquées et que toute l'œuvre corresponde à celle qui est commencée dans le dortoir que je faisais construire pour cent moines; les travaux finis, je veux que sur le dit vingtième, on prélève la rente nécessaire pour l'entretien des cent moines et les besoins de la maison.»

D. João III continue avec zèle l'œuvre paternelle et confie à João de Castilho, qui avait déjà été architecte de D. Manuel, la construction de l'importante voûte du transept.

---

[1] Paroles de Damião de Goes.

Em 1551, por occasião de se trasladarem os ossos de D. Manoel e da rainha D. Maria da *egreja velha nos alpendres* para a nova egreja do mosteiro, esta — como diz o bispo D. Antonio Pinheiro, que fez a prégação funebre na ceremonia da trasladação — «ainda que de todo não era acabada, todavia já algũs annos havia que estava da maneira que ora estava quando el Rey nosso Senhor fez esta trasladaçam: pello que poderia ter já satisfeito a esta obrigação, se o não detiuera a mudança que quiz fazer na capella moor, pera que ficasse mayor e mais alta. O que se nam podia fazer honestamente, sendo já trasladados os ossos de el Rey e da Rainha seus padres. Mas *como assentou de a não fazer* e principalmente pelo retardamento que ysso daria a esta trasladaçam.... determinou, etc.»

Em 1551 estava portanto edificada a primitiva capella-mór. Este insuspeito testemunho de Antonio Pinheiro é plenamente confirmado por um documento de arte. No precioso devocionario geralmente conhecido por *O livro de horas de D. Manoel,* da collecção particular de El-Rei o Senhor D. Carlos, uma delicada illuminura coeva representa a ceremonia, a que D. Antonio Pinheiro se refere, em uma capella-mór de estylo manuelino como o do resto da egreja.

A obra novo-greco-romana hoje existente fez-se durante a regencia da rainha D. Catharina por menoridade de D. Sebastião.

O claustro achava-se concluido no dito anno de 1551. Em uma memoria, contemporanea da trasladação alludida, incluida por D. Antonio Caetano de Sousa nas Provas da *Historia Genealogica,* lêem-se as seguintes linhas: «Acabado de ouvir missa entrou (o rei) para a crasta, pera uer como estava concertada, que heram dous lansos della, etc.»

Por esta mesma occasião cessou de existir a *egreja velha,* a antiga ermida inclusa nos alpendres, como se deprehende d'esta passagem da Memoria editada por Sousa: «E logo a hũa hora depois do meyo dia sayo (o rei) e se foi decer á Igreja velha; e S. A. tinha mandado derribar o topo d'ella para logo sahir a procissam por alli, e por debaixo dos alpendres estavam todas as ordens em procissam e heram por todos quatrocentos e setenta e oito frades.... e de traz dos frades vinha o cabido e capella del Rey.»

O dormitorio delineado por D. Manoel corria indubitavelmente sobre os alpendres na fachada sul, olhando para o mar. O testemunho de Siguenza, chronista da ordem e a bem dizer contemporaneo, porque escrevia no fim do seculo XVI, não deixa equivoco sobre esse ponto: «Tiene esta fachada del medio dia, ansi en la eglesia como en el *antecoro y dormitorio...* No ay más de una orden de cellas ni más de unas uentanas: y por ser el edificio tão bajo, quedó pobre, y *la fachada que mira al mar* de poco adorno y poca majestad.»

Conhece-se a distribuição das casas em torno do claustro: refeitorio, casa do capitulo, bibliotheca, hospedaria, etc.

Com a conclusão do dormitorio, com a inauguração dos alpendres, com o fim da regencia da rainha D. Catharina, fecha-se o periodo aureo da historia d'este monumento.

Segue-se immediatamente a decadencia e a degradação progressiva, como se os destinos do edificio estivessem indissoluvelmente ligados aos destinos da patria, e pela inflexivel lei da solidariedade entre as coisas e os homens, o monumento não podesse deixar de acompanhar a nação desde o apogeu da sua mais rutilante gloria até as profundidades da sua mais lastimosa decadencia. E nada, em maior evidencia do que este facto, nos convence de que os grandes monumentos architectonicos de um povo são como puros organismos, que pelos seculos fóra se desenvolvem sob a influencia do meio, progredindo, estacionando, decahindo ou aniquilando-se, segundo a variada acção do tempo e da fortuna.

Com o seculo XVII desloca-se em Portugal o eixo do ideal e da producção artistica. D. João IV, fino e culto amador, encaminha para a musica o gosto e o talento do seu tempo. Um escurecimento de crepusculo envolve a architectura, a esculptura e a pintura. O estylo manuelino, que é a manifestação da primeira renascença nacional na arte de edificar, expira rapidamente perante o criterio italiano dos humanistas da ultima parte do seculo XVI, e pelo advento das novas ideias de arte, trazidas por Damião de Goes e por Francisco de Hollanda, de Bolonha e de Roma.

Os primeiros rasgos da renascença europeia em Portugal, lançados magistralmente durante o reinado de D. João III, em Thomar e em Coimbra, degeneram e abastardam-se fugazmente pela intervenção meticulosa da apoucada mas avassallante esthetica jesuitica.

En 1551, à l'occasion de la translation des restes de D. Manuel et de la reine D. Maria, *de la vieille église des porches,* à la nouvelle église du monastère, laquelle — comme le dit l'évêque D. Antonio Pinheiro, qui prononça l'oraison funèbre à la cérémonie de la translation — «quoique n'étant pas encore finie, il y avait cependant quelques années qu'elle était dans le même état que lorsque le roi, notre maître, fit cette translation: devoir qu'il aurait accompli s'il n'en avait été empêché par le changement qu'il avait l'intention de faire dans le chœur, qu'il voulait plus spacieux et plus haut, ce qui ne pouvait se faire décemment après la translation des restes du Roi son père et de la Reine sa mère. *C'est pourquoi ayant décidé de ne pas faire ce changement,* surtout à cause du retard qui en resulterait pour la translation.... le roi ordonna, etc.»

En 1551 le maître-autel était donc achevé. Ce témoignage d'Antonio Pinheiro dont on ne peut douter, est pleinement confirmé par un document d'art. Dans le précieux livre de dévotions généralement connu sous le titre de «*livre d'heures de D. Manuel*», de la collection particulière de Sa Majesté le roi D. Carlos, une délicate enluminure de l'époque, représente la cérémonie à laquelle D. Antonio Pinheiro fait allusion; elle a lieu au maître-autel de style *manuelino,* comme celui du reste de l'église.

L'œuvre néo-greco-romaine qui existe aujourd'hui a été faite sous la régence de la reine D. Catharina pendant la minorité de D. Sebastião.

Le cloître était fini en 1551. Dans un mémoire, contemporain de la translation sus-mentionnée, recueilli par D. Antonio Caetano de Sousa dans les *Provas da Historia Genealogica,* on lit ce qui suit: «Après la messe le roi entra pour voir les réparations du cloître, dont deux côtés, etc.»

A cette occasion la vieille église — l'ancien ermitage compris dans les porches — fut démoli comme on peut en juger par ce passage du Mémoire édité par Sousa: «Et aussitôt, à une heure de l'après-midi, le roi sortit et descendit à la vieille église; dont S. A. avait fait démolir le fond pour que la procession pût sortir par là, et sous les porches se trouvaient tous les ordres en procession, en tout 478 moines derrière lesquels venaient le chapitre et la chapelle du roi.»

Le dortoir tracé par D. Manuel se trouvait indubitablement au-dessus les porches de la façade sud, du côté de la mer. Le témoignage de Siguenza, chroniqueur de l'ordre et, pour ainsi dire, contemporain, car il écrivait à la fin du seizième siècle, ne donne lieu à aucune équivoque: «Tiene esta fachada del medio dia, ansi en la eglesia como en el *antecoro y dormitorio...* No ay más de una orden de cellas ni más de unas uentanas: y por ser el edificio tão bajo, quedó pobre, y *la fachada que mira al mar* de poco adorno y poca majestad.»

On connait la disposition des dépendances autour du cloître: réfectoire, salle du chapitre, bibliothèque, hôtellerie, etc.

L'histoire du monument touche à son apogée avec la conclusion du dortoir, l'inauguration des porches vers la fin de la régence de la reine D. Catharina.

La décadence et la dégradation progressive viennent aussitôt comme si les destinées de l'édifice étaient indissolublement liées aux destinées de la patrie et comme si par l'inflexible loi de la solidarité entre les hommes et les choses, le monument devait accompagner la nation depuis l'apogée de sa gloire la plus brillante jusqu'aux profondeurs de sa plus lamentable décadence. Aussi, il n'est point de preuve plus évidente de ce que les grands monuments architectoniques d'un peuple sont comme de simples organismes, qui à travers les siècles, sous l'influence du milieu, et selon l'action du temps et de la fortune, progressent, stationnent, déclinent ou disparaissent.

Avec le XVIIe siècle l'axe de l'idéal et de la production artistique se déplace en Portugal. D. João IV, amateur lettré et délicat entraîne vers la musique le goût et le talent de son temps. Un obscurcissement crépusculaire enveloppe l'architecture, la sculpture et la peinture. Le style *manuelino,* qui est la manifestation de la première renaissance nationale en l'art de bâtir, meurt rapidement devant le critérium italien des humanistes de la fin du XVIe siècle, et par l'introduction de nouvelles idées sur l'art rapportées de Bologne et de Rome par Damião de Goes et Francisco de Hollanda.

Les premières manifestations de la Renaissance européenne en Portugal, lancées magistralement sous le règne de D. João III à Thomar et à Coimbra, dégénèrent et s'abâtardissent rapidement par l'intervention méticuleuse de la pauvre, mais asservissante esthétique jésuitique.

Durant les règnes de D. Affonso VI et de D. Pedro II les Jeronymos commencent à perdre de leur beauté par des superfétations et des additions du plus mauvais goût.

Durante os reinados de D. Affonso VI e de D. Pedro II os Jeronymos principiam a deturpar-se por superfetações e enxertos do mais acrisolado mau gosto.

Os alpendres, que constituiam em seguimento da porta principal da egreja a grandiosa logia que o fundador destinára a passeio e repouso dos mareantes, a bolsa maritima e mercado da contratação da India, tapam-se pelos dois lados sul e norte, separam-se por tabiques transversaes, convertem-se em humildes casebres, e são alugados pelos frades em misero proveito da communidade.

Os habitantes do sobreposto dormitorio vão a pouco e pouco enxovalhando a grandiosa simplicidade da fachada por meio das desfigurações mais audaciosas: abrem postigos supplementares, estabelecem ás janellas ganchos e cachorros destinados a supportar caixotes ou pranchas de madeira para acommodação dos seus craveiros e dos seus manjaricos, levantam sotãos e trapeiras por cima da cimalha e põem innocentemente a enxugar ao sol sobre os marmores cinzelados dos parapeitos os lenços do seu rapé.

Emfim a revolução liberal vem, impulsiva, revindicante, pedantesca, destituida de todas as virtudes estheticas, refractaria a todas as tradições de arte, de poesia, de religião, e principia por botar fóra os frades, por espatifar a livraria, por mandar a derreter para a Moeda as pratas liturgicas, e por vender aos tendeiros os manuscriptos das chronicas a fim de que, pela mais utilitaria das desarmotisações em moda, se reduza a vehiculo de manteiga aos netos, a velha papelada que por alguns seculos fôra deposito da honra dos avós.

Em seguida o incipiente e victorioso constitucionalismo abre com a gazúa do systema a éra das decisivas reformas, e nomeiam-se as competentes commissões, encarregadas das pompas funebres de tudo o que foi.

Um passadiço em arco ligava com o côro alto da egreja o dormitorio, a sala dos reis e o antecôro: abaixo com essa ligação clandestina!

E os alpendres? Pobres alpendres! nunca mais tornareis a ser nem abrigo de mareantes, nem bolsa da India, nem longa e espaçosa galilé da mais soberba e altiva egreja de Portugal. Nunca mais por baixo d'essa monumental arcada tornarão a passar, caminho do tumulo, em andas, sobre mulas de gualdrapas negras, entre cavalleiros de luto, monges encapuchados e cirios accesos, os restos mortaes dos reis e dos heroes. Nunca mais, em dias de gala, os almirantes, os combatentes e os tripulantes dos nossos galeões por alli desfilarão em procissão festival, entre as enthusiasticas acclamações e as commovidas lagrimas do povo, de cruz alçada, palio aberto, pendões e signas palpitantes á viração do mar, por cima de alfombras de rosmaninho, levando em promessa a Nossa Senhora de Belem, engrinaldada de rosas e de açucenas a vela de mesena, juntamente com as offerendas reaes, as primicias do ambar e do almiscar da America, das perolas, dos rubis, das sêdas, das tapeçarias e do ouro da Asia.

Nada se representa mais vantajoso, mais adequado e mais digno aos olhos dos novos arbitros do futuro do edificio do que destinal-o a um recolhimento de expostos! E centenares de rapazes, mais ou menos lamentavelmente assignalados pelas taras do desamparo domestico, invadem, aos berros e aos pulos da recreação, a crasta solemne e augusta, cujo silencio, entre os mais bellos marmores que jámais lavraram cinzeis portuguezes, só até então se quebrára, de noite, sob a cupula azul e estrellada do céo, pelo dôce e lento chorar de uma fonte, e de dia pelos hymnos sagrados ou pelas passadas discretas de monges, de principes, de artistas, de letrados.

Assim como na clausura se infringiram os preceitos da compostura e da decencia, assim tambem na egreja se postergaram os compromissos da piedade; e nunca mais na missa, ao *lavabo*, o sacerdote se voltou para o povo, como anteriormente se fazia, lembrando a modesta supplica do infante D. Henrique, e pedindo ás almas portuguezas, piedosas e agradecidas, que de todo não esquecessem a gratidão devida aos magnanimos fundadores, generosos donatarios de tão gloriosa casa.

As subsequentes e successivas administrações da nova Casa Pia, sem ideia alguma definida ácerca do destino a que se consagraria o antigo dormitorio com os seus respectivos alpendres, deliberou fazer d'essa construcção, inteiramente desligada da egreja, a fachada principal de um grande edificio rectangular, com um vasto pateo ao centro das suas quatro alas.

Para dirigir essa transformação architectonica vieram os estrangeiros Colson e Benett, deixando este no lavor de todas as pedras em que tocou os mais afflictivos testemunhos da sua incapacidade para comprehender o problema que se lhe propunha.

O architecto portuguez Valentim José Correia restaura, com discrição louvavel no meio de tanta

Les porches qui formaient avec le portail principal de l'église la grandiose logia que le fondateur avait destinée aux promenades et au repos des marins, la bourse maritime, le marché de la contractation de l'Inde, sont bouchés des deux côtés sud et nord, séparés par des cloisons transversales et convertis en humbles réduits, loués misérablement par les moines au profit de la communauté.

Les habitants du dortoir superposé gâtent peu à peu la grandiose simplicité de la façade par les transformations les plus audacieuses: ils ouvrent des poternes supplémentaires, établissent aux fenêtres des crampons et des corbeaux destinés à soutenir des caisses ou planches pour leurs œillets et leurs basilics; ils élèvent des combles au-dessus de la corniche et font innocemment sécher au soleil sur les marbres ciselés des parapets leurs mouchoirs à tabac.

La révolution libérale vient, enfin, impulsive, pédantesque, sans aucune vertu esthétique, réfractaire à toutes les traditions de l'art, de la poésie, de la religion; elle fait chasser les religieux, éparpille la bibliothèque, fait fondre pour la Monnaie l'argenterie liturgique, vend les chroniques, dépôt sacré de l'honneur des aïeux, dont les merciers, par le plus utilitaire désamortissement, à la mode, se servent pour envelopper le beurre qu'ils débitent aux neveux.

Ensuite, le constitutionalisme incipient et victorieux ouvre avec la fausse clef du système l'ère des réformes décisives, et nomme des commissions, qu'il charge des pompes funèbres du passé.

Un petit passage en forme d'arche reliait au haut-chœur de l'église le dortoir, la salle des rois et l'avant-chœur: on supprima cette communication clandestine!

Et les porches? Pauvres porches! jamais vous ne servirez désormais d'abri aux marins, ni de bourse de l'Inde, ni de long et spacieux vestibule à la plus superbe et à la plus hautaine église du Portugal. Jamais plus sous cette monumentale arcade ne passeront en route pour le tombeau, sur des mules aux schabraques noires, entre les cavaliers en deuil, les moines encapuchonnés et les cierges allumés, les restes mortels des rois et des héros. Les jours de gala, les amiraux, les combattants, les matelots de nos galions ne défileront plus en procession festivale, entre les acclamations enthousiastes et les larmes attendries du peuple, la croix haute, le dais ouvert, les bannières et les guidons palpitant à la brise de la mer et sur un tapis de romarin portant en vœu à Notre Dame de Belem enguirlandée de roses et d'iris, la voile de Misaine avec les offrandes royales, l'ambre, le musc d'Amérique, les perles, les rubis, les soies, les tapisseries et l'or de l'Asie.

Les nouveaux arbitres de l'avenir de l'édifice ne trouvent rien de plus avantageux, de plus approprié et de plus digne que de le destiner à un asile d'enfants trouvés! Et des centaines de garçons plus ou moins lamentablement marqués par les tares de l'abandon domestique, emplissent de leurs cris et de leurs gambades le cloître solennel et auguste, dont le silence n'avait été troublé jusqu'alors sous la coupole étoilée des cieux que par le doux et lent murmure d'une fontaine, et le jour, par les hymnes sacrés où par les pas discrets des moines, des princes, des artistes et des lettrés.

De même que, dans ces lieux de réclusion, ils enfreignirent la modestie et la décence, dans l'église ils méprisèrent également les compromis de la piété; pendant la messe, au *lavabo* le prêtre ne se tourna plus vers le peuple, comme il le faisait auparavant, pour rappeler la modeste supplique de l'infant D. Henrique, aux âmes portugaises, pieuses et reconnaissantes, de ne point oublier la gratitude due aux magnanimes fondateurs, aux généreux donateurs d'un si glorieux monastère.

Les administrations subséquentes et successives de la nouvelle *Casa Pia*, ignorant absolument la destination ultérieure de l'ancien dortoir et des porches, décidèrent de faire de cette construction, entièrement séparée de l'église, la façade principale d'un grand édifice rectangulaire, avec une vaste cour au centre de ses quatre ailes. Pour diriger cette transformation architectonique, on fit venir de l'étranger Colson et Benett. Celui-ci laissa dans le travail de toutes les pierres qu'il a touchées le plus affligeant témoignage de son incapacité à comprendre le problème qu'on lui avait posé.

L'architecte portugais Valentim José Correia restaura, avec une louable discrétion au milieu de tant d'incurie, le porche tourné vers la mer, en face de la terrasse que l'on transforma en jardins selon le désir de José Maria Eugenio. Valentim se fit un devoir de respecter les lignes générales de la construction primitive dans le dessin des arcades et des fenêtres, semblables à celles de D. Manuel dont on conserve un exemplaire intact au musée archéologique du Carmo.

Rambois et Cinati, en leur qualité de scénographes, plus imaginatifs, plus improvisateurs et plus hardis que de simples architectes, inventent les tours, retouchent différents détails dans l'architecture

incuria, a alpendrada em corpo corrido, contra o mar, em frente do aterro ajardinado por disposição de José Maria Eugenio. Valentim inspira-se das linhas geraes da construcção primitiva no desenho dos arcos e das janellas, similhantes ás de D. Manoel, das quaes se conserva um exemplar intacto no museu archeologico do Carmo.

Rambois e Cinati, em sua qualidade de scenographos, mais imaginosos, mais repentistas e mais ousados do que os simples architectos, inventam as torres, retocam em varios detalhes a architectura da propria egreja no sentido de avivar mais sublinhadamente a sua physionomia gothica; e sob esse mesmo criterio de estylo, levantam ao centro do elegante corpo corrido do dormitorio manuelino uma intercalação aguda e pyramidal, truncando a fuga da longa, serena e majestosa arcada por meio de uma construcção hybrida, descabida pela sua accentuação religiosa na frontaria de um edificio inteiramente profano, e em flagrante contradicção de estylo com a placida e bem definida horisontalidade geral do monumento.

A famosa derrocada do dia 19 de dezembro de 1878 encarrega-se de arriar essa composição scenographica com a simplicidade theatral de uma mutação de scena, em fim de opera, no palco de S. Carlos.

O governo, atonito perante o incorrecto procedimento do edificio, nomeia pressurosamente uma commissão composta dos seus mais abalisados engenheiros e encarregada de estudar as razões inimaginaveis que poderia ter tido para se desmoronar aquella notavel obra. A commissão respondeu n'um longo e sabio relatorio, a que o snr. de La Palice teria certamente dado uma fórma mais concisa e todavia não menos inexoravelmente exacta: — o corpo central do annexo dos Jeronymos cahiu pelo motivo rigorosamente scientifico de não se ter em pé.

Consolado com esta explicação, tão lucida, tão categorica e tão firme, o governo aconchega-se na mais dôce resignação, deita-se a dormir sobre a derrocada do seu monumento e péga, até á data de hoje, no somno mais angelicamente imperturbavel.

Ha vinte e quatro annos que cahiu aquillo. Ha vinte e quatro annos!

Pavorosa degradação: em torno da encantadora porta principal da egreja, uma das mais preciosas joias da esculptura da renascença em Portugal, tão vil, tão sacrilegamente profanada pelos restauradores do fim do seculo XVII, o recheio do muro, descoberto pela ablação da cantaria manuelina, tem o aspecto de uma chaga em suppuração asquerosa.

No pilar que separa os dois vãos da porta lateral, a triumphante espada do Infante não está já *alevantada para riba,* como determinára o rei D. Manoel, e como a vira Damião de Goes. Os restauradores reviraram-a mentecaptamente de ponta para baixo.

A sordida caixa de um gazometro, lobrego, fumarento, sujo, ignobil, foi deposta, como em offerenda immunda, de dejecções industriaes, ao lado da incomparavel torre de Belem, que tão lindamente, tão poeticamente, parecia atalaiar junto ao mar a casa dos Jeronymos; baforando, cuspindo de fumo a loura renda d'aquelles marmores, envolvendo n'um pegajoso véo de sêbo o rutilante gesto de gloria e de triumpho, que essa esvelta e delicada flôr de pedra parecia acenar ao Tejo e mandar ao mundo n'um immortal sorriso de arte.

E na fachada da alpendrada e do dormitorio de D. Manoel a brecha do desmoronamento, perduravel em sua immobilidade ha cerca de meia metade de um seculo, figurar-se-ha a todos aquelles que em cada dia entram e sahem do porto de Lisboa, nacionaes e estrangeiros, como o desdentado riso senil de um povo cahido em idiotia, apathico, indifferente, desmemoriado, inteiramente esquecido de que o testemunho artistico dos seus antigos monumentos é quanto ainda lhe resta de tudo o que foi a razão de ser da sua nacionalidade, a força, a dignidade, o valor, o prestigio, a gloria da sua raça.

Ramalho Ortigão.

de l'église voulant faire ressortir davantage sa physionomie gothique; et obéissant au même criterium de style, ils élèvent au centre de l'élégante construction du dortoir *manuelino* une intercalation aigüe et pyramidale, tronquant ainsi la longue, sereine et majestueuse arcade par une construction hybride, jurant par son caractère religieux sur le devant d'un édifice entièrement profane, et en flagrante contradiction de style avec la placide horizontalité générale et bien définie du monument.

Le fameux éboulement du 19 décembre 1878 se charge de détruire cette composition scénographique avec la simplicité théatrale d'un changement de décors à la fin d'un opéra sur la scène de S. Carlos.

Le gouvernement, stupéfait devant le procédé peu correct de l'édifice, nomma promptement une commission composée de ses plus importants ingénieurs et les charge de rechercher les raisons inimaginables qui ont fait tomber en ruines cette œuvre remarquable. La commission répondit dans un long et savant rapport comme M. de la Palice l'aurait sûrement fait sous une forme plus concise et certainement tout aussi exacte: — le corps central de l'annexe des Jeronymos est tombé pour la raison rigoureusement scientifique qu'il ne pouvait pas se tenir debout.

Consolé de cette explication, si lucide, si catégorique et si irrécusable, le gouvernement se repose dans la plus douce résignation, s'endort sur les ruines de son monument, et reste plongé, jusqu'à ce jour, dans le sommeil le plus angéliquement imperturbable.

Il y a vingt-quatre ans que l'écroulement a eu lieu. Vingt-quatre ans!!!

Effrayante dégradation: autour de la charmante porte principale de l'église, un des plus précieux joyaux de la sculpture de la renaissance en Portugal, si vilement, si sacrilègement profané par les restaurateurs de la fin du XVIIe siècle, le mur, mis à nu par l'ablation des pierres de taille présente l'aspect d'une plaie hideuse en suppuration.

Sur le pilier qui sépare les deux battants de la porte latérale, la triomphante épée de l'infant n'est pas levée, comme l'avait voulu le roi D. Manuel, et comme l'avait vue Damião de Goes.

Les restaurateurs l'ont extravagamment retournée la pointe en bas.

La sordide cloche d'un gazomètre, sombre, enfumée, sale, ignoble, a été placée, comme une offrande immonde de déjections industrielles à côté de l'incomparable tour de Belem qui si poètiquement semblait garder près de la mer le monastère des Jeronymos; elle exhale, elle crache la fumée sur la blonde dentelle de ces marbres et enveloppe dans un poisseux voile de suif le rutilant geste de gloire et de triomphe, que cette svelte et délicate fleur de pierre paraissait diriger au Tage et au monde dans un immortel sourire d'art.

Et sur la façade du porche et du dortoir de D. Manuel la brèche de l'éboulement dans son immobilité de près d'un quart de siècle, représente à tous ceux qui chaque jour entrent et sortent du port de Lisbonne, nationaux et étrangers, comme le rire sénile et édenté d'un peuple tombé en idiotie, apathique, indifférent, sans mémoire, qui a entièrement oublié que le témoignage artistique de ses anciens monuments est tout ce qui lui reste de ce qui fut la raison d'être de sa nationalité, la force, la dignité, la valeur, le prestige et la gloire de sa race.

Ramalho Ortigão.

Os Jeronymos

(Belem)

II



Mal afortunado com as restaurações de que tem sido objecto, o monumento dos Jeronymos não póde dizer-se mais feliz com as criticas a que na litteratura portugueza tem dado origem.

Dos chronistas da Ordem, Frei Diogo de Jesus e Frei Manoel Baptista de Castro, perderam-se os manuscriptos. Resta-nos apenas a chronica, por muito tempo extraviada, de Frei Jacintho de S. Miguel, recentemente impressa por sympathica diligencia do snr. Martinho Augusto da Fonseca.

Religioso do mosteiro, seu prior e chronista geral, Frei Jacintho faz antes a historia anecdotica do que o commentario critico da edificação; parece desconhecer algumas das referencias de Antonio Pinheiro, e, baseando-se na tradição dos seus contemporaneos do seculo XVIII, contradiz Siguenza, mais proximo que elle dos acontecimentos que narra, e escriptor mais douto e de mais criterio artistico.

As allusões ao mosteiro de Belem, de Damião de Goes na *Chronica de D. Manoel,* e de Manoel de Faria e Sousa nos *Commentarios aos Lusiadas* encerram a expressão do mais alto apreço. Faria e Sousa, escrevendo de Roma, e conhecendo todas as grandes obras da Italia, diz que nenhuma d'ellas diminuiu em modo algum a sua admiração pela monumental obra de Belem, *en que es acompañada de grandeza la curiosidad, i de arte la architectura, i de precio la materia... Fabrica adonde se maravillan ojos usados a ver maravillas...* Goes, um dos espiritos mais cultos do seculo XVI, conhecendo intimamente os maiores artistas seus contemporaneos e os mais ricos depositos da arte do seu tempo, escreve da egreja e do mosteiro: *Obra a que nenhuma de quantas ha em toda Europa faz vantagem.*

Mas os numerosos escriptores monasticos, que principalmente dirigiam a opinião e educavam o gosto publico, eram em geral rebeldes á arte, inaccessiveis ao sentimento da architectura. Na historia dos edificios religiosos seduzia-os e preoccupava-os mais a intercessão dos santos e a occorrencia dos milagres do que o trabalho dos architectos e o talento dos artistas.

Entre os nossos grandes humanistas do seculo XVI, contemporaneos da edificação dos Jeronymos, sobresahiam então com deslumbrante e nunca visto esplendor o cardeal-bispo de Vizeu, D. Miguel da Silva, creado na côrte de Leão X, amigo do conde Castiglione, do cardeal Farnese e de Raphael de Urbino; Ayres Barbosa, estudante de Salamanca, alumno de Angelo Policiano e companheiro de estudos em Florença de João de Medicis, o futuro pontifice, arbitro de todos os requintes estheticos e de todas as elegancias artisticas; Francisco de Hollanda, o privilegiado conviva da bella marqueza de Pescara Victoria Colonna e do seu espiritual amigo Miguel Angelo; D. Francisco de Sá de Menezes, intimo de Damião de Goes, collaborador do Cancioneiro e embaixador de D. Manoel nas côrtes de Isabel e de Carlos V; Goes, amigo e correspondente de Erasmo, de Melanchton e de Alberto Durer, seu retratista; o gordo e palaciano Garcia de Rezende, chronista, poeta, musico, architecto e decorador, que percorrera a Italia, e estivera em Roma com as pomposas e deslumbradoras embaixadas de Duarte Galvão e de Tristão da Cunha; o antiquario André de Rezende, alumno das Universidades de Alcalá, de Salamanca e de Paris, discipulo de Antonio de Lebriga e de Leonardo Clenards, amigo de Erasmo e commensal de Carlos V na Flandres.... Estes, e alguns outros ainda, de igual lustre e prestigio, foram em Portugal os portadores das ideias da Renascença, movimento de caracter fundamentalmente litterario, o qual, só por indirecta influencia da erudição, se reflectiu nas artes plasticas, submettendo-as ao inflexivel dogma classico, immobilisando assim lamentavelmente por dois seculos de convencionalismo toda a energia inventiva, todo o caracter ethnico, toda a viva expressão de independencia regional na producção artistica de todo mundo.

Les Jeronymos

(Belem)

II



On peut affirmer que le mauvais sort qui a constamment accompagné le monument des Jeronymos dans les réparations dont il a été l'objet ne l'a pas abandonné dans les critiques qu'il a soulevées dans la littérature portugaise.

Les manuscrits de Frère Diogo de Jesus et de Frère Manuel Baptista de Castro, chroniqueurs de l'Ordre, ont disparu; nous ne possédons que la chronique, longtemps égarée, de Frère Jacintho de S. Miguel, dont l'impression récente est due aux soins diligents de M. Martinho Augusto da Fonseca.

Religieux du couvent dont il fut prieur et historien, Frère Jacintho s'occupe plutôt de l'histoire anecdotique que du commentaire critique du bâtiment; il semble ignorer quelques passages de Antonio Pinheiro, et, se prévalant de la tradition de ses contemporains du XVIIIe siècle, il contredit Siguenza, écrivain plus savant, d'un criterium artistique plus sûr, et plus rapproché des évènements qu'il raconte.

Les allusions au couvent de Belem, de Damião de Goes dans la *Chronique de D. Manuel,* et de Manuel de Faria e Sousa dans ses *Commentaires de la Lusiade* sont empreintes de la plus vive admiration. Faria e Sousa, auquel toutes les merveilles de l'Italie étaient connues, écrivant de Rome, affirmait qu'aucune n'avait amoindri en aucune façon son admiration pour le monument de Belem, *en que es acompañada de grandeza la curiosidad, i de arte la architectura, i de precio la materia... Fabrica adonde se maravillan ojos usados a ver maravillas...* Goes, dont l'esprit compte parmi les plus éclairés du XVIe siècle, connaissant intimement les plus grands artistes, et les plus riches collections d'art de son temps, parlant de l'église et du couvent, les qualifie de *chef-d'œuvre que nul autre en Europe ne surpasse.*

Mais les nombreux écrivains monastiques, qui principalement dirigeaient l'opinion et formaient le goût public, étaient d'ordinaire rebelles à l'art et inaccessibles au sentiment de l'architecture. Dans l'histoire des édifices religieux ils se souciaient plutôt de l'intercession des saints et de l'occurrence des miracles que du travail des architectes et du talent des artistes.

C'est avec un éclat éblouissant et sans exemple que se détachent, entre nos grands humanistes du XVIe siècle, contemporains de la construction des Jeronymos le cardinal-évêque de Vizeu D. Miguel da Silva, élevé à la cour de Léon X, ami du comte Castiglione, du cardinal Farnèse et de Raphaël d'Urbin; Ayres Barbosa, étudiant de Salamanque, élève d'Angelo Policiano et camarade d'études à Florence de Jean de Médicis, le futur pape, souverain arbitre de tous les raffinements esthétiques et de toutes les élégances en matière d'art; Francisco de Hollanda, le convive privilégié de la belle marquise de Pescara, Vittoria Colonna et de son ami spirituel Michel-Ange; D. Francisco de Sá de Menezes, l'intime de Damião de Goes, collaborateur du Chansonnier et embassadeur du roi D. Manuel aux cours d'Isabelle et de Charles-Quint; Goes, l'ami et le correspondant d'Erasme, de Melanchton et d'Albert Dürer, son portraitiste; le gros Garcia de Rezende, homme de cour, chroniqueur, poète, musicien, architecte et décorateur, qui avait parcouru l'Italie et assisté à Rome aux somptueuses et éblouissantes ambassades de Duarte Galvão et de Tristão da Cunha; André de Rezende, l'antiquaire, étudiant des universités d'Alcalá, de Salamanque et de Paris, élève d'Antonio de Lebriga et de Léonard Clénards, ami d'Erasme et commensal de Charles-Quint en Flandre.... Ceux-là et d'autres non moins célèbres, furent les premiers à introduire en Portugal les idées de la Renaissance, mouvement d'un caractère foncièrement littéraire, dont le reflet sur les arts plastiques ne se produisit que par l'influence indirecte de l'érudition. L'inflexible dogme classique, empiétant sur tout, immobilisa ainsi pendant deux siècles de conventionalisme toute énergie inventive, tout caractère ethnique, toute expression vivante d'indépendance régionale dans la production artistique du monde.

Esses eruditos de Quinhentos, verdadeiros humanistas na mais ampla accepção d'esta bella palavra, — esclarecidos nos livros, experimentados nas viagens, fortalecidos na alegria das mais fecundas convivencias e das mais gloriosas amizades, — fieis aos seus principios cosmopolitas de uma esthetica universal, deduzida da antiguidade hellenica e romana, rediviva no resurgimento dos historiadores, dos oradores, dos poetas, dos esculptores e dos edificadores do tempo de Augusto e de Pericles, sob tantos seculos de silencio sepultados durante a idade média, não podiam decerto comprehender esta verdade moderna: Que a arte de um povo só verdadeiramente é grande e bella pelo dom tradicional e commum do sentimento e da sympathia especial da sua raça, independente da preceituação e da casuistica das escólas.

D'essa intervenção litteraria resultou a impugnação da esthetica manoelina, produzindo objectivamente, quasi em immediato seguimento da construcção do incomparavel cruzeiro dos Jeronymos, a edificação, em novo estylo europeu, da segunda capella-mór da egreja. Então mais uma vez, como succede sempre em taes conjuncturas desastrosas, a erudição assassinou a arte.

O lastimavel papel da Renascença nos dominios artisticos foi o de interceptar pelo dogmatismo as relações da arte com a natureza, a qual é o unico, inviolavel, sagrado repositorio da belleza eterna.

Os artistas e os criticos do seculo XVIII e do primeiro quarteirão do seculo XIX, discipulos das escólas de Mafra e da Ajuda, sectarios de Vinhola, fetichistas do modulo, idolatras de Bramante, de Brunelleschi e de Bernini, não admittiam especie alguma d'arte fóra do canon das tres ordens classicas. Cyrillo verte todo o veneno da sua intransigencia sobre a architectura ogival n'esta memoravel phrase das suas Memorias: «Quando dominaram os barbaros, a ignorancia introduziu a architectura gothica, que não é architectura.»

Por sua parte os litteratos do nosso tempo, leitores de Chateaubriand e de Victor Hugo, mais congraçados com o gothico, reposto em moda pelo romantismo, Herculano e Garrett á cabeça do rol, depois os diligentes e incansaveis informadores de Raczynski, o qual á collaboração d'elles deve a principal importancia do seu livro, — o visconde de Juromenha, o cardeal Frei Francisco de S. Luiz, o conego Villela da Silva, o visconde de Balsemão, o abbade de Castro, o conego Berardo, Varnhagen, Rivara, etc. — não tinham, apesar da sua copiosa lição historica, nem o conhecimento directo dos monumentos, nem o seguro discernimento dos estylos, o qual só em viagens, por longo e paciente estudo comparado, se adquire.

De sorte que, ainda ha bem pouco tempo, o estylo romanico, do qual tão numerosos exemplares do seculo XII se encontram em Portugal, mui geralmente se confundia com o bysantino do seculo IX e com o gothico do seculo XIV. Analoga confusão deu em resultado que até muito recentemente o estylo architectonico dos Jeronymos era pelos nossos criticos considerado ora como tôsca e aleijada aberração da Renascença, ora como singular caso de degeneração e decadencia do puro gothico, do qual o typo inglez da Batalha modernamente se tornou o supremo chavão esthetico, universalmente consagrado pela sancção dos archeologos, pelo enthusiasmo dos noticiaristas e pelo embasbacamento incondicional de todos os *snobs*.

E, todavia, a originalidade geographica, o accentuado portuguezismo que desde principio assignalou e distinguiu a obra architectonica dos primeiros alvores da Renascença portugueza era um facto registado na Italia por Vasari, o qual por meados do seculo XVI, referindo-se á viagem de Andrea Contucci, diz que nas obras então feitas em Lisboa pelo famoso architecto de Lourenço de Medicis, elle se vira constrangido a cingir-se ao *uso da terra*, o que vale o mesmo que dizer aos preceitos e ás praticas locaes de uma especial esthetica, que já ao tempo de D. João II começava a definir-se e a fixar-se consuetudinariamente na architectura portugueza [1].

[1] Attese anco Andrea, mentre stette con quel re (di Portogallo) ad alcune cose stravaganti, e difficili d'architettura, secondo l'uso di quel paese, per compiacere al re, delle quali cose io vidi già un libro al Monte Sansavino, appresso gli eredi suoi, il quale dicono, che è oggi nelle mani di maestro Girolamo Lombardo, che fu suo discepolo, ed a cui rimase a finire, come si dirà, alcune opere cominciate da Andrea, il quale essendo stato nove anni in Portogallo, increscendogli quella servitu, e desiderando di rivedere in Toscana i parenti e gli amici, deliberò, avendo messo insieme una buona somma di denari, con buona grazia del ré tornarsene a casa. (Giorgio Vasari — *Le vite de' più eccellenti pittori, scultori e architetti*).

Tous ces savants du XVIᵉ siècle, véritables humanistes dans le sens le plus large de cette belle expression, — ayant puisé la science dans les livres, l'expérience dans les voyages, la force dans la joie des entretiens les plus féconds et des plus glorieuses amitiés, — fidèles à leurs principes cosmopolites d'une esthétique universelle, dérivée de l'antiquité grecque et romaine, rendue à la vie avec la résurrection des historiens, des orateurs, des poètes, des sculpteurs et des architectes d'Auguste et de Périclès, ensevelis pendant tout le moyen-âge sous de si longs siècles de silence, — comment pouvaient-ils comprendre cette vérité d'hier: Que l'art d'un peuple n'est véritablement beau et grand que par le don traditionnel et commun du sentiment et de la sympathie spéciale de sa race, dégagé du dogmatisme et de la casuistique des écoles?

L'hostilité à l'égard de l'esthétique manuéline est née de cette intervention littéraire dont un des premiers résultats fut la construction, dans le nouveau style européen, de la seconde chapelle principale de l'église, alors que l'incomparable transept des Jeronymos venait à peine d'être achevé. Ainsi une fois de plus, comme il arrive toujours dans un pareil concours de circonstances désastreuses, l'érudition tua l'art.

Le rôle déplorable de la Renaissance dans le domaine artistique fut de briser par le dogmatisme les liens de l'art avec la nature, seule et inviolable dépositaire de la beauté éternelle.

Les artistes et les critiques du XVIIIᵉ siècle et ceux du premier quart du XIXᵉ, formés aux écoles de Mafra et d'Ajuda, sectaires de Vignole, fétichistes du module, idolâtres de Bramante, de Brunelleschi et de Bernini, ne reconnaissaient aucune forme d'art en dehors du dada des trois ordres classiques. A propos de l'architecture ogivale Cyrillo laisse couler tout le venin de son intransigeance dans cette célèbre phrase de ses Mémoires: «Lorsque les barbares dominaient, l'ignorance introduisit l'architecture gothique qui n'est pas de l'architecture».

Quant aux écrivains de ces derniers temps, lecteurs de Chateaubriand et de Victor Hugo, réconciliés avec le gothique, remis à la mode par le romantisme, Herculano et Garrett en tête, suivis par les diligents et infatigables informateurs de Raczynski, qui doit à leur collaboration le principal intérêt de son ouvrage — le vicomte de Juromenha, le cardinal Francisco de S. Luiz, le chanoine Villela da Silva, le vicomte de Balsemão, l'abbé de Castro, le chanoine Berardo, Varnhagen, Rivara, etc. — ils manquaient, malgré leur science de l'histoire, de la connaissance directe des monuments et d'une juste appréciation des styles, que seuls les voyages menés de front avec de longues et patientes études comparées permettent d'acquérir.

En sorte que, tout récemment encore, le style roman du XIIᵉ siècle, dont le Portugal possède de si nombreux exemples, était généralement confondu avec le bysantin du IXᵉ et avec le gothique du XIVᵉ. Une confusion analogue eut pour résultat d'égarer nos critiques jusqu'au point de ne leur faire voir dans le style architectonique de Belem qu'une aberration grossière et estropiée de la Renaissance, ou qu'un singulier exemple d'abâtardissement et de décadence du gothique pur, dont le type anglais de Batalha est devenu, ces derniers temps, le suprême modèle esthétique, consacré par la sanction unanime des archéologues, par l'enthousiasme des journalistes et par la badanderie de tous les *snobs*.

Et cependant, l'originalité géographique, le caractère purement national qui, dès le début, marqua d'une empreinte si originale l'œuvre architectonique des premiers temps de la Renaissance portugaise, était un fait reconnu en Italie par Vasari, qui, vers le milieu du XVIᵉ siècle, à propos du voyage d'André Contucci, déclare que dans les monuments que le fameux architecte de Laurent de Médicis avait fait construire à Lisbonne, il n'avait pu faire autrement que de s'astreindre à la *pratique du pays*, c'est-à-dire aux règles et aux procédés locaux d'une esthétique spéciale, qui du temps du roi Jean II, commençait déjà à se faire jour et à se fixer dans l'architecture portugaise [1].

[1] Attese anco Andrea, mentre stette con quel re (di Portogallo) ad alcune cose stravaganti, e difficili d'architettura, secondo l'uso di quel paese, per compiacere al re, delle quali cose io vidi già un libro al Monte Sansavino, appresso gli eredi suoi, il quale dicono, che è oggi nelle mani di maestro Girolamo Lombardo, che fu suo discepolo, ed a cui rimase a finire, come si dirà, alcune opere cominciate da Andrea il quale essendo stato nove anni in Portogallo, increscendogli quella servitu, e desiderando di rivedere in Toscana i parenti e gli amici, deliberò, avendo messo insieme una buona somma di denari, con buona grazia del ré tornarsene a casa. (Giorgio Vasari — *Le vite de' più eccellenti pittori, scultori e architetti*).

O modesto escriptor Varnhagen foi o primeiro que, inventando e pondo em giro, por intermedio do prestimoso *Panorama,* a designação de *manuelino,* teve a fortuna de baptisar um estylo de que poucos haviam dado fé, e que na critica do tempo estivera até então por arrolar. Não direi que o termo de Varnhagen seja do mais claro sentido technico nem de uma rigorosa exactidão historica applicado á qualificação de um facto que tinha raizes anteriores e teve ramificações subsequentes á intervenção pessoal de D. Manoel, mas abre um capitulo novo na historia da arte a circumstancia de se principiar a especialisar com determinada designação uma fórma architectonica, que prevaleceu em Portugal durante cêrca de um seculo, particularmente alentada e favorecida por D. Manoel, o mais espantosamente edificador de quantos reis tem havido.

No momento presente ha ainda em Portugal quem conteste a originalidade do estylo manoelino, do qual o monumento dos Jeronymos é a expressão mais culminante e mais completa.

Entre os estrangeiros, pelo contrario, este ponto parece achar-se definitivamente illucidado em favor da autonomia artistica da nossa patria.

A accentuação caracteristicamente e inconfundivelmente portugueza do estylo de Belem era em 1882 eloquentemente assignalada por Charles Yriarte na *Gazette des Beaux-Arts.*

Albrechet Haupt, no seu livro da *Architectura da Renascença em Portugal* desenvolve largamente a demonstração technica da mesma these.

O professor allemão Justi, o viajante que mais profundamente tem estudado a pintura, a esculptura e a architectura da Peninsula, n'um recente estudo das *Artes em Hespanha,* publicado por Baedeker em 1900, no Guia de Hespanha e Portugal, considera como semelhantes ao *estylo manoelino portuguez* algumas obras da architectura da Renascença em Hespanha, como por exemplo o bello pateo do palacio del Infantado, em Guadalajara.

Ainda que em penosa divergencia de opinião muito mais auctorisada do que a minha, — opinião exposta em 1885 pelo meu illustre amigo e prezado mestre Joaquim de Vasconcellos, cuja alta e excepcional competencia na historia e na critica d'arte nenhum dos seus compatriotas póde pôr em duvida — eu julgo do meu dever não terminar este breve esboço da historia litteraria do monumento dos Jeronymos sem consignar, ainda que mui resumidamente, a minha impressão pessoal perante a obra de que se trata.

Conta-nos Raczynski que Alexandre Herculano definia nos seguintes termos a architectura manoelina: *É a resistencia do estylo gothico contra o estylo de Francisco I.* Tendo de reduzir a uma concisa formula igualmente simplista o meu pensamento, eu me permittiria dizer: *O estylo manoelino é na architectura da Renascença em Portugal a resistencia do naturalismo nacional contra o classicismo estrangeiro.*

Esse esforço da inspiração portugueza, reagindo simultaneamente sobre a tradição gothica e sobre a regressiva innovação greco-romana, cria pela conjugação d'esses dois estylos de importação na peninsula, onde só ha estylos secundarios, um novo estylo composito, ao qual, pela primeira vez em toda a evolução da architectura portugueza, o genio nacional, n'um momento de legitimo e glorioso orgulho, consegue imprimir uma accentuada, ainda que fugidía, feição propria, um inconfundivel cunho de raça.

Esforço espontaneo, indomito, incivilisavel, se assim quizermos dizer, algumas vezes do mais magistral e pathetico virtuosismo, outras vezes rude, tôsco, quasi barbaro, elle é a mais sincera revelação do nosso temperamento, a mais triumphante affirmação do nosso genio artistico. D'essa inicial conquista architectonica provém o esplendor reflectido na pintura e nas artes menores do seculo XVI, no mobiliario e na ourivesaria, que nunca attingem caracter proprio independentemente de bem definidas bases architecturaes.

Orientalmente sensual, essencialmente pomposo e decorativo na selecção dos seus elementos estaticos e na irradiação esplendorosa do seu vegetabilismo esculptural, o estylo manoelino não é o producto regular de uma constituida escóla, nem é tão pouco o fructo da concepção individual de determinado mestre.

Como todas as creações iniciaes do periodo romanico e do periodo gothico, a architectura manoelina, principalmente caracterisada pela predilecção do symbolismo na sua mais larga expressão e pela maxima liberdade de invenção e de phantasia na tarefa do obreiro, é a obra collectiva do povo, do povo operario portuguez, n'esse rapido momento historico em que as navegações, os descobrimentos, as con-

Le modeste écrivain Varnhagen fut le premier à baptiser de la désignation de *manuélin,* qu'il eut la bonne fortune de trouver et qu'il lança au moyen du *Panorama,* un style à peine connu de quelques uns et dont la critique de l'époque ne s'était pas encore rendu compte. Je n'irai point jusqu'à dire que le terme de Varnhagen ait un sens technique très clair pas plus qu'il ne soit d'une rigoureuse exactitude historique appliqué à l'expression d'un fait ayant des racines antérieures et des ramifications subséquentes à l'intervention personnelle de D. Manuel; toujours est il que cette désignation nouvelle, en spécialisant une forme architecturale qui eut une action prépondérante pendant près d'un siècle, encouragée par D. Manuel, le plus étonnant des rois édificateurs, est venue ouvrir un nouveau chapitre dans l'histoire de l'art.

Il y a toujours en Portugal des personnes qui contestent l'originalité du style manuélin dont le monument de Belem est la suprême et la plus complète expression.

Par contre il parait que les étrangers ont tranché définitivement la question en faveur de l'autonomie artistique de notre patrie.

En 1882 Charles Yriarte signalait avec éloquence dans la *Gazette des Beaux-Arts* le caractère tranché, le cachet tout portugais du style de Belem.

La démonstration technique de la même thèse est largement développée par Albrecht Haupt dans son ouvrage sur *L'Architecture de la Renaissance en Portugal.*

Le professeur allemand Justi, qui de tous les voyageurs qui ont parcouru la Péninsule est sans doute celui qui en a le plus sérieusement étudié la peinture, la sculpture et l'architecture, dans un travail récent sur les arts en Espagne, publié par Baedeker dans son Guide de l'Espagne et du Portugal, considère comme semblables au *style manuélin portugais* certains monuments de l'architecture de la Renaissance en Espagne, comme par exemple la belle cour du palais *del Infantado,* à Guadalajara.

En dépit de la répugnance que je ressens à m'écarter d'une opinion autrement autorisée que la mienne, — opinion émise par mon cher maître et illustre ami Joaquim de Vasconcellos, dont il n'est permis à aucun de nos compatriotes de mettre en doute la haute et exceptionnelle compétence en matière d'histoire et de critique d'art, — je crois qu'il est de mon devoir de ne point clore cette courte esquisse de l'histoire littéraire du monument de Belem, sans consigner, encore que très succinctement, mon impression personnelle sur l'œuvre dont il est question.

Raczynski nous apprend comment Alexandre Herculano définissait l'architecture manuéline: *C'est la résistance du style gothique contre le style de François 1er.* S'il s'agissait pour moi de résumer ma pensée dans une formule analogue, voici comment je croirais devoir m'exprimer: *Le style manuélin est dans l'architecture de la Renaissance en Portugal la résistance du naturalisme national contre le classicisme étranger.*

Cet effort de l'inspiration portugaise, réagissant à la fois sur la tradition gothique et sur le retour à l'antiquité greco-romaine, crée par la fusion de ces deux styles d'importation dans la péninsule, où il n'y a que des styles secondaires, un nouveau style composite, que le génie national, dans un élan de légitime orgueil, unique dans toute l'évolution de l'architecture portugaise, marque d'une empreinte bien tranchée, quoique peu durable, d'un cachet de race qui ne donne lieu à aucune espèce de confusion.

Cet élan spontané, indomptable, incivilisable, que l'on nous passe le mot, tantôt atteignant le virtuosisme le plus magistral et le plus pathétique, tantôt rude, grossier, presque barbare, est la révélation la plus sincère de notre tempérament, l'affirmation la plus triomphante de notre génie artistique. La splendeur dans la peinture et dans les arts secondaires du XVIe siècle, dans le meuble et dans l'orfèvrerie, où toute originalité est empruntée à l'architecture, n'est que lè reflet de cette conquête architectonique initiale.

Orientalement sensuel, essentiellement somptueux et décoratif dans le choix de ses éléments fixes et dans l'irradiation resplendissante de son végétabilisme sculptural, le style manuélin n'est ni le produit régulier d'une école établie, ni le résultat de la conception individuelle d'un maître.

Comme toutes les créations primitives de l'époque romane et de l'époque ogivale, l'architecture manuéline, caractérisée principalement par l'engouement du symbolisme le plus large, et par la liberté poussée à l'extrême qu'on laissait à l'initiative et à la phantaisie de l'ouvrier, est l'œuvre collectif du peuple, du peuple ouvrier portugais, pendant ce moment historique où les navigations, les décou-

quistas, o commercio das especiarias e o commercio das ideias, o culto da poesia, o brilho das letras, a magnificencia da côrte, haviam feito de Portugal uma das mais civilisadas, das mais ricas, das mais poderosas e das mais brilhantes nações do mundo.

De que elementos se compunha nos primeiros vinte annos do seculo XVI o numeroso pessoal da nossa grande corporação maçonica? De mouriscos, que teriam tido o aprendizado arabe e mudejar de Sevilha, de Granada, de Toledo, sob o governo de Abdalá, de Fernando o Catholico e de Carlos V; de alvaneos e de canteiros indigenas, officiaes e mestres, que juntamente com os architectos das fortalezas e das egrejas ultramarinas teriam viajado, teriam visto a India, e por suggestão, consciente ou inconsciente, accentuariam na pedra o mesmo orientalismo que no trabalho do metal e da madeira distingue as joias, assim como as colchas do tempo, e os bufetes e escriptorios chamados *da India* e todavia fabricados nas officinas de Lisboa no tempo de D. Manoel. O snr. Loviot, um dos modernos mestres da architectura franceza na Escóla de Bellas-Artes de Paris, dizia-me ha poucos annos em viagem na Estremadura: o indianismo dos monumentos manoelinos é summamente interessante pela ingenua expressão das suas mesmas anomalias; é o estylo indiano interpretado por homens imaginosos e simples, que conhecem a India directamente, de vista, e não tiveram nem tempo nem preparação erudita para applicarem as regras da estylisação.

O estylo plateresco de Hespanha nada tem de commum com o manoelino de Portugal senão a coincidencia chronologica na evolução artistica dos dois povos peninsulares. O estylo plateresco comprehende apenas o systema, incomparavelmente sumptuoso, do ornato sobre as superficies de edificios novo-greco-romanos. O estylo composito, de transição entre o gothicismo e a renascença, como o estylo portuguez do seculo XVI, só fez em Hespanha uma fugaz apparição em alguns monumentos de Castella, assignaladamente em Salamanca e em Valladolid, a cathedral nova em Salamanca, por exemplo, e a egreja e o claustro de S. Gregorio em Valladolid.

Repetidas vezes tenho visto esses monumentos hespanhoes, que aos meus olhos não supportam confronto com os monumentos portuguezes do mesmo periodo, dos quaes elles não têm nem a unidade de expressão, nem a harmonica ponderação de conjuncto, nem o arrojado symbolismo, nem esse incomparavel arranque de seiva decorativa, que irrompendo da raiz do edificio, como na egreja e no claustro dos Jeronymos, ascensionalmente e ininterruptamente o envolve e o abrange todo como n'um deslumbramento de apotheose.

E não creio que n'este ponto me induza em erro a idiosyncrasia nacional. Presto a devida homenagem á innegavel influencia que na arte portugueza exerceram as antigas escólas de Compostella, de Salamanca e de Sevilha, — escólas que, como todas as da architectura peninsular, poderiamos chamar de *acclimatação artistica* dos estylos francezes, flamengos, toscanos e florentinos. Alem d'isso, psychologicamente, a verdade é que, se como cidadão me honro de ser um fiel subdito de Sua Magestade Fidelissima, como artista e como critico d'arte egualmente me prezo de ter o velho coração hespanhol de um vassallo de Carlos V; e, como Filippe II, perante o victorioso portuguezismo dos Jeronymos, imparcialmente me inclino e me descubro.

Ramalho Ortigão.

vertes, les conquêtes, le commerce des épices et le commerce des idées, le culte de la poésie, l'éclat des lettres, le faste de la cour, avaient fait du Portugal une des plus riches, des plus civilisées, des plus puissantes nations du globe.

Quant aux éléments qui composaient le nombreux personnel de notre grande corporation maçonnique pendant les vingt premières années du XVI[e] siècle, ils comprenaient les mores qui auraient fait leur apprentissage arabe et *mudejar* à Séville, à Grenade et à Tolède, sous les règnes d'Abdala, de Ferdinand le Catholique et de Charles-Quint; les marbriers et les tailleurs de pierres indigènes, maîtres et ouvriers, qui avec les architectes des forteresses et des temples d'outre-mer qu'ils auraient accompagnés dans leurs voyages, auraient visité l'Inde, et laissé sur la pierre l'empreinte orientale qui se trouve également dans les ouvrages sur métal et sur bois, sur les soies, sur les buffets et sur les bureaux soi-disants de l'Inde, quoique sortis des ateliers de Lisbonne pendant le règne de D. Manuel.

M. Loviot, un des maîtres de l'architecture française et professeur à l'École des Beaux-Arts, me disait, il y a quelques années pendant un voyage en Estremadure: l'indianisme des monuments manuélins serait excessivement intéressant quand on ne l'examinerait que dans la naïve expression de ses anomalies; c'est le style indien traduit par des hommes simples et pleins d'imagination connaissant l'Inde pour l'avoir vue, et manquant du temps et des études nécessaires pour appliquer les règles de la stylisation.

Il n'y a rien de commun entre le style manuélin du Portugal et le *plateresco* espagnol en dehors d'une coïncidence chronologique dans l'évolution artistique des deux peuples péninsulaires. Ce dernier style n'est que l'application, érigée en systhème, d'une ornementation incomparablement somptueuse, sur les superficies de monuments néo-greco-romains. Comme le style portugais du XVI[e] siècle, le style composite de transition entre la période gothique et la renaissance, ne fit qu'apparaître d'une manière très fugace en Espagne dans quelques monuments de Castille surtout à Salamanque et à Valladolid. Citons comme exemples la nouvelle cathédrale de la première, et l'église et le cloître de Saint-Grégoire de la seconde de ces deux villes.

J'ai eu souvent l'occasion d'examiner ces monuments espagnols, qui à mes yeux ne peuvent soutenir la comparaison des monuments portugais de la même époque, dont ils ne possèdent ni l'unité d'expression, ni l'harmonieux équilibre, ni le symbolisme hardi, ni cet incomparable débordement de sève décorative, qui, faisant irruption des fondements de l'édifice, comme dans l'église et dans le cloître des Jeronymos, l'étreint tout entier comme dans un éblouissement d'apothéose.

Je ne crois pas que l'idiosyncrasie nationale m'ait induit en erreur sur ce point. Je reconnais et rends hommage à l'influence incontestable qu'exercèrent sur l'art portugais les anciennes écoles de Compostella, de Salamanque et de Séville, auxquelles, comme d'ailleurs à toutes celles de l'architecture péninsulaire, nous pourrions donner le nom d'écoles d'*acclimatation artistique* des styles français, flamands, toscans et florentins. Je ne cacherai point d'ailleurs que, si comme citoyen, je me fais une gloire d'être le fidèle sujet de Sa Majesté Très Fidèle, comme artiste et comme critique d'art, je ne suis pas moins fier de sentir battre en moi le vieux cœur espagnol d'un vassal de Charles-Quint: et, avec l'impartialité de Philippe II devant le triomphe si portugais des Jeronymos, je m'incline et me découvre.

Ramalho Ortigão.

Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra

O frontispicio



Os subsidios escriptos, concernentes á reedificação do mosteiro de Santa Cruz emprehendida pelo rei D. Manoel, além de escassos, são discordantes e inconciliaveis.

Á attribuição dos mais notaveis trabalhos são indistinctamente citados os nomes dos artistas que alli collaboraram; e essas asserções, de puro arbitrio, brigam em flagrante contradicção entre si e com as mais superficiaes noções de confronto e de critica. Esta incerteza sobre os factos de arte, sempre tão desattentamente considerados pelas velhas chronicas, n'este caso, é duplamente deploravel pela influencia effectiva e predominante que a acção d'esses artistas exerceu em Coimbra, como nucleo de propagação, para o ingresso e evolução da renascença em Portugal.

Por felicidade um documento de authenticidade irrecusavel foi descoberto, que affirma os nomes dos estatuarios que executaram as primorosas esculpturas da fachada. É assaz conhecido o alvará de D. João III, pelo qual manda dar a Diogo de Castilho e mestre Nicolau, — *pedreiros e empreiteiros do portal do dito mosteiro, cem cruzados de ouro* —, além do que haviam já recebido, para fazerem as imagens que faltavam. De notar é, porém, que ao cinzel dos dois artistas só deve attribuir-se o revestimento decorativo, que assenta sobre os solidos muros terminaes da egreja, ladeados dos gigantes angulares, na robustez possante da sua massa.

A curiosidade investigadora e cuidadosa, perscrutando n'essa obra a revelação do espirito n'ella diffundido, attinge observações interessantes, que denunciam as preoccupações artisticas entre essas duas correntes de orientação diversa, que n'esse campo de actividade se achava em conflicto. D'um lado os emissarios do idealismo da renascença; do outro os sectarios exclusivistas e fieis da denominada escóla manuelina.

A estatuaria é inspirada pelo resurgimento classico, — de pura feição renascença. Execução sabia e minuciosa, d'uma singular expressão de espontaneidade e firmeza esthetica, conduzida com uma lucidez superior e insinuante.

E será possivel constatar-se, entre essas figuras, differenças de modelação que até certo ponto confirmem as individualidades de dois esculptores differentes. Emquanto que a ornamentação architectonica, notavel a todos os respeitos pela riqueza d'uma execução brilhante, sente-se que é concebida em propositos de conciliação com as ideias correntes do manuelino. E toda essa composição, que constitue a decoração triumphal do portico, percebe-se que é ligeiramente perturbada pelas indecisões d'um ecclettismo convencional e reflectido.

A hesitação é evidente; e d'essa amalgama sae a janella de formação exclusivamente manuelina.

Mas essa mesma dissonancia concorre á feição original do *portal da Magestade,* como então se chamava, porque na porta geminada, ao meio da pilastra separatriz, se admirava a imagem do Salvador na sua irradiação de gloria. Hoje os desgastes progressivos e inherentes ás condições da materia, as mutilações accidentaes de innumeraveis causas e sobretudo os delictos e sevicias da ingratidão humana, vão cada dia mais fundamente ferindo esta monumental fachada, que quasi se póde dizer uma ruina. Muitas das estatuas desappareceram e, em grande parte da sua extensão, nem vestigios restam do antigo lavor tão magistralmente trabalhado.

Além d'isso o alteamento successivo do terreno circumjacente motivou a deslocação do ponto de vista, em prejuizo do effeito d'esta delicada e formosissima obra, levada a effeito com todos os recursos d'um esforço supremo. Porque é natural que, onde tantos artistas de proveniencias diversas trabalhavam, a emulação se accendesse em demonstração de meritos, como em concurso, para a conquista da superioridade e do successo.

E, depois de tudo isto, não é sem um doloroso sobresalto, que se nos antolha o progresso d'esse destroço até á completa aniquilação do famoso portico!

Monastère de la Sainte Croix à Coïmbre

La façade



Les renseignements que l'on possède sur la reconstruction de ce monastère, ordonnée par le roi D. Manuel, sont insuffisants et d'ailleurs complètement contradictoires.

Les noms des artistes auxquels nous sommes redevables de ces remarquables travaux sont cités sans aucun discernement, et en parfaite opposition aux notions les plus élémentaires de la critique comparée. Cette incertitude en matière d'art, à laquelle nos vieux chroniqueurs n'attachaient qu'une médiocre importance, est dans ce cas d'autant plus regrettable que ces artistes exercèrent une action durable et profonde sur l'évolution de l'art portugais, en y apportant l'influence toute puissante de la Renaissance.

Par bonheur un document a paru, d'irrécusable authenticité, qui proclame le nom des statuaires auxquels sont dues les belles sculptures de la façade. C'est le brevet assez connu de D. Jean III, qui accorde, en sus des sommes déjà perçues — cent *cruzados* d'or à Jacques de Castilho et à maître Nicolas, *maçons et entrepreneurs du portail du dit monastère,* pour l'exécution des images manquantes.

Remarquons cependant qu'on ne doit attribuer au ciseau des deux artistes que le revêtement décoratif des murs terminaux de l'église, flanqués de massifs contreboutants angulaires.

L'examen soigneux de cet ouvrage conduit à des résultats fort intéressants, au point de vue esthétique et historique. Il permet de constater nettement l'existence de deux courants artistiques distincts, parfois divergents et contradictoires: d'un côté les émissaires de l'idéalisme de la Renaissance, de l'autre les partisans fidèles et exclusifs des traditions de l'école dite *manuelina.*

La statuaire relève nettement de la Renaissance pure, définie par une spontaneité esthétique insinuante, alliée à une singulière fermeté et à une savante sobriété dans l'exécution des détails. Quelques particularités dans le modelé des images permettent toutefois de reconnaître la main de deux artistes de la même école.

En ce qui concerne la décoration architecturale, d'une exécution sous tous les rapports admirable, on voit qu'elle tâche de se subordonner aux préceptes courants du style *manuelino,* qui s'accuse franchement dans le tracé de la fenêtre.

L'ensemble de la composition en souffre; elle est légèrement troublée par les indécisions de cet ecclétisme conventionnel et réfléchi.

C'est là même un des traits originaux de ce portail, dit de la *Majesté* parce que dans le pilier central de la porte géminée se dressait autrefois l'image du Sauveur dans toute la splendeur de la gloire divine.

Les dégâts progressifs et inévitables exercés par le temps sur la pierre trop peu résistante, les mutilations accidentelles dues à d'innombrables causes, et surtout la négligence et l'ingratitude des hommes ont réduit peu à peu, dans le laps de trois siècles, la monumentale façade à peu plus d'une ruine. Beaucoup des statues sont disparues et, dans une grande extension, il n'y a pas même des traces de l'ancien revêtement si magistralement travaillé.

D'ailleurs, l'exhaussement progressif du sol environnant, en déplaçant le point de vue, nuit à l'effet de l'ensemble d'une façon appréciable.

Malheureusement les causes qui ont amené un tel état de délabrement ne cesseront d'agir, et il est à craindre que dans un avenir peu reculé elles n'aboutissent à la disparition totale du fameux portique, que tant d'artistes se sont complu, à l'envi, à enrichir des trésors de leur adresse et de leur fantaisie.

La chaire

Voici une des plus belles, des plus glorieuses pierres que jamais ait caressé la main d'un artiste! Dans l'aurore tardive de la Renaissance en Portugal, cet ouvrage brille avec l'éclat incomparable de

O pulpito

É uma pedra, das mais ricas e gloriosas pedras, que mãos de artistas tenham afagado. Na aurora tardia da renascença em Portugal esta obra brilha com a intensidade luminosa da estrella d'alva, refulgindo d'uma excepcional belleza. Admiravel na fertilidade do desenho e ainda mais, pela delicadeza subtil e profusa da sua execução, inexcedivel de sciencia e de sentimento.

É incontestavelmente uma das mais formosas e frementes peças, que tenha produzido a actividade incessante d'esses insignes artistas luxuriantes de talento.

Encontradas são as versões; mas, a supprir a falta de affirmações positivas e fidedignas sobre quem seja o auctor d'este pulpito, considerações extensas e de varia ordem tendem a inculcar o nome do imaginario João de Ruão, com a mais provavel solução a este complexo problema.

A rubrica do auctor gravada em logar evidente é representada pelas iniciaes I. M., e *Joannes Magister* seria a formula vulgar de assignatura na renascença. Os exemplos não são raros.

E ainda, por exclusão de partes, o signal I não caberia a nenhum dos outros notaveis artistas, que trabalharam no mosteiro de Santa Cruz, de cujos nomes se encontra noticia, a não ser de João de Ruão. Demais ainda a tradição oral e outras razões e argumentos, que resultam do exame e comparação das obras que sem contestação lhe pertencem, vêm em reforço d'esta attribuição. Reconhece-se o seu profundo saber e maneira de sentir, estimulado pelo interesse de realisar uma obra grande, que despertasse a admiração dos contemporaneos. E de que effectivamente foi grande o apreço e o assombro, com que foi acolhida, dá testemunho o proprio vedor das obras, quando ao dirigir-se a D. João III, dando conta minuciosa do andamento dos trabalhos e referindo-se ao famoso pulpito, escreve estas palavras:

.... «*e dizem esses que o vêem, que em Hespanha não ha pedra de melhor obra.*»

Gregorio Lourenço, tão laconico e parcimonioso de gabos, ao enumerar todos os serviços alli feitos; que, segundo as ideias do tempo, se dispensa systematicamente de pôr em relevo a personalidade dos artistas, como se os seus louvores fossem incompativeis e deprimentes á superior iniciativa e honra do fundador, não reprime d'esta vez o maior elogio que podia exaltar o merito do artefacto. A abrigar o pulpito, falta a cupula que devia existir e a que parece ser feita referencia em uma das cartas, como parte integrante do projecto. É de crêr que em alguma das successivas alterações, que a egreja soffreu, que destruiu as sumptuosas gradarias *ao romano,* lançadas ao meio do templo e em redor dos tumulos, fosse eliminado esse domo por inutil e prejudicial ao effeito do grande orgão que lhe fica proximo.

Mas, a absorver e assombrar a nossa contemplação, basta tal como está. Como obra de arte, esse bello pulpito resume em si todas as qualidades de pureza, de perfeição e de graça, e todos os defeitos de superabundancia decorativa que caracterisa e distingue essa inclita escóla.

O esmero vae até á miniatura, e a pedra é trabalhada com a finura e acabamento com que se lavra a prata ou o marfim. Não ha detalhe secundario, que não prime de correcção no desenho e de clareza na variadissima graduação do relevo. A meticulosidade vae até á extrema perfeição das bordaduras das almofadas pilastraes e dos sebastos das casulas que revestem santos doutores, sem deixar de ser subordinada e contida pela segurança das linhas geraes da composição, nitida e firme.

Toda a obra resôa d'uma ineffavel harmonia como um cantico melodioso e sentido. E assim como as portas do baptisterio de Florença eram dignas do paraiso, não era muito que esta cadeira da verdade fosse simplesmente destinada, como premio de virtude, á palavra santa e inspirada dos eleitos de Deus sobre a terra.

Os tumulos

Os dois tumulos de dimensões e composição identica, mandados levantar por D. Manoel, para guardarem os ossos dos dois primeiros reis da primeira dynastia, são dois monumentos d'um alarde real, ou antes d'uma sumptuosidade verdadeiramente manuelina. Na propositada condensação dos seus elementos ornamentaes e na completa emancipação esthetica de preceitos doutrinarios, repressivos de imaginações impetuosas, se reconhece quanta pujança altiva e independente, quanto vigor espontaneo e fecundante impulsionava a alma d'essa geração de artistas devotados ao estylo manuelino. O espirito faustoso da época brada na repercussão da florescencia dos adornos, da architectura e da estatuaria.

A complicação systematica na disposição dos seus elementos componentes é sempre suscitada no

l'étoile du matin. Tout y est fait pour exciter notre admiration: la richesse de la composition, l'élégance harmonieuse des lignes, la finesse incomparable de l'exécution.

Faute de documents ou d'informations sûres et précises sur l'auteur de la chaire, les avis sont partagés; cependant, à la suite d'une longue discussion que je m'abstiens de reproduire ici, on s'est arrêté au nom de l'imagier Jean de Rouen, comme donnant la solution la plus vraisemblable de ce complexe problème.

La signature de l'auteur, gravée dans un endroit bien visible, est formée des deux lettres I. M.; ce qui voudrait dire *Joannes Magister,* formule assez fréquente dans ce temps-là. La lettre I ne saurait d'ailleurs convenir à aucun des artistes remarquables qui travaillèrent dans le monastère et dont on connaît les noms, si ce n'est à celui-là. La tradition orale le confirme, ainsi que la critique comparée des ouvrages attribués d'un commun accord au ciseau de Jean de Rouen. On retrouve, en effet, dans la chaire de Coïmbre le profond savoir et la manière de cet illustre artiste, stimulé par le désir de produire un chef d'œuvre qui excitât l'envie de ses compagnons et l'admiration des contemporains.

Tel fut, vraiment, l'effet produit que l'intendant des travaux du monastère, dans l'exposition adressée au roi D. Jean III sur l'état de la construction, se prononce sur cet ouvrage en ces termes:

«*et ceux qui l'ont vue disent qu'il n'y a dans toute l'Espagne aucune pierre dont le travail soit supérieur.*»

Grégoire Laurent, si concis et sobre de louanges, et qui, d'après l'usage courant de l'époque, efface systématiquement la personnalité des artistes, comme si cela pourrait nuire à la gloire des fondateurs, s'écarte cette fois de la règle et ne laisse pas d'exalter les mérites de l'ouvrage.

La chaire aurait dû être recouverte d'un dais en pierre, et il semble que mention en est faite dans un des documents officiels subsistants, qui se rapportent à la construction du monastère. Il est probable que, au cours d'un des remaniements subis par l'église, qui supprimèrent les somptueux grillages qui divisaient la nef et entouraient les tombeaux, le dais ait été éliminé comme nuisible à l'effet du grand orgue qui est tout près.

Telle qu'il est à présent, elle suffit pour absorber entièrement notre attention et résume, d'une façon exceptionnellement éclatante, toutes les bonnes qualités, pureté, grâce, perfection, ainsi que les défauts provenants de l'excessive richesse décorative qui caractérisent cette remarquable école.

La perfection y est poussée jusqu'à la miniature; et la pierre est ciselée avec la finesse et le fini reservés à l'argent ou à l'ivoire. Pas un seul détail dont le dessin manque de correction, ou dont le relief ne soit savamment calculé. Les broderies des panneaux du pilier et les orfrois des chasubles des Saints Docteurs sont des exemples de cette éxécution minutieuse et irréprochable, qui toutefois est subordonnée aux lignes générales de la composition et n'en trouble guère la netteté.

Tout l'ouvrage résonne d'une harmonie ineffable et pénétrante. Et de même que les portes du baptistère de Florence étaient jugées dignes du Paradis, il est juste d'admettre que cette chaire ne soit destinée qu'à la parole sainte et inspirée des élus de Dieu sur la terre.

Les tombeaux

Les deux tombeaux, de dimensions et de composition égales, qui abritent les ossements des deux premiers rois de la première dynastie, sont deux monuments d'ostentation, dignes du roi magnifique qui les fit ériger. La multiplication exagérée des éléments décoratifs et le mépris absolu de toutes les entraves doctrinaires imposées à la fougue de l'imagination, témoignent de la vigueur spontanée et débordante, de la fécondité et de l'indépendance de la génération d'artistes auxquels nous sommes redevables du style *manuelino.*

L'esprit fastueux de l'époque se révèle dans la profusion et le flamboyant des ornements, de l'architecture et de la statuaire.

La complication systématique des éléments de la composition est faite dans un but d'ostentation et de magnificence. Les moulures de la base des piliers et des colonnettes se découpent en des sections bizarres et des pénétrations artificieusement multipliées et poursuivies avec une adresse admirable.

La structure organique des nervures, interceptées par des accidents ornementaux, les baldaquins ouvragés, les fleurons, les médaillons, toute cette prodigalité décorative donnent à ces monuments un

intuito vanglorioso d'uma grande opulencia. As molduras das bases das pilastras e columnelos cortam-se em secções bizarras, em artificios de penetrações multiplas, com uma extrema e admiravel sagacidade. A estructura organica das nervuras interceptadas de accidentes ornamentaes, os baldaquinos rendados, florões, medalhões, toda essa prodigalidade decorativa, imprimem-lhe um aspecto de opulencia digna dos veneraveis despojos que encerram. E a ornamentação vegetal das cercaduras, atormentada e torcida, em sinuosidades curtas, é desenvolvida com ancia e agrado.

E na abundancia das estatuetas, em todas as attitudes, distrahidas, sem objectivo determinado, ha exemplares de panejamentos luxuosos, brotando da mesma liberdade indocil de espirito, mas que são preciosos exemplares, d'uma altissima significação espiritual e historica.

O córte da pedra dirigido por um criterio especial de modelação, prova consummada, destreza e facilidade mental de trabalho. Em 1522, affirmava o vedor, os tumulos achavam-se concluidos. Porém, treze annos depois, n'uma carta de D. João III para Frei Braz de Braga, é mencionado o nome de mestre Nicolau, que vem a Coimbra, — «*para corrigir e aperfeiçoar as sepulturas dos reis*».

Parece não haver conformidade n'estas informações; mas a divergencia apparente entre os dois documentos cessa pela observação da obra. Não póde haver duvida que as urnas e estatuas jacentes são esculpidas em genero inteiramente diverso, no caracter inconfundivel da renascença. E mais ainda, seja dito de passagem, n'uma accentuada degeneração maneirista. Portanto em 1535 mestre Nicolau seria simplesmente encarregado da execução d'essa tarefa complementar.

Positivamente, á excepção das imagens, toda a obra obedece a uma mesma intelligencia dirigente, facto a que a observação attenta dará fórma de comprovação indubitavel.

E em summa, como expressão de arte e como demonstração de fausto, n'este paiz, onde os padrões funerarios, em todos os estylos, constituem a mais opulenta herança sumptuaria que nos resta do passado, estes tumulos affirmam-se na superioridade incomparavel do seu prestigio e da sua magnificencia.

O côro

A raridade de talha gothica em Portugal mais augmenta a estimação d'estes deliciosos cadeiraes, tão estimaveis pela sua apparatosa exterioridade artistica, como pelo sentimento patriotico de que se acham impregnados.

Duas series de cadeiras, destinadas ás categorias monasticas, circumdam o côro; as inferiores de assento simples; as mais elevadas de altos espaldares, que por meio de columnelos estriados, imbricados e torcidos, estabelecem as linhas geraes divisorias de toda a estructura.

Nas espaldas a esphera armillar, e no friso a cruz de Christo attestam a generosidade do rei venturoso; e a guirlanda superior, que corôa o docel, é dividida em quadros dedicados á consagração das nossas aventuras maritimas.

O artista, interprete dos sentimentos da nação, recortou na madeira as estrophes da grandiosa epopeia. Alli se vêem representados galeões e caravellas de pannos enfunados pelas brisas do oceano, cortando as ondas placidas; ou pelas furias do vendaval, por sobre as vagas revoltas e alterosas. Em outras, naus aportando a cidades fortificadas de muralhas e torres, e a marinhagem nas vergas.

São os galeões de Alvares Cabral aproando ás terras de Santa Cruz; e as caravellas de Vasco da Gama, dobrando o Cabo Tormentoso, a singrar nos mares do Oriente, abrindo o caminho da India.

Ha paizes maravilhosos, palacios encantados, construcções phantasticas: porventura Ormuz, Quilôa, Mombaça, Callicut. E estas invenções symbolicas, cercadas de lavores rendados, entre personagens desconhecidos, pequenas figuras que são, no seu genero gothico, modelos valiosissimos. É o poema da gloria portugueza esculpida por uma fórma intelligivel aos olhos e ao espirito do povo.

Em baixo, a sustentar a estante corrida a todo o comprimento, em frente das cadeiras, ha outras pequenas esculpturas avulsas extremamente attrahentes pelas personalidades que representam: scelerados e prisioneiros de guerra, vergando ao peso dos grilhões, infanções, cavalleiros, guerreiros, arautos e reis, typos de judeus de escarcella repleta e de mouros trajando a caracteristica aljubêta. Tudo isto reproduzido, em tom humoristico e desapiedado, com muita vivacidade e arte.

Os incidentes mais secundarios encerram motivos de curiosidade. Até nos pequenos apoios, a que

aspect d'opulence qui sied aux vénérables dépouilles qu'ils renferment. L'ornementation végétale des bordures, tourmentée et à courtes sinuosités, est vigoureusement développée. Il y a de belles draperies dans les statuettes, répandues à foison dans toute sorte de poses, mais sans objectif déterminé, quelquefois même avec un air déplacé; produits d'un esprit indocile, dont l'importance est plutôt historique qu'esthétique.

La coupe de la pierre témoigne d'une adresse et d'une facilité de conception vraiment étonnantes.

Ces tombeaux étaient finis en 1522, si l'on se rapporte à l'intendant des travaux. Cependant, treize années après cette date, une lettre de D. Jean III, adressée à fr. Blaise de Braga, mentionne le nom de maître Nicolas, qui va à Coïmbre «*pour corriger et achever les tombeaux des rois*».

Ces faits semblent en contradiction; mais l'examen de l'ouvrage montre qu'elle n'est qu'apparente. Les coffres tumulaires et les statues gisantes sont sculptés dans un genre entièrement différent, qui se rattache nettement à la Renaissance, et présente même des signes non équivoques de dégénération maniérée.

Concluons donc que c'est à maître Nicolas que, vers 1535, fut confiée cette tâche complémentaire. Cependant, ces exceptions faites, l'ouvrage est bien homogène et révèle une seule intelligence directrice.

Somme toute, ces deux tombeaux, considérés comme œuvres d'art et de magnificence, sont d'une incontestable supériorité, surtout dans notre pays dont l'héritage artistique est formée en grande partie par des monuments funéraires.

Le chœur

L'extrême rareté en Portugal des sculptures en bois gothiques rehausse la valeur de ces stalles délicieuses, remarquables par la splendeur de leur exécution artistique autant que par l'esprit patriotique qui l'anime.

Deux séries de stalles, correspondant à deux catégories monastiques, font le tour du chœur; l'inférieure à sièges simples, la supérieure à dossiers élevés, séparés par des colummelles striées, imbriquées et tordues qui marquent les lignes divisoires générales de toute la structure.

La sphère armillaire, sur les dossiers, et la croix du Christ sur la frise attestent la générosité du roi *fortuné;* la guirlande supérieure qui coronne le dais, est divisée en panneaux destinés à l'apothéose de nos aventures maritimes.

L'artiste, interprète des sentiments de la nation, découpa dans le bois les strophes de la glorieuse epopée. On y voit des galions et des caravelles, aux voiles enflées, glissant sur la mer unie, ou bien fouettés par la tempête et en proie au furie des flots; des navires mouillant en face de villes fortifiées, les équipages juchés sur les vergues.

Ce sont les galions d'Alvares Cabral, qui arrivent aux plages du Brésil et les caravelles de Vasco da Gama, doublant le cap des Tempêtes et cinglant vers les Indes orientales.

Des palais enchantés, des constructions fantastiques se lèvent en des pays merveilleux; peut-être Ormuz, Quilôa, Mombaça, Calecut. Ces inventions symboliques sont entourées de broderies et separées par des personnages inconnus, petites figures fort remarquables dans leur genre. C'est le poème de la gloire portugaise présenté d'une façon intelligible aux yeux et à l'esprit du peuple.

En bas, sur le lutrin qui règne tout autour des stalles, il y a de petites sculptures extrêmement intéressantes: scélérats et prisonniers de guerre, courbés sous le poids des chaînes, gentilhommes, guerriers, hérauts et rois, juifs à l'escarcelle bien garnie, maures affublés de leur vêtements caractéristiques. Tout cela reproduit d'un ton humoristique et moqueur, plein d'esprit et de vivacité.

Les détails secondaires, eux aussi, sont dignes d'attention. Ainsi les supports, aux quels on donnait le nom de *miséricordes,* offrent de gracieux exemplaires: des chimères et des groupes facétieux, dont plusieurs extraits des fables d'Esope.

Un passage des lettres de Gregorio Lourenço permet de conclure que le rétable de la chapelle principale, en bois richement sculpté et doré, ainsi que ceux des chapelles latérales, le tabernacle et les stalles furent exécutés par un artiste — *arrivé de Séville* — dont le nom est malheureusement omis par l'intendant. En 1518 les stalles étaient en place et, d'après l'intendant, «*l'évêque est venu les voir et en a été très content*». Et voilà tout ce qu'on sait là dessus.

davam o nome de *misericordias*, ha exemplares graciosos: animaes chimericos e facecias anecdoticas, algumas tiradas das fabulas de Esopo; outras, improvisações do momento.

D'uma passagem das cartas de Gregorio Lourenço se conclue que os retabulos da capella-mór, de madeira dourada ricamente lavrada, com abundancia de figuras, bem como dos outros lateraes, sacrario e cadeiras — foram executados por um artista, *que chegara de Sevilha,* — e cujo nome o vedor desastradamente omitte. No anno de 1518 estavam as cadeiras assentes, — «*e já o bispo as veiu vêr e estão muito bem*», accrescenta elle.

E nada mais se sabe. Pela variedade do seu genero e pela elevação do seu merito, este côro, assaz semelhante, no seu delineamento geral, ao do convento de Christo, destruido em 1810, está pedindo uma monographia elucidativa e judiciosa, para a sua minuciosa e cabal interpretação.

Claustro do Silencio

A monumental grandeza manuelina do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra naturalmente suscita uma these, que mereceria ser debatida, para o racional accordo de principios correntes e em divergencia na apreciação esthetica do estylo, a que por uso se dá aquelle nome.

As theorias e commentarios criticos, tantas vezes expendidos sobre este assumpto, com o caracter de excessiva generalisação, têm dado logar a exaggeros de severidade ou de applauso.

Pela sua indole ornamental, pelas condições sumptuarias do meio social e pela vehemencia dos incentivos mentaes do periodo historico em que surgiu e se desenvolveu, essa expansão artistica toma aspectos de tal fórma diversos e caprichosos que difficilmente podem ser subordinados e aferidos por uma mesma formula de apreciação em abstracto. Fertil de seiva, já no tempo de D. João II, a prodigiosa innovação tão fundamente se adaptou ao instincto e genio dos constructores nacionaes, que em breve se estabeleceram tres ramificações ou categorias sensivelmente caracteristicas. Á face dos especimens existentes, parece ser indispensavel admittir tres ordem de manuelino, que se mantêm revestindo fórmas materiaes e modos de sentir inconfundiveis. A par do manuelino que conserva fidelidade á tradição e normas gothicas, no respeito e comprehensão da supremacia da linha constructiva, sem ousar infringir as condições extrinsecas do equilibrio apparente, na lucida concepção da sua origem, ha o manuelino que, n'um esforço de conciliação, tenta realisar um typo novo pela amalgama pittoresca dos principios gothicos com os elementos da renascença. E d'esta fusão resultam os mais singulares effeitos.

E por fim, como um brado de independencia e de revolta contra a disciplina dos preceitos novos, indomavel, audaz e cheio de vigor e originalidade, ha o manuelino, a que podemos chamar — popular. Esse não respeita balisas, que tolham a energia da sua exuberancia decorativa. Inculto, sadio e arrebatado, não possuindo outras luzes de arte, que não sejam as que lhe dicta a sua propria inspiração, ataca a pedra com a pujança dos seus musculos e abre e accumula lavores na expressão intensa e bravia do seu modo de sentir.

O claustro do Silencio pertence a esta ultima especie.

Marcos Pires, com os seus cincoenta officiaes e vinte creados, que em 1518 tinha tres lanços do claustro terminados e pedra lavrada para ultimar a obra, era um d'esses possantes mestres, perito constructor de abobadas e possuidor de todos os conhecimentos empiricos da stereotomia, que bem conhecia a arte pela audacia e pela solidez da construcção. O claustro do Silencio, pela robustez manifesta da sua architectura, tem uma apparencia grandiosa e nobre de estabilidade e duração eterna. De resto o espirito de toda a decoração obedece ao mesmo pensamento de força e de vigor. As nervuras, os modilhões, os fechos ligam-se n'uma concordancia logica de simplicidade e resistencia. Os ornamentos são largamente esboçados, sem golpes fundos e sem recortes de detalhes importunos.

É n'esta coherencia harmonica e convicta, nas proporções do traçado, nos perfis, nos lavores, que por uma fórma rude, mas expressiva e impressiva se affirma, onde se revela a sensibilidade delicada e a completa identificação com os preceitos e a idealisação do seu systema ou da sua escóla.

Aqui resalta, como poucas vezes, a comprovação sensivel d'aquelle alto principio: — que o effeito do conjuncto, na sua integra homogeneidade, é a condição fundamental que na architectura produz as grandes obras.

A. Gonçalvez.

Ce chœur, assez semblable, dans le tracé général, à celui du couvent du Christ, détruit en 1810, est bien digne d'une monographie qui en détaille les beautés et en donne une parfaite interprétation.

Cloître du Silence

La grandeur monumentale du monastère de la Sainte Croix, à Coïmbre, suggère naturellement l'examen des principes ou règles qui forment le fond du style que l'on est convenu d'appeler *manuelino.*

Les théories et les commentaires, tant de fois exposés sur ce sujet, souffrant presque tous d'une trop large généralisation, ont fait naître deux champs opposés; d'une part des louanges outrées, de l'autre des critiques d'une sévérité excessive.

La vérité est qu'il est difficile, sinon impossible, de juger, au moyen d'une seule formule abstraite, des aspects si variés et capricieux de ce remarquable courant artistique, à caractère décoratif, qui s'est développé dans une époque de féconde éclosion intellectuelle, et dans un milieu d'une vie intense et magnifique.

Déjà sous D. Jean III l'innovation s'est rapidement adaptée à l'instinct et au génie des constructeurs nationaux, et bientôt on voit paraître trois variétés ou manières qui revêtent des formes matérielles nettement discernables.

À côté du *manuelino,* fidèle à la tradition gothique, qui maintient la primauté de la ligne constructive et n'ose pas enfreindre les conditions extrinsèques de l'équilibre apparent, se présente un deuxième *manuelino* qui, dans un effort de conciliation, tâche de réaliser un type nouveau au moyen de l'alliance pittoresque des préceptes du gothique et les éléments de la renaissance, et arrive, de cette façon, à des effets singuliers et surprenants.

Enfin, comme un cri d'indépendance et de révolte contre la discipline de toutes les règles, il y a encore le *manuelino,* qu'on pourra appeler — *populaire.* Celui-ci, indomptable, plein d'audace et de puissance, ne reconnaît aucune borne à son exubérance décorative. Spontané et inculte, privé des lumières de l'art professé et obéissant à peine aux mouvements de son inspiration, il s'attaque énergiquement à la pierre, la taille et la décore d'une façon vigoureuse et parfois rude.

Le cloître du Silence appartient à cette dernière catégorie.

Marc Pires qui, aidé de cinquante ouvriers et de vingt domestiques, avait fini en 1518 trois côtés du cloître et se disposait à l'achever, était un de ces maîtres puissants, expert dans la tracé des voûtes et dans les règles empiriques de la stéréotomie, dont les constructions solides et hardis témoignent d'une connaissance profonde de son art.

Le cloître du Silence, à l'air noble et grandiose, offre en même temps l'apparence de stabilité et de durée éternelle. Toute la décoration, du reste, est empreinte de cet esprit de force et de simplicité. Les nervures, les modillons, les clefs des voûtes se relient dans un accord logique de simplicité et de résistance; les ornements sont largement dessinés, sans traits profonds et sans détails importuns.

C'est là justement, dans les proportions du tracé, dans les profils et les ornements, dans l'esprit de cohérence et de conviction que le maître révèle sa personnalité, et en même temps affirme les principes et les préceptes de son système ou de son école.

C'est là encore la confirmation éclatante de ce principe esthétique — que l'effet d'ensemble, la parfaite unité, est la condition essentielle qui en architecture produit les chefs d'œuvre.

A. Gonçalvez.

Coimbra

Claustro do mosteiro de Cellas



UANDO visitámos este monumento pela primeira vez, ha bastantes annos, ainda se encontravam no formoso claustro os vestigios de uma precipitada e tumultuaria mudança: cadeiras, bancos, fragmentos de imagens, restos de talha antiga, azulejos dispersos, arcas encouradas com bellas ferragens e até um elegante cravo da segunda metade do seculo XVIII, assignado por um artifice portuguez desconhecido! Havia pouco que tinham sepultado a ultima freira; o convento fôra logo entregue á fazenda nacional. Felizmente, o cuidado e o zêlo dos antiquarios conimbricenses, auxiliados por alguns orgãos da imprensa, conseguiram salvar a parte mais valiosa de um inventario historico, que deu para o *Museu archeologico* do Instituto de Coimbra algumas reliquias: fragmentos de esculptura, inscripções antigas e objectos de arte industrial de bastante valor.

Muito mais, porém, se perdera por desleixo ou fôra *desviado* por agentes que abusaram da pobreza, da credulidade e da ignorancia das ultimas religiosas, obrigadas quasi a vender para matarem a fome, como succedeu em Lorvão, na Guarda, etc.

Debalde pediram então alguns archeologos que fossem moldados em gesso os preciosos capiteis do claustro, ameaçados por uma derrocada do andar superior! A concessão d'esse claustro, feita em beneficio do museu do citado Instituto, impunha um dever: velar pela conservação de tão raras joias da arte nacional.

Decorreram annos, longos annos para objectos tão frageis, como são hoje os capiteis de calcareo que alli vemos. Creio que ainda agora (setembro de 1902) não estão tirados os moldes, quando é certo que a decomposição das pedras não pára sob a influencia da humidade, dos parasitas vegetaes, etc.

Essas esculpturas são buriladas na mesma pedra, alva, macia, mas friavel, que serviu para os maravilhosos lavores que todos admiram nos monumentos da Renascença, tão profusamente espalhados pela cidade de Coimbra e seus arredores. Mas todos lastimam o estado de ruina em que muitos se encontram, quando teria sido facil e pouco dispendioso, com os modernos processos de reproducção em gesso, obter uma imagem fiel das esculpturas mais notaveis que o seculo XVI nos legou.

Ha trinta annos que reclamamos n'este sentido, pedindo a creação de uma officina nacional de moldagem, cujos productos, além de serem uma boa fonte de receita, forneceriam ás aulas de desenho e aos gabinetes dos estudiosos elementos authenticos para o estudo da arte nacional.

O claustro de Cellas pertence a um mosteiro devido á piedade de D. Sancha (filha de D. Sancho I) e irmã de D. Thereza, fundadora de Lorvão. A casa primitiva, certamente modesta, foi levantada entre 1210 e 1217; ahi viveu em austera clausura e morreu em 1229 a princeza, cujo cadaver foi trasladado logo para Lorvão. As obras proseguiram até á sagração de um templo mais amplo em 1293, pelo bispo D. Aimerico.

O claustro, de que existe apenas um lanço completo e fragmento de outro, pertence á segunda metade do seculo XIII. Pelos trajes e armas, pelo caracter das figuras e pela comparação com illuminuras coevas (Cancioneiro da Ajuda) devemos concluir que não é anterior ao reinado de D. Diniz (1279-1325). Poucos são já os capiteis bem conservados. Scenas da vida religiosa alternam com episodios do viver palaciano, tratados com um vigor e uma expressão raros. O artista não receia mesmo a apresentação da figura núa. Hoje restam-nos apenas rarissimos fragmentos de esculptura, como por exemplo o sarcophago de el-rei D. Diniz em Odivellas, que possam servir para confronto com os lavores de Cellas.

Em Hespanha são frequentes os claustros bem conservados da respectiva época. Basta lembrar os dos templos romanicos de Segovia e Zamora, e principalmente o do convento de la Vega, em Salamanca, infelizmente tambem muito arruinado.

Em Cellas construiu-se, reformou-se e ampliou-se o mosteiro até ao fim do seculo XVI. Lá encontrámos bons lavores datados de 1530 e 1594, cahindo aos pedaços. O templo, quando o vimos, era um

Coïmbre

Cloître du couvent de Cellas



ORSQUE, il y a plusieurs années, nous avons visité ce monument pour la première fois, le désordre qui régnait dans le beau cloître témoignait de changements récents faits avec précipitation: c'était un branle-bas de chaises, de bancs, de fragments d'images, de débris de bois sculptés, d'*azulejos* dispers, de bahuts en cuir garnis de belles ferrures — on y voyait même un joli clavecin de la dernière moitié du XVIIIe siècle portant la signature d'un facteur portugais inconnu! Le couvent devenait propriété de la nation par suite de la mort récente de la dernière religieuse.

Par bonheur, les soins diligents et le zèle des antiquaires de Coïmbre secondés par quelques organes de la presse, parvinrent à sauver la partie la plus précieuse d'un inventaire historique qui enrichit le Musée archéologique de l'Institut de cette ville de quelques reliques — fragments de sculptures, inscriptions anciennes, et autres objets d'art industriel d'une assez grande valeur.

Autrement importantes, cependant, furent les pertes dues à la négligence ou aux détournements opérés par des agents qui abusèrent de la pauvreté, de la crédulité et de l'ignorance des dernières religieuses, réduites, ou peu s'en faut, à vendre pour tuer la faim, comme cela était arrivé à Lorvão, à Guarda, etc.

C'est en vain que quelques archéologues réclamèrent le moulage en plâtre des précieux chapiteaux du cloître menacés par l'écroulement imminent de l'étage supérieur! La concession de ce cloître faite en faveur de l'Institut de Coïmbre lui imposait le devoir de veiller à la conservation de ces joyaux si rares de l'art national.

Après de longues années, bien longues en vérité pour ces fragiles chapiteaux en calcaire, nous croyons que, toujours exposés à l'influence de l'humidité et des parasites végétaux, ils attendent encore (septembre 1902) le moulage.

Ces sculptures sont ciselées sur la même pierre blanche, douce, mais friable, dont on s'est servi pour les merveilleux ornements qui font l'admiration de tous ceux qui connaissent les monuments de la Renaissance, dont Coïmbre et ses environs sont si riches. L'état de ruine dans lequel se trouvent plusieurs de ces monuments est d'autant plus déplorable, qu'il aurait été facile d'obtenir, au moyen des procédés modernes de réproduction et à peu de frais, une image fidèle des sculptures les plus remarquables que le XVIe siècle nous a léguées.

Voilà trente ans que nous réclamons dans ce sens, conseillant l'installation d'un atelier national de moulage, dont les produits feraient non seulement de bonnes recettes, mais fourniraient en même temps aux écoles de dessin et aux cabinets des personnes studieuses des éléments authentiques pour l'étude de l'art national.

Le cloître de Cellas fait partie d'un couvent dû à la piété de D. Sancha, fille du roi D. Sancho I et soeur de D. Thereza, fondatrice de Lorvão. La maison primitive, sans doute modeste, fut construite entre 1210 et 1217. C'est là que vecut dans une austère réclusion jusqu'à sa mort qui eut lieu en 1229, la princesse, dont le cadavre fut transporté sur le champ à Lorvão. On continua les travaux jusqu'à la consécration, par l'évêque D. Aimerico, d'un temple plus spacieux (1293).

Le cloître, dont il ne reste qu'un côté complet et un fragment d'un autre est de la seconde moitié du XIIIe siècle. L'examen des costumes et des armes, le type des figures et la comparaison avec des enluminures contemporaines (Chansonnier d'Ajuda) nous mènent à conclure qu'il n'est point antérieur au règne de D. Diniz (1279-1325). Les chapiteaux en bon état sont peu nombreux. On y voit des sujets religieux alternant avec des scènes de la vie de cour: tout cela est traité avec une remarquable vigueur d'expression. L'artiste ne recule pas devant la représentation du nu. Nous ne possédons aujourd'hui que de fort rares fragments de sculptures — le sarcophage du roi D. Diniz à Odivellas, par exemple — que l'on puisse confronter avec celles de Cellas.

Les cloîtres en bon état de cette époque ne sont point rares en Espagne. Nous nous bornerons à

mosaico de differentes estylos e épocas, como o de Lorvão. O convento ia-se transformando rapidamente n'um grande montão de ruinas. Foi isto em 1886. O que será d'elle hoje?

Pia da Sé Velha de Coimbra

A pia baptismal da nossa estampa é um especimen de estylo mixto de Renascença e gothico florido que, por convenção geralmente acceite, se chama *manoelino*, muito embora as suas primeiras manifestações sejam anteriores ao reinado de D. Manoel (1495-1521) e a sua acção se estenda até ao ultimo terço do seculo XVI.

Foi mandada fazer pelo bispo de Coimbra D. Jorge de Almeida, que governou a diocese de 1483 a 1545. O escudo de armas, repetido differentes vezes nas esculpturas, vale por uma assignatura, porque o sabio, generoso e brilhante prelado espalhou-a por toda a parte em Coimbra, na Sé Velha, nas obras do Paço, nas peças do thesouro do cabido e nas edições raras que custeou.

Havendo nascido em 1458 de familia illustre, era principe da egreja aos vinte e tres annos; e, tendo attingido a avançada idade de oitenta e cinco, pôde assistir a uma evolução social e politica de alcance incalculavel que abrangeu os reinados de D. João II, D. Manoel e D. João III. N'este periodo quantas e quão esplendidas manifestações das letras, das artes e do culto promoveu ou auxiliou!

Figura nas incomparaveis festas do casamento do principe D. Affonso em Evora (1490) e assiste á morte de D. João II; acompanha os triumphos de el-rei D. Manoel, baptisa o infante que foi depois cardeal-rei, e vê definhar rapidamente a numerosa prole do rei Venturoso!

Na arte este grande prelado foi um ecclectico, que teve animo para encommendar o bellissimo retabulo gothico da Sé Velha a dois artistas flamengos (1508) e escolheu para sua sepultura a formosa capella de S. Pedro, pura joia da Renascença coimbrã, onde descançou em 1545. Revestiu a Sé com os mais formosos azulejos, que parecem copiados de tapetes orientaes, mas pôz nas suas impressões os primores typographicos da nova arte italiana.

A pia reproduzida esteve muitos annos na egreja de S. João de Almedina; alli a vimos ainda em 1865; depois foi mudada para a Sé Velha, a que pertenceu provavelmente em outros tempos. Não têm data, nem marca alguma, nem inscripção, nem a simples divisa de D. Jorge. O brazão de armas falla, porém, claramente.

Sentimos não poder acompanhar a estampa com a de outra pia baptismal do mesmo prelado, marcada tambem com as suas armas, que esteve na Sé Velha e passou depois para a Sé Nova. É mais harmonica no desenho, de execução não inferior e está assignada: *Pedro* (P.º) *Anriquez e seu irmão a fez.*

Como elemento de estudo, damos aqui as dimensões das duas pias quasi irmãs:

Sé Velha: altura total, desde o chão até ao bordo, $1^{m},36$.

Sé Nova: altura total, medida nas mesmas condições, $1^{m},36$.

Ambas são octogonaes; a da Sé Velha tem de diametro $1^{m},20$; a outra $1^{m},27$. Supporte em ambas, quatro leões.

Os animaes em que assenta a pia da Sé Nova são da primitiva (alt., $0^{m},19$). Os da pia da Sé Velha (alt., $0^{m},18$) devem ser substituição do seculo XVII.

Apesar de coincidencias de dimensão e de outras semelhanças, não parece que as duas pias sejam obra da mesma mão. O nosso amigo Antonio Augusto Gonçalves, que tem feito um estudo especial dos monumentos de Coimbra, é d'esse parecer.

Ás pessoas estudiosas recommendamos a comparação d'esses dois typos de Coimbra com a pia manoelina da Sé de Braga (em granito) e com a de Leça do Balio (calcario), que mandou fazer o prior D. Frei João Coelho (fallecido em 1515). É uma lição instructiva [1].

---

[1] A pia de Leça já foi excellentemente reproduzida n'esta publicação (n.º 24). Muito depois de redigido este nosso texto (setembro de 1902), publicou o snr. Sousa Viterbo um estudo no qual reproduz, além das duas pias de Coimbra, tambem a de Braga e outra das Caldas da Rainha (segunda metade do seculo XV). Vid. Revista *Os Serões*, n.º 18 do vol. III, março a abril de 1903.

rappeler les temples romans de Ségovie et de Zamora et surtout celui du couvent de la Vega, à Salamanque, malheureusement très délabré, lui aussi.

Les constructions, les réformes et les agrandissements du couvent de Cellas ne cessèrent que vers la fin du XVIe siècle. Nous y avons trouvé tombant en morceaux de bonnes sculptures portant les dates de 1530 et de 1594. Le temple était, à l'occasion de notre visite, une mosaïque de différents styles et de différentes époques, comme celui de Lorvão.

Quant au couvent il menaçait en 1886 de ne faire bientôt qu'un grand monceau de ruines. En quel état se trouve-t-il aujourd'hui?

Fonts baptismaux de la Vieille Cathédrale de Coïmbre

Les fonts baptismaux représentés dans notre estampe sont un spécimen de ce style mixte, de renaissance et de gothique fleuri, auquel on s'accorde généralement à appeler *manuélin*, quoique les premières manifestations en soient antérieures au règne de D. Manuel (1495-1521) et que l'action s'en soit fait sentir jusqu'au dernier tiers du XVIe siècle.

Ils sont dûs à l'évêque de Coïmbre D. Jorge d'Almeida, qui gouverna le diocèse de 1483 jusqu'à 1545. Les armoiries, reproduites à différentes reprises au milieu des sculptures, sont bien la signature de ce savant, de ce généreux et brillant prélat, que l'on trouve un peu partout à Coïmbre, dans la Vieille Cathédrale, dans le palais épiscopal, dans les objets du trésor du chapitre et dans les éditions rares qu'il fit imprimer à ses dépens.

Né en 1458 d'une famille illustre, à vingt-trois ans il était prince de l'église, et ayant atteint l'âge avancé de quatre-vingt-cinq, il put assister à une évolution sociale et politique d'une portée incalculable comprenant les règnes de D. João II, D. Manuel et D. João III, pendant lesquels il provoqua et encouragea de nombreuses et de splendides manifestations aussi bien dans les lettres et dans les arts que dans le culte.

A Évora il fut témoin des incomparables fêtes du mariage du prince D. Affonso (1490) et assista aux derniers moments de D. João II: il accompagna les triomphes du roi D. Manuel, tint sur les fonts le prince qui plus tard fut cardinal-roi et vit dépérir rapidement la nombreuse descendance du roi fortuné!

En matière d'art ce prélat fut un éclectique qui ne recula pas devant la commande du splendide retable de la Vieille Cathédrale à deux artistes flamands (1508) et choisit pour sa sépulture la belle chapelle de St. Pierre, pur chef-d'œuvre de la Renaissance, où il fut enterré en 1545. Si les beaux *azulejos* dont il revêtit les murailles de la Cathédrale semblent copiés sur des tapis orientaux, c'est, par contre, à l'excellence typographique du nouvel art italien qu'il eut recours dans les ouvrages qu'il fit imprimer.

Les fonts baptismaux représentés dans l'estampe se conservèrent pendant de longues années dans l'église de S. João d'Almedina: ils y étaient encore lors de notre visite en 1865. Plus tard on les transporte dans la Vieille Cathédrale, où il est probable qu'ils se trouvaient autrefois. On n'y observe point de date, point de signe ou d'inscription — pas même la simple devise de D. Jorge. L'écusson aux armoiries parle cependant assez clairement.

Nous voudrions pouvoir faire accompagner cette estampe de celle d'autres fonts dûs au même prélat et portant également son blason. Ils étaient autrefois dans la Vieille Cathédrale et se trouvent actuellement dans la nouvelle. Le dessin en est plus harmonieux et l'exécution tout aussi parfaite. On y peut lire la signature suivante: *Pedro* (P.º) *Anriquez e seu irmão a fez.*

Prenons note, comme élément d'étude, des dimensions des deux fonts pour ainsi dire jumeaux:

Vieille Cathédrale: hauteur totale du sol jusqu'au bord, $1^{m},36$.

Nouvelle Cathédrale: hauteur totale, prise dans les mêmes conditions, $1^{m},36$.

Octogonaux tous les deux, les premiers ont un diamètre de $1^{m},20$; les seconds de $1^{m},27$.

Les uns et les autres sont supportés par quatre lions. Ces lions sont toujours les primitifs dans les fonts de la Nouvelle Cathédrale (hauteur, $0^{m},19$). Quant aux autres (hauteur, $0^{m},18$), ils datent probablement du XVIIe siècle.

Malgré ces coïncidences de dimensions et d'autres ressemblances, il est peu probable que les deux

Portico do Collegio de S. Thomaz

Já o dissemos n'este fasciculo e n'outro, a proposito do convento de S. Marcos, que em Coimbra nasceu, no primeiro terço do seculo XVI, uma escóla de artistas que interpretou as fórmas da Renascença italiana de um modo original, inconfundivel, quando a critica as compara com os lavores espalhados pelas outras provincias do reino. Não foi obra do acaso esse nascimento. O centro dos estudos classicos superiores devia attrahir tambem o talento e desenvolver as faculdades de artistas que não podiam entender, nem applicar os symbolos da nova arte sem o auxilio da erudição dos antiquarios e humanistas que préviamente tinham procurado e achado a terra de promissão: *Haec est Italia diis sacra.*

Tambem, como em nenhuma outra cidade de Portugal, centro de uma diocese rica, houve uma serie de prelados, tão dedicados ás artes, tão constantes na sua protecção esclarecida, tão seguros na escolha dos bons artistas.

Bastará recordar só tres: D. Jorge de Almeida, D. João Soares e D. Affonso de Castello Branco. Sabendo-se que este ultimo ainda mandava executar em 1610 e 1612 obras importantes no estylo da Renascença em Coimbra e em Cellas, é facil calcular a influencia de uma escóla que durante quasi um seculo seguiu o mesmo credo artistico, tendo, além d'isso, n'uma vasta área, admiravel materia prima, a famosa pedra de Ançã, e suas preciosas variedades.

O Collegio de S. Thomaz tem, além do formoso portico, um bello claustro, que encanta pelas suas graciosas proporções. E tão seguro estava o architecto do effeito, que reduziu o elemento decorativo ao minimo, no interior [1].

Seria facil demonstrar a relação de affinidade entre o estylo e a execução technica das esculpturas de S. Thomaz e as que cobrem a celebre entrada septentrional da Sé Velha, construida a expensas de D. Jorge de Almeida. Falha-nos, porém, aqui o espaço. Alguns motivos recordam os inspirados artistas que trabalharam em S. Marcos e na matriz de Montemór-o-Velho (Nossa Senhora dos Anjos). Comquanto o remate com os tres nichos não seja airoso, as proporções da parte restante são impeccaveis.

A mão de obra nos baixos relevos do friso e nos lavores da archivolta, circumdada de seraphins, revela uma experiencia consummada dos effeitos decorativos.

Os annos não passaram debalde sobre taes primores; o seu estado actual causa dó. E como se isto não bastasse, advertiremos que, infelizmente, o portico está soterrado pelo pavimento da rua, o que prejudica muito o effeito, á primeira vista.

Ao snr. conego dr. Prudente Garcia, ecclesiastico muito illustrado e antiquario muito entendido nas coisas antigas de Coimbra, se deve a descoberta do documento que em seguida publicamos, e que o nosso bom amigo snr. Antonio Augusto Gonçalves obteve de s. exc.ª, com auctorisação para ser impresso. A ambos repetimos n'este logar os nossos agradecimentos. É o contracto da obra do portico, feito em 1547 entre o dr. Frei Martim de Ledesma, reitor do collegio, e os pedreiros (sic) Pero Luis, Antonio Fernandes e João Luis. A linguagem do documento, misturada de hispanismos, faz suppôr a intervenção de artifices hespanhoes (?) ou o estylo do reitor hespanhol na redacção. Conservámos fielmente a orthographia:

«Em veyte septe dias de abril de mjl y qujnientos y quarenta y septe annos se cõcerto o dotor frey martinos de ledesma reytor do colexjo de sãto thomas cõ pero luys y antonjo fernãdes y Juão luys pedreyros moradores en esta cidade de coimbra desta manera.

Que os sobreditos oficiays se obrigaron a fazer un portal na obra nova do dito coleyjo o qual sera por la ordenãça de un debuxo que para ipso fezerõ que vay asinado por todos — s — (scilicet) por o dito padre reytor y por os ditos oficiaes.

[1] Hoje o edificio é residencia sumptuosa do snr. Conde do Ameal, que n'ella reuniu, com summo gosto e liberalidade, um museu, um gabinete de numismatica e uma bibliotheca em que abundam toda a sorte de preciosidades. Encontrou, felizmente, um architecto habil, que soube aproveitar discretamente os elementos antigos da construcção para a obra nova.

pièces aient été exécutés par le même artiste. Notre ami Antonio Augusto Gonçalves, qui a fait des études approfondies sur les monuments de Coïmbre, partage cette opinion.

Nous recommandons à tous ceux que cela peut intéresser la comparaison de ces deux types de Coïmbre avec les fonts manuélins de la Cathédrale de Braga (en granit) et avec ceux de Leça do Balio (calcaire), commandés par le prieur D. Frei João Coelho (mort en 1515) [1].

Portail du Collège de St. Thomas

Nous avons déjà eu l'occasion de constater, dans la présente et dans une autre livraison, à propos du couvent de St. Marc, que pendant le premier tiers du XVIe siècle est née à Coïmbre, une école d'artistes qui interpreta les formes de la Renaissance italienne, d'une façon originale et ne donnant lieu à aucune espèce de confusion, lorsque la critique les compare avec les travaux qui se rencontrent dans les autres provinces du royaume. La naissance de cette école ne doit pas être attribuée au hasard.

Le centre des études classiques supérieures ne pouvait manquer d'attirer le talent et de développer les facultés d'artistes qui ne pouvaient ni comprendre ni appliquer les symboles du nouvel art sans l'aide de l'érudition des antiquaires et des humanistes qui s'étaient livrés avec succès à la recherche de la terre promise. *Haec est Italia diis sacra.* Centre d'un riche diocèse, Coïmbre, plus qu'aucune autre ville du Portugal, eut une série de prélats aimant les arts qu'ils encouragèrent d'une façon intelligente choisissant toujours les meilleurs artistes.

Il suffit d'en mentionner trois: D. Jorge d'Almeida, D. João Soares et D. Affonso de Castello Branco. Quand on pense que ce dernier faisait encore exécuter en 1610 et 1612 d'importants travaux à Coïmbre et à Cellas dans le style de la Renaissance, on conçoit sans difficulté l'influence d'une école qui pendant près d'un siècle ne cessa d'être guidée par la même foi artistique, ayant à sa disposition et en abondance l'admirable pierre d'Ançã et ses précieuses variétés.

Le collège de St. Thomas possède encore un cloître aux ravissantes et gracieuses proportions. L'architecte était tellement sûr de l'effet qu'il n'hésita point à réduire l'élément décoratif au minimum, à l'intérieur [2].

Il nous serait facile de démontrer les rapports de ressemblance entre le style et l'exécution technique des sculptures de St. Thomas et celles qui couvrent le célèbre portail — côté nord — de la Vieille Cathédrale, dû à la munificence de D. Jorge d'Almeida. Nous devons y renoncer faute d'espace. Quelques motifs rappellent les artistes inspirés qui travaillèrent à St. Marc et à la mère-église de Montemór-o-Velho (Notre-Dame dos Anjos). Les proportions du portail auraient atteint la perfection, n'étaient les trois niches qui le couronnent d'une façon disgracieuse.

La main d'œuvre dans les bas-reliefs de la frise et dans les ornements de l'archivolte, entourée de séraphins, témoigne d'une expérience consommée des effets décoratifs. On ressent de la tristesse à regarder toutes ces merveilles fort endommagées par l'action du temps; pour comble de malheur le portail se trouve partiellement enterré au dessous du niveau de la rue, ce qui, à première vue, en gâte beaucoup l'effet.

On doit au chanoine, le savant dr. Prudente Garcia, grand connaisseur des antiquités de Coïmbre, la découverte du document que nous allons reproduire avec sa permission qui nous a été acquise par les soins de notre illustre ami M. Antonio Augusto Gonçalves. Nous profitons de l'occasion pour leur reitérer ici tous nos remerciements. Il s'agit du contrat des travaux du portail, fait en 1547 entre le

[1] Les fonts de Leça ont déjà été reproduits d'une excellente façon dans cette publication (nº 24). Le présent article se trouvait rédigé depuis longtemps (septembre 1902) lorsqu'est parue une étude de M. Sousa Viterbo où se trouvent reproduits non seulement les deux fonts de Coïmbre, mais ceux de Braga et encore d'autres de Caldas da Rainha (seconde moitié du XVe siècle). V. Revista *Os Serões*, nº 18 du 3e vol., mars à avril 1903.

[2] L'édifice forme aujourd'hui la somptueuse résidence de M. le Comte do Ameal, dont la munificence guidée par une grande sureté de goût, y a su réunir un musée, un cabinet numismatique et une très riche bibliothèque. Il eut le rare bonheur de trouver un architecte habile qui sut profiter avec discrétion des éléments anciens de la construction dans les nouveaux travaux.

O qual portal tẽdra de vão de largo nove palmos y de alto dezeseys do dito vao o aquello que parescer nescesario cõforme a la proporciõ que demãdar la obra.

Y a mais obra de talla y molduras y imagines farã como esta no debuxo. A qual obra toda sera de pedra de ançã brãca; soamente as colunas poderan ser de pedra azul, y a corpada dos retulos que vay sobre a bolta sera de seraphies y nô de retulos y serã cõpasados de manera que parescã bem y no sejã muyto largos de uno a otro.

Y a imagem de sãto thomas sera de seys palmos de alto y estará a manera de asentado cõ vn libro y vna pena na otra mano como que escrive.

Y las otras duas ymagines serã de cinco palmos de alto y estarã en pe y terã suas divisas da manera que o padre reytor les dixer.

Y no meyo do freso de baxo de sãto thomas farã un escudo cõ as armas reys y en las enbicaduras de sobre o arco onde estã as medallas se farã duos espellos resgados para dentro para dar claridade por dentro dellos.

A la facye de afora estarã os meys corpos como está no debuxo e nos enxalços da bãda de dentro se fara uma gula o talão e toda a mays obra se fara como esta no debuxo.

Y o padre reytor sobredito lhes dara por o dito portal quarenta mjl rs.

Y elles serã obrigados a dar biem labrado y asentado a sua propria custa sem per iso lhes dar otra cosa alguna mays de madeyra para que fagã andamjos y cal y alvanheria para acõpañar a dita pedreria.

Y se obrigarõ os ditos oficiays de o dar feyto e asentado hasta agosto mediado que primeyro vendra do dito anno de 47.

Y os pagamentos lhes serã feytos como forem fazendo a obra.

Y porque desto todos os ditos, padre reytor y ditos oficiays, forõ cõtentes asinaron este de seos nomes.

Feyto aos veyte septe dias do mes de abril do dito anno de 1547.

= fr. martinus de ledesma = pero luys = antonio frz = joam lluis = ».

É um documento avulso que pertencia ao cartorio de S. Domingos. Examinando o portico cuidadosamente em 1891, com um binoculo, descobrimos na peanha de uma chimera a data 1547, que concorda com a do documento.

Joaquim de Vasconcellos.

dr. Frère Martim de Ledesma, recteur du collège, et les maçons Pero Luis, Antonio Fernandes et João Luis. Les hispanismes du texte font supposer l'intervention d'artistes espagnols (?) ou bien le style du recteur espagnol. Nous en conservons fidèlement l'orthographe:

« Em veyte septe dias de abril de mjl y qujnientos y quarenta e septe annos se cõcerto o dotor frey martinos de ledesma reytor do colexjo de sãto thomas cõ pero luys y antonjo fernãdes y Juão luys pedreyros moradores en esta cidade de coimbra desta manera.

Que os sobreditos oficiays se obrigaron a fazer un portal na obra nova do dito coleyjo o qual sera por la ordenãça de un debuxo que para ipso fezerõ que vay asinado por todos — s — (scilicet) por o dito padre reytor y por os ditos oficiaes.

O qual portal tẽdra de vão de largo nove palmos y de alto dezeseys do dito vao o aquello que parescer nescesario cõforme a la proporciõ que demãdar la obra.

Y a mais obra de talla y molduras y imagines farã como esta no debuxo. A qual obra toda sera de pedra de ançã brãca; soamente as colunas poderan ser de pedra azul, y a corpada dos retulos que vay sobre a bolta sera de seraphies y nô de retulos y serã cõpasados de manera que parescã bem y no sejã muyto largos de uno a otro.

Y a imagem de sãto thomas sera de seys palmos de alto y estará a manera de asentado cõ vn libro y vna pena na otra mano como que escrive.

Y las otras duas ymagines serã de cinco palmos de alto y estarã en pe y terã suas divisas da manera que o padre reytor les dixer.

Y no meyo do freso de baxo de sãto thomas farã un escudo cõ as armas reys y en las enbicaduras de sobre o arco onde estã as medallas se farã duos espellos resgados para dentro para dar claridade por dentro dellos.

A la facye de afora estarã os meys corpos como está no debuxo e nos enxalços da bãda de dentro se fara uma gula o talão e toda a mays obra se fara como esta no debuxo.

Y o padre reytor sobredito lhes dara por o dito portal quarenta mjl rs.

Y elles serã obrigados a dar biem labrado y asentado a sua propria custa sem per iso lhes dar otra cosa alguna mays de madeyra para que fagã andamjos y cal y alvanheria para acõpañar a dita pedreria.

Y se obrigarõ os ditos oficiays de o dar feyto e asentado hasta agosto mediado que primeyro vendra do dito anno de 47.

Y os pagamentos lhes serã feytos como forem fazendo a obra.

Y porque desto todos os ditos, padre reytor y ditos oficiays, forõ cõtentes asinaron este de seos nomes.

Feyto aos veyte septe dias do mes de abril do dito anno de 1547.

= fr. martinus de ledesma = pero luys = antonio frz = joam lluis = ».

C'est un document détaché provenant des archives de S. Domingos. En examinant attentivement le portail à l'aide d'une jumelle, en 1891, nous avons pu découvrir sur le piédouche d'une chimère la date — 1547 — qui s'accorde avec celle du document.

Joaquim de Vasconcellos.

Setubal



Sado ou *Sadam*, como antigamente tambem se escrevia, é um formoso rio portuguez que, nascendo na serra do Caldeirão, no Algarve, dirige o seu curso por entre montes, primeiro do sul para o norte até Porto de Rei, depois de sueste para noroeste, e, formando como que um reconcavo proximo á sua foz, vem desaguar no oceano ao abrigo do Cabo de Espichel, a algumas leguas da embocadura do Tejo. N'esse reconcavo, onde se alarga n'um vasto lagamar, abrigada dos ventos, assenta, sobre a margem direita, com o garbo de uma princeza oriental, a cidade de Setubal.

Á sua dextra eleva-se soberba a serra da Arrabida, que vem, formando aquelle cabo, acabar n'esse mesmo oceano; á esquerda desdobra-se em dilatadas campinas a margem do rio, onde uma infinidade de aves aquaticas ora quêdas, ora discorrendo por entre as plantas que a bordam, alegram a paizagem. Ás vezes disferindo o vôo pelos ares em myriades de variada grandeza e côr, encobrindo a espaços os raios do sol, encantam a vista, quando nos não aturdem os ouvidos, com as suas vozes estridentes.

Por detraz e a distancia de pouco mais de uma legua, ergue-se soberbo um cabeço gigantesco, sobre o qual se divisam ainda os restos de uma antiga fortaleza, e de um templo magnifico, que a incuria dos homens, e a mão impiedosa e niveladora do tempo, tem ido derruindo a pouco e pouco. É Palmella, o valente padrasto d'esta parte da terra portugueza, ultima séde dos cavalleiros da famosa Ordem de S. Thiago da Espada, atalaia vigilante sobre as duas vastas bacias e largas embocaduras do Tejo e Sado.

Tem-se devaneado muito sobre a origem do nome — Setubal — que hoje e de ha seculos designa a formosa cidade, outr'ora villa. Até o pobre frei Bernardo de Brito tem sido acoimado de inventor das patranhas que nos mimosearam com uma serie de reis dos tempos biblicos (não menos de vinte e cinco), desde Jobel ou Tubal, até o portentoso rei Habide ou Abides, — *quippe barbarum populum legibus junxit; boves primo aratro domari, frumentaque sulco serere docuit,* — nem mais nem menos, deu leis aos povos rusticos, ensinando-lhes a jungir os bois ao arado e a semear o trigo! De modo que, estes fautores de tal genealogia de reis, queriam fazer-nos persuadir, que antes de Noé, — acingindo-nos ás tradições biblicas, — não se lavrava a terra, nem se semeava, ou então com o diluvio se esquecera tudo isso. Quinze annos antes do nascimento d'aquelle vernaculo escriptor já estas coisas e muitas outras se liam no *Monostichon, de primis hispanorum regibus* do nosso notavel humanista Nicolau Coelho do Amaral, que tambem não foi o inventor d'ellas. Mas deixemol-os em paz. Pinho Leal ainda perguntava muito a serio, porque se não discutia a antiga opinião que dava Tubal, neto de Noé, como a origem do nome da cidade, e não sei porque lhe esqueceu tambem inquirir, se teria havido algum santo, que lhe servisse de origem, visto os inglezes chamarem áquella povoação *St. Ubes.*

É certo que defronte da actual cidade, na praia e sitio hoje chamado Troia, existia uma antiquissima povoação denominada *Cetobriga,* sendo mais que provavel que essa designação, estropeada pela pronuncia dos islamitas que invadiram e dominaram a peninsula, désse nascimento á actual palavra *Setubal.* Embora a opinião de um linguista de primeira ordem não acceite esta derivação, por contraria a certas leis phoneticas, julgo que n'este ramo, como em muitos outros, ha coisas que fogem a todas as regras.

Deixemos porém essa discussão a quem tiver competencia e tempo para ella. Vejamos o que se sabe da formosa cidade. Não consta bem quando desappareceu a velha Cetobriga na margem esquerda do Sado, e surgiu na margem direita a moderna Setubal. É provavel que isto succedesse pelos tempos da conquista musulmana.

O seu bello porto, a proximidade do mar e de uma costa abundantissima de magnifico pescado,

Setubal



N des plus beaux fleuves du Portugal est le Sado, ou *Sadam* d'après l'ancienne ortographe; sa source se trouve dans le mont Caldeirão, province de l'Algarve, il coule entre des montagnes du sud au nord jusqu'à Porto de Rei, puis du sud-ouest au nord-ouest, et après une large courbe, il se jette dans l'océan, près du cap d'Espichel, à quelques lieues de l'embouchure du Tage. Sur la rive de cette courbe, devant laquelle se déploie une large rade, abritée des vents, repose dans toute la gentillesse d'une sultane, la ville de Setubal.

À droite s'élève la haute montagne d'Arrabida, qui se termine par un petit cap; à gauche, la rive s'étend sur d'immenses plaines, peuplée d'oiseaux aquatiques, tantôt immobiles, tantôt égayant le paysage de leurs courses à travers les plantes marines. Parfois on en voit des myriades, aux dimensions et aux couleurs les plus variées, prenant leur vol et formant comme des nuées, qui obscurcissent le soleil, nous charment la vue et nous étourdissant aussi de leurs cris stridents.

Plus loin, à près d'une lieue de distance, se dresse une haute colline sur laquelle on aperçoit encore les restes d'une ancienne forteresse et d'un temple magnifique, que la négligence des hommes et l'action du temps finissent lentement de ruiner. C'est le château de Palmella, redoute autrefois formidable de cette partie du Portugal, dernier séjour des chevaliers du fameux ordre de St. Jacques de l'Epée, qui semble placé là comme une sentinelle en éveil, entre les deux vastes baies qui forment les embouchures du Tage et du Sado.

On a longuement discuté sur l'origine du nom de Setubal, qui de tous temps a été celui de cette jolie ville. On accusa le bon moine Fr. Bernard de Brito d'avoir forgé des histoires, nous imposant une dynastie de vingt cinq rois bibliques, depuis Jobel ou Tubal, jusqu'au puissant Habides ou Abides — *quippe barbarum populum legibus junxit; boves primo aratro domari, frumentaque sulco serere docuit,* — qui aurait — ni plus ni moins — fait la loi aux peuples rustiques en leur enseignant à atteler la charrue et à cultiver le blé. D'après ces traditions bibliques, les inventeurs de cette généalogie de rois voudraient nous persuader qu'avant Noé on ne labourait ni ensemençait pas la terre, ou bien que le déluge avait fait oublier tout cela! Quinze ans avant la naissance de ce savant moine, on lisait déjà toutes ces choses et encore bien d'autres dans le *Monostichon, de primis hispanorum regibus,* de l'érudit humaniste Nicolas Coelho do Amaral, qui toutefois n'en fut pas non plus l'inventeur. Pinho Leal demandait, plus tard encore, trop sérieusement, pourquoi on ne discutait pas l'ancienne version qui faisait remonter à Tubal, petit-fils de Noé, l'origine du nom de la ville! Autant aurait valu rechercher le nom de quelque saint, puisque les anglais l'appelent St. Ubes.

Ce qu'il y a de certain, c'est que vis-à-vis la ville actuelle, à un endroit nommé Troia, existait autrefois une bourgade du nom de *Cetobriga;* il est probable que de ce nom, altéré par la prononciation des islamites qui envahirent et dominèrent la péninsule, soit sorti celui de Setubal.

Ce n'est pourtant pas l'airs d'un de nos étymologistes pour qui cette dérivation est en désaccord avec les lois phonétiques; mais sur ce point, comme sur beaucoup d'autres, il y a bien des choses qui échappent à toutes les règles.

Que ceux à qui ne font pas défaut le temps et de profondes connaissances, s'occupent de cette discussion; tâchons de dire ce que l'on sait sur cette charmante ville.

On ignore encore à quelle époque disparut de la rive gauche l'ancienne Cetobriga, et naquit du côté droit la nouvelle Setubal, mais il est croyable que cela date de la domination arabe.

L'amplitude du port, le voisinage de la mer, la côte abondamment pourvue de magnifique poisson, tout contribua au développement de cette population qui fut désignée, dès les premiers temps de la monarchie portugaise, sous le nom de *Setuuel,* et appartint à l'Ordre de St. Jacques.

determinaram o desenvolvimento da povoação que desde os tempos primitivos da monarchia portugueza, é mencionada nos documentos com a designação de *Setuvel,* e pertencendo á Ordem de S. Thiago.

Foi por muitas vezes residencia da côrte portugueza, quando esta não tinha a fixidez que tomou desde D. João IV. Alli se passaram scenas tragicas no celebre reinado de um dos maiores reis de Portugal, D. João II.

Entre essa cidade e a fresca Azeitão se repartiu a vida de D. Jorge, filho bastardo d'este ultimo rei, e dos seus descendentes.

Alli veio espiar, nas sombras do claustro, as leviandades da sua mocidade, a famosa ama de el-rei D. Manoel, Justa Rodrigues, fundando o monumento mais notavel que adorna essa terra; alli nasceram e se crearam, na segunda metade do seculo XVIII, os dois portentosos talentos, que se chamaram Luiza Todi [1] e M. M. Barbosa du Bocage [2]. A primeira, discorrendo por todos ou quasi todos os paizes da Europa, encantou com os prodigios da sua deliciosa voz, as almas das gerações que tiveram a dita de a ouvir; o segundo, empunhando a lyra de Camões, enlevou os corações dos seus contemporaneos com os magicos accentos do seu metro suavissimo, que hão de ser admirados emquanto houver ouvidos portuguezes.

Alli, no principio do seculo XIX, viu tambem a luz da vida outro notavel artista, o maestro padre Joaquim Silvestre Serrão, cujas producções musicaes tanto foram admiradas pelos meus patricios, entre os quaes foi acolher-se dos azares da fortuna, e onde ao cabo de mais de trinta annos de vida retirada, irreprehensivel e consagrada á arte, soltou o espirito que tão elevadas concepções gerára.

Em tempos antigos, e até nos modernos, Setubal foi berço de muitos varões notaveis, nas armas, sciencias ou letras, dos quaes mencionaremos apenas o grande poeta Vasco Mausinho de Quebedo, auctor do bello poema *Affonso Africano,* o bispo de Vizeu D. Gonçalo Pinheiro, Rodrigo Ferreira da Costa, o Barão do Valle, Jacob Queimado, um dos capitães, companheiros de Tristão da Cunha e de Affonso de Albuquerque, com os quaes entrou em notaveis facções, e outros cuja enumeração seria longa.

Uberrimos são os terrenos que bordam e cercam a bonita cidade, o que se manifesta em variadas producções agricolas, d'entre as quaes se especialisam a bellissima laranja e os famosos vinhos, nomeadamente o *moscatel* e *periquita.* Tambem são muito nomeados o sal e o peixe que d'alli se exportam em abundancia.

O terremoto de 1755 causou grandes ruinas em Setubal, mas a incuria dos homens deixou permanecer aquella localidade n'um estado de atrazo e desleixo, incompativeis com um centro productor e commercial de tal magnitude.

Foi só pelo meado do seculo ha pouco findo, que se começou a olhar com attenção para as necessidades materiaes da vetusta povoação.

A linha do caminho de ferro do sul e sueste, communicando, pela viação accelerada, Setubal com o resto do paiz, o estabelecimento de varias fabricas, desenvolvendo a actividade e riquezas d'aquelle centro productor, excitaram a alma d'aquelle povo, fazendo-o comprehender que uma povoação de taes recursos tem direito e dever de proceder ao embellezamento territorial, que foi sempre uma das aspirações e cuidados dos povos civilisados.

A abertura de novas ruas, a regularisação das praças, a sua arborisação, o culto prestado aos seus filhos illustres, e muitos outros melhoramentos de toda a especie, são hoje o *credo* das novas gerações, como o foi outr'ora dos antigos gregos e romanos. Eram entre estes tão multiplicadas as estatuas levantadas aos varões illustres, que se podia dizer d'ellas, sem inexactidão, o que se conceitua no energico verso de Filinto Elysio:

São povo quêdo entre cursivo povo.

Nós não chegámos ainda a taes extremos, e os nossos maiores homens, as nossas maiores glorias, aguardam que algum patriota de alma elevada, deixe em seu testamento a verba precisa para se lhe erguer o devido monumento!

[1] Vide Joaquim de Vasconcellos, *Musicos portuguezes,* tomo II.
[2] Vide *Dicc. Bibliog. portug.,* tomo VI.

Elle fut maintes fois le séjour de la cour lorsque celle-ci n'était pas encore définitivement fixée; elle fut aussi le théâtre de plusieurs événements tragiques sous le règne du roi D. Jean II. La vie de D. Georges, bâtard de ce roi, et de ses descendants se partageait entre Setubal et le délicieux et proche endroit d'Azeitão.

Justa Rodrigues, la fameuse nourrice du roi D. Manuel y vint aussi expier, à l'ombre du cloître, les légèretés de sa jeunesse, en faisant construire le plus remarquable monument de la ville. Setubal fut la patrie de deux grands talents du XVIII[e] siècle, Louise Todi [1] et Manuel Maria Barbosa du Bocage [2].

La première parcourut toute l'Europe, charmant de sa voix prodigieuse tous ceux qui eurent le bonheur de l'entendre, le second fit vibrer, sous les prodigieux accents de ses vers sublimes, la lyre de Camöens et fit l'admiration de tous ses compatriotes, contemporains et actuels.

Au commencement du dernier siècle naquit à Setubal le maëstro P[e] Joachim Silvestre Serrão, un artiste remarquable dont les compositions musicales furent admirées par tous les portugais surtout par ses compatriotes, au milieu desquels il se retira après une peu souriante carrière, et où après plus de trente ans consacrés à son art, qu'il adora, il a rendu l'âme, aussi élevée que ses œuvres.

Cette ville fût encore le berceau de beaucoup d'hommes renommés, dans les sciences, les arts et les armes; nous parlerons seulement du grand poète Vasco Mausinho de Quebedo, l'auteur du beau poème *Alphonse l'Africain,* l'évêque de Vizeu D. Gonçalo Pinheiro, Rodrigo Ferreira da Costa, le Baron du Valle, Jacob Queimado, un des compagnons d'armes de Tristan da Cunha et d'Alphonse d'Albuquerque et beaucoup d'autres qu'il serait trop long d'énumérer.

La fertilité des champs qui entourent la ville se fait remarquer par une grande variété de produits, parmi lesquels nous citerons de délicieuses oranges et les fameux vins *muscat* et *pèriquita.* Le sel et le poisson sont aussi très appréciés et largement exportés.

Le tremblement de terre de 1755 causa à Setubal de graves dégâts que l'incurie et la négligence laisserent persister pendant longtemps. C'est seulement vers la seconde moitié du dernier siècle qu'on commença à prêter un peu d'attention aux nécessités matérielles de la ville.

Une ligne de chemin de fer relia bientôt Setubal aux autres réseaux du pays; l'établissement de diverses fabriques, développant l'activité et la richesse, stimula l'âme du peuple et lui fit comprendre que le devoir d'une population d'autant de ressources est d'acquérir, par tous les moyens possibles, les améliorations dignes d'un peuple civilisé.

Le percement de nouvelles rues, la régularisation des places publiques et leur arborisation ainsi que beaucoup d'autres embellissements se sont suivis; nous signalerons surtout l'hommage rendu aux compatriotes illustres, qui est devenu maintenant un culte pour les générations nouvelles, comme du temps des anciens grecs et des romains. Dans ces temps reculés le nombre des statues était tel qu'on pouvait dire comme dans l'énergique vers de Filinto Elysio:

São povo quêdo entre cursivo povo.

(Elles sont comme un peuple immobile au milieu d'un peuple mouvant).

Nous n'en sommes pas encore à cette exagération et beaucoup de nos grands hommes, nos plus grandes gloires, attendent qu'un patriote à l'âme généreuse lègue les fonds nécessaires à leurs monuments. Setubal s'acquitte peu à peu de ces dettes sacrées, aidée par le dévouement des portugais répandus dans l'ancien et le nouveau monde.

Le 19 avril 1860 le petit bourg de Setubal fut élevé à la dignité de ville et le 1[er] février 1861, moins d'une année après, eut lieu l'inauguration d'un chemin de fer reliant la ville à la ligne du sud-ouest, et on en vit commencer la prosperité matérielle.

[1] Voyez Joaquim de Vasconcellos, *Musicos portuguezes,* tome II.
[2] Voyez *Dicc. Bibliog. portug.,* tome IV.

Setubal vae pagando a pouco e pouco as suas dividas sagradas, embora auxiliada pela patriotica dedicação de todo o elemento portuguez que se acha espalhado pelo velho e novo mundo.

Foi em 1860 a 19 de abril que a antiga villa de Setubal foi elevada á categoria de cidade, e, antes de um anno, no dia 1 de fevereiro de 1861, era aberto á circulação publica, o ramal da cidade ao Pinhal Novo, que a veio ligar ao caminho de ferro do sul e sueste.

Como já dissemos, póde assegurar-se, sem cahir em grande erro, que foi desde então que se iniciaram e progrediram os melhoramentos materiaes da cidade.

Abriu-se a estrada, ou avenida, que d'ella conduz á estação, na extensão de 1:500 metros aproximadamente, e que é assaz bella e risonha, por entre hortas e laranjaes.

Em 1871, a 21 de dezembro, sexagesimo sexto anniversario da morte de Manoel Maria Barbosa du Bocage, foi inaugurado o monumento ao famoso poeta, na antiga praça do *Sapal*, hoje *de Bocage*.

Havia-se, a 10 de abril de 1864, e a instancias do snr. Manoel Maria Portella, illustrado setubalense, collocado na casa onde nascera o poeta, na rua de S. Domingos, uma lapide commemorativa d'este facto, com a seguinte inscripção:

NESTA CASA NASCEU
O INSIGNE POETA
MANOEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE
A 15 DE SETEMBRO DE 1765.
ALGUNS DOS SEUS CONTERRANEOS
MANDARAM FAZER ESTA MEMORIA
NO ANNO DE 1864.

Sabendo d'este caso o brilhante poeta Antonio Feliciano de Castilho (primeiro visconde d'este appellido), pareceu-lhe pequeno o tributo prestado á memoria do grande vate, e fazendo uma larga propaganda a favor da ideia de se levantar uma estatua áquelle que:

Versos *balbuciou* na voz da infancia

e auxiliado por seu irmão José Feliciano, então residente no Brazil, e por outros apaixonados do numeroso Elmano, conseguiu que a subscripção, para esse fim aberta dentro e fóra do paiz, correspondesse aos seus desejos, podendo assistir ainda á inauguração do monumento.

Este consta de uma base, ou plinto singelo, onde se lêem quatro quadras formadas de versos do poeta, que não foram completamente bem escolhidas.

Em uma face d'essa praça levanta-se magestosa e gentil a bella porta da egreja de S. Julião, que uma das nossas photographias representa.

S. Julião e Santa Maria da Graça eram, segundo parece, as primitivas freguezias da povoação, que pelo desenvolvimento d'esta foram, em 1553, pelo arcebispo de Lisboa, D. Fernando, desdobradas em mais duas, Nossa Senhora da Annunciada, formada de parte da primeira, e S. Sebastião, de parte da segunda.

Pelo terremoto de 1755, ficou em completa ruina a egreja de S. Julião, salvando-se, porém, a bellissima portada, exemplar formosissimo, posto que um tanto pesado, do estylo *manuelino*.

Setubal tambem commemorou, como todo o paiz e o mundo civilisado, o tricentenario do fallecimento, ou do transito á immortalidade, d'aquelle grande espirito que entre os homens se chamou Luiz de Camões.

Havia-se procedido a muitos melhoramentos na antiga rua dos Açougues, porque para lá dá a nova fachada dos paços do concelho, e em 1880, em homenagem ao grande poeta epico, foi transformado o velho nome, com que a designavam, em rua de Luiz de Camões.

São convenientes e dignos estes preitos devidos á memoria dos grandes vultos que exaltaram a gloria da patria, mas conhecerá o grande publico a sua significação? procurará elle entender esses livros de pedra, bronze ou tela, que se erigem nas praças, nas frontarias das casas, ou adornam as paredes

Sur un parcours de 1:500 mètres entre des vergers et des bois d'orangers on ouvrit une vaste et riante avenue qui conduit à la gare.

Le 21 décembre 1871, soixante six ans après la mort du poète Bocage, on inaugura son monument sur l'ancienne place du Sapal, aujourd'hui place Bocage.

Le 10 avril 1864, sur la prière de Mr. Manuel Maria Portella, un des plus distingués natifs de Setubal, on avait placé sur la maison où était né le poète rue Saint Dominique, une plaque avec l'inscription suivante:

DANS CETTE MAISON EST NÉ
L'ÉMINENT POÈTE
MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE
LE 15 SEPTEMBRE 1765.
QUELQUES UNS DE SES COMPATRIOTES
ON FAIT PLACER CETTE INSCRIPTION
L'ANNÉE 1864.

Le brillant poète Antonio Feliciano de Castilho, premier vicomte de ce nom, trouva que cet hommage rendu à la mémoire de Bocage était un peu mesquin. Aidé par son frère José Feliciano, alors résident au Brésil, et par d'autres ardents enthousiastes, il réussit à obtenir la somme nécessaire à la construction d'un monument plus digne et pût encore assister à son inauguration.

Sur un socle ou plinthe d'une grande simplicité on peut lire quatre quatrains du poète, qui d'ailleurs n'ont pas été des mieux choisis.

D'un côté de la place s'élève majestueusement le beau portail de l'église Saint Julien, qu'on voit sur une de nos photographies.

Il paraît que St. Julien et Sainte Marie de la Grâce furent les premières paroisses de l'endroit; par son développement successif elles furent plus tard dédoublées en deux autres, celle de l'Annonciade et de Saint Sébastien, du temps de l'archévêque de Lisbonne, D. Ferdinand.

L'église Saint Julien fut complètement détruite par le tremblement de terre de 1755, on réussit seulement à sauver le portail, lequel, quoiqu'un peu lourd, est un des plus beaux exemplaires de l'architecture de ce temps là.

Ainsi que tout le peuple portugais et le monde civilisé, Setubal a fêté le tricentenaire de la mort du grand Camõens.

L'ancienne rue des Açougues, sur laquelle donne une des façades de l'hôtel de ville, après quelques embellissements reçut le nom de Louis de Camõens, en mémoire du grand poète.

Rien de plus digne et convenable que de rendre hommage à ceux qui ajoutèrent à la gloire de la patrie; il est cependant douteux que le peuple puisse dûment apprécier la signification de toutes ces œuvres de marbre et de bronze, des livres qui encombrent les bibliothèques et des tableaux qui ornent les musées. Ne serait-ce pas plus profitable de faire publier de petits livres où le public pourrait apprendre l'histoire de son pays et de ses grands hommes?

Nous avons entendu dernièrement la conversation d'une dame très instruite, parlant quatre ou cinq langues et qui cependant ne connaissait pas Gil Vicente! Une autre à qui l'on parlait de Camõens, disait que c'était un *homme qui avait fait beaucoup de vers*, comme si elle eût cité un marchand de comestibles.

Setubal possède un marché qui est une très belle construction dans son genre et où l'on trouve toute espèce de vivres.

La plus belle promenade est l'avenue marginale qui vient se terminer sur la place Bocage et qui a le nom de Todi, hommage à l'artiste inoubliable et à la femme qui fut digne de la respectueuse sympathie de tous ceux qui l'ont connue.

À peu de distance de Setubal sur la route de Palmella, on voit à demi cachées par la végétation sauvage, les intéressantes ruines d'un couvent de capucins.

La photographie en montre bien le style, de la fin du XVIIe au XVIIIe siècle.

dos templos, museus, bibliothecas e paços concelhios? Quando começará uma distribuição gratuita e em larga escala de livrinhos simples e claros, onde o povo aprenda a historia do seu paiz, e a d'aquelles que o honraram pelas manifestações do genio?

Ha pouco ouvimos a uma senhora, aliás illustrada, porque conhece quatro ou cinco linguas, perguntar quem era Gil Vicente! e ha bastantes annos ouvimos outra, a quem perguntaram quem havia sido Camões, responder que fôra um homem *que fizera muita versalhada*.

Outro melhoramento a que a camara procedeu, foi a fundação de uma praça para o mercado diario de generos e pescado, edificio grandioso e que póde bem equiparar-se aos melhores do paiz.

O trabalho, porém, mais bello e que transformou a margem da cidade confinante com o rio, foi a bella avenida, que vem desembocar na praça de Bocage. Avisadamente se lhe deu o nome da rival da Mara, a famosa Luiza Todi, não só como homenagem aos seus dotes de grande artista, mas tambem ás suas qualidades de mulher digna, que lhe acarearam as sympathias e estima de quantos a trataram.

A pouca distancia de Setubal, caminho de Palmella, ficam, meio escondidas na silvestre vegetação que as cerca e assoberba, as ruinas interessantes do antigo convento dos capuchos. A estampa que damos bem deixa vêr o estylo dos fins do seculo XVII ao XVIII.

Consta que foi vendido, como outros, por pequena quantia, e pena é que o seu proprietario lhe não applique alguma attenção, porque é elegante e formosa a sua fachada e merecia bem ser conservada.

Ha muito que dizer de Setubal; julgamos, porém, que seria um grande serviço prestado ao paiz e á cidade, a publicação dos vastissimos materiaes reunidos durante mais de cincoenta annos pelo nosso fallecido amigo João Carlos de Almeida Carvalho.

Ousamos lançar aqui esta lembrança e pedir á respectiva camara municipal a realisação d'ella.

Brito Rebello.

Il paraît que ce couvent a été vendu, ainsi que d'autres, pour une somme insignifiante et c'est regrettable que le propriétaire actuel néglige la conservation de la façade qui est d'un élégant tracé.

Il y a beaucoup à dire sur Setubal et ce serait rendre service au pays, que de publier tous les détails qui ont été récueillis pendant plus de cinquante ans par notre regretté ami Jean Charles d'Almeida Carvalho.

Nous adressons ici cette demande à la municipalité de la ville, en la priant de lui donner son appui.

Brito Rebello.

Convento de Santa Clara em Coimbra



PRIMEIRA estampa d'este numero d'*A Arte e a Natureza em Portugal* representa uma grande porção da formosa paizagem que fica fronteira á cidade de Coimbra para o lado do occidente.

Cercados de arvoredos, e no meio de pomposa vegetação, avultam ahi edificios e monumentos assaz notaveis: atravez do Mondego a extensa ponte de ferro, que foi mister construir sobre a ponte de pedra quasi engulida pelas areias accumuladas; na planicie, a montante da ponte, os restos venerandos da velha egreja de Santa Clara, pertencente ao antigo mosteiro da mesma denominação, hoje completamente desapparecido; ao sopé do monte o novo convento de S. Francisco, substituição do primitivo, que, mais proximo do Mondego, fôra por este arruinado; no alto da collina o novo mosteiro de Santa Clara, construido ahi para substituir tambem o outro, que, attingido pelas furias do rio, se tornára inhabitavel.

Grande destruidor de edificios nobres tem sido o Mondego! Quem vê o rio no verão tão pobre de aguas, tão humilde, quasi perdendo-se nas areias, custa-lhe acreditar na furia e arrogancia que elle ostenta no inverno e nos prejuizos que traz com suas grandes inundações.

Fórma perfeito contraste n'essas duas épocas do anno:

. . . . no verão sereno e brando,
Turvo no inverno, bravo e dissoluto. (VASCO MOUSINHO DE QUEBEDO).

Na estação invernosa muda completamente o aspecto que tão risonho e encantador nos apresenta no estio. Então não é o rio que, enamorado da cidade,

. . . . . . com licôr eterno
Os fortes muros beija; e a dourada
Margem regando com saudosa veia,
Cerca de crystal puro ilhas de areia. (GABRIEL PEREIRA DE CASTRO).

Então, Coimbra, o teu Mondego não é o que

D'amor vencido vem beijar-te as plantas
E de teus mimos preso a custo arrasta
Em torno a pura preguiçosa limpha. (A. M. DO COUTO MONTEIRO).

Então não é o rio cantado com tanto mimo por Antonio de Serpa:

A limpha d'esse rio Que corre d'alva prata Para o mar	Por tardes lá do estio, Que imagens que retrata De encantar!...	Os languidos salgueiros Se curvam graciosos Sobre as aguas.

Nada d'isto. Na estação das chuvas é mar encapellado, revolto, insoffrido; aggredindo com insensata furia e colera desmedida as margens e os campos; arrastando em sua corrente turva e caudalosa os animaes e os instrumentos de lavoura, as arvores que derruba pela raiz, as estacadas, os tapumes, tudo emfim que se atreve a disputar-lhe o passo.

Agora não conhece leito; espraia-se arrogante pelas planicies marginaes; afoga as searas, escava ou esteriliza com areias os terrenos mais mimosos; quasi que submerge os pomares, deixando apenas fóra das suas revoltas aguas as extremidades das laranjeiras, que semelham archipelagos de pequenos ilheus no meio d'um oceano immenso e furioso; não ha muros ou diques que resistam á sua impetuosidade.

Arremete descortez e hostil pela cidade dentro; transforma-lhe as ruas do bairro baixo em canaes

Le couvent de Sainte Claire à Coimbra



DANS la première gravure de ce numéro de l'*Art et la Nature en Portugal* nous apercevons une grande partie du délicieux paysage qui fait face à la ville de Coimbra du côté de l'ouest.

On y voit des édifices et des monuments assez remarquables entourés de verdure, enfouis sous une végétation luxuriante; le fleuve Mondego est traversé par un pont de fer assez long, qu'il a fallu construire à la place de l'ancien pont en pierre presque enseveli sous des ensablements successifs; de l'ancien monastère de Sainte Claire, on n'aperçoit sur la plaine, en amont du pont, que les restes vénérables de la vieille église; au pied de la montagne se trouve le nouveau couvent de Saint François, remplaçant l'ancien, situé près du fleuve qui l'a détruit; au sommet de la colline on a édifié le nouveau couvent de Sainte Claire, celui qui existait auparavant, souvent envahi par les eaux, étant devenu inhabitable.

Le voyageur qui contemple pendant l'été cette humble rivière, si modeste, presque perdue dans le sable, ne peut guère se rendre compte de sa violente impétuosité pendant l'hiver, et des dégâts produits par ses grandes inondations.

En été c'est le fleuve *doux* et *serein*, comme dit le poète Vasco Mousinho de Quebedo:

. . . . no verão sereno e brando,
Turvo no inverno, bravo e dissoluto.

C'est le beau Mondego *amoureux de la ville*, selon Gabriel Pereira de Castro:

. . . . com licôr eterno
Os fortes muros beija; e a dourada
Margem regando com saudosa veia,
Cerca de crystal puro ilhas de areia.

C'est encore le charmant fleuve chanté si délicieusement dans les vers de Couto Monteiro et Antonio de Serpa:

D'amor vencido vem beijar-te as plantas
E de teus mimos preso a custo arrasta
Em torno a pura preguiçosa limpha. (A. M. C. M.).

A limpha d'esse rio Que corre d'alva prata Para o mar	Por tardes lá do estio, Que imagens que retrata De encantar!...	Os languidos salgueiros Se curvam graciosos Sobre as aguas. (A. DE S.)

Lorsqu'arrive la saison des pluies tout cela change d'aspect; le fleuve devient une mer houleuse, violente et revoltée, envahissant avec une fureur insensée, les rives et les campagnes, entraînant dans sa course rapide et trouble, les animaux, les engins de labourage, les arbres qu'il déracine, les estacades, les haies, enfin tout ce qui se trouve sur son passage.

Débordant de son lit naturel, il s'étend avec arrogance sur les plaines voisines, inondant les champs et les moissons, creusant les terrains plantureux, submergeant les vergers dont on voit à peine poindre les cimes des plus hauts orangers, semblables à des ilôts élevés au milieu d'un immense océan en fureur; il n'y a ni diques ni murailles qui puissent resister à son impétueuse violence.

La ville n'est pas plus épargnée; les rues du quartier bas deviennent de profonds canaux; les habitants voient inonder leurs maisons, les magasins et les ateliers, l'industrie se paralyse, les édifices tombent en ruines et les églises même sont envahies par le fléau qui ne respecte pas la paix due aux morts

profundos; invade os domicilios dos habitantes; e, alagando-lhes os armazens e as officinas de trabalho, paralysa a industria e o commercio; arruina os seus edificios, e atreve-se até a penetrar nos templos, não respeitando a immunidade dos mortos, nem ainda o tumulo do fundador da monarchia.

Agora é o rio do qual disse Antonio Ferreira:

Vês o rio que vai de monte a monte
Carregado de roubos e queixumes,
Que ora ameaça, ora não soffre a ponte?

Tal é o Mondego em tempo de chuvas aturadas, e quando as neves agglomeradas nas serras se derretem. E uma consequencia inevitavel d'estas inundações, visto trazerem comsigo grande poder de areias e terrenos de alluvião, é altearem-se incessantemente o leito do rio e campos confinantes, e soterrarem-se a pouco e pouco os edificios que lhe demoram perto.

Um dos muitos edificios victimados pelo Mondego foi a velha ponte de cantaria, que se tornou necessario substituir pela de ferro representada na primeira estampa d'este numero.

No anno de 1132 começou el-rei D. Affonso Henriques a edificar uma ponte sobre o Mondego em frente de Coimbra. É a *Chronica Gothorum* que assim o affirma: *Era MCLXX. idem Rex cepit edificare monasterium Sancte crucis in suburbio Colimbrie, et pontem fluminis juxta civitatem anno regni sui quarto.*

A obra que D. Affonso Henriques começára, ou não se concluiu em sua vida, ou teve necessidade de importantes reparos passados não muitos annos, pois que no testamento de el-rei D. Sancho I, seu filho, ha este legado: *Ponti Collimbriae mille morab(itinos).*

De épocas posteriores ha noticia de outros legados á mesma ponte: assim no testamento de mestre Estevam, deão da sé de Coimbra, exarado no anno de 1285, ha esta manda: *Ponti Colimbriae decem libras.* Um legado de igual quantia com o mesmo destino se encontra no testamento de D. Constança Sanches feito no anno de 1296.

No tempo de el-rei D. Manoel, no primeiro quartel do seculo XVI, teve a ponte de Coimbra uma importantissima reforma, mas no principio do seculo passado achava-se já muito assoberbada pelas areias. Por baixo de alguns arcos já não se podia navegar, e quando as aguas cresciam a navegação tinha de se interromper totalmente. Este mal, aggravando-se cada vez mais, obrigou á promulgação da lei de 10 de setembro de 1861, em que foi ordenada a reforma da ponte. Sómente no de 1873 se lhe deu cumprimento começando-se então os trabalhos para o assentamento da actual ponte de ferro.

O taboleiro, assente em pilares de cantaria, ficou composto de oito tramos ou divisões [1], nem todos do mesmo comprimento, porque, tendo-se deliberado aproveitar para fundamento dos pilares os macissos da ponte antiga, que não tinha os arcos a distancias rigorosamente iguaes, foi mister contemporisar com esta irregularidade para se evitar o dispendio de grandes sommas na construcção de fundamentos que houvessem de se fazer nos pontos correspondentes aos vãos dos arcos da velha ponte.

A nova ponte de ferro, não por si, pois considerada pelo seu lado esthetico deixa muito a desejar, mas pela formosa e encantadora paizagem que d'ella se desfructa, é um passeio sobremodo agradavel e attrahente. Na primavera e no verão é sitio apropriadissimo para bem se contemplarem as formosas galas e louçanias das pittorescas margens do rio e a corrente vagarosa das suas limpidas aguas derivando-se, como diz Thomaz Ribeiro,

. . . . indolentes,
Preguiçosas, namoradas
Das alamedas virentes,
Dos choupos e salgueiraes!
E da Fonte dos Amores
E da Lapa dos Esteios,
Dos robles, do céo, das flôres
E dos argenteos areaes.

[1] Hoje tem sete em virtude do alargamento do caes contiguo.

et atteint parfois jusqu'au tombeau du fondateur de la monarchie. C'est alors le fleuve dont parle le poète Antonio Ferreira:

Vês o rio que vai de monte a monte
Carregado de roubos e queixumes,
Que ora ameaça, ora não soffre a ponte?

La fonte des neiges amoncelées sur les montagnes contribue encore à augmenter ces véritables avalanches et la conséquence inévitable de ces inondations, qui charrient une énorme quantité de sable et de terrains d'alluvion, est d'exhausser le lit du fleuve et les terres environnantes, enfonçant peu-à-peu les édifices voisins.

Au nombre de ceux qui ont été à peu près détruits nous citerens le vieux pont de pierre, remplacé par celui que nous voyons dans notre première gravure.

Sous le règne de D. Alphonse Henriques l'année 1132, on commença à construire un pont sur le Mondego, vis-à-vis la ville de Coimbra; ainsi l'affirme la *Chronica Gothorum: Era MCLXX. idem Rex cepit edificare monasterium Sancte crucis in suburbio Colimbrie, et pontem fluminis juxta civitatem anno regni sui quarto.*

On suppose que l'œuvre commencée par ce roi, n'a pu être terminée, ou bien elle dût subir d'importantes réparations quelque temps après, car dans le testament de son fils, le roi D. Sancho I on trouve cette clause: *Ponti Collimbriae mille morab(itinos).*

On cite d'autres legs à des époques postérieures; ainsi dans le testament de Maître Étienne, doyen de la cathédrale de Coimbra, l'année 1285 on trouve: *Ponti Colimbriae decem libras;* la même somme fut leguée plus tard avec la même destination dans le testament de D. Constance Sanches fait l'année 1296.

Pendant la première moitié du XVI[e] siècle, sous le règne du roi D. Manuel le pont de Coimbra subit d'importantes réparations, mais au commencement du dernier siècle, les amas de sable l'avaient presque couvert; quelques arches étaient comblées et lors des grandes crues, la navigation devenait impossible. Ce mal s'aggravant de jour en jour on dût faire passer une loi, le 10 septembre 1861, ordonnant la reconstruction du pont; cependant ce ne fut que l'année 1873 que cet ordre fut éxecuté et que l'on commença les travaux du pont en fer que existe actuellement.

Le tablier repose sur des piliers en pierre de taille et se compose de huit [1] travées d'inégale longueur, car on s'est servi des massifs de l'ancien pont qui n'étaient pas placés à distances égales, afin d'éviter la lourde dépense de nouvelles fondations qu'il aurait fallu construire dans les intervalles des arches du vieux pont.

Le nouveau pont laisse assez à désirer au point de vue artistique, mais le ravissant paysage qui l'entoure en fait une des plus attrayantes promenades de la ville. Pendant la belle saison c'est un délicieux endroit pour contempler les riantes et pittoresques rives du fleuve et le courant azuré de ses eaux limpides, comme l'a dit Thomas Ribeiro dans ses beaux vers:

. . . . indolentes,
Preguiçosas, namoradas
Das alamedas virentes,
Dos choupos e salgueiraes!
E da Fonte dos Amores
E da Lapa dos Esteios
Dos robles, do céo, das flôres
E dos argenteos areaes.

*
* *

L'ancien couvent Saint François, un autre monument assez remarquable, appartenant aux moines de l'Ordre Séraphique, situé tout près et plus bas que le pont, a aussi été détruit par le fleuve et il

[1] L'agrandissement du quai a donné lieu à la suppression d'une travée.

*

* *

Outro edificio notavel que o Mondego destruiu foi o velho convento de S. Francisco, pertencente aos frades da Ordem seraphica, situado abaixo e proximo da ponte, do qual não resta alli hoje o menor vestigio. Fôra começado no anno de 1247 ou 1248 pelo infante D. Pedro, filho de el-rei D. Sancho I.

Não obstante haver sido construido sobranceiro ao rio em altura de vinte degraus, as alluviões vieram a tornal-o inhabitavel, sendo mister edificar nova casa, que se começou no anno de 1602, para a qual se mudaram os religiosos no dia 29 de novembro de 1609.

Este novo convento é o que na primeira estampa se vê representado na falda do monte.

*

* *

O velho mosteiro de Santa Clara, que ficava a montante da ponte e fôra fundado por D. Maior Dias no anno de 1286, e ampliado pouco tempo depois pela rainha Santa Izabel com grandiosa egreja e outros nobres edificios, foi tambem victimado pelo Mondego; e as suas habitadoras, que por muitos annos soffreram as injurias do rio, tiveram de o abandonar, trasladando-se a novo convento, que é o que na primeira estampa se vê representado no alto do monte.

Do velho mosteiro resta apenas a sua grandiosa egreja, meio engulida pelas alluviões. Toda de cantaria, e nobremente construida no estylo gothico, constitue um valioso exemplar da architectura religiosa do nosso paiz no principio do seculo XIV. Externamente é rematada por misulas de simples lavor, e as suas janellas têm a fórma de ogiva um tanto larga. Internamente está dividida em tres naves e a sua abobada de pedraria acha-se em muito bom estado. N'ella se vêem escudos, uns com as *quinas* de Portugal, outros com as *barras* de Aragão. Ainda apparecem alguns capiteis com formosos lavores, porém quasi rasos com o pavimento.

No tempo de el-rei D. João IV o estado do velho convento de Santa Clara, cada vez mais damnificado pelo Mondego, era muito grave, tornando-se de urgencia a construcção de outro edificio. N'este sentido providenciou el-rei por alvará de 12 de dezembro de 1642, ordenando se edificasse novo mosteiro no monte onde estava a ermida da Senhora da Esperança.

O risco do edificio foi incumbido a Frei João Turriano, monge benedictino, que foi lente de mathematica na Universidade de Coimbra e engenheiro-mór do reino.

Talvez por difficuldades financeiras provenientes da guerra em que o paiz então se empenhava para assegurar a sua independencia, sómente passados sete annos se lançou no alicerce a primeira pedra do novo mosteiro.

Este acto desejou el-rei fazel-o por suas mãos, mas tendo impossibilidade de vir então a Coimbra, escreveu em 19 de junho de 1649 ao reitor da Universidade Manoel de Saldanha, ordenando-lhe que em seu nome, e de modo bem solemne, lançasse a primeira pedra do nóvo edificio e que n'ella fizesse *pôr umas letras em lingua latina em que se declarasse que El Rei D. João o 4.º, por particular misericordia de Deos, Rei de Portugal, em louvor do Senhor, da Virgem Santissima sua mãe e da Rainha Santa Isabel, sua avó e senhora, mandara fazer aquella obra.*

Tratando de dar cumprimento ás ordens que do monarcha recebera, o reitor da Universidade escolheu para a inauguração da obra o dia 3 de julho de 1649. Na manhã d'esse dia foi celebrar missa solemne na egreja do velho mosteiro, e ahi prégou então o padre Bento de Siqueira, reitor do collegio da Companhia de Jesus, tomando com muita propriedade para thema do seu sermão os vv. 15 e 16 do Psalmo XLIV: *Adducentur Regi Virgines post eam: proximæ ejus afferentur tibi. Afferentur in lætitia et exsultatione: adducentur in templum regis,* cujas palavras apropriou á trasladação da Rainha Santa e das religiosas para o templo e mosteiro que por ordem regia iam ser edificados.

De tarde, uma procissão esplendida, na qual o abbade do collegio de S. Bento levava debaixo do paleo o bordão da Rainha Santa Izabel, sahiu da egreja do mosteiro de Santa Cruz, em direcção ao monte da Esperança, e chegando ao local onde estava designado o corpo do projectado edificio, o referido abbade fez a ceremonia da benção. Depois d'ella, o reitor da Universidade lançou no logar em

n'en reste pas la moindre trace. Il avait été commencé vers l'an 1247 ou 1248 par l'infant D. Pedro fils du roi D. Sancho I; sa construction était élevée de vingt marches au dessus du Mondego, mais, malgré cette précaution, les alluvions le rendirent inhabitable et il fallût construire une nouvelle maison commencée en 1602 que les religieux vinrent habiter le 29 novembre 1609.

C'est ce nouveau couvent que nous voyons sur le versant de la montagne.

*

* *

Comme nous l'avons dit, l'ancien monastère de Sainte Claire, placé en amont du pont et institué par D. Maior Dias en 1286, auquel la Reine Sainte Ilisabeth avait ajouté la majestueuse église et encore d'autres constructions, fut aussi ruiné par le fleuve; les religieuses qui l'habitaient souffrirent pendant longtemps les injures des flots et durent l'abandonner, pour le nouveau couvent, que l'on voit sur notre première gravure, au sommet de la montagne.

De l'ancien monastère, la superbe église seule existe et encore elle est à demi ensevelie sous des amas de terre. Du plus pur style gothique, entièrement construite en pierre de taille elle nous présente un des plus précieux documents de l'architecture religieuse de notre pays au commencement du XIVe siècle. Extérieurement elle est terminée par des métopes d'un travail très simple et les croisées sont en ogives élargies. À l'intérieur elle est partagée en trois nefs et sa coupole voûtée en pierre de taille est très bien conservée; on y voit quelques écussons aux *quines* de Portugal et aux *barres* d'Aragon. D'assez jolis chapiteaux éxistent encore mais presque ras du sol.

Le délabrement de ce vieil édifice s'accentuait de jour en jour, rendant indispensable une nouvelle construction. Ce fut sous le règne du roi D. Jean IV, qu'un decret daté du 12 décembre 1642 ordonna l'édification d'un nouveau monastère sur la montagne, à la place de l'ancienne chapelle de Notre Dame de l'Espérance.

Le plan fut confié au Frère Jean Turciano, moine benédictin, professeur de mathématiques de l'Université de Coimbra et premier ingénieur du royaume.

Malheureusement le pays était en guerres continuelles pour assurer son indépendance et on luttait avec de graves difficultés pécuniaires, de manière que ce ne fut que sept ans plus tard que l'on posa la première pierre du nouveau couvent.

Malgré le désir du roi, il ne put se rendre à Coimbra pour présider à cette cérémonie; il écrivait, le 19 juin 1649 au recteur de l'Université Manuel de Saldanha, le chargeant de le représenter de la manière la plus solennelle et de faire graver sur la première pierre qui devait être posée, une inscription en latin où il serait dit que *Le Roi D. Jean IV, par la grâce de Dieu Roi de Portugal faisait construire ce monument comme hommage et louange au Seigneur, à sa mère la Sainte Vierge, et à la Reine Sainte Elisabeth, son aïeüle et dame vénérée.*

Le recteur de l'Université décida que cette cérémonie aurait lieu le 3 juillet 1649; le matin de ce même jour il célébra le saint sacrifice de la messe, après lequel, le Père Benoît de Sequeira, prononça un très beau sermon ayant pour thème les versets 15 et 16 du Psaume XLIV: *Adducentur Regi Virgines post eam: proximae ejus efferentur tibi. Afferentur in laetitia et exultatione: adducentur in templum regis,* dont les paroles avaient un certain rapport avec la translation des restes de la Reine Sainte Elisabeth et le changement d'habitation des religieuses.

L'après midi eut lieu une splendide procession qui sortit de l'Église de la Sainte Croix se dirigeant vers la montagne de l'Espérance; l'abbé qui marchait sous le dais ayant à la main le bâton de pélerinage de la Reine Sainte, commença par bénir l'emplacement déstiné à la construction.

Ensuite le recteur de l'Université, comme représentant du roi, jeta dans le creux où l'on devait poser la pierre, quelques monnaies d'or et d'argent, cérémonie répétée par le premier magistrat qui y ajouta quelques monnaies de cuivre au nom de la ville et de la municipalité; le recteur aidé par l'abbé posa alors la pierre sur laquelle on avait gravé l'inscription.

L'œuvre si solennellement commencée se poursuivit avec lenteur, non seulement à cause de son importance, mais parceque toutes les ressources étaient absorvées par la lutte acharnée que l'on maintenait avec l'Espagne. Au XVIIIe siècle les travaux n'étaient par encore terminés.

que a pedra inaugural ia ser collocada algumas moedas de ouro e de prata em nome de el-rei, e o juiz de fóra lançou outras dos mesmos metaes e algumas de cobre em nome da cidade e da camara. Em seguida o reitor, ajudado pelo abbade, pôz no alicerce a primeira pedra do edificio, na qual havia gravada uma inscripção commemorativa.

A obra que se inaugurou tão solemnemente foi-se construindo com lentidão, não só porque era mui vasta, mas porque a encarniçada lucta que então sustentavamos com Hespanha absorvia os meios que ella demandava para em pouco tempo se concluir. No seculo XVIII ainda alli se faziam obras importantes.

Como o Mondego ia accumulando estragos no velho mosteiro, tornando de dia para dia mais incommoda e perigosa a habitação das religiosas n'elle, não se esperou pela conclusão do novo para a mudança da communidade com os preciosos despojos da Rainha Santa Izabel. Fez-se, pois, a trasladação com deslumbrante pompa no dia 29 de outubro de 1677.

O novo mosteiro é muito vasto, magestoso e de aspecto regular. Dois vistosos pavilhões, cada um em seu extremo do longo dormitorio, dão realce á perspectiva do edificio.

A egreja é de uma só nave e toda de cantaria. A capella-mór é talvez pequena em relação ao restante espaço.

Os retabulos dos treze altares lateraes, comquanto não sejam obra apurada, offerecem curiosidade nas suas imagens, figuras e ornatos, tudo relevado em madeira.

O que n'esta egreja verdadeiramente captiva o visitante e o detem admirado, é a imagem moderna da Rainha Santa Izabel, trabalho primoroso e verdadeiro titulo de gloria do eximio artista portuense, snr. Teixeira Lopes. Essa imagem é devida, como todos sabem, á generosa e munificente piedade da rainha snr.ª D. Amelia.

*
* *

No côro de baixo conserva-se o antigo tumulo, de pedra de Ançã, que por muitos annos encerrou o corpo da Rainha Santa Izabel, e que, mandado fazer por ella, ainda em sua vida ficou lavrado. Vê-se reproduzido n'uma das estampas d'este numero.

Tem a fórma de uma grande arca quadrangular e pousa sobre leões. As suas faces verticaes e respectiva tampa são profusamente adornadas de esculpturas e lavores de tal formosura e elegancia, que assaz deleitam os olhos de quem os contempla. Na parte superior, e ladeada dos escudos de Portugal e Aragão, vê-se jacente a estatua da Rainha Santa Izabel, representada com habito de freira, tendo na cabeça, abrigada por brincado baldaquino, a corôa real, e junto de si a bolsa e bordão de peregrina. Dois anjos, com thuribulos, a estão incensando. Nas faces verticaes ha grande numero de nichos elegantemente architectados no estylo gothico, e occupados por varias estatuetas e figuras.

No côro de cima encontra-se o tumulo de prata e crystal, que actualmente encerra o corpo da Rainha Santa Izabel. Outra estampa d'este numero o representa. Foi construido com dinheiro que para isso deu o bispo de Coimbra D. Affonso de Castello Branco.

Segundo A. C. Gasco no seu livro *Conquista... de Coimbra,* este cofre custou mil cruzados.

A sua fórma é elegante, mas o trabalho miudo não nos parece de merito.

*
* *

A quarta estampa d'este numero representa o grandioso claustro d'este mosteiro, apparatosa e nobremente architectado. Crêmol-o uma das suas partes mais modernas, talvez da época do Marquez de Pombal, e porventura delineado por outro architecto que não fôsse o do primitivo risco d'este convento. É o mais vasto dos claustros que se encontram nos edificios conventuaes d'esta cidade e quiçá de todo o paiz.

Coimbra — Maio de 1903.

A. M. Simões de Castro.

Cependant, comme les crues du fleuve continuaient toujours à miner le vieux monastère, devenu inhabitable pour les pauvres religieuses, on s'empressa de transférer dans le nouveau couvent, la communauté et la dépouille mortelle de la Reine Sainte Elisabeth; cette cérémonie eut lieu le 29 octobre 1677.

Ce monastère est très vaste, majestueux et d'un aspect assez agréable, flanqué de deux élégants pavillons qui font ressortir l'élégance de la construction.

L'église, d'une seule nef, est entièrement en pierre de taille; le sanctuaire est peut-être un peu restreint relativement au reste du temple.

Les retables des treize autels latéraux sont ornés de sculptures en bois d'un travail assez curieux, mais pas très soigné dans ses détails.

L'attention et l'admiration sont surtout attirées par l'image très moderne de la Reine Sainte Elisabeth, un précieux travail du haut talent de l'éminent sculpteur de Porto M. Teixeira Lopes, et à la généreuse piété de Sa Majesté la Reine Amélie.

*
* *

On voit encore dans le chœur inférieur l'ancien tombeau, en pierre d'*Ançã,* qui a renfermé le corps de la Reine Sainte Elisabeth, et qu'elle même avait fait construire. Une de nos gravures répresente cette précieuse œuvre d'art. Sa forme est quadrangulaire et il repose sur quatre lions; les faces verticales et le couvesde sont profusément décorés de sculptures de la plus grande beauté; la statue de la Reine Sainte est couchée sur le tombeau et revêtue de ses habits religieux: à ses côtés on voit les écussons de Portugal et d'Aragon, la besace et le bâton de pélerinage; la tête, ceinte de la couronne royale, repose sous un baldaquin soutenu par deux anges qui l'encensent; les faces verticales sont ornées d'une quantité de niches, dans le genre gothique qui abritent des statuettes et des figurines.

C'est dans le jubé ou chœur supérieur que se trouve actuellement le corps de la Reine Sainte Elisabeth dans un tombeau d'argent et de cristal qui a été executé aux frais de l'évêque de Coimbra D. Alphonse de Castello Branco. D'après A. C. Gasco ce coffre a coûté mille cruzades.

Ce n'est pas un travail de grand mérite, quoique sa forme soit assez élégante.

*
* *

Notre quatrième gravure représente le magnifique cloître de ce monastère majestueux et noble, dans sa simplicité.

Nous pensons que cette partie de l'édifice appartient à l'époque du Marquis de Pombal et que son plan n'a pas été dressé par le même architecte de la construction primitive.

C'est le plus vaste cloître de tous les couvents de Coimbra et peut-être même de tout le Portugal.

Coimbra — Mai 1903.

A. M. Simões de Castro.

Santarem

Uma debulha de trigo no Ribatejo



Oh, gentes! Leva arriba, que já deu meia-noite no *Cabaceiro!*

Com esta ou similhante exclamação entra o *maioral* na arribana, e acorda os serviçaes para os trabalhos da *debulha*. Os boieiros vão logo d'alli brochar os bois aos carros, para onde outros moços atiram com os *mólhos de pão,* tirados dos *rolheiros* espalhados pelo campo, em que se ceifou a seara, até completarem as carradas, conforme a distribuição e a conta dos boieiros, que os ajudam n'essa faina de cima dos carros, collocando convenientemente os feixes, vinte e cinco dos quaes constituem uma *côbra*. Estes feixes ou braçados são compostos de seis *pavêas,* cada uma das quaes consta de tres *gavelas,* sendo uma gavela quanto a mão do segador póde apanhar na ceifa.

Algumas vezes as carradas ficam já promptas de vespera; mas em ambos os casos começa logo depois da meia-noite a *carragem,* isto é, o transporte do *pão* para a eira, e prolonga-se até de manhã.

A *debulha,* a que vamos assistir, faz-se no *Rocio de Alvisquer.* É aqui a *eira.*

Ao longe estamos a ouvir o *chiar* dos carros que, protestando contra as posturas camararias com a falta de lubrificação dos eixos e quebrando o silencio da tepida noite, traduz na graduação quasi insensivel do som prolongado, que vae crescendo, o andar pachorrento das mansas juntas de bois que os puxam, e contrasta com o vivo silvar da locomotiva, que nos dá ideia da celeridade dos comboios.

Este *chiar* dos carros, tão insupportavel ao pé, a grande distancia é uma nota poetica muito expressiva das animadas labutações da vida rural, no pino do estio.

Voltando-nos para o poente, deparamos com a sombria montanha alcantilada, sobre cujo dorso dorme agora Santarem, e sómente de espaço a espaço o sino do *Cabaceiro,* marcando as horas, parece o brado da sentinella unica a vigiar para defeza da população em repouso.

Para ter do *Cabaceiro* uma ideia approximada, figure o leitor na sua imaginação uma alta torre quadrada de alvenaria, e do mais grosseiro aspecto. No topo é fechada por uma abobada em fórma rotunda de meia laranja, e por cima, ao centro da cupula, está um grande sino sustido por quatro varões de ferro, que se estribam nos quatro angulos formados pelos cunhaes.

Reforçam actualmente o som seis grandes bilhas de barro, solidamente fixas em torno do sino, com as boccas voltadas para elle. As bilhas foram oito, e o sino tem, como eu proprio examinei, a seguinte inscripção tirada do Psalmo 150: «*In cymbalis bene sonantibus laudate Dominum, 1604*».

Notemos de passagem, que este cymbalo não é propriamente um pandeiro, como aquelles que tangiam nas festas da *Boa Deusa.*

Creio bem que a data da fundação da torre monumental é muito anterior á do sino. O que pude apurar unicamente foi que tiveram de descrevel-a em uns autos por causa de um litigio, que terminou por sentença passada em julgado no anno de 1610, e d'esses autos consta que o relogio estava posto em cima da torre em uma trempe de ferro, não se fazendo menção alguma das bilhas.

Seja qual fôr a sua antiguidade, o *Cabaceiro* presta um bom serviço n'aquella região essencialmente agricola, porque por elle se governam as horas de começar e largar os trabalhos da lavoura, bem como das refeições e séstas dos camponezes. Uma torre rendilhada, no estylo manoelino, mal se casava com a rusticidade dos labores quotidianos dos humildes e pacientes trabalhadores do sólo feracissimo, que a rodeia.

Santarem não deve despojar-se nunca dos seus olivaes e do seu *Cabaceiro* ou *Torre das Cabaças,* como tambem lhe chamam. Caracterisam-n'a, perpetuam-n'a, são uma das suas glorias.

Perto de nós, alli á beira do Tejo, sobre os salgueiros que bordam os mouchões, não ouves o rouxinol, leitor?

Como o enamorado cantor da noite solta em trinos deliciosos a sua eterna e infatigavel canção de amor, que resoa pela solidão das varzeas, e é levada ao longe pela brisa refrigerante, que começou de

Santarem

Le battage du blé au Ribatejo



Hé! les amis! Il est temps de se lever, minuit vient de sonner au *Cabaceiro!*

C'est à peu près avec une semblable exclamation, que le maître journalier entre dans la grange et réveille ses hommes pour les travaux du battage. Les bouviers s'empressent d'atteler les bœufs aux charrettes, sur lesquelles les garçons jettent les gerbes de blé, prises dans les meules éparses sur le champ qu'on vient de moissonner; les bouviers, sur les chars, procèdent à l'arrangement des charretées, selon que le compte et la distribution leur a été faite, et ils disposent convenablement les *moyettes,* dont il faut vingt cinq pour compléter ce qu'ils appellent une *côbra*. Les *moyettes* ou *brassées* se composent de six gerbes, composées elles-mêmes de trois *gavélas; gavéla* est la quantité de blé que peut retenir la main du moissonneur pendant le fauchage.

Quelquefois les charretées restent préparées de la veille; mais invariablement le réveil est à minuit et le charriage du blé dans l'aire se prolonge jusqu'au matin.

Le battage que nous allons décrire a lieu au Rocio d'Alvisquer où se trouve l'aire.

On entend au loin le grincement des chariots dont les essieux n'ont pas été lubrifiés, contrairement aux ordonnances municipales; ces modulations lentes et prolongées, au milieu du tiède silence de la nuit nous donnent bien l'idée de la marche nonchalante des bœufs et présentent un parfait contraste avec le sifflement aigu des locomotives, qui nous rappelle la célérité du chemin de fer.

Du côté du couchant nous apercevons la colline sombre et escarpée sur le flanc de laquelle repose la ville de Santarem et de temps en temps la cloche du *Cabaceiro* sonne les heures, comme une sentinelle qui serait chargée de veiller sur la population endormie.

Il n'est pas très facile de se faire une idée du *Cabaceiro.*

Que l'on se figure une haute tour en maçonnerie de l'aspect le plus grossier dont la partie supérieure est terminée par une voûte en demi coupole, au dessus de laquelle se trouve la cloche, soutenue par quatre barres de fer appuyées à des angles de pierre.

Six grandes cruches de terre, sont fixées solidement tout autour, ayant les ouvertures tournées vers la cloche afin d'en renforcer le son. Ces cruches étaient huit, et sur la cloche que j'ai examinée se trouve l'inscription suivante, tirée du Psaume 150: «*In cymbalis bene sonantibus laudate Dominum, 1604*».

Remarquons toutefois que cette cymbale n'a pas du tout la forme de celles que l'on faisait entendre aux fêtes de la Déesse Cérès.

Je pense que la construction de la tour est antérieure à celle du clocher. Il paraît que dans un procès terminé en 1610, on faisait mention de cette tour et d'une horloge placée au dessus sur un trépied en fer, mais de cruches il n'était pas question.

Tel qu'il est, le *Cabaceiro* rend de précieux services, dans cette contrée essentiellement agricole; c'est lui qui règle les heures de prendre et de quitter le travail, le moment des repas et les siestes des campagnards. On ne pourrait comprendre une tour dentelée et d'un style élégant au milieu de ce sol fécond peuplé de travailleurs humbles et patients, constamment occupés des plus durs labeurs rustiques.

Santarem devra toujours conserver ses oliviers et son *Cabaceiro* qui sont si caractéristiques.

Tout près de nous, au bord du Tage on entend chanter le rossignol sur les saules qui bordent les ilots de sable. Lorsque la lune se lève baignant de sa douce clarté, les bois et la campagne riante et fertile, une suave mélancolie se répand sur tout ce magnifique paysage, embelli de jardins, de vignes, d'oliviers et de vastes prairies, et les fraîches brises nous apportent, avec les parfums de la plaine, le délicieux ramage de l'amoureux chanteur des nuits, résonnant dans la solitude des rives embaumées.

Quelles splendides nuits d'été et comme nous contemplons avec délices la limpidité des cieux, désirant pénétrer les secrets de ces déserts infinis peuplés de milliers d'étoiles.

soprar agora ao nascer da lua, cujos raios de luz suavissima, banhando a ramagem e os campos cobertos de vida, espalham uma especie de dôce melancolia por toda a região, que nos offerece tão soberbos paineis, aformoseados por hortas, vinhas, olivedos e lezirias cultivadas!

Sublimes noites de verão, que com tanta limpidez abrem o panorama dos céos á nossa contemplação, avida de penetrar os segredos, que se passam nos seus desertos infinitos, semeados de milhões de soes!

A paz profunda desce das alturas. A natureza emmudece. As suas forças mysteriosas parecem adormecidas. Que grandeza, que magestade a da abobada azulada de um céo calmo e puro!

Mas começa a cahir o véo das trevas. O scintillar das estrellas é já menos vivo, e vae sendo cada vez mais reduzido o numero das que descortinamos. Ao oriente uns traços de fogo enrubescem o horisonte. O incendio augmenta. Parece immensa a chamma.

É a melodia candida e suave dos esplendores da aurora, annunciando o sol, astro sempre o mesmo e sempre novo, que vem do seio das ondas aquecer-nos com os raios da sua claridade fecunda. Mas espera-se muito tempo, antes que elle se mostre, e julgamos vêl-o apparecer a cada instante.

Abençoada atmosphera a nossa, que tanto nos faz gozar no espaço que separa o romper d'alva do sol nado! Hora de paz e ao mesmo tempo de actividade a do despontar da natureza com o raiar da aurora! Todos os sêres, erguendo-se de um repouso regenerador, retomam o cyclo interrompido do seu destino terrestre. O alvorecer da manhã é a primavera do dia. Tudo se renova. As aves rompem no seu côro festivo a saudar o astro radioso. O seu gorgeio mais lento e mais dôce, n'esse momento, é tão puro na ordem do som, como a aurora na ordem da luz.

Surge emfim no horizonte, como um relampago, um ponto fulgentissimo, que logo illumina o espaço. A vegetação, que tinha durante a noite adquirido um vigor novo, aos primeiros raios, que a douram, mostra-se coberta de uma brilhante rêde de orvalho, que reflecte a luz e as côres, e dá aos nossos sentidos uma impressão de frescura, que parece penetrar o intimo da nossa alma. Como é bello, grandioso, encantador este espectaculo!

Eis que vem chegando o comboio das carradas pyramidaes da flava mésse. Os serviçaes encarregados da debulha estão todos a postos. Pelo *abegão* foram já distribuidos os serviços.

Começa o descarrego dos carros, e vae-se cobrindo a *eira* com a porção de *côbras,* que ella comporta. Os mólhos, que restam, juntam-se em uma meda, que toma o nome de *cabula.*

Coberta a eira, está formado o *calcadouro,* e procede-se á *debulha,* que póde ser a *sangue* ou a *vapor.* Esta é feita por meio de machinas, chamadas *debulhadoras;* na primeira emprega-se gado bovino, cavallar ou muar, ou o mangoal movido pelo braço do homem.

Das *debulhadoras Clayton,* por exemplo, o cereal sae, como todos sabem, limpo e prompto a ensacar, dispensando o trabalho das eiras, e nas *compressoras* formam-se parallelipipedos iguaes, convenientemente amarrados, das palhas destinadas ao alimento de gado. Nas grandes lavouras é este o systema, que já se adopta.

No Ribatejo não se faz uso dos mangoaes, e a debulha, de que estamos a dar noticia, é executada com gado.

Em cima do *calcadouro* collocam-se os *trilhos,* que são instrumentos compostos de um estrado de madeira sobre rolos de ferro, guarnecidos de *facas* do mesmo metal ou de aço. Os *trilhos* são puxados por uma junta de bois, ou por uma ou mais parelhas de muares. O melhor, porém, é pela manhã, quando o sol ainda aquece pouco, empregar os bois, e logo que o sol aperta, substituil-os por gado muar ou cavallar, porque, sendo o trabalho feito d'este modo, *sae o calcadouro mais depressa.*

Como se vê na estampa, seis homens fazem o *giro,* que consiste em dar a volta ao *calcadouro,* revolvendo as palhas com as *forquilhas de madeira* nos circulos descriptos pelo *trilho,* afim de facilitar a debulha, quando este passa de novo pelos sitios que os *eirantes* percorrem. Um homem varre para o *calcadouro* o cereal e palhas miudas, denominadas *moinhas,* que o *trilho* projecta fóra do *calcadouro.*

As eguas ou cavallos da debulha têm no pescoço a *colleira,* da qual partem umas cordas que a prendem aos *trambolhos.* Estas cordas chamam-se *traitos,* e os *trambolhos* são as peças de madeira que ligam o animal ao *trilho.* A corda, com que o moço governa os animaes, tem o nome de *cabresto de mão;* as que os ligam entre si são os *ajoujos;* e o moço empunha tambem uma *vara* comprida que o auxilia no governo do gado, e que não é um *pampilho.*

SANTAREM

Une paix profonde descend du firmament, tout se tait dans la nature endormie. Quelle grandeur et quelle majesté dans cette voûte azurée, dans ce ciel calme et pur!

Mais les voiles de la nuit commencent à se dissiper, la scintillation des étoiles n'est plus aussi brillante et on les aperçoit de moins en moins. À l'orient, des lueurs de feu colorent l'horizon, comme les flammes d'un immense incendie. C'est la rayonnante et suave mélodie de l'aurore, précédant le soleil, l'astre fulgurant, toujours le même et toujours nouveau, qui sort du sein des ondes pour nous réchauffer de sa radieuse lumière.

Mais il faut attendre encore longtemps avant qu'il ne se montre et on croit le voir paraître à tout instant; comme nous jouissons délicieusement de ces moments précieux entre l'aube du jour et le lever du soleil!

C'est une heure exquise de paix et d'activité en même temps. Tous les êtres se réveillent après un calme régénérateur et reprennent le cycle interrompu de leur éxistence terrestre. L'aube du matin est le printemps du jour; tout se renouvelle, les oiseaux entonnent leurs chants joyeux pour saluer l'astre radieux, leur gazouillement plus lent et plus doux est aussi pur que le rayonnement de l'aurore.

On voit enfin paraître comme un éclair, un point éblouissant qui illumine tout l'espace. La végétation, plus vigoureuse après le calme nocturne, se montre sous les premiers rayons qui la dorent, couverte d'une brillante couche de rosée, reflétant la lumière et les couleurs, et nous pénétrant l'âme et les sens d'une douce impression de fraîcheur. Quel magnifique et délicieux spectacle.

Mais, à distance, on aperçoit le convoi des charretées pyramidales de la blonde moisson. Les travailleurs chargés du battage sont à leur poste et le chef a déjà distribué à chacun sa besogne.

On commence par décharger les charrettes et peu à peu on couvre l'aire avec la quantité de gerbes qu'elle doit contenir. Celles qui restent sont reunies en une meule qu'on nomme *cábula.*

Lorsque l'aire est convenablement recouverte, l'airée (calcadouro) est preparée et on commence le battage ou dépignage du blé, qui peut être fait à la vapeur, avec les machines nommées batteuses, au moyen d'animaux, bœufs, chevaux ou mules, ou encore à bras d'hommes employant de fléau. Avec les machines à battre, le grain sort nettoyé et prêt à entrer dans les sacs, évitant le travail de l'aire, puis avec les compresseurs on dispose la paille destinée à la nourriture des bestiaux en parallélipipèdes solidement attachés. Ce système est adopté dans les grandes cultures.

Au Ribatejo on n'emploie pas le fléau, et le battage, que nous décrivons, est fait par des animaux.

On place sur l'airée les *rouleaux* à lâmes de fer ou d'acier auxquels on attelle une couple de bœufs, de chevaux ou de mules.

Il est plus convenable de se servir de bœufs aux heures les plus fraîches du matin et de les remplacer plus tard par des chevaux ou des mules, lorsque le soleil devient plus chaud; de cette manière le dépignage s'exécute plus rapidement.

Comme on le voit dans notre gravure, six hommes font le tour de l'airée, agitant la paille avec des fourches de bois, afin de faciliter le dépignage. Un homme balaie vers le centre, le grain et la paille menue que le rouleau a projetés au dehors.

Les chevaux ont au cou le collier d'où partent des cordes attachées au timon (trambolho). Ces cordes s'appellent traits et le *trambolho* est une pièce de bois qui retient l'animal au rouleau. La corde qui sert de guide se nomme *cabresto de mão;* celle qui relie les unes aux autres s'appelle *ajoujo;* le valet se sert d'une gaule assez longue, mais qui n'est pas la perche des paysans (campinos).

Aux mois de juin et de juillet, époque de la moisson au Ribatejo, nous avons les vents d'été dont les travailleurs profitent pour le nettoyage de l'aire; ces vents soufflent du nord et durent ordinairement depuis deux heures jusqu'à cinq ou six heures de l'après-midi.

Vers une ou deux heures on retire les rouleaux de l'aire et on enlève les plus grosses pailles; la paille menue est séparée au moyen des *tarares* ou machines à trier et le grain est *passé à la pelle;* avec des râteaux à long manche on le tasse, et on le *passe au vent,* operation qui consiste à le soulever et à le remuer avec les pelles jusqu'à son complet nettoyage.

Pour évaluer la quantité de blé on enfonce dans le tas une gaule et chaque *palmo* (mesure comprise entre le pouce et le petit doigt, 20 centimètres à peu près) représente cinq *alqueires* (l'alqueire a 13 litres à peu près).

Nos mezes de junho e julho, época das eiras no Ribatejo, ha as chamadas *nortadas de verão*, que os *eirantes* aproveitam para todos os trabalhos da limpeza do *calcadouro.* Começam a soprar essas nortadas geralmente ás duas horas da tarde, e findam entre as cinco e as seis horas.

Da uma para as duas horas sahem os *trilhos* do *calcadouro,* e em seguida são tiradas as palhas grossas, chamadas de *lanco;* separam-se as moinhas por meio das *esmoinhadeiras;* passa-se o cereal *á pá;* junta-se com os *burros,* especie de rodos de longo cabo, com que os *eirantes* levam deante de si o cereal para preparar o monte, que é ainda todo *passado a vento,* operação que consiste em levantar com as pás o cereal, para sua completa limpeza.

Os *eirantes,* para computarem a producção do trigo, juntam-n'o em monte, no qual enterram uma vara a meio para lhe tomar a altura, e, medida a palmos a vara, cada palmo representa cinco alqueires.

Na ilha Terceira, que é muito abundante de trigo, o calculo faz-se pelo numero de *rolheiros.* O *rolheiro* compõe-se de tres mólhos de seis pavêas cada um, e nos annos de boa colheita o *rolheiro* dá dois alqueires de cereal acogulados.

Na presente *debulha* estava já feita a *eira;* mas nem sempre isto succede, e é necessario preparal-a de antemão.

Para construir uma eira, escolhe-se de ordinario um terreno sufficientemente argilloso em sitio mais ou menos elevado, raspa-se-lhe a herva, se a tem, e molha-se de modo a ficar bem repassado, sendo conveniente dar-lhe uma gradagem para remexer a terra. Atrela-se em seguida uma junta de bois a uma grade com rama de pinheiro entrelaçada nas costas, e percorre-se a eira toda com a grade assim disposta, ao mesmo tempo que dois homens, munidos de regadores, vão deitando agua para a frente da grade. Dadas assim as voltas necessarias para agitar a argilla, e fazel-a ficar em suspensão na agua, retira-se a grade e deixa-se enxugar o terreno até adquirir um estado lamacento, para se espalhar moinha de palha por cima d'esta superficie, que já está mais ou menos plana, e fazel-a calcar depois por um rebanho de cabras. Conhece-se que a *eira* está prompta, quando as pegadas do gado se manifestam bem desenhadas, e é costume andar o pastor tocando um chocalho para animar o rebanho. Na falta de gado caprino applica-se um *trilho* ao terreno.

A eira deve seccar bem; mas, sendo-lhe prejudicial a acção do sol, porque exposta a elle abre fendas, cobre-se com uma leve camada de palha, e, depois de completamente secca, deita-se-lhe um *calcadouro* de sementes graudas, como a fava, por exemplo. Não sendo o terreno argilloso, este processo soffre uma modificação pequena.

O rancho ou *malta* de *eirantes,* que se vê na estampa, foi apanhado pela machina photographica na occasião em que jantavam em uma tôsca choupana expressamente feita, e que serve de *casa de malta,* onde guardam os alforges; as marmitas ou *caldeiras;* as *quartas* com seus pucaros de folha para vinho, agua ou agua-pé; as almotolias; os *azeiteiros* de armas de bois; emfim os utensilios indispensaveis para as refeições.

Estão em mangas de camisa, como sahiram do trabalho, tendo ao pescoço um lenço com um nó nas pontas, que lhes ensopa o suor copioso a cahir em bica, evitando simultaneamente, que a introducção da poeira no corpo lhes faça sentir como que teimosas e insoffriveis picadas de milhões de hymenopteros. Para completo isolamento, usam alguns de umas polainas de algodão, que lhes sobem até ao joelho. Quasi todos cobrem a cabeça com o barrete ou carapuça, caracteristica do campino, verde ordinariamente, e orlada do mesmo estofo encrespado e de um vermelho vivo, a qual os preserva de se lhes transformar a cabeça em caçarola a cozer miolos sob a acção ardentissima dos raios solares, que continuam a tisnar-lhes a pelle.

A manada de eguas a circular no *calcadouro* com o *eguariço* de *vara* em punho, como quem está prevenido contra as tentações de fuga dos animaes, lembra a celebre patranha, de que se fez écco o P. Ignacio da Piedade e Vasconcellos, auctor da *Historia de Santarem Edificada,* enaltecendo a creação e ligeireza dos cavallos nos campos ribatejanos, ou *borda d'agua,* como lhe chamam os ganhões, que de outras provincias affluem alli em ranchos á procura de trabalho.

A fabula é apenas interessante como vestigio das crenças dos antigos romanos por nós herdadas. Varrão foi o primeiro de entre elles, que publicou e deu por certo serem fecundadas pelo dôce e brando favonio as castiças eguas dos campos do Tejo, junto a Lisboa. Seguiu-se-lhe Columella, Plinio e muitos outros historiadores a confirmarem a maravilha. Até o divino Mantuano, indo-lhes na esteira, traz na

À l'île Terceira où le blé est très abondant on calcule le nombre de *rolheiros.* Le *rolheiro* se compose de trois brassées de six gerbes chacune, et les années de bonne récolte le *rolheiro* produit deux *alqueires* de grain.

Quelquefois l'aire est toute préparée, mais cela n'arrive pas toujours.

Pour la préparer on choisit un terrain assez argileux dans un endroit un peu élevé, on râcle soigneusement l'herbe, on l'arrose de manière à bien l'imprégner et on le herse afin de remuer la terre.

On construit ensuite une espèce de grillage dans lequel on entrelace des branches de pin, auquel on attelle les bœufs, et on parcourt en tous sens avec cet attelage l'aire, que deux hommes continuent à arroser. Lorsque le sol est assez remué on le laisse sécher jusqu'à l'état de boue épaisse, sur laquelle on étend de la paille menue, et on le fait piétiner par un troupeau de chèvres afin de l'aplanir. L'aire est préparée à point quand l'empreinte des pattes de chèvre reste bien marquée. Ordinairement le berger agite une clochette pour exciter le troupeau. Faute de chèvres on se sert du rouleau.

L'aire doit être parfaitement sèche, mais sous l'action nuisible du soleil le sol se fendille; pour parer à cet inconvénient on étend une couche de paille et quand le séchage est complet, on la remplace par des graines plus grosses, comme les fèves, par exemple. Lorsque le sol n'est pas argileux, on modifie un peu ce système.

La bande ou *colle* des paysans, qu'on voit sur la gravure a été photographiée au moment du repas, dans une simple cabane construite exprès qui sert de salle commune; c'est là qu'ils couchent, mangent, et qu'ils gardent les besaces, les marmites, les chandrons, les cruches et les gobelets de fer blanc pour l'eau, le vin et la piquette, les burettes, les huiliers faits des cornes de bœuf, enfin tous les utensiles indispensables.

Les hommes sont tous en bras de chemise et portent autour du cou un mouchoir noué aux bouts pour étancher la sueur qui coule à grosses gouttes et pour éviter l'introduction de la poussière dans la peau, ce qui leur cause d'insupportables démangeaisons; quelques uns ont des guêtres de coton jusqu'aux genoux. Comme coiffure ils adoptent presque tous le bonnet de laine verte à bord rouge frisé, caractéristique du *campino,* qui les préserve des rayons du soleil.

Le troupeau de juments circulant dans l'aire avec le gardien, la gaule au poing, pour empêcher toute tentative de fuite, nous rappelle une curieuse histoire, répétée par le Père Ignacio da Piedade e Vasconcellos, auteur de l'*Historia de Santarem Edificada* où il vante l'élevage et la légèreté des chevaux du Ribatejo, ou *du bord de l'eau,* comme disent les travailleurs qui accourent dans cette contrée pour chercher du travail.

C'est une fable n'offrant d'intérêt que comme souvenir des croyances que nous avons héritées des anciens romains.

Varron, le premier, prétendit que les plus pures juments des prairies du Tage, près de Lisbonne furent fécondées par les zéphyrs; d'autres comme Columella et Pline confirmèrent cette merveille, et le divin Virgile même dans sa troisième georgique parle de ce prodige et s'exprime de la manière suivante: «Après que la flamme s'est introduite dans leurs moëlles, surtout au printemps, parceque dans cette saison la chaleur afflue aux os, elles (les juments) grimpent sur les hautes montagnes et, les naseaux tournés vers le vent de l'ouest, reçoivent les délicates brises qui les fécondent, et, pleines *sine ille conjugiis,* elles s'enfuient ensuite par les pierres, par les roches escarpées et par les vallées profondes».

Justin, seul, remarqua que cette manière de féconder les juments était un conte à dormir debout, qui venait des anciens grecs, depuis Aristote, dû probablement à la prodigieuse fécondité des juments et à la légèreté des poulains.

Malheureusement, non seulement au Ribatejo, mais dans tout le Portugal, sauf quelques exceptions, il semble que ce sont surtout les éleveurs qui confient au vent le soin de reproduire et d'améliorer la race chevaline.

Dans la contrée que nous décrivons, qui est un centre de grande culture et d'élevage de chevaux, avec les meilleurs conditions pour favoriser les cultivateurs, cette industrie est arrivée a un état déplorablement arriéré.

Le manque de protection, d'encouragements et de récompenses sont les principales causes de cette négligence qui devient manifeste à la vue des troupeaux de juments réunis aux poulains à peine sevrés, temoignant bien par leur maigreur du défaut de nourriture.

terceira georgica uma referencia ao prodigio, e assim se expressa: «depois que a chamma se lhes introduziu nas medullas, mórmente na primavera, porque n'esta estação vem o calor aos ossos, ellas (as eguas) todas voltadas com a bocca para o vento de oeste estão nos altos montes, recebem as delicadas virações, *que as fecundam*, e gravidas *sine ullis conjugiis* fogem pelas pedras, pelos penhascos e pelos valles profundos».

Sómente Justino advertiu, que o dizer-se que as eguas concebiam do vento, eram contos da carochinha, que já vinham dos gregos, desde Aristoteles, aos quaes déra occasião a summa fecundidade das mães e a igual ligeireza das crias.

Quem me parece que, não só no Ribatejo, mas em todo o paiz, salvas excepções muito raras, entrega ao vento o cuidado com a reproducção e apuramento das raças cavallares, são os creadores.

Chegou, com effeito, a um atrazo deploravel este importante ramo da industria pecuaria na região, a que nos estamos referindo, centro de creação equina e de grande lavoura, cujas disposições naturaes são singularmente proprias para animar os agricultores. Não os estimulam, porém, as recompensas do mercado, e a esta falta de protecção poderá, pois, attribuir-se o desmazelo, a que tem sido aqui votada a creação hypica, facto que facilmente nota quem vê nas pastagens as manadas de eguas á mistura com os poldros desmamados, e umas e outros attestando pela magreza a deficiencia da alimentação.

Este gado manadio apascenta-se todo o anno ao ar livre, recolhendo nas noites de inverno ás arribanas, quando o lavrador póde dispensal-as, e furtando-se no verão aos ardores do sol e á perseguição das moscas, deitado á sombra dos salgueiros. Durante poucos mezes come em fartas pastagens, mas no resto do anno anda a rapar pela charneca, deitando a bocca a algumas folhas de vimeiro e borraceiro que encontra, e recebendo, á guisa de manjar festivo, escassa ração de palha e uma mão-cheia de cevada ou milho.

Sem embargo de um regimen alimentar tão exaggeradamente sobrio, que chega a ser mesquinho, os animaes são sadios e resistentes, e prestam excellente auxilio ao lavrador, tanto nos trabalhos violentos de gradagem e debulha, como no serviço de sella dos creados de lavoura.

Embora alguns creadores ou recreadores mais intelligentes e mais aventurosos aproveitem os garanhões fornecidos pelo estado, ou sejam escrupulosos na selecção d'elles, tendo por isso conseguido apresentar bons productos, é certo que os restantes, que são a grandissima maioria, desenganados pela experiencia, visam unicamente ao serviço agrario, e criam cavallos abaixo da marca, não lhes merecendo as attenções e diligencias que deviam empregar, para que as eguaes fossem muito bem alimentadas durante a gestação e amamentação das crias, bem como os poldros desmamados em todo o periodo do seu crescimento, não deixando de os separar a tempo das mães, pois que sem taes providencias os cruzamentos degeneram, por melhores que sejam os reproductores.

A creação de gado cavallar exige pastagens vastas. Basta dizer-se que a área do terreno destinado á pastagem de um cavallo deve ser dupla da destinada a um boi. Pela grandeza os campos do Ribatejo são proprios para aquella creação; mas aqui as cheias obrigam a emigração para terrenos mais pobres, e os animaes resentem-se d'isso. Contribue tambem para depreciar o desenvolvimento physico a creação ao ar livre, embora economica.

A verdadeira séde da creação do nosso cavallo de sella devia ser, e é ainda hoje, o Alemtejo. O seu terreno secco dá a boa conformação do casco, o que é importantissimo; as pastagens são abundantes, e a propriedade está ainda pouco dividida. D'este meio, porém, não sahem *productos de vulto*, porque, se o pasto abunda, o cavallo tem de andar para o encontrar, o que lhe tira volume augmentando-lhe a resistencia, e, logo que a creação se faça por systema mixto, isto é, estabulando e arraçoando no inverno, ou sempre que seja necessario, o animal desenvolve-se bem.

No estado presente resta ao governo, em face da defeza do paiz e da riqueza da agricultura, estudar a questão, e legislar de fórma que se não perca totalmente esta riqueza, e que os productos possam ser aproveitaveis, deixando de sahir de Portugal uma verba importante, annualmente, para adquirir no estrangeiro o que na maioria dos casos lá não querem. Não só não temos, podendo ter, mas vamos fóra comprar o que não presta.

Zephyrino Brandão.

Ils vivent la plus grande partie de l'année en plein air, s'abritent pendant l'hiver dans l'étable, lorsque le fermier veut bien la céder, et pendant l'été, pour se dérober aux ardeurs du soleil et aux essaims de mouches qui les poursuivent, ils se couchent à l'ombre des saules.

Pendant quelques mois les pâturages sont assez abondants, mais le reste de l'année ils se contentent de gratter la terre inculte et stérile, attrapant par-ci par-là quelques feuilles d'osier et recevant en guise de festin, une maigre pitance de paille et une poignée d'orge ou de maïs.

Malgré ce régime si sobre, qu'il en devient mesquin, les animaux sont sains et forts, et rendent de précieux services aux cultivateurs pour les fatigants travaux du labourage, et comme chevaux de selle pour les valets de ferme.

Quelques éleveurs plus intelligents profitent des étalons fournis par l'état et réussissent à présenter de beaux produits mais la plupart d'entre eux après de longues expériences, s'entiennent tout simplement aux nécessités du service agricole et élèvent des chevaux au dessous de la taille, ne se préoccupant nullement de la nourriture des juments pendant la gestation et le nourrissage, ne séparant pas des mères, les poulains sevrés, de manière que les croisements dégénèrent, malgré la bonne race des étalons.

Il faut de vastes pâturages pour l'élevage de ces animaux, la surface de terrain destinée à un cheval doit être double de celle que l'on réserve pour un bœuf. Les prairies du Ribatejo par leur immense étendue seraient convenables, mais les inondations obligent à émigrer dans des terrains plus pauvres. La vie au grand air malgré son côté économique est contraire au développement physique.

L'Alemtejo doit être préféré pour l'élevage de nos chevaux de selle. Son terrain sec contribue à fortifier le sabot, ce qui est très important; les pâturages sont très abondants et la propriété est peu divisée. Cependant il n'en sort pas de *beaux types*, parce que l'animal, obligé de marcher longtemps pour trouver sa nourriture, perd en beauté ce qu'il gagne en résistance; pour que le cheval se développe, il faut employer un système mixte lui fournissant nourriture et abri, à propos.

Pour le bien de l'agriculture et la défense du pays, le gouvernement doit examiner et étudier cette question de manière à ne pas négliger complètement cette source de richesse, et à épargner les sommes importantes depensées annuellement pour acheter à l'étranger ce que l'on trouve de pis, laissant perdre ce que nous pourrions obtenir de bon dans notre pays.

Zephyrino Brandão.

Caminha



Como uma villa flamenga, Caminha espreguiça-se deliciosamente entre duas fózes de rios: pelo norte o piscoso Minho separa-a de Hespanha, e pelo nascente o rio Coura, depois de tornear a freguezia de Villar de Mouros, vem lançar suas aguas no Minho.

No principio da monarchia burgo de pescadores (talvez de origem normanda, pois que nas circumvisinhanças ha tradição dos homens do Norte) trouxe-o o Conde de Bolonha do alto do monte de Santo Antão, onde chamam a *Cividade*, para logar chão que aquelle emerito rei mandou enxugar e povoar, e seu filho D. Diniz fortificou com muros; estes abafados pelas casas vão sendo demolidos para alargamento das edificações que se lhes encostam. Como monumento resta imponente na sua gravidade medieval a torre do relogio, que ostenta o escudo de Affonso v, e representada n'uma das nossas phototypias.

*
*　　*

A joia de maior valor que tem a povoação é a Matriz, precioso modelo de architectura ogival terciaria, onde o canteiro cinzelou no duro granito da nossa região, bellos exemplares de estatuaria, animados, expressivos, como o são as figuras da porta lateral.

Nos fins do seculo xv, não tendo os caminhenses egreja parochial dentro dos muros, resolveram levantal-a junto ao palacio dos marquezes de Villa Real, senhores donatarios da villa, mas logar sobremaneira acanhado, e porque deviam de orientar o edificio, ficou com a fachada principal contra a muralha, e só em 1647 teve a entrada mais ampla com a construcção do revelim sobre o rio.

Pero Gallego, o mestre da obra, veio depois em 1512 fazer a capella do mosteiro das freiras de Santa Anna, d'esta cidade de Vianna; posteriormente chamaram outros mesteiraes hespanhoes, podendo citar Thomé de Toloza e Feal, de quem foi discipulo o nosso João Lopes, o velho.

Apesar dos subsidios de D. João ii e de D. Manoel, da generosidade dos marquezes e dos prelados, e das esmolas da nobreza e do povo, a obra prolongou-se pelo reinado de D. João iii, em que Diogo Ennes concluiu o campanario no anno de 1556.

O templo ficou bem lançado, elegante mesmo, e de planta espaçosa; circumdava-o superiormente em toda a volta uma formosa platibanda de pedra, delicadamente rendada, porém hoje reduzida á capella-mór, terminando os estribos por lindos corucheus acogulados.

Na estampa, que abrange o conjuncto da egreja, distinguem-se as pilastras e archivoltas com laçarias da Renascença, e os medalhões dos cantos da portada de honra; destôam completamente do estylo geral, as janellas rectangulares dos topos das naves lateraes e a cruz que remata o frontão.

Mas um primor é a porta lateral do sul, que se diz feita em rivalidade com o artista do frontispicio, e aqui desenvolveu todos os seus recursos.

Lembra nas minucias a porta travessa da Sé Velha de Coimbra; sobre o arco da porta, e apoiados nas pilastras afestonadas com tropheus á italiana, abrem-se na arcada os nichos com dois evangelistas e dois apostolos, relevados muito ao natural e com a verdade que nol-o certifica a bella photographia de uma nitidez surprehendente.

Enche o tympano do frontão a Virgem com o Menino, e dois anjos em adoração, representando a padroeira, *Nossa Senhora dos Anjos;* nos acroterios uma albarrada, e no vertice um crucifixo, acompanhado de uma balaustrada de arabescos figurados com carteis, além dos medalhões com bustos salientes de Adão e Eva e dos fundadores, tudo lavrado em cantaria de Affife.

Esta portada é um livro de pedra, digna de ser conservada na iconographia christã portugueza; todas estas estatuas e animaes occultam um pensamento de alta concepção religiosa, symbolismo que a liturgia regulava, mas a Renascença libertou os artistas, consentindo-lhes a creação de figuras grutescas para encherem os quatrifolios gothicos, aproveitando os calleiros ou algerozes para representar dragões, vampiros e monstros, por cuja bocca sahia a maldade, alludindo ás heresias; aqui ha uma gar-

Caminha



Entre deux embouchures de fleuves, la charmante ville de Caminha s'étend délicieusement comme une cité flamande: au nord le poissonneux Minho la sépare de l'Espagne, à l'est le Coura vient réunir ses eaux à celles du Minho après avoir contourné le petit village de Villar de Mouros.

Au commencement de la monarchie, il y avait là un petit bourg de pêcheurs, peut-être d'origine normande, car dans les environs on retrouve quelques vestiges traditionnels des hommes du nord; du sommet de la montagne de Santo Antão, nommé *Cividade*, le comte de Boulogne transféra la ville vers le quartier bas, qu'il fit étancher et peupler, et que son fils D. Diniz fortifia de murs d'enceinte, qui peu à peu sont remplacés par de nouveaux et vastes bâtiments.

La tour de l'horloge, avec l'écusson de D. Affonso v, représentée sur une de nos phototypies, nous présente, dans toute la gravité des œuvres du moyen-âge, un souvenir imposant des temps anciens.

*
*　　*

L'église paroissiale est le monument le plus remarquable de la ville; c'est un précieux exemple de l'architecture ogivale à sa troisième époque, avec de belles statues expressives et pleines de vie, admirablement ciselées dans le dur granit de notre contrée, qui décorent la porte latérale.

Vers la fin du xve siècle la ville de Caminha ne possédant pas d'église paroissiale, les habitants décidèrent d'en construire une, près du palais des marquis de Villa Real, seigneurs donataires de la ville; mais, l'édifice devant avoir une orientation spéciale, sa façade principale se trouva tournée contre le mur de fortification sur un espace très restreint, qui ne fut agrandi qu'en 1647, lorsqu'on procéda à la construction du ravelin ou demi-lune sur le fleuve.

L'entrepreneur des travaux, Pero Gallego, vint ensuite en 1512 construire la chapelle du monastère des religieuses de Sainte Anne, de la ville de Vianna, et plus tard on embaucha d'autres ouvriers espagnols entre lesquels nous citerons Thomé de Tolosa e Feal qui fut le maître de Jean Lopes, le vieux. D. Jean ii et D. Manuel furent prodigues en secours pécuniaires, les marquis et les prélats firent assaut de générosité, la noblesse et le peuple distribuèrent de larges aumônes, mais malgré tout cela les travaux se prolongèrent jusqu'au règne de D. Jean iii, pendant lequel Diogo Ennes acheva le clocher en 1556.

Le temple est d'une large et élégante structure; la partie supérieure est entourée d'une belle balustrade en marbre, soigneusement ouvragée dont les appuis sont terminés par des flèches ou aiguilles massives et dont il n'existe plus que la partie correspondant au sanctuaire.

Sur la gravure qui nous montre l'ensemble de l'église on distingue les pilastres et les archivoltes ornées d'entrelacs de la Renaissance, de même que les médaillons en bas-relief aux coins de la porte d'honneur; les fenêtres rectangulaires qui éclairent les bas-côtés et la croix qui domine le fronton s'accordent mal avec le style général de l'édifice.

La porte latérale du sud est d'une remarquable exécution; on dit que l'artiste chargé de cet ouvrage pris d'émulation avec celui qui travaillait à la façade, y déploya toutes les ressources de son vaste talent. Elle nous rappelle dans les détails la porte latérale de la Vieille Cathédrale de Coimbra; au dessus de l'arceau qui s'appuie sur des piliers festonnés à l'italienne l'arcade est percée de niches où sont placées les statues de deux évangélistes et de deux apôtres surprenantes de naturel, comme on peut le voir dans notre belle photographie.

Le tympan du fronton est décoré d'un groupe représentant la Vierge et l'Enfant, et deux anges en adoration, symbole de Notre Dame des Anges, patronne de l'église; les acrotères supportent des vases et la flèche est surmontée d'une croix entourée d'une balustrade en arabesques ornée de médaillons avec les bustes d'Adam et Eve, et des fondateurs de l'église, le tout éxécuté en pierre d'Affife.

Ce portail est un véritable trésor, qui mérite d'être conservé dans l'iconologie chrétienne du Portugal; toutes les statues et les figures sont executées avec la plus haute conception du sentiment reli-

gula, homem de cócoras, de calções descidos, em acção menos decente, e de costas voltadas para a Galliza: certamente que o seu auctor não era hespanhol.

As mutilações que se notam nos ornatos datam do anno de 1636; na noite de 20 para 21 de janeiro um terrivel cyclone passando sobre a villa causou notavel ruina na matriz, derribando-lhe as pyramides dos corucheus, grande parte da platibanda, as cruzes, algumas ameias da torre, fazendo até cahir os santos da portada lateral, despedaçando duas, e não poupando as guarnições da corôa.

Não menor damno causou em tempo á matriz a artilheria da proxima plataforma de S. João, chegando não só a quebrar-lhe os vidros e estalar os azulejos, como a fender as paredes.

Dentro do templo dez elevados arcos, cinco por lado separam as naves; impressiona-nos a traça da central e da capella-mór pela harmonia architectonica: o tecto compõe-se de caixões de madeira de bordo, cheios de boa talha, formando combinações geometricas, no genero alhambresco; na pinha mestra existe uma longa inscripção commemorativa.

Sobre a parte septentrional, n'um grande arco de sarapanel, estylo manoelino, encontramos uma vasta capella, bem ornamentada, com boas imagens e muitas offertas, que os homens do mar têm accumulado desde quatrocentos annos, adquirindo-lhe valiosas alfaias.

Ao lado da capella-mór ficam duas outras, sendo a sul pertencente á irmandade do Santissimo; e seu sacrario de rodizio, apresentando em volta a paixão de Christo, e feito em 1674, merece a attenção do visitante; as demais capellas foram particulares e destinadas a jazigo das familias nobres da villa, como Pittas, Valles e Macieis. As paredes principaes estão cobertas de azulejos nacionaes do seculo XVII e do seguinte (1725).

O templo resente-se do abandono em que tem estado, e oxalá que a sua classificação de monumento nacional lhe reserve melhor sorte, evitando futuras mutilações.

*

* *

A villa é espaçosa, plana e bem situada, e nas suas asseiadas ruas alinham-se bons predios publicos e particulares, alguns denotando bastante antiguidade.

Como povoação raiana por toda a parte existem restos de muralhas: o primeiro circuito era pequeno; depois na occasião da guerra da nossa independencia alargaram-lhe o ambito protegendo-o com revelins, e por ultimo até o bairro da Ribeira foi fortificado. Estas obras de defeza não têm hoje valor algum estrategico, indo successivamente desapparecendo.

No alto do baluarte de Santo Antonio, na cêrca do extincto convento de frades capuchos da Provincia da Conceição, collocaram o cemiterio; por debaixo passa o tunnel do caminho de ferro, que aberto em rocha viva, mede 410 metros de extensão.

O mosteiro de Santa Clara, fundado em 1471, durou até 1889, em que falleceu a ultima freira; e no seu logar levantaram o asylo instituido pelo benemerito arcebispo de Gôa D. José Maria da Silva Torres, natural d'esta villa, fallecido em 1854, que legou ao municipio os seus avultados haveres.

A egreja da Misericordia data de 1551, sendo reformada em 1632, quando provedor Rodrigo Pereira de Sottomayor.

A primitiva Santa Casa deve-se a D. Briolanja Garcia da Rocha e marido Diogo de Passos do Valle ou Avale; mas o actual hospital foi inaugurado no principio do anno de 1880.

No largo central chamado — *Terreiro* — ficam os mais importantes edificios: entre a Misericordia e a torre do relogio ha a camara municipal, administração do concelho e estação telegrapho-postal; do lado opposto a casa do governador militar e o quartel; e na parte oriental da praça notamos uma pesada construcção dos fins do seculo XVI, ameiada, e competentemente brazonada: é o solar dos Pittas.

Em todos os escudos das casas de Caminha, que não são poucos, se divisam a banda e os castellos dos Pittas; no accidentado governo de D. Affonso V, um fidalgo gallego, João Pitta, da Ortigueira, aqui se acolheu; d'elle descendem todos os Pittas do Minho e do reino.

Defronta com o velho palacio a estação do cabo submarino — *The eastern telegraph company* —, montada em 1876; vem de Falmouth por Vigo para Gibraltar, tocando em Carcavellos, perto de Lisboa, e seguindo para o Mediterraneo e India.

gieux; la liturgie réglait autrefois le symbolisme dont s'imprégnaient toutes les œuvres d'art, mais la Renaissance laissa aux artistes une plus ample liberté de facture, leur permettant d'exhiber des figures grotesques sur les ornements gothiques; les gouttières figuraient souvent des dragons des vampires et des monstres dont les gueules vomissaient la méchanceté, symbole de l'hérésie; on voit ici une gargouille représentée par un homme accroupi, à demi-nu, dans une posture peu révérencieuse, le dos tourné vers la Gallice; ce n'est pas certainement l'œuvre d'un espagnol.

La nuit du 20 au 21 janvier 1634 le temple souffrit de graves dégâts lors d'un terrible cyclone qui passa sur la ville, ruinant à demi les pointes des flèches, une grande partie de la balustrade, les ornements du couronnement, faisant tomber les saints du portail dont deux furent détruits.

Le voisinage de la batterie du Fort Saint Jean endommagea aussi pendant longtemps l'église, dont les vitraux et les faïences furent à diverses reprises brisés et les murs fendus.

À l'intérieur du temple les nefs sont separées par dix arcades en plein cintre, assez élevées, cinq de chaque côté; la nef centrale et le sanctuaire sont d'une architecture harmonieuse; le plafond est formée de caissons aux boiseries précieusement sculptées en dessins géométriques dans le style mauresque de l'Alhambra; sur le cône central on lit une inscription commémorative.

Du côté nord, sous une large voûte surbaissée du genre *manuelino*, se trouve une vaste chapelle décorée de beaux tableaux, et de plusieurs ex-voto que les marins ont déposé là depuis quatre siècles, et pourvue de riches ornements religieux.

A côté du maître-autel on voit deux chapelles dont l'une appartient à l'association ou communauté du Saint Sacrement; le tabernacle, orné de scènes de la Passion du Christ, exécuté en 1674, mérite l'attention des visiteurs; les autres chapelles étaient particulières et servaient de caveaux aux familles nobles de la ville, tels que les Pitta, Valle et Maciel. Les murs sont recouverts de faïences nationales du XVIIe et du XVIIIe siècle (1725).

Ce temple a été classé dernièrement au nombre des monuments nationaux; il faut espérer que cette classification lui porte bonheur et qu'on le verra bientôt sortir de l'abandon où il est resté pendant si longtemps.

*

* *

La ville est grande, bien située et de plain pied avec de belles maisons particulières, des édifices publics dont quelques-uns très anciens sont alignés dans les rues d'une extrême propreté.

On y voit encore quelques restes de murs comme il y en avait autrefois dans toutes les villes de la frontière; la première enceinte était très resserrée; plus tard à l'époque de la guerre de l'indépendance, elle fut élargie et protegée par des ravelins, et dernièrement, les fortifications se sont étendues jusqu'au quartier de la Ribeira. Ces travaux de défense n'ont, de nos jours, aucune valeur stratégique et disparaissent peu à peu.

Le cimetière est situé sur le rempart à l'endroit où se trouvait le couvent des capucins de la Province de Conceição; au dessous, la masse de pierre a été percée d'un tunnel du chemin de fer, mesurant 410 mètres de long.

Le monastère de Sainte-Claire, fondé en 1471, fut supprimé en 1889, à l'occasion de la mort de la dernière religieuse; on l'a remplacé par un asyle institué par le généreux archevêque de Gôa, D. José Maria da Silva Torres, né à Caminha et décédé en 1854, léguant à la municipalité de la ville son importante fortune.

L'église de la Miséricorde date de 1551, elle fut restaurée en 1632, du temps du directeur Rodrigo Pereira Sottomayor.

La première institution de cette Sainte Maison, est due à D. Briolanja Garcia da Rocha et à son mari Diogo de Passos do Valle ou Avale; l'hospice actuel a été inauguré au commencement de l'année 1880.

C'est sur la place centrale nommée — *Terreiro* — que se trouvent les édifices les plus importants; l'hôtel de ville, la préfecture, et le bureau des postes et télégraphes sont placés entre la Miséricorde et la tour de l'horloge; du côté opposé on voit la maison du gouverneur militaire et la caserne; à l'est de la place on remarque une lourde construction de la fin du XVIe siècle, décorée de créneaux et d'armoiries; c'est le manoir seigneurial de la famille Pitta.

Tous les écussons des nombreuses maisons de Caminha portent la barre et les châteaux des Pit-

Outras boas casas modernas aformoseiam a villa, que tem estação do caminho de ferro no kilometro 105, aberta em 30 de junho de 1878; logo ao sahir das agulhas uma ponte de ferro com 160 metros, formando tres vãos, atravessa o rio Coura, communicando a linha com a margem esquerda do rio Minho.

Caminha deve o seu movimento á visinhança com a Galliza e ao pequeno commercio de cabotagem. Em outro numero d'*A Arte e a Natureza* fallaremos do seu porto, do rio Minho e da Insua.

A população caminhense, composta na sua maior parte de pescadores e embarcadiços, ama o socego e o trabalho, apresentando-se como typo das nossas villas maritimas; ahi podemos viver bem e barato.

Em summa: é uma terra que visitada uma vez deixa saudades e desejos de lá voltar.

*
*   *

O senhorio de Caminha foi outr'ora mimo que andou nas mãos dos validos reaes, sendo muito ambicionado; el-rei D. Fernando deu-o em 1371 a D. Alvaro Pires de Castro, conde de Arrayollos, e o primeiro condestavel que n'este reino houve; depois, no tempo de D. João I, passou para Fernão Martins Coutinho, donatario de Castello Rodrigo, e casado com D. Leonor de Sousa.

Mais tarde fez parte das mercês outorgadas a D. Henrique de Menezes, conde de Valença, mas parece-nos que a carta regia assignada em Evora a 20 de junho de 1464 não teve effeito com relação á nossa villa, visto que, nas pretenções do monarcha portuguez á corôa de Castella, o valente fidalgo gallego D. Pedro Alvarez de Sottomayor, passando ao serviço de D. Affonso V, ao mesmo tempo que arrogava a si o titulo de visconde de Tuy, se subscrevia conde de Caminha, sem que lhe encontremos registrada a mercê na chancellaria, mas com assentimento de Henrique IV e de seu genro.

Na porta do Sol, sob a torre da Piedade, junto á capella de S. João, erguia-se o paço do turbulento conde, como constava d'uma lapide que alli mandou pôr em 1653, um seu quinto neto, o alcaidemór Rodrigo Pereira de Sottomayor, morgado de Barbeita, em Monsão, e dizia:

AQVI VIVEV D. PEDRO ALVAREZ DE SOTTO MAYOR E SVA MVLHER D. TEREZA DE TAVORA, CONDES DE CAMINHA, VISCONDES DE TVY, SENHORES DA CAZA DE SOTTO MAYOR E DAS VILLAS DE CRESCENTE E FORNELLOS, NO ANNO DE 1476.

D. Pedro de Sottomayor, o ultimo senhor feudal da Galliza, foi o primeiro vulto politico d'aquelle reino nas luctas civis do seculo XV; elle, seu irmão e seu pae Fern'Anes disputaram durante sessenta e tantos annos a villa de Vigo e seu districto aos arcebispos de S. Thiago de Compostella, e a cidade de Tuy e toda a diocese aos seus bispos.

Algumas palavras sobre este fiel partidario dos direitos de D. Joanna, esposa do nosso Affonso V.

Em 1460 expirou na sua casa solarenga de Sottomayor, nas proximidades de Redondella, o illustre D. Alvaro Paes, e como não tivesse geração, escolheu para lhe succeder a seu irmão bastardo, Pedr'Alvares, filho de uma dama da familia dos condes de Ribadávia.

Audaz e ambicioso em breve veio a ser o mais temivel paladino do feudalismo além Minho, e tamanhas atrocidades commetteu com os demais nobres castellães, que os povos vexados houveram por bem confederarem-se, formando *hermandades,* e, levantando o grito de rebellião contra os senhores feudaes, demoliram-lhe as fortalezas e solares, obrigando-os a fugir.

Só Pedro Madruga, cognome do nosso heroe, ousou arrostar a onda, e buscando auxilio em Portugal, derrota os socialistas, tomando-lhes a cidade de S. Thiago, e recupera os seus dominios.

Entretanto declarando-se vassallo da *Beltraneja,* e fallecendo Henrique IV em 1474, invade a Galliza, apoderando-se de Tuy, Bayona, Padrão, Pontevedra, Redondella e Vigo, pondo tudo a fogo e sangue; e nem os homens de armas de todos os senhores colligados, com os besteiros compostellanos e tudenses, nem as forças reaes expressamente desembarcadas o podem conter, pois logo com a sua guarda de arcabuzeiros portuguezes, sem lhes dar tempo de voltarem a si do espanto que causava o apparecimento de armas de fogo na Galliza, mata muitos e prende os maioraes.

ta; sous le règne de D. Affonso V, un noble gallicien, Jean Pitta, d'Ortigueira, se réfugia à Caminha et fut l'ascendant de tous les Pitta de la province du Minho et du Portugal.

En face de ce vieux palais se trouve la station du câble sousmarin — *The eastern telegraph Company* —, construite en 1876; le câble part de Falmouth, passe à Vigo, à Carcavellos, près de Lisbonne, à Gibraltar qu'il relie avec les Indes.

La gare du chemin de fer, au kilomètre 105, ouverte le 30 juin 1878 est un bel édifice; en sortant de la gare, un pont de fer de 160 mètres, reposant sur trois arches, traverse la rivière Coura, reliant la voie ferrée à la rive gauche du Minho.

L'animation et le mouvement de la ville sont dûs surtout à sa proximité de l'Espagne et au petit commerce de cabotage; dans un autre numéro de notre journal nous parlerons du fleuve Minho, du port et de l'Insua.

La population de Caminha se composant presqu'entièrement de pêcheurs et de marins, aimant la paix et le travail, peut être prise comme le type de nos villes maritimes où l'on peut bien vivre à peu de frais. C'est une ville qu'on désire revoir quand on l'a visitée une fois.

*
*   *

La seigneurie de Caminha était anciennement un fief précieux dont bénéficiaient, la plupart du temps, les favoris des rois; le roi D. Fernando la donna en 1371 à D. Alvaro Pires de Castro, comte d'Arrayolos, qui fut le premier connétable du royaume; sous le règne de D. Jean I elle passa à Fernão Martins Coutinho, donataire de Castello Rodrigo marié à D. Leonor de Sousa.

Plus tard ce domaine, entre autres, fut accordé à D. Henrique de Menezes, comte de Valença, mais il parait que l'ordonnance royale signée à Evora le 20 juin 1464 ne mentionnait pas cette ville, et lorsque le monarque portugais convoita la couronne de Castille, D. Pedro Alvarez de Sotto Maior, un noble gallicien de grand courage, passant au service de D. Affonso V, s'arrogeait avec le titre de vicomte de Tuy, celui de comte de Caminha, faveur qui ne fut rectifiée par aucune chancellerie, mais simplement consentie par Henri IV et par son gendre.

Le palais de ce turbulent comte, s'élevait à la porte du Sol, sous la tour de Piedade, près de la chapelle St. Jean; sur une plaque, posée en 1653 par son cinquième petit fils, l'alcalde D. Rodrigo Pereira Sottomayor, l'aîné de la maison de Barbeita, on peut lire l'inscription suivante:

ICI VÉCUT D. PEDRO ALVAREZ DE SOTTOMAYOR ET SA FEMME D. THEREZA DE TAVORA, COMTES DE CAMINHA, VICOMTES DE TUY, SEIGNEURS DE LA MAISON DE SOTTOMAYOR ET DES VILLES DE CRESCENTE ET FORNELLOS, L'ANNÉE 1476.

D. Pedro de Sottomayor, dernier seigneur féodal de la Gallice, fut l'homme politique le plus important de ce royaume pendant les guerres civiles du XVe siècle; avec son frère et son père Fern'Anes ils disputèrent pendant soixante ans la ville de Vigo et ses dépendances aux archevêques de S. Thiago de Compostella et la ville de Tuy ainsi que tout le diocèse aux évêques.

Parlons un peu de ce loyal partisan des droits de D. Joanna, épouse de notre roi D. Affonso V.

En 1640, l'illustre D. Alvaro Paes, mourait dans sa demeure seigneuriale de Sottomayor, près de Redondella, et n'ayant pas de descendants il choisit pour successeur son frère bâtard Pedr'Alvarez, fils d'une dame de la famille des comtes de Ribadávia.

Ambitieux et téméraire, ce dernier devint bientôt le paladin le plus redouté du féodalisme d'outre Minho et s'unissant à d'autres nobles châtelains ils commirent de telles atrocités, que les gens du peuple à bout de patience, s'associèrent formant des clans et, poussant leur cri de révolte contre les seigneurs de la noblesse, ils démolirent les châteaux mettant les maîtres en fuite.

Seul notre héros, qu'on surnommait Pedro Madruga, osa affronter la poussée révolutionnaire et aidé d'éléments portugais il vainquit les insurgés, prit d'assaut la ville de S. Thiago et rentra dans ses domaines.

Se déclarant alors le vassal de la *Beltraneja,* (surnom de la reine D. Joanna), à la mort de Henri IV en 1474, il envahit la Gallice, s'empara de Tuy, Bayonne, Padrão, Pontevedra, Redondella et Vigo, mettant tout à feu et à sang; les hommes d'armes de tous les seigneurs, réunis aux soldats et aux

Astuto e desconfiado, escapou ás frequentes ciladas, protegendo sempre a nossa causa com denodo e lealdade; tambem verdade é que D. Affonso v nunca lhe negou gente e dinheiro.

Os reis catholicos, feitas as pazes comnosco, cuidaram, em 1482, de pacificar a provincia callaica; prelados e fidalgos submetteram-se uns após outros; mas porque D. Diogo de Muros, bispo de Tuy, e alguns castellães atacaram a sua fortaleza de Fornellos, D. Pedro de Sottomayor jurou tirar estupenda vingança.

Dois annos depois, quando o prelado se achava em Bayona, prende-o e tral-o ignominiosamente montado para Fornellos, conservando-o durante quinze mezes mettido n'uma jaula.

Desculpava-se o conde de Caminha com seus creados, e só depois de muito rogado pelos amigos soltou o bispo, e mesmo assim mediante grande quantia, como explicava D. Diogo de Muros.

Não podiam estes factos deixar de chegar aos ouvidos de Izabel e Fernando, e as queixas episcopaes lhes estimulou o animo, determinando castigar asperamente ao impio Sottomayor, que confiado nos parentes, em 1486 se pôz a caminho da côrte; receioso aguardou no mosteiro de S. Leonardo, de Alba de Tornes, o resultado do pedido de perdão, mas, denunciado, foi alli secretamente garrotado por ordem real.

Crêem menos fundadamente muitos escriptores hespanhoes que D. Pedro Alvarez professára e acabára em paz seus dias n'aquelle convento da ordem de S. Jeronymo.

Mas a infelicidade dos donatarios de Caminha não pára aqui.

Pela doação de 12 de dezembro de 1499 D. Manoel agraciou a D. Fernando de Menezes, quarto conde e segundo marquez de Villa Real, com as villas de Caminha, Valença, etc.; um seu neto, D. Miguel Luiz de Menezes, sexto marquez de Villa Real, por carta de 14 de março de 1620, foi elevado a duque de Caminha; e porque morreu em 1637 sem successão, passou o titulo ao filho de seu irmão, D. Luiz de Noronha e Menezes, setimo marquez de Villa Real, homonymo d'aquell'outro.

D. João iv confirmou-lhes as mercês philippinas, mas havendo conspirado em 1641, ambos, o marquez de Villa Real e seu filho, segundo duque de Caminha, acabaram no cadafalso.

Os bens confiscados encorporaram-se em 1654 na casa do infantado, creada a favor do segundo filho do monarcha reinante, e extincta em 1834.

Assim cahiu na corôa o ducado de Caminha.

O governo da villa andou na familia da illustre casa da Barbeita, sendo seu primeiro alcaide-mór, em 7 de março de 1643, Rodrigo Pereira de Sottomayor, aqui nascido em 1598, nas casas do quartel da porta do Sol, ao Vau, e fallecido em 1663; oriundo como dissemos do conde gallego.

*

* *

O panorama da villa de Caminha, representado por uma das nossas phototypias, indica claramente a sua topographia e a belleza dos seus arredores.

No primeiro plano á esquerda apparece a escóla do conde de Ferreira, no alto dos Lavadouros, e mais adiante a casa de Leiras; em baixo a casaria do Terreiro ou largo Municipal, e ainda parte do palacete ameiado dos Pittas; superior á torre do relogio a matriz recorta-se nas aguas do rio Minho.

Junto áquella almenara affonsina estão os paços do concelho e a egreja da Misericordia, e detraz o hospital.

Á direita corre a nova rua que da estação do caminho de ferro vai para o largo de S. João, proximo á ponte de madeira, que, lançada na foz do rio Coura, dá facil accesso á margem esquerda do rio internacional.

Na estampa tambem se distingue a populosa freguezia de Seixas, na encosta do monte do Viso, a mirar-se nas placidas aguas do Minho.

E no ultimo plano, limitando pelo norte este famoso rio, avistam-se as montanhas hespanholas das povoações de Salcidos, Rosal, Tabagão e Eiras, divisando-se no meio do Minho a insua chamada *Boega*, que fica fronteira a Lanhellas.

L. de Figueiredo da Guerra.

arbalêtriers de Compostella et de Tuy, et aux détachements royaux envoyés expressément ne purent le soumettre, car aussitôt qu'il paraissait avec ses arquebusiers portugais, les galliciens surpris par l'apparition des armes à feu, demeuraient épouvantés et on profitait de leur stupéfaction pour tuer et emprisonner les chefs les plus importants.

Astucieux et méfiant il echappait toujours aux pièges qu'on lui tendait, protégeant notre cause avec courage et loyauté; il est vrai aussi que D. Affonso ne lui refusa jamais ni gens ni argent.

Après le traité de paix, les rois catholiques s'occupèrent de pacifier la province de Gallice en 1482; les prélats et les nobles se soumirent peu à peu; mais comme D. Diogo de Muros, évêque de Tuy et quelques nobles, avaient attaqué sa forteresse de Fornellos, D. Pedro Sottomayor fit serment de se venger d'une manière éclatante.

Deux ans après, lorsque ce prélat se trouvait à Bayone, il le fit emprisonner et l'amenant ignominieusement monté jusqu'à Fornellos. Il le retint pendant quinze mois enfermé dans une cage.

Il rejeta ensuite cette vilaine action sur ces serviteurs et se fit longtemps prier avant de rendre la liberté à l'evêque, ce qu'il ne consentit toutefois qu'en échange d'une grosse somme d'argent, comme D. Diogo de Muros lui même l'a raconté.

Ces évènements parvinrent enfin aux oreilles de Ferdinand et d'Isabelle, et, encouragés par les plaintes du clergé, ils résolurent de punir sévèrement l'impie Sottomayor, qui plein de confiance en ses parents se dirigeait à la cour en 1486; par prudence il se retira dans le monastère de S. Léonard, d'Alba de Tornes, attendant le pardon qu'il avait sollicité, mais il fut dénoncé et garrotté par ordre du roi.

Quelques écrivains espagnols prétendent, à tort, qu'il se fit moine et finit en paix ses jours dans ce couvent qui appartenait à l'ordre de St. Jérôme.

Mais la mauvaise chance des donataires de Caminha ne s'arrête pas ici.

Le 12 décembre 1499, D. Manuel, donna à D. Fernando de Menezes, quatrième comte, et deuxième marquis de Villa Real, les villes de Caminha, Valença, etc.; un de ses petits-fils D. Miguel Luiz de Menezes, sixième marquis de Villa Real, fut, par un décret du 14 Mars 1620, élevé à la dignité de duc de Caminha; mort sans succession, ce titre passa alors au fils de son frère D. Luiz de Noronha et Menezes, septième marquis de Villa Real, qui avait le même nom que son oncle.

D. Jean iv confirma ces grâces accordées par les Philippes, mais en 1641 on découvrit une conspiration, et le marquis de Villa Real ainsi que son fils, deuxième duc de Caminha, périrent sur l'échafaud.

Les biens confisqués furent réunis en 1654 à ceux de la maison de l'*Infantado*, créée en faveur du fils cadet du roi et supprimée en 1834. Ce fut ainsi que le duché de Caminha fit partie dans la maison royale.

Le gouvernement de la ville appartenait toujours à la maison de Barbeita, et le premier *alcaïde-mór* (gouverneur) fut, le 7 mars 1643, Rodrigo Pereira Sottomayor, né dans cette ville en 1598, dans la maison devenue maintenant la caserne de la porte du Sol, mort en 1663, issu, comme nous l'avons dit, du noble comte gallicien.

*

* *

Le panorama de Caminha, représenté sur une de nos phototypies, montre bien clairement la disposition de la ville et la beauté des environs.

À droite sur le premier plan on voit l'école du comte de Ferreira, sur la montée des Lavadouros et plus loin la maison de Leiras; en bas le groupe d'édifications du Terreiro ou place Municipale, et une partie du manoir crénelé des Pitta; au dessus de la tour de l'horloge, l'église se reflète sur le Minho.

Près de l'ancienne tourelle on aperçoit l'hôpital, derrière l'hôtel de ville et l'église de la Miséricorde.

À droite passe la nouvelle rue qui va de la gare à la place St. Jean, près du pont de bois, jeté sur le Coura, par lequel on accède facilement à la rive gauche du fleuve international.

Dans la gravure on distingue bien sur le versant du Monte Viso le populeux village de Seixas se reflétant dans les eaux limpides et tranquilles du Minho.

Et au dernier plan, au nord de ce beau fleuve on découvre les montagnes espagnoles des bourgs de Salcidos, Rosal, Tabagão et Eiras; au milieu du fleuve en face de Lanhellas se détache l'îlôt appelé *Boega*.

L. de Figueiredo da Guerra.

Convento de Jesus de Setubal



Em o primeiro artigo relativo á cidade de Setubal havia eu dito, que o monumento mais importante d'ella, era o convento de Jesus. Tratarei agora d'esse edificio.

Contemporaneo de Diogo Cam, Bartholomeu Dias, Duarte Pacheco, Vasco da Gama, Pero d'Alemquer, etc., alentado em seus principios pelo sopro vivificante de D. João II e D. Manoel, não tendo soffrido muito com os abalos frequentes do sólo, que tantos outros edificios derruiram, deve suggerir-nos, quando o contemplamos, a memoria d'aquelles tempos e dos varões famosos que tantas vezes viriam orar á meia luz do seu silencioso recinto, nas épocas em que a côrte estanciava pela formosa ex-villa.

Já em 1880 [1] elaborei um pequeno estudo relativo ao notavel edificio; desde essa época, porém, o campo das investigações tem-se alargado, e assim tambem refundirei, rectificarei e abreviarei o que então disse.

Tratemos primeiro da fundação do convento, motivos provaveis d'ella, e da vida e condições de quem o fundou, começando do ponto mais interessante.

Em 1449 foi eleito e sagrado bispo da diocese da Guarda, o bispo de Ceuta, D. João, que no convento do Carmo de Lisboa, onde havia professado, se chamava frei João de S. Lourenço.

D'onde era natural esse frade e bispo? quando nasceu? quem fôssem seus paes? não é facil dizel-o. É provavel, comtudo, que houvesse nascido em Lisboa e de familia abastada, porque — segundo elle declara em seu testamento e depois o confirmou o filho — seus paes foram enterrados em sepultura propria na egreja d'esse mesmo convento do Carmo, *fóra da capella dos Reis junto ao primeiro esteio* [2]. Mais tarde os frades cederam a capella ao filho mais velho do bispo, para sua sepultura e dos seus descendentes, mediante certas rendas.

Pelo decurso da vida e acções do carmelita frei João de S. Lourenço se reconhece que tivera uma educação elevada, como se podia receber no seu tempo, e que, ou pela confiança e protecção que mereceu ao grande condestavel, ou por haver sido creado á sombra da côrte, a que seus paes seriam, porventura, acostados, foi sempre muito acceito á familia real.

Deve ter nascido entre 1395 e 1405, por isso que já em 1431 figura entre os frades discretos do convento, o que demostra idade um tanto superior a vinte e cinco annos, e em 1437, quando foi a expedição a Tanger, mal dirigida pelo infante D. Henrique, posto que o frade combatesse como um valente, sendo até ferido, o seu voto e conselho era ouvido e apreciado como dos mais valiosos [3].

Por isso não admira que tres vezes fôsse encarregado de missões diplomaticas, duas a Roma em 1439 e 1444 e uma a Hungria, cuja época se ignora. Se foi em 1428 quando o infante D. Pedro esteve n'aquelle paiz, mais se confirmaria, com esse facto, a hypothese do seu nascimento nos fins do seculo XIV.

Pela confiança que merecia a todos os infantes, foi, por este, quando já regente, elevado á alta dignidade de bispo de Ceuta, e, talvez ainda por sua indicação, transferido para o bispado da Guarda em 1449. Sabendo-se tambem que n'este anno, foi pelo infante D. Henrique commissionado ao mesmo infante D. Pedro, para o aconselhar na sua desavença com el-rei seu sobrinho e genro, sendo infructuosa, infelizmente, esta sua missão [4].

Durante todo esse tempo, e embora bispo, conservou sempre até o fim da vida o cargo de provincial e administrador da Ordem [5] que exercia desde 1441, pelo menos [6].

---

1 *O Occidente,* vol. III, de pag. 241 em deante.
2 A. Braancamp Freire, *Brazões da Salla de Cintra,* vol. II, tit. *Manoeis.*
3 Rui de Pina, *Chronica de D. Duarte,* pag. 163.
4 Idem, *Chronica de D. Affonso V,* pag. 380.
5 Frei Manoel de Sá, *Memorias historicas do Carmo,* pag. 216.
6 A. Braancamp Freire, op. cit.

Le monastère de Jésus à Setubal



Dans notre premier article sur Setubal nous disions que le monastère de Jésus était le monument le plus remarquable de cette ville. Nous allons maintenant nous occuper de cet édifice.

Contemporain de Jacques Cam, de Barthelemy Dias, de Duarte Pacheco, de Vasco da Gama, de Pierre d'Alemquer, etc.; animé dans les premières années de sa fondation par le souffle vivifiant de D. Jean II et de D. Emmanuel, n'ayant pas trop souffert des fréquentes secousses du sol, qui ont détruit tant d'autres bâtiments, il doit nous rappeler le souvenir de ces temps-là, et des fameux citoyens qui maintes fois sont venus prier dans le demi-jour de sa silencieuse enceinte, aux époques où la cour séjournait dans la jolie petite ville.

En 1880 nous avions fait publier un petit article à propos de ce monument; depuis cette époque le domaine des fouilles historiques s'est élargi, et nous allons, en conséquence, refondre, rectifier et abréger ce que nous disions alors.

Parlons d'abord de la fondation du monastère, des raisons qui l'ont probablement determinée, de la vie de qui l'a fondé, et des autres circonstances qui y ont concouru, en remontant au point le plus intéressant.

En 1449 fut elu et sacré évêque du diocèse de la Guarda, l'évêque de Ceuta D. Jean, qui dans le couvent des Carmes de Lisbonne, où il avait fait profession, portait le nom de frère Jean de S. Lourenço (Saint Laurent).

Ce n'est pas chose facile à dire où est né ce moine et évêque, pas plus que le nom de ceux qui lui ont donné le jour; il est cependant probable qu'il naquit à Lisbonne, d'une famille assez aisée, puisque ses pères ont été enterrés dans une tombe particulière de l'église de ce même couvent des Carmes, en dehors de la chapelle des rois, près du premier pilier, selon la déclaration faite par l'évêque dans son testament et confirmée dans la suite par son fils ainé. Plus tard, les moines ont cedé cette même chapelle à ce fils pour lui et pour ses descendants, moyennant certains revenus.

On reconnait, par la vie et par les actions de l'évêque, qu'il reçut une éducation aussi soignée qu'elle pouvait l'être en ce temps-là, et qu'il fut toujours en faveur auprès de la famille royale, soit par effet de la confiance et de la protection que lui décernait le grand connétable, soit pour avoir été élevé à l'ombre de la cour, à laquelle ses parents appartenaient peut-être.

On peut placer sa naissance entre 1395 et 1405. Nous voyons qu'en 1431 il est nommé parmi les frères *discrets* de son Ordre, ce qui dénonce un âge quelque peu supérieur à vingt cinq ans, au moins. Aussi, en 1437, à l'occasion de l'expedition de Tanger, si mal conduite, par l'infant D. Henri, quoique le moine se fut conduit en galant homme jusqu'à être même blessé, son avis était reçu et accueilli comme un des plus importants.

Nous ne pouvons donc pas nous étonner de voir ce moine par trois fois chargé de missions diplomatiques, deux à Rome en 1439 et en 1444, et une, dont l'époque est ignorée, en Hongrie. Si cette mission a eu lieu en 1428, quand l'infant D. Pierre séjourna dans ce pays, l'hypothèse de la naissance du moine vers la fin du XIVe siècle acquerrait une plus grande probabilité.

C'est par la confiance que la famille royale déposait en lui, que frère Jean fut élevé à la haute dignité d'évêque de Ceuta par D. Pierre, quand celui-ci exerçait la régence du royaume, et c'est peut-être encore par son indication, qu'il fut transféré à l'eveché de Guarda en 1449. On sait encore qu'en cette année, il fût envoyé en mission près de l'infant D. Pierre, par son frère l'infant D. Henri, dans le but de l'aider de ses conseils dans le différend avec le roi son neveu, mission qui, malheureusement, n'eut aucun succès.

Bien qu'ayant été élevé à la dignité épiscopale, il conserva jusqu'à sa mort la charge de Provincial et administrateur de son ordre, charge qu'il exerçait, au moins, depuis 1441.

Nous venons d'esquisser un peu rapidement la vie publique de l'évêque D. Jean, ou de frère Jean de Saint Laurent, attendu qu'il suffit, pour notre but, de signaler un fait de sa vie intime.

Esboçámos apenas com rapidos traços a vida publica do bispo D. João, ou frei João de S. Lourenço, pois que para o nosso fim, só nos interessa um facto da sua vida intima.

Não era então a continencia e castidade muito observada pelo clero regular e secular: attestam-no as chancellarias regias, não só com innumeras cartas de legitimação a filhos de religiosos e até de religiosas, mas tambem com bastas cartas de perdão a mancebas d'aquelles.

D. João não foi isento de peccado. O homem que tinha voto nas coisas da milicia, e se tornára notavel nos conselhos da paz, não se furtava a desenfadar-se e desannuviar o espirito no enlevo dos encantos e graças feminis, o que lhe não exprobramos, pois, como diz o mavioso poeta,

. . . . o céo tem raios
E a crime tal nunca os mandou á terra [1].

É certo que, apesar de roçar já pelos sessenta annos, ainda soube descobrir entre as ovelhas do seu rebanho, uma, cujos dotes de espirito e perfeições physicas lhe reaccenderam no coração as velleidades e devaneios juvenis. Porque, não crêmos que fôsse este o seu primeiro peccadilho.

A que familia pertencia a joven proselita tambem não sei, pois o que nos dizem os diversos genealogicos e linhagistas a tal respeito, e em cuja armadilha cahi em tempo, não merece credito algum; cabe-me apenas affirmar que se chamava Justa Rodrigues, podendo julgar que era de boa e abastada geração [2].

Que meios empregaria o bispo para attrahir a si as boas graças da formosa egitanense, — porque sem duvida o era — tambem não vem para o caso; o facto certo e incontroverso é que d'ella procreou o venerando prelado, pelo menos, dois filhos que chegaram á idade viril, João e Nuno, que foram legitimados por carta de 15 de novembro de 1475 [3].

Achava-se, pois, Justa Rodrigues creando o seu ultimo filho, Nuno, quando a infanta D. Beatriz, mulher do infante D. Fernando, deu á luz um principe, o mais feliz dos seus filhos, que havia de ser duque de Beja, e mais tarde, na série dos monarchas portuguezes, o rei D. Manoel. Foi Justa, por instigação do bispo, — é de primeira intuição — escolhida para amamentar o recem-nado principe.

É d'este facto que vem toda a notoriedade á bella Justa Rodrigues, que não da sua fragilidade, para com o bispo, nem dos seus filhos, que, evidentemente, por congratulação para com o real collaço tomaram o appellido de *Manuel,* chamando-se depois D. João e D. Nuno Manoel. Um satyrico do tempo verberou essa descendencia com o seguinte epigramma:

Justa Rodrigues justou
Com um frade carmelita
E esta justa maldita
Os Manueis nos deixou [4].

Havia D. Manoel nascido em 1 de junho de 1469 [5]; desde então ficou Justa Rodrigues habitando o paço dos infantes, e decerto findaram por esse tempo as suas relações intimas com o bispo, que, já velho, não durou muitos annos mais, fallecendo no ultimo quartel do anno de 1476 [6], com bem mais de setenta annos.

---

[1] Garrett, *D. Branca,* cant. II, est. 20.

[2] Damião de Goes, *Chronica de D. Manoel,* part. I, cap. V; Braancamp, *Braxões,* II, pag. 207.

[3] *Archivo da Torre do Tombo,* liv. XXX, *Chancelaria de D. Affonso V,* fl. 166 v.

[4] É evidente, até por este mesmo epigramma, que os *Manueis* provêm de Justa Rodrigues, e não póde ter outra origem tal appellido, senão o que damos no texto; se o bispo e os filhos fôssem um ramo natural de el-rei D. Duarte, porque não tomariam, logicamente, este nome por appellido, ou o de Lencastre, que foi depois adoptado pela descendencia bastarda de el-rei D. João II?

[5] Esta é a data que justifica o cardeal Saraiva; outros auctores, porém, têm collocado erradamente o seu nascimento em 31 de maio, que foi quarta-feira, e não a quinta-feira, de Corpo de Deus, que cahiu n'aquella data.

[6] A. Braancamp Freire, obr. e loc. cit.

La continence et la chasteté n'étaient alors que médiocrement observées par le clergé, tant régulier que séculier. Ce fait est constaté non seulement par le nombre considérable de chartes de légitimation en faveur des enfants de religieux et même de religieuses, mais encore par les lettres de pardon accordées aux maitresses ou amantes, dont les chancelleries royales sont pleines.

L'évêque D. Jean n'a pas été exempt de péché. L'homme qui s'était rendu remarquable dans les conseils de la paix, et dont l'avis était apprécié dans les affaires de la guerre, ne dédaignait pas de délasser son esprit dans les charmes de la société féminine, ce que nous ne lui reprocherons pas, parce comme dit le gracieux poète:

. . . . le ciel a la foudre
Mais pour un tel péché il ne l'a jamais lancée sur la terre.

Il est certain que, quoique l'évêque touchat à la soixantaine, il trouva encore parmi les ouailles de son troupeau, une dont les dons de l'esprit et les appâts physiques lui rallumèrent dans le cœur les velleités et les rêves de la jeunesse. Car nous ne pouvons croire que ce fut là sa première peccadille.

Nous ne savons pas de quelle famille provenait la jeune prosélyte, attendu que ce que nous disent quelques généalogistes à cet egard, — et dans le piège desquels nous sommes tombé autrefois, — ne mérite aucune croyance; il nous suffit de dire qu'elle se nommait Justa Rodrigues, et qu'il paraît qu'elle descendait de parents de bonne souche et aisés.

Les moyens que l'évêque employa pour conquérir le cœur de la belle égitanienne, — car elle l'était sans doute, — ne nous intéressent pas. Ce qui est indubitable c'est que d'elle et du vénérable prélat sont issus, au moins, deux fils qui atteignirent l'âge viril, Jean et Nuno qui furent légitimés par lettres royales du 15 novembre 1475.

Lorsque Justa Rodrigues allaitait le cadet, Nuno, l infante D. Beatriz, femme de l'infant D. Ferdinand, est accouchée d'un prince, le plus heureux de ses enfants, plus tard duc de Beja et dans la série des souverains du Portugal, le roi D. Emmanuel, *le Fortuné.* Justa fut choisie pour nourrir le nouveau rejeton princier, par influence de l'évêque, comme il est de première intuition.

C'est de ce fait que dérive toute la renommée de la belle Justa Rodrigues, et non pas de sa fragilité envers l'évêque, ni de ses enfants, qui, evidemment en souvenir de leur royal frère de lait, prirent le surnom de *Manuel,* se nommant dans la suite D. Jean et D. Nuno Manuel. Un bel esprit contemporain a fouetté cette engeance dans l'épigramme suivant que nous traduisons:

Justa Rodrigues jouta
Avec un moine carmélite
Et cette joute (*ou* Justa) maudite
Les Manuel nous laissa.

D. Emmanuel était né le 1er juin 1469; depuis lors Justa devait séjourner dans le palais des infants, et certainement dès cette époque ses relations intimes avec l'évêque cessèrent. Déjà vieux, ce dernier n'eut que peu d'années à vivre, étant décédé pendant le dernier quart de 1476, comptant sûrement bien plus de soixante dix ans.

Complètement absorbée par l'éducation de ses enfants, et par la lactation du rejeton royal, Justa Rodrigues passa le reste de sa jeunesse dans le palais des infants, ou dans sa propre maison à Lisbonne, administrant ses biens qui semblent avoir été considérables, augmentés des largesses de ses protecteurs, et du majorat institué par l'évêque. L'acte de cette institution est le premier document où Justa est nommée et où elle octroie son autorisation.

Le sort de presque toutes ces galantes pécheresses était alors, — et l'a été encore par la suite — le refuge sacré du cloître. C'est là qu'elles venaient volontiers épancher leur repentir, ou souffrir le martyre, par la repression de leurs souhaits, quand une résolution tyrannique leur imposait de force le voile.

Justa Rodrigues considérant que son royal nourrisson était en grande faveur auprès du roi, que ses enfants touchaient déjà à leur majorité, et étaient très protegés à la cour, se décida de purger sa conscience, en élevant au Dieu qu'elle adorait un temple digne de sa majesté, où non seulement son nom

Entregue aos cuidados da creação dos filhos e do renovo principesco, foi Justa Rodrigues passando o resto da sua juventude, habitando ora o paço dos infantes, ora a propria casa em Lisboa, administrando os seus bens, que parece eram avultados, augmentados com as mercês dos seus protectores, e com o morgado instituido pelo bispo, sendo a instituição d'elle o primeiro documento publico em que ella figura e outorga [1].

O fim de quasi todas essas gentis peccadoras era então, e ainda o foi pelos seculos adeante, o sagrado do claustro. Alli vinham desabafar voluntariamente o seu arrependimento, ou amargurar os seus reprimidos anceios, quando uma tyrannica imposição as forçava á clausura. Justa Rodrigues vendo o seu real creado muito acceito ao rei, e os filhos proximos á maioridade, acostados áquelle, resolveu-se a purgar a sua consciencia, erguendo ao Deus que adorava, um templo condigno da sua majestade, onde não sómente o seu nome fôsse sempre glorificado, mas a innocencia podesse encontrar um refugio contra a perversão do seculo, e a penitencia um recesso tranquillo para crysol das almas doridas.

Escolheu sitio na formosa villa de Setubal, onde os principes tantas vezes estanceavam. Havia ahi no local chamado *Sapal do Troino* um terreno que D. Affonso v tinha dado a Alvaro Dias, e este, por sua morte, legára á confraria da Annunciada. Com esta, contractou Justa Rodrigues a compra d'elle, que se effectuou, sem delongas.

Corria o anno de 1487 ou 88 quando a ama de D. Manoel tomou essa resolução, e communicada ao rei, solicitou-se do papa a necessaria auctorisação, que foi concedida por Bulla de 17 de julho de 1489. É n'esta Bulla, que, já se vê, nunca foi bem lida pelos que têm fallado de Justa Rodrigues, onde se acha declarada a sua naturalidade, por estas palavras — *Justa Roderici mulieris egitanensis* — [2]. Foi o snr. Braancamp Freire quem assignalou essa clausula, aliás conforme com o que Damião de Goes deixára dito no seu nobiliario manuscripto, desapparecendo com elle as falsas genealogias e phantasticas hypotheses dos successivos linhagistas, como o testamento do bispo vem acoimar de falsarios os que depois o quizeram fazer filho de um rei philosopho da mais intemerata honestidade, D. Duarte.

Chegada a Bulla, obteve o beneplacito regio, e dada a necessaria auctorisação, cuidou Justa Rodrigues em concluir o seu proposito. Logo em 1489 começou a construcção do edificio, que proseguiu com toda a diligencia.

Quem foi o architecto que deu o plano é ponto assaz duvidoso. Uma historiadora do mosteiro chama-lhe *Potassi,* mas não conhecemos mestre nenhum de tal appellido em Portugal, outros asseveram que foi o conhecido Boytac ou Boytaca, que com certa plausibilidade se julga francez [3] ou oriundo de francez. A fórma das columnas, inclina-me a crêr que o plano seja devido a um italiano, mas na duvida nada affirmo.

Segundo frei Francisco de Santa Maria [4], a primeira pedra foi benzida por D. Diogo Hortiz, bispo de Ceuta, confessor de D. João ii, que, levando-a nas mãos com o monarcha, a lançaram nos alicerces a 22 de agosto do referido anno. Conta-se, e eu já o referi, que vindo em 1491 D. João ii a Setubal, e achando o edificio acanhado, mandára demolir o que estava feito, e fizera dar-lhe maior amplitude, etc.; mas esta historia refere-se de tantos outros edificios, que acaba por tornar-se uma banalidade, e sendo a egreja de medianas dimensões, devia em tal caso ter sido de uma exiguidade inacreditavel.

Como se vê nas estampas, o aspecto exterior do edificio é simples e não deselegante. Está incompleto, ou por se não haver concluido, ou por haver desabado a parte superior por effeito de algum terramoto.

Compõe-se a frontaria de um panno corrido de parede, na qual se abre a portada, formada por um arco de ponto subido de delgadas e elegantes columnas e dividido a meio por um pilar sobremontado de um nicho, que devia conter uma imagem que, ou nunca se fez, ou cahiu. Este pilar dá motivo á divisão do espaço d'esse arco em duas portas, muito graciosas, exactamente como nas egrejas da

[1] A. Braancamp Freire, obr. e loc. cit.
[2] Note-se que se não póde aqui admittir qualquer confusão com o bispo, porque este já era fallecido doze annos antes.
[3] Frei Jacintho de S. Miguel, *Relação da Insigne e Real Casa de Santa Maria de Belem,* 1901, pag. 42.
[4] *Anno Historico,* vol. ii, pag. 571.

pourrait être toujours exhaussé, mais où l'innocence pourrait trouver un refuge contre la perversité du siècle, et la pénitence et le repentir une retraite calme pour purifier les chagrins de l'âme.

Elle choisit donc un endroit dans la jolie petite ville de Setubal, où les princes séjournaient souvent. Il y avait sur le site qu'on appelait *Sapal du Troino* un terrain que D. Alphonse v avait donné à Alvaro Dias et que celui-ci, à sa mort, avait légué à la confrèrie de l'Annonciada. Justa Rodrigues obtint de celle-ci la vente du terrain sans difficulté et sans grand délai.

C'est dans l'année 1487 ou 1488, que la nourrice de D. Emmanuel, ayant pris cette résolution, en donna connaissance au roi, et sollicita du pape l'autorisation, qui fut octroyée par bulle du 17 juillet 1489. C'est sur cette bulle qui — on le voit bien — n'a jamais été bien lue par ceux qui se sont occupés de Justa Rodrigues, que se trouve la déclaration de sa naturalité — *Justa Roderici mulieris egitanensis* — . C'est Mr. Braancamp Freire qui a relevé cette clause, qui est d'ailleurs d'accord avec ce que Damien de Goes disait dans son Nobiliaire manuscrit, ce qui fait disparaître tous les faux lignages et hypothèses fantastiques de toute la suite des généalogistes. De même le testament de l'évêque est venu entacher de faussaires tous ceux qui ont voulu le faire passer pour fils d'un roi philosophe de la plus intègre honnêteté, D. Edouard.

La sanction royale obtenue avec l'autorisation nécessaire, lorsque la bulle fût arrivée, Justa Rodrigues mit son plan à exécution. Tout de suite, en 1489, on commença la construction de l'édifice, qui continua sans interruption.

On ne peut pas dire qui en a été l'architecte, ni qui a levé le plan. Un historien du monastère a dit qu'il s'appelait *Potassi,* mais en Portugal on n'a connu aucun artiste de ce nom. D'autres ont écrit que c'était le maître très connu *Boytaca,* qu'avec quelque probabilité on croit être français ou de descendance française. Par la forme des colonnes nous sommes enclin à supposer que le plan est dû à un italien, mais dans le doute nous n'osons rien assurer à cet égard.

Selon frère François de Santa Maria la pierre fondamentale fut bénie par l'évêque de Ceuta D. Jacques Hortiz, confesseur de D. Jean ii, qui tous deux l'ont portée en leurs mains et l'ont jetée dans les fondements le 28 août de l'année precitée. On dit, — et nous l'avons autrefois raconté — que D. Jean ii étant venu à Setubal en 1491, et trouvant le bâtiment trop étroit fit démolir ce qui était construit, et reconstruire le tout sur un plan un peu plus vaste. Cette histoire, cependant, qu'on raconte de bien d'autres édifices, finit par devenir une banalité. Car l'église étant d'une grandeur moyenne, on est porté à croire qu'elle aurait été alors d'une exigüité incroyable.

Comme on le voit dans les planches ci-jointes l'ensemble extérieur de cet édifice est simple mais pas désagréable. Il n'est pas complet, ou parce qu'il n'a jamais été achevé, ou par l'effet de quelque tremblement de terre, qui en aurait fait écrouler la partie supérieure.

La façade est formée par un mur où est ouverte la grande porte, en arche gothique à minces et élégantes colonnes, et divisée au milieu par un joli pilier surmonté d'une niche à baldaquin qui devait contenir quelque image, qui est disparue ou n'y a jamais été placée. Ce pilier divise l'espace de l'arche en deux portes assez gracieuses, justement comme aux églises de la Conception et du monastère des Jeronymos à Lisbonne, mais peut-être un peu plus légères. Aux cotés de l'arche s'élevent deux jambages garnis eux aussi de quelques niches depourvues d'images.

Du plan de ce mur se détache le corps de la grande chapelle, percé au milieu par une haute et très jolie fenêtre, garnie encore de niches, sans images. Sur le mur de l'église, entre la porte et le cour de la grande chapelle nous trouvons une autre fenêtre, un peu plus petite que celle-là, de forme semblable, mais d'une sculpture plus simple.

A l'intérieur l'église est divisée en trois élégantes nefs, par deux rangées de colonnes doubles, tordues deux à deux, du sommet desquelles naissent les nervures du toit, gracieusement travaillées.

La grande chapelle, dont le fond est pareillement garni, est presque encombrée jusqu'au milieu par le maître autel, qui quoique joli et d'une belle sculpture, nuit beaucoup à l'harmonie du bâtiment. Nous ne parlerons pas des tableaux qui décorent cette chapelle, mais qui méritent cependant être vus.

Si nous passons de l'église au cloître, nous nous trouvons dans un préau, pas grand, mais bien dressé, cerné d'arches en ogive, se rapprochant de la pureté et de la sobriété d'un gothique plus ancien. Il y avait aussi une fontaine très simple dont le murmure versait une mélancolie rêveuse dans l'âme des habitantes de cette pieuse retraite, aux heures, où la sévérité de leur Ordre, leur per-

Conceição Velha e do convento dos Jeronymos em Lisboa, mas talvez mais leves e elegantes. É a portada ladeada por dois gigantes ou botareus, que assim como ella tem varios nichos, tambem sem imagens.

D'esse panno de muro resalta o corpo da capella-mór, cuja parede toda de cantaria é rasgada a meio por elevada e formosissima janella igualmente provida de nichos, orphãos de imagens; no corpo da egreja, entre o portal e a quina da capella-mór ha outra janella, pouco mais pequena que a primeira, de fórma similhante, porém menos adornada.

A egreja interiormente é formada em tres formosas naves, divididas por duas renques de columnas duplas, torcidas duas a duas, dando nascimento aos artezões do tecto, lavrados de formosa laçaria.

A capella-mór, cujo fundo é igualmente lavrado, acha-se, porém, entupida quasi a meio pelo altar-mór que, sendo aliás formoso e de bom trabalho, prejudica muito a harmonia do pequeno mas esbelto edificio. Não fallarei dos quadros que adornam esta capella, e que merecem vêr-se.

Se da egreja passamos ao claustro, achamo-nos n'uma quadra não grande, mas bella e bem proporcionada, de arcos de ponto subido, quasi com a sobriedade e pureza de um gothico mais antigo. Adorna-o uma fonte singela, que com o murmurio da sua agua, derramava uma saudosa melancolia na alma das habitadoras d'aquelle piedoso cenobio, nas horas em que a estreiteza do instituto lhes permittia um pouco de desenfado, discorrendo pensativas ou alegres ao longo das lages d'esse recinto.

Logo que o edificio pôde ser habitado, foi a fundadora, com auctorisação regia, a Gandia pedir o concurso de algumas religiosas do convento das capuchas da regra de Santa Clara, d'aquella localidade, afim de virem dirigir e ensinar as noviças que quizessem entrar no novo mosteiro da Ordem. Apesar de alguma divergencia entre os chronistas, parece que accederam ao convite da fundadora, Sor Joanna de Reus, Sor Peroule, Sor Magdalena Torrelha, Sor Agueda, Sor Clara Barbegal, Sor Francisca e Sor Colleta Talhada. As duas primeiras, julga-se serem das doze discipulas de Santa Clara que vieram fundar o convento de Gandia, e a ultima, foi a primeira abbadessa do novo mosteiro de Setubal.

Chegaram ellas a esta localidade nos fins de maio, principios de junho de 1496, e logo a 11 d'esse mez, entraram no mosteiro, como noviças, sete damas e donzellas, quatro da rainha D. Leonor, duas da excellente senhora, a mallograda segunda esposa de D. Affonso v, e uma da duqueza de Bragança.

Levadas pela mão por el-rei, rainha, infanta D. Beatriz, e outras grandes personnagens, consummaram com alvoroço o seu sacrificio, no meio do regosijo da fundadora, das suas irmãs mais velhas de clausura, dos reis, da côrte e do povo da risonha povoação.

Passados alguns annos, depois de acompanhar seu filho mais velho, D. João, quando, em 1500, como embaixador de el-rei D. Manoel, foi a Hespanha pedir a mão da infanta D. Maria, que veiu a ser segunda mulher do monarcha portuguez, e de Justa passar pela grande provação de lhe morrer esse filho durante a embaixada, na flôr da idade, Justa Rodrigues se recolheu á clausura. Entrando no noviciado quando contava cerca de cincoenta annos, veiu a professar, vivendo o resto da vida como a mais simples religiosa.

Fez transportar para o mosteiro os ossos de sua mãe com a qual quiz ser sepultada, como devem estar na capella-mór, e em outra sepultura os de seu neto D. Antonio Manoel.

Mão pouco respeitosa profanou estes sarcophagos, parece que com o intuito de rapina.

Que seja conservado como uma reliquia o formoso monumento é o que desejamos, e para o que faremos ardentes votos.

Brito Rebello.

mettant un peu de loisir, elles parcouraient tristes ou joyeuses le long des dalles sous les arcades du préau.

Lorsqu'on jugea que le monastère était en état de pouvoir être habité, la fondatrice, après avoir obtenu l'autorisation du roi, partit pour Gandie, afin d'inviter quelques religieuses du monastère des capucines de l'ordre de Sainte-Claire, depuis quelque temps établi dans cette localité, à venir diriger et instruire les novices qui devaient entrer dans le nouveau lieu de réclusion de l'Ordre. Malgré quelques contradictions parmi les chronistes, il paraît que celles qui acceptèrent l'invitation de la fondatrice, furent — sœur Jeanne de Reus, sœur Peroule, sœur Madeleine Torreilla, sœur Agueda, sœur Claire Barbegal, sœur Françoise et sœur Collete Taillada. On croit que les premières appartenaient aux douze élèves de Sainte-Claire, qui étaient venues fonder le monastère de Gandie; la dernière fut la première abbesse de la nouvelle maison de Setubal.

Arrivées en cet endroit à la fin de mai ou aux premiers jours de juin 1496, tout de suite, le 11 de ce mois entrèrent au monastère comme novices, sept dames et filles, dont quatre appartenaient à la maison de la reine D. Leonor, deux à celle de l'*Excellente Senhora,* épouse infortunée de D. Alphonse v, et une à celle de la duchesse de Bragança.

Conduites par les mains du roi, de la reine, de l'infante D. Beatriz et d'autres grands personnages, elles consommèrent avec ferveur leur sacrifice, au milieu de la réjouissance de la fondatrice, de leurs sœurs qui les avaient précédées dans le voile, des rois, de la cour et du peuple de la riante petite ville.

Quelques années plus tard, après avoir accompagné son fils aîné, D. Jean Manuel, lorsqu'en 1500 il fût envoyé en Espagne comme ambassadeur du roi D. Emmanuel, pour demander la main de l'infante D. Marie, qui fut la seconde femme de ce souverain, et après avoir souffert la grande douleur de voir décéder ce fils, à la fleur de l'âge, durant cette ambassade, Justa Rodrigues se retira dans le cloître.

Entrée dans le noviciat à l'âge de cinquante ans, à peu près, elle fit sa profession de foi et vécut le reste de ses jours, comme la plus simple religieuse.

Elle fit conduire au monastère les restes mortels de sa mère, près de laquelle elle voulut être ensevelie, dans une même tombe de la grande chapelle; dans une autre doit aussi reposer son petit-fils D. Antoine Manuel.

Une main peu scrupuleuse a profané ces tombes, sous l'impulsion du vol, paraît-il.

Que ce beau monument soit conservé comme une relique précieuse, c'est ce que nous désirons, et à cette fin nous élevons nos vœux les plus ardents.

Brito Rebello.

A obra de Ventura Terra

A nova camara dos deputados em Lisboa



agradavel encargo de preencher as paginas consagradas hoje por esta Revista á consideravel obra de um dos mais benemeritos e mais gloriosos entre os modernos artistas portuguezes cae-me inesperadamente ás costas fóra de casa, longe dos meus apontamentos de estudo, quasi na estrada, em regresso da mais commovida romagem de arte a Santiago de Compostela. Estou ainda na vista com a semi-cegueira subsequente aos grandes deslumbramentos, e requeiro um momento de tolerancia para esfregar os olhos. Bella, inolvidavel romaria, luzidamente esmaltada do derradeiro coalho de pittoresco ainda persistente na civilisada vastidão do orbe. Em redor dos andores, da procissão, alguns d'elles francamente achincalhados de devoção hodierna, com impudica evidencia recem-chegados da rua de Saint Sulpice pelo ultimo paquete de escala por Vigo, juntamente com a quinquilheria as aguas de cheiro e a camelote ao Divino arrojadas á Peninsula pelo commercio de Paris, verdadeiros peregrinos pulverulentos, de grandes barbas e longos cabellos, esclavinas orladas de vieiras, sandalias nos pés, rosarios ao pescoço, cabaça no bordão encimado por um pequeno Santo Christo e ornado como o braço de uma guitarra de garridas fitas hespanholas palpitantes ao vento alegre da funcção. Gigantones y cabezudos. Tamboris e gaitas de folle de escala celtica. Atravessadas na cabeça ruiva dos moços gallegos as *monteras* em bico similhantes á gorra medieval da arraia miuda. Profusão de jalecas bordadas, de polainas de briche cingidas ás volumosas chancas, e calções largos e curtos abertos á ilharga sobre as cuecas brancas. Numerosos bailados, a pandeireta, de todo o genero de *muñeiras* gravemente saltitadas por serias e mimosas galleguinhas endomingadas, de capotilhas encarnadas bandadas de velludo preto e trespassadas no peito, casta e cultualmente toucadas de renda branca, olhos no chão, longas tranças pendentes. Tragicas ou bellicosas melopeias, descantadas á viola ou á rebeca, por ceguinhos esplendidamente andrajosos, á Rivera, á Velasquez ou á Murillo, os quaes felizmente, na grande maioria dos casos, para em tudo serem perfeitos, até vêem! Sol faiscante nos lagedos e nas fachadas de granito; brancas, sinuosas estradas serpejando pelas colinas circunstantes; largos horizontes calmos e verdejantes; sob densas sombras de carvalheiras, de castanhos e ulmeiros, concursos pecuarios e feira de bois, de cavallos, de mulas, de cabras, de ovelhas, de gordos porcos orelhudos, focinhentos, enormes, derramadamente grunhidores... E no vasto céo de anil, trepidante e profundo, explosivos borrões esfumaçados de foguetes, e toda uma jubilosa e festival orchestração de adufes, de gaitas, de castanholas, de repiques de sinos, de morteiros, emquanto no ambito da profunda cathedral, suspenso do alto da cupula sobre as cabeças de milhares de fieis ajoelhados em frente da grande imagem do apostolo, em prata constelada de rubis e de esmeraldas, entre rosacea e rosacea, de um extremo ao outro do incomparavel transepto, o singular e famoso *botafumeiro,* turibulo enorme, lenta e phantasticamente balouçado n'um tremendo semi-circulo, sacode no ar, em sublime apotheose liturgica, um enorme e curvilineo penacho de fumegante incenso.

Architectonicamente Santiago é um incomparavel museu de todos os estylos peninsulares, desde o romanico do seculo XII, cuja sumptuosidade nunca me pareceu maior nem em Chartres nem em Toulouse, até o churrígueresco (admiravel!) do seculo XVIII, comprehendendo entre esses dois limites extremos, todas as fórmas da Renascença e todos os typos de transformação ogival, incluindo — caso unico talvez em toda a Hespanha — o puro typo manuelino em pedra portugueza, sob directa e demonstrada intervenção do proprio rei D. Manoel.

Durante os doze dias d'essa devota peregrinação, em que successivamente fomos tocando as mais preciosas reliquias de historia, de archeologia e de arte, — panos de ouro e tapeçarias de Italia e do Brabante segundo telas de Goya e de Tenniers, moedas de cobre e de prata deixadas desde o seculo IV no mealheiro da cripta pelos romeiros de Cordova, de Limoges, de Tolosa, de Angers e de Tours, ma-

L'œuvre de Ventura Terra

La nouvelle chambre des députés à Lisbonne



'EST en revenant du plus émouvant pélerinage artistique à Santiago de Compostella, presqu'en route, loin de mon cabinet de travail et de mes notes d'étude que l'on m'imposa l'agréable devoir de remplir les pages que cette Revue consacre aujourd'hui à l'œuvre d'un des plus méritants et glorieux artistes portugais de l'actualité.

J'éprouve encore cette sensation de demi-aveuglement qui suit les grands éblouissements et je demande un moment de répit pour me remettre. Quel beau, quel inoubliable spectacle que celui de ce pélerinage, brillamment émaillé çà et là de quelques touches pittoresques qui persistent encore au milieu de notre vaste monde civilisé!

Autour de quelques images de la procession, dérisoirement outragées par la dévotion moderne, et que l'on reconnait comme nouvellement débarquées par le dernier paquebot faisant échelle à Vigo, avec toute la pacotille de parfumerie et la camelote religieuse que le commerce parisien et la rue St Sulpice débitent dans la Péninsule, on voit de véritables pélerins poussiéreux, à grandes barbes et longues chevelures, avec des pélerines ornées de coquillages, des sandales aux pieds, des chapelets au cou, la gourde ou besace suspendue à leur bourdon surmonté d'un petit Christ et décoré, comme le bras d'une guitare, de flots de rubans aux couleurs espagnoles qui voltigent au vent joyeux de la fête, égayée par les tambourins et cornemuses à la gamme celtique. Les têtes rousses des jeunes galliciens sont coiffées de la *montera* ou toque pointue, mise en travers, semblable aux bonnets du peuple au moyen âge; ils portent des vestes brodées, des guêtres en drap qui enserrent de grossières chaussures, et des culottes larges et courtes qui s'ouvrent sur le côté laissant entrevoir le caleçon blanc. De sérieuses et mignonnes galliciennes endimanchées, avec leurs petits fichus rouges à bandes de velours noir croisés sur la poitrine, chastement coiffées de dentelles blanches, les longues tresses pendantes et les yeux baissés, sautillent gravement toute sorte de *muiñeras* (danses locales) au son du tambour de basque.

Des aveugles aux haillons splendides, à la manière de Ribera, de Velasquez et Murillo, mais heureusement, si parfaits que la plupart des fois ils y voient, entonnent des mélodies tragiques ou guerrières accompagnées de mandolines et de violons. Le soleil étincèle sur les pavés et les façades de granit; les routes blanches et sinueuses serpentent sur les collines environnantes; les vastes horizons sont calmes et verdoyants; sous les beaux ombrages des chênes, des ormes et des marronniers on a installé des concours agricoles et des foires de bœufs, de chevaux, de mulets, de chèvres, de brebis et de gros cochons aux longues oreilles pendantes, à la hure énorme, grognant sans cesse. Sous la vaste voûte azurée, inquiète et lumineuse du firmament, s'estompe la fumée des fusées, et l'on entend le joyeux et réjouissant orchestre des sistres, des castagnettes, des feux d'artifice, des cloches qui sonnent à toute volée, tandis que dans la profonde cathédrale, sur la tête de milliers de fidèles agenouillés devant l'image de l'apôtre, en argent constellée de rubis et de diamants, entre les deux rosaces, d'une à l'autre extrémité du transept, le fameux et unique encensoir (botafumeiro) se balance avec une lenteur fantastique, décrivant un effrayant demi cercle, et secouant dans l'air, comme une sublime apothéose liturgique, des nuages énormes et onduleux d'encens parfumé.

Au point de vue de l'architecture Santiago est un incomparable musée de tous les styles de la Péninsule, depuis le romain du XIIe siècle, dont la somptuosité n'est égalée à Chartres ni à Toulouse, jusqu'à l'admirable *churregueresco* du XVIIe siècle, comprenant entre ces deux époques extrêmes toutes les formes de la Renaissance et tous les types de transformation ogivale; on y voit même, ce qui est peut-être unique en Espagne, le plus pur style *manuelino* en pierre portugaise, travaillé, comme il est prouvé, par ordre direct du roi D. Manuel.

Pendant les douze journées de ce pieux pélerinage où nous avons touché les plus précieuses

nuscriptos sacrosantos como a *Historia de Compostela* e o *Codice do papa Calixto II,* contendo o cantico dos peregrinos nos primeiros seculos da egreja, tive por companheiro Sargent, o grande pintor, retratista e decorador, o qual pelo raro conjunto dos seus dotes, pela herculea tempera do seu privilegiado organismo, pelo encyclopedismo da sua cultura intellectual, pela assombrosa multiplicidade das suas aptidões de espirito, menos parece uma creatura do nosso seculo, estafado e exangue, do que um homem resurgido da Renascença, contemporaneo de Leão x e de Francisco I, da seiva antiga de Donatello, de Miguel Angelo, de Leonardo da Vinci, de Lucca della Robbia, de Benvenuto Celini, d'esses cujos nomes atravez de cinco seculos têm ainda para nós a vivida sonoridade da mais ovante fanfarra.

Oh! já sei — inutil advertir-me — que estou fóra da ordem pondo-me a fallar-lhes de Sargent e de Santiago em vez de lhes fallar da Camara dos Deputados e de Ventura Terra! Mas quê?... É para artistas que escrevo, e a minha pena é não lhes poder transmittir, ainda que a esmo mas de uma vez, todas as minhas commoções d'este momento. Porque não é já agora para critico de arte que pretendo ir. Para velho é que verdadeiramente vou, e não estou para narrar didacticamente dentro dos limites e nos devidos termos do genero. Estou para discorrer profusa e diffusamente, de tudo, e — emquanto me derem licença — digressivamente, do meu vagar, ao meu gosto.

Eis-ahi, pois — como lhes ia dizendo — n'esse pintor yankee, que os nossos jovens artistas mostraram louvavel alvoroço em conhecer de perto, um notavel exemplo, que não posso deixar de invocar, em demonstração de que a mais inteira posse de uma technica artistica não é incompativel com a mais alta educação de um espirito, e que — ao contrario do que erroneamente crêmos por um apodrecido vicio de apathia nacional — se póde em nosso tempo ser simultanea e conciliadamente artista, letrado, philosopho, viajante e homem do mundo, como no seculo XV e no seculo XVI, quando o prestigio da arte tinha assumido ainda mais influencia social do que hoje exerce a pelintrice politica. Estamos precisamente entrando com o seculo XX em um evolutivo periodo de forçoso desencovamento regional, de interpenetração e de intercambio, n'um total cosmopolitismo philosophico, scientifico, artistico, litterario. E o *desenraizamento* fatal de que se está occupando em França a critica de Faguet, de Gide e de Barrès. Está chegada a hora em que é indispensavel instruirmo-nos. As nossas velhas noções de perspectiva tornaram-se ridiculamente limitadas e insufficientes. Na arte, assim como na philosophia, no direito, na politica, na historia, na critica, pôr o modelo em perspectiva continua a ser o primeiro trabalho do observador. Mas já não basta indagar como as coisas se comportam n'um fundo de gabinete ou n'um horizonte de ar livre. Temos de saber, em qualquer ramo de estudo que seja, para que devidamente nos penetremos do mysterio de vida que reside no fundo de cada coisa creada, por que reconditas leis se prende cada aspecto, cada phenomeno da existencia, ao grande universo que o envolve. Temos indispensavelmente que estudar muito para além das estreitas raias do nosso officio de cada um, nos livros, nas viagens, no trato dos homens, se não quizermos desistir da lucta que se prepara e na qual os definitivos triumphos acabarão por ir irrevogavelmente ás incontestadas competencias, sendo a superioridade da educação a base de toda a superioridade humana. A raça proscripta da civilisação que chega será só uma: a dos mediocres.

Se em qualquer outra fórma da arte a mediocridade é uma funesta ameaça para o futuro esthetico e para a dignidade moral de um povo, na architectura, que é a arte fundamental por excellencia, a incompetencia é desde logo uma catastrophe publica.

A historia da architectura dos ultimos cem annos em Portugal constitue o mais lastimoso capitulo da historia geral das desditas nacionaes. Póde-se affirmar que a architectura portugueza acabou no seculo XVIII com os ultimos edificios delineados por D. João V, pelo marquez de Pombal e ainda pelo intendente Pina Manique. Com o seculo XIX veiu o regimen liberal, que abriu a nova éra da engenheria, fez estradas, construiu pontes, viaductos e estações de caminhos de ferro; pela extincção das ordens religiosas, esbandalhou estupidissimamente os conventos; pela abolição dos vinculos deu cabo dos palacios solarengos; por galhofa fez infindaveis troças aos dôces menuetes e ás lindas gavotas do carrilhão de Mafra; deu vivas, fez discursos, fez viscondes, botou rodas de fogo, flauteou com fervor o hymno da Carta; e não edificou monumento nenhum. Grande desastre, porque onde não ha monumentos architectonicos, não ha artes sumptuarias, nem artes decorativas, nem propriamente bellas-artes. Se a Italia é o paiz classico da pintura e da esculptura é porque a Italia é a terra das mais ricas egrejas, dos mais

reliques de l'histoire, de l'archéologie et de l'art, — des draps d'or, des tapisseries d'Italie et du Brabant d'après les tableaux de Goya et de Téniers, des monnaies d'argent et de cuivre jetées depuis le IVe siècle dans le tronc de la crypte, par les pélerins de Cordoue, de Limoges, de Toulouse, d'Angers et de Tours, des manuscrits sacrés comme l'*Histoire de Compostella* et le *Code du Pape Calixte II,* contenant le cantique des pélerins aux premiers siècles de l'Eglise, etc. — j'eus pour compagnon Sargent le grand peintre, portraitiste et décorateur, lequel, par un rare assemblage de dons, par la trempe herculéenne d'un organisme privilégié, par la variété de sa culture intellectuelle, par l'étonnante profusion de ses aptitudes, nous fait oublier qu'il appartient à notre époque épuisée et dégénérée et nous rappèle un de ces hommes de la Renaissance, contemporain de Léon X et de François I, ayant l'antique sève des Donatello, Michel Ange, Léonard de Vinci, Lucca della Robbia, Benvenuto Celini, et de tous ceux dont les noms résonnent encore après cinq siècles, avec toute la vibrante sonorité d'une fanfare triomphale.

Je m'aperçois bien que je suis loin de mon sujet, décrivant Sargent et Santiago au lieu de vous parler de la chambre des Députés et de Ventura Terra. Mais, j'écris pour des artistes et mon seul regret est de ne pouvoir leur transmettre même superficiellement, toutes les émotions que j'éprouve en ce moment. Je ne suis plus d'âge à devenir un critique d'art, qui raconte avec méthode et dans les bornes voulues. Si vous le permettez, je parlerai un peu de tout, m'écartant parfois de la routine, mais tranquillement et selon mon bon plaisir.

Mais revenons à Sargent. Nous trouvons dans ce peintre yankee que nos jeunes artistes ont accueilli avec tant d'enthousiasme, un remarquable exemple, nous démontrant que l'on peut posséder la plus parfaite technique en art, sans négliger la plus haute éducation d'esprit, et que, — contrairement aux croyances de notre apathie nationale, — on peut être à la fois, artiste, savant, philosophe, voyageur et homme du monde, comme au XVe et XVIe siècle lorsque l'art avait atteint un prestige encore plus élevé que ne l'est aujourd'hui celui de la mesquine politique.

Nous venons justement d'entrer dans le XXe siècle, dans une période d'évolution forcée, d'échange mutuel, et de cosmopolitisme philosophique, scientifique, artistique et littéraire. C'est le *déracinement* fatal dont s'occupe en France la critique de Faguet, de Gide et de Barrès. L'heure a sonné où il faut absolument nous instruire; toutes les vieilles theories de perspective sont devenues ridiculement bornées et insuffisantes. Placer le modèle en position est le premier travail de l'observateur, qu'il soit artiste, philosophe, homme de loi, politique, historien ou critique; mais il ne suffit pas de voir les choses du fond d'un atelier ou en plein air; il faut pénétrer les mystères de vie qui existent dans toute chose créée, les lois inconnues qui relient les divers aspects et les phénomènes de l'existence au grand univers qui nous entoure.

Il est indispensable d'étudier bien au delà des étroites limites de nos professions: dans les livres, les voyages et la fréquentation des hommes, sous peine d'échouer dans la lutte qui se prépare où les triomphes seront irrévocablement dévolus aux talents incontestés, où la supériorite d'éducation sera la base de toute supériorité humaine. La civilisation qui s'avance ne connaîtra qu'une race proscrite: celle des médiocres.

La médiocrité sous quelque forme d'art qu'elle se présente est une menace funeste pour l'avenir esthétique et pour la dignité morale d'un peuple, mais en architecture, l'art fondamental proprement dit, l'incompétence est une catastrophe publique.

L'histoire de l'architecture en Portugal, depuis cent ans, est un des plus lamentables chapitres de l'histoire des malheurs de notre pays. On peut assurer que l'architecture portugaise s'est arrêtée au XVIIIe siècle avec les derniers édifices construits par D. Jean V, le marquis de Pombal et l'intendant Pina Manique. Le XIXe siècle nous fit entrer sous le régime libéral, ouvrant une nouvelle voie au génie, avec la construction de routes, de ponts, de viaducts et de gares de chemin de fer; l'extinction des ordres religieux détruisit stupidement les couvents; l'abolition des majorats anéantit les manoirs seigneuriaux; on se moqua des gentils menuets et des coquettes gavottes du carillon de Mafra; on fit des fêtes, des discours, des vicomtes, on lança des feux d'artifice, on souffla à outrance l'hymne de la Charte, mais on n'édifia pas un seul monument.

Ce fut un désastre, car sans monuments il n'y a point d'art somptuaire, ni décoratif ni même de beaux arts. L'Italie est le pays classique de la peinture et de la sculpture, parceque c'est aussi

sumptuosos palacios, das mais bellas villas do mundo. Só uma solida base architectural póde estabelecer plano de conjunto e dar cohesão organica a todas as demais artes plasticas. Esse é hoje no mundo civilisado o inilludivel principio fundamental de toda a pedagogia artistica.

Em todos os tempos desde a mais remota antiguidade até nossos dias, desde as metopes de Salinunto, anteriores de seis seculos á éra de Christo, até o moderno pantheon de Sainte-Geneviève em Paris, sempre os grandes artistas trabalharam designadamente para determinados recintos, como o Parthenon de Athenas ou o Forum de Roma. Giotto, o pae da pintura moderna, trabalhou sob a critica do Dante para a Arena de Padua e para o Campanillo de Florença; Orcagna para o Campo Santo de Pisa; Fra Angelico para o convento de S. Marcos; os grandes venezianos para a cathedral e para o palacio ducal de Veneza; Benozzo Gozzoli para o palacio dos Medicis em Florença; Miguel Angelo, Raphael, o deslumbrante Pinturricchio, o ineffavel Boticelli para as estancias e para as loggias do Vaticano; Ghiberti para o baptisterio de S. João; Murillo para o Hospital da Caridade e para a Cathedral de Sevilha; Velasquez para os paços reaes de Hespanha e para o palacio dos Dorias em Roma; Rembrandt e Franz Hals para os palacios das municipalidades, das guildes e das confrarias de Arnheim, de Amsterdam e da Haia. Em Portugal a actividade dos nossos maravilhosos pintores do seculo XVI acha-se indissoluvelmente conjugada com a historia dos grandes monumentos architectonicos do seu tempo. Os grandes anonymos do museu de Lisboa são, desde as primeiras, incompletas, classificações de Raczinski, agrupados pelos nomes dos edificios que decoraram, e ainda hoje se lhes chama o pintor de S. Bento, o pintor do Paraiso, o pintor de Thomar, o pintor de Palmella. Os grandes edificios foram sempre para todas as bellas-artes que se lhes applicam não só o melhor dos museus, mas a melhor das escólas. Os ainda memoraveis pintores, esculptores, barristas e entalhadores dos primeiros annos do seculo XIX fizeram-se em Mafra e na Ajuda.

Depois d'isso, como acima disse, a architectura acabou.

Balbi, um dos nossos mais esclarecidos criticos, dizia no seu livro publicado em 1822, que a falta de caracter artistico nas miseraveis edificações de Lisboa provinha do vicio radical de não haver architectos e de ser a profissão de engenheiro officialmente considerada como profissão encyclopedica. As palavras de Balbi, [1] definem ainda assaz precisamente o regimen d'arte em que temos vivido desde o seu tempo até hoje.

A nossa escóla de architectura é insufficiente, constituindo apenas uma especie do curso preparatorio das grandes escólas europeias. Além do quê — coisa espantosissima — o governo conta entre os seus multiplos e inauferiveis direitos de secretaria, o direito singular de nomear architectos por accesso de repartição. Para acudir a tão lastimavel penuria a escóla de Bellas-Artes de Paris temnos fornecido durante os ultimos annos tres architectos (não mais, cuido eu) com o curso completo da grande escóla franceza — José Luiz Monteiro, Ventura Terra e Marques da Silva, este ultimo do Porto. Admittamos latitudinariamente que, além d'estes tres architectos diplomados em França, haja ainda vinte provenientes de escólas diversas ou de estudos livres. No *Annuario Commercial* do anno passado leio sob a designação de architectos quinze nomes. E muito pouco. Em Paris, segundo o *Guide-Adresses*, que acabo de folhear, ha mais de tres mil, e este numero parece escasso para as necessidades artisticas da civilisação parisiense.

A exiguidade do pessoal portuguez é ainda aggravada pela estreiteza da sua acção subordinada aos regulamentos de categoria. Esses regulamentos burocraticos dão, por exemplo, este resultado inacreditavelmente grotesco: Foi na qualidade de architecto portuguez, de *terceira classe*, com um ordenado mensal, liquido, de 29$400 reis, mais uma gratificação extraordinaria de 5$000 reis, ou sejam oito vintens e meio por dia, que Ventura Terra, architecto de primeira classe em França, diplomado do governo francez, ao cabo de um longo curso brilhantemente assignalado pela conquista de sete medalhas e de vinte oito menções honrosas, delineou e construiu em Lisboa o palacio da Camara dos Deputados, o mais importante, o mais grandioso, o mais bello de todos os recintos portuguezes edificados durante o periodo dos ultimos cem annos!

---

[1] Adrien Balbi, *Essai statistique sur le royaume de Portugal*. Paris, 1822, tomo II, pag. CLXXXIV.

celui qui possède les plus riches églises, les plus somptueux palais, les plus belles villas du monde.

De solides bases architecturales peuvent seules établir un plan d'ensemble et donner une cohésion organique à tous les autres arts plastiques. C'est le véritable et unique principe de toute éducation artistique.

Dès les temps les plus reculés jusqu'à nos jours, depuis les métopes du Parthénon, six siècles avant l'ère chrétienne, jusqu'au Panthéon de Ste Geneviève de Paris, les noms des grands artistes furent toujours rattachés à des œuvres determinées comme le Parthénon d'Athènes et le Forum de Rome.

Giotto, le père de la peinture moderne, travailla sous la critique du Dante à l'Arène de Padoue et au Campanile de Florence; Orcagna au Campo Santo de Pise; Fra Angelico au couvent de Ste Marie; les grands peintres vénitiens à la cathédrale et au palais ducal de Venise; Benozzo Gossoli au Palais Médicis de Florence; Michel Ange, Raphaël, le brillant Pintoricchio et l'ineffable Botticelli aux stances et aux loges du Vatican; Ghiberti au baptistère St Jean; Murillo à l'hôpital de la Charité et à la cathédrale de Séville; Velasquez aux résidences royales d'Espagne et au palais des Doria à Rome; Rembrandt, Franz Hals aux palais des municipalités, des guildes et des confréries d'Arnheim, d'Amsterdam et de la Haie.

En Portugal, l'activité de nos peintres remarquables du XVIe siècle se relie indissolublement à l'histoire des grands monuments de leur époque. Raczinsky a classé nos grands artistes anonymes en les groupant sous les noms des édifices qu'ils décorèrent et c'est ainsi qu'on les cite encore de nos jours: le peintre de S. Bento, le peintre du Paraiso, le peintre de Thomar, le peintre de Palmella. Les grands édifices furent toujours les plus riches musées et les plus profitables écoles de beaux arts. Les palais de Mafra et d'Ajuda créèrent les meilleurs peintres, sculpteurs, modeleurs et ébénistes des premières années du XIXe siècle.

Après celà on peut dire que l'architecture finit en Portugal.

Balbi, un de nos critiques les plus éclairés, disait dans son livre publié en 1822, que l'absence de tout cachet artistique des misérables constructions de Lisbonne était dûe au manque d'architectes et que la profession d'ingénieur était officiellement considérée comme encyclopédique. C'est suffisant pour bien préciser le régime artistique sous lequel nous avons vécu depuis son époque jusqu'à nos jours.

Notre école d'architecture est insuffisante et doit être à peine une espèce de cours préparatoire aux grandes écoles de l'Europe.

Et encore, le gouvernement, se réservant une multitude de droits bureaucratiques, nomme les architectes par avancement, comme pour les grades militaires. Pour obvier à cet état de choses si lamentable, Paris nous a donné pendant ces dernières années, trois architectes, (à ce que je pense) avec le cours complet de sa grande école des Beaux-arts: José Luiz Monteiro, Ventura Terra, Marques da Silva, ce dernier de Porto. Admettons qu'outre ces trois architectes diplômés en France, il y en ait encore une vingtaine provenant d'autres écoles ou de l'enseignement libre; je lis dans l'*Annuaire Commercial* de l'année dernière, quinze noms désignés comme architectes. Le *Guide Adresses* de Paris en compte plus de trois mille, qui sont à peine suffisants pour les nécessités artistiques de la civilisation parisienne.

Ce nombre si restreint de notre personnel est encore aggravé par l'étroitesse de ses moyens d'action soumis à des règles de classement bureaucratique qui produisent des résultats grotesquement dérisoires; par exemple: Ventura Terra, architecte de première classe en France, diplômé par le gouvernement français, ayant un cours brillamment signalé par sept médailles et vingt huit mentions honorables, est classé ici comme architecte de *troisième classe* avec des appointements mensuels, nets, de 29$400 rs. (145 francs) et une gratification extraordinaire de 5$000 rs. (23 francs) soit, dix sept sous par jour! C'est en cette qualité qu'il a projeté et construit à Lisbonne, le palais de la chambre des députés, la plus importante, la plus grandiose, et la plus belle de toutes les constructions portugaises édifiées pendant les cent dernières années.

Les excellentes photographies que contient ce numéro de la Revue rendent superflue la description de l'édifice dont les aspects principaux sont si nettement reproduits; le portail d'entrée, le vestibule, la salle d'attente et la grande salle des séances, magnifique hémicycle, que trois sections amples

As excellentes photographias que acompanham estas paginas dispensam-me de descrever o edificio de que ellas tão nitidamente reproduzem os principaes aspectos — a portada de ingresso, o vestibulo, a sala de espera, e a grande sala das sessões, admiravel hemicyclo magestosamente repartido em tres amplas e profundas secções, cujas abobadas em luneta se prendem pelo mais engenhoso systema de elegantes curvas á cupula central. A côr geral funde-se docemente em quatro tons, — o acastanhado claro das madeiras, o ouro dos capiteis, o côr de rosa e o branco dos bellos marmores portuguezes em que se acha primorosamente lavrada toda a architectura do monumento.

Em todo o vôo da composição decorativa se affirma com a mais triumphante maestria a independencia de espirito do auctor perante o canonismo dos velhos e desgastados estylos chamados classicos. N'esta obra domina uma clareza, uma elegancia, uma serena ponderação de linhas bem legitimamente atticas, sem que todavia se lhe note o menor vislumbre de servilismo aos antipathicos, aos pedantescos, aos immobilisantes preceitos de Vitruvio e de Vinhola. Eis-ahi finalmente um edificio portuguez do principio do seculo XX, que não é bysantino nem romanico, nem gothico, nem manoelino, nem greco-romano, nem Luiz XIV, nem Luiz XV, nem Luiz XVI, nem Imperio, nem.... extravagante!

Courajod, Ruskin, Mackmurdo, William Morris, todos aquelles que modernamente têm luctado contra o immobilisante dogmatismo classico, pela arte evolutiva, desprendidamente apropriada á indole especial de cada civilisação, de cada seculo e de cada povo, applaudiriam.

Ventura Terra destinou amplas superficies e numerosos membros do seu edificio á esculptura e á pintura portugueza dos seus contemporaneos. Alguns jovens esculptores ahi deixaram já em importantes detalhes decorativos manifestas provas de grande e bem encarreirado talento. A estatua de El-Rei, por Teixeira Lopes, em esboço provisorio sobre a tribuna da presidencia, é de uma grandiosidade de contorno e de uma elegancia de expressão, a que raras obras modernas, tanto em Portugal como no resto da Europa, se podem equiparar.

Além da Camara dos Deputados Ventura Terra tem até esta data construido em Portugal cerca de sessenta edificios diversos. As suas casas de habitação em Lisboa, propriedades dos condes de Sabrosa, de Taboeira, de Mendia, e dos snrs. Ribeiro Junior, Alfredo Bensaude, D. Luiz de Castro, Jacintho Candido, Pereira de Carvalho, etc., etc., constituem typos da mais raciocinada remodelação da nossa architectura domestica. Estavamos n'este importante ramo da arte publica sob o regimen pathologico da insania. O Monte Estoril, por exemplo, é um afflictivo manicomio de predios, onde cada casa manifesta a sua especial mania. Uma julga-se chineza, outra suissa, outra gothica, outra normanda; esta suppõe-se castello feudal, e tem ganas de pôr besteiros de bacinete e loriga por traz das suas ameias; aquella imagina-se modesta e idilicamente, pequena granja do Nuremberg, e vê-se que sonha em collocar á porta uma vaquinha leiteira.... empalhada. Rarissimos n'aquelle horto psychiatrico os predios com o aspecto structural e decorativo de serem aquillo que todos elles teriam restricta obrigação de parecer, — singelas, confortaveis, risonhas habitações de honestos burguezes de Lisboa que para ahi vão no verão tomar os banhos de mar com a sua familia.

As novas casas de Ventura Terra proscrevem a velha rotina de chateza alvar e sordida, anterior á invasão da hygiene, do asseio, da gymnastica e do *tub* nos costumes lisboetas, e refutam simultaneamente o espirito de innovação pretenciosa e pelintra, o *snobismo* (para o dizer n'uma palavra) alojado nos cerebros frageis das modernas gerações. São alegres, são simples, são logicas, são concentradas e discretas. Harmonisam-se sem violento contraste de fórma ou de côr com o aspecto das edificações circumstantes, com a luz ambiente, com o sólo, com o céo de Lisboa. A sua nobreza d'aspecto não se impõe por hyperbolicos artificios exteriores, antes se deduz honradamente da cultura e da dignidade interior da vida familiar, laboriosamente intelligente, da qual parecem ser a mais apropriada colmeia; e, como toda a obra architectonica do auctor, esses novos predios lisbonenses como que têm, sob um esmalte d'arte, o inconfundivel carimbo dos dois fundamentaes elementos do talento de um architecto: a probidade e o juizo.

Porto — Agosto 1903.

Ramalho Ortigão.

et profondes partagent majestueusement, et dont les voûtes conchoïdales se rattachent par un ingénieux système d'élégantes courbures, à la coupole centrale. La tonalité générale se fond doucement en quatre nuances; — le marron clair des boiseries, l'or des chapiteaux, le rose et le blanc de nos beaux marbres portugais, précieusement travaillés, et qu'on a employés pour toute la construction.

L'indépendance d'esprit de l'auteur s'aperçoit dans l'essor de la composition décorative, où l'on reconnait la main du maître, libérée de tous les vieux préjugés des styles nommés classiques. Ce qui nous frappe dans l'ensemble de l'œuvre, c'est la clarté, l'élégance et la judicieuse sobriété des lignes, purement attiques, sans toutefois nous rappeler en rien les pédantesques et froids préceptes de Vitruve et de Vinhola.

C'est enfin un édifice portugais du commencement du XXe siècle, qui n'est ni bysantin, ni romain, ni gothique, ni *manuelino*, ni greco-romain, ni Louis XIV, ni Louis XV, ni Louis XVI, ni Empire, ni ...... absurde. Il aurait certainement été applaudi par Courajod, Ruskin, Mackmurdo, William Morris, et par tous ceux qui de notre temps ont lutté contre l'immuable dogmatisme classique, en préconisant toutes les évolutions artistiques, pourvu qu'elles soient librement en rapport avec le caractère des civilisations, des siècles et des peuples.

Ventura Terra a destiné d'amples surfaces et beaucoup de détails de son édifice à la peinture et à la sculpture portugaise de ses contemporains. Quelques jeunes sculpteurs y ont déjà laissé des preuves de beaux talents bien dirigés. Nous avons vu peu d'œuvres modernes en Portugal et même à l'étranger, comparables à la statue du Roi par Teixeira Lopes; à peine ébauchée provisoirement, elle se trouve placée au dessus de la tribune présidentielle et présente des lignes majestueusement modelées et d'une élégante expression.

Outre la chambre des députés, Ventura Terra a construit en Portugal plus de soixante édifices.

Les belles habitations de Lisbonne appartenant aux comtes de Sabrosa, de Taboeira, de Mendia et à MM. Ribeiro Junior, Alfredo Bensaüde, D. Luiz de Castro, Jacintho Candido, Pereira de Carvalho, etc., présentent déjà le type d'une transformation des plus réfléchies de notre architecture civile. Cette importante branche de l'art public, menaçait de nous conduire à une véritable insanité. Le Mont'-Estoril est un affligeant amalgame de maisons où se manifeste la fantaisie la plus insensée. Les unes prétendent être chinoises, d'autres suisses, gothiques ou normandes; il y en a qui se donnent des airs de château féodal où il ne manque que les arbalêtriers à cuirasse et à calotte de fer derrière les créneaux; en voilà une qui se compare modestement à une petite grange de Nuremberg, on sent que son rêve est d'avoir à la porte une vache.... empaillée. Bien peu de constructions, dans cet endroit d'aspect si extravagant ont l'apparence de ce qu'elles doivent être en réalité; c'est-à-dire, de simples maisons confortables et gaies où les bons bourgeois de Lisbonne et leurs familles vont pendant la belle saison, prendre des bains de mer.

Les nouvelles maisons de Ventura Terra ont aboli toutes les vieilles routines, les platitudes niaises et misérables, antérieures à l'invasion de l'hygiène, de la propreté, de la gymnastique et du *tub* dans les mœurs de nos compatriotes; elles sont aussi, heureusement, dépourvues de cet esprit d'innovation prétentieuse et mesquine, le *snobisme*, pour tout dire, qui siège dans les cerveaux fêlés des générations modernes.

Elle sont simples, riantes, logiques, saines, recueillies et discrètes, s'harmonisant sans de violents contrastes de couleur ni de forme, avec les édifications voisines, la lumière ambiante, le sol et le ciel de Lisbonne.

Leur apparence ne s'impose pas par des ornementations excentriques, mais elle laisse deviner l'intelligence et la dignité de la vie familiale, comme la ruche nous fait voir avec la double vue de l'âme le travail incessant des abeilles. Ainsi que toute l'œuvre architecturale de Ventura Terra, ces nouvelles constructions de notre ville, sous leur brillant émail artistique, sont empreintes du double cachet de l'éminent architecte: la probité et le sens commun.

Porto — Août 1903.

Ramalho Ortigão.

Santarem



É a rainha da Extremadura, e nenhuma outra povoação d'esta provincia póde disputar-lhe o sceptro, por isso foi justo que, por carta de lei de 24 de dezembro de 1868, a elevassem á categoria de cidade.

Denominada primitivamente *Esca Abidis* ou, por corrupção, *Scalabis*, depois *Scalabicastro* e tambem *Praesidium Julium* dos romanos, deriva o seu nome actual da lenda de Santa Iria, ou *Irêne*.

O leitor não sabe como e por quê foi morta, á beira do rio Nabão, a bella e casta Iria, freira de um convento benedictino da Nabancia da Lusitania (Thomar)? Então não leu ainda as *Viagens na minha terra* de Garrett? Pois recommendo-lhe essa joia de livro, se quizer domar o seu pensamento inquieto, e affeiçoado aos prazeres da intelligencia e do coração, como diz algures Camillo Castello Branco, referindo-se ao immortal poeta das *Folhas caídas*, o brilhante prosador, que era tambem, embora no prologo da segunda edição das *Viagens* se affirme que, de tantas obras de tão variado genero, com que este fecundo escriptor enriqueceu a nossa lingua, essa é a que mais descuidadamente escreveu. Leia, que é um monumento litterario, e gostará certamente da lenda da martyrisada santa.

Sobre a margem direita do Tejo, 84 kilometros ao N. E. de Lisboa, demora a velha *Scalabis*, berço e tumulo de varões illustrissimos, e notavel ainda pelos monumentos que lhe restam dos muitos que possuia. Comprehende tres bairros: o de *Marvilla*, o da *Ribeira* e o do *Alfange*.

O primeiro, que é tambem o principal, corôa um elevado monte que, contrastando com a altura da margem esquerda do Tejo, permitte dilatar a vista pelo vasto territorio limitrophe, o que produz uma soberba perspectiva. Era cingido por fortes muralhas, de que existem vestigios, e tinha a sua cidadella no mais alto do monte a cavalleiro do rio. Romanos, godos e arabes n'elle se fortificaram, e no reinado de D. Fernando, achando-se as muralhas em ruina, mandou-as reparar este monarcha, para o qual Santarem fôra aprazivel Caprea. O sitio da cidadella, onde agora se vê um agradavel jardim publico, a que conduz larga avenida arborisada e orlada de casaria, conserva ainda o primitivo nome de *Alcaçova*, tendo, porém, perdido inteiramente o seu aspecto de fortaleza. Essa avenida vae sensivelmente de norte a sul, e n'esta extremidade da linha está a porta do jardim, para fechar o qual se aproveitou tambem parte das antigas muralhas, transformando-se ao mesmo tempo a porta, que d'estas dava sahida para o Alfange e se denominava *Porta do Sol*, em uma varanda, que fica sobre um despinhadeiro alcantilado. Quer a tradição, que fôsse aqui, durante o dominio musulmano, uma nova rocha Tarpeia; da moderna varanda, porém, em vez de se lançarem criminosos ao rio, podemos agora nós lançar a vista, que se deleita, enlevando-se a nossa alma na contemplação dos paineis formosissimos, que nos apresentam os pittorescos e feracissimos campos d'áquem e d'além do Tejo. E se o rio engrossa com as levadas caudalosas dos seus affluentes, a ponto de cobrir com as suas aguas lamacentas e tôrvas toda essa planicie, que nos sorria com o verde de seus prados e o frondoso de seus arvoredos, que espectaculo imponente e magestoso, mas de uma tristeza profunda que nos confrange!

Davam ingresso ao bairro de Marvilla oito portas que se abriam em seus muros: a da *Atamarma*, a de *Leiria*, a de *Mansos*, a de *Vallada*, a de *S. Thiago*, a do *Sol*, a de *S. Gens* e *Postigo de D. Margarida*.

A de *Leiria*, de que existe unicamente o nome, foi substituida pela egreja de Nossa Senhora da Piedade, monumento da restauração do reino consolidado na batalha do Canal, e mandado erigir por D. Affonso vi.

A de *Mansos*, bello monumento de antiga architectura militar, para a qual se transferiu da de *Leiria* a Casa da Supplicação, e onde existia tambem a ermida de Nossa Senhora do Bom Successo; bem como a de *Vallada*, sobre a qual se via uma ermida com a invocação de Nossa Senhora da Madre de Deus, foram arrasadas!

A da *Atamarma*, por onde entrou D. Affonso Henriques, quando libertou Santarem do dominio arabe, e onde havia a ermida de Nossa Senhora da Victoria, foi tambem abaixo! Era um venerando monumento nacional. Os padres conscriptos, que praticaram esse feito illustre, para que se não duvidasse de que foi obra sua, registraram-n'o em uma lapide, na qual se lêem estes significativos dizeres:

Santarem



Le 24 Décembre 1868 un décret éleva à la dignité de ville, l'ancien bourg de Santarem, justement surnommée la Reine de l'Extremadura, sans rivale dans toute cette province.

Aux époques les plus reculées, on la nommait *Esca Abidis* ou, par corruption, *Scalabis*, et plus tard *Scalabicastro* ainsi que *Praesidium Julium*; le nom actuel tire son origine de la légende de Sainte Iria ou *Irène*.

Ceux qui n'ont pas lu les *Viagens na minha terra* (*Voyages dans mon pays*) de Garrett ne peuvent savoir pour quel motif et de quelle manière mourût, au bord du fleuve *Nabão*, la belle et chaste Irène, religieuse d'un couvent de bénédictines à *Nabancia da Lusitania* (Thomar); nous leur recommandons ce livre, un des joyaux les plus précieux de notre littérature, assurés de l'intérêt qu'ils prendront à la charmante légende de la sainte martyre.

Camillo Castello Branco, l'éminent prosateur, parlant de l'immortel poète des *Folhas cahidas* (*Feuilles tombées*) conseillait cette lecture à ceux qui voudraient calmer leur esprit inquiet, et affectionné aux jouissances de l'intelligence et du cœur. Toutefois, dans le prologue de la deuxième édition de cet ouvrage, on affirme que de toutes les œuvres de genres si différents dont Garrett a enrichi notre langue, ce fut cette légende qu'il écrivit avec le moins de recherche.

C'est sur la rive droite du Tage, 84 kilomètres au N. E. de Lisbonne que se trouve l'antique *Scalabis*, berceau et tombeau de quelques hommes célèbres, possédant jadis beaucoup de monuments remarquables, dont quelques uns sont encore vénérablement conservés.

La ville se divise en trois quartiers, *Marvilla*, *Ribeira* et *Alfange*.

Le premier et le plus important est situé sur une montagne, et la rive opposée, relativement plate, permet à la vue de s'étendre sur le vaste paysage qui l'environne et se déploie en un magnifique panorama; sur la partie la plus élevée, la forteresse dominant le fleuve était entourée de fortes murailles, dont il reste encore quelques vestiges. Occupée autrefois par les Romains, les Goths et les Arabes, le roi D. Fernando, pour qui Santarem avait été une délicieuse Caprée, fit restaurer ces murs qui étaient en ruines, et maintenant à cet endroit il existe un charmant jardin public, auquel on accède par une large avenue ombragée et bordée de belles maisons; l'aspect fortifié a complètement disparu et seul le nom de *Alcaçova* rappèle les temps anciens. Cette avenue s'incline sensiblement du nord au sud et se termine à l'entrée du jardin, qui est en partie entouré par l'ancienne muraille; la porte donnant sur l'Alfange qui se nommait *Porta do Sol* (*Porte du Soleil*) est maintenant un vaste balcon au sommet d'un profond ravin escarpé. Selon la tradition, cet endroit était, au temps de la domination musulmane, une nouvelle roche Tarpéienne; du balcon moderne au lieu de lancer les malheureux dans la rivière, c'est nos yeux qui se perdent délicieusement dans la contemplation de cet admirable tableau, de ces prairies si fertiles et si pittoresques des deux rives du Tage. Et comme notre cœur s'attriste, malgré la majesté de ce spectacle imposant, lorsque la rivière, augmentée par les crues de ses cours et de ses confluents, grossit au point de submerger complètement sous ses eaux troubles et boueuses, toute cette plaine si riante, ces arbres si touffus, ces prés si verdoyants!

On arrivait au quartier de Marvilla par huit portes ouvertes dans le mur d'enceinte et qui se nommaient, *Atamarma*, *Leiria*, *Mansos*, *Vallada*, *S. Thiago*, *Sol*, *S. Gens* et *Postigo de D. Margarida*.

L'église de *Nossa Senhora da Piedade*, un monument de la restauration du royaume, raffermi lors de la bataille du *Canal*, et construite sous le règne de D. Affonso vi, a remplacé l'ancienne porte de *Leiria*, dont le nom seul subsiste.

La porte de *Mansos*, un bel exemplaire de l'ancienne architecture militaire, où on avait transféré de celle de *Leiria* l'ancienne Casa da Supplicação et la chapelle de Nossa Senhora do Bom Successo, ainsi que la porte de *Vallada* où on voyait une autre chapelle sous l'invocation de *Nossa Senhora da Madre de Deus*, furent complètement détruites.

On a démoli aussi la porte d'*Atamarma* où se trouvait la chapelle de *Nossa Senhora da Victoria*, et par laquelle entra D. Affonso Henriques lorsqu'il délivra Santarem de la domination mauresque. C'était un vénérable monument national. Les *Pères conscrits* qui pratiquèrent cette action d'éclat, ne voulurent pas que la postérité eut des doutes sur les auteurs de leur œuvre et l'immortalisèrent par cette

«D. Affonso Henriques entrou em Santarem no dia 8 de maio de 1147 pela porta da Atamarma, *cujo arco* (o sublinhado é nosso), que n'este logar existia, por ameaçar ruina foi demolido pela camara municipal de 1865.»

A inconsciencia não é criminosa; mas penalisa vêr individuos da especie humana a rastejar pelo nivel do orelhudo e teimoso consorte da jumenta.

Por oito calçadas, pois que a de *S. Thiago* está intransitavel, communica Marvilla com seus contornos. As da *Atamarma* e *Santa Clara,* que principiam no bairro da Ribeira; a do *Alfange,* que parte do bairro d'este nome; a de *Vallada* e a da *Junqueira* que procedem das *Omnias;* a de *S. Domingos,* que sobe pelo valle entre os montes do *Cravo* e de *Nossa Senhora do Monte* e perde o seu nome no *Campo de Sá da Bandeira;* a das *Padeiras,* que segue da *Ponte da Asseca,* passa entre os montes de *Sacapeito* e de *Cravos,* e termina no *Largo do Sitio;* e finalmente a do *Monte,* que tem o seu começo no *Casal do Caetano,* corta o valle situado entre *Nossa Senhora do Monte* e os *Moinhos de Vento,* começa a ser povoada de casaria desde a *Horta da Carne Coita,* e acaba no *Campo de Sá da Bandeira.*

A *calçada das Padeiras* pertence á estrada districtal que, partindo da *Ponte de Asseca,* vae por Pernes e Torres Novas á Barquinha. Pela do *Monte* passa a importante estrada real, que conduz a Peniche por S. João da Ribeira, Rio Maior e Obidos. A de *S. Domingos* constitue uma estrada municipal, que serve uma região muito povoada.

O *Campo de Sá da Bandeira,* a que se chamava antes *Fóra de Villa,* porque era exterior, embora contiguo ás muralhas, é um vasto largo, de fórma irregular, onde fazem mercados e feiras.

Quem sobe a *calçada das Padeiras,* ao entrar no *Largo do Sitio,* encontra á sua esquerda o *Hospital de Jesus Christo,* estabelecido no grande edificio, que foi palacio da mitra dos arcebispos de Lisboa, e mais tarde convento de religiosos da Terceira Ordem de S. Francisco. Alli se tramou a celebre conjuração, que teve por epilogo a tragica morte do duque de Vizeu. Logo adeante e do mesmo lado o convento das Donas da Ordem de S. Domingos, fundado por S. Frei Gil, e actualmente quartel de um batalhão do regimento de infanteria 6; á direita, e fronteiro a este quartel, uma parte ainda grandiosa do palacio dos condes de Unhão, adquirido pelo patriarchado de Lisboa, e começa n'este logar, antigamente conhecido pelo nome de *barbacã,* o *Campo de Sá da Bandeira.* É limitado á direita por uma boa parte do Seminario Patriarchal e outras casas á beira da estrada arborisada, que corta o *Campo* e vem da *Ponte de Asseca.* Ao poente dilata-se a vista pelos suburbios, cujos outeiros cultivados, e revestidos de frondoso olivedo, são o testemunho permanente da abundancia e do labor quotidiano da vida rural. Ao noroeste topa-se com a *calçada de S. Domingos* e, no monte da Rafôa, com o edificio que, de seu principio destinado á penitenciaria districtal, modelado pela de Auburn, é hoje o *presidio militar de Santarem.* Finalmente ao norte dá o *Campo* folgada serventia a uma fiada de casas, terminada pela praça de touros construida no logar em que se elevava a sumptuosa fabrica do convento de S. Domingos. A magestosa egreja com tres naves e dez columnas toscanas de boa cantaria, era principalmente celebre, porque continha os tumulos de S. Frei Gil, de Martim d'Ocem e outros homens illustres. O do nosso Fausto, como pittorescamente cognominou Garrett a S. Frei Gil, porque foi um grande bruxo, antes de ser um grande santo, está no museu do Carmo, sem o seu docel e as suas bellas columnas corinthias, que tudo isso a insania demolidora destruiu. As cinzas e as disciplinas, com que se martyrisava o santo, foram salvas do vandalismo estupido dos iconoclastas pelo snr. Marquez de Penalva, que m'as mostrou, e tinha a bom recato na sua capella em Lisboa.

Continuemos, leitor, a percorrer as cercanias de Marvilla, e lá entraremos a seu tempo.

A *calçada de Santa Clara,* pouco frequentada ao presente, parte da Ribeira, como dissemos, segue pela encosta do elevado monte, em que se ergue o convento das Claristas, e acaba nas proximidades d'este.

Foi o real convento, fundação de D. Affonso III, posto em praça ha pouco. Não teve licitante. Despojaram a sua egreja magnifica de quanto tinha algum valor, e o convento está reduzido a um casarão deserto, que continua dominando o valle do *Roçaio* ou *Rocio de Alvisquer,* extensa planicie de admiravel fertilidade na margem direita do Tejo, junto á Ribeira, e regada por dois riachos filiaes do Alviella, um dos quaes se chama *Alcorça* e o outro *Maria Torta,* talvez pelas muitas voltas que dá.

Mas ainda as arruinadas paredes do vetusto edificio affonsino, emquanto estiverem de pé, servirão para recordar a clausura de D. Joanna, filha de Henrique IV de Castella, e a infamissima intriga, que

inscription significative: «D. *Affonso Henriques* fit son entrée à Santarem le 8 Mai 1147 par la porte d'*Atamarma* et l'*arceau* (nous soulignons ce mot) existant à cet endroit, de crainte de ruine, a été démoli par le conseil municipal.»

L'inconscience n'est pas un crime, cependant il est douloureux de voir des individus de l'espèce humaine descendre au niveau des bêtes de somme.

Marvilla communique avec les environs par huit chaussées, celle de S. Thiago étant impraticable; les chaussées d'*Atamarma* et de *Santa Clara* commencent au quartier de *Ribeira;* celle de *l'Alfange* part du quartier ainsi nommé; celles de *Vallada* et *Junqueira* viennent des *Omnias;* celle de *S. Domingos* longe la vallée en montant, entre les collines du *Cravo* et de *Nossa Senhora do Monte* et perd son nom en arrivant au *Campo de Sá da Bandeira;* celle des Padeiras qui vient du *Pont de Asseca* passe entre les montagnes de *Sacapeito* et de *Cravos* se terminant au *Largo do Sitio,* et enfin celle du *Monte* qui commence au *Casal do Caetano,* traverse la vallée située entre *Nossa Senhora do Monte* et *Moinhos de vento,* est peuplée de maisons à partir de *Horta da Carne Coita* et aboutit au *Campo de Sá da Bandeira.*

La chaussée des Padeiras fait partie de la route communale qui part du *Pont d'Asseca,* passant par *Pernes* et *Torres Novas* jusqu'à *Barquinha.* La grande route croise la chaussée du *Monte,* et conduit à *Peniche* par *São João da Ribeira, Rio Maior* et *Obidos.* La chaussée de *S. Domingos* est une route municipale qui dessert un quartier très habité.

Le *Campo de Sá da Bandeira,* nommé autrefois *Fóra de villa* (hors de la ville), parce qu'il se trouvait hors des murs d'enceinte, quoique très rapproché de la ville, est une place assez vaste de forme irrégulière où s'installent les foires et les marchés.

Lorsqu'on monte la chaussée des *Padeiras,* en arrivant au *Largo do Sitio,* on voit à gauche l'Hôpital de *Jesus Christo,* occupant le grand édifice qui était autrefois le palais archiépiscopal des archevêques de Lisbonne, et plus tard le couvent des religieux du Tiers ordre de S. François; c'est là que fut ourdie la célèbre conjuration qui eut pour épilogue la mort tragique du Duc de Vizeu.

Du même côté, un peu plus loin existait le couvent des Dames de l'Ordre de S. *Domingos,* institué par S[t] *Frei Gil,* où se trouve actuellement caserné le 6[me] régiment d'infanterie; à droite, en face de cette caserne on voit encore une partie du magnifique palais des comtes de *Unhão,* appartenant aujourd'hui au patriarcat de Lisbonne et c'est à cet endroit, autrefois nommé *Barbacã,* que commence le *Campo de Sá da Bandeira,* limité du coté droit par une des façades du séminaire patriarcal, et par d'autres maisons, au bord d'une route ombragée qui le traverse, venant du *Pont d'Asseca.*

Au couchant, la vue s'épanche sur le paysage d'alentour, sur les collines boisées, recouvertes d'une végétation luxuriante et d'oliviers au feuillage argenté, qui sont un témoignage bien vivant de l'abondance et du labeur quotidien des habitants. Au nord-ouest passe la chaussée de *S. Domingos* et sur le *mont* de Rafôa on aperçoit l'édifice destiné d'abord à un pénitentier communal, sur le modèle de celui d'Auburn, devenu maintenant le *Pénitentier Militaire de Santarem.* Au nord du *Campo* s'aligne une rangée de belles maisons, au bout de laquelle on voit le cirque de taureaux construit à la place où se trouvait jadis la somptueuse fabrique du couvent de *S. Domingos.*

La majestueuse église, à trois nefs, soutenues par dix piliers en pierre de taille, d'ordre toscan, était renommée pour renfermer les restes de S[t] *Frei Gil,* de *Martim d'Ocem* et d'autres hommes célèbres. Le tombeau de S[t] Frei Gil, que Garrett a pittoresquement surnommé notre Faust, parce qu'il était sorcier avant d'être saint, se trouve actuellement au musée du Carmo, mais sans le baldaquin et les belles colonnes corinthiennes détruits par la folie dévastatrice. Les cendres et les disciplines, avec lesquels se martyrisait le saint, furent sauvés du vandalisme imbécile des hérétiques par Mr. le Marquis de Penalva, qui les conserve religieusement dans sa chapelle à Lisbonne, où je les ai vus.

Mais continuons notre promenade aux environs de Marvilla où nous arriverons bientôt.

La chaussée de *Santa Clara,* maintenant très peu fréquentée part de *Ribeira,* suit le flanc de la montagne, sur laquelle s'élève le couvent des *Claristas,* où elle se termine.

Ce couvent fondé par *D. Affonso* III fut dernièrement mis en vente publique, mais ne trouva pas d'acquéreur; on dépouilla la magnifique église de tout ce qu'elle contenait de précieux et le couvent n'est maintenant qu'une grande baraque déserte dominant toute la vallée du *Roçaio* ou *Rocio d'Alvisquer,* plaine très étendue et admirablement fertile, située sur la rive droite du Tage, près de *Ribeira,*

em volta da desditosa princeza urdiram, para a esbulhar do direito que tinha de sentar-se no throno glorioso de S. Fernando.

Algum tempo depois da celebre batalha de Tôro, em que a boa estrella do *Rei Africano* teve o seu occaso, e a de seu filho o Principe Perfeito resurgiu brilhantissima, entabolaram-se negociações para ajuste da paz de Portugal com Castella. Estipulou-se que o principe D. João, filho dos reis catholicos, casasse aos sete annos por palavras de futuro e aos quatorze por palavras de presente com D. Joanna; e, recusando-se o principe a concordar n'este casamento, a princeza seria indemnisada, e poderia livremente dispôr de si. Para segurança d'esta clausula, D. Joanna tinha de ser posta em terçaria, ou de entrar em um dos cinco mosteiros portuguezes da Ordem de Santa Clara, conservar-se ahi o tempo do noviciado e, findo este, era obrigada a optar pela profissão ou pela terçaria. No mesmo tratado estabeleceu-se que o infante D. Affonso, filho do Principe Perfeito, se desposasse aos sete annos com a infanta D. Izabel, filha primogenita dos reis catholicos, devendo tambem esses infantes ser postos em terçaria. Este enlace era a principal garantia da paz, e obedecia ao plano da união iberica, concebido por D. Affonso V, e abraçado por seu filho D. João II, realisando-se assim a constituição da velha monarchia wisigotica.

Por lei, e pela propria dignidade da monarchia, o throno de Castella era patrimonio da filha de Henrique IV; mas tudo conspirou para que ella o perdesse.

Estava a princeza no convento das Claristas de Santarem, a cumprir os seis mezes preceituados no tratado de paz, e ao termo d'elles viu-se obrigada a professar. Não com menos força alheia que tristeza sua propria — diz Ruy de Pina, chronista coevo d'estes successos — e com dolorosas lamentações suas e dos servidores que a cercavam, trocaram-lhe os brocados e sêdas que vestia, pelos humildes habitos pardos de Santa Clara. Em vez do seu titulo de rainha de Portugal e Castella, começou logo depois da sua profissão a ter o tratamento de *Excellente Senhora*, e, como o fariam a uma pobre donzella, cortaram-lhe os cabellos da cabeça, em que ephemeramente fulgira a sua corôa real.

E assim cumpriu resignada a dura sentença de seu destino, que foi servir de joguete nas mãos de ambiciosos, e de temerosa arma politica na de seu primo D. João II, até que falleceu em 1530, com sessenta annos de idade, no mosteiro de Santa Clara de Lisboa, onde foi sepultada, e tão esquecida a quizeram, que nem um simples epitaphio lavraram sobre a lousa que a cobriu.

A *calçada da Atamarma* offerece communicação entre Marvilla e o bairro da Ribeira, cortando no sitio da *fonte da Atamarma,* de que fazem menção os nossos chronistas, quando descrevem a tomada de Santarem por D. Affonso Henriques, a estrada conhecida pelo nome de *Avenida da Ponte*. Esta estrada começa no *Campo de Sá da Bandeira* junto á egreja de Nossa Senhora da Piedade, segue até defronte da extremidade oriental do extincto convento de S. Francisco, vae pelas encostas fronteiras ás quebradas de Santa Clara e das Figueiras, cruza com a *calçada da Atamarma,* e, continuando pelas declividades dos montes de Pedreira e Alcaçova, entra na ponte sobre o Tejo, tendo de comprimento 1:760 metros e uma differença de nivel entre os seus pontos extremos de 77^{m},40. D'esta mesma estrada, e a pequena distancia da ponte, parte um ramal, onde termina a *calçada de Santa Clara,* o qual conduz á estação do caminho de ferro, situada nas *Assacaias,* bonito arrabalde da Ribeira.

Á direita de quem sobe a formosa *Avenida da Ponte* vê-se ao cimo do valle, que corre entre ella e a *calçada de Santa Clara,* a *Fonte das Figueiras,* que é realmente uma joia archeologica.

Figura este pequeno monumento um elegante portico ameado; não sendo, porém, as ameias como na primitiva. As pedras, que separavam as abertas, ou pequenos parapeitos, não tinham, na minha opinião, aquella fórma pyramidal, como se vê na estampa, e que lembra um carapuço de campino. Faltalhes unicamente estarem pintadas de verde, o que lhes dava toda a côr local. Um illustre vereador scalabitano — na melhor das intenções, creio — em 1874 ou 75, mandou reparar as ameias arruinadas, e fez aquillo, que é preferivel a destruir tudo, conforme o costume da terra.

A construcção um tanto damnificada por fóra, está interiormente bem conservada. De uma pedra de cantaria, emmoldurada em um arco ogival, sae uma bica de ferro, d'onde a agua não cae, mas entra correndo abundantemente em um tanque de pedra, que a recebe, e onde chega até o nivel da bica. O tanque tem apenas 5 decimetros de profundidade, 6 metros de comprimento e 2 metros de largura. Na face interior das cantarias vêem-se cinco *siglas* differentes, que mostram haverem trabalhado n'aquella obra pelo menos cinco canteiros, e são tambem um cunho da sua antiguidade. As *siglas* eram

et coupée par deux ruisseaux descendants de l'*Alviella,* l'un nommé *Alcorça* et l'autre *Maria Torta,* nom dû probablement à ses innombrables sinuosités.

Mais les murs ruinés de l'ancien couvent, rappèleront toujours la claustration de *D. Joanna,* fille de Henrique IV, roi de Castille, et les ignobles intrigues ourdies contre cette malheureuse princesse pour la dépouiller des droits qu'elle avait au trône glorieux de S. Fernando.

Quelque temps après la bataille de Toro, on s'éteignit la brillante étoile du *Roi Africain* et resplendit de nouveau celle de son fils le *Principe Perfeito,* on entama des négociations pour un traité de paix entre le Portugal et Castille. Il fut conventionné qu'il y aurait promesse de mariage entre le prince *D. João,* fils des Rois catholiques, âgé de sept ans, avec la princesse D. Joanna et qu'à l'âge de quatorze ans cette promesse serait accomplie; en cas de refus de la part du prince, la princesse serait dédommagée et pourrait disposer librement de sa personne.

Comme gage de cette clause, D. Joanna, devait être déposée en otage dans une maison de retraite, ou internée dans un des cinq couvents portugais de l'Ordre de *Santa Clara,* où elle resterait pendant son noviciat, pouvant à l'expiration de ce terme choisir entre la prise de voile ou la retraite. Dans ce même traité il fut convenu que l'infant D. Affonso, fils du *Principe Perfeito* épouserait à l'âge de sept ans l'infante D. Isabel, fille aînée de Leurs Majestés Catholiques, ces princes devant également être mis en otage comme garantie de paix. Ce mariage entrait dans le projet d'union ibérique conçu par D. Affonso V et approuvé par son fils D. Jean II, qui auraient ainsi realisé la constitution de l'ancienne monarchie wisigothique.

Pour la dignité de cette même monarchie et d'après la loi, le trône de Castille, était le patrimoine de la fille d'Henrique IV, mais tout conspira pour qu'elle le perdit. La princesse s'était retirée dans le couvent des *Claristas* de Santarem pendant les six mois décrétés dans le contrat de paix, mais au bout de ce temps on l'obligea à prendre le voile. *Ruy de Pina,* un chroniqueur de l'époque, dit «que sa tristesse égalait la puissance des autres, et qu'entourée de ses serviteurs aussi éplorés qu'elle, on lui ôta ses vêtements de brocart et de soie pour la revêtir de la bure grise des religieuses de Sainte Claire. Au lieu de son titre de Reine de Portugal et de Castille, on ne la connut désormais que sous le nom de *Excellente Senhora,* et ses beaux cheveux sur lesquels avait resplendi si éphémèrement la couronne royale, furent coupés comme ceux de la plus humble des filles.

Elle souffrit avec résignation sa cruelle déstinée, servant de jouet aux ambitieux et d'arme politique constamment menaçante aux mains de son cousin D. João II, et mourut enfin l'année 1530, à l'âge de soixante ans, au monastère de *Santa Clara* de Lisbonne où elle fut inhumée et si tristement oubliée qu'on n'inscrivit pas le moindre épitaphe sur sa tombe.

La chaussée d'*Atamarma* sert de communication entre Marvilla et le quartier de Ribeira et traverse la route nommée *Avenida da Ponte* à l'endroit où se trouve la *fontaine d'Atamarma,* dont parlent nos historiens lorsqu'ils décrivent la prise de Santarem par D. Affonso Henriques. Cette route qui part du *Campo de Sá da Bandeira,* près de l'église de *Nossa Senhora da Piedade,* continue jusqu'en face de l'extrémité orientale du couvent de S. Francisco, suit les pentes qui se trouvent près des ravins de *Santa Clara* et *Figueiras,* croise la *chaussée d'Atamarma,* et côtoyant toujours le flanc des montagnes de *Pedreira* et *Alcaçova* se termine au pont du Tage, mesurant dans son vaste parcours 1:760 mètres de longueur et une différence de niveau de 77^{m},46 entre ses deux points extrêmes.

De cette même route, à peu de distance du pont, au point où se termine la chaussée de *Santa Clara,* part un chemin qui conduit à la gare du chemin de fer, située aux *Assacaias,* joli faubourg de *Ribeira.* Lorsqu'on monte la belle *Avenida da Ponte* on voit à droite une préciosité archéologique; la fontaine des *Figueiras.* Ce petit monument se compose d'un élégant portique crénelé, mais on s'aperçoit bientôt que les créneaux n'appartiennent pas à la construction primitive. Les intervalles ou petits parapets ne devaient pas avoir la forme pyramidale qu'ils ont actuellement, et à laquelle il ne manque que la couleur verte, pour ressembler aux bonnets pointus des paysans. Un illustre conseiller municipal de l'endroit, plein, à coup sûr, de bonnes intentions, a fait réparer en 1874 ou 1875, ces créneaux à demi ruinés, ce qui en somme vaut encore mieux que de les avoir détruits, selon la coutume du pays.

La fontaine endommagée à l'extérieur, est intérieurement bien conservée. D'un tube de fer sortant d'une pierre encadrée d'un arceau ogival, l'eau coule abondamment dans un bassin mesurant 6^{m} de long sur 2 de large et 5 décimètres de profondeur. Les pierres sont marquées de signes différents qui

os signaes, com que na idade-média os canteiros marcavam o trabalho executado, para se saber quanto se deveria pagar a cada um; mas taes abreviaturas estiveram em uso tambem entre os romanos, e antes d'estes já os gregos e os hebreus as empregavam.

Algumas d'ellas estão repetidas, como se observa nos dois fustes das pequenas columnas, que enfeitam o arco da bica.

Em tempo, tanto o arco da frente, como os dos lados, todos tres tambem ogivaes, tiveram umas grades de vergalhões de ferro, sendo de presumir, que as lateraes não podessem abrir-se, e na da frontaria, onde estão as armas de Santarem, haveria porta, para poder fechar-se, igualmente de ferro.

O escudo de armas reaes, que se vê na estampa, em vez de corôa ou timbre, termina por uma especie de aza de cesto, como o das armas do municipio, e tem oito castellos. A sua collocação fóra dos fechos dos arcos e o proprio escudo, fazem-me suspeitar que este foi alli posto muito posteriormente ao acabamento da fonte. Desde o começo da monarchia as armas reaes soffreram varias mudanças, até que D. João II estabeleceu definitivamente o escudo usado actualmente; ora, como o de D. Affonso IV tinha oito castellos, é mais do que provavel que, no seu reinado, a fonte por estar em ruina fôsse reconstruida em parte, respeitando-se a sua fórma architectonica e o ornato da cimalha, que é identico ao da egreja de Santa Clara, fundada por D. Affonso III, como dissemos.

Na estampa vê-se uma ponte. É para serviço de uma fabrica de cortume de sola, que se estabeleceu alli proximo, ha uns quinze annos, e que aproveita os sobejos da agua da fonte.

No dia 6 de junho de 1876 foram lançados no Tejo, a sudoeste da Ribeira, e proximo d'este bairro, tres caixões de ferro, para os fundamentos do primeiro pilar da ponte, que hoje vêmos, e foi solemnemente inaugurada a 17 de setembro de 1881. Denomina-se *Ponte de D. Luiz I*, e é a primeira do paiz.

Consta o seu corpo principal de nove tramos, que formam a grande viga de ferro, onde assenta o seu taboleiro, o qual é sustentado por oito fortes pilares de secção oval, construidos de boa cantaria, e pelos dois respectivos encontros. Está comprehendido este corpo, ou a ponte propriamente dita, entre dois viaductos igualmente metallicos, sendo o do lado do norte, ou margem direita do rio, de 24^m,40 de comprimento, afóra os encontros, onde se firma, e por baixo d'elle passa a linha ferrea; e o da margem esquerda, ou lado sul, é apoiado em trinta e sete columnas duplas de ferro fundido, de 0^m,35 de diametro, ligadas por meio de barramentos metallicos, e terminam na sua parte inferior em rosca, introduzida de alguns metros no terreno arenoso d'essa margem. Além d'estes dois corpos, ha tambem os dois encontros, que estabelecem, cada um de seu lado, a ligação da estrada com a ponte.

Toda a ponte com seus viaductos tem de comprimento 1:213^m,179, por 22^m de elevação sobre o nivel das aguas médias de estiagem, e por 6^m de largura do taboleiro.

Quando se sae do viaducto do sul, entra-se a mais bella estrada portugueza, que conheço, em linha recta muito extensa. É larga, plana e fechada de ambos os lados por altas paredes de choupos francezes, cuja ramaria, na estação calmosa, fórma um delicioso tunnel de verdura.

E os outros bairros de Santarem? Não nos esqueçamos d'elles.

O da Ribeira, cada vez mais florescente, estende-se para leste de Marvilla, pela margem do rio, desde a encosta do monte. É notavel pelo *padrão de Santa Iria*, mandado erigir por el-rei D. Diniz, e não menos pela lenda do Alfageme, o celebre espadeiro, que *temperou a espada do Condestavel, dando-lhe um fio, que nunca embotou.*

A Ribeira foi o *Seserigo* dos arabes:

Ai senterigo, ai senterigo!
Al é Alfanx, e al Seserigo,

como se lê no *Cancioneiro do Collegio dos Nobres.*

O cada vez mais triste e desamparado bairro do Alfange, parece esconder-se dos outros dois, ao fundo, no valle do lado opposto da Ribeira. Mas lembra a fatal morte do principe D. Affonso, unico filho legitimo de D. João II. Alli expirou na humilde cabana de um pescador, por ter cahido do cavallo, que montava, quando jogava o *pareo* entre as *Omnias* e *Alfange.* Recorda tambem as pazes, que lá firmaram D. Henrique, rei de Castella, e D. Fernando, rei de Portugal. As attenções com que D. Henrique tratou D. Fernando, deram logar a que este monarcha dissesse depois aos da sua côrte: *quanto eu henricado venho!*

Zephyrino Brandão.

attestent bien leur antiquité. Au temps du moyen âge les marbriers marquaient ainsi leur travail afin de calculer les prix de leurs salaires; ce système était aussi employé par les Romains, les Grecs et les Hébreux. Quelques signes sont reproduit sur les fûts des colonnettes qui ornent la fontaine. L'arceau du centre et ceux des côtés devaient être autrefois garnis de barreaux de fer et probablement, les latéraux étaient fixes, tandis que celui du milieu, surmonté des armes de Santarem, devait être muni d'une porte de fer.

L'écusson aux armes royales que l'on voit sur la gravure, porte au lieu d'une couronne ou timbre, une espèce d'anse de panier, comme sur les armes de la ville, et huit châteaux. L'écusson, qui ne couronne pas la clef de la voûte et sa composition même, nous font penser qu'il a été placé là à une époque bien postérieure à la construction de la fontaine.

Depuis le commencement de la monarchie, les armes royales ont subi beaucoup de modifications, jusqu'à D. João II qui établit définitivement celles que l'on voit aujourd'hui.

L'écusson de D. Affonso IV portait huit châteaux et il est assez probable que sous son règne, la fontaine ait été partiellement reconstruite, en respectant sa forme architecturale et l'ornementation de la cimaise, semblable à celle de l'église de Santa Clara, édifiée par D. Affonso III.

Le pont que l'on voit sur la gravure appartient à une tannerie, établie là depuis quinze ans qui profite des excédants d'eau de la fontaine.

Le 6 juin 1876 on posa dans le Tage, au sud de la *Ribeira* et tout près de ce quartier, trois caissons de fer pour les fondations du premier pilier du pont D. Luiz I, le plus beau de notre pays, qui fut solennellement inauguré le 17 septembre 1881.

La partie principale se compose de neuf travées, qui forment la grande poutre en fer sur laquelle repose le tablier soutenu par huit robustes piliers de forme ovale, en pierre de taille, de même que les culées. Cette partie du pont est placée entre deux viaducts métalliques; celui du nord, rive droite, sous lequel passe la voie ferrée mesure 24^m,40 de long, sans compter les massifs qui lui servent d'appui; celui du sud, rive gauche, s'appuie sur 37 doubles pilotis en fonte, de 0^m,35 de diamètre reliés par des fers plats et terminés, à leur partie inférieure, en pointes hélicoïdales enfoncées de quelques mètres dans le terrain sablonneux. Deux massifs ou culées aux extrémités de ces viaducts établissent la liaison avec la route. La longueur totale du pont y compris les viaducts est de 1213^m,179, son élévation de 22^m au dessus du niveau des eaux d'étiage. Le tablier a 6^m de largeur.

En sortant du pont par le viaduct sud, on se trouve sur une des plus belles routes qui existent en Portugal; c'est une large avenue, parfaitement plate, très droite, et très longue, plantée de hautes rangées de magnifiques peupliers, dont les branches, pendant la belle saison, s'entrecroisent formant une délicieuse voûte de verdure.

Mais n'oublions pas les autres quartiers de Santarem.

Celui de Ribeira, qui prospère de jour en jour, s'étend à l'est de Marvilla, sur la rive du fleuve à partir de la montagne. Il est remarquable par le monument en mémoire de Santa Iria et par la fameuse légende de l'Alfageme, le célèbre armurier qui *trempa l'épée du connétable dont le fil ne s'émoussa jamais.*

Ribeira fut jadis le *Seserigo* des Arabes, d'après ce qu'on lit dans le *Chansonnier* du *Collegio dos Nobres*

Ai senterigo, ai senterigo!
Al é Alfanx, e al Seserigo.

Le triste quartier de l'*Alfange* de plus en plus abandonné, semble vouloir se cacher entre les deux autres, au fond de la vallée opposée à Ribeira. Cependant il nous ramène à la mémoire la fin tragique du malheureux prince D. Affonso, seul fils légitime du roi D. Jean II, qui mourût dans une humble chaumière de pêcheurs, après une chûte de cheval, en jouant aux courses entre les Omnias et l'Alfange. Il nous rappèle aussi les traités de paix entre D. Fernando de Portugal et D. Henrique de Castille; le roi de Portugal fut à cette occasion si aimablement accueilli, qu'à son retour il disait à ses courtisans: *Voyez comme je reviens henrifié.*

Zéphyrino Brandão.

A vivenda real de Queluz



marquez de Rezende dá-nos na sua «Descripção e recordações historicas do paço e quinta de Queluz» alguns quadros, verdadeiramente interessantes, da vida palaciana dos bons tempos de Queluz.

Veja-se a descripção das festas de S. Pedro de 1772, começadas n'uma festa d'egreja, proseguidas em cavalhadas e tourada á tarde, e fechando á noite com a representação de *Il Parnaso confuso* de Glück, regido por Peres, na sala das Serenatas, e grande fogo d'artificio, cá fóra, para o povo.

Outro quadro não menos caracteristico é a celebração, na mesma sala das Serenatas, do 19.º anniversario do principe D. José (21 de agosto de 1779) reinando já D. Maria I.

Finda a recepção n'aquella sala, representou-se no antigo theatro real de Queluz (inaugurado um anno antes) o drama *La Galatea,* letra de Metastasio e musica de Antonio da Silva, seguindo-se-lhe um bailado do compositor Alberti, «il Fedeschino» [1].

Queluz é a capital, o centro da região saloia.

Miguel Leitão d'Andrade foi o primeiro que tornou classica a barbarie saloia. O marquez de Rezende suppõe que os saloios derivam d'alguma tribu, mais distincta, da moirisma, auctorisada a ficar aldeada nas cercanias de Lisboa pelas leis de Affonso I, III e D. Diniz. Defende-os da barbarie que lhes suppõe Andrade e aponta, entre outros saloios illustres, o theologo Jardo, os navegadores Gonçalo e Pedro de Cintra, frei Bartholomeu dos Martyres, Contador d'Argote, além de dois reis, dois principes, uma princeza, um infante e sete infantas de Portugal!

A quinta de Queluz pertenceu a D. Brites, mãe do rei D. Manoel, mas não foi d'ella que a quinta passou aos nossos principes.

Christovão de Moura, ramo dos senhores d'Azambuja, o protegido da princeza D. Joanna, mãe de D. Sebastião, o enviado secreto de Filippe II na obra da intrusão filippina, o favorito de Filippe III que lhe deu o titulo de marquez de Castello Rodrigo, vice-rei de Portugal por influencia do duque de Lerma, foi que vinculou de mão commum com sua mulher D. Margarida Corte Real a quinta de Queluz, que trinta e sete annos mais tarde havia de passar á dynastia que elle tanto combateu.

O segundo marquez D. Manoel de Moura nunca habitou Queluz.

O terceiro, D. Francisco, teve duas filhas — a primeira sem successão, a segunda, D. Joanna, casada em primeiras nupcias com Gilberto Pio, principe de S. Gregorio, de quem teve filhos. Foi com a casa Pio que a dynastia de Bragança tratou do compensativo do morgado de Queluz, quando este foi sequestrado em 1640, sendo seu proprietario o segundo marquez de Castello Rodrigo.

A casa do Infantado, instituida a favor do infante D. Pedro, depois rei (D. Pedro II), foi sempre administrada por elle até á sua morte, passando então a seu filho segundo D. Francisco.

A casa foi, por morte d'este, pleiteada entre D. Pedro (depois Pedro III) e seu tio D. Antonio, sendo por sentença arbitrada ao primeiro. A casa fôra muito ampliada com as doações de D. João V a

---

[1] No seu «Diccionario biographico dos musicos portuguezes» enumera o snr. Ernesto Vieira os theatros regios e os theatros publicos onde, entre nós, se cantou opera italiana.

A primeira opera cantada em Portugal foi-o no Paço da Ribeira, em 1733, reinando D. João V, que n'aquelle paço fundou o primeiro theatro regio. O mesmo monarcha fundou o theatro regio do paço de Belem, por elle adquirido, em 1739. D. José mandou construir a chamada «Opera do Tejo» no Paço da Ribeira, para substituir o de D. João V.

Depois do terremoto construiram-se os theatros da Ajuda, Queluz e Salvaterra. O de Queluz data de 1778, mas já alli se cantou opera em 1763 e ainda se cantou até 1787.

Deve accrescentar-se a estes theatros a Real Camara.

Dos theatros publicos o primeiro, chronologicamente, foi a Academia de musica (na Trindade), fundada em 1735 pelo violinista italiano Paghetti, passando d'alli para o Pateo dos Condes, depois theatro da Rua dos Condes — não fallando nos theatros do Bairro Alto e Salitre, onde tambem se cantou opera.

Em 1793, com a inauguração do theatro de S. Carlos, acabaram os outros theatros d'opera.

La résidence royale de Queluz



ANS son ouvrage intitulé «Description et souvenirs historiques du Palais et du Parc de Queluz» le marquis de Rezende nous présente quelques tableaux vraiment intéressants des mœurs de la cour, pendant les belles années de Queluz.

Qu'on lise la description des fêtes de St Pierre, l'année 1772, commencées par une fête d'Église, suivie de joutes à cheval et de combats de taureaux l'après midi, et se terminant le soir par la représentation, dans la salle des Sérénades, de l'Opéra *Il Parnaso confuso* de Glück, conduit par Peres, et au dehors, grands feux d'artifice pour le peuple.

Le 21 Août 1779, déjà sous le règne de D. Maria I, on célébra dans la même salle et d'une manière également caractéristique, le 19me anniversaire du prince D. José. Après la réception on joua dans l'ancien théatre royal de Queluz, inauguré un an auparavant, le drame *La Galatéa,* paroles de Métastase, musique de Antonio da Silva, suivi d'un ballet du compositeur Alberti, «il Fedeschino» [1].

Queluz est la capitale, le centre de la région paysanne.

Miguel Leitão d'Andrade fut le premier qui rendit classique la rusticité des paysans. Le marquis de Rezende prétend qu'ils sont originaires de quelque tribu moins sauvage des Maures, autorisée par les lois de D. Affonso I, III et D. Diniz, à demeurer aux environs de Lisbonne. Il les défend de la sauvagerie imputée par Andrade et cite, entre d'autres paysans illustres, le théologue Jardo, les navigateurs Gonçalo et Pedro de Cintra, Fr. Bartholomeu dos Martyres, Contador d'Argote, sans compter deux rois, deux princes, une princesse, un infant et sept infantes de Portugal!

Le parc de Queluz appartint à D. Brites, mère du roi D. Manuel, mais ce ne fut pas de ses mains qu'il passa à nos princes.

Christovão de Moura, issu des seigneurs d'Azambuja, protégé par la princesse D. Joanna, mère de D. Sebastião, émissaire secret de Philippe II dans l'œuvre de l'intrusion philippine, favori de Philippe III qui lui donna le titre de Marquis de Castello Rodrigo, vice-roi de Portugal par l'influence du duc de Lerma, fut, de commum accord avec sa femme D. Margarida de Côrte Real, le premier possesseur de la propriété de Queluz, qui devait trente sept ans plus tard appartenir à cette dynastie qu'il avait tant combattue. Le deuxième marquis n'habita jamais Queluz. Le troisième D. Francisco eut deux filles; la première ne laissa pas de succession, la seconde, D. Joanna, épousa en premières noces Gilbert Pio, prince de St Grégoire dont elle eut quelques enfants. C'est avec la maison Pio que la dynastie de Bragance traita l'acte compensatoire du majorat de Queluz, lorsque celui-ci fut séquestré en 1640; la propriété appartenait alors au deuxième marquis de Castello Rodrigo.

La maison de l'Infantado, apanage institué en faveur de l'Infant D. Pedro (plus tard roi D. Pedro II) fut toujours administrée par lui et passa, par sa mort, à son fils cadet D. Francisco.

Après le decès de celui-ci, D. Pedro (plus tard D. João III) et son oncle Antonio, plaidèrent la possession de cet apanage, qui fut adjugée au premier. La propriété était alors considérablement aug-

---

[1] Dans son dictionnaire biographique des musiciens portugais, Mr. Ernest Vieira cite les théatres royaux et publics où furent chantés en Portugal, les opéras italiens.

Le premier fut joué au Palais da Ribeira en 1733 sous le règne de D. João V, qui fonda dans ce palais le premier théatre royal. Le même roi institua le théatre royal du palais de Belem, acheté par lui en 1739. D. José fit plus tard construire l'Opéra du Tage, au palais da Ribeira pour remplacer celui de D. João V.

Après le tremblement de terre on édifia les théatres de Queluz, Ajuda et Salvaterra. Celui de Queluz date de 1778, mais on y chantait déjà des opéras en 1763 et on continua jusqu'à 1787.

Il faut ajouter à ces théatres la Real Camara (chambre royale).

Le premier théatre public, par ordre chronologique, fut l'Académie de musique (à Trindade) fondée en 1735 par le violoniste italien Paghetti; il passa plus tard au Pateo dos condes (cour des comtes) qui devint après, le théatre de la Rua dos Condes; nous ne parlons pas des théatres du Bairro Alto (quartier haut) et du Salitre, où on jouait aussi des opéras. En 1793 lors de l'inauguration du théatre S. Carlos, tous ces théatres furent supprimés.

seu irmão D. Francisco (bens dos condes da Feira, quintas da Murteira e Alfeite, terra das Marnotas, paços da Bemposta e Samora Correia, e Salvaterra de Magos, adquiridos por transacção com o marquez de Tancos).

Foi o infante D. Pedro (rei Pedro III) quem verdadeiramente fundou o paço de Queluz, transformando em residencia principesca a antiga casa de campo do marquez de Castello Rodrigo.

Damos a palavra ao marquez de Rezende:

«Dois artistas, um nacional, outro estrangeiro, Matheus Vicente d'Oliveira, natural de Barcarena, mestre d'obras da antiga escóla de Mafra, e alumno da casa do risco, onde estudou a geometria pratica e o desenho das cinco ordens, e que, depois de ser nomeado architecto da casa do Infantado, e do Senado da camara de Lisboa, fez a planta da basilica do Coração de Jesus, e João Baptista Robillon, architecto e esculptor francez, foram successivamente encarregados das construcções do novo paço, cuja inspecção foi dada a Mathias Antonio de Carvalho, guarda-roupa mui estimado do infante: Ignacio d'Oliveira Bernardes, architecto civil, que fez desenhos para parte da egreja de S. Francisco de Paula e para a casa de campo de Gerardo Devisme (hoje paço da snr.ª infanta D. Isabel Maria) em Bemfica, e que na «Collecção de memorias» de Cyrillo Volkmar Machado, vem mencionado como um dos tracistas do paço de Queluz, foi unicamente incumbido da planta e dos ornatos do theatro que alli se edificou logo á entrada do largo, no mesmo local em que, no anno de 1788, se fez, ás custas da corôa e da casa do infantado, por igual, o corpo do edificio onde morou a rainha D. Maria I, e no qual trabalharam, como mestre pedreiro, Antonio João, como mestre canteiro Francisco Antonio, e como mestre carpinteiro, Bernardino de Sena, todos tres mui habeis nos seus officios, debaixo da direcção de Matheus Vicente d'Oliveira.

Reservando para outro logar a noticia que conto dar das peças de musica, e dos compositores e cantores, que, desde a abertura d'aquelle theatro em 17 de dezembro de 1778 (primeiro anniversario do nascimento d'aquella soberana que se festejou depois da sua exaltação ao throno) até á ultima opera alli recitada, em 5 de julho de 1782, brilharam na referida sala, só accrescentarei aqui que a pintura d'ella foi feita por um artista chamado João Chrysostomo, cujo appellido não pude descobrir, e a sua douradura pelo mestre Jeronymo Gomes, sendo machinista Petronio Mazzoni, e director do vestuario Paulo Sollenghi, que tinham os mesmos empregos nos reaes theatros da Ajuda e Salvaterra.

Começou a obra do paço de Queluz (então commettida de todo a Matheus Vicente d'Oliveira, em cujo projecto não entrou o *jardim pensil,* que tanto formoseia as salas d'onde se sae para elle) por perfazer o torreão principiado a levantar no tempo do infante D. Francisco para a parte do poente, e a que, segundo a nova planta, devia corresponder outro no mesmo logar onde depois, por motivo das alterações que n'elle fizeram, se construiu o corpo saliente do edificio que habitou a princeza D. Maria Francisca Benedicta; devendo correr entre os dois torreões o lanço de casas com frente para o largo e para a quinta.

Debaixo d'esta delineação continuou a obra que comprehende os tres lados da área em que está a escada que dá entrada para a sala dos archeiros, e a parte do edificio que fica defronte das cozinhas, abraçando fóra d'aquelle espaço, e para a parte do nascente, a capella e a enfiada de casas terreas que vae entestar com a especie de palacete, de que já fallei, onde morreu a rainha D. Maria I, depois de viuva.

Desagradando ao infante, que já então era casado com aquella princeza, e a el-rei D. José, que tinha voto em materia de bellas-artes, a apparencia e a disposição interna do lanço de casas que cahia sobre a quinta, não lhes sendo menos ingrata a circumstancia de não estar o pavimento ao nivel d'ella, foi João Baptista Robillon, sob cuja direcção os nossos bons esculptores Manoel Alves e Silvestre de Faria Lobo, tinham, em 1758, fabricado as duas estatuas equestres allegoricas da Fama, que sobre pilastrões estão á entrada do parque, encarregado de remediar aquelles inconvenientes.

Os conhecimentos praticos que elle, além dos especulativos que possuia na sua profissão, tinha adquirido no seu paiz e na Italia, vendo com olhos de artista as obras mais primas d'este genero, despertaram-lhe a lembrança do *jardim pensil,* que, por obviar algumas d'aquellas incongruencias, levantou, logo no anno de 1762, ao longo da fachada do edificio, e d'onde veiu a este extenso passeio em socalcos o nome menos pratico de *jardim das abobadas.* Cingindo-o depois em uma airosa e magnifica balaustrada, e collocando no centro d'elle um soberbo tanque ornado de um bello grupo de

mentée par les douaires de D. João V à son frère D. Francisco (ces biens étaient ceux des comtes da Feira, les fermes de Murteira et Alfeite, les terres des Marnotas, les palais de Bemposta, de Samora Correia et Salvaterra de Magos, acquis par transactions avec le marquis de Tancos).

L'infant D. Pedro (roi D. Pedro II) fut le véritable fondateur du Palais de Queluz, et il transforma en une résidence princière, l'ancienne maison de campagne du marquis de Castello Rodrigo.

Laissons la parole au marquis de Rezende:

«Deux artistes, l'un portugais et l'autre étranger, furent successivement chargés des constructions du nouveau palais, dont on nomma inspecteur Mathias Antonio Carvalho, ancien préposé à la garde-robe de l'infant dont il était très estimé; l'artiste portugais était Matheus Vicente d'Oliveira, né à Barcarena, entrepreneur des travaux de l'ancienne école de Mafra, élève de l'école de dessin où il avait étudié les cinq ordres d'architecture et la géométrie pratique, architecte de la maison de l'Infantado et du Sénat de la Chambre à Lisbonne, et auteur du plan de la basilique du Coração de Jesus; l'artiste étranger était Jean Baptiste Robillon, architecte et sculpteur français. Dans la «Collection de mémoires» de Cyrille Volkmar Machado, on voit le nom de Ignacio d'Oliveira Bernardes, architecte civil, qui fit des dessins pour une partie de l'Église S. Francisco de Paula, et pour la maison de campagne de Gérard Devisme, aujourd'hui palais de l'Infante D. Isabel Maria, à Bemfica, et ce nom est cité comme de l'un des dessinateurs du palais de Queluz, mais, il est avéré qu'il a été uniquement chargé du plan et des ornamentations du théatre édifié à l'entrée de la place; à cet endroit on construisit, l'année 1788, aux frais également partagés, de la couronne et de la maison de l'Infantado, un corps de logis qui fut habité par la reine D. Maria I; cette construction dirigée par Matheus Vicente d'Oliveira, fut exécutée par trois ouvriers très habiles, Antonio João, maître maçon, Francisco Antonio, maître sculpteur, et Bernardino de Sena, maître charpentier. J'aurai plus tard l'occasion de parler des musiques, des compositeurs et des chanteurs qui brillèrent dans cette salle, dès l'ouverture du théatre, le 17 Décembre 1788, premier anniversaire de la reine après son avènement au trône, jusqu'à la dernière représentation qui eut lieu le 5 Juillet 1782; pour le moment je citerai seulement les peintures, qui furent faites par un artiste, João Chrysostomo, dont je n'ai pu découvrir le nom de famille, et les dorures par le maître Jeronymo Gomes; le machiniste était Pietro Mazzoni et le costumier Paulo Sollenghi, tous deux exerçant les mêmes fonctions aux théatres d'Ajuda et Salvaterre.

Dans le projet de construction du palais de Queluz, entièrement dirigé par Matheus Vicente d'Oliveira on n'avait pas compris le *jardin suspendu,* qui embellit considérablement les appartements ouvrant sur ses allées; les premiers travaux consistèrent dans l'achèvement du pavillon en avant corps commencé du temps de l'Infant D. Francisco, du côté ouest, auquel, d'après le nouveau plan, devait faire pendant un pavillon semblable; celui-ci aurait dû s'élever à l'emplacement où, après diverses altérations, on construisit un autre corps de logis en saillie, qui servit d'habitation à la princesse D. Maria Francisca Benedicta; entre ces deux pavillons devait s'étendre un vaste bâtiment dont les deux façades donneraient respectivement sur la place et sur le parc.

Les travaux continuèrent donc, selon ce plan, comprenant les trois côtés de la vaste surface où se trouve l'escalier qui donne accès à la salle des archers et la partie de l'édifice faisant face aux cuisines, et hors cet espace, du côté est, la chapelle et l'enfilade de maisons basses, qui aboutit au petit palais dont j'ai déjà parlé et où mourut la reine douairière D. Maria I. La différence de niveau entre l'édifice et le parc, l'apparence et la disposition intérieure des appartements de cette partie du palais, déplurent à l'infant, alors déjà marié, ainsi qu'à D. José expert en matière de beaux arts; et ils chargèrent alors Jean Baptiste Robillon de parer à ces inconvénients; c'était aussi sous sa direction que les habiles sculpteurs Manuel Alves et Silvestre Faria Lobo avaient exécuté, en 1758, les deux statues équestres allégoriques de la Renommée que l'on voit sur de gros piliers à l'entrée du parc.

Sans parler de ses remarquables facultés naturelles, Robillon avait observé avec ses yeux d'artiste les plus beaux chefs d'œuvre de sa spécialité et il avait acquis dans son pays et en Italie beaucoup de connaissances pratiques; il conçut l'heureuse idée du *jardin suspendu* qui obviait aux incongruités dont nous avons parlé et le fit aussitôt élever l'année 1762, suivant tout le long de cette façade du palais, et l'on donna à cette belle promenade en gradins le nom peu significatif de jardin des voûtes. Il le fit entourer d'une élégante balustrade et plaça au milieu un superbe bassin décoré d'un beau groupe de statues lançant des jets d'eau qui s'entrecroisaient, comme ceux des délicieux jardins de

figuras lançando espadanas de agua que se cruzam, como os dos deliciosos jardins de Versalhes, Santo Ildefonso e Marly, deu tambem o mesmo artista, pelo gosto d'elles, para o de Queluz, um lindo desenho de plantação, mui bem executado pelo jardineiro Luiz Simões, em quadros, divididos em areolas de flôres, cercadas de buxo, em cujos angulos se plantaram pequenos cedros dos quaes, com o decurso dos annos, se fizeram pyramides e figuras de bom lavor, que já não existem.

No restante da quinta, povoado, á imitação das *villas* romanas, de primorosas estatuas e de frondosas arvores silvestres e fructiferas, encanou-se o rio que a corta na sua maior largura; fez-se o horto botanico, rico de variedades vegetaes do novo e do velho mundo; fabricou-se engenhosamente a primeira cascata artificial que se viu nos arredores de Lisboa, sahindo toda a agua que d'ella se despenha de uma carranca de pedra que está no frontispicio; dispoz-se o amplo taboleiro do jogo da bola, abrigado por arvores copadissimas, onde el-rei D. José entendia com os melhores jogadores sobre quem havia de mostrar mais habilidade e mais forças; e finalmente, construiu-se a grande portada que da banda da alameda dá ingresso para a quinta. Praticou-se tudo isto conforme as normas dadas por João Baptista Robillon, que, superado o passo mais difficil, que era a feitura do jardim, deu confiadamente principio á obra que havia a fazer nas diversas partes do edificio fronteiras a elle.

Começando pelo torreão, onde apenas estavam findas as obras do quarto baixo e da escada por onde se sobe para o pavimento a cuja altura se tinha elevado o jardim, fez aquelle artista, no plano superior, o aposento do infante D. Pedro e da princeza sua augusta esposa, constando de poucas, mas bonitas peças, sendo as melhores a chamada de *D. Quichote*, por estarem nas paredes d'ella pintadas a fusco varias scenas do romance de Cervantes, e a sala do conselho d'Estado, que no tempo d'el-rei D. João VI foi encurtada para se fazer um corredor. Comprehende aquelle quarto um oratorio particular, onde estão depositados varios presentes mandados por diversos papas áquelle soberano, e na pequena recamara contigua a ella era o gabinete em que se faziam as conferencias com os ministros.

Concluido o torreão, passou o mesmo architecto a apparelhar as casas que se seguem em correnteza. Foi a primeira a *sala das talhas*, assim chamada pelos preciosos vasos de diversas dimensões de louça do Japão, que a adornam e se multiplicam nos magnificos espelhos de que as suas paredes e portas se acham vestidas, vendo-se nos topos columnas de marmore sustentando doceis da mesma pedra, e no tecto uma pintura (que, por mais diligencia que fiz, não pude saber por quem foi feita) representando um serenim, como se appellidavam as serenatas em que cantavam as pessoas reaes, onde figuram el-rei D. José, que é só quem está assentado, e junto d'elle, tocando cravo, o celebre mestre de musica David Peres, a, então princeza, e depois rainha D. Maria I, bem como a infanta, depois princeza D. Maria Francisca Benedicta, e as infantas D. Marianna Josefa e D. Maria Dorothea em acção de cantarem, e tendo nas mãos papeis de musica, o infante D. Pedro, coroado de louros, batendo o compasso, D. Lucas Jovini, mestre de musica da rainha D. Marianna Victoria, encostado a uma columna, e varios musicos da camara em torno.

Depois d'esta bella e rica sala, onde se davam os beija-mãos e as audiencias solemnes aos ministros estrangeiros, fizeram-se as duas que se seguem, na ultima das quaes, ao lado da *sala da tocha*, proximo á *sala dos archeiros*, se poz um jogo de bilhar. Depois d'esta sala prolongou-se por necessidade, um longo e largo corredor que dá serventia para o corpo saliente em que devia fazer-se o segundo torreão, e, pela casa então chamada *escura*, e hoje do *lanterneiro*, pela claraboia que alli se abriu durante a invasão dos francezes, para a capella, e para as duas grandes e, em tudo, magnificas salas, ornadas de bellíssimos espelhos, e obra de talha feita pelo insigne entalhador Silvestre de Faria, onde, no tempo do infante D. Pedro, se fizeram serenatas, e depois deu beija-mão a rainha D. Carlota Joaquina, e as princezas e infantas, até ao anno de 1806; passando mais tarde a ultima d'aquellas salas a ser transformada em theatro no tempo em que governou o snr. D. Miguel, e, dois annos depois, a converter-se em capella funérea onde se celebrou a missa e officio de corpo presente no dia do enterro do imperador D. Pedro I, regente durante a menoridade da rainha D. Maria II.»

Quando o principe D. João começou a governar como regente em nome de sua mãe (16 de fevereiro de 1792) veiu a côrte para Lisboa onde se demorou até 21 de março d'aquelle anno, dia em que voltou para Queluz. Vivendo ora em Queluz, ora em Lisboa, fixou-se finalmente n'aquelle paço

Versailles, Marly et St Ildefonso; le plan du jardin, d'après ces mêmes modèles, fut très bien exécuté par le jardinier Luiz Simões; il est divisé en parterres remplis de fleurs, entourés de buis et plantés, aux angles, de jeunes cèdres, que l'on tailla plus tard en forme de figures et de pyramides, qui n'existent plus.

L'autre partie du parc, peuplée comme les villas romaines, de belles statues et de magnifiques arbres fruitiers et sylvestres, est coupée dans sa plus grande largeur, par une rivière que l'on fit canaliser; on créa un jardin botanique enrichi de végétaux du vieux et du nouveau monde; on fabriqua ingénieusement la première cascade artificielle des environs de Lisbonne décorée à sa partie supérieure d'un énorme mascaron d'où se précipite toute la masse d'eau; on disposa un vaste enclos pour le jeu de boule, abrité par des arbres touffus, où le roi D. José se livrait avec les meilleurs joueurs, à des exercices de force et d'adresse, enfin on construisit le grand portail qui fait communiquer le parc avec la grande avenue. Tout cela fut fait sous la direction de Jean Baptiste Robillon, qui après avoir vaincu la plus grande difficulté en élevant le jardin, procéda en toute confiance à la construction de l'édifice attenant.

Commençant par le pavillon où on n'avait terminé que les travaux du rez-de-chaussée et de l'escalier donnant accès à l'étage au niveau du jardin, l'architecte fit construire au premier étage les appartements de l'Infant D. Pedro et de la princesse, son auguste épouse; les pièces, sans être nombreuses, sont d'une beauté remarquable, surtout la salle nommée de D. Quichote, dont les murs, peints de teintes sombres, présentent quelques scènes du roman de Cervantes; il y a encore la salle du conseil d'état qui fut raccourcie, du temps de D. Jean VI pour faire un corridor. Dans cette salle se trouve une chapelle particulière où l'on avait déposé quelques cadeaux envoyés par les Papes à ce souverain, et la petite antichambre contigue était un cabinet où avaient lieu les conférences avec les ministres. Lorsque le pavillon fut terminé, l'architecte s'occupa des pièces qui suivaient en enfilade. D'abord *la salle des jarres* ainsi nommée à cause des précieux vases de porcelaine du Japon, de diverses grandeurs, qui la décorent et se multiplient dans les magnifiques glaces dont sont revêtues les murailles et les portes; aux deux extrémités des colonnes de marbre soutiennent des baldaquins de la même matière; la peinture du plafond, dont malgré mes efforts je ne pus savoir l'auteur, représente un *serenim*, nom que l'on donnait aux sérénades où figuraient les personnes royales; on y voit le roi D. José, le seul qui est assis, et près de lui le célèbre maître de musique David Peres jouant du clavecin; la princesse, plus tard reine D. Maria I, l'infante, depuis princesse D. Maria Francisca Benedicta, et les infantes D. Marianna Josefa et D. Maria Dorothea tiennent à la main des cahiers de musique et semblent chanter, l'infant D. Pedro couronné de lauriers, bat la mesure, D. Lucas Jovini, maître de musique de la reine D. Marianna Victoria est appuyé à une colonne et on aperçoit encore plusieurs musiciens de la cour.

Après cette salle dont la richesse égale la beauté, et où se réalisaient les baise-mains et les audiences solennelles aux ministres étrangers, on en bâtit encore deux qui se suivent; dans la dernière, à côté de la salle du cierge, près de celle des archers, on plaça un billard. On dût ensuite construire dans le prolongement de cette salle, un long et vaste corridor conduisant au bâtiment en avant corps qui devait être le pavillon; il passait aussi par la salle nommée autrefois *obscure* et aujourd'hui du *lanternier* à cause de la lanterne qu'on y ouvrit dans le plafond lors de l'invasion française, et desservait la chapelle et encore deux autres salles vastes et somptueuses ornées de magnifiques glaces et de boiseries richement sculptées par l'insigne ébéniste Silvestre de Faria; c'était là que du temps de l'infant D. Pedro on donnait les sérénades, et qu'avaient lieu les baise-mains de la reine D. Carlota Joaquina, des princesses et des infantes, jusqu'à l'année 1806; cette dernière fut plus tard transformée en théatre par les ordres de D. Miguel et deux ans après elle servit de chapelle funèbre, pour la célébration des messes et des offices, le jour de l'enterrement de l'empereur D. Pedro I, régent pendant la minorité de la reine D. Maria II.

Lorsque le prince D. Jean commença à gouverner comme régent, au nom de sa mère (le 16 Février 1792) la cour vint à Lisbonne où elle resta jusqu'au 21 Mars de cette même année, et retourna ensuite à Queluz. On vivait tantôt à Queluz tantôt à Lisbonne, et enfin après l'incendie du Palais d'Ajuda le 11 novembre 1794, on se fixa à Queluz pendant treize ans, jusqu'à 1806.

depois do incendio do paço da Ajuda (11 de novembro de 1794) ficando em Queluz os treze annos que vão até 1806.

Foi então que se concluiu o lanço de casas que a rainha mandou construir, em 1792, ao longo da galeria occidental; modificou-se a divisão interior para alojar o principe D. João, sua mulher e seus filhos (no corpo saliente [1] do edificio); construiu-o o palacete que servia de quartel das guardas; as edificações fronteiras á capella, entre as quaes a torre dos sinos (1794-1807); procedeu-se a melhoramentos no jardim e deu-se nova fórma ás estufas d'ananazes do tempo de D. Pedro III; á feitura das cocheiras e cavallariças; e finalmente á fabrica do Jardim Grande, que da banda do norte fica junto á Alameda do Curro, com dois grandes lagos, dois magnificos tanques e doze bacias de pedra em fontes de repuxo.

As origens do paço de Queluz, como fica dito, prendem-se com a instituição da casa do Infantado, creada a favor do filho segundo dos nossos monarchas pelo rei D. João IV (1654), á custa em grande parte, dos bens sequestrados ao segundo marquez de Castello Rodrigo e outros fidalgos que, em 1640, passaram ao serviço de Castella.

N'aquelle paço se urdiu a conspiração que levantou ao throno o infante D. Pedro. Por morte d'este passaram os bens do Infantado a seu filho D. Francisco, de tenebrosa memoria, que ampliou a primitiva construcção.

Á morte d'este, foi a posse da casa do Infantado disputada entre o infante D. Antonio, filho de D. Pedro II, e o infante D. Pedro, filho de D. João V, e mais tarde marido da rainha D. Maria I.

Este é que resolveu, como diz o snr. Vilhena Barbosa, fazer do paço de Queluz o Versalhes de Portugal, arredondando a quinta com a acquisição de propriedades limitrophes e confiando as obras do paço e jardim á direcção de Matheus Vicente de Oliveira e João Baptista Robillon.

Interrompidas com o terremoto, as obras proseguiram ulteriormente com actividade até 1786, anno em que morreu D. Pedro III. D. Maria I, em 1796, fez edificar um novo corpo, onde residiu. Os jardins e parque ultimaram-se por essa data [2].

(Continúa).

Manoel d'Oliveira Ramos.

---

[1] Em cujo andar, rente do jardim, habitou a princeza D. Maria Benedicta.

[2] Beckford nas suas «*Recollections of an excursion to the monasteries of Alcobaça and Batalha*» que ainda não teve, como merecia, as honras de uma traducção portugueza, refere um curioso episodio da sua estada em Portugal, em que o viajante inglez entrou como figurante e que teve por theatro os jardins de Queluz. Vindo elle de Cadafaes, onde assistira á *vespera* de Santo Antonio, dirigiu-se a Queluz onde o aguardava um espectaculo de uma indole muito diversa. Eis como o refere o meu eminente amigo e notabilissimo investigador dr. Sousa Viterbo no seu livro «Artes e artistas em Portugal» (1892):

«De Cadafaes Beckford dirigiu-se para Queluz, onde então estava a côrte, e onde a princeza regente, a famigerada Carlota Joaquina, desenfadava voluptuariamente os seus ocios. Queluz, áquelle tempo, era uma das residencias queridas da familia real, e tinha todos os attractivos de uma faustosa vivenda de prazer.

Os seus vastos jardins estavam povoados de aves e de plantas raras, trazidas a todo o custo das regiões americanas. Eram verdadeiros jardins de Armida, onde só penetrava o sequito numeroso da princeza. Graças á familiaridade que tinha na côrte, Beckford pôde entrar sem difficuldade, e, depois de atravessar algumas aleas de formoso arvoredo, foi encontrar a esposa de D. João VI n'um amphitheatro de verdura, recostada orientalmente, como princeza de um conto das mil e uma noites, rodeada de trinta a quarenta raparigas, todas bellas e fascinadoras.

Depois dos comprimentos do estylo, a rainha convidou-o a uma corrida, n'uma das avenidas do jardim, admiravelmente proporcionada áquelle jogo. D. Pedro, o filho mais novo do marquez de Marialva, e Beckford, disputaram então a carreira á porfia com duas raparigas indianas de quatorze a quinze annos, as duas mais originaes e graciosas creaturas que poderia retratar um pincel hindú. A agilidade britannica sahiu-se, porém, vencedora, e um murmurio de approvação, quasi surdo por causa da etiqueta, coroou o seu triumpho.

— «Muy bien, muy bien — proferiu a princeza no seu idioma nativo — vejo que o inglez sabe correr; quero vêr agora se elle sabe, como me dizem, dançar um bolero. Dou-lhe como par Antonita, a melhor dançarina que me acompanhou de Hespanha».

E apenas ella soltára estas palavras quando Beckford sentiu os seus ouvidos acariciados por um côro feminino, o mais harmonico, o mais avelludado, que o fez estremecer e o embalou n'um deliquio romantico.

O par de Beckford era uma andaluza cheia de fogo e de animação como as bellezas de Cadiz e Sevilha, posto que não fosse tão nova como elle — o brejeiro! — desejava. Já ella repenicava as castanholas e soltava as notas argentinas da sua voz vibrante, quando se ouviu um *sciu! sciu!* que fez interromper o côro e a dança. Era o marquez de Angeja que chegava com recado do principe para levar o inglez á sua presença. Beckford beijou a mão de Carlota Joaquina e foi com a mais desesperadora reluctancia que elle abandonou aquelle recinto de delicias.»

C'est alors que fut achevée la partie de ce palais que la reine fit construire en 1792, au long de la galerie occidentale; on modifia la disposition intérieure afin d'y installer le prince D. João, sa femme et ses enfants, dans le bâtiment en saillie [1] de l'édifice; on éleva le corps de logis servant de caserne des gardes et les édifications en face de la chapelle, entre autres la tour du clocher (1794-1807), on procéda à quelques embellissements dans le jardin, donnant une nouvelle forme à la serre aux ananas, qui datait de D. Pedro III; on bâtit de nouvelles écuries et remises, et on traça le grand jardin placé au nord, près de l'Alameda do curro (allée des bestiaux) dans lequel se trouvent deux grands lacs, deux magnifiques bassins et douze vasques de pierre avec des jets d'eau.

On voit que l'origine du palais de Queluz se relie à l'institution de la maison de l'Infantado, créée en 1654 en faveur des fils cadets de nos rois et dont la majeure partie fut tirée des biens confisqués au deuxième marquis de Castello Rodrigo et à d'autres nobles qui en 1640 passèrent au service de Castille.

C'est à Queluz que fut ourdie la conspiration qui plaça sur le trône l'infant D. Pedro. Par sa mort les biens de l'Infantado passèrent à son fils D. Francisco de ténébreuse mémoire, lequel augmenta la construction primitive.

Après lui la possession de la maison de l'Infantado fut disputée entre D. Antonio, fils de D. Pedro II et l'infant D. Pedro, fils de D. João V, plus tard mari de la reine D. Maria I.

Ce fut celui-ci qui résolut, comme dit Mr. Vilhena Barbosa, faire du palais de Queluz le Versailles de Portugal, ajoutant au parc toutes les propriétés environnantes qu'il put acquérir et s'en remettant pour les travaux du palais et du jardin, à la direction de Matheus Vicente d'Oliveira et Jean Baptiste Robillon.

Ces travaux interrompus par le tremblement de terre, continuèrent plus tard activement jusqu'à 1786, année où expira D. Pedro III. D. Maria I fit en 1796 bâtir un nouveau corps de logis qu'elle habita; le jardin et le parc furent aussi terminés vers ce temps-là [2].

(À suivre).

Manoel d'Oliveira Ramos.

---

[1] Au rez-de-chaussée sur le jardin habitait la princesse D. Maria Benedicta.

[2] Beckford dans ses *Recollections of an excursion to the monasteries of Alcobaça and Batalha* qui n'ont pas encore eu l'honneur, si bien mérité, d'une traduction portugaise, raconte un curieux épisode de son séjour en Portugal, où il joua le rôle de figurant et qui eut pour théatre les jardins de Queluz. Il revenait de Cadafaes où il avait fêté la *veillée* de St Antoine et se rendait à Queluz où l'attendait un spectacle de genre tout-à-fait différent.

Je rapporte le récit de mon éminent ami le remarquable investigateur, Mr. Sousa Viterbo dans son livre *Arts et Artistes portugais* (1892).

«De Cadafaes, Beckford se rendit à Queluz où se trouvait alors la cour et où la princesse régente, la fameuse Carlota Joaquina se désennuyait voluptueusement pendant ses loisirs. Queluz était dans ce temps-là une des résidences préférées de la famille royale et offrait tous les attraits d'une somptueuse demeure de plaisance.

Les vastes jardins étaient peuplés d'oiseaux et de plantes rares rapportés difficilement des régions lointaines de l'Amérique. C'étaient de véritables jardins d'Armide où ne pénétraient que les personnes de la suite de la princesse. Grâce à la familiarité qu'il avait à la cour, Beckford entra sans difficulté et après avoir traversé quelques allées de-beaux arbres, il finit par trouver l'épouse de D. João VI dans un amphithéatre de verdure, couchée à l'orientale comme une princesse des contes de Mille et une nuits, et entourée de trente à quarante jeunes filles d'une beauté rayonnante.

Après les compliments d'usage, la reine invita Beckford à une course dans les avenues du jardin, admirablement approprié pour ce jeu.

D. Pedro, plus jeune fils du marquis de Marialva, et Beckford disputèrent alors une coursè un défi avec deux jeunes indiennes de quatorze à quinze ans, les deux créatures les plus originales et gracieuses qu'eut pu rêver un peintre hindou. Mais l'agilité britannique triompha et un murmure flatteur, àpeine distinct à cause de l'étiquette, applaudit le vainqueur.

Muy bien, muy bien, dit la princesse en espagnol, je vois que l'anglais sait courir; voyons maintenant si, comme on le dit, il sait danser le boléro. Je lui donne Antonita pour partenaire, c'est la meilleure danseuse que j'ai amenée d'Espagne.

Elle finissait de prononcer ces mots et Beckford sentit ses oreilles caressées par un chœur féminin si harmonieux, si velouté, qu'il en tressaillit et commença à se bercer d'un rêve romantique. Sa partenaire était une andalouse pleine de feu et de vie, comme les beautés de Cadix et Séville, quoiqu'elle ne fut plus aussi jeune qu'il l'eut desirée. Elle commençait déjà à faire sonner ses castagnettes et à faire entendre les notes argentines de sa voix vibrante, lorsqu'on entendit un *sciu-sciu* qui fit cesser sur-le-champ le chœur et la danse. C'était le marquis d'Angeja qui venait chercher Beckford pour le conduire chez le prince. L'anglais baisa la main de Carlota Joaquina et ce fut avec la plus évidente contrariété qu'il abandonna ce lieu de délices.

A vivenda real de Queluz


Destruido por um incendio o velho palacio da Ajuda, a familia real vae fixar-se em Queluz até 1807. Em 1821, no regresso do Brazil, voltou para alli a côrte. As desintelligencias da familia real obrigaram D. João VI a ir para a Bemposta. Em Queluz ficou a rainha com sua filha mais nova. A rainha alli morreu em 1830, residindo no paço de Queluz, até 1833, o rei D. Miguel com as infantas D. Izabel Maria e D. Maria da Assumpção. Nos ultimos dias da sua doença o rei D. Pedro IV fez-se transportar para alli, vindo a morrer onde nascera. E com a morte do rei fecha-se a historia do paço como habitação regia.

Duas palavras ainda sobre os artistas de Queluz.

De Robillon pouco mais se sabe do que o referido pelo marquez de Rezende. Matheus Vicente é um filho da grande escóla fundada em Mafra por Ludovice — a *Casa do risco*. Mal se póde comprehender a architectura religiosa e civil do nosso seculo XVIII, sem seguir a genealogia artistica dos mestres que sahiram da escóla de Ludovice. O grande mestre allemão não foi apenas o delineador do monumento de Mafra, essa maravilha de equilibrio e harmonia ainda hoje tão mal comprehendida e tão calumniada. É o auctor da capella-mór de S. Domingos, que foi acabada por Padua; a capella-mór da Sé d'Evora; a sua ermida de Bemfica; a porta da Capella Real (Patriarchal) que hoje está em S. Domingos; o seu palacete no cimo da Calçada da Gloria, em S. Pedro d'Alcantara; a sua casa de campo d'Alfarrobeira.

Matheus Vicente foi um dos artistas mais distinctos que deu a *Casa do risco*. Era o architecto da casa do Infantado, e do Senado da Camara. N'esta ultima qualidade foi o reedificador da egreja de Santo Antonio da Sé, arruinada pelo terremoto. Mas a sua obra prima — porque o é em absoluto — é o Convento e Basilica do Coração de Jesus.

Eis como se exprime Volkmar Machado (*Collecção de memorias*) que é d'uma injustificada severidade com este notavel artista.

«Não podem ás vezes os artistas fazer o que entendem e desejam, porque os donos das obras não querem despender, mas n'aquella (a egreja de Santo Antonio da Sé) não poderia allegar-se essa desculpa, nem se póde entender a razão por que tendo Matheus Vicente carregado d'ornamentos superfluos a fachada da egreja, e mesmo o lado d'ella pela parte exterior, fez tão pouco caso da cupula, que mais parece o mirante de uma quinta que o zimborio de uma egreja, quando todos sabem que as cupulas, quando as ha, são as peças mais importantes dos edificios, e aonde os melhores architectos têm posto todo o seu saber.

Fez tambem o convento e basilica do Coração de Jesus, obra sumptuosa, *apesar de que translux por entre a magnificencia da soberana que a mandou fazer, o espirito mesquinho do homem que a desenhou.*»

O que transparece é o estreito parentesco entre o templo da Estrella e o de Mafra, sem quebra de uma certa originalidade e de uma incontestavel elegancia e garbo no traçado. E da parte de Cyrillo transluz uma evidente má vontade contra o habil architecto e tracista (diga-se o velho termo) da maior parte do paço de Queluz, provavelmente do corpo central e construcções da ala do norte. Robillon, ao que parece, fez quasi toda a parte restante — provavelmente toda a ala do sul, com o jardim pensil, columnata e escadaria voltada para o Jamor, e as decorações dos jardins.

O architecto e pintor Oliveira Bernardes foi tambem o delineador de uma parte do Palacio de Queluz — não tenho elementos para dizer de qual — e decorador do respectivo theatro. Fez desenhos, diz Cyrillo, para uma parte da egreja de S. Francisco de Paula, para a casa e quinta de Gerardo Devisme.

Assignalou-se ainda como decorador dos theatros regios, no interregno que vae de Bibiena a Azzolini; do theatro dos Congregados do Espirito Santo, e do da rua dos Condes. Mas foi como pintor que a sua actividade artistica principalmente se exerceu.

La résidence royale de Queluz


Après l'incendie qui détruisit le vieux palais d'Ajuda, la famille royale vint se fixer à Queluz jusqu'à l'année 1807, et en 1821, à son retour du Brésil, la cour s'y réinstalla. Les mésintelligences de la famille royale obligèrent D. Jean VI à aller demeurer à Bemposta, mais la reine, avec la plus jeune de ses filles, resta à Queluz, jusqu'à sa mort, qui eut lieu en 1830. Le palais fut habité jusqu'à 1833 par le roi D. Miguel et les infantes D. Izabel Maria et D. Maria da Assumpção. Le roi D. Pedro IV désirant mourir où il était né, se fit transporter à Queluz pendant la dernière période de sa maladie, et avec sa mort, se termina l'histoire de ce palais comme résidence royale.

Deux mots encore à propos des artistes de Queluz.

De Robillon, on sait à peine ce qu'en a dit le marquis de Rezende. Matheus Vicente fut un élève de la grande école fondée à Mafra par Ludovice, qui se nommait la *Casa do Risco*. Il n'est pas facile de comprendre l'architecture religieuse et civile de notre XVIIIme siècle, sans étudier la généalogie artistique des maîtres qui sortirent de l'école de Ludovice. Le grand maître allemand ne fut pas seulement le dessinateur du monument de Mafra, cette merveille d'harmonie et d'équilibre, si calomniée et si mal comprise encore de nos jours. Il fut aussi l'auteur du maître autel de S. Domingos, terminé par Padua; du maître autel de la Cathédrale d'Evora; de sa chapelle de Bemfica; de la Porte de la Chapelle Royale (Patriarcale) actuellement à S. Domingos; de son palais situé au sommet de la Chaussée da Gloria, à S. Pedro d'Alcantara, et de sa maison de campagne d'Alfarrobeira.

Matheus Vicente fut un des artistes les plus remarquables qui sortit de la *Casa do Risco;* il était aussi l'architecte de la maison de l'Infantado et du senado da Camara, et c'est en cette qualité qu'il réédifia l'église de St Antonio da Sé, ruinée par le tremblement de terre. Mais son œuvre capitale, car elle l'est réellement, est le couvent et la Basilique du Coração de Jesus.

Dans sa collection de Mémoires, Volkmar Machado, qui est d'une injuste sévérité, envers ce remarquable artiste, s'exprime dans les termes suivants: «Bien souvent les artistes ne peuvent faire complètement ce qu'ils conçoivent et désirent, parce que les propriétaires ne veulent pas trop dépenser; mais dans ce travail (l'Église de St Antonio da Sé) cette raison n'est guère valable, et on ne peut pas comprendre pour quel motif, Matheus Vicente, ayant surchargé d'ornements superflus la façade et le flanc extérieur de l'église, a fait si peu de cas de la coupole, qui a plutôt l'aspect d'un belvéder de jardin que celui d'un dôme, et tout le monde sait que les dômes, quand on les fait, sont les parties les plus importantes des édifices, et celles où les architectes font preuve de leur plus grand savoir. Il a fait aussi le couvent et la basilique du Coração de Jesus, un travail somptueux, *mais dans lequel on voit percer, à travers la magnificence de la souveraine qui l'a commandé, l'esprit mesquin de l'homme qui l'a exécuté.*»

Ce que l'on voit incontestablement *percer*, c'est l'étroite similitude entre le temple de Estrella et celui de Mafra, sans toutefois avoir omis d'imprimer à chacun d'eux une certaine originalité, et une remarquable élégance dans le galbe du dessin. De la part de Cyrillo Volkmar on aperçoit un évident mauvais vouloir contre l'habile architecte et le *traceur* (pour employer l'ancien terme) du palais de Queluz, probablement de la partie centrale et des constructions de l'aile nord. Robillon, à ce qu'il parait, fit tout le reste — l'aile sud, avec le jardin suspendu, la colonnade, et l'escalier qui descend vers le Jamôr, ainsi que les décorations des jardins.

Le peintre et architecte Oliveira Bernardes fut aussi le dessinateur d'une partie du Palais de Queluz, — je ne saurais préciser laquelle —, et le décorateur de son théâtre.

Il fit aussi des dessins, dit Cyrille, pour une partie de l'église de S. Francisco de Paula, et pour la maison et le parc de Gérard Devisme.

Dans l'interrègne qui va de Bibiena a Azzolini, il se signala comme décorateur des théâtres royaux, du théâtre des Congregados do Espirito Santo, et de celui de la Rua dos Condes. Mais son activité artistique fut surtout exercée dans la peinture.

Les principaux tableaux sont: S. José et Notre Dame du Livramento, aux Oratoires du Palais de

Pintou o S. José e a Nossa Senhora do Livramento dos Oratorios do Paço de Mafra; nas aulas, um Santo Antonio; na sacristia, S. Francisco das Chagas; na portaria-mór Santo Antonio diante da Virgem.

Tem quadros em S. Francisco de Paula (S. José, SS. Trindade, S. Miguel). Em Santa Isabel, a Senhora da Arrabida; no refeitorio de S. Bento, o Castello d'Emauz; nas Necessidades o Calvario e a SS. Trindade; quadros na capella-mór das Freiras de Carnide; um S. Francisco no Menino Deus; a Piedade em S. Vicente; o da egreja do Rato; dois na Cartuxa; etc.

Ainda a titulo de curiosidade recommendaria a quem se interesse por estas coisas velhas a leitura de um artigo publicado por Sousa Viterbo no extincto *Jornal da Manhã,* do Porto, no numero de 4 de novembro de 1886.

O artigo refere-se a um artista portuguez, Manoel da Costa, de que Cyrillo Volkmar Machado, nas suas *Memorias,* diz apenas as seguintes linhas:

«Manoel da Costa fez muitas obras e entre ellas alguns téctos no Paço de Nossa Senhora da Ajuda, e de Queluz; e retirou-se para o Rio de Janeiro em 1811, depois de perder a formosa mulher com quem fôra casado.»

E nada mais.

Durante a invasão franceza (supponho que na primeira) Manoel da Costa foi encarregado da pintura de alguns dos tectos de Queluz. São allegorias no gosto do tempo — e todos sabem que o gosto do tempo deixava muito a desejar. Pela minha parte detesto de todo o coração tudo quanto se produziu sob a influencia do Imperio. O que não quer dizer que não houvesse artistas de um cunho pessoal que n'aquelle triste periodo se subtrahiram ao academismo pseudo-classico dominante. Ha em todos os tempos — e ainda bem, temperamentos insubmissos para os quaes a arte se não decreta.

O nosso artista, que não foi um insubmisso, mas um bom homem, até como pintor, foi accusado de lisongear, nas suas allegorias, o tyranno Junot e o *corso audaz,* como se dizia na periphrase da época.

O homem saíu-se então com um folheto, que eu imagino ser hoje uma raridade bibliographica, e cujo titulo é este:

«Descripção das allegorias pintadas nos tectos do Real Paço de Queluz novamente reformado á ordem do general em chefe do exercito francez, na occasião em que esperava em Portugal o seu imperador — Lisboa — na officina de Antonio Rodrigues Galhardo — 1808.»

Innocencio accrescenta a este titulo a indicação: in-4.º de 17 paginas.

N'estas 17 paginas cançou-se o pintor a justificar-se da accusação de que foi alvo; e nada mais curioso (se não comico) do que a sua defeza, para a qual adduz razões tiradas de auctores consagrados — até do nosso Camões — tudo conducente a provar que as suas allegorias eram exactamente o contrario do que pretendiam os seus detractores, e estavam crivadas de *sueltos* contra o despotismo francez.

O Paço e jardim de Queluz, como disse, foram quasi abandonados como vivenda real.

Ha, porém, quatro annos, os nossos actuaes soberanos mandaram restaurar as paredes de azulejos que marginam a ribeira do Jamôr, onde as ultimas côrtes do absolutismo realisaram alguns dos seus mais caracteristicos passatempos.

Aquellas paredes estão revestidas de azulejos da nossa antiga fabrica do Rato, e os seus desenhos, executados, ao que parece, por artistas hollandezes, eram da lavra de Robillon.

O tempo foi arruinando tudo aquillo. Os antigos jogos d'agua, a cascata e outras dependencias do parque resentem-se, naturalmente, do abandono a que foram votados. As melhores salas de Queluz estão hoje em tal descalabro, que só com grande dispendio se poderiam restaurar.

A restauração dos azulejos do Jamôr obedece a um plano de restauração geral? Eis o que não sei dizer, porque nada me consta a este respeito, e eu não pude averigual-o.

Oxalá que sim, porque penso, ao contrario, talvez, do que geralmente se pensa, que restaurar as recordações d'arte e os edificios historicos, é uma das fórmas mais elevadas que póde revestir o culto intelligente do passado, e vem afinal a redundar n'uma economia bem entendida.

Desperdicio, esbanjamento, é deixar caír a pedaços o que tanto custou a levantar, o que representa o esforço, a arte e a riqueza de tantas gerações.

Manoel d'Oliveira Ramos.

Mafra; S.t Antoine dans les classes; S.t François das Chagas, dans la sacristie, et S.t Antoine devant la Vierge dans l'entrée principale.

Dans l'église S. Francisco de Paula on voit de lui: S.t Joseph, la Sainte Trinité, S.t Michel. À Sainte Isabel, Notre Dame da Arrabida; au refectoire de S.t Benoît, le château d'Emaüs; à Necessidades, le Calvaire et la Sainte Trinité; des tableaux divers dans le sanctuaire des religieuses de Carnide; un S.t François à l'Église Menino Deus, la Piété à S.t Vincent, un à l'église du Rato, deux à Cartuxa, etc.

À ceux qui s'intéressent à ces vieilles choses je recommenderais à titre de curiosité, la lecture d'un article publié par Sousa Viterbo, le 4 Novembre 1886, dans le *Jornal da Manhã,* de Porto, actuellement supprimé.

L'article fait mention d'un artiste portugais, Manoel da Costa, dont Cyrille Volkmar, dans ses mémoires dit àpeine ces quelques lignes:

«Manoel da Costa fît beaucoup de travaux, entre autres quelques plafonds du palais de Ajuda et de Queluz; il se retira à Rio de Janeiro en 1811, après avoir perdu sa femme qui était d'une grande beauté.»

Et rien de plus.

Pendant l'invasion française (je pense que la première) Manoel da Costa fut chargé de la peinture de quelques plafonds de Queluz. C'est des allégories au goût de l'époque, et tout le monde sait que le goût de ce temps-là laissait beaucoup à désirer. Quant à moi, je déteste cordialement tout ce qui a été produit sous l'influence de l'Empire, ce qui ne signifie nullement l'absence totale d'artistes qui ont eu leur cachet personnel et qui ont su se soustraire à l'académisme pseudo-classique, dominant pendant cette triste période.

Heureusement il y a eu de tous temps, des tempéraments assez insoumis, pour ne pas s'assujétir à des impositions artistiques.

Notre artiste, cependant, ne fut pas un insoumis mais un bon homme, même comme peintre, ce qui ne l'empêcha pas d'être accusé de flatter, dans ses allégories, le tyran Junot et l'*audacieux corse,* comme on disait dans la périphrase de cette époque.

Le pauvre homme publia alors un pamphlet, qui doit être aujourd'hui une rareté bibliographique, et dont le titre était: «Description des allégories peintes sur les plafonds du Palais Royal de Queluz, nouvellement restauré par ordre du général en chef de l'armée française, à l'occasion où il attendait en Portugal, la visite de son empereur — Lisbonne — Imprimerie de Antonio Rodrigues Galhardo — 1808.»

Innocencio ajoute au titre cette indication: in-4º de 17 pages.

Dans ces 17 pages, le peintre chercha bien à se défendre des accusations dont il était l'objet; et rien de plus curieux (sinon comique) que sa défense, basée sur des raisonnements tirés d'auteurs consacrés — voire même Camões — et tendant à prouver que ses allégories étaient justement le contraire de ce que prétendaient ses détracteurs et étaient criblées de saillies contre le despotisme français.

Le palais et le jardin de Queluz, comme je l'ai dit, sont presque abandonnés comme résidence royale.

Cependant, il y a quatre ans, les souverains actuels ont fait restaurer les murs de faïences qui bordent la rivière du Jamôr, où les dernières cours de l'ancien régime réalisaient quelques fêtes et passetemps très caractéristiques.

Ces faïences sont de notre ancienne fabrique du Rato, et leurs dessins exécutés, à ce qu'il parait, par des artistes hollandais, étaient de l'invention de Robillon.

Le temps a ravagé tout cela; les anciens jeux d'eaux, la cascade et d'autres dépendances attestent bien l'abandon auquel on les a voués. Les plus belles salles du palais de Queluz sont actuellement dans un tel état de ruine, qu'il faudrait des sommes immenses pour les réparer.

La restauration des faïences du Jamôr obeit-elle à un plan de réparation générale? C'est ce que je ne saurais dire, car je n'ai pu m'en assurer. Dieu le veuille, car je pense, contrairement à beaucoup de personnes, que la conservation de souvenirs artistiques et d'édifices historiques est une des formes les plus belles que peut revêtir le culte du passé, et retourne au bout du compte, en une sage économie.

Il est regrettable de voir gaspiller, dévaster et tomber en ruines ce qui a tant coûté à élever, et ce qui représente l'effort, l'art et la richesse de tant de générations.

Manoel d'Oliveira Ramos.

Palacio Fronteira em Bemfica



antiga e amavel povoação de Bemfica, ainda que tão decahida hoje da alta importancia que teve outr'ora no conceito, caprichoso e inconstante, da alta sociedade da capital, é ainda assim, no seu tanto, o recantinho suburbano de Lisboa que mais approximada ideia nos suggere do que é para Roma o prestigio de Tivoli e de Frascati.

Em nenhum outro logar de Portugal, se exceptuarmos Cintra, se encontrarão reunidas em tão pequeno circuito, tão lindas, tão historicas, tão anecdoticas, tão saudosas quintas como as que encerra Bemfica.

Em torno da egreja, onde jazem os restos de João das Regras, da bella capella dos Castros, onde repousa a ossada do glorioso governador da India biographado por Jacintho Freire, em volta do que ainda resta do convento e da cerca de S. Domingos, impereciveis na litteratura portugueza pelas incomparaveis paginas que na sua chronica lhes consagrou Frei Luiz de Sousa, aninham-se, quasi que pegadas umas nas outras, n'um dôce rumor d'agua, chapinhante nas fontes ou corredia e borbulhante na terra pingue dos jardins, dos pomares e das hortas, n'uma perenne verdura de vegetações ruraes e de vegetações de luxo, n'um vago e errante perfume, bucolico e idillico, de flôres e de fructas, a quinta dos marquezes de Fronteira, a do Conde de Farrobo, a dos marquezes da Abrantes, depois da infanta D. Isabel Maria, a que foi do Lodi, a do Beauséjour, do extincto barão da Gloria, e muitas outras.

Já na *Chronica de S. Domingos* o que no seculo se chamou D. Manoel de Sousa Coutinho escrevia: «De uma e outra parte (do convento) correm quintas, que cercam os outeiros e valle em roda, algumas de bom edificio, outras mais ao natural; todas ricas de bosques e pomares e cercadas de suas vinhas, com que a mór parte do anno mantem o valle uma frescura e uma verdura perpetua. Fica o convento senhoreando todas com a capacidade e mais grandeza e como pagando-lhes com sua sombra o ornamento que recebe da boa companhia e visinhança d'ellas.»

Esta revista dá hoje dois dos aspectos architectonicos do jardim de uma d'essas quintas coetanea do livro de Frei Luiz de Sousa, fundada no seculo XVII por D. João de Mascarenhas, primeiro marquez de Fronteira e segundo conde da Torre, propriedade hoje da senhora marqueza de Fronteira e Alorna, viuva do marquez recentemente fallecido e uma das mais distinctas e primorosas damas da alta nobreza de Portugal.

D. João de Mascarenhas, segundo conde da Torre e primeiro marquez de Fronteira, foi o general commandante da segunda linha do exercito com que D. Sancho Manoel, conde de Villa Flôr, bateu e desbaratou o exercito hespanhol de D. João d'Austria na famosa jornada do Ameixial, o mais glorioso feito d'armas da memoravel guerra dos vinte e sete annos, a 8 de junho de 1663. Em recompensa dos seus serviços militares e principalmente da sua heroica bravura n'esse combate, em que os de Castella deixaram no campo quatro mil mortos e seis mil prisioneiros, o rei D. Pedro II concedeu o titulo de marquez de Fronteira ao segundo conde da Torre, D. João de Mascarenhas.

Consta da tradição d'esta illustre familia da Torre, da Fronteira e d'Alorna, alliada pelo sangue ás mais nobres casas de Portugal, duques d'Aveiro, marquezes de Gouveia, condes d'Alva, de Coculim e de Gondomil, que foi para offerecer uma merenda ao rei D. Pedro II que o marquez D. João mandou construir o pavilhão de caça que serviu de nucleo á sua casa de Bemfica entre os annos de 1670 e 1681.

Os azulejos da grande sala do pavilhão denominada *sala das batalhas* referem-se á batalha do Ameixial.

Tanto a construcção do pavilhão como a da galeria chamada dos reis se deve a um architecto italiano, cujo nome ignoro.

A capella annexa, de construcção mais antiga, data de 1584, e diz-se que n'ella celebrou missa S. Francisco Xavier antes de partir para a India.

Os marquezes de Fronteira residiam habitualmente em Lisboa, onde occupavam o seu vasto palacio ás Chagas no terreno comprehendido entre a rua do mesmo nome, a da Emenda e a da Horta

Le Palais Fronteira à Bemfica



EMFICA est un des sîtes les plus agréables et anciens des environs de Lisbonne; quoique un peu déchu de la haute importance qui lui avait décerné autrefois le goût inconstant et capricieux de la société aristocratique, c'est toutefois le seul recoin qui nous donne un peu l'idée du prestige que Tivoli et Frascati prêtent à la ville de Rome. Excepté Cintra, nous ne trouvons en Portugal aucun autre endroit où soient réunies tant de belles propriétés avec autant de souvenirs historiques et anecdotiques comme à Bemfica.

Dans le pourtour de l'église où gîsent les restes de João das Regras, et la belle chapelle des Castros où repose la dépouille glorieuse du gouverneur de l'Inde, biographé par Jacintho Freire, auprès de ce qui reste du couvent et de l'enclos de S. Domingos impérissables dans la littérature portugaise par les pages incomparables que leur a consacré frei Luiz de Sousa, se groupent presque les unes contre les autres les propriétés du marquis de Fronteira, du comte de Farrobo, du marquis d'Abrantes qui a appartenu depuis à l'infante D. Isabel Maria, celle de Lodi, le parc de Beau-Séjour de feu le barão da Gloria et beaucoup d'autres; la douce rumeur de l'eau frissonnante des fontaines et le courant des ruisseaux qui sillonnent les jardins et les vergers, entretiennent une éternelle verdure sur toute cette végétation champêtre et exotique, et ajoutent un vâgue et bucolique parfum aux fleurs et aux fruits.

Dans sa *chronique* de S. Domingos, celui qui dans le monde s'est nommé D. Manoel de Sousa Coutinho a écrit: «Des deux côtés du couvent on voit des maisons qui bordent les vallées et les collines d'alentour, quelques unes bien édifiées, d'autres plus simples; elles sont entourées de bosquets, de vergers et de vignes qui maintiennent une perpétuelle fraîcheur dans toute la vallée.

Le couvent s'élève plein de majesté et semble vouloir payer de son ombre grandiose l'agréable voisinage de cette belle campagne.»

Cette revue présente aujourd'hui deux aspects d'une de ces propriétés contemporaines du livre de frei Luiz de Sousa, elle fut fondée au XVIIme siècle par D. João de Mascarenhas, premier marquis de Fronteira et deuxième comte da Torre, et appartient actuellement à Madame la Marquise de Fronteira et d'Alorna, une des dames les plus distinguées de la haute noblesse portugaise, veuve du marquis récemment décédé.

D. João de Mascarenhas, deuxième comte da Torre et premier marquis da Fronteira, fut le général en chef du deuxième corps d'armée, avec lequel le comte de Villa-Flôr D. Sancho Manoel combattit et décima l'armée espagnole de D. João d'Autriche, lors de la fameuse bataille de Ameixial le 8 juin 1663, un des plus glorieux combats de cette mémorable guerre de 27 ans. Comme récompense de ses services militaires et surtout de sa bravoure héroïque pendant cette guerre où les Castillans laissèrent sur le champ de bataille quatre mille morts et six mille prisonniers, le roi D. Pedro II accorda au deuxième comte da Torre D. João de Mascarenhas le titre de marquis de Fronteira.

D'après la tradition la famille da Torre de Fronteira et d'Alorna qui était alliée aux plus nobles maisons de Portugal, comme les ducs d'Aveiro, marquis de Gouveia, comte d'Alva de Coculim et de Gondomil, voulut offrir un repas au roi D. Pedro II, et le marquis D. João fit alors construire le pavillon de chasse qui fut le commencement du beau palais de Bemfica édifié entre les années 1670 à 1681.

Les faïences de la grande salle du pavillon, surnommée salle *des batailles,* représentent la bataille de Ameixial.

Ce pavillon et la galerie des rois ont été exécutés par un architecte italien dont j'ignore le nom.

La chapelle attenante, de construction plus ancienne, date de 1584 et on dit que Saint François Xavier y célébra la messe avant son départ pour les Indes.

Les marquis de Fronteira habitaient presque toujours à Lisbonne dans un vaste palais à Chagas, situé entre la rue de ce nom et celles de Emenda et Horta Secca. Cette maison fut complètement ruinée par le tremblement de terre de 1755 et le marquis D. Fernando se retira dans son palais de

Sêca. Destruida inteiramente esta casa pelo terremoto de 1755, o marquez D. Fernando recolheu-se na quinta de Bemfica, onde pouco depois falleceu. Succedeu-lhe o marquez D. José, quinto — se me não engano — de seu titulo, e a este se deve a transformação do pavilhão primitivo no actual palacio, cuja *camara* sumptuosissima, destinada pelo reedificador a sala de estudo de seus filhos, é já pintada por Pedro Alexandrino.

É flagrante na silueta geral dos dois terraços em loggias sobrepostas a um vasto lago, a analogia d'esta composição, de gosto e estylo da renascença italiana, com a Villa Madama, obra de Julio Romano e de Raphael, hoje mui arruinada, em Roma.

As construcções architectonicas de jardim, frequentes nas incomparaveis villas florentinas e romanas, como, por exemplo, a villa Fabricotti em Florença, a villa Medicis em Roma, a villa d'Este em Tivoli, a villa Torlonia, a Aldobrandini, a Lancelotti ou a Mondragone em Frascati, não eram inteiramente novas em Portugal, ao tempo em que o primeiro marquez de Fronteira rodeava de sumptuosos jardins o seu bello pavilhão de caça, de escadarias e balaustradas descobertas, primeira phase estructural da formosa casa de Bemfica. A Bacalhôa, fundação do filho de Affonso de Albuquerque, hoje propriedade de sua magestade el-rei, em Azeitão, é nas quintas portuguezas o primeiro typo d'esse genero de alto luxo aristocratico.

Os elegantes porticos do jardim Fronteira não são porém architecturalmente inferiores ás composições da Bacalhôa, e offerece muito interesse de originalidade a sua variada e profusa ornamentação ceramica. Na zona inferior das loggias do lago, chamadas a *varanda dos reis*, porque nos nichos da zona superior se acham representados em bustos de marmore de Carrara todos os reis da monarchia portugueza até D. João v, grandes paineis de azulejo figuram em tamanho natural, ao gosto caracteristicamente portuguez do seculo xvii, guapos e emplumados cavalleiros em grande galopada de altivo e marcial arranque, evidente reminiscencia dos admiraveis retratos equestres do infante Balthazar Carlos, de Filippe iv e do conde-duque d'Olivares, por Velasquez, no museu de Madrid.

Os nichos são forrados de azulejos curvos em escamas, vermelhos, translucidos, de reflexos metallicos, da mesma côr d'outros, em pinha, todos, ao que me parece, de fabricação hespanhola.

Os medalhões e as voltas dos arcos são finamente orlados de folhagens e fructos ao gosto de Lucca della Robbia ou do representante artistico d'essa immortal familia na Peninsula o grande Nicolo Francesco Pizano, que jaz em Triana sob os azulejos que elle proprio para seu tumulo pintou.

De resto, todo o jardim assim como grande parte dos muros do palacio são revestidos de azulejos, representando allegorias, merendas, bailados, variadas scenas de caça e de familia.

N'este mesmo dia do mez de setembro de 1903, em que escrevo estas breves linhas, estive no jardim, de que procuro dar a mais rapida e succinta ideia. D'entre os marmores das fontes e das estatuas, d'entre as copadas vegetações dos arbustos e das arvores de luxo, tinha para sempre desapparecido a pittoresca e caracteristica figura do ultimo marquez, que tão desveladamente amou e cultivou aquelle nobre e poetico trecho de terra portugueza. E nas aguas esverdinhadas e immoveis do lago, paralysado pelos effeitos da longa estiagem, na tristeza das grandes escadarias desertas, nas ultimas rosas que se esfolhavam, nas folhas outoniças que a pouco e pouco estendiam pelos ensombrados arruamentos uma dôce e murmurosa alfombra de velho ouro, tudo parecia èmmudecer e penar de tristeza e de saudade, fazendo-me pensar que tanto das coisas como dos homens se póde talvez dizer que estamos morrendo muito.

Ramalho Ortigão.

Bemfica où il mourut peu après. Le marquis D. José, cinquième du titre, à ce que je pense, lui succéda, et c'est à celui-ci que l'on doit la transformation du pavillon primitif en l'actuel palais dont la *chambre* somptueuse destinée à une salle d'étude de ses enfants est peinte par Pedro Alexandrino. L'aspect général des deux terrasses en *Loggias* superposées sur un vaste bassin, offre une frappante analogie de goût et de style de la renaissance italienne avec la villa Madama, œuvre de Julio Romano et de Raphaël, dont les ruines existent encore à Rome.

Les constructions architecturales du jardin, très connues dans les incomparables villas florentines et romaines, comme par exemple la villa Fabricotti à Florence, la villa Médicis à Rome, la villa d'Este à Tivoli, les villas de Torlonia, Aldobrandini, Sancelotti, Mondragone, à Frascati, n'étaient pas entièrement nouvelles en Portugal quand le premier marquis entourait son beau pavillon de chasse de magnifiques jardins, d'escaliers et de balustrades découvertes qui fûrent la première phase ornementale du somptueux palais de Bemfica. Le palais de Bacalhôa, à Azeitão, édifié par le fils de Affonso d'Albuquerque et appartenant aujourd'hui à sa majesté le roi, est le premier type dans ce genre de luxe aristocratique. Les élégants portiques du jardin Fronteira ne sont pas inférieurs, comme architecture, à ceux de Bacalhôa, et leur ornementation en céramique variée présente encore plus d'originalité. La zone inférieure des *loggias* du grand bassin se nomme *le balcon des rois*, parce que les niches contiennent des bustes en marbre de Carrare, représentant tous les rois de Portugal jusqu'à D. João v; sur de grands tableaux en faïence on voit figurer des cavaliers fiers et emplumés en grandeur naturelle revêtus selon le goût caracteristique du xviime siècle, qui nous rappellent les admirables portraits équestres de l'infant Balthasar Carlos, de Philippe iv et du comte duc de Olivares, d'après Vélasquez, qui sont au musée de Madrid.

Les niches sont tapissées de faïences en écailles recourbées, rouges, transparentes, à reflets métalliques; il y en a d'autres de même couleur en forme de pomme de pin et je pense qu'elles sont toutes de fabrication espagnole. Les médaillons et les archivoltes sont finement bordés de feuillages et de fruits dans le goût de Lucca della Robbia, et du grand Nicolo Francesco Pisano, représentant artistique de cette immortelle famille dans notre péninsule, lequel gît à Triana dans un tombeau de faïences peintes par lui-même. Tout le reste du jardin et une grande partie des murs du palais sont revêtus de faïences représentant des allégories, des repas, des ballets et des scènes de chasse et de famille.

Un jour du mois de septembre 1903 je visitais ce jardin, dont je cherche à donner une simples idée en écrivant ces lignes.

La figure pittoresque et caractéristique du dernier marquis, qui avait tant aimé et cultivé ce petit coin si poétique de la terre portugaise, avait disparu pour toujours d'entre la luxueuse végétation des arbustes, des fontaines et des statues. Et en contemplant les eaux immobiles et verdâtres du lac, paralysées par un long étiage, la tristesse de ces grands escaliers déserts, les dernières roses qui s'effeuillaient, les feuilles d'automne qui étendaient sur les allées ombragées un doux tapis vieil or, tout me semblait empreint d'un triste mutisme et de pénibles regrets, et je songeais qu'en fait d'hommes et de choses, on peut dire actuellement que tout meurt et disparaît bien plus complètement qu'autrefois.

Ramalho Ortigão.

Santarem



Antes de sahir do *Campo de Sá da Bandeira*, ou do *Chão da feira*, como com muita propriedade se lhe chamou tambem, devia talvez ter mostrado ao leitor o *Passeio da Rainha;* mas, se o não fiz, foi por me parecer, que nenhuma curiosidade, nem pela flora, nem pela arte, offerece esse pequeno jardim publico, cautelosamente cerrado com alta gradaria de ferro, e aonde o scalabitano se dirige ás tardes, depois de dizer em casa aos que ficam: «vou-me espairecer um bocado...» A não ser, que prefira a bella *Avenida d'Alcaçova,* no que mostraria melhor gosto.

Do *Passeio da Rainha* vê-se, alli ao pé, e para a parte do nordeste, um pardieiro enorme, de altas paredes amarellentas, d'essa côr uniforme com que a nossa engenheria militar carimba todos os edificios pertencentes ao ministerio da guerra. É o quartel do regimento de artilheria 3, e, antes da extincção das ordens religiosas, floresceram n'aquelle mesmo logar, em conventos separados, padres trinos e padres franciscanos.

Do convento da Trindade restam algumas paredes núas. Do mosteiro de S. Francisco, vamos vêr, se algum vestigio existe, que possa recordar o esplendor da sua fabrica grandiosa.

Do seu grande alpendre todo coberto, duas vezes mais comprido, do que a propria egreja, e que corria desde o adro até uma cruz de pedra, que estava no *Chão da feira*, já não ha rasto nem signal; todavia era celebre, porque n'elle foi jurado rei D. João II, em 10 de novembro de 1477, na ausencia de seu pae, que tinha ido a França conferenciar com Luiz XI a respeito dos destinos da peninsula. A cruz de pedra na extremidade do alpendre recordava uma execução muito singular: simplesmente a de terem serrado n'aquelle mesmo sitio, por ordem de D. Pedro I, um pobre franciscano mettido dentro de um cortiço, sem mais fórma de processo! No reinado do desditoso marido da que foi rainha depois de morta, a lei penal era a vontade do soberano, por isso os seus cognomes de *crú* e *justiceiro* tinham justificação nas sentenças, que proferia. O frade manchára a honra de uma familia honesta, e o monarcha julgou-o indigno de viver na sociedade, que é ou deve ser uma grande familia.

Para entrarmos na egreja de S. Francisco, deixemos a porta principal, que se abria para o alpendre, e passemos pelo claustro do convento.

É de moderada architectura gothica. Os seus quatro lados são guarnecidos de columnas de 1m,50 de altura, tendo 0m,16 de diametro a secção horisontal do fuste, que é cylindrico. Os capiteis d'estas columnas, caprichosamente lavrados com variada ornamentação vegetal, são differentes, sem comtudo deixarem de apresentar uma certa harmonia no delicado e singelo dos ramos. Agrupadas duas a duas, formam essas pequenas columnas como que pilastras, sobre as quaes assentam arcos perfeitamente ogivaes. Na abobada da galeria estão salientes arcos em diagonal apoiados sobre impostas, cuja ornamentação é semelhante á das columnas.

Offerecem estas impostas certa curiosidade, porque cada uma d'ellas tem a fórma do capitel de uma columna, sob o qual começa a adelgaçar-se o fuste, sendo o adelgaçamento feito uniformemente dos lados para o centro e da frente para o muro, deixando apparente sobre a parede, onde entra o tardoz da imposta, um meio cóne. É uma especie de misula, destinada a supportar a carga dos arcos da abobada, fazendo parcialmente a descarga na parte da parede, em que está embebida, differindo assim de uma verdadeira imposta, que serve para distribuir uniformemente a carga dos arcos e descarregal-a sobre a pilastra.

Algumas columnas estão já troncadas e carcomidas, e parece que do lado do norte o claustro soffreu um desabamento, sendo substituido parte do corpo primitivo por uma arcada circular formada de pilastras de construcção relativamente moderna. Do lado do nascente apresenta-se-nos tambem uma volta de arco na abobada da galeria, mascarando parte do claustro, e destinada seguramente a impedir o desabamento d'aquella; assim como, em outros pontos, alguns gigantes ou botaréos são de maiores dimensões, do que foram certamente na sua origem, para suster os empuxos dos arcos da abobada.

Santarem



Nous aurions dû, peut-être, montrer au lecteur le *Passeio da Rainha* (*promenade de la Reine*) avant de sortir du *Campo de Sá da Bandeira* ou *Chão da Feira* (*terrain de la foire*), comme on l'a aussi justement nommé; mais ce petit jardin public, soigneusement entouré de hautes grilles, ne présente nulle curiosité ni au point de vue de la Flore, ni de l'art; c'est là que les habitants de la ville vont se promener l'après-midi, *pour prendre l'air* comme ils disent. Quelquefois ils préfèrent, avec raison, la belle *Avenida d'Alcaçova.*

Près du *Passeio da Rainha,* vers le nord-est on voit une énorme masure dont les hautes murailles présentent la couleur jaunâtre que le génie militaire a uniformément adoptée pour tous les édifices dépendants du ministère de la guerre; c'est la caserne du 3me régiment d'artillerie. Avant l'abolition des Ordres religieux on voyait à cet endroit deux florissants couvents de Pères Trinitaires et de Pères Franciscains.

Du couvent de la Trinité il ne reste que les murs dépouillés; de celui de St François nous retrouvons encore quelques vestiges qui attestent bien la splendeur de cette majestueuse construction.

Il n'y a plus de traces du grand porche, deux fois plus grand que l'église, et qui s'étendait du parvis jusqu'à une croix de pierre sur le *Chão da Feira;* cependant cette partie de l'édifice avait une certaine célébrité car ce fut là que D. João II, le 10 novembre 1477, prêta serment comme roi, lorsque son père dût s'absenter pour aller en France s'occuper, avec Louis XI, des affaires de la Péninsule. La croix de pierre rappelait aussi une exécution assez singulière; à cet endroit, et sans autre forme de procès, D. Pedro I fit scier en deux un pauvre moine franciscain enfermé dans un tonneau de liége, sous prétexte d'avoir entaché l'honneur d'une famille respectable, et qu'il le jugeait indigne de vivre dans la société qui est, ou doit être aussi une grande famille.

Sous le règne du malheureux mari de celle qui fut reine après sa mort, Dona Ignez de Castro, la volonté royale était la seule et unique loi et les sentences prononcées par le roi, justifiaient pleinement ses surnoms de *cruel* et *justicier.* Laissons l'entrée principale, qui ouvrait sur le porche et passons par le cloître du couvent pour entrer dans l'église St François.

Son architecture est d'un gothique modéré; les quatre parois sont garnies de colonnes de 1m,50 de haut, dont les fûts cylindriques de 0m,16 de diamètre sont couronnés de chapiteaux fleuronnés, capricieusement ouvragés, présentant, malgré leurs dessins différents, un ensemble très harmonieux. Ces colonnes groupées deux-à-deux forment des faisceaux sur lesquels s'appuient les arcades, d'un ogive parfait. La voûte de la galerie est soutenue par des arceaux saillants, placés diagonalement et supportés par des impostes du même genre des colonnes.

Ces impostes d'un dessin curieux, ont la forme d'un chapiteau, au dessous duquel le fût s'amincit graduellement de tous les côtés vers le centre; la partie postérieure s'appuie au mur dans lequel elle semble rentrer, finissant par présenter la forme d'un demi cône. Ces espèces de consoles ne reçoivent que partiellement la retombée des arcades, à demi enclavées dans la muraille, et diffèrent en celà de la véritable imposte qui reçoit la retombée entière des arceaux, continués plus bas par les colonnes.

Quelques pilastres sont tronqués et mutilés et il semble que le côté nord du cloître s'est écroulé dans le temps, et a été remplacé par des arcades en plein cintre d'une construction bien plus récente. Du côté est on voit aussi un arceau destiné probablement à empêcher l'écroulement de la voûte de la galerie, et qui cache une partie du cloître; en d'autres endroits on a placé des contre-forts et des arc-boutants, bien plus grands que ceux de la construction primitive afin d'éviter l'écartement des arcades.

Une vaste et profonde citerne, en pierre de taille, ayant deux ouvertures, dont une au centre et l'autre plus petite du côté sud, occupe tout le dessous de la cour du cloître; la surface de cette cour est partagée en quatre plate-bandes sans aucune végétation.

Por baixo do pateo do claustro, e occupando todo o seu quadro, está uma cisterna larga e profunda com um bocal ao centro, de boa cantaria, tendo outro de menores dimensões do lado do sul; e sobre a superficie exterior do mesmo pateo levantam-se quatro canteiros ermos de vegetação.

O pavimento do claustro era formado pelas campas, que fechavam as sepulturas de frades e outras pessoas, depois arrancaram essas pedras, e serviram parte d'ellas para lagear de novo as quatro ruas que dividem os canteiros.

Das campas restantes e dos ossos, que ellas cobriam, ficou sabendo unicamente, quem mandou desempedrar o claustro, para evitar que escorregassem os cavallos de um regimento de cavallaria, que esteve aquartelado no convento.

Os escudos de duas familias illustres, collocados nos fechos das abobadas, que formam as galerias do claustro, apontam que foi D. Duarte de Menezes o fundador de dois lanços e dos outros dois os senhores da casa de Villa Real.

Por uma porta, que dá communicação para a egreja, vamos agora sahir, leitor, para contemplarmos outras ruinas. Penetremos no templo.

Era magestoso! De tres naves, como ainda mostra, com cinco arcos no corpo de cada lado a repartil-as, todo elle obra do mais puro estylo, podia servir de modelo para se apreciar, em Portugal, a transição entre a architectura latina e bysantina.

Mas a arte merece algum respeito, quando ha necessidade de alojar um regimento?

— Não; e por isso a egreja do convento de S. Francisco é uma cavallariça!

As suas grandes e grossas columnas com resaltos boleados sem arestas, e de capiteis com magnificos ornatos, e as suas capellas, em uma das quaes se vê ainda um vestigio quasi apagado de lavores riquissimos, servem para aparar os couces de gado muar ou cavallar.

E são capazes de ficar incolumes esses padrões da historia patria, visto que não desabaram aos golpes de um camartello inconsciente, que bateu por certo com força mais brutal.

Por cumulo do vandalismo, quando o convento era quartel de cavallaria, sendo precisa uma pia para um cavallo atacado do mormo beber em separado, atiraram-se ao tumulo de um varão insigne — D. Francisco de Almeida — destruiram a tampa, aproveitaram o cofre de pedra, que encerrava os seus restos mortaes, e arremessaram-n'os para a cêrca do quartel!

No meio da nave principal da egreja, tomando tres dos cinco arcos de cada lado, que n'ella havia, estava o côro. Em uma tenebrosa manhã de inverno a communidade acordou com a preoccupação de que, para o templo deixar de ser sombrio, era indispensavel deslocar o côro. Assim se fez, mudando-o em 1538 para junto da porta principal, com os mesmos fundamentos. Ficou menos comprido; mas sustentam-n'o as primitivas arcadas de architectura romana do mais apurado estylo, como nos mostra a estampa.

No espaldar do côro, por baixo do espelho entre as cadeiras estava o tumulo do rei D. Fernando, na frente do qual se viam entalhados uns escudos com as quinas reaes, e outros com as armas da infanta D. Constança. Na cabeceira achava-se uma representação de figuras pequenas em relevo, que significavam a impressão das chagas de Christo no corpo de S. Francisco.

Os restos mortaes de D. Constança nunca chegaram a entrar no tumulo.

Em 1834 abriram esse sarcophago magnifico, e despedaçaram parte dos seus relevos, sem respeito nem pela arte, nem pelos ossos contidos no venerando monumento, fossem elles de quem fossem.

Dos ossos nunca ninguem mais soube. O tumulo está no Museu Archeologico do Carmo, para onde levaram esse exemplar precioso do estylo bysantino, mas brutalmente damnificado.

Em consequencia da mudança do tumulo ficou defeituosa a fachada da egreja, porque tiveram de tapar, em metade da sua altura, o oculo, por meio de uma parede tôsca.

O vão coberto pelo côro foi separado a pedra e cal do resto da egreja, e serve actualmente de sala aos officiaes do regimento de artilheria 3.

Antes de transpôrmos as ruinas do convento de S. Francisco, voltemos ao claustro, e vamos vêr na parte posterior da parede, onde se abre uma arcada, da ordem dorica, para dar ingresso á escadaria, que nos leva a casernas e outras casas do aquartelamento, figurada em bello azulejo a imagem do nosso glorioso thaumaturgo, apoiando na mão esquerda o seu Menino Jesus.

Le dallage de ce cloître était composé de pierres tombales recouvrant des sépultures de moines et d'autres personnes; on se servit plus tard de ces pierres pour repaver les rues qui divisent les platebandes.

Lorsque le couvent servait de caserne à un régiment de cavalerie, afin d'éviter le glissement des chevaux, on fit dépaver le cloître, et seuls les ordonnateurs de ce travail peuvent savoir ce que sont devenues les tombes et les restes qu'elles renfermaient.

Sur la clef des voûtes qui forment les galeries du cloître on voit de deux côtés l'écusson de D. Duarte de Menezes, et des deux autres celui des seigneurs de la maison de Villa-Real, qui furent tous deux les fondateurs de cette partie de l'édifice.

Sortons par une porte qui communique avec l'église et contemplons encore d'autres ruines en pénétrant dans ce temple majestueux. On voit encore les trois nefs; cinq arcades de chaque côté partagent les nefs latérales et l'ensemble de la construction du style le plus pur, pourrait servir de modèle pour apprécier parfaitement la transition entre les architectures latine et bysantine en Portugal.

Mais, lorsqu'il s'agit de caserner un régiment, l'art ne mérite guère d'être respecté et l'église du couvent St François est devenue une écurie.

Les magnifiques piliers à ressauts bosselés élégamment arrondis, les chapiteaux finement sculptés et les chapelles où on aperçoit encore des traces de riches ornements, servent à parer les ruades des chevaux et des mules.

Il est toutefois probable que les monuments historiques de notre patrie résisteront à ces vicissitudes, puisqu'ils n'ont pas été détruits sous les coups d'un marteau ignare, plus brutal encore que les bêtes.

Pour comble de vandalisme, lorsque le couvent servait de caserne, un cheval fut attaqué de morve et afin qu'il put boire séparément, on ne trouva rien de mieux pour servir d'auge à boire, que le tombeau d'un homme illustre, D. Francisco d'Almeida, dont les ossements furent éparpillés dans l'enclos du couvent et la dalle qui les recouvrait, indignement détruite.

Au centre de la nef principale de l'église dans l'espace compris entre trois arcades, des cinq qui existaient de chaque côté, se trouvait le jubé.

Par une triste matinée d'hiver la communauté se réveilla avec la préoccupation de déplacer ce jubé pour que le temple fut moins sombre, et l'année 1538 on le transféra avec les mêmes éléments, près de la porte principale. Quoique moins long il est soutenu par les mêmes arcades d'architecture romaine, d'un très beau style, comme nous voyons dans la gravure.

Au dessous du panneau du fond, entre les stalles, se trouvait le tombeau du roi D. Fernando, orné sur une de ses faces d'écussons avec les quines portugaises et les armes de l'infante D. Constança, délicatement sculptées. Au chevet un bas relief composé de petites figurines représentait l'impression des plaies du Christ sur le corps de St François.

La dépouille mortelle de D. Constança n'entra jamais dans ce magnifique sarcophage qui fut odieusement ravagé en 1834, sans aucun souci de l'art, ni des restes qu'il renfermait, qui furent irrespectueusement égarés sans qu'on put jamais savoir ce qu'ils étaient devenus. Le tombeau est conservé au Musée Archeologique du Carmo comme un précieux exemplaire, brutalement mutilé, du style bysantin.

Le déplacement de ce tombeau rendit la façade du temple irrégulière, car il a fallu combler jusqu'à mi hauteur, la rosace par un mur grossièrement bâti.

L'espace couvert par le jubé fut séparé du reste de l'église, par une cloison en maçonnerie et sert actuellement de salon aux officiers du 3me régiment d'artillerie. Avant de sortir de ces ruines, revenons au cloître; derrière le mur, afin de donner accès à l'escalier qui conduit aux casernes, s'ouvre une belle arcade, d'ordre dorique encadrant un beau tableau en faïences représentant le glorieux St Antoine le Thaumaturge, ayant l'enfant Jésus assis sur sa main. Au dessus on lit les vers suivants

Deus fez-vos amigo d'alma
Na palma se vos quiz pôr,
Por se saber que do amor
Só vós levastes a palma.

Por cima da imagem lê-se a seguinte quadra:

Deus fez-vos amigo d'alma,
Na palma se vos quiz pôr,
Por se saber que do amor
Só vós levastes a palma.

E por baixo da mesma imagem:

Antonio se todo dás
Quanto tienes en la mano,
El mismo Dios soberano
Cierto no puede dar más.

Parece milagre do santo conservar-se alli ainda aquelle azulejo.

Dirijamo-nos agora á *porta de Leiria,* porque é tempo, emfim, de visitarmos Marvilla, o bairro nobre, a cidade, póde dizer-se.

Deixamos á esquerda, ao entrar a larga garganta que se abre para o *Campo de Sá da Bandeira,* a egreja de Nossa Senhora da Piedade, — esse monumento nacional, que ninguem conta, mas que não deixa de o ser, mandado erigir por D. Affonso VI, que o não pôde concluir, e por isso talvez o remate por meio de uma cupula mesquinha e sem elegancia, como lá se vê, não figurasse no plano primitivo.

Á direita fica-nos o seminario patriarchal estabelecido nos antigos paços reaes, doados por D. João IV á *Companhia de Jesus,* para fundarem o collegio, que tiveram em Santarem.

É um edificio sumptuoso e vasto, perfeito typo das construcções jesuiticas, que se distinguiam pela austeridade e solidez.

A egreja, bella e magestosa, prima pela riqueza de seus marmores e finissimos mosaicos romanos, bem como pela pintura do tecto. Digna de vêr-se e admirar-se.

E sigamos para a egreja de Nossa Senhora de Marvilla, ou das Maravilhas, como se chamava antes de corromperem o vocabulo. Mettamos pela que foi *rua Direita* e hoje se denomina *rua Ivens,* continuando a ser torta, que do antigo *Terreiro do Paço* nos leva á praça, onde, além da casa da camara, pelourinho e alguns estabelecimentos commerciaes, se encontra o templo.

Notemos de passagem, que a estreiteza da rua está, como a das outras, em harmonia com a exiguidade dos largos *intra muros,* e que nenhuma habitação particular, em todo o bairro, se póde dizer verdadeiramente antiga.

As modernas, as acabadas de construir, sem arte, sem estylo de especie alguma, a protestarem contra as tradições da architectura nacional, têm o cunho do pensamento mediocre que as ergueu.

O scalabitano não se contenta com destruir primores architectonicos; substitue-os por casaria sem gosto, alambicada e pretenciosa.

Não póde precisar-se a data da fundação da egreja parochial de Santa Maria de Marvilla. A mais antiga noticia, que temos d'ella, consta de um documento, em que se diz, que a collegiada de Santa Maria de Marvilla soffreu uma reforma por provisão do bispo de Lisboa D. Ayres Vasques, passada em Santarem a 25 de setembro de 1244. O que prova ter-se fundado a egreja antes d'esta data.

O que não offerece duvida, é que foi reedificada por el-rei D. Manoel, o qual lhe mandou dar maior dimensão do que a primitiva. A sua parte principal, voltada ao poente, é de boa architectura manoelina, e formada de pedra lioz com cordões enterlaçados.

Ao lado havia uma torre, saliente em quadro á fachada principal, e sómente ligada a esta por lhe estar encostada. Era de alvenaria, elevava-se a grande altura, e ainda acima da cimalha se erguia um alto pinaculo octogonal, terminando em agulha, e cortado ao centro por um delgado cordão. Dos quatro angulos da cimalha sahiam outras tantas gargulas, representando monstros, e sobre ella, em cada angulo, erguia-se uma pyramide. Tinha sete ventanas, e quatro sinos, cujo som se ouvia a grande distancia.

N'esta torre existia inferiormente, dos lados sul e norte, um como portico gothico de boa pedra, cujos vãos estavam tapados.

Não sabemos que barbaros padres conscriptos demoliram a magnifica torre, substituindo-a por

Dieu qui vous aime, s'est posé sur votre paume, car il sait que de l'amour, vous avez remporté la palme [1].

Au dessous de l'image on lit ces autres vers en espagnol:

Antonio se todo lo dás
Quanto tienes en la mano
El mismo Dios soberano
Cierto no puede dar más.

Antoine si tu donnes, tous ce que tu as dans la main, le bon Dieu souverain, ne peut pas nous donner plus.

La conservation de ce tableau semble un miracle du Saint.

Dirigeons nos pas vers la porte de Leiria, parce qu'il est temps de visiter Marvilla, le quartier aristocratique de la ville.

Entrant dans la large voie qui s'ouvre sur le Campo de Sá da Bandeira, nous laissons à droite l'église de Nossa Senhora da Piedade; c'est aussi un monument national dont personne ne parle, quoiqu'il présente un certain interêt; il fut fondé par D. Affonso VI, qui n'en vit pas la conclusion et le dôme mesquin et sans élégance qui le couronne actuellement ne faisait probablement pas partie du plan primitif.

À droite nous voyons le séminaire patriarcal, installé dans l'ancien palais royal, donné par D. João IV à la *Compagnie de Jésus* pour y établir le collége qui a pendant longtemps existé à Santarem. C'est un vaste et somptueux édifice, dans le type des constructions jésuitiques, austère et solide en même temps.

L'église, d'une grande beauté, est digne d'être vue et admirée; elle possède de riches marbres, de précieuses mosaïques romaines et les peintures de la voûte sont très remarquables.

Suivons vers l'église de *Nossa Senhora de Marvilla,* corruption de l'ancien nom *maravilha;* pénétrons dans la rue *Ivens,* autrefois rue *Direita* (droite) malgré sa tortuosité, et qui part de l'ancien *Terreiro do Paço* jusqu'à la place où se trouve la municipalité, le pilori, quelques établissements commerciaux et le temple.

Remarquons en passant, que l'étroitesse de cette rue, comme de toutes les autres, est proportionnelle à l'exiguité des places *intramuros,* et qu'on n'aperçoit pas dans tout ce quartier une seule maison particulière ayant un caractère d'ancienneté.

Les habitations modernes sont construites sans art, ni style, protestant contre toutes les traditions de l'architecture nationale et présentent indistinctement le même cachet de médiocrité. Les habitants de Santarem ne se contentent pas de détruire les anciens monuments, ils les remplacent par des édifications maniérées, prétentieuses et d'un goût douteux.

On ne peut pas préciser la date où fut fondée l'église de Marvilla; cependant, d'anciens documents ont démontré que l'église collégiale de Santa Maria de Marvilla, avait été restaurée par une lettre de chancellerie de l'évêque de Lisbonne D. Ayres Vasques, passée à Santarem le 25 septembre 1244, ce qui prouve que l'église avait été érigée à une époque antérieure.

Il est cependant avéré que D. Manuel l'a réédifiée et agrandie. La façade principale tournée au couchant est de bonne architecture *manuelina* en pierre de taille, ornée de torsades entrelacées. À côté il y avait une haute tour carrée en maçonnerie, faisant saillie, et reliée à l'église par une seule de ses faces. Au dessus de la cimaise se dressait un pinacle octogone, partagé au centre par un cordon de pierre et terminé par une flèche. Les angles étaient garnis de gargouilles à figures de monstres et sur chaque coin s'élevait une pyramide. Ce clocher était percé de sept baies et muni de quatre cloches dont le son se répercutait à grande distance. Plus bas, au nord et au sud on voyait des espèces de portiques de genre gothique qui étaient comblés.

Nous ignorons quels furent les barbares Pères conscrits qui ont démoli cette tour magnifique, pour la remplacer par un clocher de genre tout à fait opposé à l'ensemble de la construction, intéressante surtout par son antiquité.

---

[1] Jeu de mots intraduisible; en portugais, *palma* signifie paume et palme.

outra, sem vislumbre de belleza, que destroe completamente o caracter da primitiva construcção, e a origem do seu fundamento remotissimo. E tambem a junta de parochia preferiu mandar derreter os sinos, a vendel-os á Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, que lhe offereceu por elles o mesmo que désse outrem que viesse negocial-os. Pretendia essa associação adquiril-os por causa dos seus relevos primorosamente lavrados, do seu som harmonioso, e ainda por terem servido na egreja matriz de Santarem. A nada se moveram... os bemaventurados.

Doze columnas jonicas de marmore, seis por lado, sustentam o tecto de empena apainelada do templo, e dividem este em tres naves, sendo o pavimento das lateraes lageado tambem de marmore, e corre sobre elle, junto á parede, um assento da mesma pedra.

O corpo da egreja recebe claridade por nove frestas ogivaes, quatro voltadas ao norte e cinco ao sul, e bem assim por um grande oculo sobre o portico principal, a dar tambem luz para o côro, que se eleva acima do portico.

Da quinta columna do lado do evangelho, junto á capella-mór, sae o pulpito que é de pedra, sustentado por um pilar e bem lavrado de arabescos. O parapeito é formado de columnelos jonicos.

A capella-mór, funda, e de abobada bem artezoada, tendo nos fechos o escudo das armas de Portugal, cruzes da Ordem de Christo, e as espheras armillares. O seu arco, gothico, com recortes largos. Sobre este ha um painel, que occupa o vão de um oculo symetrico ao da fachada principal, e representa Christo crucificado, Nossa Senhora, S. João Evangelista e a Magdalena. O retabulo é de bom entalhamento com quatro columnas salomonicas, tudo de madeira de bordo. Caiaram-n'o! A pintura do painel, que tapa a bocca do camarim, obra do pintor Fuschini, não honra o auctor.

Adornam esta capella duas bellas imagens de tamanho quasi natural; Santo Antonio, de talha de uma perfeição admiravel; e Santa Thereza, de vestir.

Aos lados ha duas outras capellas igualmente fundas, e tambem de abobada com artezões. A do lado da epistola é o tabernaculo do Santissimo, resguardada por cancellos; a do lado do evangelho é de Nossa Senhora do Carmo.

As paredes da egreja são forradas de azulejo, tendo sobre o arco da capella-mór a data de 1617.

Como todas as de Santarem, soffreu a de Santa Maria de Marvilla grandes degradações, pela invasão franceza. Foi uma das que serviram de cavallariça, e perdeu as pratas que tinha.

Reuniu-se aqui o capitulo geral da Ordem de Christo, presidido por el-rei D. Sebastião em 1573; hoje, em vez de capitulos geraes, fere-se a impavida refrega desmoralisadora das eleições para deputados.

É tradição, que esta egreja logrou a fortuna de lhe mandar S. Bernardo uma imagem de Nossa Senhora, e que, por ser pequena, o prior, que então existia, a deu a uns parentes seus, que a collocaram em uma ermida junto ao logar de Santos, freguezia de Tremez, e se venerava alli com o titulo dos Pinosinos.

Tendo sido a nossa primeira visita, em Marvilla, á egreja matriz, parece-me justo, que a segunda se faça á de S. Nicolau, para rendermos homenagem á memoria veneranda de João Affonso de Santarem, o instituidor benemerito do *Hospital de Jesus Christo*. Pois, se dever é de todo santareno não olvidar o nome preclaro d'esse seu compatricio tão notavelmente humano, lembral-o não o é menos de quem dér alguma noticia da patria de Frei Luiz de Sousa e de Duarte Pacheco Pereira.

Entrando pela porta principal da egreja de S. Nicolau, encontra-se logo á direita uma capella funda, dedicada a Jesus Christo. Do lado da epistola e mettida na parede está a sepultura de João Affonso. É um caixão de marmore com tampa da mesma pedra, delicadamente lavrada, prismatica e de secção triangular. No lado anterior do caixão vêem-se esculpidos o escudo das armas dos Santarens e uma inscripção, que diz: «Aqui jaz o muito honrado João Affonso de Santarem, do conselho de el-rei D. João I, e sua mulher Iria Affonso, o qual edificou o hospital de Jesus Christo, que está nesta villa».

Serve de docel ao tumulo um magnifico e formoso arco, lembrando o portal de um rico santuario, e encima-o um crucifixo tambem de pedra; tudo obra de acabada esculptura, com certa intemperança de ornatos. Quatro imagens de barro, que pejam o monumento, não lhe pertencem. Algum inconsciente as collocou alli, julgando talvez que praticava uma boa acção. Enganou-se, e de bom gosto era tirarem-nas de lá.

Zephyrino Brandão.

Dernièrement l'Association des Architectes et Archéologues portugais, proposa d'acheter les cloches, en payant la même somme qu'auraient donnée d'autres acheteurs, son désir étant de les conserver à cause de leurs précieux reliefs, de leur sonorité et surtout parce qu'elles avaient appartenu à l'église paroissiale de Santarem; mais, le conseil de la paroisse, composé de quelques... *bienheureux,* a préféré les garder et les faire fondre, sans se rendre à aucune considération.

Douze colonnes ioniques en marbre, six de chaque côté soutiennent la voûte et le mur lambrissé du temple, divisé en trois nefs; les deux latérales sont dallées en marbre et contre la muraille s'adosse un banc également de marbre.

L'église est éclairée par neuf fenêtres ogivales, quatre tournées au nord et cinq au sud; une grande rosace placée au dessus du portail illumine le jubé qui se trouve au dessus de l'entrée principale. La chaire supportée par un pilier orné de précieuses arabesques, entourée d'une balustrade en colonnettes ioniques est placée en saillie sur la cinquième colonne du côté de l'Evangile, près du chœur. Le maître-autel est profond et sa voûte à nervures porte comme clef, l'écusson aux armes de Portugal, les croix du Christ, et les sphères armillaires; au dessus de l'arcade gothique à larges courbes on voit un tableau de forme arrondie représentant le Christ en croix, la Sainte Vierge, S[t] Jean l'Evangéliste et la Madeleine, qui fait pendant à la rose de la façade.

Le retable en bois des îles avec des colonnes salomoniques finement sculptées a été blanchi à la chaux. La peinture du tableau qui ferme le sanctuaire, œuvre du peintre Fuschini, ne fait pas grand honneur à son auteur. On voit aussi dans cette chapelle deux images de grandeur naturelle: S[t] Antoine parfaitement sculpté en bois et S[te] Thérèse, vétue d'étoffes.

Sur les côtés se trouvent encore deux autres chapelles également profondes et voûtées en nervures; celle du S[t] Sacrement, placée du côté de l'Épitre, est séparée par un grillage; celle du côté de l'Évangile, est dediée à Nossa Senhora do Carmo.

Les murs de l'église sont revêtus de faïences et la date 1617 est inscrite sur l'arcade du maître-autel.

Ainsi que toutes les églises de Santarem celle de Marvilla a beaucoup souffert lors de l'invasion française; elle servit aussi d'écurie et toute son argenterie a disparu.

Le chapitre de l'Ordre du Christ présidé par le roi D. Sébastien y a siégé en 1573; de nos jours au lieu de chapitre c'est là que s'engagent les grandes luttes électorales de la commune.

D'après la tradition, S[t] Bernard donna à cette église une image de Notre Dame, mais comme elle était très petite, le curé en fit cadeau à des personnes de sa famille, qui la placèrent dans une chapelle près du hameau de Santos, paroisse de Tremez où elle était vénérée sous le titre de Pinosinos.

Puisque notre première visite dans le quartier de Marvilla, a été pour l'église paroissiale, il est juste que nous visitions aussi S[t] Nicolas, pour rendre hommage à la mémoire vénérable de João Affonso de Santarem, le charitable fondateur de l'hôpital Jésus Christ.

Les habitants de Santarem se font un devoir de ne pas oublier le nom de ce bienfaisant compatriote et il ne serait pas louable, que ceux qui écrivent quelques mots de la patrie de Fr. Luiz de Sousa et Duarte Pacheco Pereira, le laissent passer en silence.

Lorsqu'on entre par la porte principale de l'église S[t] Nicolas, on voit à droite une chapelle profonde, dediée à Jésus Christ. Du côté de l'épître le tombeau de João Affonso de Santarem est enfoncé dans le mur. C'est un coffre en marbre dont le couvercle délicatement travaillé est de forme prismatique à section triangulaire.

Sur le devant on voit l'écusson aux armes des Santarens et l'inscription suivante: Ci-gît le très honoré João Affonso de Santarem, du conseil du roi D. João I et sa femme Iria Affonso, fondateur de l'hôpital de Jésus Christ.

Une arcade magnifique sert de baldaquin au tombeau, rappelant le portail d'un riche sanctuaire, surmonté d'une croix en pierre; l'ensemble est soigneusement fini, quoique trop surchargé d'ornements.

Quelque dévôt bien intentionné a placé là quatre images de terre qui encombrent le monument; il a cru bien faire, mais on ferait œuvre de bon gôut en les plaçant ailleurs.

Zephyrino Brandão.

Ourivesaria religiosa

THESOURO DA SÉ DE COIMBRA



historia da ourivesaria portugueza estava inedita antes de 1880, pois só em 1881 é que o signatario encetou a publicação de uma serie de capitulos importantes, de uma monographia sobre o assumpto. Esses extractos consideraveis sahiram á luz em differentes revistas portuguezas [1]; e para ellas temos de remetter os leitores que desejarem mais ampla informação sobre factos, apreciações, criticas e sentenças historicas, que n'este logar não podem ser documentadas por falta de espaço.

A Exposição de Arte ornamental de Lisboa, realisada em meado de 1882, revelou á maioria do publico uma serie de lavores notaveis da ourivesaria nacional até alli occultos em logares pouco visitados. Abundavam sobretudo os exemplares da arte religiosa do seculo xvi. A profusão de especimens d'esse periodo, mal caracterizado n'um catalogo deficiente (onde os erros e as contradicções são frequentes, não fallando em deploraveis laconismos e omissões) illudiu a grande maioria dos visitantes, que não podia reconhecer as lacunas nos typos do seculo xv, quanto mais a falta de series inteiras dos seculos anteriores. Uma revista brilhante, mas muito incompleta.

O publico não discute problemas da historia da arte, é certo; mas nós n'este logar ao menos (porque em 1882 demonstrámol-o em numerosas conferencias publicas) devemos apontar para o unico criterio admissivel no estudo das artes industriaes: a classificação methodica, historica, depois de um exame comparado dos modelos que serviram de estudo aos nossos artifices. Se no paiz não se encontram elementos sufficientes para esse estudo, visitemos as collecções estrangeiras, começando sempre pelas do vizinho reino.

Em 1881 haviam os hespanhoes organizado em Madrid (centenario de Calderon) a *Exposição da Nobreza,* cheia de revelações para quem sabia vêr e estudar. O Museu archeologico da capital hespanhola, fundado em 1868, os thesouros das riquissimas cathedraes, conventos, confrarias, palacios, etc., estavam já então patentes, publicados; revelam ainda hoje riquezas incalculaveis, que devemos estudar, se quizermos chegar a uma apreciação racional das reliquias que possuimos, apreciação sem exageros patrioticos, criteriosa, que possa ser discutida pelo historiador.

A ourivesaria portugueza não nasceu no periodo manoelino, nem no seculo xv. Teve modelos, aprendeu com mestres nacionaes e estrangeiros; seguiu normas e preceitos, derivados de um ensino theorico e pratico que cumpre conhecer. Esse ensino foi privilegiado, como o de todas as corporações ou confrarias de officios da Edade média. Passou do segredo dos conventos para o rumor da officina profana, quando esta se emancipou com a prosperidade crescente das villas e cidades.

Foi só na primeira metade do seculo xiv que a ourivesaria se dedicou activamente ao serviço profano; em França e logo depois em Hespanha. Da mesma França vieram para a Catalunha e Aragão os primeiros *Regimentos* para os officios de ourives de prata e ouro (modelo limosino do seculo xiv). De Limoges e de Toulouse veiu tambem a arte dos esmaltes. Os primeiros regimentos francezes remontam ao principio do seculo xiii (Montpellier e Paris). Houve pois tempo, um seculo, para preparar a

[1] No *Boletim* da Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes sahiram nos annos de 1881 e 1882 os seguintes fragmentos: Capitulos i, ii e vi; na *Arte portugueza,* revista do centro artistico do Porto, o Capitulo iv; na *Revista da Sociedade de Instrucção do Porto* o Capitulo viii. Ambas as revistas são do anno de 1882. Indicamos em seguida os titulos dos capitulos para satisfazer o leitor mais estudioso:

Capitulo i. Sobre as condições do commercio de ouro e prata nos seculos xv e xvi.

Capitulo ii. Sobre as condições technicas.

Capitulo iv. A ourivesaria profana.

Capitulo vi. A ourivesaria hespanhola, profana e religiosa. A joalheria.

Capitulo viii. Sobre a organização do ensino artistico. A officina e a aprendizagem. A posição social do ourives no seculo xv e xvi.

Na citada *Revista da Sociedade de Instrucção do Porto,* vol. ii, pag. 173, encontrará o leitor a relação completa de todos os capitulos e o plano desenvolvido da monographia, cuja impressão teve de ser suspensa por motivos imperiosos.

Orfèvrerie religieuse

LE TRÉSOR DE LA CATHÉDRALE DE COIMBRA



vant l'année 1880 on peut dire que l'histoire de l'orfèvrerie portugaise était inédite; en 1881 l'auteur de cet article commença la publication d'une série de chapitres importants, faisant partie d'une monographie à ce sujet. Ces extraits considérables furent publiés dans plusieurs revues portugaises [1] et nous y renvoyons les lecteurs qui désireraient de plus amples renseignements sur des faits, des appréciations, des critiques et des sentences historiques, que, faute d'espace, nous ne pouvons faire paraître ici.

L'exposition d'art ornemental ou décoratif, qui eut lieu à Lisbonne en 1882 fit connaître au public, beaucoup de travaux remarquables d'orfèvrerie nationale, enfouis jusque-là dans des lieux peu fréquentés, et dont la plupart appartenaient à l'art religieux du xvime siècle. La profusion de spécimens de cette époque, mal définie dans un catalogue incomplet, plein de déplorables erreurs, de contradictions, de laconisme et d'omissions, trompa la plus grande partie des visiteurs qui ne pouvaient se rendre compte de certaines lacunes dans les types du xvme siècle et encore moins de la suppression de séries entières des siècles antérieurs. C'était évidemment une revue brillante mais très imparfaite.

Il est certain que le public ne discute point des problèmes d'histoire artistique, mais nous nous croyons obligés de faire remarquer quelle doit être la manière d'étudier les arts nationaux, ainsi que nous l'avons déjà démontré dans de nombreuses conférences publiques réalisées en 1882: faire un classement méthodique et historique, après avoir procédé à un examen comparatif des modèles qui servirent à l'étude de nos ouvriers. Faute d'éléments suffisants chez nous, tâchons de visiter les collections étrangères, commençant toujours par celles de l'Espagne.

En 1881, lors du centenaire de Calderon, les espagnols organisèrent à Madrid, l'*Exposition de la Noblesse* remplie d'intéressantes révélations pour ceux qui savent voir et apprécier. Le musée archéologique de la capitale espagnole fondé en 1868, les trésors de ses somptueuses cathédrales, des couvents, des palais, des communautés, etc., étaient depuis longtemps livrés au public; ils nous présentent des richesses incalculables dignes d'être étudiées, si nous voulons arriver à une appréciation raisonnable des reliques que nous possédons, à une estimation patriotique, judicieuse, sans rien d'exagéré, et qui puisse être discutée par les historiens.

L'orfèvrerie portugaise ne date pas du xvme siècle ni de l'époque de D. Manuel. Elle eut des modèles et des maîtres nationaux et étrangers, suivit des règles et des préceptes, d'après un enseignement théorique et pratique qu'il faut connaître, et qui fut privilégié comme celui de toutes les corporations et communautés du moyen âge, passant successivement du secret claustral à la rumeur de l'atelier profane et s'épanchant ensuite avec la croissante prospérité des villes.

Ce ne fut que vers la première moitié du xivme siècle, en France et presqu'aussitôt en Espagne, que l'orfèvrerie fut activement appliquée au service profane. L'Aragon et la Catalogne reçurent de France les premiers règlements pour les métiers d'orfèvres en or et argent (modèle limousin du xivme

[1] Dans le *bulletin* de la Société Royale des architectes et archéologues portugais ont paru en 1881 et 1882 les fragments suivants: Chapitres i, ii et vi; dans l'*Arte portugueza,* revue du centre artistique de Porto, le chapitre iv; dans la *Revue de la Société d'Instruction de Porto,* le chapitre viii. Ces deux revues sont de l'année 1882. Nous indiquons ci-dessous les titres des chapitres qui pourraient intéresser le lecteur studieux.

Chapitre i. Sur les conditions du commerce d'or et d'argent au xvme et xvime siècle.

Chapitre ii. Sur les conditions techniques.

Chapitre iv. L'orfèvrerie profane.

Chapitre vi. L'orfèvrerie espagnole, profane et religieuse. La joaillerie.

Chapitre viii. Sur l'organisation de l'enseignement artistique. L'atelier et l'aprentissage. La position sociale de l'orfèvre au xvme et xvime siècle.

Dans la revue dejà citée de la Société d'Instruction de Porto, vol. ii, page 173, le lecteur trouvera une liste complète de tous les chapitres et le plan développé de la monographie, dont l'impression, pour des raisons impérieuses, a été suspendue.

transição do serviço religioso para o profano, que era sem duvida mais difficil, porque havia a attender a variadissimas exigencias e a innumeros caprichos da sociedade profana.

O documento mais antigo que descobrimos, relativo a Portugal, é o Regimento dos ourives do ouro de Lisboa, de 1538. Representa, porém, tradições muito mais antigas; a mesma circumstancia se dá com os documentos dos officios do Porto, do seculo XVI.

Em Hespanha e Portugal adoptaram os ourives a divisão do trabalho, recommendada em França: *aurifices* e *argentarios* (*argentier, platero, prateiro*). A separação vinha de longe, desde o seculo XI, muito antes das *Ordonnances* francezas determinarem os dois campos, que continuaram trabalhando entre nós nas mesmas condições, até á extincção dos gremios privilegiados.

O officio de *joalheiro*, sem especialisação, pertencia em Portugal aos ourives do ouro, segundo vemos em dois processos curiosissimos, um de 1554-55, o outro de 1606, que elles instauraram aos da prata. As joias miudas, embora o engaste fosse em prata, quer fossem lisas, quer ornadas de pedras fingidas [1], tinham grande extracção nas provincias do Norte. Por fim, a sentença dada no Porto a 5 de janeiro de 1555 pelo licenciado Francisco de Oliveira, mandando cumprir o Regimento de Lisboa (1538), que os do Porto haviam adoptado em 1548, entendeu porém que não era justo privar os da prata do direito de fazerem as joias de prata e anneis e obra miuda, como até alli; mandou, portanto, observar o costume da terra, sem embargo do dito Regimento. Os artifices do Porto foram pois favorecidos, apesar do Regimento de Lisboa. As joias de prata, que houvessem de ser douradas e bem assim as que, sendo do mesmo metal, deviam receber qualquer esmalte, seriam entregues aos ourives do ouro, como unicos competentes para applicarem esses processos.

Para podermos apreciar justamente a influencia que uns e outros, ourives da prata e do ouro, exerceram sobre a arte, convem consignar aqui um facto historico, bem averiguado por documentos insuspeitos.

Ao officio dos ourives da prata pertencia fazer as obras quer de prata, quer de ouro, *quando grandes*, como eram cruzes, custodias, calices, etc., do serviço da egreja e o lavor de taças, jarras e outras peças do serviço de copa. A obra *miuda*, abrangendo tudo o que pertencia ao adorno pessoal, competia aos ourives do ouro. Não era pois a differença ou applicação da materia prima que separava os dois officios irmãos, mas sim as condições technicas da execução.

*
* *

Os thesouros que nos restam da ourivesaria nacional pertencem principalmente á arte religiosa. Os objectos de uso profano, considerados geralmente como capital mobiliario e reserva metallica da fortuna domestica, fundiram-se nas grandes crises [2]. D'ahi a sua raridade, hoje em dia, quando ainda no seculo XVII e mesmo no immediato, era prodigiosa a riqueza de prata das grandes familias nobres de Hespanha e Portugal, que porfiavam em apresentar um serviço de copa deslumbrante.

É possivel que esta publicação possa um dia revelar algumas reliquias d'essa arte profana. Hoje escolheu-se para estreia exclusivamente a arte sagrada.

São quatro peças que pertencem ao thesouro da Sé de Coimbra e que, juntas a muitas outras alfaias, moveis, joias, etc., podem ser admiradas e devidamente estudadas no esplendido Museu de arte religiosa que o actual snr. Bispo-Conde fundou e organizou junto da Sé Nova de Coimbra. Sua exc.^{a} rev.^{ma}, que deixa o seu nome perpetuamente ligado á restauração da Sé Velha — certamente uma das mais difficeis, como questão technica, e um acto de grande coragem pela responsabilidade que tomou sobre si — quiz fundar junto da Sé Nova outro padrão da sua gloria, dar-nos outra prova do alto criterio que preside a seus actos. A creação do Museu é um exemplo preclaro, dado aos restantes prelados portuguezes, que podem e devem abrir os thesouros das cathedraes ao estudo. O snr. Bispo-

---

[1] Obra de *cravação*, segundo o termo do seculo XVI.

[2] Mais de uma vez os reis de Portugal se serviram da prata das egrejas e conventos em épocas de crise nacional para reforçarem o seu thesouro de guerra, por exemplo, D. João I, D. Affonso V e outros.

siècle). L'art des émaux vint aussi de Limoges et de Toulouse. Les premiers règlements français remontent au commencement du XIIIme siècle (Montpellier et Paris). Il y eut donc tout un siècle pour préparer la transition de la destination religieuse à la profane, assurément plus difficile, puisqu'il fallait se rendre à beaucoup d'exigences, à d'innombrables caprices de la société laïque.

Le plus ancien document que nous avons découvert, par rapport au Portugal, est le règlement des bijoutiers en or de Lisbonne, de l'an 1538; il représente toutefois des traditions bien plus reculées, ainsi que le règlement des métiers de Porto au XVIme siècle.

Les bijoutiers d'Espagne et de Portugal adoptèrent la division du travail, recommandée en France; il y avait les orfèvres et les argentiers. Cette séparation datait du XIme siècle bien avant que les Ordonnances françaises aient déterminé les deux camps, qui continuèrent à travailler parmi nous dans ces mêmes conditions jusqu'à l'extinction des assemblées privilégiées.

Le métier de *joailler*, sans spécification, appartenait en Portugal aux orfèvres en or, d'après ce que nous voyons en deux procès très curieux, qu'ils firent aux argentiers, l'un en 1554-55, et l'autre en 1606. Les menus joyaux, même ceux sertis en argent, unis ou enchâssés de pierre fausses [1], étaient très appréciés dans les provinces du Nord. Enfin, un arrêt prononcé à Porto le 5 janvier 1555, par le licencié Francisco d'Oliveira, tout en faisant exécuter le Règlement de Lisbonne (1538), que les ouvriers de Porto avaient adopté en 1548, trouva qu'il était injuste de refuser aux argentiers le droit de fabriquer des bijoux d'argent, des bagues et d'autres menus objets, et il leur ordonna de continuer à suivre l'ancienne coutume, tout en suivant le règlement de Lisbonne, de manière que les ouvriers de Porto furent favorisés. Les bijoux en argent qui devaient être dorés ou émaillés, seraient remis aux orfèvres en or, seuls capables d'exécuter ce travail.

Il est convenable de remarquer un fait historique bien avéré par d'indiscutables documents et qui permet d'apprécier l'influence artistique que les joaillers en or et en argent ont exercée.

Les argentiers étaient chargés des travaux en argent et en or, lorsque ceux-ci étaient de *grandes dimensions*, croix, ostensoirs, calices, etc., pour le service religieux, coupes, vases et autres pièces de table. Le travail *menu* comprenait tout ce qui se rapportait à l'usage personnel. On voit donc que la différence ou l'application de la matière première séparait moins les deux branches du métier, que les conditions techniques de l'exécution.

*
* *

Les trésors qui nous restent de l'orfèvrerie nationale appartiennent surtout à l'art religieux. Les objets d'usage profane considérés pour la plupart comme capital mobiliaire, ou comme réserve métallique des fortunes privées, disparurent dans les grandes crises [2]. Actuellement ils sont très rares, tandis qu'au XVIIme et XVIIIme siècle les grandes familles d'Espagne et de Portugal présentaient des services de table d'une somptuosité inouie et possédaient de considérables richesses en argenterie.

Il est présumable que cette revue puisse un jour présenter quelques reliques de l'art profane; pour le moment on n'a choisi que l'art sacré.

Les quatre pièces que nous faisons paraître appartiennent au trésor de la cathédrale de Coimbra, et peuvent être admirées et minutieusement étudiées, ainsi que beaucoup d'autres ornements, meubles, bijoux, etc., dans le magnifique musée, que l'actuel monseigneur l'Évêque-Comte a fondé et institué près de la nouvelle cathédrale de Coimbra. Le digne prélat, dont le nom est lié à perpetuité à la restauration de l'ancienne cathédrale, ce qui représente non seulement un travail difficile au point de vue technique, mais aussi un acte de courage par l'énorme responsabilité qu'il s'est attirée, a voulu encore fonder près de la nouvelle cathédrale un autre monument glorieux et nous donner une preuve de plus de son jugement éclairé et de sa haute intelligence. La création de ce musée est un exemple élevé que tous les prélats portugais doivent suivre, ouvrant au public studieux les trésors de nos cathédrales. Monseigneur

---

[1] Travail d'*enchâssement*, d'après le terme employé au XVIme siècle.

[2] Les rois de Portugal se servirent plus d'une fois de l'argenterie des églises et des couvents, aux époques de crise, pour renforcer leur budget de guerre; D. Jean I, D. Alphonse V et d'autres encore.

Conde soube achar em Coimbra o artista-erudito, competente para a difficil obra da Sé Velha [1]. Temos fé que encontrará, sem sahir de Coimbra, o archeologo sagaz e bem informado, que deve inventariar n'um indice impresso, luminoso, manuseavel e barato as incomparaveis riquezas do museu diocesano.

Em vez dos dois calices, do gomil um tanto phantastico e da cruz de azeviche teriamos preferido que a escolha houvesse recahido sobre peças da mesma familia, quando não fossem do mesmo estylo. Assim, o gomil tanto póde representar o culto, como o serviço profano; poderia ter servido n'um baptismo, n'um lavapé ou n'um banquete. Todavia n'este, como em muitos outros casos, preferiram os editores a variedade que deleita a grande maioria do publico á intenção erudita, raras vezes apreciada.

Calice romanico. — É de prata dourada. Altura 0^{m},17. Fórmas, relativamente esbeltas e bem proporcionadas, n'uma época (meado do seculo XII) em que uma ornamentação sobria, reduzida ao baixo relevo gravado, tinha apenas como compensação a riqueza polychromica dos esmaltes. O artista prescindiu d'elles, talvez por falta de conhecimentos technicos. O esmalte foi parcimoniosamente applicado entre nós; nos poucos casos em que apparece com valor excepcional, podemos concluir, quasi sempre, que estamos em face de um lavor estrangeiro [2].

Na copa gravou o artista o Apostolado, cada figura com seu nome, n'um estylo severo e rigorosamente decorativo, que estava pedindo o esmalte. Uma arcaria circumdante, de estylo romanico, separa as figuras, que parecem copiadas de illuminuras coevas. Na base apparecem os symbolos dos quatro Evangelistas, dentro de uma laçaria romanica, singela, mas graciosa. O nó, coberto de filigrana, dá realce ao perfil e attenua a severidade hieratica do desenho.

A inscripção junto á base diz: *Geda Menendiz me fecit in onorem sci* (sancti) *michaelis e* (era) *MCLXXXX.* Esta data, era de Cesar, corresponde ao anno de Christo 1152.

Á primeira vista parece tratar-se de um ourives Geda Mendes, mas já Riaño (*The industrial arts in Spain,* London, 1879) advertiu que a formula *me fecit* deve lêr-se em muitos casos: *fecit fieri* — mandou fazer [3].

Este calice de Coimbra tem um valor excepcional para nós, mórmente se o confrontarmos com os calices do mesmo estylo e aproximadamente da mesma época, que existem no reino.

Lembramos sómente os seguintes:

a) Calice grande de prata dourada (altura 0^{m},21) que a Rainha D. Dulce deu ao mosteiro de Alcobaça, segundo uma inscripção authentica. Tem um nó tambem coberto de filigrana, como o de Coimbra. No Museu Nacional de Lisboa.

b) Calice de prata dourada (altura 0^{m},17) que foi do mesmo mosteiro, segundo a inscripção. Tambem do seculo XII. No mesmo Museu.

c) Calice de prata dourada (altura 0^{m},16) pertencente á Confraria das Almas de Santa Marinha da Costa, Guimarães. Segundo a inscripção, foi doado por El-rei D. Sancho e sua mulher a rainha D. Dulce (já citada) ao celebre mosteiro de Santa Marinha da Costa, na era de M.CC.XXV, que corresponde a 1187 (D. Sancho I reinou de 1185 a 1211).

Não contaremos aqui o calice attribuido ao arcebispo S. Geraldo (Sé de Braga), porque, comquanto do seculo XII, se desvia do typo familiar a que os outros pertencem.

---

[1] Delineou e dirigiu todos os trabalhos o snr. Antonio Augusto Gonçalves, illustre director da Escóla Industrial de Coimbra, filho d'aquella cidade, que tanto lhe quer e tão intelligente estudo dedica aos seus monumentos, como o tem provado de sobejo n'esta publicação.

[2] Os maravilhosos esmaltes da custodia de Belem são uma excepção, que confirma a regra. Os do relicario de ouro da Madre de Deus, obra de um ourives allemão, não entram em conta.

[3] Referindo-se o erudito escriptor a um calice, tambem do seculo XII, pertencente ao Cardeal Moreno, arcebispo de Toledo, escreve o seguinte: «Round the stem are represented the emblems of the Evangelists, and the inscription: *Pelagius abbas me fecit;* this formula appears so frequently that it must be understood in the sense of *fecit fieri,* ordered to be made» (pag. 16).

Um calice gothico manoelino que foi do mosteiro de Arouca, hoje na Misericordia do Porto, tem na patena a inscripção: *ad laudem dei milicia abatisa me fecit.* Trata-se da Abbadessa D. Melicia de Mello que, de facto, *mandou* fazer outro calice do mesmo estylo, e tambem muito notavel, com inscripção portugueza bem clara, que se guarda na mesma Misericordia.

l'Évêque-Comte a su découvrir l'artiste savant, capable de diriger les travaux de la vieille cathédrale [1], espérons qu'il trouvera aussi, sans sortir de Coimbra, l'archéologue perspicace et bien renseigné qui dénombrera et classera dans un catalogue éclairé, commode et peu coûteux, les richesses incomparables du musée diocésain.

Au lieu des deux calices, de l'aiguière un peu fantastique et de la croix en jais nous aurions préféré des objets de même genre mais de style différent. Ainsi l'aiguière peut être également appliquée au service sacré ou profane; elle serait de mise pour une cérémonie religieuse ou pour un festin. Mais les éditeurs ont préféré, comme il arrive souvent, la variété qui charme le public, à l'intention savante rarement appréciée.

Calice romain. — En argent doré (vermeil). Hauteur 0^{m},17. Forme élancée et bien prise, d'une époque (moitié du XIIme siècle) où la sobriété des ornements, réduite au bas relief gravé, n'était rachetée que par la richesse polychrome des émaux. L'artiste s'en est abstenu, peut-être faute de connaissances techniques. L'émail a été très peu employé chez nous; dans les objets où on le voit paraître avec une valeur exceptionnelle, on peut presque toujours assurer que l'ouvrage est d'origine étrangère [2].

La coupe, gravée dans un style sévère et rigoureusement décoratif que l'émail aurait complété, est entourée d'arceaux séparant les figures des apôtres, chacun avec son nom, et qui semblent avoir été copiés d'enluminures de la même époque. Sur le pied on voit les symboles des quatre Évangélistes, et l'attache recouverte en filigrane réhausse le profil, tout en atténuant la sévérité hiératique du dessin.

L'inscription à la base porte: *Geda Menendiz me fecit in onorem sci* (sancti) *michaelis e* (era) *MCLXXXX.* Cette date Césarienne correspond à l'an du Christ 1152.

À première vue on pense qu'il s'agit du bijoutier Geda Mendes, mais déjà Riaño (*The industrial arts in Spain,* London 1879) nous avertit que la formule *me fecit* doit être souvent prise par: *fecit fieri* (a fait faire) [3].

Ce calice de Coimbra a pour nous une valeur rare surtout si nous le comparons à ceux du même style et à peu près de la même époque, qui existent en Portugal.

Nous rappelons les suivants:

a) Grand calice en vermeil (haut 0^{m},21) offert par la reine D. Dulce au monastère d'Alcobaça, d'après l'inscription authentique, avec attache ornée de filigrane comme celui de Coimbra. Au Musée National de Lisbonne.

b) Calice en vermeil (haut 0^{m},17) qui appartenait au même monastère, selon l'inscription. Également du XIIme siècle; dans le même musée.

c) Calice en vermeil (haut 0^{m},16) appartenant à la Confrérie des Âmes de Sainte Marinha da Costa, Guimarães. D'après l'inscription, il fut donné au monastère de Sainte Marinha da Costa, l'année M.CC.XXV, qui correspond à 1187, par le roi D. Sancho et son épouse la reine D. Dulce; D. Sancho régna de 1185 à 1211.

Nous ne parlerons pas ici du calice attribué à l'Archevêque St Gérald (Cathédrale de Braga), parce qu'il s'écarte du style des autres quoiqu'étant du XIIme siècle.

---

[1] C'est Mr. Antonio Augusto Gonçalves, l'illustre directeur de l'école industrielle de Coimbra, dont il est naturel, qui a projeté et dirigé ces travaux, avec toute l'intelligence et l'activité qu'il voue aux beaux monuments de sa belle ville dont il est chéri.

[2] Les merveilleux émaux de l'ostensoir de Belem sont une exception à l'appui de cette règle. On ne parle pas de ceux du reliquaire de la Madre de Deus, qui sont l'œuvre d'un orfèvre allemand.

[3] L'érudit écrivain, parlant d'un calice, aussi du XIIme siècle, appartenant au Cardinal Moreno, archevêque de Toledo, écrit ce qui suit: «Round de stem are represented the emblems of the Evangelists, and the inscription: *Pelagius abbas me fecit;* this formula appears so frequently that it must be understood in the sense of *fecit fieri,* ordered to be made» (pag. 16).

Un calice manuelino qui existait au couvent d'Arouca et appartient aujourd'hui à la Misericordia de Porto, porte sur la patène l'inscription suivante: *ad laudem dei milicia abatisa me fecit.* Il s'agit de l'Abbesse D. Melicia de Mello qui effectivement *fit faire* un autre calice du même style aussi très remarquable, avec une inscription très explicite en portugais, que l'on garde dans cette même église.

Calice manoelino. — É de prata dourada (altura $0^{m},32$). Foi do mosteiro de Santa Clara de Coimbra [1]. Copa, nó e pé estão profusamente ornamentados [2]. No revestimento decorativo da copa tem seis medalhas, separadas por anjos tocando instrumentos diversos, nas quaes o artista collocou personagens biblicos: Moysés, David, Daniel e Elias. Os nomes, em caracteres romanos, são escriptos em rótulos de difficil leitura. Os fundos d'esses medalhões parece terem sido esmaltados, bem como os das figuras dos apostolos que circumdam a base; restam sómente escassos vestigios do esmalte. As figuras do nó são santos e santas em attitude devota, que revelam, assim como todos os vultos em geral, uma modelação interessante e correcta. No bordo da copa lê-se: *Calix in manu domini vivi plemis mixto.* A patena, tambem de prata dourada, tem no centro a resurreição de Christo, gravada e esmaltada a azul e roxo. O esmalte bastante deteriorado; em torno a legenda: *Pacem meam do vobis pacem meam relinco* (sic) *vobis;* no reverso a sigla *I. H. S.* (abrev. de Jesus) em esmalte negro.

Cruz processional. — Esta obra de consideraveis dimensões ($0^{m},77$) é feita de *azeviche,* uma variedade da lignite, que em alguns paizes serve de combustivel em vez do carvão. É uma massa dura, compacta, com uma intensa côr de ebano, que se presta a um bello polimento. O azeviche (hesp. *azabache,* do arabe *as-sabadj*) foi considerado na peninsula, desde remotas eras, como um talisman, usado em todas as classes para desviar maleficios. Ainda hoje o collocam, em fórma de *figas,* ao pescoço das crianças; as moças trazem-n'as suspensas no collete. Não admira, pois, que ao artista oriental (indiano?) fosse imposta tão singular materia prima para um fim sagrado. Dizemos artista oriental, porque o ornato linear é exotico, embora as fórmas geraes sejam as do Occidente, correctas, e indiquem o seculo XVII, quando muito o fim do seculo XVI. A imagem do Christo, de simples metal branco, é uma má esculptura, que guarnecia outra cruz do thesouro da Sé, existente tambem no Museu citado.

Essa outra cruz, simplesmente de altar, é de pau preto, toda coberta de uma renda de metal dourado; bastante mais pequena ($0^{m},60$) e de pouco merito. Está guarnecida, porém, com a formosa imagem que pertenceu á nossa cruz de azeviche.

Gomil de prata dourada. — Este singular artefacto não brilha pela proporção, nem pelo apuro das suas fórmas; a parte mais fraca é o pé e a sua ligação com o bojo. Os outros elementos estão sobrecarregados de lavores, uma fauna e flora phantasticas, cujo symbolismo não se percebe. Tanto podia esta peça servir na egreja, como n'um grande festim, onde o vinho ardente, correndo a jorros pelos labios da chimera alada, poderia incendiar desejos e soltar as redeas ao peccado, espreitando dentro da formidavel cobra que guarda a singular figura.

O lavor do gomil (do lat. *aquamanile*) [3] é muito notavel, todo repuxado, e denota grande pericia technica. Dimensões: altura $0^{m},48$. Epoca: 1530-1560. El-rei D. Fernando possuiu no seu museu do Palacio das Necessidades dois gomis, tambem de fabríco nacional, com as mesmas qualidades e defeitos que apontamos no presente exemplar, mas em proporções muito mais salientes, de uma execução prodigiosa. Estiveram, com o de Coimbra, na Exposição de arte ornamental de 1882. (Est. do Cat. n.º 17, 21 e 24).

Joaquim de Vasconcellos.

---

[1] O dr. Antonio Ribeiro Garcia de Vasconcellos (*D. Isabel de Aragão,* parte I, pag. 293, com uma boa reproducção) fallando d'este precioso objecto, suppõe que fosse dadiva de el-rei D. Manoel para servir ao culto da santa rainha, sua avó, cuja beatificação impetrára.

[2] Convem advertir sobre as condições technicas das peças de ourivesaria religiosa no estylo gothico (seculo XV e XVI) que ellas são cuidadosamente articuladas, em torno de uma haste central. Por exemplo, soltando-se o parafuso, occulto na base, o calix desarma-se com a maior facilidade, ficando apenas a haste núa, cravada no fundo da copa. Todas as figuras, quando não são repuxadas (batidas a martello) estão seguras com rebites, de um modo engenhoso, mesmo as figuras de vulto inteiro. De igual maneira prende o ourives todos os elementos architectonicos, pilares, arcarias, corucheus, etc., fugindo sempre do emprego da solda, que estupidamente applicaram, em nossos dias, até na Custodia de ouro de Belem!

[3] Os hespanhoes ainda hoje empregam o termo *aguamanil* (Davillier) e nos documentos antigos portuguezes encontramos a traducção do termo latino, designando *bacia de agua ás mãos.*

Calice manuelino (du temps de D. Manuel). — En vermeil (haut $0^{m},32$). Il appartenait au monastère de Ste Claire de Coimbra [1]. La coupe, l'attache et le pied sont profusément ouvragés [2]. Le revêtement décoratif de la coupe porte six médailles séparées par des anges jouant divers instruments, sous la forme de personnages bibliques: Moïse, David, Daniel, Élie. Les noms en caractères romains sont peu lisibles. Le fond des médaillons de même que celui des figures d'apôtres qui entourent le pied, semble avoir été emaillé, mais on n'en aperçoit que de faibles traces. L'attache porte des images de Saints et de Saintes, en pieuse attitude, qui révèlent ainsi que toutes les figures, un modelage correct et intéressant. Sur le bord de la coupe on lit: *Calix in manu domini vivi plemis mixto.* La patène également en vermeil, présente au fond la Résurrection du Christ gravée et emaillée en bleu et violet. L'émail est assez gâté; autour on voit la légende: *Pacem meam do vobis, pacem meam relinco* (sic) *vobis;* l'envers porte en émail noir les signes *I. H. S.* (abréviation de Jésus).

Croix processionnelle. — De considérables dimensions ($0^{m},77$) faite en jais, une variété de lignite qui dans certains pays remplace le charbon comme combustible. Le jais (en espagnol *azabache,* de l'arabe *as-sabadj*) était dans les temps anciens considéré dans la péninsule comme un talisman, employé dans toutes les classes pour préserver des sortilèges. Même de nos jours on le suspend comme amulette (sous forme de main faisant la figue) au cou des enfants; les jeunes filles la portent à leur corset. Il n'est donc pas étonnant que l'on ait imposé à l'artiste oriental (indien peut-être) cette singulière matière pour fabriquer un objet sacré. Nous la supposons d'un artiste oriental, parce que les ornements ont un cachet exotique, bien que le dessin général soit occidental, très correct, et indique le XVIIme siècle remontant tout au plus à la fin du XVIme. L'image du Christ, en métal blanc, pauvrement sculptée, appartenait à une autre croix du trésor de la Cathédrale, qu'on voit encore dans le musée dont nous avons parlé.

Cette croix, simplement d'autel, est en bois noir, entièrement recouvert d'un réseau en métal doré, bien plus petite ($0^{m},60$) et sans grand mérite, mais elle porte le beau Christ de la croix de jais.

Aiguière en vermeil. — Ce singulier objet ne se recommande ni par la proportion ni par la correction de sa forme; la partie la plus mince est le pied et sa liaison avec la panse. Le reste est surchargé d'ornementations, une faune et une flore des plus excentriques, d'un symbolisme incompréhensible. Elle aurait été aussi bien placée dans une église, que dans un banquet, où l'on verrait le vin ardent, couler à flots des lèvres de sa chimère ailée pour enflammer les désirs et exciter au péché, tout en surveillant le formidable serpent qui semble garder l'étrange figure.

Le travail de cette aiguière (du latin *aquamanile*) est très remarquable, tout en repoussé, et démontre un admirable savoir faire. Sa hauteur est de $0^{m},48$ l'époque 1530-1560. Le roi D. Ferdinand possédait dans son musée du palais de Necessidades deux aiguières, de fabrication nationale avec les mêmes beautés et les mêmes défauts que nous remarquons dans l'objet cité, mais d'une exécution bien plus soignée. Elles ont paru ainsi que celle de Coimbra, à l'Exposition d'art ornemental en 1882. (Ext, du Cat. 17, 21 et 24).

Joaquim de Vasconcellos.

---

[1] Le docteur Antonio Ribeiro Garcia de Vasconcellos (*D. Isabel d'Aragon,* première partie, page 293, avec une bonne reproduction) parlant de ce précieux objet prétend que D. Manuel en fit le don au culte de la Reine Sainte, son aïeule, dont il obtint la béatification.

[2] Il faut remarquer, à propos des conditions techniques de l'orfèvrerie religieuse de style gothique (XVme et XVIme siècle) que les pièces sont toutes soigneusement articulées autour du pivot central. Si, par exemple, on enlève la vis cachée dans le pied, le calice se démonte avec la plus grande facilité ne laissant que la tige dépouillée enchassée dans le fond de la coupe. Les figures qui ne sont pas *martelées* sont rivées de la manière la plus ingénieuse, même celles qui sont en pied. L'orfèvre rattache de même tous les éléments d'architecture, piliers, arcades, flèches, etc., évitant toujours l'emploi de la soudure, qu'on a stupidement appliqué de nos jours jusque dans l'ostensoir de Belem.

[3] Les espagnols se servent encore aujourd'hui du terme *aguamanil* (Davillier) et dans les anciens documents portugais nous trouvons la traduction du mot latin, désignée par *cuvette pour l'eau des mains.*

Santarem



NA *Capella das Almas* da egreja de S. Francisco estava o mausoleu de D. Duarte de Menezes. Estava mal. Depois de profanado o templo magestoso, a capella ficou servindo de deposito de cantaria e mais tarde de casa de ensaio da charanga de um regimento. O cumulo da hediondez! Tiraram emfim de lá o precioso moimento, e fizeram bem. Mudaram-n'o para o *Museu Districtal*, onde actualmente póde admirar-se.

Para com mais commodidade e segurança o collocarem, onde está hoje, abriram-n'o, e dentro encontraram apenas um pequeno cofre, que continha um dente, o qual foi confiado á guarda do governador civil do districto. Porque? Pois não é o seu logar o destinado pela mulher do esforçado capitão, a condessa D. Izabel de Castro, que mandou fabricar o cenotaphio? Parece-me que se praticou uma profanação das mais imperdoaveis.

No mesmo museu, estabelecido na profanada egreja de S. João do Alporão, outras preciosidades archeologicas se vão reunindo. Não deixarei de apontar as gargulas da demolida torre de Marvilla; a collecção de azulejos; objectos de ceramica; e um fecho de abobada muito curioso, encontrado por mim um dia, que me deu para vasculhar no entulho, quando arrazaram o convento de S. Domingos. É uma pedra circular, de pequenas dimensões, bem lavrada, tendo esculpido sobre a parte anterior em caracteres gothicos, quasi carcomidos: *Faz o teu dever;* e em uma fita da mesma pedra, cingindo-a diagonalmente: *A seu tempo.*

Repare o leitor igualmente em dois capiteis arabes, que lá expozeram, e são muito meus conhecidos, como vae vêr. Em 1882 fui com o visconde de Athouguia e o mallogrado official de artilheria Antonio Bernardo de Figueiredo, dois distinctos archeologos, examinar aquelles capiteis, que coroavam duas columnas, onde se apoiava o forro de uma casa destinada a granel e que pertencera aos condes de Obidos, em Santarem. Era natural a minha curiosidade, pois nunca havia logrado vêr os restos de uma fonte arabe, mandada entulhar, os quaes passavam por serem os vestigios unicos da dominação dos infieis na velha *Chantireyn.* Com effeito, verificamos que eram arabes os dois capiteis, salvos da furia vandalica e possessa, com que se atiraram, desde o meiado do seculo XIX, aos monumentos d'essa terra, para deitar tudo abaixo. A ornamentação dos capiteis é feita com letras *kuficas,* como aquellas com que Mahomet escreveu o KORAN.

Conforme o testemunho dos historiadores e o do douto professor francez Charles Blanc, nas decorações architectonicas dos arabes as imagens da vida eram substituidas pela expressão escripta do pensamento. Excluia-se d'ellas tudo quanto podesse recordar a vida animal.

Esta opinião é hoje contestada, e sustenta-se que, desde os primeiros tempos do Islamismo, não só essas decorações, mas os tapetes e as pinturas, representavam muitas vezes plantas, aves e outros animaes, bem como figuras humanas. Nota-se, como exemplo, a mesquita de Cordova, onde havia as grandes romãs de ouro e prata, as duas columnas vermelhas, em que estavam representados passos das tradições mahometanas, tudo da mais acabada esculptura, tendo sido começada esta mesquita por Abderrhaman-ben-Moawia no anno 170 (786), e terminada dez annos depois por seu filho Meschen I. E na mesquita de Medina, muito anterior á de Cordova, tambem havia esculpturas desde os tempos primitivos.

Segundo a traducção de um douto professor da Universidade de Madrid, e do afamado orientalista hespanhol, snr. Gayangos, aos quaes foi apresentado o desenho dos caracteres kuficos, significam estes:

> En el nombre de Allah el clemente, el misericordioso, bendiga.
> Allah nuestro señor Mahoma.
> Y á su familia y conceda (á ellos) paz perfecta.
> Me acojo á Allah (huyendo) de Satan el apedreado.

O aspecto que nos apresenta a egreja de S. João do Alporão é, com effeito, o de um edificio religioso do seculo XII. Portaes com arco semicircular, carrancas na cimalha, espelho aberto e radiado na

Santarem



LE mausolée de D. Duarte de Menezes était mal placé dans la *Capella das Almas* de l'Église St François. Lorsque ce temple majestueux fut profané, cette chapelle servait de dépôt de pierres de taille et plus tard de salle d'étude pour la musique d'un régiment. Le comble de l'ignoble! Enfin ce précieux monument, si digne d'admiration, fut, avec raison, transferé au musée districtal où on peut le voir encore.

Pour effectuer son déménagement avec plus de sureté et de commodité, on l'ouvrit et on trouva dedans un petit coffret contenant une dent, qui fut préposée à la garde du préfet de la ville. Pour quelle raison? N'aurait-on pas dû la laisser dans ce tombeau que la comtesse D. Isabel de Castro, femme du vaillant capitaine, avait fait élever à sa mémoire? Il me semble qu'on a pratiqué en cela une impardonnable profanation.

Dans ce même musée qui se trouve installé dans l'église profanée, on a réuni peu à peu quelques préciosités archéologiques. Je citerai, entre autres, les gargouilles de la tour de Marvilla actuellement démolie, la collection de faïences et d'objets en céramique, et une clef de voûte très curieuse, que j'ai trouvée un jour que j'eus la fantaisie de fouiller dans les décombres, lors de la destruction du couvent de St Domingos. C'est une pierre circulaire, de petites dimensions, très bien travaillée ayant sur sa face antérieure en caractères gothiques, sculptés et presqu'effacés: *Faz o teu dever* (*fais ce que dois*) et sur une bande qui traverse diagonalement la même pierre: *Ao seu tempo* (*à son temps*).

Que le lecteur remarque aussi deux chapiteaux arabes qui sont exposés là et qui sont pour moi de vieilles connaissances. En 1882 je fus avec le vicomte d'Athouguia et le regretté officier d'artillerie Antonio Bernardo de Figueiredo, deux archéologues distingués, examiner ces chapiteaux qui surmontaient deux colonnes sur lesquelles s'appuyait le plancher d'une maison, servant de magasin, et qui avait appartenu aux comtes d'Obidos, à Santarem. Ma curiosité était naturellement excitée, car je n'avais jamais eu l'occasion de voir les restes d'une fontaine arabe, comblée, et qu'on assurait être les seuls vestiges de la domination des infidèles dans l'ancienne *Chantireyn.* En effet nous pûmes vérifier que ces chapiteaux étaient arabes, et sauvés, probablement par miracle, du vandalisme furieux et enragé, qui dès le milieu du XIXme siècle menaça de détruire tous les monuments du pays. Les ornements des chapiteaux sont en caractères *kufiques* comme ceux dont se servit Mahomet pour écrire le KORAN.

D'après le témoignage de quelques historiens et de l'érudit professeur français Charles Blanc, les arabes, dans leurs décorations architecturales exprimaient par l'écriture toutes les images de la vie, excluant tout ce qui pouvait rappeler l'existence animale.

Cette opinion est aujourd'hui fort contestée et il est avéré que, dès les premiers temps de l'Islamisme, non seulement ces décorations, mais les tapis et les peintures représentaient souvent, des plantes, des oiseaux et d'autres animaux, et même des figures humaines. On cite comme exemple, la mosquée de Cordoue où on voyait des grandes grenades d'or et d'argent et deux colonnes rouges sur lesquelles on avait reproduit des scènes traditionnelles des mahométans, d'un fini merveilleux; cette mosquée avait été commencée par Abderrhaman-ben-Moawia, l'année 170 (786) et terminée dix ans après par son fils Meschen Ier; et dans la mosquée de Medina, bien plus ancienne que celle de Cordoue on voyait quelques sculptures des temps primitifs.

Un savant professeur de l'Université de Madrid et Mr. Gayangos, orientaliste espagnol très renommé, auxquels on a présenté le dessin des caractères arabes, les ont traduits ainsi:

> En el nombre de Allah el clemente, el misericordioso, bendiga
> Allah nuestro señor Mahoma.
> Y á su familia y conceda (á ellos) paz perfecta.
> Me acojo á Allah (huyendo) de Satan el apedreado.

ce qui signifie à peu près: *Au nom de Allah, clément, miséricordieux, je bénis le seigneur Mahoma; pour qu'il accorde à votre famille une paix parfaite; je m'accueille à Allah, fuyant Satan qui me jette des pierres.*

fachada principal voltada ao poente, apparelho pequeno applicado á construcção com largas juntas entre a cantaria, contrafortes, tudo emfim, antes de fazermos detido exame, nos leva a consideral-o modelo das egrejas da éra romana secundaria, fundadas em Portugal no alvorecer da monarchia. Mas não teria sido de seu principio uma basilica romana, depois uma mesquita e mais tarde um pequeno templo christão?

Crêmos que foi tudo isso, tendo passado por successivas transformações e reparos, em que por tal guiza o atamancaram, que desappareceu a primitiva harmonia do seu conjuncto.

Tudo tem soffrido o vetusto e venerando monumento. E não se acreditará, que chegasse a imprudencia a ponto de fazerem d'elle receptaculo de materiaes de construcção, e depois theatro, para a mocidade da povoação exhibir as suas prendas em divertidas representações de curiosos.

Não me canço de lamentar a sorte de Santarem, embora não sejam ouvidos os meus threnos. Esta Pompeia não foi submergida por montões de lava; mas tem sido conspurcada pela baba pestilenta de vereadores, em cujo cerebro nunca pôde gerar-se uma ideia.

Arrazem tudo! Partam estupidamente as pedras dos jazigos, para calçar as ruas que percorrem desdenhosos, sem terem a consciencia do seu crime! O que não podem é impedir que a ARTE, e em nome d'ella a Civilisação, protestem contra essa affronta publica!

A ARTE não precisa de receber inspirações das ruinas do passado, para ser eterna; mas os productos da sua actividade creadora são as mais puras fontes da historia dos povos em todos os tempos.

O que nos asseguravam essas egrejas de Santarem, antes de serem derrocadas umas, e outras a que deram applicações tão diversas d'aquellas, para que foram fundadas?

Que a religião do Crucificado inspirou, durante seculos, as grandes creações da Arte, e que ao serviço d'essa religião sacrosanta o architecto consagrava os seus melhores pensamentos, o pintor e o esculptor revestiam e accumulavam de graças e louçanias os amplos recintos de seus templos.

Nunca um bronco padre-conscripto scalabitano comprehendeu isto, que é tão comezinho, tão intuitivo!

Á casa do Alporão era contigua uma torre que, por mandado de um juiz de fóra, foi demolida para desobstruir a rua, por onde havia de passar o coche, que conduzia a rainha D. Maria I, quando visitou Santarem! Duas torres marcavam o limite do apertado passo: a *do Alporão* e a *das Cabaças*. Que importava ao tal juiz de fóra que a primeira fôsse um monumento do dominio romano, e do alto da qual, durante a occupação serracena, o *Aleyxin* prégasse a doutrina do KORAN e dictasse ao povo a lei de Mahomet?

Mas deveria de preferencia deitar-se abaixo a segunda torre? Tambem não, que merece ser respeitada pela sua originalidade.

Se não cabia o coche real, alcatifassem a curta viella, desde o Alporão até Alcaçova, para onde a rainha se dirigia, que facilmente havia de vencel-a a pé.

Não soube decerto a soberana, que commetteram alli, em seu nome, um attentado infamissimo. Se lhe tivessem dito antes que para ella passar precisavam de destruir a torre do Alporão, seria a primeira a lembrar ao senado imprevidente, o respeito que esse monumento mereceu sempre aos antigos reis, a quem nunca serviu de obstaculo a estreiteza dos arruamentos, quando se encaminhavam para o alcaçar de D. Affonso Henriques, por alguns d'elles habitado, ou iam fazer oração á egreja de Santa Maria de Alcaçova, sua capella real, quando sahiam de seus paços junto á porta de Leiria. Optaram por consummar um sacrilegio!

A dois passos da casa do Alporão mostra-se-nos a egreja da Graça, que pertenceu ao convento dos padres eremitas de Santo Agostinho, fundado em 1376. É um bello exemplar do estylo ogival secundario, ou gothico moderno, conforme a classificação de M. de Reiffenberg.

A fachada principal enleva-nos com o seu grande oculo chammejante, de primoroso lavor e de uma só pedra; com as suas *arqueaduras fingidas* e de fino rendilhado; com o seu portico, emfim, de columnas embebidas em parte na espessura da parede, para resaltarem em meio relevo na concavidade de calhas de cantaria, que parecem feitas para envolver de cima a baixo fustes cylindricos de maior grossura, sustentando os seus quatro capiteis de cada lado, ornados de folhagens, arcos perfeitamente ogivaes. Bella e delicada obra de architectura.

Nota-se que a cimalha da capella-mór é guarnecida de dentulos iguaes aos que tem a de S. João do Alporão; mas d'esta identidade não se póde adduzir prova, para affirmar que sejam coevas as duas capellas.

L'aspect de l'église de S. João de Alporão semble être en effet celui d'un édifice religieux du XIIme siècle. Les portes aux arcades demi circulaires, les têtes d'animaux des corniches, la rosace ouverte et étoilée de la façade principale tournée au couchant, la mince couche de mortier appliquée entre les pierres à larges jointures, les contreforts, tout porte à croire que c'est un modèle des églises de l'époque romaine secondaire, fondées en Portugal à l'aube de la monarchie.

Mais qui nous dit qu'elle n'ait pas été dès sa fondation, une basilique romaine, ensuite une mosquée et plus tard un temple chrétien? Nous pensons qu'elle a eu toutes ces destinations, ayant subi successivement tant de réparations et de transformations, que l'harmonie primordiale de l'ensemble a tout à fait disparu.

L'ancien et vénérable monument a tout souffert.

Il est à peine croyable qu'on l'ait converti en dépôt de matériaux de constructions, et plus récemment en un théatre ou la jeunesse de l'endroit vient exhiber ses divers talents d'amateur.

Je ne me lasse pas de lamenter le sort de Santarem quoique je sache bien que mes plaintes ne sont guère entendues. Cette Pompée n'a pas été engloutie sous des monceaux de lave; elle a été souillée par la bêtise inouie de ses conseillers municipaux dans les cerveaux desquels n'a jamais pu germer une idée raisonnable.

Mais qu'ils anéantissent tout, que les pierres des tombes soient stupidement brisées pour paver les rues où ils circulent dédaigneusement, inconscients de leur crime! Jamais ils ne pourront empêcher que la civilisation, au nom de l'*Art* proteste contre cet affront public.

L'art n'a pas besoin de s'inspirer dans les ruines du passé, pour être éternel; mais les productions de son activité créatrice sont les sources plus pures de l'histoire des peuples de tous les temps.

Quel enseignement nous apportaient ces églises de Santarem avant que les unes soient détruites et que l'on ait donné à d'autres une destination différente de celle qui leur était reservée?

On y apprenait, que la religion du Christ avait pendant des siècles inspiré les plus belles créations artistiques; que les architectes, les sculpteurs et les peintres avaient mis au service de cette sainte religion leurs plus hautes pensées, toutes les grâces et les délicatesses de leurs beaux talents.

Et cette pensée si simple et si intuitive n'est jamais venue à ces rudes pères-conscrits de Santarem!

Lorsque la Reine D. Maria Ière visita Santarem, un des premiers magistrats de la ville, fit démolir une tour qui était contigüe à la maison de Alporão, afin d'élargir la rue où devait passer le carrosse royal. Il y avait alors deux tours qui limitaient cet étroit passage; celle de Alporão et celle des Cabaças. Il importait peu que la première fut un monument de la domination romaine, du sommet de laquelle, pendant l'occupation des sarrasins, l'*Aleysin* prêchait la doctrine du Koran et dictait au peuple la loi de Mahomet.

Aurait-il mieux valu démolir l'autre? Assurément non, car celle là devait être respectée par son originalité.

Puisque le carrosse royal ne pouvait passer, on aurait pu tapisser la courte ruelle, depuis Alporão jusqu'à Alcaçova, et la reine l'aurait facilement franchie à pied.

Il est certain qu'elle a toujours ignoré cet attentat infâme, commis en son nom; si on lui avait dit qu'il fallait détruire la tour, elle aurait été la première à rappeler à ce sénat imprévoyant, le respect que ce monument avait toujours mérité des anciens rois, qui ne craignaient pas l'étroitesse des rues lorsqu'ils se dirigeaient à l'Alcazar de D. Affonso Henriques, que quelques uns ont habité, ou quand ils allaient faire leurs prières à la chapelle royale de Ste Marie d'Alcaçova, en sortant de leur palais près de la porte de Leiria.

Mais on décida qu'il valait mieux accomplir ce sacrilége.

À deux pas de la maison de Alporão nous voyons l'église de Graça, qui appartint jadis au couvent des pères ermites de St Augustin, fondé en 1376. C'est un magnifique exemplaire du style ogival secondaire, ou gothique moderne, d'après la classification de Mr. de Reiffemberg.

La façade principale attire notre attention avec sa grande rosace flamboyante, précieusement ouvragée dans une pierre unique, et ses *courbures simulées* et finement dentelées; le portail à colonnes, en partie enchassées dans l'épaisseur du mur, ressortant en demi relief des rigoles de pierre, qui semblent faites pour envelopper du haut en bas des fûts cylindriques plus gros, a de chaque côte quatre chapiteaux ornés de feuilles, qui soutiennent les arcades d'un ogive parfait. C'est un travail d'archi-

A egreja é de tres naves, separada a principal das lateraes por seis columnas de cada lado, as quaes são até aos seus capiteis todas de pedraria repartida em resaltos, de harmonia com a obra do portico.

Compõe-se de seis capellas: a capella-mór com duas collateraes retrahidas, como sendo fabricadas no mesmo vão, todas tres, porém, separadas pelos muros que formam as suas paredes lateraes; duas no cruzeiro; e a restante em a nave que nos fica á direita, quando se entra na egreja pela sua escada, que parte da porta principal, e por ella se desce para o pavimento, que é todo igual nas tres naves. Na capella collateral da parte da epistola, em grande sepultura rasa, lê-se o seguinte epitaphio em letras gothicas:

«Aquy jaz pedral uarez cabral e dona Isabel de castro sua molher cuja he esta capella he de todos seos erdeyros aquall depois da morte de seu marydo foy camareyra mor da Ifanta dona marya filha del rey dō João noso senōr ho terceyro deste nome».

O imperador do Brazil veiu um dia a Santarem visitar este jazigo, e disse-lhe o seu guia, que lá dentro não havia senão entulho, porque fôra violada a sepultura pelos francezes na invasão. D. Pedro acreditou n'essa lenda, justificada aliás pelo que succedera em outros tumulos, quando as tropas de Napoleão devastaram o paiz. Não acabou de lêr a inscripção tumular. Tomado de vergonha e de espanto, soltou uma exclamação indignada, sahiu precipitadamente do templo, e nada mais quiz vêr em Santarem.

A violação fundava-se unicamente em presumpções. Não lhe dei credito, e em 1882 tratei de apontar ás gerações vindouras onde jazem, em humilde e rasa campa, as cinzas preciosas do descobridor da America do Sul, as quaes, sem duvida, a ingratidão abandonára, porque não esqueceu de todo; e levantar padrão condigno a tão benemerito da patria e da humanidade. Mas, primeiro que tudo, julguei necessario tirar pretexto aos incredulos, e verificar, de um modo authentico e solemne, a existencia d'aquelles despojos, negada sem fundamento.

Fiz a occultas uma verificação pessoal na sepultura do navegador. Havendo-me convencido de que lá estava a ossada de Pedro Alvares Cabral, constitui uma commissão, em que entrei, e que por minha iniciativa convidou auctoridades, corporações e pessoas respeitaveis de Santarem, a comparecerem no dia 6 de agosto do mencionado anno, pelas onze horas da manhã, no templo da Graça, para se proceder á verificação official e solemne da existencia dos mesmos restos; o que se realisou, como consta do auto feito em duplicado, subscripto e assignado pelo escrivão da camara municipal, seguindo-se oitenta e uma assignaturas das pessoas presentes. Um dos exemplares d'esse auto está no archivo da mesma camara, e o outro foi depositado no archivo da Torre do Tombo.

Restava-nos completar a nossa obra. Dirigimos então ao paiz e ao Brazil um manifesto, convidando todos os patriotas a subscrever para um monumento a Pedro Alvares Cabral.

Dissemos que o nosso heroe, que esse gigante não assolou nações, não assassinou povos, não derruiu imperios, mas dilatou a fé e a civilisação, descobrindo o Brazil, e que para ter uma rasa campa, que lhe resguardasse as cinzas após a morte, foi necessario que o amor conjugal, vagarosa e modestamente lh'a preparasse.

Diligenciamos persuadir os verdadeiros amantes da patria, de que devia condemnar-se publicamente esse abandono, e levantar-se perto das cinzas do grande almirante, que descobriu a vasta região, onde temos milhares de irmãos que fallam a nossa lingua, que professam as nossas crenças e veneram as nossas tradições, um monumento digno da memoria d'esse varão illustrissimo, do seu exemplo, da sua virtude e da sua gloria.

Foram baldados os nossos esforços, e continuou no esquecimento a sepultura do egregio navegador, que tanto honrou a patria, tentando, como Bartholomeu Dias e Vasco da Gama, um caminho tambem novo, com a differença de que estes tinham a certeza da existencia da India, e Pedro Alvares Cabral foi por mares quasi todos nunca d'antes navegados, arriscou-se a outros abysmos insondados, anteviu outro mundo nunca fallado, evocou-o, por assim dizer, e recebeu-o como das mãos do Creador; o que é porventura mais grandioso e sublime ainda!

Ninguem ouviu a nossa voz!

Á hora em que escrevemos, apparece ahi um cidadão brazileiro, que se mostra disposto a erigir, por subscripção no seu paiz, o desejado monumento. Oxalá que as suas diligencias sejam mais felizes do que as nossas.

tecture d'une délicatesse charmante. On remarque aussi que la cimaise du sanctuaire est agrémentée de denticules semblables à ceux de S. João de Alporão; mais cette identité n'est pas suffisante pour prouver que ces deux constructions soient de la même époque.

L'église a trois nefs; la principale étant séparée des autres par six colonnes de chaque côté; ces colonnes sont, jusqu'à la hauteur du chapiteau, divisées en ressauts ou saillies dans le même genre du portail.

Les chapelles sont au nombre de six; celle du maitre-autel est flanquée de deux collatérales en retrait, separées par leurs parois, tout en semblant se trouver dans la même cavité; deux autres garnissent le transept et la dernière est placée dans la nef droite, lorsqu'on entre dans le temple par l'escalier qui descend de la porte dans l'église, entièrement de plain-pied.

Sur une grande tombe rase, placée dans la chapelle collatérale du côté de l'épître, on lit l'épitaphe suivant en caractères gothiques:

Ci-git Pedro Alvarez Cabral et Dona Isabel de Castro, son épouse, ainsi que leurs descendants; Dona Isabel fut, après la mort de son mari, grande maitresse de l'Infante Dona Maria, fille du roi Don João III.

L'empereur du Brésil vint un jour à Santarem visiter ce caveau et son guide lui dit, qu'il n'existait plus là que des décombres et que la sépulture avait été violée au temps de l'invasion française, Dom Pedro tint cette légende pour véridique, se souvenant de ce qui était arrivé à d'autres monuments, lorsque les armées de Napoléon dévastèrent notre pays.

Il ne finit pas de lire l'inscription tumulaire; au comble de l'étonnement et de la honte il proféra une exclamation indignée et sortit précipitamment du temple sans vouloir rien voir de plus à Santarem.

Mais cette violation n'était basée que sur des suppositions. Je ne voulus pas y croire et en 1882 je m'efforçais de faire connaître aux générations futures l'endroit où se trouve si modestement ensevelie, presque oubliée par l'ingratitude des hommes, la dépouille précieuse de celui qui a découvert l'Amérique du Sud; je les engageais à élever un monument digne du navigateur qui a si bien mérité de la patrie et de l'humanité. Toutefois je jugeai nécessaire d'ôter tout prétexte aux incrédules, en reconnaissant d'une manière authentique et solennelle, l'existence de ces restes qu'on avait contestée sans raison. Je fis d'abord, tout seul, des recherches minutieuses dans la tombe du navigateur. Convaincu que les restes de Pedro Alvares Cabral existaient, je réunis une commission dont je fus un des membres, et nous prîmes l'initiative d'inviter les autorités, les corporations et les personnes importantes de Santarem, afin d'assister le 6 Août de cette même année, dans l'Église de Graça, à la vérification officielle de l'existence de ces cendres. Le procés-verbal fait en double a été écrit et paraphé par le greffier du conseil municipal et en plus quatre vingt une signatures de personnes présentes à la cérémonie. Un de ces actes est déposé aux archives de la municipalité de Santarem et l'autre à la Torre do Tombo, de Lisbonne.

Nous avons fait voir, que notre héros, sans dévaster des nations, sans assassiner des peuples, ni démolir des empires, avait répandu la foi et la civilisation, en découvrant le Brésil et que, sans sa femme bien aimée, qui peu-à-peu lui prépara cette dernière demeure, jamais il n'aurait eu même cette tombe modeste pour recouvrir ses restes.

Nous fîmes des efforts pour persuader les véritables patriotes que cet abandon était une honte publique et que l'on devait ériger près de ces cendres un monument digne de la mémoire, de l'exemple, des vertus, et de la gloire de cet homme illustre qui a découvert le vaste pays où nous avons des milliers de frères qui parlent notre langue, qui professent nos croyances et qui vénèrent nos traditions.

Tous nos efforts ont été infructueux et l'oubli a continué à planer sur le tombeau de ce vaillant capitaine qui honora sa patrie, cherchant, comme Bartholomeu Dias et Vasco da Gama une nouvelle voie, mais avec la différence, que ceux-ci connaissaient l'existence de l'Inde et Pedro Alvares Cabral chercha son chemin à travers des mers jusque là inconnues, il s'aventura vers des abîmes insondables, il entrevit un nouveau monde, l'évoqua, et le reçut, pour ainsi dire, des mains du Créateur, ce qui est encore plus sublime et grandiose.

Mais, personne n'écouta nos voix.

Au moment où nous écrivons, on nous dit qu'un citoyen brésilien se montre disposé à réunir au moyen d'une souscription, les fonds nécessaires à la construction de ce monument si souhaité. Plaise à Dieu que ses tentatives soient couronnées de plus de succès que les nôtres.

É certo que Pedro Alvares Cabral ha de viver eternamente na historia; mas nós os filhos de Portugal, que vivemos hoje, se queremos preparar a geração de ámanhã, digna da terra illustre que lhe dá o ser, se queremos que espiritos alevantados, corações fieis, vontades energicas, dedicações sublimes surjam benemeritas, temos de pagar a esse desinteressado obreiro da nossa grandeza a divida nacional, que nos onera para com elle.

Comprehender e não reconhecer publica e solemnemente a sua obra immorredoura, que é tambem a sua gloria infinda, é commetter uma ingratidão e uma injustiça, improprias da dignidade e dos brios de uma nação civilisada.

Mas completemos a nossa informação ácerca da egreja da Graça, e deixemos de clamar no deserto.

A capella do cruzeiro, do lado do evangelho — referindo-nos ao altar-mór — tem um retabulo de pedra, feito segundo as regras da ordem corinthia, no qual se vê um grande painel, enchendo todo o seu vão, com uma pintura magnifica de S. Nicolau Tolentino, attribuida á celebre Josepha de Obidos.

Fronteira a essa capella, no mesmo cruzeiro, está a de Santa Rita. Na architectura do seu retabulo seguiram igualmente a ordem corinthia, e a pintura do painel, onde se vê a imagem da santa em extasis deante de um crucifixo, foi feita por um bom artista de Santarem, chamado Ignacio Xavier, o qual esteve em Roma a estudar a sua arte, que cultivou com muita distincção e nomeada.

Entre grande numero de sepulturas de portuguezes illustres, além da já referida, destaca-se a que se encontra debaixo do côro, logo á esquerda de quem entra pela porta principal do templo.

Consiste em um caixão com sua tampa, tudo de pedra bem lavrada, tendo de comprido 3^{m},2, de largura 1^{m},7 e de altura 2 metros; estando entalhadas sobre a tampa duas figuras de vulto, ou antes dois retratos esculpidos de D. Pedro de Menezes, conde de Vianna, e de sua mulher D. Beatriz Coutinho, netos dos fundadores do mosteiro. São encimados por dois riquissimos baldaquinos, collocados a conveniente distancia da cabeça de cada um. Por entre as folhagens em meio relevo, que exornam as faces do sumptuoso sepulchro, lê-se aqui e além a palavra *Aléo*. E juntamente com os brazões de familia, tem o mausoleu um extenso epitaphio, onde resumidamente se história a vida de D. Pedro de Menezes, e a nobre estirpe de sua mulher. A palavra *Aléo* significa uma alcunha honrosa, de que muito se prezava o conde.

D. Pedro de Menezes governava Ceuta, sendo ainda moço. Veiu a Lisboa, e um dia em que estava jogando o truque com D. João I, chegou aviso de que os mouros preparavam um exercito formidavel para pôr cêrco a Ceuta. O Mestre de Aviz ordenou ao conde que se partisse logo a occupar o seu posto, e lá lhe iriam ter em breve os necessarios soccorros. Notando D. Pedro, que el-rei se affligira com a nova, observou-lhe: «Não se cance vossa alteza com soccorrer Ceuta. Eu só com este *aléo* — mostrando-lhe o bastão grosso de zambujeiro, de dois palmos de comprido, com que jogava o truque — afugentarei toda a mourama». Com effeito, os mouros sitiaram a praça, mas foram valorosamente repellidos.

Continuou o conde de Vianna a governar Ceuta por espaço de vinte annos, sustentando sempre porfiada guerra com os mouros, que nunca conseguiram sacudir da cerviz o pesado jugo, com que os amarrava o valente pulso do brioso capitão. Ficou por isso vinculado a seus successores o governo d'aquella praça, e conservava-se no palacio do governo o celebre pau de zambujeiro, que se entregava aos capitães que de novo passavam áquelle governo.

Era pois o nobilissimo aléo o sagrado *palladium* da nossa grandeza n'aquellas paragens, e tanta confiança inspirava a sua conservação, que o nosso epico, a quem nada esquecia do que immortalisava o nome portuguez, diz na sua ecloga primeira, alludindo ao facto:

«Em quanto do seguro Azambugeyro
Nos Pastores do Luzo houver cajados,
Com o valor antigo, que primeyro
Os fez no mundo tão assinalados;
Não temas tu, Frondelio companheyro,
Que em algum tempo sejam sojugados,
Nem que a cerviz indomita obedeça
A outro jugo qualquer que se lhe offereça.»

Zephyrino Brandão.

Pedro Alvares Cabral sera assurément toujours rappelé dans l'histoire; mais nous autres portugais, qui vivons actuellement, si nous voulons préparer des générations futures qui soient dignes de notre pays, si nous voulons que des esprits élevés, des cœurs fidèles, des volontés énergiques et des dévouements sublimes, puissent devenir des gloires véritablement méritantes, nous devons nous imposer le devoir de payer à cet artisan d'une de nos grandeurs passées, la dette nationale dont nous lui sommes redevables.

Comprendre et ne pas reconnaître publiquement et solennellement son œuvre immortelle, c'est faire acte d'ingratitude et d'injustice, impropres de la dignité et de la générosité d'une nation civilisée.

Mais cessons de prêcher dans le désert et continuons la description de l'église de Graça.

La chapelle du transept, côté de l'Evangile, — par rapport au maitre-autel — a au fond un retable en pierre, d'après toutes les règles de l'ordre corinthien, entièrement recouvert d'un grand tableau avec une peinture magnifique attribuée à la célèbre Josepha d'Obidos, représentant St Nicolau Tolentino. En face, de l'autre côté du transept se trouve une autre chapelle dédiée à Santa Rita, avec un retable identique et un tableau avec l'image de la Sainte en extase devant un crucifix; ce travail a été executé par Ignacio Xavier, un artiste de Santarem, très renommé qui avait fait ses études à Rome.

Parmi beaucoup d'autres tombeaux de portugais illustres, on remarque surtout celui qui existe sous le jubé, à gauche de l'entrée.

C'est un sarcophage avec son couvercle, entièrement en pierre sculptée, mesurant 3^{m},2 de longueur, 1^{m},7 de largeur et 2^{m} de haut; sur le couvercle sont couchées deux statues, où plutôt deux portraits en relief, de D. Pedro de Menezes, comte de Vianna, et de sa femme D. Beatriz Coutinho, petits enfants des fondateurs du monastère. Les têtes sont surmontées à distance par deux riches baldaquins et entre les feuillages en relief qui ornent les côtés du somptueux mausolée, on lit souvent le mot *Aléo;* près des armoiries de la famille on peut déchiffrer un long épitaphe racontant sommairement l'histoire de D. Pedro de Menezes et la noble lignée de sa femme. *Aléo* était un sobriquet glorieux dont s'enorgueillissait le comte.

D. Pedro de Menezes, très jeune encore, était gouverneur de Ceuta. Un jour qu'il jouait au truc avec le roi D. Jean 1er à Lisbonne, on vint le prévenir que les maures préparaient une armée formidable pour assiéger Ceuta. Le *mestre d'Aviz* donna des ordres pour que le comte regagna aussitôt son poste, et qu'il lui enverrait ensuite les secours nécessaires. D. Pedro remarquant que cette nouvelle avait tristement impressionné le roi, lui dit: — Que Votre Altesse ne se soucie pas d'envoyer des secours à Ceuta; avec cet *aléo* seulement, je saurai mettre tous les maures en fuite — et il montrait le court bâton d'olivier sauvage, mesurant deux palmes, avec lequel il jouait au truc. En effet les maures assiégèrent la place, mais ils furent courageusement repoussés.

Le comte de Vianna gouverna encore Ceuta pendant vingt ans, soutenant une lutte acharnée contre les maures qui ne purent jamais se soustraire au joug sous lequel les maintenait la main de fer du vaillant capitaine. Le gouvernement de cette place resta pour toujours perpétué dans cette famille et dans le palais du gouvernement on gardait le fameux bâton d'olivier qui était remis à chaque nouveau gouverneur.

Ce noble *aléo* était le *palladium* sacré de notre puissance dans ces parages et il inspirait une telle confiance que notre grand poète Luiz de Camões, n'oubliant jamais rien qui put glorifier le nom portugais, en parle dans sa première églogue,

«Em quanto do seguro Azambugeyro
Nos Pastores de Luzo houver cajados,
Com o valor antigo, que primeyro
Os fez do mundo tão assinalados;
Não temas tu, Frondelio, companheyro,
Que em algum tempo sejam sojugados,
Nem que a cerviz indomita obedeça
A outro jugo qualquer que se lhe offereça.»

ce qui signifie à peu près: Tant que les courageux pâtres de Portugal auront à leur disposition des bâtons d'olivier comme celui qui a rendu autrefois notre nom célèbre, il n'est pas à craindre qu'il courbent leur tête indomptable sous un joug quelconque.

Zephyrino Brandão.

Mafra



AMOSA entre as atalaias dispostas na defeza de Lisboa, velando o mar e guardando a costa entre os dois cabos, Mafra foi o ponto estrategico, escolhido talvez pelos godos e provavelmente pelos arabes, para se corresponder com os postos collocados em frente das Berlengas e o Castello de Cintra; d'uma alta importancia semaphorica, servia melhor com a almenara do que defendia com o arco balestario, era mais veloz em communicar o perigo do que em se defender do ataque, e assim, na expedição do conde de Portugal, D. Affonso, até Lisboa, foram tomados, sem esforço notavel, os dois castellos, simples velas, que nem lhe embaraçaram a passagem. É depois d'esta tomada, feita no meado do seculo XII, que Mafra e os outros logares circumvisinhos de Lisboa começam a ter importancia militar, porque a estrategia dos godos, raça feita na guerra, era muito melhor do que a tactica dos musulmanos, mais civilisados, e, portanto, mais indolentes e mais fracos.

Não é facil precisar o anno em que Mafra começou a prestar menagem a Affonso Henriques; Duarte Galvão diz que foi antes da conquista de Lisboa (1147, Christo, sempre) o que nós acreditamos, porque D. Affonso vinha do norte; e fr. Antonio Brandão diz que foi depois d'esta conquista, não dando importancia alguma á fortaleza d'este posto militar; fica dito o que melhor nos parece a tal respeito.

Substituida a cimitarra pelo montante, o crescente pela cruz, no castello de Mafra, ainda cêrca de meio seculo foi mantido no serviço da corôa que em 1 de maio de 1193, (Cf. á margem esquerda do doc. onde se lê, escripto com letra do seculo XVII: $\frac{\overset{0}{221}}{231}$ e Moreira, *Theatro historico genealogico*, pag. 217; seguido por J. P. Ribeiro, *Diss. Chron.*, tomo I, pag. 36, antecedentes e consequentes; contra Brandão, *Mon. Lus.*, parte III, livro XI, cap. XXXIII), na villa d'Obidos, o deu á freiria d'Evora, só depois de 1211 (Gama Barros, *Historia da Administração Publica*, tomo I, pag. 373, cita o primeiro doc. com esta designação, de 1215), chamada Ordem d'Aviz e então sujeita á Ordem de Calatrava (Cf. Livro de foraes antigos, fl. 62, v.); o mestre da freiria d'Evora era D. Gonçalo Viegas; no senhorio da Ordem de Calatrava devia ter continuado até que passou para a corôa; os documentos authenticos que apparecem a tal respeito são a bulla de Innocencio III, datada de S. João de Latrão, 17-V-1201 (*Quadro elementar*, tomo IX, pag. 34), em que se diz que a Ordem de Calatrava possuia bens em Mafra; a bulla do mesmo papa, datada de Roma, 20-V-1214 (Cf. loc. cit., pag. 61), confirmando á Ordem as doações que lhe fossem feitas em Portugal; e a confirmação da já citada doação, de Mafra a esta Ordem, feita por D. Affonso II a D. Fernando, mestre da Ordem e aos seus freires, em Coimbra, agosto de 1218 (Cf. Chanc. de D. Affonso II, fl. 62, v.). É na mesma columna, a seguir á doação apontada, que apparece a confirmação de D. Affonso II, a que nos referimos.

Fr. Francisco Brandão, *Mon. Lus.*, parte V, fl. 313, publica (Cf. escriptura XVI) uma «doação da villa de Mafra por el-Rey Dō Sancho Primeiro ao Bispo do Algarve D. Nicolao» e á egreja de Santa Maria de Silves, que diz ter visto «no cartorio de Santa Cruz de Coimbra no livro 13 das doações antigas»; seu irmão vira em Alcobaça e publicára, com grande applauso dos bernardos, o famoso juramento de D. Affonso Henriques (Cf. Brandão, *Mon. Lus.*, parte III, cap. V); portanto, não podemos dar credito a esta doação, atravez da *Mon. Lus.* Procurando o original, soubemos que «Entre os livros e documentos do Cartorio de Santa-Cruz, remettidos pela Repartição de Fazenda para a Bibliotheca Nacional de Lisboa, encontram-se *Livros de doações*, etc., até ao n.º 12, com indices. O n.º 13, a que V. Exc.ª se refere, não deu aqui entrada. = Em um livro intitulado *Index do cartorio antigo*, encontram-se as verbas *Alvor* l.º 24 f. 239 — e *Máfora* cai. I. sa. 3, — as quaes verbas não correspondem a coisa alguma do existente.» (Informação missiva do dr. Xavier da Cunha, director da Bibliotheca Nacional de Lisboa, a quem muito a agradecemos); este documento só servirá de base para estudo, depois de ser encontrado em fórma authentica.

A respeito d'Alvor, veja-se Brandão, *Mon. Lus.*, parte IV, liv. XII, fl. 15; segundo Brandão, estando em Coimbra, no mez de dezembro de 1189, D. Sancho I deu Alvor a Santa Cruz de Coimbra;

Mafra



AFRA fut autrefois renommée entre les redoutes disposées pour la défense de Lisbonne; au point de vue stratégique elle doit avoir été choisie par les goths, et très probablement par les arabes, comme voie de communication entre les postes placés en face des îles Berlengas et le château de Cintra; comme importante station sémaphorique elle dût plutôt servir de phare que de forteresse étant plus prompte à signaler le péril qu'à se défendre de l'attaque, et c'est ainsi que, lors de l'Expédition du comte de Portugal, D. Alphonse, vers Lisbonne, on put s'emparer sans de grands efforts des deux châteaux, de simples fortins, qui n'embarassèrent nullement le passage. Ce fut vers le milieu du XIIme siècle, après cette prise, que Mafra et d'autres endroits environnants commencèrent à avoir une certaine importance militaire, parce que la stratégie des goths, race purement guerrière, était très supérieure à la tactique des musulmans, plus civilisés et partant plus indolents et plus faibles.

On ne peut guère préciser en quelle année Mafra commença à prêter fidélité à Alphonse Henriques; Duarte Galvão prétend que cela eut lieu avant la conquête de Lisbonne (1147, ère du Christ) ce qui est croyable parce que D. Alphonse venait du nord; Fr. Antoine Brandão pense que ce fut après cette conquête et ne prête aucune considération à cette forteresse comme poste militaire; nous avons émis notre opinion à ce sujet.

Pendant un demi-siècle à peu-près, le château de Mafra se maintint au service de la couronne; l'espadon remplaça le cimeterre et le croissant fit place à la croix; (Cf. à la marge gauche du document où on lit, en lettres du XVIIme siècle: $\frac{\overset{0}{221}}{231}$ et Moreira, *Théatre Historique Généalogique*, pag. 217; suivant J. P. Ribeiro, *Dissertations et Chroniques*, tome I, pag. 36, antécédentes et suivantes; contre Brandão, *Monographie Lusitane*, IIIme partie, liv. XI, chap. XXXIII) le 1er mai 1193, dans la ville d'Obidos, le château passa à la confrérie d'Evora, nommée après 1211, l'Ordre d'Aviz, dépendant de l'Ordre de Calatrava; (Gama Barros, *Histoire de l'Administration Publique*, tome I, pag. 373, cite le premier document avec la désignation 1215); D. Gonçalo Viegas était le grand maître de la confrérie d'Evora, qui dût continuer dans la seigneurie de l'Ordre de Calatrava, jusqu'au moment de passer à la couronne; les documents authentiques parus à ce sujet sont la bulle d'Innocent III, datée de St Jean de Latran, 17-V-1201 (*Quadro* (tableau) *Elementar*, tome IX, pag. 34) où il est dit, que l'Ordre de Calatrava possédait des biens à Mafra; une autre bulle du même pape, datée de Rome, 20-V-1214 (Cf. loc. cit., pag. 61) confirme les donations faites en Portugal à cet Ordre, de même que l'assurance de la donation de Mafra faite par D. Alphonse II à D. Ferdinand, maître de l'Ordre, et à ses chevaliers, passée à Coïmbra au mois d'Aôut 1218. (Cf. Chanc. de D. Alphonse II, fl. 62, v). À la même colonne, après cette donation, se trouve la confirmation de D. Alphonse II, dont nous avons parlé.

Fr. François Brandão, dans la *Mon. Lus.*, Vme part., fl. 313 (Cf. écriture XVI) publie une «donation de la ville de Mafra, faite par le roi D. Sancho I, à D. Nicolas, Évêque de l'Algarve» et à l'Eglise de Sta Maria de Silves, qu'il dit avoir vue «dans les archives de Sta Cruz de Coïmbra, livre 13 des anciennes donations; son frère avait vu et publié à Alcobaça, au grand contentement des frères Bernardins, le fameux serment de D. Alphonse Henriques; (Cf. Brandão, *Mon. Lus.*, IIIme p., chap. V); nous ne pouvons donc faire foi en cette donation, d'après la *Mon. Lus.* En cherchant l'original nous avons appris ce qui suit: Entre les livres et documents des archives de Sta Cruz, envoyés par l'administration locale à la Bibliothèque Nationale de Lisbonne, on voit des *Livres de donations*, etc., jusqu'au nº 12 avec les index. Le nº 13 dont vous parlez ne s'y trouve pas. Dans un livre intitulé *Index des anciennes archives* nous voyons les termes *Alvôr* lº 24 f. 239 — et *Máfora* boite I. sa. 3, — lesquels ne se rapportent nullement à ce qui existe; (Lettre du dr. Xavier da Cunha, directeur de la Bibliothèque Nationale de Lisbonne que nous remercions infiniment de ces informations) ce document ne peut servir que de base pour des études, lorsque l'on aura trouvé la forme authentique.

À propos d'Alvôr et d'après Brandão, *Mon. Lus.*, IVme part., liv. XII, fl. 15; D. Sancho se trouvant à Coimbra au mois de Décembre 1189, donna Alvôr à Sta Cruz de Coïmbra; comparant les listes de témoins et assistants on voit les mêmes noms dans les deux donations; celle de Mafra, comprenant encore

comparando as listas dos confirmantes e das testemunhas, vê-se que estão os mesmos nas duas doações, e na doação de Mafra, que abrange outras terras, ha mais tres testemunhas e desapparece, como devia ser, o nome do bispo agraciado; portanto, o apparecimento da doação d'Alvor a Santa Cruz de Coimbra ajudava muito esta investigação.

N'um tombo, feito em 1396, dos bens de D. Leonor de Sousa e de seu marido Fernão Martins Coutinho, senhores de Mafra, Ericeira, Enxara dos Cavalleiros, etc., existente na Torre do Tombo (Cf. gaveta 13, m. 1, n.º 27) vem, sem mais titulo, uma cópia d'um foral, dado a Mafra, em março de 1189, pelo bispo D. Nicolau; tal é a primeira impressão depois da primeira leitura. Comparando-o com a citada doação, repara-se, logo, com uma singularidade: a doação é de dezembro de 1189 e o foral é de março d'este anno; mas, já foi produzida uma interpretação (Cf. Estacio da Veiga, *Antiguidades de Mafra,* pag. 71 e titulo do doc. 3). Em seguida, nota-se que este supposto foral só nos apparece n'uma supposta cópia e traducção feita 207 annos depois de ser dado; a par d'isto, cita-se um foral dado por el-rei D. Diniz em 1304, o que não passaria d'algum pagamento de fôro; tal foral não existe na Torre do Tombo. (Informação missiva de Pedro A. d'Azevedo, a quem muito agradecemos todas as informações que vão citadas aqui).

Deve-se notar que o supposto foral, attribuido ao bispo, é do typo de Santarem; igual ao de Lisboa e ao de Coimbra, onde foram feitos os tres foraes em maio de 1179.

A estranheza de tudo isto, produz uma serie de commentarios que não cabem aqui e intuitivamente despontam no espirito, estudando-se este assumpto perto da *Historia da Administração Publica em Portugal, nos seculos XII a XV,* por Henrique da Gama Barros, tomo I, pag. 30-57 e, mais objectivamente, no *Portugaliae Monumenta Historica,* Leges et Consuetudines, cujos collectores não conheceram ou pozeram de parte este foral, reconhecendo-o, assim, sem modificações ao padrão, inadaptavel a Mafra.

Estes commentarios são oppostos aos que até agora têem sido feitos, suppondo-o da lavra do bispo, de engenho particular e não, tal como é, de typo geral.

Na confusão e ignorancia das chancellarias, derivadas da difficuldade de communicações, dava-se, muitas vezes, o caso do senhor inventar que tal senhorio seu tinha foral, e assim extorquia dinheiro aos vassallos; até têem sido encontrados foraes viciados a favor do senhorio; isto, com relação ao supposto foral; com respeito á supposta carta de doação, se o motivo da supposta falsificação era provar a existencia d'um bispo de Silves, não se tornava muito preciso, porque lá está, no livro 12 da Extremadura, fl. 111, v., a doação do castello de Abenameci ao mosteiro d'Alcobaça, citada por Brandão, *Mon. Lus.*, parte IV, liv. XII, fl. 15 (Escriptura II), em que assigna «Nicolaus Syluien»; se o fim era demonstrar que el-rei D. Sancho I se assignou rei do Algarve, lá está, no m. 12 de foraes antigos, n.º 3, a fl. 64, a doação feita ao mosteiro de Grijó, transcripta por Brandão, *Mon. Lus.*, parte IV, escriptura I, em que D. Sancho se intitula rei do Algarve, um anno depois da supposta doação de Mafra. Assim, parece que não será só para favorecer o direito dos portuguezes, então, ao senhorio do Algarve, apesar de Brandão dizer (Doc. cit.): «serve para confirmar o senhorio que tinha naquelle Reyno, de que se fala no cap. 51». Não nos parece ser para duvidar que a supposta falsificação da doação foi feita perante o caderno de 1396.

Indicar-se, n'um indice do cartorio de Santa Cruz, a palavra «Mafora», para um documento de caixa e não de livro, tambem fortalece duvidas.

Ter succedido a perda de Silves em 1191, dois annos antes da supposta tirada de Mafra ao bispo e dada a uma Ordem militar, é argumento a favor da supposta doação.

Concluimos que antes de se fazerem conscientes e persistentes estudos, nos logares onde se encontra disseminado o archivo de Santa Cruz e na Torre do Tombo, ácêrca d'este desvio de posse, e de serem encontrados os originaes dos suppostos documentos apontados, para a provar, só devemos dar consideração e fé aos documentos authenticos, portanto encontrados em logares de absoluta confiança, que nos indicam a posse de Mafra, conferida á Ordem de Calatrava, desde 1193 até, pelo menos, 1218, em que já era, segundo dissemos, Ordem d'Aviz.

Da Ordem d'Aviz, passou Mafra para a corôa de Portugal, sem que d'esta transição appareça documento anterior ao escambo feito entre el-rei D. Diniz e D. Maria Annes, casada com D. João Fernandes de Lima — pão centeio — d'alcunha, nos quaes começa a linha senhorial, um pouco emba-

d'autres terres, présente trois témoins de plus, et omet, comme de droit, le nom de l'Évêque favorisé; donc la trouvaille de la donation d'Alvôr à Sta Cruz de Coimbra aide considérablement ces investigations.

Dans un cadastre fait en 1396 des biens de D. Léonore de Sousa et de son mari Fernand Martins Coutinho, seigneurs de Mafra, Ericeira, Enxara dos Cavalleiros, etc., existant au chartier de Lisbonne (Cf. tiroir 13, paquet 1, nº 27) on trouve, sans d'autres titres, la copie d'une charte donnée à Mafra, en Mars 1189, par l'Évêque D. Nicolas; c'est ce qui nous frappe à la première lecture. Mais en la confrontant avec la donation dont nous avons parlé, on remarque une singularité; la donation est de Décembre 1189, et la charte du mois de Mars de la même année; cependant on a déjà interprété cela d'une manière assez vraisemblable. (Cf. Estacio da Veiga, *Antiquités de Mafra,* pag. 71 et titre du doc. 3). Ensuite il faut signaler que cette soi-disant charte est présentée comme une copie supposée et traduite 207 ans après sa concession; on cite aussi une charte donnée par le roi D. Denis en 1304, qui semble simplement le paiement d'une rente; cette charte n'existe pas au chartier de Lisbonne. (Information dont nous remercions Mr. Pedro A. d'Azevedo, ainsi que de toutes celles que nous citons ici).

Il faut aussi remarquer que cette charte supposée attribuée à l'Évêque, est du type de Santarem, semblable à ceux de Lisbonne et de Coïmbra, où furent publiées les trois chartes en Mai 1179.

L'étrangeté de tout cela nous induit en des commentaires qui ne sont pas de mise ici et qui viennent instinctivement à l'esprit lorsqu'on étudie de près l'*Histoire de l'Administration Publique en Portugal,* du XIIme au XVme siècle par Henri da Gama Barros, t. I, pag. 30-57, et plus spécialement encore dans *Portugaliae Monumenta Historica,* Leges et Consuetudines, dont les collectionneurs n'ont pas connu ou ont mis de côté cette charte, la jugeant, telle qu'elle était, sans aucun rapport avec Mafra.

Ces commentaires tout à fait opposés à tous ceux qui ont été faits jusqu'à présent supposent cette charte, comme œuvre de l'Évêque, comme travail particulier, mais ne la reconnaissent pas du type généralement adopté à cette époque.

Faute de communications faciles, dans l'ignorance et la confusion où se trouvaient les chancelleries, il arrivait souvent qu'un propriétaire inventait une charte afin de soutirer de l'argent à ses vassaux; on a même trouvé des chartes viciées en faveur des seigneurs; en ce qui concerne l'acte de donation, si la falsification était faite dans le but de prouver l'existence d'un évêque de Silves, elle n'était guère utile, parce qu'on voit dans le livre 12 de l'Extremadura, fl. 111, v. la donation du château d'Abenameci faite au monastère d'Alcobaça, citée par Brandão, *Mon. Lus.,* IV partie, liv. XII, fl. 15 (Ecriture II), et signée «Nicolaus Syluien»; si l'intention était de démontrer que le roi D. Sancho avait signé comme roi de l'Algarve, on trouve dans le paquet 12 des anciennes chartes, nº 3, fl. 64, la donation faite au monastère de Grijó, transcrite par Brandão, *Mon. Lus.,* IV partie, écriture I, dans laquelle D. Sancho s'intitule roi de l'Algarve, une année après la donation supposée de Mafra. Il semble que l'idée n'était pas seulement de favoriser les droits des Portugais à la seigneurie de l'Algarve, malgré l'opinion de Brandão dans le document cité; «cela sert à confirmer la seigneurie qu'il avait dans ce royaume, comme il est dit au chapitre 51». Il nous parait hors de doute que la falsification supposée de cette donation a été faite d'après le cahier de 1396.

L'indication, à l'index des archives de Sta Cruz, du mot — Máfora — pour un document de ce genre présente également des doutes.

La perte de Silves qui eut lieu en 1191, deux ans avant l'extorsion supposée de Mafra à l'Évêque, en faveur d'un Ordre militaire, est encore un argument d'accord avec la donation supposée.

Notre avis est que, tant qu'on n'aura pas fait des études minutieuses et persistantes, à propos de ce détournement de possession, dans tous les lieux où se trouvent épars les archives de Sta Cruz, et au Chartier de Lisbonne, et avant que l'on ait retrouvé les originaux de ces documents dont nous avons parlé, on ne doit prêter de foi ni de considération qu'aux pièces authentiques trouvées dans des endroits de confiance absolue qui nous indiquent la possession de Mafra, conférée à l'Ordre de Calatrava, dès l'année 1193 jusqu'à 1218, lorsqu'elle appartenait déjà à l'Ordre d'Aviz.

De l'Ordre d'Aviz Mafra passa à la couronne de Portugal sans qu'il ait paru aucun document antérieur à l'échange fait entre le roi D. Denis et D. Marie Annes, mariée à D. Jean Fernandes de Lima, surnommé — pain de seigle, — c'est par eux que commence la ligne seigneuriale un peu embrouillée en certains points, mais que la publication de tous les documents existants éclaircira un jour.

Le roi donnait Mafra et D. Marie Annes donnait Portel (Santarem, 9-I-1289, Chanc. de

raçada em varios pontos, que, um dia, a publicação de todos os documentos que existem a tal respeito melhor desembaraçará.

El-rei dava Mafra e D. Maria Annes dava Portel (Santarem, 9-I-1289, Chanc. de D. Diniz, livro I, fl. 253 v., e Salvaterra de Magos, 4-I-1301, Chanc. de D. Diniz, livro III, fl. 13 v., citação de Estacio da Veiga *Antiguidades de Mafra*, doc. 7 e 8).

A procuração feita por D. Maria Annes e seu marido na pessoa de Martim do Avelal, para trocar Portel por Mafra, com el-rei D. Diniz, inclusa no escambo citado de 4-I-1301, é datada de Salvaterra, 15-XI-1300; foi lavrada por um notario d'el-rei D. Fernando de Castella; logo, estes senhores estavam, n'esta data, em Salvatierra de Galliza (Informação missiva de Pedro A. d'Azevedo). De 6-I-1301, (Chancellaria de D. Diniz, livro III, fl. 14), é datada a «carta de escambo entre os sobreditos, pelas terras mencionadas» (Informação missiva de Pedro A. d'Azevedo).

É necessario agora saber quem é a nobre dama, primeira senhora de Mafra. O famoso João de Aboim, do sangue dos Nobregas, por seu pae, e do nobilissimo sangue dos Viegas de Riba de Doiro, por sua mãe (Cf. *Port. Mon. Hist.*, Scriptores, pag. 319), amigo e companheiro de D. Affonso III, seu enviado em França e Hespanha (Cf. Brandão, *Mon. Lus.*, parte IV, liv. XV, cap. XXXVI) para tratar os negocios que deram e conservaram o throno ao conde de Bolonha, casou (Cf. loc. cit.) com D. Marinha Affonso d'Arganil, e, adquirindo com a graça real uma fortuna magnifica, foi senhor da villa de Portel, onde edificou um castello, a que deu foral do typo d'Avila, em Evora, 1-I-1262 (Cf. *Port. Mon. Hist.*, Leges et Consuetudines, pag. 703-705). De João de Aboim e de sua mulher nasceram D. Pedro Annes de Aboim, outorgante, com seu pae e sua mãe, no mesmo foral, e D. Maria Annes de Aboim, que se casou duas vezes: a primeira, com D. Martim Affonso Tello; a segunda, com D. João Fernandes de Lima — pão centeio —, e nem d'um nem d'outro teve geração (Cf. loc. cit.).

A herança da grande casa de Sousa cahira em duas senhoras, as duas filhas de D. Mem Garcia de Sousa e de sua mulher D. Thereza Annes, filha de D. João Fernandes de Lima — o bom — e de D. Maria Paes Ribeira que, antes, fôra amante de D. Sancho I e raptada por Gomes Lourenço (Cf. *Port. Mon. Hist.*, Scriptores, pag. 290): D. Maria Mendes de Sousa, c. c. D. Lourenço Soares de Valadares, depois de deshonrada por seu irmão D. Gonçalo Mendes; e D. Constança Mendes, c. c. D. Pedro Annes d'Aboim, supracitado. De D. Maria Mendes de Sousa, e de seu marido, nasceu, unica, D. Ignez Lourenço de Sousa que casou com D. Martim Affonso — chichorro — filho de el-rei D. Affonso III e d'uma moira, em cuja via se perdeu a legitimidade dos Sousas, até ao seculo XIV. De D. Constança Mendes e de seu marido, D. Pedro Annes, nasceu, unica, que tivesse continuação de descendencia, D. Maria Paes Ribeira que casou com D. Affonso Diniz, filho de el-rei D. Affonso III e de Marina Pires (Cf. Brandão, *Mon. Lus.*, parte IV, liv. XV, cap. XXIX) de quem depois fallaremos. Assim, temos que dois bastardos de D. Affonso III casaram com as duas herdeiras da casa de Sousa.

D. Maria Paes e D. Affonso tiveram: D. Pedro Affonso, que casou com D. Elvira Annes de Noboa e passou a Castella onde foi progenitor dos alcaides-móres de Cordova, o filho chamou-se Vasco Affonso de Sousa, e a filha D. Brites de Sousa e c. c. o conde de Cêa e de Cintra; D. Rodrigo Affonso de Sousa, c. c. D. Violante Ponço e só teve bastardo Gonçalo Rodrigues de Sousa, senhor de Mafra, como depois veremos; dos filhos d'este Gonçalo Rodrigues, só Ruy de Sousa teve um filho legitimo, chamado tambem Gonçalo Rodrigues de Sousa, que só teve filhos bastardos; D. Diogo Affonso de Sousa, c. c. D. Violante Lopes Pacheco, de cuja descendencia já vamos fallar; D. Garcia e D. Gonçalo, que morreram s. s. Assim, vêmos que dos cinco filhos de D. Constança e D. Pedro: D. Pedro, D. Rodrigo, D. Diogo, D. Garcia e D. Gonçalo, só da descendencia de D. Diogo, c. c. D. Violante, devemos dar conta, porque é este o representante dos Sousas.

Em D. Diogo Affonso de Sousa nomeia sua tia avó, D. Maria Annes d'Aboim, a villa de Mafra, de que era primeira senhora, e, com esta, mais lhe deixa a Ericeira e a Enxara dos Cavalleiros (Cf. Sousa *Hist. Gen. da Casa Real*, tomo XII, pag. 262-263; Brandão, *Mon. Lus.*, parte VI, liv. XVIII, cap. VII e Chancellaria de D. Manuel, livro VI, fl. 34; informação missiva de Pedro A. d'Azevedo).

A reversão dos senhorios de Mafra, Ericeira e, especialmente, Enxara dos Cavalleiros, para a corôa e a sua passagem para o chefe dos Sousas, descendentes de D. Affonso Diniz, por intermedio da sua tia avó, assignala um indicio muito curioso. El-rei D. Affonso III viera, um dia, caçar pelos arredores de Lisboa, n'esse tempo já bem povoados, talvez que seguido dos seus falcoeiros, açoreiros, pagens,

D. Denis, liv. I, fl. 253 v., et Salvaterra de Magos, 4-I-1301, Chanc. de D. Denis, liv. III, fl. 13, v., citation de Estacio da Veiga, *Antiquités de Mafra*, doc. 7 et 8).

La procuration de D. Marie Annes et de son mari passée à D. Martim do Avelal pour le troc de Portel contre Mafra, avec le roi D. Denis, incluse dans l'échange cité le 4-I-1301, est datée de Salvaterra le 15-XI-1300; l'acte fut dressé par un notaire du roi D. Ferdinand de Castille, donc ces personnes étaient en ce moment à Salvaterra de Gallice (lettre de Pedro A. d'Azevedo). L'acte d'échange de ces terres entre les dites personnes est daté du 6-I-1301. (Chancellerie de D. Denis, livre III, fl. 14; lettre de Pedro A. d'Azevedo).

Il est nécessaire de faire connaitre la noble dame, première maitresse de Mafra. Le fameux Jean de Aboim, issu des Nobregas par son père et des Viegas de Riba de Doiro par sa mère (Cf. *Port. Mon. Lus.*, Scriptores, pag. 319) compagnon et ami de D. Alphonse III, son émissaire en France et en Espagne (Cf. Brandão, *Mon. Lus.*, IVme partie, liv. XV, chap. XXXVI) pour les négociations du traité qui donna et conserva le trône au duc de Boulogne, épousa (Cf. loc. cit.) D. Marinha Affonso d'Arganil et ayant acquis par grâce royale une fortune magnifique, devint le seigneur de la ville de Portel où il fit construire un château qui eût sa charte et ses privilèges du type de Avila à Evora, 1-I-1262 (Cf. *Port. Mon. Hist.*, Leges et Consuetudines, pag. 703-705). Jean de Aboim et sa femme eurent deux enfants: D. Pierre Annes d'Aboim, octroyant, avec ses parents, dans les mêmes privilèges et D. Marie Annes d'Aboim qui se maria deux fois: la première à D. Martim Alphonse Tello, et ensuite avec D. Jean Fernandes de Lima — pain de seigle —; de ces deux mariages il n'y eut point de succession.

L'héritage de la grande maison de Sousa échût à deux femmes, filles de D. Mem Garcia de Sousa et de sa femme D. Thérèse Annes, fille de D. Jean Fernandes de Lima — le bon — et de D. Marie Paes Ribeira, qui avait été auparavant la maitresse de D. Sancho I, enlevée par Gomes Lourenço (Cf. *Port. Mon. Lus.*, Scriptores, pag. 290): D. Marie Mendes de Sousa épousa D. Lourenço Soares de Valadares après avoir été séduite par son frère D. Gonçalo Mendes; D. Constance Mendes se maria à D. Pedro Annes d'Aboim, dont nous avons parlé plus haut. D. Marie Mendes de Sousa et son mari eurent une fille unique D. Ignez Lourenço de Sousa qui épousa D. Martin Affonso surnommé — chichorro — (ancien canon) fils du roi D. Alphonse III et d'une mauresque et dans cette branche se perdit la légitimité des Sousas jusqu'au XIVme siècle. D. Constance Mendes et son mari D. Pedro Annes eurent aussi une fille unique D. Marie Paes Ribeira, par laquelle se continua la descendance; elle épousa D. Alphonse Denis, fils du roi D. Alphonse III et de Marina Pires, dont nous parlerons plus loin (Cf. Brandão *Mon. Lus.*, IVme partie, liv. XV, chap. XXIX), nous voyons donc que deux bâtards d'Alphonse III épousèrent les deux héritières de la maison de Sousa.

D. Marie Paes et D. Alphonse eurent: 1° D. Pedro Alphonse qui épousa D. Elvire Annes de Noboa et passa en Castille où il fut le père des grands alcades de Cordoue; son fils s'appela Vasco Alphonse et sa fille D. Brites de Sousa se maria au comte de Cêa et de Cintra; 2° D. Rodrigue Alphonse épousa D. Violante Ponço et n'eut qu'un bâtard Gonçalo Rodrigues de Sousa, seigneur de Mafra, comme nous verrons; celui-ci eut plusieurs enfants, dont un seul Ruy de Sousa, eut un fils légitime nommé aussi Gonçalo Rodrigues de Sousa, lequel n'eut que des bâtards; 3° D. Diego Alphonse de Sousa épousa D. Violante Lopes Pacheco et ils eurent des descendants dont nous nous occuperons bientôt; 4° et 5° D. Garcia et D. Gonçalo moururent sans succession. Nous voyons donc que des cinq fils de D. Constance et D. Pedro, il ne faut tenir compte que de la descendance de D. Diego, époux de D. Violante, parce qu'il fut le seul représentant de la maison des Sousas.

D. Marie Annes d'Aboim, grand'tante de D. Diego Alphonse de Sousa et première maitresse de la Ville de Mafra, laissa cette ville à son petit neveu, avec les terres de Ericeira et Enxara dos Cavalleiros (Cf. Sousa, *Hist. Gen. de la maison Royale*, tome XII, pag. 262-263; Brandão, *Mon. Lus.*, VIme partie, liv. XVIII, chap. VII, et Chanc. de D. Manuel, liv. VI, fl. 34; lettre de Pedro A. d'Azevedo).

La réversion des seigneuries de Mafra, Ericeira et surtout Enxara dos Cavalleiros, à la couronne, et le retour de ces biens au chef des Sousas, descendant de Alphonse Denis, par l'intermédiaire de sa grand'tante, signale un fait assez curieux. On raconte que le roi D. Alphonse III vint un jour avec ses chasseurs, fauconniers, pages et esclaves maures, suivi des meutes de dogues et lévriers au service de sa vènerie, afin de chasser dans les mares et rivières des environs de Lisbonne, très peuplés déjà à cette époque; (Cf. Gama Barros, *Hist. de l'Administration publique*, tome II, pag. 167); une autre

ao serviço da altanaria, escravos moiros para lançar a nado nas presas e ribeiras, e trelas d'alões e de podengos (Cf. Gama Barros, *Hist. da Administração Publica,* tomo II, pag. 167), ou, então, rodeado dos seus homens d'armas, em excursão militar; e, ao pernoitar na Enxara, veria Marina Pires, da raça moirisca que habitava, e hoje se encontra ainda endogamica, de Lisboa a Mafra, por Cascaes e Cintra; apreciando as bellas escravas moiras, gostaria d'esta, talvez livre, e n'ella houve Affonso Diniz (Cf. Brandão, *Mon. Lus.*, parte IV, livro XV, cap. XXIX e Sousa, *Hist. Gen. da Casa Real,* tomo XII, pag. 217-221). D'aqui, a vontade de possuir estas terras; el-rei D. Diniz adquiria-as e trocava-as por Portel, com a nobre D. Maria Annes, e, esta, deixava-as ao sobrinho neto; só assim nos parece explicar-se a cedencia d'uma terra onde se edificára um castello, a que se dera foral e cujo nome, até, segundo parece, usava por appellido D. Pedro Annes de Aboim. D. Diogo Affonso de Sousa, neto paterno d'uma mulher d'Enxara dos Cavalleiros, devia gostar de ser senhor da terra onde sua avó fôra vassalla, e, portanto, das villas circumvisinhas; e tanto assim era que, fallecendo em Coimbra, a 18-XI-1344, jaz sepultado na egreja de Santo André de Mafra (Cf. Sousa, *Hist. Gen. da Casa Real,* tomo XII, pag. 263), á entrada, do lado direito; D. Diogo n'um tumulo e, n'outro, sua mulher.

Por morte de D. Diogo Affonso de Sousa, segundo senhor de Mafra, passou esta villa, com a da Ericeira para a posse de D. Violante Lopes Pacheco, sua mulher (Cf. Sousa, *Hist. Gen. da Casa Real,* tomo XII, pag. 262) a quem, parece, D. Pedro I tirou este senhorio e logo lhe restituiu.

Da segunda senhora de Mafra passou esta villa a seu filho Lopo Dias de Sousa (Cf. Sousa, *Hist. Gen. da Casa Real,* tomo XII, pag. 264 e Chancellaria de D. Manuel, livro VI, fl. 34, carta de sentença já citada d'el-rei D. Fernando a este e a seu sobrinho D. Lopo Dias de Sousa, datada de 28-VIII-1371; informação de Pedro A. d'Azevedo) que teve grandes discordias com o almirante Peçanha que lhe queria constranger os homens da Ericeira a servirem nas galés de Portugal, etc. (Cf. Carta de sentença, cit.); casou com uma D. Brites, sem mais appellido, e morreu s. s., passando o senhorio da casa de Sousa, de Mafra, etc., para seu irmão Alvaro Dias de Sousa, supracitado, que, assim, foi quinto senhor de Mafra e senhor da Ericeira, celebre pelas relações intimas que manteve com uma dama ignota a quem o justiceiro rei D. Pedro dedicava a sua affeição; parece que D. Pedro descobriu a traição, o certo é que o senhor da casa de Sousa, de Mafra e da Ericeira teve de fugir do reino e por lá, fugindo, longe da mulher e da patria, «morreo de sua natural morte; e ficou D. Maria viuva, asaz em boa hidade de mançebia, fremosa e aposta e mujto graçiosa» (Cf. *Chronica d'el-rei D. Fernando,* attribuida a Fernão Lopes, apud *Inéditos,* pag. 342); tinha grande casa e ao seu serviço muitas damas, donzellas, camareiras, escravas e escravos brancos «e muitos officiaaes» (Cf. loc. cit.), tudo isto á custa dos seus grandes bens proprios e da Ordem de Christo, cujo mestrado administrava por seu filho menor, D. Lopo Dias de Sousa, para quem D. Leonor Telles o conseguira. Linda e riquissima, D. Maria Telles, tudo gastava e viu-se obrigada por sentença a vender as villas de Mafra, Ericeira, Enxara dos Cavalleiros, sempre adstricta a este senhorio, e Ulmeirinho, a Gonçalo Rodrigues de Sousa, primo de seu marido (Cf. Sousa, *Hist. Gen. da Casa Real,* tomo XII, pag. 279-280, contra Brandão, *Mon. Lus.,* parte VI, cap. VII), supracitado; para pagar a sua irmã, a rainha, o dinheiro que esta lhe emprestára para a trasladação de Alvaro Dias de Sousa, seu marido.

A formosissima senhora de Mafra entregando os villões, seus vassallos, e os escravos moiros das suas possessões a outro senhor, talvez que lhes fizesse mercê, porque, na posse de Gonçalo Rodrigues de Sousa, as justiças não seriam tão instadas, como eram pelos mordomos de D. Maria Telles, para alcançar os impostos, e os castigos, aos retardatarios, não se fariam sentir com tanta força. Tal foi a administração que fez, na sua casa, a terceira senhora de Mafra, cujos estados iam até perto das terras e povoações destinadas a calçar sua irmã, a rainha, (Bluteau, no *Vocabulario* vide a palavra — chapim); e, por fim, essa nobre dama a quem os seus vassallos fallavam de joelhos, que era «asaz de fremosa e pera coijbçar» (Cf. *Chronica d'el-rei D. Fernando,* attribuida a Fernão Lopes, apud *Inéditos,* pag. 343) e talvez a mais poderosa senhora do seu tempo, veio a morrer ás mãos d'um caçador d'ursos, que, para maior desgraça, era seu marido e, para maior escandalo, se chamava D. João, filho de D. Pedro, infante, e de D. Ignez de Castro.

(Continúa).

Ayres de Sá.

version est qu'il serait venu simplement en excursion militaire, entouré de ses hommes d'armes; le fait est qu'il passa la nuit à Enxara où il vit Marina Pires, fille d'une race mauresque, dont les membres habitaient la vaste région entre Lisbonne et Mafra, par Cintra et Cascaes, et ne s'alliaient qu'entre eux, vieille coutume qui existe encore; blasé d'esclaves mauresques, le roi s'éprit de cette belle fille libre et de leurs amours naquît Alphonse Denis (Cf. Brandão, *Mon. Lus.,* IVme partie, liv. XV, chap. XXIX, et Sousa, *Hist. Gen. de la Maison Royale,* tome XII, pag. 217-221. L'envie lui prit de posséder ces terres; D. Denis les obtint et les échangea avec Portel, qui appartenait à la noble D. Marie Annes, qui les légua à son petit neveu; c'est la seule explication que nous trouvons à la renonciation d'une terre si importante avec son château féodal et ses chartes, et dont le nom, à ce qu'on dit, était porté par D. Pedro Annes de Aboim. D. Diego Alphonse de Sousa, petit fils du côté paternel, d'une femme de Enxara, devait se trouver glorieux d'être le seigneur d'une ville et de ses environs, où sa grand mère avait été vassale; à l'appui de cette assertion nous voyons que, mourant à Coimbra le 18-XI-1344, il voulût être inhumé à l'église de St André de Mafra, où l'on voit son tombeau à l'entrée, du coté droit et sa femme dans un autre.

Après la mort de D. Diego Alphonse de Sousa, deuxième seigneur de Mafra, cette ville passa, avec Ericeira, dans les biens de D. Violante Lopes Pacheco, sa femme (Cf. Sousa, *Hist. Gen. de la Maison Royale,* tome XII, pag. 262); il parait que D. Pedro lui ôta ses droits seigneuriaux, mais il les lui rendit peu après.

Lopo Dias de Sousa, fils de cette dame, la deuxième maitresse de Mafra, reçut cette ville en héritage; (Cf. Sousa, *Hist. Gen. de la Maison Royale,* tome XII, pag. 264, et Chancellerie de D. Manuel, liv.-VI, fl. 34, lettre de cachet, déjà citée, du roi D. Ferdinand passée à celui-ci et à son neveu D. Lopo Dias de Sousa datée de 28-VIII-1371; information de Pedro A. d'Azevedo). Lopo eut de graves discordes avec l'amiral Peçanha, qui prétendait contraindre ses hommes de Ericeira, à servir dans les galères de Portugal, etc. (Cf. lettre de cachet, cit.); plus tard il épousa une D. Brites, sans autre nom, et mourût sans succession; après lui, la seigneurie de la maison des Sousa, de Mafra, etc., passa à son frère Alvaro Dias de Sousa dont nous avons parlé et qui fut le cinquième seigneur de Mafra et d'Ericeira et devint célèbre pas les relations intimes qu'il eut avec une dame inconnue, mais qu'on disait très affectionnée par le roi D. Pedro, le justicier; il parait que D. Pedro finit par découvrir cette trahison et le seigneur de la maison de Sousa, Mafra et Ericeira fut forcé de sortir du royaume, fuyant loin de sa patrie et de sa femme; il finit par «mourir de mort naturelle», laissant D. Marie, veuve, encore jeune et charmante (Cf. *Chron. du roi D. Ferdinand,* attribuée à Fernand Lopes, doc. *Inédits,* pag. 342). D. Marie tint sa maison sur un grand pied; elle eut à son service bon nombre de dames et demoiselles, des chambrières, des esclaves blancs et beaucoup d'officiers (Cf. loc. cit.) tout cela aux frais de ses rentes et aux biens de l'Ordre d'Aviz, qu'elle gérait au nom de son fils mineur D. Lopo Dias de Sousa, concession qu'elle avait obtenue pour celui-ci par D. Léonore Telles. Belle et riche D. Marie finit par tout dissiper et fut obligée, judiciairement, de vendre à Gonçalo Rodrigues de Sousa, cousin de son mari, les villes de Mafra, Ericeira, Ulmeirinho et Enxara toujours adstreinte à ces domaines, afin de pouvoir rendre à sa sœur la reine, l'argent que celle-ci lui avait prêté pour réaliser la translation du corps de son mari Alvaro Dias de Sousa. Cf. Sousa, *Hist. Gen. de la Maison Royale,* tome XII, pag. 279-280, contre Brandão, *Mon. Lus.,* VIme partie, chap. VII).

Pour les serfs vassaux et esclaves mauresques de ces domaines ce fut une grâce de passer du service de la belle propriétaire de Mafra à celui de Gonçalo Rodrigues de Sousa; aux mains de celui-ci le joug n'était pas si pesant que dans celles des intendants de D. Marie Telles, qui imposaient toute sorte de punitions vexatoires aux retardataires dans leurs paiements. Telle fut la gérance de la troisième maitresse de Mafra, dont les états s'étendaient jusqu'aux terres et aux populations destinées à chausser sa sœur la reine; (Bluteau, *Vocabulaire,* v. le mot — chapim (soulier, mule). Cette noble dame, peut-être la plus puissante de son temps, dont les vassaux s'agenouillaient pour lui parler, et qui était «si belle et convoitée», finit par mourir aux mains d'un chasseur d'ours, dont, pour son malheur, elle avait fait son mari et lequel, pour le plus grand scandale, se nommait D. Jean, fils de l'Infant D. Pedro et de D. Ignez de Castro.

(À suivre).

Ayres de Sá.

Monsão



Abençoado sólo o do alto Minho: em todo o nosso districto de Vianna não conhecemos outro tão productivo como este do concelho de Monsão.

Estende-se desde as serranias do Extremo até ao rio Minho, confinando com os concelhos de Melgaço pelo nascente, Arcos de Val-de-Vez pelo sul, e com Coura e Valença pelo poente.

A visinhança com a Galiza tem-lhe por vezes causado graves prejuizos, e nas guerras hespanholas este territorio mereceu preferencia ao inimigo, não só como ponto estrategico, mas ainda por ser celleiro capaz de alimentar um numeroso corpo de exercito; ás invasões leonezas seguiram-se as galegas, e por ultimo as castelhanas, cujas tropas aqui persistiram durante nove longos annos, em que os habitantes fugiram em massa abandonando as suas casas incendiadas e os seus campos assolados.

Monsão necessitou pois de empunhar n'uma mão a enxada, e na outra o arcabuz: foi lavradora e guerreira.

*

Os primordios de Monsão datam do principio da nossa nacionalidade, sendo então reguengo, cuja egreja D. Affonso Henriques testou ao Bispo de Tuy, desmembrando-a do Couto de Mazêdo, a antiga villa Amixenitelo, que em 1059 pertencia ao mosteiro de Vimarães.

Ao tempo que o Conde de Bolonha lhe deu o foral em 1261 já era Couto com privilegios concedidos por D. Sancho I.

O porto de Monsão, sendo o principal do rio Minho, desde Lapella a Melgaço, correspondia com o caminho para a Portella do Vêz, por onde mais facil se tornava invadir o centro da nossa Provincia.

Assim D. Diniz, querendo assegurar os limites do reino, cuidou em fortificar o monticulo que dominava este passo fluvial, levantando-lhe uma torre forte, que mais tarde serviu de menagem ao Castello quando as muralhas rodeavam o burgo proximo.

E para isentar a nova villa de toda a jurisdicção galega, obteve por troca feita no primeiro de janeiro de 1308 com o Bispo Tudense o padroado da sua egreja de Santa Maria, que mandou reedificar.

Até esta época as justiças do julgado de Fraião, no castello da Forna, na freguezia de Boivão, levavam a sua alçada até Monsão, porém as partes oriental e meridional d'este concelho ficaram debaixo da acção judicial do julgado da Penha da Rainha, cujo castello cahia em ruinas no monte da capella de S. Martinho, na freguezia de Abbedim.

*

No anno de 1368 quando o rei D. Fernando, primeiro de Portugal, teve a velleidade de cingir uma corôa hespanhola, entraram triumphalmente as nossas hostes pela Galiza, mas breve fômos obrigados a retirar, chegando mesmo os inimigos a passar o rio, pondo apertado cêrco a Monsão.

Achava-se a praça desprovida de mantimentos e ausente o seu alcaide-mór Vasco Gomes de Abreu; a esposa d'este fidalgo Deus-a-deu Martins, da familia dos Palhares, de Trute, vendo a triste situação dos portuguezes, lembrando-se talvez do estratagema a que Celorico da Beira deveu a liberdade, n'um desespero heroico, mandou atirar do alto das muralhas aos sitiantes os pães feitos com os ultimos restos da farinha que tinha, persuadindo-os de que a villa estava bem provida.

Conseguiu a famosa dona o intento, pois que D. Pero Rodriguez de Sarmento, o adelantado que dirigia o assedio, exasperado de render a praça se voltou á Galiza.

O escudo de Monsão commemora este feito que os Palhares quizeram perpetuar no seu brazão de armas, e porque se realisou no dia de S. Francisco, as rodearam com o serafico cordão.

Não serei eu quem ponha em duvida a origem do glorioso estemma municipal da *nobre e leal Villa*, porém caso ignorassemos a lenda de Deus-a-deu, iriamos affirmar que a mulher com um pão em cada mão coroando a torre herardica symbolisava o direito de *brancagem*, que aqui designa o imposto sobre o pão cozido, que outr'ora constituia a mais importante industria monsanense, e que do foral affonsino, de 12 de março de 1262, passou para o manuelino do primeiro de junho de 1512.

Monsão



Sur le sol béni de notre province du haut Minho, et dans toute la vaste contrée de Vianna, la commune de Monsão est considérée comme la plus fertile et productive.

Elle s'étend depuis la chaîne de montagnes du Extremo jusqu'au fleuve Minho confinant à l'est avec la commune de Melgaço, au sud avec celle de Arcos de Val-de-Vez, et au couchant avec celles de Coura et Valença.

Le voisinage de la Gallice lui a causé de graves dommages, et lors des guerres espagnoles, ce territoire fut toujours visé par l'ennemi, non seulement au point de vuè stratégique, mais comme important grenier d'approvisionnement pour l'armée; les invasions galliciennes suivirent celles de Léon, et plus tard celles de Castille maintinrent leurs troupes en cet endroit pendant neuf longues années, obligeant les habitants à s'enfuir, abandonnant leurs habitations incendiées et leurs champs dévastés.

Monsão dût empoigner d'une main la bêche et de l'autre l'arquebuse; ses habitants furent laboureurs et guerriers à la fois.

*

L'origine de Monsão, terre de la couronne dans les anciens temps, date du commencement de notre nationalité; son église léguée à l'Évêque de Tuy par D. Affonso Henriques, avait été séparée du Couto de Mazêdo, l'ancienne bourgade Amixenitelo, qui appartenait en 1059 au monastère de Vimarães.

Lorsque en 1261 le Comte de Boulogne lui accorda une charte, Couto possédait déjà des priviléges concédés par D. Sancho I.

Le port de Monsão, étant le plus important du fleuve Minho, depuis Lapella à Melgaço, et communiquant avec la route de Portella do Vez, permettait d'envahir facilement le centre de notre Province.

D. Diniz, voulant bien raffermir les frontières du royaume, pensa donc à fortifier le petit mont qui dominait ce passage fluvial, et il fit élever un fort, qui servit plus tard de donjon du château lorsque les murs entourèrent le bourg voisin.

Et afin de délivrer la nouvelle ville de toute juridiction gallicienne, il obtint, par un échange fait avec l'Evêque de Tuy le premier Janvier 1308, le patronage pour son église de Ste Marie, qu'il fit réédifier.

Jusqu'à cette époque les jugements des tribunaux de Fraião, du château de Forna, de la paroisse de Boivão, s'étendaient jusqu'à Monsão, mais la partie orientale et méridionale de la commune restèrent sous l'action judiciaire de Penha da Rainha, dont le vieux château ruiné dominait la montagne de la Chapelle de St. Martin, dans la paroisse de Abbedim.

*

Lorsque, en 1368, le roi D. Ferdinand 1er de Portugal, eut la velléité de ceindre une couronne espagnole, nos troupes firent une entrée triomphale en Gallice, mais elles dûrent bientôt rebrousser chemin, poursuivies par les ennemis qui parvinrent à traverser le fleuve, et assiégèrent Monsão.

La place se trouvait tout-à-fait dépourvue de subsistances et son gouverneur Vasco Gomes de Abreu était absent; Deus-a-deu (Dieudonnée) Martins, de la famille des Palhares, de Trute, épouse du noble gouverneur, vit la pénible situation des portugais, et se souvenant peut-être du stratagème qui rendit la liberté à Celorico da Beira, pleine d'un désespoir héroïque, elle fit jeter aux assaillants, du haut des murailles du château, les pains faits avec les derniers restes de farine, les persuadant ainsi de l'abondance de vivres de la ville.

D. Pero Rodriguez de Sarmento qui dirigeait le siège, fut heureusement trompé; désespéré de ne pouvoir vaincre, il retourna en Gallice.

Les Palhares voulurent perpétuer cette action d'éclat sur leurs armes et sur l'écusson de la ville de Monsão, et comme cela eut lieu le jour de Saint François, on y voit figurer aussi le cordon séraphique.

Dieu nous préserve de mettre en doute l'origine du glorieux emblème municipal de la *noble et loyale ville,* cependant si nous ignorions la légende de Deus-a-deu, nous pourrions presque assurer que cette femme avec un pain dans chaque main, surmontant la tour héraldique, symbolise le droit de

O recinto medieval da villa, de que era nucleo a egreja com o bairro adjacente, apesar de restricto, comprehendia todo o lado oriental da praça de Deus-a-deu.

Uma das phototypias representa a parte norte do *Terreiro,* tendo nos primeiros planos o chafariz e a capella do Lorêto.

Detraz da ermida vimos vestigios da antiga muralha de cantaria, franqueada outr'ora por alguns cubellos, distanciados a tiro de bésta, e cuja barbacã só se completára no reinado de D. João II.

O alçado e planta do nosso castello encontram-se desenhados no *Livro das Fortalezas do Reino,* de Duarte de Armas, existente na Torre do Tombo, e Oliveira Martins, na sua *Vida do Condestavel D. Nun'Alvares,* vulgarisou n'uma reduzida photogravura a vista do primitivo cêrco.

No principio da guerra da acclamação os velhos muros, obstruidos pela casaria, de pouco valiam; em 1656 chamado o engenheiro militar Miguel de Lascol, francez que residia em Vianna, cuidou immediatamente da defeza da villa, mas faltava-lhe o tempo, e o que é mais, o dinheiro.

N'esta reforma desappareceu o castello, alargando-se o ambito fortificado, e construindo dois baluartes imperfeitos, alguns redentes sobre o rio, e uma tenalha, denominada forte de Santo Antonio, que pretendia proteger uma eminencia exterior e uma fonte proxima.

As actuaes cortinas e revelins devem-se não só ao engenheiro Manuel Pinto Villaslobos, no começo do seculo XVII, mas ao Conde de Lippe, que, de 1762 a 1769, modificou, por completo e pelo systema de Vauban, todas as fortificações, dando-lhes assim mais desenvolvimento e unidade, e levantando quarteis, hospital e armazens.

Demoliram os dois conventos que estorvavam a linha de defeza: o de freiras benedictinas, quando em janeiro de 1704 declaramos guerra á Hespanha, e o de franciscanas em julho de 1769, indo estas com as de Valença para Braga onde formaram a communidade — *Mosteiro de Santa Izabel* —, e aquellas em 1713 para o seu novo mosteiro de Barcellos.

Davam serventia á praça quatro portas: para o norte sobre o rio a porta de Salvaterra, e mais acima a das Caldas, que ficou inexpugnavel; ao poente a porta do Rozal, e a do Sol, com um baluarte a cavalleiro, pelo meio dia. Esta ultima porta foi arrasada no anno passado de 1902, para levar dentro da villa a estrada real dos Arcos de Val-de-Vez, e a de Valença a Melgaço, que se ligam n'este ponto.

A nossa vista geral apresenta o aspecto da villa tirado do local a que nos estamos referindo; no derradeiro plano apparecem as montanhas galegas, e á direita detraz da torre da Matriz da bella quinta de Teanes, do illustrado deputado hespanhol D. Alexandre Mon y Landa.

Soffreu esta praça o mais apertado cêrco que ha memoria na historia militar do nosso paiz.

Andava accesa a guerra entre Hespanha e Portugal, e feriam-se sanguinolentos combates nas fronteiras do Alemtejo e de Entre-Douro e Minho, com varias alternativas, quando o Marquez de Vianna com um exercito de doze mil homens passa o rio Minho, toma Lapella, e vem no dia 7 de outubro de 1658 sitiar Monsão.

Governava a villa um experimentado cabo de guerra, o tenente de mestre de campo Lourenço de Amorim Pereira, que dispunha sómente de seiscentos infantes, não bisonhos e bem providos.

Logo no primeiro assalto perdemos o convento de S. Bento, e o de S. Francisco ficou arrasado; porém já antes as monjas se haviam retirado a coberto das muralhas.

E porque os portuguezes se defenderam valorosamente, determinou o general galego fixar proximo os seus arraiaes.

Não descurava o Conde de Castello Melhor o abastecimento de Monsão, mas morreu antes de vêr coroados os seus esforços; succedeu-lhe na empreza o Visconde de Villa Nova da Cerveira, que conseguiu soccorrer a praça pelo rio com dois mil soldados e algumas munições de guerra e de bôcca. Exasperados os hespanhoes resolveram formar um cordão, fechando o cêrco e montando diversas baterias.

Decorreram quatro mezes em que os defensores de Monsão contiveram em respeito as numerosas forças de D. Balthazar de Pantoja; mas sabendo este que a praça carecia de tudo, planeou um assalto geral para o primeiro dia de fevereiro de 1659.

A situação de Lourenço de Amorim era critica, pois que os seus soldados estavam reduzidos ao dizimo, as brechas abertas, as minas atacadas, sem viveres nem esperança de os receber.

Antes do acommettimento, o general hespanhol propôz aos portuguezes considerações de honrosa

brancagem, qui désigne l'impôt sur le pain cuit, et qui était autrefois un des plus importants revenus de Monsão, ayant eu ses privilèges *affonsinos,* le 12 Mars 1262, continués sous D. Manuel le 1er Juin 1512.

La partie médiévale de la ville dont le centre était l'église et le quartier y attenant, comprenait, malgré sa petitesse, tout le côté oriental de la place de Deus-a-deu.

Une des gravures répresente la partie nord du *Terreiro;* sur les premiers plans on voit la fontaine et la chapelle de Lorêto.

Derrière celle-ci on aperçoit des vestiges d'une ancienne muraille en pierre de taille, flanquée autrefois de quelques tours, à distance de tir d'arbalète, et dont le parapet ne fut terminé que sous le règne de D. Jean II.

Les dessins et plans de ce château se trouvent dans le *Livre des Forteresses du royaume,* de D. Duarte de Armas, existant au chartier de Lisbonne, et dans la *Vie du Connétable D. Nun'Alvares,* Oliveira Martins, a fait reproduire dans une photogravure très réduite la vue de l'ancienne tour.

Au commencement de la guerre d'acclamation ces vieux murs, obstrués de maisons, n'avaient aucune valeur; en 1656 on appela l'ingénieur militaire Michel de Lascol, français résidant à Vianna, qui s'occupa immédiatement de la défense de la ville, mais il dût lutter avec le manque de temps, et encore plus, avec l'exiguité des ressources.

Le château disparût alors, l'enceinte fortifiée fut élargie et on construisit deux remparts imparfaits, quelques redans sur le fleuve, et un tenaillon, nommé fort St. Antoine, dans le but de protéger une éminence extérieure et une fontaine voisine.

Les courtines et ravelins que l'on voit actuellement, furent executés, non seulement par l'ingénieur Manuel Pinto Villalobas, au commencement du XVIIme siècle, mais par le Comte de Lippe qui, plus tard en 1762 à 1769, modifia complètement selon le systeme Vauban, toutes ces fortifications, leur donnant plus de développement et d'unité et élevant encore des casernes, des hôpitaux et des magasins. On démolit les deux couvents qui encombraient la ligne de défense; celui des sœurs bénédictines, en Janvier 1704, quand nous déclarâmes la guerre à l'Espagne; elles furent plus tard en 1713 transférées au nouveau monastère de Barcellos; le couvent des franciscaines fut démoli en Juillet 1769; les religieuses réunies à celles de Valença se retirèrent à Braga où elles formèrent la Communauté — *Monastère de Sainte Elisabeth.*

La place était desservie par quatre portes: au nord, sur le fleuve la porte de Salvaterra et plus haut celle des Caldas, qui resta inexpugnable; au levant la porte du Rosal et au midi celle du Sol, dominée par un rempart. Cette dernière fut détruite en 1902, afin de faire parvenir dans la ville la grande route de Arcos de Val-de-Vez, et celle de Valença et Melgaço, qui se joignent à cet endroit.

Notre gravure représente l'ensemble de la ville, pris de l'emplacement dont nous parlons; sur le dernier plan on aperçoit les montagnes galliciennes et à droite, derrière le clocher de la Cathédrale, se trouve la belle propriété de Teanes, appartenant à l'illustre député espagnol, D. Alexandre Mon y Landa. Cette place souffrit le siège le plus dur de l'histoire militaire portugaise.

Au plus fort de la guerre entre l'Espagne et le Portugal et quand de sanglants combats se livraient, avec de variables issues, sur les frontières de l'Alemtejo et Entre-Douro et Minho, le Marquis de Vianna avec une armée de douze mille hommes, passa le fleuve Minho, s'empara de Lapella, et vint, le 7 Octobre 1658, assiéger Monsão.

Le gouverneur de la ville était alors un remarquable chef de guerre, le lieutenant mestre de camp Lourenço de Amorim Pereira, ayant sous ordres à peine six cents hommes d'infanterie, courageux et bien disposés.

Au premier assaut nous perdîmes le couvent de St. Benoît, et celui de St. François fut anéanti; cependant les religieuses avaient eu le temps de se retirer à l'abri des murs.

Et comme les portugais se défendaient vaillamment, le général gallicien prit la résolution de se fixer de plus en plus près.

Le Comte de Castello Melhor ne négligeait pas l'approvisionnement de Monsão, mais il mourût avant de voir ses efforts couronnés de succès; le Vicomte de Villa Nova de Cerveira, son successeur, réussit encore à secourir la place, du côté du fleuve, avec deux mille hommes et quelques munitions de guerre et de bouche. Les espagnols exaspérés résolurent de resserrer le siège et montèrent quelques batteries.

Pendant quatre mois les défenseurs de Monsão réussirent à maintenir à distance les nombreuses troupes de D. Balthasar Pantoja; mais comme celui-ci savait que la ville était à bout de ressources, il délibéra de livrer un assaut décisif le 1er Février 1659.

capitulação; recusaram a principio os nossos, porém depois de demorado conselho, visto ser impossivel resistir por mais tempo, deliberaram fazer a rendição.

No dia 2 de fevereiro pela manhã os sitiados, segundo as praxes da guerra, debaixo de fórma, com as armas carregadas ao hombro, peça com o morrão acceso, bandeiras desfraldadas ao vento, e ao som dos tambores, sob o commando do bravo Lourenço de Amorim, sahiram pela brecha, e esses 236 corajosos soldados, que mal se sustinham em pé, recebiam a continencia das tropas inimigas.

Pantoja teceu-lhes o mais subido elogio, apontando-os a seus officiaes como exemplo de valor e lealdade!

Seguiam atraz os feridos e as bagagens, dirigindo-se para Rio Bom nas proximidades da Portella do Extremo, onde acampava o visconde.

Ás freiras foram fornecidas carruagens e uma escolta de guarda de honra; e os paisanos que quizessem retirar tiveram quinze dias.

Não tardou tambem a entregar-se com os mesmos capitulos a nossa praça de Salvaterra, além Minho, que o viannez Martim do Rego Barreto pouco antes reedificára.

Monsão esteve captiva até á conclusão da paz.

Lourenço de Amorim, o morgado da torre de Fontão, na ribeira Lima, como galardão de seus serviços teve entre outras mercês o titulo de *Dom,* que se estenderia aos seus descendentes, e o governo do Castello de Vianna, onde existe ainda hoje o seu brazão, orlado com a gloriosa divisa:

VIRTVS EST PREMIVM OPTIMVM

*

A matriz de Monsão, com o seu portico de singela architectura romanica, não vae além do seculo XIV, e internamente apenas conserva intacta a capella de S. Sebastião, estylo gothico terciario, que serve de jazigo ao seu fundador D. Vasco Marinho; não se pense que seja o veneravel bispo de Orense, senão o protonotario apostolico, progenitor dos Marinhos em Portugal, que obteve da Curia romana e de el-rei D. Manuel rendosos beneficios, áquém e além Minho, que depois legou a seus tres filhos.

O tumulo feito em 1521 tem a figura em relevo de D. Vasco, artisticamente executada, como toda a obra, em calcareo.

*

A egreja parochial de Longosvalles, a poucos kilometros da villa, foi outr'ora mosteiro de Conegos regrantes, de que os jesuitas se apossaram em 1551; o seu abside semi-circular e abobadado comprova a sua antiguidade, que reputavamos coeva da fundação da monarchia.

*

O palacio de Brejoeira, sito na freguezia de Pinheiros, a 5 kilometros de Monsão, na estrada para os Arcos de Val-de-Vez, é a melhor residencia de toda a provincia; a sua construcção durou de 1806 a 1828, e Luiz Pereira Velho de Morcoso alli dispendeu mais de um milhão de cruzados; o filho, aquelle lendario Simão Pereira, ultimo morgado, cuja franqueza ainda hoje se encarece, tornou a Brejoeira uma residencia principesca; seus herdeiros venderam-a em 1901 ao conselheiro Pedro de Araujo, do Porto. O edificio d'um só andar fórma quatro fachadas, tendo a principal para o oriente, e nos cantos a sua torre, porém a do S. O. nunca chegou a concluir-se.

De estylo architectonico do falso renascimento conserva todavia resaivos rococos.

*

Além d'esta vivenda ha no concelho de Monsão outras importantes, como a de Rodas, pouco distante da villa, e pertencente aos Viscondes da Carreira, em Ceivães a casa do Hospital, dos Barões do mesmo titulo, e hoje por successão do illustre dr. Pedro de Azevedo de Bourbon, a Lomba, na freguezia de Moreira, do nosso amigo dr. Antonio José de Pinho, etc.

La situation de Lourenço d'Amorim était des plus critiques car ses soldats étaient réduits à la dernière extrémité, les brèches ouvertes, les mines attaquées, pas des vivres, ni d'espoir d'en recevoir. Avant l'attaque, le général espagnol proposa aux portugais une capitulation des plus honorables; ceux-ci commencèrent par refuser, mais, après de mûres refléxions, comme la résistance devenait impossible, ils résolurent de se rendre.

Le matin du 2 Février les assiégés armés et équipés selon toutes les règles de la guerre, les drapeaux déployés au vent et au son des tambours sortirent par la brèche sous le commandement du brave Lourenço d'Amorim, et ces 236 courageux soldats pouvant à peine se tenir debout, reçurent le salut de l'armée ennemie. Pantoja leur rendit les plus grands éloges et les présenta à ses officiers comme exemple de courage et de loyauté. Derrière suivaient les blessés et les bagages qui se dirigèrent vers Rio Bom, près de Portella do Extremo où campait le vicomte.

Les religieuses furent conduites en voitures et suivies d'une garde d'honneur; les bourgeois qui voudraient évacuer la ville eurent quinze jours pour se préparer.

Peu de temps après, notre place de Salvaterra, entre Minho, récemment réédifiée par Martim do Rego Barreto, capitula aussi dans les mêmes conditions. Monsão resta captive jusqu'à la conclusion de la paix. Lourenço d'Amorim, l'aîné de la tour de Fontão au bord du Lima, reçut comme récompense de ses services, avec d'autres grâces, le titre de *Dom,* extensif à ses descendants, et le gouvernement du château de Vianna, où l'on voit encore aujourd'hui ses armoiries cerclées de la glorieuse devise:

VIRTVS EST PREMIVM OPTIMVM

*

L'église paroissiale de Monsão avec son simple portail d'architecture romaine date à peu près du XIVme siècle et intérieurement on n'y voit d'intacte que la chapelle de St. Sébastien dans le style gothique tertiaire qui sert de tombeau à son fondateur D. Vasco Marinho; celui-ci n'est pas le vénérable évêque d'Orense, mais le protonotaire apostolique ascendant de tous les Marinhos du Portugal qui obtînt de la curie romaine et du roi D. Manuel d'importantes richesses qu'il légua à ses trois fils. Ce tombeau tout en pierre calcaire fut exécuté en 1521 et on y voit la statue en relief de D. Vasco remarquablement travaillée.

*

L'église paroissiale de Longosvalles à quelques kilomètres de la ville, fut autrefois un monastère de Chanoines réglants dont les jésuites s'emparèrent en 1551; son abside voûté et demi circulaire atteste bien son antiquité; nous pensons qu'elle date de la fondation de la monarchie.

*

Le palais de Brejoeira situé dans la paroisse de Pinheiros à cinq kilomètres de Monsão sur la route qui mène à Arcos de Val-de-Vez est la plus belle résidence de toute la province; Luiz Pereira Velho de Moscoso dépensa pour sa construction plus d'un million de cruzades et les travaux durèrent de 1806 à 1828; son fils Simão Pereira, le dernier héritier du majorat dont l'hospitalité est encore aujourd'hui légendaire, fit de Brejoeira une résidence princière; ses héritiers la vendirent en 1901 à Mr. le Conseiller Pedro d'Araujo, du Porto.

L'édifice d'un seul étage a quatre faces dont la principale est tournée au levant et les angles garnis de tourelles; celle du S. O. n'a jamais été terminée. L'architecture est dans le faux style de la Renaissance, dont elle présente quelques détails rococo.

*

Monsão possède encore d'autres propriétés importantes, comme celle de Rodes peu éloignée de la ville et qui appartient au vicomte de Carreira; à Ceivães se trouve la maison du *Hospital,* propriété

*

A torre de Lapella, que se ergue sobranceira no rio Minho, a 6 kilometros abaixo de Monsão, e a 12 de Valença, foi mandada edificar em 1370 por D. Fernando, como o attesta o brazão real portuguez com onze castellos, que sobrepuja a porta ogival, unica entrada a dez metros do sólo, e os *machicoulis* que restam.

De planta quadrada mede a torre 12 metros por face sobre 66 metros de alto, e as paredes com 2^m,50 de espessura, devendo ter tido tres pavimentos: era a torre de menagem, vulgarmente chamada *vara* do Castello, cujos muros se demoliram em 1706 para fortificar Monsão.

Junto ao cubo agrupa-se a aldeia, que recebeu o nome d'esta atalaia raiana.

Uma das phototypias apresenta a torre de Lapella pelo nordeste, e tirada da margem hespanhola, onde se acha abeirada a barca de passagem, e junto o vigilante *carabineiro.*

*

A riba Minho tem fama como região vinicola; do lado de Portugal, o nosso concelho produz vinho que se reputa o melhor de toda a provincia; do mesmo modo os valles fronteiriços, de Salvaterra a Crescente, abundam no excellente *vinho de Condado.*

Não esqueçamos que em Ribadávia fica o centro dos *viños del Rivero,* celebres desde os mais remotos tempos.

O typo geral dos vinhos minhotos assemelha-se ao Bordeus, avantajando-se-lhe pelas condições tonicas e exquisito paladar.

Os vinhos verdes são conhecidos no estrangeiro desde D. João I, e estimados em Lisboa no tempo de D. Manuel, como conta Gil Vicente, no auto intitulado — *Pranto de Maria Parda.*

No reinado de D. João III levaram os nossos navios vinho para vender, primeiro por conta propria, e depois para as *feitorias* portuguezas de Flandres; mas as luctas religiosas depressa arruinaram o commercio flamengo, de maneira que os inglezes vieram procurar directamente o vinho, estabelecendo logo na foz do Lima um deposito, com succursal em Monsão, para compra não só dos nossos vinhos, que designavam por *Red Portugal wines,* como de outros vinhos portuguezes e hespanhoes.

A região vinhateira monsanense abrangia Melgaço, o condado e a riba d'Ávia na Galiza.

Florescia esta agencia britannica em 1599, e continuou prospera até 1640, em que a guerra com a Hespanha assolou durante vinte e oito annos este territorio, pondo tudo a ferro e fogo; assim as transacções paralysaram, e no meiado do seculo XVII a feitoria ingleza foi transferida para o Porto, inutilisando-se n'essa occasião os livros da exportação dos nossos vinhos, que o *Port-wine* começou a supplantar.

O vinho de Monsão n'estes ultimos annos voltou a merecer os antigos creditos, e o seu typo mantem-se superior a todos os congéneres da provincia.

E com effeito merece esta preferencia.

*

A villa começa a perder o aspecto militar tornando-se mais risonha, e as suas casas modernas são de boa fabrica, como se distingue na vista geral.

Salvaterra dista ainda um kilometro rio abaixo.

Monsão vai tendo maior desenvolvimento e importancia internacional, contando a villa 2:500 habitantes, e o concelho 25:000.

Numerosas quintas aformoseiam a paizagem, e lindas vivendas orlam as estradas e se avistam nas verdejantes collinas; n'alguns sitios as propriedades são vedadas por *muros de pasta,* compostos de fiadas de esteios unidos com cal, meio economico e vantajoso por occupar pouco terreno.

Espera-se que no futuro anno de 1904 a linha ferrea ligará Valença a Monsão; pela margem direita do Minho passa o comboio que de Guilharey vai para Orense, tendo estação em Salvaterra.

L. de Figueiredo da Guerra.

du baron de Ceivães, léguée à l'illustre docteur Pedro d'Azevedo de Bourbon; la Lomba, paroisse de Moreira, qui appartient à notre ami Antonio José de Pinho & C.ª

*

La tour de Lapella, qui s'élève sur la rive du Minho 6 kilomètres au dessous de Monsão et à 12 kilomètres de Valença, fut édifiée en 1370 sous le règne de D. Fernando, comme on le voit sur les armes royales portugaises, à onze chateaux, qui surmontent la porte ogivale située dix mètres au-dessus du sol et les machicoulis qui restent. La construction carrée a douze mètres sur chaque face, soixante six mètres de haut et les murs ont deux mètres cinquante d'épaisseur; primitivement elle doit avoir eu trois étages: c'était l'ancien donjon que l'on nommait *vara* du château et dont les murs furent démolis en 1706 pour fortifier Monsão.

Au pied de la tour se trouve le village qui a reçu le nom de cette redoute limitrophe.

Une de nos phototypies représente la tour de Lapella vue du nord-est et prise de la rive espagnole, où l'on voit ancré le bateau du passeur et le veilleur carabinier.

*

Les bords du Minho sont réputés comme région vinicole; sur la rive portugaise notre commune produit le meilleur vin de toute la province; sur les vallées frontières de Salvaterra à Crescente on cultive l'excellent vin de Condado.

À Ribadávia se trouve le centre des *viños del Rivero,* dont la renommée remonte aux temps les plus reculés. Le type général des vins de Minho est semblable à celui des vins de Bordeaux mais supérieur par ses conditions toniques et son fumet exquis. Les vins verts sont connus à l'étranger depuis le règne de Jean Ier et très estimés à Lisbonne du temps de D. Manuel, comme le raconte Gil Vicente dans sa pièce intitulée *Pranto de Maria Parda.* Sous le règne de D. Jean III nos navires emportèrent des chargements de vins pour vendre, d'abord pour leur propre compte, ensuite au factoreries portugaises en Flandres; mais les luttes religieuses ruinèrent bientôt le commerce flamand, de manière que les anglais vinrent directement chercher ici les vins et établirent sur l'embouchure du Lima un vaste magasin avec succursale à Monsão pour l'achat et vente de ces produits, ainsi que des autres vins portugais et espagnols qu'ils désignèrent collectivement comme *Red Portugal wines.*

La région viticole de Monsão comprenait Melgaço, le Condado et Ribadávia en Gallice.

Cette agence britanique florissante en 1599 continua à prospérer jusqu'à 1640, époque où la guerre avec l'Espagne dévasta pendant 28 ans notre territoire mettant tout à feu et à sang; toutes les transactions furent paralysées et vers le milieu du dix-septième siècle la factorerie anglaise fut transférée à Porto; on détruisit alors les livres d'exportation de nos vins que le *Port-wine* commença à supplanter. Dernièrement les vins de Monsão ont eu un regain de leur ancienne réputation; leur type continue à être supérieur à celui des autres vins de la province, et cette préférence est toute méritée.

*

La ville commence à perdre son aspect militaire et à devenir plus pittoresque, et les constructions modernes sont assez élégantes, comme on le voit sur la vue générale.

Salvaterra se trouve à un kilomètre en aval du fleuve. Monsão acquiert de jour en jour plus d'importance internationale; la ville compte 2:500 habitants et la commune 25:000. Le paysage est embelli par de nombreuses propriétés; sur les collines verdoyantes et au bord des routes on voit de jolies maisons; les propriétés sont séparées par des murs *de pasta* composés de minces étançons reliés par de la maçonnerie, système économique et occupant peu d'espace.

En 1904 nous espérons que le chemin de fer ira de Valença à Monsão; la rive droite du Minho est desservie par le chemin de fer qui va de Guilharey à Orense, avec une station à Salvaterra.

L. de Figueiredo da Guerra.

Aveiro

(A cidade e a paizagem)



Saber se a *oppidum Talabrica*, de que falla Plinio, era a vaga Talabriga dos turdulos, se ella assentava onde está actualmente Aveiro, ou, mais proxima do Vouga, onde hoje é Cacia; saber o que fosse essa povoação na pre-historia e na proto-historia da Peninsula; averiguar quando trocou pelo actual o seu antigo nome, e em que circumstancias historicas isso se deu; sobre esse nome e a sua origem fazer conjecturas de toponimia, ingenuas ou puramente phantasistas — não são coisas que tenham cabimento n'esta ligeira noticia, nem o simples dilettantismo archeologico do auctor d'ella poderia trazer nova luz a esse velho e obscuro problema topographico.

Que, atravez das civilisações e sociedades que se succederam no occidente da Peninsula, devesse existir uma povoação mais ou menos importante junto á foz do Vouga — é uma presumpção historica decerto plausivel. Juntamente com esta razão geographica, a immemorial industria salina, a que já se refere o famoso testamento de Mummadona [1], as pescarias, a navegação são circumstancias sufficientes para determinar a existencia, alli, d'um centro economico, cuja importancia oscillaria com as vicissitudes da historia. Comtudo, o seu valor, ao tempo da formação do Condado Portucalense e no começo da monarchia, não parece ter sido grande. Situada na mobil e incerta zona fronteiriça do Islam e dos dominios astur-leonezes, é natural que ella soffresse e decaísse, sob a longa acção da invasão sarracena e das guerras da reconquista, e talvez das repetidas incursões maritimas da pirataria mourisca.

No seculo XV, porém, influenciada pelo movimento historico que nos lançou nas emprezas e aventuras do mar, Aveiro vê começar um novo cyclo de prosperidade. O grande Regente cinge d'altas e fortes muralhas, em que se rasgam oito portas, o que é hoje o bairro do sul e constitue a actual freguezia da Gloria. Este facto basta para revelar, não só a importancia economica que Aveiro já então assumira, mas tambem a importancia estrategica que lhe dava um dos maiores e mais avisados homens de governo que têm havido em Portugal.

Extra-muros, ao norte do esteiro, havia já a esse tempo, entre as hortas, vinhas e campos que por alli se estendiam, um povoado a que se chamava a *villa nova,* e que parece ter sido o nucleo embryonario da sua vida maritima na Renascença, vida que se illustrou com nomes gloriosos de navegadores, como o do celebre João Affonso. Ahi habitariam mareantes e pescadores; ahi se faria, como hoje, o trafego do pescado; ahi seriam os estaleiros, de que mais d'uma fusta ou caravella saíriam para a tenaz e secular conquista do Mar Tenebroso.

A descoberta da Terra Nova veio trazer a Aveiro um novo elemento de riqueza. Dos cento e cincoenta navios, que, no meado do seculo XVI, a sua praça armava, cerca de sessenta empregavam-se na pesca do bacalhau. E a tradição d'uma colonia ingleza, de caracter commercial, da qual se tem querido encontrar vestigios toponimicos no nome d'um dos bairros da cidade, o Alboy, deixa vêr a extensão que o seu commercio maritimo chegou a attingir. Além d'isso, as condições do seu porto eram taes que permittiam a concentração, n'elle, d'uma esquadra, decerto numerosa e contendo as maiores unidades navaes do tempo, visto ter sido em Aveiro que os *terços* da Beira embarcaram para a fatal jornada d'Africa.

Erigida em ducado, de que foi donatario D. Jorge de Lencastre, filho do bastardo de D. João II, o senhorio d'esta casa illustre, *tombée en quenouille* mais d'uma vez, e repetidamente pleiteada por motivos de successão, passou aos Mascarenhas e foi extincto em 1759, quando o seu ultimo representante,

---

[1] «In territorio Colimbrie villa de alcaroubim... *terras in alavario et salinas* que ibidem comparavimus». — Testamento de Mummadona, anno 959. *Dipl. et Ch.*, P. M. H., n.º 76.

Aveiro

(La ville et le paysage)



Savoir si l'*oppidum Talabrica,* dont parle Pline, était la vague Talabriga des turdules [1], et si elle siégeait à l'endroit où se trouve actuellement Aveiro, ou, plus près du fleuve Vouga, à l'emplacement de Cacia; savoir ce qu'a été cette peuplade dans la pré-histoire et la proto-histoire de la Peninsule; avérer à quelle époque et en quelles circonstances son ancien nom a été remplacé par celui qu'elle porte aujourd'hui; faire des conjectures naïves et fantaisistes sur ce nom et son origine — ce sont des choses qu'on ne peut discuter dans cette courte notice et qui renferment un vieux et obscur problème topographique auquel le simple dilettantisme archéologique de son auteur ne saurait apporter de nouvelles lumières.

Cependant il est plausible que, à travers toutes les sociétés qui se sont succédées à l'Occident de la Péninsule, il ait dû exister une peuplade plus ou moins importante près de l'embouchure du Vouga. À l'appui de cette raison géographique, l'immémoriale industrie saline, dont il était déjà question dans le fameux testament de Mummadona, la pêcherie, et la navigation, seraient suffisantes pour prouver l'existence, en ce lieu, d'un centre économique dont l'importance aurait varié selon les vicissitudes de l'histoire. Mais, au temps de la formation du Comté Portugais et au commencement de la monarchie, sa valeur ne parait pas avoir été très grande. Située sur la zone mouvante et incertaine de la frontière de l'Islam et des domaines léon-asturiens, il est probable qu'elle ait souffert et déchu, sous l'action de l'invasion des sarracins et des guerres de reconquête, voire même des incursions maritimes de la piraterie mauresque, si souvent répétées.

Au XVme siècle, toutefois, sous l'influence du mouvement historique qui nous lança sur le chemin des entreprises et des aventures maritimes, Aveiro vit commencer une nouvelle ère de prospérité. Le grand régent D. Pedro entoura de hautes et fortes murailles, percées de huit portes, ce qui est actuellement le quartier sud et compose la paroisse de Gloria. Ce fait est suffisant pour démontrer, non seulement l'influence économique dont Aveiro jouissait déjà dans ce temps là, mais aussi l'importance stratégique que lui accordait un des plus grands et des plus avisés de tous les princes et hommes politiques qui en Portugal ont exercé le pouvoir suprême.

Extra-muros, au nord du bras de rivière, on voyait, parmi les vergers, les vignes et les champs qui s'étendaient alentour, un bourg que l'on nommait la *ville neuve,* qui parait avoir été le berceau de la vie maritime dans cette région au temps de la Renaissance, et qui forma et révéla au monde le nom de glorieux navigateurs, comme le célèbre João Affonso. Là, auraient habité de vaillants marins et pêcheurs; on y aurait fait le trafic du poisson; de ses vastes chantiers seraient sorties plus d'une fuste et caravelle pour la conquête tenace et séculaire de la mer Ténébreuse.

La découverte de la Terre Neuve apporta à Aveiro un nouvel élément de richesse. De cent cinquante navires, qui vers le milieu du XVIme siècle, sortirent de son port, à peu près soixante étaient destinés à la pêche de la morue. Et on a prétendu retrouver dans le nom d'un des quartiers de la ville, le Alboy, des vestiges toponimiques et traditionnels d'une colonie anglaise, de caractère commercial, ce qui tend néanmoins à prouver l'étendue que son commerce maritime parvint à atteindre. En outre, les conditions du port étaient telles, qu'elles permettaient la concentration d'une nombreuse flotte composée des plus vastes vaisseaux de cette époque, puisque ce fut à Aveiro que les troupes de la province de Beira s'embarquèrent pour la fatale guerre d'Afrique.

Érigée en duché, dont fut donataire D. Jorge de Lencastre, fils du bâtard de D. João II, la sei-

---

[1] Peuple barbare qui habita pendant 500 ans l'ancienne Lusitanie.

envolvido na mysteriosa conspiração dos Tavoras, expirou com os seus cumplices no patibulo, n'uma das execuções mais requintadamente crueis e ferinas de que as justiças portuguezas são rés em face da humanidade.

Para lavar a mancha do regicidio, que lhe maculava o nome, dizem alguns auctores que Aveiro pedira então, pela voz do seu senado, para que a chrismassem em *Nova Bragança!* O facto é controverso. O que é, porém, certo é que foi depois da sangrenta tragedia que o marquez de Pombal elevou a villa á categoria de cidade e creou n'ella um bispado, que foi extincto na ultima reforma das circumscripções diocesanas.

No principio do seculo passado a obstrucção da sua barra paralysou-lhe inteiramente o commercio maritimo. Sem vasadoiro para o mar, sem o movimento das marés, as aguas represadas da ampla ria, sempre accrescidas pelas do Vouga e seus confluentes, tornaram-n'a n'uma vastissima laguna, morta e pestilencial. Longas inundações, que submergiam campos e marinhas e attingiam as proprias ruas da cidade, terriveis e devastadoras invasões palustres, enfraquecendo as populações e affectando a energia trabalhadora nas suas molas mais intimas, depois os effeitos da geral depressão economica trazida pelas invasões francezas, as convulsões politicas e as luctas civis, em que Aveiro tomou larga parte, dando ás forças do absolutismo martyres heroicos, e bravos soldados aos exercitos da liberdade — levaram-n'a gradualmente a um periodo de accentuada decadencia. Mas, restabelecidas a paz e a ordem, o trabalho e a consequente expansão economica renasceram. Á iniciativa individual, juntou-se a partilha nos beneficios materiaes espalhados pelo paiz sob o influxo da politica de fomento, inaugurada com a Regeneração. As obras hydraulicas, começadas no principio do seculo, progrediram com actividade; os velhos cáes arruinados foram reconstruidos; a rêde das estradas cortou os campos e as salinas, ligando ao ganglio central da cidade as povoações, ainda as mais distantes, do districto; as pontes uniram as margens oppostas dos rios; construiu-se o excellente edificio do Lyceu; installou-se o telegrapho; e, por fim, a grande arteria economica da linha do norte passou junto á cidade, pondo-a em communicação directa e rapida com os dois grandes centros do paiz: Lisboa e Porto.

O mais illustre dos seus filhos, José Estevão, com o prestigio do seu genio, do seu caracter, do seu inquebrantavel civismo, da alta situação politica que só por estas forças conquistára, arrancou para ella, aos governos, ás vezes em luctas bem porfiadas, estes factores essenciaes da prosperidade economica. As qualidades ingenitas da raça fizeram o resto. A tenacidade laboriosa, sem grandes rasgos, mas persistente e firme, que a caracterisa, conquistou-lhe uma situação economica das mais solidas, porque se baseia n'uma admiravel distribuição das riquezas. Agricolamente, commercialmente mesmo, Aveiro é hoje uma das mais prosperas regiões do paiz, e das mais bem equilibradas sob o ponto de vista chrematistico. A sua densissima população vive, á larga, do seu esforço, nas multiplas fórmas do trabalho por que o exerce, amealha sobras, barateando consequentemente os capitaes, e, além do que exporta em generos agricolas, em pescado e até em productos industriaes, leva ao resto do paiz a actividade de milhares de seus filhos, em braços de trabalhadores ruraes, de operarios, de pescadores e de mareantes.

Com orgulho, Aveiro póde dizer ao estado que o auxilio que d'elle recebeu — não foi prestado a um parasita inutil.

*

A cidade actual já pouco tem de archaico: os restos das suas antigas muralhas desappareceram totalmente; as pesadas moles dos seus seis conventos ou foram demolidas ou transformadas em quarteis e repartições; das velhas arcarias dos seus pittorescos aqueductos já não resta o minimo vestigio. Afóra a casa da Camara com a sua torre central, o portico renascença da Misericordia, o cruzeiro de S. Domingos, o convento de Santa Joanna, a interessante arcada dos Balcões, a capella do Senhor das Barrocas, uma ou outra das suas lindas casas do fim do seculo XVIII, de escada exterior com patim alpendrado, como a da Granja, a do Carril, a do Carmo, a do Seixal, a do morgado de Villarinho — todos os seus outros edificios, publicos ou particulares, fundem-se na incaracteristica banalidade das construcções modernas.

Mas, no seu curto perimetro, nas suas ruas estreitas, na inexpressiva uniformidade das suas edificações — duas coisas ha que imprimem á cidade de Aveiro um cunho inconfundivel e a tornam uma

gneurie de cette illustre maison, tombée en quenouille plus d'une fois et souvent plaidée pour cause de successions, passa à la famille de Mascarenhas et s'éteignit enfin en 1759 lorsque son dernier représentant se trouvant compromis dans la mystérieuse conspiration des Tavoras, expira avec ses complices, sur l'échafaud, dans une exécution des plus cruelles et féroces dont la justice portugaise doit s'accuser devant l'humanité.

Pour laver la tache du régicide qui maculait son nom, Aveiro, selon quelques auteurs, demanda, par la voix de son sénat, à l'échanger par celui de *Nova Bragança.* Le fait n'est pas averé. Toutefois, ce qui est certain c'est que ce fut après la sanglante tragédie que le marquis de Pombal lui accorda alors la dignité de ville et y institua un évêché qui fut supprimé lors de la dernière réforme des circonscriptions diocésaines.

Au commencement du dernier siècle son commerce maritime fut entièrement paralysé par l'obstruction de l'embouchure de son port. Les eaux retenues du vaste estuaire, sans écoulement vers la mer, sans le mouvement des marées, augmentées par la rivière Vouga et ses affluents, formèrent une ample lagune stagnante et pestilentielle. De longues crues, submergeaient les champs et les marais salants atteignaient même les rues de la ville; de terribles et mortelles invasions paludéennes affaiblissaient les populations affectant leur énergie et leur activité au plus profond de leur être; ensuite les effets d'une dépression économique dûe aux invasions françaises, les convulsions politiques, les luttes civiles, auxquelles Aveiro prît une large part, soit en donnant de braves soldats à la cause de la liberté, soit en sacrifiant au gibet de l'absolutisme d'héroïques martyrs, tout enfin contribua pour la faire tomber graduellement dans une période de décadence notoire.

Mais, lorsque l'ordre et la paix furent rétablis, le travail et par conséquent l'expansion économique renaquîrent. À l'initiative particulière, vint s'ajouter le bénéfice des améliorations matérielles répandues dans le pays par une politique protectrice, inaugurée avec la Regénération.

Les travaux hydrauliques, commencés dans les premières années du siècle, avancèrent avec activité; les vieux quais ruinés furent reconstruits; un réseau de routes sillonna les prairies et les salines, reliant le centre de la ville aux endroits les plus éloignés du district; les rives des fleuves se rejoignirent au moyen de ponts; on bâtit l'édifice du Lycée; on installa le télégraphe et enfin la grande ligne du chemin de fer du nord passant près de la ville, la mit directement en rapide communication avec les deux grands centres du pays: Lisbonne et Porto.

Un des plus illustres enfants d'Aveiro, José Estevão, avec tout le prestige de son caractère, de son génie, de son inébranlable civisme et de sa haute situation politique acquise par son seul mérite, réussit à obtenir des gouvernements, souvent après des luttes opiniâtres, ces éléments essentiels à la prospérité économique. Les qualités innées de la race firent le reste. La ténacité laborieuse, sans de grands élans, mais ferme et persistante, qui la caractérise, lui acquit une situation économique des plus solides, car elle a pour base principale une admirable distribution des richesses. Au point de vue agricole et même commercial, Aveiro est actuellement une des plus prospères régions du pays et une des mieux équilibrées sous le rapport du partage des biens. Sa nombreuse population vît largement de son labeur aux formes multiples, elle épargne encore, faisant par conséquent baisser les capitaux, et, sans parler de ce qu'elle exporte en denrées agricoles, en poisson et même en produits industriels, elle répand dans tout le pays l'activité de ses milliers d'enfants, qui se trouvent employés un peu partout comme travailleurs des champs, ouvriers, pêcheurs et marins.

Elle peut, avec orgueil, dire à l'état que les bienfaits qu'elle en a reçus, n'ont pas été accordés à une peuple inutile.

*

La ville actuelle n'a presque plus rien d'archaïque: les restes de ses anciens murs ont tout-à-fait disparu; les lourdes masses de ses six couvents ont été démolies ou sont devenues des casernes et des bureaux au service de l'administration publique et on n'aperçoit plus le moindre vestige des anciennes arcades de ses pittoresques aqueducs. Hormis l'Hôtel de Ville avec sa tour centrale, le portail renaissance de la Misericordia, le transept de l'église S. Domingos, le couvent de Santa Joanna, l'intéressante arcade des Balcões, la chapelle du Senhor das Barrocas, quelques jolies maisons de la fin du XVIIIme siècle, avec leur escalier extérieur au porche recouvert comme celles de Granja, Carril, Carmo, Seixal,

das mais bonitas e interessantes povoações de Portugal: são a vasta ria que a envolve e a penetra com os seus canaes de parapeitos de cantaria, sobre que se lançam elegantemente as curtas pontes em arco, dando-lhe uma vaga physionomia veneziana, e a larga, desafogada, verdejante, luminosa e variadissima paizagem em que ella, na sua alvura de povoação maritima, muito caiada e limpa, nos apparece engastada, como uma perola n'um esmalte polychromo e brilhante.

Á beira do vasto lago salgado em que o Vouga desagua e que mede cerca de quarenta kilometros do norte a sul, n'um sólo quasi plano, assenta a casaria apinhada, d'onde destacam apenas as torres e as cupulas das egrejas ou as massiças construcções da Camara, do Lyceu, do Governo Civil, do Quartel, da antiga Sé. Ao poente, o canal abre-se em duas meias curvas, marcando a sua entrada por um par de finas pyramides de marmore, e corre entre as marinhas de sal, estendendo n'uma bella recta d'algumas centenas de metros o primeiro lanço dos seus muros baixos, ladeados pelas estradas marginaes, que as contorcidas tamargueiras de fina folhagem orlam do lado da terra. Ao fim d'esse lanço volta para a esquerda, e corta a cidade em dois bairros, que hoje correspondem ás suas duas freguezias, passando sob a ponte da Praça e a ponte do Cojo, e terminando junto ao interessante edificio que hoje é a Escóla Industrial e que banha nas aguas o seu solido alicerce em arcaria.

Esta longa rua aquatica, d'uma encantadora perspectiva, é a principal arteria da vida da cidade. Coração economico e administrativo d'uma vastissima região fluvial e rural, região densamente povoada e intensamente laboriosa, Aveiro communica por essa via com quasi toda a zona occidental do districto. Ás linguetas d'esse extenso caes atracam, em cada dia e a cada hora, carregando e descarregando, os variados typos de barcos da ria, as pesadas *saleiras*, os elegantes e emproados *moliceiros*, as leves bateiras *mercanteis*, as *labregas* e os *esguichos* em meia lua, as pequenas *caçadeiras*, todos com as suas altas velas trapezoidaes bojando sob o vento, ou tirados á vara ou a remo pelos mais bellos e dextros barqueiros dos rios de Portugal. Uns trazem a lenha, a carqueja ou o tabuado da Serra, outros o arroz d'Ovar, outros o moliço das praias ou o junco das ilhas, outros o milho e as batatas da Gafanha, outros o sal das marinhas, outros a sardinha da Costa Nova e de S. Jacintho, ou o pescado da ria. E d'esse pequeno emporio fluvial levam, ao regressar, fazendas, mantimentos, ferragens, alfaias agricolas, productos de olaria, madeiras, materiaes de construcção.

Uma multidão rumorejante e alegre agita-se n'essa animada labuta commercial. São os barqueiros esbeltos e ageis, manejando as grandes varas sobre as prôas e as bordas dos barcos negros; são os mercanteis, os negociantes de pescado e as peixeiras da praça; são os almocreves com as suas recuas de machos; são os embarcadiços d'Ilhavo, os pescadores da Murtosa, as salineiras e os marnotos das marinhas; são, emfim, as graciosas tricanas, d'uma elegancia magra e nervosa, marchando n'um rythmo curto e ligeiro sobre as pontas das minusculas e agudas chinelas, e todas esguias em seus longos chales caídos e nas suas leves e compridas saias de chita clara, que, fluctuando, se lhe colam á linha fina das pernas, como as roupagens das estatuetas de Tanagra. E na variegada mescla dos lenços e do vestuario das mulheres, do sombrio burel dos varinos, das alvas camisas e manaias dos pescadores e barqueiros, entre o rodar dos carros rusticos puxados por juntas de tostados *marinhões* ou de loiros *arouquezes*, entre o circular das canastras faiscantes de sal de neve ou com lampejos d'aço da escama azulada das sardinhas, n'essa faina do negocio e do trabalho — o ruido confuso das vozes ondula, subindo, descendo, augmentando, smorzando-se, nas notas cantantes e arrastadas d'uma das mais doces e mais caracteristicas fallas do povo portuguez.

*

Quem, por uma calma e luminosa manhã de agosto ou setembro, deixar a cidade, seguindo a estrada da Barra — essa estrada singular, ladeada d'agua, com a ria por uma banda e pela outra as marinhas — e parando a meio caminho, pelas alturas do lago do Paraiso, circumvagar em torno a vista, terá a larga visão panoramica d'uma das mais admiraveis e soberbas paizagens do nosso paiz. Voltando-se para a cidade, olhando por sobre os taboleiros das marinhas, d'aguas paradas e polidas como placas rectangulares de vidro, vel-a-á estender-se n'uma linha de casaria acotovelada — traços

et celle encore du *morgado* de Villarinho, — tous les autres édifices, publics et particuliers, se confondent dans l'incaractéristique banalité des constructions modernes.

Mais, malgré sa courte enceinte, ses rues étroites et l'inexpressive uniformité des édifications, il y a deux choses qui impriment à la ville d'Aveiro un cachet tout-à-fait particulier et qui la rendent une des plus interessantes et plus belles villes du Portugal; c'est d'abord le vaste estuaire qui l'enveloppe, la pénètre avec ses canaux bordés de quais de pierre sur lesquels se fixent çà et là de courtes arches des ponts, qui lui donnent un vague aspect de Venise, et ensuite le paysage, large, étendu, varié, lumineux et verdoyant qui l'entoure et au milieu duquel, avec toute sa blancheur et sa netteté de ville maritime, elle semble enchassée comme une perle fine dans un brillant émail polychrome.

Au bord du grand lac salé où débouche le Vouga et qui mesure à peu près quarante kilomètres du nord au sud, sur un sol presque plan, s'entasse la masse des maisons, au dessus de laquelle se détachent les clochers, les dômes des églises et les massives constructions de l'Hôtel de Ville, du Lycée, de la Préfecture, de la caserne et de l'ancienne cathédrale. Au couchant le canal s'ouvre en deux demi-courbes, marquant son entrée par deux fines colonnes de marbre; il se glisse entre les marais salants, prolongeant en une belle ligne droite, pendant quelques centaines de mètres, les murs bas de ses quais, bordés par les routes marginales, que les tamariniers retordus, au fin feuillage, ourlent du côté de la terre. Au bout de cette ligne en tournant à gauche, le canal coupe la ville en deux quartiers, correspondant actuellement à ses deux paroisses, il passe ensuite sous le pont de la Praça et celui du Cojo, et se termine près de l'intéressant édifice, aujourd'hui École Industrielle, qui baigne dans les eaux ses solides fondements en arcades.

Cette longue rue aquatique, d'une perspective charmante, est la principale artère de la ville, le centre administratif et économique de toute cette vaste région rurale et fluviale fortement peuplée et puissamment laborieuse, et fait communiquer Aveiro avec toute la zone occidentale du district. À toutes les heures de la journée on voit aux quais, amarrant ou démarrant, les divers types de bateaux de la region, les lourdes *saleiras*, les *moliceiros* à la proue elegante et recourbée, les légères *mercanteis*, les *labregas* et les *esguichos* en forme de croissant, les petites *caçadeiras*, surmontés de hautes voiles trapézoïdales qui se gonflent au gré des vents, ou conduits à l'aviron ou à la perche par les plus habiles et les plus beaux bâteliers des fleuves du Portugal.

Les uns apportent du bois, des fagots, ou les planches de la Serra, d'autres le riz d'Ovar, le frétin des plages, le jonc des îles, le maïs et les pommes de terre de Gafanha, le sel des marais, les sardines de Costa Nova et S. Jacintho, ou le poisson du fleuve. Et en revenant ils emportent des étoffes, des denrées, de la ferraille, des instruments agricoles, des vaisselles, du bois et des matériaux de construction.

Une multitude bourdonnante et joyeuse s'agite dans ce vivant labeur commercial. Ce sont les bateliers agiles et sveltes qui manient leurs longues perches à la proue et au bord des noirs bateaux, les négociants et les marchands de poisson et les poissardes du marché, les muletiers avec leurs filières de mulets, les mariniers de Ilhavo, les pêcheurs de Murtosa, les salinières et les saliniers des marais, et enfin les gracieuses *tricanas*, d'une élégance nerveuse et mince, marchant d'un pas rythmé, agile et menu, sur les pointes de leurs mules minuscules et pointues, toutes élancées dans leurs châles tombants et leurs longues et légères jupes d'indienne, qui ondoyent et se collent à la silhouette fine de leurs corps comme les étoffes des statuettes de Tanagra. Et dans ce mélange varié des vêtements et des mouchoirs des femmes, de la sombre bure des manteaux, des blanches chemises et des culottes des pêcheurs, entre le roulement des charriotes rustiques tirés par les couples de bœufs bruns, de la race dite *marinhôa*, ou de bœufs blonds des montagnes d'Arouca, parmi l'étincelante blancheur des mannes pleines de sel ou de la lueur d'acier des écailles bleuâtres des sardines, dans tout ce va-et-vient de travail et d'affaires le bruit confus des voix, ondule, s'élève, s'abaisse, augmente et s'éteint dans les notes chantantes et traînardes d'une des plus douces et caractéristiques prononciations du peuple portugais.

*

Lorsque, par une calme et lumineuse matinée du mois d'août ou de septembre, on quitte la ville, suivant la route de Barra — cette route exquise bordée d'un côté par l'eau de l'estuaire et de l'autre

brancos de paredes sob traços vermelhos de telhados — acima da qual se erguem perfis de torres ou altos muros de edificios publicos e de fabricas. Depois, n'um segundo plano, d'uma extensa gamma de verdes, descobrirá os campos, os immensos milharaes, as massas d'arvoredo — os choupos e salgueiros que formam as cortinas marginaes do Vouga, os pinheiros sombrios, os velhos alamos da estrada de Ilhavo, os tufos isolados dos esguios eucalyptos. D'entre essa verdura, surgir-lhe-á a mescla branca das povoações circumvisinhas, aninhadas á sombra dos seus campanarios — a Vista Alegre, Ilhavo, Verdemilho, Esgueira, Sarrazola e Cacia, e depois, já ao norte do Vouga, Angeja, Fermelã, Salreu, Estarreja e a vasta e longa tira da Murtosa, parecendo uma grande cidade distante. E para lá, emfim, de toda esta zona verdejante e apenas levemente ondulada, erguer-se-á ante a sua vista, no esplendor d'uma immaterialisação luminosa, n'um traço longo e caprichoso que se diria dado com uma pincelada d'amethystas e saphiras liquefeitas, a magnifica linha orographica das cordilheiras da Beira: as serranias magestosas d'Arouca, das Talhadas e do Caramulo, com o seu pico central, e, mais para o sul, a avançada do Bussaco e os perfis vagos da Estrella e da Louzã, esbatendo-se diaphanamente no céo de lapis-lazuli.

E voltando-se então, verá as aguas mansas da extensissima ria fulgurando de todos os lados: e, entre ellas, as salinas, recticuladas pelos taboleiros em evaporação, com os seus montes conicos de sal novo dando a impressão d'um largo acampamento de tendas immaculadamente brancas, espalhadas a perder de vista pela vastidão dos *polders*. Para o sul, terá o braço da ria que segue para Ilhavo e Vagos e que margina os pinhaes e campos arenosos da Gafanha; a seguir, em sentido inverso, o outro braço que se alonga para as Duas Aguas e vae dar á Barra, e d'onde emergem as mastreações das chalupas e hiates ancorados; ao poente, a linha fulva das dunas da costa, vaporisadas pela tremolina; e para o norte a immensa ria da Torreira, onde o archipelago das ilhas baixas, formadas pelas alluviões, a Testada, o Amoroso, a dos Ovos, a das Gaivotas, Monte Farinha, verdejam nas suas extensas praias de junco. E n'essa vastidão d'aguas tranquillas, n'esse gigantesco polypo fluvial que por todos os lados estende os seus fluidos tentaculos, entre a rêde confusa dos esteiros e canaes, bordados de tamargueiras e de caniços, velas sem conta, velas ás dezenas, ás centenas, vão, veem, bolinando em todos os sentidos, e pondo no verde das terras ou no azul das aguas a doçura do seu deslisar silencioso e a graça da sua *silhouette* branca.

*

Vistas assim, de relance, a cidade e a região que ella domina, restava fallar detidamente dos monumentos da primeira e dos dois aspectos mais singulares e caracteristicos que a segunda nos offerece: a vida da ria e a vida da costa.

Dos monumentos de Aveiro breve aqui tratará outra penna, mais auctorisada e competente do que a minha. Da ria e da costa, dos seus aspectos pittorescos, das suas povoações, dos seus homens, das suas fórmas de trabalho, buscarei em fasciculos successivos d'esta obra dar aos leitores uma impressão geral.

Luiz de Magalhães.

par les marais — en s'arrêtant à mi chemin, vers les hauteurs du lac du Paraiso, on a la grandiose vision panoramique d'un des plus merveilleux paysages de notre pays.

En regardant du côté de la ville, par dessus les plateaux des salines, aux eaux immobiles et polies comme des plaques de cristal, on la voit s'étendre en un amas de maisons entassés, avec leurs murs blancs sous les traits vermeils des toits, surmontée çà-et-là par la silhouette des clochers, et des plus hauts édifices. Plus loin sur un autre plan, dans la gamme intense de verdure on découvre d'immenses champs de maïs, des masses d'arbres touffus, les peupliers et les saules qui forment un rideau au long des rives du Vouga, les sombres pins, les vieux ormes de la route de Ilhavo, les touffes isolées des grêles eucalyptus. Parmi toute cette végétation, on aperçoit des petits villages tout blancs qui semblent se nicher à l'ombre de leurs clochers — Vista Alegre, Ilhavo, Verdemilho, Esgueira, Sarrazola et Cacia, ensuite, plus au nord du Vouga, Angeja, Fermelã, Sabreu, Estarreja et la vaste et longue ligne de Murtosa qui parait comme une grande ville éloignée. Et, enfin, au plus loin de toute cette zone verdoyante et àpeine ondulée, on voit s'élever dans toute la splendeur d'une lumineuse immatérialisation, dans une ligne allongée et capricieuse qui semble tracée par un pinceau d'azur et d'améthystes, la magnifique chaîne de montagnes de Beira; les majestueuses cordillières de Arouca, Talhadas et Caramulo avec leur pic central, et vers le sud, le Bussaco et les vagues profils de Estrella et Louzã, qui s'estompent vaporeusement dans un ciel de lapis lazzuli.

En se retournant on verra les eaux calmes et étincelantes de la vaste passe, les marais, symétriquement rangés dans leurs plateaux en évaporation, avec les tas coniques de sel neuf qui nous donnent l'impression d'un large camp aux tentes immaculées, dispersées à perte de vue sur l'étendue des *polders*. Vers le sud on voit le bras du canal qui conduit à Ilhavo et Vagos et qui baigne les sapinières et les champs sablonneux de Gafanha; en suivant, en sens contraire, l'autre bras s'étend du côté de Duas aguas et aboutit au port où l'on aperçoit les mâtures des chaloupes et des yachts ancrés; au couchant la ligne fauve des dunes de la côté vaporisées par la brume, et au nord l'immense estuaire de Torreira, avec l'archipel de ses îles basses, formées par les alluvions, la Testada, Amoroso, des Ovos, des Gaivotas, Monte Farinha, verdoyantes sur leurs longues berges de roseaux. Et dans cette amplitude d'eaux tranquilles, dans ce gigantesque polype fluvial qui étend de tous les côtés ses fluides tentacules, entre le réseau confus des canaux et des lagunes, bordés de roseaux et de tamariniers, des centaines, des dizaines, des centaines de voiles, vont et viennent, boulinant en tous sens, et mettant sur la verdure des bois, et l'azur des eaux, la douceur et la grâce de leurs silhouettes blanches et de leur glissement silencieux.

*

Après avoir décrit ainsi en vues rapides la ville et la région environnante, il faudrait parler minutieusement des monuments et des deux aspects plus caractéristiques qui se présentent à nos yeux: la vie de la côte et la vie de la rivière.

Une autre plume plus autorisée que la mienne s'occupera des monuments d'Aveiro. De la côte, de ses aspects pittoresques, de sa population, et de son travail, je tâcherai en d'autres articles de donner aux lecteurs un aperçu général.

Luiz de Magalhães.

Mafra



D. Lopo Dias de Sousa — o ultimo Sousa de Portugal —, segundo dissemos e demonstrámos n'outro estudo, o oitavo senhor de Mafra, porque foi o unico filho herdeiro de Alvaro Dias de Sousa e de sua mulher D. Maria Telles de Menezes, e porque o setimo senhor, Gonçalo Rodrigues de Sousa foi para Castella, contra Portugal; por isto, o Mestre d'Aviz, deu ao filho de D. Maria Telles as terras que esta dama vendera ao primo, supramencionado (Cf. Sousa, *Hist. Gen. da Casa Real,* tomo XII, pag. 280 e Chancellaria de D. Fernando, livro I, pag. 92, apud loc. ibidem). Sendo mestre da Ordem de Christo, não pôde casar, mas pôde ter nove filhos bastardos, entre elles uma senhora que, se sabe, foi legitimada, pelo seguinte registo que transcrevemos e publicámos n'outro estudo: «Outra dispensação (*legitimação*) houve D. Lionor de Sousa filha de D. Lopo Dias, mestre da ordem e cavallaria de Jesus Christo, e de Catelina (*Catharina*) Telles mulher solteira ao tempo da nascença da dita D. Lionor etc. no Porto 16 dias de junho de 1422 (1384) annos.» (Chancellaria de D. João I, livro II, fl. 81 v.). Foi esta dama a quarta senhora de Mafra, senhora da Enxara dos Cavalleiros, etc., por doação dotal de seu pae, de quem, parece, ter sido a primogenita, pelo menos é a primeira legitimada, feita em 30-III-1393; na doação estipula-se que, pelas rendas da Ericeira, sejam custeados um capellão e dois mercieiros em Mafra, pelas almas de D. Diogo Affonso de Sousa e de D. Violante Lopes, supracitados (Cf. Sousa, *Hist. Gen. da Casa Real,* tomo XII, pag. 291). Assim diz Sousa, porém o doc. que cita não o encontrámos no logar apontado, nem o indice d'esta chancellaria o indica; apparece (Cf. Chancellaria de D. João I, livro II, fl. 122) a carta de doação de Mafra, Ericeira e Enxara dos Cavalleiros, a Fernão Martins Coutinho, dizendo-se que foram de D. Diogo, de D. Violante e de D. Maria Telles, portanto de seu marido, datada de Lisboa 25-VII-1396; e tambem apparece (Cf. Chanc. cit., liv. III, fl. 30 v.) a carta de concessão para a Enxara dos Cavalleiros ser villa tendo «jurisdição apartada sobre si», passada ao mesmo Fernão Martins Coutinho e a sua mulher D. Leonor, datada do Porto, 5-IX-1394. Pelas datas sabe-se que a Enxara era d'aquelle, antes de ter carta de doação, o que leva a concluir que Sousa não alterou a verdade, só se enganou na citação do documento, que não será de chancellaria; a publicação, na integra, de todos os documentos aqui citados e de outros muitos indicados nos indices das chancellarias, deve ser a base do estudo da historia de Mafra, e, respectivamente, de qualquer terra ou de qualquer assumpto similar. Casou tres vezes, esta senhora; a primeira, com o dito Fernão Martins Coutinho, em que, D. João I ratificou e confirmou, segundo a melhor interpretação, os supracitados senhorios (Na Chanc. de D. João I, livro II, pag. 122, está a doação de Mafra, feita em 25-VII-1396); a segunda, com Affonso Vasques de Sousa, e a terceira, com Mem Rodrigues de Refoyos (Cf. loc. cit., pag. 290); do primeiro marido, houve D. Brites Coutinho, que casou com D. Pedro de Menezes, primeiro conde de Villa Real e segundo conde de Vianna, e D. Filippa Coutinho, que casou com Luiz Alvares de Sousa, segundo senhor de Bayão. D. Brites, condessa de Vianna, teve, de seu marido, unica, D. Izabel Coutinho que c. c. D. Fernando de Vasconcellos, filho de D. Affonso, senhor de Cascaes e de D. Maria de Vasconcellos, filha de Joanne Mendes de Vasconcellos, senhor do morgado de Soalhães, instituido por Vasco Annes, bispo de Lisboa, em 13-V-1304, e, depois, sendo arcebispo de Braga, «fez outra instituição para o morgado de Soalhães em que deu a apresentação da conesia (chamada de Mafra, ou das Abitureiras) na sé de Lisboa aos senhores d'este morgado» (Cf. Sousa, *Hist. Gen. da Casa Real,* tomo XII, pag. 5 a 10), esta conesia passou para o padroado real (Loc. cit., pag. 10).

Para seguir a continuação d'este senhorio, basta estudar Sousa (*Hist. Gen. da Casa Real,* tomo XII) e vêr Brandão (*Mon. Lus.,* parte VI, livro XVIII, cap. VII); permanece, por successão, nos condes e senhores de Penella; D. João Luiz de Vasconcellos e Menezes, 17.º senhor de Mafra, já bastardo, casa com a representante do descobridor do Brazil, Pedro Alvares Cabral ou de Gouvêa; d'estes nasce uma unica filha herdeira que casa com o representante da casa Villa Nova da Cerveira, em cujos descendentes permaneceu a representação de Pedro Alvares Cabral e o senhorio de Mafra um pouco *ad honorem,* depois do foral dado por el-rei D. Manuel.

E, eis-aqui estão as consequencias d'uma caçada ou d'um passeio militar do conde de Bolonha, em que, naturalmente, por acaso foi pousar á Enxara dos Cavalleiros, nos braços da famosa saloia Marina Pires.

Mafra



insi que nous l'avons dit et démontré dans un autre article, D. Lopo Dias de Sousa, le dernier Sousa du Portugal, fut le huitième seigneur de Mafra, parce qu'il était le fils unique et le seul héritier de Alvaro Dias de Sousa et de sa femme D. Maria Telles de Menezes et parce que le septième seigneur Gonçalo Rodrigues de Sousa était parti en Castille où il combattait contre le Portugal; pour cette raison le Maître d'Aviz donna au fils de D. Maria Telles toutes les terres que cette dame avait vendues à son cousin déjà cité (Cf. Sousa, *Hist. Gen. de la Maison Royale,* tome XII, page 280, et Chancellerie de D. Fernando, livre I, page 92, apud loc. ibidem). Comme maître de l'ordre du Christ il lui était interdit de se marier, mais il eut neuf enfants bâtards, entre autres une dame qu'il reconnut légitimement dans ce registre que nous avons transcrit et publié ailleurs: Acte de légitimation de D. Leonor de Sousa, fille de D. Lopo Dias, maître de l'Ordre des Chevaliers de Jésus-Christ et de Catelina (Catherina) Telles, fille non mariée lors de cette naissance, passé à Porto le 16 juin 1422 (1384) (Chancellerie de D. João Ier, livre II, fl. 81 v.). C'est cette dame qui fut la quatrième maitresse de Mafra, de Enxara dos Cavalleiros, etc., par donation dotale de son père dont il paraît qu'elle était la fille aînée; du moins elle fut la première qu'il légitima; dans cette donation faite le 30 mars 1393, il était stipulé qu'on prélèverait des rentes de Ericeira le nécessaire pour payer un chapelain et deux pratiquants à Mafra afin de prier pour les âmes de D. Diogo Affonso de Sousa et de D. Violante Lopes (Cf. Sousa, *Hist. Gen. de la Maison Royale,* tome XII, page 291). C'est l'opinion de Sousa, cependant nous n'avons pas trouvé à la place indiquée le document cité et l'index de cette Chancellerie n'en fait pas mention; nous trouvons (Cf. Chancellerie de D. João Ier, livre II, fl. 122) l'acte de donation de Mafra, Ericeira et Enxara dos Cavalleiros passé à Fernão Martins Coutinho, ajoutant que ces biens appartenaient à D. Diogo, à D. Violante et à D. Maria Telles ainsi qu'à son mari; ce document est daté de Lisbonne le 25 juillet 1396; un acte semblable concédait à Enxara dos Cavalleiros le privilège de ville avec sa juridiction spéciale, passé au même Fernão Martins Coutinho et à sa femme D. Leonor et daté de Porto le 5 novembre 1394 (Cf. Chanc. cit., liv. III, fl. 30 v.). On voit donc par ces dates que Enxara lui appartenait déjà même avant l'acte de donation, ce qui nous prouve que Sousa n'a pas altéré la vérité, il s'est seulement trompé dans la citation du document qui n'est pas de la Chancellerie; la publication complète de tous les documents cités ici, et de beaucoup d'autres indiqués dans les index des Chancelleries doit être la base d'une étude historique de Mafra et de toutes les autres villes. D. Leonor se maria trois fois, la première avec Fernão Martins Coutinho ce qui donna lieu à la confirmation probable des seigneuries déjà citées (dans la Chanc. de D. João Ire, livre II, page 122, se trouve la donation de Mafra faite le 25 juillet 1396); elle épousa en secondes noces Affonso Vasques de Sousa et plus tard Mem Rodrigues de Refoyos (Cf. loc. cit., page 290); du premier mariage nâquirent D. Brites Coutinho qui épousa D. Pedro de Menezes, premier comte de Villa Real et deuxième comte de Vianna, et D. Filippa Coutinho qui épousa Luiz Alvares de Sousa, deuxième seigneur de Bayão. D. Bristes, comtesse de Vianna, eut de son mari une fille unique D. Izabel Coutinho qui se maria à D. Fernando de Vasconcellos, fils de D. Affonso, seigneur de Cascaes, et de D. Maria de Vasconcellos, fille de Joanna Mendes de Vasconcellos, et seigneur du majorat de Soalhães; Vasco Annes, évêque de Lisbonne, après avoir institué ce majorat le 13 mai 1304, ajouta plus tard lorsqu'il fut archevêque de Braga d'autres dignités importantes y compris celle du canonicat de Mafra ou des Abitureiras, présentée à la cathédrale de Lisbonne par les seigneurs de ce majorat (Cf. Sousa, *Hist. Gen. de la Maison Royale,* tome XII, page 5 à 10); ce canonicat resta plus tard sous le patronage royal (Loc. cit., page 10).

Pour bien suivre la continuation de cette ligne segneuriale il suffit d'étudier Sousa (*Hist. Gen. de la Maison Royale,* tome XII) et de consulter Brandão (*Mon. Lus.,* partie VI, livre XVIII, chap. VII); elle continue par succession chez les comtes et seigneurs de Penella; D. João Luiz de Vasconcellos e Menezes, dix-septième de Mafra, bâtard, épousa la seule représentante de Pedro Alvares Cabral ou Gouveia, auquel nous devons la découverte du Brésil; ils eurent une fille unique qui épousa l'héritier de la maison de Villa Nova de Cerveira et dans leurs descendants se continua la représentation de Pedro Alvares Cabral et la seigneurie de Mafra simplement *ad honorem* après la charte passée par le roi D. Manuel. Et voilà quelles furent les conséquences d'une chasse ou d'une promenade militaire du

Paço-mosteiro de Mafra

Pedro Alvares de Gouvêa foi a causa de ser edificado em Mafra o paço-mosteiro que tornou celebre esta villa, quasi extincta ao começar o seculo xviii (Cf. Antonio Carvalho da Costa, *Corografia portugueza,* tomo iii, pag. 45, e as que se referem aos arredores (Em 1712), e confr. com D. Luiz Caetano de Lima, *Geografia historica,* tomo ii, pag. 655, ibidem ((Em 1736)) pelas causas apontadas por Paulo de Moraes (Cf. *Inquerito agricola — Estudo geral da economia rural da 7.ª região agronomica* (Lisboa 1889) cap. xiv e cap. xv, até pag. 381), com respeito á raça, e por J. F. N. Delgado e Paul Choffat (Cf. *Carta geologica de Portugal,* 1899), com respeito ao sólo.

No descobrimento e segurança da posse da America do Sul para Portugal, está a causa monetaria, bem conhecida; na influencia do seu representante e sexto neto D. Thomaz de Lima Vasconcellos Brito e Nogueira, 12.º visconde de Villa Nova da Cerveira e 20.º senhor de Mafra, exercida para que a edificação se fizesse n'esta sua villa (Cf. Fr. João de S. Joseph do Prado, *Monumento Sacro da fabrica e solemnissima sagração da Santa Basilica do Real Convento, que junto á villa de Mafra dedicou a N. Senhora e Santo Antonio a Magestade Augusta do Maximo Rey D. João V* (Lisboa, 1751), pag. 2 e 3) está a causa locativa.

Já o 15.º senhor de Mafra, D. João de Vasconcellos e Menezes, no anno de 1622, em que desposou a terceira neta e representante do descobridor do Brazil, intentára «edificar na sobredita villa um convento á nossa Provincia da Arrabida» (Cf. loc. cit., pag. 1), mas, então, as circumstancias eram muito differentes e nada se fez, transmittindo esta ideia, latente, aos seus descendentes, até que o seu bisneto, aproveitando favoraveis acontecimentos, poz em pratica esta especie de voto dos representantes do famoso navegador; assim, Pedro Alvares de Gouvêa ou Cabral duas vezes deu causa á fundação do paço-mosteiro ordenada por D. João v, no sitio da Vela, a Éste de Mafra.

O motivo que levou este senhor a projectar e mandar executar esta obra não é claramente conhecido; um simples contracto com a Natureza para lhe dar um filho, segundo se diz e affirma (Cf. loc. cit., pag. 2, e Sousa, *Hist. Gen. da Casa Real,* tomo viii, pag. 247), parece-nos pueril demais para o meado do seculo xviii, ainda que em Portugal; a qualidade caracteristica de D. João era o fausto: engrandecer a sua casa, reformar as suas guardas, fundar academias, mosteiros e palacios reaes, alcançar privilegios e até construir o porto artificial de Lisboa (Cf. *Description de la ville de Lisbonne* (Paris, 1730) pag. 48-49), acima de tudo, dominar todas as forças do Estado pela sua força absolutamente real; outro Luiz xiv, a quem devêra a corôa. Orientando-se por este systema de se tornar notavel, era natural que quizesse fundar um monumento que lhe servisse de padrão; nas sciencias, n'esse tempo bem perseguidas em Portugal, e nas letras, reduzidas a laudo-theologia, n'este paiz, ficava a Academia Real da Historia Portugueza; mas para deslumbrar pelo tamanho, mandou, em 1717, construir o paço-mosteiro de Mafra.

A approvação do plano apresentado pelo ourives da prata, Ludovice, lutherano e abjurado em Roma (Cf. Habilitações na Ordem de Christo, m. 92 — n.º 23, feitas a proposito de seu filho João Pedro), creatura dos jesuitas, que o trouxeram para Portugal e lhe confiaram as obras do collegio de Santo Antão, promovendo que el-rei lhe encarregasse as da bibliotheca da Universidade de Coimbra, parece indicar a preponderancia d'estes n'este caso; depois, a nomeação dos franciscanos para habitarem o mosteiro e a formação da escóla d'artes e officios, ainda que inferiores, assignala a continuação da disfarçada preponderancia dos jesuitas, já notada na posse da famosa capella de S. João Baptista, engastada na sua egreja de S. Roque. Coimbra e Evora pertenciam-lhes, precisavam um ponto de apoio junto a Lisboa; seria a Universidade de Mafra.

Veio, depois, o implacavel e glorioso Marquez e libertou a velha Universidade, escravisada, e as duas que iam em formação, do jugo dos inimigos da nossa prosperidade; seguiram-se as invasões; depois, as revoluções, e o progresso aniquilou o que era retrogrado.

Nós crêmos que foi esta a causa da fundação d'este edificio e que, nunca, na sala da Galé dos Paços da Ribeira, se travou tal conversa entre o capellão-mór Cunha e o conde de Santa Cruz, pae do famoso regicida marquez de Gouvêa e duque de Aveiro, interrompida pela entrada do compadre do dito conde, fr. Antonio, que respondeu com phrases sybilinas ao pedido do capellão-mór (Cf. Fr. João de S. Joseph do Prado, *Mon. Sac.,* pag. 2 e 3); ou que, se se travou, dada a ligação da familia Santa

comte de Boulogne et d'une halte de quelques heures à Enxara dos Cavalleiros dans les bras de la fameuse villageoise Marina Pires.

Palais-monastère de Mafra

Pedro Alvares de Gouveia fut le premier qui pensa à édifier le palais et le monastère de Mafra rendant célèbre cette ville presque ignorée au commencement du xviiime siècle (Cf. Antonio Carvalho da Costa, *Corographia portugueza,* tome iii, page 45 et les autres pages qui se rapportent aux environs (an 1712) et confr. avec D. Luiz Caetano de Lima *Géographie historique,* tome ii, page 655, ibidem, ((en 1736)). Paulo de Moraes dans son *Enquête agricole — Etude générale de l'économie rurale de la 7me région agronomique* (Lisbonne, 1889), chapitre xiv, xv jusqu'à la page 381) étudie les causes par rapport à la race, et J. F. N. Delgado et Paul Choffat dans la *Carte géologique de Portugal,* 1899, étudient le sol. La prosperité financière a eu son origine pour le Portugal dans la découverte et la possession de l'Amérique du Sud; D. Thomaz de Lima e Vasconcellos Brito e Nogueira, 12me vicomte de Villa Nova de Cerveira et 20me seigneur de Mafra, 6me décendant de Pedro Alvares Gouveia, usa de toute son influence pour que cette édification fut élevée dans ses terres (Cf. Frei João de S. Joseph do Prado, *Monument sacré de la consécration solennelle de la Sainte Basilique du Royal Couvent dédié à Notre Dame et à St. Antoine par l'Auguste Majesté du Grand Roi D. João V* près de la ville de Mafra (Lisbonne 1751), page 2 et 3).

D. João de Vasconcellos e Menezes, 15me seigneur de Mafra, en 1622, lors de son mariage avec la 3me descendante de Pedro Alvares Cabral, avait déjà eu l'idée «d'édifier dans cette ville un couvent à notre Province d'Arrabida» (Cf. loc. cit., page 1); mais dans ce temps-là les circonstances n'étaient guère favorables et on ne pût rien faire; cependant l'idée se transmit à ses descendants jusqu'à ce que son arrière petit-fils, profitant de quelques évènements propices, put mettre en pratique cette espèce de vœu des représentants du fameux navigateur; ainsi Pedro Alvares de Gouveia ou Cabral fut deux fois la cause de la fondation du monastère ordonnée par D. João v dans l'endroit de Vela à l'est de Mafra. On ne connait pas clairement le motif qui induisit le roi à faire exécuter ce travail; quelques uns assurent que ce fut un simple contrat avec la nature afin d'avoir un héritier, mais cette cause nous semble trop puérile, quoique ceci ce passât en Portugal vers la moitié du xviiime siècle (Cf. loc. cit., page 2, et Sousa, *Hist. Gen. de la Maison Royale,* tome viii, page 247); une des qualités les plus caractéristiques de D. João était le faste, le désir d'augmenter sa maison, de réformer ses gardes, de fonder des académies, des couvents, et des palais royaux, d'obtenir des privilèges et même de construire un port artificiel de la ville de Lisbonne (Cf. *Description de la ville de Lisbonne* (Paris, 1730), page 48-49); son plus grand désir était de dominer toutes les forces de l'État par sa force absolument royale, imitant Louis xiv auquel il devait sa couronne. Orienté par ce système de devenir célèbre, il était naturel qu'il voulut fonder un monument qui le perpétua dans l'avenir; comme hommage aux sciences si mal comprises en Portugal et aux lettres réduites à la théologie, il avait institué l'Académie Royale d'Histoire Portugaise; mais pour éblouir par la grandeur il fit construire en 1717 le palais-monastère de Mafra. Le plan présenté par l'argentier Ludovice, luthérien ayant abjuré à Rome (Cf. Préparations à l'Ordre du Christ, m. 92 — n.º 23 faites à propos de son fils João Pedro) créature des jésuites qui l'avaient amené en Portugal, le chargeant des travaux du Collège de St. Antão, semble indiquer toute la préponderance jésuitique; le roi avait aussi chargé Ludovice de la construction de la bibliothèque de l'Université de Coimbra; plus tard la concession des franciscains pour habiter le monastère et la fondation d'une école d'arts et métiers quoique très inférieure, signale bien la continuelle prépondérance des jésuites remarquée déjà dans la fameuse chapelle de S. João Baptista enchassée dans l'église de S. Roque. Coimbra et Evora leur appartenaient mais il leur fallait un point d'appui près de Lisbonne; ce serait l'Université de Mafra.

Mais l'implacable et glorieux marquis de Pombal vint délivrer la vieille Université et les deux qui étaient en train de se former, de leur long esclavage et du joug des ennemis de notre prospérité; des invasions, des révolutions, se suivirent et le progrès anéantit tout ce qui était rétrograde.

Nous croyons que telle fut la cause de la fondation de cet édifice et que la conversation légendaire entre le grand aumônier Cunha et le comte de St. Cruz, père du fameux régicide marquis de Gouveia et duc d'Aveiro dans la salle da Galé du palais de Ribeira n'a jamais existé; de même que l'interruption de Frei Antonio, compère du comte, et la réponse ambigüe de celui-ci (Cf. Fr. João de S. Joseph

Cruz com os jesuitas, que a impelliram contra el-rei D. José, assim se iam lançando os fundamentos do que depois havia de ser.

Estudados os antecedentes e, pondo de parte as impressões dos viajantes e as descripções dos portuguezes, vamos vêr, agora, o Paço-mosteiro de Mafra.

O Absoluto encontrou n'este monumento a mais alta consagração, quer na fórma da ideia primitiva de um Deus, quer no desdobramento do seu poder n'um Rei; se grandeza se representa em outra grandeza, pondo de lado as subtis percepções da arte. A disciplina romana, adoptada nas esteriorisações do culto liturgico de Christo, lá está representada pelo estylo usado no Lacium, ao centro da fachada; a disciplina germanica, adoptada nas legislações dos reis medievaes, lá está indicada nos torreões imponentissimos, onde o estylo romano só foi decorativo; e parece que houve a ideia, orgulhosa e irreverente, de tornar mais nobres os paços que o templo, só assim se explica o fecho da portada magnifica pelo humilde triangulo frontão que lá se vê, esmagado pelas torres, altas e graciosas, onde se levantam continuamente, sobre os dois planos de estylo romano-liturgico, os fachos da fé d'um povo indifferente n'um Deus ignoto, ardendo sempre em chammas de pedra fria, em volta dos gallos denunciadores de Pedro, nas lendas christãs, e, agora, do curso dos ventos e da terra, do porto, quando os pescadores da Ericeira se aventuram ao Noroeste, para onde elles chamam o *mar novo.* Lá para traz meio escondido, o grande zimborio, tambem ornado de fachos, sob a esphera e a cruz, semelhantes aos das torres e aos do triangulo-frontão, tem todas as bellezas do estylo romano e move a lamentar que a crueldade do architecto o deixasse escondido.

Da observação minuciosa, conclue-se que a parte divina é bellissima e a parte real imponente, mas que da ligação não resultou harmonia; e é esta a causa dos exaggeros de censura e dos exaggeros de elogio. Tambem, as doutrinas christãs nunca ligaram bem com o absolutismo; e, não havendo harmonia na ideia, nunca póde haver harmonia na fórma. As frentes do Norte, Éste e Sul são mediocres, e só no andar nobre, onde corre o Paço, sempre em volta, se conhece maior cuidado.

Veremos, agora, a Egreja, depois o Paço; quanto ao Mosteiro, quasi todo entregue ao Ministerio da Guerra, além da entrada principal, do lado do Sul, das magnificas escadas e da Casa do Capitulo, forrada de marmores de varias côres, nada mais tem de notavel. A antiga Sala dos Actos é hoje tribunal civil; as torres pertencem ás Obras Publicas, encarregadas dos famosos carrilhões, e o Refeitorio e cozinhas do Mosteiro pertencem ao Paço. Entramos n'esta minucia para destrinçar o Paço, do Mosteiro; é vulgar confundir, apesar da optima descripção de fr. João de S. Joseph do Prado; aos guias pertencem as minucias; aqui, guiar-nos-hemos pelas phototypias que acompanham o texto, sem, sequer, notar as datas em que as magestades, desde D. João v, estiveram no seu paço de Mafra, e com que melhoramentos o accrescentaram; sem, sequer, especialisar qual foi a acção dos franciscanos (Vide *Ceremonial moderno da provincia da Arrabida, segundo o rito romano,* etc., por fr. João de S. Joseph do Prado, primeiro mestre de ceremonias da Real Basilica de Mafra (Lisboa, 1751)), da fundação até 1771, e, depois, de 1792 a 1834; ou a dos conegos regrantes (Vide nas *Mem. da Acad.,* tomo I e tomo II, as *Observações* de D. Joaquim da Assumpção Velho, feitas de 1783 a 1786 no Real Collegio de Mafra) de 1771 a 1792, e, depois, de 1834 até á extincção das ordens sedentarias.

Passado o vestibulo, onde se vêem muitas estatuas de santos, entre as quaes a soberba estatua de S. Sebastião e as duas, aqui reproduzidas, de S. Jeronymo e S. Bruno, entra-se na Egreja. Notar, com minucia, a belleza dos marmores com que foi construida, especialisar as portadas de marmore negro, os pavimentos e as columnas; depois, analysar os bronzes dos cancellos e, passando á expressão figurada, estudar as estatuas e os relevos, dois dos quaes aqui reproduzidos; ir á parte laudativa, e vêr os orgãos e, finalmente, os paramentos, de sêda, bordados a sêda, é trabalho interessante e agradavel; a Egreja é uma exposição de marmores nacionaes e estrangeiros e de bronzes; não ha duvida que é o melhor monumento levantado em Portugal ao Christo de Roma, no estylo romano; da mesma fórma que o templo da Batalha é o melhor monumento levantado em Portugal, no estylo gothico-inglez, ao Christo dos godos. Herculano fallou n'isto e fez comparações de estylos, nós fazemos comparações de ideias, e perguntamos: qual dos Christos seria o verdadeiro?

Mas, entremos no Paço, as escadas da frente são amplas, de ambos os lados, mas não correspondem ao que se esperava, parece que houve tenção de fazer a entrada pelo lado do Nascente; uma escada larguissima, assente sobre columnas, iria dar á casa onde hoje está a Bibliotheca; mas tal não se fez. Excepto

du Prado, *Mon. Sac.,* pag. 2 et 3); la famille de St. Cruz très liée avec les jésuites aurait peut-être agi influencée par ceux-ci contre le roi D. José et contribué ainsi pour la réalisation des faits réalisés plus tard. Nous avons étudié les antécédents et mettant de côté les impressions des voyageurs et les descriptions des portugais pénetrons maintenant dans le palais-monastère de Mafra.

Dans ce monument l'absolu a trouvé la plus haute consécration, soit dans son idée primitive d'un Dieu, soit dans l'abdication du pouvoir divin dans celui d'un roi; si toutefois il est permis de représenter une grandeur par une autre grandeur mettant de côté les plus subtiles perceptions de l'art. La discipline romaine adoptée dans toutes les exteriorités du culte liturgique chrétien s'y trouve représentée au centre de la façade par le style du Latium; la discipline germanique employée par les rois du moyen-âge est bien indiquée par les tours imposantes où le style romain entre à peine comme décoration; il semble qu'on a eu l'idée orgueilleuse et irrévérente de donner plus de majesté au palais qu'au temple; c'est la seule explication qu'on puisse trouver à ce magnifique portail surmonté d'un humble fronton triangulaire écrasé par les deux tours élevées et gracieuses décorées dans le style liturgique romain avec les flambeaux de la foi d'un peuple indifférent, envers un Dieu caché, brûlant sur d'ardentes flammes de marbre; au sommet des tours on voit les coqs dénonciateurs de Saint Pierre dans la légende chrétienne, servant actuellement de girouettes pour indiquer la marche des vents lorsque les pêcheurs de Ericeira s'aventurent vers les rudes marées du nord-ouest. Plus en arrière, s'élève le grand dôme également orné de flambeaux sous la sphère et la croix, semblables à ceux des tours et du fronton, et il est regrettable que l'insouciance de l'architecte aît laissé à demi cachée une partie si importante de la construction.

Après une observation minutieuse on conclût que la partie divine est très belle et la partie royale très imposante, mais que de leur liaison il n'est pas résulté d'harmonie; telle est la cause des exagérations blamâbles et louangeuses dont cet édifice a été l'objet. Les doctrines chrétiennes ne se sont jamais bien alliées avec l'absolutisme et lorsqu'il n'y a pas d'harmonie dans l'idée elle ne peut exister dans la forme. Les façades du nord, de l'est, et du midi sont très médiocres, seul l'étage principal, destiné tout alentour à l'habitation royale a mérité quelques soins. Voyons maintenant l'église, puis le palais; quant au monastère, appartenant aujourd'hui presque entièrement au ministère de la guerre, on n'y trouve de remarquable que l'entrée principale du côté sud, les magnifiques escaliers et la salle du chapitre décorée de marbres aux couleurs diverses. L'ancienne salle des actes est devenue le tribunal civil; les tours appartiennent au ministère des travaux publics chargé des fameux carillons, le réfectoire et les cuisines du monastère sont au service de la maison royale. Nous sommes entrés dans ces détails pour bien séparer le palais et le monastère que l'on confond vulgairement malgré la description parfaite qu'en a fait frère João de St. Joseph do Prado. Les guides se chargent des minuciosités; pour le moment nous nous rapporterons aux phototypies qui accompagnent cet article, sans même noter les dates où nos rois depuis D. João v ont habité leur palais de Mafra et les améliorations qu'ils y ont ajoutées; nous ne spécifierons pas non plus quelle fut l'action des franciscains depuis la fondation du monastère jusqu'à 1771 et plus tard de 1792 à 1834 (Vide *Ceremonial moderne de la province d'Arrabida,* d'après le rite romain, etc., par frei João de St. Joseph do Prado, premier maître de céremonies de la Basilique Royale de Mafra (Lisbonne 1751); nous omettrons également l'influence des chanoines réglants depuis 1771 à 1792 et de 1834 jusqu'à l'extinction des ordres sédentaires (Vide dans les *Mem. de l'Acad.,* tome I-II, les *Observations* de D. Joaquim d'Assumpção Velho, faites depuis 1783 à 1786 au Royal Collège de Mafra). Passé le vestibule où l'on voit beaucoup de statues de saints, entre autres celle de St. Sébastien et celles de St. Jérôme et St. Bruno ici reproduites, entrons dans l'église; il faut remarquer soigneusement la beauté des marbres, spécialement le portail, le pavé, et les colonnes en marbre noir; analyser ensuite les bronzes des grillages et étudier les statues et les bas-reliefs dont nous reproduisons deux; observant ce qui se rapporte au culte nous admirons les orgues, et les ornements de soie richement brodés, d'un travail intéressant et précieux; l'église est une exposition de marbres et de bronzes nationaux et étrangers et peut être considérée comme le plus beau monument de style romain élevé en Portugal au Christ de Rome; de même que le temple de Batalha est le plus précieux monument érigé en Portugal dans le style anglo-gothique au Christ des goths.

Herculano en a parlé et a comparé les styles; nous rapprochons les idées en demandant: lequel des deux Christ était le véritable?

a portada da Egreja, até á altura das janellas, toda a frente pertence ao Paço, ainda toda a parte Norte e Sul do edificio, até meio, pertence ao Paço; o andar nobre, que vae á volta do edificio, onde se encontra a Bibliotheca, é, e foi sempre, paço. No pavimento do primeiro andar do torreão sudoeste habita S. M. El-Rei, quando está em Mafra; no pavimento superior, no andar nobre, n'esse torreão, estão os quartos de S. M. A Rainha, e, seguindo, n'esse andar, pela frente, passa-se a casa das tribunas para a Egreja, a que chamam de *benedictione,* onde estão as tres janellas maiores, entremeadas, do lado de fóra, com as estatuas do inquisidor S. Domingos e do fundador dos menores S. Francisco; segue-se para o Norte, e encontram-se os aposentos chamados dos principes, no torreão noroeste, volta-se á direita, segue-se, frente ao Nascente, e encontram-se, no angulo nordeste, os aposentos do bibliothecario; é tradição que habitou aqui o infante D. Miguel (Communicada pelo snr. Julio Ivo); referindo-se-lhe, diz fr. João de S. Joseph do Prado, obra citada, pag. 134: «na galeria em que corre a livraria, tem a cada n'um dos lados um quarto com toda a accommodação para qualquer Principe se alojar, com uma escada n'elle para fóra e toda a commodidade para se servir, cozinha, casas de creados, lojas, tudo com separação do Palacio», quer dizer: serventia independente; pelas duas portas, que se vêem na phototypia junta, communicam estes aposentos com a Bibliotheca que, d'esse lado, se vê, na phototypia, até ao centro; contiguo á Bibliotheca, do lado do Sul, angulo sueste, fica o quarto a que se refere a descripção transcripta; depois, segue-se pela galeria sul, encontra-se a casa de jantar do Paço, passam-se dois salões de recepção e chega-se ao torreão sudoeste, d'onde partimos. N'este passeio em volta, no Paço, é necessario ir vendo algumas capellas, notabilissimas pelos marmores. A applicação das casas do primeiro andar do lado do Poente é definida, na obra citada, pag. 135; entre a portada e o torreão noroeste, no pavimento onde estão os quartos de S. M. El-Rei, habitava d'antes o Conde de Mafra e hoje habita, uma parte do anno, seu filho dr. D. Thomaz de Mello Breyner.

Tendo visto muitas portas a dividir as galerias e muitas janellas, tudo de madeiras magnificas do Brazil e nacionaes; tendo subido ao terraço e admirado Cintra, o Mar, as Berlengas, e, pelo lado Nascente, os montes frondosos da Tapada; tendo bem certa a noção de que o fundador alcançou o seu desejo, dominando aquelles campos monotonos com um edificio-cidade; tendo, mesmo, percorrido a Tapada e visto saltar, pelos caminhos que dominam extensões vastissimas, os veados e os gamos; mais além, passar um rebanho de zebús, baloiçando as enormes corcovas, e aqui, os coelhos correndo aos cardumes; feito isto, que póde restar a fazer? Subir ao Paço e entrar na Bibliotheca, vêr ainda a talha Luiz XV, que reveste as paredes, e dedicar, inteiramente, a nossa attenção ao estudo dos livros raros e rarissimos: incunabulos, elzevires, etc., ao todo 30:000 volumes, e livros d'horas mss. illuminados; musicas mss. de M. A. Portugal, J. de Sousa, J. J. dos Santos, E. F. Leal, J. M. da Silva, J. J. Baldi, A. L. Moreira, etc. e dos cantores italianos Antonio Puzzi, Fortunato Mazziotti, etc.; na parte artistica: o retrato do fundador, e ferros magnificos, nas encadernações dos livros, por nós mesmo collecionados.

Não se julgue que a Bibliotheca foi, sempre, um logar de estudo; nos *Apontamentos, desde 1800 a 1832,* de Eusebio Gomes, almoxarife do Paço de Mafra (Ms. pertencente ao snr. Julio Ivo, a quem agradecemos a permissão de transcrever isto), lê-se o seguinte: «Em todas as tres noites houve serenata na casa immediata á Livraria, onde cantaram Crescentini, Angeleli, Persegil e outros musicos italianos acompanhados com instrumental, e na terceira noite cantou a famosa Cantarina, a Catalam, da casa de S. Carlos. — Na Livraria armou-se um tablado onde, depois d'esta funcção, fez o Pinet muitas habilidades em uma só noite. O aperto era tanto que não podia passar a mais e os frades tinham tido permissão para poderem ir gosar d'estes divertimentos; porém, os que lá foram, soffreram insultos muito atrevidos dos seculares; alli, cada um parecia que estava em sua casa.» Isto passou-se em 4 de novembro de 1801, festejando a paz geral.

E se, retrocedendo á supposta ideia primitiva, mas com intuitos absolutamente differentes, toda a parte do mosteiro ainda fosse transformada n'uma grande universidade: na Universidade de Mafra?

Ayres de Sá.

MAFRA

Pénétrons dans le palais dont les escaliers assez vastes ne correspondent pas tout-à-fait à ce que l'on attendait; il semble qu'on avait eu l'intention de faire l'entrée par le côté est, et qu'un large escalier appuyé sur des colonnes conduirait directement à la bibliothèque; mais ce plan n'a pas été exécuté. Excepté le portail de l'église jusqu'à la hauteur des fenêtres, toute la façade principale, ainsi que la partie nord et sud jusqu'au milieu, appartiennent au palais actuellement; l'étage principal tout autour de l'édifice y compris la partie où se trouve la bibliothèque a toujours fait partie de l'habitation royale. Au premier étage de la tour du sud-ouest sont les appartements de Sa Majesté le Roi, au dessus se trouvent ceux de Sa Magesté la Reine; en suivant cet étage sur la façade principale on passe par la salle des Tribunes de l'église surnommée de *benedictione.* Cette salle reçoit le jour par les trois grandes fenêtres au dessus du portail; extérieurement ces fenêtres sont séparées par les statues de Saint Dominique, l'inquisiteur, et Saint François, le fondateur des ordres mineurs; suivant toujours vers le nord nous trouvons dans la tour du nord-ouest les appartements nommés des princes; tournant à droite on suit toujours la façade du levant et on se trouve à l'angle nord-est dans les appartements du bibliothèquaire; la tradition nous dit que ces appartements étaient habités par l'infant D. Miguel (communication de Mr. Julio Ivo). Frei João de Saint Joseph do Prado dans l'ouvrage que nous avons cité page 134 dit: Dans la galerie qui sert de bibliothèque on trouve, des deux côtés, des appartements assez vastes pour loger des princes, avec des escaliers indépendants, cuisines, chambres de domestiques, caves, le tout entièrement séparé du palais; les deux portes que l'on voit sur la phototypie font communiquer ces appartements avec la bibliothèque que nous voyons ici jusqu'au centre. Près de celle-ci du côté sud à l'angle sud-ouest se trouvent les appartements décrits ci-dessus; on suit la galerie du sud jusqu'à la salle à manger du palais, en passant par deux salles de réception, et on arrive à la tour du sud-ouest aux appartements du roi dont nous avons parlé. Dans ce trajet tout autour du palais il faut remarquer quelques chapelles dont les marbres sont précieux. Les appartements du premier étage sont ainsi divisés; entre le portail et la tour du nord-ouest, près des appartements de Sa Majesté le Roi, habitait autrefois le comte de Mafra, et actuellement son fils, le docteur D. Thomaz de Mello Breyner y séjourne une partie de l'année.

Tous ces appartements sont munis de portes et de fenêtres en magnifiques bois des îles, du Brésil, et du pays; des superbes terrasses on admire le magnifique panorama de Cintra, les îles Berlengas, l'océan et les collines verdoyantes de la forêt. On se rend bien compte du désir réalisé par le roi D. João V en dominant tous ces champs monotones avec un édifice qui était presque une ville; en parcourant les routes et les sentiers de la forêt on voit sauter au loin les cerfs et les chevreuils, près de nous passe un troupeau de bisons balançant leurs enormes bosses et les lièvres s'enfuient par troupes. Montons au palais et entrons dans la bibliothèque pour admirer les riches boiseries Louis XV qui recouvrent les murs et prêter entièrement notre attention aux plus rares elzévirs, aux plus précieux livres d'heures enluminés que nous ayons vus; en tout trente mille volumes; il y a aussi une riche collection de musiques de M. A. Portugal, J. de Sousa, J. J. dos Santos, L. F. Leal, J. M. da Silva, J. J. Baldi, A. L. Moreira, etc., et des chanteurs italiens Antonio Puzzi, Fortunato Mazziotti, etc. La décoration est artistiquement complétée par le portrait du fondateur, des ferrures magnifiques et de précieuses reliures des livres collectionnés par nous.

Cependant la bibliothèque n'a pas toujours été un lieu d'étude; dans les *notes* depuis 1800 à 1832 de Eusebio Gomes, intendant du palais de Mafra (ms. appartenant à Mr. Julio Ivo qui nous a permis de transcrire ceci) on lit ce qui suit: «Pendant trois nuits il y eut des sérénades dans le salon près de la bibliothèque où l'on entendit chanter Crescentini, Angeleli, Persegil et encore d'autres musiciens italiens accompagnés à grand orchestre; la fameuse Cantarina, la Catalane, du théatre de S. Charles y chanta aussi pendant la troisième soirée. Dans la bibliothèque on éleva un tréteau où après le concert Pinet exécuta des tours d'adresse. La foule était si compacte qu'on ne pouvait pas circuler; les moines avaient eu la permission d'assister à ces divertissements, mais ceux qui s'y hasardèrent souffrirent de graves insultes de la part des laïques; chacun semblait être chez soi». Ceci se passa le 4 novembre 1801 pour fêter la paix générale.

Et si, en revenant à la première idée, mais avec une orientation tout-à-fait différente, on instituait dans toute la partie du monastère une grande Université qui se nommerait l'université de Mafra?

(Traducção da exc.ma snr.a D. Virginia Baptista).

Aveiro

Egreja e cruzeiro de Nossa Senhora da Gloria



ENTRE os melhoramentos com que o infante D. Pedro, duque de Coimbra, dotou a sua villa de Aveiro, conta-se o convento de frades dominicos, que o mesmo fundou em 1423.

Do convento convertido em quartel militar depois da extincção dos frades, incendiado em grande parte em 1843 e vendido ha annos por insignificante quantia, pouquissimo resta, e isso mesmo sem sombra de valor artistico. A egreja, séde desde 1835 d'uma das duas parochias da cidade, a de Nossa Senhora da Gloria pelo qual trocou o antigo nome de Nossa Senhora da Misericordia, é d'uma só nave, bastante espaçosa e cheia de luz. De singela architectura, mas bom aspecto, tem pelas paredes as cruzes indicativas da sua sagração, que fr. Luiz de Sousa fixa em 1464, e no fecho do arco da capella-mór as armas de André de Sousa (Arronches) por ser padroeiro d'ella.

Logo ao entrar, na primeira capella que fica á esquerda, depara-se com um monumento que deve avisinhar-se da fundação do templo. É um tumulo de calcareo de Ançã, estylo gothico, coberto de silvados, cherubins, figuras de selvagens, brazões e ornatos varios, com uma estatua jacente, maior que o natural, tendo em volta uma longa inscripção em caracteres allemães, epitaphio altiloquo d'um guerreiro illustre. Está muito mutilada a inscripção em resultado da mudança do sarcophago, que os frades fizeram uma ou duas vezes, e as juntas de parochia suas successoras na administração da egreja, quatro ou cinco. O homem que alli repousa, João d'Albuquerque, senhor de Angeja, tem o seu nome ligado a uma das expedições portuguezas ás Canarias, no seculo XV, que tão esquecidas andam e que tanto honram o nome portuguez. Na capella-mór, junto ao presbyterio, ha um outro tumulo, em ediculo, estylo renascença, que durante muito tempo passou por ser a sepultura da saudosa Nathercia do nosso grande epico. É de D. Catharina de Athayde, dama da rainha D. Catharina, mulher de D. João III, filha de Alvaro de Sousa (Arronches), e fallecida em 1551.

São tambem apreciaveis os retabulos das capellas da Visitação e de Nossa Senhora da Misericordia, ambos de pedra branca, com algumas douraduras, genero renascença, de bom trabalho. Denunciam que chegou até a Aveiro a irradiação da escóla architectonica que floresceu em Coimbra a partir da segunda metade do seculo XVI, e de que foram progenitores os architectos e esculptores estrangeiros chamados por D. Manoel para Santa Cruz. O primeiro constituido por estatuas de meio ponto, em tamanho pouco menor que o natural, reproduz o encontro de Santa Izabel com a Virgem na habitação d'aquella, mas sem o realismo com que no seculo XVI se representavam as duas primas proximo a serem mães. É composição cheia de vida, com a data da sua construcção — 1559, e as iniciaes F. D., do artista que a executou. Talvez Francisco Dansillo ou Francisco Dias, ambos mestres de pedraria n'essa época. No segundo, o trabalho em pedra emmoldura um precioso painel, especie de triptyco, representando na parte central, a imagem da Virgem com o Filho nos braços. Dois anjos, a um dos quaes Jesus offerece nas pontas dos dedos um rosario, suspendem o manto. Debaixo d'este, de joelhos e mãos postas, um papa, um rei, um principe, um cardeal e differentes frades e freiras com o habito dominico. Nos envasamentos lateraes diversas figuras de santos da ordem dominica, em meio corpo. Não tem data nem assignatura a pintura, que é indubitavelmente do seculo XVI e portugueza de lei, embora n'ella se descubra, como em tantas outras d'esta época, a influencia allemã ou flamenga. A côr fulva das barbas e dos cabellos, e as tulipas tocadas de oiro semeadas pelo vestido da Virgem são d'isso claro indicio. A composição da parte principal foi talvez suggestionada pelo celebre quadro que Garcia Fernandes pintou para a capella-mór da primitiva egreja da Misericordia de Lisboa, e póde muito bem ser que seja obra do mesmo artista, que trabalhou bastante em Coimbra e Montemór-o-Velho, que ao tempo andavam como Aveiro no senhorio do mestre D. Jorge, protector do convento.

A frontaria do templo, granitica, mas de singela architectura, construida em 1719, tem a recommendal-a o portico, por ser uma das poucas edificações d'esta época em que ainda se encontram as

Aveiro

L'église et le cruzeiro[1] de Notre Dame de la Gloria



PARMI les améliorations que l'infant D. Pedro, duc de Coimbra, a faites dans sa ville d'Aveiro on cite le couvent des moines dominicains, fondé par ce même prince en 1432.

Il ne reste que très peu de vestiges du couvent, devenu une caserne militaire après l'extinction des frères dominicains, incendié en grande partie en 1843 et vendu il y a quelques années pour une somme insignifiante, et même ce qui existe n'a pas la moindre valeur artistique. L'église qui depuis 1835 est le siége d'une des paroisses de la ville, nommée actuellement de Notre Dame de la Gloria, et auparavant de Notre Dame de la Miséricorde, n'a qu'une seule nef, assez vaste et pleine de lumière. De simple architecture mais d'agréable aspect, ses murs portent les croix indicatives de sa consécration, que fr. Luiz de Sousa rapporte à l'année 1464, et sur la clef de voûte du sanctuaire on voit le blason de André de Sousa (Arronches) qui fut son patron.

À l'entrée, dans la première chapelle du côté gauche, on se trouve devant un monument qui doit être à peu près contemporain de la fondation du temple. C'est un tombeau en pierre calcaire de Ançã, de style gothique, couvert de guirlandes, de chérubins, de figures grotesques, d'armoiries et d'ornements variés, avec une statue couchée, plus grande que nature, entourée d'une longue inscription en caractères allemands, éloquent et sublime épitaphe d'un guerrier illustre. L'inscription est très endommagée par suite d'un ou deux déplacements du sarcophage, faits par les moines, et encore de quatre ou cinq déménagements effectués par les assemblées paroissiales qui se sont succédées dans l'administration de l'église. L'homme qui gît en ce monument, est João d'Albuquerque, seigneur d'Angeja, dont le nom se trouve lié à une des expéditions portugaises aux Canaries, au XVme siècle, entreprises si glorieuses pour le nom portugais et si oubliées de nos jours. Dans le chœur, près du presbytère, on voit un autre tombeau, de style Renaissance, enfoncé dans le mur et qui pendant longtemps fut la sépulture supposée de la regrettée Nathercia de notre grand poète Camões. Les restes qui y reposent sont ceux de D. Catharina d'Athaide, dame de la reine D. Catharina, femme de D. João II, fille de Alvaro de Sousa (Arronches) décédée en 1551. Les retables des chapelles de la Visitation et de Notre Dame de la Miséricorde sont aussi remarquables; exécutés en marbre blanc avec quelques dorures, genre Renaissance, très bien travaillés, ils dénoncent à Aveiro l'irradition de l'école architecturale qui florissait à Coimbra dès la seconde moitié du XVIme siècle, et dont les maîtres furent les architectes et sculpteurs appelés par D. Manuel pour la construction du monastère de Santa Cruz. Le premier retable reproduit, en figures plus petites que nature, la rencontre de la Vierge et de Ste Elisabeth dans la demeure de celle-ci, mais sans le réalisme avec lequel on représentait à cette époque, les deux cousines presque au point de leurs maternité. C'est une composition pleine de vie, portant la date de son exécution, 1559 et les initiales F. D. de l'artiste auteur du travail, et qu'on suppose être Francisco Dansillo, ou Francisco Dias, tous deux maîtres marbriers de ce temps-là. Dans le deuxième retable le travail en pierre sert de cadre à un précieux tableau, espèce de triptyque, représentant au centre l'image de la Vierge avec l'Enfant dans ses bras; deux anges soutiennent le manteau et l'Enfant Jésus offre du bout de ses doigts, à l'un d'eux, un rosaire. Au dessous de cet ange on voit à genoux et les mains jointes, un pape, un roi, un prince, un cardinal et plusieurs moines et religieuses avec les habits dominicains; sur les deux pans latéraux figurent des images de saints de l'ordre dominicain, en demi taille. Cette peinture, qui est purement portugaise, et vraisemblablement du XVIme siècle, quoiqu'on y découvre comme sur beaucoup d'autres de cette époque, l'influence flamande ou allemande, ne porte point de date ni de signature. La couleur fauve des barbes et des cheveux, et les tulipes touchées d'or, semées sur la robe de la Vierge indiquent l'influence étrangère; la composition de la partie centrale a peut-être été inspirée par le célèbre tableau

[1] Emplacement extérieur de l'église où se trouve une grande croix de pierre.

columnas salomonicas em pedra, então sómente generalisadas no interior dos templos, na composição de tribunas e altares.

Em frente da fachada do templo, com cuja architectura fórma um verdadeiro contraste, distanciando-se enormemente d'ella tanto o estylo como a época da sua construcção, levanta-se o formoso cruzeiro que a photographia tão fielmente reproduz conjunctamente com aquella. Remonta sem duvida aos fins do seculo XV ou principios do seculo XVI. É um bello exemplar d'essas lindas cruzes que se encontram pelo nosso paiz em fóra e de que Ferdinand Denis falla com merecido enthusiasmo; simples o pedestal e o fuste da columna, brincado e rico o capitel e a cruz. Aquelle, hexagono, com os angulos geminados, é historiado por todos os lados; na parte superior, baixos relevos representando os mais tocantes episodios da paixão do Redemptor e na inferior os symbolos dos evangelistas. A cruz tem a haste e os braços terminados em flôr de liz e guarnecidos de rendilhados. Do lado da frente pende a imagem de Christo, com os pés já sobrepostos, com nimbo mas sem corôa de espinhos. Puro estylo gothico.

Tumulo de Santa Joanna

Fronteiro ao convento de frades dominicos e separado d'elle apenas pela largura d'uma rua, ficava o de Jesus, de freiras da mesma ordem. D. Affonso V lançou-lhe a primeira pedra em 15 de janeiro de 1462, e sua filha a infanta D. Joanna, quando em conselho se decidiu que entrasse n'um mosteiro em habito secular, emquanto não casava, como refere Damião de Goes, para aqui veio, a 4 de agosto de 1472. Alli viveu, praticando o bem e todas as mais virtudes christãs, dando exemplos de humildade, orando e espargindo beneficios. Fallecendo a 12 de maio de 1490, legou ao seu querido convento com os haveres o precioso thesouro das suas cinzas, que a 25 de outubro foram trasladadas solemnemente pelo bispo de Coimbra D. Antonio de Vasconcellos e Sousa, para este tumulo que el-rei D. Pedro II mandára construir pelo seu architecto João Antunes, que lhe deu começo em 1699.

É bello o monumento. Ainda que de singelo desenho, é elegante o tumulo. O seu verdadeiro valor não está só na diversidade de finissimos marmores encrustados que n'elle ha, está principalmente na execução que é nitidissima. No seu genero é exemplar unico no norte do paiz e talvez seja o maior trabalho, mais delicado e o mais perfeito em mosaico de marmores, que temos de origem portugueza. Pediu e obteve a sua construcção o prior do convento de Nossa Senhora da Misericordia fr. Pedro Monteiro, e dispendeu-se n'elle a quantia de 4:800$000 reis, paga pelo real bolsinho. Não era um anonymo o artista João Antunes: ao seu cargo de architecto real e das ordens militares juntava a gloria de haver delineado obras de não menos vulto, como as do convento do Louriçal e as da soberba egreja de Santa Engracia. A photographia dispensa bem qualquer descripção.

A parte mais antiga do convento e que mais se aproxima da época da fundação, é a antiga casa capitular, na crasta, com a sua portada gothica e o seu revestimento interior de azulejos e meios azulejos, azues e brancos, formando xadrez, de brilhante esmalte. Na mesma crasta, quadra regular e alegre, com uma fonte ao centro, e em que as columnas que sustentam a galeria superior poisam sobre um estylobato forrado de azulejos semelhantes aos do capitulo, reconstruida em 1713, ha differentes capellas, notaveis pelos seus bellos azulejos azues e polychromos, obra de talha, grades de madeira do seculo XVI com embutidos e lavor de intarsiatura e portadas no estylo renascença. É por ella que se entra para o refeitorio, em que bancos e mesas fixas, de pedra, seguem as paredes, que são revestidas de alto a baixo de bom azulejo, e para o côro, onde está o tumulo e cujas paredes são cobertas de mosaico e o pavimento de marmore bem como as hombreiras, obra concluida em 1707. Correspondente a este fica o côro superior, um grande salão revestido de bom cadeirado de castanho, e com pinturas em tela de nenhum merecimento, mas ricamente emmolduradas. Foi ampliado e ornado pela abbadessa D. Catharina de Jesus Maria em 1731. É caracteristica a pintura do tecto. D'esta dependencia do convento passa-se para a capella da Senhora da Conceição e d'esta para a do Rosario. São ambas muito notaveis pelos seus entalhados. O tecto d'aquella, de madeira, apainelado com magnificas guarnições de talha dourada, que estava a desabar, foi ha pouco apeiado e escrupulosamente restaurado sob a direcção zelosa e intelligente do engenheiro snr. Diniz Theodoro de Oliveira, illustrado director das obras publicas do districto de Aveiro, por conta de quem se fizeram esta e outras obras de restauração não menos necessarias e urgentes ordenadas pelo actual titular da pasta das obras publicas snr. conde de Paçô-Vieira a ins-

que Garcia Fernandes a peint pour le maître autel de la première église de la Miséricorde à Lisbonne, et il se peut aussi qu'elle soit l'œuvre du même artiste qui travailla pendant longtemps à Coimbra et Montemór-o-Velho, qui avec Aveiro appartenaient à la seigneurie de l'illustre D. Jorge, protecteur du couvent.

La façade du temple, en granit, de simple architecture, construite en 1719, n'a de remarquable que le portail qui est une des rares édifications où l'on retrouve des colonnes salomoniques de pierre, qui n'étaient alors employées qu'à l'intérieur des temples, dans la construction des tribunes et des autels. En face de l'entrée du temple, s'élève le magnifique *cruzeiro* dont l'architecture présente un véritable contraste avec celle de l'église, autant par le style que par l'époque de son exécution, et que la photographie reproduit fidèlement. C'est un magnifique exemplaire de ces belles croix qu'on voyait dans notre pays dont Ferdinand Denis parle avec un enthousiasme si mérité et dont la construction remonte sans doute à la fin du XVme siècle ou au commencement du XVIme. Le socle et le fût de la colonne sont simples, le chapiteau et la croix sont riches et fouillés. Cet héxagone avec ces angles géminés est travaillé de tous les côtés; sur la partie supérieure, des bas-reliefs représentent les plus touchants épisodes de la Passion du Rédempteur, et plus bas les symboles des évangélistes. La croix a la branche centrale et les bras terminés en fleur de lis et ornés de dentelures. Sur la face s'étend l'image du Christ, les pieds déjà croisés, la tête nimbée mais sans couronne d'épines. C'est le pur style gothique.

Tombeau de Ste Joanna

En face du couvent des moines dominicains, et séparé à peine par la largeur d'une rue, existait le couvent de Jésus, des religieuses du même ordre. D. Affonso V posa la première pierre le 15 Janvier 1462, et, sa fille, l'infante D. Joanna, lorsque le conseil décida qu'elle devait entrer dans un couvent avec les habits séculiers, en attendant l'époque de son mariage, comme le raconte Damião de Goes, s'y retira le 4 Août 1472 et y vécut en pratiquant toutes les vertus chrétiennes et donnant les plus hauts exemples d'humilité, priant, distribuant des bienfaits jusqu'à sa mort qui eut lieu le 12 Mai 1490; elle laissa à son cher couvent avec tous ses biens, le précieux trésor de sa dépouille mortelle qui fut transférée solennellement le 25 Octobre par l'évêque de Coimbra D. Antonio de Vasconcellos e Sousa, dans le tombeau que le roi D. Pedro II avait fait construire par son architecte João Antunes qui le commença en 1699. Ce monument est très beau, et le tombeau est d'une grande élégance quoique d'un dessin très simple. Son plus grand mérite n'est pas seulement dans la variété des marbres qui l'incrustent, mais surtout dans la netteté et le fini du travail. C'est un exemplaire unique dans le nord du pays et peut-être le plus remarquable ouvrage en mosaique de marbre, exécuté en Portugal. Ce fut le prieur du Couvent de la Miséricorde, fr. Pedro Monteiro qui sollicita et obtint sa construction qui atteignit la somme de 4:800$000 reis, payés de sa bourse royale. L'artiste João Antunes n'était pas un anonyme; à sa charge d'architecte royal et des ordres militaires il réunissait la gloire d'avoir dessiné des travaux de grande importance tels que le couvent de Louriçal et la superbe église de Sainte Engracia. La photographie nous dispense de toute description.

La partie la plus ancienne du couvent et qui se raproche le plus de l'époque de sa fondation, est l'ancienne maison capitulaire, dans le cloître, avec son portail gothique et son revêtement intérieur en faïences bleues et blanches, formant damier au brillant émail. Dans ce même cloître, un carré régulier et riant avec une fontaine au milieu, les colonnes qui soutiennent la galerie supérieure s'appuient sur un soubassement couvert de faïences semblables à celles du chapitre; il fut reconstruit en 1713 et on y voit quelques chapelles remarquables par leurs faiences bleues et polychromes, des travaux de menuiserie, des grillages de bois du XVIme siècle avec des détails de marqueterie et d'incrustations et des portes de genre Renaissance. C'est par ce cloître qu'on entre dans le réfectoire avec des bancs et des tables au long des murs revêtus du haut en bas de belles faïences, c'est aussi l'entrée du chœur où se trouve le tombeau, et dont les murs sont couverts de mosaïques et le pavé ainsi que les embrasures en marbre; ce travail fut terminé en 1707. Le chœur supérieur est placé directement au dessus; c'est une grande salle entourée de belles stalles en châtaignier, avec des peintures sur toile sans aucun mérite mais richement encâdrées. Il fut agrandi et décoré par l'abbesse D. Catharina de Jesus Maria en 1731; la peinture du plafond est caractéristique. De cette partie du couvent on passe à la chapelle de

tancias do digno par do reino snr. conselheiro Francisco de Castro Mattoso. A capella foi mandada construir por soror Maria das Chagas que professou em 1619. A do Rosario, com que communica, principiada por soror Brites de Sottomaior durante o seu priorado de 1645-1647, e concluida por soror Filippa do Espirito Santo, quando prioreza em 1682-1684, é muito formosa e tem os dourados de tal fórma conservados que parece acabada de pouco. Facto identico se dá com a do Senhor dos Passos, que é do mesmo estylo e não menos rica em obra de talha, embora de época relativamente mais moderna. A chamada Casa da Santa, isto é, a antiga cella da virtuosissima filha de D. Affonso v transformada em capella no segundo quartel do seculo XVIII, toda revestida de entalhados e quadros a oleo representando passagens da vida da infanta, offerece n'estes ultimos valiosos subsidios para a historia da indumentaria portugueza d'aquelle seculo.

Para admirar é a egreja, formosa até mais não. É um precioso conjuncto de talha dourada de differentes épocas e estylos. A abobada da capella-mór, levemente abatida, elegantemente artezoada, d'um mimo e perfeição inexcediveis, é um dos mais lindos e bem acabados exemplares de talha dourada que existe no paiz.

Ao fundo do templo, entre o pulpito e a parede do côro debaixo, solitaria e como que envergonhada de ser unica alli, existe uma deliciosa portada manoelina, de pedra de Ança, em meia ogiva, em que as hombreiras são dois troncos de sobro revestidos de folhas, rebentões decepados e fructos, formando as hastes superiores o arco e as raizes que d'elles saem para o sólo, a base.

O convento está hoje e de ha bastantes annos já transformado n'uma casa de educação modelo sob a direcção sabia e cuidadosa das Irmãs Terceiras de S. Domingos, cuja casa-mãe é o collegio de S. José em S. Domingos de Bemfica, e a quem se deve o seu estado actual de apurado asseio e completa renovação da parte arruinada, que era grande.

Egreja da Misericordia

Á semelhança da de Lisboa, a Misericordia de Aveiro esteve por muitos annos sem ter casa propria. Nascida no penultimo anno do seculo XIV só quando se perfaziam cem annos depois da sua instituição é que se começou a obra do seu templo.

Havia porém annos já que a idéa da nova casa era o pensamento constante das mesas suas administradoras. O seu provedor Henrique Esteves da Veiga ao mesmo tempo que, em 1585, diligenciava obter do rei um subsidio para a obra, alcançava do grande architecto do tempo, o italiano ao serviço de Portugal, Filippe Tercio, o debuxo da egreja que se pensava construir e pelo qual pagou a este sete dias de trabalho á razão de 1$000 reis cada um. O subsidio desejado quatro mil cruzados dos sobejos do cabeção das cisas da villa de Aveiro e seu termo, pagos annualmente, foi concedido por Filippe II em 1598. Em agosto de 1599, recebeu-se o primeiro dinheiro e logo em outubro seguinte a mesa mandou aqui chamar o mestre Francisco Fernandes, de Coimbra, para dar parecer sobre a escolha do terreno e levantar as plantas para a construcção do edificio que Tercio annos antes delineára. Da direcção dos trabalhos, que só vieram a principiar em 2 de julho de 1600, ficou encarregado o mestre Gregorio Lourenço, do Porto, executando as indicações que Filippe Tercio e Francisco Fernandes deixaram.

A direcção dos trabalhos foi partilhada depois por novos architectos. De 1603 a 1606 dirigiu-os Francisco João, que no começo trabalhára como apparelhador, e de 1607 a 1612 esteve á frente d'elles Jorge Affonso, mestre de obras de pedraria.

Em 1623 ficou concluido o corpo da egreja, feita a porta principal.

Em 1630, Filippe III fez mercê á Misericordia d'um novo subsidio, tirado como os anteriores do sobejo das cisas, para as obras da capella-mór da sua egreja, que então faltava ainda construir, abriram-se alicerces e pouco mais, e assim se conservou esta parte do novo templo até julho de 1651, em que se continuaram as obras sem mais se interromperem até á sua conclusão em setembro de 1653.

A razão d'isto foi a falta de recebimento do primeiro subsidio e a demora na concessão de novo feita por D. João IV em 1646 a instancias dos procuradores de Aveiro em côrtes.

A traça para a obra da capella-mór deu-a o mestre Manoel d'Azanha, de Ança, que recebeu por isso 4$000 reis. Da direcção dos trabalhos encarregou-se o mesmo Manoel d'Azanha, que chamou para o auxiliarem os officiaes de pedreiro Manoel Baptista, João Azanha, Gaspar Francisco, Antonio

Notre Dame de la Conception et de celle-ci à celle du Rosaire, toutes deux remarquables par leurs travaux d'ébénisterie. Le plafond de la première en boiseries à caissons avec des ornements dorés, qui était en mauvais état, fut il y a peu de temps démoli et soigneusement restauré sous la direction intelligente de l'ingénieur Mr. Diniz Theodoro d'Oliveira, directeur très éclairé des travaux publics du district d'Aveiro, auquel on doit non seulement ce travail, mais beaucoup d'autres qui étaient également d'urgence et qui furent ordonnés par l'actuel ministre des travaux publics Mr. le comte de Paçô-Vieira, après les instances réitérées du digne pair du royaume Mr. le conseiller Francisco de Castro Mattoso.

La chapelle fut édifiée par la sœur Maria das Chagas qui prit le voile en 1619. Celle du Rosaire qui est contigüe fut commencée par la sœur Brites de Sotto-Maior pendant son commandement de 1645-1647, et terminée par la sœur Filippa do Espirito Santo, qui fut prieure depuis 1682 jusqu'à 1684; elle est très belle et les dorures sont si bien conservées qu'elle semble avoir été récemment construite. Il en est de même pour la chapelle du Seigneur de la Passion, du même style et également riche en travaux de boiseries, quoiqu'elle soit bien plus moderne. Ce qu'on nomme Casa da Santa (Maison de la Sainte) c'est l'ancienne cellule de la vertueuse fille de D. Affonso v, convertie en chapelle pendant la seconde moitée du XVIIIme siècle toute recouverte de marqueterie et de tableaux à l'huile représentant des passages de la vie de la princesse, présentant des documents importants pour l'histoire du costume portugais pendant ce siècle.

L'église de grande beauté, est digne d'être admirée. Elle présente un précieux ensemble de boiseries dorées de différentes époques et de styles variés. La voûte du sanctuaire légèrement surbaissée, élégamment nervurée d'une perfection et d'une délicatesse charmantes est un des plus beaux et admirables travaux en ébénisterie dorée qui existe dans le pays. Au fond du temple, entre la chaire et le mur du chœur inférieur on aperçoit une délicieuse porte du genre *manuelino* en demi ogive avec les trumeaux figurant deux troncs de chêne revêtus de feuillage, de bourgeons naissants et de fruits; les branches supérieures forment l'arcade et les racines du tronc servent de socle. Cette précieuse relique toute isolée semble vouloir se cacher comme honteuse d'être toute seule en ce lieu.

Ce couvent est devenu depuis quelques années une maison d'éducation modèle sous la soigneuse et savante direction des sœurs du Tiers Ordre de St. Dominique, dont la maison mère est le Collège de St. Joseph à St. Domingos de Bemfica, à laquelle on doit les restaurations de la partie ruinée et l'état d'admirable propreté qu'on remarque dans les moindres détails.

Église de la Miséricorde

Ainsi que celle de Lisbonne, la Miséricorde d'Aveiro a été pendant de longues années sans avoir un édifice approprié. Fondée l'avant dernière année du XIVme siècle, ce fut seulement cent ans après son installation que l'on commença les travaux de son église.

Cependant il y avait déjà quelques années que les diverses assemblées qui l'administraient, avaient l'idée d'une nouvelle maison. Le directeur Henriques Esteves da Veiga en 1585 réussit à recevoir du roi un secours pour son œuvre et il obtenait en même temps, du grand architecte italien Filippe Tercio alors au service du Portugal, le dessin de l'église que l'on se proposait d'édifier et qui fut payé au prix de sept journées de travail au prix de 1$000 reis chaque journée. Le subside si souhaité de quatre mille crusades, fut pris sur le surplus des impositions de la ville d'Aveiro et de la banlieue, payé annuellement et accordé par Filippe II en 1598. Au mois d'Aôut de 1599 on reçut la première somme et au mois d'Octobre suivant la direction fit appeler le maître entrepreneur Francisco Fernandes, de Coimbra, pour donner son avis à propos du choix du terrain et pour tracer les plans de construction de l'édifice que Tercio avait projeté quelques années auparavant. Les travaux, qui ne commencèrent que le 2 Juillet 1600, furent confiés à l'entrepreneur Gregorio Lourenço de Porto, qui suivit les indications laissées par Filippe Terci et Francisco Fernandes.

La direction des travaux fut partagée entre deux nouveaux architectes. De 1603 à 1606 ce fut Francisco João qui au commencement avait travaillé comme inspecteur et de 1607 à 1612 ils furent dirigés par Jorge Affonso, maître marbrier. En 1623 la partie centrale et la porte principale de l'église furent terminées. En 1630 Filippe III donna à la Miséricorde un nouveau secours, pris comme l'autre du surplus des taxes, pour finir les travaux du sanctuaire et d'autres choses encore, et tout resta ainsi

Baptista, Manoel Caldeira, Francisco Simões Bartholomeu e Gaspar Manoel Caldeira. A estes vieram juntar-se em 27 de agosto do mesmo anno de 1551 os entalhadores João Fernandes, Francisco Rodrigues Samarroso e Bartholomeu Fragoso, que foram quem lavrou as pedras da abobada e dos altares lateraes.

Da parte architectonica do edificio, a mais importante é o portico, que a bella photographia reproduz. Este portico, sem ser uma obra de grande caracter artistico, é um apreciavel modelo da architectura do renascimento, quando esta pendia para o seu occaso, no periodo da degeneração. O portico na eurythmia das suas linhas dá ainda uma idéa de grandeza, mas de grandeza decadente; a graça peculiar d'aquelle estylo na época da sua plena florescencia desapparece aqui para dar logar a melancholica, talvez severa feição dos edificios da época filippina. Coroando-o tem aos lados das armas do reino a cruz da Ordem de Christo e a esphera armilar que o rei venturoso tomára por empreza.

Esta adaptação dos emblemas manoelinos a uma obra filippina, não é um contrasenso, como á primeira vista póde parecer, pois aqui estes indicam a época em que a instituição nasceu e não aquella em que o edificio se construiu. O templo d'uma só nave e de grande altura, abobada de cantaria em apainelados, é magestoso apesar da frieza da sua architectura. Os altares lateraes bem como a abobada da capella-mór de pedra d'Ançã, e tanto esta como aquelles polychromicos, e obra dos mesmos artistas, são bastante apreciaveis. O retabulo do altar-mór em que por deliberação da mesa, 10 de agosto de 1653, se seguiu tanto quanto possivel a traça do portico da fachada foi executado pelos entalhadores João Dias, Domingos Alves, Manoel d'Azevedo, João Fernandes e Manoel de Oliveira.

A data de 1867 que se lê no tympano do frontispicio é indicativa do seu moderno azulejamento; e a de 1622 na parte superior da porta principal, da construcção da mesma.

Capella do Senhor das Barrocas

Entre as egrejas e ermidas que attestam a religiosidade dos aveirenses, e não são ellas tão poucas, destaca-se a capella do Senhor das Barrocas, que é a mais moderna, e exteriormente a mais formosa de todas. Auxiliou-lhe a edificação o magnanimo fundador do monumento de Mafra, de cujo estylo archictonico é um reflexo, como dos celebrados baptisterios italianos de Florença e Pisa é uma recordação embora pallida e fugitiva.

Este templo, edificado no começo do segundo quartel do seculo XVIII, tem a fórma octogonal, com uma grande janella em cada uma das suas oito faces, é muito elegante e solidamente construido. Dezeseis pilastras de pedras esquadriadas, perfeitamente symetricas, unidas de duas a duas, vão do sólo até ao entablamento de granito sobre que corre uma platibanda de quasi um metro de altura, d'onde se erguem a espaços, elegantes pyramides ou agulhas rematadas por espheras, e um singelo campanario coroado por uma cruz. Na face voltada para o occidente avulta o magestoso portico de cantaria, sem pedestal, da ordem jonica, composto de quatro columnas, cylindricas, macissas, duas de cada lado, que a photographia junta fielmente reproduz, e que com as portadas das duas entradas que se rasgam nas faces que immediatamente se lhe seguem, apreciaveis pela elegancia da sua composição, fórma um verdadeiro contraste com todo o resto da fachada do edificio que é totalmente despido de ornatos. São bem tratadas as roupagens dos dois cherubins alados que poisam sobre os acroterios do primeiro corpo do portico, sustendo nas mãos o sudario e a tunica do Salvador, notaveis pelo bem cinzelado das petalas e delicadeza das folhas, as grinaldas que baloiçam os do segundo corpo e primoroso o lavor dos ornatos de cantaria em relevo que decoram a archivolta do portal, mas tudo muito deteriorado pela inconsistencia da pedra. No interior o templo é alegre e loução, e é muito para notar a pintura dos retabulos dos dois altares lateraes, attribuidos a Pedro Alexandrino, não sendo igualmente para desprezar a talha dos mesmos, bem como a da capella-mór, com os seus atlantes sensuaes, com as suas columnas salomonicas revestidas com grandes folhagens e com as suas valutas de grosso relevo emfim. O que é um verdadeiro mimo são os dois pulpitos, de madeira entalhada, assentes sobre graciosas misulas de pedra, de grande ornamentação e com cupulas historiadas, mas tudo em adiantada ruina.

Marques Gomes.

jusqu'à Juillet 1651, où les travaux recommencèrent sans interruption jusqu'à leur terminaison en Septembre 1653. Ce retard fut dû à ce qu'on n'avait pas reçu le premier subside qui fut nouvellement accordé par D. Jean IV en 1646 après les instances des procureurs d'Aveiro aux chambres. Le tracé du sanctuaire fut fait par le maître Manuel d'Azanha, d'Ançã, qui reçut la somme de 4$000 reis. Il se chargea aussi de la direction des travaux et appela pour l'aider les maçons, ébénistes et sculpteurs dont les noms se trouvent dans le texte portugais.

Le portail reproduit dans notre belle photographie est la partie la plus importante de l'architecture de l'édifice. Sans présenter un grand caractère artistique il est néanmoins un modèle très appréciable de l'architecture de la Renaissance, presque à son déclin. La régularité de ses lignes donne une idée de grandeur, mais de grandeur décadente; le charme de ce style à l'époque de sa pleine florescence, disparaît ici pour faire place aux traits mélancoliques et sévères des constructions de l'époque philippique. Comme couronnement on voit aux côtés les armes du royaume, la croix du Christ, la sphère armillaire que le roi bienheureux avait pris pour emblème.

Ce mélange des emblèmes *manuelesques* dans une œuvre *philippique* n'est pas un contresens comme il le semble à première vue, parce qu'ils indiquent l'époque où l'institution à été créée et non celle où l'édifice a été construit. Le temple très haut et d'une seule nef, la voûte en pierre à panneaux, est majestueux malgré la richesse de son architecture. Les autels des bas côtés et la voûte du sanctuaire en pierre d'Ançã, polychromes et très remarquables, sont dûs aux mêmes artistes. Le retable du maître autel, qui d'après les délibérations de la direction le 10 Août 1653, devait présenter autant que possible le dessin du portail de la façade, fut exécuté par les ciseleurs João Dias, Domingos Alves, Manuel d'Azevedo, João Fernandes et Manuel d'Oliveira.

La date 1867 qu'on lit sur le tympan de la façade indique le moderne revêtement en faïences et celle de 1622 au dessus de la porte principale rappelle la construction de l'édifice.

Chapelle du Senhor das Barrocas

Entre les églises et chapelles assez nombreuses qui attestent la piété des habitants d'Aveiro, on remarque la chapelle du Senhor das Barrocas qui est la plus moderne et extérieurement la plus belle de toutes. La construction a été aidée par le généreux fondateur du couvent de Mafra dont son architecture porte le reflet de même qu'elle est un souvenir fugitif et atténué des célèbres baptistères de Florence et de Pise.

Ce temple édifié au commencement de la deuxième moitié du XVIIIme siècle a la forme octogonale avec une grande fenêtre sur chacune de ses faces et il est très élégamment et solidement bâti. Seize piliers de pierre taillés en angles droits parfaitement symétriques, reunis deux à deux, vont du sol jusqu'à un entablement de granit qui supporte une balustrade d'un mètre de hauteur à peu près; de là s'élèvent d'élégantes flèches terminées par des quenouilles et un simple clocher surmonté d'une croix. Sur la face tournée au couchant s'élève un portail majestueux en pierre de taille sans socle, d'ordre conique, composé de quatre colonnes, cylindriques, massives, deux de chaque côté, que la photographie reproduit fidèlement et qui présentent, ainsi que les deux portes très élégantes des panneaux suivants, un veritable contraste avec tout le reste de l'édifice entièrement dépouillé d'ornements. Les vêtements des deux chérubins ailés qui reposent sur des acrotères du premier corps du portail et qui soutiennent dans leurs mains le suaire et la tunique du Sauveur, sont très bien travaillés; les détails du reste du portail sont remarquables par la delicatesse des pétales et des feuilles, des guirlandes qui se balancent et les ornements de pierre qui décorent l'archivolte du portail sont precieux mais l'ensemble est très endommagé par l'inconsistance de la pierre.

À l'intérieur le temple est clair et gai et on admire les peintures des retables des deux autels latéraux attribuées à Pedro Alexandrino ainsi que les boiseries, le maître autel, avec ses atlantes sensuelles et ses colonnes salomoniques revêtues de large feuillage avec ses volutes en grand relief. Les deux chaires sont de véritables bijoux en bois sculpté, posées sur de gracieuses consoles de pierre, profusément ornées, avec les coupoles copieusement fouillées, mais le tout présente un aspect de grand délabrement.

Marques Gomes.

Villa Viçosa [1]



Sob o incomparavel azul do céo alemtejano estende-se, n'uma vasta planicie, a alegre casaria branca de Villa Viçosa dominada pelas tristes muralhas negras do velho castello, assente sobre um elevado morro.

De quintaes e jardins emergem tufos de verdura, e, dominando-os aqui e alem, as torres esguias das numerosas eg- jas dos seus conventos e Paço. É linda a villa cortada de ruas, semeada de praças e largos, e toda ella cingida, apertada, no verde sombrio de olivaes e montados.

Curiosas lapides, encontradas na povoação e cerca d'ella, attestam a existencia d'um *vico* do tempo dos romanos n'esta mesma planicie, onde hoje, quasi adormecida, se espreguiça a villa. A D. Affonso III (1267) deve Villa Viçosa o seu primeiro foral. No tempo de El-Rei D. Diniz, quando se edificou a alcaçova, a villa era já murada com as suas tres portas abertas no meio de torres boleadas: a de *Estremoz* ao norte, a de *Evora* a oeste e a este a do *Sol*, que tambem foi chamada a *porta da traição*. Mais tarde, no tempo de El-Rei D. Fernando, abriram-se mais duas portas: a d'*Elvas* a nordeste, no meio de torres quadradas, e a oeste a da *Torre* por ter em frente a torre de homenagem. Augmentadas ainda as obras de defeza, Villa Viçosa ficou constituindo uma verdadeira praça de guerra, a que dava singular importancia a sua situação quasi fronteiriça.

A chronica de D. João I de Fernão Lopes, reza dos feitos de Villa Viçosa desde a morte do Rei D. Fernando até depois da batalha de Aljubarrota.

O Senhorio da villa foi, por essa epoca, dado a D. Nuno Alvares Pereira. D. Nuno com permissão de El-Rei D. João I, passou o senhorio a seu neto D. Fernando conde d'Arroyolos, que aqui estabeleceu o seu solar. Elevado mais tarde a marquez de Villa Viçosa, herdou depois o titulo de Duque de Bragança por morte de seu pae, o primeiro Duque D. Affonso, filho de El-rei D. João I, que foi casado com a filha do Condestavel.

Até ao Duque D. Jayme, que deu principio ao actual Paço do Reguengo, o castello era a unica habitação dos Duques de Bragança, e foi ainda o Duque D. Jayme quem resolveu alargar as muralhas da villa, de modo, que os chamados então arrabaldes ficassem comprehendidos na sua área. Esta obra porem só veio a completar-se no tempo de seu filho D. Theodosio, ficando então a villa com quatro portas: a do *Nó* ao norte, a da *Esperança* a este, a de *S. Sebastião* ao sul e a de *Santa Luzia* a oeste. Sentindo-se ainda apertada, já nos fins do seculo XVI a villa transpunha as muralhas atravez das brechas, que as ruinas do tempo successivamente lhe abriam. Assim foi de todo, e pouco a pouco, tombando a muralha, não restando hoje d'ella senão pequenos tratos junto á porta da Esperança e por detraz das casas do baixo rocio e da aldeia. Existe ainda a porta do Nó, assim chamada por estar perto da porta dos nós do Paço. Esta porta porém foi reedificada em tempo de El-Rei D. João IV para celebrar a sua acclamação. Em arco, e coroada por um pequeno frontão, é pouco elevada. Tem no fecho o brazão da casa de Bragança ladeado por duas espheras armillares. Aos lados lêem-se as seguintes curiosas inscripções, escriptas em latim: «Esta é a fatal porta do nó. João com o poder da sua espada me livra do nó da Hespanha. Desfaz Alexandre um só nó para imperar como rei na redondeza da terra; o meu Rei desata-o para empunhar os sceptros do Rei encoberto. Anno de 1654» e mais acima: «João IV, Rei de Portugal, com approvação das côrtes geraes dedicou publicamente á Immaculadissima Conceição de Maria a sua pessoa e os seus reinos sob um censo tributario annual, e confirmou com juramento que havia sempre defender — que a mãe de Deus, escolhida para Padroeira do Reino, fôra exempta do peccado original. Para animar esta piedosa crença dos portuguezes, mandou que se gravasse em pedra viva este perenne memorial no anno de 1654, decimo sexto do seu reinado.»

São do meado do seculo XVII (já depois da restauração) as obras abaluartadas que ainda hoje se desenham em torno das ruinas do velho castello.

---

[1] Para a parte historica d'este artigo soccorremo-nos principalmente, do livro do erudito Padre Joaquim José da Rocha Espanca, que tanto amou a sua terra. Esse livro, impresso no Redondo, tem por titulo *Compendio de noticias de Villa Viçosa*.

Villa Viçosa



Sous l'incomparable azur du ciel de la province d'Alemtejo on voit s'étendre, en une vaste plaine, les riantes et blanches maisons de Villa Viçosa, dominées par les murs tristes et noircis du vieux château, situé sur un tertre élevé.

Des métairies et des jardins émergent des touffes de verdure surmontées çà-et-là par les tours élancées des nombreuses églises des couvents et du Palais Royal. La ville est charmante, sillonnée de rues, semée de *squares* et de places et toute entourée de la sombre verdure des oliviers et des chênaies. Dans le bourg et ses environs de curieuses pierres tombales furent découvertes, attestant l'existence d'un *vico* du temps des romains, dans cette même plaine, où, aujourd'hui la ville à demi endormie s'allonge paresseusement. C'est à D. Affonso III (1267) que Villa Viçosa doit sa première charte. Sous le règne du Roi D. Diniz lorsque fut bâtie la forteresse, la ville était déjà entourée de murs avec ses trois portes flanquées de tourelles arrondies: celle d'*Estremoz* au Nord, à l'Ouest celle d'*Evora* et à l'Est celle du *Sol*, nommée aussi *Porte de la trahison*. Plus tard sous le Roi D. Fernando on perça deux autres portes: Au Nord-Est celle d'Elvas entre deux tours carrées et à l'Ouest celle de *Torre* parce qu'elle faisait face à la tour d'honneur. Les travaux de défense ayant été augmentés, Villa Viçosa devint une véritable place forte, plus importante encore par son voisinage presque à la frontière.

Fernão Lopes, dans sa chronique de D. João I, raconte les événements de Villa Viçosa dès la mort du Roi D. Fernando jusqu'après la bataille de Aljubarrota.

Le droit seigneurial de la ville fut vers cette époque, donné à D. Nuno Alvares Pereira, qui avec la permission du Roi D. João I le passa à son petit fils D. Fernando, comte d'Arroyolos, qui y établit son manoir seigneurial. Élevé plus tard à la dignité de marquis de Villa Viçosa, il hérita ensuite du titre de duc de Bragança, par la mort de son père, le premier duc D. Affonso, fils du Roi João I qui avait épousé la fille du Connétable (D. Nuno Alvares Pereira).

Le château était alors la seule demeure des ducs de Bragança, jusqu'au temps du duc D. Jayme, qui commença à édifier l'actuel Palais du Reguengo, et fit aussi reculer les murs de la ville de manière que ce que l'on nommait alors les faubourgs resta compris dans son enceinte. Cependant ces travaux ne furent terminés que du temps de son fils D. Théodosio, et la ville eut alors quatre portes nommées: du *Nó*, de l'*Espérance*, de *St. Sebastien* et de *Sainte Luzia* situées respectivement au nord, à l'Est, au midi, et à l'Ouest. Trop resserrée encore, vers la fin du XVIme siècle elle transposa les murailles passant par les brèches, que les ruines du temps avaient successivement ouvertes, et peu-à-peu elle parvint ainsi à détruire la muraille dont il ne reste aujourd'hui que quelques vestiges près de la Porte de l'Espérance et derrière les maisons de la grande place basse et du village. La porte du *Nó*, ainsi nommée parce qu'elle se trouve près de la porte des *nœuds* du Palais, existe encore, mais elle fut réédifiée au temps du roi D. João IV pour célébrer son avènement. Construite en forme d'arc et couronnée par un petit fronton, elle est peu élevée, et sur la clef de voûte on voit le blason de la maison de Bragança placé entre deux sphères armillaires. Des deux côtés on lit les suivantes et curieuses inscriptions en latin: «Celle-ci est la fatale porte du nœud. João avec le pouvoir de son épée me délivre du *nœud* de l'Espagne. Alexandre défît un nœud pour régner sur le monde; mon roi le dénoue pour empoigner les sceptres du roi méconnu ou caché. An 1654; et plus haut — João IV roi de Portugal, avec l'approbation des cours générales les dédia publiquement à la Très-Immaculée Conception de la Vierge Marie sa personne et son royaume avec un cens tributaire annuel et confirma, sous serment qu'il soutiendrait toujours, que la mère de Dieu choisie pour Patronne du Royaume était exempte du Péché Originel. Pour maintenir cette pieuse croyance des portugais il fit graver sur la pierre vive cet éternel souvenir, l'an 1654, seizième de son règne.»

Les travaux fortifiés qui se voient encore autour des ruines du vieux château datent du milieu du XVIIme siècle (après la Restauration).

*

*   *

Quoique Villa Viçosa soit chef lieu de département, le siège d'un régiment de cavalerie et soit riche comme toute la contrée de l'Alemtejo, faute d'industries locales, son aspect est aujourd'hui morne

*
* *

Apesar de Villa Viçosa ser cabeça de comarca, sede d'um regimento de cavallaria e rica, com todas as terras alemtejanas, á falta de industrias locaes o seu aspecto é hoje apagado e tranquillo como o da maior parte das villas de provincia. E será difficil, ao chegar ao vasto e deserto terreiro do Paço, evocar os tempos em que justas e torneios alli se faziam com desmedida pompa, as luxuosas touradas em que tomavam parte os principaes fidalgos, as danças e folias doudejando como torrentes por entre a multidão alegre e clamorosa. Mais difficil ainda reconstituir na rua da *Corredoura* as corridas de cavallos dos Escudeiros da villa no seculo XV, e na *Carreira das Nogueiras* as dos cavalleiros villões. Tão difficil como vêr ás portas das casas e palacetes da rua dos *Fidalgos* o movimento de palafreneiros e pagens, os cavallos ricamente ajaezados, as cadeirinhas douradas esperando nos portaes e pateos. Hoje a villa só se anima e borborinha por occasião das feiras annuaes, e durante as curtas estadas da Familia Real no Paço do Reguengo.

Essas feiras, que duram apenas tres dias cada uma, realisam-se respectivamente nos dias 29 de janeiro, maio e agosto. A de maio é a primitiva da villa. A de agosto foi pedida ao Rei pelo Duque D. Jayme e para durar oito dias. Chamava-se de Santo Agostinho. Como porem ao fim de tres dias compradores e vendedores a abandonassem, o mesmo Duque D. Jayme obteve, em 1528, de El-Rei D. João III uma nova feira, que veio a ser a de janeiro. Estas tres feiras são concorridissimas e n'ellas se fazem transacções, principalmente em gado muar, cavallar, bovino, lanigero e suino, na importancia de muitas dezenas de contos de reis. N'esses dias a villa regorgita de gente e o ar vibra a cada momento pelo chocalhar incessante das manadas passando continuamente.

Curioso o aspecto sombrio d'estas feiras, onde as mulheres não enxameiam, e onde os homens, vestidos com os caracteristicos fatos alemtejanos de saragoça, passam gravemente como quem veio só para o seu negocio. Raras são as tascas ao ar livre. Cada um traz de casa farnel e borracha para os tres dias. Que differença das feiras minhotas onde em volta dos carros de bois, sobre que descançam as pipas de vinho, se arma uma venda! Onde as mulheres, com os seus trajes garridos, são tantas se não mais que os homens, e passam, e voltam a passar, tangendo os bois, os bacoros, vendendo gallinhas, acocorando-se á beira dos saccos de milho enfileirados e postos de pé de bocca arregaçada, e por toda a parte ziguezagueiam cantando, entoando o som das violas e cavaquinhos, que de todos os lados se ouvem! E as cozinhas que com duas pedras se improvisam, e as infusas transbordando de espumante vinho verde a passar de bocca em bocca como levando beijos vermelhos! Aqui, apenas uma andrajosa caravana de ciganos, onde as creanças avultam, acampa n'um extremo do *Carrascal*. E ahi as mulheres com as melenas empastadas em azeite, os fatos multicolores lantejolados, cortam de vez em quando o pesado silencio, com cantares arrastados e extranhos, acompanhando uma dança de volta rijamente sapateada ao lado de burros e machos lastimosamente lazarentos. E no entanto que pittorescos são em todo o Alemtejo os bailes dos ranchos da azeitona e da ceifa, quando as mulheres cantam em terceiras as melancolicas cantigas da região! Ás feiras porem, as mulheres vão apenas fugitivamente fazer as suas magras compras, ás poucas barracas de ourives e fazendas que n'ellas se armam.

Quando o vermelho pavilhão Real fluctua na fachada do Paço, a villa adquire tambem um grande movimento. O terreiro enche-se constantemente de povo para vêr Reis e Principes. Os sinos, segundo uma velha tradição, repicam alegremente annunciando a sahida ou entrada da Familia Real, e toda aquella gente, n'uma ancia de vêr os soberanos, corre pressurosa abrindo alas e descobrindo-se respeitosamente á sua passagem. É que se hoje os Reis não dão as faustosas festas dos seus maiores, não ha desgraça ou miseria na villa ou arredores, a que não acudam, e o povo folga de os vêr em cada dia passar na maior simplicidade e singeleza. Depois sabem, e com orgulho, que para Rei e Rainha, os dias passados em Villa Viçosa são os que mais deleitam a sua vida e que não ha aldeia, logar ou logarejo, em muitas leguas em redor que não conheçam e bastas vezes visitem. Quando os convidados no Paço são numerosos é sempre muito alegre o espectaculo da partida para a caça nos grandes *char á bancs* do tempo da Rainha D. Maria II, tirados a tres parelhas de muares, com as vistosas librés de posta, os moços de estribeira cavalgando ao lado, os batedores na frente, e muitas vezes Rei e Rainha a cavallo com os seus trajes alemtejanos seguidos então de campinos montados nos rapidos cavallos da lesiria.

et éteint comme celui de la plupart des villes de province. Et, lorsqu'on arrive sur la vaste et déserte place du Palais, il est difficile d'évoquer les temps où on y réalisait des joûtes et des tournois avec une pompe fastueuse, les courses de taureaux auxquelles prenaient part les principaux gentilshommes, les danses et les folies extravagantes qui tournoyaient comme un torrent entre la multitude joyeuse et bruyante.

On ne saurait guère se représenter dans la *Corredoura,* les courses de chevaux des Écuyers de la ville au XVme siècle et dans la *Carreira das Nogueiras* celles des cavaliers roturiers; et il serait également difficile de voir aux portes des maisons et des petits hotels de la rue des *Fidalgos,* le mouvement des palefreniers et des pages, des chevaux richement harnachés, des *chaises-à-porteurs* dorées attendant dans les cours et aux portails. Actuellement la ville s'anime et bourdonne seulement pendant les courts séjours de la famille royale au Palais du Reguengo et à l'occasion des foires annuelles.

Ces foires qui durent à peine trois jours chaque, ont lieu respectivement le 29 des mois de janvier, mai et août. Celle de mai est la plus ancienne de la ville; celle d'août fut demandée au roi par le duc D. Jayme et devait durer huit jours, on la nommait de Saint Augustin. Mais, comme au bout de trois jours, débiteurs et acheteurs l'eussent abandonnée, le duc obtint du Roi D. João III, en 1528, une nouvelle foire qui est celle de janvier. Ces trois foires sont très frequentées et on y conclût d'importantes affaires qui représentent des dizaines de *contos* de reis, surtout en bétail, chevaux, bœufs, moutons, chèvres et porcs. Pendant ces trois jours la ville regorge de monde et l'air vibre à tout moment des sonnailles des troupeaux qui passent constamment.

Il est curieux de voir l'aspect sombre de ces foires où les femmes sont en petit nombre et où les hommes vêtus de leurs habits caractéristiques en drap grossier, circulent gravement comme des personnes venant uniquement pour leurs affaires. Pas de guinguettes en plein air. Chacun apporte son bissac, ses provisions et son outre pour les trois jours. Quelle différence des foires du Minho où autour des chars à bœufs sur lesquel reposent les futailles de vin, on installe une boutique! Les femmes avec leurs vêtements coquets sont presques plus nombreuses que les hommes, elles passent et repassent aiguillonnant les bœufs, les porcs, vendant des poules, s'accroupissant auprès des sacs de maïs rangés debout avec les ouvertures retroussées et elles vont en zig-zig en chantant, au son des guitares et des mandolines que l'on entend de tous les côtés! Et les cuisines improvisées avec deux pierres, et les cruches débordantes et écumantes de vin nouveau, qui passent de bouche en bouche emportant des baisers vermeils! Ici on aperçoit à peine une misérable caravane de bohémiens, où les enfants abondent, campée à une extrémité du Carrascal, et les femmes avec leurs tignasses empâtées d'huile, leurs habits multicolores paillettés, brisent de temps en temps le lourd silence, avec leurs chants étranges et traînards accompagnant une ronde cadencée par le rude battement des pieds auprès des mulets et des ânes pitoyablement misérables. Et pourtant rien n'est plus pittoresque dans tout l'Alemtejo, que les bals champêtres au temps des moissons et de la cueillette des olives, lorsque les femmes entonnent en tierces les mélancoliques chansons du pays! Mais aux foires elles ne vont que fugitivement pour faire leurs maigres emplettes, chez les orfèvres et les boutiquiers qui y ont ouvert leurs baraques.

Lorsque le drapeau royal rouge se déploie sur la façade du Palais la ville s'anime considérablement. La grande place est constamment pleine de monde désireux de voir les Rois et les Princes. Les cloches, selon l'ancienne tradition, tintent joyeusement à l'arrivée où au départ de la Famille Royale, et tout ce monde impatient de voir les souverains, se range avec empressement et se découvre à leur passage. C'est que les rois d'aujourd'hui, s'ils ne donnent pas les fêtes somptueuses de leurs ancêtres, savent soulager toutes les misères et tous les malheurs de la ville et des environs et le peuple se réjouît de les voir passer d'un allure simple et naturelle. En outre il sait, avec orgueil, que pour le Roi et la Reine les jours passés à Villa Viçosa sont des plus délicieux et qu'il n'y a pas de village, de bourg, de paroisse, à bien des lieues à la ronde, qu'ils ne connaissent et ne visitent souvent.

Quand les invités du Palais sont en grand nombre, il est très intéressant de voir le départ pour la chasse dans les grands char-à-bancs du temps de la Reine D. Maria II, attelés de trois paires de mules, avec les brillantes livrées de poste, les valets d'étrier chevauchant à la portière, les piqueurs en avant et bien souvent le roi et la reine habillés à la mode de l'Alemtejo, montés à cheval et suivis des paysans enfourchants les petits chevaux de la plaine.

*
* *

O forasteiro hoje dando volta ás ruinas do castello com a sua Egreja matriz da invocação de N. S. da Conceição, admirando o lindo pelourinho, entrando no pantheão dos Duques de Bragança na Egreja do antigo convento dos Agostinhos, notando a fachada do palacio dos Bispos, o pittoresco convento das Chagas de Christo, que tem o titulo de Real, visitando o Paço e as reaes tapadas, percorrendo as ruas e largos da villa e olhando lastimosamente para as ruinas de tantos conventos e egrejas tem visto tudo que lhe póde demorar a attenção.

Nas ruinas do Castello — os antigos Paços da Alcaçova — onde residiram alem do grande Condestavel, os Duques de Bragança, D. Fernando I e D. Fernando II e ainda por algum tempo o Duque D. Jayme, mal se realisa hoje o que foram esses edificios outr'ora ornados com luxo desmedido e onde mesmo, depois dos Duques irem habitar o novo Paço de Reguengo, se conservavam as armações de telas preciosas, velludos, setins, damascos, alcatifas que só por occasiões solemnes e festivas sahiam para decorar o moderno Paço. El-rei D. João IV, logo a seguir á acclamação, despojou os Paços de Villa Viçosa de todas essas riquezas levando-as para a capital, para assim dar maior realce e maior brilho ao seu Paço Real, deixando apenas no castello as armaduras dos differentes Duques de Bragança, que constituiam alli como um museu. Todas essas armaduras porem se perderam por occasião da invasão franceza e dos tempos revoltos que mais tarde se lhe seguiram.

Formoso é o panorama que das muralhas do castello se desfructa abraçando um grande horisonte e vendo-se distinctamente, nos dias claros, para o lado de Hespanha, a tão disputada casaria de Olivença.

A Egreja matriz de Nossa Senhora da Conceição (primitivamente chamada Santa Maria do Castello) passa por ser fundação de D. Nuno Alvares Pereira. Entretanto, segundo opiniões auctorisadas, parece que o Condestavel não fez mais do que reedificar um templo já alli existente. A tradição attribue tambem ao Condestavel o ter dado á Egreja a imagem de marmore da Virgem, que se diz ter vindo da Inglaterra. A Egreja de tres naves, com as paredes azulejadas até á cimalha, não tem nada de notavel, a não ser o camarim fechado por trabalhadas rotulas de prata, dadiva tambem de Nuno Alvares, e que encerra a imagem da Virgem. A egreja, tal como hoje existe, é reedificação do tempo d'El-Rei D. Sebastião e foi riscada pelos mestres da villa Gonçalo Dias de Carvalho e Paulo Affonso.

O pelourinho de marmore azulado, que tem de sete a oito metros de altura, termina por uma roca d'um complicado trabalho e diz-se ser obra do tempo d'El-Rei D. Diniz.

O convento dos Agostinhos começado a edificar a 5 de maio de 1267, foi ao principio de pobres dimensões, augmentando e engrandecendo-se successivamente. El-Rei D. Diniz hospedou-se n'este convento na sua passagem por Villa Viçosa. Quando os Duques de Bragança escolheram o convento dos Agostinhos para pantheão de familia, determinaram reformar-lhe a frontaria de maneira que ficasse olhando para o Paço do Reguengo. Essas obras levaram muito tempo. Principiadas antes da acclamação d'El-Rei D. João IV (1635) só em 1677 é que as ossadas de D. Fernando I, D. Jayme, D. João I, D. Fernando II, D. Theodosio I e D. Theodosio II foram encerradas nos seis tumulos de marmore da capella-mór. Nos topos do plano do presbyterio jazem D. Manoel e D. Maria, filhos d'El-Rei D. João IV e fallecidos creanças. No cruzeiro da parte da epistola D. Alexandre, arcebispo d'Evora, e seu sobrinho do mesmo nome, da parte do Evangelho D. Filippe, filho do 6.º Duque de Bragança D. João, irmão, do Duque D. Theodosio. O quarto tumulo do cruzeiro era destinado a D. Duarte, irmão d'El-Rei D. João IV fallecido em Milão, mas os restos mortaes d'este Principe nunca para alli foram trasladados. No centro do cruzeiro, e em sepultura rasa, jaz D. Rodrigo de Lancastre, neto de D. Diniz, irmão do Duque D. Jayme. A egreja tem a fórma de cruz latina. As paredes do cruzeiro e capella-mór são revestidas até á cornija de marmore branco. Os altares lavrados em marmore branco, azul, vermelho e preto. Todo o pavimento é em xadrez branco e azul de marmore de Montes Claros. Os ricos retabulos do altar-mór e cruzeiro foram feitos já no reinado de D. José I. As formosas lampadas e castiçaes de prata, bem como dez bustos de prata, que por occasião das festividades se collocavam no altar-mór, tudo dadiva d'El-Rei D. João V, desappareceram no tempo dos francezes. É no convento d'esta Egreja e em parte das cavallariças do Paço Real que agora está aquartellado o regimento de cavallaria 10.

*
* *

Le voyageur qui aura fait le tour des ruines du château avec son église paroissiale sous l'invocation de Notre Dame de la Conception, admirant le joli pilori, entrant dans le Panthéon des Ducs de Bragança de l'ancien couvent des Augustins, remarquant la façade du Palais des Evêques, le pittoresque couvent des Chagas de Christo, qui porte le titre de Royal, visitant le Palais et les forêts royales, parcourant les rues et les places de la ville et finissant par contempler tristement les ruines de tant de couvents et d'églises, aura vu tout ce qui est digne d'attirer son attention.

Dans les ruines du château — ancien Palais de l'Alcaçova — où ont habité, outre le grand Connétable, les Ducs de Bragança, D. Fernando I et D. Fernando II et encore pendant quelque temps le Duc D. Jayme, on ne peut guère se rendre compte de ce qu'étaient ces édifices décorés jadis avec un luxe incomparable et dans lesquels, même après que les Ducs aient été habiter le nouveaux Palais du Reguengo, on conserva les tentures en étoffes précieuses, velours, satins, damas, tapis qui ne sortaient qu'à l'occasion de fêtes solennelles, pour décorer le nouveau palais. Aussitôt après son avènement le Roi D. João IV dépouilla le Palais de Villa Viçosa de toutes ces richesses qu'il fit transporter dans la capitale pour orner plus somptueusement son Palais Royal, laissant à peine dans le château les armures des différents Ducs de Bragance, qui formèrent une espèce de musée. Toutes ces armures furent perdues à l'occasion de l'invasion française et de l'époque tumultueuse qui suivit. Des murs du château d'où la vue s'étend sur un vaste horizon, le panorama est admirable et par les journées claires et pures on voit distinctement du côté de l'Espagne, les groupes de maisons de Olivença, jadis si disputées. L'église paroissiale de Notre Dame de la Conception (primitivement nommée Sainte Marie du Château) passe pour avoir été fondée par D. Nuno Alvares Pereira.

Cependant d'après quelques opinions autorisées il paraitrait que le Connétable ne fit que réédifier un temple déjà existant; selon la tradition il aurait aussi fait don à l'église de l'image en marbre de la Vierge, qu'on dit être venue d'Angleterre.

L'église à trois nefs, avec ses murs bleutés jusqu'à la cimaise, n'a rien de remarquable, qu'une chapelle close par un grillage d'argent très ouvragé, donné aussi par Nuno Alvares, et qui renferme la statue de la Vierge. Telle qu'elle est actuellement, elle fut restaurée au temps du Roi D. Sebastião et dessinée par les entrepreneurs de la ville Gonçalo Dias de Carvalho et Paulo Affonso. Le pilori en marbre bleuâtre, qui mesure sept à huit mètres de hauteur est terminé par une quenouille d'un travail compliqué que l'on dit être du temps du Roi D. Diniz.

Le couvent des Augustins commencé le 5 mai 1267, était premièrement de très petites dimensions, mais il fut successivement augmenté et agrandi, et le Roi D. Diniz y séjourna à son passage par Villa Viçosa. Quand les Ducs de Bragança choisirent le couvent des Augustins pour Panthéon de famille, ils résolurent d'altérer la façade de manière qu'elle resta vis-à-vis le Palais de Reguengo. Ces travaux durèrent très longtemps. Commencés avant l'avènement du Roi D. João IV (1635) ce ne fut qu'en 1677 que les dépouilles de D. Fernando I, D. Jayme, D. João I, D. Fernando II, D. Théodosio I et D. Théodosio II, furent ensevelies dans les six tombeaux de marbre du sanctuaire. Au sommet du plan du presbytère gisent D. Manuel et D. Maria, enfants du Roi D. João IV, morts très jeunes, et dans le transept du côté de d'Épître D. Alexandre, archevêque d'Evora et son neveu du même nom, du côté de l'Évangile D. Philippe, fils du sixième duc de Bragança D. João, frère du duc Theodosio.

Le quatrième tombeau du transept était destiné à D. Duarte, frère du roi D. João IV, décédé à Milan, mais les restes de ce prince n'y furent jàmais transportés. Au centre du transept dans une tombe rase, git D. Rodrigo de Lencastre, petit fils du Roi D. Diniz, frère du duc D. Jayme. L'église a la forme d'une croix latine; les murs du transept et du chœur sont revêtus jusqu'à la corniche, en beau marbre blanc; les autels sculptés en marbre blanc, bleu, rouge et noir. Tout le dallage est à carreaux blancs et bleus de marbre des Montes Claros. Les riches retables du maître autel du transept furent faits déjà pendant le règne de D. José I. Les magnifiques lampes et les chandeliers d'argent ainsi que dix bustes également d'argent, qui aux grandes fêtes figuraient au maître autel, et avaient été donnés par le roi D. João IV, ont disparu lors de l'invasion française. C'est dans le couvent de cette église et dans une partie des écuries du Palais Royal que se trouve actuellement caserné le 10me regiment de cavalerie.

Com frente para o terreiro do Paço, e fazendo esquina para a rua dos Fidalgos, fica o palacio dos bispos. Mandado edificar pela Duqueza D. Joanna de Mendonça, viuva do Duque D. Jayme, foi alli que a nobre Duqueza expirou, deixando uma parte do palacio a seu filho D. Fulgencio e outra ás freiras das Chagas. Adquirido todo o palacio mais tarde pelo Duque D. Theodosio II, serviu por muito tempo para dar alojamento aos hospedes dos Duques que não cabiam no Paço do Reguengo. Reedificado por D. João V destinou-o então aos Deões da capella real que eram bispos no tempo do Rei magnifico. Hoje serve de habitação ao almoxarife do Paço Real.

O real convento das Chagas de Christo faz a outra esquina da rua dos Fidalgos, e olha tambem para o terreiro do Paço, indo a sua fachada bater em angulo recto no muro que continua a do Paço Real. A porta da egreja é no chamado estylo manoelino de arco pouco elevado; a torre tem o corocheu muito esguiado, o que a torna elegantissima. O mirante retangular, com os tijolos dispostos em frestas, á maneira alemtejana, parece rendilhado. Toda a construcção é muito irregular. Os pequenos telhados a alturas differentes, recortam-se no azul do céo em linhas graciosissimas. Mandado construir pelo Duque D. Jayme, é este mosteiro do padroado da Casa de Bragança e é o unico na villa que ainda tem uma freira, tão velhinha e encarquilhada, que parece da idade do proprio convento! Suas Magestades, seguindo uma antiga tradição, visitam-n'o sempre que vão a Villa Viçosa, sendo recebidos na portaria, de cruz alçada com todo o antigo ceremonial. Inutil accrescentar que esse dia é sempre de grande festa para a pequena communidade.

O Paço do Reguengo, tal como actualmente existe, é obra de muitas gerações. Foi em 1501 que o Duque D. Jayme lhe deu principio. É d'este tempo tudo que está da porta de ferro para o norte, até ao primeiro andar, incluindo capella, claustro e *ilha* [1], para a qual se entra pela originalissima porta dos nós em fórma de M com tres nós sobre o vão. Segundo Fr. Manoel Callado, sobre esta porta existia o conhecido mote da casa de Bragança: «depois de vós, nós». Fica, como já dissemos, proximo da porta do nó a que deu o nome. O Duque D. Jayme principiou ainda a fachada principal. Continuada depois por seu filho D. Theodosio, e pelo filho d'este D. João, foi D. Theodosio II quem lhe deu todo o desenvolvimento. Por occasião da acclamação d'El-Rei D. João IV a vasta frontaria do Paço já se achava quasi toda revestida de marmores de Montes Claros, compondo-se por assim dizer, de tres galerias: a do rez do chão de ordem dorica, a do andar nobre de ordem jonica e a ultima corinthia. Dissemos quasi toda, por parecer fóra de duvida ter sido a ultima acabada por El-Rei D. João V, que interiormente fez grandes obras, principalmente de pinturas, reformando tambem a capella, a torre, as cozinhas, cavallariças, celleiros e mais dependencias. D. José I acabou as obras planeadas por seu pae, levantando dois andares á parte do Paço velho, que se dobra em angulo recto sobre a fachada principal e dá para o jardim do bosque ou das damas. O jardim olha, por janellas abertas no muro, para o terreiro do Paço. Este jardim estende-se ate á chamada casa de Lisboa, esquina do Terreiro, que tem este nome por dizer a tradição, ter sido á janella rasgada, aberta para a porta do nó, que a Duqueza D. Luiza Francisca de Gusmão esperara o desejado mensageiro, portador da boa nova de ter triumphado em Lisboa a conjuração de 1640, que lhe collocava sobre a cabeça altiva de hespanhola a corôa de Portugal. Quantas horas, por esse frio dia de dezembro, passaria a Duqueza, anciosamente debruçada sobre as grades da janella, alongando inquieta a vista pela estrada fóra. Quantas horas?

D. Maria I tambem, por occasião da *troca das Princezas,* accrescentou uma sala ao Paço e fez a grande casa de jantar. Na *ilha* construiu a cocheira grande de tres portadas, e, ao meio da grande fachada do Paço, levantou a chamada *casa dos alfaiates,* com tres janellas de peito, e o seu telhado em duas aguas, á laia de frontão. Esta pequena parte não é revestida de marmore e o mesmo acontece ás duas frentes que dão para o jardim das damas.

É magestosa a fachada do Paço, com as suas vinte e tres janellas em correnteza e por andar, accrescentada ainda com o corpo do edificio que entra pelo jardim das damas. E esta impressão de grandeza não diminue, antes augmenta, ao entrar a larga porta e ao subir a vasta escadaria de marmore que depois d'um primeiro lanço, se dobra em angulo recto, para continuar a subir até ao piso do andar nobre. A escada é defendida por uma singela balaustrada de marmore, que em cima limita o atrio. As

[1] Nome porque é conhecida esta parte do paço.

Le palais des évêques donne sur la place du Palais faisant le coin de la rue des *Fidalgos*. Edifié par la duchesse D. Joanna de Mendonça, veuve du duc D. Jayme, c'est là qu'elle expira léguant une partie du palais à son fils D. Fulgencio et l'autre aux Religieuses des Chagas. Plus tard le duc D. Théodosio l'acheta et s'en servait pour loger les hôtes des ducs que faute d'espace il ne pouvait loger au Palais du Reguengo. Restauré par D. João V il fut alors destiné aux Doyens de la chapelle Royale qui étaient évêques au temps du roi magnifique. Actuellement il est habité par l'intendant du Palais Royal.

Le Royal Couvent des Chagas du Christ fait l'autre coin de la rue des Fidalgos et donne aussi sur la place du Palais; sa façade va rejoindre en angle droit le mur qui continue celle du Palais Royal. La porte de l'église dans le style nommé *manuelino* présente un arc peu élevé; la tour a une flèche très aigüe qui lui donne beaucoup d'élégance. La terrasse rectangulaire avec les briques disposées en créneaux à la manière du pays, semble dentelée. Toute la construction est irrégulière; les petits toits, à différentes hauteurs, se découpent en lignes gracieuses sur l'azur du ciel. Construit par le duc D. Jayme ce monastère est du patronnage de la maison de Bragança et le seul de la ville qui possède encore une religieuse, si vieille, si ridée qu'elle semble avoir l'âge du couvent. Quand Leurs Magestés sont à Villa Viçosa suivant l'ancienne tradition, elles visitent toujours le couvent, étant reçues à la porte principale, la croix en tête avec tout le cérémonial exigé. Inutile d'ajouter que c'est un jour de fête pour la petite communauté.

Le palais du Reguengo, tel qu'il est, présente l'œuvre de beaucoup de générations. C'est en 1501 que le duc D. Jayme fit commencer les travaux. Tout ce qui se trouve depuis la porte de fer vers le nord jusqu'au premier étage, y compris la chapelle, le cloître et l'île [1], dans laquelle on entre par la très originale porte du nœud en forme de *M* avec trois nœuds à l'embrassure, date de ce temps là. D'après Fr. Manuel Callado on voyait sur cette porte la devise connue de la maison de Bragança: «Après vous, nous» [2] et comme nous l'avons dit, elle est située près de la porte du nœud à laquelle elle a donné son nom. Le duc D. Jayme commença encore la façade principale, continuée ensuite par son fils D. Théodosio et par le fils de celui-ci, D. João, mais ce fut D. Théodosio qui lui donna son plus grand développement. Lors de l'avènement du Roi D. João IV toute la vaste façade du Palais était à peu près revêtue de marbre des Montes Claros, et se composait pour ainsi dire de trois galeries: celle du rez du chaussée, de l'ordre dorique, celle de l'étage principal ionique, et la dernière corinthienne. Nous avons dit à peu près, car il parait hors de doute, que la dernière partie a été terminé par le Roi D. João V, qui fit faire de grands travaux intérieurs surtout en peintures, restaurant aussi la chapelle, la tour, les cuisines, écuries, greniers et autres dépendances. D. José I conclût les travaux projetés par son père, ajoutant deux étages à la partie du vieux Palais qui se replie en angle droit sur la façade principale et donne sur le jardin du bosquet ou des dames. Par des fenêtres pratiquées dans le mur, ce jardin a vue sur la place du Palais et s'étend jusqu'à la partie nommée maison de Lisbonne au coin de la Place; on dit, d'après la tradition, qu'à cette large fenêtre ouverte près de la porte du nœud, la duchesse D. Luzia Francisca de Gusmão attendit le messager si souhaité qui devait lui apporter la bonne nouvelle du triomphe à Lisbonne, de la conjuration de 1640, ce qui aurait placé sur sa tête hautaine d'espagnole, la couronne de Portugal. Combien d'heures, aurait passé la duchesse, anxieusement penchée sur ce balcon, étendant son regard inquiet sur cette longue route, pendant cette froide journée de décembre!

À l'occasion de l'*Échange des Princesses* D. Maria I ajouta aussi une salle au Palais et fit la grande salle à manger. Dans l'*île* elle fit faire la grande écurie à trois portails et au centre de l'ample façade du Palais elle fit élever la nommée *Maison des Tailleurs,* avec trois fenêtres à appuis, et la toiture à deux versants en guise de fronton. Cette petite partie n'est pas revêtue de marbre de même que les deux faces donnant sur le jardin des dames.

La façade du Palais avec ses rangées de vingt trois fenêtres à chaque étage, ajoutée encore avec le corps de bâtiment qui entre dans le jardin des dames, est des plus majestueuses, et cette impression de grandeur ne diminue pas, elle augmente encore lorsqu'on franchit la vaste entrée et qu'on monte

[1] Nom sous lequel est connue cette partie du Palais.

[2] Jeu de mots intraduisible, *nós* signifie en portugais le pronom *nous* et le pluriel du substantif *nœud.* (*N. du tr.*)

paredes são guarnecidas por um roda-pé de marmore azul e branco de um metro e sessenta de alto. D'ahi para cima curiosos frescos representam a tomada de Azamor pelo Duque D. Jayme. No tecto um grande escudo com o brazão é sustentado por tres anjos. Entre as duas janellas, que no atrio dão luz á escada, encastra-se na parede um originalissimo candelabro de ferro forjado. Representa o diabo de braços abertos com duas velas nas mãos, equilibrando na cabeça disforme, uma outra vela.

A porta da esquerda abre para a vasta sala dos Duques (20m,80 × 7m,80) alumiada por cinco janellas que dão para o Terreiro. De fórma rectangular e elevado pé direito tem ao meio da parede fronteira á das janellas, uma simples mas muito elegante e alta chaminé de marmore branco. O tecto é de madeira e em maceira dividido em caixotões. De cada um destacam-se interessantes telas. Essas telas representam, em tamanho natural, a successão dos Duques de Bragança a partir de D. João I e do grande Condestavel, até D. José filho de D. Maria I. As molduras do tecto são douradas com ornatos brancos, vermelhos e azues, e muitissimo originaes. Obra de D. João V os retratos attribuem-se ao pintor francez Guillard (Antoine) ou Quignhard, que em Portugal esteve ao serviço do faustoso Rei. As telas porém não parecem todas devidas ao mesmo pincel. Se é certo que algumas se assemelham, outras são notavelmente dissimilhantes. O retrato do pequenino Duque D. João passa mesmo por ser de Vandyck, tal é o primor da sua execução. Uma creança loura, d'uma brancura ineffavel com a camizinha aberta em decote, está sentada na cama com a cabeça e o tronco debil encostado a uma grande almofada azul; as mãositas descançam preguiçosamente na dobra do lençol sobre a colcha de sêda e azul tambem, que cobre o leito e cae até ao chão em lindas pregas. Forma fundo ao quadro um biombo e fartas cortinas de sêda lavrada. No primeiro plano, aos pés da cama, um cão, aninhado n'uma almofada vermelha, procura com o focinho uma pulga impertinente. É realmente delicioso, pela tonalidade geral, este formoso quadro.

N'um outro a Princeza D. Maria Barbara está de pé vestida de branco e azul, com o seu King Charles ao collo amoravelmente deitado no ante braço esquerdo, e segurando com a mão direita o pequenino Duque D. Pedro ainda de saias, com o corpete cortado de brandeburgos dourados, mal sentado n'uma cadeira, estofada d'azul, d'alto espaldar com os pésitos bambuleantes acima da almofada de sêda vermelha posta no chão.

Domina a todos a figura do grande Condestavel. Vestido de armadura, n'uma nobre attitude, segura na mão direita a acha d'armas e apoia a esquerda na larga faxa de sêda vermelha, que se lhe enróla á cinta. De elmo emplumado na cabeça, tem o olhar fito no vago, alheiado do fundo do quadro, onde se trava uma rija batalha. Dir-se-ia, com a visão do seu destino futuro, olhando já só para Deus!

Os retratos do tecto por sua ordem e a partir de D. João I, Rei de Portugal, são: 1.º D. João I, Rei de Portugal; 2.º D. Nuno Alvares Pereira; 3.º D. Affonso, primeiro Duque de Bragança e a Duqueza D. Brites Pereira; 4.º D. Fernando I; 5.º D. Fernando II; 6.º D. Jayme; 7.º D. Theodosio I; 8.º D. João I; 9.º D. Theodosio II; 10.º D. João II depois El-Rei D. João IV; 11.º D. Theodosio, filho de D. João IV, e que não chegou a reinar; 12.º D. Affonso VI; 13.º D. Pedro II; 14.º D. Isabel Josepha, filha de D. Pedro II; 15.º D. João, filho de D. Pedro II e que morreu creança; 16.º D. João V; 17.º D. Maria Barbara e D. Pedro fallecido com pouco mais de dois annos; 18.º D. José, Principe do Brazil.

Um unico retrato moderno, o do actual Duque de Bragança ainda creança, pintado por Malhoa está n'esta sala. Pelas paredes, e entre os vãos das janellas, admiram-se armaduras collecionadas por El-Rei D. Fernando, avô de Sua Magestade. Ao lado da chaminé, montada no seu reparo, descança uma peça de artilheria de bronze, d'um delicado trabalho, com as armas da casa de Bragança. Esta peça foi encontrada na Italia e dada pelo Rei Victor Manuel a El-Rei D. Luiz I. Tres grandes lustres de crystal suspendem-se do tecto. Cadeiras de couro e dois grandes bufetes, um dos quaes, o do centro, assenta sobre um riquissimo tapete da Persia, de muitos metros de comprido, completam o mobiliario d'esta sala.

Por uma porta passa-se á sala das virtudes (8m,0 × 8m,0) assim designada por ter nos caixotões do tecto, semelhantes aos da sala dos Duques, figuras representando as differentes virtudes. A esta segue a sala de Hercules (6m,5 × 13m,0). O tecto abobadado é coberto de complicados ornatos polychromos, que intensamente se destacam do fundo branco. Ao centro n'uma oval alongada, o Hercules da fabula, empunhando uma forte massa, domina o leão. Em varios medalhões, sobre a sanca vêem-se representados os fadigosos trabalhos de Hercules. N'esta sala destaca uma chaminé, puro estylo renas-

le large escalier de marbre qui après le premier palier, se double en angle droit et se continue jusqu'à l'étage principal, protégé par une simple balustrade de marbre qui en haut termine le vestibule. Les murs sont garnis d'un lambris de marbre bleu et blanc, haut d'un mètre soixante. À partir de là, on voit de curieuses fresques représentant la prise d'Azamor par le duc D. Jayme; au plafond trois anges soutiennent un grand écusson avec le blason; entre les deux fenêtres du vestibule qui éclairent l'escalier un candélabre en fer forgé très original, est enchassé dans le mur; il représente le diable, les bras ouverts avec une bougie à chaque main et équilibrant sur sa tête difforme une autre bougie.

La porte de gauche s'ouvre sur la grande salle des ducs (20m,80 × 7m,80) éclairée par cinq fenêtres qui donnent sur la Place; de forme rectangulaire et très elevée de plafond, elle est ornée d'une simple et très élégante cheminée en marbre blanc, au centre du mur faisant face aux fenêtres. Le plafond est en bois de pommier à caissons, dont chacun encadre des toiles très intéressantes. Ces toiles représentent, en grandeur naturelle, la succession des ducs de Bragança à partir de D. João I et du grand Connétable jusqu'à D. José, fils de D. Maria I. Les moulures du plafond sont dorées avec des ornements blancs, rouges et bleus très originaux. Les tableaux du temps de D. João V sont attribués au peintre français Guillard (Antoine) ou Quignhard, qui vint en Portugal au service du roi fastueux; cependant ils ne semblent pas tous dûs au même pinceau. Si quelques uns sont semblables, d'autres sont tout à fait dissemblables. Le portrait du petit duc D. João passe pour être de Vandyck, telle est la beauté de son éxécution; une enfant blonde, d'une blancheur idéale, vêtue d'une petite chemise décolletée est assise sur un lit, avec la tête et le corps débile appuyés sur un grand coussin bleu; ses petites mains reposent languissamment sur le pli du drap par dessus la couverture en soie également bleue, qui recouvre le lit et tombe jusqu'à terre en plis gracieux. Le fond du tableau est complété par un paravent et d'amples rideaux de soie brochée. Sur le premier plan au pied du lit, un chien se blottit sur un coussin rouge cherchant du museau une puce importune. Ce tableau dans sa tonalité générale est d'un ensemble délicieux.

Dans un autre on voit la princesse D. Maria Barbara debout, vêtue de bleu et blanc, son King Charles amoureusement couché sur l'avant bras gauche et soutenant de sa main droite le petit duc D. Pedro, encore en jupes, le corsage strié de brandebourgs dorés, à peine assis sur une chaise, recouverte de bleu, à haut dossier, et les pieds ballants plus haut que le coussin de soie rouge posé par terre.

La figure du Grand Connétable domine toutes les autres. Revêtu de son armure, dans une attitude noble, il tient de la main droite la hache d'armes et appuie la gauche sur l'écharpe de soie rouge qui lui ceint la taille. Le casque empanaché sur la tête, son regard se fixe dans le vague, isolé du fond du tableau où l'on voit une rude bataille. On dirait, qu'ayant la vision de sa destinée future il ne regarde plus que Dieu!

Les portraits du plafond sont, par leur ordre, à partir de D. João I roi du Portugal: 1er D. João I roi de Portugal, 2d D. Nuno Alvares Pereira, 3me Affonso, premier duc de Bragança et la duchesse D. Brites Pereira, 4me D. Fernando I, 5me D. Fernando II, 6me D. Jayme, 7me D. Théodosio I, 8me D. João I, 9me D. Théodosio II, 10me D. João II qui fut depuis le roi D. João IV, 11me D. Théodosio fils de D. João IV, e qui n'arriva pas à régner, 12me D. Affonso IV, 13me D. Pedro II, 14me D. Izabel Josepha fille de D. Pedro II, 15me D. João fils de D. Pedro II, mort enfant, 16me D. João V, 17me D. Maria Barbara et D. Pedro mort avec un peu plus de deux ans, 18me D. José prince du Brésil.

Il n'y a dans cette salle qu'un seul portrait moderne; c'est celui de l'actuel duc de Bragança encore enfant peint par Malhôa. Le long des murs, et entre les fenêtres, on admire les armures collectionnées par le roi D. Fernando, grand père de sa majesté le roi actuel.

À côté de la cheminée repose sur son affût un canon en bronze, d'un travail délicat, avec les armes de la maison de Bragance, qui fut trouvé en Italie et donné par le roi Victor Emmanuel au roi D. Luiz I. Du plafond pendent trois grands lustres de cristal. Le mobilier de cette salle est complété des chaises de cuir et deux grands buffets, dont un, celui du centre, est posé sur un long et riche tapis de Perse.

Une porte donne accès à la salle des vertus (8m,0 × 8m,0) ainsi nommée parce que les caissons du plafond, semblables à ceux de la salle des ducs, sont ornés de figures représentant les vertus. Ensuite on arrive à la salle d'Hercule (6m,5 × 13m,0). Le plafond voûté est couvert d'ornements poly-

cença, toda de marmore branco. Sustentam-n'a duas caryatides. Ao centro do primeiro entablamento um cupido d'azas abertas esquece-se adormecido, apoiado a um cofre ornado com o arco e aljava onde talvez o Deus travesso guarde corações despedaçados. No friso mais elevado vae em triumpho, n'um carro tirado por um centauro, e a tocar uma especie de rebeca, um menino coroado de pampanos segurando um caduceu. Ao lado do carro, e pela parte de traz, um outro menino levanta nos braços erguidos um vaso de flôres. Ainda um outro, vestido de guerreiro, empurra com vigor o carro. Na frente outro centauro galopa tocando buzina e empunhando uma massa. A chaminé, subindo, toma a fórma trapesoidal de lados curvos. Ao centro d'essa superficie, cavalga em pello um menino nú, segurando-se com a mão esquerda ás crinas do corcel e tendo na direita um facho acceso. Um delicado medalhão, encimado por uma urna, assenta sobre a ultima moldura.

Segue a sala de bilhar, com o elevado tecto em caixotões com largos ornatos vermelhos e dourados sobre fundo branco. Ha tambem n'esta sala uma chaminé muito elegante de marmore branco. A parte superior fórma uma especie de nicho, no centro do qual um cavallo ardente se empina ao sentir, pela garupa, um leão que o ataca. As duas janellas rasgadas d'esta sala abrem, por entre as folhas de verdes limoeiros para o pequeno e recatado jardim das damas, de altos buxos cortados á maneira de Le Nôtre, e a comprida alameda ensombrada de bellas arvores, que se estende até um grande tanque junto á casa de Lisboa.

A vasta casa de jantar ($20^{m},80 \times 8^{m},0$) dá, pelo lado de traz, para um terraço, sobranceiro a outro jardim.

Ainda hoje se visita no Paço o chamado quarto de D. Jayme. Ladrilhado, tem um pequeno poço no centro para o qual se desce por alguns degraus. Este quarto recorda o tragico fim da Duqueza D. Leonor, primeira mulher do Duque. União mal abençoada pelo eloquente defensor do Duque D. Fernando II, o erudito Bispo do Funchal, D. Diogo Pinheiro, sobrinho de D. Branca Pinheiro, mãe do instituidor do morgado de Pindella e decima quarta avó de quem escreve estas linhas.

Os numerosos aposentos do Paço offerecem actualmente o maior conforto. Ultimamente a antiga e acanhada escada, que dava communicação para o segundo andar, foi substituida por outra inteiramente em harmonia com o resto do edificio. As janellas das trazeiras abrem para o Reguengo ou grande quinta, composta do Reguengo antigo, da horta do Carrascal de D. Catharina e da horta das freiras das Chagas. Junto ao Paço um vasto jardim, em recinto murado e que entesta com a cerca das freiras das Chagas de Christo, tem nos caprichosos desenhos de buxo a data de 1787. Ha mais de vinte annos que n'um alto choupo do Reguengo, bem perto das janellas do Paço, quasi no cucuruto, e como fazendo parte do proprio choupo, conhecemos o mesmo ninho de cegonhas cada primavera renovado, e d'onde no verão os filhos quasi implumes, estendem os compridos pescoços avidos dos alimentos, que os paes solicitos, em largos e serenos vôos, lhes vão buscar.

*
* *

A pouco mais de trezentos metros da porta do nó, e subindo, fica, no outeiro de S. Bento, a porta principal da tapada real toda murada n'um perimetro de muitos kilometros. Alem d'esta porta tem mais a tapada a de Santa Barbara ao noroeste, a de Albufeira ao norte, a de Santo Antonio a este e a de ferro ao sul. No anno de 1852 a tapada foi dividida por um muro para só na primeira (a mais pequena) se fechar a caça grossa: veados, corças e gamos. Muita caça miuda povoa as duas tapadas.

Foi o Duque D. Jayme quem primeiro mandou cercar por um muro de taipa a herdade do *Matto* povoando-a de veados, gamos e javalis. Seu filho D. Theodosio construiu em 1540, na pequena collina onde hoje existe o chamado palacete, uma primeira casa de habitação, sendo porem seu filho quem, alargando ainda mais a tapada, transformou a casa, edificando perto a capella de Nossa Senhora de Belem e ao lado mesmo do palacete a praça de touros com a sua tribuna, em arcaria de marmore, coberta por um telhado mouriscado, reunindo assim, n'um limitado espaço, todo o symbolismo da velha alma portugueza.

O relevo do terreno e as bellas arvores que o ensombram dão um grande encanto ás tapadas. Logo á entrada, da ermida de S. Jeronymo, abrigada por formosissimos pinheiros mansos, é esplendido o

chromes, très compliqués, qui ressortent fortement sur le fond blanc. Au centre, en un ovale allongé, l'Hercule de la fable, empoignant une grosse massue, domine le lion.

D'autres médaillons sur la corniche représentent les fatigants travaux d'Hercule. À remarquer dans cette salle, une belle cheminée toute en marbre blanc, du plus pur style renaissance, soutenue par deux cariatides; au centre du premier entablement un cupidon les ailes ouvertes s'est endormi, appuyé à un coffre, décoré du carquois et de l'arc et dans lequel le Dieu malin garde peut-être les cœurs meurtris. Sur la frise supérieure un enfant couronné de pampres tenant à la main un caducée est porté en triomphe dans un char tiré par un centaure, jouant une espèce de violon; à côté du char, un peu en arrière, un autre enfant soulève dans ses bras un vase de fleurs et un autre encore, vêtu en guerrier pousse vigoureusement le char; en avant un autre centaure galope en jouant du cor et empoignant une massue. La cheminée prend en montant, la forme trapezoïdale aux lignes latérales courbées. Au centre de cette surface, un enfant dévêtu chevauche un cheval à nu, se retenant de la main gauche à la crinière du coursier et tenant à la main droite une torche allumée. Sur la dernière moulure on voit un medaillon très gracieux surmonté d'une urne.

On passe ensuite à la salle de billard, au plafond très élevé à caissons fond blanc avec de grands ornements rouge et or. La cheminée de cette salle, en marbre blanc est aussi très élégante; la partie supérieure forme une niche dans laquelle un cheval fougueux se cabre en sentant sur sa croupe un lion qui l'attaque. Les deux vastes fenêtres de cette pièce s'ouvrent, entre la verdure des citronniers, sur le petit et tranquille jardin des dames avec ses hauts buis taillés à la manière de Le Nôtre, et sur la longue avenue ombragée de beaux arbres qui s'étend jusqu'à un grand bassin près de la maison de Lisbonne. La vaste salle à manger de 20 mêtres dont nous avons parlé donne derrière sur une terrasse dominant un autre jardin.

On visite encore de nos jours dans le Palais, la chambre nommée de D. Jayme; elle est carrelée et a au milieu un petit puits dans le quel on descend par quelques marches. Cette chambre rappèle la fin tragique de D. Léonor, première femme du duc dont l'union peu bénie fût célébrée par l'éloquent défenseur du duc D. Fernando II, l'érudit evêque de Funchal, D. Diogo Pinheiro, neveu de D. Branca Pinheiro, mère du fondateur du majorat de Pindella et quatorzième aïeule de l'auteur de ces lignes.

Les nombreux appartements du Palais sont actuellement meublés avec le plus grand confort. L'ancien et mesquin escalier qui communiquait avec le second étage, a été dernièrement remplacé par un autre tout à fait en harmonie avec le reste de l'édifice. Les fenêtres de la partie postérieure ouvrent sur le Reguengo ou grande métairie, composée de l'ancien Reguengo, de la ferme du Carrascal de D. Catharina, et de la ferme des religieuses des Chagas du Christo. Près du Palais un vaste jardin, clôturé de murs et contigu à l'enclos des religieuses des Chagas de Christo, porte dans ses capricieux dessins de buis, la date de 1787. Depuis plus de vingt ans, bien près des fenêtres du Palais presque au sommet d'un haut peuplier du Reguengo, et comme faisant partie de l'arbre, nous connaissons le même nid de cigognes, renouvelé chaque printemps et dans lequel, pendant l'été, les petits encore déplumés, étendent leurs longs cous, avides de nourriture que les parents soigneux, vont leur procurer, avec leur vol large et serein.

*
* *

À un peu plus de trois cents mètres de la porte du nœud, en montant, on trouve sur le coteau de St. Benoit, la porte principale de la forêt ou parc royal dont l'enceinte est murée sur un contour de plusieurs kilomètres. Outre cette entrée le parc a encore la porte de S[te] Barbara au nord-ouest, celle d'Albufeira au nord, celle de St. Antoine à l'est et au midi la porte de fer.

En 1852 la forêt fut partagée afin de renfermer dans la première partie et la plus petite, tout le gros gibier, cerfs, chevreuils et biches; les deux parties sont très peuplées de menu gibier.

Ce fut le duc D. Jayme qui fit primitivement entourer d'un mur de torchis le domaine du *Matto* le peuplant de cerfs, de daims et de sangliers. En 1540, son fils D. Theodosio construisit sur la petite colline où existe aujourd'hui le petit palais, une première maison, mais ce fut son fils qui en augmentant le parc, transforma cette maison en édifiant auprès la chapelle de Notre Dame de Belem et à côté du petit palais, le cirque de taureaux avec sa tribune aux arceaux de marbre recouverte d'un toit

panorama que se descobre. Mais longe, e ainda na primeira tapada, nada mais pittoresco que a branca ermida de Santo Eustaquio, redonda como uma mesquita, coroando o monte da Atalaya e mandada construir por D. Theodosio II. Para o outro lado, no fundo d'um pequeno valle, a nascente das famosas aguas ferreas.

Corta a segunda tapada por um lado a ribeira de Borba, por outro a d'Albufeira, que vem da extensa lagoa d'este nome. A lagoa fica situada fóra da tapada, mas ainda n'uma herdade da casa de Bragança. Com manchas de matto por causa da caça, a segunda tapada constitue toda ella um magnifico montado de azinheiras e sobreiros, com alguns pinhaes e olivedos. N'esta tapada, onde ha espaços muito agrestes, cada dobra de terreno se desenha n'uma paizagem deliciosa.

*
* *

El-Rei D. Manoel, por não ter então filhos, declarou em 1428 seu sobrinho D. Jayme, principe herdeiro da Corôa Real, dando-lhe a prerogativa de usar das armas reaes, de ter cortejo de principe e fidalgos para o serviço da sua pessoa e casa. As prerogativas dadas ao duque D. Jayme, apesar de não ter reinado, conservaram-se na Casa de Bragança até á acclamação de El-Rei D. João IV.

Para se conhecer do luxo e estado com que sempre viveram os senhores da Casa de Bragança basta compulsar a Historia Geneologica da Casa Real Portugueza. Entretanto fica-se fazendo uma perfeita ideia do que era essa verdadeira côrte transcrevendo para aqui as palavras, com que João Baptista Venturino, descreve o encontro do cardeal Alexandrino com o duque de Bragança [1].

«E caminhando por bellos e ferteis campos de planuras e outeiros aprazriveis, encontrámos á distancia de duas leguas D. João, duque de Bragança, mancebo de vinte e nove annos, de mediocre estatura, trigueiro e de bôa côr, vista curta e de pouco robusta compleição, o que lhe serve de desconto á muita grandeza e fortuna de que goza, como depois se dirá. É do sangue real de Portugal, tendo por armas as mesmas do reino. Vinha vestido com uma capa de panno razo, abotoado o capuz com diamantes e fechos de ouro, e as bandas compridas aprezilhadas com rubins e ouro: o barrete era de velludo com fios de rubins, diamantes, perolas e ouro: as alças eram de velludo turqui (azul escuro) agaloadas de ouro. Montava em um cavallo rodado, cavalgando á gineta, e precedido por dois ginetes, que, sobre as sellas cobertas de escarlate com franjas de ouro, traziam duas malas similhantes ás que os cardeaes levam adeante de si quando vão para o consistorio. Eram tambem escarlates com as armas de s. exc.ª bordadas em brocado de ouro, com florões e franjas de prata, na verdade bellissimas.

«Vinham quatro alcaides, e quatro meirinhos ou alguazis com varas vermelhas, ao contrario dos de Castella e ainda de Elvas, que eram brancas. Seguia-se a pessoa de s. exc.ª, e após elle duzentos cavalleiros gentishomens montados á gineta em bellissimos cavallos.

. . . .

«Um pedaço adeante, á direita, descobrimos um palacio do Duque [2], bello e commodo, similhante a um serralho, cingido de muros que teriam tres leguas pequenas, que são nove milhas, e que fôra feito por s. exc.ª para seu divertimento, por gostar muito da caça. Dentro da cerca havia grande cópia de javalis, cabritos montezes, veados e outras alimarias. Estava ordenado que se désse uma batida ás féras para recrear o Legado, que parou com o duque na chapada do monte pegado com os paços. Mas uma grande chuva acompanhada de vento não o consentiu, e tendo o duque posto um capote de panno avermelhado guarnecido de passamanes de ouro, e um chapéo de velludo preto com iguaes passamanes, nos encaminhamos a passo cheio para Villa Viçosa, residencia do dito duque, onde chegamos perto da noite... Ao apear-nos á porta do seu palacio houve grande estrondo de artilheria, que atirava em um castello roqueiro, bem fortificado; soaram os atabales, tocados por pretos, os pifaros, trombetas, tambores e sinos mostrando-se por toda a parte extraordinaria alegria.»

E mais adeante fallando do Paço:

[1] Alexandre Herculano, *Opusculos*, tom. VI.
[2] O Palacete de que fallamos.

mauresque, réunissant ainsi dans un espace restreint tout le symbolisme de la vieille âme portugaise.

Les reliefs du terrain et les beaux arbres qui l'ombragent prêtent un grand charme à ces forêts. Aussitôt qu'on entre, on découvre un splendide panorama de l'ermitage St. Jeronymo abrité par de magnifiques sapins.

Plus loin, mais encore dans la première partie du parc, on trouve le pittoresque ermitage St. Eustaquio rond comme une mosquée, couronnant le mont de Atalaia et construit par D. Théodosio II. De l'autre côté au fond d'un petit vallon est la source des fameuses eaux ferrugineuses.

La deuxième partie du bois est coupée d'un côté par la rivière de Borba et de l'autre par celle d'Albufeira, venant du grand étang de ce nom. Celui-ci est situé hors de la forêt mais dans un domaine de la maison de Bragança. À cause de la chasse toute la seconde forêt est une magnifique futaie de chênes et d'yeuses, avec quelques bois de pins et d'oliviers formant des touffes de bruyères et de broussailles; chaque pli du terrain, où l'on trouve des endroits quelque peu sauvages, se dessine en de délicieux paysages.

*
* *

Comme le roi D. Manuel n'avait pas d'enfants, en 1428 il déclara son neveu D. Jayme, prince héritier de la couronne avec le privilège de porter les armes royales, et d'avoir un cortège de princes et de nobles au service de sa personne et de sa maison. Ces privilèges accordés au duc D. Jayme, quoiqu'il n'ait pas régné, se sont conservés dans la maison de Bragança jusqu'à l'avènement de D. João IV.

Pour se faire une idée du luxe et du faste dans lequel vécûrent toujours les seigneurs de la maison de Bragança il suffit de compulser l'Histoire Généalogique de la maison royale portugaise. Cependant on peut se rendre compte de ce qu'était cette véritable cour en transcrivant ici les lignes dont se sert Jean Baptiste Venturino, pour décrire la rencontre du cardinal Alexandrin avec le duc de Bragança [1].

«Et cheminant à travers des champs beaux et fertiles, des plaines et des côteaux agréables, nous rencontrâmes à une distance de deux lieues D. João duc de Bragança, jeune homme de vingt neuf ans, de taille moyenne, basané mais de bonne mine, un peu myope et de compléxion peu robuste, ce qu'il rachète largement par la grandeur et la fortune dont il jouît, comme nous le dirons plus loin. Il est du sang royal de Portugal et porte les mêmes armoiries du royaume. Il était vêtu d'un manteau de drap uni dont le capuchon était retenu par des boutons de diamants et des fermoirs d'or, et les longs pans ornés de rubis et d'or: la toque était en velours avec des rangs de rubis, de diamants, de perles et d'or: les chausses étaient en velours *turqui* (bleu foncé) galonnées d'or. Il montait un cheval gris pommelé chevauchant à la genette avec les étriers fort courts et précédé de deux coursiers qui portaient, sur leurs selles couvertes d'écarlate à franges d'or, deux malles pareilles à celles que les cardinaux portent devant eux lorsqu'ils vont au consistoire, également en écarlate avec les armoiries de son excellence brodées en brocard d'or, avec fleurons et des franges d'argent, en réalité très belles.

«Venaient ensuite quatre *alcaides* et quatre huissiers ou sbires avec des houssines rouges, contrairement à celles de Castille et d'Elvas qui étaient blanches; suivait la personne de son excellence et derrière elle deux cents gentilshommes montés à la genette sur des chevaux magnifiques.

. . . .

«Un peu plus loin, à droite, nous découvrimes un palais du duc, petit, commode, semblable à un sérail entouré de murs dans un pourtour d'environ trois petites lieues, c'est-à-dire neuf milles, et qui a été construit par son excellence comme lieu de plaisance car il aime beaucoup la chasse. Dans l'enceinte, il y avait une grande quantité de sangliers, de chévreuils, de cerfs et d'autres animaux. On avait ordonné une battue aux fauves pour amuser le Légat qui s'arrêta avec le duc sur le sommet de la montagne près des palais. Mais une forte averse accompagnée de vent ne le permit pas et le duc ayant revêtu un manteau de drap rougeâtre garni de passementeries d'or et un chapeau de velours noir pareille-

[1] *Opuscules* d'Alexandre Herculano, tom. VI.

«Dentro dos paços estão pintadas muitas victorias alcançadas pelos duques de Bragança, principalmente contra os castelhanos, e no alto da escada se vê a tomada de Azamor, na Africa... tudo ornado de riquissimos pannos de Flandres.

«Os que estão, porém, na sala que fica no topo da escada da banda esquerda são de ouro, prata, e sêda, lavrados de figuras representando uma victoria ganha por Nunalvares, condestavel de Portugal, contra os castelhanos... Dos mesmos pannos está forrada outra sala tambem no cimo da escada, da parte opposta, bem como a camara e ante-camara do Legado, na qual estava uma cama de brocado de ouro de canutilho, a mesa de estudo coberta da mesma tela, a cadeira de velludo carmesim franjado de ouro, e o chão alcatifado de finissimos tapetes. Ao pé ha um oratorio bem ornado e devoto. No topo da escada que já mencionei, sobre um estrado da altura de dois palmos ou palmo e meio, coberto de tapetes de sêda, havia um docel de brocado de ouro, debaixo do qual havia de comer o Legado. Com outro de brocado de prata estava um aparador grandissimo, contendo peças de ouro, de prata e dourados, que avaliaram em cento e cincoenta mil escudos de ouro. Havia ahi dois vasos, como urnas antigas; duas bacias, dois gomis e duas copas grandes, lavradas de figuras primorosamente. Os vazos dourados eram cincoenta e seis de diversos feitios, uns levantados, outros lisos, além de muitas taças e de um numero quasi infinito de pratos. A prata era da mesma qualidade. Aqui comeu o Legado no dia seguinte em publico, do modo seguinte: assentou-se em uma das cabeceiras da mesa, depois de ter lavado as mãos, só, porque o duque não quiz lavar-se ao mesmo tempo por cortezia, apesar de rogado e quasi constrangido para o fazer, á qual cortezia de Sua Alteza corresponderam os nossos prelados, os quaes, apezar de convidados e rogados por elle, o deixaram lavar só. Assentou-se o duque ao pé do Legado, mas não antes d'este estar assentado. Junto ao duque ficou D. Jayme seu irmão, de idade de dez annos, vestido como o duque, e após elle D. Francisco, de idade de vinte annos, e D. Henrique, de dezoito, de aprazivel aspecto e bom porte, filhos do conde de Tentugal, vestidos com tabardos de panno mesclado á moda soldadesca. Seguia-se D. Constantino de Bragança, vestido de raxa preta com a cruz da Ordem de Christo ao peito. Do outro lado estavam os nossos prelados, e na extremidade d'uma e d'outra parte estavam outros fidalgos e cavalleiros, segundo o grau de cada um. A mesa estava delicadamente ornada e coberta com toalhas de bretanha e tela da India!...»

Em seguida á descripção das iguarias e manjares:

«A cada coberta, que sempre era servida por fidalgos ou cavalleiros, tocavam os atabales e adufes, mais com ruido que com suavidade, posto que os pifaros que faziam acompanhamento tornassem supportavel a bulha. Quando o duque bebia, o que fez só duas vezes durante toda a comida, sendo a bebida agua pura, segundo costumava, vinha esta em um jarro de crystal alto e largo, que elle despejou de todo. N'este acto vinha adeante o mordomo com o bastão na mão, e atraz o mestre sala com a salva. Dos lados estavam dois creados vestidos de velludo preto e tabardos de panno, e canas nas mãos chamados ponteiros; seguiam-se outros dois do mesmo modo, chamados maceiros com maças de prata macissa e as armas ducaes; e além d'estes, dois vestidos com sobrevestes, a modo de tunicas de brocados de ouro, cobertas de armas do duque e dos seus, chamados reis d'armas; todos os quaes tendo no meio o escanção com a copa de ouro e com o dito jarro coberto, estavam de joelhos, como fazem sempre aquelles que fallam com o duque, e do mesmo modo estava o escanção, tocando entretanto os instrumentos. Repetia-se esta mesma cerimonia quando o Legado bebeu.»

. . . .

Todas estas riquezas vinham de traz, de muito longe. Como dissemos, El-Rei D. João IV despojou Villa Viçosa de todo esse luxo para accrescentar o da côrte. E foi assim que tão inestimaveis riquezas se vieram a perder no incendio dos Paços da Ribeira em seguida ao grande terremoto de 1755.

Lisboa, 1904.

Conde d'Arnoso.

ment décoré, nous nous dirigeâmes à grands pas vers Villa Viçosa, résidence du même duc, où nous arrivâmes presque à la nuit... En descendant à la porte du palais il y eût un grand bruit de coups de canon, partis d'un château construit sur un roc, bien fortifié. Les timbales, agitées par des nègres, les fifres, les trompettes, les tambours et les cloches résonnèrent, démontrant partout la plus grande joie.»

Et plus loin parlant du Palais:

«Dans le palais il y a des peintures de beaucoup de victoires obtenues par les ducs de Bragança, surtout contre les Castillans et au haut de l'escalier on voit la prise d'Azamor, en Afrique, le tout orné de riches tapisseries de Flandres.

«Celles qui sont dans la salle au sommet de l'escalier à gauche, sont en or, argent et soie, brochées de figures représentant une victoire gagné par Nun'alvares Connétable de Portugal contre les Castillans. L'autre salle, aussi en haut mais du côté opposé, est également tendue des mêmes tapisseries, ainsi que la chambre et l'anti-chambre du Légat, dans laquelle était un lit en brocard et canetille d'or, la table de travail recouverte de même étoffe, une chaise en velours rouge frangé d'or, et le sol couvert de riches tapis.

«Auprès se trouve un oratoire pieusement orné. Au sommet de l'escalier dont j'ai dejà parlé, sur une estrade d'environ deux palmes ou deux palmes et demi recouverte de tapis de soie, il y avait un baldaquin de brocard d'or, sous lequel devait manger le Légat. Sous un autre baldaquin en brocard d'argent était placé un très grand buffet, contenant des pièces de vaisselle, en or, argent et vermeil évaluées à cent cinquante mille écus d'or. On y voyait deux vases, comme des urnes antiques, deux cuvettes, deux aiguières et deux grandes coupes, précieusement ciselées. Les vases dorés étaient au nombre de cinquante six, de formes différentes, les uns repoussés, les autres unis, sans compter beaucoup de coupes et un nombre infini de plats. L'argenterie était de la même espèce. Ce fut là que le Légat mangea le lendemain en public et de la manière suivante: il s'assit à un des hauts bouts de la table après avoir lavé ses mains, tout seul, car le duc, par courtoisie et malgré toutes les instances, ne voulut pas se laver en même temps; cette politesse de Son Altesse fut observée par nos prélats, auquels on fit les mêmes prières, mais qui le laissèrent se laver seul. Le duc s'assit près du Légat, mais seulement après que celui-ci eut pris place, D. Jayme son frère âgé de dix ans et vêtu comme le duc, s'assit près de lui et ensuite D. Francisco âgé de vingt ans et D. Henrique de dix huit, de très gracieux aspect et bonne tournure, fils du Comte de Tentugal, habillés de pourpoints en drap bariolé à la mode militaire. Suivait D. Constantin de Bragança, vêtu de camelot noir avec la Croix de l'Ordre du Christ pendant sur sa poitrine. De l'autre côté étaient nos prélats et aux deux extrémités se plaçaient d'autres nobles et chevaliers, selon leur rang. La table était délicatement ornée et couverte de nappes en toile fine de Bretagne et étoffes de l'Inde.»

Ensuite la description du repas:

«À chaque service qui était toujours présenté par les nobles et les chevaliers, les timbales et les sistres se faisaient entendre un peu bruyamment, malgré l'accompagnement des fifres qui rendait le bruit supportable. Quand le duc buvait, ce qu'il ne fit que deux fois pendant le repas, ne prenant que de l'eau pure, comme d'habitude, celle-ci était servie dans une cruche de cristal haute et large qu'il vida d'un trait. Pour cette cérémonie le majordome venait devant avec sa canne à la main, et derrière lui le grand maître des cérémonies avec le plateau. À côté étaient deux valets vêtus de velours noir et pourpoints de drap avec des cannes à la main nommés *ponteiros;* suivaient deux autres également habillés nommés *massiers,* avec des massues en argent massif aux armes ducales; outre ceux-ci, il y en avait encore deux, revêtus d'espèces de tuniques en brocard d'or, recouvertes d'armoiries des ducs et des leurs, nommés les rois d'armes; tous, entouraient l'échanson avec la coupe d'or et le pot d'eau couvert et ils étaient à genoux, comme l'étaient toujours ceux qui parlaient au duc, et l'échanson était aussi à genoux pendant que les instruments jouaient. Cette cérémonie se répétait lorsque le Légat but.»

. . . .

Toute cette splendeur datait de bien loin. Comme nous l'avons dit, le roi D. João IV dépouilla Villa Viçosa de tout ce luxe pour augmenter celui de sa cour. Et ce fut ainsi que de si précieuses richesses furent perdues lors de l'incendie des Palais da Ribeira qui suivit le grand tremblement de terre de 1755.

Lisbonne, 1904.

Comte d'Arnoso.

O Douro

(Vinicultura)



aspecto da região do Douro é até 1678, em extremo diverso, d'aquelle que hoje apresenta, não existindo então as grandes e afamadas quintas, que hoje se admiram, umas em completo estado de ruina, outras intelligentemente conservadas.

Até essa época é a videira pouco cultivada, como o attestam coêvos documentos e o comprovam os pequenos lagares e vasilhas até então adoptadas, sendo em muitos de seus terrenos queimados os mattos para a sementeira de cereaes, a oliveira apenas cultivada para as necessidades do consumo e os altos vestidos de soutos, que saudavel alimento forneciam e valiosa madeira ministravam.

A origem da sua vinicultura perde-se na noite dos tempos, a ella se referindo os mais antigos documentos e auctorisados escriptores, sendo por elles denominada, a formosa região, — *o paiz da videira,* — por ella n'ella encontrar terrenos e climas analogos ao da sua patria.

Essa região orgulho do paiz, montanhosa em extremo, com paizagens imponentes e banhada pelo bello sol peninsular, possue, em verdade, excepcional clima e previlegiados terrenos, possuindo todos os elementos de que a videira mais carece, o que tudo concorre e de maneira notavel, para a preciosidade de seus productos, que tão distinctamente se apresentam em todos os mercados do mundo.

Sua população robusta, viva e intelligente, em tudo evidenceia sua innata vocação para a vinicultura, á qual é em extremo dedicada, bem evidenciando suas magnificas condições de trabalho, nos mais fatigantes grangeios, effectuados debaixo de um sol africano [1].

Nas plantações cavas e vindimas, bem attesta o robusto transmontano sua bella resistencia, transportando as elegantes raparigas pelas ingremes encostas de suas montanhas, os pesados *cestos vindimos* e aturando as *meias noites,* nas violentas pizas exigidas por seus vinhos.

Conquistaram os vinhos do Douro, desde as mais remotas éras, o mais laureado renome, datando mesmo suas exportações de época bem mais remota que muitos julgam, havendo sido iniciadas, segundo distinctos auctores, pelos pescadores das costas do norte de Portugal.

Foram em verdade os portuguezes, como primeiros navegadores, os que na Europa firmaram a nova orientação commercial, asseverando antigos auctores, que muito antes dos tratados firmados por Eduardo III, já os portuguezes traficavam em vinhos com a Inglaterra.

Segundo tão auctorisadas opiniões, os primeiros vinhos do Douro, que em maior escala foram exportados para Inglaterra, o foram por Peter Bearsley, sendo apenas, segundo John Croft, no reinado da rainha Anna, que largamente conseguiram serem consumidos, substituindo os de Ribadavia, dos quaes aquelle paiz importava cerca de 3:000 pipas, rapidamente augmentando nossas exportações, que em 1703 attingem 5:000 pipas e em 1780 ultrapassam já 30:000.

Apenas em 1678 é que esses vinhos são devidamente apreciados, sendo em 1756 organisada pelo Marquez de Pombal, a celebre Companhia das Vinhas do Alto Douro, com o fim de garantir a authenticidade do producto, assegurar sua pureza e valorisar suas exportações.

É n'essa época, que o Douro attinge sua aurea época, despindo-se as schistosas montanhas de seu arvoredo silvestre, formando-se valiosos vinhagos, por entre elles passeando senhoras vestindo rendas e cassas da India, segundo escreve distincto escriptor contemporaneo.

Edificam-se formosas residencias, construem-se elegantes capellas e luxuosos lagares, formando-se as quintas de grande nomeada, cujos laureados productos, ainda hoje em extremo concorrem para sustentar a justa fama conquistada pelos vinhos do Porto.

Não havia n'essa época na formosa região, prata para trocar seu muito ouro, reconhecendo-se a fartura e bem-estar de seus operarios, em seu confortavel viver, asseiado vestir e alegres cantares.

---

1 A temperatura da região chega a attingir 42º centigrados á sombra e 50º ao sol.

Le Douro

(Viniculture)



'aspect de la région du Douro était jusqu'à 1678 extrêmement différent de ce qu'il est actuellement; les vastes et fameuses propriétés que l'on admire aujourd'hui, les unes sagement conservées, les autres complètement ruinées, n'existaient pas alors. Jusqu'à cette époque la vigne était peu cultivée, ainsi que l'attestent des documents du temps et que le prouvent les petits pressoirs et les futailles adoptées jusque-là; dans beaucoups de terrains les bois étaients brûlés pour la semaille des blés, les oliviers se cultivaient à peine pour fournir le nécessaire et les hauteurs boisées donnaient d'excellents pâturages et des bois précieux.

L'origine de la culture du vin se perd dans la nuit des temps; les plus anciens documents et les écrivains les plus autorisés donnèrent à cette belle région le nom de *pays de la vigne,* parce celle-ci trouvait des terrains et le climat semblables à ceux de sa patrie.

Cette région, l'orgueil de notre pays, extrêmement montagneuse, avec ses paysages imposants inondés par notre beau ciel péninsulaire, possède effectivement un climat exceptionnel et des terrains privilégiés, avec tous les élements qui sont nécessaires à la culture de la vigne, et toutes ces conditions contribuent d'une manière remarquable à augmenter la valeur de ses produits qui sont précieusement appréciés dans tous les marchés du monde.

Sa population robuste, active et intelligente, montre une vocation innée pour la viticulture à laquelle elle se dévoue avec enthousiasme, faisant preuve de la plus âpre résistance au travail, lors des plus fatigantes récoltes qui s'effectuent parfois sous un soleil africain [1].

Pendant les vendanges et dans les plantations creuses le robuste *transmontano* montre bien sa belle puissance en portant dans ses bras les sveltes jeunes filles et les lourds paniers des vendanges, pour gravir les rudes pentes des montagnes, et supportant les travaux nocturnes appelés *minuits,* lors des violents foulages qu'exige la fabrication du vin.

Dès les temps les plus reculés les crûs du Douro ont acquis un renom universel; leur exportation est bien plus ancienne qu'on le pense et a été initiée, selon des auteurs distingués, par les pêcheurs des côtes du nord de Portugal.

Il est avéré que les portugais, comme grands navigateurs, furent les premiers qui établient en Europe une nouvelle orientation commerciale, et d'anciens auteurs assurent que bien avant que des traités aient été conclus avec Edouard III, les portugais faisaient déjà le trafic des vins avec l'Angleterre.

Il paraît que les premières grandes quantités de vins du Douro furent envoyées en Angleterre par Peter Bearsley, mais d'après John Croft ce fut seulement sous le règne de la Reine Anne que ces produits purent être livrés à la consommation, remplaçant ceux de Ribadávia dont il était importé de chez nous près de 3:000 foudres, et ce commerce augmenta si rapidement qu'en 1703 il en atteignait 5:000 et en 1780 il dépassait 30:000.

C'est seulement en 1678 que ces vins furent bien appréciés et en 1756 le Marquis de Pombal organisa la fameuse Compagnie des Vins du Haut Douro, afin de garantir l'authenticité de ce produit, d'en assurer la pureté et de faire valoir son exportation.

À cette époque le Douro atteignit son époque la plus prospère; les montagnes schisteuses furent dépouillées de leur végétation sauvage, et formèrent de précieux vignobles, où se promenaient des dames vêtues de dentelles et de mousselines des Indes, ainsi que le décrit un illustre écrivain contemporain.

On bâtit de magnifiques résidences, d'élégantes chapelles et des chais somptueux appartenant à des opulentes propriétés dont les crûs renommés sont encore de nos jours cités comme dignes de leur ancienne réputation.

---

1 La température de cette région atteint quelquefois 42º cent. à l'ombre et 50º au soleil.

Pela progressiva procura de seus vinhos, elevam-se os preços, o que mais anima e concorre para o alargamento da viticultura, «e a desprezar as terras de pão, que n'esse tempo, era a principal lavoura de Entre o Douro e o Minho e cujas colheitas eram tão importantes pela riqueza do terreno, que não cedia ás mais ferteis da Europa, que não constava ter nunca havido n'esta provincia, falta de algua qualidade de grão.»

Com o correr dos annos, desenvolvimento de commercio, facilidades de communicações, barateamento de transportes e renome do producto, continuam augmentando as exportações, até constituirem a valiosa industria de que o paiz até ha pouco ainda bem se podia orgulhar de possuir.

Em 1834 é extincta a famosa Companhia e após alternativas varias, liberta-se o commercio das necessarias e justas regalias ao Douro concedidas pelo grande Marquez, principiando o descredito dos vinhos, a desvalorisação do producto e a decadencia das exportações, por isso que, tão privilegiados vinhos, nunca poderam concorrer em preço, com os de outras regiões de enormes producções e reduzidos grangeios.

Suas producções médias maximas, bem inferiores ás médias minimas de todas as restantes regiões, muito elevam seu custo, podendo apenas, devido ás suas tradicionaes castas, ás suas schistosas rochas e privilegiados climas, conseguir qualidades que compensem sua cultura, despezas e cuidados.

Exige o fabrico d'esses preciosos vinhos largos conhecimentos e assiduos cuidados, carecendo de elevados capitaes a installação de suas adegas, algumas das quaes pelas magnificas condições da sua situação, riqueza da sua construcção e luxo de vasilhame, são eguaes senão superiores, ás de maior fama, que em paizes estranhos conhecemos.

As casas de lagares, construidas com os maiores cuidados, estão no geral situadas junto ás adegas, e em nivel superior, afim de economicamente ser aproveitado seu desnivel, para a envasilhação do vinho, sendo geralmente construidas e conservadas nas melhores condições de segurança e asseio.

Os lagares apresentam a configuração de tanques, sendo construidos de granito mais ou menos esmeradamente trabalhado, occupando toda a parede interior das casas de lagares, tendo a altura média de $0^m,60$, muito variando as restantes dimensões, sendo sua capacidade de 30, 20 e 10 pipas, tendo no tampo dianteiro, denominado *roda-vinho,* uma pia de maior ou menor dimensão e muitas vezes construida de uma unica pedra.

É n'essa pia, que cae o vinho ao sahir do lagar, e da qual é envasilhado para o respectivo tonel, (que geralmente tem a capacidade do lagar), por meio de canos, bomba ou caneco.

O fabrico do vinho exige regras geraes, que em todas as regiões devem ser respeitadas, aconselhando no emtanto a sciencia e a pratica regras especiaes para determinados productos, sendo para os do Douro, necessarios processos, que muito elevam o fabrico, carecendo mesmo a vindima, piza, fermentação e envasilhação de muito maiores cuidados que as restantes regiões.

Assim a vindima é da maior importancia para a região do Douro, carecendo a época de a ella procedermos, ser cuidadosamente estudada, por isso que, só em determinado grau de maturação, é que a uva communica ao producto suas mais apreciadas e estimadas qualidades.

Antigamente só eram effectuadas quando superiormente determinadas, principiando ainda hoje nas mais reputadas quintas (cujas novidades são previamente vendidas), quando os compradores o indicam e só quando as uvas têm obtido sua completa maturação e seu sumo o mais elevado grau de concentração, completa doçura e maxima riqueza.

As variadas castas do vidonho não são separadamente vindimadas, apenas algumas vezes se separa o bastardo, moscatel e mourisco, sendo mesmo á bem estudada combinação das castas adoptadas, que reputados auctores attribuem, algumas das distinctas qualidades apresentadas, principalmente seu inegualavel *bouquet*[1].

É a vindima as mais das vezes effectuada por trabalhadores estranhos á região, que são reunidos e contractados por um rogador, que préviamente ajusta as condições do trabalho, alimentação e paga

[1] As castas adoptadas e ainda hoje entre todas preferidas são entre as tintas: o Alvarelhão, Bastardo, Touriga, Mourisco, Tinto-Cão, Souzão e Donzelinho do Castello, e entre as brancas o Gouveio, Rabigato, Mourisco, Malvazias, Moscateis, etc.

On ne trouvait pas alors, dans cette belle région, assez d'argent pour échanger contre tout cet or, mais on se rendait bien compte de l'aisance et du bien être de ses ouvriers, en voyant leur manière de vie confortable, leurs vêtements propres et en écoutant leurs joyeux refrains.

La recherche progressive de ses vins en fit élever les prix, ce qui encouragea et contribua au développement de la viticulture, au détriment des champs de blé qui étaient alors la principale production d'Entre Douro et Minho, où les récoltes étaient si importantes que les plus fertiles de l'Europe, sans qu'on n'ait jamais senti dans toute cette province la moindre disette d'aucune qualité de céréales.

Avec le temps, les facilités de communications et de transports, le commerce continua à se developper, les exportations augmentèrent au point de former la plus précieuse industrie dont notre pays pouvait à juste titre s'énorgueillir jusqu'à une certaine époque passée. Mais en 1834 la fameuse Compagnie fut supprimée, le commerce se délivra des concessions privilégiées que le grand Marquis avait accordées au Douro, et alors les vins commencèrent à perdre leur réputation, les produits diminuèrent de valeur, l'exportation commença à tomber en décadence, parce que des crûs aussi précieux ne pouvaient aucunement entrer en concurrence de prix avec d'autres régions énormement productives et d'un taux moins élevé.

La moyenne de ses plus avantageuses productions est très inferieure à celle des autres régions même des plus réduites; leur prix est nécessairement très élevé et c'est leurs qualités exceptionelles dûes aux terrains schisteux et à un climat privilégié qui rachètent bien ce que coûtent la culture et les soins exigés.

La fabrication de ces vins précieux demande de vastes connaissances, des soins les plus assidus; l'installation des caves exige des sommes élevées; quelques unes magnifiquement situées sont remarquables par le luxe de leur construction et des récipients vinaires présentant un aspect semblable sinon supérieur, aux caves les plus fameuses que nous ayons visitées à l'étranger.

Les bâtiments destinés aux pressoirs, construits avec les plus grands soins, sont ordinairement situés près des caves mais à un niveau supérieur.

Cette différence de hauteur est économiquement employée comme le plus facile système de cuvaison; tout en général présente les meilleures conditions de propreté et de solidité.

Les pressoirs ont la configuration de bassins, construits en granit plus ou moins soigneusement travaillé, et occupent tout le mur intérieur du bâtiment, avec la hauteur moyenne de $0^m,60$; les autres dimensions sont très variables, selon la capacité de 30, 20 ou 10 futailles, et sur la devanture, qu'on nomme *roda-vinho*[1], s'appuie un autre bassin plus petit et quelquefois construit d'une seule pierre.

C'est dans ce bassin ou auge que le vin coule en sortant du pressoir, et c'est de là qu'on le passe dans les futailles (qui d'ordinaire ont la même capacité du pressoir) au moyen de tubes, de pompe ou de brocs.

Il y a pour la fabrication du vin des règles générales suivies dans toutes les régions, mais la science et la pratique conseillent des usages spéciaux pour de certains produits; ainsi pour les vins du Douro on exige quelques opérations qui élèvent considérablement sa valeur et même les vendanges, le foulage, la fermentation et le remplissage demandent ici bien plus de soins qu'ailleurs.

La vendange, dont l'époque doit être soigneusement étudiée est de la plus grande importance dans le Douro, parce que c'est seulement à un certain degré de maturité que le raisin donne au vin ses plus précieuses et inestimables qualités.

Autrefois la récolte était supérieurement ordonnée; encore de nos jours, et dans les propriétés les plus renommées, après avoir vendu les premiers fruits, on effectue la vendange lorsque l'acheteur l'indique et seulement quand le raisin est arrivé à son entière maturité et que le jus a atteint son plus haut degré de concentration, sa douceur complète et sa plus grande richesse.

Les diverses qualités de vignoble ne sont pas récoltées séparément, à peine sépare-t-on quelquefois le morillon, le muscat et le mourisco (mauresque) et c'est même à de certaines combinaisons de

[1] C'est la paroi antérieure du pressoir; les français n'emploient pas ce terme qui équivaut à peu près à une *claie.*

N. du tr.

dos serviços geralmente recrutados nas mais populosas montanhas visinhas, e que d'estas se dirigem para as quintas em grandes ranchadas, acompanhados das vindimadeiras e ao som de musicas e de alegres cantares.

O corte do fructo é effectuado pelas mulheres com auxilio de navalhas ou tesouras, sendo algumas vezes auxiliadas pelos carregadores, que emquanto enchem seus cestos, aproveitam o tempo para estarem juntos de suas companheiras ou namoradas.

As uvas á proporção que vão sendo cortadas são lançadas em pequenos cestos ou cabazes, que as raparigas trazem e que quando cheios, são despejados por rapazes nos cestos vindimos, que á medida que vão sendo cheios, são indicados por elevados paus, em cujas extremidades superiores são espetadas folhas de videira, para serem vistos e contados pelo *feitor*.

Quando todos os carregadores têm seus cestos cheios, são estes por elles transportados ás costas, sendo desde o vidonho ao lagar sempre acompanhados pelo feitor, para se evitar troca de cestos, dadivas de fructo, etc., etc.

Á proporção que as vindimadeiras vão effectuando o corte das uvas, vão estas sendo seleccionadas, sendo desprezadas ou separadas as pôdres, bolorentas, verdes, seccas ou imperfeitas, á sua escolha sempre presidindo feitor especial, o que em alguns annos para o viticultor representa grande prejuizo pela quantidade de fructo perdido.

Em annos excepcionalmente abundantes, chuvosos, etc., ou quando faltam carregadores, aproveitam-se para a conducção dos cestos vindimos algumas das montanhezas mais rebustas, que alegremente acceitam o pesado encargo, pelas regalias concedidas e que consistem em serem equiparadas aos homens na alimentação e salario.

Em algumas localidades são utilisados os muares, garranos, etc., que em canastras proprias, transportam as uvas, e dornas de madeira collocadas nos caracteristicos carros transportes da região dos romanos herdados e por elles denominados, *stridencia plaustra*, de eixo movel e solida construcção e aos quaes são atrelados com garridas monelhas os possantes bois, sendo estes carros por egual aproveitados para o transporte dos preciosos vinhos atravez dos primitivos caminhos ruraes da provincia.

Calcula-se occupar em média a vindima de cada dez pipas, sessenta homens, sessenta mulheres e doze rapazes, sendo todos os operarios n'este pesadissimo trabalho bem alimentados por conta do viticultor, que por egual fornece vinho ás comidas e aguardente em cada caminhada.

Piza. Cheio o lagar em um dia e no maximo em dois dias, para o que se envidam os melhores esforços, procede-se á piza, o que constitue uma das mais importantes operações na feitoria dos vinhos do Douro, e cujo fim é collocar o sumo da uva em condições de bem poder fermentar, excepcionalmente se procedendo ao desengaço parcial do fructo.

Em toda a região, é a piza a pé a exclusivamente adoptada, por ser a unica que consegue o não esmagar a grainha nem o engaço e o facilitar a entrada do ar no mosto, pelo movimento alternado dos pés dos lagareiros, o que é absolutamente indispensavel para a boa e perfeita fermentação de tão privilegiados vinhos.

A primeira piza ou corte do lagar é a mais violenta, sendo geralmente effectuada das oito ás doze horas da noite, sendo tão violento trabalho denominado meia noite, e effectuado pelos trabalhadores, auxiliados por *homens de fóra* (tres homens por pipa) pelo grande numero de lagareiros que esta piza exige.

Os lagareiros ao entrarem nos lagares, lavam os pés, n'elles entrando descalços, cantando, dançando e brincando, emquanto o trabalham, sendo-lhe de vez em quando dado vinho e tabaco pelo proprietario.

Em annos abundantes, chuvosos e mesmo quando faltam lagareiros, são utilisadas as montanhezas para este fatigante trabalho, que facil e alegremente acceitam, pelo elevado salario obtido, sendo a piza por mulheres, feita em lagares separados.

A piza a pé vitaliza os bons fermentos, ministra o oxygenio e humidade, pelo levantamento da balsa e recalque, fornece arejamento em extremo benefico, vivifica os micro-organismos e facilita uma fermentação desafogada e completa, pelo que é exclusivamente a aconselhada para a região.

Desde a primeira piza, que termina á meia noite, fica o vinho em descanço, entrando na manhã seguinte novamente os lagareiros e trabalhando até ao meio dia, entrando ainda algumas vezes novamente, o que depende do correr do anno e qualidade do vinho a obter.

ces espèces, très sagement étudiées, que quelques auteurs attribuent les précieuses qualités qui distinguent ces vins, et surtout leur incomparable *bouquet* [1].

La plupart des fois les vendanges sont faites par des vendangeurs étrangers à la région, choisis et engagés par un embaucheur, qui règle d'avance les conditions du travail, de la nourriture et du salaire; ils viennent ordinairement des populeuses montagnes voisines et se dirigent vers les propriétés en formant de grandes troupes, accompagnés des vendangeuses, au son de musiques et de joyeuses chansons.

La cueillette des fruits est faite par les femmes qui sont munies de couteaux et de ciseaux, et souvent aidées par les chargeurs, qui profitent du temps destiné au remplissage des paniers pour être près de leurs compagnes ou de leurs amoureuses.

À mesure que le raisin est coupé on le jette dans des paniers qui sont apportés par les femmes; lorsque ils sont pleins on les vide dans d'autres paniers appelés *vendangeurs;* le remplissage complet de ceux-ci est indiqué par de hautes perches au sommet desquelles on met des feuilles de vigne, afin qu'ils soient plus facilement vus et comptés par le régisseur (*feitor*).

Lorsque tous les chargeurs ont leurs paniers pleins, ils les transportent sur leurs épaules jusqu'au pressoir accompagnés toujours par le régisseur ou surveillant, afin d'éviter l'échange des paniers, les cadeaux de fruits, etc.

Les vendangeuses à mesure qu'elles cueillent le raisin, le choisissent, mettant de côté les grains pourris, moisis, verts, désséchés ou imparfaits, surveillées constamment par un régisseur spécial, ce qui au bout de quelques années représente pour le viticulteur une importante perte de fruit.

Dans les années exceptionnellement abondantes, pluvieuses, etc., ou lorsque il y a faute de chargeurs on emploie pour la conduction des paniers quelques montagnardes plus robustes, qui acceptent de bon gré cet excès de travail récompensé par quelques privilèges tels que, augmentation de nourriture et de salaire.

Il y a des endroits où l'on utilise des mulets et des poulains, etc., qui transportent le raisin dans des paniers appropriés, et des cuves de bois placées sur des chariots bien caractéristiques dans cette région, provenant du temps des romains et surnommés par eux *stridencia plaustra ;* ces chars à essieu mobile, très solidement construits, sont attelés, avec des bourrelets aux vives couleurs, de puissantes couples de bœufs et ils servent aussi pour le transport des précieux vins par les anciens et primitifs chemins ruraux de la contrée.

On calcule que la vendange pour dix futailles occupe en moyenne, soixante hommes, soixante femmes et douze garçons et tous les travailleurs sont bien nourris par le viticulteur qui leur fournit du vin à chaque repas et de l'eau de vie à chaque trajet.

Le foulage. On fait les plus grands efforts pour remplir le pressoir en un jour et tout au plus en deux, pour procéder au foulage qui est une des plus importantes opérations pour la fabrication des vins du Douro, et dont le but est de mettre le jus du raisin dans les conditions de bien fermenter, surtout si on effectue l'égrappage partiel du fruit.

Dans toute la région on adopte exclusivement le foulage fait avec les pieds, parce que c'est le seul moyen de ne pas écraser les graines ou pépins et le marc, et de faciliter l'entrée de l'air dans le moût, occasionné par le mouvement alterné des pieds des fouleurs, ce qui est absolument indispensable à la parfaite fermentation de ces vins privilégiés.

Le premier foulage est le plus violent et a lieu ordinairement de huit heures à minuit; ce travail qu'on nomme *minuit* est exécuté par les vendangeurs ou fouleurs, aidés par des *hommes du dehors* (trois hommes par futaille) parce qu'il exige un grand nombre de travailleurs.

Avant d'entrer dans le pressoir les fouleurs se lavent les pieds, et y entrent déchaussés, chantant, dansant et s'amusant pendant leur travail, et le propriétaire leur donne de temps en temps du vin et du tabac.

Dans les années plus abondantes, pluvieuses et lorsque les vendangeurs ne sont pas suffisants, on

[1] Les espèces adoptées et préférées encore de nos jours sont, pour les vins rouges: le Alvarelhão, Mourisco, Bastardo, Touriga, Tinto-cão, Sousão, Donzellinho do Castello, et pour les blancs le Gouveio, Rabigato, Malvasia, Moscatel, etc.

Terminada a fermentação tumultuosa e quando o vinho *dá a prova,* sahem os lagareiros, ficando o vinho de levante algum tempo (em média seis horas), sendo em seguida envasilhado, pelos processos que atraz indicamos.

Logo que a balsa assenta, é-lhe dada uma repiza, sendo em seguida á volta do lagar abertos regos, lançando-se o pé para o centro do lagar, afim de facilitar a sahida do vinho e logo que este não mais corre, é transportado para a prensa a fim de ser comprensado.

A prova é dada pelo gleucometro, sendo geralmente o vinho envasilhado a 5° e em seguida beneficiado com boa aguardente na proporção de dois e meio almude por pipa, dependendo no emtanto o grau de envasilhação e quantidade de aguardente da qualidade do vinho que se deseja obter.

Estes vinhos são geralmente carregados em março e abril, sendo transportados para Villa Nova de Gaya, pela linha ferrea do Douro, ou pelo rio nos caracteristicos *barcos rabellos,* reproducção segundo Villa-Maior dos *magnis scapis* pelos romanos adoptados e com lotação variando de dez a setenta pipas.

Nos armazens de Villa Nova de Gaya são a estes preciosos vinhos dedicadas cuidadas lotas, convenientes lotações e necessaria beneficiação, o que constitue a valiosa industria dos vinhos do Porto e que exige larga pratica, especiaes conhecimentos e elevados capitaes, constituindo essas lotas, lotações e beneficiação o valioso segredo das grandes e laureadas casas exportadoras.

A bacia de Villa Nova de Gaya, onde estão situados os afamados armazens de exportação, de renome europeu, reune todas as condições climatologicas e hydrographicas exigidas para que os preciosos vinhos do Porto possam adquirir todas as typicas qualidades, que tanto os fazem extremar de todos os vinhos do mundo.

Esses armazens representam grandes capitaes, não só pela sua solida e excepcional construcção e abundancia de agua, mas principalmente pelos valiosos lotes de vinho que conteem, sendo bem dignos de entre todos serem extremados os pertencentes ás seguintes laureadas casas exportadoras: Antonia Adelaide Ferreira, Real Companhia das Vinhas do Alto Douro, Adriano Ramos Pinto & Irmão, Cockburn Smithes Comp., Sandeman Comp., Offley Comp. Forrester, Martiny Gassiot, Niepoort Comp., W. Burmester, Taylor Fladgate Yeatman, Hunt Roope Teage Cramp., Croft Comp., Clode Baker, etc.

A exportação dos vinhos do Porto, tem nos ultimos annos decahido, devido a varias e complexas causas, entre as quaes sempre no emtanto avulta a dolosa falsificação feita a tão preciosos productos, em todos os mercados do mundo.

Felizmente benefica reacção tem sido ultimamente levantada em todos os paizes cultos, contra a nociva falsificação dos productos alimentares, tentando-se mesmo garantir não só a genuidade do producto, mas mesmo sua procedencia, com o que muito lucrarão os vinhos do Porto, cuja fama secular fielmente tem sido conservada pelas principaes casas exportadoras, e entre as quaes bem distinctamente sobresahem as que acima enumeramos.

Porto — Junho de 1904.

Visconde Villarinho S. Romão.

emploie des montagnardes pour ce fatigant travail, qu'elles acceptent volontiers en vue de l'augmentation du salaire, et le foulage fait par les femmes a lieu dans des pressoirs séparés.

Le foulage au pied vitalise les bons ferments, leur donne de l'humidité et de l'oxigène, avec la montée du marc et le refoulage, il fournit de l'air qui est indispensable, vivifie les micro-organismes et rend facile la fermentation libre et complète, étant pour toutes ces raisons le seul adopté dans la région.

Après le premier foulage, qui se termine à minuit, le vin reste en repos, les fouleurs rentrent le lendemain matin et travaillent jusqu'à midi, reprenant leur travail aussi souvent que l'exige la production annuelle et la qualité de vin à obtenir.

Lorsque la fermentation tumultueuse est terminée et que le vin a été degusté, les fouleurs sortent et le vin reste en repos pendant quelque temps (ordinairement six heures), étant ensuite entonné par les procédés que nous avons indiqués.

Aussitôt que le marc ou *chapeau* descend on le refoule encore et ensuite on creuse des sillons tout autour du pressoir, accumulant le marc au centre, afin de laisser sortir le vin plus facilement; le marc, après que le vin a fini de couler est transporté dans des machines à presser qui le compriment fortement.

L'épreuve est donnée avec le gleucomètre, et ordinairement le vin est entonné à 5° et coupé ensuite avec de la bonne eau-de-vie dans la proportion de deux *almudes* [1] et demi par futaille; mais souvent le degré auquel on entonne le vin et la quantité d'eau-de-vie dépendent de la qualité de vin que l'on désire obtenir.

Le chargement de ces vins a lieu généralement en Mars et Avril; on les transporte à Villa Nova de Gaya par le chemin de fer du Douro ou par le fleuve dans les caractéristiques bateaux *rabellos,* qui sont une reproduction des *magnis scapis* adoptés par les romains, selon Villa Maior, et ont une capacité qui varie de dix à soixante dix futailles.

Dans les entrepôts de Villa Nova de Gaya on procède soigneusement à de délicates opérations, à des coupages convenables et nécessaires qui constituent la précieuse industrie des vins de Porto; ces manœuvres demandent une longue pratique, des connaissances spéciales et des capitaux considérables et sont pour ainsi dire le principal secret des plus grandes maisons d'exportation.

Le bassin de Villa Nova de Gaya où sont situés les fameux magasins d'exportation qui ont acquis une réputation universelle, réunit toutes les conditions climatologiques et hydrographiques nécessaires pour que les célèbres vins de Porto puissent acquérir les qualités typiques, qui les distinguent de tous les vins du monde.

Ces entrepôts représentent un capital énorme non seulement au point de vue de leur construction exceptionnellement solide et la grande abondance d'eau, mais surtout par les énormes lots de vins qui y sont emmagasinés, parmi lesquels nous citerons ceux qui proviennent des maisons les plus renommées comme: Antonia Adelaide Ferreira, Compagnie Royale des Vignobles du Haut Douro, Adriano Ramos Pinto & Frère, Cockburn Smithes Comp., Sandeman Comp., Offley Comp. Forrester, Martiny Gassiot, Niepoort Comp., W. Burmester, Taylor Fladgate Yeatman, Hunt Roope Teage Cramp, Croft Comp., Clode Baker, etc.

L'exportation des vins de Porto a un peu baissé pendant les dernières années, ce qui est dû à des causes très variables et assez complèxes, parmi lesquelles on reconnait la fraude et les falsifications, dont ces précieux produits sont entachés dans tous les marchés du monde.

Mais une heureuse réaction s'est dernièrement produite dans tous les pays civilisés, contre les fraudes nuisibles de tous les produits alimentaires, et on s'occupe même de garantir non seulement l'authenticité des productions, mais aussi celle de leur provenance, et les vins de Porto, dont la réputation séculaire est fidèlement conservée chez beaucoup d'exportateurs, entre autres ceux que nous avons nommés plus haut, auront tout à gagner avec ces rassurantes mesures.

Porto — Juin 1904.

Visconde Villarinho S. Romão.

[1] L'*almude* a dix-sept litres.

A Batalha

Convento de Santa Maria da Victoria

INTRODUCÇÃO [1]



Não desejamos tolher a iniciativa do leitor, mas sómente guial-o. Uma bibliographia completa sobre a Batalha n'este logar ficaria deslocada. Pertence legitimamente a um estudo monographico. Temos lido e annotado talvez tudo quanto no paiz e fóra d'elle se publicou sobre o celebre monumento, mas d'essa grande lista apenas podemos e devemos recommendar ao leitor, que queira aprofundar os seus estudos, os melhores auctores. Vão no fim d'esta Introducção. Convém advertir, no emtanto, que o erudito nunca deverá aceitar qualquer affirmação d'esses escriptores (nem mesmo a nossa propria) sem um exame cuidadoso em face do monumento e seus orgãos mais valiosos. A autopsia, o exame *de visu* é sempre indispensavel com lapis e caderno na mão! Nunca vamos á Batalha (e temos visitado a egreja e convento innumeras vezes desde 1865) sem as plantas essenciaes e primorosas do celebre Murphy, verificando e medindo tudo o que cita. Para um exame apenas sufficiente do templo e para as confrontações com as notas e medições do benemerito irlandez são precisos, pelo menos, tres a quatro dias e, portanto, pernoitar n'uma hospedaria bem modesta da localidade. No templo deviam estar expostas em differentes logares boas ampliações das plantas, alçados, córtes e perfis do templo da Batalha, não só os desenhos de Murphy, mas córtes complementares; e uma collecção bem seleccionada dos elementos decorativos que pela posição elevadissima em que estão collocados ou por falta de luz não podem ser devidamente apreciados, nem mesmo com a vista bem armada [2].

Principaes fontes de consulta

Seguindo a ordem chronologica devemos citar as seguintes:

Sousa (Frei Luiz de).

Descripção da egreja e convento da Batalha. — Encontra-se na *Historia de S. Domingos.* Impresso em S. Domingos de Bemfica, **1623.** — 1.ª parte; 2.ª parte Lisboa, 1662; 3.ª parte Lisboa, 1678; 4.ª parte por Fr. Lucas de Santa Catharina. — Lisboa, 1733-fol. — Todas as quatro partes sahiram em 2.ª ed. — Lisboa, 1769-fol. 4 volumes. Trad. em inglez por Murphy.

Chamou-se no seculo Manoel de Sousa Coutinho. O primoroso escriptor, uma das glorias da litteratura nacional, dispensa todo o elogio. Podia e devia ter revelado em 1623 os thesouros do archivo do convento e teria sido glorificado ainda mais pelos posteros! Mas, preoccupado com a sua *rhetorica* e um pouco com a sua propria litteraria pessoa (talvez mais do que convinha a um frade), esqueceu-se de que tinha uma legião de artistas, alguns por graça de Deus, a revelar á nação! Vid. Innocencio da Silva, *Dicc. Bibliogr.*, vol. v e xiii.

---

[1] Não pretendemos, nos apontamentos bibliographicos que vão lêr-se, indicar senão as fontes mais importantes para um estudo methodico do mosteiro, tal como o devem fazer os portuguezes que não se contentem com a leitura de banalissimos guias nacionaes e estrangeiros, que por ahi pullulam. E dizemos *banalissimos,* porque nada mais facil ha e haverá hoje, como em todos os tempos, do que compilar, plagiar, cerzir uma manta de farrapos historico-artisticos que não valem mais do que os tradicionaes *liteiros* da nossa industria domestica; cobrem, mas não agasalham, nem confortam; são engano para os pobres. E nada mais difficil conhecemos do que concentrar, resumir, caracterisar em breves termos uma obra d'arte, seja ella qual fôr. De resto, ao leitor devemos recordar o que é publico e notorio: que sendo nós o auctor da unica *Bibliographia nacional das artes e industrias artisticas* que existe em lingua portugueza (cêrca de 2:000 numeros, na maior parte existentes nas nossas bibliothecas particulares da casa do Porto e da Quinta da Veia, Aguas Santas) deve o leitor dispensar-nos de uma parada vã de ostentação erudita.

[2] Com um triedro, systema allemão Görtz, vencem-se na Batalha todas as difficuldades, havendo luz sufficiente. Esses admiraveis instrumentos são porém caros; custam mesmo em França e Allemanha entre 200 a 250 marcos = 312 francos.

Batalha

Couvent de Santa Maria da Victoria

INTRODUCTION [1]



Nous ne désirons nullement embarasser l'initiative du lecteur, mais seulement le guider. Une bibliographie complète sur le monastère de Batalha serait ici déplacée. Il mériterait légitimement une étude monographique. Nous avons lu et annoté, peut-être, tout ce qui a été publié chez nous et à l'étranger à propos de ce célèbre monument, mais nous ne devons ni ne pouvons recommander au lecteur qui voudra approfondir ses études, que les meilleurs auteurs, cités dans cette grande liste, et dont nous publions les noms après cette Introduction. Cependant il est convenable de remarquer que le savant ne devra jamais accepter aucune affirmation de ces écrivains (ni même la nôtre) sans avoir procédé lui-même à un examen minutieux du monument et de ses parties les plus précieuses. L'autopsie, l'examen *de visu* est toujours indispensable avec un crayon et un cahier à la main! Nous avons visité l'église et le couvent bien des fois depuis 1865 et jamais nous n'allons à Batalha sans les plans essentiels et magnifiques du célèbre Murphy, vérifiant et mesurant tout ce qu'il cite. Pour un examen à peine suffisant du temple et pour les confrontations avec les annotations et les mesures de cet irlandais si méritant il faut au moins trois à quatre jours, et l'on devra, partant, passer les nuits dans un hotel bien modeste de l'endroit. Dans le temple on aurait dû exposer dans de différents endroits, de bonnes amplifications, des plans, élevations, coupes et profils du temple de Batalha, non seulement les dessins de Murphy mais des coupes supplémentaires; et aussi une collection bien choisie des éléments décoratifs, qui ne peuvent être convenablement appreciés, même à l'aide de longue-vues, parce qu'ils sont placés dans des positions très élevées ou ne sont pas assez en lumière [2].

Principaux ouvrages à consulter

Selon l'ordre chronologique nous citerons les suivants:

Sousa (Fr. Luiz).

Descripção da egreja e convento da Batalha. — On la trouve dans la *Historia de S. Domingos.* Imprimé à S. Domingos de Bemfica, **1623.** — 1ère partie; 2e partie Lisbonne, 1662; 3me partie Lisbonne, 1678; 4me partie par Fr. Lucas de Santa Catharina. — Lisbonne, 1733-fol. — Toutes ces parties parurent en 2me ed. Lisbonne 1769-fol. 4 volumes. Trad. en anglais par Murphy.

Frei Luiz de Sousa se nomma dans le monde Manuel de Sousa Coutinho. L'éminent écrivain, une des gloires de la littérature nationale, n'a pas besoin d'éloges. Il aurait pu et aurait même dû révéler en 1623 les trésors de l'archive du

---

[1] Nous ne prétendons pas, dans les notes bibliographiques qu'on va lire, indiquer autre chose que les sources plus importantes pour une étude méthodique du monastère, comme elle doit être faite par les portugais qui ne se contenteront pas de la lecture si banale des guides nationaux et étrangers, publiés à foison. Et nous nous servons du mot *banal,* parce qu'il n'y a rien de plus facile aujourd'hui, comme autrefois, que de compiler, piller, et tisser une couverture de lambeaux historico-artistiques qui n'ont pas plus de valeur que les couvre-lits de notre industrie domestique; ils couvrent sans réchauffer ni réconforter et servent à peine à leurrer les pauvres. Et nous ne connaissons rien de plus difficile que de concentrer, résumer, caractériser en peu de mots une œuvre d'art quelle qu'elle soit. Du reste nous devons rappeler au lecteur ce qui est déjà connu: qu'étant, comme nous sommes, l'auteur de l'unique *Bibliographia nacional das artes e industrias artisticas* qui ait paru dans la langue portugaise, et dont il y a à peu près 2:000 numéros, la plupart existant dans nos bibliothèques particulières de notre maison de Porto, et de la Quinta da Veia, Aguas Santas, il serait malséant pour nous de faire parade de notre érudition.

[2] Avec un trièdre, de système allemand Görtz, ou de la lumière suffisante on peut vaincre à Batalha toutes ces difficultés; ces admirables instruments sont toutefois assez chers; ils côutent même en France et en Allemagne entre 200 à 250 marcs = 312 francs.

Murphy (James).

Plans, elevations, sections and views of the church of Batalha in the province of Estremadura in Portugal with the description by Fr. Luis de Sousa, with remarks. To which is prefixed an *Introductory discourse* on the Principles of gothic architecture by J. M. Illustrated by 27 Plates. — London, printed for I. & J. Taylor, High-Holborn, MDCCXCV (**1795**). In fol. de IV pag. (inn.) 61 pag. e 27 estampas, contando frontispicio e dedicatoria. Entre pag. 26 e 27 ha mais 2 pag. inn.; e depois da pag. 61 mais 2 pag. tambem inn. A ordem do vol. é a seguinte: *Frontispicio* gravado com o titulo — verso branco (pag. 1-2). — *Dedicatoria* a William Conyngham (chapa grav.) — verso branco (pag. 3-4). — *Prefacio e introducção historica* de Murphy sobre a architectura gothica (pag. 1-26, e 4 grav. correspond.).

Seguem 2 pag. inn. com o titulo (verso branco) relativo á *Historia e descripção da Batalha* por Fr. Luiz de Sousa, trad. e annot. por Murphy (pag. 27-57).
Segue uma nota fornecida por W. Conyngham, pag. 58.
Descripção da planta geral do edificio, pag. 59-60.
Nota de Murphy sobre Fr. Luiz de Sousa, pag. 61.
Nota para a collocação das gravuras, pag. 61 (verso).
Lista dos subscriptores, 2 pag. inn.
Seguem 21 estampas, sendo as duas primeiras de folha dupla.

É inutil encarecer o merito extraordinario d'este glorioso trabalho! Sim, glorioso ainda hoje! Manda a verdade dizer, porém, que a traducção ingleza do texto da *Historia de S. Domingos* não é fiel em muitas passagens, como verificámos linha a linha. Soffreu até córtes e pequenas alterações. Isto importa principalmente aos estrangeiros que não souberem a nossa lingua. É a primeira vez, creio, que se faz esta advertencia em publico.

São Luiz (Fr. Francisco de) tambem conhecido como Bispo de Coimbra, Conde de Arganil e Cardeal Patriarcha ou Cardeal Saraiva.

Memoria historica sobre as obras do Real Mosteiro de Santa Maria da Victoria, chamado vulgarmente da Batalha. — Lisboa, **1827**. (Nas *Memor. da Acad. Real das Sciencias,* tomo X, parte I, pag. 163-232) e no vol. I (1872) da ed. das suas *Obras completas.*

Trabalho magistral para a época em que foi escripto, e ainda hoje valiosissimo. Honra seja feita á memoria d'este grande sabio e liberal prelado, um dos protagonistas do duello nacional de 1820-1833.

Mendonça (José Lourenço Domingues de).

Memoria historica do Convento da Batalha. — Lisboa, **1842** — 8.º de 41 pag. — Encontra-se no vol. III da sua trad. de Schæfer, *Hist. de Portugal.*

Haveria muito a dizer sobre as qualidades e os defeitos das varias memorias, pertencentes á Historia da Arte, que estão espalhadas pela traducção portugueza da obra do celebre historiador allemão. São pouco conhecidas e pouco lidas.

Albuquerque (Luiz da Silva Mousinho de).

Memoria inedita ácerca do edificio monumental da Batalha. — Leiria, **1854** — 8.º de x-38 pag. — 2.ª ed. — Lisboa, 1867 — 8.º de 47 pag. (incl. x de Introd.).

Foi um portuguez de lei, que traçou o seu elogio sem o querer n'este curto, mas excellente relatorio sobre o estado do monumento e o methodo a seguir na restauração e conservação d'elle. É tambem o melhor elogio de El-Rei D. Fernando, então ainda merecido, como protector que foi da Batalha.

Relvas (Carlos).

Album da Batalha. — Cêrca de 40 photographias in fol. Possuimos este album que foi arrematado no leilão da Bibliotheca do Marquez de Sousa-Holstein. Crêmos que era um exemplar unico, pela dedicatoria impressa a ouro nas pastas do album. Data, approximadamente: **1870-75**. Bella collecção, que parecia destinada a qualquer monographia.

Barbosa (Ignacio de Vilhena).

Monumentos de Portugal, historicos, artisticos e archeologicos, por .... Lisboa, **1886**. 8 gr. Castro, irmão, editores. A primeira memoria refere-se á Batalha, 73 pag., com estampas antiquadas. O texto é, a bem dizer, uma repetição da memoria do Cardeal Saraiva, com pouca differença. Todavia, como apresenta illustrações abundantes, que faltam n'aquelle, prestou o archeologo de Lisboa um bom serviço á nação, publicando o seu estudo. Devo ainda advertir que o estudo é uma reproducção de um trabalho que sahiu

couvent et la postérité l'aurait encore plus glorifié! Mais, préoccupé de sa *rhétorique* et aussi de sa personnalité littéraire (peut-être plus qu'il ne convenait à un moine) il oublia qu'il avait une légion d'artistes à révéler à la nation, dont quelques uns par la grâce de Dieu. Vid. Innocencio da Silva, *Dicc. Bibliogr.,* vol. V et XIII.

Murphy (James).

Plans, elevations, sections and views of the church of Batalha in the province of Estremadura in Portugal with the description by Fr. Luis de Sousa, with remarks. To which is prefixed an *Introductory discourse* on the Principles of gothic architecture by J. M. Illustrated by 27 Plates. — London, printed for I. & J. Taylor, High-Holborn, MDCCXCV (**1795**). In fol. de IV pag. (inn.) 61 pag. et 27 dessins, contenant le frontispice et la dédicace. Entre les pag. 26 et 27 il y a encore 2 pag. inn.; et après la pag. 61 deux autres pag. aussi inn. L'ordre du vol. est la suivante: *Frontispice* gravé avec le titre — verso en blanc (pag. 1-2). — *Dédicace* à William Conyngham (plaque grav.) verso en blanc (pag. 3-4). — *Préface et introduction historique* de Murphy sur l'architecture gothique (pag. 1-26, et 4 grav. correspond).

Suivent 2 pag. inn. avec le titre (verso en blanc) relatives à l'*Historia e descripção da Batalha* por Fr. Luiz de Sousa, trad. et annot. par Murphy (pag. 27-57).
Suit une note donnée par W. Conyngham, pag. 58.
Description du plan général de l'édifice, pag. 59-60.
Note de Murphy sur Fr. Luiz de Sousa, pag. 61.
Note pour l'emplacement des gravures.
Liste des souscripteurs.
Suivent 21 dessins, dont les deux premiers occupent chacun une double page.

Il est inutile de vanter le mérite extraordinaire de ce glorieux travail! Et glorieux encore de nos jours! Mais, la vérité nous oblige à dire que la traduction anglaise du texte de la *Historia de S. Domingos* n'est pas tout à fait fidèle en beaucoup de passages, comme nous l'avons vérifié ligne à ligne. Elle a même souffert de petites altérations et des coupures. Ceci est surtout important pour les étrangers qui ne savent pas notre langue, et il me semble que c'est la première fois qu'on fait cet avertissement en public.

São Luiz (Fr. Francisco de) connu aussi comme évêque de Coimbra, Comte de Arganil et Cardinal Patriarche ou Cardinal Saraiva.

Memoria historica sobre as obras do Real Mosteiro de Santa Maria da Victoria, chamado vulgarmente da Batalha, Lisboa, **1827**. (Dans les *Mémoires de l'Académie Royale des Sciences,* tome X, 1ère partie, pag. 163-232) et dans le 1er vol. (1872) de l'édition de ses *Obras completas.*

Travail remarquable pour l'époque où il a été écrit, et ayant encore aujourd'hui beaucoup de valeur. Honneur à la mémoire de ce grand prélât si savant et si libéral, et un des principaux personnages de la lutte nationale de 1820-1833.

Mendonça (José Lourenço Domingues de).

Memoria historica do Convento da Batalha. — Lisboa, **1842** — 8.º de 41 pag. — Se trouve dans le vol. III de sa trad. de Schæffer, *Hist. de Portugal.*

On aurait beaucoup à dire sur les qualités et les défauts des divers mémoires, appartenant à l'Histoire de l'Art, qui ont été répandus par la traduction portugaise de l'ouvrage du célèbre historien allemand, et qui sont peu connus et peu lus.

Albuquerque (Luiz da Silva Mousinho de).

Memoria inedita ácerca do edificio monumental da Batalha. — Leiria, **1854** — 8.º de x-38 pag. — 2me ed. — Lisbonne, 1867 — 8.º de 47 pag. (incl. x d'Introd.).

Ce fut un veritable patriote qui dans ce court mais excellent rapport sur l'état du monument et la marche à suivre pour sa conservation, a tracé, sans le vouloir, son propre éloge. C'est aussi le meilleur éloge du Roi D. Fernando, encore bien mérité, comme un protecteur qu'il a été du couvent de Batalha.

Relvas (Carlos).

Album da Batalha. — A peu près 40 photographies in fol. — Nous possédons cet album obtenu à la vente de la Bibliothèque du Marquis de Sousa-Holstein. — Par la dédicace imprimée en or sur la reliure de l'album nous pensons que c'était un exemplaire unique. — Il est daté de **1870-75** et c'est une belle collection qui semblait destinée à une monographie quelconque.

Barbosa (Ignacio de Vilhena).

Monumentos de Portugal, historicos, artisticos e archeologicos por ..... Lisbonne **1886,** 8 gr. Castro, irmão, editores. Le premier mémoire se rapporte à Batalha, 73 pag., avec des gravures assez démodées. Le texte est pour ainsi dire, et à peu de chose près, la répétition du mémoire du Cardinal Saraiva. Cependant

primeiramente no *Archivo Pittoresco;* e que a filiação não pára ahi, porque o *Panorama* já o editára. Onde isso vae! E por ultimo, o fallecido archeologo tinha uma arte singular de occultar cuidadosamente todas as suas fontes de estudo. Será isto ensinar proficuamente?

Anonymo. — *A Batalha* — Memoria dirigida ao snr. Conselheiro Emygdio Julio Navarro. Seguida de uma noticia ácerca do estado d'este monumento em 1876. — Lisboa, **1887** — 8.º de 36 pag.

É util, sob certos pontos de vista, consultal-o.

Visconde de Condeixa.

O mosteiro da Batalha em Portugal — Monographia ornada de vinte e seis gravuras heliographicas. Lisboa e Paris, Firmin Didot & Cie. **1892,** 30 de Março, fol. de VII-207 pag. Com texto em portuguez e francez.

Este esplendido volume, cujo preço era de 13$500 reis, reduzido depois a 9$000 reis, foi hyperbolicamente elogiado por espertos amadores, jornalistas e pseudo-criticos que aspiravam ao respectivo presente. É natural, n'este caso, o elogio. Como não recebemos a obra graciosamente, mas a obtivemos pagando o justo preço, primitivo, estamos á vontade, para a apreciar imparcialmente. Não havia, em 1889, illustrações mais formosas, nem mais rigorosamente exactas; a impressão era (e é ainda) um primor d'arte. As estampas serão vencidas em breve pela magnifica collecção da casa Biel & C.ª que acompanhará a nossa futura monographia. São 48. Texto e illustrações ficarão assentes em novos fundamentos. N'este Album damos apenas uma amostra.

Voltemos ao auctor. O Visconde de Condeixa, deixando o trabalho de Murphy, que não percebe, em paz, deixando tambem em paz as estampas, de que diz mal (mas copiando-as para os elementos decorativos do seu volume!), haveria sido discreto e justo. Acha em Murphy só esboços? onde? Acha-os inexactos e incaracteristicos; onde? quando? e como? *Words — Words*...... Não nos dá *plantas* novas, nem um unico desenho technico novo; só aspectos exteriores, photographias, reproducções mechanicas. Nenhum desenho seu, nenhuma nota pessoal e do seu lapis. E já que fallámos de *plantas* architectonicas, que o leitor leigo não sabe lêr, geralmente, concluiremos esta rapida apreciação affirmando e provando o seguinte: que o nobre Visconde não nos fornece uma unica *planta*, que não seja copiada de Murphy; e dispensa-se de todo e qualquer alçado, córte ou perfil! No texto revela novidades singulares, que honram apenas a sua phantasia. É porém grande admirador do nosso fallecido amigo, o archeologo Vilhena Barbosa.

Haupt (Albrecht).

Na sua obra sobre a architectura da Renascença em Portugal (**1890-95**) bem conhecida, este auctor não procedeu nem com a seriedade, o rigor de estudo e a analyse segura que estamos habituados a encontrar em especialistas allemães; diremos mais: nem com a boa fé que todo o escriptor honesto deve ao publico, mórmente quando se trata de um assumpto difficil e novo, e se está fallando a um publico desprevenido. Novidades ha, dispersas pela obra, mas é o caso de dizer-se: *rari nantes in gurgite vasto.*

Joaquim de Vasconcellos. 1904 (no presente estudo, precursor de uma monographia).

*
* *

Entro n'um assumpto de capital importancia para a historia da arte nacional em condições que exigem algumas palavras de esclarecimento prévio.

Embora auctores dos mais distinctos, nacionaes e estrangeiros, tenham escripto sobre o monumento, desde Frei Luiz de Sousa (1622) até ao allemão Haupt (1895), comtudo ainda ha a resolver uma serie de problemas iniciaes de caracter historico e artistico e de capital importancia. O symbolismo que se occulta sob os lavores de uma flora decorativa sobremodo interessante, só excedida pela admiravel plasticidade de uma fauna surprehendente; os elementos heraldicos tão abundantes, tão eloquentes e altivos, que uma nova geração de cavalleiros traçou em escudos e broqueis invenciveis; as divisas e emblemas, sentenças e tenções, que resumem por vezes, n'uma ou duas palavras, a alma heroica da cavallaria que se juntou na *Ala dos namorados* e alli morreu por seu Rei, sem recuar — *malo mori quam foedari*...... tudo isto é ainda para a immensa maioria dos visitantes, quer nacionaes, quer estrangeiros, como o livro de sete sellos, ou os rôlos da Sybilla.

. . . .

Passou o tempo, passaram mais de cinco seculos; e o saber, a erudição, a critica sagaz de nacionaes e estranhos investigou, inquiriu com amor; e de pesquiza em pesquiza foi erguendo lentamente

comme il présente beaucoup d'illustrations qui font défaut dans l'autre, l'illustre archéologue a rendu un bon service au pays en publiant cette étude. Je dois encore remarquer que l'étude est une reproduction d'un travail paru premièrement dans le *Archivo Pittoresco;* et que la filiation ne s'arrête pas là parce que le *Panorama* l'avait déjà publié. Où est ce temps là! Et dans les derniers temps, cet archéologue déjà décédé avait un art singulier de cacher soigneusement les sources où il puisait ses études. Est-ce une manière profitable d'enseigner?

Anonyme. — *A Batalha* — Mémoire adressé à Mr. le Conseiller Emygdio Julio Navarro. Suivi d'une notice à propos de l'état de ce monument en 1876. — Lisbonne, **1887** — 8º de 36 pag.

Utile à consulter, sous certains points de vue.

Visconde de Condeixa.

O mosteiro da Batalha em Portugal — Monographie ornée de vingt six gravures héliographiques. Lisbonne et Paris, Firmin Didot & Cie. **1892,** le 30 Mars, fol. de VII-207 pag. Avec texte en portugais et français.

Ce splendide volume dont le prix de 13$500 reis [1] fut depuis réduit à 9$000 reis [2] a été hyperboliquement glorifié par de malins amateurs, journalistes et pseudo-critiques qui aspiraient à sa possession. L'éloge dans un tel cas, est tout naturel. Comme nous n'avons pas reçu l'ouvrage à titre gracieux, mais l'avons acheté à sa juste valeur primitive, nous sommes tout à fait à l'aise pour l'apprécier avec impartialité. En 1889 il n'existait pas de plus belles illustrations, ni aussi rigoureusement exactes; l'impression était et est encore des plus artistiques. Les gravures seront bientôt supplantées par la magnifique collection de la maison Biel & C.ª qui accompagnera notre future monographie. Elles sont au nombre de 48. Le texte et les illustrations seront fondés sur de nouvelles bases dont nous donnons à peine un aperçu dans cet Album.

Mais revenons à l'auteur. Le Vicomte de Condeixa a-t-il été discret et juste en laissant de côté et en paix le travail de Murphy qu'il ne comprend pas, méprisant aussi les gravures, dont il parle mal, mais en les copiant néanmoins comme éléments décoratifs de son volume? Comment ne trouve-t-il dans le travail de Murphy que des ébauches? Où? Il les trouve encore incaractéristiques et inexactes: en quel endroit et comment? *Des mots — des mots*...... Il ne nous présente pas de nouveaux *plans,* pas un seul dessin technique; rien que des aspects extérieurs, des photographies, des reproductions mécaniques. Aucun dessin de lui, aucune note personnelle et de son crayon. Et puisque nous parlons de *plans* d'architecture, que le lecteur illettré ne sait généralement pas lire, nous terminerons cette courte appréciation en affirmant et en prouvant: que le noble Vicomte ne nous fournit pas un seul *plan* qui ne soit copié de Murphy et qu'il laisse dans l'oubli tout ce qui concerne les élévations, coupes et profils! Dans le texte il nous révèle de singulières nouveautés qui font à peine honneur à sa fantaisie. Il est d'ailleurs un grand admirateur de notre regretté ami, l'archéologue Vilhena Barbosa.

Haupt (Albrecht).

Dans son ouvrage bien connu sur l'architecture de la Renaissance en Portugal **(1890-95),** cet auteur n'a pas procédé avec la sincérité, la rigueur d'étude et l'analyse assurée, que nous sommes habitués à trouver dans les travaux des spécialistes allemands, et nous dirons aussi, ni avec la bonne foi que tout écrivain honnête doit au public, surtout lorsqu'il s'agit d'un sujet difficile et nouveau et qu'on s'adresse à un public pris au dépourvu. Dans ce travail il y a bien quelque chose de neuf par-ci par-là, mais c'est bien le cas de dire: *rari nantes in gurgite vasto.*

Joaquim de Vasconcellos. 1904 (dans la présente étude, précurseur d'une monographie).

*
* *

J'aborde un sujet d'une importance capitale pour l'histoire de l'art national et dans des circonstances qui exigent auparavant quelques paroles d'éclaircissement.

Quoique des auteurs des plus distingués, portugais et étrangers, aient écrit à propos du monument, depuis Frei Luiz de Sousa (1622) jusqu'à l'allemand Haupt (1895), il y a toutefois encore à résoudre une série de problèmes initials de caractère historique et artistique de la plus grande importance. Le symbolisme qui se dissimule sous le fouillis d'une flore décorative des plus intéressantes, et qui n'est surpassée que par l'admirable plasticité d'une faune étonnante; les éléments héraldiques si abondants, si éloquents et altiers, qu'une nouvelle génération de chevaliers avait tracés sur des boucliers et des rondaches invincibles; les devises, les emblèmes, les sentences et les maximes qui résument souvent en un ou deux mots, l'âme héroïque de la chevalerie qui composa la *Ala dos Namorados* et

---

[1] 13$500 reis, 75 francs.
[2] 9$000 reis, 50 francs. (*N. du trad.*)

o véo, illuminando as sombras que os contemporaneos nos legaram, e os proprios chronistas da ordem de S. Domingos não lograram dissolver, confessando já no principio do sec. XVII, com vaga e temerosa hesitação, as suas duvidas sobre tantos problemas de estudo, tantos enigmas.

Fundação de um inclito principe, o *de Boa Memoria,* em lembrança de uma victoria immarcescivel e decisiva para a sorte de Portugal, o mosteiro e a egreja são como o incomparavel feito de armas que illustram, o symbolo de uma victoria popular — popular no melhor sentido! — pois nos campos de Aljubarrota foi sepultada com a flôr da nobreza castelhana, a onda revolta dos grandes fidalgos portuguezes, adversarios d'aquelle que apodavam de *Bastardo.*

Surgiu uma nova geração de cavalleiros sedentos de gloria, porque para isso lhes sobejava a virtude, ambiciosos das corôas de louro que cingem o capitão moribundo sobre as andas, porque os Deuses concedem cedo a morte aos heroes que mais amam.

A todos, senhores e peões, appareceu a visão do poeta, o sonho acariciado pelo humanista no seu gabinete de estudo e fixado no poema: *De Patientia* (*scil. De Gloria*) *christiana,* porque em tudo haviamos de ser discipulos amados dos mestres latinos e realisar os preceitos que constituiam o credo erudito de uma nobreza duplamente nobilitada pelas armas e pelas letras: *n'uma mão a espada, n'outra a penna:*

PATRIA — SALVS VITÆ
AMOR — VITÆ SALVS [1]

O santo e a senha foram então em toda a parte a mesma: *De nobilitate et gloria* [2]. E se não fôra a erudição paciente que guia, sempre desinteressada, no labyrintho da tradição, o artista e o artifice andariam semi-cegos, hospedes dentro da propria obra, procurando debalde a suprema harmonia do plano fundamental, o symbolismo occulto que dá vida e sentido á menor pedra.

Em face do monumento tendes pois de indagar dos collaboradores anonymos, de homens doutos, artifices da ideia, porque o gabinete do sabio tambem é officina.

(Continúa).

Joaquim de Vasconcellos.

[1] Para o leitor entender o que significa este duplo lemma nosso, deve lêr a extensa e valiosa nota de José do Canto no livro de Jorge Coelho: *De Patientia christiana* (Lisboa, 1540) que, como é sabido, contém o singular tratado de Luciano *De Dea Syria Liber unus.* Esse rarissimo livro vimol-o e extractamol-o na Bibliotheca Real da Ajuda (1877) por causa do estudo das Cartas latinas de Damião de Goes; mas aqui o confessamos francamente: só a José do Canto cabe a gloria das importantes descobertas e revelações que o livro de Jorge Coelho traz para a vida de Camões. Vid. *Collecção Camoniana* de José do Canto. Tentativa de um Catalogo methodico e remissivo. Lisboa, Imp. Nacional, 1895, pag. 329-332.

[2] Não penso só em Jeronymo Osorio, o *Cicero portuguez;* não penso apenas em Jorge Coelho, esclarecido secretario do Cardeal D. Henrique, em Damião de Goes e André de Rezende; lembro-me d'esses e dos que, como o ultimo citado, reuniram em torno de si em Academias eruditas, para sério, arduo e proficuo estudo, a flôr da nossa nobreza; Nicolau Clenardo, o bom e jovial flamengo; Gaspar Barreiros, o incansavel viajante; Heitor Pinto, seu émulo nas viagens e nas letras; Jeronymo Cardoso, o preceptor, por excellencia, da nossa fidalguia. E quem remontar aos tempos de D. João III e D. Manoel, aos reinados de D. João II, D. Affonso V, o fundador da primeira Bibliotheca regia, e mesmo D. Duarte, o promotor das *Capellas Imperfeitas,* o escriptor do *Leal Conselheiro,* encontrará factos e nomes parallelos; sómente os mestres ahi são ás vezes italianos.

qui mourût là, sans reculer, pour son Roi, *malo mori quam foedari......* tout cela est encore pour la plupart des visiteurs, nationaux et étrangers, comme le livre sept fois scellé, ou les rouleaux de la Sybille.

. . . .

Mais le temps a marché, plus de cinq siècles se sont passés, et le savoir, l'érudition et la critique éclairée des compatriotes et des étrangers a fureté, et recherché avec passion; de recherche en recherche on a soulevé lentement le voile, éclairant les ombres laissées par les contemporains et que les propres chroniqueurs de S. Domingos n'avaient pas dissipées, quoique au commencement du XVIIme siècle il eussent déjà laissé percer, avec une vague et craintive hésitation, leurs doutes sur tant d'énigmes et de problèmes d'études.

Fondés par un prince insigne, surnommé de *Boa-Memoria* [1], en souvenir d'une bataille rude et décisive pour la destinée du Portugal, le monastère et l'Eglise sont, comme l'incomparable fait d'armes qu'ils glorifient, le symbole d'une victoire populaire dans le meilleur sens du mot! — car sur les terres d'Aljubarrota avec la fleur de la noblesse castillane, a été ensevelie l'onde révoltée des grands nobles portugais, adversaires de celui qu'ils apostrophaient de *Bâtard.*

On vit surgir une nouvelle génération de cavaliers assoiffés de gloire, méritée par leurs vertus, ambitieux des lauriers qui ceignaient leur capitaine mourant sur les brancards, parce que les Dieux donnent plus tôt la mort aux héros qu'il aiment le mieux.

La vision du poète, le rêve caressé par l'humaniste dans son cabinet d'étude et fixé dans le poème: *De Patientia* (*scil. De Gloria*) *christiana,* apparût à tous, seigneurs et vassaux, parce qu'en tout il nous fallait être les disciples bien aimés des maitres latins et réaliser les préceptes qui constituaient le *credo* érudit d'une noblesse deux fois annoblie par les armes et par les lettres: *d'une main l'épée, de l'autre la plume.*

PATRIA — SALVS VITÆ
AMOR — VITÆ SALVS [2]

Le mot d'ordre fut alors partout le même: *De nobilitate et gloria* [3]. Et si ce n'était la patiente érudition toujours désinteressée qui guide l'artiste et l'ouvrier, à travers le labyrinthe de la tradition, ils marcheraient à demi aveugles, comme des hôtes dans leur propre demeure, cherchant en vain l'harmonie suprême du plan fondamental, le symbolisme caché qui donne un sens et une vie à la moindre pierre.

Devant le monument vous devez donc recourir aux collaborateurs anonymes, aux hommes savants ouvriers de la pensée, parce que le cabinet d'un savant est aussi un atelier.

(A suivre).

Joaquim de Vasconcellos.

[1] Bon-souvenir.

[2] Pour que le lecteur comprenne la signification de ce double lemme qui est nôtre, il doit lire la longue et précieuse note de José do Canto dans le livre de Jorge Coelho: *De Patientia christiana* (Lisbonne 1540) qui, comme on le sait, contient le singulier traité de Luciano *De Dea Syria Liber unus.* Ce livre très rare a été vu et consulté à la Bibliothèque Royale da Ajuda (1877) à cause de l'étude des lettres latines de Damião de Goes; mais nous l'avouons franchement, c'est seulement à José do Canto que revient la gloire des découvertes importantes et des révélations que le livre de Jorge Coelho nous fournit pour la vie de Camões. Vid. *Collecção Camoneana* de José do Canto, tentative d'un catalogue historique et comparé. Lisbonne, Imp. Nationale, 1895, pag. 329-332.

[3] Je ne pense pas seulement à Jeronymo Osorio, le *Cicéron Portugais;* je ne pense pas seulement à Jorge Coelho, le sécrétaire éclairé du Cardinal D. Henrique, ni à Damião de Goes et André de Rezende; je me souviens de ceux là et de ceux qui, comme le dernier cité, ont réuni autour d'eux en de savantes Académies la fleur de notre noblesse, pour des études sérieuses, tenaces et profitables: Nicolau Clenardo, le bon et jovial flamand; Gaspar Barreiros, l'infatigable voyageur; Heitor Pinto son émule dans les voyages et les lettres; Jeronymo Cardoso, le véritable précepteur de notre noblesse. Et si l'on remonte aux temps de D. João III et D. Manuel, aux règnes de D. João II, D. Affonso V le fondateur de la première bibliothèque royale et même à D. Duarte le promoteur des *Capellas Imperfeitas* (*a*), l'écrivain du *Leal Conselheiro* (*b*), on trouvera des faits et des noms semblables; seulement les maîtres sont parfois des italiens.

(*a*) Chapelles imparfaites.
(*b*) Conseiller loyal.

(N. du trad.)

A Batalha

Convento de Santa Maria da Victoria

(Continuação, vid. n.º 49)



Se um extraordinario feito de armas foi a causa immediata da fundação da Batalha, nem por isso devemos olvidar que o mosteiro representa tambem para a historia da civilisação lusitana a synthese de um saber elevado, divino e profano, das regras da arte e da erudição portugueza.

Trabalhou-se ahi durante seculos, esculpindo-se a historia de grandes feitos, quando estava ainda fresco o sangue com que foram sagrados.

O que vêdes traduzido na pedra não foram sonhos, não! Factos, acções, não fabulas sonhadas, mentirosas. Não póde negal-o a inveja, pois ahi estão a historia severa e a arte idealisada, de mãos dadas, inseparaveis, n'um amplexo fraterno sob o prestigio de uma corôa popular; ahi estão as grandes fundações regias: a Batalha, Thomar, os Jeronymos, e mais além os memoriaes da nobreza, os templos cheios de sarcophagos e de cenotaphios, verdadeiros primores d'arte; as inscripções heroicas de S. Marcos de Tentugal, primores de entendimento; as sombrias, mas gloriosas recordações do Espinheiro, ás portas de Evora, tapetado de brazões, qual archivo heraldico talhado no marmore; S. Francisco *inter muros;* e, espalhados por todo o reino tantos testemunhos da alliança do povo com a nobreza e com o clero: Santa Maria do Castello em Estremoz, as Sés de Silves e de Miranda do Douro, de Elvas e de Lisboa, de Vizeu e da Guarda, as Collegiadas de Guimarães e de Barcellos, S. João do Alporão e Santa Maria de Almacave; as formidaveis defezas de Palmella e Leiria, duas sentinellas grandiosas cujo peito encerra uma egreja; as fortalezas de Estremoz e de Alvito, do Crato com a Flôr da Rosa, de Leça do Bailio, com serventias que parecem um acampamento. A lista seria interminavel!

Nada d'isto era possivel se um élo da cadeia se rompesse, se o povo faltasse ao seu juramento, se a nobreza olvidasse a lealdade, o clero a sua missão augusta; emfim se o rei, como pastor supremo esquecesse o seu rebanho para o deixar nas garras de lobos roazes, porque *um fraco rei faz fraca a forte gente.*

Eu serei visionario quando os vejo atravez das arcarias da Batalha, percorrendo os claustros silenciosos, descendo e subindo escadas, orando junto dos nichos ou estendidos sobre carcomidas lapides, soluçando preces em abono de passadas culpas, proprias ou alheias: um *Padre Nosso, uma Ave Maria, por amor de Deus;* quando os vejo, esses que foram nossos, em heroica procissão ás nossas mais puras glorias [1].... Saúdo-os e emmudeço!

* * *

Embora o poeta diga: *quem não sabe a arte, não a estima,* eu creio, por honra nossa o creio firmemente, que nenhum portuguez deixará de amar, de venerar esse incomparavel monumento, de o entender bem no dia em que lh'o expliquem com amor, com carinho, em claros termos. Todo elle é uma formosa e contínua visão, uma imagem que tem um feitio, um traço (embora ás vezes quasi imperceptivel) de cada um de nós. E de imagens disse alguem: *in ipsa legunt qui litteras nesciunt.* Por ellas leram os pobres, os humildes, os ignorantes, desde os tempos da *Biblia pauperum.* . . . .

[1] Basta recordar um Damião de Goes, por muitos dos que na Batalha arrastaram a pesada cruz de um martyrio immerecido. Depois de condemnado por uma iniqua sentença da Inquisição, foi-lhe mais tarde diminuida a pena; mandaram-n'o em penitencia para o mosteiro da Batalha (16 de dezembro de 1572).

Batalha

Couvent de Santa Maria da Victoria

(Voir le nº 49)



Si un fait d'armes extraordinaire a été la cause immédiate de la fondation de Batalha, nous ne devons cependant pas oublier que le monastère représente aussi pour l'histoire de la civilisation lusitane, la synthèse des connaissances les plus élevées, divines et profanes, des règles de l'art et de l'érudition portugaise.

On y a travaillé pendant des siècles et l'histoire de grandes actions d'éclat y a été sculptée lorsque le sang qui les avait consacrées était encore fraîchement répandu.

Non, ce ne sont pas des rêves qui l'on voit reproduits sur le marbre! Ce sont des faits, des actions et non des fables menteuses et imaginaires. L'envie ne peut les renier car on y trouve l'histoire sévère et l'art idéalisé, réunis, inséparables, fraternellement enlacés sous le prestige d'une couronne populaire; voilà aussi les grandes fondations royales: Batalha, Thomar, Jeronymos et plus loin les souvenirs de la noblesse, les temples remplis de sarcophages et de cénotaphes, véritables chefs d'œuvres artistiques; les inscriptions héroïques de S. Marcos de Tentugal, chefs d'œuvres de l'intelligence; les sombres mais glorieux souvenirs de Espinheiro, aux portes de Evora, tapissés de blasons comme un archive héraldique taillé dans le marbre; S. Francisco, *inter-muros*, et répandus dans tout le royaume tant de témoignages de l'alliance du peuple avec la noblesse et le clergé; Santa Maria do Castello, à Extremoz, les Cathédrales de Silves et de Miranda du Douro, de Elvas et de Lisbonne, de Vizeu et de Guarda, les Collégiales de Guimarães et de Barcellos, S. João do Alporão, et Santa Maria de Almacava; les formidables fortifications de Palmella et Leiria comme deux sentinelles grandioses dont le sein renferme une église; les forteresses de Extremoz et de Alvito, de Crato avec la Flôr da Rosa, de Leça do Bailio, avec des dépendances semblables à un camp, et combien d'autres dont l'énumération serait interminable!

Rien de cela n'aurait été possible si un seul anneau de la chaîne s'était rompu, si le peuple avait manqué à son serment, si la noblesse avait oublié la loyauté et le clergé son auguste mission, si, enfin, le roi, comme pasteur suprême avait négligé son troupeau pour le laisser dans les griffes de loups voraces, car *um fraco rei faz fraca a forte gente* (un roi faible rend faibles les fortes gens).

Serai-je visionnaire lorsque je les évoque à travers les arceaux de Batalha, où il me semble les voir parcourir les cloîtres silencieux, descendant et montant des escaliers, priant devant les niches ou étendus sur les tombes vermoulues, sanglottant des oraisons pour leurs fautes passées, et celles des autres: *Un Pater, un Avé pour l'amour de Dieu;* quand il me semble les voir, ceux qui fûrent à nous, former un cortège héroïque à nos gloires les plus pures [1].... Je les salue et je retombe dans mon mutisme!

* * *

Quoique le poète dise: *qui ne sait l'art, ne peut l'estimer,* je suis intimement convaincu à notre honneur, que tous les portugais aimeront et vénèreront cet incomparable monument, et pourront bien le comprendre lorsqu'on prendra la peine de le leur expliquer avec amour, avec tendresse et en termes clairs et précis. Tout en lui est une magnifique et continuelle vision, une image qui a une forme, un trait (quoique parfois imperceptible) de chacun de nous. Et en fait d'images quelqu'un a dit: *in ipsa*

[1] Il suffit de rappeler un Damião de Goes, parmi beaucoup d'autres qu'à Batalha, ont porté la lourde croix d'un injuste martyre. Après avoir été condamné par une sentence inique de l'Inquisition, sa peine fut plus tard amoindrie; on l'envoya comme pénitent au monastère de Batalha (16 Décembre 1572).

O rei victorioso creou uma nobreza nova e n'ella se fundiu o mais generoso, o mais genuino sangue popular, o mais leal amor que brotou algum dia do coração de um povo. Por um momento — não! por todo um longo governo de quarenta e oito annos se manteve a maravilhosa alliança dos tres Estados. Fidalgos, clerigos, populares rivalizaram em devoção pela patria, sob o sceptro d'aquelle que escolheu para si a formosa divisa: *Il me plait, pour bien* [1].

Essa alliança não devia, infelizmente, durar muito: o curtissimo reinado de D. Duarte (1433-1438), só cinco annos, e logo depois da regencia gloriosa do Infante D. Pedro, o desastre de Alfarrobeira (1449), uma desgraça nacional, porque esse inquieto, turbulento e impulsivo D. Affonso v, que escolheu para seu emblema o rodizio de um moinho em contínuo movimento, conduz a nação á derrota de Toro (1476), e fornece ao rei de Castella ensejo para contrapôr á Batalha a formosa fabrica de *San Juan de los Reyes,* symbolo tambem de uma victoria, a d'elles, e de uma derrota, a nossa. O monumento, a intenção e a desforra fazem grande honra ao valor, ao brio e ao genio artistico dos nossos adversarios.

. . . .

As funestas discordias que custaram a vida ao Regente, tristissimo preludio de um cesarismo interno, que a gloria das conquistas africanas de D. Affonso v não pôde encobrir, levam-nos naturalmente, logicamente, ás tragedias de Evora, ao governo, movido a ferro e fogo, do *Principe perfeito.* Sómente quatorze annos! — mas que annos, á moda de Luiz xi de França. Nenhum principe portuguez fez mais em tão curto tempo, se é que algum fez tanto.

Repare o leitor n'estes tres ultimos governos, desde D. Duarte, na sua curtissima duração, e nas calamidades que envolvem, e terá a explicação das difficuldades sem conta que obstaram á conclusão das Capellas Imperfeitas e determinaram a transformação da capella-mór de Belem, em estylo do Renascimento puro e rigoroso, quando a traça primitiva foi certamente concebida e executada em estylo gothico florido [2]. As mesmas causas determinaram, primeiro, as successivas interrupções na obra da Batalha; depois o abandono rapido da grande fabrica, onde cada um começou a devanear ao sabor de seus caprichos estheticos — *arte nova* de então — traçando riscos e debuxos *d'aventure.*

Para mim é evidente que o monumento na sua parte mais complexa — as *Capellas Imperfeitas* — é bem o testemunho de um estado de alma angustiado, hoje immerso n'um vago anceio, n'uma aspiração infinita de fazer bem, tão bem como os antepassados, e melhor ainda, se possivel fosse. *Désir* diz

[1] Capella do fundador: São dois grandes moimentos tão juntos, que parecem hum só: O marmore muito alvo, e fino, lavrados todos em roda de um silvado de meyo relevo com seus espinhos, e amoras, e a espaços huma letra Franceza, que diz: *Il me plait, pour bien.* He a empreza de fundamento tão alto, que nos dá n'ella este Principe hum conhecido penhor de seu bom juizo. Porque se a tomamos na verdadeira significação do nome Latino: *Rubus,* que he silva, ou sarça, representanos hum Moyses libertador do seu povo, chamado por Deos do meyo della, e não refusando a empreza, como elle: mas obedecendo sem tardança com a palavra: *Il me plait,* como quem queria dizer, que alegremente se offerecia a todo o trance, e trabalho polo bem dos seus, e amor de quem o mandava. E se o tomamos polo Rhamno misterioso e parabolico do texto sagrado, que tambem he genero de sarça ou silva: confessase por outro Abimelech, no que toca a seu nacimento, e principios: mas como meyos, e obras de tanto valor e virtude, e com fins tão cheyos de prosperidades que foy nellas hum Abimelech ás vessas. Porque este pera reynar só matou aleyvosamente setenta irmaons filhos legitimos de seu pay, sendo elle bastardo: e o nosso esteve tão longe de ambição, que reconhecendo por mais proximos, e mais dignos herdeyros do Reyno, a dous hirmaons seus que andavão ausentes, não pretendeo mais que libertallo pera elles, com o nome de defensor: e o de Rey não tomou, se não despois que o povo junto, e a falta dos hirmaons lhe fez força. (Frey Luiz de Sousa).

[2] Vide no *Livro de Horas* (i. é: de reza) de El-Rei D. Manoel, a pagina com a scena do seu enterro, segundo diz a tradição, e a vista da capella-mór de Belem, ainda gothica. Foi de El-Rei D. Fernando; hoje na posse do monarcha reinante. Pudemos não só vêr, mas estudar pacientemente este admiravel livrinho, com o nosso amigo Ramalho Ortigão, lauda por lauda em 1895, na exposição de arte sacra do Centenario Antonino. Ha mais livros de Horas valiosissimos nos nossos archivos, mas duvidamos que se encontre outro tão elucidativo para os problemas da historia da arte nacional e dos costumes da vida portugueza, nas varias classes sociaes. É para nós, por isso mesmo que n'elle collaboraram duas gerações de artistas, entre outros os dous Hollandas, pae e filho, uma especie de *Breviarium Grimani,* guardadas as devidas proporções. Vide o *Catalogo* da Sala d'El-Rei na referida exposição, organisado por Ramalho Ortigão. No *Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes* (2.ª serie, tomo iv, n.º 1) vem uma bella photographia do Real saimento de D. Manoel, com o aspecto da primitiva capella-mór de Belém. No mesmo numero encontra o leitor o Prospecto extenso de uma publicação (com parecer da Real Associação) que aspirava a realisar em 1883 o que esta, em que escrevo, iniciou com melhor fortuna em 1901.

legunt qui litteras nesciunt. C'est par elles qu'ont appris les pauvres, les humbles et les ignorants, depuis les temps de la *Biblia pauperum.*

. . . .

Le roi victorieux créa une nouvelle noblesse avec laquelle se fusionna le plus généreux, le plus pur sang populaire, et l'amour le plus loyal qui germa un jour dans le cœur d'un peuple. Et cette alliance ne fut pas momentanée; elle se maintint aussi longtemps que celle des trois États, pendant tout un long gouvernement de quarante huit années. La noblesse, le clergé et le peuple rivalisèrent en dévouement à la patrie, sous le sceptre de celui qui avait choisi pour lui la belle devise: *Il me plait,* pour bien [1].

Malheureusement cette union ne devait pas durer toujours: le règne trop court de D. Duarte (1433-1438) fut à peine de cinq ans, et aussitôt après la glorieuse régence de l'Infant D. Pedro, survint le désastre de Alfarrobeira (1449) qui fut un malheur national, parceque cet inquiet, turbulent et impulsif D. Affonso v, qui avait choisi comme emblème la poulie d'un moulin en mouvement perpétuel, conduisit la nation à la défaite de Toro (1476) et procura au roi de Castille l'occasion d'opposer au monument de Batalha, la magnifique fabrique de *S. Juan de los Reyes,* symbole aussi d'une victoire, la leur, et d'une défaite, la nôtre. Le monument, l'intention et la revanche font le plus grand honneur au courage, à la dignité et au génie artistique de nos adversaires.

. . . .

Les dissentions funestes qui coûtèrent la vie au Régent, triste prélude d'un césarisme intérieur, à peine dissimulé par la gloire des conquêtes africaines de D. Affonso v, nous conduisent naturellement et logiquement aux tragédies de Evora et au gouvernement de feu et de fer du *Principe Perfeito.* Tout cela dura seulement quatorze années, mais des années, dans le genre de celles de Louis xi en France. Aucun prince portugais n'en fit plus, ni même autant dans un si court délai.

Que le lecteur remarque bien ce qui se passa dans ces trois derniers règnes, depuis celui de D. Duarte, de si courte durée, et en pensant aux calamités qui se passèrent alors, il aura l'explication des innombrables difficultés qui empêchèrent la conclusion des Chapelles Imparfaites et qui déterminèrent la transformation du sanctuaire de Belem en style Renaissance rigoureux et pur, lorsque le tracé primitif avait certainement été conçu et executé dans le style gothique fleuri [2]. Ces mêmes causes déterminèrent d'abord les intérruptions successives dans l'œuvre de Batalha, et puis l'abandon

[1] Chapelle du Fondateur: Ce sont deux grands mausolées si rapprochés qu'ils semblent un seul: le marbre très blanc et fin est fouillé tout autour, d'une haie en demi relief figurant des épines et des mûres et d'espace en espace des lettres françaises signifiant: *Il me plait pour bien.* La pensée en est si élévée qu'elle nous révèle aussitôt tout le haut jugement de ce Prince. Si nous la prenons dans la véritable acception du mot Latin: *Rubus,* qui est ronce ou haie, elle nous représente un Moïse libérateur de son peuple, appelé par Dieu et ne refusant pas la charge, comme lui, mais obéissant aussitôt avec les mots: *Il me plait,* comme s'il voulait dire qu'il s'offrait joyeusement à courir toutes les chances, pour le bien des siens et par amour pour celui qui l'envoyait. Et si nous le considérons comme le Rhamno mystérieux et parabolique du texte sacré qui est également dans le genre de haie ou ronce, il nous apparait un autre Abimelech par rapport à sa naissance et à ses principes: mais avec des moyens et des œuvres de telle valeur et à des fins si pleines de prospérités qu'il fût plutôt un Abimelech à rebours, puisque celui-ci afin de régner ne fit que tuer perfidement soixante dix frères, fils légitimes de son père, dont il était un bâtard; et le nôtre fut si dépourvu d'ambition, que, reconnaissant comme héritiers plus proches et plus dignes du royaume, deux de ses frères qui étaient absents, il ne prétendit que de délivrer pour eux le royaume, sous le simple nom de défenseur et ne prît le titre de roi, que lorsque l'absence des frères et le peuple réuni, le forcèrent à l'accepter. (Frei Luiz de Sousa).

[2] Voyez le *Livre d'Heures* (c'est-à-dire de prières) du roi D. Manuel la page où se trouve la scène de son enterrement, selon la tradition, et la vue du sanctuaire de Belem, encore gothique; ce livre a appartenu au Roi D. Fernando et se trouve maintenant en possession du Roi actuel. Avec notre ami Ramalho Ortigão nous avons pu, non seulement voir, mais étudier patiemment cet admirable petit livre, page à page en 1895, lors de l'Exposition d'art religieux du Centenaire Antonino. Il y a dans nos archives, d'autres livres d'Heures très précieux, mais il est douteux qu'on y trouve un autre aussi explicatif quant aux problèmes de l'histoire de l'art national et des mœurs de la vie portugaise dans les diverses classes sociales. Et, comme il été travaillé par deux générations d'artistes entre autres les deux Hollandas père et fils, il est pour nous une espèce de *Breviarium Grimani,* sauf les proportions. Voyez le *Catalogo* de la Salle du Roi dans cette même exposition, organisé par Ramalho Ortigão. Dans le *Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes* (2me série, tome iv, nº 1) on voit une belle photographie du convoi funèbre de D. Manuel, avec l'aspect du Sanctuaire primitif de Belem. Dans le même numéro le lecteur trouvera le Prospectus détaillé d'une publication (autorisée par la Real Associação) qui prétendait devenir en 1883 ce que celle-ci où j'écris, a initié en 1901 sous de meilleurs auspices.

o Regente, e um seu fiel servidor accrescenta: *L'ardent Désir!* e cae varado, como elle, em Alfarrobeira. E perde tudo: fortuna e vida por seu amo, com o desejo de servir bem [1]. Tudo alli é symbolico no admiravel monumento. Só a interpretação completa, cabal e convincente d'essas paginas de pedra daria para um volume: dous claustros [2] formosos, frescos, florescentes, perfumados como um rosal sempre vivo; no ambito do grande mausoleu imperfeito, sete capellas, todas differentes nos lineamentos, sobretudo nos emblemas heraldicos, nas divisas, na linguagem que fallam, nas ideias que despertam [3].

Na capella do fundador doze nichos para receberem outros tantos sarcophagos de principes, todos de diverso lavor no desenho ornamental, na fauna e na flora decorativas, nas inscripções e nos monogrammas, nos emblemas e nos tropheus. Rivalisam ahi, á sombra de uma technica prodigiosa, a poesia do trovador com o realismo e o *humour* do jogral, o engenho subtil do erudito humanista com a varonil intenção do perfeito cavalleiro, que de longes terras trouxe recordações de piedosa romagem ou o echo de atrevidos lances de guerra, emfim, os suspiros de amorosas aventuras; n'uns symbolos a analogia, n'outros o contraste, mas em todos a affirmação de uma fé inquebrantavel nos nossos destinos. Assim foram os principes juntando uma capella a outra capella, n'uma collaboração febril com o architecto, dando tambem ás vezes o seu debuxo, ora bem inspirados, ora levados por um capricho, ora guiando, ora confundindo o alvenel obediente, estimulando, premiando pelo Vedor das obras ou seus agentes. E n'esta empreza andaram seculos, se sommarmos os dez ou onze collaboradores [4] da dynastia de Aviz. N'este afan, n'este estado torturado de doce, febril e sublime paixão, n'um pathos, n'uma ancia concentrada, de que hoje não fazemos ideia, consumindo-se n'um culto, n'uma aspiração que nunca dorme, o coração em chammas — *queimar y callar!* — andaram todos: os principes, os artifices, os carregadores, os olheiros, o povo mesmo que, em ondas, vindo de longes terras, acudia a vêr a grandiosa obra, em contínua romaria, desfallecido hoje, exaltado ámanhã, sobretudo quando passada a maré de ouro de D. Manoel, extincta a chuva de perolas e rubis do Oriente, apenas ficaram como lagrimas crystallisadas, annunciando um occaso proximo, os modestos aljofares que D. João III olhava com melancholia, medindo, pesando os enormes dotes de que era devedor a seus cinco irmãos [5] e á Infanta

[1] Sepultura de Ayres Gomes da Silva, Governador de Lisboa, (falleceu em 1454) em S. Marcos de Tentugal, na nave do lado da epistola.

[2] Eram no tempo de Murphy (17 de maio de 1792) quatro! Vide adiante as nossas declarações sobre a planta geral das construcções no seu estado actual. Quem estudou as transformações d'essa planta durante o seculo IX ?!

[3] «*Com as armas ás costas* revia traças, consultava Architectos, buscava officiaes: e ganhando por uma parte á força logares rebeldes, que lhe resistião, hia por outra edificando paredes sagradas.» (Frei Luiz de Sousa, cap. XII). É talvez allusão á romaria de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, e ás grandes obras que alli fez, ao thesouro que lá deixou.

E no capitulo seguinte, terminando uma passagem ainda mais significativa: «Avia muito dinheiro, e fidelidade nos Ministros; *voava a obra, não só corria*»..... Á voz da grandeza da obra acodio de todo o Reyno numero infinito de pionagem, a servir e trabalhar e ganhar jornaes, que este bem tem as obras grandes, manter muitos pobres.»

[4] 1. D. João I — 2. D. Duarte — 3. O Regente — 4. D. Affonso V — 5. D. João II — 6. D. Manoel — 7. D. João III — 8. A Regente D. Catharina — 9. O Cardeal Regente — 10. D. Sebastião — 11. O Cardeal Rei.

[5] Precisamente quando falleceu D. Manoel (aquelle que havia roubado a noiva ao filho), o fiel da balança começava a oscillar. Ora a ultima data inscripta nas Capellas Imperfeitas é 1533 (Vide o fasc. especimen d'esta publicação). Os chronistas mais notaveis e independentes: Damião de Goes, Jeronymo Osorio, Francisco de Andrade, concordam n'este ponto capital: a ruina proxima do thesouro regio, a crise economica, a exhaustão das forças vitaes do povo. E comtudo D. João III ainda fez prodigios de resistencia durante trinta e seis annos (Dezembro de 1521 a Julho de 1557). D'este singular e desventurado principe, d'este monarcha inspirado pelos melhores intuitos, mas que recebeu uma das mais espinhosas heranças que o destino legou algum dia a um herdeiro da corôa portugueza, tem-se dito e escripto tanta injustiça, que parece impossivel fazer ouvir a voz serena e imparcial da historia no meio de tanto desconcerto!

Não foram cinco irmãos e uma irmã que teve de proteger e contrariar em tantos negocios particulares e do Estado; as irmãs eram tres, pois além da citada, tinha de attender a D. Isabel, Imperatriz, mulher de Carlos V; de olhar por D. Brites depois Duqueza de Saboia; pelas sobrinhas, filhas de seu irmão D. Duarte; pela viuva de seu pae D. Manoel, pela nora tambem viuva, pela sua propria e numerosa geração onde a morte ceifava cruelmente; viu morrer todos os nove filhos e filhas legitimas, inclusive o herdeiro da corôa; viu morrer todos os oito irmãos e irmãs (menos o Cardeal Infante D. Henrique); emfim, viu morrer mais dois filhos naturaes. Ficou-lhe só uma vergontea, uma criança, um neto, D. Sebastião, com dois annos, no momento em que El-Rei fallecia!

rapide de la grande fabrique, où chacun commença à divaguer au gré de ses caprices esthétiques — *l'art nouveau* d'antan — en traçant des plans et des dessins *d'aventure*.

Pour moi, il est évident que le monument dans sa partie la plus complexe — les *Chapelles Imparfaites* — est le plus sûr témoignage d'un état d'esprit angoissé, plongé en ce moment dans une vague anxiété, dans une aspiration infinie de bien faire, de même que les antécesseurs, ou mieux encore si c'était possible.

Le Régent dit *Désir*, mais un fidèle serviteur ajoute: *L'ardent désir* et tombe transpercé à côté de lui, à Alfarrobeira. Et il perd tout, fortune et vie, pour son maître, avec le désir de bien servir [1]. Là dans cet admirable monument tout est symbolique. L'interprétation complète, précise et convaincante de ces pages de pierre, formerait à elle seule un volume; deux cloîtres [2] beaux, frais, fleuris et parfumés comme une roseraie toujours épanouie; dans l'enceinte du grand mausolée imparfait sept chapelles, toutes différentes dans leurs linéaments, surtout dans les emblèmes héraldiques, devises, dans le langage qu'elles expriment, dans les pensées qu'elles suggèrent [3].

Dans la chapelle du fondateur douze niches pour recevoir autant de sarcophages de princes, toutes différemment travaillées dans le dessin ornemental, dans la faune et la flore décoratives, dans les inscriptions, les monogrammes, les emblèmes et les trophées. À l'ombre d'une prodigieuse technique on voit là rivaliser, la poésie du troubadour avec le réalisme et l'*humour* du bouffon, le génie subtil de l'humaniste érudit avec la bravoure virile du chevalier accompli, qui aurait apporté de pays lointains des souvenirs de pieux pélerinages, l'écho de hardies actions guerrières ou les soupirs de tendres aventures; des symboles présentent l'analogie, d'autres le contraste, mais en tous on trouve l'affirmation d'une foi inébranlable dans notre destinée.

Ainsi les princes réunirent au fur et à mesure une chapelle à l'autre, dans une collaboration fièvreuse avec l'architecte, donnant aussi parfois les dessins, tantôt bien inspirés, tantôt mûs par un caprice, guidant, ou embarassant l'ouvrier obéissant, stimulant, récompensant par les mains de l'entrepreneur des travaux ou de ses agents. Et dans cette entreprise on passa des siècles, si nous comptons les dix ou douze collaborateurs [4] de la dynastie de Aviz. Ils vivaient tous dans cette anxiété, dans cet état torturant de passion fièvreuse douce et sublime, dans un pathos, dans une angoisse concentrée, inconcevable de nos jours, se consumant en un culte, en une aspiration toujours en éveil, le cœur enflammé — *queimar y callar!* (brûler et se taire): les princes, les artisans, les portefaix, les surveillants, le peuple même qui venu de loin, accourait en foule en un pélerinage continuel pour voir l'œuvre magnifique, découragé aujourd'hui, exalté demain, surtout lorsqu'on vit tarir le flot d'or et s'éteindre la pluie de perles et de rubis d'Orient, et qu'il ne resta, comme des larmes cristallisées, annonçant une fin prochaine, que les modestes petites perles que D. João III contemplait avec mélancolie en pesant les sommes énormes qu'il devait à ses cinq frères [5] et à l'Infante D. Ma-

[1] Sepulture de Ayres Gomes da Silva, gouverneur de Lisbonne (mort en 1454), à S. Marcos de Tentugal, dans la nef du côté de l'Epître.

[2] Au temps de Murphy (le 17 Mai 1792) il y en avait quatre! Voir plus loin nos déclarations sur le plan général des constructions à leur état actuel. Quel est celui qui a étudié les transformations de ce plan pendant le IXme siècle ?!

[3] «*Avec les armes au dos* il revoyait des tracés, consultait des architectes, cherchait des ouvriers; et s'emparant d'un côté et de force, de places revoltées qui lui resistaient, il allait d'autre part édifiant des murs sacrés». (Frei Luiz de Sousa, chap. XII). C'est peut-être une allusion au pélerinage de Notre Dame de Oliveira à Guimarães aux grands travaux qu'il y a faits et au trésor qu'il y a laissé.

Et dans la chapitre suivant terminant un passage encore plus significatif: «Il y avait beaucoup d'argent et de fidélité aux Ministres; *l'ouvrage ne courait pas, il volait*»..... En entendant parler de la grandeur de la construction on vit accourir de tout le royaume un nombre infini d'ouvriers, pour travailler, servir et gagner journellement, car c'est le bon côté des grandes œuvres, que de soutenir bien des pauvres.

[4] 1. D. João I — 2. D. Duarte — 3. Le Régent — 4. D. Affonso V — 5. D. João II — 6. D. Manuel — 7. D. João III — 8. La Régente D. Catharina — 9. Le Cardinal Régent — 10. D. Sebastião — 11. Le Cardinal Roi.

[5] Précisément à l'occasion de la mort de D. Manuel (celui qui avait enlevé la fiancée à son fils) l'aiguille de la balance commençait à osciller. Or la dernière date inscrite dans les chapelles Imparfaites est 1533 (Voir le fasc. spécimen de cette publication). Les chroniqueurs plus indépendants et remarquables: Damião de Goes, Jeronymo Osorio, Francisco de Andrade sont d'accord sur ce point capital: la prochaine ruine du trésor royal, la crise économique, l'épuisement des forces vitales du peuple. Et cependant D. João III fit encore des prodiges de résistance pendant trente six ans (Décembre

D. Maria [1], a dos *Serões*, alinhando as enormes dividas da corôa em Flandres, onde a feitoria de Portugal fallira, fechando as portas [2].

Para mim a Batalha e as suas capellas, perfeitas ou imperfeitas, pouco importa, têm esta significação, porque repito: vejo essa fabrica monumental ligada á sorte dos Jeronymos, enlaçada no seu incomparavel destino tambem á sorte de Thomar e do Convento de Christo [3]. Vejo-a estendendo os braços para a sua irmã da Guarda, que vigia a fronteira, para a de Silves que vigia o mar. Tudo coberto com o mesmo lábaro *in hoc signo vinces!*

No symbolo da Cruz vencerás, mas não á sombra de uma vil cubiça.

*
* *

Muito de proposito ligamos aqui em estreita relação de parentesco os tres grandes mosteiros historicos aos templos de Silves e Guarda, porque formando, sob mais de um ponto de vista, contraste, ajudam a completar a analyse historica e artistica de um grande cyclo, que foi talvez o mais fecundo em obras de arte primorosas.

Cingindo-nos, por emquanto, á Batalha, Guarda e Silves, peço ao leitor que abstraia de uma duvida que o poderá assaltar.

Para que ir em busca de uma trilogia tão distante? Procuro typos de construcção do mesmo rei e do mesmo reinado que se completam sob o ponto de vista da intenção do edificador, da fórma escolhida pelos architectos e do material empregado, sendo esse material typico e aproveitado n'uma execução profundamente caracteristica, nacional.

Comquanto duas creações (Silves e Guarda) sejam egrejas cathedraes e uma (Batalha) sómente conventual, é todavia esta ultima que nos serve de ponto de partida, porque representa o feito nacional por excellencia. Não esqueceremos porém, as outras.

(Continúa).

Joaquim de Vasconcellos.

Errata. *No fasciculo anterior deve emendar-se na citação da obra de Carlos Relvas em vez de 40 photogr.—20.*

---

[1] A tragica sorte d'esta illustre senhora é bem o pathetico commentario da situação afflictiva d'El-Rei. Ao terminar, em 1557, parece que todas as dissonancias se agrupam em doloroso e confuso rythmo, como se ao dobre funebre de Belém se ajuntassem os bronzes do longinquo mosteiro, as vozes das capellas imperfeitas, abandonadas. O magico pincel de Moro e, além de magico na feitura, veridico, a ponto de commover hoje tanto como na hora em que o mestre lhe poz o ultimo toque — creou um retrato, que vale por uma elegia. Segurando, apontando symbolicamente para uma perola peregrina — perolas significam lagrimas — parece dizer como o Poeta, apesar dos labios firmemente cerrados, impenetraveis, vede:

Hum mover de olhos, brando & piadoso,
De qualquer alegria duvidoso....

[2] «A feitoria de Portugal em Flandres» (Maio de 1885). Memoria repetida em J. de Vasconcellos. — Damião de Goes. *Novos estudos*, 1897, pag. 51.

[3] Se certo Cardeal-Legado, vindo da rejuvenescida Italia, e um dia hospede dos monges da Batalha, confessou aos seus patricios attonitos, suspensos de seus labios: *vidimus alterum templum Salomonis* — que diremos nós, portuguezes, escutando as graves harmonias, o suave canto que enche as naves mysteriosas, ao cahir da tarde, quando o sol poente doura as arcadas, illuminando o alvo marmore com as mil côres do arco Iris; quando as visões deslizam rapidas, vaporosas atravez das vidraças córadas, e afagam a dolorida phantasia do romeiro?

ria [1], celle des *Serões*, et qu'il mettait en ligne de compte les lourdes dettes de la couronne en Flandres, ou la factorerie de Portugal, avait clos ses portes et fait banqueroute [2].

Pour moi le monastère de Batalha et ses chapelles, parfaites ou imparfaites, peu importe, ont cette signification, comme je le redis: je vois cet edifice monumental relié au sort de Jeronymos, enlacé dans son incomparable destin à celui de Thomar et du couvent du Christ [3]. Je le vois étendre les bras à son frère de Guarda qui surveille la frontière, à celui de Silves qui surveille la mer [4].

Et tous couverts du même étendard *in hoc signo vinces!*

Par le symbole de la Croix tu vaincras, mais pas par celui d'une basse convoitise.

*
* *

C'est bien intentionnellement que nous avons reuni ici dans une étroite relation de parenté les trois grands monastères historiques, aux temples de Silves et de Guarda, parce que en étant opposés sous plus d'un point de vue, ils contribuent toutefois à compléter l'analyse historique et artistique d'un grand cycle, qui a été peut-être le plus fécond en œuvres d'art remarquables.

En nous bornant pour le moment à Batalha, Guarda et Silves, je recommande au lecteur de faire abstraction d'un doute qui lui est peut-être venu.

Pourquoi aller rechercher une trilogie si éloignée? Je cherche des types de construction du même roi et du même règne qui se complètent au point de vue de l'intention de l'édificateur, de la manière choisie par les architectes et du matériel employé, celui-ci étant typique et contribuant à une exécution profondément caractéristique et nationale.

Quoique deux créations (Silves et Guarda) soient des églises cathédrales et une (Batalha) seulement conventuelle, c'est toutefois celle-ci qui nous sert de point de départ, parce qu'elle représente le fait national par excellence. Nous n'oublierons pas cependant les autres.

(A suivre).

Joaquim de Vasconcellos.

Erratum. — *Dans le fascicule antérieur on doit corriger, dans la citation de l'ouvrage de Carlos Relvas au lieu de 40 photogr.—20.*

1521 à Juillet 1557). On a dit et écrit tant d'injustices à propos de ce prince si malheureux et singulier, de ce monarque inspiré des meilleures intentions, mais qui reçut un des héritages les plus épineux que le sort a légué à un héritier de la couronne portugaise, qu'il nous semble impossible de faire entendre la voix calme et impartiale de l'histoire au milieu d'un tel désordre! Ce ne furent pas cinq frères et une sœur qu'il eût à protéger et à contrarier en tant d'affaires particulières et de l'Etat. Les sœurs étaient trois, car outre celle dont on a parlé, il lui fallait écouter D. Isabel, Impératrice épouse de Charles V; surveiller D. Brites, plus tard Duchesse de Savoie; il devait encore s'occuper des nièces, filles de son frère D. Duarte, de la veuve de son père D. Manuel, de sa bru également veuve, de sa propre et nombreuse descendance que la mort fâuchait cruellement; il vit mourir tous ses neuf enfants légitimes, filles et garçons, y compris l'héritier de la couronne; il vit mourir tous ses huit frères et sœurs (sauf le Cardinal Infant D. Henrique); enfin il vit mourir encore deux fils naturels. Il ne lui resta qu'un seul rejeton, un enfant, son petit-fils D. Sebastião, âgé de deux ans, au moment de la mort du roi.

[1] Le sort tragique de cette dame illustre est bien le commentaire pathétique de la situation pénible du Roi. Vers sa fin en 1557, il semble que toutes les dissonances se groupent en un rythme douloureux et confus, comme si au glas funèbre de Belem, venaient s'ajouter les bronzes du monastère éloigné, les voix des chapelles imparfaites, abandonnées. Le pinceau magique de Moro, et non seulement magique, mais véridique au point de nous émouvoir aujourd'hui autant qu'à l'heure où le maître y posa la dernière touche, a créé un portrait qui vaut une élégie. Tenant dans ses doigts et montrant symboliquement une perle exquise — les perles signifient des larmes — à travers ses lèvres closes impénétrables, il semble dire comme le Poète

Hum mover de olhos, brando & piadoso,
De qualquer alegria duvidoso....

[2] La factorerie de Portugal en Flandres (Mai 1885). Mémoire répété par J. de Vasconcellos. — Damião de Goes. *Novos Estudos*, 1897, pag. 51.

[3] Si un Cardinal-Légat, venu de l'Italie renaissante, hôte passager des moines de Batalha, a avoué à ses compatriotes étonnés, attentifs à ses mots: *Vidimus alterum templum Salomonis* — que dirons-nous donc, portugais, en écoutant les graves harmonies, le chant suave qui remplit ces nefs mystérieuses, à la tombée du soir, quand le soleil couchant dore les arcades, illuminant le marbre blanc de mille couleurs irisées; lorsque les visions passent rapides, vaporeuses à travers les vitraux coloriés et caressent la dolente fantaisie du pélerin?

[4] Un regard plein de douceur et de piété, qui doute d'une joie quelconque. — (*N. du trad.*)

Algarve

Villa Nova de Portimão e Monchique



Uasi cume da cabeça da Europa toda é o reino lusitano, como disse o nosso Camões, e a parte sul d'este paiz, constituida por uma facha de terreno de algumas leguas de largura, é o antigo reino, hoje provincia do Algarve.

Extremam-na pelo norte, do resto do paiz, as serras do Caldeirão e Monchique, são-lhe limites pelas costas occidental e meridional as aguas do oceano, e pelo nascente divide-o da Espanha, o Guadiana, um dos rios mais importantes da peninsula iberica.

Quando começou a ser habitado este tracto de terreno, que povos ahi estabeleceram morada e progrediram, seria materia longa a deduzir; faltam-nos para isso forças, cabedal e espaço. E, singularidade notavel, — emtanto que se nos deparam pela sua superficie abundantes testemunhos das idades da pedra e do bronze e do periodo da dominação romana, escassos vestigios nos apresenta não só dos tempos da maior elevação da sua cultura sob o dominio musulmano, como até, — o que é mais extraordinario — da época do mais alto grau do desenvolvimento da actividade portuguêsa, isto é, desde o meado do seculo XIII até o seculo XVI.

Se não existissem ainda a Sé de Silves, os restos das muralhas d'essa vetusta cidade, a cruz de Portugal, e aqui e além um ou outro portal ou janella de alguma egreja, dir-se-ia que similhante paiz não havia sido habitado durante esses oito seculos. Pois se até a capella-mór da egreja do Convento de S. Francisco do Cabo de S. Vicente, onde ainda ha dez annos existiam os azulejos [1], provavelmente da primitiva edificação do infante D. Pedro, desappareceu pelas ordens de um apontador espanhol, que o governo (ou quem quer que foi) incumbiu de ir fazer uma reconstrucção no farol d'aquelle Cabo [2].

Se Granada, Cordova, Sevilha principalmente, sédes de alguns reinos musulmanos, encerram tantos documentos da alta e luxuosa civilisação de suas famosas côrtes, que nos conservas tu, Silves, do brilhantismo dos teus faustosos soberanos? que sons retens ainda das *Kasidas* inspiradas de Mohamed Benammar [3], ou d'essa illustre Mariam, filha de Abu-Jacub-el-Faisoli, que deixando esse teu sólo foi adextrar nas sciencias e poesia as donzellas da côrte de Sevilha? [4] Que foi do teu magico alcazar de Seradsjib, onde os leões de marmore e formosas esculpturas augmentavam o encanto das decorações brilhantes e sumptuosas? [5] ou d'esses jardins encantados onde o perfume das sempre-verdes larangeiras alliado ao das rosas, jasmins e outras flôres pelas tardes e noites calmosas convidavam ao solaz e amor? Oh! que nem guardaste um ecco sequer das deliciosas *poesias* do suave Al-Motamid que, na sua mocidade, ahi passou tão deleitosos momentos, e que por ti se derramava em saudosas e sentidas elegias, quando, cahido da sua antiga fortuna e captivo do feroz Jusef-ben-Taxfin, curtiu o resto de seus angustiosos dias nas masmorras d'Agmat! [6]

Por mais de quarenta annos, Algarve, foram o teu littoral e os teus portos o viveiro das caravelas que iam devassar o oceano, descobrir novas ilhas, novas plagas, ou transportar as hostes lusitanas que haviam de infligir aos arabes ou berbéres do Algarve d'além, o castigo da sua intrusão de sete seculos no sólo iberico; mas se perguntarmos a esses portos, a essas ribas, a esses povoados pelas memorias dos homens d'esses tempos, apenas alguma campa nos dirá que encerra os restos de um ou outro. Dos Côrte-Reaes, dos Barretos, dos Monizes, dos Athaydes, dos Simões, dos Pessanhas, dos Gil Eanes, etc., não nos saberão dizer onde viveram. Nem do proprio infante D. Henrique nos poderão indicar com certeza os locaes onde residira, e a mesma egreja, onde primeiramente foi sepultado, jaz por

---

1 *Villa do Infante*, no XVII vol. da revista illustrada *O Occidente*.

2 Braamcamp Freire, *O Conde de Villa-Franca*, etc., Lisboa, 1899, pag. XI.

3 David Lopes, *Textos de aljamia portugueza*, 1897, pag. IX. — Conde, *Hist. de la domin. de los arab. en Esp.*, 1840, pag. 330.

4 Conde, *op. cit.*, pag. 241.

5 Schack, *Poesia e Arte dos Arabes em Hespanha e Sicilia*, cap. X.

6 Id. id. — e Conde, *op. cit.*, 3.ª part., cap. XX.

L'Algarve

Villa Nova de Portimão et Monchique



E royaume lusitanien, qui forme presque le sommet de la tête de l'Europe, suivant la description du Camões, a au sud une bande de territoire de quelques lieues de largeur, qui constituait l'ancien royaume, aujourd'hui province de l'Algarve. Bornée au nord par les montagnes du *Caldeirão* et de *Monchique*, cette province a ses côtes occidentales et méridionales baignées par les eaux de l'Atlantique, tandis qu'elle est séparée de l'Espagne par le Guadiana, un des fleuves les plus notables de la péninsule ibérique.

Dire quand ce pays a commencé à être habité et quels furent les peuples qui s'y établîrent et s'y développèrent serait matière très longue à déduire, et pour le faire, il nous manque, — non seulement les forces, mais aussi les connaissances et l'espace. — Puis, par une remarquable singularité, pendant que nous y trouvons, en divers endroits, de nombreux témoins des âges de pierre et de bronze, et aussi de la domination romaine, — nous n'y découvrons que de très légères empreintes des époques de la plus haute grandeur de la civilisation et de la domination musulmane, et — ce qui est plus étonnant, — du plus haut degré du développement de l'activité portugaise, c'est-à-dire : depuis le milieu du XIIIème jusqu'au XVIème siècle.

Si la vieille cathédrale, quelques pans de murailles de l'ancienne ville de Silves, et la nommée croix du Portugal, n'existaient pas, — puis par ci par là, un portail ou une fenêtre de certaines églises, — on dirait que ce pays n'aurait pas été habité durant ces trois siècles et demi.

Même, dans la chapelle majeure de l'église Saint-François, du cap Saint Vincent, où il y a dix ans on voyait encore des carreaux de faïance, remontant probablement à la construction primitive de l'Infant D. Pedro, — ceux-ci ayant été enlevés par ordre d'un entrepreneur espagnol, que le gouvernement, — où qui que ce fût, — avait chargé de quelques réparations à faire au phare de ce cap.

Si Grenade, Cordoue et Séville, sièges principaux de quelques royaumes musulmans, ont conservé tant de documents de la haute et luxueuse civilisation de leurs cours fameuses, que nous gardes-tu, Silves, de la splendeur de tes fastueux souverains? Retiens-tu encore le son des Kassidas inspirées, de Mohamed ben Ammar, ou de cette Mariam, fille d'Abu-Yacub el Faisoli, laquelle quittant son sol, alla instruire les demoiselles de la cour de Séville, dans les sciences et la poésie? Qu'est-il devenu, ton féerique Alcazar de Seradsjib, où les lions de marbre et les belles sculptures augmentaient le charme de ses décorations somptueuses et brillantes? Et ces jardins enchantés, où le parfum des orangers toujours verts, s'alliant à celui des roses, des jasmins et de tant d'autres plantes odoriférantes, durant les soirées et les nuits ardentes, invitait tout le monde à la reverie et à l'amour? Oh! tu n'as même pas, au moins, conservé un écho des délicieuses poèsies du doux Al Motamid, qui après avoir passé dans sa jeunesse de si délicieux moments dans ton sein, épancha vers toi de si plaintives élégies, quand déchû de son ancienne fortune et prisonnier du farouche Yussef ben Taxfin, il passa meurtri le reste de ses tristes jours dans les cachots d'Agmat!

Pendant plus de quarante ans le littoral et les ports de l'Algarve furent la pépinière des caravelles qui allaient dévoiler l'Océan à la découverte de nouvelles îles, ou de côtes inconnues, ou bien, conduisant les phalanges chrétiennes qui devaient infliger aux Arabes ou Berbères de l'Algarve d'au delà du détroit, le châtiment de leur intrusion de sept siècles sur le sol ibérique. Si, cependant, nous allons demander à ces ports, à ces rives, à ces bourgades, la mémoire des hommes de ce temps-là, à peine trouverons-nous quelque tombeau nous disant qu'il garde la dépouille de l'un ou de l'autre. Des Corte-Real, des Barreto, des Moniz, des Athaide, des Simões, des Pessanha, des Gil Eannes, etc., ils ne sauront nous dire où ils ont vécu. Ni même à l'égard de l'Infant D. Henri, ils ne pourront nous indiquer avec certitude les endroits où il a séjourné. L'église où il fût d'abord inhumé est tout à fait rasée, et les quelques pierres qu'on en a retirées, sont encore gardées dans une chaumière quelconque, attendant le moment ou une main peu scrupuleuse s'en empare, pour les transformer en quelque cheminée, ou décoration de cuisine, comme cela a eu lieu autrefois à Evora, pour la sépulture de Garcia de Rezende!

terra e algumas pedras que d'ella se recolheram, estão guardadas e occultas em certo escondrijo de Lagos, á espera que algum dia mão pouco escrupulosa d'ellas se apodere, para construir alguma chaminé, poial ou mesa de cozinha, como aconteceu outr'ora em Evora á campa de Garcia de Rezende.

Proximo á foz do rio, que banha as plantas d'essa velha Silves, existia de tempos antigos uma pequena povoação de pescadores, insignificante e pouco conhecida. As emprezas maritimas, porém, tendo não só feito descer ás costas do mar muita gente das terras sertanejas, mas tambem attrahido a ellas alguns estrangeiros de varias partes da Europa, fizeram engrossar e desenvolver essas povoações do littoral. Entre ellas coube a sorte a esse nucleo que pelo meado do seculo XV foi feito villa, com o nome de *Villa Nova de Portimão,* e cujo senhorio em 1476 foi dado a Gonçalo Vaz de Castello Branco, pelos serviços prestados ao paiz. Posteriormente foi elevada a Condado, quando em 1514 foi publicada a mercê do titulo de Conde [1] feita a D. Martinho de Castello Branco, neto d'aquelle, a cujo pae havia já sido conferido o titulo de *Dom.*

Como já dissemos, Villa Nova de Portimão está assente sobre a margem direita do rio, em sitio plano, que se eleva um pouco para o interior. Apesar de ter tido a sua éra de prosperidade, havia decahido, como todo o Algarve, até os tempos modernos, em que novas vistas, nova orientação a tem feito reflorir, e, parece-nos, que com maior vigor e pujança do que nos tempos já passados.

As suas antigas ruas estreitas, tortuosas e pouco asseiadas, estão mostrando a sua origem medieval; e dos ultimos seculos anteriores á sua renovação hodierna apenas se podem assignalar n'esta localidade, a egreja do convento outr'ora dos jesuitas, depois dos Camillos, convento fundado em 1660 por Diogo Gonçalves, e os Castellos de Santa Catharina na margem esquerda, junto á barra, e fronteiro a elle o de S. João.

Hoje está em completa transformação. Um magnifico caes se desdobra perante a villa, que sobre elle se ostenta, apresentando novos e regulares edificios. Uma obra importantissima tambem, é a ponte sobre o rio, cujo taboleiro se abre e gira, para dar passagem aos navios. A estrada que a ella conduz é muito agradavel e arborisada, e d'ella partem, para um e outro lado novas vias, que são outras tantas ruas largas e direitas que têm já formada como que uma nova villa. Os seus arredores têm bellezas que attrahem. A estrada que da villa conduz ao sitio da Rocha acha-se quasi toda bordada de casas e *chalets* elegantes, que tornam agradavel o seu percurso á vista. Chegados á Rocha, deliciosa e desaffectada estação balnear, então ahi a arte alliada á natureza, constituem um formosissimo quadro que os olhos não se cançam de admirar, e os curiosos e amigos das bellezas naturaes têm reproduzido em photographias caracteristicas, que podem ser variadas por multiplices pontos de vista. Alli o mar ora socegado e languido, lambendo como que a descuido os rochedos immoveis, ora alteroso e rugidor galgando-os e espedaçando-se em flocos alvejantes pelos seus flancos escarpados, desdobra-se por espaços sem fim, deslumbrando a nossa phantasia com o majestoso espectaculo das suas scenas variadas.

Mais perto da villa, aqui e além novas fabricas de conserva e de distillação emtanto que espalham em torno de si a abundancia e conforto, exportam, ao mesmo tempo para longe os productos da região, e os fartos recursos que lhes offerece o providente oceano.

Percorramos porém as estradas que nos levam a outros pontos. Se o fizermos nos principios do anno, veremos as viridentes amendoeiras esmaltadas de flôres alvejantes, cujas petalas, ao cahir se espalham pelo sólo adjacente formando um tapete gracioso, e em todo o tempo a formosa alfarrobeira sempre verde e copada, estabelece como que uma correspondencia ao castanheiro, sobreiro ou carvalho das outras provincias.

É ingreme, vae por entre fraguedos e charnecas essa estrada que conduz a Monchique e quão differentes se acham esses contornos do paraiso em que os havia de ter transformado a cultura musulmana! [2] Mas não importa, não deis por mal empregada essa fadiga de quatro ou cinco horas de jornada, pelo quadro soberbo que vos desenfadará ao fim d'ella.

Se Cintra, S. Pedro do Sul, Vidago, a Granja, Espinho, Gerez e outras estações thermaes, bal-

---

[1] Vid. a historia da creação d'este condado. *Livro segundo dos Brasões da sala de Cintra,* do snr. Braamcamp Freire, pag. 434.

[2] Dozy, *Histoire des musulmans d'Espagne,* III, 91.

Près de l'embouchure de la rivière qui baigne les pieds de la vieille ville de Silves, existait depuis des tempes les plus reculés, une petite bourgade de pêcheurs, insignifiante et peu connue. Cependant les entreprises maritimes, ayant donné lieu à ce que des habitants de l'intérieur vinssent s'établir sur ses côtes et que des étrangers de divers pays de l'Europe se laissèrent attirer en ces endroits, firent grandir et développer les bourgades du littoral. Entre elles, le sort protégea ce petit noyau, de telle façon, que, vers le milieu du quinzième siècle, il fût élevé au rang des petites villes, sous le nom de Villa Nova de Portimão, dont le domaine fût accordé em 1476, à Gonçalve Vaz de Castello Branco, en récompense des services qu'il avait rendus au pays. Quelque temps après, cette ville fût érigée en comté en 1514, quand fût octroyé le titre de comte à D. Martim de Castello Branco, son petit fils, dont le père avait déja reçu le titre de Dom.

Comme nous l'avons déja dit, Villa Nova de Portimão est assise sur la rive droite du fleuve, sur un emplacement plat, s'élevant légèrement vers l'intérieur. Après avoir joui d'une certaine prospérité à son début, elle était déchue, comme tout l'Algarve, jusqu'aux temps rapprochés de nous, quand des vues plus larges et une nouvelle orientation l'ont fait refleurir et selon ce qu'il nous semble, avec plus de sève et de vigueur qu'autrefois.

Les anciennes rues, étroites, tortueuses et peu soignées, révèlent encore son origine du moyen-âge; mais, de ces premiers temps de sa fondation, à peine peut-on remarquer l'Eglise du couvent, qui fût d'abord des Jésuites, puis des Camilles, — couvent fondé em 1660 par Jacques Gonçalves, — et les forteresses de Sainte Catherine, commandant l'entrée du fleuve, sur la rive droite, et celle de Saint Jean lui faisant pendant de l'autre côté.

La ville est aujourd'hui en voie d'une complète transformation. Un quai magnifique se déroule devant elle, sur lequel s'étalent des édifications modernes très régulières. Le pont, dont le tablier s'ouvre et tourne, afin de donner passage aux navires, est un travail très important. La route qui conduit au pont est très agréable, tant du côté de la gare, que de celui de la ville, où elle est bordée de constructions neuves formant presque une nouvelle ville. Les alentours renferment d'attrayantes beautés. La route, qui partant de la ville conduit à la plage de la Rocha, est très pittoresque et est bordée sur presque tout son parcours, de coquettes maisons et de châlets, qui charment les regards. Lorsqu'on est arrivé à la Rocha, — simple mais délicieuse station balnéaire, — ici l'art allié à la nature offre un si beau tableau, qu'on ne se lasse de l'admirer, et que des amateurs de beautés naturelles ont reproduit en photographies caractéristiques, qui pourraient être variées sous d'autres points de vue.

Là, la mer parfois tranquille et languissante lèche presque à l'abandon les rochers immuables, et d'autres fois, agitée et mugissante, elle les recouvre de ses blancs flocons, en se fracassant sur leurs flancs escarpés, se déroulant sur des espaces sans fin et éblouissant notre fantaisie du majestueux spectacle de ces scènes variées.

Aux abords de la ville, existent par ci, par là, de nouvelles usines de conserves et des distilleries, qui, tandis qu'elles répandent autour d'elles l'abondance et le bien-être, exportent au loin les produits de la région et les ressources qui nous offre l'inépuisable océan.

Mais, parcourons les routes qui nous conduisent aux environs. Si nous les suivons au commencement de l'année, nous trouvons les amandiers verdoyants, émaillés de fleurs blanches, dont les pétales jonchant le sol en tombant, forment un tapis gracieux; puis, en toute saison, le caroubier, toujours vert et touffu, remplace dans le sud, le chataignier, le chêne-liège et la yeuse des autres provinces.

La route qui aboutit à Monchique a des pentes fort raides et traverse un terrain rude couvert de broussailles. Ces contrées doivent avoir perdu le charme que leur avait donné la culture musulmane, — mais, qu'importe, ne craignez point la fatigue de quatre heures environ de parcours, vous y trouverez à la fin un tableau superbe qui vous en soulagera.

Si Cintra, São Pedro do Sul, Vidago, la Granja, Espinho, le Gerez et d'autres stations thermales balnéaires, ou simplement d'air pur, sont renommés comme étant des séjours agréables, doux et ravissants, où l'on trouve le charme de la nature, qui verse un certain énivrement dans l'âme, en nous faisant oublier les mesquineries et les ennuis qui nous entourent, que dirons-nous de Monchique, qui pourrait devenir un paradis terrestre, si on y faisait converger les efforts, les capitaux, les bonnes volontés, le goût qui, en divers endroits du monde, ont converti des déserts et des recoins, d'abord inconnus, en

neares, ou de bons ares gozam da reputação de sitios amenos e formosos, onde se encontram os encantos da natureza que inebriam a alma e fazem esquecer as mesquinhezas e semsaborias que nos cercam, que diremos de Monchique, que não cede a nenhuma, e podia ser um trecho do paraizo, se para alli convergissem os esforços, os capitaes, a vontade e o gosto que, em toda a parte do mundo, converte ermos e recessos, outr'ora desconhecidos, em deleitosas estancias, que não só nos retemperam o organismo alterado, mas nos offerecem quadros de attrahente enlevo?

Não sabemos bem desde quando Monchique é conhecido da humanidade, nem nos demoraremos a investigar d'onde se deriva tal nome, sabemos sim que já no tempo do dominio musulmano na peninsula existia no districto ou *amelia* de Silves (*Xelb*) um castello que vemos escripto por uns *Merjec*, por outros *Mrdjic*, *Muragec* ou *Maradjie* [1] que, com toda a probalidade, é o nosso Monchique.

Ora n'esta localidade ha dois pontos diversos, mas que se arream com a mesma designação: um é a *Villa*, outro as *Caldas*, ou como se diz hoje — as *thermas:* designação com pretenções aristocraticas, do mesmo modo que muitos nomes vulgares se vão occultando sob titulos de nobreza, o que é engraçado.

Está a villa assente n'um valle ou bacia no recosto das montanhas da Foia e Picota, que a protegem e abrigam. Não obstante a sua situação e proximidade das Caldas, esse burgo foi-se desenvolvendo tão lentamente, que só quasi ao fim do XVIII seculo, em 1773 foi elevado a villa. E comtudo esse pequeno trecho do Algarve é dos mais mimosos que encerra a provincia, porque além dos seus edificios, singelos sim, mas correctos, é terra assaz fertil, dando-se n'ella não só toda a qualidade de arvores fructiferas da Europa, mas igualmente as dos paizes tropicaes, como a bananeira, e até nos dizem que já se tentou a cultura do ananaz. O que podemos assegurar é que toda a fructa d'esta localidade é saborosissima, competindo a laranja com a de Silves, uma das mais reputadas do reino. As formosas serías tambem não tem rival.

A serra que abriga do norte a risonha villa é um dos pontos, não dizemos do paiz, mas da Europa, de mais surprehendente, encantador e admiravel horizonte. As duas montanhas já mencionadas da Foia e Picota, a primeira de uma altitude de 900 metros e a outra um pouco menos elevada, merecem menção especial. Se até agora estes locaes nos não têm manifestado vestigios bem assignalados da passagem ou habitação dos romanos ou dos arabes, alguns nos tem descoberto dos povos das idades neolithica e do bronze por todo esse tracto, desde a serra em os restos de um dolmen proximo da Foia e na famosa necropole de Alcala nos confins da freguezia de Monchique e da Mexilhoeira grande.

Desde a base da serra até aos seus cumes a variedade e differença da vegetação são notaveis. Se a Picota de uma legua de extensão de leste a sul em vertente escarpada é improductiva, em compensação do lado do norte e oeste é toda coberta de castanheiros, vinhas e terras de lavoura; a Foia é toda revestida de vegetação similhante que vae diminuindo de corpulencia da base para o vertice. D. João II havia concedido a serra para logradoiro commum dos habitantes da localidade, mas em 1826 foi dividida em coirellas.

Em 1841 dizia Silva Lopes na sua *Chorographia do Algarve* que a arte ainda alli não havia posto o dedo, é lamentavel e triste que sessenta e tres annos depois, quasi se possa repetir completamente a mesma phrase sem receio de um desmentido. O que se tem feito é pouquissimo. E que outra estancia do paiz merecia o emprego de todos os recursos da arte do que a Foia? Apesar de um certo incommodo ide alli, subi como melhor puderdes esse elevado cabeço e não tereis que vos arrepender. Olhae á direita e á esquerda, vereis d'alli toda a immensidão do mar desde o Cabo da Rocca até Cadix, isto é, toda a costa de Portugal e de Hespanha entre aquelles dois pontos! Onde encontraes outra estancia que vos possa proporcionar quadro similhante?

A alguns kilometros da villa deparam-se-nos as *Caldas* que, segundo a opinião do já citado snr. Seybold, devem ter sido um banho dos musulmanos. Agua por toda a parte, ferrea, sulphurica, quente, frigida, frigidissima, abundante e proficua; se, porém já se não póde repetir com absoluta verdade a referida asserção de Silva Lopes, o que se tem feito alli é tão pouco, que não deixaremos de incitar os que desejam fazer de Monchique o que deve ser, a que appliquem o mais breve e o mais largamente

[1] Conde, *op. cit.* — Seybold, no *Archeologo port.*, vol. VIII, pag. 123.

des séjours de délices, qui non seulement restaurent l'organisme épuisé, mais nous présentent aussi des tableaux d'un charme attrayant.

Nous ne savons pas très bien depuis quelle époque Monchique est connue de l'humanité, et ne nous arrêtons même pas à rechercher d'où vient ce nom; nous avons cependant la certitude, qu'au temps de la domination musulmane, il existait déjà dans la province ou *amelia* de Silves (*Xelb*) un château que nous trouvons désigné par *Merjec*, *Mrdjic*, *Muragec* ou *Maradgie* et sous d'autres noms encore, et qui probablement serait notre Monchique actuel.

Or, dans cette localité, il y a deux points différents qui se décorent de la même désignation: l'un c'est la ville, l'autre ce sont les *Caldas*, où comme on dit maintenant: les *thermes*, par prétention aristocratique, comme bien des noms vulgaires se cachent sous des titres de noblesse, ce qui est assez plaisant.

La ville est assise dans un vallon, ou espèce de bassin, au pied des coteaux des deux pics de la *Foia* et de la *Picota*, qui l'abritent et la protègent. Malgré cette heureuse situation et la proximité des thermes le bourg s'est développé si lentement, que ce n'est que vers la fin du XVIIIème siècle, en 1773, qu'il fût élevé au rang des petites villes. Et néanmoins, ce petit coin de l'Algarve est un des plus pittoresques que renferme la province. Non seulement la ville est décorée de constructions quoique simples assez correctes, mais cet endroit est aussi très fertile, puisqu'il produit tous les fruits de l'Europe et même ceux des pays tropicaux, tel que le bananier; — on nous a même assuré qu'on y a essayé la culture de l'ananas. Ce que nous pouvons certifier, c'est que tous les fruits de cette région sont très savoureux et certes l'orange soutient bien la compétence avec celle de Silves, une des plus renommées du royaume. Les jolies «SERÍAS» (grénades spéciales) n'ont point de rivales.

Le pic, qui abrite la riante petite ville, du coté nord, est un des points, non seulement du pays, mais certainement de l'Europe, qui offre le plus surprenant horizon, à la fois enchanteur, grandiose et admirable. Les deux montagnes déjà citées: *Foia* et *Picota*, la première de 900 mètres d'altitude, la seconde un peu moins élevée, méritent qu'on s'y arrête un moment. Si ces parages ne nous ont pas offert jusqu'à présent des traces bien marquées du passage et du séjour des Romains, ni des musulmans, ils nous ont présenté des sujets des âges néolithique et du bronze. Dans la montagne, et proche de la Foia, on a constaté quelques vestiges d'un ancien dolmen, de même que dans la fameuse nécropole d'Alcalá, aux confins des paroisses de Monchique et de Mexilhoeira Grande.

De la base de ces montagnes à leur sommet, la variété de la végétation est remarquable; si la Picota a son versant E. et S. escarpé et improductif, sur une étendue d'environ une lieue, elle est en compensation entièrement recouverte, du coté N. O., de marronniers, de vignes et de terres cultivées. La Foia, aussi, est complètement revêtue d'une végétation semblable, mais qui va diminuant de grandeur quand on s'approche du sommet. Le roi D. Jean II avait donné la montagne aux habitants de la localité, en jouissance commune, mais en 1826, on l'a partagée entre eux par parcelles.

Silva Lopes, disait en 1841 — dans sa *Chorographie de l'Algarve* — que l'art n'avait pas encore mis le doigt en ces lieux; il est triste et lamentable, que soixante ans plus tard, on puisse répéter presque entièrement cette phrase, sans crainte d'un démenti. Ce qu'on a fait est si peu! Et cependant, quel autre endroit du pays mérite plus l'emploi de toutes les ressources de l'art, que la Foia?

Bien qu'avec manque de commodité, allez-y; gravissez de votre mieux cette montagne élevée, vous n'aurez pas à vous en repentir. Regardez autour de vous, vos yeux distingueront toute l'immensité de l'Océan depuis le cap de Rocca, jusqu'à Cadix, c'est-à-dire: toute la côte du Portugal et de l'Espagne, entre ces deux points. Où trouverez-vous un autre piédestal qui puisse vous permettre un tableau semblable?

Les thermes sont situés à quelques kilomètres de la ville de Monchique que selon l'opinion du precité mr. Seybold elles doivent avoir été un bain des musulmans; il y a de l'eau partout: — ferrugineuse, sulphureuse, chaude, froide, glacée, à profusion et très utile. Mais, si on ne peut plus répéter ici avec une justesse absolue la phrase de Silva Lopes, ce qu'on a fait est si peu que nous ne pouvous nous abstenir d'inciter ceux qui veulent faire de Monchique ce qu'il doit être, à appliquer le plus tôt et le plus largement possible tout l'effort, l'énergie et l'activité que nous savons avoir été appliqués, — nous ne dirons pas en Allemagne et en France, — mais en Espagne, et dans ces endroits privilégiés du nord du pays, d'où jaillissent de si puissants éléments thérapeuthiques.

possivel a essas Caldas todo o esforço, energia e actividade, que se tem empregado — já não diremos na Allemanha ou na França, — na Hespanha e em o norte de Portugal a esses recessos privilegiados, que brotam do seu seio tão poderosos elementos therapeuticos. O que ha feito póde-se dizer, que é nada, o que ha para fazer é quasi tudo, e precisa ser executado com muita rapidez e não a passo de formiga ou de caranguejo como até aqui. Hoje, depois da applicação do vapor ás communicações acceleradas terrestres e maritimas, depois que a electricidade transmitte rapidamente os pensamentos, as palavras e até os sons a distancias enormes, não se póde nem deve esperar, nem demorar ou retardar qualquer melhoramento; é necessario marchar avante cóm passo largo, firme e decidido. Quem ficar atrazado soffrerá as desagradaveis consequencias do seu descuido e inacção. Infelizmente as noticias que d'alli nos chegam não nos deixam prevêr que se siga a verdadeira orientação.

Se não fossem os bispos Barreto e Avellar, a quem os pobres devem tantos desvelos, esse mesmo enfesado estabelecimento — que é uma vergonha não haver tido ainda uma decorosa transformação — talvez que nunca houvesse sido fundado.

A gente d'esta localidade é em geral forte, robusta e sadia, sendo as mulheres elegantes e formosas.

Quando D. João II ou por causa do veneno que lhe ministraram na fonte coberta em Evora, ou da doença opilatoria que o atacou, andou discorrendo por varias localidades á procura de ares e aguas puras, foi por fim aconselhado a ir experimentar as das Caldas de Monchique. Em que casebre se alojou o famoso monarcha não nos dizem os chronistas, de certo que não poderia dar-se por muito bem accommodado; o facto incontroverso é que se deu alli mal, o que o levou a deixar as Caldas e ir para a Villa d'Alvor, onde pouco tempo depois exhalou o ultimo alento a 25 de outubro de 1495. Dizia um distincto clinico que é essa a caracteristica d'aquellas Caldas, produzirem, ao principio, um effeito que parece contrario, mas insistindo-se, colhem-se em seguida os beneficios desejados. Foi essa experiencia que faltou ao grande rei, e é esse o processo que devem seguir todos aquelles que quizerem tirar resultado d'aquellas aguas thermaes.

O melhor, porém, é não precisar do seu uso, nem tão pouco dos banhos na praia da Rocha, apesar de todo o encanto d'essas privilegiadas estancias, que devem ser apreciadas por todos que não soffrem.

Brito Rebello.

On peut dire que ce qu'on a fait n'est rien; ce qui reste à faire est beaucoup et doit être fait avec rapidité et non au pas de fourmi ou d'écrevisse, comme jusqu'à ces temps-ci. Aujourd'hui que nous sommes en pleine époque de la vapeur appliquée aux rapides communications terrestres et maritimes; que l'électricité transmet les pensées, les mots et même les sons, avec toute rapidité et à de grandes distances, on ne peut, ni on ne doit attendre ni retarder quelque amélioration. Il faut marcher en avant d'un pas franc, ferme et decidé; ceux qui restent en arrière souffriront les conséquences désagréables de leur négligence ou inaction. Sans les évêques Barreto et Avellar, auquels les pauvres doivent beaucoup de soins, ce rachitique établissement, même, — que c'est une honte de ne pas avoir encore été transformé par qui que ce soit qui dirige les bains, — n'aurait peut-être pas été fondé. Les gens de cette localité sont, en général, forts, robustes et d'un caractère agréable; les femmes sont belles.

Quand D. Jean II, soit par l'effet du poison qu'on lui aurait administré dans la «Fonte Coberta» à Evora, soit par l'effet d'une maladie opilative, dût parcourir plusieurs endroits à la recherche d'air et d'eau pure, on lui conseilla d'aller prendre les eaux de Monchique. Nous ne savons pas en quelle chaumière a pu s'abriter le fameux souverain; les chroniqueurs n'en font point mention, mais certainement il n'y pouvait pas être très bien logé. Ce qui n'admet aucun doute, c'est qu'il s'y trouva mal, ce qui le poussa à quitter les thermes pour se rendre à Alvôr, où peu de temps après il exhala son dernier soupir, le 25 octobre 1495.

Un médecin très distingué assurait que la caractéristique de ces eaux, était précisement de produire d'abord un effet contraire, mas qu'en insistant, on en recueillait les bienfaits. Cette expérience a manqué au grand Roi; cependant, c'est le procédé que doivent suivre ceux qui veulent retirer tout le profit de ces eaux thermales. Nous trouvons, toutefois, préférable de n'avoir besoin, ni de leur usage, ni de celui des bains de mer de la Rocha, malgré tout le charme de ces sîtes privilégiés, qui doivent être surtout goûtés, par tous ceux qui ne souffrent pas.

Brito Rebello.

A Batalha

Convento de Santa Maria da Victoria

(Continuação, vid. n.º 50)



PODIA um templo como o da *Batalha* ser delineado e construido por artistas exclusivamente nacionaes? Esta questão inicial da paternidade póde e deve lisongear o espirito dos patriotas. Não fugirei á resposta, mas não m'a peçam á custa da verdade.

Comtudo, ha ainda outro problema não menos importante:

Ha ou havia precedentes artisticos, monumentos portuguezes, gothicos, anteriores á Batalha que nos autorizem a affirmar, á falta de documentos insuspeitos, (e não os ha) ser o grande templo producto da inspiração nacional?

Ha ou havia em Portugal escóla ou escólas de canteiros? as *Bauhütten* [1], as officinas-escólas da Edade Média europeia, porque a Batalha foi começada [2], note-se bem, quando o estylo gothico batia em retirada perante a Renascença triumphante, nos paizes que dictavam as leis da Arte e impunham as novidades da phantasia aos discipulos maiores ou menores, tributarios da Italia sempre fecunda?

A segunda pergunta é, pois, verdadeiramente a primeira.

Tenho corrido o meu paiz ha quasi quarenta annos com o lapis na mão — lapis de amador, é certo, mas com os claros olhos e a reflexão paciente de quem aprendeu o methodo de estudar com os mestres da litteratura d'arte, sobretudo com os allemães e francezes. Tenho, como poucos portuguezes, prestado ha mais de trinta annos á Arte hespanhola em todas as suas manifestações a mais seria e leal attenção; tenho tributado o mais sincero e affectuoso estudo ao que escrevem e publicam e traduzem em admiraveis monumentos e não menos admiraveis publicações, os nossos visinhos hespanhoes, a quem devo tambem muita lição proveitosa, a quem admiro no meu gabinete, a quem confesso ainda uma vez o mais vivo reconhecimento. Entendi e ainda entendo que devemos estudar juntos a arte peninsular. O meu gabinete não é uma arca de segredos nacionaes; tem portas e janellas e, portanto, algum horizonte. Vi e vejo presentemente como n'um panorama os templos do estylo gothico primario, dispersos pelo paiz [3]; vi e vejo os que marcam em época ainda anterior, o periodo de transição do

---

[1] Muito de proposito não traduzimos o termo allemão pelo equivalente francez: *loge maçonique*, porque o leitor enganar-se-ia. A officina-escóla da Edade-Média nada tem absolutamente com a *maçonaria*, no sentido moderno (o da philantropia e fraternidade geral), posto que esta use e abuse dos signaes e, ás vezes, dos emblemas convencionaes dos antigos canteiros. Convem accentuar aqui o seguinte: os signos que cobrem as paredes de certos monumentos europeus (incluindo os peninsulares) não são siglas secretas, mas designam apenas a tarefa de cada operario, ou grupos de operarios, sob a direcção de determinado mestre. Não ha a menor duvida que as corporações de operarios da Edade-Média (Confrarias ligadas por Compromissos ou Estatutos) cuidavam admiravelmente dos interesses da classe, sob formulas convencionaes; mas, d'estas só mui poucas eram secretas e não tinham geralmente senão uma utilidade technica. Vid. o nosso Estudo sobre a Architectura manoelina (1885) e o que ahi dissemos sobre as *Bauhütten*, pag. 11; sobre os mestres constructores e desenhadores, pag. 29 e seg. Vid. a Memoria, tão interessante, de J. P. N. da Silva, sobre os signaes gravados nos monumentos de Portugal. Lisboa, 1868.

Veja-se o vol. IV de Schnaase: *Gesch. der bildenden Künste im Mittelalter*, pag. 205 e seg. *Symbolik der Mittelalterl. Architektur*. E para a theoria da construcção, o tratado mais antigo de Villard de Honnecourt (sec. XIII), edição de Lassus. A questão technica tem sido tratada, de resto, em varias publicações minhas desde 1877 e 1879, com relação a Portugal e á visinha Hespanha. O tratado theorico mais antigo é, alli, o de Juan Gil de Ontañon, que corre tambem sob o nome de Juan Garcia (princ. do sec. XVI). Vide J. de Vasconcellos, *Albrecht Dürer e sua influencia na peninsula*. Porto, 1877; e *Reforma do Ensino de Desenho*, Porto, 1879, passim.

[2] No anno de 1388, segundo outros já em 1386.

[3] É difficil apresentar uma lista de edificios que corresponda rigorosamente ao que no texto se affirma: de um lado, monumentos do *gothico primario puro*; do outro, construcções do periodo de transição *romanico-gothico*. Entre nós construiu-se geralmente devagar, com modestos recursos, que não correspondiam ao intento bem peninsular: fazer obra grandiosa. Contava-se com a esmola dos fieis, ou com donativos incertos de padroeiros generosos, que a morte ceifava aos centos, nas conquistas do Oriente. D'ahi, interrupções frequentes das obras, e como o tempo trazia novidades e os mestres canteiros tambem morriam, lá iam os desenhos primitivos para o limbo e appareciam debuxos novos, gente nova do officio. A lista dos edificios, segundo a chronologia da sua construcção, está feita, mas por falta de espaço é aqui supprimida.

Batalha

Couvent de Santa Maria da Victoria

(Voir le nº 50)



UN temple comme celui de *Batalha* aurait-il pu être tracé et construit par des artistes exclusivement nationaux? Cette question de paternité peut et doit flatter l'esprit des patriotes; je ne me déroberai pas à la réponse, mais qu'on ne me l'exige pas aux dépens de la vérité.

Cependant il existe encore un autre problème non moins important:

Y-a-t-il ou y avait-il quelques précédents artistiques, des monuments gothiques antérieurs à Batalha qui puissent nous porter à croire, faute de documents insuspects, (et il n'y en a pas) que le grand temple est le produit de l'inspiration nationale?

Existe-t-il ou existait-il en Portugal une école ou des écoles de marbriers? les *Bauhütten* [1], les écoles-ateliers du moyen âge européen, parce que le couvent de Batalha a été commencé [2], qu'on le remarque bien, lorsque le style gothique battait en retraite devant la Renaissance triomphante, dans les pays qui dictaient les lois de l'Art et qui imposaient les nouveautés de fantasie aux élèves majeurs et mineurs, tributaires de l'Italie toujours féconde?

La deuxième question est donc véritablement la première.

Il y a presque quarante ans que je parcours mon pays le crayon à la main — un crayon d'amateur certainement, mais avec des vues éclairées et la réflexion patiente de quelqu'un qui a appris la méthode d'étudier avec les maîtres de la littérature d'art, surtout avec les allemands et les français. Comme peu de portugais, j'ai depuis plus de trente ans prêté l'attention la plus sérieuse et plus loyale à l'Art espagnol dans toutes les manifestations; j'ai voué l'étude la plus affectueuse et sincère, à ce qu'écrivent, publient et traduisent en d'admirables monuments et de non moins remarquables publications, nos voisins espagnols, auxquels je dois beaucoup de leçons profitables, que j'admire dans le recoin de mon cabinet, et à qui je consacre encore une fois ma plus vive reconnaissance. J'ai toujours pensé et je pense encore que nous devons étudier ensemble l'art péninsulaire. Mon cabinet n'est pas un coffre de secrets nationaux, il a des portes et des fenêtres et partant quelque horizon. J'ai vu et je vois actuellement, comme en un panorama, les temples de style gothique primaire dispersés dans le pays [3]; j'ai vu

---

[1] C'est bien intentionnellement que nous n'avons pas traduit le terme allemand par son équivalent français: *loge maçonique* parce le lecteur s'y serait trompé. L'atelier-école du Moyen-âge n'a absolument rien avec la *franc-maçonnerie*, dans le sens moderne (celui de philantropie et de fraternité générale), bien que celle-ci use et abuse des distinctifs, et quelquefois des emblèmes conventionnels des anciens marbriers. Il faut bien signaler ce qui suit: les signes qui couvrent les murs de certains monuments européens (y compris ceux de la péninsule) ne sont pas des marques secrètes, mais ils désignent simplement la tâche de chaque ouvrier ou groupe d'ouvriers sous la direction d'un certain maître. Il est hors de doute que les corporations d'ouvriers du Moyen-âge (confrèries liées par des Compromis ou des Statuts) soignaient admirablement les intérêts de leurs classes, d'après des formules conventionelles; mais il y en avait bien peu de secrètes et elles n'avaient ordinairement qu'une utilité technique. Voir notre Estudo sobre a Architectura manoelina (1885) et ce que nous y avons dit à propos des *Bauhütten*, pag. 11; à propos des maitres constructeurs et dessinateurs pag. 29 et suiv. Voir le Mémoire, si intéressant, de J. P. N. da Silva sur les signes gravés sur les monuments de Portugal. Lisbonne, 1868.

Voir le vol. IV de Schnaase: *Gesch. der bildenden Künste im Mittelalter*, pag. 205 et suiv. *Symbolik der Mittelalterl. Architektur*. Et pour la théorie de la construction, le traité plus ancien de Villard de Honnecourt (sec. XIII), edition de Lassus. La question technique a été traitée, d'ailleurs, en quelques unes de mes publications, depuis 1877 et 1879, relativement au Portugal et à notre voisine l'Espagne. Le traité théorique plus ancien est en Espagne celui de Juan Gil de Ontañon, qui a paru aussi sous le nom de Juan Garcia (commencement du XVIme siècle). Voir J. Vasconcellos, *Albrecht Dürer e sua influencia na peninsula*, Porto, 1877; et *Reforma do ensino de desenho*, Porto, 1879, passim.

[2] L'année 1388, d'après d'autres déjà en 1386.

[3] Il est difficile de présenter une liste d'édifices qui corresponde exactement à ce que l'on assure dans le texte; d'un côté, des monuments du *gothique primaire pur*, de l'autre, des constructions de la période transitoire *romane-gothique*. Entre nous on a construit généralement, très lentement, avec de modestes ressources, qui ne correspondaient pas à l'intention bien péninsulaire: faire des œuvres grandioses. On comptait sur les aumônes des fidèles, ou sur des donations incertaines de protecteurs généreux, que la mort faûchait par centaines dans les conquêtes d'Orient. De là, les fréquentes interruptions des travaux et comme le temps amenait des innovations et les maitres marbriers mouraient aussi, les dessins pri-

estylo romanico para o ogival. Pois bem: em qualquer dos cyclos houve boas obras, levantadas por mãos habeis, bem disciplinadas e bem conduzidas. E essas qualidades dos canteiros portuguezes e dos mestres do officio ou da fabrica revelam-se com igual amor e concentrada devoção artistica, tanto nos grandes templos, como nas mais modestas egrejas de desconhecidas freguezias, occultas entre os pinheiraes, onde o gemer da rôla brava ou o grito estridulo do gaio são o unico signal que saúda o antiquario.

Em qualquer dos periodos encontramos ora em documentos, ora na pedra — o que vale bem mais — nomes de alveneis, operarios e mestres de obras, tudo misturado fraternamente. São raras estas testemunhas, se tivermos em conta o grande numero das edificações; mas lembremo-nos que todos elles trabalhavam sómente para maior honra e gloria de Deus e não para assoalhar vaidades.

Temos porém hoje obrigação de os tirar da sombra, de os filiar e agrupar. Escriptores pacientes, laboriosos, sabios e de honestas intenções têm desde os tempos do Visconde de Juromenha [1] desenterrado milhares de documentos escriptos, que fallam de artistas e citam nomes sem conta, mas á custa de tanto rebuscar em archivos, esqueceram os paleographos que, além dos velhos pergaminhos, ha sobretudo os proprios monumentos, de que parecem ter receio; ha pedras, symbolos, debuxos que sabem responder a quem os interroga com criterio e com essa paixão paciente de que falla um velho proverbio: *amor patiens solus amor est.* Ora, eu não encontro muitos d'esses antiquarios devotos que saibam gastar uma vida laboriosamente, para saldar uma divida de gratidão a essas esphinges de pedra, que resumem os capitulos mais gloriosos da nossa arte nacional e da historia da nação. São productos de combinações de linhas, anteriores a toda a paleographia dos archivos.

Ainda ha outro motivo que diminue, a meus olhos, muito sensivelmente o valor dos velhos documentos para a historia da arte e das industrias nacionaes: a abundancia de homonymos; ás vezes n'um periodo curtissimo, e até dentro do governo do mesmo principe encontrámos cinco ou seis Alvares, outros tantos Vascos, Domingos e Joões, tres ou quatro *mestres* Antonios, uma duzia de Vedores de Obras sem nome definido; mas os papeis velhos dizem ser «o de Thomar», agora, mas que foi o de Belém (sic). E assim por diante. Já o sabio allemão Peschel, que era uma authoridade, disse, escreveu e provou que a chronologia, a clareza nas datas era o lado fraco, mas muito fraco, dos nossos chronistas, (aliás distinctissimos) com excepção de Damião Goes e do grande João de Barros.

Que é conveniente que marchemos todos juntos, d'accôrdo; mas não venham impôr-nos processos exclusivos, como se o pó da papelada dos armarios fosse o unico remedio para a ignorancia quasi geral que se manifesta com uma audacia infrene em tudo o que interessa á historia da arte nacional. Todos fallam, porque todos acham a lampada de Aladino quando querem.

Aquillo que nos diz o nosso modesto candieiro de azeite é, em resumo, o seguinte:

1.° Que é muito provavel que o plano geral da Batalha seja o resultado de uma discussão realisada em Junta [2] ou concurso de architectos;

2.° Que um, o preferido, désse o desenho definitivo das tres naves, do cruzeiro e das cinco capellas absidaes (capella-mór e quatro lateraes).

3.° Que a *Capella do Fundador* pertence ao primeiro traçado ou planta primitiva.

4.° Que o *Claustro Real* está nas mesmas condições.

5.° Que a *Casa do Capitulo,* ligada organicamente ao Claustro Real, assim como o está ao templo por intermedio da *Sacristia,* está comprehendida n'essa mesma planta.

Tudo o mais, e ainda é muito, como veremos, são additamentos architectonicos mais ou menos bellos, florescencias, phantasias, caprichos ou casas uteis de serventia (officinas proprias de todos os conventos, por exemplo: celleiros, adégas, etc.), estas, ás vezes, sem a menor significação artistica.

---

[1] Os documentos que elle forneceu a Raczynski não têm conta. Assim m'o disse ainda em 1872 o venerando ancião. O Conde tambem francamente o confessou nos seus volumes. Ultimamente, o snr. Sousa Viterbo (*Diccionario dos Architectos,* etc. e em outras obras), tem-se dedicado á pesada tarefa que Juromenha, por incidente, desempenhou junto de Raczynski.

[2] As Juntas de architectos estavam na ordem do dia em toda a Hespanha medieval. Porque fariamos nós excepção? Vide G. E. Street, *Gothic architecture in Spain.* London, 1869, sec. edit. passim. Vide tambem o nosso estudo sobre a *Architectura manoelina,* pag. 11, 12, 22, 23, etc. De resto, as palavras do chronista Fr. Luiz de Sousa não contrariam o que allegamos.

et je vois ceux qui, à une époque encore plus reculée, marquent la période transitoire du style roman au style ogival. Eh bien: dans tous ces cycles il y a eu de belles œuvres, élevées par des mains habiles, bien disciplinées et bien dirigées. Et ces qualités des marbriers portugais et des maîtres de fabrique ou de métiers se révèlent avec le même amour, avec le même dévouement artistique concentré, autant dans les grandes temples que dans les modestes églises de paroisses ignorées, cachées dans les sapinières, où le roucoulement de la tourterelle sauvage et le cri strident du geai sont les seuls signes qui saluent l'antiquaire.

Dans chacune de ces périodes nous trouvons tantôt dans des documents, tantôt sur la pierre — ce qui vaut bien mieux — des noms de maçons, d'ouvriers et d'architectes tous fraternellement réunis. Ces temoignages sont rares surtout en considérant le grand nombre d'édifications; mais nous devons rappeler qu'ils travaillaient tous seulement pour la plus grande gloire et l'honneur de Dieu, et non pour tirer vanité de leurs œuvres.

Mais aujourd'hui nous devons les faire sortir de l'ombre, les classer et les grouper. Des écrivains patients, laborieux, érudits et pleins d'honnêtes intentions, depuis les temps du Vicomte de Juromenha [1], ont déterré des milliers de documents écrits qui parlent d'artistes et citent une infinité de noms, mais à force de tant rechercher dans les archives, les paléographes ont oublié que, outre les vieux parchemins, il y a encore les propres monuments dont ils semblent avoir peur; il y a des pierres, des symboles, des dessins qui savent répondre à ceux qui les interrogent avec discernement et avec cette passion tenace dont parle un vieux proverbe: *amor patiens solus amor est.* Or, je ne trouve pas beaucoup de ces antiquaires dévoués qui sachent dépenser laborieusement une vie, pour acquitter une dette de reconnaissance à ces sphynx de pierre qui résument les chapitres les plus glorieux de notre art national et de l'histoire de la nation. Ce sont des produits de combinaisons de lignes, antérieurs à toute la paléographie des archives.

Il y a encore une autre raison qui amoindrit très sensiblement à mes yeux, la valeur des vieux documents pour l'histoire de l'art et des industries nationales: l'abondance des homonymes; bien des fois dans une courte période, et même sous le règne d'un même prince nous trouvons cinq ou six Alvares, autant de Vascos, Domingos et Joões, trois ou quatre *maîtres* Antonios, une douzaine de surveillants sans nom défini; mais les vieux papiers disent que c'est celui de «Thomar», maintenant, mais qui avait été celui de Belem (sic). Et ainsi de suite. Le savant Peschel, qui était une autorité, avait déjà dit, écrit et prouvé que la chronologie, la clarté des dates était le côté faible mais très faible de nos chroniqueurs, (d'ailleurs très distingués) excepté Damião de Goes et le fameux João de Barros.

Je suis d'avis qu'il est convenable de marcher tous ensemble; mais qu'on ne vienne pas nous imposer des procédés exclusifs, comme si la poussière des paperasses des armoires était le seul remède pour l'ignorance presque totale qui se manifeste avec une audace effrénée en tout ce qui se rapporte à l'histoire de l'art national. Tout le monde parle parce que tous trouvent la lampe d'Aladin quand ils le veulent.

En résumé, voilà ce que nous dit notre modeste lampe à huile:

1° Qu'il est probable que le plan général de Batalha ait été le résultat d'une discussion réalisée en une Assemblée [2] ou concours d'architectes;

2° Que l'un d'eux, le préféré, aurait donné le dessin définitif des trois nefs, du transept et des cinq chapelles de l'abside (le maître autel et quatre latérales).

3° Que la *Capella do Fundador* (Chapelle du Fondateur) appartient au premier tracé ou plan primitif.

---

mitifs s'en allaient à l'abandon et on voyait paraître de nouveaux plans, de nouveaux ouvriers. La liste des métiers, d'après l'ordre chronologique de sa construction, est faite, mais faute d'espace elle est ici supprimée.

[1] Les documents qu'il a fournis a Raczynski sont innombrables. C'est ce que m'a dit encore en 1872 le vénérable vieillard. Le Comte l'a aussi avoué franchement dans ses volumes. Dernièrement, Mr. Sousa Viterbo (*Diccionario dos architectos,* etc. et en d'autres ouvrages) s'est dévoué à la tâche ardue dont Juromenha, par incident, s'était acquitté avec Raczynski.

[2] Les Juntas (assemblées) d'architectes étaient à l'ordre du jour dans toute l'Espagne du Moyen-âge. Pourquoi aurions nous fait exception? Voyez G. S. Street, *Gothic architecture in Spain* — London, 1869, sec. edit. passim. Voir aussi notre étude sur l'*Architectura manoelina,* pag. 11, 12, 22, 23, etc. Du reste les paroles du chroniqueur Fr. Luiz de Sousa ne contrarient pas nos allégations.

Quizeram alguns criticos, e não são os menos instruidos, reconhecer na Batalha reminiscencias d'esta ou d'aquella cathedral ingleza. Citaram-se até nomes, *soi-disant* inglezes ou irlandezes — mas esqueceram esses senhores, aliás de muito respeito, de olhar para o que tinham bem perto — para a *Cathedral de Burgos.*

O que vou dizer é o resultado novo de um estudo que a critica classificará como o merecer, digo: a critica dos que souberem o pouco ou muito que aprendi. É o resultado do estudo rigoroso de dezenas de plantas e de uma multidão infinita de desenhos e argumentos technicos, que não tenho nenhuma duvida de discutir com os profissionaes. (Aqui falta-nos o espaço).

1.º É imitada de Burgos, Capella do Condestavel Velasco, a ideia das *Capellas Imperfeitas* e sua ligação á egreja por meio de um atrio de abobada elegantemente artezoada.

2.º Em Burgos, como na Batalha, tres naves; cinco grandes divisões no vasto cruzeiro, como na Batalha. A analogia da planta seria ainda mais sensivel, se as naves lateraes de Burgos terminassem, arredondando-se á altura correspondente, em vez de formarem *charola,* circumdando a capella-mór.

3.º O que em Burgos é a Capella do Condestavel Velasco apresenta-se como um polygono de oito lados; na Batalha temos igualmente a mesma figura interna (vide Murphy, lettra R), repetindo-se nas oito grandes capellas que abrem sobre o polygono. Systema do *artezoado,* o mesmo.

A cathedral de Toledo [1], está relacionada intimamente com a de Bourges (França); a de Burgos (Castella) com o mesmo modelo; a de Leon com Chartres. Os criticos allemães acham em Burgos ainda muita analogia com a esplendida Cathedral de Rheims (Champagne). Os francezes demonstram a concordancia entre a cathedral de Colonia e a sua formosa construcção anterior de Amiens. Ha muitos outros casos de predominio francez, citados por Enlart (pag. 473 e seg.). Em Burgos, as torres são obra de dois allemães, pae e filho, da cidade de Colonia (Allemanha); o plano é, na essencia francez; a obra gothica, florida e plateresca, pertence essencialmente á Hespanha e a borgonheses nacionalisados. Os grandes templos inglezes tornaram-se tambem tributarios do *opus francigenum,* que estendeu os braços até ao Oriente (China). Como havia a nossa arte de permanecer isolada?

Abreviamos n'este logar a demonstração em detalhe, porque o leitor não a entenderia sem desenhos. O material que temos sobre a mesa não é accessivel á maioria dos leitores; no emtanto, é possivel que a relativa pobreza das nossas bibliothecas publicas em obras modernas — (a dotação do governo é quasi irrisoria!) seja um dia... supprida por dotação de particulares. N'este caso poderão affluir alli as obras que vamos citar; grande publicação allemã: A. Junghaendel und Gurlitt, *Die Baukunst Spaniens,* Dresden, Gilbers editor; B. Uhde, *Baudenkmaeler in Spanien und Portugal,* Berlin, Ernst Wasmuth, editor; C. Lübke, *Denkmaeler der Kunst,* Stuttgart, Ebner & Seubert, editor. Convém comparar e conferir o que allegamos, nas respectivas plantas, córtes e alçados dos edificios citados. É certo que Gurlitt e Uhde trabalharam sobre os *Monumentos arquitectonicos de España,* honra e gloria da nação hespanhola e do seu governo, mas os estrangeiros vêem, ás vezes, mais do que os nacionaes. O nosso amigo Pedro de Madrazo ampliou ainda o já notavel trabalho de Junghaendel, com um Supplemento, no mesmo editor allemão. Veja o leitor ainda para a verificação do que allegamos sobre a construcção technica das abobadas, na architectura gothica, e dos elementos que as sustentam: pilares, columnas, columnellos (enfeixamentos), systema de artezoados, etc., os seguintes estudos no jornal da Associação dos architectos de Vienna d'Austria: *Allgemeine Bauzeitung.* Wien, 1878, editor Waldheim. Anno XLIII, artigos dos seguintes autores: R. Redtenbacher, *Aphorismen über Baugeschits schreibung;* Fr. Steiner & Th. Hübl, *Ueber graphische Behandlung des Bogenträgers* ohne Gelenk bei konstantem Querschnitt und Bestimmung der Stützlinie bei Gewölben. (Lições da Escóla polytechnica de Vienna); L. Trzeschtik, ajudado pelos estudos anteriores de Mothes, Kugler e Schnaase: *Ueber die französische, spanische, italienische und englische Gothik,* etc., sobre a arte gothica franceza, hespanhola, italiana e allemã, etc. (e possibilidade do seu desenvolvimento em sentido moderno e com applicação moderna).

Não se imagine, porém, que pretendemos filiar toda a construcção da Batalha na cathedral de

[1] Vid. n'este templo a capella-sepulchral do Condestavel Alvaro de Luna ligada á dupla charola; a de S. Ildefonso, considerada como prolongamento evidente da Capella-Mór (Junghaendel est. 72).

4° Que le *Claustro Real* (Cloître royal) est dans les mêmes conditions.

5° Que la *Casa do Capitulo* (Salle du Chapitre) liée organiquement au Cloître Royal, de même qu'elle l'est au temple par la *sacristie,* est comprise dans ce même plan.

Tout le reste, et c'est encore beaucoup, comme nous le verrons, sont des accroisements architecturaux plus ou moins soignés, des floraisons, des fantaisies, des caprices ou des appartements de service, comme il en existait dans tous les couvents, des greniers, des caves, etc., très utiles, mais la plupart des fois sans la moindre signification artistique.

Quelques critiques, et non des moins instruits, ont prétendu reconnaître dans la Batalha, des reminiscences de telle ou telle cathédrale anglaise. On a même cité des noms anglais ou irlandais — mais ces messieurs d'ailleurs fort respectables, ont oublié d'observer ce qui était plus près d'eux — *la Cathédrale de Burgos.*

Ce que je vais avancer est le résultat récent d'une étude que la critique classera selon son mérite, c'est-à-dire, la critique de ceux qui reconnaissent la valeur de ce que j'ai appris. C'est le résultat de la rigoureuse étude de quelques dizaines de plans et d'une multitude infinie de dessins et d'arguments techniques que je suis prêt à discuter avec les professionnels (Ici l'espace nous manque).

1° L'idée des *Capellas Imperfeitas* (*Chapelles Imparfaites*) et leur liaison à l'église au moyen d'un parvis à voûte élégamment nervurée, est imitée de Burgos, Chapelle du Connétable Velasco.

2° A Burgos, comme à Batalha, trois nefs; cinq grandes divisions du vaste transept aussi qu'à Batalha. L'analogie du plan serait encore plus sensible si les nefs latérales de Burgos terminaient en s'arrondissant à la distance correspondante au lieu de former *niche,* autour du sanctuaire.

3° Ce qui à Burgos est la chapelle du Connétable Velasco, présente un polygone à huit faces; à Batalha nous avons aussi la même figure intérieure (voyez Murphy, lettre R) se répétant dans les huit grandes chapelles qui ouvrent sur le polygone. Le système de nervures est le même. La cathédrale de Toledo [1] se rapporte intimement à celle de Bourges (France); celle de Burgos (Castille) avec le même modèle; celle de Léon avec Chartres. Les critiques allemands trouvent encore à Burgos beaucoup d'analogie avec la splendide cathédrale de Reims (Champagne). Les français remarquent la ressemblance entre la cathédrale de Cologne et leur belle construction antérieure, d'Amiens. Il y a encore beaucoup d'autres cas de prédominance française, cités par Enlart (pag. 473 et suiv.). A Burgos les tours sont l'ouvrage de deux allemands, père et fils, de la ville de Cologne (Allemagne); le plan est, en essence, français; le travail gothique fleuri et plateresque, appartient essentiellement à l'Espagne et à des Bourguignons nationalisés. Les grands temples anglais ont été également tributaires de l'*opus frangenum,* qui étendit les bras jusqu'à l'Orient (Chine). Comment notre art aurait-il pu rester isolé?

Nous avons abrégé ici notre démonstration en détail, parce que le lecteur ne l'aurait pas comprise sans dessins. Les éléments que nous possédons ne sont pas accessibles à la plupart des lecteurs; cependant il est possible que la pauvreté relative de nos bibliothèques publiques en ce qui concerne des ouvrages modernes — (la dotation officielle est presque dérisoire! — soit un jour suppléée par des donations particulières. Dans ce cas on pourra acquérir les ouvrages cités ici dans le texte portugais. Il est convenable de comparer et d'analyser ce que nous avançons, dans les plans, élévations, et coupes respectifs, des édifices mentionnés. Il est certain que Gurlitt et Uhde ont travaillé à propos des *Monumentos arquitectonicos de España,* qui font l'honneur et la gloire de la nation espagnole et de son gouvernement, mais les étrangers voient quelquefois plus que les nationaux. Notre ami Pedro de Madrazo a amplifié encore le remarquable travail de Junghaendel, avec un supplément, chez le même éditeur allemand. Que le lecteur voie encore pour bien vérifier nos allégations à propos de la construction technique des voûtes d'architecture gothique et des éléments qui les soutiennent: piliers, colonnes, colonnelles (faisceaux), système de nervures, etc., les études suivantes parues dans le journal des architectes de Vienne, en Autriche: *Allgemeine Bauzeitung.* Wien, 1878, éditeur Waldheim. Année XLIII, des articles des auteurs suivants: R. Redtenbacher, *Aphorismen über Baugeschits schreibung;* Fr. Steiner & Th. Hübl, *Ueber graphische Behandlung des Bogenträgers* ohne Gelenk bei konstantem Querschnitt und Bestimmung der Stützlinie bei Gewölben. (Leçons de l'École Polytechnique de Vienne); L. Trzeschtik aidé par les études antérieures de Mothes,

[1] Voyez dans ce temple la chapelle-sépulcrale du Connétable Alvaro de Luna liée à la double niche; celle de St. Ildefonso, considérée comme une prolongement du sanctuaire (Junghaendel est. 72).

Burgos [1]. Indicamos as analogias sensiveis para achar a filiação do plano das Capellas imperfeitas, a razão da sua collocação e determinar o seu mysterioso destino. Sabemos conhecer perfeitamente as differenças essenciaes que separam Burgos e a Batalha, a irmã mais velha [2] da mais nova. O nosso intuito é e será sempre accordar, *finalmente*, o leitor e o escriptor portuguez, que não vê, nem lê, nem observa além da fronteira, onde todos temos tanto que aprender. Foi esse o nosso principal intuito ao traçar os lineamentos do nosso estudo sobre a *Architectura manoelina* (Coimbra, 1885) que, sendo uma conferencia, uma palestra amena, resume os esforços de bons quinze annos [3] de trabalho, de viagens, de exame pessoal sobre monumentos que poucos haviam visto e que rarissimos haviam medido, palpado *con amore*. Vejo e estudo essas modestas reliquias nossas (no seu genero, na sua technica primorosas, que são um encanto), com o mesmo affecto com que estudei e me ajoelhei nas grandes cathedraes da França, Inglaterra e Allemanha. Os templos como os homens, não se medem ao metro.

Sei o que muitos sabem a respeito da analogia entre a cathedral de York (Inglaterra) e a Batalha, mas essa face da questão não póde ser examinada aqui. Raczynski e outros, antes d'elle, lançaram essa ideia e não provaram quasi nada. Seria forçado a envolver algumas cathedraes francezes na discussão, por exemplo Saint-Ouen na cidade de Ruão, Notre Dame de l'Epine (Marne), Saint Vulfran d'Abbeville, etc.; e naturalmente voltaria á Hespanha (como fui da Batalha a Burgos), voltaria á incomparavel cathedral de Leon, que os especialistas francezes relacionam intimamente com o esplendido templo de Chartres. E que diria o leitor se eu lhe demonstrasse a relação d'essa cathedral de Leon com a modesta egreja de S. Francisco de Guimarães? com o que alli resta da época de D. João I? Diria que não se póde, nem deve fallar de *uma* influencia preponderante na peninsula no periodo do estylo gothico primario, do gothico florido e do gothico manoelino (scil. plateresco). Qualquer das phases d'esses periodos representam influencias diversas, que se entrecruzam, triumphando umas das outras em alternativas caprichosas. É quasi inutil procurar sempre, teimosamente, determinados nomes, como sendo os unicos responsaveis; procuremos antes escólas: *Bauhütten, fabric-houses, loges maçoniques,* as familias ambulantes. Estudemos a organisação do ensino, na arte e nas confrarias dos officios. Venho dizendo isto e provando-o, ha trinta annos.

(Continúa).

Joaquim de Vasconcellos.

---

[1] Comparem-se as estampas de Uhde com as estampas: 57, 57ª, 95, 54 e 54ª, Planta geral de Junghaendel; sobretudo esta, com as plantas de templos francezes, citados por Caumont, Viollet-le-Duc, Enlart, Kugler e Schnaase.

[2] Basta lembrar a edade relativa de Burgos, que tem alguns elementos do periodo de transição romanico-gothico. Fundação em 1221 por Fernando III; o cabido faz a sua entrada na egreja em 1229 e em 1238 estava terminado o corpo interior do templo. No exterior temos por exemplo: Puerta del Sarmental 1250; Puerta del Claustro 1350, ambas puramente gothicas e do gothico puro; torres da frente por Simão de Colonia, construidas de 1442-1456; torreão na intersecção da nave e do Cruzeiro, obra de Juan de Vallejo, terminado em 1567, de estylo plateresco. Como o grande torreão (zimborio de pedra de Ontoria) está intimamente ligado, na planta, com todo o Cruzeiro, devemos entender que este cahiu em 1539, apesar de ser traçado por um mestre, Felipe de Borgonha (Vigarni); Vallejo começou a reconstrucção logo em 1539 e Juan de Castanheda terminou-a debaixo de suas ordens em 1567. A capella-mausoleu do Condestavel (Pedro Hernando de Velasco † 1492), quasi uma egreja, é de gothico florido e plateresco; os admiraveis tumulos do Condestavel e de sua mulher D. Maria Mendoza, são obra italiana de 1540. Temos, portanto, obras, n'uma sequencia de tres seculos e meio! E que obras! Consulte-se sobre Burgos, que tem para nós, portuguezes (como Salamanca e Santiago) excepcional importancia, além das obras allemãs referidas, os estudos de Caveda, os preciosos trabalhos de Llaguno y Amirola, vol. I; á falta d'estes dois ultimos, o artigo *Burgos* do *Diccion. enciclop. hisp. americ.* vol. III, e o notavel Guia de Valverde y Alvarez sobre Hespanha e Portugal, vol. I, pag. 252 e seg. O guia antigo inglez de Ford, 2 vol. ed. de 1845, contém ainda muitas noticias aproveitaveis d'arte, que debalde se procuram e encontram n'outra obra de consulta: *A Handbook for travellers in Spain and readers at home.*

[3] As notas do pequeno opusculo dizem isso: *quinze annos,* para quem sabe lêr e adivinhar o enigma: «o que se diz é apenas uma amostra do que se sabe».

Kugler el Schnaase: *Ueber die franzözische, spanische, italienische und englische Gothic,* etc., sur l'art gothique français, espagnol, italien et allemand, etc. (et la possibilité de son développement dans le sens moderne et avec une application moderne).

Qu'on ne croie pas cependant que nous prétendons faire remonter l'origine de toute la construction de Batalha à la cathédrale de Burgos [1]. Nous avons indiqué les analogies sensibles pour trouver la filiation du plan des Chapelles Imparfaites, la raison de leur emplacement, et déterminer leur mystérieuse destination. Nous savons parfaitement reconnaître les différences essentielles qui séparent Burgos et Batalha, la sœur ainée [2] et la cadette. Notre intention est, et sera toujours, de réveiller *enfin*, le lecteur et l'écrivain portugais qui ne voit pas, qui ne lit pas et qui n'observe rien au delà de la frontière, où nous avons tous tant de choses à apprendre. Telle a été notre intention lorsque nous avons tracé les linéaments de notre étude sur l'*Architectura manoelina* (Coimbra, 1885) laquelle, sous la forme de conférence, ou de délectable causerie, est un résumé de nos travaux pendant quinze ans [3], de nos voyages, et de l'examen personnel de monuments que peu de personnes connaissaient et que encore moins de rares voyageurs avaient mesuré, tâté *con amore*. Je vois et j'étudie ces modestes reliques qui sont à nous, (et dans leur genre présentent une technique parfaite, des plus charmantes) et je leur voue la même affection avec laquelle j'ai étudié et me suis agenouillé dans les grandes cathédrales de France, d'Angleterre et d'Allemagne. Les temples, de même que les hommes ne se mesurent pas à l'aune.

Je sais ce que beaucoup de personnes savent, à propos de l'analogie entre la cathédrale de York (Angleterre) et la Batalha, mais ce côté de la question ne peut pas être débattu ici. Je me verrais obligé à faire entrer en discussion quelques cathédrales françaises, par exemple Saint-Ouen, dans la ville de Rouen, Notre Dame de l'Épine (Marne), Saint-Vulfran d'Abbeville, etc., et naturellement je reviendrais à l'Espagne (comme j'ai été de Batalha à Burgos), je reparlerais de l'incomparable cathédrale de Léon que les spécialistes français relationnent intimement avec le splendide temple de Chartres. Et que dirait le lecteur si je lui démontrais la relation de cette cathédrale de Léon avec la modeste église de S. Francisco de Guimarães? avec ce qui existe encore là de l'époque de D. João I? Il dirait qu'il n'est pas permis de parler d'une influence prépondérante dans la péninsule, dans la période du style gothique primaire, du gothique fleuri et du gothique *manoelino* (scil. plateresque). Chacune des phases de ces périodes représente des influences différentes qui s'entrecroisent, en triomphant les unes des autres, en de capricieuses alternatives. Il est presque inutile que chercher toujours, avec entêtement des noms déterminés, comme les seuls responsables; cherchons plutôt des écoles: *Bauhütten, fabric-houses, loges maçoniques,* les familles ambulantes. Etudions l'organisation de l'enseignement, dans l'art et les associations ouvrières. Il y a trente ans que je redis cela et que je le prouve.

(A suivre).

Joaquim de Vasconcellos.

---

[1] Comparer les estampes de Uhde avec les estampes 57, 57ª, 95, 54, 54ª, Plan général de Junghaendel; surtout celui-ci avec les plans de temples français, cités par Caumont, Viollet-le-Duc, Enlart, Kugler et Schnaase.

[2] Il suffit de rappeller l'âge relatif de Burgos qui posséde quelques éléments de la période de transition romane-gothique. Fondation de Fernando III em 1221; en 1229 le chapitre fit son entrée dans l'église et en 1238 la partie intérieure du temple était terminée. A l'extérieur nous avons par exemple: Puerta del Sarmental 1250; Puerta del Claustro 1350, toutes deux purement gothiques et du gothique pur; tours de la façade par Simão de Colonia, construites de 1442-1456; grosse tour à l'intersection de la nef et du transept, œuvre de Juan de Vallejo terminée en 1567, de style plateresque. Comme la grosse tour (dôme en pierre de Ontoria) est intimement reliée dans le plan, à tout le transept, nous devons penser que celui-ci est tombé en 1539, malgré qu'il ait été tracé par un maitre, Felipe de Borgonha (Vigarni); Vallejo commença la reconstruction aussitôt, en 1539 et Juan de Castanheda la termina sous ses ordres en 1567. La chapelle mausolée du Connétable (Pedro Hernando de Velasco † 1492) presque une église, est du gothique fleuri et plateresque; les admirables tombeaux du Connétable et de sa femme D. Maria Mendoza, sont de travail italien en 1540. Nous avons donc des travaux pendant une séquence de trois siècles et demi. Et quels travaux! A propos de Burgos, qui a pour nous portugais (ainsi que Salamanca et Santiago) une importance exceptionelle, il faut consulter, outre les ouvrages allemands cités, les études de Caveda, les précieux travaux de Llaguno y Amirola, vol. I; faute de ces deux derniers, l'article *Burgos* du *Dicc. encyclop. hisp. americ.*, vol. III, et le remarquable guide de Valverde y Alvarez sur l'Espagne et le Portugal, vol. I, pag. 252, et suiv. L'ancien guide anglais de Ford, 2 vol., ed. de 1845, contient encore beaucoup de profitables nouvelles artistiques qu'on chercherait en vain dans d'autres ouvrages à consulter: *A Handbook for travellers and readers at home.*

[3] Les notes du petit opuscule disent quinze ans, pour ceux qui savent lire et deviner l'énigme: « ce qui est dit est àpeine l'échantillon de ce que l'on sait ».

Obidos



Quem vae de Lisboa pelo caminho de ferro d'Oeste, um pouco adiante da estação de S. Mamede começa a divisar á direita da linha uma elevada collina sobre a qual assentam extensos pannos de muralha antiga, coroados de ameias. Depois, transposta a estação d'Obidos em caminho para as Caldas, contempla em toda a sua altivez o soberbo castello sobranceiro á campina, e tem assim, em alguns minutos, a visão da existencia medieval, de batalhas de mouros, de saraus, de donas e pagens.

E se, descendo na estação, fôr visitar a villa, quasi se lhe transforma a visão em realidade. Não ha, creio eu, em todo o paiz, e pelo menos na Estremadura, povoação onde as construcções antigas tenham sido mais respeitadas... perdão, onde tenha havido menos *progresso*. Obidos conserva ainda intacto o seu recinto de muralhas; ainda é preciso entrar na villa por portas em ogiva; e nas suas ruas e viellas poucas serão as edificações que tenham menos de cem ou duzentos annos, e muitas datam do seculo XVI e de tempos anteriores.

Eu bem sei que a vida moderna tem exigencias indeclinaveis; os preceitos da hygiene, o mais simples conforto, as regras da boa policia, o desenvolvimento da população, a facilidade dos transportes, são tudo vantagens que não se coadunam com as povoações apertadas em cinto de muralhas e agglomeradas, lá dentro, em arruamentos estreitos e tortuosos. Mas junto d'esses velhos povoados ha muito terreno fóra dos muros, sem que seja sempre absolutamente necessario aproveitar o que estes occupam; mas esses arcos, esses castellos, essas egrejas e capellas, esses paços dos concelhos, esses pelourinhos, são padrões da nossa historia gloriosa e são por vezes puros modelos d'uma arte nobre e definida que a civilisação dos nossos tempos não logrou ainda substituir nem em originalidade nem em belleza. Quantas barbaridades se têm commettido, a titulo de progresso, no nosso querido Portugal, tão rico d'esses monumentos! Nem sirva de consolação dizer-se que não somos só nós, que ainda ha bem pouco tempo a municipalidade de Carcassone, em França, derrubou um lanço das soberbas e historicas muralhas d'aquella cidade para dar passagem a não sei que tramvia, caso esse que fez levantar os maiores protestos. Embora: de lesa-nação devem ser considerados taes sacrilegios, quando a mais absoluta necessidade não os justifique.

D'este crime não tem sido ré a municipalidade d'Obidos, e por isso tenho eu podido, mais de uma vez, percorrer aquellas ruas silenciosas, quedar-me enlevado deante das construcções seculares, subir ao castello, divagar pelas muralhas, esquecendo por momentos que sou do meu tempo para imaginar que sou do seculo XV. Ouço dizer que a camara d'Obidos não tem feito *obras* por falta de meios; abençoada pobreza! Receio, porém, que um dia lhe chegue a opulencia; e então, ai de nós!

Pois bem, para evitar futuros males eu proporia que a villa d'Obidos, de muralhas a dentro, fosse considerada, *toda ella*, monumento nacional; alli não se faria uma só edificação nova, antes seriam demolidas, precedendo a devida indemnisação, as poucas que datam de menos de cem annos; restaurar-se-ia o castello primeiramente, e depois os pequeninos paços e capellas que abundam na villa; um conservador de antiguidades seria o guarda zeloso d'aquellas joias de pedra, e faria prelecções aos estudantes de bellas-artes e aos excursionistas...

Mas isto é sonho. Despertemos e vamos vêr o castello.

*

* *

Diz a Historia que D. Affonso Henriques tomou Obidos aos mouros em 1148; mas é de toda a evidencia que não existia ainda então o castello tal como se vê na photogravura. Seria provavelmente aproveitado o local da fortificação sarracena, ampliando-se com as torres e cubellos que tornam o conjunto um dos exemplares mais perfeitos do typo da nossa fortaleza medieval. Porventura o principal da construcção foi ordenado por D. Diniz; mas ainda durante a segunda dynastia houve novos accrescentos e modificações até ao reinado de D. Manoel e talvez ainda no de D. João III, como o attestam a esphera armillar que se vê em alguns sitios, e os rendilhados de algumas portas e janellas da parte do castello que constituia propriamente o paço do alcaide. O contorno da vasta edificação está ainda

Obidos



Lorsqu'on sort de Lisbonne par le chemin de fer de l'Ouest, un peu plus loin de la station de S. Mamede, on commence à apercevoir à droite de la voie, une colline élévée sur laquelle reposent de longs pans de murs anciens, couronnés de créneaux. Ensuite, après avoir franchi la gare de Obidos, sur la route de Caldas, on contemple en toute sa majesté le superbe château dominant la plaine et on a pendant quelques minutes la vision de l'existence du moyen-âge, de batailles de maures, de soirées, de dames et de pages.

Et, si on visite la ville en descendant à la gare, cette vision devient une réalité. En tout le pays, ou du moins dans l'Extremadure, il n'y a pas, à ce que je pense, d'autre endroit où les constructions anciennes aient été plus respectées... pardon, où il y aît eu moins de progrès. Obidos conserve son enceinte de murailles encore intacte; on pénètre encore dans la ville par des portes en ogive; et dans ses rues et ruelles on trouve peu d'édifications qui aient moins de cent ou deux cents ans; beaucoup datent du XVIme siècle ou de temps encore plus reculés.

Je sais bien que la vie moderne a des exigences inévitables; les règles hygiéniques, le plus simple confort, les lois de bonne police, le développement de la population, la facilité des transports, tout cela représente des avantages qui deviennent impossibles dans des endroits resserrés, entourés de murs, et avec des populations entassées dans des quartiers tortueux et étroits. Mais auprès de ces vieux bourgs il y a de grands terrains hors des murs et il ne serait pas toujours nécessaire de tirer parti de l'emplacement de ceux-ci; ces arceaux, ces châteaux, ces églises, ces chapelles, ces hôtels de ville, ces piloris sont des documents de notre glorieuse histoire et sont aussi parfois des modèles purs d'un art noble et défini, que notre civilisation actuelle n'a pu encore parvenir à remplacer ni en beauté ni en originalité. Combien d'iniquités a-t-on commis, dans notre cher Portugal, si riche en monuments, sous prétexte de progrès! Il est vrai que ce n'est pas seulement chez nous, car il y a bien peu de temps la municipalité de Carcassonne, en France, a démoli une partie des magnifiques murs historiques de la ville afin d'y faire passer un tramway quelconque, ce qui a fait soulever de grandes protestations; mais ceci n'est pas une consolation. Ces sacrilèges doivent être considérés de lèse-nation lorsqu'ils ne sont pas justifiés par une nécessité absolue.

La municipalité d'Obidos n'est pas coupable d'un pareil crime, et c'est pour cela que j'ai pu souvent parcourir ces rues silencieuses, contempler avec ravissement ces constructions séculaires, divaguer dans ces murs, oubliant par moments que je suis de mon temps pour imaginer que je suis du XVme siècle. J'ai ouï dire que la municipalité d'Obidos ne fait pas de travaux faute de moyens et je bénis cette pauvreté! Je crains toutefois que l'opulence arrive un jour et alors que deviendrons nous!

Eh bien, pour éviter des maux à l'avenir, je proposerais que, à l'intérieur des murs, la ville d'Obidos fut considérée, *toute entière*, comme monument national; on n'y ferait pas une seule construction nouvelle, on démolirait même, moyennant une indemnité, toutes celles qui dateraient de moins de cent ans; on restaurerait premièrement le château, et ensuite les petits palais et les chapelles qui abondent dans la ville; un conservateur d'antiquités serait le gardien soigneux de ces bijoux de pierre et ferait des conférences aux étudiants de beaux arts et aux voyageurs...

Mais tout cela est un rêve. Réveillons-nous et allons voir le château.

*

* *

L'histoire dit que D. Affonso Henriques prît Obidos aux Maures en 1148; mais il est évident que le château tel que nous le voyons dans la photogravure n'existait pas alors. On a probablement profité de l'endroit où se trouvait la fortification des sarrasins, en l'augmentant avec les tours et les tourelles qui en font, dans l'ensemble, un exemplaire des plus parfaits du type de notre forteresse mediévale. Peut-être la partie principale de la construction a-t-elle été ordonnée par D. Denis, mais pendant la deuxième dynastie il y a eu de nouveaux accroissements et des modifications jusqu'au règne de D. Manuel et peut-être encore sous celui de D. João III, comme le prouvent la sphère armillaire qu'on voit dans quelques endroits, et les dentelures de quelques portes et fenêtres de la partie du château qui

completo e de pé; mas o interior cahe em ruinas; todos os madeiramentos e ferragens desappareceram; e as cantarias lavradas têm sido sacrilegamente partidas e dizem que roubadas. Conhecem-se comtudo ainda os principaes aposentos do paço, assim como se comprehende o systema das arrecadações, cavallariças e outras divisões do pavimento terreo, a que dava serventia o pateo interior.

Só a uma das torres quadradas é hoje facil o accesso pela escada de pedra que sobe até ao eirado; e em uma das voltas d'essa escada vê-se, aberta a cinzel na parede, a unica inscripção existente em todo o castello.

Das impressões ineditas d'uma senhora copio estes dizeres singelos: «O castello é um encanto. Deslumbram aquellas muralhas altas e denegridas, aquellas torres elegantissimas que a hera encobre a espaços, uma hera que deve ser bem antiga, com ramos mais grossos que um braço, e que familiarmente, como amigos de muitos annos, se embrenha pelas fendas e vem sahir pelas esguias frestas. Em cima a extensão que se avista, é immensa, soberba, para todos os lados, mas talvez mais para o poente, onde aquella vastissima planicie que se alastra deante de nós, parece ter sido disposta expressamente para d'alli se contemplar, com o arranjo bem cuidado d'aquelles campos, com os seus tons frescos e diluidos que se casam admiravelmente. Lá ao longe uma neblina mal distincta: é a Lagôa.»

Assim é: o panorama que se desfructa do alto do castello é vastissimo e deslumbrante; permitte observar um dos mais interessantes trechos da Estremadura, que tantos apresenta de superior belleza desde Torres Vedras até aos campos de Leiria. Alli em Obidos assenta primeiro a vista sobre a extensa *Varzea da Rainha,* cortada de ribeiros, dos quaes o Arnoia banha o sopé da collina, mosqueada de capellas, de palacetes de quintas, de ruinas de mosteiros, limitada ao norte pelo casario das Caldas; depois, mais para o poente, a tremulina de Lagôa e a seguir a fita do Oceano que se confunde com o céo; para o sul e para o nascente dobras de terreno que se vão esbatendo até ás serras no horizonte. Em baixo, aos pés do castello, a povoação apertada no cinto de muralhas, e ligada ás collinas mais proximas pelo aqueducto da Osseira que se desenvolve atravez dos campos.

Bem sei que os espectaculos da Natureza vemol-os nós pelos olhos da nossa phantasia; e assim elles nos impressionam diversamente consoante os *estados d'alma.* Pinheiro Chagas, observando o panorama d'Obidos, sentiu-se principalmente confrangido de melancolia; comprehende-se que um espirito exuberante de vida se entristecesse perante aquelle silencio magestoso, perante aquelle quadro immenso que, visto de tão alto, de tranquillo que é, quasi parece morto. Por mim, com inclinações diversas, é essa mesma paz e esse mesmo silencio que mais me encantam; não me incutem tristeza; enchem-me de serenidade.

* * *

Para dar ideia resumida das numerosas antiguidades que no estreito ambito de Obidos se podem observar, bastam as seguintes palavras do snr. Ramalho Ortigão: «A cada passo temos que parar em frente de uma janella ogival, de uma aldrava de porta ou de um espelho de fechadura, em arabescos de ferro do seculo XVI encimado pela cruz de Christo. Arrumado á muralha, pelo lado de fóra, está o edificio da antiga gafaria, convertido hoje em habitação particular. Dentro do torreão que defendia a porta do Valle, vê-se a capella que, em substituição do antigo nicho da Senhora da Graça, mandou edificar no seculo passado (XVIII) o magistrado da India Bernardo da Palma, em cumprimento do voto de sua filha, morta aos vinte annos de idade, de paixão por um rapaz d'Obidos... Perto do castello acham-se as ruinas do convento das Donas de Santarem, transformadas em *merceeiras* pela rainha D. Leonor, fundadora do instituto e do edificio. Está ainda de pé a porta do celleiro, chamado o *celleiro da Rainha.* Chorando aqui a morte de seu filho unico, morto em Santarem da queda de um cavallo, a rainha viria frequentemente ao convento das merceeiras... A leste do castello está a rua da Mouraria e da Judiaria com a casa que substituiu a synagoga. Na praça ha um elegante pelourinho do tempo de D. João II, tendo no escudo a rêde de pesca que D. Leonor deu por armas á villa, em memoria d'aquella em que alguns pescadores do Ribatejo lhe trouxeram o cadaver do principe D. Affonso. Existe ainda a egreja de Santa Maria, matriz d'Obidos, anterior á monarchia; igualmente existia a antiga collegiada de Sant'Iago, sujeita ao convento de Val-Bemfeito, e a de S. Pedro, do seculo XIV. Em uma d'essas egrejas vi o tumulo de D. Fernando de Noronha e de sua mulher, um dos mais bellos especimens da esculptura em marmore do estylo da Renascença...»

était proprement le palais de l'alcade. Le pourtour de la vaste édification est encore complet et sur pied, mais l'intérieur tombe en ruines, toutes les boiseries et les ferrures ont disparu et les pierres sculptées ont été sacrilégement brisées et même volées, à ce que l'on dit. On reconnait cependant encore les principaux appartements du palais, de même que l'on se rend bien compte du système des dépendances, écuries et autres divisions du rez-de-chaussée, qui était desservi par la cour intérieure.

Il n'y a qu'une des tours carrées à laquelle on accède aujourd'hui facilement par l'escalier de pierre qui monte jusqu'à la plateforme; et à un des tournants de cet escalier on voit, gravée au ciseau dans la pierre, la seule inscription qui existe dans tout le château.

Nous copions, des impressions inédites d'une dame, cette simple opinion: «Le château est charmant. On est ébloui par ces murs hauts et noircis, par ces tours si élégantes que le lierre recouvre parfois, un lierre qui doit être bien ancien, avec ses branches grosses comme le bras, et qui, avec toute la familiarité d'un vieil ami, s'introduit dans les fentes pour ressortir par les étroites lucarnes. D'en haut, l'étendue qu'on embrasse est immense et superbe de tous les côtés, mais surtout vers le couchant, où la vaste plaine qui s'étend devant nos yeux semble avoir été disposée expressément pour être contemplée de là, avec ces champs bien soignés, dont les tonalités fraîches et atténuées s'harmonisent admirablement. Au loin on distingue à peine une brume: c'est l'Étang.»

Et c'est vrai: le panorama que l'on observe du haut du château est des plus vastes et éblouissants; il permet d'apprécier un des recoins les plus intéressants de l'Extremadure, qui en présente de supérieurement beaux depuis Torres Vedras jusqu'aux champs de Leiria. Ici à Obidos la vue se repose en premier lieu sur la longue *Varzea da Rainha,* coupée de ruisseaux, dont un, le Arnoia, baigne le pied de la colline, mouchetée de chapelles, de belles propriétés, de ruines d'anciens couvents, limitée au nord par les maisons de Caldas; ensuite, un peu vers le couchant la brume lointaine de l'Étang et puis la ligne de l'Océan qui se confond avec le ciel; vers le midi et le levant des plis de terrain qui s'estompent jusqu'aux montagnes à l'horizon. En bas, au pied du château, la ville resserrée dans son enceinte de murailles et reliée aux collines plus proches par l'aqueduct de Osseira qui se prolonge à travers les champs.

Je sais bien que les spectacles de la Nature sont entrevus par les yeux de notre fantaisie et ainsi ils nous impressionnent de manière différente selon notre *état d'âme.* Pinheiro Chagas, en observant le panorama d'Obidos, s'est senti pris de mélancolie; on comprend qu'un esprit regorgeant de vie se soit attristé devant ce silence majestueux, devant cet immense tableau, qui, vu de si haut, est si tranquille qu'il semble mort. Quant à moi, qui sens différemment, c'est cette paix et ce silence qui me ravissent; ils ne m'attristent pas, mais remplissent mon cœur de sérénité.

* * *

Pour se faire une idée des nombreuses antiquités que l'on peut remarquer dans la petite ville d'Obidos, il suffit de lire les mots suivants de Mr. Ramalho Ortigão: «A chaque pas il faut nous arrêter devant une fenêtre ogivale, un heurtoir, ou un encadrement de serrure, orné d'arabesques en fer du XVIme siècle, surmonté de la croix du Christ. Adossé à la muraille, du côté extérieur, se trouve l'édifice de l'ancienne léproserie, devenu aujourd'hui une habitation particulière. A l'intérieur de la tour qui défendait la porte du Valle, on voit la chapelle qui remplace l'ancienne niche de Notre Dame de Graça et qui a été construite au dernier siècle (XVIIIme) par ordre du magistrat de l'Inde Bernardo de Palma en accomplissement d'un vœu de sa fille, morte à l'âge de vingt ans, d'amour pour un jeune homme d'Obidos... Près du château se trouvent les ruines du couvent des Donas de Santarem, transformé en *merceeiras* par la reine D. Leonor, qui a fondé l'institut et l'édifice. La porte du grenier nommé le *grenier de la Reine* existe encore. La reine, pleurant ici la mort de son fils unique, tué à Santarem d'une chute de cheval, serait venue souvent au couvent des merceeiras... A l'est du château sont les rues de Mouraria et de Judiaria avec la maison qui a remplacé la synagogue. Sur la place il y a un élégant pilori du temps de D. João II, ayant sur l'écusson le filet de pêche que D. Leonor donna pour armes à la ville, en mémoire du filet dans lequel quelques pêcheurs du Ribatejo, lui rapportèrent le cadavre du prince D. Affonso. L'église de Sainte Marie, paroissiale d'Obidos, antérieure à la monarchie, existe encore, ainsi que l'ancienne collégiale de Sant'Iago, soumise au couvent de Val-

Ora vejam se a villa d'Obidos, com as suas *cinco* ruas principaes que se percorrem n'um credo, não é um verdadeiro museu de arte nacional!

E ainda para mais d'ella tomou nome a famosa pintora portugueza D. Josepha d'Ayala de Figueira, mais conhecida como *Josefa d'Obidos*, que viveu no seculo XVII, quasi sempre na quinta da Capelleira, proximo da villa. Foi alli que ella pintou numerosos quadros de assumptos religiosos, sendo tambem eximia nos retratos, na pintura de flôres e na *gravura em metal*. Nas igrejas d'Obidos ha muitas das suas obras; o tecto da igreja da Misericordia de Peniche é todo coberto de pinturas de Josepha d'Obidos.

*
*　*

Falta-me o espaço para me referir aos numerosos factos notaveis que enchem a historia da antiga villa, hoje adormecida quasi no esquecimento, e ainda ás suas lendas, que tambem são historia, escripta pela fé viva e pelo enthusiasmo patriotico. Lembrarei apenas que Obidos mereceu o titulo de *sempre leal* pela galharda resistencia que em 1246 oppoz ao cerco dos partidarios de D. Affonso III, conservando-se até ao fim da lucta fiel ao desditoso D. Sancho II, a quem prestára vassallagem; e que em 15 d'agosto de 1808 se travou junto dos seus muros o primeiro combate entre o exercito anglo-luso do commando de Wellesley e as tropas francezes capitaneadas por Delaborde, um dos logares-tenentes de Junot, as quaes no dia 17 haviam de ser derrotadas na batalha da Roliça, uma legua ao sul de Obidos.

Peniche

Rendas de linho — Rendas de pedra

Não sei por que singular contraste as povoações da beira-mar, onde mais se exerce o rude labor da pesca, são quasi sempre tambem as que produzem as mais delicadas obras femininas. Vianna do Castello, Villa do Conde, Peniche, Setubal, terras de pescadores, são desde tempos immemoriaes conhecidas pelas rendas que alli se fazem. Industrias tão oppostas, nos instrumentos, nos meios e nos fins a alcançar, são comtudo muitas vezes exercidas n'essas povoações por pessoas da mesma familia: os homens para o mar, para a lucta com os elementos, para a espera arguta do peixe; as raparigas, por ventura as mais franzinas que não podem ajudar os homens na preparação da pescaria colhida, para esse trabalho de paciencia e de cuidado que são as rendas de bilros. Quem sabe se a manufactura das rendas nos veio, como tantas outras industrias, da frequencia da nossa gente aos portos de Flandres, onde parece que ella foi inventada?

Ahi tendes um grupo d'essas *fabricantas* de rendas, de Peniche (em Vianna chamam-se *feitoreiras*), encruzadas á maneira dos arabes, diante das *almofadas* cylindricas; n'estas se pregam os *piques*, moldes de cartão assafroado com o desenho da renda a executar, picado nos pontos onde devem ser armados os *alfinetes;* pelos alfinetes, que se contam ás duzias, passam os fios que dos *bilros* se vão desenrolando; os bilros, de fórma bem carecteristica, podem ser, consoante as posses da fabricanta, de pinho, de madeiras exoticas e até de marfim.

Assim se executam esses preciosos artefactos, enlevo das damas e delicado enfeite de suas galas, que ellas pagam por bom preço. Mas d'esse preço não recolhem as pobres fabricantas senão bem pequena parte; o melhor fica nas mãos dos *rendeiros*, negociantes que quasi sempre adiantam o mesquinho ganho das artifices em materia prima, em comestiveis e artigos de vestuario, cotados a valores exorbitantes, e nas dos *vendedores* ambulantes que a seu turno vão distribuir as rendas pelo paiz.

Dizem os entendidos que as antigas rendas de Peniche podiam hombrear com as famosas de Malines; mas ulteriormente a fabricação tinha decahido, e abandonára-se a feição antiga para descambar em desenhos de mau gosto. Por isso em 1887 foi instituida em Peniche a Escóla Industrial *Rainha*

Bemfeito, et celle de S. Pedro, du XIVme siècle. Dans une de ces églises j'ai vu le tombeau de D. Fernando de Noronha et de sa femme, un des plus beaux spécimens de sculpture en marbre du style Renaissance...»

Voyez donc si la ville d'Obidos avec ces cinq rues principales que l'on parcourt en un clin d'œil n'est pas un véritable musée d'art national!

Et encore son nom a été adopté par la fameuse peintre portugaise D. Josepha d'Ayala de Figueiredo, plus connue comme *Josefa d'Obidos*, qui a vécu au XVIIme siècle presque toujours dans le domaine de Capelleira, près de la ville. Ce fut là qu'elle peignit de nombreux tableaux de sujets religieux, étant aussi très remarquable pour ses portraits, peinture de fleurs et *gravure en métal*. Dans les églises de Obidos on voit beaucoup de ses travaux; le plafond de l'église de la Miséricorde de Peniche est tout recouvert de peintures de Josefa d'Obidos.

*
*　*

Faute d'espace je ne puis pas citer de nombreux faits remarquables qui remplissent l'histoire de l'ancienne ville, aujourd'hui presque ensevelie dans l'oubli, de même que ses légendes qui sont aussi de l'histoire écrite par la foi la plus ardente et l'enthousiasme le plus patriotique. Je rappèlerai seulement que Obidos a mérité le titre de *sempre leal* (toujours loyale) par la noble résistance qu'elle opposa en 1246 au siége des partisans de D. Affonso III, se maintenant jusqu'à la fin de la lutte toujours fidèle au malheureux D. Sancho II, auquel elle avait juré fidélité; et que le 15 Août 1808 eut lieu sous ses murs le premier combat entre l'armée anglo-portugaise commandée par Wellesley, et les troupes françaises conduites par Delaborde, un des lieutenants de Junot, qui, la journée du 17, devaient être vaincus au combat de Roliça, une lieue au sud d'Obidos.

Peniche

Dentelles de fil — Dentelles de pierre

Je ne sais pas par quel singulier contraste, les endroits au bord de la mer où on se livre au rude labeur de la pêche, sont presque toujours ceux qui produisent les plus délicats ouvrages féminins. Vianna do Castello, Villa do Conde, Peniche, Setubal, villes de pêcheurs, sont depuis un temps immémorial renommés pour les dentelles qu'on y produit. Des industries si opposées, quant aux outils, aux moyens et aux fins à obtenir, sont toutefois exercées dans ces endroits par des personnes de la même famille: les hommes vont à la mer, lutter contre les éléments, pour l'attente rusée du poisson: les jeunes filles, surtout les plus faibles qui ne peuvent pas aider les hommes dans la préparation de la pêche obtenue se livrent à ce travail patient et soigné de la dentelle aux fuseaux. Qui sait si la manufacture des dentelles nous est venue, ainsi que tant d'autres industries, de la fréquentation de nos gens aux ports de Flandres, où il parait qu'elle a été inventée?

Voici un groupe de ces *fabricantes* de dentelles, de Peniche (à Vianna on les nomme *feitoreiras*) assises, croisées à la mode des arabes, devant les coussins cylindriques; sur ceux-ci on pique les *piques* (épingles), les modèles en carton jauni avec le dessin de la dentelle à faire, troué aux endroits où doivent être placées les épingles; entre ces épingles, que l'on compte par douzaines, passent les fils qui se déroulent des fuseaux; les fuseaux de forme caractéristique, peuvent être, selon les moyens de l'ouvrière, en sapin, en bois exotique et même en ivoire.

C'est ainsi que sont exécutées ces précieuses garnitures, qui garnissent si délicatement les toilettes de gala et qui sont si chèrements payées. Mais de ce gain, les ouvrières ne reçoivent qu'une faible partie; la plus grosse part reste aux mains des dentelliers, négociants qui avancent presque toujours le mince salaire des ouvrières, en espèces, en comestibles, en objets de toilette cotés à des valeurs

D. Maria Pia, com o fim muito especial de fazer resurgir a antiga originalidade dos productos, dando, porém, o necessario impulso para que elles podessem aperfeiçoar-se em qualidade e desenvolver-se em quantidade. Para dirigir a escóla foi nomeada a snr.ª D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, d'essa familia em que o superior instincto artistico é dote commum. Boa era a escolha; mas o amparo official affrouxou, e outras causas houve ainda que desgostaram a professora. Deixou ella a escóla e veio estabelecer-se na capital com algumas fabricantas de Peniche, ensinando depois outras de Lisboa que se têm tornado primorosas artifices; na sua officina se produzem hoje preciosas rendas, adquiridas, triste é dizel-o, principalmente por estrangeiros, e que ultimamente obtiveram um *grand prix* na Exposição de S. Luiz.

Perdeu muito a industria das rendas de Peniche, e mais ainda por serem as fabricantas levadas a produzir obra barata, a qual, apesar d'isso, não póde competir em preço com as rendas de tear. Pois bem mereciam ellas que se desse nova orientação aos seus trabalhos.

E agora uma nota curiosa. Os vendedores ambulantes das rendas de Peniche, para as exaltar, dizem que ellas são de D. Maria Augusta. Lisongeiro reclamo para o nome da artista, mas que esta renega, como é facil comprehender.

*
* *

As rendas de bilros são um producto da Arte. Mas a Natureza tambem é artista, tambem faz rendas. Para materia prima escolhe umas vezes as nuvens do céo ou a espuma do mar, e então a sua obra deslumbrante desfaz-se com o sopro da aragem ou com o quebrar da vaga em flôr; outras vezes, porém, executa obra mais duradoura, e transforma em rendas as negras penhas das arribas.

Toda a nossa costa nos apresenta frequentes trechos de tal maravilha. A acção persistente, durante seculos, do bater das ondas sobre as rochas realisou n'ellas os mais caprichosos desenhos e rendilhados que se podem imaginar. São castellos roqueiros, palacios de fadas, figuras encantadas e ás vezes até semelhanças de sêres humanos, de aves e d'outros animaes. Por noites de luar intenso, na maré baixa, parecem tomar vida as prodigiosas phantasias da Natureza; os recortes das pedras apresentam-se mais indecisos talvez, mas produzindo maior illusão; nas cavidades das lages batidas de luz rebrilham as aguas represadas; as sombras projectadas pelas saliencias deixam entrever grutas afestoadas de trepadeiras que não murcham, e fazem suspeitar fantasmas que espreitam e que se escondem; o *fabricante* millenario descança, parece adormecido; só a espaços a sua respiração alta interrompe o silencio universal; é a hora propicia, exhibem-se em todo o esplendor as rendas de pedra.

A peninsula de Peniche está rodeada de sitios assim; um d'esses é representado pela nossa photogravura, e como em muitos outros da beira-mar, tambem elle tem a sua lenda.

Em tempos que já lá vão, havia em Peniche dois homens nobres e opulentos que mutuamente se odiavam; mas, como tantas vezes acontece, Rodrigo, filho d'um d'esses homens, apaixonou-se por Leonor, filha do outro. Conhecedor do aborrecido affecto, o pae de Rodrigo obrigou este ao noviciado na ordem de S. Jeronymo, no mosteiro da Berlenga, fundado pela viuva d'El-Rei D. Duarte. A dôr dos dois amantes encontrou lenitivo na complacencia d'um velho pescador, que na sua barca, por horas mortas, trazia da Berlenga o louco enamorado a encontrar-se n'uma gruta da costa com a sua promettida. Uma noite Leonor, descoberta na saida da casa paterna, intenta fugir aos que a procuram; saltando de rocha em rocha, resvala e despenha-se nas ondas. Rodrigo, ao chegar, não vê o facho que devia assignalar a presença de Leonor; inquieto, não tarda a reconhecer o manto da sua amada que fluctuava sobre a agua; no desespero que o invade, lança-se ao mar e morre.

Ainda hoje mostram em Peniche uma gruta aberta na rocha e um trecho de penedia alcantilada: são os *paços de D. Leonor* e o *sitio de Frei Rodrigo*.

Lisboa, Março de 1905.

Vicente Almeida d'Eça.

exorbitantes, ou alors au profit des vendeurs ambulants qui à leur tour répandent les dentelles dans tout le pays. Les connaisseurs disent que les anciennes dentelles de Peniche pouvaient se comparer aux fameuses dentelles de Malines; mais après celà la fabrication a déchu et perdu son cachet antique pour tomber dans des dessins d'un goût douteux. C'est pour cela qu'en 1887 on a institué à Peniche l'École Industrielle *Rainha D. Maria Pia* afin de faire revivre l'ancienne originalité des produits, mais en lui accordant les moyens nécessaires au perfectionnement de la qualité et au développement de la quantité. La direction de l'école a été confiée à Madame Maria Augusta Bordallo Pinheiro, qui appartient à une famille entièrement douée des instincts les plus artistiques. Le choix était des plus heureux, mais l'aide officielle tomba en désuétude, sans parler d'autres raisons qui déplûrent à la directrice. Elle quitta l'école et vint s'établir à Lisbonne avec quelques ouvrières de Peniche et quelques autres qu'elle forma ensuite et qui sont devenues d'habiles artistes; dans son atelier on exécute actuellement des dentelles admirables, qui (il est triste de le dire) sont pour la plupart acquises par des étrangers et qui ont obtenu dernièrement un *grand prix* à l'Exposition de St Louis.

L'industrie des dentelles de Peniche a beaucoup baissé, d'autant plus que les *fabricantes* sont portées à faire de l'ouvrage à bon marché, quoique les produits ne puissent pas se vendre à un aussi bas prix que les dentelles tissées. C'est dommage, car elles mériteraient bien qu'on leur donna une nouvelle orientation.

Il est curieux de remarquer que les débiteurs ambulants de dentelles de Peniche afin de renchérir leurs marchandises, disent qu'elles sont de Dona Maria Augusta. C'est une flatteuse réclame pour le nom de l'artiste, mais qu'elle renie, comme on le comprend bien.

*
* *

Les dentelles aux fuseaux sont un produit de l'Art, mais la nature est aussi artiste et fait aussi ses dentelles. Comme matériel, elle prend parfois les nuages du ciel ou l'écume des flots, et alors son œuvre éblouissante se disperse au souffle de la brise, ou au brisement de la vague à peine formée; mais quelquefois elle présente des ouvrages plus durables et produit des dentelles avec les rochers noircis de la rive.

Sur toute notre côte on aperçoit de ces merveilles. L'action persistante pendant des siècles du choc des vagues sur les écueils produit les dessins et les dentelures les plus capricieux qu'on peut imaginer. On voit des châteaux rocailleux, des palais de fées, des figures enchantées et même des images semblables à des êtres humains, à des oiseaux et à d'autres animaux. Pendant les nuits de clair de lune, à la marée basse, les prodigieuses fantaisies de la nature semblent prendre vie; les découpures de pierre sont peut-être plus indécises mais l'illusion est plus grande; dans les cavités des rochers baignés de lumière, l'eau contenue scintille; les ombres projetées par les saillies laissent entrevoir des grottes enguirlandées de fleurs qui ne se fanent pas, et font penser à des fantômes qui se cachent et qui guettent; l'éternel artisan repose et semble endormi; à peine de temps en temps sa forte haleine brise le silence universel; c'est l'heure propice où les dentelles de pierre se présentent en tout leur splendeur.

La péninsule de Peniche est entourée d'endroits de ce genre; et notre photogravure en reproduit un, qui comme beaucoup d'autres a aussi sa légende.

On raconte qu'autrefois il y avait à Peniche deux hommes opulents et nobles qui se haïssaient mutuellement; mais, comme il arrive bien des fois, Rodrigo, fils de l'un deux, devint amoureux de Leonor, fille de l'autre. Informé de cet amour, le père de Rodrigo l'obligea à faire son noviciat dans l'ordre de S. Jeronymo, au couvent de Berlenga, fondé par la veuve du Roi D. Duarte. La douleur des deux amants fut un peu amoindrie par la complaisance d'un vieux pêcheur, qui à des heures indues, amenait dans sa barque l'amoureux fou qui venait trouver sa promise dans une grotte de la côte. Une nuit Leonor, découverte en sortant de la maison paternelle, essaya de fuir ceux qui la poursuivaient; sautant d'écueil en écueil elle roula et tomba dans les flots. Rodrigo, en arrivant, ne vit pas le flambeau qui devait lui annoncer la présence de Leonor; inquiet, il ne tarda pas à reconnaitre le manteau de sa bien aimée qui flottait sur l'eau; pris de désespoir il se jeta à la mer où il périt.

On montre encore à Peniche une grotte ouverte dans le rocher et un groupe de roches escarpées; c'est le *palais de D. Leonor* et le *site de Frère Rodrigo*.

Vicente Almeida d'Eça.

A Batalha

Convento de Santa Maria da Victoria

(Concluido do n.º 52)



Resumindo a chronologia do edificio — egreja e convento — apuram-se os seguintes factos: Não ha documento official da fundação. Presume-se que os trabalhos começaram, como era tradicional, pela abside (Capella-mór e collateraes) em 1386, cêrca de um anno depois de ferida a batalha de Aljubarrota, durante a qual El-rei D. João I fizera o voto a Nossa Senhora (festa da Assumpção a 15 de agosto). A egreja ficou, pois, com a invocação de Santa Maria da Victoria, titulo condensado posteriormente na unica palavra: *a Batalha,* quando em volta da construcção se foi agrupando a casaria dos servidores do convento, transformada em breve em uma povoação nova.

El-rei doou o edificio á Ordem de S. Domingos, estando occupado no cêrco de Melgaço. A carta de doação foi passada no Porto, a 4 de abril de 1388. N'ella affirma o monarcha que o mosteiro já estava começado. Portanto, entre 14 de agosto de 1385 — dia da Batalha — e janeiro de 1388 está, com certeza, a data da fundação.

Trabalhou-se com grande energia, poderosos recursos e exemplar probidade durante trinta annos, pois a 15 de outubro de 1416 foram trasladados para a Capella-mór os restos mortaes da Rainha D. Felipa, fallecida em Lisboa a 19 de julho de 1415. Devia, pois, estar terminada em outubro de 1416 a abside, com as capellas collateraes e conjunctamente as naves da egreja. O corpo de D. Felipa foi transferido com o de El-rei, fallecido em agosto de 1433, para a Capella do Fundador em 1434. O testamento do illustre principe, escripto em 1426, recommenda que se «acabe a Crasta (Claustro Real), casarias e todolos outros edificios que a bom comprimento do mosteiro forem necessarios». Pouco antes declara para sua sepultura a capella-mór, onde estava sua esposa, ou a «outra que Nós ora mandamos fazer, depois que fôr acabada». É natural que de 1426 a agosto de 1433 as obras na Capella do Fundador estivessem terminadas, para D. Duarte poder realisar a solemne transferencia dos esposos em 1434. O curto reinado do sympathico principe, a que a historia deu o nome de *Eloquente* (1433-1438), não foi parco de obras, na Batalha. Um documento passado a 10 de maio de 1436, dá providencias sobre a serventia de aguas para o Claustro Real e a sua bella fonte monumental, que fazem presumir a conclusão das obras n'elle, tão desejadas por seu pae. O obediente filho ainda encontrou recursos para inaugurar a obra das Capellas Imperfeitas, cuja iniciativa lhe pertence, segundo a expressa declaração de El-rei D. Manuel, no seu testamento de 1517. Este ultimo, recommendando ao successor que se acabassem, não quiz, porém, terminal-as, posto que vivesse ainda quatro annos depois de escripta a ultima vontade. Estava todo entregue ás construcções de Belem. A inscripção latina do *atrio* das Capellas Imperfeitas, que dá como terminada essa obra em 1509, é preciosa quando posta em confronto com a da varanda da *Loggia* superior (1533), porque prova que em 24 annos se caminhou com muita preguiça, a que alludem talvez certos *caracoes* symbolicos da ornamentação interior! Vingança de alvenel? Quem sabe! O muito que se construiu em 30 annos, sob o impulso energico de D. João I, 1386 a 1416, contrastaria com esses 24 annos de doce somnolencia, se não soubessemos quanto D. Manoel se esforçou em Belem, quanto D. João III se esmerou em Thomar, em bellissimas obras!

Depois de 1533 afrouxa muito sensivelmente o interesse artistico que podemos ligar á parte architectonica do mosteiro. Já dissemos mais atraz (n.º 50, pag. 3) que n'esta empreza — a da construcção da Batalha — «andaram seculos, se sommarmos os dez ou onze collaboradores da dynastia de Aviz». Em nota os apontei todos; e de todos ha documentos que revelam protecção e concedem mercês, mais ou menos valiosas para pequenas obras, até ao governo do Cardeal-rei D. Henrique, inclusivè. Mas os tempos aureos haviam passado. E não voltaram mais, senão em nossos dias, de 1840 em diante, sob a direcção de Mousinho de Albuquerque (vid. *Fontes* n.º 49).

A ordem em que o leitor deve examinar as estampas (são 16) para coordenar as suas impressões, antes e depois da visita, deve ser a seguinte, corrigindo e completando os titulos, como segue:

O Mosteiro exterior: 1. Vista geral do mosteiro, lado Sul — 2. Fachada principal — 3. em duas metades *a*) Porta principal; *b*) Porta lateral, lado Sul — 4. Exterior da egreja, lado norte e lanço do Claustro Real.

Batalha

Couvent de Santa Maria da Victoria

(Voir le numéro 52)



En résumant la chronologie de l'édifice — église et couvent — on déduit les faits suivants: Il n'existe pas de document officiel de la fondation. On suppose que les travaux commencèrent, comme de juste, par l'abside (Sanctuaire et collatéraux) em 1386, à peu près un an après la bataille d'Aljubarrota, pendant laquelle le Roi D. Jean I fit le vœu à notre Dame (fête de l'Assomption le 15 Août). L'église resta donc sous l'invocation de Sainte Marie de la Victoire, condensée plus tard dans le seul mot: la *Batalha,* quand, autour de la construction, fut groupée toute la maisonnée des serviteurs du couvent, qui devint bientôt une population nouvelle.

Le Roi, occupé au siège de Melgaço, fit don de l'édifice à l'Ordre de St Dominique. La lettre de donation fut passée à Porto, le 4 Avril 1388 et le monarque y assure que le monastère était déjà commencé. La date de sa fondation doit donc être forcément entre le 14 Août 1385 — jour de la Bataille — et le mois de Janvier 1388.

On a dû y travailler avec beaucoup d'énergie, de puissantes ressources et une probité exemplaire pendant trente ans, puisque le 15 Octobre 1416, la dépouille mortelle de la Reine D. Felipa, décédée à Lisbonne le 19 Juillet 1415, y a été ensevelie. L'abside, avec les chapelles collatérales ainsi que les nefs de l'église, devait donc être terminé en Octobre 1416. Le corps de D. Felipa fut transféré à la chapelle du Fondateur en 1434, avec celui du Roi mort en Août 1433. Le testament de l'illustre prince, fait en 1426, recommande que l'on «finisse le Cloître Royal, les maisons et tous les autres édifices nécessaires à l'achèvement complet du monastère». Un peu avant il destine pour sa tombe le sanctuaire où reposait déjà son épouse, ou alors «un autre tombeau que nous avons maintenant fait construire, lorsqu'il sera terminé.» Il est probable que de 1426 jusqu'à Août 1433, les travaux de la chapelle du Fondateur aient été finis, pour que D. Duarte aît pu réaliser la translation solennelle des deux époux en 1434. Le règne si court de ce prince sympathique, auquel l'histoire a donné le surnom d'*Éloquent* (1433-1438), ne fut pas avare en travaux, à Batalha. Un document passé le 10 Mai 1436, règle la servitude des eaux du Cloître Royal et sa belle fontaine monumentale, qui rend présumable la conclusion de ces travaux, si désirés par son père. Le fils obéissant trouva encore des ressources pour inaugurer l'œuvre des Chapelles Imparfaites, dont il a eu l'initiative, selon la déclaration formelle du Roi D. Manuel, dans son testament de 1517. Ce dernier, tout en recommandant leur conclusion à son successeur, ne voulut pas cependant les terminer quoiqu'il vêcût encore quatre ans après avoir écrit sa dernière volonté. Il était alors tout entier aux constructions de Belem. L'inscription latine du *parvis* des Chapelles Imparfaites, qui reporte la conclusion de ce travail à 1509, est précieuse, surtout lorsqu'on la confronte avec celle de la *verandah* de la *Loggia* supérieure (1533), parce qu'elle prouve que pendant 24 ans on chemina très paresseusement, et peut-être certains *colimaçons* symboliques des ornements intérieurs prétendent y faire allusion! Ou qui sait, si cela représente tout simplement une vengeance de maçon? L'impulsion énergique de D. Jean I, de 1386 à 1416, imprimée à ce que l'on a construit pendant 30 ans marquerait un contraste sensible avec ces 24 ans de somnolence, si on ne pensait à tout ce que D. Manuel fit à Belem et D. Jean III à Thomar en fait de travaux magnifiques!

L'intérêt artistique que nous pouvons porter à la partie architecturale du monastère diminue sensiblement depuis 1533. Nous avons déjà dit plus loin (n.º 50, pag. 3) que dans la construction de Batalha «on peut compter des siècles, si on additionne les dix ou onze collaborateurs de la dynastie de Aviz»! Je les ai tous notés; et il y a des documents qui révèlent leur protection et la concession de privilèges, plus ou moins importants pour de petits travaux, jusqu'au temps du Cardinal-Roi D. Henri inclusivement. Mais le bon temps était passé et il ne revint désormais que de nos jours depuis 1840, sous la direction de Mousinho de Albuquerque (vid. *Fontes,* nº 49).

La marche à suivre pour que le lecteur puisse examiner ces gravures (16) et coordonner ses impressions, avant et après la visite, en corrigeant et complètant les titres, doit être la suivante:

Le Monastère extérieur: 1. Vue générale du monastère, coté sud — 2. Façade principale — 3. en

Vista geral, projecção longitudinal, lado Sul. Na linha da fachada, abrangendo o espaço do 1.º ao 4.º botareu ou gigante, vemos a Capella do Fundador, mas sem o corucheu, uma pyramide octogona que Murphy ainda desenhou em 1795. Percebe-se bem a nave central construida em oito tramos, que dão sete janellas, estando no logar da oitava os contrafortes que reforçam os gigantes do cruzeiro; no respectivo massiço de cantaria occulta-se uma das duas escadas que dão accesso ao primeiro e segundo terraço horizontal do templo; a outra escada está no lado opposto.

A bella porta lateral, de desenho archaico (estampa 3. *b*) collocada no cruzeiro debaixo da unica, mas grandiosa janella, fica occulta pelas casas da villa; apenas se avista parte da graciosa empena. Segue-se a Capella-mór, o atrio das Capellas Imperfeitas accusado pela escura janella sem vidraça, de elegante moldura; por cima os arcos-botantes que, partindo da abside central, vem apoiar-se nas grossas columnas cylindricas das Capellas Imperfeitas. Estes tambores têm uma dupla funcção: fornecem os elementos constructivos para o enfeixamento do grandioso portico das Capellas e encerram as escadas em espiral que conduzem á *Loggia*, no segundo andar; identica disposição encontra-se em Thomar no Convento de Christo (cantos do Claustro dos Felipes) e em Belem na Capella-mór dos Jeronymos.

A ideia da collocação da escada em tambores massiços de cantaria foi talvez copiada da Cathedral de Burgos, que reflecte identico motivo, usado tambem na cathedral de Toledo (*Portada del Reloj*) e em Saint-Maclou de Ruão (França).

A estampa da fachada principal 2. completa-se com o n.º 3 que offerece as duas portas em ponto maior. A ornamentação da archivolta da porta principal com seis ordens (seis arcos reintrantes) de estatuas de santos, prophetas e reis, dispostos em nichos n'uma especie de amphitheatro, é de uma rara formosura, de grande riqueza, mas sem excesso, traçada n'um desenho claro, sem prejudicar a composição principal do timpano: o Padre Eterno abençoando o mundo. Sublinhamos mais uma vez o archaismo sobrio, o traçado severo, o ornato da porta lateral, todo *romanico* (3. *b*) na archivolta e o traçado, ainda romanico, da columnata. Os desenhos heraldicos do triangulo interno da empena são finissimos, quasi lavor de ourives. As proporções de todos os elementos do portal accusam na sua admiravel e casta simplicidade a obra de um mestre consummado.

O elemento decorativo vegetal que predomina é a folha de carvalho; o elemento decorativo geometrico é o trilobulo, construido sobre o triangulo.

Ainda na parte exterior devemos chamar a attenção do visitante para a estampa n.º 4. É externa emquanto á nave da egreja (lado do Evangelho); apresenta todas as sete janellas; da oitava, supprimida na construcção, já fallamos. É interna emquanto ao lance Norte do Claustro Real, que produz, combinado com as vidraças, o effeito grandioso de tres andares sobrepostos. O lado Sul não provoca esta illusão; a casaria da villa prejudica-o, mas esse lado offerece-nos a incomparavel janella, aberta sobre a porta lateral, a qual corta os dois andares do templo em toda a altura, e vae expirar no friso rendilhado da cobertura.

O Mosteiro interior: 5. Nave central — 6. Claustro Real, vista geral — 7. Interior do claustro, ou passeio de um dos lanços; está á vista o systema do artezoado da abobada, com suas laçarias ou artezões. — 8. Uma porta e janella do Claustro Real. A ogiva é egual em ambas as aberturas, construida sobre um triangulo de lados deseguaes (vide Murphy, Plate I, Fig. 2). A *bandeira*, isto é a renda de pedra, é de estylo *manoelino*, e foi intercalada no vão, provavelmente no primeiro decennio do seculo XVI (1500-1510). Repare-se na pequena *esphera armillar* (emblema de D. Manoel), na segunda linha do entrelaçamento da porta; repare-se egualmente na janella, nas duas *Cruzes da Ordem de Christo*, milicia sagrada das conquistas, symbolo do Mestrado do Infante D. Henrique, e talvez allusão ainda ao monarcha D. Manoel que reuniu o prestigio, o poder e a riqueza das Tres Ordens Militares (Christo, S. Thiago e Aviz) na sua pessoa, e á corôa, para sempre. A laçaria seria classificada em Hespanha de *mudéjar*. O systema gothico de ornamentação, propriamente *lobular* e rigorosamente geometrico, está dissolvido n'um *vegetabilismo* todo naturalistico, com reminiscencias de estylisação arabe ou antes *mourisca*. É de presumir que primitivamente as portas e janellas do Claustro Real tivessem columnas e maineis de perfil gothico, em vez dos supportes redondos, que ora vemos, os quaes assentam todavia ainda sobre bases polygonaes e terminam em capiteis tambem polygonaes.

Como prova do que acabamos de allegar, ahi está a estampa 9. *Porta e Janella da Casa do Capitulo*, casa ligada organicamente ao Claustro Real; lá vemos os pilares polystylos com os seus enfeixa-

deux parties, *a*) Porte principale; *b*) Porte latérale, côté sud — 4. Extérieur de l'église, côté nord et lancement du Cloître Royal.

Vue générale, projection longitudinale, côté sud. Sur la ligne de façade, comprenant l'espace du 1er au 4me arc-boutant, nous voyons la chapelle du fondateur, mais sans la flèche, une pyramide octogonale dessinée encore par Murphy en 1795. On aperçoit bien la nef centrale construite en huit travées qui donnent sept fenêtres, et à la place de la huitième les contreforts qui renforcent les arcs-boutants du transept; dans ce massif de pierre se trouve un des deux escaliers qui donnent accès à la première et à la deuxième terrasse horizontale du temple; l'autre escalier est situé du côté opposé.

La belle porte latérale, de dessin archaïque (grav. 3. *b*) placée au transept sous l'unique et majestueuse fenêtre, est cachée par les maisons du bourg et on aperçoit qu'une partie du joli fronton. Ensuite le sanctuaire, le parvis des Chapelles Imparfaites reconnaissable par l'obscure fenêtre sans carreaux et d'élégante moûlure; au dessus les arcs-boutants qui, partis de l'abside central, viennent s'appuyer sur les grosses colonnes cylindriques des Chapelles Imparfaites. Ces tambours ont double fonction: ils fournissent les éléments constructifs pour l'assemblage du majestueux portique des chapelles et ils renferment les escaliers en spirale qui menent à la *Loggia*, au deuxième étage; on trouve la même disposition à Thomar aux coins du Cloître des *Filippes* du Couvent du Christ, et à Belem au sanctuaire des Jeronymos.

L'idée de placer les escaliers dans ces massifs de pierre a été peut-être empruntée à la cathédrale de Burgos qui répète le même motif employé aussi à la cathédrale de Toledo (*Portada del Reloj*) et à St. Maclou de Rouen (France).

La gravure de la façade principale 2. se complète avec le nº 3 qui présente les deux portes en plus grandes dimensions. L'ornement de l'archivolte de la porte principale avec six arceaux rentrants et six rangées de statues de saints, de prophètes et de rois, disposées en niches comme une espèce d'amphithéatre est de rare beauté, de grande richesse, mais sans exagération, d'un dessin clair que ne nuit pas à la composition principale du tympan: le Père Éternel bénissant le monde. Nous soulignons encore une fois l'archaïsme sobre, le dessin sévère, l'ornement de la porte latérale, de l'archivolte tout *roman* (3. *b*) et le dessin, également roman, de la colonnade. Les dessins héraldiques du triangle intérieur du faîteau sont presque aussi fins qu'un travail de joaillier. Les proportions de tous les éléments du portail révèlent dans leur admirable et chaste simplicité l'œuvre d'un maître éminent.

L'élément décoratif végétal qui prédomine est la feuille de chêne; l'élément décoratif géométrique est le trilobule, construit sur le triangle.

Dans la partie extérieure nous devons encore faire remarquer au visiteur l'estampe nº 4; elle présente extérieurement ce qui se rapporte à la nef de l'Eglise, côté de l'Evangile, et montre les sept fenêtres, la huitième étant supprimée, comme nous l'avons dit. Intérieurement c'est la partie nord du Cloître Royal, qui produit avec les vitraux l'effet grandiose de trois étages superposés. Le côté sud ne fait pas cette illusion; les maisons du bourg lui nuisent, mais il nous offre l'incomparable fenêtre percée au dessus de la porte latérale, et qui coupe les deux étages du temple en toute la hauteur, se terminant à la frise dentelée de la toiture.

Le monastère intérieur: 5. Nef centrale — 6. Cloître Royal, vue générale — 7. Intérieur du Cloître ou trottoir d'un des côtés; on voit le système de nervures de la voûte, avec ses arêtes et entrelacs — 8. Une porte et une fenêtre du Cloître Royal. L'ogive des deux ouvertures est semblable, construite sur un triangle à faces inégales (voir Murphy. Plate I, fig. 2). L'imposte en pierre dentelée est de style *manoelino* et a été intercalée dans l'ouverture, probablement pendant les dix premières années du XVIme siècle (1500-1510). Qu'on remarque, la petite *sphère armillaire* (emblème de D. Manuel) sur la deuxième rangée des entrelacs de la porte, ainsi que sur la fenêtre les deux *Croix de l'Ordre du Christ*, milice sacrée des conquêtes, symbole de la *Maîtrise* de l'Infant D. Henrique et peut-être aussi allusion au roi D. Manuel qui réunit le pouvoir et la richesse des trois Ordres militaires (Christ, S. Thiago et Aviz) en sa personne, et les attacha pour toujours à la couronne. Les entrelacs seraient en Espagne classés comme *mudéjar*. Le système d'ornementation gothique proprement *lobulaire* et rigoureusement géométrique est fondu dans un *végétabilisme* tout naturalisé, avec des touches de style arabe ou plutôt *mauresque*. Il est probable que les portes et fenêtres du Cloître Royal aient eu primitivement des colonnes et des meneaux au profil gothique, au lieu des supports arrondis que nous

mentos (columnas, meias columnas e columnellos); a bandeira da janella, construida em trilobulos e quadrilobulos dentro de tres circulos, varios triangulos e um lozango. Os artezões da abobada nascem organicamente dos feixes inferiores, cujo prolongamento são. Em tudo reina uma harmonia perfeita, um lavor subtil no ornato dos capiteis, em todos os estribos e molduras, emfim, summa perfeição na esquadria dos silhares da abobada. É tudo gothico genuino e puro, ainda no começo do seculo XV! E toda esta graça senhoril não exclue a força, accentuada no stylobato ou parapeito das janellas, na possante formação das bases polygonaes dos pilares, força que põe em maior evidencia uma energia e elegancia resistentes traduzidas com suprema *sveltezza* no lançamento das nervuras que se abraçam, se ajudam e se amparam, como se abraçaram e ajudaram os irmãos que a Fé, o Amor e a Caridade reuniu outr'ora n'essa formosissima Sala capitular. — É a apotheose da ideia redemptora de uma união indissoluvel: *Patria, salus vitæ — Amor, vitæ salus.*

10. **Capella e Mausoleu do fundador.** No centro o cenotaphio (sarcophago, mausoleu) de D. João I e D. Felipa de Lencastre, sua esposa; a extensa inscripção latina é quasi uma biographia dos conjuges, que se dão a mão mutuamente, na vida e na morte. O Rei está sem barba, como no retrato do seculo XV, que descobrimos em 1875 n'um dos museus imperiaes de Vienna d'Austria (*Ambraser-Sammlung*), retrato notavel pela inscripção allusiva á Batalha de Aljubarrota e que indicámos a Oliveira Martins (reproduzido em *A Vida de Nun'Alvares*, pag. 87). No fundo da estampa avistam-se os cenotaphios dos Infantes D. Fernando e D. João, *abertos*, sem o frontal.

11. **Tumulos dos Infantes.** D. Pedro e sua esposa D. Isabel de Aragão-Urgel; D. Henrique (unico que apresenta a figura de corpo inteiro; a cabeça sob um docel); D. João e sua esposa D. Isabel (Barcellos-Bragança); D. Fernando, só, porque morreu solteiro, como D. Henrique. Os nomes com que a historia consagrou a «inclyta geração dos altos Infantes», o *Regente* — o *Navegador* — o *Condestavel* — o *Santo*, captivo em Fez, a quem Calderon immortalisou no *Principe constante*, apregoam eternamente a sua fama. O terceiro, menos conhecido, foi, por sua filha, avô da grande Rainha D. Isabel a *Catholica*, que unificou a Hespanha. Estes tumulos e seu incomparavel desenho, composição architectonica, decoração florida, lavor technico e symbolismo historico serviram de modelo a outros que a grande nobreza levantou em pedra semelhante, calcarea.

Os Menezes no convento de S. Francisco de Santarem; os Almeidas em Santa Maria do Castello de Abrantes, os jazigos de outros senhores que havia em S. Domingos de Santarem (destruidos) reflectem com a mais clara evidencia uma *emblemaria*, ou arte singular de combinar motes e emprezas, copiada sem duvida da Batalha, cheia de mysteriosas allusões, que estão pedindo ha muito o subtil engenho de um Alciato ou de um Giovio lusitano para as revelar. Mais tarde, o que é ainda relativa clareza nos tumulos dos Infantes, transforma-se, nas Capellas Imperfeitas, em enigmas quasi indecifraveis!

12. **Capellas Imperfeitas**; exterior lado Sul — 13 a 15. Idem, vistas internas, sendo 13: Aspecto exterior do grande portico — 14. Aspecto interior do mesmo — 15. Angulo no segundo andar das Capellas, no qual se desenha a formação das grandes janellas que esse andar deveria ter (uma em cada um dos oito lados; vide a lanterna da Capella do Fundador) e o *arranque* dos artezões entre os dous nichos vazios. Os artezões deveriam, quando continuados, formar a laçaria ou artezoado da abobada, occulta exteriormente por uma pyramide octogonal (vid. projecto de Murphy). Devo advertir que o capitel junto ao arranque, é quasi inutil, quando posto sobre um fuste que, devendo accusar força e solidez, é formado (suprema ironia ou capricho infantil do debuxador) por um enfeixamento de linhas quebradas (*batons rompus*) em zig-zag!

16. **Campanarios e terraços do mosteiro.** No fundo vê-se o telhado de tres cumes da Casa Capitular, formando pyramides baixas de quatro faces; tem ossatura especial e não assenta sobre a abobada interior delgadissima, que é uma das maravilhas do mosteiro. Esse esqueleto merece exame especial; entra-se por um postigo aberto ao nivel do terraço. O visitante vê então a abobada pela parte superior, como se fossem os gommos de uma laranja, no vão que a separa da armação.

Joaquim de Vasconcellos.

Erratas e pequenas emendas. — N.º 49, pag. 4, nota 1: nota de José do Canto no livro de Jorge Coelho; leia-se, ao livro. N.º 50, pag. 3: durante o sec. IX; leia-se XIX. N.º 52, pag. 4, nota 2: obra italiana; emende-se: lavor italiano.

voyons actuellement, et qui reposent toutefois sur des bases polygonales se terminant par des chapiteaux aussi polygonaux.

La gravure 9 est une preuve de ce que nous venons de dire. *Porte et fenêtre de la salle du Chapitre;* reliée organiquement au Cloître Royal; nous y voyons les piliers polystyles avec leurs faisceaux (colonnes, demi-colonnes et colonnettes); l'imposte de la fenêtre construite en trilobules et quadrilobules dans trois cercles, quelques triangles et un losange; les nervures de la voûte partent des faisceaux inférieurs, dont elles présentent le prolongement. Une harmonie parfaite règne sur tout celà, l'ornement des chapiteaux est délicieusement fouillé, de même que les moulures et les consoles, l'équerrement des arêtes de la voûte est, en somme, le comble de la perfection, tout du gothique le plus pur, encore à l'aube du XVme siècle! Et toute cette gracilité n'exclue pas la force, accentuée dans le stylobate ou balcon des croisées, dans la puissante formation des bases polygonales des piliers, mettant en évidence une résistance énergique et élégante, qui s'epanche avec une suprême sveltesse dans le lancement des nervures qui s'embrassent, s'aident et se soutiennent comme se sont embrassés et soutenus les Frères que la Foi, l'Amour et la Charité a autrefois réunis dans cette belle Salle capitulaire. — C'est l'apothéose de l'idée rédemptrice d'une union indissoluble: *Patria, salus vitæ — Amor, vitæ salus.*

10. **Chapelle et Mausolée du Fondateur.** Au centre le cénotaphe (sarcophage, mausolée) de D. Jean I et D. Felipa de Lencastre, son épouse; la longue inscription latine est presque une biographie des époux, qui se donnent la main mutuellement, dans la mort comme dans la vie. Le roi n'a pas de barbe, comme son portrait du XVme siècle, que nous avons découvert en 1875 dans un des musées impériaux de Vienne (*Ambraser-Sammlung*), remarquable par l'inscription relative à la bataille de Aljubarrota, et que nous avons indiqué à Oliveira Martins. Au fond de la gravure on voit les cénotaphes des Infants D. Fernando et D. João, ouverts, sans la partie antérieure.

11. **Tombeaux des Infants.** D. Pedro et son épouse D. Isabel d'Aragon-Urgel; D. Henrique (le seul dont l'image est en corps entier et la tête sous un baldaquin); D. João et son épouse D. Isabel (Barcellos-Bragança); D. Fernando, seul, parce qu'il mourut garçon, ainsi que D. Henrique. L'histoire a consacré cette «célèbre génération d'illustres Infants» par des surnoms qui rappèlent éternellement leur gloire: *le Régent — le Navigateur — le Connétable — le Saint*, captif à Fez et que Calderon a immortalisé dans le *Principe constante.* Le troisième moins renommé, fut par sa fille, aïeul de la grande Reine D. Isabel la *Catholique*, qui unifia l'Espagne. L'incomparable dessin de ces tombeaux, leur composition architecturale, la décoration fleurie, le travail technique et le symbolisme historique ont servi de modèle à d'autres que la haute noblesse fit élever en pierre calcaire semblable.

Les Menezes au couvent de S. François de Santarem; les Almeidas à Santa Maria do Castello à Abrantes, les tombes d'autres seigneurs existant à S. Domingos de Santarem et qui sont detruits, présentent d'une manière évidente une *emblemarie* ou un art singulier de combiner des devises et des maximes, copié sans doute à Batalha, avec de mystérieuses allusions qui demandaient depuis longtemps la subtile intelligence d'un Alciato ou d'un Giovio lusitain pour les déchiffrer. Mais ce qui ici est encore relativement clair, devient, dans les Chapelles Imparfaites, d'indéchiffrables énigmes.

12. **Chapelles Imparfaites.** Extérieur côté sud — 13 a 15. Vues intérieures, dont 13.: Aspect extérieur du grand portail — 14. Aspect intérieur du même — 15. Angle du deuxième étage des chapelles, où se dessine la formation des grandes fenêtres que cet étage devait avoir (une à chacun des huit côtés: voir la lanterne de la Chapelle du Fondateur) et *l'arrachement* des nervures entre les deux niches vides. Les nervures en se continuant devaient former l'entrelacement de la voûte, cachée extérieurement par une pyramide octogone (voir le projet de Murphy). Je dois avertir que le chapiteau près de *l'arrachement* est presque inutile, reposant sur un fût qui devrait présenter de la force et de la solidité, mais qui (par une ironie ou caprice enfantin du dessinateur), est formé par un faisceau de *bâtons rompus* en zig-zag.

16. **Clochers et terrasses du monastère.** Au fond on voit la toiture, en trois parties, de la Salle du Chapitre, formant des pyramides basses à quatre faces: la charpente est spéciale et n'appuie pas sur la voûte intérieure très mince, qui est une des merveilles du monastère. Cette charpente mérite une analyse particulière, et on y entre par une petite porte percée au niveau de la terrasse. Le visiteur voit alors la voûte par la partie supérieure, comme des quartiers d'une orange, dans l'espace qui la sépare de la charpente.

Joaquim de Vasconcellos.

As Capellas Imperfeitas

e a Lenda das devisas gregas



M obras portuguesas, quer quatrocentistas, quer pertencentes á época aurea da literatura, encontramos a miudo referencias ás devisas de D. João I, D. Felipa de Lencastre e toda a inclita geração dos Infantes seus filhos — devisas que se conservam insculpidas na muito perfeita capella do Fundador: *Il me plait* (D. João I) — *Por bien* (D. Felipa) — *Desir* (D. Pedro) — *Talant de bien fere* (D. Henrique) — *Ieay bien raison* (D. João) — *Le bien me plait* (D. Fernando).

Redigidas, segundo o estylo da idade-media, no idioma que desde o seculo XII fôra a linguagem internacional das côrtes, todas essas *letras*, inspiradas pelo mesmo nobre espirito cavalheiresco e pela mesma aspiração á virtude ou ao summo bem, são de uma singeleza e transparencia encantadoras e nunca suscitaram duvidas ou discussões.

Com as Capellas Imperfeitas, muito impropriamente chamadas *Mausoleo de D. Manoel* por alguns auctores modernos, não acontece o mesmo. Não me consta que qualquer dos numerosos pregoeiros quinhentistas da fama e fortuna do rei Venturoso se tenha referido ás empresas ou inscripções emblematicas, entalhadas com insistencia provocadora em quatro dos sete cordões que contornam o altivo portico de entrada, erguido n'esse reinado durante o qual se fizeram tambem as portas do atrio, marcadas com a data 1509.

Frei Luis de Sousa, o primeiro que, depois de um estudo demorado, tratou extensamente d'esses «hieroglyphos egypcios» ou «oraculos sibyllinos» tomou a palavra um seculo depois da morte do monarca, quando já não existia pessoa capaz, não direi de saber de sciencia certa, mas de pelo menos ter alcançado por tradição, como foi que os mestres que dirigiram as obras de 1495 a 1521 e os officiaes que então lavraram o fino calcário da Batalha haviam interpretado o lemma *tãyas erey,* com o qual cobriram, de alto a baixo, quatro dos cordões externos da portada.

Segundo o erudito frade, os inquilinos mais idosos por elle consultados nem mesmo liam bem o gothico minusculo, dizendo *Tangas e Rey,* sem interpretação alguma. Pessoa de fóra, de grande juizo e vasto saber, não achando aos dois vocabulos conformidade com a lingua patria, nem com as mais vulgares da Europa, opinava, porém, que, lidas *tanyas erey* eram... gregas, significando: *buscai, inquiri novas regiões e climas!* — como se o Altissimo fallasse a D. Manoel, animando-o a não desistir dos seus valorosos pensamentos: «porque *tanyas* he accusativo do nome grego *tanya* que he o mesmo que *região,* e *erey* he o imperativo do verbo *ereo,* cuja significação he *buscar, inquirir, investigar.*» E persuadiu-o d'isso.

Contemporaneos e posteros acolheram com applausos esta curiosa interpretação e juraram *in verba magistri,* sem a submetterem a exame critico. Faria e Sousa, propagador-mór de quantas fábulas phantasticas, fingidas, mentirosas, ha na historia portuguesa, repetiu a these, modificando os pormenores arbitrariamente, sem mesmo mencionar o facundo dominicano. Frei Fortunato de S. Boaventura, pelo contrario, louva-o, adopta seu parecer, e adverte que *tãyas erey* — por elle transposto em caracteres gregos que dizem *tamias erei!* — era allusivo ao que naquelles tempos «dava mais que entender aos Portugueses, a saber: o descobrimento de novas terras e novos mares.» Em seguida promette uma *Memoria* especial para quando discutisse a etymologia do nome *Lusitania.* O bispo-conde Frei Francisco de S. Luis concorda igualmente. Convencido da boa atticidade das duas palavras, chama-as indubitavelmente gregas e allusivas ao empenho «de indagar novos e remotos paizes.» Modernamente o Visconde de Condeixa, propensíssimo a explicações metaphysicas, quer convencer o leitor de que Frei Luis de Sousa sabia coisas muito mais profundas do que dizia, mas calava-se por não se achar auctorizado a desatar um nó gordio urdido por um rei. E imita essa discreção!

Les Chapelles Imparfaites

et la Légende des devises grecques



ANS des ouvrages portugais du quinzième siècle, ou appartenant à l'apogée de la littérature, nous trouvons souvent des références aux devises de D. Jean I, D. Felipa de Lencastre et de toute la noble lignée des Infants leurs fils, — devises qui sont sculptées dans la chapelle si parfaite du Fondateur:

Il me plait (D. Jean I) — *Por bien* (D. Felipa) — *Désir* (D. Pedro) — *Talant de bien fere* (D. Henrique) — *Ieay bien raison* (D. João) — *Le bien me plait* (D. Fernando).

Écrites, d'après le style du moyen âge — dans la langue qui depuis le XIIme siècle avait été le langage international des cours, toutes ces *lettres,* inspirées par le même noble esprit chevaleresque et par la même aspiration à la perfection, sont d'une simplicité et d'une transparence charmantes, et n'ont jamais soulevé de doutes ni discussions.

Il n'en est pas de même des Chapelles Imparfaites, très improprement nommées *Mausolée de D. Manuel* par quelques auteurs modernes. Il me semble que pas un seul des nombreux prôneurs du seizième siècle louant la renommée et la fortune du roi *Venturoso* (Heureux) aît fait allusion aux légendes ou inscriptions emblématiques, entaillées avec une insistance provocante sur quatre des sept cordons qui contournent le superbe portique d'entrée, élevé pendant ce règne, à la même époque que les portes du parvis marquées de l'année 1509.

Frei Luis de Sousa fut le premier qui après une longue étude, s'occupa minutieusement de ces «hiéroglyphes égyptiens» ou «oracles sibyllins» et prit la parole un siècle après la mort du roi, lorsqu'il n'existait plus personne qui fut capable de savoir de source certaine, ou même d'avoir appris par tradition, comment les maîtres qui avaient dirigé les travaux de 1495 a 1521 et les ouvriers qui travaillèrent alors la fine pierre calcaire de Batalha, avaient interprêté le lemme *tãyas erey,* qui recouvre de haut en bas quatre des cordons extérieurs du portail.

D'après ce moine érudit les habitants plus âgés qu'il consulta ne savaient même pas bien lire le gothique minuscule, disant *Tangas e Rey,* sans aucune interprétation. Quelqu'un du dehors, de grand jugement et de vaste savoir, ne trouvant à ces deux mots aucune corrélation avec notre langue, ni avec les plus vulgaires de l'Europe, était cependant d'opinion que, en lisant *tanyas erey* c'était du grec, dont la signification était *cherchez, enquérissez vous de nouvelles régions et climats!* comme si Dieu parlait à D. Manuel pour l'encourager à ne pas renoncer à ses nobles pensées: «parce que *tanyas* est l'accusatif du nom grec *tanya* qui signifie *région,* et *erey* est l'impératif du verbe *ereo,* dont la traduction est: *chercher, s'enquérir, rechercher.*» Et il l'en persuada.

Cette curieuse interprétation fut accueillie par les contemporains et ceux qui s'ensuivirent, avec approbation. Jurant *in verba magistri,* personne ne la soumit à un examen critique. Faria e Sousa, grand propagandiste de toutes les fables fantaisistes, imaginaires et menteuses qui existent dans l'histoire portugaise, répéta la thèse en modifiant les détails à son gré, sans même parler du savant dominicain. Frei Fortunato de S. Boaventura, au contraire, loue et adopte son opinion en avertissant que *tãyas erey,* traduit par lui en caractères grecs qui disent *tamias erei!* — était une allusion à ce qui dans ce temps, «préoccupait le plus les portugais, c'est-à-dire la découverte de nouvelles régions et de nouvelles mers». Ensuite il promet un *mémoire* spécial à l'occasion où il discuterait l'étymologie du nom *Lusitania.* Le Comte-Évêque Frei Francisco de S. Luis est du même avis. Convaincu de l'hellénisme parfait des deux mots, il les nomme indubitablement grecs, et allusifs à l'intérêt de «rechercher des pays nouveaux et lointains».

De nos jours, le Vicomte de Condeixa, très enclin aux explications métaphysiques, veut convaincre

Entre os estrangeiros notaveis, o arquitecto inglês Murphy (1795) communica em versão um tanto livre a exegese do historiador de S. Domingos, não sei se jurando na sua excellencia, ou com certa reserva irónica. O allemão Haupt, que certamente havia procurado debalde nos diccionarios tanto o verbo *ereo* como o substantivo *tanya* (ou *tania* conforme quer Frei Luis de Sousa, inculpando os canteiros de haverem substituido *i* por *y*) falla de grego «corrupto».

Apesar d'essas adhesões e d'essa harmonia nunca perturbada, rejeitei como inconsistente e absurda a these grega, logo que a minha attenção foi chamada em 1877 para o curioso problema, na certeza de que nunca houve, nem ha, nem ha de haver hellenistas dignos de fé que a adoptem e patrocinem.

Eis as minhas razões, philologicas, estheticas e geraes.

1) Na lingua de Homero não existiu nem existe o tal substantivo *tanyas* (acc. pl. de *tanya*) ou *tanias*, nem tão pouco o imperativo *erey* ou *erei*, comquanto existam, naturalmente, reconheciveis tanto pelo som como pelo sentido, as duas *raizes* que Frei Luis e o seu informador tinham em mente. Penso, de um lado, nos verbos τανυω τανύομαι; τεινω τείνομαι *extender-se* e no adj. τανα *extenso*; pelo outro lado, em ἔρομαι *preguntar, procurar, investigar.*

2) Uma devisa grega que não fosse mero treslado de axiomas muito citados como Γνῶθι σεαυτόν (*Nosce te ipsum*) ou Μηδὲν ἄγαν (*Ne quid nimis*), só podia ser da lavra dos mais cultos entre os conselheiros da coroa, émulos do subtil Antonio de Lebrija, que havia inventado para os Reis Catholicos o *Tanto monta* e o symbolo das *coyundas* e *settas,* — em bom castelhano, como se vê. Attribuir a um Cataldo Siculo, a D. João Manoel, a Luis Teixeira, ou por ventura a João Rodriguez de Sá e Menezes, um grego espúrio, mascavadíssimo, seria injuriá-los a elles e ao monarca.

3) Escrever em gothico minusculo uma devisa grega, em obediencia ao desejo estrambotico de espantar o publico pelo exotismo da novidade, seria o cumulo da incoherencia, tanto mais que, para canteiros analphabetos, tão gregos eram e são os caracteres gothicos como os hellenicos!

4) Embora no tempo de D. Manoel e do antecessor immediato o saber clássico já fosse altamente cotado, desde que sabios como Angelo Policiano (1489) e Lebrija haviam doutrinado lá fóra (em Florença e Alcalá) alguns fidalgos estudiosos, como os que citei, o enthusiasmo humanista, provocado pelo esplendor da Renascença, não attingiu o seu auge em Portugal senão no reinado de D. João III.

Em especial, o estudo do grego, iniciado mesmo lá fóra só após a tomada de Constantinopla pelos turcos, não se propagou a esta ultima Thule senão depois de Aires Barbosa haver sido chamado (entre 1520 e 1526) de Salamanca pelo successor de D. Manoel, para ser mestre dos infantes mais novos.

5) Mas presumindo mesmo que o conhecimento, não digo da civilização, mas da lingua grega, fosse, no fim do seculo XV e principios do XVI, prenda menos rara em Portugal do que supponho — nem por isso se torna provavel a redacção de *letras* na lingua de Homero.

Em parte alguma da Europa era praxe. Nem mesmo em coisas intimas e pessoaes como escudos, cimeiras, armas, brasões, timbres, sellos, sinetes, medalhas. Muito menos em objectos e lugares publicos, patentes a toda a nação, e destinados a nella actuarem. Um especialista francês apontava no meado do seculo XVII entre tres mil devisas de franceses illustres apenas tres gregas; Paolo Giovio só conhecera duas. Não chegam a duas duzias as que laboriosamente colligi. A lingua materna de cada um, e além d'ella o latim e francês, são os unicos idiomas empregados.

6) É inverosimil que D. Manoel — ramo novo da dynastia — quisesse eternizar na Batalha, que elle não fundara e que rememora o triumpho sobre Castella, o seu amor ás empresas do Ultramar, mesmo se durante algum tempo nutriu o plano de lá ter o seu jazigo. — Inverosimil que para impellir o seu povo a novas façanhas... lhe fallasse em grego! Nem antes, nem depois da fabrica de Belém!

7) Pela fórma e pelo espirito, a ordem imperativa *Buscai regiões* (ou antes *Busca regiões*), quer dada pelo Omnipotente ao monarca, (incumbido pelas ultimas vontades dos antecessores de continuar e terminar a obra das Capellas Imperfeitas, começada entre 1433 e 1438 por seu avô) quer dirigida por esse continuador ao seu povo, não corresponde bem ás leis da *Emblemaria*, estabelecidas por italianos e franceses.

Mas nesse caso, o que são e que querem dizer os dez ou onze caracteres gothicos, insculpidos «infinitas» vezes no pórtico das Capellas Imperfeitas?

le lecteur que Frei Luis de Sousa savait des choses bien plus approfondies qu'il ne le disait, mais qu'il se taisait, ne se croyant pas autorisé à dénouer un nœud gordien attaché par un roi. Et il imite cette discrétion.

Parmi les étrangers remarquables, l'architecte anglais Murphy (1795) rapporte en une traduction assez libre l'exégèse de l'historien de S. Dominique, je ne sais si avec une certaine réserve ironique, ou si admettant ses opinions. L'allemand Haupt qui certainement avait cherché en vain dans les dictionnaires le verbe *ereo* et le substantif *tanya* (ou *tania* comme le prétend Frei Luis de Sousa, accusant les marbriers d'avoir mis un *y* au lieu d'un *i*) parle de grec «corrompu».

Malgré toutes ces adhésions et cette harmonie jamais troublée, j'ai rejeté la thèse grecque comme absurde et inconsistante, aussitôt que mon attention a été attirée en 1877 vers le curieux problème, et postérieurement j'ai acquis la certitude que jamais elle n'a été, ni ne sera adoptée par aucun helléniste digne de foi.

Voici mes raisons, philologiques, esthétiques et générales.

1) Dans la langue d'Homère ce substantif *tanyas* (acc. pl. de *tanya*) ou *tanias,* n'a jamais existé et n'existe pas, de même que l'impératif *erey* ou *erei,* quoique naturellement, reconnaissables par le son comme par le sens, il y ait les deux *racines* que Frei Luis et son informateur avaient dans l'idée. D'une part, je pense aux verbes τανυω τανύομαι; τεινω τείνομαι *s'étendre* et à l'adj: τανα *étendu*; d'autre part je trouve ἔρομαι *demander, chercher, s'enquérir.*

2) Une devise grecque qui ne serait pas une simple traduction d'axiomes très cités comme Γνῶθι σεαυτόν (*Nosce te ipsum*) ou Μηδὲν ἄγαν (*Ne quid nimis*), ne pourrait avoir été l'œuvre que des plus sages conseillers de la couronne, émules du savant Antonio de Lebrija, qui avait inventé pour les Rois Catholiques le symbole des *coyundas* et *settas* et le *Tanto monta,* — en bon castillan comme on le voit. Ce serait faire injure au roi et aux Cataldo Siculo, D. João Manuel, Luis Teixeira, ou même à João Rodriguez de Sá e Menezes, que de leur attribuer un grec bâtard, dégénéré.

3) Écrire une devise grecque en gothique minuscule, pour obéir à l'étrange désir d'étonner le public par l'exotisme de la nouveauté, serait le comble de l'incohérence, d'autant plus que pour des ouvriers analphabètes, les caractères gothiques et les helléniques étaient et sont aussi grecs les uns que les autres!

4) Quoique au temps de D. Manuel et de son antécesseur immédiat, le savoir classique ait été déjà hautement apprécié, depuis que des savants comme Angelo Policiano (1489) et Lebrija avaient enseigné à l'étranger quelques nobles studieux, comme ceux que j'ai cités, l'enthousiasme pour les humanités, provoqué par la splendeur de la Renaissance n'atteignit son apogée en Portugal que sous le règne de D. Jean III. Surtout, l'étude du grec, initié même à l'étranger seulement après la prise de Constantinople par les turcs, ne s'étendit jusqu'à cette dernière Thule, que lorsque Aires Barbosa fut appelé de Salamanca (entre 1520 et 1526) par le successeur de D. Manuel, pour être précepteur des plus jeunes infants.

5) Mais en admettant même, que la connaissance, je ne dis pas de la civilisation, mais de la langue grecque, fut à la fin du XVme et au commencement du XVIme siècle, moins rare en Portugal que je ne le pense, la rédaction de *légendes* dans la langue d'Homère n'en est pas pour cela plus probable.

Elle n'était d'usage en aucun lieu de l'Europe, pas même pour des choses plus intimes et personnelles comme écussons, cimiers, armes, blasons, timbres, sceaux, seings et médailles, et encore moins sur des objets et en des lieux publics visibles à toute la nation, et destinés à l'influencer. Un spécialiste français indiquait au milieu du XVIIme siècle, trois devises grecques à peine, parmi trois mille de français illustres; Paolo Giovio n'en avait connu que deux. Après beaucoup de peine, je ne suis pas arrivée à en collectionner deux douzaines. La langue maternelle de chacun, et puis le latin et le français, voilà les seules langues employées.

6) Il n'est par croyable que D. Manuel, nouvelle branche de la dynastie — ait voulu éterniser à Batalha, qu'il n'avait pas fondée et qui rappèle le triomphe sur la Castille, son amour pour les expéditions d'outremer, même en supposant qu'il ait eu l'idée d'avoir là son tombeau. Il est invraisemblable que pour encourager son peuple à de nouvelles actions d'éclat... il lui parla en grec! Ni avant ni après la construction de Belem.

7) Par la forme et par l'idée, l'ordre impératif *Cherchez des régions* (ou mieux *Cherche des ré-*

Em primeiro lugar devo declarar que contando uma a uma as repetições entalhadas nos quatro cordões, encontrei duzentas e quatro, com mais tres no fecho da abobada de uma das sete capellinhas que constituem a rotunda oitavada.

E logo depois assentarei que, sem duvida alguma, os canteiros analphabetos da Batalha não haviam percebido bem as explicações que lhes foram dadas pelo mestre das obras, nem copiaram a rigor os modelos que lhes foram entregues, — *fosse qual fosse o seu teor e a sua significação*, — visto não haver lingua europeia em que *tanyas erey* ou *tanya serey* dê sentido.

Examinando as empresas de perto, vê-se que em todas as tarjetas temos sempre, lindamente cinzeladas, bastas ramagens de *heras* (folhas e corymbos de flores) cujas hastes formam dois círculos entrelaçados. E todas as vezes a legenda está repartida em duas metades. Mas essas não são sempre iguaes.

A segunda ora diz *erey*, ora... *ſerey*. Em 98 circulos lê-se *erey*; em 106, *ſerey*. Tal maioria, embora pequena, auctoriza-nos a preferir esta lição, comquanto até hoje ninguem a considerasse digna de reparo. *Erey* não dá sentido; *e rey* não combina com *tanyas*. *Serey*, pelo contrario, é português castiço! E a primeira pessoa do futuro do verbo *ser* serve na perfeição para qualquer promessa, votada pelo inventor da *Empresa* perante a propria consciencia e perante o mundo inteiro. Comparem os Motes: *Je maintiendrai* — *Je parviendrai* — *Je le ferai* — *Je percerai* — *Superabo* — *Tuebor* — *Defendam* — todos elles votos de perseverança e firmeza, num emprehendimento especial, ou em todos os actos essenciaes da vida.

Resta explicar a primeira metade: o *nome* em que deve residir o sentido principal.

Ella começa sempre com as letras *tã* = *tan*, mas acaba ora com *a*, ora com *aſ* — inexactidão que se explica pelo contacto immediato com *ſerey*: *tãya ſerey* ou *tãyaſ erey*. No meio é que está o busilis e o erro mais grave e perturbador, commettido pelos officiaes. Estragando a devisa e difficultando a sua comprehensão, talvez — quem sabe? — desgostassem D. Manoel tão profundamente que o erro inhibiu o acabamento da obra, a que já não ligava interesse muito vivo desde a inauguração da fabrica de Belém. *Kleine Ursachen, Grosse Wirkungen.*

O que eu lá vejo entre *tã* e *aſ*, lido *g* pelos frades velhos da Batalha e *y* por Frei Luis de Sousa, é (em quatro typos um tanto variados) o mesmo signal que figura em *erey ſerey*. Esse, pode realmente ser um *y*-grego estilizado; sei mesmo apontar alguns *yy* semelhantes em moedas da epoca. Mas tambem pode ser a parte figurativa da empresa. Imagem de um instrumento vulgar, utilizado nas industrias populares: a *tenaz* ou *tanaz* (como antigamente dizia a nação inteira, e hoje ainda pronuncia o vulgo), composta de duas peças de ferro, mais ou menos recurvas e unidas por um eixo. *Tanaz*, não no feitio de um oito, aberto encima e em baixo, mas na forma mais arcáica de *y*-grego, a qual apparece em outras esculpturas e em quadros, e subsiste até o dia de hoje em diversas regiões (p. ex. na Maia e em Bragança).

Na orthographia cahotica dos quinhentistas *tãaſ* equivale a *tanaz*. A figura emblematica mettida entre as duas syllabas, diz tambem *tanaz*. Por isso leio *tanaz ſerey*.

Os artifices deveriam ter destacado a figura emblematica claramente das letras, quer pondo a tenaz no circulo superior e *ſerey* no inferior, quer (se a leitura prevista era *tan tanaz ſerey*) *tã* no de cima, a *tenaz* no oval formado pelo cruzamento das coroas de hera, e *ſerey* no circulo de baixo. Mal instruidos e mal vigiados pelo mestre velho, occupado por ventura em outras fabricas de D. Manoel, o Edificador, elles confundiram e baralharam na sua ignorancia os caracteres dos vocabulos e os desenhos das tenazes, executando imperfeitamente a ordem de collocar a figura no meio das heras. Na sua representação inexacta lê-se *tan* (*tanaz*) *aſ ſerei*.

Rectificada, a devisa *tanaz ſerey* satisfaz em todos os sentidos. Creio que não lhe teriam regateado os epithetos de «delicada e escolhida, curta e justa», os que no seculo XVI se occuparam da *Emblemaria*, essa parte mais interessante e poetica da Heraldica. Composta dos dois elementos que constituem a empresa perfeita — *corpo* e *alma*, figura e letra — ella apresenta-as combinadas, de sorte que uma não seja completa sem a outra. A parte figurada é pouca na obra e facil de fazer, comquanto difficil de achar. A legenda, laconica, discreta e reservada, pois não publica, qual o assunto principal da tenacidade promettida, é ao mesmo tempo escura, bizarra e enigmatica, embora redigida na lingua da patria! O «entendimento geral», esse então combina admiravelmente com o emblema envolvente das

gions), qu'il soit adressé par l'Omnipotent au monarque, (chargé par les dernières volontés des antécesseurs de continuer et de terminer l'œuvre des Chapelles Imparfaites, commencée entre 1433 et 1438 par son aïeul) ou qu'il soit adressé par ce même continuateur à son peuple, ne se rattache pas bien aux lois *emblématiques*, établies par des Italiens et des Français.

Mais alors, que signifient les dix ou onze caractères gothiques sculptés des fois *infinies* sur le portique des Chapelles Imparfaites?

D'abord je dois déclarer que, en comptant une à une les répétitions entaillées dans les quatre cordons, j'en ai trouvé deux cents quatre, avec trois en plus à la clef de voûte d'une des sept petites chapelles qui composent la rotonde octogone.

Et j'ajouterai aussi que sans doute les marbriers ignorants de Batalha n'avaient pas bien compris les explications données par l'entrepreneur, et n'ont pas copié rigoureusement les modèles qu'on leur avait donnés — *quelqu'ait été leur contenu et leur signification* — parce qu'il n'y a pas de langue en Europe ou *tanyas erey* ou *tanya serey* aient un sens.

En examinant les légendes de près, on voit que dans toutes les bordures il y a beaucoup de branches de lierre: des feuilles et des corymbes de fleurs, dont les tiges forment deux cercles entrelacés.

Et la légende est toujours partagée en deux parties. Mais elles ne sont pas toujours égales.

La deuxième dit tantôt *erey*, tantôt *ſerey*. En 98 cercles on lit *erey*, en 106 *ſerey*, et cette majorité, quoique petite, nous porte à préférer cette manière, malgré que jusqu'à nos jours, personne ne l'ait jugée digne d'attention.

Erey n'a pas de sens: *e rey* ne s'accorde pas avec *tanyas*. *Serey*, au contraire, est du plus pur portugais! Et la première personne du futur du verbe *être* sert parfaitement pour une promesse quelconque faite par l'inventeur de la devise, par devant sa conscience et le monde entier. Comparez les devises: *Je maintiendrai* — *Je parviendrai* — *Je le ferai* — *Je percerai* — *Superabo* — *Tuebor* — *Defendam* — tous des vœux de persévérance et de fermeté, pour une entreprise spéciale ou en toutes les actions essentielles de la vie.

Il nous reste à expliquer la première partie: le *substantif* où doit siéger le sens principal.

Elle commence par les lettres *tã* = *tan*, mais finit tantôt par *a*, tantôt par *aſ* — inexactitude qui s'explique par le contact immédiat avec *ſerey*: *tãya ſerey* ou *tãyaſ erey*. C'est au milieu que se trouve le *hic* et la plus grave et troublante erreur, commise par les ouvriers. En gâtant la devise par la difficulté de la faire comprendre, ils ont peut-être chagriné si profondément D. Manuel qu'ils l'ont dégoûté de l'achèvement de l'œuvre à laquelle d'ailleurs il n'attachait plus un très vif intérêt depuis l'inauguration des travaux de Belém. *Kleine Ursachen, Grosse Wirkungen.*

Ce que je vois là entre *tã* et *aſ*, lû comme *g* par les vieux moines de Batalha e *y* par Frei Luis de Sousa, c'est (en quatre types un peu variés) le même signe qui figure en *erey ſerey*, et qui peut être réellement un *y* stylé; je saurais même citer quelques *yy* semblables sur des monnaies de cette époque. Mais c'est peut-être aussi la partie figurée de la légende, l'image d'un outil vulgaire, employé pour les industries vulgaires: la *tenaz* ou *tanaz* (comme toute la nation prononçait autrefois, et actuellement le peuple), composée de deux tiges en fer plus ou moins recourbées et réunies par un axe. Pas avec la forme d'un huit ouvert en haut et en bas, mais plutôt *tanaz* de forme archaïque comme un *y* qu'on voit en d'autres sculptures et en quelques tableaux, et qui subsiste encore en certaines régions, comme par exemple à Maia et Bragança.

Dans l'ortographe cahotique du seizième siècle *tãaſ* équivaut à *tanaz*. L'image emblématique placée entre les deux syllabes dit aussi *tanaz*. Donc je lis *tanaz ſerey*.

Les ouvriers auraient dû détacher clairement la figure emblématique des lettres soit en mettant la tenaille dans le cercle supérieur et *ſerei* dans l'inférieur, ou alors (si la lecture prévue était *tan tanaz ſerey*) *tã* en haut, *la tenaille* dans l'ovale formé par le croisement des branches de lierre, et *ſerey* dans le cercle d'en bas. Peu instruits et mal surveillés par le vieux maître, occupé peut-être en d'autres constructions de D. Manuel, l'Edificateur, ils ont confondu et mélangé dans leur ignorance les caractères des mots et les dessins des tenailles, exécutant imparfaitement l'ordre de placement des figures au milieu du lierre. Dans leur présentation inexacte on lit *tan* (*tanaz*) *aſ ſerei*.

Après avoir été rectifiée, la devise *tanaz ſerey* satisfait de toutes les manières. Je pense que ceux

heras, symbolo inequivoco da constancia, fidelidade, firmeza, ambição e *tenacidade.* Além d'isso é muito conforme á propriedade da pessoa. Quintessencia reflectida da somma de intenções ethicas (ou de moralidade) a que um individuo chegou pelas experiencias da sua vida, foi escolhida por isso mesmo para, como maxima, guiar de ahi em diante todos os seus actos. *Non è molto stabile nelle sue cose, e molte volte si muta di proposito,* dissera de D. Manoel um embaixador veneziano. O dynasta precisava, portanto, de se ligar e de estimular a si proprio por votos solemnes, para que as suas forças de volição não se esvaissem antes de tempo.

Se referirmos o voto á realização dos magnos emprehendimentos maritimos, iniciados pela dynastia joannina, e em especial pelo avô adoptivo de D. Manoel, o Infante Navegador, é de presumir que fosse pronunciado logo no principio do reinado, antes da expedição de Vasco da Gama. Se o applicarmos exclusivamente á fabrica das Capellas Imperfeitas, podiamos imaginar que veio á luz, em geração espontánea, por ensejo da trasladação de D. João II. Ou talvez depois do regresso feliz de Vasco da Gama, quando a obra dos Jeronymos já estava decidida e começada — no momento em que um leal servidor, bemquisto, e com o direito de fallar franco, enunciava duvidas sobre a possibilidade de seu amo e senhor levar simultaneamente a cabo a construcção da igreja de Belém, a da Batalha e tantas outras que encommendára. Apontando para *heras* que robustas e viçosas haviam coberto os muros do mosteiro, trepando até ao corucheo da cegonha, o monarca replicaria: *Descanse! hei de ser tanaz! tanaz como aquellas heras que não mais largam o que uma vez agarraram!* E o leal e sagaz cortesão — supponhamos que fosse D. João Manoel, filho da sua ama, e seu camareiro-mór, por este ser bom latinista e ter aproveitado com arte e engenho *o pitagorico y* em uma das suas poesias, — replicaria: « *Pois faça V. S. voto de tenacidade naquellas pedras que vão ser apparelhadas para o portico da entrada e nas outras destinadas a fechar os jazigos dos reis!* » E citando de improviso o *hedera sequax* do poeta Persio, o *tenax hedera* de Catullo, e motes afamados como: *Je meurs où je m'attache — Et arida tecum,* traçaria ou mandaria traçar pelo mestre de obras em qualquer taboa o esboço da *Empresa da Tanax,* insistindo em que a devisa havia de encher o portico de alto a baixo, tal qual o *Tanto monta* com as *coyundas* e *settas* dos Reis Catholicos enchia e enche o pateo do Collegio de S. Gregorio em Valhadolid.

Uma fábula, em lugar de uma demonstração? Bem o sei. Mas não se esqueçam de que opponho hypotheses *fundadas* a hypotheses *infundadas,* e emendas e interpretações acreditaveis a emendas impossiveis.

Quem, apesar de tudo quanto deixo dito, duvidar da legitimidade de assim lermos motes de principes como se fossem charadas ou *rebus pueris,* lembre-se da antiquissima devisa de Sevilha. D. Afonso, o Sabio, honrou essa unica cidade que nas guerras civis lhe ficára fiel, com o titulo de *muy noble y muy leal* e com a significativa empresa da *Madeixa,* ou do *Nodo.* Uma madeixa, em figura de 8 fechado, está collocada entre os monosyllabos *No do,* hieroglypho emblematico que se traduz: *No m'a dexado — Sevilha não me abandonou!*

Nem faça sombra que D. Manoel havia usado antes de 1495 e continuou sempre a usar da bellissima devisa ambígua da *Espera,* symbolo do astrolabio e ao mesmo tempo nome da Esperança, e ainda imperativo do verbo *esperar.* Mais de um principe escolheu lemma novo para empresas novas. Felipe, o Bom, de Borgonha, adoptou *Autrui n'auray,* no dia em que se consorciou com D. Isabel de Portugal. O Infante D. Henrique juntou as iniciaes I. D. A. com que costumava assignar, no vocabulo *Ida* quando na côrte se ventilou a ideia da expedição de Ceuta. D. João I levava inscripto no seu estandarte a exclamação *En bon point!* na jornada de Aljubarrota; D. Sebastião, na infausta de Alcacer-Quebir, as palavras *Amor, fé, amor.* O filho do grande Alfonso de Napoles ostentava em outra batalha, *tres diademas* e o vocabulo *valer,* para que a soldadesca lesse: *dia de mas valer.*

Quer-me parecer que o principe prudente e previdente que *esperou* até ter alcançado os seus fins mais ambicionados, subindo ao throno e realizando o descobrimento do caminho da India, teria tido muitissima razão em querer *perseverar* em todas as demais empresas iniciadas pelos ascendentes. E tambem me parece que *Tanax ferey* é um bello complemento de *Espera,* e que ambas são d'aquellas empresas *boas de matar* (no dizer de Francisco de Hollanda) que enchem a medida, tocam nas estrellas e se erguem como aguias sobre as outras.

qui au XVIme siècle se sont occupés de la science emblématique, cette partie si intéressante et si poétique de l'Héraldique, ne lui auraient pas marchandé les épithètes de «délicate et choisie, courte et juste». Composée des deux éléments qui constituent la légende parfaite — *corps et âme,* figure et lettre — elle les présente combinés de manière à se compléter mutuellement. La partie figurée est de travail limité et facile à faire, quoique difficile à trouver. La légende laconique, discrète et réservée, puisqu'elle ne dit pas quel est l'objet principal de la ténacité promise, est en même temps obscure, bizarre et énigmatique, bien qu'elle soit écrite dans la langue nationale ! La «compréhension générale» aussi est parfaitement d'accord avec l'emblème enveloppant de feuilles de *lierre,* symbole évident de constance, fidélité, fermeté, ambition et *ténacité.* Outre celà elle est très appropriée à la personne. Quintessence étudiée de toutes les intentions morales qu'un individu à pu acquérir par son expérience de la vie, elle paraît avoir été choisie justement comme maxime qui devait guider dorénavant tous les actes de D. Manuel.

Un embassadeur vénitien avait dit de lui: *Non è molto stabile nelle sue cose, e molte volte si muta di proposito.* Le roi avait donc besoin de se lier et de se stimuler ainsi par des vœux solennels pour que ses forces de volonté ne s'évanouissent pas avant le temps.

Si nous voulons mettre le vœu d'accord avec les grandes entreprises maritimes, initiées par la dynastie *joannina,* spécialement par l'aïeul adoptif de D. Manuel, l'infant navigateur, il est présumable qu'il ait été prononcé dès le commencement de son règne, avant l'expédition de Vasco da Gama. Si nous l'appliquons exclusivement à l'édification des Chapelles Imparfaites, nous pourrions supposer qu'il ait été formulé spontanément, à l'occasion de la translation de D. Jean II, ou peut-être après l'heureux retour de Vasco da Gama, lorsque la construction des Jeronymos était déjà décidée et commencée; au moment peut-être où un serviteur loyal et bien vu, ayant son franc-parler, aurait émis quelques doutes sur la possibilité de voir son seigneur et maître mener simultanément à bonne fin la construction de l'église de Belem, celle de Batalha et tant d'autres qu'il avait commandées. Désignant le *lierre* robuste et verdoyant qui avait couvert les murs du monastère, grimpant jusqu'à la flèche de la cigogne, le monarque aurait ajouté: *Soyez tranquille, je serai tenace (tanax), tenace comme ce lierre qui ne se détache plus de ce qu'il a saisi!* Et le courtisan loyal et rusé, — supposons que ce serait D. João Manuel, fils de sa nourrice, et son grand chambellan, reconnu comme bon latiniste, et qui avait employé avec grand art le *pitagorique y* en une de ses poésies — aurait repliqué: « *Eh bien, faites donc vœu de tenacité sur ces pierres qui vont être travaillées pour le portail d'entrée, et celles qui sont destinées à fermer les tombes des rois!* » Et citant de mémoire l'*hedera sequax* du poète Persan, le *tenax hedera* de Catulle, et des devises remarquables comme: *Je meurs où je m'attache — Et arida tecum,* il aurait tracé ou fait tracer par l'entrepreneur sur une planche quelconque l'esquisse de la *légende de la Tenaille,* insistant en ce qu'elle devait remplir le portique du haut en bas, tout à fait comme le *Tanto monta* avec les *coyundas e settas* des Rois Catholiques qui remplissait et remplit la cour du collège de St Grégoire à Valladolid.

Je sais que je présente une fable au lieu d'une démonstration, mais n'oubliez pas que j'oppose des hypothèses *fondées* à des hypothèses *infondées,* et des corrections et interprétations croyables à des corrections impossibles.

Ceux qui, malgré tout ce que j'ai dit, douteraient encore de la véracité avec laquelle je lis des devises de princes comme des charades ou des *rébus enfantins,* doivent se souvenir de l'ancienne devise de Séville. D. Affonso, le Sage, honora cette ville, la seule qui lui resta fidèle lors des guerres civiles, avec le titre de *muy nobre y muy leal* e avec la légende significative de la *Madeixa* ou du *nodo.* Une *madeixa* en forme de 8 fermé est placée entre les monosyllabes *no do,* hieroglyphe emblématique qui se traduit: *No m'a dexado — Séville ne m'a pas abondonné!*

On sait bien aussi que D. Manuel avait adopté avant 1495 et même après, la belle devise ambigüe de *Espera,* symbole de l'astrolabe, nom de l'Espérance et l'impératif du verbe *espérer.* Beaucoup de princes ont choisi de nouveaux lemmes pour de nouvelles entreprises. Philippe le Bon, de Bourgogne, adopta *Autrui n'auray* le jour où il épousa D. Isabel de Portugal. L'infant D. Henrique réunit les initiales I. D. A., qui formaient sa signature, dans le mot *Ida,* lorsqu'on commença à la cour, à parler de l'expédition de Ceuta. D. João I portait sur son étendard l'exclamation *En bon point!* à la bataille

Ao sentido inequivoco e muito humano da *tanaz* foi, de resto, dada forma poetica por mais de um vate. Citemos o cantor dos *Lusiadas* que tambem prometteu

. . . . mas eu firme estarei
no que emprendi . . . .
(Ode XII, verso 78)

. . . . pois é fraqueza
desistir-se da cousa começada.
(*Lusiadas*, I, 40)

Cruel ironia da sorte foi que o voto de perseverança, feito por D. Manoel, em português arcaïco e castiço, não fosse cumprido, saisse deturpado das mãos de pedreiros analphabetos (tratados um pouco injusta e rudemente de idiotas por Frei Luis de Sousa), e passasse a ser *grego* para os ouvidos e os entendimentos dos posteros!

Falta dizermos duas palavras sobre as restantes inscripções das Capellas Imperfeitas. No topo da magestosa *portada das tanazes,* ha mais uma, muito mal legivel por causa da altura em que fica e da pouca luz que recebe, mettida como está entre os cordões segundo e terceiro, nuns taboleiros em forma de losangos, á direita e á esquerda e sobre o cume do arco reentrante. D. Frei Francisco de São Luis, o unico escriptor que reparou nella, lendo *pantes taray* ou *pante taray,* tem-na em conta de grega, mas diversa do *tanyas erey,* a cuja tenção «responde». Está claro que não a traduz, nem indica qual a sua significação.

Embora a homophonia, evidentemente fortuita, evoque na minha memoria a famosa maxima positivamente grega de Heraclito, o Escuro, de Epheso — aquelle *panta rei = tudo se move, tudo fluctua de incerto e inconstante,* que tanto se presta a ser considerado como resposta ironica de um eco intelligente ás vans aspirações de tenacidade de D. Manoel — estou de fé que os dez a doze caracteres, em gothico minusculo, desenhados exactamente como o *tanaz ferey,* repartidos como elle em duas metades, e como elle cercados de heras, e pertencentes á decoração do mesmo portico, não são outra coisa do que variantes d'essa devisa, ainda mais adulteradas do que as duzentas e quatro repetições entalhadas nos cordões a que dão remate.

Independente d'ellas e collocada nas duas portas baixas e lateraes do atrio, que ostentam a inscripção *Perfectum fuit anno 1509* e a Cruz de Christo, existe entre duas Esferas Armillares a letra *E,* emmoldurada num arabesco muito parecido a um *C* em cuja ponta estivesse um *y*-grego, ou segundo outros, os tres caracteres *C E y.* Juntas, essas não perfazem dicção alguma, ficando expostas como meras iniciaes ou symbolos numeraes, a quantas interpretações os adevinhadores lhes queiram applicar. O historiador de S. Domingos acredita na identidade da sigla mysteriosa com o ambiguo *Ei,* inscripto no templo apollineo de Delphos, que tanto deu que fazer aos sabios antigos, tradu-la por *tu és,* e reconhece nesta affirmação a resposta philosophica e profunda del Rei ao Senhor que o mandava descobrir novos mares e novas terras.

Outros vêem no *E* simples abreviatura de *Emanuel* (e *Manuel Rei* no *M R* coroado das pilastras do segundo andar), interpretação que approvo e aceito.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

de Aljubarrota; D. Sebastião, dans la malheureuse journée d'Alcacer-Quebir, portait les mots *Amor, fé, amor.* Le fils du grand Alphonse de Naples dans une autre bataille présentait *trois diadèmes* (diademas) et le mot *valer,* pour que les soldats pussent lire: *dia de mas valer.*

Il me semble que le prince avisé et prévoyant qui *espéra* jusqu'à arriver à ses fins les plus ambitionnées, montant sur le trône et réalisant la découverte du chemin de l'Inde aurait en bien raison de vouloir *persévérer* en toutes les autres entreprises commencées par ses antécesseurs. Et il me semble aussi que *Tanaz ferey* est un beau complément de *Espera* et que ce sont deux légendes *deux fois bonnes* (comme dit Francisco de Hollanda), parce qu'elles emplissent la mesure, touchent aux étoiles et s'élèvent comme des aigles au dessus des autres.

Du reste, le sens inéquivoque et très humain de *tanaz* a été rimé, par plus d'un poète. Nous citerons le chanteur des *Lusiades* qui a dit aussi

. . . . mas eu firme estarei
no que emprendi . . . .
(Ode XII, vers 78)

. . . . pois é fraqueza
desistir-se da cousa começada.
(*Lusiades*, I, 40).

Par une cruelle ironie du sort, le vœu de persévérance fait par D. Manuel en portugais archaïque et pur, n'a pas été accompli et les mains d'ouvriers analphabètes (rudement et injustement traités d'idiots par Frei Luis de Sousa) l'ont abîmé, ce qui l'a fait passer comme du *grec* aux oreilles et aux jugements de la postérité!

Il nous reste à dire deux mots sur les autres inscriptions des Chapelles Imparfaites. Au sommet du majestueux *portique des tenailles,* il y a encore une légende à peine lisible à cause de la hauteur où elle est placée et du peu de lumière qu'elle reçoit, enchassée entre le deuxième et le troisième cordon, sur des plaques en forme de losanges, à droite et à gauche tout en haut de l'arceau rentrant. D. Frei Francisco de S. Luis, le seul écrivain qui l'a remarquée, en lisant *pantes taray* ou *pante taray,* la prend pour du grec, mais différente du *tanyas erey* dont elle «*complète*» l'intention. Il va sans dire, qu'il ne la traduit pas et n'indique pas sa signification.

Quoique l'homophonie, évidemment fortuite, évoque dans ma mémoire la fameuse maxime, positivement grecque, de Héraclite, l'Obscur, d'Ephèse — ce *panta rei = tout se meut, tout flotte incertain et inconstant* qui se prête si bien à être considéré comme réponse ironique d'un écho intelligent aux vaines aspirations de ténacité de D. Manuel — je suis persuadée que les dix ou douze caractères en gothique minuscule dessinés exactement comme le *tanaz ferey,* partagés de même en deux moitiés, et également entourés de lierre, appartenant à la décoration du même portique, ne sont que des variantes de cette même devise, encore plus corrompus que les deux cents quatre répétitions incrustées dans les cordons et auxquelles ils servent de terminaison.

Outre ces devises et placée sur les deux portes basses latérales du parvis, qui présentent l'inscription *Perfectum fuit anno 1509* et la Croix du Christ, on voit entre deux Sphères Armillaires la lettre *E,* encadrée d'une arabesque très semblable à un *C* au bout du quel serait un *y;* ou, d'après d'autres, les trois caractères *C E y.* Réunies, ces lettres ne présentent aucun sens, et restent exposées comme de simples initiales ou des symboles numériques, à toutes les interprétations que les déchiffreurs voudront leur assigner. L'historien de S. Domingos croit à l'identité du signe mystérieux avec l'ambigu *Ei,* inscrit au temple d'Apollon de Delphos, qui donna tant de fil à retordre aux anciens savants, et il la traduit comme *tu es,* reconnaissant dans cette affirmation la réponse philosophique et profonde du Roi à notre Seigneur qui lui ordonnait de découvrir de nouvelles mers et de nouveaux pays.

D'autres voient dans l'*E* une simple abréviation de *Emmanuel,* et *Manuel Roi* dans l'*M R* couronné des pilastres du deuxième étage. J'admets et j'approuve cette interprétation.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

Algarve

Lagos e Nossa Senhora da Luz



Quem dobrando o Cabo de Sagres se dirige para o oriente, encontra a seis leguas, pouco mais ou menos á sestra uma grande enseada ou bahia, cuja abertura é bastante larga. Formam-lhe como que os humbraes: da parte occidental a *Ponta da Piedade,* morro muito notavel, por n'elle estar assente a capella de Nossa Senhora d'essa invocação; da parte oriental a *Ponta dos tres irmãos,* ou mais verdadeiramente a do *Carvoeiro,* no concelho de Albufeira.

Ao fundo da bahia, no reconcavo mais occidental d'ella, e quasi encoberta pelo forte da Ponta da Bandeira, que uma das nossas photographias representa, jaz a cidade de Lagos.

Occupa ella uma das mais bellas posições maritimas do nosso paiz e que poderia ser a Napoles portuguêsa se os seus habitantes tivessem um pouco de gosto e sentimento estetico.

Comquanto a existencia da antiga *Lacobriga,* de que a actual Lagos é successora, seja conhecida desde remota antiguidade, é provavel que a posição d'aquella, segundo se affirma, fosse em um monticulo ao sul da nova, que parece já occupava o assento actual nos principios da monarchia, segundo resulta de varias referencias documentaes.

Não é grande a cidade e só nos apresenta um aspecto acanhado e pobre. Dos tempos anteriores, isto é, desde o dominio romano, visigothico, musulmano, até o seculo XVI, rarissimos vestigios se deparam ao olhar perscrutador do viajante, pois a não serem os restos de uma janella escondida n'um recanto do quartel, que durante muitos annos alojou o regimento de infanteria n.º 15 — que uma estulta e incompreensivel medida removeu d'aquella cidade, — e algumas pedras que existiam na antiga egreja de Santa Maria, e que, por indicação de varios curiosos, entre os quaes me conto, foram recolhidas por occasião d'ella ser demolida, não se poderia affirmar ter essa povoação oito ou dez seculos de existencia.

Recostada sobre tres ou quatro collinas, como uma sultana sobre os seus coxins, não ostenta, como esta, galas deslumbrantes; é, comtudo, uma das poucas povoações que conserva a antiga cinta de muralhas que a cercava. Guarnecida aqui e alli pelos seus baluartes, alguns dos quaes têm desapparecido por effeito de melhoramentos, ou se acham na posse de alguns particulares. Assim tem sido tambem destruidas todas as suas portas, restando apenas a que chamam o arco de S. Gonçalo.

Era defendida do lado do mar por varios fortes, como o da Ponta da Bandeira, já mencionado, que ainda se conserva perfeito, posto que sem importancia alguma para a defeza actual, o do Pinhão que se acha de ha muito tempo tambem em ruinas, sendo porém aquelle recinto um local assaz deleitoso; ao nordeste sobre um areal que se estende desde a cidade até o rio de Alvor, o forte da meia praia, assim chamado talvez por estar situado proximamente a meia distancia entre aquelles dois pontos. Este forte acha-se egualmente arruinado.

Se nos edificios particulares predomina a ausencia de gosto e uma apoucada simplicidade, nos edificios publicos, comquanto mais vastos, tambem não ha muito a notar que se pareça com decoração architectonica. São os principaes o quartel, ao fim da rua do Castello, pequeno para o regimento, mas com proporções para se poder alargar convenientemente; o hospital militar, sobre a praça da Constituição, de grandeza regular; os paços do concelho, na praça de Gil Eanes (antiga do Cano) com o fundo sobre o mar, construido de novo, depois do fatal incendio de 1885, que reduziu a cinzas o antigo edificio; o hospital civil da Misericordia na rua do Castello, tambem de construcção moderna, devida pela maior parte aos donativos de D. Maria Judice Biker Cañete, ha pouco fallecida, que assim cumpria as disposições testamentarias de seu marido.

Passando aos edificios religiosos, mencionaremos a egreja de S. Sebastião situada n'um alto ao extremo norte da cidade, em uma posição dominante; é de tres naves, espaçosa, mas de singela architectura; a de Santa Maria, que assentava sobre outro alto, d'onde foi tirada a nossa segunda photographia, depois de haver sido destruida pelo terremoto referido e começada a reconstruir, foi demolida completamente ha poucos annos, como já dissemos. Se tivessemos alguma auctoridade, visto ser n'ella que o

L'Algarve

Lagos et Nossa Senhora da Luz (Notre Dame de la Lumière)



Celui qui doublant le Cap de Sagres se dirige à l'Orient, rencontre, environ six lieues à gauche, une assez vaste baie, à large ouverture, dont les bornes sont marquées à l'occident par la pointe de Piedade, coteau assez remarquable à cause de la chapelle de Notre Dame de la Piété (*Piedade*), edifiée sur son sommet, au levant par la pointe des trois frères (*tres irmãos*) ou plus sûrement par celle du Carvoeiro, dans la commune d'Albufeira.

Au fond de la baie, dans son recoin le plus occidental et presque cachée par le fort de la Ponta da Bandeira (*pointe du drapeau*) representé par notre première photographie, est assise la ville de Lagos. La ville occupe une des plus belles situations maritimes de notre pays, qui pourrait en faire la Naples portugaise, si ses habitants possédaient quelque goût et de sentiment esthétique.

Quoique l'existence de l'ancienne *Lacobriga,* dont la ville actuelle est le successeur, soit connue depuis l'antiquité la plus reculée, il est probable que celle-là, selon ce qu'on assure, était édifiée sur une petite montagne au nord de la ville nouvelle, qui certainement occupait déjà son emplacement actuel aux premiers temps de la monarchie, selon il appert de quelques références documentales.

La ville n'est pas grande et se présente sous un aspect tant soit pauvre. Elle ne laisse apercevoir au voyageur observateur, que des traces assez rares des époques de la domination romaine, wisigothique, musulmane, et même jusqu'au XVIme siècle. On les trouve dans une fenêtre cachée dans un recoin de la caserne, autrefois du 15me d'infanterie — qu'une mesure insensée et inconvenable a retiré de la place qu'il occupait depuis près d'un demi-siècle, — et dans quelques pierres qui existaient dans la vieille église de Sainte Marie, qui ont été recueillies au temps de sa demolition, selon l'indication de quelques curieux, parmi lesquels nous nous comptons. Sans celà on ne pourrait assurer que cette ville compte huit ou dix siècles d'existence.

Nonchalament couchée sur trois ou quatre collines, tel qu'une sultane sur ses coussins, elle n'étale point, comme celle-ci des atours éblouissants. Cependant c'est une des villes qui conserve l'ancienne enceinte de murailles, garnie çà et là de ses bastions, dont quelques uns ont disparu en raison des améliorations publiques, ou sont devenus propriété particulière. De même presque toutes les portes ont été démolies, et il ne reste plus que celle qu'on nomme l'Arche de Saint Gonçalve. La ville était défendue du coté de la mer par une série de forts, comme celui déjà nommé de la pointe du drapeau, qui est encore en bon état, quoique sans aucune importance aujourd'hui par rapport à la défense; celui du Pinhão, se trouve depuis longtemps en ruines, nonobstant la beauté de cet endroit assez gracieux. Au nordest sur une plage sablonneuse qui s'étale depuis la ville jusqu'à la rivière d'Alvor, se dresse le fort da meia praia (de la *demi-plage*), ainsi nommé probablement parce qu'il est situé à peu près à mi-distance de ces deux points là; il est aussi un peu ruiné.

Si dans les bâtiments particuliers on remarque l'absence de goût et une étroite simplicité, dans les monuments publics, en dépit de leur grandeur, on ne trouve aucune chose qui ressemble à une décoration architectonique. Nommons les principaux: d'abord la caserne du régiment au bout de la rue du Castello (*du château*), un peu petite pour le régiment, mais ayant des proportions qui lui permettaient un développement convenable; l'hôpital militaire sur la place de la Constitution, d'une étendue régulière; l'Hotel de Ville sur la place de Gil Eannes (autrefois dite du *Cano*) ayant le côté postérieur sur la mer, reconstruit de nouveau après le fatal incendie de 1885, qui a mis en cendres l'ancien édifice; l'Hôpital de la Miséricorde sur la rue du Chateau, aussi d'une construction moderne, due en sa plus grande partie aux libéralités de D. Marie Judice Biker Cañete, décédée il y a peu de temps, qui accomplissait de cette façon les dispositions testamentaires de feu son époux.

Passant aux édifices religieux nous citerons l'église de Saint Sebastien, assise sur un coteau à l'extrémité nord de la ville, dans une position dominante; elle est à trois nefs de largeur convenable, mais d'une architecture sans caractère; — celle de Sainte Marie qui autrefois s'élevait sur un autre coteau — d'où a été prise notre seconde photographie, — mais qui ayant été detruite par le tremblement

celebrado infante D. Henrique teve a sua primeira sepultura, e ter sido Lagos a base central das suas operações maritimas, lembrariamos a conveniencia de commemorar este facto e época por um monumento n'aquelle local, que attestasse aos vindoiros o reconhecimento da cidade ao grande homem, a quem a patria, a humanidade e a civilisação tanto devem.

A egreja da Misericordia, onde por um accordo ficou funccionando a fabrica da freguezia de Santa Maria desde o terremoto, sobre a praça da Constituição, fronteira ao hospital militar, por um lamentavel descuido foi reduzida a cinzas em 1888, quando nos achavamos n'aquella cidade exercendo funcções officiaes, em cuja occasião prestamos os serviços que pudemos. Foi posteriormente reconstruida, na maxima parte a expensas da referida senhora, para alli ficar a séde da freguezia.

Ainda existe em outra eminencia a egreja das freiras Carmelitas, pequena e sem coisa que a torne recommendavel.

Em baixo, ao fundo da rua Direita com a frente para um pequeno largo, vê-se a capella do Espirito Santo pertencente aos maritimos. N'ella têm estes estabelecida a sua confraria, famosa em todos os tempos, pelos seus privilegios, isenções e vetusto compromisso, hoje completamente alterados e reduzidos, mas sem duvida ainda a mais rica e prestimosa. A valente corporação sustenta as suas antigas tradições e a sua capella tem ornamentos dignos de apreço.

Proximo a esta, na rua da Cadeia, e junto á torre do relogio, que avulta na nossa photographia, levanta-se a capella de Santo Antonio, pertencente á corporação militar. De um exterior modesto é sumptuosa no seu interior, e digna de ser vista e admirada. É toda de talha dourada, da mais bella execução, desde a cimalha em tres quartos da sua altura, não havendo parte alguma que não seja assim revestida, inclusivè o interior dos confessionarios, voamento das portas, etc. Os quadros que adornam as paredes, de mediano merecimento e que se julga serem obra de um dos Rasquinhos, pintores algarvios de certa nomeada, representando passagens da lendaria vida do Santo lisboeta, são emmoldurados por esplendida talha. O pulpito é leve, elegante e gracioso. A capella-mór luxuosa, e a tribuna galhardamente ladeada por dois grupos de bellas columnas salomonicas, é profusa e ricamente ornatada. As imagens são de muito regular esculptura, o que se nota em quasi todas dos templos de Lagos. Não se conhece a época exacta da sua fundação, mas a actual reconstrucção, pois julgamos que já devia existir muito antes, parece ser do seculo XVII, alludindo naturalmente a ella a data de 1769 que se lê sobre um arco do lado norte.

Ao meio d'ella existe a sepultura do coronel Hugo Beaty, que commandou o regimento de Lagos desde 15 de setembro de 1774 até 2 de janeiro de 1789 em que falleceu. Este official irlandez que veio, como muitos outros, prestar os seus serviços a Portugal por occasião da guerra com a Hespanha, em 1762, deixou-se depois d'ella ficar no paiz.

Além de outras ha ainda a capella de Santo Amaro, em sitio elevado, a qual conserva as suas fórmas antigas, por ser a unica que nada soffreu, por occasião do já mencionado terremoto de 1755, pelo que passou a funccionar n'ella a parochia de S. Sebastião, até a reconstrucção da respectiva egreja; a de S. João no extremo do Rocio e alameda d'essa designação, onde se faz a romaria ao popular santo; a do Senhor dos Afflictos, além da ponte, cuja vigilia e festividade no ultimo domingo de agosto, são muito concorridas; e a da Senhora da Gloria, em ruinas mas em cujo convento hoje restaurado existe um asilo de pobres.

Pelo lado de terra é a cidade contornada por alguns logares ou aldeias, cujos campos de cultura, aliás pouco aprimorada, ao passo que abastecem a cidade de vegetaes alimenticios e fructas no tempo proprio, proporcionam passeios agradaveis aos que podem distrair-se com esse hygienico passa-tempo.

A Piedade é o primeiro que se offerece ao visitante, pela sua proximidade da cidade e situação. O caminho é estreito e em partes mal cuidado, mas chegando-se alli goza-se um panorama encantador.

Se fôr na vasante, e descerdes á borda do mar, tereis occasião de encontrar e observar umas furnas curiosas. Não é grande a capella que se ergue sobre esta ponta, mas a imagem da Senhora da Piedade é muito regular. Outr'ora era de grande devoção, e invocada pelos famosos marinheiros algarvios quando se encontravam nos altos e longinquos mares em lances arriscados e afflictivos; hoje é apenas saudada pelos que maream os calões e barcas de pesca, que comtudo d'ella se não esquecem com os seus votos e donativos.

Outro passeio interessante é até a praia de Porto de Mós, onde está estabelecida a carreira de tiro

de terre déjà cité, puis en commencement de reconstruction, a été finalement démolie, il y a peu d'années, comme nous avons déjà dit. Si notre voix pouvait avoir quelque autorité, considérant que c'est dans son enceinte que le célèbre infant D. Henrique — *le Navigateur* — a été d'abord inhumé, et que Lagos a été la base centrale de ses operations maritimes, nous rappelerions la convenance de signaler ce fait et cette époque, par un monument élevé à cet endroit, qui certifierait aux âges futurs, la reconnaissance de la ville au grand'homme à qui la patrie, l'humanité et la civilisation doivent tant de services. — L'église de la Miséricorde, sur la place de la Constitution, ou siège la paroisse de Sainte Marie, d'après une convention, depuis le tremblement de terre de 1755, est située en face de l'Hôpital militaire; par une lamentable négligence elle fut incendiée en 1888, époque où nous nous trouvions dans cette ville en fonction officielle, et à cette occasion nous avons rendu les services que nous avons pu. Quelque temps après elle a été reconstruite, en majeure partie aux dépens de la dame Judice Biker déjá citée, afin de pouvoir y établir le siège de la paroisse. Sur une autre éminence s'élève encore l'église des anciennes sœurs carmélites; elle est petite et n'a presque rien digne de notre attention. Là bas, au fond de la rue *Direita*, la façade sur une petite place, on voit la chapelle du Saint Esprit, appartenant à la corporation des marins. Ils y ont établi leur confrérie, fameuse en toutes les époques par ses privilèges, ses exemptions et ses vieux et vénérables statuts, aujourd'hui tout-à-fait transformés et réduits, mais encore, malgré tout, la plus riche et profitable. Cette vaillante corporation là maintient toujours ses anciennes traditions, et sa chapelle conserve des ornements dignes de mention.

Près d'elle, à l'entrée de la rue de la Prison (*da Cadêa*) mitoyenne à la tour de l'Horloge qui se distingue bien sur notre photographie, s'élève la chapelle de Saint-Antoine, appartenant à la corporation militaire. D'un extérieur assez modeste, elle est somptueuse à l'intérieur, digne pourtant d'être vue et admirée. Ses murs sont tout-à-fait recouverts de sculptures en bois richement doré et du plus beau travail, depuis la corniche de l'entablement, jusqu'aux trois quarts à peu près de sa hauteur, ne présentant aucun endroit non revêtu de cette façon, pas même l'intérieur des confessionaux et des portes. Les tableaux qui décorent les murs, de médiocre valeur, et qu'on croit l'œuvre d'un des Rasquinho, peintres algarviens d'une certaine renommée, représentant quelques traits de la vie légendaire du saint lisbonnais, sont encadrés par des sculptures splendides. La chaire est légère, élégante et gracieuse. La grande chapelle luxueuse, avec son rétable gentillement garni des deux cotés par deux groupes de colonnes salomoniques, est richement et profusément décorée. Les images sont d'une sculpture très régulière, ce qui se remarque en presque tous les temples de Lagos. On ne connait pas l'époque exacte de sa fondation, cependant la reconstruction actuelle, — puisque nous croyons qu'elle devait exister bien avant et pendant le XVIIme siècle, — peut-être a-t-elle été terminée em 1769, date qu'on lit sur une arche du coté nord. Au milieu de la nef on trouve la tombe du colonel Hugo Beaty, qui a commandé le régiment de Lagos dès le 15 septembre de 1774 jusqu'au 2 janvier de 1789, jour de son décès. Cet officier irlandais, qui, comme beaucoup d'autres, était venu prêter ses services au Portugal à l'occasion de la guerre avec l'Espagne en 1762, s'est conservé dans notre pays après qu'elle fut terminée.

Il y a encore d'autres chapelles, comme celle de Saint Amer sur un endroit élevé qui conserve ses formes anciennes, parce que c'est la seule qui n'a rien souffert à l'occasion du tremblement de terre de 1755, déjà cité, motif pour lequel la paroisse de Saint Sébastien y a fonctionné depuis ce jour-là, jusqu'à la reconstruction de son église. — La chapelle de Saint Jean à l'extrémité du *rocio* et des allées dites du nom du saint, où on fait une fête et un pélérinage au saint populaire; celle du Seigneur des affligés au delà du pont qui la veille comme le jour de la fête, au dernier dimanche du mois d'août y attire beaucoup de monde; celle de Notre Dame de la Gloire, en ruines, mais dont le couvent attenant a été restauré depuis peu de temps, afin d'y établir un asile pour les pauvres.

Du coté de la campagne la ville est entourée de quelques petits villages dont les champs d'une culture pas très bien soignée, de même qu'ils fournissent la ville de végétaux potagers et de fruits de saison, offrent plus d'une promenade agréable à ceux qui peuvent jouir de ce soulagement hygiénique.

Le site de Notre Dame de la Piété est le premier qui attire le visiteur par sa situation proche de la ville. Le chemin, qui y conduit, est étroit et mal soigné en quelques endroits, mais quand on arrive au bout, quel charmant panorama se déroule devant vous! Si c'est au moment de la marée basse, en descendant au bord de la mer, on a l'occasion de parcourir et d'observer quelques grottes assez curieuses. La chapelle qui y siège n'est pas grande, mais l'image de Notre Dame est très régu-

do regimento. O caminho é similhante ao que vai á Piedade, talvez um tanto mais alegre de certo ponto em deante. A praia é extensa e bonita, mas ha uns treze annos, as marés vivas foram tão violentas que lamberam na resaca toda a areia, deixando a descoberto o fundo pedregoso.

Para o lado opposto, pelo rocio de S. João, segue uma estrada muito regular que nos conduz a Bensafrim, freguesia limitrophe, viçosa e sadia, onde a vegetação é abundante e variada.

Alli encontramos a singularidade de se nos deparar um templo, modesto sim, mas elegante, de construcção recente, a qual se deve ao actual parocho o reverendo Antonio José Nunes da Gloria, que tem sido o architecto, o estucador, o esculptor, o entalhador, o pintor, o dourador, etc., de modo que só as paredes, o madeiramento e telhado não são obra de suas mãos; assim o que custaria alguns contos de reis, como a egreja da Misericordia de Lagos, só importou em alguns centos de mil reis. É um assombro e cabe bem áquelle sacerdote o appellido, porque é uma verdadeira gloria da sua terra, coroada por uma incomparavel modestia. Ficámos tomados de admiração perante um tal prodigio de dedicação, boa vontade e abnegação, quando tivemos a honra de, em companhia do arcebispo-bispo do Algarve, Exc.^{mo} Snr. D. Antonio Mendes Bello, fazer uma visita, bem que rapida, áquella freguezia, visita de que conservamos gratas e inolvidaveis recordações.

Se vos interessaes pelas antiguidades pre-historicas ou romanas, o mesmo parocho vos poderá indicar o local da notavel necropole explorada por Estacio da Veiga.

Se d'esse rocio de S. João atravessardes a ponte, não vos enfadareis indo até a Torre e povoação de Odeáxere, que, se não encerram grandes bellezas, offerecem porém algum trato de terreno de agradavel vista e ares puros.

Mas está-nos chamando outra estrada, talvez mais bella, toda orlada de amendoeiras formosas, que ainda antes da primavera se esmaltam de flôres alvissimas, que, soltando as suas petalas mimosas, atapetam de tal maneira o solo, que nos parece caminharmos por sobre uma alcatifa oriental. Os quadros vão-se succedendo. Aqui varzeas breves verdejando de hortas ou searas; alli quintas onde a vide e as arvores de fructo cercam hortejos e plantações.

Ao chegar proximo ao logar de Nossa Senhora da Luz, onde essa estrada nos guia, principiam a apparecer algumas grandes herdades, e a encontrar-se varias construcções modernas, já um pouco menos monotonas que as da cidade, distinguindo-se alguns *chalets* que vão começando a dar ao logar uma feição mais sugestiva.

Eis-aqui a egreja, que nada tem que a recommende, salvo a imagem da Senhora, que é objecto de uma grande festividade com romaria e arraial, aonde concorre gente de grandes distancias, especialmente maritimos.

Lá vemos ao fundo o que foi velho forte, de aspecto singular, pois nem nos patenteia as caprichosas fórmas medievaes, nem tão pouco as rigorosas linhas de Vauban ou Cormontaigne. Quando ha treze ou quatorze annos fizemos, por ordem do governo, arrendamento d'essa vetusta fortaleza a João Marreiros Neto, e este nos declarou que era seu intento compral-a ao Estado, emitimos logo a opinião de que, se tal conseguisse, ao convertel-o em casa para residencia ou para outro qualquer fim, não devia alterar-lhe as fórmas, mas accommodal-as como fosse possivel ao effeito para que o destinasse. Effectivamente aquelle proprietario, fallecido ha poucos tempos, seguiu o nosso parecer, segundo mais tarde nos disse, transformando-o em uma residencia elegante conservando-lhe o feitio geral. Vemos porém, que não aproveitou o que elle tinha de mais original, que era a torre central e que lhe dava um aspecto completamente fóra do vulgar.

É espaçosa e formosa a praia da Luz que no tempo proprio é concorrida por bom numero de banhistas, e se vos permittirem subir ao terraço superior d'essa fortaleza de outr'ora, que delicioso panorama se desdobrará á vossa vista!

Mas se deixando o logar voltardes á esquerda e vos encaminhardes pela encosta arborisada que se vos defronta, e subindo, subindo a pé ou a cavallo chegardes ao ponto mais elevado do cabeço, chamado de Santo Estevão, ficareis surprehendido, porque o caminho que seguistes, não vos deixa sequer suspeitar o espectaculo que de subito se deparará deante de vossos olhos! É a planicie immensa e sem fim do mar, ora ondeando ligeiramente como uma seara bafejada de leve pela brisa, ora rugindo e debatendo-se em éstos tumultuosos, como se as vagas irritadas travassem entre si uma batalha gigantesca.

N'esse sitio da Luz, como em muitos outros de que temos fallado, fez o nosso fallecido amigo Es-

lière. Elle était autrefois le centre d'une grande dévotion, parce qu'elle était invoquée par les fameux marins de l'Algarve, quand ils se trouvaient sur les hautes et lointaines mers en des moments d'angoisse et de dangers; aujourd'hui elle est saluée à peine par les marins qui la contemplent de leurs bateaux de pêche, quoiqu'ils ne l'oublient pas dans leurs vœux et dans leurs offrandes.

Une autre promenade agréable est jusqu'à la plage de Porto de Mós, où est établie l'école de tir du régiment. Le chemin est à peu près semblable à celui qui conduit à la Piété, mais il est un peu plus gai sur une partie de son parcours. La plage est large et jolie, cependant les marées vives sont parfois si violentes, que, il y à treize ans, en se retirant elles ont enlevé presque tout le sable, laissant le fond pierreux à découvert.

Du coté opposé, suivant l'esplanade (*rocio*) de Saint Jean on trouve une route assez régulière qui nous mène à Bensafrim, paroisse limitrophe, saine et productive, où la végétation est abondante et variée. Là nous trouvons la singularité de regarder un temple, modeste il est vrai, mais élegant, construit depuis peu de temps par le curé actuel, le prêtre Antoine Joseph Nunes da Gloria, qui en a été l'architecte, le plafonneur, le ménuisier, le sculpteur, le peintre, le doreur, etc., de façon que seuls les murs, la charpente et les briques ne sont pas œuvre de ses mains. Ainsi ce qui coûterait de quarante à soixante mille francs, comme celà est arrivé pour l'église de la Miséricorde de Lagos, n'a coûté tout au plus que mille à deux mille francs. C'est étonnant; et son nom lui sied très bien à ce curé, car il est une gloire de sa contrée, gloire couronnée par une incomparable modestie. Nous avons été saisis d'une profonde admiration devant un tel prodige de dévouement, d'abnégation et de bon vouloir, quand nous avons eu l'honneur de faire une visite, quoique rapide, à cette paroisse-là en compagnie du vénérable archevêque-évêque de l'Algarve, monseigneur Dom Antoine Mendes Bello, visite dont nous gardons les plus agréables et inoubliables souvenirs.

Si vous vous intéressez aux antiquités préhistoriques ou romaines, le même curé pourra vous indiquer l'endroit de la remarquable nécropole explorée par feu monsieur Estacio da Veiga.

Si de la même esplanade de Saint Jean vous passez le pont, vous ne vous ennuierez pas en allant jusqu'à la Torre, ou à la peuplade d'Odiaxere, qui, quoique ne renfermant pas de grandes beautés, nous présentent quelques lambeaux de terrain d'agréable aspect, et un air assez pur.

Mais une autre route nous appelle, peut-être la plus belle. Toute bordée de beaux amandiers que même avant l'arrivée du printemps, on voit emaillés de fleurs très blanches, dont les pétales en tombant, jonchent le sol, de façon qu'il semble que nous marchons sur un tapis oriental.

Les tableaux se succèdent les uns aux autres; ici se sont des terres planes verdoyantes de jardins potagers et de blés; là des *quintas* (*métairies*) où la vigne et les arbres fruitiers bornent de petits jardins et d'autres plantations. En arrivant près du village de Notre Dame da Luz (*de la lumière*), où cette route nous conduit, on commence à apercevoir quelques grandes propriétés et diverses constructions d'un style moderne, un peu moins monotones que celles de la ville, on y rencontre dejà quelques châlets, qui prêtent à l'endroit des traits tant soit peu suggestifs. Voici l'église qui n'a rien qui la recommande, sauf l'image de la mère du Sauveur, qui est l'objet d'une grande vénération, qui a aussi sa fête, avec la veille, coïncidant avec une espèce de foire, où se réunit beaucoup de monde, notamment des marins, qui arrivent de longues distances. On voit sur la pointe, ce qui fut le vieux fort, d'une forme un peu singulière, puisqu'il ne nous présente ni les lignes capricieuses des forteresses du moyen âge, ni celles plus rigoureuses de Vauban ou de Cormontaigne. Il y a treize ou quatorze ans, lorsque nous avons fait, par ordre du gouvernement, le bail de ce vieux *castel*, à Mr. Jean Marreiros Neto, et que celui-ci nous dit alors, qu'il formait le projet de l'acheter à l'État, nous lui avons émis l'opinion que si cet achat se réalisait, il devait conserver le cachet et les formes du fort en les accommodant le mieux possible à la destination qu'il lui donnerait. Ce propriétaire, décédé il y a peu de temps, a suivi notre avis, selon ce qu'il nous a déclaré, quelques temps après, convertissant ce fort en une résidence particulière, tout en lui conservant les traits principaux. Nous voyons cependant qu'il n'a pas conservé la tour centrale, qui lui donnait un cachet tout-à-fait hors du vulgaire. La plage de Luz est large et pittoresque, et pendant la saison elle est assez concourue par les baigneurs et les baigneuses, et si l'on vous permet de monter sur la terrasse de ce qui a été une forteresse, quel delicieux tableau se déroulera alors devant vous!

Mais si, en quittant cet endroit, vous tournez à gauche, en suivant le coteau boisé qui se pré-

tacio da Veiga pesquizas archeologicas, e os vestigios que ahi encontrou, — que julgamos pertencerem á época da civilisação romana, não chegou, infelizmente, a consignal-os na sua obra — *Antiguidades monumentaes do Algarve,* — como havia promettido a pag. 73 do IV volume.

Pelo que acabamos de dizer se vê que o mais importante d'este logar da Luz pertence aos habitantes de Lagos, aos quaes se deve o desenvolvimento que tem tido a localidade, pelo estabelecimento de fabricas de conserva de sardinha, a primeira das quaes se deveu á iniciativa do nosso amigo dr. José Antonio Burquain Braklamy.

Não longe da Luz se encontram varias povoações, das quaes mencionaremos apenas Espiche, não só porque em tempo se descobriram n'ella largos vestigios de civilisações senão pre-historicas, pelo menos romanas, mas igualmente porque as suas aguas têm reputação de muito puras, sendo d'alli levadas a Lagos, onde são muito apreciadas.

É Lagos um dos pontos do Algarve onde a industria da pesca e suas derivadas tem adquirido maior desenvolvimento. São muitas as companhas de maritimos que se empregam n'esse exercicio, que, se ás vezes vêem mallogrados os seus esforços, as suas labutações e os riscos a que se expõem, outras muitas vêem recompensados esses trabalhos e perigos, por uma safra abundante que traz ás suas familias o conforto e a ventura.

São muitas as armações que bordam aquellas costas, e que produzem grande variedade de peixe, em que se salientam pela quantidade o carapau, a sardinha e o atum. A fertilidade de seu mar trouxe sempre a esta localidade exploradores estrangeiros, taes como os sicilianos que no seculo XVI vinham preparar o atum, constituindo uma colonia com a sua confraria e capella no sitio da Trindade, a qual pouco a pouco se foi extinguindo. No ultimo quartel do seculo passado vieram os francêses estabelecer fabricas de conserva de sardinha, e ha uns quatorze ou quinze annos uma familia austriaca veio proceder á salga d'este pequeno peixe pelo methodo italiano. Hoje são muitas as fabricas de conserva de sardinha e de outros pescados que fazem prosperar aquella cidade.

Como estação balnear seria Lagos de primeira ordem, se á posição que a natureza lhe concedeu, reunisse os commodos, confortos e distracções que a arte humana tem sabido crear e agrupar em outras localidades.

Lagos, que viu as frotas de Sancho I, Affonso III, João I, do infante D. Henrique e tantas outras, até D. Sebastião que não voltou, vê hoje sahirem do seu porto os modernos vapores carregados dos productos dos seus mares, preparados por uma industria diligente.

Se o troar do canhão accorda de tempos a tempos os echos dos seus valles e dos seus montes, é quando alguma esquadra estrangeira vem repousar na sua bahia, ou exercitar-se para os discrimes da guerra.

Ponto estrategico de consideravel importancia, — o que só myopes não conhecem, — falta-lhe um porto de abrigo, uma muralha que sirva de segurança e alargamento da cidade e de canalização ao rio açoreado, caminho de ferro que a ligue ao resto do paiz, e principalmente a boa vontade e zelo dos governantes, a união e perseverança nos seus naturaes, para levantarem a sua terra á altura que deve attingir pelas suas condições naturaes e exigencias do progresso e civilisação.

Brito Rebello.

sente en face de vous, montant, montant à pied ou à cheval, et que vous atteigniez le sommet de la colline, qu'on appelle de Sainte Étienne, vous serez surpris, car le chemin que vous avez suivi, ne vous aura pas preparé au surprenant spectacle qui se déroulera aussitôt sous vos yeux. C'est la plaine immense et sans fin de la mer, tantôt se courbant et se relevant comme un champ de blé légèrement effleuré par l'haleine de la brise, tantôt mugissant et s'agitant en chocs tumultueux, comme si les vagues irritées engagaient entre elles une bataille des géants.

Dans cet endroit de Luz, comme en beaucoup d'autres dont nous avons parlé, notre ami feu Mr. Estacio da Veiga, a fait des recherches archéologiques, et des traces qu'il y a trouvées, — que nous croyons appartenir à l'époque de la civilisation romaine, — il n'est malheureusement pas arrivé à les décrire dans son ouvrage — *Antiguidades monumentaes do Algarve* — comme il l'avait promis pag. 73 de son IVme volume.

De tout ce que nous venons de dire, on voit bien que le plus important de ce village de Luz, appartient aux habitants de Lagos, auxquels on doit le développement qu'a subi cette localité, notamment par l'établissement des usines de conserve de sardine dont l'initiative est due à notre ami Mr. le Dr. Joseph Antoine Bourquain Braklami.

Non loin de cet endroit on trouve quelques petits villages, dont nous nommerons à peine *Espiche,* non seulement parce qu'on y a découvert des traces de civilisation — sinon préhistorique, — du moins romaine, mais aussi parce que ses eaux ont la réputation d'être assez pures, et sont assez goutées par les habitants de Lagos, ou on les transporte.

Lagos est un des points de l'Algarve où l'industrie de la pêche et ses derivées ont acquis le plus grand développement. Les équipes de marins qui s'emploient en ces entreprises sont assez nombreuses; et si parfois leurs efforts, leurs travaux, les périls auxquels ils s'exposent, ne sont pas couronnés de succès, en d'autres cas, ils voient leurs efforts et leurs dangers récompensés par une récolte fructueuse, qui apporte l'abondance et le soulagement à leurs familles.

Il y a beaucoup de madragues sur ces côtes qui prennent une grande variété de poissons, dont les principales, par la quantité sont la sardine, les maqueraux et le thon. La fertilité de ces mers a appelé de tous les temps en cet endroit des explorateurs étrangers. Ainsi au XVIme siècle les siciliens vinrent à Lagos pour la préparation du thon. Ils y constituèrent une colonie avec sa confrérie dans une chapelle qu'ils érigèrent sur l'esplanade de la Trinité, mais cette colonie a disparu peu à peu. Au dernier quartier du XIXme siècle, les français sont venus établir des usines de conserve de sardines, et il y a quatorze ou quinze ans, deux familles autrichiennes ont commencé à procéder à la salaison de ce petit poisson d'après la methode italienne. Aujourd'hui il y a plusieurs usines pour la conserve non seulement de la sardine, mas aussi pour celle des autres poissons, ce qui a fait prospérer la ville.

Lagos pourrait être une station de bain, de premier ordre, si à la situation qu'elle a reçue de la nature, elle réunissait les commodités, le *confortable* et les agréments que l'art humain a su créer et grouper en d'autres localités.

Lagos qui a vu les flottes de Sanche Ier, d'Alphonse III, de Jean Ier, de l'infant D. Henri et tant d'autres jusque à D. Sebastien qui n'est pas revenu, voit aujourd'hui sortir de son port les modernes bateaux à vapeur, chargés des produits de ses mers, preparés par une industrie diligente.

Si le bruit du canon reveille de temps en temps les échos de ses vallons et de ses collines, c'est lorsque quelque vaisseau ou quelque flotte étrangère, vient chercher l'abri de sa baie, ou y faire des exercices pour se préparer aux aventures de la guerre.

Point stratégique d'une importance remarquable — ce que ne reconnaissent pas quelques myopes — il lui manque: d'abord un port d'abri; ensuite une muraille, qui servant à la sureté et à l'élargissement de la ville, serve aussi à la canalisation de sa rivière trop ensablée; un chemin de fer, qui la relie au reste du pays, et enfin non seulement la bonne volonté et le zèle des gouvernements, mais aussi l'union et la persévérance de ses habitants pour faire élever leur ville à la hauteur à laquelle elle doit atteindre par ses conditions naturelles, et par les exigences du progrès et de la civilisation.

Brito Rebello.

Aveiro

(A Ria)



POUCAS regiões haverá no paiz onde a paizagem offereça uma tão larga escala de aspectos, uma tal mutabilidade de physionomia, como a região d'Aveiro. Em poucas horas, desce-se da serra ao mar. Lá em cima, nos primeiros contrafortes das Talhadas ou do Caramullo, é ainda uma zona alpestre, fortemente ondulada, sulcada de valles estreitos e profundos, onde d'entre a ossatura granitica dos montes irrompem as massas sombrias dos pinheiros, o tojo doirado, o nobre e robusto carvalho da Lusitania. Em baixo, é, primeiro, a campina indefinida e larga, cortada de esteiros e canaes que os salgueiros e os amieiros debruam — pastagens, searas de milho, terras alagadas onde o arroz verdeja n'um brilhante tom de esmeralda; depois é a gigantesca laguna da ria, com os seus cincoenta mil hectares de superficie liquida, as suas immensas ilhas, as suas praias eriçadas de junco e de caniço, as suas vastas marinhas de sal; depois a duna da costa, nua e branca, esbatida na palpitação luminosa da tremolina; depois, emfim, o mar, de arrebentação larga e violenta, estendendo na praia, arenosa e sem rochas, o seu fluido lençol de espumas.

Mas o que mais particularmente caracterisa essa paizagem e lhe dá um aspecto proprio e inconfundivel — é a ria. Montanhas, campinas, dunas, rios e suas margens, o mar e as suas costas — de tudo isso se encontra com abundancia na paizagem portugueza, com a diversidade de aspectos que a natureza do sólo, os seus relevos e accidentes, a sua constituição geologica e a sua flora condicionam e determinam. Esse braço de mar, porém, represado pela barreira das dunas, amplo como o estuario d'um grande rio, calmo e espelhado como um lago — não tem, me parece, nada de analogo em toda a zona maritima de Portugal.

Segundo os geologos, a nossa linha costeira avança lentamente pelo Atlantico dentro. O mar recúa. Assim todo esse terreno chato, essas enormes planicies que se estendem ao sopé da extensa cordilheira beirôa, não são mais do que velhas praias, sobre que se formaram vastissimas dunas, entre as quaes ficaram encravadas consideraveis massas d'agua, condemnadas a uma crescente reducção de area pela elevação continua dos seus fundos, ou alluviões de rios, cuja foz avançou sempre com a retirada da margem atlantica, e que, mais tarde, a cultura, d'origem já immemorial, invadiu e transformou, vagarosa, mas progressivamente.

A esta lenta evolução ainda assistimos hoje, porque ella não se interrompe um instante. A olhos vistos, o leito da ria sobe, a sua *calle* é obstruida pelos assoriamentos, as praias emergem das aguas, os lodos e o moliço transportados para os areaes fecundam-nos para uma cultura facil e productiva, a duna assoberba e ameaça o mar — e já a distancia, no seio das aguas, as sondagens revelam a formação de novos baixios que, d'aqui a seculos talvez, surgindo á flôr das vagas, formarão uma nova trincheira arenosa, dentro da qual ficará encerrado outro braço de mar, outra ria como a actual.

Quem olhar, n'uma carta chorographica, os contornos do immenso lago, terá, de relance, uma forte impressão da sua grandeza. Quarenta e sete kilometros do norte ao sul — de Ovar a Mira; sete kilometros na sua maxima largura, medidos da duna que se estende entre S. Jacintho e a Torreira, até aos fronteiros campos de Estarreja; ilhas extensissimas; ramificações de linhas caprichosas, bracejando para todos os lados; compridos esteiros correndo, como veias, atravez os campos e as praias; e a larga mancha das salinas, com a recticulação miuda e apertada dos seus taboleiros e dos seus muros de torrão.

Dentro d'esta dilatada area, o aspecto da paizagem é d'uma variedade extrema — apesar de ser a recta a linha dominante e de serem restrictos os seus elementos; mas, como com vinte e cinco lettras se formam milhares de palavras e, com essas milhares de palavras, o mais inconcebivel, vertiginoso e indefinido numero de expressões, assim, alli, com a agua, o ar, a luz, as linhas planas da campina, dois ou tres tons de verde, tres ou quatro variedades d'arvores, a mancha branca das velas e a mancha negra dos barcos, a fugitiva extensão dos *raccourcis* n'esse horizonte illimitado, as cambiantes da hora e da atmosphera, se compõe a mais rica galeria de marinhas que a imaginação d'um pintor póde conceber.

Aqui são recantos palustres, d'aguas quasi mortas, onde os barcos dormem amarrados aos mourões e onde, como no estanho d'um espelho, se reflectem, invertidos, os tufos marginaes dos caniços

Aveiro

L'estuaire



IL y a peu de régions, dans notre pays, où le paysage présente une si vaste gamme d'aspects, une telle mutabilité de physionomie, que la région d'Aveiro. Quelques heures suffisent pour descendre de la montagne à la mer. Là haut, sur les premiers contreforts des Talhadas ou du Caramullo, c'est encore une zone alpestre, fortement ondulée, sillonnée de vallons étroits et profonds; de la structure granitique des montagnes jaillissent les sombres masses des sapins, le genêt doré, le noble et robuste chêne de la Lusitanie. En bas, on voit premièrement la plaine large et infinie, coupée de ruisseaux et de canaux que bordent les saules et les aulnes, des pâturages, des champs de maïs, des terrains inondés où les rizières verdissent d'un ton brillant d'émeraude; ensuite c'est la lagune gigantesque de l'estuaire avec ses cinquante mille hectares de surface liquide, ses îles immenses, ses plages hérissées de joncs et de roseaux, ses vastes marais salins; plus loin la dune de la falaise blanche et nue, estompée dans la lumineuse palpitation de la brume, et puis enfin, la mer qui éclate large et violente, étendant sur la plage sablonneuse et unie sa fluide nappe d'écume.

Mais ce qui caractérise plus particulièrement ce paysage et lui donne un aspect personnel et unique — c'est l'estuaire. Montagnes, plaines, dunes, fleuves et berges, la mer et ses côtes on trouve de tout cela à foison dans le paysage portugais, avec la diversité d'aspect que la nature du sol, ses reliefs et accidents, sa constitution géologique et sa flore déterminent et assignent. Mais, ce bras de mer, endigué par la barrière des dunes, ample comme l'embouchure d'un grand fleuve, calme et miroitant comme un lac, n'a, ce me semble, rien d'analogue sur toute la zone maritime du Portugal.

D'après les géologues, notre ligne côtière avance lentement dans l'Atlantique. La mer recule. Ainsi, tout ce terrain plat, ces immenses plaines qui s'étendent au pied de la longue cordillière de Beira, ne sont que des anciennes plages, sur lesquelles se sont formées de très vastes dunes et entre lesquelles sont restées enclavées de considérables masses d'eau condamnées à une réduction croissante de leur dimension par la continuelle élévation de leurs fonds, ou les alluvions des fleuves dont les embouchures se sont avancées avec le recul de la côte atlantique, et qui plus tard ont été lentement mais progressivement envahis et transformés par la culture, d'origine déjà immémoriale.

Nous assistons encore aujourd'hui à cette lente évolution, qui ne s'interromp pas un instant. À vue d'œil, le lit de l'estuaire monte, sa *calle* est obstruée par les envasements, les plages émergent des eaux, les vases et les déchets transportés sur le sable le fécondent pour une culture facile et productive, la dune domine et menace la mer, et déjà à distance, au sein des eaux les sondages dénoncent la formation de nouveaux bas-fonds, qui peut-être dans des siècles, paraîtront à fleur d'eau et formeront une nouvelle tranchée sablonneuse, dans laquelle sera enserré un autre bras de mer, un autre estuaire comme l'actuel.

Lorsqu'on observe sur une carte chorographique, les contours de l'immense lac, on a aussitôt une forte impression de grandeur. Du nord au sud, de Ovar à Mira, quarante sept kilomètres; sept kilomètres dans sa plus grande largeur, pris de la dune qui s'étend entre S. Jacintho et Torreira, jusqu'aux champs d'Estarreja en face; d'immenses îles; des ramifications de lignes capricieuses, se déployant de tous les côtés; de longs ruisseaux qui courent comme des artères, à travers les champs et les plages; et la large tache des marines, avec l'alignement étroit et resserré de leurs plateaux et mottes.

Dans cette surface étendue, l'aspect du paysage est d'une extrème variété — quoique la ligne dominante soit droite et ses éléments restreints; mais de même qu'avec vingt cinq lettres on forme des milliers de mots et avec ces milliers de mots un nombre d'expressions le plus inconcevable, vertigineux et indéfini, ainsi, là, avec l'eau, l'air, la lumière, les lignes plates de la plaine, deux ou trois tons verts, trois ou quatre variétés d'arbres, la tache blanche des voiles et la tache noire des bateaux, l'étendue fugitive des raccourcis sur cet horizon illimité, les nuances de l'heure et de l'atmosphère, on compose la plus riche galerie de marais salins que peut concevoir l'imagination d'un peintre.

Ici ce sont des recoins palustres d'eaux presque stagnantes où les bateaux reposent amarrés aux poteaux et dans lesquels, comme sur l'acier d'un miroir, se reflètent en sens invers les touffes des bor-

ou um fuste esguio e derramado de pinheiro. Alli é a extensa recta, o alinhamento infinito d'um longo esteiro, que segue, entre as tamargueiras das mottas, como uma estrada d'agua, lançada a perder de vista atravez das praias onde o junco e a grama verdejam. Mas já do outro lado são as enseadas de curvas suaves e d'um azul de lapis lazuli, recortando a tira das dunas maritimas, fulvas e ardentes sob a reverberação intensa do sol. E agora, se, bolinando ao longo d'ellas, se sobe para o norte, lentamente se nos vae alargando deante da vista a grandiosa bacia, que, pela altura da Calle da Mó, attinge a sua maior amplitude. A oeste ficam os areaes da costa; a leste todo o campo d'Aveiro, em cuja verdura, as povoações densas e alvejantes traçam uma extensa e quasi continua pontuação branca: a Murtoza, longamente estirada á beira d'agua, Estarreja apinhada na sua pequena collina, Salreu, Canellas, Fermelã, Angeja, Cacia e Sarrazola, aninhadas entre arvores, em torno dos seus pequenos e lindos campanarios; do mesmo lado, fechando o horizonte n'um magestoso panno de fundo, as linhas soberbas das serras, desde a de Arouca á do Bussaco, bem visiveis nos seus relevos, nas suas massas de vegetação, nos seus grupos de villas e aldeias alcandoradas pela vertente, quando o leste abrazador do estio, evaporando toda a humidade, dá ao ar a translucidez d'um crystal; ao norte, o braço da ria que se estende até Ovar; ao sul as grandes ilhas baixas, de vegetação rasteira, a da Testada, a do Amoroso, a das Gaivotas, a do Ronca, a de Monte Farinha, a dos Ovos, afóra outras menores; mais para sudeste, emfim, a casaria de Aveiro, intensamente branca, surgindo entre os cones de sal das marinhas, como uma cidade sitiada por um vasto acampamento inimigo.

Como em todas as paizagens onde a agua predomina, a diversidade e os contrastes de expressão são aqui extremos. No grande espelho da ria, a atmosphera reflecte os seus variados aspectos, transmittindo-lh'os. Se a nortada sopra desabrida e rija, esse lago torna-se n'um mar revolto, cujas maretas d'um verde pardacento cachoam em *carneiradas* espumantes. Os barcos abordam, lançam ferro ou amarram aos mourões, e ficam bailando doidamente sobre a vaga: e só um ou outro, acossado do vendaval, corre ao largo vertiginosamente, com o panno nos rizes, e deixando atraz de si uma longa estria branca. Se reinam as frescas brisas mareiras e o tempo é claro, as aguas apenas suavemente arrepiadas são como uma seda azul *moirée,* lantejoulada d'oiro pelos raios do sol; e tudo em volta, praias, campos, pinhaes, casarias claras, palheiros sombrios, velas brancas, cascos alcatroados de barcos, nos apparece com uma expressão de calma feliz, n'uma divina espiritualisação luminosa. Mas nas manhãs ou tardes de completa calmaria, quando nem uma folha d'herva treme, toda essa vastidão aquatica é como uma placa enorme d'aço brunido, onde tudo se espelha em imagens invertidas, com a precisão de linhas e a intensidade de côr d'um esmalte brilhante e quente: as velas pannejam em molles pregas ao longo dos mastros, as varas ou os remos abrem feridas de prata na epiderme fluida da agua, todos os ruidos — um ranger de remo, uma vibração longinqua de sino, uma toada melancolica de cantiga, um toque de busio, annunciando a passagem do barco do moleiro — passam como boiando com lentidão na agua morta e expiram suavemente n'essa ambiencia d'ineffavel serenidade. E, conforme a hora e o scenario do céo, essa paizagem elysiamente calma, ao mesmo tempo movimentada e silenciosa, offerece tonalidades diversas; ora é toda em *nuances* de sanguinea, com toques e relevos d'oiro; ora em tons d'azul, frescos e transparentes como os das marinhas dos azulejos de Delft; agora é o verde que predomina em gradações successivas, desde o verde-negro dos pinhaes ao verde-marinho das aguas paradas; depois é o alaranjado dos poentes; depois o violeta dos crepusculos; depois os cinzentos desbotados, os pallidos tons de perola, as aguadas de nankim da noite que começa...

E se ha luar, se a lua cheia, surgindo atraz da cumeada das serras longinquas, vem banhar toda essa infinita extensão d'aguas e de planicies — então os aspectos que ella offerece têm qualquer coisa de maravilhoso, de irreal, como uma visão creada por um sortilegio magico. Entre o céo e a ria, a linha da terra fronteira é apenas um longo e fino traço escuro, um delgado filete de sombra. Os astros que scintillam no espaço, scintillam tambem nas aguas, como se o firmamento se desdobrasse ou se prolongasse em abysmo aos nossos pés. E de leste a oeste, sob a incidencia do luar, um grande leque de prata tremeluzente abre o seu enorme triangulo luminoso sobre a agua, a que a aragem apenas dá uma ligeira crispação. É um esplendor! Então, n'um grande silencio, em que só o monotono rumor do mar se ouve, uma pequena bateira de pesca movida a remos, um *moliceiro* velejando lentamente, uma *mercantel* impellida á vara, atravessam, lá ao longe, essa zona illuminada, n'um destaque nitido e cortante de pequenas sombras chinezas. E dir-se-ão visões de sonho, barquinhos de fadas, tripulados por

AVEIRO

dures de roseaux ou le tronc élancé et inégal d'un pin. Là c'est la ligne droite et étendue, l'alignement infini d'un long ruisseau, qui court entre les tamariniers des mottes, comme une route d'eau, lancée à perte de vue à travers les plages où verdoient les ajoncs et le chiendent. Mais déjà de l'autre côté sont les baies aux courbes adoucies et d'un bleu de lapis lazzuli, découpant la bande des dunes maritimes, fauves et ardentes sous l'intense réverbération du soleil. Si en boulinant en leur longueur on monte vers le nord, devant les yeux on voit s'élargir lentement le bassin grandiose qui vers la hauteur de la Calle de Mó, atteint sa plus grande amplitude. A l'ouest sont les grèves de la côte, à l'est tous les champs d'Aveiro dont la verdure est pointillée presque continuellement, par les petits villages serrés et blanchissants; Murtoza nonchalamment étendu au bord de l'eau, Estarreja entassé sur sa petite colline, Salreu, Canellas, Fermelã, Angeja, Cacia et Sarrazola, nichés entre les arbres, autour de leurs gentils petits clochers; du même côté, fermant l'horizon comme une majestueuse toile de fond, la ligne superbe des montagnes, depuis celle d'Arouca jusqu'à Bussaco, bien visibles en leurs reliefs, leurs masses de végétation, leurs groupes de bourgs et de villages juchés sur le versant, lorsque le vent d'est de l'été embrasé, évaporant toute humidité, rend à l'air la translucidité d'un cristal; au nord le bras de mer qui s'étend jusqu'à Ovar; au sud les grandes îles basses, avec leur plate végétation, celle de Testada, d'Amoroso, des Gaivotas (Mouettes), du Ronca, de Monte Farinha, des Ovos (Œufs) et d'autres plus petites; encore vers le sud-est les maisons d'Aveiro, d'un blanc intense s'élevant entre les cônes de sel des marines, comme une ville assiégée par un campement ennemi.

Les contrastes et la diversité d'expression sont ici extrèmes comme il arrive en tous les paysages où l'eau domine. Sur le grand miroir de l'estuaire l'atmosphère reflète et transmet ses aspects si variés. Si le vent du nord souffle violent et rude, ce lac devient une mer houleuse, dont les vagues d'un vert grisâtre s'amoncellent écumantes. Les bateaux accostent, jettent l'ancre ou amarrent aux poteaux, et dansent follement sur la vague; parfois l'un ou l'autre poussé par la tempête court vertigineusement au large la voile repliée dans les ris, laissant derrière lui un long sillon blanc. Si le temps est clair et que règne la fraîche brise de mer, les eaux doucement frissonnantes semblent une soie bleue, moirée, pailletée d'or par les rayons du soleil, et tout autour, plages, champs, sapinières, maisons claires, hangars sombres, blanches voiles, vieux bateaux goudronnés, tout nous apparaît avec un air de calme heureux, dans une spiritualisation lumineuse et divine. Mais par les matinées et les soirées de calme plat, lorsque pas un brin d'herbe ne bouge, toute cette vastitude aquatique est comme une plaque énorme d'acier poli, où tout se mire en sens invers, avec la précision de lignes et le coloris intense d'un émail vif et brillant: les voiles palpitent en plis mous au long des mâts, les perches et les rames ouvrent des blessures d'argent dans l'épiderme fluide de l'eau, tous les bruits — un grincement de rame, la vibration d'une cloche lointaine, un refrain mélancolique de chanson, un coup de sifflet annonçant le passage d'un bateau de meunier — passent, comme s'ils flottaient lentement, dans l'eau tranquille et expirent doucement dans cette ambiance d'ineffable sérénité. Et, selon l'heure et l'aspect du ciel, ce paysage délicieusement calme, silencieux et mouvementé en même temps, présente des tonalités diverses; tantôt il est tout en nuances de sanguine, avec des touches et des reliefs dorés; tantôt en des tons bleus, transparents et frais comme ceux des marines des faïences de Delft; maintenant c'est le vert qui domine en de successives graduations, depuis le vert-noir des sapins, au vert glauque des eaux immobiles; après c'est l'orangé des couchers de soleil, puis le violet des crépuscules; et encore les gris déteints, les tons pâles de la perle, les aquarelles de nankin de la nuit qui s'approche...

Et s'il y a clair de lune, si la pleine lune, surgissant derrière le sommet des montagnes éloignées, vient baigner toute cette étendue infinie d'eaux et de plaines, alors l'aspect qui nous frappe a quelque chose de merveilleux, d'irréel, comme une vision créée par un sortilége magique. Entre le ciel et l'estuaire, la ligne terrestre en face, n'est qu'un sombre trait long et fin, comme un mince filet d'ombre. Ces astres qui scintillent dans l'espace, brillent aussi dans les eaux, comme si le firmament se dédoublait ou se prolongeait en abîme à nos pieds. Et de l'est à l'ouest, sous l'incidence du clair de lune un grand évantail d'argent tremblottant, ouvre son énorme triangle lumineux sur l'eau que la brise crispe légèrement. C'est splendide! Alors, en un grande silence, troublé à peine par la rumeur monotone de la mer, un petit bateau de pêche poussé à l'aviron, un *moliceiro* se dandinant lentement, un *mercantel* naviguant à la perche, traversent au loin cette zone illuminée, avec les traits nets et détachés de petites ombres chinoises. On dirait des visions de rêve, des petits bateaux de fées, gouvernés par des

minusculos gnomos, negras gondolas mysteriosas, deslisando sem ruido n'uma laguna d'aguas argentinas...

*
* *

Sobre estas vastas aguas, em meio d'esta larga paizagem, uma grande vida de trabalho, placido mas fecundo, se desenvolve continuamente sob diversas fórmas d'actividade.

A ria é um thesoiro: basta lançar-lhe uma pequena rede, dragar o seu fundo com um ancinho, deixar evaporar uma mão cheia da sua agua, para se obter um valor: um cabaz de peixe, um pouco de moliço, uns crystaes de sal. Como o Nilo para as planicies do Delta, com os seus nateiros fecundantes, a ria é para toda esta zona lacustre uma grande força creadora de riqueza e de uberdade. Todas essas terras em roda, n'uma extensão de muitos kilometros quadrados, vivem d'ella. Os seus fundos dão-lhes, com a mais inexgotavel abundancia, os moliços, essa vegetação sempre renascente d'algas que os alcatifa, e os lodos ricos em elementos fertilisantes, por meio dos quaes se tem transformado em campos productivos essa amplissima região arenosa. Nas suas praias ceifa-se o junco, que é a fofa cama dos gados nos estabulos, e a fresca esteira das casas terreas. Das suas marinhas, as maiores e as mais importantes do paiz, sae um sal precioso, que é um dos principaes artigos de exportação do commercio d'Aveiro. E do norte ao sul, de ao pé d'Ovar ao pé de Mira, em todos os seus braços e ramificações, nas suas *calles* profundas ou nos seus amplos espraiados, o peixe e os molluscos abundam, n'uma grande variedade de especies. E é por centenas de contos que, annualmente, se cifra o valor d'estes magnificos dons da ria generosa e tutelar.

De cada um d'estes productos que ella offerece ao homem, deriva uma industria: e cada uma d'essas industrias, que se exercem sobre a agua, creou o seu barco proprio. O elegante *moliceiro*, de grande prôa arqueada em papo de cysne e decorada de barbaras e curiosas polychromias, apanha o moliço e leva-o, ao longo dos canaes, pelas terras dentro — estranho carro fluvial d'esta raça de lavradores-barqueiros. A *saleira*, pesada e vasta, a maior barca d'estas aguas, transporta o sal das marinhas para os armazens e d'estes para bordo dos navios, que o vêm carregar até ao cáes d'Aveiro. As lindas e leves bateiras de pesca, murtozeiras ou ilhavas, a *labrega* e a *chinchorra* ou *esguicho*, desenham por toda a ria a sua fina *silhouette* em meia-lua, e ligeiramente perpassam de enseada em enseada, dando o lanço com a *chincha*, ou estendendo de estaca para estaca o *saltadoiro*, cuja malha fina reticula o azul da agua com a sua negra e tenue filigrana. E, além d'estas, ainda a rapida bateira *mercantel*, tirada á vara ou correndo, veleira, a todo o panno, vem á costa buscar a sardinha e os outros productos da pesca maritima, para os levar aos mercados d'Aveiro, d'Ovar, de Estarreja ou de Pardelhas, e a pequena *caçadeira* deslisa sobre as aguas baixas das corôas ou entre os esteiros das marinhas, procurando a caça ribeirinha, ou servindo apenas como um pequeno barco de passagem.

Estes barcos são aos milhares. E a muitos milhares de homens sobe, portanto, o numero dos seus tripulantes. Ora, comquanto estes não vivam n'elles permanentemente, assentando lá os seus lares, como em certas vias fluviaes do Extremo Oriente e mesmo da nossa Europa, é n'essas habitações fluctuantes que, todavia, passam uma grande parte do seu tempo. Os moliceiros e os pescadores da Murtoza são os que mais a povoam. Toda a semana, durante alguns mezes, vivem sobre essas aguas, apanhando o moliço ou lançando as redes, dormindo na prôa dos seus barcos, cozinhando n'elles ou perto d'elles, em terra, a sua frugal caldeirada. Ao sabbado, porém, a ria fica deserta: os barcos somem-se, todas essas frotas de centenas de velas dispersam. Moliceiros e pescadores *vão para casa*. A semana é da agua, o domingo é da terra. Mas logo na segunda-feira voltam para a sua faina. Em toda a vastidão das duas grandes bacias, a da Torreira ao norte, a da Costa Nova ao sul, as velas brancas despontam de novo, como azas de gaivotas, e os cascos negros das bateiras avançam ao bater dos remos, como bandos de grandes palmipedes cortando as aguas a nado.

Se, para cada uma d'estas industrias, os barcos differem, embora ligeiramente, o typo dos seus tripulantes não é tambem o mesmo. Toda essa gente usa, é certo, ainda que já muito adulterado, o tradicional vestuario da região: a carapuça de lã, a camisa e as curtas manaias d'algodão branco, a faixa preta, o gabão de briche, a grossa camisola de malha azul, interessantemente tecida. Os chapeus redondos, as boinas, as camisolas e as ceroulas de castorina em xadrez, adoptadas pelos embarcadiços e os

gnomes minuscules, de sombres gondoles mystérieuses, voguant sans bruit sur une lagune aux eaux argentées...

*
* *

Sur ces vastes flots, au milieu de ce large paysage, se développe constamment, sous diverses formes d'activité, une grande vie de travail, paisible et fécond.

L'estuaire est un trésor; il suffit d'y lancer un petit filet, drâiner le fond avec un râteau, laisser évaporer une main pleine de son eau, pour obtenir une valeur, un panier de poisson, un peu de frétin, des cristaux de sel. De même que le Nil pour les plaines du Delta, avec ses limons fécondants, l'estuaire est pour toute cette zone lacustre, une grande force créatrice de richesse et de fécondité. Tous les endroits d'alentour, sur une étendue de beaucoup de kilomètres carrés, en vivent. Ses fonds leur donnent, avec une abondance inépuisable, le frétin, cette végétation toujours renaissante d'algues qui les tapisse, et les vases, riches en éléments fertiles, au moyen desquels s'est transformée en champs productifs cette vaste région sablonneuse. Sur ses plages on cueille le jonc qui est le lit douillet des troupeaux dans les étables, et la fraiche natte des maisons au rez du sol. De ses marines, qui sont les plus grandes et les plus importantes du pays, sort un sel précieux, qui est un des principaux articles d'exportation du commerce d'Aveiro. Et du nord au sud, de près d'Ovar jusqu'auprès de Mira, en tous ses bras et ramifications, dans ses *calles* profondes ou dans ses amples débordements, le poisson et les mollusques, d'une grande variété d'espèces, abondent toujours. Et c'est par centaines de *contos de reis* que l'on évalue annuellement la valeur de ces magnifiques dons de l'estuaire généreux et tutélaire.

De chacun des produits qu'il offre à l'homme, découle une industrie; et chacune de ces industries qui s'exercent sur l'eau a créé son bateau approprié. L'élégant *moliceiro*, à la grande proue arquée en col de cygne et décorée de barbares et curieuses polychromies, recueille le frétin et le porte au long des canaux, dans l'intérieur des terres, étrange char fluvial de cette espèce de laboureurs bateliers. La *saleira*, vaste et lourde, la plus grande barque de ces eaux, transporte le sel des marines dans les magasins et de ceux-ci à bord des navires qui viennent le chercher jusqu'au quai d'Aveiro. Les jolis et légers canots de pêche, de Murtoza ou Ilhavo, la *labrega* et la *chinchorra* ou *esguicho*, dessinent sur tout l'estuaire leur fine silhouette en *croissant*, et passent légèrement de bassin en bassin, lançant le filet avec la *chincha*, ou étendant d'un pieu à l'autre le *saltadoiro*, dont les fines mailles, forment sur l'eau azurée un quadrillé de filigrane noire et ténue. Et, outre celles-là, la petite barque rapide *mercantel*, tirée à la perche ou courant à toutes voiles, vient à la côte chercher la sardine et les autres produits de la pêche maritime, pour les porter aux marchés d'Aveiro, Ovar, Estarreja ou Pardelhas, et la petite barque *caçadeira* glisse sur les eaux basses parmi les écueils et entre les conduits des marais salins, poursuivant le gibier du rivage ou servant simplement de petit bateau passeur.

Ces bateaux se comptent par milliers, et le nombre des hommes d'équipe atteint beaucoup de milliers. Or, quoique ceux-ci n'y vivent pas constamment, et n'y aient pas leurs foyers, comme il arrive sur certaines voies fluviales de l'Extreme Orient et même de notre Europe, c'est toutefois dans ces habitations flottantes qu'ils passent une grand partie de leur temps. Les pêcheurs et *moliceiros* de Murtoza sont ceux qui les peuplent davantage. Pendant quelques mois ils vivent toute la semaine sur ces eaux, attrappant le frétin ou jetant les filets, dormant sur la proue des bateaux, préparant leur matelotte frugale là même ou à terre mais tout près des bateaux. Mais le samedi l'estuaire reste désert: les bateaux disparaissent et toutes ces flottes de centaines de voiles se dispersent. *Moliceiros* et pêcheurs *s'en vont chez eux.* La semaine appartient à l'eau, le dimanche à la terre. Mais le lundi ils retournent aussitôt à leur besogne. Sur toute la vaste étendue des deux grands bassins, celui de Torreira au nord, celui de Costa Nova au midi, les voiles blanches pointent de nouveau comme des ailes de mouettes, et les coques noires des barques avancent à coups d'aviron, comme des bandes de palmipèdes coupant les eaux de leurs nageoires.

Si les bateaux diffèrent, quoique légèrement pour chacune de ces industries, le type des mariniers n'est pas aussi le même. Ils portent tous, il est vrai, le costume traditionnel de la région quoique déjà très vicié: le bonnet de laine, la chemise et les caleçons courts en coton blanc, la ceinture noire, le manteau de drap grossier, la grosse camisole de tricot bleu, capricieusement tissée. Les cha-

cezimbrões, corrompem já, d'uma fórma abominavel, a pureza do lindo traje classico; todavia, apezar d'isso, um pescador da Murtoza, um mercantel d'Aveiro, um moliceiro da Gafanha ou de Mira — não se confundem. Serão ramos ethnicos differentes? Haverá n'elles caracteristicas especiaes de sub-raças? A diversidade das profissões e a sua curiosa localisação em differentes zonas e terras, originar-se-ão em desconhecidas stratificações de velhos elementos colonisadores, cuja historia lentamente caíu n'um irreparavel olvido? Eis o que não é facil averiguar — mórmente para quem não tem a menor competencia em questões ethnologicas. Comtudo um observador, acostumado ao trato d'estas gentes, facilmente lhes extrema o typo e a physionomia.

O homem d'Aveiro ou d'Ilhavo é d'uma nobre esbelteza de linhas, d'uma airosa agilidade de movimentos. Vêr seis mercanteis, impellindo á vara a sua rapida bateira — é um dos mais bellos espectaculos que se póde offerecer a quem olha, como artista, o corpo humano e aprecia a belleza, a elegancia ou a energia das suas attitudes. Ora erectos e firmes sobre a prôa do barco, no movimento de lançar a vara, esses homens parecem de longe, nos seus trajos brancos, serenas estatuas de marmore: ora, correndo inclinados sobre a borda, a percha contra o peito, o thorax saliente, os rins violentamente dobrados, toda a rija musculatura das pernas contraída em relevos poderosos, elles offerecem por vezes aos nossos olhos essas linhas admiraveis em que o cinzel hellenico fixou, como n'um canon immortal, toda a esthetica do nobre esforço humano. E este traço de belleza physica bem póde ser uma herança atavica de sangue italo-grego. Além da tradição persistente d'uma remota colonisação de gente do Archipelago ou da grande Grecia, certas affinidades de estatura, linhas do rosto, côr da pelle ou dos cabellos, timbre da voz, e uma grande semelhança no trajar — approximam bem estes bellos homens e as suas formosas companheiras do typo d'algumas populações maritimas italianas, e, em especial, do pescador napolitano.

Se o homem propriamente da agua, o pescador, o marnoto, o mercantel, tem, assim, a elegancia agil e flexuosa d'um tritão, o barqueiro-lavrador, gafanhão ou mirão, talvez oriundo da Beira e descido remotamente das suas montanhas em demanda de terras melhores, ostenta, ao contrario, a massiça e tosca rudeza d'um satyro. É pesado, lento, desgracioso, de feições ordinarias e incaracteristicas. Um é bem o filho da onda, fluida e movediça; o outro o da gleba, espessa e immovel. Em compensação, é um trabalhador robusto e infatigavel. Das suas rudes mãos saíu uma das maiores maravilhas da agricultura portugueza: a transformação paulatiña, mas obstinada, de desertos areaes estereis em fertilissimas campinas. A esses homens se deve a definitiva conquista pela terra d'esses velhos dominios marinhos. Elles semearam o pinhal que fixou a duna, colheram o moliço que a adubou, nivelaram e surribaram a areia, lançaram á leiva o milho, o feijão e a batata, cozeram o adobe ao sol para fazer o seu lar — e luctando contra o vento e a duna instavel e ameaçadora, navegando e lavrando, mourejando e amealhando, fundaram essas importantes povoações ruraes, que n'uma linha de muitas leguas se estendem sem interrupção ao longo da ria e onde de continuo prodigiosamente crescem a população, a riqueza, a productividade do solo e, portanto, o seu valor.

Já apertado nas suas areias, o lavrador da Murtoza ou da Gafanha, buscando empregar as crescidas sobras do seu pé de meia, que começam a não encontrar terras a que se appliquem — volta-se para o mar e faz-se pescador tambem. Proprietario ou socio de companhas, remador das pesadas *meias-luas* que vão ao largo lançar a rede, moço do gado que a arrasta para a terra, elle tem expulsado da costa o seu primitivo habitante, que ou emigra para trabalhar nas armações d'entre Tejo e Sado, ou se alista na tripulação dos navios de vela, de cabotagem ou de longo curso, ou embarca, já em crescido numero, para pescar o bacalhau na Terra Nova.

Mas quando esboçar o quadro de vida maritima d'esta região, melhor frisarei esta curiosa phase que presentemente se accentua na evolução das suas artes piscatorias.

Luiz de Magalhães.

peaux ronds, les bérets, les camisoles et les caleçons de flanelle à carreaux adoptés par les hommes de mer de Cezimbra corrompent déjà d'une manière abominable la pureté du beau costume classique; mais malgré cela, un pêcheur de Murtoza, un mercantel d'Aveiro, un moliceiro de Gafanha ou de Mira, ne se confondent pas. Appartiennent-ils à de differentes branches ethniques? Y-aura-t-il en eux des caractères spéciaux de sous-races? La diversité des professions et leur curieuse localisation, en de differentes zones et pays, auront-elles leur origine en des stractifications inconnues d'anciens eléments colonisateurs, dont l'histoire est peu-à-peu tombée dans un irréparable oubli? Voilà ce qui n'est pas facile de rechercher, surtout lorsqu'on n'a pas la moindre compétence en des questions ethnologiques. Cependant un observateur habitué à fréquenter ces gens-là, distingue facilement leur type et leur physionomie.

L'homme d'Aveiro ou d'Ilhavo est d'une noble sveltesse de lignes, d'une élégante agilité de mouvements. Voir six *mercanteis,* poussant à la gaule leur rapide esquif, est un des plus beaux spectacles qui puisse s'offrir à ceux qui observent, en artistes, le corps humain, et qui apprécient la beauté, l'élégance ou l'énergie de ses attitudes. Tantôt droits et fermes sur l'avant du bateau, au moment de jeter la perche, ces hommes semblent de loin, avec leurs blancs vêtements, de paisibles statues de marbre; ou bien courant inclinés sur le bord, la gaule contre la poitrine, le thorax saillant, les reins fortement cambrés, les muscles solides des jambes roidis en de puissants reliefs, ils présentent parfois à nos yeux ces lignes admirables où le ciseau hellénique a fixé, comme en un immortel décret, toute l'esthétique du noble effort humain. Et il se peut bien que ce trait de beauté physique soit un héritage atavique de sang italo-grec. Outre la persistante tradition d'une civilisation reculée de peuples de l'Archipel ou de la Grande Grèce, il y a certaines affinités de taille, de lignes du visage, de teint, de couleur de cheveux, de timbre de voix, et une grande similitude de vêtement, qui rapprochent bien ces beaux hommes et leurs belles compagnes du type de quelques populations maritimes italiennes, spécialement du pêcheur napolitain.

Mais si l'homme proprement de l'eau, le pêcheur, le saunier, le *mercantel,* ont aussi l'élégance agile et flexible d'un triton, le batelier laboureur de Gafanha ou de Mira, originaires peut-être de Beira et descendus autrefois de ses montagnes en quête de meilleurs terrains, montre, au contraire, la massive et grossière rudesse d'un satyre. Il est lourd, lent, disgracieux, aux traits communs et incaractéristiques. L'un est bien l'enfant de l'onde fluide et mouvante; l'autre, celui de la glèbe épaisse et immobile. Mais aussi c'est un travailleur robuste et infatigable. De ses mains rudes est sortie une des plus grandes merveilles de l'agriculture portugaise: la transformation lente mais obstinée des landes stériles en des plaines fertiles, à laquelle on doit la conquête définitive de la terre sur ces vieux domaines maritimes. C'est eux qui ont semé la sapinière qui fixa la dune, qui ont recueilli le frétin qui la fumée, qui ont nivelé et labouré le sable, qui ont jeté à la glèbe le maïs, les haricots et les pommes de terre, qui ont recuit les briques pour faire leur foyer — et qui luttant contre le vent et la dune instable et menaçante, labourant et naviguant, travaillant et économisant, ont fondé et agrandi ces importantes bourgades rurales, qui sur une ligne de plusieurs lieues, s'étendent sans interruption au long de l'estuaire et où la population, la richesse, la production du sol, et partant sa valeur, augmentent continuellement et prodigieusement.

Déjà à l'étroit dans ses sablonnières, le cultivateur de Murtoza ou de Gafanha, cherchant à employer ses abondantes épargnes qui commencent à ne pas trouver de terres où être appliquées, se tourne vers la mer et devient aussi pêcheur. Propriétaire ou compagnon d'équipage, rameur des lourdes *demi-lunes* qui s'en vont au large jeter les filets, garçons des bœufs qui les traînent à terre, il a renvoyé de la côte son habitant primitif, qui émigre pour travailler avec les armateurs d'entre le Tage et Sado, s'enrôle comme marin des bateaux à voile, de cabotage ou au long cours, où s'embarque déjà en grand nombre pour aller pêcher la morue en Terre Neuve.

Mais lorsque j'ébaûcherai le tableau de vie maritime de cette région, je m'occuperai d'avantage de cette curieuse phase qui s'accentue actuellement dans l'évolution de l'art de la pêche.

Luiz de Magalhães.

Braga



ENDO este o primeiro fasciculo consagrado á vetustissima Bracara Lusitana, capital da ridente provincia do Minho, é assaz limitado o espaço destinado á descripção dos mais notaveis monumentos que, por felicidade, ainda aqui se conservam a attestar a religiosidade, o heroismo e o gosto artistico da sua época, sou compellido a uma concisão que me penalisa sempre que se trate de assumptos da natureza d'este.

É certo que já um simples inventario de todos os monumentos representa o melhor serviço prestado á nossa terra; e só por isso a Empreza d'esta publicação tem jus aos mais calorosos elogios e sobretudo ao auxilio official que entre nós ninguem consegue, porque mal parece o Estado a subsidiar *bagatelas*...

Ficam portanto postos de parte os numerosos vestigios da dominação Romana, que aqui teve a séde do Convento Juridico Bracaraugustano, o mais notavel da provincia Tarraconense, bellamente representados nas columnas milliarias da alameda das Carvalheiras, nas muitas inscripções lapidares funerarias, votivas e honorarias, e ainda no notavel monumento protohistorico do *Idolo* dos Granjinhos.

Por egual motivo deixo de referenciar o pouco que nos resta da monarchia Sueva que durante 177 annos teve a sua Côrte em Braga, e dos Wisigodos que aqui permaneceram desde 585 até 714.

Quem foram os fundadores da cidade? Ninguem póde responder com precisão. E embora Justino nos diga que os proprios bracaros affirmavam procederem dos gregos, *gallaeci autem graecam sibi originem asserunt,* continuaremos a perguntar se os Phenicios, os Carthaginezes, os Ligures ou os Celtas seriam extranhos á fundação de Braga. O que apenas se sabe pelo testemunho de Appiano Alexandrino (*De Bello Hispaniensi,* pag. 956), é que no segundo seculo antes de Christo já as legiões Romanas, sob o commando do general Decio Junio Bruto, luctaram desesperadamente com os bracaros gallegos, assim denominados por pertencerem á Callaecia do sul ou seja ás actuaes provincias de Traz-os-Montes e Entre Douro e Minho.

Do dominio Arabe, que se seguiu ao Wisigotico, foi Braga libertada por D. Affonso I o Magno, devendo datar d'esta epocha o seu principal desenvolvimento impulsionado pelos respectivos prelados, que só principiaram a viver vida tranquilla depois que lhes foi permittido o regresso das montanhas das Asturias, onde se haviam refugiado, ao paço Episcopal.

A Sé Cathedral, cuja origem deve remontar aos primeiros seculos do christianismo, seria damnificada pelas contínuas irrupções dos barbaros, tornando-se por isso de necessidade urgente a sua restauração. Ainda hoje conserva preciosos vestigios architectonicos do seculo XII.

A actual fachada, pesadissima, concluida no anno de 1724 a expensas do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, assenta sobre o portico romanico a que outro Arcebispo, D. Diogo de Sousa (1505-32), provavelmente para fazer desapparecer o tympano e a columna central, sotopoz um arco de sarapanel encimado pelo seu brazão.

A elegante galilé é formada de abobada de pedra com suas nervuras rematadas pelo escudo do Arcebispo D. Jorge da Costa II, irmão do notavel Cardeal de Alpedrinha, que a mandou construir desde 1488 a 1501. Tem na frente um arco rendado de volta inteira ladeado de mais dois ogivaes egualmente rendados, e ainda outro d'estes aberto no lado sul. Por cima d'estes arcos mandou o successor D. Diogo de Sousa construir sete nichos com seus baldaquinos que abrigam outras tantas estatuas bellamente esculpturadas em granito fino representando o Anjo da Guarda, S. Pedro, S. Paulo, S. Martinho, S. Fructuoso, S. Geraldo e S. Pedro de Rates. Estes arcos estão vedados por preciosas grades de ferro forjado que no seculo XVI o mesmo D. Diogo de Sousa mandou fazer para vedação da capella-mór e lateraes do cruzeiro da egreja, sendo d'alli removidas em 1722 para o logar que ora occupam.

A cupula de cada uma das torres é formada por quatro hastes que semelham dois arcos ogivaes encruzados, vendo-se suspenso da do lado direito o notavel *sino de S. Geraldo* que tem em relevo go-

Braga



OMME celui-ci est le premier fascicule consacré à la très ancienne Bracara Lusitana, capitale de la riante province du Minho, et comme l'espace destiné à la description des plus remarquables monuments qui par bonheur se trouvent encore ici pour prouver la piété, l'héroïsme et le goût artistique de leur époque, est assez limité, je suis astreint à une concision que me désole toujours lorsqu'il s'agit de sujets de ce genre.

Il est certain que même un simple inventaire de tous les monuments représente dejà un service rendu à notre ville; et, quand ce ne serait que pour celà, cette publication mérite les plus chaleureuses louanges et aurait bien droit à l'aide officielle, qu'entre nous personne n'obtient, parce que l'État trouve méprisable de s'occuper de *bagatelles*...

Nous laisserons donc de côté les nombreux vestiges de la domination romaine, qui siégea ici dans le Couvent Juridique Bracaraugustano, le plus remarquable de la province Tarraconaise, et qui sont admirablement représentés par les colonnes milliaires de l'avenue des Carvalheiras, par la grande quantité d'inscriptions funèbres, honoraires et encore par le beau monument protohistorique de l'*Idole* des Granjinhos.

Pour la même raison je ne pourrai faire de références du peu qui nous reste de la monarchie Suève qui pendant 177 ans eut sa cour à Braga, et des Wisigoths qui habitèrent ici depuis 585 jusqu'à 714.

Quels furent les fondateurs de la ville? Personne ne peut répondre avec précision. Et, quoique Justin nous dise que les propres habitants de Braga, assurent qu'ils descendent des grecs, *gallaeci autem graecam sibi originem asserunt,* nous continuerons à demander si les Phéniciens, les Carthaginois, les Liguriens ou les Celtes auraient été étrangers à la fondation de Braga. Ce que l'on sait à peine, par le témoignage de Appiano Alexandrino (*De Bello Hispaniensi,* pag. 956) c'est que pendant le deuxième siècle avant Jésus Christ, les légions Romaines commandées par le général Decio Junio Bruto, avaient déjà lutté avec acharnement avec les *bracaros gallegos,* ainsi nommés parce qu'ils appartenaient à la Callaecia du Sud, soit aux provinces actuelles de Traz-os-Montes et Entre Douro e Minho.

Ce fut D. Affonso I le *Magno* qui délivra Braga de la domination romaine, qui suivit la Wisigothique, et c'est de cette époque que doit dater son principal développement, encouragé par les prélats respectifs, qui ne commencèrent à jouir d'une existence paisible, qu'après leur retour des montagnes des Asturies où ils s'étaient réfugiés, et leur rentrée au palais Episcopal.

La Cathédrale dont l'origine doit remonter aux premiers siècles du Christianisme, doit avoir été fort endommagée par les continuelles iruptions des barbares et sa restauration est d'une nécessité urgente. Elle conserve encore de précieux vestiges de l'architecture du XIIme siècle.

La façade actuelle, très lourde, terminée en 1724 aux frais de l'Archevêque D. Rodrigo de Moura Telles, repose sur un portique roman, auquel un autre Archevêque, D. Diogo de Sousa (1505-32), probablement pour faire disparaître le tympan et la colonne centrale, superposa un arc en voûte surbaissée surmonté de son blason.

L'élégant vestibule est formé par une voûte de pierre aux nervures terminées par l'écusson de l'Archevêque D. Jorge da Costa II, frère du célèbre Cardinal d'Alpedrinha, qui le fit construire depuis 1488 à 1501. Sur la face il présente un arceau entier, ajouré, flanqué de deux autres en ogive également ajourés, et encore un autre percé du côté Sud. Au dessus de ces arceaux le successeur de D. Diogo de Sousa fit construire sept niches avec leurs baldaquins qui abritent autant de statues très bien sculptées en granit fin représentant l'Ange Gardien, St Pierre, St Paul, St Martin, St Fructueux, St Gérald, et St Pierre de Rates. Ces arceaux sont garantis par de précieuses grilles en fer forgé que le même D. Diogo de Sousa avait fait faire pour séparer le sanctuaire et les bas-côtés, du transept de l'Eglise, et qui furent en 1722 transportées à l'endroit où elles se trouvent actuellement.

thico estes dizeres escrupulosamente lidos por mim, pela primeira vez na integra, e publicados no meu livro *Archeologia Christã*, pag. 55 sgg.:

1.ª linha: — MAGISTER MATRICALENSIS ME FESIT ANO DÑI MILESIMO.
2.ª linha: — ECCE CRVCEM DÑI FVGIT PARTES ADVERSE VINCIT LEO
DE TRIBV IVDA RRADIX DAVIT ALELVIA.
3.ª linha: — QVINGENTESIMO PRIMO AIVTORĪV NOSTRĪE IN NOMINE DÑI
DEVS INCÑE VENIT PRONOBIS CREDO.

A minha leitura, pela ordem que as linhas teem no sino desde os hombros ao bordo, é como segue: Mestre de Madrigal me fez no anno de mil do Senhor. Eis a cruz do Senhor; evitae as partes adversas; vence o leão da tribu de Judá, raiz de David. Quinhentos e um (numero de sinos fundidos, visto haver o desenho de um sino a servir de ponto entre *primo* e *ajutoriu?*). O nosso auxilio em nome do Senhor. Creio que Deus veio encarnar por nós.

Além d'este ha nas duas torres mais 11 sinos que nos dias solemnes martyrisam a visinhança.

A porta lateral Sul (ou do sol), que aqui se representa, é um dos mais interessantes exemplares do estylo romanico em Portugal. Os seus arcos reintrantes, bellamente esculpturados, dizem-nos, na sua mudez granitica, o quanto era productiva a inspiração que os artistas do seculo XII colhiam nos symbolos christãos, sem prejuizo de um ou outro do paganismo á mistura, como o swastika frequentemente gravado nos monumentos prehistoricos e nos sepulchros dos mortos deificados.

Pertencem á mesma epocha os modilhões figurados que correm ao longo do friso sobre a parte que esta porta primitivamente occupou.

A capella-mór, construida a expensas do Arcebispo D. Diogo de Sousa, pertence ao estylo manuelino de Varnhagen, «a manifestação da primeira Renascença nacional na arte de edificar», como lhe chama o eminente escriptor portuguez o snr. Ramalho Ortigão. O vasado da platibanda e a perfeição da esculptura dos variados emblemas peculiares a este estylo, contribuem para que todos os estudiosos lamentem a estreiteza das ruas que ladeiam o monumento. Tambem aqui, como em Thomar, Beja, Guimarães, etc., não faltam as gargulas e outras esculpturas immoraes allusivas ás heresias; era, ao que se vê, parte obrigada na architectura religiosa da epocha, inspirada na antiguidade classica.

Fica á parte Norte a porta lateral de ogiva rasgada n'um muro ameiado que liga pelo Nascente com a capella de Nossa Senhora da Gloria, construcção do seculo XIV quasi isenta de profanações.

Esta capella, que foi construida, com o seu castello ameiado, desde 1330 a 27 de abril de 1334, a expensas do Arcebispo D. Gonçalo Pereira, progenitor da Serenissima Casa de Bragança, tem ao centro um formoso tumulo com estatua jacente de pontifical representando o fundador que em pessoa assistiu á sua conclusão em 1336, pois falleceu em 1348. Lê-se em toda a volta d'elle a seguinte inscripção:

1348
AQVI JAZ O ARCEBISPO D. GONÇALO PER. AVO DO CONDE ESTABEL
DE PORTVGAL D. NVNO ALVARES PEREIRA DO QVAL PROCEDE O IMPERADOR
CARLOS QVINTO E EM TODOS OS REINOS DE CHRISTAONS DA EUROPA OV
OS REIS OV RAINHAS DELLES OV AMBOS. REFORMADA PELO DEÃO
ADMINISTRADOR D. LVIZ NO ANNO DE 1789.

Logo que D. Gonçalo Pereira viu a obra concluida entregou a sua administração *in perpetuum* ao Deão da Sé não sendo de nação gallego ou castelhano; e no caso contrario passaria para o Chantre. Actuava ainda n'elle a lembrança da violenta entrada dos Castelhanos em Portugal, no anno de 1335, e a perseguição que elle, o Mestre de Christo, e o Bispo do Porto lhes moveram n'aquella cidade, matando-lhes um dos generaes e 300 soldados. Na batalha do Salado, em 1340, protegeu com denodo e valentia El-Rei D. Affonso IV, que por seus relevantes serviços lhe ficou afeiçoadissimo.

Interiormente a egreja cathedral de Braga, elevada á categoria de basilica por Breve Apostolico de Pio X, de 20 de março ultimo, sendo a egreja de S. Pedro de Guimarães a primeira da Archidio-

La coupole de chacune des tours est formée de quatre tiges qui semblent deux arcs en ogive croisés; dans la tour du côté droit se trouve la remarquable *cloche de St Gérald*, qui porte en reliefs gothiques, ces caractères scrupuleusement déchiffrés par moi, complètement à la première lecture, et qui sont publiés dans mon livre *Archeologia Christã*, pag. 55 e suiv.:

1ère ligne: — MAGISTER MATRICALENSIS ME FESIT ANO DÑI MILESIMO.
2me ligne: — ECCE CRVCEM DNI FVGIT PARTES ADVERSE VINCIT LEO
DE TRIBV IVDA RRADIX DAVIT ALELVIA.
3me ligne: — QVINGENTESIMO PRIMO AIVTORĪV NOSTRĪE IN NOMINE DÑI
DEVS INCÑE VENIT PRONOBIS CREDO.

Ma lecture, suivant l'ordre que les lignes ont sur la cloche depuis le haut jusqu'au bord est ainsi définie: Maitre de *Madrigal* j'ai été fait l'an mille du Seigneur. Voici la croix du Seigneur; évitez les parties adverses; le lion de la tribu de Juda, racine de David, est vainqueur. Cinq cents un (nombre des cloches fondues puisqu'il existe le dessin d'une cloche servant de point en *primus* et *adjutorium?*). Aidez-nous au nom du Seigneur. Je crois que Dieu est venu s'incarner par nous.

Outre cette cloche il y en a encore 11 dans les deux clochers, qui martyrisent les habitants aux jours de fêtes carillonnées.

La porte latérale côté Sud (ou du soleil), que nous voyons ici représentée, est un exemplaire des plus intéressants du style roman en Portugal. Ces arceaux rentrants magnifiquement sculptés, nous disent dans leur silence de pierre, tout ce que pouvait produire l'inspiration que les artistes du XIIme siècle puisaient dans les symboles chrétiens, avec l'une ou l'autre nuance de paganisme, comme le swastika fréquemment gravé sur les monuments préhistoriques et sur les tombeaux des morts déifiés.

Les petits motifs figurés qui courent au long de la frise, sur la partie que cette porte a primitivement occupé, appartiennent à la même époque.

Le sanctuaire, construit aux frais de l'Archevêque D. Diogo de Sousa, est du style *manuelino* de Varnhagen, «la manifestation de la première Renaissance en Portugal dans l'art d'édifier», comme le nomme l'éminent écrivain portugais Mr. Ramalho Ortigão. Le beau travail de la balustrade et la parfaite sculpture des divers emblêmes péculiers à ce style, contribuent pour que les amateurs lamentent l'étroitesse des rues qui bordent le monument. Ici comme à Thomar, Beja, Guimarães, etc., on voit les gargouilles et d'autres sculptures immorales, allusives aux hérésies; c'était, à ce qu'on voit, une partie presque obligatoire dans l'architecture religieuse de cette époque, inspirée dans l'antiquité classique.

C'est au nord que se trouve la porte latérale en ogive percée dans un mur crénelé qui se relie au Levant à la Chapelle de Notre Dame da Gloria, construction du XVIme siècle presque libre de profanations.

Cette chapelle, avec son château crénelé qui fut construite, de 1330 au 27 Avril 1334, aux frais de l'Archevêque D. Gonçalo Pereira, ascendant de la Sérénissime Maison de Bragança, a au centre un superbe tombeau avec une statue couchée, dans ces vêtements pontificaux représentant le fondateur, qui assista en personne à sa conclusion en 1336, puisqu'il mourût en 1348. Tout autour du sarcophage on lit l'inscription suivante:

1348
AQVI JAZ O ARCEBISPO D. GONÇALO PER.^A AVO DO CONDE ESTABEL
DE PORTUGAL D. NVNO ALVARES PEREIRA DO QVAL PROCEDE O IMPERADOR
CARLOS QVINTO E EM TODOS OS REINOS DE CHRISTAONS DA EUROPA OV
OS REIS OV RAINHAS DELLES OV AMBOS. REFORMADA PELO DEÃO
ADMINISTRADOR D. LVIZ NO ANNO DE 1789.

Aussitôt que D. Gonçalo Pereira vit l'œuvre terminée il en remit la charge *in perpetuum* au Doyen de la Cathédrale dans le cas où il ne serait gallicien ni castillan; dans cette hypothèse elle passerait au chantre. Il se souvenait encore de la violente entrée des castillans en Portugal, l'année 1335, et de la persécution que lui, le Maître du Christ, avec l'Evêque de Porto, lui avaient faite dans cette

cese, por isso que foi elevada a essa categoria por Breve de Benedicto XIV de 26 de março de 1751, é dividida em tres elegantes naves de arcos ogivaes sustentados por grandes columnas de granito *pintado* com capiteis compositos de *madeira dourada*, visto os de pedra não resistirem á furia do picão que no seculo proximo findo tantos estragos fez em todo o paiz!

Os quatro ultimos arcos da nave central, contando de cima para baixo, são interceptados pelo riquissimo côro que o Cabido de 1737 mandou construir, enriquecendo-o em 1757 com as cadeiras de pau preto dourado. Os orgãos actuaes, que substituiram os anteriores feitos a expensas de D. Diogo de Sousa, construiram-se em 1737 (lado do Evangelho) e 1738 (lado da Epistola) sendo seu auctor o religioso Franciscano *F. R. Simon Fontanus Gallencianus.* No alto, sobre as estatuas da Fé, Esperança, Caridade, Religião, Concordia e Fortaleza, vê-se uma aguia com estes dizeres n'uma fita: QVIS VIDIT HVIC SIMILE? E outra aguia com estes: QVIS AVDIVIT VNQVAM TALE? Referem-se, com algum exaggero, á magestade da obra. Estes dois orgãos, ornados de preciosa talha dourada, são sustentados por Satyros de correctissima esculptura.

Junto do anteparo, á direita de quem entra, vê-se em arco aberto na parede o precioso tumulo de cobre dourado com a estatua jacente do infante D. Affonso, filho primogenito de El-Rei D. João I, o qual, tendo nascido em Santarem a 30 de julho de 1390, falleceu em Braga a 22 de dezembro de 1400, por occasião da estada aqui de seu augusto pae, sendo então sepultado «entre as duas columnas que dividem a nave do meio da do Evangelho, começando do cruzeiro», como diz D. Rodrigo da Cunha, e trasladado annos depois.

O referido tumulo foi-lhe offerecido por sua irmã a infanta D. Izabel, casada em 1429 com Filippe V (o Bom), Duque de Borgonha e Conde de Flandres e de Henao, que o enviou para Braga. Á estatua do infante falta a perna direita, roubada como os quatro leões que sustentavam o tumulo, o cachorro que tinha aos pés e os dois anjos que se viam em adoração aos lados da cabeça!

O tumulo tem em volta esta inscripção truncada:

AQVI YAZ O YNFANTE DON AFONSO
DE PORTVGAL A QVEM DE .... FYLHO
DO NOBRE REY DOM YOAN DE PORTVGAL...

Provavelmente a leitura completa era esta: «Aqui jaz o infante D. Affonso de Portugal, a quem Deus perdoe; filho do nobre rei D. João de Portugal, o primeiro, e da rainha D. Filippa; falleceu aos 22 de dezembro de 1400».

Ao lado esquerdo está a pia baptismal ricamente esculpturada em pedra de Ançã (não em granito, como erradamente se tem dito), representando na base quatro leões que devoram creanças.

O frontal do altar do Sacramento é de uma só peça de riquissima talha, representando em primoroso relevo a Sagrada Eucharistia conduzida pelo Vigario de Christo em um carro triumphal que arrasta presos muitos herejes e despedaça outros sob as rodas. Na frente caminham os crentes enthusiasmados, empunhando palmas e tocando trombetas. Ao centro tem estes dizeres:

ECCLESIA PER S. EUCHARISTIAM TRIUMPHANS.

Outro frontal, o do altar-mór, em pedra de Ançã, representando Christo e os doze Apostolos aos pares entre ornatos, está truncado no lado direito, e talvez por isso encoberto com outro de madeira.

O thesouro é rico de preciosidades historicas e artisticas em prata e ouro, sendo digno de nota o pequenissimo *calice de S. Geraldo*, de 0m,11 de altura, todo coberto de ornamentação hispano-arabe, e o respectivo cofre de marfim do mesmo estylo.

Na capella dos reis, assim denominada por ter sido construida no local que serviu de cemiterio aos reis Suevos catholicos, existem os tumulos do Conde D. Henrique, fallecido em Astorga no anno de 1112, e da rainha D. Thereza, fallecida em Coimbra no 1.º de novembro de 1130, progenitores de D. Affonso Henriques, fundador da monarchia portugueza. O primeiro, que primitivamente esteve na ca-

ville, en tuant un de ses généraux et 300 soldats. À la bataille du Salado, en 1340, il protégea avec courage et bravoure le Roi D. Affonso IV, qui par ses importants services lui resta très affectionné.

La cathédrale de Braga fut élévée à la cathégorie de basilique par un Brévet Apostolique de Pie X, le 20 Mars dernier, l'église de S. Pierre de Guimarães étant la première de l'Archidiocèse, et ayant obtenu cette dignité par Brévet de Bénédict XIV le 26 Mars 1751; la basilique de Braga est partagée en trois élégantes nefs aux arcades ogivales soutenues par de grandes colonnes de granit *peint* et des chapiteaux composites en *bois doré*, car ceux de pierre n'ont pas échappé à la furie de la pioche qui pendant le dernier siècle a tant dévasté notre pays.

Les quatre dernières arcades en comptant du haut en bas, sont interrompues par le somptueux chœur que le Chapitre fit construire en 1737, en l'enrichissant encore en 1757 avec les chaises en bois noir doré. Les orgues actuels, remplaçant les antérieurs faits aux dépens de D. Diogo de Sousa, ont été construits en 1737 (côté de l'Evangile) et 1738 (côté de l'Epître) par le religieux Franciscain *F. R. Simon Fontanus Gallencianus.* En haut, au dessus des statues de la Foi, l'Espérance, la Charité, la Religion, la Concorde et la Force, on voit un aigle avec cette devise sur un ruban: QVIS VIDIT HVIC SIMILE? Et un autre aigle avec ceci: QVIS AVDIVIT VNQVAM TALE? Ce qui avec un peu d'exagération se rapporte à la majesté de l'œuvre. Ces deux orgues ornés de précieuses boiseries dorées sont soutenus par des satyres correctement sculptés.

Auprès de l'éspèce de paravent à droite de l'entrée, dans un arceau ouvert dans le mur se trouve le precieux tombeau en cuivre doré avec la statue couchée de l'infant D. Affonso fils aîné du Roi D. Jean I, lequel étant né à Santarem le 30 Juillet 1390 mourût à Braga le 22 Décembre 1400, lors d'une visite que son auguste père fit à cette ville; il fut inhumé «entre les deux colonnes qui séparent la nef centrale de celle de l'Evangile, en venant du transept», comme dit D. Rodrigo da Cunha, et fut transféré quelques années après.

Ce tombeau lui fut offert par sa sœur l'infante D. Isabel mariée en 1429 à Filippe V (le Bon), Duc de Bourgogne et Comte de Flandres et de Henao, qui l'envoya à Braga. La statue de l'infant n'a plus la jambe droite, volée, ainsi que les quatre lions qui soutenaient le tombeau, le chien qui reposait aux pieds, et les deux anges qui l'on voyait en adoration aux deux côtés de la tête.

Autour du tombeau on lit cette inscription tronquée:

AQVI YAZ O YNFANTE DON AFONSO
DE PORTVGAL A QVEM DE........ FYLHO
DO NOBRE REI DOM YOAN DE PORTVGAL...

Probablement la lecture complète etait celle-ci: Ci-gît l'infant D. Affonso de Portugal à qui Dieu pardonne; fils du noble roi D. Jean de Portugal, le premier, et de la reine D. Filippa; décédé le 22 Décembre 1400.

A gauche sont les fonts baptismaux richement travaillés en pierre de Ançã (et non en granit comme on l'a dit par erreur) représentant à la base quatre lions qui dévorent des enfants.

Le devant d'autel du Sacrement est d'une seule pièce richement sculpté et représente en un magnifique relief la Sainte Eucharistie conduite par le Vicaire du Christ en un char triomphal qui entraîne beaucoup d'hérétiques et en écrase d'autres sous les roues. En avant cheminent les croyants enthousiasmés, empoignant des palmes et sonnant des trompettes. Au centre on lit ce qui suit:

ECCLESIA PER S. EUCHARISTIAM TRIUMPHANS.

Un autre devant d'autel, celui du maître autel en pierre d'Ançã, représente le Christ et les douze Apôtres deux à deux entre des ornements; il est tronqué du côté droit, et c'est peut-être pour ce motif qu'on l'a recouvert d'un autre en bois.

Le trésor est riche en préciosités historiques et artistiques d'or et d'argent, et on remarque entre autres le tout petit *calice de St Gerald*, de 0m,11 de hauteur, tout recouvert d'ornements hispano-arabes et un coffre respectif en ivoire du même style.

Dans la chapelle des rois, ainsi nommée parce qu'elle a été construite à l'emplacement qui ser-

pella-mór, lado do Evangelho, tem esta inscripção mandada gravar por D. Diogo de Sousa que n'elle depositou os dois cadaveres envoltos n'um panno de damasco vermelho:

D. O. M.
DOMINO HENRICO HVNGARORVM REGIS
FILIO PORTVGALLIAE COMITI DOMINVS
DIEGVS SOVSA ARCHIEP VIRO CLARISSIMO
AQVO PORTVGALLIAE REGES ESSE REGNVMQ
ACCEPISSE CONSTAT DE REPVBLICA CHRISTIANA
PATRIAQ SVA OPTIME MERENTI POSVIT ANN.
Á CHRIST NA MDXIII.

O segundo, que o mesmo D. Diogo fez construir para si, collocando-o do lado da Epistola, foi em 1598, por ordem do Arcebispo D. Agostinho de Castro occupado com a ossada de D. Thereza, gravando-se-lhe então a inscripção seguinte:

D. O. M.
REGINAE TARESIAE ALFONSI CASTELLAE
ET LEONIS REGIS IMPERATORIS NVNCVPATI
FILIAE COMITIS HENRICI VXORI DIDACVS A SOVSA
ARCHIEPISCOPVS BRACHAR HISP. PRIMAS M. P. AN
A CHRISTO NATO MDXIII

Estes dois tumulos, mandados fazer pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa, foram removidos em maio de 1877 para o logar que ora teem, mas criminosamente cortados pelos joelhos das estatuas jacentes, adaptando-se os pés das mesmas ao logar do córte!

Na capella de S. Geraldo foi sepultado o alcaide-mór de Coimbra D. Martim de Freitas, gravando-se na tampa do seu moimento tres flôres de lis.

A egreja da Sé mede interiormente de comprimento, desde o cruzeiro á soleira da porta, 53^{m},20^{c} por 18^{m},10^{c} de largura. Nos intervalos dos altares lateraes tem 16 formosas estatuas de madeira em tamanho natural, representando: — S. Paulo, S. Thiago Maior, S. Thomé, S. Filippe, S. Matheus, S. Mathias, Santo Ambrosio, S. Jeronymo, S. Pedro, S. André, S. João, S. Thiago Menor, S. Bartholomeu, S. Simão, S. Gregorio Papa e Santo Agostinho.

Na egreja e suas dependencias existem 31 altares.

Albano Bellino.

vait de cimetière aux rois Suèves catholiques, on voit les tombeaux du Comte D. Henri mort à Astorga en 1112, et de la reine D. Thérèse, décédée à Coimbra le 1er Novembre 1130, père et mère de D. Affonso Henriques, le fondateur de la monarchie portugaise. Le premier qui était primitivement dans le sanctuaire, du côté de l'Evangile, porte cette inscription qu'y a fait graver D. Diogo de Sousa lorsqu'il y fit déposer les deux cadavres enveloppés d'un linceul de damas rouge:

D. O. M.
DOMINO HENRICO HVNGARORVM REGIS
FILIO PORTVGALLIAE COMITI DOMINVS
DIEGVS SOVSA ARCHIEP VIRO CLARISSIMO
AQVO PORTVGALLIAE REGES ESSE REGNVMQ
ACCEPISSE CONSTAT DE REPVBLICA CHRISTIANA
PATRIAQ SVA OPTIME MERENTI POSVIT ANN.
Á CHRIST NA MDXIII.

Le deuxième tombeau que le même D. Diogo fit construire pour lui, en le plaçant du côté de l'Épitre, fut en 1598, par ordre de l'Archevêque D. Agostinho de Castro, occupé par la dépouille mortelle de D. Thérèse, et l'on y grava alors l'inscription suivante:

D. O. M.
REGINAE TARESIAE ALFONSI CASTELLAE
ET LEONIS REGIS IMPERATORIS NVNCVPATI
FILIAE COMITIS HENRICI VXORI DIDACVS A SOVSA
ARCHIEPISCOPVS BRACHAR HISP. PRIMAS M. P. AN
A CHRISTO NATO MDXIII

Ces deux tombeaux, faits exécuter par l'Archevêque D. Diogo de Sousa, furent déplacés en mai 1877 et mis à la place où ils sont maintenant, mais on coupa par les genoux les deux statues couchées en adaptant ensuite les pieds à l'endroit de la coupure!

L'alcalde de Coimbra D. Martim de Freitas fut inhumé dans la chapelle de St Gérald, et sur sa pierre tombale, on grava trois fleurs de lys.

La cathédrale mesure intérieurement en sa longueur, depuis le transept jusqu'au pas de la porte 53^{m},20^{c} sur 18^{m},10^{c} de largeur. Dans les intervalles des autels latéraux on voit 16 belles statues en bois de grandeur naturelle représentant: St Paul, St Jacques le Grand, St Thomas, St Philippe, St Mathieu, St Mathias, St Ambroise, St Jérôme, St Pierre, St André, St Jean, St Jacques Mineur, St Barthélémy, St Simon, St Gregoire Pape, et St Augustin.

Dans l'église et ses dépendances il y a 31 autels.

Albano Bellino.

Capella de Nossa Senhora da Conceição



ERTENCE á segunda classe dos monumentos nacionaes a capella de Nossa Senhora da Conceição, que o Dr. João de Coimbra, provisor n'este Arcebispado, fez construir junto da parochial egreja de S. João do Souto, no anno de 1515 «em louvor d. noso shõr e de Sua Madre nosa Sñra», como se lê n'uma inscripção que se acha embebida na parede interior da *sala do archivo*, parte superior ameiada da referida capella quadrangular considerada unica no paiz pela sua estructura. O estylo pertence ao ultimo periodo da architectura gothica terciaria ou flammejante com vestigios bem accentuados da transição ou renascença que se inspirou na antiguidade classica; mas ninguem tal affirmaria desde ha meio seculo até maio do anno proximo findo em que o actual proprietario-administrador o snr. D. José Maria de Queiroz e Lencastre me encarregou da sua restauração. As duas janellas da frente e do lado esquerdo estavam do meio para cima tapadas a tijolo e cal; a estatua da padroeira encerrada n'um oratorio de ferro envidraçado; a galilé e parte da porta de arco perfeito ornamentado desfigurada com duas pequenas sacristias que apenas deixavam livre a entrada; os ornatos das grades truncados, as paredes e columnas cobertas de tinta de oleo; a cobertura desconjuntada, tudo emfim mascarado! Ordenei portanto a demolição das sacristias de tabique; a desobstrucção, reparo e envidraçamento das janellas; a retirada do oratorio de ferro; a reparação e pintura das grades; a lavagem da silharia da galilé e das estatuas de jaspe: — S. Paulo heremita, com um leão ao lado, S. Antão Abbade, o Centauro e o Satyro (influencia da antiguidade classica), que pousam sobre o frizo d'esta; e egualmente ordenei que fossem lavadas as restantes estatuas: — S. João, Virgem da Conceição, S. Paulo, S. Pedro e S. Thiago — que ladeiam exteriormente a capella. O retabulo da capella de Santo Antonio Esquecido, todo esculpturado em granito, foi tambem despojado das côres berrantes — azul, amarello e verde — que ha muitos annos o mascaravam. A bella imagem d'este santo pertence ao numero das que ladeiam a capella da Conceição, que lhe fica contigua, mas, infelizmente, lá está, como estava, pintada.

A estructura d'esta interessante capella parece indicar que em toda a volta d'ella foram primitivamente collocadas outras estatuas de jaspe do mesmo cinzel das existentes e que, pelo menos, na face do lado norte haveria outra janella igual ás duas actuaes. Pela simples inspecção das paredes interiores e exteriores verifica-se, porém, que o edificio nunca possuiu mais de duas janellas e que provavelmente na parte posterior o Santo Antonio Esquecido não estaria alli desacompanhado de mais dois habitantes do céo, essas almas ditosas que tiveram a gloria de fazer a vontade a Deus. Mas, n'esse caso, que destino levariam as referidas estatuas? Ninguem ainda o disse ou dirá.

Admitte-se que o lado norte, encostado desde a primitiva á egreja de S. João do Souto, fôsse sempre o que ainda hoje é, desprovido de janella e de estatuas. O certo é que em todo o paiz não apparece segundo exemplar d'esta construcção religiosa.

A interessante porta de madeira, esculpturada em alto relevo e com seis almofadas em medalhões representando symbolos christãos, foi accrescentada em todo o vão do arco, retirando-se a vidraça que lhe servia de bandeira. Para esses dois medalhões do accrescimo, que se executaram pelo modelo dos antigos, designei um cortiço de abelhas e uma esphera sobre a qual se vê um compasso, symbolisando aquelle o *segredo* e esta a *sabedoria*.

N'este meio *illustrado* em que vivemos, não faltou quem logo descobrisse no symbolo da sabedoria uma allusão maçonica! Eu, porém, que trabalhava com os olhos postos nos homens de sciencia, nunca olhei para traz, nem mesmo quando uns me aconselhavam a lavagem da cantaria denegrida pelos seculos, outros a reparação das bellas estatuas da galilé, e outros ainda a retirada dos parapeitos das janellas e dos vidros de côres que appliquei ao seu caixilho de pedra.

Chapelle de Notre Dame de la Conception



A chapelle de Notre Dame de la Conception, que le Docteur Jean de Coimbra, proviseur dans cet Archevêché, fit construire près de l'église paroissiale de St Jean du Souto, l'année 1515 « en hommage de notre Seigneur et de sa Mère Notre Dame», comme on lît sur une inscription gravée dans le mur intérieur de la *salle de l'Archive*, partie supérieure crénelée de la même chapelle carrée, considérée par sa construction comme unique dans le pays, appartient à la deuxième classe des monuments nationaux. Son style est de la dernière période de l'architecture gothique tertiaire ou flamboyante, avec des vestiges bien marqués de la transition ou renaissance, inspirée dans l'antiquité classique; mais personne ne s'en serait douté depuis un demi siècle jusqu'au mois de mai de l'année dernière, lorsque son actuel propriétaire et administrateur Mr. D. José Maria de Queiroz e Lencastre me chargea de sa restauration.

Les deux fenêtres de la façade et celle du côté gauche étaient depuis le milieu jusqu'en haut couvertes de briques et de chaux; la statue de la patronne enfermée dans un oratoire de fer vitré; le vestibule et une partie de la porte en arc parfait ornementé, défigurés par deux petites sacristies qui laissaient à peine l'entrée libre; les ornements des grilles tronqués, les murs et les colonnes couverts de peinture à l'huile; la toiture effondrée; tout enfin défiguré! J'ordonnai donc la démolition des sacristies en cloison; la désobstruction, la réparation, et le vitrage des croisées; l'élimination de l'oratoire en fer; la réparation et peinture des grilles; le nettoyage de la pierre du vestibule, et des statues de jaspe: — St Paul ermite, avec un lion à côté de lui, St Antonie Abbé, le Centaure et le Satyre (influence de l'antiquité classique, qui reposent sur la frise; je fis également procéder au lavage des autres statues: — St Jean, la Vierge de la Conception, St Paul, St Pierre et St Jacques — qui ornent les côtés extérieurs de la chapelle.

Le retable de la chapelle de St Antoine Esquecido (Oublié) tout sculpté en granit, a aussi été dépouillé des couleurs criardes, bleu, jaune et vert qui le masquaient depuis bien des années. La belle image de ce saint appartient au nombre de celles qui flanquent la chapelle de la Conception, qui est contigüe, mais malheureusement elle s'y trouve peinte comme elle était.

La structure de cette intéressante chapelle semble indiquer que tout autour il y avait primitivement d'autres statues de jaspe dues au même ciseau que celles qui existent, et que, du moins sur la façade du côté nord il devait y avoir une autre fenêtre, semblable aux deux que l'on voit actuellement; mais par la simple inspection des murs intérieurs et extérieurs on vérifie que l'édifice n'a jamais eu plus de deux fenêtres et que probablement sur la partie postérieure, St Antoine Esquecido, était accompagné de deux autres habitants du ciel, âmes bienheureuses qui eurent la gloire d'accomplir la volonté de Dieu. Mais dans ce cas, quelle aurait été la destinée de ces deux statues? Nul ne l'a dit ni ne le dira.

On admet que le côté nord appuyé depuis le commencement à l'église de St Jean du Souto aît été toujours comme il l'est maintenant, dépourvu de fenêtres et de statues. Ce qui est certain c'est que dans tout le pays on ne trouve pas un autre exemplaire de cette construction religieuse.

L'intéressante porte en bois, sculptée en haut relief avec six vanteaux à médaillons représentant des symboles chrétiens, a été rajoutée dans tout l'espace de l'arc, en remplacement du vitrage qui lui servait d'imposte. Pour ces deux médaillons ajoutés, et exécutés selon le modèle des anciens, j'ai désigné une ruche d'abeilles et une sphère, sur laquelle on voit un compas, comme symboles du *secret* et de la *sagesse*.

Dans ce milieu *éclairé* où nous vivons, on a tout de suite découvert dans le symbole de la sagesse, une allusion maçonique! Mais comme je travaillais avec les yeux fixés sur les hommes de scien-

Não se póde dizer que a restauração fôsse completa, porque para isso alguma coisa falta ainda. O que porém se fez creio que satisfará os entendidos em assumptos d'esta natureza.

A todos estes trabalhos, commemorativos do quinquagesimo anniversario da definição dogmatica da immaculada Conceição, refere-se a seguinte inscripção que fiz gravar no lado direito do interior da galilé:

D. JOSEPHVS MARIA DE QVEIROZ E LENCASTRE
QVINQVAGESIMVM IMMACVLATAE CONCEPTIONIS
BEATAE MARIAE DEFINITIONIS DOGMATICAE
ANNIVERSARIVM AGENS HOC SACELVM
INSTAVRARE FECIT ANNO DOMINI. M.DCCCC.IV

A moderna inscripção defronta com est'outra antiga referente á consagração da capella á Virgem Mãe de Deus, pelo fundador Dr. João de Coimbra, no anno de 1528:

DEIPARAE VIRGINI
SACRVM. JOANNES
CONNIMBRICENSIS
ANNO CHRISTI. MD
XXVIII. DICAVIT

Sobre o friso da galilé havia tambem ao centro uma columna encimada por um côrvo de pedra com cabeça de ferro e um pão no bico. Caiu ha bastantes annos estilhaçando-se tudo. É sobremodo curiosa a grimpa de ferro que encima a cupula da capella, constando de uma grande esphera, a lua e o sol com um dos raios em fórma de bandeira e n'ella as armas dos Coimbras, e a cruz rematada por uma pomba e um grande circulo de estrellas.

O interior d'esta interessante capella é abobadado de pedra fina com suas nervuras e ricos fechos dourados, rematando todas com o escudo do fundador. Do lado do Evangelho todo o espaço abre n'um grande arco rendado que communicava com a egreja de S. João do Souto accrescentada no tempo do Arcebispo D. Gaspar de Bragança (1758-89) até facear com a capella. A talha e figurado do altar, bem como o interessante grupo do enterro, em tamanho natural, ao lado da Epistola, é tudo primorosamente esculpturado na mesma pedra jaspe.

O snr. D. José de Lencastre, accedendo aos meus desejos, mostrou-se bem disposto para brevemente mandar lavar toda a pintura que desfeia aquelles primores da estatuaria portugueza. Já se fez a experiencia no Centurião que está á esquerda de quem entra e, pelo resultado, parece não haver motivo para desanimo. Oxalá.

O Morgado foi instituido aos 16 de fevereiro de 1530, sendo a capella dotada com importantissimos bens de raiz, mediante auctorisação que el-rei D. João III havia concedido em 12 de março de 1527, alguns dos quaes constavam dos livros do Almoxarifado de Guimarães.

A instituição começa por estas palavras: «Em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo e um só Deus Nosso Senhor e da bem aventurada Virgem Sagrada Santa Maria Nossa Senhora Sua Madre advogada dos Peccadores, á qual eu peço humildissimamente que rogue a seu Bemdito Filho Jesus Christo Nosso Senhor por mim que me queira perdoar meus peccados pela sua infinita Misericordia, e levar a sua santa Gloria á qual Senhora Virgem Santa Maria eu o Doutor João de Coimbra Provisor n'este Arcebispado de Braga tomo por valledora e advogada, etc.»

Ainda hoje se vê a pouca distancia da capella o palacete do instituidor, construcção dispendiosa pela sua vastidão e pela riqueza esculptural das grandes janellas, que fazem a admiração dos entendidos. Por permissão especialissima, visto haver intercepção pela antiga rua de S. Marcos, hoje de S. João do Souto, podia o fundador assistir d'estas janellas ás missas quotidianas celebradas na capella.

ce, je n'ai jamais regardé en arrière, même lorsque les uns me conseillaient le nettoyage de la pierre noircie par les siècles, les autres la réparation des belles statues du vestibule, et d'autres encore voulaient l'élimination des balcons des fenêtres et des vitraux que je fis appliquer dans les châssis de pierre.

On ne peut pas dire que la restauration ait été complète, car il manque encore assez de choses pour cela, mais ce qui a été fait doit satisfaire ceux qui s'entendent sur des sujets de ce genre.

L'inscription suivante que je fis graver du côté droit à l'intérieur du vestibule, se rapporte à tous ces travaux commémoratifs du cinquantième anniversaire de la définition dogmatique de l'Immaculée Conception:

D. JOSEPHVS MARIA DE QVEIROZ E LENCASTRE
QVINQVAGESIMVM IMMACVLATAE CONCEPTIONIS
BEATAE MARIAE DEFINITIONIS DOGMATICAE
ANNIVERSARIVM AGENS HOC SACELVM
INSTAVRARE FECIT ANNO DOMINI. M.DCCCC.IV

L'inscription moderne est placée vis-à-vis de cette autre ancienne, relative à la consécration de la chapelle à la Vierge mère de Dieu, par le fondateur D. João de Coimbra l'année 1528:

DEIPARAE VIRGINI
SACRVM. JOANNES
CONNIMBRICENSIS
ANNO CHRISTI. MD
XXVIII. DICAVIT

Sur la frise du vestibule il y avait aussi au centre une colonne surmontée d'un corbeau en pierre, avec la tête en fer et un pain dans le bec. Il est tombé, depuis bien des années et s'est complètement brisé. Très curieuse aussi la girouette en fer que l'on voit au dessus de la coupole de la chapelle et qui se compose d'une grande sphère, la lune et le soleil avec un des rayons en forme de drapeau avec les armes des Coimbras, et la croix terminée par une colonne et un grand cercle d'étoiles.

L'intérieur de cette interessante chapelle est voûté en pierre fine avec ses nervures et les clefs dorées, toutes terminées par l'écusson du fondateur. Du côté de l'Evangile tout l'espace ouvre sur un grand arceau à jour, qui communiquait avec l'église de St Jean du Souto, ajoutée au temps de l'Archevêque D. Gaspar de Bragança (1758-89) jusqu'à venir au niveau de la chapelle. Les figures sculptées de l'autel ainsi que l'intéressant groupe de l'enterrement, en grandeur naturelle, à côté de l'Epitre, tout est précieusement sculpté dans la même pierre jaspe.

Mr. Don José de Lencastre, accédant à mes désirs, s'est montré très disposé à faire bientôt laver toute la peinture qui enlaidit ces beautés de la statuaire portugaise.

On a déjà fait l'expérience sur le Centurion qui est à gauche de l'entrée et le résultat n'a pas été pour nous décourager. Dieu le veuille. Le majorat a été institué le 16 Fevrier 1530 et la chapelle douée d'importants biens-fonds, par une autorisation que le Roi D. Jean III avait accordée le 12 Mars 1527, quelques uns même étant mentionnés dans les livres de l'Amoxarifado de Guimarães.

L'institution commence par ces mots: «Au nom du Père, du Fils et du Saint Esprit et un seul Dieu Notre Seigneur et de la Bienheureuse Vierge sacrée, Sainte Marie, Notre Dame Sa Mére Protectrice des Pêcheurs, à laquelle je demande très humblement qu'elle prie son Fils Béni Jesus Christ Notre Seigneur pour moi, pour qu'il veuille me pardonner mes péchés par sa miséricorde infinie, et me conduire à sa Sainte Gloire, laquelle Vierge Sainte Marie moi le Docteur João de Coimbra, Proviseur de cet Archevêché de Braga, je prends pour protectrice et patronnesse, etc.»

On voit encore aujourd'hui à peu de distance de la chapelle, le petit palais du fondateur, constru-

Local de S. João da Ponte

Quem nunca percorreu o Minho — as suas cidades, as suas villas, as suas aldeias — embora conheça *de visu* ou por tradição os encantos do Algarve, do Alemtejo, da Extremadura, do Douro, de Traz-os-Montes, das Beiras alta e baixa, mal póde ajuizar das bellezas paradisiacas esparsas por todo este jardim do nosso Portugal!

Parece porém que entre as demais localidades minhotas, Braga se distingue pela belleza topographica e primores de vegetação n'uma aria consideravel cortada de regatos e banhada pelos rios Cavado e Éste. Por todo o lado Norte da cidade, n'um horisonte vasto, estendem-se feracissimas campinas em que alveja o casario, capellas e egrejas de muitas freguezias servidas por magnificas estradas de macadam.

O notavel Sanctuario do Bom Jesus, o Sameiro, a lendaria Falperra com as capellas de Santa Maria Magdalena, Santa Marta e Santo Antonio, tomam todo o Nascente-Sul n'uma suave elevação cultivada e habitada até mais de meio, semelhando um extremo da cidade que domina e da qual está separada pelo referido rio Éste, hoje tão acanhado e tão pouco volumoso d'agua, que não parece ter sido o que deu a morte a 32 pessoas afogadas pela sua enchente no dia 30 de junho de 1779 e que, seculos antes, mereceu ao Infante D. Pedro, regente do Reino, uma referencia quando em 1443 coutou ao Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra «as perdizes com seus óvos, condemnando quem as caçasse por cada perdigão, perdiz ou ovo, vinte reaes brancos; e que á distancia de uma legua, meia acima da ponte de Guimarães e meia abaixo, ninguem pescasse no rio Éste, sob pena de pagar por cada peixe dez reaes brancos.»

Nas margens d'este pequeno rio, no sitio em que é cortado pelas pontes nova e velha de Guimarães, cidade que d'aqui dista 21 kilometros e que não é menos rica de arrabaldes formosos, realisam-se annualmente, desde ha seculos, os populares festejos em honra do Precursor de Christo, sobejamente conhecidos em todo o paiz e longe d'aqui pelo brilho que sempre revestem.

A uns oitenta metros da margem esquerda, n'uma ampla explanada onde os festejos se realisam foi construida em 1616 a actual capella de S. João com seu alpendre sustentado por seis columnas toscanas. Ha poucos annos foram derrubadas duas grandes arvores que lhe ficavam em frente engrinaldadas por velhas glycinias que annualmente, no mez de março, floresciam a ponto de lhes substituir por completo a folhagem desabrochante. A parte vedada em volta da capella foi em tempo ajardinada, tendo então a frequencia de um passeio publico principalmente na estação calmosa. Actualmente (vergonha é dizel-o!) esse local tão decantado, onde a Natureza e a Arte deviam dar-se as mãos, tem sido censuravelmente votado ao abandono e até destinado pela edilidade de Braga a receptaculo dos entulhos da cidade!

Ainda bem que os milhares de forasteiros alli reunidos na vespera do S. João, encontram quasi todo o espaço adornado de mastros, arcos e galhardetes das vistosas illuminações, e arruado por numerosas barracas de madeira, pipas de vinho e petiscos sob toldos, coretos de musicas, tudo emfim que constitue as decantadas romarias do Minho, onde os descantes, a musica e os bailados, os trajes das raparigas d'aldeia e os fogos de vistas, deleitam o espirito mais rebelde ás alegrias da vida.

Fóra d'esta occasião dos festejos, quaesquer dos nossos visitantes que alli vão sentem-se mal impressionados e lamentam a falta de patriotismo dos habitantes da capital minhota. É isto um facto sobejamente conhecido mas com que ninguem aqui se importa.

El-rei D. João I, querendo honrar o santo do seu nome, determinou que todos os municipios festejassem com grande luzimento S. João Baptista; e a avaliar pelo que ainda hoje se faz em Braga, é de suppôr que esta cidade se distinguisse na observancia das reaes ordens. Por um codice do seculo XVII, citado por Camillo Castello Branco no n.º 7 da *Gazeta Litteraria* do Porto, sabemos que estes festejos baptistinos tiveram antigamente, como parte mais interessante, a montaria que os bracarenses faziam ás féras acoitadas nos matagaes dos arredores da cidade. Seguiram-se as cavalhadas, e então os fidalgos de Braga substituiram as féras por porcos que lançavam na coutada dos Arcebispos, sendo por fim um dos mezarios da irmandade de S. João encarregado de manter um porco preto que, na madrugada de 24 de junho, depois das cavalhadas, era levado ao alto do Picoto, sobranceiro á coutada, e d'alli perseguido até á margem do rio onde o povo se achava reunido para o obrigar a atravessar a

ction somptueuse par sa grandeur et par la richesse sculpturale de ses grandes fenêtres qui font l'admiration des amateurs. Par une permission très spéciale, puisqu'il y avait une interception par l'ancienne rue de St Marc, aujourd'hui de St Jean du Souto, le fondateur pouvait de ces fenêtres assister aux messes quotidiennes célébrées dans la chapelle.

Sîte de St João da Ponte

Ceux qui n'ont jamais parcouru le Minho — ses villes, ses bourgs, ses villages — même qu'ils connaissent *de visu* ou par tradition les charmes des autres provinces de notre pays, ne peuvent se faire une idée des beautés séduisantes éparses sur tout ce jardin de notre Portugal. Mais il semble encore que entre toutes les localités du Minho, Braga se distingue par sa belle situation topographique et par son exquise vegétation sur une étendue considérable coupée de ruisseaux et baignée par les fleuves Cávado et Éste. Sur toute la partie nord de la ville, en un vaste horizon, s'étendent des plaines fertiles où blanchissent ça et là des maisons, des chapelles et des églises de beaucoup de paroisses servies par de magnifiques routes modernes.

Le remarquable sanctuaire du Bon Jésus, le Sameiro, la légendaire Falperra avec les chapelles de Sainte Marie Madeleine, Sainte Marthe et Saint Antoine, occupent tout le Sud-Est en une pente très douce cultivée et habitée jusqu'à mi hauteur, semblable à une extrémité de la ville qu'elle domine, et dont elle est séparée par la rivière Éste, aujourd'hui si réduite et avec si peu d'eau qu'on ne peut se faire idée qu'elle ait donné la mort à 32 personnes, noyées lors de sa crue, le 30 Juin 1779; on peut à peine croire aussi que bien des siècles auparavant elle avait merité une référence de l'Infant D. Pedro, régent du royaume, lorsque en 1443 il défendit la chasse à l'Archevêque de Braga, D. Fernando da Guerra, «des perdrix avec leurs œufs, en faisant payer pour chaque perdreau, perdrix ou œuf, vingt réaux blancs»; et que à distance d'une lieue, la demie au dessus du pont de Guimarães et la demie au dessous, personne ne pècherait dans le fleuve Éste, sous peine de payer dix réaux blancs pour chaque poisson».

Sur les rives de ce petit fleuve, à l'endroit où il est traversé par le vieux et le nouveau pont de Guimarães, ville aussi entourée de beaux environs et qui se trouve à 21 kilomètres d'ici, on réalise tous les ans depuis des siècles, des fêtes populaires en honneur du Précurseur du Christ, qui sont très renommées en tout le pays par leur splendeur.

À quatre vingt mètres à peu près de la rive gauche, sur une vaste esplanade où on celèbre les fêtes, la chapelle actuelle de St Jean avec son portique soutenu par six colonnes toscanes, fut construite en 1616. Il y a quelques années on abatit deux grands arbres qui étaient en face, enguirlandées d'anciennes glycines qui tous les ans au mois de mars, fleurissaient au point de remplacer complètement tout leur feuillage naissant. La partie ménagée autour de la chapelle était autrefois un jardin public très frequenté pendant la belle saison. Maintenant (il est honteux de le dire) cet endroit si charmant où la Nature et l'Art auraient dû se réunir, est misérablement voué à l'abandon et même destiné par la municipalité de Braga à un réceptacle des ordures de la ville!

Heureusement les milliers de voyageurs qui viennent ici la veille de la St Jean, trouvent cet espace presque entièrement garni de mâts, de drapeaux, de brillantes illuminations et divisé en rues par de nombreuses baraques de bois, des tonneaux de vin, des tentes où l'on vend des victuailles, des pavillons pour les musiques, tout enfin ce qui constitue les fêtes foraines ou pélerinages du Minho, où les chansons, la musique et les danses, les costumes des jeunes villageoises, les feux d'artifice, composent un spectacle à amuser les plus mysanthropes.

Mais les fêtes passées, tous les visiteurs se sentent mal impressionnés et lamentent le manque de patriotisme des habitants de la capitale du Minho. C'est un fait bien connu ici, mais dont personne ne se soucie.

Le roi D. Jean I, voulant honorer le saint de son nom, ordonna que toutes les municipalités fissent célébrer avec grande splendeur la fête de St Jean Baptiste; et à en juger par ce que l'on fait encore aujourd'hui à Braga, il est probable que cette ville se soit distinguée dans l'observation des ordres royaux.

Par un code du XVIIme siècle, cité par Camillo Castello Branco dans le numèro 7 de la *Gazeta*

ponte na qual, por seu turno, os moleiros dos antigos moinhos que uma das gravuras representa, forcejavam por lhe impedir a passagem para que atravessasse o rio a vau. Findo o divertimento o porco ficava pertencendo aos vencedores. Depois de tudo isto os cavalleiros dirigiam-se á alameda das Carvalheiras e alli recebiam de outro mezario de S. João os vistosos cestinhos de fructa, que tomavam toda a meza de pedra ainda hoje existente *in loco*, e lá os levavam alegremente ás pessoas da sua estima.

A scena do baptismo de Christo pelo propheta Judaico no Jordão, recordando o que em tempos remotissimos, muito anteriormente ao Santo Precursor, era praticado na Judeia para puderem ser considerados Judeus os extrangeiros que lá se estabeleciam, representa-se entre as duas pontes em improvisado jardim illuminado a grisetas cuja luz vivissima se espelha com extraordinario effeito na agua represada. Este quadro, composto de numeroso figurado, é um dos mais apreciados pela grande multidão que se apinha nas duas pontes e suas immediações. As illuminações das ruas de Franco Castello Branco e da Ponte, a grisetas e copinhos de papel de côres, ligam com a das proximidades da capella n'um lanço de vista verdadeiramente phantastico!

Ao centro do rio, em attitude de fazer a travessia, collocam a desproporcionada imagem de S. Christovam que se venera na capella de S. João e que em tempos muito afastados era conduzida em andor na procissão do *Corpus Christi* pelos lavradores da proxima freguezia de Ferreiros a quem a Camara concedia por isso certos privilegios.

Percorrem as ruas da cidade a vistosa e alegre comitiva do Rei David e o carro dos pastores, dois dos principaes motivos de enthusiasmo para o povo das freguezias ruraes que aqui concorre a animar com a sua alegria franca estas festas populares, entoando cantigas bréjeiras á mistura com outras que o não são, como por exemplo:

Ó meu S. João Baptista,
Ó meu bello marinheiro,
Levae-me na vossa barca
Para o Rio de Janeiro.

O S. João teima, teima
Em querer camisa lavada,
Pois que pague á lavadeira
Que eu não sou sua creada.

Abaixai-vos carvalheiras
Com a rama para o chão,
Deixae passar os romeiros
Que vão para o S. João.

Que é aquillo, que é aquillo
S. João a caçar um grillo.
Não é nada, não é nada
S. João a comer pescada.

Desde o anno de 1893 que as commissões promotoras d'estes festejos alteram o secular systema de concentrar em volta da capellinha as festas da vespera e do dia, promovendo desde então vistosas illuminações, certamens musicaes, orpheons, rifas, quadros dissolventes, fontes luminosas, etc., no jardim do Campo de Santa Anna. Este anno teve logar pela primeira vez, na encantadora estancia do Bom Jesus, um d'estes festivaes, sendo extraordinariamente concorrido.

Albano Bellino.

Litteraria de Porto, nous savons que ces fêtes eurent autrefois, comme partie plus intéréssante, la chasse que les habitants du pays faisaient aux fauves réfugiés dans les bois des environs de la ville. Il y eut ensuite des courses et alors les nobles de Braga remplacèrent les fauves par des cochons qu'ils lançaient dans la forêt des Archevêques, et plus tard un des membres de la communauté de St Jean fut chargé d'élever un cochon noir qui la matinée du 24 Juin, après les courses, était conduit au sommet du Picoto au-dessus de la forêt; de là on le poursuivait jusqu'au bord de la rivière où le peuple se trouvait réuni pour l'obliger à traverser le pont, sur lequel à leur tour les meuniers des anciens moulins, qu'une de ces gravures représente, tâchaient de lui barrer le passage pour qu'il traversât le fleuve à la nage. L'amusement fini le cochon appartenait aux vainqueurs. Après tout cela les cavaliers se dirigiaient à l'avenue des Carvalheiras et là ils recevaient d'un autre membre de la communauté les jolis petits paniers de fruits qui occupaient toute la table de pierre, qu'on voit encore au même endroit, et ils les portaient joyeusement aux personnes de leur amitié.

La scène du baptême du Christ par le prophète Judaïque dans le Jourdan, rappelant ce qui se passait dans les temps les plus reculés, bien avant le Saint Précurseur, montre ce qui se pratiquait en Judée pour que les étrangers qui s'y établissaient puissent être considérés Juifs, et se représente entre les deux ponts en un jardin improvisé, illuminé par des lumignons suspendus, dont la vive lumière se reflète brillamment dans l'eau tranquille.

Ce tableau composé de nombreuses figures est un des plus appréciés par l'énorme foule qui s'entasse sur les deux ponts et tout alentour. Les illuminations des rues Franco Castello Branco et du Pont, avec des lumignons et les petits verres en papier de couleur, vont se réunir à celles du voisinage de la chapelle et forment un coup d'œil vraiment fantastique.

Au centre de la rivière, et comme s'il allait la traverser, on place l'image disproportionnée de St Christophe que l'on vénère dans la chapelle de St Jean et qui autrefois était conduite sur un brancard à la procession de *Corpus Christi* par les cultivateurs de la paroisse voisine de Ferreiros, qui pour ce motif jouissait de certains privilèges accordés par la municipalité.

La brillante et joyeuse suite du Roi David et le char des bergers parcourent les rues de la ville, et ce sont encore deux causes d'enthousiasme pour le peuple des paroisses rurales qui accourt ici pour égayer encore ces fêtes populaires avec des chansons sérieuses d'autres piquantes comme par exemple:

Oh mon St Jean Baptiste
Oh mon beau marin
Menez-moi dans votre barque
Jusqu'à Rio de Janeiro.

St Jean s'entête, s'entête
à vouloir une chemise propre
Qu'il paie sa blanchisseuse
Car je ne suis pas sa servante.

Baissez-vous grands chênes
avec les branches jusqu'au sol,
laissez passer les dévots
qui vont fêter St Jean.

Qu'est-ce que je vois là bas?
St Jean à chasser un grillon.
Ce n'est rien, ce n'est rien
St Jean qui mange du merlan.

Depuis l'année 1893 les commissions organisatrices de ces fêtes ont altéré l'ancien système de concentrer autour de la petite chapelle les fêtes de la veille et celles du jour; maintenant on fait de brillantes illuminations, des concours de musiques, des orphéons, des loteries, des tableaux vivants, des fontaines lumineuses, etc., dans le jardin du Campo de Santa Anna.

Cette année on a organisé pour la première fois dans le charmant site du Bom Jesus, une de ces fêtes qui a attiré une foule considérable.

Albano Bellino.

Braga

O Bom Jesus do Monte



'a leste de Braga e na encosta occidental do Monte Espinho, ramificação esbatida e distante do macisso geresiano, que se acha situado o Bom Jesus. Estas duas palavras d'uma doce expressão devota indicam na sua extrema singeleza, uma das mais bellas estancias de Portugal, devida áquella santidade milagreira, hoje um pouco obscurecida pela concorrencia da Senhora do Sameiro, sua visinha do andar superior.

Por documentos que um notavel investigador exhumou do esquecimento ou da ruina sabemos que no logar onde agora se derrama a branca mancha do Santuario se erguia no seculo XIV, solitaria e pobre, a ermidinha de Santa Cruz do Monte. Qual a mão piedosa que a edificára? Ignora-se.

Abandonada no ermo, breve soffreu as aggressões da ruina e foi então que o primaz D. Jorge da Costa II, irmão do seu predecessor — o cardeal d'Alpedrinha — edificou outra substituindo a primitiva.

Ephemera foi a sua duração, porque em 1522 o conde palatino D. João da Guarda, deão da cathedral bracharense, mandou reedifical-a á sua custa. Ampliada, enriquecida e servida por um culto pomposo attrahiu naturalmente a curiosidade insaciavel da creatura humana, mesquinha e misera, farejando sempre a grandeza impressionavel da terra para comprehender a gloria enigmatica do céo. Revelou-se-lhe então o encanto d'aquelle retiro e para lá foi formigando a solicitar as graças de Deus e a gozar a delicia que tão prodiga se offerecia á sua lassitude e ao seu espanto.

D. João da Guarda porém fallecera em 1529 e não tendo providenciado para além dos seus dias ácerca da capella, esta veio a conhecer tambem o ingrato descaso dos homens e a crueza das sevicias do tempo. Um seculo passou esquecida e ao desamparo e a decrepitude veio precoce e irremediavel.

Um punhado de braguezes que a devoção? alli reuniu, constituiu-se em confraria sob a invocação do *Bom Jesus do Monte* e com peditorios, procissões mytho-biblicas, *autos*, etc., conseguiu os recursos para a urgente reconstrucção d'aquella morada divina, revivescencia do culto já apagado e perdido, edificação d'albergues para romeiros e abertura d'uma estrada com os *Passos*.

A prosperidade do Santuario caminhava em maré de fartura, o que atiçou a cubiça de D. Francisco Pereira da Silva logo arvorado em supremo administrador dos negocios da confraria e fazendo, ás claras, o que outras figuras da igreja fazem commodamente na sombra. Esta exploração audaciosa motivou censuras, protestos, azedumes e pleitos, a que poz termo a intervenção do arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles em 1722. Homem generosissimo foi inexgotavel em benemerencias para o engrandecimento do Santuario custeando uma nova igreja, capellas com o drama da Paixão, escadorios, fontenarios, etc., e defendendo-o das depredações futuras com os segundos *Estatutos* avisados e liberaes. Em 1728 findava o seu cargo de juiz e protector desvelado, pois que a morte o excluira da vida.

A popularidade do Bom Jesus dilatava-se e crescia. Mas a veneração alastrou-se principalmente depois que o prelado D. Gaspar de Bragança conseguiu dos pontifices mercês espirituaes para remissão de culpas e preservativo das penas eternas.

Cincoenta e poucos annos haviam cahido sobre a obra de D. Rodrigo, quando ameaçou desabar além de ser já incapaz para conter a affluencia dos romeiros. Pensou-se pois n'outra reedificação. Apoz dissensões e controversias decidiu-se edificar o templo actual, solido e custoso. Foi seu architecto o engenheiro Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante. Os dispendios com a sua fabrica devem-se sobretudo á bolsa poderosa e magnanima do bracharense Pedro José da Silva, opulento commerciante da praça de Lisboa. Terminou-se em 1811.

Transposta a ultima arteria da cidade envereda-se pelo ramo direito da bifurcação, um macadam que segue entre dois muros baixos e altas sebes de choupos enramalhados nas videiras folhudas, que esbracejam e caem n'uma indisciplina decorativa. D'um lado e d'outro extensos campos de milho viçoso na terra funda, fertilisada pelos enxurros e pelas cheias do riacho que nas invernias se dá ares de libertino vadiando fóra do leito. Passada a sua ponte, a estrada principia o assalto ao declive da collina ladeando-a sobranceira ao vallesito sinuoso e risonho do Éste, corta um logarejo com alguns predios

Braga

Le Bom Jesus do Monte



'EST à l'est de Braga sur le versant occidental du Monte Espinho, un embranchement amoindri et éloigné du massif de la chaine du Gerez, que se trouve situé le Bom Jesus. Ces deux mots d'une douce expression de piété, indiquent dans leur extrême simplicité un des plus beaux endroits du Portugal, grâce à cette sainteté miraculeuse, un peu obscurcie aujourd'hui par le voisinage, un peu plus haut, de Notre Dame du Sameiro.

Un investigateur remarquable a exhumé de l'oubli ou de la ruine des documents montrant que à la place où se répand maintenant la tache blanchissante du Sanctuaire, s'élevait au XIVme siècle, toute pauvre et isolée, la petite chapelle de Santa Cruz do Monte. On ignore quelle fut la main pieuse qui l'avait fait édifier.

Abandonnée dans cette solitude elle souffrit bientôt les dommages de la ruine et ce fut alors que le prélat D. Jorge da Costa II, frère de son prédécesseur — le Cardinal d'Alpedrinha — en fit construire une autre remplaçant la première.

Sa durée fut éphémère, car en 1522 le comte palatin D. João da Guarda, doyen de la Cathédrale de Braga, la fit encore réédifier à ses frais. Agrandie, enrichie et desservie par un culte pompeux elle attira naturellement l'insatiable curiosité de la créature humaine, mesquine et faible, flairant toujours les grandeurs impressionnantes de la terre pour mieux comprendre la gloire enygmatique du ciel. Elle eut alors la révélation du charme de ce site et on la vit fourmiller par là à solliciter les grâces de Dieu et jouir de ces délices qui s'offraient si prodiguement à sa lassitude et à son étonnement.

Mais D. João da Guarda mourait en 1529 sans avoir fait de dispositions concernant la chapelle, qui connût aussi l'ingrate négligence des hommes et la cruauté des outrages du temps. Pendant un siècle elle fut dans l'abandon et l'oubli, et la décrépitude arriva précoce et irréparable.

Un groupe de bourgeois que la dévotion réunit là, forma un jour une confrérie sous l'invocation du Bom Jesus do Monte et avec des quêtes, des processions mytho-bibliques, des pièces dramatiques etc., il réussit à obtenir les ressources nécessaires à la reconstruction immédiate de cette demeure divine, au renouvellement du culte déjà éteint et perdu; à l'édification d'asiles pour les pélerins et à l'ouverture d'un chemin de la croix.

La prospérité du sanctuaire était en pleine abondance, ce qui éveilla la cupidité de D. Francisco Pereira da Silva, aussitôt nommé administrateur des affaires de la confrérie, qui fit au grand jour ce que d'autres membres de l'Eglise font commodément dans l'ombre. Cette audacieuse exploitation donna lieu à des protestations, des blâmes, des propos, et des procès, qui ne finirent qu'avec l'intervention de l'archevêque D. Robrigo de Moura Telles, en 1722. Cet homme bienfaisant fut d'une générosité inépuisable pour l'agrandissement du sanctuaire, faisant à ses frais une nouvelle église, des chapelles avec le drame de la Passion, des escaliers, des fontaines, etc., et le mettant à l'abri de futures déprédations par de deuxièmes *statuts* avisés et libéraux. En 1782 la mort vint mettre fin à sa charge de président et de protecteur dévoué.

La popularité du Bom Jesus augmentait et s'étendait. Mais la vénération se répandit surtout après que le prélât D. Gaspar de Bragança eût obtenu des pontifes, des grâces spirituelles pour la rémission des péchés et préservatives des peines éternelles.

L'œuvre de D. Rodrigo comptait cinquante et quelques années, quand elle commença à s'écrouler et d'ailleurs elle était insuffisante pour l'affluence des pèlerins. On pensa donc à une autre réédification, et après des dissensions et des controverses on décida de construire le temple actuel, solide et somptueux. L'architecte fut l'ingénieur Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante. Les frais de la construction sont dûs surtout à la bourse généreuse et opulente d'un naturel de Braga Pedro José da Silva, riche commerçant établi à Lisbonne, et furent terminés en 1811.

Après avoir franchi la dernière artère de la ville on entre, par le côté droit de la bifurcation, sur une route macadamisée qui suît entre deux murs bas et de hautes haies de peupliers, enlacés par des vignes touffues qui s'élancent et retombent en un désordre décoratif. Des deux côtés, de vastes champs

achalezados, e, a subir sempre, encurvalando, breve desembóca sob um tunnel d'australias no portico do Santuario, proseguindo todavia para a direita por entre a matta até aos pinaculos, e ficando para a erquerda o ascensor inaugurado em 1882 por iniciativa do industrial Manuel Joaquim Gomes.

Aquelle, em arco abatido e sobrepujado por um cruxifxo e pelo brazão de D. Rodrigo, enthronisa-se n'um escadoz de pedra em cone de circulo e antecede as duas primeiras capellas — sobrevivencias das construcções d'este arcebispo. Quadrangulares, acaçapadas, com telhados de quatro faces. Dentro, n'uma imaginaria parada, boquiaberta e cheia de infantilidade artistica, os episodios da *Ceia* e do *Horto das Oliveiras.* O escadorio começa logo, em linha quebrada, suave e pavimentado a mosaico. Por cada cotovello, uma capella modernisada em fórma de guarita de sentinella. Atravez dos postigos abertos para estimular a compuncção e a dadiva dos crentes observam-se os interiores: as paredes pinturiladas com um *décor* inverosimil e o figurado, quasi reduzido á imagem de Christo por falta de recursos para preencher os scenarios, se não fôra o indiculo em latim exhibido no cimo de cada porta, dir-se-hia representar sómente o martyrologio da esculptura e da anatomia. Cá fóra, a quebrar o mutismo d'esta plastica tristonha, murmuram as fontes antigas com as allegorias dos immortaes do Olympo.

A matta espalha uma frescura carinhosa e benigna ainda mais concitada pelo banho da folhagem na orvalheira da noite. No *sous-bois,* com o sol ainda baixo, ennovelam-se penumbras recolhidas e espessas d'uma attracção indefinida em que a alma desejaria refugiar-se, pois não sei que presentimento lhe diz andarem por alli occultas as sombras dos sêres antigos enternecidamente idealisados e queridos. Os velhos troncos do arvoredo, por vezes, com suas pernadas e ramusculos convergindo n'um abraço intimo a formar abobada, perspectivam naves de cathedraes d'um silencio religioso, sem embargo da vida intensa que formilha sob o pavimento no revolver da seiva, que as raizes disputam encarniçadamente. Por onde a agua deriva gotejante ou corredia, o torrão, ubere cheio, afoga-se n'uma vegetação rasteira, promiscua, gorda, sensual, que se enlaça tumidamente n'uma orgia sem fim; a rocha, abeberada, enfeita-se com musgos velludosos e macios. Mas a permanencia n'este recolhimento umbroso, onde a luz penetra coada e frouxa, cinge-nos d'uma emoção profunda, que obriga a procurar a doçura limpida do azul e o desafogo d'uma clareira ou eminencia para respirar a longos haustos no grande ar que circula fresco e perfumado das exhalações matinaes.

Deixada a sexta capella em que o Nazareno se humilha, não pelo ultraje da soldadesca judaica, mas pelo amesquinhamento a que o sujeitou o plastifice, já se descobrem os longes da paizagem atravez da cortina das arvores, que por completo se descerra ao alcançar a rotunda. A retina embriaga-se absorvendo avidamente o quadro soberbo que se desenrola. Reduplica porém a ancia da altitude dominante e sem demora se galga a escada perpendicular aos escadorios dos *cinco sentidos* e das *tres virtudes,* bem como estes, zig-zagueando em linhas divergentes logo a convergir dos pateosinhos lateraes para os patamares communs e centraes, onde as bicas frescamente sussurram sob a contemplação das imagens graniticas de tudo o que a Biblia tem de mais selecto.

Mais um avanço e eis o adro do templo com os terreiros circumjacentes, que comportam a *mise-en-scene* da romaria do Espirito Santo — espectaculo evocando reminiscencias dos festivaes pagãos.

Sob a umbella das arvores levantam-se os botequins, as doçarias e suspendem-se os toldos de lona a abrigar as mesas enfileiradas entre os bancos, os carros carregados com pipas entre os fueiros onde se empilham as regueifas, as cozinhas ambulantes e os fornos de alvenaria arredondados em calotte onde se assa o cabrito, coze o arroz e refoga a cabidella. Á volta d'estes comedouros centenas de boccas atupindo o estomago n'uma algazarra confusa, aqui e ali suspensa pelas dolencias sonoras d'uma rebeca ganindo ás arcadas do cego errante, que rola os olhos extaticos nas orbitas inuteis junto de madraços que o exploram e acompanham á viola. De resto não ha palmo de terreno livre que não seja atulhado pela turba endomingada: os homens, de varapau, jaqueta ao hombro, faxa na cinta; as mulheres mui garridas, com colorações gritantes sobre a brancura do linho da camisa, e com pavoneamentos d'ouro ao peito. Liquidadas as promessas, ou entabolada nova negociata com o santo, todo este povoléu empoeirado e com empastamentos de suor dá largas á sua animalidade, repreza e tyrannisada pelos rigores da safra quotidiana, n'uma furia de movimentos brutal e doidejante, chocando-se, ou redemoinhando em danças ao compasso da *esturdia* primitiva e dos descantes ou *desafios.*

A mediania pacata, essa, como a vida são dois dias! raspa-se em escapadas, para os socegos escusos do parque a devorar as merendólas vindas de casa pejando cestos e saquiteis...

de maïs verdoient dans la terre profonde, fertilisée par les torrents et les crues d'un ruisseau qui au fort de l'hiver se donne des airs libertins en vaguant hors de son lit. Passé le pont, la route commence à gravir la pente de la colline, la cotoyant au dessus de la petite vallée riante et sinueuse de l'Este, elle traverse un village avec quelques maisons en forme de châlets et toujours en montant, et se recourbant elle débouche bientôt sous un tunnel d'*austrálias* devant le portique du sanctuaire, mais elle se continue aussi à droite à travers la forêt jusqu'aux pinacles, laissant à gauche l'ascenseur inauguré en 1882, par l'initiative de l'industriel Manuel Joaquim Gomes.

Le portique en arc surbaissé surmonté d'un crucifix et du blason de D. Rodrigo, s'introduit dans un escalier de pierre en cône de cercle et précède les deux premières chapelles — survivantes des constructions de cet archevêque. Elles sont carrées, trapues, avec des toitures à quatre faces, et à l'intérieur, des figures inexpressives, béantes et pleines de naïveté artistique représentent les épisodes de *la Cène* et du *Jardin des oliviers.* L'escalier commence aussitôt, en lignes brisées, très doux et pavé en mosaïque. À chaque coude une chapelle modernisée en forme de guérite; à travers les petites fenêtres ouvertes, pour stimuler la dévotion et la générosité des croyants, on observe à l'intérieur les murs peinturlurés en un décor figuré et invraisemblable, presque réduit à l'image du Christ, faute de ressources pour compléter la mise-en-scène, et si ce n'était le distique latin au dessus de chaque porte, on croirait voir seulement le martyre de la sculpture et de l'anatomie. Au dehors pour racheter le mutisme de cette triste plastique, on entend le murmure des anciennes fontaines avec les allégories des dieux de l'Olympe.

La forêt répand une fraîcheur caressante et douce, encore plus pénétrante de l'humidité des rosées nocturnes. Dans les sous-bois, lorsque le soleil est encore bas, des pénombres épaisses et recueillies nous attirent d'une manière vague, il semble que l'âme voudrait s'y réfugier et je ne sais quel pressentiment lui dit que par là se trouvent cachées les ombres d'êtres tendrement rêvés et chéris.

Les vieux troncs d'arbres avec leurs branches et leurs rameaux réunis en un intime embrassement forment des voûtes, et présentent des perspectives de nefs de cathédrales, en un silence religieux, malgré la vie intense qui fourmille sous le sol dans le remuement de la sève que les racines se disputent avec acharnement. L'eau courante ou retombante noie le terrain fertile en une végétation plate, mélangée, forte et sensuelle qui s'enlace vigoureusement en une orgie sans fin; le rocher humide, se couvre de mousses veloutées et moelleuses. Mais en restant dans ce recueillement ombragé où la lumière pénètre faiblement tamisée, nous sommes pris d'une profonde émotion qui nous porte à rechercher la douceur limpide du ciel et le soulagement d'une clairière ou d'une hauteur où nous puissions respirer à longs traits le grand air frais et parfumé des exhalaisons matinales.

Après avoir quitté la sixième chapelle où le Nazaréen s'humilie, non sous l'outrage des soldats juifs, mais par l'avilissement où l'a mis le sculpteur, on découvre déjà les lointains du paysage, à travers le rideau d'arbres qui s'ouvre tout à fait lorsqu'on atteint la rotonde. Le regard s'énivre devant le superbe tableau qui se déroule. Mais le désir d'atteindre la hauteur dominante redouble et on gravit aussitôt l'escalier perpendiculaire à ceux des *cinq sens* et des *trois vertus,* qui comme ceux-ci zig-zague en sens invers, venant des petites cours latérales aboutir aux plates-formes centrales et communes, où les fontaines murmurent sous la contemplation d'images en granit de tout ce que la Bible a de plus choisi.

Encore quelques pas et nous nous trouvons devant le temple et les tertres environnants où se passe la mise-en-scène du pélerinage du Saint Esprit, spectacle qui offre des réminiscences des fêtes païennes.

Sous la voûte d'arbres s'élèvent des guinguettes, des pâtisseries et on suspend des tentes de toile qui abrîtent les tables rangées entre les bancs, les chars chargés de tonneaux de vin, les piles de gaufres, les cuisines ambulantes et les fourneaux en maçonnerie arrondis en calotte où on rôtit les chevreaux, où on fait les ragoûts, où ou cuit le riz. Autour de ces restaurants des centaines de bouches se bourrent l'estomac au milieu d'un vacarme confus, interrompu çà et là par le chant dolent et sonore d'un violon râclé par un aveugle errant, qui roule des yeux hagards dans les orbites inutiles, auprès de paresseux qui l'exploitent en l'accompagnant de leurs guitares. Du reste il n'y a pas un brin de terrain libre qui ne soit encombré par la foule endimanchée: les hommes, la veste sur l'épaule, la ceinture aux reins, avec leurs bâtons; les femmes très coquettes, avec des couleurs criardes sur la blancheur du lin de leurs chemises, et l'étalage de bijoux sur la poitrine.

Les vœux accomplis, ou quelque nouvelle affaire entreprise avec le saint, tout ce peuple couvert de poussière et de sueur se livre à son animalité, tyrannisée et captive pendant les rigueurs du travail

O templo com o frontispicio realçado pelo enfileiramento das torres subordina-se ás tres ordens de Vitruvio, pois que ao tempo da sua edificação era findo o reinado dos estylos historicos. Linhas sobrias e correctas.

Entre as columnas doricas que sustentam o entablamento as figuras do antipathico Jeremias e de Isaias, o grande e excelso propheta; e sobre o varandim, como prégadores afamados, os quatro evangelistas. O interior, em cruz latina com zimborio na intersecção do transepto e nave em abobada de berço, é elegante e bem illuminado. Ao fundo da capella-mór a scena capital do Calvario. Nas paredes d'esta e nos altares transeptaes deliciosas télas que presumimos devidas ao pincel de Pedro Alexandrino.

Ao lado direito da nave fica a sacristia cogulada de retratos de bemfeitores de quasi todos os graus da hierarchia social desde pontifices e reis aos mercieiros. Oh! arte grotesca dos pintores sem bóssa, como tu nos dás as mais incisivas e flagrantes caricaturas! Cumpre destacar porém, além d'outros, o busto do marquez de Marialva feito por Sequeira, o do duque de Lafões — obra prima d'auctor inedito — e o d'um bispo do Porto pintado por Rocquemont.

No vestibulo cobrem os muros os quadrinhos votivos confessando por entre as torturas da orthographia e a expressão d'uma iconographia contemporanea dos primeiros pharaós, os suppostos favores do Bom Jesus nas *malinas*, *maleitas*, *pelouras*, tormentas de mar, etc. O eterno giro da illusão! Já o romano usára as *tabulae votivae*, como, n'uma epocha de remota nebulosidade, o egypcio traçára em hierogliphos os seus agradecimentos ás divindades! Do lado opposto outro vestibulo com os benemeritos de baixa extracção e a capella com o Crucificado. A esta esculptura afflictiva é que o povo dirige as suas rogatorias acompanhadas de parcas esmolas, lambusando-lhe os pés, em remate, com crassas babugens plebeias. Dos muros azulejados, pendem mortalhas, *oscilla* de cera identicas ás do romano e cirios enfeitados, como na antiguidade hellenica, tanto mais pesado cada um quanto mais chorudo foi o beneficio divino.

Ha a notar aqui mais duas télas de Sequeira: uma, representando a faina da construcção do templo e consagrada aos carreiros que a auxiliaram gratuitamente; a outra, um ex-voto de Pedro José da Silva agradecendo ao Bom Jesus o regresso d'um navio carregado de mercadorias do Oriente. Esta está assignada e tem a data de 1809. É notavel.

Sahindo pela porta annexa e caminhando para norte, ultrapassado que seja um hotel proximo, logo se divisa a gruta que faz actualmente as delicias do indigena e do forasteiro em villegiatura...

Foge-se depois para o acolhimento das carvalheiras seculares que ensombram o terreiro, onde o ruido quebradiço da agua repuxada ao cahir n'uma taça dissemina uma affavel sensação de preguiça e frescura. Pelos bancos estirados sob as immensas pernadas rebola o burguez os seus ocios durante a calma e vae piscolando para um bonito rosto que, n'um kiosque encyclopedico, vende as graciosas estylisações em barro fino das fórmas protohistoricas da loiça de Prado.

Á orla d'este remanso para sudoeste do mais luxuoso hotel da estancia corre uma grade d'onde se contempla o panorama sobre que sôa aos quatro ventos o pregão incontroverso do deslumbramento. Raro a voz publica tem sido tão exacta e mais raro ainda será d'alcançar em zona ribeirinha rasgo de paizagem tão vasto e formoso. O olhar d'entorpecido pelas estreitezas geometricas dos meios citadinos solta-se com precipitação irreprimivel, resvalando e cabriolando momentaneamente até ás ultimas linhas do horizonte. Sorve com sofreguidão essa feeria panoramica entornando na alma uma vaga emoção d'arrebatamento e extase, que nos transporta ás phantasticas regiões do irreal. Sobre o enlevo uma ternura subtil pacificando o tumulto intimo do sêr d'onde se eleva para o infinito, como tenue vaporisação thuribulada pela quietude ineffavel d'um valle, a ronda suavissima das aspirações que o coração sente e os labios não dizem! Fascinados, alheios a tudo, seguimos tempo sem conto n'essa allucinante galopada do sonho até que, ai de nós! sossobrando pela fadiga no abysmo sombrio da nossa miseria, regressamos, n'um acordar arrastado e amargo, á crua realidade das coisas.

Os olhos então lançam-se de novo, mas com placidez, borboleteando gulosamente sobre os pormenores a esquadrinhar e a reter. Da amurada vertiginosa d'onde nos debruçamos descem as massas ondulosas das frondes para o sopé da montanha e logo ahi começa a toalha sem fim dos fartos milheiraes que cobrem quasi todo o leito da immensa bacia e as lombadas circumdantes. Sobre esse fundo verde, claro e forte, das searas abundantes risca-se, verdejando tambem, uma linha tufada inextricavel e labyrinthica seguindo o capricho do acaso. São os renques d'arvores enleiadas nas vides que ourelam e cir-

quotidien, et s'épanche en une furie de mouvements brutale et affolée, se choquant, ou tourbillonnant dans les danses, au son de la *esturdia* primitive et des chants improvisés.

La moyenne classe, plus tranquille, pour jouir de cette courte vie, s'échappe dans les recoins ombragés du bois pour dévorer les goûters apportés de la maison dans des paniers et des sacs...

Le temple dont la façade est réhaussée par la rangée de tours, participe des trois ordres de Vitruve, parce que lors de son édification le règne des styles historiques était passé. Les lignes sont correctes et sobres. Entre les colonnes doriques qui soutiennent l'entablement, les figures de l'antipathique Jérémie et d'Isaïe, le grand et digne prophète; sur la balustrade, comme prédicateurs renommés, les quatre évangélistes. L'intérieur en croix latine avec le dôme à l'intersection du transept et la nef en voûte à berceau, est élégant et bien éclairé. Au fond du sanctuaire la scène capitale du Calvaire. Sur ses murs, et dans les autels latéraux de délicieuses toiles que nous présumons être dûes au pinceau de Pedro Alexandrino.

À droite de la nef se trouve la sacristie pleine de portraits de bienfaiteurs, de presque tous les degrés de la hiérarchie sociale depuis des pontifes et des rois jusqu'aux épiciers. Quelles caricatures flagrantes et mordantes nous offre l'art grotesque des peintres sans vocation! Il faut cependant détacher, entre autres, le buste du Marquis de Marialva fait par Sequeira, celui du duc de Lafões — chef d'œuvre d'auteur inédit — et celui d'un évêque peint par Rocquemont.

Les murs du vestibule couverts de petits tableaux commémoratifs, avec une orthographe torturée et l'expression d'une iconographie du temps des premiers pharaons, rappèlent les prétendues faveurs accordées par le Bom Jesus, pour la guérison de fièvres, maladies de peau, tempêtes en mer, etc. Éternelle illusion! Les romains avaient déjà les *tabulae votivae*, de même qu'à une époque des plus reculées, les egyptiens avaient tracé en hièroglyphes leur gratitude aux divinités! Un autre vestibule se trouve du côté opposé, avec les bienfaiteurs de basse classe et la chapelle du Crucifié. C'est à cette affligeante sculpture que le peuple adresse ses prières, avec de faibles aumônes, en finissant par lui lécher les pieds avec ses sales baves plébéiennes. Des murs en faïence pendent des linceuls, des images de cire comme celles des romains et des cierges ornementés, comme dans l'antiquité grecque, et d'autant plus lourds que le bienfait divin a été important.

À remarquer encore ici deux tableaux de Sequeira: l'un représentant le travail de la construction du temple et dédié aux charretiers qui l'ont aidée gratuitement; l'autre un ex-voto de Pedro José da Silva remerciant le Bom Jesus du retour d'un navire chargé de marchandises d'Orient. Celui-ci très remarquable est signé et porte la date de 1809. Sortant par la porte proche et allant du côté nord, après avoir passé un hotel qui se trouve près, on aperçoit aussitôt la grotte qui fait actuellement les délices de l'indigène et du voyageur en villégiature. On se retire ensuite sous les chênes séculaires qui ombragent le tertre, où le bruit cassant de l'eau tombant dans une vasque, répand une douce sensation de fraicheur et de paresse. Pendant la chaleur le bourgeois roule ses loisirs sur les bancs placés sous les arbres immenses et s'amuse à cligner de l'œil vers un gentil minois qui dans un kiosque encyclopédique vend de jolies vaisselles du Prado, en terre fine, et aux formes préhistoriques.

Au bord de cette promenade, au sud ouest du plus bel hotel de l'endroit court une balustrade en fer d'où on contemple le panorama le plus éblouissant qu'on peut rêver; peu de fois l'opinion publique est aussi exacte et il est rare aussi de trouver sur la zone riveraine un trait de paysage si vaste et si beau. Le regard engourdi par l'étroitesse géométrique des villes s'élance avec une précipitation irrésistible, dévalant et cabriolant instantanément jusqu'aux dernières lignes de l'horizon. Il absorbe avec avidité cette féerie panoramique qui répand dans l'âme une vague émotion d'ivresse et d'extase et nous transporte aux régions fantastiques de l'irréel.

Outre le charme, une vague tendresse adoucit le tumulte de notre être et nous sentons s'élever vers l'infini, comme une vapeur encensée d'une vallée paisible, les plus douces aspirations que notre, cœur ressent mais que nos lèvres ne peuvent exprimer!

Eblouis, absorbés, nous suivons un temps infini cette énivrante course de rêve, mais, hélas! la fatigue nous fait retomber dans le sombre abîme de notre misère et nous ramène en un réveil lent et amer, à la cruelle réalité des choses.

Les yeux alors s'égarent de nouveau, mais paisiblement, papillonnant avidement sur les détails à

cumscrevem a propriedade rural do minhoto: campos e quintas, leiras e eidos, onde se aninha a vivenda agricola e annexos, por vezes, cerzidos á horta ou pomar. A vegetação em que o verde percorre toda a escala das nuances rompe luxuriosa e fecunda afogando tudo cariciosamente. A cidade archiepiscopal com os tentaculos inertes, distendidos, amadornada ao longe entre as ondas de verdura sob as mordencias da luz clara e fina; e, ali e acolá, mosqueando, polychromando e hilariando a paizagem, com bizarras brusquerias de côr, estradas alvacentas, amarellidões d'argilla, retalhos de corrente, e os casaes e aldeias, ermidas e conventos que invadem as escarpas e quebradas dos montes, ora acompanhados de culturas ousadas convertendo a rocha na messe, ora isolados junto de pinheiraes taciturnos, ou nos dorsos a fulgir com doçura faiscante animando a fusca aspereza das ossaturas graniticas.

Para além d'este primeiro circuito mostra-se o amphitheatro das montanhas, com deformações de tonalidade no successivo afastamento dos planos, espreitando curiosas de collina a valle pelas immediatas depressões de portellas e baixas.

Oh! indescriptivel symphonia da côr, como nas tuas sonoridades triumphaes cheias de rythmos e harmonias virgilianas dizes a epopeia do trabalho do rude e laborioso habitante do Minho — a provincia incomparavel e bemdita da terra portugueza!...

Para attingir as culminancias do parque segue-se, por exemplo, a ultima escadaria conducente ao *Largo das tres capellas* em que se rememoram os acontecimentos de vulto dos evangeliarios apoz a Resurreição. Conserva este recinto o seu arranjo do seculo XVIII com remembers de socego conventual.

Contornada a capelloria central d'architectura *rocaille* descortina-se um inopinado golpe de vista logo aguçando a sensação visual pela surpreza deliciosa que offerece. No fundo de montados cobertos de felpugem de matto rasteiro, penedia bronca ou bronze de pinhal, a gracilidade ridente do vallesito do Éste acariciando o logarejo de S. Pedro, dominado pela igrejóta e humilde campanario vigilando a perpetuidade de tão simplória paz aldeã. A norte as ribas do Cávado em vertentes de serranias que marchando para Oriente vão entroncar no Gerez, cujos pincaros escalvados se recortam n'um esfumaçado longinquo que lhes dilue os contornos...

Qualquer das azinhagas proximas leva ao plano sobranceiro com espessuras de ramagens d'onde a onde esmaltadas por rasgões do azul translucido. Topa-se a breve trecho a superficie do lago espelhando tranquillamente as coisas envolventes. No ancoradouro escancaram-se os barcos somnolentos, á tona d'agua, que a troco de cincoenta reis percorrem o aquariosito arripiando-o de leve.

Mais um pouco, e attinge-se o planalto da matta listrado d'alamedas e ruas cheias de silencio e repouso atravez do denso arvoredo pulando por todos os cantos, n'uma promiscuidade insuperavel sem odios de raça e sem preoccupações de clima. Tudo confraternisa desde o folguedo dos rebentos novos á gravidade ancianica e patriarchal dos sobreiros escorchados, gibosos, com nodosidades e ankiloses nos seus longos braços levantados para o céo. Aqui, ninhos para séstas languidas no enervamento da tepidez ambiente; ali, mesas solicitas para o prosaismo lusitano d'uma comezaina succulenta; acolá mudos recessos para o refugio das almas contemplativas...

A luz morre e a paisagem melancholica presente a sua viuvez. A tristeza do entardecer cresce lentamente. Atravez da esgaçada tessitura da folhagem vê-se o radioso polvilhamento d'ouro cahindo sobre a terra e explodido pela rubra labareda do sol moribundo.

Para além, onde se passa a inegualavel agonia da chamma, palpita uma nesga de mar com brilho fulgido, inquieto e seductor sobre que nos quedamos absortos até que afrouxa, empallidece e se apaga.

Flagrante imagem da chimera, que sorri n'uma existencia, e, perseguida sempre mas nunca attingida, leva enganosamente da alleluia do sonho para o negrume da morte!

Doce ventura todavia sonhar e morrer!...

Manuel Monteiro.

observer et à retenir. De la hauteur vertigineuse d'où nous nous penchons, descendent les masses onduleuses des arbres jusqu'au pied de la montagne et aussitôt commence la nappe sans fin des fertiles champs de maïs, qui couvrent presque tout le fond de l'immense bassin et les élévations d'alentour. Sur le fond vert, clair et fort des abondantes moissons, se trace une ligne touffue, inextricable comme un labyrinthe suivant le caprice du hasard, et toujours verdoyante. Ce sont les rangées d'arbres enlacées de vignes qui bordent et entourent les propriétés rurales des habitants du Minho: champs et fermes, lopins et pièces de terre où se niche l'habitation agricole et ses dépendances, réunies parfois au verger et au potager. Végétation où le vert parcourt toute la gamme des nuances et qui s'épanche opulente et féconde noyant tout comme une caresse. La ville archiépiscopale avec ses tentacules inertes détendus, semble endormie au loin entre les ondes de verdure sous les morsures de la lumière vive et claire; çà et là, mouchetant, colorant, égayant le paysage avec de bizarres brusqueries de couleurs, on voit des routes blanchissantes, des argiles jaunâtres, des aperçus d'eau courante, les fermes, les villages, les chapelles, les couvents qui envahissent les collines et les ravins, tantôt cultivés audacieusement faisant une moisson d'un rocher, tantôt isolés près des taciturnes sapinières, ou perchés sur les sommets adoucissant avec leur brillante blancheur la sombre âpreté des masses de granit.

Au delà de ce premier circuit se montre l'amphithéatre des montagnes, avec des déformations de couleurs selon l'éloignement successif des plans, guettant curieusement les collines et les vallées par les dépressions des gorges et des creux.

Inexprimable symphonie de la couleur, comme tes triomphantes sonorités pleines de rythmes et d'harmonies virgiliennes nous disent bien l'épopée de travail du rude et laborieux habitant du Minho — la province incomparable et bénie du Portugal!

Pour atteindre le point culminant du parc on suît, par exemple, le dernier escalier qui conduit à la *Place des trois chapelles* qui rappèle les principaux faits des évangélistes après la Resurrection. Cette enceinte conserve la disposition du XVIIIme siècle avec des touches de paix conventuelle. Faisant le tour de la petite chapelle centrale, genre rocaille, on aperçoit un coup d'œil inattendu qui nous flatte délicieusement le regard. Au fond des bois couverts de plate végétation, d'âpres rochers ou de sapinières bronzées, court gracieuse et riante la petite vallée de l'Éste caressant le petit village de S. Pedro, dominé par sa petite église et l'humble clocher qui surveille cette éternelle et simple paix villageoise. Au nord les rives du Cávado en versants de collines qui se dirigeant vers le couchant vont se réunir au mont du Gerez dont les sommets arides se découpent en une brume lointaine qui en délaie les contours.

Tous les petits sentiers proches conduisent au plan supérieur sous d'épais feuillages, émaillés de temps en temps par des déchirures d'un azur translucide. On voit alors la surface du lac qui refléte tranquillement les choses voisines. À l'ancre, des bateaux somnolent à fleur d'eau attendant les promeneurs, qui pour quelques sous parcourent la pièce d'eau en la frisant légèrement.

Encore quelques pas, et on arrive au point le plus élevé de la forêt, coupé d'avenues et de rues pleines de silence et de tranquillité, à travers toute cette végétation touffue qui s'épanche de tous les coins, dans une promiscuité invincible sans préoccupation du climat ni antagonisme d'espèces. Tout fraternise, depuis les réjouissances des bourgeons nouveaux jusqu'à la gravité patriarchale et vieillie des chênes aux troncs à demi dépouillés, gibbeux et noueux, aux longs bras ankilosés élevés vers le ciel. Ici des recoins pour les langoureuses siestes dans l'énervement de la tiédeur ambiante; là des tables qui vous invitent au prosaïsme portugais des succulents repas; plus loin des silencieuses retraites pour le réfuge des âmes contemplatives...

La lumière décroit et le paysage mélancolique pressent son veuvage. La tristesse du soir augmente lentement et à travers le mince tissu du feuillage on voit la radieuse poussière d'or qui tombe sur la terre, répandue par la flamme rouge du soleil mourant.

Au loin, là où se passe l'incomparable agonie du feu, on voit palpiter un ruban de mer d'un éclat flamboyant, inquiet et attirant, qui nous retient absorbés, jusqu'à ce que nous le voyons, faiblir, pâlir et s'éteindre.

Image véritable de la chimère, qui sourit dans la vie, qu'on poursuit toujours sans jamais l'atteindre et qui nous conduit de l'aube du rêve aux ombres de la mort!

Rêver et mourir n'est-ce pas encore un doux bonheur?!

Manuel Monteiro.

Amarante



STA illustre villa foi uma das que pertenceram á antiga comarca de Guimarães, comarca envolvida com mais cinco irmãs na provincia de Entre Minho e Douro. Antes das modernas divisões judiciaes e administrativas, isto é até 1834, o termo d'esta villa era o mais pequeno do paiz. Sendo a povoação composta, por assim dizer, de duas ruas grandes, dava-se n'ella a curiosa circumstancia de existirem n'uma das arterias, que é a que conduz de um lado para o Porto e mais terras do Minho, do outro para Traz-os-Montes e Beira — tres jurisdicções civis, tres ecclesiasticas, tres foraes e tres pelourinhos! [1]

A sua posição estrategica, dominava já no fim do seculo XVIII a passagem para tres provincias, o caminho para o Porto por Penafiel, a via de Traz-os-Montes por Villa Real, o valle do Tamega até Chaves, emfim as communicações com Guimarães, Braga e o Alto Minho. Não deve admirar, pois, que a villa fosse defendida tenazmente durante a invasão franceza, tomada e retomada, saqueada e incendiada pelo inimigo que soffreu alli enormes perdas. Em 1808 descia o marechal Soult da Galliza sobre o Porto com 30:000 homens; um dos seus melhores generaes, Loison, vindo de Penafiel, veio encontrar em Amarante uma heroica resistencia na defeza da passagem do Tamega. O general Francisco da Silveira, depois Conde de Amarante, mercê que lhe fez o Principe Regente, embargou-lhe o passo na celebre ponte da villa; montes, ruas, praças foram regadas com o sangue mais precioso durante uma lucta feroz que durou uns quinze dias, e só acabou com o incendio geral das melhores casas da povoação. Das ruas passou a batalha para as moradas, que tiveram de ser tomadas uma a uma. Alguns batalhões de milicianos e ordenanças, cerca de 4:000 homens recrutados á pressa, tropas bisonhas, quasi sem artilheria, no meio de fóssos e reductos improvisados, resistiram desde 18 de abril a 2 de maio á divisão de Loison, calculada em 15:000 soldados, apoiados em numerosos canhões e n'uma bem dirigida engenheria. A retirada ulterior de Silveira, no meio de grandes difficuldades ainda augmentou mais o seu prestigio militar. Não se conhece ao certo a cifra das perdas dos francezes; mas uma testemunha dos successos conta que durante a lucta entravam diariamente no Porto 40-50 carros com feridos, subindo depois o funebre cortejo de 70 a 80; e houve dia de 110 carros. Das tres para as quatro horas da tarde convidavam-se os bons portuenses uns aos outros, dizendo: «Vamos até ao Poço das Patas vêr o presente que hoje manda ao Soult o General Silveira» [2].

O mesmo auctor fidedigno resume assim os titulos de gloria da moderna Amarante: «fez retrogradar em junho de 1808 a rapida marcha do impio Loison, e salvando em abril de 1809 as duas provincias de Traz-os-Montes e Beira, as livrou de todos aquelles estragos, males e mortes que a guerra a mais devastadora ao depois fez soffrer a uma grande parte dos habitantes da Beira em 1810».

Os successos ulteriores, a conservação da Regencia, o desembarque dos inglezes, os combates do Vimeiro e da Roliça são relacionados com a mesma heroica defeza da villa; foi o baluarte de todo o reino, attrahindo a si pela mais viva e vigorosa resistencia o grosso exercito francez e impediu com seus fortes e aturados ataques que se não podessem reunir Soult e Victor. A noticia da retomada de Chaves e da valorosa resistencia que se fez na ponte de Amarante reanimou de alguma sorte as esperanças do ministerio britannico (*Historia antiga,* pag. 54-55).

Ainda ha poucos annos (a nossa ultima visita foi em 1896) observamos os claros e eloquentes vestigios da tremenda lucta: os melhores solares ainda em ruinas, formosas [3] construcções da segunda metade do seculo XVI, de uma architectura distincta em que era parte obrigada do lado do Tamega

---

[1] Correspondiam os pelourinhos naturalmente aos concelhos de Amarante, Gestaçô e Gouvêa de Riba Tamega, que confinavam com o primeiro, separados apenas pelo rio, e por uma linha convencional, ao meio da celebre ponte, onde um cruzeiro indicava os limites.

[2] *Historia antiga e moderna da sempre leal e antiquissima villa de Amarante,* etc., por P. F. de A. C. de M. Londres, 1814, pag. 221. Esta obra muito apreciavel, e hoje muito rara, parece dever attribuir-se a Francisco de Alpoim Carvalho de Menezes. Não dispensa, porém, o exame das que adiante citamos.

[3] As frequentes datas do seculo XVI que encontramos n'esses solares: 1540, 1561, 1595 indicam que a grande cons-

Amarante



ETTE ville si renommée appartenait à l'ancien chef-lieu de Guimarães, qui avec cinq autres était compris dans la province de Entre Minho e Douro. Avant 1834, époque où l'on institua les modernes divisions juridiques et administratives, les limites de la ville étaient les plus petites du pays; la ville se composait, pour ainsi dire, de deux grandes rues, et présentait la curieuse circonstance de contenir dans une de ces artères, — celle qui conduit d'un côté vers Porto et d'autres endroits du Minho, et de l'autre vers Traz-os-Montes et Beira — trois juridictions civiles, trois ecclésiastiques, trois chartes et trois piloris! [1]

Vers la fin du XVIIIme siècle, sa position stratégique dominait déjà le passage dans trois provinces, le chemin de Porto par Penafiel, celui de Traz-os-Montes, par Villa Real, la vallée du Tamega jusqu'à Chaves, enfin les communications avec Guimarães, Braga et le Haut Minho. Il n'est donc pas étonnant que la ville défendue avec ténacité pendant l'invasion française, fut prise et reprise, pillée, et brulée par l'ennemi qui y souffrit d'énormes pertes. En 1808 le maréchal Soult descendait de Gallice sur Porto avec 30:000 hommes; un de ses meilleurs généraux Loison, venant de Penafiel, trouva à Amarante une résistance héroïque, défendant le passage du Tamega. Le général Francisco da Silveira, plus tard Comte de Amarante, par grâce du Prince Régent, lui barra le passage du fameux pont de la ville; places, rues, collines, tout fut arrosé du sang le plus précieux pendant une lutte à outrance qui dura à peu près quinze jours, et qui se termina par l'incendie des meilleures maisons de la ville. La bataille commencée dans les rues, passa aux habitations qui furent prises une à une. Depuis de 18 Avril jusqu'au 2 Mai, une poignée de miliciens et d'ordonnances, 4:000 hommes à peu près, embauchés à la hâte, des troupes de recrues, presque sans artillerie, au milieu de fossés et de redoutes improvisées, put résister à la division de Loison, calculée à 15:000 soldats avec de nombreux canons et des troupes de génie bien dirigées. La retraite de Silveira qui eut lieu plus tard, au milieu de grandes difficultés, augmenta encore son prestige militaire. On ne sait pas au juste le nombre de pertes des français; mais un temoin de ces évènements raconte que pendant la lutte on voyait tous les jours entrer à Porto 40 à 50 chars de blessés, plus tard le funèbre cortège monta de 70 à 80 et il y eut des journées de 110 charrettées. Vers trois ou quatre heures du soir les bons habitants de Porto s'invitaient les uns les autres en disant: «Allons au Poço das Patas voir le cadeau que Soult envoie aujourd'hui au général Silveira» [2].

Le même auteur digne de foi abrège ainsi les titres de gloire de la moderne Amarante: «en Juin 1808 elle fit rétrograder la marche rapide de l'impie Loison, et en Avril 1809 elle sauva les deux provinces de Traz-os-Montes et Beira, les délivra de tous les dégâts, des maux et des morts que la guerre la plus dévastatrice fit plus tard souffrir à une grande partie des habitants de Beira en 1810.»

Les évènements qui suivirent, la conservation de la Régence, le débarquement des anglais, les combats de Vimeiro et Roliça se rapportent à la même défense héroïque de la ville, qui fut la place forte de tout le royaume, attirant de son côté par une vive et forte résistance le gros de l'armée française et empêchant, avec ses attaques rudes et répétées, toute réunion possible entre Soult et Victor. La nouvelle de la reprise de Chaves et de la courageuse résistance du pont de Amarante encouragea en quelque sorte les espérances du ministère anglais. (*Histoire ancienne,* pag. 54-55).

Il y a encore peu d'années, lors de notre dernière visite en 1896, nous avons pu observer des vestiges éloquents et clairs de cette terrible lutte: les plus beaux manoirs encore en ruines sont des [3] cons-

---

[1] Les piloris correspondaient probablement aux communes de Amarante, Gestaçô et Gouveia de Riba Tamega, qui étaient proches du premier, séparés seulement par le fleuve, et par une ligne conventionnelle au milieu du fameux pont, où les limites étaient indiquées par une croix.

[2] *Historia antiga e moderna da sempre leal e antiquissima villa de Amarante, etc.,* par P. T. de A. C. de M. Londres 1814, pag. 221. Cet ouvrage très apprécié et très rare aujourd'hui, semble devoir être attribué à Francisco de Alpoim Carvalho e Menezes. Cependant il ne nous dispense pas de l'examen que nous citons plus loin.

[3] Les dates souvent répétées du XVIme siècle, que nous trouvons dans ces manoirs: 1540, 1561, 1595 indiquent que

uma elegante galeria, erguida sobre esbeltas columnas de uma sobria ornamentação; no andar inferior grandes arcos solidos ajudavam a firmar na encosta as massas de granito bem trabalhado, escolhido entre as melhores qualidades da região. A vista sobre o rio devia ser deliciosa nas tardes do estio, quer para quem se deleitava olhando das galerias sobre a ridente paizagem, quer para quem, deslizando das aguas n'um batel, erguia seus olhos das aguas do Tamega para as columnatas povoadas de formosas senhoras. Tudo isso passou.

A hera, a madre-silva, as flôres do campo, a vinha sempre productiva e grata povôam hoje as arcarias que impressionam ainda pelo numero e pela variedade, pelo seu ar de grandeza, pelo perfil elegante do seu desenho, emfim pelo eloquente testemunho das suas feridas: aqui deu-se tudo — vida, fortuna e familia — pela Patria, porque a furia franceza não poupou nem a mulher, nem o velho, nem a criança.

. . . .

Quem passa em Amarante lembra-se agora, geralmente, mais de S. Gonçalo, do que dos crueis soldados de Napoleão.

O dia 10 de janeiro dá logar ainda hoje a uma grande festa e romaria, onde o «casamenteiro das velhas» — e constructor da Ponte de Amarante, segundo a lenda — é lembrado por muitos corações reconhecidos. Antigamente, no Porto, os conegos da Sé iam-lhe dançar diante do altar. Dil-o Garrett n'um dos seus livros:

«Dançar, dançavam os conegos do Porto ainda em tempo de minha avó que o viu e m'o contou quando eu era pequeno: dançavam, sim, diante do altar de S. Gonçalo, no seu dia».

São pouco certas as datas relativas á sua vida. Folheando o *Agiologio lusitano* de Jorge Cardoso, (Lisboa, 1652, vol. I, pag. 96 e 103) achará o leitor pormenores biographicos interessantes. Creado pelo Arcebispo de Braga, que o proveu na Abbadia de S. Paio de Vizella, veio fixar-se cerca de 1250 em Amarante n'uma ermida de Nossa Senhora, onde falleceu a 10 de janeiro de 1262. A ermida foi transformada em capella e jazigo do Santo dentro do grande templo dominicano, que hoje subsiste. Quando se recolheu ao ermiterio já era frade de S. Domingos, em cuja religião entrou em Guimarães, tomando o habito da mão do Prior S. Pedro Gonçalves Telmo. Com o culto dedicado ao Santo e as romagens fundaram-se naturalmente os albergues para os peregrinos, as estalagens para os viajantes; e com esse nucleo nasceu e augmentou a povoação, cuja origem alguns escriptores nacionaes querem attribuir a certo Amaranto, capitão romano, de fabulosa genealogia [1].

Estava a ermida que S. Gonçalo fundou em Amarante, no terreno da freguezia de S. Verissimo, a qual era a antiga egreja parochial. A instancias da Rainha D. Catharina, sempre muito devota de S. Domingos, deu D. João III o terreno e a egreja aos dominicanos, que do monarcha e de seu neto D. Sebastião obtiveram quantiosas sommas de cruzados para a construcção da sumptuosa egreja e convento. A seguinte inscripção inedita, sobre o arco triumphal, que copiamos em 1896, regista a gratidão dos frades e factos curiosos para a historia patria [2]:

Este convento fundou elrei Dom João, 3. deste nome, á honra do glorioso S. Gonçalo da ordem de S. Domingos na era de 1540; e depois el rei Dom Sebastião seu neto alcansou licença do papa Pio quarto, no anno de 1561, pera nestes reinos se poder resar do dito sancto; en o anno de 1595 el rei Dom Phelipe nosso senhor, o 2. deste nome e primeiro de Purtugal (sic), *mandou declarar por huma provisam sua que está registada no livro da camara desta vila como elle he padroeiro deste*

trucção do convento e a fabrica do templo principalmente, durante os reinados de D. João III até D. Sebastião, estimularam as familias fidalgas da terra, que então reformaram os seus solares em harmonia com o estylo da nova egreja. Ha por toda a parte grande abundancia de brazões muito bem lavrados.

[1] Este Amaranto e a sua sepultura (com a inscripção competente), achada em Braga, reapparece em todos os auctores que fallam da villa, a começar no Padre Carvalho da Costa (*Corographia portugueza.* Lisboa, 1706, vol. I, pag. 143) até Pinho Leal (*Portugal antigo e moderno.* Lisboa, 1873, vol. I, pag. 188). É util para o estudo da localidade consultar ainda o *Diccionario Geographico* do Padre Luiz Cardoso (Lisboa, 1747, vol. I, pag. 421); e o *Mappa de Portugal* de João Baptista de Castro, vol. I e II.

[2] Dissolvemos apenas as numerosas e complicadas abreviaturas e regulamos a pontuação; por esta inscripção se devem corrigir as datas que estão erradas em muitas obras que tratam de Amarante.

tructions magnifiques de la deuxième moitié du XVI[me] siècle, d'une architecture élégante, ornées du côté du fleuve Tamega d'une jolie galerie, élevée sur de belles colonnes d'un dessin sobre; à l'étage inférieur de solides arcades contribuaient à appuyer sur le coteau les masses de granit bien travaillé qu'on choisissait dans les plus belles qualités de la région. Par les belles soirées d'été la vue sur le fleuve devait être délicieuse, lorsqu'on se penchait sur les galeries admirant le riant paysage, ou glissant sur les eaux dans un bateau, élevant les yeux du rivage vers les colonnades peuplées de belles dames. Tout cela est passé.

Le lierre, le chèvre-feuille, les fleurs des champs, la vigne toujours bonne et productive garnissent aujourd'hui les arcades, qui vous impressionnent encore par la quantité et la variété, par leur air de grandeur, par le galbe élégant de leur dessin, enfin par l'éloquent témoignage de leurs blessures: ici on a tout donné pour la Patrie, vie, fortune et famille, parce que la furie française n'épargna ni femmes, ni vieillards, ni enfants.

. . . .

De nos jours ceux qui passent à Amarante se souviennent généralement plus de S[t] Gonçalo que des cruels soldats de Napoléon.

Le 10 Janvier on célèbre encore une grande fête et un pélerinage, où le «*marieur des vieilles*» — et le constructeur du Pont d'Amarante, d'après la légende — est vénéré par bien des cœurs reconnaissants. Autrefois à Porto les chanoines de la Cathédrale allaient danser devant son autel. Garrett le dit dans un de ses livres: «Quant à la danse, les chanoines de Porto dansaient encore du temps de ma grand' mère qui l'a vu et me l'a raconté quand j'étais enfant; le jour de S[t] Gonçalo ils dansaient devant son autel».

Les dates relatives à sa vie sont peu justes. En feuilletant le *Agiologio lusitano* de Jorge Cardoso (Lisbonne, 1652, vol. I, pag. 96 et 103) le lecteur trouvera des détails biographiques intéressants. Recevant les ordres de l'Archevêque de Braga, il fut nommé pour l'Abbaye de S. Paio de Vizella et vers 1250 il vint se fixer à Amarante dans un petit ermitage de Notre Dame, où il mourût le 10 Janvier 1262. L'ermitage fut transformé en chapelle et caveau du saint dans le grand temple dominicain qui existe actuellement. Lorsqu'il se retira dans l'ermitage il était déjà moine de S[t] Dominique, dans la religion duquel il était entré à Guimarães, prenant l'habit des mains du Prieur S[t] Pedro Gonçalves Telmo. Avec le culte du saint et les pélerinages, on installa des asiles pour les pélerins, des hôtelleries pour les voyageurs et ainsi naquit et s'augmenta la ville, dont quelques écrivains nationaux veulent faire remonter l'origine à un certain Amaranto, capitaine romain, de généalogie douteuse [1].

L'ermitage fondé par S[t] Gonçalo à Amarante était situé sur le terrain de la paroisse de S[t] Verissimo, ancienne eglise paroissiale. Sur les instances de la Reine D. Catharina, toujours très dévote de S[t] Dominique, D. Jean III donna le terrain et l'église aux dominicains, qui obtinrent du roi et de son petit-fils D. Sébastien, d'importantes sommes pour la construction de la somptueuse église et du couvent. Sur l'arc de triomphe, l'inscription suivante inédite que nous avons copiée en 1896, montre bien la gratitude des moines et des faits assez curieux pour l'histoire de la patrie [2]:

Ce couvent a été fondé par le roi Dom João, 3[me] de ce nom, en honneur du glorieux S[t] Gonçalo de l'ordre de S[t] Dominique l'année 1540; et après le roi Dom Sebastião son petit fils, obtint une permission du pape Pie IV, l'année 1561, pour qu'on puisse, dans ce royaume prier le même saint; l'année 1595 le Roi Dom Philippe notre seigneur, 2[me] de ce nom et premier de Portugal (sic) *fit déclarer par un décret qui est enregistré dans le livre de la préfecture de cette ville que ce*

la grande construction du couvent et surtout celle du temple, pendant les règnes de D. Jean III jusqu'à D. Sebastien stimulèrent les familles nobles du pays qui alors restaurèrent leurs chateaux dans le style de la nouvelle église. On voit partout beaucoup d'armoiries très bien sculptées.

[1] Cet Amaranto, et sa tombe avec son inscription, trouvée à Braga, reparait dans tous les auteurs qui parlent de la ville en commençant par le Père Carvalho da Costa (*Corographia portugueza,* Lisbonne 1706, vol. I, pag. 143) jusqu'à Pinho Leal (*Portugal antigo e moderno.* Lisbonne 1873, vol. I, pag. 188). Il est utile pour l'étude de la localité, de consulter encore le *Diccionario Geographico* du Père Luiz Cardoso (Lisbonne 1747, vol. I, pag. 421) et le *Mappa de Portugal* de João Baptista de Castro, vol. I et II.

[2] Nous avons seulement déchiffré les abréviations nombreuses et compliquées et réglé la ponctuation; cette inscription servira à corriger les dates qui sont mal écrites dans beaucoup d'ouvrages qui s'occupent de Amarante.

convento e como tal defende que na capella mor do dito convento se não possa enterrar ninguem, como mais largamente consta da dita provisão que esta no arquivo deste convento.

Não é nem póde ser nosso proposito descrever aqui miudamente a egreja e mosteiro, a que anda ligada a interessante vida de S. Gonçalo com as suas poeticas lendas e milagres. O culto e a veneração do povo não se limitam a Amarante e arredores. É quasi o rival de Santo Antonio. Quem houver passado por Guimarães e Vizella deve ter ouvido o pregão da fama do popular santo.

De Vizella a Tagilde vae-se em hora e meia n'um lindo passeio, cheio de sombra, frescura e murmurio de frescas aguas, atravez de deliciosa paizagem. É na freguezia de Tagilde que se encontra o logar de Arriconha ou da Riconha, onde o santo nasceu. Uma modesta capella, mandada edificar em 1657, perpetúa ahi o seu nome. Separada da capellinha por um caminho vicinal está a *Casa do Paço,* onde, segundo a tradição, nasceu S. Gonçalo nos principios do seculo XIII, a qual do seu antigo esplendor apenas conserva o nome. Os historiadores dizem o santo oriundo de familia nobre. Verdade ou não, o que é impossivel negar são as tradições e os documentos muito antigos d'esta casa, que remontam ao primeiro terço do seculo XIV, embora da primitiva construcção do *Paço da Riconha* muito pouco se conservasse [1].

«N'esta freguezia (Tagilde) perdura indelevel a sua memoria, conservando-se cuidadosamente tudo o que as tradições trazem ligado á sua existencia. A casa e logar onde nasceu, a cruz parochial que serviu no seu baptismo, a fonte onde mitigava a sêde, o penedo onde orava, são objectos a que se liga toda a consideração, como pregoeiros da honra que adquiriu esta freguezia com o nascimento do santo.» (*Tagilde,* Memoria historico-descriptiva, pag. 29).

Seu tumulo modestissimo, no meio de uma capella refulgente de custosa talha dourada, sem letra nem inscripção, apresenta na tampa uma figura de frade bastante tosca. O logar do jazigo, por debaixo do altar-mór, lado do Evangelho, é o da antiga ermida do santo. Em compensação a egreja revela ainda em muita parte a antiga riqueza do convento, cujas rendas no tempo da invasão franceza orçavam ainda por dez contos, que divididos por trinta frades conventuaes davam para uma vida folgada. Tinha então a villa 314 fogos e 62 meios fogos com 1:376 almas; a continuação das ruas da villa que entravam pelo concelho de Gouvêa abrangiam outro tanto. (*Hist. de Amarante,* pag. 35).

Os francezes chegaram a lançar fogo ao convento na fugida; mas, precisando de seus fortes muros para a defeza, não tiveram tempo de o incendiar, sendo logo depois inteiramente reparado. Merece cuidadosa attenção a bella talha dourada da egreja, principalmente a magnificente caixa do orgão, obra do seculo XVIII, sustentada por tritões gigantescos, esculpidos com singular mestria; poucas obras temos no reino comparaveis a esta, e a ella já nos referimos, a proposito da caixa do orgão de S. Bento do Porto e da correspondente da cathedral de Braga. (Vid. n'esta publicação o n.º 4).

Devia ser cuidadosamente copiada a pintura em arabesco, estylo Luiz XIV, que cobre as arcadas interiores com variados motivos polychromicos de correctissimo e elegante desenho. Na sacristia, muito bem guarnecida, de bons azulejos e excellente talha do meado do seculo XVII, chama a attenção uma pintura em taboa do meado do seculo XVI, o Senhor atado á columna, quasi tamanho natural; posto que retocada, ainda revela qualidades distinctas de um discipulo portuguez ou hespanhol da escóla romana, imitador de Miguel Angelo. A porta de entrada da dita sacristia é outra obra d'arte digna de ser reproduzida; compõe-se de seis grandes almofadas esculpidas em madeira, em alto relevo no bom estylo da Renascença italiana; ao meio lê-se em duas tarjas: ANNO — 1597. Dimensões $1^m,97 + 0^m,97$.

[1] O actual snr. Abbade de Tagilde (Reverendo Oliveira Guimarães), nosso bom amigo, tão modesto, como erudito e consciencioso historiador das antiguidades do concelho de Guimarães, brindou os estudiosos com uma preciosa memoria historico-descriptiva sobre *Tagilde,* que recommendamos á attenção dos nossos leitores, e especialmente d'aquelles que visitam Vizella, cujos arredores estão semeados de monumentos dignos de serio estudo, e comtudo ignorados de 99 p. c. dos visitantes. Da memoria que appareceu na *Revista de Guimarães* da benemerita Sociedade Martins Sarmento fez-se uma tiragem separada em 1894 (Porto, typographia de Silva Teixeira, 77 pag.). Ahi encontra o leitor abundantes, seguras e valiosas informações sobre S. Gonçalo, sobre o Paço da Riconha, sobre a preciosa cruz processional de prata que serviu no baptismo do santo (segundo a tradição), etc. D'esta cruz que é alli reproduzida em uma boa estampa, já nos occupamos em outro logar (*Commercio do Porto* de 1 de agosto de 1895), a proposito da Exposição de arte sacra ornamental do Centenario Antonino. Ella só, vale uma visita especial a Tagilde, onde o snr. Abbade a guarda com o carinho que merece.

saint est le patron de ce couvent et ainsi il défend que dans le sanctuaire du même couvent on n'enterre personne comme il est expliqué dans ce même décret qui est dans l'archive de ce couvent.

Nous n'avons pas l'intention de décrire minucieusement l'église et le monastère auxquels se rattache la vie si intéressante de St Gonçalo avec ses légendes et ses miracles si poétiques. Le culte et la vénération du peuple ne se bornent pas à Amarante et ses environs. Il est presque le rival de St Antoine et ceux qui auront passé à Guimarães et Vizella doivent avoir entendu les louanges de ce saint populaire.

On prend une heure et demie de Vizella à Tagilde, c'est une jolie promenade pleine d'ombre, de fraîcheur, du murmure des eaux, à travers un paysage délicieux; dans la paroisse de Tagilde se trouve le village de Arriconha ou da Riconha, où est né le saint, et où son nom est perpétué dans une modeste chapelle, édifiée en 1657. Un chemin vicinal sépare la petite chapelle de la *Casa do Paço,* qui, selon la tradition, a été le berceau de St Gonçalo au commencement du XIIIme siècle, et qui ne conserve que le nom et de rares vestiges de son ancienne splendeur. Les historiens font descendre le saint d'une famille noble; que ce soit vrai ou non, il est impossible de nier les traditions et les documents très anciens de cette maison qui remonte au premier tiers du XIVme siècle, quoiqu'il ne reste presque rien de la construction primitive du *Paço da Riconha* [1].

«Dans cette paroisse de Tagilde sa mémoire continue inoubliable et on conserve soigneusement tout ce que la tradition a relié à son existence; la maison et l'endroit où il est né, la croix paroissiale qui a servi à son baptême, la fontaine où il étanchait sa soif, le rocher où il priait, sont des objets que l'on vénère comme prôneurs de l'honneur acquis par cette paroisse avec la naissance du saint.» (*Tagilde,* Mémoire historique-descriptif, pag. 29).

Au centre d'une chapelle flamboyante de précieuses boiseries dorées, son tombeau très modeste sans aucune inscription, présente sur le couvercle une statue de moine assez grossière. La place du caveau, au dessous du maître-autel, du côté de l'Evangile, est l'ancien emplacement de l'ermitage du saint. Mais l'église montre encore en plusieurs endroits l'ancienne richesse du couvent dont les revenus au temps de l'invasion française étaient encore évalués à dix contos, (50:000 francs) lesquels partagés par trente moines, leur permettaient une vie aisée. La ville avait alors 314 feux et 62 demi feux avec 1:376 âmes et la continuation des rues de la ville qui entraient dans la commune de Gouveia en possédait le même nombre. (*Hist. de Amarante,* pag. 35).

Les français en fuyant pûrent encore mettre le feu au couvent, mais, ayant besoin de ses fortes murailles pour leur défense, il n'eurent pas le temps de le brûler, et le réparèrent aussitôt entièrement. Il faut remarquer avec attention les belles boiseries dorées de l'église, surtout le magnifique buffet d'orgue, œuvre du XVIIIme siècle soutenu par de gigantesques tritons, sculptés d'une manière exquise; nous possédons dans le royaume peu d'œuvres comparables à celle-ci, dont nous avons déjà parlé, lorsque nous avons cité les buffets d'orgue de St Bento à Porto et de la cathédrale de Braga. (Vid. n.º 4 de cette publication).

On devrait copier soigneusement la peinture en arabesque, genre Louis XIV, qui couvre les arcades intérieures de motifs polychromes très variés, et d'un beau dessin. Dans la sacristie, très bien garnie de belles faïences et d'excellentes boiseries du milieu du XVIIme siècle, notre attention est attirée par une peinture sur bois du milieu du XVIme siècle, représentant le Christ attaché à la colonne, presque en grandeur naturelle; malgré les retouches, on reconnait distinctement les qualités de quelque élève portugais ou espagnol de l'école romaine, imitateur de Michel Ange. La porte d'entrée de cette sacristie

[1] L'abbé actuel de Tagilde (le Révérend Oliveira Guimarães), un de nos bons amis, si modeste, si savant et scrupuleux historien d'antiquités du district de Guimarães, a donné aux studieux un précieux mémoire historique-descriptif sur Tagilde, que nous recommandons à l'attention de nos lecteurs et surtout de ceux qui visitent Vizella dont les environs sont pleins de monuments dignes d'une étude sérieuse, et néanmoins ignorés de la plupart des visiteurs. Du mémoire paru dans la *Revista de Guimarães* de la Société Martins Sarmento on a fait un grand tirage séparé en 1894. (Porto, imprimerie de Silva Teixeira, 77 pag.). Le lecteur trouvera là des informations abondantes, sûres et précieuses sur St Gonçalo, sur le palais da Riconha, sur la précieuse croix processionnelle en argent qui a servi au baptême du saint (d'après la tradition), etc. Cette croix reproduite en une belle gravure a été déjà citée par nous (*Commercio do Porto,* 1er Août 1895) à propos de l'Exposition d'art sacré ornemental du Centenaire *Antonino.* Elle seule mérite une visite spéciale à Tagilde ou Mr. l'Abbé la garde avec tout les soins dont elle est digne.

São muito raros os exemplares datados d'esta época. Além d'isso serve-lhe de moldura um portal de cantaria bem lavrada, de airoso desenho, no mesmo estylo.

Quem considerar bem este lavor da porta, o magnifico tecto entalhado da sacristia da proxima egreja de S. Pedro (meado do seculo XVII), um dos melhores que temos visto no paiz, a profusão de excellente obra de talha, dispersa em toda a egreja conventual, que representa bem o seculo XVII e XVIII, confessará de boa vontade que o convento foi uma excellente escóla de optimos artifices. Junte-se mais o lavor da pedra, muito apurado, n'um granito bem escolhido, de grão fino (onde foi necessario fazer esculptura mais miuda de brazões e emblemas heraldicos, recorreu-se ao emprego discreto do calcareo). Ligando estes elementos, temos ainda hoje um conjuncto de bello effeito, que deve desafiar o animo de todo o portuguez, amante da sua patria, a uma visita demorada á formosa villa. Tradições poeticas do agiologio nacional, a gloria de acções invictas que electrisaram o paiz e confundiram o invasor, o prestigio da arte em tantas manifestações variadas, emfim o encanto de uma formosissima natureza, fecunda, generosa, inexgotavel em seus dons variados — porque todo o termo da villa não é senão um delicioso pomar, cortado de jardins floridos — realisam um quadro que nos seduz e convida a uma romaria. De resto, a viagem é facil, quer em carro, indo de Penafiel, por uma commoda e linda estrada, quer aproveitando a diligencia que segue da estação de Villa-Meã, na linha do Douro (16 kil. — 300 reis).

As hospedarias eram razoaveis em 1896 e devem ter melhorado, porque a villa prospéra visivelmente, graças á riqueza agricola do concelho.

Das estampas pouco falta elucidar depois do que já escrevemos: duas vistas geraes que se completam mutuamente: são os dois panoramas com a villa em amphiteatro, avançando sobre a historica ponte; um grupo de azenhas á beira do Tamega, que as tem em abundancia e muito pittorescas, funcionando tambem como moinhos, quando o rio leva pouca agua; e em quarto logar a vista da egreja com a entrada lateral. Esta ultima consta de tres corpos de ordem corinthia n'um estylo de Renascimento já muito carregado de carrancas, almofadas, volutas e pingentes; o terceiro corpo é de estylo *baroque* accentuado, com columnas salomonicas e frontão recortado em caprichosos ornatos. As estatuas representam, começando em baixo, S. Domingos e S. Francisco, de guarda á entrada; no segundo corpo S. Gonçalo, S. Pedro Martyr e S. Thomaz d'Aquino; no ultimo Nossa Senhora. Uma *loggia*, do mesmo estylo, aberta em cinco arcos de volta redonda, a que dão maior realce quatro estatuas de reis portuguezes, ajuda a corrigir a severidade da vista longitudinal da egreja, pesada e severa no seu apparelho possante de granito. A cúpula achatada, quasi sem tambor, acaba n'uma lanterneta singela; e se não fôra uma esbelta torre do seculo XVIII, que se ergue do lado norte, junto á entrada principal, bem modesta e escura sob os arcos [1], o effeito esthetico seria pesado. Mas o ambiente, a formosa paizagem corrige tudo. Quem passar a ponte defronta com o extenso dormitorio, debruçado ao nascente sobre o rio, com uma vista desafogada e ares lavados pelas brizas do Tamega.

A tradição falla de uma ponte construida milagrosamente em Amarante pelo santo. Certamente que se perderam hoje até seus vestigios; a actual, grande, arrojada e elegante confessa claramente n'uma inscripção quem foi seu auctor. Anda geralmente errada e incompleta. Eil-a:

«Foi mestre architecto d'esta Real obra Francisco Thomaz da Motta da Figueira de Adaufe, termo da cidade de Braga, pela Rainha D. Maria, 1790».

Tambem são dignos de uma visita os dois claustros, de bom estylo jonico e cuidadosa factura, com suas salas e galerias, onde estão hoje differentes repartições publicas.

Joaquim de Vasconcellos.

[1] Na obra do Padre Cardoso, vol. I, pag. 422, póde lêr-se a explicação muito plausivel que elle dá para se comprehender a singular disposição do plano da egreja, subordinado á necessidade de envolver a primitiva ermida de S. Gonçalo dentro da Capella-mór; ainda assim não ficou por debaixo d'ella, mas sim a um dos lados (Evangelho). A torre dos sinos, ao lado da entrada principal, não se avista na nossa estampa.

est encore une autre œuvre d'art qui mérite d'être reproduite; elle se compose de six vantaux en bois, sculptés en relief dans le meilleur style de la Renaissance italienne; au milieu sur deux bandes on lit: An — 1597. Dimensions $1^m,97 + 0^m,97$. Les exemplaires datés de cette époque sont très rares. Autour de la porte un chambranle en pierre bien travaillée, du même style et d'un dessin élégant, lui sert de cadre.

En observant bien le travail de cette porte, le magnifique plafond marqueté de la sacristie de la voisine église de S[t] Pierre (milieu du XVII[me] siècle) un des plus beaux que nous avons vus dans le pays, la profusion d'excellentes sculptures en bois dispersée dans toute l'église conventuelle, représentant bien le XVII[me] et XVIII[me] siècle, on avouera volontiers que le couvent fut une belle école de magnifiques ouvriers. En comptant encore le travail de la pierre très recherché, sur du granit bien choisi, au grain très fin, (lorsqu'il a fallu faire des dessins menus de blasons et d'emblêmes héraldiques on a eu recours à l'emploi discret de la pierre calcaire) et en réunissant ces éléments nous avons encore aujourd'hui un ensemble du plus bel effet qui doit inviter tous les portugais aimant leur patrie, à une longue visite dans cette jolie ville. De poëtiques traditions d'agiologie nationale, la gloire d'actions d'éclat qui électrisèrent le pays et confondirent l'ennemi, le prestige de l'art sous tant d'aspects variés — parce que les limites de la ville ne sont qu'un délicieux verger, coupé de jardins fleuris — tout cela compose un tableau qui nous séduit et nous invite à un pélerinage. Du reste, le voyage est facile, soit en voiture, allant de Penafiel par une route belle et commode, soit en prenant la diligence qui sort de la station de Villa Meã, sur la ligne du Douro (16 kil. — 300 reis) 1f,150.

Les hotels étaient assez bien tenus en 1896 et ils doivent actuellement être meilleurs, parce que la ville prospère à vue d'œil, grâce à la richesse agricole de la contrée.

Il nous reste peu à décrire des gravures après ce que nous avons dit: deux vues générales qui se complètent mutuellement, représentent les deux panoramas avec la ville en amphithéatre avançant sur le pont historique; au bord du Tamega un groupe de moulins à eau, très pittoresques et en grande quantité; lorsque le fleuve a peu d'eau ils travaillent comme moulins à vent; et en dernier lieu la vue de l'église avec son entrée latérale. Celle-ci se compose de trois corps, d'ordre corinthien, d'un style Renaissance déjà surchargé de têtes d'animaux sculptées, de panneaux, de volutes et de pendentifs; le troisième corps est de style baroque très prononcé, avec des colonnes salomoniques et un fronton découpé en de capricieux ornements. Les statues en commençant par le bas, représentent S[t] Dominique et S[t] François qui gardent l'entrée; au deuxième corps S[t] Gonçalo, S[t] Pierre Martyr et S[t] Thomas d'Aquin; au dernier Notre Dame. Une *loggia* de même style, percée en cinq arceaux arrondis, réhaussés de quatre statues de rois portugais, corrige un peu la sévérité de l'aspect longitudinal de l'église, sévère et lourde dans son puissant appareil de granit. La coupole aplatie, presque sans tambour se termine par une simple lanterne; et si ce n'était une élégante tour du XVIII[me] siècle qui s'élève du côté nord près de la porte principale, modeste et sombre placée sous les arcades [1], l'effet esthétique de l'ensemble serait lourd. Mais l'air ambiant, le beau paysage font tout oublier. En passant le pont on se trouve devant le long dortoir, penché au levant sur le fleuve, avec une vue superbe et l'air purifié par les brises du Tamega.

La tradition parle d'un pont construit miraculeusement à Amarante par le saint. Assurément ses vestiges se sont effacés; le pont actuel, long, élégant, hardiment tracé montre bien sur une inscription quel a été son auteur. Cette inscription généralement incomplète est la suivante: «Le maître architecte de cette œuvre Royale a été Francisco Thomaz da Motta, de Figueira de Adaufe, près de la ville de Braga, par ordre de la reine D. Maria, 1790.

Les deux cloîtres de beau style ionique et de bonne facture avec leurs salles et leurs galeries, servant aujourd'hui de bureaux publics, sont aussi dignes d'être visités.

Joaquim de Vasconcellos.

[1] Dans l'ouvrage du Père Cardoso, vol. I, pag. 422, on peut lire l'explication très plausible qu'il donne pour comprendre la singulière disposition du plan de l'église, soumis à la necessité de contenir l'ermitage de S[t] Gonçalo dans le sanctuaire; malgré tout il n'est pas tout à fait au dessous, mais d'un des côtés (Evangile). Le clocher, à côté de l'entrée principale ne s'aperçoit pas dans notre gravure.

A cidade de Thomar



UANDO o forasteiro, sahindo da estação de Paialvo, é conduzido aos solavancos por um caminho poeirento e monotono, atravez um terreno accidentado e secco, está longe de prevêr a surpreza que o espera, ao fim d'uns sete kilometros d'este trajecto penoso e tôrvo.

A aproximação d'uma ultima curva de estrada aguarda-nos a compensação inesperada: Thomar apparece, cercada das magnificencias da paizagem circumjacente, ampla, convidativa e risonha.

O quadro que então se desvenda a nossos olhos é formosissimo, abrangendo uma dilatada região em que a tonalidade intensa e vibrante, plena de seiva, dos arvoredos e culturas viçosas parece entoar hymnos, na orchestração da natureza em festa.

Toda essa paizagem, faiscante de luz, n'uma atmosphera transparente e limpida, se prolonga na distancia de algumas legoas até ás ramificações das cordilheiras da Melriça e Alvaiazere.

As ondulações suaves do terreno, subindo ao horisonte, em planos graduaes e recortados, vão fugindo e esfumando-se na vaporosa neblina da perspectiva aeria. E por entre os rasgões do manto de vegetação, que cobre planicies e collinas, vê-se a carne da terra, d'uma côr ruborisada que realça, pelo phenomeno dos valores complementares, a gamma infinita dos verdes, do mais garrido ao mais sombrio, impregnados de humidade e de frescura.

Manchas espaçadas de pinheiraes e olivedos, de veigas e vergeis, matizados de casaes alvejantes dão ao conjuncto toques rutilos de polychromia; e, por sobre todo este conjuncto, n'uma inundação de sol, o azul do céo a esbater-se, empallidecendo até fundir-se com a orla violacea dos ultimos montes.

O panorama extenso, a perder de vista, é extraordinariamente bello, observado a cavalleiro do alto dos muros do velho castello templario.

Em baixo estende-se a vasta planicie. No primeiro plano assenta a cidade com os seus arruamentos alinhados e parallelos, interceptando-se em esquadria [1].

O effeito d'esta regularidade geometrica dá-lhe a feição de cidade edificada sobre um plano moderno, com os edificios bem arrumados, como mobiliario de casa confortavel e decente.

Segue-se a larga zona, por onde corre em curvas o rio Nabão, por entre ramagens de salgueiros e choupos, e entra na cidade dividindo-a em dois bairros, ligados por uma ponte de antiga fabrica.

Em todo o seu percurso assaz longo, ladeado de renques de vegetação frondosa, este rio constantemente offerece episodios marginaes que são pequenos e deliciosos motivos de paizagens tranquillas e amorosas.

Tão formoso, quanto benefico, elle atravessa os campos que rega e fertilisa, e faz desabrochar em varzeas, hortas e pomares, em producções agricolas de toda a especie, em abundancias de cereaes, fructas, vinho e azeite.

O Nabão é para Thomar um dom providencial; um elemento poderoso de trabalho e um factor de riqueza, que a iniciativa laboriosa tem sabido aproveitar, como energia mechanica applicada á actividade industrial.

Ao seu concurso operoso deve Thomar a prosperidade de que goza, pelos beneficios e auxilios que presta a todos os ramos do trabalho. A sua corrente ainda hoje, como no tempo dos Templarios, é uma força infatigavel e bemfazeja. Por isso os altivos cavalleiros o consideravam propriedade exclusivamente sua; e os serviços uteis que produzia, movendo azenhas e lagares, eram explorados em favor dos interesses da ordem, que d'esse monopolio auferia rendimentos importantes.

[1] O visitante, observando a cidade do alto da muralha, não deixará de notar, que as ruas principaes da cidade são destorcidas pelo convento, de fórma que os olhos do espectador as atravessam até ao rio, e, d'ahi por diante, ao bairro de Santa Iria.

La ville de Thomar



ORSQUE le voyageur, sortant de la station de Paialvo, est cahoté sur une route poussiéreuse et monotone, à travers un terrain aride et accidenté, il est loin de prévoir la surprise qui l'attend au bout de sept kilomètres à peu près, de ce trajet pénible et peu intéressant.

À l'approche d'une dernière courbe de la route on est bien dédommagé de tous les désagréments du chemin; Thomar nous apparait d'une manière inattendue, entourée de toutes les magnificences du paysage environnant, vaste, engageant et gai.

Le tableau qui se déroule alors à nos yeux est magnifique et embrasse une région très étendue dans laquelle la tonalité vibrante, intense et pleine de sève des arbres et des cultures luxuriantes, semble entonner des hymnes à la nature en fête.

Tout ce paysage, étincelant de lumière, dans une atmosphère limpide et transparente se prolonge à distance de quelques lieues jusqu'aux embranchements des cordillières de Melriça et Alvaiazere.

Les suaves ondulations du terrain, qui en plans découpés monte graduellement vers l'horizon, semblent fuir et s'estomper dans la brume vaporeuse de l'air lointain.

Et entre les déchirures de ce manteau de végétation qui cache les plaines et les collines, on aperçoit la chair de la terre, d'une couleur rougeâtre, qui, grâce au phénomène des valeurs complémentaires, fait encore réhausser l'éclat de la gamme infinie de verdure, de la plus tendre à la plus sombre, toute imprégnée d'humidité et de fraîcheur.

Çà et là des taches de bosquets de pins et d'oliviers, de jardins et de vergers, émaillés par les fermes blanchissantes, donnent à cet ensemble des touches brillantes de polychromie, et sur tout le paysage inondé de soleil, l'azur du ciel s'étend et pâlit jusqu'à se fondre dans le bord violacé des dernières montagnes.

Le panorama étendu à perte de vue est extraordinairement beau, observé presque à vol d'oiseau du haut des murs du vieux château des Templiers.

La vaste plaine s'étend en bas, et sur le premier plan repose la ville avec ses rues alignées et parallèles, coupées en équerre [1].

L'effet produit par cette régularité géométrique est celui d'une ville édifiée sur un plan moderne, avec ses edifices bien rangés, comme les meubles dans une maison honnête et confortable.

Ensuite sur une large zone, le fleuve Nabão court sinueusement parmi les touffes de saules et de peupliers, et entre dans la ville qu'il partage en deux quartiers, reliés par un pont de construction ancienne. En tout son long parcours, le fleuve bordé de végétation touffue, offre à tout moment des accidents naturels qui sont de délicieux paysages, amoureux et tranquilles.

Aussi bon que beau, il traverse les champs qu'il arrose et féconde, il fait éclore et épanouir les jardins, les potagers et les vergers en toute sorte de productions agricoles, en abondance de céréales, de fruits, de vin et d'huile.

Le Nabão est un don providentiel pour Thomar, un puissant élément de travail, une source de richesse que la laborieuse initiative a su mettre à profit, comme énergie mécanique appliquée à l'activité industrielle.

C'est à lui que Thomar doit la prospérité dont elle jouit, grâce aux bienfaits et à l'appui qu'il prête à toutes les branches de travail. Son cours est encore aujourd'hui, comme au temps des Templiers, une force bienfaisante et infatigable. C'est pour cela que les hautains chevaliers le considéraient comme leur propriété exclusive, et que les services utiles qu'il rendait, en faisant travailler les moulins à eau et les pressoirs, étaient exploités en faveur des intérêts de l'Ordre, qui en tirait d'importants revenus.

[1] Le visiteur, qui observe la ville du haut de la muraille, remarquera que les rues principales de la ville sont détournées par le couvent, de manière que les yeux du spectateur les embrasse jusqu'au fleuve, et plus loin dans le quartier de Sainte Iria.

*
* *

A cidade de Thomar é uma das mais formosas povoações da Extremadura, tão varia em aspectos. Tudo n'esta pequena cidade é de molde a despertar a attenção e a sympathia do visitante.

Os cuidados de limpeza da via publica e das habitações, escrupulosamente caiadas, começam por dar-lhe uma impressão insinuante e sympathica, de affectuosa hospitalidade.

Quasi todos os domicilios possuem poços de agua para lavagens. Assim a hygiene publica se acha garantida contra as febres endemicas que, referem, em outros tempos affligiam e desbastavam a população.

Aprazivel e bem fadada pela natureza, pela physionomia calma e sorridente da sua paizagem inexcedivel; engrandecida pelos successos e lendas da sua existencia historica; e, mais ainda, pela importancia dos seus monumentos, repositorios de tradições e florescencias de arte das épocas mais brilhantes da vida da nação, verdadeiros documentos da capacidade mental e das aptidões ethnicas do povo portuguez, Thomar tem a fascinação e o encanto de todos os attractivos.

É de bem dizer a actividade emprehendedora que aqui estabeleceu numerosas fabricas, que dão emprego a milhares de braços e sustento a innumeraveis familias. Fonte perenne de prosperidade, de engrandecimento, de importancia e bem estar do populoso concelho.

Quer pela espontanea iniciativa local, quer por circumstancias fortuitas e felizes, pouco importa, o movimento da sua industria é consideravel [1]; e a sua importancia na existencia collectiva da população é tal, que basta dizer: uma só das suas fabricas, a de fiação e tecidos, emprega permanentemente cerca de dois mil operarios, entre homens e mulheres.

Quantos lares dependentes do vital funccionamento d'estes organismos de trabalho accelerado!

E outras fabricas ha a mencionar, igualmente em laboração e constante incremento e progresso.

A fabrica do papel do Prado produz diariamente cerca de sete mil e quinhentos kilos de papel de especies diversas. E, ligada a esta, a Marianaia, que manufactura papel ordinario. E ainda ha a mencionar as fabricas de Porto de Cavalleiros e da Matrena, etc.

De fórma que do poderio e prestigio das ordens de cavallaria do Templo e de Christo colheu as suas tradições historicas, a sumptuosidade dos monumentos que possue, e até a insignia heraldica da sua representação: — «por armas a cruz de Christo». [2]

Nos tempos hodiernos, porém, e nas exigencias da civilisação actual, os titulos mais legitimos e honrosos, que possam encarecer e nobilitar uma população, só podem dimanar das condições economicas do seu labor valorisado, da organisação intelligente de emprezas productivas, da latitude e aproveitamento dos seus recursos de labutação e de commercio.

E ainda por este lado, repetimos, Thomar tem a seu favor essa superior vantagem, manancial de proventos derramados na circulação da sua actividade material e economica.

*
* *

Depois de rapidamente apontar as qualidades pittorescas e deliciosas dos arrabaldes que a cercam; e da vida tranquilla d'esta cidade, que apenas conta uma população de sete mil almas; resta fa-

---

[1] O estabelecimento da industria textil em Thomar tem raizes antigas.

Foi por 1772 que o francez Noel-le-Maître, com auxilio e fiscalisação da Real Fabrica de Sêdas, fundou o primeiro estabelecimento fabril de tecidos. Não foi feliz. O insuccesso, que quasi sempre persegue as arrojadas innovações, zombou dos esforços do activo emprehendedor, como contrariou, não obstante fartas concessões e privilegios, a confiança das diversas gerencias que se foram succedendo, sem melhor exito, até á invasão franceza.

Só posteriormente é que a administração de Gomes Loureiro conseguiu dar-lhe estabilidade e alentos.

É interessante o relatorio de Accurcio das Neves, ácerca das vicissitudes e desfallecimentos que durante esses quarenta annos estorvaram a intelligencia e tenacidade vigorosamente postas ao serviço d'essa empreza.

[2] Pelos modos, o primeiro brazão dado á antiga villa, para lustre e ufania da sua piedade, era uma curiosa exhibição figurada, em quadros, do tragico martyrio de Santa Iria. No primeiro quartel, o vulto sinistro do tyranno Britaldo; depois o féro algoz, denunciado pelo nome de Banão; seguia-se um castello e finalmente a virgem degolada e insolitamente mergulhada nas aguas do Nabão.

*
* *

La ville de Thomar est une des plus belles de la province d'Extremadura, déjà si variée d'aspects; tout dans cette petite ville est digne d'attirer l'attention et la sympathie du visiteur.

Les soins d'entretien de la voie publique et des habitations scrupuleusement blanchies à la chaux, contribuent avant tout à lui donner un air insinuant et sympathique, d'affectueuse hospitalité. Presque toutes les maisons sont munies de puits pour les lavages, et l'hygiène publique est ainsi préservée des fièvres endémiques qui, à ce que l'on dit, affligeaient et dévastaient autrefois la population.

Agréable et bien douée par la nature, par l'apparence calme et riante de ses paysages incomparables, agrandie par les évènements et les légendes de son existence historique et encore plus par l'importance de ses monuments qui renferment des traditions et des fleuraisons d'art des époques plus brillantes de notre vie nationale et qui sont de véritables documents de la capacité mentale et des aptitudes ethniques du peuple portugais, Thomar possède le charme et la fascination les plus attrayants.

Il faut aussi ajouter que l'activité entreprenante qui a établi de nombreuses fabriques occupe des milliers de bras, entretient d'innombrables familles et représente une source continuelle de prospérité, de grandeur, d'importance et d'aisance dans cette populeuse commune.

Que ce soit dû à la spontanéité d'initiative locale, ou à d'autres circonstances fortuites et heureuses, peu importe, le fait est que le mouvement industriel est considérable [1] et son importance dans l'existence collective de la population est telle, qu'une seule de ses fabriques, de filature et tissus, emploie constamment près de deux mille ouvriers, hommes et femmes.

Combien de foyers vivent du fonctionnement de ces organismes de travail actif!

Et il y a encore d'autres fabriques, également en activité qui augmentent et progressent de jour en jour. La fabrique de papier du Prado produit journellement à peu près sept mille cinq cents kilos de papier de diverses qualités; celle de Marianaia, qui lui est reliée manufacture du papier ordinaire. Et il faut encore citer les fabriques de Porto de Cavalleiros et de Matrena, etc.

Ainsi Thomar a puisé dans la puissance et le prestige des ordres de chevalerie du Temple et du Christ ses traditions historiques, la somptuosité de ses monuments et même l'insigne héraldique qui la réprésente: — «pour armes, la croix du Christ» [2].

Mais dans les temps modernes et d'après les exigences de la civilisation actuelle, les titres les plus honorables et légitimes qui peuvent ennoblir et élever une population, ne peuvent provenir que des conditions économiques de son travail, de l'organisation intelligente de ses entreprises productives, de l'expansion et du profit de ses ressources laborieuses et commerciales.

Et sous ce point de vue Thomar possède, comme nous l'avons dit, des avantages supérieurs répandus par la circulation de son activité matérielle et économique.

*
* *

Après avoir rapidement signalé, les conditions pittoresques et delicieuses des environs, la vie tranquille de la ville qui compte à peine sept mille âmes, il nous reste à parler des monuments qui sont

---

[1] L'établissement de l'industrie textile à Thomar est d'origine ancienne. En 1772 le français Noel-le-Maître, avec l'aide et sous la fiscalisation de la *Fabrique Royale de Soies*, fonda la première fabrique de tissus. Il ne fut pas heureux. L'insuccès qui s'attache presque toujours aux innovations hardies, railla les efforts de l'actif entrepreneur, de même qu'il contraria, malgré toutes les concessions et privilèges, la confiance des diverses directions qui se succédèrent, également sans succès, jusqu'à l'invasion française. Ce ne fut que plus tard sous l'administration de Gomes Loureiro qu'on réussit à la faire revivre. Le rapport de Accurcio das Neves, à propos des vicissitudes et des défaillances qui pendant ces quarante ans troublèrent l'intelligence et la ténacité mises au service de cette entreprise, est des plus intéressants.

[2] Il paraît que le premier blason donné à l'ancienne ville, en honneur et hommage à sa piété, était une curieuse exposition, en tableaux, du martyre de Sainte-Iria. Dans le premier l'image sinistre du tyran Britaldo; ensuite le féroce bourreau présenté sous le nom de Banão; puis un château, et en dernier lieu la vierge égorgée et plongée insolitement dans les eaux du Nabão.

zer menção dos seus monumentos que são objecto de encarecimento e curiosidade, quer pelas recordações da historia que lhes estão ligadas, quer pelo alto valor da contribuição que offerecem ao estudo comparativo e fixação dos factos da arte portugueza.

É preciso interrogal-os com solicitude, e comprehender a linguagem da sua mudez eloquente.

A começar pelas ruinas do castello templario, tudo ali falla á imaginação. Olhando-as a distancia, julgamos vêr ainda agitarem-se sobre os adarves os vultos, de capas brancas ao vento, dos cavalleiros heroicos, que a poesia das lendas consagrou para sempre.

Finalmente, a cidade de Thomar, notavel pela seducção e excellencia da sua situação natural; illustrada pelas recordações da milicia do Templo que a fundou; pelos admiraveis restos da sua grandeza, sumptuosos e significativos certificados para a demonstração dos aspectos evolutivos da arte, sob a influencia das ideias dominadoras; pela importancia economica e social dos seus estabelecimentos fabris; pela indole laboriosa e pacifica dos seus habitantes, satisfeitos, ao parecer, na sobria mediania que lhes ministra o trabalho assiduo; por todos estes motivos, a cidade de Thomar é e será, para os estranhos e curiosos forasteiros, um logar privilegiado e attrahente, que se visita com jubilo e se deixa com pezar, na intenção affectuosa de voltar em breve, em busca de novas sensações, cariciosas e boas.

Egreja de S. João Baptista

Na praça principal, denominada de D. Manoel, espaçosa, arborisada e limpa, ergue-se em um dos topos o edificio dos paços municipaes e, fronteira a este, a egreja de S. João Baptista. Duas construcções manoelinas, sem alardes de grandeza e originalidade; mas igualmente expressivas como fórmas de architectura religiosa e civil. Dos raros edificios que restam no paiz destinados ás assembleias do povo, para a discussão e defeza dos interesses particulares da cummuna, este é, talvez, o mais amplo e bem conservado [1].

A traça da egreja de S. João é de moderadas proporções; a delineação geral simples e vulgar dos edificios religiosos de tres naves, com *clerestory* sobre as arcadas lateraes. Isto é, empenas sobre as naves menores, e o remate da fachada em platibanda horisontal. A porta, como predominante funcção decorativa, oculo e frestas symetricas.

Os tectos são de madeira; e as tres capellas absydaes cobertas em concha, com abobadas de nervuras convergentes, faceadas em liso.

O projecto interior obedece ao proposito manifesto de grande sobriedade. Os capiteis com a ornamentação rudemente lavrada: desde o emprego avulso da folha crespa, reminiscencia da Batalha, até á pretenção legendaria: caça ao javali; lucta do leão com a serpe, lembrando um pensamento allusivo á ficção heraldica de Cindasunda, etc.

A porta principal, agora dada á estampa, é um formoso exemplar de decoração architectonica, da primeira phase da degeneração gothica. A concepção do delineamento e o perfil rispido das moldurações têm a marca chronologica do manoelino em formação.

Ao lado, e contiguamente á fachada, imprimindo-lhe um famoso aspecto de imponencia e amplitude, ergue-se a torre, d'um bello contorno, robusta e bem equilibrada. Do quadrado da planta, cortados os angulos, toma a configuração d'um prisma octogono, com ventana em cada face.

E sobreposta altivamente, com apparencia dominadora, segue-se o corucheu pyramidal muito elevado, circumdado nos terços da altura por duas estreitas corôas de tijolo, que interrompendo a continuidade, lhe dão um expressivo e gracioso effeito. E tanto, que é curioso de constatar como d'este ligeiro incidente resulta uma tão grande vantagem decorativa.

É n'estes casos que se admira, como a mesma intelligencia e delicadeza de sentir vai até aos ultimos pormenores. D'ahi, a espontanea ternura com que merecem ser contemplados estes singulares e

[1] Seria para desejar que as fachadas podessem manter-se na integridade da sua feição primitiva. É lamentavel de vêr arcadas obstruidas a pedra e cal e o edificio desfigurado, em nome do conforto moderno de installações mais ou menos transitorias.

l'object de la plus flatteuse curiosité, non seulement à cause des souvenirs historiques qu'ils rappèlent, mais aussi parce qu'ils contribuent puissamment à l'étude comparative et à la fixation des faits de l'art portugais.

Ils doivent être interrogés avec sollicitude, pour bien comprendre le langage de leur éloquent mutisme. En commençant par les ruines du château des templiers, tout en ce lieu parle à l'imagination. Observées à distance, nous croyons voir encore se mouvoir sur les bastions avec leurs blancs manteaux agités par le vent, les ombres des chevaliers héroïques que la poèsie des légendes a consacrés à jamais.

Enfin, la ville de Thomar, remarquable par la séduction et le charme de sa situation naturelle; illustrée par les souvenirs des guerriers du temple qui l'ont fondée; par les admirables épaves de sa grandeur qui sont autant de documents somptueux et significatifs pour la démonstration des aspects évolutifs de l'art, sous l'influence des idées dominantes; par l'importance économique et sociale de ses établissements industriels; par le caractère laborieux et pacifique de ses habitants qui semblent satisfaits de la sobre médiocrité dûe à leur travail assidu; par toutes ces raisons, la ville de Thomar est et sera pour les étrangers et les voyageurs curieux, un lieu privilégié et attirant que l'on visite avec plaisir et que l'on quitte à regret, en se promettant d'y revenir bientôt à la recherche de sensations nouvelles, douces et charmantes.

Eglise de S. João Baptista

À l'une des extrémités de la place principale nommée de D. Manuel, vaste, propre et arborisée s'élève l'édifice de l'hotel de ville et vis-à-vis celui-ci est l'église de S. João Baptista. Ce sont deux constructions *manuelinas*, sans prétention à la grandeur ni à l'originalité, mais également significatives au point de vue de l'architecture religieuse et civile, et, parmi les rares édifices qui existent dans le pays, destinés aux assemblées du peuple pour la discussion et la défense des intérêts particuliers de la commune, celui-ci est peut-être le plus vaste et le mieux conservé [1].

Le tracé de l'église S. João est de proportions moderées; le dessin vulgaire et simple des édifices religieux à trois nefs, avec *clerestory* sur les arcades latérales, c'est-à-dire, des supports sur les nefs plus petites et le sommet de la façade avec platebande horizontale, et, comme principale fonction décorative, la porte, la rosace et les fenêtres symétriques.

Les plafonds sont en bois et les trois chapelles absydales couvertes en coquille avec les voûtes à nervures convergentes taillées sur fond uni.

Le projet intérieur obéit au même dessin de grande sobriété. Les chapiteaux avec les ornements rudement sculptés, depuis l'emploi de la feuille de chêne, reminiscence de Batalha jusqu'aux prétentions légendaires de la chasse au sanglier, lutte du lion et du serpent, dont la pensée, rappèle une allusion à la fiction héraldique de Cindassunda, etc.

La porte principale, représentée dans la gravure, est un bel exemplaire de décoration architecturale à la première phase de dégénérescence gothique. La conception du dessin et le profil dur des moûlures ont la marque chronologique du *manuelino* en formation.

La tour, robuste, bien équilibrée et d'un beau galbe, qui s'élève à côté et contigüe à la façade, lui imprime un fameux aspect de majesté et d'amplitude. Posée sur le plan carrée, après les angles coupés, elle prend la configuration d'un prisme octogonal, avec une croisée sur chaque face.

Et plus haut, avec une apparence dominatrice, se pose la flèche pyramidale très élevée et entourée aux tiers de sa hauteur par deux minces couronnes de briques, qui en interrompent la continuité et lui donnent un effet gracieux et expressif, et il est curieux de remarquer comme ce léger incident contribue à produire un avantage décoratif. Il faut admirer aussi comme la même intelligence et la même délicatesse vont jusqu'aux moindres détails, et alors avec une charme intinctif on pense à ces

[1] Il serait à désirer que les façades puissent conserver l'intégrité de leur première manière. Il est déplorable de voir des arcades obstruées de pierres et de chaux et l'édifice défiguré sous prétexte de confort moderne et d'installations plus ou moins passagères.

poderosos artistas, cujo engenho se revela nos minimos episodios [1]. Além de notavel pela architectura, este templo recommenda-se ainda pela superioridade e importancia dos quadros que encerra.

Os factos desde longe debatidos da pintura quinhentista em Portugal, em que um unico nome, synthetisando uma escóla, quasi abrangia a actividade de tantos artistas laboriosos e fecundos, embora não dissipados mysterios e incertezas que a obscurecem, acham-se seguramente firmados em hypotheses assaz racionaes e lucidas.

Ao periodo de improvisações, postulados e phantasias succederam os esforços de investigação fertil; e opiniões de auctoridade excepcional se pronunciaram sobre o problema ferozmente espinhoso e complexo [2].

Um esboço de classificação proficientemente gisado da obra capital dos mestres, — ou procedendo directamente de pintores flamengos, ou de artistas educados sob a influencia da escóla de Antuerpia, póde considerar-se definitivamente estabelecido, pelas analogias sensiveis de caracter e de factura. E ainda, como subsidio, a existencia do Grau Vasco foi historicamente assegurada em limites certos [3].

Os quadros de S. João são em numero de oito, ao todo, de dimensões desiguaes.

Mal dispostos, cercados de molduras de talha moderna, nas mais desfavoraveis condições de exposição, deploravelmente maltratados pelas inclemencias do acaso e pelas sevicias de restauradores audazes, durante muito tempo a determinação do seu valor oscillou caprichosamente por entre desdens e gabos.

Hoje o merecimento d'essas taboas é reconhecido e fixado, com um logar irrecusavel na seleccionação ponderosa e sciente do espolio consideravel da pintura do seculo XVI, em Portugal.

Resumindo o juizo dos mais versados peritos n'este delicado assumpto, segundo as opiniões com fóros da mais alta competencia, os quadros d'este grupo notavel devem ser attribuidos a dois auctores differentes: tres considerados como obra d'um pintor, por emquanto desconhecido, mas discipulo directo de Metsys; e os cinco restantes incluidos na serie Vellascus, auctor do *Pentecostes* de Coimbra.

Assim, para a comprovação de como a influencia e os germens d'essa arte maravilhosa se aclimaram em Portugal e foram assimilados n'uma effloração prodigiosa de talento e de sensibilidade, em Thomar se encontram documentos valiosos e indispensaveis á elaboração critica e depuração dos factos.

As bellas paginas conservadas na egreja de S. João representam como tantas outras, affirmações do genio d'essa gloriosa pleiade de artistas nacionaes, cujos vultos, ainda que vagamente desenhados, resplandecem em obras admiraveis, na penumbra de incertezas, que ulteriormente poderam ser dissipadas, pelo proseguimento dos estudos auspiciosamente iniciados.

* * *

Sem sahir d'este templo, outra obra d'arte prende a attenção, como sendo, no seu genero, dos mais apreciaveis exemplares: é o gracioso pulpito, que a estampa junta nitidamente representa.

Pena é que a fragilidade do calcareo e a tenuidade da decoração, cortada com a accentuação e os exageros da obra de talha, não podesse resistir ás contingencias do menosprezo dos barbaros.

Não obstante ignobilmente mutilada, esta obra é um estimavel especimen com a impressão accentuada e subtil do lance inicial da larga trajectoria manoelina.

A. Gonçalves.

[1] No mostrador do relogio, por exemplo, aos cantos deixados pela inscripção do circulo no quadrado, ha, em cima, dois pequenos bustos de personagens coroados — rei e rainha; e inferiormente, em correspondencia e symetria, vêem-se duas simples caveiras. Significativo brado e advertencia dirigida aos felizes da terra, suscitando-lhes a lembrança da velocidade das horas, inconstancia e brevidade da vida!

[2] Acima de tudo, os trabalhos elucidativos e profundos do snr. J. de Vasconcellos: *A. Dürer*, em *Arc. art.*; *Hist. da Arte*, e *Port. ant. e mod.* — Etc., etc.

[3] Documento descoberto pelo snr. Aragão.

puissants artistes dont le génie s'est révélé jusqu'aux plus simples épisodes [1]. Outre son architecture remarquable, ce temple est digne d'attention pour l'importance et la supériorité des tableaux qu'il renferme.

Les faits, depuis longtemps débattus de la peinture du seizième siècle en Portugal, lorsqu'un seul nom, résumant une école, représentait presque toute l'activité de tant d'artistes laborieux et féconds, se trouvent sûrement appuyés sur des hypothèses assez lucides et rationnelles, quoique les mystères et les incertitudes qui les obscurcissent ne soient pas entièrement dissipés.

Les efforts d'investigation fertile, suivirent la période des improvisations, des fantaisies, et des postulats, et des opinions exceptionnellement autorisées se sont prononcées à propos de ces problêmes cruellement épineux et compliqués [2].

Grâce aux analogies sensibles de caractère et de facture on peut définitivement établir une ébauche de classification savamment basée sur l'œuvre capitale des maîtres; soit qu'elle procède directement des peintres flamands ou d'artistes élevés sous l'influence de l'école d'Anvers. Et d'ailleurs comme preuve évidente l'existence d'un Gran Vasco a été historiquement assurée dans des limites certaines [3].

En tout il y a huit tableaux à S. João, et de dimensions inégales.

Mal placés, entourés de cadres en sculpture moderne, ils se trouvent exposés de la manière la plus défavorable, déplorablement maltraités par les vicissitudes du hasard et par les cruautés de restaurateurs audacieux, et pendant bien longtemps la détermination de leur mérite a capricieusement oscillé entre les louanges et le dédain.

Aujourd'hui la valeur de ces tableaux est reconnue et fixée à une place irrécusable dans le choix éclairé et juste des valeurs considérables qui nous ont été laissées en peintures du XVIme siècle en Portugal.

En résumant l'appréciation des plus habiles experts en cette matière délicate, d'après des opinions de la plus haute compétence, les tableaux de ce groupe remarquable doivent être attribués à deux auteurs différents: trois comme œuvre d'un peintre encore inconnu, mais élève direct de Metsys; et les cinq autres doivent être compris dans la série Vellascus, auteur du *Pentecostes* de Coimbra.

Ainsi, pour prouver comme l'influence et les germes de cet art merveilleux se sont acclimatés en Portugal et comment ils furent assimilés en une floraison prodigieuse de talent et de sensibilité, on trouve à Thomar des documents précieux et indispensables pour l'élaboration critique et l'épuration des faits.

Les belles pages conservées à l'église S. João représentent comme tant d'autres, des preuves de génie de cette glorieuse constellation d'artistes nationaux, dont les images, quoique vaguement dessinées, se manifestent en des œuvres admirables, dans la pénombre de quelque incertitudes, que le temps et des études sagement initiées dissiperont assurément.

* * *

Sans sortir de ce temple, une autre œuvre d'art attire notre attention, comme un des plus estimables exemplaires dans son genre; c'est la gracieuse chaire que notre gravure représente nettement.

Il est regrettable que la fragilité de la pierre calcaire et la fragilité des ornements, surchargés de sculptures exagérées, n'ait pu résister aux préjudices causés par les barbares.

Malgré les ignobles mutilations, ce travail est un spécimen très appréciable qui présente d'une manière accentuée et subtile l'élan initiel du vaste cercle *manuelino*.

A. Gonçalves.

[1] Sur le cadran de l'horloge, par exemple, dans les coins ménagés entre le cercle et le carré on voit en haut deux petits bustes de personnages couronnés: un roi et une reine; en bas, faisant symétrie il y a deux simples têtes de morts. C'est un appel significatif et un avertissement aux puissants de la terre, pour leur rappeler la rapidité des heures, l'inconstance et la brièveté de la vie.

[2] En première ligne, les travaux profonds et élucidatifs de Mr. J. de Vasconcellos: *A. Dürer*, en *Arc. art.*; *Hist. da Arte*, e *Port. ant. e mod.*, etc.

[3] Document découvert par Mr. Aragão.

Convento de Christo em Thomar



Os Templarios, os heroes das cruzadas nas conquistas da Palestina, accusados de abominaveis superstições e sacrilegios, foram barbaramente exterminados em França e a Ordem aniquilada por toda a parte.

Quaesquer que tenham sido as causas desconhecidas que motivaram o odio e a perseguição de Filippe, o Bello, é certo que a egreja, que tinha sempre protegido e acariciado essa milicia sagrada de batalhadores da fé, os abandonou inexoravel á vingança tenebrosa e cruel da realeza. E consentiu que, depois de dolorosas provações, em que os condemnados não cessavam de protestar a sua innocencia, acabassem miseravelmente nos cadafalsos e nas fogueiras, retalhados pelas torturas nos longos interrogatorios, os altivos campeões, que, durante mais d'um seculo, foram temidos e respeitados, sob as bençãos de Roma, pelo poder do seu prestigio, das suas riquezas, da sua força e da sua bravura. Mas, se eram geraes o temor e a aversão contra essas orgulhosas e turbulentas espadas, em que a realeza e a thiara viram um perigo e uma ameaça, em Portugal, desde o primeiro reinado, os Templarios foram valiosos e fieis auxiliares nas luctas da reconquista e na fundação da monarchia. E jámais o seu valor deixou de ser assignalado em ferocidades gloriosas.

Quando a estrella radiosa do rei Conquistador começou de empallidecer, batido pelos musulmanos, domado pelo genro leonez; depois de quebrantado pelo desastre de Badajoz, reduzido á inacção pela ferida do joelho, rugindo, como um velho leão, no seu fôjo de Santarem, foi ao valor e fidelidade provada dos soldados do Templo que confiou o proseguimento das suas emprezas guerreiras e a defeza das fronteiras do pequeno reino.

Assim considerados bons e leaes companheiros de armas, D. Diniz, julgando indispensavel a sua cooperação ao alargamento e segurança do territorio contra o perigo mahometano, consegue da Santa Sé o restabelecimento em Portugal da Ordem, sob aspecto differente e com a designação de *Cavalleiros de Christo.*

Bem longe estava D. Diniz de imaginar que consequencias assombrosas resultariam d'este successo apparentemente tão simples; bem longe de suppôr que maravilhosos acontecimentos o destino arrancaria d'este facto, para o engrandecimento politico e commercial da nação e para a obra triumphante da civilisação do mundo. Porque foi com os recursos das enormes riquezas da Ordem de Christo que o infante D. Henrique [1] dominado por um grande pensamento e pelas miragens da ambição, com a tenacidade e obcepção d'um fanatico, fez face ás despezas avultadas das suas explorações maritimas no littoral da Africa.

E esses feitos constituiram os preliminares, verdadeiramente a primeira jornada, da nossa odissêa da navegação; o ensaio e incitamento aos ataques de surpreza e furias destruidoras, sem quartel e sem piedade, que mais tarde haviam de sujeitar a India ao ephemero dominio portuguez.

E ainda n'esse longo e tragico espectaculo de soffrimentos e proezas os cavalleiros de Christo desempenharam um papel brilhante, confirmando a coragem do seu animo e o esforço do seu braço.

São estes factos que naturalmente repassam pela lembrança de quem contempla o conjuncto variado e vasto dos edificios que serviram de domicilio a essas bravas legiões.

[1] Parece que o infante, escusando-se a fazer voto de pobreza, não se intitulava mestre, mas unicamente — governador e administrador da Ordem.

Le Couvent du Christ à Thomar



Les Templiers, héros des croisades aux conquêtes de la Palestine, accusés d'abominables superstitions et sacrilèges, furent barbarement exterminés en France et leur Ordre anéanti partout.

Quelles qu'aient été les causes inconnues qui originèrent la haine et la persécution de Philippe, le Beau, il est certain que l'église, qui avait toujours protégé et caressé cette milice sacrée de batailleurs de la foi, les abandonna inexorablement à la vengeance ténébreuse et cruelle de la royauté. Et après de douloureuses épreuves où les condamnés ne cessaient de protester de leur innocence, elle consentit que les fiers champions qui pendant plus d'un siècle avaient été craints et respectés, sous les bénédictions de Rome, par la puissance de leur prestige, de leur richesse, de leur force et de leur courage, finissent misérablement sur les échafauds et les buchers, mutilés par la torture dans les longs interrogatoires. Mais, si la crainte et l'aversion étaient générales, contre ces turbulentes et glorieuses épées dans lesquelles la royauté et la thiare voyaient un danger et une menace, en Portugal, depuis le premier règne, les Templiers furent de précieux et fidèles auxiliaires lors des luttes de reconquête et de la fondation de la monarchie. Et leur bravoure fut toujours signalée par de glorieuses férocités.

Quand la radieuse étoile du roi Conquérant commença à pâlir, battu par les musulmans, vaincu par le gendre léonais, affaibli par le désastre de Badajoz, réduit à l'inaction par une blessure au genou, rugissant comme un vieux lion dans son antre de Santarem, ce fut au courage et à la fidélité éprouvée des soldats du Temple qu'il remit le soin de poursuivre ses entreprises guerrières et la défense des frontières du petit royaume.

Ainsi considérés comme de bons et loyaux compagnons d'armes, D. Diniz, jugeant leur aide indispensable au développement et à la sûreté du territoire contre le péril mahométan, obtint du Saint Siège le rétablissement de l'Ordre en Portugal, sous un aspect différent et avec la désignation de *Chevaliers du Christ.*

D. Diniz était bien loin de prévoir les conséquences étonnantes qui devaient résulter de ce fait apparemment si simple; bien loin aussi de supposer quels merveilleux événements la destinée ferait ressortir de cette cause, pour l'agrandissement politique et commercial de la nation et pour l'œuvre triomphante de la civilisation du monde, parce que ce fut avec les ressources des immenses richesses de l'Ordre du Christ que l'infant D. Henri [1], dominé par une haute pensée et par les mirages de l'ambition, avec la ténacité, et l'obsession d'un fanatique, pût subvenir aux énormes dépenses de ses explorations maritimes sur le littoral de l'Afrique.

Et ces faits, furent les préliminaires, pour ainsi dire la première étape de notre odyssée de navigation, l'essai et l'encouragement de ces attaques de surprise et de ces furies dévastatrices, sans trève ni pitié, qui devaient plus tard assujétir l'Inde à l'éphémère domination portugaise.

Et dans ce long et tragique spectacle de souffrances et d'actions d'éclat les chevaliers du Christ jouèrent encore un rôle brillant où ils démontrèrent bien la vaillance de leur âme et l'effort de leur bras.

Naturellement ces faits passent par l'imagination de ceux qui contemplent l'ensemble varié et vaste des édifices qui servirent de demeure à ces braves légions.

[1] Il parait que l'infant refusant de faire vœu de pauvreté, ne prenait pas le titre de maitre, mais seulement celui de — gouverneur et administrateur de l'Ordre.

O convento de Christo, famoso por tantos titulos, é principalmente notavel porque encerra affirmações valiosas e authenticas das phases principaes da architectura, que entre nós floriram e passaram.

Cada epocha ali deixou impressa a expressão da sua força e do seu encanto. O romanico, o gothico, a renascença, em feições distinctas, e os episodios energicamente movimentados do manoelino mais exuberante e rico, ali se acham succintamente representados, no ensinamento perenne da sua significação nacional e historica.

É como que o deposito collectivo da vida artistica da nação, atravez de cinco seculos de aspirações e de luctas, de vicissitudes sociaes, de fortuna e de gloria, de exaltação e desfallecimentos.

Percorrendo o convento, extensos dormitorios, claustros e officinas, por toda a parte se encontram provas da opulencia feudal em que vivia essa extranha communidade de sacerdotes e soldados, ao mesmo tempo, que pelo espirito da sua instituição representavam a alliança monstruosa e incomprehensivel, perante o sentimento christão, de duas idéas oppostas: o odio religioso e a caridade sanguinaria.

Nós, os homens do presente, ao penetrarmos no velho santuario despojado e ermo, não é sem uma profunda impressão de espanto que á nossa imaginação surgem esses arrogantes templarios, que alli erguiam nas mãos impuras a hostia immaculada; da mesma fórma que nos combates misturavam os hymnos sagrados ás imprecações do assassinato e do exterminio.

E confrangidos reconhecemos que sobre essas incoherencias, offensivas da divindade, inventadas pela crueldade humana, caiu a punidora condemnação da inquebrantavel justiça da historia.

O Castello

De tantas ruinas de edificações militares que pelo paiz se encontram, as de Thomar são das mais suggestivas e d'aquellas em que mais vivem as tradições de honrados feitos e de lendarias e heroicas bravuras.

Ao poente da formosa cidade eleva-se um monte assaz abrupto, que por aquelle lado a defende e se espraia, cingindo-a em grande extensão.

Na cumiada d'esse monte assentam as muralhas; e, para a dentro d'ellas, o historico convento de Christo, outr'ora séde dos Cavalleiros do Templo. Assim a povoação dilatava-se, humilde e submissa, ao sopé do monte, sob a protecção e senhorio do sobranceiro solar, como feudo que era dos opulentos sacerdotes-guerreiros.

As ondulações do terreno, obrigando á disposição obliqua e irregular das muralhas, dão variedade á configuração geral das fortificações e vantagens pittorescas a esse interessante conjuncto.

No lugar mais elevado está a cidadella e torre de menagem, que alteia a sua corpulencia consideravel muito acima das muralhas circumjacentes e domina a distancia e grande altura a vasta planicie, em que a cidade se extende.

De cada ponto que seja observada essa agglomeração de construcções, apresenta aspectos variados e novos. E de toda a parte apraz o vêr: a cerca e baluartes corroidos, os contornos de parapeitos, ameias, barbacans e seteiras, restos denteados de muros cahidos, que se recortam duramente sobre o azul luminoso do céo, ou sobre as longinquas montanhas, violaceas e esbatidas que fecham o horisonte para além do Nabão.

A estrada ingreme que conduz ao convento, subindo o declive aspero do monte, têm detalhes pittorescos e medievaes de scenario; e a entrada no recinto fortificado dá a visão impressiva d'uma composição theatral, em extenso palco decorado de telas e repregos, onde vão desenvolver-se episodios bellicosos e tragicos de pondunores feudaes e reptos cavalleirescos:

« Que la mancha del onor
solo con sangre se quita. »

Nas velhas ruinas é onde mais intensamente palpita a alma das gerações e das idades que passaram. E uma commovente ternura, especie de melancholia nostalgica, invade o espirito, que attentamente as contempla.

Le couvent du Christ, à tant de titres fameux, est surtout remarquable parce qu'il présente des affirmations précieuses et authentiques des principales phases d'architecture qui fleurirent et passèrent entre nous.

Chaque époque y a laissé imprimée l'expression de sa force et de son charme. Le roman, le gothique, la renaissance, en des traits distincts, de même que les épisodes énergiquement mouvementés du style manoelino plus riche et exhubérant s'y trouvent représentés comme un enseignement perpétuel de leur signification nationale et historique.

C'est comme un dépôt collectif de la vie artistique de la nation, à travers cinq siècles d'aspirations et de luttes, de vicissitudes sociales, de fortune et de gloire, d'exaltation et de défaillances.

En parcourant le couvent, les vastes dortoirs, les cloitres et les ateliers, on trouve partout des preuves de l'opulence féodale où vivait cette étrange communauté de prêtres et de soldats, de même que par l'esprit de leur institution ils représentaient la monstrueuse et incompréhensible alliance, de deux idées opposées, pour le sentiment chrétien: la haine religieuse et la charité sanguinaire. Nous autres, hommes du présent, en penétrant dans le vieux sanctuaire dépouillé et solitaire, nous sentons une profonde impression d'étonnement lorsque notre imagination nous représente ces arrogants templiers, qui élevaient dans leurs mains impures l'hostie immaculée, de la même manière que dans les combats ils mêlaient aux hymnes sacrés les imprécations d'assassinat et d'extermination.

Et avec une certaine contrainte nous reconnaissons que sur ces incohérences, offensives à la divinité et inventées par la cruauté humaine, est tombé le châtiment condamnatoire de l'inexorable justice de l'histoire.

Le château

Au milieu de tant de ruines d'édifications militaires qu'on trouve dans notre pays, celles de Thomar sont des plus significatives et de celles où revivent plus sensiblement les traditions de faits honorables et de bravoures héroïques et légendaires.

À l'ouest de la jolie ville s'élève une montagne assez escarpée, qui la défend de ce côté et s'étend, en l'entourant, sur un grand parcours.

Au sommet de cette montagne se posent les murs, et dans leur enceinte, l'historique couvent du Christ, autrefois le siège des chevaliers du Temple. Ainsi la ville s'étendait, humble et soumise, au pied de la colline sous la protection et la seigneurie du manoir hautain, comme féodataire qu'elle était des opulents prêtres guerriers.

Les ondulations du terrain, obligeant à la position irrégulière et oblique des murs, prêtent une certaine variété à la configuration générale des fortifications et rendent plus pittoresque cet intéressant ensemble.

À l'endroit le plus élevé se trouve la citadelle et la tour d'honneur, qui hausse sa considérable corpulence bien au delà des murs environnants et domine à distance et de bien haut la vaste plaine ou s'étend la ville.

Quelque soit le point d'où on observe cette agglomération de constructions, elle présente toujours des aspects nouveaux et variés. Et de tous les côtés il est beau de voir: l'enclos et les remparts minés, les contours de parapets, de créneaux, de barbacanes et de meurtrières, les restes dentelés de murs ruinés qui se découpent durement sur l'azur lumineux du ciel, ou sur les montagnes lointaines, violacées et estompées qui ferment l'horizon au delà du Nabão.

La route à pic qui mène au couvent, en suivant l'âpre déclivité de la montagne, présente des détails pittoresques d'une scène du moyen-âge, et l'entrée de l'enceinte fortifiée donne la vision impressionante d'une composition théatrale, sur une vaste scène décorée de toiles et de coulisses sur laquelle nous allons voir se développer des épisodes tragiques et belliqueux des points d'honneur féodaux et des défis chevaleresques:

Car la tache de l'honneur
Ne s'efface qu'avec du sang.

C'est dans les vieilles ruines que palpite avec plus d'intensité l'âme des générations et des âges passés. Et une tendre émotion, comme une sorte de mélancolie nostalgique envahit l'esprit qui les con-

Mudas testemunhas de successos ignorados, são como velhos textos de historia em caracteres illegiveis, que guardam no seu seio o mysterio de segredos inviolaveis.

O castello de Christo levanta-se com os seus flancos descarnados, corroidos e mutilados pelo abandono e pela irreverencia; e na sua grandeza decrepita e resignada desperta o sentimento da comiseração enternecida, inseparavel das soberbas opulencias que caem na desventura e na miseria.

É, por este impulso de sympathia, que, em volta dos restos dilacerados d'esses phantasmas guerreiros, quasi sempre se agitam as lendas que brotam da phantasia popular, prodiga de invenções maravilhosas.

Tambem o castello de Thomar, como não podia deixar de ser, tem uma lenda gloriosa e epica, apregoada na propria lapide commemorativa, que lá se ostenta e dizem coeva da fundação da torre.

De encontro aos seus muros, onde se achava desfraldado ao vento o balsão da Ordem, branco e negro com a cruz vermelha sobreposta, que tantas vezes apavorára as hostes mauritanas, vieram quebrar-se as arremettidas d'um formidaloso exercito, quando, em 1191, o emír de Marrocos Yacub atravessou o estreito de Gibraltar, a vingar a affronta de derrotas anteriormente soffridas nos campos de Santarem.

A ufania dos Templarios, para dar ao feito dimensões descommunaes, que abalassem o animo da posteridade, eleva a expedição invasora a proporções inverosimeis. Nada menos de quatrocentos mil cavalleiros e quinhentos mil infantes, sob o commando do proprio kediva em pessoa!

Seis dias durou o assedio, ao fim dos quaes, repellidos e acossados os assaltantes pelas investidas dos sitiados; perseguidos, trucidados, dizimados e abatidos pela vergonha da derrota infringida n'uma lucta, de tal modo desegual, os de Mahomet levantam o cêrco e fogem, tomando o caminho de Algeciras.

E, para dar mais decisivo realce á façanha estupenda: Yacub, succumbindo ás feridas mortaes, paga com a vida a temeridade da aventura, destinada a lançar o exterminio e a escravidão no reino invadido.

Como se vê, só vêm a faltar, por desnecessario, o auxilio das phalanges celestiaes, de azas abertas, desfilando no espaço e brandindo espadas em defeza da causa christã.

O facto historico, tão estrepitosamente ampliado em pregão lapidar e em narrativa de chronicas, é de sobejo conhecido.

Validando foros de verosimilhança á insigne ficção, tambem aqui se encontrava a *porta do sangue*, por onde as sortidas inesperadas retalhavam o inimigo; e que muitos julgam ainda hoje descobrir, por entre escombros e vegetação, em lugar recondito.

Taes, como este, são os explendorosos pergaminhos de muitas das venerandas ruinas, que se erguem por esse solo patrio, e recordam, em hyperbolicos exaggeros, a tradição de acontecimentos illustres.

Nos primordios da monarchia, para assegurar a posse dos territorios conquistados palmo a palmo, era necessario manter as fronteiras guarnecidas de castellos, sentinellas vigilantes, prestes a conter e rechassar as algaras musulmanas. Porém, como é facil de vêr, raros serão os monumentos militares, a que possa attribuir-se uma tão grande antiguidade. E confesso, resalvando mais prudentes assertos, esta opinião, por uma despreoccupada inspecção suggerida: nos muros de Thomar difficilmente se encontrariam vestigios de construcção anterior a D. Diniz.

A disposição das fortificações existentes deve ter sido diversa da que seria em outros tempos. Profundamente alterada por adjuncções successivas, determinadas pelas exigencias do desenvolvimento progressivo da ordem e dos edificios que abrigavam, a topographia do terreno mal permittiria que se ampliassem, sem que mutuamente se comprimissem e prejudicassem.

Comtudo e apesar de tudo, os antigos restos da architectura marcial disseminados pelo paiz constituiriam um elevado thema de educação, cheio de devoção patriotica, se fossem, depois de defendidos e consolidados, inculcados nas escólas á estimação e ao amor das populações, como tropheus inviolaveis de nobreza local.

Toda a gente sabe, porque mil vezes tem sido repetido, a fórma vandalica e barbara como a superstição dos sonhos, a cubiça dos thesouros occultos e a preoccupação incontinente dos melhoramentos

temple attentivement. Témoins muets d'événements ignorés, elles sont comme de vieux textes d'histoire en caractères illisibles, qui gardent dans leur sein le mystère d'inviolables secrets.

Le château du Christ se lève avec ses flancs décharnés, minés et mutilés par l'abandon et l'irrévérence; et dans sa grandeur décrépite et résignée il éveille un sentiment de pitié attendrie, inséparable des orgueilleuses opulences tombées dans le malheur et la misère.

Et c'est par cet élan de sympathie, qu'autour des restes ruinés de ces fantômes guerriers, nous voyons presque toujours s'agiter les légendes qui naissent de la fantaisie populaire, prodigue de merveilleuses inventions.

Le château de Thomar ne pouvait donc pas passer sans avoir aussi une légende épique et glorieuse, célébrée sur la plaque commémorative, qu'on y voit et qu'on dit contemporaine de la fondation de la tour.

Lorsque, en 1191, l'émir du Maroc, Yacub, traversa le détroit de Gibraltar, pour venger l'affront des défaites souffertes sur les champs de Santarem, les attaques d'une formidable armée vinrent se briser contre les murs du château de Thomar, où se trouvait déployé l'étendard de l'Ordre, blanc et noir avec la croix rouge superposée.

La fierté des Templiers, voulant attribuer à ce fait des proportions peu vulgaires, qui ébranleraient l'âme de la postérité, éleva cette expédition à un nombre invraisemblable. Pas moins de quatre cents mille cavaliers et cinq cents mille fantassins, sous le commandement du khediva en personne!

L'assaut dura six jours, au bout desquels, les assaillants, repoussés et persécutés par les assiégés, poursuivis, massacrés, anéantis et abattus par la honte d'une défaite infligée dans une lutte si inégale, levèrent le siège et s'enfuirent en prenant la route d'Algeciras.

Et, pour faire encore ressortir cette extraordinaire victoire, Yacub succombant à des blessures mortelles, paya de sa vie cette téméraire aventure destinée á exterminer et à soumettre à l'esclavage le royaume envahi.

Comme on voit, il ne manque là, comme inutile, que l'aide des phalanges célestes, les ailes ouvertes, défilant dans les airs et brandissant leurs glaives en défense de la cause chrétienne.

Le fait historique si bruyamment exagéré sur l'inscription lapidaire, et dans les chroniques du temps est suffisamment connu.

À l'appui de vraisemblance à cette célèbre fiction, il existait aussi ici la *porte du sang*, par laquelle on mutilait l'ennemi en des sorties inattendues; quelques uns prétendent encore la découvrir aujourd'hui parmi la végétation et les décombres dans quelque lieu caché.

Tels que celui-ci, on trouve beaucoup de splendides parchemins, de ruines vénérables qui s'élèvent dans notre pays et qui rappèlent, par d'hyperboliques exagérations, la tradition d'événements célèbres.

Au commencement de la monarchie, afin d'assurer la possession de territoires conquis pied à pied, il fallait maintenir les frontières garnies de châteaux, sentinelles vigilantes, prêtes à contenir et à pourchasser les incursions musulmanes. Mais, comme on peut bien le voir, il y a très peu de monuments militaires auxquels on puisse attribuer une telle antiquité. Et, sous réserve de plus justes affirmations, mon avis, inspiré par un examen libre de toute prévention, est que dans les murs de Thomar on retrouverait difficilement des vestiges de construction antérieure à D. Diniz.

La disposition des fortifications existantes doit avoir été toute autre de ce qu'elle aurait été en d'autres temps. Sensiblement alterée par de successives adjonctions, déterminées par les exigences du développement progressif de l'Ordre, et des édifices qu'elles protégeaient, la topographie du terrain n'aurait guère permis qu'on les augmentat, sans qu'elles se soient resserrées et nui mutuellement.

Cependant, malgré cela, les anciens restes d'architecture militaire disséminés dans le pays, formeraient un beau thème d'éducation plein de dévouement patriotique si, après avoir été dûment étudiés, on les répandait dans les écoles, soumis à l'amour et à l'estime du peuple, comme d'inviolables trophées de noblesse locale.

Tout le monde sait, car on l'a mille fois répété, à quel point les rêves superstitieux, la recherche de trésors cachés et la préoccupation insolite d'améliorations locales, ont contribué d'une manière vandale et barbare à la destruction de beaucoup de ces antiquités sans défense. Ce n'est pas ici que nous citerons et discuterons ces faits, mais il y en a de nombreux et de déplorables.

locaes tem concorrido á destruição de muitas d'essas indefesas antiqualhas. Não é este o logar proprio para libellos e citação de factos; mas ha-os numerosos e deploraveis.

Algumas d'essas fortificações, exclusivamente militares, ou castellos de residencia real ou solarenga, que assistiram á consolidação da autonomia portugueza, ou lhe asseguraram a realisação dos seus destinos, estão acabando ignobilmente no desmoronamento e na derrocada, na depressão do abandono mais completo de governantes e governados.

Cáem aos pedaços os documentos materiaes da nossa historia politica, militar e civil; e até aquelles a que se acham ligados acontecimentos celebrados, que deviam manter-se como incentivos legitimos de brio e dedicação patriotica.

As grandes construcções de Bragança, Porto de Moz, Leiria, Alvito, Obidos, Guimarães, Villa da Feira, Extremoz, e muitas outras de primeira grandeza; bem como as mais modestas e numerosas, simples atalaias, perdidas e ermas no cume dos montes, ou a cavalleiro das planicies, até ao fragil e humilde circuito de resguardo, defeza dos pequenos povoados pelas terras da Beira, todas essas testemunhas dos successos agitados e bellicosos da historia portugueza durante as luctas da reconquista christã e nas mutuas discordias entre os monarchas peninsulares, todas essas pittorescas e affectuosas carcassas umas foram eliminadas, outras encontram-se, como gladiadores prostrados, nos paroxismos da sua existencia secular.

E não deixa de ser tocante o vêl-as muitas vezes risonhas e garridas, envoltas na sua romantica mortalha de hera, esperando o sacrificio do ultimo momento.

O divorcio com o passado faz com que o epitheto galhofeiro e prenhe de argutos desdens, de — bysantinos archeologismos, seja razão de sobra, para que as intelligencias superiores vassourem esses velhos e authenticos documentos dos successos, dos costumes, das idéas, e da vida nacional de outr'ora. E assim, pela insensibilidade educativa e patriotica, os historicos padrões, que não succumbirem ao arranque dos vendavaes, terão de ser arrazados pelas exigencias do progresso provinciano, para a abertura e alargamento das civilisadas e pretenciosas avenidas municipaes.

Collocados sob essa condemnação fatal, hão de succumbir, sem appellação nem aggravo, no meio da indifferença e da inferioridade deprimente que o facto em si, representa.

É preciso ter percorrido o paiz, para se avaliar de toda a extensão d'esta calamidade, como se um mau fado incitasse á lenta desapparição d'esses depoimentos historicos de todas as idades. Então se reconhece que a necessidade d'uma corporação vigilante e idonea, que assuma a superintendencia dos monumentos nacionaes, apoiada em leis protectoras e sensatas só tem sido, por emquanto, sophismada com simulacros coloridos e douradas ficções de evasivas illusorias.

Resta desejar, que depois das tentativas, tantas vezes reiteradas, providencias legislativas e efficazes se façam sentir, a tempo de soccorrer e salvar os restos existentes da defraudada herança nacional.

A. Gonçalves.

Quelques-unes de ces fortifications exclusivement militaires, ou châteaux de résidence royale ou seigneuriale, qui assistèrent à la consolidation de l'indépendance portugaise ou qui contribuèrent à la réalisation de sa destinée, s'écroulent ignoblement, dans le plus lamentable et complet abandon de la part de ceux qui gouvernent et de leurs administrés.

Les documents matériels de notre histoire politique militaire et civile et même ceux qui se trouvent liés à des événements célèbres, et qu'on devrait conserver pour stimuler l'amour propre et le dévouement patriotique, tombent par morceaux.

Les grandes constructions de Bragança, Porto de Moz, Leiria, Alvito, Obidos, Guimarães, Villa da Feira, Extremoz, et beaucoup d'autres de première importance, ainsi que de plus nombreuses et modestes, simples redoutes, solitaires et perdues au sommet des montagnes ou à cheval sur les plaines, jusqu'à la fragile et humble enceinte de sureté, défense des petits villages sur les terres de Beira, tous ces témoins des succès agités et belliqueux de l'histoire portugaise pendant les luttes de reconquête chrétienne et lors des mutuelles discordes des monarques péninsulaires, toutes ces pittoresques et aimables ruines ont été, les unes éliminées, et les autres se trouvent, comme des gladiateurs vaincus, dans les paroxismes de leur existence séculaire. Et il est parfois touchant de les voir souvent coquettes et riantes, enveloppées de leur romantique linceul de lierre, attendant le sacrifice de leur dernier moment.

Le divorce avec le passé permet que l'épithète moqueuse et pleine de subtil dédain, de — archéologismes bysantins — soit une raison suffisante pour que les intelligences supérieures méprisent ces documents authentiques et anciens des événements, des mœurs, des idées et de la vie nationale d'autrefois. Et ainsi par insensibilité patriotique et éducatrice, les monuments historiques que n'ont pas entrainé les fureurs de la tempête, finiront par être détruits par les exigences du progrès provincial, pour le percement et l'élargissement d'avenues municipales prétentieuses et civilisées. Placés sous cette fatale condamnation ils périront, sans secours ni appel, au milieu de l'indifférence et de la désolante infériorité que ce seul fait représente.

Il faut avoir parcouru le pays pour se rendre compte de toute l'étendue de cette calamité, comme si un mauvais destin poussait à la lente disparition de ces documents historiques de tous les âges. C'est alors qu'on reconnait que la nécessité d'un comité capable et prévoyant, prenant sur soi la surveillance des monuments nationaux, basé sur des lois sensées et protectrices, a été jusqu'ici présentée faussement sous des apparences trompeuses et de brillantes fictions évasivement illusoires.

Il est à désirer qu'après tant de tentatives reïtérées nous commencions à sentir des soins efficaces et légaux, qui arrivent assez à temps pour secourir et sauver les épaves existantes de l'héritage national déjà si endommagé.

A. Gonçalves.

Thomar

CONVENTO DE CHRISTO

A egreja



EPOIS que o punhal de D. João II prostrou em Setubal o duque de Vizeu, mestre da Ordem de Christo, coube a investidura d'este cargo a D. Manoel, então duque de Beja, locupletado com a herança de riqueza e honrarias, a trôco da soffredora e humilhante subserviencia com que beijou as regias mãos tintas no sangue fraterno.

E quando mais tarde subiu ao throno, o rei Venturoso não só não cedeu as honras do mestrado, mas incluiu a insignia da ordem no emblema que para si tomou.

Isto prova o affecto e bom animo que a instituição lhe merecia, e que depois liberalmente e por tantos titulos se aprazeu de confirmar em obras generosas e grandes [1].

E na verdade as prodigalidades da sua ostentação exerceram-se n'este monumento com tão dadivosa largueza, que ahi se encontram os mais fecundos e instructivos elementos para o estudo d'essa arte tão caprichosa e phantasista, a que por convenção se dá o nome de *estylo manoelino.*

D. Manoel, resolvendo dotar a Ordem com egreja mais ampla, converteu o antigo oratorio dos Templarios em capella-mór e addicionou-lhe uma larga nave, exteriormente adornada com o fausto jactancioso de opulento rajah occidental, senhor d'um grande imperio e de infinitos thesouros.

A antiga egreja era tal, como ainda hoje se reconhece: um edificio romanico, dos fins do seculo XII, fundado, segundo dizem, pelo mestre da ordem D. Gualdim Paes. É um insinuante monumento, typo redondo, pelos Templarios adoptado tanto no occidente, como no oriente, em semelhança da egreja de Anastasis, edificada por Constantino, sobre o tumulo de Christo.

Não fallando de baptisterios, são raros os monumentos sobreviventes d'este genero; e o de Thomar não será por certo dos menos valiosos, pela imponencia da sua architectura e severa impressão.

A parte central, a que dão o nome de *charola,* representa em planta um octogono regular, coberto por uma cupula apoiada sobre arcos, que se firmam sobre columnas acostadas aos pilares dos angulos.

De cada um dos vertices partem arcos de reforço da abobada que, juntamente com outros lançados ao meio de cada intervallo, duplicam o numero das faces exteriores da nave circumdante. Em projecção dá um octogono de pequena área, concentrico a um polygono de dezeseis lados e de muito mais amplo perimetro.

E, não obstante a diversidade do programma, constata-se com segura evidencia, depois de attento exame, pelo systema da construcção e do apparelho, pela especial feição dos perfis e affinidades inilludiveis da delineação e do caracter ornamentario, provir da mesma escóla de architectos que levantou a Sé Velha de Coimbra.

As paredes terminaes d'este pequeno templo eram revestidas de grandes e notaveis quadros quinhentistas, de influencia flamenga. E de doze que eram, restam sómente quatro.

Além d'estas apreciaveis pinturas, outras obras ha ainda dignas de menção e apreço.

Adossadas aos pilares da rotunda central, lá estão patentes quatro ou cinco imagens tão magistralmente executadas, tão poderosamente palpitantes da intensidade da vida e do sentimento, que são inquestionavelmente, pela superioridade fulgentissima do estylo, dos mais surprehendentes modelos de estatuaria em madeira, que o seculo XVI tenha produzido em Portugal. Nada conheço, que possa avantajar-se a essas imponentes e peregrinas creações.

E a este escasso inventario se reduzem as reliquias sumptuarias do antigo explendor.

Ao fundo da egreja, em pavimento pouco elevado, encontra-se o côro, em outros tempos forrado de magnifica talha gothica, na affirmação das velhas memorias, devido ao esculptor Olivier de Gand com

[1] Uma das pretensões da deslumbrante embaixada, por D. Manoel enviada ao papa Leão X, era que o padroado de todas as egrejas do Oriente fosse conferido á Ordem de Christo.

Thomar

COUVENT DU CHRIST

l'Église



ORSQUE le duc de Vizeu, maître de l'Ordre du Christ, tomba sous le poignard de D. Jean II, la possession de cette charge appartînt à D. Manuel, alors duc de Beja, enrichi d'un héritage d'honneurs et de richesses en échange de l'humiliante servilité avec laquelle il baisa les mains royales, souillées du sang de son frère.

Et plus tard, quand le roi Venturoso (*Bienheureux*) monta sur le trône, non seulement il n'abandonna pas les honneurs de la maîtrise, mais il ajouta l'insigne de l'Ordre à l'emblême qu'il prît pour son usage.

Ceci prouve l'affection et le bon vouloir que lui méritait cette institution, et qu'il lui plût de continuer par des œuvres généreuses et grandioses, douées libéralement et sous beaucoup de tîtres [1].

Et en vérité, les prodigalités de son faste, tombèrent si largement sur ce monument, qu'on y trouve les éléments les plus féconds et instructifs pour l'étude de cet art si fantaisiste et si capricieux, auquel on a conventionellement donné le nom de *style manuelino.*

D. Manuel, voulant doter l'Ordre avec une église plus vaste, convertit l'ancien oratoire des Templiers en sanctuaire, auquel il ajouta une large nef, ornée à l'extérieur avec l'ostentation fastueuse d'un opulent rajah d'occident, seigneur d'un grand empire et d'immenses trésors.

L'ancienne église était telle qu'on le reconnait aujourd'hui, un édifice roman, de la fin du XIIme siècle, fondé, à ce que l'on dit, par le maître de l'Ordre D. Gualdim Paes. C'est un beau monument, du type arrondi que les templiers avaient adopté à l'Occident et en Orient, semblable à l'église d'Anastasis, édifiée par Constantin sur le tombeau du Christ.

Sans parler des baptistères, les monuments, qui existent de ce genre sont rares, et celui de Thomar n'est certainement pas de ceux de moindre valeur, par son impression sevère et la majesté de son architecture.

La partie centrale à laquelle on donne le nom de *chavola* représente sur le plan un octogone régulier, recouvert d'un dôme appuyé sur des arcades, posées sur des colonnes accostées aux piliers des angles.

De chacun de ces angles partent des arceaux de renfort de la voûte auquels s'ajoutent d'autres entre chaque intervalle, ce qui redouble le nombre de côtés extérieurs de cette nef qui entoure la première. La projection donne l'effet d'un octogone de petite surface, concentrique d'un polygone de seize côtés d'un périmètre beaucoup plus vaste.

Et malgré la différence du plan, après un examen attentif, du système de construction et de préparation, par le caractère spécial des profils et de visibles affinités de dessin et d'ornementation, on constate à l'évidence la même école d'architectes qui édifia la Vielle Cathédrale de Coimbra.

Les derniers murs de ce petit temple étaient revêtus de grands et beaux tableaux du XVIme siècle, de l'école flamande; ils étaient douze et il n'en reste que quatre.

Outre ces peintures remarquables il y a d'autres œuvres dignes d'être citées et appréciées.

Adossées au piliers de la rotonde centrale on voit quatre ou cinq figures si précieusement exécutées, si puissamment palpitantes de vie et de sentiment, qu'elles sont sans contredit, par la brillante supériorité de style, des plus magnifiques modèles de sculpture en bois que le XVIme siècle aît produits en Portugal. Je ne connais rien de supérieur à ces imposantes et délicieuses créations. Et c'est à ce mesquin inventaire que se réduisent les fastueuses reliques de l'ancienne splendeur.

Au fond de l'Église, sur un plan un peu élevé, se trouve le chœur tout tapissé naguère de ma-

[1] Une des prétentions de la fastueuse embassade, envoyée par D. Manuel au Pape Léon X, était de faire conférer à l'Ordre du Christ le pâtronage de toutes les églises de l'Orient.

a collaboração de Fernan Muñoz. Era uma grande obra decorativa, no genero do côro de Santa Cruz de Coimbra, com o qual tinha analogias flagrantes na disposição proporcional dos seus membros constructivos e na applicação e aproveitamento dos motivos integrantes da ornamentação.

Constava de duas ordens de cadeiras; e os espaldares da serie superior subiam a grande altura, ornados de columnellos, baixos relêvos e frisos, n'uma profusão imaginativa e brilhante.

O acaso salvou um desenho de mão desconhecida, representando o conjuncto d'esse apparatoso côro, documento sufficiente, para se ajuizar do seu valor e importancia, e mostrar que nunca será assaz deplorada a barbara destruição d'essa peça monumental. Tudo isso desappareceu, pelos annos de 1808 a 1810.

Por debaixo da egreja encontra-se a casa do capitulo com a celebre janella, que é sem duvida, pela sua magnificencia, dos mais retumbantes themas de architectura decorativa que tenham produzido mãos de artifices.

Mas não é só a janella offegante de epilepsia ornamental, são tambem as fachadas, a porta da egreja, as janellas lateraes, os gigantes e platibanda, que constituem trechos d'uma arrojada concepção, na ancia obsecante do alarde, na allucinação megalomanica de pompas e deslumbramentos asiaticos.

N'aquella expansão insubmissa, mixto de sensibilidade imaginosa e rude intrepidez, transbordante de seiva e audacia, ha alguma coisa que evoca a tragica historia das conquistas do oriente, tecida de heroismos, de trucidações, de incendios, de naufragios, de grandezas e infimas crueldades sem nome. Que recorda essa phobia das riquezas, ambição insaciavel de pilhagens, a attracção irresistivel das aventuras, que assombraram o mundo inteiro.

O estylo manoelino iniciado em Portugal, na primitiva expressão de degenerescencia gothica, no reinado de D. João II, ou talvez anteriormente, desabrocha desde o principio n'uma impetuosa vehemencia de emancipação e liberdade.

A extrema rapidez do seu desenvolvimento irrompeu sem coordenação serena de idéas e assimilação mental de preceitos reguladores. Apparece e prosegue desordenadamente de tal maneira, que em factos synchronicos apresenta aspectos os mais divergentes e singulares.

A fecundidade caprichosa d'essa sobreexcitação artistica, de que em Thomar se reconhece a mais alterosa independencia e galhardia, não ha duvida, que é a manifestação d'um admiravel phenomeno fundado no poder de adaptação e facilidade imaginativa da alma portugueza.

E estas qualidades nativas se descobrem, a cada passo, em todo o percurso e fórmas da arte, d'uma maneira evidente.

Perante a energia e opulencia do manoelino, em geral, duas questões naturalmente se suscitam: a racionalidade logica, historica e artistica da sua superabundancia pittoresca, considerada á face dos grandes principios estabelecidos, como leis inviolaveis de esthetica universal; e a justificação da originalidade racional, que lhe tem sido attribuida. Assumptos do mais alto interesse, que possam offerecer-se á meditação e á analyse dos criticos e historiographos da arte.

Exaltado incondicionalmente por uns, depreciado por outros, continuará a ser um attrahente motivo de discordancia, á mercê das opiniões, dos pontos de vista subjectivos e intransigencias de theorias e de escóla.

Para uns, essa manifesta indisciplina é reveladora das energias do genio; segundo outros, é o descomedimento rude e ardente, sem proposito e sem lei, exercendo-se em audacias subversivas [1].

---

[1] D'ahi as duas correntes de apreciação, com que tem sido julgada esta florescencia artistica e em que a divergencia é virtualmente irreconciliavel, visto que parte de raciocinios doutrinarios inteiramente oppostos, igualmente defensaveis.

A opinião desfavoravel, quanto á orthodoxia esthetica, tem sido fortemente sustentada, desde longe, em demonstração erudita, pelo snr. Joaquim de Vasconcellos, que assim se exprime, a proposito do estylo manoelino:

«A execução zomba de todas as leis e regras mais elementares da arte; não se attende á natureza do material, nem ás condições do clima; escolhe-se mal a pedra, só para a violentar, cobrindo-a com uma profusão de ornatos que não se percebem a poucos passos de distancia.

. . . .

«Estamos convencidos de que, se algum dia se chegar a reunir um museu bem completo de ornamentações d'estes dois edificios (Belem e Thomar), pondo-a ao lado dos exemplares contemporaneos da arte hespanhola, será facil verificar o que já

gnifiques boiseries gothiques, qui, à ce que disent les vieux mémoires, sont dûes au sculpteur Olivier de Gand aidé par Fernan Muñoz. C'était un beau travail décoratif dans le genre du chœur de Santa Cruz de Coimbra avec lequel il avait de grandes ressemblances, dans la disposition des éléments de la construction et l'emploi de divers motifs d'ornementation. Il se composait de deux rangs de sièges et les dossiers de la rangée supérieure très hauts, étaient ornés de colonnettes, de bas-reliefs et de frises, d'une profusion pleine de fantaisie et d'éclat.

Le hasard a sauvé un dessin d'auteur inconnu, représentant l'ensemble de ce majestueux chœur, et ce document est suffisant pour apprécier son importance et sa valeur, et pour montrer qu'on ne déplorera jamais assez la destruction barbare de cette œuvre monumentale. Tout cela a disparu vers les années 1808 à 1810.

Au dessous de l'église se trouve la salle du chapitre avec la fameuse fenêtre, qui, par sa magnificence, est sans doute un des plus brillants motifs d'architecture décorative sorti des mains d'ouvriers.

Mais, non seulement cette fenêtre oppressée de pléthore ornementale, les façades aussi, la porte de l'église, les fenêtres latérales, les contreforts et la balustrade tout cela est d'une conception des plus hardies, sous l'obsession anxieuse d'ostentation, avec une allucination mégalomanique de somptuosité et d'éblouissements orientaux. Dans cette expansion indomptable, mélange de sensibilité imaginative et de rude intrépidité, débordante d'audace et de sève, il y a quelque chose qui évoque la tragique histoire des conquêtes d'orient, tissée d'héroïsmes, de massacres, d'incendies, de naufrages, de grandeurs, et de misérables cruautés sans nom; qui rappèle cette rage de richesses, l'insatiable ambition de pillages, l'attrait irrésistible des aventures, qui étonnèrent le monde entier.

Le style *manuelino* initié en Portugal, dans la première phase de dégénérescence gothique, pendant le règne de D. Jean II ou peut-être auparavant, s'épanouit dès sa naissance avec une véhémente impétuosité de liberté et d'émancipation.

La rapidité extrême de son développement, éclata sans l'ordre placide des idées, sans l'assimilation mentale de règles. Il parût et suivit sa course d'une manière si désordonnée que dans des faits synchroniques, il se présente sous des aspects les plus singuliers et différents.

La capricieuse fécondité de cette surexcitation artistique dont on reconnait à Thomar la plus hautaine indépendance, est sans nul doute la manifestation d'un admirable phénomène, fondé sur la puissance d'adaptation et sur la faculté d'imagination de l'âme portugaise. Et ces qualités naturelles se découvrent à chaque pas, sous toutes les formes d'art et d'une manière évidente.

Deux questions se posent naturellement devant l'énergie et l'opulence du style manuelino: le rationalisme logique, historique et artistique de sa surabondance pittoresque, pris au point de vue des principes établis, comme des lois inviolables de l'esthétique universelle; et la justification de l'originalité rationnelle qu'on lui a attribuée. Ce sont des sujets hautement intéressants, qu'on peut offrir à la méditation et à l'analyse des critiques et des historiographes de l'art.

Loué sans réserve par les uns, dépprécié par d'autres, il sera toujours un attrayant sujet de discussion, à la merci des opinions, des points de vue contraires et des intransigences de théories et d'écoles.

Pour les uns cette évidente indiscipline révèle des forces de génie; pour d'autres, c'est le désordre rude et ardent, sans raisonnement ni loi; s'exerçant en de subversives audaces [1].

---

[1] De là dérivent les deux courants d'appréciation, qui ont jugé cette florescence artistique, et dans lesquels la divergence est virtuellement irréconciliable, puisqu'elle part de raisonnements doctrinaires entièrement opposés, et également défendables.

L'opinion défavorable, quant à l'orthodoxie esthétique, a été fortement soutenue depuis longtemps, par de savantes démonstrations de Mr. Joaquim de Vasconcellos, qui a propos de l'art manuelino, s'exprime en ces termes:

«L'exécution raille de toutes les lois et des règles les plus élémentaires de l'art; on ne considère ni la qualité des matériaux ni les conditions du climat; on choisit mal la pierre, seulement pour la violenter, en la couvrant d'une profusion d'ornements qui ne s'aperçoivent pas à quelques pas.

. . . .

«Nous sommes persuadés que si l'on arrive un jour à réunir un musée bien complet d'ornements de ces deux édifices

Por mais inconciliaveis em apparencia, essas opiniões são rigorosamente justas.

É certo que a architectura é uma arte essencialmente fundada nas leis da geometria e da mechanica; mas se o manoelino tantas vezes reveste fórmas illogicamente perturbadoras e desviadas do seu natural destino e funcção, a vehemencia do sentimento e a exuberancia imaginativa que o faz vibrar assaz resgatam as infracções da sua natureza indocil, precisamente pelo espirito de rebeldia que o anima.

O manoelino, como não assenta em prescripções ou regras systematicas de proporção e medida, fundadas no compromisso inflexivel do assentimento geral, permittiu que cada artista gizasse a sua obra na ampla liberdade e no impeto expansivo da sua phantasia e dos seus recursos. E a feição naturalistica d'essa decoração incoercivel e insinuante era a que melhor se adaptava ás improvisações da intelligencia de artifices portuguezes, desprovidos de preceitos de educação delicada e maleavel.

Era, além d'isso, o mais conforme, não ao genio nacional, como tantas vezes se tem dito, mas ás circumstancias momentaneas e fortuitas, que convulsionavam a côrte e as classes superiores no delirio dos — *fumos orientaes.*

O convento de Christo falla alto; e na fachada da egreja está claramente traçada a indole da força mascula e animosa d'esse estylo.

A composição raras vezes obedece a pensamentos subtis e delicados de belleza e de graça. Pelo contrario, toda a expressão é rigida e forte, impregnada de audacia e sensualismo.

No aproveitamento e arranjo dos elementos vegetaes vê-se sempre a propositada exaggeração ampliando e contorcionando os accidentes naturaes e caracteristicos das fórmas.

A porta da casa do capitulo, em parallelo com a porta da sacristia de Alcobaça, por exemplo, são dois especimens elucidativos d'uma commum significação. E em Coimbra encontram-se exemplares de igual natureza.

Além dos recursos da flora, tão energicamente accentuados, a intervenção de objectos estranhos a toda a tradição decorativa constituem invenções portentosas, d'uma innovação e symbolismo que então, como hoje, fazem palpitar affectos patrioticos, d'uma impressão altiva. Os toros, as cadeias, os calabres em nós e laçadas gigantescas, d'um realismo vivo; as cordas que atravessam boias espaçadas, as

---

affirmamos, depois de estudos especiaes nos dois paizes, e repetimos aqui: — a dependencia d'esse estylo, a sua importancia secundaria, a sua bastardia.

. . . .

«Como não ha plano, nem traçado rigoroso, não ha uma determinação clara das funcções que os elementos architectonicos têm de exercer. Elementos constructivos ficam reduzidos a accessorios puramente decorativos; e accessorios decorativos *simulam* elementos constructivos e funcções estaticas.

«Não ha systema de ornamentação, nem ideia do que seja a estylisação das fórmas ornamentaes (flora e fauna). Ao lado de um motivo puro, encontra-se um motivo impuro; ás vezes no taboleiro do mesmo pilar um arabesco bem estylisado, sobrepondo-se a um desenho absolutamente naturalistico, sem a menor ligação entre si.

. . . .

«Em summa, um ecletismo que acceita o novo e o velho sem critica; uma accumulação de elementos contradictorios, uma ostentação vã, porque não obedece a nenhum principio superior; o capricho do esculptor, onde só devia prevalecer a ideia do architecto; a indisciplina na arte, como reflexo da indisciplina nos costumes.

«O effeito geral — muito pittoresco, isso sim; um vegetabilismo que encobre todas as linhas essenciaes, todos os perfis, todas as proporções, como a hera que envolve o tronco do roble, para o lançar ámanhã por terra exhausto.»

O juizo contrario tem o mais esforçado esteio na phrase copiosa e altisonante do snr. Ramalho Ortigão, que entrega a defeza da causa aos impulsos do seu enthusiasmo.

«O que constitue, diz elle, a originalidade na architectura de qualquer povo é, como em Portugal, na época manoelina, a subordinação de um systema qualquer de geometria architectural ás condições do clima e da paizagem, á natureza dos materiaes empregados, á flora, á fauna, á concepção religiosa, á historia, á poesia, ao temperamento e á psychologia dos artistas, em cada região. Quanto mais intensa fôr a intervenção d'estes factores, mais original será a obra. Assim, na evolução do gothico na architectura portugueza, quanto menos modificado, isto é, quanto mais *puro* fôr o estylo, mais insignificante será o monumento como documentação artistica, como expressão social.

«É á decadencia do gothico da Batalha que nós devemos o incomparavel claustro dos Jeronymos, bem como a fachada da egreja de Christo, em Thomar; onde a flammejante janella da sala do capitulo é a obra mais eloquente, mais convicta, mais poetica, mais enthusiasticamente patriotica, mais estremecidamente portugueza, que jámais realisou em nossa raça o talento de esculpir e de fazer cantar a pedra.»

E em honra d'esta janella, o snr. Ramalho Ortigão prosegue, dissertando em bellos periodos clamorosos.

Et ces opinions, quoique apparemment irréconciliables, sont rigoureusement justes.

Il est certain que l'architecture est un art essentiellement fondé sur les lois de la géométrie et de la mécanique; mais si le style *manuelino* prend si souvent des formes illogiquement troublantes et qui s'écartent de leurs fonctions et de leurs fins légitimes, la puissance de sentiment et la surabondance d'imagination qui le font vibrer, rachètent suffisamment les infractions de son caractère insoumis, précisément par l'esprit de révolte qui l'anime.

Le *manuelino,* qui ne s'appuie pas sur des prescriptions ou des règles systématiques de mesures ni de proportions, fondées sur des compromis inflexibles de l'assentiment de tous, a permis à chaque artiste d'esquisser son œuvre en pleine liberté et avec l'élan expansif de sa fantaisie et de ses ressources. Et le trait naturaliste de cette décoration incoercible et insinuante, était toujours celui qui s'adaptait le mieux aux improvisations de l'intelligence des artistes portugais, dépourvus de règles d'éducation cultivée et délicate.

Outre cela, il était le plus approprié, non pas au caractère national comme on l'a dit si souvent, mais aux circonstances fortuites et momentanées qui agitaient la cour et les classes supérieures énivrées des *fumées orientales.*

Le couvent du Christ parle assez haut et sur la façade de l'église est clairement empreint le caractère de résistance mâle et courageuse, de ce style. La composition obéit rarement à de subtiles et fines idées de beauté et de charme; au contraire, l'expression est toujours sévère et forte, pleine d'audace et de sensualité.

Dans l'arrangement et l'emploi des éléments végétaux on aperçoit toujours une éxagération étudiée, dans l'agrandissement et les contorsions des accidents naturels et caractéristiques.

La porte de la salle du chapitre, comparable à celle de la sacristie de Alcobaça, sont deux spécimens bien compréhensibles d'une signification commune. Et à Coimbra on trouve aussi des exemples de même genre.

(Belem et Thomar) en le comparant avec les exemplaires contemporains de l'art espagnol, il sera facile de vérifier ce que nous avons déjà affirmé, après des études spéciales dans les deux pays, et que nous répétons ici: — la dépendance de ce style, son importance secondaire, sa bâtardise.

. . . .

«Comme il n'y a ni plan ni tracé rigoureux, il n'existe pas une détermination claire des fonctions qui doivent être exercées par les éléments architecturaux. Des éléments constructifs sont réduits à des accessoires purement décoratifs; et des éléments décoratifs *simulent* des éléments constructifs et des fonctions statiques.

«Il n'y a pas de système d'ornementation, ni aucune idée de ce que doit être la *stylisation* des formes ornementales (flore et faune). A côté d'un motif pur, se trouve un motif impur; quelquefois sur le plateau d'un même pilier une arabesque bien stylée surmonte un dessin absolument naturalisé, sans aucune liaison entre eux.

. . . .

«Enfin c'est un eclectisme qui accepte sans critique, le nouveau et l'ancien; une accumulation d'éléments contradictoires, une vaine parade, qui n'obéit à aucun principe supérieur: le caprice du sculpteur, remplace souvent l'idée de l'architecte; l'indiscipline dans l'art, parait comme un reflet de l'indiscipline des mœurs.

«L'effet général — est en vérité pittoresque; une floraison qui cache toute les lignes essentielles, tous les profils, toutes les proportions, comme le lierre enlace le tronc du chêne, qu'il finit par détruire et épuiser.»

L'opinion contraire est courageusement défendue en phrases riches et sonores par Mr. Ramalho Ortigão, qui en remet la défense aux élans de son enthousiasme.

«Ce qui constitue, dit-il, l'originalité dans l'architecture d'un peuple quelconque, comme en Portugal à l'époque manuelina, c'est la soumission d'un système de géométrie architecturale, selon les conditions du climat et du paysage, l'espèce des matériaux employés, la flore, la faune, la conception religieuse, l'histoire, la poésie, le tempérament et la psychologie des artistes de chaque pays.

«Plus l'intervention de ces facteurs sera intense, plus originale sera l'œuvre. Ainsi dans l'évolution du gothique dans l'architecture portugaise, plus le style sera pur, c'est-à-dire, moins modifié, plus insignifiant sera le monument, comme document artistique, comme expression sociale.

«C'est à la décadence du gothique de Batalha que nous devons l'incomparable cloître des Jeronymos, de même que la façade de l'église du Christ, à Thomar, où la flamboyante fenêtre de la salle du chapitre, est l'œuvre plus éloquente, plus raisonnée, plus poétique, plus enthousiastement patriotique, plus adorablement portugaise que le talent de sculpter et de faire parler la pierre, ait jamais réalisé dans notre race.»

Et Mr. Ramalho Ortigão, continue à disserter en belles pages louangeuses, à propos de cette fenêtre.

algas e estalactites, allusões nauticas, tudo isso fere pelo arrôjo da concepção e pela liberdade illimitada da phantasia.

E, afóra estes caprichos, que são modalidades da preoccupação dominante, ha outros de singularidade extranha e bizarra, que vencem pelo imprevisto e pelo abalo do contraste: como a grande fivela da correia que enfeixa e aperta o pilar angular da frontaria da egreja.

Se, como é principio corrente, nas grandes obras de architectura se encontra o depoimento fiel da mentalidade, das crenças, da cultura e prosperidade das phases historicas que as produziram, o manoelino, como nenhum outro estylo, é realmente a nitida expressão do estado dos espiritos, das idéas, dos sentimentos, prejuizos e illusões, que impelliam a sociedade portugueza n'uma das mais brilhantes épocas da sua existencia [1].

A sobreexcitação febril dos successos lançava a nação em um alvoroço de instabilidade e confusão moral, que tornou possiveis e logicos os desastres ulteriores.

Foi a primeira vez que se viu esta situação paradoxal e lastimosa: a par das riquezas prodigiosas que os fados lançavam nos cofres do rei, as pestes e as fomes assolavam a população, — e a miseria era extrema.

Nem productos de industria, nem fructos de agricultura. A riqueza esterilisava e empobrecia a nação, tal qual como mais tarde havia de acontecer, no seculo XVIII, com D. João V.

O povo indolente preferia a miseria ao trabalho, e as guerras devoravam a gente valida.

A affluencia de artistas estrangeiros de todas as proveniencias, ao serviço do rei, da côrte, dos bispos e das communidades devia produzir a confusão inextricavel que se nota em toda a arte industrial portugueza, no periodo aureo da opulencia. Essa superabundancia de influencias differentes era a menos propicia á normal elaboração d'uma corrente de arte, dimanando d'um ideal commum, assentido pela alma collectiva da nação.

Por isso as provas abundam a demonstrar a deficiente preparação e o atrazo educativo do trabalho indigena.

Eis talvez, a meu vêr, uma das razões do predominio do manoelino sobre a expansão da renascença, durante a primeira metade do seculo XVI. A renascença, na superioridade e elevação da sua harmonia de graça e elegancia, exigia convicções e subtilezas de faculdades espirituaes e puras, e os escrupulos d'uma execução precisa e sentida. E assim se comprehende que levou tempo a formar sectarios, a propagar-se, a affirmar-se, como norma definitiva, na arte nacional.

A noção da origem importada do manoelino é evidentemente incontestavel. Os factos o demonstram; assim como, *à priori,* considerações ponderosas e de varia ordem o estavam inculcando. Mas, nem

---

[1] Tem-se dito que a influencia dos grandes templos da India transparece com evidencia na ostentação do estylo manoelino. E esta noção vaga, suggestivamente lançada, tem-se propagado sem profundezas de demonstração.

Não é facil saber em que factos concretos se fundamente este juizo.

A influencia d'uma architectura sobre outra só póde affirmar-se pelas analogias essenciaes de estructura e de revestimento. E não será racional pretender que a prodigalidade decorativa, profusa e compacta dos monumentos do Himalaya, por exemplo, podesse actuar na fertilidade do esculptor manoelino; porque, além d'essa agglomeração genericamente considerada, nada mais ha que possa de longe comparar-se.

Não se descobre a que titulo, mesmo resalvadas as incommensuraveis desproporções, possa estabelecer-se qualquer especie de paridade.

Se apenas se referem a nebulosas e remotas evocações de semelhança, em delineação abstracta, pela abundancia esculptural e pela aggregação de enfeixamentos, etc.; então, pelo mesmo criterio, será possivel descobrir, na extensa serie de construcções budicas e jainicas parcellas eschematicas de muitos typos monumentaes europeus.

O interior do palacio de Mádura tem o aspecto completo d'uma cathedral romanica; o templo de Soubramanya, em Tajora, e o palacio de Ourtcha, em Bundelenud, apresentam a disposição figurativa de edificios da mais pittoresca e genuina renascença.

Como seria licito concluir, porque na fachada do templo de Gopura, em Tarputry, a luxuriante decoração é supportada pelos braços robustos d'um atlante, que ali se encontra o thema imitativo para a janella da casa do capitulo de Thomar?

A configuração das massas, ou os accidentes avulsos e fortuitos, de vaga semelhança material, nunca poderam constituir indicios racionaes de influencias ou affinidades artisticas.

Coincidencias de concepção e detalhes de physionomia, no movimento geral da architectura, ou da estatuaria, em dados momentos do seu percurso atravez das civilisações e dos povos, é um curioso phenomeno, tantas vezes apontado nos episodios da historia da arte.

Outre les ressources de la flore, si énergiquement accentuées, on constate l'intervention d'objets étrangers à la tradition décorative et qui constituent de sublimes inventions, d'une nouveauté et d'un symbolisme qui dans ce temps, comme de nos jours, font palpiter d'une fière impression les sentiments patriotiques. Les troncs, les châines, les câbles en de gigantesques nœuds d'un réalisme vivant; les cordes qui traversent les bouées placées de loin en loin, les algues et les stalactites, les allusions maritimes, tout cela frappe par la hardiesse de la conception et par la liberté sans bornes de la fantaisie. Et, sans parler de ces caprices qui sont des variantes de l'impression dominante, il y en a d'autres d'une originalité étrange et bizarre, qui attirent par l'imprévu et le choc du contraste; comme la grande boucle de la courroie qui attache et resserre le pilier d'angle de la façade de l'église.

Si, comme on le dit, les grandes œuvres d'architecture présentent le document fidèle de la mentalité, des croyances, de la culture et de la prospérité des phases historiques qui les ont produites, le style manuelino, mieux qu'aucun autre est véritablement l'expression de l'état des âmes, des idées, des sentiments, des préjugés et des illusions qui dominaient la société portugaise à une des plus brillantes époques de son existence [1].

La surexcitation fièvreuse des évènements poussait la nation à de tels transports d'instabilité et de confusion morale, que les désastres survenus plus tard devînrent possibles et logiques.

Pour la première fois on vit cette situation lamentable et paradoxale. À côté des richesses prodigieuses que la destinée lançait dans les coffres du roi, la peste et la famine ravageaient la population, et la misère était extrême.

Pas de produits d'industrie, ni de fruits de l'agriculture. La richesse stérilisait et appauvrissait la nation, ainsi qu'il devait arriver plus tard, au XVIII[me] siècle sous le règne de D. Jean V. Le peuple indolent préférait la misère au travail, et les guerres dévoraient les gens valides.

L'affluence d'artistes étrangers venus de toute part, au service du roi, de la cour, des évêques et des communautés devait produire l'inextricable confusion qu'on remarque dans tous les arts industriels portugais, pendant la brillante période de son opulence. Cette surabondance d'influences diverses était la moins propice à l'élaboration normale d'un courant artistique, venant d'un idéal commun avec l'assentiment de l'esprit collectif de la nation. Les preuves sont assez abondantes pour démontrer le manque de préparation, et de défaut d'éducation du travail indigène.

Voici, à mon avis, une des raisons de la prédominance du style manuelino, sur celui de la renaissance pendant la première moitié du XVI[me] siècle. Dans la supériorité et l'élévation de son harmonie pleine de charme et d'élégance, la renaissance exigeait des convictions et des subtilités, des facultés spirituelles et pures, et tout les scrupules d'une exécution précise et sentie. Et ainsi on comprend qu'elle

---

[1] On a dit que l'influence des grands temples de l'Inde s'aperçoit évidemment dans le faste du style manuelino, et cette notion vague, suggestivement émise, a pris corps, sans de profondes démonstrations.

Il n'est pas facile de savoir quels sont les faits concrets sur lesquels se base cette opinion.

L'influence d'une architecture sur l'autre ne peut être affirmée que par des analogies essentielles de structure et de revêtement. Et il n'est pas rationnel de prétendre que la prodigalité décorative, profuse et compacte des monuments de l'Himalaya, par exemple, ait pu agir sur la fertilité du sculpteur manuelino, parce que outre cette agglomération, il n'y a rien qui puisse y être comparé de loin, et on ne découvre pas à quel tître, même sans parler des incommensurables disproportions, on puisse établir la moindre parité.

S'il s'agit seulement d'évocations nébuleuses et lointaines de ressemblance, en lignes abstraites, par l'abondance sculpturale et la réunion des faisceaux, etc., alors, d'après le même raisonnement il sera possible de découvrir, dans la vaste série de constructions boudiques et jainiques, des morceaux schématiques de beaucoup de types de monuments européens.

L'intérieur du palais de Mádura a l'aspect complet d'une cathédrale romane; le temple de Soubramanya, à Tajora, et le palais de Ourtcha, à Bundelenud, présentent la disposition de quelques édifices de la renaissance la plus pittoresque et la plus pure.

Parce que sur la façade du temple de Gopura, á Tarputry, la luxuriante décoration est supportée par les bras robustes d'un atlante, pourrait-on en conclure, qu'on y retrouve le thème imitatif pour la fenêtre de la salle du chapitre à Thomar?

La configuration des masses ou les accidents éventuels et fortuits d'une vague similitude matérielle ne pourront jamais constituer des indices rationnels d influences ou d'affinités artistiques.

Les coïncidences de conception, et les détails de physionomie, dans le mouvement général de l'architecture ou de la statuaire, en de certains moments de leur cours à travers les civilisations et les peuples, sont de curieux phénomènes, bien souvent cités dans les épisodes de l'histoire de l'art.

por isso é menos certo, que lançou raizes fundas na alma popular; se adaptou ao terreno e dilatou luxuriante n'este clima de grandezas, assumindo feições caracteristicas; uma physionomia propria, accentuada. Não ha duvida.

A sua vitalidade foi tal, que se manteve por muito tempo autonomo e livre, em frente da renascença victoriosa.

E muitas vezes collaborou com ella, áparte e inconciliavel, em edificios como o de Santa Cruz de Coimbra, que offerece o mais seguro e concludente exemplo d'este phenomeno.

As tentativas de alliança, tendo em vista congraçar e fundir em novas combinações os elementos heterogeneos dos dois systemas, manoelino e renascença, é verdade que appareceram; mas representam esforços singulares e eruditos, que não foram além do incidente decorativo, nem foram geralmente acceites.

Mais ainda, o manoelino de tal fórma se infiltra nas camadas inferiores, que a categoria de obras d'este genero, a que poderemos chamar *populares,* não são das que menos nos commovem, no seu aspecto de espontaneidade fremente e robusta, na sua linguagem grosseira e inculta. E a sua duração prolonga-se, em casos isolados, é certo, até além do reinado de D. João III.

A hegemonia artistica da Hespanha sobre o movimento portuguez, não só na architectura, como em todos os productos da arte industrial, está ostensivamente constatada pelo snr. J. de Vasconcellos. Áparte as modificações accidentaes, ou substanciaes, quando as ha, exigidas pelas condições ethnicas da aclimação.

Assim, por exemplo, o traçado das abobadas no periodo da degeneração gothica, com as nervuras interceptando-se caprichosamente, e de preferencia em arcos conopiaes, é commum e abundante nos dois paizes. E aqui manteve-se, no manoelino, inalteravel.

E comprehende-se. No revestimento decorativo, em que o equilibrio póde facilmente ser previsto e assegurado, a audacia inventiva dos artistas nacionaes, ou dos artistas nacionalisados não conhece limites.

Nas abobadas o caso era differente. Os traçados dos artezões, alguns d'uma suprema correcção, reduzem-se a um pequeno numero de typos persistentes. Porque a mais ligeira alteração, que se afastasse das formulas conhecidas, implicaria difficuldades novas e temerarias.

De resto a explicação d'essa supremacia claramente resalta, attentas, além de outras razões, as relações intellectuaes e politicas, alimentadas durante uma serie de reinados.

Em summa, na arte portugueza o manoelino é o facto primacial e culminante, e o problema da sua genese e gestação physiologica surge sempre instinctivamente á curiosidade em Thomar, Belem, Coimbra, todas as vezes que elevamos o nosso espirito na contemplação consoladora d'essas grandes obras. E, ou se attribua duvidosamente á germinação espontanea do espirito nacional, ou á implantação de sementes alienigenas, o que é certo, é que elle se desenvolveu flammejante ao calor da alma portugueza. E serão sempre pedaços emocionantes, de arte, palpitantes e altivos, pelo vigor que respiram os seus musculos de pedra, recordativos d'uma raça forte de aventureiros intrepidos, obreiros portentosos da civilisação, que illuminaram a patria com o explendor dos *Lusiadas.*

Claustro dos Filippes

Este claustro é tradicionalmente assim chamado, por se suppôr ter sido ordenado e construido pelos monarchas hespanhoes que reinaram em Portugal.

Modernamente foi o facto controvertido, attribuindo-o á mercê de D. João III, que sumptuosamente dotou e engrandeceu o convento de Christo com outras edificações custosas e magnificentes.

Suscitava-se o nome do architecto Felippe Terrio ou Tercio, italiano ou hespanhol, cuja maneira, assaz conhecida, tem realmente affinidades sensiveis com a indole do traçado de Thomar. Agora apparece o nome de Diogo de Torralva, successor de João de Castilho na direcção das obras do convento.

Em todo o caso, parece averiguado que a construcção só começou depois da morte do rei *piedoso.* E a contestação não tem sido cabalmente conduzida e documentada, de fórma a lançar a persuasão, a toda a luz da evidencia. E seria isso tanto mais para desejar, quanto a asserção envolve, talvez, consequencias mais delicadas e dilatadas, do que possa presumir-se á primeira vista.

a pris du temps pour former des sectaires, pour s'épancher et pour s'établir sous forme définie dans l'art national.

La notion, que le style manuelino est de source importée, est évidemment incontestable, comme le démontrent les faits, de même que, à priori, d'autre considérations concrètes et de divers genres le dénonçaient déjà. Mais il n'en est pas moins certain, qu'il jeta de profondes racines dans l'âme populaire, qu'il s'adapta au terrain et s'épancha luxuriant dans ce climat de grandeurs, prit des traîts caractéristiques, une physionomie propre et définie. Cela est hors de doute.

Sa vitalité fut telle que, pendant bien longtemps, il se conserva libre et autonome, devant la renaissance victorieuse.

Et dans des édifices comme celui de Santa Cruz de Coimbra, il parût de concert avec elle, mais à part et irréconciliable.

Les tentatives d'alliance, tendantes à réunir et à fondre en de nouvelles combinaisons les éléments hétérogènes des deux systèmes, *manuelino* et renaissance, apparurent effectivement, mais elles représentent des efforts savants et singuliers, qui ne furent pourtant que des incidents décoratifs, et qu'on n'accepta généralement pas.

D'ailleurs, le *manuelino* s'infiltra tellement dans les classes inférieures, que la série de travaux de ce genre, que nous pouvons nommer *populaires,* ne sont pas des moins émouvants, par leur aspect robuste et frémissant de spontanéité, par leur langage grossier et inculte. Et dans des cas isolés leur durée se prolonge, parfois plus loin que le règne de D. Jean III.

Mr. J. de Vasconcellos a bien constaté l'hégémonie artistique de l'Espagne sur le mouvement portugais non seulement dans l'architecture, mais en toutes les productions de l'art industriel, en tenant compte des modifications accidentelles, ou substantielles, quand il y en a, et qui sont exigées par les conditions ethniques de l'acclimatation.

Par exemple, le dessin des voûtes à la période de dégenerescence gothique, avec les nervures s'interceptant capricieusement, en arceaux conoïdes, est commun et abonde dans les deux pays, et chez nous, pour le manuelino, il s'est maintenu inaltérable.

Et cela se comprend, lorsqu'il s'agît du revêtement decoratif dont l'équilibre peut facilement être prévû et assuré, où l'audacieuse invention des artistes nationaux, ou des artistes nationalisés, ne connût pas de bornes. Dans les voûtes le cas était différent; les tracés des soffites, quelques uns superbement corrects, se réduisent à un petit nombre de types persistants, parce que la plus légère altération, qui s'éloignerait des formules connues, entraînerait des difficultés téméraires et inconnues.

Du reste l'explication de cette souveraineté saute clairement aux yeux, si l'on pense aux relations intellectuelles et politiques, implantées pendant une série de règnes, sans parler d'autres raisons encore.

Dans l'art portugais le *manuelino* est, en somme, le fait prééminent et culminant, et le problème de sa genèse et de son origine physiologique se présente toujours instinctivement à notre curiosité, à Thomar, Belém, Coimbra, et toutes les fois que nous élevons notre esprit dans la contemplation consolatrice de ces grandes œuvres. Soit qu'on l'attribue douteusement à une germination spontanée de l'esprit national, ou à l'implantation de semences étrangères, le fait est, qu'il s'est developpé en toute splendeur sous l'ardente influence de l'âme portugaise, et ses muscles de pierre, nous rappelant la forte race d'intrépides aventuriers, puissants artisans de notre civilisation, qui illuminèrent la patrie avec le flambeau des *Lusiades,* seront toujours des souvenirs émotionnants d'art, fiers, palpitants et pleins de vigueur.

Cloître des Filippes

La tradition donne ce nom à ce cloître, parce qu'on suppose qu'il a été commandé et construit par les monarques espagnols qui ont régné en Portugal.

Dernièrement on a controversé ce fait, en attribuant son origine à une grâce de D. Jean III, qui agrandit et dota somptueusement le couvent du Christ avec d'autres edifications riches et fastueuses. On prononçait le nom de Felippe Terrio ou Tercio, italien ou espagnol, dont la manière assez connue a de sensibles affinités avec le caractère du dessin de Thomar. Maintenant on cite le nom de Diogo de Torralva, successeur de João de Castilho, comme directeur des travaux du couvent.

Mas de Diogo de Torralva, que trabalhou na construcção da capella-mór de Belem, ou de Felippe Tercio, auctor do famoso torreão dos paços da Ribeira, de S. Roque, de S. Vicente, etc., o architecto do claustro de Thomar era certamente um artista da escóla italiana, dominado pelas idéas da renascença hespanhola [1].

Os claustros de egrejas e casas conventuaes, que pelo paiz abundam, são pela maior parte, notaveis especimens de architectura. Alguns ha, não obstante a exiguidade das suas dimensões, que são incondicionalmente formosos, em grande numero do seculo XVI e ainda do immediato. Ha claustros vastos e monumentaes; e ha outros pequeninos, que são impeccaveis de simplicidade e pureza.

Pois entre os mais distinctos e bellos, de todas as épocas e de todos os estylos, o de Thomar occupa um logar proeminente, pela ponderação e graça das suas linhas e pelo equilibrio e realce inexcedivel da sua proporção geral.

N'uma época, em que as fórmas da renascença, perdida a primitiva e casta sobriedade de expressão, cada vez mais se extremavam em formulas convencionaes, na desenvoltura d'um maneirismo tumultuario, o delineamento d'esta soberba obra, embora digam não immaculada dos defeitos do seu tempo, tem um jocundo aspecto de sumptuosa temperança, de sentimento e tranquillidade, que o espirito se não cança de admirar.

Poderão descobrir-lhe esforço de composição e ausencia de espontaneidade; será possivel vislumbrar suspeitas de enleio e hesitação, á falta de recursos innovadores e ferteis; mas o effeito, resultante d'essa mesma affectação, revela uma prodigiosa intensidade de engenho e delicadeza de sentir.

Porque é notavel, como pela cadencia isochrona de pontos alternados, contidos em dimensões bem calculadas, se consegue dar homogeneidade apparente a elementos integrantes realmente dispares. Só a inspecção local póde dar o conhecimento exacto d'essa racional contradicção.

Do genero filippino, porque este o é, qualquer que seja o auctor, — ha mais claustros. E, de todos elles, o que, pela natureza da construcção mais frisantes referencias de analogia apresenta com este, é o claustro do Collegio da Sapiencia, dos Conegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra.

De mais apoucados intuitos e mais restrictas condições de ostentação, mas a physionomia radical, a feição de consaguinidade é irrecusavel.

E este claustro de Coimbra, não restam duvidas, é devido a Felippe Tercio, esse mesmo que dirigiu a construcção do aqueducto para o convento de Christo.

O claustro, como se vê da estampa, é formado por duas ordens sobrepostas: a inferior dorica, a superior jonica modificada, no estylo a que os theoricos hespanhoes chamam *desadornado*.

A composição accentua-se poderosamente, em distribuição alternada dos membros componentes, que se destacam e aligeiram pelo predominio das aberturas sobre as superficies cheias.

Na parte debaixo os vãos excessivos dos arcos são intervallados por corpos de pequena saliencia, *architraves de resalto,* supportados por columnas emparelhadas, adossadas aos pés direitos, ao meio dos quaes se abrem roturas rectangulares d'um agradavel contraste. Por cima a galeria de diversa planta.

Na conformidade das prumadas assentam igualmente columnas que marcam as divisões cadenciadas do systema; e arcos menores sustidos por pilastras soltas, ladeadas de vãos rectangulares.

E toda a fachada, assim constituida por membros que parecem arbitrarios, dá o aspecto attrahente d'uma convicta serenidade.

Na linha do remate superior corre, em correspondencia dos intercolumnios o entablamento completo; e sobre os arcos a cornija apoiada em modilhões, em pittoresca interrupção. Se a obra chegasse a ser concluida, deveria ser coroada, em toda a extensão, por uma condigna balaustrada.

Ao centro do espaçoso pateo a airosa fonte, adorno indispensavel de todos os claustros do seculo XVI.

Eis, em duas palavras, o traço descriptivo e rapido do plano geral.

---

[1] Haupt dá uma extensa lista de edificios, que se sabe terem sido por Tercio construidos, e de outros que, por analogia, muito discutivelmente, lhe lança á conta em Lisboa, Setubal, Coimbra, Porto, Villa do Conde e Thomar.

En tous les cas il semble avéré que la construction ne fut commencée qu'après la mort du roi *piedoso* (pieux) et la contestation n'a pas été conduite de manière à mettre les faits en pleine lumière, ce qui aurait été d'autant plus désirable, que le moindre doute peut amener des conséquences plus délicates et plus graves, qu'on ne le pense au premier abord.

Mais, qu'il aît été de Diogo de Torralva, qui avait travaillé à la construction du sanctuaire de Belem, ou de Felippe Tercio, auteur de la fameuse tour du palais da Ribeira, de St Roque, de St Vicente, etc., le cloître de Thomar était certainement d'un artiste de l'école italienne dominé par les idées de renaissance espagnole [1].

Les cloîtres d'églises et de couvents qui abondent dans le pays, sont pour la plupart, de remarquables spécimens d'architecture. Il y a quelques uns qui même dans l'exiguité de leurs dimensions, sont incontestablement très beaux; beaucoup appartiennent au XVIme siècle et encore au XVIIme. Il existe des cloîtres monumentaux et vastes, et d'autres tout petits qui sont des modèles de simplicité et de pureté.

Celui de Thomar occupe une place prépondérante, par la grâce de ces lignes, l'équilibre et l'élégance ineffable de ses proportions, parmi les plus beaux et les plus précieux, de toutes les époques et de tous les styles.

À une époque, où les formes de la renaissance, après avoir perdu la chaste sobriété d'expression primitive, s'écartaient en des formules conventionnelles, d'une désinvolture manièrée et tumultueuse, le dessin de cette œuvre superbe, quoique empreinte des défauts de son temps, présente un agréable aspect de fastueuse sobriété, d'expression et de tranquillité que l'esprit ne se lasse pas d'admirer.

On pourra y découvrir quelque effort de composition ou manque de spontanéité, peut-être y apercevra-t-on des troubles ou des hésitations, faute de ressources fertiles et nouvelles, mais l'effet qui résulte même de cette affectation, dénonce une prodigieuse force de génie et le sentiment le plus délicat. Il est remarquable de voir, comme la mesure isochrone de points de repère, contenus dans des dimensions bien calculées, peut donner une apparente homogénéité à des éléments réellement contraires. Seul l'examen local peut amener la connaissance exacte de cette contradiction rationnelle.

Quelqu'en soit l'auteur, ce cloître ainsi que bien d'autres, est du genre *filippino,* et c'est celui qui par le caractère de sa construction présente de plus frappantes analogies avec le cloître du Collegio da Sapiencia, des Chanoines Réglants de Santa Cruz de Coimbra.

La physionomie radicale, les traits de consanguinité sont irrécusables, malgré l'intention modeste et les conditions restreintes d'ostentation de ce dernier, qui, sans nul doute, est dû a Felippe Tercio, le même qui a dirigé la construction de l'aqueduc pour le couvent du Christ.

Comme on voit sur la gravure, le cloître est formé de deux étages superposés: l'inférieur est dorique, le supérieur est du ionique modifié, du genre que les théoriciens espagnols nomment *desadornado*.

La composition se fortifie puissamment, par la distribution alternée de ses éléments, qui se détachent et s'allègent avec la prédominance des ouvertures sur les surfaces en plein. Dans l'étage inférieur, le percement immense des arcades est garni dans les intervalles, de corps légèrement saillants, *architraves en ressaut,* supportés par des colonnes jumelles adossées aux montants au milieu desquels s'ouvrent des éclaircies rectangulaires d'un contraste agréable. La galerie supérieure a un plan différent.

Dans le même sens que celles du premier étage reposent également des colonnes qui marquent les divisions harmonieuses du système, et des arcades plus petites soutenues par des piliers séparés flanqués d'espaces rectangulaires.

Et toute cette façade composée d'éléments qui paraissent arbitraires, présente l'attrayant aspect d'une sérénité étudiée.

L'entablement complet, correspondant aux entre colonnes parcourt toute la ligne supérieure et la corniche au dessus des arceaux, s'appuie, en interruption pittoresque, sur les modillons.

---

[1] Haupt donne une longue liste d'édifices qu'il sait avoir été construits par Tercio, et d'autres que, par analogie, il lui attribue, très douteusement, à Lisbonne, Setubal, Coimbra, Porto, Villa do Conde et Thomar.

De notar é, que do exaggero propositado das aberturas dos arcos inferiores provém a apparencia graciosa e ponderada de todo o arranjo.

A architectura é a arte que demanda mais subtis e consistentes faculdades creadoras, para bem comprehender e sentir os effeitos novos e imprevistos, que muitas vezes podem offerecer ao exito total o aproveitamento prudente de elementos avulsamente discordantes.

O principio classico, fundamental e fecundo de toda a obra de architectura reside na preponderancia das linhas constructivas sobre as preoccupações de addições accessorias e decorativas. E n'este claustro, despido de adornos esculpturaes, todo o effeito é obtido pela alliança das linhas geraes dos seus membros componentes, que em variada escala reciprocamente se ligam e completam.

Emfim, este formoso claustro, que não deslumbra, nem pela riqueza dos ornamentos, nem pela magnitude das dimensões, nem pelo arrôjo monumental da concepção, nem pelo esforço da originalidade, na moderação do pensamento que o delineou, é um bello trecho de arte; de elementos artificiosamente combinados, mas que se acolhe com sympathia e se contempla com prazer.

Qualquer que seja o auctor, a quem deva attribuir-se, bem denuncía a intellectualidade d'um artista sectario das doutrinas do classicismo sobrio e austero, d'onde sahiram Baptista Tolêdo e João Herrera, architecto do Escurial, cuja influencia foi preponderante na segunda phase da renascença hespanhola.

N'esta parte do convento de Christo, contiguamente ao claustro, é digno de vêr-se a decoração das escadas e do grande dormitorio, e, sem pretender agora especialisar pontos precisos de discriminação, ahi se exhibem os formosos e nitidos motivos ornamentaes da renascença portugueza, de D. João III, pelos quaes poderá avaliar-se da differença que existe entre as mentalidades e crenças estheticas que conduziram esses dois trabalhos.

São na verdade inconfundiveis; e encerram indicações proveitosas á exacta noção do ultimo periodo do renascimento em Portugal e Hespanha, não obstante tão estreitamente ligados os dois paizes pelas idéas de arte, como politicamente o foram depois.

Seja, em summa, como fôr, devido a Felippe Tercio ou Torralva, ordenado pelo rei *piedoso,* ou pelo rei *prudente,* este magnifico claustro, pela profunda e sagaz intelligencia que revela, pela elegancia que ostenta, pela sobriedade perenne e harmoniosa da sua perspectiva, é, como tantos outros edificios d'esta época, uma demonstração admiravel dos fulgidos lampejos e vibração genial dos artistas peninsulares, n'um momento de instabilidade, em que a architectura ia transformar-se nas phantasias innovadoras do *churrigueresco* sedicioso.

Claustro do Cemiterio

De todo o arrasoado, que desconnexamente venho escrevendo, vejo que muito fica por dizer, para dar uma idéa aproximada de todo esse conjuncto de coisas raras e affectuosas ao sentimento.

Para se avaliar da magnificencia e dimensões materiaes do riquissimo convento, bastará dizer que continha sete claustros; e todos, por diversos motivos, dignos de legitima notoriedade e apreço.

Já mencionamos o denominado *Claustro dos Filippes,* resta fallar de outro, o *do Cemiterio* construido pelo infante D. Henrique, quando mestre ou administrador da Ordem.

Este claustro, summamente notavel pela elegancia das suas arcadas, é uma das obras de mais puro desenho, que deve figurar, no inventario geral, ao lado dos especimens mais valiosos e esbeltos, que o estylo ogival ergueu no solo portuguez.

E tanto mais digno de estimação, quanto é certo que o movimento propriamente gothico em Portugal appareceu tarde e teve uma existencia relativamente de pouca duração.

Desde D. Sancho a D. Diniz, que com tanta solicitude e largueza espalhou pelo paiz construcções religiosas, civis e militares, o estylo predominante foi o romanico de transição; quando muito, o gothico de caracter inicial. A depuração gothica, como evolução gradual, passou desapercebida. Isto ao tempo, em que por toda a Europa se propagava e, em audacias de originalidade e surprehendentes soluções de problemas constructivos, produzia os mais brilhantes e assombrosos monumentos; e no resto da peninsula se affirmava com prodigiosa profusão e esplendor.

Si on avait réussi à achever la construction, elle devait être couronnée en toute son étendue, par une balustrade de même genre.

Au milieu de la vaste cour se trouve une belle fontaine, ornement indispensable de tous les cloîtres du XVIme siècle.

Voilà en quelques mots, la description rapide du plan général. Il faut remarquer, que l'apparence gracieuse et raisonnée de tout l'arrangement, provient de l'exagération des ouvertures faite à dessein.

L'architecture est l'art qui exige des facultés créatrices plus subtiles et consistantes, pour bien comprendre et sentir les effets nouveaux et imprévus, que l'emploi réfléchi d'éléments séparément discordants, peut offrir pour l'effet total de l'ensemble.

Le principe classique, fondamental et fécond de toute œuvre d'architecture, consiste dans la prépondérance des lignes principales de construction, sur des préoccupations d'additionements accessoires et décoratifs. Et dans ce cloître dépouillé d'ornementation sculpturale, tout l'effet est obtenu par l'alliance des lignes générales des éléments composants, qui se relient et se complètent réciproquement.

Enfin ce beau cloître, qui n'éblouit pas, ni par la richesse des ornements, ni par la grandeur des dimensions, ni par la hardiesse monumentale de la conception, ni l'effort d'originalité, est, dans la modération de pensée qui l'a tracé, un bel ouvrage artistique, d'éléments ingénieusement combinés, mais qu'on accueille avec sympathie et qu'on contemple avec plaisir.

Quelqu'en soit l'auteur, il dénonce bien l'intelligence d'un artiste sectaire des doctrines classiques austères et sobres, d'où sortirent Baptista Toledo et João Herrera, architecte de l'Escurial, dont l'influence prédomina dans la seconde phase de la renaissance espagnole.

Dans cette partie du couvent du Christ contigüe au cloître il faut remarquer la décoration des escaliers et du grand dortoir, et sans prétendre ici spécialiser des points précis à détailler, on aperçoit là de magnifiques motifs d'ornements de la renaissance portugaise, de D. Jean III, qui serviront à apprécier la différence qui existe entre les mentalités et les croyances esthétiques qui ont agi sur ces deux travaux.

Il est impossible de les confondre et ils renferment de précieuses indications pour la notion exacte de la dernière période de la renaissance en Portugal et en Espagne, malgré la relation intime qui liait les deux pays dans les idées artistiques comme ils le furent plus tard au point de vue politique.

Quoiqu'il en soit, qu'il aît été commandé par le roi *pieux* ou par le roi *prudent,* et exécuté par Felippe Tercio ou Torralva, ce magnifique cloître, par l'intelligence profonde et perçante qu'il révèle, par l'élégance qu'il présente, par la constante et harmonieuse sobriété de sa perspective, est, ainsi que beaucoup d'autres édifices de cette époque, une révélation admirable des brillants élans et de la vibration géniale des artistes péninsulaires, à un moment d'incertitude où l'architecture menaçait de se transformer en des fantaisistes innovations du *churrigueresco* séditieux.

Cloître du Cimetière

Après tout ce que je viens d'écrire un peu au hasard, je m'aperçois qu'il y a encore beaucoup à dire pour donner à peu près une idée de tout cet assemblage de choses rares et qui nous parlent à l'âme.

Pour évaluer la magnificence et la grandeur matérielle de ce somptueux couvent, il suffira de dire qu'il avait sept cloîtres, et que tous pour des raisons diverses étaient dignes d'être remarqués et cités.

Nous avons parlé du *Cloître des Filippes,* il nous reste à décrire un autre, celui du *Cimetière* construit par l'infant D. Henrique, quand il était maître ou administrateur de l'Ordre.

Ce cloître, très remarquable par l'élégance de ses arcades, est un des travaux de plus pur dessin, qui doit figurer dans l'inventaire général, à côté des spécimens les plus précieux que le style ogival a laissés sur le sol portugais.

Et il est d'autant plus appréciable, car il est certain que le mouvement proprement gothique parût assez tard en Portugal et a eu relativement une courte durée.

Depuis D. Sancho jusqu'à D. Diniz qui avec tant de sollicitude et de générosité repandit dans le pays, des constructions religieuses, civiles et militaires, le style dominant était le roman de transition, tout

No seculo XIV, em Hespanha concluiam-se as grandes cathedraes começadas no seculo anterior e dava-se começo a outras grandes fabricas, rivalisando em assombros de ousadia e delicadeza, frageis, aereas, vertiginosas, impellidas pela fé ardente que agitava as almas. As cathedraes de Leão, Toledo, Burgos, Barcelona e outros, e muitos outros templos avançaram no decurso d'este seculo.

Em Portugal, depois da actividade dos seculos XII, XIII e XIV, no periodo que vae de D. Diniz a D. João I, tão escassas indicações se deparam de construcções de vulto, que, o movimento da architectura quasi se póde julgar paralysado. As condições sociaes não eram por certo prosperas ao desenvolvimento das artes.

Por isso foi justificado o assombro que as maravilhas da egreja da Batalha produziram no espirito dos contemporaneos.

Consolidada nos plainos de Aljubarrota a monarchia do Mestre de Aviz, seguiu-se então uma nova e grande expansão de construcções. O estylo gothico no seu pujante desabrochamento entrou em Portugal e produziu pittorescos e bellos monumentos, mais ou menos limitados de proporções, mas igualmente significativos, como demonstração suprema d'uma nova éra de engrandecimento nacional.

E positivamente na enumeração das mais perfeitas e impressivas producções d'essa irradiação artistica entra o notavel *Claustro do Cemiterio,* que a phototypia reproduz.

No convento de Christo em tudo se revela o cunho magnificente do animo real.

Os representantes, por assim dizer, dos brilhantes e grandes acontecimentos da vida nacional ahi collaboraram, para que o monumento fosse o repositorio collectivo dos mais tocantes depoimentos da nossa accidentada evolução artistica, reflexo fiel das prosperidades e vicissitudes sociaes e politicas da nossa longa peregrinação historica.

A quantidade preciosa de incrustações de arte, que ainda hoje, depois de terem atravessado inclemencias nefastas de assolação e rapina, por toda a parte brilham, são os restos escassos e dignos de uma farta herança de obras admiraveis.

Finalmente, a monographia do convento de Christo, elaborada por uma alta competencia, sob o ponto de vista exclusivo da arte — architectura, pintura e esculptura, — seria pouco menos, que a synthese historica de toda a arte portugueza.

A. Gonçalves.

THOMAR

au plus le gothique initial. L'épuration gothique, comme évolution graduelle, passa inaperçue et cela au temps, où elle s'épanchait dans toute l'Europe, et où son audacieuse originalité et ses surprenantes solutions de problèmes de construction, produisaient les plus brillants et somptueux monuments, s'affermissant avec une prodigieuse splendeur sur tout le reste de la péninsule.

En Espagne on finissait au XIVme siècle les grandes cathédrales commencées un siècle auparavant et on initiait d'autres grandes édifications, qui rivalisaient en hardiesse et en délicatesse, fragiles, aériennes, vertigineuses, poussées par la foi ardente qui agitait les âmes. Les cathédrales de Léon, Toledo, Burgos, Barcelone, et d'autres, ainsi que beaucoup de temples avancèrent pendant ce siècle.

En Portugal, pendant la période qui va de D. Diniz à D. Jean I, après l'activité du XIIme, XIIIme et XIVme siècles, on compte si peu de constructions importantes que le mouvement de l'architecture semble paralysé. Les conditions sociales aussi n'étaient pas favorables au développement des arts.

C'est pour cela que l'étonnement produit par les merveilles de l'église de Batalha, sur l'esprit des contemporains, est bien justifié.

La monarchie du mestre de Aviz, raffermie sur les camps d'Aljubarrota fit naître une grande expansion de constructions. Le style gothique dans son exhubérante éclosion entra en Portugal et produisit de pittoresques et beaux monuments, dans des proportions plus ou moins limitées, mais également significatifs, comme démonstration suprême d'une nouvelle phase de grandeur nationale. Et le *Cloître du Cimetière* reproduit sur notre phototypie peut-être compté au nombre des productions les plus parfaites et impressionantes de cette irradiation artistique.

Le cachet somptueux de l'esprit royal se révèle dans tous les détails du couvent du Christ.

On peut dire que les réprésentants des brillants et grands faits de la vie nationale s'y sont réunis, pour que le monument puisse être un document collectif des plus touchants épisodes de notre évolution artistique si mouvementée, un miroir fidèle des prospérités et des vicissitudes sociales et politiques de notre long pélerinage historique.

La précieuse abondance d'incrustations d'art, qui brillent encore partout, après avoir traversé de néfastes tempêtes de pillage et de dévastation, sont les débris rares et dignes d'un si bel héritage d'œuvres admirables.

Et la monographie du couvent du Christ, faite par un écrivain érudit, au point de vue exclusif de l'art, — architecture, peinture et sculpture — serait à peu de chose près, la synthèse historique de tout l'art portugais.

A. Gonçalves.

O Bussaco



Joia preciosissima encravada no solo de Portugal é a magestosa e encantadora floresta do Bussaco, admirada com deleitoso enlevo por quantos a visitam.

Cintra do Norte lhe tem chamado alguns para encarecer seus dons, mas com esta denominação, segundo opina Moraes Soares, eximio redactor do *Archivo Rural*, «desfazem no que pretendem engrandecer e louvar. Em Cintra o que haverá que vêr, além do que alli tem feito um principe de alto entendimento e ardente dedicação pelas cousas de Portugal? No Bussaco não sobresae, é verdade, a obra dos homens, mas ha muito que admirar na obra de Deus, que revela a sua omnipotencia na magestade da vegetação.»

A situação encantadora d'aquella floresta muitas vezes secular; a riqueza, variedade e pompa de seus arvoredos admiraveis; suas aguas abundantes e purissimas; um ar fino e saudavel, e sempre puro e fresco ainda nos mais intensos ardores do estio; o mosteiro humilde; recordações historicas e lendas curiosas e cheias de interesse: tudo concorre para fazer do Bussaco um logar delicioso e justamente celebrado.

Ante as scenas magnificas e galas esplendidas que a natureza alli ostenta, todos sentem as mais doces e gratas emoções.

Quem deixará de possuir-se de poetico enthusiasmo ao percorrer aquellas deleitosas avenidas tapetadas de musgo e toldadas por densissima ramagem, encontrando aqui um pinaculo escarpado e de belleza alpestre, alli uma fonte de aguas crystallinas e frigidissimas, além um regato aspergindo com aljofradas gottas as formosas plantas que o acobertam, mais longe uma devota ermidinha abraçada de heras e meio sumida na espessura do arvoredo?

Quem não sentirá enlevar-se-lhe o coração ao contemplar, da *Portaria de Coimbra*, da *Capella de Santo Antão*, do *Calvario* e da *Cruz Alta*, os quadros variadissimos, as magnificas paisagens que d'alli se descortinam em dilatados horisontes?

Bem se podem applicar ao Bussaco, e talvez com mais propriedade ainda, as formosas estancias com que o immortal Garrett celebrou as bellezas da serra de Cintra:

. . . .
Quem, descançado á fresca sombra tua,
Sonhou senão venturas? Quem, sentado
No musgo de tuas rocas escarpadas,
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por céos, por mares, por montanhas, prados,
Por quanto ha 'hi mais bello no universo,
Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sobre esquecidas penas, amarguras,
Ancias, labor da vida?...

E assim parece que é realmente dentro dos muros do Bussaco. «O mundo perde-se-nos lá em baixo n'um crepusculo de paixões que lhe encobrem o movimento e a vida. As azas da viração trazem apenas até nós um brando murmurio do seu tremendo bulicio. Sabemos que existe, porque a memoria nos diz que já assistimos áquelle labutar constante, que já fomos parte n'essa lucta porfiada, em que os affectos e os interesses se degladiam, atropelam e esmagam alternadamente. Mais nada. Quasi que se aniquila aqui o sentimento da actualidade. Vive-se pelo passado e pelo futuro. Ha só recordações e esperanças. Sentem-se saudades e aspirações» [1].

---

[1] F. A. de Rezende Junior.

Bussaco



La charmante et majestueuse forêt de Bussaco, admirée avec une si délicieuse extase par tous ceux qui la visitent est un précieux joyau enchâssé dans le sol du Portugal.

Pour renchérir ses dons quelques uns l'ont surnommée la Cintra du Nord, mais ce nom, d'après l'opinion de Moraes Soares, illustre redacteur de l'*Archivo Rural*, «ne fait qu'amoindrir ce que l'on prétend vanter et agrandir. À Cintra qu'y a-t-il à voir, si ce n'est l'embellissement fait par un prince de haute intelligence et d'ardent dévouement pour les choses du Portugal? À Bussaco, il est vrai que l'œuvre des hommes ne ressort pas, mais il y a beaucoup à admirer dans l'œuvre de Dieu qui révèle sa toute puissance dans la majesté de la végétation.»

La situation charmante de cette forêt plusieurs fois séculaire; la richesse, la variété, et la magnificence de ses arbres admirables; ses eaux si abondantes et pures; un air fin et vivifiant, toujours pur et frais, même lors des plus ardentes chaleurs de l'été; l'humble couvent; des souvenirs historiques et des légendes curieuses et pleines d'intérêt; tout se réunit pour rendre Bussaco un endroit délicieux et justement renommé.

Devant ces spectacles magnifiques et les splendides richesses étalées là par la nature, tout le monde ressent les plus douces émotions.

Quel est celui qui ne se sentira pas envahi du plus poétique enthousiasme en parcourant ces délicieuses allées tapissées de mousse et recouvertes d'une épaisse voûte de feuillage, trouvant, ici une petite colline escarpée et d'une beauté sauvage, là une fontaine d'une eau claire et des plus froides, ensuite un ruisseau qui arrose de ses gouttes perlées les belles plantes qui le bordent, plus loin une petite chapelle, pieuse, enlacée de lierre et à demi cachée dans l'épaisseur du bois?

Quel est celui qui ne sentira pas son âme s'élever en contemplant de la *Portaria de Coimbra*, de la *Chapelle de Santo Antão*, du *Calvario* ou de la *Cruz Alta*, les tableaux si variés, les magnifiques paysages que l'on découvre de là sur de si vastes horizons?

On peut bien appliquer au Bussaco et peut-être même avec plus de propriété, les belles stances avec lesquelles l'immortel Garrett a célébré les beautés des montagnes de Cintra:

. . . .
Quem, descançado á fresca sombra tua,
Sonhou senão venturas? Quem, sentado
No musgo de tuas rocas escarpadas,
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por céos, por mares, por montanhas, prados,
Por quanto ha 'hi mais bello no universo,
Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sobre esquecidas penas, amarguras,
Ancias, labor da vida?...

Et c'est ce qui nous semble réellement dans les murs du Bussaco. «Le monde se perd pour nous, là au fond, en un crépuscule de passions qui cachent sa vie et son mouvement. Les ailes de la brise nous apportent à peine un doux murmure de ses bruits terribles. Nous savons qu'ils existent parce que la mémoire nous rappèle que nous avons assisté à son labeur constant, que nous avons pris part à cette lutte à outrance où les affections et les intérêts se heurtent, se pressent et se brisent tour à tour. Rien de plus. Le sentiment de l'actualité s'anéantit presque ici. On vit par le passé et l'avenir. Il n'y a que des souvenirs et des espérances. On sent des regrets et des aspirations.» [1]

---

[1] F. A. de Rezende Junior.

*
* *

No segundo quartel do seculo XVII deliberára a provincia dos carmelitas descalços de Portugal fundar um *deserto,* onde, segundo as intenções da reforma da ordem, os seus religiosos podessem observar alternadamente a vida cenobitica e a eremitica. No anno de 1626 começou-se a intender na escolha de um logar adequeado para este fim. Vistos e examinados varios sitios, veiu a assentar-se em se fundar em Cintra, comquanto este local não agradasse completamente por varias circumstancias, sendo uma das mais ponderosas a proximidade de Lisboa, que fazia de Cintra «côrte na aldeia, povoado de quintas, conventos, paços reaes: o que tudo servia mais para casa de recreação e regalo, qual em seu retiro buscavam os reis e grandes de Portugal, que para casa de compunção, penitencia e soledade», como devia ser a que pretendiam erigir os carmelitas.

Quando com maior calor se tratava da fundação, aconteceu que indo fr. Angelo de S. Domingos, reitor do collegio dos carmelitas descalços de Coimbra, visitar o bispo d'esta cidade D. João Manoel, no decurso da pratica veiu a fallar-lhe no proposito, em que estava a provincia, de fundar uma casa de deserto; referiu-lhe que se haviam buscado varios logares, e que finalmente se approvára o de Cintra por mais apto para a fundação, apesar dos inconvenientes já apontados. Disse então o illustre prelado ao padre reitor: *Tenho eu na serra de Luso umas mattas e terras, a que chamam Bussaco: se ao padre provincial lhe parecera mandal-as vêr, e foram de seu agrado, dera-as eu de boa vontade á Religião, pelo interesse de ter no meu bispado um convento tão unico e observante. Avise o padre reitor ao padre provincial que as mande vêr, que poderá ser lhe sirvam e se evitem com maiores conveniencias os reboliços da serra de Cintra.* Agradeceu o padre reitor tão generoso offerecimento; e ao padre provincial, que andava na visita das casas do Minho, informou logo do que havia passado com o bispo conde.

Vindo o provincial de volta para Coimbra, passou por Aveiro e trouxe d'ahi em sua companhia o padre fr. Thomaz de S. Cyrillo, vigario que estava eleito para a fundação de Cintra, e com elle entrou no collegio de Coimbra no dia 28 de Agosto de 1626.

Ao mesmo tempo em que entre o padre reitor e o bispo se passava o que deixamos referido, andando dois religiosos carmelitas pelas cercanias da Mealhada e Vacariça, chegaram de noite á quinta de um João de Figueiredo, que os hospedou com a melhor vontade. Quando ceavam, cahiu a conversa sobre a fundação do deserto; e, inteirado do assumpto, o bom hospedeiro mostrou grande sentimento de não haver tido anteriormente essa noticia, porque, disse, inculcaria a serra de Luso, que achava muito accommodada para o designio.

No dia seguinte, incitados pelo que lhes dissera o aldeão, deliberaram-se os dois religiosos a visitar o logar indicado, e «subindo á serra, viram em Bussaco tanta variedade de arvores, abundancia de fontes, formosura de valles e eminencia de montes, que, além de summamente pagos do que viam, se admiraram por extremo de que benigna a soberana Providencia houvesse reservado para ermo de sua ordem aquelle sitio, que julgavam pela oitava maravilha do mundo.»

Volvendo ao collegio de Coimbra, ahi encontraram já o padre provincial, a quem referiram a visita que fizeram ao Bussaco, e quanto se achavam admirados e satisfeitos da sua aprazibilidade e conveniencias.

Ordenou então o provincial que no dia immediato fosse ao Bussaco o padre reitor com fr. Thomaz de S. Cyrillo e com o irmão Alberto da Virgem, architecto, a fim de averiguar se eram veridicas as informações que do logar lhe haviam dado os dois religiosos. Foram, e encontrando gostosos quanto se poderia querer e desejar para assento de uma casa de deserto, affirmaram ao provincial que, sem hyperbole, a realidade se avantajava á fama d'aquelle sitio.

Resolveu visital-o elle proprio, para certificar-se do que lhe diziam; e, indo ao Bussaco, taes conveniencias lhe achou, que aos mensageiros arguiu de acanhados e diminutos nas suas informações, dizendo: *Isto sim, que é proprio deserto! Pouco me disseram, e não acho palavras que declarem todo o bem que o Auctor da naturexa depositou n'este monte.*

Foi depois o padre geral com outros visitar tambem o Bussaco. «Entraram pelas densas mattas

*
* *

Pendant la deuxième moitié du XVIIme siècle la province des carmes déchaussés de Portugal résolut de fonder un *désert,* où, selon les intentions de réforme de l'ordre, les religieux pourraient observer tour-à-tour la vie de cénobite et d'ermite. L'année 1626 on commença à penser au choix d'un endroit approprié à ces fins. Après en avoir vu et examiné plusieurs, on prit la résolution de s'installer à Cintra, quoique cet endroit ne fut pas tout à fait propice pour diverses raisons, dont une des plus puissantes était le voisinage de Lisbonne qui faisait de Cintra «la cour au village, peuplée de propriétés, de couvents et de palais royaux: et qui était plutôt un lieu de plaisir et de jouissance où se retiraient les rois et les grands du royaume, qu'un site propre à une maison de retraite, de pénitence et de solitude» comme les carmélites prétendaient l'ériger.

Lorsqu'on s'occupait de cette fondation avec plus de chaleur, il arriva que Fr. Angelo de S. Domingos, recteur du collège des carmes déchaussés de Coimbra, alla visiter l'évêque de cette ville D. João Manuel et au cours de la conversation il vint à parler de l'intention, où était la province, de fonder une maison de *désert;* il lui raconta qu'on avait cherché plusieurs endroits et qu'on avait fini par choisir Cintra, malgré les inconvénients déjà signalés. Alors l'illustre prélât dit au père recteur: *J'ai dans les montagnes de Luso des forêts et des terres qu'on nomme Bussaco: si le père provincial veut les faire voir et si elles lui plaisent, je les donnerai volontiers à la Religion, pour l'intérêt d'avoir dans mon évêché un couvent si pieux et observant. Faites dire au père provincial qu'il envoie quelqu'un pour les visiter, elles lui serviront peut-être et on évitera ainsi avantageusement les remue-ménages de Cintra.* Le père recteur remercia une offre si généreuse et il informa aussitôt le père provincial, qui était en visite aux maisons du Minho, de tout ce qui s'était passé avec l'évêque Comte.

En revenant à Coimbra, le père provincial passa par Aveiro d'où il amena avec lui le père fr. Thomaz de S. Cyrillo, vicaire déjà élu pour la fondation de Cintra, et ils entrèrent au collège de Coimbra le 28 Août 1626.

Pendant que ceci se passait entre le père recteur et l'évêque, deux religieux carmélites passant aux environs de Mealhada et Vacariça arrivèrent un soir à la ferme d'un João de Figueiredo qui leur donna l'hospitalité avec la meilleure volonté. Au souper, la conversation tomba sur la fondation du désert; mis au courant de ce qui se passait, le bon hôte se montra peiné de ne pas avoir su plutôt cette nouvelle, parce qu'il aurait indiqué le mont de Luso qu'il trouvait très approprié à ce dessein.

Le lendemain, les deux religieux, encouragés par ce que leur avait dit le villageois, délibérèrent d'aller visiter l'endroit indiqué, et arrivés «au sommet de la montagne ils virent à Bussaco une telle variété d'arbres, une telle abondance de fontaines, une si grande beauté des vallées et des collines, que, bien récompensés par ce qu'ils avaient vu, ils s'étonnèrent que la généreuse et souveraine Providence eût réservé pour ermitage de leur ordre ce site qu'ils jugèrent la huitième merveille du monde.»

En retournant au collège de Coimbra ils y trouvèrent déjà le père provincial, auquel ils racontèrent la visite faite à Bussaco et combien ils avaient été charmés et étonnés de tant de merveilles et de tant d'avantages.

Le provincial ordonna alors que le lendemain, le père recteur avec fr. Thomaz de S. Cyrillo et le frère Alberto da Virgem, architecte, fussent à Bussaco afin de vérifier si les informations données par les deux religieux étaient véridiques. Ils y allèrent et trouvèrent avec plaisir que c'était tout ce qu'on pouvait désirer de mieux pour une maison de *désert,* et assurèrent au provincial que, sans exagération, la réalité était encore supérieure à la réputation de ce lieu.

Il resolût alors de le visiter lui-même pour s'assurer de ce qu'on lui disait, et il trouva Bussaco tellement convenable qu'il taxa les messagers de mesquins et peu enthousiastes dans leurs informations en disant: *Voilà enfin, ce qui est proprement le désert! Vous n'avez pas assez dit et je ne trouve pas de mots pour exprimer tout le bien que l'Auteur de la nature a déposé dans cette montagne.*

Ensuite le père général avec d'autres alla aussi visiter Bussaco. Ils entrèrent dans ces épaisses forêts peuplées d'arbres touffus, ils parcoururent les allées revêtues de plantes verdoyantes, ils se promenèrent par les plaines couvertes de fleurs odorantes, ils descendirent les vallées entrecoupées de clairs

povoadas de bastas arvores, discorreram as devezas vestidas de verdes plantas, passearam as campinas ornadas de cheirosas flôres, desceram aos valles retalhados de claras aguas, subiram aos montes coroados de apraziveis e dilatadas vistas; e tal graça achou o padre geral em quanto havia registado, que disse para os companheiros com devota alegria: *Aqui é vontade de Deus que se funde; murem este sitio, que têm n'elle o melhor deserto da Ordem. Porque, se agora inculto, rude e tosco, é o que admiramos, cultivado, será um paraiso terreal.»*

Dados os agradecimentos ao bispo-conde e acceito o seu offerecimento, tratou o antistite conimbricense de fazer lavrar em publica fórma o titulo de doação do Bussaco. Como, porém, não podia alhear esta propriedade sem que incorporasse nos bens da mitra mais util compensação, teve para isso de mandar proceder á louvação do Bussaco, o qual, observadas as solemnidades de direito, foi avaliado em *cento e oitenta mil reis* (!) *por ser infructifero e de pouco rendimento.*

Vencidas algumas contrariedades e embaraços que ainda se oppozeram á fundação, trataram logo os frades de edificar no centro da matta o seu mosteiro, havendo sido escolhidos para este effeito fr. Thomaz de S. Cyrillo, primeiro vigario, fr. João Baptista e Alberto da Virgem, architecto. Partiram de Aveiro em 29 de Junho de 1628, hospedaram-se em Luso, e a 25 de Julho lhes sobrevieram mais tres companheiros: fr. Antonio do Espirito Santo, fr. Bento dos Martyres, e o irmão Antonio das Chagas, official de alvenaria.

Lançaram a primeira pedra do mosteiro no dia 7 de Agosto de 1628 e proseguiram incansaveis na obra do edificio, por fórma que em 28 de Fevereiro de 1629 poderam adorar o SS. Sacramento na casa da livraria de que fizeram egreja provisoria, e no dia 19 de Março de 1630 se deu começo á vida regular da communidade [1].

Desde então os arvoredos, que já a esse tempo povoavam a deveza do Bussaco, foram accrescentados pela curiosidade dos frades, que se dedicavam á sua plantação com solicito empenho. Os priores do convento, por obrigação imposta nos estatutos ou constituições da ordem, mandavam todos os annos semear e plantar grande porção de arvores, que hoje nos causam tanta admiração por sua corpulencia e formosura. Por curiosa, transcrevemos a disposição das *Constituições* a este respeito:

Para que o sitio do Deserto seja sempre aprazivel, e apto para a oração, será obrigado o prior a pôr de novo cada anno arvorês silvestres: nem poderá cortar, nem arrancar alguma sem approvação do Capitulo Conventual, concorrendo ao menos para isso duas partes das tres dos votos [2].

Era tal o desvelo dos religiosos pela conservação e augmento da sua querida floresta, que, para obviar aos cortes e estragos que furtivamente se lhe faziam, alcançaram de Urbano VIII uma sentença de excommunhão maior, *ipso facto incurrenda,* contra quem violasse a clausura a fim de destroçar as suas arvores.

Ajudados grandemente por piedosos bemfeitores tiveram os religiosos os meios necessarios para obras de importancia com que passados não muitos annos se viu ennobrecido o seu deserto. A matta foi murada na circumferencia de quasi quatro kilometros, abriram-se extensas ruas, edificaram-se devotas ermidas e capellinhas, construiram-se vistosas fontes.

N'essas construcções, porém, fugiu-se propositadamente do luxo ou grandeza architectonica, seguindo-se um gosto especial, que consistia em harmonisar quanto possivel com as da natureza as obras da arte.

As edificações antigas do convento desappareceram pela maior parte, em virtude das obras modernas. Como na Pena, em Cintra, restam sómente o claustro e a egreja; aquelle, povoado de numerosas, mas terrificas pinturas de frades, as quaes cáem aos pedaços e não devem nada á arte; esta é bem digna de uma visita.

Os estatutos da ordem dos carmelitas descalços não admittiam nenhum fausto no culto e, portanto, nenhuma riqueza nas alfaias da egreja. Ha, todavia, aos lados do altar-mór, collocados em frente

[1] Para escrever o que deixamos dito da historia da fundação d'este deserto, servimo-nos do vol. II da *Chronica dos Carmelitas descalços* de fr. João do Sacramento, parte recopilando e resumindo, parte transcrevendo textualmente. As transcripções ficam indicadas por aspas e pelo typo italico.

[2] *Primeira parte das Constituições dos Carmelitas descalços da Congregação de Portugal,* pag. 288.

ruisseaux, et gravirent les montagnes couronnées de vastes et charmantes vues; et le père général trouva si beau tout ce qu'il avait vu, qu'il dit à ses compagnons avec une pieuse joie: *C'est ici que la volonté de Dieu veut que nous restions; murez cet endroit et vous aurez le meilleur désert de l'Ordre; parce que si nous l'admirons ainsi inculte, rude et sauvage, en le cultivant ce sera un paradis terrestre.*

L'offre acceptée et les remerciements faits à l'evêque comte, le prélat de Coimbra s'occupa de faire passer un acte légal du titre de donation du Bussaco. Mais comme il ne pouvait pas aliéner cette propriété sans faire rentrer dans les biens de l'évêché une valeur équivalente, il fallut pour cela procéder à l'évaluation du Bussaco, lequel après les cérémoines juridiques [1] fut porté à la somme de *cent quatre vingt mil reis* (!) *par qu'il était improductif et de mince revenu.*

Après avoir vaincu quelques contrariétés et quelques embarras, les moines s'occupèrent aussitôt d'édifier leur monastère au centre de la forêt, et on choisit pour cela fr. Thomaz de S. Cyrillo, premier vicaire, fr. João Baptista et Alberto da Virgem, architecte. Ils partirent d'Aveiro le 29 Juin 1628, s'installèrent à Luso et le 25 Juillet il leur arriva trois compagnons de plus: fr. Antonio do Espirito Santo, fr. Bento dos Martyres, et le frère Antonio das Chagas ouvrier en maçonnerie. Ils posèrent la première pierre du couvent le 7 Août 1628 et poursuivirent infatigables la construction de l'édifice, de manière que le 28 Fevrier 1629 ils purent adorer le Très Saint Sacrement dans la bibliothèque dont ils firent une église provisoire, et le 19 Mars 1630 on commença la vie régulière de la Communauté [2].

Dès lors les arbres, qui peuplaient déjà la forêt du Bussaco furent augmentés par les moines, qui se dévouèrent avec ardeur à leur plantation. Les prieurs du couvent, par une obligation imposée dans les constitutions de l'Ordre, faisaient tous les ans semer et planter une grande quantité d'arbres qui nous causent aujourd'hui tant d'admiration pour leur puissance et leur beauté. À titre de curiosité nous transcrivons la disposition des *Constitutions* à ce sujet:

Pour que l'endroit du Désert soit toujours agréable et propre à la prière, le prieur sera obligé de planter chaque année des arbres rustiques; il ne pourra en détruire ni arracher aucun sans l'approbation du Chapitre Conventuel, à condition qu'il y aura pour cela, au moins deux votes sur trois [2].

Les soins des religieux pour la conservation et l'augmentation de leur chère forêt étaient tels, que pour eviter les dégâts qu'on leur faisait furtivement, ils obtinrent d'Urbain VIII une sentence d'excommunication majeure *ipso facto incurrenda,* contre ceux qui violeraient leur domaine afin d'en détruire les arbres.

Puissamment aidés par de pieux bienfaiteurs, les religieux eurent les moyens nécessaires pour des travaux plus importants qui après quelques années embellirent leur désert. La forêt fût murée sur un pourtour de presque quatre kilomètres, on ouvrit de longues allées, on édifia de pieuses petites chapelles et de jolies fontaines.

Cependant, dans toutes ces constructions on mît intentionnellement de côté tout ce qui pourrait sembler du luxe ou grandeur architecturale suivant un goût spécial qui consistait à mettre en harmonie autant que possible les œuvres d'art et celles de la nature.

Les anciennes édifications du couvent ont disparu en grande partie, à cause des travaux récents. De même à Cintra, à la Pena, il ne reste que le cloître et l'église.

Les statuts de l'Ordre des Carmes déchaussés n'admettaient aucune pompe dans leur culte et partant, aucune richesse dans les ornements de l'église. Cependant aux côtés du maitre-autel on voit les bustes de St Pierre et Sainte Marie Madeleine, placés en face l'un de l'autre, ce sont deux véritables bijoux artistiques qui, d'après une vague tradition, étaient venus de Rome. Sous le pavé du chœur gît l'évêque comte D. João de Mello, grand bienfaiteur du Bussaco, mort en 1704; et dans une chapelle proche de l'église il faut remarquer une toile de l'insigne peintre Josepha de Ayalla, ou d'Obidos, signée et datée de 1664.

[1] Pour écrire ce que nous avons dit à propos de l'histoire de la fondation de ce désert, nous nous sommes servis du 2me vol. de la *Chronique des Carmes déchaussés* de fr. João do Sacramento, compilant et résumant une partie et transcrivant textuellement d'autres. Les transcriptions sont indiquées par des guillemets et par les caractères italiques.

[2] *Première partie des Constitutions des Carmes déchaussés de la Congrégation de Portugal,* pag. 288.

um do outro, os bustos em cera (sob vidro) de S. Pedro e Santa Maria Magdalena, verdadeiros primores d'arte que, segundo uma vaga tradição, vieram de Roma. No pavimento do côro jaz o bispo-conde D. João de Mello, grande bemfeitor do Bussaco, fallecido em 1704; e n'uma capella annexa á egreja é digna de vêr-se uma tela da notavel pintora Josepha de Ayalla, ou de Obidos, assignada e com data (1664).

O estylo usado nas obras do Bussaco é descripto com muita propriedade pelo chronista da ordem n'estas palavras: «Contêm Bussaco na dilatada circumferencia do seu recinto grandeza sem fausto, sumptuosidade sem opulencia, magnificencia sem luxo, perspectiva sem invenção, e composição sem adorno. Porque nús de toda a gala, enfeite ou brinco, estudaram seus fundadores n'esta, que por ventura acredita a fama por obra grande, occultar no tosco das cortiças o lavor das madeiras, no rude dos embrexados o polido das pedras e paredes, para que a symetria material se proporcionasse com a espiritual da profissão eremitica, melhor achada no sylvestre das arvores, e inculto das brenhas, que nos primores do artificio, e pundonores da arte.» [1]

Este gosto peculiar das construcções do Bussaco deixa-se vêr de modo bem sensivel na *Portaria da matta* (denominada tambem *Portas de Coimbra*) e nos tres arcos que formam o frontispicio do humilde *Mosteiro*, objectos, representados em duas das estampas que acompanham este numero da *Arte e a Natureza em Portugal*. As cantarias são apparelhadas a picão e apenas têm alguns frisos de escopro e, como ornamentação, acompanha-as um embrexado ou mosaico formado de escorias negras de ferro alternadas com fragmentos de quartzo branco.

As estampas que offerecemos ao leitor dão uma ideia de alguns dos pontos mais celebrados do Bussaco e das obras antigas, mais caracteristicas.

A porta de Coimbra era antigamente a entrada official, por assim dizer, da matta. Alli se esperava pela licença para penetrar na cêrca. A vista que se abrange do terrapleno é vasta e bellissima. Infelizmente, os frondosos freixos que espalhavam fresca sombra em torno, vão seccando pouco a pouco. Sob o ponto de vista da arte observa o visitante na portaria, desde logo, o curioso trabalho de *embrexado*, a que já alludimos, e que é o unico lavor decorativo inventado pelos frades, mui proprio do logar, quando applicado com criterio. Na estampa, que representa a entrada do mosteiro com triplice arcada, já se nota excesso de ornatos; os lineamentos modernos dos lances do muro, podendo e devendo ser simples, mas variados e caracteristicos, apenas denotam pobreza de ideias, invenção infantil e cansam a vista pela repetição dos mesmos motivos.

A *Rua dos Cedros*, ou Avenida do mosteiro é a via que estabelece a ligação entre o convento e a porta de Coimbra; os cedros que a orlam são dos mais bellos pela grandeza, regularidade e vigor da sua vegetação. A arvore, chamada no Bussaco *cedro*, por quasi todos os visitantes é, propriamente fallando, um *cypreste* (*cupressus glauca*).

O desenho da *Fonte fria*, com seu escadorio, soffreu por differentes vezes alterações importantes, tantas e tão repetidas foram as reclamações do publico que nunca se affeiçoou a essa pesada e pretenciosa obra, feita sem nenhuma graça, mas que ficou muito cara.

Da notavel riqueza florestal e de varios assumptos do Bussaco terá de occupar-se n'outros numeros a *Arte e a Natureza em Portugal*, visto como no presente escasseia o espaço para o seu desenvolvimento.

Coimbra — Maio de 1905.

A. M. Simões de Castro.

[1] *Chronica dos Carmelitas descalços*, por fr. João do Sacramento, tom. II, liv. XIV, cap. XVII.

Le style employé dans les travaux de Bussaco est décrit avec beaucoup de propriété par le chroniqueur de l'Ordre qui s'exprime ainsi: «Bussaco contient dans la vaste circonférence de son enceinte, de la grandeur sans faste, de la somptuosité sans opulence, de la magnificence sans luxe, de la perspective sans invention et de la composition sans ornements. Parce que dépouillés de tout ornement mondain, ses fondateurs y ont étudié que peut-être leur œuvre sera plus grandiose, en cachant sous l'écorce rude le travail du bois, et sous la grossière rocaille la polissure des pierres et des murs, afin que la symétrie matérielle soit d'accord avec l'état spirituel de la profession d'ermite, plus justement placée parmi les arbres sauvages et les buissons incultes, qu'au milieu des artifices et des primeurs de l'art [1].

Ce goût particulier des constructions de Bussaco s'aperçoit bien sensiblement sur la *Portaria da matta* (nommée aussi *Portas de Coimbra*) et sur les trois arceaux qui forment le portique de l'humble monastère, et que l'on voit représentés sur deux gravures qui accompagnent ce numéro de l'*Arte e a Natureza em Portugal*.

Les pierres sont travaillées grossièrement et ont à peine quelques bordures faites au ciseau; l'ornementation consiste en une mosaïque en rocaille formée de scories noires de fer, avec des fragments de quartz blanc.

Les gravures que nous présentons au lecteur donnent bien l'idée de quelques endroits plus renommés du Bussaco et des travaux anciens les plus caractéristiques.

Les portes de Coimbra étaient autrefois l'entrée officielle, pour ainsi dire, de la forêt.

C'était là qu'on attendait la permission pour pénétrer dans l'enclos. La vue qu'on aperçoit du terre-plein est vaste et admirable. Malheureusement les beaux frênes qui répandaient alentour leur frais ombrage, se dessèchent peu à peu. Au point de vue de l'art, le visiteur observe aussitôt, dans l'entrée principale le curieux travail de rocaille dont nous avons déjà parlé, et qui fut le seul ouvrage décoratif inventé par les moines, très approprié à l'endroit, lorsqu'on l'applique avec sobriété. Dans la gravure qui représente l'entrée du monastère avec sa triple arcade, on remarque déjà un excès d'ornements; les lignes modernes des pans de murs, pouvant et devant être simples, quoique variées et caractéristique, ne dénoncent qu'une pauvreté d'idées, une naïveté enfantine et fatiguent la vue par la répétition des mêmes motifs.

La *Rue des Cèdres* ou avenue du monastère est la route qui relie le couvent aux portes de Coimbra; les cèdres qui la bordent sont de la plus grande beauté par leur grandeur, leur régularité et l'opulence de leur végétation. L'arbre, nommé *cèdre*, à Bussaco, par presque tous les visiteurs est, avec plus de propriété, un *cyprès* (*cupressus glauca*).

Le dessin de la *Fonte fria* avec son escalier, a souffert souvent d'importantes altérations, après beaucoup de reclamations du public, qui n'a jamais aimé cet ouvrage lourd et prétentieux, fait sans aucun charme et qui a côuté de fortes sommes.

L'espace nous manque ici pour nous occuper de l'admirable richesse forestière et d'autres détails du Bussaco, dont nous parlerons en d'autres numéros de l'*Arte e a Naturexa em Portugal*.

Coimbra — Mai 1905.

A. M. Simões de Castro.

[1] *Chronique des Carmes dechaussés*, par fr. João do Sacramento, tom. II, liv. XIV, chap. XVII.

Eira e adega no Alemtejo



A eira onde se debulha o cereal, a adega onde se guarda o vinho apparecem agora n'esta publicação, dando um aspecto especial na vida alemtejana.

As photographias que tenho á vista mostram o povo trabalhador na faina da eira, ao calor do sol, na luz intensa do estio; e a fresca adega de colossal ceramica, no silencio e na meia luz, onde serenamente fermentam, se clarificam e envelhecem os vinhos. Não vou entrar nas grandes questões que agitam agora mesmo a economia do paiz, trigos e vinhos; attendo apenas a duas feições da vida agricola; a divina Céres e o padre Baccho não conheceram syndicatos nem companhias. É o santo trabalho agricola:

> Ó vida dos lavradores
> Se elles conhecessem bem
> As avantagens que tem
> Aquelles santos suores
> Que santamente os mantem.
>
> (Sá de Miranda, *Epist. ao Senhor de Basto*).

É o trigo e o vinho que chegam ao altar no mais alto do symbolismo christão, como a espiga e a vinha se combinam tantas vezes na arte. Porque o trigo e o vinho têm importancia social, são bases de civilisação n'uma grande parte da historia humana. Tanto o trigo como a vinha dão que fazer a muita gente, espalham salarios frequentes vezes no anno, produzem vida e alegria. Porque estes trabalhos do campo têm o seu ar de festa; que nobre que é o lavrador rasgando a terra, rodeado do bando de finas alveloas, o semeador espalhando o grão em arcos dourados, a vindima n'um descante pegado.

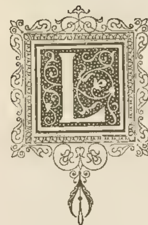
O terreno inculto é o inimigo, o grande atrazo; é preciso roçar matto, desbravar os cerros de esteval; vão acabar as terras más, a adubação as tornará aproveitaveis. Os interesses augmentam, a população cresce; d'aqui a trinta annos poderá haver em Portugal oito milhões de habitantes. É preciso proteger a agricultura, fortalecer-lhe o braço, e illuminar-lhe a alma. Pobre agricola alemtejano tão esquecido nos isolados *montes*, nas suas aldeias e villas brancas de cal! Por varios motivos, no actual momento, pensadores, moralistas, estadistas de olhar penetrante fallam de protecção á gente dos campos.

O camponio entra na revolução sideral, saturado de natureza, e na ideia, no habito da lei. A vida d'elle é rithmica, variando com os tempos; não é monotona. O operario rural tem grande melhoria no seu modo de viver, porque trabalha ao ar livre, e lida com sêres vivos, animados; vive e está a vêr a vida; o operario da cidade, da fabrica, da officina, trabalha *dentro*, em espaço limitado, e trata de coisas brutas, mortas, metaes, ou madeiras, em cheia monotonia. Na cidade ha o luxo e a luxuria, o roçar difficil de categorias, os vicios tentadores, a reacção contra a lei. A ideia de patria é natural no campo, é instinctiva, nasce da terra; na cidade não é; como terá idéa de patria um sujeito que mora em tal andar do numero tantos de certa rua?

Assim na vida do rural vê-se moralidade, intelligencia, variedade. A grande officina com a especialisação de trabalhos, leva á inutilidade nervosa, á bestificação. O rural tem esperança; o agricultor espera sempre; espera o sol, ou a chuva, a colheita e a cria; o pobre da cidade vê sempre a monotona fatalidade; é um instrumento, um appendice da machina. Logicamente o rural tendo o gosto da *terra*, deseja possuir terreno, ter onde cair morto; é a sua grande ambição ser proprietario ainda que seja da pequena comella, ou do casebre com seu apertado quinchoso. A propriedade é uma honra, aqui, e, creio, que em toda a parte. Já um poeta, Pomairols me parece, escreveu:

> C'est un très grand honneur de posséder un champ,
> Soit riche, soit stérile, en plaine ou bien penchant,
> Une part, en tout cas, de l'immense nature.

Aire et cave dans l'Alemtejo



L'aire où l'on bat le grain, la cave où l'on garde le vin paraissent aujourd'hui dans cette publication, donnant un aspect spécial de la vie de l'Alemtejo.

Les photographies que j'ai sous les yeux montrent bien le peuple travaillant au labeur de l'aire, sous l'ardent soleil et la lumière intense de l'été, et la cave fraiche en faïences colossales pleine de silence et d'ombre où les vins fermentent, se clarifient et vieillissent. Je n'aborderai pas les graves questions qui, à ce moment même, agitent l'économie du pays — les blés et les vins, je m'occuperai à peine de deux traits de la vie agricole; la divine Cérès et le père Bacchus ne connurent ni compagnies, ni syndicats. C'est le saint travail agricole.

> Ó vie des laboureurs
> S'ils connaissaient bien
> les avantages que donnent
> ces saintes sueurs
> qui les maintiennent saintement.

Le blé et le vin arrivent sur l'autel sous la forme la plus élevée du symbolisme chrétien, comme la vigne et les épis se mélangent si souvent dans les arts; le blé et le vin ont une importance sociale, ils sont les bases de la civilisation, dans une grande partie de l'histoire humaine; l'un et l'autre donnent de l'ouvrage à beaucoup de monde, ils répandent des salaires plusieurs fois dans l'année et produisent la vie et la joie; ces travailleurs des champs ont un air de fête, et comme ils sont nobles, en déchirant le sein de la terre, entourés de bandes de hoches-queues, semant le grain en courbes dorées, vendangeant au son des continuelles chansons!

Le terrain inculte est l'ennemi du progrès; il faut couper les bois, défricher les monts des mauvaises herbes; en finir avec les mauvaises terres que le labourage rendra profitables; les intérêts augmentent, la population croît, dans trente ans le Portugal pourra compter huit millions d'habitants. Il faut protéger l'agriculture, fortifier son bras, éclairer son esprit. Actuellement et pour diverses raisons, penseurs, moralistes et hommes d'état aux vues pénétrantes, tous parlent de protection au peuple des campagnes, mais qu'il est pauvre, l'agriculteur de l'Alemtejo, si oublié, dans ses monts solitaires, dans ses villages et dans ses hameaux blanchis à la chaux!

Le campagnard entre dans l'évolution sidérale, saturé de nature, et dans son idée, réglé par la loi. Sa vie est rythmée, variable selon les temps, mais jamais monotone. L'ouvrier rural bénéficie dans sa manière de vivre, parce qu'il travaille au grand air, fraie avec des êtres vivants et animés; il vît et voit la vie; l'ouvrier de la ville, de la fabrique ou de l'atelier travaille *au dedans*, dans un espace restreint et s'occupe de choses brutes, inertes, des métaux, du bois, en pleine monotonie. Dans les villes il y a le luxe et la luxure, le frottement difficile des classes, les vices qui tentent, la réaction contre la loi. L'idée de patrie est instinctive et naturelle, dans les campagnes, elle naît de la terre; comment la moindre pensée patriotique peut-elle venir à l'individu qui demeure, dans une rue quelconque, perché à un étage de tel numéro?!

Ainsi dans la vie rurale on observe de la moralité, de l'intelligence et de la variété. Le grand atelier avec les travaux spécialisés, conduit à l'inutilité nerveuse, à l'hébêtement. Le campagnard espère, l'agriculteur attend toujours, le soleil, la pluie, la récolte ou les produits animaux; le pauvre citadin voit constamment la fatalité monotone; il est un instrument, un appendice de la machine. Logiquement le rural prenant goût à la *terre*, désire posséder du terrain à lui; sa grande ambition est d'être propriétaire d'un petit lopin de terre, ou de la chaumière avec son petit enclos. La propriété est un honneur ici, et, partout, je le pense. Même un poète, Pomairols, il me semble, a écrit:

> C'est un très grand honneur de posséder un champ,
> Soit riche, soit stérile, en plaine ou bien penchant,
> Une part, en tout cas, de l'immense nature.

O rural faz gymnastica ao ar livre, em rapaz trepa ás arvores, guarda ovelhas ou rebanhos, ás corridas pelos outeiros; é alguem, um chefe, commanda e dirige; o rapaz da cidade respira no máo ar, em estreito casebre; pobres creaturas as creanças dos pobres nas cidades. Pelas questões de moral social, ordem, hygiene, riqueza ha actualmente certo movimento a favor dos campos. Para o caso do operario fabricante o desejavel é a transformação do trabalho da fabrica em occupação caseira; o que póde ter como resultado o lavor individual, com cunho pessoal, campo aberto para variar, estilisar e inventar.

O campo no Alemtejo tem horizontes largos; não offerece varzeas dilatadas, grandes extensões planas, mas o terreno brandamente ondulado deixa largueza á vista. Grandes manchas de montados ou florestas de azinheiras e sobreiros molduram terras de pão ou pastagem; ainda bastantes terrenos incultos por onde vagueiam rebanhos de cabras. O arvoredo do montado tem um tom verde escuro, atirando para pardacento, mais severo que viçoso. A redor dos povoados grandes olivaes, vinhedos, alguns hortejos e pomares. Nas grandes propriedades, as herdades, ha o *monte,* a casa de habitação do lavrador, proprietario, rendeiro ou feitor, com as suas dependencias e officinas.

N'uma lavoura mediana ha dezenas de homens a trabalhar, permanentes e eventuaes, abegões, carreiros, manageiros, creados, jornaleiros e a malta. As mulheres trabalham em arranjos domesticos, na amassaria, nas roupas, na cozinha. Ha grande differença nos costumes das populações ruraes do paiz.

O rural do Alemtejo usa chapéo de larga aba, jaqueta, safões de couro sobre a calça, borzeguins e sapatos fortes. Alguns trazem pelicas ou casacos de pelle de carneiro. Usam gabão e grandes mantas de lã, formadas de dois pannos cosidos com uma abertura no meio da costura.

Um grande typo que merece estudo é o pastor, que passa a vida com o seu rebanho, isolado na vasta campina. Este não tem o espectaculo das montanhas, como o da Estrella ou do Suajo, com as suas gradações de luz, os nevoeiros pegados aos dorsos arrelvados, rastejando brandos ou rasgados pela ventaneira, vistas que excitam a phantasia. Tem outra coisa mais solemne, a trovoada na charneca, implacavel, onde tudo parece estalar e tremer, quando giestas e estevas se tornam phosphorescentes; o negro bulcão abrindo-se em relampagos e coriscos, atroando tudo com o estampido do trovão; parece que o chão se abre no estourar medonho, e vê-se de subito a azinheira numa grande chamma.

O pastor traz comsigo o seu cajado, o seu alforje, o tarro de cortiça, um chifre com sal e azeitonas, e uma flauta. É musico, poeta e esculptor. Faz colheres de pau, ou caixas, com lavores abertos e embutidos; ás vezes esculpe tambem no chifre e na cortiça, com a sua navalhinha de pataco. Faz versos, ou se os não faz sabe-os de cór. Alguns são cantadores. Se é um isolado absoluto toca na flauta tres ou quatro motivos; se alguma vez foi á feira e ouviu uns cegos ou algum theatrinho, elle fixa uns compassos e arranja suas variações. Em geral é alegre, por vezes tende para satyrico.

Que esta gente do campo diverte-se; dançam, fazem bailaricos rijos; os velhotes á noite junto da cheminé, de lareira baixa, jogam a bisca; ha desgarradas entre cantores; se não ha theatro ha bonecos de Santo Aleixo; dizem versos; não falta a má lingua para accender cavaqueiras; e conversam muito a respeito dos casos das eleições, dos votos, das festas religiosas, e principalmente das riquezas, das grandes herdades, das muitas cabeças de gado. Vivem sem instrucção rudimentar, sem protecção social.

O parocho habita na villa ou na cidade. O proprietario fugiu do campo e aborrece-se na vida apagada e commoda.

Ha differenças entre o rural alemtejano e o do Ribatejo; ainda maiores com o algarvio e o da Estremadura; no corpo, nos usos, nas casas, no vestuario, na alimentação. Come assorda e migas, não conhece o caldo verde; é asseiado; usa meias e sapatos. É calçado e anda a cavallo. Um viajante estrangeiro nota em suas observações que em Portugal o povo calçado anda a cavallo, e o descalço a pé.

Isto de pé coberto ou descoberto não me parece bom elemento ethnographico; é um habito, e mau habito; é talvez consequencia da falta de calçado barato. Em Hespanha quasi que desappareceu já a gente descalça.

O alemtejano é mourisco, gódo, romano? nada d'isso me parece.

Soffreu a influencia latina, a arabe, mas o typo é mais remoto; aquelle vestuario de pelles é muito velho; conserva costumes de que Estrabão teve conhecimento. Deve ser de fundo antigo. É religioso, a seu modo; leva os gados a benzer, gosta de festas com foguetes e musica, mas não paga o bôlo ao padre, nem compra a bulla, como faz o rural do paiz do caldo verde. São poucas as bellezas femininas,

Le paysan fait de la gymnastique au grand air; gamin, il grimpe aux arbres, garde des brebis ou des troupeaux en courant sur les coteaux; il est quelqu'un, c'est un chef qui dirige et commande; le gamin de la ville respire un mauvais air dans une étroite masure, et quelles pauvres créatures, que les enfants pauvres des villes! Les affaires de morale sociale, d'ordre, d'hygiène et de richesse produisent actuellement un certain mouvement en faveur des campagnards.

L'ouvrier fabricant désire surtout travailler à domicile, ce qui peut avoir comme résultat le travail individuel, avec un cachet personnel, un champ ouvert à la variété, au style et à l'invention.

La campagne de l'Atemtejo a de vastes horisons; elle ne présente pas de larges plaines, de grandes étendues plates, mais le terrain doucement ondulé laisse s'épancher la vue. De grandes taches de chênaies, des bois de chênes-lièges et d'yeuses bordent les champs de blé et les pâturages; il y a encore beaucoup de terrains incultes où rôdent des troupeaux de chèvres. Les arbres ont une teinte vert sombre, tirant sur le grisâtre, d'un ton plus sevère que verdoyant. Alentour des hameaux on voit de beaux oliviers, des vignes, des vergers et des potagers. Dans les grandes propriétés ou fermes il y a le *mont,* la maison d'habitation du propriétaire agriculteur, du fermier ou intendant, avec ses ateliers et ses dépendances.

Une ferme moyenne fait travailler des dizaines d'hommes, fixes ou éventuels, des bouviers, des charretiers, des *manageiros,* des domestiques, des ouvriers et la bande des travailleurs. Les femmes s'occupent des travaux domestiques, du fournil, de la lingerie et de la cuisine. Les coutumes des populations rurales du pays diffèrent beaucoup.

Les paysans de l'Alemtejo portent le chapeau à larges bords, la veste, les houseaux de cuir sur le pantalon, les bottes et les gros souliers. Quelques-uns se couvrent de pelisses et de vestes en peau de mouton. Ils mettent des cabans et de grandes couvertures de laine, faites de deux lés cousus, avec une ouverture pour passer la tête.

Le pâtre qui passe la vie avec son troupeau, isolé sur la vaste plaine, est un type qui mérite d'être étudié. Il n'a pas le spectacle des montagnes, comme celles de Estrella ou Suajo, avec leur décor de lumière, les brumes collées aux flancs gazonnés, doucement traînantes ou déchirées par le vent, ni aucunes vues qui puissent exciter sa fantaisie.

Il a cependant quelque chose de plus solennel, la tempête implacable dans la lande stérile, où tout semble trembler et éclater, où l'on voit les genêts et les bruyères devenir phosphorescents; le nuage noir s'ouvre plein d'éclairs et de foudre, étourdissant tout avec l'éclat du tonnerre; on dirait que le sol s'ouvre dans l'horrible fracas et on voit subitement la chênaie dans une immense flamme.

Le pâtre apporte toujours sa houlette, son bissac, l'écuelle en liège, une corne avec du sel et des olives et une flûte. Il est musicien, poète et sculpteur. Il fait des cuillères de bois, des boîtes avec des dessins ajourés et incrustés; parfois il sculpte aussi la corne et le liège avec son canif de quatre sous.

Il fait des vers, ou s'il n'en fait pas, il les sait par cœur. Quelquefois il est chanteur. S'il est un être absolument isolé, il joue trois on quatre airs sur sa flûte; si parfois il a été à la foire et a entendu des aveugles ou a été à un petit théatre, il retient quelques mesures et compose ses variations. Il est ordinairement enjoué, et parfois satyrique.

Ces gens de la campagne s'amusent; ils dansent à qui mieux mieux; les vieux se réunissent le soir près de la cheminée à l'âtre bas, et jouent aux cartes; on chante, on fait jouer des marionnettes de Santo Aleixo s'il n'y a pas de théatre, on dit des vers et la médisance ne manque pas pour égayer la conversation; on cause beaucoup à propos d'élections, de votes, de cérémonies religieuses et surtout des richesses, des grandes propriétés, du beau nombre de troupeaux, et l'on vit sans instruction rudimentaire, sans protection sociale.

Le curé habite le bourg ou la ville, le propriétaire a déserté la campagne, ennuyé de cette vie éteinte et commode.

On remarque des différences entre le paysan de l'Alemtejo et celui du Ribatejo, elles sont encore plus sensibles avec celui de l'Algarve et de l'Estremadura; sur leur apparence physique, leurs mœurs, leurs habitations, leurs vêtements et leur nourriture. Le campagnard de l'Alemtejo mange de la bouillabaisse, de la soupe à l'huile et ne connait pas le bouillon aux herbes; il est propre et porte des bas et des souliers, ce qui ne l'empêche pas d'aller presque toujours à cheval. Un voyageur étranger a fait la remarque, qu'en Portugal le peuple chaussé va à cheval, et celui qui est pieds nus va à pied.

Em certas freguezias do norte são frequentes as moças de boas fórmas e agradavel parecer; são raras no Alemtejo, mas ha bellezas estranhas, inesperadas, de fina tez, de lindos olhos, de feições mimosas; duram pouco; desabrocha aquella flôr em poucos annos e fana-se após o casamento. Não vejo parallelismo entre caras bonitas do Alemtejo e as extremenhas ou andaluzas tão proximas. São mais raras e mais preciosas, as alemtejanas; mas sendo raras e durando pouco será muitas vezes difficil encontrar alguma. Eu tive occasião de viajar com uns estrangeiros pelos campos do Alemtejo, que ficaram surprehendidos com duas carinhas que topamos; origem phenicia, evidentemente, dizia um d'elles, sabio um tanto enthusiasta, ao vêr a delicada creatura, de finas extremidades, suaves feições, grandes olhos escuros, ondeados cabellos castanhos, que, poucos annos depois, vi reduzida a uma pobre mulher de pelle encarquilhada e amarellecida.

. . . .

Duas estampas apresentam-nos eiras na labuta da debulha. Uma d'ellas tem ao fundo arvoredos sobre que apparecem altos de casaria, um edificio piramidal, a arcada de um aqueducto; é o zimborio da sé d'Evora, é um trecho do aqueducto de D. João III. No primeiro plano está a eira, o calcadouro; o trilho com a parelha de muares, os achegadores com as suas forquilhas, e uma carrada de palha na sua rede. É um quadro esta photographia, e um documento com valor ethnographico.

Na estampa onde se vê a debulhadora o grupo de gente de trabalho está muito bem disposto e apanhado, o grupo central, o carro de bois, o carreiro na frente, n'uma luz linda, de grande relevo, mostra bem os typos da região; os chapéos escuros de grande abas, os lenços ao pescoço por causa da transpiração. Corpos fortes e ageis, bem proporcionados. Os bois são de raça alemtejana, pêllo avermelhado, ossatura grossa, armação muito grande e aberta.

Está a carreta dos bois, e o carro das mullas, com as redes de esparto para transporte da palha. N'uma das estampas vê-se a carrada de palha já completa, formando grandes seios, disposição esta para evitar o contacto com as rodas. Ha especialistas em arrumar palha, como em fazer fascaes, armar lenha, ou abrir regos com a charrua. Nos arredores de Lisboa tenho visto saloios armando com certa arte as carradas de tojo, e enfeitando-as com ramos verdes nos cantos.

No Alemtejo a alfaia agricola está a transformar-se; é notavel mesmo, attendendo á modestia da nossa vida economica, o muito que nos ultimos annos se tem dispendido na acquisição de material agricola, e no augmento das culturas. E todavia ainda importamos muito trigo, e fava, e arroz.

É bem antiga a necessidade da importação; trigos do sul da Russia e de Marrocos vieram em tempos volvidos abastecer Portugal, depois veio a invasão dos palhinhas da America. Agora trabalha-se por evitar a importação do trigo que é exportação de ouro. E alguns já receiam que possa haver excesso de producção. No Alemtejo, outr'ora, conservava-se o trigo em silos ou covas de ter pão, na phrase usada em velhos documentos; frequentemente apparecem essas cavidades, ou grandes talhas subterraneas, quando fazem escavações para canos ou alicerces. É singular como cahiram em desuso tão rapidamente.

. . . .

Uma das estampas representa o interior de uma adega com sua louça e utensilios, pipas e pipos, funis e cantaros, alguidar, e a bilha de barro a que serve de tampa o competente pucaro; ao longo da parede as bojudas talhas.

A adega é de abobada de tijolo ligado com argamassa de cal d'obra com areia. A cal tem um tom pardo claro, o tijolo é vermelho escurecido, assim como as grandes talhas; é fraca a luz, fresco o ar; brilham só os funis de lata. Porque as paredes não estão rebocadas vê-se bem o systema de construcção seguido pelo pedreiro eborense, a maneira de collocar os tijolos nas pilastras, nos arcos, nos fechos da abobada. É sabida de ha muito a destreza do operario eborense em trabalhos d'este genero; tem a ousadia de fazer abobadilhas de volta muito abatida e ligeira, com os tijolos argamassados pelos lados menores. Ergue as abobadas de berço ou barrete sobre quaesquer bases rectas ou curvas, marcando eixos, alturas e desvios com uma geometria rudimentar mas segura, servindo-se de dois ou tres cordeis. O tijolo é muito poroso e a cal de grande força.

Ainda se fabricam talhas de barro, bem que vae dominando por toda a parte a vasilha, ás vezes enorme, de madeira.

Eu vi, ha bastantes annos, fabricar uma talha na villa de Reguengos. Sobre uma forte roda de

Le cas d'être chaussé ou déchaussé ne me semble pas un important élément ethnographique; c'est une habitude et assez mauvaise, peut-être dûe à la cherté des chaussures. En Espagne on ne voit presque plus de gens pieds nus.

Le paysan de l'Alemtejo est-il maure, goth, ou romain? il ne me semble rien de cela.

Il a souffert l'influence latine, l'arabe, mais le type est plus ancien; ce vêtement de peau aussi, et il conserve des coutumes du temps de Strabon.

Son origine doit être très reculée; il est religieux à sa manière, fait bénir ses troupeaux, aime les fêtes à musique et feux d'artifice, mais il ne paie pas l'obole au prêtre, et n'achète pas sa bulle, comme fait le rural du pays du bouillon aux herbes. Les beautés féminines sont rares; tandis que dans des hameaux du nord on voit souvent de belles filles à la mine agréable, on n'en aperçoit presque pas dans l'Alemtejo, mais on trouve des beautés étranges, et inattendues, aux traits délicats, avec des yeux admirables et la peau fine; elles durent peu; ce sont des fleurs qui s'épanouissent en peu de temps mais que le mariage fane aussitôt. Je ne vois pas de comparaison entre les jolis visages de l'Alemtejo et ceux de l'Extremadure ou de l'Andalousie, si rapprochés. Les beautés de l'Alemtejo sont plus rares et plus précieuses et justement pour celà et parcequ'elles durent peu, il est très difficile d'en trouver. Voyageant un jour avec des étrangers dans la campagne de l'Alemtejo nous fûmes surpris de deux gentils minois que nous rencontrâmes; un de mes compagnons, savant assez enthousiaste, attribuait une origine phénicienne à cette créature délicate, aux extrémités fines, aux traits doux, aux grands yeux foncés et aux chevaux châtains ondulés, que, quelques années après, je retrouvais réduite à une pauvre femme à la peau ridée et jaunâtre.

. . . .

Deux gravures nous montrent des aires dans le travail du battage. Au fond de l'une on voit des arbres au dessus desquels paraissent les sommets de hautes maisons, un édifice pyramidal, l'arcade d'un aqueduc; c'est le dôme de la cathédrale d'Evora et une partie de l'aqueduc de D. João III. Au premier plan se trouve l'aire, l'airée, le rouleau avec le couple de mulets, les aides avec leurs fourches et une charretée de paille dans son réseau. Cette photographie est un tableau, et un document de valeur ethnographique. Sur la gravure où l'on voit la batteuse, le groupe des travailleurs est très bien disposé; au centre, dans une belle lumière, de grand relief, se trouve le char à bœufs avec le charretier en avant, et l'ensemble montre bien les types de la région, avec leurs chapeaux sombres à larges bords, les mouchoirs autour du cou à cause de la transpiration. Les corps sont robustes, agiles et bien proportionnés; les bœufs sont de la race de l'Alemtejo, au poil roux, à large carrure, aux cornes très grandes et ouvertes.

Voici la charrette à bœufs, le char des mules, avec les filets de corde pour transporter la paille. Une des gravures nous montre la charretée de paille déjà prête, formant de grands mamelons, et disposée ainsi pour éviter le contact avec les roues. Il y a des spécialistes pour l'arrangement de la paille, de même que pour former les tas, pour faire les faisceaux de bois, ou pour ouvrir les sillons avec la charrue. Aux environs de Lisbonne j'ai vu des paysans disposer avec un certain art les charrettées de bois mort, avec les coins ornés de bouquets verts.

Dans l'Alemtejo on s'occupe de transformer le travail agricole, et même, vu le peu de ressources dont on dispose, il est remarquable de voir ce que l'on a dépensé dans les dernières années pour l'acquisition de matériel agricole et l'augmentation des cultures. Et cependant nous importons encore beaucoup de blé, de fèves et de riz.

Cette nécessité d'importation est bien ancienne; autrefois des blés de la Russie méridionale et du Maroc furent apportés en Portugal, ensuite vint l'invasion des *palhinhas* d'Amérique. Maintenant on tâche d'éviter l'importation du blé qui est l'exportation de l'or. Et on craint déjà qu'il puisse y avoir excès de production. Autrefois dans l'Alemtejo on conservait le blé dans des silos ou fossés à mettre le pain, selon le terme employé dans les vieux documents; on retrouve encore fréquemment de ces cavités ou grands vases souterrains, lorsqu'on fait des excavations pour des fondements ou des canalisations. Il est singulier comme cela est si rapidement tombé en désuétude.

. . . .

Une des gravures représente l'intérieur d'une cave avec sa vaisselle et ses ustensiles, tonneaux, fûts, entonnoirs, vases, cuves, et la cruche de terre ayant pour couvercle habituel le petit pot en terre; le long du mur sont rangées les jarres ventrues.

madeira de meio metro de diametro o oleiro poz a massa de barro, em disco, a que deu a fórma circular, um caniço marcava o centro, outro bocado de caniço o raio, e a roda girando lentamente deu o circulo exacto; um fio de prumo pendia do tecto; com esse prumo se acertou o centro do disco; o fio era o eixo da talha. O oleiro colloca uma camada no bordo do disco, aconchega-a com as mãos, o caniço marcando sempre a distancia ao prumo; depois gira lentamente a roda; nova camada ou zona de barro, sempre o caniço a marcar distancias, o raio que vae augmentando até dois terços da altura; depois diminue até á bocca com seu rebordo. Formavam talhas de fundo tão delgado que para evitar tombos e as manter direitas era preciso acompanhal-as d'alvenaria, até dois ou tres decimetros.

Sabem todos que os romanos usavam amphoras de tão esguio fundo, que era preciso para as conservar direitas pôr camadas d'areia no chão dos armazens. Nos logares de venda as amphoras estavam encostadas, em series obliquas. Ainda hoje se encontram muitas vasilhas romanas para comparar.

Grandes barristas foram os mouros e é de notar que grande numero dos vocabulos da arte e de utensilios de barro denunciam origem mourisca. Já em tempos prehistoricos houve grandes barristas aqui n'este occidente da peninsula.

Recordemos a elegante ceramica com fina ornamentação encontrada nas sepulturas da Quinta do Anjo e na gruta dè Cascaes.

A talha bojuda é mais moderna que a alongada. As talhas do seculo XVII representadas na outra estampa estão mais proximas do corpo da amphora romana vulgar.

Como se vê na estampa, a base é de tão pequeno diametro que para conservar as talhas seguras foi preciso acompanhal-as de alvenaria ou tel-as mantidas por corda ou cadeia. A razão de tal fórma está na utilidade que ha para facil mudança da grande vasilha, ou para a poder inclinar ou deitar no chão para limpeza ou arranjo do interior.

A mais evidente tem a data 1682 gravada no barro, quando ainda fresco. Ha muitas datadas e com signaes varios, cruzes, sinos-samões, e nomes de individuos. Tão nitida é a photographia que tenho presente, que mostra a rudeza do trabalho; vê-se o zonamento da superficie, as differentes camadas que o operario foi sobrepondo na formação do bojo.

Como se vê, houve alteração no feitio da talha, ainda que o processo se conservou primitivo. É que a industria popular tem variantes, soffre evolução tambem. Assim a louça de Estremoz moderna, a popular, differe em feitio e enfeite da do começo do seculo XIX; a conhecida mobilia d'Evora, a cadeirinha de pinho da terra, com assento de tabúa e pintura de flôres, vem da antiguidade mas variando lentamente, de modo que a cadeira de 1830 differe bastante da de 1900.

Nem só para conservar o vinho servem as talhas, tambem as utilisam para vinagre e azeite; e ainda que o material vinario é mui diverso actualmente, a talha deve conservar-se; é um deposito barato, de facil manusear, tem extraordinaria duração, pois ha talhas seculares; e o quente Alemtejo precisa d'aquella louça de barro nas frescas adegas de grossas paredes e abobadas. Ali na frescura, na meia luz, a aragem entrando pelas estreitas frestas, na grande vasilha secular, envelhece e ennobrece-se o vinho alemtejano já procurado na edade media pelos mercadores do norte da Europa.

Gabriel Pereira.

La cave est en voûte de briques reliées avec du mortier de chaux et de sable. La chaux a une teinte gris clair, les briques sont d'un rouge foncé ainsi que les grandes jarres; l'air est frais, le jour affaibli et on ne voit reluire que les entonnoirs en fer blanc. Comme les murs ne sont pas crépis on voit bien le système de construction employé par les maçons d'Evora, leur manière de placer les briques sur les piliers, les arceaux et les clefs de voûte; leur adresse pour les travaux de ce genre est depuis longtemps connue; ils ont l'audace de faire des voûtes très surbaissées et légères avec les briques cimentées par les côtés plus petits; ils élèvent les voûtes en berceau ou en ogive sur des bases quelconques, droites ou courbes, marquant les axes, les hauteurs et les écarts au moyen d'une géométrie rudimentaire mais sûre, en se servant de deux ou trois ficelles. Les briques sont très poreuses et la chaux très forte.

On fabrique encore des jarres en terre, quoique l'on voie dominer presque partout la cuve de bois, énorme. Il y a déjà quelques années que j'ai vu à la ville de Reguengos, fabriquer une jarre. Sur une grosse roue en bois d'un demi-mètre de diamètre, le potier posa la masse de terre en un rond, dont le centre et le rayon étaient marqués chacun par un roseau, et la roue, tournant lentement, décrivit un cercle parfait; un fil à plomb pendait du plafond; avec ce plomb on régla le centre du disque, et le fil fut l'axe de la jarre. Au bord du disque le potier place une couche de terre qu'il façonne avec les mains, le roseau marquant toujours la distance du fil à plomb; la roue tourne lentement, de nouvelles couches de terre sont appliquées et le roseau continue à marquer les distances du rayon qui va en augmentant jusqu'à deux tiers de la hauteur, diminuant ensuite jusqu'à l'ouverture avec son rebord. Ils faisaient des jarres à fond si étroit qu'il fallait les soutenir avec de la maçonnerie à un ou deux décimètres de hauteur, pour les empêcher de verser et les maintenir droites.

On sait que les romains se servaient d'amphores à fond si étroit, qu'il fallait mettre des couches de sable sur le sol des magasins, pour les tenir droites. Dans les entrepots les amphores étaient appuyées les unes aux autres en séries obliques; on trouve encore aujourd'hui beaucoup de vases romains qui peuvent servir de comparaison. Les maures furent de grands potiers et on remarque que beaucoup de termes du métier et d'ustensiles en terre, dénoncent l'origine mauresque. Même à cet occident de la péninsule il y eut aux temps préhistoriques, de fameux potiers.

Rappelons, l'élégante céramique délicatement ornementée qu'on voit sur les tombeaux de la Quinta do Anjo et dans la grotte de Cascaes. Les jarres ventrues sont plus modernes que les allongées; celles du XVIIme siècle représentées dans l'autre gravure se rapprochent plus de l'amphore romaine vulgaire.

Comme on le voit, leur base est si étroite que pour les conserver debout il a été nécessaire de les soutenir avec de la maçonnerie ou de les maintenir avec une corde ou une chaîne. La raison de cette forme se trouve dans l'utilité, du transvasement rapide de la grande cuve ou pour pouvoir les incliner et les coucher par terre pour le nettoyage et l'arrangement intérieur.

La jarre la plus authentique porte la date 1682 gravée sur la terre encore fraîche. Il y en a beaucoup de datées ou portant des signes divers, croix, signes célestes et noms d'individus. La photographie que j'ai sous les yeux est si nette, qu'elle montre bien la grossièreté du travail; on voit les zones de la surface et les différentes couches que l'ouvrier a superposées pour former la panse.

Quoique le procédé primitif ait été conservé, il y a eu altération dans la forme du vase. C'est que l'industrie populaire a des variantes et souffre aussi l'évolution. Ainsi la vaisselle moderne d'Extremoz la plus populaire diffère par sa forme et ses ornements de celle du commencement du XIXme siècle; le mobilier d'Evora bien connu, la petite chaise en sapin, avec son siège en grosse paille et ses peintures de fleurs, vient de l'antiquité, mais a subi de lentes variations, de manière que la chaise de 1830 est très différente de celle de 1900.

Les jarres ne servent pas seulement pour conserver le vin, on les emploie, aussi pour le vinaigre et l'huile; et bien que le matériel vinaire soit aujourd'hui très différent, on doit les conserver, comme un object peu coûteux, facile à manier, extraordinairement durable, car il y a des jarres séculaires, et l'Alemtejo se trouve bien de cette vaisselle en terre dans les caves fraîches aux grosses murailles et voûtes. Là dans cette fraicheur, ce demi jour, l'air pénétrant par les étroites lucarnes, dans la grande cuve séculaire, ennoblit et vieillit le vin de l'Alemtejo, qui au moyen âge était dejà recherché par les commerçants du nord de l'Europe.

Gabriel Pereira.

O Bussaco

A Matta



serra do Bussaco, cordilheira de mediana altura, estende-se desde a confluencia dos rios Alva e Mondego, em direcção ao Norte. Medindo uns vinte kilometros de cumprimento, attinge a sua maior elevação dentro da matta murada, no sitio da Cruz-Alta com 541^{m}. Como uma das muitas ramificações da Serra da Estrella, partilha da sua orographia, abrindo-se em ferteis e umbrosos valles, cortados em rapidas vertentes através de massas possantes de granito, schisto e algum basalto. É notavel a abundancia em aguas puras e crystallinas, algumas das quaes gozam de fama pelas suas virtudes medicinaes, e alimentam thermas.

Sahindo de tão asperas e complicadas montanhas, que permittem ás Beiras todas as temperaturas, desde a da região dos gelos até á da maturação da laranja, o massiço do Bussaco murado destaca-se isolado, pela sua densissima vegetação, terminando quasi abruptamente perto de Luso.

Tem fama universal no paiz a majestosa floresta e os esplendidos panoramas que se desfructam dos pontos culminantes, mórmente nas portarias de Coimbra e da Rainha, nos sitios do Sepulcro e na Cruz Alta. Como numerosos escriptores nacionaes de grande prestigio rivalizaram entre si na exposição das maravilhas d'esses soberbos e vastissimos quadros, seria ousadia imperdoavel da minha parte pretender dar nova forma, maior relevo e desenho, mais vivas e variadas côres, a essas telas descriptivas. É mais natural e será agradavel ao leitor ouvir as confidencias inspiradas e caracteristicas de, pelo menos, um entre esses poetas. Eis o que diz Frei João do Sacramento, o proprio chronista dos Carmelitas Descalços, e portanto um dos que melhor conheceram a matta, o qual já se sentia, em fins do seculo XVII, enlevado pelas bellezas da paizagem:

«O pico ou cume do Bussaco é de sorte elevado que descobre e é descoberto de grande parte do reino. Descortina para o oriente a Serra da Estrella e a de Castello-Rodrigo, posta em distancia de trinta leguas; para o meio-dia a de Minde; e não faltou já lynce que alcançasse, ou o presumisse assim, a de Marvão, desviada de alli além de quarenta leguas; para o norte, a de Grijó, em distancia de quinze, e para todas as partes as cidades, villas e lugares intermedios, sitos no territorio dos sette bispados: Coimbra, Leiria, Guarda, Vizeu, Lamego, Porto e Braga.

«Para a parte do poente carece a vista de termos mais que nos limites da propria potencia, porque sobre as bulliçosas ondas do inquieto elemento (se não descança) se limita. Veem-se nos dias claros surcar suas aguas varias embarcações para differentes rumos e portos: agradavel objecto aos que da terra o contemplam; e porventura mais, quando furiosas ou crespas ameaçam algum naufragio, pela tyrannica condição de crescer o gosto do seguro proprio, á vista do perigo alheio.

«Estas são as vistas d'esta atalaya do mundo, ou sentinella do céo, ao longe.

«As de perto são taes que se duvida as possam os olhos encontrar igualmente dilatadas e deliciosas na circumferencia do orbe. Porque do alto do Bussaco se divisam muitas e aprazíveis serras, dilatados e viçosos montes, fertilissimos e amenos campos, cortados de varios e formosos rios; avistam-se assim mesmo varios arneiros, prados, bosques e valles, retalhados de caudalosas ribeiras; vestidos todos da verde gala que a cada um d'estes bem dispostos corpos talhou o Auctor da Natureza.

«D'onde vem a parecer que não ha paizagem, quadro, ou perspectiva onde o mais licencioso pincel, subornado do gosto ou do empenho, se occupasse em bem assombradas delineações ao valente ou mimoso, que os horizontes do Bussaco não comprehendam ao natural, em quanto a vista abrange.»

A região, escolhida em 1628 para fundação do mosteiro, não era um ermo. Algum arvoredo silvestre e desigualmente distribuido existia no *monte Buzaco* desde tempos immemoriaes, a julgar de documentos medievaes em latim barbaro. As aguas abundantes de fontes e ribeiros sempre espalharam pelas devezas uma frescura aprazivel e certa fecundidade, garantindo bons resultados a quem modesta mas cuidadosamente as cultivasse. Enriquecido constantemente o solo pela folhagem caduca, tudo o que as arvores auferiam da terra em alimentos, lh'o devolviam em uberdade. D'ahi uma vegetação

Bussaco

La forêt



E mont du Bussaco, chaîne de montagnes de hauteur moyenne, s'étend vers le nord partant de la jonction des fleuves Alva et Mondego. Il se prolonge sur une étendue de vingt kilomètres à peu près, atteignant sa plus forte élevation dans la forêt murée, à l'endroit de la Cruz-Alta où sa hauteur est de 541^{m}. Son orographie participe de celle de la Serra da Estrella, dont il est une ramification, et il s'ouvre en des vallons profonds et fertiles, coupés de rapides versants à travers de fortes masses de granit, de schiste et de quelque basalte. Les eaux abondantes pures et limpides sont remarquables, et quelques unes jouissent de grande réputation dûe à leur vertu médicinale et thermale.

Sortant de montagnes si âpres et si compliquées, qu'elles permettent aux deux provinces de Beira toutes les températures, depuis les régions de glaces jusqu'à la maturité des oranges, le massif muré du Bussaco se détache bien isolé, avec sa végétation touffue, et se termine presque brusquement près de Luso.

La majestueuse forêt et les panoramas splendides que l'on observe des points les plus élevés, surtout des portes de Coimbra et de Rainha, des sites du Sépulcre et de la Cruz-Alta, sont universellement réputés dans le pays. Comme de nombreux écrivains nationaux de haut prestige, ont rivalisé entre eux dans la description des merveilles de ces tableaux si vastes et si superbes, ce serait de ma part une impardonnable hardiesse, de prétendre donner une nouvelle forme, un plus haut relief, des teintes plus vives et plus variées à ces toiles descriptives. Je trouve donc plus naturel et il sera agréable au lecteur d'écouter les confidences caractéristiques et inspirées au moins d'un de ces poètes. Voilà ce que dit Frei João do Sacramento, le propre chroniqueur des Carmes déchaussés et partant un de ceux qui ont le mieux connu la forêt et qui, vers la fin du XVIIme siècle se sentait déjà charmé des beautés de ce paysage:

«Le pic ou sommet du Bussaco est tellement élevé qu'il découvre et est découvert dans une grande partie du royaume. Vers l'orient il dévoile la Serra da Estrella et celle de Castello Rodrigo située à trente lieues de distance; vers le midi celle de Minde et des yeux de lynx ont aperçu ou crû apercevoir celle de Marvão, éloignée de quarante lieues; du côté nord celle de Grijó, à quinze lieues et en tous sens des villes, des bourgs et des villages situés sur les territoires de sept évêchés: Coimbra, Leiria, Guarda, Vizeu, Lamego, Porto et Braga.

«Vers le couchant le regard n'est limité que par sa propre capacité, car, s'il ne s'y borne pas, il s'étend sur les flots remuants de l'élément inquiet. Les jours clairs, les eaux sont sillonnées de bateaux se dirigeant vers des ports et des directions différentes, charmant spectacle pour ceux qui le contemplent de la terre, et plus attrayant encore lorsque la mer furieuse et agitée se montre menaçante, car par condition tyrannique, le plaisir de la propre sécurité s'accroît, en vue du danger d'autrui.

«Voici quelles sont au loin les vues aperçues de cette redoute du monde ou de cette sentinelle du ciel.

«De près il est doûteux que l'on puisse trouver des points de vue aussi vastes et aussi délicieux dans l'orbe terrestre. Du haut du Bussaco et après beaucoup de belles montagnes, des collines élevées et verdoyantes, des champs agréables et fertiles, coupés de plusieurs beaux fleuves, on aperçoit encore des landes, des prés, des bois et des vallées, traversés par d'abondantes rivières, et tout celà revêtu de la plus belle végétation accordée par l'Auteur de la Nature.

«Il semble donc qu'il n'y a pas de paysage, de tableau ou de panorama, où le plus hardi pinceau guidé par l'art et le travail, aît recherché de plus attrayants dessins, sévères ou délicats, et qui ne soient naturellement présentés sur les horizons que le Bussaco offre à notre vue.»

La région choisie en 1628 pour la fondation du monastère n'était pas un désert. Quelques arbres sauvages et inégalement distribués existaient au *monte Buzaco* depuis des temps immémoriaux, s'il

cada vez mais viçosa; as plantas sarmentosas espreguiçando-se, bracejando e contorcendo-se, a cercarem de arabescos troncos e ramos dos veteranos da montanha; nas eminencias, o tojo dissimulando as asperezas dos rochedos nas gemmas das suas flôres; a urze, toucada com os seus pennachos rosados; a esteva e o sargaço desdobrando as largas petalas de immaculada alvura; nos valleiros, pelo chão, os fetos a espalmarem suas frondes, e milhares de hervas cheirosas a perfumarem o ambiente; pelas pedras, pelos troncos e pelos ramos o musgo, formando pequenos bancaes de velludo, em todos os tons verdes, desde o mais claro ao mais escuro, ensinando aos industriosos a arte com que se encobre um esqueleto de pedra ou madeira, com fofa alcatifa polychromica.

Comquanto os frades não fossem silvicultores, o seu amor á matta — que chamavam «deserto» só pela solidão e isolamento em que viviam, pois na verdade era, como é hoje, um pequeno paraiso terreal — não afrouxou senão raras vezes. Desde a fundação o arvoredo foi regularmente accrescentado. Por obrigação que as *constituições* dos Carmelitas impunham, o prelado mandava todos os annos semear e plantar bom numero de exemplares: especialmente, nas proximidades do cenobio, gigantescos ciprestes lusitanicos, — *cupressus glauca* ou *lusitana* — commummente denominados, então como hoje, *cedros do Libano,* porque vistos de longe, quer de baixo, quer de cima, tanto se semelham aos que o templo de Salomão tornou afamados, que mesmo o olhar sciente do botanico os costuma confundir.

O leitor já conhece as severissimas penas com que a Ordem castigava a quem mutilasse arvores — castigos decretados pelo Papa Urbano VII, e que iam até á excommunhão maior. Como documento honroso e prova do zelo illustrado dos Carmelitas já em outro numero d'esta publicação (n.º 64) foi transcripta essa salutar disposição, relativa ao plantio e á conservação do arvoredo, — digna de louvor especial, porque n'este abençoado paiz, infelizmente, ainda hoje elle não goza do necessario carinho, nem da protecção desvelada que devia merecer a um povo navegador, ao qual forneceu o material mais precioso para as suas empresas maritimas.

Em todo o caso, a floresta foi tratada de maravilha já no seculo XVII por um notavel estrangeiro: o distincto botanico Gabriel Grisley. No *Viridarium Lusitanum,* ao descrever a flora do paiz, exalta em particular a feracidade do solo no Bussaco:

«Jardim da Europa é com razão chamado Portugal pelas innumeras variedades de vegetaes... Por espaço de quasi trinta annos peregrinei todo este paiz, percorrendo-o desde o Cabo de S. Vicente ao sul, até á ultima região do norte, Entre Douro e Minho. E tanto diversificam na variedade de plantas estas regiões, que parece estarmos vendo aqui os Alpes da Suissa, alli Creta. Nem o intervallo d'esta diversidade se definha esteril, porque n'elle sobresae pujante o *nobre Bussaco,* pouco distante de Coimbra: «*deserto*» dos padres descalços da sagrada Ordem do Monte do Carmo, que bem póde denominar-se um Segundo Libano pela feracidade das especies vegetaes e pela corpulencia dos cedros». [1]

Quanto a particularidades, o chronista acima citado enumera como vulgares na matta uma duzia de castas arboreas; sobretudo: lentiscos, azereiros, adernos, espinheiros, platanos, freixos, carvalhos, pinheiros, cedros. Esta lista estava pouco augmentada ao tempo da extincção das ordens religiosas. Aos irmãos mais velhos apenas tinham vindo associar-se o castanheiro, o loureiro, o freixo, o azevinho e o salgueiro, numerosas plantas arbustivas, como o sanguinho, o pilriteiro, e em abundancia arbustos rasteiros como a érica, a esteva, a giesta com suas variedades. O buxo havia entroncado em certos lugares. A hera espalhara por toda a parte innumeraveis e sempre-verdes guirlandas decorativas.

Estava, porém, reservada ao seculo XIX a empresa de transformar o *monte-sacro* num parque admiravel, principalmente depois de secularizado e incorporado na administração geral das mattas do reino, como propriedade nacional. De 1834 em diante foi seu thesouro botanico constantemente enriquecido, a ponto de se contarem em 1875 entre 15 mil exemplares de arvores de plantação moderna — na maior parte coniferas — cerca de 250 especies ou variantes.

Posteriormente ainda se introduziram muitissimas novidades notaveis, entre as quaes sobresahem esbeltas palmeiras, ao pé da fonte e cascata de S. Elias, de desenvolvimento admiravel; garbosos fetos

[1] As noticias mais antigas sobre *cedros* do Bussaco são de 1643. Os exemplares gigantescos que existem junto da Ermida de S. José, ao pé de N. S. da Expectação, e no Horto, bem podem ser d'esse tempo.

faut en croire des documents en latin barbare du moyen âge. Les eaux abondantes des rivières et des fontaines ont toujours répandu dans les pâturages une agréable fraîcheur et une certaine fécondité, augurant les meilleurs résultats aux cultures modestes mais soignées. Constamment enrichi par le feuillage caduc, le sol rendait aux arbres, en fertilité, ce qu'ils lui prenaient en force. De là une végétation toujours plus luxuriante; les plantes grimpantes s'étirant, se tordant et s'enlaçant en arabesques aux troncs et aux branches des vieux rois de la montagne, sur les hauteurs, les genêts cachant sous leurs brillantes corolles les aspérités des rochers; les bruyères coiffées de leurs panaches rosés; le ciste, le goëmon déroulant leurs larges pétales d'une blancheur immaculée; dans les fossés, les fougères étalant leurs frondes et l'air tout parfumé de milliers de plantes odorantes; sur les pierres, les troncs et les branches la mousse formant des petits sièges veloutés, de toutes les nuances du vert, depuis le plus clair au plus foncé, enseignant aux curieux l'art de dissimuler un squelette de bois ou de pierre sous un moëlleux tapis polychrome.

Quoique les moines ne fussent pas silviculteurs, leur amour ne s'affaiblit que rarement envers la forêt qu'ils nommaient le désert pour la solitude et l'isolement où ils vivaient, car en vérité elle était comme de nos jours un véritable paradis terrestre. Depuis la fondation le nombre des arbres s'accrût toujours. D'après d'obligation imposée par les *constitutions* des Carmélites, le prélât faisait tous les ans planter et semer un bon nombre d'arbres, parmi lesquels on doit citer près du monastère, de gigantesques cyprès lusitaniens, — *cupressus glauca* ou *lusitana* — vulgairement nommés, dans ce temps-là et actuellement *cèdres du Liban,* parce que vus de loin, soit d'en bas ou d'en haut, ils sont tellement semblables à ceux que le temple de Salomon rendit si fameux que même le regard du savant botaniste les confond ordinairement.

Le lecteur connait déjà les peines sévères que l'Ordre infligeait à ceux qui abîmaient les arbres — et ces punitions décrétées par le Pape Urbain VII, allaient jusqu'à l'excommunication.

Le nº 64 de cette publication a déjà transcrit, à titre de document honorable, prouvant le zèle avisé des Carmélites, cette disposition salutaire, relative à la plantation et à la conservation des arbres, si digne de louanges dans un pays béni, où malheureusement les arbres ne jouissent pas de tous les soins nécessaires ni de la protection dévouée qu'ils devaient mériter d'un peuple navigateur, auquel ils ont fourni le matériel le plus précieux pour leurs entreprises maritimes.

En tous les cas, déjà pendant le XVIIme siècle un botaniste distingué, le remarquable étranger Gabriel Grisley a parlé de cette forêt comme d'une merveille.

Dans le *Viridiarum Lusitanum* en décrivant la flore du pays il prône particulièrement la fertilité du sol du Bussaco:

« Le Portugal est avec raison surnommé le jardin de l'Europe, à cause de l'innombrable variété de ses végétaux... Pendant presque trente ans je fis un pélerinage dans tout ce pays, le parcourant depuis le cap S. Vicente au sud, jusqu'à la dernière région du Nord, Entre Douro et Minho. Et la diversité des plantes dans ces régions était telle qu'il nous semblait voir là les Alpes Suisses, ici la Crête. Même l'intervalle de ces diversités ne dépérit pas stérile, car nous voyons ressortir puissamment le *noble Bussaco,* peu éloigné de Coimbra: le *désert* des moines déchaussés de l'Ordre sacré du Mont Carmel, que l'on peut bien nommer un Deuxième Liban pour la fécondité des espèces végétales et la corpulence des cèdres. » [1]

Quant aux particularités, le chroniqueur que nous venons de citer enumère une douzaine d'espèces arborescentes, comme vulgaires dans la forêt; surtout: des lentisques, des lauriers-cerise, des alaternes, des nerpruns, des platanes, des frênes, des chênes, des pins et des cèdres. Au temps de l'extinction des ordres religieux, cette liste était très peu augmentée. À ces anciens arbres on avait à peine ajouté des marronniers, des lauriers, des frênes, des houx et des saules, beaucoup d'arbustes comme la bourdaine, l'aubépine et une abondance de plantes rampantes comme le genêt et la bruyère avec toutes leurs variétés. En certains endroits le buis était devenu un arbre et le lierre avait répandu partout ses innombrables et verdoyantes guirlandes décoratives.

[1] Les notices les plus anciennes sur les *Cèdres* du Bussaco sont de 1643. Les exemplaires gigantesques qui existent près de la Chapelle St Joseph, près de N. D. da Expectação, et dans le jardin des Oliviers peuvent bien dater de ce temps.

arboreos no valle de S. Silvestre, onde convergem as principaes aguas da matta; araucarias excelsas; e abetos sombrios, na descida ao Horto.

*
* *

Quando visitei a matta pela primeira vez em 1877, profundamente impressionada pela sua formosura imponente, o pessoal compunha-se apenas de um capellão administrador e de um servente.

Alugavam-se por reduzido preço as antigas habitações do convento. Quem pretendia mais largueza ou maior solidão arrendava a casa terrea que ainda hoje se encontra ao pé da Porta de Coimbra, guarnecida parcamente com o mobiliario indispensavel para aspirações muito humildes.

A vida dos hospedes decorria amena e suave em intimo convivio com a natureza. E assim teria continuado, quasi idyllica, em paz serena, interrompida só de longe em longe por excursões a lugares pittorescos fóra da cêrca, se um incidente não viesse provocar uma rapida transformação, em harmonia com as exigencias e gostos do fim do seculo XIX.

Refiro-me á visita da Rainha, Senhora Dona Maria Pia, a qual em agosto de 1877 alli veio passar uns quinze dias com os Infantes, ficando enlevada, como todos, com os encantos da floresta, e desejosa de lá voltar. Quando em 1852 a Rainha Dona Maria II por ahi transitára, com seu marido e filhos, de passagem para as provincias do Norte, a recepção cifrára-se num almoço que a camara municipal da Mealhada offereceu a SS. MM. e AA., no proprio singelissimo refeitorio do convento. Agora, após um quarto de seculo e para visita demorada, foi indispensavel arranjar aposentos adequados. Serviram para esse fim, com as devidas modificações e ampliações, duas pequenas saletas de um *Museu da Matta,* onde o pessoal dirigente havia reunido com muito louvavel zelo exemplares da fauna da localidade (mammiferos, aves, reptis, insectos, etc.), juntamente com alguns productos curiosos do reino vegetal e mineral, proprios para attrahir a attenção dos amadores do Bussaco.

Serviram, mas não podiam satisfazer.

Desde então começaram as transformações nos edificios, com o fim de proporcionar hospedagem mais bizarra a visitantes de tão alta categoria.

Comtudo, ainda em 1882, e mesmo em 1886, ninguem adivinharia o plano faustosissimo, pouco depois elaborado, e realizado progressivamente de 1888 a 1905. A nova construcção monumental, com ares de castello e de igreja, embora sirva de hotel-palacio, tirou ao Bussaco, tres vezes celebre por encantos sobrios da natureza, eloquentes recordações historicas e tradições religiosas de caracter severo, as suas feições particulares, bem classificadas pelo mais ardente entre os seus admiradores como «grandeza sem fausto, sumptuosidade sem luxo, perspectiva sem invenção, composição sem adorno».

As Ermidas e Capellas dos Passos

Antes de fallarmos d'essa obra que hoje se ergue altiva ao pé da *casa do ermo,* digamos algumas palavras das edificações menores, dispersas pela floresta e que na sua maioria subsistem, embora meio-arruinadas e despojadas de todos os adornos no interior: umas seis capellinhas de devoção, oito ermidinhas, que serviam de vivendas temporarias de penitencia e mortificação a frades de tendencias contemplativas e asceticas; e vinte *Estações* ou *Passos* da *Via-Sacra,* hoje vazias, mas outr'ora povoadas com representações de scenas da Paixão, desde a oração de Christo no Horto, até á collocação do Crucificado no Sepulcro. Foi depois da secularização do Bussaco que o vandalismo de liberaes fanaticamente exasperados espatifou, sem respeito pelo passado, essas imagens de vulto, de barristas de meados do seculo XVIII, dignas de melhor sorte. Pois comquanto nem de longe todas as figuras se distinguissem pelo merito artistico, algumas houve que realmente mereciam «consideração» como ingenuas, mas sugestivas illustrações plasticas do breviario que o Carmelita ia folheando durante as suas devotas peregrinações meditativas através da silenciosa matta.

Desgraçadamente impressionado pelo estado de deploravel incuria em que essas capellinhas se achavam, documentando não só falta de respeito á tradição e á arte, mas tambem ingratidão á memoria de

Cependant, c'était au XIXme siècle qu'était réservée la mission de transformer le *mont-sacré* en un admirable parc, surtout après qu'on l'eût sécularisé et qu'on l'aît incorporé dans l'administration générale des forêts du royaume, comme propriété nationale. Depuis 1834 on a constamment enrichi son trésor botanique, à tel point qu'en 1875 on comptait à peu près 250 espèces ou variétés parmi les 15 mille exemplaires d'arbres de plantation moderne — conifères pour la plupart.

Postérieurement on a encore introduit beaucoup de nouveautés remarquables, parmi lesquelles se distinguent par leur admirable développement les beaux palmiers près de la fontaine et de la cascade St Elias; de superbes fougères arborescentes dans la vallée de S. Silvestre où affluent les principales eaux de la forêt; des *araucarias excelsas* et de sombres sapins dans la descente de l'enclos.

*
* *

Lorsque en 1877 je visitai la forêt pour la première fois, profondément impressionnée par son imposante beauté, le personnel se composait à peine d'un chapelain administrateur et d'un servant.

Les anciennes habitations du couvent se louaient à des prix réduits. Ceux qui désiraient plus d'aisance et de solitude prenaient le rez de chaussée qui existe encore aujourd-hui près de la Porte de Coimbra, garni avec parcimonie du mobilier indispensable aux plus humbles aspirations.

La vie des locataires découlait simple et douce dans cette communauté intime avec la nature. Et elle aurait continué ainsi, dans une suave placidité, presque idyllique, seulement interrompue de temps à autre par des excursions à des sîtes pittoresques hors du parc, si un incident n'était survenu provoquant une transformation rapide, d'accord avec les goûts et les exigences de la fin du XIXme siècle.

En 1877 au mois d'août la Reine Dona Maria Pia avec les Princes vint passer une quinzaine de jours à Bussaco, et, comme tout le monde, elle resta enchantée des délices de la forêt et désireuse d'y revenir. Lorsque la Reine Dona Maria II y avait passé avec son mari et ses enfants en 1852, se dirigeant vers les provinces du nord, la réception s'était réduite à un déjeuner offert par la municipalité de Mealhada à la famille royale, même dans l'humble réfectoire du couvent. Mais après un quart de siècle et pour un séjour plus prolongé il devint indispensable d'arranger des appartements convenables, et à cette fin, on modifia et agrandit deux petites salles d'un *musée de la forêt,* où les directeurs avaient, avec un zèle très louable, réuni des exemplaires de la faune locale (mammifères, oiseaux, reptiles, insectes, etc.) avec quelques produits curieux du règne végétal et animal, de manière à attirer l'attention des amateurs du Bussaco.

Ces appartements servirent à l'occasion, mais n'étaient guère suffisants, et on dût dès lors commencer les améliorations des édifices, afin de pouvoir loger plus convenablement des visiteurs si hautement placés.

Cependant, en 1882 et même en 1886, personne n'aurait pu prévoir le plan somptueux conçu peu après, et progressivement réalisé de 1888 à 1905, cette nouvelle construction monumentale, qui avec ses airs de château et d'église, quoique servant de palais-hotel, a fait perdre au Bussaco, trois fois célèbre par les sobres charmes de la nature, les éloquents souvenirs historiques et les traditions religieuses de caractère sévère, les traits particuliers qui en faisaient le charme et que le plus ardent de ses admirateurs avait si bien décrits comme: «grandeur sans faste, somptuosité sans luxe, perspective sans invention, et composition sans ornements.»

Les Chapelles de la Passion

Avant de parler de cette édification que s'élève altière près de la *maison de l'ermitage,* nous dirons quelques mots à propos des constructions plus petites, dispersées dans la forêt et qui existent encore pour la plupart, quoique à demi ruinées et dépouillées de toutes les ornementations intérieures: six petites chapelles pieuses, huit petits ermitages, qui servaient de demeure provisoire de penitence et de mortification à des moines de tendences ascétiques ou contemplatives; et vingt Stations du Chemin

benemeritos que durante mais de um seculo dedicaram os seus desvelos e avultadas quantias ao aformoseamento do Bussaco, o deputado Marianno de Carvalho já apresentou em 1874 (16 de janeiro) uma proposta, segundo a qual, além da arborização de varias partes do litoral e acquisição e plantio de diversos terrenos em volta da matta, seriam reformadas as construcções da Via-Sacra. Embora não passasse então a projecto de lei, o governo encarregou posteriormente, no auge da actividade edificadora, o illustre ceramista das Caldas da Rainha da renovação dos Passos.

É sabido que Bordallo Pinheiro chegou a modelar, com admiravel destreza, grupos e figuras dramaticamente movimentadas, para representação do martyrio do Golgotha. Mas o plano total que ideára e cuja execução exigia seguramente alteração, quando não modificação completa das modestas moradas primitivas, não se realizou; nem sei se diga felizmente, ou infelizmente. O proprio artista, em cujo *atelier* as vimos mais de uma vez, reconheceu que o lugar d'esses grupos, cheios de vida e de espirito moderno, não era bem ahi; e ventilava a ideia de, abstrahindo das capellinhas, aproveitá-los para uma grande composição panoramica (meio-plástica, meio-pintada) semelhante á de Piglheim, installada na matta, ou se o terreno não fosse sufficiente, fóra das portas de Coimbra.

Ignoro o destino que o Estado tenciona dar á preciosa propriedade nacional que essas composições de Bordallo Pinheiro representam. Mas se algum dia as *Estações* forem realmente repovoadas, só o deverão ser, em nossa opinião, dentro dos limites que o espaço restricto das singelas edificações antigas prescreve, e com a discreção e modesta reserva que o lugar silvestre, o caracter do antigo cenobio, e não menos as condições do material indicam.

. . . .

De entre a longa lista dos poetas nacionaes que cantaram a majestosa floresta destacamos aqui apenas a illustre poetisa D. Bernarda Ferreira de Lacerda, contemporanea do cenobio, á qual se deve o extenso poema castelhano das *Soledades de Buçaco* (Lisboa 1634) [1], realmente merecedor dos encomios que o Fenix de Hespanha, Lope de Vega Carpio, lhe teceu, por causa dos seus versos correctos, elegancia de phrase e sentimento poetico, embora nos seus panegyricos exaltados ella ás vezes phantasiasse um pouco livremente [2].

Como uma das mais notaveis e uteis publicações em prosa, devemos citar o excellente *Guia historico* do snr. Augusto Mendes Simões de Castro (Coimbra, 3.ª ed., 1904).

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

---

[1] Acho digno de nota que o recinto clausurado, rigorosamente vedado ao sexo feminino, fosse cantado por uma poetisa, seis annos apenas depois da sua fundação.

[2] N'um *Florilegio*, que acompanha o *Guia* de Simões de Castro, estão colligidos versos de quatorze auctores, entre os quaes se distinguem os da escola romantica do seculo XIX. A par dos seiscentistas Duarte Ribeiro de Macedo e Frei Antonio das Chagas figuram ahi Castilho, Mendes Leal, Soares de Passos, João de Lemos, e entre os vivos o elegantissimo Ramos Coelho.

de la Croix, actuellement vides, mais qui autrefois étaient remplies de représentations des scènes de la Passion, depuis la prière du Christ au Jardin des Oliviers jusqu'à la mise du Crucifié au tombeau. Ce fut après la sécularisation du Bussaco que le vandalisme de quelques libéraux fanatiquement exaspérés, détruisit, sans respect pour le passé, toutes ces images sculptées par des mouleurs du XVIIIme siècle et qui étaient dignes d'un meilleur sort. Quoique toutes ces figures n'aient été aucunement recommandables au point de vue artistique, il y en avaient cependant quelques unes qui méritaient une certaine «considération» comme de naïves mais de suggestives illustrations plastiques du bréviaire que le Carmélite feuilletait pendant ses pieux pélerinages méditatifs à travers la forêt silencieuse.

Le 16 Janvier 1874, le député Marianno de Carvalho, malheureusement impressionné de l'état de déplorable incurie où se trouvaient ces petites chapelles, ce qui prouvait non seulement le manque de respect envers la tradition et l'art, mais encore l'ingratitude envers la mémoire des protecteurs qui pendant plus d'un siècle contribuèrent avec leur dévouement et de fortes sommes d'argent à l'embellissement du Bussaco, présenta à la chambre une proposition d'après laquelle, non seulement on s'occuperait, de l'arborisation de certaines parties du littoral, de l'acquisition et de la plantation de divers terrains autour de la forêt, mais on restaurerait les constructions du Chemin de la Croix. Quoique ce projet ne passât pas alors à l'état de loi, le gouvernement pris d'activité édifiante, chargea plus tard l'illustre artiste en céramique de Caldas da Rainha, de procéder à la reconstruction des Stations.

On sait que Bordallo Pinheiro moula avec une admirable adresse, des groupes et des figures dramatiquement posées pour la représentation du martyre du Golgotha. Mais, je ne sais si heureusement ou malheureusement, il ne parvint pas à réaliser en entier le plan qu'il avait conçu et dont l'exécution aurait sans doute exigé l'altération ou même la modification complète des modestes demeures primitives. L'artiste lui-même a reconnu que la place de ces groupes pleins de vie et d'esprit moderne, que nous avons vus plus d'une fois dans son atelier, n'était pas celle-là; et abstraction faite des petites chapelles, il hasardait l'idée de les appliquer à une grande composition panoramique (demi plastique, demi peinte), semblable à celle de Piglheim, qu'il aurait installée dans la forêt, ou alors, si d'espace faisait défaut, hors des portes de Coimbra.

J'ignore quel destin réserve l'état à la précieuse propriété nationale que représentent ces compositions de Bordallo Pinheiro. Mais si un jour on repeuple réellement les *Stations*, notre avis est qu'on devra le faire dans les bornes prescrites par l'espace restreint des simples édifications anciennes et avec toute la discrétion et la modeste réserve que le lieu agreste, le caractère de l'ancien couvent, et les conditions du matériel indiquent.

. . . .

Parmi les poètes nationaux qui ont célébré la majestueuse forêt nous citons ici à peine la poètesse illustre D. Bernarda Ferreira de Lacerda, contemporaine du monastère. Son poème castillan des *Soledades de Buçaco* (Lisbonne 1634) [1] a merité les louanges rendues par le Phénix d'Espagne, Lope de Vega Carpio, pour la correction des vers, l'élégance de phrase et le sentiment poétique, quoique dans les panégyriques exaltés elle ait eu la fantaisie un peu libre [2].

En prose nous devons citer l'excellent *Guia historico* de Mr. Augusto Mendes Simões de Castro comme une des publications les plus utiles et remarquables. (Coimbra, 3me ed., 1904).

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

---

[1] Je trouve curieux que l'enceinte close, rigoureusement défendue au sexe féminin, ait été chantée par une femme poète, six ans après sa fondation.

[2] Dans un *Florilegio*, qui accompagne le *Guia* de Simões de Castro, sont réunis les vers de quatorze auteurs parmi lesquels on distingue ceux de l'école romantique du XIXme siècle. De pair avec les poètes du XVIIme siècle Duarte Ribeiro de Macedo et Frei Antonio das Chagas nous y voyons figurer Castilho, Mendes Leal, Soares de Passos, João de Lemos, et parmi les vivants l'élégant Ramos Coelho.

O Bussaco

O palacio-hotel



ÃO é facil adivinhar o pensamento que presidiu ás faustosas construcções que agora cercam os restos do modesto cenobio do seculo XVII (igreja e claustro). Todo o mundo sabe todavia o que pretendem ser e são actualmente: um hotel, sumptuoso e muito bem dirigido, para visitantes ricos. Oxalá os tenha sempre em abundancia, tanto nacionaes como estrangeiros, d'aquelles que em outros paizes, como a Suissa e a Italia, deixam cair annualmente copiosa chuva de oiro!

Não crêmos comtudo, que esse fosse o seu destino primordial. Um paço acastellado para os reinantes e hospedes seus, isso sim! Um rival da Pena de Cintra, onde o gosto romantico de um illustrado principe germanico transformou tambem um pobre eremiterio em palacio monumental, fazendo nascer em seguida na aspera penedia, apenas assombrada de esguios e parcos pinheiros, a esplendida vegetação de um parque que foi cobrindo montes e montes, entremeado de jardins deliciosos com primorosas riquezas vegetaes...

Em Cintra eliminaram, como no Bussaco, quasi por completo os vestigios das obras antigas, deixando subsistir apenas o pequeno claustro e a solitaria capella. Mas essas reliquias eram do tempo de D. Manoel (1509), e como a obra moderna se inspirasse n'essas e outras reminiscencias antigas, proporcionando ao esculptor e ao canteiro bons modelos em que podia desenvolver a sua habilidade, o conjunto sahiu harmonico. Além d'isso, o plano arquitectonico da obra foi fixado previamente em todos os detalhes e a sua execução fiscalisada superiormente por El-Rei D. Fernando.

No Bussaco debuxou á larga um scenographo italiano, inspirando-se igualmente na arte manuelina, tão opposta nos seus ricos effeitos pictoricos e vegetabilistas á sobriedade que presidira á construcção da Casa do Ermo. Mostrou, de certo, exuberante phantasia. Faltou-lhe, porém, o saber technico preciso, aquelle saber que se alimenta de lento e arduo estudo, reflexão paciente, e observação cuidadosa, antes que o plano ideado seja perpetuado na pedra. O que alli se vê carece de ponderação e de justo equilibrio na applicação dos elementos constructivos; e prova pouco sentimento esthetico, tanto na escolha como na distribuição dos incidentes decorativos, accumulados em certos lugares, emquanto outros ficaram ao abandono. Copiando aqui algumas linhas geraes e perfis da Torre de Belém, acolá certos motivos do claustro dos Jeronymos, imitando mais além arabescos e florescencias do convento de Thomar, o snr. Luigi Manini, excellente pintor do theatro lyrico de S. Carlos, arranjou um agglomerado arbitrario de construcções, nas quaes o gothico florido briga com episodios romanicos, e uma ornamentação luxuriante se alastra ao lado de uma austera severidade monacal, traduzida em trechos de affectada singeleza.

O principio da asymmetria que ali se nota, não é nem nunca foi essencial para caracterizar o estylo manuelino. Applicado ao acaso, como n'este paço, produz as anomalias e os conflictos que ali se revelam, explicaveis apenas pelo desejo de estabelecer certa transição entre a pobreza dos edificios antigos e o luxo dos modernos [1]. O architecto e o esculptor então, parece haverem quebrado a alliança que devia associá-los na realização de uma mesma ideia. Cada um mediu, talhou e modelou por escala diversa. Embora nos pormenores haja muito que admirar — porque a execução material do canteiro, e d'esta feita, mais ainda a do esculptor [2], provam novamente a grande e tradicional virtuosidade do nosso operario, — a impressão produzida (seguramente não só em mim e nos meus) por essa enorme massa de calcario branco, é hybrida, exagerada e confusa. E evoca na nossa mente a recordação da pouca sorte que tiveram os scenographos italianos, envolvidos em Portugal em questões positivas de arte e problemas de construcção; sobretudo a pavorosa derrocada do grande torreão dos Jeronymos.

---

[1] Houve, pelo menos, o cuidado de pôr as construcções mais contiguas do convento, em harmonia com a humilde fachada, em mosaico de pedra preta e branca.

[2] Nas figuras de vulto, reveladoras de sentimento plastico, ha muita expressão e bom lavor.

Bussaco

Le palais-hotel



L n'est pas facile de deviner sous quelle pensée on a projeté les constructions fastueuses qui entourent actuellement les restes du modeste couvent du XVIIme siècle (église et cloître). Toutefois on sait ce qu'elles prétendent être et ce qu'elles sont maintenant: un hotel somptueux et très bien tenu, pour des visiteurs riches. Plaise à Dieu qu'il en arrive toujours en abondance, des portugais, des étrangers, de ceux qui dans les autres pays, comme la Suisse et l'Italie, laissent annuellement tomber une copieuse pluie d'or.

Mais nous ne pensons pas cependant que sa première destination ait été celle-ci, mais bien un château princier pour les membres de la famille royale et leurs hôtes. Un rival du château de Pena à Cintra, où le goût romanesque d'un prince allemand très éclairé transforma ainsi un pauvre ermitage en un palais monumental, faisant naître la splendide végétation d'un parc qui peu à peu recouvrit de vastes montagnes, entremêlé de jardins délicieux et de splendides richesses végétales, d'une côte âprement rocheuse, à peine ombragée de quelques maigres sapins.

De même qu'à Bussaco, on a éliminé à Cintra presque tous les vestiges d'anciennes constructions, laissant subsister seulement le petit cloître et la chapelle solitaire. Mais là ces reliques étaient du temps de D. Manoel (1509) et comme le travail moderne s'inspirait dans ces anciennes réminiscences, facilitant au sculpteur et au marbrier de bons modèles propres à développer leur talent, il en résulta un ensemble harmonieux. Outre cela, le plan architectural de l'œuvre avait été préalablement fixé et son exécution supérieurement surveillée par le roi D. Fernando.

À Bussaco un scènographe italien a esquissé à son aise, s'inspirant également dans l'art manuelino, si opposé par son opulente ornementation pittoresque et fleurie à la sobriété qui avait présidé à la construction de l'ermitage. Il est certain qu'il a fait preuve d'exhubérante fantaisie, mais il a manqué de la science technique nécessaire, de ce savoir qui s'acquiert par une étude lente et ardue, par une patiente réflexion et l'observation la plus attentive, avant que le plan conçu soit exécuté sur la pierre. Ce que l'on voit là pèche par défaut de réflexion et d'équilibre assuré dans l'application des éléments constructifs; et prouve peu de sentiment esthétique, dans le choix autant que dans la distribution des incidents décoratifs, accumulés en certains endroits, tandis que d'autres sont dénudés. Ici l'on a copié quelques lignes et profils de la Tour de Belem, là, des motifs du cloître des Jeronymos, plus loin, on a imité des arabesques et des floraisons du Couvent de Thomar, et avec tout ceci Mr. Luigi Manini, excellent peintre du théatre lyrique de S. Carlos, a arrangé une agglomération arbitraire de constructions, sur lesquelles le gothique fleuri jure avec les épisodes romans, et où l'on voit s'étaler une luxuriante ornementation à côté d'une sévérité austère presque monacale, présentée par des détails d'une simplicité affectée.

Pour caractériser le style *manuelino* il n'est pas et il n'a jamais été essentiel d'employer le principe d'asymétrie qu'on remarque là. Appliqué au hasard, comme il l'est dans ce palais, il produit les anomalies et les contre-sens qui s'y révèlent et qui ne peuvent s'expliquer que par le désir de marquer une certaine transition entre la pauvreté des anciens édifices et le luxe des modernes [1]. En outre l'architecte et le sculpteur semblent avoir brisé l'alliance qui devait les associer dans la réalisation d'une même pensée. Chacun a taillé, mesuré et modelé sous une échelle différente. Quoique dans les détails il y aît beaucoup à admirer, — parce que l'exécution matérielle du marbrier et encore plus celle du sculpteur [2], viennent encore une fois prouver la grande et traditionnelle adresse de l'ouvrier portugais, — l'impression produite (non seulement sur moi et les miens) par cette masse énorme de pierre blanche, est confuse, exagérée et hybride, et elle nous fait souvenir du peu de chance qu'ont eu

---

[1] On a heureusement eu l'idée de mettre les constructions plus proches du couvent, en harmonie avec l'humble façade en mosaïque de pierre noire et blanche.

[2] Dans les figures, qui révèlent un sentiment plastique, il y a beaucoup d'expression et de vigueur.

*
* *

Não podemos, no limitado espaço de que dispomos, apresentar uma descripção minuciosa do palacio-hotel e seus variados annexos. Quatro excellentes estampas dão ideia dos aspectos mais interessantes do corpo principal.

Uma vista geral, tirada de longe, emmoldurada pelo arvoredo, deixa entrever o contorno, as alas principaes, a torre quadrada e, encimado por uma enorme esphera armillar, o corucheo octogono que occulta a escada de serviço.

A segunda vista mostra a entrada nobre com a escadaria. Ao lado ergue-se a torre em projecção perpendicular; e encostada a ella, sobre tres arcos de volta redonda, vê-se o lanço singelo, pseudo-romanico, com os modestos aposentos que el-rei escolhe para sua morada, quando vae só.

A terceira dá o aspecto, em sentido longitudinal, da galeria manuelina, aberta em arcada com os dois andares sobrepostos.

A quarta representa as arcarias do vestibulo immediato á galeria, com um systema de ornamentação interior que lembra os lavores da porta da sacristia no mosteiro de Alcobaça.

O interior do grande edificio abrange no rez do chão, além do amplo vestibulo uma sala de baile (de 14^m^ por 10) á qual se une o gabinete de leitura, formando assim um salão de 21^m^ por 10; a casa de jantar, tambem ampla (15^m^ por 8,5); a sala de bilhar, copa e as escadas (nobre uma, e outra de serviço) envolvidas no corucheo. Os dois pavimentos superiores e a torre contém quartos para hospedes, aos quaes facultam das respectivas sacadas extensas e formosissimas vistas.

As sommas gastas com a obra até 1895 orçavam por 98 a 99 contos. O orçamento geral era então de 130:245$000 reis. Calculando a despeza annual d'então para cá só em cinco contos (quantia minima dispendida nos annos mais parcos) teriamos mais cincoenta contos. Junte-se a isto a installação interior, os azulejos, as pinturas, o mobiliario estylo Luiz xv, e attingir-se-ha uma somma formidavel, que parece estar em desproporção com os recursos financeiros do erario que a dispendeu.

D'essas decorações conheço apenas alguns dos luzentes quadros de azulejos que guarnecem os vestibulos. Restrinjo-me por isso a dar um mero elenco das obras de arte com que pintores portuguezes contribuiram (ou ainda hão de contribuir) para completar o notavel monumento nacional. Todos elles inspiraram-se na historia e na literatura patria.

1) Azulejos, de **Jorge Collaço.** — No primeiro vestibulo: *retrato de Lord Wellington,* no segundo: *Marechal Massena, com o estado maior; carga de infanteria 19. — Carga de caçadores 3 e 4.* Tudo isso com motivos decorativos allusivos á batalha. — No espaldar de um banco: *Partida de Vasco da Gama para a India. — Chegada de Pedro Alvares Cabral ao Brazil. — Primeira Missa.* — Nos patamares da escada: *Tomada de Ceuta; Infante D. Henrique — Batalha d'Ormuz; Affonso d'Albuquerque.* — Nas galerias exteriores, nos intervallos das portas: quatorze composições com motivos allegoricos aos dez Cantos dos *Lusiadas; Autos de Gil Vicente* e uma *Ecloga de Bernardim Ribeiro.* — N'um friso decorativo medalhões com retratos dos principaes navegadores portuguezes.

2) Pinturas. *a)* de **Antonio Ramalho.** — Na escada que conduz do primeiro ao segundo pavimento: motivos decorativos em estylo manuelino; medalhões, d'um lado com os retratos do *Infante D. Henrique, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral;* do outro lado: *Affonso d'Albuquerque, D. Francisco d'Almeida; D. João de Castro.* Na escada que conduz do segundo ao ultimo pavimento: *uma galeria em perspectiva.*

b) de **Carlos Reis.** — Na sala nobre, em estylo Renascença: pinturas muraes representando uma *festa campestre,* tomando toda a parede. Na sala de leitura: assumptos allusivos ás obras de Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, etc.; projectos e construcção do edificio, com figuras de contemporaneos que mais directamente entraram na execução do paço.

c) de **João Vaz.** — Na sala grande de jantar: faixas decorativas em estylo manuelino; entre as portas quadros com assumptos maritimos, referentes a diversos trechos dos *Lusiadas;* a Passagem do Cabo; Chegada a Calicut — Infante D. Henrique em Sagres, etc.

d) de **Ernesto Condeixa.** — Pintura no tecto da sala de jantar pequena.

chez nous les scénographes italiens qui se sont mêlés en Portugal des questions positives d'art et de problèmes de construction, surtout de l'effroyable écroulement de la grande tour des Jeronymos.

*
* *

Le peu d'espace dont nous disposons ne nous permet pas de faire une description minutieuse du palais-hotel et de ses annexes divers. Quatre excellentes gravures donnent l'idée des aspects les plus intéressants du bâtiment principal.

Une vue générale, prise de loin, et encadrée de verdure, laisse apercevoir le contour, les ailes principales, la tour carrée et la flèche octogone qui cache l'escalier de service, surmontée d'une énorme sphère armillaire.

La deuxième gravure montre l'entrée principale avec l'escalier. À côté s'élève la tour en projection perpendiculaire, sur le flanc de laquelle, sur trois arcades en plein cintre, s'appuie le simple corps-de-logis, pseudo-roman, avec les modestes appartements choisis par le roi pour demeure, lorsqu'il va tout seul à Bussaco.

La troisième gravure donne, dans le sens longitudinal, l'aspect de la galerie *manuelina,* ouverte en arcade, avec ses deux étages superposés.

La quatrième représente les arcades du vestibule attenant à la galerie, avec un système d'ornementation intérieure qui rappèle le travail de la porte de la sacristie du monastère d'Alcobaça.

L'intérieur du grand édifice comprend au rez-de-chaussée, outre le vaste vestibule, une salle de bal (de 14^m^ sur 10) à laquelle se réunit un cabinet de lecture, formant ainsi un salon de 21^m^ sur 10; la salle à manger, aussi très grande (15^m^ sur 8,5); la salle de billard, les dépendances de la salle à manger et les escaliers (un principal, et l'autre de service) dissimulés par le clocheton. Les deux étages supérieurs et la tourelle contiennent des chambres d'hôtes, auxquels est permise la jouissance des grands balcons et des magnifiques points de vue.

Jusqu'à 1895 les sommes dépensées avec l'édification étaient de 98 à 99 *contos* [1] (500 mille francs à peu près). Le devis total était alors de 130:245$000 *contos de reis,* environ 650 mille francs. En évaluant depuis lors la dépense annuelle à 5 *contos* (25:000 francs) (somme minime dépensée dans les années plus économiques) nous aurions eu plus 750 *contos* (250 mille francs). En ajoutant à cela l'installation intérieure, faïences, peintures, mobilier Louis xv, on aura atteint une somme formidable qui semble en disproportion avec les ressources financières du trésor qui l'a fournie.

Parmi ces décorations je connais à peine quelques brillants panneaux en faïences qui garnissent les vestibules. Je me borne donc à donner un bref aperçu des œuvres d'art avec lesquelles les peintres portugais ont contribué et contribueront encore, pour compléter ce remarquable monument national et qui sont tous inspirés dans l'histoire et la littérature de la patrie.

1) Faïences de **Jorge Collaço.** — Dans le premier vestibule: *portrait de Lord Wellington;* dans le second: *Maréchal Massena, avec l'état major; charge du 19me d'infanterie. — Charge de chasseurs 3 et 4.* Le tout avec des motifs décoratifs se rapportant à la bataille. — Sur le dossier d'un banc: *Départ de Vasco da Gama pour l'Inde — Arrivée de Pedro Alvares Cabral au Brésil. — Première Messe.* — Sur les paliers de l'escalier: *Prise de Ceuta; Infant Dom Henrique. — Bataille d'Ormuz; Affonso d'Albuquerque.* — Dans les galeries extérieures, sur les intervalles des portes: quatorze compositions avec motifs allégoriques aux dix *Chants* des *Lusiades; Autos de Gil Vicente* et une *Églogue de Bernardim Ribeiro.* — Sur une frise décorative des médaillons avec portraits des principaux navigateurs portugais.

2) Peintures. *a)* de **Antonio Ramalho.** — Dans l'escalier qui conduit du premier au deuxième étage: motifs décoratifs de style *manuelino;* médaillons, d'un côté les portraits de *l'Infant D. Henrique, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral;* de l'autre *Affonso d'Albuquerque, D. Francisco d'Al-*

[1] Le conto de reis est à peu près 5:000 francs. (*N. du trad.*).

3) Trabalhos de esculptura. — De **J. Machado**, de Coimbra: um fogão (renascença) na sala das Festas; de *Antonio Augusto Gonçalves*, tambem de Coimbra: diversas estatuas no exterior e na escada; de Costa Motta: um pagem sobre o fogão; de Costa Motta Sobrinho: quatro bustos, representando Garcia de Resende, Bernardim Ribeiro, Gil Vicente, Sá de Miranda.

A Batalha do Bussaco

(27 de agosto de 1809)

Como se não bastassem as riquezas naturaes do sitio, nem o diligente e bem dirigido esforço do homem, todo interessado em dar-lhe relevo pela cultura e pela arte, emfim, o prestigio da religião, viera nos tempos modernos a historia consagrar o Bussaco por um assignalado feito de armas que cobriu de gloria o exercito luso-britannico: a batalha vencida contra as hostes de Massena.

N'um espaço relativamente pequeno luctaram no dia 27 de agosto tres corpos de exercito francezes (commandantes: Regnier, Ney, Junot) com cerca de 65:000 homens contra 50:000 dos alliados, sendo estes metade portuguezes, metade inglezes. Na derrota o inimigo perdeu 4:500 soldados, dos quaes 2:000 mortos; os alliados apenas 1:250. Não tendo vencido no ataque pela frente [1], Massena pretendeu tornear a posição, mas não pôde impedir a retirada bem ordenada de Wellington que, tomando-lhe o passo, foi postar-se nas linhas de Torres-Vedras e oppôr-lhe barreira insuperavel, diante da qual o marechal francez perdeu cinco mezes em infructiferas tentativas, sem a romper.

Esta batalha, que decidiu da sorte de Massena, é lembrada aos posteros por dois singelos monumentos: um obelisco com inscripção adequada, e a Capella das Almas do Encarnadouro, a qual, sendo obra do fim do seculo XVIII, foi modernamente restaurada (1877), porque soffreu ruina, muito depois de ter servido de hospital de sangue na occasião da lucta.

O local escolhido para a Memoria está muito perto do muro da matta, em distancia quasi igual da Porta da Rainha e da de Sula, n'uma plataforma elevada que domina extenso horizonte e permitte que o padrão seja avistado de pontos variados e muito distantes.

A Capella das Almas fica em frente, a poucos passos da Porta da Rainha.

Varios projectos, propostos desde 1862, tendentes a transformar a Capella em monumento commemorativo da batalha, tomaram fórma definitiva só em 1873, graças aos esforços do general Costa Cascaes, auctor da *Historia da guerra peninsular*. O obelisco, circumdado de oito peças de bronze, é singelo, mas contém uma inscripção eloquente, epigraphicamente distribuida.

Na face oriental: «Ao exercito luso-britannico» — Campanhas da guerra peninsular — 1808 a 1814 — 6 bloqueios, 12 defezas, 14 cercos, 18 assaltos, 215 combates, 15 batalhas.»

Na face occidental: «Erigido em 1873 — Destruido por um raio em Dezembro (20) 1876 — Restaurado em 1879.»

A capella, ampliada e reformada á custa do governo, foi solemnemente benzida em 1876. Guardam-se n'ella differentes recordações da guerra napoleonica. No anniversario da batalha celebra-se alli, modesta mas dignamente, o feito historico.

Luso e arredores

Gozam de antiga e merecida fama as thermas de Luso, embora esperassem durante longo tempo pelas obras de renovação que as transformaram n'um estabelecimento de primeira ordem. Aqui na villa, nas estradas e ruas, nos passeios, nos hoteis e hospedarias e no balneario, a influencia das reformas recentes foi muito benefica e merece louvores incondicionaes.

A situação da villa nas faldas do Bussaco, sobre duas collinas de suave declive, em cujo valleiro

---

[1] A respeito de Wellington, Massena dizia em tom de oraculo, antes da batalha: *Je le tiens; demain nous finirons la conquête du Portugal, et en peu de jours je noyerai le léopard.* (Simões de Castro, pag. 140).

meida, D. João de Castro. Dans l'escalier qui va du second au dernier étage: *une galerie en perspective.*

b) de **Carlos Reis.** — Dans le grand salon, style Renaissance, peintures murales représentant une *fête champêtre,* occupant tout le mur. Dans la salle de lecture: sujets faisant allusion aux œuvres de Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, etc.; projets et construction de l'édifice, avec figures des contemporains qui ont contribué plus directement à l'exécution du palais.

c) de **João Vaz.** — Dans la grande salle à manger: bandes décoratives de style *manuelino;* entre les portes: tableaux de sujets maritimes, se rapportant à divers passages des *Lusiades;* le Passage du Cap; Arrivée à Calicut; Infant D. Henrique à Sagres, etc.

d) de **Ernesto Condeixa.** — Peinture du plafond de la petite salle à manger.

3) Travaux de sculpture. — De **J. Machado**, de Coimbra; une cheminée (Renaissance) dans la salle des Fêtes; de *Antonio Augusto Gonçalves,* aussi de Coimbra: diverses statues à l'extérieur et sur l'escalier; de Costa Motta: un page sur la cheminée; de Costa Motta Sobrinho: quatre bustes représentant Garcia de Rezende, Bernardim Ribeiro, Gil Vicente, Sá de Miranda.

La Bataille de Bussaco

(27 Août 1809)

Quand même les richesses naturelles du site, l'effort humain, bien dirigé et actif, intéressé à le faire ressortir par la culture et l'art, et enfin le prestige de la religion n'auraient pas suffi à nous faire admirer le Bussaco, l'histoire est venue dans les temps modernes le consacrer par un remarquable fait d'armes qui a couvert de gloire l'armée luso-britannique: la bataille gagnée contre les troupes de Masséna.

Le 27 Août trois corps d'armée français, commandés par Regnier, Ney, Junot, luttèrent dans un espace relativement étroit et avec 65:000 hommes contre 50:000 alliés, dont une moitié était des portugais et l'autre des anglais. Dans sa défaite l'ennemi perdit 4:500 soldats, dont 2:000 morts et les alliés à peine 1:250. N'ayant pas réussi l'attaque de front [1], Masséna prétendit tourner la position, mais il ne put empêcher la retraite bien ordonnée de Wellington, qui lui barra le passage et alla se poster sur les lignes de Torres Vedras, lui opposant une barrière infranchissable, devant laquelle le maréchal français perdit cinq mois en tentatives infructueuses, sans parvenir à la frayer.

Cette bataille, qui décida du sort de Masséna, est rappelée à la postérité par deux simples monuments: un obélisque avec l'inscription appropriée, et la Chapelle des Âmes de l'Encarnadouro, œuvre de la fin du XVIII[me] siècle, récemment restaurée en 1877, parce qu'elle avait été à peu près ruinée bien après qu'elle eut servi d'hôpital de sang lors de la bataille.

L'emplacement choisi pour l'Obélisque est à quelques pas, vis-à-vis la *Porta da Rainha.*

Depuis 1862 divers projets furent présentés dans l'idée de transformer la Chapelle en monument commémoratif de la bataille, mais ce fut seulement en 1873 qu'ils prîrent une forme définitive, grâce aux efforts du général Costa Cascaes, auteur de l'*Historia da guerra peninsular.* L'obélisque entouré de huit canons de bronze, est simple, mais il contient une éloquente inscription distribuée épigraphiquement.

Sur la face orientale: «À l'armée luso-britannique» — Campagnes de la guerre péninsulaire — 1808 à 1814 — 6 blocus, 12 défenses, 14 sièges, 18 assauts, 215 combats, 15 batailles.»

Sur la face occidentale: «Érigé en 1873 — Détruit par la foudre en Décembre (20) 1876 — Restauré en 1879.»

La chapelle, agrandie et réédifiée aux frais de l'État, fut solennellement bénie en 1876. On y conserve quelques souvenirs de la guerre de Napoléon. Le jour anniversaire de la bataille, on y célèbre tous les ans le fait historique par une modeste cérémonie.

---

[1] À propos de Wellington, Masséna disait d'un ton d'oracle, avant la bataille: Je le tiens; demain nous finirons la conquête du Portugal, et en peu de jours je noierai le léopard. (Simões de Castro, pag. 140).

brotam as nascentes alcalino-sulphurosas, é muito amena. O balneario, embora já em 1854 attrahisse a attenção (como um dos primeiros que fôra levantado em boas condições hygienicas por iniciativa particular) offerecia ainda assim apenas um razoavel asseio e mediano conforto, correspondente á parcimonia das installações e do tratamento nas hospedarias (do Barriga, do Serra e da Carolina). Havia só banhos de immersão, distribuidos por nove quartos. Os de chuva ou *douche* eram de installação muitissimo primitiva. Lembra-nos haver visto durante annos, nos baixos do estabelecimento, uma planta com um projecto de segundo andar) simples e economico, com salas para reuniões e leitura, o qual a Sociedade para o melhoramento dos Banhos de Luso (constituida em 1854) nunca chegou a construir, por falta de recursos. Hoje, ella mal reconheceria a sua obra no balneario guarnecido segundo os ultimos conselhos da sciencia, secundados pelos recursos da arte.

A povoação, a 7 kil. da estação da Mealhada e 11 da Pampilhosa, que já lucrára com a abertura do caminho de ferro da Beira, de que fórma um ponto de descanço, transformou-se totalmente na era dos *chalets*. Se em 1854 contava apenas tres casas envidraçadas, e vinte e uma em 1859, os tristissimos casebres que ainda quatro lustros depois desfeavam as ruas, ou antes veredas, desappareceram, substituidos por moradas habitaveis e, em parte, por vivendas opulentas e quintas vistosas.

Um bom hotel, ligado ao do Bussaco, está installado no antigo palacio dos marquezes da Graciosa. Não ha falta de transportes faceis. Entre os passeios proximos um dos mais frequentados é o da Fonte do Castanheiro.

Como as bellezas de Luso e do Bussaco são grandes e variadas, poucas pessoas, relativamente, conhecem os arredores e fazem excursões a pontos mais distantes. Alguns vão ao celebre mosteiro de Lorvão (Vid. vol. I, fasc. 12); outros visitam a magnifica quinta dos marquezes da Graciosa, perto da villa da Anadia, com um parque celebre (de que a nossa estampa mostra um formoso aspecto) e um museu de objectos raros e preciosos. Ficam proximas as celebres aguas da Curia.

São lindas tambem, mas poucas vezes procuradas as margens do rio Cris (affluente do Dão) que se recommendam, além d'isso, ás attenções do patriota, pois foram theatro de porfiada lucta, sendo a passagem do rio como que o preludio da batalha do Bussaco. As aguas do rio interessam tambem o amador das pescarias finas, pois abundam em saborosas trutas, peixe tão raro em Portugal, por descuido na policia dos cursos fluviaes.

*
* *

A lagoa ou antes *pateira* de Fermentellos não pertence á região do Bussaco. Está situada a uns 9 kil. ao Norte de Aveiro. É um dos variadissimos aspectos de uma região muito original e interessante, já tratada n'esta publicação por penna competente. (N.os 44 e 56).

A pateira, nome que indica abundancia de aves de caça, tambem é um immenso viveiro de peixes saborosos, que povoam as suas aguas n'uma extensão de 4 kilom. e meio por 1 e meio de largo.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

Luso et ses environs

Les eaux thermales de Luso jouissent d'une réputation ancienne et bien méritée, quoiqu'elles aient attendu pendant longtemps les nouveaux travaux qui les ont transformées en un établissement de premier ordre. Ici dans la ville, sur les routes et les chemins, dans les promenades, les hotels, les auberges et l'établissement balnéaire, l'influence des récentes améliorations a été des meilleures et mérite les plus justes louanges.

La situation du bourg à mi-côte du Bussaco, sur deux collines en pente suave, avec les sources alcalines et sulphureuses jaillissant au fond du vallon, est des plus agréables. L'établissement balnéaire, qui en 1854 attirait déjà l'attention comme un des premiers qu'on avait installé en de bonnes conditions hygièniques par initiative particulière, ne présentait toutefois que des conditions relatives de propreté et de confort, en rapport à la parcimonie des installations et la manière dont étaient tenus les hotels du Barriga, du Serra et de la Caroline. Il n'y avait que des bains d'immersion distribués en dix cabines. Les bains de pluie et les douches étaient installés de façon tout à fait primitive. Je me souviens d'avoir vu pendant des années, dans les caves de l'établissement, le plan d'un projet avec second étage, très économique et simple, avec salle de réunions et de lecture, que la société pour l'amélioration des Bains de Luso, instituée en 1854, n'est jamais parvenue à construire faute de moyens. De nos jours, elle aurait peine à reconnaître son œuvre dans le balnéaire monté d'après les plus récents procédés scientifiques, secondés par toutes les ressources de l'art.

Le bourg, à 7 kil. de la station de Mealhada et à 11 de Pampilhosa, qui avait déjà gagné de l'importance avec l'ouverture du chemin de fer de Beira, dont il est une délicieuse étape, s'est tout à fait transformé avec l'apparition des *chalets*. En 1854 on comptait à peine trois maisons à fenêtres vitrées, en 1859 vingt et une, mais vingt ans après les tristes masures qui enlaidissaient les rues ou plutôt les sentiers, ont disparu et sont remplacées par des habitations confortables et même par des *villas* opulentes et des jardins délicieux.

Un bon hotel, dépendant de celui du Bussaco est installé dans l'ancien palais des Marquis de Graciosa. Les transports sont faciles. Parmi les belles promenades proches, celle de la Fontaine du Castanheiro est une des plus fréquentées.

Comme les beautés de Luso et du Bussaco sont en grand nombre, peu de personnes, relativement connaissent les environs et font des excursions aux sîtes les plus éloignés. Quelques unes vont au fameux monastère de Lorvão (vid. vol. I, fasc. 12); d'autres visitent la magnifique propriété des marquis de Graciosa, près de Anadia, avec un parc célèbre, dont notre gravure montre un des beaux aspects, et un musée d'objets rares et précieux. Les magnifiques eaux de Curia sont très proches.

Les rives du Cris, affluent du Dão, sont aussi ravissantes mais très peu recherchées, elles se recommandent encore à l'attention des patriotes, comme ayant été le théatre d'une lutte opiniâtre: le passage du fleuve a été pour ainsi dire le prélude de la bataille de Bussaco. Les eaux du fleuve intéressent également les amateurs de belle pêche, car les savoureuses truites y abondent, chose rare en Portugal, et dûe à la négligence de fiscalisation des cours d'eau.

*
* *

L'étang ou plutot la mare de Fermentellos n'appartient pas à la région du Bussaco, mais est situé à 9 k. à peu près au nord d'Aveiro. C'est un des aspects variés de cette région si originale et intéressante dont cette publication s'est déjà occupée par une plume des plus autorisées.

La mare, ou canardière, dont le nom indique l'abondance de chasse aux oiseaux aquatiques, est aussi un immense vivier de poissons savoureux qui la peuplent sur une étendue de 4 kilomètres e demi sur 1m et demi de large.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

Evora

Egreja de S. Francisco



aspecto exterior da egreja de S. Francisco é de uma singeleza extraordinaria; parece que o architecto quiz pela ausencia de ornatos significar a pobreza obrigada da ordem fundada pelo poeta S. Francisco d'Assis. Sobre alguns degráos ergue-se o alpendre ou galilé que é uma arcada alta, encimada por varanda corrida, com extravagantes gargulas, encostada á frontaria lisa do templo onde apenas uma grande janella rompe a larga parede. Aos cantos uns coruchéos simples. Sob a galilé abre-se o portico da egreja tambem sobre degráos.

A arcada da galilé é curiosa, um mixto de estylos, ao arco de volta redonda segue-se outro em volta de ferradura, e a este outro em ogiva. É raro isto em Portugal, mas ha exemplos na architectura hespanhola, de combinações de romanico, ogival e mudejar, obedecendo mais ao capricho d'architecto que a necessidades de construcção.

A portada é dupla, elegante, sem excesso de ornatos, em marmore branco de bom lavor. Sobre elle o escudo das armas reaes, e a um lado o pelicano de D. João II, a outro a esphera armillar de D. Manuel. Marcam esses dois emblemas a época da construcção começada em tempo do principe perfeito, mas só terminada no seguinte reinado. Os mesmos emblemas se repetem sobre o arco triumphal, enorme ogiva da capella-mór.

É um monumento bem datado, ha muitos documentos e noticias da sua construcção, relativos ao mestre das obras Martim Lourenço, a mestre Olivel de Gand; e até ficaram lendas allusivas á sua arrojada architectura, á grande abobada que cobre a ampla nave. É um conjuncto todavia; ao templo encosta-se, a norte, a capella de S. Joãosinho com a sua porta renascença, muito ingenua, e a casa da Ordem Terceira; ao lado do sul a sacristia, com os seus azulejos antigos, a celebre casa dos ossos, e uns vestigios do claustro, que era interessante construcção do seculo XIV, em arcadas de pequenas ogivas sobre parelhas de columnellos.

Póde dizer-se que, n'este edificio em formação ainda no reinado de D. Manuel, já adiantado, nada ha do conhecido *manuelino*. Da austera ogiva, do rigido perfil gothico, salta-se á renascença; esta apenas representada por meras juxtaposições.

Bravo templo! lhe chamou D. João de Castro, a primeira vez que entrou na vasta nave, olhando com assombro a alta abobada.

Das edificações dos primeiros frades, no primeiro quartel do seculo XIII, nada ou quasi nada resta; as chronicas dizem cousas raras que eu julgo exageradas; não poderiam fazer vastas fabricas esses homens, esses primitivos franciscanos, fanaticos explosivos, poetas nomadas, que surgiram na Italia e em poucos annos percorriam muitos paizes da Europa, mal nascidos e já entravam em Portugal; mais, ainda no seculo XIII, já prégavam em Marrocos. Esses mendicantes foram pasmosos *globetrotters* na edade media, o povo acreditou até que o nosso Santo Antonio voava, em vez de andar como qualquer de nós. O celebre confessor de D. João II, fr. João da Povoa, viajou immenso, sempre a pé. Se tanto andavam e tão completa pobreza professavam, para que precisariam elles de artisticas moradias? O favor real, a proximidade dos regios paços, fez surgir o monumento.

Interior

A estampa do interior do templo mostra bem a pureza austera da grande nave ogival, a robustez da vasta abobada. A capella-mór é profunda, com os lados revestidos pelo duplo cadeirado do côro, e illuminada por altos frestões com vidraça colorida; como a vista foi tirada de frente não se percebem os cadeirados, os frestões, nem as gentis tribunas do renascimento que abrem para o chamado côro de cima. Vê-se o retabulo do altar-mór, feito no seculo XVIII, que destoa completamente no estylo; mas é trabalho bem feito, em marmores bem polidos.

Evora

Église St François



'aspect extérieur de l'église St François est d'une simplicité extraordinaire; il semble que l'architecte a voulu que l'absence d'ornements signifiat le vœu de pauvreté de l'Ordre fondé par le poète St François d'Assise. Sur quelques marches le porche s'élève en forme de haute arcade surmontée d'un balcon, garni de gargouilles excentriques et appuyé à la façade unie du temple, percée à peine d'une large fenêtre. Des flèches simples ornent les coins et sous le porche, le portail de l'église s'ouvre aussi sur des marches.

L'arcade du porche est curieuse; c'est un mélange de styles, l'arc en fer à cheval suit l'arc arrondi, et après celui-ci un autre en ogive. Ceci est rare en Portugal, mais dans l'architecture espagnole il y a des exemples de combinaisons de style roman, ogival e mudejar, obéissant plutôt au caprice de l'architecte qu'aux nécessités de la construction.

Le portail est double, élégant sans excès d'ornementation, et en marbre blanc d'un beau travail. Au dessus on voit l'écusson aux armes royales, d'un côté le pélican de D. Jean II et de l'autre la sphère armillaire de D. Manuel. Ces deux emblèmes marquent l'époque de la construction commencée du temps du prince parfait et terminée seulement pendant le règne suivant. Sur l'arc triomphal, énorme ogive du maître autel, sont répétés les mêmes emblèmes.

C'est un monument des mieux datés, et il y a beaucoup de documents de sa construction relatifs à l'entrepreneur des travaux Martin Lourenço, à maître Olivier de Gand; il y a même des légendes à propos de son architecture audacieuse, et de la grande voûte qui recouvre la vaste nef. C'est toutefois un ensemble; au nord du temple s'adosse la chapelle de St Joãosinho, très simple avec sa porte renaissance, et la maison du Tiers Ordre; du côté sud, la sacristie avec ses faïences anciennes, la fameuse salle des os et des vestiges du cloître à petites arcades ogivales sur des colonnettes accouplées, qui était une intéressante construction du XIVme siècle.

On peut dire que dans cette construction exécutée pendant le règne de D. Manuel déjà assez avancé, il n'y a rien de manuelino. De l'ogive austère, du sévère profil gothique on saute à la renaissance, représentée à peine par de simples juxtapositions.

La première fois qu'il entra dans la vaste nef, D. João de Castro regardant avec étonnement la haute voûte s'écria: le brave temple!

Il ne reste plus rien ou presque rien des édifications des premiers moines pendant la première partie du XIIIme siècle; les chroniques parlent de choses que je tiens comme exagérées; ces hommes, ces franciscains primitifs, fanatiques enthousiastes, poètes nomades, qui surgirent en Italie et en peu d'années parcouraient beaucoup de pays de l'Europe, commencèrent par venir en Portugal, et n'auraient pas pu faire de grandes édifications. Ces mendiants furent de fameux *globetrotters* du moyen âge; le peuple crût même que notre Saint Antoine s'envolait au lieu de marcher comme tout le monde. Le célèbre confesseur de D. Jean II, fr. João da Póvoa, voyagea beaucoup, toujours à pied. Quel nécessité auraient-ils eue de demeures artistiques, s'ils marchaient tant et faisaient vœu de pauvreté complète? La faveur royale, la proximité des palais royaux fit élever le monument.

Intérieur

La gravure de l'intérieur du temple montre bien la pureté austère de la grande nef ogivale, la solidité de la vaste voûte. Le sanctuaire est profond, avec ses bas-côtés revêtus de la double rangée de stalles du chœur, et illuminé par de hautes fenêtres en vitraux coloriés; comme la vue a été prise de face on n'aperçoit pas les stalles, les fenêtres ni les jolies tribunes renaissance qui s'ouvrent sur le chœur, surnommé d'en haut. On voit le retable du maître autel, fait au XVIIIme siècle, qui tranche complètement du style, quoique le travail soit bien fait, en marbres bien polis.

A nave tem 36^{m},10 de comprimento, e a largura é de 12^{m},80.

Do fecho da abobada ao chão quasi 27 metros.

O cruzeiro tem 40 metros de comprido por 6 de largo.

A capella-mór tem 12^{m},50 de comprido por 7^{m},54 de largura.

O braço do cruzeiro, lado do Evangelho, tem um extraordinario trabalho em obra de talha, nas tres paredes, mas principalmente na capella do Santissimo e no sacrario, de elegante esculptura. No lado da epistola, a parede do fundo do cruzeiro é occupada pela capella do Senhor da Columna.

O retabulo d'esta capella, de pintura em madeira, dividido em quadros, é notavel.

N'uma das capellas lateraes, a estatua de S. Bruno, que foi da Cartuxa d'Evora, esculptura de merecimento.

A estampa mostra bem os dois altares que preenchem os vãos da parede aos lados do grande arco ogival da capella-mór; estão ahi antigas pinturas portuguezas do começo do seculo XVI, quatro de cada lado.

No altar da direita a estampa mostra n'um quadro o anjo custodio do reino, percebe-se o escudo de Portugal; no outro um anjo de espada erguida contra uma nuvem, presa por um grilhão. A nuvem é um desastre, não sei mesmo se é nuvem ou grande tubara negra.

É evidente que estava ahi uma figura que foi propositalmente apagada. Conta-se assim o caso. O pintor amava certa dama da côrte, que lhe não correspondeu; era linda a dama desdenhosa do artista; e este raivoso, estando a pintar o diabo, o inimigo terrivel, lembrou-se de o representar na fórma da gentil trocista. Uma vingança feroz. Mas os frades reclamaram. Diziam elles no seu capitulo que era preciso tirar d'ali aquelle demonio de lindas fórmas; quando na missa erguiam os olhos no enlevo da adoração davam com o tentador mafarrico, que lhes desvairava os sentidos; resolveu-se apagar a figura perigosa, e ficou o anjo a esgrimir com a nuvem.

Abobada

A abobada da egreja de S. Francisco desperta a admiração, pela grandeza, imponencia das suas arrojadas linhas, e ainda porque olhando as paredes lateraes, que parecem aguental-a, se reconhece, nas esguias frestas, que taes paredes são mui delgadas. Por isto se tem dito que é, como a da sala capitular do mosteiro da Batalha, um d'aquelles milagres da arte que assustam e despertam admiração. Exteriormente as grandes paredes mestras não têm gigantes ou botareus, só nos cunhaes os mostram não mui fortes, na direcção das paredes. O templo assenta sobre rocha; o architecto a cada lado ergueu duas paredes, travadas de espaço a espaço com fortes paredes transversaes, que formam a separação das capellas; seis paredes, que podiamos dizer seis gigantes disfarçados, occultos, de cada lado; sobre as paredes transversaes firmam-se os arcos da abobada. A estampa que representa o interior da egreja mostra perfeitamente o jogo da abobada. Creio mesmo que em vez das estreitas frestas, que a estampa mostra, o architecto podia abrir ahi largo triforio sem prejudicar a solidez da construcção.

Diz a lenda que a meio da obra o architecto desappareceu. El-rei esperou, fartou-se de esperar, e nenhuma noticia de Martim Lourenço. Mandou chamar outro mestre. O homem veio, examinou, mediu, e disse que não se julgava capaz de terminar a egreja. O grande problema era formar a abobada.

El-rei mandou chamar outro architecto, e mais architectos; empenho baldado, os mestres recusavam tomar conta do trabalho e assim se passaram annos. Emfim appareceu Martim Lourenço, e continuou a obra com pasmo geral. Esta ausencia prolongada do architecto póde explicar-se por occupações nas fortalezas *d'além*, no Algarve d'além, porque um documento se refere a obras dirigidas por Martim Lourenço, n'esta época, em Alcacer Ceguer.

O que é bem certo, e bem importante, é que o corpo da egreja e cruzeiro, esse elegante arcabouço, feito segundo um plano bem assente, e mantido, está puro de alterações. A linha geral da capella-mór com a sua elegante abobada conserva-se tambem; as lindas tribunas em renascença já destoam dos frestões ogivaes; o grande retabulo em polidos marmores é do seculo XVIII; foi feito em 1773 por ordem e do bolsinho do conego Antonio Landim de Sande. Creio que as grandes balaustradas, todas em marmores bem trabalhados, que separam a capella-mór do cruzeiro, este da nave, e as das capellas, são da mesma época.

La nef a 36^{m},10 de long sur 12^{m},80 de large.

Du sol à la clef de voûte on compte 27 mètres.

Le transept mesure 40 mètres de longueur sur 6 de largeur et le sanctuaire a 12^{m},50 de long et 7^{m},54 de large.

Le bras du transept, côté de l'Évangile, présente un extraordinaire travail de sculpture en bois sur les trois murs, mais surtout sur celui de la chapelle du Saint Sacrement et le tabernacle, d'une sculpture élégante. Du côté de l'Épître, la paroi du fond du transept est occupée par la chapelle du Seigneur de la Colonne.

Le retable de cette chapelle peint sur bois, et divisé en panneaux, est assez remarquable, et dans une chapelle latérale on voit la statue de St Bruno, qui appartenait à la Chartreuse d'Evora et qui est une sculpture de mérite.

La gravure montre bien les deux autels qui remplissent les pans du mur aux côtés du grand arc ogival du maître autel; on y voit d'anciennes peintures portugaises du commencement du XVIme siècle, quatre de chaque côté.

Sur l'autel, à droite de la gravure, un tableau de l'ange gardien du royaume montre bien l'écusson du Portugal; un autre tableau représente un ange avec l'épée levée contre un nuage, attaché par une chaîne. Le nuage est désastreux, je ne sais même pas si c'est un nuage ou une grande truffe noire.

Il est évident qu'il y avait là une figure qui a été effacée à dessein, et on raconte ce qui suit. Le peintre aimait une certaine dame de la cour qui fut indifférente à ses assiduités; la dame si dédaigneuse, était très belle, et l'artiste dépité, qui était en train de peindre le diable, le terrible ennemi, eût l'idée de le représenter sous la forme de la belle moqueuse. C'était une vengeance atroce, mais les moines reclamèrent; ils dirent au chapitre qu'il fallait retirer de là ce démon si tentateur, qui frappait leurs regards lorsque pendant la messe ils élevaient leurs yeux pleins d'adoration et qui leur troublait les sens; on résolut donc d'effacer la dangereuse figure, mais l'ange continua à s'escrimer contre un nuage.

Voûte

La voûte de l'église St François éveille l'admiration, par la grandeur, la majesté de ses lignes hardies, et encore parce que en observant les parois latérales qui semblent la supporter, on reconnait, à la sveltesse des fenêtres, le peu d'épaisseur de ces murailles. C'est pour celà qu'on dit qu'elle est, de même que la salle du chapitre du monastère de Batalha, un de ces miracles d'art qui effrayent et inspirent l'admiration. Extérieurement les gros murs ne présentent ni contreforts ni arc-boutants, on en aperçoit seulement et pas très forts, suivant la direction des angles. Le temple s'appuie sur le roc, et de chaque côté, l'architecte a élevé deux murs, séparés d'espace en espace par d'autres murs transversaux, qui forment la séparation des chapelles; ces six murs sont à vrai dire, six arcs-boutants dissimulés de chaque côté; sur les parois tranversales s'appuient les arcs de la voûte. La gravure qui représente l'intérieur de l'église montre parfaitement le travail de la voûte. Je crois même qu'au lieu des étroites fenêtres qu'on voit sur la gravure, l'architecte aurait bien pu ouvrir un large trifolium sans nuire à la solidité de la construction.

La légende dit que pendant les travaux l'architecte disparût. Le roi attendit, il se lassa d'attendre, et on n'avait point de nouvelles de Martin Lourenço. Il fit quérir un autre entrepreneur. L'homme arriva, il examina, mesura et déclara qu'il ne se sentait point capable de terminer l'église. Le grand problème était de former la voûte.

Le roi fit appeler un autre architecte, et encore d'autres; vain effort, car tous refusaient de s'occuper du travail, et des années se passèrent ainsi. Enfin Martin Lourenço reparut, et les travaux continuèrent au grand étonnement de tous. Cette longue absence de l'architecte peut s'expliquer par ses occupations aux forteresses lointaines, dans l'Algarve, parce qu'un document parle de travaux dirigés par Martin Lourenço, à cette époque, à Alcacer Ceguer.

Ce qui est certain, et très important, c'est que la nef principale et le transept, cette élégante charpente faite selon un plan bien déterminé et suivi, est pure de toute altération. La ligne d'ensemble du sanctuaire, avec sa belle voûte est également conservée; les belles tribunes renaissance diffèrent

N'este edificio temos: poucos restos do edificio anterior; devemos todavia marcar a existencia d'uma porta lateral, que abria para o lado norte; o templo fins do seculo XV, e começo do XVI; o claustro contiguo ao templo, de que resta um fragmento, construido em 1376.

As arcadas do claustro eram ogivaes de granito, apoiadas em parelhas de columnellos de marmore branco.

No museu da Bibliotheca Publica Eborense ha um trecho do claustro, armado, assim como a elegante janella geminada, que tem na soleira pequeninos azulejos de relevo embutidos, e a janella de peitos, do *quarto da rainha,* mimoso exemplar da renascença. Tambem ahi se encontra um grande relevo em marmore representando a Annunciação, lavrado na era de 1420, que é o anno de 1382; foi encontrado no claustro.

Encostada ao lado norte da egreja ha uma capella com entrada independente, é a antiga egreja de S. Joãosinho, onde esteve nos seus primeiros annos a irmandade da Misericordia. A portada d'esta capella é em granito, estylo renascença, mas de execução um tanto especial.

Em 1860-62 foi construida a torre dos sinos e se fizeram algumas reparações. A egreja apresentou depois fendas assustadoras. Em 1894-95 á custa do dr. Francisco Barahona, benemerito ha pouco fallecido, se procedeu a grandes concertos, na egreja e annexos.

Casa dos ossos

Os franciscanos tinham cemiterios geraes; a gente pobre tinha ali covaes gratuitos; grande parte do terreiro que fica a norte da egreja era cemiterio; enterravam tambem nos claustros e na egreja. Por consequencia reuniram muitas ossadas, formaram grandes ossuarios.

Em alguns paizes os franciscanos fizeram catacumbas para armazenar ossos; em certos sitios a esse agrupamento d'ossos, frades pacientes deram arrumação methodica, ás vezes artistica; isto principalmente na Italia. Em Portugal a casa dos ossos é exemplar unico; algum frade italiano ou que veio de Italia enthusiasmado com algum ossuario artistico, fez aquelles frisos de caveiras, as pilastras de femures, as paredes com ossos das pernas e braços, rodapé de azulejos e nos vãos da abobada estuques pintados; vê-se uma mumia de adulto e outra de creança, e um quadro proximo com um soneto macabro; proximo uma urna de marmore que encerra os ossos dos frades fundadores do mosteiro.

Ainda ha pouco recebi um bilhete postal illustrado representando o cemiterio dos Capuchinhos, em Roma; ahi a ornamentação com ossos humanos é mais complicada e engenhosa; o lugubre artista da casa dos ossos d'Evora era muito inferior ao collega romano.

El-rei D. João V visitou em 1716 a casa dos ossos, e ficou muito impressionado; fr. Jeronimo de Belem, na *Chronica serafica,* limita-se a dizer que el-rei a visitára com *aspecto regio;* comprehende-se que o elegante monarcha não olhasse com muita sympathia aquella ornamentação.

Na passagem da egreja para esta casa havia uma imagem celebre na tradição eborense; era um Christo, de antiga pintura, de aspecto assustador. Uma vez o guardião afflicto com as desordens dos frades, pediu-lhe protecção; a imagem disse em claro latim: *rege eos in virga ferrea.* O frade seguiu conselho de tamanha auctoridade, castigou severamente os revoltosos, e tudo entrou em paz.

A esta egreja de S. Francisco ligam-se muitas recordações; a capella real, paço e convento communicavam-se intimamente por sete portas; toda essa côrte brilhante de D. Manuel e D. João III por aqui rezou e ouviu musica.

N'esta egreja professou fr. Antonio das Chagas, ou melhor começou a professar; ia a cerimonia em meio quando entrou uma bala no templo, da artilheria hespanhola que estava bombardeando a cidade; foram terminar a profissão na casa capitular. N'esta mesma casa, sob não sei que campa, jaz a pobre abbadessa do mosteiro de S. Bento, assassinada pela gente meuda d'Evora nos alvorotos do mestre d'Aviz, tragedia magistralmente contada por Fernão Lopes. Na egreja, não se sabe onde, deve estar a ossada de Gil Vicente.

déjà des fenêtres en ogive; le grand retable en marbres polis est du XVIIIme siècle et fut fait en 1773 par ordre et aux dépens du chanoine Antonio Landim de Saude. Je pense que les grandes balustrades toutes en marbre bien travaillé, qui séparent le sanctuaire du transept, et celui-ci de la nef et des bas côtés, sont de la même époque.

Nous trouvons dans cet édifice peu de restes de l'édifice antérieur; toutefois nous devons signaler une porte latérale qui ouvrait sur le côté nord; le temple de la fin du XVme siècle et commencement du XVIme; le cloître contigu au temple, dont il reste un fragment, construit en 1376.

Les arcades ogivales du cloître étaient en granit appuyées sur de doubles colonnettes en marbre blanc.

Dans le musée de la Bibliothèque publique d'Evora il y a un fragment du cloître, bien disposé, de même que la jolie croisée géminée, dont le seuil est orné de petites faïences incrustées en relief, et la fenêtre à appui de la *chambre de la reine,* précieux exemplaire de la renaissance. On voit aussi là un grand bas relief en marbre représentant l'Annonciation, exécuté pendant l'ère 1420, qui est l'année 1382 et qu'on a trouvé dans le cloître.

Adossée au côté nord de l'église il y a une chapelle avec son entrée indépendante; c'est l'ancienne église de St Joãosinho, où a été, pendant les premières années de son existence, la communauté de la Misericordia. Le portail de cette chapelle est en granit de style renaissance, mais d'une exécution assez originale.

En 1860-62 on a construit le clocher et fait quelques réparations. L'église présenta plus tard des fentes inquiétantes. Le Dr. Francisco Barahona, méritant citoyen d'Evora récemment décédé, fit en 1894-95 faire d'importantes réparations dans l'église et ses dépendances.

Salle des os

Les franciscains avaient des cimetières généraux où les pauvres avaient des fosses gratuites; une grande partie du terrain situé au nord de l'église était le cimetière; on inhumait aussi dans les cloîtres et dans l'église, et par conséquent on réunit beaucoup d'ossements, formant de grands ossuaires.

Dans quelques pays les franciscains firent des catacombes pour garder des ossements, et en certains endroits les moines patients groupèrent ces os d'une manière méthodique, souvent artistique, surtout en Italie. En Portugal cette salle des os est un exemplaire unique; quelque moine italien ou revenant d'Italie, enthousiasmé avec un ossuaire artistique quelconque, aurait fait ces frises de têtes de morts, ces piliers de fémurs, ces murs avec des os de jambes et de bras, ce lambris de faiences et dans les panneaux de la voûte des stucs peints; on voit une momie d'adulte et une autre d'enfant, et un tableau avec un sonnet macabre; tout près il y a une tombe de marbre contenant les restes des moines fondateurs du monastère.

J'ai reçu dernièrement une carte postale illustrée représentant le cimetière des Capucins à Rome, et où l'ornementation avec des ossements humains est plus ingénieuse et compliquée; le lugubre artiste de la salle des os d'Evora était très inférieur à son collègue romain.

En 1716 le roi D. Jean V visita la salle des os, qui l'impressiona beaucoup; fr. Jeronymo de Belem, dans sa *Chronica serafica,* se borne à dire que le roi l'a visitée avec un *aspect royal;* on comprend que l'élégant monarque n'ait pas trop sympathisé avec cette ornementation.

Sur le passage de l'église vers cette salle il y avait une image célèbre dans la tradition locale; c'était un Christ, d'ancienne peinture et d'un effrayant aspect. Un jour le gardien affligé des désordres des moines implora sa protection et l'image répondit en pur latin: *rege eos in virga ferrea.* Le moine suivit ce sage conseil punissant sévèrement les rebelles, et tout rentra dans l'ordre.

Beaucoup de souvenirs sont reliés à cette église St François; la chapelle royale, le palais et le couvent communiquaient intérieurement par sept portes; toute cette cour brillante de D. Manuel et de D. Jean III, y venait prier et écouter de la musique.

C'est dans cette église que fr. Antonio das Chagas fit sa profession, ou, pour mieux dire, qu'il la commença; au milieu de la cérémonie une balle tomba dans le temple, lancée par l'artillerie espagnole qui bombardait la ville; la cérémonie religieuse se termina dans la salle du chapitre. Sous une des

Portada dos Loios

Este edificio dos Loios d'Evora, é um conjuncto de obras d'arte; pertence ao pequeno numero de construcções privilegiadas pelo acaso em que successivas épocas ficaram representadas, juxtapostas, sem aniquilação do trabalho passado. Casa dos Loios, onde hoje está o collegio, e contiguo palacio das cinco quinas, tudo pertence aos duques de Cadaval. O estudioso tem ahi varios motivos para meditação, o artista encontrará nitidos exemplares de capiteis arabes, de graciosas janellas mouriscas; do ogival no portico da egreja, e nos delicados lavores das campas de bronze, da renascença nos ediculos tumulares; finos relevos em fino marmore, e azulejos esplendidos; uma elegante tribuna, singular obra de entalhado na capella-mór; no claustro, felizmente bem conservado e muito interessante, o formoso portico amouriscado, de amplas linhas desafogadas e de singular lavor. Esse portico abre para uma casa, talvez o capitulo, com a sua artificiosa abobada, e logo o refeitorio, que está ainda muito bem; e seguindo atravez o quintal, ao fim, já proximo da muralha que dá para o Seminario, encontra-se uma casa, intacta, muito ampla, que julgo ser uma sala d'armas, do seculo XIV. No alto torreão ameado duas janellas arabes, de ogiva, geminadas, trabalhadas em pedra da Arrabida, com flôres em forte relevo, e capiteis de mimoso lavor. Uma d'essas janellas deita para o largo do passeio de Diana, outra, na mesma casa, deita para o pateo; para aqui tambem as janellas mouriscas, em arco de ferradura, em marmore e tijolo. Na galeria de entrada, nas portas, ha vergas, columnas, capiteis muito antigos. É um bello conjuncto, onde se encontram cousas raras, como as campas de bronze de arte flamenga, as janellas arabes, e exemplares de boa execução.

Por ahi passaram muitas gerações. É a casa dos condes de Olivença, de Tentugal, marquezes de Ferreira, duques de Cadaval. O fundador do mosteiro foi D. Rodrigo de Mello, guarda-mór d'el-rei D. Duarte, companheiro nas guerras de D. Affonso V e primeiro capitão de Tanger.

Uma das campas de bronze é do magnifico Ruy de Sousa, senhor de Sagres e de Beringel, companheiro de Affonso V, João II e ainda de D. Manuel. A mulher d'este, Branca de Vilhena, tem por tampa da jazida uma chapa de bronze com profusa e elegante decoração em ogival florido.

Na capella-mór e no cruzeiro ha umas campas notaveis, rasas mas com retratos, evidentemente, gravados na pedra; são as sepulturas de D. Alvaro de Bragança e D. Rodrigo de Mello, e suas mulheres. A collecção dos letreiros sepulcraes d'esta egreja é de interesse historico.

A estampa representa o portico da casa capitular; vê-se um trecho do claustro, uma columna da arcada, parte da abobada com seus artezões e fecho; percebe-se ainda a bancada do capitulo, e a nascença angular da artistica cobertura d'essa casa. Vê-se bem a differença entre o lindo marmore branco de Extremoz e o granito pardacento.

As finas columnas torcidas, as bases de planos cortados e encanastrados, os capiteis de aprimorado lavor, e o medalhão que representa a tranqueira d'Arzilla embandeirada, são em marmore; toda a moldura e os arcos de volta de ferradura, de relevo bem saliente, são em granito. É um exemplar notavel da fusão, ou combinação do chamado gothico com o arabe; e mais ainda porque nos capiteis e bases de marmore alguns sentem influencia da arte indiana. O emprego do arco de ferradura, influencia mourisca, é frequente em Evora; influencia indiana é aqui muito attenuada. O mosarabe domina e fraternisa com a renascença.

Este numero da *Arte e a Natureza em Portugal* apresenta exemplares do fim do seculo XV, começo do seculo XVI, portada dos Loios e galilé de S. Francisco, com o caracter do mourisco ou mosarabe eborense.

Gabriel Pereira.

tombes de cette même salle, gît la pauvre abbesse du monastère de S. Bento, assassinée lors des révoltes du maître d'Aviz par le peuple d'Evora, tragédie magistralement racontée par Fernão Lopes. Dans l'église, on ne sait pas en quel endroit, doivent être les restes de Gil Vicente.

Porte des Loios

Cet édifice des Loios d'Evora, est un ensemble d'œuvres d'art, appartenant au petit nombre de constructions privilégiées par le sort, et qui représentent des époques successives, juxtaposées, sans endommager le travail passé. La maison des Loios, où est aujourd'hui le collège, et le palais contigu des cinq *quines*, tout cela appartient aux ducs de Cadaval. Le studieux y trouvera divers sujets à méditer, l'artiste y aura de beaux exemplaires de chapiteaux arabes, de gracieuses fenêtres mauresques; de l'ogival du portail et des délicats ornements des tombeaux en bronze, de la renaissance dans les édicules tumulaires; des reliefs les plus fins en beau marbre, des faïences splendides; une tribune magnifique, le travail original en mosaïque du maître autel; dans le cloître, très intéressant, et heureusement, bien conservé, un beau portique de genre mauresque, aux lignes hardies et d'un travail précieux. Ce portique ouvre sur une salle, peut-être du chapitre, avec sa voûte artistique et ensuite le réfectoire, qui est encore en bon état; suivant à travers le jardin, tout au bout, près de la muraille qui touche au Séminaire, on voit une salle intacte, très vaste, que je suppose une salle d'armes du XIV[me] siècle. La haute tour crénelée est percée de deux fenêtres arabes, en ogive, géminées, travaillées en pierre de Arrabida avec des fleurs en haut relief et des chapiteaux délicatement fouillés. Une de ces fenêtres donne sur la place de la promenade de Diane, l'autre du même appartement a vue sur la cour, où l'on voit encore d'autres fenêtres mauresques, en fer à cheval, faites en marbre et en briques. Dans la galerie d'entrée, sur les portes il y a des linteaux, des colonnes et des chapiteaux très anciens. C'est un bel ensemble où l'on trouve des choses rares, comme des tombes en bronze de l'art flamand, des fenêtres arabes et des exemplaires de belle facture.

Beaucoup de générations ont passé par là. C'est la maison des ducs de Olivença, de Tentugal, des marquis de Ferreira, ducs de Cadaval. Le fondateur du monastère fut D. Rodrigo de Mello, commandant des gardes du roi D. Duarte, compagnon d'armes de D. Alphonse V et premier capitaine de Tanger.

Une des tombes en bronze est du fameux Ruy de Souza, seigneur de Sagres et de Beringel, compagnon d'Alphonse V, Jean II et encore de D. Manuel. La femme de celui-ci, Blanche de Vilhena, a sur son tombeau une plaque de bronze avec une abondante et gracieuse décoration, en ogival fleuri.

Dans le sanctuaire et le transept on voit des tombes rases, remarquables, avec des portraits évidemment gravés sur la pierre, ce sont les sépultures de D. Alvaro de Bragança et D. Rodrigo de Mello, et leurs femmes.

La collection d'inscription tombales de cette église est d'un intérêt historique.

La gravure représente le portique de la salle du chapitre; on voit une partie du cloître, une colonne de l'arcade, une partie de la voûte avec ses nervures et sa clef; on aperçoit encore les stalles du chapitre et la naissance angulaire du plafond artistique de cette salle. On voit bien la différence entre le beau marbre blanc de Extremoz et le granit grisâtre.

Les fines colonnes torses, les bases des plans coupés et les treillis, les chapiteaux d'un travail admirable, et le médaillon qui représente la palissade d'Arzilla pavoisée, sont en marbre; tout l'encadrement, et les arcs en fer à cheval, en relief bien saillant, sont en granit. C'est un bel exemplaire de la fusion, ou combinaison du style nommé gothique avec l'arabe, d'autant plus que dans les chapiteaux et les bases de marbre on croit sentir l'influence de l'art indien. L'emploi de l'arc en fer à cheval, d'influence mauresque, est fréquent à Evora; l'influence indienne est ici très atténuée. Le mosarabe domine et fraternise avec la renaissance.

Ce numéro de la *Arte e a Natureza em Portugal* présente des constructions de la fin du XV[me] siècle, du commencement du XVI[me], le portail des Loios et le porche de S[t] François, avec le caractère du mauresque ou mosarabe *eborense* (d'Evora).

Gabriel Pereira.

Algarve

Faro



Quando os muçulmanos, na primeira decada do seculo VIII, entraram na peninsula iberica e d'ella se assenhorearam, encontraram duas povoações já de alguma importancia, uma na parte oriental, outra na occidental, que tiravam de certo o seu nome do orágo das suas matrizes, *Santa Maria*. Apesar d'essa conquista e dominio, continuaram taes povoações a ser nomeadas, pelos novos possuidores, com aquella designação: a do Oriente, porém, pouco tempo depois era conhecida pela de Santa Maria de Abu-Racim, emquanto a outra era constantemente nomeada *Santa Maria de Ossónoba* ou do Algarve. Assim se encontram sempre designadas nos diversos escriptores arabes, quer nos historiadores mais ou menos importantes, quer nos geographos, como Edris.

Conservou-se essa designação relativamente á povoação do nosso Algarve durante cerca de tres seculos, desde porém que os Aftassidas, reis d'esta ultima parte da peninsula, deram o senhorio da mencionada povoação, pelo principio do seculo XI, aos descendentes de Haron ou Harun-Abu-Otman de Mérida, foi a povoação perdendo pouco a pouco a antiga designação e a chamarem-lhe primeiro *Santa Maria de el-Haron*, depois *terra de Haron*, d'onde pela transformação phonetica do arabe nos idiomas peninsulares veio o nome de *Faraon, Faram*, como se escrevia e nomeia em quasi todos os documentos e escriptores portuguêses pelo menos até o seculo XVI, quando se começou a fixar definitivamente a forma *Faro*, que tem feito divagar muito espirito culto sobre a sua origem, que o nosso amigo e distincto arabista snr. David Lopes demonstrou cabalmente e cuja opinião seguimos.

Comtudo essa tal qual independencia dos descendentes de Harun não durou muito tempo e teve que ceder, primeiro ao dominio dos almorávides e almóhades, e por fim á conquista christã do Algarve, a qual iniciada pelos fins do seculo XII por D. Sancho I, depois de varios successos no reinado de D. Sancho II, veio a realizar-se definitivamente no meado do seculo XIII por D. Affonso III, com a ultima queda de Silves e consequente submissão de todo o littoral restante.

Desde então esta cidade, já christã, constituiu de novo a capital de todo o reino do Algarve, tanto no temporal como no espiritual, sendo n'ella estabelecida ou restabelecida a séde do respectivo bispado.

Durante dois seculos se foram desenvolvendo as diversas povoações algarvias, assimilando em si alguns elementos arabes e berberes, dos quaes se reconhecem aqui ou alli certos vestigios, até que as expedições á Africa iniciadas em 1415 por D. João I com a conquista de Ceuta, vieram dar a essas povoações outro incremento, outra actividade, outro progresso, e convertê-las como que na base de operações das novas conquistas de além-mar, e no seu baluarte protector.

Effectivamente as povoações do littoral e as mais visinhas a ellas, tomaram maior desenvolvimento, primeiro Lagos, cuja bahia se prestava a ser o receptaculo de grande numero de navios e em cujo seio se organizaram quasi todas, ou a maior parte das expedições de descobrimentos projectadas pelo famoso infante D. Henrique, depois Faro e Tavira.

Mais tarde foram essas villas elevadas á categoria de cidades: primeiro Tavira em 1520, depois Faro em 1540 e finalmente Lagos em 1573.

Pelos fins do seculo XVI, em 1577, deixou Silves de ser a séde do bispado, a qual, apesar da respeitavel ancianidade da sua veneranda catedral, foi transferida para Faro. O governo militar, como é obvio, já havia muito que tinha o seu principal assento em Lagos, d'onde se transferia ás outras cidades segundo as occorrencias o exigiam.

Poucas memorias temos por ora das gentes que habitaram essa região nos tempos ainda chamados prehistoricos e protohistoricos. Dos geographos antigos gregos e romanos podemos colher que se designavam pela denominação de *cinetas* os povos que occupavam o moderno Algarve, e que uma das suas cidades, *Ossónoba*, demorava proximamente á localidade da moderna Faro, comquanto Ptolomeu e Strabão contem essa e outras povoações algarvias na Turdetania, que, pelo que se vê, tomava uma grande extensão de norte a sul da peninsula [1].

---

[1] Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, vol. II, pag. 15, etc.

Algarve

Faro



Lorsque, pendant la première décade du VIIIme siècle, les musulmans entrèrent dans la péninsule ibérique et s'en emparèrent, ils trouvèrent dans la partie orientale et occidentale deux peuplades assez importantes, qui certainement prenaient leur nom du patronage de leurs paroisses, *Sainte Marie*. Malgré cette conquête et cette domination les nouveaux possesseurs continuèrent toutefois à les désigner sous le même nom: cependant quelque temps après, celle d'Orient était connue comme Sainte Marie de Abu-Racin, tandis que l'autre était constamment nommée *Sainte Marie de Ossónoba* ou de l'Argarve. C'est ainsi que les divers écrivains arabes plus ou moins importants, ainsi que les géographes, comme Edris, l'ont toujours surnommée.

Pendant trois siècles à peu près, cette désignation a été conservée relativement à la peuplade de notre Algarve, mais depuis que les Aftassidas, rois de cette partie de la péninsule, donnèrent, vers le commencement du XIme siècle, la seigneurie de ces terres aux descendants de Haron ou Harun-Abu-Otman de Mérida, le pays perdit peu à peu son ancien nom et acquit, premièrement celui de *Sainte Marie de el-Haron*, ensuite *terre de Haron*, d'où, par transformation phonétique de l'arabe en les idiomes peninsulaires, est venu le nom de *Faraon, Faram*, comme on l'écrivait, et on le nomme encore en presque tous les documents et écrivains portugais, du moins jusqu'au XVIme siècle; c'est à cette époque que l'on commença définitivement à adopter le nom de Faro, dont l'origine a fait songer beaucoup d'esprits cultivés, que notre ami le savant arabiste mr. David Lopes a clairement démontré et dont nous suivons l'opinion. Cependant, cette espèce d'indépendance des descendants de Harun ne dura pas longtemps et elle dût céder, d'abord à la domination des *almorávides* et *almóhades*, et plus tard à la conquête chrétienne de l'Algarve, initiée vers la fin du XIIme siècle par D. Sancho I, après plusieurs évènements sous le règne de D. Sancho II, et qui s'implanta définitivement vers le milieu du XIIIme siècle, par D. Affonso III, lors de la dernière chûte de Silves qui amena la soumission de tout le reste du littoral.

Dès lors, cette bourgade, déjà chrétienne, fut nouvellement reconnue comme la capitale de tout le royaume de l'Algarve, au point de vue temporel et spirituel, et l'on y établit ou rétablit le siège de l'évêché respectif.

Pendant deux siècles, les diverses bourgades de l'Algarve se développèrent, en s'assimilant quelques éléments arabes et berbères dont on aperçoit encore çà et là des vestiges. Les expéditions en Afrique, commencées par D. Jean I en 1415 avec la conquête de Ceuta, vinrent donner à ce pays plus d'élan, d'activité et de progrès et en firent, comme le fondement, de nouvelles entreprises, de conquêtes d'outre mer, en même temps qu'on le considéra comme une forteresse protectrice.

Les villes du littoral et celles qui en étaient plus proches, prîrent, effectivement un plus grand développement, en commençant par Lagos dont la baie s'offrait comme le réceptacle de bon nombre de navires et qui fut le berceau de presques toutes, ou du moins d'une grande partie des expéditions, de découvertes projetées par le fameux infant D. Henrique; Faro et Tavira s'augmentèrent par la suite.

Plus tard ces bourgs furent élevés au rang de villes; d'abord Tavira en 1520, ensuite Faro en 1540 et enfin Lagos en 1573. Vers la fin du XVIme siècle en 1577, on enleva à Silves le siège de l'évêché, malgré la respectable ancienneté de sa vénérable cathédrale, et on le transféra à Faro. Le gouvernement militaire était, naturellement et depuis longtemps, établi principalement à Lagos, se transportant aux autres villes selon les exigences occasionnelles.

Pour le moment nous n'avons que très peu de données sur les habitants de cette région, aux temps encore nommés préhistoriques et protohistoriques. D'après les anciens géographes, grecs et romains, nous avons pu apprendre qu'on désignait sous le nom de *cinetas* les peuples qui occupaient le moderne Algarve, et qu'une de ses villes, *Ossónoba*, était située près de l'endroit de l'actuelle ville de Faro, quoique Ptolomée et Strabon placent cette ville et d'autres encore de l'Algarve, en Turdetanie contrée, qui, à ce qu'on voit, occupait une grande étendue du nord au sud de la péninsule [1].

---

[1] Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, vol. II, pag. 15, etc.

Ossónoba parece que ainda existia no tempo da conquista dos muçulmanos, visto que Faro era por estes denominada Santa Maria de Ossónoba ou do Algarve; nas suas muralhas se encontram ou encontravam lapides e cippos com inscripções latinas, provavelmente ainda resultado da invasão d'ella, se não foi esse facto devido á dos christãos, como se vê ainda nos muros de Mertola, onde columnas inteiras de bello marmore alvissimo, talvez de Italia — restos de templos ou de banhos — estão mettidos n'aquelles, formando enchimento de alvenaria como quaesquer outras pedras. Desde esse tempo, porém, e principalmente depois da restauração christã as memorias e historia da povoação vão-se pouco a pouco tornando um tanto mais nitidas.

Logo que D. João I plantou o estandarte da cruz sobre as plagas africanas, como já dissemos, tanto Faro como Tavira e Lagos, pela sua proximidade da costa berberesca, tornaram-se o apoio das novas conquistas portuguêsas. Ellas contribuiam não só com gentes, mas com mantimentos, navios e materiaes para a segurança e conservação d'estas. Nas difficuldades e oppressões d'essas novas colonias — que ainda mal! foram estultamente abandonadas mais tarde — eram o Algarve e as ilhas adjacentes a quem primeiro se recorria para acudirem ás urgencias da sua defensão e manutenção. Aquelle fornecia-lhes braços, carnes, pescado, vinhos e fructos seccos, a Madeira braços, armas, o seu assucar e as suas conservas, os Açores braços tambem com os seus trigos e os seus milhos.

Faro fica situada proximamente a meia distancia do littoral do Algarve. Não tem a bella posição de Lagos sobre a sua formosa e vasta bahia, assenta porém sobre uma planicie arenosa e na margem oriental de um ribeiro que passando pela freguezia da Conceição vem, até onde chega a maré, encontrar-se com o rio. Este é formado por um braço de mar que se mette entre o areal denominado a ilha e a terra firme. O seu porto, apesar de amovivel, por causa das areias que soffrem constantemente desvios na sua posição, ainda assim é bastante concorrido por barcos de pequena lotação. Na prea-mar é a barra em frente de Olhão, que era defendida por uma antiga fortaleza, que póde dar entrada a maiores navios, de duzentas toneladas pouco mais ou menos. A cerca de uma legua fica a barreta que só faculta o accesso a barcos de 30 a 50 toneladas.

A instancias dos individuos da localidade foi ha perto de dez annos creada junto a Faro uma escóla de marinheiros, a cujo fim foi destinado um antigo vaso de guerra, que se acha no porto de Faro, mas a certa distancia da cidade. Tem sido optimos os resultados obtidos por similhante escóla.

O clima de Faro, apesar de demasiadamente quente, não deixa de ser sadio, e mais o seria se houvesse mais alguma attenção pela hygiene publica, embora n'estes tempos mais recentes se tenham prestado a este assunto alguns e valiosos cuidados.

Os terrenos das cercanias de Faro são bastante productivos. Os legumes e os fructos que n'elles se criam, além de serem muito saborosos, vêm mais temporãos que em outras partes, devido á temperatura do clima. D'aqui resulta que a ervilha, a fava, a vagem, o tomate, etc., sejam transportados, como são hoje facilmente para Lisboa, indo abastecer o mercado da capital muito antes que as outras localidades, d'onde esta ordinariamente se provê, o poderem fazer.

Além dos fructos communs ao resto do paiz e dos proprios da região, como a alfarroba, o figo, a amendoa, já n'esses terrenos se cria a batata doce, e as bananas, posto que estas sejam menos saborosas que as da Madeira. Magnificas serías, laranjas e pecegos produzem as bellas arvores das quintas dos arredores, assim como o vinho que sendo outr'ora mal fabricado, hoje é já sufficientemente bem tratado por alguns proprietarios; mas em geral, como a maioria dos vinhos do Algarve são adocicados e muito alcoolicos, tornando-se principalmente bastante proprios para distillação. Quanto ao arvoredo ainda não é tratado com aquelle cuidado e amor, que n'elle empregam os habitantes dos paizes do Norte, mas esse é um defeito geral entre o nosso povo.

Dos sitios aprazíveis que cercam a cidade desfructam-se agradaveis panoramas.

O caminho de ferro tornou Faro muito concorrido e tem trazido á sua população alguma actividade, o que em geral, a não ser no mar, não é muito natural da gente da provincia. O grande calor amolenta os corpos, e o levante, quando açoita a região, produz ainda peiores effeitos, como por experiencia propria infelizmente pude conhecer.

Faro, como quasi todas as terras algarvias não apresenta ao visitante muitos edificios dignos de attenção; comtudo ainda possue alguns que não se perde nada em vêl-os. Não admira, porém, essa falta, em presença da grande façanha que fez o famoso Drake, de pirata elevado a almirante, que com

Il semble que Ossónoba existait encore au temps de la conquête des musulmans, puisque Faro était surnommée par eux Santa Maria de Ossónoba ou de l'Algarve; sur ses murs, on retrouve ou on retrouvait des pierres et des débris de colonnes avec des inscriptions latines; il est probable que ce soient des résultats de l'invasion musulmane, où alors de l'invasion chrétienne comme on le voit sur les murs de Mertola, où on trouve des colonnes entières en beau marbre blanc, peut-être italien, — des épaves de temples ou de bains — enfoncées dans les murs et faisant partie de la maçonnerie comme des pierres ordinaires. Mais depuis ce temps et surtout dès la restauration chrétienne les mémoires et l'histoire de cette peuplade commencent à s'éclaircir peu à peu.

Comme nous l'avons déjà dit, Faro, Tavira et Lagos, par leur voisinage de la côte berbère, devinrent le point d'appui des nouvelles conquêtes portugaises, aussitôt que D. Jean I déploya l'étendard de la croix sur les rives africaines.

Nos provinces contribuaient non seulement avec des gens, mais avec des munitions, des navires et des matériaux pour la sûreté et la conservation de ces récentes contrées; dans les moments les plus difficiles et opprimés de ces colonies nouvelles, qui, hélas! furent follement abandonnées plus tard, c'était toujours à l'Algarve et aux îles adjacentes qu'on avait tout d'abord recour pour parer aux nécessités de leur défense et de leur conservation. Notre province fournissait des hommes, des viandes, des poissons, les vins et les fruits confits; l'île de Madère envoyait aussi des hommes, des armes, son beau sucre et ses conserves, les îles Açores contribuaient également avec leurs blés et le maïs.

Faro est située à peu près à demi distance du littoral de l'Argarve. Sans avoir la magnifique position de Lagos sur sa splendide et vaste baie, elle répose sur une plaine sablonneuse et sur la rive orientale d'un cours d'eau qui, passant par la paroisse de Conceição, à l'endroit où arrive l'eau de mer, va se rejoindre à un fleuve, lequel est formé par un bras de mer qui s'embouche entre la plage nommée l'île, et la terre ferme. Le port, assez mouvant, à cause des sables qui sont constamment déplacés, est toutefois bien peuplé de petits bateaux. À marée haute, l'embouchure en face d'Olhão, qui était défendue par une ancienne forteresse, est celle qui permet l'entrée aux plus grands navires, de deux cents tonneaux. À une lieue de distance, à peu près, se trouve la petite barre qui ne comporte que des bateaux de 30 à 50 tonneaux.

Il y a une dizaine d'années que, sous les instances des habitants de l'endroit, on créa près de Faro une école de matelots, pour laquelle on utilisa un ancien vaisseau, qui se trouve dans le port de Faro, mais un peu éloigné de la ville; cette école a produit les meilleurs résultats.

Malgré sa grande chaleur, le climat de Faro est assez sain et il le serait encore davantage si on prêtait plus d'attention à l'hygiène publique; heureusement dans les derniers temps on s'est occupé avec plus de soins de ce sujet.

Aux environs de Faro, le terrain est assez productif. Grâce à la temperature favorable les légumes et les fruits y paraissent plus tôt que partout ailleurs et sont des plus savoureux. Ainsi les pois, les fèves, les haricots, les tomates, etc., sont transportés très rapidement à Lisbonne et vont approvisionner les marchés de la capitale bien avant que les localités environnantes puissent le faire.

Outre les fruits communs au reste du pays, et ceux qui sont péculiers à la contrée, comme les figues, les amendes et les caroubes, on y a déjà essayé les plantations de patates et de bananes qui ont donné de beaux résultats quoique les fruits soient moins savoureux que ceux de l'île de Madère. Les beaux arbres des propriétés d'alentour produisent de magnifiques *serías* (grénades très speciales), des oranges et des pêches délicieuses, il en est de même pour le vin qui était autrefois très mal fabriqué, mais que quelques propriétaires présentent actuellement sous de meilleures formes; mais comme en général la plupart des vins de l'Algarve sont sucrés et très alcooliques on les emploie surtout à la distillation. Quant aux arbres, on ne leur accorde pas les soins éclairés, qu'on emploie dans les pays du nord, mais du reste, c'est un défaut commun à tout notre peuple. Il y a aux environs de la ville, des sites très agréables d'où l'on jouit de magnifiques points de vue.

Le chemin de fer a introduit à Faro et à sa population un élément d'activité, qui du reste est peu propre aux gens de cette province, à moins qu'ils ne se lancent dans les affaires maritimes. La grande chaleur énerve les corps et le vent du levant, lorsqu'il souffle sur la région, produit encore de plus fâcheux résultats, comme malheureusement j'ai pu en juger par moi-même.

Comme dans presque toutes les villes de l'Algarve, Faro ne présente aux visiteurs que très peu

os seus inglêses, nossos fieis alliados, a pretexto de combater os hespanhoes assolou, incendiou quasi a cidade, não escapando ao seu furor os proprios archivos, levando a destruição até a freguezia de S. Braz. Salvou-se a igreja de S. Pedro e a Misericordia n'esse fatal dia 25 de julho de 1556, que apesar de haverem passado sobre elle mais de tres seculos, ainda não se apagou da memoria d'aquelles habitantes.

Como edificios mais antigos temos pois a vêr o paço episcopal, a Sé e a Misericordia.

É o paço um edificio de certa grandeza, com regulares aposentos, mas que se achava parte em ruinas quando tive a honra de ser alli recebido pelo muito illustre arcebispo-bispo Exc.^mo Snr. D. Antonio Mendes Bello a 14 de março de 1889, por uma bella tarde de quasi verão, quando me dirigia ao Guadiana em viagem de Lagos a Lisboa. Annos depois e n'esta capital me repetia o mesmo reverendissimo prelado que ainda se achava tudo no mesmo estado. Julgo, porém, que depois d'isso algumas reparações se lhe fizeram. Está situado n'um terreiro onde tambem está a Sé, sendo a sua apparencia bastante simples.

Outro tanto se não póde dizer da Sé. É esta um templo de apparencia respeitavel. Referem alguns escriptores que apossando-se os christãos por 1252 d'aquella povoação, purificaram a mesquita principal e a converteram em igreja christã, que alli se estabeleceu o Collegio ou Convento de Santa Maria dos freires-cavalleiros da Ordem de Santiago, que n'ella se conservou até que a cabeça do bispado passou de Silves a Faro. O que porém não póde soffrer duvida é que se o facto é verdadeiro a mesquita deve ter sido destruida, e em seu logar erguido o templo christão. A sua architectura de puro gothico assim o demonstra, se bem que a fórma externa seja um tanto singular.

Não se póde dizer um templo vasto, mas as suas tres naves têem a imponencia majestosa dos templos seus congeneres, que, em geral, no nosso paiz não têem a vastidão dos de outras regiões. Soffreu este templo grande destruição em 1755, quando succedeu o fatal terramoto do primeiro de novembro, como foram arrasados quasi todos os edificios, morrendo duzentas e cincoenta e tantas pessoas sob os escombros. Governava então interinamente as armas o bispo D. Frei Lourenço de Santa Maria, e salvando-se a custo de sob as ruinas do palacio episcopal, que quasi todo veio a baixo, fez reunir os soldados, e dando o exemplo, como um verdadeiro discipulo de Christo, tomou uma enxada nas mãos e começou assim os trabalhos de desobstrucção, afim de salvar da morte e afflicções os infelizes soterrados vivos sob os destroços dos edificios.

Alterada um tanto das suas fórmas primitivas, já por emplastagens que se mesclam aos soberbos arcos gothicos, já por aberturas de portas e janellas de feitios improprios d'aquelles, encerra a cathedral um monumentosinho digno de attenção tanto para aquelles que crêem na virtude d'essas especies de talismans christãos, como para os que só os consideram e admiram pelo lado da esthetica: quero fallar do famoso e bellissimo relicario, que uma das nossas photographias representa. A nitidez e perfeição d'esta quasi que dispensa uma descripção. As duas pilastras coroadas por capiteis corinthios estão adornadas de alto a baixo de esculpturas onde se abrem tres nichos em cada uma, nos quaes avultam seis anjos, com os instrumentos da paixão, de pé sobre peanhas lindamente cinzelados. De sobre o entablamento d'aquellas discorre o majestoso arco de volta inteira, da mesma fórma adornado de seis anjos dispostos por modo similhante aos outros. Na face interna do arco vê-se a mesma disposição e esculpturas simetricas. Até ao fundo da capella, são as paredes revestidas de esculpturas identicas, correndo o entablamento até alli, sob o qual se distinguem cinco aberturas em fórma de janellas coroadas cada uma por um frontãosinho triangular. Do lado do evangelho estas aberturas são em duas ordens, uma superior outra inferior. Esta não existe do lado da epistola, por isso que d'esse lado se abre um arco similhantemente esculpturado em cujo vão se insere o lindo cenotafio do bispo Pereira, no qual se ostenta o seu brasão. Ao fundo ladeiam o corpo do relicario duas columnas salomonicas, cujo entablamento se conjuga com o das pilastras do rosto da capella, de sobre o qual se ergue e circula em caprichosos lavores, entremeados de cabeças de anjos o arco que corôa o relicario. Este é constituido por quatorze nichos dispostos simetricamente dois no alto, duas ordens de quatro por baixo d'aquelles e quatro dispostos em duas ordens, inferiormente aos dois extremos das duas ordens maiores. Estes nichos são formados por columnas salomonicas sobremontadas de frontões triangulares, e formando varios corpos igualmente ladeados de columnas da mesma ordem, como se vê na photographia. Em cada nicho figura-se uma custodia, que em seu ediculo devia conter uma reliquia. Os dois inferiores têm cada um o busto

d'édifices remarquables; toutefois il y en a encore quelques uns qui méritent d'être vus. Cependant il n'y a guère lieu de s'étonner de cela, si l'on se souvient de la belle prouesse du fameux Drake; devenu amiral après avoir été pirate, avec ses compagnons anglais nos fidèles alliés et sous prétexte de combattre les espagnols, il dévasta et incendia presque toute la ville, n'épargnant pas même dans sa fureur, les archives, détruisant jusqu'à la paroisse de St Braz. On sauva l'église de St Pierre et la Miséricorde, pendant cette journée fatale du 25 Juillet 1556, qui est restée gravée dans la mémoire de ces habitants quoique trois siècles se soient déjà passés.

Les édifices les plus anciens sont le palais épiscopal, la cathédrale et la Miséricorde.

Le palais est un édifice assez grand, avec des appartements convenables, mais qui était à moitié ruiné quand j'eus l'honneur d'y être reçu par le très illustre archevêque-évêque Son Excellence Monsieur D. Antonio Mendes Bello, le 14 Mars 1889, par une soirée qui semblait de juillet lorsque je me dirigeai vers le Guadiana, venant de Lagos à Lisbonne. Quelques années plus tard me trouvant dans la capitale avec le même prélât je sûs que tout se trouvait encore dans le même état, mais je pense que depuis, on y a fait quelques réparations. Le palais se trouve sur une place où est aussi la cathédrale et son aspect est des plus simples.

On ne saurait dire la même chose de la cathédrale qui a une apparence des plus respectables. D'après quelques écrivains, il parait que les chrétiens s'étant emparés de cette ville en 1252, purifièrent la principale mosquée et la convertirent en église chrètienne; le collège ou couvent de Sainte Marie des frères-chevaliers de l'Ordre de S. Thiago s'y établit et y resta jusqu'à ce que le siège de l'évêché passât de Silves à Faro. Mais si le fait est véridique, il est plus probable qu'ont aît détruit la mosquée et construit à sa place le temple chrétien. Son architecture du plus pur gothique le démontre bien quoique la forme extérieure soit assez singulière.

Le temple n'est pas très vaste, mais ses trois nefs ont l'imposante majesté des édifications de ce genre, qui chez nous n'ont pas la grandeur de celles de l'étranger. En 1755, à l'occasion du fatal tremblement de terre du 1er Novembre, ce temple souffrît de grands dommages, de même que beaucoup d'autres édifices et plus de deux cents personnes périrent sous ses décombres. Le gouvernement militaire était provisoirement commis à l'évêque D. Frei Lourenço de Santa Maria, qui fut miraculeusement sauvé de sous les ruines du palais épiscopal presque entièrement écroulé; il fit réunir tous les soldats et donnant l'exemple, comme un véritable disciple du Christ, il prit dans ses mains une bêche et commença lui-même les travaux de désobstruction, afin de sauver du trépas et des angoisses les malheureux enterrés vivants sous les ruines des édifices.

Malgré les altérations de ses formes primitives, après des replâtrages qui enlaidissent les superbes arceaux gothiques, des percements de portes et de fenêtres tout à fait déplacés, la cathédrale renferme un petit monument digne de remarque, non seulement pour ceux qui croient à la vertu de ces sortes de talismans chrétiens, mais aussi pour ceux qui les admirent au point de vue artistique: c'est un précieux et magnifique reliquaire reproduit sur une de nos photographies, dont la perfection et la netteté nous dispenseraient bien de toute description. Les deux piliers surmontés de chapiteaux corinthiens sont ornés du haut en bas de sculptures, et percés de chaque côté de trois niches, d'où ressortent six anges, avec les instruments de la passion, se tenant debout sur des piédestaux finement ciselés. Sur l'entablement s'élève l'arcade en plein cintre très majestueuse et pareillement ornée de six anges placés de manière semblable aux autres. Sur la face intérieure de l'arc on voit la même disposition et des sculptures symétriques. Les murs, jusqu'au fond de la chapelle sont revêtus de sculptures pareilles, accompagnées de l'entablement sous lequel on voit cinq ouvertures en forme de fenêtres couronnées chacune par un petit fronton triangulaire. Du côté de l'évangile il y a deux rangées d'ouvertures superposées. La rangée inférieure n'existe pas du côté de l'épître parcequ'elle est remplacée par un arceau travaillé dans le même genre, abritant un beau cénotaphe de l'évêque Pereira, orné de ses armoiries. La partie principale du reliquaire est flanquée, au fond, par deux colonnes salomoniques, dont l'entablement, rejoint les deux piliers de front de la chapelle, au dessus de laquelle il circule capricieusement travaillé, entremêlé de figures d'anges, sur l'arc qui surmonte le reliquaire. Celui-ci est composé de quatorze niches symétriquement disposées; deux en haut, deux rangées de quatre placées au dessous et les quatre dernières superposées deux à deux, soutenant les rangées supérieures. Ces niches sont formées par des colonnes salomoniques surmontées de frontons triangulaires et formant diverses parties, toutes également

de um santo em cujo peito se ostentaria a reliquia. Tudo é bello n'esta capella que está muito regularmente conservada, havendo alguns pequenos estragos em alguns anjos. A sua esculptura compete, se não excede em belleza e perfeição a da riquissima capella de Santo Antonio de Lagos, que já descrevi.

Quando a cathedral foi estabelecida na igreja de que fallámos, os freires spactarios que junto com ella tinham alli o seu collegio, ou morada conventual, passaram para a igreja de S. Pedro, onde se estabeleceram e viveram.

O outro edificio de certa importancia é o estabelecimento da Misericordia. Deu origem a esta instituição, um recolhimento particular da iniciativa de uma nobre dama. Catharina da Fonseca Henriques, viuva de Simão Soeiro da Costa, alma caridosa e privilegiada, não tendo filhos e desejando applicar condignamente a sua tal qual fortuna, constituiu em sua propria casa uma especie de azilo, onde durante a sua vida recolhia e educava certo numero de donzellas pobres. Antes de deixar o mundo, não querendo que se perdesse o fructo da sua caridosa idéa, nem que as suas protegidas ficassem desfavorecidas, elaborou o seu testamento, deixando regularizada a instituição que lhe tinha absorvido a bondade do seu espirito e a caridade do seu coração, consignando-lhe os meios necessarios, e prescrevendo a fórma da sua administração e tudo o mais concernente ao fim que se havia proposto. Devem os farenses, e tambem a humanidade venerar a memoria de tão illustre dama, e prestar-lhe sempre o culto de um caloroso reconhecimento e perpetua gratidão.

Havia, ao que parece, cabido em decadencia o sympathico instituto, naturalmente por falta de cuidado e zelo dos successivos administradores, como em outros tantos casos similhantes tem succedido, quando o bispo D. Affonso de Castello Branco teve a feliz idéa de instituir a Misericordia, sendo até para estranhar, que ninguem a houvesse tido até então. Teve este instituto principio entre os annos de 1581 a 1585, annexando-se a elle a pia fundação da benemerita Catharina da Fonseca Henriques.

Pelos tempos que se succederam foi a instituição existindo com mais ou menos prosperidade, com maior ou menor desenvolvimento, até que tomou a administração da diocese o bispo D. Franco Barreto. Como em tudo onde chegou o seu valioso influxo, não podia a Misericordia de Faro deixar de partilhar d'elle. Effectivamente o reverendo prelado, reconhecendo a pequenez das accommodações do edificio, mandou proceder ao seu alargamento, afim de poderem não só acolher maior numero de desvalidos, mas de estes poderem ser melhor satisfeitos nas suas necessidades e doenças. Em 1733 o Cardeal Pereira procedeu a novos reparos no edificio, que se ia tornando assim pouco a pouco mais cabal ao seu destino.

Vem porém o fatal terramoto de 1755 e eis que o edificio soffre, como todos os mais, grande ruina. Não se podia acudir a tudo de prompto, assim se foi concertando aqui, reparando acolá, como e onde mais urgente se tornava a reparação. Chegou, porém, o tempo do governo do bispo D. Francisco Gomes de Avellar, esse benemerito prelado, cujo nome jámais será esquecido no Algarve, e então o edificio do Hospital da Misericordia recebeu não só uma reedificação completa, mas as suas accommodações foram ainda mais desenvolvidas. Julgo que de então para cá poucas alterações e acrescentamentos tem recebido o estabelecimento.

Entre os edificios profanos distingue-se o theatro Lethes, que antes do acabamento do de Evora era o mais rico theatro particular que havia no paiz. Deve-se essa obra a um italiano, o prestimoso Cumano, medico que veio estabelecer-se n'aquella cidade.

Faro possue hoje todas as condições de uma existencia moderna. Tem arredores variados que offerecem distracção e recreio; estradas que a communicam com os pontos mais afastados da provincia, algumas das quaes nos encantam pelos panoramas que apresentam; tem ruas e praças regularizadas, uma avenida ajardinada onde nas tardes calmosas do verão, ou nos bellos dias de inverno sem chuva, cuja temperatura é alli moderada, proporciona uma agradavel diversão aos seus habitantes e forasteiros que n'ella se vão desenfadar, e ligada pelo caminho de ferro ao resto do paiz deve continuar a progredir moral e materialmente, como é dever e direito da capital de um districto, que é uma provincia, outr'ora um reino.

Brito Rebello.

flanquées de colonnes semblables, comme on voit dans la photographie. Chaque niche contient un ostensoir dont l'édicule devait contenir une relique, les deux d'en bas présentent chacun un buste de saint dont le sein devait présenter la relique. Tout est beau dans cette chapelle qui est très bien conservée, il y a à peine quelques anges qui sont un peu endommagés. La sculpture n'est pas moins précieuse, je pense même qu'elle excède en perfection et en beauté celle de la riche chapelle de Saint-Antoine de Lagos que j'ai déjà décrite.

Lorsque la cathédrale fut installée dans l'église dont nous avons parlé, les frères spactaires qui y avaient également établi leur collège ou habitation conventuelle, passèrent à l'église de St Pierre, où ils vêcurent dès lors.

La Miséricorde est aussi un édifice assez important. L'origine de cette institution fut une maison de retraite particulière fondée par une noble dame, Catharina da Fonseca Henriques, veuve de Simon Soeiro da Costa, âme charitable et élevée, qui n'ayant pas d'enfants et désirant appliquer sa fortune en bonnes œuvres, institua chez elle une espèce d'asile, où, pendant sa vie, elle recueillait et élevait un certain nombre de jeunes filles pauvres. Avant de mourir, et désirant ne pas perdre le fruit de son idée si charitable, et ne voulant pas laisser dans l'abandon ses protégées, elle fit un testament par lequel elle réglait cette institution qui avait absorbé toute la bonté de son âme et la générosité de son cœur; elle laissa donc les moyens nécessaires en prescrivant la manière dont devait être dirigé l'établissement avec tous les détails qu'elle s'était proposés. Les habitants de Faro et même tout le monde doit vénérer la mémoire de cette dame si illustre et lui rendre le culte d'une vive reconnaissance et d'une gratitude éternelle. Il parait que cette institution si sympathique était tombée en décadence, probablement faute de soins et de zèle de la part de ses administrateurs comme il arrive si souvent, lorsque l'évêque D. Affonso de Castello Branco eut l'heureuse pensée d'instituer la Misericorde (assistence aux pauvres et aux enfants trouvées); il était même étonnant que personne n'aît encore eu cette idée. L'institution fut fondée entre les années 1581 à 1585 et on y adjoignît la pieuse fondation de Mme Catharina da Fonseca Henriques.

Le temps passa et l'établissement continuait avec plus ou moins de prospérité et de développement, jusqu'à l'administration de l'évêque du diocèse D. Franco Barreto, dont l'influence précieuse s'étendit à tout, et la Miséricorde devait naturellement en partager les bénéfices. En effet, le révérend prélât reconnaissant l'étroitesse de l'édifice, le fit amplifier, non seulement afin de pouvoir recevoir un plus grand nombre de malheureux, mais aussi pour pouvoir plus avantageusement subvenir à leurs besoins et soigner leurs maladies. En 1733 le cardinal Pereira procéda à de nouvelles réparations de l'édifice, qui finit peu à peu par être tout à fait approprié à sa destination.

Mais le terrible tremblement de terre vint faire presque tomber en ruine cet édifice ainsi que beaucoup d'autres. On ne pouvait pas parer à tout promptement, on répara par ci par là, ce qui était le plus urgent. Avec le gouvernement de l'évêque D. Francisco Gomes de Avellar, ce prélât si méritant dont le nom ne sera jamais oublié dans l'Algarve, l'édifice de l'Hôpital de la Miséricorde fut complètement réédifié, et son développement s'accentua encore davantage. Je pense que depuis ce temps-là on y a fait peu d'altérations et d'accroissements.

Parmi les édifices profanes on distingue le théatre Lethes, qui était la plus riche salle particulière du pays, avant l'achèvement du théatre d'Evora. Ce travail est dû à un italien, le prestigieux médecin Cumano qui vint s'établir dans cette ville.

Actuellement Faro réunit toutes les conditions de l'existence moderne. Ses beaux environs sont des lieux de promenade des plus agréables; de belles routes font communiquer la ville avec les endroits les plus écartés de la province, dont quelques uns sont véritablement charmants, avec de jolis points de vue; les rues et les places sont très régulières, et une belle avenue plantée de parterres et de jardins sert de distraction aux habitants du pays et aux visiteurs pendant leurs loisirs; c'est là qu'on se donne rendez-vous pendant les tièdes soirées d'été ou les beaux jours d'hiver sans pluie, car la température y est très douce. La ville que le chemin de fer relie au reste du pays doit continuer à prospérer au point de vue moral et matériel, comme il convient à la capitale d'un district, qui est une province, et qui a été autrefois un royaume.

Brito Rebello.

Torres Novas



Torres Novas é villa das mais antigas e nobres da Extremadura; ergue-se sobranceira a bellas planicies, em viçosa paizagem; tem lindos arrabaldes, ferazes e bem cultivados; trechos de arvoredos copados; hortas e pomares de grande producção. As margens do Almonda são tentadoras para o pintor; com os seus açudes, mottas e levadas, arvores vetustas, frescas e limpas aguas.

A Sociedade Silva Porto, assim denominada em homenagem ao grande pintor que nos revelou a doçura da paizagem portugueza, constituida ha poucos annos em Lisboa, e que tem por fim a educação artistica do paizagista e ainda o estudo de variadas regiões do paiz, fazendo para isto excursões annuaes, escolheu, logo no seu primeiro anno, esta região de Torres Novas. Foi a escolha bem succedida; os jovens pintores trouxeram de lá télas mimosas, aspectos attrahentes, episodios campestres de variada côr.

A villa tem quatro parochias, Santa Maria do Castello, o Salvador, S. Pedro e S. Thiago.

D. Sancho I lhe deu foral em 1190, renovado na reforma foraleira de D. Manuel, em 1510.

O seu castello de onze torres e grossas quadrellas está em grande ruina.

É trivial entre os nossos escriptores ao tratar dos povoados attribuirem as suas origens a raças quasi mythicas, a heroes lendarios: Lisboa fundada por Ulysses que no Tejo veiu com os gregos terminar os dilatados errores por esses mares; Setubal pelos phenicios capitaneados por Tubal; o famoso Achilles veio morar em Chellas, que em documentos antigos se escreve Achellas, e muito se conta dos gallo-celtas, dos valentes celtiberos, dos audaciosos carthaginezes. É bem certo que por muitos pontos do paiz se encontram vestigios de povos prehistoricos; povos de civilisação primitiva, da edade da pedra lascada, da pedra polida por aqui estacionaram em remotos seculos. Centos de dolmens ou antas, grutas com rudes ceramicas, estações frequentes de silex, alguns de fino lavôr, attestam a permanencia de raças, cujos nomes se ignoram.

Influencias hellenicas, mycenicas, são incontestaveis em certas regiões, nas Citanias minhotas, por exemplo; inscripções celtibericas têm apparecido no sul do paiz; sobre esses povos proto-historicos vem alastrar-se a civilisação romana, dominadora pela sua organisação e cultura já adiantada. Mas atravez a influencia romana percebe-se a existencia continuada dos antigos povos; nos muitos centos de memorias epigraphicas apparecem nomes proprios gregos, celticos, ibericos, designações de deuses protectores, de origem não romana, revelando-nos a continuação dos cultos indigenas.

Passam alanos, vandalos, rapidamente n'essa torrente do começo do seculo V, os suevos estabelecem-se no noroeste da peninsula; os visigodos chegam morosamente a dominar em toda ella, aniquilados os ultimos imperiaes, os de Byzancio, no seculo VII; e de subito rebenta sobre germanicos mal argamassados com o grande fundo romanico a vaga tumultuosa e complexa dos arabes, trazendo comsigo berbéres, egypcios, syrios, persas. E começa logo essa lucta secular, pertinaz, que das Asturias vem combatendo mouros, terminando no seculo XV, em Granada. De muitos povos poucos vestigios existem, em certos pontos não se topa uma pedra, um osso, mas existe o testemunho n'um nome, que atravessou de bocca em bocca, o desdobramento dos seculos. N'este caso está o nome do pequeno rio que refresca Torres Novas; é o Almonda, em que o artigo arabe se encosta a um nome cujo radical se encontra n'outro nome do rio, Mondego.

As designações dos rios, como Zezere, Sôr, Sorraia, Degebe, Xarrama, Lucefece, Ardilla, Noemi, Caya, Sever e tantos outros, revelam fundos antigos, reflectem origens muito remotas.

Torres Novas foi tomada aos mouros por Affonso Henriques, em 1148.

O *miramolim* de Marrocos a retomou em 1185, abandonando-a pouco depois. Em 1191 vem em gazúa, ou guerra santa, outro emir que consegue apoderar-se da villa.

O infante D. Affonso, filho de Sancho I, resgatou-a pouco depois, e nunca mais ahi voltaram os arabes.

A estampa mostra um grande trecho da villa; no alto se vê a linha escura do castello; ainda estão de pé algumas torres e lanços de muralhas da nobre construcção.

A rainha, depois santa, D. Izabel, mulher de D. Diniz, teve o senhorio da villa.

Pertenceu depois a D. Jorge de Lencastre, filho legitimado de D. João II, progenitor dos duques de Aveiro, que foram senhores de Torres Novas, até 1759.

Torres Novas



Torres Novas est une des villes les plus nobles et les plus anciennes de l'Extremadura; elle s'élève au dessus de belles plaines, dans un paysage verdoyant, entourée de jolis environs, fertiles et bien cultivés, d'abondance d'arbres touffus, de vergers et de potagers très productifs. Les rives du Almonda sont à souhait pour le peintre avec leurs écluses, les môles et les rigoles, de vieux arbres, des cours d'eau, frais et limpides.

Comme hommage au grand peintre Silva Porto, qui nous a révélé toute la suavité des paysages portugais, on a institué il y a quelques années à Lisbonne une société, avec son nom, à seule fin de s'occuper de l'éducation artistique du paysagiste et de l'étude des diverses régions du pays, en faisant des excursions annuelles, et la première de ces tournées a choisi la région de Torres Novas. Le choix a été fort bien réussi; les jeunes peintres en ont rapporté des toiles charmantes, des aspects attrayants et des épisodes champêtres d'un coloris varié.

La ville a quatre paroisses, Sainte Marie du Castello, le Sauveur, St Pierre et St Jacques.

D. Sancho I lui accorda des chartes en 1190, renouvelées lors de la réforme faite par D. Manuel en 1510.

Le château à onze tours et à grosses poivrières, est presque ruiné.

Lorsqu'il s'agit de décrire d'anciennes peuplades, nos écrivains ont ordinairement l'habitude d'en attribuer l'origine à des races presque mythiques, à des héros légendaires: Lisbonne fut fondée par Ulysses qui arriva dans le Tage, avec les grecs, pour terminer les longues erreurs qui se passaient sur la mer; à Setubal ce furent les phéniciens commandés par Tubal; le fameux Achilles vint demeurer à Chellas, que des documents anciens écrivent Achellas, et on raconte encore beaucoup de choses à propos des gallo-celtiques, des vaillants celtibères, et des hardis carthaginois. Il est certain qu'en bien des endroits du pays on retrouve des vestiges de peuples préhistoriques, de peuples de la civilisation primitive, de l'âge de pierre écaillée et de pierre polie qui séjournèrent ici dans les siècles les plus reculés. Le séjour de races dont on ignore le nom, est avéré par des centaines de dolmens, des grottes en rude céramique de fréquentes stations de silex, quelques unes finement travaillées.

Dans certaines régions, comme les Citanias du Minho les influences helléniques, mycéniques sont incontestables; au sud du pays on a retrouvé des inscriptions celtibériques; la civilisation romaine dominatrice par son organisation et sa culture déjà avancées vient s'étendre sur ces peuples proto-historiques. Mais à travers l'influence romaine on aperçoit l'existence continuelle des anciens peuples; dans les centaines de mémoires épigraphiques on voit paraître des noms propres, grecs, celtes, ibères, des désignations de dieux protecteurs, d'origine non romaine, nous révélant la continuation des cultes indigènes.

Des alains, des vandales, passent rapidement dans ce torrent du commencement du Vme siècle; les suèves s'établissent au nord-est de la péninsule; les visigoths parviennent morosement à la dominer tout-à-fait, après avoir anéanti les derniers impériaux, ceux de Bysance, au VIIme siècle; et tout-à-coup la vague tumultueuse et complexe des arabes, amenant à leur suite des berbères, des egyptiens, des assyriens et des persans, éclate sur les germains à peine amalgamés avec le grand fonds romain. Et aussitôt commence cette lutte séculaire, persistante qui vint combattant les Maures, depuis les Asturies, se terminant à Grenade, au XVme siècle. Il n'existe que très peu de vestiges, de certains peuples, en quelques endroits on ne retrouve pas une pierre ni un os, mais on en aperçoit le témoignage sur un nom qui passa, de bouche en bouche, le dédoublement des siècles. C'est le cas de ce petit fleuve qui rafraichit la ville de Torres Novas; son nom Almonda où l'on trouve l'article arabe accolé à un nom dont la radicale se retrouve dans un autre nom de fleuve, le Mondego.

Les désignations des fleuves, Zezere, Sôr, Sorraia, Degebe, Xarrama, Lucefece, Ardilla, Noemi, Caya, Sever et tant d'autres, révèlent d'anciennes sources, réfléchissent des origines très reculées.

Torres Novas fut prise aux maures par Alphonse Henriques en 1148.

Le Calife du Maroc la reprit en 1185, et l'abandonna peu après. En 1191 un autre émir arriva, en guerre sainte, et réussit à s'emparer de la ville.

L'infant D. Alphonse, fils de Sancho I, la racheta peu après, et les arabes n'y revinrent jamais.

La gravure montre une grande partie de la ville; en haut on voit la ligne noircie du château dont la noble construction s'atteste par quelques tours et pans de murailles qui tiennent encore.

Ás riquezas agricolas junta-se aqui a da industria. Fabricas de tecidos e de papel conservam ainda a antiga tradição de trabalho. Tem melhorado nos ultimos annos; alguns edificios em ruina foram concertados, outros se ergueram de novo. E póde e deve melhorar muito ainda. Na cuidada cultura dos seus lindos campos encontrará meios de progredir.

O castello d'Almourol

N'uma pequena ilha alongada, a meio do rio Tejo ergueram os cavalleiros do Templo, na época das grandes luctas entre portuguezes e mouros, o pittoresco castello. A ilhota tem 310 metros de comprimento, 75 na sua largura maior, e 18 na altura maxima sobre o nivel das aguas; a montante é formada por um poderoso macisso granitico; no mais alto do morro firmaram os muros, aproveitando os relevos. Para jusante fica o extenso areal que brandamente se esconde nas aguas. Choupos e salgueiros viçosos, densos cannaviaes, urzes e silvados vestem a pequena ilha. A porta romanica de volta inteira, uma janella com rendilhados singelos, marcam a época da construcção. A torre de menagem bem aprumada tem paredes com 2 metros de espessura na base; toda a construcção é de grossa cantaria. Não se vê signal de escada, o que mostra que era de madeira que o tempo consumiu; assim era na grande torre do castello de Guimarães, e em algumas outras. Em certos pontos apparece esculpida a cruz dos templarios.

A cerca tem nove torres. É um bello exemplar de fortificação.

Infundem respeito, diz o engenheiro Osorio (*Revista de Engenharia Militar,* 1896, pag. 199), n'um excellente artigo ácerca de Almourol, estes castellos pela solidez das suas muralhas, pela estrategica escolha das posições, pelo acerto na resolução do complexo problema da defeza.

N'essas fortalezas medievaes encontram-se vallos e barbacans, couraças cobrindo caminhos, ligando as barbacans ás muralhas. A quebra de direcção era marcada por uma torre, *bastião* se de secção redonda, *cubello* se era quadrada; o lado do polygono era a *quadrella;* nos *adarves* vigiavam as *atalayas;* nos eirados das torres accendiam as *almenaras,* fachos ou fogueiras para transmittir noticias a outros castellos. Abrigados pelas ameias combatiam os bésteiros; pelos intervallos dos matacães lançavam pedras ou virotes, ou materias inflammadas, sobre os assaltantes. Vencido o vallo, passada a barbacan e a cerca encontrava-se a forte torre de menagem. Era o extremo da lucta, o paroxysmo da furia e do desespero. O castello de Almourol é um monumento datado. Parece que entre o material d'aquelles velhos muros se notam pedras que pertenceram a construcção anterior talvez romana, mas o conjuncto tal qual existe agora, é uma fortaleza pura, sem modificações. Uma inscripção nos diz que Gualdim Paes, o mestre do Templo, o fez em 1171. No governo d'este mestre se fizeram os castellos de Pombal, Thomar, Zezere, Idanha e Monsanto, todos dos templarios.

Explica-se perfeitamente essa febre de erguer fortalezas; estava-se na época de porfiada lucta com os arabes. Á proporção que se conquistava um palmo de terra erguia-se a fortificação para segurança da preza.

Era assim que as ordens militares, os cavalleiros de S. Thiago, e os de Aviz, então ainda chamados os freires de Evora, ajudavam a formação, como os do Templo, do reino de Portugal.

Foi um duello de energias entre raças diversas; luctava-se pela posse do territorio. De vez em quando vinha uma onda de agarenos, em correria audaz, e arruinava os pobres povoados, assolava os campos, sitiava e tomava castellos e praças fechadas. Impunha-se portanto a fortificação. Os architectos militares tiveram de estudar, de attender ao systema de defeza.

Percorrendo auctores antigos da especialidade não se explica bem, como no seculo XII, se fizeram em Portugal esses castellos. Mesmo no Viollet-le-Duc, o sabio architecto restaurador, tão estudioso, que analysou á minucia os castellos de Coucy e Pierrefonds, não se encontra exposição cabal. É preciso vêr os modernos tratadistas.

Os castellos dos seculos XI e XII, nos paizes então mais cultos da Europa, na Normandia, por exemplo, reduzem-se a uma torre quadrada com sua cerca; a reproducção em material duro das casas fortes com suas paliçadas que os piratas normandos improvisavam para refugio e centro de operações nos paizes onde pousavam.

La reine, D. Isabel, épouse de D. Denis, qui fut sainte, eût la seigneurie de cette ville.

Elle appartint plus tard à D. Georges de Lencastre, fils légitimé de D. Jean II, père des ducs d'Aveiro qui furent les seigneurs de Torres Novas jusqu'à 1759.

Les richesses industrielles se réunissent là à celles de l'agriculture. Des fabriques de tissus et de papier conservent encore l'ancienne tradition de travail. Elles se sont améliorées dans les dernières années; on a réparé des édifices ruinés, et on en a construit de nouveaux. Et encore elle a des moyens pour s'embellir d'avantage. Une culture soignée des admirables campagnes lui en fournira l'occasion.

Le château d'Almourol

À l'époque des grandes luttes entre portugais et maures, les chevaliers du Temple élevèrent ce pittoresque château sur un petit îlot allongé, au milieu du Tage. L'île a 310 mètres de long, 75 dans sa plus grande largeur, et 18 de maximum de hauteur au dessus du niveau du fleuve; en amont elle est formée par un puissant massif de granit; sur la partie la plus élevée du rocher on posa les murs, en profitant des reliefs naturels. En aval se trouve l'étendue de sable qui se perd doucement dans les eaux. Des saules et des peupliers verdoyants, l'oseraie touffue, des bruyères et des buissons couvrent la petite île. La porte romane à plein cintre, une fenêtre simplement dentelée, marquent l'époque de la construction. La tour d'honneur bien campée a des murs de 2 mètres d'épaisseur à la base; toute la construction est en grosse pierre de taille. On n'aperçoit pas de trace d'escalier ce qui fait croire que celui qui existait devait être en bois que le temps aura détruit; il en était de même pour la grande tour du château de Guimarães et d'autres encore. En certains endroits on voit la croix des templiers sculptée dans la pierre. Le pourtour a neuf tours et présente un bel exemplaire de fortification.

Dans la *Revista de Engenharia Militar,* 1896, pag. 199, l'ingénieur Osorio dit que ces châteaux inspirent le respect avec leurs murailles si solides, le choix si stratégique de leurs situations et la justesse avec laquelle on resolvait le problème si complexe de la défense.

Dans ces forteresses du moyen âge on retrouve des fossés, des barbacanes et des cuirasses recouvrant les chemins qui reliaient les barbacanes aux murailles. Le changement de direction était marqué par une tourelle, *bastion* si elle était arrondie, *poivrière* si elle était carrée; à côté du polygone était la *courtine;* sur les remparts les sentinelles veillaient; sur les plate-formes on allumait des falots, des flambeaux ou des feux pour transmettre des nouvelles à d'autres châteaux. Abrités par les créneaux, les arbalétriers combattaient et par les intervalles des machicoulis, ils lançaient des pierres, des javelots ou des matières enflammées sur les assiégeants. Le fossé franchi, passant la barbacane et l'enclos, on trouvait la grande tour d'honneur. C'était le but de la lutte, le paroxysme de la fureur et du désespoir. Le château d'Almourol est un monument daté. Il semble que parmi les matériaux de ces vieux murs on remarque des pierres qui ont dû appartenir à quelque construction antérieure, peut-être romane, mais l'ensemble, tel qu'il existe maintenant est une forteresse pure, sans modifications.

Une inscription nous dit que Gualdim Paes, le maître du Temple, édifia ce château en 1171. Sous le gouvernement de ce maître on fit aussi les châteaux de Pombal, Thomar, Zezere, Idanha et Monsanto, tous des templiers.

Cette fièvre d'élever des châteaux s'explique parfaitement; on était à l'époque de lutte acharneé avec les arabes. À mesure qu'on avait conquis un brin de terrain on élevait la fortification pour s'en assurer la possession.

Ce fut ainsi que les ordres militaires, les chevaliers de St Jacques, ceux d'Aviz, qu'on nommait encore les frères d'Evora, contribuèrent avec ceux du Temple à la formation du royaume de Portugal.

C'était un duel d'énergie parmi des races différentes; on luttait pour la possession du territoire. De temps en temps un flot de barbares, survenait, en course folle, ruinait les pauvres peuplades, ravageait les champs, assiégeait, pillait des châteaux et des places closes. La fortification s'imposait donc. Les architectes militaires dûrent étudier et soigner leur système de défense.

En parcourant d'anciens auteurs de cette spécialité on ne s'explique pas bien comment, au XIIme siècle, on fit ces châteaux en Portugal. Même Viollet le Duc, le savant architecte restaurateur, si studieux, qu'il analysa minutieusement les châteaux de Coucy et Pierrefonds, ne donne pas d'explication satisfaisante. Il faut consulter les écrivains modernes.

Mas no fim do seculo XII apparecem as combinações, a adaptação ao terreno, e a cerca fortificada por torres cercando a torre principal, a preoccupação de evitar os angulos mortos. Os escriptores francezes citam o castello de Andelys como monumento da arte militar d'esse periodo, no occidente da Europa. A arte da defeza foi creada na Syria, na Palestina, n'aquellas terriveis luctas de cruzados contra sarracenos; ahi se encontraram os architectos militares da Europa, em frente da arte do oriente [1].

Ora Gualdim Paes o mestre do Templo que mandou fazer os castellos de Almourol, Pombal, Idanha, etc., esteve nas cruzadas, assim como outros freires da sua Ordem; viu bem os trabalhos dos architectos arabes e europeus, e voltando a Portugal pôz em pratica a sciencia adquirida. Assim se explica, me parece, a belleza e a logica das fortalezas dos Templarios, em Portugal, no seculo XII.

Não ha castello velho sem lendas mais ou menos poeticas; á falta de melhor ha sempre a moura encantada. Almourol, o erguido castello tisnado, isolado na sua ilha, a meio do lindo Tejo, decorado de viçosos arvoredos, tem as suas lendas especiaes, que não reproduzo porque o espaço não abunda. Lendas de amor, brancas donzellas de dourados cabellos, féros cavalleiros em velozes cavallos, suaves cantorias de trovadores vogando no Tejo, por noite luarenta, e guerras atrozes, prisioneiros em masmorras lugubres que alcançam escapar-se por mysteriosos caminhos.

Bem, ha poucos mezes, deu-se o seguinte interessante caso.

O castello de Almourol está hoje entregue ao ministerio da guerra; proxima está a escola pratica de engenharia. Alguem se lembrou, em hora vaga, de ir mexer nos entulhos do castello. Appareceram fragmentos de ceramica, tijollos... e de subito, n'um vão, algumas chapas metallicas; não sei quantas; eu vi em Lisboa, cinco ou seis. Limpas as chapas da terra e caliça viu-se que eram de cobre esmaltado, esmaltes antigos parecidos com os de Limoges, com ornatos, e figuras, e letreiros em caracteres gothicos; as figuras representando scenas amorosas, cavalleiros de armadura prostrados de joelhos ante finas damas; e que os letreiros são divisas de amor. As chapas têm proximamente um decimetro de diametro. Pareceram-me fechos de cinturões. É achado unico em Portugal.

Fez-me lembrar este caso o succedido em Collares. Conta João de Barros, no *Clarimundo*, uma lenda de tres collares, de estranhos principes e lendarios feitos.

Ha annos um explorador de pedreiras descobre uma sepultura prehistorica e n'ella tres collares de ouro, pegados, de arte prehistorica, que segundo ouvi ennobrecem agora uma vidraça de joias antigas no museu britannico. É que algumas lendas têm qualquer fundo antigo, muito remoto, conservado na tradição oral, de avós a netos, de povos a povos. Como os nomes das montanhas, dos rios, perpetuados atravez os seculos, testemunham a passagem de extinctas raças.

Gollegan

São celebres os campos da Gollegan; vastas planuras de muitos kilometros de comprido e largo, cultivadas, produzindo trigo e forragens; em pontos manchas de vinhedos, e as longas carreiras de oliveiras que dão azeite optimo. A sul da fertil campina corre o Tejo, o fecundante rio.

Não admira por isto que a Gollegan seja uma povoação essencialmente agricola; a villa tem crescido nos ultimos quarenta annos em população, em bons predios, em riqueza. Tem prosperado muito.

Residem aqui opulentos proprietarios-lavradores. É de justiça mencionar n'este artigo o nome de Carlos Relvas, distincto photographo amador. Destacava no seu meio, e no meio portuguez, este homem que era opulento proprietario e agricultor; homem de esporte, cavalleiro eximio, e apaixonado de arte. É notavel e preciosa a grande collecção de photographias que executou de monumentos, paizagens e objectos d'arte, que formam grandes albuns; creio que a collecção mais completa pertence ao Museu Nacional de Bellas-Artes.

O orago da egreja matriz da Gollegan é Nossa Senhora da Conceição, vê-se a imagem da Senhora, no seu nicho, no portal representado nitidamente na estampa.

[1] Augusto Choisy, *Histoire de l'architecture*, no capitulo sobre architectura militar na edade média, pag. 588 e seg. do vol. II, publicado em 1899.

Dans les pays les plus avancés de l'Europe, comme, par exemple, en Normandie, les châteaux du XIme et XIIme siècle se réduisent à une tour carrée avec un enclos; ce sont des reproductions en matériaux solides, des maisons fortifiées avec leurs palissades, que les pirates normands improvisaient, comme réfuge et centre d'opérations dans les pays où ils s'arrêtaient.

Mais vers la fin du XIIme siècle parurent les combinaisons, l'adaptation du terrain, l'enclos fortifié par des tours entourant la tour principale, et la préoccupation d'éviter les angles morts. Les écrivains français citent le château d'Andelys, comme un monument de l'art militaire de cette époque, à l'occident de l'Europe. L'art de défense fut créé en Syrie, en Palestine, lors de ces terribles luttes des croisés contre les sarrazins; c'est là que les architectes militaires de l'Europe se trouvent en face de l'art de l'Orient [1].

Or Gualdim Paes le maître du Temple qui fit faire les châteaux d'Almourol, Pombal, Idanha, etc., fût aux croisades, ainsi que d'autres moines de son Ordre; il observa bien les travaux des architectes arabes et européens, et revenant en Portugal, il mit à l'œuvre la science qu'il avait acquise. Ainsi s'explique, à mon avis, la beauté et la logique des forteresses des Templiers en Portugal, au XIIme siècle.

Il n'y a aucun vieux château qui n'aît sa légende plus ou moins poétique; faute de mieux on a toujours la jeune mauresque enchantée. Almourol, le château noirci et élevé, isolé dans son île, au milieu du beau Tage, décoré de riantes verdures, a aussi ses légendes spéciales, que je ne puis raconter, faute d'espace. Des légendes d'amour, de blanches demoiselles aux cheveux d'or, de hardis chevaliers sur de rapides coursiers, de doux refrains des troubadours voguant sur le Tage, par les nuits de clair de lune, et des guerres atroces, des prisonniers dans de lugubres cachots d'où ils réussissent à s'échapper par des voies mystérieuses.

Or, il y a peu de temps, eut lieu un fait très intéressant.

Le château d'Almourol est actuellement sous la direction du Ministère de la guerre, bien près de l'école du génie. Dans un moment de loisir, quelqu'un eut l'idée d'aller fouiller dans les décombres du château. On y trouva des fragments de céramique, des briques... et tout-à-coup des plaques métalliques; je ne sais pas combien; j'en ai vu cinq ou six à Lisbonne. Après les avoir nettoyées de toute la terre et la chaux qui les recouvraient on vit qu'elles étaient en cuivre emaillé, des émaux antiques semblables à ceux de Limoges, avec des ornements, des figures et des inscriptions en caractères gothiques; les figures représentent des scènes amoureuses, des chevaliers revêtus de leurs armures prosternés aux genoux de belles dames, et les inscriptions sont des devises d'amour.

Les plaques ont à peu près un décimètre de diamètre. Elles ont l'air de fermoirs de ceinturons. C'est une trouvaille unique en Portugal.

Cela m'a rappelé un fait qui s'est passé à Collares. Jean de Barros, dans le *Clarimundo*, raconte une légende de trois colliers, de princes étranges, et de faits légendaires.

Il y a quelques années un exploiteur de carrières a découvert une sépulture préhistorique contenant trois colliers d'or, réunis, de l'art préhistorique, et qui, à ce que j'ai entendu dire, enrichissent actuellement une vitrine de bijoux anciens au musée britannique. C'est que bien des légendes ont un fond quelconque véridique mais très ancien, et conservé seulement par tradition orale, transmise de pères en fils, de peuple à peuple. De même que les noms des montagnes et des fleuves perpétués à travers les siècles, ils témoignent du passage de races éteintes.

Gollegan

Les champs de Gollegan sont célèbres; de vastes plaines larges, et longues de beaucoup de kilomètres, cultivées, produisant du blé et du fourrage; par ci par là mouchetées de vignobles, et de longues rangées d'oliviers qui donnent une huile magnifique. Au midi de la plaine fertile, passe le Tage, le fleuve fécondant.

Il n'est donc pas étonnant que Gollegan soit un endroit essentiellement agricole; la ville a augmenté pendant la dernière quarantaine d'années en population, en belles maisons et en richesse, et a prospéré sous tous les rapports.

[1] Auguste Choisy, *Histoire de l'architecture*, voir le chapitre sur l'architecture militaire au moyen âge, pag. 588 et suivantes du vol. II publié en 1899.

É construcção do começo do seculo XVI, reinado de D. Manoel; as cruzes da ordem de Christo, as espheras armillares acompanham o elegante escudo d'armas de Portugal, ornamentado de paquifes mui salientes. A decoração não é variada, complicada, mas forte e cheia, com um grande relevo no bello calcareo rijo d'aquelles sitios que toma uma linda côr no correr dos tempos. O grande portico afina bem com a rosacea, o conjuncto agrada; é manifesta a idéa symbolica dos elementos decorativos que explicam o poetico e patriotico mysticismo da época. No vertice da frontaria, altaneira, a singela cruz. Faziam coisas boas os portuguezes de então, e levaram a cabo grandes emprezas gloriosas.

Outra estampa mostra-nos uma paizagem na margem do Tejo, proximo da Gollegan; na limpida agua tranquilla do rio passa vagarosa a manada de touros bravos; parece que alguns repararam no photographo, e pousaram attentos para não estragar os retratos. O guarda a cavallo ficou bem; repare-se no pescoço e cabeça do cavallo, é um bom tempo ribatejano. E attenda-se tambem no touro que está á frente, isolado, mostrando nitidamente a cabeça, a fina armação, um pouco aberta, as orelhas fitas horizontaes, salientes, o focinho delgado.

Apparece tambem o fino machinho asneiro, e o esperto burrico que papa leguas com seu passinho miudo. Na paizagem os cannaviaes, os grandes arbustos, o alto arvoredo viçoso.

Acho ainda interesse n'esta feliz photographia sob outro ponto de vista.

Bastante ha escripto sobre raças dos animaes peninsulares. Os carneiros, as cabras, os suinos, os cavallos, os bois, os touros que hoje se encontram em Portugal e Hespanha, de onde vieram? Diz-se por exemplo que o roliço suino do sul, e o alto do norte do paiz representam os porcos iberico e celtico, sem relação alguma com o javali ou porco montez, ainda hoje vulgar, que é irmão do que se encontra nos matagaes da Berberia.

O cavallo é muito conhecido e celebrado, não faltam imagens nas moedas e nos brasões antigos; parece que a área do cavallo da Iberia foi antigamente muito maior, pois nos monumentos romanos do sul da França os cavalleiros montam cavallos d'esse typo.

O touro portuguez differe muito do hespanhol, actualmente. Raças apuradas, raças degeneradas, emfim, varias opiniões para explicar a differença. No domingo, 27 de agosto de 1905, o publico de Lisboa viu no redondel do Campo Pequeno, touros hespanhoes, de Miura, de grande corpo, largo cachaço, de enorme força, de typo mui diverso do touro portuguez, que é mais fino, mais agil e mexido.

Creio que a differença vem de longa data; no fasciculo recente da *Portugalia* se publicou uma memoria de um archeologo hespanhol sobre certas grutas prehistoricas do norte de Hespanha ornamentadas de ingenuos desenhos de animaes; desenhos rudimentares mas que mostram observação, esforço para reproduzir com verdade a silhueta, a posição do animal.

Pois entre veados e corças lá está um touro que parece de Miura.

Na obra de P. Paris, *Essai sur l'art... de l'Espagne primitive* (Paris, 1903) vem algumas paginas, com estampas, sobre os celebrados touros de Costig; cabeças de touro, de bronze, extraordinarias, que hoje enriquecem o Museu de Madrid. Essas preciosidades archeologicas foram achadas na ilha de Malhorca, nas Baleares. Não lembram o actual touro hespanhol; mas concordam com o portuguez, com o ribatejano. Comparem-se essas cabeças dos touros de Costig, com as silhuetas dos da Gollegan, representados na photographia, repare-se na linha, na curvatura dos chifres, no feitio especial das orelhas, no fino focinho, e salta á vista a coincidencia de linhas d'esta raça portugueza, com as da prehistorica das Baleares.

Gabriel Pereira.

Beaucoup de propriétaires-cultivateurs y résident et il est juste de rappeler dans cet article le nom de Carlos Relvas, remarquable amateur de photographie. Il se distinguait dans son milieu, et dans la société portugaise comme un opulent propriétaire et agriculteur, homme de sport, adroit cavalier, et passionné pour des choses d'art. On doit citer comme supérieurement précieuse, la grande collection de photographies de monuments, paysages et objets d'art qu'il a exécutée et qui forme de grands albums; je pense que la collection la plus complète appartient au Musée National de Beaux-arts.

La patronne de l'église paroissiale de Gollegan est Notre Dame de la Conception, et l'image de la Vierge est placée dans sa niche sur le portail nettement représenté sur la gravure.

C'est une construction du règne de D. Manoel, commencement du XVIme siècle; les croix de l'ordre du Christ, les sphères armillaires accompagnent le bel écusson aux armes du Portugal, orné de panaches très réhaussés. La décoration n'est ni variée ni compliquée, mais forte et massive, avec de grandes reliefs sur la belle et dure pierre calcaire de cette région, qui avec le temps prend une très belle couleur. Le grand portique s'harmonise bien avec la rosace et l'ensemble est des plus agréables; on y aperçoit l'idée symbolique des éléments décoratifs qui expliquent le mysticisme poétique et patriotique de l'époque. Sur l'angle supérieur de la façade s'élève la croix, simple et altière. Les portugais d'antan faisaient de belles choses et menèrent à bonne fin de glorieuses entreprises.

Une autre gravure nous montre un paysage de la rive du Tage, près de Gollegan; sur l'eau limpide et tranquille du fleuve passe lentement le troupeau de taureaux; on dirait que quelques uns ont remarqué le photographe et qu'ils posent attentifs pour ne pas gâter leurs portraits. Le gardien à cheval est très bien; qu'on remarque le cou et la tête du cheval qui est un beau type du Ribatejo. Citons aussi le taureau qui est en avant, tout seul, et qui montre nettement sa tête, les cornes fines un peu écartées, les oreilles droites et horizontales bien saillantes et le fin museau.

On y voit aussi le petit mulet asinin, et le gentil ânon qui dévore des lieues avec son trot menu. Le paysage est réhaussé d'oseraies, de beaux arbustes et de grands arbres verdoyants.

Sous un autre point vue je trouve encore très intéressante cette photographie si réussie.

On a beaucoup écrit à propos des races d'animaux péninsulaires. D'où sont venus les moutons, les chèvres, les cochons, les chevaux, les bœufs et les taureaux qu'on trouve de nos jours en Portugal et en Espagne? On dit par exemple que le petit cochon rond, du midi, et le grand du nord du pays, représentent les porcs ibériques et celtiques, sans aucun rapport avec le sanglier et le porc sauvage, très vulgaire de nos jours et qui est semblable à celui que l'on voit dans les forêts de la Berberie.

Le cheval est très connu et très célébré, il n'en manque pas d'images sur les monnaies et les bronzes antiques; il paraît que la production du cheval ibérique était autrefois bien plus étendue qu'aujourd'hui, car sur les monuments romains du midi de la France les cavaliers montent des chevaux de ce type-là. Le taureau portugais est, de nos jours, très différent de l'espagnol. Pour en expliquer la différence on l'attribue à la race dégénérée, ou à la race améliorée, enfin on varie d'opinion. Le dimanche 27 août 1905 le public de Lisbonne vit sur l'arène du Campo Pequeno, des taureaux espagnols de Miura, à grande carrure, large cou, énorme force, de type très différent du taureau portugais qui est plus mince, plus agile et plus remuant.

Je pense que cette diversité date de loin; dans le dernier fascicule de *Portugalia* on a publié un mémoire d'un archéologue espagnol sur certaines grottes préhistoriques du nord de l'Espagne, ornées de naifs dessins d'animaux, très rudimentaires, mais qui montrent de l'observation et un effort pour reproduire, avec vérité, la silhouette et la position de l'animal.

Or parmi les cerfs et les biches on y voit un taureau qui semble de Miura.

Dans l'ouvrage de P. Paris, *Essai sur l'art... de l'Espagne primitive* (Paris, 1903) il y a quelques pages avec gravures, à propos des célèbres taureaux de Costig; des têtes de taureau en bronze, extraordinaires, qui enrichissent le Musée de Madrid. Ces préciosités archéologiques furent trouvées à l'île de Mallorca, dans les Balléares. Elles ne rappèlent pas le taureau espagnol de nos jours, mais plutôt notre taureau portugais du Ribatejo. En comparant ces têtes de taureaux de Costig avec les silhouettes de ceux de Gollegan représentées sur la photographie, en remarquant la ligne, la courbure des cornes, la forme spéciale des oreilles, le fin museau, on sera saisi de la coïncidence de lignes de cette race portugaise avec celles de l'époque préhistorique des Baléares.

Gabriel Pereira.

O Museu de Artelharia

LISBOA



' uma denominação impropria, esta. De artelharia se poderia chamar o Museu se elle exhibisse apenas armas e attributos pertencentes á artelharia; mas a exhuberante collecção que encerra é principalmente notavel por apresentar objectos que nos levam, atravez dos tempos, a evocar e a reconstruir a historia militar do paiz. Todavia, é de justiça que tal denominação se conserve; porque numerosa e valiosa é a collecção que o Museu apresenta de boccas de fogo, desde os seus primordios, desde os rudes *trons* que figuraram em Aljubarrota; e porque na verdade á solicitude da arma de artelharia se deve o grau de desenvolvimento e prosperidade em que o Museu se encontra. *Suum quique.*

A celula d'onde evolveu, foi o modesto museu organisado em 1842 pelo barão do Monte Pedral na repartição de Santa Clara, para modelos de machinas, apparelhos e outros objectos curiosos, organisação sanccionada pelo decreto que em 1851 reformou o arsenal do exercito. Reorganisada em 1869 a arma de artelharia, passou o Museu a estar a cargo do director da fabrica d'armas. Depois d'isso, o constante desvelo de officiaes e directores geraes d'aquella arma tem primado, n'uma louvavel compita, em converter aquelle estabelecimento n'um dos mais notaveis do paiz, e dos que, com mais legitimo orgulho, se podem apresentar ao apreço do estrangeiro.

Depois do do barão do Monte Pedral, nomes illustres se ligam ás tradições d'esse Museu, e entre elles os dos generaes de artelharia Antonio Florencio de Sousa Pinto, que foi ministro da guerra, e Antonio Candido da Costa, João Eduardo de Brito e Pedro Coutinho da Silveira Ramos, directores geraes da arma. Dois nomes, porém, sobrelevam a todos em primazias de benemerencia, nomes que se conjugam na mesma ideia, e na mesma obra se completam, — um como ideia e impulso, outro como meios de acção: — são os dos generaes Eduardo Ernesto de Castelbranco e Luiz Augusto Pimentel Pinto.

A este, como ministro da guerra, deve o paiz e o exercito mais esse acto meritorio, tornando exequivel o que, sem seu generoso auxilio, se não teria convertido em realidade; áquelle deve o amor entranhado que sempre votou a essa instituição, fazendo-a crescer, medrar, progredir a cada instante, com o carinho e o enlevo de um pae.

Quando em 1876 foi o Museu transferido para o edificio da Calçada Nova, hoje Calçada do Museu de Artelharia, onde era d'antes o extincto collegio dos aprendizes do arsenal do exercito, foi incumbido d'esse trabalho, e nomeado director do Museu, o então capitão de artelharia Eduardo Ernesto de Castelbranco. Com o bom gosto que o caracterisava, este official deu a essa installação o caracter artistico que requeria, tratando-se de objectos de tanta estimação e valor historico.

O edificio da Fundição de Baixo onde estava installado o commando geral de artelharia achava-se em 1895 carecendo de reparação; era ministro da guerra o snr. conselheiro Pimentel Pinto; continuava na direcção do Museu o já então coronel, Eduardo Ernesto de Castelbranco. D'este nasceu a ideia da creação de recursos com uma pequena percentagem de augmento no preço das vendas dos productos do arsenal do exercito. As verbas assim creadas n'essa data, e posteriormente em 1900, permittiram a remodelação do edificio, não só para melhor accommodar as repartições do commando, mas tambem para a luxuosa installação do Museu, que é hoje, não só um museu militar valioso, mas um museu de arte moderna portugueza, com a representação dos nossos actuaes pintores, esculptores e azulejistas mais notaveis: — Teixeira Lopes, Salgado, Costa Motta, tio e sobrinho, Carlos Reis, Columbano Bordallo Pinheiro, Malhoa, Raphael Bordallo, Ernesto Condeixa, Luciano Freire, Antonio Carneiro Junior, João Vaz, D. Emilia Santos Braga, A. Ramalho, Carlos Gomes Fernandes, Teixeira Bastos, Arthur de Mello, Jorge Collaço, Gustavo Bordallo Pinheiro, Victoria Pereira e tantos outros. Em telas, muitas d'ellas primorosas, estão representados, episodios de batalhas portuguezas, dos descobrimentos e conquistas, das nossas memoraveis guerras da Restauração, da emancipação do jugo napoleonico, e da liberdade; retratos dos homens eminentes d'essas épocas mais caracteristicas da nossa historia; estatuas e bustos com eguaes consagrações.

Larga é a representação de Columbano nos tectos, e em quadros parietaes, memorando scenas dos *Lusiadas*, scenas de guerra, personagens illustres. O immortal Raphael Bordallo figura com quatro

Le Musée d'Artillerie

LISBONNE



oici un nom impropre. On le comprendrait, si ce Musée renfermait à peine des armes et des objets se rapportant à l'artillerie; mais la surabondante collection que l'on y admire est surtout remarquable pour la variété de choses, qui, à travers les temps passés, nous portent à évoquer et à reconstruire l'histoire militaire de notre pays. Toutefois un sentiment de justice rachète l'impropriété du nom. Le Musée présente une grande et précieuse collection de canons depuis leur origine, en commençant par les *trons* grossiers parus à la bataille d'Aljubarrota; et aussi à vrai dire, c'est surtout à la sollicitude de l'arme d'artillerie que l'on doit le degré de développement et de prospérité où il se trouve actuellement. *Suum quique.*

La cellule d'où partit l'évolution fut un modeste musée organisé en 1842 par le baron do Monte Pedral, dans le département de Santa Clara, où l'on voyait des modèles de machines, des appareils et d'autres objets curieux; cette organisation fut confirmée par un décret qui en 1851 réforma l'arsenal militaire. En 1869 lors de la réorganisation de l'arme d'artillerie, le musée retourna à la charge du directeur de la fabrique d'armes. Depuis lors le dévouement continuel, des officiers et directeurs de cette arme, s'est efforcé, dans une louable émulation, et a réussi à rendre cet établissement un des plus remarquables du pays, et que l'on peut, avec le plus légitime orgueil, offrir à l'admiration des étrangers.

Après celui du baron do Monte Pedral, bien d'autres noms illustres se relient aux traditions de ce Musée et l'on doit citer ceux des généraux d'artillerie Antonio Florencio de Sousa Pinto, qui fut ministre de la guerre, Antonio Candido da Costa, João Eduardo de Brito et Pedro Coutinho da Silveira Ramos, directeurs généraux de l'arme d'artillerie. Mais deux noms surtout priment comme les plus méritants, communiant dans le même idéal, se complétant dans la même œuvre, l'un comme idée et impulsion, l'autre comme moyen d'action: ce sont ceux des généraux Eduardo Ernesto de Castelbranco et Luiz Augusto Pimentel Pinto.

À celui-ci, comme ministre de la guerre, le pays et l'armée doivent encore cette action méritoire, car il a réalisé ce qui n'aurait été qu'un rêve, si ce n'était sa généreuse impulsion; à celui-là on doit la plus haute reconnaissance pour le profond dévouement qu'il a toujours voué à cette institution, en la faisant croître, augmenter et prospérer à chaque moment avec toute la tendresse et les soins d'un père.

Lorsque en 1876 le Musée fut transféré dans l'édifice de la Calçada Nova, actuellement nommée Calçada du Musée d'Artillerie, où se trouvait le collège, maintenant aboli, des apprentis de l'arsenal militaire, on chargea de ce travail le capitaine d'artillerie Eduardo Ernesto de Castelbranco, que l'on nomma directeur du Musée. Avec le goût distingué qui le caractérisait, cet officier sût imprimer à cette installation le cachet artistique qu'exigeait une si belle collection d'objets précieux et de valeur historique.

L'édifice de la Fundição de Baixo où était installée la direction générale d'artillerie, tombait en ruine en 1895; le ministre de la guerre était alors Mr. le conseiller Pimentel Pinto et la direction du Musée était confiée encore à Mr. Eduardo de Castelbranco déjà colonel. Ce fut lui qui eut l'idée de se procurer des ressources avec une faible taxe d'augmentation sur les prix de vente des produits de l'arsenal militaire. Ces sommes créées alors, et plus tard en 1900, suffirent pour réaliser la restauration de l'édifice, non seulement pour y loger les départements de la direction, mais aussi pour installer le luxueux Musée, qui est aujourd'hui, non seulement un musée militaire de grande valeur, mais encore un musée d'art moderne national, où se trouvent des travaux de nos plus remarquables peintres, sculpteurs, et faïenciers contemporains: — Teixeira Lopes, Salgado, Costa Motta, oncle et neveu, Carlos Reis, Columbano Bordallo Pinheiro, Malhôa, Raphael Bordallo, Ernesto Condeixa, Luciano Freire, Antonio Carneiro Junior, João Vaz, D. Emilia Santos Braga, A. Ramalho, Carlos Gomes Fernandes, Teixeira Bastos, Arthur de Mello, Jorge Collaço, Gustavo Bordallo Pinheiro, Victoria Pereira, et beaucoup d'autres.

Quelques toiles, très belles, présentent des épisodes de batailles portugaises, de conquêtes, de découvertes, de nos mémorables guerres de la Restauration, de l'émancipation du joug napoléonien, et de la liberté; des portraits d'hommes éminents de ces époques les plus caractéristiques de notre histoire; des statues et des bustes également significatifs. L'œuvre de Columbano, sur les plafonds, les pans de murs, est des plus vastes, rappelant les scènes des *Lusiades*, des batailles, des personnages illustres.

perfeitos manequins de soldados — typos acabados de peninsulares, com o uniforme de 1833; os rostos em terra-cota têm a expressão viva e a perfeição artistica das esculpturas de Machado e Castro. A allegoria de Carlos Reis, representando Venus a supplicar a Jupiter em favor dos portuguezes, é d'uma grande harmonia de côres e de fórmas, e serve de ornato marginal ao grande mappa da Asia que cobre a parede da frente da sala *Vasco da Gama,* no rez do chão.

Na *Sala D. Maria Pia,* a que fica á direita subindo ao vestibulo, e é consagrada a objectos commemorativos da guerra peninsular, tem o artista Ramalho uma larga tela onde, entre a neblina da manhã, se desenrola a batalha do Bussaco; no primeiro plano está um soldado com a espingarda em descanço, sentinella ao monumento erigido para commemorar aquella batalha, actuando no seu espirito a visão d'aquelle glorioso episodio da guerra. A tela imponente de Salgado, na *Sala D. Pedro IV,* representa, em figuras do tamanho natural, a Patria, tendo ao lado a Historia a coroar os heroes da Liberdade em Portugal. Em frente d'essas figuras symbolicas está n'um primeiro grupo, mais ao fundo, D. Pedro IV com os seus generaes: Duque de Saldanha, Conde das Antas, Sá da Bandeira, José Jorge Loureiro, Marquez da Fronteira, todos a cavallo, e um marinheiro da armada portugueza; no segundo grupo, á frente, Mousinho da Silveira, Duque de Palmella, J. da Silva Carvalho, Almeida Garrett; a seguir, um soldado do batalhão dos Voluntarios da Rainha, um de caçadores n.º 5, e outro de infanteria n.º 18. Na *Sala Infante D. Henrique,* ainda em preparação, toda a parede do fundo é coberta com o bello quadro de Malhoa representando o Infante sobre as penedias de Sagres, vendo desenrolar-se diante dos seus olhos inebriados toda a luminosa visão do descobrimento e da conquista!

São os quadros maiores; ao par d'estes, em proporções mais limitadas, porém dignos de especial menção, os quadros de Ernesto Condeixa, primorosos, representando a passagem do Cabo da Boa-Esperança, antes e depois da tormenta, segundo a visão dos *Lusiadas,* na *Sala Pimentel Pinto,* e a conquista de Malaca na *Sala Affonso Albuquerque;* e aqui e além, entre armas, instrumentos de guerra, modelos de engenhos, a nota captivante de quadros historicos, figuras allegoricas, e retratos executados pelos nossos mais festejados artistas, avultando entre elles, o de Luciano Freire que representa o grande D. Nuno Alvares Pereira, moço ainda, apoiado sobre a espada que elle havia de tornar tão gloriosa. Muitos não estão ainda collocados no seu logar, entre ellas a batalha do Montijo, e o quadro allusivo á alliança dos exercitos portuguez e inglez contra as invasões francesas, de Carneiro Junior.

Nas antigas salas, tão caracteristicas, com seus tectos apainelados, pintados a oleo, a sua obra de talha primorosa, as figuras e ornamentos de grande relevo, os seus dourados ainda vivos, conservou-se o cunho primitivo; — renques de armas perfilam ao longo das paredes; hirtas armaduras de ferro, completas, fazem lembrar roldas e sobreroldas medievas, de espada em punho; pelo meio, em mostradores, ostentam-se os objectos mais curiosos e raros; ha grandeza, ha solemnidade, ha encanto n'aquellas estancias largas e cheias de luz, onde as artes da paz, nas suas manifestações mais bellas, se casam com os attributos historicos da destruidora arte da guerra.

As outras salas estão-se aperfeiçoando ou completando, e algumas d'ellas mudaram de nome. — *Sala D. Maria Pia,* se passou a chamar a que d'antes impropriamente se apelidava, em especial, *Sala dos artigos historicos,* como se todas ellas os não ostentassem. Aqui se reunem como dissemos, os objectos relativos á guerra peninsular: — canhões tomados aos francezes na batalha de Victoria, bandeiras de regimentos nossos que n'essas campanhas se distinguiram, armamento da epoca, etc. Aqui vae o actual director do Museu, e nosso illustre amigo, o snr. general Alcantara Gomes, fazer uma pequena consagração ao general Cascaes, inaugurando o retrato d'este benemerito militar, e reunindo-lhe ao pé os modelos dos monumentos por elle consagrados á victoria do Bussaco, e outros objectos que com esses factos se relacionem.

Á mesma iniciativa se vae dever outra consagração, ainda mais justa, tratando-se do Museu de Artelharia: a que é feita á memoria do barão do Monte Pedral, seu fundador. A *Sala dos Explosivos* vae passar a chamar-se *Sala do Barão do Monte Pedral;* alli se inaugurará o retrato d'esse official, e, devidamente ornamentada e remodelada, essa sala passará a ter uma representação especial.

É de justiça pararmos aqui uns momentos para alguma coisa dizermos dos ultimos dois directores do Museu.

Ao general Eduardo Ernesto de Castelbranco vimos já que aquelle estabelecimento deveu todo o incremento, toda a grandeza que revestiu nos ultimos annos, desde 1896. Era um homem culto, devo-

L'immortel Raphael Bordallo nous présente quatre mannequins parfaits de soldats, des types achevés de péninsulaires, avec l'uniforme de 1833; les visages en terre cuite ont l'expression vivante et la perfection artistique des sculptures de Machado de Castro.

L'allégorie de Carlos Reis représentant Vénus suppliant Jupiter en faveur des portugais est d'une superbe harmonie de teintes et de forme, et sert d'ornement ou de cadre à un grand atlas de l'Asie qui couvre le mur en face de la *Salle Vasco da Gama* au rez-de-chaussée.

Dans la *Salle D. Maria Pia,* celle qui se trouve à droite en montant au vestibule, et qui contient les objets commémoratifs de la guerre péninsulaire, l'artiste Ramalho a peint une large toile, où l'on aperçoit à travers la brume matinale, des épisodes de la bataille de Bussaco; au premier plan on voit un soldat avec le fusil au repos, comme une sentinelle qui monterait la garde au monument qui rapèlle cette bataille, et dont l'esprit serait frappé par la vision des scènes guerrières de cet épisode glorieux. L'imposante toile de Salgado, dans la *Salle de la Liberté* représente des figures en grandeur naturelle. La Patrie, ayant à côté l'Histoire couronnant les héros de la Liberté en Portugal. En face de ces figures symboliques, un peu au fond, on voit dans un premier groupe, D. Pedro IV avec ses généraux: le duc de Saldanha, le comte das Antas, Sá da Bandeira, José Jorge Loureiro, Marquez de Fronteira, tous à cheval, et un matelot portugais; dans un autre groupe, plus en avant, Mousinho da Silveira, duc de Palmella, J. da Silva Carvalho, Almeida Garrett; plus loin un soldat du bataillon de Volontaires de la Reine, un du 5me chasseurs, et un autre du 18me de ligne.

Dans la *Salle Infant D. Henrique,* encore incomplète, tout le mur du fond est recouvert avec le magnifique tableau de Malhôa représentant l'Infant sur les rochers de Sagres, voyant se dérouler devant ses regards ravis, toute la lumineuse vision des découvertes et des conquêtes portugaises.

Ce sont les plus grands tableaux; ensuite, en des dimensions plus limitées, mais tout aussi dignes d'être remarqués, on voit des tableaux de Ernesto Condeixa, très beaux, qui représentent le passage du cap de Bonne Espérance, avant et après la tourmente, d'après la vision des *Lusiades,* dans la *Salle Pimentel Pinto,* et la conquête de Malaca, dans la *Salle Affonso d'Albuquerque;* çà et là, parmi des armes, des instruments guerriers, des modèles de machines, la note attrayante de tableaux historiques de figures allégoriques et de portraits exécutés par nos plus remarquables artistes, entre autres Luciano Freire qui a peint D. Nuno Alvares Pereira, jeune encore, appuyé sur l'épée qu'il devait rendre si glorieuse. Beaucoup de peintures ne sont pas encore placées, entre autres la bataille du Montijo et le tableau allusif à l'alliance des armées portugaise et anglaise contre les invasions françaises, par Carneiro Junior.

On a conservé leur cachet primitif aux anciennes salles, si caractéristiques avec leurs plafonds à caissons, peints à l'huile, et leurs boiseries si précieusement travaillées, avec des figures et des ornements en haut relief, qui semblent dorés à neuf; des rangées d'armes s'appuient au long des murs; de raides armures, complètes, nous font rappeler les rondes et contre-rondes du moyen-âge, l'épée au poing; au milieu dans des vitrines sont exposés les objets plus curieux et rares; il y a de la grandeur, de la solemnité, du charme, dans ces galeries vastes et pleines de lumière où les arts pacifiques, dans leurs plus belles manifestations s'allient aux attributs historiques de l'art sauvage de la guerre.

Les autres salles sont en train de se perfectionner et de se compléter, et quelques-unes ont changé de nom. La *Salle D. Maria Pia* est maintenant celle qui autrefois s'appelait si improprement, *Salle des articles historiques,* comme si l'on n'en voyait pas dans toutes les autres. C'est ici que, comme nous l'avons dit, se trouvent reunis les objets rélatifs à la guerre péninsulaire: — des canons pris aux français à la bataille de Victoria, des drapeaux de régiments portugais qui se sont distingués dans ces campagnes, des armements de cette époque, etc. L'actuel directeur du Musée, notre illustre ami, Mr. le général Alcantara Gomes, va faire ici une petite consécration au général Cascaes, en inaugurant le portrait de ce militaire si distingué, et réunissant auprès, les modèles des monuments dédiés par lui à la victoire du Bussaco, avec d'autres objets qui d'une manière ou d'autre se rapportent à ces faits. Une autre consécration va être encore dûe à cette même initiative et plus justement encore, si l'on s'occupe du Musée d'Artillerie; c'est celle qu'on doit faire à la mémoire du baron do Monte Pedral, son fondateur. La *Salle des Explosifs* va se nommer *Salle du Baron do Monte Pedral;* c'est là qu'on inaugurera le portrait de cet officier et après sa restauration et sa conclusion cette salle aura une signification toute particulière.

tado á arma a que pertencia, fanatico pelos assumptos concernentes ao Museu, em que superintendia desde 1876, independente pelos meios de fortuna de que dispunha, nobre de origem, e com todas as condições para educar o gosto e aperfeiçoar as suas naturaes tendencias estheticas e predilecções historicas. Á frente do Museu era *the right man in the rigth place.* O ardor, o enthusiasmo, a paixão que elle poz na sua obra, bem se patenteia no que deixou feito. Não ha hoje ninguem no paiz que não conheça, não aprecie, não aquilate o valor d'aquelle estabelecimento, que faz honra a Portugal; e a memoria do general Castelbranco é evocada, não só como de quem prestou á sua arma e ao seu exercito um tão importante serviço, mas como de um homem que animou, estimulou, recompensou as bellas artes portuguezas, que tão poucos incentivos encontram, até nos poderes publicos.

O actual director, o snr. general Pedro de Alcantara Gomes, fôra amigo intimo do seu antecessor; acompanhára-o e animára-o na sua obra; e quando uma singular coincidencia o tornou depositario d'ella, todo o seu cuidado foi guardar o cunho, a sequencia, a unidade do trabalho tão largamente esboçado e tão proficientemente executado. Era uma superior maneira de perpetuar na obra do amigo o culto pela sua memoria illustre. Não ficou, todavia, por alli; de sua iniciativa, em tudo que não seja destruir a concepção inicial, ha já a notar medidas de alcance; entre ellas o projecto de uma vasta sala de exposição dos excellentes, e alguns bens raros e preciosos, especimens de peças, hoje tão mal accommodadas no pateo de deposito. Esta installação passará a ser das mais interessantes e valiosas.

O Museu de Artelharia é a maior invocação do nosso passado glorioso, que em todo o Portugal existe. Em monumentos dispersos pelo paiz: — o castello de S. Jorge, S. Vicente de Fóra, a Batalha, a torre de Belem, os Jeronymos, as praças desmanteladas, os padrões aqui e além erguidos, os objectos historicos n'um ou n'outro ponto conservados, e poupados ao vandalismo da destruição ou ao mercantilismo que tem mandado para o estrangeiro o que de mais precioso havia entre nós, encontramos, é certo, motivo para uma evocação consoladora ao nosso coração de portuguezes. Mas no Museu de Artelharia percorre a nossa imaginação grande numero das paginas mais luminosas da nossa historia. Alli admira: as armas da edade de ferro, damasquinadas, que se encontraram, retorcidas, nas sepulturas de guerreiros em Alcacer do Sal; as bombardas do seculo XIV, de retrocarga, exhumadas do fundo do Tejo, e que devem ser das armadas castelhanas que no tempo de el-rei D. Fernando fecharam pelo rio o assedio a Lisboa; um dos famosos *trons* castelhanos, de Aljubarrota, (pena é que lá não esteja tambem o caldeirão, da mesma procedencia, que está, impropriamente, em Alcobaça); um ferro de lança, contemporaneo, achado no campo d'essa batalha; o capacete e a espada do principe D. João, mais tarde o *Principe Perfeito,* na batalha de Toro; o acicate de um cavalleiro de Christo, de Thomar; a celebre peça mourisca de Diu e pelouros da mesma gloriosa praça; uma porta da praça de Chaul; um pelouro de Çafim, de 1534; outro, com inscripção, jogado pelos mouros contra os portuguezes da praça de Ormuz em 1552; restos da mumia de D. Luiz de Athayde; a espada do principe D. Theodosio; peças que figuraram na batalha de Montes Claros; bandeiras hespanholas tomadas na guerra da successão de Hespanha; bandeiras de caçadores n.º 5 e infanteria n.ºs 11 e 19 na campanha de Roussillon; o mappa da Beira Baixa que serviu na campanha de 1803; autographos de Junot; medalhas commemorativas das batalhas do Bussaco e de Talavera; balas e estilhaços do campo do Bussaco; quatro boccas de fogo, em reparos, tomadas na batalha da Victoria, sendo duas do tempo da Republica e duas com a inscripção *Napoleão;* bombas do cerco do Porto; bandeiras portuguezas das guerras da Liberdade, entre ellas a que fluctuou no castello de S. Jorge quando em Lisboa entrou o exercito libertador; reliquias de D. Pedro IV; o bastão do Duque da Terceira; a divisa que os liberaes traziam no combate do Cabo de S. Vicente; a espada que o Duque de Saldanha levava em Almoster; a bandeira do regimento do Principe Regente de Macau que acompanhou o tenente Nicolau de Mesquita, e os trinta e seis soldados que o seguiam, quando em 1849 tomaram o forte de Passaleão; reliquias das nossas guerras em Africa: a espada de Baptista de Andrade no Ambriz; as espadas do coronel Galhardo e major Machado em Coelella; cartucheira e espingarda Martini Henry colhida a um vatua n'essa campanha; a lança do bravo soldado Relvas no Bárue... Um nunca terminar; um rosario quasi indesfiavel de recordações que cada um d'esses objectos evoca no nosso agradecido coração de portuguezes.

O estrangeiro que visita este Museu fica conhecendo, sob o ponto de vista artistico, um dos raros

Il est juste que nous nous arrêtions ici quelques instants pour parler un peu des deux derniers directeurs du Musée.

Nous avons déjà dit que c'est au général Eduardo Ernesto de Castelbranco, que cet établissement doit la prospérité, et la grandeur qu'il a acquises pendant ces dernières années à partir de 1896. C'était un homme éclairé, dévoué à l'arme à laquelle il appartenait, fanatique pour tout ce qui se rattachait au Musée qu'il dirigeait depuis 1876. Né gentilhomme, sa fortune lui permettait d'être indépendant, et il possédait ainsi toutes les conditions pour cultiver son bon goût et perfectionner ses naturelles tendances esthétiques et ses préférences historiques. Le Musée avait donc à sa tête *the right man in the right place.* Dans tout ce qu'il a fait et ce qu'il a laissé on reconnait l'ardeur, l'enthousiasme, la passion dont il était possédé. Il n'y a aujourd'hui personne qui n'apprécie et ne reconnaisse la valeur de cet établissement, qui fait honneur au pays, et la mémoire du général Castelbranco est évoquée, non seulement comme souvenir de celui qui a rendu à son arme et à l'armée un aussi grand service, mais comme exemple de l'homme qui a encouragé, stimulé et récompensé les beaux-arts portugais, qui, même de la part de nos gouvernements, sont si peu encouragés.

Le directeur actuel, Mr. le général Pedro de Alcantara Gomes, était un ami intime de son antécesseur; il l'avait accompagné, enhardi dans cette œuvre, et quand, par une singulière coïncidence il en devint le dépositaire, son plus grand soin a été de conserver le cachet, la suite, et l'unité d'ensemble si largement esquissés et si profitablement exécutés. C'était une manière supérieure de perpétuer l'œuvre de son ami, et le culte de son souvenir vénéré. Toutefois il ne s'en tint pas là, et on cite déjà quelques innovations de haute portée, dûes à son initiative, soigneuse, néanmoins, de ne rien altérer à la conception initiale; il a, entre autres, le projet d'installer une vaste salle d'exposition de quelques rares et précieux spécimens de canons, aujourd'hui encore si mal placés dans la cour de dépôt. Cette installation devra être une des plus intéressantes et précieuses du Musée.

Le Musée d'Artillerie est la plus haute invocation de notre glorieux passé, qui existe en tout le Portugal. Dans des monuments dispersés par tout le pays: le château de S. Jorge, S. Vicente de Fóra, Batalha, Jeronymos, des anciens forts ruinés, des monuments érigés çà et là, des objets historiques conservés d'un côté ou de l'autre, et qu'on a pu sauver du vandalisme de destruction ou du marchandage qui a laissé partir chez les étrangers ce que nous avions de plus précieux, nous retrouvons certainement des motifs d'évocation consolatrice pour nos cœurs de patriotes. Mais dans ce Musée, notre imagination parcourt beaucoup de pages lumineuses de notre histoire. On y admire: les armes de l'âge de fer, damasquinées, qui furent retrouvées toutes tordues dans les tombes de guerriers à Alcacer do Sal; les bombardes du XIVme siècle, chargées par la culasse, exhumées du fond du Tage et qui ont dû appartenir à la marine castillane qui, au temps du roi D. Fernando, ferma par le côté du fleuve, le siège de Lisbonne; un des fameux *trons* castillans d'Aljubarrota (il est regrettable de ne pas y voir aussi le chaudron de la même époque, qui est improprement placé à Alcobaça); un fer de lance, du même temps, trouvé sur ce même champ de bataille; le casque et l'épée du prince D. João, plus tard le *Principe Perfeito,* à la bataille de Toro; l'éperon d'un chevalier du Christ, de Thomar; le célèbre canon mauresque de Diu et des boulets de cette même glorieuse place forte; une porte de la place forte de Chaúl; un boulet de Çafim, de l'an 1534; un autre, avec inscription, lancé par les maures contre les portugais au siège d'Ormuz en 1552; des restes du monument de D. Luiz de Athayde; l'épée du prince D. Théodosio; des canons qui figurèrent à la bataille de Montes Claros; des drapeaux espagnols pris pendant la guerre de succession en Espagne; des drapeaux du 5me chasseurs, et du 11me et 19me de ligne, à la campagne du Roussillon; la carte de la province de Beira-Baixa qui servit pendant la campagne de 1803; des autographes de Junot; des médailles commémoratives des batailles de Bussaco et Talavera; des balles et des éclats de bombe du camp de Bussaco; quatre bouches à feu sur leurs affûts, prises à la bataille de Victoria, dont deux du temps de la République et deux avec l'inscription *Napoléon;* des bombes du siège de Porto; des drapeaux portugais des guerres de Liberté, entre autres celui qui fut déployé au château S. Jorge lorsque l'armée libératrice entra à Lisbonne; des reliques de D. Pedro IV; le bâton du Duc de Terceira; la devise portée par les libéraux au combat du Cap S. Vicente; l'épée dont le duc de Saldanha se servit à Almoster; le drapeau du régiment du Prince Régent, de Macau, que accompagna le lieutenant Nicolau de Mesquita et les 36 soldats qui le suivirent, à la prise de la forteresse de

estabelecimentos dignos do seu apreço que lhe podemos apresentar; para nós portuguezes, é mais do que isso, — é toda uma evocação historica!

Na representação da arte moderna falta um nome illustre, e por tantos titulos luminoso e cheio de prestigio: — o da Senhora Duqueza de Palmella. Posso dar aos meus leitores a agradavel noticia de que alli figurará brevemente com um busto em marmore do Marquez de Sá da Bandeira, individualidade que sempre tanta veneração mereceu á familia Palmella, e que vae agora ter a consagração melhor que lhe podia ser dada, no magistral cinzel da nobre esculptora que de fórma e encanto tem revestido tantas concepções primorosas do seu espirito de eleição. Esse busto será collocado no centro da *Sala D. Pedro IV* em logar d'honra.

Esta sala, a meu vêr, podia ser facilmente enriquecida com preciosidades novas, que abundam no paiz, se a todos se fizesse bem conhecer a importancia e o valor que este Museu já hoje tem e poderá ainda vir a ter. Dispersas por todo o Portugal e suas colonias existem objectos historicos, militares, alguns recolhidos em museus regionaes, que ainda assim não são muitos, outros em mãos de particulares, e outros ao abandono. Os particulares valorisariam immensamente esses objectos reunindo-os nas respectivas secções do Museu de Artelharia; e o nome do offerente figuraria, como de justiça, nos quadros d'honra dos bemfeitores d'aquella tão util e tão notavel instituição; os museus regionaes não ficariam depauperados cedendo os objectos propriamente militares ao grande Museu; e tanto as auctoridades centraes como as locaes prestariam relevantes serviços fazendo remover para este Museu os objectos que andam ao abandono, mal tratados ou a esmo, por esse paiz fóra, e principalmente nas provincias ultramarinas. Assim o tem feito já algumas em relação a este Museu, e outras em favor das excellentes collecções da Sociedade de Geographia de Lisboa, que a iniciativas e dadivas de particulares e das auctoridades deve a opulencia e riqueza que hoje apresentam. Sobretudo das guerras mais proximas, como foram as campanhas da Liberdade, é grande o numero de reliquias que ainda se conservam, e cujo logar no Museu de Artelharia está naturalmente indicado.

Se com estas suggestões eu lograsse convencer os leitores d'este artigo a concorrer com o seu obulo para o enriquecimento d'este Museu, dar-me-ía por satisfeito. É missão de todos nós contribuirmos, cada qual na sua esphera e no seu meio de acção, para o engrandecimento e progresso das instituições benemeritas do paiz.

Ultimamente tem-se dado entre nós um certo movimento no sentido de evitar a dispersão e o desbarato de objectos historicos e artisticos. Não ha muito que preciosos depositos de armas e armaduras antigas foram vendidas como soccata de ferro; mas, ainda hoje, objectos de valor, de toda a especie, saem, em exodo permanente, para o estrangeiro.

Nem todos teem a nobre isenção dos descendentes do conde de S. Lourenço que preferiram vender á Bibliotheca Nacional de Lisboa a preciosa collecção de manuscriptos que possuiam, por um preço muito inferior ao que lhes era offerecido pelo *British Museum* de Londres.

Se desde mais tempo os poderes constituidos, por um lado, e por outro a organisação de centros colleccionadores se tivessem occupado a serio d'estes assumptos, que são dos que mais valor e relevo imprimem a um paiz, e se se tivesse ido chamando para elles a attenção dos particulares, em propagandas persistentes e patrioticas, não seria tanto para lamentar a situação de Portugal n'esta materia.

Por isso, como excepção rara que são, e como iniciadores não só de uma reconstituição historica, mas de um novo movimento d'arte, todos os louvores são devidos áquelles que do nosso Museu de Artelharia fizeram o que elle é, e que continuam esforçando-se por o tornar, cada vez mais, uma instituição que honra o paiz.

Christovam Ayres.

Passaleão, en 1849; des reliques de nos guerres en Afrique; l'épée de Baptista d'Andrade à Ambriz; les épées du colonel Galhardo et du commandant Machado à Coelella; la giberne et le fusil Martini Henry, pris à un *vátua* dans cette campagne; la lance du brave soldat Relvas au Bárue... C'est à n'en plus finir; un chapelet interminable de souvenirs que chacun de ces objets évoque dans nos cœurs de portugais reconnaissants.

Les étrangers qui visitent ce Musée, peuvent ainsi connaître, au point de vue artistique, un des rares établissements dignes d'admiration que nous pouvons leur présenter; pour nous autres portugais, c'est encore plus; c'est toute une évocation historique!

Il manquait un nom illustre à tant de titres lumineux et plein de prestige, dans toute cette représentation de l'art moderne, dans ce Musée; — c'est celui de Madame la Duchesse de Palmella. Je peux donner à mes lecteurs l'heureuse nouvelle, que sous peu de temps, on l'y verra figurer, avec un buste en marbre du Marquis de Sá da Bandeira, une des individualités qui a toujours été des plus vénérées par la famille Palmella, et qui va avoir maintenant la plus flatteuse consécration, dûe au ciseau magistral de cette noble sculpteur qui sait imprimer le plus grand charme à toutes les belles conceptions de son esprit d'élite. Ce buste sera installé à la place d'honneur, au centre de la *Salle D. Pedro IV.*

À mon avis, cette salle pourrait facilement être enrichie avec de nouvelles préciosités, qui abondent dans notre pays; mais il faudrait bien faire connaître l'importance que le Musée a déjà actuellement et celle qu'il aura encore plus tard. Dans tout le Portugal et les colonies, il existe des objets historiques, militaires, quelques-uns recueillis dans des musées régionaux, très peu d'ailleurs, d'autres appartenant à des particuliers, et d'autres voués à l'abandon. Les possesseurs particuliers donneraient une grande valeur à ces objets, s'ils les rendaient aux sections respectives du Musée d'Artillerie; le nom de l'offrant figurerait, comme de juste, dans les tableaux d'honneur des bienfaiteurs de cette institution si utile et si remarquable; les musées régionaux ne se trouveraient pas appauvris en cédant au grand Musée les objets exclusivement militaires; et les autorités centrales autant que les locales, rendraient d'importants services si elles faisaient réintégrer dans ce Musée les objets qui gisent abandonnés, mal soignés ou entassés, dans tout le pays, surtout dans les provinces d'outremer. Quelque-uns l'ont déjà fait en faveur du Musée, d'autres en faveur des excellentes collections de la Société de Géographie de Lisbonne, qui doit l'opulence et la richesse qu'elle présente aujourd'hui, principalement à l'initiative et à des cadeaux des particuliers et des autorités. Le nombre des reliques que l'on conserve encore provenant des guerres moins lointaines, comme les campagnes de la Liberté, est très grand, et leur place est tout naturellement indiquée au Musée d'Artillerie.

Si je pouvais avec tous mes efforts, convaincre les lecteurs de cet article, à contribuer avec leur obole pour l'enrichissement de ce Musée, je m'en trouverais fort satisfait. C'est pour nous tous un devoir de contribuer, chacun selon ses moyens et son milieu d'action, pour l'agrandissement et la prospérité des institutions méritantes du pays. Dernièrement il s'est produit chez nous un certain mouvement dans le sens d'éviter la dispersion et le dégât d'objets historiques et artistiques. Il n'y a pas longtemps que des armes et des armures anciennes ont été vendues comme déchets de ferraille; mais on voit encore des objets de valeur de toute sorte sortir constamment pour l'étranger.

Tout le monde n'a pas la noble abnégation des descendants du comte de S. Lourenço qui ont préféré vendre à la Bibliothèque Nationale de Lisbonne la précieuse collection de manuscrits qu'il possédaient, pour un prix bien inférieur à celui que leur offrait le *British Museum* de Londres.

Si les gouvernements d'un côté, et de l'autre, l'organisation de centres collectionneurs, s'étaient depuis longtemps occupés d'une manière sérieuse, de ces choses qui impriment de la valeur et de l'importance à un pays, et si on avait attiré l'attention des particuliers, au moyen de propagandes patriotiques et persistantes, on n'aurait pas à lamenter la situation du Portugal sous ce rapport-là.

Il est donc juste qu'on aît les plus hautes louanges pour ceux qui ont fait de notre Musée d'Artillerie ce qu'il est, et qui continuent à faire tous leurs efforts pour qu'il devienne de plus en plus, une institution qui honore le pays, non seulement comme une rare exception, mais aussi comme l'initiateur d'une reconstitution historique et d'une nouvelle impulsion d'art moderne.

Christovam Ayres.

Valença

—



Situada n'um outeiro defronte de Tui, a villa de Valença tem a seus pés o rio Minho, que serve de balisa septentrional á nossa Provincia e ao Reino.

No tempo de D. Sancho i, quando ainda o Bispo Tudense mantinha jurisdicção em Portugal, veio D. Paio Gonçalves Carramondo povoar o sitio, fundando alli pelos annos de 1200 uma egreja para commodidade dos moradores.

Em 1262 D. Affonso iii lhe deu foral e o nome de Valença, levantando o Castello, que D. Diniz concluiu, cuidando ambos dos limites com a Hespanha, assegurando o nosso dominio com as fortificações raianas, erguendo-se então as muralhas de Caminha, Cerveira, Valença, Lapella, Monsão, Castro Laboreiro, Lindozo, e de outras muitas villas e castellos, umas hoje povoações importantes, e outros cujas ruinas servem de covis ás rapozas.

O territorio d'Entre Minho e Lima dependia de Tui, e por isso D. João i, aproveitando o scisma d'Avinhão, contestou os direitos do Prelado hespanhol, acolhendo em Valença os Cónegos gallegos rebeldes, que se levantaram com as rendas portuguezas; conseguiu até, mais tarde em 1392, que aqui se creasse uma Collegiada, extincta em 1889, e annexa ao Bispado de Ceuta; esta comarca ecclesiastica foi definitivamente encorporada em 1514 á archidiocese bracarense.

*

* *

Á cidade de Tui convinha oppôr a praça de Valença.

Os primitivos muros desappareceram sob os successivos alargamentos nos reinados de D. Fernando, D. João i, D. João ii, D. João iv, D. Pedro ii e D. João v, que dotaram a villa com as obras de defeza, que hoje apresenta.

A praça comprehende dois corpos independentes; *a villa,* cujo recinto fortificado se compõe de sete baluartes ligados ás antigas muralhas, onde se accrescentaram algumas novas cortinas, e como em varios locaes os muros ficassem muito altos pelo aprofundamento dos fóssos, construiram tres baluartes a cavalleiro, um dentro dos outros, e dois d'elles com faces e flancos altos e baixos; havendo em roda tres revelins, uma tenalha de methodo de Vauban, falsa braga e angulo saliente.

A outra obra, a *Corôada,* no Outeiro do Bom Jesus, está formada por tres baluartes, dois meios revelins, e ligada á villa pela porta *do Meio,* tendo outra porta para o poente, chamada *da Corôada.* Facilitam as communicações da villa, as portas *do Sol,* para o sul, *da Gabiarra,* ao nascente, por onde se sahe para Tui, e ao norte, as *da Fonte da Villa,* para o lado do rio Minho.

O relêvo varía de 7 a 15 metros, e toda a fortificação, de pedra e cal, com seus cunhaes e cordões de cantaria, estradas de rondas e segundos reparos, se acha rodeada de fóssos.

Mas todas as construcções, defezas, alojamentos e parques são acanhados, não apresentando a unidade.

Mede 700 metros de comprido sobre 200 de largo.

Soffreu a praça assedios pouco importantes nas guerras civis de 1828, 1834, 1837 e 1847, sendo este o mais longo, durando desde o 1.º de maio até 3 de junho, causando-lhe o bombardeamento algum damno.

A praça está actualmente desguarnecida, alojando-se alli hoje o regimento de caçadores n.º 3.

*

* *

Na villa existem edificios notaveis: a Matriz, de estylo romanico, de 1276, tendo junto a capella dos Abreus Bacellares, de 1520; a egreja de Santo Estevão, outr'ora Collegiada, tambem de 1276, e reedificada em 1792; o hospital; o palacete dos descendentes do bravo general Conde de Santa Maria,

Valença

—



La ville de Valença située sur une colline en face de Tui, voit couler à ses pieds le fleuve Minho, qui sert de frontière septentrionale à notre province du même nom, et au royaume de Portugal.

Au temps de D. Sancho i, lorsqu'une partie du Portugal était encore sous la juridiction de l'Evêque de Tui, survint D. Paio Gonçalves Carramondo, qui peupla cette région et y fonda vers l'année 1200 une église, pour la commodité des habitants.

En 1262 D. Alphonse iii lui accorda une charte et le nom de Valença, élevant le chateau, que D. Denis acheva, et tous deux s'occupèrent des limites avec l'Espagne assurant ainsi notre domaine par des fortifications proches de la frontière, avec la construction des murs de Caminha, Cerveira, Valença, Lapella, Monção, Castro Laboreiro, Lindoso, et de beaucoup d'autres bourgs et châteaux, dont quelques uns sont aujourd'hui des villes importantes, et d'autres servent de repaires aux loups et aux renards.

Le territoire d'Entre Minho et Lima dépendait de Tui, et pour cela D. Jean i, profitant du schisme d'Avignon, contesta les droits du Prélat espagnol, accueillant à Valença les Chanoines galliciens rebelles, qui se relevèrent avec les rentes portugaises; il réussit même plus tard en 1392, à ce qu'on y établit une Collégiale, supprimée en 1889 et annexée à l'Evêché de Ceuta; cette division ecclésiastique fut définitivement incorporée en 1514 à l'archidiocèse de Braga.

*

* *

Il était convenable d'opposer la place de Valença à la ville de Tui.

Les murs primitifs disparurent avec les agrandissements successifs pendant les règnes de D. Ferdinand, D. Jean i, D. Jean ii, D. Jean iv, D. Pierre ii, et D. Jean v, qui embellirent la ville avec les travaux de défense qu'elle possède encore.

La place comprend deux corps indépendants; la *ville* dont l'enceinte fortifiée se compose de sept bastions réunis aux anciens murs, et auxquels on ajouta quelques nouvelles courtines; mais comme en certains endroits les murs se trouvaient trop hauts en raison de la profondeur des fossés, on édifia encore trois autres bastions, les uns dans les autres et de plus en plus élevés, dont deux avec les faces et les flancs hauts et bas; dans le pourtour il y a trois ravelins, une tenaille de système Vauban, à fausse-braie et angle saillant.

L'autre ouvrage, *la Corôada,* sur le Outeiro du Bom Jesus, est formé par trois bastions, deux demi ravelins, et se relie à la ville par la porte du *Meio;* ayant une autre porte tournée au couchant, nommée *da Corôada.* Les communications avec la ville sont faites par les portes du *Sol* au midi, *da Gabiarra* au levant, par où l'on sort pour Tui, et au nord par celles de *Fonte da Villa,* du côté du fleuve Minho.

Le relief varie de 7 à 15 mètres et toute la fortification, à sable et à chaux, avec les angles et les frises en pierre de taille, les chemins de ronde et les deuxièmes remparts, est entourée de fossés.

Mais l'ensemble de la construction, défense, logements et même la place, est en général exigu et ne présente pas d'unité de plan.

Elle mesure 700 mètres de long sur 200 de large.

Cette fortification a souffert des sièges peu importants lors des guerres civiles de 1828, 1834, 1837 et 1847; ce dernier fut le plus long et dura depuis le 1er Mai jusqu'au 3 Juin, et le bombardement l'endommagea assez.

Actuellement la place n'est pas artillée, et sert de logement au 3me régiment de chasseurs.

os Paços do Concelho, e a antiga casa do Doutor Gabriel Pereira de Castro, hoje da familia Garção, trabalho do architecto Feal, que em 1575 construiu a egreja da Misericordia velha de Tui, detraz da cathedral.

No mercado vimos duas lapides romanas: o marco milliario da via de Braga a Astorga, do tempo do Imperador Claudio, e do anno 44 de Christo, com a respectiva legenda, que por muitos annos serviu de *Pelourinho;* e na parede da Cadeia a inscripção funeraria dos Alluquios, hoje no Museu municipal de S. Lazaro no Porto.

Na Corôada ha a capella de Nossa Senhora do Carmo, Padroeira militar de Valença, mandada fazer durante o dominio philippino por Pedro de Saavedra, notario e escudeiro de Pontevedra, cuja lapide brazonada foi encontrada em 1902 quando o illustre e douto governador da praça, Isidoro de Magalhães Marques da Costa, cuidou de restaurar o templosinho, que primitivamente teve a invocação do Bom Jesus.

A imagem da Virgem acompanhou o regimento d'infanteria n.º 21 na guerra da Peninsula, apparecendo ornamentada com as medalhas d'aquella famosa campanha.

Pertence á villa o bairro suburbano da Urgeira, sobre o rio Minho, estendendo-se a povoação n'estes ultimos vinte annos pelas risonhas campinas que formam o arrabalde para o lado da estação do caminho de ferro; edificações modernas, elegantes e confortaveis, o pittoresco jardim municipal, orlam o pequeno ramal que vae para a *Esplanada,* e na rotunda da estação dois bons hoteis recebem os viajantes.

A ponte internacional sobre o rio Minho, construida em 1885, com dois taboleiros sobrepostos, de 300 metros, assenta em quatro pegões; a superstractura metalica sahiu das officinas da sociedade belga de Braide-le-Conte.

Na phototypia, tirada da parte de Tui, apparece a ponte no segundo plano, destacando-se no fundo a praça, vista pelo lado do baluarte do Soccorro.

A linha ferrea do Minho termina em Valença, mas já este anno de 1906 se principiaram os trabalhos para o seu prolongamento até Monção, na distancia de 15 kilometros.

No concelho de Valença, apesar de mui limitado, ha muitas casas nobres, rendosas quintas, e dois antiquissimos Mosteiros benedictinos, *Ganfei,* do começo da monarchia, e o de S. Fins de *Friestas,* do seculo XII, escondido entre montanhas, e que D. João III uniu ao Collegio da Companhia de Jesus de Coimbra, e pela sua extincção em 1759 passou á Universidade de Coimbra.

Perto da Estação de S. Pedro da Torre appareceram aguas sulphurosas frias, que já dotadas d'um razoavel estabelecimento começam a ser frequentadas, tendo sido effectuada a sua analyse chimica no Instituto de Lisboa.

O dolmen da Barroza

A freguezia de Gontinhães é uma das aldeias mais pittorescas da provincia e a principal praia de banhos do mar do alto Minho.

A sua prosperidade data de 1870 a esta parte, em que a sua branca casaria se começou a prolongar pela estrada real de Vianna a Caminha, a cujo concelho pertence.

Pelo sul limita-a o rio Ancora, e pelo poente o Oceano; para defeza do seu portinho tem um forte construido no fim do seculo XVII, reinando D. Pedro II, no sitio da Lagarteira, onde se effectua a feira annual na segunda-feira do Espirito Santo, sendo bastante concorrida.

A população de Gontinhães aproxima-se de duas mil almas; muitas e bonitas casas, sem os requintes architectonicos dos chalets da Granja, Villa do Conde e Estoril offerecem todavia commoda e asseiada habitação aos numerosos banhistas, que costumam aqui vir veranear.

A 16 kilometros de Vianna e 7 de Caminha a sua estação do caminho de ferro denomina-se — *Ancora,* ficando no kilometro 97 do Porto, na linha Minho e Douro.

Na época dos banhos possue dois hoteis, club e numerosos estabelecimentos commerciaes.

Proximo á estação ha uma fabrica de lacticinios.

O nome de Gontinhães provém de ter sido primitivamente nas éras asturianas, *villa* de Dona Gontina ou Gontinha.

VALENÇA

*

* *

La ville possède quelques édifices remarquables. La Cathédrale de style roman, de 1276, ayant tout près la chapelle des Abreus Bacellares, de 1520; l'église St Etienne, autrefois Collégiale, aussi de 1276 et réédifiée en 1792; l'hôpital; le palais des descendants du brave général comte de Santa Maria, l'Hotel de Ville et l'ancienne maison du Docteur Gabriel Pereira de Castro, aujourd'hui de la famille Garção, œuvre de l'architecte Feal, qui en 1575 construisit la vieille église de la Miséricorde de Tui, derrière la Cathédrale.

Dans le marché nous avons vu deux plaques de pierre romaines: la borne milliaire de la route de Braga à Astorga, du temps de l'Empereur Claude, an 44 avant J. C. avec la légende respective et qui pendant longtemps a servi de *Pilori;* et, sur le mur de la Prison, l'inscription funéraire des Alluquios, aujourd'hui au musée municipal de St Lazare à Porto.

À la Corôada, on voit la chapelle de Notre Dame du Mont Carmel, Patronne militaire de Valença, construite sous la domination des Philippes par Pierre de Saavedra, notaire et écuyer de Pontevedra, dont l'écusson blasonné fut retrouvé en 1902 lorsque le savant et illustre gouverneur de la place, Isidore de Magalhães Marques da Costa, s'occupa de la restauration de ce petit temple, qui au commencement avait été sous l'invocation du Bon Jésus.

L'image de la Vierge accompagna le 21me régiment d'infanterie à la guerre de la Péninsule, et on la montre toute ornée des médailles de cette fameuse campagne.

Le quartier du faubourg de Urgeira, sur le fleuve Minho appartient à la ville, et la population pendant ces vingt dernières années s'est étendue jusqu'aux riantes plaines qui forment le faubourg, du côté de la gare du chemin de fer; des édifications modernes, confortables et élégantes, le pittoresque jardin municipal, bordent le petit boulevard qui mène à *l'Esplanade* et sur la rotonde de la station deux bons hotels reçoivent les voyageurs.

Le pont international sur le fleuve Minho, construit en 1885, avec deux tabliers superposés, de 300 mètres repose sur quatre piliers; toute la charpente métallique est sortie des ateliers de la société belge de Braide-le-Conte.

La phototypie, prise du côté de Tui, montre au deuxième plan, le pont, qui se détache sur le fond de la place, vue du côté du bastion du Soccorro.

Le chemin de fer du Minho se termine à Valença, mais déjà pendant cette année de 1906 on a commencé les travaux de prolongation jusqu'à Monção, à 15 kilomètres de distance.

Malgré la petitesse de la commune de Valença on y trouve beaucoup de belles maisons, de magnifiques propriétés, et deux monastères bénédictins très anciens, *Ganfei,* du commencement de la monarchie, et celui de S. Fins de *Friestas,* du XIIme siècle, caché au milieu des montagnes, que D. Jean III a réuni au Collège de la Compagnie de Jésus de Coimbra, et qui par sa suppression passa en 1759 à l'Université de Coimbra.

Près de la Station de St Pierre da Torre, on a découvert des eaux sulphureuses froides, munies dejà d'un établissement assez confortable et qui commencent à être très fréquentées, les eaux ayant été analysées chimiquement à l'Institut de Lisbonne.

Le dolmen de Barroza

La paroisse de Gontinhães est un des villages les plus pittoresques de la province et la première plage de bains de mer du haut Minho.

Sa prospérité date de 1870, car c'est alors que la rangée de blanches maisons commença à se prolonger sur la route principale de Vianna à Caminha, et elle fait partie de cette commune.

Au midi elle est limitée par le fleuve Ancora, au couchant par l'Océan; son petit port est défendu par un fort construit à la fin du XVIIme siècle sous le règne de D. Pierre II, à un endroit nommée Lagarteira où se réalise le lundi de la Pentecote la foire annuelle qui est très fréquentée.

Attestam os nossos contos populares a predilecção dos reis mouros pelas damas christãs, e vice-versa, e ainda por vezes adiantam que princezas baptisadas fugiram com musulmanos.

Sabemos que D. Affonso VI, de Leão, acceitou, apesar de casado com Constança de Borgonha, a mão da bella Zaida, filha de Aben-Abêd, Emir de Sevilha, que lhe trouxe em dote Cuenca e outras importantes terras.

Cita-se mesmo que uma rainha leoneza se deixára raptar por Alboazar Albucadão.

Este feito amoroso foi aproveitado por um distincto escriptor nosso para assumpto de um bello poema.

Apesar de não ligarmos muita importancia ás tradições, ao passar em Ancora sempre nos lembramos da lenda, parecendo-nos vêr os azafamados pagens de Ramiro II a atarem o ancorote ao pescoço do lindo Regulo de Gaya, que barafusta para o não lançarem ao rio; ao longe no alto de Montedôr, Dona Urraca, toda escabellada, com grande pasmo do esposo e dos filhos, e escandalo dos assistentes, lastima em altos gritos a morte do amante!

O formoso valle do Ancora assenta n'uma bacia que em remotos tempos deveria ter sido excellente bahia, formando uma meia lua, cujas pontas distam uns dez kilometros.

O riacho que desce da proxima serra de Arga vae serpenteando pelos virentes campos, onde apparecem vestigios d'antiguidades.

N'um pinhal, hoje reduzido á cultura, pouco acima da estrada e junto á ponte de Abbadim, deparamos com a celebre *Lapa dos Mouros* ou dolmen da Barroza, o megalithico mais conservado de Portugal.

Os dolmens ou *antas,* que se reputam de origem ligurica, são especie de mezas gigantescas de um monolitho assente em varios pilares formando debaixo uma camara com entrada subterranea por galeria ou corredor mais ou menos longo.

As recentes explorações demonstram o destino funerario das antas, rejeitando a hypothese de alguns archeologos que as reputavam *aras* de sacrificios.

O respeito que outr'ora rodeava estes monumentos sagrados, construidos por todo o nosso paiz, e tão espalhados na Bretanha franceza e ingleza, converteu-se sob a imaginação supersticiosa dos povos occidentaes em tradições fabulosas, inventando a crença popular lendas magicas de mouras encantadas e de thesouros escondidos.

O jazigo prehistorico da Barroza já não possue a *mámôa* ou monticulo de terra que cobria primitivamente todo o munumento, sendo removida e deixando descoberto a meia altura os nove pilares ou estanteiras em que se apoia a grande pedra horisontal; a camara mede internamente 3 metros sobre 2^m,50, com 1^m,60 de altura, e soterrada outro tanto.

A entrada olha para o sudoeste, correndo a galeria de 4^m,20, bastante larga, em linha curva.

Martins Sarmento em 1880 encontrou aqui restos de instrumentos de pedra lascada e polida, fragmentos de louça e telha romana, de mistura com carvão e cinzas.

Assim devemos acreditar que as antas d'este valle do Ancora funccionaram até depois do dominio de Roma no rincão Gallaico.

Esta preciosa reliquia prehistorica devidamente explorada pelo Dr. Martins Sarmento, já depois soffreu deteriorações; bom fôra que o Estado, a exemplo do que o governo francez praticou em 1897 com o melhor dolmen da França, *a pedra turqueza,* em Beaumont sur Oise, adquirisse este monumento, e o mandasse reproduzir em gêsso, como no Museu de Saint-Germain admiramos os modêlos dos mais celebres menhires bretões.

O general Mesquita de Carvalho publicou em 1898 uma abreviada noticia sobre o dolmen da Barroza.

A malhada do milho

Referimo-nos genericamente no numero 18 do volume II aos costumes minhôtos; convem agora para elucidação da estampa especialisar a alimentação ordinaria da provincia.

O lavrador do Minho come o pão de milho terciado com centeio, a que chamamos — *brôa;* — por isso a cultura primordial dos campos é o milho, e as terras menos exigentes ficam para o centeio.

La population de Gontinhães est à peu près de deux mille âmes; il y a beaucoup de jolies maisons, sans les ornementations d'architecture raffinée des chalets de Granja, Villa do Conde et Estoril, mais qui sont des habitations propres et commodes pour les nombreux baigneurs, qui y abondent pendant la belle saison.

La station se nomme Ancora, et se trouve à 16 kilomètres de Vianna et 7 de Caminha, et au kilomètre 97 venant de Porto par la ligne de Minho et Douro.

Pendant la saison des bains on y trouve deux hotels, um club et beaucoup de maisons de commerce.

Tout près il y a une fabrique de laitages.

Ce nom de Gontinhães vient des époques Asturiennes, où cet endroit s'appelait villa de Dona Gontina ou Gontinha.

Nos contes populaires attestent la prédilection des rois maures pour les dames chrétiennes, et vice-versa, et nous portent à croire que quelquefois des princesses baptisées se sont enfuies avec des musulmans.

On sait que D. Alphonse VI de Léon, malgré son mariage avec Constance de Bourgogne, accepta la main de la belle Zaïda, fille de Aben-Abed, Emir de Séville, qui lui apporta en dot Cuenca et d'autres villes importantes.

On cite aussi une reine léonaise qui se laissa enlever par Alboazar Albucadão.

Ce fait amoureux servit même de sujet pour un beau poème d'un de nos écrivains les plus distingués.

Quoique nous n'attachions pas une grande importance à ces vieilles traditions, en passant à Ancora nous nous souvenons toujours de la légende, et il nous semble revoir les hardis pages de Ramiro II attachant le nœud au cou du beau roi de Gaia, qui se démène pour qu'on ne le jette pas dans le fleuve; au loin sur les hauteurs de Montedôr, D. Urraca toute échevelée, au grand étonnement de son époux et de ses enfants, et au scandale des assistants, lamente à grandes cris la mort de son amant!

La belle vallée d'Ancora repose sur un bassin qui dans des temps lointains devait être un beau golfe, en forme de croissant, dont les pointes seraient à une dizaine de kilomètres l'une de l'autre.

Le ruisseau qui descend de la montagne d'Arga très proche, serpente dans les campagnes verdoyantes où on trouve quelques vestiges d'antiquités.

Dans une sapinière, aujourd'hui cultivée, un peu plus haut que la route et près du pont de Abbadim nous avons trouvé la célèbre *Lapa dos Mouros,* ou dolmen de Barroza, le mégalithique le mieux conservé du Portugal.

Les dolmens ou *antas* qu'on répute d'origine ligurienne, sont des espèces de tables gigantesques d'une seule pierre, reposant sur des piliers et formant comme une chambre avec entrée souterraine par une galerie ou corridor plus ou moins long.

De récentes explorations démontrent l'emploi funèbre de ces dolmens, contrariant l'hypothèse de quelques archéologues qui les ont considérés comme autels destinés aux sacrifices.

Le respect qui entourait autrefois ces monuments sacrés, construits dans tout notre pays, et si répandus dans toute la Bretagne française et anglaise, s'est modifié, d'après l'imagination superstitieuse des peuples occidentaux, en des traditions fabuleuses, et la croyance populaire a fini par inventer des légendes fantastiques de mauresques enchantées et de trésors cachés.

Le gisement préhistorique de Barroza ne possède plus le mamelon ou monticule de terre qui autrefois recouvrait tout le monument, et qu'on a déblayé, laissant découvrir jusqu'à mi-hauteur les neuf piliers ou étais sur lesquels s'appuie la grande pierre horizontale; la chambre mesure à l'intérieur 3 mètres sur 2^m,50, avec 1^m,60 de hauteur, et autant sous la terre.

L'entrée est tournée ao sud-est, et la galerie de 4^m,20, assez large, est un peu recourbée.

En 1880 Martins Sarmento a retrouvé ici des restes d'instruments en pierre écaillée et polie, des fragments de vaisselles et de tuiles romaines, mélangés avec du charbon et des cendres.

Nous devons donc croire que les dolmens de cette vallée d'Ancora ont été employés encore après la domination romaine dans ce coin de la Gallice.

Cette précieuse relique préhistorique si soigneusement étudiée par le Dr. Martins Sarmento, a déjà depuis lors, souffert des dégâts; il serait à désirer que l'État, de même que le gouvernement français

O vinhêdo orla as beiras das propriedades, sobre os caminhos e estradas, excepto no concelho de Monção, que é disposto á moda do Douro.

O actual milho grosso, *zea mayz*, introduzido na Peninsula pelos arabes, divulgou-se no seculo XVI com a descoberta da India; até então usavamos o milho miudo ou painço nas suas variedades (*holcus, panicum, sorghus*, etc.).

O milho sementado em março ou abril amadurece em agosto, e depois de sêcco nas eiras guardam-se as espigas nos *espigueiros*, elevados um metro ou mais do sólo, orientados, e dispostos perto das eiras, onde se effectuam as *malhadas*.

Em Coura, que é o celleiro de milho do alto Minho, por as terras serem fundaes e o terreno lento, as colheitas são *martinhadegas* ou feitas pelo S. Martinho em novembro.

O lavrador rico manda construir o espigueiro em cantaria, lavrada a capricho, com ornatos nas faces testas, rematadas por cruzes de braços floridos, e ventoinhas; mais economicos são os *canastros*, de madeira vergada.

Á beira-mar, nas terras seccas, o milho malhado logo no S. Miguel, encelleira-se em grão, dispensando assim os custosos espigueiros, alguns tamanhos, que de longe semelham capellas.

Na freguezia de Lindozo, na Ponte da Barca, os espigueiros da povoação agrupam-se todos n'um rocio junto ao Castello, porque recebem o cereal das *terras communs*.

Nas grandes malhadas os homens e mulheres, enfileirando-se aos dois lados, levantam e abatem alternada e cadenciadamente os mangoaes, volteando-lhe os pêrtegos; acompanham a tarefa cantando ao desafio, narrando contos e os casos do dia; e porque faz um sol tropical refrescam de vêz em quando as guelas resequidas com demorados gólos de *verdasco*, cuja *cabaça* vae passando de mão em mão.

A estampa apanha em flagrante uma malhada em eira de pedra, onde o milho sécca, homens e mulheres, descalços, em trajes caseiros, manejando o malho, trituram as espigas, cujo grão salta em todas as direcções. Apparecem no centro o classico espigueiro de porta escancarada, á esquerda uma méda de palha centeia, e á direita uma latada; na phototypia ha vida e naturalidade em cada uma das figuras, que mais se nota quanto melhor são analysadas.

O lavrador de caróça

No inverno, quando o vento sópra do lado do mar, esfusiando frio e penetrante, seguido de chuveiros contínuos, o lavrador como o pastor envergam a sua caróça de junco, que herdamos de japonezes, e lá sahem com o chapeu braguez de abas derribadas, que de verão os abrigam do sol, pesados tamancos nos pés e vara na mão, a passos largos buscando os gados ás pastagens do monte ou do prado. Como complemento da caróça usam os montanhezes e os rapazes da ribeira o *curucho*, especie de capuz ou curuto tambem de junco.

L. de Figueiredo da Guerra.

a fait en 1897 avec le meilleur dolmen de France, la *pierre turquoise*, à Beaumont sur Oise, ait acquis ce monument, et l'ait fait reproduire en plâtre, comme les modèles des menhirs bretons que nous admirons au Musée de Saint-Germain.

Le général Mesquita de Carvalho a publié en 1898 une brève notice sur le dolmen de Barroza.

Le battage du maïs

Dans le numéro 18 du deuxième volume nous avons parlé généralement des coutumes du Minho; il faut maintenant, pour bien apprécier la gravure, détailler un peu la nourriture ordinaire de la région.

Le cultivateur du Minho mange le pain de maïs avec un tiers de seigle, que nous nommons — *brôa;* — par conséquent la culture principale des champs est le maïs, et les terres les moins exigentes sont réservées pour le seigle.

Les vignes bordent les propriétés, les routes et les chemins, excepté dans la commune de Monção, où on le dispose à la manière du Douro.

Le maïs de nos jours est gros, *zea mayz;* introduit par les arabes dans la Péninsule, il se répandit au XVIme siècle avec la découverte de l'Inde; jusqu'à ce temps on se servait du maïs très fin ou millet de toutes les espèces (*holcus, panicum, sorghus*, etc.).

Le maïs ensemencé en mars ou avril murît en août, et après avoir séché dans les aires, on garde les épis dans des installations spéciales nommées *espigueiros*, élevées d'un mètre ou plus, au dessus du sol, orientées expressément, et disposées près des aires, où l'on effectue le battage.

À Coura, qui est le grenier à maïs du haut Minho, parce que les terres y sont profondes et le terrain humide, les récoltes sont faites en novembre à la St Martin et on les nomme *martinhadegas*.

Le cultivateur riche fait construire le *espigueiro* en pierre de taille, travaillée finement, avec des ornements sur la façade et terminé par des croix aux branches fleuronnées et des girouettes; mais les plus économiques sont ceux en bois courbé qu'on nomme *canastros*.

Au bord de la mer, sur les terrains secs, le maïs est battu, de suite, à la St Michel, on l'emmagasine en grain, évitant ainsi la coûteuse dépense du *espigueiro*, dont quelques uns sont grands comme des chapelles.

Dans la paroisse de Lindozo, à Ponte da Barca, les *espigueiros* se groupent tous à un endroit près du Château, parce qu'ils reçoivent le grain des *terres communes*.

Dans les grands battages les hommes et les femmes, se rangent des deux côtés, ils soulèvent et rabaissent alternativement et en mesure les fléaux en tournant le manche; cette tâche s'accomplit en chantant à qui mieux mieux, ou en racontant des histoires et des évènements de la journée; et comme le soleil est accablant on se rafraîchit de temps en temps la gorge avec de longues gorgées de vin vert appelé *verdasco*, dans une gourde qui passe de main en main.

La gravure représente au vif un battage sur l'aire de pierre, où le maïs a séché; les hommes et les femmes, nu pieds, pauvrement vêtus, écrasent les épis avec leurs maillets, et les grains sautent de tous les côtés. Au milieu on voit le classique *espigueiro* avec la porte grande ouverte, à gauche une meule de paille de seigle, et à droite une vigne; la phototypie est pleine de vie et de naturel et chaque figure gagne à être observée.

Le laboureur de caróça

Lorsque, en hiver, la brise souffle du côté de la mer, sifflante, aiguë et pénétrante, suivie d'averses continuelles, le laboureur et le pâtre endossent leur houppelande ou manteau en paille de jonc surnommé *caróça* que nous avons hérité des japonais, et ils s'en vont avec le chapeau à larges bords rabattus, qui en été les garantit du soleil, les gros sabots aux pieds et la gaule à la main, conduisant à grands pas les troupeaux qui vont paître dans les montagnes ou par la plaine. Comme complément de la *caróça* les montagnards et les riverains portent le *curucho*, espèce de capuchon également en paille de jonc.

L. de Figueiredo da Guerra.

A villa de Chaves



Chaves é não só uma das terras mais populosas e mais importantes da provincia transmontana, mas tambem uma das mais antigas d'esta região do paiz.

A fundação da villa data dos annos 70 a 75 da era christã. A peninsula hispanica achava-se então encorporada no imperio romano, e por toda a parte os legionarios abriam estradas, erguiam castros, edificavam cidades, construiam balnearios, implantando no extremo occidente da Europa costumes novos e melhoramentos materiaes que a sua civilisação lhes ensinára.

Chaves foi primeiro que tudo um balneario, — o acertado aproveitamento das notaveis nascentes thermaes alcalinas que alli brotam na margem direita do Tamega, quasi no extremo sul do valle feracissimo que este rio atravessa ao entrar em Portugal.

Aquæ Flaviæ, seu primitivo nome, mostra bem a origem da fundação, ao passo que nos revela a data d'ella, pela evidente homenagem ao coevo imperante, T. *Flavio* Vespasiano.

Segundo as opiniões mais auctorisadas, o nome moderno *Chaves* derivou do ablativo *flaviis,* do que ha mais exemplos no nosso paiz, como Sagres, que derivou de *Sacris.* O *fl* inicial das palavras latinas transformou-se em *ch* em muitas da nossa lingua, como, por exemplo, *chamma* (de flamma), *cheirar* (de flagrare), etc. E da reducção dos dois *ii* a um só, assim como da transformação do *i* resultante em *e,* ha tambem muitos casos, citando o sabio philologo snr. dr. Leite de Vasconcellos, entre outros, os das palavras *amades* (de amatis) e *fazes* (de facis).

Explica-se assim, morphologica e phoneticamente, como do antigo nome Aquæ Flaviæ (*aguas de Flavio*) resultou a forma actual — Chaves, que, como se vê, não tem relação alguma com o nome commum *chave.*

Junto ao balneario em breve se formou uma povoação, que rapidamente cresceu, vindo a ser uma grande cidade e a séde de um dos cinco bispados que constituiam o *convento juridico* de Braga, na provincia romana chamada *Hispania Citerior* ou *Terraconense.*

Muitas vicissitudes, porém, annullaram, no decorrer dos seculos, a obra romana que grande perfeição attingira. D'esse periodo de grandeza e prosperidade resta apenas, affrontando o tempo, um unico monumento, a grande *ponte de Trajano* (que uma das nossas gravuras representa) e na qual dois venerandos padrões se conservam ainda, cujas epigraphes notaveis (que a falta de espaço nos não deixa reproduzir) são conhecidas pelos archeologos de todo o mundo civilisado e tem servido de base a importantes estudos.

Com o termo do dominio romano na peninsula, póde dizer-se que começou a decadencia de Chaves.

No principio do seculo v, quando as hordas barbaras do norte se despenharam atravez a Europa e invadiram as terras do occidente, n'um poder de expansão a que o colosso romano não pôde pôr diques, *Aquæ Flaviæ* tornou-se uma das principaes cidades do novo reino dos suevos.

Mas, exactamente pela sua importancia, sobre ella se desencadeou a lucta de ambições, a cujo choque deveu a sua primeira derrocada. Foi isso no anno de 460, e da catastrophe deixou-nos memoria o bispo de Chaves, *Idacio,* no seu *Chronicon,* contando como elle proprio lhe soffreu as consequencias n'um duro e prolongado captiveiro.

Com effeito, n'esse anno surgira no reino suevo, a que a conquista visigotica deu curta duração, uma irreconciliavel pendencia de successão ao throno entre Ramismundo e Frimario. Chaves era pelo primeiro d'estes pretendentes. O segundo foi, porém, o vencedor e, tomada a povoação, o seu furor de vingança só ficou satisfeito quando a deixou reduzida a um montão de ruinas.

Longo tempo se passou sem que a cidade fosse reconstruida, pois só em 716 os arabes, novos dominadores da peninsula, a fizeram erguer de entre os escombros, povoando-a, engrandecendo-a e civilisando-a.

Mas no anno 888, Affonso, o Catholico, rei de Leão, hasteando o pendão da fé contra os infieis, veio sobre Chaves, poz-lhe cêrco e assenhoreou-se da povoação expulsando os seus reedificadores.

Le bourg de Chaves



Chaves est non seulement un des endroits les plus populeux et importants de la province de Traz-os-Montes, mais encore un des plus anciens de cette région du pays.

La fondation du bourg date des années 70 à 75 de l'ère chrétienne. La péninsule hispanienne se trouvait alors incorporée dans l'empire romain et partout les légionnaires perçaient des routes, élevaient des châteaux, édifiaient des villes, construisaient des thermes, portant à l'extrémité occidentale de l'Europe de nouvelles mœurs et des améliorations matérielles que leur civilisation leur avaient enseignées.

Chaves fut tout d'abord une station balnéaire, qui bien justement mit à profit de magnifiques sources thermales alcalines qui jaillissent là, sur la rive droite du Tamega presque à l'extrémité sud de cette fertile vallée que le fleuve traverse en entrant dans le royaume de Portugal.

Aquæ Flaviæ, son nom primitif, démontre bien l'origine de sa fondation et nous en révèle en même temps la date, avec l'hommage dû à l'empereur contemporain, T. Flavius Vespasien.

Selon les opinions les plus autorisées, le nom moderne *Chaves* dérive de l'ablatif *flaviis* dont nous avons encore d'autres exemples dans notre pays, comme Sagres, qui vient de sacris. Le *fl* initiel des mots latins s'est transformé en *ch* dans beaucoup de termes de notre langue, tels que, *chamma* (flamme) qui vient de *flamma, cheirar* (sentir) de *flagrare,* etc. Et nous avons aussi, bien des cas de réduction des deux *ii* en un seul, ainsi que de la transformation de l'*i* en *e,* que le savant philologue Mr. le dr. Leite de Vasconcellos cite, entre autres, *amades* (de amatis) et *fazes* (de facis).

Ainsi s'explique, morphologiquement et phonétiquement, comment de l'ancien nom Aquæ Flaviæ (eaux de Flavius) est resultée la forme actuelle — Chaves, qui, comme on le voit, n'a aucune relation avec le nom commum *chaves* (clefs).

Une bourgade se forma aussitôt près des thermes; elle s'accrût rapidement et devint une grande ville, siège d'un des cinq évêchés qui constituaient le *couvent juridique* de Braga, dans la province romaine nommée *Hispania Citerior* ou Terraconense.

Cependant, dans la suite des siècles, bien des vicissitudes vinrent annuller l'œuvre romaine, qui avait atteint une si grande perfection.

Subissant l'outrage du temps, à peine est-il resté de cette période de grandeur et prospérité, un seul monument, le grand *pont* de Trajan, représenté sur une de nos gravures, où l'on conserve encore deux vénérables monuments, dont les inscriptions remarquables, que, faute d'espace, nous ne pouvons reproduire, sont connues des archéologues de tout le monde civilisé et ont servi de base à d'importantes études.

Avec la terminaison de la domination romaine dans la péninsule, on peut dire que commença la décadence de Chaves.

Au commencement du vme siècle, lorsque les hordes barbares du nord se précipitèrent à travers l'Europe envahissant les contrées de l'Occident, dans une puissance d'expansion que le colosse romain ne pût réfréner, Aquæ Flaviæ devint une des principales villes du nouveau royaume des suèves.

Mais justement par son importance, la lutte des ambitions se déchaîna sur elle, produisant une première débâcle. Ceci se passait vers l'an 460, et le souvenir de cette catastrophe nous a été laissé par l'évêque de Chaves, *Idacio,* dans sa *Chronicon,* où il raconte comment lui-même en a souffert les résultats, par une dure et longue captivité.

En effet, pendant cette même année, et dans le royaume suève, auquel la conquête visigothique avait donné une certaine durée, commença une guerre irréconciliable de succession au trône, entre Ramismundo et Frimario. Chaves était du parti du premier prétendant, mais le second fut vainqueur et, s'étant emparé de la ville, sa fureur de vengeance fut telle qu'il ne resta satisfait que lorsqu'il l'eût réduite à un amas de ruines.

Il se passa longtemps sans que la ville fut reconstruite, puisque seulement en 716 les arabes,

N'aquelle tempo de luctas contínuas entre christãos e mouros, eram porém pouco estaveis as conquistas de uns e outros.

Em 923 novamente os arabes se apoderaram de Chaves, mas só conseguiram conservar a sua posse durante trinta e dois annos, ao fim dos quaes mais uma vez o crescente mahometano foi substituido nas velhas muralhas pelo pendão da cruz.

Affonso III de Leão dotou então a villa com poderosos meios de defeza, mercê dos quaes a cubiça dos infieis se manteve em respeito. E foi assim que Chaves pôde fazer parte, em 1095, do dote territorial que Affonso VI de Leão e Castella deu a sua filha D. Tareja, quando esta casou com o conde D. Henrique de Borgonha.

Mas a lucta entre christãos e mouros continuava na peninsula com fortuna varia para ambos os contendores. Em 1129 Chaves caiu de novo em poder dos arabes, que encarniçadamente a defenderam dos christãos, de modo que foi só em 1160, quando o condado dotal de D. Tareja se havia já transformado em reino independente sob o sceptro de D. Affonso Henriques, que a cubiçada villa veio a entrar definitivamente nos dominios de Portugal.

Deveu-se a façanha a dois irmãos, que o eram tanto pelo sangue como pelo seu arrojo de denodados batalhadores.

Foram elles Ruy e Garcia Lopes, a quem o rei, em galardão, concedeu que usassem o appellido Chaves e *cinco chaves* de crystal no campo roxo dos seus escudos de cavalleiros.

Desde que se tornou povoação portugueza, a decadencia de Chaves accentuou-se consideravelmente, quasi esquecida dos governantes no extremo norte do paiz.

Como unica excepção d'este abandono apenas póde citar-se a protecção que quiz dar-lhe el-rei D. Diniz, o qual mandou reformar as desmantelladas muralhas da villa e construir o castello, com a sua torre de menagem, dois monumentos que ainda hoje existem e que uma das nossas gravuras representa. Mas depois, longos annos se passaram sem que a villa desse qualquer passo assignalado no caminho dos seus progressos.

No reinado de D. Manoel, a povoação, apertada na estreiteza das suas muralhas, era ainda insignificante, não devendo ter mais de 300 fogos.

O foral que este monarcha outorgou á villa, confirmando os que já lhe haviam dado el-rei D. Diniz e seu filho D. Affonso IV, mais visava a regular as contribuições que os habitantes haviam de pagar ao real erario do que a conceder-lhes garantias e privilegios que auxiliassem os seus progressos.

Em 1385, quando D. João I de Castella pretendeu fazer valer os seus direitos ao throno portuguez, o alcaide de Chaves foi um dos que se conservaram fieis á rainha D. Leonor Telles e a sua filha, a infanta D. Brites, esposa d'aquelle monarcha.

Mas o Mestre de Aviz tinha posto o seu braço ao serviço da independencia da patria; e derrotadas em Aljubarrota as poderosas forças de Castella, resolveu ir em pessoa recuperar para o reino, cuja defeza o povo lhe confiára, algumas praças que ainda ao pretendente obedeciam.

Assim, no anno de 1386, as suas forças, auxiliadas pelas do glorioso condestavel D. Nuno Alvares Pereira, puzeram cêrco a Chaves e obrigaram a sua guarnição a render-se depois de porfiada resistencia que durou quatro mezes.

D. João I deu a villa ao condestavel e ella veiu a constituir uma parte do dote de sua filha D. Beatriz, quando esta casou com o conde de Barcellos, D. Affonso, mais tarde o 1.º duque de Bragança.

Tanto a filha de Nunalvares, como o duque seu marido passaram largas temporadas em Chaves, e ambos terminaram alli os seus dias, nas *casas do Castello,* aquella em 1414 e este em 1461.

Os restos do duque ainda hoje os guarda a villa, em modesto mausoleu na igreja de S. Francisco.

Durante dois seculos e meio, depois de conquistada pelo Mestre de Aviz, Chaves manteve-se estacionaria, se acaso não augmentou ainda a sua decadencia.

Em 1640, após a redemptora revolução que restituiu a autonomia a Portugal, a villa, como praça fronteiriça que era, não podia deixar de chamar as attenções de D. João IV, que mandou reparar e ampliar as fortificações e prover á sua defeza, de tal modo efficaz que nunca os castelhanos ousaram

nouveaux dominateurs de la peninsule, la firent réédifier d'entre les décombres, la peuplèrent, l'agrandirent et la civilisèrent.

Mais en 888, Alphonse, le Catholique, roi de Léon, y implanta l'étendard de la foi, contre les infidèles, il marcha vers Chaves, l'assiègea et s'empara de la ville, en chassant ceux qui l'avaient reconstruite.

Dans ces temps de luttes continuelles entre chrétiens et maures, les conquêtes des uns et des autres n'étaient guère persistantes.

En 923 les arabes s'emparèrent nouvellement de Chaves, mais ils ne réussirent à en conserver la possession que pendant trente deux ans, au bout des quels le croissant mahométan fut encore une fois remplacé par la croix, sur les vieux murs de la ville.

Alphonse III de Léon doua à la ville de puissants éléments de défense, grâce auxquels il pût contenir en respect la cupidité des infidèles. Et ce fut ainsi que en 1095 Chaves put faire partie de la dot territoriale qu'Alphonse VI de Léon et Castille donna à sa fille D. Tareja, lorsqu'elle épousa le comte D. Henri de Bourgogne.

Cependant la lutte entre chrétiens et maures continuait dans la péninsule avec des chances variables pour chacun des combattants. En 1129 Chaves tomba de nouveau au pouvoir des arabes qui la défendirent avec acharnement contre les chrétiens, de manière que ce fut seulement en 1160, lorsque le comté donné en dot à D. Tareja, était déjà devenu un royaume indépendant, sous le sceptre de D. Alphonse Henri, que cette ville si disputée pût entrer définitivement dans les domaines du Portugal.

Ce résultat fut l'œuvre de deux frères, qui l'étaient autant par le sang que par leur bravoure de hardis batailleurs.

C'étaient Ruy et Garcia Lopes, à qui le roi, comme récompense, accorda la grâce d'adopter le nom de Chaves et *cinq clefs* (chaves) de cristal sur champ violet de leurs écussons de chevaliers.

La décadence de Chaves s'accentua considérablement, aussitôt qu'elle devint ville portugaise, et presque toujours oubliée par les dirigeants à l'extrémité nord du pays.

Comme seule exception à cet abandon on peut à peine citer la protection que le roi D. Denis voulut bien lui accorder, en faisant restaurer les murs démantelés de la ville, et reconstruire le château avec sa tour d'honneur, deux monuments qui existent encore aujourd'hui et qui sont représentés sur une de nos gravures. Mais ensuite, de longues années se passèrent sans que le bourg fit un seul pas digne de remarque, sur la route du progrès.

Sous le règne de D. Manuel, la bourgade, resserrée dans l'étroitesse de ses murs, était encore insignifiante et ne comptait pas plus de 300 feux.

La charte que ce roi donna au bourg, confirmant celles que lui avait données le roi D. Denis et son fils D. Alphonse IV, visait plutôt à régler les contributions que les habitants devaient verser au trésor royal, qu'à lui accorder des garanties et des privilèges qui l'eussent aidée dans ses progrès.

En 1385 quand D. Jean I de Castille prétendit faire valoir ses droits au trône portugais, l'alcalde de Chaves, fut un de ceux qui se maintînt fidèle à la reine D. Leonor Telles et à sa fille l'infante D. Brites, épouse de ce roi.

Mais le Maître d'Aviz avait mis son bras au service de l'indépendance de la patrie; et lorsque les puissantes armées de Castille furent vaincues à Aljubarrota, il résolut d'aller lui-même racheter pour le royaume, dont le peuple lui avait confié la défense, quelques places fortes qui obéissaient encore au prétendant.

Ainsi, l'année 1286, ses troupes, aidées par celles du glorieux connétable D. Nuno Alvares Pereira, mirent le siège à Chaves et obligèrent sa garnison à se rendre, après une resistance opiniâtre, qui dura quatre mois.

D. Jean I donna le bourg au connétable, et il vint à faire partie de la dot de sa fille D. Béatrice lors que celle-ci épousa le comte de Barcellos, D. Alphonse, qui fut plus tard le 1er duc de Bragance.

La fille de Nunalvares, de même que son mari le duc, firent de longs séjours à Chaves et tous deux y finirent leurs jours, dans les *Casas do Castello* (maisons du château). La duchesse mourût en 1414 et son mari en 1461.

Le bourg conserve encore les restes du duc, dans un modeste mausolée à l'église de S. François.

investil-as durante os largos annos que durou a lucta da independencia. As obras de defeza, porém, lentamente executadas por falta de recursos, nunca chegaram a concluir-se, tendo-se suspendido quando o tratado de paz de 1668 poz termo á longa campanha.

A praça caiu de novo em grande abandono, e foi pelo seu desmantelamento e pela extrema decadencia a que as instituições militares chegaram no nosso paiz durante o reinado de D. João v, que em 1762, declarada a guerra entre Portugal e a Hespanha, o governador da Galliza pôde occupar Chaves sem a mais insignificante resistencia.

Felizmente o genio do marquez de Pombal, auxiliado pela pericia militar do conde de Lippe, poz breve termo á vergonha d'esta affronta. As hostilidades haviam começado no mez d'abril, e a 3 de novembro era assignado em Fontainebleau o tratado de paz, a que o inimigo fôra forçado pelos successivos triumphos que sobre elle alcançaram as nossas tropas.

Quasi meio seculo se passou depois sem que em Chaves houvesse qualquer acontecimento digno de menção. Mas em 1809 novamente um pavilhão estrangeiro tremulou nas muralhas da villa, embora com ephemera duração do seu dominio.

Foram então soldados francezes, do exercito invasor de Soult, que occuparam a villa, e foi a esses heroes do grande Napoleão que o general Silveira mostrou a valentia da velha raça transmontana, atacando-os com um punhado de soldados e milicianos mal armados e obrigando-os a abandonar a praça quando havia apenas oito dias que d'ella se tinham apoderado.

*
* *

Desde os meados do seculo XIX a villa começou a crescer mais rapidamente em população e nos primeiros annos do actual seculo houve algum desenvolvimento nos seus progressos materiaes. Chaves tem hoje uma população de 6:406 habitantes e é séde de um vasto concelho, composto de 45 freguezias e com a população total de 36:781 almas. As antigas muralhas foram em grande parte demolidas, o que permittiu o alargamento da área povoada e alguns melhoramentos da parte velha da villa.

Nos fossos da praça ha hoje jardins magnificos. Muitas das primitivas habitações têm sido reconstruidas, modificando o aspecto das ruas, a maior parte das quaes são todavia ainda bastante estreitas e tortuosas.

Outros melhoramentos se têm executado, entre os quaes merece citação o da illuminação publica, que é realisada com lampadas electricas de incandescencia e de arco voltaico, em condições inteiramente satisfatorias, não havendo em Portugal installações mais perfeitas nem com mais modernos apparelhos.

Os costumes tambem lentamente se vão civilisando. O povo é docil, pacifico e sobrio. As suas condições de existencia não são boas, porque, á mingua de protecção do poder central, jaz quasi inexplorada a sua maior riqueza natural, a agricultura, em que ainda se notam processos verdadeiramente primitivos. O commercio, que foi importantissimo, atravessa hoje a crise que da pobreza da região dimana. D'este mal-estar do povo resulta a sua feição triste, que se revela na sua poesia, na sua musica, nas suas romarias e nas suas festas. N'estas figura ainda, como divertimento tradicional, o *gaiteiro*, musica monotona e barulhenta, de cujos executantes dá uma das nossas gravuras exacta imagem.

Tal é a *muito antiga e sempre leal* villa de Chaves, a que a viação accelerada ha de dar no futuro uma grande importancia pelas consideraveis fontes de riqueza que então poderão ser exploradas.

O castello de Montalegre

A nossa ultima gravura representa as ruinas do castello de Montalegre.

Esta fortaleza, situada sobre uma collina ao norte da villa de Montalegre, dominando o valle do Cávado, foi edificada em 1331, nos primeiros annos do reinado de D. Affonso IV e compunha-se de quatro torres, ligadas entre si por uma muralha quasi circular.

Circumdando as torres havia a muralha do recinto e ainda fóra d'esta a barbacan, de que hoje

Pendant deux siècles et demi, après la conquête du Maître d'Aviz, Chaves resta stationnaire, ou peut-être même plus déchûe encore.

En 1640, après la révolution bénie, qui rendit au Portugal son indépendance, le bourg, comme place forte de la frontière, ne pouvait passer sans attirer l'attention de D. Jean IV, qui fit réparer et augmenter les fortifications et organiser sa défense, d'une manière si efficace, que les castillans n'osèrent jamais les attaquer pendant les longues années que dura la guerre de l'indépendance. Les travaux de défense, exécutés toutefois très lentement, faute de ressources, ne furent jamais achevés, et on les interrompit même, quand le traité de paix de 1668 mit un terme à cette longue campagne.

La place tomba de nouveau dans un lamentable abandon, et ce fut grâce à son écroulement et à l'extrême décadence où tombèrent les institutions militaires de notre pays pendant le règne de D. Jean v, que le gouverneur de Gallice pût s'en emparer sans la moindre résistance, en 1762, lorsque la guerre entre le Portugal et l'Espagne fut declarée.

Heureusement le génie du marquis de Pombal, aidé par la capacité militaire du comte de Lippe, mit un terme à cet affront. Les hostilités avaient commencé au mois d'avril, et le 3 novembre on signait à Fontainebleau le traité de paix, auquel l'ennemi avait été forcé après les triomphes successifs obtenus par nos troupes.

Il se passa ensuite un demi siècle sans que Chaves aît pu compter un seul évènement digne de remarque. Mais en 1809 on vit encore un drapeau étranger déployé sur les murs de la ville, quoique pendant très peu de temps.

Ce fut lorsque les soldats français, de l'armée envahissante de Soult, occupèrent le bourg. Mais le général Silveira voulut montrer à ces héros du grand Napoléon, la bravoure de notre vieille race du nord du royaume, en les attaquant avec une poignée de soldats et de miliciens mal équipés, qui les obligèrent à abandonner la place, quand il y avait à peine huit jours qu'ils s'en étaient emparés.

*
* *

Depuis le milieu du XIXme siècle le bourg commença à augmenter plus rapidement sous le rapport de la population, et pendant les premières années de ce siècle il y a eu un certain développement dans les progrès matériels. Chaves compte aujourd'hui une population de 6:406 habitants, et est le siège d'une vaste commune, composée de 45 paroisses avec une population totale de 36:781 âmes. Les anciens murs ont été presque tous démolis, ce qui a permis l'agrandissement de la partie habitée, et d'autres améliorations de la partie ancienne du bourg.

Les fossés de la place sont maintenant de magnifiques jardins. Beaucoup d'habitations primitives ont été reconstruites, ce qui a modifié l'aspect des rues, dont la plupart sont toutefois encore très étroites et tortueuses.

On a encore fait d'autres améliorations parmi lesquelles il faut citer l'éclairage électrique, avec lampes d'incandescence à arc voltaïque, monté d'une manière tout-à-fait satisfaisante, avec tous les appareils les plus modernes, ce qui en fait une des plus parfaites installations du Portugal.

Les mœurs aussi se civilisent peu à peu.

Les habitants sont dociles, pacifiques et sobres. Leurs conditions d'existence ne sont pas très bonnes, parceque, faute de protection des gouvernements, la plus grande richesse naturelle, qui est l'agriculture, n'est guère explorée et on y remarque des procédés tout à fait primitifs.

Le commerce, qui jadis a été très important, souffre aujourd'hui la crise dûe à la pauvreté de la région. De ce malaise du peuple découle l'air triste qui se révèle dans sa poésie, sa musique, ses pélerinages et ses fêtes, où l'on voit encore figurer comme amusement traditionnel, le *gaiteiro* (joueur de cornemuse) avec son instrument monotone et bruyant, dont une de nos gravures représente l'image exacte.

Tel est le *très ancien et toujours loyal* bourg de Chaves, que nous espérons voir dans l'avenir, gagner en importance lorsque le chemin de fer permettra d'exploiter ses considérables sources de richesse.

apenas existem insignificantes vestigios. Entre a barbacan e a muralha do recinto, que tinha um traçado irregular, adaptado á fórma do terreno, corria o caminho coberto que se chamava falsa-braga.

A torre maior, do lado do norte, tinha na base uns 13 metros de lado e a altura era approximadamente de 27 metros. Esta era a torre de menagem e nos seus dois pavimentos havia espaçosas salas abobadadas.

As outras tres torres eram o que na antiga fortificação se chamavam *cubellos*. O de leste era o mais importante; tinha uns 10 metros de lado e quasi 20 metros de altura.

Os outros dois *cubellos* eram massiços em quasi toda a altura e apenas tinham 5 metros de lado. A altura era de 11,5 metros no do lado de oeste e de 16 metros no outro.

A fortaleza teve n'outras eras o seu governador e a guarnição compunha-se de duas companhias, como se vê de um alvará datado de 30 de setembro de 1715.

Hoje o castello de Montalegre está abandonado e apenas um dos cubellos foi aproveitado para n'elle se estabelecer um posto meteorologico.

No interior do recinto fortificado havia uma cisterna com as paredes revestidas de cantaria e uma escada por onde se descia até ao nivel da agua. A profundidade devia ser de uns 10 metros e a largura era de 4 metros. A cisterna acha-se hoje em grande parte entulhada.

A villa de Montalegre, de cujo feio aspecto se faz ideia pela nossa gravura, é a séde do concelho do mesmo nome, comprehendendo a vasta e montanhosa região de Barroso. Não se sabe bem a data em que a povoação foi fundada, mas ha muitos vestigios de ella ter sido habitada pelos romanos, e por duas estatuas de granito que em 1785 foram alli encontradas em umas escavações (as quaes hoje estão no jardim do palacio real da Ajuda), suppõe-se que já anteriormente o fôra pelos lusitanos, ou talvez pelos phenicios.

Por emquanto a villa encontra-se em grande atrazo e a sua população é apenas de 930 habitantes, com 203 fogos. Em 1757 tinha apenas 95 fogos e em 1875 dava-lhe Pinho Leal, no *Portugal antigo e moderno*, 180 fogos. Vê-se que os seus progressos têm sido lentos, o que em grande parte deve attribuir-se a ter estado durante longos annos privada de vias de communicação. Hoje acha-se ligada por estrada real á villa de Chaves, com a qual as povoações da parte leste d'aquelle concelho têm estreitas relações. As povoações da parte oeste têm mais relações com a cidade de Braga.

A. Ribeiro de Carvalho.

Le château de Montalegre

Notre dernière gravure répresénte les ruines du chateau de Montalegre.

Cette forteresse située sur une colline au nord du bourg de Montalegre, dominant la vallée du Cávado, a été édifiée en 1331, pendant les premières années du règne de D. Alphonse IV, et se composait de quatre tours, reliées par une muraille presque circulaire.

Les tours étaient entourées par le mur d'enceinte, et encore en dehors il y avait la barbacane, dont aujourd'hui on ne voit que des vestiges insignifiants. Entre la barbacane et le mur d'enceinte, qui était irrégulièrement tracé en rapport avec la forme du terrain, il y avait un chemin couvert que l'on appelait fausse-braie.

La grande tour, du côté nord, avait à sa base 13 mètres de côté et sa hauteur était à peu près, de 25 mètres. C'était la tour d'honneur, et dans ses deux étages il y avait de vastes salles voûtées.

Les trois autres tours étaient ce que dans les anciennes fortifications on nommait *cubellos* (échauguettes). Celle de l'est était la plus importante; elle avait à peu près 10 mètres de côté et presque 20 de hauteur.

Les deux autres échauguettes étaient massives dans presque toute la hauteur et avaient à peine 5 mètres de côté. Leur hauteur était 11^{m},5 du côté ouest, et 16 de l'autre.

Cette forteresse avait autrefois son gouverneur, et sa garnison se composait de deux compagnies, comme on le voit par un brévet daté du 30 novembre 1715.

Actuellement le château de Montalegre est abandonné et dans une seule de ses échauguettes on a installé un poste météorologique.

À l'intérieur de l'enceinte fortifiée il y avait une citerne avec les murs revêtus de pierre de taille et un escalier par lequel on descendait jusqu'à niveau d'eau. Sa profondeur devait être à peu près de 10 mètres sur 4 de large.

La citerne est aujourd'hui presque comblée.

Le bourg de Montalegre, dont l'aspect peu engageant s'aperçoit dans notre gravure, est le siège de la commune du même nom, comprenant la vaste et montagneuse région de Barroso.

On ne sait pas bien la date de la fondation de cette bourgade, mais on y retrouve des vestiges montrant qu'elle a été habitée par les romains, et en 1785 on a découvert dans des excavations, deux statues de granit, qui sont aujourd'hui dans le jardin du palais royal d'Ajuda, et qui font supposer l'existence plus antérieure encore, des lusitains ou peut-être même des phéniciens.

Pour le moment le bourg est très arriéré et sa population est à peine de 930 habitants, avec 203 feux. En 1757 il y avait seulement 95 feux et en 1875, Pinho Leal, dans le *Portugal antigo e moderno* lui attribuait 180 feux. On voit que les progrès sont très lents, ce qui est dû surtout à ce que pendant bien des années il n'existait pas de moyens de communication.

Aujourd'hui Montalegre est muni d'une route communale qui le relie à Chaves, avec lequel les endroits de la partie est de la commune sont étroitement en relation. Les paroisses de l'ouest ont plus de relations avec la ville de Braga.

A. Ribeiro de Carvalho.

Bragança



O filão das origens da famosa cidade transmontana começa de perder-se nos horizontes da historia. Embora uns leves indicios se apercebam na bruma que se adensa para além, não é facil conjecturar com firme decisão sobre a sua genése. N'esse minguado rastreio as linhas diluem-se, os contornos deformam-se e o exame por mais attento perde-se no vago.

A presumpção pois avança inclinando-se, verosimilmente, á existencia d'um rude *habitat* prehistorico, a que succedeu o oppido no alto, tendo ao lado, em plano inferior, a cividade luso-romana de *Brigantia*.

Parece que esta foi uma realidade segundo os documentos da alta Idade-média. Mas ainda aqui a luz não é sufficiente e a penosa concisão dos textos, na apparencia discordes, perturba e confunde levando a suppôr que ella fôra substituida ou convertida pelo romano no celebre typo da propriedade rural — *villa* — e reduzida talvez a uma sub-unidade cultural, no dominio do opulento mosteiro de Castro d'Avellãs quando Sancho I ahi estabeleceu a colonia — o primeiro estracto demographico que a historia indiscutivelmente assignala na formação do que é hoje a cidade... *et ejus Conventu de hereditate, quum accepi ab eis, de bem querentia quod vocitant civitatem Brigantiae*...

Ora não foi só, decerto, o respeito pela tradição e a solicitude em não quebrar o laço que a prendia ininterruptamente a um passado remoto que decidiram o segundo monarcha portuguez a dar em escambo aos poderosos frades d'Avellãs: «*Villam quae dicitur S. Juliani et Ecclesiam quae dicitur S. Mametis.*»

A sagacidade e a previdencia do Rei Povoador attenderam, talvez, e com todo o acerto, á importancia e situação da *Brigantia* transformada na villa que elle povoou, fortificou e definitivamente constituiu por foral de 1187. E tão singular cuidado lhe mereceu, que elle proprio a foi libertar do cerco levantado em maio de 1189 por Affonso IX de Leão.

Após vicissitudes que não merecem enumerar-se, passou nos meiados do seculo XV para o senhorio do seu primeiro duque — D. Affonso, conde de Barcellos, filho bastardo de D. João I e casado com D. Brites Pereira d'Alvim, filha legitima do Condestavel.

O interesse sempre crescente que suscitára antes, não diminue desde então entre os reinantes e os senhores de Bragança, que D. Affonso V elevou á categoria de cidade.

Estava lançada e, mercê dos novos privilegios que, ao deante, lhe foram concedidos, bem como dos seus notaveis recursos de producção economica, cresceu e prosperou.

Mas esta notabilissima prosperidade procedente do florescimento das industrias locaes, especialmente, lanificios e sericicultura, começou a declinar no seculo XVIII até desapparecer, em absoluto, com ellas no seculo XIX. Se bem que, relativamente a esta ultima, se tenham promulgado medidas tendentes a provocar o seu resurgimento, Bragança não volta a adquirir o esplendor extincto das afamadas tinturarias e sirgarias.

De resto cahida, por factores de varia ordem, como uma grande parte das terras do paiz outr'ora laboriosas, na apathia dissolvente e corrosiva que substituiu a tradicional e multisecular energia manufactureira, accresce que ficou isolada e esquecida no remoto extremo nordeste do paiz entre a solidão austera das montanhas e a cujo conhecimento raramente alguem se aventurava.

Com effeito, para se fazer uma viagem a Bragança no anno pouco remoto de 1903 escolhia-se o verão, seguia-se pela linha ferrea do Douro, fazia-se um trasbordo na estação do Tua e subia-se pela via reduzida, aberta na margem esquerda d'este rio. Pelo arrastar offegante e moroso do comboio através da penedia britada a golpes de dynamite sobre a corrente colleante, profunda e tôrva, chegava-se a Mirandella ao cahir da tarde. Aqui jantava-se na mais reputada hospedaria de Traz-os-Montes, a do Zé Maria, que presidia pessoalmente com as suas barbas biblicas ás refeições dos seus hospedes. Pelo começo da noite assaltava-se a diligencia e, n'um instante, o interior regorgitava de saccos, agasalhos e passageiros que, após os primeiros momentos de silencioso perscrutar, se familiarisavam lentamente compellidos pela violenta resignação e camaradagem ante a inevitavel tortura d'uma noite de solavancos, entre torvelinhos de pó, n'aquella estreita e espessa atmosphera, breve trescalando a petroleo e fartum.

Bragança



Le filon des origines de cette fameuse ville de la province de Traz-os-Montes, commence à se perdre dans les lointains horizons de l'histoire. Quoiqu'on en aperçoive encore de légers indices dans la brume qui s'épaissit vers l'au-delà, il n'est pas facile de faire des conjectures sur sa génèse. Dans cette mince traînée, les lignes se fondent, les contours se déforment et l'analyse la plus attentive se perd dans le vague.

Mais il est présumable et l'on s'incline vraisemblablement vers l'existence d'un rude *habitat* préhistorique, auquel se suivit un *oppidum* sur la hauteur, et à côté sur un plan inférieur la cité luso-romaine de *Brigantia*.

Il paraît, d'après des documents du Moyen-âge, que ceci fut la réalité. Mais, la lumière qui se fit sur ces faits ne fut guère suffisante, et la pénible concision des textes, discordants en apparence, devient troublante et confuse et nous porte à croire que cet endroit primitif a été remplacé ou changé par les romains, qui en firent le type si célébré de la propriété rurale — villa ou bourg — et le réduirent peut-être à une colonie culturale, dans le domaine de l'opulent monastère de Castro d'Avellãs, lorsque D. Sancho I y établit la colonie; c'est d'ailleurs le premier extrait démographique que l'histoire signale indiscutablement à propos de la formation de la ville actuelle... *et ejus Conventu de hereditate quum accepi ab eis de bem querentia quod vocitant civitatem Brigantiæ.*

Or, ce ne fut pas certainement, le seul respect pour la tradition et la sollicitude de ne pas briser le lien qui la rattachait indissolublement à un passé lointain, qui décidèrent le deuxième roi portugais à la donner en échange aux puissants moines de Avellãs... « *Villam quae dicitur S. Juliani et Ecclesiam quae dicitur S. Mamedis.* »

La sagacité et la prévoyance du roi Povoador, (qui peupla) se portèrent comme de raison, sur l'importance et la situation de *Brigantia* transformée en un bourg qu'il peupla, fortifia, et institua définitivement par une charte de l'année 1187. Et les soins qu'il lui prodigua furent si particuliers, que ce fut lui-même qui la délivra du siège fait en 1189 par Alphonse IX de Léon.

Après bien des vicissitudes qu'il est inutile d'énumérer, le bourg passa, vers la moitié du XVme siècle, dans la seigneurie de son premier duc, D. Alphonse, comte de Barcellos, fils bâtard du roi D. Jean I et marié à D. Brites Pereira d'Alvim, fille légitime du connétable.

L'intérêt toujours croissant inspiré d'abord, ne diminua plus dès lors, non seulement de la part des princes régnants, mais aussi des seigneurs de Bragança que D. Alphonse V éleva à la cathégorie de ville. Elle était lancée, et grâce à de nouveaux privilèges qui lui furent accordés par la suite, et aussi avec ses remarquables ressources de production économique, elle augmenta et prospéra toujours.

Cependant cette remarquable prospérité, dûe à l'état fleurissant des industries locales, surtout des lainages et de la sériciculture, commença à décroître pendant le XVIIIme siècle et disparût complètement au XIXme siècle. Relativement à l'industrie de la soie, on a, il est vrai, adopté des mesures, tendant à la faire renaître, mais il est évident que Bragança ne parviendra jamais au degré de splendeur perdue de ses teintureries et passementeries d'autrefois.

Elle déchût, pour des raisons diverses, de même que beaucoup de villes de notre pays jadis laborieuses, mais tombées dans une apathie morne et invétérée, qui remplaça l'énergie manufacturière traditionnelle pendant de longs siècles; en outre, elle resta isolée et oubliée dans le recoin le plus reculé du nord-est du pays, au milieu de la solitude austère des montagnes où l'on ne s'aventurait que très rarement. En effet, pour faire un voyage à Bragança, même à la date si récente de 1903, il fallait choisir la saison d'été; on prenait le chemin de fer du Douro, avec changement de train à la station de Tua et on montait par la voie réduite ouverte sur la rive gauche de ce fleuve.

Le train haletant et morose, se traînait, à travers le rocher écaillé et percé à grand renfort de dynamite, au dessus du courant sinueux, profond et trouble, et arrivait vers le soir à Mirandella. Là, on dînait dans la meilleure hôtellerie de toute la province de Traz-os-Montes, chez Zé Maria, qui présidait lui-même, avec sa longue barbe biblique, à tous les repas de ses hôtes.

Au commencement de la nuit on prenait d'assaut la diligence et aussitôt, à l'intérieur, c'était un amas de sacs, de manteaux et de voyageurs, qui, après les premiers moments de silencieux examen, se familiarisaient peu à peu, poussés par la violente résignation et entraînés par la camaraderie forcée,

Fóra, os mais felizes, enroupados em grossos capotes de cabeções erguidos para as orelhas ou coiraçados com solidos cobertores de papa, como se se tratasse d'uma travessia pelas steppes siberianas, enfileiravam-se em successivos planos desde a almofada do cocheiro até aos pinaculos da imperial onde se confundiam com a massa das bagagens que se alastravam pelo tejadilho. Esta montanha, quando já não havia um recanto ou flanco onde arrumar e pendurar mais carga, despegava-se e, oscillando, desapparecia na treva. Passadas as onze horas arribava a Macedo para preencher as lacunas do que havia alijado no trajecto deixando o excedente de malas e viajantes á espera de logar e vez para a noite immediata. Depois, de novo abalava para de novo poisar, já noite alta, n'um logarejo com a sua taberninha de interior denegrido, que uma luzerna d'azeite vagamente alumiava, e onde um vulto feminino distribuia vinho, aguardente e aniz aos intrusos que desciam a desentorpecer-se.

Alfim o vehiculo retomava a caminhada até que na serra da Nogueira, pelas alturas de Rebordãos, despontavam timidamente os primeiros alvores do dia. Então, entreabriam-se os olhos, bocejava-se e respirava-se a plenos haustos na pureza virginal da manhã.

A paizagem, ainda adormecida, offerecia-se na monotonia dos pastios e das terras ceifadas, cobertas do restolhiço dos trigaes e centeios e rindo-se apenas de quando em quando no alegre verdejar d'um retalho de vinha; nos campos a amanhar, viam-se os rebanhos acocorados na clausura das *cancellas* junto dos carros de leito fechado com toldo onde se acoitavam os pastores.

O sol entretanto explodia no horizonte doirando os cimos envolventes; ao longe divisava-se o casario; dentro em pouco transpunha-se uma corrente — a do Fervença — serpeando entre hortejos e arvores esguias e chegava-se finalmente a Bragança.

A traquitana parava solemne ao meio d'uma rua depois de ter despertado os habitantes que acudiam ás portas e janellas ou esfuracavam os caixilhos com as cabeças desgrenhadas para pasmarem, com as carantonhas de quem acorda em sobresalto, da intrepidez dos viajeiros. Estes felicitavam-se com reciproca e intima effusão e precipitavam-se dos seus poisos para se enlaçarem nos parentes ou amigos ou para serem assediados pelos proprios hoteleiros que urbanamente offereciam as suas casas. Abordava-se o dono da que gozava de melhor fama e este conduzia os forasteiros a um predio triste com uma cocheira no rez do chão, fazia-os subir ao primeiro piso e introduzia-os nas alcovas disponiveis, impantes dos flavores da cavallariça subjacente baforejados atravez das largas fendas do soalho desguarnecido e caduco.

Assim se ficava installado em Bragança, o que provocava o desejo de a esquadrinhar aproveitando a breve benignidade matutina.

Bragança desde logo offerece a impressão de quietude morbida, patenteada em tantas outras terras de provincia, á falta de energias vitaes que lhe concitem o desenvolvimento e o progresso, circumscrevendo quasi a sua acção em vegetar á sombra do parasitismo official.

Não obstante as suas qualidades de capital do districto e da rica provincia de Traz-os-Montes, é acanhada e modestissima. Dispõe d'umas sete ruas razoaveis um pouco movimentadas ás horas do vaevem do mercado, ao tempo, reduzido, por assim dizer, á Praça da Sé, o ponto principal de convergencia da povoação. N'este largo trapezoidal, com effeito, ao longo da fachada da cathedral — uma bisonha igreja dos jesuitas d'uma penuria de capacidade, sumptuaria e arranjo verdadeiramente lazeirenta e sem criterio adaptada a tal destino — e em face no mosaico parallelo se realisava a maior parte das transacções tendentes a apaziguar as necessidades inadiaveis do estomago da populaça brigantina.

Visto esse trecho de feira bem curioso pela *sans façon* com que assentava arraiaes á soleira do templo do senhor bispo e por sobre o passeio favorito do dandysmo indigena a quem uma musica regimental, mesmo em pé, afugentava o somno durante as calmas nocturnas do regulamento, nascia o desejo curioso de vagabundar ao acaso pelas artérias mais importantes, bem como travessas e beccos affluentes á cata de motivos artisticos e suggestivos entre a chata inesthetica do casario evidente.

Eis uma aventura arriscada e de serias consequencias dada a ideia singular que o transmontano tem da hygiene e do asseio vasando na via publica os dejectos e demais porcaria do *chez soi*. Ora attentas as condições climatericas do norte e leste da provincia de Traz-os-Montes, ligada aos altos platós centraes da Peninsula, e concisamente expressas na pittoresca phrase popular — *nove mezes de inverno e tres de inferno* — (conhecida tambem nas elevadas regiões pyrenaicas e alpinas) facilmente se calculará o perigo d'um tal devaneio, extra-coração da cidade, atravez da immundicie descaroavelmente

d'une nuit passée dans les tortures inévitables des cahots, étouffés par des nuages de poussière, dans l'atmosphère lourde et malsaine, puant le pétrole et la sueur.

Au dehors, enveloppés dans de gros manteaux avec les collets relevés jusqu'aux oreilles, ou cuirassés dans d'épaisses couvertures de laine, comme s'il s'agissait d'une traversée dans les steppes sibériennes, les plus heureux se rangeaient en plans successifs depuis la banquette du cocher, jusqu'aux pinacles de l'impériale où ils se confondaient avec la masse sombre des bagages qui encombraient le dessus de la voiture. Lorsqu'il n'y avait plus un seul recoin, un seul clou pour fourrer ou pendre des malles ou autres objets, cette montagne, se dégageait et cahin-caha, disparaissait dans les ténèbres. Après onze heures on arrivait à Macedo pour remplir les vides occasionés pendant cette première partie du trajet, mais il y avait toujours un excédent de voyageurs et de bagages, qui devaient attendre patiemment la nuit suivante pour obtenir des places. Ensuite le lourd véhicule partait de nouveau pour arriver très tard dans la nuit à un petit village, où l'on trouvait une petite auberge à l'intérieur noirci, vaguement éclairée par un lumignon à l'huile, et où l'on apercevait une ombre de femme qui distribuait du vin, de l'eau-de-vie et de l'anis aux intrus, qui descendaient pour se dégourdir.

Après cette étape la diligence reprenait sa route jusqu'au mont Nogueira, et vers les hauteurs de Rebordãos, on commençait à voir poindre timidement les premières lueurs de l'aube. Alors, on ouvrait les yeux, on bâillait, et on respirait à pleins poumons, la pureté virginale du matin.

Le paysage encore endormi paraissait avec l'habituelle monotonie des pâturages et des champs moissonnés, couverts de déchets de blé et de seigle, et à peine égayé çà et là par la riante verdure de quelques vignes; un peu plus loin on passait le courant du Fervença, petite rivière qui serpente à travers des vergers et des arbres grêles et on finissait enfin par arriver à Bragança.

La diligence s'arrêtait solennellement au milieu d'une rue, après avoir réveillé les habitants qui accouraient aux portes et aux fenêtres passant à travers les volets leurs têtes échevelées, avec des visages effarés de personnes, réveillées en sursaut, et tout étonnés de l'intrépidité des voyageurs.

Ceux-ci se félicitaient réciproquement avec effusion et se précipitaient de leurs places pour embrasser les parents et les amis, ou pour être assaillis par les hôteliers qui offraient leurs maisons avec empressement. On abordait celui qui jouissait de plus grande réputation, et il conduisait les voyageurs à une immeuble assez triste, avec une écurie au rez de chaussée, les faisait monter au premier étage et les introduisait dans les chambres vacantes, tout imprégnées des odeurs de l'écurie d'au-dessous, qui s'infiltraient par les larges fentes du plancher vermoulu et découvert. Et l'on se trouvait ainsi installé à Bragança, avec le désir subit de la visiter en profitant de la douce température matinale.

Bragança présente la même impression de morne tranquillité, de beaucoup d'autres villes de province, où manquent les énergies vitales qui pourraient leur donner un certain développement et un peu de progrès, qui se trouve limité pour ainsi dire à l'existence végétative du parasitisme officiel.

Malgré sa qualité de capitale du district et de la riche province de Traz-os-Montes c'est une ville humble et des plus modestes. Elle possède sept rues passables et assez fréquentées aux heures du va-et-vient du marché, réduit maintenant pour ainsi dire, à la Place de la Cathédrale, qui est le principal rendez-vous des habitants. Sur cette place trapézoïdale ont lieu presque toutes les affaires et transactions qui ont rapport aux nécessités urgentes des estomacs de la population de Bragança. Tout cela se passe, au long de la façade de la Cathédrale qui est une sombre église des jésuites d'une pauvreté, de dimensions, d'ornements et de goût tout à fait dépourvue des conditions nécessaires à un temple, et en face sur le trottoir en mosaïque parallèle à l'église.

Cet aspect de foire est des plus curieux et on admire le sans façon avec le quel les promeneurs s'installent sur le parvis du temple de Monseigneur l'Evêque, et sur la promenade favorite du dandysme indigène, égayé par les accords de la musique du régiment qui même debout, joue le plus brillamment possible et empêche les habitants de se livrer au sommeil aux heures calmes de la nuit.

Mais tout ceci fait naître en nous le vague désir de flâner au hasard par les quartiers les plus importants, et aussi par les impasses et les ruelles qui y aboutissent, en quête de sujets artistiques et intéressants que nous n'apercevons guère parmi toute la platitude inesthétique qui nous saute aux yeux. Cette promenade des plus risquées peut même amener de sérieuses conséquences si l'on pense que les naturels de Traz-os-Montes ont, à propos d'hygiène et de propreté, les idées les plus singulières, et déversent sur la voie publique les déjections et toutes les saletés de leur *chez soi*.

estatelada, a decompôr-se, sob a chamma abrazadora, implacavel, do sol do estio, o que mais se aggrava para o cahir da tarde pelo calor concentrado, asphyxiante, de rescaldo e pairando sem que um leve assômo de brisa o tempere ou attenue.

E ao cabo d'esta audacia funesta o visitante não logra, além da maravilhada surpreza pelo embotamento das pituitarias brigantinas, enxergar nada de impressivo interesse espiritual, a não ser a igreja de Santa Clara, d'uma sobria e satisfatoria Renascença, sita na Rua Nova e construida na segunda metade do seculo XVI por uma duqueza de Bragança e uns minguados trechos d'aspectos pittorescos do rio Fervença.

De resto, salvo o Museu Archeologico devido á louvavel iniciativa do snr. Albino Lopo, como nada mais prenda a attenção do forasteiro visto que as repartições publicas e presidios em toda a parte offerecem o mesmo espectaculo deprimente e as demais igrejas exhibem o mais estreito e obsessivo *rococó*, cumpre subir á cidadella.

Accommette-se então uma das ladeiras que partem da Praça de Baixo. É a chamada Costa Grande que lá conduz directamente.

Vencida a rampa, defronta-se com a cintura de muralha, amparada por cubellos, a porta em ogiva entre dois baluartes facetados junto da nobre *Torre da Camara*. Transposta a entrada e o segundo muro de vedação, o *touriste* desprevenido acha-se n'um perfeito burgo medieval, tal a suggestão dos elementos que de todos os lados convergem a provocar tão imprevisto recúo mental.

Na realidade, feitos alguns passos na Rua da Cidadella, depara-se á esquerda no pequenino Largo de S. Thiago e entre um circuito amavel e fresco d'arvoredo, o singularissimo pelourinho manuelino.

Sobre a base octogona alçada em quatro degraus poisa uma *porca*, identica á de Murça (ambas documentos excepcionaes da primitiva arte iberica), illogicamente adaptada ao esbelto symbolo da nossa extincta jurisdicção municipal. Do dorso da rude esculptura zoomorpha levanta-se a columna cylindrica e lisa, encimada por um capitel em cruz; ao longo dos seus braços, cujos extremos ostentam carrancas, alastra-se uma serie de baixos relevos de caracter essencialmente ornamental denunciando a influencia esthetica que produziu o elegante padrão rematado por um grotesco a empunhar as armas da cidade.

Do mesmo lado e logo adeante assenta o corpo principal das ruinosas fortificações d'outr'ora, em que sobresahem a *Torre da princeza* a desaggregar-se lentamente, como que roida por uma carie centenaria, e a Torre de Menagem, vasta e um tanto acaçapada, mas não desgraciosa, tal o concurso artistico e nobilificante de certos incidentes architectonicos congraçando a solidez e a esthetica. Esta, como aquella, é feita de schisto antipathico e rebelde a qualquer affeiçoamento de que lhe resultou a denegrida patine de ferrugem e é solidada nas arestas pelo granito amoldavel e robusto.

A pouco mais de meio da sua verticalidade cinge-a um friso granitico d'um inesperado alcance ornamental e ao alto dos cunhaes excrescem as bases, em secção rectangular, das atalaias cylindricas a lançar uma nota de desvio e excepção ao typo geral disseminado pelo paiz, mas n'uma tão arguta e segura penetração de planos que logo accusa o magistral e douto senso constructivo que a gestou; no cimo a fila d'ameias de córte horizontal e d'esculcas cruciferas servindo de escudos ás vigias do terraço. A porta voltada a norte, n'um cauteloso afastamento do solo; a nascente e a sul duas poeticas janellas gothicas flammejando e alleluiando as respectivas fachadas com o fulgor que irradia da pureza dos seus lavores. Aqui e alli, fenestras escancarando o vago e mudo negrume do interior, como golpes resequidos e hirtos de remotas punhaladas que jámais cicatrizassem. Um brazão até agora indemne memora a interferencia de D. João I restaurando a obra de D. Diniz, que por sua vez renovára a de D. Sancho.

Para a direita da referida Rua da Cidadella comprime-se o bairro humido, viscoso e sujo, sulcado de viellas e bêccos fétidos por onde cursa, n'um socego ineffavel, toda a fauna que as lendas dos evangeliarios fixaram no affecto da alma popular e d'onde vem o ruido de bitesgas sombrias e cavernosas, de casinholos humildes espelhando uma vida amofinada e miseravel e de poluidos valhacoutos onde se espoja a soldadesca.

No cimo a referida arteria enfrenta com o quartel do regimento de caçadores n.º 3 que inscreve desde 1895 nas suas paginas d'ouro os feitos gloriosos de Coolella e Manjacaze. Quasi parallela a esta séde militar ergue-se a igreja de Santa Maria desastradamente reconstruida no seculo XVIII e na ilharga

Or on peut imaginer le danger d'une telle excursion, hors du centre de la ville, à travers les immondices honteusement étalées, qui se décomposent sous l'ardeur embrasée et implacable du soleil d'été, qui augmente encore vers le soir, avec la chaleur concentrée, étouffante du sol, sans le moindre souffle de brise qui la tempère ou l'atténue. Les conditions climatériques du nord et de l'est de la province de Traz-os-Montes, reliée aux plus hauts plateaux centrals de la Peninsule, sont bien définies dans la pittoresque expression populaire — *neuf mois d'hiver et trois d'enfer* — qui peut être également attribuée aux régions elevées des Pyrénées et des Alpes.

Mais après cette funeste audace, le visiteur, outre l'étonnante surprise de reconnaître à quel point sont blasées les pituitaires des habitants de Bragança, ne reússit à rien voir qui puisse l'impressionner ni l'intéresser au point de vue spirituel, si ce n'est l'église de Sainte Claire, de style Renaissance, sobre et bien tracé, située dans la Rue Neuve et construite pendant la deuxième moitié du XVIme siècle par une duchesse de Bragança, et quelques aspects pitoresques de la rivière Fervença.

Du reste, sauf le Musée Archéologique dû à la louable initiative de Mr. Albino Lopo, il n'y plus rien qui attire l'attention du voyageur, puisque les bureaux publics et les prisons offrent partout le même spectacle misérable et les églises sont toutes du même genre rococo obsessif et mesquin. Nous allons donc monter à la citadelle. On prend alors une des montées qui partent de la Place de Baixo, celle qui se nomme la Costa Grande et qui y conduit directement.

Après avoir franchi la montée, on se trouve élevant le mur d'enceinte soutenu par des tourelles, avec sa porte en ogive entre deux bastions facetés près de la noble *Torre da Camara*.

Passé l'entrée et le deuxième mur de séparation, le *touriste* pris au depourvu se trouve dans le plus parfait bourg du moyen âge, tellement puissante est la suggestion des éléments qui s'y réunissent pour provoquer cet involontaire recul de notre imagination.

Lorsqu'on a fait quelques pas dans la rue de la Citadelle, on voit à droite un original pilori du temps de D. Manuel, sur la petite Place de S. Thiago et tout entouré d'arbres verdoyants et frais.

Sur une base octogonale haussée de quatre marches se pose une *vis* semblable à celle de Murça; toutes deux sont des exemplaires exceptionnels de l'art ibérique primitif, adaptés illogiquement comme symboles élégants de notre juridiction municipale d'autrefois. Du tronc de la grossière sculpture zoomorphe s'élève la colonne cylindrique et unie, surmontée par un chapiteau en croix; au long de ces bras, à l'extrémité desquels on voit des têtes d'animaux sculptées, s'étend une frise en bas reliefs d'un caractère tout à fait ornemental, dénonçant l'influence esthétique produite par le svelte monument qui se termine par une figure grotesque soutenant l'écusson avec les armes de la ville.

Un peu plus loin, et du même côté se trouve le bâtiment principal des anciennes fortifications à demi ruinées, où l'on distingue la Tour de la Princesse qui s'écroule lentement comme rongée par une carie centenaire, et la tour d'honneur, assez grande, mais un peu aplatie, sans toutefois paraître disgracieuse, grâce à la réunion noble et artistique de certains éléments architecturaux aussi solides que beaux. L'une et l'autre sont faites de schiste assez laid et rebelle à tout travail minutieux d'où est résultée la patine noircie de rouille; les arêtes sont soutenues par du granit robuste et malléable.

À peu près vers la moitié de sa hauteur la tour est entourée d'une frise en granit d'un effet imprévu et très ornemental et du haut des encoignures partent les bases rectangulaires, d'échauguettes cylindriques qui sortent du commun et font exception au type vulgaire disséminé dans le pays, mais tout l'ensemble est lancé avec une connaissance de plans, si savante et si assurée qu'on reconnait aussitôt le sens constructif sage et superbe de celui qui a tracé cette œuvre magistrale; le bord supérieur est garni d'une rangée de créneaux de coupe horizontale et de motifs en croix qui servent d'écussons aux guérites de la terrasse. La porte tournée au nord est soigneusement écartée du sol; au levant et au midi deux poétiques fenêtres gothiques flamboient et égaient les façades avec toute la splendeur et la pureté de leurs ornements. Çà et là des croisées éclairent la vague et sombre noirceur de l'intérieur, comme des blessures mortes et désséchées qui ne se seraient jamais cicatrisées.

Des armoiries très bien conservées rappellent l'intervention de D. Jean I, le restaurateur de l'œuvre de D. Denis, qui à son tour avait aussi renouvelé celle de D. Sancho.

À droite de cette rue de la Citadelle se resserre le quartier humide, sale et gluant, sillonné de ruelles et d'impasses où se promène dans la plus grande tranquillité toute la faune que les légendes de l'évangile a fixée dans l'amour du peuple, et dont on entend les bruits par les recoins sombres et

opposta d'esta fica situado o vetusto Paço Municipal, o unico edificio profano que do romanico subsiste no paiz.

Uma vez em face d'este a primeira impressão sentida é naturalmente a da revolta e desagrado pelas sevicias infligidas com a ruptura d'uns janellões, a sul e oeste, destinados a illuminar o interior em substituição das fenestras primitivas, obstruidas no seculo passado com enchimento e pedregulho, e ainda com a ligação d'um muro de predio rustico ao cunhal de sudéste cortando lastimosamente a perspectiva.

Diluida, porém, a indignação que o conspecto inicial repentinamente suscita, esta construcção discreta e atarracada absorve com delicia a imaginativa do espectador pela instituição admiravel que suggere e pela clara luz que projecta na revivescencia da architectura urbana do seculo XII.

Levantado n'essa época remota, ante o espirito se apresenta como um dos tres principaes edificios que dominavam um burgo pequenino e pobre, composto de habitações humildes e infectas de madeira e schisto, que as vicissitudes do tempo, o gosto dos homens, a melhoria do conforto e outros factores economicos transformaram e substituiram.

Vislumbra-se o ardor, o desinteresse e a solicitude que o estricto populacho medievo puzera na fabrica do seu Paço Municipal, empregando a melhor e mais dispendiosa materia constructiva para a sua perdurabilidade e resistencia e cumulando-o carinhosamente dos recursos e lavores artisticos ao seu alcance como se se tratasse d'um templo para a perenne glorificação de Deus.

E, presumivelmente, os canteiros que no tempo de D. Sancho I ergueram o primitivo castello e a antiga igreja de Santa Maria foram os mesmos que trabalharam n'esta veneravel construcção romanica d'uma equilibrada firmeza e d'uma segurança robusta, cheia de logica e graça.

A angulosidade da fachada occidental que faz descrever ao seu perimetro o traço d'um pentagono; o resalto da cornija circundante, sustentada por modilhões historiados em que predominam motivos anthropo e zoomorphicos a quebrar a simplicidade das suas linhas; a serie successiva das fenestras que se abriam ao longo das faces com as archivoltas chanfradas cahindo sobre a saliencia das impostas e d'uma proporção harmoniosa para a sua altura comedida e breve, evidenciam uma ponderada sagacidade architectonica tendente a uma frisante convergencia d'effeitos na sua sobria estructura.

A portinha d'accesso recorta-se em arco perfeito no lado sul sobre o pateosinho do escadoz d'alvenaria.

O visitante, commovido sob o peso da veneranda tradição historica, avança respeitosamente os seus passos com ancia de poisar os olhos na intima solitude do recinto augusto, onde tantas vezes os senadores medievaes decidiram dos destinos do concelho.

Mas ao penetrar no interior, composto de duas salas que se communicam por uma abertura ogival feita no muro divisorio, logo o assalta a severa austeridade, a desconfortavel nudez e a tristeza da assolação que ali reinam.

Ao longo das paredes mestras caiadas, e em que se resentem as deturpações acima expendidas, corre uma bancada de pedra e ao alto a fileira dos modilhões esculpidos tendo um o escudo das cinco quinas verosimilmente considerado como o brazão do segundo monarcha portuguez.

No aposento da direita e quasi sob o enorme e violento rasgão produzido por um incendio no madeiramento do tecto e no telhado, emerge do lagedo do pavimento o parapeito circular da bocca da cisterna que occupa a subjacencia do edificio.

A entrada para este deposito cava-se na frontaria oriental ao nivel do solo. Sobre a lobrega e soturna superficie do liquido mal se enxerga a vigorosa abobada de cantaria em curva plena com arcos de reforço.

O indigena ignorante e supersticioso foge com pavor d'este presumido antro de bruxedo.

Tal é, desconhecida a sua vida historica, a consideração que lhe merece o venerando palladio das regalias e direitos municipaes dos seus antepassados e que é hoje um monumento excepcional, producto indiscutivel d'uma arte definitiva e consummada, a cuja silharia de granito o tempo transmittiu um caracter solemne com o tom esmorecido da velhice.

Manuel Monteiro.

grouillants des humbles masures où vît une population triste et misérable, et la soldatesque se vautre dans d'infâmes habitations. En haut de cette rue on se trouve en face de la caserne de 3me régiment de chasseurs, qui depuis 1895, inscrit sur son livre d'or les faits glorieux de Coolella et Manjacaze. Presque parallèlement à cet établissement militaire, s'élève l'église de Sainte Marie reconstruite d'une manière désastreuse pendant le XVIIIme siècle et du côté opposé est situé le vieil Hotel de Ville, le seul édifice laïque de style roman qui existe dans le pays.

Au premier aspect de cette construction, on est pris d'un sentiment de révolte et de mécontentement pour les mauvais traitements qu'on lui a infligés avec le percement de grandes fenêtres au sud et à l'ouest, afin d'éclairer l'intérieur, et qui ont remplacé les croisées primitives, obstruées pendant le dernier siècle par de grosses pierres; il y a aussi une liaison de l'angle sud-est de la construction avec le mur d'une maison rustique, qui nuît déplorablement à la perspective. Mais, passé le premier moment d'indignation qu'inspire subitement l'effet initiel, l'imagination du spectateur est délicieusement absorbée par l'analyse de cette construction basse et discrète, par l'agréable impression qu'elle éveille, et par la manière brillante dont elle fait revivre le souvenir de l'architecture urbaine du XIIme siècle.

Elevée à une époque reculée, elle se présente à notre esprit comme un des trois principaux édifices qui dominaient dans ce bourg petit et pauvre, composé de maisons humbles et infectes en bois et en schiste, que les outrages du temps, le goût des hommes, l'accroissement de confort et d'autres raisons économiques ont transformé et remplacé.

On y aperçoit l'ardeur, le désintéressement et la sollicitude que le peuple correct du moyen âge avait mis dans cette construction de son Hotel de Ville, en employant la meilleure et plus chère matière, afin d'assurer sa résistance et sa perpétuité, et l'enrichissant amoureusement de tous les embellissements à sa portée, comme s'il s'agissait d'un temple pour l'eternelle glorification de Dieu.

Et il est présumable que les marbriers, qui, au temps de D. Sancho I élevèrent le château primitif et l'ancienne église de Sainte Maria, furent les mêmes qui travaillèrent à cette vénérable construction romane d'un équilibre si ferme, d'une assurance si robuste, pleine de grâce et de logique.

L'angulosité de la façade occidentale qui fait décrire à son périmètre le dessin d'un pentagone; le ressaut de la corniche qui l'entoure, soutenue par des modillons ouvragés où dominent des motifs anthropologiques et zoomorphologiques qui brisent la simplicité de ses lignes; la série successive des fenêtres qui s'ouvraient le long des façades avec les archivoltes échancrées, tombant sur la partie saillante des impostes, et d'une proportion tout à fait harmonieuse avec leur hauteur si mesurée, tout révèle la science architecturale la plus étudiée, tendant à en faire briller tous les effets malgré la sobriété de structure d'ensemble. La petite porte d'accès se découpe en plein cintre au sud du petit palier de l'escalier en maçonnerie et le visiteur, sous l'impression émouvante de la vénérable tradition historique, avance respectueusement désireux de poser les yeux sur la solitude intime de l'enceinte auguste, où les sénateurs du moyen âge ont si souvent décidé des destinées de la contrée.

Mais en pénétrant à l'intérieur, composé de deux salles qui se communiquent par une ouverture ogivale faite dans le mur qui les sépare, il est tout surpris de l'austérité sévère, de la nudité inconfortable et du triste délabrement qui y règne.

Au long des murs blanchis à la chaux, où l'on aperçoit les mêmes dégâts dont nous avons parlé, s'appuie un banc de pierre, et en haut la rangée de modillons sculptés dont l'un porte l'écusson des cinq quines vraisemblablement considéré comme le blason du deuxième monarque portugais.

Dans l'appartement à droite presque au dessous de l'énorme déchirure produite par un incendie de la charpente du plafond et du toit, on voit sortir du pavé dallé, la balustrade circulaire qui entoure l'ouverture de la citerne construite au dessous de l'édifice. L'entrée de cette citerne est creusée dans la façade orientale, au niveau du sol, et, sur la surface liquide, sombre et trouble, on aperçoit à peine la vigoureuse voûte de pierre en plein cintre avec des arcades de renfort. L'indigène superstitieux et ignorant fuit avec épouvante de ce qu'il présume être un antre de sorcellerie. Telle est, malgré le peu de connaissance de sa vie historique, la considération que mérite ce vénérable palladium des garanties et des droits municipaux de ses ancêtres, qui est aujourd'hui un monument exceptionnel, produit indiscutable d'un art défini et raffiné, sur le granit duquel, le temps a empreint un cachet solennel avec les nuances pâlies et fanées de la vieillesse.

Manuel Monteiro.

Miranda do Douro



Certo, nenhuma outra cidade portugueza offerece mais perfeito aspecto d'uma terra morta do que Miranda do Douro.

Esmorecendo ante o agro fatalismo que a acommetteu após cyclos de brilho e ventura, não mais se reanimou e, resignadamente, sem um queixume, nem um protesto, e n'um esquecimento ingrato e injusto, se deixou definhar e exhaurir.

E, para que nada perturbasse a recondita e amarga solitude do seu fenecer estoico, ficou isolada n'um recanto do enorme planalto mirandez, sem uma arteria de macadam a ligal-a com qualquer centro populoso convisinho e a canalisar-lhe a seiva rejuvenescente e transformadora das energias economicas.

Abafada no estreito cinto dos muros envelhecidos, sobre ella paira o silencio triste e pungente das coisas que passaram, a saudosa doçura evocativa das illusões extinctas!

A melancholia que d'ella se diffunde torna-a porém sympathica aos olhos sensiveis e á idealisação do visitante culto, logo enternecido ante o burgo celebre que não podendo supportar o infortunio inexoravel, depois de ter cumprido com galharda valentia o seu destino historico, se apaixonou, deu graças a Deus, suspirou e morreu. E hoje parece que subsiste sómente para o delicioso devaneio e regalo emotivo das almas estheticas, buscando com avidez suggestivas e complexas *rêveries* sobre o Passado. N'ella as encontram com prodigalidade, porque, estranguladas com impiedosa crueza as suas mais intimas aspirações, sobreveio á pequenina cidade a indifferença doentia e com esta a inercia e a miseria que não permittiram quasi alteração alguma de vulto no existente á data da desventura ultima. N'isso reside com effeito o seu principal interesse.

Sita sobre a alcantilada e sinistra margem direita do Douro, no extremo leste da provincia transmontana, ainda se abriga com a decrepita muralha que em seculos idos lhe serviu de escudo e defeza contra os acommettimentos leonezes e castelhanos. Não fallando no *Postigo* que se abre para o rio, e era outr'ora a passagem das escapadas angustiosas e discretas ou das arremettidas traiçoeiras, das duas portas pelas quaes se transpunha a cintura protectora resta a do *Amparo,* ogival, aberta ao fundo de dois cubellos decapitados.

Atravessando esse arco ponteagudo, que já se não cerra com portas espessas e munidas de fortissimos ferrolhos e armellos ao toque soberano do *couvre-feu,* entra-se na *Costanilha* — a pittoresca rua quinhentista. Subindo por esta via declivosa e torta a vista queda surpreza a um lado e a outro por reconhecer nas fachadas humildes que lhe formam o leito uma velhusca e modestissima architectura do seculo XVI.

É uma serie numerosa de estreitas frontarias manuelinas com as portas rasgadas em rectangulo, ogiva ou arco perfeito, de humbreiras, aduélas e vergas em aresta ou chanfradas.

Quasi todas com um pizo superior ao rez-do-chão e onde se abrem uma ou duas janellas, simples, geminadas ou d'angulo, com o peitoril saliente entre os poiaes tendidos solicitamente para descanço dos vasos com florações sympathicas. Estes cachorros são historiados com carrancas e outras modelações anatomicas reçumando o satyrico intento do grotesco e obsceno.

Além d'isso um copioso alfôbre de episodios ornamentaes em baixo relevo, occupa os silhares e padieiras d'umas e d'outras evidenciando, na sua expressiva ingenuidade, uma arte bisonha de inspiração e factura populares. São os sabidos motivos naturalistas do estylo que emphaticamente gosa os foros de nacional: rosetões, contas, flôres de liz, caraças, aves e outros animaes.

Nas travessas e ruélas, que á *Costanilha* affluem, enxergam-se outras construcções manuelinas entre as quaes destaca a da antiga *Casa da Alfandega.*

Algumas d'estas habitações ufanam-se de haverem sido solares d'antiga aristocracia apoucada e d'esquecida heraldica ou de terem acolhido sob os seus tectos personalidades illustres.

A referida arteria principal remata n'uma praça minuscula onde se concentram as tedientas e varias repartições publicas e d'onde se envereda com afan para a decantada Sé.

Eis o monumento, por excellencia, de Miranda do Douro que n'elle põe todo o seu affecto, talvez toda a sua esperança, constituindo o seu unico mas desvairado orgulho e que Bragança não póde tolerar por inverosimil despeito.

Miranda du Douro



Assurément, aucune ville portugaise n'offre un aspect plus complet de cité morte, que Miranda du Douro.

Déchûe par l'aigre fatalisme qui la frappa après quelques cycles brillants et heureux, elle ne parvint pas à se ranimer, et, sans une plainte, sans une protestation, dans un oubli ingrat et injuste, profondément résignée, elle se laissa épuiser et dépérir.

Et, afin que rien ne pût troubler l'obscure et amère solitude de sa destinée stoïque, elle demeura isolée dans un recoin de l'énorme plateau *mirandais,* sans une voie macadamisée qui la reliât à quelque centre populeux du voisinage et qui aurait pu lui insuffler la sève vivifiante et énergique du progrès.

Etouffée dans l'étroite enceinte de ses vieilles murailles, on sent peser sur elle le triste et douloureux silence des choses qui sont passées, les doux regrets d'illusions perdues!

Mais la mélancolie qui s'en dégage la rend sympathique aux âmes sensibles et à l'idéalisation du visiteur éclairé, ému par l'aspect de ce bourg célèbre, qui, n'ayant pu supporter l'implacable infortune, après avoir accompli bravement sa destinée historique, plein de chagrin rendit grâce au ciel, soupira et mourût. Et maintenant, on dirait qu'il existe seulement pour les délicieuses rêveries et pour le charme émouvant des esprits élevés qui recherchent avidement des souvenirs complexes et suggestifs du Passé. On les y retrouve profusément, parceque, après avoir vu étouffer avec une impitoyable cruauté ses plus intimes ambitions, la petite ville se trouva en proie à une indifférence maladive d'où découla l'inertie et la misère qui n'ont presque pas permis l'attention remarquable ni aucune espèce d'altération à ce qui existait lors de son dernier malheur; et c'est celà même qui la rend le plus intéressante.

Située sur la rive droite, escarpée et sinistre du fleuve Douro, à l'extrémité est de la province de Traz-os-Montes, elle s'abrîte encore au dedans du mur ruiné qui jadis lui servait de défense et de bouclier contre les attaques des castillans et des léonais.

Sans parler du *Postigo* qui s'ouvre sur le fleuve, et qui était autrefois le passage des fuites angoissantes et discrètes, ou des attaques traîtresses, ni des deux portes par lesquelles on franchissait l'enceinte protectrice, il y a encore la porte du *Amparo* en ogive, ouverte au fond de deux guérites décapitées.

En passant sous cette arche pointue qui ne se ferme plus avec les anciennes portes épaisses munies de verroux et de clous à l'heure solennelle du couvre-feu, on entre dans la *Costanilha,* pittoresque rue du XVIme siècle. En gravissant cette voie inclinée et tortueuse, le regard reste surpris de voir des deux côtés, sur les humbles façades qui la garnissent, des anciens et modestes exemplaires de l'architecture de ce même siècle.

C'est toute une série d'étroites façades du temps de D. Manuel avec les portails percés en rectangle, en ogive, ou en plein cintre, et les embrasures, les vantaux et les linteaux, en arêtes ou échancrés.

Presque toutes ont un étage au-dessus du rez-de-chaussée, percé d'une ou deux fenêtres, simples, géminées ou en angle, avec les appuis saillants entre les deux socles soigneusement ménagés pour des vases de fleurs choisies. Ces appuis sont enjolivés de gargouilles et d'autres motifs anatomiques où l'on aperçoit l'intention satyrique d'allier le grotesque à l'obscène.

Outre cela, une vaste théorie d'épisodes décoratifs en bas relief, orne les assises, et les allèges et les bandeaux, montrant dans son expressive ingénuité, un art tout à fait naïf et la main d'œuvre très populaire. On y voit les motifs déjà si connus du style qui jouit si pompeusement de la réputation d'être national; rosaces, perles, trèfles, masques, oiseaux et autres animaux.

Dans les ruelles et impasses qui aboutissent à la *Costanilha,* on voit encore d'autres constructions de la même époque, parmi lesquelles se distingue l'ancienne maison de la Douane.

Quelques-uns de ces logis se vantent d'avoir été les manoirs de l'ancienne aristocratie déchûe d'héraldique oubliée, où d'avoir abrité sous leurs toits des personnages illustres.

La rue principale dont nous avons parlé se termine sur une place minuscule, où se concentrent les ennuyeux et différents bureaux publics, et d'où l'on part pour aller avec élan vers la Cathédrale, si vantée.

Procedendo da época venturosa de maior prosperidade da diminuta cidade transmontana e memorando, como facto inapagavel, a alliança do braço real com o povo, é, no emtanto, o marco da sua decadencia originada por certo no influxo nefasto e enervante da ideia que materialisa.

Por isso o seu frontispicio sombrio d'uma dura sobriedade de linhas e comprimido entre as singelas torres extremas logo suggere, não sei porque macabra e subtil associação d'ideias, que o templo ex-episcopal é a arca tumular em que desappareceu para sempre o espirito heroico e vivido das gerações d'outr'ora.

Erguida por D. João III no momento em que se substituia a longa e fecunda nevrose, que gestara os mais geniaes e phantasticos poemas da pedra, por uma derrancada e crassa concepção architectonica, successiva e crescentemente severa e rigida, a cathedral mirandeza não poetisa com o seu pesado aspecto a melancholica terra. Não. Antes a sua tristeza admiravelmente avoluma.

O estylo jesuitico denuncia-se na hirta frontaria de granito ennegrecido, entalada entre duas torres, como dois cubellos massiços de fortaleza cobertos por abobadas com lanternetas entre os varandins grosseiros.

O enfado inevitavel absorve o espectador. Transposta porém a porta, rasgada em pleno cintro entre as columnas doricas, a sensação diverge de repente pela inundante abundancia de luz, pela sua amplitude e pelo desafogo das tres altas naves divididas por pilares esbeltos audazmente lançados para as convergencias das pressões das abobadas artesoadas.

Não maravilha nem deslumbra porque o não permitte a sua austera frieza, mas agrada pela calma harmonia, ponderoso equilibrio e precisa integralidade da sua estructura.

Ao mesmo tempo um pensamento obsessivo e ladino preoccupa facetamente o visitante: impossibilidade de topar gente em Miranda, embora vasculhados todos os escanos, capaz de encher a vasta igreja.

De resto percorrendo o olhar por todo o ambito, o que mais o prende, é o retabulo de madeira do altar mór. Sendo uma peça monstruosa pelo inadvertido intuito que a promoveu, é, todavia, desculpavel ante a franca solução das difficuldades emergentes ao realisar o plano concebido.

Pertence ao que vulgarmente se diz renascença portugueza e divide-se em dois corpos.

O inferior tem por base uma predella enriquecida com pios e santos luminares da Igreja. Sobre esta nos duplices retabulos dos intercolumnios lateraes desenrolam-se breves scenas biographicas da Virgem que teem como complemento o grande quadro central — a Assumpção.

Esta composição de dimensões inusitadas e invulgares, tratada com extranha largueza e poderoso vigor de factura, merece reparo. Ao alto, a mãe de Deus é conduzida para a bemaventurança n'uma nuvem esmaltada por cabecitas de cherubins entre as sonoridades triumphaes da orchestra celeste; em baixo os discipulos de Christo pasmam, absortos, em roda do tumulo vasio ante o prodigio patente, desviando porém, alguns as faces na direcção de acontecimento, sem duvida, consideravel que os arranca a tão desolada magua.

Uma flagrante expressão de vida e sentimento se apercebe n'esse grupo eleito de physionomias cuidadosamente estudadas, gestos suaves, roupagens opulentas de córte largo, prégas fundas e cahindo com racionalidade. Os pannejamentos fluctuantes da Virgem que sobe em extase são por egual fartos e bem delineados.

A parte superior comporta uns tres assumptos da Paixão. Ao centro, junto do Crucificado, perfilam-se as figuras do Evangelista e Maria que além de posteriores são d'uma plastica toscamente desproporcionada e desmedida.

Como a talha restante seja de somenos importancia e pelo transepto e paredes lateraes nada se divise a attrahir a curiosidade, [1] deixa-se a cathedral onde o echo dos passos arrastadamente se perde como n'um santuario abandonado e examina-se o contiguo edificio prelaticio. Restam apenas as paredes incompletas, ruindo lento e lento, do que foi a vivenda nobre dos bispos mirandezes, cuja serie findou com a suppressão da diocese no penultimo quartel do seculo XVIII.

Cumpre, por ultimo, contemplar pezarosamente as sobrevivencias do castello altaneiro, no seu inicio, construido por Affonso Henriques e depois reformado, reedificado e consolidado por D. Diniz, D. João I e D. João IV.

---

[1] Diz-se que na sacristia existem quadros de valor. Não os pudemos vêr.

C'est, à vrai dire, le principal monument de Miranda du Douro, celui qui mérite tout son amour et peut-être tout son espoir, qui résume son orgueil unique et insensé, et que Bragança, prise d'un invraisemblable dépit, ne peut tolérer.

Construit à l'époque la plus heureuse et prospère de la petite ville et rappelant comme inoubliable souvenir, l'alliance de la royauté avec le peuple, il marque toutefois le commencement de sa décadence, dûe certainement à l'influence néfaste de l'idée qu'il matérialise.

Et sa façade sombre, d'une dure sobriété de lignes, resserrée entre les deux tours latérales, nous suggère aussitôt, je ne sais par quelque subtile et macabre association d'idées, la pensée que le temple ex-épiscopal est l'arche tumulaire où est disparu à jamais l'esprit héroïque et vivifiant de nos générations passées.

La cathédrale de Miranda fut bâtie par D. Jean III au moment où l'on remplaçait, par une grossière et ignoble conception architecturale, successivement et progressivement sévère et âpre, la longue et féconde névrose qui avait conçu les plus fantastiques et sublimes poèmes de pierre, et son aspect lourd ne parvient pas à rendre poètique ce mélancolique pays. Au contraire, elle le rend encore plus triste.

Le style jésuitique se dénonce sur la façade raide en granit noirci, pressée entre les deux clochers, qui ont l'air de deux tourelles massives d'une forteresse, recouverts par des pignons à lanternes, entre les grossières balustrades.

Un inévitable ennui s'empare du spectateur. Après avoir franchi le portail ouvert en plein cintre entre les colonnes doriques, l'impression se trouve subitement changée grâce à l'abondance de lumière, à la grandeur et à l'amplitude des trois hautes nefs, séparées par de sveltes piliers hardiment élancés jusqu'aux convergences des nervures de la voûte.

L'ensemble n'émerveille et n'éblouit pas, car la froideur austère ne le permet guère, mais il charme par son harmonie calme, son équilibre étudié, et l'intégralité précise de sa structure.

En même temps, on est obsédé par une pensée facétieuse et badine: l'impossibilité de trouver du monde à Miranda, qui puisse remplir cette vaste église, même qu'on aille fureter dans tous les recoins de la ville.

Du reste, en parcourant du regard toute l'enceinte, la seule chose qui nous attire est le retable en bois du maître-autel. C'est une pièce monstrueuse et faite dans une intention irréfléchie, mais on la trouve toutefois pardonnable en contemplant les difficultés de travail accomplies pour en réaliser le plan.

L'ensemble est partagé en deux parties et appartient à ce que l'on nomme vulgairement, la renaissance portugaise.

La partie inférieure a comme base une assise, enrichie de saints et de pieux luminaires de l'Eglise. Au dessus, dans les doubles retables des entre-colonnes latérales, se déroulent des scènes de la vie de la Vierge ayant pour complément le grand tableau central — l'Assomption.

Cette composition, de dimensions peu vulgaires, travaillée avec une exquise grandeur, et une puissante vigueur, est tout-à-fait digne de remarque. En haut, la mère de Dieu est conduite au ciel dans un nuage émaillé de petites têtes d'anges, au milieu des sonorités triomphales d'un orchestre céleste. En bas, les disciples du Christ, pleins d'étonnement à la vue du miracle, entourent le tombeau vide, et quelques-uns ont les faces tournées du côté du prodigieux évènement, qui les arrache à leur grande douleur. Ce groupe choisi, de physionomies soigneusement étudiées, aux gestes doux, aux vêtements opulents et amples, à larges plis tombant naturellement, est imprégné d'une flagrante expression de vie et de sentiment.

La partie supérieure présente trois sujets de la Passion. Au centre, près du Crucifié, s'alignent les figures de l'Evangéliste et de Marie, qui sont d'une date plus récente et d'une plastique grossièrement démésurée et disproportionnée.

Le reste des sculptures en bois est de moindre importance et comme dans le transept et les collatéraux il n'y a rien qui attire notre curiosité [1], nous sortons de la Cathédrale où l'écho de nos pas, se traîne longuement, comme dans un sanctuaire abandonné, et nous examinons le palais des prêlats qui est contigu.

---

[1] On dit que dans la sacristie il y a des tableaux de grande valeur, mais nous n'avons pas pu les voir.

Era no ponto culminante, a noroeste, que se erguia a temivel fortaleza com o seu muro especial, fosso e lavadiça a contornar o cubo de menagem fartamente empastado, mais tarde, com additamentos de reforço. Depois de ter soffrido atravez dos seculos a lucta indomita com leonezes e castelhanos abateu fragorosamente n'uma nefanda e horrivel explosão, aos oito de maio de 1762, adensando cruel e dolorosamente o vilipendioso luto que cobria a cidade, desde que um governador militar, a troco de dinheiro, a entregara traiçoeiramente ao inimigo em 1710.

D'aquelle indescriptivel desastre apenas ficaram aprumados alguns lanços de cortinas e parte da firme torre central que D. João I mandou erigir, como o attesta o escudo fixado na face do sul com a porta em ogiva, aberta para a Hespanha. O aspecto do poente é desolador: a menagem amputada e desventrada, as restantes edificações aluindo, e sobre a ossatura a descoberto das paredes descarnadas os crescidos pensos das hervagens inseparaveis das ruinas.

Eis o que miserandamente subsiste da destemida sentinella guerreira.

Extra muros da cidadesita envolvida em patines, silencio e tristeza, estende-se a paizagem monotona.

No primeiro plano o arrabalde pintalgado de hortejo e vinhedo entre o accidente pedregoso cortado pelas correntes do Fresno e do Douro, tendo a d'este aspectos tragicos de pavor selvagem, nos precipicios das margens cheias de negrume ou veladas pela amarellidão dos lichens, e em cujo fundo se estrangula com desespero turvo e ululante.

Para além, até aos longes nevoentos da perspectiva sem bizarria de linhas, o bistre pastoso ou esbatido das terras aradas, o verde ephemero das culturas e lameiros emquanto que as gramineas do centeio, do trigo e dos pastos, pela energia e superabundancia da seiva, resistem ás ardencias mortiferas do sol transmutando logo o colorido n'um amarello fulvo, predominante e absorvente, que vae esvaecendo, sem sobresaltos e após as ceifas, para a tonalidade cadaverisada e exangue do restolhiço. Farrapos d'arvoredo tufando aqui e acolá mais accentuam o desfallecimento da côr. Demais, nem um casal branco ou um vestuario polychromo e garrido lançando uma nota alegre e vibrante na atonia geral da natureza agreste, torturada pelo sol nos tres mezes estivaes, açoitada pelas ventanias desabridas, amortalhada pela neve nos extensos invernos...

E este caracter antipathico e sombrio distende-se atravez de todo o fertil planalto mirandez que comprehende, além do concelho denominante, os de Vimioso e Mogadouro, abrangendo uma parte da zona limitada a leste e oeste pelo Douro e pelo Sabor.

As aldeias assaz espaçadas entre si teem o seu casario sujo, lobrego e humilde, n'um agrupamento meticuloso, sem que um unico predio se desgarre, motivado pelo instincto da sociabilidade e da defeza commum. D'aqui como d'uma colmeia irradiam os seus habitantes para a faina agricola da vasta area circundante onde se dispersam e somem para valorisar o solo.

Por acaso o viajante sem uma estrada certa de macadam, marchando quasi á ventura por caminhos labyrinthicos, encontrará uma ou outra figura para lhe desvanecer o penoso abatimento que o anniquila na solidão desconhecida e taciturna. Com que alvoroçada alegria escuta o chiar tardo e dissono d'um carro de bois — o veneravel *plaustrum!* — que range de rodas altas com os olhaes circulares e de leito e *engarellas* completamente submersos na montanha do cereal colhido! Com não menos commovido prazer se detem, acordando poeticas reminiscencias, ante a modulação fina e flebil da rustica flauta do zagal que pastoreia os rebanhos erraticos. É a visinhança do homem que o contenta no desalento de ermos tão vastos e que muitas vezes o tira da incerteza do seu rumo resignadamente confiado á philosophia velhaca e saber topographico do burro em que monta.

Tal é o ambiente e o habitat do mirandez.

Sequestrado a todo o convivio e em permanente lucta com o clima inhospito restringe-se a uma vida simples, primitiva e subordinada ás exigencias do seu meio.

É profundamente ignorante, assaz desconfiado, mas não braviamente irreductivel e até amavel e obsequioso logo que se conquiste o seu conhecimento.

Physicamente, moreno, de feições espessas, anatomia vigorosa. Moralmente um melancholico, nem outra qualidade condicionariam a sua amarga existencia de crúa labuta e os tyrannicos desabrimentos climatericos. Estes e os recursos naturaes de que dispõe, pela sua influencia decisiva, dictam o traje que não é original, na essencia, e representa uma adaptação ou repetição do das regiões montanhosas do paiz e estrangeiro. No emtanto uma tal ou qual modalidade o distingue e assignala. Lastima é que

De ce qui fut la noble demeure des évêques de Miranda, dont la série se termina avec la suppression du diocèse, pendant l'avant dernier quart du XVIIIme siècle, on retrouve à peine les murs incomplets, qui peu-à-peu tombent en ruines.

En dernier lieu, nous devons contempler tristement les restes du superbe château, qui fut commencé par Alphonse Henriques et plus tard restauré, réédifié et reconstruit par D. Denis, D. Jean I et D. Jean IV. C'était au nord-est, sur le point le plus haut que s'élevait la redoutable forteresse avec son mur d'enceinte, son fossé et son pont-levis, entourant la tour carrée d'honneur, fortement surchargée plus tard avec des accroissements de renfort. Après avoir souffert à travers les siècles la lutte acharnée avec les léonais et les castillans, elle s'abattit bruyamment le 8 mai 1762 par une horrible explosion, qui vint encore augmenter le deuil pénible et douloureux de la ville, dejà si éprouvée, depuis qu'un gouverneur militaire soudoyé, la livra traîtreusement à l'ennemi en 1710. De cette catastrophe inouie il ne resta que quelques pans de murs et une partie assez ferme de la tour centrale que D. Jean I avait fait élever, comme le prouve l'écusson fixé sur la façade sud, avec sa porte en ogive ouverte du côté de l'Espagne. L'aspect du couchant est désolant; la tour d'honneur amputée et éventrée, les autres édifications tombant en ruines, et, sur la charpente découverte des murs décharnés, un foisonnement de plantes inséparables des ruines.

Voilà tout ce qui subsiste misérablement, de cette redoutable sentinelle guerrière.

Hors des murs de la petite ville enveloppée d'ombre, de silence et de tristesse, s'étend le paysage monotone.

Au premier plan, le faubourg teinté de la verdure des enclos et des vignes, parmi le terrain rocailleux, coupé par les cours d'eau du Fresno et du Douro, celui-ci avec l'aspect tragique et sauvage des précipices, sur les rives noircies ou voilées par les jaunes-lichens et au fond desquelles le fleuve coule étranglé, trouble et bruyant.

Plus loin, jusqu'aux lointains brumeux de la perspective, sans beauté de lignes, s'étend le bistre pâteux ou estompé des terrains défrichés, la verdure des cultures et des prés, où les graminées du seigle, du blé et des pâturages, abondantes et fortes de sève, résistent aux ardeurs mortelles du soleil et se nuancent de tons fauves dominant d'abord, mais qui après les moissons se fanent peu à peu jusqu'à la tonalité morte et livide des chaumes. Des lambeaux d'arbres poussent çà et là, marquant encore les défaillances de couleur. Du reste, on n'aperçoit pas une ferme blanchissante, pas un vêtement coquet et brillant qui mette une touche joyeuse et vibrante dans l'atonie générale de cette nature sauvage, torturée par le soleil pendant les trois mois d'été, fouettée par le vent âpre, et couverte d'un linceul de neiges pendant les longs hivers.

Et cet aspect sombre et déplaisant s'étend à travers tout le plateau mirandais, si fertile, et qui comprend outre la commune principale, celles de Vimioso et Mogadouro, et une partie de la zone limitée à l'est et à l'ouest par le Douro et le Sabor.

Les villages, assez espacés les uns des autres, présentent des constructions sales, humbles et sombres, méticuleusement groupées, sans qu'une seule maison s'éloigne, et poussées par l'instinct de sociabilité et de défense commune. Les habitants se dirigent vers le travail des champs, comme une ruche partant aux alentours, pour se disperser et faire valoir le sol.

Quelquefois le voyageur, sans voir une route présentable de macadam, s'achemine au hasard par des chemins tortueux, où il rencontre par ci par là, une personne qui le relève du pénible découragement de cette solitude inconnue et taciturne. C'est avec une véritable joie qu'il écoute le grincement tardif et aigu du char à boeufs — le vénérable *plaustrum!* — avec ses hautes roues, percées de trous circulaires, le fond et les côtés complètement enfouis sous la meule des blés fauchés! Son plaisir est encore plus grand lorsqu'il entend les modulations délicates et faibles de la rustique flûte du berger, qui mène paître son troupeau, et qui lui rappèlle de poétiques souvenirs. Tel est l'ambiant et l'*habitat* du mirandais. Séparé du monde, et luttant constamment avec l'âpreté du climat, il se restreint dans une vie simple, primitive et bornée aux exigences de son milieu. Il est profondément ignorant, très méfiant, sans toutefois devenir sauvage, et même il se montre assez aimable et complaisant aussitôt qu'il a fait connaissance. Physiquement il est brun, avec les traits épais et la charpente vigoureuse. Moralement, c'est un mélancolique, et ne pourrait guère être autrement avec l'amère et dure existence qu'il mène et les tyranniques rudesses de son climat. Ces conditions ont une influence décisive sur tout son être et di-

se oblitere em proveito da fancaria citadina insufficientemente confortavel e incapaz de coiraçar e defender os organismos das inclemencias atmosphericas, como os tecidos regionaes, solidissimos e impenetraveis.

Limitando pois o descriptivo ao que, com leviandade, se diz caracteristicamente local, apurar-se-ha da simpleza d'esse vestuario montanhez feito de *enxerga*, saragoça e burel organisados com a lã das ovelhas *churras*, áparte a roupa branca de linho ou estopa que a mulher espadéla e carda, fia, ennovéla e tece.

A vestimenta d'esta reduz-se ao lenço que abafa o coiro cabelludo; ao casaco de burel ou *pardo* cuja gola debruada se reveste com o collarinho alvo da camisa; á saia de enxerga, lisa e cahindo em pregas uniformes e, por ultimo, ao collete apertado por um cordão zig-zagueante, mas que não cinge todo o torso, abrindo em angulo invertido, cujos lados partem dos seios e convergem para o vertice cahido na cintura com o fim de deixar vêr sob o casaco a faixa ou *cinta* colorida, sobreposta á camisa. Como agasalho usa a mantilha que lhe cobre a cabeça e desce abaixo do tronco.

O costume do homem, de burel e saragoça, compõe-se da jaqueta curta, do collete de trespasse, dos calções d'alçapão e polainas quando não as simples calças. Rijos sapatões ou botifarras nos pés; na cabeça um chapeu grosso ou uma *gorra* de panno, em calotte, com abas que se reviram exhibindo então os forros de côr chamados *amostras*.

Contra a chuva e contra o frio enverga as *honras* famosas. São amplos capotes de burel com capuz e um cabeção franjado.

A banda que encobre o capuz, o pingente — *a honra* — fixo ao vertice d'este, todo o campo das humbreiras — *as alêtas* — entre a franja e o gorjal e as abas e trazeiras da capa são profusamente carregados de lavores, em relevo, feitos de delgadissimos filetes da mesma fazenda. Os ornatos, d'uma barbara penuria geometrica, são tudo o que ha de mais ingenuo e simplista e revelam apenas um trabalho pacientissimo e estopante improficuamente malbaratado em mezes. D'esta morosidade na sua confecção resulta a careza do seu custo — 30 a 60$000 reis.

É, porém, um traste precioso e que se adquire por necessidade e ostentação.

Quando porventura desfila um individuo assim encapotado, atravez dos meandros desertos da cidade, faz lembrar um cenobita que, fiel ao seu dever até o ultimo instante, se obstinasse em manter a chamma sagrada no decahido lar dos seus maiores.

O mirandez pela sua incultura e pelo seu isolamento na zona montanhosa, raro ultrapassada, confina a sua actividade nas industrias pastoril e agricola e suas accessorias.

Aquella para produzir a lã com que se cobre, esta para lhe fornecer o pão com que se alimenta.

Nos serviços de tiragem, carga e transporte é auxiliado pela raça asinina — *luso africana* — tão soffredora, tão sobria e tão prestimosa, que abunda nos concelhos de Miranda e Mogadouro.

Double de velhacaria e resignação, albardada conduz os donos, com a silha leva os fardos, com os *asnaes* (cestos de vime geminados) acarreta os adubos para os campos e d'aqui as colheitas para a eira, e com a coleira é atrelada ao arado, como no Alemtejo e Algarve.

Além d'este auxiliar tem a raça bovina de perfil convexo, morphologia especial e por isso mesmo denominada *mirandeza*, se bem que se encontre na provincia hespanhola de Leão.

Das que existem no paiz é esta a mais numerosa, a mais resistente e a que dispõe de maior capacidade de trabalho, mas sem importancia lactifactora.

Para mais o apartar do resto do paiz o mirandez falla um dialecto proprio que dá a impressão d'uma hybrida mistura de castelhano e portuguez vasados no mais vicioso e corrupto plebeismo.

Conspectada succintamente em todos os seus detalhes, Miranda apparece á nossa observação como nitida illuminura dispersa do saudoso livro do Passado. Que os destinos a poupem das sevicias modernas, embora consintam que a linha ferrea do Pocinho vá vitalisar o seu territorio, muito fertil e avaro de riquezas mineraes, mas ainda envolto n'uma atmosphera nostalgica de solidão, bucolicamente, virgiliana apenas perturbada pelo brando murmurio da avena, pelo chocalhar dolente dos gados e pelo zumbido fugaz da abelha d'oiro.

Manuel Monteiro.

ctent même sa manière de s'habiller, qui n'est pas essentiellement originale et présente une adaptation ou répétition du vêtement des montagnards du pays et de l'étranger. Cependant, il adopte des modalités qui le distinguent et le signalent. C'est dommage qu'il commence à se gâter avec la pacotille des villes, insuffisamment confortable et impuissante à le cuirasser et le défendre contre les rigueurs atmosphériques, et bien moins convenable que les tissus de la contrée, qui sont solides et impénétrables.

Nous bornerons donc notre description à ce que, peut-être à tort, on nomme caractéristiquement local, et qui se compose du simple vêtement de montagnard en tissu paillasson, en drap grossier et en bure, fait avec la laine des brebis *churras*, avec le linge blanc de lin ou de chanvre que les femmes trient, cardent, filent, pelotonnent et tissent.

Les vêtements des femmes se réduisent au mouchoir dont elles recouvrent le cuir chevelu; le casaquin en bure ou en drap, dont le col est garni avec la collerette blanche de la chemise; la jupe de bure, tout unie tombant en gros plis et en dernier lieu, le corselet resserré par le cordon en zig-zag, mais qui ne ceint pas tout le torse, car il s'ouvre en angle renversé dont les côtés partent des seins et la pointe s'arrête à la taille afin de laisser voir la ceinture de couleur qui retient la chemise. Pour se couvrir, elles ont la mante qui enveloppe la tête et descend plus bas que la taille.

Le costume des hommes, en drap ou en bure, se compose de la veste courte, du gilet croisé, des pantalons à pont avec des guêtres ou des pantalons vulgaires. De gros souliers ou de grosses bottes, un grand chapeau, le béret en drap, ou la calotte avec des bords retroussés doublés de couleur.

Pour la pluie et le froid, ils mettent d'amples manteaux de bure avec un col garni de franges et un capuchon, qu'ils nomment *honras*. La bande qui cache le capuchon, le pendentif — *honra* — fixé à son extrémité, tout l'espace des épaulettes — *alêtas* — entre la frange et le gorgeron, les basques et les pans du manteau, sont profusément surchargés d'ornements en relief, faits avec de minces rubans de la même étoffe. Ces garnitures, d'une barbare pauvreté géométrique, sont tout ce qu'il peut y avoir de plus naïf et de plus simple, et révèlent à peine une œuvre de patience, ennuyeuse, avec laquelle on a gaspillé inutilement de longs mois. Cette lenteur de travail produit l'élévation du prix, qui est de 150 à 300 francs. C'est toutefois un objet précieux, que l'on achète par nécessité et par gloriole.

Quand on voit défiler par les méandres déserts de la ville un individu enveloppé dans ce manteau, on pense à un de ces cénobites qui, fidèles à leur devoir jusqu'au dernier moment, se serait obstiné à entretenir le feu sacré dans le foyer déchu de ses ancêtres.

Le mirandais, par son manque d'instruction et son isolement dans la zone montagneuse, qu'il dépasse rarement, résume toute son activité dans les industries agricoles, bergères, et leurs accessoires.

L'une lui fournit le pain dont il se nourrit, l'autre, la laine dont il se couvre.

Pour les services de trait, charges et transports, il trouve un auxiliaire chez la race asinine — *luso-africaine* — si patiente, si sobre, si utile, et qui abonde dans les communes de Miranda et Mogadouro.

Ces bêtes, doublées de ruse et de résignation, sont équipées de façons diverses. Pour porter les maîtres on leur met un bât, pour les fardeaux c'est la sangle ou ventrière avec les — *asnaes* — (paniers géminés en osier), qui transportent les engrais aux champs, les moissons à l'aire; avec le collier on les attelle à la charrue, comme dans les provinces de l'Alemtejo et Algarve.

Outre cet auxiliaire, il y a encore la race bovine à profil convexe, d'une morphologie spéciale et pour cela même surnommée *mirandeza*, qu'on retrouve aussi dans la province espagnole de Léon.

De toutes les races bovines du pays, c'est celle-ci qui est la plus nombreuse, la plus résistante et qui présente les meilleures conditions pour le travail, mais au point de vue du laitage elle n'a pas d'importance. Pour l'éloigner encore davantage du reste du pays, le mirandais parle un patois qui donne l'impression d'un mélange hybride de castillan et de portugais, moulé dans le plébeisme le plus corrompu et vicieux. Observée brièvement dans tous ses détails, la ville de Miranda nous apparaît comme une image parfaite du livre du Passé, plein de doux souvenirs. Plaise à Dieu que la destinée lui épargne les sévices modernes, même après lui avoir apporté le chemin de fer du Pocinho, qui donnera une nouvelle vie à son territoire, si fertile mais avare de richesses minérales, et qui reste encore enveloppé dans une atmosphère nostalgique de solitude, bucoliquement virgilienne, à peine troublée par le doux murmure de la flûte du berger, le tintement dolent des sonnailles du troupeau et le bourdonnement fugitif de l'abeille dorée.

Manuel Monteiro.

Lamego



Como tantas outras cidades do interior do Reino aguarda Lamego a hora de uma resurreição, que ha de soar quando as linhas ferreas a ligarem ás grandes arterias do Douro e da Beira Alta. A união com a Regoa, pelo menos, parece facil e devia existir ha muito. Sou ainda do tempo antigo em que a classica diligencia portugueza, a duas e mais parelhas, bem servida de muares e bem dirigida por cocheiros veteranos, percorria as grandes distancias que mediavam p. ex. entre Villa Real e Bragança, partindo de Amarante ou da Regoa; ou entre Ceia e Lamego, passando por Celorico, Trancoso e Moimenta da Beira; ou entre Mealhada e Vizeu, correndo por Mortagoa, Santa-Comba e Tondella. Ia-se sem duvida muito mais devagar e com muito menos commodidade, mas aprendia-se a conhecer melhor a nossa terra e a nossa gente. As paragens repetidas por causa das *mudas*, o descanço obrigado que a diligencia impunha aos viajantes, favoreciam o romeiro que quizesse tomar as suas notas, esboçar um desenho ou interrogar o aldeão. As refeições servidas em mesa modesta, mas limpa, davam logar a um exame culinario que offerecia o melhor ensejo para se apreciar as riquezas agricolas da região percorrida.

Assim aquelles que percorreram durante os ultimos trinta a quarenta annos as terras de segunda e terceira ordem do paiz com amorosa attenção, não podiam queixar-se da antiga diligencia, ainda que lhes apparecesse um tanto desmantelada, como o exemplar da nossa estampa, sem o apparato da mala-posta official, com molas um pouco gastas, assentos menos suaves; lá dentro, uma boceta apertada, com fraca ventilação, mas cá fóra gado bem tratado e um cocheiro de boa apparencia, com boa mão de rédea. Que mais precisariam para emprehender a jornada segura até Lamego?

As cidades menores, capitaes das nossas provincias, foram centros de influencias politica e economica por serem séde da diocese ou residencia do poder civil e militar; tiveram os seus dias de grande prosperidade e mesmo uma certa autonomia economica que irradiava até longe de seus muros. As grandes feiras de Vizeu, da Covilhã, de Villa Real, de Penafiel, de Aveiro, deram ás respectivas localidades uma fama merecida. Todo o paiz se interessava por esses certamens, onde se realizavam as mais avultadas transacções; durante algumas semanas, uma nuvem de gente, invadindo as hospedarias e as casas dos amigos, trazia atraz de si uma onda de dinheiro, uma enchente de cruzados novos. Esses dias de faina activa foram dias de gloria que passaram; seus ultimos, mas já debeis clarões, ainda poderam ser observados no ultimo decennio do seculo XIX. Felizes as terras que souberam combinar as suas celebres feiras profanas com as tradições religiosas das suas romarias, salvando grandes e justificados interesses economicos.

Está n'este caso a cidade de Lamego com a sua festa de Nossa Senhora dos Remedios, famosa entre as mais concorridas, mais pittorescas e mais rendosas do paiz. Durante quatro dias (7 a 10 de setembro) dezenas de milhares de romeiros transformam os extensos campos que rodeiam a cidade e toda a encosta da extensa collina dos Remedios n'um enorme acampamento, com infinita variedade de aspectos, de episodios e de interesses.

Calculando pela ultima festa, a do anno corrente de 1906, basta lembrar que o rendimento do prato das esmolas attingiu cêrca de tres contos de reis, em tres dias [1].

O programma é que nos parece muito pouco interessante, embora seja o tradicional, na maior parte das romarias do Reino. Não poderia haver melhor occasião para reformar uma parte d'essa folia

[1] Teem disfructado as festas cêrca de 70:000 pessoas, disse um correspondente de Lamego para o *Diario de Noticias* (numero de 10 de Setembro). Eis um resumo do programma: No dia 6 á noite, Procissão das Lanternas, com effeitos deslumbrantes de luz e canticos religiosos; nada menos de tres touradas; um duello pyrotechnico entre os mestres de Vianna do Castello e Deveza, que agradou immenso e foi acompanhado de illuminações fulgurantes, na cidade e no Santuario. Da cavalhada á Luiz XIV fallamos adiante. No dia 8 organisou-se a grande Procissão do Triumpho ou da Senhora dos Remedios e no dia 9 o cortejo festivo ao Santuario. É justo dizer que um numero do programma foi bem ideado; o orpheon e as danças pelas creanças no dia 7, uma innovação feliz, produziram sensação nos forasteiros, sendo o pequeno mundo infantil alvo de grandes ovações! Como remate das festas houve a feira grande.

Lamego



Ainsi que tant d'autres villes de l'intérieur du Royaume, Lamego attend l'heure d'une résurrection, qui sonnera, lorsque les voies ferrées la relieront aux grandes artères des provinces du Douro et Beira Alta. Sa liaison avec Regoa, semble du moins assez facile et devrait exister depuis longtemps. Je suis encore du temps où la classique diligence portugaise, tirée à deux ou quatre mulets, conduite par des vieux cochers, parcourait les grandes distances qui allaient, par exemple, de Villa Real à Bragança partant d'Amarante ou Regoa; entre Ceia et Lamego, passant par Celorico, Trancoso et Moimenta da Beira; ou entre Mealhada et Vizeu par Mortagoa, Santa-Comba et Tondella. Sans doute on allait bien moins vite et moins commodément, mais on apprenait à mieux connaître le pays et les habitants. Les fréquents relais de poste, le repos forcé que la diligence imposait aux voyageurs, étaient autant d'agréments pour le visiteur qui désirait prendre des notes, esquisser un croquis, ou causer avec un villageois. Les repas servis à une table modeste mais propre, permettaient des extras culinaires où l'on avait l'occasion d'apprécier les richesses agricoles de la contrée.

Donc, ceux qui, pendant les dernières trente ou quarante années ont visité les bourgs les moins importants du pays, avec une amoureuse attention, ne pouvaient se plaindre de l'ancienne diligence quoiqu'elle leur apparût assez délabrée comme le montre notre gravure, sans l'apparât de la poste officielle, avec les essieus un peu usés, les sièges pas trop doux; au dedans, c'était une boîte exigüe où l'on manquait d'air, mais au dehors les bêtes bien soignées et un cocher de bon aspect, connaissant bien son métier. Qu'avait-on besoin de plus pour entreprendre sans crainte un voyage jusqu'à Lamego?

Les petites villes, capitales de nos provinces, furent des centres d'influence politique et économique, parcequ'elles étaient le siège du diocèse ou la résidence du pouvoir civil et militaire; elles eurent leurs jours de grande prospérité et jouirent même d'une certaine autonomie économique qui s'étendait au délà de leurs enceintes. Les grandes foires de Vizeu, Covilhã, Villa Real, Penafiel, Aveiro, donnèrent à ces localités une réputation des plus méritées. Tout le pays s'intéressait à ces concours où se réalisaient les plus importantes affaires; pendant des semaines une nuée de monde envahissait les hôtelleries et les maisons amies apportant avec elle une ondée d'argent. Ces journées de labeur et d'activité furent des jours de gloire qui ont passé; pendant la dernière dizaine du XIXme siècle on a pu encore en apprécier de faibles lueurs. Heureux les pays qui ont su combiner leurs célèbres foires profanes avec les traditions religieuses de leurs pélerinages, qui ont produit à leur avantage de si beaux résultats économiques.

La ville de Lamego se trouve dans ce cas, avec sa fête de Notre Dame des Remèdes, qui est une des plus fameuses, fréquentées, pittoresques et productives du royaume. Pendant quatre jours, du 7 au 10 Septembre, des dizaines de milliers de pélerins envahissent les vastes campagnes qui entourent la ville et tout le flanc de la grande colline des Remèdes, et en font un énorme camp, avec une variété infinie d'aspects, d'épisodes et d'intérêts.

À en juger par la dernière fête, de cette année 1906, il suffit de rappeler que le produit du plateau des aumônes a été de 15 mille francs en trois jours [1].

Le programme nous semble toutefois peu intéressant, quoiqu'il soit tradionnellement celui de la plupart des pélerinages du Royaume. Ce serait le bon moment pour réformer une partie de cette folie populaire, demi religieuse et aussi demi profane. Les confréries avec leurs membres et leurs abbés, pourraient bien donner plus d'une leçon pratique et profitable d'esthétique avec une moindre dépense de

[1] 70:000 personnes à peu près sont venues assister aux fêtes. Voici un résumé du programme: Le 6 au soir, Procession des Lanternes avec effets de lumière éblouissants et cantiques religieux; rien moins que trois combats de taureaux; un duel pyrotechnique entre les maîtres de Vianna do Castello et Deveza, qui a obtenu tous les suffrages, et a été suivi d'illuminations féeriques dans la ville et le Sanctuaire. Nous parlerons plus loin du tournoi Louis XIV. Le 8: grande Procession du Triomphe de la Vierge des Remèdes et le 9 cortège de fête au Sanctuaire. Il est juste de dire qu'un numéro du programme a été bien imaginé; l'orphéon et les danses des enfants le 7; une heureuse innovation qui a fait sensation chez les visiteurs, et attiré de grands applaudissements au petit monde enfantin. La grande foire a marqué la conclusion des fêtes.

popular semi-religiosa e tambem semi-profana. As irmandades, com seus mesarios e priores, poderiam dar mais de uma lição pratica de esthetica, proficua, com menor dispendio de foguetes, missas e procissões, e mais efficaz ensinamento p. ex. por meio de representações populares das scenas da Paixão ou do martyrologio, segundo o bello estylo, simples e pathetico, usado na Suissa, no Tyrol, na Baviera (*Ober-Ammergau*), na Provença (Orange, Arles) e até na vizinha Hespanha (Valencia, Elche).

A arte moderna, accommodada, no bom sentido, á feição regional da respectiva localidade, poderia, apresentando novos modelos, corrigir as figurações grotescas, ás vezes monstruosas, de crúa e caricata expressão, que enchem as capellas do Bom Jesus, de Mattosinhos e de tantos Passos populares. Essa imaginaria, ora talhada na pedra ou na madeira, ora moldada no barro, nasceu n'uma época de profunda decadencia da arte, na segunda metade do seculo XVIII, quando o espaventoso scenario da opera italiana passou dos palcos para os templos, com todo o seu apparato de comparsas e coristas transformados em seraphins e cherubins, virtudes e vicios. Os artistas que traçaram as decorações das basilicas e das sés foram os mesmos scenographos que resuscitaram os esplendores da antiguidade greco-romana no palco, vestindo Alexandre á Luiz XIV, e cobrindo Semiramis com as rendas da Pompadour. Uma boa parte do guarda-roupa das nossas procissões é ainda hoje uma reminiscencia d'esse *rocóco* theatral; os anjinhos mirabolantes que carregam com os symbolos mais augustos da religião e da fé são ainda, mesmo nas duas primeiras cidades do reino, inspirações de uma scenographia bastarda. É tempo de reformar tudo isso em harmonia com a seriedade do acto, com a significação das respectivas festas e com as exigencias do bom gosto.

Em Lamego, um dos numeros do programma da festa dos Remedios foi, este anno, uma corrida de cavalleiros, vestindo á Luiz XIV, montados em... gericos! Nas touradas, outro numero solemne das festas, appareceram mais senhores, com egual fardamento vistoso, mas d'esta vez subiram um degrau, passaram do gerico ao... cavallo; no fogo de artificio da noite de 7 de setembro, que esteve esplendido por signal, é de crêr que figurássem mirones, ostentando o mesmo estylo; e na magestosa procissão do dia 8 não faltariam, como parte obrigada, as cabelleiras empoa las do seculo XVIII — tal é a obsessão que soffre o espirito dos nossos festeiros ao divino, por influencia do rei freiratico, a mais de seculo e meio de distancia...

Todas as noticias da imprensa são concordes ao relatarem a enorme concorrencia de forasteiros, apesar dos meios de transporte serem deficientissimos; com uma linha ferrea terá Lamego mais alguns milhares de visitantes. Prepare pois cuidadosamente os futuros programmas da sua grande romaria da Nossa Senhora dos Remedios!

*
* *

A alguns viajantes ouvimos comparar o Santuario dos Remedios com o do Bom Jesus do Monte em Braga. A disposição dos templos, ambos sumptuosos, dentro de um estylo semelhante, a posição tambem parecida, a cavalleiro de um monte elevado, rodeado de bellissimo arvoredo, que se entreabre para dar logar a um magestoso escadório; a semelhança evidente do traçado d'esta obra, os lances da escadaria cruzando-se sobre patamares, ornamentados de fontes, obeliscos, estatuas allegoricas e pequenas capellas devotas — tudo isto concorre para justificar um confronto. Finalmente, como remate e corôa em um concurso de belleza, temos a recordar em ambas as casas, nos Remedios e no Bom Jesus, no alto dos dois montes, um panorama maravilhoso, aqui mais vasto, mais imponente, alli mais familiar, mais suave, transbordando de fecundidade, annunciando a variedade de culturas, que caracterisa o planalto da Beira. O Bom Jesus possue ha muito o seu formoso parque com abundancia de agua e está dotado com bons hoteis; estes melhoramentos faltam no Santuario dos Remedios; as hospedarias de Lamego tambem não correspondem á população, á importancia da cidade, que deve contar cêrca de 12:000 habitantes e parece algum tanto adormecida, apesar da riqueza agricola do concelho.

Comparados os dois monumentos reconhece-se facilmente que o de Lamego é uma imitação, muito mais moderna, como provaremos ao tratar do promotor da grandiosa obra. Comtudo, embora o Bom Jesus represente o original, é certo que o effeito artistico, dentro da paizagem, é superior no monumento dos Remedios. A projecção, a perspectiva do escadorio sobre a collina foi habilmente graduada;

pétards, de messes et de processions; l'enseignement aurait été plus efficace au moyen de représentations populaires des scènes de la Passion ou du martyre, d'après le beau style, simple et pathétique que l'on emploie en Suisse, au Tyrol, en Bavière (*Ober-Ammergau*), en Provence (Orange-Arles) et même chez notre voisine l'Espagne (Valence, Elche).

L'art moderne, adapté, dans le bon sens, au caractère régional de l'endroit, pourrait, en présentant de nouveaux modèles, corriger les figures grotesques, parfois monstrueuses, d'une expression crue et risible, qui encombrent les chapelles du Bon Jésus, de Mattosinhos et de tant de Chemins de la Croix populaires. Ces images, taillées en pierre ou en bois, ou moulées en terre, eurent leur origine à l'époque d'une profonde décadence de l'art, pendant la deuxième moitié du XVIIIme siècle, lorsque l'éclatante mise-en-scène de l'opéra italien passa du théatre au temple avec toute la pompe de figurants et choristes transformés en séraphins, en chérubins, en vices et en vertus. Les artistes qui dessinèrent les ornements des basiliques et des cathédrales furent les mêmes scénographes qui résuscitèrent sur la scène les splendeurs de l'antiquité greco-romaine, habillant Alexandre en Louis XIV, et couvrant Sémiramis avec les dentelles de la Pompadour. Une bonne partie de la garde-robe de nos processions est encore aujourd'hui une réminiscence de ce rococo théatral; les petits anges mirabolants qui portent les symboles les plus augustes de la religion et de la foi sont encore, même dans les deux premières villes du royaume, des inspirations d'une scénographie dénaturée. Il est bien temps de changer tout celà, d'accord avec la gravité de l'acte, la signification de ces mêmes fêtes et les exigences du bon goût.

Cette année un des numéros du programme des fêtes de Notre Dame des Remèdes a été une course de cavaliers, vêtus à la mode de Louis XIV et montés sur des ânes! Dans les courses de taureaux qui furent un autre numéro solennel des fêtes, on a vu aussi des seigneurs, également sous de brillants habits, mais cette fois-ci ils avaient monté d'un grade et avaient passé des ânes aux chevaux; pendant le feu d'artifice de la nuit du 7 Septembre, qui a été superbe, il est probable qu'il y ait eu des spectateurs habillés dans le même style; et dans la majestueuse procession du 8 Septembre les perruques poudrées du XVIIIme siècle n'auront certainement pas manqué — telle est l'obsession qui domine dans l'esprit des organisateurs de ces fêtes divines, influencées encore, après plus d'un siècle et demi de distance, par les goûts du roi bigot.

Toutes les chroniques sont unanimes en racontant l'énorme affluence de visiteurs, malgré l'insuffisance des moyens de transport; avec l'ouverture du chemin de fer, Lamego aura encore quelques milliers de visiteurs en plus. Qu'elle tâche donc de préparer soigneusement à l'avenir les programmes du grand pélerinage de Notre Dame des Remèdes.

*
* *

Nous avons entendu quelques voyageurs comparer le Sanctuaire des Remèdes avec celui du Bon Jésus du Monte à Braga. La disposition des deux temples également somptueux, d'après un style semblable, la position à peu près pareille, sur le haut d'une montagne, entourés d'une magnifique végétation qui s'entr'ouvre pour laisser passer un majestueux escalier; la ressemblance évidente du plan de cette construction avec les escaliers qui se croisent sur les paliers, ornés de fontaines, d'obélisques, de statues allégoriques et de petites chapelles pieuses, tout s'accorde pour justifier cette comparaison. Et pour couronner l'œuvre, de même que s'il s'agissait d'un concours de beauté, nous devons rappeler que, du Bon Jésus et des Remèdes, tous deux situés sur le sommet de montagnes, on peut contempler le plus merveilleux panorama, celui-là plus vaste, plus imposant, celui-ci plus simple, plus doux, débordant de fécondité, montrant bien la variété de cultures qui caractérise le plateau de Beira. Le Bon Jésus possède depuis longtemps son beau parc avec abondance d'eau et peut compter deux bons hotels; ces améliorations manquent au Sanctuaire des Remèdes; les hôtels de Lamego ne correspondent pas à la population ni à l'importance de la ville qui doit compter à peu près 12:000 habitants et semble une peu endormie, malgré la richesse agricole de la commune.

En comparant les deux monuments on reconnait facilement que celui de Lamego est une imitation, bien plus moderne, comme nous allons le prouver en nous occupant du promoteur de cette œuvre majestueuse. Cependant, quoique le Bon Jésus représente le modèle, il est certain que l'effet artisti-

a ascensão é suave e lenta; os lanços da escada são largos, sempre com amplos patamares que permittem a vista de extensos horizontes em qualquer altura da construcção monumental. O estylo da parte architectonica, pertencendo aos dois ultimos decennios do seculo XVIII, accusa já a reacção neo-classica; e embora na parte figurativa predomine em ambos os Santuarios um *rocóco* exagerado e theatral, é incontestavel que as dezoito estatuas dos Reis e Patriarchas de Israel, existentes no chamado *plano* (ou patamar) da *pyramide* e no outro: das *figuras,* estão subordinadas a dois mui graciosos e elegantes porticos, que as corrigem. Parecem fragmentos de um scenario de opera, traçados por um Bibiena ou Servandoni para a côrte d'El-Rei D. José; a cada momento esperamos vêr essas estatuas descendo dos seus pedestaes para dançarem um minuete em honra da Senhora, padroeira. É uma visão profana, mas encanta.

Como exemplar de architectura decorativa, subordinada a uma bella paizagem — combinação artistica em que os francezes do seculo XVIII (Le Nôtre) foram insignes — não conhecemos outro, superior, em Portugal. É para sentir que haja muita falta de agua no Santuario dos Remedios [1]. As numerosas fontes, repuxos, taças, etc., aliás bem desenhadas, merecimento que se nota em todos os episodios da composição architectonica, estão vazias; a agua não afflue ou corre em fio delgado.

As estampas que offerecemos ao leitor são duas; representa a primeira uma vista geral do Santuario sobre a encosta, a um kilometro da cidade e em frente d'ella. Os nove lanços em fórma de X percebem-se distinctamente. A segunda photographia foi tirada em sentido opposto, do patamar de um dos lanços, olhando para a cidade. Os edificios mais notaveis distinguem-se facilmente; á esquerda do observador, na extremidade da estampa, a vetusta egreja de Santa Maria de Almacave ladeada por uma torre quadrada; no alto da cidade, os restos do castello com a torre de menagem; á direita, muito mais em baixo, o paço episcopal, bem proximo da Sé, marcada por uma torre muito antiga e escura, a dos sinos, que se sobrepõe á torre moderna, levantada sobre o cruzeiro, toda caiadinha de branco.

Pena é que nenhum dos bellos porticos do Santuario podesse ser reproduzido, nem a graciosa capellinha hexagonal sobre o terceiro lanço, que se deve á generosidade do Bispo D. Manoel de Vasconcellos Pereira, desvelado protector do templo e promotor de boas obras nos annos de 1780-86.

O prelado D. Manoel de Noronha que governou a diocese durante os annos de 1550-1569 e fez obras consideraveis na Sé, como veremos, foi tambem o iniciador das construcções devotas que deram origem ao Santuario dos Remedios. A cumiada, a cavalleiro da cidade para o lado do poente, chamava-se então de Santo Estevão por causa de uma capella do proto-martyr que a ornava no ponto mais elevado. Ameaçando ruina, pois datava do meado do seculo XIV, D. Manoel de Noronha transferiu a imagem e o culto do Santo para o local onde está a egreja dos Remedios, dando-lhe abrigo no templo da Senhora que elle fez de novo. Nada do que hoje alli vemos é, porém, anterior ao ultimo terço do seculo XVIII. Em 1789 já causavam as obras do Santuario grande admiração [2], levantadas sobretudo á custa de grandiosas esmolas dos devotos, distinguindo-se o tercenario da Sé José Pinto Teixeira, que teve honrosa sepultura no proprio templo dos Remedios em 1784. Este ecclesiastico e o seu prelado

[1] É certo que uma boa parte da agua do Monte de Santo Estevão, que assim se chama a elevação em que assenta o Santuario dos Remedios, já no meado do seculo XVI fôra encaminhada pelo Bispo D. Manoel de Noronha (1550-1569), com muita despeza, para o rocio ou terreiro do Paço episcopal, onde uma formosa fonte de marmore com duas taças a offerecia ao publico. O mesmo prelado, havendo feito obras consideraveis de devoção no proprio local onde está hoje a egreja dos Remedios não privaria a nova capella de Santo Estevão, alli reedificada, de toda a agua.

[2] «Esta capella hoje se acha reedificada com a maior sumptuosidade, á custa de muitas e grandiosas esmolas... e sem duvida será huma das maravilhas do Mundo (sic!) ou ao menos do Reino se não affrouxar a devoção, e se completar o dezenho das obras.» *Memoria chronologica dos excellentissimos prelados que tem existido na cathedral de Lamego*, etc., por João Mendes da Fonseca, Lisboa, 1789, 4.º, pag. 93.

Áquelles que desejarem levar mais longe os seus estudos sobre Lamego e seu concelho, recommendo a seguinte obra: *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego,* escripta por D. Joaquim de Azevedo, e continuada por um conego da Sé. Porto, 1878, 8.º gr. E os que tiverem interesse em ouvir a voz ingenua, mas enthusiastica e sincera de um chronista local do seculo XVI, poderão lêr com proveito o seguinte ensaio, que foi escripto de 1531-32: *Descripção do terreno em roda da cidade de Lamego duas leguas, suas producções,* etc., por Rui Fernandes, cidadão da mesma cidade. Foi impresso pela primeira vez na *Collecção dos Ineditos de Historia Portugueza,* de ordem da Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1824. Vol. V, pag. 546-612.

que, comme paysage, est supérieur dans le monument des Remèdes. La projection, la perspective de l'escalier sur la colline, ont été habilement graduées; l'ascension est douce et lente; les marches sont larges, et de vastes paliers permettent de contempler d'amples horizons, à chacune des hauteurs de cette construction monumentale. Le style de la partie architecturale qui date des deux dernières dizaines d'années du XVIIIme siècle, accuse déjà la réaction néo-classique; et quoique la partie figurative des deux Séminaires soit d'un rococo exagéré et théatral, il est incontestable que les dix-huit statues des Rois et Patriarches d'Israel, existant sur le palier de la *pyramide* et sur celui des figures, sont assujetties à deux portiques gracieux et élégants qui en atténuent les défauts. On dirait des fragments d'un décor d'opéra, tracés par un Bibiena ou un Servandoni pour la cour du roi D. José; à tout moment nous espérons voir les statues descendant de leurs piédestaux pour danser un menuet en honneur de la Vierge, patronnesse. C'est une vision profane mais charmante.

Nous ne connaissons pas en Portugal d'autre exemplaire supérieur, d'architecture décorative au milieu d'un aussi beau paysage, que cette combinaison artistique où excellèrent les français du XVIIIme siècle, comme Le Nôtre. Il est regrettable que l'eau manque au Sanctuaire des Remèdes [1]. La profusion de fontaines, jets d'eau, vasques, etc., malgré leur beau dessin, que l'on remarque en tous les détails de la composition architecturale, sont vides; l'eau n'y afflue pas, ou coule en un mince filet.

Nous offrons deux gravures au lecteur; la première représente une vue générale du Sanctuaire, sur la colline, en face et à un kilomètre de la ville. On aperçoit distinctement les neuf escaliers en forme de X. La deuxième photographie a été prise du côte opposé, et de l'un des paliers faisant face à la ville. On distingue facilement les principaux édifices; à gauche du spectateur, au coin de la gravure la vieille église de Sainte Marie de Almacave flanquée d'une tour carrée; en haut de la ville, les restes du château avec la tour d'honneur; à droite, bien plus bas, le palais de l'Evêché, très près de la Cathédrale, marquée par une tour très ancienne et noircie, servant de clocher et que l'on voit superposée à la tour moderne, élevée sur le transept et toute blanchie à la chaux.

C'est dommage qu'aucun des beaux portiques du Sanctuaire n'ait pu être reproduit, ni la gracieuse petite chapelle hexagonale sur le troisième palier, que l'on doit à la générosité de l'Évêque D. Manuel de Vasconcellos Pereira, protecteur dévoué du temple et initiateur de bonnes œuvres pendant les années 1780-86.

Le prélât D. Manuel de Noronha qui gouverna le diocèse pendant les années 1550-1569 et fit faire des travaux considérables dans la Cathédrale, comme nous le verrons plus tard, fut aussi l'initiateur des constructions pieuses qui furent l'origine du Sanctuaire des Remèdes. Le sommet, perché sur la ville du côté du couchant, s'appelait alors de Saint Etienne, à cause d'une chapelle du proto-martyr qui s'y trouvait sur le point le plus élevé. Vers le milieu du XIVme siècle, comme elle était à peu près ruinée, D. Manuel de Noronha transféra l'image et le culte du Saint, dans l'emplacement où est l'église des Remèdes, l'abrîtant dans le temple de la Vierge qu'il fit reconstruire. Mais rien de ce que nous y voyons n'est antérieur au dernier tiers du XVIIIme siècle. En 1789 les travaux du Sanctuaire étaient déjà remarquables [2], et dûs surtout aux importantes aumônes des dévôts, parmi lesquels se distinguait le

[1] Il est certain qu'une bonne partie de l'eau du Mont de Saint Etienne, nom donné à la hauteur où se trouve le Sanctuaire des Remèdes, avait été conduite par l'Evêque D. Manuel de Noronha (1550-1569) à grands frais, jusqu'à la place du palais épiscopal, où une belle fontaine de marbre, avec deux vasques, l'offrait au public. Le même prélât, ayant fait des travaux considérables de dévotion à l'endroit même où est actuellement l'Eglise des Remèdes, n'aurait pas tout à fait privé d'eau la nouvelle chapelle de Saint Etienne, réédifiée là.

[2] «Cette chapelle se trouve actuellement rebâtie avec la plus grande somptuosité, grâce à d'importantes aumônes, et elle deviendra sans doute, une des merveilles du monde (sic!) ou tout au moins du Royaume, si la dévotion ne faiblit pas et si on complète le plan des travaux.» *Memoria chronologica dos excellentissimos prelados que tem existido na cathedral de Lamego* par João Mendes da Fonseca, Lisboa, 1789, 4.º, pag. 93.

A ceux qui voudraient porter plus loin leurs études sur Lamego et sa commune, je recommande l'ouvrage suivant: *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego* écrite par D. Joaquim de Azevedo, et continuée par un chanoine de la Cathédrale, Porto, 1878, 8.º gr. Et ceux qui auraient intérêt à entendre la voix naïve, mais sincère et enthousiaste d'un chroniqueur local du XVIme siècle pourront lire avec profit l'essai suivant qui a été écrit de 1531-32: *Descripção do terreno em roda da cidade de Lamego duas leguas, suas producções, etc.,* par Rui Fernandes, citoyen de la même ville. Imprimé pour la première fois dans la *Collecção dos Ineditos da Historia Portugueza,* par ordre de l'Académie Royale des Sciencies, Lisbonne, 1824. Vol. V, pag. 546-612.

D. Manoel de Vasconcellos Pereira, supra citado, são portanto, perante a historia, os dois promotores mais zelosos das obras do Santuario.

*
* *

O edificio da Sé é um dos exemplares mais curiosos da confusão de estylos architectonicos discordantes. Calculando pela disposição da frontaria, puramente gothica, accusando tres naves, correspondentes ás tres portas, apreciando a ornamentação de granito, sobriamente estylisada, mas profundamente caracteristica (como na Sé da Guarda), energica em todas as linhas, devo conjecturar que teriamos um interior gothico, com abobada artezoada na nave central sómente e com naves lateraes apenas cobertas de madeira. Os exemplos d'este compromisso do estylo gothico, de valor médio, pertencente á época de D. João I, abundam entre nós; ás vezes, a construcção da abobada reduz-se á cobertura da capella-mór e capellas absidaes unicamente. A grande janella de arco abatido, dentro da moldura rectangular, é uma interpolação do principio do seculo XVI, com um desenho muito frequente no inicio do estylo manoelino; o perfil pobre das molduras, núas de qualquer ornato, contrasta com o córte multiforme das arcarias fundas e energicas do portal, finamente cinzeladas; a laçaria da janella, mesquinha e trivial, já nem é lobular. As aberturas lateraes são remendos do seculo XVIII. Tudo o mais que vemos da nave central e da torre do cruzeiro, exteriormente, na estampa, é, ou fim do seculo XVII (motivo das espheras) ou do seculo immediato. A grande torre, quadrada, massiça, ao lado da frontaria, é o unico, mas poderoso elemento da primitiva Sé romanica; e puramente romanicos são todos os caracteres d'essa preciosa reliquia, perfeitamente conservada nas janellas e frestas das tres faces principaes, e no grande apparelho, na verdade primoroso. Descontando a parte superior da torre, desde a linha dos sinos, que é obra de D. Manoel de Noronha, o resto está intacto e faz-nos deplorar sinceramente o que se perdeu. No interior do templo vemos hoje apenas restaurações do seculo XVIII, feitas em duas secções, uma que avançou até ao arco cruzeiro; outra, d'ahi para diante, abrangendo a capella do Sacramento e sacristia. Estas obras pertencem aos annos de 1725, 1734 e 1735-1750, figurando como architectos o italiano Nicolau Nazoni, e principalmente o portuguez Antonio Pereira. Póde affirmar-se que no meio do tumulto d'estas obras, terminadas de vez sómente em 1776, pouco se conservou das restaurações parciaes anteriores, costeadas sobretudo pelo generoso bispo D. Manoel de Noronha, no meado do seculo XVI; um seculo depois era renovada mais uma vez a capella-mór (1650-53). E note-se que para todas estas obras, inclusivé até 1776, se allegou sempre o perigoso estado do tecto e armação do templo, a ruina evidente do edificio que obrigava a uma reconstrucção *a fundamentis,* a que apontámos de 1735-1750. As casas de serventia, annexas, com boas varandas de ferro forjado, pertencem ao primeiro terço do seculo XVII; assim se completa esta manta de retalhos que mostra bem ao vivo a desordem e a confusão que reinou e reina ainda, em geral, nos cabidos, quando se trata da fabrica das sés.

Apezar de tanto estrago, como hoje a vemos, parece-nos a Sé de Lamego, uma reliquia artistica digna de estudo. Ha na cidade ainda o templo de Santa Maria de Almacave, construcção romanica preciosa, a que anda ligada a lenda historica das côrtes de Lamego. É um monumento bem conservado; vale por si só uma viagem á cidade beirôa a qual possue, além d'isso, outros edificios religiosos e profanos, conventos, palacios e quintas, de valor artistico, não fallando nos encantos feiticeiros e inexgotaveis de uma formosissima e uberrima natureza.

Joaquim de Vasconcellos.

bénéficier de la Cathédrale José Pinto Teixeira, qui en 1784 fut inhumé même dans le temple des Remèdes. Cet ecclésiastique et son prélât D. Manuel de Vasconcellos Pereira, dont nous avons parlé plus haut, sont donc, par devant l'histoire, les deux promoteurs les plus zélés de travaux du Sanctuaire.

*
* *

L'édifice de la Cathédrale est un des plus curieux exemplaires de la confusion de styles d'architecture discordants. À en juger par la disposition de la façade purement gothique, accusant bien les trois nefs correspondantes aux trois portails, en appréciant les ornementations en granit, d'un style sobre mais profondément caractéristique (comme la Cathédrale de Guarda), énergique en toutes ses lignes, je devrais conjecturer que je trouverais un intérieur gothique à voûte nervurée seulement dans la nef centrale et avec les bas côtés simplement recouverts de boiseries. Les exemples de ce faux style gothique, de valeur douteuse, appartenant à l'époque de D. Jean I, abondent chez nous; quelquefois la construction de la voûte se réduit à la couverture du sanctuaire et des chapelles absidales uniquement. La grande fenêtre à voûte aplatie dans l'encadrement rectangulaire est une interpolation du commencement du XVIme siècle d'un dessin très fréquent à l'initiation du style *manuelino:* le profil sec des moulures, dépouillées de tout ornement, contraste avec la coupe multiforme des arcades profondes et énergiques du portail, finement ciselées; les festons de la croisée, mesquins et vulgaires ne sont même pas lobulaires. Les ouvertures latérales sont des rapiècements du XVIIIme siècle. Tout le reste que nous voyons de la nef centrale et de la tour du transept, extérieurement, sur la gravure, est de la fin du XVIIme siècle (motif des sphères) ou du siècle suivant. La grande tour carrée massive, à côté de la façade, est le seul, mais puissant élément de la Cathédrale romane primitive; il en est de même pour tous les caractères de cette précieuse relique parfaitement conservée, quant aux fenêtres et lucarnes des trois faces principales ainsi que pour le grand appareil qui est véritablement admirable. Hormis la partie supérieure de la tour, depuis l'emplacement des cloches, qui est l'œuvre de D. Manuel de Noronha, tout le reste est intact et nous fait regretter sincèrement ce qui s'est perdu. À l'intérieur du temple nous voyons aujourd'hui à peine des restaurations du XVIIIme siècle, faites en deux parties, dont l'une s'est avancée jusqu'à l'arcade du transept, et l'autre, partant de là, et comprenant la chapelle du Saint Sacrement et la sacristie. Ces travaux sont des années 1725, 1734 et 1735-1750, et dirigés par l'architecte italien Nicolas Nazoni, et surtout par le portugais Antoine Pereira. On peut assurer qu'au milieu du désordre de ces travaux, qui ne furent tout à fait terminés, qu'en 1776, on a très peu conservé des restaurations partielles antérieures, faites surtout aux frais du généreux évêque D. Manuel de Noronha, au milieu du XVIme siècle; un siècle plus tard, (1650-53) le sanctuaire était encore renouvelé. Et il faut remarquer que pour toutes ces réparations, inclusivement en 1776, on faisait toujours valoir la raison du dangereux état de la voûte et de la charpente du temple, la ruine évidente de l'édifice qui réclamait une reconstruction *a fundamentis,* celle que nous avons citée de 1735-1750. Les dépendances annexes, avec de beaux balcons en fer forgé, sont du premier tiers du XVIIme siècle; telle est la composition de cette couverture rapiécée qui montre bien au vif le désordre et la confusion qui régnait et qui règne encore, généralement aux châpitres, lorsqu'il s'agit des travaux de leurs cathédrales.

Malgré les degâts, la Cathédrale de Lamego, telle que nous la voyons aujourd'hui, est une relique artistique digne d'étude. On voit encore dans la ville, le temple de Sainte Marie d'Almacave, précieuse construction romane, à laquelle se rattache la légende historique des États de Lamego. C'est un monument bien conservé et qui à lui seul mérite un voyage à cette ville de Beira. Outre cela Lamego possède d'autres édifices religieux et profanes, des couvents, des palais et des châteaux, de valeur artistique, sans parler des charmes féériques et inépuisables d'une nature incomparablement belle et fertile.

Joaquim de Vasconcellos.

Arcos de Val-de-Vez



A villa dos Arcos é hoje uma d'estas alegres povoações que põem nos profundos valles do alto Minho, com a mancha clara das suas casas e o ajardinado matiz das suas culturas, a visão d'uma existencia purificadora, sem luctas nem ambições. Banhada pelo Vez, que faz d'ella uma pequena peninsula; realçada no fundo do valle por uma airosa emergencia de terra ribeirinha; a situação da linda villa minhota parece, em verdade, ter merecido á Natureza o mesmo cuidado, carinhoso e minucioso, com que um joalheiro da Renascença engastava as gêmmas de alto preço nos diademas reaes.

Livre de muralhas, com uma sympathica confiança de villa moderna, a sua população atravessou o rio ha muitos annos já, e creou na margem esquerda um outro bairro, cujo desenvolvimento bem cedo fez restaurar a freguezia de S. Paio, supprimida desde que o famoso navegador Fernão de Magalhães, seu senhor, se offerecera ao serviço de Castella.

A origem dos Arcos, como succede sempre com povoações de remota fundação, tem dado vasto campo ás hypotheses e phantasias dos investigadores. Uns, attribuem-na aos gallo-celtas — e, com o nome de Arcobriga, remontam a creação da villa a 350 annos antes de Christo; outros, a D. Affonso Henriques, filiando o actual nome em uma praça coberta de arcos (dos quaes ainda ha pouco havia vestigios) que aquelle rei mandou construir, em memoria do auxilio que os povos do Vez lhe prestaram na celebre batalha da Veiga da Matança; outros ainda (mas estes só pretendem resolver o problema etymologico) affirmam que D. Manuel, quando em 1498 atravessou esta região, a caminho de Sant'Iago de Compostela, tendo admirado muito uns arcos triumphaes, alli levantados em sua honra, logo ordenára que a lembrança d'esses arcos ficasse vinculada ao nome da povoação. Qualquer das hypotheses é verosimil — o que nem sempre succede. É certo, porém, que em 1515 D. Manuel, ingrato ou leviano, menciona apenas como «terra de Valdovez», no foral que então lhe concedeu, o povoado que tão bizarramente o festejára dezesete annos antes.

O senhorio d'esta villa pertenceu ao infante D. Diniz, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro. Mais tarde, volvida á corôa, seu irmão D. João I doou-a a Fernão Annes de Lima, fidalgo gallego que o auxiliára na conquista de Tuy. N'esta doação entrou o celebre castello de Giella, construcção feita nos primeiros tempos da monarchia por um abbade de Sabadim, e que, por effeito d'aquella mercê, ficou sendo a casa solarenga da linhagem dos Limas em Portugal. Este castello existe ainda; mas da primitiva fundação apenas sobrevive a torre. O resto do edificio, embora de notavel antiguidade, é muito posterior e tem pormenores architectonicos dignos de reparo. Situado na encosta d'um monte quasi fronteiro á villa, com o seu aspecto de alcáçar feudal, dir-se-ia que vigia ainda n'ella uma herança de seis seculos.

Apesar de tão remota origem, são hoje muito raros, nos Arcos de Val-de-Vez, quaesquer vestigios de civilisação avoenga que detenham os olhos do curioso de arte.

O mais valioso é, sem duvida, o pelourinho, interessante monumento quinhentista, com fama entre os principaes do paiz. Doirado outr'ora, o tempo despiu-o d'esse raro e anachronico luxo. Uma esbelta columna de pedra, torcida, ergue e faz avultar no espaço um complicado emblema, vagamente semelhante a uma corôa real, onde o escudo das quinas e a esphera armillar se repetem n'uma d'essas combinações caracteristicas das nobres e expressivas ornamentações manuelinas. Confinado, durante muito tempo, no velho bairro da Valleta, perto do rio, este interessante padrão foi ha poucos annos transferido para o centro da villa moderna. Está acantoado n'uma dependencia da Praça Municipal.

Em frente d'elle, no alto d'uma larga escada de pedra, ergue-se a matriz do Salvador. A reedificação d'este templo, ordenada por D. Pedro II, nos ultimos annos do seculo XVII, á custa dos direitos do sal, apagou quasi completamente os vestigios da construcção primitiva, attribuida ao fundador do castello de Giella. É esta egreja que constitue, com as suas dependencias de abbadia rica, a unica linha divisoria entre a Praça Municipal e uma outra praça, menos urbana, menos povoada, — e por isso mesmo muito mais interessante. É o terreiro do Espirito Santo. Uma sombra suave desce ahi da espessa ramaria das arvores que o toldam; no solo, de terra batida, a relva cresce ruralmente; e esse recanto de villa minhota, que parece ter sido confiado á Natureza por um enternecimento esthetico do

Arcos de Val-de-Vez



Le bourg d'Arcos est actuellement un de ces riants endroits qui, au fond des vallées du haut Minho, avec la touche claire des maisons et la nuance verdoyante des cultures, nous donne la vision d'une existence purifiante, sans luttes ni ambitions. Baigné par le Vez, qui en fait une petite presqu'île; réhaussé du fond du vallon par une gracieuse élévation de terre riveraine, la situation du joli bourg du Minho semble vraiment avoir mérité de la Nature le même soin, caressant et minutieux, avec lequel les joaillers de la Renaissance enchâssaient les pierres précieuses dans les diadèmes royaux.

Débarrassé de murailles, avec toute la sympathique confiance d'une ville moderne, sa population a, depuis de longues années, franchi la rivière et installé sur la rive gauche un autre quartier dont le rapide développement a bientôt donné lieu à la restauration de la paroisse de S. Paio supprimée dès l'époque où le fameux navigateur, Fernão de Magalhães, son seigneur, avait passé au service de la Castille.

Comme il arrive toujours avec les contrées de lointaine fondation, l'origine d'Arcos a offert un vaste champ aux hypothèses et aux fantaisies des rechercheurs. Les uns l'attribuent aux gallo-celtiques — et sous le nom de Arcobriga, en font remonter la source jusqu'à 350 ans avant Jésus Christ; d'autres la reportent à D. Affonso Henriques, attribuant le nom actuel à une place couverte d'arceaux, dont on apercevait encore des vestiges il y a peu de temps, et que ce roi aurait fait bâtir en souvenir de l'aide que les gens de Vez lui avaient prêtée pendant la célèbre bataille de Veiga da Matança; d'autres encore, mais ceux-ci ne s'occupent guère que du problème étymologique, assurent que D. Manuel, en 1498, lorsqu'il traversa cette région, en route pour Sant'Iago de Compostela, ayant beaucoup admiré des arcs de triomphe que l'on avait fait élever en son honneur, avait aussitôt ordonné, que le souvenir de ces arcs restât attaché au nom de la ville. Toutes ces hypothèses sont assez vraisemblables, ce qui n'arrive pas toujours. Cependant il est avéré que D. Manuel, ingrat ou léger, ayant en 1515 accordé une charte à ce bourg où on l'avait si généreusement fêté, dix-sept ans auparavant, le désigne simplement sous le nom de «terre de Valdovez».

La seigneurie de cette ville appartint à l'infant D. Diniz, fils de D. Pedro I et de D. Ignez de Castro. Revenue plus tard à la couronne, son frère D. João la donna à Fernão Annes de Lima, noble gallicien qui l'avait aidé lors de la conquête de Tuy. Dans cette donation était compris le célèbre château de Giella, construction de la première époque de la monarchie, dûe à un abbé de Sabadim, et qui après cette grâce, devînt le manoir de la lignée des de Lima en Portugal. Ce château existe encore, mais de la fondation primitive la tour seule subsiste. Le reste de l'édifice, quoique très ancien aussi, est toutefois plus récent, et présente des détails architecturaux dignes de remarque. Situé sur le flanc d'une montagne presque en face de la ville, avec son air de manoir féodal on dirait qu'il la surveille encore comme un précieux héritage de six siècles.

Malgré l'origine si reculée de Arcos de Val-de-Vez on n'y retrouve que de très rares vestiges de civilisation ancestrale, qui attirent les regards d'un amateur d'art. Le plus précieux est, sans doute, le pilori, monument très intéressant du XVIme siècle, réputé parmi les principaux du pays. Autrefois il était doré, mais le temps l'a dépouillé de ce luxe rare et anachronique. Une svelte colonne en pierre, tordue, s'élève et fait ressortir dans l'espace un emblème compliqué, qui rappèle vaguement une couronne royale, où l'écusson des quines et la sphère armillaire se répètent en une de ces compositions caractèristiques d'ornements *manuelinos*, si nobles et si expressifs. Caché pendant de longues années dans le vieux quartier de Valleta, près du fleuve, ce monument si intéressant a été dernièrement placé au centre de la ville moderne, et se trouve dans un recoin de la Place Municipal.

En face, et sur le haut d'un large escalier de pierre, s'élève l'église paroissiale du Sauveur. La réédification de ce temple, commandée par D. Pedro II, pendant les dernières années du XVIIme siècle aux frais des droits du sel, a presque complètement effacé les vestiges de la construction primitive, attribuée au fondateur du château de Giella. C'est cette église, avec ses dépendances de riche abbaye, qui forme la seule ligne de séparation entre la Place Munipale et une autre moins urbaine, moins fréquentée, et pour cela même, bien plus intéressante. C'est la place du Saint-Esprit. Doucement ombragée par l'épais feuillage des arbres, le sol en terre battue recouvert d'un frais gazon, ce recoin de la

Municipio, flanqueado por duas velhas egrejas, semeado de grossos bancos de granito, lembra um d'esses suggestivos locaes de repouso que ainda hoje não são raros em antigas cêrcas fradescas.

A riba arcoense, n'esse ponto, attinge a sua maior altitude. A povoação, que até alli avançára sempre, deteve-se ao vêr luzir ao fundo da alta escarpa oriental, como a agua d'um fôsso, o mesmo rio que perto da ponte tinha ao alcance da mão. Maravilhada pelo largo horizonte que d'alli se descobre, talvez pensasse em transformar esse pittoresco cabeço de outeiro em um arrogante baluarte; mas já então a egreja do Espirito Santo o dominava, na aresta da vertente — e a idéa de Deus, a unica que n'aquelle tempo podia sobrelevar a idéa da guerra, impediu por certo a realização d'essa obra mutiladora.

Hoje, apenas uma rasteira e corrida muralha solidifica o terreno, na ourela do despenhadeiro. A essa muralha, como a barbacan de paço feudal, arrimam-se, ao norte, velhas construcções parasitas, que guarnecem toda a encosta de corcovas de telhados, entre os quaes correm linhas angulosas de escadas, sulcos de caminhos colleantes e incertos, nesgas socalcadas de quintaes; — e tudo isto, emmaranhado, confuso, n'uma promiscuidade de burgo medieval, desce até ao profundo bairro da Valleta onde o curso do rio parece deter e disciplinar esse povoado turbulento.

D'ahi, o valle estende-se longamente para o norte. Distante, a leste, por detraz do bairro de S. Bento — um outeiro arrabaldino onde algumas pobres casas procuraram outr'ora a visinhança d'um convento de capuchos erecto no alto — corre uma formidavel cadeia de montanhas que, ennoveladas n'uma vaga linha circular, cingem o valle e formam como que o escrinio d'essa estranha maravilha de vegetação, em que as cambiantes da verdura, as rendas do arvoredo, as manchas dos povoados, se combinam n'uma incomparavel harmonia de tons, para acompanhar, na sua carreira voluptuosa de rio namorado, as aguas transparentes do Vez. Estradas claras fogem, em linhas ondeadas e imprevistas, através do jardim polychromo das culturas; os longes esbatem-se na ondulação azulada dos montes, sem deixarem a olhos idealistas a impressão penosa d'um fim ou d'uma mutação violenta; e essa penetrante magia de Eden nem mesmo desapparece com a approximação dos aspectos. Em baixo, na raiz do outeiro, o rio alarga-se, n'uma vaga curva de enseada. Uma linha dentada de poldras atravessa as aguas com a graça d'um ornamento rural sabiamente disposto. Verduras chorosas de salgueiros e amieiros pendem, na outra margem, sobre a corrente languida — e, d'entre ellas, o velho palacio do Requeixo emerge, com os seus torreões achatados e a sua fachada triste, pondo no quadro a sonhadora nota d'um episodio romantico. Toda essa paizagem parece creada para adormecer paixões, reavivar saudades, simplificar e cristallinizar sentimentos... Deixa nos olhos e na alma o refrigerio d'uma ablução.

Depois d'este, um dos locaes mais apraziveis dos Arcos é o Campo do Trasladario — que, cortado longitudinalmente em uma ourela da villa, a par do rio, tem o aspecto do lanço inicial d'uma bella avenida de circumvallação. Dois renques parallelos de arvores bordam de sombra a extensa linha do caes. Ao lado, o rio desliza sobre um leito tão pouco profundo que a agua se arruga nas arestas dos seixos mais altos. Apesar d'isso, ainda um longo areal disputa avidamente ao Vez o seu estreito alveo de rio tributario. É ahi que as lavadeiras, vadeando familiarmente a corrente, estendem a roupa ao sol, sobre a massa de arbustos e vegetações parasitarias que dão a essa vulgar emergencia de areia o aspecto decorativo d'uma ilha. Mais abaixo, a ponte de pedra ajunta a este trecho pittoresco a graça archaica dos seus arcos; e, na margem fronteira, um novo grupo de habitações sóbe uma encosta suave, dissemina-se entre verduras de prados, sombras fortes de pinhaes, altos arvoredos avidados, macissos de carvalhos e castanheiros — tendo por fundo, longinquamente, uma trincheira de montes cujo esqueleto de granito se adivinha pelas grandes massas de rocha que lhes rompem a crosta.

Faz hoje parte da área comarcã dos Arcos, reduzido ás proporções d'uma simples freguezia rural, o antigo concelho de Soajo. Villa montezinha, os actuaes habitantes d'ella conservam ainda, no seu trato com os arcoenses, uma certa sobranceria e arrogancia de soberanos captivos. Os homens, trigueiros e sêccos, usam quasi todos os asperos vestuarios de burel de seus avós; as mulheres distinguem-se apenas por umas polainas de lã grossa, que lhes vestem as pernas desde o artelho — que fica nú, assim como todo o pé — até ao joelho, que uma curta saia pouco ultrapassa. E, assim descalças, pisam insensivelmente, no inverno, as neves da montanha, o pedregulho solto dos caminhos resvaladiços e o estreito sulco que os atalhos serranos abrem através de cardos, matagaes e silvados, — ás vezes carregadas com os cereaes, o mel ou os queijos que vêm vender ao mercado da villa.

petite ville semble avoir été mis sous la garde de la Nature, par un élan de tendresse esthétique de la Municipalité. Flanquée de deux vieilles églises, garnie de gros bancs en granit, il nous rappèle un de ces lieux de repos, si suggestifs et que l'on retrouve encore dans beaucoup d'enclos d'anciens couvents. C'est à ce point que la rive d'Arcos atteint sa plus grande altitude. La ville qui avançait toujours vers ce côté-là, s'est arrêtée, en voyant reluire au fond de la haute escarpe orientale, le même fleuve qui près du pont se trouvait sous sa main, et qui à cet endroit semble à de l'eau au fond d'un fossé. Emerveillée par le vaste horizon qui se présente à sa vue, peut-être a-t-elle pensé à transformer cette pittoresque crête de montagne, en un superbe château-fort; mais l'église du Saint-Esprit la dominait déjà sur le versant, et l'idée de Dieu, la seule qui dans ce temps-là pouvait être supérieure à l'idée de guerre, a certainement empêché la réalisation de cette œuvre dévastatrice.

Aujourd'hui, au bord du précipice on voit à peine une muraille basse et unie qui maintient le terrain. Contre cette muraille, s'adossent au nord, comme à la barbacane d'un palais féodal, de vieilles constructions qui, comme des parasites, recouvrent toute la colline de toits bosselés, parmi lesquels passent des lignes anguleuses d'escaliers, des sillons de sentiers tortueux et incertains, des ornières de jardins, tout celà confus, emmêlé, en une promiscuité de bourg médiéval, descendant jusqu'au profond quartier de Valleta où le cours du fleuve semble arrêter et discipliner cet endroit si turbulent.

Ensuite, la vallée s'étend longuement vers le nord. Au loin, à l'ouest, derrière le quartier de S. Bento — un coteau faubourien où quelques humbles maisons avaient autrefois recherché le voisinage d'un couvent de capucins élevé tout en haut — s'étend une formidable chaîne de montagnes, qui pelotonnées en une vague ligne circulaire, entourent la vallée, et forment comme l'écrin de cette étrange merveille de végétation où les nuances de verdure, la fine dentelle du feuillage, les touches claires des villages, se mélangent avec une incomparable harmonie de tons, pour accompagner les eaux limpides du Vez, dans sa course voluptueuse de fleuve amoureux. À travers l'immense jardin polychrome des cultures, des routes blanches fuient, en lignes sinueuses et imprévues; les lointains s'estompent dans l'ondulation bleuâtre des montagnes, sans que des regards idéalistes puissent ressentir la pénible impression d'une fin ou d'un brusque changement, et le rapprochement même des aspects ne réussit pas à faire disparaître cette pénétrante magie d'Eden. En bas, au bord du coteau le fleuve s'élargit en une vague courbure de golfe. Une rangée de pouliches traverse la rivière avec toute la grâce d'un ornement rural que l'on aurait savamment disposé. Sur l'autre rive, pendent sur l'eau tranquille les verdures plaintives des saules et des aulnes, et l'on voit émerger le vieux palais de Requeixo avec ses tourelles aplaties et sa façade triste, mettant une touche rêveuse d'épisode romantique au milieu de ce riant tableau. Tout le paysage semble fait pour endormir les passions, rappeler les regrets, simplifier et purifier les sentiments. Il nous laisse dans les yeux et dans l'âme l'impression rafraîchissante d'une ablution.

Après celui-ci, un des endroits les plus agréables d'Arcos est le Campo do Trasladario, coupé longitudinalement sur un des bords de la ville, parallèle au fleuve, et qui présente l'aspect initial d'une belle avenue d'enceinte. Deux rangées d'arbres garnissent la longue ligne du quai. À côté, le fleuve coule sur un lit si peu profond que l'on voit l'eau se rider sur les arêtes des plus hauts cailloux. Malgré cela, une vaste langue de sable dispute avidement au Vez son mince courant d'humble affluent. C'est là que les blanchisseuses, guéant familièrement le cours d'eau, vont étendre leur linge au soleil, sur la masse d'arbustes et de vegétation parasite qui donnent à cette vulgaire élévation de sable, l'aspect décoratif d'une île. Plus bas, le pont en pierre ajoute à ce détail si pittoresque la grâce archaïque de ses arcades; et sur la rive d'en face, un nouveau groupe d'habitations s'échelonne sur la pente douce du coteau, et s'éparpille parmi les verdures des prés, les forts ombrages des sapinières, les hauts arbres recouverts de vigne grimpante, les massifs de chênes et de marronniers, ayant comme fond, très lointain, une chaîne de montagnes dont la charpente granitique se révèle par les grandes masses de rochers qui en percent les sommets.

L'ancienne commune de Soajo fait partie du district d'Arcos, à peine réduite aujourd'hui à une simple paroisse rurale. C'est un bourg un peu sauvage, dont les habitants conservent encore, dans leurs rapports avec ceux d'Arcos, un certain air hautain et arrogant de souverains déchûs. Les hommes, bruns et secs, portent presque tous, des gros vêtements de bure de leurs aïeux; les femmes se distinguent seulement par des guêtres en grosse laine, qui leur recouvrent les jambes depuis la cheville, — qui reste nue ainsi que le pied — jusqu'au genou, que le jupon dépasse à peine. Elles s'en vont ainsi,

Soajo tinha privilégios que datavam dos primeiros tempos da monarchia. Á semelhança de Monsão, nunca reconheceu outro senhor se não o rei. Além de desfructar a isenção d'um grande numero de tributos, de alojamento e mantimento de soldados, etc., só tinha obrigação de contribuir com gente para a guerra, quando o proprio rei a fizesse em defeza do seu concelho.

Um dia, um fidalgo da casa de Araujo e Lóbeos, que alli tinha grandes propriedades, não havendo pelejas que o divertissem das ociosidades feudaes, deliberou ir montear fragueiramente nas suas coutadas soajenses. A região era afamada; além d'alguns ursos, já então rarissimos, havia grande quantidade de lobos asnaes e cervaes, javalís, veados, martas, raposas e tourões — sem fallar em volateria grossa e miúda. Tão recompensador foi o exito d'esta excursão aventureira, que o filho do senhor de Lóbeos nunca mais perdeu o habito de bater, todos os annos, durante alguns mezes, as montanhas de Soajo. Comtudo, como todo o lídimo filho d'algo d'aquelle tempo, o fogoso caçador não perseguia só as rezes do seu montado e as aves ao alcance dos seus falcões e gerifaltes; não lhe escapavam tambem, com grande escandalo de todos, as raparigas donzellas da villa e mesmo as casadas que alguma graça especial recommendasse. Nos cães, nos possantes sabujos da serra, tambem fazia revoltantes tomadías... — Tantas affrontas exasperaram por fim os soajenses, que pediram justiça ao seu senhor. O rei, que era o resoluto D. Diniz, ordenou logo ao desabusado fidalgo que vendesse sem demora todos os bens que possuia na sua boa villa serrana e nunca mais lá exercitasse as suas aptidões venatórias, tão variadas e leoninas; em seguida, para satisfazer, de certo, um pedido mais expresso do povo que tão festivamente o acolhera por occasião da sua visita ás obras do castello de Lindoso, mandou lavrar uma provisão, segundo a qual nenhum fidalgo poderia demorar-se em Soajo mais que o tempo necessario para esfriar um pão quente exposto ao ar na ponta d'uma lança!

Deve remontar a essa distante época de grandeza, a erecção do pelourinho soajense, que é apenas uma tosca columna de granito, vagamente afuselada de alto para baixo, cravada como uma estaca nas largas lages escadeadas que a elevam do solo. Na parte superior d'ella, insculpida na pedra escura, distingue-se uma caraça lunar, d'um desenho infantil e primitivo; — e, com o grosso disco, tambem de pedra e já sem um segmento, que o corôa, este singularissimo padrão assemelha-se a um velho prego de ferro devastado por ferrugens centenarias e com a cabeça mutilada pelas martelladas d'um cyclope.

Este curioso povo de Soajo, com os seus privilegios, o seu arreganho autonomico, o seu indomavel isolamento, os seus costumes e o caracter igualitário das suas leis internas, constituiu, dentro de seis seculos de monarchia absoluta, uma obscura, tenaz e honesta republica, cujo presidente — o juiz — eleito de três em três annos, accumulava com as suas funcções civis a auctoridade marcial de capitão-mór.

As montanhas do antigo concelho de Soajo, em cujas ravinas espumeja o rio da Peneda, são fronteiriças. D'ellas faz parte o celebre cabeço da Gabiarra, que é, com os seus 2:467 metros de altitude, o mais elevado pincaro de Portugal.

Ponte da Barca

Antigo e obscuro arrabalde da Terra da Nóbrega, forte povoação serrana que a mãe de Affonso Henriques honrou com um foral em 1125, a villa da Ponte da Barca deve principalmente a sua fundação a uma mulher nobre, D. Maria Lopes da Costa, que nos ultimos annos do seculo XV fez construir na visinhança do Lima uma casa que foi o nucleo da prospera e graciosa povoação de hoje. Essa tentativa de colonisação, inspirada certamente pela proximidade da actual egreja matriz, aonde o pae d'aquella illustre senhora tinha (por ser neto do seu fundador, D. Rodrigo Taveira) a sepultura de honra dos padroeiros, foi desde logo favorecida por um acontecimento excepcional. El-rei D. Manoel, passando alli em 1498, por occasião da sua romagem a Galliza, achou o sitio azado para se resarcir das fadigas da jornada — e acceitou com agrado a hospitalidade que lhe offereceu a emprehendedora dona. D. Manoel, que já varias vezes tentára chamar a si o Cardeal de Alpedrinha, voluntariamente exilado em Roma desde o reinado de D. João II, sabendo que se achava em casa d'uma sobrinha do celebre prelado, mais bizarro se mostrou na recompensa do serviço prestado — e, entre outras muitas mercês que concedeu a D. Maria da Costa, outorgou-lhe o direito senhorial de cobrar 40 reis de fumagens, de toda a nova casa que se edificasse na nascente villa. Essa casa, onde recebeu festiva hospita-

PONTE DA BARCA

nu-pieds, foulant insensibles les neiges de la montagne pendant l'hiver, les cailloux épars sur les chemins glissants, et les étroits sillons des sentiers montagneux, percés à travers les chardons, les buissons et les haies, parfois chargées de céréales, de miel ou de fromages qu'elles viennent vendre au marché de la ville. Soajo possédait des priviléges qui dataient des premiers temps de la monarchie. De même que Monsão elle ne reconnut jamais d'autre seigneur que son roi. Outre la jouissance d'exemption de beaucoup d'impôts, de logements et de manutention de soldats, etc., elle n'était obligée à contribuer avec ses gens pour la guerre, que lorsque le roi la faisait proprement en défense de sa commune.

Un jour, un gentilhomme de la maison de Araujo et Lóbeos qui possèdait là de grandes propriétés, n'ayant pas de combats qui puissent le distraire dans sa noble oisiveté, résolût d'aller chasser les fauves dans ses terres. La région était renommée; outre quelques ours, déjà très rarement aperçus, il y avait une grande quantité de gros et petits loups, des sangliers, des cerfs, des martes, des renards et des furets, sans parler des gros et menus volatiles. Le succès de cette excursion fut si brillant que le fils du seigneur de Lóbeos prit l'habitude de battre tous les ans, pendant quelques mois, les montagnes de Soajo. Mais comme tout bon fils de noble de ce temps-là, le fougueux chasseur ne poursuivait pas seulement le gibier de ses terres et les oiseaux atteints par ses faucons et ses gerfauts; au grand scandale de tous, aucune jeune fille, aucune jeune femme ayant quelque gracieux attrait, ne lui échappait. Il s'emparait aussi d'une manière révoltante des chiens, des puissants limiers de la montagne. De tels affronts finirent par exaspérer les gens de Soajo qui demandèrent justice à leur seigneur. Le roi, qui était alors l'énergique D. Diniz, ordonna aussitôt au licencieux gentilhomme, de vendre sans retard tous les biens qu'il possédait dans sa bonne ville de la montagne et de ne jamais plus y exercer ses aptitudes vénatoires, si ambitieuses et hardies; et ensuite, pour satisfaire certainement, une requête plus empressée du peuple qui l'avait si joyeusement accueilli lors de sa visite aux travaux du chateau de Lindoso, il fit passer un décret par lequel, aucun noble ne pourrait rester à Soajo plus que le temps nécessaire pour refroidir un pain chaud exposé à l'air sur la pointe d'une pique!

L'érection du pilori de Soajo, qui est simplement une grossière colonne de granit vaguement fuselée de haut en bas et plantée comme un pieu dans les larges dalles échelonnées qui l'élèvent du sol, doit remonter à cette lointaine époque de grandeur dont nous avons parlé. Insculpé sur la pierre noircie du haut de la colonne, on distingue un masque lunaire d'un dessin naïf et primitif. Ce singulier monument, avec un gros disque qui le couronne également en pierre et déjà sans un segment, ressemble à un vieux clou de fer dévasté par la rouille centenaire et dont la tête aurait été mutilée par les coups de marteau d'un cyclope.

Ce curieux peuple de Soajo, avec ses privilèges, sa fierté autonomique, son isolement indomptable, ses mœurs et le caractère égalitaire de ses lois internes, a constitué, pendant six siècles de monarchie absolue, une république obscure, tenace et honnête, dont le président, le juge, élu de trois en trois ans, cumulait ses fonctions civiles avec l'autorité de gouverneur militaire.

Les montagnes de l'ancienne commune de Soajo, avec leurs ravins, au fond desquels écume le fleuve de Peneda, sont près de la frontière. L'une d'elles est le fameux pic de Gabiarra, qui avec ses 2.467 mètres de hauteur est sommet le plus élevé du Portugal.

Ponte da Barca

C'est un ancien et obscur faubourg de la Terra da Nóbrega, un endroit de la montagne auquel la mère de D. Affonso Henriques donna en 1125 une charte, qui devint le bourg de Ponte da Barca et qui doit sa fondation surtout à une femme noble, D. Maria Lopes da Costa, laquelle pendant les dernières années du XV[me] siècle fit construire dans le voisinage du fleuve Lima, une maison qui fut l'origine de l'actuelle petite ville si riante et prospère. Cette tentative de colonisation inspirée sans doute par la proximité de l'actuelle église principale, où le père de cette illustre dame était inhumé avec tout l'honneur des patrons (car il était petit fils de son fondateur, D. Rodrigo Taveira) fut dès le commencement favorisée par un évènement exceptionnel. En 1498, le roi D. Manuel y passa à l'occasion de son pélerinage en Gallice, et trouvant l'endroit propice pour se dédommager des fatigues du voyage, il accepta de bon gré l'hospitalité que lui offrit l'entreprenante dame. D. Manuel, qui plusieurs fois déjà avait tâché de s'attirer le Cardinal de Alpedrinha, volontairement exilé à Rome depuis le règne de

lidade um dos mais faustosos reis portuguezes, ainda hoje se vê, na bocca d'uma estreita e sombria rua, perto do rio. Abastardada por reconstrucções ineptas, nada tem que denuncie a olhos inavisados a notavel tradição que representa; é um predio de dois andares, revestido de grosseiras caliças, com algumas janellas abertas um pouco ao acaso. Á altura do pavimento do primeiro andar, rompe da parede uma pedra escura, semelhante a um poial, onde a patina do tempo já quasi apagou o relevo de duas caras insculpidas no topo. É este o padrão que alli commemora a visita de D. Manuel — pois essas duas caras são, segundo a tradição antiquissima, as veras effigies d'aquelle monarcha e da triste rainha D. Izabel, sua primeira mulher.

Antes d'essa época, o local onde hoje se ergue a villa não era, verosimilmente, mais que um embarcadouro, — ponto de travessia onde a barca, que ficou ligada ao nome do povoado, estabelecia communicação com os povos d'além-Lima.

Mas o impulso estava dado; — e, pouco depois da morte da celebre barquense, fundava-se a egreja da Misericordia, com o seu hospital; construia-se a magnifica ponte de cantaria, que ainda hoje, apesar d'uma importante reparação recente, conserva todo o caracter das construcções fortes e airosas do seculo XVI; erguiam-se palacios, gizavam-se ruas, retalhava-se e cobria-se de novas edificações a ladeira que desce da matriz até ao rio; e, não só para essa villa embrionaria, mas tambem para os seus arrabaldes, convergiam incessantemente valiosos elementos de prosperidade e riqueza, provenientes das allianças dos Costas com a maior parte das grandes familias da provincia.

A matriz, construida n'uma pittoresca elevação, domina toda a villa com a cupula branca do seu campanario, tão rebocada e remoçada por successivas reparações que, ao primeiro olhar, quasi parecem uma habil mystificação os pormenores architectonicos que na sua larga fachada lhe documentam a antiguidade. Fundada nos primeiros annos do seculo XV por D. Rodrigo Taveira, commendatario de Bravães, esta egreja apresenta interiormente um aspecto de vetustez que mal soffre o contraste inesthetico da maior parte das ornamentações modernas. Tem algumas talhas preciosas. Entre as suas alfaias guarda-se (tambem já depreciado por obras posteriores) um crucifixo de prata offerecido por el-rei D. Manuel, em 1503. O airoso planalto em que foi erigida a egreja, terraplanado e arborisado modernamente, tem hoje, sob o nome de *Alameda,* todas as regalias de local de recreio; ao lado, servindo-lhe de contraforte, emerge da linha funda da estrada, sobre uma solida arcada de silharía, o palacete da Camara.

A ponte, que dá um relevo inconfundivel ao aspecto panoramico da villa, parece ser obra de D. João III. Batida pelas grandes inundações que a chuva e o degelo produzem sempre nas regiões montanhosas, tem soffrido damnos consideraveis durante a sua longa existencia, apesar dos solidos cortamares, que reforçam, a montante, os seus peões, e das boccas de descarga intercaladas entre os seus dez grandes arcos de possante cantaria. As reparações têm sido, portanto, numerosas. Comtudo, nenhuma a alterou tanto como a ultima, terminada em 1896, que além de alargar e macadamizar o seu taboleiro, substituiu por grades de ferro as antigas guardas de granito.

Esta ponte, que é um dos mais notaveis monumentos da villa, é tambem um dos seus mais bellos miradouros. O Lima, que passa por ser o mais formoso rio de Portugal, tão manso corre de ordinario em frente d'essa doce terra ribeirinha, que o diriam saudoso dos velhos poetas que alli nasceram e extasiadamente o cantaram. Grandes areaes o adelgaçam, entre as margens de arvoredo denso — e, não raro, essa vegetação viçosa e aventureira invade os dominios do rio, rompendo-lhe as aguas com altas e espessas verduras de arbustos.

Ao lado do perfil esbelto da ponte, a povoação aninha-se, toda branca, entre culturas ajardinadas de terra fertil, como o acampamento d'um povo que alli tivesse achado o segredo da felicidade. Ao longe, em volta, as serranias ondulam, cobertas de pinhaes e carvalheiras — immenso mar vegetal onde por vezes sorri, como vela inflada de falúa, a mancha branca d'uma casa montezinha.

D. João de Castro.

D. João II, sachant qu'il se trouvait chez une nièce du célèbre prélât, se montra encore plus généreux dans la récompense du service rendu, et parmi beaucoup d'autres bienfaits qu'il accorda à D. Maria da Costa, il lui octroya le droit seigneurial de recevoir 40 reis d'impôt sur les foyers de toutes les nouvelles maisons qu'on édifierait dans la ville naissante. On voit encore aujourd'hui, à l'entrée d'une rue sombre et étroite près du fleuve, cette maison où fût si hospitalièrement reçu et fêté, un des plus fastueux rois portugais. Abâtardie par d'ineptes restaurations, elle n'a plus rien qui dénonce à des regards non prévenus, la fameuse tradition qu'elle représente; c'est une maison à deux étages, revêtue de grossiers replâtrages, avec quelques fenêtres ouvertes un peu au hasard. À la hauteur du premier étage, une pierre noircie se détache du mur, semblable à un appui, sur lequel la patine du temps a presque effacé le relief de deux figures sculptées sur le faîte. C'est ce monument qui rappèle la visite de D. Manuel, et ces deux figures, d'après une tradition très ancienne, sont les véritables images de ce roi et de la triste reine D. Izabel, sa première femme. Avant cette époque, le lieu où se trouve aujourd'hui la ville, n'était, vraisemblablement, qu'un embarcadère, le point de départ de traversée, où la barque, dont le nom est resté relié à celui de la ville, servait de communication avec les gens de l'autre côte du Lima.

Mais l'élan était donné, et, peu après la mort de la fameuse fondatrice de la ville de Ponte da Barca, on bâtît l'église de la Misericordia avec son hôpital; on construisit le magnifique pont de pierre de taille qui encore aujourd'hui, malgré une importante réparation récente, conserve tout le caractère des constructions fortes et élégantes du XVme siècle; ensuite on édifiait des palais, on alignait des rues, on partageait et on couvrait de nouvelles édifications la pente qui descend de l'église jusqu'au fleuve; et toute sorte de précieux éléments de prosperité et de richesse, venant des alliances des Costas avec la plus grande partie des grandes familles de la province, arrivaient incessamment dans la ville embryonnaire, et aussi dans les environs.

L'église principale, édifiée sur une pittoresque élévation, domine toute la ville avec la coupole blanche de son clocher, et elle a été si rajeunie et replatrée par de successives réparations qu'au premier abord on prend pour d'habiles mystifications les détails architecturaux qui sur la vaste façade en attestent l'antiquité. Fondée pendant les premières années du XVme siècle par D. Rodrigo Taveira, commandataire de Bravães, cette église présente à l'intérieur un aspect de vétusté qui jure avec le manque d'esthétique de la plupart des ornementations modernes. On y voit quelques boiseries précieuses. Parmi les ornements d'église on garde un crucifix d'argent offert en 1503 par le roi D. Manuel, et auquel nuisent des objets d'art plus récents. Le joli plateau sur lequel a été bâtie l'église, a été récemment aplani et garni d'arbres, et sous le nom de *Alameda* il réunit toutes les qualités d'un lieu de plaisance; à côté, émergeant de la ligne profonde de la route, sur une solide arcade en pierre de taille, l'Hotel de ville, sert de contrefort à cette promenade supérieure.

Le pont, qui fait ressortir d'une manière charmante l'aspect panoramique de la ville, semble être l'œuvre du roi D. João III. Constamment frappé par les grandes inondations que la pluie et le dégel produisent toujours dans les régions montagneuses, il a souffert de considérables dégâts pendant sa longue existence, malgré les solides assises qui renforcent, en amont, ses piliers, et les bouches d'écoulement, intercalées entre les grandes arcades de fortes pierres. Les réparations ont été nombreuses; cependant aucune ne l'a autant altéré que la dernière, terminée en 1896, car elle en a, non seulement élargi et macadamisé le tablier, mais remplacé par des grilles en fer l'ancienne balustrade de granit.

Ce pont, qui est un des plus remarquables monuments de la ville, est aussi un de ceux d'où l'on jouît d'une plus belle vue. Le Lima, qui a la réputation d'être le plus beau fleuve du Portugal, coule si tranquillement devant cette douce terre riveraine, qu'il semble regretter les vieux poètes qui y sont nés et qui l'ont si délicieusement chanté. De grandes langues de sable l'amincissent, entre les deux rives bordées d'arbres si touffus, qu'ils envahissent avec leur végétation capricieuse et verdoyante la ligne du courant, d'où ils émergent en de hautes et épaisses verdures d'arbustes.

À côté du svelte profil du pont la petite ville se niche toute blanchissante, parmi les jardins et les cultures des terres fertiles, comme le campement d'un peuple qui aurait trouvé là le secret du bonheur. Au loin, alentour, les montagnes ondulent, recouvertes de pins et de chênes, semblables à une vaste mer végétale sur laquelle sourit parfois, comme la voile gonflée d'une felouque, la tache blanche d'une maison forestière.

D. João de Castro.

Moncorvo



ARA o viajante a quem não só o termo da sua jornada interessa, uma visita a Moncorvo deve fornecer-lhe um inapreciavel capitulo de absorvente curiosidade que compensará generosamente as incontaveis fadigas soffridas.

Sensações paisagisticas as mais antagonicas, os mais inopidados incidentes, aspectos ethnographicos os mais diversos, tudo isso se lhe offerece provocando alluviões de notas rapidas, suggestivas, edificantes, nas breves paginas d'uma carteira previdente.

Effectivamente, chegando ao Pocinho depois de percorrida a linha ferrea do Douro, com a sua serie indefinida de surprezas emotivas, logo se patenteia, ao sahir d'aquella estaçãosinha arrumada a um canto da alta nave d'eucalyptos, o espectaculo singular, n'um acre sabor de imprevisto, de todos os meios de locomoção e transporte que precederam o comboio.

Um guia desconhecido e não solicitado dirige os recem-vindos, atravessando os rails e enveredando por um córrego sinuoso que vermifuga por entre courellas de milho, olivedo e hortejo, até ao leito do rio; na cauda silenciosa da caravana, burros de carga conduzem as bagagens. Sobre a corrente, mas com o bico de popa recostado na margem, espera uma barcaça de fundo chato, pachorrenta e bamboleante, que recolhe com indifferença e impassibilidade passageiros e quadrupedes, os quaes se vão accommodando até ao fundo das *apégadas* onde range a *espadéla* e se olham com bonhomia e affecto ante a camaradagem familiar que o destino brejeiro lhes proporcionou. Findo o embarque, muitas vezes demorado e difficil pela teimosia irreductivel dos solipedes, aquella revivescencia biblica da arca de Noé desloca-se ao arrepio da agua e ao longo d'um calabre para a riba d'além.

Transposto assim o Douro, nova caminhada segue até ao alto da estrada, onde uma decrepita diligencia attende cargas e viandantes. Então aquella põe-se em marcha, ronceiramente, subindo, subindo sempre, pelo macadam alvadio, poeirento e caracolante sobre a vertente da montanha sombria, povoada de enfezadas semeaduras de centeio e de amendoeiras e olival; duas horas bastam para arribar a Moncorvo situada no plató irregular e onduloso que se prolonga do sopé da serra de Roboredo, erguendo a sul o seu altivo dorso.

A villa não é pequena e com importancia industrial e commercial, embora decahida da antiga prosperidade que lhe insuflaram as industrias cordoeira e sericola. Esta é hoje moribunda, senão já liquidada; aquella, sem o desenvolvimento de fabrico mantido n'uma existencia multisecular sob a interferencia directa do Estado iniciada, com a creação da Cordoaria e Armazem real, no tempo de D. Sebastião.

Se estes factores de ruina não fossem, por si, sufficientes a impedir o devido crescimento e folgança economica do povoado excellente, outra circumstancia desastrosa e deploravel o inhibe d'alcançar a preponderancia e latitude a que tem jus: a inexploração do colossal jazigo de ferro do Roboredo que se estende n'uma area de 10 kilometros e cuja massa de minerio é computada em sessenta e cinco milhões de toneladas e disposta em excepcionaes facilidades extractivas.

Moncorvo é ainda uma terra de nobreza, tambem, fenecida a ajuizar pelo abandono e descalabro dos solares brazonados, salvo um outro que ainda mantem, com ostentação e prestigio, as tradições da sua velha heraldica.

De resto com apertados e maus arruamentos cingidos á traça archaica sem obediencia a plano systematico, e rebelde a noções de geometria e hygiene, á parte o estricto desafogo de tal ou qual melhoramento dos modernos municipios.

E d'entre o seu agglomerado architectural d'uma generica indigencia organica sómente conseguem alliciar o reparo do forasteiro alguns dos sisudos casarões fidalgos, recolhidos no seu mudo hieratismo, altivo e independente, e uns dois edificios religiosos procedentes do seculo XVI: a Misericordia e a Matriz.

Aquella, mesmo, adstringe o valor conceptivo e artistico á frontaria com o porticosinho em curva perfeita e de frisos concentricos com dois medalhões ao alto entre as pobres pilastras que o encerram; esta lisa e singela Renascença accusa-se ainda n'um pulpito de granito, que se perfila, ao lado, no an-

Moncorvo



E voyageur qui ne s'intéresse pas seulement au but désigné de son excursion, trouvera dans une visite à Moncorvo un inappréciable chapitre d'attrayante curiosité qui le dédommagera amplement des incontestables ennuis du trajet.

Il y trouvera des sensations de paysages les plus opposés, des incidents les plus inattendus, des aspects ethnographiques les plus divers, qui lui procureront une foule de notes rapides, suggestives, édifiantes, à entasser dans les courtes pages de son carnet.

En effet, après avoir parcouru la voie ferrée du Douro, avec toute sa vaste série d'émotionnantes surprises, on arrive à Pocinho et sortant de cette petite gare, fourrée dans un coin de la haute voûte d'eucalyptus, un étrange spectacle se manifeste aussitôt, auquel s'ajoutent avec une piquante saveur d'imprévu, tous les moyens de transport et de locomotion qui ont précédé le chemin de fer.

Un guide, non sollicité, et inconnu, dirige les nouveaux venus, leur fait traverser les rails et on se faufile par un ravin sinueux qui serpente parmi les lopins de terre plantés de maïs, d'oliviers et de potagers, jusqu'au lit de la rivière; au bout silencieux de la caravane, des bêtes de somme conduisent les bagages. Sur le courant, mais avec la pointe de l'avant appuyée au bord, une barque à fond plat, se balançant nonchalamment, attend et reçoit avec une impassible indifférence les passagers et les quadrupèdes qui se placent le mieux possible jusqu'au fond des *apégadas* où grince le gouvernail, et se regardent avec bonhomie et tendresse, dûes à cette camaraderie familière que le sort malin leur a procurée.

L'embarquement fini, et souvent retardé et rendu difficile par l'indomptable entêtement des solipèdes, ce renouvellement biblique de l'arche de Noé se déplace au fil de l'eau et au long d'un câble, gagne la rive opposée.

Le Douro ainsi franchi, on suit une nouvelle marche jusqu'au haut de la route, où une vieille diligence attend les bagages et les voyageurs. Celle-ci se met alors en marche, lentement, montant toujours, par le macadam grisâtre, poussièreux, et caracolant sur le versant de la sombre montagne, peuplée de maigres champs de seigle, d'amandiers et d'oliviers; deux heures suffisent pour arriver à Moncorvo situé sur le plateau irrégulier et onduleux qui se prolonge du pied de la chaîne de Roboredo, élevant vers le midi son sommet altier.

Le bourg n'est pas petit et a une certaine importance industrielle et commerciale, un peu déchûe de l'ancienne prospérité que lui donnaient les industries des cordes et de la soie. Celle-ci est actuellement agonisante, voire même morte; celle-là n'a plus le développement de fabrication maintenu pendant de longs siècles sous le patronnage direct de l'État, initié au temps du roi D. Sebastião, avec la création de la Corderie et du Magasin royal.

Quand même ces agents de ruine n'auraient pas été, à eux seuls, suffisants pour empêcher le juste développement et l'aisance économique de cet excellent endroit, il y a une autre circonstance désastreuse et déplorable qui l'empêche d'atteindre la prépondérance et la latitude auxquelles il a droit: c'est l'inexploitation du gisement colossal de fer du Roboredo qui s'étend à près de 10 kilomètres et dont la masse de minerai est calculée à soixante cinq millions de tonnes et disposée de manière exceptionnelle pour en faciliter l'extraction.

Moncorvo est encore un lieu de noblesse, éteinte aussi, à en juger par l'abandon et le délabrement des manoirs blasonnés, sauf l'un ou l'autre, qui maintient encore avec faste et prestige, les traditions de sa vieille héraldique.

Du reste, on n'y voit que des rues étroites et vilaines, d'après les vieux tracés archaïques, n'obéissant à aucun plan systématique, et rebelles à toute notion de géométrie et d'hygiène, excepté la stricte expansion de quelques améliorations dûes aux récentes municipalités.

Et de toute l'agglomération architecturale d'une indigence organique si générale, l'attention du voyageur est à peine attirée par quelques sombres demeures nobles, recueillies dans leur muette tradi-

gulo formado pelo resalto d'uma contigua vivenda de escudo em riste, e tem a fórma de calix octogono com o baixo relevo d'um santo em cada face e ao longo do pé a decoração bisonha e rude em rotulos e pendurados.

A Matriz é um edificio monumentoso d'uma imponencia pesada e fria que se ergue ao fundo d'um pateo lageado com parapeitos de cantaria e obeliscos.

Se as vastas construcções constituem testemunho elucidante e comprovativo do estado social d'uma povoação n'uma determinada época, esta igreja é um documento de inilludivel revelação quanto á abastança e progresso de Moncorvo em pleno seculo XVI.

O seu estylo é o renascimento inculto a triumphar pelo excesso das massas e sem uma graciosa efflorescencia de linhas a esbater-lhe a obsessiva rigidez. As datas de 1562, na porta lateral coberta pelo alpendre, e de 1567, na opposta, justificam-no em parte.

Exteriormente, uma severidade incoercivel, accrescida pela torre avançando a meio da frontaria e excrescendo-lhe em cubo rematado por uma balaustrada e ainda pelos robustissimos gigantes, seis por lado, a reforçar a estabilidade das paredes de Bastilha em cujo terço superior, demarcado por um friso, se abrem as exiguas janellas.

A composição do portico, d'encasamentos animados por estatuas d'uma penuria plastica, nos intercolunios do primeiro e segundo corpo e na ultima platibanda sobre que se rasgam as lucarnas e fenestra, não desvanece a desgraciosidade da espessa mole granitica. O interior de tres naves divididas por elevadas columnas cylindricas, como jarras tubulares, d'onde irrompem os feixes das nervuras divisorias e das que vão ligar com os angulos do quadriculo reticulado afflorando ao centro de cada tramo em todas as abobadas. A capella-mór é differentemente organisada, em caixotões, e na sacristia de novo se encontra o artesoado que é o de mais esbelta e cuidadosa factura.

Como arte sumptuaria e decorativa ha que especificar além d'alguns paramentos, d'um cofre de madeira com embutidos, d'uma custodia pomposa no schema architectonico proveniente da Renascença e d'um retabulo, n'este genero, rudemente executado, um formoso tryptico d'esculptura em madeira representando a *Lenda de Santa Anna.*

Este precioso exemplar de talha gothica succumbindo todavia ante os reflexos do Renascimento eloquentemente se insinua como um producto de commovida e sincera mentalidade inspirada, porventura, ao gestal-o no tryptico pictorico do flamengo Quentin Massys, existente na Real Galeria de Bruxellas. Fundamentalmente os mesmos assumptos e quasi a mesma imaginaria: Casamento de S. Joaquim e Santa Anna, Revelação prophetica do anjo a S. Joaquim e encontro d'este com sua esposa á Porta Aurea de Jerusalem, e a Apresentação do Menino Jesus feita por Nossa Senhora a sua mãe.

Abstrahindo da negligencia no acabamento de certos pormenores é uma peça bellamente modelada, no respeito harmonioso do arranjo e do modulo, na ostentosa e galante execução dos detalhes e no gracil e affavel sentimento que diffunde. Inedita até hoje, vulgarisada agora, apesar das sevicias na filigrana, principiará a ter, na estima critica, o destaque merecido como joia valiosa e rara do nosso saqueado patrimonio artistico.

É findo o summariado inventario da capital dos territorios da amendoa no norte do paiz. Constitue este fructo uma das suas fontes de riqueza que em grande parte provém do valle da Villariça, uberrimo e fecundo pelas *rebofas* ou refluxo das aguas da ribeira e do Sabor, quando a corrente impetuosa do Douro não lhes permitte o escoamento e depositam então os nateiros arrastados durante a represa. Assim a natureza pela destruição e anomalia dos seus movimentos prodigalisa ao homem o dom carinhoso, que lhe faz erguer o clamor agradecido.

---

tion, hautaine et indépendante, et deux édificies religieux provenant du XVIme siècle: la Miséricorde et la Cathédrale.

Mais, même la valeur conceptive et artistique du premier est restreinte à la façade avec le petit portail en plein cintre avec frises concentriques et deux médaillons verticaux entre les pauvres piliers qui le renferment; cette Renaissance simple et unie s'accuse encore sur une chaire en granit qui se profile sur l'angle formé par la saillie d'une maison contigue comme un bouclier en arrêt. Cette chaire présente la forme d'un calice octogone ayant sur chaque face le bas relief d'un saint, et au long de la base une décoration naïve et grossière formée de quadrillés et de pendentifs.

La Cathédrale est un édifice monumental d'une majesté lourde et froide, qui s'élève au fond d'une cour pavée, avec des balustrades de pierre et des obélisques.

Si les vastes constructions sont un témoignage qui puisse élucider et prouver l'état social d'une ville à une époque déterminée, cette église est un document qui révèle d'une manière frappante l'aisance et le progrès de Moncorvo en plein XVIme siècle.

Son style est la renaissance inculte, triomphant par l'excès de masses, sans la moindre gracieuse florescence de lignes qui en estompent l'obsessive roideur. Les dates de 1562, sur la porte latérale surmontée du porche, et de 1567 du côté opposé, en sont, en partie, une justification.

Extérieurement, l'aspect est d'une sévérité incoercible, augmentée par la tour qui s'avance au milieu de la façade faisant une saillie en cube, terminée par une balustrade, et encore par les robustes arcs-boutants, six de chaque côté, qui renforcent la stabilité de ces murs de Bastille. Une frise marque le tiers supérieur de la hauteur, où sont percées des fenêtres exigues.

La composition du portail, à emboîtements animés par des statues d'une plastique des plus pauvres, dans les entre-colonnes du premier et du second corps de bâtiment, et la dernière balustrade sur laquelle s'ouvrent les lucarnes et les fenêtres, tout cela ne parvient pas à dissiper l'air disgracieux de cette épaisse masse de pierre. À l'intérieur les trois nefs sont séparées par de hautes colonnes cylindriques, comme des vases tubulaires, d'où jaillissent les faisceaux des nervures qui divisent la voûte et de celles qui vont se relier aux angles du carré réticulé aboutissant jusqu'au centre de chaque panneau de la voûte. Le sanctuaire est organisé différemment, en caissons, et dans la sacristie on retrouve encore la voûte nervurée qui est des plus belles et des mieux travaillées.

En fait d'art somptuaire et décoratif il faut spécialiser quelques ornements, un coffret en bois avec incrustations, un ostensoir somptueux du schema architectural provenant de la Renaissance, un retable du même genre grossièrement travaillé, et surtout un superbe tryptique en boiserie sculptée représentant la *Légende de Sainte Anne.*

Ce précieux exemplaire de boiserie gothique éclipsé toutefois par les reflets de la Renaissance, s'insinue éloquemment comme une œuvre d'intellectualité émue et sincère, inspirée peut être, à sa conception, par le tryptique pictural du flamand Quentin Massys que l'on voit dans la Galerie Royale de Bruxelles. Fondamentalement se sont les mêmes sujets et presque les mêmes images: Mariage de St Joachim et de Sainte Anne, Révélation prophétique de l'ange à St Joachim, et rencontre de celui-ci avec son épouse à la Porte Dorée de Jerusalem, et Présentation de l'Enfant Jésus faite par Notre Dame à sa Mère.

Malgré la négligence et l'imperfection de certains détails, c'est un travail très bien dessiné, avec un harmonieux respect de l'arrangement et des proportions, une magnifique et délicieuse exécution de détails, répandant un sentiment de charme et d'élégance. Inédit jusqu'à nos jours, il est maintenant connu et malgré les dégâts des ornements il commence à être considéré par la critique, comme un joyau précieux et rare de notre patrimoine artistique si malheureusement pillé.

On a terminé dans la capitale l'inventaire abrégé des terrains où l'on cultive les amandiers au nord du pays. Ce fruit est une des sources de richesse de la contrée et vient en grande partie de la vallée de Villariça, très fertile et féconde, grâce aux *rebofas* ou au reflux des eaux de la rivière et du Salôr lorsque le courant impétueux du Douro ne permet pas leur écoulement et qu'elles déposent alors les limons entrainés pendant l'endiguement. La nature, par la destruction et l'anomalie de ses mouvements, prodigue ainsi à l'homme les dons précieux qui le font élever des clameurs de reconnaissance.

Freixo d'Espada á Cinta

Este antigo *couto d'homiziados* é uma villa escura de Traz-os-Montes, encravada n'uma cova, a sudeste da provincia, e penosamente accessivel por desprovida de qualquer via de moderna e razoavel communicação. O trajecto faz-se por Moncorvo ou Barca d'Alva por vagos caminhos trilhados em lombos montanhosos, encostas arripiantes, ora sob escarpadas horrendas, ora sobre correntes fragorosas, ou, então, remontando o curso do Douro até ao Saltinho — terminus da sua navegação — e d'aqui galgar os tres kilometros a que dista.

Povoação typicamente transmontana conserva, em quasi toda a sua inteireza, o desconforto, a nudez e a porcaria, conhecidamente, medievaes. Parece emergir do banho da montureira que se accumula e fermenta e apodrece ao longo das ruelas, congostas e bêcos, no assentimento e conformação d'um habito varias vezes secular.

As habitações, salvo umas quatro recentes, são feitas de schisto, d'uma concreta negrura, sem argamassa a diluir a apparencia corrosiva e variolosa do pedregulho inadaptavel a assentadas unidas. Muitas d'ellas, porém, apresentam o frontispicio em granito e, então, na cantaria, carrancuda e fusca, recortam-se a porta e as janellinhas manuelinas, mais ou menos ornamentadas, e, aos lados d'estas, as misulas para os craveiros, ou os cachorros com entalhes para o poiso dos varaes da seccagem da roupa.

A mesma esthetica, em mais subida demonstração, se denuncia nas igrejas da Misericordia e Matriz. Aquella de capella-mór alçada sobre o resto da construcção com oito gargulas nervosas á altura da cornija; no interior, o diminuto artezoado e, na sacristia, um retabulo com pinturas em madeira perdidas pelos retoques e pelos restauros. A sua frontaria é singela.

A Matriz enfileira na serie das grandes edificações religiosas, approximadamente coevas, que se effectivaram na zona leste de Traz-os-Montes.

Manuelina, como acima se diz, entre os dois accrescimos á fachada principal, que a obstruem e prejudicam, abre-se a porta de sarapanel com um friso incrustado de florões entre os dois pilares enfeitados com coruchеus tendo, sobre o arco abatido, o *décor* trifoliado e subposto aos olhaes encimados pela janella. As portadas de madeira são revestidas de ferragens hespanholas, assim como as dos porticosinhos lateraes do mais ingenuo e canhestro manuelino. De resto, seis contrafortes por banda, cada com seu caleiro ao cimo.

Por dentro, as tres naves, columnas cylindricas de faixas ornamentaes, a meia altura, onde se reproduzem os constantes motivos que caracterisam o estylo referido: o cadeado, a corda, as flôres, os cherubins, etc. Todas as abobadas artezoadas vendo-se, nos fechos da absyde e nave central, o escudo regio a attestar a intervenção monarchica na fabrica do templo que, se não deslumbra, é todavia excellente n'estas paragens.

Obrigando a uma vista demorada e ponderosa deparam-se: o pulpito de ferro forjado, um sarcophago n'um dos absydiolos e os dezeseis quadrinhos quinhentistas, pintados em madeira e encastoados na talha *rocaille* da absyde. A contrastar horrivelmente com a delicia e frescor d'illuminura d'estas composições nascidas d'uma arte ideal espapa-se, na bocca da tribuna, uma pintalgada pathologica de painel de feira com o S. Miguel, impante, entre as fulgurações da óca e do roxo-rei, e, anatomicamente, mais hediondo que um chulo e monstruoso Hercules de barracão.

Junto da Matriz, á borda d'um vallado onde até ha pouco esbracejava o freixo que, segundo a tradição, appellidava a villóta, apruma-se agora o vistoso e ataviado pelourinho manuelino.

A pouca distancia, para nordeste, no cume do comoro e annexa ao cemiterio, que occupa o recinto do extincto reducto, eleva-se a torre soberba e donairosa, a unica sobrevivente das tres que se erigiram no seculo XIV. Heptagona, as armas de Freixo á frente, parapeito saliente nos cachorros de contorno; escada exterior para a entrada, excessivamente distante da base, que communica logo com o salão ogival, e, no terraço, a sineira posthuma do relogio compassando o giro do tempo. Encantadora, na sua côr de pergaminho envelhecido, transfigura-se quando, no silencio da noite, apparece a lua errante e sonhadora vertendo a graça do seu clarão immaculado; então, o seu perfil suavisa-se e mais ascende, no espaço profundo e constellado, accordando, evocando eras d'heroismo e lenda como as velhuscas e pallidas fortalezas dos romanescos e nevoentos paizes das balladas...

Freixo d'Espada á Cinta

Cet ancien *couto d'homiziados* est un bourg obscur de Traz-os-Montes, enfoncé dans un creux, au sud-est de la province et d'un accès très pénible, car il est privé de toute voie de communication moderne et facile. Le trajet se fait par Moncorvo ou Barca d'Alva, par de vagues chemins frayés sur des sommets montagneux, des côtes effrayantes, tantôt sous d'horribles pentes escarpées, tantôt sur des courants impétueux, ou, alors, en remontant le cours du Douro jusqu'à Saltinho, terminus de sa navigation, et de là, franchir les trois kilomètres au bout desquels il se trouve.

C'est un endroit typique de la province de Traz-os-Montes et qui conserve dans presque toute son intégralité le manque de confort, la nudité et la saleté, connues au moyen-âge. Il semble émerger du bain de fumier qui s'accumule, fermente et pourrît le long des ruelles et des impasses, avec l'assentiment et l'uniformité d'une habitude de plusieurs siècles.

Sauf quatre habitations modernes, toutes les autres sont faites en schiste, d'une noirceur épaisse, sans que le mortier vienne adoucir l'apparence rugueuse et bosselée des pierres, incompatibles à des surfaces unies. Il y a beaucoup de maisons, cependant, qui présentent les façades en granit et alors, avec la pierre sombre et rude on découpe la porte, les petites croisées *manuelinas*, plus ou moins ornementées ayant à côté les consoles pour les vases d'œillets ou les appuis entaillés servant à mettre les perches pour sécher le linge.

La même esthétique plus hautement démontrée se dénonce dans l'église de la Miséricorde et l'église Mère. Celle-là a le sanctuaire réhaussé sur le reste de la construction, avec huit gargouilles élancées à la hauteur de la corniche; à l'intérieur, de faibles nervures et, dans la sacristie, un retable avec des peintures sur bois, gâtées par les retouches et les restaurations. La façade est très simple.

L'église Mère peut être comptée dans la série des grandes édifications religieuses, à peu près de la même époque, qui furent construites sur la zone est de Traz-os-Montes.

Elle est de style manuelino comme nous avons dit, et entre les deux excroissances de la façade principale qui l'obstruent et lui nuisent, s'ouvre le portail en voûte surbaissée avec une bordure incrustée de fleurons, entre deux piliers garnis d'aiguilles, ayant sur l'arc aplati le décor en trêfle au dessous des arceaux surmontés par la fenêtre. Les vantaux en bois sont revêtus de ferrures espagnoles de même que celles des petites portes latérales de style manuelino le plus gauche et naïf. Du reste, on voit encore six arcs-boutants de chaque côté, surmontés chacun de sa gouttière.

Au dedans, les trois nefs, des colonnes cylindriques avec bandes d'ornements à mi-hauteur, sur lesquelles sont reproduits constamment les motifs qui caractèrisent le style: le cadenas, la corde, les fleurs, les chérubins, etc. Toutes les voûtes sont nervurées et aux clefs de celles de l'abside et de la nef centrale, l'écusson royal vient attester l'intervention monarchique dans la construction du temple qui, sans être une merveille, est toutefois excellent pour ces parages.

Les regards sont obligés à s'arrêter longuement sur la chaire en fer forgé, un sarcophage dans une des chapelles de l'abside et les seize petits tableaux du XVIme siècle peints sur bois et enchâssés dans la sculpture rocaille de l'abside. Contrastant horriblement avec le charme et la fraicheur de coloris de ces compositions nées d'un art idéal, à l'entrée de la tribune s'étale un peinturlurage pathologique de tableau de foire avec un Saint-Michel, imposant, parmi les fulgurations ocrées et violettes et, au point de vue anatomique, plus horrible que le plus grossier et monstrueux Hercule de cirque.

Près de l'Eglise, au bord d'un vallon où, il y a encore peu de temps, on voyait le frêne qui, d'après la tradition, donnait son nom au petit bourg, s'élève maintenant le coquet et brillant pilori manuelino.

À peu de distance vers le nord-est au sommet d'un coteau proche du cimetière qui occupe l'enceinte de l'ancienne redoute, s'élève la tour superbe et élancée, la seule survivante des trois qu'on avait érigées au XIVme siècle. Elle est heptagone, avec les armes de Freixo en avant, le parapet en saillie sur les appuis du pourtour; un escalier intérieur pour l'entrée, excessivement loin de la base, et qui communique aussitôt avec la salle ogivale; sur la terrasse la sonnerie posthume de l'horloge marquant la marche du temps. Charmante dans sa couleur de vieux parchemin, elle se transfigure lorsque pendant la nuit silencieuse, paraît la lune vaguement rêveuse, qui déverse toute la grâce de sa lueur immaculée; alors sa silhouette s'adoucit et dans l'espace profond et constellé elle semble monter encore, réveillant, évocant des époques d'héroïsme et de légendes comme les vieilles et pâles forteresses des brumeux et romanesques pays des ballades...

Vimioso

Offerecida em condado a D. Francisco de Portugal, bisneto do primeiro duque de Bragança, esta terra pouco ou nada contém de recommendavel e, a bem dizer, só um facto a torna credora da mais inequivoca sympathia e digna do mais caloroso registro. É uma villoria que perdida, isolada e remota, na pouco inviavel e lobrega provincia de Traz-os-Montes, patenteia ao visitante boquiaberto uma hospedaria caiada, varrida, esfregada com as camas alvas, cheirando a fresco, e a bateria da cozinha, reluzente e polida, como n'uma aldeia alemtejana ou hollandeza.

Demais, como apenas um repoiso na passagem para as grutas chama o viajante á terreola, elle vae-se bem disposto e contente sem a ter investigado.

O jazigo de marmores e alabastros ainda fica distante e a jornada não é breve, atravez de terrenos ingratos de culturas sumidas entre a superabundancia da pedra dispersa e rolada. O logar onde sita é d'uma solidão rude, com ravinas selvagens, morros grandiosos, declives phantasticos, amortalhados em arborescencias bravias.

No ambiente emocional e severo enxergam-se tres edificios, derrocadas de casebres e amplas manchas de marmore arrancado ao ventre da montanha e que esta de novo pretende guardar rodeando os brancos blocos com a coiraça defensiva do matagal e silvado.

E os predios recolhidos e silentes, os casinholos aluindo e as lages alvadias dizem uma historia triste sob a alegria triumphal do sol que os banha. Essa historia é simples.

Averiguada e confirmada technicamente a riqueza do jazigo, sua extensividade e possança, com tanta certeza se creditou a copiosa remuneração d'uma empreza que se arrojasse á iniciativa, que o capital acudiu e aquella organisou-se e petrechou-se para a devida laboração industrial. Logo de começo se arraigaram as conjecturas d'exito ante a variedade dos marmores d'uma brancura diaphana, ou maciamente azues, ou d'uma negridão compacta e a dos alabastros d'uma fina translucidez em differentes tonalidades, ondeados, extraordinarios...

Todas as esperanças, quasi infalliveis, baquearam, porém, com a falta de senso administrativo e com a carencia absoluta de communicações, careza e impossibilidade de transportes. Estrangulado o emprehendimento seductor, seguiu-se o cortejo funebre de litigios, paralysias e desamparo final. A labuta cessou, o pessoal operario desappareceu, o material mechanico ficou a decompôr-se e a inutilisar-se nas officinas, os tugurios onde os trabalhadores se acoitavam foram ruindo... Para distrahir o espirito contristado ante esta crueza da fatalidade implacavel abatidamente se conduzem os passos para as cavernas d'alabastro. São cinco: a Grande, a de Ferreiros, a da Ribeira, a de Geraldes, a da Abelheira.

Penetrar no seu seio é, no emtanto, desafiar a commoção e quasi profanar o mysterio augusto que as envolve. Na primeira, por exemplo, a plutonica sombra que a enche, apavora, sobresalta, quebra o rythmo cardiaco, e o sopro algido que acolhe o intruso, congela e entorpece. A vista, ferida, allucinada e torvelinhando, naufraga no abysmo d'aquella negra noite. Depois, para os que vão munidos de simples lanternas cujo luciolar é frouxo, a treva dissipa-se, lento e lento, e a pupilla, serenada e adaptada já, vae revelando as fórmas, os relevos, os caprichos do scenario feerico; quando a transição é rapida, brusca, violenta, pela projecção d'um foco luminoso e, ante a retina assombrada, se desvenda momentaneamente a maravilha produzida pelas lagrimas condensadas da terra, o espirito subjugado torna real e positiva a irrealidade dos sensibilisantes contos de fadas.

A vasta cupula magicamente suspensa, as arcarias, os pilares, os capiteis, os rendilhados, as franjas, as insculpturas, envolvem-se na alvura purissima d'uma virgindade imperturbada realçando sobre reconcavos, golphos d'escuridão, furnas tenebrosas.

Presente-se a vigorosa circulação d'uma vida extranha na apparente immobilidade da pallida materia dilatando-se, sentindo, amando.

Pontas stalactiticas pendendo como pufs de gelo, rebentos infantis, borbulhas mimosas d'uma epiderme setinea, como seios crespos e tumidos, como calices elançados de lyrios, ora olhando as agulhas stalagmiticas n'um desejo indefinido, ora unindo-se a ellas n'um beijo fecundo que fará germinar a columna — o organico elemento constructivo, fornecido pela natureza e aproveitado pelo homem nas concepções da sua Arte.

Manuel Monteiro.

Vimioso

Cet endroit, qui fut offert comme comté à D. Francisco de Portugal, arrière petit fils du premier duc de Bragança, ne possède rien ou presque rien de recommandable et, à vrai dire, il n'y a qu'un seul fait qui le rende digne de la plus sincère sympathie et des plus chaleureux éloges. C'est un petit bourg perdu, isolé et ancien, de cette province de Traz-os-Montes si peu accessible et si sombre, et il offre au visiteur étonné une hôtellerie blanchie à la chaux, balayée, frottée avec des lits propres, respirant la fraicheur, et une batterie de cuisine reluisante et polie comme dans un village de l'Alemtejo ou de la Hollande.

Et puis, comme le voyageur n'est attiré en ce lieu que pour un bref repos, en passant vers les grottes, il s'en va bien disposé et satisfait, sans l'avoir bien examiné.

Les gisements de marbre et d'albâtre sont encore éloignés et le trajet n'est pas court, à travers des terrains ingrats, aux cultures presque cachées par l'abondance de pierres dispersées et roulantes. L'endroit où ils se trouvent est d'une solitude âpre, avec des ravins sauvages, des tertres grandioses, des pentes fantastiques ensevelies dans des arborescences agrestes.

Dans l'espace émotionnant et sévère on aperçoit trois édifices, des masures délabrées et de grandes taches de marbres arrachés au flanc de la montagne et que celle-ci prétend reprendre en entourant les blocs blanchâtres avec une cuirasse défensive de buissons et de ronces.

Et les maisons recueillies et silencieuses, les chaumières délabrées et les dalles grises racontent une triste histoire sous cette joie triomphale du soleil qui les baigne. Cette histoire est simple.

Lorsqu'on eût techniquement reconnu et confirmé la richesse du gisement, son étendue et son importance, on crût avec tant de certitude à la copieuse rémunération dont bénéficierait une entreprise qui prendrait l'initiative de son exploitation, que les capitaux se présentèrent et une société s'organisa, pourvue du nécessaire à une exploitation industrielle. Les conjectures d'un succès s'enracinèrent bientôt lorsqu'on vît la variété de marbres d'une blancheur diaphane, ou légèrement blêutés, ou d'une noirceur compacte, ainsi que celle des albâtres d'une délicate translucidité avec des tonalités différentes ondulés, extraordinaires...

Mais toutes ces espérances, presque infaillibles, échouèrent, par l'absence de sens administratif et le manque absolu de communications, la cherté et l'impossibilité des moyens de transport. L'attrayante entreprise fut étranglée, et il s'ensuivit le cortège funèbre de procés, de paralysation et le désarroi final. Le travail cessa, les ouvriers disparurent, le matériel mécanique resta inutile et abimé dans les ateliers, et les masures où les travailleurs se réfugiaient se ruinèrent. Pour distraire l'esprit abattu devant cette cruauté de l'implacable fatalité, on dirige, avec découragement, les pas vers les cavernes d'albâtre. Il y en a cinq: La Grande, et celles de Ferreiros, Ribeira, Geraldes et Abelheira.

Cependant, en y pénétrant, on défie l'émotion et on profane presque l'auguste mystère qui les entoure. Par exemple dans la première, l'ombre plutonique dont elle est pleine, effraie, saisit et brise le rythme du cœur, et le souffle glacé qui enveloppe le visiteur, le gèle et l'engourdit. La vue blessée, affolée, et tournoyant se perd dans l'abîme de cette nuit noire. Ensuite, pour ceux qui vont munis de simples lanternes dont la lueur est faible, les ténèbres se dissipent lentement et les prunelles reposées et accoutumées déjà, commencent à apercevoir les formes, les reliefs, les caprices d'un décor féérique; lorsque la transition se fait rapidement, brusque et violente, par la projection d'un foyer lumineux, et devant le regard émerveillé, se révèle tout d'un coup l'éblouissement produit par les larmes condensées de la terre, l'esprit subjugué nous rend positive et réelle, l'irréalité des émotionnants contes de fées.

La vaste coupole magiquement suspendue, les arcades, les piliers, les dentelles, les franges, les insculptures, tout est enveloppé dans la blancheur la plus pure d'une virginité jamais troublée, réhaussée par les enfoncements, les golfes d'obscurité, les cavernes ténébreuses.

On pressent la vigoureuse circulation d'une vie étrange, dans l'immobilité apparente de cette pâle matière qui se dilate, qui sent, qui aime...

Des pointes de stalactites pendent, comme des poufs de glace, des bourgeons naissants, des boutons délicats sur un épiderme satiné, comme des seins gonflés, des calices élancés d'iris, tantôt regardant les aiguilles des stalagmites dans un désir infini, ou les atteignant d'un baiser fécond qui fait germer la colonne, l'élément constructif organique, donné par la nature, et dont l'homme profite pour les conceptions de son Art.

Manuel Monteiro.

Barroso



Excepto a candida e vaga narrativa de Frei Luiz de Sousa n'*A Vida do Arcebispo* e a reputação indisputada e justa da sua vitéla e de todo o seu gado bovino, nada mais se conhece, no paiz, da montanhosa região de Barroso.

Recolhida na austera clausura de serranias que a separam de todo resto do mundo, ainda não foi devassada pelos elementos do progresso — áparte o indiscreto macadam que liga a villa de Chaves á de Montalegre e a laboriosa, florescente e moderna população fabril que surge em volta dos jazigos de wolfram, na freguezia de Salto sita nos áditos do formidavel planalto.

Vivendo no rythmo imperturbavel das existencias simples, não tendo outros estimulos senão os da tradição, o indigena continua fielmente a actividade social dos remotos antepassados cuja memoria se perde na crescida sombra dos seculos que sobre elles se dobaram. E assim, na renuncia a qualquer outro premio que não seja o da tranquillidade e paz do seu vasto e aspero cenobio, exerce as industrias dos povos primitivos de que elle é uma viva emanação: a pastoricia, subordinada á lavoura patriarchal, sob os dictames do ceu inclemente onde lê, confiado e seguro, como nas paginas claras d'um livro aberto e inilludivel.

Perpetuando estadios archaicos que vicejam n'uma pureza quasi integra possue, no seu amplo *habitat*, um consideravel archivo de sobrevivencias — material opulento para as locubrações de ethnographos e ethnologos, historiadores e economistas. Infelizmente não consentem o espaço e a opportunidade mais que um conspecto fugaz d'essa zona serrana, entre nós, incomparavel.

Solo alcantilado e agreste de contornos severos; clima cruel com desiguaes alternativas de polo e equador; paizagem arida, indigente, quasi atona.

No fundo dos valles, na aba das encostas, em pregas de cerros e quasi sempre ao abrigo das ventanias impiedosas, assentam as povoações com o seu casario unido, aconchegado, apinhoado. As exigencias da defeza commum e o instincto da solidariedade assim o determinam.

N'esses agglomerados, cobertos de colmo trigueiro, raramente uma alvura de cal aviventa ou fulge na sua côr, sombria e suja, confundindo-se com a da natureza circundante. As habitações logo dizem a constituição geologica do terreno em que poisam e, abertamente, declaram a maior ou menor abastança e a maior ou menor primitividade do aggregado a que pertencem.

O snr. Rocha Peixoto, douto homem de sciencia que addita a uma singular erudição os primores d'uma plastica inconfundivel, n'um resumo lucido, kodaquisou a vivenda barrosã que pessoalmente examinou e largamente perscrutou: «A casa terreira da montanha, traduzindo o mister agricolo-pastoril do habitante, mantem-se sempre n'uma elementar rudeza constructiva. Collocam-se os blocos sem cimento ou dispõe-se o schisto em assentadas, deixando fendas por onde o fumo se esvae ou a luz entra; e a pedra, com um miudo apparelho polygonal, nem sempre se justapõe á fieira e raramente é escudada. Sob o colmasso de duas ou quatro aguas, com lages fixando os cumes e latas de madeira transversaes, a fuligem pende em estalactites ou sequer como reveste interiormente as paredes de verniz. Tres, dois, mesmo um só compartimento aloja animaes e pessoas.»

Com effeito, se o casebre tem a entrada ao rez do chão difficilmente comporta divisões internas e no espaço que as achamboadas paredes encerram descortina-se um quadro, arrepiante e commiserador, mal apercebido a principio pelo acarvoamento compacto em que se concentra, salvo quando uma restea de sol trespassa luminosamente o negrume e diffunde uma debil claridade que todavia basta a relevar e precisar os objectos, como nos inegualaveis interiores de Rembrandt. Mobiliario pobrissimo, desconforto absoluto, photographando uma austereza de eremiterio, uma primeira noção dos aconchegos da vida e um comesinho avanço sobre as cavernas ex-historicas. Deve, emfim, fornecer um espelho mais ou menos exacto das moradas dos *castros* de que dimanam por certo as aldeias de Barroso.

Sobre o terreo pavimento e junto dos muros defumados installam-se, tambem ennegrecidas, as arcas, as bancas, a mesa, o escano, a lareira com o trem olarico, a ruma de lenha para as dilatadas invernias e as rijas enxergas onde quasi promiscuamente se acommoda a familia. De resto uma ou outra

Barroso



Excepté le naïf et vague récit de Frei Luiz de Souza dans *A Vida do Arcebispo* et la juste et incontestable réputation de ses veaux et de ses bestiaux, on ne connait, dans le pays, plus rien de la région montagneuse de Barroso.

Recueillie dans l'austère clôture des montagnes qui la séparent de tout le reste du monde, elle n'a pas encore été pénétrée par les éléments du progrès, à peine un macadam indiscret relie la ville de Chaves à celle de Montalegre, et, autour des gisements de wolfram dans la paroisse de Salto, située à l'entrée du formidable plateau, on voit surgir une population ouvrière laborieuse, florissante et moderne.

Vivant dans le rythme imperturbable des existences simples, n'ayant d'autres stimulants que ceux de la tradition, l'indigène continue fidèlement l'activité sociale des ancêtres lointains dont la mémoire se perd dans l'ombre croissante des siècles qui se sont écoulés après eux. Renonçant ainsi à tout autre bienfait qui ne soit la paix et la tranquillité de son âpre et vaste solitude, il exerce les industries des peuples primitifs dont il est une vivante émanation: les pâturages soumis au labour patriarchal sont régis par le ciel inclément où il lit, confiant et sûr, comme dans les pages nettes d'un livre ouvert et qui ne peut le tromper.

Perpétuant des étapes archaïques qui fleurissent avec une pureté presque entière, il possède dans son vaste logis, un archive considérable de survivances, matériel opulent pour les élucubrations d'ethnographes, d'ethnologues, d'historiens et d'économistes. Malheureusement l'occasion et l'espace nous permettent à peine un aperçu de cette zone montagneuse et incomparable.

Le sol est escarpé et agreste, aux contours sévères; le climat dur avec des alternatives inégales du pôle et de l'équateur; le paysage aride pauvre, presque atone.

Au fond des vallons, sur le versant des coteaux, dans les replis des ravins et presque toujours à l'abri des vents impitoyables, se nichent les villages avec leurs maisons unies, rapprochées, tassées. Les exigences de défense commune et l'instinct de solidarité les inspirent en ce sens.

Dans ces agglomérations, recouvertes de chaume bruni, on aperçoit rarement une blancheur de chaux, brillant ou tranchant sur le coloris sombre et sale, qui se confond avec celui de la nature environnante. Ses habitations dénoncent aussitôt la constitution géologique du terrain où elles siègent et déclarent franchement le plus ou moins d'aisance et le cachet plus ou moins primitif de l'assemblage auquel elles appartiennent.

Mr. Rocha Peixoto, savant homme de science qui réunit à une remarquable érudition les délicatesses d'une plastique exquise, a décrit dans un abrégé des plus lucides, la demeure de Barroso qu'il a personnellement examinée et longuement étudiée: «La maison terrienne de la montagne, traduisant le métier agricole pastoral de l'habitant, se maintient toujours d'une rudesse de construction des plus élémentaires. On place les blocs sans ciment, on dispose le schiste par couches, laissant des fentes par où sort la fumée et entre la lumière; la pierre en petits polygones, ne se juxtapose pas toujours à la filière et on l'équarrit rarement. Sous le toit de chaume à deux ou quatre versants, avec des dalles qui en fixent le sommet et des lattes de bois posées transversalement, la suie pend en stalactites ou alors elle enduit intérieurement les murs d'une sorte de vernis. Trois, deux, et même un seul compartiment sert à loger les bêtes et les gens.»

Effectivement, lorsque l'entrée de la masure se trouve au rez-de-chaussée elle contient difficilement des divisions intérieures, et dans l'espace renfermé entre les murs grossiers on découvre un tableau effrayant et misérable, qu'au commencement on n'aperçoit guère à cause de l'obscurité compacte qui l'entoure, sauf quand un rayon de soleil en transperce lumineusement la noirceur et répand une faible clarté, toutefois suffisante pour définir et préciser les objets, comme dans les incomparables intérieurs de Rembrandt. Le mobilier est des plus pauvres, le manque de confort absolu, rappelant l'austérité d'un ermitage, ou les premières notions des commodités de la vie avec un infime avancement sur les cavernes ex-historiques. Enfin, ce doit être l'image plus ou moins exacte des demeures des *castros* d'où dérivent certainement les villages de Barroso.

estante e o caldeirão de cobre suspenso da gramalheira de ferro. Por cima, o tecto de colmo d'uma negridão gordurenta, alcatroada, envernizada, por onde se côa para a atmosphera a fumarada espessa e d'onde se dependuram os longos pingentes fuliginosos. Aos lados da porta, na imitação da familiaridade biblica, a capoeira e o chiqueiro. Continuos a este predio seguem-se outros do mesmo typo architectonico destinados a outras familias, ou a albergar curraes e estabulos, ou convertidos em celleiros do cereal e armazens da palha, tão prestimosa, para organisar a cama, para cobrir o ninho e para alimentar o gado na frigida estação em que os pastos jazem sepultos na neve.

Do mesmo schema e traça externos é o forno commum onde todos os visinhos do logar fabricam o pão.

Mas se os bens permittem ou o solo em que o povo se acantona é mais fertil as moradias alçam-se até um sobrado com escada exterior rematando n'um pateo ou varanda que o prolongamento da cobertura alpendra e protege. No emtanto pouca melhoria accusam sobre o specimen descripto. Se o tapamento de fasquias de madeira ou o tabique interferem a formar, separados, dois ou mais cubiculos, nas janellas e postigos ha o mesmo desguarnecimento de vidraças, no alto o mesmo tecto, por toda a parte o mesmo colorido luctuoso e no soalho, com sordidas estratificações, arreganham-se os largos resquicios por onde sobem e se libertam os bafos das córtes subjacentes!

E é n'estes antros que se funda o lar com as sacras primicias do noivado e germina e desabrocha a divina florescencia do amor. Amor? Sexualidade animal?...

O vestuario condiz com o domicilio: o mesmo apoucamento, o mesmo desatavio, a mesma rudeza.

O barrosão, como todo o nosso montanhez, inculto e inesthetа, não tem a noção do que seja a commodidade e o luxo e pelas penosas condições do seu viver, n'uma labuta porfiada com as rebeldias do céo e da terra, não comprehende nem suppõe a possibilidade de dispendios além do que o seu bronco cerebro considera indispensavel. Portanto como ao tugurio pede apenas um refugio para a noite e para a inverneira, ao fato exige sómente o singelo agasalho para o seu organismo endurecido e macerado.

As deturpações supprimiram já na vestimenta masculina o seu caracter tradicional, salvo a *capucha* empregada sobretudo no pastoreio; a da mulher applicada ao uso quotidiano subsiste e perdura. Bem rudimentar é ella: o *jaqué* ou casibeque de burel ou fulado, uma saia grossa de saragoça, a *capucha* de burel tambem para encobrir o tronco desde a cabeça, o lenço, a camisa de estopa ou linho, o collete aberto no peito, o avental grosseiro, e uns tamancos — as *sócas* — de vidoeiro para os pés. As pernas guarnece-as com *piugas* de lã, não por respeito á honestidade e a uma compostura decente, incompativel com a curteza da saia, mas por violenta precisão afim de evitar o attrito cortante da saragoça hostil e aspera. Por vezes em substituição da saia põe o *mantéu* de fulado, ou seja uma longa e larga faixa d'esta fazenda que envolve a parte inferior do corpo prendendo-a na cintura com um vencilho. Oh! veneravel representante do saio ante-historico!

Á roda de cada logarejo ou aldeola distende-se o seu campo d'acção: a propriedade. Por esta se dispersam os obreiros d'aquellas colmeias humanas.

Este caso singular da união cohesiva dos villares dos quaes nenhum casinholo se desvia ou tresmalha foi condicionado por factores de remotissima origem. N'elle se vislumbra a vaga phase communista a que se subordinou o perspicaz aforamento collectivo das terras instituido nas leis de D. Diniz...

Pedindo ao solo tudo o que fundamentalmente é necessario á sua subsistencia, é a elle tambem que o barrosão dedica todo o anceio, toda a solicitude e todo o producto da sua aturada lide. D'aqui o radicar uma entranhada affeição, que chega a ser doentia, á posse d'um palmo de terra. Nada mais desolador e afflictivo para elle que o aphorismo: *sem eira nem beira*. E na conquista d'aquelle supremo desejo, que importa o titulo de dominio sobre o chão que seus avós trilharam, que seus paes pisaram e que hão de pisar os seus filhos e os seus netos, revela a mais feroz intransigencia, o mais absurdo egoismo. Assim se explicam as verdadeiras teratologias economicas que são os mosaicos de culturas, frequentemente observadas, cada uma das quaes não abrange o espaço capaz de servir á abertura d'um coval para recolher no seu seio quem tão desvairadamente o pretendeu e amargamente o trabalhou.

Onde a seiva é minguada e a colheita sáfara impõe-se a violencia do exodo temporario que dura todo o inverno. E o barrosão, submisso, contristado e saudoso, parte para o sul do paiz, falho de braços, a offerecer a sua actividade nas grandes azafamas da oleifactura alemtejana ou na exportação da laranja em Setubal. Exgottados estes mistéres, regressa pressuroso ao berço, com o peculio das geiras

Sur le sol ras et le long des murs enfumés sont installés, également noircis, les caisses, les bancs, les tables, l'escabeau, la cheminée avec la vaisselle, la pile de bois pour les longs hivers et les paillasses dures où la famille se couche presque toute ensemble. On voit encore par ci par là quelques tablettes et le chaudron de cuivre suspendu à la crémaillère de fer. En haut, le toit de chaume d'une noirceur graisseuse, goudronnée, vernie, par où s'écoule vers l'atmosphère l'épaisse fumée, et d'où pendent les longues pendeloques fuligineuses. Aux côtés de la porte, suivant la familiarité biblique, on voit le poulailler et la porcherie. Près de cette habitation il s'en trouve d'autres du même type d'architecture destinées à d'autres familles, ou alors servant d'étables, de bergeries, de greniers ou de magasins de paille, si utile pour arranger un lit, pour couvrir le nid et pour nourrir les bestiaux pendant les hivers glacés où les pâturages restent enfouis sous la neige.

Le four commum où tous les voisins du village viennent cuire leur pain est extérieurement du même schema et du même dessin.

Mais, lorsque les moyens le permettent, si le sol où le peuple se retire est plus fertile, les maisons sont haussées d'un étage avec escalier extérieur se terminant sur un balcon ou une cour, recouvert et protégé par le prolongement de la toiture. Malgré cela, le spécimen décrit n'est guère amélioré. Si la couverture en lattes de bois, où les cloisons, sont placées de manière à former séparément, deux ou plus de pièces, les fenêtres et les lucarnes sont également dépourvues de carreaux, c'est toujours le même plafond, partout la même teinte endeuillée et sur le plancher avec de sordides stratifications, s'écarquillent les larges fentes par où montent et s'épanchent les relents des étables d'au dessous.

Et c'est dans ces taudis que s'installe un foyer avec les prémices sacrées d'un mariage, et que s'épanouit et germe la fleur divine de l'amour. Amour? Sexualité animale?

Le vêtement s'harmonise avec le domicile: même dénûment, même désordre, même rudesse.

L'habitant de Barroso comme tous nos montagnards incultes et sans esthétique n'a pas la moindre notion de commodité ni de luxe, et les conditions pénibles de son existence, le labeur incessant contre les révoltes du ciel et de la terre, l'empêchent de comprendre et de supposer la possibilité de faire d'autres dépenses que celles que son dur cerveau considère comme indispensables. Donc, s'il demande à son taudis à peine un réfuge pour la nuit et la mauvaise saison, il n'exige des vêtements que la simple chaleur pour son organisme endurci et mortifié.

Les altérations ont déjà supprimé du vêtement masculin le caractère traditionnel, sauf le capuchon employé surtout par les pâtres; le vêtement des femmes qu'elles portent pour l'usage quotidien subsiste comme autrefois. Il est assez rudimentaire: le *jaqué* ou caraco en bure ou en drap, une grosse jupe de futaine, le capuchon de bure qui couvre la tête et le tronc, le mouchoir, la chemise de chanvre ou de lin, le corset ouvert sur la poitrine, le grossier tablier et des sabots, des *socques*, en bouleau pour les pieds. Les jambes sont garnies de chaussettes de laine, non par respect pour l'honnêteté ou pour un maintien décent, incompatible avec leurs jupes courtes, mais simplement par un violent besoin d'eviter le frôttement de la bure grossière et dure. Parfois, au lieu de la jupe elles mettent le *mantéu* de drap, c'est à dire, une longue et large bande de cette étoffe qui enveloppe le bas du corps et se retient à la ceinture par un cordon. Oh! vénérable représentant du sayon pré-historique!

Autour de chaque village s'étend son aire d'activité: la propriété. C'est là que se dispersent les ouvriers de ces ruches humaines.

Cet exemple si singulier de l'union adhérente des villageois dont aucune demeure ne se détourne ou s'eloigne, a été dû à des motifs d'origine très reculée. On y entrevoit la vague phase communiste occasionnée par la sage distribution des terrains instituée dans les lois de D. Diniz.

Le *barrosão* prélevant du sol tout ce qui est fondamentalement nécessaire à sa subsistance, lui voue aussi tout son travail, toute sa sollicitude et tout le produit de ses incessants efforts. Ainsi s'explique le profond désir, presque maladif, de posséder un lopin de terre. Pour lui il n'y a rien de plus triste et désolant que le vieux dicton: *sans feu ni lieu*. Et il montre l'intransigence la plus féroce et l'égoïsme le plus absurde vers la conquête de ce bienfait suprême, qui représente le titre de propriété sur le sol que ses ancêtres ont défriché, que ses pères ont foulé et qui sera également foulé par ses enfants et ses petits enfants. C'est pour celà que l'on observe fréquemment de véritables phénomènes économiques dans les mosaïques de cultures, dont quelques unes n'occupent pas même l'espace nécessaire à l'ouverture d'une fosse pour recueillir les restes de celui qui l'a si follement désirée et si durement labourée.

avaramente poupadas, para moirejar com os patricios nos serviços da lavoura natal. Esta é primeva, regulada por preceitos anteriores ás maximas poeticas das *Georgicas* e confina-se fundamentalmente no cultivo do centeio que se estende por planos, pendores e cumiadas baixas.

No fundo dos valles a gordura herbacea dos prados — *lameiros*. No alto dos relevos de vulto e ao longo de ravinas e dorsos eriça-se a cabellugem das touças de matagal e vegetação bravia por onde se pastoreiam os gados communaes.

É nos lameiros que se criam os *touros do povo*, os soberbos e masculos reproductores da raça barrozã, a raça bovina sem igual, de cabeça curta, fronte larga, olhos grandes e hastes altas encurvando em fórma de lyra.

São os melhores exemplares d'essa raça de perfil concavo e morphologia *sui generis*, solidamente constituida e tão apreciada nas provincias do norte do paiz que a importam na idade pueril da bezerrice, arisca, vibrante, gracil, timida, quando os chifres mal despontam adquirindo-a, por manadas, nas grandes feiras de Montalegre e Boticas — sedes dos dois concelhos que encerram o Barroso.

Não ha, de resto, a fragrancia e o attractivo da arborisação a valorisar o quadro circumscripto a horizontes cerrados, em traços nitidos e sotopostos no afastamento da perspectiva. Nem olivedo ou vinha, nem pinhal ou fructeiras; apenas d'onde a onde uma deveza de bello carvalhido e languido vidoeiral. A paizagem pois é grave, desnudada, pobre de tintas, na rasura do restolho, na gleba arroteada, na messe ondulante e nos mesquinhos episodios horticolas desde as pradarias até ao baldio dos cerros, não raro, encabeçados de formidandos accidentes geologicos, tumultuarios, ameaçadores, brutaes, que tornam o ambiente mais carrancudo e taciturno. Quão longe se está da bucolica poesia rural da cantante e polychromica provincia do Minho!

Mas nem tudo é sáfaro e alguns motivos ha de encanto para os sentimentos artisticos, a começar pelo castello de Montalegre, perfilado sobre um outeiro a norte da villa, guardando a larga chã por onde corre o Cávado, ainda insignificante e reduzido, procedendo do Larouco a barrar, ao fundo, o horizonte n'uma vaga immaterialidade de nevoa.

Quem segue de Villarinho de Negrões, ao descer a serra do Avellar imprevistamente descortina, n'uma inapagavel surpreza, a rôta e veneravel alcaçova d'uma coloração morta de folha secca, salpicada de rubros laivos, escurecidos nos bordos como coagulos obstinados d'um sangue derramado ha seculos. Á medida que se declina pelas abas da montanha mais resalta o arrogante e indomavel cubo de menagem retalhando a abobada no mesmo gesto aggressivo que lhe fixaram os alvaneus e canteiros de Affonso IV. Ascende como um emblema inflexivel e inalteravel do passado!

Pedaços de muro indicam a trajectoria do cerco antigo contando ainda tres torreões em tamanho decrescente. Fronteira e correspondendo-se com elles apruma-se a grandiosa torre com uma falha n'um cunhal e na dentadura d'ameias que não prejudica o effeito do seu conjuncto d'uma estabilidade quasi irreductivel. A sua austera arrogancia amima-se, porém, com a caricia d'um arbusto — a *lamagueira* — de folhagem fina e copioso fructo sanguineo, borbulhando das juntas da velhusca silharia, n'um *décor* festivo, juvenil, caloroso, o que a semelha a uma ara gigantea engrinaldada de ramos votivos. Primorosa vinheta suggestivamente evocativa dos lendarios tempos heroicos!

Uma larga dobra da mesma serra do Avellar atufa-se com a densa massa verdejante d'um bosque. Nada mais inopinadamente delicioso para as almas esthetas, na secca nudez paizagistica do extenso planalto trasmontano, que esta cerrada espessura vegetal d'uma exuberancia opulenta no frescôr e na pureza da sua virgindade inviolada.

O extase subjuga o intruso que pela vez primeira devassa o recinto cathedralesco, hieratico e augusto, d'essa pequena floresta com silencios magestosos, penumbras cheias de mysterio, arcarias d'um capricho indefinivel, pavimentos macios d'um velludo nuançado, bizarras decorações d'arbustos e hervagens pullulantes, exquisitas rendas e tessituras de folhagens por onde se infiltram furtivamente os flammejantes sorrisos do sol pondo scintillas nos veios d'agua que deslisam sem murmurio.

Circula um poderoso germen fecundo impulsionando tudo: musgos mimosos, rebentos arbustivos, plantas infantis e troncos moços, adultos e caducos, que se disputam, com audacia, o esplendor da luz, que se inclinam, com affecto, no mesmo gesto de sympathia, que se cruzam, com ardor, no mesmo abraço indissoluvel, que se toucam d'heras e florescencias para um festejo nupcial ou para uma orgia de luxuria, que se vestem de parasitas contra os derradeiros arrepios da velhice carcomida e exhausta!

Aux endroits où la sève est moindre et la récolte difficile on est violemment forcé à l'exode temporaire qui dure tout l'hiver. Et le *barrosão* résigné, plein de tristesse et de regrets s'en va vers le midi du pays, là où les bras manquent, et il vient offrir son activité pour les grands travaux de fabrication d'huiles de l'Alemtejo ou l'exportation des oranges à Setubal. Les travaux finis il retourne avec empressement à son nid, avec le pécule des corvées durement épargnées, et recommence avec ses compatriotes le labourage du sol natal. C'est la vie primitive réglée par des préceptes antérieurs aux maximes poétiques des *Georgiques*, et elle se borne parfois à la culture du seigle qui s'étend sur les plaines, les pentes et les plateaux bas.

Au fond des vallées ce sont les gras herbages des prés — *lameiros*. Sur le haut des reliefs, le long des ravins et des sommets, les pousses des buissons se hérissent en une végétation sauvage où l'on voit paître les troupeaux de la commune.

C'est dans les *lameiros* que sont élevés les *taureaux du povo*, ces superbes et massifs reproducteurs de la race *barrosã*, cette race bovine sans rivale, à tête courte, front large, grands yeux et hautes cornes recourbées en forme de lyre.

Ce sont les meilleurs exemplaires de cette race au profil creusé d'une morphologie *sui generis*, solidement bâtie et si appréciée dans les provinces du nord du pays, qui l'importent en bas âge lorsque les veaux sont encore petits, farouches, vibrants, sveltes, timides, quand les cornes pointent à peine. On les achète par troupeaux aux grandes foires de Montalegre et Boticas, chef-lieux des deux communes où se trouve Barroso.

Du reste, on n'y trouve pas la fraicheur et l'attrait des arbres qui fassent valoir le tableau circonscrit par des horizons fermés, nettement dessinés et superposés dans l'éloignement du paysage. Pas d'oliviers, ni de vignes, aucun bois de pins ni de vergers; à peine de loin en loin un bosquet de beaux chênes et de minces bouleaux. Le paysage est donc grave, dénudé, pauvre de coloris, dans la platitude de l'esteuble, de la glèbe défrichée, de la moisson onduleuse, et de tous les mesquins épisodes horticoles, depuis les prés jusqu'aux champs stériles, et, souvent couronné par de formidables accidents géologiques, tumultueux, menaçants, brutaux qui en rendent l'aspect encore plus sombre et taciturne. Qu'on est loin de la bucolique poésie rurale, de la province du Minho si pleine de charme et de coloris!

Cependant, tout n'est pas aride et on y trouve encore quelque attrait pour les sentiments artistiques, en commençant par le château de Montalegre, qui se profile sur un coteau au nord de la ville, gardant la vaste plaine où coule le Cávado, très mince et insignifiant encore, et qui vient de Larouco, barrant au fond l'horizon dans une vague immatérialité de brume.

Quand on va de Villarinho à Negrões, en descendant la montagne de Avellar, on découvre à l'improviste et avec une agréable surprise, le vénérable château, tout troué, d'une coloration de feuille morte, parsemé de taches rouges, avec les bords foncés comme des caillots d'un sang répandu depuis des siècles. À mesure qu'on dévale sur le flanc de la montagne, l'arrogante et indomptable tour se réhausse davantage, se détachant sur le ciel avec le même air aggressif que lui ont imprimé les sculpteurs et les maçons de Affonso IV. Elle apparait comme un emblême inflexible et inaltérable du passé!

Des débris de murs indiquent la trajectoire de l'antique enceinte où l'on voit encore trois tourelles de grandeur décroissante. Vis-à-vis et leur faisant face, se dresse la majestueuse tour, ébréchée à un des coins et à la dentelure des créneaux, ce qui ne nuit pas à l'effet de l'ensemble, qui parait d'une stabilité presque irréductible. Cette austère arrogance s'atténue toutefois avec la caresse d'un arbuste, nommé *lamagueira*, au feuillage fin et d'abondants fruits rouges, qui pousse par les jointures des vieilles pierres en un décor de fête, plein de jeunesse et de chaleur produisant l'effet d'un autel gigantesque enguirlandé de fleuris *ex-votos*. C'est une vignette exquise qui évoque suggestivement les légendaires époques héroïques.

Un large repli du même mont de Avellar est recouvert de la masse touffue et verdoyante d'un bois. Rien de plus délicieusement imprévu, pour les âmes esthétiques, que cette épaisse végétation d'une opulente exhubérance pleine de fraîcheur et de pureté dans toute sa virginité immaculée au milieu de l'aride nudité du paysage du grand plateau de Traz-os-Montes.

L'extase subjugue le curieux qui pénètre pour la première fois dans cette enceinte de cathédrale, hiératique et auguste de la petite forêt aux majestueux silences, aux ombres pleines de mystères, aux arcades d'un caprice qu'on ne peut définir, aux sols tapissés de velours nuancés, aux bizarres décorations

Sente-se a verdade intuitiva das concepções poeticas dos povos antigos. Palpita alli, como n'uma fluctuação de sonho, o inteiro drama da vida do arvoredo, amando e noivando, proliferando e luctando, chorando e morrendo.

Não será esta selva de carvalhos, subjacente ao fojo onde se executava o lobo, uma sobrevivencia dos velhos templos germanicos?

Mas quantos outros pormenores emotivos que marcam uma impressão inesquecivel desde a necropole aberta na rocha, em Denões, aos dolmens, os funebres monumentos megalithicos, de Tourem e Pitões em que se fundiram no anniquilamento do Não-Ser nucleos de povos desconhecidos da Historia, que por entre essas selvas dolorida e angustiadamente arrastaram o fardo cruento da vida primitiva!

E já que se alludiu a esta ultima aldeia, sentinella fronteiriça e delimitante do solo barrosão, não é licito omittir ao impressionista a referencia ao mosteiro de Santa Maria de Junias.

Para sudeste de tal povoado, com uma flagrante feição castreja no topo do morro onde se equilibra, desce uma encosta em cuja base, mãos piedosas e crentes, ergueram, n'um ascetico desejo de santidade e bemaventurança, uma igrejasinha gothica e um convento, hoje, sem estylo definido, torto e ruinoso, engastando o claustrosinho de transição romanica, de estylobato e columnas breves, capiteisinhos rudes e arcadas lisas de meio ponto, quasi todo ruido e enterrado na molleza e no affago da hera viçosa.

Aquelle sanctuario, tão afastado das inuteis frivolidades do mundo, tem uma lenda engrinaldada de poesia e fervor e, á falta de religiosos para o exercicio do culto, é povoado d'andorinhas que, desprendidas da banal materialidade das liturgias e ritos, se estabeleceram no convivio de Jesus por ellas venerado desde que S. Francisco d'Assis, uma tarde, em certa collina da Umbria, lh'o tornou conhecido e dilecto n'uma palestra maviosa e esplendida.

Attracção harmoniosa e seductora da maxima bondade para a maxima innocencia!

Ao longo dos frisos, no cruzamento dos artezoados e entre a conjuncção das linhas d'uma ogiva, que se inclinam reciprocamente como dois desejos anciosos que se absorvem, brotam os alveolos dos ninhos onde sob os auspicios ineffaveis de Deus palpita o affecto sublime, patenteado pela natureza no inicio da vida das aves desde a fecundação d'essa pequena ellipse calcarea, condensando o enigma da existencia e que para os antigos egypcios era o symbolo mysterioso da origem do mundo, até ao problema da emancipação dos novos seres.

Toda a populaça alada reverenceia o Christo misericordioso, pregado no madeiro, com as saudações effusivas dos seus gritos e com as acclamações da sua asa inegualavel. Elle retribue-lhe com as bençãos da sua infinita graça.

Não houve ainda communidade com tanta paz e concordia: paz que nunca a dissidencia revolveu, concordia que a malquerença jámais agitou.

Esta cordealissima communhão d'affectividades, em que fulgem n'uma aureola de sonho, a liberdade e a pureza, a bondade e o amor, é mais um ensinamento do Barroso ás idealisações da humanidade soffredora.

Manuel Monteiro.

d'arbustes et de verdures pullulantes, aux dentelles exquises et aux transparences des feuillages par lesquelles s'infiltrent furtivement les flamboyants sourires du soleil, emplissant d'étincelles les filets d'eau qui coulent sans murmure.

Tout est impulsionné par le germe puissant et fécond qui circule; les mousses délicates, les bourgeons d'arbustes, les jeunes pousses et les troncs, minces, vieux et caducs, se disputent avec audace les splendeurs du jour et s'inclinent amoureusement, dans un même élan de sympathie, s'unissant avec ardeur dans un même embrassement indissoluble, coiffés de lierre et de fleuraisons pour une fête nuptiale ou pour une orgie de luxure, revêtus de parasites qui les abritent contre les derniers frissons de la vieillesse croulante et épuisée! On comprend la vérité intuitive des conceptions poétiques des anciens peuples. On y voit palpiter comme en une fluctuation de rêve, le drame entier de la vie des arbres, s'aimant, s'épousant, se propageant et luttant, pleurant et mourant.

Qui sait si cette forêt de chênes, au dessous des pièges où l'on exécutait le loup, n'est pas une survivance des vieux temples germaniques.

Et combien d'autres détails émotionnants qui marquent d'une manière inoubliable, depuis la nécropole creusée dans le rocher, à Denões, les dolmens, les monuments funèbres mégalithiques de Tourem et Pitões où se sont perdus dans l'anéantissement du *Non-Être* des origines de peuples inconnus de l'Histoire, qui ont peut-être traîné avec douleur et angoisse le cruel fardeau de la vie primitive parmi ces sombres forêts!

Puisque nous avons cité ce dernier village, qui est une des sentinelles de la frontière limitant le sol de Barroso, nous ne devons pas omettre à l'impressioniste quelques mots à propos du monastère de Sainte Marie de Junias.

Au sud de ce village, qui a un caractère tout à fait militaire, en haut du coteau où il s'équilibre, dévale une pente au fond de laquelle des mains pieuses et croyantes, dans un désir ascète de sainteté et de béatitude, ont construit une petite église gothique et un couvent, actuellement sans style défini, tordu et ruiné, qui enchâsse un petit cloître de transition romane, avec des stylobates et de minces colonnes, des petits chapiteaux grossiers, et des arcades unies et plein cintre, tout cela presque écroulé et enfoui sous la molle caresse des lierres verdoyants.

Ce sanctuaire, si éloigné des futilités inutiles du monde, a sa légende toute enguirlandée de poésie et de ferveur et, faute de dévots pour y exercer le culte, il est peuplé d'hirondelles, qui, méprisant la matérialité banale des liturgies et des rites, se sont établies là, s'entretenant avec Jésus qu'elles vénèrent, depuis que Saint François d'Assise un soir, sur une certaine colline de l'Ombrie, la leur a montrée et fait choisir après un discours suave et splendide.

C'est l'attrait harmonieux et séducteur de l'immense bonté pour la grande innocence!

Le long des frises, au croisement des nervures et entre la conjonction des lignes d'une ogive qui s'inclinent l'une vers l'autre comme deux désirs anxieux qui s'absorbent, surgissent les alvéoles des nids où sous les ineffables auspices de Dieu, palpite l'affection sublime démontrée par la nature, au commencement de la vie des oiseaux, dès la fécondation de cette petite éllipse calcaire, condensant l'énigme de l'existence et qui pour les anciens égyptiens, était le symbole mystérieux de l'origine du monde, jusqu'au problème de l'émancipation des nouveaux êtres.

Toute la gent ailée révère le Christ miséricordieux, cloué sur sa croix, avec les louanges enthousiastes de ses cris et les acclamations de ses ailes incomparables. Et il les lui rend avec les bénédictions de sa grâce infinie.

Jamais il n'y a eu de communauté avec autant de paix et de concorde; une paix qu'aucune dissidence n'a jamais troublée, une concorde qu'aucune méchanceté n'a jamais altérée.

Cette communion si cordiale d'affections, où brillent comme dans une auréole de rêve la liberté et la pureté, la bonté et l'amour, est un enseignement de plus donné par Barroso aux idéalisations de l'humanité souffrante.

Manuel Monteiro.

Villa Real



C'uma agradavel cidade de provincia que, em homenagem ás suas tradições, inabalavelmente persiste em ser villa. Assenta n'um alto promontorio, avançando para sul, do macisso orographico do Amezio e rematando na confluencia dos rios Corgo e Cabril que o banham por leste e poente.

Situada n'uma boa zona rural e ponto obrigado de passagem entre duas povoações — Regoa e Chaves — da mais consideravel importancia economica n'ella desagúa, subindo ou descendo, todo o movimento da faxa occidental de Traz-os-Montes. De resto, cabeça de comarca, séde de concelho e capital de districto, e servida desde 1906 por uma via accelerada, giboiando na margem esquerda do Corgo, é de suppôr que o seu desinvolvimento intensamente se dilate convertendo-a n'uma terra de primeira ordem.

O caminho de ferro veio secundar e avolumar os beneficios do macadam moderno, anteriormente ao qual havia umas desoladoras estradas, serpeando por serranias ermas, onde o viandante sempre liquidava contas com o bacamarte e o bandoleiro, em pleno dia, ou entregava a sua alma a Deus na chacina tenebrosa das estalagens malditas. A via mais famigerada era a que ainda hoje se vê nos flancos do Marão, com leito de schisto superabundantemente fissilisado e distendido, como lugubre ossuario bem suggestivo das cruentas façanhas d'outr'ora. Entraram porém nos dominios da historia e relembram-se ainda, como episodios aventureiros de lenda e romance, esses assaltos bruscos, arrepelados e pavorosos, de faces glabras, espectraes e sinistras, com gritos imperativos e seccos a paralysarem a marcha das arriarias, das liteiras, das caravanas e mala-postas sobre que se apontavam as armas aniquiladoras do tempo, na exigencia ritual e dramatica de — a bolsa ou a vida! Identicamente desappareceram as tragicas poisadas, onde se escochinavam como cerdos, os malfadados caminhantes que n'ellas pernoitavam.

Mas era depois de jornada tão fertil em sobresaltos e riscos, que os felizes chegavam com anomalias cardiacas á antiga e aristocratica Villa Real cujas origens são incertas e controvertidas.

O que de seguro se affirma, quanto a estas, é que em 1272 D. Affonso III lhe outorgou um foral, perfeitamente inutil e frustre pela estricta parcimonia das garantias concedidas e em 1289 D. Diniz substituia o do *Bolonhez* por um outro — uma real *carta-pobra* — repleto de immunidades e regalias amplas e singularissimas. Entre outras se inscreviam as seguintes: o *alcaide-mór* não tinha jurisdicção a não ser no castello; o *rico-homem* e o *prestameiro* não podiam poisar mais que um dia em Villa Real e seu termo e isto quando fossem de caminho; o concelho podia acceitar quaes visinhos quizesse, salvo sendo *cavalleiros*, nomeava ou elegia os seus juizes e ficava a possuir todo o terreno em volta — a *Redonda* — n'um raio de quarto de legua, para ser dividido em courellas iguaes por todos os habitantes.

D'estes privilegios e liberalidades assaz convidativos pelo seu rasgado proteccionismo e que se extinguiram na grande reforma foraleira de D. Manuel se deduz o preconcebido intento de subtrahir a povoação nascente ás prepotencias, extorsões e vexames da aristocracia cujos coutos e honras abundavam no alfoz.

Não obstante o concreto proposito inicial do rei *lavrador* em a conservar nos dominios da corôa deu-a, em senhorio, a sua candida esposa Santa Isabel, de quem passou para as rainhas subsequentes até que depois de D. Leonor Telles teve por donatario o fidalgo João Rodrigues Porto Carreiro, cujo neto, D. Pedro de Menezes, foi elevado a conde de Villa Real, como premio do seu intrepido feito da defeza de Ceuta para que se offereceu a D. João I com a chistosa e confiada phrase: «com este *alleo* defenderei a praça da mourisma toda» [1].

Na descendencia heroica d'este heroico Menezes se conservou o titulo de Villa Real até que a familia se extinguiu pela execução patibular do setimo marquez, D. Luiz de Menezes, e seu filho D. Miguel de Noronha e Menezes, 2.º duque de Caminha, no dia 29 de agosto de 1641, por fazerem parte da celebre conspiração tramada a favor de Castella contra o primeiro dynasta brigantino.

Mas do vetusto e primevo povoado de D. Diniz apenas sobrevive o solo em que se fundou, alcu-

---

[1] Veja-se o n.º 41 d'esta Revista, em que a proposito do tumulo do egregio fidalgo, o distincto collaborador Zephyrino Brandão relata, com precisão, o notorio episodio historico.

Villa Real



Charmante ville de province, mais ne voulant pas déroger à ses traditions, elle persiste à être toujours un bourg. Villa Real repose sur un promontoire élevé de la chaîne de montagnes de Amezio, qui s'avance vers le midi, se terminant à l'endroit de la jonction des deux fleuves Corgo et Cabril, qui le baignent à l'est et à l'ouest.

Sa situation rurale est des meilleures, et, se trouvant le point de passage obligé entre les deux villes de Régua et Chaves, qui ont une considérable importance économique, tout le mouvement de la zone occidentale de Traz-os-Montes y afflue, soit en montant ou en descendant. D'ailleurs, comme chef-lieu de canton, siège de la commune, et capitale du district, desservie depuis 1906 par le chemin de fer qui serpente sur la rive gauche du Corgo, il est probable que son développement s'accentue chaque jour davantage et qu'elle devienne une ville assez importante.

Le chemin de fer est venu augmenter et seconder les bienfaits des routes modernes, avant lesquelles il n'y avait que des chemins affreux zig-zaguant par les montagnes désertes, où le voyageur, même en plein jour, se trouvait aux prises avec les brigands et les espingoles, ou rendait son âme à Dieu dans le massacre ténébreux des auberges maudites. La plus fameuse route était celle que l'on voit encore aujourd'hui sur les flancs du Marão, avec son lit de schiste abondamment fissilisé et distendu, comme un lugubre ossuaire rappelant bien les cruelles prouesses d'antan. Mais celles-là appartiennent aux domaines de l'histoire et, comme d'aventureux épisodes de roman et de légende, on se souvient encore de ces brusques assauts, violents et épouvantables, de ces faces glabres, sinistres et spectrales qui avec des cris impératifs et secs, paralysaient la marche des bêtes, des litières, des caravanes et des diligences sur lesquelles se dirigeaient les armes destructrices de l'époque avec l'exigence dramatique et rituelle de — la bourse ou la vie! Les tragiques auberges, où les malheureux voyageurs, qui s'arretaient pour passer la nuit, étaient massacrés comme des pourceaux, ont également disparu.

Mais c'était toujours après un voyage plein de risques et de surprises, que les plus heureux arrivaient avec des anomalies cardiaques à l'ancienne et aristocratique Villa Real, dont les origines sont incertaines et controversées.

Sur ce point, ce que l'on assure de plus clair, c'est que, en 1272, D. Affonso lui accorda une charte, tout à fait inutile et vaine à cause de la stricte parcimonie des garanties accordées, et en 1289, D. Diniz remplaçait celle du *Bolonhez* par une autre — une royale *carta-pobra* — pleine d'immunités et de privilèges, très amples et des plus singuliers. Entre autres, on y trouvait celui-ci: le *alcaide-mór* (gouverneur) n'avait d'autre juridiction que celle du château; le *rico-homem* (propriétaire) et le *prestameiro* (usufruitier) ne pouvaient s'arrêter plus d'une journée à Villa Real et la banlieue et cela même lorsqu'ils y seraient de passage; la commune pourrait accepter les voisins qui lui plairaient, sauf les *cavalleiros* (chevaliers), elle nommait et élisait ses juges et restait en possession de tous les terrains d'alentour — la *Redonda* — sur un rayon d'un quart de lieue, afin de les partager, en portions égales, par tous les habitants. De tous ces privilèges et libéralités si engageantes par leur généreux protectionnisme, et qui furent supprimés lors de la grande réforme des chartes par D. Manuel, on déduit l'intention préconçue de soustraire le bourg naissant aux abus, aux extorsions et aux vexations de l'aristocratie dont les propriétés et les honneurs abondaient dans la contrée.

Malgré le fixe et premier dessein que le roi *laboureur* eût de conserver Villa Real dans les domaines de la couronne, il la donna en seigneurie à sa candide épouse Sainte Isabelle; elle passa ensuite à toutes les reines qui survinrent jusqu'après D. Leonor Telles, où elle fut donnée au noble João Rodrigues Porto Carreiro, dont le petit fils, D. Pedro de Menezes, fut nommé comte de Villa Real en récompense de son action d'éclat lors de la défense de Ceuta. Ce fut lui-même qui se présenta à D. João I avec cette phrase plaisante et hardie: «avec cette massue je défendrai la place contre tous les maures.» [1]

Le titre de Villa Real s'est maintenu dans la descendance héroïque de cet heroïque Menezes

---

[1] Voir le nº 41 de cette Revue, où notre distingué collaborateur Zephyrino Brandão, décrit avec précision le remarquable épisode historique, à propos du tombeau de cet illustre gentilhomme.

nhando-se de Villa Velha o espaço por elle outr'ora occupado. Eliminaram-se as torres e muralhas que soberbamente o coiraçavam, substituiram-se os casebres que o compunham, transformou-se a igreja que lhe alimentava a fé. Favorecido por especiaes condições de vida tornava-se-lhe o ambito inicial incapaz de comportar a sua acção e crescimento: transpoz então o cerco dos seus muros defensivos e estendeu-se para norte e nordeste com desembaraçado arrojo. E a sua expansão e melhoramento continuos de tal forma se teem feito, que offerece hoje, ao primeiro exame, todo o aspecto d'um aggregado novo, com os seus vastos largos arborisados e ajardinados, com os seus vistosos passeios recreativos, com o seu mercado metalico, com a sua illuminação electrica, com a sua avenida procedente da estação e prolongada pela galante e alta ponte de ferro sobre o Corgo, que liga a margem esquerda com a direita onde repoisa a cidade. Para que mais se accentue no espirito do observador essa nota de civilisação, a par dos indiculos do progresso material, outros se divisam, respeitantes ao intellectual e affectivo. Ora, na realidade, uma terra só progride, quando não descura os interesses da intelligencia e da moral social. Mas em Villa Real, com effeito, varios estabelecimentos e institutos de educação, ensino e beneficencia testificam esse desinvolvimento.

No emtanto, apezar do modernismo, tem essa feição typica que um inquerito attento discrimina. Emergente de velhos habitos, essa caracteristica, assaz pittoresca e original, reside no profuso numero de rotulas que ostenta o casario.

Asymetricamente e desniveladas, resaltam, avolumam-se e penduram-se das frontarias, mais sahidas umas, mais recolhidas outras, estas mais bojudas, mais flacidas, aquellas menos bazofientas, mais timidas, mais seresmas. No geral, revestem a varanda até ao peitoril ou defendem a janella no alinhamento da parede; certas, porém, fecham inteiramente o balcão, crivam a luz para o interior e permittem aqui a mais absoluta semcerimonia compativel com a mais discreta liberdade de vistas sobre o scenario da rua, salvo, quando uma aguilhoante curiosidade, uma pontinha de presumpção ou um arrulho sentimental obrigam á abertura das portadas. D'este typo de decoração Renascença existem dois exemplares completos e outros tantos profundamente mutilados e de todo perdidos. Do primeiro subsistem innumeros specimens e ainda hoje constituem regra: de gelosia encanastrada sómente, ou com os alçapões de gelosia e o resto de madeira apainelada, ou vice-versa, destinam-se a subtrahir nos olhares irrespeitosos, de fóra, as donas de casa sentadas no tamborete ou na esteira, fazendo meia, *crochet*, ou costurando, e investigando tudo o que se passa na visinhança dos seus lares. Frequentemente se vê, atravez das portinholas entreabertas, uma face idosa e placida olhando com bonhomia e doçura, ou um par d'oculos veneraveis cavalgando o nariz verrugoso d'um rosto coscovilheiro esquadrinhando com insatisfeita e gulosa attenção o movimento publico das arterias.

Revivem e suggerem o predominio freiratico, a vida conventual, com o seu recato curioso, o seu retrahimento ávido d'exteriorisação, a sua pudicicia velhaca.

Além d'este frisante detalhe constructivo, que dá tanto caracter á nobre terra trasmontana, outros se revelam d'uma indiscutida generalidade na velha habitação nacional, como as graciosas janellinhas d'angulo.

Mas se de taes pormenores, impressivos e frisantes, que espelham uma indole radicada, um subjectivismo tradicional e incorrupto, o forasteiro alargar a sua investigação a definidas expressões architectonicas achal-as-ha.

Pondo de parte as do seculo XVIII, tanto as vivendas senhoriaes d'um conhecido schema commum, como as vulgares que além da rotula assente em cachorros de madeira teem o beiral muito saliente e a porta agachada e larga, offerecem-se, para uma captivante analyse, dois predios manuelinos sitos no *Campo do Tabolado* e na rua de *Antonio d'Azevedo Castello Branco*. O d'ali com a silharia núa e tostada, portas com chanfro, janellas em arco de cintro pleno, ameias ao alto; o d'aqui, ainda mais interessante, com a escada exterior reentrante, com as aberturas ornamentadas, com capiteis e misulas historiadas. Este habitavel; aquelle deserto e em ruina.

Da architectura civil logicamente se transita para a religiosa, infelizmente, a verdadeira depositaria das faculdades artisticas d'um povo atravez da sua longa caminhada secular.

O edificio mais notavel é a igreja gothica de S. Domingos. Das adulterações que soffreu, a principal foi a substituição da capella-mór. Ás sevicias produzidas pela novidade accrescem as que lhe advieram com o criminoso incendio lançado ao convento nos meados do seculo XIX.

jusqu'à ce que la famille s'éteignit par la mort, sur l'échafaud, du septième marquis, D. Luiz de Menezes et de son fils D. Miguel de Noronha e Menezes, 2e duc de Caminha, le 29 Août 1641, qui faisaient partie de la fameuse conspiration en faveur de Castille contre le premier roi de la dynastie de Bragança.

Mais de la primitive et ancienne bourgade de D. Diniz, il reste à peine le sol où elle a été fondée; l'on nomme Villa Velha l'emplacement qu'elle a occupé jadis. On a démoli les tours et les murs qui la défendaient orgueilleusement, on a remplacé les masures qui la composaient et restauré l'eglise où elle puisait sa foi. Les conditions les plus favorables, rendirent plus tard l'espace initiel incompatible avec son développement et son progrès; elle passa au delà de ses murs de défense et s'étendit au nord et au nord-est avec une hardiesse inouie. Son expansion et ses améliorations continuelles ont été telles, qu'aujourd'hui au premier abord, avec ses vastes et agréables promenades, son marché en fer, l'éclairage électrique, son avenue qui vient de la gare et se prolonge sur le haut et beau pont de fer du Corgo, reliant la rive droite à la gauche, où se trouve la ville, et ses grandes places pleines d'arbres et de jardins, elle présente l'aspect d'une ville moderne. Cette phase de civilisation est encore accrue dans l'esprit de l'observateur, par d'autres indications de progrès, non seulement au point de vue matériel, mais intellectuel et affectif. En effet pour qu'un pays se civilise tout à fait il faut qu'il s'occupe des intérêts de l'intelligence et de la morale sociale, et l'on voit à Villa Real beaucoup d'établissements d'éducation, d'instruction et de bienfaisance qui témoignent de son développement.

Toutefois, malgré son modernisme, elle présente ce cachet typique, qu'un examen attentif découvre. La grande profusion de jalousies en treillis de bois qui ornent les fenêtres des maisons, selon l'ancienne mode, en est un des caractères les plus pittoresques et originaux.

Sans symétrie et à des hauteurs variées, elles ressortent, agrandissent et se penchent sur les façades, les unes plus en dehors, d'autres plus recueillies, celles-ci plus ventrues et ramollies, celles-là plus timides, effacées et sans prétention. Ordinairement elles garnissent les balcons jusqu'à l'appui ou protègent la fenêtre sur l'alignement du mur; il y en a qui ferment entièrement le balcon, criblant la lumière à l'intérieur, et alors elles permettent la plus entière liberté, avec la faculté discrète de pouvoir observer tout ce qui se passe dans la rue, sauf quand une curiosité aiguë, un peu de coquetterie ou une pointe de sentiment obligent à ouvrir les volets. Il existe deux exemplaires complets de ce type de décoration Renaissance, beaucoup d'autres sont profondément mutilés ou tout à fait perdus. Du genre que nous avons premièrement décrit on voit de nombreux spécimens, c'est presque la règle générale: jalousie en treillis seulement, ou alors avec les trappes en treillis et le reste en lambris de bois, ou vice-versa, destinée à soustraire aux regards irrespectueux du dehors les maitresses de maison assises sur les tabourets ou les nattes, travaillant à leur tricot ou leur crochet, cousant, ou furetant tout ce qui se passe dans le voisinage. On perçoit souvent, à travers les volets entr'ouverts, des vieilles figures paisibles, regardant avec bonhomie et douceur, des paires de lunettes vénérables enfourchant un nez verruqueux au milieu d'un visage ridé et fureteur que examine avec une attention goulue et inassouvie le mouvement de la voie publique.

Elles revivent et rappèlent l'influence monastique, la vie conventuelle avec sa curiosité discrète, son effacement avide de paraître et sa pudicité sournoise. Outre ce frappant détail de construction qui donne tant de cachet à cette noble ville, d'autres encore se révèlent avec une indiscutable généralité, dans les vieilles habitations nationales, par exemple, les gracieuses fenêtres d'angle.

Mais si le voyageur, après ces détails, impressionnants et frapppants qui sont l'image d'un caractère invétéré, d'un joug traditionnel et incorruptible, veut étendre son examen à des expressions définies d'architecture, il les trouvera également. Sans parler de celles du XVIIIme siècle, les maisons seigneuriales d'un schema commun et connu, de même que les plus vulgaires qui, outre les jalousies posées sur des appuis de bois, ont le rebord du toit très saillant et la porte large et aplatie, il y a deux maisons de style manuelino, situées au *Campo do Tabolado* et rue *Antonio d'Azevedo Castello Branco*, qui se prêtent à une attrayante analyse. Celle-là avec la pierre nue et brûlée, les portes échancrées, les croisées ouvertes en plein cintre, et des créneaux en haut; celle-ci plus intéressante encore avec l'escalier extérieur en retrait, les ouvertures ornementées, des chapiteaux et des colonnes ouvragés. Cette dernière est habitable, l'autre est ruinée et déserte. On passe logiquement de l'architecture laïque à la religieuse, qui malheureusement est la véritable exposante des facultés artistiques d'un peuple à travers son long trajet séculaire.

De fabrica modesta, a sua fundação remonta ao primeiro quartel do seculo XV, data em que a arte ogival tinha attingido a sua plena maturidade.

No frontispicio abre-se o portico incolume, da mais estricta simplicidade com tres columnelos por lado e igual numero d'archivoltas lisas. Sob as cornijas, as filas dos modilhões á maneira romanica. Este mero accidente architectural evidencía como é poderoso o apêgo aos moldes e preceituações herdadas. O anachronismo accentua-se, mas o proposito conciliador é com tão sympathica franqueza deduzido na adaptação d'esse elemento laborado conforme um estadio artistico extincto, que de boa vontade se absolve.

Compõe-se a igreja de tres naves — a do meio sobrepujando as adjacentes — que se communicam, por banda, por outros tantos arcos em ogiva, vendo-se sobre cada um d'elles, no clerestory, as frestas interceptadas que outr'ora derramavam luz na central. Quasi á mesma altura d'esta se ergue o transepto.

Notam-se illogismos e titubeamentos constructivos, presentindo-se que não se realisou o plano inicialmente meditado, talvez por incompetencia do architecto ou por difficuldades financeiras, inherentes á intermittencia dos estipendios regios e ás magras bemfeitorias dos poderosos titulares da villa.

O que surprehende e encanta, porém, é o naturalismo d'uma viva intencionalidade que se expende nos capiteis amenamente modelados. N'elles se lobrigam, atravez do caiaço, bustos, com perfis adoraveis e d'uma correcção magnifica, irrompendo d'entre cortinados de folhagem; figuras, como o sacerdote e o guerreiro, que resumem classes sociaes, então, de preponderante supremacia; scenas colhidas em flagrante: o caçador de lança, occulto detraz da arvore, esperando o javardo insuspeitoso, e os vindimadores colhendo as uvas na vinha com um gesto de meiguice e caricia que as acompanha até ás cestas vindimeiras...

É certo que o desvio do modulo, o encolhimento e a ingenuidade se congregam n'esta exhibição plastica: mas ella é tão sentida, tão sincera e tão espontanea que constitue um documento fiel e precisamente interpretativo d'um regionalismo medievo, insusceptivel de melhor se fixar e traduzir. Eis o seu grande valor.

Antes de se deixar o templo do antigo convento dominicano bom será, por instantes, demorar os olhos sobre dois sarcophagos ogivaes, embutidos em arcos nas paredes do evangelho e da epistola do corpo da igreja. Esses modestos exemplares d'arte funeraria encerra as cinzas de pessoas heraldicas.

Ao cimo do *Campo do Tabolado* fica a *Praça de Camões* fechada a poente pelo convento de Santa Clara erigido nos primeiros annos do seculo XVII. O que mais importa n'este edificio de renascimento definhado são os azulejos de tapete e cercadura e os da capella-mór imitando pedras preciosas.

Derivando d'aqui para a direita e ascendendo, outra igreja se depara approximadamente da mesma época: é a de S. Pedro com talha excellente nos caixotões dos tectos, sobretudo no da capella-mór forrada com azulejos polychromicos, onde se lê o nome do bemfeitor que ordenou a obra e a data de 1692.

Mais ao alto espraia-se o *Largo do Pioledo* com a capella do Espirito Santo para aqui removida e depois expressamente barrada com o frontispicio actual e convertida em armazem.

Deploravel o duplo feito que barbarisou e inutilisou a pequenina construcção, coroada d'ameias, com a galilé constituida pelos dois arcos ogivaes geminados, lateralmente abertos, cujos capiteis contêm uma decoração fina e risonha accusando affinidades com os de S. Domingos.

No ponto dominante da cidade está a capella de Santo Antonio, azulejada em 1642, tendo á frente o seu vasto alpendre seguro em doze columnas.

Parallelamente fica o terreiro do Calvario, notavel pelo panorama grandioso que d'ahi se desfructa. O quadro, soberbo e desafogado, é rico de tons e valores magnificamente distribuidos nos multiplos planos que se estendem até ás alterosas arestas das derradeiras montanhas que fecham o circulo do horizonte e onde, para a perspectiva, remata a sombria solidez da terra e principia a claridade imponderavel do céo.

Menos dilatado, mas talvez mais impressivo é o que se contempla do cemiterio no extremo do cabo onde estava situada a villa primitiva. Pelo nascente a vista cae desabaladamente para a profunda corrente do Corgo que se precipita com tumulto, por quedas successivas, em massa lactea, alvissima,

L'église gothique Saint Dominique est l'édifice le plus remarquable. De toutes les restaurations dont on l'a accablé, la principale a été le remplacement du sanctuaire. Aux dégâts produits par le modernisme, s'ajoutent ceux qui ont résulté de l'incendie criminel qui eut lieu au couvent, vers le milieu du XIXme siècle. Le bâtiment, de facture simple, fut fondé pendant le premier quart du XVme siècle, époque où l'art ogival avait atteint sa complète maturité.

Le portail intact, de la plus stricte simplicité avec trois colonnettes de chaque côté et autant d'archivoltes unies, s'ouvre sur la façade. Sous les corniches, des rangées de modillons à la manière romane. Ce simple accident architectural montre bien le puissant attachement aux préceptes et aux modèles légués. L'anachronisme s'accentue, mais l'intention conciliatrice est perçue avec une franchise si sympathique, dans l'adaptation de cet élément, employé d'après des régles astistiques disparues, qu'on le pardonne de bon cœur.

L'église a trois nefs, — celle du milieu plus haute que les collatéraux qui se communiquent par les côtés, par le même nombre d'arcades en ogive; au dessus de chacune, dans le clerestory, on a intercepté les croisées qui repandaient autrefois la lumière au centre du temple. Le transept s'élève presque à la même hauteur que la nef du milieu. On remarque des illogismes et des hésitations de construction, démontrant que l'on n'a pas exécuté le plan initiellement conçu, par manque d'adresse de l'architecte ou faute de moyens, comme il arrivait souvent avec l'intermittence des dons royaux et les maigres oboles des puissants titulaires de la ville.

Mais ce qui charme et surprend, c'est la naturalité bien manifeste, qui s'épanche sur les chapiteaux doucement modelés. À travers les replâtrages on y découvre des bustes au profil adorable, d'une correction parfaite, émergeant de rideaux de feuillage; des figures, comme celle du prêtre et du guerrier, qui résument des classes sociales, alors suprêmement prépondérantes; des scènes prises sur le vif: le chasseur avec sa pique, caché derrière l'arbre, guettant le sanglier insouciant, et les vendangeurs cueillant les raisins dans la vigne et les suivant des yeux avec un geste de douceur et de tendresse, jusqu'aux paniers où ils vont tomber.

Il est certain que le dessin incorrect, hésitant et naïf se présente dans ce tableau plastique; mais il est si plein d'âme, si sincère et si spontané, qu'il constitue un document fidèle et interprêtant précisément le régionalisme du moyen âge, que l'on ne saurait mieux fixer et traduire. C'est son plus grand mérite. Avant de quitter le temple de l'ancien couvent dominicain, nous devons arrêter nos regards pendant quelques instants, sur deux sarcophages gothiques enchâssés en arceaux, sur les murs du côté de l'évangile et de l'épître, dans la partie principale de l'église. Ces exemplaires modestes de l'art funéraire renferment les cendres de personnes nobles.

En haut du *Campo do Tabolado* se trouve la *Praça de Camões* limitée à l'ouest par le couvent de Sainte-Claire construit pendant les premières années du XVIIme siècle. Ce qu'il y a de plus intéressant dans cet édifice d'une renaissance chétive, c'est le tapis et la bordure en faïences, et celles du sanctuaire imitant des pierres précieuses.

Tournant vers la droite, et en montant, on voit une autre église, à peu près de la même époque: c'est celle de Saint-Pierre, avec de belles boiseries aux caissons des voûtes, surtout celle du sanctuaire qui est revêtue de faïences polychromes, sur lesquelles on lit le nom du bienfaiteur qui a fait construire le temple, avec la date de 1692.

Plus haut, s'étend le *Largo do Pioledo* avec la chapelle du Saint-Esprit transférée ici, que l'on a fait plus tard barrer expressément avec la façade actuelle, et transformer en magasin.

Double et déplorable résolution qui a abîmé et inutilisé ce petit édifice couronné de créneaux avec le jubé composé de deux arcades ogivales géminées, ouvertes sur les côtés, et dont les chapiteaux sont ornés d'une décoration fine et agréable rappelant ceux de Saint Dominique.

Sur le point le plus élevé de la ville on voit la chapelle de Saint-Antoine avec des faïences de 1642 et, en avant, le vaste porche soutenu par douze colonnes.

La place du Calvaire, remarquable par le beau panorama que l'on y découvre, est située parallèlement. Le paysage, superbe et étendu, est riche en tonalités et en coloris magnifiquement distribués sur la quantité de plans qui s'étendent jusqu'aux hautes cimes des lointaines montagnes fermant le cercle de l'horizon, où s'arrête la sombre masse de terre et commence l'immensité du ciel.

Mais la vue que l'on contemple du cimetière à l'extrémité du cap où était la ville primitive, est

refervente, no leito estrangulado entre as arribas pedregosas que adentram, avançam ou inflectem n'um capricho bizarro e extravagante. Nos pendores, medonhas cristas de schisto amarellecido galgando n'um arripio de linhas que orlam pequenas pregas, ravinas e socalcos, onde se enristam pennachos de pinheiral, esmaltam nesgas de vinha, leiras de milho e centeio e retalhos d'horta. Ainda na margem d'além, n'uma dobra minuscula, enfileira-se um bando de moinhos movidos pelo mesmo jacto d'agua, espumosa, esbranquiçada, resvalando no fundo da negra estria, até baralhar se com o rio, produzindo um sussurro perenne modulado pelo vento.

Costeando o cemiterio para sul vê-se a juncção do Cabril com o Corgo que perfura o macisso de montanhas convergindo para o seu curso torturado n'uma interpenetração indefinida e crescente. Contornando para leste, desapparece o medonho alveo cavado na penedia anfractuosa, pardacenta, esverdinhada, para dar logar ao idyllico e mimoso valle do Cabril que corre sinuoso e sumido por entre a bacia de verdura, cheia de alegres manchas, e que se demarca ao longe pela airosa torre de Quintella, assente n'uma fraga nas abas dos contrafortes da serra do Marão.

A atalaia feudal, pertencente aos condes de Vimioso, embora vasia, tem a apparencia de sustentar ainda, com firmeza e sobranceria, a defensão do dominio envolvente, assaz penetrado d'um bucolismo sereno e doce.

Resta dizer do *Solar de Matheus,* o magnifico palacio dos actuaes condes de Villa-Real. Excellentemente o descreveu já, n'um primoroso relevo de fórma, o illustre romancista snr. Abel Botelho. Nenhuma penna seria a tal respeito mais artistica e erudita que a do notavel escriptor. Sigamol-o pois: «Matheus é uma formosissima aldeia transmontana, toda bordada a milharaes, hortas, vinhedos e povoada de mattas abundantes, e transposto o Corgo, sita a 5,5 kilometros a N. E. de Villa-Real. E escusado será relembrar que este nome de Matheus ficou perduravelmente assignalado na historia patria, desde a existencia do benemerito morgado de Matheus, o fanatico camonista que, a expensas suas, levou a effeito, e dadivosamente espalhou, a edição monumental dos *Lusiadas,* conhecida pelo seu nome, e que é a mais opulenta, a mais artistica e condigna moldura que ainda foi feita a este poema immortal.»

«A grande casa senhorial de Matheus, hoje propriedade e residencia habitual dos snrs. condes de Villa Real, tem em planta a fórma d'um H, do qual as duas pernas fossem ainda ligadas, n'um dos extremos, por um outro corpo transversal. O seu estylo architectonico, em geral sóbrio e symetrico, apresenta na balaustrada e escadaria da frente, e nas respectivas estatuas, tudo trabalhado em granito, os caracteres *barôcos,* e as demasias de ornamentação e a assoprada abundancia de roupagens que ficaram distinguindo a degenerescencia fradesca da *renascença* em Portugal. Sob este ponto de vista, direi até que as quatro grandes figuras symbolicas e o tympano da fachada principal, bem como os corucheus que, sobre o telhado, prolongam as pilastras das esquinas, são exemplares typicos.»

«Mas está o leitor a vêr que, primitivamente, a disposição interior de cada uma das suas extensas alas, (as duas pernas do H) seria uma succession rectilinea de salões, perfeitamente enfiados, d'um a outro extremo, e cujo córte severo e amplo tomava assim uma ampliação senhorial, no alongamento inflexivel da perspectiva. O que porém não é facil imaginar-se é o accentuado cunho fidalgo como em cada um d'esses salões realçam as suas linhas de grandeza. Não se imagina o effeito, a emoção, a um tempo de esmagamento e de prazer, com que nos subjugam o espirito, fortemente alheiado pelas saudosas suggestões do passado, aquelles magnificos tectos de castanho, assentando em peanhas entalhadas, todos em artezões floridos, e aquella parcimonia de luz, aquellas paredes singelas como a fé, aquelles grandes armarios decorativos, aquellas sobreportas maravilhosas, de castanho tambem, de dimensões colossaes, todas em rica obra de talha, lavradas em emblemas heraldicos e figuras allegoricas.»

Seductor seria acompanhar a narrativa do rico e luxuoso mobiliario e a descripção da imponente capella delineada na mesma inspiração architectural, do seculo XVIII. Cumpre, porém, não devassar mais o magestatico recolhimento do vasto e solitario palacio.

Manuel Monteiro.

peut-être encore plus impressionnante quoique moins vaste. Au levant les regards s'abaissent démesurément sur le courant profond du Corgo, qui se précipite tumultueusement, de chute en chute, formant une masse laiteuse, blanche et bouillonnante, sur le lit qui l'étrangle entre les rives escarpées, qui reculent, s'avancent, ou se replient d'une manière capricieusement bizarre et extravagante. Sur les pentes, d'effrayantes crêtes de schiste jauni, bondissent en un hérissement de lignes, bordant les moindres replis, les ravins et les tertres, où se dressent les panaches des pins, au dessus de l'émail verdoyant des vignes, des champs de maïs et des petits potagers. Sur la rive opposée, on voit encore dans un petit repli du terrain, une rangée de moulins, tournant sur le même cours d'eau, écumante et blanchâtre, qui dévale au fond du sombre creux et va se perdre dans le fleuve, avec le même murmure continuel, modulé par le vent. Vers le sud, en cotoyant le cimetière on aperçoit la jonction du Corgo et du Cabril perçant la masse des montagnes, et suivant vers son cours tourmenté, avec une interpénétration toujours croissante et indéfinie. Tournant à l'est, le lit effroyable, creusé dans les rochers anfractueux, grisâtres et verdissants, disparait pour faire place à la charmante et poétique vallée du Cabril qui court sinueusement et effacée à travers le bassin de verdure, agréablement émaillé, et limité au loin par la jolie tour de Quintella posée sur un rocher, sur le versant de la chaine du Marão.

La redoute féodale, appartenant aux comtes de Vimioso, quoique déserte, a l'air de vouloir maintenir encore, avec orgueil et fermeté, la défense du domaine qui l'entoure, et qui paraît bien pénétré d'un tranquille et doux bucolisme.

Il nous reste à parler du *Manoir de Matheus,* magnifique palais des actuels comtes de Villa Real. Le grand romancier Mr. Abel Botelho, l'a déjà remarquablement décrit, dans un de ses précieux ouvrages. Personne ne pourrait s'en occuper d'une manière plus artistique et savante. Citons-le donc: «Matheus est un très beau village de Traz-os-Montes, tout brodé de champs de maïs, de potagers et de vignobles, peuplé de magnifiques forêts, et situé à 5 kilomètres et demi au nord-est de Villa Real, de l'autre côté du Corgo. Inutile de rappeler que ce nom de Matheus est resté éternellement signalé dans l'histoire de la patrie dès l'existence du bienfaisant *aîné* des Matheus, fanatique admirateur de Camões, qui, à ses frais, fit publier et répandre profusément, l'édition monumentale des *Lusiades,* connue sous son nom, et qui est le cadre le plus digne, le plus opulent et le plus artistique que l'on a fait à ce poème immortel.»

«La grande maison seigneuriale de Matheus, devenue la propriété et demeure habituelle des comtes de Villa Real, a, sur le plan, la forme d'un H dont les deux bras seraient reliés à une des extremités, par un bâtiment transversal. L'architecture, en général symétrique et sobre, présente, sur la balustrade, l'escalier de la façade, et les statues qui l'ornent, le tout travaillé en granit, les caractères *baroques,* les excès d'ornements et l'abondance boursouflée de draperies qui ont marqué la dégénérescence monastique de la *Renaissance* en Portugal. Sous ce point de vue je suis même d'avis que les quatre grandes figures symboliques, le tympan de la façade principale, et les flèches qui prolongent sur les toits les piliers d'angle, sont des exemplaires tipiques.»

«Mais le lecteur pense bien que, primitivement, la disposition de ces longues ailes de bâtiment, les deux bras de l'H, devait être une enfilade recte de salles, se succédant d'un bout à l'autre, et dont la disposition sévère et vaste prenait un air de grandeur seigneuriale, dans le prolongement inflexible de la perspective. Mais ce que l'on ne peut imaginer, c'est le cachet de suprême distinction qui fait resortir les lignes grandioses de chacune de ces salles. On ne saurait décrire l'effet, l'émotion, et en même temps la frappante sensation de plaisir qui nous envahit l'esprit, forcément épris de ces belles suggestions du passé, lorsque nous contemplons ces magnifiques plafonds en bois de marronnier, soutenus par des piliers sculptés, avec leurs nervures fleuries, et cette discrète clarté, ces murs simples comme la foi, ces grandes armoires décoratives, ces dessus de portes merveilleux, également en châtaignier, de dimensions colossales, tout cela richement travaillé, et orné d'emblêmes héraldiques et de figures allégoriques.»

Il serait attrayant de faire suivre la description du riche et luxueux mobilier, et celle de l'imposante chapelle tracée sous la même inspiration architecturale du XVIIIme siècle. Mais, nous ne devons pas pénétrer plus loin, dans le majestueux recueillement du palais si vaste et solitaire.

Manuel Monteiro.

Ponte do Lima



O rio Lima, que depois de se debater entre penhascaes bravios de Galliza entra em Portugal, como uma cobra acossada, pelas ravinas profundas de Lindoso, tão manso e amoravel se torna depois de banhar os primeiros kilometros de terra portugueza, que as suas margens parecem aureoladas pela tradição d'um milagre.

Prados, pinhaes, ribanceiras, logarejos obscuros, tudo embelleza e clarifica; e as três maiores povoações de que elle foi outrora a origem e é hoje um dos primeiros elementos de vida — Ponte da Barca, Ponte do Lima e Vianna do Castello — têm, em todo o mappa do pittoresco de Portugal, um relevo raramente comparavel. Diogo Bernardes, que junto d'elle nasceu, nem durante os seus ephemeros triumphos na côrte de D. Sebastião, nem no captiveiro de Africa, nem entre as tribulações dos ultimos annos da sua vida, esqueceu o rio namorado da terra natal — rio tão sereno e transparente que (diz elle em uma das suas éclogas) «parece que se arrepende de levar agua doce ao mar salgado». Frei Agostinho da Cruz, irmão de Bernardes, e poeta de bem mais elevada inspiração, tambem o não esqueceu nos ermos penitentes da Arrábida: a saudade do Lima disputou ou confundiu-se com a idéa de Deus no espirito e nas trovas d'esse suggestivo poeta mystico.

É na margem d'este rio cantado por poetas de todos os tempos, procurado por artistas e abençoado pelas obscuras populações da região que elle alegra e fertiliza — que se agrupam, numa luminosa polychromia moderna, as cinco centenas de casas de Ponte do Lima.

Fundada, como querem uns, pelos gregos, 1304 annos antes da era christã, ou pelos túrdulos, lusitanos primitivos da zona transtagana, 840 annos depois, é certo que, por occasião da conquista romana, os invasores já aqui acharam o núcleo d'uma povoação, que depois augmentaram e desenvolveram de tal modo que, sob o reinado de Trajano, já ella constituia uma cidade de vulto, com o nome de *Forum Limicorum*.

O resultado das investigações até agora realizadas permitte affirmar, sem sombra de duvida, que a villa nem sempre teve a situação actual. Um pouco a oéste, no logar da Baldrufa, e no Monte dos Médos, ha ainda vestigios de fortificações e de edificios de tijolo, que d'algum modo comprovam o asserto d'aquelles que pretendem ter sido alli o primitivo assento da povoação. A abertura da via militar de Braga a Astorga, que seguia, com variantes sem importancia, a linha da estrada actual, attrahiu naturalmente para junto da ponte, que então se construiu, aquelle povo alvoroçado talvez pela esperança d'uma nova era de paz e prosperidade; mas mais tarde, já extincta a dominação romana na peninsula, factos que se desconhecem (talvez as inundações que desviaram para o sul o leito do rio) determinaram um novo exodo para o local primitivo.

Ahi se achava a velha cidade dos limios em mortal decadencia, já quasi sem habitantes, quando a rainha D. Thereza, em 1125, deliberou mandal-a repovoar, dando-lhe um foral com allicientes privilegios. Este soccorro não logrou porém arrancar os presumiveis descendentes dos túrdulos do doentio abatimento em que jaziam. O Forum Limicorum parecia condemnado irremissivelmente á morte. Em vão D. Affonso II renovou a iniciativa, confirmando, com novos privilegios, o foral de sua bisavó; a decadencia de Ponte do Lima já não podia combater-se com palliativos de tal natureza.

Só muito tempo depois D. Pedro I pôde, por uma feliz suggestão da sua vontade de ferro, oppôr um remedio heroico á lenta consumpção d'esse povo atrophiado por uma antiga herança de infortunios. O primeiro acto do deliberado monarcha foi ordenar a mudança immediata da povoação para o sitio actual; depois, murou-a fortemente, como se quizesse conter para sempre aquella gente voluvel e vagabunda, deu-lhe uma organisação administrativa propria a fomentar o seu rapido desenvolvimento, ratificou e augmentou os privilegios concedidos pelos seus antecessores — e assim conseguiu lançar definitivamente os fundamentos da linda povoação d'hoje.

A ponte romana, da qual ainda subsiste um lanço na margem direita, construida no tempo do imperador Augusto, foi tambem reparada, refeita em parte, e fortificada com duas altas torres, por D. Pedro I. Mais tarde, como as terriveis inundações do Lima a tivessem arruinado, el-rei D. Manuel

Ponte do Lima



APRÈS s'être débattu parmi les écueils sauvages de la Gallice, le fleuve Lima entre en Portugal, comme un serpent traqué, perçant les profonds ravins de Lindoso, mais, passé les premiers kilomètres du sol portugais qu'il baigne, on le voit si doux, si tranquille, que ses rives semblent nimbées par la tradition d'un miracle.

Bois de pins, berges, prairies, hameaux obscurs, tout paraît embelli et éclairé. Les trois endroits dont il fut autrefois l'origine, et dont il est actuellement un des premiers éléments de vie — Ponte da Barca, Ponte do Lima et Vianna do Castello — sont particulièrement remarquables sur la carte de ce qu'il y a de plus pittoresque en Portugal. Diogo Bernardes, qui naquît près de ses bords, n'oublia jamais, ni pendant ses triomphes éphémères à la cour de D. Sebastião, ni dans sa captivité d'Afrique, ni au milieu des chagrins des dernières années de sa vie, l'amoureux fleuve de son pays natal, le fleuve si paisible, si transparent, qui, comme il le dit dans une de ses églogues, «semble se repentir de porter de l'eau douce à la mer salée». Frei Agostinho da Cruz, frère de Bernardes et poète d'inspiration bien plus élevée, ne l'oublia pas non plus dans ses pénitentes solitudes de Arrabida: les regrets du Lima se confondirent et disputèrent l'idée de Dieu dans l'esprit et les rimes de cet insinuant poète mystique.

C'est au bord de ce fleuve, chanté par des poètes de tous temps, recherché par des artistes, et béni par les humbles populations des régions qu'il féconde et réjouit, que se groupent, dans une lumineuse polychromie moderne, les cinq centaines de maisons de la ville de Ponte do Lima.

Les uns veulent qu'elle ait été fondée par les grecs, 1304 ans avant l'ère chrétienne, ou par les turdules, lusitains primitifs de la zone d'au-delà du Tage, 840 ans après J. C.; mais, quelle que soit son origine, il est avéré, qu'à l'occasion de la conquête romaine, les envahisseurs y trouvèrent déjà le noyau d'une bourgade, qu'ils augmentèrent et développèrent à un tel point, que, sous le règne de Trajan, elle était déjà devenue une ville importante avec le nom de *Forum Limicorum.*

Le résultat de recherches effectuées jusqu'à nos jours permet d'assurer, sans nul doute, que le bourg n'a pas toujours occupé la situation actuelle. Un peu vers l'ouest, à l'endroit de Baldrufa et sur le mont des Médos, on voit encore des traces de fortifications et d'édifices en brique, qui prouvent d'une certaine manière l'assertion de ceux qui prétendent retrouver là le premier siège de la ville. Le percement d'une route militaire de Braga à Astorga, qui suivait, avec de peu importants détours, la ligne de la route actuelle, attira naturellement du côté du pont, construit alors, tout ce peuple émotionné peut-être par l'espoir d'une ère nouvelle de prospérité et de paix; mais plus tard, après l'extinction de la domination romaine dans la péninsule, des faits ignorés, ou peut-être les inondations qui détournèrent vers le sud le lit du fleuve, déterminèrent un nouvel exode vers l'emplacement primitif.

C'était là que siégeait la vieille cité des *limios*, mortellement déchûe, presque déserte, lorsque, en 1125, la reine D. Thereza résolût de la faire repeupler, et lui accorda une charte avec les privilèges les plus séduisants. Mais ce secours ne parvint pas à arracher les descendants présumables des turdules, à l'accablement maladif où ils gisaient. Le Forum Limicorum semblait irrémissiblement condamné à mort. Vainement D. Affonso II renouvela la tentative, confirmant avec de nouveaux privilèges la charte de sa bisaïeule; la décadence de Ponte do Lima ne pouvait désormais être combattue avec des palliatifs de ce genre.

Ce ne fut que bien longtemps après, que D. Pedro I, par une heureuse inspiration de sa volonté de fer, pût appliquer un remède héroïque à la lente consomption de ce peuple atrophié par une longue suite d'infortunes. Le premier acte du hardi monarque fut d'ordonner le transfert immédiat de la ville sur le lieu actuel; ensuite il la mura solidement comme s'il avait voulu maintenir pour toujours ces gens changeants et vagabonds, il l'organisa administrativement de manière à exciter son rapide développement, il ratifia et augmenta les privilèges accordés par ses prédecesseurs et de cette manière il réussit à forcer définitivement les assises de la jolie ville que nous voyons actuellement.

Le pont romain, dont il existe un reste de tablier sur la rive droite, et qui datait du temps de l'empereur Auguste, fut aussi réparé, reconstruit en partie et fortifié par deux hautes tours, sous le

mandou-a reedificar, lageando-a e guarnecendo então de ameias as suas altas guardas de granito e os adarves das duas torres que a defendiam. Essa obra foi feita entre 1504 e 1507, como attesta uma inscripção aberta na frontaria da ermida do Rosario.

Com esse decorativo arreganho de ponte medieval, atravessou os seculos e chegou quasi aos nossos dias — pois só em 1834, um d'esses municipios iconoclastas que a Revolução engendrou sem conseguir incutir-lhes uma noção intelligente das suas fecundas idéas, arrazou torres, apeou ameias — e não destruiu a ponte, certamente, por considerar que não era possivel destruir o rio. N'essa mesma época desappareceu tambem o pouco que restava das antigas muralhas de D. Pedro; apenas, para attestar a grandeza d'essa formidavel obra de defeza, existe ainda uma das torres que guarneciam as suas cinco portas. Essa torre, que é um gigantesco cubo de granito denegrido, dentado de ameias, tem ainda hoje uma velhice aggressiva e auctoritaria: é o carcere comarcão. Nas janellas que a custo perfuram as suas espessas muralhas feitas para resistirem aos arietes medievaes, amontôam-se ordinariamente, durante o dia, alguns miseráveis encarcerados, que invocam como mendigos a caridade de quem passa, fazendo correr, ao longo da muralha, através das grossas rexas de ferro, o cabaz das esmolas suspenso por uma corda.

O Lima passa em frente d'esse monumento triste, ainda longe do cáes de cantaria que hoje protege contra as suas bruscas invasões invernaes a bella avenida marginal que vae da ponte á capellinha da Senhora da Guia. Pittorescamente arborisado, sob a magia do rio, esse passeio, apesar da sua banal geometria de rua moderna, é um local que detem os passos, prende os olhos e rarefaz os pensamentos. Uma capella branca, ao fundo, dá um pretexto e um remate a essa estrada de recreio. Ahi se venera, desde 1629, a Senhora da Guia. Antes d'essa época, já a protectora dos navegantes tinha um templo mais vasto, cuja fundação, immemorial, deve datar dos primeiros tempos da dynastia affonsina. Um hospicio de lazaros punha então ao lado da obra pia uma milicia de caridade christã.

Comtudo, o Lima — que, apesar das suas suavidades lyricas, tem ás vezes desmandos de rio pagão — foi pouco a pouco invadindo os dominios da Senhora da Guia, e acabou por destruir irreverentemente egreja e hospicio. Hoje, d'esse chão sagrado, resta apenas um areal que as aguas só submergem por occasião das grandes inundações.

É perto d'esse logar que avulta agora o novo templo, especie de ermida caiada e modesta, defendida do rio por uma plataforma murada. É um sitio aprazivel, onde a relativa estreiteza do horizonte se acha fartamente compensada pela graciosidade e diversidade dos aspectos que se offerecem á vista. O rio, ahi, já longe da ponte, corre tão sereno que toda a margem fronteira, aquarellada de casas, verduras ricas e novelos bronzeos de collinas distantes, se duplica, invertida em uma miragem pura de crystal de espelho. Distante, á direita, o trecho marginal da villa, unido ao arrabalde de Arcozêllo pela linha suggestiva da ponte, lembra um fundo scenographico animado por reminiscencias de ópera pastoril. Este pittoresco, que é mais gracioso do que grande, que é mais bonito do que bello, gosa ha muito tempo, por isso mesmo, as honras d'um «ponto de vista» celebre. — Malfadada popularidade! Malfadada, sim; porque hoje essa consagração acha-se traduzida na caliça exterior da capella da Senhora da Guia por uma inexhaurivel copia de pensamentos, datas, poesias, assignaturas, desenhos, evocações saudosas — uma farrapagem de impressionismo pretencioso ou ignobil, que logo afugenta quem alli fôr procurar uma suggestão delicada e tenha a noção sentimental do que eu, á falta de melhor expressão, chamarei «pudor da paizagem».

Em frente, fechando longinquamente o horizonte, corre a caminho das linhas raiánas a grande serra da Arga. Alguns dos seus largos planaltos comportariam os alicerces d'uma grande cidade; nos seus pincaros de rocha viva imperam, ha seculos, altivas dynastias de águias. Enorme, abrangendo com os seus quatro braços toda a zona occidental do alto Minho, a Religião estabeleceu outrora nas suas encostas ferteis grande numero de conventos — e bravios, intonsos ermitões, animalizados pelo terror dos castigos eternos, erravam pelos seus cerros mais agrestes, implorando o perdão de Deus, entre uivos de renuncia e clamores de penitencia. Essa tradição de fervor religioso ainda hoje subsiste na imaginação dos povos da riba-Lima, que chamam commummente á serra da Arga — a «serra santa».

N'uma das quebradas d'esse monstro geologico, alveja entre confusas tramas de verdura a capella de Santa Justa. Homisiada n'esse local agreste, a intemerata martyr de Sevilha alcançou de Deus o insigne poder de dar filhos aos casaes estereis. Não concede porém sem premio tão transcendente pro-

règne de D. Pedro I. Ruiné plus tard, par les terribles inondations du Lima, le roi D. Manuel le fit réédifier, paver, et garnir de créneaux les hauts parapets de granit et les plateformes des deux tours qui le défendaient. Cet ouvrage fut fait entre 1504 et 1507, comme l'atteste une inscription gravée sur la façade de la chapelle du Rosario.

Il arriva presque à notre époque, traversant des siècles avec toute cette rudesse décorative de pont du moyen âge; ce fut seulement en 1834, qu'une de ces municipalités d'iconoclastes que la Révolution engendra sans parvenir à leur inoculer une notion intelligente de ses idées fécondes, détruisit les tours, démolit les créneaux et n'abattit pas le pont, parce qu'elle jugea certainement qu'il était impossible d'anéantir le fleuve. Le peu qui restait des anciennes murailles de D. Pedro disparût aussi à cette époque; pour témoigner de la grandeur de ce formidable ouvrage de défense, il existe à peine encore une des tours qui garnissaient ses cinq portes. Cette tour, qui est un gigantesque cube en granit noirci, dentelé de créneaux, apparait encore aujourd'hui d'une vieillesse aggressive et menaçante: c'est la prison communale. Aux fenêtres qui percent difficilement ces murs épais, faits pour résister aux engins de guerre du moyen âge, on voit s'empiler ordinairement, pendant la journée, quelques misérables prisonniers, qui implorent comme des mendiants la charité des passants, et font glisser le long du mur et par les gros barreaux de fer, le panier des aumônes suspendu à une corde.

Le Lima passe devant ce triste monument, assez loin du quai en pierre qui actuellement protège la belle avenue marginale partant du pont jusqu'à la petite chapelle de Notre Dame da Guia, contre les brusques invasions du fleuve pendant la mauvaise saison. Malgré son alignement banal de rue moderne, cette promenade, pittoresquement ombragée, sous le charme du fleuve, est un des sîtes qui retient les pas, attire les regards et allège les pensées. Au fond une petite chapelle blanche, sert de prétexte et de but à cette route si agréable. Depuis 1629 on y vénère Notre Dame da Guia. Avant cette époque la patronne des navigateurs avait déjà un temple plus vaste, et dont la fondation immémoriale doit dater des premiers temps de la monarchie de D. Affonso. Un hospice de lépreux mettait ainsi près de l'œuvre pieuse une milice de charité chrétienne.

Mais le Lima qui malgré tous ses douceurs lyriques, a parfois des caprices de fleuve païen, a peu à peu envahi les domaines de Notre Dame da Guia et fini par détruire irrévérencieusement l'église et l'hospice. Aujourd'hui de ce sol sacré il ne reste qu'une lande que les eaux submergent seulement lors des grandes inondations.

C'est près de ce lieu que se trouve maintenant le nouveau temple, qui est une simple chapelle blanchie à la chaux, défendue du fleuve par une plateforme murée, et où l'horizon relativement restreint, offre aux yeux l'ample dédommagement d'aspects les plus gracieux et variés. Le fleuve, dejà éloigné du pont, coule si paisiblement, que toute la rive opposée, colorée de maisons, de riches verdures et des collines bronzées qui se pelotonnent au loin, se dédouble en sens invers, comme le pur mirage d'un cristal de miroir. À droite, la partie marginale de la ville, reunie au faubourg d'Arcozello par la ligne charmante du pont, rappèle un décor scénographique, animé par des réminiscences d'opéra pastoral. Ce cachet pittoresque, plus gracieux que grandiose, plus joli que beau, a acquis depuis longtemps la réputation méritée de «point de vue» remarquable. Hélas! cette popularité a été nuisible, parce que le résultat de cette consécration s'est traduit en un replâtrage extérieur de la chapelle de Notre Dame de Guia et par une intarissable suite de pensées, de dates, de poésies, de signatures, de dessins, d'évocations tendres, enfin par un fatras d'impressionisme prétentieux ou ignoble qui effarouche aussitôt ceux qui vont chercher là une suggestion délicate et qui ont la notion sentimentale de ce que, faute d'un terme plus expressif, j'appellerai, la «pudeur du paysage».

En face, la grande montagne d'Arga marque le chemin des lignes de la frontière et clôt au loin l'horizon. Quelques uns de ses plateaux porteraient bien les assises d'une grande ville; sur les sommets rocheux règnent depuis des siècles, de fières dynasties d'aigles. Dans toute son énormité, elle atteint de ses quatre bras toute la zone occidentale du haut Minho; sur ses pentes fertiles la Religion, établit autrefois un grand nombre de couvents, et des ermites, sauvages et forts, abrutis par la terreur des peines éternelles, erraient par les collines les plus incultes, implorant le pardon de Dieu, avec des hurlements de renonciation et des clameurs de pénitence. Cette tradition de ferveur religieuse persiste encore dans l'imagination des gens de riba-Lima, qui donnent ordinairement au mont Arga le nom de «Montagne sainte».

tecção. Do seu antigo officio de vendedora de louça, Santa Justa conserva ainda, mesmo portas a dentro da Bemaventurança, um vicioso espirito commercial — e os seus devotos, quando recorrem ao seu poder, devem levar-lhe, como offrenda, um cabaz de frangos brancos. Apesar de tão diminuto preço, Santa Justa apenas é incommodada pelas solicitações dos mais impacientes. O aldeão do Minho, de ordinario tão prolifico que só raramente limita ao tecto conjugal a applicação das suas faculdades productoras, não necessita, em realidade, da intervenção do céo para fazer bracejar e fructificar a sua obscura arvore genealógica.

Com effeito, a familia do lavrador minhoto (escrevo «lavrador» com o restricto significado, que elle tem n'esta região, de camponez que cultiva a terra, sua ou alheia) é em geral muito numerosa. Essa fecundidade, que na cidade seria um encargo, é na aldeia um beneficio. Os filhos, nem mesmo quando são muito pequenos, embaraçam sensivelmente a familia laboriosa. A mãe, se tem serviços no campo, leva a creança comsigo — e, dentro d'um cesto ou d'um caixão afofado de palha, o bambino assiste, n'uma sombra propicia, ao mourejar dos paes. Aos quatro annos já guarda os bois, desfolha o milho e sóbe ás arvores para vindimar algum braço de vide que se enroscou nos ramos frageis dos cabeços. D'essa idade em deante os seus méritos vão-se desenvolvendo, as suas aptidões definindo: é um sêr util, um operario valioso e certo, que se contenta com uma côdea de pão, uma tigela de caldo e um mal agasalhado catre de palha.

A casa de habitação do pequeno lavrador minhoto é ainda, em geral, d'uma rusticidade quasi primitiva. Creado no meio dos campos, cioso da terra que cultiva como d'uma mulher inconstante, esse homem rude, no eterno desassocego da sua existencia de trabalho, não vê nem sente que vive n'uma possilga — ás vezes em extravagante e insalubre promiscuidade com os seus animaes domesticos. Esta, é a casa terrea, em que quatro paredes, mal cobertas por um telhado sem unidade nem solidez, abrigam no mesmo recinto indiviso a cozinha, o quarto de dormir de paes e filhos, as arcas de cereaes e da roupa, a vasilha do vinho, o estábulo dos bois, a capoeira — e até, por vezes, uma canniçada onde o porco grunhe.

Mas o typo de habitação mais commum n'esta região é a casa de granito, grosseiramente faceada a pico, com dois pavimentos sobrepostos, sem communicação interior. Em baixo, ao rez do chão, quasi todas as divisões são occupadas pelos gados domesticos: bois e ovelhas quasi sempre, raramente cavallos. Uma loja exposta ao norte, onde o sol nunca chega, tem um destino certo: é a adega. No pavimento superior vive a familia. Dá-lhe accesso uma escada de pedra exterior, que desemboca, de ordinario, n'um largo patamar alpendrado — ou n'uma varanda aberta, se a casa pertence a algum lavrador mais abastado. Ahi, a cozinha é sempre a maior peça da casa, com a sua lareira baixa separada da parede por um grupo de tres pedras combinadas n'uma vaga disposição de altar druídico, que se chama «borralheira». Algumas taipas de pinho fazem as summárias divisões do interior, que é quasi sempre sombrio e sem conforto. A telha-vã do tecto, que difficilmente deixa escoar o fumo da lareira, repellido pelo estreito gargalo da chaminé, nem sempre defende a habitação do sol ardente da canicula ou dos frios e das saraivadas de inverno. Fóra, em frente da casa, a eira de pedra ou de terra batida aplana-se, flanqueada por um espigueiro, onde a colheita do milho serodio espera o sol de março para ser malhada, e por um alpendre que dá abrigo provisorio a cereaes, forragens, utensilios de lavoira, segundo as contingencias do labôr agricola. Em volta, as mêdas — esguias e altas como coruchéus, se são de palha milha, baixas e rotundas como campanulas, se são de palha triga ou centeia — completam o grupo dos visinhos inseparaveis da casa do lavrador.

A par das pobres edificações d'este typo, a ribeira do Lima apresenta, como nenhuma outra, todas as cambiantes de pittoresco da habitação portugueza. Sem fallar já dos conventos, que são numerosos — e alguns notaveis, como o de Refojos — ha interessantes casas solarengas, como as de Mazarefes, Anquião e Bertiandos, e até vetustos e veneraveis solares, como as torres de Parada e de Morim e os paços de Siqueiros e de Calheiros. Este ultimo, com a sua longa fachada de palacio flanqueado por dois torreões quadrangulares, realiza o typo mais commum da casa nobre do Minho, do seculo XVIII. Deve datar d'essa época a reedificação a que deve o aspecto actual.

Dans un des ravins de ce monstre géologique, la chapelle de Sainte Juste apparait toute blanche parmi les tissures compliquées de la verdure. Cachée dans ce lieu sauvage, l'incorruptible martyre de Séville a obtenu de Dieu la puissance fameuse de donner des enfants aux époux stériles. Cependant elle n'accorde pas sans récompense une aussi haute protection. Sainte Juste qui avait été anciennement marchande de vaisselle, conserve encore, même en Paradis, un vicieux esprit commerçant et les dévots qui ont recours à sa puissance, doivent lui porter en offrande un panier de poulets blancs. Malgré le bas prix, elle est à peine dérangée par les sollicitations de quelques impatients. Le paysan du Minho est ordinairement si prolifique, qu'il ne borne pas seulement au foyer conjugal l'application de ses facultés productrices, et en vérité il n'a guère besoin de l'intervention céleste pour faire ramifier et fructifier son obscur arbre généalogique.

En effet, la famille du cultivateur du Minho, est généralement très nombreuse. J'écris «cultivateur» dans le sens restreint qu'il a dans cette région, c'est-à dire, le paysan qui cultive sa terre ou celle d'autrui. Sa fécondité qui à la ville serait une charge, est un bienfait au village. Même les tous petits enfants n'embarrassent pas sensiblement la famille laborieuse. Si la mère va aux champs elle emporte le petit avec elle, et le bambin, dans un panier ou une caisse étoffée de paille, placé à l'ombre, assiste au labeur des parents. À quatre ans il garde déjà les bœufs, effeuille le maïs et grimpe aux arbres pour cueillir un rameau de vigne entortillé dans les hautes branches plus fragiles. À partir de cet âge ses mérites se développent peu à peu, ses aptitudes se définissent; c'est un être utile, un ouvrier sûr et précieux, qui se contente d'une croûte de pain, d'une écuelle de soupe, et d'un grabat de paille sans confort.

Le logis du petit cultivateur du Minho est encore, ordinairement, d'une rusticité presque primitive. Elevé au milieu des champs, jaloux de la terre qu'il soigne, comme d'une femme volage, dans l'éternel souci de son existence pénible, cet homme rude n'aperçoit pas, ne sent pas, qu'il vit dans un taudis — parfois même en une étrange et malsaine promiscuité avec ses animaux domestiques. C'est la maison ras de terre, avec ses quatre murs, à peine recouverte par un toit sans unité ni solidité, et abritant dans la même enceinte sans division, la cuisine, la chambre à coucher des parents et des enfants, les caisses de céréales et de linge, le tonneau de vin, l'étable des bœufs, le poulailler et même, parfois, une claie derrière laquelle grogne le cochon.

Mais, la maison en granit, grossièrement équarri à la pique, avec un étage au dessus du rez-de-chaussée, sans communication intérieur, est le type de l'habitation plus commune dans cette région. En bas, le rez-de-chaussée est tout occupé par les animaux domestiques, bœufs et brebis, rarement des chevaux. Une des pièces, exposée au nord, où le soleil ne pénètre jamais, est toujours destinée à la cave. À l'étage supérieur, la famille se case. On y accède par un escalier extérieur en pierre, qui se termine ordinairement, sur un large palier recouvert d'un porche, ou sur un balcon ouvert, lorsque le maître de la maison est un cultivateur plus aisé. Alors la cuisine est toujours la plus vaste pièce, avec son foyer bas, séparé du mur par un groupe de trois pierres disposées d'une manière vague en autel druidique, et que l'on nomme *borralheira.* La toiture à solines découvertes ne protège pas toujours l'habitation contre le soleil ardent de la canicule ou les froids et les gelées de l'hiver, et elle laisse difficilement s'écouler la fumée de l'âtre, refoulée par l'étroit tuyau de la cheminée. Au dehors, devant la maison, s'étend l'aire de pierre ou de terre battue, flanquée du *espigueiro,* où la recolte tardive du maïs attend le soleil de mars pour être battue; un hangar sert d'abri provisoire aux grains, aux fourrages, aux ustensiles de labourage, selon les époques et les besoins agricoles. Alentour, les meules, hautes et élancées comme des flèches, si c'est de la paille de maïs, arrondies et basses, si c'est de la paille de blé ou de seigle, servent à compléter le groupe des compagnons inséparables de l'habitation du cultivateur.

À côté de ce type d'edifications pauvres, on trouve sur les rives du Lima, comme nulle part ailleurs, toutes les variétés pittoresques de l'habitation portugaise. Même sans parler des couvents, qui sont nombreux, et quelques uns remarquables comme celui de Refojos, il s'y trouve d'intéressantes maisons nobles, comme celles de Mazarefes, Anquião et Bertiandos, d'anciens et vénérables manoirs comme les tours de Parada et de Morim, et les palais de Siqueiros et de Calheiros. Ce dernier, avec sa longue façade de château flanqué de deux tours carrées, présente le type plus commun de la maison noble du Minho au XVIIIme siècle. La restauration, qui lui a donné l'aspect actuel, doit dater de cette époque.

*
* *

Só quando os invernos são muito rigorosos, com chuvas pesadas e persistentes, é que as aguas do Lima, turbadas e engrossadas pelos enxurros dos montes, tomam plena posse do seu leito. N'esses accessos de actividade e ira, não raro galgam o caes — e, invadindo as ruas e as casas mais visinhas da margem, põem em sobresalto todos os seus habitantes, que muitas vezes têm sido obrigados a receber pelas janellas os soccorros de toda a natureza que, n'essas conjuncturas, se empenham em offerecer alguns barqueiros gananciosos. Uma das maiores enchentes do Lima, foi a de 1875. N'esse anno, as aguas chegaram, através d'um dedalo de ruas, ao bairro mais central da villa, inundando ainda a egreja matriz.

Mas, acalmadas as refregas inverniças, o Lima volta a ser o veio d'agua clara e languida que captivou gerações inteiras de poetas e mereceu dos antigos o suggestivo nome de Lethes. Então, todo acantoado na margem direita, deixa a nú, entre as aguas e a villa, mais de dois terços do seu leito de areia. É n'esse areal que se realiza, quinzenalmente, uma das mais concorridas e importantes feiras de todo o Minho. Nada mais curioso do que essa kermesse, onde, entre o trapejar branco das barracas de lona, se agitam e rumorejam, n'uma instavel mancha de côres vivas, alguns milhares de pessoas a quem o ardor do negocio activa ou o goso do divertimento enthusiasma. Visto de longe, esse formigar de população, alli á ourela do rio, lembra o desembarque d'um exercito invasor que, na indisciplina das primeiras horas, armasse tumultuariamente as suas tendas e alastrasse pelo areal temerosas cargas de munições e mantimentos.

No prolongamento d'este mesmo areal, a montante da ponte, corre um outro passeio ribeirinho: a alameda de S. João. A capella do indomavel e violento asceta do deserto (que, com a sua festa solsticial, é o mais alegre santo do agiológio popular) espreita ao fundo d'um denso tunnel de arvores — n'uma humildade civilisada e artificial que contrasta estranhamente cóm a da ermida de Santo Ovidio que, em frente, na margem opposta, branqueja no pico d'um monte eriçado de fragas, como uma alma insoffrida á procura do céo.

A matriz de Ponte do Lima, cuja torre ameada, emergindo d'entre as modernas construcções, põe no aspecto geral da villa uma interessante nota de contraste, é um notavel exemplar de architectura sacra. Collegiada erecta no seculo XVI pelo arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres, as suas três naves têm a vastidão e a solemnidade d'uma cathedral. Não longe d'ella, n'uma pequena praça ladeirenta e irregular, havia outrora uma synagoga onde durante muitos annos celebrou os seus sacrificios cultuaes uma colonia de judeus que occupava, desde tempos remotissimos, a longa rua do Pinheiro, que é hoje, no prolongamento da estrada de Braga, uma das principaes arterias da villa. Depois do exodo hebraico, motivado pelo odioso decreto de el-rei D. Manuel, a synagoga foi adaptada ao culto catholico, em honra de S. Sebastião. Este martyr, porém, pouco mais feliz foi que Jehovah, o antigo locatario, pois bastou uma comesinha obra de viação para o desalojar e fazer desapparecer para sempre a morada que tão iniquamente lhe havia conquistado o povo credulo e supersticioso que desfallecia de fervor devoto quando os conegos regrantes de Refojos traziam processionalmente á villa, no dia 3 de maio, por antiga obrigação, um espinho venerado na egreja do seu convento como veridico despojo da corôa de Jesus.

D. João de Castro.

*
* *

C'est seulement pendant les hivers les plus rigoureux, lors des lourdes et persistantes pluies, que les eaux du Lima, troublées et grossies par les torrents des montagnes, emplissent tout à fait le lit du fleuve. Pendant ces crises de furie et d'activité, il n'est pas rare qu'elles franchissent le quai, et envahissent les rues et les maisons plus proches de la berge, mettant en alarme tous les habitants, qui parfois se sont vus forcés à recevoir par les fenêtres les secours de toute espèce, que s'efforcent de leur offrir en ces occasions, quelques bâteliers intéressés. Une des plus grandes crues du Lima a été celle de 1875. Cette année là, les eaux pénétrant par un dédale de rues, arrivèrent au quartier plus central de la ville, inondant aussi l'église principale.

Mais lorsque les tempêtes hivernales sont apaisées, le Lima redevient le filet d'eau claire et tranquille qui a charmé des générations entières de poètes et mérité jadis le nom significatif du Léthé. Replié vers la rive droite, il laisse alors tout à fait à sec, plus de deux tiers de son lit de sable, entre la ville et le cours d'eau. C'est sur cette berge qu'a lieu, de quinze en quinze jours, une des foires les plus importantes et fréquentées de toute la province du Minho. Rien de plus curieux que cette kermesse, où, parmi la toile blanche des tentes, on voit s'agiter et bruire, la tache remuante et vivement coloriée, de quelques milliers de personnes excitées par l'ardeur des affaires ou enthousiasmées par la jouissance du plaisir. Ce fourmillement de gens, vu de loin, là au bord du fleuve, nous rappèle le débarquement d'une armée envahissante, qui dans l'émoi de la première heure, aurait dressé en désordre ses tentes et éparpillé sur le sable ses énormes chargements de vivres et de munitions.

Sur le prolongement de cette même berge, en amont du pont, s'étend une autre promenade riveraine: l'avenue de St. Jean. La chapelle du violent et indomptable ascète du désert, qui est le saint le plus joyeux de l'hagiographie populaire, avec sa fête estivale, guette au fond d'un épais tunnel d'arbres, et, avec son humilité artificielle et civilisée, contraste d'une manière étrange avec la chapelle de Saint-Ovide qui, en face, sur la rive opposée, parait toute blanche, sur la crête d'une montagne hérissée de rochers, comme une âme souffrante en quête du ciel.

L'église mère de Ponte do Lima avec son clocher crénelé émergeant parmi les constructions modernes, met une intéressante touche qui contraste avec l'aspect général de la ville, et peut être comptée comme un remarquable exemplaire d'architecture sacrée. Au XVIme siècle elle fut la Collégialle érigée par l'archevêque D. Frei Bartholomeu dos Martyres, et ses trois nefs ont l'ampleur et la majesté d'une cathédrale. Sur une petite place en pente et irrégulière, assez proche, il y avait autrefois une synagogue où, pendant de longues années, suivait son culte, une colonie de juifs qui, dès une époque très reculée, habitait la longue rue du Pinheiro, qui actuellement est une des principales artères de la ville, sur le prolongement de la route de Braga. Après l'exode des juifs, dû à l'odieux décret du roi D. Manuel, la synagogue fut adaptée au culte catholique sous l'invocation de Saint-Sebastien. Mais ce martyr ne fut pas plus chanceux que l'antique locataire Jehovah, car les travaux d'une route insignifiante ont suffi pour le déloger et faire disparaître à jamais la demeure que lui avait si iniquement acquise le peuple crédule et superstitieux, qui se pâmait de ferveur dévote lorsque les chanoines régrants de Refojos promenaient en procession par la ville, le 3 Mai, d'après un ancien vœu, une épine qu'on vénérait à l'église de leur couvent, et qu'on assurait être une véridique dépouille de la couronne du Christ.

D. João de Castro.

A Serra da Estrella



'UMA conversa que tive ha mezes com o director d'esta publicação e na qual fallámos da Serra da Estrella, eu disse-lhe que era de lá e mostrei o amor que tenho á minha querida serra. Foi certamente esse amor que o levou a pedir-me este artigo; e, apezar de eu me ter escusado e em cartas successivas lhe mostrar a minha incompetencia para tratar de um assumpto que exigia uma penna eloquente e prestigiosa, não consegui livrar-me da incumbencia. Lamento-o pela Serra e pelos leitores d'esta bella publicação.

Se bastasse amar bem a Serra para d'ella escrever dignamente, estou certo que ninguem o faria melhor do que eu. Mas não admira.

Em primeiro logar comprehende-se muito bem que sejam mais amantes da sua patria os que nascem entre montes e vivem n'uma pequena area, limitada por horisontes proximos; o que elles vêem, da manhã á noite, tudo ou quasi tudo faz parte da sua terra, — as casas, as arvores, os mattos, os ribeiros, os gados, a gente. Os que vivem nas encostas ou nas planicies vêem outras casas; ouvem tocar as avemarias nos sinos de povoações proximas; vêem elevar-se no ar, de manhã e á tardinha, o fumo de povoações longinquas; vêem desapparecer o sol a grandes distancias; teem horisontes dilatados, que abrangem ás vezes dezenas de leguas em todos os sentidos.

Para os primeiros o sol põe-se muito cedo e nasce muito tarde; e elles vêem-no ás avessas: de manhã descer das encostas do poente até chegar ao valle; e de tarde ir desapparecendo desde o valle até ao cimo dos montes do lado opposto. Para os segundos a patria é uma simples parte de um todo de que elles vêem constantemente outras partes; emquanto que para os primeiros ella é em si mesma um todo perfeitamente distincto e separado do resto do mundo; aquelles convivem diariamente com os visinhos, como os habitantes de casas separadas por paredes meias; estes não teem visinhos apparentes e vivem na sua terra como certos frades viviam no seu convento e na respectiva cerca, circumdada por altos muros.

Mas ha ainda outra circumstancia: é que eu sahi da minha terra muito cedo «para os estudos». Ora o dictado — Longe da vista longe do coração — só é verdadeiro para os que teem o coração leve, para os que não amam a valer. Para estes é mais verdade o que dizem os primeiros versos d'uma quadra popular:

A ausencia tem uma filha
Que tem por nome saudade...

E todos os portuguezes sabem o que é a saudade (nenhum outro paiz tem palavra correspondente...) e como ella anima e aviventa o amor que tem o seu objecto ausente. Eu, por mim, basta dizer-lhes que no primeiro dia do anno lectivo escrevia na parede do meu quarto, no seminario de Coimbra, todos os numeros desde 1 até ao total dos dias que tinha de lá passar até ás ferias grandes; e cada dia riscava um! E no *Penedo da Saudade* (o nome foi-lhe posto com certeza por um beirão!) com que intimo prazer eu via lá em baixo serpear a «estrada da Beira», por onde no fim do anno havia de passar na *diligencia* do Natividade a caminho da minha querida Serra! E com que alvoroço aguardava a chegada á capellinha de S. Pedro Dias, na serra da Lousã, d'onde pela primeira vez via apparecer, lá muito ao longe, a cordilheira magestosa da Estrella, elevando-se pouco a pouco da esquerda para a direita, do norte para o sul, onde avultavam os seus mais altos contrafortes, entre os quaes estava encravada a patria minha amada! E com que delicia eu bebia agua na primeira fonte da Serra, tirava pela primeira vez o chapéo a um viandante, ia successivamente subindo e descendo montes e atravessando povoações até me apparecer lá adiante a «Pedra da Moura», perto da ultima portella, passada a qual me appareciam de repente as encostas do valle onde nasci! E, transposto emfim o ultimo cabeço, perto das ultimas «alminhas», como eu ria de gosto ao ver surgir a casaria encimada pela egreja, os quintaes em que brincara em pequeno, o ribeiro em que aprendera a nadar, os soutos onde tantas vezes fôra ás castanhas para jogar o «castello»; e, — cumulo da alegria! —, ao conhecer pessoas queridas que estavam á minha espera na varanda da minha casa!

La Montagne de Estrella



ANS un entretien que j'eus il y a quelques mois avec le directeur de cette revue, en parlant de la Montagne de Estrella, je dis que j'y étais né, et je montrai bien l'amour que je voue à ma chère montagne. C'est certainement ceci qui l'a induit à me prier d'écrire cet article; et quoique j'aie tenté de me dérober, en tâchant de démontrer, mon peu de compétence pour m'occuper d'un sujet qui exigeait une plume plus éloquente et plus autorisée, je n'ai pas réussi à me délivrer de cette tâche. J'en plains la Montagne et les lecteurs de cette belle publication.

S'il suffit de bien aimer la Montagne pour la décrire dignement, je suis certain que personne ne le fera mieux que moi, et à cela il y a rien d'étonnant.

D'abord on comprend parfaitement que ceux qui naissent dans la montagne et qui y vivent, dans un espace limité, soient plus affectionnés à leur patrie; ce qu'ils voient du matin au soir, maisons, arbres, bois, ruisseaux, troupeaux et gens, tout ou presque tout celà fait partie de leur sol natal. Ceux qui vivent dans les plaines ou sur les versants des collines voient plus loin; ils entendent l'angelus aux clochers des villages voisins; il voient le matin et le soir s'élever dans les airs, les fumées des hameaux éloignés; ils contemplent les couchers du soleil à de grandes distances; leurs horizons sont plus vastes et ils atteignent parfois des dizaines de lieues à la ronde.

Pour les montagnards le soleil se lève tard et se couche tôt; ils le voient à l'envers: le matin il descend les pentes du couchant jusqu'à la vallée et le soir il disparait dès la vallée jusqu'aux cimes des montagnes du côté opposé. Pour les autres la patrie est une simple partie d'un tout dont ils voient constamment les autres parties; mais, pour le montagnard, elle est à elle seule un tout parfaitement distinct et séparé du reste du monde; ceux-là fréquentent journellement leurs voisins comme les habitants de maisons séparées par des murs mitoyens; ceux-ci n'ont pas de voisins et vivent dans leur terroir comme certains moines vivaient dans leurs couvents avec les enclos entourés de hautes murailles.

Il y a encore une autre circonstance: je suis parti tout jeune de mon pays pour aller étudier. Or, le vieux dicton — Loin de la vue loin du cœur — n'est véritable que pour ceux qui ont le cœur léger, et qui n'aiment qu'à demi. Pour ceux qui aiment tout à fait, je citerai les premiers vers d'une strophe populaire:

L'absence a une fille
dont le nom est *regrets*

Tous les portugais savent ce que signifie *Saudade* (mot qui n'a d'équivalent dans aucune autre langue), et de quelle manière ce sentiment augmente et vivifie l'amour que l'on a pour l'objet absent. Quant à moi, il suffit de dire que le premier jour de l'année scolaire j'écrivais sur le mur de ma chambre, au séminaire de Coimbra, tous les numéros depuis 1 jusqu'à la totalité des jours que je devais y passer jusqu'aux grandes vacances, et chaque jour j'en rayais un! Et, sur le *Penedo da Saudade*, nom qui certainement a été inventé par un natif de Beira, j'éprouvais une délicieuse émotion en voyant serpenter en bas la route de Beira, par laquelle devait passer à la fin de l'année la *diligence* du *Natividade* qui me conduirait à ma chère Montagne! Avec quel doux émoi je désirais arriver à la petite chapelle de St Pedro Dias, dans le mont de Lousã, parce que c'était de là que je commençais à apercevoir au loin la majestueuse cordillère de Estrella, qui s'élevait peu à peu, de gauche à droite, du nord au midi, où saillaient ses plus hauts sommets entre lesquels se trouvait enclavée ma patrie si chérie! Avec quelles délices je buvais de l'eau à la première fontaine de la Montagne, je saluais le premier passant, et je montais et descendais successivement les coteaux traversant des hameaux jusqu'à ce que je voyais poindre là-bas, la — Pedra da Moura — (Pierre de la mauresque) près de la dernière gorge du mont, passée laquelle je voyais paraître tout-à-coup des pentes de la vallée où je suis né! Enfin, après avoir franchi la dernière cime, près des dernières — *alminhas* — comme je riais de bon cœur en voyant émerger les bâtisses surmontées de l'église; les jardins où j'avais joué tout petit, le ruisseau où j'avais appris à nager, les bois où j'allais ramasser des chataignes pour jouer avec mes petits camarades, et surtout, oh joie suprême! lorsque j'apercevais les personnes chéries qui m'attendaient sur le balcon de la maison!

Como isso vae longe! Mas a saudade, — que é o cynematographo das felicidades preteritas —, mostra-me essas scenas de ha quarenta annos tão perfeita e nitidamente como se fossem de hontem...

Tenho ainda bem vivas as minhas primeiras impressões da Serra. Em uma noite de verão, em que, sentados á porta do quintal, sentindo o aroma das boas-noites, eu e meus irmãos viamos sobre nós o céo, recamado de estrellas, pousar no cimo dos montes que formavam os costados de um navio enorme de que nós occupavamos o porão, um de nós, — talvez eu! —, perguntou a minha mãe se lá em cima, no alto do monte fronteiro, já era o céo... É certo que eu ouvia fallar *de traz de serra,* sabia que meu pae passava a maior parte do tempo fóra de casa, a percorrer outras terras; mas para mim, a bem dizer, essas terras não tinham uma existencia clara, era como se não existissem. E recordo-me ainda perfeitamente da impressão de surpreza e espanto que tive ao ver pela primeira vez, ao chegar á «portella d'Arão», entre Loriga e Vallezim, apparecer de repente a enorme planicie que vae da Serra da Estrella á do Caramullo, e a que nós, os da Serra, chamamos a *Terra chã.* É claro que essa planicie é só apparente; tem montes e vales, altos e baixos como a Serra. Mas os seus montes são outeiros apenas comparados com os da Serra. Nos seus caminhos a linha é aproximadamente horisontal; ao passo que na Serra quem fôr, por exemplo, de Unhaes para S. Romão tem de fazer uma serie de ascensões e descidas analoga á que faria um insecto minusculo se no seu caminho encontrasse os dedos de uma mão, um quasi nada abertos, e os transpuzesse successivamente do primeiro ao ultimo.

Uma differença tão radical no ambiente, no *habitat,* ha de necessariamente influir no caracter, na idiosyncrasia dos habitantes das duas regiões. Por agora vou referir-lhes um facto, que me occorreu a proposito de Vallezim, como argumento comprovativo da minha asserção relativa ao amor da patria.

Vallezim é a menos importante das povoações que ficam no caminho de Unhaes a S. Romão e que formam, com a Covilhã, Manteigas e Gouveia, o mais importante centro industrial do paiz; possue apenas uma fabrica, que a maior parte do tempo tem estado inactiva. Em compensação tem sobre as povoações visinhas o predominio intellectual (que parece vir de longe, porque ella possue uma egreja romanica de tres naves); tem sempre sido terra de doutores e é como que a Coimbra da região; é lá que se falla mais correctamente, e a sua gente tem a primazia na delicadeza de maneiras.

Foi lá que eu estudei a instrucção primaria com o professor official, cuja fama lhe attrahia discipulos de muitas leguas em redondo, — de Gouveia, de Paranhos, de Unhaes.

Pois n'aquella colmeia de pequenos estudantes, de oito a dez annos, uma singularidade distinguia uns dos outros: os nascidos nas terras encovadas, nos «barrôcos», — como nós diziamos —, fugiam muitas vezes no mesmo dia da chegada, e outras vezes não chegavam... a chegar.

Houve um que fugiu tanta vez que a familia deixou de o mandar. A ultima vez que foi, levara-o o proprio pae; mas o filho, apanhando-o distrahido a conversar com o professor, esgueirou-se sem ninguem dar por isso; e d'ahi a pouco viamol-o todos a meio do atalho, no monte fronteiro, a subir com toda a gana, sem olhar para traz. Já não tinha medo de errar o caminho!

Mas fallemos do alto da Serra, que é o que mais interessa ao leitor, — e já não é sem tempo...

A Serra da Estrella propriamente dita é a parte da cordilheira d'este nome que se estende de nordeste a sudoeste, desde a *Penha de Prados,* perto de Linhares e Folgosinho, até ao *Terroeiro,* perto de Unhaes e Alvôco, obliquando d'ahi em fórma de C, — como muito bem diz Garcia Mascarenhas no *Viriato tragico* —, até ao *Curcurinho* [1], perto de Aldeia das Déz. Esta segunda parte, porém, não tem planuras no alto: a outra é que é a Serra por excellencia, a Serra procurada pelos turistes; e d'essa parte é ainda na extremidade sul que se elevam os seus mais altos cumes e relvados, e onde estão as suas bellezas mais interessantes e caracteristicas: os covões, as lagoas e os *Cantaros.*

Uma das povoações mais proximas da região dos Cantaros é a minha terra; e apezar d'isso eu já era homem ha muitos annos quando lá subi a primeira vez. Mettiam-me medo com o meu calçado da cidade, dizendo-me que não me mettesse n'isso porque vinha de lá sem botas...

Mas um dia fui lá ter sem haver feito tenção.

[1] Ou Colcurinho (Eu escrevo como se diz na minha terra). O C a que se refere Mascarenhas, é todavia só uma, — sendo a maior —, das ramificações que sahem da Serra ladeando o rio Alva e as ribeiras de Vallezim, Loriga e Alvôco no espaço comprehendido entre o primeiro e a ultima.

Comme tout cela est loin! Mais les regrets, qui sont comme le cynématographe des bonheurs passés, me montrent ces scènes d'il y a quarante ans, aussi parfaites et aussi nettes que si elles dataient d'hier. Mes premières impressions de la Montagne sont encore vivaces. Un soir d'été, assis à la porte du jardin, respirant le parfum des belles-de-nuit, mes frères et moi, nous contemplions au dessus de nos têtes le ciel constellé d'étoiles, qui semblait se poser sur les cimes des montagnes, semblables à un immense vaisseau au fond du quel nous étions; l'un de nous, — moi peut-être — demanda à ma mère, si sur la cime de la Montagne d'en face c'était déjà le ciel... Il est certain que j'entendais parler de *derrière la montagne* et je savais que mon père passait la plupart du temps hors de la maison, qu'il parcourait d'autres lieux, mais pour moi ces lieux, n'avaient pas, pour ainsi dire, une existence claire, c'était à peu près comme s'ils n'existaient pas. Et je me souviens encore très bien de l'impression d'étonnement et de surprise que j'éprouvai en arrivant à la gorge d'Arão, entre Loriga et Vallezim, lorsque je vis paraître tout à coup, et pour la première fois, l'enorme plaine qui va de la Montagne de Estrella à celle du Caramullo, et que nous autres montagnards, nous nommons la *Terra chã* (terre plate). Il est certain que cette plaine n'est qu'apparente; elle a ses montagnes, ses vallées, ses hauts et ses bas comme la Montagne. Mais ses monts sont des coteaux à peine, comparés à ceux de la Montagne. Les chemins sont percés en ligne à peu près horizontale, tandis que dans la Montagne, en allant, par exemple de Unhaes à S. Romão on doit faire une série d'ascensions et de descentes semblables à celles que ferait un insecte minuscule s'il trouvait sur son chemin les doigts d'une main, un peu écartés, qu'il devrait franchir successivement du premier au dernier.

Une si grande différence d'ambiant, d'*habitat,* doit nécessairement influencer le caractère, l'idiosyncrasie des habitants des deux régions. Pour le moment je vais vous raconter une chose qui m'est arrivée à propos de Vallezim, et qui devient un argument bien évident de mon assertion relative à l'amour de la patrie. Vallezim est le moins important des endroits qui se trouvent sur la route de Unhaes à S. Romão, et qui, avec Covilhã, Manteigas et Gouveia, forment le centre industriel le plus important du pays; à Vallezim il n'y a qu'une fabrique, qui, la plupart du temps, demeure inactive. En compensation il a sur ses voisins, la prédominance intellectuelle, qui semble dater de loin parce que l'on y voit une église romane à trois nefs; ç'a toujours été une patrie de docteurs, à peu près comme Université de la région; c'est là qu'on parle le plus correctement, et que les gens ont des manières plus polies et distinguées. C'est là que j'ai fait mes études primaires avec le professeur officiel dont la réputation y attirait des élèves de plusieurs lieues à la ronde, de Gouveia, Paranhos, Unhaes.

Eh bien, dans cette ruche de petits étudiants, âgés de huit à dix ans, une singularité les distinguait les uns des autres: ceux qui étaient nés dans les terrains enfouis, dans les — *barrôcos* — comme nous disions, disparaissaient le jour même de leur arrivée et quelques uns, ne reparaissaient point.

Il y en eut un qui s'enfuit si souvent, que la famille ne l'envoya plus. La dernière fois qu'il parût ce fut même le père qui l'amena; mais l'enfant, en le voyant en conversation avec le professeur, se sauva sans que personne ne s'en aperçut; peu d'instants après nous le vîmes au milieu du chemin sur la montagne d'en face, qu'il gravissait de toutes ses forces sans regarder en arrière, comme s'il craignait de se tromper de route!

Mais parlons du sommet de la Montagne, qui doit intéresser davantage le lecteur, et ce n'est pas sans temps...

La Montagne de Estrella, proprement dite, est la partie de la cordillère de ce nom qui s'étend du nord-est au sud-est, depuis la *Penha de Prados,* près de Linhares et Folgosinho, jusqu'au *Terroeiro,* près de Unhaes et Alvoco, obliquant de là en forme de C, — comme le dit Garcia de Mascarenhas dans son *Viriato tragico* — jusqu'au *Curcurinho* [1], près du village de Déz. Mais cette dernière partie n'a pas de plateaux sur les cimes: c'est l'autre qui est vraiment la Montagne, la Montagne recherchée par les touristes; et même de cette partie, c'est sur la pointe du midi que s'élèvent ses plus beaux sommets et herbages, et c'est là que se trouvent ses attraits les plus intéressants et les plus caractéristiques; les fossés, les étangs et les Cantaros.

[1] Ou Colcurinho (J'écris comme on le dit dans mon pays). Le C auquel se rapporte Mascarenhas, est toutefois une seule, et la plus grande des ramifications qui sortent de la Montagne, cotoyant le fleuve Alva et les cours d'eau de Vallezim, Loriga et Alvôco, dans l'espace compris entre le premier et le dernier.

Quasi no alto do monte que separa Alvôco da Serra, — a minha terra, Exc.mos senhores! —, de Unhaes, tambem da Serra [1], ha uma fonte *milagrosa*, chamada *Fonte da Pedra*, cujas virtudes o povo attribue a uma lenda tão piedosa como... ingenua. Diz ella que, a caminho do Egypto, passou alli a Nossa Senhora com S. José e o Menino; que este teve sêde e o burro em que elle ia ao collo de sua mãe, fez sahir agua de uma pedra dando n'ella tres patadas [2]. Se a lenda não é verdadeira, — como quasi todas as lendas... —, não ha duvida que a agua da *Fonte da Pedra* cura molestias de pelle; e nas manhãs do S. João e do S. Pedro rapazes e raparigas levantam-se muito cedo e lá vão todos os annos em ranchos alegres beber a agua milagrosa, fazer abluções varias e comer os respectivos farneis.

Eu, que nunca lá tinha ido, um dia depois de almoçar pedi que me ensinassem pouco mais ou menos o sitio da fonte e para lá caminhei serra acima. Não dando com ella por mais que procurasse, subi até ao alto para não perder de todo as passadas e ver como era da outra banda. E, ficando enthusiasmado com a vista surprehendente que se me deparou na cumiada, — o admiravel valle entre a Serra da Estrella e a da Guardunha, para lá da qual se estendiam planicies sem fim, monotonas e aridas, até á linha do horisonte, fazendo um contraste notavel com o primeiro plano, todo coberto de vegetação e manchado de povoações branquejantes, entre as quaes sobresahia uma em frente, muito maior que as outras e que devia ser (e era) o Fundão, — eu, em vez de voltar para traz, como me aconselhava a hora, continuei pela cumiada para o lado da Serra. E apezar dos percalços que d'isso me resultaram, não me arrependi. Ainda não tinha andado muito quando encontrei uma pedra, — e a seguir encontrei muitas mais —, com as covinhas prehistoricas, ou *fossettes*, que Martins Sarmento diz não ter encontrado [3]. Eram todas quadradas, com um decimetro de lado aproximadamente e um pouco menos de fundo; e estavam todas cheias d'agua purissima, e tanto que eu não pude resistir e bebi em umas poucas. Chegando ao fim da cumiada, comecei a subir, e pouco depois, com grande espanto, encontrei relvado e uma fonte, onde bebi tambem. A agua ahi era, porém, tão fria que me escaldou os beiços e tirou-me a vontade de beber mais. Continuando a andar, vi de repente surgir á direita uma especie de pyramide, que a principio julguei ser um marco geodesico vulgar, mas que foi augmentando, augmentando até me convencer de que não podia ser senão a *Torre*. D'ahi a pouco estava ao pé d'ella, no ponto mais alto da Serra e de Portugal, a 1:991 metros sobre o nivel do mar! Via a enorme esplanada do extremo norte, que termina a umas 5 ou 6 leguas da Torre; um pouco abaixo, para o lado direito, a cabeça negra do *Cantaro Magro;* e para lá da Serra, em toda a roda, uma vastissima extensão de terreno abrangendo Hespanha e Portugal, com uma linha d'horizonte circular e tão longinqua que mal se distinguia. Vale a pena subir lá acima só para admirar esse espectaculo surprehendente e que nunca mais se esquece...

Não contarei aos leitores as peripecias por que passei na descida, comquanto, — é claro —, isso me fosse muito grato. Sabe sempre bem avivar saudades; e eu poderia encher uns poucos de numeros d'esta revista a contar os casos que lá em cima me aconteceram outras vezes, uns comicos outros tragicos [4], e que dariam talvez aos leitores mais perfeita ideia da Serra do que as descripções feitas com o meu maior desvelo. Por outro lado eu não poderia pensar tambem em descrever a Serra em quatro paginas; e accresce que certamente todos os leitores conhecem o bello livro que lhe consagrou um principe das lettras portuguezas, — Emygdio Navarro. Vou, pois, limitar-me a dizer-lhes o que precisa de ver para fazer perfeita ideia da Serra todo aquelle que fôr visital-a, isto é: quaes são as suas bellezas e curiosidades mais notaveis e caracteristicas.

A principal, e que só por si vale a visita á Serra, é o *Cantaro Magro*, — mas visto de baixo (e são raros os que lá vão!). Só vendo-o de baixo se avalia bem o que tem de grandioso, de solemne, de empolgante e de phantastico esse monstro de granito, de 300 metros de altura, em forma de cantaro assente sobre a bocca, e vertendo agua por todos os lados, que se ouve estalar de longe!

---

1 Ficam-lhes perto Unhaes Velho e Alvôco de Varzeas.

2 A mesma lenda refere de outra fonte perto de Barcellos no seu relatorio sobre a *Secção de Archeologia* (*Expedição Scientifica á Serra da Estrella*) o dr. Martins Sarmento, que não teve conhecimento d'esta.

3 Relatorio citado.

4 Duas vezes lá me vi em transe não menos afflictivo que o relatado pelo conde de Hoffmansegg no seu livro *Voyage en Portugal* (3.º vol. da obra de Link).

Mon pays est un des plus proches de la région de Cantaros; et malgré cela j'étais depuis longtemps un homme, lorsque j'y montais pour la première fois. On me faisait peur, avec mes chaussures de ville, en me disant de ne pas tenter l'ascension car j'y perdrais mes bottes...

Mais un jour j'y fus sans en avoir eu l'intention.

Presqu'en haut du mont qui sépare Alvôco da Serra, mon pays, de Unhaes da Serra [1], il y a une fontaine *miraculeuse* qu'on nomme *Fonte da Pedra* (*Fontaine de la Pierre*), et dont les vertus sont attribuées par le peuple, à une légende aussi pieuse que... naïve. Elle raconte, qu'en route pour l'Egypte, la Vierge Marie passa par là avec Saint Joseph et l'Enfant Jésus; l'enfant eut soif et l'âne sur lequel il était, dans les bras de sa mère, frappa trois fois la pierre, avec son sabot et en fit jaillir de l'eau [2]. Si la légende n'est pas véridique, comme il arrive presque toujours, il est toutefois certain que l'eau de la *Fonte da Pedra* guérit les maladies de peau.

À l'aube des jours de fête de Saint Jean et de Saint Pierre les garçons et les filles se lèvent de bonne heure et vont en joyeuses troupes boire l'eau miraculeuse, faire diverses ablutions et déjeuner en plein air. Je n'y étais jamais allé, mais un jour, après déjeuner je demandais à peu près le chemin de la fontaine et je commençait à grimper la Montagne. Malgré tous mes efforts je ne réussis pas à la trouver et alors, pour ne pas perdre les pas que j'avais faits je montais jusqu'en haut pour voir ce qu'il y avait de l'autre côté. Mon enthousiasme fut à son comble lorsque je vis le magnifique panorama que l'on découvre de cette hauteur. D'abord la vallée admirable entre les Montagnes de Estrella et Guardunha, et au delà de laquelle s'étendaient des plaines sans bornes, monotones et arides, jusqu'à la ligne de l'horizon, contrastant d'une manière remarquable avec le premier plan tout couvert de végétation et moucheté de bourgs et de villages blanchissants, parmi lesquels, en face, il en ressortait un, plus important que les autres et qui devait être comme de juste, le Fundão. Au lieu de revenir sur mes pas, comme me le conseillait l'heure tardive, je continuai sur le sommet me dirigeant vers la Montagne. Et, malgré les désagréments que j'eus, je ne m'en repentis point. Je n'avais pas encore beaucoup marché, lorsque je trouvai une pierre, ensuite une deuxième et beaucoup d'autres, avec les petites cavités préhistoriques, les *fossettes* que Martins Sarmento dit ne pas avoir trouvées [3]. Elles étaient toutes carrées, ayant à peu près un décimètre de côté, et un peu moins de fond et toutes remplies d'une eau si pure que je ne pus y résister et j'en bus de plusieurs. Parvenu à l'extremité du plateau, je recommençai à monter et peu après, à mon grand étonnement, je trouvai un frais gazon et une autre fontaine où je bus aussi. Mais l'eau était si froide qu'elle me déssécha les lèvres et m'ôta la soif. Continuant ma route, je vis tout à coup émerger à droite, une espèce de pyramide, que je pris d'abord pour une borne géodésique quelconque, mais que je vis augmenter toujours, jusqu'à ce que je fus convaincu que ce ne pouvait être que la Torre (Tour). Peu après j'étais tout près d'elle, sur le point le plus élevé de la Montagne et du Portugal, à 1991 mètres au dessus du niveau de la mer! Je voyais de là l'énorme esplanade de la pointe nord, qui se termine à 5 ou 6 lieues de la Tour; un peu plus bas, vers la droite, la tête noire du *Cantaro Magro;* et au delà de la Montagne, tout alentour, une vaste étendue de terrain comprenant l'Espagne et le Portugal, avec une ligne d'horizon circulaire et si éloignée qu'on la distinguait à peine. Quand même on n'aurait à admirer que cet inoubliable et surprenant spectacle, celà vaudrait bien la peine de monter là haut!

Je ne raconterai pas au lecteur les péripéties qui m'arrivèrent dans la descente, quoique, il est certain, j'en aurais été charmé. Il est toujours agréable de se souvenir de ce que l'on regrette et je pourrais remplir plusieurs numéros de cette revue en racontant des épisodes qui me sont arrivés d'autres fois, les uns comiques, d'autres tragiques [4], qui donneraient aux lecteurs un idée plus nette de la Montagne, que toutes les descriptions que je pourrais lui en faire avec le plus grand soin. D'ailleurs, je ne saurais penser à décrire la Montagne dans ces quatre pages; et, en outre, il est certain que tous les

---

1 Tout près se trouvent Unhaes Velho et Alvôco de Varzeas.

2 Dans son rapport sur la *Section d'Archéologie* (*Expédition Scientifique à la Montagne d'Estrella*) le Dr. Martins Sarmento, qui n'a pas eu connaissance de cette fontaine, attribue cette même légende à une autre fontaine près de Barcellos.

3 Rapport déjà cité.

4 Deux fois je m'y suis vu dans des transes non moins affligeantes que celles qu'a décrites le comte de Hoffmansegg dans son livre *Voyage en Portugal* (vol. 3º de l'ouvrage de Link).

Dos covões é tambem mais grandioso o que fica em frente do Cantaro Magro para o lado do nascente e a que uns chamam o valle da *Argenteira* e outros a *Albergaria*. Mas é tambem dignissimo de ver-se o *Covão da Lameira*, no termo de Loriga, a poente da Torre, e que é talvez o mais bello de todos visto ao crepusculo da tarde. Fica-lhe muito perto o *Covão das Quelhas*, muito pittoresco e curioso.

No genero pittoresco é necessario ver egualmente a *Rua dos Mercadores*, ao lado do *Covão do Boi*, proximo e a leste da Torre, e a *Rua dos Cyprestes* [1], que fica perto, para o sul, e de cuja extremidade se vê outro bello covão, o *Covão da Mulher*, no terreno de Unhaes, e em cujas aguas já apparecem trutas — muito escuras e ariscas, segundo me dizem.

Das lagoas a mais bonita é a *do Peixão* [2], que tem o seu mais bello aspecto vista da margem leste, ficando-lhe então sobranceiro pela frente o *Fragão do Passarão*, ou *Poio de Mata-cães*, mas que se pode ver commodamente de cima d'esta enorme fraga, partindo do *Chafariz d'El-Rei*, que lhe fica proximo.

Á ida ou á volta não deve o excursionista deixar de descer á *Ponte de Jugaes* que une as duas margens do Alva entre S. Romão e Vallezim, e que na diversidade de pontos de vista, imponentes, pittorescos ou risonhos, é com certeza um dos mais bellos sitios de Portugal.

Termino com um conselho: Ninguem suba á Serra sem um guia seguro [3], que conheça bem a região dos Cantaros. Não ha por lá muitos; e cautela e caldo de galinha...

As nossas estampas

Fragão do Corvo e *valle de Manteigas*. — O *Fragão do Corvo* é um dos pequenos morros que se encontram nas visinhanças do Sanatorio de Manteigas. Esta villa fica justamente do lado de traz do morro, que se eleva sobre o valle, quasi verticalmente, á altura de uns 800 metros.

Casa da Fraga. — É a casa mandada fazer pelo primeiro tysico que se curou na Serra, o snr. Alfredo Cesar Henriques. A nossa estampa representa-a já correcta e augmentada; a primitiva era unicamente cavada dentro da fraga, tendo parede apenas nas portas e na varanda que dá para o nascente.

Lagôa Escura. — Custa a conhecer assim gelada e vendo-se só as suas margens mais baixas, onde, por entre as pedras, negrejam os zimbros. É a mais célebre lagôa da Serra, a lagôa das lendas.

Cascata do posto da Lage. — É uma das numerosas quedas d'agua formadas nas nascentes do Alva. O que a photographia tem de mais interessante são as caramelleiras que se vêem em baixo e dos lados da torrente. Nada de mais bello, caprichoso e phantastico do que os caramellos formados no inverno pelas quedas d'agua...

Pastores da Serra. — O velho sobretudo é um typo magnifico e perfeitamente caracteristico, com a sua manta de capuz, a sacola, os safões de pelle de ovelha, as polainas cobrindo os sapatos brocheados, a ferrada para o leite e o inseparavel cajado. O rapaz é muito janota: usa cadeia e relogio...

Emygdio de Brito Monteiro.

[1] Dou-lhe eu esse nome, porque lá ninguem m'o soube dizer.
[2] Ha quem escreva *Paixão*; mas este é que é o nome verdadeiro.
[3] Um bom companheiro será tambem o livro do sr. Dr. Adelino d'Abreu sobre a Serra, que é acompanhado de um grande mappa da região, na escala dos da commissão geodesica.

lecteurs connaissent le beau livre que lui a consacré un des princes de la littérature portugaise, Emygdio Navarro. Je vais donc, me borner à dire ce que l'on doit voir pour se faire une idée parfaite de la Montagne, c'est à dire, quelles sont ses beautés et ses curiosités les plus remarquables et caractéristiques.

La principale, et qui à elle seule mérite le voyage à la Montagne, c'est le *Cantaro Magro*, mais vu d'en bas; et peu de visiteurs y vont! C'est seulement en l'observant par dessous, que l'on se rend bien compte de tout ce qu'a de grandiose, de solennel, d'empoignant et de fantastique ce monstre de granit de 300 mètres de haut, en forme de cruche posée sur l'ouverture, versant de l'eau par tous les côtés et que l'on entend gronder au loin!

Le fossé le plus grand est aussi celui qui se trouve en face du Cantaro Magro, vers le couchant et que quelques uns nomment la vallée de l'*Argenteira*, d'autres celle de *Albergaria*. Mais le fossé de *Lameira* dans la commune de Loriga, à l'ouest de la Tour, est également digne de remarque, et peut-être le plus superbe de tous, contemplé à l'heure du crépuscule. Le fossé de Quelhas très pittoresque et curieux se trouve tout proche.

Dans le genre pittoresque il faut voir aussi la rue des *Mercadores* (des Marchands) à côté du fossé du *Boi*, à l'est, près de la tour, la rue de Cyprestes (Cyprès [1]) assez proche, vers le midi, et du bout de laquelle on aperçoit encore un autre fossé nommé de la *Mulher*, sur le territoire de Unhaes, où on a déjà trouvé des truites, très foncées et fuyantes, à ce que l'on dit.

Quant aux étangs, le plus beau est celui du Peixão [2], dont le plus bel aspect est vu de la rive est, dominée sur le devant par le *Fragão do Passarão* ou *Poio de Mata-cães*, mais que l'on peut très commodément voir d'au dessus cette énorme roche, en partant du *Chafariz d'Elrei* qui s'en trouve rapproché.

En allant ou en revenant, l'excursioniste ne doit pas manquer de descendre au *Ponte de Jugaes* qui relie les deux rives du Alva entre S. Romão et Vallezim, et qui par la diversité de ses points de vue, imposants, pittoresques et riants, est assurément un des plus beaux sites du Portugal. Je termine en donnant le conseil de ne jamais aller à la Montagne sans un guide sûr [3], qui connaisse bien la région des Cantaros. Il n'y en a pas beaucoup, il faut donc prendre ses précautions et se défier...

Nos gravures

Fragão du Corvo et *vallée de Manteigas*. — Le *Fragão du Corvo* est un des petites tertres qui se trouvent aux environs du Sanatorium de Manteigas. Ce bourg est justement derrière le tertre, qui s'élève au dessus de la vallée presque verticalement, et à une hauteur de 800 mètres.

Casa da Fraga. C'est une maison faite par le premier tuberculeux qui s'est guéri dans la Montagne Mr. Alfredo Cesar Henriques. Notre gravure la répresente déjà corrigée et augmentée; la construction primitive était seulement creusée dans le rocher, et les seuls murs étaient ceux des portes et du balcon tourné au levant.

Lagôa Escura. — On la reconnait à peine, ainsi gelée et en voyant seulement ses bords les plus bas, où, parmi les pierres, on voit fleurir les obscurs genévriers. C'est le plus célèbre étang de la Montagne, l'étang des légendes.

Cascata do posto da Lage. — C'est une des nombreuses chutes d'eau formées par les sources du Alva. Ce que la photographie présente de plus intéressant, ce sont les glaçons que l'on voit en bas et aux bords du torrent. Rien de plus beau, de plus capricieux et fantastique que ces glaciers formés en hiver par les chutes d'eau.

Pastores da Serra (Pâtres de la Montagne). — Le vieillard surtout est un type superbe et parfaitement caractérisé, avec sa mante à capuchon, sa sacoche, ses houzeaux en peau de brebis, les guêtres couvrant les souliers cloutés, le seau pour le lait et l'inséparable bâton. Le jeune homme est trop élégant avec sa chaîne et sa montre...

Emygdio de Brito Monteiro.

[1] Je lui donne ce nom car personne n'a su m'en dire un autre.
[2] Quelques personnes écrivent *Paixão*; mais celui-ci est le véritable nom.
[3] Un bon compagnon à prendre aussi est le livre de Mr. le Docteur Adelino de Abreu sur la Montagne, accompagné d'un grand plan de la région, d'après l'échelle de ceux de la commission géodésique.

Portalegre



'uma cidade muito interessante, capital de districto e séde de bispado, com bons edificios e lindos arredores; está num monte dominando uma vasta planicie fertil; na serra a vegetação é frondosa, muitas fontes brotam das penedias, as paizagens são variadas.

A cidade possue escolas de habilitação para o magisterio primario, a Industrial Fradesso da Silveira, Lyceu nacional, Seminario diocesano, além das competentes escolas primarias. Tem o Asylo de infancia desvalida, hospital regular, e os recolhimentos de S. Braz e de Santa Clara.

É cidade antiga, com seu castello e cerca. Succedeu com esta fortaleza um caso curioso. Quando D. Diniz terminou o castello, rebentou a revolta de seu irmão D. Affonso, e este por surpreza occupou a fortaleza, onde se defendeu desde maio a outubro de 1299; e assim o rei teve occasião de experimentar que o castello estava bem feito.

As fortificações de Portalegre desempenharam grande papel na celebre e dilatada guerra chamada da successão de Hespanha. Em junho de 1704 foi cercada pelo exercito hespanhol.

Esta guerra foi uma desgraça para Portugal, apesar dos brilhantes feitos d'armas praticados pelo seu exercito. Para o Alemtejo, especialmente para esta região de Portalegre, foi a devastação completa.

Rendeu-se ao duque de Brunswick no dia 8 d'esse mez.

Em julho de 1764 soffreu novo conflicto com as forças hespanholas, que por fim a abandonaram. Na primeira invasão franceza recebeu a visita de Loison (1808), sem maior aggravo. Como se vê, tem a sua pagina na historia militar.

A interessante cidade assenta na encosta norte da serra. Ha ahi castinçaes e soutos de frondosos castanheiros, pomares de boa fruta, campos de vinha e cereaes.

A par da grande importancia agricola a cidade tem industrias de valor. Já a meio do seculo XVII possuia fabricas de tecidos de lã, produzindo pannos optimos; depois esta industria definhou, mas ha uns annos cresceu de novo, desenvolvendo-se e aperfeiçoando-se.

Durante muitos annos foi um dos grandes centros do fabrico da rolha de cortiça: industria que está hoje atravessando uma crise.

Ha aqui industrias especiaes.

Tem fabricas de alpercatas, de castelletas, de pirolitos, de massas, de flores artificiaes, de tijolos.

Na cidade ha alguns edificios antigos; a sé, o paço dos bispos, são do seculo XVI. A sé foi começada em 1556 pelo bispo D. Julião d'Alva, hespanhol que veio para Portugal no sequito da princeza D. Catharina, irmã do imperador Carlos V. Esta senhora, filha de Philippe I de Castella e da rainha D. Joanna, casou em fevereiro de 1525 com D. João III de Portugal. Teve sempre muita consideração pelo illustrado preceptor hespanhol que foi confessor e esmoler-mór do rei, e por fim bispo de Portalegre (1550). A cathedral foi concluida pelo bispo D. fr. Amador Arraes, nome illustre nas letras portuguezas. É dedicada, como o são todas as cathedraes do reino, a Nossa Senhora da Assumpção.

Bem de notar o que o bispo D. fr. Amador Arraes fez em Portalegre; porque além de concluir a sé fez o paço episcopal, o seminario, e muitas outras obras de menor importancia. E ainda teve dinheiro para o resgate de todos os seus diocesanos que foram captivos na desastrosa batalha d'Alcacer-Kibir (1578), e para offerecer a Philippe II cinco mil cruzados para a infeliz *invencivel armada*. Acabou pobre, resignou o bispado, foi morrer na sua cella do collegio de Coimbra.

O tumulo do bispo da Guarda, D. Jorge de Mello fundador do convento das freiras bernardas (1572), como se vê na estampa, é obra d'arte opulenta da renascença já adiantada. O artista recorreu á profusão decorativa, como bem se manifesta nas columnas estriadas, floreadas, estranguladas; á complicação de recortes nas bases, nos frisos, dos arcos e nichos; na quantidade de estatuas grandes e pequenas. O conjuncto é grande e sumptuoso, ainda que pouco logico e harmonico; mas a execução das estatuas, dos relevos altos e baixos, dos motivos raphaelescos é primorosa.

Portalegre



'EST une ville des plus intéressantes, capitale du district, siège de l'évêché, avec de beaux édifices et de jolis environs; située sur une montagne dominant une plaine vaste et fertile, ses paysages sont très variés, sur les hauteurs la végétation est luxuriante et touffue et des rochers jaillissent d'abondantes sources d'eau pure.

La ville est pourvue de bonnes écoles primaires; il y a encore l'Ecole Industrielle Fradesso da Silveira, le Lycée national, le Séminaire diocésain, l'Asile des enfants abandonnés, un hospice assez bon, et les couvents de S. Braz et de Santa Clara.

Le type de la ville est ancien, avec son château et les remparts. Un fait assez curieux s'est passé avec cette forteresse. Lorsque D. Diniz termina le château, la révolte de son frère D. Affonso éclata et celui-ci s'empara inopinément du château, où il se défendit depuis le mois de Mai jusqu'à Octobre 1299; le roi eut ainsi l'occasion d'apprécier comme le château était bien construit.

Les fortifications de Portalegre jouèrent un grand rôle pendant la longue et fameuse guerre dite de succession d'Espagne. En Juin 1704 elle fut assiégée par l'armée espagnole.

Cette guerre fut déplorable pour le Portugal, malgré les brillantes actions d'éclat que son armée y déploya; et dans la province de l'Alemtejo, surtout sur cette région de Portalegre, ce fut une véritable dévastation.

Le 8 Juin de cette année elle se rendit au duc de Brunswick. En Juillet 1764 il y eut de nouveaux combats avec les troupes espagnoles qui finirent par l'abandoner. En 1808 lors de la première invasion française, elle reçut la visite de Loison, sans autres dommages. On voit donc qu'elle a aussi sa page dans l'histoire militaire.

La jolie ville s'appuie sur le versant nord de la montagne. On y voit de superbes bois de châtaigniers sauvages, des vergers pleins de beaux fruits, des vignobles et des champs bien cultivés.

Elle est importante non seulement au point de vue agricole, mais aussi par rapport à son industrie. Au XVIIme siècle on y voyait déjà des usines de tissus de laine qui fabriquaient de très beaux lainages; par la suite cette industrie tomba en desuétude, mais plus tard elle s'accrût de nouveau, se développa et se perfectionna.

Pendant longtemps Portalegre fut un des centres de fabrication de bouchons de liège, industrie qui de nos jours traverse une mauvaise crise. On y trouve des industries spéciales, telles que, fabriques de sandales, de draps, de toupies, de pâtes, de fleurs artificielles, de briques; quelques édifices anciens; la cathédrale, le palais de l'évêché datent du XVIme siècle.

La cathédrale fut commencée en 1556 par l'évêque D. Julião d'Alva, un espagnol qui vint en Portugal dans la suite de la princesse D. Catharina, sœur de l'empereur Charles V. Cette princesse, fille de Philippe Ier de Castille et de la reine D. Joanna, épousa en 1525 D. João III de Portugal. Elle apprécia toujours très hautement l'illustre précepteur espagnol, confesseur et aumônier du roi, et qui fut enfin nommé évêque de Portalegre en 1550. D. Fr. Amador Arraes, qui eut un nom remarquable dans les lettres portugaises, termina la cathédrale, et la mit sous l'invocation de Notre Dame de l'Assomption, comme le sont toutes les cathédrales du royaume.

On doit citer tout ce que l'évêque D. Fr. Amador Arraes fît à Portalegre; non seulement il termina la cathédrale, mais il fit édifier le palais de l'évêché, le séminaire, et beaucoup d'autres choses de moindre importance. Il trouva encore des fonds pour racheter tous ses diocésains qui étaient restés captifs, comme otages dans la désastreuse bataille de Alcacer-Kibir en 1578, et offrit à Philippe II cinq mille cruzades pour la malheureuse *invencivel armada* (invincible armée). À la fin devenu pauvre, il quitta l'évêché et alla mourir dans sa cellule du collège de Coimbra.

Le tombeau de l'Evêque de Guarda, D. Jorge de Mello, fondateur du couvent des religieuses *bernardines*, en 1572, est, comme on le voit sur la gravure, une œuvre d'art somptueuse de la Renaissance, bien accentuée. L'artiste a eu recours à la profusion décorative, à en juger sur ces colonnes cannelées, fleuries, étranglées; sur cette complication de dentelures des socles, des frises, des arceaux et des niches; sur la quantité de statues grandes et petites. L'ensemble est grandiose et riche, quoique manquant de logique et d'harmonie; mais l'exécution des statues, des hauts et bas-reliefs, et des motifs raphaélesques est remarquable.

O castello de Alvito

O palacio e castello de Alvito póde dizer-se regularmente conservado; algumas portas e janellas foram modernisadas; conserva porém intactas as linhas geraes da construcção primitiva.

Algumas janellas mosarabes muito graciosas arejam ainda as suas grossas muralhas e os fortes torreões dos cantos. A estampa mostra bem o estado actual do exterior da fidalga residencia. Entre os edificios alemtejanos da epoca este é o mais senhoril.

O Alemtejo conserva ainda muitas residencias antigas, como a Torre dos Coelheiros, a casa dos Azinhaes, a Amoreira da Torre, o palacio da Oliveira, a Sempre Noiva, etc. Proximo de Vianna está a residencia d'Agua de Peixes, da casa Cadaval, mais moderna que Alvito. Nenhuma das mais antigas residencias conserva pura a planta original.

Tem-se dito que este castello foi feito por D. João II, ahi por 1484, e que este rei o doou a João Fernandes da Silveira. Existe um documento que marca a época da construcção, é uma carta de D. Manuel, confirmando outra de D. João II, e esta a primaria de D. Affonso V. Este rei olhando a situação da villa de Alvito, que então era de D. João da Silveira, barão d'ella, e de D. Maria, sua mulher, e vendo que o sitio era bem disposto para junto da fonte se fazer um castello, proveitoso para sua defeza, e dos moradores em tempo de guerra, e ainda para protecção das outras terras da baronia, dá licença ao barão para fazer um castello, aproveitando a serventia para a obra dos moradores de Alvito, de Villa Nova, da Ouriolla e Aguiar... E se o dito barão começar a fazer o castello, ou começar e não acabar... que sua mulher possa continuar a obra, etc. Parece do documento que a obra ainda não estava começada. Esta carta está datada de 30 de abril de 1489. Do mesmo anno é a confirmação de D. João II.

E a carta de D. Manuel, confirmando estas a D. Diogo Lobo, filho de D. João da Silveira, foi passada em Torres Vedras em 4 de outubro de 1497.

Este documento existe no Real Archivo da Torre do Tombo, no Livro 41 de D. Manuel, folha 93. Vê-se que no final do seculo XV ainda o castello não estava concluido; com probabilidade a construcção, homogenea como é, estaria muito adeantada.

O emprego de elementos arabes na construcção não admira; em edificios do seculo XVI em Evora, se encontra o gracioso mosarabismo, e ainda por muitos annos os operarios mouriscos exerceram aqui os seus misteres.

Alvito é uma villa alemtejana, essencialmente agricola, vivendo do cultivo de cereaes, dos seus montados e olivedos. A casaria branca rodeia o severo palacio acastellado, o seu antigo senhor e protector, hoje despido do antigo poderio. O palacio foi comprado ao actual marquez de Alvito por el-rei D. Luiz, que assim evitou felizmente que a nobre antigualha caísse em mãos inconscientes. O marquez continua porém a usofruir o velho solar.

Nos arredores da villa tem-se encontrado antiguidades romanas; houve por aqui mosteiros de fundação mui remota; lendas christãs de martyrios são mencionadas nas veneraveis chronicas.

Tem uma certa graça a maneira como a linguagem popular na sua evolução tem produzido e acreditado certos santos. De Santo Amancio se fez S. Manços, e de S. Verissimo nasceu S. Brissos no paiz alemtejano. Aqui em Alvito a phonetica fez de S. Cucufate, S. Covado, e de S. Eleutherio, S. Noutel. E toda a gente os conhece assim de ha muito, e os venéra e os invoca na sua crença ingenua.

O nome *Alvito*, com ligeiras variantes, encontra-se em Portugal, Hespanha, Italia; é d'aquellas designações locativas que pertencem a fundo muito antigo. O rio que passa por Alvito é o Odivellas, designação tambem de origem mui remota.

A familia do marquez de Alvito vem do seculo XIII, por linhagens de confiança. O titulo de marquez foi dado em 1766 por el-rei D. José a D. José Antonio Francisco Lobo da Silveira, 3.º conde da Oriolla e 10.º barão de Alvito.

Le château d'Alvito

Le palais et château d'Alvito est assez bien conservé; quelques portes et fenêtres sont modernisées, mais les lignes principales de la construction primitive sont intactes.

Les murs et les grosses tourelles des coins, sont encore percés de gracieuses fenêtres mosarabes. La gravure montre bien l'état actuel extérieur de cette noble résidence. Parmi les édifices de l'Alemtejo datant de cette époque, celui-ci est le plus seigneurial.

On trouve encore beaucoup d'anciennes demeures dans la province de l'Alemtejo: la Torre de Coelheiros, la maison des Azinhaes, l'Amoreira da Torre, le Palais de Oliveira, la Sempre Noiva, etc. Près de Vianna se trouve la résidence de Agua de Peixes, de la maison Cadaval, plus moderne que celle d'Alvito. Mais aucune de ces anciennes demeures ne conserve la pureté de son plan primitif.

On a dit que ce château a été édifié par D. João II vers 1484 et que ce roi le donna à João Fernandes da Silveira. Il existe un document qui marque l'époque de sa construction; c'est une charte de D. Manuel, confirmant une autre de D. João II, laquelle primait aussi celle de D. Affonso V. Ce roi, en observant la situation du bourg d'Alvito, qui appartenait alors à D. João da Silveira, baron d'Alvito, et à sa femme D. Maria, et voyant que l'endroit était bien disposé pour y construire un château près de la fontaine, qui servirait de défense à la ville et à ses habitants en temps de guerre, protégeant en outre les autres localités dépendantes de la baronnie, octroya au baron, la permission de construire un château, à condition que ces travaux fussent profitables aux habitants d'Alvito, Villa Nova, Ouriolla et Aguiar. Et, si le baron commençait le château et ne le terminait point, sa femme pourrait en continuer la construction, etc. D'après ce document on pourrait conclure que le château n'était pas encore commencé, à la date de cette charte, le 30 Avril 1489. Le document confirmatif de D. João II est de la même année.

La charte de D. Manuel, confirmant celles qui furent accordées à D. Diogo Lobo, fils de D. João da Silveira, fut passée à Torres Vedras le 4 octobre 1497.

Ce document se trouve à l'Archive Royal de Torre do Tombo, livre 41 de D. Manuel, folio 93. On voit qu'à la fin du XVme siècle le château n'était pas encore terminé; mais probablement sa construction, telle qu'elle est, bien homogène, devait être très avancée.

L'emploi des éléments arabes de l'édification n'a rien d'étonnant; dans tous les edifices du XVIme siècle à Evora, on retrouve le gracieux style mosarabe, et pendant de longues années encore, les ouvriers arabes travaillèrent dans cette région.

Alvito est une ville essentiellement agricole, vivant de la culture de ses céréales, de ses oliviers et des chênaies où l'on engraisse les cochons. Les maisons toutes blanches entourent le sévère château et son ancien seigneur et protecteur, actuellement dépouillé de son antique puissance. Le palais fut acheté par le roi D. Luiz, à l'actuel marquis d'Alvito, qui empêcha ainsi cette noble demeure de tomber en des mains profanes. Mais le marquis continue a avoir la jouissance de son vieux manoir.

Aux alentours de la ville on a trouvé des antiquités romaines; on y voit des couvents d'origine très reculée et les vénérables chroniques racontent des légendes de martyres chrétiens.

Il est curieux d'observer comment le langage populaire, dans son évolution a engendré et renommé quelques saints. De Saint Amancio on a fait Saint Manços, de Saint Verissimo est né Saint Brissos; cela dans la province de l'Alemtejo. Ici, à Alvito la phonétique a fait de Saint Cucufate Saint Covado, et de Saint Eleutherio, Saint Noutel. Et tout le monde les connait ainsi depuis longtemps, et la foi naïve les vénère et les invoque sous ces noms.

Le nom d'*Alvito*, avec de légères altérations se trouve en Portugal, en Espagne et en Italie; c'est une de ces désignations locales qui ont une origine très lointaine. Le fleuve qui passe à Alvito se nomme Odivellas, nom très ancien aussi.

La famille du marquis d'Alvito date du XIIIme siècle, par des lignées authentiques. Le titre de marquis fut accordé en 1766 par le roi D. José, à D. José Antonio Francisco Lobo da Silveira, 3me comte de Ouriolla et 10me baron d'Alvito.

Estremoz

É uma bella povoação situada num dos mais ferteis territorios do Alemtejo; muito desafogada e saudavel, cercada de boas quintas e hortejos, com abundancia de aguas. Occupa uma eminencia com dilatadas vistas. Ha no reino algumas cidades de menor população e importancia.

Seguramente uma das povoações mais formosas e limpas de Portugal. Estremoz é de marmore branco; é a rocha que domina no sitio. Janellas, escadas, e as calçadas das ruas são de marmore. Estes marmores de Estremoz brancos, alguns com veios rosados, afiambrados, são lindos, mas por muito cristallinos rijos, e portanto de difficil trabalho. Os modernos processos de trabalho, principalmente da serragem, facilitam a exploração das pedreiras, e assim nos ultimos annos se tem applicado mais. É translucido em laminas de um decimetro de espessura.

Em Lisboa, no cemiterio dos Prazeres, a familia Centeno tem um tumulo, em forma de pequeno templo grego, com sua escada, columnata e tympanos, todo em marmore de Estremoz de effeito magnifico. É inalteravel ás variantes do tempo; os capiteis do templo romano de Evora, capiteis corinthios com finas volutas e delicadas folhagens, estão como o canteiro os deixou.

Outra especialidade de Estremoz é o barro vermelho de ha muito empregado na ceramica especial conhecida por — louça de Estremoz —. Com este barro fabricam bilhas e pucaros para agua, que se mantem fresca pela singular porosidade que possue. Recentemente têm introduzido estylos varios no fabrico d'esta louça; por minha parte confesso que algumas d'essas tentativas me parecem de mau gosto. Acho muito mais original e interessante o estylo local, antigo; a elegante bilha de uma só aza, sem pintura nem esmaltes, ornamentada de traços vincados, em desenho geometrico e folhagens, com florinhas feitas de pequenos fragmentos de marmore branco. Nos *bonecos* sim póde haver melhoria. Esta arte estremocense dos *bonecos de barro,* com ou sem apito ou rouxinol, é bem curiosa; em todas as feiras do Alemtejo apparece o boneco de Estremoz, encanto da rapaziada. Mas são de rudeza gothica, de espantosa deformidade.

Ora hoje os esthétas com muita razão não querem que ao povo, á creança, se forneçam modelos feios, disparates horrendos. Por isto eu desejo que se conserve a bilha antiga, e o pucarinho de feitio elegante e ornamentação original, e que se melhore, que se aperfeiçoe o *boneco de Estremoz,* aproveitando bem a extraordinaria plasticidade do barro vermelho.

Ainda conserva trechos da fortificação ordenada em tempo de D. Affonso III e D. Diniz (seculo XIII e XIV).

Durante largos annos foi praça de armas. Na prolongada lucta com Hespanha, na guerra da restauração, que seguiu a proclamação da independencia de Portugal em 1640, Estremoz foi ponto importante; nos seus arredores se feriram as grandes batalhas do Ameixial e do Canal, onde se mediram as grandes espadas da época.

D. João IV, logo depois da restauração, tratou de fortificar Estremoz. O antigo castello passou a ser cidadela da praça; fez uma fortificação exterior de quatro baluartes e um reducto importante.

A alta torre, soberbo e esbelto exemplar de architectura militar, guarda ainda o seu prumo. É muito bem construida. É irmã da torre de Beja, já estampada n'esta publicação.

As ameias terminadas em pyramides de base quadrada, as varandas mui salientes sobre fortes matacães, as esguias frestas ogivaes, caracterisam as duas torres.

Uma das nossas estampas apresenta a vista geral de Estremoz; mostra bem na eminencia a torre, os restos do castello e paço, a miuda casaria da villa antiga, e os baluartes da Restauração; em volta alastra-se a casaria branca da villa mais moderna. A outra estampa mostra a torre a que se encosta o pouco que resta do antigo paço. O que n'este paço se tem feito e se continua a praticar é um desgraçado episodio do vandalismo nacional.

Na parte historica a torre de Estremoz vence a torre irmã de Beja. Por aqui andou D. Affonso III, D. Diniz, D. Pedro I. A rainha santa ahi esteve a tratar das pazes entre Portugal e Castella, ahi foi colhida pela morte. A capella de Santa Izabel foi construida no proprio quarto, humilde e apertado aposento, onde a santa falleceu. Foi a rainha D. Leonor, mulher de D. João IV, em seguida á victoria das *linhas d'Elvas* que mandou construir o piedoso monumento. Todo este edificio era um monumento historico digno do maior respeito.

Estremoz

C'est une très jolie localité située sur un des territoires les plus fertiles de l'Alemtejo, dans un endroit très sain, très spacieux entouré de belles propriétés, de vergers et de potagers, avec de l'eau en abondance, et sur une hauteur d'où la vue s'étend au loin. Quelques villes du royaume sont moins peuplées et de moindre importance que ce bourg.

C'est, en outre, un des endroits les plus beaux et propres du Portugal, car la pierre qui y abonde est le marbre blanc. Fenêtres, escaliers, pavés des rues tout est en marbre. Ces marbres blancs d'Estremoz, quelques-uns veinés de rose, couleur de fraise, sont très beaux, mais leur dure cristallisation en rend le travail difficile. Les outillages modernes, surtout la scierie, facilitent l'exploitation des carrières, et c'est pour cela que dernièrement ces pierres sont plus employées. Les lames à un décimètre d'épaisseur sont translucides.

Au cimetière de Prazeres, à Lisbonne, on voit un tombeau de la famille Centeno, en forme de temple grec avec l'escalier, les colonnes et le tympan tout en marbre d'Estremoz d'un effet charmant. Il est aussi inaltérable aux variations du temps; les chapiteaux du temple romain d'Evora de style corinthien avec de fines volutes et de délicats feuillages, sont exactement comme le marbrier les a laissés.

Une autre spécialité d'Estremoz est la terre rouge depuis longtemps employée pour la céramique spéciale connue par — poterie d'Estremoz —. On en fabrique des cruches, des pots et des vases où l'eau se maintient très fraîche grâce à l'étrange porosité de la terre. On a récemment introduit dans la fabrication de ces objets des styles divers, mais, quant à moi, je trouve quelques-unes de ces tentatives de mauvais goût. Je préfère comme plus original et intéressant l'ancien style local; la cruche bien élancée avec une seule anse, sans peinture ni émail, à peine striée de rayures en dessins géométriques ou de feuillages avec fleurettes faites de petits fragments de marbre blanc. Les figurines peuvent être perfectionnées. C'est une industrie tout à fait locale que celle des figurines en terre, avec ou sans sifflet, qui paraissent dans toutes les foires de l'Alemtejo et font la joie des gamins. Mais elles sont d'une grossièreté gothique, étonnament difformes.

Or, de nos jours, les esthètes pensent, avec raison, que le peuple, les enfants, ne doivent pas avoir sous les yeux des objets laids, des monstruosités horribles. C'est pour cela que je désirerais voir conserver l'ancienne cruche, le petit pot élégant avec leur ornamentation originale, et que l'on améliore et perfectionne les *figurines d'Estremoz,* tout en tirant parti de la plasticité de la terre rouge.

On aperçoit encore à Estremoz des restes de fortifications faites au temps de D. Affonso III et D. Diniz, au XIIIme et XIVme siècle.

Pendant longtemps ce fut une place d'armes, et lors de la longue lutte avec l'Espagne, pendant la guerre de la Restauration, qui suivit la proclamation de l'indépendance du Portugal en 1640, Estremoz fut le point le plus important; c'est dans ses environs que se livrèrent les grandes batailles de Ameixial et Canal, dans lesquelles se heurtèrent les plus vaillants guerriers de cette époque.

Aussitôt après la restauration, D. João IV s'occupa de fortifier Estremoz. L'ancien château se convertit en citadelle; il fit construire extérieurement une enceinte fortifiée avec quatre remparts et une redoute importante.

La haute tour est un élégant et superbe exemplaire d'architecture militaire, qui conserve encore tout son aplomb. Elle est très bien construite, semblablement à la tour de Beja que cette revue a déjà présentée.

Les créneaux terminés en pyramides à base carrée, les balcons très saillants sur de solides contreforts, les minces lucarnes ogivales, sont les caractèristiques de ces deux tours.

Une de nos gravures représente la vue générale d'Estremoz; on voit bien sur la hauteur, la tour, les restes du château et du palais, les petites maisons de l'ancien bourg et les remparts de la Restauration; tout autour s'étendent les claires habitations de la ville moderne. L'autre gravure montre la tour contre laquelle s'adossent les débris de l'ancien palais. Les travaux qu'on a fait dans ce palais et que l'on continue à y faire sont un triste épisode du vandalisme national.

Au point de vue historique, la tour d'Estremoz est supérieure à celle de Beja. Elle fut visitée par D. Affonso III, D. Diniz et D. Pedro I. La reine Sainte Isabel y vint pour s'occuper du traité de paix entre le Portugal et la Castille, et ce fut là qu'elle mourût. La chapelle de Sainte Isabel a été construite même dans la chambre humble et exigue, où la sainte finit ses jours. Ce pieux monument fut

O palacio de D. Diniz serviu por muito tempo de *trem* ou armazem de munições de guerra. O paiol da polvora explodiu em 1698 destruindo parte do edificio, arruinando mesmo algumas casas da villa antiga. Mas a alterosa torre de marmore ficou intacta.

D. João v fez em parte do paço grande sala de armas e museu militar; dizem que no tempo era dos mais ricos da Europa; guardavam-se ahi excellentes armaduras completas. Parece que isso desappareceu no tempo das invasões francezas. Houve tambem aqui fundição de artilheria, que trabalhava ainda no final do seculo XVIII.

Um dos episodios mais tragicos da guerra civil entre miguelistas e pedristas passou-se aqui. Nas prisões do castello de Estremoz havia muitos presos politicos, de varias classes sociaes. Em 27 de julho de 1833 divulgou-se a noticia da entrada do conde de Villa-Flôr em Lisboa no dia 24.

Não se imagina facilmente o effeito nos espiritos alemtejanos d'essa espantosa marcha do pequeno exercito liberal do Algarve a Lisboa. Todos estavam exaltados. Contou-se que os presos liberaes de Estremoz soltaram brados de revolta ao saberem a nova. Outros dizem que nada houve da parte dos desgraçados, esfomeados, abatidos, doentes. Os guardas, parte da tropa de guarnição e alguns paisanos da villa, em exaltação furiosa, entraram na cadeia. Foi um massacre completo, a tiro, á baioneta, a machado.

Não escapou um só malhado para narrar o acontecimento. A matança fez horror no paiz. O governador militar teve de prender alguns apontados como cabeças de motim, gente de condição infima. Os assassinos façanhudos de maior graduação não foram apanhados. Quando a guerra civil terminou em 1834 ainda os taes cabeças estavam na enxovia do castello; e os malhados não lhes perdoaram. São terriveis as guerras civis. Deus nos livre de semelhante calamidade.

Gabriel Pereira.

édifié par la reine D. Leonor, femme de D. João IV, après la victoire des *linhas d'Elvas* (frontières d'Elvas). Tout l'édifice était un monument historique digne du plus grand respect.

Le palais de D. Diniz servit pendant longtemps de magasin de munitions de guerre. En 1698 une explosion de la poudrière détruisit une partie de l'édifice, ainsi que quelques maisons de l'ancien bourg. Mais la hautaine tour de marbre resta intacte.

Dans une partie du palais D. João V installa une vaste salle d'armes et un musée militaire, qui, à ce que l'on dit, était, dans le temps, un des plus riches de l'Europe; on y conservait de précieuses armures complètes. Il parait que cela a disparu lors de l'invasion française. Il y eût là aussi une fonderie de canons qui existait encore à la fin du XVIIIme siècle.

C'est à Estremoz que s'est passé un des épisodes les plus tragiques de la guerre civile entre les partisans de D. Miguel et de D. Pedro. Dans les prisons du château il y avait beaucoup de prisonniers politiques, de diverses classes sociales. Le 27 Juillet 1833 on répandit la nouvelle de l'entrée du comte de Villa Flôr à Lisbonne le 24.

On ne peut se faire une idée de l'effet que produisit dans les esprits des habitants de la province la nouvelle de cette marche étonnante de la petite armée des libéraux depuis l'Algarve jusqu'à Lisbonne.

Tout le monde s'exaltait. On raconta que les prisonniers libéraux d'Estremoz poussèrent des cris de révolte en sachant ce qui se passait. D'autres assurent qu'il n'y eut pas de manifestations de la part de ces malheureux, affamés, découragés et malades. Les gardiens, avec une partie de la garnison et quelques bourgeois de la ville, furieusement excités, entrèrent dans la prison et ce fut un massacre complet, à coups de fusils, de baïonnettes et de haches!

Il ne resta pas un seul *libéral* qui pût raconter l'évènement. La tuerie fit horreur à tout le monde. Le gouverneur militaire fit arrêter ceux qui étaient désignés comme auteurs de la révolte, tous gens de basse extraction. Les gros bonnets plus haut placés ne furent pas saisis. Lorsque la guerre civile termina, en 1834, ces malheureux étaient encore dans les cachots du château et les libéraux ne leur pardonnèrent pas. Les guerres civiles sont terribles. Que Dieu nous préserve de telles calamités!

Gabriel Pereira.

Leiria



UEM a visitasse ha quarenta annos para a estudar no estado em que nós a vimos, levava na memoria a lembrança de uma povoação adormecida n'um profundo lethargo. E ainda depois quando lá voltamos, por differentes vezes, no trajecto de uma romaria sempre querida para o mosteiro da Batalha, a mesma impressão de abandono, de desconforto e de tristeza! Uma rêde confusa de becos e viellas sujas, cortadas por pequenos largos com arvores mesquinhas; aqui e além umas tentativas de novos arruamentos, abrindo largas feridas na estructura do velho burgo — ruinas novas, juntando-se ás velhas derrocadas, sem nenhum intuito claro. E por cima de toda essa desolação antiga e moderna, dominando a cidade e a planicie, o gigantesco castello, alteroso e bravio, desafiando ainda a furia dos elementos e a barbarie dos homens, após uma lucta de seis seculos:

«Nem que a cerviz indomita obedeça a outro jugo qualquer que se lhe offereça.»

Lá de cima voltava o viajante, — como um visionario. Procurára as ruinas da pousada da Rainha Santa, certamente tão modesta outr'ora, como o cubiculo que hoje lhe attribuem no castello de Extremoz; buscára os vestigios da passagem da formosa D. Leonor Telles, a quem D. Fernando dera o senhorio da villa — pesquizas inuteis, melancholicas, no meio das ruinas mais grandiosas que os castellos do reino podem offerecer-nos. Apenas de uma terceira Rainha, a esposa de D. João I, conserva Leiria, no santuario de Nossa Senhora da Encarnação (a uns 700 metros do centro) uma reliquia, adornada de formosos azulejos. Mas voltemos á cidade.

Nos ultimos quinze annos conseguiu acordar e transformar-se finalmente, sobretudo desde que a linha ferrea de Lisboa-Torres Vedras valorizou tantas localidades importantes da Estremadura. Até alli, o viajante que pretendesse visitar a Batalha, apeava-se em Pombal e seguia em carro para Leiria. Das hospedarias d'esse tempo é melhor não fallar... Uma expedição d'essas, feita em 1879, com *touristes* estrangeiros ficou-nos gravada na memoria. Não havendo ainda hoje uma pousada sufficiente na Batalha, onde se possa pernoutar (— pois correr, como o vento, atravez do glorioso edificio é praticar um sacrilegio —), não ha remedio senão escolher como pontos de partida ou Leiria, ou Caldas da Rainha, quando se queira aproveitar bem as bellezas naturaes e os thesouros artisticos da região intermedia. E que accumulação de riquezas em tão pequeno percurso! Juntem-se emfim os attractivos com que a moderna actividade da industria e do commercio póde e deve fixar a attenção do viajante — as grandes e pequenas fabricas do districto de Leiria, as feiras rumorosas e, *last not least,* as prestigiosas thermas.

Ha dous caminhos a seguir, conforme o destino do viajante; quem vier do Sul, escolherá as Caldas da Rainha como quartel general. Tem diante de si um programma variado: as distracções de uma grande estação thermal, justamente afamada, edificios historicos notaveis, fabricas celebres de ceramica, que o talento de um grande artista moderno popularisou. Tomando de manhã um banho sulfuroso, póde á tarde ir mergulhar, no Oceano (a meia hora de distancia, em carro americano). Encontra, a poucos passos, todo o *sport* nautico, as diversões da caça e da pesca na celebre lagôa de Obidos; a excursão ao notavel castello de Obidos, onde além das magestosas ruinas, achará monumentos notaveis da Renascença, occultos nas egrejas da villa; póde alongar os seus passeios até á formosa praia de S. Martinho, um verdadeiro idyllio maritimo. O fecho e a corôa de todas estas excursões é, naturalmente, a visita ao historico mosteiro de Alcobaça. O exame d'este grande monumento não deve ser feito n'uma caminhada, conjunctamente com a Batalha. É um erro grave pretender approximar duas concepções estheticas tão oppostas. Infelizmente, a regra geral do viandante imprevidente é: baralhar tudo. E, no entanto, em Alcobaça ha muito mais que vêr, além do mosteiro; por exemplo, o museu do distincto archeologo snr. Vieira Natividade, cheio das preciosas antiguidades prehistoricas, que elle descobriu nas celebres grutas dos arredores, e liberalmente mostra.

Quem, vindo do Norte, escolher Leiria como ponto de partida, terá um campo de exploração não menos rico e interessante; a dous passos, o celebre pinhal, iniciado por D. Diniz, augmentado e enriquecido até nossos dias, (9:000 hectares) com as suas grandes installações e fabricas annexas de productos florestaes. Uma vez dentro do pinhal, não deixará de visitar a Real fabrica de vidros, fundada em 1769 por iniciativa do Marquez de Pombal, que ainda hoje honra o paiz. Tem perto ainda a villa de Pombal, com recordações pessoaes do grande ministro; póde ir retemperar as forças nas celebres thermas da Amieira,

Leiria



EUX qui, il y a une quarantaine d'années y auraient fait une visite d'étude dans l'état où nous l'avons vue, auraient emporté dans leur souvenir, l'impression d'une localité endormie dans une profonde léthargie. Et même plus tard, quand maintes fois nous y sommes retournés, en un pélerinage toujours cher au monastère de Batalha, nous avons retrouvé le même air de négligence, d'abandon et de tristesse! C'est un réseau confus de ruelles et d'impasses malpropres, coupées par de petites places avec des arbres rabougris; çà et là des tentatives de nouvelles rues, ouvrent de larges blessures dans l'ensemble du vieux bourg — de nouvelles ruines s'ajoutant aux anciennes, sans aucune idée nette. Et, au dessus de toute cette désolation ancienne et moderne, dominant la ville et la plaine, le gigantesque château s'élève, hautain et farouche, bravant encore la furie des éléments et la sauvagerie des hommes, après une lutte de six siècles:

«Nem que a cerviz indomita obedeça a outro jugo qualquer que se lhe offereça» [1].

Le visiteur revenait d'en haut, comme un visionnaire. Il avait cherché les ruines de la demeure de la Reine Sainte, sans doute aussi modeste autrefois, que la cellule du château de Estremoz que de nos jours on lui attribue; il s'était aussi enquis des vestiges du passage de la belle D. Leonor Telles, à laquelle D. Fernando avait donné la seigneurie de la ville — tristes et vaines recherches, au milieu des ruines plus grandioses que peuvent nous offrir les châteaux du royaume. Leiria conserve à peine, dans le sanctuaire de Notre Dame da Encarnação, à 700 mètres du centre, une relique ornée de précieuses faïences, provenant d'une troisième Reine, épouse de D. João I. Mais revenons à la ville.

Pendant la dernière quinzaine d'années, elle a enfin réussi à se réveiller et se transformer, surtout depuis que le chemin de fer de Lisbonne à Torres Vedras est venu augmenter la valeur de tant de localités importantes de la province de Estremadura. Jusqu'à ce temps là, le voyageur qui voulait visiter Batalha devait descendre à Pombal et faire le reste du trajet en diligence jusqu'à Leiria. Quant aux auberges il vaut mieux ne pas en parler. En 1879, une de ces excursions faite avec des touristes étrangers est restée pour toujours gravée dans notre mémoire. Comme il n'y a pas encore à Batalha un hotel présentable où l'on puisse coucher, et que c'est un sacrilège de visiter le glorieux édifice en courant comme le vent, on est obligé de choisir, comme point de départ, Leiria ou Caldas da Rainha, si l'on veut bien apprécier les beautés de la nature, et les trésors artistiques de la région intermédiaire. Quelle accumulation de richesses dans ce petit parcours! Et admirez aussi les attraits que l'activité moderne de l'industrie et du commerce ont réuni pour fixer l'attention du voyageur; les grandes et petites usines du district de Leiria, les bruyantes foires, et, *last not least,* les fameuses thermes.

Il y a deux routes à prendre, selon la destination du voyageur: celui qui vient du midi choisira Caldas da Rainha comme quartier général. Il aura devant lui un programme assez varié: les distractions d'une ville d'eaux justement renommée, des édifices historiques remarquables, d'importantes fabriques de céramique que le talent d'un grand artiste moderne a rendue populaire. Le matin on prend un bain sulfureux, et l'après midi en prenant le tramway, à une demi heure de distance, on peut faire le plongeon dans l'Océan. À quelques pas, on trouve tout le *sport* nautique, les diversions de la chasse et de la pêche dans le fameux étang d'Obidos; l'excursion au château d'Obidos, où l'on trouve de beaux monuments de la Renaissance, cachés dans les églises du bourg, sans parler des majestueuses ruines; en prolongeant la promenade jusqu'à la belle plage de S. Martinho on sera en plein idylle maritime. Le clou de toutes ces excursions est, naturellement, la visite à l'historique monastère d'Alcobaça. L'analyse de ce grand monument ne doit pas être faite en une seule tournée, conjointement avec celui de Batalha. C'est une grave erreur, de vouloir rapprocher deux conceptions esthétiques si opposées. Malheureusement la règle générale du touriste imprévoyant est de mélanger tout. D'ailleurs, à Alcobaça il y a beaucoup d'autres choses à voir, outre le monastère, par exemple, le musée du distingué ar-

---

[1] «Sans jamais courber sa tête indomptable à aucun joug qui se présente.» (*N. du tr.*).

onde o comboio o leva em uma hora; e sobra-lhe tempo para combinar quantas excursões queira á nossa querida Batalha, para a qual é preciso reservar, pelo menos, tres visitas demoradas, com intervallos regulares. Todo o bom portuguez deveria deixar lá, como «cédula de presença», comprovativa da sua triplice visita, um obulo, na proporção dos seus recursos, destinado á conservação do monumento, e tambem d'esse formidavel castello de Leiria, que encerra uma egreja, a qual bem póde chamar-se a filha mais formosa da Batalha.

A cidade de Leiria não tem sabido aproveitar a sua posição excepcional desde que a linha de Lisboa a Alfarellos a poz em contacto com a grande arteria Porto-Lisboa, e lhe franqueou um porto de mar de largo futuro, a Figueira da Foz. Em vez de simples ponto de passagem para a Batalha, deveria ser um centro de exploração para variadas excursões. Os modernos arruamentos, a abertura de praças e passeios, deram ar e luz á cidade e certo aceio, mas destruiram quasi todos os vestigios das edificações da Renascença, e mesmo as reliquias manoelinas, que notámos de 1867-70 e fomos achar, embora muito reduzidas, ainda em 1890. Hoje, o aspecto da cidade é trivial. Se exceptuarmos o antigo paço episcopal, o seminario e a Sé, os restos desmantelados, mas ainda interessantes, de alguns conventos, fica-lhe sómente o castello, com uma egreja gothica dentro e uma outra, romanica (S. Pedro) na encosta, tambem em ruinas! Mas esse castello que D. Diniz traçou com mão generosa e D. João I ennobreceu com a formosa egreja (o seu escudo d'armas está repetido na abside, em varios logares, bem visivelmente) — esse castello vale um poema. O que elle poderia representar, depois de restaurado com criterio — demonstrou-o um artista estrangeiro, o snr. Corrodi, professor da Escola industrial de Leiria, n'uma monographia notavel, a que não faltou, felizmente, auxilio official do governo portuguez, e foi impressa na Allemanha. Uma reducção d'esse estudo, com estampas adequadas, na fórma de um guia portatil, é indispensavel. A camara municipal da cidade deveria ter tratado d'isso ha annos, desde que o artista estrangeiro lhe deu tão generoso exemplo; tem perdido um tempo precioso!

Aos pés do gigante medieval, cujos hombros mal feridos a hera, a madresilva e o louro enlaçam e encobrem com amorosa piedade, estende-se uma das mais deliciosas paisagens da Estremadura. Em cima, no monte, o testemunho das luctas seculares; na planicie o perfeito idyllio que inspirou formosos versos e suaves devaneios em prosa a alguns dos nossos melhores poetas. Entre elles cita-se, principalmente, o celebre Francisco Rodrigues Lobo, que pelas suas Eglogas mereceu o cognome de Theocrito portuguez. Uns affirmam que nascera em Leiria, outros negam; mas todos concordam em que alli viveu annos, no principio do seculo XVII, enleado nos encantos de uma aia da duqueza de Caminha, cujo marido, pertencente á casa dos Marquezes de Villa Real, tinha residencia em Leiria. Segundo certa tradição, os pensamentos do poeta foram até muito mais alto, e offenderam o orgulho do duque. O poeta fugiu e acabou mal, morrendo afogado no Tejo, entre os annos de 1623-1627. A casa de Villa Real, origem das suas desventuras, tambem findou tragicamente no cadafalso, envolvida na conspiração de 1641 contra El-Rei D. João IV.

De tanta grandeza, que aspirava até á purpura de um throno, restam hoje apenas uns deliciosos versos do poeta.

Quem examinar com attenção uma das bellas estampas do presente fasciculo: a formosa paisagem do rio Liz, com a azenha á direita, encostada á grande nóra; o rio correndo mansamente entre amieiros; as lavadeiras, cantando; a moça com a bilha, pousada na cinta, á espera de um olhar namorado, — recitará involuntariamente a celebre cantiga:

Descalça vai para a fonte
Leonor pela verdura,
Vai fermosa, e não segura.

A talha leva pedrada,
Pucarinho de feição,
Saia de côr de limão,
Beatilha soqueixada,
Cantando de madrugada,
Pisa as flores na verdura,
Vai formosa, e não segura.

Leva na mão a rodilha,
Feita da sua toalha,
Com uma sustenta a talha,
Ergue com a outra a fraldilha,
Mostra os pés por maravilha,
Que a neve deixão escura,
Vai formosa, e não segura.

As flores por onde passa,
Se o pé lhe acerta de pôr,
Ficam de inveja sem côr,
E de vergonha com graça;
Qualquer pegada que faça,
Faz florescer a verdura,
Vai fermosa, e não segura.

(Rodrigues Lobo, *Eglogas*).

chéologue Mr. Vieira Natividade, plein de précieuses antiquités préhistoriques qu'il a découvertes dans les célèbres grottes des environs et qu'il montre très aimablement.

Lorsque, venant du nord, on choisit Leiria comme point de départ, le champ d'exploration est tout aussi riche et intéressant; à deux pas, on voit la fameuse sapinière, commencée par le roi D. Diniz, augmentée et enrichie depuis, jusqu'à nos jours, à près de 9:000 hectares, avec ses vastes installations et usines d'industries forestières. Etant dans la sapinière on devra visiter la Fabrique Royale de verrerie, fondée en 1769 par l'initiative du Marquis de Pombal, et qui fait encore aujourd'hui honneur au pays. Tout près se trouve le bourg de Pombal avec des souvenirs personnels du grand ministre; on pourra aussi aller se réconforter aux celèbres sources de Amieira après un trajet d'une heure en chemin de fer; et on a encore le temps de faire des excursions à notre chère Batalha pour laquelle il faut réserver au moins trois longues visites, à des intervalles réguliers. Tout bon portugais devrait y laisser comme — cédule de présence — attestant sa triple visite, une obole proportionnelle à ses ressources, qui serait destinée à la conservation du monument, ainsi que de ce formidable château de Leiria, qui renferme une église que l'on peut bien nommer la plus belle fille de Batalha.

La ville de Leiria n'a pas su profiter de sa situation exceptionnelle depuis que la ligne de Lisbonne à Alfarellos l'a mise en contact avec la grande artère Porto-Lisbonne, et lui a livré un port de mer de grand avenir, celui de Figueira da Foz. Au lieu d'être simplement le point de départ pour Batalha, elle devrait être un centre d'exploration pour une infinité d'excursions. Les rues modernes, le percement de squares et de promenades, ont donné à la ville, de l'air, de la lumière et une certaine propreté, mais ils ont enlevé tous les vestiges d'édifications de la Renaissance et même des reliques du temps de D. Manuel, que nous avions remarquées de 1867 à 1870 et que nous avons retrouvées très réduites en 1890. Actuellement la ville présente un aspect vulgaire. Si l'on excepte l'ancien palais épiscopal, le séminaire et la cathédrale, les restes démantelés, mais encore intéressants de quelques couvents, on n'y trouve que le château, avec une église gothique à l'intérieur, et, sur la pente de la montagne, une autre, celle de S. Pedro, de style roman, également ruinée! Mais ce château que D. Diniz traça d'une main généreuse et que D. João I enrichit avec la belle église où son écusson est répété dans l'abside et d'autres endroits bien visibles, ce château vaut, à lui seul, un poème. Ce qu'il pourrait devenir, après une restauration bien étudiée, a été demontré par un artiste étranger Mr. Corrodi, professeur de l'École Industrielle de Leiria, dans une remarquable monographie, qui heureusement a été faite avec l'aide officielle du gouvernement portugais, et imprimée en Allemagne. Il serait indispensable de faire une réduction de ce travail, avec des gravures, et sous forme de guide portatile. La municipalité de la ville aurait dû s'en occuper depuis longtemps, surtout depuis qu'un artiste étranger lui a donné un aussi bel exemple, mais elle a perdu un temps précieux!

Au pied de ce géant du moyen âge, dont le torse plein de blessures est enlacé de lierre, de chèvre feuille et de laurier, qui le recouvrent avec une tendre piété, s'étend un des plus delicieux paysages de la province de Estremadura. En haut sur la montagne, le témoignage des luttes séculaires; sur la plaine un idylle parfait, qui a inspiré de beaux vers et de douces rêveries en prose, à plusieurs de nos bons poètes. Entre autres on cite surtout le célèbre Francisco Rodrigues Lobo, qui, par ses Eglogues, a mérité le surnom de Théocrite portugais. Les uns assurent qu'il est né à Leiria, d'autres le nient; mais tout le monde s'accorde à dire qu'il y a vécu des années au commencement du XVIIme siècle, épris des charmes d'une dame de la duchesse de Caminha, dont le mari, appartenant à la famille des Marquis de Villa Real, habitait Leiria. D'après une certaine tradition, les pensées du poète s'élevèrent trop haut, au point d'offenser l'orgueil du duc. Le poète prit la fuite et finit mal, noyé dans le Tage, vers les années de 1623 à 1627. La maison de Villa Real, source de ses malheurs, s'éteignit aussi tragiquement sur l'échafaud compromise dans la conspiration de 1641 contre le roi D. João IV.

De toutes ces grandeurs qui visaient jusqu'à la pourpre d'un trône il ne reste aujourd'hui que quelques vers délicieux du poète.

En examinant attentivement une des belles gravures qui acompagnent cet article: le charmant paysage du Liz avec son moulin à eau à droite, appuyé à la grande machine à puiser l'eau; le fleuve coulant doucement entre les aulnes; les blanchisseuses chantant; la jeune fille avec sa cruche appuyée sur la hanche guettant un regard amoureux; — on réciterait involontairement la fameuse chanson dont la traduction est à peu près ce qui suit:

São deliciosos os arredores da cidade, cujos campos, cortados pelos rios Liz e Lena, gozam de grande fama pela sua riqueza agricola, como se a Providencia quizesse accumular no districto todos os thesouros da lavoura e da industria, podendo esta attingir condições poderosas de grande industria, com o estabelecimento de altos-fórnos para o tratamento do minerio de ferro [1]. Algum dia, os riquissimos jazigos de ferro, conjugados com os enormes depositos de carvão, não menos ricos (sobretudo lignite e hulha) postos, de mais a mais, em fraternal contacto pela natureza previdente, hão de transformar não só os campos de Leiria, mas todo o districto. Então, adeus amorosa paisagem; adeus pastores e rebanhos, ribeiros e regatos, sarças povoadas de rouxinoes! De todo esse quadro bucolico ficarão apenas os magicos versos de Rodrigues Lobo na sua *Primavera:*

Já o sol mais fermoso
Está ferindo as aguas prateadas;
E zephyro queixoso
Ora as mostra encrespadas
Á vista dos penedos,
Ora sobre ellas move os arvoredos.
De reluzente areia
Se mostra mais fermosa a rica praia,
Cuja riba se arreia
Do alamo e da faia,
Do freixo e do salgueiro,
Do ulmo, da aveleira e do loureiro.
Já com rumor profundo
Não soa o Lis nos montes seus visinhos;
Antes no claro fundo
Mostra os alvos seixinhos,
E os peixes que nas veias
Deixam, tremendo, a sombra nas areias.
. . . .

Tal como hoje existe, o castello de Leiria, ao qual dedicamos especialmente as estampas, é talvez o monumento mais imponente da nossa grandeza militar, medieval. Seria, quando collocado em qualquer paiz da Europa, motivo para admiração, mesmo na Allemanha, cujas lendarias alcaçovas conhecemos, por exame demorado, em differentes viagens. Em Portugal só terá um émulo, no castello-convento de Palmella, tambem como o de Leiria, consagrado por um templo, o dos cavalleiros de S. Thiago, que não pôde proteger o monumento contra a furia sacrilega dos modernos vandalos! Seria facil salvar ainda a egreja, cobrindo-a com um telhado provisorio, porque a abside está ainda firme e resguardada, em parte. O grande esmero da construcção revela-se nos menores detalhes, no grande apparelho, perfeitissimo, dos silhares; nos elementos decorativos, nos emblemas heraldicos (onde predominam as siglas de D. João I e o seu escudo); nos finissimos capiteis, nas firmes e esbeltas molduras das arcarias. A pedra é o mesmo calcareo empregado na Batalha, a flora ornamental identica; o systema de construcção da abside copía traçados correspondentes do celebre modelo. Uma differença fundamental existe; faltam as grandes janellas rasgadas d'alto a baixo; apenas esguias frestas interrompem as paredes da nave unica, dando-lhe um aspecto de grande solidez, como convinha ao templo de uma fortaleza. O corpo saliente do portal ainda reforça e sublinha o vigor da obra, cujo ponto culminante era, e ainda hoje é, a formosa abside, francamente aberta em todos os lados do pentagono, por outras tantas janellas. A

[1] Um alto-fôrno para fundição de ferro funccionou já em março de 1866 no sitio de Pedreanes, a 2 kilometros da Marinha Grande, pertencente á *Companhia de ferro e carvão de Portugal, limitada.* Calculava-se a sua producção em 80 toneladas por semana (4.160:000 kilos de ferro, por anno). Quando os inglezes nos mimosearam com o seu *ultimatum* de 1890, relembrou a parte mais intelligente da imprensa que era tempo de arrancar aos descendentes da familia ingleza Croft as concessões mineiras do districto de Leiria (carvão e ferro, umas trinta e tantas!) porque só essas seriam bastantes para transformar a situação do reino. Tudo passou, como fumo, para que Portugal continuasse a comprar á Inglaterra, annualmente, cinco mil contos de carvão e outros cinco mil contos de ferro; para que as fabricas portuguezas e a sorte dos seus operarios, a força dos nossos arsenaes e fundições de armas, a vitalidade dos estaleiros continuassem dependentes do favor inglez...

Leonor va à la fontaine pieds nus, suivant le chemin verdoyant; elle s'en va toute belle mais point tranquille.

Elle emporte sa cruche, son petit pot, sa jupe couleur de citron, son petit bonnet de toile; elle chante depuis l'aurore, foule les fleurs du sentier, et s'en va toute belle mais point tranquille.

Elle tient d'une main sa cruche et le coussinet fait d'une serviette; de l'autre elle soulève sa jupe, montrant ses pieds délicieux, qui font paraître la neige sombre, et s'en va toute belle mais point tranquille.

Si son pied par hasard, foule les fleurs du chemin, celles-ci se décolorent jalouses, et lui prennent de sa grâce; chacun de ses pas fait refleurir la verdure et elle s'en va toute belle mais point tranquille.

(Rodrigues Lobo, *Eglogues*).

Les environs de la ville sont délicieux, les vastes campagnes coupées par les fleuves Liz et Lena, sont des plus renommées pour leur richesse agricole; on dirait que la Providence a voulu réunir dans cette région tous les précieux trésors de son labeur et de son industrie, cette dernière pouvant même devenir de la plus grande importance grâce à l'établissement des hauts fourneaux pour l'exploitation de minerai de fer [1]. Un jour viendra où ces riches gisements réunis aux énormes dépôts de charbons (surtout la lignite et la houille), également considérables, et mis en contact les uns avec les autres par la prévoyante nature, rendront tout à fait méconnaissables, non seulement les plaines de Leiria, mais aussi celles de tout le district. Alors on pourra dire adieu à l'amoureux paysage, aux bergers et aux troupeaux, aux ruisseaux et aux rivières, aux buissons peuplés de rossignols! De tout ce bucolique tableau il ne restera que les charmants vers de Rodrigues Lobo dans sa *Primavera:*

Le plus beau soleil blesse déjà les eaux argentées; le plaintif zéphyr les frise, tantôt près des rochers, tantôt agitant sur elles les arbres verdoyants; les berges reluisent de sable brillant et sur les bords s'élèvent les aulnes et les trembles, les frênes et les saules, les ormes, les noisetiers et les lauriers. Le Liz, avec sa rumeur profonde, ne s'entend plus dans les montagnes voisines; au fond de ses eaux claires, on voit les blancs cailloux et les poissons, qui passent frémissants, laissant sur les sables du fleuve leur ombre tremblottante.
. . . .

Le château de Leiria tel qu'il est actuellement et dont nous donnons spécialement les gravures, est peut-être le monument le plus imposant de notre grandeur militaire au moyen âge. Dans un autre pays de l'Europe, il serait un sujet d'admiration, même en Allemagne, dont nous connaissons les châteaux légendaires, minutieusement étudiés dans nos fréquents voyages. En Portugal il n'a qu'un rival, celui de Palmella, comme lui également consacré par un temple, celui des chevaliers de S. Thiago, qui toutefois n'a pas suffi à protéger le monument contre la furie sacrilége des vandales modernes! Il serait encore facile de sauver l'église, en la protégeant avec une toiture provisoire, car l'abside est encore résistante et partiellement garantie. Le grand soin de la construction se reconnait dans les moindres détails, dans la parfaite disposition des pierres, des éléments décoratifs, des emblêmes héraldiques, où prédominent les signes de D. João I et son écusson; dans les fins chapiteaux, les moulûres fermes et élancées des arceaux. La pierre est le même calcaire employé à Batalha et la flore ornamentale identique; le système de construction de l'abside copie des traits correspondants du célèbre modèle. Mais il existe une différence fondamentale: les grandes fenêtres percées du haut en bas; à peine quelques étroites lucarnes s'ouvrent sur les murs de la nef unique, et lui donnent un aspect de grande solidité convenable au temple d'une forteresse. La partie saillante du portail augmente et souligne encore la vigueur de la construction dont la partie principale était, et est encore, la belle abside, franchement ouverte sur toutes les faces du pentagone, par autant de croisées. L'église est le seul élément harmonieux de toute cette masse de bâtiments du château, grandiose mosaïque, mais assez confuse, commencée au XIIme siècle,

[1] En Mars 1866 un haut fourneau pour fonderie de fer, travaillait déjà à Pedreanes à 2 kilomètres de Marinha Grande, appartenant à la Compagnie de fer et charbon de Portugal. On évaluait sa production à 80 tonnes par semaine 4.160:000 kilogrammes de fer par an. Lorsque en 1890 les anglais nous envoyèrent leur *ultimatum,* la partie la plus intelligente de la presse, rappella qu'il était temps d'enlever aux descendants de la famille anglaise Croft les concessions de mines du district de Leiria, à peu près une trentaine, de charbon et de fer, qui à elles seules suffiraient à transformer la situation du royaume. Mais tout cela s'évanouit en fumée et le Portugal continue à acheter annuellement à l'Angleterre vingt cinq millions de charbon et vingt cinq millions de fer; les fabriques portugaises et le sort de leurs ouvriers, la force de nos arsenaux, la fonderie des armes, la vitalité des chantiers, tout continue sous la dépendance du bon plaisir anglais.

egreja é o unico elemento harmonico da grande massa de construcções do castello, mosaico grandioso, mas confuso, que começou no seculo xii, com a monarchia portugueza. Os vestigios mais consideraveis e mais caracteristicos que subsistem hoje, remontam a D. Diniz (1279-1325) e ao periodo de transição do estylo romanico para o gothico; outros, tambem notaveis, pertencem a D. João i (1385-1433). D'ahi em diante fizeram-se certamente obras de reparação, de reforço, mas sem physiognomia propria. Sob o entulho, que devia ser cuidadosamente removido e estudado, devem existir restos apreciaveis para a historia archeologica e artistica do monumento. Na subida para o castello se encontra a pequena egreja romanica de S. Pedro, desmoronada, mas bem digna de uma visita.

O leiriense faz muito caso da sua Sé, exagerando-lhe o valor, talvez por se lembrar da gloria ephemera do bispado de Leiria, creado por D. João iii em 1545. A inscripção da fachada affirma que fôra edificada *a fundamentis* e concluida em poucos annos pelo Bispo D. Fr. Gaspar do Cazal á sua custa, sendo a primeira pedra lançada a 11 de agosto de 1559. Outros auctores asseguram que as obras começaram já no governo do primeiro Bispo D. Fr. Braz de Barros, com avultadas esmolas do seu protector D. João iii. É uma boa e solida construcção da Renascença, n'um estylo frio e nú, muito em voga na segunda metade do seculo xvi. O prototypo d'esse estylo vamos encontral-o em Evora, na egreja de Santo Antão, que o Cardeal D. Henrique fundou (interior de bello estylo jonico). Outro exemplar da mesma familia artistica é a egreja de Santa Maria do Castello em Extremoz.

Merecem uma visita em Leiria, os restos do convento e egreja de Santo Agostinho, fundação do mesmo Bispo D. Gaspar do Cazal, onde fez seu jazigo; e o Santuario de Nossa Senhora da Encarnação, nos arrabaldes da cidade, já citado.

Do palacio dos duques de Caminha e marquezes de Villa Real, que tiveram residencia official em Leiria até 1641, ficou uma recordação de fausto e de grandeza que mal se combina com o aspecto das construcções relativamente modestas, que ainda alli attribuem a esses grandes fidalgos. Extincta a poderosa casa, que teve até a alcaidaria do castello; condemnada ha mais de dous seculos e meio, por sentença infamante, não admira que ninguem se quizesse interessar pelos traidores. Em 1886 ainda pudemos admirar, em Villa Real de Traz-os-Montes, os restos de um vasto solar do fim do seculo xv, que traduziam ainda de um modo bem altivo e austero a grandeza heroica de D. Pedro de Menezes, capitão illustre de Ceuta. Dos seus descendentes nasceu o primeiro marquez de Villa Real, creado por El-Rei D. João ii em 1489. Em meados do seculo xvi cedia D. João iii a outro descendente as proprias casas que haviam sido da Rainha Santa Isabel, esposa de D. Diniz, situadas no castello; e passado menos de um seculo caminhava o ultimo marquez e ultimo duque para o cadafalso. O monumento que recorda ainda a grande familia dos Menezes tem, pois, de procurar-se não em Leiria, mas sim em Villa Real.

Á cidade prende-se ainda uma tradição muito repetida e que representaria uma gloria, se fosse verdadeira. Leiria haveria sido *a primeira cidade de toda a Hespanha* que teve impressão com caracteres metallicos, inventados por João Guttemberg em Mayença. A tradição, que remonta a 1588 e pretenderam cobrir com o nome do illustre cosmographo Pedro Nunes, é pura lenda, mas durou até nossos dias! Sendo de 1474 o primeiro livro impresso em Hespanha pelo allemão Lambert Palmart na cidade de Valencia, a cidade portugueza cingiria uma corôa de louros immortal; teria imprensa em 1470! As primeiras impressões em Portugal são hebraicas e pertencem, com certeza de logar e anno, a Lisboa (1489, 1490, 1491 e 1492). Leiria teve officina hebraica só em 1494, vinte e quatro annos depois da data que ainda Antonio Ribeiro dos Santos lhe attribuiu nos seus estudos [1].

Joaquim de Vasconcellos.

[1] Esses trabalhos appareceram em 1812 nas publicações da Academia Real das Sciencias; e foram reimpressos em 1856. Trazem o titulo: *Memoria sobre as Origens da Typographia em Portugal no seculo XV;* completa-se com outra memoria sobre as impressões do seculo xvi. Ambas pertencem ás *Memorias de Litteratura portugueza* da Academia. Vol. viii. Vejam-se as passagens a pag. 6, 8, 20 e 34 da primeira dissertação na 2.ª ed. de 1856. Os notaveis estudos do allemão Konrad Haebler sobre a typographia hispano-portugueza dos sec. xv e xvi, publicados em Londres, Strasburgo, La Haye e Leipzig (1896-99) corrigiram e completaram os estudos, aliás valiosos, do nosso illustre patricio.

avec la monarchie portugaise. Les vestiges les plus considérables et caractéristiques qui existent actuellement, remontent au temps de D. Diniz (1279-1325) et à la période de transition du style roman au gothique; d'autres, également remarquables appartiennent à l'époque de D. João i (1385-1433). Dès lors, on a fait assurément d'importantes réparations mais sans caractère défini. Dans les décombres qui devraient être soigneusement étudiés et déplacés, il doit y avoir des restes intéressants pour l'histoire archéologique et artistique du monument. En montant au château, on trouve la petite église romane de S. Pedro, en ruines, mais bien digne d'être visitée.

Les natifs de Leiria font grand cas de leur Cathédrale dont ils exagèrent le mérite, en souvenir, peut-être, de la gloire éphémère de l'évêché de Leiria, créé par D. João iii en 1545. L'inscription de la façade assure qu'elle a été édifiée depuis les fondements et terminée en peu d'années par l'Évêque D. Fr. Gaspar do Casal, à ses frais, et que la première pierre fut posée le 11 Aôut 1559. D'autres auteurs disent que les travaux commencèrent déjà, sous le gouvernement du premier évêque D. Fr. Braz de Barros, avec d'importantes aumônes de son protecteur D. João iii. C'est une belle et solide construction de la Renaissance, d'un style froid et nu, très en vogue à la deuxième moitié du xvime siècle. Nous retrouvons le prototype de ce style à Evora, dans l'église Santo Antão, fondée par le Cardinal D. Henrique et dont l'intérieur est du plus beau style ïonique. L'église de Santa Maria do Castello à Estremoz est encore un exemplaire de la même famille artistique.

Il y a encore à Leiria les restes du couvent et de l'église de Santo Agostinho, fondés par le même évêque D. Gaspar do Casal, qui y est inhumé; et le Sanctuaire de Notre Dame da Encarnação, aux environs de la ville et dont nous avons déjà parlé.

On a gardé un souvenir de faste et de grandeur, du palais des ducs de Caminha et marquis de Villa Real, dont le domicile officiel était à Leiria jusqu'à 1641, mais on ne s'en aperçoit guère à l'aspect des constructions relativement modestes, qu'on attribue encore à ces grands nobles. Après l'extinction de cette puissante famille qui eût même le gouvernement du château, et qui, il y a plus de deux siècles et demi fut condamnée à une peine infamante, rien d'étonnant à ce que personne n'ait voulu s'intéresser aux traîtres. En 1886 nous avons encore pu admirer à Villa Real de Traz-os-Montes les restes d'un vaste manoir de la fin du xvme siècle qui montraient d'une manière assez hautaine et sévère, l'héroïque grandeur de D. Pedro de Menezes, illustre capitaine de Ceuta. De sa descendance naquit le premier marquis de Villa Real, titre donné par le roi D. João ii en 1489. Vers le milieu du xvime siècle D. João iii cédait à un autre descendant, les appartements même, qui avaient appartenu à la reine Sainte Isabel, épouse de D. Diniz, situés dans le château; et moins d'un siècle après, le dernier duc et le dernier marquis montaient à l'échafaud. Le monument qui rappèle encore la grande famille des Menezes, doit donc être cherché, non à Leiria mais à Villa Real.

Une autre tradition très répétée et qui serait glorieuse si elle était véridique, se relie encore à la ville. Leiria aurait été *la première ville de toute l'Espagne,* qui fit paraître l'impression en caractères métalliques inventés par Jean Guttemberg à Mayence. Cette tradition qui remonte à 1588 et qu'on prétendit couvrir sous le nom de l'illustre cosmographe Pedro Nunes est une pure légende, mais elle a duré jusqu'à nos jours! Si le premier livre imprimé en Espagne par l'allemand Lambert Palmart, dans la ville de Valencia, avait été de 1474, la ville portugaise aurait eu droit à cette immortelle couronne de laurier; elle aurait eu une imprimerie en 1470! Mais, les premières impressions en Portugal sont hébraïques, et avec toutes les données de lieu et de date, elles appartiennent à Lisbonne (1489, 1490, 1491 et 1492). Leiria eut un atelier hébraïque seulement en 1494, c'est-à-dire, vingt quatre ans après la date que Antonio Ribeiro dos Santos lui a encore attribuée dans ses études [1].

Joaquim de Vasconcellos.

[1] Ces travaux parurent en 1812 dans les publications de l'Académie Royale des Sciences et furent réimprimés en 1856, sous le titre de: *Memoria sobre as origens da Typographia em Portugal do seculo XV;* complétés par un autre mémoire sur les impressions au xvime siècle. Ils appartiennent tous les deux aux *Memorias da litteratura portugueza da Academia.* Vol. iii. Voir les passages, pag. 6, 8, 20 et 34 de la première dissertation dans la 2me édition de 1856. Les remarquables études de l'allemand Konrad Haebler sur la typographie hispano-portugaise du xvme et xvime siècles, publiés à Londres, Strasbourg, La Haye et Leipzig (1896-99) ont corrigé et complété ces études, d'ailleurs très appréciables, de notre illustre compatriote.

Abrantes



É uma bella povoação, na margem direita do Tejo. As casas forram o declive, com um lindo aspecto, farto e desafogado. Entre a casaria erguem-se arvoredos; pelos quintaes e varandas alastram-se as parreiras em alpendres decorativos e uteis. No alto surgem as muralhas do castello, que outr'ora abrigava a villa; mas esta cresceu, rompeu as severas fortificações, e veio beber na limpida corrente do Tejo, na sombra dos salgueiraes viçosos. Não é o caso de Santarem que sempre se desenvolveu no planalto, isolada do seu burgo, a Ribeira, que se alastra á beira do rio. Em Santarem o declive é rapido, improprio para construcções.

O pendor da ampla collina d'Abrantes é brando, gradual; os habitadores não encontraram difficuldade em construir as suas moradas.

Tem um aspecto socegado, commodo e modesto. Repare-se na estampa, n'aquelles predios despretenciosos, quasi todos de janellas de peitoril, com pequenas vidraças corrediças, as familiares varandas, os quintaes com parreiras e arvores de fructa. É uma terra farta e sadia.

Muito antiga, a origem a perder-se em velhas lendas de romanos e celtiberos. O nosso primeiro rei deu-lhe foral, e por elle se vê que já n'essa epoca tinha certa importancia. Collocada em sitio de facil defeza, sobranceira ao Tejo, ponto necessario nas estradas da Beira-Baixa e do alto Alemtejo, logo no começo da monarquia se attendeu ao seu valor estrategico.

Ao castello primitivo D. Affonso III juntou novas muralhas, e D. Diniz continuou o plano do pae. Ainda subsistem esses velhos monumentos da architectura militar do seculo XIII.

Mais tarde no periodo da lucta contra Castella, foram augmentadas as fortificações (seculo XVII) e ainda se ampliaram consideravelmente em 1809, pela necessidade de resistencia contra os exercitos de Napoleão I que serpeavam pelo territorio hespanhol ameaçando Portugal. A primeira invasão franceza commandada por Junot rompeu pela fronteira da Beira-Baixa, veio em marcha accelerada por entre os asperos cerros e apertados valles, d'aquella região de atormentada orographia, sem estradas então, de fraquissimos recursos, debaixo de uma inverneira medonha, desabar em Abrantes, na pacata e farta villa. Junot entrou em Abrantes em 24 de novembro de 1807. Os soldados francezes vinham descalços, esfarrapados e famintos. Os habitantes da villa nem pensaram em resistir; muitos fugiram, outros attonitos deixaram-se ficar nas suas casas, portas abertas. Não houve sangue; mas o que se passou foi desolador. Aquella soldadesca, como é facil calcular, não deixou amostra de comestiveis nem de vinho; os francezes comeram, beberam e encheram as mochilas: depois de satisfeitos os estomagos, repararam nos fortes sapatos, nas boas botas, nos quentes fatos de briche, da gente de Abrantes. Foi uma liquidação. As arcas e as dispensas tudo foi vasculhado. N'essa noite o exercito francez appareceu calçado e enroupado. Provou-se que alguns soldados encontrados mortos tinham sido victimas do vinho. Quando na madrugada o exercito abandonou a villa e voltaram os habitantes ausentes, viu-se logo quem tinha fugido e quem ficára, porque estes estavam sem calças nem sapatos. O imperador Bonaparte agraciou Junot com o titulo de duque de Abrantes. A gente de Abrantes não lhe perdoou; chamavam-lhe o glorioso conquistador de botas e sapatos. A raiva contra os francezes levou-os a tratar logo de se precaverem e armarem.

As mulheres não esqueciam o saque das dispensas e dos babus de roupa. Tudo trabalhou nas fortificações. Os homens adquiriram armas e exercitaram-se. Em 1810 houve aqui renhido combate entre francezes e anglo-lusos (12 d'agosto). Mas o grande periodo da lucta que poz em relevo o patriotismo dos abrantinos foi de outubro de 1810 a março de 1811, em que o exercito francez se esforçou por alcançar Abrantes, e fazer alli base de operações; algumas forças inglezas e portuguezas e a gente da villa sempre em armas, em frequentes alarmes, conseguiram evitar a entrada dos napoleonicos até 7 de março de 1811, dia em que os francezes se retiraram de vez para Hespanha. Essa resistencia é notavel; o esforço e a perseverança dos abrantinos ficou marcada na historia.

A villa divide-se em duas freguezias, S. João Baptista e S. Vicente Martyr. Tem Casa da Misericordia e hospital, como todas as povoações de certa importancia em Portugal, e um theatro soffrivel. E a gloria de ser a patria de um grande actor portuguez, que felizmente ainda vive, já celebre

Abrantes



C'est une jolie ville située sur la rive droite du Tage. Les flancs du coteau sont tapissés de maisons, parmi lesquelles s'élèvent des arbres touffus; la vigne en berceaux décoratifs et utiles, s'étend dans les jardins et sur les balcons. En haut se dressent les murs du château qui protégeait jadis la ville; mais celle-ci s'accrût; elle rompit les sévères fortifications et vint s'étendre jusqu'au limpide courant du Tage, à l'ombre des saules verdoyants. Ce n'est pas comme Santarem qui toujours développée sur le plateau, est restée isolée de son bourg, la Ribeira, qui s'allonge jusqu'au bord du fleuve. À Santarem la pente est trop roide et peu propice aux constructions.

L'inclination de la vaste colline d'Abrantes est douce et graduelle; les habitants ne trouvent pas de difficulté à y élever leurs maisons.

L'aspect de la ville est paisible, modeste et confortable. Il suffit d'observer sur la gravure ces édifications sans prétention, presque toutes avec des fenêtres à guillotine, ou avec leurs balcons simples, les vergers remplis de beaux arbres fruitiers et de vigne, pour reconnaître que c'est une ville saine et aisée.

Très ancienne, son origine se perd dans de vieilles légendes de romains et de celtes. Notre premier roi lui accorda une charte, par laquelle où reconnait qu'à cette époque elle jouissait déjà d'une certaine importance. Située sur un lieu de défense assez facile, dominant le Tage, point obligé pour ceux qui circulaient, sur les routes de Beira-Baixa et du haut Alemtejo, on s'aperçut de sa valeur stratégique même au commencement de la monarchie.

D. Affonso III ajouta de nouveaux murs au château et D. Diniz continua le plan de son père. Ces vieux monuments de l'architecture militaire du XIIIme siècle persistent encore.

Plus tard lors des combats contre la Castille, les fortifications furent augmentées, vers le XVIIme siècle, et elles s'accrurent encore en 1809 lorsqu'il fut nécessaire de résister aux armées de Napoléon Ier qui serpentaient sur le territoire espagnol menaçant le Portugal. La première invasion française commandée par Junot perça les frontières de la province de Beira-Baixa se dirigeant à grands pas, parmi les montagnes boisées et les vallons étroits de cette région si accidentée, où, dans ce temps là il n'y avait point de routes, ni de ressources; marchant sous des tempêtes horribles elle vint s'abattre sur Abrantes, dans la tranquille et agréable ville. Junot entra à Abrantes le 24 Novembre 1807. Les soldats français étaient pied-nus, en haillons et mourant de faim. Les habitants de la ville ne pensèrent même pas à résister; beaucoup s'enfuirent, d'autres stupéfaits restèrent dans leurs maisons avec les portes ouvertes. Il n'y eut pas de sang répandu, mais ce qui se passa fut désolant. Cette soldatesque, comme on le pense bien, ne laissa pas une bribe de mangeaille, pas une goutte de vin; les français mangèrent, burent, remplirent leurs havre sacs: les estomacs repus, ils remarquèrent les bonnes bottes, les souliers forts, les vêtements chauds des gens d'Abrantes. Ce fut un branle-bas. Les malles, les armoires, les magasins tout fut fouillé. Cette nuit là, l'armée française parut vêtue et chaussée. On prouva que quelques soldats morts avaient été tués par la boisson. Lorsque, au lever du jour, l'armée abandonna la ville et les habitants absents y rentrèrent, on reconnut aussitôt ceux qui s'étaient sauvés, et ceux qui étaient restés, car ces derniers n'avaient ni pantalons ni souliers. L'empereur Bonaparte récompensa Junot avec le titre de duc d'Abrantes. Les gens de la ville ne lui pardonnèrent jamais et le surnommèrent le conquérant glorieux de bottes et de souliers. La haine contre les français les rendit prévoyants et ils s'occupèrent dès lors de se défendre convenablement.

Les femmes n'oubliaient pas le pillage de leurs caves, des greniers et des malles de linge. Tout le monde se mit à l'œuvre pour compléter les fortifications. Les hommes se munirent d'armes et s'exercèrent au combat. En 1810 le 12 Août il y eut à Abrantes une bataille assez importante entre les français et les portugais alliés aux anglais. Mais la période qui mit le plus en évidence le patriotisme des gens d'Abrantes fut en Octobre 1810 à Mars 1811, quand l'armée française s'efforça d'arriver jusqu'à Abrantes et y établir le siège de ses opérations; quelques troupes anglaises et portugaises et les gens de la ville, toujours armés et en éveil, réussirent à éviter l'entrée des soldats de Napoléon jusqu'au 7 Mars 1811, où les français se retirèrent définitivement en Espagne. Ce fut une résistance remarquable qui marqua dans l'histoire, la persévérance et le courage des habitants d'Abrantes.

ha mais de meio seculo. Taborda! Francisco Alves da Silva Taborda, o illustre comico que tantas horas alegres deu aos melancolicos portuguezes, nasceu em Abrantes em 8 de janeiro de 1824.

No começo do seculo XVIII existiam em Abrantes dois conventos de frades: o de Nossa Senhora da Consolação, de dominicanos, fundado em 1472 por D. Lopo de Almeida, primeiro conde de Abrantes; e o de Santo Antonio, de franciscanos da provincia da Piedade, fundado em 1526.

De freiras dominicanas era o mosteiro de Nossa Senhora da Graça, fundado em 1384 por D. Vasco de Lamego, bispo da Guarda. O convento de Nossa Senhora da Esperança era de franciscanas.

Abrantes tem por armas em campo azul quatro flôres de liz, e outros tantos corvos com uma estrella no meio.

Um auctor digno de fé explica do modo seguinte este brazão: as lizes tomou do seu primeiro alcaide-mór que se achou na tomada de Lisboa, d'onde levou um dente de S. Vicente em cuja honra se fundou a egreja de seu nome, e por esta causa se aggregaram os corvos ás lizes. A estrella significa que foi habitada de mouros.

Ainda no primeiro quartel do seculo XVIII viviam em Abrantes algumas familias nobres com morgados importantes, como os de Freire de Sousa, Freire de Macedo, Athaide Coutinho, Soares Galhardo, Cação Pereira, Pimenta do Avellar, Vaz Castello Branco, Almada da Gama; estes eram grandes morgados; muitos outros havia de menor importancia.

Na mesma epoca havia mais de cem barcos da villa que faziam a communicação com Lisboa, e muitas bateiras de pescadores.

No castello existe o palacio dos marquezes de Abrantes, que foram, largos tempos, os alcaides móres. Essa construcção é do meiado do seculo XVIII, bom typo de edificio, que não attingiu a conclusão.

A egreja de Santa Maria do Castello é muito antiga; encerra obras d'arte de valor, especialmente os mausoléus dos Almeidas.

A estampa representa o de D. João d'Almeida. Na photographia que tenho presente consigo lêr no letreiro d'esse tumulo: Aqui jaz o conde de Abrantes D. João de Almeida e a condessa D. Ines de Noronha sua mulher falleceu o dito conde aos ... do mês de outubro de 1512 annos e a condessa aos dous d'abril de 1445 (?).

É muito conhecido este Almeida, que foi vedor da fazenda de D. João II e nas genealogias marca-se-lhe a data da morte effectivamente em 1512.

Esta casa dos condes de Abrantes, depois dos marquezes do mesmo titulo, ainda hoje tem representantes.

É muito lindo, mui gracioso o ediculo tumular representado na estampa. O brazão dos Almeidas, com o seu esbelto elmo, e opulentos paquifes, ostenta-se entre arcos de dupla curvatura, muito ornamentados e de subida elegancia; ao mesmo tempo, note-se, a muita decoração não occulta as linhas constructivas. Esse arco duplamente curvado, encontra-se no granadino, isto é, no estylo dos mouros de Granada, nas obras d'arte da época mais brilhante da evolução arabe no sul de Hespanha. As folhas estylisadas, os brutescos, as formas de biscoito encontram-se n'outras partes, mas aqui apparecem com grande relevo; tendencia do esculptor sem duvida, animada pela qualidade da pedra. Na parte superior, aos lados, vejo dois monogrammas que me parecem significar *Jesus, Maria*. Mostra ainda a photographia uma pequena porta bem proporcionada na sua singeleza.

Evidentemente houve em Abrantes gente de bom gosto. Ainda no começo do seculo XIX se inaugurou aqui uma associação bem sympathica, a — Academia Tubuciana, litteraria e agricola —. Talvez hoje fosse difficil formar em Abrantes uma academia litteraria; ao menos que tenham uma associação agricola, que se interesse e promova os progressos da bella villa. Falla-se ha tempos no augmento da cultura de flôres, fructas e hortaliças para exportação. Pois está Abrantes bem no caso de apresentar os productos dos seus campos naturalmente ferazes para abastecer mercados estrangeiros; porque á fertilidade do terreno accresce alli o Tejo, grande fonte de riqueza tão mal aproveitada.

O que se tem feito ultimamente em irrigações no Egypto e nos Estados-Unidos da America do Norte é um prodigio de vontade intelligente; milhares e milhares de hectares de terras ingratas se transformam pela irrigação em propriedades productivas. Entre nós infelizmente o aproveitamento dos rios está por fazer e por estudar.

La ville se partage en deux paroisses, S. Jean Baptiste et S. Vincent Martyr. Elle possède un hôpital, l'assistance aux enfants trouvés, ainsi qu'il arrive dans toutes les villes du Portugal, un peu importantes, et un théatre assez beau. Une de ses gloires est d'être la patrie d'un grand acteur portugais encore vivant, et célèbre depuis plus d'un demi siècle. Taborda! Francisco Alves da Silva Taborda, l'illustre comédien qui donna tant d'heures joyeuses aux mélancoliques portugais, naquit à Abrantes le 8 Janvier 1824.

Au commencement du XVIIIme siècle il y avait à Abrantes deux couvents de moines: l'un, de dominicains de Notre Dame de la Consolation, fondé en 1472 par D. Lopo d'Almeida, premier comte d'Abrantes; et l'autre de francisquains de la province de Piedade, institué en 1526.

Le monastère de Notre Dame de Graça, de religieuses dominicaines, avait été fondé en 1384 par D. Vasco de Lamego, évêque de Guarda. Celui de Notre Dame de l'Espérance était de franciscaines.

Abrantes porte sur ses armes quatre fleurs de lys sur champ d'or, et autant de corbeaux avec une étoile au milieu. Un auteur digne de foi a expliqué ce blason de la manière suivante: les lys proviennent du premier grand alcade qui se trouva à la prise de Lisbonne, d'où il rapporta une dent de S. Vincent en honneur du quel on institua l'église de ce nom, et pour cette raison on réunit le corbeau aux lys. L'étoile signifie qu'elle fut habitée par les maures.

Pendant la première partie du XVIIIme siècle il y avait encore à Abrantes quelques familles nobles avec des majorats importants, telles que Freire de Sousa, Freire de Macedo, Athaide Coutinho, Soares Galhardo, Cação Pereira, Pimenta do Avelar, Vaz de Castello Branco, Almada da Gama; ces majorats étaient les plus grands il y en avait d'autres de moindre importance.

Vers cette époque il y avait à peu près une centaine de bateaux qui faisaient la communication entre la ville et Lisbonne et beaucoup de barques de pêcheurs.

Le palais des marquis d'Abrantes qui furent pendant longtemps les grands alcades, existe encore dans le château. Cette construction qui date du milieu du XVIIIme siècle est un beau type d'édification, qui ne fut pas achevé. L'église de Sainte Marie du Castello est très ancienne; elle renferme des œuvres d'art de mérite, surtout les mausolées des Almeidas.

La gravure représente celui de D. João d'Almeida. Sur la photographie que j'ai sous les yeux on peut lire cette inscription du tombeau: Ci git le comte d'Abrantes D. João d'Almeida et la comtesse D. Inés de Noronha sa femme; le comte mourut le ... du mois d'Octobre 1512 et la comtesse le 2 Avril 1445 (?). Cette maison des comtes et plus tard des marquis d'Abrantes a encore des représentants.

Le tombeau que la gravure reproduit est très beau et très elégant. Le blason des Almeidas avec son beau casque, orné de riches panaches, parait entre les arceaux à double échancrure, très ornementés et superbement élégants, et, chose digne de remarque, l'abondante décoration ne nuît pas aux lignes principales de la construction. L'arc doublement cintré, se trouve dans les motifs de Grenade, c'est-à-dire dans le style mauresque d'Alhambra, et dans les œuvres d'art de cette époque, la plus brillante de l'évolution arabe au sud de l'Espagne. Les feuilles stylées, les motifs grotesques, les besants, se retrouvent ailleurs, mais ici ils présentent des reliefs supérieurs, sans doute grâce au talent du sculpteur et aussi à la qualité de la pierre. Dans la partie supérieure, aux côtés, je vois deux chiffres qui semblent signifier *Jesus, Maria.* La photographie montre encore une petite porte bien proportionnée quoique très simple.

Evidemment il y eut à Abrantes des personnes de bon goût. Au commencement du XIXme siècle on y a encore inauguré une association des plus sympathiques, l'Académie *Tubuciana,* littéraire et agricole. Il serait peut-être difficile, de nos jours, de former à Abrantes une académie littéraire; mais, au moins, il doit y avoir une société agricole qui s'intéresse et encourage les progrès de la belle ville. On parle depuis longtemps de l'augmentation de la culture de fleurs, de fruits et de légumes pour l'exportation. Abrantes est bien à même de présenter les productions de ses terres, si naturellement fertiles pour approvisionner les marchés étrangers; outre la fertilité du terrain, le voisinage du Tage est encore une source de richesse dont on tire peu de profit.

Ce que l'on a fait dernièrement sous le rapport d'irrigations en Egypte et aux États-Unis de l'Amérique du Nord est un prodige de volonté bien dirigée; des milliers d'hectares de landes stériles ont été transformés au moyen d'irrigations, en des propriétés de grand rapport. Chez nous malheureusement on n'a pas encore étudié la manière de tirer parti des eaux fluviales.

Vianna do Alemtejo

Diz-se Vianna do Alemtejo para distinguir de Vianna do Minho, ou do Castello. Em documentos muito antigos apparece denominada Vianna Focem, ou Foxem ou Foxim, que dizem termo mourisco. Mais tarde é designada Vianna d'apar d'Alvito. A palavra *Vianna* preoccupa os philologos; acha-se esta designação locativa em Hespanha, França, Italia; é de fundo antigo como *Evora*, nome que com muitas variantes se encontra pela Europa.

Ha muitos documentos antigos sobre Vianna do Alemtejo, que eu não usarei agora. É certo que no principio do seculo XIII estava em ruina e abandonada; a epoca das travadas pelejas repetidas entre christãos e mouros muito intensas nos seculos XII e XIII que assolaram e ermaram uma grande facha do Alemtejo. D. Gil Martins a reconstruiu e povoou; fez-se o castello, e el-rei D. Diniz lhe deu certa importancia para lhe assegurar a povoação.

Em 1482 aqui se celebraram côrtes. Tinham começado no anno anterior em Evora; mas veio a peste, por isto as transferiram para Vianna.

Os contagios e pestes martyrisaram Portugal n'esses tempos antigos; o que isso seria, n'uma época sem hygiene! fugia-se; ermavam-se as povoações; faziam entrar manadas de bovinos; accendiam grandes fogueiras. Fizeram-se côrtes em Evora, Vianna, Montemór-o-novo, etc. Muito interessantes algumas d'essas côrtes onde clero, nobreza e povo, villãos e alcaides, procuradores dos mestéres e senhores de solares se faziam ouvir. Não se fez ainda, e é pena, um corpo d'esses documentos.

Vianna assenta em suave encosta. A vista foi tirada de um ponto superior apresentando principalmente a parte velha da povoação, o castello, o convento, a matriz; a parte archeologica; no fundo os amplos terrenos levemente ondulados, as terras de pão, os olivaes e montados; uma serra longiqua a esvair-se em neblina termina o quadro. É uma vista severa, de amplo horizonte. As massas de arvoredo de olival e azinhal são escuras, ferreas; não ha o verde avelludado do pinheiro ou o fresco do castanheiro: os campos de lavoura só verdejam na primavera, apparecem louros em junho, e logo, feitas as ceifas, ficam os restolhos sem brilho, adustos. Vianna está na grande mancha de montados e olivaes a sul de Evora, entre grandes propriedades das casas Cadaval, Palmella, Bragança, Monfalim, etc.

Por esses olivaes de paz, e nas pacatas ruasinhas da villa, passou uma vez a furia da guerra num dos seus episodios mais crueis: foi uma briga brava e raivosa entre portuguezes, nessa triste guerra civil da Patuléa. Em outubro de 1846 aqui se encontraram tropas da rainha que estavam cercando Evora, com as forças revoltadas, entre estas tropas de linha tambem, que vinham do Algarve e Beja, soccorrer a capital transtagana. Foi um combate rapido e medonho. A guerra civil em Portugal e Hespanha attinge sempre uma ferocidade excepcional. Neste ataque de Vianna procuravam-se pessoas, ou determinados grupos de tropa, ou gente de certas localidades para liquidarem zangas e rivalidades; nos olivaes fechados, nos hortejos cortados de muros dividiu-se em grupos a cavallaria e infantaria; fez-se combate sem plano, luctas parciaes, duellos terriveis, uma brutalidade de bestas. Os combates de Torres Vedras (dezembro de 1846) e o do Viso, perto de Setubal (maio de 1847), foram mais *civilisados*, mais regulares, com menos sangueira relativamente.

D. Pedro II deu o titulo de conde de Vianna a D. José de Menezes.

No convento das religiosas de S. Jeronymo houve instrumentos de musica de muito merecimento. Este ramo foi muito esquecido entre nós.

Com certeza sahiram do paiz, por baixo preço, instrumentos preciosos. O fallecido collecionador Teixeira d'Aragão só nos ultimos annos da sua trabalhosa e util vida deu attenção a harpas e instrumentos de corda. Agora o snr. Keil, o bem conhecido maestro, está formando uma collecção já numerosa.

O quarteto de instrumentos de corda das Jeronymas de Vianna tinha grande fama. Fôra offerecido ao convento, ao que ouvi dizer, por uma duqueza de Cadaval, no tempo d'el-rei D. José. Eram instrumentos italianos, de auctor celebre. É certo que após o fallecimento da ultima freira o quarteto não foi encontrado.

Mas ainda relativamente á estampa; o castello medieval conserva as suas torres angulares de coberturas conicas, e a sua cêrca de quadrellas quasi completa. É, em planta, um pentagono irregular. É bom exemplo de architectura militar.

Vê-se tambem o exterior da matriz: o tom escuro é o do granito tisnado pelos seculos; é a pedra dominante na localidade. De granito é a porta da Egreja matriz representada na outra estampa. Está

Vianna do Alemtejo

On dit Vianna du Alemtejo pour la distinguer de Vianna du Minho ou du Castello. Dans de vieux documents on la nomme Vianna Focem, ou Foxem ou Foxim, que l'on croit être un terme mauresque. Plus tard on la désigne comme Vianna d'apar d'Alvito. Le mot *Vianna* préoccupe les philologues; cette désignation locative se trouve en Espagne, en France et en Italie; elle a un fond d'ancienneté comme *Evora*, nom qui avec beaucoup de variantes se retrouve en Europe.

Il y a beaucoup de documents anciens à propos de Vianna du Alemtejo, dont je ne parlerai pas maintenant. Il est avéré qu'au commencement du XIIIme siècle elle était abandonnée et en ruines; c'était l'époque des luttes incessantes entre chrétiens et maures, très prolongées au XIIme et XIIIme siècles et qui dévastèrent et dépeuplèrent une grande partie de l'Alemtejo. D. Gil Martins la réédifia, la repeupla; le château fut élevé et le roi D. Diniz lui accorda une certaine importance pour bien établir la ville.

En 1482 le parlement y siégea. L'année précédente il avait été installé à Evora mais la peste le fit transférer à Vianna.

Les épidémies et les contagions martyrisèrent le Portugal pendant ces temps anciens, et nous nous demandons ce que cela pouvait être à cette époque où l'hygiène était inconnue! On se sauvait, les bourgs, les villes, les villages restaient déserts; on faisait entrer des troupeaux de bétail; on allumait de grands feux. Il y eut des *cortes* à Evora, Vianna, Montemór-o-novo, etc. Ces parlements où se faisaient entendre le clergé, la noblesse, le peuple, les paysans, les gouverneurs, les procureurs et les châtelains étaient très intéressants. Il est dommage qu'il n'existe pas une reproduction de ce qui s'y passait.

Vianna repose sur un coteau doucement incliné. La photographie a été prise d'une hauteur et présente surtout la partie ancienne de la ville, le château, le couvent, l'église paroissiale, c'est-à-dire, la partie archéologique; au fond on voit de vastes terrains à peine ondulés, des champs de blé, des oliviers, des chênaies; une montagne lointaine s'estompe dans la brume au fond du tableau. C'est un panorama sévère, d'un vaste horizon. Les masses de verdure d'oliviers et d'yeuses sont d'un vert foncé et dur; elles n'ont pas le velouté des sapinières ni la fraicheur des marroniers: les champs labourés ne verdoient qu'au printemps, en juin ils blondissent et sitôt que la moisson finit il ne reste que l'esteuble terne et brûlé. Vianna se trouve dans la grande région des glandées et des oliviers au sud d'Evora, entre les grandes propriétés des maisons de Cadaval, Palmella, Bragança, Monfalim, etc.

Parmi ces paisibles oliviers et dans ces rues tranquilles de la ville, la guerre furieuse est passée une fois, lors d'un de ces plus cruels épisodes; ce fut une rixe sauvage et enragée entre portugais, dans cette triste guerre civile de la Patuléa. En Octobre 1845 les troupes de la reine qui entouraient Evora, se heurtèrent aux troupes révoltées qui accouraient de l'Algarve et de Beja pour secourir la capitale de l'Alemtejo. Le combat fut rapide et acharné. En Portugal et en Espagne la guerre civile atteint toujours une férocité exceptionnelle. Dans cette bataille de Vianna on recherchait les personnes, ou les groupes de soldats, ou des gens de certaines localités avec lesquels on voulait acquitter d'anciennes rivalités; dans les bois d'oliviers, dans les potagers coupés de murailles, les troupes à cheval et à pied se divisèrent; le combat eut lieu sans plan, en luttes partielles, en duels terribles, avec une brutalité de bêtes féroces. Les combats de Torres Vedras, en Décembre 1846, et de Viso, près de Setubal, en mai 1847, furent plus *civilisés*, plus réglés et relativement moins sanglants.

D. Pedro II donna à D. João de Menezes le titre de comte de Vianna.

Dans le couvent des religieuses de S. Jeronymo il y avait des instruments de musique très remarquables. Encore une chose très oubliée parmi nous.

Beaucoup d'instruments précieux ont certainement disparu de notre pays, pour des prix dérisoires. Feu Teixeira d'Aragão, un de nos remarquables collectionneurs, ne s'est occupé de harpes et d'instruments à corde, que pendant les dernières années de sa vie si laborieuse et utile. De nos jours Mr. Keil, le compositeur bien connu, est en train de faire une collection déjà assez importante.

Le quartuor d'instruments à corde des Jeronymas de Vianna était très ronommé. Il avait été offert au couvent, d'après ce que l'on dit, par une duchesse de Cadaval, au temps du roi D. José. C'étaient des instruments italiens d'auteur célèbre. Mais il est certain qu'après la mort de la dernière religieuse les instruments disparurent.

Revenons à nos gravures; le château du moyen-âge conserve ses tourelles d'angle, à pignon conique et son enclos en carrés, presque complet. Sur le plan, c'est un pentagone irrégulier, mais comme exemplaire d'architecture militaire, il est très apprécié.

completa, intacta. O elegante portal geminado, com o seu tympano onde sobresae a cruz da Ordem de Christo, o arco-moldura, em festão de rosas, onde acha apoio o brazão de Portugal, de corôa aberta; depois o arco de dupla curvatura ladeado pelas espheras armillares. Esta egreja é do tempo de D. Diniz, mas reconstruida em tempo de D. João II e D. Manuel. D'este com certeza a porta reproduzida na estampa. Agora repare-se n'esta porta, bem ornamentada mas robusta, espessa, e veja-se o ediculo de Abrantes, de que já fallei. É que para fazer trabalho pegado, no granito de Vianna, o operario gastou mais tempo, energia e ferramenta do que no arrendado e mui relevado ediculo feito de fino lioz. A egreja matriz de Vianna é um templo claro e espaçoso, de tres naves. Conservaram-se aqui até ha poucos annos, dizem, algumas vidraças antigas, historiadas e coloridas; hoje pouco resta, apenas um vidral com a figura de S. Pedro. No abandonado convento de Jesus uma familia illustre e benemerita installou asylos e créche que muito tem servido á gente da villa e termo.

—Não ha n'este reino outra villa com tantas casas de beneficencia publica como esta de Vianna.—

D. Antonio da Costa celébra em paginas elegantes esses estabelecimentos de Vianna. São devidos principalmente ao padre Luiz Antonio da Cruz e ao medico dr. Antonio José de Sousa. Ambos falleceram ha muito, mas as suas instituições têm tido sempre progresso.

Assim esta villa, além da sua antiga Misericordia, tem asylo de velhos impossibilitados, asylo de creanças, créche, o instituto de caridade, escolas primarias. Ha poucos annos o governo creou ahi uma pequena escola de olaria, que é industria popular na localidade.

Gabriel Pereira.

VIANNA DO ALEMTEJO

On voit aussi l'extérieur de l'église principale; la couleur grisâtre est celle du granit brûlé par les siècles, pierre qui domine dans cette localité. La porte de l'église représentée dans une autre gravure est aussi en granit, et elle se trouve intacte. L'élégant portail est géminé avec le tympan réhaussé par la croix du Christ, l'arc en moulûre en festons de fleurs, sur lequel s'appuie le blason du Portugal, à couronne ouverte, ensuite l'arc à double cintre flanqué par les sphères armillairs. Cette église est du temps de D. Diniz, mais elle a été reconstruite sous le règne de D. João II et D. Manuel. La porte est assurément du dernier. Remarquons maintenant cette porte bien ornée, mais épaisse, robuste, et observons l'édicule d'Abrantes dont j'ai déjà parlé. Pour faire ce travail entier, en granit de Vianna, l'ouvrier a certainement dépensé plus de temps, d'énergie et d'outillage, que pour fouiller et ornementer l'édicule en pierre de taille. L'église de Vianna est un temple clair et vaste, à trois nefs. Il y a peu d'années, on y voyait encore quelques vitraux anciens, coloriés et ornementés; aujourd'hui on n'en trouve qu'un, avec l'image de S[t] Pierre. Dans le couvent abandonné de Jésus une famille illustre et méritante a installé des asiles, des crèches, qui rendent de grands services aux habitants de la ville et des environs.

On ne trouve pas en Portugal une ville qui ait autant d'établissements de bienfaisance que celle de Vianna.

D. Antonio da Costa, en phrases élégantes, parle de ces institutions de Vianna. Elles sont pour la plupart, l'œuvre du prêtre Luiz Antonio da Cruz et du médecin dr. Antonio José de Sousa. Tous deux sont morts depuis longtemps, mais les institutions qu'ils ont établies, continuent à augmenter progressivement.

Ainsi, cette ville, outre son ancienne Misericordia, enfants trouvés, a des asiles pour les vieillards impotents, des asiles pour les enfants, des crèches, une institution de charité, des écoles primaires. Dernièrement le gouvernement y a installé une école de poterie, industrie très populaire de la région.

Gabriel Pereira.

Vizeu



' uma evocação de lendas, de contos, de historias maravilhosas e tragicas, que surgem diante dos olhos do viajante! Seria mister escrever um grosso volume só para resumir as tradições da capital da Beira, algumas das quaes reviveram ainda ha poucos mezes n'um excellente estudo de um nosso erudito amigo hespanhol [1].

O ultimo rei godo D. Rodrigo (Lodaryk), vencido na batalha do Guadalete, contribuiu um dia para realçar a gloria de Vizeu, sendo a tradição lendaria relativa a Portugal das mais vetustas entre as antigas que os escriptos hespanhoes allegam (*Chronicon* de Affonso, o Magno, apud Pidal, pag. 143).

No modesto cenotaphio da capella de S. Miguel do Fetal descansaria pois o infeliz D. Rodrigo. Mettido já em vida n'uma *cupa, cuba* ou urna, com uma serpente, simbolo do peccado, sobretudo do peccado carnal, expiou o rei proscripto a feia culpa de uma seducção que lhe custou a corôa e o reino, e trouxe á peninsula o flagello do dominio arabe. Na arca de pedra da capella põe a tradição tambem os despojos do principe e mais a cobra, que com elle viveu e morreu.

Outra lenda explica as figuras das antigas armas de Vizeu de um modo tambem maravilhoso; relaciona o desenho do escudo com a celebre historia de D. Ramiro II, rei das Asturias e de Leão, e da formosa moura Zahara, que Almeida Garrett aproveitou poeticamente (*Romance de Miragaia*). É pois uma segunda tragedia que o escudo nos revela, fundada em amores adulterinos: a lenda da mulher peninsular, formosissima, enfeitiçando, por egual, mouros e christãos, judeus e conversos.

Emfim, outra tradição, mais antiga de que qualquer das precedentes, evoca a lucta heroica do pastor Viriato contra o poder romano na Lusitania, durante longos annos de resistencia victoriosa, vencida sómente á custa de uma traição (cêrca de 137 A. C.). A este pastor, que já Camões immortalisára [2], se prende a memoria da *Cava,* ou *cóva* de Viriato, transformada modernamente, em parte, n'um passeio, com avenidas umbrosas, como se vê n'uma das nossas estampas. A Cava foi primitivamente um acampamento militar, fortificado, com altos muros e fossos, abrangendo a área interior, hoje, uns 307:000 metros quadrados, com os muros uns 383:000; a distancia maxima dentro do polygono octogonal, ainda visivel, apesar de grandes alterações, é de 365 metros; os muros eram de terra, assentes em pedra e chegam a ter na base 35 metros, sobre 16 de altura; o perimetro está calculado, exteriormente, em 2:160 metros.

Estas indicações bastam para dar uma ideia da formidavel posição defensiva, tão apreciada ainda no seculo XVIII que D. João V ordenou em 1728 pela Academia Real da Historia, zeladora dos Monumentos Nacionaes, que a Cava fosse cuidadosamente estudada, medida e conservada. De pouco serviu a ordem; e ainda em nossos dias, de 1862 a 1892 soffreu a obra novas alterações. Dos quatro vãos de portaes, dos proprios muros aproveitaram a cantaria para construcções, como se se tratasse de uma pedreira publica! D'elles restam ainda alguns lanços formidaveis; do antigo fosso sómente ha dois troços bem visiveis; emfim: apenas o *torso* de um gigante. Quando a vimos, pela primeira vez em

---

[1] Juan Menendez Pidal, *Leyendas del ultimo Rey Godo,* Notas é investigaciones. Madrid, 1906.

De pag. 184-196 em diante occupa-se o erudito auctor da *tradicion legendaria en Portugal* e insere duas estampas mui interessantes, a da egreja de S. Miguel do Fetal, suburbios de Vizeu; e a do cenotaphio do ultimo rei godo, alli existente, com a celebre inscripção apocrypha: HIC JACET, AUT JACUIT, POSTREMUS IN ORDINE REGUM GOTTORUM, UT NOBIS NUNTIA FAMA REFERT. Como se vê, o auctor do epitaphio não encobriu o seu scepticismo! O pequeno templo, que Frei Bernardo de Brito (*Monarchia lusitana,* lib. VII) ainda descreve com o feitio de uma construcção romanica, foi reedificado no primeiro terço do seculo XVIII.

O cenotaphio (uma arca lisa, com tampa prismatica), mettido dentro de um vão, formado por um grande arco de volta abatida, não póde ser anterior ao principio do seculo XVII; valor artistico, insignificante. As ingenuas invenções do chronista Brito, evidentemente forjadas no fim do seculo XVI para realçar a gloria do seu querido mosteiro de Alcobaça, pretenderam arrancar a Vizeu a gloria de possuir os restos do ultimo rei godo. Baldado empenho! Comtudo, a narrativa do frade tem certa poesia e merece lêr-se.

[2] E modernamente Theophilo Braga, n'uma «Narrativa epico-historica», intitulada *Viriatho* (Porto, 1903), cheia de bellezas poeticas e de ensinamento patriotico.

Vizeu



ILLE de légendes, de contes, d'histoires merveilleuses et tragiques, qui se dévoilent aux yeux du voyageur! Il faudrait un gros volume pour résumer les traditions de la capitale de Beira, dont quelques unes ont revêcu, il y a à peine quelques mois, en un excellent ouvrage d'un savant espagnol de nos amis [1].

Le dernier roi goth D. Rodrigo (Lodaryk), vaincu à la bataille de Guadalete, contribua un jour à réhausser la gloire de Vizeu, dont la tradition légendaire relative au Portugal, est une des plus reculées parmi les anciennes dont s'occupent les écrivains espagnols. (*Chronicon* de Affonso, o Magno, apud Pidal, pag. 143).

Le malheureux D. Rodrigo reposerait donc dans le modeste tombeau de la chapelle de S. Miguel do Fetal. Enfermé encore vivant dans une *cupa, cuba* ou bière, avec un serpent, symbole du péché, surtout du péché charnel, le roi proscrit expia ainsi sa vilaine faute d'une séduction qui lui coûta la couronne et le royaume, et apporta dans la péninsule le fléau de la domination arabe. Sur l'arc de pierre de la chapelle, la tradition met aussi la dépouille du prince et le serpent, qui vecût et mourût avec lui.

Une autre légende explique aussi les figures des anciennes armes de Vizeu d'une manière merveilleuse; le dessin de l'écusson se rapporterait à la célèbre histoire de D. Ramiro II, roi des Asturies et de Léon, et de la belle mauresque Zahara dont Almeida Garrett s'est si poétiquement occupé dans le *Romance de Miragaia.* C'est donc une deuxième tragédie que l'écusson nous révèle, fondée sur ces amours adultères; la légende de la femme péninsulaire si belle qu'elle ensorcelait également maures, chrétiens, juifs et convertis.

Et enfin une autre tradition plus ancienne encore que celles dont nous avons parlé, évoque la lutte glorieuse du pâtre Viriato contre le pouvoir romain dans la Lusitanie, pendant de longues années d'une résistance victorieuse, vaincûe seulement au prix d'une trahison, à peu près 137 ans avant J. C. C'est à ce pâtre, que Camões avait déjà immortalisé [2], que se rattache le souvenir de la *Cava* ou *cóva* (fosse) de Viriato, devenue actuellement une belle promenade, avec des allées ombragées comme on le voit sur une de nos gravures. La Cava fut primitivement un campement militaire fortifié, avec des murs élevés et des fossés, mesurant à l'intérieur, aujourd'hui, une surface de 307:000 mètres carrés et avec les murs 383:000; la plus grande distance dans le polygone octogonal, visible encore, malgré les grandes altérations, est de 365 mètres; les murailles étaient en terre, sur des assises de pierre, qui ont à la base, 35 mètres sur 16 de hauteur; le périmètre est calculé, extérieurement, à 2:160 mètres.

Ces indications suffisent pour se faire une idée de la formidable position défensive, si appréciée encore au XVIIIme siècle, que D. João V, en 1728, ordonna à l'Academia Real de Historia, chargée du soin des Monuments Nationaux, de faire soigneusement étudier, mesurer et conserver la Cava. Cet ordre ne fut pas entièrement suivi; et de nos jours encore, de 1862 à 1892 l'ouvrage a encore subi de nouvelles altérations. Des quatre ouvertures de portes, et même des murs on a enlevé des pierres pour des constructions comme s'il s'agissait d'une carrière publique! Il en reste encore des pans formidables; de l'ancien fossé il existe seulement deux fragments bien visibles; enfin, à peine le *torse* d'un arc-boutant.

---

[1] Juan Menendez Pidal, *Leyendas del ultimo Rey Godo,* Notas é investigaciones. Madrid, 1906.

À partir des pages 184-196 le savant auteur s'occupe de la *tradicion legendaria en Portugal* et il publie deux gravures très intéressantes, celle de l'église de S. Miguel do Fetal, aux environs de Vizeu; et celle du cénotaphe du dernier roi goth, qui y existe, avec la célèbre inscription apocryphe: HIC JACET, ANT JACUIT, POSTREMUS IN ORDINE REGUM GOTTORUM, UT NOBIS NUNTIA FAMA REFERT. Comme on le voit, l'auteur de l'épitaphe n'a pas dissimulé son scepticisme! Le petit temple que Frei Bernardo de Brito (*Monarchia lusitana,* lib. VII) décrit encore avec la forme d'une construction romane, a été réédifié pendant le premier tiers du XVIIIme siècle.

Le cénotaphe, un tombeau uni avec un couvercle prismatique, se trouve fourré dans un creux formé par un grand arc en voûte surbaissée et ne peut pas être antérieur au commencement du XVIIme siècle; sa valeur artistique est insignifiante. Les naïves inventions du chroniqueur Brito, forgées évidemment à la fin du XVIme siècle, pour réhausser la gloire de son cher monastère d'Alcobaça, ont voulu arracher à Vizeu l'honneur de posséder les restes du dernier roi goth. Vains efforts! Toutefois le récit du moine ne manque pas de poésie et mérite d'être lu.

[2] Et modernement Theophilo Braga, dans une «Narrativa epico-historica» intitulée *Viriatho* (Porto, 1903) pleine de beautés poétiques et d'enseignement patriotique.

1877, a Cava estava completamente desprezada; hoje ha alli, pelo menos, sombra, frescura e a alegria das aves e dos ninhos.

Passando aos tempos medievicos, notaremos que Vizeu se veste de novas glorias. Não é preciso ir desencantar Turdulos, meio milhar de annos antes de Christo, nem iberos, celtas, e suevos, como fundadores; deixemos em paz Theodomiro e o proprio Mauregato. Basta lembrar o primeiro dominio christão averiguado, o dos leonezes, e depois o dos reis de Castella. Com D. Fernando o Magno, que tomou Vizeu aos mouros em 1057, entramos em caminho seguro (Herculano).

Decorrem, porém, ainda sessenta e seis annos até á concessão do primeiro foral conhecido, em 1123, pela rainha D. Thereza, confirmado nos seculos XII e XIII e reformado por D. Manoel em 1513. Além das franquias concedidas n'estes diplomas, gozou a cidade dos privilegios que lhe obtiveram os Senhores de Vizeu, principalmente os Duques. O primeiro é logo o mais illustre, o immortal Infante D. Henrique; depois seu sobrinho e filho adoptivo D. Fernando, pae d'el-rei D. Manoel. A protecção do grande tio e a generosidade de seu irmão D. Affonso V fizeram de D. Fernando o mais rico senhor do reino. A sorte do quarto duque contrasta de um modo tragico com a fortuna excepcional do segundo. D. Diogo morre em Setubal, assassinado por D. João II, seu primo e cunhado, contra o qual conspirára (1484). Os bens do ducado passam ao irmão do traidor, a D. Manoel, mas não o titulo; porque El-rei intencionalmente o eliminou, chamando ao successor: duque de Beja e apenas *Senhor de Vizeu*, da Covilhã, etc.

Esta questão do duque D. Diogo com o rei D. João II, seu primo, lembra uma outra grave contenda entre D. João III e o bispo de Vizeu D. Miguel da Silva (1527-1547), seu Escrivão da Puridade e confidente, a qual não desandou em tragedia porque o prelado fugiu a tempo para a Italia. Eleito Cardeal contra vontade do rei; escolhido para Legado do Papa em Veneza, Ancona e Bologna, foi insigne protector das letras na curia. Castiglione dedicou-lhe a sua obra celebre, *il Cortegiano*, com expressões tão honrosas que, se não houvera outras, bastariam para perpetuar a sua memoria, a qual Herculano obscureceu com uma critica que não nos parece sempre justa. (*Historia da Inquisição*, vol. II). Na côrte de Roma travou o Cardeal ex-bispo de Vizeu uma lucta tremenda com o fanatico monarcha portuguez, a proposito dos *christãos novos*, lucta grandiosa, tenaz, varonil, mas infructifera, porque não impediu o estabelecimento da Inquisição em Portugal.

É impossivel no curto espaço de que dispomos continuar a resenha historica dos factos mais notaveis que interessam á cidade de Vizeu. Escolhemos os mais salientes só como fundo do quadro dentro do qual temos de collocar os monumentos da arte, isto é, só alguns poucos, como simples amostra dos muitos thesouros que Vizeu encerra.

Acode logo á ideia o nome *Grão-Vasco*, a lembrança de um grande pintor, de uma antiga escóla nacional de pintura, ligada a taboas celebres, ainda existentes na Sé. É mais uma tradição gloriosa, a juntar ás muitas que temos aqui archivado. Ella nos levou lá, ha mais de trinta annos; nos attrahiu, nos enfeitiçou, nos prendeu com laços novos, em repetidas viagens, mórmente desde que reconhecemos que essa questão do Grão-Vasco não era um episodio da historia local, mas pertencia ao paiz inteiro. Temos sublinhado este facto ha bons vinte annos, mas em alguns espiritos persiste a illusão do tempo de Raczynski, continuada por Robinson, Crawfurd e outros, de que a chave do problema tem de procurar-se em Vizeu, como se não existissem quadros de egual valia por todo o reino, em Setubal, e em Thomar; as differentes series do Museu Nacional que pertenceram ás casas religiosas de S. Bento (Lisboa), do Espinheiro (Evora), de Palmella; como se não tivessemos as bellissimas pinturas da Madre de Deus (Lisboa) e as incomparaveis taboas do mosteiro de S. Vicente, estas ultimas anteriores de mais de sessenta annos ás mais antigas da Sé viziense! É certo que o *S. Pedro* representa um quadro de grande merito, mas é apenas *um*, de uma serie de quatro, de valor muito desegual, ficando tres: o *S. Sebastião*, o *Baptismo de Christo* e o *Pentecostes* em plano secundario, devendo classificar-se o ultimo como obra mediocre [1].

E tudo isso é, no emtanto, para Vizeu e os vizienses obra do mesmo Grão-Vasco! E ainda temos

[1] Em julho de 1888 publicámos no *Portugal antigo e moderno*, artigo *Vizeu*, vol. XII, um extenso estudo: *A pintura portugueza nos seculos XV e XVI* (Segundo Ensaio) Grão-Vasco. A pag. 1876 e 1877 indicámos, por meio de duas plan-

Lorsque en 1877 nous avons vu la Cava pour la première fois, elle était tout à fait abandonnée; maintenant on y trouve, au moins, de l'ombre, de la fraicheur et la joie gazouillante des oiseaux et des nids.

Après l'époque du moyen âge, nous remarquons que Vizeu se para de nouvelles gloires. Il n'y a pas besoin d'aller dénicher des Turdules, cinq cents ans avant Jesus Christ, ni des ibères, des celtes et des suèves comme ses fondateurs; laissons en paix Théodomir et même Mauregato. Qu'il suffise de rappeler la première domination chrétienne reconnue, celle des léonais, et ensuite celle des rois de Castille. Avec D. Fernando le Magne, qui, en 1057, prît Vizeu aux Maures, nous entrons dans une voie assurée (Herculano).

Mais, soixante six ans se sont encore passés jusqu'à la concession de la première charte connue, en 1123, accordée par la reine D. Thereza confirmée au XIIme et XIIIme siècle et reformée par D. Manuel en 1513. Outre toutes les immunités accordées dans ces diplomes, la ville jouit des privilèges obtenus par les Seigneurs de Vizeu, surtout les Ducs. Le premier est un des plus illustres, l'immortel Infant D. Henrique; ensuite son neveu et fils adoptif D. Fernando, père du roi D. Manuel. La protection de son oncle et la générosité de son frère D. Affonso V firent de D. Fernando le plus riche seigneur du royaume. La destinée du quatrième duc, contraste d'une manière tragique avec la fortune exceptionnelle du deuxième. D. Diogo meurt à Setubal assassiné par D. João II, son cousin et beau-frère, contre lequel il avait conspiré (1484). Les biens du duché passent au frère du traître, à D. Manuel, mais sans le tître, que le Roi, intentionnellement avait éliminé en nommant le successeur: duc de Beja et à peine *Seigneur de Vizeu*, de Covilhã, etc.

Cette querelle du duc D. Diogo avec son cousin le roi D. João II, rappèle un autre grave différend entre D. João III et l'évêque de Vizeu D. Miguel da Silva (1527-1547) son confident et secrétaire intime, laquelle ne devint pas une tragédie parce que le prélât se sauva à temps en Italie. Elu cardinal contre la volonté du roi; choisi comme Légat du Pape à Venise, Ancone et Boulogne, il fut un insigne protecteur des lettres à la cour ecclésiastique. Castiglione lui dédia son célèbre ouvrage, *il Cortegiano*, avec des termes si flatteurs que, faute d'autres, ils suffiraient à perpétuer sa mémoire, obscurcie par Herculano avec une critique qui ne nous semble pas toujours juste. (*Historia da Inquisição*, vol. II). À la cour de Rome, le Cardinal ex-évêque eût à soutenir une lutte terrible avec le fanatique monarque portugais à propos des *nouveaux chrétiens*, lutte immense, tenace, vaillante, mais infructueuse, car elle ne sût empêcher l'établissement de l'Inquisition en Portugal.

Il est impossible, dans l'espace exigu dont nous disposons, de continuer le récit historique des faits les plus remarquables qui se rapportent à la ville de Vizeu. Nous en détacherons les plus célèbres, comme fond du tableau où il nous faudra placer les monuments d'art, c'est à dire, quelques uns à peine, comme simple échantillon de la quantité de trésors que renferme Vizeu.

Le premier nom qui nous vient à l'idée est celui du *Grão-Vasco*, et le souvenir d'un grand peintre, d'une ancienne école nationale de peinture, reliée à des toiles célèbres, qui existent dans la cathédrale. Encore une tradition glorieuse à joindre à toutes celles que nous avons citées. C'est elle qui nous a conduit là, il y a plus de trente ans, qui nous a attiré, enchanté, et rattaché avec de nouveaux liens, en nous faisant répéter nos voyages surtout depuis que nous avons reconnu que cette histoire du Grão-Vasco n'était pas un simple épisode de l'histoire locale, mais qu'elle appartenait à tout le pays. Nous avons déjà souligné ce fait il y a bien une vingtaine d'années, mais quelques esprits persistent dans l'illusion du temps de Raczinski, continuée par Robinson, Crawford et d'autres, que la clef du problème doit être recherchée à Vizeu, comme s'il n'existait pas des tableaux d'égale valeur dans tout le royaume, à Setubal, à Thomar; les différentes séries du Musée National qui ont appartenu aux maisons religieuses de S. Bento (Lisbonne), Espinheiro (Evora), de Palmella; comme si nous n'avions pas les magnifiques peintures de Madre de Deus (Lisbonne) et les incomparables panneaux du monastère de S. Vicente, ces deux dernières antérieures de plus de soixante ans, aux plus anciennes de la cathédrale de Vizeu! Il est certain que le *St. Pierre* représente un tableau de grand mérite, mais ce n'en est qu'*un*, d'une série de quatre, de valeur très inégale, dont les trois autres, *S. Sebastien*, le *Baptême du Christ*, et la *Pentecôstes*, sont très secondaires, et même le dernier, de valeur médiocre [1].

[1] En Juillet 1888 nous avons publié dans le *Portugal antigo e moderno*, article *Vizeu*, vol. XII, une longue étude: *La peinture portugaise au XVme et XVIme siècle* (Deuxième essai) Grão-Vasco. À la page 1876 et 1877 nous avons indiqué,

no mesmo local, na Sacristia, (representada na estampa) mais doze quadros pequenos, de factura homogenea; e na Sala do Capitulo outros quatorze, de tamanho mediano, que nenhuma affinidade apresentam com a serie da Sacristia e são mesmo anteriores em estylo e em data. Tudo isso é metido no mesmo sacco do Grão-Vasco, que tem, pelo visto, appetite para devorar quanto quadro ha em Vizeu e seu districto. Confundem-se datas e estylos, gerações inteiras de artistas; saltam-se periodos da historia da arte, que abrangem dezenas de annos e finge-se que não ha pinturas em Portugal fóra de Vizeu [1]. Portanto, admitte-se que todos os quadros da primeira metade do seculo XVI, espalhados pelo reino, são do pincel do artista famoso de Vizeu [2], o qual d'este modo domina exclusivamente não só em todo o districto, mas absorve a gloria e o trabalho de todos os seus collegas do paiz, que tiveram a má sorte de serem seus contemporaneos e até mesmo *antecessores!* É forçoso ir áquella Mecca para adorar o propheta. Recuamos cincoenta annos, na critica e no estudo! [3]

Não seria razoavel aconselhar aos admiradores vizienses uma viagem demorada aos centros que citamos, um estudo aturado de algumas centenas de pinturas, a comparação rigorosa em repetidas viagens, e sobretudo o conhecimento da pintura quinhentista e quatrocentista dos nossos vizinhos, que nos ultimos vinte annos têm trabalhado a valer no estudo da antiga pintura castelhana, aragoneza e catalã? [4]

Sobre a architectura em Vizeu e principalmente da Sé, poderiamos encher um grande capitulo com desenhos ineditos, apurados em quatro viagens, de 1878-1895. Uma estampa da fachada foi substituida n'este fasciculo por outra do interior, por ser a primeira vista muito conhecida e a segunda inedita. A frontaria anterior á actual (obra de 1640 do architecto de Salamanca João Moreno, segundo Aragão [5], na obra *Vizeu,* vol. II, pag. 188) era, ao que parece, de estylo gothico manuelino: «*riquis-*

tas, a disposição dos quadros na Sacristia e na Sala do Capitulo, disposição que foi depois alterada. A serie do Capitulo encontrámol-a em 1895 na Capella-mór da Sé, logar muito perigoso para a conservação dos quadros! A nossa estampa representa duas das quatro taboas grandes, o *S. Pedro* e o *S. Sebastião,* e quatro taboas da serie pequena. O fundo da parede, simulando tapete, é constituido por bello azulejo polychromico do 1.º terço do seculo XVII; a pintura do tecto de madeira representa *groteschi* de estylo italiano do fim do seculo XVI. O conjuncto, o effeito geral do aposento, é sumptuoso. Os paramentos, guardados nos arcazes, são primorosos, alguns do principio do seculo XVI. No Thesouro da Sé ha peças riquissimas de ourivesaria nacional, que o Catalogo da Exposição de Arte ornamental (Lisboa, 1882) menciona.

[1] Em novembro de 1895 escrevemos o seguinte na *Arte* (Revista de Coimbra): «A recente descoberta dos quadros da serie de S. Vicente (julho de 1895) veio fortalecer, confirmando-a, a opinião que haviamos enunciado em 1878, na carta ao fallecido dr. A. Felippe Simões: que não é em Vizeu que está a chave da questão, mas sim em Flandres; não no seculo XVI, não no periodo manuelino, mas antes na segunda metade do seculo XV; que Vizeu é uma estação, importante sim, porém uma entre muitas, n'uma longa jornada artistica, que durou quasi seculo e meio (1428-1570)». Ao snr. Aragão não convem a passagem, nem o nosso *terceiro Estudo;* o modo como o cita a pag. 48, com data errada (1897) e classificando-o como uma *reproducção com alterações* da monographia de 1888, quando é estudo completamente novo, prova que não o leu!

[2] É esta a singular conclusão a que se deve chegar depois da leitura do recente trabalho do snr. Maximiano d'Aragão *Grão-Vasco ou Vasco Fernandes, pintor viziense, principe dos pintores portuguezes,* etc. Vizeu, 1900, 8.º de 143 pag. Sentimos ter de formular um juizo desfavoravel sobre uma monographia esperada com tanto interesse. Na parte documental, paleographica, o auctor revela muito estudo dos cartorios locaes; na parte technica e critica faltam-lhe os principaes elementos para a apreciação de um problema complexo de historia da arte comparada.

[3] Não é facil reunir as estampas indispensaveis para se fazer uma ideia aproximada dos quadros de Vizeu. Lembraremos o seguinte ao leitor: Na *Illustração portugueza,* 2.ª serie n.º 19 de 2 de julho de 1906, appareceram os seguintes da serie da Sacristia: *S. Pedro, Baptismo de Christo, S. Sebastião* (3 grandes; falta o *Pentecostes*); e dos pequenos mais tres, com differentes santos. Publicou esse mesmo numero ainda o quadro grande do *Calvario,* que existe isolado na Capella de Jesus, do claustro da Sé. Total: sete; nenhum, porém, da serie do Capitulo. Por generoso obsequio do actual prelado, o snr. D. José, possuimos razoaveis photographias de todo o segundo grupo (14 quadros) desde 1895. O texto escripto por Antonio Sardinha na *Illustração,* além de banal, é pretencioso, com ar de quem apregoa novidades; p. ex. até descobriu que Memling esteve em Portugal — uma, entre muitas!

[4] Veja-se S. Sampere y Miquel, *Los Cuatrocentistas Catalanes: Historia de la Pintura en Cataluña en el siglo XV.* Barcelona, 1906, em 2 vol. com 108 photograv. separadas e mais 103 estampas intercaladas. Por obsequio do auctor temos ha uma dezena de annos conhecimento dos resultados importantissimos a que chegou, descobrindo inclusive pintores portuguezes, occupando posições importantes na Catalunha, no meado do seculo XV, entre confrades que gosavam já de grande fama. Vejam-se ainda os estudos dos snrs. Raimundo Casellas, E. Tormo, Cossio, Lamperez e Tramoyeres Blasco na *Cultura española.* Madrid, 1906-1907.

[5] Maximiano d'Aragão, *Vizeu.* Apontamentos historicos, 1894-95. Ha dous volumes publicados, que alcançam o meado·

Cependant, pour Vizeu et les habitants tout celà est l'œuvre du même Grão-Vasco! Et dans la Sacristie de la même église, représentée dans la gravure, il y a encore une douzaine de petits tableaux de facture semblable; dans la Salle du Chapitre on en voit quatorze de moyenne grandeur, qui ne présentent aucune affinité avec la série de la Sacristie et sont même plus anciens comme style et comme date. Mais tout cela est fourré dans le même sac du Grão-Vasco, qui, à ce que l'on voit, a assez d'appétit pour dévorer tout ce qui se trouve à Vizeu et dans le district. On confond les dates, les styles et des générations entières d'artistes, on saute par dessus des périodes de l'histoire de l'art, qui comprennent des dizaines d'années, en semblant croire qu'il n'y a d'autres peintures en Portugal que celles de Vizeu [1]. D'après celà on peut admettre que tous les tableaux de la première moitié du XVIme siècle répandus dans le royaume, sont dûs au pinceau du fameux artiste de Vizeu [2] qui, de cette manière, domine exclusivement non seulement dans tout le district, mais absorbe encore la gloire et le travail de tous ses collègues du pays, qui ont eu la malechance d'être ses contemporains, voire même ses *prédécesseurs!* Il faut aller dans cette Mecque pour adorer le prophète. Nous avons reculé de cinquante ans au point de vue de la critique et de l'étude! [3]

Ne serait-il pas raisonnable de conseiller aux admirateurs de Vizeu, un voyage prolongé aux endroits que nous venons de citer, et surtout une connaissance de la peinture du XVme et XVIme siècle, chez nos voisins, qui pendant ces vingt dernières années ont travaillé consciencieusement à l'étude de l'ancienne peinture castillane, aragonaise et catalane? [4]

Nous pourrions remplir un grand chapitre, avec des dessins inédits, recueillis en quatre excursions, de 1878-1895, seulement avec l'architecture de Vizeu, surtout de la Cathédrale. La façade, antérieure à

au moyen de deux plans, la disposition des tableaux de la Sacristie et de la Salle du Chapitre, disposition que a été altérée dans la suite. La série du Chapitre a été retrouvée par nous, en 1895, dans le Sanctuaire de la Cathédrale, endroit très dangereux pour la conservation des tableaux! Notre gravure représente deux, des quatre grands panneaux, le *St. Pierre* et le *St. Sebastien* et quatre autres de la petite série. Le fond du mur, imitant un tapis, est composé en belles faiences polychromes du premier tiers du XVIIme siècle: la peinture du plafond en bois, répresente des *groteschi* de style italien à la fin du XVIme siècle. L'ensemble, l'effet général de l'appartement est somptueux. Les ornements d'église gardés dans les armoires, sont magnifiques, quelques uns du commencement du XVIme siècle. Dans le trésor de la Cathédrale il y a des objets précieux d'orfèvrerie nationale dont on a fait mention dans le Catalogue de l'Exposition d'Art ornemental (Lisbonne, 1882).

[1] En novembre 1895 nous avons écrit ce qui suit dans l'*Arte,* revue de Coimbra: «La récente découverte des tableaux de la série de St. Vincent (Juillet 1895) est venue raffermir et confirmer l'opinion que nous avions énoncée en 1878, dans la lettre à feu le docteur A. Felippe Simões; ce n'est pas à Vizeu que se trouve la clef de l'affaire mais en Flandres; ce n'est pas au XVIme siècle pendant la période *manuelina,* mais plutôt dans la deuxième moitié du XVme siècle; Vizeu est une station, importante sans doute, mais une étape à peine, d'un long voyage artistique qui a duré presque un siècle et demi (1428-1570). Ni le passage, ni notre *troisième étude* ne conviennent guère à Mr. Aragão; la manière dont il en parle, pag. 40, avec une fausse date (1897) en le classant comme une *reproduction avec altérations,* de la monographie de 1888, lorsque c'est une étude tout à fait nouvelle, prouve bien qu'il ne l'a pas lue!

[2] Telle est la singulière conclusion à laquelle on doit arriver après la lecture du nouveau travail de Mr. Maximiano d'Aragão, *Grão-Vasco ou Vasco Fernandes, peintre vizeense, prince des peintres portugais,* etc. Vizeu, 1900, 8.º de 143 pag. Nous regrettons d'émettre un jugement défavorable à propos d'une monographie attendue avec tant d'intérêt. Dans la partie documentale paléographique, l'auteur démontre une connaissance profonde des bibliothèques locales; dans la partie technique et critique, il lui manque les principaux éléments pour l'appréciation d'un problème complexe d'histoire de l'art comparé.

[3] Il n'est pas facile de réunir les gravures indispensables pour se faire une idée aproximative des tableaux de Vizeu. Nous rappelerons au lecteur ce qui suit: Dans l'*Illustração Portugueza,* 2me serie n.º 19 du 2 Juillet 1906 ont paru les tableaux suivants de la série de la Sacristie: *St. Pierre, Baptème du Christ, S. Sebastien* (3 grands; il manque le *Pentecostes*) et des petits, trois encore, avec de différents saints. Ce même numéro a publié aussi le grand tableau du *Calvaire* qui est isolé dans la chapelle de Jésus dans le cloître de la Cathédrale. En tout sept; mais aucun d'eux n'est de la série du Chapitre. Par une généreuse faveur du prélât actuel, Mgr. D. José, nous possédons depuis 1895 d'assez belles photographies de tout le deuxième groupe (14 tableaux). Le texte écrit par Antonio Sardinha dans l'*Illustração* est non seulement banal, mais prétentieux, semblant dire des choses tout à fait neuves; par exemple il a même découvert entre autres que Memling a été en Portugal!

[4] Qu'on voie S. Sampere y Miquel, *Los Cuatrocentistas Catalanes: Historia de la Pintura en Cataluña en el siglo XV.* Barcelona, 1906, en 2 vol., avec 108 photogravures séparées et encore 103 gravures intercalées. Par déférence de l'auteur nous connaissons depuis une dizaine d'années les résultats importants qu'il a obtenus, en découvrant inclusivement des peintres portugais qui occupèrent d'importantes positions en Catalogne, au milieu du XVme siècle, parmi des confrères qui jouissaient déjà de grande réputation. Voir encore les études de Mr. Raimundo Casellas, E. Tormo, Cossio, Lamperez e Tramoyeres Blasco dans la *Cultura espagñola.* Madrid, 1906-1907.

simo portico, muito ornamentado com figuras e folhagens, bem como uma grande janella superior, de curiosa invenção» — segundo o testemunho de autor viziense (*Dialogos* de Botelho Pereira, anno de 1630, apud Pinho Leal [1], *Portugal antigo e moderno,* vol. xii, pag. 1609). Concordava decerto com o interior gothico, construido pelo bispo D. Diogo Ortiz, que mandou pôr o seu nome na abobada do côro, com a data da factura (1513) e uma inscripção muito evidente, como quem se gaba da bella obra. E teve razão o generoso prelado! O interior, com tres naves de lavor homogeneo e excellente apparelho, é conhecido sob a designação caracteristica: *abobada dos nós,* porque os artezões simulam cordas com nós. Até o pintor do *Pentecostes* a reproduziu no quadro existente na Sacristia. O bispo D. Diogo Ortiz de Vilhegas, que governou a diocese de 1507-1519, quiz associar o nome dos seus bemfeitores na obra da Sé, e por isso vemos nos fechos das abobadas das tres naves as divisas e emblemas de D. Affonso v, D. João ii e D. Manuel, alternando com as do prelado. Se não fôra o desmoronamento da fachada manuelina a 18 de fevereiro de 1635, o aspecto da Sé seria formoso, porque o claustro do Bispo D. Miguel da Silva, bella obra da Renascença (1534), não destoa do estylo manuelino. Chamou-se o architecto salmantino para traçar depois do desastre duas solidas, mas pesadas torres [2], impenetraveis hombros de granito, entre os quaes inseriu uma nova frontaria de estylo italo-hespanhol, em tres corpos de sobrio desenho, com algumas poucas estatuas de magra esculptura, dispostas em nichos. Nas casas capitulares e em varias dependencias do paço ha muitas preciosidades. Repare-se no bello orgão da egreja, estylo Luiz xvi; no esplendido tecto de castanho do vestiário dos conegos (seculo xvii); nos magnificos livros do côro, illuminados em 1586 e 87 por Escalante, nome inedito; no pelicano de bronze do seculo xiv que serve de estante no côro, e figurou outr'ora de grimpa n'uma das torres. Dedique o visitante uma hora á analyse dos deslumbrantes paramentos e peças de ourivesaria do thesouro; e não saia da egreja sem um exame demorado do formoso claustro do bispo D. Miguel da Silva, no qual se conhece a arte elevada e pura que o artista discreto pode desencantar do granito, de uma materia esquiva e ingrata, só com o encanto indizivel das proporções e uma mui sobria, mas bem ponderada ornamentação. Oh! se os nossos modernos architectos soubessem vêr... e quizessem estudar o proprio paiz!...

Não me devo despedir sem recommendar ao leitor que a distancia de uma curta meia hora de Vizeu está o paço de Fontello, quinta de recreio dos prelados, e residencia de verão, celebre tambem pelos seus quadros da escóla Grão-Vasco. Foi uma morada senhorial que o bom gosto de prelados, esclarecidos, como D. Miguel da Silva e D. Gonçalo Pinheiro, povoaram de bellas obras ao modo italiano, aquelle inventando-as no primeiro terço do seculo xvi; este restaurando e ampliando o recreio cêrca de 1565. Poetas e prosadores descreveram as bellezas da quinta e do jardim em elegantes versos latinos que em outro logar recordámos. Mui pouco resta d'essas reliquias; mas o rumor das arvores seculares da matta, o murmurio das fontes derruidas ainda recorda as palavras apagadas do portico: «hospicio para consolação e uso dos pobres, sob o signo da cruz».

Joaquim de Vasconcellos.

---

do seculo xv. Até esta data (Julho de 1907) não appareceu o terceiro, mas sómente a parte relativa ao *Grão-Vasco* (Vizeu, 1900), que ao dito volume devia pertencer. A esse estudo sobre o pintor já nos referimos em outra nota. São dignos de toda a attenção os dous volumes, mas não podem substituir a leitura da copiosa monographia (360 pag.) que tanto cuidado e diligencias mereceu ao snr. Abbade de Miragaya no *Portugal antigo e moderno* de Pinho Leal (vol. xii).

[1] E sobre o grande portico se via, como diz Botelho tambem, outra inscripção exterior, como a mencionada supra (allude á obra do côro, de 1513 e ambas celebrando o nome do Bispo Ortiz).

[2] O snr. Aragão (vol. ii, pag. 188) entende que a torre, lado norte da porta principal, é do seculo xiii (sic), salvo a cupula. São absolutamente eguaes, incl. na edade, isto é, posteriores a 1640.

celle qui existe (œuvre de 1640, dûe à l'architecte de Salamanca João Moreno, d'après Aragão [1], dans son ouvrage *Vizeu,* vol. ii, pag. 188) était, à ce qu'il parait, de style gothique manuelino: «*portail somptueux,* très orné de figures et de feuillages, de même qu'une grande fenêtre supérieure, de curieuse invention», selon le témoignage d'un auteur de Vizeu (*Dialogos* de Botelho Pereira, année 1630 apud Pinho Leal [2], *Portugal antigo e moderno,* vol. xii, pag. 1609). Elle devait certainement s'harmoniser avec l'intérieur gothique, construit par l'évêque D. Diogo Ortiz, qui fit mettre son nom sur la voûte du chœur avec la date de facture (1513) et une inscription très en vue, comme s'il se vantait de son bel ouvrage. Et il eut raison, le généreux prélât! L'intérieur à trois nefs, de travail homogène et très bien exécuté, est connu sous la désignation caractéristique: *voûte des nœuds,* parce que les nervures représentent des cordes avec des nœuds. Le peintre de la *Pentecostes* l'a même reproduite dans son tableau de la Sacristie. L'évêque D. Diogo Ortiz de Vilhegas, qui gouverna le diocèse de 1507-1519 voulut associer les noms de ses bienfaiteurs dans l'œuvre de la Cathédrale et pour cela nous voyons sur les clefs des voûtes des trois nefs les devises et emblèmes de D. Affonso v, D. João ii et D. Manuel, alternativement avec celles du prélât. Si ce n'était l'écroulement de la façade manuelina, le 18 Février 1635, l'aspect de la Cathédrale serait des plus beaux, car le cloître de l'Evêque D. Miguel da Silva, beau travail de la Renaissance (1534) ne s'écarte pas beaucoup du style manuelino. On appela ensuite l'architecte de Salamanca pour tracer, après le désastre, deux tours solides, mais lourdes [3]; épaules impénetrables de granit entre lesquelles on a inséré une nouvelle façade de style italo-espagnol, à trois corps, de dessin sobre, avec quelques statues de mesquine sculpture, disposées dans des niches. Dans les salles du Chapitre et autres dépendances du palais on trouve beaucoup de préciosités. À remarquer le bel orgue de l'église, style Louis xvi; le splendide plafond en châtaignier du vestiaire des chanoines (xviime siècle), les magnifiques livres du chœur, enluminés en 1586 et 87 par Escalante, nom inédit; le pélican de bronze du xvime siècle qui sert de pupitre dans le chœur après avoir servi de girouette sur un des clochers. Que le voyageur dispose d'une heure pour analyser les éblouissants ornements d'église et les piéces d'orfèvrerie du trésor, et qu'il ne sorte pas du temple sans examiner longuement le superbe cloître de l'évêque D. Miguel da Silva, où l'on reconnait l'art pur et élevé que l'artiste habile peut imprimer sur le granit, matière ingrate et revêche, seulement en y mettant l'indicible charme des proportions et une ornementation très sobre mais bien étudiée. Ah! si nos architectes modernes savaient voir, et s'ils voulaient étudier leur propre pays!...

Je ne terminerai pas sans recommander au lecteur une visite au palais de Fontello qui se trouve à peine à une demi heure de distance de Vizeu; c'est un lieu de plaisance, résidence d'été des prélâts, et qui se recommande par les beaux tableaux de l'école du Grão-Vasco. C'était une habitation seigneuriale, que le bon goût de prélâts éclairés comme D. Miguel da Silva et D. Gonçalo Pinheiro, a remplie de beaux travaux à la mode italienne, inventés par le premier pendant le premier tiers du xvime siècle, et que le dernier restaura et augmenta vers l'année 1565. Poètes et écrivains ont décrit les beautés du domaine et du jardin en de charmants vers latins que nous rappelons ailleurs. Il ne reste presque rien de ces reliques, mais la rumeur des arbres séculaires de la forêt, le murmure des fontaines éboulées rappèle encore les mots à demi effacés du portique: «hospice pour la consolation et l'usage des pauvres, sous l'invocation de la croix».

Joaquim de Vasconcellos.

---

[1] Maximiano d'Aragão, *Vizeu.* Apontamentos historicos, 1894-95. Il y a deux volumes publiés qui atteignent jusqu'à la moitié du xvme siècle. Jusqu'à cette date (Juillet 1907) le troisième n'a pas paru, mais seulement la partie relative à Grão-Vasco (Vizeu 1900) qui devait appartenir à ce volume. Nous avons déjà parlé de cette étude à propos du peintre. Les deux volumes méritent toute l'attention, mais ils ne peuvent remplacer la lecture de l'abondante monographie (360 pag.), qui a eté faite si soigneusement par Mr. l'abbé de Miragaia dans le *Portugal antigo e moderno* de Pinho Leal (vol. xii).

[2] Sur le portail on voyait aussi, comme le dit Botelho, une autre inscription extérieure, comme celle dont nous avons parlé plus haut (à propos du chœur, de 1513, et toutes deux célébrant le nom de l'Evêque Ortiz).

[3] Mr. Aragão (vol. ii, pag. 188) trouve que la tour, côté nord de la porte principale, est du xiiime siècle (sic), moins la coupole. Elles sont absolument pareilles même comme âge, et postérieures à 1640.

Celorico da Beira



Por vezes, profundamente suggestiva se offerece a linguagem symbolica do armorial. No seu conciso registo iconico, não raro de interpretação versatil e dubia, se condensa uma lenda historica, um feito heroico, um objecto por acaso memoravel, emfim qualquer facto do passado que mereceu da presumpçosa argilla humana a fortuna de affrontar perennemente o futuro. Pratica velhissima e multisecular convertendo-se em crença fetichista foi, entre povos nascentes, o desvanecimento inspirador da sua existencia que servia para avigorar e retemperar a sua fé, com a lição fulgida que encerrava, na hora amarga e desfallecente do abatimento ou do revez. Nos tempos medievos Portugal não fugiu á norma sympathica de longe estatuida por remotos ancestraes, e todas as suas povoações, atravez das vicissitudes a que o destino as chamou, escolheram o acto ou coisa de maior renome das suas chronicas locaes para o tornarem orgulhosa divisa que ufanamente as avultasse ante a posteridade.

Ora um dos mais curiosos brazões de terras lusas é o de Celorico da Beira. Consta d'um escudo em pala tendo á direita um crescente sobre cinco estrellas e á esquerda uma torre destacando no espaço onde vôa uma aguia com um peixe nas garras. Historia e fábula de mãos dadas n'uma affavel harmonia para não destruir o fidalgo e nobilitante depoimento da tradição, que é como segue: No ultimo quartel do seculo XII um numeroso exercito de castelhanos e leonezes arremetteu contra Celorico e poz-lhe cêrco. O alcaide-mór d'então, D. Gonçalo Mendes, filho do conde D. Mendo, foi obrigado a abrigar-se no castello e a resistir com tenacidade e firmeza á investida esmagadora. Governava, porém, o proximo castello de Linhares seu irmão D. Rodrigo Mendes, que, ao saber da intempestiva nova, avançou com a sua hoste em pressuroso e decidido auxilio das peiadas forças fraternas a quem se juntou, com cautela, pelo silencio e pela treva da noite, sob a discreta cumplicidade das estrellas e da lua nova que no ceu frouxamente luziam e velavam. Nos arraiaes inimigos, a excessiva confiança no poder numerico e a insuspeita de qualquer soccorro em favor dos sitiados estabeleceram o desleixo e o repouso descuidoso. Assim, foram colhidos de surpreza e debandaram deixando aos portuguezes, no tumulto e precipitação da fuga, um farto espolio de guerra.

D'este successo resultou o ficarem consignados, nas armas da villa, os astros propicios. Mais tarde, nos meiados do seculo XIII, pretendeu o *bolonhez* que o alcaide-mór de Celorico, D. Fernando Rodrigues Pacheco, lhe prestasse juramento de vassallagem, e o reconhecesse como seu soberano e senhor.

Fiel, porém, ao seu rei, embora deposto e desoladoramente exilado em Toledo, não annuiu o integro e lealdoso castellão aos desejos e intimativas de D. Affonso pelo que este o encurralou n'um inexoravel e irritado assedio, sem comtudo lhe ser possivel transpôr as solidas quadrellas da alcaçova. Por longo espaço de tempo se dilatou a cruel intransigencia dos sitiantes a que correspondia dos de dentro a mais obstinada rebeldia e a mais valorosa resistencia, não obstante a fome surgir sinistramente, á carencia absoluta de recursos, para abater com a tragedia da morte a indomavel energia das vontades heroicas. Ora, conta-se ter sido n'esta conjunctura de desespero e angustia, que uma ave de rapina, fendendo os ares com a serenidade potente e magestatica da sua aza, deixou cahir uma truta suspensa das garras dentro da fortaleza faminta. O alcaide, que além de valente e leal ara astuto, aproveitou a dadiva providencial para presentear a D. Affonso manifestando-lhe, por forma tão eloquente quão persuasiva, o equivoco da sua inadvertida contumacia. Tanto bastou para que o cerco findasse. O ardil colhera e com o seu relevo fabuloso passou á constante lembrança dos vindouros fixando-se tambem no emblema heraldico da referida villa beirã. Os dois acontecimentos resumem uma historia.

Serviu no entanto de ensinamento e de estimulo ao culto da posteridade a recordação de tão alevantadas façanhas d'esses tempos varonis de lendario heroismo? Oh! candida illusão d'uma ingenua fé para sempre extincta!

Basta reparar no esphacelamento e desmazelo a que foi votado o castello de Celorico erguido no cimo da agreste elevação granitica d'onde domina a villa subjacente, amodorrada e quieta, na attitude submissa de varios seculos de intima dependencia.

Celorico da Beira



Le langage symbolique de l'armorial se présente parfois de manière profondément insinuante. Dans ses récits concis et imagés, dont l'interprétation est souvent versatile et douteuse, se condense une légende historique, un fait heroïque, un sujet par hasard remarquable, enfin quelque évènement passé qui a mérité de la vaniteuse humanité, le bonheur de survivre dans l'avenir. L'orgueil inspirateur de son existence, fût, parmi les peuples naissants, un usage ancien et plusieurs fois séculaire, devenu une croyance fétichiste; il servait à raffermir et retremper leur foi, avec la brillante leçon qu'il leur enseignait, aux heures amères et défaillantes du découragement et des revers. Le Portugal, aux époques du moyen âge, ne put se soustraire à la forme sympathique instituée de loin par des ancêtres reculés, et à travers toutes les vicissitudes qui leur échûrent en partage, toutes ses populations choisirent l'acte ou la chose la plus renommée dans leurs chroniques locales, dont elles firent une devise orgueilleuse qui devait glorieusement les grandir dans la postérité.

Or, un des plus curieux blasons de notre pays est celui de Celorico da Beira. Il se compose d'un écusson en pal ayant à droite un croissant sur cinq étoiles et à gauche une tour se détachant dans l'espace, où vole un aigle avec un poisson dans les serres. L'histoire et la fable se réunissent en une aimable harmonie pour ne pas détruire le noble et illustre témoignage de la tradition, qui est celui-ci: Pendant le dernier quartier du XIIme siècle une armée nombreuse de castillans et de léonais assaillît et assiégea Celorico da Beira. Le grand alcade d'alors, D. Gonçalo Mendes, fils du comte D. Mendo, fut obligé à se réfugier dans le château et dût résister avec fermeté et tenacité à l'écrasante attaque. Mais, son frère Rodrigo Mendes gouvernait le château de Linhares, tout proche, et apprenant cette brusque nouvelle, il s'avança avec son armée pour prêter un secours empressé et energique aux troupes gênées de D. Gonçalo, et, avec toute sorte de précautions, dans le silence et l'ombre de la nuit, sous la discrète complicité des étoiles et de la nouvelle lune qui veillaient et luisaient faiblement dans le ciel, les deux armées se réunirent. Dans le camp ennemi on se livrait à un repos insouciant et à la négligence, confiant dans la force numérique et sans se douter que l'on pût prêter le moindre secours aux assiégés. Ainsi, ils furent attaqués par surprise et débandèrent laissant aux portugais, dans le désarroi et la précipitation de leur fuite, un fort butin de guerre.

C'est ce fait qui fit consigner sur les armes de la ville, les astres propices. Plus tard, au milieu du XIIIme siècle, le *bolonhez* voulût que le grand alcade de Celorico, D. Fernando Rodrigo Pacheco, lui fit serment de vasselage et le reconnut comme souverain et seigneur.

Mais, fidèle à son roi, quoique celui-ci fût déchû et désolément exilé à Toledo, D. Fernando, comme loyal et intègre châtelain, ne se soumit point aux désirs et aux sommations de D. Affonso, et celui-ci l'accula dans un siège violent et inexorable, sans réussir toutefois à franchir les solides remparts de la forteresse. Cette cruelle intransigeance des assiégeants, à laquelle s'opposait de la part des assiégés la plus rebelle obstination et la plus vaillante résistance, se prolongea pendant longtemps, malgré la faim qui surgissait sinistrement et le manque absolu de ressources, qui sévissaient à l'intérieur, pour abattre avec la tragédie de la mort l'indomptable énergie de ces volontés héroïques. Or, on dit que ce fut pendant cette crise de désespoir et d'angoisse, qu'un oiseau de proie, fendant les airs avec la majestueuse et puissante sérénité de son vol, laissa tomber dans la forteresse affamée une truite qu'il tenait dans ses serres. L'alcade, qui était non seulement loyal et courageux, mais rusé, profita de ce cadeau providentiel et l'offrit à D. Affonso, lui montrant ainsi d'une manière aussi éloquente que persuasive, l'erreur de son imprévoyant entêtement. Ce fut suffisant pour faire lever le siège. La ruse fut profitable, et son éclat fabuleux passa dans le constant souvenir de la postérité, se fixant aussi comme emblême héraldique de la ville de Celorico. Les deux évènements résument une histoire.

Cependant, cela servit-il d'enseignement et stimula le culte de la postérité en lui rappelant une si noble action d'éclat de cette époque vaillante d'heroïsme légendaire? Oh! quelle naïve illusion d'une foi ingénue et à jamais éteinte!

Il suffit d'observer le délabrement et la négligence auxquels a été voué le château de Celorico élevé

Veneravel vigia, fenecida a generosa aspiração que a alicerçou na firmeza inquebrantavel da rocha, sobre ella pendeu o esquecimento e mais que o esquecimento a injuria dos homens a cujos avós tantas vezes servira de amparo e defeza!

Testemunha singular dos cyclos epicos d'um povo, teve a sorte dos monumentos congeneres soffrendo as descaroaveis e amargas affrontas na decrepitude, quando mais se tornava crédora das homenagens do respeito e das honras de gratidão. Mas, olvidados os seus serviços e o seu prestimo, desconhecida a sua significação e averiguada a sua inutilidade, começou a ser victima de barbaridades sem conta e ella ahi está, a rija armadura de cantaria tisnada, entregue a uma irreprimivel consumpção de ruina. Uma das torres altaneiras, embora desdentada, ainda se mantem com aprumo e sobranceria; a outra foi quasi de todo aluida e faz falta o seu arcaboiço aos olhos evocadores que mais sentem o abandono em que jaz a sobrevivente; os dois cubellos foram já decapitados e as muralhas mostram esboroamentos e mutilações que semelham chagas na estructura envelhecida e veneravel.

Mas não inquietemos com lamurias gemebundas a humilde Celorico, immersa n'uma prostração exangue que parece justificar o titulo pejorativo com que despeitadamente a classificam: *Celorico dos Bebados*.

De modo algum insinuaremos que a calada villa beirã costuma inebriar-se com a agradabilissima essencia que annuviou o espirito do patriarcha Noé, mas que se vangloría, e com razão, d'um dos melhores typos de vinho da sua provincia.

Fornos d'Algodres

Esta bonita povoação, que é um exemplo vivo do quanto vale a iniciativa do proprio esforço bem orientado, assenta na base da chamada Beira trasmontana.

Diminuta, como é de prever, tranquilla e sem tradições de alarde no preterito que a desvariem e allucinem, risonhamente poisa no abatido accidente do formidavel relevo orographico da provincia da Beira Baixa onde começa a irromper essa paisagem sentimental, enlevo e paixão das almas delicadas, que de leste se estende pelo districto de Coimbra até ao mar.

O quadro panoramico, no geral, pelos effeitos de perspectiva, pelo contraste do colorido e pela caprichosa disposição dos valores integrantes é cheio de grandeza e doçura. No horizonte, é certo, ha linhas violentas e duras destacando n'uma côr de burel esfumado sobre a transparencia clara e suave do azul, mas á medida que se circumscreve o raio visual, baixando-o das calvas arestas do engaste da abobada celeste para os planos bizarros e confusos bafejados pelo homem, suavisam-se e amaciam-se os traços, e as tintas modificam-se, variam e enriquecem, não para uma exuberancia garrida e alacremente polychromica, mas para uma coloração fina, carinhosa e repassada de melancholia. A tonalidade velludosa do olivedo cendrado casa-se ao revestimento metallico dos pinhaes e á unida verdura das searas, e, aqui e alli, a restante vegetação d'um relevo tão esbelto e de tão gracioso recorte põe manchas galantemente adoraveis e de imprevisto alcance no arranjo pictural. Onde a onde, n'um dorso d'encosta, n'um esconderijo de cerros ou na molleza d'um valle divisam-se aldeias escuras, logarejos sombrios, com os casaes juntos, aninhados ou debruçados, como que para gosar sómente a paz bucolica e mansa do ambiente, ou para escutar a perenne voz das aguas que passam e dizem serenamente a elegia indefinida e terna das coisas. Uma penetrante poesia circula com a luz e envolve a alma que deleitosa e consoladamente fica presa na contemplação d'esses aspectos paisagisticos, arrancados, sem duvida, ás encantadoras paginas de Theocrito.

sur le sommet d'un âpre rocher granitique, d'où il domine la ville à ses pieds, endormie et tranquille dans l'attitude soumise dûe à bien des siècles d'entière dependance.

Sentinelle vénérable, après la généreuse aspiration qui le fixa sur la dureté inébranlable du roc, l'oubli a plané sur lui, et plus que l'oubli, l'injure des hommes dont les ancêtres avaient si souvent trouvé dans ses murs, une défense et un soutien.

Témoin unique des cycles épiques d'un peuple, il a eu le sort des monuments de son espèce, souffrant les amers et impudents affronts dans sa décrépitude, lorsqu'il aurait dû mérité, davantage les hommages les plus respectueux et les honneurs les plus reconnaissants. Mais, après qu'on eût oublié ses services et ses bienfaits, qu'on eût méconnu sa signification et qu'on se fût convaincu de son inutilité, il commença à être victime d'innombrables barbarités, et le voilà avec sa dure charpente de pierre brûlée, voué à une irréparable consomption de ruine. Une de ses hautes tours quoique édentée, se maintient encore avec aplomb et fierté; l'autre a été presque entièrement démolie et son squelette, qui manque, fait encore ressortir aux regards évocateurs, l'abandon où gît celle qui reste; les deux tourelles ont été décapitées et les murs montrent des mutilations et des trouées semblables à des blessures sur la construction vieillie et vénérable.

Mais n'inquiétons pas avec de lamentables regrets l'humble Celorico, plongée dans son abattement exangue qui semble justifier le surnom méprisant dont on l'a gratifiée avec dépit: *Celorico des Ivrognes.*

C'est à peu près insinuer que la silencieuse petite ville a l'habitude de s'enivrer avec l'agréable boisson qui troubla l'esprit du patriarche Noé, mais qu'elle se flatte à juste titre de posséder un des plus fameux types de vin de sa province.

Fornos d'Algodres

Cette jolie petite ville qui est un exemple vivant de ce que peut valoir l'initiative des propres efforts bien orientés, repose sur la base de ce que l'on nomme la Beira *transmontana.*

Très petite, comme on le pressent, tranquille et sans d'éclatantes traditions du passé qui l'illusionnent ou la fassent divaguer, elle se pose toute riante dans l'accident abattu du formidable relief orographique de la province de Beira Baixa, là où commence à paraître le paysage sentimental, qui fait le charme et la passion des âmes délicates et qui, de l'est, s'etend sur le district de Coimbra jusqu'à l'océan.

Le tableau panoramique, par ses effets de perspective, les contrastes de coloris et la disposition capricieuse des nuances, est plein de grandeur et de suavité. À l'horizon, on voit en effet quelques lignes violentes et dures qui se détachent en des tons de bistre, estompés sur la transparence claire et douce du ciel, mais à mesure que se rétrécit le rayon visuel, descendant des sommets arides qui se profilent sur la voûte celeste, jusqu'aux plans confus et bizarres, tracés par les hommes, les contours s'adoucissent et s'amollissent, les nuances se modifient, varient et s'enrichissent, sans atteindre une exhubérance chatoyante ou franchement polychrome, mais tendant vers une coloration fine, caressante et empreinte de mélancolie. La tonalité veloutée des oliviers cendrés s'allie au feuillage métallique des sapinières et à la verdure unie des moissons; cà et là, les autres végétations d'un relief si svelte et si gracieux, mettent des touches d'un charme adorable et imprévu sur tout le tableau. De loin en loin sur la pente d'une colline dans des recoins du mont ou dans les creux des vallées on aperçoit des villages obscurs, des sites sombres, des fermes proches, nichées ou penchées, comme si elles voulaient simplement jouir de la paix bucolique et sereine de l'ambiant, ou écouter la voix éternelle des eaux qui passent et qui racontent tranquillement l'élégie tendre et indéfinie des choses. Une poésie pénétrante circule avec la lumière et enveloppe l'âme, qui reste délicieusement éprise dans la contemplation de ces aspects du paysage, arrachés indubitablement aux charmantes pages de Théocrite.

Manteigas

É o mais gordurento nome das terras d'este conhecido jardim da Europa á beira-mar plantado. Não offerece mysterios o appellativo, nem as complexas interpretações da etymologia têm cabimento na destrinça elucidativa da sua origem. Todavia não imagine o leitor, que conhece esta villa beirã, com raciocinio leviano e facil que o epitheto provém da porcaria indomavel e hedionda, resultante de pessimos habitos tradicionaes, alheios a preceitos e noções de civilidade e hygiene, e que se agglomera e escorre em farta pestilencia pelos seus arruamentos. Não. Mais tino e prudencia, leitor amigo! A denominação, apezar da abundancia do sordido adubo, promana da vetusta e remota nomeada do queijo e manteiga feitos com o excellente leite do gado lanigero que enxameia pela Serra da Estrella. É difficil dizer a que época remonta esta excelsa fama. Não é recente, porém, o que póde affirmar-se com as mãos estendidas sobre um livro d'Horas, pois já o Padre Antonio Carvalho da Costa, na sua *Chorographia*, o declarava com sisudez e compostura.

A situação topographica de Manteigas, por seu lado, é que é devéras enigmatica e não se acerta satisfatoriamente com o motivo plausivel que determinou os previdentes antepassados do seculo XII a povoarem tal sitio, proprio, a bem dizer exclusivamente, para uma communidade monastica adstricta á observancia das mais austeras e rigidas praticas da virtude, longe e a occultas dos homens e da sua negra impureza, e mais perto e á vista do ceu e da sua gloriosa limpidez.

A villa, com effeito, assenta no fundo d'um covão aberto no flanco da Serra da Estrella, cuja massa phantastica se ergue sombriamente em prumadas sinistras e declives horrendos com reconcavos e bossas até aos pincaros que aggridem e retalham a serena candura do azul. A setecentos metros d'altitude e em tal fossa taciturna, á margem do Zezere que desce das visinhanças dos *Cantaros* e cujo valle estreito é luxurioso, tem o ar de tristonho eremiterio, de recolhida solidão para anachoretas onde apenas se deseja um socego claustral cheio de desprendimento do mundo, e todavia, oh! enganosa illusão das apparencias! Manteigas é laboriosa, dedica-se a uma perseverante actividade fabril que muito a ennobrece e que é a principal fonte da sua riqueza economica. Na verdade, Manteigas não dorme, não deliquesce em arroubos extaticos, não definha em contemplações mysticas de cenobio. Não. Manteigas tem uma população densa que, não obstante a sua commovente e supina fealdade, aggravada com a falta de aceio, trabalha honradamente nos tecidos de lã tendo aproveitado e transformado a tradicional industria caseira n'uma rendosa e florescente industria mechanica.

Assim todas as povoações de Portugal tivessem a energia e a iniciativa para valorisar os recursos naturaes de que dispõem. A indolencia e a rotina juntas ao receio e á desconfiança da geral ignorancia mantêm a maioria do paiz n'um lastimoso desaproveitamento, que é um desperdicio, das suas melhores riquezas revelando tanto atrazo como penuria. As condições especiaes de meio, é claro, que favoreceram e promoveram o desenvolvimento da industria de lanificios, como já havia succedido para a dos lacticinios. E comprehende-se. Manteigas, encravada no macisso orographico da Estrella, nucleo populoso de importancia pela sua extensa vida historica, havia de ser fatalmente um dos centros d'attracção e convergencia destinados a localisal-a. Demais a mais servida pela natureza com importantes agentes de motricidade, facil e muito viavel se lhe tornava applicar-se ao industrialismo que constante e crescentemente se tem empenhado em aperfeiçoar-se.

O factor inicial, isto é o filamento lanigero proveniente dos innumeros rebanhos que se apascentam na ingente serrania, tornou-se insufficiente para alimentar a labuta intensa em que, no presente, se occupa Manteigas; mas paralysal-a ou restringil-a equivaleria a um suicidio e ella foi então, com criterio e tenacidade, buscar longe esse elemento essencial de vida, para o que teve de descer do seu covil montanhoso até á planura alemtejana e talvez até ás visinhas provincias de Hespanha.

A outra industria deriva tambem do rebanho e subordina-se ao regimen pastoril de feição assaz peculiar e caracteristica nas altitudes da Beira Baixa. O principal producto é o famoso *queijo da serra* cuja manufactura se realisa por processos simplistas, primitivos e patriarchaes, que não obstante lhe dão o preparo e o sabor especial, base do seu consagrado renome.

Fabrica-se na primavera quando os rebanhos das ovelhas *bordaleiras* sobem dos ferteis e quentes valles do Douro, Vouga, Mondego e Zezere, das planicies de Idanha ou mesmo d'além do Tejo, onde hibernam, para as vertentes e planaltos da Estrella onde encontram o pasto extincto nas profundidades ribeirinhas. No outomno por occasião do seu regresso, de novo funccionam as queijarias, mas a qualidade é inferior.

Manteigas [1]

C'est le nom le plus gras de tous les pays de ce jardin de l'Europe qu'on nomme Portugal. Il n'a rien de mystérieux et les intreprétations complexes de l'étymologie n'ont rien à démêler dans la découverte de son origine. Cependant, le lecteur, qui connait ce bourg de Beira, ne doit pas supposer, d'après un raisonnement facile et léger, qu'il est dû à une saleté invétérée et horrible, qui resulte de mauvaises habitudes traditionnelles, étrangères à toutes les notions et préceptes de la politesse et de l'hygiène, et qui s'accumule et coûle en abondante pestilence dans ses rues. Non. Que le lecteur soit raisonnable et prudent! Malgré l'abondance de sordide graisse, le nom provient de l'ancienne renommée du fromage et du beurre fabriqués avec l'excellent lait des brebis qui peuplent la montagne d'Estrella. Il est difficile de dire à quelle époque remonte cette réputation. Elle n'est pas récente et on peut en faire serment les mains étendues sur un livre d'Heures, car le Père Antonio Carvalho da Costa l'avait déjà déclaré avec toute sa gravité et sa sagesse dans sa *Chorographie*.

Par contre, ce qui est véritablement énigmatique c'est la situation topographique de Manteigas et on n'atteint pas d'une manière satisfaisante la raison plausible qui a induit les prévoyants ancêtres du XII[me] siècle, à peupler cet endroit, qui serait exclusivement approprié à une communauté monastique astreinte à la pratique des règles les plus austères et rigides de la vertu, éloignée et cachée aux yeux des hommes et de leur vile impureté, plus près du ciel et de sa glorieuse limpidité.

Le bourg est en effet situé au fond d'un creux ouvert sur le flanc de la Montagne d'Estrella dont la masse fantastique s'élève sombrement en escarpes sinistres et en pentes horribles avec des trouées et des bosses, jusqu'aux sommets qui blessent et hachent la placide candeur des cieux. À sept cents mètres d'altitude et dans un sombre fossé, au bord du Zezere qui descend des proximités de Cantaros et dont l'étroite vallée est luxuriante, Manteigas a un air de mélancolique ermitage, de solitude recueillie, pour les anachorètes qui désireraient à peine une placidité claustrale pleine de détachement du monde, et toutefois, par une trompeuse illusion des apparences, la petite ville est laborieuse, et fait preuve d'une persévérante activité qui l'ennoblit et devient la principale source de sa richesse économique. En vérité, Manteigas ne s'endort pas, ne passe pas son temps en rêveries, ne s'anéantit guère en des mystiques contemplations de cénobite. Non. Manteigas a une population, qui, malgré son impressionnante et immense laideur, augmentée par le défaut de propreté, travaille honorablement au tissage de la laine ayant développé et transformé la traditionnelle industrie domestique en une fabrication mécanique productive et florissante.

Il serait à désirer que toutes les villes du Portugal eussent de l'énergie et de l'initiative pour faire valoir les ressources naturelles dont elles disposent. L'indolence et la routine, jointes à la crainte et à la méfiance de l'ignorance générale maintiennent une grande partie du pays dans une lamentable incurie, qui entraîne la perte de ses plus belles richesses et démontre autant de misère que de retard. Il est certain que les conditions spéciales du milieu ont contribué et favorisé le développement de l'industrie des lainages, comme auparavant celle des laitages. Et c'est facile à comprendre. Manteigas enclavée dans le massif orographique de Estrella, noyau populeux et important par sa longue vie historique, devait fatalement devenir un des centres d'attraction et de rayonnement destinés à la localiser. D'autant plus qu'étant douée par la nature, d'importants agents moteurs, il lui était facile de les appliquer aux industries qui se perfectionnent et augmentent chaque jour davantage.

La matière initiale, c'est-à-dire la laine, provenant des nombreux troupeaux que l'on voit paître dans l'agreste montagne, n'est plus suffisante pour la grande fabrication qui actuellement se fait à Manteigas; mais ce serait un suicide de la paralyser ou de la restreindre, et, avec sagesse et ténacité, on a été chercher loin cet élément essentiel de vie, en descendant des autres montagnes jusqu'aux plaines de l'Alemtejo et même jusqu'aux plus proches provinces de l'Espagne.

L'autre industrie provient aussi des troupeaux et est subordonnée au régime pastoral dont les traits sont péculiers et caractèristiques dans les hauteurs de Beira Baixa. La principal production est le fameux *fromage de la montagne* dont la fabrication se fait par des procédés très simples, primitifs

---

1 Manteiga en portugais signifie beurre. (*N. du tr.*).

Os rebanhos organisam-se com ovelhas pertencentes a diversos donos, que as marcam convenientemente, e confiam-se aos *maioraes*. O maioral d'um rebanho escolhe as pastagens e paga ao municipio respectivo, onde estas sitam, o imposto estipulado por cada cabeça, e, feito isto, dirige-se com o gado sujeito á sua superintendencia para a serra, tendo a auxilial-o na tarefa os *zagaes* ou *ajudas* e os celebres cães.

Cada pastor, vestido de briche, calções de pelle d'ovelha, polainas de couro, botas ferradas e chapeu d'aba revirada, mune-se d'uma grossa manta de lã, do surrão, do cajado, da funda e do tarro. Não tem cabana ou tugurio para pernoitar ou para simples refugio. Dorme ao ar livre sob o brilho inconstante dos astros ou n'alguma anfractuosidade das fragas. O seu sustento consiste em pão e toucinho que uma vez por semana lhe fornecem da aldeia mais proxima, e elle guarda nas *copas* ou luras fechadas com pedras, e ainda no leite produzido pelo grupo de cabras que acompanha cada rebanho e se chama o *alavão*. Face trigueira, mordida pelo sol e pelo vento, olhar contemplativo, attento e triste, aspecto reservado, proveniente d'um viver errante, solitario, em ermos d'um silencio augusto, inenarravel, onde a convivencia com o rebanho apenas o obriga a proferir uns sons gutturaes, monosyllabicos, lentos, que se repetem de quebrada em quebrada como se outras vozes mysteriosas o imitassem até se exhaurir a energia repercutora do éco. Supersticioso como todo o homem primitivo, pantheista, regulando a sua existencia, pelo curso dos astros ou pelo voluvel conspecto das coisas, rude e affectivo.

O seu companheiro mais intimo, dedicado e fiel é o cão da serra, que fica álerta emquanto elle repousa, vigiando sempre e com solicitude as ovelhas para que nem homem as furte, nem lobo as devore. É um animal corpulento, bem constituido, focinho curto e que se diz procedente de cruzamento com lobo de quem é inimigo feroz e com quem trava encarniçadas luctas levando-lhe vantagem quando armado da colleira com puas. Junto das meigas e pacificas ovelhas tem um ar paternal, de força protectora, mas consciente e por isso modesta e placida, e que lhe dá n'esse grupo semovente um destaque sympathico...

Não são licitas mais delongas pois que n'outros fasciculos se dirá tudo o que necessario seja revelar da Serra da Estrella, naturalmente das mais conhecidas do paiz, mas ainda não tanto como seria para desejar, mercê da falta de coragem e da misera educação sportiva que entre nós preponderam, apezar de a todos os instantes pretendermos imitar o estrangeiro nos seus costumes e nos seus habitos.

Uma ascensão á maior montanha de Portugal é generosissimamente recompensada ainda quando mais não seja pelo prazer de observar Manteigas do alto do *Fragão do Corvo* sob uma atmosphera purissima, immaculada, e consideral-a atolada na immundicie lobrega, encardida e nauseabunda sem que periguem as pituitarias com as emanações de tal fóco infeccioso, incapaz de lavar-se na agua copiosa e desnevada que o banha.

Manuel Monteiro.

et patriarchaux, mais qui les préparent, et leur donnent une saveur spéciale, origine de leur grande réputation.

On les fabrique au printemps, quand les troupeaux des brebis *bordaleiras* montent des fertiles et chaudes vallées du Douro, du Vouga, du Mondego et du Zezere, des plaines de l'Idanha et même d'au delà du Tage, où elles ont hiverné, vers les versants et les plateaux d'Estrella, où elles trouvent la nourriture, épuisée dans les profondeurs riveraines. À l'automne au moment de leur retour, les fromageries fonctionnent à nouveau, mais la qualité est inférieure.

Les troupeaux sont composés de brebis appartenant à divers propriétaires, qui les marquent convenablement et les confient aux chefs (*maioraes*). Le chef d'un troupeau choisit les paturâges et paie à la municipalité, où ils sont situés, l'impôt désigné pour chaque bête, et ensuite, avec les animaux confiés à sa surveillance, il se dirige vers la montagne, aidé dans sa tâche par les *zagaes* ou *ajudas* et les fameux chiens.

Chaque pâtre vêtu de bure, culotté de peau de mouton, guêtres en cuir, bottes ferrées et chapeau à bords retroussés, est muni d'une grosse couverture de laine, d'un sac, d'une houlette, d'une fronde et d'une terrine. Il n'ont pas de cabane ni d'abri pour passer la nuit ou pour se réfugier, dormant à la belle étoile sous la clarté inconstante des astres ou dans quelque creux du rocher. Leur nourriture se compose de pain et de lard qu'un village plus proche leur fournit une fois par semaine, et qu'ils gardent dans les *copas* ou *luras*, espèces de trous bouchés avec des pierres; ils prennent aussi le lait des chèvres dont le groupe accompagne chaque troupeau et qu'on nomme *alavão*. La figure hâlée, brulée par le soleil et le vent, le regard contemplatif, triste et attentif, l'aspect réservé, dû à la vie errante, solitaire, dans des déserts d'un silence solennel, indescriptible, où la fréquentation avec le troupeau l'oblige à peine à proférer quelques sons gutturaux, monosyllabiques, lents, qui se répercutent de ravin en ravin comme si d'autres voix mystèrieuses les imitaient, jusqu'à ce que s'éteigne l'énergie répercutrice de l'écho, superstitieux comme tout l'homme primitif, panthéiste, réglant son existence selon la course des astres ou l'inconstante vue des choses, rude et affectueux, tel est le pâtre de ces régions.

Son compagnon le plus intime, dévoué et fidèle, est le chien de la montagne qui veille quand il repose, observant toujours avec sollicitude les brebis, pour qu'aucun homme ne les vole, ni aucun loup ne les dévore. C'est un animal robuste bien constitué au museau court et que l'on dit être le produit du croisement avec le loup dont il est l'ennemi féroce et avec lequel il a des luttes acharnées, restant du bon parti, lorsqu'il est armé d'un collier à clous. Près des douces et paisibles brebis il a un air paternel, de force protectrice, mais réfléchie et par celà même, modeste et placide, qui le fait ressortir d'une manière sympathique au milieu de ce groupe mobile.

Il est inutile de nous étendre sur ce sujet car en d'autres articles on lira tout ce qu'il y a à dire à propos de la montagne d'Estrella, naturellement bien connue du pays, mais pas autant qu'il serait à désirer, à cause du peu de courage et de la misérable éducation sportive qui agissent en nous, malgré les constantes prétentions d'imiter les étrangers dans leurs habitudes et leurs mœurs.

Une ascension à la plus haute montagne de Portugal est largement dédommagée, quand ce ne serait que par le plaisir d'observer le bourg de Manteigas, du haut du *Fragão do Corvo*, sous une atmosphère pure et limpide, et penser qu'il demeure enfoncé dans l'immondice sordide, invétérée et nauséabonde, sans que les pituitaires se ressentent nullement des émanations de ce foyer d'infection, qui n'a pas même l'idée de se laver dans l'eau abondante et limpide qui l'entoure et le baigne.

Manuel Monteiro.

Covilhã



Do desvairamento do lustre e gloria antigos ficou-nos, com effeito, na decadencia e na ruina o torvo delirio das grandezas e uma connexa farofia insensata que o temperamento ardente e prolixamente loquaz do peninsular mais aguça e requinta. Desconcertamos-nos e a proposito de tudo nos confrontamos com o estrangeiro menos para nos medirmos pela sua craveira que para lhe concedermos o favor do nosso parallelo. D'este defeito visceral muito se usou nos banaes, pretenciosos e polvilhados tempos das Arcadias e mais se abusou na época do merencoreo, languido e olheirento Romantismo, a ponto de, ainda hoje, se não achar obliterado por nossa desdita. Na verdade é vulgar vêr-se escripto, ou ouvir-se em oratoria balôfa, por exemplo, a respeito das nossas cidades e villas d'á beira d'agua, que umas são rainhas, outras princezas d'estes e d'aquelles rios e não se desce na escala hierarquica pela megalomana empafia que ingurgita o cerebro luso e porque seria um pungente e grosseiro desprimor para uma das nossas povoações alcunhal-a de infanta. Credo! As que não teem esses honorificos epithetos realengos e principescos enfardelam-se, quixotescamente e á má cara, nos pomposos nomes das mais notaveis terras europeias: Aveiro é a Veneza de Portugal, Braga é a Roma nacional e, para encurtarmos razões, a Covilhã é a Manchester portugueza! Que Manchester esta e que Covilhã aquella! Mas assim se diz e escreve e tem de ser. Póde a conhecida cidade ingleza, situada no historico condado de Lancaster á margem do Irwell e communicando immediatamente com Liverpool, não só pela via-ferrea, mas pelos dois canaes, Ship-Canal e Bridge-Water, dispôr d'uma população superior a meio milhão de habitantes, possuir a potente industria algodoeira, a do fabrico das sedas, a da construcção de mechanismos e ser o foco d'onde irradiou a celebre escóla economica, partidaria do Livre-cambio; póde ter magnificas praças e mercados, importantes museus, riquissimas bibliothecas, excellentes estabelecimentos de ensino, grandiosos edificios publicos e todos os requisitos indispensaveis a uma grande cidade moderna; póde concentrar tudo isso e mais que tudo isso, que a Covilhã não tendo, não sendo, não possuindo e não dispondo de nada d'isso, é e será todavia, por irreductivel vontade do jactancioso lusitanosinho, a Manchester portugueza.

Ora esta Manchester portugueza, que devéras faz sorrir, conta pouco mais de 20:000 habitantes e equilibra-se a cavalleiro d'um dos contrafortes da Serra da Estrella, quasi em disposição de amphitheatro, entre o tumido verdejar do fertilissimo valle e a tragica aridez da montanha, que se levanta, immensa, titanica, adusta, como escada maldita erguida por semideuses mythologicos para devassar e conquistar os intangiveis e sagrados dominios do olympico azul. Vista de fóra é, sem duvida, curiosissima na caprichosa confusão das suas linhas e dos seus planos.

A partir do alto para baixo, onde as fabricas formam a maioria da legião da vanguarda, os predios apresentam o aspecto d'uma foliona e ladina debandada, encarrapitados uns, debruçados outros, estes alapados, aquelles arremettentes, certos occultos, por entre taboleiros d'horta, socalcos de quintaes, pincelamentos d'arvoredo que fazem sobresahir o caiaço dos frontispicios espreitando simultaneamente os longes panoramicos por um infinito numero de rectangulos.

Mas depois de observada com attenção, abrangendo-se no conjuncto é interessantissimo o ar de timidez, de agachamento, de respeitosa attitude, que lhe transmitte o fundo pardacento da serrania estirando-se n'um pesado entorpecimento de monstro.

Interiormente, a Covilhã comporta os defeitos da situação e os inherentes ao modo especial de delinear povoações dos nossos avós que as aconchegavam, estreitavam, encurralavam, dentro do reduzido e acanhado cinto defensivo para, ao som alarmante do rebate, os corações mais depressa ficarem unidos palpitando no mesmo rythmo ante o perigo collectivo. De sorte que as ruas são estreitas, sombrias, tortuosas, ladeirentas e a angustia afflictiva e asphyxiante que opprime o forasteiro em taes vallas, com mais celeridade e viveza se desafoga, n'uma aberta ou ruptura dos tapumes citadinos, sobre a planicie impante de vegetação opulenta e feraz.

O mal intrinseco, resultante da irregularidade e accidente do solo e do inexoravel acanhamento constructivo dos tempos idos é, porém, acerbamente requintado com a mais completa carencia de lim-

Covilhã



Dans la décadence et dans la ruine, nous avons en effet conservé, du vertige de la splendeur et des gloires passées, un troublant délire des grandeurs et une hâblerie continuelle et insensée, que le tempérament péninsulaire, ardent et prolixement loquace, aiguise et raffine encore davantage. Nous perdons contenance, et, à tout propos, nous nous comparons aux étrangers, pas autant pour nous mettre à leur niveau que pour leur accorder la grâce de se mettre au nôtre. On a bien démontré ce défaut originel au temps prétentieux, banal et poudré de nos Arcadies, et on en a encore abusé à l'époque du Romantisme mélancolique languissant et contemplatif, à ce point que de nos jours et pour notre malheur, il n'est pas encore tout à fait corrigé. Il est vulgaire, de lire ou d'entendre, en des discours emphatiques et creux, quand il s'agit de nos villes et bourgs du bord de l'eau, que les unes sont reines, les autres princesses de tel ou tel fleuve et on ne déroge pas dans cette lignée hiératique à cause de la vanité mégalomane qui obsède le cerveau indigène et parce que ce serait une grossière impolitesse de donner le surnom d'*infante* à une de nos bourgades. Dieu nous en préserve! Celles qui ne sont pas gratifiées de ces epithètes honorifiques de royautés et de principautés s'affublent ridiculement et de force, de noms pompeux des plus remarquables sites de l'Europe: Aveiro est la Venise du Portugal, Braga est la Rome nationale et pour en finir, Covilhã est la Manchester portugaise! Quelle Manchester et quelle Covilhã! Mais on le dit, on l'écrit et il faut que cela soit! La ville anglaise si connue, située dans l'historique comté de Lancaster sur la rive de l'Irwell, et communiquant immédiatement avec Liverpool, non seulement par le chemin de fer, mais par deux canaux, Ship-Canal et Bridge-Water, peut contenir une population supérieure à un demi million d'habitants; elle peut avoir la puissante industrie des cotons, la fabrication des soies, la construction de machines de toute espèce qui en font le foyer d'où a rayonné la célèbre école économiste, partisan du Libre échange; elle peut avoir des places et des marchés magnifiques, des musées importants, des bibliothèques somptueuses, d'excellents établissements d'instruction, de superbes édifices publics et toutes les conditions indispensables à une grande ville moderne; elle peut enfin concentrer tout cela et plus encore; mais, n'importe! Covilhã qui n'a, qui ne possède, qui ne dispose de rien de celà, est et sera quand même, par l'irréductible volonté de l'orgueil portugais, la Manchester portugaise.

Or, cette Manchester portugaise qui nous fait sourire, compte un peu plus de vingt mille habitants et elle s'équilibre sur un des contreforts de la Montagne d'Estrella, disposée presque en amphithéatre, entre la masse verdoyante de la vallée fertile et la tragique aridité de la montagne, qui s'élève immense, embrasée et gigantesque comme l'échelle maudite, dressée par des demidieux mithologiques pour pénétrer et conquérir les hauteurs intangibles et sacrées de l'azur olympique. Vue du dehors, c'est indubitablement une ville des plus curieuses, à cause de la capricieuse confusion de ses lignes et de ses plans.

À partir du haut vers le bas, où les fabriques forment la légion avancée, les maisons présentent l'aspect d'une débandade folle et joyeuse, les unes perchées, d'autres penchées, celles-ci accroupies, celles-là saillantes, quelques unes cachées parmi les carrés de potagers, les murs des jardins, et les nuances de verdure qui font ressortir la blancheur de chaux des façades, perçant les lointains du paysage d'une infinité de rectangles.

Mais en l'observant attentivement, son ensemble est des plus intéressants avec l'air de timidité, de soumission, d'attitude respectueuse, que lui donne le fond grisâtre de la montagne qui s'étire dans un lourd engourdissement de monstre.

Intérieurement, Covilhã présente des défauts de situation et d'autres, inhérents à la manière spéciale dont nos ancêtres traçaient les localités, en les resserrant, et les accumulant dans l'enceinte défensive la plus réduite, afin qu'à la première alarme, les cœurs fussent plus étroitement unis, palpitant également devant le danger collectif. Donc, les rues sont étroites, sombres, tortueuses, en pente et l'angoisse affligeante et étouffante qui oppresse le voyageur dans ces fossés, se dissipe d'autant plus vivement, quand, par une des ouvertures de ces murs citadins, on se trouve soudainement sur la plaine féconde de végétation riche et fertile.

peza publica e domestica. Sem vigilancia e policiamento urbano, sem respeito pelas mais rudimentares doutrinas hygienicas e sem o mais leve instincto do aceio, a população covilhanense, como a de todos ou quasi todos os povoados das Beiras e Traz-os-Montes, chafurda regaladamente n'uma sordidez pestilencial, a cuja acção deleteria, perniciosa e assoladora, se torna indifferente e incolume, graças talvez a uma dura crosta immunda que a coirace, immunise e insensibilise, ou ao milagre d'uma providencia compadecida e lembrada dos costumes biblicos. Ha um horror physiologico pela agua que na Covilhã, ironia caustica das coisas! tanto abunda resvalando em torrentes claras de cantante e fresco sussurro que brotam do seio maternal da montanha para espalhar movimento, seiva, fartura, vida, emfim!

São estas torrentes prestimosas que nas ribeiras da Carpinteira e da Delgodra ao atravessarem os bairros industriaes clamam, com impeto e fragor, o hossana do trabalho fabril e, lá mais ao fundo, entre as ricas e pujantes alluviões depositadas no valle, a caminho do Zezere, dizem mansamente o hymno amoravel da bucolica labuta rural reavivando a velhissima e sempre nova maravilha das intuitivas lendas mythicas da primeva humanidade...

A todo o instante, pois, o visitante que em épocas assoalhadas de estio se arrisca a percorrer a Covilhã, ergue continuamente os olhos ao céo e do intimo do coração supplíca uma copiosa e diluviana lavagem pluvial para desadubar os leitos dos arruamentos e suspender por algum tempo, o necessario á demora da visita, as exhalações latrinarias que os enchem, emquanto os municipios não descobrirem a verdade e o alcance d'este singelo raciocinio: que a agua utilisada como força motriz, nas fabricas, serve tambem para eliminar toda a immundicie, proveitosa aos cultivos da planura, e sanear e purificar a cidade. De resto, como facilmente se calcula, uma obra de tão inadiavel urgencia e de tamanha importancia para a hygiene publica, attentas a existencia pródiga do elemento fundamental e as condições accidentadas da terra ensejando a rapida deslocação e o perfeito escoamento dos esgôtos, não demandaria exhaustivos e penosos sacrificios ao activo povo covilhanense. D'est'arte, ao passo que melhorava sob o ponto de vista material, a Covilhã deixava de offerecer áquelles que a buscam cheios de esperança, com os olhos fitos na saudavel altitude banhada no ar impolluto e rarefeito, o prenuncio sinistro e agourento da morte, com o repellente espectaculo das ininterruptas montureiras em putrefacção e suas infectas escorrencias.

Seria faltar, porém, ao dever d'uma escrupulosa imparcialidade occultando que novos bairros se levantam subordinados a um criterio mais moderno e decente. Mas não é tudo e, felizmente, não escasseia o ambito para traçar uma agradavel cidade que mais digna seja do que a presente da alcunha de Manchester portugueza.

Assim se appellida erradamente pela sua tradicional e importantissima industria de lanificios. Esta quasi nasceu com a terra e atravez do correr dos seculos os seus destinos teem vindo intimamente ligados e a historia d'uma quasi não se explica sem a historia da outra.

A utilisação dos recursos naturaes levou o homem, na sua lucta com o meio, a manufacturar os pannos de lã, e esta, como é sabido, procede na essencia do regimen pastoril proprio, a bem dizer, da montanha. Claro é, pois, que a manufactura do filamento lanoso devia localisar-se de preferencia nos povoados serranos. Assim se deu entre nós, sendo a Covilhã uma das localidades para onde convergiu o exercicio da simples industria caseira que ahi se foi estabelecendo, mergulhando e enraizando com vigor, a ponto de adquirir uma reputação de mais vulto sobre outros centros manufactores. Com o tempo desinvolveu-se e cresceu, e, com ella, o numero de familias que no recinto recatado e virtuoso dos respectivos lares se entregavam á sua laboração. Recebeu o patrocinio de varios monarchas, mas só veio a tomar um extranho incremento depois de 1681 com o impulso protector do valoroso e memoravel estadista, o conde da Ericeira, reduzindo-se ao minimo a importação das fazendas inglezas que abasteciam o mercado nacional. A esta phase assaz próspera e florescentissima quiz a dura sorte, porém, que succedesse uma outra de calamidade e miseria com o famigerado tratado de Methwen de 1703. Por esta desassisada e absurda negociata, que será a eterna vergonha e o perenne estigma infamante dos signatarios portuguezes, concedeu-se á Inglaterra a livre entrada, no reino, dos seus pannos em troca d'uma ficticia compensação aduaneira com que ella favorecia os nossos vinhos em concurso com os das outras nações. E assim se estrangulou d'um modo ignobil e descaroavel a sympathica industria que, por satisfazer cabalmente ás necessidades da procura interna, havia provocado em 1684 e 1685 o regimen prohibitivo para a estrangeira! O producto britannico invadiu e inundou então o paiz n'uma

Le défaut originaire, provenant de l'irrégularité et des accidents du terrain et de l'irréparable étroitesse des constructions anciennes est encore lamentablement raffiné par le manque absolu de propreté publique et domestique. Il n'existe pas de surveillance ni de police urbaine, aucun respect pour les plus rudimentaires préceptes d'hygiène, pas le moindre instinct de propreté, et la population de Covilhã, ainsi que toutes, ou presque toutes celles des provinces des deux Beiras et de Traz-os-Montes, patauge délicieusement dans une saleté sordide, étant devenue indifférente et invulnérable à toute influence délétère, pernicieuse et dangereuse, peut-être grâce à la croûte immonde qui la couvre, la préserve et la rend insensible, ou alors par le miracle d'une providence charitable rappelant les temps bibliques. Il y a une horreur physiologique pour l'eau qui, par une ironie maline des choses, abonde à Covilhã, et que l'on voit couler en torrents limpides avec un murmure frais et sonore, jaillissant du sein maternel de la montagne pour répandre le mouvement, la sève, l'abondance et la vie!

Ce sont ces torrents utiles, qui, formant les cours de Carpinteira et Delgodra, viennent travesser les quartiers industriels, proclamant avec bruit et impétuosité, l'hosanna du travail des fabriques, et qui, tout au fond, parmi les riches et fécondes terres déposées dans la vallée, vers le fleuve du Zezere, entonnent doucement l'hymne amoureux du bucolique labeur rural, faisant revivre la vieille mais toujours nouvelle merveille des naïves légendes mythiques de l'humanité primitive.

Le visiteur qui pendant la saison ensoleillée d'été se hasarde à parcourir Covilhã, élève donc à tout moment les yeux au ciel et du fond du cœur il prie pour qu'un copieux lavage pluvial vienne enlever le fumier des rues et suspendre, au moins pendant la durée de sa visite, les exhalaisons putrides qui les remplissent, puisque les municipalités n'ont pas encore découvert la vérité et la portée de ce simple raisonnement; que l'eau employée comme force motrice dans les fabriques, sert aussi pour éliminer toute l'immondice, et qu'étant profitable à la culture des plaines elle peut aussi assainir et purifier la ville. Du reste, comme on le conçoit facilement, des travaux si urgents et si importants pour l'hygiène publique, grâce à la prodigue abondance de l'élément principal et aux conditions accidentées du terrain, qui permettent un rapide et parfait écoulement des égoûts, n'exigeraient pas, de l'active population de la ville, de lourds ni de pénibles sacrifices. De cette manière non seulement elle s'améliorerait au point de vue matériel, mais elle n'offrirait plus, à ceux qui la visitent pleins d'espoir, et attirés par la saine altitude baignée d'air pur et raréfié, le pronostic sinistre et de mauvais augure de la mort, sous l'aspect repoussant de tas de fumier qui se succèdent, en putréfaction et avec des écoulements infects.

Mais nous manquerions à un devoir de scrupuleuse impartialité en omettant de dire que les nouveaux quartiers sont tracés d'après un criterium plus moderne et convenable. Toutefois ce n'est pas assez et heureusement l'espace n'est pas insuffisant pour en faire une ville agréable et qui soit plus digne du surnom de Manchester portugaise.

On l'appelle ainsi à tort, à cause de son importante et traditionnelle industrie des lainages. Celle-ci est, à vrai dire, née avec la ville, et, à travers les siècles, leurs destinées sont devenues intimement liées et l'histoire de l'une ne s'explique pas sans celle de l'autre.

L'emploi des ressources naturelles a conduit l'homme dans sa lutte avec le milieu, à fabriquer les tissus de laine, et cette matière est, comme on le sait, une provenance du régime pastoral, inhérent pour ainsi dire à la montagne. Il est donc évident que la manufacture de la laine doit se localiser de préférence dans les localités de la montagne. C'est ce qui est arrivé chez nous et la Covilhã est un des endroits où a convergé cette industrie domestique, qui s'y est établie, et enracinée vigoureusement au point d'atteindre une réputation plus importante que celle des autres centres manufacturiers. Avec le temps elle s'est accrue et augmentée, de même que le nombre de familles, qui dans l'enceinte tranquille et retirée de leurs foyers, se livrent à cette industrie. Elle reçut la protection de quelques monarques, mais son plus grand développement s'est manifesté après 1681, sous l'impulsion protectrice du vaillant, et remarquable homme d'État le comte de Ericeira, qui fit réduire au minimum l'importation d'étoffes anglaises qui fournissaient le marché national. Après cette phase assez prospère et si florescente, le cruel destin fit suivre une autre de calamité et de misère, avec le fameux traité de Methwen en 1703. Dans cette affaire aussi déraisonnable qu'absurde, qui sera pour les portugais, qui l'ont signée, une eternelle honte et un perpétuel stigmate d'infamie, on accordait à l'Angleterre la libre entrée de ses draps dans le royaume en échange d'un dédommagement factice des droits de douane dont elle favorisait nos vins là-bas, au détriment de ceux des autres pays. Ce fut ainsi qu'on étouffa d'une manière ignoble et

concorrencia sob todos os aspectos esmagadora, e a boa, a modesta, a patriotica manufactura nacional começou a repudiar-se, a ficar esquecida, a cahir em desuso, obrigando ao definhamento e quasi paralysação dos estimaveis e conceituados centros de trabalho. Á actividade, fartura e abastança dos lares seguiu-se um periodo funesto de estagnação, amofinamento e penuria pesando sobre a Covilhã a dolorosa amargura da espectativa d'uma catastrophe sem nome. Meio seculo se passou n'uma lucta desesperada e cruenta até á apparição de Pombal, que acudiu, com energia e presteza, á moribunda industria e a fez reviver e revigorar fundando uma fabrica-modêlo para aprendizagem e instrucção profissional, dirigida por technicos estrangeiros de reconhecida proficiencia, e providenciando sobre todas as condições economicas de favor e amparo tendentes a assegurar-lhe o futuro e a fortuna. Em boa hora se deu a interferencia salvadora de Pombal. Desde então até hoje a velha industria de fiação e tecidos não deixou de progredir e aperfeiçoar-se transpondo os velhos moldes e submetter-se ás exigencias complexas do moderno industrialismo de fórma a rivalisar com o estrangeiro. Occupa no presente umas setenta e poucas fabricas, algumas das quaes ostentam uma montagem mechanica verdadeiramente completa que nada deixa a desejar, e em todas ellas se empregam quasi onze mil operarios, ou seja mais de metade da população citadina.

Lastimoso é que esta não tenha, como convinha, uma escóla, um instituto, um estabelecimento d'ensino bem organisado, onde se intruisse e adquirisse o indispensavel cabedal scientifico, logo completado em cada fabrica pela sua applicação pratica. Ha uma escóla industrial que como quasi todas as outras do paiz é deficientissima e portanto inutil, mero espantalho de basbaques e casulo para anichamentos orçamentaes. É uma mystificação e decoroso seria liquidal-a, como ás outras, se não ha de funccionar d'harmonia com o louvabilissimo intuito para que foi creada. Aos industriaes covilhanenses que, inquestionavelmente, representam uma força compete lembrar ao Estado o exemplo de Pombal e exigir-lhe a remodelação da referida escóla com o pessoal, dotações e programma reclamados em tal meio fabril, pois n'isso vae não só o seu interesse, mas tambem o da sua terra.

De resto, não ligando importancia de maior a umas antigualhas artisticas de caracter religioso e civil, nada mais ha a referir da Covilhã, a não ser que ella constitue uma paragem forçada para as infelizes victimas da tuberculose que demandam o sanatorio, sito á distancia de seis a oito kilometros e a 1:530 metros acima do nivel do mar.

Triste romagem da fatalidade implacavel. Que a sorte propicia te cubra, leitor amigo, e te poupe a essa jornada inditosa que mais prolonga a illusão da vida ficticia e portanto esteril e frustre, como o bronco desnudamento da serrania onde poisa o lugubre santuario. Que os fados bons te preservem da amarga desolação da montanha taciturna e dormente, alçada sobre o riso e a fragrancia exuberante do valle, aliás por ella magnanimamente enriquecido de possança cultural onde se gesta e fecunda um farto, denso e esplendido revestimento de vegetação, cheia de polychromia e brilho, que se espraia e dilata para além do Fundão e Castello Branco até aos campos de Idanha a Nova.

Antes o destino benevolo desvie os teus passos da descarnada ossatura da rocha alpestre, que se erriça hostilmente por lombadas e dorsos descrevendo no espaço os mais enigmaticos signaes, e os conduza amavelmente, leitor amigo, para a surprehendente *Cova da Beira*, onde a vida é sã, forte e excellente e se passa contente e cantando, quer se lavre a terra e ceife o pão, quer se plante a vinha e colha a uva, quer se apascente o gado ou guie um lento carro de bois!

Sabugal

Minuscula villa do districto da Guarda contando muitas recordações historicas, pois diversas vezes foi escolhida como ponto de reunião e entrevista pelos antigos reis de Portugal e Leão e Castella para ajustes e pactos.

Segundo os velhos textos affirmam, pertenceu outr'ora ao reino aragonez e passou depois para a corôa portugueza como dote de D. Isabel, a santa rainha e doce esposa de D. Diniz.

Como povoação quasi raiana, mereceu d'este zeloso e providente monarcha as honras e a dadiva d'um valente castello para a guardar contra as provaveis sortidas que rapidamente se poderiam fazer

impudente, l'industrie sympathique, qui, étant suffisante aux besoins du pays, avait donné lieu en 1684 et 1685 au régime défensif des productions étrangères! Les produits britanniques envahirent et inondérent le Portugal avec une concurrence écrasante sous tous les rapports, et la manufacture nationale, si bonne, si modeste, commença à baisser, à être oubliée et démodée, entrainant le dépérissement, voire même la paralysation des centres de travail estimables et réputés. L'activité, l'aisance et l'abondance des foyers fut suivie d'une période funeste de stagnation, de découragement et de pauvreté, et, sur la ville de Covilhã s'abattit la douloureuse amertume de l'attente d'une catastrophe inouie. Un demi siècle s'écoula sous une lutte désespérante et cruelle jusqu'à l'avènement du marquis de Pombal, qui secourut, prestement et énergiquement, l'industrie mourante, la fit revivre et se réconforter, en établissant une fabrique-modèle, pour l'aprentissage et l'instruction professionnelle, dirigée par des chefs d'atelier étrangers, d'une capacité avérée, et s'occupa avec sollicitude de toutes les conditions économiques qui pourraient la soutenir, la favoriser et lui assurer l'avenir et la fortune. L'intervention salutaire de Pombal survint à temps. Dès cette époque jusqu'à nos jours la vieille industrie de filature et tissage augmenta et se perfectionna constamment, délaissant les anciennes formules, pour se soumettre aux exigences complexes de l'industrie moderne, de manière à pouvoir rivaliser avec l'étranger. Actuellement il existe à peu près soixante dix usines qui ne laissent rien à désirer, et l'on y emploie presque onze mille ouvriers, c'est-à-dire plus que la moitié de la population de la ville.

C'est dommage qu'on n'ait pas établi comme il convenait, une école, un institut, un établissement d'enseignement bien organisé où les habitants de l'endroit puissent s'instruire et acquérir les connaissances scientifiques indispensables, qui seraient aussitôt completées par l'application pratique dans les ateliers. Il y a une école professionnelle, qui, comme presque toutes celles du pays, est insuffisante, et, pour cela inutile, servant à peine d'épouvantail aux badauds et à nicher quelques employés du gouvernement. C'est une mystification et il serait plus décent de s'en débarrasser comme des autres si elle ne peut fonctionner d'accord avec la louable intention avec laquelle on l'a établie. Les industriels de Covilhã qui représentent indubitablement une force, doivent rappeler à l'Etat l'exemple du marquis de Pombal, et exiger la remodélation de cette école avec le personnel, la subvention et le programme que réclament ce milieu industriel, car non seulement il y va de leur interêt, mais aussi de celui de la ville.

Quant au reste, en considérant comme de moindre importance quelques vieilleries artistiques de caractère religieux et civil, il n'y a plus rien à dire de Covilhã, si ce n'est qu'elle est un point d'arrêt forcé pour les malheureuses victimes de la tuberculose qui se dirigent vers le sanatorium, situé à six ou huit kilomètres de distance et à 1:530 mètres au dessus du niveau de la mer.

Triste pélerinage de l'implacable fatalité. Que le destin propice te suive, ami lecteur, et t'épargne ce pénible voyage qui ne fait que prolonger l'illusion d'une vie factice et partant stérile et aride, comme l'âpre dénûment de la montagne où siège le lugubre édifice. Que le sort te préserve de l'amère désolation du mont taciturne et endormi, dressé sur la vallée exubérante et riante, que d'ailleurs il enrichit magnanimement de superbes cultures, où se féconde et se nourrit une masse splendide de végétation polychrome et brillante, qui s'étend et s'épanche plus loin que le Fundão et Castello Branco jusqu'aux plaines de Idanha a Nova.

Que la destinée bienfaisante écarte tes pas, de la charpente décharnée du rocher sauvage, qui se hérisse hostilement sur ses flancs décrivant dans l'espace les plus enigmatiques figures, et te conduise aimablement vers la surprenante *Cova da Beira* où la vie est saine, forte et excellente, où l'on passe en chantant, joyeusement, soit qu'on laboure la terre et qu'on moissonne le blé, soit qu'on plante la vigne et qu'on cueille le raisin, qu'on mène paître les troupeaux ou qu'on conduise lentement le char à bœufs!

Sabugal

C'est une ville minuscule du district de Guarda, qui contient beaucoup de souvenirs historiques, car maintes fois elle à été choisie comme point de réunion et d'entrevues, par les anciens rois de Portugal, de Léon et de Castille, pour des traités et des pactes.

de terras d'Hespanha. Pertence ao numero das destemidas atalaias fronteiriças que se destinavam não só a proteger o povoado acolhido á sua sombra, mas tambem a terra commum, a terra patria, para cuja consolidação e integridade todos haviam contribuido com o mesmo esforço desinteressado, suscitando a communhão affectiva no ideal que fundamenta a vida d'um povo, e que não podia ficar aberta e exposta á plena mercê do desejo audaz e rapace de qualquer invasor.

Ao alto d'um pequenino outeiro e envolvida n'uma patine de ferrugem a que a hera molle e verde-negra põe aqui e alli effeitos decorativos de scenario, a graciosa fortaleza medieva proporciona o encanto d'uma linda vinheta. As rijas muralhas incompletas, os firmes cubellos amputados reforçando ainda o circuito no ultimo amparo, e, em avanço, a torre de menagem, esbelta e senhoril, com o recorte das suas ameias, os seus ardilosos *machicoulis,* o exotismo das suas cinco faces, como se diz na trova:

Castello de cinco quinas
Não o ha em Portugal
Senão junto ao rio Côa
Na villa do Sabugal

seduzem, na verdade, o olhar contemplativo d'um artista que para logo idealisa, á luz crúa do sol ou á claridade sonhadora do luar, relumbrantes phantasias de epopeia e lenda. Vasio, abandonado, no silencio da ruina tem um ar de melancolica grandeza, como um tumulo de heroes, o bonito castello roqueiro, d'uma robusta estructura e d'uma sagaz e previdente disposição dos seus elementos integrantes. É uma das mais bellas construcções guerreiras da Idade Media que ainda sobrevivem no paiz, mas, como as outras, desprezivelmente votada ao olvido sem outra caricia de gratidão que não seja a das hervas parasitas encabellando ou toucando a silharia e o affago das azas da ave que n'ella vae construir o seu ninho. Não obstante a sua consistencia architectonica, o castello de Sabugal tem já descalabros na cantaria que irá ruindo pouco e pouco, no seu desconhecido retiro, sem ter a voz dolente d'um jeremias a cantar as lamentações ás aguas do Côa que no sopé do comoro, onde se levanta, derivam suavemente, sem um arrepio, quasi sem um murmurio, espelhando tudo o que veem, na sua crystallinidade, como enamoradas e presas da natureza envolvente.

Portas de Rodam

Assim se diz uma passagem estreita, esgalgada, violenta, que o Tejo tem junto de Villa Velha de Rodam, no seu obliquamento de nordeste a sudoeste. É celebrada pelo conspecto impressionante e sinistro da agua comprimida e profunda entre as margens escarpadas, terriveis, quasi unindo, no desnudamento selvagem da rocha escabrosa por onde espirram aqui e além rachiticos tufos d'hervagem bravia.

Na verdade, um extase horrivel empolga a fragil argilla humana quando faz a travessia da majestosa garganta entre a corrente fugaz e doidejante, desarestisando e polindo a bruta penedia, e a impassibilidade bondosa do céo de que se descortina apenas uma nesga por sobre as vertentes abruptamente alcantiladas.

Manuel Monteiro.

D'après les vieux textes, on assure qu'elle appartint autrefois au royaume d'Aragon et passa ensuite à la couronne de Portugal comme dot de D. Izabel, la reine sainte, la douce épouse de D. Diniz.

Etant une localité proche de la frontière, elle mérita de ce monarque prévoyant et zélé l'honneur et le don d'un château pour la défendre contre les attaques probables qui pourraient soudainement arriver d'Espagne. Elle appartient au nombre des vaillantes sentinelles de nos frontières qui non seulement étaient destinées à protéger les localités situées sous leur ombre, mais aussi la terre commune, la mère patrie, pour l'intégrité et la consolidation de laquelle tout le monde avait contribué avec la même effort désintéressé, faisant naître la même tendre communion vers l'idéal qui raffermit la vie d'un peuple, qui ne pouvait rester exposé aux désirs hardis et rapaces des envahisseurs.

Au sommet d'une petite colline et recouverte d'une patine de rouille que le lierre noirci et mou, décore cà et là, la gracieuse forteresse du moyen âge présente le charme d'une délicieuse vignette. Les fortes murailles délabrées, les solides tourelles amputées, consolidant encore l'enceinte du dernier rempart, et, plus en avant, la tour d'honneur svelte et hautaine avec le découpage de ses créneaux, ses rusés machicoulis, l'exotisme de ses cinq faces, comme on le dit dans les vers suivants:

Castello de cinco quinas
Não o ha em Portugal
Senão junto ao rio Côa
Na villa do Sabugal

tout cela en vérité séduit le regard contemplatif d'un artiste qui idéalise aussitôt, à la lumière flamboyante du soleil ou à la clarté rêveuse de la lune, d'éblouissantes fantaisies d'épopée et de légende. Solitaire, abandonné, dans le silence des ruines le joli château sur le roc, solidement construit et dont les éléments principaux présentent une prévoyante et sage disposition, a un air de grandeur mélancolique, comme un tombeau de héros. C'est une des plus belles édifications guerrières du Moyen Age qui survivent encore dans le pays, mais comme toutes les autres, elle est vouée avec mépris, à l'oubli, sans d'autre caresse de reconnaisance que celle des plantes parasites qui s'enchevêtrent et couronnent ses pierres, et la douceur des ailes d'oiseaux qui vont y construire leurs nids. Malgré la résistance de son architecture, le château de Sabugal à déjà ses flancs assez endommagés et peu à peu il s'effondrera, dans sa solitude ignorée, sans qu'aucun prophète vienne chanter ses lamentations aux eaux du Côa, qui au pied du coteau où il se dresse, coulent doucement, sans un frisson, presque sans un murmure, réfléchissant tout le paysage de ses bords dans leur limpidité, comme si la nature enveloppante les attirait amoureusement.

Portas de Rodam

On nomme ainsi un étroit passage, étranglé et violent du Tage, près de Villa Velha de Rodam, lorsqu'il s'oblique du nord-est au sud-ouest. Sa réputation est dûe à l'aspect sinistre et émouvant des eaux profondes et resserrées entre les rives escarpées, terribles, qui se rejoignent presque, avec le denûment sauvage du rocher scabreux, d'où jaillissent cà et là de maigres touffes d'herbes sauvages.

En effet, une extase horrible empoigne la fragile humanité, lorsqu'il faut traverser la majestueuse gorge, entre le courant furieux et rapide, qui unit et polit le rocher vif, et la tranquille impassibilité du ciel dont on aperçoit à peine une bande au dessus des deux versants du roc si abruptement escarpés.

Manuel Monteiro.

Beja



Beja, interessante cidade alemtejana, tem historia muito antiga; é a *Pax Julia* de Julio Cesar que foi assim denominada para commemorar a pacificação da Lusitania. Em 48, antes da era christã, os lusitanos, depois de longos annos de aspera resistencia á influencia romana, estavam domados; os gloriosos chefes tinham morrido nos desesperados combates, ou sido assassinados por traidores vendidos a Roma, como succedeu a Viriato. Julio Cesar celebrou pazes, concedeu regalias e direitos, tratou de se tornar amigo dos povos conquistados, e fazer esquecer as crueis carnificinas dos primeiros annos da conquista: deu nomes a algumas das povoações principaes: *Pax Julia, Pax Augusta, Felicitas Julia, Liberalitas Julia,* etc. Evora e Lisboa tinham nomes antigos que prevaleceram. Não sabemos que nomes antigos teriam Beja e Badajoz; parece que estes nomes derivam das designações latinas.

Nas differentes phases do governo imperial Beja teve sempre logar eminente; gozou do direito italico; foi séde de um *convento juridico,* tribunal superior de justiça; na organisação feita por Augusto (24 antes de J. C.) e na de Tito (anno 75) Beja figura como uma das cidades principaes da Lusitania. Em Beja e seus arredores apparecem muitos vestigios romanos. No museu municipal de Beja, e no Museu Cenaculo annexo á Bibliotheca Publica d'Evora, exhibem-se lapides com letreiros sepulcraes, fragmentos d'esculpturas, etc., do tempo dos romanos, descobertos na região bejense.

Trechos da corôa da muralha romana subsistem hoje; uma porta da mesma epoca está de pé, escondida nuns quintaes; outra conheci ainda erguida e aprumada, a chamada porta de Mertola, derribada haverá trinta annos por causa do transito; pretexto que tem servido em Beja, Evora, etc., para justificar ferozes vandalismos.

Na queda do imperio romano desaba na peninsula hispanica a chusma dos barbaros septentrionaes; os suevos não poderam sustentar-se ao sul do Tejo, fixaram-se ao norte d'este rio; e os godos muito lentamente occuparam esta região. Houve aqui, pelo que se vê, grande e demorada resistencia á invasão germanica, porque? É este um ponto interessante, bastante obscuro da historia d'esta região. Porque se retrahiram os suevos, e tanto tempo levaram os godos a chegar a Beja? Por causa dos imperiaes de Byzancio que conseguiram manter-se aqui, noutras regiões do sul da peninsula hispanica e em parte da Africa septentrional organisados, fortes, e fieis ao imperio do Oriente. Todavia em costumes, na arte decorativa, nenhum vestigio de tal influencia. Esta cidade, convento juridico dos romanos, foi séde episcopal dos gódos.

Dá-se a invasão arabe; desembarcam no extremo sul da peninsula, e logo um dos grandes exercitos dos invasores marcha sobre Beja. Porque tanta pressa em tomar esta cidade? A meu vêr ainda neste ponto houve influencia byzantina, e rancôr ao dominio godo; o celebre conde Julião, de Ceuta, era um imperial e em Beja haveria ainda tradição imperialista.

E ainda outra phase interessante: parece que Beja tomou logo entre os mouros especial importancia, e que os gódos das Asturias a não esqueciam tambem. Em 715 foi tomada pelos mouros. Em 750 os asturianos a conquistam, mas os arabes não se demoram a retomal-a.

Em 753 Frulea I, rei de Oviedo, occupa a cidade, que fica na posse dos christãos até 760 em que foi tomada por Abd-el-Raman, e fica arabe durante seculo e meio. Mas Ordonho II, nos primeiros annos do seculo X, em 910 ou 914, entra a disputada cidade, que fica livre de mouros até 985, anno em que o celebre Al-Mansor, o poderoso califa de Cordova, a tomou aos christãos.

Em 1037, Fernando o Magno, de Leão, a possuiu por pouco tempo. Em 1155 é tomada por D. Affonso Henriques, que a perde pouco depois. Em 1162 cae de vez em poder dos portuguezes. Mas os arabes não se resignam, tentam apossar-se d'ella a todo o transe; em 1179 reunem forças numerosas e cercam a disputada cidadela; o infante D. Sancho, depois Sancho I, correu em auxilio de Beja, e segundo se conta, a briga entre christãos e arabes nos arrabaldes da cidade, nos declives d'aquelle monte isolado, foi tremenda. Dos sitiantes ficaram poucos prisioneiros; os mais foram mortos; foi de muito sangue esse dia de 18 d'abril de 1179.

Outro ponto. Dominaram aqui os de Roma tantos seculos e nenhum nome lusitano se salienta. Nem um general, um sabio, um poeta ou dramaturgo, um grammatico. Apenas se menciona um Corne-

Beja



Beja, l'intéressante ville de l'Alemtejo, a une histoire des plus anciennes; c'est la *Pax Julia* de Jules César, qui fut ainsi nommée pour célébrer la pacification de la Lusitanie. L'an 48, avant l'ère chrétienne, les lusitains, après de longues années d'âpre résistance à l'influence romaine, étaient enfin dominés; les chefs glorieux avaient succombé dans des combats acharnés, ou assassinés par des traîtres vendus à Rome, comme il arriva à Viriato. Jules César célébra la paix, accorda des droits et des grâces, tâcha de devenir l'ami des peuples conquis et de faire oublier les cruels massacres des premières années de conquête: il donna des noms à quelques localités principales: *Pax Julia, Pax Augusta, Felicitas Julia, Liberalitas Julia,* etc. Evora et Lisbonne avaient des noms anciens qui ont prévalu. Nous ne savons pas quels étaient les anciens noms de Beja et Badajoz; il nous semble qu'ils dérivent des désignations latines.

Pendant les différentes phases du gouvernement impérial, Beja occupa toujours une place supérieure; elle eut la jouissance du droit italique; elle fut le siège d'un *couvent juridique,* tribunal suprême de justice ou cour d'appel; lors de l'organisation faite par Auguste (24 ans avant J. C.) et celle de Titus, (an 75) Beja figure comme une des principales villes de la Lusitanie. On trouve à Beja et dans ses environs beaucoup de vestiges romains. Dans le musée municipal de Beja et au Musée Cenaculo annexé à la Bibliothèque publique d'Evora, on voit des plaques avec des inscriptions sépulcrales, des fragments de sculptures, etc., du temps des romains, et qui ont été découverts dans la région de Beja.

Il existe encore aujourd'hui des restes du couronnement de la muraille romaine; une porte de la même époque est encore debout, cachée dans des jardins; j'en ai vu une autre bien droite, que l'on nomme la porte de Mertola, et qui a été démolie, il y a à peu près une trentaine d'années, à cause de la circulation; c'est un prétexte qui a servi dans plusieurs de nos villes anciennes pour justifier des actes de vandalisme féroce.

Avec la chute de l'empire romain, la ruée des barbares septentrionaux s'abattit sur la péninsule hispanique, les suèves ne purent pas se maintenir au sud du Tage, et se fixèrent au nord de ce fleuve, et les goths occupèrent très lentement cette région. D'après ce que l'on voit, il y eut là une longue et forte résistance contre l'invasion germanique. Pourquoi? C'est un des points intéressants, et encore obscurs de l'histoire de cette contrée. Pour quelle raison les suèves se sont-ils retenus, et les goths prirent-ils tant de temps pour arriver à Beja? À cause des impériaux de Bysance, qui réussirent à se maintenir là, ainsi que dans d'autres régions du midi de la péninsule hispanique et dans une partie de l'Afrique septentrionale, où ils se fixaient, bien organisés, forts et fidèles à l'empire d'Orient. Toutefois, dans les mœurs, dans l'art décoratif, on n'aperçoit aucun vestige de cette influence. Cette ville, couvent juridique des romains, fut le siège épiscopal des goths.

Ensuite survint l'invasion des arabes qui débarquèrent à l'extrémité sud de la péninsule et aussitôt une des grandes armées des envahisseurs se dirigea sur Beja. Pourquoi avaient-ils autant d'empressement à s'emparer de cette ville? Selon mon avis, il y avait sur ce point-là une influence bysantine, et une rancune contre la domination arabe; le célèbre comte Julien, de Ceuta, était un impérial, et à Beja la tradition impérialiste devait exister encore.

Une autre phase intéressante: il parait que Beja avait acquis aussitôt chez les maures une importance spéciale et que les goths des Asturies ne l'oubliaient pas non plus. En 715 elle fut prise aux maures, en 750 les asturiens la conquérirent, mais les arabes ne tardèrent pas à s'en emparer de nouveau.

En 753 Frulea I, roi d'Oviedo, occupa la ville, qui resta aux mains des chrétiens jusqu'à 760, où elle fut prise par Abd-el-Raman, restant ainsi arabe pendant un siècle et demi. Mais Ordonho II, aux premières années du xme siècle, en 910 ou 914, entra dans la ville si disputée, qui, jusqu'à 985, fut débarrassée des maures; ce fut dans cette même année que le célèbre Al-Mansor, puissant calife de Cordoue, la prit aux chrétiens.

En 1037, Ferdinand, le Magne, de Léon, la posséda pendant quelque temps. En 1155 elle fut prise par D. Affonso Henriques, qui la perdit peu de temps après. En 1162 elle tomba de nouveau au pouvoir des portugais. Mais les arabes ne se résignèrent point et voulurent s'en emparer absolument; en 1179 ils réunirent de nombreuses armées et assiégèrent la citadelle si disputée; l'infant D. Sancho,

lio Boccho, um quasi obscuro de que resta minguado fragmento. Do sul da peninsula sahem imperadores, escriptores, pensadores, dos primeiros de Roma. Este paiz do occidente foi pobre, esquecido; mas intensamente romanisado com certeza; pois encontramos o territorio cheio de vestigios de povoados, de estradas, de villas ruraes com seus mosaicos, de cidades de fortes muralhas torreadas, de fragmentos de obras d'arte consideraveis. Chegam os arabes; aqui em Beja passam vida agitada; e todavia a cidade brilha na arte, na industria e nas letras; Beja apresenta uma serie de escriptores arabes de alta nomeada.

Al-Makkari refere-se a Beja dizendo: «É a capital de um dilatado territorio que durante a dynastia dos Beni-Abbad formou parte do reino de Sevilha. É famosa pelas suas alcaçarias e manufacturas de algodão. No seu termo ha minas, até de prata.»

Não desejo encher linhas mencionando os nomes arabes de escriptores. Floresceu ahi uma escola de sciencias e letras. Na maioria esses escriptores foram theologos e jurisconsultos: um foi historiador, outro orador e poeta, e ainda um grammatico. Viveram nos sec. IX a XII.

Camões, nos *Lusiadas,* allude a estes acontecimentos historicos. D. Affonso Henriques, depois de ter assegurado a posse da margem direita do Tejo pela tomada de Santarem e Lisboa, começa a guerra de conquista no Alemtejo.

Já na cidade de Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida,
Affonso que nam sabe sossegar
Por estender co'a fama a curta vida;
Nam se lhe pode muito sostentar
A cidade; mas sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

Canto III, est. 64.

Os mouros cercam Beja; o exercito português, commandado pelo infante D. Sancho, faz uma entrada rapida no dominio agareno, até Sevilha, com o fim de impedir que enviem reforços aos sitiantes; o que se conseguiu ficando estes isolados, depois derrotados.

E com esta victoria cobiçoso
Já nam descança o moço até que veja
Outro estrago como este, temeroso
No barbaro que tem cercado Beja;
Nam tarda muito o principe ditoso,
Sem ver o fim d'aquillo que deseja,
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas põem sua esperança.

Canto III, est. 76.

Beja é celebrada no *Côro das musas,* de F. N. da Silveira:

É Beja por antiga conhecida
Pax Julia por Cesar nomeada
Nobilissima colonia ennobrecida
Por titulo ducal e sé gabada
A santa lei de Deus alli trazida
Por Thesifon, brilhou mui dilatada,
Aprigio seu prelado a illustrou
E Manoel, o grande, a sublimou.

A cidade está edificada num planalto; a distancia vê-se aquella altura, a grande torre mui saliente, trechos de muralha escura no lado norte, casaria branca vestindo os pendores.

Da estação do caminho de ferro até á praça sobe-se sempre, uma comprida ladeira. Da alta torre o horizonte é vasto; avistam-se os castellos de Cintra e Palmella, serras de Portugal e Hespanha, a Foya

plus tard Sancho I, courût en défense de Beja et d'après ce que l'on dit, la lutte entre chrétiens et arabes dans les environs de la ville, sur les pentes de cette montagne isolée, fut des plus terribles. Peu d'assiégés restèrent prisonniers; d'autres furent tués; cette journée du 18 Avril 1179 fut sanglante.

Encore un autre point. Les romains y dominèrent pendant des siècles et aucun nom lusitain ne s'y remarque. Pas un seul général, ni un savant, ni un poète, ni un auteur, ni un grammairien. On cite à peine un Cornelio Bocho, nom si obscur dont il ne reste qu'un faible souvenir. Du midi de la péninsule on vit sortir des empereurs, des écrivains, des penseurs, qui furent des premiers à Rome. Ce pays d'Occident fut pauvre et oublié; mais certainement il était fortement *romanisé,* car on retrouve le sol plein de restes de bourgades, de routes, des villages avec leurs mosaïques, des villes aux solides murailles fortifiées et des fragments d'œuvres d'art considérables. Les arabes survinrent et passèrent à Beja une vie agitée et toutefois la ville brilla dans les arts, l'industrie et les lettres. Beja présente une série d'écrivains arabes très renommés.

Al-Makkari parlant de Beja dit: «C'est la capitale d'un vaste territoire, qui pendant la dynastie des Beni-Abbad fit partie du royaume de Séville. Elle est fameuse pour ses tanneries et manufactures de coton. Dans cette région il y a des mines, même d'argent.»

Je ne veux pas remplir ces lignes en citant des noms d'écrivains arabes. Il y eut à Beja une école brillante de sciences et de lettres. La plupart de ses écrivains furent des théologues ou des jurisconsultes: il y eut un historien, un orateur, un poète et un grammairien, qui vécûrent du IXme au XIIme siècle.

Camões dans les *Lusiades* fait allusion à ces évènements historiques. D. Affonso Henriques après s'être assuré la possession de la rive droite du Tage avec la prise de Santarem et de Lisbonne, commença la guerre de conquête dans l'Alemtejo.

Já na cidade de Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida,
Affonso que nam sabe sossegar
Por estender co'a fama a curta vida;
Nam se lhe pode muito sostentar
A cidade; mas sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

Canto III, est. 64.

Les maures assiégèrent Beja; l'armée portugaise commandée par l'infant D. Sancho fit une entrée rapide dans le domaine barbare jusqu'à Séville, afin d'empêcher qu'on envoya des renforts aux assiègeants; elle réussit et ceux-ci restèrent isolés et ensuite vaincus.

E com esta victoria cobiçoso
Já nam descança o moço até que veja
Outro estrago como este, temeroso
No barbaro que tem cercado Beja;
Nam tarda muito o principe ditoso,
Sem ver o fim d'aquillo que deseja,
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas põem sua esperança.

Canto III, est. 76.

Beja est célébrée dans le *Côro das musas* de F. N. Silveira:

É Beja por antiga conhecida
Pax Julia por Cesar nomeada
Nobilissima colonia ennobrecida
Por titulo ducal e sé gabada
A santa lei de Deus alli trazida
Por Thesifon, brilhou mui dilatada,
Aprigio seu prelado a illustrou
E Manoel, o grande, a sublimou.

La ville est située sur un plateau, que l'on aperçoit à distance, ainsi que la grosse tour très saillante, des pans de murailles grises sur le côté nord, et des maisons blanches sur les pentes de la montagne. De la gare du chemin de fer jusqu'à la place, on monte toujours une rude chaussée. Du haut de

de Monchique e a serra d'Ossa, e terras largas de cultura cerealifera, manchas negras de montados e olivedos, nesgas de vinhas, ou cerros escuros de minerio, porque todo aquelle districto é rico de cobre e manganez.

A fortificação da cidade foi alterada por Affonso III. D. Diniz edificou a torre de menagem, bem construida, de grande altura, com suas corôas de ameias e matacães formando varanda apoiada em grossos cachorros. É irmã da torre de Estremoz. Peças analogas de architectura militar do sec. XIII e XIV se encontram na Europa. D'esta torre de Beja existe um desenho feito por 1700 que a mostra mais completa; a construcção superior subia bastante, era uma torre de menor diametro com suas ameias. A construcção completa attingia 50 metros d'altura. Do castello pouco resta, as muralhas foram em grande parte destruidas, e o material aproveitado nas edificações urbanas; as portas romanas (ha desenhos de tres no começo do seculo XIX) foram destruidas ou mascaradas. A torre em tempos serviu de prisão. Nos ultimos annos surgiu em Beja um certo amor pela gloriosa antiguidade; appareceram homens dedicados; a Camara Municipal formou um Museu historico, archeologico, ethnographico mui digno de estudo. Um modesto e intelligente escriptor, Palma, fez interessantes catalogos que estão impressos.

Tinha seis conventos, tres de frades, tres de freiras; alguns de fundação remota. O mais antigo, de frades de S. Francisco, foi fundado pela rainha Santa Izabel em 1324. O de Nossa Senhora da Conceição, de freiras, foi instituido e edificado, por 1467, pelo infante D. Fernando e sua mulher D. Brites. A fundação do de Santa Clara vae ao meio do seculo XIV. Os outros são do seculo XVI.

El-rei D. Manuel foi o primeiro duque de Beja; D. João II a fez cabeça de ducado em favor de seu primo, que lhe veio a succeder na corôa. D. Manuel em 1512 deu-lhe a categoria de cidade; e fez duque de Beja seu segundo filho o infante D. Luiz; ficou sendo praxe que os segundos filhos do rei tivessem o titulo de duques de Beja. D. Pedro IV, quando regente do reino, dispoz que os filhos segundos fossem duques do Porto, e os terceiros de Beja. No reinado do snr. D. Luiz isto se observou, e o snr. D. Affonso, seu filho segundo, é duque do Porto. Entendeu-se que o segundo do snr. D. Carlos fosse duque de Beja, que é o snr. infante D. Manuel.

Nasceram nesta cidade alguns escriptores de grande nomeada: Jacintho Freire d'Andrade, o bispo Amador Arraes, o famoso padre José Agostinho de Macedo. Tres grandes nomes! Em varias publicações, ainda numa bem recente, se affirma que foi aqui o berço do philosopho Espinosa. Baruch Spinosa, ou Bento Espinosa, o grande pensador, de origem judaica mas de espirito universal, nasceu em Hollanda de uma familia fugida de Portugal. Alguns membros da familia assignaram Espinosa Vighiers, e passou como certo que este appellido Vighiers alludia á patria, e era transformação, já hollandeza, de Figueira, de Figueira da Foz, em Portugal. Um hebraista mui distincto, snr. Cardoso, verificou que a familia Spinosa residira por muito tempo na villa da Vidigueira, no Alemtejo, não longe de Beja; por isto nasceu talvez a ideia de que Spinosa, o philosopho, aqui tivesse visto a luz. O appellido *Vighier* será derivado de Vidigueira. Jacintho Freire d'Andrade nasceu em Beja em 1597 e falleceu em Lisboa em 1657. Foi poeta e prosador distincto. A sua *Vida de D. João de Castro, viso-rei da India,* é bem escripta, obra classica, bem conhecida nas escolas.

O bispo D. Amador Arraes (1530-1600) foi escriptor elegante; um artista da prosa portugueza. Os seus *Dialogos moraes* são muito estimados. Pobre frade carmelita foi elevado a bispo de Portalegre, onde empregou as suas rendas em beneficencias e construcções que ficaram. Depois resignou o bispado e foi metter-se no convento de Coimbra, onde se isolou a meditar e a escrever. Hoje não são lidos os livros de piedade, de moral, de ascetismo dos tempos idos. De vez em quando vale a pena lêr umas paginas de Arraes, de Thomé de Jesus, de Bernardes, ou do hespanhol Luiz de Granada, que esteve muitos annos em Portugal. Apparece poesia, alta inspiração, eloquencia nessas paginas.

Um vulto raro, inconfundivel, palpita sobre a serena e branca cidade. A dolorosa vibração do seu gemido ouve-se no côro dos infortunios do amor. Uma mulher nova, uma freira, pomba do Senhor, ingénua e crente, fica deslumbrada á vista de um official francez, bello homem, de linda farda, montando o seu cavallo fogoso. Era tempo de guerra; elle, um chefe e de alta nobreza, commandava tropas; ia e vinha de campanhas. A freira, Marianna Alcoforado, acreditou nas palavras de amor. Elle era um corpo dourado com alma de gelo; um vaidoso. Gostou da aventura, fez juras e promessas, e abandonou-a. Depois victorioso e enfatuado, mostrou aos amigos as cartas da pobre freira portugueza, agonisante de

la tour l'horizon est vaste; on aperçoit les châteaux de Cintra et de Palmella, des chaînes de montagnes de Portugal et d'Espagne, la Foya de Monchique, le mont Ossa, de vastes terrains de culture de céréales, des taches noires de chênaies et d'oliviers, des coins de vigne, et des trouées obscures de mines, car tout ce district est très riche en mines de cuivre et de manganèse.

Les fortifications de la ville furent altérées par Affonso III. D. Diniz édifia la tour d'honneur, très bien construite, très haute, avec son couronnement de créneaux et de tourelles, formant un balcon appuyé sur de solides arc-boutants. Elle est semblable à la tour de Estremoz. On retrouve en Europe des spécimens analogues, d'architecture militaire du XIIIme e XIVme siècle. Il y a un dessin de cette tour de Beja fait vers 1700, où elle paraît plus complète; la construction supérieure montait plus haut; le diamètre de la tour était moindre avec les créneaux. Le bâtiment entier avait 50 mètres de hauteur. Il reste peu de chose du château, les murs sont presque tous détruits et les moellons ont été employés pour des constructions urbaines; les portes romaines, dont il existait des dessins de trois, au commencement du XIXme siècle, ont été détruites ou bouchées. La tour servit autrefois de prison. Pendant ces dernières années il y a eut à Beja un certain amour pour la glorieuse antiquité; quelques personnes dévouées se sont présentées; la municipalité a établi un musée historique, archéologique, ethnographique, très dignes d'étude. Un écrivain très intelligent et très modeste, Mr. Palma, a fait des catalogues bien intéressants qui ont été imprimés.

Il y avait à Beja six couvents, trois de moines et trois de religieuses; quelques uns étaient d'origine très reculée. Le plus ancien, de religieux franciscains fut fondé en 1324 par la reine Sainte Isabel. Celui de Notre Dame de Conceição, de religieuses, fut institué et édifié vers 1467 par l'infant D. Fernando et sa femme D. Brites. La fondation du couvent de Sainte Clara date du milieu du XIVme siècle. Les autres sont du XVIme.

Le roi D. Manuel fut le premier duc de Beja; D. João II l'érigea en duché en faveur de son cousin qui lui succéda comme roi. D. Manuel en 1512 accorda à Beja la catégorie de ville et donna le titre de duc de Beja à son deuxième fils l'infant D. Luiz; on établit alors que les deuxièmes fils du roi auraient le titre de ducs de Beja. D. Pedro IV, lorsqu'il fut régent du royaume, disposa que les deuxièmes fils seraient ducs de Porto et les troisièmes de Beja. Pendant le règne de D. Luiz on observa ceci; son deuxième fils l'infant D. Affonso, est duc de Porto. Et il fut entendu que le deuxième fils du roi D. Carlos serait duc de Beja, l'actuel infant D. Manuel.

Quelques écrivains de grande réputation sont nés à Beja: Jacintho Freire de Andrade, l'évêque Amador Arraes, le célèbre prêtre José Agostinho de Macedo. Trois grands noms! Dans quelques publications, dont une même très moderne, on assure que cette ville a été le berceau du philosophe Espinosa. Baruch Spinosa ou Bento Espinosa, le grand penseur, d'origine juive mais d'esprit universel, est né en Hollande d'une famille qui avait fui le Portugal. Quelques membres de cette famille se nommaient Espinosa Vighiers, et on trouva certain que ce nom de Vighiers avait une relation avec la patrie, et était une transformation déjà hollandaise de Figueira, Figueira da Foz, en Portugal. Un professeur d'hébreu très distingué, Mr. Cardoso, a découvert que la famille Spinosa avait vécû pendant longtemps dans le bourg de Vidigueira, dans l'Alemtejo, près de Beja; de là est venue peut-être l'idée que Spinosa le philosophe y était né. Le nom de famille de *Vighier* est plutôt dérivé de Vidigueira. Jacintho Freire d'Andrade est né à Beja en 1597 et mourût à Lisbonne en 1657. Il fut un poète et prosateur très distingué. Sa *Vida de D. João de Castro, viso-rei da India*, est une œuvre classique, très bien écrite, connue dans les écoles. L'évêque D. Amador Arraes (1530-1600) fut un écrivain élégant, un artiste de la prose portugaise. Ses *Dialogos moraes* sont très appréciés. C'était un pauvre moine carme, élevé à la dignité d'évêque de Portalegre, où il employa tous ses revenus en œuvres de bienfaisance et en des constructions qui restèrent. Ensuite il quitta sa charge et se retira dans un couvent de Coimbra, où il s'isola pour méditer et écrire. De nos jours on ne lit pas les livres de piété, de morale et d'ascétisme d'autrefois. De temps en temps cela vaut la peine de lire quelques pages de Arraes, de Thomé de Jesus, de Bernardes ou de l'espagnol Luiz de Granada, qui a été pendant beaucoup d'années en Portugal. On trouve de la poésie, une haute inspiration et de l'éloquence dans ces pages.

Sur la ville blanche et sereine palpite une image rare et inoubliable; la douloureuse vibration de ses plaintes se fait entendre dans le chœur des infortunes amoureuses. Une jeune femme, religieuse, colombe du Seigneur, naïve et croyante, fut éblouie à l'aspect d'un officier français, bel homme, por-

saudades. Nas cartas ha a expressão sincera, e por isto eloquente, da paixão amorosa. As cartas foram traduzidas em francez e publicadas; os originaes desappareceram. Do francez passaram a outras linguas; cada vez mais conhecidas e estudadas. Do sentimento amoroso, da apaixonada dedicação, da angustia saudosa as cartas da freira de Beja produzem nitidas formulas; frisante, ingenua manifestação do estado d'essa alma, gentil e portuguesa de lei.

Luciano Cordeiro fez um estudo sobre Marianna Alcoforado, e traduziu as cartas que ella dirigiu a Mr. de Chamilly. Ainda ha pouco se publicou em Inglaterra uma nova versão.

Beja tem soffrido muito. Num largo periodo a inquisição d'Evora apoquentou a gente da cidade; d'uma vez foram presos os medicos; de outras os mercadores, os operarios; muitas mulheres entraram nos carceres; nas listas do Santo Officio apparecem dezenas e dezenas de nomes de moradores da cidade.

Na primeira invasão franceza (1808) o espirito patriotico da cidade foi barbaramente castigado a ferro e fogo. Nas nossas luctas civis de miguelistas e pedristas, de patuléas e cartistas, das temerosas guerrilhas, Beja e seu termo foram theatro de scenas de ferocidade humana. Por essas ruas e travessas tão socegadas agora, entre a casaria branca, desenrolaram-se vinganças tragicas. O bom velho D. frei Manuel do Cenaculo, arcebispo de Evora, e que por muitos annos foi bispo de Beja, que tanto illustrou, por ahi passou entre bayonetas da soldadesca.

Uma gravura representa a torre de menagem; a nitidez das arestas mostra a perfeição da construcção e a excellencia do material empregado. Vê-se bem a varanda com os angulos salientes, as ameias terminando em pyramides de base quadrada, as valentes misulas ou cachorros; ha um segundo corpo de faces reentrantes, salientes os cunhaes; e sobre este corpo havia outra construcção, talvez um coruchéo ou flecha, o que daria grande garbo á torre. Vê-se bem uma janella, geminada, ogival. Outra torre e trechos de muralha mostra a gravura; a torre é de apparelho romano, alterada na parte superior pela justaposição de ameias mais modernas.

A porta da egreja da Conceição é ogival, com applicações manuelinas, muito elegante, ostentando os brazões do infante D. Fernando e da infante D. Beatriz; monumental a grande facha lavrada que remata o edificio. As duas estatuas representam os fundadores; a meio vê-se um escudo singular. A gravura bem o mostra. É um *y* grego como apparece em moedas de D. João II; este Y está em moldura formada por quatro serras de carpinteiro, sobrepostas e pregadas nas extremidades. É o brazão da infante D. Brites, do qual se tem dado varias explicações. Este escudo d'armas apparece em varios pontos do edificio. A porta do claustro da Conceição, de volta redonda, grandes espheras armillares, manuelinas, formando capiteis, encimada pelo brazão das quinas, é exemplar que se afasta bastante dos usados na época; o fundo é de xadrez de azulejo antigo, verde e branco. Muito azulejo havia no convento! vi montões de azulejos partidos, arrancados brutalmente. Outra gravura mostra o estado actual depois da grande e dispendiosa obra. Basta olhar a estampa para conhecer a misturada do verdadeiro com o fingido. Aquella linda janella, ou antes portal sobre a pequena varanda, geminada, com arcos de ferradura, é bom exemplar do mosarabe ou mourisco que tanto dominou no Alemtejo até ao seculo XVI.

O grande e complicado altar da Conceição é obra d'arte onde se combinaram a paciencia, e a execução habil, do mosaista e do entalhador. Em marmore e madeira fizeram obra de ourivesaria. É construcção de elegante desenho nas linhas geraes, e de profusão de minuciosos ornatos nos marmores embutidos. Não sei como escapou esta joia d'arte na catastrophe anti-esthetica que feriu a cidade transtagana.

Gabriel Pereira.

tant un brillant uniforme, montant un cheval fougueux. C'était en temps de guerre; comme chef et de haute noblesse il commandait des troupes; il allait et venait de ses campagnes. La religieuse, Marianna Alcoforado, crût à ses paroles d'amour. L'officier avait dans son corps doré, une âme de glace. Il était vaniteux; l'aventure lui plût, il fit promesses et serments et l'abandonna ensuite. Triomphant et fat, il montra à ses amis les lettres de la pauvre religieuse portugaise, qui se mourait de chagrin. Dans ces lettres on trouve l'expression sincère, et par celà même éloquente, de la passion amoureuse. Les lettres furent traduites en français et publiées; l'original a disparu. Ensuite du français elles passèrent à d'autres langues, et furent de plus en plus connues et étudiées. Ces lettres de la religieuse de Beja présentent des formules précises de sentiments amoureux, de dévouement passionné et de douloureuse angoisse; ce sont de naïves et évidentes manifestations de l'état de cette âme si aimante et purement portugaise.

Luciano Cordeiro fit une étude à propos de Marianna Alcoforado, et traduisit les lettres qu'elle avait adressées à Mr. de Chamilly. Dernièrement on a publié en Angleterre une nouvelle traduction.

Beja a beaucoup souffert. Pendant longtemps l'inquisition d'Evora tourmenta les gens de la ville; un jour on mit en prison les médecins; une autre fois, les marchands et les ouvriers; beaucoup de femmes furent enfermées dans les cachots; dans les listes du Saint-Office on voit des dizaines et des dizaines de noms d'habitants de la ville.

Lors de la première invasion française en 1808, l'esprit patriotique de la ville fut cruellement éprouvé par le fer et par le feu. Dans nos luttes civiles, des partisans de D. Miguel et de D. Pedro, de *patuléas* et *cartistas*, des terribles *guerrilhas*, Beja et ses environs furent le théâtre de scènes de férocité humaine. Dans ces rues et impasses aujourd'hui si tranquilles, parmi ces blanches maisons, se déroulèrent des vengeances tragiques. Le bon vieillard D. frei Manuel do Cenaculo, archevêque d'Evora, qui fut pendant bien des années evêque de Beja et la rendit illustre, y passa souvent entre les baïonnettes des soldats.

Une de nos gravures représente la tour d'honneur; la netteté des contours montre bien la perfection de la construction et la bonne qualité des matériaux dont on se servait alors. On voit parfaitement le balcon avec ses angles saillants, les créneaux terminés en pyramides à base carrée, les solides consoles ou contre-forts; ainsi qu'un deuxième corps de bâtiment en retrait, dont les angles font saillie, et sur cette partie il y avait une autre construction, peut-être une flèche ou un pignon, qui devait donner beaucoup d'élégance à la tour. On aperçoit aussi une fenêtre ogivale géminée. La gravure montre encore une autre tour et des restes de murailles; la tour est de facture romaine, avec la partie supérieure altérée par la juxtaposition de créneaux plus modernes.

La porte de l'église de Conceição est ogivale avec des applications de style *manuelino*, très élégante; elle présente les armoiries de l'infant D. Fernando et de l'infante D. Beatriz, et la grande frise qui couronne l'édifice est monumentale. Les deux statues représentent les fondateurs; au milieu il y a un écusson très singulier comme on le voit sur la gravure. C'est un *y* comme ceux des monnaies du temps de D. João II; cet Y est dans un cadre formé par quatre scies de ménuisier, superposées et clouées aux extrémités. C'est le blason de l'infante D. Brites dont on a donné diverses explications. Ces armoiries se retrouvent dans quelques endroits de l'édifice. La porte du cloître de Conceição, en plein cintre, avec de grands sphères armillaires, de genre manuelino, formant des chapiteaux, et surmontée par l'écusson des quines, est un exemplaire qui diffère un peu de ceux de son époque; le fond est un quadrillé de faïences anciennes blanches et vertes. Quelle quantité de faïences il y avait dans ce couvent! j'en ai vu un grand nombre de cassées, et brutalement arrachées. Une autre gravure montre l'état actuel, après les grandes et coûteuses réparations. Il suffit d'observer la gravure pour s'apercevoir du mélange du vrai et du faux. Cette belle fenêtre, ou plutôt ce portail, sur le petit balcon, géminé, avec ses arcades en plein cintre est un bel exemplaire mosarabe ou mauresque qui a tant dominé dans l'Alemtejo jusqu'au XVIme siècle.

L'autel de la Conceição si grand et si compliqué est une œuvre d'art où se sont réunis la patience et la main d'œuvre la plus habile du mosaïste et de l'ébéniste. Ils ont fait des travaux de joaillerie avec du marbre et du bois. C'est une construction d'un dessin élégant dans son ensemble, avec une profusion de minutieux ornements de marqueterie sur le marbre. Je ne sais pas comment ce bijou artistique a échappé à la catastrophe anti-esthétique qui a envahi la jolie ville de Beja.

Gabriel Pereira.

O Convento da Madre de Deus



A historia da fundação do convento e egreja da Madre de Deus, no sitio de Xabregas, encontra-se na *Historia serafica* de frei Fernando da Soledade (Lisboa, 1709, t, IV, pag. 54 e segg.), e mais minuciosamente na parte terceira da *Chronica serafica da Santa Provincia dos Algarves,* por frei Jeronymo de Belem (Lisboa, 1755).

Historia muito singela. A rainha D. Leonor, viuva de D. João II, desejou fundar um mosteiro. A mãe, a infanta D. Brites, foi a fundadora do convento da Conceição, de Beja; D. Leonor seguia o exemplo da mãe. Residindo a rainha na sua casa de Xabregas, a pouca distancia do convento de S. Francisco, afamado pela religiosidade e austera vida dos seus frades, naturalmente escolheu ahi terreno para a nova edificação. Comprou casas, horta, agua em 1509; a obra foi rapida; em 1510 entravam n'elle as primeiras freiras, vindas do convento de Jesus de Setubal. Já estava habitavel o modesto conventinho; em breve se completou com as respectivas officinas e commodidades.

Aquelle sitio tem soffrido mudanças; especialmente a construcção da linha ferrea do Norte e Leste alterou-lhe a feição. O Téjo chegava ao paredão do caminho ou estrada para onde deitava a egreja, de sorte que nos temporaes as ondas bravas do vasto estuario salpicavam os fieis que concorriam ás festas; ia lá muita gente; a devoção pelas boas freirinhas protegidas pela rainha D. Leonor, por todos venerada e estimada, augmentava no publico de Lisboa. Por isto D. João III ampliou a construcção; a egreja primitiva passou a ser casa do capitulo; junto a este, na mesma linha, fez a egreja nova, com o pavimento mais alto; novo côro e capella-mór, e um claustro espaçoso e mui elegante com varandas de pedraria, e suas capellas onde as freiras devotas no tempo livre das obrigações da communidade faziam vida eremitica.

Frei Fernando da Soledade refere na chronica as muitas coisas preciosas que havia no mosteiro; um santo sudario, enviado pelo imperador Maximiliano I, e egual ao celebre de Turim, que ha poucos annos tão discutido foi: um espinho da corôa de Christo, um fragmento do Santo Lenho, ossos dos martyres de Marrocos, e muitas reliquias de grande estima nos seus cofres de ouro, de prata, de marfim lavrado, em artisticos relicarios. Estava lá tambem uma tigelinha de páo por onde bebia Santo Antonio, engastada em prata. Outra reliquia havia, o corpo de Santa Auta offerecido tambem pelo imperador Maximiliano, no seu cofre de madreperola. O corpo chegou por via maritima a Lisboa, em setembro de 1517. A embarcação chegou-se o mais possivel á terra em frente do mosteiro, para mais facil desembarque do cofre; com a maior solemnidade se fez o transporte, acompanhado o corpo da santa pelo arcebispo de Lisboa D. Martinho da Costa, estando presentes a rainha fundadora e o principe D. João, suas comitivas e muita fidalguia. Esta scena se representa n'um quadro agora applicado no arcaz da sacristia pequena, precioso por muitos motivos, e que felizmente se encontra em boa conservação.

A primeira abbadessa foi Soror Collecta, senhora mui virtuosa; muitas freiras aqui viveram santamente; o chronista conta milagres famosos. Uma chegou a brigar com Satanaz, que não queria que ella fosse ao côro, e tal foi a violencia da refrega que o mafarrico a pisou com pancadas e lhe quebrou uma perna. Entre os nomes das freiras apparecem appellidos de familias fidalgas, Ericeira, Tavora, Vimioso. Era o convento da rainha D. Leonor, creado por ella; na devoção lhe fazia companhia sua irmã, tambem viuva; a duqueza de Bragança, D. Izabel; o marido, o mallogrado duque D. Fernando II, morrera decapitado no cadafalso de Evora, na lucta feroz travada entre a fidalguia privilegiada e a realeza democratica. Tiveram horas tristes essas duas viuvas; por isto as duas irmãs desoladas se abraçaram na santa clausura, e vieram repousar no conventinho da beira do Tejo.

Esta rainha D. Leonor tinha alma caridosa, levantado coração, e espirito muito culto, a avaliar pelas obras que deixou. Foi a fundadora do Hospital das Caldas. Passou pelo sitio, impressionou-se á vista de certos enfermos que ella viu a banharem-se em poços; informou-se e mandou fazer um hospital. Feito o hospital, dotou-o com rendimentos, e viu que era bom, que servia; assistiu ao seu progresso e desenvolvimento: a sua bella alma experimentou prazer ao cuidar da saude do corpo e do espirito dos pobres enfermos, sem esperar retribuição nem precisar de esmola.

Le Couvent de Madre de Deus



L'histoire de la fondation du couvent et de l'église de Madre de Deus, dans le faubourg de Xabregas se trouve dans la *Historia serafica* de Fr. Fernando da Soledade (Lisbonne, 1709, t. IV, pag. 54 et suiv.), et, plus minutieusement encore, dans la troisième partie de la *Chronica serafica da Santa Provincia dos Algarves,* par Fr. Jeronymo de Belem (Lisbonne, 1755).

L'histoire est simple. La reine D. Leonor, veuve de D. João II, désira fonder un monastère. Sa mère, l'infante D. Brites, avait institué le couvent de Conceição à Beja et D. Leonor voulût suivre son exemple. La reine demeurait dans son palais de Xabregas, proche du couvent de S. Francisco, réputé pour la vie pieuse et austère de ses moines, et naturellement elle choisit là l'emplacement de la nouvelle édification. Elle acheta des maisons, des enclos et de l'eau en 1509; les travaux furent rapides, et, en 1510, les premières religieuses y entraient, venant du couvent de Jesus à Setubal. Le modeste couvent était habitable et bientôt il fut complètement prêt avec ses dépendances et ses ateliers.

L'endroit a subi quelques changements, et surtout la construction des chemins de fer du Nord et de l'Est en a altéré l'aspect. Le Tage arrivait jusqu'à la muraille de la route sur laquelle était l'église, de manière qu'aux jours de tempête les vagues furieuses du vaste estuaire, déferlaient sur les fidèles qui allaient aux offices, et qui étaient nombreux, car le public de Lisbonne était de plus en plus pris de dévotion pour bonnes religieuses protégées par la reine D. Leonor, que tout le monde estimait et vénérait. D. João III augmenta la construction; l'église primitive devint le siège du chapitre; près de celui-ci sur la même ligne, on fit la nouvelle église avec le pavé plus élevé, un nouveau chœur, de même que le maître-autel, et un cloître vaste et élégant avec des balustrades en pierre de taille et des chapelles où les religieuses menaient une vie d'ermites aux heures libres des devoirs de la communauté.

Fr. Fernando da Soledade, dans sa chronique, décrit les choses précieuses qu'il y avait dans le couvent; un saint suaire, envoyé par l'empereur Maximilien I et pareil à celui de Turin, dont on a tant parlé il y a quelques années; une épine de la couronne du Christ, un fragment de la Sainte Croix, des os des martyrs du Maroc et beaucoup de reliques très précieuses dans des coffrets, d'or, d'argent, d'ivoire sculpté, et des reliquaires artistiques. On y voyait une petite écuelle de bois, enchassée en argent, où Saint Antoine buvait de l'eau. Il y avait aussi le corps de Sainte Aude, relique offerte par l'empereur Maximilien, dans un coffre en nacre. Le corps arriva à Lisbonne, par mer, au mois de Septembre 1517. Le navire s'approcha de terre le plus possible et en face du couvent, pour que le débarquement fut plus facile; le cortège se fit avec grande solemnité, accompagné par l'archevêque de Lisbonne D. Martinho da Costa, avec l'assistance de la reine fondatrice, du prince D. João, de leurs suites et de beaucoup de personnages de la noblesse. Cette scène est représentée dans un tableau qui est actuellement dans la petite sacristie, précieuse sous tous les rapports et heureusement assez bien conservée.

La première abbesse fut la Sœur Collecte, dame très vertueuse; beaucoup de religieuses y vivaient en odeur de sainteté; le chroniqueur raconte de remarquables miracles. Il y en eut une qui se disputa avec Satan, qui ne voulait pas la laisser aller au chœur, et, dans l'ardeur de la lutte le démon la meurtrit de coups et lui cassa une jambe. Parmi les noms des religieuses on trouve des familles des plus nobles, telles que Ericeira, Tavora, Vimioso. C'était le couvent de la reine, institué par elle; sa sœur la duchesse de Bragança D. Izabel, dont le mari, le malheureux duc D. Fernando II, était mort sur l'échafaud, à Evora, dans la lutte acharnée entre la noblesse ancienne et la royauté démocratique, l'accompagnait dans toutes ces dévotions. Les deux veuves eurent de tristes moments; et les deux sœurs désolées s'étreignirent dans la retraite sacrée et vinrent se reposer dans le petit couvent du bord du Tage.

Cette reine D. Leonor avait une âme charitable, un cœur haut placé et un esprit très cultivé, à en juger par les œuvres qu'elle laissa. Elle fonda l'Hôpital de Caldas. Passant par cet endroit, elle s'émût de voir quelques malades se baigner dans des puits; s'informant de ce qui arrivait, elle fit faire un hôpital, qu'elle dota de belles rentes, et vit qu'il était bon et qu'il servait; elle assista à ces pro-

A fundação do hospital das Caldas é um documento singular de altruismo christão. Ella teve a felicidade de vêr progredir o seu hospital, e a villa que logo se desenvolveu á sombra da obra da rainha, e que por isto se chamou Caldas da Rainha. Outra fundação de grande alcance de D. Leonor é a da Confraria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, em 1498. A confraria tinha por obrigação a pratica das obras de Misericordia, a sua esphera de beneficencia chegava a todas as necessidades, abrigo aos expostos, cuidados aos orphãos, dotes ás donzellas pobres, esmolas aos pobres, tratamento aos doentes, resgate dos captivos, pousada aos peregrinos, sustento aos presos, amparo aos condemnados, sepultura aos mortos. A santa instituição chegou no momento opportuno, enraizou logo; todo o paiz a applaudiu. Aquella irmandade onde entravam e governavam, note-se, nobres e plebeus, operarios, mercadores e fidalgos, em poucos annos se propagou pelo reino todo; doações e legados a protegeram; algumas de taes casas chegaram em poucos annos a possuir grandes bens. E como Portugal começava então na sua extraordinaria expansão ultramarina, com as caravellas e as náos foi a ideia da Casa da Misericordia, ao Brazil, á Africa, á Asia. Mas a protecção da rainha D. Leonor chegou a outros ramos, ao theatro nacional, por exemplo, pois ella animou Gil Vicente, o dos Autos; e á imprensa, invenção do seu tempo; por sua ordem se imprimiram a *Vita Christi* (1495), os *Autos dos Apostolos* (1505), trabalhos typographicos monumentaes executados em prelos de Lisboa. Foi feliz nas suas instituições; viu-as viver e crescer. A rainha D. Leonor falleceu em 1525 com sessenta e sete annos. Viu todo o reinado de D. Manuel, e os primeiros annos do reinado de D. João III. Ao marido chamaram o *principe perfeito*, e o *homem*, ella foi a *mulher piedosa*. Na Madre de Deus, ao canto do claustro sob campa rasa, jaz a rainha D. Leonor; ao lado a irmã, D. Izabel, a mulher do duque malaventurado; e proxima a campa de Soror Collecta, a austera abbadessa.

O edificio da Madre de Deus faz parte agora do Asylo Maria Pia. Alterado pelos homens e pelos terremotos conserva todavia ainda as suas linhas geraes e muitas particularidades.

A egreja, a grande quadra, a casa capitular estão no seu plano. O terremoto de 1755 arruinou grande parte do mosteiro; na egreja foi preciso para a restauração apear as meias paredes da capella-mór e a parte correspondente do côro. El-Rei D. José mandou reparar convenientemente a egreja, com o esplendor necessario para ficar em harmonia com o resto da egreja. As télas pintadas por Bento Coelho, destruidas no terremoto, foram substituidas por outras do pincel de André Gonçalves. Ao padre José Pacheco da Cunha, homem de apurado gosto, se devem muitas das obras d'arte que na egreja, na sacristia pequena, no ante-côro e no côro nos maravilham pela execução e harmonia do conjuncto.

O snr. Gomes de Brito descreve com grande nitidez e verdade a singular sacristia pequena da capella-mór: «Ao fundo o custoso arcaz de pau santo, guarnecido de bellos gavetões, a que uma bem moldada espelharia de bronze dourado e elegantes argolas do mesmo metal, dão o mais opulento realce. Em volta do arcaz e a elle sobrepostos, os nichos e charola central, de bella talha dourada do mais franco estilo, aos lados as finissimas pinturas quinhentistas attribuidas a Christovão d'Utrecht, com a famosa taboa de Santa Auta formando as costas da porta do armarinho da Epistola, taboa que tantos cuidados e enlevo mereceu a Raczinsky. A parte inferior das paredes toda reluzente com os seus notaveis azulejos de vivissimas e bem distribuidas côres, desespero da ceramica moderna; no fundo fronteiro á parede do arcaz, ladeando a janella ogivada que se rasga na frontaria do edificio, uns armarinhos com suas portas inteiriças de pesada almofada; no pavimento o fino xadrez; ao centro aquella meza, cujo taboleiro de uma só pedra de excellente marmore só por si é uma belleza; no tecto em suavissimas tintas a apotheose da Virgem Mãe e Senhora dos Anjos, e, finalmente, ao longo das paredes lateraes, na sua parte superior, e nas do fundo encimando os armarios a que já me referi e emmolduradas em riquissimos caixilhos do mais fino dourado, e da mais phantasiosa talha, as oito preciosas telas de André Gonçalves, representando a «Vida de José do Egypto». (Boletim da Associação dos Conductores de Obras Publicas, vol. III, 1899, n.º 2, pag. 38, da *Monographia do Mosteiro e egreja da Madre de Deus,* por Liberato Telles).

Junto ao mosteiro estava o paço de *Enxobregas,* como se dizia antigamente. Este paço, de alta importancia historica, foi doado por D. João IV á condessa de Unhão. Esta casa de Unhão entrou depois na casa dos marquezes de Niza. Ao ultimo marquez foi o palacio comprado pelo governo para alli se installar o asylo D. Maria Pia.

grès et à son développement et sa belle âme éprouva une satisfaction en soignant la santé du corps et de l'esprit des pauvres malades, sans aucune récompense ni aucune aumône.

La fondation de l'hôpital de Caldas est un remarquable exemple de charité chrétienne. La reine eût le bonheur de voir augmenter sa belle œuvre, ainsi que la ville qui se forma près de l'hôpital et qui fut nommée Caldas da Rainha (de la Reine). Une autre œuvre de grand mérite de D. Leonor est la fondation de la Confraria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa en 1498. Cette confrérie avait à sa charge la pratique des œuvres de Miséricorde, et sa sphère de bienfaisance atteignait tous les besoins; elle donnait un réfuge aux enfants trouvés, des soins aux orphelins, des dots aux jeunes filles pauvres, des ammônes aux indigents, un soutien aux condamnés, et une tombe aux morts. La sainte institution où entraient et gouvernaient des nobles et des plébeiens, des ouvriers, des commerçants et des gentilshommes se propagea en peu d'années dans tout le royaume, protégée par des legs et des donations; quelques unes de ces maisons arrivèrent à posseder d'importantes richesses. Le Portugal commençait alors son extraordinaire expansion coloniale, et les navires emportèrent aussi au loin l'idée de la Casa da Misericordia (Maison de la Miséricorde) qui s'implanta au Brésil, en Afrique et en Asie. Mais la protection de la reine ne se borna pas aux bonnes œuvres: elle se tourne vers le théatre national, encourageant Gil Vicente, l'auteur des *Autos;* la presse, invention de son temps; par son ordre on imprima la *Vita Christi* (1495), les *Autos dos Apostolos* (1505), travaux typographiques remarquables exécutés dans les imprimeries de Lisbonne. Elle eut du bonheur en toutes ses institutions, qu'elle vit croître et prospérer. La reine D. Leonor mourût en 1525 à l'âge de soixante sept aus. Elle vit tout le règne de D. Manuel et les premières années de celui de D. João III. Son mari fut surnommé le *principe perfeito* (prince parfait) et *o homem* (l'homme), et elle fut la *mulher piedosa* (la femme pieuse). Dans un coin du cloître de la Madre de Deus, la reine D. Leonor repose sous une tombe rase; près d'elle gisent sa sœur D. Izabel, femme du malheureux duc, et Sœur Collecte, l'austère abbesse.

L'édifice de Madre de Deus fait maintenant partie de l'Asile Maria Pia. Altéré par de successifs travaux et par des tremblements de terre, il conserve toutefois ses lignes principales et beaucoup de détails.

L'église, la grande cour, et la maison capitulaire sont à leur emplacement primitif. Le tremblement de terre de 1755 ruina une grande partie du couvent; dans l'église, lorsqu'il fallût la restaurer, on dût démolir les cloisons du sanctuaire et la partie correspondante du chœur. Le roi D. José fit faire les réparations convenables avec la splendeur nécessaire pour s'harmoniser avec le reste de l'église. Les tableaux peints par Bento Coelho, détruits par le tremblement de terre, furent remplacés par d'autres dûs au pinceau de André Gonçalves. On doit au prêtre José Pacheco da Cunha, homme d'un goût raffiné, beaucoup des œuvres d'art qui se trouvent dans l'église, la petite sacristie, l'avant chœur et le chœur, et qui nous émerveillent par l'exécution et l'harmonie de leur ensemble.

Mr. Gomes de Brito décrit avec une grande netteté et beaucoup de vérité l'exquise petite sacristie du maître-autel: «Au fond, le précieux chapier en palissandre muni de beaux tiroirs auxquels les belles moulures et les élégantes ferrures en bronze doré donnent le plus opulent relief. Autour de ce chapier et au dessus, sont les niches et le brancard en boiserie dorée et sculptée d'un style défini, flanqués par les belles peintures du XVIme siècle, attribuées à Christovão d'Utrecht, avec le fameux tableau de Sainte Aude qui forme l'envers de la porte de la petite armoire du côté de l'Epitre, tableau qui mérita tant de soins et de sollicitude de Raczinsky. La partie inférieure des murs paraît toute reluisante avec les remarquables faïences aux vives et savantes couleurs, qui font le désespoir de la céramique moderne; sur le fond qui fait face au mur du chapier, aux deux côtés de la fenêtre ogivale, percée sur la façade de l'édifice, on voit d'autres petites armoires avec les portes d'une seule pièce, aux lourds vantaux; le sol est finement carrelé; au centre, la table dont le dessus d'un beau marbre entier, est à lui seul une merveille; au plafond, de douces teintes représentant l'apothéose de la Vierge Mère et Notre Dame des Anges, et, enfin, le long des murs latéraux, sur leur partie supérieure, et au fond, au dessus des armoires dont j'ai déjà parlé, les huit précieuses toiles de André Gonçalves, dans de riches cadres finement dorés et d'une capricieuse sculpture, et qui représentent la «Vie de Joseph d'Egypte» (Boletim da Associação dos Conductores de Obras Publicas, vol. III, 1899, nº 2, pag. 38, de la *Monographia do Mosteiro e Egreja da Madre de Deus,* par Liberato Telles).

Em 1871, depois da morte da ultima freira da Madre de Deus, o extincto mosteiro foi annexado ao asylo; ém 1872 começou a obra de reparações e adaptações, sob a direcção do architecto Nepomuceno. Foi este que remodelou a fachada da egreja; para isto foi favorecido por um achado inesperado. Entaipado n'uma parede estava o portal primitivo. Havia trezentos annos, provavelmente depois das obras feitas em tempo de D. João III, que alli escondido jazia a elegante obra d'arte. Ora este portal apparece nitidamente pintado no quadro que representa o cortejo do corpo de Santa Auta; a pintura mostra o portal e a frontaria do antigo templo; era um guia seguro para a restauração da frontaria que o architecto Nepomuceno logo aproveitou. A este architecto succedeu na obra Liberato Telles, homem intelligente, cauteloso e estudioso, que poz o edificio no estado actual.

O que succede actualmente n'este edificio é um tanto estonteador. Estão lá agora muitas coisas que foram aproveitadas d'outras partes. Salvaram-se, é verdade. Mas fazem confusão. Por exemplo na sala chamada de D. Manuel, primitiva casa do capitulo, vemos bellos azulejos, em quadros de boa execução; o Crucificado ou Calvario veio do pharol de S. Vicente; os outros do extincto convento de Sant'Anna. Na egreja primitiva ha azulejos antigos bons, e outros de imitação moderna. Na egreja actual ha azulejos antigos e outros pintados recentemente. O guarda vento é moderno, imitação do antigo. No claustro grande as paredes têm um envasamento de azulejo azul e branco, que veio do extincto convento das Grillas.

N'este claustro ha uma fonte de merecimento; sobre o tanque ergue-se uma grande taça, inteiriça, e sobre esta outra menor, de linhas elegantes, d'onde rompe o repuxo. A grande taça assenta sobre quatro columnas, uma ao centro por onde passa o cano do repuxo, e tres aos lados, de capiteis ornados de folhagens; o grande capitel da columna central mostra seis figuras, que simulam sustentar com esforço a taça; e umas fitas com letreiros em caracteres gothicos: «Ajuda-me bem — O melhor que posso — E tu que não ajudas — Não posso mais — Muito pesado — Deus nos ajude».

No claustro, junto da porta que conduz ao *claustrim*, está a chamada capella arabe; é uma casa quadrada de alto pé direito; o tecto é de madeira com ornatos mosarabes, os engenhosos laços geometricos que o operario mourisco, ainda no seculo XVI, usava fazer em Portugal, obedecendo á sua tradição artistica.

Junto do ante-côro, ou capella de Santo Antonio, ha um espaço ou vestibulo; era a casa do presepe. Ha ahi restos do afamado presepe, e nas Janellas Verdes estão algumas figuras que lhe pertenceram. O esculptor barrista foi Antonio Ferreira, conhecido pelo Ferreirinha de Chellas, primoroso artista que viveu no seculo XVIII.

O tecto do ante-côro é formado por caixotões com talha dourada, de bom acabamento, encerrando onze quadros allusivos á vida de Santo Antonio, attribuidos ao pintor André Gonçalves. Os azulejos do envasamento representam passos da vida dos eremitas. O altar de Santo Antonio é todo de talha dourada, sendo o retabulo, de bello risco, decorado com columnas salomonicas.

Passemos ao côro; é um conjuncto cheio e opulento. Nas paredes e tecto ha caprichosa talha e pinturas de valor artistico. Quinze caixotões com ricas molduras formam o tecto, onde se vêem quadros allusivos á *Vida de Christo*. Na parede do fundo (representada na nossa estampa) abre-se a entrada do côro; apresenta seis quadros de diversas fórmas e dimensões, de assumptos sacros; o do centro representa *A ultima ceia*.

Como a nossa estampa mostra, sobre o duplo cadeirado, como que formando alto espaldar, segue uma serie de vinte e dois nichos ou armarios, de fina talha dourada; é o precioso relicario. Na parede da frente, onde se abre o grande vão antigamente occupado pela grade, ha um admiravel tabernaculo de grande trabalho e seis quadros. Entre estes o quadro da *Cidade Santa* ou *Jerusalem*, que foi, dizem, uma das offertas do imperador Maximiliano I á rainha D. Leonor.

As nossas estampas representam o portal, o interior da egreja, vendo-se a capella-mór, o côro de cima, e um angulo do claustro menor ou claustrim.

O portal manuelino é elegante, e sobrio; a ornamentação está longe da exuberancia do portal da Conceição Velha, ou dos Jeronymos.

As columnas lateraes têm bases gothicas facetadas e recortadas; os seus capiteis representam co-

Près du couvent se trouvait le palais de *Enxobregas*, comme on disait autrefois. Ce palais, de grande valeur historique fut donné par le roi D. João IV à la comtesse de Unhão. La maison de Unhão fit depuis partie de celle des marquis de Niza. Le gouvernement acheta le palais au dernier Marquis de Niza pour y installer l'asile D. Maria Pia.

En 1871 après la mort de la dernière religieuse, le couvent de Madre de Deus, déjà aboli, fut annexé à l'asile; en 1872 on commença les travaux de réparation et d'adaptation sous la direction de l'architecte Nepomuceno. Ce fut lui qui retraça la façade de l'église, qu'un hasard inespéré vint favoriser. On trouva muré dans la construction le portail primitif. Il y avait probablement trois cents ans, c'est-à-dire après les travaux faits du temps de D. João III, que ce beau chef d'œuvre était là caché. Or, ce portail parait nettement peint dans le tableau qui représente le cortège du corps de Sainte Aude; la peinture montre la façade de l'ancien temple avec le portail; c'était donc une donnée assurée pour la restauration de la façade, et dont l'architecte Nepomuceno sût aussitôt tirer profit. Cet architecte fut remplacé plus tard par Liberato Telles, homme intelligent, soigneux et studieux, qui mit l'édifice dans l'état où il se trouve actuellement.

Ce qui se passe maintenant dans cet édifice est un peu étourdissant. On voit là beaucoup de choses qui sont venues d'autres endroits. Elles sont sauvées évidemment; mais une certaine confusion règne dans l'ensemble. Par exemple, dans l'ancienne salle nommée de D. Manuel, primitivement salle du chapitre, on voit de belles faïences, en tableaux très bien exécutés; le Calvaire ou Crucifié est venu du phare de S. Vicente, les autres de l'ancien couvent de Sant'Anna. Dans l'église primitive il y a des faïences anciennes assez belles et d'autres d'imitation moderne; dans le temple actuel des faïences antiques et d'autres récemment peintes. Le paravent est moderne, imité de l'ancien. Dans le grand cloître les murs ont des lambris en faïences bleues et blanches venus de l'ancien couvent des Grillas.

Dans ce cloître il y a une fontaine remarquable; sur le bassin s'élève une grande vasque, d'une seule pièce, surmontée d'une autre plus petite, de lignes élégantes, d'où sort le jet d'eau. La grande vasque se pose sur quatre colonnes, dont une au centre, par laquelle passe le jet d'eau, et les autres trois autour avec des chapiteaux ornés de feuillages; le grand chapiteau de la colonne centrale montre six figures qui semblent soutenir la vasque avec effort, et des rubans avec des inscriptions en caractères gothiques: «Aidez moi bien — Le mieux possible — Et toi qui n'aides pas — Je n'en peux plus — Trop lourd — Que Dieu nous aide».

Dans le cloître, près de la porte qui mène au petit cloître se trouve la chapelle arabe; c'est une salle carrée, au plafond élevé, en bois avec des ornements mosarabes, et les ingénieux entrelacs géométriques que l'ouvrier mauresque, obéissant à sa tradition artistique, avait l'habitude de faire en Portugal, encore au XVIme siècle.

Près de l'avant chœur, ou de la chapelle de Saint Antoine, il y a un espace ou vestibule; c'était la crèche dont on voit encore des restes, et quelques images qui lui appartenaient sont au musée des Janellas Verdes. Le sculpteur potier se nommait Antonio Ferreira, surnommé Ferreirinha de Chellas, artiste remarquable qui vécût au XVIIIme siècle.

Le plafond de l'avant-chœur est formé par des caissons en boiserie dorée très bien finie renfermant des tableaux de la vie de Saint Antoine attribués au peintre André Gonçalves. Les faïences du lambris représentent des scènes de la vie des ermites. L'autel de Saint Antoine est tout en bois sculpté et doré et le retable, d'un beau dessin, est décoré de colonnes salomoniques.

Passons dans le chœur dont l'ensemble est riche et opulent. Sur les murs et le plafond il y a de belles boiseries et des peintures de grand mérite artistique. La voûte est formée par quinze caissons richement encadrés renfermant des tableaux de la *Vie du Christ*. Sur le mur du fond (représenté dans notre gravure) s'ouvre l'entrée du chœur; on y voit six tableaux de grandeurs et formes différentes, tous de sujets sacrés; celui du centre représente *La dernière cène*.

Notre gravure montre la double rangée de stalles formant une espèce de dossier élevé, suivi d'une série de vingt deux niches ou armoires en fine boiserie dorée; c'est le précieux reliquaire. Sur le mur d'en face, où s'ouvre la grande baie autrefois occupée par la balustrade, on voit un admirable tabernacle de précieux travail et six tableaux. Entre autres il y a celui de la *Ville Sainte* ou *Jerusalem*, qui, d'après ce que l'on dit, a été un des cadeaux offerts par l'empereur Maximilien à la reine D. Leonor.

rôas, os fustes imitam cordas de tres ramaes, como as columnas da egreja do convento de Jesus de Setubal. Ao alto o brazão da rainha; aos lados os symbolos ou divisas de João II, o pelicano; e a rede de D. Leonor.

No lindo quadro do cortejo de Santa Auta vê-se este portal tendo ao lado uma esculptura representando a Virgem e o Menino em moldura de folhagens douradas. Esta esculptura, me parece, existe; é uma das que estão no museu das Janellas Verdes. Outras esculpturas em molduras de majolica havia nos claustros do mosteiro. Creio que as das Janellas Verdes, preciosas, têm essa origem.

Na estampa, que representa o interior da egreja, vê-se bem o estylo classico do arco triumphal da capella-mór. É um arco romano com o florido brazão d'armas de D. José em obra de talha muito levantada. Todas as faces, frisos e angulos d'este arco são bordados de madeira esculpida e dourada; as columnas floridas, as pilastras vestidas de grinaldas; mas os perfis todos livres.

Chama a attenção a grade da teia da egreja sustentada por seis balaustres de fino mosaico florentino; e o pulpito, o opulento pulpito dourado, cheio de curvas, de caracoes, de volutas, de grandes folhagens retorcidas.

Na monographia de Liberato Telles já citada se mencionam os nomes dos artistas que o coadjuvaram na reparação da egreja. É incontestavel que em Lisboa se encontram actualmente bons entalhadores, douradores, pintores e restauradores de azulejos, serralheiros, etc. As escolas industriaes têm servido para o progresso das artes applicadas.

Ha na capella-mór algumas pinturas em madeira, de pequenas dimensões, de muito merecimento. Em tom, desenho, figuras, afinam com uns quadros que estão no côro. Creio que formam uma serie allusiva á fundação do mosteiro.

Outra estampa representa um angulo do claustrim; linda construcção; luminosa, com seus azulejos antigos de alegre vista. O arco que se vê á direita na parede, é a fonte de Santa Auta, cuja agua tem virtude curativa. O claustrim foi restaurado pelo architecto Nepomuceno. E já precisa concerto no seu andar superior. O estuque e o fasquiado do tecto está em grande ruina, alguns pedaços cahidos, o que faz máo effeito.

Finalmente a quarta estampa mostra-nos o opulento côro. Todos esses relevos são dourados finamente, as telas enchem todo o recinto de suaves côres e de vida espiritual. Estão ahi quadros de valor; os retratos de D. João III e da rainha D. Catharina são de primeira ordem. Um tanto escurecido, a um canto, infelizmente com pouca luz, admira-se a *Paixão* ou *Cidade Santa*, grande pintura de um *primitivo*, flamengo ou allemão, em madeira, cheia de edificios convencionaes, onde se representam os passos da Paixão, em centos de figuras; n'um angulo do quadro á esquerda, o retrato de D. Leonor, a rainha fundadora. Está ajoelhada, vestida de escuro habito, a touca branca moldurando o rosto levemente vincado pela edade; absorvida na sua oração; reza talvez pelo marido, com certeza pelo filho. É trabalho de fino miniaturista; deve ser um retrato parecido. E tão bem conservado! atravez seculos e tantos perigos de terremotos e restauradores! E tambem não esmoreceu ainda a devoção popular por Santa Auta. No claustrim vê-se a fonte de virtuosa agua para curar enfermidades; dentro está um cofre de prata com um osso da santa. Na pequena egreja do Asylo, onde ha culto, vê-se uma urna de cristal com os restos da santa, alguns ossos entre rolos d'algodão, e um pequeno craneo, a santa era creança quando soffreu o martyrio, n'uma caixa de prata, que parece querer imitar uma coifa, com seus lavores e abertos. Proximo, abaixo da urna, fica um berço, tapado por um panno vermelho; ahi collocam as creanças enfermas que pessoas crentes entregam á protecção da santinha.

Gabriel Pereira.

Nos gravures représentent le portail, l'intérieur de l'église dont on voit le maître-autel, le chœur supérieur, et un angle du petit cloître.

Le portail, de style manuelino est sobre et élégant, toutefois son ornementation est loin de la richesse de ceux de Conceição Velha et de Jeronymos.

Les colonnes latérales ont les bases gothiques facetées et découpées; leurs chapiteaux représentent des couronnes, les fûts imitent des cordes à trois branches, comme les colonnes de l'église du couvent de Jésus à Setubal. En haut on voit l'écusson de la reine et aux côtés les symboles ou devises de D. João II, le pélican, et le filet de D. Leonor.

Dans le beau tableau du cortège de Sainte Aude on voit ce portail flanqué d'une sculpture de la Vierge avec l'Enfant, dans un cadre de feuillages dorés. Il me semble que cette sculpture existe et que c'est une de celles qui sont au musée de Janellas verdes. Il y en avait d'autres, dans des cadres en majolique, qui étaient dans les cloîtres du couvent. Je pense que les plus précieuses existant au musée de Janellas Verdes ont cette origine.

Dans la gravure représentant l'intérieur de l'église on aperçoit bien le style classique de l'arc triomphal du sanctuaire. C'est un arc romain avec le blason fleuri de D. José, en boiserie sculptée très en relief. Toutes les faces, les frises et les angles sont rebrodés en bois sculpté et doré; les colonnes fleuries également et les piliers revêtus de guirlandes, mais laissant les profils libres.

La balustrade intérieure de l'église soutenue par six balustres en fine mosaïque florentine est digne de remarque ainsi que la somptueuse chaire dorée, pleine de courbes, de volutes, de rinceaux et de grands feuillages retordus.

Dans la monographie de Liberato Telles dont nous avons parlé, on cite les noms des artistes qui ont travaillé à la restauration de l'église, et on voit qu'incontestablement il existe encore à Lisbonne de bons ébénistes, doreurs, peintres et restaurateurs de faïences, des serruriers, etc. Les écoles professionnelles ont contribué au progrès de l'art appliqué.

Dans le maître-autel on voit quelques peintures sur bois, de petites dimensions, mais de grand mérite. La tonalité, le dessin, et les figures s'harmonisent avec quelques tableaux du chœur. Je pense que cela doit composer une série faisant allusion à la fondation du couvent.

Une autre gravure représente un angle du petit cloître; c'est une belle construction, pleine de lumière avec ses belles faïences anciennes qui réjouissent la vue. L'arc que l'on voit sur le mur de droite est la fontaine de Sainte Aude, dont l'eau a des propriétés curatives. Le petit cloître a été réparé par l'architecte Nepomuceno. L'étage supérieur a encore besoin d'être restauré. Les stucs et la charpente du plafond sont très abimés, quelques parties tombent en ruine ce qui produit un très fâcheux effet.

La quatrième et dernière gravure montre le somptueux chœur. Tous les reliefs sont finement dorés, les tableaux remplissent l'enceinte de douces couleurs et de vie spirituelle. Il y a quelques toiles de valeur, telles que les portraits de D. João III et de la reine D. Catharina. Dans un coin, malheureusement peu éclairé, on admire la *Passion* ou *Ville Sainte*, grande composition d'un peintre *primitif*, flamand ou allemand, faite sur bois, pleine d'édifices conventionnels, où l'on représente les stations du Chemin de la Croix avec des centaines de figures; dans un angle du tableau, à gauche, on voit le portrait de D. Leonor, la reine qui a fondé le couvent. Elle est agenouillée, vêtue de l'habit religieux de couleur sombre, avec la coiffe blanche encadrant le visage légèrement ridé par l'âge; absorbée dans la prière, elle prie peut-être pour son mari, certainement pour son fils. C'est une délicate miniature et ce doit être un portrait ressemblant. Il est admirablement conservé, malgré les siècles et les dangers des tremblements de terre et des réparations! La dévotion populaire pour Sainte Aude n'a pas encore diminué. Dans le petit cloître on voit la fontaine dont l'eau miraculeuse guérit les maladies; à l'intérieur il y a un coffret d'argent avec un os de la sainte. Dans la petite église de l'Asile, ouverte au culte, on voit un cercueil en cristal avec les restes de la sainte, quelques os enveloppés dans du coton et, dans un coffre d'argent qui semble vouloir imiter une résille, avec ses ornements et ses mailles, on voit un petit crâne, car la sainte était encore enfant quand elle subit le martyre. Tout près, au dessous du cercueil se trouve un berceau, couvert d'un drap rouge; c'est là qu'on place les enfants malades que les personnes croyantes mettent sous la protection de la petite sainte.

Gabriel Pereira.

Quinta da Bacalhôa

(JUNTO DE AZEITÃO)



Como se inventou nome tão feio e vulgar para obra tão linda e rara? *Bacalhau* é uma alcunha que apparece já no principio do seculo XVI n'um filho do primeiro Marquez de Villa Real (familia dos Menezes e Noronhas), chamado D. Henrique. Um filho d'este: D. Jeronymo Manuel, o *Bacalhau*, entrou na posse do morgado de Azeitão em virtude do seu casamento com D. Maria de Mendonça e veio residir para a quinta de Azeitão, onde falleceu em 1620. Representava sua esposa a familia dos Albuquerques, instituidores do morgado e constructores da casa, a qual teve por fundador Braz de Albuquerque, filho natural do grande capitão, cujo nome de baptismo adoptou.

Tendo vindo a alcunha pelos Noronhas para a fundação dos Albuquerques, bem se vê que o nome *Bacalhôa* é uma importação. Mas ficou vinculado á casa, porque no seculo XVI raro foi o fidalgo que se livrou dos sobrenomes e escapou á má lingua dos cortezãos; que o digam as abundantes trovas satyricas do Cancioneiro de Garcia de Rezende! De resto, o sobrenome *Bacalhau* nada tem de deshonroso; pelo contrario. Conta uma tradição que D. Jeronymo Manuel o adquirira depois de uma tormentosa viagem á India, onde os capitães soffreram grandes privações para salvarem a tripulação enferma do escorbuto, distribuindo a esta o melhor alimento e ficando os fidalgos só com o bacalhau, n'esse tempo havido como nocivo á saude. Voltemos porém aos factos positivos.

Temos de resumir muito a historia. Em 1515 morre o grande Albuquerque em Gôa. Seu filho natural, unico herdeiro, casa por 1520; e em 1521 vae na esquadra que conduzia a Saboia a infanta D. Brites, noiva do duque. A armada fundeia em Villa Franca de Niza e emquanto se prepara a entrada triumphal da joven duqueza, os fidalgos portuguezes do sequito percorrem as cidades da Italia, então no auge da sua fama litteraria e grandeza artistica. Todos podem lêr nos nossos chronistas do reinado de D. Manuel o que foi essa viagem da infanta por mar, um roteiro triumphal, com um fausto nunca visto, mesmo no reinado do monarcha venturoso e perdulario!

Braz, que chamaremos d'ora avante Affonso d'Albuquerque, trouxe provavelmente d'essa excursão artistica pela Italia o gosto da arte e a imagem ideal da sua futura quinta. As casas de recreio da Italia, com seus jardins e fontes, cascatas e jogos hydraulicos; as suas *Loggie* ornadas de frescos; as longas, umbrosas avenidas povoadas de estatuas heroicas, onde se desenrolam ora as procissões devotas, ora os *trionfi* profanos e symbolicos; a arte incomparavel de combinar as linhas architectonicas da construcção com a perspectiva natural dos jardins e parques, deixaram no espirito do fidalgo portuguez a visão de um mundo novo. Ou fosse a *Farnesina* de Baldassare Peruzzi, construida para Agostino Chigi em 1509, ou a Villa Madama — *la vigna dei Medici* do cardeal Giulio, que o nosso Francisco de Hollanda tanto admirou; ou fossem as phantasiosas invenções de Florença e Napoles (*Poggio reale*) que Serlio desenhou (De *Archit.*, livro III, pag. 121; ibi, livro VII) e o seu traductor hespanhol Villalpando teve de recommendar aos nossos — é certo que o fidalgo portuguez não poderia aprender senão na Italia de Leão X o apurado gosto que revelou em Azeitão, embora a concepção architectonica se traduzisse depois n'um *capricho* hispanico.

Mas antes d'elle comprar a propriedade em 1528 transformando-a logo, existiu alli uma construcção notavel, pelo menos, levantada pela infanta D. Brites, filha do infante D. João, mestre de Santiago e portanto neta de el-rei D. João I. Esta senhora recebeu-a de seu pae que possuiu a quinta de 1427 até 1442, anno em que morreu. Fallecido o mestre, o condestavel, fica-se chamando a propriedade *Quinta da Condestablessa,* em lembrança da possuidora, que a gosou sessenta e quatro annos, de 1442 até 1506, data da sua morte. Sua bisneta D. Brites de Lara começou a desmanchar o morgado em 1521 e, passados mais sete annos, vendeu até a quinta principal aos Albuquerques, que a baptisaram com um nome illustre.

A localidade no tempo da infanta é citada com a designação *Villa-Fraiche* ou *Freche,* nome que apparece transformado em *Villa fresca* do meado do seculo XVIII em diante, e dá ideia da amenidade e belleza do sitio. Ainda ninguem pensava no *Bacalhau.*

Devemos suppôr que foi o possuidor mais rico e de maior categoria quem iniciou os paços de *Villa-Freche,* mórmente sendo esse dono o que os usufruiu mais tempo (64 annos). Com effeito, a in-

Palais et jardin de Bacalhôa

(PRÈS DE AZEITÃO)



Comment a-t-on pu inventer un nom si laid et si vulgaire pour une chose si belle et si rare! *Bacalhau* est un surnom qui paraît déjà au commencement du XVIme siècle, comme étant donné à un fils du premier Marquis de Villa Real (de la famille des Menezes et Noronhas) qui se nommait D. Henri. Un de ses enfants D. Jeronymo Manuel, le *Bacalhau,* entra en possession du majorat de Azeitão par son mariage avec D. Maria de Mendonça et il vint habiter le palais de Azeitão, où il mourût en 1620. Sa femme représentait la famille des Albuquerques, fondateurs du majorat et constructeurs de la maison, qui avait été instituée par Braz de Albuquerque, fils naturel du grand capitaine dont il avait adopté le nom de baptême.

Le surnom étant venu par les Noronhas pour la fondation de la lignée des Albuquerques, on voit bien que le nom de Bacalhôa est une importation. Mas il resta greffé dans la maison et au XVIme siècle il était rare qu'un gentilhomme pût échapper à un surnom et à la médisance des courtisans; il suffit de lire les abondantes chansons satyriques du Cancioneiro de Garcia de Rezende! Du reste, le surnom de *Bacalhau* (*morue*) n'a rien de déshonorant; au contraire. Une tradition raconte que D. Jeronymo Manuel l'avait adopté après un pénible voyage aux Indes, où les capitaines avaient souffert de grandes privations pour sauver l'équipage malade de scorbut, en lui donnant la meilleure nourriture, tandis que les gentishommes ne mangeaient que de la morue, réputée alors comme nuisible à la santé. Mais revenons aux faits positifs.

Il faudra bien abréger l'histoire. En 1515 le grand Albuquerque mourait à Gôa. Son fils naturel, seul héritier, se mariait en 1520; en 1521 il partait avec l'escadre qui conduisait en Savoie l'infante D. Brites, fiancée du duc. La flotte mouillait à Ville Franche de Nice et pendant que l'on préparait l'entrée triomphale de la jeune duchesse, les gentilshommes portugais de la suite parcouraient les villes d'Italie, alors à l'apogée de sa renommée littéraire et de sa grandeur artistique. Tout le monde peut lire dans nos chroniques du règne de D. Manuel, ce que fut ce voyage de l'infante, par mer, une route triomphale, avec une pompe inouie, même au temps de ce monarque si heureux et si prodigue!

Braz, que nous nommerons donc Affonso de Albuquerque, apporta probablement de cette excursion artistique en Italie, le goût de l'art et le dessin idéal de sa future propriété. Les maisons de plaisance d'Italie avec leurs jardins, leurs fontaines, leurs cascades et leurs jeux d'eaux; les *Loggie* décorées de fresques; les longues avenues ombragées, peuplées de statues héroïques, où se déroulent tantôt les processions pieuses, tantôt les *trionfi* profanes et symboliques; l'art incomparable d'allier les lignes architecturales de la construction à la perspective naturelle des jardins et des parcs, tout cela laissa dans l'esprit du noble portugais la vision d'un monde nouveau. Que ce fut la *Farnesina* de Baldassare Peruzzi, construite pour Agostino Chigi en 1509, ou la Villa Madama — *la vigna dei Medici* du cardinal Giulio, que notre Francisco de Hollanda tant admira; ou les capricieuses inventions de Florence et de Naples (*Poggio reale*) que Serlio dessina (De *Archit.,* livre III, pag. 121; ibid, liv. VII) et que son traducteur espagnol Villalpando dût recommander aux nôtres — il est certain que le gentilhomme portugais n'aurait pu apprendre que dans l'Italie de Léon X, le goût exquis qu'il déploya à Azeitão, quoique la conception architecturale se soit depuis transformée en un *caprice* hispanique.

Mais, en 1528, avant d'acheter la propriété qu'il restaura aussitôt, il y avait là une construction remarquable, pour le moins, élevée par l'infante D. Brites, fille de l'infant D. João, maître de Santiago, et, partant, petite fille du roi D. João I. Cette dame la reçut de son père qui fut propriétaire du domaine de 1427 à 1442, année où il mourût. Après la mort du maître, le connétable, la propriété s'appela *Quinta da Condestablessa,* en souvenir de sa propriétaire, qui en eut la jouissance pendant soixante quatre ans, de 1442 jusqu'à sa mort, en 1506. Son arrière-petite-fille D. Brites de Lara commença à détruire le majorat en 1521 et sept ans après, elle vendit même la partie principale aux Albuquerques qui la baptisèrent d'un nom illustre.

Du temps de l'infante, la localité est citée sous le nom de *Villa-Fraiche* ou *Frèche,* qui vers le milieu du XVIIIme siècle et ensuite, devint *Villa fresca,* et donne une idée de la douceur et de la beauté de l'endroit. Personne ne pensait alors au *Bacalhau.*

fanta D. Brites, por si, pela casa de seu pae, pelos bens de seu marido, o infante D. Fernando, duque de Vizeu e de Beja, pela generosidade de seu cunhado D. Affonso v e de seu genro D. João II, viveu com um fausto e uma grandeza só excedidas pelas prodigalidades do proprio marido, cujos habitos imitou. Em vinte e tres annos de convivencia teve tempo á farta para lhe tomar os usos, se já lhe não eram peculiares. O filho de ambos, D. Manuel, depois rei, mostrou bem que a semente fructificára e encheu o reino com as maravilhas da arte e os esplendores das industrias decorativas. O que fariam seus paes nos paços da quinta? Podemos conjectural-o por uma obra que estudámos e desenhámos em Beja em 1882, e que foi d'elles, authentica, visto não podermos admittir a existencia das construcções que Rasteiro lhes attribue na Bacalhôa.

A construcção de Beja era ha vinte e cinco annos apenas um grande fragmento, uma ala do Paço dos Infantes, mas dava uma perfeita ideia da primitiva grandeza e traduzia bem, nas duas galerias sobrepostas, o pensamento do architecto, a alliança da belleza e da força [1].

O mesmo apurado gosto, a mesma, senão superior riqueza em todo o convento da Conceição, annexo, e na sumptuosa egreja. Tudo desappareceu, menos o templo, perante os modernissimos vandalos! Esta perda é tanto mais sensivel em face da eliminação das obras que os conjuges deviam ter promovido nos seus paços de Villa-Freche, onde tanto tempo habitaram.

Um escriptor benemerito quiz, na melhor intenção, para pôr em concordancia valiosos documentos que achou [2], com as construcções ainda existentes — descobrir na Bacalhôa fragmentos architectonicos do seculo xv [3]. Encontrou «duas casas cobertas com abobadas em ogiva e de arestas, cujas nervuras nascem tão proximas do chão, a não restar duvida de que o pavimento correspondente deve achar-se muito soterrado, e de que se levantou outro sobre elle para alcançar o novo nivel». (Rasteiro, pag. 21). Em vista d'esta passagem, o nosso primeiro empenho ao visitar cuidadosamente a Bacalhôa, foi sujeitar a rigoroso exame todos os pavimentos terreos das differentes casas. Que ha construcções soterradas, isso não soffre duvida; mas ninguem póde adivinhar o que valerá a parte sepultada. Argumentemos com o que está á vista. Ninguem ganha, transformando uma edificação clara, harmonica, homogenea, n'uma manta de retalhos architectonicos [4], e complicando um episodio clarissimo da historia da nossa arte com

---

[1] Assim a caracterisámos em outro logar n'uma descripção detalhada. Poderiamos dizer, ao mesmo tempo: o contraste do novo elemento da Renascença italiana com a tradição nacional mosarabe, galeria aeria, aberta e rendilhada sobre arcadas da ordem toscana. (Vide *A Ceramica portugueza e sua applicação decorativa*. Parte II: A ceramica applicada ás construcções, pag. XIV. Na Bibliotheca de instrucção profissional. Lisboa, 1907).

[2] Joaquim Rasteiro, *Quinta e Palacio da Bacalhôa em Azeitão*. Monographia historico-artistica. Lisboa, 1895, 8.º Completa-se este trabalho com a obra das estampas e plantas por A. Blanc, Lisboa, 1898; são 54 est. O trabalho de investigação paleographica é valioso. Tudo o que diz respeito á critica e historia da arte sahiu deploravelmente confuso, bordado com as mais singulares contradições! Rasteiro creou proselytos, infelizmente. Carlos Malheiro Dias repetiu-lhe os erros (*Commercio do Porto*, folhetim de 29 de maio de 1904) e o allemão Th. Rogge, que figurou entre nós como professor de uma escola de desenho industrial, foi phantasiar n'uma revista d'arte allemã (1896) a intervenção de Andrea Contucci na Bacalhôa. Não quiz imitar o seu patricio A. Haupt que descobriu a obra do grande italiano no castello de Alvito (Alemtejo), sem lá ter entrado (sic). Liquidamos com ambos, em allemão, na Introducção e nas Notas da ed. allemã dos *Dialogos da Pintura* por Francisco de Hollanda, publicada em Vienna d'Austria em 1899, a expensas do governo austriaco. Nenhum d'elles se dignou responder. Rasteiro tem uma nota sufficiente a pag. XIX do ensaio citado: *A ceramica portugueza*, etc. (Parte II, 1907) e no texto a refutação de pag. XVIII a XX. Ahi mesmo apontámos a affinidade electiva da Quinta dos Marquezes de Fronteira (Bemfica) com a dos Albuquerques (pag. XX). Vid. no fasc. n.º 38 d'esta publicação as estampas de Bemfica.

[3] «Conto a Bacalhôa como obra do ultimo quartel do seculo xv, mandada executar por D. Brites, filha do infante D. João.» (Rasteiro, pag. 10). Teriamos pois o periodo de 1475-1500! Compare-se com o que o auctor diz mais adiante, pag. 26: «Tem, pois, a Bacalhôa o caracteristico da transição da velha para a nova arte do ultimo quartel do seculo xv para o XVI.» Emfim, uma terceira citação curiosa, pag. 46: «O palacio e demais construcções da Bacalhôa, repito, formam um monumento de alta significação para a historia das artes em Portugal. Delimita dois periodos distinctos, a architectura *medieva* e o estylo da Renascença. O genero architectural que se creou no paiz em nada alli ainda influiu.» Tudo isto não passa de meras affirmações gratuitas, aggravadas pelo tom dogmatico com que são declamadas ao leitor.

[4] «Quem attentamente observar o palacio e quinta da Bacalhôa e os vir minuciosamente encontrará nas edificações *tres idades e influencias das epocas*. Duas casas com *abobadas ogivaes*, restos da habitação do tempo do monteiro-mór João Vicente (funccionario de D. João I que trazia emprazada a quinta) ou do principe D. João, mestre de Sant'Iago; palacio e cerca torreada de D. Brites sua filha; construcções e decoração polychromica de Affonso de Albuquerque.» (Rasteiro, *Quinta*, etc., pag. 19). O grifo é nosso, assim como a explicação do parenthese. Toda essa historia de *abobadas em ogiva e de ares*-

Il faut croire que ce fut le possesseur le plus riche et hautement placé, qui initia le palais de *Villa-Freche*, surtout parce qu'il en a joui le plus longtemps, pendant 64 ans. En effet, l'infante D. Brites, par elle même, par la maison de son père, par les biens de son mari l'infant D. Fernando duc de Vizeu et de Beja, par la générosité de son beau frère D. Affonso v et de son gendre D. João II, vécût avec un faste et une opulence qui ne furent excédés que par les prodigalités de son propre époux, dont elle imitait les habitudes. Pendant vingt trois ans de vie commune, elle eut assez de temps pour prendre ses coutumes, si elle ne les avait pas déjà dans son caractère. Leur fils, D. Manuel, qui fut roi, montra bien que la graine avait germé et remplit le royaume avec des merveilles d'art et des splendeurs d'industries décoratives. Qu'auraient pu faire ses parents dans ce palais? On le suppose, par un travail que nous avons étudié et dessiné à Beja en 1882, et qui leur a appartenu authentiquement, car nous ne saurions admettre l'existence des constructions que Rasteiro leur a attribuées à Bacalhôa.

La construction de Beja était, il y a vingt cinq ans, un grand fragment à peine, une aile du Palais des Infants, mais il donnait une idée parfaite de la grandeur primitive et dans ses deux galeries superposées il traduisait bien la pensée de l'architecte, l'alliance de la beauté et de la force [1].

Le même goût raffiné, la même, ou peut-être une plus grande richesse se retrouve dans tout le couvent de Conceição, annexé, et la somptueuse église. Hormis le temple, tout cela a disparu, grâce à ces vandales modernes! Cette perte est d'autant plus sensible, à en juger par l'élimination des travaux que les époux avaient dû entreprendre dans leur palais de Villa-Freche où ils habitèrent si longtemps.

Un écrivain de mérite, afin de mettre d'accord de précieux documents qu'il a trouvés [2], a voulu, avec la meilleure intention, découvrir à Bacalhôa des fragments d'architecture du xvme siècle [3]. Il a trouvé «deux pièces recouvertes de voûtes en ogive et d'arêtes, dont les nervures sortent si près du sol, que sans nul doute le pavé correspondant doit être profondément enterré, et que l'on en a construit un autre pour atteindre le nouveau niveau.» (Rasteiro, pag. 21). En lisant ce passage notre premier intérêt, en visitant soigneusement Bacalhôa, a été de procéder à une rigoureuse analyse de tous les pavés des différentes pièces du rez-de-chaussée. Il n'est pas douteux qu'il y ait des construction souterrées, mais nul ne peut deviner la valeur des parties enfoncées. Il nous faut donc argumenter avec ce que nous voyons. Il n'y a rien à gagner, en transformant une édification harmonieuse, nette, homogène, en un rapièçage de morceaux d'architecture [4], compliquant ainsi un épisode très clair de notre histoire artis-

---

[1] C'est ainsi que nous l'avons caractérisé ailleurs dans une description détaillée. Nous pourrions dire en même temps: le contraste du nouvel élément de la Renaissance italienne avec la tradition nationale mosarabe, à galerie aérienne, ouverte et dentelée sur des arcades d'ordre toscan. (Voir la *Ceramica portugueza e sua applicação decorativa*. Part II: A ceramica applicada ás construcções, pag. XIV. À la Bibliothèque d'Instruction professionnelle. Lisbonne, 1907).

[2] Joaquim Rasteiro, *Quinta e Palacio da Bacalhôa em Azeitão*. Monographie historico-artistique. Lisbonne, 1895, 8.º Cet ouvrage est complété avec le travail des gravures et des plans par A. Blanc, Lisbonne, 1898; il y a 54 gravures. Le travail d'investigation paléographique est de grande valeur. Mais tout ce qui se rapporte à la critique et à l'histoire de l'art est déplorablement confus, et plein des plus singulières contradictions! Rasteiro a malheureusement engendré des proselytes. Carlos Malheiro Dias a répété ses erreurs (*Commercio do Porto*, feuilleton du 29 Mai 1904) et l'allemand Th. Rogge, qui a figuré parmi nous comme professeur d'une école professionnelle de dessin, a été inventer dans une revue d'art allemande (1896) l'intervention de Andrea Contucci à Bacalhôa. Il n'a pas voulu imiter son compatriote Haupt qui a découvert l'œuvre du grand italien dans le château d'Alvito (Alemtejo) sans jamais y avoir mis les pieds (sic). Nous avons éclairci l'affaire, avec les deux, en allemand, dans l'Introduction et Notes de l'édition allemande des *Dialogos de Pintura* par Francisco de Hollanda publiée à Vienne en 1899 aux frais du governement autrichien. Aucun d'eux n'a daigné nous répondre. Rasteiro a une note suffisante à la pag. XIX de l'essai cité: *A ceramica portugueza*, etc. (Part II, 1907) et dans le texte la réfutation des pag. XVIII à XX. Là même, nous avons signalé l'affinité élective du Domaine des Marquis de Fronteira (Bemfica) avec celui des Albuquerques (pag. XX). V. fasc. 38 de cette publication les gravures de Bemfica.

[3] «Je compte Bacalhôa comme une œuvre de la dernière partie du xvme siècle, commandée par D. Brites, fille de l'infant D. João.» (Rasteiro, pag. 10). Nous aurions donc la période de 1475 à 1500. Que l'on compare avec ce que l'auteur dit plus loin, pag. 26: «Bacalhôa a donc le caractère de transition du vieux au nouvel art du dernier quart du xvme au XVIme siècle.» Enfin une dernière citation curieuse, pag. 46: «Le palais et les autres constructions de Bacalhôa, je le répète, forment un monument de haute signification pour l'histoire des arts en Portugal. Il définit deux périodes distinctes, l'architecture du moyen âge et le style Renaissance. Le genre architectural qui se créa dans le pays n'eut jusque-là aucune influence sur ce que l'on y voit.» Tout cela se borne à des assertions inutiles, accrues par le ton dogmatique avec lequel elles sont déclamées au lecteur.

[4] «Ceux qui observeront attentivement le palais et le domaine de Bacalhôa et les verront minutieusement trouveront dans les édifications *trois époques et leurs influences*. Deux pièces avec des *voûtes ogivales*, restes de l'habitation du temps

um dos problemas mais difficeis e obscuros, a intervenção de Andrea Sansovino na Renascença portugueza, precisamente no momento critico em que a architectura passava das concepções puramente nacionaes para a imitação dos novos modelos italianos, primeiro hesitando e sem guia claro. Em 1526 já o tinha (Diogo de Sagredo). O assumpto e os problemas que envolve, não são para este logar. Sobre os dois Sansovinos: Andrea e Jacopo vide a ed. all. do *Hollanda. Wien,* 1899, e tambem a ed. portug. *Porto,* 1896, pag. 88 e seg.

As photographias representam a galeria lado norte do Paço que dá para um laranjal (a extensão da ala, incluindo as duas torres, é de 37^{m},40). Está no primeiro plano, mais alto, da quinta (extensão 116^{m},60). N'esse plano vê-se, com a mesma orientação do paço, a Casa das Aguas, tres pavilhões, ligados por arcadas abrindo sobre um lago quadrado (31^{m},90) e, formando angulo recto, uma parede ornada de bellissimos medalhões de faiança polychromica (genero *Della Robbia*). D'ahi corre a agua, com delgada veia agora. Uma extensa avenida, ornamentada com outros medalhões e uma prodigiosa riqueza de azulejos nos alegretes, canteiros, bancos, nichos, etc., liga o Paço á Casa das Aguas, a qual mais ainda do que o edificio principal, constitue um museu de ceramica decorativa incomparavel, que abrange o periodo de 1525-1600. Os grandes medalhões em calcário que realçam as tres arcadas inferiores da ala norte (certamente retratos de familia) são esculpturas de grande valor, revelações de um artista de raça, que tinha diante de si temperamentos heroicos, e se inspirou n'elles.

Castello de Palmella

A proposito de Leiria (fasc. 84) já nos referimos a este grandioso monumento militar, da Ordem de S. Thiago, comparando-o de passagem com o formidavel castello que cinge, qual diadema, a pittoresca cidade do Liz [1]. Ambos são marcos indeleveis da nossa historia, embora a incuria humana os apresente hoje em deploravel estado. Com Palmella a culpa é mais grave, porque existindo ainda hoje a Ordem, embora transformada, competia a el-rei, como Grão-Mestre e a todos os dignitarios, ricos, remediados e humildes, a guarda, conservação e restauração do monumento.

Que havemos de dizer hoje? Está o convento de Thomar um pouco resguardado dos modernos vandalos; mas a Ordem de Christo, que el-rei D. Luiz tanto desejava reformar, não renasceu com a feição moderna, que o decreto de 1862 imprimiu á Ordem de S. Thiago; nem tambem o monumento da Ordem de Aviz foi salvo da ruina, embora reservassem exclusivamente para a classe militar a insignia do fundador da segunda dynastia.

Titulos antigos, honras novas ou renovadas, mas sem nenhuma responsabilidade moral. *Titre n'oblige pas...* Os dignatarios das Ordens de Christo e Conceição de Villa-Viçosa nem se dignam comparecer nas ceremonias religiosas de maior importancia a que el-rei os convida pelo *Diario do Governo* — e o estatuto os obriga!

O decreto de 31 de outubro de 1862, assignado por el-rei D. Luiz e referendado por Anselmo José Braamcamp, reformou em sentido moderno a ordem: «a qual de hoje em diante se ha de intitular «antiga, nobilissima e esclarecida Ordem de S. Thiago do merito scientifico, litterario e artistico». Tratando das *habilitações* diz: «O assignalado merecimento pessoal e relevantes serviços prestados ás sciencias, ás letras e ás boas artes, tanto em ensino publico, como em obras escriptas e obras artisticas, constituem o unico titulo por que póde ser conferida esta distincção.» E logo em seguida declara que a mercê poderá ser conferida a todos os cidadãos portuguezes, sem excepção de classe, jerarchia ou profissão, uma vez que possuam as qualidades requeridas.

O novo estatuto da ordem creou em quarenta e cinco annos de vida annaes novos, que registam glorias pacificamente conquistadas, perduraveis, com um proveito ideal que o tempo não diminue, antes

tas do seculo xv reduz-se ao seguinte: são simples fachas largas, triviaes, do 1.º terço do seculo xvi; a secção ou córte das fachas é rectangular. Para o entendedor basta isto. Concluindo: Vimos uma construcção dos annos de 1525-55, um enxerto italiano n'um tronco nacional, prevalecendo o elemento nacional, mosarabe, mosarabe na planta e na decoração ceramica.

[1] Supunhamos então poder dar o mesmo numero de illustrações para Palmella.

O estudo sobre Leiria (n.º 84), Vizeu (n.º 86) e o presente foram escriptos a seguir, em fins de julho de 1907.

tique, avec un des problèmes les plus obscurs et les plus difficiles, l'intervention de Andrea Sansovino dans la Renaissance portugaise, précisément à l'occasion critique où l'architecture passait, des conceptions purement nationales, à l'imitation des nouveaux modèles italiens, hésitant d'abord, et sans guide éclairé. En 1526 il y en avait déjà un (Diogo de Sagredo). Le sujet et les problèmes qu'il contient ne sont pas ici à leur place. À propos des deux Sansovinos: Andrea et Jacopo, voir l'édition allemande de *Hollanda. Wien,* 1899, et aussi l'édition portug. *Porto,* 1896, pag. 88 et suiv.

Les photographies représentent la galerie nord du palais, qui donnent sur une orangerie (l'étendue de l'aile, comprenant les deux tours est de 37^{m},40). Elle se trouve sur le premier plan, et le plus élevé de la propriété, (étendue 116^{m},60). Sur ce plan on voit, avec la même orientation du palais, la Casa das Aguas, trois pavillons, reliés par des arcades ouvertes sur un bassin carré (31^{m},90) et formant angle droit, un mur orné de magnifiques médaillons en faïences polychromes (genre *Della Robbia*) L'eau coule de là, actuellement en un mince filet. Une longue avenue enjolivée avec d'autres médaillons et une prodigieuse richesse de faïnces sur les plates-bandes, les bancs, les niches, etc., conduit du palais à la Casa das Aguas, laquelle, plus encore que l'édifice principal, est un musée de céramique décorative incomparable, qui comprend la période de 1525-1600. Les grands médaillons en pierre calcaire qui ressortent sur les trois arcades inférieures de l'aile nord (certainement des portraits de famille) sont des sculptures de grande valeur, qui dénoncent un artiste de race, ayant sous les yeux des tempéraments héroïques où il s'est inspiré.

Château de Palmella

À propos de Leiria (fasc. 84) nous avons déjà parlé de ce majestueux monument militaire de l'Ordre de S. Thiago, en le comparant avec le formidable château qui couronne comme un diadème la pittoresque ville du Liz [1]. Ils sont tous deux des signes indélébiles de notre histoire, quoique l'incurie humaine les présente actuellement en un état déplorable. Avec Palmella la faute est plus grave, parce que l'Ordre existant encore, quoique transformé, le roi, comme Grand-Maître et tous les dignitaires, riches, aisés, et humbles, devaient se charger de la garde, la conservation et la restauration du monument.

Que dirons nous aujourd'hui? Le couvent de Thomar est un peu à l'abri des vandales modernes; mais l'Ordre du Christ, que le roi D. Luiz désirait tant réformer, n'a rien gagné avec la forme moderne que le décret de 1862 a donné à l'Ordre de S. Thiago; de même le monument de l'Ordre d'Aviz n'a pas été sauvé de la ruine, quoique l'on ait réservé exclusivement pour la classe militaire, les insignes du fondateur de la deuxième dynastie.

Ce sont des titres anciens, des honneurs nouveaux ou renouvelés mais sans aucune responsabilité morale. *Titre n'oblige pas.* Les dignitaires des Ordres du Christ et de Conceição de Villa Viçosa ne daignent pas même paraître aux cérémonies religieuses les plus importantes où ils sont invités par le roi dans le *Diario do Governo* — et auxquelles les règlements les obligent de faire acte de presence!

Le décret du 31 Octobre 1862, signé par le roi D. Luiz et contre-signé par Anselmo Braamcamp, réforma l'ordre dans un sens moderne: «dorénavant il s'intitulera — ancien, très noble et éclairé Ordre de S. Thiago de mérite scientifique, littéraire et artistique». Parlant des conditions du dignitaire on dit: «Le mérite personnel et les services distingués prêtés aux sciences, aux lettres et aux beaux arts, tant dans l'enseignement public, comme en des travaux écrits et des œuvres artistiques, sont les seuls titres qui peuvent mériter cette distinction». Et il déclare ensuite que la dignité peut être accordée à

du grande veneur João Vicente (fonctionnaire de D. João I qui avait pris la propriété à bail) ou du prince D. João, maître de Sant'Iago; palais et enclos fortifiés de sa fille D. Brites; constructions et décoration polychrome de Affonso de Albuquerque.» (Rasteiro, *Quinta,* etc., pag. 19). L'italique est à nous, ainsi que l'explication de la parenthèse. Tout cette histoire de *voûtes en ogive et d'arêtes* du xvme siècle se réduit à ce qui suit: se sont de simples bandes larges, vulgaires du 1er tiers du xvime siècle; la section ou coupe des bandes est rectangulaire. À bon entendeur cela suffit. En conclusion: Nous avons trouvé une construction des années 1525-55, un greffe italien dans un tronc national, mais l'élément national, mosarabe, a prévalu dans le plan et dans la décoration céramique.

[1] Nous pensions alors pouvoir donner le même nombre de gravures pour Palmella.

L'étude á propos de Leiria (nº 84), Vizeu (nº 86) et celui-ci ont été écrites en se suivant, vers la fin de Juillet 1907.

augmenta; porque a sciencia, a arte, as letras geram dia a dia novos beneficios. As sombras errantes dos velhos cavalleiros heroicos de Alcacer, Mertola e Palmella não deixarão de saudar os seus pacificos, modernos e esclarecidos companheiros, que trocaram a espada pela penna.

Os cavalleiros de S. Thiago não nasceram, como os de Christo, no patrio solo. O seu berço esteve em Castella, a sua séde em Ucles (hoje provincia de Cuenca). Instituida a ordem em 1175, apparece logo depois senhora de Almada e Alcacer. A primeira casa religiosa é em Lisboa, junto da egreja de Santos, depois estabelecem-se os freires em Alcacer, tomada e perdida com vária sorte; mudam para Mertola, onde encontram o inimigo mouro, mais perto; voltam novamente a Alcacer e firmam-se depois em Palmella. No meio d'esta viagem secular que decorre de 1175 até 1442, até á fixação no ultimo castello, no mestrado do infante D. João, quarto condestavel do reino, a ordem prestou os mais assignalados serviços. Basta recordar dous: a lucta tenaz e difficilima, para manter a independencia da ordem portugueza contra o Grão-Mestre de Ucles. A contenda começada em tempo de D. Diniz só acabou no reinado de D. Affonso IV. O segundo facto é a conquista do Algarve sob a direcção do Mestre portuguez Payo Peres Correa, de celebre memoria, feito tão insigne que até na arte da pintura encontrou echo. Uma serie de quadros muito notaveis (1510-1520) da escola antiga portugueza celebra as acções do inclito cavalleiro contra os mouros. Essas taboas existem hoje no Museu Nacional (Lisboa), mas procedem, segundo a tradição, do convento principal da Ordem, junto do Castello.

A unica estampa que representa n'este fasciculo o Castello (ainda assim um mui pequeno fragmento) devia ser completada com uma vista do paço dos freires e outra da egreja conventual, onde repousavam os restos do duque de Coimbra, D. Jorge, mestre das Ordens de S. Thiago e Aviz, fallecido em 1550. Este principe, filho natural e predilecto do grande D. João II, tinha alli um severo, mas formoso monumento sepulchral no estylo da Renascença. Em 1882 ainda encontrámos na pequena arca, collocada n'uma edicula de apurado lavor (como eram outras obras: porticos e capellas, sepulturas e brazões, altares e retabulos de optima cantaria cinzelada), alguns ossos. A arca fôra violada; por toda a parte, na egreja, os signaes de uma devastação brutal, uma apagada e vil tristeza; o ceu azul, unica abobada do templo, como... no de Leiria; o sol inundando de luz as paredes núas, testemunhas de um saque, bradando: justiça! E na villa dos freires, outr'ora opulenta, uma tão grande pobreza que, nem a mais humilde pousada encontrámos, onde por dinheiro matassemos a fome. Fomos deitar pregão pelas ruas (que um rapazinho, munido de uma alcofa, soltava), para combinar os elementos de magrissima merenda. Certa velhinha cozinhou-a particularmente, quasi por esmola; com ella a dividimos, no seu albergue. Isto foi no anno de 1882 da era de Christo, quasi ás portas e á vista de Lisboa!

Alcacer

É uma villa antiga da Ordem de S. Thiago, residencia dos freires durante longos annos. As ruinas formidaveis do seu alcaçar, os templos de Santa Maria do Castello e de S. Thiago ainda revelam as façanhas dos cavalleiros. Hoje, os seus industriosos filhos chamam-lhe Alcacer do Sal, producto que uma população muito activa (uns 10:000 habitantes do concelho) extrae de vastas e ricas marinhas. Situada na margem direita do rio Sado, onde fórma um excellente porto, ligado ao mar, com fundo notavel, mas ainda susceptivel de grandes melhoramentos, tem diante de si um bello futuro, quando o caminho de ferro do valle do Sado valorisar melhor a sua grande producção cerealifera e o commercio da cortiça. Foi patria do celebre mathematico Pedro Nunes (1492-1577), professor em Coimbra e cosmographo-mór do reino. As datas que indicamos para o nascimento e obito são incertas.

Joaquim de Vasconcellos.

tous les citoyens portugais, à quelque classe, position, ou profession qu'ils appartiennent, dès le moment qu'ils possèdent les qualités requises.

Les nouveaux statuts de l'ordre ont créé pendant quarante cinq ans de vie, de nouvelles annales, qui enregistrent des gloires paisiblement conquises, perpétuelles et d'un profit idéal, que le temps ne diminuera pas, et augmentera plutôt, car la science, l'art, les lettres créent tous les jours de nouveaux bienfaits. Les ombres errantes des anciens chevaliers héroïques de Alcacer, Mertola et Palmella, ne sauraient oublier de saluer leurs pacifiques compagnons, modernes et éclairés, qui échangèrent l'épée pour la plume.

Les chevaliers de S. Thiago ne naquîrent pas dans notre patrie, comme ceux du Christ. Leur berceau était en Castille, leur siège à Ucles (aujourd'hui province de Cuenca). L'ordre, institué en 1175, parait aussitôt souverain à Almada et Alcacer. La première maison religieuse fut à Lisbonne près de l'église de Santos; ensuite les moines s'établirent à Alcacer, qu'ils prirent et perdirent plusieurs fois; ils s'en allèrent après à Mertola, où ils trouvèrent plus près les maures ennemis; ils revinrent de nouveau à Alcacer et se fixèrent enfin à Palmella. Au milieu de ce voyage séculaire qui dura depuis 1175 à 1442, jusqu'à l'emménagement définitif dans ce dernier chateau, pendant la maîtrise de l'infant D. João, quatrième connétable du royaume, l'ordre rendit les services les plus signalés. Il suffit d'en rappeler deux: la lutte tenace et difficile pour maintenir l'indépendance de l'ordre portugais contre le Grand-Maître de Ucles. Le débat commencé au temps de D. Diniz ne finit que sous le règne d'Affonso IV. Le deuxième fait est la conquête de l'Algarve sous la direction du Maître portugais Payo Peres Correia, de célèbre mémoire et si remarquable que la peinture même le trouva digne d'être perpétué. Une série de tableaux de l'ancienne école portugaise, très remarquables (1510-1520) célèbre les actions du courageux chevalier contre les maures. Ces tableaux existent aujourd'hui au Musée National de Lisbonne, mais d'après la tradition ils viennent du couvent principal de l'Ordre auprès du château.

La seule gravure qui dans ce numéro représente le château et (même seulement en une petite partie) devait être completée par une vue du palais des moines et une autre de l'église conventuelle où gisaient les restes du duc de Coimbra, D. Jorge, maître des Ordres de S. Thiago et Aviz, mort en 1550. Ce prince, fils naturel et préféré du grand D. João II, avait là un sévère mais très beau tombeau de style Renaissance. En 1882 dans un petit coffret, placé dans un édicule de précieux travail (comme tous les autres œuvres: portiques, chapelles, tombeaux, blasons, autels, retables, en belle pierre ciselée) nous avons encore trouvé quelques ossements. Le tombeau avait été violé; partout, dans l'église on retrouve les signes d'une dévastation brutale, une tristesse morne et éteinte; la seule voûte du temple est, comme à Leiria, le ciel bleu; le soleil inonde de lumière les murailles nues, temoin d'un tel pillage et semble crier: justice! Et, dans la ville des moines, jadis opulente, la pauvreté est telle, que nous ne trouvons pas même une misérable auberge, où l'on puisse se payer un peu de nourriture. Il a fallu faire la leçon a un gamin qui, avec un panier allait crier de porte en porte quêtant les éléments du maigre repas. Une bonne vieille se chargea de la cuisine, après de longues instances et chez elle nous partageâmes notre dîner. Ceci se passait l'an 1882 de l'ère chretienne, presque dans l'enceinte et vis-à-vis Lisbonne!

Alcacer

C'est un ancien bourg de l'Ordre de S. Thiago, résidence des moines pendant bien longtemps. Les ruines formidables de son alcazar, les temples de Santa Maria do Castello et de S. Thiago révèlent encore les prouesses des chevaliers. Aujourd'hui les industrieux enfants du pays le nomment Alcacer do Sal (du Sel), produit extrait des vastes et riches salines par une population très active, à peu près 10:000 habitants de la commune. Situé sur la rive droite du Sado où il forme un excellent port, tout près de la mer, avec une profondeur remarquable, le petit bourg susceptible encore de grandes améliorations, a devant soi un riant avenir lorsque le chemin de fer de la vallée du Sado fera augmenter sa grande production de ceréales et le commerce du liège. Il a été la patrie du célèbre Pedro Nunes (1492-1577), professeur à Coimbra et premier cosmographe du royaume. Les dates indiquées pour sa naissance et sa mort sont incertaines.

Joaquim de Vasconcellos.

Elvas



' bem uma cidade alemtejana, caiada e limpa, relevada de torres de egrejas, campanarios de ermidas, varandinhas cobertas, eirados com seus vasos de flôres; manchas d'arvoredo entre a casaria; tudo forrando o declive da ampla collina. Logo no primeiro plano da estampa a porta militar decorada de velhas armaduras, e a bandeira nacional; no cimo vê-se uma parte do velho castello, muralhas negras com suas ameias; quasi a meio declive torres ou cubellos, mais ou menos alterados, marcam ainda o recinto muralhado, a cêrca, da edade media.

É uma praça de guerra que felizmente de ha muito vive em santa paz, labutando na sua vida agricola, entre os olivaes que produzem as bellas azeitonas, e os viçosos ameixiaes que nos dão as rainhas claudias, as ameixas pretas passadas, tão saborosas e hygienicas, e ainda a materia prima das ameixas doces tão apreciadas.

Elvas é povoação muito antiga, de origem romana, celtiberica? seria já cidade dos *Elvecios, gentes ferozes*, o seu nome será derivado de *Elba*, cidade já nomeada no Velho Testamento, ou de Marco Helvio, romano famoso? Maharbal, capitão carthaginez, assentaria aqui arraial? Tudo isto são themas de venerandos archeologos que eu muito respeito. Já no *Côro das Musas* se diz:

De Helvecio, cremos, Elvas derivada,
Fortaleza do Reino mui luzida,
Pelas *linhas* quebradas afamada,
E por mitra e bastão ennobrecida.

O que podemos affirmar com certeza é que existem em Elvas e pelos arredores vestigios seguros da civilisação romana, e monumentos que attestam a residencia prolongada, n'estes sitios, de povos prehistoricos muito anteriores a romanos. Por esses campos, no amplo valle do Guadiana, nas margens, subsistem muitos d'esses interessantes monumentos megalithicos, que o nosso povo rural chama *antas*, e os archeologos estrangeiros conhecem sob a designação *dolmens*.

É um paiz dolmenico. Ha antas por varias regiões do paiz; não espalhadas por toda a parte; estão em grupos; vê-se que o povo que as usou estacionava demoradamente em regiões bem definidas. Nos arredores de Elvas, para o sul, são numerosas; sem involucro tumular; as passagens cobertas muito baixas, as crytas bem conservadas. Exploradores animados pela ancia de achar thesouros occultos, a lendaria panella cheia de moedas d'ouro enterrada pelo mouro fugido, ainda ás vezes defendida pela moura encantada, teem revolvido e quantas vezes! o interior d'esses monumentos sepulcraes, de modo que o indagador scientifico pouco tem a esperar, algum machado de diorite, ou ponta de silex, fragmentos de ceramica tosca; em uma appareceu uma setta de bronze.

Cartailhac por lá andou, e pelo que escreveu vê-se bem que nada alcançou de importante [1].

Os arabes conheceram-na e estimaram-na. O geographo Edrisi diz: «Elvas, cidade forte, situada junto de uma montanha. No risonho paiz que a cêrca ha numerosas habitações e bazares. As mulheres são de grande belleza». Isto affirma o arabe, que para isso teve suas razões. Elvas teve importancia no dominio arabe, e isto resalta da historia da cidade, ora sarracena ora christã, sangrentamente disputada nos primeiros sessenta annos da monarchia. Tomada por Affonso Henriques em 1166, perdida pouco depois; tomada por Sancho I em 1200; novamente conquistada pelos arabes; definitivamente tomada em 1226 por Sancho II. Vem mencionada nos Lusiadas:

E vós tambem, ó terras Transtaganas
Affamadas co'o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas
Entregando-lhe os muros e os poderes.
E tu, lavrador mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres;
Que Elvas e Moura e Serpa conhecidas
E Alcacere do Sal estam rendidas.

(Canto III, LXII).

---

[1] Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 167.

Elvas



'EST le véritable type de la ville de l'Alemtejo, propre et blanchie à la chaux, réhaussée de beffrois d'églises, de clochers de chapelles, de petits balcons couverts, de terrasses avec des vases de fleurs; des bouquets d'arbres ressortent parmi les maisons et tout cela tapisse la pente de la vaste colline. Sur le premier plan de la gravure on voit la porte militaire décorée d'anciennes armures et le drapeau national; en haut on aperçoit une partie du vieux château, avec ses murs garnis de créneaux; à mi-hauteur des tours et des tourelles plus ou moins délabrées marquent encore l'enceinte murée, le vieil enclos du moyen âge.

Elvas est une place forte qui heureusement vît depuis longtemps en état de paix, s'occupant de son labeur agricole, parmi ses oliviers qui produisent les belles olives, les verdoyants pruniers qui donnent les reines-claudes, les pruneaux savoureux et hygiéniques, matière première des beaux fruits confits si appréciés.

Est-ce une très ancienne localité d'origine romaine, ou celtibèrique? serait-ce déjà une ville des *Elvecios, gens feroces?* son nom sera-t-il dérivé de *Elba*, ville déjà citée dans l'Ancien Testament, ou de Marcus Helvius, fameux romain? Maharbal, capitaine carthaginois, y aurait-il installé son campement? Tout cela est sujet de discussion pour de vénérable archéologues que je respecte infiniment. Dans l'ancien *Côro das Musas* (chœur des muses) on dit que:

Elvas forteresse brillante du royaume est dérivée d'Helvecio; qu'elle est remarquable pour ses fortifications aux lignes brisées, et ennoblie par la mitre et le bâton.

Ce que nous pouvons assurer avec certitude c'est qu'à Elvas et ses environs on aperçoit des traces certaines de la civilisation romaine et des monuments qui y attestent l'existence prolongée de peuples préhistoriques, bien antérieurs aux romains. Dans ces campagnes, sur la vaste vallée du Guadiana et sur ses rives, on retrouve beaucoup d'intéressants monuments mégalithiques que les gens du peuple nomment *antas* et les archéologues étrangers désignent sous le nom de *dolmens*.

On en trouve d'ailleurs en d'autres régions du pays, mais pas épars de tous les côtés; ils sont groupés et on reconnait que les peuplades qui s'en servaient, demeuraient longuement dans des endroits bien définis. Aux environs d'Elvas, au sud, il y en a un grand nombre, sans apparence de tombeaux; les passages couverts sont très bas et les cryptes bien conservées. Quelques explorateurs avec l'idée de trouver des trésors cachés, ou le vase légendaire rempli de pièces d'or, enfoui là par le maure fugitif, et, gardé parfois par la mauresque enchantée, ont souvent fouillé l'intérieur de ces monuments tumulaires, de manière que l'investigateur scientifique n'y retrouve que peu de chose; une hache en diorite, des pointes de silex, des fragments de poterie grossière; dans l'un d'eux on a trouvé une flèche de bronze.

Cartailhac s'y est promené, mais d'après ce qu'il a écrit on voit qu'il n'a rien trouvé d'important [1].

Les arabes ont connu et apprécié cette ville. Le géographe Edrisi dit: «Elvas, place-forte située près d'une montagne. Dans le riant paysage qui l'entoure on voit beaucoup d'habitations et de bazars. Les femmes sont très belles». L'arabe le dit et évidemment il a ses raisons. Elvas a eu une grande importance sous la domination arabe, et on le reconnait à l'histoire de la ville, tantôt sarrasine, tantôt chrétienne, disputée avec acharnement pendant les premières soixante années de la monarchie. Prise par Affonso Henriques en 1166, perdue peu après; reprise par Sancho I en 1200, nouvellement reconquise par les arabes, et définitivement acquise en 1226 par Sancho II, Camões dans les *Lusiades* en parle:

Et vous aussi, terres de l'Alemtejo, réputées par les dons de la blonde Cérès, vous obéissez à des forces surhumaines en lui remettant vos murs et vos puissances. Laboureur arabe, tu te trompes si tu penses maintenir cette terre fertile, car Elvas et Moura et Serpa, bien connues et Alcacere do Sal, sont rendues.

(Chant III, LXII).

---

[1] Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 167.

Elvas tem por armas ou brazão — Homem armado a cavallo com um estandarte na mão, com as quinas reaes de Portugal —. E affirma-se que o cavalleiro representa D. Sancho II em pessoa. Outros contam uma pittoresca lenda local a respeito do estandarte; a tradição do audaz e infeliz namorado João Paes Gago que, em louco arrojo, foi a Badajoz roubar o estandarte de Castella que figurava na procissão do Corpo de Deus, d'aquella cidade. Povo, tropas, nobreza e clero iam na solemne festividade. De subito o português arranca o estandarte, corre, monta a cavallo, e parte á desfilada. Grande clamor contra o audaz. Muitos espanhoes o seguem, e surge logo um troço de cavallaria. É uma batida medonha por aquella campina aberta e nua. Elle consegue chegar a uma porta d'Elvas; estava fechada; brada inutilmente; corre a outra porta; fechada tambem. Os espanhoes alcançaram-no então; elle lança o estandarte por sobre o muro, e cae varado das lanças inimigas. O governador mandára fechar as portas, temendo que a cavallaria espanhola invadisse a cidade. Só por isto? Era, dizem, outra a razão. Paes Gago namorava e era amado da mulher do governador, e por aquelle arrojo quizera-lhe provar a immensidade da sua paixão. O governador soube do caso, fechou-lhe as portas, e viu morrer o perigoso rival ás mãos dos cavalleiros espanhoes. Mas isto parece que é uma lenda poetica. O brazão representa o rei Sancho depois da definitiva victoria contra os perros agarenos.

Em 1658 um exercito espanhol com 14:000 infantes, 5:000 cavalleiros e muita artilheria veio cercar a praça. Commandava o exercito D. Luiz de Haro. O pequeno exercito português que estava na praça defendeu-se com grande brio. Foi um cerco longo, e cheio de trabalho e soffrimento.

Mas Portugal não esquecia os sitiados; formou-se um novo exercito que se concentrou em Extremoz. Este cerco é memoravel; os trabalhos de ataque e de defeza foram dirigidos por engenheiros notaveis; as *linhas d'Elvas*, isto é, as linhas fortificadas estendiam-se por muitos kilometros. O pequeno exercito português, inferior em numero ao espanhol, approxima-se, e converge no seu ataque com valor extremo contra determinado sector da linha dos sitiantes; houve combate renhido, a linha é quebrada, e estabelece-se communicação com a praça; depois os portuguêses do conde de Villa Flor, e os do conde de Cantanhede, os dois generaes portuguêses, desalojam e derrotam as tropas de Haro, que é obrigado a fugir, deixando milhares de prisioneiros, grande numero de canhões, de munições, de mantimentos. Foi esta uma das victorias mais notaveis da época da restauração.

Não tratamos da Elvas-praça de guerra, dos tempos modernos; é claro que a fortificação actual, n'estes tempos do canhão de grande alcance e do explosivo de grande força, tem exigencias que estão longe de ser satisfeitas em Elvas. Continúa importante a situação da praça e uteis os seus quarteis abrigados.

Mas a Elvas-fortaleza tal como ficou das guerras da restauração, da successão de Espanha, e como atravessou a formidavel lucta das invasões francezas, e a da guerra contra D. Miguel, essa gloriosa praça modelar merece algumas linhas. A praça, que está n'um monte de escarpas de desigual declive, é um polygono irregular; o diametro maior tem quasi 1:000 metros de comprimento, o menor 650. O perimetro divide-se em doze frentes de grandeza desigual e de obras varias mas construidas todas segundo o systema abaluartado. Tem sete baluartes, quatro meios-baluartes, um redente, ligados entre si por cortinas; são os baluartes de Santa Barbara, de S. João da Corugeira, da Porta Velha, do Cazarão, do Trem e do Principe, o meio baluarte de S. Domingos, o redente do Cascalho. Ha obras exteriores, e dois grandes fortes apoiam e protegem a praça, os da Graça e de Santa Luzia. Tres portas principaes: Esquina, Olivença e S. Vicente; nas muralhas ha portas falsas e porternas.

A cidade tem quarteis, casernas acasamatadas, cisternas, e o *trem* ou pequeno arsenal com officinas de reparação.

No anno de 1800 a guarnição e ornamento ou armamento da praça devia ser em pé de guerra de duzentas cincoenta e sete boccas de fogo, seis a sete mil homens, seiscentos artilheiros, cento e cincoenta sapadores e mineiros, tres esquadrões de cavallaria. Em estado de paz precisava de dois mil homens de infanteria.

Durante muitos annos, ainda modernamente, Elvas foi considerada a melhor escola de serviço de guarnição em Portugal.

O forte de Santa Luzia, a 400 metros a sul do recinto magistral da praça d'Elvas, coroa um outeiro que domina parte da praça e varre ao longe a campina. O seu polygono de fortificação é um quadrado de 150 metros de lado fortificado segundo o primeiro systema de Vauban, com revelins nas

Les armes d'Elvas portent — Un cavalier armé, ayant à la main un étendard avec les quines royales du Portugal —. On assure que ce cavalier est D. Sancho II. D'autres personnes racontent une pittoresque légende du terroir, à propos de l'étendard. C'est la tradition du malheureux et hardi amoureux João Paes Gago qui, dans un fol élan, serait allé à Badajoz, voler l'étendard de Castille, qui figurait à la procession de la Fête-Dieu de cette ville. Le peuple, la troupe, la noblesse et le clergé, tout le monde paraissait à cette fête. Soudain, le portugais s'empare du drapeau, il court, monte à cheval et se sauve au grand galop. Des clameurs s'élèvent contre l'audacieux. Les espagnols le suivent, mais un gros de cavalerie paraît, et une poursuite acharnée s'étend sur la plaine ouverte et nue. Le cavalier arrive à une porte d'Elvas, mais elle est fermée; il frappe inutilement et court à une autre, close aussi. Les espagnols l'atteignent alors, mais il lance le drapeau par dessus le murs et tombe percé par les lances ennemies. Le gouverneur avait fait fermer les portes, craignant que la cavalerie espagnole envahit la ville. Serait-ce la seule raison? On dit qu'il y en avait une autre. Paes Gago aimait et était aimé par la femme du gouverneur, et avait voulu, par cette action d'éclat, lui montrer l'immensité de sa passion. Le gouverneur, informé de ce qui se passait, ferma les portes et vit mourir le dangereux rival aux mains des cavaliers espagnols. Mais ceci semble une légende poétique. Il est présumable que le blason représente le roi Sancho après la victoire définitive contre les chiens d'infidèles.

En 1658 une armée espagnole de 14:000 piétons, 5:000 cavaliers et une nombreuse artillerie vint assièger la place. D. Luiz de Haro commandait les troupes. La petite armée portugaise, qui était dans la place, se défendit courageusement. Le siège fut long, pénible et douloureux.

Mais le Portugal n'oubliait pas les assiégés et on forma une nouvelle armée, qui se concentra à Extremoz. Ce siège fut fameux; les travaux d'attaque et de défense furent dirigés par de remarquables ingénieurs; les *lignes d'Elvas*, c'est-à-dire, les lignes fortifiées, s'étendaient sur beaucoup de kilomètres. La petite armée portugaise, inférieure en nombre à l'espagnole, s'approche, et son audacieuse attaque se concentre sur un secteur déterminé des assiégeants; il y eut un rude combat, la ligne fut brisée et on pût communiquer avec la place. Ensuite les soldats du comte de Villa Flôr et ceux du comte de Cantanhede, les deux généraux portugais, délogent et déroutent les troupes de Haro, qui est forcé de se sauver laissant des milliers de prisonniers, un grand nombre de canons, de munitions et de denrées. Ce fut une des victoires les plus remarquables de l'époque de la restauration.

Nous ne nous occuperons pas d'Elvas comme place de guerre moderne, car il est certain que les fortifications actuelles, à notre époque de canons de grande portée et d'explosifs de grande puissance, ont des exigences qu'Elvas est loin de remplir. La situation de la place continue à être importante et ses casernes et habitations confortables sont toujours utiles.

Mais Elvas-forteresse, telle qu'elle est restée après les guerres de restauration, de succession d'Espagne, ayant supporté la lutte formidable des invasions françaises et de la guerre contre D. Miguel, Elvas, place modèle, mérite quelques lignes. La place, située sur une montagne escarpée, aux pentes inégales, a la forme d'un polygone irrégulier, dont le diamètre plus long a presque 1:000 mètres de long, et le plus court 650. Le périmètre est divisé en douze faces de grandeur inégale et de travaux variés, tous construits d'après le système bastionné. Elle présente six remparts, quatre autres plus petits, un redans, reliés entre eux par des courtines; ces remparts se nomment Santa Barbara, S. João da Corugeira, Porta Velha, Cazarão, Trem, Principe, le petit rempart de S. Domingos et le redans de Cascalho. Il y a encore des travaux extérieurs et deux grands forts qui renforcent et protègent la place et se nomment de Graça et Santa Luzia; trois portes principales: Esquina, Olivença et S. Vicente; les murs sont munis de poternes ou portes secrètes.

La ville possède des quartiers, des casernes casematées, des citernes et tout le nécessaire à un petit arsenal, avec ateliers de réparations.

En 1800, la garnison et l'armement de la place devaient être, en pied de guerre, deux cents cinquante sept bouches à feu, six à sept mille hommes, sixcents artilleurs, cent cinquante sapeurs et mineurs, trois escadrons de cavalerie. En temps de paix, deux mille hommes d'infanterie suffisaient.

Pendant bien des années, même modernement, Elvas a été considérée comme la meilleure école de service de garnison en Portugal.

Le fort de Santa Luzia, à 400 mètres au sud de l'enceinte principale de la place d'Elvas, couronne un coteau qui domine une partie de la place et atteint au loin la plaine. Le polygone de fortification

frentes, tudo cercado por estrada coberta e esplanadas, com tres linhas de fossos. Uma das grandes difficuldades vencidas na construcção d'esta fortaleza foi a abertura dos fossos, porque em grande parte foram abertos em rocha dura. No centro está o reducto quadrangular, com seu caminho de ronda, passadiço ou ponte dormente, que facilmente se póde destruir, e substituir por ponte levadiça.

Os seus quatro baluartes chamam-se de Santo Antonio, Santa Izabel, S. Pedro, e da Conceição.

Para ornamento e guarnição precisa de vinte a vinte cinco bocas de fogo, trezentos e cincoenta a quatrocentos homens. Como fica proximo da praça e tem communicação, póde considerar-se a guarnição d'este forte como destacamento da da cidade, e ser facilmente rendido.

Em 1658 já os seus quatro baluartes estavam concluidos. Como nesta época se trabalhou em fortificação no paiz é verdadeiramente extraordinario. Fez-se muito e bem; serviram aqui engenheiros de alto merito.

É mais moderno o forte de Nossa Senhora da Graça, a 1:200 metros a N. E. da cidade; occupa o cume do monte mais elevado d'aquelles sitios.

O polygono do forte da Graça é quasi um quadrado de 150 metros de lado na face exterior. Tem no centro um reducto circular com tres ordens de baterias casamatadas de bellissima execução; com as suas peças varre todos os terraplenos do forte, impedindo assim o inimigo de se apoderar d'elle. Nesse grande reducto fica o alojamento do governador, e officiaes principaes da guarnição, armazens, e por baixo a grande cisterna. O reducto está entre quatro baluartes chamados Maléfa, Badajoz, Cidade e S. Amaro; na cortina que liga estes dois ultimos fica a porta principal do forte. Portas falsas communicam o interior do recinto magistral para o fosso e obras exteriores.

O forte declive das esplanadas, a grande altura da muralha do revestimento da escarpa e contra-escarpa, as galerias séteiradas concorrem para preservar o forte de qualquer ataque imprevisto.

A este forte pertence o ornamento (assim se dizia antigamente) de oitenta bôcas de fogo, e a guarnição de mil e duzentos homens de infanteria, duzentos artilheiros, cem mineiros. O forte da Graça, modelo de architectura militar, foi projectado pelo marechal general conde de Lippe (e por isto muitas vezes se lhe chama o forte de Lippe), que reorganisou o nosso exercito em 1762; dirigiu a obra o engenheiro francês Etienne, que tinha grande credito, e depois foi continuada e concluida pelo general Valleré. Começou a obra em 1763 e estava concluida em 1792. Custou setecentos e sessenta e sete contos de reis; hoje, attendendo á alta de salarios e materiaes, custaria dois mil e quinhentos contos ou treze milhões de francos, proximamente.

Está muito nitida a estampa que representa o aqueducto da Amoreira. Chega a ter quatro arcadas sobrepostas, aguentadas por enormes pilares, cubellos e gigantes. Esta obra grandiosa tem 6 kilometros de comprimento, e chega no sitio representado a $31^{m},2$ de altura. É obra do povo de Elvas; custeado por impostos especiaes na carne, no vinho, durante muitas gerações, atravez de contrariedades e difficuldades grandes. Ruinas parciaes, empreitadas illudidas, attritos officiaes nada faltou a contrariar o pobre povo elvense que lá ia pagando o real em cada arratel de carne e peixe, e no quartilho de vinho, para ter o prazer de vêr mais um arco, mais um gigante no seu querido aqueducto.

Que differença no aqueducto monumental das Aguas livres, de Lisboa; neste está o cunho do opulento D. João V, a sciencia e a arte do engenheiro consciencioso. No de Elvas está o aqueducto popular, arcos sobre arcos, e gigantes augmentados e reforçados para aguentar as arcadas sobrepostas. A historia d'esse aqueducto começa em 1498; e só em 1622 a agua da Amoreira correu nas fontes da cidade. «Foi na vespera de S. João de 1622 que a agua veio á fonte, e foi festejada com muitos regosijos», conta um chronista da cidade. As fontes de Elvas são de boa construcção; a de S. Lourenço de notavel architectura segundo desenho do general Valleré. A fonte da Senhora da Piedade é de bom marmore e de aspecto elegante.

O carro alemtejano, de taipaes de madeira e cobertura de linhagem está bem representado na estampa; a parelha de finos muares bem tratados e limpos, pousou bem; ficou na sombra o carreiro, homem que ganha a vida com os pés no ar, como lá dizem, que vae guiando assentado na frente do leito do carro. Bons typos os dos dois serviçaes, de mãos atraz das costas, observando provavelmente o photographo; no segundo plano a carreta com os mólhos de trigo bem armada e apertada; vê-se uma eira vasta, terras de pão e projectando-se no horizonte finos arvoredos. É uma vista bem alemtejana.

est un carré de 150 mètres de côté, fortifié selon le premier système Vauban, avec ravelins avancés, le tout entouré d'un chemin couvert et d'esplanades avec trois lignes de fossés. Une des plus grandes difficultés de cette construction a été l'ouverture des fossés, parce que la plus grande partie a été percée sur la roche dure. Au centre est le réduit quadrangulaire, avec son chemin de ronde, le pont fixe ou passage, qui peut être facilement démoli et remplacé par un pont-levis.

Ses quatre remparts se nomment: Santo Antonio, Santa Isabel, S. Pedro et Conceição.

Pour l'armement et la garnison il faut vingt à vingt-cinq bouches à feu, trois cent cinquante à quatre cents hommes. Comme ce fort est près de la place avec laquelle il communique, sa garnison est un détachement de celle de la ville et peut être souvent renouvelée.

En 1658 les quatre remparts étaient déjà terminés. C'est extraordinaire comme à cette époque on s'occupa de fortifications dans le pays. On fit beaucoup et bien, avec des ingénieurs de grand mérite.

Le fort de Nossa Senhora da Graça à 1:200 mètres au N. E. de la ville est plus moderne et il occupe la crête de la plus haute montagne de cette région.

Le polygone du fort de Graça est presque un carré, avec 150 mètres de côté sur chaque face extérieure. Au centre un réduit circulaire avec trois rangs de batteries casematées, supérieurement bâties; ses canons balaient tous les terrepleins du fort empêchant ainsi l'approche de l'ennemi. Dans le grand réduit se trouve l'habitation du gouverneur et des officiers supérieurs de la garnison, les magasins et au dessous, la grande citerne. Le réduit est entouré de quatre remparts: Maléfa, Badajoz, Cidade, et S^to^ Amaro; dans la courtine qui relie ces deux derniers est la porte principale du fort. Des portes secrètes, font communiquer l'intérieur de l'enceinte principale, avec le fossé et les travaux extérieurs.

La déclivité âpre des esplanades, la grande hauteur du mur de revêtement de l'escarpe et de la contrescarpe, les galeries à meurtrières contribuent pour préserver le fort de toute attaque imprévue.

Ce fort est muni de quatre vingt canons et la garnison se compose de mille deux cents fantassins, deux cents artilleurs et cent mineurs. Le fort de Graça, modèle d'architecture militaire, a été projeté par le maréchal général comte de Lippe, qui en 1762 a réorganisé notre armée et pour cela on l'appelle souvent le fort de Lippe; la construction a été dirigée par l'ingénieur français Etienne, de grande réputation, continuée et terminée dans la suite par le général Valleré. Commencée en 1763, elle fut achevée en 1792 et a coûté sept cents soixante sept contos de reis (trois millions huit cents trente cinq mille francs); de nos jours, avec le prix élevé des salaires et des matériaux elle monterait à deux mille cinq cents contos, à peu près treize millions de francs.

La gravure qui représente l'aqueduc d'Amoreira est très nette. Il a en quelques endroits quatre arcades superposées, supportées par d'énormes piliers, avec contreforts et tourelles. Cette construction grandiose a 6 kilomètres d'étendue et à l'endroit que l'on voit, elle a $31^{m},2$ de hauteur. C'est l'œuvre du peuple d'Elvas, faite aux frais d'impôts spéciaux sur la viande et le vin, pendant plusieurs générations et avec toute sorte de contrariétés et de difficultés. Ruines partielles, forfaits manqués, discussions officielles, rien ne manqua pour contrarier les pauvres habitants d'Elvas qui payaient toujours un *real* à chaque livre de viande ou de poisson, à chaque chopine de vin, pour avoir la satisfaction d'ajouter une arcade ou un pilier de plus, à leur cher aqueduc.

Quelle différence avec l'aqueduc monumental de Aguas Livres de Lisbonne dans lequel on voit le cachet du fastueux D. João V, la science et l'art de l'ingénieur scrupuleux. Celui d'Elvas est l'aqueduc populaire avec les arcades les unes sur les autres, les contreforts augmentés et renforcés pour supporter les arcs superposés. L'histoire de cet aqueduc commence en 1498, et ce fut seulement en 1622 que l'eau d'Amoreira coula dans les fontaines de la ville. «La veille de la St Jean, de 1622, l'eau arriva à la fontaine et fut fêtée avec beaucoup de réjouissances», comme le raconte un chroniqueur de la ville. Les fontaines d'Elvas sont bien construites; celle de S. Lourenço est d'une architecture remarquable, dessinée par le général Valleré. La fontaine de Senhora da Piedade est en beau marbre et d'un aspect élégant.

La charrette de l'Alemtejo, aux lourdes ridelles de bois, recouverte de grosse toile, est bien représentée sur la gravure; la paire de beaux mulets bien soignés et gras, a bien posé; le charretier est resté dans l'ombre; les gens du pays disent que c'est l'homme qui gagne sa vie les pieds en l'air, habituellement assis devant le lit de la charrette. Les deux garçons sont de bons types; les mains derrière le dos, ils observent probablement le photographe; au second plan on voit une autre charrette

A cathedral tem grandes proporções; é de tres naves; de abobada com bem lançadas laçarias e nervuras douradas.

Nas paredes ha bons azulejos. Tem treze altares com o da capella-mór. É um edificio ogival, reconstruido em tempo de D. Manuel, tendo soffrido reparações que lhe alteraram a pureza do estylo. A capella-mór, vê-se bem na estampa, foi reedificada no seculo XVIII, tem o cunho do estylo de D. João V, foram lá artistas de Mafra. Mas os capiteis, os feixes de finas columnas, as bases das gentis nervuras, os fechos das convergencias devem ser da primitiva. A frontaria mostra como a construcção primeira foi alterada; avistam-se na estampa umas ameias do seculo XVI e gargulas de aspecto mais antigo. Foi remendada, alterada á vontade de gente ignorante sem gosto nem respeito pelo monumento local, onde tantas festas e tantas angustias teem passado.

Um episodio comico alegra a veneravel praça militar.

Aquellas muralhas escuras viram um dia uma briga estonteadora de padres; naquella atmosphera marcial com brados d'armas, agudos toques de cornetas, nervosos rufos de tambores soaram gargalhadas ironicas.

Era bispo D. Lourenço de Lencastre, grande senhor, e Lara, o deão da sé. Este costumava dar ao bispo, quando este ia officiar, o hyssope com suas mesuras amaveis. Mas um dia o deão teve differenças com o prelado e não lhe deu o hyssope. Grande escandalo; o bispo irado, offendido quiz obrigar o deão á entrega ceremonial do hyssope. E o deão recusou. E surgiu a questão, medonha, com actas do cabido, consultas ás ordens religiosas, muito dito, grandes quesilias. Estava então em Elvas o gracioso e culto poeta Antonio Diniz da Cruz e Silva, que era auditor militar. Elle viu o ridiculo do caso e com animação rara e graciosa ironia descreveu-o no *Hyssope.*

Eu canto o bispo e a espantosa guerra
Que o hyssope excitou na egreja d'Elvas.

Assim começa o famoso poema heroi-comico. É uma obra d'arte perfeitissima. Não é imitação do *Lutrin* de Boileau, é a descripção d'um caso parecido, mas tratado com mais arte e sobriedade; os episodios, o espirito é outro. Garrett chama-lhe a obra mais perfeita neste genero de litteratura.

Foi lido muito tempo o poema em copias manuscriptas; depois de impresso tem tido numerosas edições. Boissonade traduziu-o em francês com o titulo *Le Goupillon.*

O Hyssope é sempre afinado, equilibrado; a nota comica não esmorece; os episodios succedem-se rapidos, empolgantes, com profundos conceitos de alcance moral, como a descripção do grande paiz da Chimera, a do imperio regido pelo genio da Bagatella; e os ridiculos sociaes, a celebre precedencia, as ceremonias dos insignificantes.

Foi uma questão medonha, a leitura do poema irritou o nobre e orgulhoso prelado; teve de intervir o marquez de Pombal.

Antonio Diniz saiu de Elvas para occupar logar muito superior no Rio de Janeiro, onde falleceu em 1799.

É elvense uma das figuras mais notaveis da sciencia portuguêsa, Garcia da Orta; medico, lente da Universidade de Coimbra, estudioso e observador. Partiu para a India em 1534. Encontrou alli vasto campo para os seus estudos; a exuberante flora, o uso que das plantas faziam os curandeiros indigenas, as substancias mineraes, as variedades das enfermidades, tudo estudou; reuniu os seus trabalhos e fez uma obra que o tornou immortal.

O livro de Garcia da Orta *Colloquios dos simples e drogas da India,* foi impresso em Goa; em poucos annos teve traducções em varias linguas da Europa. Modernamente um illustre botanico e escriptor português, o conde de Ficalho, publicou trabalhos de muito valor scientifico e historico sobre Garcia da Orta.

Gabriel Pereira.

pleine de gerbes de blé, bien arrangées, plus loin une vaste aire, des champs de blé et au fond un horizon dessiné par le fin feuillage des arbres. C'est le paysage de l'Alemtejo.

La cathédrale, très vaste, a trois nefs, une belle voûte avec entrelacs et nervures dorés.

Les murs ont de belles faïences et treize autels y compris le maître autel. L'édifice ogival, rebâti du temps de D. Manuel, a souffert des réparations qui en ont altéré la pureté du style. Le sanctuaire, que l'on distingue bien sur la gravure a été réédifié au XVIIIme siècle et présente le cachet du style de D. João V, dû aux artistes de Mafra. Mais les chapiteaux, les faisceaux de minces colonnes, les bases des délicates nervures, les clefs des convergences doivent être de l'époque primitive. La façade montre à quel point la première construction a été altérée; on aperçoit sur la photographie des créneaux du XVIme siècle et des gargouilles d'un aspect encore plus ancien. Elle a été rapiécée, et altérée par des gens ignorants, sans goût ni respect pour le monument local, où ils ont passé tant de moments de fêtes ou d'angoisse.

Un épisode comique égaie la vénérable place militaire.

Ces murs sombres ont assisté un jour a une étourdissante dispute de prêtes; dans cette enceinte martiale, avec des appels aux armes, des sons aigus de trompettes, de nerveux roulements de tambours on entendit des éclats de rire ironiques.

D. Lourenço de Lencastre, grand seigneur, était évêque et Lara doyen de la cathédrale. Celui-ci, lorsque l'évêque venait officier, avait l'habitude de lui présenter le goupillon avec d'aimables révérences. Mais un jour le doyen, ayant eu un différend avec le prélât, ne lui présenta pas l'aspergeoir. Grand scandale; l'évêque furieux, offensé, voulût obliger le doyen à lui remettre cérémonieusement le goupillon; celui-ci refusa. Et alors commença une affaire terrible, avec procès-verbaux du chapitre, conférences des communautés religieuses, rapports désagréables, disputes. Le spirituel poète Antonio Diniz da Cruz e Silva était alors à Elvas comme auditeur militaire. Il vit le côté plaisant de l'affaire et, avec une verve exquise et une gracieuse ironie, il le décrivit dans le *Hyssope.*

Je chante l'évêque et l'épouvantable guerre
Que l'hyssope a soulevée dans l'église d'Elvas.

C'est ainsi que commence le fameux poême héro-comique qui est une œuvre d'art parfaite. Ce n'est pas une imitation du *Lutrin* de Boileau, c'est la description d'un cas semblable, mais raconté avec plus d'art et de sobriété; les épisodes et l'esprit sont différents. Garrett l'a classé comme le travail le plus complet de ce genre de littérature.

Le poème a été lu pendant longtemps en épreuves manuscrites; imprimé il a eu de nombreuses éditions et Boissonade l'a traduit en français avec le titre de *Le Goupillon.*

L'Hyssope est toujours délicat et equilibré, sans que la note comique défaille; les épisodes se suivent rapides, empoignants, avec de profondes maximes de grande portée morale, telles que la description du grand pays de la Chimère, celle de l'empire dirigé par le génie de Bagatelle et les ridicules sociaux comme la fameuse provenance, et les cérémonies des insignifiants.

Ce fut une affaire terrible; la lecture du poème irrita le noble et orgueilleux prélât et le Marquis de Pombal fut obligé d'intervenir.

Antonio Diniz quitta Elvas pour occuper une charge bien supérieure à Rio de Janeiro où il mourut en 1799.

Garcia da Orta, une des figures les plus remarquables de la science portugaise, est né à Elvas; il fut médecin, professeur de l'Université de Coimbra, observateur et savant. Il alla aux Indes en 1534 et y trouva de vastes sujets d'étude; la flore exhubérante, l'usage des plantes exercé par les empiriques indigènes, les substances minérales, les variétés des maladies, il étudia tout, réunissant ses travaux en une œuvre, qui le rendit immortel.

Le livre de Garcia da Orta *Colloquios dos simples e drogas da India* fut imprimé à Gôa et quelques années après il était traduit en plusieurs langues de l'Europe. Dernièrement un botaniste célèbre et écrivain portugais, le comte de Ficalho, a publié des travaux de grand mérite scientifique et historique sur Garcia da Orta.

Gabriel Pereira.

A Sé de Lisboa



velha Sé de Lisboa, escrevemos na *Architectura Religiosa na Edade-Media*, deve ser considerada verdadeiro monumento da epocha, recordando a constituição e a independencia da Nação Portugueza. Não pretendemos nós affirmar que não existam no paiz outros edificios romanicos de construcção coéva, ou até anterior á da cathedral lisbonense; é certo, porém, que a constituição da nacionalidade portugueza data da conquista de Lisboa em 1147, havendo logo depois começado a construcção da respectiva Sé, concluida por D. Affonso Henriques em curtos annos.

Os estreitos limites d'este artigo não permittem discutir opiniões, quer de ordem historica, quer de ordem artistica, existentes ácerca d'este edificio; por isso, diremos apenas que a supposição da actual egreja haver sido elevada em sitio, onde existira uma mesquita arabe, nos parece cada vez mais infundada. Nas obras de restauração da Sé de Lisboa, temos removido milhares de metros cubicos de entulho; ora, até hoje, não encontrámos em tão grande volume o mais leve indicio da arte arabe, sobretudo, restos dos caracteristicos estuques com arabescos e versiculos do Alcorão. Tambem é absolutamente falsa a supposição de ter tido a primitiva egreja cinco naves; nunca teve mais do que tres.

Sem entrar em grandes pormenores architectonicos, o estudo da planta actual e as investigações directas, que temos feito no antigo edificio, permittiram-nos, sem grande receio de erro, reconstituir o plano, seguido pelo architecto de D. Affonso Henriques. O primitivo estylo da Sé de Lisboa foi o romanico secundario, em florescencia na Europa central e na Inglaterra no seculo XI e em principios do seculo XII. Escrevemos que o estylo *foi*, porque na realidade hoje apenas é accusado principalmente nas linhas geraes do edificio; por tal fórma tem elle soffrido incrustações de elementos de outros estylos e de camadas de modernos estuques, cobrindo os restos arruinados e venerandos da ornamentação romanica.

A planta era elegante, desenhando a nave central, o transepto e a capella-mór uma cruz latina. As naves lateraes avançavam, envolvendo a capella-mór, isto é, formavam *deambulatorio* ou *charola*, não guarnecida de capellas circundantes.

O interior da egreja, do qual nas linhas geraes se póde ainda formar claro juizo, manifestava-se tambem simples e elegante. A nave central, o transepto e a capella-mór, offerecendo quasi identica largura, foram cobertos por abobadas de volta inteira, nascendo a egual altura. Sobre os quatro arcos do cruzeiro, repousava uma torre, que, tendo no interior da egreja secção octogonal, formava uma especie de cupula, dando luz para o interior por oito estreitas e altas janellas. Esta grande torre, elevando-se muito acima dos terraços do edificio, era chamada pelo seu emprego a torre sineira. As naves lateraes, uma de cada lado da central, offereciam as abobadas menos elevadas do que as d'esta nave. Todo o systema de abobadas repousava sobre as muralhas periphericas e sobre os fortes pés direitos dos arcos das naves, formados de feixes de quatro grossas columnas, segundo o estylo romanico. Nos lados da nave central e nas paredes do transepto, corria ao longo elegantissimo *triforio*, bem superior ao existente, que ainda assim não deixa de dar bom aspecto á egreja.

A primitiva fachada principal era formada por duas elevadas torres quadradas, massiças e revestidas de fortes botaréus, ornadas de elegantissimas janellas, parte d'ellas já restauradas, e coroadas por altas agulhas. Entre as torres, corria a parte da fachada correspondente á nave central. Uma grande rosacia rasgada por cima do arco do vestibulo da egreja, dava luz a esta nave. N'este trecho da fachada, do qual hoje nada resta, devia estar reunida a melhor e mais caracteristica ornamentação do edificio e do estylo.

Tal seria, sem entrar em mais largos pormenores impossiveis n'este escripto, a velha e primitiva Sé de D. Affonso Henriques. Edificio pequeno era-o, sem duvida, porque parece que D. Affonso Henriques foi mais rico em fé religiosa do que em dinheiro; mas, em verdade, constituia um bello exemplar do estylo romanico, que honra o seu primeiro architecto. Quem seria elle?

Uma hypothese póde apresentar-se, que não nos parece muito forçada. Sabe-se que os architectos romanicos foram, quasi exclusivamente, os monges e os frades. Havia-os excellentes em certos conventos, sendo os seus projectos aproveitados de mosteiro para mosteiro, o que explica até certo ponto a uni-

La Cathédrale de Lisbonne



OMME nous l'avons écrit dans la *Architectura Religiosa da Edade-Media*, la vieille Cathédrale de Lisbonne doit être considérée comme un veritable monument de son époque, rappelant la constitution et l'indépendance de la Nation Portugaise. Nous ne prétendons pas assurer qu'il n'existe pas dans le pays d'autres édifices romans du même temps, ou même plus anciens encore que la cathédrale de Lisbonne; mais il est certain que la constitution de la nationalité portugaise date de la conquête de Lisbonne en 1147, et que la construction du temple commencée aussitôt après, a été achevée par D. Affonso Henriques en peu d'années.

Le peu d'espace de cet article ne permet guère de discuter les opinions, historiques, ou artistiques, émises à propos de cet édifice; nous nous bornerons donc à dire que la supposition d'avoir élevé cette église dans un endroit où il y avait eu une mosquée arabe, nous semble de plus en plus erronée. Dans les travaux de restauration de la Cathédrale de Lisbonne, nous avons reuni des milliers de mètres cubes de décombres; or, dans de si grandes masses, nous n'avons pas encore trouvé jusqu'ici la moindre trace de l'art arabe, surtout, aucun reste des stucs caractéristiques avec arabesques et versicules du Koran. La supposition de cinq nefs dans l'église primitive est aussi absolument fausse; elle n'en a jamais eu plus de trois.

Sans entrer dans de grands détails architectoniques, l'étude du plan actuel et les recherches que nous avons opérées directement dans l'édifice, nous ont permis, sans crainte d'erreur, de reconstituer le plan suivi par l'architecte de D. Affonso Henriques. Le style primitif de la Cathédrale de Lisbonne a été le roman secondaire, florissant dans l'Europe centrale et en Angleterre au XI[me] siècle et au commencement du XII[me]. Nous disons que le style *a été*, parceque, en réalité, aujourd'hui on s'en aperçoit à peine dans les lignes principales de l'édifice, qui a tant souffert d'incrustations d'éléments d'autres styles, de couches en stucs modernes, recouvrant les restes ruinés et vénérables de l'ornementation romane.

Le plan était élégant; la nef centrale, le transept et le sanctuaire dessinaient une croix latine. Les nefs latérales avançaient jusqu'au sanctuaire et formaient *déambulatorium*, sans chapelles dans le pourtour.

L'intérieur de l'église, dont on peut encore clairement se rendre compte dans les lignes principales, était aussi élégant et simple. La nef principale, le transept et le sanctuaire presque de même largeur, ont été recouverts de voûtes en plein cintre, partant de la même hauteur. Sur les quatre arcades du transept, il y avait une tour, dont la section, à l'intérieur du temple était octogonale, formant une espèce de coupole, percée de huit fenêtres étroites et hautes qui éclairaient l'intérieur. Cette grande tour, bien plus élevée que les terrasses de l'édifice, était nommée le clocher ou beffroi. Les nefs latérales aux deux côtés de la principale, avaient des voûtes moins élevées que celle du centre. Tout ce système de voûtes reposait sur des murailles périphériques et sur les puissants jambages des arcades des nefs, formés par des faisceaux de quatre grosses colonnes, de style roman. Aux côtés de la nef centrale et sur les murs du transept, courait tout le long, un élégant *triforium*, bien supérieur à celui qui existe actuellement, lequel toutefois donne un assez bon aspect à l'église.

La façade principale primitive de l'église était formée par deux hautes tours carrées, massives, revêtues de forts arcs-boutants, ornées de fenêtres élégantes dont quelques unes restaurées, et couronnées de hautes flèches. Entre les deux tours, courait la partie correspondante à la nef centrale, éclairée par une grande rosace percée au dessus de l'arc du vestibule de l'église. C'est dans cette partie de la façade, dont il ne reste rien aujourd'hui, que devait être concentrée la plus caractéristique ornementation de l'édifice et du style.

Telle devait être, sans plus de détails impossibles à décrire ici, la vieille et primitive Cathédrale de D. Affonso Henriques. C'était évidemment un petit édifice, car il semble que D. Affonso Henriques était plus riche en croyances religieuses qu'en argent; cependant c'était un bel exemplaire de style roman qui fait honneur à son premier architecte. Quel était son nom?

Il se présente une hypothèse qui nous parait croyable. On sait que les architectes arabes furent presque exclusivement des religieux et des moines. Il y en avait d'excellents en de certains couvents et leurs projets étaient exécutés d'un monastère à l'autre, ce qui explique à un certain point l'unifor-

formidade das construcções, ou a sua similhança, em localidades bem differentes e afastadas; ora, entre os cruzados, auxiliares de D. Affonso Henriques na conquista, vinha um frade inglez, chamado Gilberto, depois sagrado primeiro Bispo de Lisboa. Então, em Inglaterra florescia ainda o estylo romanico; assim, o nosso primeiro bispo póde bem ter sido o architecto da cathedral lisbonense.

Seja como fôr, é certo que o primeiro e desconhecido architecto da Sé de Lisboa teve valor e sciencia, emquanto que depois, a partir do seculo XVII principalmente, o pobre edificio da Sé foi torturado pelos mais detestaveis *mestres d'obras*, talvez canonicos, se tal nome merecem os ignorantes barbaros, que partiam á marreta capiteis, columnas e ornatos, para que as paredes de branco estuque, com que mascararam os venerandos muros, ficassem bem lisas e eguaes!

A pequenez relativa do edificio da Sé de Lisboa começou logo a contribuir para a propria ruina. Passado não era um seculo, já lhe haviam juxtaposto outras construcções. Em seculos seguintes, continuou-se o systema; mas, diga-se em verdade, a pequena capella sepulchral de Bartholomeu Joannes, hoje reconstruida, não lhe fez grande mal e constituia um rico exemplar do estylo ogival francez. Data esta capella dos meiados do seculo XIV.

Depois, segundo as maiores probabilidades, ainda dentro d'este seculo, toda a capella-mór de estylo romanico, por ser de pequenas dimensões, ou, o que nos parece mais provavel, por ter cahido talvez pelo terramoto de 1384, foi substituida por outra maior, com *charola* e capellas circumdantes, constituindo um soffrivel conjuncto do estylo ogival. O claustro, na nossa opinião, seguiu de perto esta reconstrucção da capella-mór, não existindo primitivo claustro romanico. Estas duas peças architectonicas, a capella-mór e o claustro, sem deverem ser consideradas do melhor estylo ogival, não deixavam de manifestar qualidades apreciaveis. A *charola,* principalmente, tal como devia existir em principios do seculo XV, seria muito interessante, se as suas grandes e bellas janellas, hoje restauradas, e as das capellas circumdantes foram ornadas de vitraes coloridos, o que aliás nos parece pouco provavel.

A destruição e a profanação artistica da Sé de Lisboa data, sem a menor duvida, dos começos do seculo XVII. Temos quasi a prova do facto na lapide, encimando a porta d'uma pequena sacristia, para construir a qual foi necessario mutilar parte importante, interior e exterior, da *charola;* a inscripção rezava assim: «*esta sancristia se fez no anno D 1629*» (sic).

De então para cá, foram infligidos horriveis tratos ao pobre edificio. As incrustações de feios altares, o tapamento e emparedamento dos elegantes arcos ogivaes, abertos entre a capella-mór e a *charola,* devem datar d'este tempo, bem como no exterior a construcção do edificio da sacristia e da casa capitular, encostada á fachada sul da Sé. Todas as restaurações e incrustações feitas na Sé, a partir d'este seculo, são de um pesado e pobre estylo da Renascença, que nem ao menos se recommenda pela elegancia das linhas geraes.

Muita gente suppõe que o detestavel coroamento das torres, de uma das quaes já desappareceu, a substituição das antigas e bellas janellas romanicas d'essas torres, por outras quadradas, e a pesada e deselegante fachada, com varanda de ferro e janellas saccadas, são obras, provenientes das restaurações no edificio da Sé, arruinado pelo terramoto de 1755. É um engano. Uma gravura das ruinas, mandada fazer logo depois do terramoto e publicada em França, mostra claramente que estes absurdos, sem possivel justificação, foram praticados em data anterior. Na realidade, depois do terramoto, pelo qual a Sé foi muitissimo damnificada, podia-se ter aproveitado o ensejo para bem a restaurar; mas as ideias e os recursos do tempo não o consentiram. Então, não só os estylos primitivos, o romanico e o ogival, eram considerados barbaros, como a economia e as necessidades do culto exigiam obras mais rapidas e menos dispendiosas.

Assim continuou em desprezo o velho monumento nacional, encravando-se-lhe por toda a parte no interior e no exterior verdadeiros casebres para habitação dos empregados e outros fins, até que, em meiados do seculo passado, o *estylo obra-publica* lhe deu o golpe mortal. O interior da egreja foi mascarado de ridicula Renascença, feixes de columnas classicas, feitas de estuque e desproporcionadas, com grandes capiteis de madeira pintada e bases de madeira dourada e marmore, substituiram os velhos e solemnes feixes de columnas romanicas; escaiolas pintalegradas cobriram as antigas e ornamentadas muralhas, e grandes janellas fingidas fôram *penduradas* pelas paredes. No terrado do claustro levantaram-se casas e, para desenvolver as respectivas construcções, foi destruida uma das antigas alas do claustro, embora arruinada, sendo aproveitado o espaço na construcção d'um predio de dois andares!

mité des constructions ou leur ressemblance, en des localités éloignées et différentes; or, parmi les croisés, auxiliaires de D. Affonso Henriques lors de la conquête, il y avait un moine anglais nommé Gilbert, sacré plus tard premier évêque de Lisbonne. Le style roman florissait alors en Angleterre; ainsi notre premier évêque peut, bien vraisemblablement, avoir été l'architecte de la Cathédrale de Lisbonne.

Quoiqu'il en soit, il est certain que le premier et inconnu architecte de la Cathédrale avait du talent et de la science, tandis que plus tard, à partir du XVIIme siècle surtout, le malheureux édifice a été torturé par les plus détestables entrepreneurs, peut-être religieux, si l'on peut donner ce nom, aux barbares ignorants, qui brisaient à coups de marteau, des chapiteaux, des colonnes et des ornements, pour que les couches blanchies de stuc dont ils recouvraient les murs vénérables, puissent rester bien égales et lisses!

La petitesse relative de la Cathédrale commença aussitôt à contribuer pour sa propre ruine. Avant moins d'un siècle on y avait dejà juxtaposé d'autres constructions. Dans les siècles suivants on continua le même système; mais, en vérité, la petite chapelle sépulcrale de Bartholomeu Joannes, aujourd'hui reconstruite, ne lui fit pas grand'mal et constituait un bel exemplaire du style ogival français. Cette chapelle date du milieu du XIVme siècle.

Plus tard, selon les plus grandes probabilités, et encore pendant ce même siècle, tout le sanctuaire, de style roman, était de dimensions exigües, ou, ce qui est plus probable, ayant été détruit par le tremblement de terre de 1384, il fut remplacé par un autre plus grand, avec *déambulatorium* et chapelles du pourtour, formant un ensemble passable de style ogival. Nous pensons que le cloître a suivi de près cette reconstruction du sanctuaire, et qu'il n'y a pas existé de cloître roman primitif. Ces deux morceaux d'architecture, le sanctuaire et le cloître, sans toutefois mériter d'être considérés comme du meilleur style ogival, présentent des qualités appréciables. Le *déambulatorium* surtout, tel qu'il devait être au commencement du XVme siècle serait très intéressant, si ses grandes et belles fenêtres, aujourd'hui restaurées, et celles des chapelles du pourtour étaient ornées de vitraux coloriés, ce qui d'ailleurs nous semble peu probable.

La destruction et la profanation artistique de la Cathédrale de Lisbonne datent, sans aucun doute, du commencement du XVIIme siècle. Nous en avons presque la preuve dans une plaque surmontant la porte d'une petite sacristie, pour la construction de laquelle il a fallu mutiler une partie importante, intérieure et exterieure du *déambulatorium;* l'inscription dit que: «*cette sacristie a été faite l'an D 1629*» (sic).

Dès lors on a infligé au pauvre temple les plus cruelles tortures. Les incrustations de vilains autels, le bouchage et le murage d'élégantes arcades ogivales, ouvertes entre le sanctuaire et le *déambulatorium* doivent dater de ce temps là, de même qu'extérieurement, la construction de l'édifice de la sacristie et de la salle du chapitre, adossée à la façade sud de la Cathédrale. Toutes les incrustations et restaurations qu'on y a faites, à partir de ce siècle, sont d'un style pauvre et lourd de la renaissance, qui ne se recommande même pas par l'élégance des lignes principales.

Beaucoup de personnes pensent que le détestable couronnement des tours, une desquelles a déjà disparu, la substitution des belles et anciennes fenêtres romanes de ces tours, par d'autres carrées, et la lourde et desgracieuse façade avec fenêtres à balcon de fer, sont des travaux, provenant de restaurations de l'édifice, ruiné par le tremblement de terre de 1755. Pure erreur. Une gravure des ruines, faite aussitôt après la catastrophe, et publiée en France, montre clairement, que ces absurdités, nullement justifiées, furent pratiquées auparavant. En réalité, après le tremblement de terre, qui a beaucoup endommagé la Cathédrale, on aurait pu profiter de l'occasion pour la restaurer; mais les idées et les ressources de l'époque ne le permirent pas. Dans ce temps, non seulement les styles primitifs, le roman et l'ogival, étaient considérés comme barbares, mais l'économie et les nécessités du culte exigeaient des travaux plus rapides et moins dispendieux.

Le vieux monument continua donc à être abandonné; on y a ajouté de tous les côtés à l'intérieur et à l'extérieur de véritables masures pour l'habitation des employés et autres destinations, jusqu'à ce que, vers le milieu du dernier siècle, le style *travaux-publics* lui donna le coup de grâce. L'intérieur de l'église fut travesti en Renaissance ridicule, des faisceaux de colonnes classiques, faites en stuc et disproportionnées, avec de grands chapiteaux en bois peint et des socles en bois doré et marbre, ont remplacé les vieux et solennels faisceaux de colonnes romanes; des escayoles peinturlurées ont recou-

Um dia, emfim, faça-se justiça a quem a merece, um Ministro das Obras Publicas, o snr. Manoel Francisco Vargas, interessou-se pelo existencia do pobre monumento, mandando começar a sua restauração. Será esta longa, sem duvida, e um pouco dispendiosa; não só, porém, o edificio historica e architectonicamente a merece, como seria uma verdadeira vergonha nacional conservar em tal estado a cathedral da primeira cidade do paiz.

*

* *

O estado actual das fachadas da Sé, mascaradas por altos e fortes andaimes, não consentiu que fossem tirados *clichés* photographicos; assim, este artigo vae, apenas acompanhado de gravuras de alguns elementos antigos e modernos do edificio. É possivel, todavia, formar clara ideia do monumento, no estado anterior á actual restauração e n'aquelle em que ficará depois d'ella finalisada, estudando as duas pequenas zincographias, intercaladas no texto.



No projecto de restauração da fachada, convem observar que a parte, comprehendida entre as torres e correspondente á nave central, deverá ser completamente reconstruida. Os elementos na actualidade existentes, o arco do vestibulo, a varanda e as janellas sacadas, bem como a rosacia, obras de restauração talvez do principio do seculo XVIII, constituem um conjuncto detestavel e sem possivel aproveitamento. A pequenez e a simplicidade da gravura não dão clara idêa do plano da restauração; mas esta lacuna póde ser preenchida, até certo ponto, por algumas explicações.

O grande arco do vestibulo será formado por feixes lateraes de tres grossas columnas romanicas, coroadas de ricos capiteis, sobre os quaes virão repousar grandes molduras de volta inteira, isto é, semicirculares. Por cima d'este arco, uma galeria aberta, no typo do antigo triforio interno da egreja e formada de pequenas columnas e capiteis ligados por arcos de volta inteira, embellezará a fachada, dando luz ao côro. A grande rosacia, com tympano rendilhado de pedra, será fechada por vitraes coloridos, illuminando a nave central da egreja. Ao lado esquerdo da fachada, em plano mais affastado, vê-se a capella de Bartholomeu Joannes — mais cedo ou mais tarde, o Baptisterio da Sé — em cuja frente está já construido um *passo*, ou altar exterior, de Nossa Senhora da Piedade, gravura, acompanhando este artigo, a que adeante nos referiremos.

Assim, julgamos que as ligeiras considerações historicas e artisticas, acima expostas, ficaram por esta fórma tão completas, quanto o consentem os estreitos limites d'este artigo. Emquanto ás gravuras devem ellas tambem merecer leves esclarecimentos.

O claustro da Sé, sem dever considerar-se excellente em paiz, que possue os admiraveis claustros da Batalha, de Alcobaça e de Belem, deve constituir, depois de restaurado, uma boa peça architectonica. Para este claustro abre a antiga Casa do Capitulo, hoje em completo estado de ruina, que foi uma ampla e magnifica sala ogival.

vert les murailles anciennes et ornementées, et de grandes fenêtres simulées ont été *pendues* sur les murs. Sur l'emplacement du cloître on a fait des maisons, et, pour agrandir ces constructions, on a détruit une des anciennes ailes du cloître, quoique ruinée, et on a comblé cet espace avec une maison à deux étages!

Mais rendons justice à ceux qui le meritent. Un jour, un ministre des Travaux Publics, mr. Manuel Francisco Vargas, s'intéressa au sort du malheureux monument, et fit commencer sa restauration. Sans nul doute elle devra être longue et assez dispendieuse; mais, non seulement l'édifice la mérite au point de vue historique et architectonique, comme ce serait une véritable honte nationale de conserver en un tel état la cathédrale de la première ville du pays.

*

* *

L'état actuel des façades de la Cathédrale, masqué par de grands échafaudages n'a pas laissé prendre des *clichés* photographiques; cet article est donc à peine illustré de gravures de quelques éléments anciens et modernes de l'édifice. Il est toutefois possible de se rendre clairement compte du monument, tel qu'il était avant la restauration actuelle, et de l'aspect qu'il aura lorsque les travaux seront terminés, en observant les deux petites zincographies, intercalées dans le texte.

Dans le projet de restauration de la façade, il faut dire que la partie comprise entre les tours et correspondant à la nef centrale, devra être complètement reconstruite. Les éléments qui existent actuellement, l'arc du vestibule, le balcon et les fenêtres, ainsi que la rosace, œuvres de restauration, peut-être du commencement du XVIIme siècle, composent un ensemble détestable et impossible d'en tirer le moindre parti. L'exiguité et la simplicité de la gravure ne donnent pas une idée nette du plan de la restauration; mais cette lacune peut être remplacée, jusqu'à un certain point par quelques explications.

Le grand arc du vestibule sera formé par des faisceaux latéraux de trois grosses colonnes romanes, couronnées de riches chapiteaux, sur lesquels viendront s'appuyer de grandes moulures en plein cintre, c'est-à-dire en demi cercle. Au dessus de cet arc, une galerie ouverte, du genre de l'ancien triforium intérieur de l'église, formée de colomnettes et de chapiteaux reliés par des arcs en plein cintre, embellira la façade, en éclairant le chœur. La grande rosace, avec tympan de pierre dentelée, sera close par des vitraux coloriés qui éclaireront la nef centrale de l'église. À gauche de la façade, un peu en retrait, on voit la chapelle de Bartholomeu Joannes — qui tôt ou tard deviendra le Baptistère de la Cathédrale, — en face duquel on a déjà construit un autel extérieur de Notre Dame de la Piété, gravure qui accompagne cet article, dont nous parlerons plus loin.

Ainsi, nous pensons que les légers aperçus historiques et artistiques que nous avons cités, sont aussi complets que le permettent les étroites limites de cet article. Quant aux gravures, elles doivent aussi être à-peu-près expliquées.

Dans un pays comme le nôtre qui possède les admirables cloîtres de Batalha, Alcobaça et Belem, celui de la Cathédrale ne doit pas être considéré comme excellent, mais il doit, après sa restauration, devenir un beau morceau d'architecture. Sur ce cloître s'ouvre l'ancienne Salle du Chapitre, aujourd'hui complètement ruinée, et qui a été une vaste et magnifique salle ogivale.

L'entrée latérale de la Cathédrale, tournée au nord, appartient déjà à la restauration actuelle. C'est une grande arcade ogivale qui donne accès dans le vestibule voûté, au fond duquel s'ouvre le portail roman de l'église. Ce vestibule est original, avec son mélange d'éléments romans et ogivaux. Cette circonstance singulière s'explique par la juxtaposition de constructions d'époques différentes, à l'édifice primitif de la Cathédrale. À l'intérieur du vestibule, une niche romane abrite une belle statue de la Vierge, de grandeur naturelle, œuvre de Teixeira Lopes.

La *station* ou autel de Notre Dame de la Piété, est tout-à-fait moderne. Comme le mur, à l'ouest de la chapelle de Bartholomeu Joannes, présentait quelques vestiges de ruine par effondrement, et, aussi la belle rosace ouverte dans ce mur était hors de son centre, nous avons profité de cette occasion pour enrichir cette partie extérieure de la Cathédrale, parant ainsi aux deux inconvénients cités. Le groupe de la Vierge et du Christ est aussi l'œuvre de l'illustre sculpteur Teixeira Lopes, et dans ce beau travail il faut remarquer la tête de la Vierge dont la beauté et l'expression indiquent admirable-

A entrada lateral da Sé, virada ao norte, é já obra da actual restauração. Um grande arco ogival dá ingresso para o vestibulo abobadado, no fundo do qual se abre o portal romanico da egreja. É original este vestibulo, onde se casam elementos romanicos e ogivaes. Este singular facto explica-se pela juxtaposição de construcções de differentes épocas ao primitivo edificio da Sé. No interior d'este vestibulo, um nicho romanico protege uma bella estatua de tamanho natural, da Virgem, obra de Teixeira Lopes.

O *passo* ou altar de Nossa Senhora da Piedade é obra inteiramente moderna. Como a parede oeste da capella de Bartholomeu Joannes offerecia alguns vestigios de ruina por escorregamento e, por outro lado, a bella rosacia, aberta n'essa parede, estava descentralisada, aproveitámos o ensejo para enriquecer este ponto exterior da Sé, obviando aos dois inconvenientes apontados. O grupo da Virgem e do Christo é tambem obra do illustre esculptor Teixeira Lopes, devendo n'este bello trabalho notar-se a cabeça da Virgem, cuja expressão e belleza traduzem admiravelmente o sentimento das tres palavras, escriptas em caracteres ogivaes na banqueta do altar: *amor, pietas, dolor.*

O presepio de Machado de Castro é obra d'este celebre esculptor portuguez, auctor da magnifica estatua equestre de D. José I. É, sem duvida, o melhor exemplar d'este genero, existente em Portugal; não tanto pela grandeza, porque ha ou houve maiores presepios, como pela admiravel perfeição das estatuetas e pela belleza da paisagem, que, povoada de centenas de figuras e de variados episodios, mantem, pelas habeis proporções dadas a todos os elementos, a illusão de extenso espaço, com excellente perspectiva. É escusado dizer que a architectura e as roupagens são do estylo Renascença decadente do seculo XVIII, constituindo verdadeiros anachronismos artisticos. Este defeito, se defeito se póde chamar a esta falta de consideração pela archeologia, não desmerece o valor real d'esta pequena obra d'arte.

Avenida da Liberdade

Ainda está na memoria de muita gente o antigo Passeio Publico, vasto recinto, circumdado de altas e fortes grades, que se estendia da actual Praça dos Restauradores até á Rua das Pretas. Offerecia este jardim publico um typo especial e caracteristico: a grandeza monotona e severa das construcções pombalinas. Em primitivos tempos, a larga rua central do vasto rectangulo fôra ladeada por bello arvoredo, de ulmeiros, talvez, a magnifica arvore tão adequada ao clima de Lisboa e tão empregada nas estradas pombalinas das cercanias da capital. A parte ajardinada limitava-se ás superficies lateraes, ainda reduzidas por pequenos lagos, um de cada lado da rua central, onde se viam as estatuas, representando o Tejo e o Douro, que hoje adornam mesquinhos lagos na Avenida da Liberdade.

A ruina do antigo e alteroso arvoredo — parte do qual ainda vi na minha primeira mocidade — tirou a principal grandeza ao Passeio Publico, que assim foi condemnado á morte. *Ceci tuera cela...*

A primeira grande avenida de Lisboa foi traçada sobre a sepultura do classico jardim, que, durante quasi um bom seculo, ao domingo, depois da missa, desenfastiou a elegancia lisbonense e, nos ultimos tempos, aborreceu e constipou os raros frequentadores, que, durante as noites ventosas do verão, passeavam em continuo vae-vem, entre dois renques de candieiros de gaz de luz oscillante e triste, ouvindo a musica monotona de qualquer banda regimental.

É exactamente o principio da Avenida da Liberdade, na extensão occupada pelo antigo Passeio Publico, que representa a gravura. Esta bella avenida, de 90 metros de largura, depois de um percurso de 1:200 metros, termina na Rotunda do Marquez de Pombal, d'onde irradiam outras avenidas de menor importancia e largura. Coroando a Avenida da Liberdade, está projectado um grande parque.

A arborisação e o ajardinamento da avenida são bem cuidados, como se manifestam, em regra, todos os jardins da capital. Assim, d'aqui a vinte ou trinta annos, será famosa pelas magnificas aleas de palmeiras. Pena é que a extensão mais frequentada d'esta avenida offereça construcções lateraes assaz deselegantes e feias, o que se deve á existencia de antigas casas, mal, bem mal, modernisadas. Nas restantes extensões, bem como em outras avenidas, a pobreza esthetica vae desapparecendo, o que, infelizmente, não significa ser ainda o estylo das construcções particulares digno de uma capital moderna.

Augusto Fuschini.

ment le sentiment des trois mots écrits en caractères ogivaux sur le devant de l'autel: *amor, pietas, dolor.*

La crèche de Machado de Castro est l'œuvre de ce célèbre sculpteur portugais, auteur de la magnifique statue équestre de D. José I. Dans son genre c'est le meilleur exemplaire qui existe en Portugal, pas autant pour sa grandeur, car il y en a et il y en a eu de plus grands, mais pour la perfection admirable des statuettes et la beauté du paysage, qui, peuplé de centaines de figures et d'épisodes variés, donnent, par l'habile proportion de tous les éléments, l'illusion d'un espace étendu, avec une excellente perspective. Inutile de dire que l'architecture et les vêtements sont de style Renaissance de la décadence, du XVIIIme siècle, et l'on y trouve de veritables anachronismes artistiques. Mais ce défaut, si l'on peut ainsi nommer le manque de considération pour l'archéologie, ne nuît pas au mérite réel de ce petit chef d'œuvre.

Avenue de la Liberté

Beaucoup de personnes se souviennent encore de l'ancienne Promenade Publique, entourée de hautes et fortes grilles, qui s'étendait de l'actuelle Place des *Restauradores* jusqu'à la rue des *Pretas.* Ce jardin public avait un type spécial et caractéristique: la grandeur monotone et sévère des constructions du temps du Marquis de Pombal. Aux temps primitifs, la grande allée centrale du vaste rectangle avait été garnie de beaux arbres, d'ormes, peut-être, arbres magnifiques si appropriés au climat de Lisbonne et si employés sur les routes des environs de la ville, faites à cette même époque. La partie du jardin, se bornait aux surfaces latérales, réduites encore par de petits lacs, un de chaque coté de l'allée centrale, et où l'on voyait les statues, représentant le Tage et le Douro, qui décorent actuellement les mesquins étangs de l'Avenue de la Liberté.

La destruction des beaux et anciens arbres, dont j'en ai encore vu quelques uns dans ma première jeunesse, a enlevé à la Promenade Publique sa principale majesté, et l'a pour ainsi dire condamnée à mort. *Ceci tuera cela...*

La première grande avenue de Lisbonne a été tracée sur le tombeau du classique jardin, qui pendant près d'un siècle, le dimanche après la messe, servait de distraction à l'élégance de la ville, et durant ses dernières années était une cause d'ennui et de rhumes pour les rares promeneurs, qui pendant les nuits d'été où le vent soufflait, se promenaient de long en large entre deux rangées de lampions à la lumière vacillante et triste du gaz, écoutant la musique monotone d'un orchestre militaire.

Le commencement de l'Avenue de la Liberté se trouve justement sur l'emplacement occupé par l'ancienne Promenade Publique, que notre gravure représente. Cette belle avenue, de 90 mètres de largeur, sur un parcours de 1:200 mètres se termine à la Rotonde du Marquis de Pombal, d'où partent d'autres avenues plus étroites et de moindre importance. On a le projet d'un grand parc, comme couronnement de l'Avenue de la Liberté.

Les arbres et les jardins de l'avenue sont bien soignés, comme le sont, du reste, tous les jardins de la capitale. Ainsi dans vingt ou trente ans elle se fera remarquer pour ses belles allées latérales de palmiers. Il est regrettable que l'étendue la plus fréquentée de l'avenue présente des constructions laides et peu élégantes, ce qui est dû à l'existence des anciennes maisons modernisées tant bien que mal. Plus loin, et dans les nouvelles avenues, la pauvreté esthétique disparait peu-à-peu, quoique l'on soit encore, malheureusement, assez loin du style de constructions particulières, digne d'une capitale moderne.

Augusto Fuschini.

Algarve

Silves



Já em artigos anteriores me tenho referido a Silves, uma das mais antigas cidades do Algarve, fallarei hoje um pouco mais particularmente d'essa vetusta povoação.

Não é completamente conhecida a sua origem, nem podemos tambem explicar a do nome da povoação, se vem do grego *sileus* se do latim *silvis*. Basta-nos saber que já era conhecida e tinha certa importancia no tempo da invasão e conquista muçulmana.

Transformado o seu nome pelos fanaticos islamitas em Chelb, parece que cedo os seduziria a sua posição, de certo encantadora n'essa época.

Um cabeço elevado com uma chapada de certa amplidão, correndo-lhe ao sopé um rio sereno de aguas crystallinas, que, serpenteando por meio de uma veiga ridente, se vae alargando até vir confundir-se com o mar, onde fórma um porto abrigado e de sufficiente capacidade, era recinto agradavel para attrahir as attenções dos voluptuosos companheiros e successores de Musa e Taric.

A primeira noticia que temos da passagem d'aquelles em terras do Algarve de Hespanha, foi na entrada de Musa-ben-Noseir, em seguida á de Taric, que se havia dirigido a Toledo. Depois das desordens que occasionou a vinda á Hespanha dos caudilhos Baleg-ben-Baxir e Taalaba-ben-Salema, quando Hussein-ben-Dhirar, Abulchatar tomou posse do emirado, e pacificou a peninsula, repartindo as suas terras por varias tribus pelos annos 125 da egira (742 de Christo), couberam as dos districtos de Ossónoba e Beja aos do Egypto e primeiros arabes valedís, sendo portanto estes quem começou a repovoação do Algarve.

N'este tempo ainda não achamos menção de Silves, nem tão pouco, quando por 729 ou 30 o emir Iussuf-el-Fehri dividiu a Hespanha em cinco provincias, posto que devia ser já conhecida. Depois de aclamado rei Abderraman-ben-Moauia em 755, passados oito annos, quando o vali de Cairuan Ali-ben-Mogueith desembarcou nas costas do Algarve com o fim de reconquistar a peninsula para o califa do oriente e expulsar d'ella o novo rei intruso, como lhe chamavam, este, reunindo a cavallaria de Cordova e de suas comarcas, marchou rapidamente para o Algarve, onde aquelle já se havia internado, e discorrendo por Cacela, Ossónoba, Chelb (*Silves*) até Mertola, onde deviam reunir-se as forças de Merida, veio a dar a importante batalha de Beja, onde o vali foi derrotado e morto.

É então que vemos mencionada pela primeira vez aquella cidade, que já devia ter bastante importancia, para concorrer com as suas gentes a engrossar as hostes do novo rei.

Não nos cabe nem seria facil seguir o desenvolvimento da forte cidade durante todo o periodo da dominação muçulmana. Nos derradeiros annos do reinado de Hescham el Motad-Bila, o ultimo dos Omiadas, começando varias cidades e provincias a rebelar-se, vemos entre ellas Chelb e Ossónoba por 1024 ou 1030.

Depois do esfacelamento do califado tomou Silves maior importancia, já com certa independencia, já sujeita aos reis de Badajoz e de Sevilha.

Tiveram então bastante celebridade os seus palacios, os seus jardins adornados de todos os encantos que a natureza e a arte n'elles accumulava. Não devia ser muito inferior a sua policia a Sevilha, a côrte dos Beni-Abed, visto que uma celebre dama, natural de Silves, Mirian, foi convidada para ir leccionar as donzellas da sultana do Guadalquibir em sciencias e poesia; e o rei Almotadid enviou o seu filho querido e successor Almotamed ao Algarve, onde, tomando posse de Santa Maria de Haron (Faro) e de Silves, n'esta forte cidade veio a gozar os annos mais deliciosos e ditosos da sua vida.

Nos embates successivos por que passou a peninsula durante os seguintes periodos da dominação muçulmana, seguíra Silves a sorte das outras povoações do Algarve. Primeiro vergada ao jugo aspero dos ferozes almorávides, depois sob o dos mais illustrados almóhades, caindo então em poder de D. Sancho I de Portugal em 1189, auxiliado por uma frota de cruzados que passavam para a Terra Santa. Não podia, porém, conservar-se tal conquista no meio de uma região dominada ainda toda pelos muçulmanos, e por isso logo que a noticia de tal desastre chegou ao conhecimento do emir Jacub, que tinha voltado á Africa para subjugar alguns rebeldes, estranhando a incuria dos seus caudilhos da

Algarve

Silves



Dans d'autres articles précédents je me suis déjà occupé de Silves, comme d'une des plus anciennes villes de la province de l'Algarve, et j'en parlerai aujourd'hui un peu plus spécialement.

Son origine n'est pas complètement reconnue, et nous ne saurions non plus expliquer celle du nom de la localité, s'il vient du grec *sileus* ou du latin *silvis;* mais il nous suffit de savoir qu'elle était déjà connue et avait une certaine importance au temps de l'invasion et de la conquête musulmane.

Son nom transformé en Chelb par les fanatiques islamites, ils furent bientôt séduits par sa position, assurément charmante à cette époque.

Un coteau élevé dominé par un plateau assez vaste; au pied de la montagne, une rivière tranquille aux eaux limpides, serpentant comme un ruisseau verdoyant qui s'élargit jusqu'à se confondre avec la mer, où il forme un port abrité et suffisamment ample, tout cela composait un ensemble assez attrayant pour les voluptueux compagnons et successeurs de Musa et Tarik.

La première notion que nous avons de leur passage dans les régions de l'Algarve d'Espagne, a été l'entrée de Musa-ben-Noseir, après celle de Tarik, qui s'était dirigé vers Toledo. Après les désordres occasionnés en Espagne par la venue des chefs de guerre Baleg-ben-Baxir et Taalaba-ben-Salema, lorsque Hussein-ben-Dhirar, Abulchatar prit possession des domaines de l'émir et pacifia la péninsule, partageant les terres en diverses tribus vers les années 125 de l'hégire (742 de l'ère Chrétienne), les districts de Ossónoba et Beja appartinrent aux Egyptiens et premiers arabes *valedis,* et ce furent donc ceux-ci qui commencèrent la repopulation de l'Algarve.

Cependant à cette époque nous ne trouvons pas encore qu'on fasse mention de Silves, ni même, lorsque vers 729 ou 30, l'émir Iussuf-el-Fehri divisa l'Espagne en cinq provinces, quoique cette localité devait alors être déjà connue. Après l'avènement du roi Abderraman-ben-Moauia en 755, passé huit ans, lorsque le vali de Cairuan Ali-ben-Mogueith débarqua sur la côte de l'Algarve afin de reconquérir la Péninsule pour le calife d'Orient et en chasser le nouveau roi intrus, comme on le nommait, celui-ci, réunissant la cavalerie de Cordoue et de ses communes, marcha rapidement sur l'Algarve, où l'autre s'était déjà rendu, et, passant par Cacela, Ossónoba, Chelb (Silves) jusqu'à Mertola, où devaient se réunir les troupes de Merida, ils livrèrent la fameuse bataille de Beja, où le vali fut vaincu et mort.

C'est alors que nous voyons parler pour la première fois de cette ville, qui devait déjà avoir une certaine importance, puisque ses habitants furent augmenter les armées du nouveau roi.

Il ne nous appartient pas, et même il ne serait guère facile de suivre le développement de la puissante ville pendant toute la période de la domination musulmane. Dans les dernières années du règne de Hescham el Motad-Bila, dernier des Omiades, nous trouvons, vers les années 1024 ou 1030, quelques villes et provinces qui commençaient à se rébeller, entre autres Chelb et Ossónoba.

Après le morcellement des domaines du calife, Silves acquit plus d'importance, avec une certaine indépendance, déjà soumise aux rois de Badajoz et de Séville.

Ses palais eurent alors assez de célébrité, avec leurs jardins ornés de tous les charmes que la nature et l'art y prodiguaient. Son gouvernement ne devait pas être bien inférieur à celui de Séville, la cour des Beni-Abed, car une dame célèbre, naturelle de Silves, nommée Mirian, fut invitée à aller enseigner les sciences et la poésie aux demoiselles de la sultane du Guadalquibir; le roi Almotadid envoya son fils chéri et successeur Almotamed, en Algarve, et celui-ci prenant possession de Santa Maria de Haron (Faro) et de Silves, s'installa dans cette ville et y passa les plus heureuses et délicieuses années de sa vie.

Dans les luttes successives qui sévirent sur la péninsule pendant les périodes suivantes, de la domination musulmane, Silves avait subi le sort des autres localités de l'Algarve. Courbée d'abord sous le joug âpre des féroces Almoravides, ensuite, sous celui des almohades plus civilisés, elle tomba enfin en 1189 au pouvoir de D. Sancho I de Portugal aidé par une flotte de croisés qui passaient pour aller

fronteira de Andaluzia, lhes ordenou que se fizessem prestes para a reconquista do Algarve, que em breve viria unir-se a elles, o que elles executaram com prospero exito, antes da sua chegada.

Depois de varias peripecias e tentativas de concentração muçulmana, conservaram-se, ainda por mais de cincoenta annos varios reinos, no sul da peninsula, sendo um d'elles o de Silves. Mas a hora final havia soado para elles. A conquista definitiva d'esse ultimo baluarte do islamismo em terras portuguêsas veio a realizar-se em 1248, primeiro do reinado do pouco escrupuloso Affonso III. Os antigos historiadores encheram de lendas o periodo d'essa conquista, mas parece que Mohamed-ibn-Mafot, ultimo rei de Silves, entregou a cidade por um convenio, concedendo-lhe o rei de Castella um dominio em Niebla, como se infere de varios documentos bem conhecidos.

A reconquista christã não trouxe melhoria alguma aos povos algarvios, salvo no tocante á tranquillidade e paz, quanto ao mais tanto a cultura intellectual, como a do solo deveram resentir-se, retrogradando de modo, que só a pouco e pouco tem melhorado lentamente.

Dos edificios que ennobreciam Silves nada resta. Ostentam-se, porém, no alto da cidade, affrontando o vandalismo de muitas gerações, parte das grossas muralhas do velho castello, e o corpo principal da antiga cathedral, apesar da séde do bispado haver sido transferida no meado do seculo XVI para Faro.

Agora novos edificios vão melhorando as feições da cidade, como os paços do concelho, a Misericordia, as fabricas consideraveis de cortiça, industria hoje alli muito desenvolvida que occupa centenares de braços. É este o principal ramo da riqueza da cidade, a que devemos juntar os productos agricolas, nomeadamente as fructas, em que tem a primazia a deliciosa laranja.

O caminho de ferro, durante tantos annos desejado, e que só ha pouco se approximou da velha cidade, deve dobrar-lhe a animação e a vida, dando mais facil desenvolvimento á sua industria e commercio.

Mostram as nossas gravuras o aspecto, ainda hoje majestoso, da antiga cathedral, apesar dos estragos do tempo e das convulsões sismicas, e alli se conservam algumas sepulturas dos antigos bispos e de cavalleiros de grande renome outr'ora.

Cruz de Portugal

A cerca de 400 metros da entrada de Silves encontra-se um monumento curioso, que não póde deixar de despertar a attenção do viandante. É um lindo e soberbo cruzeiro de pedra lavrada conhecido pela designação de *cruz de Portugal.*

D'onde lhe vem a designação, por quem, por que motivo e em que tempo foi alli erguido, ignoramol-o. Não está na raia dos dois reinos de Portugal e Algarve, embora se levante a poucas leguas d'ella; o facto, porém, é que alli existe, e assim é conhecido.

Attribue-se-lhe grande antiguidade; mas se alli foi erguida alguma cruz desde o tempo da conquista, deve essa ter desapparecido, talvez por effeito de ruina, e sido substituida pelo formoso cruzeiro, que hoje contemplamos.

Segundo parece, a notavel cruz ostentava-se com soberba elegancia sobre aquelle local; trabalhos de terreplanagens e aterros entulhavam o terreno, ficando então o monumento, como que enterrado. Parece que ultimamente se desobstruiu um tanto o sitio, e a cruz está mais desaffrontada.

Compõe-se o monumento de um fuste, lavrado em guisa de madeiro, que rompe de dois toscos degraus, que lhe servem como que de plintho. A certa altura tem uma especie de nó, d'onde se levanta a cruz.

Esse nó tem nas faces, verticalmente inferiores ao plano dos braços da cruz, dois escudetes oppostos, e nas outras duas faces que com ellas cruzam, apresenta umas especies de frestas gothicas, por baixo e por cima ornadas de certas molduras.

Sobre o nó levanta-se a cruz floreteada, lindamente cinzelada, tendo em uma das faces o divino Jesus crucificado, e na opposta a *Mater Dolorosa,* tudo em alto relevo.

A estructura, o lavor e a ornamentação d'este famoso cruzeiro, um tanto semelhante a alguns outros que se encontram no paiz, está denunciando um trabalho artistico posterior á época de D. João I, em plena vigencia do gothico florido.

Quiz-me parecer que o fuste houvesse partido por algum d'esses abalos, que tantas vezes tem ar-

en Terre Sainte. Cependant cette conquête ne pouvait se conserver, au milieu d'une région encore totalement dominée par les musulmans; ainsi, lorsque la nouvelle d'un tel désastre parvint à la connaissance de l'émir Jacub, qui était retourné en Afrique pour subjuguer quelques rebelles, celui-ci, étonné de la négligence de ses chefs de guerre des frontières de l'Andalousie, leur ordonna de courir prestement à la reconquête de l'Algarve, promettant de venir bientôt les rejoindre, mais avant son retour, l'opération était exécutée avec un plein succès.

Après diverses péripéties et tentatives de concentration musulmane, quelques royaumes subsistèrent encore, pendant plus de cinquante ans, au sud de la péninsule; l'un d'eux fut celui de Silves. Mais la dernière heure avait sonné pour eux. La conquête définitive de ce dernier rempart de l'islamisme sur la terre portugaise se réalisa enfin en 1248, première année du règne du peu scrupuleux Affonso III. Les anciens historiens ont rempli de légendes la période de cette conquête, mais il paraît que Mohamed-ibn-Mafot, dernier roi de Silves, rendit la ville par un traité, dans lequel le roi de Castille lui accordait un domaine à Niebla, ainsi que l'attestent quelques documents bien connus.

La reconquête chrétienne n'apporta aucun bienfait aux peuples de l'Algarve, sauf au point de vue de la tranquillité et de la paix; quant à la culture intellectuelle et à celle du sol, elles dûrent s'en ressentir, et rétrogradèrent de telle manière, qu'elles ne se sont améliorées que peu à peu et très lentement.

Il ne reste rien des édifices qui ennoblissaient Silves. Mais sur la partie la plus élevée de la ville, bravant le vandalisme de plusieurs générations, on voit encore une partie des grosses murailles du vieux château et le corps principal de l'ancienne cathédrale, quoique le siège de l'évêché ait été transféré à Faro, vers le milieu du XVI[me] siècle.

Actuellement l'aspect de la ville a beaucoup gagné avec les nouveaux édifices de l'Hotel de ville, et de la Miséricorde, de considérables fabriques de liège, industrie aujourd'hui très développée, qui occupe des centaines de bras. C'est la principale source de richesse de la ville et l'on doit y ajouter les produits agricoles, surtout les fruits, dont la primauté revient aux délicieuses oranges.

Le chemin de fer, si longtemps désiré, n'est arrivé que dernièrement aux environs de la vieille cité et doit redoubler son entrain et sa vie, donnant un plus grand développement à son industrie et à son commerce.

Nos gravures montrent l'aspect encore grandiose de l'ancienne cathédrale, malgré les outrages du temps et les convulsions sismiques, et l'on y trouve encore quelques tombeaux des anciens évêques et de personnages autrefois très renommés.

La Croix de Portugal

À 400 mètres à peu près de l'entrée de Silves se trouve un monument curieux, qui ne passe pas inaperçu au voyageur. C'est une belle et altière croix, en pierre sculptée, connue sous le nom de *croix de Portugal.*

D'où lui vient cette désignation, par qui, pour quelle raison et à quelle époque a-t-elle été élevée? Nul ne le sait. Elle n'est placée sur la limite d'aucun des royaumes, ni du Portugal ni de l'Algarve, quoiqu'elle soit à peine à quelques lieues de la frontière; mais, le fait est, qu'elle se trouve à cet endroit et on la désigne comme du Portugal.

On lui attribue une grande antiquité; toutefois si on a élevé là quelque croix depuis le temps de la conquête, elle doit avoir disparu, peut-être ruinée, étant remplacée par celle que nous voyons actuellement.

À ce qu'il paraît, la remarquable croix s'étalait avec une superbe élégance en ce lieu; des travaux de terrassement et de remblai encombraient le terrain, et le monument était à peu près caché. Dernièrement on a un peu dégagé l'emplacement, et la croix est tout à fait en vue.

Elle se compose d'un fût, travaillé comme une buche, sortant de deux grossières marches, qui lui servent de plinthe. À une certaine hauteur, il y a une espèce de nœud d'où s'élève la croix.

Ce nœud a, sur les faces verticalement inférieures au plan des bras de la croix, deux petits écussons, et, sur les deux autres faces, des espèces de lucarnes gothiques ornées de moûlures en haut et en bas.

ruinado os nossos monumentos, e que o que se vê alli hoje, e que seria replantado após o provavel cataclismo, é apenas uma parte d'elle.

Foi esta a impressão que senti ao contemplal-o, sem que tenha a pretensão de affirmar que esta impressão constitua uma verdade.

Em todo o caso este bellissimo monumento que os silvenses devem conservar e proteger contra todas as offensas dos tempos e dos homens, é digno de ser visto e admirado.

Olhão

Ha cerca de dois seculos o bispo do Algarve D. Simão da Gama, encontrando n'essa localidade um certo ajuntamento de pescadores entregues ás fainas do mar, considerando quanto era conveniente conservar esse nucleo de trabalhadores, para augmentar o numero das povoações da costa algarvia, erigiu esse agrupamento em parochia, separando-a de Quelfes, para cujo effeito fez levantar alli uma egreja.

Previu bem o illustre prelado. A sua ideia fecundou. A pequena freguezia foi crescendo, desenvolvendo-se, e os seus habitantes, todos, em geral pescadores, foram-se aventurando cada vez mais no mar.

Os successos politicos do ultimo quartel do XVIII seculo, em que fôra creada a pequena povoação, vieram auxiliar poderosamente o seu feliz progredimento.

Nem tudo, porém, são flôres não só na nossa existencia, como na vida dos povos, por mais pacificos e laboriosos que sejam. As luctas politicas da primeira metade do XIX seculo vieram affectar um tanto a tranquillidade e progresso da nova villa.

Povo trabalhador e ousado, pendia naturalmente para o systema liberal e democratico recentemente implantado no paiz; por isso desde que rebentou a reacção absolutista de 1828, os olhavenses, sempre sectarios das novas ideias, tiveram que soffrer as consequencias da sua orientação politica. De 1828 a 1834 em constante hostilidade com a predominancia reaccionaria, houveram de sustentar cruenta lucta contra as hostes do absolutismo, tendo padecido inclemencias e grandes prejuizos. A esses males veio accrescentar-se ainda a devastação infligida pela terrivel epidemia da colera morbus, o que tudo produziu uma diminuição consideravel na industriosa villa.

Encerrado, porém, aquelle triste parenthesis do desenvolvimento olhavense, quebradas as cadeias do despotismo e firmada a liberdade politica, soltou de novo Olhão as suas velas á aragem do progresso, e hoje ao cabo de dois seculos apenas, é uma das villas mais florescentes e populosas do paiz. O numero de seus habitantes regula por dez mil almas.

Á borda do mar, assentada sobre uma praia arenosa, em dilatada planicie, elevando-se suavemente para o interior, só tem a receiar os éstos ou enchentes extraordinarias, já até descriptas por Estrabão, e que algumas vezes tem chegado a inundar parte da villa.

Tem boa agua. Os seus territorios produzem boas hortaliças, excellentes fructas, incluindo a batata doce. É abundante de vinhas, figueiras e alfarrobeiras, que servem para o sustento publico e exportação. A sua riqueza principal provém do mar.

O seu pescado é abundante de pargos, gorazes, corvinas, pescadas, cachuchos, sardinha, atum, etc.

Hoje, além de edificios particulares de alguma importancia, ennobrecem a villa varias fabricas de preparação do peixe em conserva, principalmente de sardinha, a fonte principal da sua riqueza.

A vegetação é opulenta, os homens são robustos e as mulheres, em geral, formosas e bem formadas.

Villa Real de Santo Antonio

Sobre a margem direita do Guadiana existia desde tempos antigos uma povoaçãosinha denominada de Santo Antonio de Arenilha. Não se sabe porque se foi obliterando esse logarejo; consta porém que já no ultimo quartel do seculo XVII, havia apenas memoria entre os anciãos d'aquelles sitios, da sua existencia pela noticia que d'elle tinham ouvido aos seus velhos antepassados.

É de crêr que pelo avantajado proveito que produziam as pescarias de Montegordo, os habitantes do antigo logar o fossem abandonando a pouco e pouco e se fossem passando áquelle, caindo o primeiro em completo anniquilamento.

Sur le nœud s'élève la croix fleuronnée, délicieusement ciselée, ayant sur l'une des faces le divin Jésus crucifié, et du côté opposé la *Mater Dolorosa*, en superbe relief.

La construction, le travail et l'ornementation de cette belle croix un peu semblable à quelques autres que l'on trouve dans le pays, révèlent une œuvre artistique postérieure à l'époque de D. João I, en pleine existence du style gothique fleuri.

Il m'a semblé que le fût se serait brisé lors d'un de ces tremblements de terre qui ont ruiné tant de nos monuments, et que celui que l'on y voit actuellement est à peine un fragment replanté après la catastrophe probable.

C'est l'impression que j'ai ressentie en l'observant, quoique je n'aie pas la prétention que cette idée soit la véritable.

Quoiqu'il en soit, le magnifique monument mérite d'être conservé et protégé par les habitants de Silves, contre les outrages du temps et des hommes, et il est digne d'être visité et admiré.

Olhão

Il y a à peu près deux siècles, l'évêque de l'Algarve D. Simão da Gama, trouvant dans cet endroit un certain nombre de pêcheurs qui se livraient au labeur de la mer; pensant qu'il serait convenable de conserver ce noyau de travailleurs, afin d'augmenter le nombre de localités de la côte *algarvia*, il fit ériger en faveur de ce groupe d'habitants une paroisse, qu'il sépara de Quelfes, et y fit élever une église.

L'insigne prélât avait bien prévu que son idée serait profitable. La petite paroisse prospéra, se développa et ses habitants, presque tous pêcheurs, se hasardèrent de plus en plus sur l'océan.

Les évènements politiques de la dernière partie du XVIIIme siècle, époque de la fondation de la petite localité, vinrent aider puissamment son heureux développement.

Mais, tout n'est pas rose dans la vie, de même que dans l'existence des peuples, quelles que soient leurs tendances pour la tranquillité et le travail. Les luttes politiques de la première moitié du XIXme siècle, vinrent affecter à un certain point les progrès de la nouvelle ville.

Le peuple, hardi et laborieux, penchait naturellement vers le système libéral et démocratique récemment introduit dans le pays; donc, aussitôt qu'éclata la réaction absolutiste de 1828 les habitants d'Olhão, toujours sectaires des nouvelles idées, eurent à souffrir les conséquences de leur orientation politique. De 1828 à 1834 ils furent en constante hostilité avec la prépondérance réactionnaire, et dûrent soutenir une lutte cruelle contre les armées absolutistes, qui leur infligèrent toute sorte de vexations et de graves préjudices. À ces maux il fallût encore ajouter la dévastation produite par la terrible épidémie cholera-morbus; tout cela se réunit pour produire une grande décadence dans le bourg si travailleur.

Mais après cette triste parenthèse dans son développement, lorsque les chaînes du despotisme furent brisées et la liberté politique se trouva raffermie, Olhão déploya de nouveau ses voiles au souffle du progrès, et actuellement, malgré son existence d'àpeine deux siècles, c'est un des bourgs les plus florissants et populeux du pays, et sa population compte à peu près dix mille âmes.

Au bord de la mer, situé sur une plage sablonneuse, et sur une plaine étendue, qui s'élève en pente très douce vers l'intérieur, il n'a à craindre que les reflux et les crues extraordinaires, déjà décrits par Estrabon, et qui parfois ont inondé une partie du bourg.

L'eau y est excellente; les terrains produisent de beaux légumes, des fruits magnifiques, y compris les patates. On y trouve aussi d'abondants vignobles, des figuiers et des caroubiers, qui servent pour la nourriture publique et l'exportation. La principale richesse vient de la mer.

La pêche est superbe et variée; les brochets, brêmes, merluches, sardines et le thon y abondent.

Aujourd'hui, outre des édifices particuliers assez importants on trouve à Olhão diverses fabriques de conserves de poisson, surtout de sardines, source principale de richesse de l'endroit.

La végétation est splendide, les hommes sont beaux et les femmes généralement bien faites et très jolies.

Villa Real de Santo Antonio

Sur la rive droite du Guadiana il y avait autrefois une petite localité nommée Santo Antonio de Arenilha. On ne sait pas comment a disparu ce village, mais il parait que déjà, vers la fin du XVIIme

Assim essa margem direita do rio achava-se por consequencia desprovida de povoação desde Castro Marim até Alcoutim, em tanto que a margem opposta, da nossa visinha Hespanha, estava mais bem guarnecida, ostentando em local intermedio a formosa villa de Aiamonte. Esta não só era um ponto regularmente fortificado, mas um centro commercial de certa importancia, sendo um verdadeiro interposto das relações dos dois paizes.

O Marquez de Pombal havendo reconhecido, durante a guerra de 1762, estas circumstancias, sabendo da existencia outr'ora da povoação de Santo Antonio de Arenilha, teve a ideia de levantar em frente de Aiamonte uma villa. Pensar e executar era a caracteristica d'aquelle cerebro potente. Logo fez elaborar o respectivo plano, reuniu os elementos indispensaveis para o complemento de tal projecto, e em breve, no largo areal sobre o qual adejavam as gaivotas e os alcatrazes, se erguia uma villa regular e bem assente, com o cunho da sobriedade e alinhamento que distingue as creações pombalinas. É um verdadeiro resumo da *baixa* de Lisboa.

Uma praça rectangular ao centro, em uma de cujas faces se ergue o edificio municipal, e da qual partem ruas largas que se cruzam e cortam em angulo recto, eis a feição geral da povoação que recebeu o nome de Villa Real de Santo Antonio. Estrondosas foram as festas da sua inauguração; mas o grande marquez não pôde vêr o resultado da sua creação.

Decorridos pouco mais de dois annos depois da inauguração da villa, finava-se o rei D. José, e com elle affundava-se o genio e o poderío do seu grande ministro. Quanto valia o gigante, reconhece-se nas obras dos pigmeus que o substituiram.

O estabelecimento e desenvolvimento das minas de S. Domingos, a creação de uma carreira de vapores entre Lisboa e os portos do Algarve, cujo *terminus* é Villa Real, a carreira diaria de barcos d'esta natureza entre esta villa e Mertola, e a fundação de varias fabricas de conserva de peixe na villa, deram a esta uma importancia e progresso que não seria facil augurar muitos annos antes.

Assente, como dissemos, n'um vasto areal, que lhe permitte desdobrar-se, se não offerece aos olhos o porte ridente e engraçado da fronteira Aiamonte, contenta-se com a sua firmeza e solida pujança. Cercada de hortas e fazendas extensas, muito bem tratadas, que durante uma legua ou mais verdejam com primor luxuriante, é abundosamente provida com os saborosos e sadios productos d'ellas.

Pela parte do rio, ao seu extenso caes aporta com frequencia uma infinidade de barcos de varias denominações portuguêses e hespanhoes, além dos grandes vapores que vêm receber os seus productos perfeitamente fabricados e convenientemente acondicionados.

Alli se encontra tambem uma formosa praça de peixe, com todos os melhoramentos modernos, como tanques ou piscinas para conservação de pescado vivo, que julgo terão augmentado.

É o clima de Villa Real agradavel e salubre. Para temperar-lhe os ardores acodem lhe as brizas impregnadas dos effluvios maritimos; havendo porém em muitas noites, assim como em Lagos, demasiado fresco, contra o qual é mister precaver-se.

Os ultimos censos dão á villa cerca de seis mil almas.

Agora, com o ultimo e poderoso melhoramento do caminho de ferro, que a liga facilmente com o resto do paiz, Villa Real crescerá e progredirá.

Brito Rebello.

siècle les vieillards se souvenaient à peine de cet endroit et de son existence, par ce que leur avaient raconté leurs vieux ancêtres.

Il est présumable que les abondantes pêches de Montegordo avaient attiré les habitants de l'ancien village qui peu-à-peu se trouva abandonné et fut complètement anéanti.

Cette rive droite du fleuve se trouvait donc sans aucune localité depuis Castro Marim jusqu'à Alcoutim, tandis que sur la rive opposée, de notre voisine l'Espagne, elle était bien habitée et étalait dans un site intermédiaire la belle ville de Ayamonte. Celle-ci n'était pas seulement un point assez bien fortifié, mais aussi un centre commercial important et un véritable entrepôt des deux pays.

Le Marquis de Pombal, pendant la guerre de 1762, s'étant rendu compte de ces circonstances et sachant qu'il y avait eu là autrefois un endroit nommé Santo Antonio de Arenilha, eut l'idée d'y élever une ville même en face de Ayamonte. Penser et agir, c'était un des caractères de ce cerveau puissant. Il fit donc esquisser le plan, réunit les éléments indispensables à l'exécution de son projet, et bientôt sur la vaste grêve où voletaient les mouettes et les goëlands on vit émerger une ville régulière et bien bâtie, avec le cachet de sobriété et d'alignement qui caractèrise les travaux du Marquis de Pombal. C'est, en petit, la ville basse de Lisbonne.

Au centre, une place rectangulaire, sur un côté de laquelle s'élève l'édifice municipal, et d'où partent des rues larges qui se croisent et se coupent, en angles droits, tel est le type de la localité qui reçut le nom de Villa Real de Santo Antonio. Les fêtes de son inauguration furent brillantes, mais le grand Marquis ne pût jouir du résultat de son œuvre.

Deux ans, à peu près, après l'inauguration de la petite ville le roi D. José mourait, et avec lui sombrait le génie et la puissance de son premier ministre. La valeur du géant se reconnait à l'œuvre des pygmées qui le remplacèrent depuis.

L'établissement et le développement des mines de S. Domingos, la fondation d'une ligne de bateaux à vapeur entre Lisbonne et les ports de l'Algarve, dont le *terminus* est Villa Real, les voyages quotidiens de bateaux similaires entre cette ville et Mertola, et l'installation de plusieurs fabriques de conserves de poisson, tout cela a donné à Villa Real une importance et une prospérité qu'il n'aurait pas été facile de prévoir quelques années auparavant.

Située, comme nous l'avons dit, sur une immense grève qui lui permet de s'étendre considérablement, elle s'étale avec toute sa force et sa solidité, sans offrir aux regards le port gracieux et riant de sa voisine d'en face, Ayamonte. Entourée de potagers et de grandes propriétés, très bien cultivées, qui sur plus d'une lieue d'étendue verdoient avec une luxuriante fraicheur, elle est abondamment pourvue de produits savoureux et sains.

Du côté du fleuve, on voit accoster au long quai, une infinité de bateaux portugais et espagnols, sans parler des grands vapeurs qui viennent y chercher les produits parfaitement fabriqués et convenablement préparés.

On y voit aussi une belle halle au poisson avec les perfectionnements modernes, des bassins et piscines pour conserver le poisson vivant.

Le climat de Villa Real est sain et agréable. Pour en tempérer les ardeurs on reçoit les brises imprégnées d'effluves maritimes; il y a, de même qu'à Lagos, des soirées où l'air est si frais, qu'il faut se couvrir fortement.

Les derniers cens accusent près de six mille âmes.

Dernièrement, avec l'importante amélioration du chemin de fer, qui communique avec le reste du pays, Villa Real a encore gagné, et certainement elle augmentera et prospérera davantage.

Brito Rebello.

Guarda

Serra — Cidade — Cathedral



ALTEROSA no seu assento de granito, quasi inaccessivel, ergue-se a cidade entre duas quebradas formidaveis, que a separam dos terrenos circumvisinhos. Por uma corre em fundo valle o Mondego, pela outra um ribeiro (Nocime) que, ligado indirectamente ao Côa, põe a região da cidade em contacto com a bacia hydrographica do Douro. D'este modo, tendo muito perto, na Serra da Estrella, as nascentes do Mondego e do Zezere, com seus primeiros e mais caudalosos affluentes, que estão offerecendo no seu pendor uma força hydraulica valiosa e abrem na planicie valles ferteis, extensos, abrigados, uberrimos, participa a cidade de vantagens incalculaveis agricolas, commerciaes e industriaes, e até politicas. Como posição estrategica póde considerar-se talvez unica no paiz, pois defende a entrada para as Beiras Alta e Baixa, para o coração do reino. Os nomes historicos Trancoso, Valverde, Castello-Rodrigo, Almeida, representam por isso outros tantos campos de batalha, em que os filhos da Guarda viram jogar os destinos do paiz, a poucas horas de distancia. Hoje mesmo, com um systema de communicações muito differente d'aquelle que fez affluir outr'ora á Guarda as riquezas do centro do reino, pois só Vizeu lh'as disputou temporariamente, a cidade mantem a sua tradição de sentinella militar, para o lado da Hespanha, e alarga progressivamente a sua influencia, graças aos recursos da mais formidavel serrania de Portugal. São elles taes e tantos que podem dizer-se inexgotaveis, muito embora a nova cultura florestal esteja renascendo sómente ha poucos annos, quando podia bem ter já coberto os montes Herminios com incalculaveis riquezas, para quatro gerações, pelo menos. Colher sem semear, quem concebeu isso? Gastar as ultimas reservas naturaes da Serra, sem pensar no dia de ámanhã? [1]

Nem a auctoridade de um preclaro cultor da sciencia acordou as consciencias! Nem a fama da *Expedição scientifica* á Serra da Estrella em 1881, organisada pela benemerita Sociedade de Geographia de Lisbôa, a que me honro de pertencer desde a fundação (1875), conseguiu operar a transformação recommendada methodica e scientificamente em 1815. Temos vivido sempre de expedientes, até ha poucos annos, destruindo-se o ultimo pinheiro ou cerquinho, a derradeira moita de castanheiros bravos, o derradeiro tufo de zimbro, até que as fabricas, semeadas pelas vertentes da Serra, desde Castello-Branco até á Guarda, e desde a Guarda até á Louzã, se encontraram sem combustivel. Estivemos n'essa Expedição de 1881 e percorremos grande parte da Serra, devagar, quasi só, em boas quatro semanas, a pé, descendo e subindo pelos valles dos affluentes do Mondego e do Zezere para vêr, para sentir, para apalpar até onde chega a incuria lusitana n'aquelle ermo sem fim de granito, solidão sáfara e negra, tisnada pelo sol implacavel de agosto, ermo que poderia ser um paraiso alpino! E parece apenas um torvo mar de granito, sitio — « da natureza em tudo aborrecido, onde nem ave vôa, ou fera dorme ». Aos nossos illustres collegas da Sociedade de Geographia, á memoria sempre querida de Luciano Cordeiro e de Martins Sarmento, presidente da minha secção (Archeologia) devo esta singela referencia para provar aos sobreviventes que de lá, da Serra, trouxe mais do que as modestas antigualhas que entreguei em Lisboa, a convicção, a prova de que ha alli um problema nacional, um problema economico, complexo, a resolver.

Não posso collocar-me no ponto de vista de certos jornalistas prestigiosos que viram e julgaram a Serra em... tres dias, entre tres *pic-nics*. Foram depois para casa fazer estylo e fingir cousas que outros não viram. Nem posso acompanhar no seu devaneio poetico e sentimental, que muito respeito em filhos da região, o ingenuo chronista local [2]. Repito: a Serra da Estrella é para mim um problema nacional, com gestação já dolorosa, com todos os sombrios constrastes e agruras da nossa vida portugueza, desorganisada, em que andamos ha tanto tempo, qual rebanho sem pastor.

Soou a hora de acordarmos das nossas chimeras. Passou o tempo do *cuydar & sospirar.*

---

1 Vid. os Estudos de José Bonifacio d'Andrade e Silva, *sobre o plantio dos Bosques nacionaes*, 1815.

2 Vid. n'esta publicação (n.º 82) a linda descripção do snr. Emygdio de Brito Monteiro: *A Serra da Estrella;* e tambem o fasc. 87, com texto interessante do snr. Manoel Monteiro.

Guarda

La montagne — La ville — La cathédrale



ALTIÈRE, sur son siège de granit, la ville s'élève presque inaccessible entre deux formidables ravins, qui l'isolent des terrains environnants. Au fond de l'un d'eux court le Mondego, et dans l'autre un cours d'eau (Nocime) qui, indirectement relié au Côa, met la région de la ville en contact avec le bassin hydrographique du Douro. De cette manière, ayant très proches, dans la montagne d'Estrella, les sources du Mondego, du Zezere, avec leurs premiers et plus abondants affluents, dont la chute produit une précieuse force hydraulique et qui sillonnent la plaine de vallées fertiles, la ville participe d'incalculables avantages au point de vue agricole, commercial et même politique. Elle peut être considérée comme position stratégique peut-être unique dans le pays, car elle protège les entrées des deux Beiras, Alta et Baixa, et celle de l'intérieur du royaume. Les noms historiques de Trancoso, Valverde, Castello Rodrigo, Almeida, répresentent pour cela autant de champs de bataille où les enfants de Guarda virent défendre les destinées du pays, à quelques heures à peine de distance. De nos jours encore, la ville maintient sa tradition de sentinelle militaire, du côté de l'Espagne et élargit progressivement son influence, grâce au secours de la plus formidable montagne du Portugal, quoique ses moyens de communication soient très différents de celui qui attirait jadis à Guarda les richesses du centre du royaume, que Vizeu seul lui a disputées pendant quelque temps. Ses ressources sont si nombreuses qu'on les dirait inépuisables, malgré que la nouvelle culture forestière soit à peine renaissante depuis quelques années, ayant pu, si on l'avait soignée, recouvrir les monts Herminios d'incalculables richesses pendant quatre générations au moins. Qui aura eu l'idée de récolter sans semer? Qui penserait à dépenser les dernières réserves naturelles de la montagne sans songer au lendemain? [1]

Toute l'autorité d'un savant homme de science, n'a pu réveiller les consciences! La célébrité de l'*Expédition scientifique* à la Montagne d'Estrella en 1881, organisée par la Société de Géographie de Lisbonne, à laquelle j'ai l'honneur d'appartenir depuis son installation (1875) n'a pas réussi à opérer la transformation recommandée méthodiquement et scientifiquement en 1815. On a toujours vécu au jour le jour, jusqu'à ces dernières années, détruisant la dernière sapinière, le dernier taillis de marronniers sauvages, le dernier massif de genévriers, jusqu'à ce que les fabriques, parsemées sur le flanc de la Montagne, depuis Castello Branco à Guarda, et de Guarda à Louzã, se soient trouvées à bout de combustible. Nous avons fait part de cette expédition en 1881, et avons parcouru une grande partie de la montagne, doucement, presque seul, et à pied, pendant quatre semaines, descendant et montant les vallées affluentes du Mondego et du Zezere, pour voir, sentir et tâter jusqu'à quel point peut atteindre l'incurie lusitaine, dans ce désert sans fin de granit, dans cette solitude sombre et farouche, brûlée par un soleil implacable, qui pourrait devenir un paradis alpin! Et nous avons trouvé à peine le morne océan de granit, le site «de la nature, dédaigné de tous, où l'oiseau ne vole pas ou le fauve même ne veut par dormir». À nos distingués collègues de la Société de Géographie, à la mémoire toujours chère de Luciano Cordeiro et de Martins Sarmento, président de ma section (Archéologie) je dois cet hommage sincère, afin de prouver aux survivants, que, du haut de la Montagne, j'ai rapporté un peu plus que les modestes antiquitées remises à Lisbonne, car j'y ai acquis la conviction et la preuve qu'il existe là un problème national, un problème complexe, qu'il faut résoudre.

Je ne saurais me placer au point de vue de quelques brillants journalistes qui ont vu et étudié la Montagne en... trois jours entre trois *pic-nics,* et qui, arrivés chez eux, ont produit de la prose stylée et imaginé des choses que d'autres n'ont pas vues. Je ne pourrais non plus accompagner dans ses rêveries poétiques et sentimentales, très appréciables chez des enfants du pays, le naïf chroniqueur local [2]. Je répète que la Montagne d'Estrella est pour moi un problème national, de douloureuse

---

1 Vid. les Etudes de José Bonifacio d'Andrade e Silva, *sur la plantation des Forêts nationales,* 1815.

2 Vid. dans cette publication (nº 82) la belle description de Mr. Emygdio de Brito Monteiro: *La Montagne d'Estrella;* et aussi le nº 87, avec l'intéressant texte de Mr. Manuel Monteiro.

*

* *

Da Sé, á qual consagramos as nossas estampas, promettemos fallar quando nos occupámos do templo da Batalha. Com effeito, os dois monumentos estão intimamente ligados, fornecendo aliás um contraste perfeito, como succede tantas vezes entre irmãos, de uma mesma familia. A dissimilhança apparente desafia mesmo um confronto; e logo se revela a um olhar attento e experimentado nas coisas da Arte e versado nas condições da *technica* profissional, tal como esta apparece no nosso paiz em variadissimas fórmas, segundo o caracter do material empregado, e a influencia do meio climaterico que o gasta ou conserva, colóra ou destinge. Erigir uma Sé, um templo, no limite da Beira trasmontana e da Beira central [1] a 1:093 metros de altitude, em aspero granito; ou levantar uma egreja conventual nas ferteis e fartas planicies da Extremadura, com o brando e alvo calcareo, extrahido das mansas ondulações da Serra d'Ayres, são problemas bem diversos; traçar uma fortaleza — porque a Sé da Guarda era isso, ainda em 1881, quando a vimos e estudámos pela primeira vez [2] — ou realisar uma *solatio pauperum Deo grata et consolatio,* inclusivé para aquelles que vinham de longes terras orar por amigos mortos ou inimigos vencidos e reconciliados, era santificar por diversos modos a mesma cruzada nacional. Quantos aspectos e contrastes nas duas egrejas irmãs, talvez obra do mesmo mestre ou da mesma Junta de architectos!

A primeira impressão foi formidavel, á noite, quasi ás escuras (não havia então illuminação artificial) nas ruas ermas, apalpando o terreno, subindo e descendo os differentes planos em que a Sé assenta. Nenhum dos elementos que encantam a vista e põem em relevo o perfil de uma construcção gothica, convidando a entrar. Muros cerrados, frestas sombrias. Nem os arco-botantes abraçando os muros por cima das naves, descendo sobre os botareos; nem as agulhas esbeltas nas torres; nem largas janellas, prodigas de luz, nem laçarias que emmoldurassem as vidraças córadas, nem emfim a renda subtil que na Batalha corôa e remata todos os frisos, consagra e symbolisa a pureza do culto da Virgem e representa tambem o emblema heraldico da dynastia, o lyrio, repetido quatro vezes nos braços da cruz floreteada de Aviz.

Todo o conjuncto decorativo exterior reduz-se a dous centros: 1.º) a uma entrada lateral, desenhada em archivolta pouco funda, que remata em curva lanceolada (*dos d'âne* = arco em quilha) com uma flôr de liz estylisada no cume. A empena, armada em angulo sobre a archivolta e traçada dentro de um taboleiro quadrangular *fenestrado* (isto é, com arcaduras fingidas) prolonga as proporções do portal e corrige a extrema severidade da poderosa testa Norte do cruzeiro, temperada sómente pela janella polycentrica que illumina a nave, rasgando a parede no terço superior. Deve ser a janella de cêrca de 1500. 2.º) Á modesta porta principal, parcamente ornamentada; pobremente, deveriamos dizer.

---

[1] Esta classificação das regiões, unica scientifica, é devida a Barros Gomes, no seu Atlas: *Carta orographica e regional,* 1875. Na parte que nos interessa, temos no norte do reino: Além Douro littoral — Além Douro Trasmontano; e, descendo depois pela raia hespanhola: Beira trasmontana, ligada á Beira central e meridional, terminando a grande provincia no oceano, com a Beira littoral.

[2] Voltei á cidade da Guarda por differentes vezes, no verão e no inverno, no meio da neve, em 1882, 1885, 1887, e ainda posteriormente. Explorei toda a região circumvisinha até Trancoso e Pinhel ao norte, Covilhã e Belmonte ao sul. Em 1887 fui chamado officiosamente, pelo engenheiro Alexandre da Conceição, então director das Obras Publicas do districto, para examinar grande abundancia de fragmentos architectonicos, extrahidos de uma das grandes torres da muralha de D. Fernando, quando demoliram a que estava ligada ao convento de Santa Clara, e desfizeram o mesmo convento para construir um hospital. Os fragmentos eram ás centenas e representavam o arcabouço, perfeitamente conservado, de uma egreja de tres naves, de estylo de transição romanico-gothico. Fôra um atroz vandalismo formar o recheio de uma torre — n'uma occasião de guerra talvez — com tão preciosos elementos, que dariam, ainda em 1887, uma egreja perfeitamente acabada, com excellente material e lavor. Pareceu-nos ser a culpa de outrem; não das freiras. A egreja desenterrada seria a *segunda* (?) Sé, que D. Fernando mandou derrubar cêrca de 1370 «por ficar fóra da cidade e poder servir de presidio aos castelhanos, com quem andava em guerra»... (Man. Pereira da Sylva, *Catalogo dos Bispos da Idanha e Guarda,* XVIII, biographia do Bispo D. Affonso Corrêa). A reconstrucção da egreja desenterrada era facillima e opportuna; como tal a aconselhei, pois representava o aproveitamento de dezenas de contos, de mão de obra excellente, além de salvar-se um monumento rarissimo por estar o lavor quasi novo, e ser o estylo raro, a factura homogenea. O que resta hoje do templo desfeito? Talvez unicamente as photographias que então mandei tirar.

portée, avec tous les sombres contrastes et toutes les amertumes de notre existence portugaise, désorganisée, et où nous nous trouvons depuis si longtemps comme un troupeau sans berger.

L'heure du réveil de nos chimères a sonné. Le temps de penser et soupirer est passé.

*

* *

Nos gravures répresentent la Cathédrale dont nous avons promis de parler lorsque nous nous sommes occupés du temple de Batalha. En effet, ces deux monuments sont intimement liés, présentant néanmoins un parfait contraste, comme il arrive souvent entre des frères d'une même famille. La dissemblance apparente défie toute confrontation, mais se révèle aussitôt au regard attentif et expérimenté en des choses d'Art et exercé en matière de technique professionnelle, telle qu'elle apparait dans notre pays, sous les formes les plus variées, selon l'espèce de matériel employé, et l'influence du milieu climatérique qui le conserve ou le ruine, le colore ou le déteint. Elever une Cathédrale, un temple, sur la limite de la Beira *transmontana* et de la Beira Centrale [1], à 1:093 mètres d'altitude, en granit dur, ou construire une église conventuelle dans les plaines abondantes et fertiles de l'Extremadura, avec la pierre calcaire blanche et douce, extraite des suaves ondulations de Serra d'Ayres, sont des problèmes tout-à-fait différents; ériger une forteresse — car la Cathédrale de Guarda en 1881 lorsque nous l'avons vue et étudiée pour la première fois, n'était pas autre chose — ou exécuter une *solatio pauperum Dea grata et consolatio,* même pour ceux qui venaient de terres lointaines prier pour les amis morts ou pour les ennemis vaincus et reconciliés, c'était sanctifier de manières diverses la même croisade nationale. Combien d'aspects et de constrastes dans ces deux églises sœurs, œuvres peut-être du même maître ou de la même Société d'architectes!

La première impression a été formidable, la nuit, presque dans l'obscurité, (car il n'y avait pas alors d'éclairage artificiel) par des rues solitaires, tâtant le terrain, montant et descendant les différents plans sur lesquels repose la Cathédrale. Pas un seul de ces éléments qui charment la vue, mettant en relief le profil d'une construction gothique, et nous invitant à y entrer. Des murs fermés, de sombres impostes. Pas même les arcs-boutants qui embrassent les murs au dessus des nefs, et descendent sur les contre-forts; ni les flèches sveltes des clochers; ni les larges fenêtres, prodiguant la lumière, ni les entrelacs qui encadrent les vitraux, ni, enfin, la fine dentelle, qui, à Batalha, couronne et termine toutes les frises, consacrant et symbolisant la pureté du culte de la Vierge, et représentant aussi l'emblème héraldique de la dynastie, le lys, répété quatre fois dans les bras de la croix fleuronnée d'Aviz.

Tout l'ensemble décoratif extérieur se réduit à deux centres: 1° Une entrée latérale, dessinée en archivolte peu profonde, terminée en courbe lanceolée (*dos d'âne* = arceau en quille) avec une fleur de lys en stylet au sommet. Le gros mur, bâti en angle sur l'archivolte et tracé dans un encadrement quadrangulaire avec arcades simulées, prolonge les proportions du portail et corrige l'extrême sévérité de la puissante face Nord du transept, adoucie seulement par la croisée polycentrique qui éclaire la nef, perçant la muraille à son tiers supérieur; cette croisée doit dater à peu près de l'an 1500. — 2° La modeste porte principale, mesquinement ornementée; nous devrions même dire pauvrement.

Avec cette porte latérale et la fenêtre nous parvenons à déterminer les périodes les plus importantes de la construction, qui se résument en deux lignes: la fondation, du temps de D. João I, imaginée comme forteresse dans une époque de crise nationale, fut remise à D. Manuel, qui la fit alors recouvrir d'ornements que le granit supportait à peine. Auparavant, les entrepreneurs des travaux avaient au XIV[me] siècle, prudemment, réprimé les caprices des sculpteurs. Le roi D. João III compléta intérieurement, avec le magnifique retable en pierre calcaire du maître-autel, (le seul de cette grandeur dans le pays), la décoration de la Cathédrale, avec une matière différente, puisque ni au dedans, ni au

---

[1] Cette classification des régions, la seule scientifique, est dûe à Barros Gomes dans son Atlas: *Carta orographica e regional,* 1875. Dans la partie qui nous intéresse nous avons, au nord du royaume: Além Douro littoral — Além Douro Transmontano — et descendant ensuite para la partie frontière à l'Espagne: Beira transmontana, liée à la Beira centrale et méridionale, la grande province se terminant à l'océan avec la Beira littorale.

Com essa porta lateral e janella chegamos a determinar os periodos mais importantes da construcção, que se resumem em duas linhas: a fundação de D. João I, ideada como fortaleza para um periodo de crise nacional, é entregue a D. Manuel; cobre-se então de enfeites que o granito mal comporta. Antes, os mestres da obra contiveram no sec. XIV, prudentemente, o capricho dos alveneis. El-rei D. João III completou interiormente, com o esplendido retabulo em calcareo da capella-mór (unico no paiz em semelhantes dimensões) a decoração da Sé, n'um material diverso, já que nem dentro, nem fóra era possivel realçal-a, pelas condições da materia prima: o granito, o bom granito nacional aspero, mas duradouro. D'esta maneira ficou austera esta Sé, casta e pura, sem as lentejoulas que offendem tantas irmãs suas n'este reino. Para essas ficou a Sé da Guarda talvez pobre; para mim ficou bella, d'aquella belleza máscula dos typos femininos nos nossos quadros gothicos, formosura um tanto esquiva, sobria sem parecer secca, cujo sereno olhar não queima, mas conforta e acalenta. Quem tiver olhos poderá vêl-a, passeando por toda a Beira; observal-a-ha na raça (a mulher beirôa, forte, fiel e fecunda!) e na natureza, no lar domestico e na tradição da arte. Creou-se na Beira trasmontana, no coração de Portugal.

Depois de D. João III continuou-se a lavrar na Sé por mais dois seculos, pois uma decoração de estylo *rocaille* desfeiava ainda em 1881 a entrada principal. Mas que mesquinha entrada! — entalada entre duas torres poderosas, que a esmagavam e ainda esmagam, apesar de vestida á *manoelina*, phantasia conservada em nossos dias, apesar dos restauros. Porque deixaram então ficar as quatro janellas, estylo *rocaille*, duas sobre o escudo do Bispo D. Pedro Vaz Gavião, e outras duas sobre o portal? Nas torres taparam umas aberturas do sec. XVI; as do terço inferior, flanqueando o brazão citado, são do sec. XIV. Não se percebe este fazer e desfazer, mantendo os ridiculos postigos quadrados, a *fôrca* do sino, (diria antes: sineta de collegio), que desfeiam o frontispicio. Urge remediar tudo isso, pois reclama apenas diminutissimo dispendio, quando é certo que se tem trabalhado nos ultimos annos, com bastantes recursos na restauração moderna, aliás louvavelmente planeada e executada. Mas sobre isso fallaremos em outro logar, com o desenvolvimento que o caso requer. (Vid., no emtanto, os interessantes estudos do restaurador snr. Rozendo Carvalheira na *Construcção moderna*, tomos III e IV).

Uma comparação d'essa frontaria com a da Batalha parecerá á primeira vista um capricho ocioso; mas a duvida cessa, se ampliarmos o estudo, confrontando tambem o aspecto da testa Norte do cruzeiro, com identico alçado na Batalha; porque n'esse cruzeiro temos o unico indicio do traçado que a porta principal (hoje manoelina) deveria ter apresentado no pergaminho original do architecto de D. João I.

Em tudo e por tudo a cathedral é um guia para a perfeita comprehensão do estylo gothico em Portugal, que triumpha definitivamente no mosteiro da Batalha.

A flôr de liz lá está, mas apparece estylisada, de um modo especial, conforme a materia (granito) em que foi lavrada. Semelha quasi um trevo de tres folhas, (a flôr de liz tambem recorda na sua forma inicial, um trifolio) que alterna com outro recórte lobular; a vegetação que guarnece as pyramides terminaes dos botareos e, em baixo, as linhas da porta lateral, foi desenhada e executada quasi em esboço, como convinha n'um clima e n'uma altitude em que a neve, abundante no inverno, destruiria as arestas da pedra friavel, se fossem muito vivas. O mesmo louvavel criterio foi seguido nos lavores decorativos que pertencem ao sec. XVI (lavor de cordas e de molduras torcidas ou quebradas — *batons-rompus*). As poucas laçarias que restam nas janellas, barbaramente tapadas na abside, são de uma sobriedade de perfis, verdadeiramente admiravel. Quem houver examinado com attenção os edificios religiosos da época de D. João I, construidos em granito (egrejas dos conventos de S. Domingos e S. Francisco em Guimarães, os templos das mesmas ordens no Porto, na Covilhã, em Villa Real, Santarem, em plantas quasi irmãs) e os comparar ás obras em calcareo do mesmo estylo gothico e do mesmo reinado, por ex. Graça em Santarem, egrejas dos castellos de Leiria e Palmella, ou aos lavores em marmore, no Carmo de Lisboa (admiravel abside, com cinco capellas), reconhecerá que os mestres de obras dos quatro primeiros reis da dynastia de Aviz sabiam a fundo o seu officio, porque foram ensinados desde D. Affonso III; sabiam, portanto, differençar o lavor do granito, do *fouillis*, no calcareo e no marmore. Ainda D. João II, que Garcia de Rezende, seu chronista, descreve como muito entendido em architectura, nos legou em S. Francisco de Evora um admiravel especimen do estylo gothico do seu tempo, sobrio e caracteristico na planta e na decoração, original sem pretensões ostentosas, calculado sabiamente para o clima e para o material: o granito pesado e grosso do Alemtejo, corrigido ahi com o

dehors il était possible de la réhausser, vu les conditions de la matière première: le granit, le bon granit national rude mais durable. La Cathédrale resta donc austère, chaste et pure sans les oripeaux qui nuisent à tant d'autres églises du royaume. Comparée à celles-ci la Cathédrale de Guarda est restée peut-être pauvre; pour moi elle est restée belle, de cette beauté mâle des types féminins de nos tableaux gothiques, beauté un peu farouche, sobre sans être dure, dont le regard serein ne brûle pas, mais encourage et console. Ceux qui observent bien, pourront la voir en circulant dans toute la Beira; ils la retrouveront dans la race, dans la femme de la région, forte, fidèle et féconde, dans la nature, le foyer domestique et la tradition de l'art. Elle a été créée dans la Beira montagneuse, au cœur même du Portugal.

Après D. João III le travail d'ornementation de la Cathédrale continua pendant plus de deux siècles, car une décoration de style *rocaille* enlaidissait encore en 1881 l'entrée principale. Mais quelle entrée mesquine! pressée entre deux énormes tours qui l'écrasaient et l'écrasent encore, malgré son revêtement *manoelino*, fantaisie que l'on a conservée jusqu'à nos jours en dépit de toutes les restaurations. Pourquoi a-t-on laissé les quatre fenêtres, genre *rocaille*, deux sur l'écusson de l'évêque D. Pedro Vaz Gavião, et deux autres sur le portail? Sur les tours on a bouché des ouvertures du XVIme siècle; celles de la partie du tiers inférieur, flanquant le blason dont nous avons parlé, sont du XIVme siècle. On ne comprend pas ce système de faire et défaire, conservant les ridicules lucarnes carrées, la potence du clocher (ou plutôt de la clochette) qui nuisent à la façade. Il faut absolument réparer tout cela; la dépense aurait été insignifiante et il est certain que pendant les dernières années on a eu assez de ressources pour travailler à la restauration moderne, assurément bien tracée et exécutée. Mais nous reparlerons de ceci ailleurs, avec tout le développement que le cas exige. (Vid., toutefois, les intéressantes études du restaurateur Mr. Rosendo Carvalheira dans la *Construcção moderna*, tom. III et IV).

Une comparaison de cette façade avec celle de Batalha semblera, au premier abord un caprice inutile; mais le doute cessera si nous amplifions l'étude, comparant aussi l'aspect de la partie Nord du transept avec l'élévation identique de celui de Batalha; dans ce transept nous trouvons le seul vestige du dessin, que la porte principale, aujourd'hui *manuelina*, devait avoir présenté sur le parchemin original de l'architecte de D. João I.

Sous tous les rapports la cathédrale est un guide, pour la parfaite compréhension du style gothique en Portugal, qui triomphe définitivement au monastère de Batalha.

La fleur de lys y paraît, mais stylée de manière spéciale selon la matière (granit) dans laquelle on l'a sculptée. Elle ressemble plutôt au trèfle à 3 feuilles, (la fleur de lys rappèle aussi dans sa forme initielle un trifolium) alternant avec un autre feston arrondi; la végétation qui orne les pyramides terminales des arcs-boutants, et, en bas les lignes de la porte latérale, a été dessinée et exécutée presque en ébauche, comme il convenait dans un climat et sur une hauteur où la neige, très abondante pendant l'hiver, aurait détruit les arêtes en pierre friable, si elles avaient été très définies. La même louable sagesse a été suivie dans les ornements décoratifs qui appartiennent au XVIme siècle (travail de cordages et moulûres torses ou brisées — *bâtons-rompus*). Le peu d'entrelacs qui restent aux fenêtres, ignoblement bouchées, et dans l'abside, sont d'une sobriété de dessin vraiment admirable. Ceux qui auront observé attentivement les édifices religieux de l'époque de D. João I, construits en granit (les églises des couvents de St Dominique et de St François à Guimarães, les temples des mêmes ordres à Porto, Covilhã, Villa Real, Santarem, avec des plans presque semblables) en les comparant aux travaux en pierre calcaire de même style gothique et du même règne, comme par exemple l'église de Graça à Santarem, celles des châteaux de Leiria et Palmella, ou encore aux ornements en marbre du Carmo de Lisbonne, abside admirable à cinq chapelles, reconnaîtront que les entrepreneurs des quatre premiers rois de la dynastie d'Aviz savaient à fond leur métier, parce qu'il l'avaient appris dès D. Affonso III; ils savaient bien distinguer le travail en granit, du fouillis en pierre calcaire et en marbre. D. João II aussi, que Garcia de Rezende, son chroniqueur, décrit comme très compétent en architecture, nous a légué à St François d'Evora un spécimen admirable de style gothique de son temps, sobre et caractèristique comme dessin et décoration, original sans fastueuses prétentions, savamment calculé selon le climat et le matériel; le lourd et gros granit de l'Alemtejo, un peu atténué là, par l'emploi de la maçonnerie et de la brique. Les orgies décoratives du granit (!) étaient réservées à d'autres; à Thomar elles ont atteint leur paroxysme. Les marbriers avaient peut-être dans l'esprit la

emprego da alvenaria e do tijolo. As orgias decorativas no granito (!) estavam reservadas a outrem; em Thomar chegaram ao paroxismo. Os alveneis tinham na mente talvez a visão dos lavores do Norte, por ex. da *Pedra formosa* da Citania, ainda hoje conservada e de muitas outras similares que se perderam. Quem houver estudado, a valer, os preciosos thesouros da arte romanica, frequentes e variadissimos, semeados por todo o Norte do paiz, e considerar a sua ornamentação phantasiosa, producto já de uma imaginação decorativa, mal contida pelo rigor canonico do vedor ecclesiastico, não se admirará de contemplar e ouvir, como n'uma partitura, os effeitos polyphonos d'esse accorde final, assombroso sim, mas desordenado, que as mãos dos alveneis de Thomar fizeram vibrar.

Forasteiros que não conhecem da alma portugueza senão vagas tradições [1], e filhos do paiz que não sabem senão inventar tropos patrioticos e repetir as sentenças de pseudo-oraculos estrangeiros, não entenderam essa concepção polymorpha, não presentiram o seu caracter protheico.

Em Thomar revive a alma aventureira e enamorada do celta, o espirito guerreiro do normando, o symbolismo mystico do cruzado, tudo isso traduzido pelo capricho imponderavel do artifice popular, rompendo todos os diques, rejubilando porque poude soltar todo o freio á sua imaginação, exaltada por uma quasi contínua *Fata Morgana*. E com a lampada maravilhosa de Aladino os alveneis poderiam evocar tanto as monstruosidades decorativas da India, como as maravilhas da arte mourisca peninsular, (mozarabe) os lavores da terra — *saudades* das suas aldeias! que tinham bem mais perto, e lhes eram certamente mais familiares.

A Sé, depois de mudada de Idanha para a Guarda no tempo de D. Sancho I, soffreu tres reconstrucções. É o que affirmam os chronistas do Bispado Egitaniense, sujeito primeiro á diocese de Braga no meado do sec. VI, reinando alli os Suevos; subordinado depois a Merida (anno de 672, concilio de Toledo), e finalmente unido á Egreja metropolitana de Compostella no tempo de D. Sancho I, o mesmo rei que deu foral á cidade da Guarda em 26 de novembro de 1199 e a fundou. Foi este principe que transferiu a Sé, auctorisado pelo Papa Innocencio III, e levantou a *primeira* das tres Sés. No tempo do Bispo D. Vicente (fallecido em 1248) principiou D. Sancho II a *segunda* Sé, por mercê feita ao prelado, que lhe prestou grandes serviços. Em 1301 ainda este segundo templo não estava acabado (testamento do Bispo D. Frei João Martins), nem mesmo em 1321 (morte do Bispo D. Martinho II).

Pouco tempo devia durar o segundo edificio, porque el-rei D. Fernando mandou cêrca de 1370 derrubar a cathedral, pelo motivo já allegado; quando muito seriam uns cento e vinte annos (1248-1370); e, completa, viveria apenas uns cincoenta. O estado de boa conservação dos numerosos fragmentos architectonicos, desenterrados em 1887 junto do convento de Santa Clara; e, mais do que isso, os caracteres do estylo em que elles foram lavrados (romanico, na flora decorativa; gothico, no systema constructivo) levam-me a concluir que essas formosas pedras eram as da segunda Sé. Com el-rei D. João I chegamos finalmente á *terceira*, o templo actual. A iniciativa do Bispo D. Fr. Vasco IV (1384-94) foi decisiva; pediu elle ao monarcha que principiasse a edificar o novo templo dentro da cidade, e assim se fez. Continuando a obra na vida dos bispos seguintes, só veio a acabar no governo de D. Pedro Vaz Gavião (1496-1516, datas approximadas), prelado muito da affeição d'el-rei Manoel, faustoso como seu amo e senhor, e como elle, generoso protector das artes. Accentuou por toda a parte, em Vizeu, na Guarda e em Coimbra, a sua passagem com o grande, severo e decorativo brazão dos cinco gaviões heraldicos, que distribuiu com singular profusão e fidalga consciencia na Sé da Guarda e na egreja de Santa Cruz de Coimbra, dentro e fóra d'ella.

Joaquim de Vasconcellos.

[1] Robinson em 1881 e Haupt que o copiou em 1890 e 1895. Robinson foi quem fez a singular descoberta da ornamentação *hindu* nas *Capellas Imperfeitas* da Batalha, em 1881. Haupt copiou-o em 1890 e 1895, sem o citar. Respondemos ao primeiro em 1885 (Da *Architectura manoelina*) e ao segundo em 1896 e 1899 (edição portugueza e allemã do Francisco de Hollanda); e mais amplamente em 1905, n'uma publicação do Porto (*A Revista* n.º 12, anno II). A recentissima obra do snr. Haupt sobre a Architectura em Portugal, na grande publicação de Borrmann & Graul (*Die Baukunst*, fasc. V), em que pretende reforçar novamente o seu antigo parecer, é uma prova clarissima de que o professor hanoverano nada sabe do que se publicou em Portugal desde 1895, época em que sahiu o seu segundo volume. Prova tambem nada haver aprendido desde essa data; aos erros antigos accrescentou outros novos, ainda peores.

vision des travaux du Nord comme ceux de la *Pedra Formosa* de Citania, conservée encore aujourd'hui, et de beaucoup d'autres similaires qui se sont perdus. Ceux qui ont étudié soigneusement, les précieux trésors de l'art roman, si fréquents et si variés, parsemés dans tout le Nord du pays, et qui ont considéré leur ornementation fantaisiste, produite déjà par une imagination décorative, à peine réprimée par la rigueur canonique de l'inspecteur ecclésiastique, ne s'étonneront pas de contempler et d'entendre, comme dans un orchestre, les effects polyphones de cet accord final, vraiment prodigieux, mais désordonné, qui a fait vibrer les mains des sculpteurs de Thomar. Les étrangers qui ne connaissent que les vagues traditions [1] de l'âme portugaise, et les enfants du pays, qui ne savent que forger des phrases patriotiques et répéter les sentences des pseudo-oracles étrangers, n'ont pas compris cette conception polymorphe, n'ont pas pressenti son caractère prothéique.

À Thomar on voit revivre l'âme aventureuse et passionnée du celte, l'esprit guerrier du normand, le symbolisme mystique du croisé, tout cela traduit par le caprice inappréciable de l'ouvrier populaire, brisant toutes ses chaines, se réjouissant de pouvoir lancer à toutes voiles son imagination exaltée par une presque continuelle *Fata Morgana*. Et, avec la lampe merveilleuse d'Aladin, les sculpteurs pourraient évoquer, aussi bien que les monstruosités décoratives de l'Inde et que les merveilles de l'art mauresque péninsulaire, mosarabe, les décorations qui leur rappelaient leurs villages, certainement plus familières et plus rapprochées d'eux.

Après avoir été transférée de Idanha à Guarda, au temps de D. Sancho I, la Cathédrale a souffert trois reconstructions. C'est ce qu'assurent les chroniqueurs de l'Evêché d'Egytaine, assujetti d'abord au diocèse de Braga vers le milieu du VIme siècle, sous le règne des Suèves; dépendant ensuite de Merida (an 672, concile de Tolède) et enfin réuni à l'Eglise métropolitaine de Compostella sous D. Sancho I, le même roi qui donna une charte à la ville de Guarda, le 26 novembre 1199 et la fonda. C'est ce prince qui a transféré la Cathédrale avec l'autorisation du Pape Innocent III, et qui érigea la *première* des trois Cathédrales. Du temps de l'Evêque D. Vicente, décédé en 1248, D. Sancho II commença la *deuxième* Cathédrale, par une concession faite au prélât qui lui avait rendu de grands services. En 1301, ce deuxième temple n'était pas encore fini (testament de l'Evêque D. Frei João Martins, ni même en 1321, lors de la mort de l'Evêque D. Martinho II).

Le second édifice devait être de peu de durée; vers 1370 le roi D. Fernando fit démolir la cathédrale pour la raison déjà citée; ce qui était bâti dura tout au plus cent vingt ans (1248-1370), et si on l'avait complété, il aurait vêcu à peine une cinquantaine. L'état de conservation des nombreux fragments d'architecture, recueillis en 1887 dans les fouilles, près du couvent de Sainte Clara, et, plus encore, les caractères de styles dont ils furent exécutés (roman pour la flore décorative, gothique dans la partie constructive) me portent à croire que ces belles pierres étaient de la deuxième Cathédrale. Sous D. João I nous arrivons enfin à la *troisième*, le temple actuel. L'initiative de l'Evêque D. Frei Vasco IV (1384-94) fut décisive; il solicita du monarque le commencement de l'édification du nouveau temple dans la ville et on le fit. Les travaux continuèrent pendant la vie des évêques qui suivirent, et ne furent achevés que sous le gouvernement de D. Pedro Vaz Gavião (1496-1516, dates approximatives), prélât très estimé du roi Manuel, aussi fastueux que son seigneur et maître et, comme lui, protecteur généreux des arts. Partout, à Vizeu, à Guarda et à Coimbra il laissa des traces de son passage avec le grand, sévère et décoratif blason des cinq éperviers (gaviões) héraldiques, qu'il distribua avec une profusion singulière et une noble sagesse dans la Cathédrale de Guarda et l'église de Santa Cruz de Coimbra, en dedans et au dehors.

Joaquim de Vasconcellos.

[1] Robinson en 1881 et Haupt qui le copia en 1890 et 1895. Robinson est celui qui a fait l'étrange découverte de l'ornementation *hindoue* dans les *Chapelles incomplètes* de Batalha, en 1881. Haupt répéta la même chose en 1890 et 1895 sans le citer. Nous avons répondu au premier en 1885 (Da *Architectura manoelina*) et au deuxième en 1896 et 1899 (édition portugaise et allemande de Francisco de Hollanda); et plus amplement en 1905, dans une publication de Porto (*A Revista*, nº 12, an II). Le récent travail de Mr. Haupt sur l'Architecture en Portugal, dans la grande publication de Borrmann et Graul (*Die Baukunst*, fasc. V) où il prétend encore appuyer son ancienne opinion, est une preuve évidente que le professeur hanovrien ne sait rien de ce qui a été publié en Portugal depuis 1895, époque où a paru son deuxième volume. Il prouve aussi qu'il n'a rien appris depuis cette époque; aux anciennes fautes il en a ajouté d'autres encore pires.

Sé do Porto

LGUMAS terras, como Coimbra, Lisboa, Evora, repartem as honras que competem ás suas cathedraes com outros templos não menos celebres, dentro da mesma cidade.

Coimbra possue até um duplicado, a Sé Nova, para contrapôr á Sé Velha, o estylo novo, barôco, ostentoso, em lucta com a austeridade medievica — arte nova, captivando a imaginação, estimulando os sentidos por meio de um artificio raro, que combina o lavor prodigioso do entalhador e a polychromia harmoniosa do oleiro consummado [1].

Lisboa apresenta outro contraste, mas effeito semelhante: o templo monumental de S. Vicente [2], ao lado da sua vetusta Basilica de Santa Maria Maior, convidando a um confronto. Pois não será contraste? De um lado o sobrio lavor de uma Renascença posthuma, cheia de luz, combinando as suas linhas airosas, bem ponderadas, n'um rythmo equivalente a um madrigal guerreiro [3]; do outro o severo perfil da pesada mole, agigantada, agreste, cheia de cicatrizes, desfigurada, é certo, pelas fundas lesões organicas que o terramoto de 1755 n'ella engendrou, mas ainda assim imponente na sua penuria, immersa em tristeza, por um abandono immerecido? ... *facta est quasi vidua!* E fica á capital ainda a fabrica da Estrella, esse formoso capricho cheio de casquilha elegancia, que despede do seu carrilhão um *Minuete,* solta uma *Gavota* ou chilreia uma *Pastorella* por pouca cousa; quando mais não seja para despertar a melancholica Niobe longinqua, essa Santa Maria de Belem que herdou as tristezas do Restello e foi chronica manoelina, visão magnifica de um Rei afortunado.

Mas tristezas não pagam dividas. *Viva pois o carrilhão!* dizia a Lisboa da beata rainha D. Maria I.

Evora, emfim, póde mostrar, com desvanecimento, a obra de S. Francisco, prodigio de construcção no equilibrio da sua technica, nave incomparavel, que só tem uma rival no cruzeiro de Belem; pode consolar o viajante das mutilações que observa na cathedral, romanica e gothica a um tempo.

Comtudo, o Porto só possue uma Sé, uma grande e veneranda avó, porque os outros templos, aliás notaveis, como S. Bento da Victoria, Santo Agostinho, os Grillos, são repetição do mesmo typo severo, grandioso, mas pouco original.

O leitor diligente que consultar as velhas chronicas do reino, catalogos de prelados e livros de topographia local [4] encontrará ahi a Sé envolvida nas mais curiosas teias da tradição. Lendas sobre

---

1 Diremos para quem a não conheça que os altares da Sé-Nova offerecem a serie chronologica mais completa da obra de talha nacional que conhecemos, desde cêrca de 1580-1780. É caso unico, no paiz. A polychromia dos azulejos lisos, nos quaes predomina o estylo decorativo, quasi uniforme de 1580 a 1620 (azulejo só com arabescos e motivos de tapete, *sem figuras*) espalha por todo o interior uma harmonia incomparavel, que surprehende e encanta n'um edificio de estylo barôco, destinado a Jesuitas. Quem imaginou essa decoração ceramica, bem consciente, foi um grande artista, de certo!!

2 Este templo, obra de Felipe Terzo, foi levantado primeiro no Terreiro do Paço; e, estando a construcção já adiantada, foi demolido e mudado para o novo local; as settas symbolicas, que ornamentam os capiteis das pilastras interiores, alludem claramente ao martyr S. Sebastião. O orago S. Vicente tem por emblema uma náu com o côrvo. Vide Francisco de Hollanda, *Da fabrica que fallece á cidade de Lisboa.* Ms. de 1571, por nós editado pela primeira vez em 1879. Cap. x *Da igreja de S. Sebastiam,* pag. 19 e seg.

3 Ficava bem, n'um templo dedicado ao martyr militar S. Sebastião; *Madrigali* havia-os de todo o genero na Livraria de Musica do insigne compositor que se chamou D. João IV; por exemplo, os *Madrigali guerrieri & amorosi* de Claudio Monteverde, *Íl Lauro verde* e *Íl Lauro seco* de Luca Marenzio — *il più dolce cigno dell' Italia;* os *Madrigali cromatici* de Cipriano de Rore, de Martoretta, etc. Era Musica de camara, ao lado da Musica de capella, o sagrado e o profano, com a serena e intelligente tolerancia de um espirito superior, que até admittia os Psalmos e Hymnos da escóla dos cantores protestantes. Vide os nossos estudos sobre D. João IV: *Ensaio critico* sobre a Livraria de Musica d'El-rei — Porto, 1873; o *Catalogo* da sua Livraria, em nova edição de 1874, feita pela edição original de 1649; emfim, a grande Biographia de D. João IV — Porto, 1901-1905.

4 Bastará citar entre uma grande variedade de volumes, o *Catalogo dos Bispos do Porto* de D. Rodrigo da Cunha (1623); as *Memorias de El-Rei D. João I* (1732, por Joseph Soares da Silva), grande bemfeitor da Sé, que n'ella casou com D. Felipa de Lencaster; a *Descripção topographica e historica da cidade do Porto* por Agostinho Rebello da Costa. (Porto, 1789). O volume *Origens e desenvolvimento da população do Porto,* notas historicas e estatisticas por Ricardo Jorge, Porto, 1897, tambem deve ser consultado; emfim: differentes romances de Arnaldo Gama que tratam da historia antiga da cidade e dos arredores; teem nas Notas espalhadas documentos interessantes, colhidos nos archivos portuenses.

Cathédrale de Porto

UELQUES villes portugaises, telles que Coimbra, Lisbonne, Evora, partagent les honneurs de leurs cathédrales avec d'autres temples, non moins célèbres, qu'elles possèdent.

Coimbra même, a, en double, la nouvelle Cathédrale, pour contrecarrer la Vieille Cathédrale, le style nouveau, baroque, fastueux en lutte avec l'austérité du moyen âge, l'art nouveau séduisant l'imagination, stimulant les sens au moyen d'un rare artifice où se réunissent le travail prodigieux de l'ébéniste à la polychromie harmonieuse du potier habile [1].

Lisbonne, sous un autre contraste, présente un effet semblable; le temple de St Vincent [2] à côté de la vieille Basilique de Sainte Marie Majeure, invite aussi à une confrontation. D'un côté le travail sobre d'une Renaissance posthume, pleine de lumière, harmonisant ses lignes élégantes, bien étudiées en un rythme équivalant à un madrigal guerrier [3], et de l'autre le profil sévère de la lourde masse, gigantesque, sauvage, pleine de cicatrices, défigurée, il est vrai, par les profonds dégâts organiques engendrés par le tremblement de terre de 1755, mais, malgré tout, imposante dans sa détresse, plongée dans sa misère, par un abandon si peu mérité! ... *facta est quasi vidua!* Et la capitale a encore le temple de Estrella, ce superbe caprice plein de coquette élégance, qui au moindre prétexte carillonne un *Menuet,* une *Gavotte* ou une *Pastourelle,* quand ce ne serait que pour réveiller de sa mélancolie, cette lointaine Niobé, de Sainte Marie de Belem, héritière des tristesses du Restello, vision magnifique du Roi fortuné, qui en a fait la chronique de son époque.

Mais ne nous abandonnons point à de tristes souvenirs. *Vive donc le carillon!* comme disait la Lisbonne de la dévote reine D. Maria I.

Evora peut montrer avec orgueil l'église de St François, qui est un prodige de construction, dans l'équilibre de sa technique, une nef incomparable, qui n'a d'autre rivale que le transept de Belem et qui peut dédommager le voyageur des mutilations observées dans la cathédrale, romane et gothique en même temps.

Cependant, Porto ne possède qu'une Cathédrale, une grande et vénérable aïeule, car d'autres temples quoique remarquables, comme St Bento da Victoria, St Augustin, les Grillos, sont la reproduction du même type sévère, grandiose, mais sans originalité.

Le lecteur studieux, en consultant les vieilles chroniques du royaume, les catalogues des prélâts et les livres de topographie locale [4], y trouvera la Cathédrale enveloppée des plus curieux voiles de la

---

1 Pour ceux qui ne la connaitraient pas, nous dirons que les autels de la Nouvelle Cathédrale présentent la série chronologique la plus complète de la sculpture en bois nationale, depuis à-peu-près 1580-1780. Chose rare dans le pays. La polychromie des faïences unies dans lesquelles prédomine le style décoratif, presque uniforme de 1580 à 1620, (faïences seulement avec arabesques et motifs de tapisserie *sans figures*) répand dans toute l'enceinte une harmonie incomparable qui surprend et charme, dans un édifice de style baroque, destiné à des Jesuites. C'est assurément un grand artiste qui a imaginé cette décoration céramique si bien étudiée!

2 Ce temple, œuvre de Felipe Terzo, a été premièrement élevé sur le Terreiro do Paço; lorsque la construction était déjà avancée, on l'a démoli et transféré sur son nouvel emplacement, les flèches symboliques qui ornent les chapiteaux des piliers intérieurs sont une claire allusion au martyr St Sebastien. Les emblêmes de St Vincent sont un navire et un corbeau. V. Francisco de Hollanda, *Da fabrica que fallece á cidade de Lisboa.* Ms. de 1571, édité par nous pour la première fois en 1879. Chap. x *Da Egreja de S. Sebastiam,* pag. 19 e suiv.

3 Très approprié dans un temple dédié au martyr militaire St Sebastien; il y avait des *Madrigali* de toute espèce à la Librairie musicale de l'insigne compositeur qui s'est nommé D. João IV; par exemple les *Madrigali guerrieri & amorosi* de Claudio Monteverde; *Il Lauro verde* et *Il Lauro seco* de Luca Marenzio — *il più dolce cigno dell' Italia;* les *Madrigali cromatici* de Cipriano de Rore, de Martoretta, etc. C'etait de la musique de chambre à côté de la musique de chapelle, le sacré et le profane, avec toute la tolérance tranquille et intelligente d'un esprit supérieur qui admettait jusqu'aux Psaumes et aux Hymnes de l'école des chantres protestants. Voir nos études sur D. João IV: *Ensaio critico* sur la Librairie musicale du Roi — Porto, 1873; le *Catalogo* de sa Librairie, nouvelle édition de 1874, faite d'après l'édition originale de 1649; et enfin la grande Biographie de D. João IV — Porto, 1901-1905.

4 Il suffira de citer, parmi une grande variété de volumes le *Catalogo dos Bispos do Porto,* de D. Rodrigo da Cunha (1623); *Memorias de El-Rei D. João I* (1732, par Joseph Soares da Silva), grand bienfaiteur de la Cathédrale, qui y a épousé D. Felipa de Lencaster; la *Descripção topographica e historica da cidade do Porto* par Agostinho Rebello da Costa. (Porto,

lendas, opiniões e sentenças as mais desencontradas, verdade e ficção em singular connubio a respeito dos fundadores da cathedral, dos patronos, que por vezes lhe alteraram as feições primitivas; ouvirá os amigos entendidos e os devotos mal inspirados, sectarios de novas modas architectonicas, — porque de tudo houve — que transformaram o venerando templo na mais curiosa manta de retalhos archeologicos que póde vêr-se. É apenas uma rapida analyse, o que vamos fazer [1].

O edificio hoje conservado não é decerto o primitivo do Conde D. Henrique (cêrca de 1100), levantado sobre fabrica modesta, que os mouros destruiram mais de uma vez; ha porém, a meu vêr, um nucleo antigo, do qual temos de partir para a nossa viagem archeologica atravez das naves. É o cruzeiro coroado de ameias, romanico ainda, em parte da ornamentação p. ex. na faixa *enxaquetada*, que cinge o primeiro terço da estructura. Este nucleo foi talhado exactamente segundo a planta da Sé Velha de Coimbra! As torres do Porto são antigas sómente até á parte marcada com uma cinta de espheras (um terço da altura actual, aproximadamente).

Tal como o cruzeiro se apresenta hoje exteriormente, coroado de ameias, assim se apresentavam na primitiva as longas linhas parallelas da grande nave e as torres quadradas, que agora terminam n'uma varanda de balaustres (seculo XVIII) e projectam para o céo umas cupulas achatadas, em feitio de cebola, que fizeram imaginar ao crédulo Vilhena Barbosa um artificio *mourisco!* (sic). Seria sómente por serem achatadas, com uma vaga semelhança de turbante? Não sei.

Um friso de modilhões, muito simples, amparava o beiral da nave mestra e do cruzeiro; n'este ultimo ainda estão visiveis e bem conservados. É de crêr que a torre-lanterneta, quadrada, assente na intersecção da nave e do cruzeiro, represente uma ideia do plano primitivo (vid. Sé Velha de Coimbra e Sé de Lisboa); as ameias e outros detalhes da lanterneta parecem indicar o seculo XVII. A factura é de alvenaria ligeira, reforçada com cantaria nos quatro arcos grandes, gothicos, distribuidores da luz.

Esta ideia — luz a jorros para dentro das naves — importava uma remodelação da planta primitiva, romanica, onde a luz ficára, muito pelo contrario, distribuida com parcimonia, em frestas esguias, como era de rigor em edificios d'esse estylo, que representavam a um tempo egreja e fortaleza, com muros cerrados. Basta attentar na construcção das torres, cujas frentes muito caracteristicas estão intactas no primeiro e segundo lance; no terceiro rasgaram-lhes no seculo XVI as arcadas redondas dos sinos grandes; e no primeiro terço do seculo XVIII coroaram os poderosos gigantes, postos de reforço ás duas formidaveis atalaias, com uns florões pesados, que se repetem, em feitio mais airoso, nos angulos das varandas de balaustres.

Tudo isto e ainda a *Loggia* do lado Norte, mui elegante, bem concebida e bem traçada, se executou no primeiro terço do seculo XVIII — *sede vacante,* de 1722 a 1736. A primeira data está sobre a entrada principal da Sé; a segunda no interior da *Loggia,* a qual parece obra de um scenographo habil, talvez do architecto da torre dos Clerigos [2].

Elle alindou, corrigiu tambem a severa composição do grande portal com dous pares de columnas toscanas e um frontão, transformado em varandim *à jour,* sobre o qual varios cherubins se entreteem, brincando; depois assentou um segundo corpo de ordem jonica, com anjinhos menores, foliando de permeio; e rematou com outro frontão, cortado, para dar ensejo a um terceiro andar e novas invenções minusculas. Temos ahi mais meninos, mais florões, mais grinaldas, mais arabescos, pyramides, urnas e conchas. A composição é toda theatral, uma especie de frontispicio de presepio, muito animado, pois d'alli ao minuete e á gavota não vae meio passo.

D'este modo destruiram a severa arcaria gothica e romanica da entrada, e quasi taparam a grande rosacea, formada de arcos trilobados, em disposição radiante, verdadeiras petalas de uma grande, mys-

[1] As classificações do variado mosaico architectonico são o resultado de um estudo demorado, sobre a planta, o alçado e as secções ou córtes do edificio. Nada teem de commum com as phantasias dos roteiros antigos e modernos, começando com as singulares lucubrações do nosso fallecido amigo Vilhena Barbosa, archeologo diligente, mas pouco criterioso, (*Archivo Pittoresco*) que escreveu sobre a Sé, em revistas e folhetins, cousas muito singulares.

[2] Foi seu auctor o architecto italiano Nicolau Nasoni, tambem auctor da frontaria da Misericordia Nova do Porto. Vide Souza Viterbo, *Dicc. dos Architectos,* etc., vol. II, pag. 189. Faltou dizer n'essa biographia que é d'elle, ainda, o projecto de reconstrucção interior da Sé de Lamego, em cujo archivo vi em 1881 importantes documentos sobre o artista.

tradition, une quantité de légendes, d'opinions et de sentences les plus en désaccord, la vérité et la fiction singulièrement mêlées, à propos des fondateurs de la Cathédrale, de patrons, qui parfois en ont altéré le cachet primitif; il entendra les amis bien renseignés, les dévotes mal inspirés, sectaires des innovations architectoniques, car il y en a eu aussi, qui ont fait du vénérable temple le plus curieux rapiéçage archéologique que l'on puisse voir. Nous allons en faire à peine une rapide analyse [1].

L'édifice actuellement conservé n'est certainement pas celui du Comte D. Henrique, datant à peu près de 1100, élevé sur un plan modeste et détruit plus d'une fois par les maures; mais à mon avis, il en existe cependant un ancien noyau, qui devra être notre point de départ pour un voyage archéologique à travers les nefs. C'est le transept, couronné de créneaux, roman encore, en une partie de sa décoration, par exemple dans la frise échiquetée qui entoure le premier tiers de la construction. Ce noyau a été fait exactement selon le plan de la Vieille Cathédrale de Coimbra! Les tours de Porto sont anciennes seulement jusqu'à la partie marquée par une rangée de sphères, à peu près à un tiers de la hauteur actuelle.

Tel que nous voyons aujourd'hui le transept extérieurement, avec son couronnement de créneaux, telles étaient primitivement les longues lignes parallèles de la grande nef et les tours carrées qui se terminent par un balcon à balustres du XVIIIme siècle, et qui profilent sur le ciel leurs coupoles aplaties en forme d'oignons, ce qui a fait croire au crédule Vilhena Barbosa, que c'était un artifice *mauresque!* (sic). Y aurait-il aperçu quelque ressemblance avec un turban? Je l'ignore.

Le rebord de la grande nef et du transept était soutenu par une frise à modillons très simples; ceux du transept sont encore visibles et bien conservés. Il est présumable que la lanterne carrée, posée sur l'intersection de la nef et du transept, représente une idée du plan primitif (vid. Vieille Cathédrale de Coimbra et Cathédrale de Lisbonne); les créneaux et d'autres détails de cette lanterne semblent indiquer le XVIIme siècle. Le travail est en maçonnerie légère renforcée avec de la pierre de taille aux quatre grands arceaux gothiques par où pénètre la lumière.

Cette idée du grand jour dans les églises, indiquait une remodélation du plan primitif, roman, par lequel la lumière était, au contraire, parcimonieusement distribuée, en d'étroites lucarnes, comme il était de rigueur dans ce genre d'édifices qui réprésentaient en même temps des temples et des forteresses, avec des murs clos. Il suffit de remarquer la construction des tours, dont les faces, très caractèristiques, sont intactes au premier et au deuxième palier; au troisième on a percé pendant le XVIme siècle les arcades en plein cintre des grosses cloches; et pendant le premier tiers du XVIIIme siècle on a couronné les puissants arcs boutants placés comme renfort des deux formidables tourelles, avec des lourds fleurons qui se répètent d'une forme plus élégante aux angles des balcons à balustres.

Tout cela, et encore la *Loggia* du côté nord, très bien dessinée et élégante, a été éxécuté pendant le premier tiers du XVIIIme siècle — *sede vacante,* de 1722 à 1736. La première date est inscrite sur l'entrée principale de la Cathédrale; la deuxième à l'intérieur de la *Loggia,* qui semble l'œuvre d'un habile scénographe, peut-être l'architecte de la tour des Clerigos [2].

C'est lui qui a embelli et corrigé également la sévère composition du grand portail, avec deux paires de colonnes toscanes et un fronton transformé en balconnet à jour, sur lequel quelques chérubins se jouent; ensuite il a posé un deuxième corps d'ordre ionique, avec des anges plus petits, folâtrant parmi les ornements et il a terminé le tout par un autre fronton, coupé afin de permettre l'adjonction d'un troisième étage et de nouveaux détails minuscules. On y voit encore des enfants, des fleurs, des

1789). Le volume *Origens e desenvolvimento da população do Porto,* notes historiques et statistiques par Ricardo Jorge, Porto, 1897, doit être aussi consulté; enfin: divers romans de Arnaldo Gama qui s'occupent de l'histoire ancienne de la ville et des environs; dans les Notes éparses il y a des documents intéressants, puisés dans les archives de Porto.

[1] Les classifications des mosaïques architectoniques si variées sont le résultat d'études prolongées, sur le plan, l'élévation et les sections ou coupes de l'édifice. Elles n'ont rien de commum avec les fantaisies d'anciens et de nouveaux guides, à commencer par les étranges lucubrations de feu notre ami Vilhena Barbosa, archéologue studieux mais peu scrupuleux. (*Archivo Pittoresco*) qui a écrit, dans des revues et des feuilletons, de singulières choses à propos de la Cathédrale.

[2] Son auteur a été l'architecte italien Nicolau Nasoni, auteur aussi de la façade de la Nouvelle Miséricorde de Porto. Vid. Sousa Viterbo, *Dicc. des Architectes,* etc., vol. II, pag. 189. On a omis de dire dans cette biographie qu'il est également l'auteur du projet de reconstruction intérieure de la Cathédrale de Lamego, dans les archives de laquelle j'ai vu en 1881 d'importants documents à propos de cet artiste.

tica flôr, realçada com lavores tão archaicos que nos obrigam a dizer: foi gothica e romanica (na decoração) a grande entrada.

Esses periodos de descanço, — da sé vacante, em que as rendas copiosas da mitra se iam accumulando — desafiavam naturalmente a vontade e a vaidade do cabido e especialmente a dos conegos, encarregados da fabrica das sés. Quantas vezes se *inventaram* obras, superfluas, só proprias para deturparem um monumento, aliás bem conservado, alterando ainda em cima as suas condições de equilibrio, compromettendo o futuro!

Seria injustiça desconhecer, por causa d'isso, as boas obras que certos interregnos no governo do Bispado do Porto produziram para a cathedral. No principio e primeiro terço do seculo XVII gastou-se com gosto, por exemplo na feitura da magnifica capella-mór, que não é a primeira da peninsula, como affirma complacentemente Rebello da Costa, mas merece um logar entre as melhores.

«O interior do Templo he dividido em tres naves, que finalizão em hum espaçozo, e cumprido Arco cruzeiro, onde péga o Coro principal, e Capella mór, que he a maior e mais regular de toda a Hespanha.»

Depois attribue a *admiravel fabrica* a um discipulo de Miguel Angelo, chamado *Valentim.* Para que não falte na Sé tambem Raphael, contam ao visitante ingenuo que o quadro da Sacra Familia, collocado na parede ao fundo da sacristia, sobre o faustoso relogio rocôcó, é do celebre pintor, quando o menos versado em arte reconhece desde logo na téla um discipulo da escóla amaneirada dos Caracci (fim do seculo XVI e principio do seculo XVII). Não faltou aqui, é claro, o inglez, o indispensavel inglez, que se promptificou a comprar o quadro, cobrindo-o préviamente com dobrões de D. João V, etc.

Esse pomposo recinto da sacristia é antes um Salão de Palacio italiano, á moda de Genova, do que casa de oração, invento eminentemente decorativo, mas muito profano. O seu precioso recheio é composto de moveis raros, marmores de valor, espelhos de preço, lavores de talha riquissimos, e arcazes repletos de paramentos deslumbrantes, muito bem conservados e tratados com esmero.

Uma custodia manoelina tem a Sé, dadiva de D. Diogo de Sousa, do grande, do sabio, do illustre e mais que generoso Arcebispo de Braga; só ella vale uma visita especial ao templo [1]. E ainda fica muito que vêr, por exemplo na capella-mór, que o Bispo D. Fr. Gonçalo de Moraes tomou a seu cargo e concluiu em 1609, por um traçado, a um tempo nobre, singelo e grandioso, pondo n'ella, entre outras preciosidades, que a arte espectaculosa do seculo XVIII desthronou — uma Estante de bronze, datada de 1616 e duas vezes marcada com o seu brazão d'armas. Fez bem o generoso prelado! É um primor d'arte, n'um estylo de Renascença posthuma, hispanica. São de bronze, mas de data posterior, outros lavores importantes da egreja, por exemplo as cancellas cinzeladas da capella-mór (meado do seculo XVIII) que lhe dão um ar de solida elegancia e evidente riqueza.

Dissemos haver o seculo XVIII apagado e substituido toda a armação interna da capella-mór, que o Bispo Moraes mandaria desenhar em estylo sobrio, solido e no apurado gosto que lhe conhecemos. O que ora alli se mostra é talha do meado do seculo XVIII, de grande effeito scenico. A esculptura do cadeiral revela certa moderação e bom engenho; não é uma pompa pesada, penosa, profana, como no da Sé bracharense.

No altar-mór devia existir uma das joias mais notaveis da ourivesaria nacional do seculo XV, exemplar unico e do mais alto valor. Era a grande arca que encerrava o corpo de S. Pantaleão, padroeiro do Porto, hoje esquecido, *radicalmente esquecido,* desde que, roubada a obra d'arte, ao Cabido aprouve pôr pedra no caso, e cobrir com um silencio singular a historia do desapparecimento de tão valiosa joia. Isso obrigou-me a pegar no fio de tão singular meada. E orgulho-me de haver levantado uma ponta do veu, mas uma ponta bem larga [2], publicando o desenho inedito e a historia do cofre desapparecido,

[1] Esteve este primor da arte nacional na Exposição de Lisboa de 1882, onde foi muito admirado, mas não tanto como o merecia, pois a sua conservação é perfeita; a belleza e originalidade do seu desenho, dos seus esmaltes, excepcional. Veja-se a figura n.º 67 do vol. das estampas e a descripção no texto, a pag. 13 do *Catalogo da Sala 14.*

Sobre as generosidades do eminente prelado em Braga e no Porto, vide os nossos *Estudos: Historia da Arte em Portugal,* n.º 2.

[2] Vide um extenso Estudo na *Arte Portugueza,* revista do Centro Artistico do Porto, 1882-83. Posteriormente achei mais documentos sobre o roubo do cofre, que escapou aos francezes, para ser roubado por portuguezes, em data relativamente recente entre 1844-45.

guirlandes, des arabesques, des pyramides, des urnes et des coquillages. La composition est tout-à-fait théatrale, une espèce de frontispice de crèche très mouvementé, car de là au ménuet et à la gavotte il n'y a qu'un pas.

Suivant cette idée, on a détruit les sévères arcades gothiques et romanes de l'entrée et presque recouvert la grande rose, formée par des arceaux trilobés disposés en rayonnement, comme de véritables pétales d'une fleur énorme et mystérieuse, réhaussée d'ornements si archaïques qu'ils nous portent à dire que la grande entrée, au point de vue décoratif était gothique et romane.

Ces périodes de repos, où la Cathédrale était vacante, et pendant lesquelles s'accumulaient de copieux revenus, aiguisaient naturellement l'envie et la vanité du chapitre et surtout celle des chanoines chargés de l'administration des Cathédrales. Bien souvent ils *inventèrent* des travaux superflus, servant à peine à endommager un monument bien conservé, et altérant encore les conditions de son équilibre et le compromettant pour l'avenir.

Il serait toutefois injuste de méconnaitre pour cette raison, les bonnes œuvres que certains interrègnes du gouvernement de l'Evêché de Porto ont produites dans cette cathédrale. Au commencement et au premier tiers du XVIIIme siècle on a dépensé avec goût, comme par exemple dans le magnifique maître-autel, qui cependant n'est pas le premier de la péninsule, comme l'assure complaisamment Rebello da Costa, quoiqu'il mérite d'être classé parmi les plus remarquables.

«L'intérieur du Temple est divisé en trois nefs, qui se terminent en une vaste et longue Arcade du transept, auquel est contigü le chœur principal et ensuite le maître-autel qui est le plus grand et le plus régulier de toute l'Espagne.»

Ensuite il attribue l'*admirable* fabrique à un élève de Michel Ange, nommé Valentim. Pour qu'il y ait aussi un Raphael dans la Cathédrale, on dit au visiteur naïf que le tableau de la Sainte Famille, placé sur le mur au fond de la sacristie, au dessus de la fameuse horloge rococo, est dû à ce peintre célèbre, quoique les moins éclairés en sujets artistiques reconnaissent facilement sur cette toile un élève de l'école maniérée de Caraccio (fin du XVIme et commencement du XVIIme siècle). On n'omet pas, naturellement, l'anglais, l'indispensable anglais qui a voulu acheter le tableau, moyennant force doublons de D. João V dont il l'aurait recouvert.

Ce fastueux recoin de la sacristie, nous rappèle plutôt un Salon de Palais italien, du genre de ceux de Gênes, qu'une maison religieuse, avec son cachet éminemment décoratif mais très profane. Le précieux mobilier se compose de meubles rares, de marbres superbes, de glaces magnifiques, de riches boiseries sculptées et de bahuts remplis d'ornements éblouissants, très bien conservés et soigneusement gardés.

La Cathédrale possède un ostensoir, donné par D. Diogo de Sousa, le grand, le savant, l'illustre et généreux Archevêque de Braga, qui, lui seul, mérite une visite au temple [1]. Et il y a encore beaucoup à admirer, comme par exemple dans le maître-autel que l'Evêque D. Fr. Gonçalo de Moraes prît à sa charge et qu'il acheva en 1609, d'après un dessin à la fois noble, simple et grandiose et où il mît, avec d'autres préciosités que l'art pompeux du XVIIIme siècle a détrônées, une armoire en bronze, datée de 1616 et deux fois marquée de ses armoiries. Honneur au généreux prélât! C'est une merveille artistique d'un style Renaissance posthume, hispanique. On voit encore dans l'église d'autres décorations importantes également en bronze, telles que les grilles ciselées du maître-autel, du milieu du XVIIIme siècle qui lui donnent un air de solidité élégante et d'évidente somptuosité.

Nous avons dit que le XVIIIme siècle a effacé et remplacé toute l'armature intérieure du maître-autel, que l'Evêque Moraes devait avoir fait tracer d'une manière sobre et solide avec le goût raffiné que nous lui reconnaissons. Ce que l'on y montre actuellement est de la boiserie sculptée du milieu du XVIIIme siècle, qui produit un grand effet scènique. La sculpture des stalles révèle assez de modération et un beau travail; ce n'est pas une richesse lourde, pénible et profane comme celle de la cathédrale de Braga.

[1] Cette préciosité de l'art national a été à l'Exposition de Lisbonne 1882, où on l'a beaucoup admirée mais pas autant qu'elle le méritait, car elle est parfaitement conservée, et la beauté et originalité de son dessin et des emaux sont exceptionnelles. Voir la gravure 67 du vol. des gravures et la description dans le texte pag. 13 du *Catalogo da Sala 14.*

À propos des générosités de l'eminent prélât à Braga et Porto, voir nos *Estudos: Historia da Arte em Portugal,* nº 2.

com a descripção da arca do Santo. E gabo-me de não ter largado, ainda a estas horas (janeiro de 1908), o fio da dita meada, que ha de ser desfiada, peze a quem pezar.

Teria ainda de referir muita cousa interessante da Sé [1].

O claustro foi sempre, quer nas Sés, quer nas egrejas conventuaes, um logar privilegiado: cemiterio, *pantheon* de homens illustres, ponto de reunião para palestras amenas e considerações devotas, e até, logar de abrigo para as procissões e outros cortejos, quando o mau tempo não permittia manifestações religiosas ao ar livre.

O claustro da Sé do Porto é datado, segundo a tradição, de 1385; a Camara do Porto cedeu ao cabido para a obra, mil pedras lavradas [2].

A sua figura actual é tão curiosa que desafia a desenhal-a, para a restituirmos á sua primitiva pureza. Está sobretudo desequilibrada por successivos abalos; as arcarias soffreram differentes alterações. O lavor dos capiteis — fustes, bases e capiteis, sempre geminados — é sobrio e puro; a execução segura, como a das abobadas artezoadas.

Está rebaixado o nivel em cêrca de 0,60 cent. debaixo das arcadas, de sorte que a parte central apparece alteada, abaúlada. O andar superior, com tres lances sómente — o quarto, o mais soalheiro, foi reservado para passeio dos conegos e familiares, ao sol. Os meninos do côro, guias do visitante, explicam, com certo humorismo innocente, os episodios mythologicos, pintados em lindissimos azulejos do seculo XVIII. Os do lance inferior, não menos bellos, commentam o *Cantico dos Canticos* de Salomão, os *Psalmos* de David e — as metamorphoses de Ovidio, singularissima mistura do sagrado e do profano. Nos claustros de S. Vicente em Lisboa, o pintor do azulejo houve por bem recorrer ainda ao fabulario classico, mas com tal malicia o fez que parece um sectario de Lafontaine!

Resumindo: o claustro de hoje não é o do seculo XII, da planta original; d'este apenas existe uma capella com um valioso sarcophago em calcareo da época de D. Diniz [3]. O actual é contemporaneo da Batalha e tem evidente affinidade com os dos conventos de S. Francisco em Santarem, S. Domingos de Guimarães (Soc. Martins Sarmento), S. Francisco de Alemquer, etc.

Joaquim de Vasconcellos.

---

[1] Merece especial louvor o bello baixo-relevo em bronze de Teixeira Lopes, pae — Baptismo de Christo — excellentemente composto, modelado e fundido pelo velho mestre de Gaia. Está na capella, um pouco escura, onde baptisam.

É muito celebre o altar de prata — com frontal, sacrario e retabulo — da capella do Santissimo, onde trabalharam quatro gerações dos melhores lavrantes do Porto. Merece um estudo especial. Foi lavrado de 1632-1732 pelos ourives-mestres seguintes, e seus officiaes: os Portuenses Bartholomeu Nunes, Manoel de Sousa, Miguel Pereira, Pedro Francisco, e pelos lavrantes de Lamego, Manoel Teixeira e Manoel Guedes. É a mesma gloriosa officina de prateiros portuenses, que executou os grandes cofres de prata das santas princezas de Lorvão: D. Thereza e D. Sancha (ourives Joaquim Carneiro da Silva, 1715).

[2] Foi promotor da fabrica o bispo D. João o III. Agostinho Rebello da Costa, *Op. cit.*, pag. 76.

[3] Pelo estylo aproxima-se do cenotaphio do monarcha em Odivellas. Já o pretenderam raptar para o Museu do Carmo; a nossa intervenção, junto do presidente da *Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes*, o fallecido architecto Possidonio da Silva, evitou mais uma espoliação em beneficio da insaciavel capital, onde quasi tudo se desencaminha depois, para *bric-à-bracs* mais ou menos altisonantes, para ornamentação de paços, chalets, quintas de recreio, *solitudes* galantes *et similia*.

Au maître-autel il devait y avoir un des bijoux les plus précieux de l'orfévrerie nationale du XVme siècle, exemplaire unique et de grande valeur. C'etait le grand coffret où l'on gardait le corps de St Pantaléon, patron de Porto, aujourd'hui oublié, *radicalement oublié*, depuis que l'on a volé l'object d'art, et que le Chapitre a voulu étouffer l'affaire, et envelopper d'un étrange silence l'histoire de la disparition de ce rare joyau. Cela m'a obligé a prendre le fil de si singulier écheveau et je m'énorgueillis d'avoir pu soulever un coin du voile, mais un coin assez large [1] qui m'a permis de publier le dessin inédit et l'histoire du coffret disparu, avec la description du tombeau du Saint. Et je me vante de ne pas avoir encore lâché, en Janvier 1908, un fil de cet écheveau, qui sera dévidé jusqu'au bout, quoique cela puisse mécontenter peut-être quelqu'un.

Il y aurait encore à parler de beaucoup de choses intéressantes à propos de la Cathédrale [2].

Dans toutes les Cathédrales et églises conventuelles, le cloître a toujours été un lieu privilégié; cimetière, panthéon d'hommes célèbres, point de réunion pour les conversations agréables ou les considérations mystiques et même, parfois, endroit abrîté pour des processions et cortèges, lorsque le mauvais temps ne permettait pas de manifestations religieuses en plein air.

D'après la tradition le cloître de la Cathédrale de Porto est daté de 1385; la municipalité de Porto a donné au chapitre pour la construction mille pierres sculptées [3].

Son aspect actuel est tellement curieux qu'il nous engage à le dessiner pour lui rendre sa pureté première. Elle est surtout ébranlée par de successifs tremblements de terre; les arcades ont subi diverses altérations. Le travail des chapiteaux est sobre et pur; fûts, socles et chapiteaux sont toujours géminés; l'exécution est ferme et sûre comme celle des voûtes nervurées.

Son niveau est abaissé d'à peu près 0,60 cent. au dessous des arcades, de manière que la partie centrale parait réhaussée et courbée; l'étage supérieur n'a que trois paliers, le quatrième plus exposé au soleil a été réservé pour la promenade des chanoines et leurs serviteurs. Les enfants de chœur, guides du visiteur expliquent avec un naïf entrain les épisodes mythologiques peints sur les belles faïences du XVIIIme siècle. Les faïences du palier inférieur, également belles, commentent le *Cantique des Cantiques* de Salomon, les *Psaumes* de David et les métamorphoses d'Ovide, singulier mélange du sacré au profane. Dans les cloîtres de St Vincent à Lisbonne, le peintre en faïences a bien voulu aussi recourir au fabulaire classique mais avec une telle malice qu'il semble un sectaire de Lafontaine!

Bref: le cloître d'aujourd'hui n'est pas celui du XIIme siècle, d'après le plan originel dont il existe à peine une chapelle avec un précieux sarcophage en pierre calcaire de l'époque de D. Diniz [4]. Le cloître actuel est contemporain de Batalha et il présente une affinité évidente avec les couvents de St François de Santarem, St Dominique, à Guimarães (Soc. Martins Sarmento), St François de Alemquer, etc.

Joaquim de Vasconcellos.

---

[1] Voir une longue étude dans la *Arte Portugueza*, revue du Centre Artistique de Porto, 1882-83. Postérieurement j'ai trouvé d'autres documents, ayant rapport à la disparition du coffret qui a échappé aux français, parce qu'il a été volé par des portugais, en une date récente, entre 1844-45.

[2] Il faut mentionner spécialement le beau bas-relief en bronze de Teixeira Lopes, père — Baptême du Christ — excellent comme composition, moulé et fondu par le vieux maître de Gaia. Il se trouve dans le baptistère malheureusement peu éclairé.

Très remarquable aussi, l'autel en argent, — avec devant d'autel, tabernacle et retable — que l'on voit dans la chapelle du Saint Sacrement et auquel ont travaillé quatre générations des meilleurs ciseleurs de Porto. Il mérite une étude spéciale et a été fait de 1632-1732 par les maîtres orfèvres suivants et leurs ouvriers: de Porto, Bartholomeu Nunes, Manoel de Sousa, Miguel Pereira, Pedro Francisco, et pas les ciseleurs de Lamego, Manoel Teixeira et Manoel Guedes. C'est la même glorieuse école des orfèvres en argent de Porto qui a exécuté les grands tombeaux d'argent des saintes princesses de Lorvão D. Thereza et D. Sancha (orfèvre Carneiro da Silva, 1715).

[3] L'évêque D. João III a été l'initiateur de la fabrique. Agostinho Rebello da Costa, *Op. cit.*, pag. 76.

[4] Par le style il rappèle le cénotaphe de ce roi à Odivellas. On a déjà voulu l'emporter au Musée du Carmo; notre intervention, près du président de l'*Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes*, feu l'architecte Possidonio da Silva, a réussi a éviter cette spoliation en bénéfice de l'insatiable capitale où presque toutes les préciosités disparaissent plus tard dans des *brics-à-bracs* plus ou moins réputés, pour ornement de palais, de chalets, de maisons de plaisance, de solitudes galantes et autres choses semblables.

ERRATA

No artigo sobre a *Maia,* do nosso collaborador Luiz de Magalhães, publicado no n.º 24 d'*A Arte e a Natureza em Portugal,* um ligeiro descuido de revisão, deixando passar um *m* por um *n* no texto portuguez, alterou profundamente o sentido d'um periodo, determinando alteração identica na traducção franceza.

Eis o periodo tal como saíu:

«Nada mais gentil do que vêr uma d'essas mulheres marchando, carregada: a cabeça direita, sustentando sem esforço apparente a canastra, ou o feixe de moliço, ou a trouxa da roupa, ou a lata do leite; o braço arqueado em aza de amphora; o busto bem erecto, fazendo avançar os seios; os rins flexiveis; o passo miúdo, ligeiro e elastico, que dá á violenta propulsão muscular da marcha uma apparencia de facil e aereo deslisar — recordam, por vezes, **mas** mais correctas de fórmas, a linha esculptural d'uma cariatide que andasse, ou d'uma esbelta canéphora dos frisos gregos.»

Seria realmente excessivo attribuir a sêres vivos e humanos, ainda os mais perfeitos, uma correcção de fórmas superior á das proprias idealisações anatomicas da estatuaria grega.

O que estava no manuscripto era o seguinte:

«... — recordam, por vezes, **nas** mais correctas de fórmas, a linha esculptural d'uma cariatide que andasse, ou d'uma esbelta canéphora dos frisos gregos.»

Em conformidade com esta rectificação, o texto francez fica assim modificado:

«... — elles rappellent parfois, **chez les** plus correctes de formes, la ligne sculpturale d'une cariatide, ou d'une svelte canéphore des frises grecques.»



